



A Armadura Completa Do Cristão

William Gurnall

DADOS EDITORIAIS

Título em Português:

A Armadura Completa do Cristão

Título Original:

A Treatise Of the Saints' War against the Devil: Wherein a Discovery is made of that grand Enemy of God and his People, in his Policies, Power, Seat of his Empire, Wickedness, and chief design he hath against the Saints. A Magazine Opened, From whence the Christian is furnished with Spiritual Arms for the Battle, helped on with his Armour, and taught the use of his Weapon: together with the happy issue of the whole War.

Autor:

William Gurnall, M.A.

(Emanuel College, Pastor da Igreja de Cristo em Lavenham, Suffolk)

Tradução, Revisão, Edição e Diagramação:

Casuística Puritana

Ano de Publicação:

2026

Nota Editorial sobre a Tradução

Esta tradução foi realizada com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial e revisada por Casuística Puritana. Devido à grande extensão do tratado e à complexidade da linguagem teológica puritana do século XVII, o leitor poderá encontrar eventuais imprecisões pontuais, termos não traduzidos ou pequenos deslizes de revisão.

Apesar dessas possíveis limitações, o trabalho de preparação deste volume buscou zelar pela clareza do texto, de modo que a leitura seja fluida e o conteúdo permaneça plenamente compreensível e fiel aos ensinamentos originais de William Gurnall.

A ARMADURA COMPLETA DO CRISTÃO

“Finalmente, meus irmãos, sede fortes no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do diabo. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça; e calçados os pés na preparação do evangelho da paz; tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos; e por mim, para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para com confiança fazer notório o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias; para que possa falar dele livremente, como me convém falar.”
— Efésios 6:10-20.

INTRODUÇÃO

Paulo estava agora em prisões, contudo não tão rigidamente guardado que lhe fosse negado papel e pena; Deus, pelo que parece, deu-lhe algum favor aos olhos de seus inimigos: Paulo era prisioneiro de Nero, mas Nero era muito mais prisioneiro de Deus. E enquanto Deus tinha trabalho para Paulo, Ele lhe encontrava amigos tanto na corte quanto na prisão. Que os perseguidores enviem os santos para a prisão; Deus pode providenciar um carcereiro para o serviço deles.

Mas como este grande apóstolo passa o seu tempo na prisão? Não publicando invectivas contra aqueles que o prenderam, embora fossem os piores dos homens; uma demonstração de zelo com a qual os santos sofrendores daqueles tempos estavam pouco familiarizados: nem em conselhos políticos sobre como ele poderia se livrar de seus problemas, por meio de lisonjas sórdidas ou conformidade pecaminosa com os poderosos da época. Alguns teriam usado qualquer gazuza para abrir passagem para a sua liberdade e não hesitariam, desde que conseguissem escapar, em sair pela porta ou pela janela. Mas este homem santo não era tão apegado à liberdade ou à vida a ponto de comprá-las ao menor risco para o evangelho. Ele conhecia muito de outro mundo para pagar tão caro pelo desfrute deste; e, portanto, ele não se importa com o que seus inimigos possam fazer com ele, sabendo muito bem que iria para o céu, quer eles quisessem ou não. Não, a grande preocupação que pesava sobre ele era com as igrejas de Cristo; como um despenseiro fiel, ele trabalha para colocar a casa de Deus em ordem antes de sua partida. Não lemos sobre despachos enviados à corte para obter sua liberdade; mas muitos para as igrejas, para ajudá-las a permanecer firmes na liberdade com que Cristo as

libertou. Não há melhor maneira de acertar as contas com o diabo e seus instrumentos, por todo o rancor deles contra nós, do que fazendo todo o bem que pudermos onde quer que estejamos.

O diabo teria feito melhor se tivesse deixado Paulo em paz, pois ele mal chega à prisão e já começa a pregar, com o que os portões da prisão de Satanás se abrem de par em par, e os pobres pecadores saem. Feliz de Onésimo que Paulo tenha sido enviado para a cadeia; Deus tinha uma tarefa para Paulo realizar com ele e com outros, com a qual o diabo nunca sonhara. Além disso, ele não apenas prega na prisão, mas para causar ao diabo todo o estrago que pode, envia suas epístolas às igrejas para que, provando do seu espírito em suas aflições e lendo a sua fé, agora prestes a ser oferecida em sacrifício, elas pudessem ser muito mais confirmadas; entre as quais Éfeso não foi a menor em seus pensamentos, como se pode perceber pela sua permanência de dois anos com eles, At 19:10; como também pelo fato de ter mandado chamar os presbíteros desta igreja até Mileto, em sua última viagem a Jerusalém, At 20:17, para despedir-se deles para nunca mais ver seus rostos neste mundo. E certamente a triste impressão que aquela partida dolorosa deixou no espírito daqueles presbíteros, sim, de toda a igreja, informada por eles desta triste notícia, deve ter motivado Paulo, agora na prisão, a escrever a esta igreja, para que, tendo tanto do seu espírito, sim, do espírito do evangelho, deixado em suas mãos para comungar, pudessem receber com mais paciência a notícia de sua morte.

Na primeira parte desta epístola, ele voa alto nos mistérios da fé. Na segunda, de acordo com o seu método habitual, ele desce à aplicação; onde o encontramos reunindo todas essas verdades, como feixes de luz, em uma exortação poderosa, para tanto inflamar seus corações quanto persuadi-los fortemente a “*andar de modo digno da vocação*”, Ef 4:1, o que

é feito quando a vida do cristão é tão transparente que a graça do evangelho brilha no poder da santidade por todos os lados e em todas as suas relações, como uma vela num copo de cristal, não numa lanterna escura, iluminando de um lado e escura do outro: e, portanto, ele passa pelas diversas relações de marido, esposa, pais, filhos, senhores e servos, e insiste no mesmo em todas elas.

Agora, tendo colocado cada um em seu devido lugar, em torno de seu dever particular; como um general sábio que, após organizar seu exército e distribuí-lo em fileiras, faz o seguinte discurso à frente do acampamento efésio, todo em linguagem militar, como melhor convém ao chamado do cristão, que é uma guerra contínua com o mundo e o príncipe deste mundo.

O discurso em si contém duas partes.

Primeiro, um breve, mas doce e poderoso encorajamento, Ef 6:10. Segundo, a outra parte é dedicada a várias diretrizes para gerenciar esta guerra com mais sucesso, com alguns motivos espalhados aqui e ali entre elas, Ef 6:11-20.

Começamos com a primeira.

PRIMEIRA PARTE

UM DOCE E PODEROSO

ENCORAJAMENTO PARA A

GUERRA

“Finalmente, meus irmãos, sede fortes no Senhor e na força do seu poder.” — Ef 6:10

O apóstolo começa seu discurso com a palavra de encorajamento para a batalha: *“Finalmente, meus irmãos, sede fortes no Senhor”*; a melhor maneira, de fato, de prepará-los para as instruções seguintes. Uma alma profundamente possuída pelo medo, e desanimada por fortes apreensões de perigo, não está em condições de receber conselho. Como vemos em qualquer exército quando posto em fuga por algum alarme repentino ou percepção de perigo, é difícil reorganizá-lo em ordem até que o susto causado por isso passe; portanto, o apóstolo primeiro eleva os espíritos deles: *“sede fortes no Senhor”*. Como se ele dissesse: Talvez algumas almas abatidas sintam seus corações fraquejar, ao verem seus inimigos tão fortes, e eles tão fracos; tão numerosos, e eles tão poucos; tão bem equipados, e eles tão despidos e desarmados; tão habilidosos e peritos em armas, e eles soldados novatos e inexperientes. Não permitam que estes ou quaisquer outros pensamentos os desanimem; mas marchem com coragem destemida, e sede fortes no Senhor, em cuja atuação repousa a tensão da batalha, e não em sua própria habilidade ou força. Não é o menor cuidado e habilidade do ministro ao dividir a palavra, pressionar o dever do cristão de tal modo que não sobrecarregue seu espírito com o peso dele,

colocando-o sobre os próprios ombros da criatura e não na força do Senhor, como nosso apóstolo nos ensina aqui. Neste versículo (sob quatro cabeçalhos ou divisões), temos: Primeiro, um tratamento familiar, “*meus irmãos*”. Segundo, uma exortação, “*sede fortes*”. Terceiro, uma instrução de cautela anexa à exortação, “*no Senhor*”. Quarto, uma ampliação encorajadora da instrução, “*e na força do seu poder*”, ou em seu poder grandioso.

Primeira e Segunda Divisões

O tratamento, “meus irmãos”. — A exortação, “sede fortes”.

Temos, na primeira divisão, um tratamento familiar, “*meus irmãos*”. Isto iremos relevar, e começaremos com a,

Segunda divisão, a exortação — “*sede fortes*”; isto é, tende bom ânimo, como é comumente usado na linguagem das escrituras: “*Sede fortes e corajosos*”, 2 Cr 32:7; “*Dizei aos que têm o coração temeroso: Sede fortes*”, Is 35:4. Ou, reuni todas as forças de vossas almas, e convocai toda a vossa força, pois tereis uso para tudo o que puderdes fazer ou conseguir. De onde extraímos este ponto.

A coragem e a determinação cristãs — por que são necessárias

Doutrina: O cristão, de todos os homens, é o que mais necessita de coragem e determinação. Na verdade, não há nada que ele faça como cristão, ou possa fazer, que não seja um ato de bravura. Um espírito covarde está abaixo do menor dever de um cristão: “*Sê forte e muito corajoso, para que tenhas cuidado de fazer*” — O quê? Lutar em batalha contra aquelas nações guerreiras? Não, mas “*para que tenhas cuidado de fazer conforme a toda a lei que meu servo Moisés te ordenou*”, Js 1:7. Requer mais proeza e grandeza de espírito obedecer fielmente a Deus do que comandar um exército de homens; ser um cristão do que ser um capitão. O que parece menor do que um cristão orar? Contudo, isso não pode ser realizado corretamente sem um espírito de príncipe: como é dito de Jacó, que ele se portou como um príncipe quando apenas orava; por causa disso ele saiu do

campo como o cavaleiro de Deus. Na verdade, se você chama de oração aquilo que uma pessoa carnal realiza, nada é mais pobre e covarde. Tal pessoa é tão estranha a este empreendimento quanto o soldado covarde o é em relação aos feitos de um chefe valente. O cristão na oração aproxima-se de Deus com uma ousadia humilde de fé e apegando-se a Ele, luta com Ele; sim, não O deixará ir sem uma bênção, e tudo isso diante de seus próprios pecados e da justiça divina, que disparam contra ele a partir da boca ardente da lei; enquanto a ousadia do outro na oração é apenas fruto da ignorância em sua mente ou da dureza em seu coração; com isso, não sentindo seus pecados e não conhecendo seu perigo, ele corre para o dever com uma confiança cega, que logo esmorece quando a consciência desperta e lhe dá o alarme de que seus pecados estão sobre ele, como os filisteus sobre Sansão: infelizmente, então, assustado, o miserável de espírito fraco joga fora sua arma, foge da presença de Deus com o culpado Adão e não ousa olhá-lo de frente. Na verdade, não há dever em todo o curso do andar do cristão com Deus, ou de agir para Deus, que não esteja cercado de muitas dificuldades, que disparam como inimigos através das cercas contra ele enquanto ele marcha em direção ao céu: de modo que ele é obrigado a disputar cada centímetro de terreno enquanto avança. São apenas algumas almas de espírito nobre, que ousam tomar o céu à força, que servem para este chamado. Para maior prova deste ponto, veja algumas das tarefas em que todo cristão se engaja.

Primeiro. — O cristão deve proclamar e processar uma guerra irreconciliável contra seus pecados de estimação; aqueles pecados que estiveram mais próximos de seu coração devem agora ser pisoteados sob seus pés. Assim disse Davi: “*e guarde-me da minha iniquidade*”. Ora, quanta coragem e determinação isso exige? Você acha que Abraão foi provado até o limite

quando chamado a tomar seu *“filho, teu único filho, Isaque, a quem amas”*, Gn 22:2, e oferecê-lo com suas próprias mãos, e nenhum outro; contudo, o que foi aquilo comparado a isto? Alma, toma a tua luxúria, a tua única luxúria, que é a filha do teu amor mais querido, o teu Isaque, o pecado que te causou maior alegria e riso, do qual prometeste a ti mesma o maior retorno de prazer ou proveito; se queres ver a minha face com conforto, deita as mãos sobre ela e oferece-a: derrama o sangue dela diante de mim; enfia a faca de sacrifício da mortificação no próprio coração dela; e isso voluntariamente, alegremente, pois não é um sacrifício agradável aquele que é oferecido com o semblante abatido — e tudo isso agora, antes de teres mais um abraço dela. Verdadeiramente, este é um capítulo difícil, a carne e o sangue não podem suportar este ditame; nossa luxúria não se deitará tão pacientemente sobre o altar como Isaque, ou como um *“cordeiro que é levado ao matadouro e que ficou mudo”*, mas rugirá e gritará; sim, até sacudirá e rasgará o coração com seus clamores medonhos.

Quem é capaz de expressar os conflitos, as lutas, as convulsões de espírito que o cristão sente antes de conseguir trazer seu coração a esta obra? Ou quem pode expor plenamente a arte, as insinuações retóricas, com as quais tal luxúria pleiteará por si mesma? Ora Satanás atenuará e diminuirá a questão: É apenas uma coisa pequena, poupe-a, e a sua alma viverá apesar de tudo. Ora ele bajula a alma com o segredo dela: Você pode manter-me e manter também o seu crédito; não serei vista em público em sua companhia para envergonhá-lo diante de seus vizinhos; feche-me na sala mais reservada que tiver em seu coração, longe do ouvido dos outros, se apenas me permitir, de vez em quando, os abraços lascivos de seus pensamentos e afetos em segredo. Se isso não puder ser concedido, então Satanás

parecerá desejar apenas que a execução seja adiada por um tempo, como a filha de Jefté ao seu pai: “*Deixa-me por dois meses... e depois faze de mim conforme o que saiu da tua boca*”, Jz 11:36-37, sabendo muito bem que poucas dessas luxúrias suspensas deixam de obter, no final, o seu perdão total; sim, recuperam o favor com a alma. Ora, que determinação exige romper com tamanha violência e importunação e, apesar de tudo isso, executar a sentença imediatamente? Aqui, os valentes espadachins do mundo mostraram-se meros covardes, eles que saíram do campo com bandeiras vitoriosas e depois viveram, sim, morreram escravos de uma luxúria vil em casa. Como alguém pôde dizer de um grande capitão romano que, enquanto andava em seu carro triunfal por Roma, nunca tirava os olhos de uma cortesã que caminhava pela rua: Vejam como este bom capitão, que havia conquistado exércitos tão poderosos, é ele mesmo conquistado por uma única e tola mulher.

Segundo. — O cristão deve andar de modo singular, não segundo o costume do mundo, Rm 12:2. Somos ordenados a não nos conformarmos com este mundo, isto é, a não nos acomodarmos aos costumes corrompidos do mundo. O cristão não deve ser de natureza tão complacente a ponto de cortar o casaco de sua profissão de fé segundo a moda dos tempos ou o humor da companhia em que se encontra; como aquele cortesão que, ao ser questionado sobre como conseguia manter seu cargo em tempos de tantas mudanças, que ora tinham um príncipe a favor do papado, ora contra o papado, respondeu que ele era *e salice, non ex quercu ortus* [nascido do salgueiro, não do carvalho] — ele não era um carvalho teimoso, mas um salgueiro flexível, que podia se curvar ao vento. Não, o cristão deve permanecer firme em seus princípios e não mudar de veste; mas mostrar livremente de que país é pela sua santa constância na

verdade. Ora, a que ódio, a que armadilhas, a que perigos esta singularidade expõe o cristão? Alguns irão vaiá-lo e ridicularizá-lo, assim como alguém vestido à moda espanhola seria ridicularizado em nossas ruas. Assim Mical zombou de Davi. De fato, o mundo considera o cristão, por sua singularidade de vida, o único tolo; o que pensei ter dado a primeira ocasião para aquele apelido pelo qual os homens comumente expressam um homem tolo ou um idiota. Tal pessoa, dizem eles, é um mero Abraão; isto é, na conta do mundo, um tolo. Mas por que um Abraão? Porque Abraão fez aquilo que a razão carnal, o ídolo do mundo, ridiculariza como mera tolice: ele deixou uma propriedade atual na casa de seu pai para ir para onde não sabia, para receber uma herança que não sabia quando. E verdadeiramente todos os santos são rotulados como tolos pelo mundo sábio. “*Bem conheceis esse homem e o seu falar*”, disse Jeú aos seus companheiros, perguntando o que aquele louco viera fazer, o qual não era outro senão um profeta, 2 Re 9:11. Ora, requer coragem para desprezar a vergonha que o cristão deve esperar encontrar por sua singularidade. A vergonha é aquilo que a natureza orgulhosa mais desdenha, para evitar a qual muitos não ousaram “*confessar a Cristo abertamente*”, Jo 7:13. Muitos perdem o céu porque têm vergonha de ir para lá vestindo a capa de um tolo. Novamente, assim como alguns irão zombar, outros perseguirão até a morte, meramente por esta não conformidade dos princípios e práticas do cristão com os deles. Esta foi a armadilha armada para os três jovens; eles deviam dançar conforme a música de Nabucodonosor ou queimar. Este foi o plano traçado para enredar Daniel, que andava de modo tão irrepreensível que seus próprios inimigos deram dele este testemunho: que ele não tinha falta alguma, exceto sua singularidade em sua religião, Dn 6:5. É uma grande honra para um cristão, sim, para a própria religião, quando tudo o que seus

inimigos podem dizer é: Eles são precisos e não farão o que fazemos. Ora, em um caso como este, quando o cristão deve se converter ou queimar, deixar de orar ou tornar-se presa dos dentes cruéis de homens sanguinários; quantos recuos políticos e distinções de autopreservação inventaria um coração covarde e sem determinação? O cristão que enfrenta tão grande oposição precisa estar bem firme na sela de sua profissão de fé, caso contrário logo será desbancado.

Terceiro. — O cristão deve manter-se em seu caminho para o céu em meio a todos os escândalos que são lançados sobre os caminhos de Deus pela apostasia e quedas terríveis de falsos professos. Sempre existiram tais pessoas na igreja, as quais, por seus tristes desvios de julgamento e prática, colocaram uma pedra de tropeço no caminho da profissão de fé, diante da qual os cristãos fracos estão prontos para parar, como eles diante do corpo ensanguentado de Asael, 2 Sm 2:22, sem saber se podem se aventurar mais longe em sua profissão de fé, vendo que aqueles cujos dons tanto admiravam jazem diante deles, chafurdando no sangue de sua profissão de fé assassinada: [passando de] professos zelosos a provarem ser talvez perseguidores ferozes; [de] cumpridores estritos dos deveres religiosos a provarem ser ateus irreligiosos: não mais parecidos com os homens que eram alguns anos atrás do que o vale de Sodoma (agora um pântano e um lamaçal) é com o que era quando, pela fertilidade, era comparado ao jardim do Senhor. Precisamos de uma santa determinação para suportar tais descorajamentos e não desfalecer; como Josué, que viveu para ver todo o acampamento de Israel, com pouquíssimas exceções, rebelando-se e em seus corações voltando para o Egito, e ainda assim, com um espírito destemido, manteve sua integridade,

sim, resolveu que, embora nenhum homem ao seu lado lhe fizesse companhia, ele serviria ao Senhor.

Quarto. — O cristão deve confiar em um Deus que se oculta, Is 50:10. Aquele que anda em trevas e não vê luz, confie no nome do Senhor e apoie-se em seu Deus. Isso requer, de fato, uma santa ousadia de fé, para aventurar-se na presença de Deus, como Ester perante Assuero, quando nenhum sorriso é visto em seu rosto, nenhum cetro de ouro da promessa percebido pela alma como estendido para encorajá-la a se aproximar, e então forçar a entrada com esta nobre determinação: “*se perecer, pereci*”, Est 4:16. E mais, confiar não apenas em um Deus que se oculta, mas em um “*Deus que mata*”, Jó 13:15; não quando o Seu amor está oculto, mas quando a Sua ira irrompe. Ora, para uma alma fazer suas aproximações de Deus apoiando-se na fé enquanto Deus parece disparar contra ela e lançar Seus cenhos franzidos como flechas envenenadas sobre ela, é um trabalho difícil e testará a têmpera do cristão até o limite. No entanto, tal espírito masculino encontramos na pobre mulher cananeia, que pega as balas que Cristo disparou contra ela e, com uma humilde ousadia de fé, envia-as de volta em sua oração.

Quinto. — O crente deve perseverar em seu curso cristão até o fim de sua vida: seu trabalho e sua vida devem sair de cena juntos. Isso adiciona peso a todas as outras dificuldades da vocação do cristão. Conhecemos muitos que foram para o campo e gostaram do trabalho de soldado por uma batalha ou duas, mas logo se fartaram e voltaram correndo para casa, mas poucos conseguem suportar isso como um ofício constante. Muitos engajam-se facilmente nos deveres sagrados, são facilmente persuadidos a assumir uma profissão de religião e tão facilmente persuadidos a abandoná-la, como a lua nova, que brilha um pouco na primeira parte da noite, mas já se pôs antes que metade

da noite tenha passado — professos radiantes em sua juventude, cuja velhice está envolta em espessas trevas de pecado e impiedade. Oh, este perseverar é uma palavra difícil! Este tomar a cruz diariamente, este orar continuamente, este vigiar dia e noite e nunca deixar de lado nossas roupas e armadura, quero dizer, permitir-nos relaxar e afrouxar em nossa santa espera em Deus e no caminhar com Deus. Isso faz com que muitos se retirem tristes de perto de Cristo, no entanto, este é o dever de um santo: fazer da religião o seu trabalho diário, sem qualquer vacação de uma ponta do ano à outra. Estes poucos exemplos são suficientes para mostrar quanta necessidade o cristão tem de determinação. Segue-se a aplicação.

Uso ou Aplicação

Primeira Aplicação. — Isto nos dá a razão pela qual existem tantos que professam e tão poucos cristãos de fato; tantos que correm e tão poucos que alcançam o prêmio; tantos que entram em campo contra Satanás e tão poucos que saem conquistadores; porque todos têm o desejo de ser felizes, mas poucos têm coragem e determinação para lutar com as dificuldades que encontram no caminho para a sua felicidade. Todo o Israel saiu alegremente do Egito sob a liderança de Moisés, sim, e uma multidão mista com eles; mas quando suas barrigas foram apertadas por um pouco de fome, e os desejos gananciosos de uma Canaã imediata foram adiados, sim, em vez de paz e fartura, guerra e penúria, eles, como soldados covardes, estão prontos para fugir de suas bandeiras e fazer um recuo desonroso para o Egito. Assim, a maior parte daqueles que professam o evangelho, quando chegam ao momento do combate direto, para serem provados no que farão, recusam-se a

sofrer por Cristo, cansam-se de seu empreendimento. Infelizmente! Seus corações fraquejam; eles são como as águas de Belém. Mas se devem disputar sua passagem com tantos inimigos, eles preferem contentar-se com sua própria cisterna e deixar o céu para outros que se aventurarão mais por ele. Oh, quantos se separam de Cristo nesta encruzilhada! Como Orfa, eles caminham um ou dois quilômetros com Cristo enquanto Ele os afasta de suas esperanças mundanas e os orienta a se prepararem para as dificuldades, e então eles se despedem com um beijo e O deixam, lamentando perder o céu, mas lamentando ainda mais comprá-lo por um preço tão alto. Como alguns jovens inexperientes, que infantilmente escolhem algum ofício doce, como o de confeitiro, por causa do desejo guloso pelos doces que ele oferece, mas, encontrando o molho azedo do trabalho e do cansaço que os acompanha, desistem e cansam-se do serviço. Assim, a doce isca da religião atraiu muitos a mordiscá-la, os quais se ofendem com o serviço árduo a que ela chama. Requer outro espírito, que o mundo não pode dar nem receber, para seguir plenamente a Cristo.

Segunda Aplicação. — Que isto, então, os exorte, cristãos, a trabalharem por esta santa determinação e proeza, que é tão necessária para a vossa profissão cristã que, sem ela, não podereis ser o que professais. Os temerosos estão na vanguarda daqueles que marcham para o inferno, Ap 21; os violentos e valentes são os que tomam o céu à força: covardes nunca conquistaram o céu. Não digas que tens sangue real correndo em tuas veias e que foste gerado por Deus se não puderes provar a tua genealogia por este espírito heroico de ousar ser santo a despeito de homens e demônios. A águia testa seus filhotes pelo sol; Cristo testa seus filhos pela coragem deles, que ousam olhar para a face da morte e do perigo por amor a Ele, Mc 8:34-35.

Oh, que visão imprópria é ver um pecador ousado e um santo temeroso; um determinado a ser ímpio e um cristão vacilante em seu santo curso; ver a culpa pôr a inocência em fuga, e o inferno manter o campo de batalha, desafiando impudentemente com bandeiras desfraldadas de aberta profanação; [ver] os santos esconderem suas cores por vergonha ou fugirem delas por medo, eles que deveriam antes se envolver nelas e morrer no local do que assim trair o glorioso nome de Deus, que é invocado por eles, para o desprezo dos incircuncisos. Tende ânimo, portanto, ó santos, e sede fortes; vossa causa é boa, o próprio Deus assume a vossa contenda, Ele que vos designou o Seu próprio Filho como General do campo de batalha, chamado “*o Capitão da nossa salvação*”, Hb 2:10. Ele vos guiará com coragem e vos trará de volta com honra. Ele viveu e morreu por vós; Ele viverá e morrerá convosco; em misericórdia e ternura para com Seus soldados, não há outro igual a Ele. Trajano, diz-se, rasgou suas próprias vestes para atar as feridas de seus soldados: Cristo derramou Seu próprio sangue como bálsamo para curar as feridas de Seus santos; rasga Sua própria carne para atá-las. Em proeza, ninguém se compara a Ele: Ele nunca desviou a cabeça do perigo: não, nem mesmo quando a malícia do inferno e a justiça do céu apareceram no campo contra Ele; sabendo tudo o que havia de vir sobre Ele, [Ele] saiu e disse: “*A quem buscais?*”, Jo 18:4. Em sucesso, insuperável: Ele nunca perdeu uma batalha, mesmo quando perdeu a Sua vida: Ele venceu o campo, carregando os despojos dela no carro triunfal de Sua ascensão para o céu com Ele: onde faz uma exibição pública deles para a alegria indizível de santos e anjos. Vós marchais no meio de espíritos galantes, vossos companheiros de armas, cada um filho de um Príncipe. Contemplai alguns suportando convosco aqui embaixo uma grande luta de aflições e tentações, tomando o céu por assalto e força. Outros vós podeis ver, após

muitos assaltos, repulsas e reorganizações de sua fé e paciência, posicionados sobre as muralhas do céu, conquistadores, de onde eles parecem olhar para baixo e chamar a vós, seus irmãos na terra, a marcharem colina acima atrás deles, clamando em alta voz: *“Avançai, e a cidade será vossa, assim como agora é nossa, que por alguns dias de conflito somos agora coroados com a glória do céu, um momento de desfrute da qual secou todas as nossas lágrimas, curou todas as nossas feridas e nos fez esquecer o rigor da luta com a alegria de nossa vitória presente.”* Em uma palavra, cristãos, Deus e os anjos são espectadores, observando como vos portais como filhos do Altíssimo; cada feito que vossa fé realiza contra o pecado e Satanás causa um clamor de vitória no céu; enquanto vós valentemente abateis esta tentação, superais aquela dificuldade, reconquistas o outro terreno que acabastes de perder nas mãos de vossos inimigos. Vosso querido Salvador, que está ao lado com um reforço para vosso alívio em uma emergência, Seu próprio coração salta de alegria ao ver a prova de vosso amor por Ele e zelo por Ele em todos os vossos combates; e não esquecerá todo o serviço fiel que fizestes em Suas guerras na terra; mas quando sairdes do campo, vos receberá com a mesma alegria com que Ele próprio foi recebido por Seu Pai ao retornar ao céu.

A coragem e a determinação cristãs — como são obtidas

Agora, cristão, se pretendes assim corajosamente resistir a toda oposição em tua marcha para o céu, assim como deves fazer bem em elevar o teu espírito com tais pensamentos generosos e que enobrecem a alma, assim, de modo especial,

cuida para que os teus princípios estejam bem fixados, ou então o teu coração será instável, e um coração instável é fraco como a água, não pode sobressair em coragem. Duas coisas são necessárias para fixar nossos princípios.

Primeiro. Um julgamento estabelecido nesta verdade de Deus. Aquele que não sabe bem pelo que ou por quem luta [pode] ser facilmente persuadido a mudar de lado, ou pelo menos a permanecer neutro. Tais podem ser encontrados passando por professores, que mal conseguem dar conta do que esperam ou em quem esperam; contudo, devem ser considerados cristãos, embora corram antes de conhecerem sua missão; ou se têm alguns princípios em que se apoiam, são tão instáveis que qualquer vento os derruba, como telhas soltas do topo da casa. O zelo cego logo é posto em um recuo vergonhoso, enquanto a santa determinação, construída sobre princípios firmes, ergue a cabeça como uma rocha no meio das ondas. “*mas o povo que conhece ao seu Deus se esforçará e fará proezas*”, Dn 11:32. O anjo disse a Daniel quem seriam os homens que permaneceriam firmes em suas posições e resistiriam por Deus naquela hora de tentação e perseguição que seria trazida sobre eles por Antíoco; [que] não todos os judeus, mas alguns deles seriam corrompidos de forma vil por lisonjas, outros assustados por ameaças fora de sua profissão de fé; apenas alguns de princípios fixos, que conheciam o seu Deus a quem serviam e estavam fundamentados em sua religião, estes seriam fortes e fariam proezas: isto é, às lisonjas seriam incorruptíveis, e ao poder e à força seriam inconquistáveis.

Segundo. Um objetivo sincero no fim correto de nossa profissão de fé. Por mais que um homem seja conhecedor das coisas de Cristo, se o seu objetivo não for correto em sua profissão de fé, os princípios desse homem ficarão frouxos; ele

não arriscará muito ou muito longe por Cristo, não mais, não além do que puder para salvar o seu próprio interesse. Um hipócrita pode mostrar alguma vivacidade no início, alguma coragem por um momento na conquista de algumas dificuldades; mas mostrar-se-á um cavalo cansado com o tempo. Aquele que tem um fim falso em sua profissão de fé logo chegará ao fim de sua profissão quando for pressionado naquele ponto onde dói o seu calo — quero dizer, chamado a negar aquilo em que o seu coração corrompido mirava todo este tempo. Agora o seu coração lhe falha, ele não pode ir mais longe. Oh, acautelai-vos deste olhar de soslaio para o nosso lucro, prazer, honra ou qualquer coisa abaixo de Cristo e do céu; pois eles tirarão o vosso coração, como diz o profeta sobre o vinho e as mulheres, isto é, o nosso amor, e se o nosso amor for tirado, restará pouca coragem para Cristo. Quão corajoso foi Jeú no início, e ele diz ao mundo que é zelo por Deus! Mas por que seu coração lhe falha então, antes que metade de seu trabalho esteja feito? Seu coração nunca esteve corretamente ajustado; aquela mesma coisa que despertou seu zelo no início, por fim o extinguiu e o acovardou, e isso foi a ambição. Seu desejo de um reino o tornou zeloso contra a casa de Acabe, para eliminar aqueles que poderiam com o tempo empurrá-lo para fora do trono: o que feito, e ele tranquilamente estabelecido, não ousa ir até o fim com a obra de Deus, temendo perder o que conseguiu ao provocar o povo com uma reforma completa. Como alguns soldados [que], uma vez que encontram um rico despojo no saque de alguma cidade, ficam estragados para a luta para sempre depois.

Terceira Divisão

Uma instrução de cautela, “sede fortes no Senhor”.

Nisto temos uma instrução de cautela. Tendo exortado os santos em Éfeso, e neles todos os crentes, a uma santa determinação e coragem em sua guerra, para que isso não fosse mal compreendido e gerasse neles uma opinião de sua própria força para a batalha, o apóstolo os conduz para fora de si mesmos em busca desta força, sim, para o Senhor: “*sede fortes no Senhor*”. De onde observamos.

A força do santo repousa no Senhor

Doutrina: Que a força do cristão repousa no Senhor, não em si mesmo.

A força do general em outros exércitos repousa em suas tropas. Ele voa, como um grande comandante disse uma vez aos seus soldados, sobre as asas deles; se suas penas forem cortadas, seu poder quebrado, ele estará perdido; mas no exército de santos, a força de cada santo, sim, de todo o exército de santos, reside no Senhor dos Exércitos. Deus pode vencer Seus inimigos sem as mãos deles, mas eles não podem sequer defender-se sem o braço dEle. É um dos nomes de Deus, “*a Força de Israel*”, 1 Sm 15:29. Ele era a força do coração de Davi; sem Ele, este valente guerreiro (que podia, quando sustentado em Seus braços, desafiar aquele que desafiava um exército inteiro) comporta-se estranhamente por medo de uma palavra ou duas que caíram da boca do filisteu. Ele era a força de suas mãos, “*Ele ensinou seus dedos a lutar*”, e assim é a força de todos os Seus santos em sua guerra contra o pecado e Satanás. Alguns propõem uma questão: se existe um pecado cometido no mundo no qual Satanás não tenha parte? Mas se a pergunta fosse: se existe alguma ação santa realizada sem a assistência especial de Deus concorrendo, esta está resolvida: “*sem mim nada podeis fazer*”, Jo 15:5. A força

de pensar vem de Deus: *“Não que sejamos capazes, por nós mesmos, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa suficiência vem de Deus”*, 2 Co 3:5. Nós, apóstolos, nós, santos que temos a graça habitual, contudo esta jaz como água no fundo de um poço, a qual não subirá com todo o nosso bombeamento até que Deus derrame Sua graça estimulante, e então ela vem. Querer é mais do que pensar; converter nossa vontade em ação é mais do que ambos. Estes são de Deus: *“Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade”*, Fp 2:13. Ele faz o coração novo e, tendo-o tornado apto para o movimento celestial, ajustando cada engrenagem, por assim dizer, em seu devido lugar, então o dá corda por Sua graça atuante e o coloca em funcionamento, os pensamentos para se moverem, a vontade para agir e avançar em direção ao objeto santo apresentado; contudo, aqui a carruagem está parada e não pode subir a colina da ação até que Deus coloque o Seu ombro à roda: *“porque o querer o bem está em mim, mas não consinto o efetuá-lo”*, Rm 7:18. Deus está na base da escada e no topo também, o Autor e o Consumador, sim, ajudando e levantando a alma em cada degrau em sua ascensão para qualquer ação santa. Bem, agora o cristão está posto a trabalhar; quanto tempo ele se manterá firme nisso? Infelizmente, pobre alma, não mais do que o tempo em que for sustentado pela mesma mão que o capacitou no início. Ele logo gastou a força recebida e, portanto, para manter a continuidade de um curso santo, deve haver renovação de força vinda do céu a cada momento, o que Davi sabia e, por isso, quando seu coração estava em um estado tão santo quanto ele jamais sentira, e seu povo, por sua oferta voluntária, declarou o mesmo, ainda assim, mesmo assim ele ora para que Deus *“consERVE para sempre no coração de seu povo estas disposições e pensamentos, e firme o seu coração para*

contigo”, 1 Cr 29:18. Ele adorou a misericórdia que os tornou dispostos e, então, implorou por Sua graça adicional para fortalecê-los e dar um nó, para que estas pérolas preciosas recém-enfiadas nos corações não escorregassem. O cristão, quando mais cheio de comunicações divinas, é apenas um copo sem pé: não pode ficar de pé, nem segurar o que recebeu, por mais tempo do que Deus o segura em Sua mão poderosa. Portanto, Cristo, quando a caminho do céu e pronto para se despedir de Seus filhos, roga pelo cuidado de Seu Pai para com eles em Sua ausência. “*Pai... guarda-os*”, Jo 17:11; como se tivesse dito: eles não devem ser deixados sozinhos, são pobres crianças indefesas que não podem ficar de pé nem andar sem ajuda; eles perderão a graça que lhes dei e cairão naquelas tentações das quais os guardei enquanto estava com eles se ficarem fora de Teus olhos ou de Teus braços por um momento sequer; e, portanto, “*Pai... guarda-os*”.

Novamente, considere o cristão ao dirigir-se a qualquer dever do culto a Deus; ainda assim a sua força está no Senhor.

1. Oração. Desejaria ele orar? Onde encontrará materiais para sua oração? Infelizmente, ele “*não sabe o que há de pedir como convém*”, Rm 8:26. Deixe-o sozinho, e ele logo orará a ponto de cair em algumas tentações ou outras, e clamará por aquilo que seria crueldade da parte de Deus conceder; e, portanto, Deus coloca palavras em nossas bocas: “*Tomai convosco palavras, e convertei-vos ao Senhor; dizei-lhe*”, Os 14:2. Bem, agora ele tem palavras colocadas em sua boca. Infelizmente, elas congelarão em seus próprios lábios se ele não tiver alguns afetos que aqueçam o coração para descongelar a torneira. E onde se obterá este fogo? Nenhuma faísca a ser encontrada em sua própria lareira, a menos que seja algum fogo estranho de desejos naturais, que não servirá. De onde, então,

deve vir o fogo para descongelar a frieza do coração senão do céu? O Espírito deve estender-se sobre a alma, como o profeta sobre o menino, e então a alma chegará a algum calor amigável e calor celestial em seus afetos. O Espírito deve gemer, e então a alma gerará. Ele nos ajuda nestes suspiros e gemidos que movem as velas da oração. Ele dissolve o coração e então ela [a oração] irrompe do coração por gemidos dos lábios por meio de uma retórica celestial, e dos olhos como de uma comporta com lágrimas. Ainda assim, além disso, agora que a criatura está capacitada a lutar com Deus em oração, o que ela conseguirá com tudo isso? Suponha que ela seja fraca na graça: será ela capaz de orar a ponto de tornar-se forte, ou a corrupção fraca? Não, isso não se encontra na oração como um ato da criatura; isso também cai do céu: *“No dia em que eu clamei, tu me ouviste; alentaste-me, fortalecendo a minha alma”*, Salmo 138:3. Davi recebeu-o no dever, mas não o teve de seu dever, mas de seu Deus. Ele não orou a ponto de tornar-se forte, mas Deus o fortaleceu em sua oração.

2. *Ouvir a Palavra.* Bem, lance seus olhos mais uma vez sobre o cristão ao engajar-se em outra ordenança, a de ouvir a palavra pregada. A força da alma para ouvir a Palavra vem de Deus. Ele abre o coração para atender, At 16:14, sim, Ele abre o entendimento do santo para receber a Palavra de modo a conceber o que ela significa. É como o enigma de Sansão, que não podemos decifrar sem a sua novilha. Ele abre a madre da alma para conceber por ela, assim como o entendimento para conceber dela, para que a alma estéril se torne uma *“alegre mãe de filhos”*. Davi sentou-se por meio ano sob as palestras públicas da lei, e a madre de seu coração permaneceu fechada até que Natã chega, e Deus com ele, e agora é o tempo da vida. Ele concebe imediatamente, sim, e dá à luz no mesmo dia, caindo

imediatamente nas dores amargas do arrependimento por seus pecados, as quais não passaram até que ele as tivesse lançado fora naquele doce Salmo 51. Por que esta única palavra funcionou mais do que todas as anteriores senão porque agora Deus interveio com a Sua palavra, o que não fizera antes? Ele é, portanto, dito que *“te ensina o que é útil”*, Is 48:17. Ele habita no céu e ensina os corações. Quando o Espírito de Deus, que é o mestre principal, chamar uma alma de seu monitor para si mesmo e disser: — Alma, você não seguiu o caminho correto para receber ouvindo a palavra. Assim e assim conceba tal verdade, melhore tal promessa — imediatamente os olhos de seu entendimento se abrem, e seu coração arde dentro dele enquanto Ele lhe fala. Assim você vê a verdade deste ponto: *“Que a força do cristão está no Senhor”*. Agora apresentaremos algumas demonstrações [ou razões].

Por que a força do santo está depositada em Deus

Razão 1. A primeira razão pode ser extraída da natureza dos santos e de sua graça. Ambos são criaturas — tanto eles quanto a sua graça. Ora, *está na própria natureza da criatura depender de Deus, seu Criador*, tanto para a existência quanto para a operação. Você consegue conceber um acidente existindo fora de seu sujeito, como a brancura fora da parede ou de algum outro objeto? É impossível que a criatura exista ou aja sem a força de Deus. Existir e agir por si e de si mesmo é uma propriedade tão incomunicável da Divindade que Ele não pode compartilhá-la com Sua criatura. Deus é, e não há outro além dEle. Quando Deus criou o mundo, diz-se, de fato, que Ele terminou a Sua obra, isto é, a da criação: Ele não fez mais nenhuma nova espécie ou gênero de criaturas; mas, até o dia de

hoje, Ele não terminou a Sua obra de providência: *“Meu Pai trabalha até agora”*, diz Cristo, Jo 5:17, ou seja, preservando e capacitando com força o que criou para existir e agir, de modo que, por isso, diz-se que Ele sustenta a nossa alma na vida.

As obras de arte, que o homem faz, uma vez terminadas, podem permanecer algum tempo sem a ajuda do artesão, como a casa quando o carpinteiro que a fez morre; mas as obras de Deus, tanto da natureza quanto da graça, nunca saem de Suas mãos. E, portanto, assim como o Pai trabalha até agora para a preservação das obras da natureza, assim também o Filho, a quem foi confiada a obra da redenção, nos diz que trabalha. Ele também não terminou a Sua obra quando ressuscitou, de nenhuma outra forma senão como Seu Pai fez na obra da criação. Deus pôs fim ao ato de criar; assim também Cristo pôs fim à aquisição de misericórdia, graça e glória para os crentes ao morrer uma única vez. E, assim como Deus descansou ao fim da criação, Ele também, tendo efetuado a redenção eterna e *“havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da Majestade, nas alturas”*, Hb 1:3. Mas Ele não cessa de trabalhar por meio de Sua intercessão junto a Deus por nós, e por Seu Espírito em nós para Deus, por meio do qual Ele sustenta Seus santos, as suas graças e conforta a sua vida, sem o que eles correriam para a ruína. Assim, vemos que, como a graça é uma criatura, o cristão depende de Deus para ter força. Porém, mais ainda:

Razão 2. A graça do cristão não é apenas uma criatura, mas uma criatura fraca, que entra em conflito com inimigos mais fortes do que ela e, portanto, não pode manter-se em campo sem uma força auxiliar do céu. O mais fraco é encurralado se nenhum socorro chega. A graça nesta vida é fraca, como um rei no berço, o que dá vantagem a Satanás para executar seus planos com mais

força para perturbar o reinado deste jovem rei na alma; sim, ele logo poria fim à guerra na ruína da graça do crente se o Céu não acolhesse o cristão sob sua proteção. É bem verdade que a graça, onde quer que esteja, tem em si mesma um princípio que a faz desejar e esforçar-se para se preservar de acordo com a sua força, mas, sendo subjugada, perecerá se não for assistida por Deus. Como o fogo em madeira verde, que enfraquece e abafa a parte acesa e com o tempo se apagará se não for soprado ou se não se colocar mais fogo junto àquele pouco; assim acontecerá com a graça no coração. Deus traz a Sua graça para o coração por meio de conquista. Ora, como em uma cidade conquistada, embora alguns se rendam e se tornem súditos verdadeiros do conquistador, outros planejam como podem sacudir este jugo; e, portanto, requer-se o mesmo poder para mantê-la que foi necessário para conquistá-la no início. O cristão tem uma parte não regenerada que fica descontente com esta nova mudança no coração e desdenha tanto submeter-se ao doce governo do cetro de Cristo quanto os sodomitas desdenharam que Ló os julgasse. *O quê? Este indivíduo, um estrangeiro, quer nos controlar!* E Satanás lidera este bando amotinado contra o cristão, de modo que, se Deus não reforçasse continuamente esta colônia recém-plantada no coração, os próprios nativos (quero dizer, as corrupções) que restaram sairiam de suas tocas e cavernas onde se escondem e devorariam a pouca graça que o homem mais santo da terra possui; ela seria como pão para estes devoradores.

Razão 3. Uma terceira demonstração pode ser extraída do grande propósito que Deus propõe a Si mesmo na salvação do santo, sim, em toda a sua transação do início ao fim. E este propósito é duplo. 1. Deus traria Seus santos ao céu de uma maneira que expressasse melhor o Seu terno amor e misericórdia

para com eles. 2. Ele expressaria Sua misericórdia e amor a eles de tal forma que isso redundasse para Ele na maior elevação possível de Sua própria glória. Ora, quão apropriado isso é para ambos, que os santos tenham toda a sua capacidade para cada passo que dão no caminho para o céu, logo ficará evidente.

1. Propósito. Deus traria Seus santos ao céu de uma maneira que expressasse melhor o Seu terno amor e misericórdia para com eles. Esta forma de comunicar força aos santos confere um duplo destaque ao amor e à misericórdia de Deus.

(1) Ela destila uma doçura em tudo o que o crente tem ou faz, quando ele encontra qualquer conforto em seu íntimo, qualquer dilatação de coração no dever, qualquer amparo sob as tentações, ao considerar de onde vieram tudo isso e que amigo lhos enviou. Não vieram de minha própria cisterna ou de qualquer criatura. *Oh, foi o meu Deus que esteve aqui e deixou o Seu doce perfume de conforto para trás em meu peito! O meu Deus que, sem eu perceber, encheu minhas velas com os sopros de Seu Espírito e tirou-me dos bancos de areia de minha própria apatia, onde eu estava encalhado. Oh, é o Seu doce Espírito que sustentou minha cabeça, amparou meu coração em tal aflição e tentação, caso contrário eu teria desfalecido em um ataque de incredulidade!* Como pode isso deixar de tornar Deus querido para uma alma agraciada? Seus socorros vêm tão imediatamente do céu, o que seria perdido se o cristão tivesse qualquer força para ajudar a si mesmo (embora essa reserva de força tenha vindo inicialmente de Deus). O que você acha que demonstra mais amor e condescendência: um príncipe dar uma pensão a um favorito para que ele viva sob seus próprios cuidados, ou este príncipe assumir a principal preocupação para si e ir dia após dia à casa desse homem, olhar o seu armário, ver que provisões ele tem, que despesas enfrenta e, assim, prover constantemente para

ele ao longo do tempo? Possivelmente, algum espírito orgulhoso que goste de ser dono de si ou ame seus recursos mais do que ao seu príncipe preferiria a primeira opção; mas aquele que ambiciona ter o coração e o amor de seu príncipe ficaria extasiado com a segunda. Assim Deus faz com Seus santos. O grande Deus vem, olha o armário deles, vê como estão supridos e envia conforme as necessidades que encontra. “*vosso Pai celestial sabe que necessitais de todas estas coisas*”, e vós as tereis. Ele sabe que precisais de força para orar, para ouvir, para sofrer por Ele, e *in ipsa hora dabitur* [será dado na mesma hora].

(2) Esta forma de agir de Deus com Seus santos contribui para a plenitude e estabilidade da força deles. Se o estoque estivesse em nossas próprias mãos, logo nos tornaríamos mercadores falidos. Deus sabe que somos apenas vasos com vazamento; mesmo quando mais cheios, não conseguiríamos reter a força por muito tempo. E, portanto, para garantir tudo, Ele nos coloca sob o jorrar contínuo de Sua força, e um vaso com vazamento sob uma torneira aberta recupera o que perde. Assim, temos nosso vazamento suprido continuamente. Esta é a provisão que Deus fez para Israel no deserto: Ele fendeu a rocha, e a rocha os seguiu. Eles não tiveram apenas um gole no momento, mas a água correu em correnteza atrás deles, de modo que não se ouviu mais de suas queixas por água. Esta rocha era Cristo. Cada crente tem Cristo às suas costas, seguindo-o com força à medida que ele avança, para cada condição e provação. Uma flor com a raiz vale mais do que muitas em um buquê, as quais, embora doces, não crescem, mas murcham à medida que as usamos em nosso peito. A força de Deus, como a raiz, mantém viva a nossa graça, sem a qual, embora fosse tão brilhante como a de Adão, ela morreria.

2. Propósito. O segundo propósito que Deus tem na felicidade de Seus santos é expressar-lhes Sua misericórdia e amor de modo que isso redunde para Ele na maior elevação de Sua própria glória nisso, Ef 1:4, 12, o que é plenamente alcançado nesta forma de capacitar os santos por meio de uma força que não é deles, mas enviada pelo seu Deus à medida que são postos à prova de despesas. Se Deus tivesse dado aos Seus santos uma porção de graça para começarem a vida e os tivesse deixado entregues ao aprimoramento dela, Ele teria sido de fato engrandecido, porque era mais do que Deus devia à criatura; mas Ele não teria sido glorificado em tudo como é agora, quando não apenas a primeira força do cristão para se unir a Cristo vem de Deus, mas ele ainda continua devedor a Deus pelo exercício dessa força em cada ação de sua caminhada cristã. Como uma criança que viaja em companhia de seu pai: tudo está pago, mas o pai é quem carrega a bolsa, não ela; assim a despesa do cristão é quitada em todas as circunstâncias; mas ele não pode dizer: *“isto eu fiz”* ou *“aquilo eu sofri”*, senão: *“Deus operou tudo em mim e para mim”*. A própria crista do orgulho é cortada aqui; não resta espaço para pensamentos de autoexaltação. O cristão não pode dizer: *“ser eu um santo é misericórdia; mas, sendo eu um santo, que a minha fé seja forte é fruto do meu próprio cuidado e vigilância”*. Infelizmente, pobre cristão! Quem manteve os teus olhos acordados e despertou o teu cuidado? Não foi isso fruto de Deus tanto quanto a tua fé no início? Nenhum santo dirá do céu, ao chegar lá: *“Este é o céu que construí com a força do meu poder”*. Não, *“a Jerusalém celestial é uma cidade cujo construtor e criador é Deus”*. Cada graça, sim, cada grau de graça, é uma pedra naquele edifício, cuja pedra angular é assentada na glória, onde os santos verão mais claramente como Deus foi não apenas o Fundador para começar, mas também o Benfeitor para terminar. A glória da

obra não será esmigalhada e distribuída em pedaços, um pouco para Deus e um pouco para a criatura, mas será toda inteiramente entregue a Deus, e Ele será reconhecido como tudo em todos.

Uso ou Aplicação

Primeira Aplicação. Se a força do cristão está no Senhor, não em si mesmo, certamente a pessoa sem Cristo deve ser uma criatura muito impotente, desprovida de qualquer força e capacidade de fazer algo por si mesma em prol de sua própria salvação. Se o navio lançado ao mar, equipado e com suas velas desfraldadas não pode se mover até que o vento sopra favoravelmente e as encha, muito menos a madeira que jaz no estaleiro do carpinteiro pode talhar e moldar a si mesma para tornar-se um navio. Se a árvore viva não pode crescer a menos que a raiz lhe comunique a seiva, muito menos pode uma estaca podre e morta na cerca, que não tem raiz, viver por si mesma. Em poucas palavras, se um cristão, que possui a sua vida espiritual da graça, não pode exercitar esta vida sem força lá do alto, então, certamente, aquele que é desprovido desta nova vida, morto em seus delitos e pecados, jamais será capaz de gerar isso em si mesmo ou concorrer para a produção disso. O estado de não regeneração é um estado de impotência. *“Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios”*, Rm 5:6. E assim como Cristo encontrou a massa da humanidade coberta pelas ruínas de seu estado decaído (não mais capaz de se erguer sob o peso da ira de Deus que pesava sobre ela do que alguém enterrado sob os escombros de uma casa desmoronada é capaz de se libertar daquele peso sem ajuda), assim também o Espírito encontra os pecadores em uma condição igualmente desamparada, tão incapazes de se arrependerem ou de crerem em Cristo para a salvação quanto eram por si mesmos capazes de adquiri-la. Confundida seja, portanto, para sempre a linguagem

daqueles filhos do orgulho que exaltam o poder da natureza, como se o homem, com seus próprios tijolos e betume de habilidades naturais, fosse capaz de erguer um edifício cujo topo pudesse alcançar o próprio céu. *“Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece”*, Rm 9:16. O próprio Deus dispersou tais construtores de Babel na imaginação de seus corações, Ele que ergue este templo espiritual na alma dos homens *“não por força nem por poder”* deles mesmos, *“mas pelo meu Espírito”*, para que a *“graça, graça”* possa ser proclamada diante dele para sempre. E, portanto, se alguém que ainda está em seu estado natural deseja tornar-se sábio para a salvação, que primeiro se torne tolo aos seus próprios olhos e renuncie à sua sabedoria carnal, que não percebe as coisas de Deus, e rogue sabedoria a Deus, que a todos dá e não lança em rosto. Se alguém deseja ter força para crer, que se torne fraco e morra para a sua própria força, pois *“o homem não prevalecerá pela força”*, 1 Sm 2:9.

Segunda Aplicação. A força do cristão reside em Deus, não em si mesmo? Isto deve manter o cristão humilde para sempre, mesmo quando estiver mais engajado no dever e mais assistido em sua caminhada cristã. Lembre-se, cristão, quando estiver vestindo seu melhor traje, quem o fez e quem pagou por ele. A sua graça e o seu conforto não são obra de suas próprias mãos, nem o preço de seu próprio merecimento; não se orgulhe, por vergonha, às custas de outrem. Aquela assistência que se torna ama de seu orgulho não permanecerá por muito tempo; você não é o dono da assistência que possui. Seu Pai é sábio e, quando lhe concede o máximo para o seu sustento espiritual, mesmo assim mantém a lei em Suas próprias mãos e logo pode restringi-lo se você se tornar insolente com a Sua graça. Caminhe, portanto, humildemente diante do seu Deus e

administre bem a força que possui, lembrando-se de que é uma força emprestada. Quem esbanjará aquilo que pede esmola? Ou quem dará ao mendigo que gasta tolamente a sua esmola? Quando você tiver o máximo, não poderá ficar muito tempo longe da porta do seu Deus. E como poderá olhá-LO de frente para pedir mais, tendo desperdiçado o que recebeu?

QUARTA DIVISÃO

Uma Ampliação da Instrução

“...e na força do seu poder.”

Nesta divisão, temos uma ampliação encorajadora anexa à exortação, nestas palavras: *“e na força do seu poder”*, onde uma dupla investigação é necessária para a explicação da frase. Primeiro, o que importam estas palavras: *“a força do seu poder”*. Segundo, o que é *“ser forte na força do seu poder”*.

Primeiro. O que importam estas palavras: *“a força do seu poder”*. Trata-se de um hebraísmo e não importa em outra coisa senão em Seu grande poder, semelhante àquela frase: *“para louvor da glória de sua graça”*, Ef 1:6, isto é, para o louvor de Sua graça gloriosa. E o Seu grande poder importa em nada menos do que o Seu poder onipotente; às vezes o Senhor é chamado de *“forte e poderoso”*, Sl 24:8, às vezes de *“poderosíssimo”*, às vezes de *“onipotente”*; em tudo isso não se quer dizer menos do que o infinito poder onipotente de Deus.

Segundo. O que é *“ser forte na força do seu poder”*. Ser forte na força do poder do Senhor implica dois atos de fé. Primeiro, uma firme e estabelecida persuasão de que o Senhor é onipotente em poder. *“Sede fortes na força do seu poder”*, isto

é, sede fortemente enraizados em vossa fé a respeito desta verdade fundamental de que Deus é onipotente. Segundo, implica um ato de fé adicional: não apenas crer que Deus é onipotente, mas também que este poder onipotente de Deus está empenhado em sua defesa; de modo a suportar, no meio de todas as provações e tentações, destemidamente, apoiando-se no braço do Deus Todo-Poderoso como se fosse a sua própria força. Pois esse é o objetivo do apóstolo: afastar-nos de nos apoiarmos em nossa própria força e encorajar o cristão a fazer uso do poder onipotente de Deus tão livremente como se fosse seu, sempre que for assaltado por Satanás sob qualquer forma. Como um homem atacado por um ladrão mobiliza toda a força e vigor que tem em seu corpo para se defender e atacar o seu adversário, assim o apóstolo ordena ao cristão: *“sede fortes no Senhor e na força do seu poder”*, isto é: *Alma, corre para o teu Deus, cujo grande poder é inteiramente destinado e consagrado pelo próprio Deus para o teu socorro e defesa. Vai, fortalece-te e entrancia-te nele por uma fé inabalável, como aquilo que será empregado ao máximo para o teu bem.*

De onde, creio eu, estas duas notas [ou doutrinas] extrairão a essência das palavras.

Doutrina 1: Que deve ser o grande cuidado e empenho do cristão, em todas as tentações e provações, fortalecer a sua fé no poder onipotente de Deus.

Doutrina 2: O dever e o cuidado do cristão é não apenas crer que Deus é onipotente, mas, pela fé, apoiar-se firmemente neste poder onipotente de Deus, como empenhado para o seu auxílio e socorro em todas as suas provações e tentações.

Do exercício de nossa fé no poder onipotente de Deus

Doutrina 1. Deve ser o grande cuidado do cristão, em todas as tentações e provações, fortalecer a sua fé no poder onipotente de Deus.

Quando Deus Se apresenta como objeto de confiança e segurança da alma em qualquer grande aperto ou empreendimento, comumente este atributo de Seu poder onipotente é apresentado na promessa como o ponto de apoio mais seguro para a fé se apegar. Como um pai em um caminho acidentado dá o seu braço para o filho se segurar, assim Deus costuma estender o Seu poder onipotente para que Seus santos exerçam a sua fé nele, [como fez por] Abraão, Isaque e Jacó, cuja fé Deus provou mais do que a da maioria de Seus santos antes ou depois, pois nenhuma daquelas grandes coisas que lhes foram prometidas eles viveram para ver realizadas em seus dias. E de que forma Deus Se faz conhecido a eles para o seu sustento senão revelando este atributo? *“Apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó como o Deus Todo-Poderoso”*, Êx 6:3. Isso era tudo o que tinham para manter a casa durante todos os seus dias, com o que viveram confortavelmente e morreram triunfantemente, legando a promessa aos seus filhos, sem duvidar da realização porque o Deus Todo-Poderoso havia prometido.

Assim, em Is 26, onde grandes misericórdias são prometidas a Judá e um cântico é composto de antemão para ser cantado naquele dia festivo de sua salvação; contudo, porque haveria um inverno rigoroso de cativeiro entre a promessa e a primavera da promessa, para manter viva a fé deles neste intervalo, o profeta os convoca a exercitarem sua fé no Deus Todo-Poderoso: *“Confiai no Senhor para sempre; porque o Senhor Deus é uma rocha eterna”*, v. 4. Assim, quando Seus santos estão indo para a fornalha da perseguição, para onde Ele direciona a fé deles para que a levem para a prisão e para a

fogueira senão para este poder onipotente? *“Portanto, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem as suas almas ao fiel Criador, praticando o bem”*, 1 Pe 4:19. Criador é um nome de poder onipotente. Daremos agora algumas razões do ponto.

Razão 1. Porque não é tarefa fácil fazer uso desta verdade, por mais clara e evidente que agora apareça, nos grandes abismos da tentação, de que Deus é onipotente. Defender este nome de Deus contra os maus relatos que Satanás e a razão carnal levantam contra ele requer, de fato, uma fé forte. Confesso que este princípio é uma parte da teologia natural. Aquela luz que encontra uma Divindade evidenciará, se seguida de perto, que este Deus é onipotente; contudo, em um coração carnal, é como uma espada enferrujada, dificilmente tirada da bainha e, portanto, de pouco ou nenhum uso. Tais verdades estão tão aprisionadas na consciência natural que raramente encontram uma audiência justa no íntimo do pecador até que Deus lhes conceda um alvará de soltura e as tire de sua casa de servidão, onde estão retidas em injustiça, com a mão forte de Seu Espírito de convicção. Então, e somente então, a alma crerá que Deus é santo, misericordioso, onipotente.

Ora, alguns do povo peculiar de Deus, e não os menores em graça entre eles, tiveram a sua fé por um tempo atolada neste pântano, com muita dificuldade para superar essas barreiras e improbabilidades que o sentido e a razão objetivaram, de modo a confiar no poder onipotente de Deus, apesar de tudo. O próprio Moisés [foi] uma estrela de primeira grandeza em termos de graça, contudo, veja como a sua fé vacila e pisca até que ele saia da tentação: *“Seiscentos mil homens de pé é este povo no meio do qual estou; e tu dizes: Dar-lhes-ei carne, e comerão um mês inteiro. Degolar-se-ão para eles ovelhas e vacas que lhes*

bastem?”, Nm 11:21-22. Este homem santo havia perdido de vista temporariamente o poder onipotente de Deus e agora estava projetando como isso seria feito; como se dissesse em termos claros: *Como pode isso ser realizado?* Pois assim Deus interpreta o seu raciocínio: *“Então, disse o Senhor a Moisés: Ter-se-ia encurtado a mão do Senhor?”*, v. 23. Assim Maria: *“Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido”*, Jo 11:32. E sua irmã Marta: *“Senhor, já cheira mal”*, v. 39. Ambas [eram] mulheres piedosas, contudo ambas revelaram a fraqueza de sua fé no poder onipotente de Cristo; uma limitando-O ao espaço — *“se tu estivesses aqui”*, ele não teria morrido, como se Cristo não pudesse ter salvo a sua vida estando ausente tanto quanto presente, ou enviado a saúde a ele tanto quanto trazido consigo; a outra ao tempo — *“já cheira mal”*, como se Cristo tivesse trazido o Seu remédio tarde demais e a sepultura não fosse entregar o seu prisioneiro ao comando de Cristo. E você tem uma opinião tão elevada de si mesmo, cristão, a ponto de achar que a sua fé não necessita de seu extremo cuidado e esforço para maior estabelecimento no poder onipotente de Deus, quando vê pessoas como estas tropeçarem diante deste tipo de tentação?

Razão 2. A segunda razão pode ser extraída da necessidade absoluta deste ato de fé acima de outros para sustentar o cristão na hora da tentação. Toda a força e conforto do cristão são buscados fora de casa, e ele não tem a quem enviar em sua missão senão a fé; esta vai ao céu e acorda a Deus, como aquele na parábola ao seu vizinho à meia-noite em busca de pão; portanto, quando a fé falha e a alma não tem a quem recorrer no mercado para obter suprimentos, a casa inevitavelmente passará necessidade nesse ínterim. Ora, a fé nunca é totalmente desativada até que a alma negue, ou pelo menos questione, o

poder de Deus. De fato, quando o cristão discute a vontade de Deus, sussurrando em seu próprio peito: “*será que Ele perdoará? será que Ele salvará?*”, isso pode fazer com que a fé caminhe cambaleante até o trono da graça, mas não afasta a alma de buscar a face de Deus. Mesmo assim, a fé no poder de Deus a acompanhará até lá: “*Se quiseres, podes limpar-me*”; se quiseres, podes perdoar, podes purificar. Mas quando a alma conclui que Ele não pode perdoar, não pode salvar, isso fere de morte a fé, de modo que a alma cai aos pés de Satanás, não sendo mais capaz de resistir; agora ela se torna mais apática em relação ao dever, indiferente se ora ou não, como quem, vendo o poço seco, quebra ou joga fora o seu cântaro.

Razão 3. Porque Deus é muito zeloso desta flor de Sua coroa, desta parte de Seu nome: de fato, não podemos soletrá-lo corretamente se deixarmos de fora esta letra, pois esse é o nome de Deus pelo qual Ele é conhecido por todas as Suas criaturas. O homem pode ser chamado de sábio, misericordioso, poderoso: Deus apenas de todo-sábio, todo-misericordioso, onipotente; de modo que, quando deixamos de fora esta sílaba *todo*, damos um apelido a Deus e O chamamos pelo nome de Sua criatura, ao qual Ele não responderá. Ora, o zelo que Deus mostra por esta prerrogativa Sua aparece em três particularidades:

1. No mandamento estrito que Ele impõe ao Seu povo de dar-Lhe a glória de Seu poder. “*não temais o seu temor, nem vos assombris*”, mas “*Ao Senhor dos Exércitos, a ele santificai*”, Is 8:12-13; isto é, nesta triste situação de vossos assuntos, quando vossos inimigos se associam e vós pareceis um povo perdido aos olhos da razão, incapaz de competir com aqueles poderes unidos que vos cercam por todos os lados, Eu vos ordeno: santificai-Me, dando-Me a glória do Meu poder onipotente. Crede que o vosso Deus é

capaz de, por Si mesmo, sem nenhum outro, vos defender e destruí-los.

2. Em Sua severidade para com Seus filhos mais queridos quando vacilam em sua fé e não confiam plenamente, sem raciocinar e discutir o caso, em Seu poder onipotente. Zacarias apenas perguntou ao anjo: “*Como saberei isto? Pois eu já sou velho, e minha mulher, avançada em idade*”; no entanto, por revelar nisso a sua incredulidade, foi-lhe de fato dado um sinal, mas um sinal que não apenas fortaleceu a sua fé, mas puniu severamente a sua incredulidade, pois ele ficou mudo na hora. Deus ama que Seus filhos creiam em Sua palavra, não que discutam o Seu poder; quão verdadeiro é aquilo de Lutero: “*Deus ama os obedientes, não os questionadores*”. O que deu destaque à fé de Abraão foi que ele estava “*plenamente persuadido de que aquela que o prometera também era poderoso para o fazer*”, Rm 4:21.

3. Na maneira como Deus costuma conceder Suas escolhas mais seletas de misericórdia e Suas maiores salvasões ao Seu povo, na qual Ele organiza o cenário de Sua providência de tal modo que, quando o tiver feito, possa ser dito: *O poder onipotente esteve aqui*. E, por isso, Deus comumente afasta aqueles meios e causas segundas que, se estivessem presentes em Sua obra, obscureceriam e impediriam a visão completa do Seu poder na realização da mesma. “*Contudo, já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte, para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos*”, 2 Co 1:9. Cristo esperou até que Lázaro estivesse morto para atrair os olhos da fé deles mais singularmente para contemplarem o Seu poder, ressuscitando o Seu amigo morto em vez de curá-lo enquanto

doente, o que não teria trazido uma convicção tão plena de onipotência. Sim, Ele permite que um poder contrário se levante muitas vezes naquele exato momento em que planeja a misericórdia para o Seu povo, a fim de erguer uma coluna de recordação mais magnífica ao Seu próprio poder, na ruína daquilo que compete com Ele. Se Deus tivesse tirado Israel do Egito no tempo daqueles reis que conheciam José, muito provavelmente eles poderiam ter tido uma partida amigável e uma libertação fácil; mas Deus reserva isso para o reinado daquele orgulhoso Faraó, que os oprimirá cruelmente e arriscará o seu reino, mas satisfará a sua luxúria sobre eles. E por que haveria de ser este o momento senão porque Deus queria tirá-los com braço estendido? O engrandecimento de Seu poder era o grande projeto de Deus. *“Mas, deveras, para isso te mantive em vida, para mostrar em ti o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra”*, Êx 9:16.

4. Na eficácia que um argumento fundamentado no Seu poder onipotente tem diante de Deus. Foi o último recurso que Moisés teve quando implorou pela vida de Israel: *“As nações, pois, que ouvirem a tua fama, falarão, dizendo: Porquanto o Senhor não pôde...”*, Nm 14:15-16. E *“Rogo-te, pois, que a força do meu Senhor se engrandeça”*, v. 17; e com isso o perdão deles lhe é concedido.

A aplicação deste ponto se encaixará no próximo, que é:

Do exercício de nossa fé no poder onipotente de Deus, como empenhado para nossa ajuda

Doutrina 2. É o dever do santo, e deve ser o seu cuidado, não apenas crer em Deus Todo-Poderoso, mas também crer

firmemente que este poder onipotente de Deus é seu, isto é, está empenhado para a sua defesa e ajuda, de modo a fazer uso dele em todos os apertos e tentações.

Primeiro, provarei que o poder onipotente de Deus está empenhado na defesa do cristão, com os fundamentos disso. Segundo, demonstrarei por que o cristão deve exercitar firmemente a sua fé nisso.

Primeiro. Proverei que o poder onipotente de Deus está empenhado na defesa do cristão, com os fundamentos disso. Deus tirou Israel do Egito com mão forte, mas será que os deixou do outro lado do Mar Vermelho para descobrirem e forçarem seu caminho para Canaã por sua própria astúcia ou poder? Quando Ele abriu a porta daquela casa de servidão de ferro e os trouxe para os campos abertos, será que Ele desapareceu como o anjo fez com Pedro ao sair da prisão? Não, *“o Senhor, vosso Deus... vos levou, como um homem leva seu filho, por todo o caminho que andastes”*, Dt 1:31. Isso ilustra vivamente a marcha do santo rumo ao céu; Deus tira a alma do Egito espiritual por Sua graça conversora, que é o *“dia do seu poder”*, no qual Ele torna a alma disposta a sair das garras de Satanás. Ora, quando o santo está em sua marcha, todo o território se levanta contra ele. Como poderá esta criatura passar pelas lanças e transitar com segurança por todas as fronteiras de seus inimigos? O próprio Deus a envolve no braço de Sua força eterna. *“Que mediante a fé estais guardados pelo poder de Deus para a salvação”*, 1 Pe 1:5. O poder de Deus é aquele ombro sobre o qual Cristo carrega a Sua ovelha para casa, alegrando-se por todo o caminho que vai, Lc 15:5. Estes braços eternos de Sua força são aquelas asas de águia sobre as quais os santos são transportados, com ternura e segurança, para a glória, Êx 19:4. Há um quíntuplo vínculo ou

compromisso que repousa sobre o poder de Deus para ser a guarda de vida dos santos.

Primeiro Vínculo. A relação estreita que Ele tem com Seus santos. Eles são Seus próprios filhos queridos; cada um cuida do que é seu — a simples galinha, como se agita e se desdobra para reunir sua ninhada sob a asa quando o gavião aparece? Nenhum cuidado se compara àquele que a natureza ensina. Quanto mais Deus, que é o Pai de tais disposições em Sua criatura, despertará toda a Sua força para defender Seus filhos? *“Porque dizia: Certamente eles são meu povo... e ele se tornou o seu Salvador”*, Is 63:8. Como se Deus dissesse: *Ficarei parado com a mão no peito enquanto o Meu próprio povo é assim maltratado diante de Minha face? Não posso suportar isso.* A mãe, sentada em sua casa, ouve um grito e, reconhecendo a voz, exclama: *“Oh, é o meu filho!”* Ela joga tudo para o lado e corre até ele. Assim Deus recebe o alarme do clamor de Seus filhos: *“Bem ouvi eu que Efraim se queixava”*; o seu clamor penetrou o Seu ouvido, o Seu ouvido afetou o Seu íntimo, e o Seu íntimo convocou o Seu poder para o resgate dele.

Segundo Vínculo. O amor terno que Ele devota aos Seus santos empenha o Seu poder. Aquele que tem o coração de Deus não pode carecer de Seu braço. O amor na criatura comanda todas as outras afeições, põe a funcionar todas as forças de todo o homem; assim em Deus, o amor põe a funcionar todos os Seus outros atributos. Uma vez que Deus fixou Seus pensamentos em fazer o bem ao homem decaído, a sabedoria tratou de projetar o caminho, e o poder onipotente encarregou-se de erguer a estrutura conforme o modelo da sabedoria. Todos estão prontos para executar o que Deus diz agradar-Lhe. Ora, a alma que crê é objeto do amor mais seletivo de Deus, o mesmo amor com o qual Ele ama o Seu Filho, Jo 17:26.

1. Deus ama o crente como o fruto do Seu conselho eterno. Quando uma alma crê, então o eterno propósito e conselho de Deus a respeito dela, a quem escolheu em Cristo antes da fundação do mundo e de quem Seus pensamentos estiveram grávidos por tanto tempo, gera frutos. E como não haveria Deus de amar essa criatura que carregou por tanto tempo no ventre do Seu eterno propósito? Esta bela estrutura do céu e da terra não teria sido construída senão como um palco onde Ele, com o tempo, encenaria o que decretara no céu desde a antiguidade a respeito de salvar a ti e a mais alguns de Seus eleitos. E, portanto, conforme a mesma medida de deleite com que Deus Se agradou e Se entreteve nos pensamentos disso antes que o mundo existisse, deve Ele alegrar-Se sobre a alma que agora crê, com amor e complacência inconcebíveis; e tendo Deus conduzido o Seu conselho até este ponto de sua consumação, certamente mobilizará todo o poder que tem antes de ver-Se desapontado de Sua glória a poucos passos de casa; quero dizer, todo o Seu projeto na salvação do crente. O Senhor, que escolheu Seus santos, como Cristo ora por Josué, o representante deles, repreenderá a Satanás e a todos os inimigos deles, Zc 3.

2. Deus ama os santos como a aquisição do sangue de Seu Filho. Eles Lhe custaram caro, e aquilo que é obtido com tanta dificuldade não será facilmente perdido. Aquele que esteve disposto a gastar o sangue de Seu Filho para ganhá-los não negará o Seu poder para guardá-los.

3. Deus ama os santos por sua semelhança com Ele mesmo, de modo que, se Ele ama a Si mesmo, não pode deixar de amar a Si mesmo aparecendo neles; e assim como Se ama neles, assim defende a Si mesmo defendendo-os. O

que há em um santo que enfurece o inferno senão a imagem de Deus, sem a qual a guerra logo chegaria ao fim? É o ódio que a pantera tem ao homem que a faz avançar contra a sua imagem. *“Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia”*; e se a disputa é de Deus, certamente o santo não sairá à guerra às suas próprias custas.

Terceiro Vínculo. A aliança empenha o poder onipotente de Deus. *“Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda em minha presença”*, Gn 17:1. Há uma liga ofensiva e defensiva entre Deus e Seus santos; Ele firma com Sua própria mão que aplicará todo o poder de Sua divindade em favor deles: *“o Senhor dos Exércitos é o Deus de Israel, sim, é Deus para Israel”*, 1 Cr 17:24. Deus não Se distribui no varejo, mas dá aos Seus santos a permissão de reivindicarem tudo o que um Deus possui como sendo deles; e que aquele que for capaz de sentar-se no trono de Deus e tirar-Lhe a coroa tente imputar qualquer falsidade ao Santo; como é o Seu nome, assim é a Sua natureza: um Deus que guarda a aliança para sempre. As promessas permanecem como os montes ao redor de Jerusalém, para nunca serem removidas; o cristão fraco, bem como o forte, está dentro desta linha de comunicação. Se os santos tivessem de lutar em campo aberto pela força de sua própria graça, então o forte seria mais propenso a resistir e o fraco a cair em batalha; mas ambos, protegidos na aliança, estão igualmente seguros.

Quarto Vínculo. A dependência dos santos em relação a Deus e a expectativa que têm dEle em todas as suas dificuldades obrigam o Seu poder ao socorro deles. Para onde corre uma alma agraciada em qualquer necessidade ou perigo decorrente do pecado, de Satanás ou de seus instrumentos senão para o seu Deus? Tão naturalmente quanto o coelho para a sua toca. *“No dia em que eu temer”*, diz Davi, *“hei de confiar em ti”*, Sl 56:3.

Ele diz a Deus que tomará a liberdade de entrar em Sua casa quando for surpreendido por qualquer tempestade, e não questiona a acolhida. Assim, quando Saul o caçava, ele deixou uma cidade de portas e trancas para confiar em Deus em campo aberto. De fato, todos os santos aprendem a mesma lição: renunciar à sua própria força e confiar no poder de Deus; renunciar à sua própria astúcia e lançar-se na sabedoria de Deus; renunciar à sua própria justiça e esperar tudo da pura misericórdia de Deus em Cristo, ato de fé este que é tão agradável a Deus que tal alma jamais será envergonhada: *“a expectativa dos necessitados não perecerá para sempre”*, Sl 9:18. Um pagão pôde dizer, quando um pássaro assustado por um gavião voou para o seu peito: *“Não te entregarei ao teu inimigo, visto que vieste buscar refúgio em mim”*. Quanto menos entregará Deus uma alma ao seu inimigo quando esta busca refúgio em Seu nome, dizendo: *“Senhor, sou caçado por tal tentação, perseguido por tal luxúria; ou tu me perdoas, ou serei condenado; mortifica-a, ou serei escravo dela; acolhe-me no seio do teu amor, por amor de Cristo; protege-me nos braços de tua força eterna; está em teu poder salvar-me ou entregar-me nas mãos do meu inimigo. Não tenho confiança em mim mesmo ou em qualquer outro: em tuas mãos entrego a minha causa, a minha vida, e confio em ti”*. Esta dependência de uma alma indubitavelmente despertará o poder onipotente de Deus para a defesa de tal pessoa. Ele jurou o maior juramento que pode sair de Seus lábios benditos, sim, por Si mesmo, que aqueles que assim correm para buscar refúgio na esperança proposta terão forte consolação, Hb 6:17. Isto de fato pode dar aos santos maior ousadia de fé para esperarem uma acolhida amável quando recorrerem a Deus em busca de refúgio, porque não podem chegar antes de serem esperados. Tendo Deus estabelecido o Seu nome e as Suas promessas como uma torre forte, Ele tanto

convoca o Seu povo para estas câmaras quanto espera que eles se dirijam para lá.

Quinto Vínculo. A presença de Cristo e Sua atividade no céu impõem um forte compromisso sobre Deus para trazer toda a Sua força e poder ao campo de batalha em todas as ocasiões para a defesa de Seus santos. Um propósito especial de Sua ida para o céu e de Sua permanência lá é que Ele possa, como intercessor dos santos, estar sempre intercedendo por tais provisões e socorros de Seu Pai conforme as exigências deles requeiram; e para nos assegurar disso antes de partir, Ele nos disse, por assim dizer, sobre quais temas pretendia interceder quando chegasse lá, um dos quais era este: que Seu Pai guardasse Seus filhos do mal enquanto permanecessem no mundo, Jo 17:15. Cristo tampouco assume esta obra por Sua própria conta, mas tem a mesma designação de Seu Pai para o que agora roga no céu que teve para o que sofreu na terra. Aquele que O ordenou Sacerdote para morrer pelos pecadores não O despojou então de Suas vestes sacerdotais, como a Arão, mas O designou para ascender ao céu com elas, onde Se assenta como Sacerdote para sempre por juramento de Deus. E este ofício de intercessão foi instituído puramente em misericórdia para com os crentes, a fim de que tivessem plena satisfação quanto ao cumprimento de tudo o que Deus havia prometido; de modo que Jesus Cristo reside na corte como nosso embaixador para ver que tudo seja conduzido de forma justa entre Deus e nós de acordo com o acordo; e se Cristo acompanha de perto os Seus negócios e é fiel em Seu lugar para com os crentes, tudo vai bem. E não Lhe compete ser assim, Ele que intercede por relações tão queridas? Suponha que o filho de um rei conseguisse sair de uma cidade sitiada onde deixou sua esposa e filhos, a quem ama como à sua própria alma, e estes estivessem prestes a morrer pela

espada ou pela fome; se o socorro não chegasse rápido, poderia este príncipe, ao chegar à casa de seu pai, comprazer-se com as delícias da corte e esquecer a aflição de sua família? Ou antes não viria apressadamente ao seu pai, tendo os clamores e gemidos deles sempre em seus ouvidos, e antes de comer ou beber, faria a sua petição ao seu pai, implorando-lhe que, se algum dia o amou, enviasse toda a força do seu reino para levantar o cerco antes que qualquer um de seus queridos parentes perecesse? Certamente, senhores, embora Cristo esteja no ápice de Sua exaltação e fora da tempestade no que diz respeito à Sua própria pessoa, Seus filhos deixados para trás no meio de pecados, de Satanás e dos ataques do mundo estão em Seu coração e não serão esquecidos por Ele um momento sequer. O cuidado que Ele tem em nossos negócios manifestou-se no envio rápido de Seu Espírito para o suprimento de Seus apóstolos quando ascendeu, o qual, quase assim que Se acomodou em Seu assento à destra de Seu Pai, Ele enviou, para o incomparável conforto de Seus apóstolos e de nós que até hoje, sim, até o fim do mundo, cremos ou creremos nEle.

Segundo. [*Demonstrarei por que o cristão deve exercitar firmemente a sua fé neste poder onipotente como empenhado para sua ajuda.*] — A segunda subdivisão do ponto segue-se [a saber]: que os santos devem fitar este poder de Deus como empenhado em favor deles e aplicá-lo em suas almas até silenciarem todas as dúvidas e temores sobre o assunto; o que é o sentido desta exortação: “*Sede fortes no Senhor e na força do seu poder*”. Fortificai e entranciai vossas almas dentro da trincheira deste atributo do grande poder de Deus, transferido a vós pelo próprio Deus.

Primeiro. Assim como o propósito de todas as promessas é ser segurança para a nossa fé, assim o é [o daquelas] em

particular onde o Seu poder onipotente é expressamente empenhado, para que possamos considerar este atributo como nossa porção e colher o conforto que ele rende tão livremente como se colhe a colheita do próprio campo. “*anda em minha presença*”, diz Deus a Abraão, “*e sê perfeito... Eu sou o Deus Todo-Poderoso*”; apropria-te disso como tua porção e vive disso. O apóstolo nos ensina como usar as promessas: “*Não te deixarei, nem te desampararei*”, Hb 13:5; aí está a promessa, e a inferência que ele nos ensina a partir dela segue-se: “*E assim com confiança ousemos dizer: O Senhor é o meu ajudador*”, v. 6. Nós, isto é, cada crente, com confiança ousemos dizer, ou seja, podemos concluir que Deus ajudará, não de forma tímida, receosa, *talvez Ele ajude*; mas podemos afirmá-lo com ousadia diante de homens e demônios porque Aquele que é onipotente assim o disse. Ora, para um cristão não fortalecer a sua fé neste atributo incomparavelmente doce, mas acomodar-se com poucas esperanças fracas e instáveis, quando pode, sim, deve ser forte na fé de tais promessas, o que é isso senão subestimar a bênção de tais promessas? Como se alguém promettesse a outro uma casa e terras, orientando-o a garanti-las para si tão firmemente quanto a lei puder registrar, e este não se importasse em efetivar isso: não seria isso interpretado como um desprezo à bondade de seu amigo? É pouca coisa que Deus transfira o Seu poder onipotente por promessa a nós e nos oriente a garanti-lo para nós tanto quanto pudermos pela fé, e nós negligenciemos isso, deixando os escritos das promessas sem selo em nossos corações?

Segundo. Nossa obediência e conforto são fortes ou fracos conforme a nossa fé se apoia neste princípio.

1. Nossa obediência, sendo filha da fé, compartilha da força ou fraqueza de sua mãe. Abraão sendo forte na fé,

que ato heroico de obediência realizou ao oferecer seu filho! Estando sua fé bem firmada no poder de Deus, ele suporta sem vacilar aquilo que teria lançado ao chão uma fé fraca. Nenhum ato de fé fortalece mais para o dever do que aquele que foca no poder onipotente de Deus empenhado para a sua assistência. “*Vai nesta tua força*”, disse Deus a Gideão, “*porventura não te enviei eu?*”, como se dissesse: *Não posso, não hei de eu sustentar-te em teu trabalho?* Gideão parte na fé disso e faz maravilhas. Isso trouxe o homem justo do Oriente aos pés de Deus; embora não soubesse para onde ia, sabia com quem ia: o Deus Todo-Poderoso. Mas pegue uma alma não persuadida disso: quão irregular e instável é ela em seu curso de obediência! Cada ameaça do homem, se poderosa, a desanima porque sua fé não está fixada no Todo-Poderoso, e por isso às vezes ela evitará um dever para contemporizar com o homem, entregando a sua confiança nas mãos de uma criatura insignificante porque tem olhos carnis para contemplar o poder de um homem, mas carece de um olho espiritual para ver Deus às suas costas para protegê-la com o Seu poder onipotente; o qual, estivessem seus olhos abertos para ver, ela não seria tão desordenada em seus pensamentos diante da aproximação de uma criatura fraca. “*Fugiria um homem como eu?*”, disse o bom Neemias, Ne 6:11. Ele acabara de sair do trono da graça, onde invocara o auxílio do Todo-Poderoso: “*Agora, pois, ó Deus, fortalece as minhas mãos*”, v. 9. E verdadeiramente, agora, ele preferirá morrer no local a desonrar o seu Deus com um recuo vergonhoso.

2. O conforto do cristão aumenta ou mingua conforme a orientação de sua fé está voltada para o poder de Deus. Se a alma questiona isso ou o seu interesse nisso, a sua

alegria jorra para fora como sangue de uma veia rompida. É verdade que uma alma pode arrastar-se para o céu com muita dificuldade por meio de uma fé de recumbência [apoio], confiando em Deus como capaz de salvar, sem esta persuasão de seu interesse em Deus; mas tal alma navega com vento fraco de través, ou como um navio cujos mastros foram lançados ao mar, exposto ao vento e ao clima, se outros melhor equipados não o rebocassem consigo. Muitos temores, como ondas, cobrem tal alma a cada instante, de modo que ela fica mais sob a água do que acima dela; ao passo que aquela que se vê envolta nos braços do poder onipotente, oh, como essa alma avança impulsionada pelo vento, com suas velas cheias de alegria e paz! Venha a aflição, surjam tempestades, esta alma bendita sabe onde desembarcará e será bem-vinda. O nome de Deus é o seu porto, onde ela entra tão ousadamente quanto um homem entra em sua própria casa quando surpreendido por um aguaceiro. Ela ouve Deus chamando-a para este e outros atributos Seus como câmaras reservadas para ela. *“Vem, povo meu, entra nas tuas câmaras”*, Is 26:20. Deus as chama de suas, e seria uma modéstia tola não assumir o que Deus dá. *“Dele se dirá: Deveras, no Senhor há justiça e força”*, Is 45:24; isto é, tenho justiça na justiça de Deus, força na Sua força, de modo que, a este respeito, Cristo não pode mais dizer que a Sua força é dEle mesmo e não do crente do que o marido pode dizer: *“O meu corpo é meu e não de minha esposa”*. Uma alma persuadida disso pode cantar alegremente com o espinho mais agudo em seu peito; assim Davi: *“Preparado está o meu coração, ó Deus, preparado está o meu coração; cantarei, e darei louvores”*, Sl 57:7. O que o torna tão alegre em um lugar tão triste como a caverna onde agora se encontrava? Ele lhe dirá no verso 1, onde você

o vê aninhando-se sob a sombra das asas de Deus, e agora bem pode ele cantar para afastar a preocupação e o medo. Uma alma assim provida pode repousar à vontade em uma cama dura. Você não acha que dormem tão profundamente os que habitam na ponte de Londres quanto os que vivem em Whitehall ou Cheapside, sabendo que as ondas que rugem sob eles não podem feri-los? Exatamente assim podem os santos descansar tranquilos sobre as correntes da própria morte e não temer mal algum.

Uso ou Aplicação

Primeira Aplicação. Está o poder onipotente de Deus empenhado na defesa dos santos? Certamente, então, os inimigos dos santos terão uma tarefa difícil ao mexerem com aqueles que estão tão acima de suas capacidades. O diabo foi tão astuto que quis ver Jó fora de sua trincheira, a sua cerca derrubada, antes que pudesse atacá-lo. Mas os homens são tão desesperados que tentarão o campo de batalha com os santos, embora estes estejam cercados pelo poder onipotente de Deus. Que tolice seria tentar ou sitiá-la tal cidade, a qual não pode ser bloqueada de modo a impedir que o socorro entre? O caminho para o céu não pode ser bloqueado. No cerco mais estreito da igreja, “há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus” com socorros oportunos vindos do céu. As fontes dos santos vêm todas de Deus, e é tão viável para o homem insignificante deter os cursos de água das nuvens quanto represaram aquelas correntes que, invisivelmente, deslizam como veias de água na terra, desde a fonte de Sua misericórdia até o peito de Seu povo.

Os egípcios pensaram que tinham Israel em uma armadilha quando os viram marchar para aquele canto à beira-mar. “*Estão embaraçados... estão embaraçados*”; e verdadeiramente teriam estado de forma irrecuperável se aquele poder onipotente que os guiava não Se tivesse empenhado em retirá-los com honra e segurança. Bem, quando estão fora desse perigo, eis que se encontram em um deserto onde nada há para vestir ou comer, e contudo aqui viverão por quarenta anos, sem comércio ou lavoura, sem mendigar ou roubar de nenhuma das nações vizinhas; não serão devedores a elas de um centavo em seu caminho. O que o poder onipotente não pode fazer para prover para o Seu povo? O que não pode fazer para protegê-los contra o poder e a ira de seus inimigos? O poder onipotente permaneceu entre os israelitas e os egípcios de modo que, pobres criaturas, estes não podiam sequer chegar a ver seus inimigos. Deus coloca uma nuvem escura como um anteparo diante de seus olhos e, enquanto isso, o Seu olho através da nuvem os observa até lançá-los em desordem e confusão. E terá o Onipotente enfraquecido hoje em dia, ou Seus inimigos se tornado mais fortes para prometerem a si mesmos melhor sucesso? Não, nem uma coisa nem outra; mas os homens são mais cegos do que os inimigos dos santos na antiguidade, os quais às vezes fugiram diante das manifestações de Deus no meio de Seu povo, clamando: “*Fujamos... porque o Senhor peleja por eles*”. Ao passo que há muitos hoje em dia que preferem dar a honra de suas derrotas ao próprio Satanás a reconhecerem Deus no assunto; mais prontos a dizer que o diabo lutou contra eles do que Deus. Oh, vós que ainda não apagastes as impressões que o poder onipotente de Deus fez em qualquer momento em vossos espíritos, acautelai-vos de ter algo a ver com essa geração de homens, quem quer que sejam. Não vos aproximeis de sua tenda, não lanceis a vossa sorte entre eles que

são inimigos dos santos do Altíssimo; pois são homens destinados à destruição. Ele abriu o próprio ventre do Egito para salvar a vida de Israel, Seu filho, Is 43:3.

Segunda Aplicação. Isto mostra a condição terrível e deplorável de todos vós que ainda estais em um estado sem Cristo. Vistes uma rica mina ser aberta, mas nenhum centavo deste tesouro vem para a vossa parte; uma verdade carregada de incomparável conforto, mas ela está destinada a outra costa, pertence aos santos, em cujo peito esta verdade descarrega todo o seu conforto. Veja Deus fechando a porta para você quando coloca Seus filhos para banquetear-se com tais iguarias. *“Eis que os meus servos comerão, mas vós padecereis fome; eis que os meus servos beberão, mas vós tereis sede”*, Is 65:13. Deus estabeleceu o Seu número daqueles para quem provê. Ele sabe quantos tem em Sua família: estes e não mais se assentarão. Um prato principal à mesa dos santos é o poder onipotente de Deus. Este foi colocado diante de Abraão e permanece diante de todos os Seus santos para que dele comam até a plenitude do conforto; mas tu terás fome. Ele é onipotente para perdoar, mas não usará isso para ti, um pecador impenitente. Tu não tens um amigo no tribunal, nem um atributo em todo o nome de Deus falará por ti: a própria misericórdia se assentará e votará com os demais atributos por tua condenação. Deus é capaz de salvar e ajudar em tempos de necessidade; mas com base em que intimidade és tão ousado com Deus a ponto de esperar que o Seu braço salvador se estenda por ti? Embora um homem se levante à meia-noite para deixar entrar um filho que chora e bate à sua porta, ele não se dará a tanto trabalho por um cão que fica uivando ali fora. Isto apresenta a tua condição, pecador, de forma bastante triste, contudo isto é contar a tua história da melhor maneira; pois aquele poder onipotente de Deus que está empenhado na

salvação do crente está tão profundamente obrigado a trazer-te à tua execução e condenação.

Que vínculo é maior do que um juramento? O próprio Deus está sob juramento de ser a destruição de toda alma impenitente. Aquele juramento que Deus fez em Sua ira contra os israelitas incrédulos de que não entrariam em Seu repouso diz respeito a todo incrédulo até o fim do mundo. Em nome de Deus, considerai: se fosse apenas o juramento de um homem, ou de um grupo de homens que, como aqueles nos Atos, jurassem ser a morte de fulano, e tu fosses o homem, não te encheria isso de medo e tremor noite e dia, tirando o sossego de tua vida até que vos tornásseis amigos? De que, então, estão cheios os travesseiros daqueles que conseguem dormir tão profundamente, sem nenhum horror ou espanto, embora se lhes diga que o Deus Todo-Poderoso está sob o juramento de condená-los, corpo e alma, se não houver um arrependimento oportuno? Oh, considerai, pecadores: será sabedoria ou bravura recusar os termos de misericórdia das mãos de Deus, cujo poder onipotente, se rejeitado, logo vos entregará nas mãos da justiça? E quão terrível coisa é cair nas mãos do Deus Todo-Poderoso, nenhuma língua pode expressar; não, nem mesmo aqueles que sentem o peso disso.

Terceira Aplicação

Isto fala a vós, que sois santos de fato. Sede fortes na fé desta verdade, fazei dela um artigo de vosso credo; com a mesma fé que credes que existe um Deus, crede também que o poder onipotente deste Deus é vosso amigo seguro, e então utilizai-o para o vosso melhor proveito e benefício. Como, por exemplo:

1. Nas agonias de consciência que surgem da grandeza de vossos pecados, correi em busca de refúgio para o poder

onipotente de Deus. Verdadeiramente, senhores, quando os pecados de um homem são exibidos em todas as suas cores sangrentas e expostos em todos os seus agravantes mortais, e o olho da consciência é despertado para contemplá-los através da lente multiplicadora ou de aumento de uma tentação, eles inevitavelmente surpreenderão a criatura com horror e espanto, até que a alma possa dizer com o profeta: *Apesar de toda esta imensa multidão, há ainda mais comigo do que contra mim*. Um Único Onipotente é mais do que muitos poderosos. Todos estes pecados poderosos e demônios não formam um pecado onipotente ou um diabo onipotente. Opõe a todas as acusações terríveis trazidas contra ti por eles este único atributo. Assim como o embaixador francês uma vez silenciou o orgulho do espanhol, que repetia os muitos títulos de seu mestre, com um único que ofuscou a todos eles: *o próprio Deus*, quando havia agravado ao máximo os pecados de Seu povo, para mostrar o que um Deus pode fazer, irrompe em uma doce promessa: *“não executarei o furor da minha ira”*; e por que não? *“porque eu sou Deus e não homem”*, Os 11:9. Mostrarei a onipotência de Minha misericórdia. Algo semelhante à nossa frase habitual quando uma criança ou uma mulher nos bate: *Sou um homem, e não uma criança ou uma mulher, portanto não revidarei*. A própria consideração de que Deus é Deus supõe que Ele seja onipotente tanto para perdoar quanto para vingar. E isto já é algum alívio.

Mas, então, considerar que se trata do poder onipotente vinculado por compromisso e aliança para perdoar, isto é ainda mais. Como ninguém pode obrigar Deus senão Ele mesmo, assim ninguém pode quebrar o compromisso que Ele mesmo assume: e não são Suas próprias palavras que *“ele é grandioso em perdoar”*? Is 55:7. Ele multiplicará o perdão, como se tivesse dito: *“Gotejarei misericórdia junto com o vosso pecado e*

gastarei tudo o que tenho antes que se permita dizer que o Meu bem foi vencido pelo vosso mal”.

Ocorre com a alma agraciada neste caso o mesmo que com um capitão que entrega o seu castelo sob condições honrosas de ter a sua vida poupada e ser escoltado em segurança até a sua casa, para ali estabelecer-se pacificamente em suas terras e posses, para tudo o que tem a assinatura e o selo do general, sob os quais ele marcha para fora; mas os soldados indisciplinados o assaltam e o fazem temer pela vida, e ele apela ao general, cuja honra está agora empenhada por ele, sendo imediatamente socorrido e seus inimigos punidos. Tu podes, pobre alma, quando acusada por Satanás e molestada por seus terrores, dizer: *É Deus quem justifica; tenho a Sua assinatura de que a minha vida me seria dada assim que eu baixasse as minhas armas e me submetesse a Ele, o que desejo fazer. Eis que as portas do meu coração estão abertas para deixar o Príncipe da paz entrar; e não é o Todo-Poderoso capaz de cumprir a Sua promessa? Entrego-me a Ele como a um fiel Criador.*

2. *Utilizai este poder onipotente de Deus*, e o vosso interesse nele, nas tentações para o pecado, quando fordes subjugados e fugirdes diante da face de vossa forte corrupção, ou temerdes que um dia caireis por causa dela; tende a ousadia de vos apegardes a este atributo e fortalecei-vos novamente por meio dele para resistir e, ao resistir, para crer em uma vitória oportuna sobre ela. O Deus Todo-Poderoso permanece à tua vista enquanto estás no vale lutando, e espera apenas por um chamado teu quando te vires em aperto na batalha, e então Ele virá em teu socorro. Josafá clamou quando estava no meio de seus inimigos, e o Senhor o ajudou; muito mais podes tu prometer a ti mesmo o Seu socorro em teus combates d'alma. Recomenda-te ao trono da graça com aquela promessa: *“Porque*

o pecado não terá domínio sobre vós”; e antes de apresentá-la, para ajudar ainda mais a tua fé, conforta-te com isto: que embora a palavra *onipotente* não esteja expressa, ela está implícita nesta e em cada promessa, e tu podes, sem acrescentar um jota à Palavra de Deus, lê-la em tua alma: *O pecado não terá domínio sobre vós, diz o Deus Todo-Poderoso*, pois este e todos os Seus atributos são o selo constante de todas as Suas promessas. Ora, alma, aciona o compromisso em juízo, não temas a cobrança; é uma dívida e, portanto, devida. Aquele a quem processas é capaz, e assim não há temor de perder as custas do processo; e Ele, que foi tão gracioso a ponto de se comprometer quando estava livre, será tão fiel, sendo capaz, para cumprir agora que está obrigado.

Apenas, enquanto esperas pelo cumprimento da promessa e pela assistência do poder onipotente contra as tuas corrupções, acautela-te para que te mantenhas sob a sombra deste atributo e sob a condição desta promessa, Sl 91:1. A sombra não refrescará a menos que estejamos nela. Que adianta ter a sombra, mesmo que de uma rocha poderosa, se nos assentamos expostos ao sol? Ter o poder onipotente empenhado em nosso favor e nos lançarmos para fora da proteção dele por meio de incursões ousadas na boca da tentação? As quedas dos santos ocorreram quando eles correram para fora de sua trincheira e fortaleza; pois, como os coelhos, eles são um povo fraco em si mesmos, e a sua força reside na rocha da onipotência de Deus, que é a sua habitação.

3. *Cristão, utilizai isto quando estiverdes oprimidos* sob o peso de qualquer dever e serviço que, em vosso lugar e vocação, repousem sobre vós. Talvez consideres o dever de tua vocação pesado demais para os teus ombros fracos; sê ousado pela fé para colocar a extremidade mais pesada de tua carga

sobre o ombro de Deus, que é teu (se fores crente) tão certamente como Deus pôde registrar por promessa. Quando, em qualquer momento, estiveres cansado de teu trabalho e pronto a pensar, como Jonas, em fugir dele, encoraja-te com aquilo que Deus disse a Gideão, a quem chamou do mangual de malhar o trigo para malhar os montes: “*Vai nesta tua força*”, não te enviou Deus? Dedica-te ao trabalho que Deus te designa, e empenharás a força dEle em teu favor. O caminho do Senhor é força. Foge de teu trabalho, e empenharás a força de Deus contra ti; Ele enviará alguma tempestade ou outra atrás de ti para trazer de volta o Seu servo fugitivo. Quantas vezes o covarde foi morto em uma vala, ou sob alguma cerca, enquanto o soldado valente permaneceu em seu posto, manteve o seu lugar e saiu com segurança e honra?

Foste chamado a sofrer? Não recues por estares com medo de que nunca serás capaz de suportar a cruz; Deus pode ajustá-la de tal forma que não a sentirás, e ainda que não encontres socorro até chegares à porta da prisão, sim, até teres um pé no degrau ou o pescoço no bloco de execução, não desesperes. “*No monte do Senhor se proverá*”. E nessa hora Ele pode dar-te um olhar de Sua doce face que fará o sangue retornar ao semblante pálido de uma morte cruel, tornando-a amável aos teus olhos por amor dEle. Ele pode dar-te tanto conforto em mãos que reconhecerás que Deus se antecipou a ti em relação a toda a vergonha e dor que podes suportar por Ele; e se não chegasse a tanto, o suficiente para cobrir todas as despesas que possas ter no caminho já está reservado e registrado na promessa, 1 Co 10:13. Tu o receberás ao primeiro sinal, e isto pode satisfazer um cristão, especialmente se ele considerar que, embora não carregue tanta alegria do céu consigo rumo ao céu

quanto outros, ele a encontrará assim que chegar à casa de seu Pai, onde ela está reservada para ele.

Em uma palavra, cristão, confia em teu Deus e faz as tuas petições diárias ao trono da graça para contínuos suprimentos de força; tu mal imaginas quão satisfeito Ele fica por fazeres uso dEle — quanto mais frequentemente, melhor, e quanto mais vieres buscar, mais bem-vindo serás. Senão, por que Cristo teria dito aos Seus discípulos: *“Até agora nada pedistes”*, senão para expressar o Seu grande coração em dar? Ele reluta em colocar a mão na bolsa por uma quantia pequena e, portanto, por uma espécie de retórica familiar, estimula-os a irem mais alto no pedir, como Naamã que, quando Geazi pede um talento, insiste com ele para que leve dois. Tal coração generoso o teu Deus tem que, enquanto estás pedindo um pouco de paz e alegria, Ele te ordena abrir bem a boca e Ele a encherá. Vai e examina o teu coração, cristão, de uma ponta à outra, identifica as tuas necessidades, familiariza-te com todas as tuas fraquezas e expõe-nas diante do Todo-Poderoso, como a viúva colocou seus vasos vazios diante do profeta; se tivesses mais do que podes trazer, poderias ter todos eles cheios. Deus tem força suficiente para dar, mas Ele não tem força para negar. Aqui o próprio Todo-Poderoso (com reverência seja dito) é fraco; até mesmo uma criança, a mais fraca na graça de Sua família, que consegue apenas dizer *pai*, é capaz de vencê-lo; e, portanto, que a fraqueza de tua fé não te desanime. Nenhum motivo maior para que o íntimo da misericórdia se mova e o poder onipotente te socorra do que a tua fraqueza, quando alegada sob o sentimento dela. O rosto pálido e as bochechas magras, creio eu, nos movem mais do que a linguagem pretensiosa de um mendigo robusto e forte; assim, com aquela alma que vem carregada com o

sentimento de sua fraca fé, amor e paciência, a própria fraqueza deles traz consigo um argumento para o socorro.

Uma grande objeção que algumas almas desalentadas podem levantar contra o discurso anterior, respondida.

Objeção: Oh, mas, diz algum cristão desalentado, tenho orado repetidas vezes por força contra tal corrupção e, até o dia de hoje, minhas mãos estão fracas, e estes filhos de Zeruia são tão fortes que estou pronto a dizer que todos os pregadores apenas me lisonjeiam quando derramam o seu óleo de conforto sobre a minha cabeça e me dizem que finalmente conquistarei estes meus inimigos e verei aquele dia alegre em que, com Davi, cantarei ao Senhor por livrar-me das mãos de todos os meus inimigos. Tenho orado por força para tal dever e vejo que ele sai tão fraco e sem vida como antes. Se Deus está comigo por Seu grande poder para me ajudar, por que, então, tudo isto me sobreveio?

Resposta 1. Olha mais uma vez, pobre coração, para o teu próprio peito e vê se não encontras alguma força que te foi enviada e que antes desconsideraste; isto pode acontecer, sim, é muito comum neste caso, quando Deus responde à nossa oração não segundo a letra, ou quando a própria coisa é enviada, mas ela entra pela porta de trás enquanto a esperamos pela porta da frente; e verdadeiramente, assim, o amigo que estás procurando pode estar em tua casa sem que o saibas. Não é este o teu caso, pobre alma? Tens orado por força contra tal luxúria e agora gostarias que Deus imediatamente aplicasse o Seu poder para golpear a cabeça dela e deixá-la morta, para que nunca mais se movesse em teu peito. Não foi por esta porta que ficaste esperando Deus entrar? E [no entanto] nenhum sinal ou notícia

de que o teu Deus venha por esse caminho. A tua corrupção ainda se move, talvez esteja agora mais incômoda do que antes. Agora perguntas: *Onde está a força prometida para o meu alívio?* Permite-me pedir-te, antes de formulares esta triste conclusão contra o teu Deus ou contra ti mesmo, que vejas se Ele não te transmitiu alguma força por outra porta.

Talvez não tenhas força para conquistá-la tão rapidamente quanto desejas; mas não te deu Ele maior força para orares contra ela? Oravas antes, mas agora oras com mais fervor, todas as forças de tua alma estão mobilizadas para pleitear com Deus. Antes, eras mais condescendente e moderado em teu pedido; agora, tens zelo, não aceitas negação, sim, acolherias qualquer coisa no lugar da corrupção. Se Deus apenas levasse o teu pecado e te enviasse uma cruz, tu O bendirias. Ora, pobre alma, isto é nada? [Isto não é] nenhuma força? Se o teu Deus não te tivesse reforçado, o teu pecado teria enfraquecido o teu espírito de oração, e não o aumentado. Davi começou a recuperar-se quando começou a recuperar o seu espírito de oração. Quanto mais forte o choro, mais forte é a criança, asseguro-te. Jacó lutou, e isto é chamado de sua força, Os 12:3. Evidenciou-se que havia muito de Deus nele quando pôde segurar o Todo-Poderoso de tal modo que O manteve, embora Deus parecesse querer desvencilhar-se dele. Se assim és capacitada, alma, a lidar com o Deus do céu, não temas, pois serás muito mais capaz de lidar com o pecado e com Satanás. Se Deus te deu tanta força para lutares com Ele acima e contra as negações, venceste o mais forte dos dois. Vence a Deus, e Ele vencerá o outro por ti.

Novamente, talvez tenhas estado orando por mais força a ser comunicada a ti no dever, para que pudesses ser mais espiritual, vigoroso, focado, sincero e afins nesse dever, e

contudo encontras os teus antigos males te acompanhando, como se nunca tivesses apresentado a Deus a tua queixa. Bem, alma, olha mais uma vez para o teu peito com um olho livre de preconceitos: embora não encontres a força auxiliadora pela qual oraste, não tens, contudo, maior força de auto-humilhação? Talvez o incômodo que tens desses males remanescentes no dever faça com que tenhas uma opinião mais modesta de todos os teus deveres do que nunca; sim, eles te fazem abominar a ti mesmo no sentimento destes males, como se tivesses tantos vermes repugnantes ao teu redor. A condição de Jó no monturo, com todas as suas pústulas e feridas abertas em seu corpo, parece-te desejável em comparação com a tua, cuja alma, queixas-te, está pior do que o corpo dele. *Oh, isto aflige profundamente a minha alma, que eu apareça diante do Senhor com um coração tão morto e dividido, e realize pior o trabalho daquele que merece o melhor de minhas mãos.*

E tudo isto é nada? Certamente, cristão, os teus olhos estão tão impedidos quanto os de Agar, senão verias os fluxos da graça divina nesta disposição de teu coração; certamente outros pensarão que Deus realizou uma obra grandiosa em tua alma. O que é mais difícil e mais contrário à nossa inclinação do que levar nossos corações orgulhosos a se envergonharem daquilo de que naturalmente se gabam e gloriam? E não é nada para ti pisares no próprio pescoço de teus deveres e considerá-los motivo de tua humilhação e rebaixamento, os quais outros tornam motivo de sua confiança e auto-rejubilamento? Uma boa medida de virtude saiu de Cristo para secar este fluxo de orgulho em teu coração, o qual às vezes, em pessoas agraciadas, corre tanto por entre seus deveres que é visto, ou pode sê-lo, por aqueles que possuem menos graça do que eles mesmos.

Resposta 2. Cristão, interpreta com benevolência o agir de Deus contigo. Supõe que seja como dizes: pleiteaste a promessa e esperaste nos meios, e contudo não encontras força alguma de todas estas receitas, seja em tua graça ou em teu conforto. Agora, acautela-te para não acusares Deus tolamente, como se Deus não fosse o que promete; isto seria dar a Satanás aquilo pelo que ele esteve todo este tempo ansiando. É mais condizente com a disposição respeitosa de um filho, quando não recebe imediatamente aquilo que pede por escrito ao pai, dizer: *Meu pai é mais sábio do que eu. A sua sabedoria lhe indicará o que e quando me enviar, e os seus afetos paternais para comigo, seu filho, não permitirão que ele negue nada que seja bom, nem que perca o momento oportuno.* Cristão, o teu Pai celestial tem propósitos graciosos ao reter a Sua mão no momento, senão já terias recebido notícias dEle.

1. Deus pode negar maiores graus de força para te levar a exercitar com mais cuidado aquela força que já possuis. Como faz uma mãe com o filho que está aprendendo a andar: ela o coloca no chão, afasta-se um pouco dele e o chama para que venha até ela. A criança sente as pernas fracas e chora pela ajuda da mãe, mas a mãe dá passos atrás de propósito para que a criança coloque em ação toda a sua pequena força para alcançá-la. Quando uma pobre alma vem e ora contra tal pecado, Deus parece dar passos atrás e manter-se à distância, a tentação aumenta e nenhum socorro visível aparece, de propósito para que o cristão, embora fraco, exercite a força que tem. De fato, veremos que o sentimento da fraqueza da alma é um meio especial para estimulá-la a um maior cuidado e diligência. Aquele que conhece a sua fraqueza, quão propenso é em companhia a esquecer-se de si mesmo, na paixão quão apto é a

descontrolar-se; se houver um princípio de verdadeira graça, isto o estimulará a ser mais temeroso e vigilante do que outro que obteve maior força contra tais grandes tentações. Como uma criança que escreve pedindo dinheiro ao pai: nada vem imediatamente; isto a faz administrar melhor o pouco que tem — nenhum centavo agora será gasto tolamente. Assim, quando um cristão orou contra tal pecado repetidas vezes, e contudo se vê fraco, propenso a ser derrotado, oh, quão cuidadoso isso tornará, e deveria tornar, tal pessoa em cada companhia, em cada ocasião! Tal pessoa não deve dar ao inimigo nenhuma vantagem.

2. Deus pode negar ao cristão aquela força auxiliadora no dever, ou a mortificação da força da corrupção, conforme ele deseje, puramente por um projeto gracioso de, com isso, ter a oportunidade de expressar o Seu amor de uma forma que mais docemente influencie a integridade da alma a amar a Deus de volta. Talvez, cristão, ores por uma misericórdia de que necessitas, ou por livramento de alguma grande aflição, e no dever não encontras mais assistência do que o comum, sim, encontras muitas distrações de espírito nele e pensamentos de dúvida com temores incrédulos depois dele. Bem, não obstante esses defeitos em teu dever, contudo Deus ouve a tua oração e envia a misericórdia de propósito para engrandecer o Seu amor em teus olhos e torná-lo mais saboroso e doce ao teu paladar, a partir de Sua aceitação de teus fracos serviços e de Seu perdão às desordens de teu espírito. Aqui há menos força para o dever, para que tenhas mais amor na misericórdia; nada afetará mais um coração agraciado do que tal consideração. Veja isso em Davi: *“Disse na minha pressa: Todos os homens são mentirosos. Que darei eu ao Senhor*

por todos os benefícios que me tem feito?”, Sl 116:11-12. Como se Davi dissesse: *Apesar de todas as mensagens confortantes que recebi de Deus por meio de Seus profetas a respeito deste assunto, de minhas próprias orações e daquelas providências notáveis que traziam nelas uma resposta parcial a elas e o cumprimento do que fora prometido, contudo revelei muita incredulidade, questionando a verdade de umas e o retorno das outras; e Deus, não obstante todas as minhas fraquezas, cumpriu o meu desejo e realizou a Sua promessa? Oh, o que darei ao Senhor?* Assim Davi lê a misericórdia de Deus através dos óculos de sua própria fraqueza e fragilidade, e ela se mostra grandiosa; ao passo que, se uma misericórdia viesse em resposta a um dever conduzido com tal força de fé e com o ápice de outras graças que pudesse livrar a ele e ao seu dever das fraquezas habituais, isto poderia provar ser uma armadilha e dar ocasião a pensamentos de auto-aplauso, em vez de pensamentos de admiração pela misericórdia na criatura.

3. Deus pode comunicar menos de Sua força auxiliadora para mostrar mais de Sua força de sustentação, ao manter viva a graça fraca. Não nos maravilhamos de ver viver um homem de constituição forte, que come o seu pão com apetite e dorme profundamente. Mas ver um corpo debilitado, cheio de dores e enfermidades, ser de tal forma remendado e escorado pela arte do médico que permanece firme até a velhice, isto gera alguma admiração nos observadores. Pode ser que sejas uma pobre alma trêmula; a tua fé é fraca, e os teus ataques vindos de Satanás são fortes; as tuas corrupções são ativas e dinâmicas, e a tua força de mortificação é pouca, de modo que, em tua opinião, elas

ganham terreno sobre a tua graça em vez de perderem para ela. A cada instante estás pronto a pensar que serás lançado como um naufrágio na praia do diabo; e contudo, até o dia de hoje, a tua graça vive, embora cheia de vazamentos.

Ora, não vale a pena dar um passo ao lado para ver esta visão extraordinária? Um navio avariado, com mastros e casco fendidos e rasgados, sendo rebocado de tal forma pelo poder onipotente através de um mar revoltoso e esquadras de pecados e demônios, em segurança para o seu porto. Ver uma pobre vela de junco diante de um vento impetuoso e não ser apagada! Em uma palavra, ver um jovem fraco na graça ser sustentado nos braços de Deus até que vença o diabo covarde! Isto Deus está fazendo ao te sustentar. Tu és um daqueles bebês de cuja boca Deus está aperfeiçoando o Seu louvor, ao ordenar tal força para ti que tu, um bebê na graça, derrotarás um gigante em ira e poder.

Resposta 3. Se, após longa espera por força de Deus, as coisas forem como te queixas, investiga se o *to kolyon* [aquilo que impede, o obstáculo] não se encontra em ti mesmo. A cabeça é a sede dos espíritos animais, contudo pode haver tais obstruções no corpo que os demais membros fiquem temporariamente privados deles; até que a passagem esteja desobstruída entre Cristo, a tua cabeça, e ti, a tua força não virá; e, portanto, dispõe-te a investigar:

1. Vieste de fato a Deus em busca de força para realizar o dever, para mortificar a corrupção e afins? Talvez dirás: *Sim, tenho frequentado as ordenanças que são o caminho em que Ele prometeu conceder força.* Mas é só isto? Podes frequentá-las e não esperar em Deus nelas. Não esperaste carnalmente a força vinda delas, colocando, assim, as ordenanças no lugar de Deus? Não tem a disposição de

teu espírito alguma afinidade com a deles: *“Iremos a tal cidade, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e ganharemos”*, Tg 4:13? Não disse o teu coração: *Irei ouvir tal homem e obtereis conforto e força?* E te maravilhas de estares fraco, estéril e infrutífero? São as ordenanças Deus, para que te tornem forte ou confortado? Podes ouvi-las te responderem, pobre alma, como o rei à mulher no cerco de Samaria: *Ajuda, ó oração*, dizes tu, ou *ó ministro*; como podem eles ajudar se o Senhor não ajudar? Estes são apenas servos de Cristo. Cristo guarda a chave de Sua adega de vinhos; eles não podem sequer dar-te de beber quando vens à casa do mestre deles; e, portanto, pobre alma, não pares antes de Cristo, mas abre caminho através de toda a multidão de ordenanças e pede para falar com Jesus, para ver Jesus e tocá-LO, e poder sair.

2. Pergunta à tua alma se foste grato por aquela pouca força que possuis. Embora não tenhas aquela força na graça para correres com os primeiros e manteres o passo com os mais altos de teus irmãos, contudo és grato por teres alguma força de modo geral, mesmo que seja apenas para clamares atrás daqueles que vês te superarem na graça — isto já vale a tua gratidão. Nem todos no exército de Davi alcançaram o nível de seus poucos valentes em proeza e honra, e contudo não se desligaram do exército: tens motivos para ser grato pelo lugar mais humilde no exército de santos; as menores comunicações da misericórdia e graça do evangelho não devem ser desconsideradas. Assim que Moisés e o seu exército atravessaram o mar, eles entoam louvores antes mesmo de saírem da margem e reconhecem a maravilhosa manifestação do poder e misericórdia de Deus em favor deles, embora isto fosse apenas um passo em seu

caminho; um deserto uivante se apresentava diante deles, e eles não eram capazes de subsistir por alguns dias com todas as suas provisões, apesar de sua grande vitória; contudo Moisés louvará a Deus por este penhor de misericórdia. Este santo homem sabia que a única maneira de manter crédito com Deus, para obter mais, era cumprir o combinado e pagar com o seu louvor por aquilo que fora recebido. Se queres comunicações mais plenas de força divina, reconhece Deus no que Ele já fez. És fraco? Bendize a Deus por teres vida. Falhas frequentemente no dever por fraqueza e caís em tentação? Chora pelo sentimento disso; contudo bendize a Deus por não viveres em total negligência do dever, por um desprezo profano do mesmo, e que, em vez de caíres por fraqueza, não jazas no lamaçal do pecado pela maldade de teu coração. A alma ingrata pode culpar a si mesma por não prosperar melhor.

3. És humilde sob o auxílio e a força que Deus te deu? O orgulho obstrui o canal. Se o coração começa a inflar, é hora de Deus reter a Sua mão e fechar a torneira, pois tudo o que é derramado sobre tal alma transborda em auto-elogio e, assim, é como água derramada, no que diz respeito a qualquer bem que faça à criatura ou a qualquer glória que traga a Deus. Um coração orgulhoso e uma montanha alta nunca são férteis. Ora, além das formas comuns pelas quais o orgulho se revela, como ao subestimar os outros e superestimar a si mesmo, e afins, observarás outros dois sintomas dele.

(1) Ele aparece em aventuras ousadas, quando uma pessoa corre para a boca da tentação, sustentando-se na confiança de sua graça recebida. Este foi o pecado de Pedro, pelo qual ele foi levado a comprometer-se mais do que convinha a

uma fé humilde, correndo para o território do diabo, tornando-se, assim, prisioneiro dele por um tempo. O bom homem, quando em seu estado normal, tinha pensamentos bastante modestos de si mesmo, como quando perguntou ao seu Mestre: *“Porventura sou eu, Senhor?”*. Mas aquele que temeu em um momento que pudesse ser o traidor, em outro não consegue pensar tão mal de si mesmo a ponto de suspeitar que poderá ser o que negará o seu Mestre. O quê? Ele? Não, ainda que todos os demais O abandonassem, ele permaneceria firme em suas cores. É este o teu caso, cristão? Possivelmente Deus te deu muito de Sua mente; és versado na Palavra de vida e, por isso, te atreves a respirar em ar corrompido, como se apenas os espíritos fracos de cristãos menos conhecedores os expusessem a serem infectados com o contágio do erro e da heresia. Tens uma grande porção de graça, ou pelo menos pensas assim, e te aventuras a ir onde um cristão de mente humilde temeria que seus calcanhares escorregassem sob ele. Verdadeiramente, agora tu tentas a Deus a permitir que a tua mecha de cabelo seja cortada quando és tão ousado a ponto de deitar a tua cabeça no colo de uma tentação.

(2) O orgulho aparece na negligência daqueles meios pelos quais as graças e confortos dos santos devem ser alimentados quando mais fortes. Talvez, cristão, quando estás sob temores e dúvidas, então Deus tem a tua companhia; estás frequentemente com o teu cântaro à porta dEle; mas quando obténs alguma medida de paz, cresce imediatamente certo distanciamento entre Deus e ti; o teu cântaro não caminha como costumava até estes poços de salvação. Não admira que tu, embora rico em graça e conforto, fiques para trás, visto que gastas da reserva antiga e não realizas transação alguma no momento para trazer mais. Ou, se não negligencias o dever dessa

forma, contudo talvez não o realizes com aquela humildade que outrora o embelezava: dantes oravas sentindo a tua fraqueza para obteres força; agora oras para mostrar a tua força, para que outros te admirem. E se uma vez, como Ezequias, chamamos espectadores para verem o nosso tesouro e nos aplaudirem por nossos dons e conforto, então é mais do que hora de Deus, se de fato nos ama, enviar alguns mensageiros para levarem estes embora de nós, os quais afastam os nossos corações dEle.

Resposta 4. Se o teu coração não te condena a partir do que foi dito, mas esperaste sinceramente em Deus e contudo não recebeste a força que desejas, ainda assim seja esta a tua resolução: viver e morrer esperando nEle. Deus não nos diz o Seu momento de vir, e seria ousadia definirmos um por nossa própria conta. *“Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai”*, disse Cristo aos Seus discípulos; *“permanecei, pois, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder”*, Lc 24:49. Assim Ele te diz: *Permanece em Jerusalém*, espera nEle nos meios que Ele designou, até que sejas revestido de maior poder para mortificares as tuas corrupções, etc. E para o teu conforto sabe:

1. O teu assim perseverar em esperar em Deus será evidência de uma graça forte em ti. Quanto menos encorajamento tens para o dever, mais a tua fé e obediência têm de te sustentar no dever. Aquele que consegue negociar quando os tempos estão tão parados que toda a sua mercadoria fica encalhada em suas mãos, e contudo não recua a mão, mas antes negocia mais e mais, com certeza a sua reserva é grande. Como! Nenhum conforto em ouvir, nenhum alívio para o teu espírito em orar, e contudo mais ávido por ouvir e mais frequente em orar? Oh, alma, grande é a tua fé e paciência!

2. Assegura-te de que, quando estiveres no maior aperto, a força virá. *Os que esperam no Senhor renovarão as suas forças*; quando o último punhado de farinha estava sendo preparado, então o profeta é enviado para manter a casa da viúva. Quando a tentação for forte, a tua pouca força estiver quase gasta e estiveres pronto a render-te nas mãos de teus inimigos, então espera socorros do céu para te capacitarem a resistires sob a tentação. Assim foi com Paulo: *“A minha graça te basta”*, isto é, há poder do céu para levantar o cerco e afastar o tentador. Assim foi com Jó: quando Satanás o tinha em vantagem, então Deus o retira, como um moderador sábio que, quando o respondente está muito pressionado por um oponente sutil, o retira, quando de outro modo este o derrotaria. *“Ouvistes da paciência de Jó, e viste o fim que o Senhor lhe deu; porque o Senhor é muito misericordioso e piedoso”*, Tg 5:11.

SEGUNDA PARTE

DIRETRIZES PARA CONDUZIR ESTA GUERRA COM SUCESSO, COM ALGUNS MOTIVOS SALPICADOS ENTRE ELAS

PRIMEIRA DIREÇÃO

O Cristão Deve Estar Armado, e a Razão Disso

“Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do diabo.” (Ef 6:11).

Este versículo é a chave para o anterior, no qual o apóstolo havia exortado os crentes a encorajarem e sustentarem seus espíritos abatidos no Senhor e na força de Seu poder. Agora, nestas palavras, ele se explica e mostra como quer que façam isso: não vindo presumidamente ao campo de batalha sem aquela armadura que Deus designou para ser usada por todos os Seus soldados e, contudo, com arrogância, confiar no poder de Deus para salvá-los. Essa alma com certeza ficará longe de casa (do céu, quero dizer) que não tem nada além de uma confiança carnal no nome de Deus, inflada por sua ignorância de Deus e de si mesma. Não; aquele que quer ter a sua confiança devidamente colocada no poder de Deus deve conscientemente usar os meios designados para a sua defesa e não correr desarmado para a batalha, como aquele espírito fanático em Münster que quis ir adiante e afugentar todo o exército que então sitiava aquela cidade com nenhum outro canhão senão algumas

palavras carregadas com o nome do Senhor dos Exércitos, o qual ele blasfemamente teve a ousadia de usar, dizendo: *Em nome do Senhor dos Exércitos, retirai-vos*. Mas ele próprio logo pereceu, para ensinar sabedoria a outros pelo preço que pagou por sua tolice.

Que linguagem tola e pretenciosa ouvireis cair dos lábios dos mais profanos e ignorantes entre nós! Eles confiam em Deus, esperam em Sua misericórdia, desafiam o diabo e todas as suas obras, e outras bobagens semelhantes, sendo contudo pobres criaturas desarmadas, sem a menor peça da armadura de Deus sobre suas almas. Para afastar tal presunção do acampamento dos santos, ele anexa esta instrução à sua exortação: “*Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do diabo*”. De modo que as palavras se dividem nestas duas partes gerais:

Primeiro, uma diretriz anexa à exortação anterior, mostrando como podemos de forma regular chegar a ser fortes no Senhor, isto é, revestindo-nos da “*armadura de Deus*”.

Segundo, uma razão ou argumento que reforça esta diretriz: “*para que possais resistir às ciladas do diabo*”.

Diretriz 1 — Primeira Parte Geral

O cristão deve estar armado para a guerra, “Revesti-vos de toda a armadura de Deus”.

Nesta parte, temos uma diretriz anexa à exortação anterior, mostrando como podemos de forma regular chegar a ser fortes no Senhor, isto é, revestindo-nos de toda a “*armadura de Deus*”. Nisto, observe: Primeiro, o equipamento que ele orienta, e este é “*armadura*”. Segundo, o tipo ou qualidade desta armadura — “*armadura de Deus*”. Terceiro, a quantidade ou

integridade da armadura — a “*toda*” armadura de Deus. Quarto, o uso desta armadura — “ *revesti-vos*” de toda a armadura de Deus.

O equipamento ou armadura necessária — o que é

Para começar com o primeiro aspecto: o equipamento que cada um deve obter se deseja lutar nas batalhas de Cristo, [e este é a “*armadura*”]. A questão aqui será: O que é esta armadura?

Primeiro. Por armadura entende-se Cristo. Lemos sobre revestir-se do “*Senhor Jesus*”, Rm 13:14, onde Cristo é apresentado sob a noção de armadura. O apóstolo não os exorta, em vez de glotonaria e embriaguez, a revestirem-se de sobriedade e temperança, ou, em vez de desonestidade e dissoluções, a revestirem-se de castidade, como o filósofo teria feito, mas ordena: “ *revesti-vos do Senhor Jesus Cristo*”; implicando tanto quanto isto: até que Cristo seja revestido, a criatura está desarmada. Não é a moralidade de um homem e suas virtudes filosóficas que repelirão uma tentação enviada com carga total do canhão de Satanás, embora possivelmente possam repelir o tiro de pistola de alguma solicitação menor; de modo que ele é o homem armado que está em Cristo. Novamente:

Segundo. As graças de Cristo, estas são a armadura, como “*o cinto da verdade, a couraça da justiça*” e o restante. Daí sermos ordenados também a nos [revestirmos] do “*novo homem*”, Ef 4:24, o qual é composto de todas as diversas graças como suas partes e membros. E a alma desarmada é a alma não regenerada, não excluindo aqueles deveres e meios que Deus designou para o cristão usar em sua defesa. Exposta assim a frase, o ponto consiste em mostrar que estar sem Cristo é estar sem armadura.

A alma sem Cristo e sem graça está sem armadura, e nisso consiste a sua miséria

Observação: Que uma pessoa em um estado sem Cristo e sem graça está despida e desarmada e, portanto, inapta para lutar as batalhas de Cristo contra o pecado e Satanás. Ou, de outra forma: uma alma fora de Cristo está despida e destituída de toda armadura para defendê-la contra o pecado e Satanás.

Deus a princípio enviou o homem ao mundo com armadura completa, “*criado em verdadeira justiça e santidade*”, mas por uma astúcia o diabo o despojou e, por isso, assim que o primeiro pecado foi consumado, está escrito: “*perceberam que estavam nus*”, Gn 3:7, isto é, [eram] pobres criaturas fracas à mercê de Satanás, um povo subjugado e desarmado por seu conquistador orgulhoso e incapaz de fazer-lhe frente. De fato, custou a Satanás alguma disputa para abrir a primeira brecha, mas depois que ele teve uma vez as portas abertas para entrar como conquistador no coração do homem, ele age como rei.

Eis que um bando de outros pecados se amontoa atrás dele, sem golpe ou disputa; em vez de confessarem seus pecados, eles escondem a cabeça em um arbusto e, por sua própria vontade, não viriam para onde Deus está, e quando não podem fugir dEle, como tergiversam diante dEle? Acusam-se uns aos outros, transferindo o pecado em vez de buscarem misericórdia. Tão rapidamente os seus corações foram endurecidos pelo engano do pecado. E esta é a condição deplorável de cada filho e filha de Adão; despidos ele nos encontra e escravos ele nos faz, até que Deus, por Seu chamado eficaz, nos liberte do poder de Satanás para o reino de Seu Filho

amado, o que ficará mais evidente se considerarmos este estado sem Cristo sob uma quádrupla noção.

Primeira. É um estado de alienação de Deus: “*estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa*”, etc., Ef 2:12. Tal pessoa não tem mais que ver com qualquer promessa de aliança do que quem vive em Roma tem que ver com a carta de direitos de Londres, que é o direito de nascença de seus próprios cidadãos, não de estrangeiros. Ela está sem Deus no mundo; não pode reivindicar mais proteção de Deus do que um cidadão fora da lei de seu príncipe. Se algum mal lhe acontece, o recurso está em suas próprias mãos; ao passo que Deus tem a Sua cerca de proteção especial ao redor de Seus santos, e o diabo, embora o seu rancor seja maior contra eles, não se atreve a entrar no terreno de Deus para tocar em nenhum deles sem permissão específica. Ora, que condição deplorável é aquela em que uma alma é deixada ao mundo amplo, no meio de legiões de luxúrias e demônios, para ser despedaçada e rasgada como uma lebre indefesa entre uma matilha de cães de caça, e sem Deus para afastá-los!

Que Deus deixe um povo, por mais guerreiro que seja, e imediatamente eles perdem o juízo, não conseguem encontrar as suas mãos. Um grupo de crianças ou homens feridos pode levantar-se e expulsá-los de suas cidades fortificadas porque Deus não está com eles; o que fez Calebe e Josué pacificarem os israelitas amotinados diante das notícias de gigantes e cidades muradas com isto: “*eles são o nosso pão; retirou-se deles o seu amparo*”. Quanto mais essa alma deve ser como pão para Satanás, não tendo amparo algum do Todo-Poderoso? Pegue homens de grandes dotes, realizações naturais ou adquiridas, que apenas carecem de uma união com Cristo e da graça renovadora de Cristo. Oh, que tolos o diabo faz deles, conduzindo-os ao seu

bel-prazer, alguns para uma luxúria, outros para outra! O mais orgulhoso de todos eles é escravo de uma ou de outra, embora seja para a ruína do corpo e da alma para sempre. Onde reside o mistério de que homens de tais dotes e sabedoria se rebaixem a esse trabalho servil do inferno? Exatamente aqui: eles estão em um estado de alienação de Deus e não são mais capazes, por si mesmos, de romper a prisão do diabo do que um escravo é de fugir de sua corrente.

Segunda. O estado sem Cristo é um estado de ignorância, e quem está assim deve necessariamente estar despido e desarmado. Aquele que não consegue ver o seu inimigo, como poderá desviar o golpe que este lhe envia? Um único profeta que enxerga conduz todo um exército de homens cegos para onde quer. O conhecimento imperfeito que os santos têm aqui é vantagem de Satanás contra eles. Ele frequentemente os apanha pelo lado cego. Quão facilmente, então, pode ele, com um punhado de boas palavras, conduzir a alma cega para fora do seu caminho, ela que não conhece um passo do caminho correto! Ora, que o estado sem Cristo é um estado de ignorância, veja em Ef 5:8: *“Porque noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor”*. Éreis trevas, não *estáveis no escuro*, como alguém que tem olhos pode estar. Um filho da luz frequentemente está no escuro a respeito de alguma verdade ou promessa, mas dispõe de um olho espiritual que falta à pessoa sem Cristo, e por isso esta é trevas.

E estas trevas não podem ser iluminadas senão por sua união com Cristo, o que é expresso na frase seguinte: *“mas agora sois luz no Senhor”*. Assim como o olho do corpo, uma vez arrancado, jamais pode ser restaurado pela arte da criatura, assim também o olho espiritual — perdido pelo pecado de Adão — não pode ser restaurado pelo ensino de homens ou de anjos.

É uma das enfermidades que Cristo veio curar, Lc 4:18. É verdade que há uma luz da razão, que é comunicada a cada homem por natureza, mas esta luz é trevas comparada à dos santos, assim como a noite é escura em relação ao dia, mesmo quando a lua está em sua plena glória. Esta luz noturna da razão pode livrar uma pessoa de alguma vala ou lagoa — pecados grandes e evidentes —, mas nunca a ajudará a escapar das corrupções mais secretas, as quais o santo vê como poeira nos feixes de luz do conhecimento espiritual. Há trabalhos tão minuciosos que a criatura deve realizar e que não podem ser executados à luz de vela do conhecimento natural.

Mais ainda: onde a iluminação comum do Espírito é acrescentada a esta luz da natureza, contudo há trevas comparadas com o conhecimento santificador de uma alma renovada, o qual tanto descobre verdades espirituais quanto aquece o coração ao mesmo tempo com o amor da verdade, possuindo, como o sol, uma virtude geradora e vivificante de que o outro carece; de modo que o coração permanece sob tais iluminações comuns, frio e morto. Ele não tem mais força para resistir a Satanás do que se não conhecesse o mandamento; ao passo que o conhecimento do cristão, mesmo quando feito prisioneiro por uma tentação, persegue e traz de volta a alma, como Abraão fez com o seu sobrinho, das mãos dos inimigos. Isto sugere a terceira noção:

Terceira. O estado sem Cristo é um estado de impotência: “*Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios*”, Rm 5:6. O que pode um povo desarmado, que não tem espada ou arma, fazer para sacudir o jugo de um inimigo conquistador? Tal poder tem Satanás sobre a alma que, em Lc 11:21, ele é chamado de o homem forte que guarda a alma como seu palácio. Se ele não tem perturbação

vinda do céu, não precisa temer motim interno; mantém tudo em paz ali. O que o Espírito de Deus faz em um santo, isso, de certa forma, faz Satanás em um pecador. O Espírito enche o seu coração de amor, alegria, santos desejos, temores; assim Satanás enche o coração do pecador de orgulho, luxúria, mentira. “*por que encheu Satanás o teu coração?*”, disse Pedro. E assim cheio de Satanás (como o bêbado de vinho), o homem não é dono de si, mas escravo de Satanás.

Quarta. O estado de não regeneração é um estado de amizade com o pecado e com Satanás. Se é inimizade contra Deus, como de fato é, então é amizade com Satanás. Ora, será difícil fazer com que essa alma lute seriamente contra o seu amigo. Estará Satanás dividido? Lutará o diabo de dentro contra o diabo de fora? — o Satanás no coração expulsará o Satanás à porta? Às vezes, de fato, parece haver uma briga entre Satanás e um coração carnal, mas é mera farsa, como a luta de dois esgrimistas em um palco. Pensar-se-ia a princípio que estão falando sério, mas, observando quão cautelosos são e onde se atingem mutuamente, logo se percebe que não têm a intenção de matar; e o que coloca tudo fora de dúvida: quando a exibição termina, vós os vereis divertindo-se juntos com o que obtiveram de seus espectadores, que era tudo pelo que lutavam.

Quando um coração carnal faz o maior alvoroço contra o pecado queixando-se dele ou orando contra ele, basta acompanhá-lo fora do palco do dever, onde ele obteve a reputação de santo — o prêmio pelo qual luta —, e vós os vereis sentados tão amigavelmente juntos em um canto como sempre.

Uso e Aplicação

Primeira Aplicação. Isto elimina o espanto diante das grandes conquistas de Satanás no mundo. Quando olhais ao

redor e vedes o seu vasto império, e quão pequeno é o território que contém os súditos de Cristo; que multidões de almas preciosas jazem prostradas sob este pé de orgulho, e que pequeno regimento de santos marcha sob a bandeira de Cristo, talvez a estranheza da situação vos faça perguntar: *Será o inferno mais forte do que o céu? — as armas de Satanás mais vitoriosas do que a cruz de Cristo?*

Nada disso. Considerai apenas esta única coisa, e vos maravilhareis de que Cristo tenha quem O siga, e não de que tenha tão poucos. Satanás encontra o mundo desarmado; quando o príncipe do mundo vem, ele nada encontra a que se opor; a alma inteira está disposta a render-se ao primeiro chamado. E se a consciência, governadora em nome de Deus na criatura, resiste por um tempo, todos os outros poderes, como a vontade e os afetos, entram em descontentamento, como soldados amotinados em uma guarnição, os quais nunca descansam até converterem a consciência à rendição ou, contra o comando dela, abrirem de par em par as portas da cidade ao inimigo, entregando traidoramente a sua consciência prisioneira às suas próprias luxúrias.

Mas, quando Cristo vem exigir a alma, Ele encontra uma resposta escarnecedora: *“Retira-te de nós; não desejamos o conhecimento dos teus caminhos... Não queremos que este reine sobre nós”*. De comum acordo, votam contra Ele e levantam-se como os filisteus contra Sansão, a quem chamavam de destruidor da pátria. *“E não quereis vir a mim”*, diz Cristo. Oh, quão fiéis são os pobres pecadores ao encargo do diabo! Eles não entregarão o castelo que mantêm para Satanás até que este seja incendiado sobre as suas cabeças. Faraó opõe-se a Moisés de um lado, e Israel clama contra ele de outro. Tal é a recepção que Cristo tem, tanto da parte de Satanás quanto da do pecador.

O que diminuiu as conquistas de Alexandre foi o fato de ele ter vencido um povo mergulhado na barbárie, sem armas e sem disciplina de guerra; e o que elevou as de César, embora não fossem tantas, foi ter vencido um povo mais guerreiro e equipado. As vitórias de Satanás dão-se sobre almas pobres, ignorantes e sem graça, as quais não têm armas, nem mãos, nem corações para se oporem. Mas, quando ele assalta um santo, então ele se assenta diante de uma cidade com portas e trancas, e sempre se retira envergonhado, incapaz de tomar a menor fortaleza, de arrancar o mais fraco dos santos das mãos de Cristo; mas Cristo tira as almas do domínio dele com mão forte, a despeito de toda a força e fúria do inferno que, como Faraó e seu exército, as perseguem.

Segunda Aplicação. Isto explica a razão pela qual o diabo tem tanto rancor contra o evangelho. Por quê? Porque o evangelho abre um arsenal de armas e equipamentos para a alma. A Palavra é aquela torre de Davi, *“edificada para armaria, onde pendem mil escudos, todos broquéis de homens valorosos”*, Ct 4:4. Daí os santos sempre terem obtido a sua armadura, e a pregação do evangelho a destranca. À medida que a luz do evangelho ascende, o sombrio reino das trevas de Satanás desaparece, Ap 14:6; ali um anjo surge para pregar o evangelho eterno, e outro anjo o segue logo atrás, v. 8, clamando vitória: *“Caiu, caiu a grande Babilônia”*.

O primeiro ataque que o evangelho desferiu contra o reino das trevas abalou os seus alicerces e pôs em fuga as legiões do inferno. Os setenta a quem Cristo enviou trazem este rápido relato de sua embaixada: *“Senhor, pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam”*; e Cristo responde: *“Eu via Satanás, como raio, cair do céu”*. Como se dissesse: *Não é novidade o que me dizeis, eu via Satanás caindo quando vos enviei; eu sabia*

que o evangelho faria estragos por onde passasse. E, portanto, não admira que Satanás trabalhe para banir o evangelho, o qual o desaloja; ele sabe que o exército está quase perdido quando o seu arsenal é explodido.

É bem verdade que, sob o próprio evangelho, o diabo enfurece-se mais em pecadores obstinados, os quais são entregues por Deus para serem possuídos por esse espírito maligno por rejeitarem a Sua graça; mas ele é expulso de outros que, *“antes que a benignidade de Deus para com os homens aparecesse no evangelho”*, eram dominados por ele, *“servindo a várias concupiscências e deleites”*; mas agora, pela luz do evangelho, veem a sua loucura e, pela graça que ele traz, são capacitados a renunciar ao maligno. Isto, isto é o que atormenta o espírito imundo: ver-se abandonado por seus antigos amigos e servos, e este novo Senhor vir e tirar-lhe os súditos. E, por isso, ele trabalha seja por meio da perseguição para afastar o evangelho, seja pela astúcia para persuadir um povo a expulsá-lo de suas costas.

E esteve ele em algum momento mais propenso a conseguir isso entre nós? A que baixo apreço ele reduziu a pregação do evangelho! O preço caiu pela metade em relação ao que era alguns anos atrás, mesmo entre aqueles que eram considerados os maiores negociantes no mercado dos santos. Alguns que achavam que valia a pena cruzar os mares, até mesmo para as Índias — quase tão longe quanto outros vão buscar o ouro —, para desfrutarem do evangelho, relutam agora em cruzar a rua para ouvi-lo, a um preço tão barato; e alguns que vêm, e que antigamente tremiam diante dele, fazem de sua ida um pretexto para zombar ou brigar com ele.

Mais ainda, chegou-se a tal ponto que a Palavra é um alimento tão pesado para o estômago sensível de muitos professos que ela é imediatamente rejeitada, e com abundância de azedume contra o pregador, especialmente se ela atinge em cheio os pecados e erros da época, cujo mero nome já basta para ofender, embora a nação esteja afundando sob o peso deles. De que calúnias os fiéis ministros do evangelho não são carregados! Chamo os céus e a terra como testemunhas se eles alguma vez sofreram uma perseguição mais quente da língua do que nesta era de apostasia. Uma nova geração de professos surgiu, os quais recusam reconhecê-los como ministros de Cristo, embora aqueles que os precederam (tanto em graça quanto em tempo, [e] mais capazes de traçar a sua linhagem espiritual do que eles próprios) os tenham reconhecido até a morte como seus pais espirituais. E não deve a arca necessariamente vacilar quando aqueles que a carregam são assim atingidos, tanto em sua pessoa quanto em seu ofício? O que estão fazendo estes homens? Infelizmente, eles não sabem. “*Pai, perdoa-lhes*”. Eles estão cortando a mão direita com a esquerda; estão despindo a si mesmos e à nação ao desprezarem o evangelho e aqueles que o trazem.

Terceira Aplicação. Considerai o vosso estado deplorável, vós que estais totalmente despidos e desarmados. Consegue-se ter pena do mendigo à porta (quando o vedes em um dia de inverno, tremendo com as costas nuas, exposto à fúria do frio) e não tendes pena de vossa própria nudez d'alma, muito mais terrível, pela qual estais expostos à ira do céu e à malícia do inferno? Deverá a nudez deles cobri-los de vergonha, enchê-los de medo de perecer, o que os faz bater e clamar por socorro com gemidos lamentáveis, como se relata sobre a Rússia, onde

os pobres, por extrema necessidade, têm este modo desesperado de mendigar nas ruas: “*Dá-me e corta-me, dá-me e mata-me*”?

E podes tu permitir que Satanás venha e corte a tua garganta em teu leito de preguiça, em vez de aceitares vestes para te cobrirem, sim, armadura para te defender? — refiro-me a Cristo e à Sua graça, que vos são oferecidos no evangelho. Não acrediteis facilmente em vossos próprios corações bajuladores se eles vos disserem que já estais providos disso. Temo que muitos professos vistosos sejam encontrados tão nus em relação a Cristo e à verdade da graça quanto os próprios bêbados e escarnecedores. Existem aqueles que se contentam com um Cristo de fachada, de dons e de deveres, mas não buscam um Cristo de graça sólida, e assim perecem. Aqueles dons, de fato, são um ornamento para o cristão, como o lenço e a pluma para o soldado, mas não apagam a bala na batalha; são Cristo e a Sua graça que fazem isso. Portanto, trabalhai para serdes cristãos sinceros, antes de serdes vistosos. A graça adornada com dons é mais bela, mas estes sem a graça são apenas despojos mais ricos para Satanás.

Segunda Divisão

A qualidade ou tipo de armadura necessária — A ARMADURA DE DEUS.

O assunto desta divisão é a qualidade ou tipo de armadura que o cristão é aqui instruído a providenciar. Não é qualquer refugio que servirá para a ocasião; antes nenhuma do que uma que não seja testada, e nenhuma o é “*senão a armadura de Deus*”. Sob um duplo aspecto ela deve ser de Deus. Primeiro, em instituição e designação. Segundo, em constituição.

A armadura que usamos contra Satanás deve ser DIVINA EM SUA INSTITUIÇÃO, e apenas conforme Deus designa

Observação 1. A armadura que o cristão veste deve ser de instituição e designação divina. O soldado entra em campo apenas com as armas que o seu general ordena. Não é deixado ao capricho de cada um trazer as armas que bem entender; isso geraria confusão. O soldado cristão está limitado à ordem de Deus; embora o exército esteja na terra, o conselho de guerra reúne-se no céu; *este dever fareis; estes meios usareis*. E os que fazem mais, ou usam outros além dos que Deus ordena, embora com algum aparente sucesso contra o pecado, certamente serão chamados a prestar contas por essa ousadia. A disciplina de guerra entre os homens é estrita neste caso. Alguns sofreram a morte por sentença de um conselho de guerra mesmo após vencerem o inimigo, porque agiram fora de seu posto ou além de sua ordem.

Deus é muito preciso neste ponto; Ele dirá àqueles que inventam maneiras próprias de cultuá-IO, que cunham em sua própria mente meios de mortificar a corrupção e obter conforto: *“Quem requereu isto de vossas mãos?”* Isto é verdadeiramente ser *“justo em demasia”*, como fala Salomão, quando se pretende corrigir a lei de Deus e acrescentar suplementos de nossa autoria à Sua regra. Quem pagará o salário daquele trabalhador que não foi posto a trabalhar por Deus? Deus diz a Israel que os falsos profetas de nada lhes servirão porque não vêm em Sua missão, Jr 23:32; da mesma forma, de nada ajudarão aqueles caminhos e meios que não forem da designação de Deus. Os pensamentos de Deus não são como os do homem, nem os Seus caminhos são como os nossos, dos quais Ele Se utiliza para alcançar os Seus fins.

Se o homem devesse organizar o exército israelita que agora marchava para fora do Egito, certamente a sabedoria humana orientaria a saquear os egípcios de seus cavalos e armas, como mais necessários para tal expedição, do que tomar emprestados os seus vasos de ouro e brincos. Mas Deus quer que eles saiam desarmados e a pé, e Moisés mantém-se estritamente fiel à sua ordem; sim, quando alguns cavalos eram capturados em batalha, porque Deus ordenara que deveriam ser jarretados, eles obedeciam, embora sob aparente desvantagem para eles. Era a guerra de Deus que travavam e, portanto, era apenas razoável que estivessem sob o Seu comando. Eles acampavam e marchavam por ordem dEle, conforme a arca se movia ou repousava. Eles lutavam por Seu comando. O número é designado por Ele — os meios e as armas que deveriam usar — tudo é prescrito por Deus, como no cerco de Jericó.

E qual é o ensinamento de tudo isso — pois certamente Deus tem em vista a nossa marcha para o céu e a nossa luta contra estes espíritos malditos e luxúrias que se opõem no caminho — senão que devemos lutar legitimamente, utilizando os meios que temos de Sua boca em Sua Palavra? Isto repreende dois tipos de pessoas:

Repreende, Primeiro, aqueles que lutam contra Satanás com armadura que não possui instituição divina.

1. O católico romano. Olhai para a sua armadura, e dificilmente uma peça será encontrada como armadura de Deus. Eles lutam com a armadura do papa. A autoridade papal é a oficina onde as suas armas são forjadas. Seria quase uma penitência para a vossa paciência repetir todas as diversas peças de armadura com que carregam as almas simples — pesadas demais,

de fato, para os ombros mais largos de seus líderes carregarem —, sim, mais do que os mais sábios deles pretendem usar. Suas missas, matinas, vigílias, peregrinações, jejuns da Quaresma, flagelações, votos de castidade, pobreza, com um mundo de refugo semelhante! — onde há uma palavra de Deus para isso? Quem requereu estas coisas de suas mãos? Mil ais cairão um dia sobre esses impostores que despojaram o povo de sua verdadeira armadura de Deus e colocaram esses caniços e juncos em suas mãos. Isto pode justificar-nos diante de Deus e dos homens pelo nosso afastamento deles, que nos obrigam a arriscar a vida de nossas almas em tal armadura de papel, quando Deus providenciou algo melhor.

2. O protestante carnal, que luta com armadura carnal, 2 Co 10:3. O apóstolo fala ali de *“militar segundo a carne”*, isto é, com armas ou meios que a sabedoria carnal do homem sugere, e não os mandamentos de Deus, e que por isso são fracos. Quão poucos estão vestidos de outra forma no dia da batalha!

(1) Quando Satanás tenta ao pecado, se ele não obtém imediatamente uma entrada pacífica, a resistência que comumente se faz é carnal; a força carnal em que confiam é a sua própria, não a de Deus; os motivos são carnaís, como o temor dos homens mais do que o de Deus; [a respeito do qual] um diz: *“Como cometeria eu tamanha maldade, e pecaria contra Deus?”*, mas muitos em seus corações dizem: *Como farei isto e irritarei o homem, desagradarei meu mestre, provocarei meus pais e perderei a boa opinião do meu ministro?* Herodes temia a João e fazia muitas coisas. Se ele temesse a Deus, teria trabalhado para fazer todas as coisas. O mesmo se pode dizer de

todos os outros motivos que têm a sua fonte na criatura, não em Deus; são armaduras que não resistem ao tiro. Se a tua força reside em um recurso da criatura, ela pode ser logo cortada; se reside em Deus, ela se manterá firme, como o Seu comando: *Está escrito. Não posso fazê-lo, sob pena de pisar na lei do meu Criador ou no amor de Cristo. Não posso alcançar a minha luxúria sem passar por cima do meu Salvador agonizante e, por isso, retira-te, tentador imundo, odeio-te e à tua proposta.* Este fundamento é rocha e permanecerá; mas se for algum interesse carnal que te equilibra, outro mais pesado de igual natureza poderá ser encontrado, o qual inclinará a balança para o outro lado. Aquela que não gosta do homem apenas por causa de suas vestes pode ser facilmente conquistada quando ele se apresentar com outro traje. Satanás pode mudar de roupa, e então a tua boca será fechada quando o teu argumento carnal for retirado.

(2) Quando a Palavra ou a consciência repreende pelo pecado, qual é a armadura com que os homens comumente cobrem as suas almas culpadas? Verdadeiramente nenhuma outra senão a carnal. Se não podem escapar da acusação que estas trazem, então trabalham para atenuá-la, minimizando o fato. *É verdade*, dirão eles, *eu cometi (confesso) tal falta, mas fui induzido.* “*A mulher que me deste... ela me deu da árvore, e comi*” foi a armadura de folha de figueira de Adão. *É apenas uma ou duas vezes, e espero que isso não quebre as regras. Era isso assunto tão sério? Sei de cristãos alegres que fazem tanto quanto isso. Graças a Deus, não posso ser acusado de ser prostituto ou ladrão.* Esta é a armadura que deve desviar o golpe.

Mas se a consciência não se der por convencida, então eles trabalham para desviar os seus pensamentos, tocando a música alta dos deleites carnis, para que o barulho de um abafe

o do outro; ou, com Caim, retirar-se-ão da presença do Senhor e não frequentarão mais aquelas ordenanças que lhes causam dor de cabeça e perturbam o repouso de suas consciências agitadas. Se ainda assim o fantasma os assombra, então trabalham para pacificá-lo com alguma boa obra, a qual contrapõem à má; suas esmolas e caridade em sua velhice devem expiar a opressão e a violência de seus dias passados; como se este pouco de incenso fosse suficiente para purificar e afastar a praga da maldição de Deus que está em seus bens mal adquiridos.

Assim, as pobres criaturas apegam-se a qualquer cobertura insignificante que não serve sequer para esconder a sua vergonha, muito menos para conter a bala da ira de Deus quando Deus disparar contra elas. Deve haver armadura da designação de Deus. Adão continuava nu apesar de todas as suas folhas de figueira, até que Deus o ensinou a fazer “*túnicas de peles*”, Gn 3:21, veladamente (como alguns pensam) prefigurando Cristo, o verdadeiro Cordeiro de Deus, cuja justiça somente foi por Ele designada para cobrir a nossa vergonha e armar as nossas almas nuas contra a visão e o golpe de Sua justiça.

Repreende, Segundo, aqueles que usam a armadura de Deus, mas não como Deus designou; o que se manifesta em três tipos de pessoas:

1. Quando alguém se utiliza de um dever designado por Deus, não como armadura de defesa, mas como cobertura para o pecado. Quem o consideraria um inimigo se ele usa as cores de Cristo em seu chapéu e marcha atrás de Cristo no exercício de todos os deveres de Seu culto? Tal pessoa pode passar por todas as guardas sem sequer receber a ordem de *alto*. Todos o consideram

um amigo. E, no entanto, existem alguns que são assim, os quais estão lutando contra Cristo o tempo todo. O hipócrita é esse homem; ele aprende as posturas, adquire a Palavra, tem a língua afiada com a linguagem das Escrituras e caminha com o traje de um cristão meramente com o plano de realizar os seus negócios de forma mais oculta, como alguns salteadores de estradas em nossos dias, que roubam disfarçados de soldados para que sejam menos suspeitos. Isto é maldade desesperada de fato: tomar as armas de Deus e usá-las no serviço do diabo; de todos os pecadores, tais pessoas encontrarão menos misericórdia; falsos amigos passarão pior do que inimigos declarados.

2. Não usam a armadura de Deus como Deus designou aqueles que colocam nela uma confiança carnal. Não devemos confiar na armadura de Deus, mas no Deus desta armadura, porque todas as nossas armas são apenas *“poderosas em Deus”*, 2 Co 10:4. A arca era o meio de segurança dos judeus, mas, sendo carnalmente aplaudida e glorificada, apressou a sua derrota; assim, os deveres e ordenanças, os dons e graças em seu devido lugar, são meios para a defesa da alma. Satanás treme tanto quanto os filisteus diante da arca ao ver uma alma diligente no uso do dever e no exercício da graça; mas quando a criatura confia neles, isso é perigoso. Como alguns que, tendo orado, pensam que agradam a Deus pelo restante do dia, embora prestem pouca atenção aos seus passos.

Outros têm uma opinião tão boa de sua fé, sinceridade e conhecimento que mais facilmente os faríeis crer que são cães do que poderiam ser apanhados em tal erro ou prática

pecaminosa. Outros, quando assistidos no dever, são propensos a afagar a própria cabeça com um *bene fecisti Bernarde* [fizeste bem, Bernardo] e assim prometem a si mesmos o sucesso porque realizaram a sua missão tão bem. O que revelam tais sentimentos no coração dos homens senão uma confiança carnal em sua armadura para a sua própria ruína? Muitas almas, podemos dizer com segurança, não apenas perecem orando, arrependendo-se e crendo de certa forma, mas perecem *por causa de* suas orações e arrependimentos, etc., enquanto confiam carnalmente neles.

Como ocorre às vezes que o soldado em batalha perde a vida por causa de sua própria armadura, por ser ela tão pesada que ele não consegue fugir com ela, e tão firmemente afivelada ao corpo que ele não consegue retirá-la para fugir e salvar a vida sem ela. Se formos salvos, devemos vir despidos a Cristo apesar de todos os nossos deveres; não fugiremos para Cristo se estivermos confiando neles. Alguns estão de tal forma trancados neles que não podem vir sem eles e, por isso, em um dia de tentação, são pisoteados sob os pés da ira de Deus e da fúria de Satanás. O pobre publicano joga fora as suas armas, isto é, toda a confiança em si mesmo, clama por clemência nas mãos da misericórdia: “*Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!*”. Ele sai com vida — retirou-se justificado; mas o fariseu, carregado de sua justiça e orgulhoso dela, mantém-se firme nela e é perdido.

1. Não usam a armadura de Deus como tal os que, na realização dos deveres divinos, não enxergam Deus através deles, e isso os torna fracos e ineficazes. A Palavra é poderosa quando lida como a Palavra de Deus; o evangelho pregado é poderoso para convencer a consciência e reviver o espírito abatido quando ouvido como a designação do grande Deus, e não como o exercício de uma criatura

insignificante. Ora, manifestar-se-á em três coisas se enxergamos a designação divina nos meios:

(1) Quando nos engajamos em um dever e não olhamos para Deus em busca de Sua bênção. Se enxergasses a designação de Deus nos meios, dirias: *Alma, se vier algum bem do teu serviço presente, ele deve cair do céu, pois é designação de Deus, não do homem. E posso eu lucrar quer Deus queira ou não, ou pensar em encontrar e trazer qualquer tesouro que enriqueça a alma de Sua ordenança sem a Sua permissão? Não seria melhor eu olhar para cima, para Aquele por cuja bênção eu vivo mais do que pelo meu pão?*

(2) Evidencia-se que não olhamos para a designação de Deus quando temos pensamentos baixos sobre os meios. *O que é o Jordão para que eu me lave nele? O que é esta pregação para que eu a assista, onde nada ouço que já não soubesse antes? O que são estes elementos pobres de água, pão e vinho!* Não são estes os raciocínios de uma alma que se esquece de quem os designa? Se te lembrasses de quem ordena, não questionarias o que é a ordem. Que importa que seja barro; que Cristo o use e ele abrirá os olhos, embora em si mesmo fosse mais propenso a cegá-los. Se tivesses o teu olho em Deus, silenciarias a tua razão carnal com isto: *É Deus quem me envia a tal dever; tudo o que ele me disser, farei*, embora Ele devesse enviar-me, como Cristo aos serventes, a extrair vinho de talhas cheias de água.

(3) Quando uma alma abandona um dever porque não obteve nele o que dele esperava. *Oh, diz a alma, vejo que é vão seguir os meios como tenho feito; Satanás ainda me vence, eu vou desistir.* Lembra-te, alma, de que é designação de Deus? Certamente, então, perseverarias no meio dos descorajamentos.

Aquele que te ordena orar sem cessar, Aquele que te ordena ouvir, ordena que esperes junto aos umbrais da sabedoria. Raciocinarias assim: *God colocou-me no dever, e aqui permanecerei até que Deus me retire e me ordene deixar de orar.*

A armadura que usamos contra Satanás deve ser divina EM SUA CONSTITUIÇÃO

Observação 2. A armadura do cristão deve ser de Deus no que diz respeito à sua fabricação e constituição. O meu significado é: não se trata apenas de que Deus deve designar as armas e a armadura que o cristão usa para a sua defesa; mas Ele deve ser também o realizador delas, Ele deve operar nelas e por elas.

A oração é uma designação de Deus, contudo esta não é armadura testada a menos que seja uma oração de Deus fluindo de Seu Espírito, Jd 20. A esperança é o capacete que o santo por mandamento deve usar, mas esta esperança deve ser criatura de Deus; *“que... nos regenerou para uma viva esperança”*, 1 Pe 1:3. A fé é outra peça principal no equipamento do cristão, mas deve ser a fé dos eleitos de Deus, Tt 1:1. Ele deve tomar a justiça e a santidade como sua couraça, mas deve ser a verdadeira santidade: *“Revesti-vos do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade”*, Ef 4:24. Assim vedes que não é a armadura como armadura, mas como armadura de Deus, que torna a alma impregnável. *O que é nascido de Deus vence o mundo* — uma fé nascida de Deus, uma esperança nascida de Deus. Mas a descendência espúria e adúltera de deveres e graças, sendo gerada de semente mortal, não pode ser imortal.

Deve a armadura da alma ser de fabricação divina? Sede exortados, então, a examinar de perto se a armadura que vestis é

obra de Deus ou não. Há abundância de mercadoria falsa sendo oferecida hoje em dia; pouca armadura boa é vestida pela multidão de professores. É o jogo de retorno de Satanás que ele joga: se ele não consegue satisfazer o pecador com o seu estado nu de profanação, trata de contentá-lo com algo parecido com a graça, algum material leve que de nada servirá ao homem, nem prejudicará Satanás.

Assim, muitos são como crianças que choram por uma faca ou adaga e ficam satisfeitas tanto com uma faca de osso e uma adaga de madeira quanto com a melhor de todas. Contanto que tenham alguma armadura, não importa qual. Orar eles devem, mas com pouco cuidado sobre como isso é realizado. Crer em Deus? Sim, eles esperam não ser infiéis. Mas o que a armadura é, como a obtiveram ou se ela resistirá em um dia mau, isso nunca foi colocado em questão em seus corações. Assim, milhares perecem com uma presunção vã de que estão armados contra Satanás, a morte e o julgamento, quando estão miseráveis e nus, sim, em pior situação [com a sua presunção] do que aqueles que estão mais nus, refiro-me àqueles que não têm um trapo de civilidade para esconder a sua vergonha aos olhos do mundo; e isso sob um duplo aspecto:

Primeiro. É mais difícil trabalhar de forma salvadora em tal alma porque ela tem a forma, embora não o poder, e isso lhe oferece uma justificativa. Uma alma puramente nua, sem nada parecido com a veste nupcial, fica sem palavras. O bêbado nada tem a dizer em sua defesa quando lhe perguntais por que vive de forma tão bestial; vós podeis aproximar-vos dele, ganhar a sua confiança e voltar a própria boca de sua consciência contra ele, o que disparará em seu íntimo. Mas vinde tratar com quem ora e ouve, alguém que é pretendente à fé e à esperança em Deus; aqui está um homem em armadura brilhante, ele tem a sua arma na

mão, com a qual manterá o pregador e a palavra com que este o acusa à distância de um braço. *Quem pode dizer que não sou um santo? Que dever eu negligencio?* Aqui está uma trincheira sob a qual ele se abriga, a qual o torna um alvo menos visível tanto para a observação quanto para a repreensão de outrem; o seu principal defeito estando no interior, onde o olho do homem não alcança.

Novamente, é mais difícil trabalhar nele porque ele já passou por experiências e falhou na tentativa. Como chegou tal pessoa a familiarizar-se com tais deveres — a fazer tal profissão de fé? Foi sempre assim? Não, a palavra esteve operando nele, a sua consciência o assustou de seu comércio de impiedade para uma forma de profissão, mas, detendo-se antes de Cristo por falta de uma mudança profunda, é mais difícil removê-lo do que ao outro. Ele é como uma fechadura cujos segredos foram danificados; o que torna mais difícil girar a chave do que se nunca tivesse sido mexida. É melhor lidar com um potro selvagem e bravo, nunca domado, do que com um que na doma adquiriu um vício; [com] um osso totalmente fora de articulação do que mal consolidado. Em uma palavra, tal pessoa tem mais a negar do que uma pessoa profana. Esta tem apenas as suas luxúrias, as suas prostitutas, a sua bebida e as suas escórias, mas aquela tem os seus deveres, as suas aparentes graças. Oh, quão difícil é persuadir tal pessoa a descer e segurar o estribo de Cristo enquanto ela e os seus deveres são feitos estrado dos pés de Cristo.

Segundo. Tal pessoa está sob a condenação mais profunda. Ninguém afunda tanto no inferno quanto os que chegam mais perto do céu, porque caem da maior altura. Assim como isso agrava os tormentos das almas condenadas a este respeito acima dos demônios, por ter lhes sido lançada uma

corda de misericórdia que os demônios não tiveram; assim, quanto mais Deus, por Seu Espírito, espera, pleiteia e, por ambos, conquista uma alma mais do que a outras, tanto mais essa pessoa, se perecer, encontrará o inferno mais quente. Estas coisas somam-se ao seu pecado, e a lembrança de seu pecado no inferno, assim acentuada, somará ao seu tormento. Ninguém terá uma despedida tão triste de Cristo como aqueles que caminharam metade do caminho com Ele e depois O deixaram.

Portanto, rogo-vos, atentai para a vossa armadura. Davi não quis lutar com armadura que não havia testado, embora fosse a de um rei. Talvez alguns o considerassem meticuloso demais. *O quê! Não é a armadura do rei boa o bastante para Davi? Assim muitos dirão: És tão curioso e preciso? Tal grande homem faz assim e assim, e espera chegar ao céu no final, e não te atreves tu a arriscar a tua alma nesta armadura?* Não, cristão, não sigas o exemplo dos maiores da terra; é a tua própria alma que arriskas na batalha, portanto não podes ser seletivo demais com a tua armadura. Traze o teu coração à Palavra como a única pedra de toque de tua graça e equipamento; a Palavra, eu te disse, é a torre de Davi, de onde a tua armadura deve ser buscada; se puderes encontrar a marca desta torre nela, então ela é de Deus, senão, não.

Testa-a, portanto, por esta marca das Escrituras. Aquelas armas são poderosas as quais Deus dá aos Seus santos para lutarem as Suas batalhas. *“Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas sim poderosas em Deus”*, 2 Co 10:4. A espada do Espírito tem a sua ponta e gume pelos quais abre caminho no coração e na consciência, através da impenitência de um e da estupidez da outra (com as quais Satanás, como com couro e cota de malha, arma o pecador contra Deus) e ali corta e golpeia, mata e mortifica a luxúria em seu próprio castelo, onde

Satanás se considera impregnável. A couraça que é de Deus não se curva nem se quebra a cada toque de tentação, mas é de uma têmpera tão divina que repele as propostas de Satanás com desprezo contra os dentes do próprio Satanás. “*Fugiria um homem como eu?*”, como Neemias em outro caso; e tais são todas as demais peças.

Agora testa se as tuas armas são poderosas ou fracas; o que podes fazer ou sofrer mais por Deus do que um hipócrita que está vestido de armadura carnal? Dir-te-ei o que o mundo diz, e se sois cristãos, limpa-vos e limpai essa lama que eles lançam sobre a vossa armadura brilhante. Eles dizem: *Esses professores, de fato, têm Deus mais em sua conversa do que nós; mas quando descem às suas lojas, relações e empregos mundanos, o melhor de todos eles é apenas como um de nós. Eles sabem jogar as tábuas dos mandamentos de Deus fora de suas mãos tão bem quanto nós; podem vir de um sermão e serem tão cobiçosos e gananciosos, tão melindrosos e apaixonados como os piores. Mostram tão pouco amor a Cristo quanto os outros quando se trata de despesas, como socorrer um santo pobre ou manter o evangelho; pode-se obter mais de um estranho, de um inimigo, do que de um irmão professo.* Oh, cristãos, ou defendei o nome de Cristo, sob cujo estandarte pareceis marchar, ou jogai fora a vossa aparente armadura, com a qual atraístes os olhos do mundo sobre vós. Se não o fizerdes, o próprio Cristo vos demitirá, e isso com vergonha suficiente muito em breve. Nunca chameis de armadura de Deus aquilo que não vos defende contra o poder de Satanás.

Tomai, portanto, as diversas peças de vossa armadura e testai-as, como o soldado antes de lutar colocará o seu capacete como alvo contra o qual dispara um par de balas e, conforme as encontra, assim as usará ou as deixará. Mas certifica-te de que

disparas balas das Escrituras. Tu te gabas de uma couraça de justiça. Pergunta à tua alma: *Realizaste alguma vez na vida um dever para agradar a Deus, e não para te acomodares?* Tens orado frequentemente contra o teu pecado, um grande estrondo das armas foi ouvido vindo de ti por outros, como se houvesse alguma batalha quente entre ti e a tua corrupção; mas podes de fato mostrar um único pecado que mataste por todas as tuas orações? José estava vivo, embora a sua túnica tenha sido trazida ensanguentada a Jacó; e assim pode estar o teu pecado, apesar de todo o teu semblante mortificado no dever e do clamor que fazes contra ele. Se testasses assim cada peça, o teu coração crédulo não seria tão facilmente enganado pela mercadoria falsa de Satanás.

Objeção: Mas será toda armadura que é de Deus assim poderosa? Lemos sobre a graça fraca, a fé pequena; como pode isso ser então um teste de nossa armadura se é de Deus ou não?

Resposta: Eu respondo: a fraqueza da graça dá-se em relação à graça mais forte, mas a graça fraca é forte e poderosa em comparação com a graça falsa. Ora, não te peço que testes a verdade de tua graça por um poder que é peculiar à graça mais forte, mas por aquele poder que a distinguirá da falsa. A graça verdadeira, quando mais fraca, é mais forte do que a falsa quando mais forte. Há um princípio de vida divina nela que a outra não possui. Ora, a vida, assim como confere excelência — uma pulga ou uma mosca, por força de sua vida, é mais excelente do que o sol em toda a sua glória —, assim também confere força. O movimento lento de um homem vivo, embora tão fraco que ele não consiga caminhar um quilômetro em um único dia, contudo, provindo da vida, importa em mais força do que há em um navio o qual, embora navegue velozmente, tem o seu movimento vindo de fora.

Assim, possivelmente um hipócrita pode superar o verdadeiro cristão na dimensão e no exterior de um dever, contudo, porque a sua força não provém da vida, mas de algum vento e maré externos que o carregam, e a do cristão provém de um princípio interno, portanto a fraqueza do cristão é mais forte do que o hipócrita em suas maiores exaltações. Nomearei apenas dois atos de graça pelos quais o cristão, quando mais fraco, supera o hipócrita em todo o seu melhor aparato. Direis, então, que a graça é um apoio fraco quando o cristão é persuadido a cometer um pecado, um grande pecado, tal que possivelmente uma pessoa carnal não gostaria que fosse dito dela por grande preço. A tal ponto pode descer a maré da graça, contudo a verdadeira graça, em tal refluxo, aparecerá com maior força e vigor do que a outra.

1. Este princípio de graça nunca cessará até que a alma chore amargamente com Pedro por ter ofendido a um Deus tão bom. Falai, ó hipócritas, podeis mostrar uma única lágrima que já derramastes a sério por um mal feito a Deus? Possivelmente podeis chorar ao ver o leito de dor que os vossos pecados vos preparam no inferno, mas nunca amastes a Deus a ponto de chorar pelo agravo que fizestes ao nome de Deus. É uma boa glosa aquela que Agostinho tem sobre as lágrimas de Esaú, Hb 12:16-17: *Flevit quod perdidit, non quod vendidit* [chorou porque perdeu, não porque vendeu]. Assim vemos uma excelência da tristeza do santo acima da do hipócrita. O cristão, por sua tristeza, mostra-se um conquistador daquele pecado que há pouco o venceu; ao passo que o hipócrita, por seu orgulho, mostra-se escravo de uma luxúria pior do que aquela a que resiste. O cristão comete um pecado que odeia; ao passo que o outro o ama enquanto se abstém dele.

2. Quando a verdadeira graça está sob o pé de uma tentação, contudo ela despertará no coração um veemente desejo de vingança. É como um prisioneiro nas mãos de seus inimigos, que está pensando e planejando como sair, e o que fará quando estiver fora, esperando e ansiando a cada minuto por sua libertação para que novamente possa tomar as armas. *“Senhor Deus, peço-te que te lembres de mim, e esforça-me somente esta vez, ó Deus, para que de uma vez me vingue dos filisteus, por meus dois olhos”*, Jz 16:28.

Assim ora a alma agraciada: que Deus a poupe um pouco e a fortaleça apenas uma vez antes que morra, para que se vingue de seu orgulho, de sua incredulidade e daqueles pecados com os quais mais desonrou a Deus. Mas um coração falso está tão longe de planejar vingança que ele antes se infla como o mar contra a lei que represa a sua luxúria, e se ira com Deus, que fez do pecado um salto tão perigoso que ele deve arriscar a sua alma se quiser cometê-lo.

Terceira Divisão

A integridade de nossa armadura.

Ela deve ser A ARMADURA COMPLETA de Deus.

Nesta divisão, observe a quantidade ou integridade do equipamento ou armadura dos santos, *“a armadura completa de Deus”*. A armadura do cristão deve ser completa, e isso sob um tríplice aspecto.

Primeiro. Ele deve estar armado em todas as partes da cabeça aos pés, alma e corpo, as potências de uma e os sentidos do outro, nenhuma parte sendo deixada nua. Um dardo pode penetrar por um pequeno orifício, como aquele que trouxe a

mensagem de morte a Acabe por entre as juntas de sua armadura, e Satanás é um arqueiro capaz de disparar na largura de uma moeda. Se todo o homem estiver armado e apenas o olho for deixado de fora, Satanás pode logo disparar as suas bolas de fogo de luxúria por essa fresta, as quais incendiarão a casa inteira. Eva apenas olhou para a árvore, e um dardo venenoso atingiu o seu coração. Se o olho estiver fechado e o ouvido estiver aberto à comunicação corrompida, Satanás logo se esgueirá por este orifício. Se todos os sentidos externos [de um homem] estiverem guardados e o coração não for guardado com toda a diligência, ele logo por seus próprios pensamentos será entregue nas mãos de Satanás.

Nossos inimigos estão de todos os lados, e assim deve estar a nossa armadura, “*pelos armas da justiça, à direita e à esquerda*”, 2 Co 6:7. O apóstolo chama o pecado de *hamartia euperistatos* [o pecado que tão de perto nos rodeia], um inimigo que nos cerca, Hb 12:1. Se houver qualquer parte da linha defensiva desguardada ou fracamente provida, ali Satanás ataca; como vemos o inimigo frequentemente entrar na cidade por um lado enquanto é rechaçado pelo outro, por falta de cuidado em manter a linha inteira. Satanás divide as suas tentações em diversos esquadrões: um ele emprega para assaltar aqui, outro para invadir ali. Lemos sobre maldade carnal e maldade espiritual; enquanto repeles Satanás que te tenta à maldade carnal, ele pode estar entrando em tua cidade pela outra porta da maldade espiritual.

Talvez tenhas mantido a tua integridade na parte prática de tua vida; mas que armadura tens para defender a tua cabeça, o teu julgamento? Se ele te surpreender aqui, corrompendo-o com algum erro, não resistirás por muito tempo em tua prática. Aquele que não conseguiu fazer com que profanasses o Sábado

entre sensualistas e ateus prevalecerá sob o disfarce de um princípio corrompido como a liberdade cristã. Assim vemos quanta necessidade temos de armadura universal em relação a cada parte.

Segundo. O cristão deve estar revestido de armadura completa no que diz respeito às diversas peças e armas que compõem toda a armadura de Deus. De fato, há uma concatenação de graças; elas se unem como elos em uma corrente, pedras em um arco, membros no corpo. Perfura uma veia, e o sangue de todo o corpo pode esvair-se pela abertura; negligencia um dever, e nenhum outro nos servirá da mesma forma.

O apóstolo Pedro, em sua segunda epístola, capítulo 1:5-7, insta os cristãos a um esforço conjunto para fazer crescer todo o corpo da graça; de fato, a saúde dá-se quando todo o corpo prospera. “*reuni*”, diz ele, “*com a vossa fé a virtude*”. A fé é a graça que lidera a fila. Bem, tens fé? Acrescenta-lhe a virtude. A verdadeira fé é de natureza ativa e dinâmica; sem as boas obras, ela está morta ou moribunda. *Fides pinguescit operibus* [a fé engorda com as obras], dizia Lutero. Ela é mantida em bom estado e vigor por uma vida santa, assim como a carne que reveste a estrutura do corpo humano, embora receba o seu calor dos órgãos vitais internos, ajuda a preservar a própria vida desses órgãos. Assim, as boas obras e as ações graciosas têm a sua vida a partir da fé, contudo são auxílios necessários para preservar a vida da fé; assim vemos às vezes o filho sustentar os pais que o geraram e, nisso, ele realiza apenas o seu dever.

És frutífero em boas obras, contudo não estás fora do alcance dos disparos do diabo a menos que acrescentes à tua virtude o conhecimento. Este é a vela sem a qual a fé não pode

ver para realizar o seu trabalho. Vais dar uma esmola? Se não for uma *oculata charitas* [caridade com olhos], se a caridade não tiver este olho do conhecimento para direcionar quando, como, o quê e a quem deves dar, podes ao mesmo tempo lesar a Deus, à pessoa que socorres e a ti mesmo. Estás te humilhando por teu pecado? Por falta de conhecimento sobre o teor do evangelho, Satanás pode tirar proveito de tua ignorância e persuadir-te de que não estás humilhado o suficiente, quando, Deus o sabe, estás quase sufocado com as tuas lágrimas e levado pela torrente impetuosa de tua tristeza rumo ao desespero, ou então, mostrando-te o teu rosto banhado em lágrimas, pode bajular-te rumo a uma confiança carnal em tua humilhação.

Talvez vejas o nome de Deus ser desonrado no lugar onde vives e o teu espírito se comova dentro de ti, como o de Paulo em Atenas; ora, se o conhecimento não se assentar na sela para refrear e guiar o teu zelo, serás logo levado por atalhos e valas até caíres em algum precipício por tua ação desordenada.

Tampouco o conhecimento é suficiente se não estiveres armado com a temperança, que aqui, concebo, é aquela graça pela qual o cristão, como senhor de sua própria casa, ordena os seus afetos, como servos, à razão e à fé, de modo que não se movam desordenadamente ou se lancem desmedidamente em desejos, preocupações ou alegria pelas comodidades desta vida, sem o que Satanás será forte demais para ti. O historiador nos conta que, em uma das famosas batalhas entre ingleses e franceses, o que fez os franceses perderem o dia foi uma chuva de flechas inglesas que feriu de tal forma os seus cavalos que colocou todo o exército em desordem, pois os cavalos, não respeitando as fileiras, atropelaram os seus próprios homens. Os afetos são como o cavalo para o cavaleiro, sobre o qual o conhecimento deve estar montado; se as flechas farpadas de

Satanás os atingirem de modo que os teus desejos da criatura se tornem rebeldes e colidam com os teus desejos de Cristo, se a tua preocupação em manter o teu crédito ou os teus bens desordenar a tua preocupação em manter uma boa consciência, e a tua alegria carnal na esposa e no filho atropelar ou se antecipar à tua alegria no Senhor, julga de que lado a vitória tende a cair.

Bem, supõe que marches equipado até aqui em belo aparato em direção ao céu; enquanto navegas na prosperidade, não deves também te preparar para caminhos ruins e tempo feio — refiro-me a um estado de aflição? Satanás cercará os caminhos com mil tentações quando entrares nas ruelas estreitas da adversidade, onde não podes fugir deste tipo de tentação como na planície da prosperidade. Possivelmente, tu que escapaste da armadilha de um mundo sedutor podes ser derrubado pelo mesmo quando ele se mostrar hostil; embora a temperança te tenha impedido de te embriagares com os vinhos doces desses prazeres, contudo, por falta de paciência, podes embriagar-te com o vinho do espanto que está nas mãos da aflição; portanto, diz o apóstolo: *“à temperança, a paciência”*. Ou te possuis em paciência, ou algum espírito furioso de descontentamento te possuirá. Uma alma impaciente na aflição é um louco acorrentado, sim, muito semelhante ao diabo em suas correntes, que se enfurece contra Deus enquanto está algemado por Ele.

Bem, tens paciência? — uma graça excelente de fato, mas não suficiente. Debes ser um homem piedoso, bem como paciente. Portanto, diz o apóstolo: *“à paciência, a piedade”*. Há uma paciência ateísta, e há uma paciência cristã piedosa. Satanás anestesia a consciência de um, e não admira que não se queixe quem não sente; mas o Espírito de Cristo acalma docemente o

outro, não por retirar o sentimento da dor, mas por superá-lo com o sentimento de Seu amor. Ora, a piedade compreende todo o culto a Deus, interno e externo. Se fores extremamente correto em tua moral e não fores um adorador de Deus, então és um ateu. Se adoras a Deus, e isso devotamente, mas não segundo a regra das Escrituras, não passas de um idólatra. Se adoras segundo a regra, mas não em espírito e verdade, então és um hipócrita e caís na boca do diabo. Ou, se prestas a Deus uma parte de Seu culto e Lhe negas outra, ainda assim Satanás encontra o seu mercado. *“O que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável”*, Pv 28:9.

Contudo, cristão, nem toda a tua armadura está vestida. A tua piedade de fato bastaria se vivesses em um mundo sozinho ou nada tivesses a fazer senão comunhão imediata com Deus. Mas, cristão, não debes habitar sempre neste monte de culto imediato e, visto que, ao desceres, encontras muitos irmãos e servos de teu Pai que vivem contigo na mesma família, debes comportar-te de forma condizente, sob pena de teu Pai se irar. Tens irmãos, herdeiros da mesma promessa contigo, portanto debes acrescentar à piedade o *“amor fraternal”*. Se Satanás conseguir colocar-vos em desavença, ele desferirá um golpe profundo em vossa piedade. Dificilmente unireis corações em um dever se não puderdes unir mãos em amor. Na família não há apenas irmãos, mas servos, uma multidão de pessoas profanas e carnaís que, embora nunca tenham tido o nome de filhos e filhas, pertencem à casa de Deus. E o teu Pai celestial quer que caminhes de forma irrepreensível, sim, cativante para com os que estão de fora, o que farás ao acrescentar ao amor fraternal a *“caridade”*; por cuja graça estarás disposto a fazer o bem ao pior dos homens. Quando eles te amaldiçoarem, debes orar por eles, sim, orar por nada menos do que um Cristo, um céu para

eles. “*Pai, perdoa-lhes*”, disse Cristo, enquanto eles escavavam o Seu lado em busca do sangue de Seu coração.

E verdadeiramente, estou persuadido de que esta última peça de armadura deu a Satanás grande vantagem nestes nossos tempos; temos tanto medo de que a nossa caridade seja ampla demais. Ao passo que, neste sentido, se ela não for tão ampla quanto o mundo, será estreita demais para o mandamento que nos ordena “*fazer o bem a todos*”. Não seremos nós, ministros, acusados de falta disso quando o teor de nossa pregação é exclusivamente direcionado aos santos e nenhum esforço é feito para resgatar as pobres almas cativas, ainda não chamadas, das garras do diabo? Ele pode arrastá-las ao inferno sem perturbação enquanto consolamos os santos e pregamos os seus privilégios; mas, enquanto isso, permaneça o ignorante ignorante ainda, e o profano profano ainda, por falta de uma caridade compassiva para com as suas almas, a qual nos estimularia a repreendê-los e exortá-los para que também fossem trazidos ao caminho da vida, bem como incentivados os santos que nele caminham. Somos despenseiros para prover o pão para a casa do Senhor. A maior parte de nossos ouvintes não pode, não deve receber o pão dos filhos, e haveremos por isso de não lhes dar porção alguma?

A caridade de Cristo compadeceu-Se da multidão, à qual em Sua pregação pública Ele fez aplicação especial, como naquele famoso sermão cuja maior parte é dedicada a despertar as consciências adormecidas dos fariseus hipócritas por aqueles trovões de ais e maldições tantas vezes lançados contra eles, Mt 23.

Novamente, quão grande vantagem tem Satanás pela falta desta caridade em nossas famílias? Não se observa quão pouco cuidado é dispensado pelos governantes professos de tais

sociedades para com a instrução de seus jovens? Pelo contrário, é um princípio que alguns absorveram de que não é dever deles. Oh, onde está a caridade deles nesse ínterim, quando veem Satanás entrar dentro de suas próprias muralhas e permitem que ele conduza um filho, um servo, em sua ignorância e profanação, ao inferno, sem sequer investir contra este inimigo por uma palavra de repreensão ou instrução para resgatar essas almas simples das mãos do assassino? Devemos deixá-los à sua liberdade, sob pretexto disso, e essa é a facilidade mais cômoda que podemos dar ao diabo. Dá à natureza corrompida uma corda assim longa, e ela logo estrangulará os próprios princípios de Deus e da religião em seus anos mais tenros.

Terceiro. A integridade da armadura do santo pode ser considerada não apenas em relação a cada parte e peça de seu equipamento, mas também quanto à completude e perfeição de cada peça. Assim como o cristão deve buscar cada graça, ele deve também empenhar-se pelo avanço e crescimento de cada graça, até a própria perfeição. Assim como deve acrescentar à sua fé a virtude, ele deve também acrescentar fé à fé — ele deve estar sempre completando a sua graça. Isto é algo frequentemente instado aos crentes: *“Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus”*, Mt 5:48. E purificai-vos, assim como Deus é puro. Ali temos um modelo exato estabelecido, não como se pudéssemos nos igualar àquela pureza e perfeição que há em Deus, mas para nos fazer esforçar tanto mais quanto mais virmos o quão infinitamente aquém do nosso modelo ficamos, mesmo quando escrevemos com a nossa caligrafia mais caprichada; assim, *“Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma”*, Tg 1:3-4, ou não sendo carentes em nada.

Tu, que com dificuldade consegues carregar um pequeno fardo com a tua pouca paciência, afundarias sob um fardo maior; portanto, há necessidade de que a paciência esteja sempre se aperfeiçoando, para que não encontremos, por fim, um fardo pesado demais para os nossos ombros fracos. Atenta para algumas razões pelas quais o cristão deve estar sempre completando a sua graça:

Razão 1. Porque a graça está sujeita a declínios e, por isso, necessita sempre de completude. [É] como em um exército, especialmente [um] que frequentemente se engaja em batalha; as suas armas ficam amassadas e quebradas, um homem fica com o capacete amassado, outro com a espada embotada, um terceiro com a pistola quebrada e, portanto, reforços são sempre necessários. Em uma tentação, o cristão tem o seu capacete da esperança arrancado da cabeça; em outra, a sua paciência é duramente provada. O cristão precisa ter uma oficina de armeiro à mão para reparar a sua perda, e isso rapidamente, pois Satanás é mais propenso a atacar quando o cristão está menos preparado para receber a carga. “*Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar*”; ele sabia que eles estavam, naquele momento, debilmente providos — (Cristo, o seu capitão, prestes a ser tirado do comando de sua tropa; descontentamentos entre eles mesmos, disputando quem seria o maior; e os reforços de graça mais forte, que o Espírito deveria trazer, ainda não haviam chegado). Agora ele tem o plano de surpreendê-los; e, portanto, Cristo, para cuidadosamente impedi-lo, promete enviar rapidamente o Seu Espírito para o suprimento deles, At 1:4, e, entretanto, envia-os a Jerusalém para permanecerem, por assim dizer, unidos em corpo em suas súplicas conjuntas em guarda, enquanto Ele vem em seu auxílio; mostrando-nos, na fraqueza

de nossa graça, o que fazer e para onde ir em busca de suprimento.

Razão 2. Porque Satanás está aperfeiçoando a sua habilidade e a sua ira. Não é sem motivo que ele é chamado de a antiga serpente — sutil por natureza, mas ainda mais pela experiência; irado por natureza, contudo a cada dia mais e mais enfurecido; como um touro, quanto mais é provocado, mais fúria demonstra. E, portanto, nós, que devemos lutar com ele agora que o seu tempo é tão curto, precisamos entrar no campo de batalha muito bem equipados.

Razão 3. É o propósito de todas as dispensações de Deus completar os Seus santos em suas graças e confortos. Por que Ele poda e limpa por meio de aflições senão para purificar, a fim de que deem mais fruto, isto é, mais pleno e belo?, Jo 15:2. A tribulação produz a paciência, Rm 5:3; é a designação de Deus para esse fim. Ela produz, isto é, ela faz crescer os santos. A tribulação de fato enfurece os ímpios, mas torna os santos mansos. É o Seu projeto no evangelho; Ele prega para conduzir os Seus santos de “*fê em fê*”, Rm 1:17, e, conseqüentemente, proveu a Sua igreja de instrumentos, e estes de dons, “*Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo*”, Ef 4:12. Por que permanece o andaime e o trabalhador sobre ele se o edifício não sobe? Não progredirmos sob tais meios é tornar vão o conselho de Deus. Portanto, o apóstolo repreende os judeus cristãos por sua falta de aproveitamento na escola de Cristo: “*Porque, devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos das palavras de Deus*”, Hb 5:12.

Uso e Aplicação

Aplicação. Oh, quão poucos são os que se esforçam para progredir em seu estado espiritual e trabalham para aperfeiçoar o que ainda falta em seu conhecimento, paciência e demais graças.

1. Fala a alguns sobre acrescentar fé à fé, um grau de graça a outro, e verás que eles têm mais disposição para juntar casa a casa e campo a campo. Suas almas estão sedentas, sempre ansiosas por mais. Mas de quê? Não de Cristo ou do céu. É de terra. De terra eles nunca acham que têm o suficiente até que a morte venha e lhes feche a boca com uma pá cheia de terra cavada de sua própria sepultura. Que vida atormentadora devem necessariamente ter os que estão sempre clamando por mais peso e, contudo, não conseguem esmagar os seus desejos cobiçosos até a morte! Oh, senhores, a única maneira — se os homens acreditassem nisso — de extinguir esta sede pela criatura seria acender outra por Cristo e pelo céu. Conseguir apenas um coração grande e que anseie veementemente por estes, e o outro desejo morrerá por si só, assim como a sede febril cessa quando a natureza recupera o seu equilíbrio.

2. Outros não trabalham assim para aperfeiçoar a graça porque têm a presunção de que já são perfeitos e, sob esta fantasia, abandonam a oração, o ouvir e todas as outras ordenanças como se fossem cordas para guiar aqueles bebês na graça que ainda não alcançaram o seu nível elevado. Oh, que tolos o orgulho faz dos homens! Verdadeiramente o céu não seria um lugar tão desejável se não fôssemos mais perfeitos do que isso — um tipo de pessoas que são elevadas demais para este mundo e baixas demais para o outro. A maneira pela qual Deus cura este delírio do orgulho, temos visto nestes dias ser algo semelhante à de Nabucodonosor:

dar-lhes o coração de um animal, quero dizer, por um tempo, permitir que caíam em práticas bestiais, pelas quais lhes mostra o quão longe estão daquela perfeição com que sonhavam tão tolamente.

3. Outros, que possuem a verdadeira graça e desejam o avanço dela, contudo se desanimam em seu esforço por mais devido a um sentimento profundo demais de sua penúria presente. Pede a alguns desses que trabalhem para obter mais poder sobre a corrupção, mais fé e amor a Deus, para que possam fazer a vontade de Deus alegremente e sofrê-la nas maiores aflições pacientemente, sim, com gratidão, e eles nunca acreditarão que aqueles cuja fé é tão fraca, o amor tão frio e a reserva tão pequena em mãos possam jamais alcançar algo parecido com tal nível. Seria o mesmo que persuadir um mendigo com uma única e pobre moeda na bolsa de que, se ele for negociar com ela, chegará a ser prefeito de Londres antes de morrer.

Mas por que, pobres corações, haveríeis de desprezar assim o dia das pequenas coisas? Não vedes um pequeno grão de mostarda espalhar-se em uma árvore, e a graça fraca ser a ele comparada tanto por seu crescimento no final quanto por sua pequenez no início? Atreves-te a dizer que não tens graça nenhuma? Se tens ao menos um pouco, embora o mínimo que alguém já teve para começar, ousa dizer-te que Ele fez mais por ti nisso do que faria ao tornar aquilo que agora é tão fraco tão perfeito quanto a graça do santo é agora no céu.

(1) Ele fez mais, considerando-o como um ato de poder. Há um abismo maior entre a ausência de graça e a presença de graça do que entre a graça fraca e a graça forte; entre o caos e o

nada do que entre o caos e esta bela estrutura do céu e da terra. A obra do primeiro dia de ambas as criações é a maior.

(2) Considera-o como um ato de graça. É maior misericórdia conceder a primeira graça da conversão do que coroá-la com a glória. É mais graça e condescendência em um príncipe casar-se com uma jovem pobre do que, tendo-se casado com ela, vesti-la como uma princesa; ele era livre para fazer o primeiro ou não, mas a sua relação com ela pleiteia fortemente pelo segundo. Deus poderia ter escolhido se te daria a graça ou não, mas, tendo feito isso, a tua relação com Ele, e também a Sua aliança, O obrigam a acrescentar mais e mais, até que te tenha preparado como uma noiva para Si mesmo na glória.

Quarta Divisão

O uso de nossa armadura espiritual — REVESTI-VOS de toda a armadura de Deus.

A quarta e última subdivisão no equipamento dos santos é o uso que devem fazer dele: *“ revesti-vos de toda a armadura de Deus ”*. Brevemente, o que é este dever, revestir-se? Sendo estes santos, muitos deles pelo menos, a quem ele escreve, não se trata apenas de revestirem-se por meio do comportamento daquelas coisas que alguns deles talvez ainda não possuíssem, mas também ele quer dizer que devem exercitar o que já possuem. Uma coisa é ter a armadura em casa, e outra coisa é tê-la afivelada ao corpo; ter a graça no princípio e a graça no ato. De modo que a nossa instrução será:

Nossa armadura ou graça deve ser mantida em exercício

Doutrina: Não basta ter a graça, mas esta graça deve ser mantida em exercício.

A armadura do cristão foi feita para ser usada; não há como deitar ou retirar a nossa armadura até que tenhamos concluído a nossa guerra e terminado a nossa carreira. A nossa armadura e a nossa vestimenta de carne saem juntas; então, de fato, não haverá necessidade de vigia e guarda, escudo ou capacete. Aqueles deveres militares e graças de campo — como posso chamar a fé, a esperança e as demais — receberão honrosa dispensa. No céu apareceremos não em armadura, mas em vestes de glória. Mas aqui estas devem ser usadas noite e dia; devemos caminhar, trabalhar e dormir nelas, sob pena de não sermos verdadeiros soldados de Cristo. É isto que Paulo declara esforçar-se por fazer: *“E por isso procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto diante de Deus como diante dos homens”*, At 24:16. Aqui temos este homem santo em armas, treinando e exercitando-se em suas posturas, como um soldado que, sozinho, maneja a sua lança e se habitua antes da batalha. Ora, a razão disso é:

Primeiro. Cristo nos ordena que tenhamos a nossa armadura vestida, a nossa graça em exercício. *“Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas candeias”*, Lc 12:35. Cristo fala ou em linguagem militar, como a soldados, ou em linguagem doméstica, como a servos. Se como a soldados, então estejam cingidos os vossos lombos e acesas as vossas candeias, isto é, devemos estar prontos para marchar, vestindo a nossa armadura — pois o cinturão vai sobre tudo — e com o pavio aceso, prontos para disparar ao primeiro sinal de tentação. Se como a servos, o que parece mais natural, então Ele nos ordena que, como nosso senhor que foi para fora, não por preguiça ou sono tiremos as nossas vestes e apaguemos as nossas

luzes; mas que permaneçamos prontos para abrir a porta quando ele vier, ainda que seja à meia-noite. Não é correto que o Senhor fique à porta batendo e o servo lá dentro dormindo. De fato, não há dever que caiba ao cristão que não implique este exercício diário: *orar* ele deve — mas como? — “*sem cessar*”; *alegrar-se* — mas quando? — “*sempre*”; *dar graças* — por quê? — “*em tudo*”, 1 Ts 5:16-18. O escudo da fé e o capacete da esperança devemos segurá-los até o fim, 1 Pe 1:13. A soma de tudo isto é que devemos caminhar no constante exercício destes deveres e graças. Onde o soldado é colocado, ali ele permanece, e não deve mover-se nem dormir até que receba ordem de retirada. Quando Cristo vier, apenas aquela alma terá a Sua bênção a quem Ele encontrar agindo assim.

Segundo. A vantagem de Satanás é grande quando a graça não está em exercício. Quando o diabo encontrou Cristo tão pronto para receber a sua investida e repelir a sua tentação, logo deu-se por satisfeito. É triste que “*apartou-se dele por algum tempo*”, Lc 4:13; como se em sua retirada vergonhosa ele se tivesse consolado com a esperança de surpreender a Cristo desprevenido em outro momento mais vantajoso para o seu plano; e o vemos voltar de fato na ocasião mais propícia para alcançar o seu fim, se o seu inimigo fosse homem, e não Deus. Ora, se este espírito audaz vigiava e observava assim a Cristo de tempos em tempos, não te compete a ti olhar ao redor para que ele não apanhe a tua graça cochilando em um momento ou outro? O que ele perdeu agora por tua vigilância pode ganhar logo mais por tua negligência. De fato, ele espera que fiques exausto com o dever contínuo. *Certamente*, diz Satanás quando vê o cristão ativo e fervoroso no dever, *isto não durará muito*. Quando o encontra zeloso de consciência e cauteloso diante das oportunidades de pecar, [ele diz]: *Isto é apenas por um tempo*;

logo mais ele relaxará o arco e desafiwillará a armadura, e então eu o pegarei. Satanás sabe que ordens manténs em tua casa e em teu quarto e, embora não tenha a chave do teu coração, contudo pode colocar-se na sala ao lado e ouvir perfeitamente o que ali se sussurra. Ele caça o cristão pelo rastro de seus próprios pés e, uma vez que sinta para que lado o teu coração se inclina, sabe como aproveitar a oportunidade; basta que uma porta esteja destrancada, um posto desguarnecido, uma graça fora de uso, para que haja vantagem suficiente.

Terceiro. Porque é uma tarefa difícil e um trabalho árduo recuperar a atividade uma vez perdida e reviver um dever em desuso. “*Já despi a minha túnica*”, diz a esposa, Ct 5:3. Ela havia cedido a uma indisposição preguiçosa, estava deitada em seu leito de preguiça, e quão difícil é erguê-la! O seu Amado está à porta, suplicando-lhe por todos os nomes de amor que pudessem trazer à sua lembrança a relação estreita entre eles; [ele clama]: “*Abre-me, minha irmã, meu amor, pomba minha*”, e contudo ela não se levanta. Ele lhe diz que “*a minha cabeça está cheia de orvalho, os meus cabelos das gotas da noite*”, contudo ela não se move. Qual é o problema? A sua túnica estava despida e ela tem preguiça de a vestir. Ela havia cedido à sua preguiça e agora não sabe como desvencilhar-se dela; ela ficaria feliz com a companhia do Amado se ele mesmo abrisse a porta; e ele desejava tanto a dela se ela se levantasse para deixá-lo entrar, e nestes termos eles se separam.

Quanto mais tempo uma alma negligenciou um dever, tanto mais trabalho há para retomá-lo; em parte por vergonha: a alma, tendo agido como aluna relapsa, agora não sabe como olhar para Deus de frente; e em parte pela dificuldade do trabalho, que é dupla em relação ao que encontra aquele que caminha no exercício de sua graça. Aqui está tudo fora de ordem.

Requer mais tempo e esforço para ela afinar o seu instrumento do que para outra tocar a melodia. Ela vai ao dever como a um trabalho novo, como um estudante que há algum tempo não olha para o livro; a sua lição está quase esquecida, ao passo que outro que a estava estudando há pouco a tem na ponta dos dedos.

Talvez seja uma aflição que foste chamado a suportar, e a tua paciência está sem exercício. Pouco ou nenhum pensamento tiveste para tal momento — enquanto saltitavas em pasto farto — e agora dás coices e te bates, exatamente como um novilho indomado ao jugo, Jer 31:18; ao passo que outro caminha mansa e pacientemente sob cruz semelhante porque estivera despertando a sua paciência e ajustando o jugo ao seu pescoço. Sabeis que confusão há em uma cidade diante de um alarme repentino no silêncio da noite: o inimigo às portas e eles dormindo lá dentro. Oh, que clamor ali se ouve! Um precisa de suas vestes, outro de sua espada, um terceiro não sabe o que fazer por pólvora. Assim, assustados, correm de um lado para o outro, o que não aconteceria se o inimigo os encontrasse em guarda, esperando ordenadamente pela sua aproximação. Tal alvoroço há em uma alma que não mantém a sua armadura vestida; esta e aquela peça farão falta quando ele precisar usá-las.

Quarto. Devemos manter a graça em exercício em relação aos outros, nossos companheiros de armas. Paulo tinha isto em vista quando se exercitava para manter uma boa consciência, para que não fosse escândalo para outros. A covardia de um pode fazer outros fugirem. A ignorância de um soldado que não tem habilidade para manejar as armas pode causar danos aos companheiros que o cercam. Alguns dispararam contra amigos pensando ser inimigos. O caminhar insensato de um professo faz muitos outros passarem pior. Mas

digamos que não caiais a ponto de vos tornardes escândalo, contudo não podereis ser tão prestativos aos vossos irmãos como deveríeis. Deus ordenou aos rubenitas e gaditas que fossem armados diante de seus irmãos até que a terra fosse conquistada.

Assim, cristão, deves ser prestativo para com os teus irmãos que não possuem, talvez, aquela firmeza de paz em seu espírito como tu, nem aquela medida de graça ou conforto. Deves ajudar tais fracos e ir diante deles, por assim dizer, armado para a sua defesa; ora, se a tua graça não estiver exercitada, serás inútil para o teu irmão fraco. Talvez sejas um mestre ou um pai que tem uma família sob a sua asa. Eles passam conforme tu prosperas; se o teu coração estiver em um estado santo, eles passarão melhor nos deveres que realizas; se o teu coração estiver morto e abatido, eles saem perdendo. De modo que, assim como a babá come mais por causa do bebê que amamenta, assim deverias tu, por amor daqueles que estão sob a tua instrução, ser mais cuidadoso em exercitar a tua própria graça e cultivá-la.

Objeção: Oh, mas, dirão alguns, este é de fato um trabalho difícil: nossa armadura nunca tirada, nossa graça sempre em exercício. Quis Deus algum dia que a religião fosse um negócio tão trabalhoso como este mundo a faz parecer?

Resposta 1. Falas como um dos tolos do mundo e te mostras um mero estranho à vida do cristão ao falares assim. Um fardo exercitar a graça! Ora, não é fardo exercitar os atos da natureza, comer, beber, caminhar — todos nos são prazerosos em nosso estado normal. [Mas] se algum destes for de outra forma, a natureza está oprimida, como se, resfriada, é difícil respirar; se doente, a comida que comemos nos é desagradável. Assim, toma um santo em seu estado normal: é a sua alegria estar

empregado no exercício de sua graça neste ou naquele dever: “*Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor*”, Sl 122:1. O seu coração saltou com a proposta. Quando qualquer ocasião o afasta da comunhão com Deus, por mais que lhe pareça agradável, contudo lhe é indesejada e desagradável. Como vós, que estais acostumados a estar em vossas lojas de manhã à noite: quão tedioso é estar fora alguns dias, embora entre bons amigos, porque não estais onde reside o vosso trabalho e vocação!

O cristão no dever é alguém em sua vocação — como se estivesse em sua loja, onde deveria estar, e por isso longe de ser tedioso. A religião não é pesada para ninguém senão para aqueles que são infrequentes no exercício dela. O uso torna leves as coisas pesadas. Mal sentimos o peso de nossas roupas porque nos servem bem e são usadas diariamente por nós, ao passo que o mesmo peso sobre o nosso ombro nos incomoda. Assim, o caráter penoso dos deveres religiosos para os carnais é retirado nos santos, em parte pela adequação deles aos princípios dos santos, bem como por seu exercício diário neles. Os discípulos, quando recém-ingressos nos caminhos de Cristo, não podiam orar muito ou jejuar por muito tempo; os odres eram novos, e aquele vinho forte demais, mas com o tempo, tendo caminhado alguns anos, tornaram-se poderosos em ambos. Queixas-te de que o caminho do céu é acidentado? Caminha por ele mais vezes, e isso o tornará plano.

Resposta 2. Se este constante exercício da graça fosse mais incômodo para a carne, que é a única a queixar-se, a doce vantagem que disto advém para o cristão compensará abundantemente todo o seu esforço e trabalho.

1. O exercício de tua graça aumentará a tua graça. “*a mão dos diligentes enriquece*”. O homem providente considera perdido aquilo que poderia ter ganho; não apenas quando o seu dinheiro é roubado de seu cofre, mas quando ali permanece sem render. *Tal mercadoria*, diz o comerciante, *se eu tivesse comprado com aquele dinheiro que está em minhas sacas, ter-me-ia trazido tanto lucro, o qual agora está perdido*. Assim o cristão pode dizer: *O meu conhecimento inicial, se eu tivesse perseverado em conhecer o Senhor, poderia ter se espalhado como o dia pleno*. “*Tenho mais entendimento*”, diz Davi, “*do que todos os meus mestres*”. Como o obteve? Ele o dirá nas palavras seguintes: “*porque os teus testemunhos são a minha meditação*”, Sl 119:99. Ele estava mais no exercício do dever e da graça. As mentes mais brilhantes não são sempre os maiores eruditos porque o seu estudo não é adequado aos seus dotes; nem sempre se prova o homem mais rico aquele que inicia a vida com a maior reserva. Um pouco de graça bem administrada pelo exercício diário aumentará, ao passo que uma graça maior negligenciada decairá.

2. Assim como o exercício aumenta, ele evidencia a graça. Se um homem deseja saber se está coxo ou não, que se levante; ele ficará satisfeito mais rapidamente dando uma volta na sala do que por uma longa discussão e ele permanecendo sentado. Desejas saber se amas a Deus? Sê frequente em exortar atos de amor; quanto mais o fogo é soprado, mais rápido é visto, e assim ocorre com todas as outras graças. Às vezes a alma questiona se tem alguma paciência, alguma fé, até que Deus vem e a coloca em um estado de aflição, onde ela deve exercitar esta graça ou perecer. Então ela se revela como quem pensa que não sabe

nadar, contudo, sendo lançada no rio, reunindo toda a sua força, dá um jeito de nadar até a terra e vê o que é capaz de fazer. Quão frequentemente temos ouvido cristãos dizerem: *Eu pensei que nunca teria suportado tal dor; confiado em Deus em tal aperto; mas agora Deus me ensinou o que pode fazer por mim, o que operou em mim*. E isto tu poderias ter sabido antes se tivesses despertado e exercitado mais vezes a tua graça.

3. O exercício da graça convida Deus a comunicar-Se a tal alma. Deus coloca o cristão a trabalhar e então Se encontra com ele no trabalho. *Levanta-te e age, e o Senhor seja contigo*. Ele coloca uma alma a ler como o eunuco e então junta à sua carruagem um mensageiro do céu; coloca-a a orar, e então vem o mensageiro celestial: *“Daniel, homem muito amado”*. A esposa, que perdeu o seu amado em seu leito, encontra-o ao sair do sermão: *“Apartando-me eu deles um pouco, logo achei aquele a quem ama a minha alma”*, Ct 3:4.

Uso e Aplicação

Primeira Aplicação. Isto recai pesadamente sobre as cabeças daqueles que estão tão longe de exercitarem a graça que andam no exercício de suas luxúrias. Seus corações são como uma fundição: o fogo nunca se apaga, as janelas da loja nunca se fecham, estão sempre trabalhando, martelando algum projeto ímpio ou outro na bigorna de seus corações. Há alguns que dão livre curso às suas luxúrias; quando as suas mentes ímpias o querem, elas o terão; eles mimam as suas luxúrias como alguns fazem com seus filhos, [e] nada lhes negam; como está registrado de Davi em relação a Adonias, não dizem sequer às

suas almas: *Por que fazes isto? Por que és tão orgulhosa, tão cobiçosa, tão profana?*

Eles gastam os seus dias fazendo provisão para esses hóspedes; como em algumas estalagens, a casa nunca esfria, mas, assim que um hóspede sai, outro entra — assim que uma luxúria é servida, outra está chamando por atendimento; assim como alguns exercitam a graça mais do que outros, também existem maiores negociantes no pecado que põem mais trabalho a funcionar do que outros e trazem mais ira em um dia do que outros em um mês. Felizes são estes, em comparação com aqueles que estão encadeados pela restrição de Deus em seu homem exterior ou interior, de modo que não podem avançar tão furiosamente quanto aqueles que, pela saúde do corpo, poder e grandeza de posição, riquezas e tesouros em seus cofres, anestesia e insensibilidade em suas consciências, são apressados a encher a medida de seus pecados.

Lemos sobre o assírio que ele “*alargou como o inferno a sua alma*”, estendendo os seus desejos como os homens fazem com as suas sacas que estão abarrotadas de dinheiro para conterem mais, Hab 2:5. Assim o adúltero, como se o seu corpo não fosse rápido o suficiente para executar as ordens de sua luxúria, estimula-o enviando os seus olhares amorosos que voltam carregados de adultério, alimenta o seu fogo com canções impuras e banquetes, combustível adequado para a cozinha do diabo; e o homem malicioso, para que não perca tempo longe de sua luxúria, está despedaçando o seu próximo enquanto este repousa em seu leito, [e] não consegue dormir a menos que algum sacrifício de sangue seja oferecido à sua luxúria voraz.

Oh, como isto envergonha os santos! Quão frequentemente o vosso zelo é tão ardente que não conseguis dormir até que os vossos corações tenham estado no céu, enquanto estais em vossos leitos, e ali apaziguados com a visão de vosso querido Salvador e com alguns abraços de amor vindos dEle!

Segunda Aplicação. Repreende aqueles que escarnecem e zombam dos santos enquanto estes exercitam as suas graças. Ninguém é tão ridicularizado como o santo em sua vocação. Os homens podem trabalhar em suas lojas e cada um seguir a sua vocação tão diligentemente quanto queira, e nenhum espanto é feito disso por aqueles que passam pelas ruas; mas seja o cristão visto trabalhando para Deus, no exercício de qualquer dever ou graça, e ele é vaiado, desprezado, sim, odiado. Poucos são tão ruins de fato que não pareçam gostar da religião em teoria; eles elogiam um sermão sobre a santidade como um discurso sobre Deus ou Cristo no púlpito, mas quando estas coisas são realmente colocadas diante de seus olhos, como brilham na conduta de um santo, tornam-se muito desprezíveis e odiosas para eles.

Esta santidade viva e prática morde, e embora gostem da arte do pregador em retratar a mesma em seu discurso, agora fogem deles e cospem neles. Este exercício da graça ofende o coração profano e desperta a inimizade que jaz no interior; como Mical, que não pôde deixar de escarnecer de Davi ao vê-lo dançando diante da arca. Aquele que elogiou o pregador por fazer um discurso erudito sobre o zelo insultará um santo que expressa um ato de zelo em sua posição e vocação; agora a graça se aproxima demais dele. Um coração mau deve manter-se a certa distância da santidade para que os feixes desta não batam fortemente em sua consciência, e assim ele gosta dela.

Assim os fariseus com os profetas de outrora: estes eram homens santos em sua conta, e podiam gastar o seu dinheiro em seus túmulos para honrá-los; mas Cristo, que valia mais do que todos eles, é desprezado e odiado. Qual é o mistério disso? A razão era: estes profetas estavam fora de cena, e Cristo estava nela. *Pascitur in vivis livor, post fata quiescit* [a inveja alimenta-se dos vivos, após a morte ela repousa].

Terceira Aplicação. Testa por meio disto se tens a graça ou não. Caminhas no exercício de tua graça? Aquele que tem roupas certamente as usará e não será visto nu. Os homens falam de sua fé, arrependimento, amor a Deus; estas são graças preciosas, mas por que não as deixam ver caminhando de fora em sua conversação diária? Certamente, se tais hóspedes estivessem em tua alma, olhariam às vezes pela janela e seriam vistos de fora neste dever e naquela ação santa.

A graça é de natureza ativa e não uma coisa morta, como uma imagem que podes trancar em um cofre sem que ninguém saiba que Deus adoras. Não, a graça se mostrará; ela caminhará contigo em todos os lugares e companhias; ela comprará contigo e venderá por ti; ela terá participação em todos os teus empreendimentos; ela te confortará quando fores sincero e fiel para com Deus, e te queixará e repreenderá quando fores de outra forma. Vai, tenta calar-lhe a boca, e o Céu ouvirá a sua voz: ela gemerá, chorará e lutará, exatamente como um homem vivo quando queres sufocá-lo. Eu tão facilmente acreditarei que um homem está vivo, deitado pacificamente enquanto é pregado em seu caixão sem luta ou agitação, como que tu tens a graça e nunca a exercitas em nenhum ato de vida espiritual.

Como! homem, tens a graça e és levado tão pacificamente como um tolo ao tronco por tua luxúria? Por que

permaneces ali pregado à tua luxúria? Se tens a graça, desce e acreditaremos; mas se és um escravo tão manso a ponto de permaneceres quieto sob o comando da luxúria, enganas a ti mesmo. Tens a graça e não mostras nenhuma dela na condição em que foste colocado? Talvez sejas rico: mostras a tua humildade para com aqueles que estão abaixo de ti? Mostras uma mente celestial, suspirando pelo céu mais do que pela terra? Talvez o teu coração esteja inflado com os teus bens, de modo que olhas para os pobres como criaturas de alguma espécie inferior à tua e os desdenhas, e quanto ao céu não pensas nele. Como aquele príncipe ímpio que disse que preferia perder a sua parte no paraíso do que em Paris.

És pobre? Por que não exercitas a graça nessa condição? És contente, diligente? Talvez em vez de contentamento tu te queixes, não podes ver um belo adorno no traje de teu irmão rico sem invejá-lo; em vez de concorreres com a providência pela diligência para suprir as tuas necessidades, estás pronto a romper a cerca para o pasto gordo do teu próximo; servindo assim ao teu próprio interesse por meio de um pecado, em vez de esperares pela bênção de Deus sobre a tua honesta diligência. Se assim for, não te ires por te chamarmos pelo teu nome correto ou, pelo menos, questionarmos se podemos te intitular cristão, cujo comportamento é tão contrário a esse nome sagrado, que é santo demais para ser escrito em um poste podre.

Quarta Aplicação. Sede exortados, ó santos de Deus, a caminhardes no exercício da graça. É dever do ministro, com o sopro contínuo da exortação e, se necessário, da repreensão, manter este fogo celestial limpo no altar dos santos. Pedro viu ser necessário ter os foles sempre em suas mãos: *“Por isso não deixarei de vos admoestar sempre acerca destas coisas, ainda que bem as saibais, e estejais confirmados na verdade*

presente”, 2 Pe 1:12. Isso não o impedirá; enquanto estiver neste tabernáculo, ele diz que os despertará trazendo-os à lembrança, v. 13.

Há uma doença sonolenta a que estamos sujeitos nesta vida; Cristo, embora tivesse despertado os Seus discípulos duas vezes, pega-os cochilando pela terceira vez. Ou exercitas a tua graça, ou Satanás ativará a tua corrupção; conforme um balde desce, o outro sobe; há um corpo de pecado no interior que, como um partido inimigo, vigia tal momento para subir à sela, e é mais fácil mantê-los embaixo do que derrubá-los. O teu tempo é curto e o teu caminho longo; farias melhor em te apressares, a menos que queiras ser surpreendido pela noite antes de chegares à vista da casa de teu Pai. Quão desconfortável é para um viajante na estrada do céu, acima de qualquer outra, andar às apalpadelas no escuro, muitos com corações doloridos te podem dizer.

E que tens aqui para te importares como isto? São os cuidados e prazeres mundanos? É sabedoria gastar tanto no teu alojamento provisório que estás deixando e esquecer o que deves carregar contigo? Antes que o fruto destas coisas que agora estás plantando esteja maduro, tu mesmo podes estar apodrecendo na sepultura. “*o tempo se abrevia*”, diz o apóstolo, 1 Co 7:29. O mundo está próximo do seu porto e, portanto, Deus encolheu as velas da vida do homem; mais um pouco e não haverá diferença entre termos tido esposas ou não, riquezas ou não; mas haverá uma vasta diferença entre aqueles que tiveram graça e os que não tiveram; sim, entre os que realizaram um comércio ativo no exercício dela e os que foram mais negligentes. Um terá uma entrada abundante na glória, 2 Pe 1:11; ao passo que o outro sofrerá perda em muito de sua carga, que será lançada ao mar como mercadoria que não terá preço naquele país celestial.

Sim, enquanto estiveres aqui, outros passarão melhor por causa de tuas graças vivas. A tua alegria e atividade em teu curso celestial ajudarão outros que viajam contigo; é de fato apático aquele que não se apressará ao ver tanto vigor por Deus em ti que lideras o caminho. Sim, a tua graça servirá de freio aos pecados dos outros, os quais nunca ficam em tanto temor como quando a graça se manifesta e se assenta como um governante na porta para ser vista por todos os que passam.

O escarnecedor não sabe que tal majestade está presente quando o cristão é tímido e calado e, assim, prossegue e não teme perigo algum; cuja graça, tivesse apenas a sua adaga de zelo pronta e coragem para sacá-la em uma repreensão sábia, faria o pecado deixar o local e com vergonha correr para o seu buraco: *“Os moços me viam, e se escondiam, e os idosos se levantavam e ficavam em pé; Os príncipes continham as suas palavras, e punham a mão sobre a sua boca”*, Jó 29:8-9.

E não merece Deus o melhor serviço que podes prestar-Lhe em tua geração? Deu-te Ele a graça para que a guardasses em uma reserva morta e ninguém fosse beneficiado? Ou podes dizer que Ele é carente para contigo em Seu amor e misericórdia? Não estão eles sempre em exercício para o teu bem? Está o olho da providência alguma vez fechado? Não, não tosqueneja Aquele que te guarda. Fica ele um momento longe de ti? Não, *“os olhos do Senhor estão sobre os justos”*; Ele os fixou para sempre e com infinito deleite agrada-Se no objeto. Quando esteve o Seu ouvido fechado ou a Sua mão, seja para receber os teus clamores, seja para suprir as tuas necessidades? Não, não tomam os teus assuntos os pensamentos de Deus? E são eles outros que não pensamentos de paz os que Ele alimenta? Algumas poucas gotas deste óleo manterão a engrenagem em movimento.

DIREÇÃO 1 — SEGUNDA PARTE GERAL

A razão pela qual o cristão deve estar armado: "Para que possais resistir às astutas ciladas do diabo."

Estas palavras nos apresentam a razão pela qual o soldado cristão deve estar assim completamente armado: "Para que possais resistir às astutas ciladas do diabo." A força desse argumento repousa em dois pontos particulares [ou ramos]. **Primeiro:** o perigo, caso esteja desarmado. O inimigo não é um adversário desprezível ou insignificante — não é outro senão o diabo, apresentado como engenheiro astuto por meio de suas ciladas e estratagemas. **Segundo:** a certeza de resistir a todos os seus ardis e ciladas, se estivermos assim armados. Assim como não há resistência sem armadura, também não há temor de cair nas mãos do demônio, se estivermos armados.

PRIMEIRO RAMO

O perigo, caso esteja desarmado.

O inimigo do santo é o diabo, descrito por suas ciladas — propriamente, os métodos de Satanás. [A palavra grega] significa a arte e a ordem que alguém observa ao tratar de um assunto; dizemos que tal pessoa é metódica. Ora, como isso demonstra engenho e agudeza de espírito ao compor um discurso, o termo foi transferido para expressar a sutileza de Satanás ao traçar seus planos e estratagemas nas suas preparações de guerra contra o cristão. Com efeito, o soldado

experiente tem sua ordem tanto quanto o erudito; há método na formação de um exército, assim como na construção de um argumento. A doutrina que se nos apresenta é a seguinte:

DOUTRINA: O diabo é um inimigo sumamente astuto. O cristão é mais ameaçado pela sua política e pela sua astúcia. Ele é chamado de "a antiga serpente" — a serpente sutil acima de todas as criaturas; uma serpente antiga acima de todas as serpentes. Satanás era mais astuto do que o homem em sua perfeição, e muito mais o é agora, em seu estado mutilado, jamais tendo ele recuperado aquela primeira fissura que se abriu em seu entendimento pela queda de Adão. E assim como o homem perdeu, Satanás ganhou cada vez mais experiência; perdeu a sua sabedoria, de fato, no momento em que se tornou um diabo, mas, desde então, tem aumentado a sua astúcia; embora não tenha sabedoria suficiente para fazer bem a si mesmo, tem sutileza suficiente para causar mal aos outros. Deus nos mostra onde reside a força de Satanás quando promete que lhe esmagará a cabeça da serpente; esmagada a cabeça, ele perece imediatamente. Ao tratar deste ponto acerca da sutileza de Satanás, considerá-lo-emos em seus dois principais desígnios e neles mostraremos suas ciladas e políticas. **Seu primeiro grande desígnio** é arrastar ao pecado. **O segundo grande desígnio** é acusar, vexar e perturbar o santo por causa do pecado.

O PRIMEIRO GRANDE DESÍGNIO DE SATANÁS é arrastar ao pecado.

Primeiro. Consideremos o diabo como tentador ao pecado, e aí ele nos revela sua sutil astúcia em três coisas. *Primeira:* na escolha das estações mais vantajosas para a tentação. *Segunda:* no manejo das tentações, dispondo-as em tal método e forma que evidencia a sua habilidade. *Terceira:* na escolha dos instrumentos adequados aos seus propósitos para levar adiante os seus desígnios.

A sutileza de Satanás na escolha das estações mais vantajosas para tentar.

Primeira. Satanás demonstra a sua sutileza na escolha das estações mais próprias e vantajosas para tentar. "Para tudo há um tempo determinado", diz Salomão (Ec 3:1) — isto é, um momento exato que, quando aproveitado, facilita e agiliza um assunto; e por isso o mesmo sábio aponta esta razão para que o homem falhe tão frequentemente e seja frustrado em suas empresas: "porque não conhece o seu tempo" (Ec 9:12). Chega quando o pássaro já voou. Cem soldados num momento podem virar uma batalha, salvar um exército, quando milhares não o fariam em outro momento. Satanás sabe quando fazer suas aproximações, quando — se alguma vez — é mais provável ser bem-recebido. Assim como Cristo tem a língua do erudito para falar a tempo uma palavra de conselho e consolo à alma que duvida e desfalece, assim Satanás conhece o seu coração negro e a sua habilidade infernal para falar palavras de sedução e tentação no momento certo; e uma palavra no momento certo é uma palavra sobre rodas. Darei agora uma visão de sua sutileza

nas estações especiais que ele escolhe para tentar. Essas estações especiais são:

1ª Estação. *Quando o cristão está recém-convertido.* Mal nasce esta criança da graça, a nova criatura, e já este dragão lança um dilúvio de tentações contra ela. Ele ensinara aos egípcios apenas um pouco de sua própria astúcia, quando os instruiu naquele batismo sangrento e cruel que exerceram sobre os recém-nascidos israelitas, atirando-os ao rio tão logo nasciam. O primeiro choro da nova criatura dá o alarme a todas as legiões do inferno. Ficam tão perturbados com isso quanto Herodes e Jerusalém ficaram quando Cristo nasceu; e agora se reúnem em conselho para tirar a vida deste rei recém-nascido. Os apóstolos encontraram oposição e perseguição nos seus últimos dias, quando foram dotados de porções maiores do Espírito, mas encontraram tentações de Satanás nos seus primeiros dias, quando eram jovens convertidos; como se pode observar nas diversas passagens registradas a seu respeito. Satanás sabia que a graça interior era apenas fraca, e que os suprimentos prometidos por ocasião da vinda do Espírito ainda não haviam chegado. E quando é que um inimigo tem mais probabilidade de tomar a cidade do que em tal estado de fraqueza? Por isso, experimenta a todos eles. Com efeito, as vantagens são tantas que podemos nos admirar de como o jovem convertido escapa com vida; o conhecimento [sendo] fraco, e [sendo] tão facilmente conduzido ao erro, especialmente em tempos de divisão, quando muitos caminhos são apresentados — um dizendo: "Aqui está Cristo", outro: "Acolá está Cristo". E o cristão está pronto para pensar que todo aquele que vem com boas palavras tem boas intenções — como uma criança pequena que perdeu o caminho para a casa de seu pai e está inclinada a seguir qualquer um que se ofereça para guiá-la. E se Adão, cujo

conhecimento era tão perfeito, foi tão depressa enganado — sendo assaltado antes de se firmar bem em suas novas posses — , quanta mais vantagem não tem Satanás sobre o recém-convertido! Nele encontra cada graça em grande indisposição para oferecer resistência, tanto pela sua própria fraqueza quanto pela força da corrupção contrária, que comumente, em tais pessoas, não está mortificada. [Isso] faz com que aja com mais dificuldade e mistura — como num fogo recém-aceso, onde a fumaça é maior do que a chama, ou como a cerveja recém-fermentada que sai turva. De modo que, embora apareça mais vigor de afeição em tais pessoas, a ponto de transbordar numa maior abundância de deveres do que nos demais, há ainda mais borra de paixões carnisais, o que Satanás sabe e, por isso, escolhe agitar o que já vê perturbado.

2ª Estação. *Quando o cristão é acometido por alguma grande aflição* — esta é como uma viela escura ou um lugar solitário, adequado para que este ladrão exija sua bolsa. Um capitão experiente labora primeiro para abrir uma brecha na muralha e depois avança para o assalto à cidade. Satanás primeiro obteve poder de Deus para enfraquecer Jó em seus bens, filhos, saúde e outros confortos que tinha, e agora o tenta à impaciência, e a quê mais não. Deixa Cristo jejuar quarenta dias antes de se aproximar, e então entra em ação; como um exército que aguarda até que um castelo seja pressionado pela falta de provisões por dentro, e então envia um chamado para rendição, nunca mais provável de ser aceito do que em tal aperto. Uma tentação vem com força quando o caminho para o alívio parece passar pelo próprio pecado para o qual Satanás está aliciando; quando alguém está pobre e Satanás vem dizer: "Que! Você vai preferir morrer de fome a pular a cerca e furtar para se

sustentar?" — isso é suficiente para deixar a carne e o sangue em suspenso.

3ª Estação. *Quando o cristão está empenhado em alguma empresa notável para a glória de Deus* — então Satanás se deitará no caminho como uma serpente, "como víbora no caminho, que morde os calcanhares do cavalo, de modo que o cavaleiro caia para trás". Assim ele se postou à direita de Josué "para se opor a ele". A mão direita é a mão que trabalha, e o fato de se postar ali implica o desejo de impedi-lo em sua empresa. Com efeito, o diabo nunca foi amigo da obra do templo, e por isso essa obra demora tanto a se completar. Que bela desculpa ele auxilia os judeus a encontrar: "Ainda não chegou o tempo!" O tempo de Deus havia chegado, mas não o do diabo, e por isso ele os ajuda com essa pobre saída (Esd 1; 2; 6; 8), distorcendo o sentido da providência, como se não fosse ainda o tempo, porque eram tão pobres; ao passo que eles não prosperavam justamente porque não se puseram mais cedo à obra, como Deus lhes diz claramente. Paulo e Barnabé tinham um desígnio santo em seus pensamentos: visitar os irmãos em cada cidade e fortalecer a sua fé. O diabo sabia que golpe isso poderia dar ao seu reino; a visita deles poderia dificultar o seu próprio circuito, e ele suscita uma infeliz divergência entre esses dois santos homens, que ficam tão acalorados que se separam nessa tempestade (At 15:36-39). Houve dois momentos marcantes na vida de Cristo: a sua entrada e a sua saída — o início do seu ministério público no batismo e o seu fim na paixão —, e em ambos encontramos o diabo a enfrentá-lo ferozmente. Quanto mais público for o teu lugar, cristão, e quanto mais eminente o teu serviço para Deus, tanto mais deves esperar que o diabo tenha algum desígnio mais perigoso contra ti; e, portanto, se todo soldado raso precisa de armadura contra as balas de tentação de Satanás, os comandantes

e oficiais que estão na linha de frente da batalha precisam muito mais.

4ª Estação. *Quando tem à disposição algum objeto para reforçar a sua tentação.* Assim apanha Eva quando está perto da árvore e a tem diante dos olhos enquanto ele apresenta a proposta, de modo que, assaltando dois portos ao mesmo tempo, seria mais difícil para ela impedir o desembarque de sua tentação; e se o olhar de Eva pôde tão rapidamente afetar o seu coração com um desejo insubordinado, muito mais fácil lhe é agora, pela presença do objeto, excitar e ativar aquela concupiscência que dormita no coração. Assim como Noemi enviou sua nora para deitar-se aos pés de Boaz, sabendo bem que, se ele a suportasse ali, havia esperança de que por fim a recebesse em seu leito. Se o cristão puder deixar o objeto se aproximar tanto, Satanás se prometerá que o seu pedido poderá com o tempo ser atendido. Por isso deveria ser nosso cuidado, se não queremos ceder ao pecado, não passear perto nem sentar à porta da ocasião. Não olhes com olho errante para aquela beleza pela qual não gostarias de ser feito prisioneiro. Não parleias em teus pensamentos com aquilo que não pretendes deixar entrar em teu coração. A convivência gera afeição: alguns, por isso, acabaram por se casar com aquelas pessoas de quem no início pensavam que jamais poderiam gostar.

5ª Estação. *Após grandes manifestações do amor de Deus, então vem o tentador.* Tal é a frágil constituição da graça, que não pode suportar bem nem os sorrisos nem as caras franzidas de Deus sem um laço; como alguém disse da nossa nação inglesa — que não pode suportar bem nem a liberdade nem a servidão em seu grau máximo. Assim também não pode a alma. Se Deus sorri e se abre um pouco conosco de maneira mais familiar, então somos propensos a nos tornar altivos e insolentes;

se franze o rosto, afundamos igualmente na nossa fé. Assim, o primeiro, como o tempo ameno e os raios quentes, faz crescer as ervas daninhas da corrupção; e o segundo, como as geadas rigorosas, faz murchar e até matar as flores da graça. O cristão está em perigo de ambos os lados; por isso Satanás aproveita a ocasião quando o cristão está pleno de consolo — assim como um trapaceiro que se insinua junto a algum jovem herdeiro quando este acaba de receber as suas rendas e não para até aliviá-lo do seu dinheiro. Assim Satanás fica de espreita para enredar o santo num pecado ou noutro, sabendo que isso logo fará vazar a sua alegria. Alguma vez teve alguém um testemunho mais elevado do céu do que Pedro? (Mt 16:17), onde Cristo o declara bem-aventurado e lhe confere uma honra singular, tornando-o representante de todos os seus santos. Sem dúvida, este favor a Pedro incitou mais prontamente o espírito invejoso a se lançar sobre ele. Se a veste de muitas cores de José fez os patriarcas tramarem contra ele, seu irmão, não é de admirar que a malícia levasse Satanás a mostrar o seu rancor justamente onde Cristo havia colocado tal marca de amor e honra; e por isso o encontramos logo ao lado de Pedro, tornando-o instrumento para tentar o seu Mestre, que repreende Pedro com um "Arreda, Satanás". Aquele que parecia ser uma rocha agora, pela política de Satanás, é posto como pedra de tropeço para Cristo. Assim também aconteceu com Davi: após ter recebido misericórdias tão maravilhosas, estabelecido em seu trono com a ruína de seus inimigos, sim, perdoado pelo seu pecado de sangue, e agora prestes a descansar em paz no sepulcro, Satanás intervém para nublar o seu sereno crepúsculo e o tenta a recensearem o povo — tamanha é a ambição de Satanás de lançar o santo na lama do pecado exatamente quando a sua roupa está mais limpa.

6ª Estação. *Na hora da morte, quando o santo está abatido e prostrado nas suas forças corporais* — então este covarde se lança sobre ele. É a sua última jogada pelo jogo; agora ou nunca; vencê-lo agora e para sempre. Assim como se diz da serpente natural que só aparece em toda a sua extensão quando está morrendo, assim esta serpente mística nunca exercita tanto o seu engenho e as suas ciladas como quando o seu tempo é curto. O santo está prestes a entrar na eternidade, e agora Satanás pisa no seu calcanhar — calcanhar que não pode fazer tropeçar de modo a impedir a sua chegada ao céu, mas que ao menos pode contundir, para que chegue com mais dor.

A sutileza de Satanás no manejo de suas tentações, onde são expostos diversos estratagemas que ele usa para enganar o cristão.

Segunda. O segundo modo pelo qual Satanás demonstra a sua sutil habilidade como tentador consiste nos estratagemas que usa para enganar o cristão, manejando as suas tentações e dispondo-as em tal método e forma que evidencia a sua habilidade.

1º Estratagema. *Ele arvora bandeiras falsas e se aproxima do cristão disfarçado de amigo*, de modo que as portas lhe são abertas e seus movimentos são recebidos com aplauso, antes que um ou outro seja descoberto. Por isso se diz que ele se "transfigura em anjo de luz" (2 Co 11:14). De todos os planos, é o mais perigoso quando ele aparece com o manto de Samuel e prateou a sua língua imunda com linguagem sedutor. Assim, no campo do erro, corrompe o juízo de alguns, recomendando as suas noções como verdades evangélicas especiais, e como um comerciante astuto vende a sua velha mercadoria (erros, quero

dizer, que há muito tempo tem em mãos), apenas os adaptando um pouco ao modo dos tempos, e passam por nova luz, sob o pretexto da liberdade cristã. Introduz o libertinismo clamando pelo Espírito. Desacredita e vilipende as Escrituras, exaltando a fé. Labora para minar o arrependimento e dinamitar as boas obras. Lamentando a corrupção da igreja em suas administrações, afasta dela as almas instáveis e as atordoa, até que afinal caem numa vertigem e não conseguem ver nenhuma igreja existente. E prevalece não menos sobre os corações e a vida dos homens por meio desta cilada do que sobre os seus juízos. Sob a noção de zelo, acende às vezes uma chama perigosa de paixão e ira no coração, que, como um fogo precipitado, faz o espírito do cristão transbordar em desejos e orações anticristãos de vingança onde deveria perdoar. Disso temos um exemplo nos discípulos (Lc 9:54), onde dois homens santos desejam que "fogo desça do céu". Pouco imaginavam de onde vieram a brasa que tanto os aquecia, até que Cristo lhes disse: "Não sabeis de que espírito sois" (v. 55). Às vezes ele finge piedade e afeição natural, que em alguns casos pode ser bom conselho, e o tempo todo deseja promover a covardia e o amor-próprio pecaminoso, pelos quais o cristão pode ser levado a abandonar as suas fileiras, a encolher diante da verdade ou a declinar de algum dever necessário do seu chamado. Esta cilada sua, quando levou Pedro a ser seu porta-voz, dizendo: "Senhor, tem compaixão de ti mesmo", Cristo logo percebeu e lhe fechou a boca com aquela repreensão cortante: "Arreda, Satanás". Oh, quanta necessidade temos de estudar as Escrituras, os nossos corações e as ciladas de Satanás, para que não demos boas-vindas a este inimigo pensando o tempo todo que é Cristo quem é nosso hóspede!

2º Estratagema. *É obter informações sobre os assuntos do santo.* Esta é uma das grandes engrenagens no relógio do político: ter espiões em todos os lugares, pelos quais ficam inteirados dos conselhos e movimentos de seus inimigos; e [assim como] isso lhes dá vantagem para frustrar os desígnios alheios, também [lhes dá] para levar adiante os seus próprios com mais segurança. Não é difícil para aquele que vê as cartas de seus inimigos jogar bem essa partida. Davi sabia como estavam as coisas na corte; as flechas de Jônatas lhe traziam as notícias; e assim ele mudava de posição e era mais hábil do que o seu grande inimigo Saul. Satanás é o maior espião do mundo; ele faz da inquirição acerca das inclinações, pensamentos, afeições e propósitos da criatura o seu negócio, para que, descobrindo qual humor predomina, possa se aplicar de acordo —, [descobrendo] para que lado corre a corrente, a fim de abrir o canal da tentação e direcioná-lo a correr com as afeições da criatura, em vez de forçá-la contra a torrente da natureza. Ora, se considerarmos apenas a percepção aguda da natureza angélica, quão rápido ele fareja o caminho pelo qual vai a caça — por uma palavra solta, o lance de um olhar ou coisa tão pequena, suficiente para lhe dar o alarme; se considerarmos a sua experiência em anatomia do coração, tendo inspecionado e como que dissecado tantos na sua longa prática, pela qual o seu conhecimento se aperfeiçoou grandemente, como também a sua grande diligência em acrescentar a ambos — sendo o mais assíduo estudante que já existiu, considerando os santos e estudando como pode prejudicá-los, como vemos no caso de Jó, que ele observara tão de perto que era capaz de responder *ex tempore* [de improviso] a Deus sobre qual era o estado e a posição atual de Jó e quais poderiam ser os meios mais prováveis de obter o que queria dele; e além de tudo isso, a correspondência que mantém com aqueles que estão dentro e ao

redor do cristão, pelos quais aprende muito sobre a sua situação, como Davi [soube] por Husai no conselho de Absalão; — consideradas todas essas coisas, é quase impossível que a criatura se mova para fora do gabinete de seu coração sem que se saiba para onde se inclina. Alguma paixão corrupta ou outra trairá a alma a ele, como o fizeram [trair] Davi a Saul, que lhe disse onde poderia encontrá-lo, no deserto de En-Gedi (1 Sm 24:4). Assim esses delatores darão informações a Satanás e dirão [a ele]: Se quiseses surpreender alguém, ele foi por aquele caminho — vais encontrá-lo no bosque dos afazeres mundanos, afogado nos desejos desta vida. Vê onde outro se senta sob uma sombra, deleitando-se neste filho, ou naquele dom ou talento da mente, ou coisa semelhante; basta colocar ali a armadilha de visgo e logo o terás preso. Ora, tendo Satanás assim as informações, basta-lhe agir a sua parte. Ele certamente não ficará em dificuldade, quando os seus discípulos — os jesuítas, quero dizer — têm tal agilidade de espírito para se retorcerem e moldarem a qualquer forma conveniente às pessoas que desejam seduzir. É a ambição a concupiscência que o coração favorece? Oh, que projetos agradáveis ele apresentará a tais pessoas! Com que facilidade, tendo primeiro os inflado com esperanças vãs, os arrasta a pecados horrendos! Assim Hamã, para ter o monopólio do favor de seu príncipe, foi impelido àquele plano sangrento, fatal por fim a ele mesmo, contra os judeus. É a impureza a concupiscência atrás da qual os olhos da criatura vagueiam? Agora ele será o alcoviteiro para aproximá-lo da sua amante. Assim, descobrindo que Amnom estava doente deste mal, envia Jonadabe, homem de cabeça profunda (2 Sm 13:3), para lhe sugerir esse fino ardil de fingir-se doente, pelo qual sua irmã caiu em sua armadilha.

3º Estratagema. *Em suas aproximações graduais à alma.* Quando vem tentar, é modesto e pede apenas um pouco; sabe que pode obter em muitas vezes o que lhe seria negado se pedisse tudo de uma vez. Poucos são admitidos numa cidade, quando um exército que avança em massa seria expulso; e, portanto, para não despertar suspeita, apresenta talvez algumas proposições gerais que não revelam a profundidade do seu plano. Estas, como batedores, vão à frente, enquanto o seu conjunto permanece oculto como que num pântano próximo. Assim ele se enroscou no seio de Eva, a quem não ordena, de imediato, que tome e coma. Não; ele é mais cortês do que isso. Isso teria sido tão horrível que, como o peixe espantado pelo barulho súbito de uma pedra lançada no rio se afasta da isca, ela teria sido aterrorizada antes de entrar em conversa com tal personagem. Não; ele propõe uma pergunta que abrirá caminho para isso: "Disse Deus? Não será um engano teu? Poderia ser esse o seu propósito — ele, cuja bondade te permite comer de todos os outros, negar-te o melhor de todos?" Assim ele escava ao redor e afrouxa a raiz da sua fé, e então a árvore cai mais facilmente ao próximo sopro de tentação. Esta é uma política verdadeiramente perigosa. Muitos cederam em ir uma milha com Satanás que nunca pretenderam ir duas; mas uma vez no caminho foram sendo atraídos cada vez mais longe, até que por fim não sabiam como deixar a sua companhia.

Assim Satanás leva as pobres criaturas às profundezas do pecado por escadas em caracol que não lhes deixam ver o fundo para onde estão indo. Apresenta primeiro um objeto que ocasiona alguns pensamentos; estes ateiam fogo nas afeições, e estas fumegam e sobem ao cérebro, nublando o entendimento; estando este assim incapacitado, Satanás agora se atreve um pouco mais a se revelar e solicita audaciosamente à criatura

aquilo que ela acabou de rejeitar. Muitos que hoje jazem em aberta devassidão nunca pensaram que teriam rolado tão longe da sua profissão; mas Satanás os enganou, pobres almas, com seus começos modestos. Ó cristão, não cedas a Satanás lugar algum, nem mesmo um palmo, em seus primeiros movimentos. Aquele que é mendigo — e um mendigo modesto — fora de portas, comandará a casa se for admitido. Cede no princípio, e dás fora a tua força para resistir no restante; quando a barra da roupa se gasta, toda a peça vai se desfazendo, se não for remendada pelo arrependimento oportuno.

4º Estratagema. *O quarto modo pelo qual Satanás mostra a sua sutileza no manejo das suas tentações está nas suas reservas.* Um capitão sábio tem sempre alguns soldados frescos à mão para entrar em ação num momento crítico, quando os outros foram derrotados. Satanás raramente se vê em dificuldade a este respeito; quando uma tentação é repelida, logo tem outra para preencher a brecha e manter a linha.

Assim tenta Cristo à desconfiança e à incredulidade, pedindo-lhe que transforme pedras em pão, como se fosse já tempo de providenciar por si mesmo, tendo sido tão longamente abandonado pelo Pai, a ponto de jejuar quarenta dias sem que se soubesse de nenhum suprimento. Mal Cristo apagara este dardo com estas palavras: "Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus" (Mt 4:4), ele já tem outra na corda, que dispara contra ele, tentando-o à presunção. "Então o diabo o tomou e o colocou sobre o pináculo do templo" e o manda: "Lança-te de cima, porque está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito", etc. (v. 5-6). Como se dissesse: Se tens tal confiança em Deus e na sua Palavra, como pretendes, demonstra-o lançando-te de cima, pois tens uma palavra entre ti e o chão, se ousas confiar em Deus. E

verdadeiramente, embora Cristo tivesse a resposta pronta e estivesse preparado para receber o ataque tanto à direita quanto à esquerda, estando tão completamente armado que nenhuma tentação podia surpreendê-lo, notemos que as tentações de Satanás sobre Cristo eram como o movimento da serpente sobre a rocha de que fala Salomão (Pv 30:19): não fazem nenhuma impressão, nenhum sinal; mas sobre nós são como a serpente sobre a areia ou o pó, que deixa rastro — quando não no coração, ao menos na fantasia — colorindo o que está bem perto dele, de modo que o objeto ali está pronto para se insinuar, se não se tomar grande cautela. Especialmente neste caso, quando ele muda de mão, pois quando temos resistido de um modo, recomeça de outro, e até planta a sua tentação subsequente sobre a própria resistência que fizemos na anterior.

Isso requer alguma prontidão em nossas posturas e habilidade em todas as nossas armas para nos defendermos; como o debatedor que é tirado da sua rota e a quem se coloca uma nova questão ou argumento incomum — agora sim é posto à prova de verdade. E este é o método de Satanás quando tenta o cristão à negligência nos deveres do culto a Deus (pelos seus afazeres mundanos, a multidão deles ou a necessidade de segui-los); e, não tendo isso efeito, muda de lado e passa a arrastar o cristão à negligência do seu chamado mundano, sob aparência de zelo em promover o outro no culto a Deus. Ou primeiro vem e labora para entorpecer o coração no cumprimento do dever, mas encontrando o cristão muito vigilante para isso, passa a inflá-lo com a opinião da sua desenvoltura no mesmo; e sempre guarda as suas tentações mais ardilosas e mais refinadas para o fim.

5º Estratagema. *Em suas retiradas políticas.* Um inimigo pode fugir como que vencido, quando é com o desígnio

de vencer. Este era o ardil de Josué, pelo qual apanhou os homens de Ai numa armadilha (Js 8). Lemos não só de Satanás sendo expulso, mas do espírito imundo saindo voluntariamente — porém com o propósito de voltar e trazer consigo companhia pior (Mt 12:43). Satanás nem sempre é rechaçado pela força e pelo poder da graça vitoriosa, mas às vezes se retira e levanta por si mesmo o seu cerco, a fim de tirar o cristão mais habilmente das suas defesas e trincheiras, para que possa apanhá-lo em campo aberto, a quem não consegue alcançar nas suas obras e fortificações. As tentações enviam o santo para o seu castelo, assim como a vista do cão envia o coelho para a sua toca. Ora, a alma faz as rondas, mantém guarda, não ousa negligenciar o dever, porque o inimigo está bem abaixo dos seus muros, introduzindo continuamente as suas tentações; mas quando Satanás parece abandonar a alma e o cristão percebe que não é mais assombrado por tais impulsos como antes, então este está propenso a relaxar na sua diligência, falhar no seu dever, e tornar-se irregular ou apenas formal no seu cumprimento — como os romanos, cuja valentia decaiu por falta das tropas cartaginesas que os mantinham em alerta. Quer Satanás tente ou não tente, ataque ou se retire, mantém-te em ordem, permanece em postura de combate; que a sua fuga fortaleça a tua fé, mas não enfraqueça o teu cuidado. Os partas mais mal fazem ao inimigo em sua fuga, disparando as suas flechas enquanto correm; e assim também pode Satanás te fazer, se a tua aparente vitória te tornar descuidado.

A sutileza de Satanás na escolha dos instrumentos adequados para o seu propósito.

Terceira. Satanás demonstra a sua sutileza na escolha dos instrumentos adequados aos seus propósitos para levar adiante os seus desígnios. Ele, como mestre-artesão, corta a tentação e lhe dá a forma, mas às vezes tem seus oficiais para acabá-la; sabe que o seu trabalho pode ser melhor conduzido por outros quando ele mesmo não aparece. Na verdade, não há tanta afinidade entre a natureza angelical e a do homem quanto há entre um homem e outro; e, portanto, ele não pode fazer as suas aproximações tão familiarmente conosco como um homem pode fazer a outro homem. E aqui, como em outras coisas, ele é o macaco de Deus. Sabeis bem que esta mesma razão foi dada para o pedido dos israelitas de que Deus não lhes falasse diretamente, mas por meio de Moisés, e Deus aprovou a proposta: "Falaram bem", disse Deus; "suscitar-lhes-ei um profeta dentre os seus irmãos, semelhante a ti" (Dt 18:17-18). Assim Satanás se serve do ministério de homens semelhantes a nós, pelo qual, ao mesmo tempo que se torna mais familiar, é menos suspeito, enquanto — à maneira de Joabe — consegue que outro faça o seu recado. Ora, não é qualquer pessoa que serve aos seus propósitos para este emprego; ele é muito seletivo nos instrumentos que escolhe. Não é todo soldado que é apto para uma embaixada, para negociar com um inimigo, para trair uma cidade, e coisas semelhantes. Satanás considera quem pode realizar o seu trabalho com maior vantagem. E nisso difere de Deus, que não é nada seletivo em seus instrumentos, porque não precisa deles e é capaz de fazer tanto com um quanto com outro; mas o poder de Satanás, sendo finito, deve suprir com a pele da raposa o que falta na do leão. Ora, as pessoas que Satanás visa como instrumentos são principalmente de quatro tipos: *1. Pessoas de posição e poder. 2. Pessoas de talentos e política. 3. Pessoas de santidade, ou ao menos assim reputadas. 4. Pessoas de relação e interesse.*

1º Instrumento. *Satanás escolhe pessoas de posição e poder.* Estas estão tanto no Estado quanto na Igreja. Se puder, assegurará o trono e o púlpito, como as duas fortalezas que comandam toda a linha. (1.) *Homens de poder no Estado:* é o seu velho truque intrometer-se com tais. Um príncipe ou um governante pode valer por mil; por isso disse Paulo a Elimas, quando ele quis apartar o procônsul da fé: "Ó cheio de todo engano e de toda malícia, filho do diabo!" (At 13:10). Como se dissesse: Aprendeste isso do teu pai, o diabo — frequentar as cortes dos príncipes, insinuar-te nas boas graças dos grandes. Há uma dupla política que Satanás tem ao ganhar tais pessoas para o seu lado. (a) Ninguém tem tal vantagem para arrastar outros ao seu caminho. Corrompe o capitão, e é difícil que não leve consigo o seu esquadrão. Quando os príncipes — homens de renome em suas tribos — se levantaram com Coré, prontamente uma multidão é atraída para a conspiração (Nm 16:2, 19). Que Jeroboão estabeleça a idolatria, e Israel logo cai num laço. Está escrito que o povo de bom grado andou segundo o seu mandamento (Os 5:11). (b) Ainda que o pecado ficasse restrito à corte e a infecção não fosse além, o pecado de tal pessoa — ainda que bom homem — pode custar caro a todo um reino. "Satanás levantou-se contra Israel e instigou Davi a recensear Israel" (1 Cr 21:1). Ele tinha rancor contra Israel e lhes paga na moeda do pecado de seu rei, que desembocou numa terrível praga sobre suas cabeças. (2.) *Os que estão em posição e ofício na Igreja.* Não há melhor meio de infectar toda a cidade do que envenenar a cisterna de onde tiram a água. Quem persuadirá Acabe a ir a Ramote-Gileade e cair? Satanás pode dizer: "Eu sairei e serei espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas" (1 Rs 22:22). Como serão os ímpios endurecidos nos seus pecados? Que o pregador lhes coloque travesseiros sob os cotovelos e clame: "Paz! Paz!", e está feito. Como pode vir a ser

negligenciado o culto de Deus? Que Hofni e Fineias sejam escandalosos em suas vidas, e muitos — tanto bons quanto maus — "abominarão o sacrifício do Senhor".

2º Instrumento. *Ele emprega pessoas de talentos e política.* Se alguém tem mais agudeza de engenho e profundidade de razão do que outros, é esse homem que Satanás escolhe para o seu serviço, e até tal ponto prevalece, que muito poucos de sua categoria são encontrados entre os discípulos de Cristo: "Não são muitos os sábios". Com efeito, Deus não quer que o seu reino — nem no coração nem no mundo — seja sustentado pela política carnal, pois é mandamento do evangelho que andemos em santa singeleza. Embora a serpente possa encolher-se em suas dobras e aparentar ser o que não é, não convém aos santos malabarizar ou trapacear com Deus ou com os homens; e verdadeiramente, quando alguns deles fizeram uso da sutileza da serpente, isso não lhes rendeu bons frutos. Jacó obteve a bênção por um ardil, mas poderia tê-la obtido mais barato com lealdade. Abraão e Sara ambos mentem a Abimeleque; Deus descobre o seu pecado e os repreende por isso pela boca de um pagão. Asa, por política de Estado, faz aliança com a Síria, sim, empenha os vasos do santuário e tudo isso por socorro. E qual o resultado de tudo isso? "Nisso agiste loucamente", diz Deus; "doravante terás guerras". A política pecaminosa não prosperará por muito tempo nas mãos dos santos. Mas Satanás não desvia do seu caminho; ele procura os homens de cabeça mais sutil — um Balaão, um Aitofel, um Hamã, um Sambalate, homens admirados pelo seu conselho e pelos seus planos profundos; esses são do seu agrado. Uma causa má precisa de um orador persuasivo; mercadoria ruim precisa de um vendedor convincente. Como em particular, os instrumentos que ele usa para seduzir e corromper as mentes dos homens são comumente homens de raciocínio sutil, tais

"que, se possível fosse, enganariam os próprios eleitos". Isso fez o apóstolo tão ciumento dos coríntios, a quem havia desposado a Cristo, por temer que, como Eva pela serpente, assim "as suas mentes se corrompessem da simplicidade que há em Cristo". Tem de ser um diabo muito astuto o que consegue afastar o amor da esposa do Amado; mas há tal feitiçaria nos instrumentos de Satanás que muitos foram levados a atacar as próprias verdades e ordenanças — sim, o próprio Cristo — a quem pareciam antes ter estado esposados. Ora, em três pontos particulares este tipo de instrumento de Satanás mostra a sutileza do seu mestre.

(1.) *Em difamar o bom nome dos mensageiros sinceros de Cristo* — velha artimanha de Satanás para elevar o seu crédito sobre a reputação arruinada dos servos fiéis de Cristo. Assim ele ensinou a Coré, Datã e Abirão a acusar Moisés e Arão: "Tomais muito sobre vós, sendo toda a congregação santa" (Nm 16:3). Queriam fazer o povo crer que era orgulho de coração reivindicar para si um monopólio, como se ninguém além de Arão e sua confraria fosse suficientemente santo para oferecer incêndio; e por esta prática sutil seduziram por algum tempo, de certo modo, toda a congregação para o seu lado. Assim os falsos profetas — cavaleiros-de-indústria de Satanás a serviço de Acabe — atacaram violentamente o bom Micaías. O nosso próprio Salvador não foi melhor tratado pelos fariseus e seus cúmplices; e Paulo, o principal dos apóstolos, teve o seu ministério minado e a sua reputação destruída pelos falsos mestres, como se fosse algum pregador fraco e sem valor: "Porque dizem que a presença corporal é fraca e o discurso desprezível" (2 Co 10:10). E é este o vosso homem admirado?

(2.) *Em encobrir as suas imposturas e erros com noções escolhidas e excelentes verdades.* O próprio Ário e outros perigosos instrumentos de Satanás eram astutos demais para

rechearem os seus discursos apenas com matéria heterodoxa. Verdades preciosas caíam deles, com as quais polvilhavam os seus princípios corruptos, com tal arte, porém, que dificilmente podia ser percebida. Isso, como observa alguém, é o que nosso Salvador adverte os seus discípulos, quando lhes manda que "se acautelem do fermento dos fariseus", isto é, dos seus erros. Mas por que fermento? Justamente pela mistura secreta deste com o pão saudável. Não fazeis o vosso pão todo de fermento, pois ninguém o comeria assim, mas esfarelais um pouco num lote inteiro, o que azeda tudo. Assim Cristo está dizendo aos discípulos que os fariseus, no meio de muitas verdades, misturam os seus erros; e por isso lhes convém estar atentos, para que juntamente com a verdade não desçam também os erros. Além disso, o fermento é muito semelhante à massa — do mesmo grão, diferindo apenas na idade e na azedume. Assim Cristo insinua a semelhança dos seus erros com a verdade, como que extraídos das Escrituras, mas azevedados pelos seus próprios falsos glossários. Isso de fato torna fácil que as ovelhas de Cristo sejam infectadas com a sarna do erro, porque a erva que produz a podridão é tão semelhante à relva que as nutre.

(3.) *A sua sutileza aparece em apresentar princípios indulgentes para a carne.* Isso traz verdadeiras multidões de almas ingênuas para a sua rede. O coração do homem ama ter uma vida para moldar uma religião segundo o seu próprio humor, e facilmente acredita ser verdade o que favorece a sua própria inclinação. Ora, há três concupiscências que os instrumentos de Satanás laboram para satisfazer em sua doutrina: a razão carnal, o orgulho e a liberdade da carne.

(a) *A razão carnal.* Este é o grande ídolo que a parte mais inteligente do mundo adora, tornando-a o próprio padrão de sua fé; e desta raiz amarga brotaram aquelas heresias arianas e

socinianas. E verdadeiramente quem não for além do que a razão pode carregar poderá manter-se na estrada simples da lei moral, mas, quando chegar às profundezas do evangelho, terá de voltar atrás, ou contentar-se que a fé ajude a razão a passar adiante.

(b) Outra concupiscência que Satanás mima é o orgulho.

O homem naturalmente quer ser um deus para si mesmo — embora por se alçar tão alto tenha tido a sua queda; e qualquer doutrina que alimente uma boa opinião do homem aos seus próprios olhos lhe é aceitável; e isso gerou outra progênie de erros perigosos — os pelagianos e semipelagianos, que colocam a natureza de pé e persuadem o homem de que foi por si mesmo a Cristo, ou ao menos com uma pequena ajuda externa — uma mão para guiar ou um argumento para excitar — sem nenhuma obra criadora na alma. Oh, não podemos imaginar quão facilmente tal coisa desce. Se um construtor vos dissesse que a vossa casa está podre e deve ser demolida, e todos os materiais renovados; e outro dissesse: "Não é assim; tal viga está boa e tal caibro pode ficar — um pouco de custo bastará" — não seria de admirar que desses ouvidos àquele que vos poria a menor custo e trabalho. Os servos fiéis de Cristo dizem aos pecadores, com base na Palavra, que o homem em seu estado natural é corrupto e podre, que nada do velho arcabouço serve, e que tudo tem de ser novo; mas entra um arminiano e infla o orgulho do pecador, dizendo-lhe que ele não é tão fraco nem tão mau quanto o outro o apresenta. Se quiseses, podes arrepender-te e crer; ou, ao menos, exercitando as tuas capacidades naturais, obrigas Deus a acrescentar o que não tens. Este é o operário que mais agrada ao homem orgulhoso.

(c) Satanás, por seus instrumentos, alimenta o desejo de liberdade carnal que há no homem por natureza — homem que é filho de Belial, sem jugo; e se tiver de usar algum, agrada

mais aquele que tiver o forro mais macio e menos apertar a carne; e, portanto, quando os mestres sinceros da Palavra não abrem mão do rigor do mandamento, mas pressionam à obediência sincera, vêm os instrumentos de Satanás e dizem: Estes são mestres exigentes, que não permitem nem um dia de folga ao cristão durante o ano, mas o prendem ao dever contínuo; nós vos mostraremos um caminho mais fácil para o céu. Vinde, diz o papista, confessai apenas uma vez por ano ao sacerdote, pagai-o bem pelo trabalho, e sede um filho obediente da igreja, e nós dispensaremos todo o resto. Vinde, diz o Familista [Nota: Membro da "Família do Amor", seita radical do século 16 que afirmava que o amor divino dispensava a obediência às leis externas; a referência é citada da Enciclopédia *Funk and Wagnalls online* — L. B. W.], a carta do evangelho permite mais liberdade do que vos dizem estes pregadores legalistas. Eles vos mandam arrepender-vos e crer, quando Cristo já fez tudo isso por vós. O que vos resta a fazer senão nutrir a carne? Deve haver algo nisso, que os impostores encontrem um retorno tão rápido para a sua mercadoria, enquanto a verdade fica encalhada. E não será isso — que estão dispostos a oferecer o céu mais barato aos seus discípulos do que Cristo oferece aos seus? Quem vende mais barato terá mais clientes; embora no fim o melhor seja o mais barato: a verdade com a abnegação é um negócio melhor do que o erro com todo o seu agrado à carne.

3º Instrumento. *Satanás escolhe os que têm grande nome de santidade.* Nada melhor do que um pássaro vivo para atrair outros pássaros para a rede. Mas é possível que tais pessoas façam este trabalho para o diabo? Sim; tal é a política de Satanás e a fragilidade dos melhores, que os homens mais santos têm sido seus instrumentos para seduzir outros. Abraão tenta sua esposa a mentir: "Dize que és minha irmã". O velho profeta

desencaminha o homem de Deus (1 Rs 13:11); é provável que a santidade do homem e a reverência pela sua idade tenham dado autoridade ao seu conselho. Oh, como deveria isso tornar vigilantes aqueles cujos longa caminhada e grande progresso nas vias de Deus lhes granjearam um nome de eminência na igreja — quanto ao que dizeis, fazeis ou sustentais — porque sois homens que abrem a marcha e os outros vos olham mais do que ao seu próprio caminho!

4º Instrumento. *Satanás escolhe pessoas de relação e interesse* — aquelas que, por relação ou afeição, têm profundo interesse nas pessoas que ele quer ganhar. Alguns beijarão a criança por amor à ama, e gostarão do presente pela mão que o traz. É provável que Davi não teria recebido de Nabal o que aceitou de Abigail, e lhe agradece. Satanás enviou a maçã pela mão de Eva a Adão. Dalila faz mais com Sansão do que todas as hostes dos filisteus. A mulher de Jó lhe traz o veneno: "Amaldiçoa a Deus e morre". Alguns pensam que Satanás poupou a vida dela quando matou seus filhos e servos — embora ela também estivesse dentro de sua comissão —, por ser o instrumento mais provável, em razão de sua relação com ele e do afeto que ele lhe tinha, para conduzi-lo à tentação. Satanás emprega Pedro, um discípulo, para tentar Cristo; em outra ocasião, os seus amigos e parentes. Alguns mártires confessaram que a coisa mais difícil que encontraram foi vencer as orações e as lágrimas de seus amigos e parentes. O próprio Paulo não conseguiu se desprender do laço sem despedaçar o coração dos outros: "Que quereis, fazendo-me chorar e angustiado-me o coração?" (At 21:13).

A SUTILEZA DE SATANÁS COMO TENTADOR AO PECADO Brevemente Aplicada.

Primeiro uso. Não te afeiçoes à política pecaminosa e à astúcia — isso apenas te faz semelhante ao diabo. Há a sabedoria da serpente que é louvada, e essa sabedoria é a sua perfeição como criatura, na qual tanto a serpente literal quanto a mística se destacam: a primeira por uma natureza de observação engenhosa acima dos animais do campo; a outra no conhecimento como anjo acima dos homens. Mas, à medida que a sutileza de uma e o conhecimento da outra degeneram e os tornam mais aptos para causar dano — uma aos corpos, a outra às almas dos homens —, este tipo de sabedoria e sutileza deve ser abominado por nós. O olho da serpente, como alguém disse, só fica bem na cabeça da pomba.

1. *Não te afeiçoes à sutileza em maquirar qualquer pecado.* Alguns são sábios para praticar o mal (Jr 4:22) — mestres nessa arte, que, deitados no leito, podem traçar seus projetos perversos em método artificial, demonstrando nisso uma espécie de engenho diabólico — como os egípcios que agiram "sabiamemente", segundo pensavam, com os israelitas, e como Jezabel, que imprimiu o seu sangrento desígnio em letras tão belas que alguns poderiam lê-la como santa enquanto ela atuava como diabo. Esta é a arte negra por excelência, e torna a alma tão negra quanto o inferno quem a pratica. Não é difícil para nenhum — ainda que tolo — aprendê-la. Basta ser ímpio, e o diabo te ajudará a ser engenhoso. Passa apenas um pouco pela sua escola, e logo poderás ser um homem astuto. Nenhum pecado demonstra uma conquista mais elevada na iniquidade do que os que são de deliberado conselho e maquinações profundas.

As criaturas, quanto mais tempo carregam seus filhotes, tanto mais forte e perfeito é o nascimento — como o elefante acima de todos os demais. Quanto mais tempo um pecado se está formando e forjando por dentro, e quantas mais vezes a cabeça e o coração se reúnem sobre ele, mais completo se torna o pecado. Há aqui muitas ninhadas de pecados informes em um só — aqueles, quero dizer, que são concebidos e lançados fora no fervor da paixão precipitada. Esses atos repentinos revelam fraqueza; os outros revelam profunda maldade.

2. *Acautela-te de ocultar o pecado quando o tiveres cometido.* Este é um dos projetos que há no coração do homem; e tanta arte e astúcia se demonstra nisso quanto em qualquer outra parte do ofício do pecador. Que ardil tiveram os patriarcas para enganar os olhos do pai com uma túnica ensanguentada! A senhora de José, para se antecipar a uma acusação da parte dele, acusa-o do próprio crime de que ela é culpada — como o ladrão que escapou clamando: "Parem o ladrão!" Deus ensinou o homem a fazer túnicas para cobrir o seu corpo nu, mas o diabo lhe ensinou a tecer esses cobertores para esconder a nudez da sua alma. Quanto mais sutil pareces em ocultar o teu pecado, tanto mais egregiosamente te comportas como tolo. Ninguém é tão envergonhado quanto o mentiroso quando é descoberto — e descoberto serás com certeza. Teu cobertor é curto demais para te esconder do olhar de Deus; e o que Deus vê, se não te puseres a vergonha tu mesmo, ele o revelará a todo o mundo no futuro, por mais que escapes nesta vida.

3. *Acautela-te da sutileza e da política pecaminosa na consecução daquilo que é lícito em si mesmo.* É lícito melhorar teu patrimônio e administrá-lo bem para a tua posteridade — mas não sigas o conselho do diabo, que estará sempre te sugerindo alguns truques no teu comércio e artimanhas nos teus

negócios. Tais pessoas podem passar por sábias por algum tempo, mas o profeta lhes lê o destino: "No fim ele se tornará tolo" (Jr 17:11). É lícito amar o patrimônio, a vida e a liberdade; mas cuidado com a política pecaminosa para preservá-los. Não é sabedoria embaralhar as cartas com Deus, negando a sua verdade ou esquivando-se do dever para manter correspondência com os homens. É um fraco esgrimista aquele que deixa a sua alma em guarda aberta para ser esfaqueada e ferida pela culpa, enquanto levanta as mãos para salvar uma cabeça arranhada. O nosso temor geralmente nos encontra exatamente pela porta pela qual pensamos escapar dele. "Aquele que quiser salvar a sua vida a perderá." Como amais a vossa paz, cristãos, sede sinceros de coração com Deus e com os homens, e mantende a estrada real. Vai pelo caminho simples do mandamento para alcançares o teu desejo, e não saltes sobre cercas e valas para chegares um pouco mais cedo ao fim da jornada; tais pessoas geralmente ou encontram algum obstáculo que os faz voltar com vergonha, ou se arriscam a quebrar o pescoço em algum salto desesperado. Aquele que está disposto a dar uma pequena volta para andar em companhia de Deus certamente chegará mais depressa ao lar, ainda que não mais cedo. A observação do historiador é digna de ser lembrada pelo cristão: "Os conselhos astutos prometem muito no início, mas mostram-se mais difíceis no manejo, e no fim pagam ao seu empreendedor com desespero desesperançado."

Segundo uso. É Satanás tão astuto? Então não penses em ser mais esperto do que o diabo — no fim ele te vencerá. Não peques com pensamentos de um arrependimento posterior; é possível que sintas isso no momento, mas pensas que, sentando para jogar com este trapaceiro, poderás retirar teu capital quando quiseses? Ai, pobre infeliz! Ele tem mil recursos para te levar

adiante e te envolver cada vez mais fundo, até não te restar nenhuma ternura na consciência. Como alguns foram enredados no jogo — pretendendo arriscar apenas alguns tostões, mas pela feitiçaria secreta do jogo, jogaram até as próprias roupas do corpo antes de terminar —, oh, quantos assim pecaram até perder todos os seus princípios, sim, até a própria profissão, de modo que nem mesmo este manto lhes ficou, mas andam nus para a sua vergonha! São como crianças que, tendo entrado num barco, pensam brincar perto da margem, mas são levadas sem perceber por uma rajada violenta até o mar aberto. Oh, como sabeis vós que brincais com Satanás — que começastes modestamente — que no fim não sereis levados ao mar largo da impiedade? Alguns homens são tão astutos para superar os outros, e tão cruéis quando os apanham em suas mãos, que seria melhor mendigar o pão do que pedir-lhes emprestado. Tal é Satanás como comerciante — astuto em insinuar-se e fazer a criatura entrar em seus livros; e quando a tem sob o seu calcanhar, não há mais misericórdia a esperar de sua mão do que o cordeiro pode esperar do lobo voraz.

Terceiro uso. *Estuda as suas ciladas e familiariza-te com a política de Satanás.* Paulo dá por certo que todo santo as entende em alguma medida: "Não ignoramos os seus desígnios" (2 Co 2:11). É um fraco esgrimista aquele que não conhece nem observa nada da arte do seu inimigo. Já expus muitas estratégias particulares, que podem ajudar um pouco; e para tua orientação neste estudo e investigação das ciladas de Satanás, toma este tríplice conselho:

1. *Toma Deus como teu conselheiro.* O céu vigia o inferno. Deus pode a qualquer momento dizer-te quais planos estão sendo tramados ali contra ti. Considera Satanás como criatura de Deus: assim Deus necessariamente o conhece.

Aquele que fabrica o relógio conhece cada pino nele. Ele formou esta serpente tortuosa — embora não a tortuosidade desta serpente; e embora o caminho de Satanás ao tentar seja tão admirável quanto o caminho da serpente sobre a rocha, Deus o rastreia — sim, conhece todos os seus pensamentos juntamente. O próprio inferno está nu diante dele, e este destruidor não tem cobertura. Considera-o ainda como prisioneiro de Deus, que o mantém firme em cadeias; de modo que o Senhor, que é seu carcereiro, necessariamente sabe para onde vai o seu prisioneiro, que não pode se mover sem a sua licença. Por fim, considera-o como seu mensageiro — pois assim o é. "Um espírito mau da parte do Senhor atormentava Saul"; e aquele que lhe dá a missão é capaz de dizer-te qual é. Vai, então, e lavra com a novilha de Deus; aproveita teu interesse em Cristo, que sabe o que o seu Pai sabe e está pronto para revelar-te tudo o que te concerne (Jo 15:15). Foi ele quem descreveu o diabo indo contra Pedro e os demais apóstolos, e fiel-mente lhes revelou isso antes que pensassem em tal coisa (Lc 22). Pelas mãos de Cristo passa tudo o que se trata no céu e no inferno. Vivemos em dias de grandes ações, conselhos profundos e planos de todos os lados; e apenas alguns que estão no alto do mundo conhecem estes mistérios de Estado — todos os demais não sabem muito mais do que o que consta nas gazetas. Assim se passa com os planos que Satanás, em seu conclave infernal, está tramando contra as almas dos homens: são poucos os que sabem algo de real valor acerca dos desígnios de Satanás contra eles — e esses são os santos, dos quais Deus não pode ocultar os seus próprios desígnios de amor, mas envia o seu Espírito para lhes revelar aqui o que preparou para eles no céu (1 Co 2:10); e, portanto, muito menos ocultará deles qualquer plano destruidor de Satanás.

2. *Conhece intimamente o teu próprio coração, e entenderás melhor o seu desígnio contra ti* — pois ele toma o método de tentar de acordo com a inclinação e a postura do teu coração. Assim como um general percorre a cidade, observa-a atentamente e então levanta as suas baterias onde tem maior vantagem, assim Satanás examina e considera o cristão em cada parte antes de tentá-lo.

3. *Tem o cuidado de ler a Palavra de Deus com atenção.* Nela tens a história das batalhas mais notáveis que foram travadas pelos mais eminentes heróis do exército de santos de Cristo com este grande guerreiro Satanás. Aí podes ver como Satanás os derrotou e como eles recuperaram o terreno perdido. Aí tens os seus conselhos secretos revelados. Não há concupiscência a cujo perigo estejas exposto que não esteja descrita; não há tentação contra a qual a Palavra não te arme. Conta-se que certo judeu deveria ter envenenado Lutero, mas foi felizmente impedido pelo seu retrato, que foi enviado a Lutero com um aviso de um amigo fiel para que se acautelasse de tal homem ao vê-lo; por isso ele reconheceu o assassino e escapou de suas mãos. A Palavra te mostra, ó cristão, o rosto das concupiscências que Satanás emprega para massacrar a tua preciosa alma. "Por elas é o teu servo avisado", diz Davi (Sl 19:11).

O Segundo Grande Desígnio De Satanás É Acusar, Vexar E Perturbar O Santo Por Causa Do Pecado.

O segundo grande desígnio no qual Satanás se revela como inimigo tão sutil é como perturbador e acusador por causa do pecado, molestando a paz do santo e inquietando o espírito do santo. Assim como a obra do Espírito Santo não é apenas ser

santificador, mas também consolador — cujos frutos são justiça e paz —, assim o espírito maligno, Satanás, é ao mesmo tempo sedutor ao pecado e acusador por causa do pecado: tentador e perturbador — e, na verdade, na mesma ordem. Assim como o Espírito Santo é primeiro santificador e depois consolador, assim Satanás é primeiro tentador e depois perturbador. A senhora de José primeiro tenta atraí-lo a satisfazer a sua concupiscência; rompendo esta corda, ela tem outra para castigá-lo e acusá-lo — e como recurso tem o manto dele para encobrir a sua malícia. Nem é difícil para Satanás achar alguma falha no manto do santo, mesmo quando este anda com maior circunspecção. O assento próprio do pecado é a vontade; o do consolo, a consciência. Satanás não tem conhecimento absoluto nem poder direto sobre estas — pois estão fechadas a qualquer outro que não seja Deus —; e, portanto, o que faz, seja por meio de tentações que contaminam ou por meio de inquietações, é por ciladas mais do que por força aberta; e não é inferior em perturbar ao que é em tentar. Satanás tem, como a serpente, um caminho todo seu. Os demais animais têm movimento direto, retilíneo; mas a serpente vai de lado — tortuosa, dizemos —, enrolando e retorcendo o corpo; de modo que, ao se ver uma serpente rastejando, mal se consegue discernir para onde se dirige. Assim Satanás, nas suas tentações perturbadoras, tem muitas políticas intrincadas, virando para cá e para lá, a fim de melhor ocultar o seu desígnio do santo — o que se evidenciará nos seguintes métodos:

Primeira cilada. Ele vexia o cristão *imputando ao santo os seus próprios engendros*, acusando-o daquilo que é sua própria criação. E nisso tem uma arte tão notável, que muitos santos queridos de Deus são miseravelmente atormentados e abatidos, como se fossem os mais vis blasfemadores e os

maiores ateus do mundo — ao passo que o cálice foi posto ali por ele mesmo. Mas tão sutilmente é introduzido no seio do santo, que o cristão, embora espantado e assustado com a sua presença, sendo desconfiado do próprio coração e não familiarizado com os truques de Satanás dessa espécie, não consegue conceber como tais noções poderiam ter chegado ali, se não foram geradas e vomitadas pelo seu próprio coração depravado. Assim ele próprio carrega a culpa do pecado, por não conseguir descobrir o verdadeiro pai — lamentando como alguém abandonado e rejeitado por Deus, ou então diz ele: "Caso contrário, nunca teria tais vermes do inferno rastejando no meu seio." E nisso Satanás obtém o que se propõe — pois não é tão ingênuo a ponto de esperar ser bem-vindo com tal horda horrorosa de pensamentos blasfemos e ateus naquela alma onde lhe foi negada a entrada quando veio de modo sedutor. Não; o seu desígnio é por via de vingança — porque a alma não se prostitui à sua concupiscência —, de outra forma assombrá-la e assustá-la com esses demônios da blasfêmia. Assim fez com Lutero, a quem apareceu; e ao ser repellido por ele, foi embora deixando um fétido insuportável no aposento. Assim, quando o cristão derrotou Satanás nas suas tentações mais sedutoras, ele, enraivecido, erupta esse fedor de impulsos blasfemos para incomodá-lo e apavorá-lo — para que deles o cristão possa tirar alguma triste conclusão; e de fato o pecado do cristão reside comumente mais na conclusão que dele tira — como a de que não é filho de Deus — do que nos próprios impulsos.

Todo o conselho que darei neste caso é este: trata esses impulsos como costumias tratar os vagabundos e malfeitores que circulam pelo país; embora não possas impedi-los de passar pela tua cidade, não os deixas estabelecer-se aí, mas os expulsa e os mandas de volta ao seu próprio lar. Assim, dá a esses impulsos a

lei — lamentando-os, resistindo a eles —, e não serão tua responsabilidade. Sim, é provável que sejas menos frequentemente incomodado por tais hóspedes; mas se uma vez começares a recebê-los e seres a ama de leite de Satanás para com eles, então a lei de Deus os lançará sobre ti.

Segunda cilada. *Outra cilada de Satanás como perturbador está em agravar os pecados do santo*, para o que ele tem uma faculdade declamatória notável — não porque odeie o pecado, mas o santo. E nisso a sua principal sutileza está em apresentar a sua acusação de tal modo que pareça ser obra do Espírito Santo. Ele sabe que uma flecha da aljava de Deus fere fundo; e, portanto, quando acusa, vem em nome de Deus. Suponhamos que uma criança esteja consciente de ter desagradado o pai, e alguém que lhe tem rancor, para perturbá-la, falsifique uma carta do pai e a faça chegar habilmente às mãos do filho, que a recebe como vinda do pai. Nela ele o acusa de muitos crimes graves, o desavoa e ameaça que jamais o verá novamente nem lhe dará um tostão de herança; o pobre filho, consciente de muitas condutas indecorosas e sem saber do plano, desespera-se profundamente e não pode comer nem dormir de pesar. Aqui se gera uma angústia real sobre um fundamento falso e imaginário. Assim Satanás observa como estão as coisas entre Deus e seus filhos. Vê que tal santo está aquém no seu dever, falhou naquele serviço, e sabe que o cristão está consciente disso — e que o Espírito de Deus também manifestará o seu desagrado por isso. Ambas as razões levam Satanás a redigir uma longa acusação, juntando todas as circunstâncias agravantes que pode imaginar, e a entregá-la ao santo como enviada de Deus. Assim ensinou aos amigos de Jó a recolher as fraquezas que escaparam dele no seu sofrimento e a lhas restituir no rosto, como se de fato

tivessem sido enviados por Deus para declará-lo hipócrita e lhe pronunciar a ira divina por isso.

Mas como discerniremos a falsa acusação de Satanás das repreensões de Deus e do seu Espírito?

1. Se contradisserem qualquer obra ou ato anterior do Espírito em tua alma, são de Satanás — não do Espírito Santo. Ora, notarás que o propósito de Satanás ao acusar o cristão e agravar o seu pecado é dessantificá-lo e persuadi-lo de que é apenas um hipócrita. Oh, diz Satanás, agora mostraste o que és. Vê que mancha feia há no teu manto. Esta não é a mancha de um filho. Quem que fosse santo cometeu tal pecado dessa maneira? Todos os teus confortos e toda a tua confiança, de que tanto te vangloriaste, eram falsos — podes ter certeza. Assim vêes que Satanás a um só golpe destrói tudo. Todo o edifício da graça que Deus levou muitos anos a erigir na alma deve agora, a um sopro de sua boca maliciosa, ser derrubado; e todos os doces confortos com que o Espírito Santo selou o amor de Deus devem ser apagados por esta única mancha que Satanás lança sobre a bela cópia da evidência do santo. Pois bem, alma, para teu conforto sabe que, se alguma vez o Espírito de Deus iniciou a obra de santificação ou consolo em ti — fazendo-te esperar na sua misericórdia —, ele nunca é, nunca será, nunca pode ser o mensageiro que te traga notícias contrárias; a sua linguagem não é "sim e não", mas "sim e amém" para sempre. De fato, quando o santo anda de modo leviano, ele pode repreendê-lo — sim, franzirá o cenho e dirá claramente à alma o seu pecado, como fez a Davi por meio de Natã: "Tu és o homem — tu fizeste isso." Pinta o seu pecado com cores tão sangrentas que fizeram o coração de Davi derreter-se, por assim dizer, em gotas d'água. Mas isso não bastará; diz-lhe que castigo está sendo preparado para ele — que haverá de doer a valer: alguém da sua própria

casa, ninguém menos do que o seu filho amado, se levantará contra ele. Tudo isso para que ele possa conceber mais plenamente o quanto Deus tomou a mal o pecado dele — de um filho, de um santo — quando souber o que é ter o seu amado filho invadir traiçoeiramente a sua coroa e perseguir barbaramente a sua preciosa vida. No entanto, nem uma única palavra é ouvida de Natã durante todo esse tempo ensinando Davi a dessantificar-se e pôr em dúvida a obra de Deus em sua alma. Não — ele não tinha tal comissão de Deus; foi enviado para fazê-lo prantear o seu pecado, não para, por causa do pecado, pôr em questão o seu estado — estado que Deus tantas vezes havia tornado indubitável.

2. *Quando difamam as riquezas da graça de Deus e acusam o cristão de tal modo que ao mesmo tempo refletem sobre o bom nome de Deus, não são do Espírito Santo, mas de Satanás.* Quando descobrires que os teus pecados te são representados e agravados de tal modo que excedem ou a misericórdia da natureza de Deus ou a graça da sua aliança, isso vem daquele vil mentiroso. O Espírito Santo é o porta-voz de Cristo para recomendá-lo às almas e para atrair os pecadores a abraçar a graça do evangelho; e podem tais palavras cair de seus sagrados lábios que quebrassem o contrato e afundassem a estima de Cristo no pensamento da criatura? Podes saber de onde isso vem. Quando ouvires alguém elogiar outro como homem sábio ou bom, mas ao fim introduzir um "porém" que destrói tudo — facilmente concluirás que não é amigo desse homem, mas algum inimigo velado que, fingindo elogiá-lo, deseja desacreditá-lo ainda mais. Assim encontras Deus representado como misericordioso e gracioso, mas não para um pecador tão grande quanto tu; como tendo poder e força, mas não sendo

capaz de salvar-te. Podes dizer: "Longe de mim, Satanás — a tua fala te denuncia."

Terceira cilada. *Outra cilada de Satanás está em objetar os deveres e as práticas do cristão*, pela qual o enche de muito trabalho e angústia. Ele está na igreja tão cedo quanto tu consegues chegar, cristão, para alcançar o teu coração; sim, está sob a janela do teu gabinete de oração e ouve o que dizes a Deus em segredo, estudando o tempo todo como pode iniciar um processo contra ti a partir do teu dever. É como aqueles que vão aos sermões para criticar e apanhar o que o pregador diz, para torná-lo réu por alguma palavra mal colocada; ou como um hábil oponente nas escolas que, enquanto o adversário está ocupado em ler a sua tese, estuda como refutá-la. E verdadeiramente Satanás tem tal arte que é capaz de desfazer os teus deveres em pedaços e desfigurá-los de tal modo que pareçam formais, por mais zelosos que sejam; hipócritas, por mais enriquecidos de sinceridade que estejam. Quando tiveres cumprido o teu dever, cristão, levanta-se este sofista para desfazer o teu trabalho. "Ali", dirá ele, "fizeste o hipócrita — zeloso, mas servindo-te a ti mesmo; aqui, divagando; mais adiante, cochilando; um pouco mais além, inflado de orgulho. Que salário podes esperar das mãos de Deus, agora que estragaste a sua obra e a reduziste toda a pedaços?" Assim faz muitas pobres almas levarem uma vida extenuante; nada fazem que ele não ataque, de modo que não sabem se é melhor orar ou não, ouvir ou não; e quando oraram e ouviram, se foi com algum proveito ou não. Assim suas almas ficam em suspenso e os seus dias passam em tristeza, enquanto o inimigo fica num canto e ri do engodo que lhes pregou — como alguém que, pondo uma aranha falsa no prato, faz com que os comensais percam o apetite pela comida, a ponto de não

ousarem comer, ou fiquem apavorados consigo mesmos se já comeram, por temer terem sido envenenados.

Pergunta: Mas, direis, o que quereis que façamos neste caso para resistir às objeções de Satanás em relação aos nossos deveres?

Resposta 1. *Deixa que isso te torne mais cuidadoso em tudo o que fazes.* É precisamente o objetivo que Deus visa ao permitir que Satanás assim te vigie, a fim de que vós, seus filhos, sejais mais circunspectos — porque tendes alguém que vos espreita, que certamente relatará tudo a Deus e te acusará perante ti mesmo. Não te importa escrever bem a cópia, quando tal crítico a lê e a examina? Não te importa conhecer bem o teu coração e percorrer as Escrituras diligentemente — para que conheças o estado da controvérsia da tua alma em todos os casos de consciência —, quando tens tal adversário sutil para te replicar?

Resposta 2. *Deixa que isso te torne mais humilde.* Se Satanás pode te acusar de tanto nos teus melhores deveres, oh, o quanto mais pode fazer o teu Deus! Deus permite às vezes que as fraquezas do seu povo sejam conhecidas pelos ímpios — que estão prontos a repreendê-los e escarnecê-los por elas —, para o propósito de humilhar o seu povo. Quanto mais baixo, portanto, deveriam essas acusações de Satanás — que em grande parte são por demais verdadeiras — prostrar-nos diante de Deus?

Resposta 3. *Observa a falácia do argumento de Satanás* — que, uma vez descoberta, te ajudará a responder à sua objeção. A falácia é dupla.

(1.) Ele te persuadirá de que o teu dever e tu mesmo sois hipócritas, orgulhosos, formais etc., porque algo dessas faltas se

encontra no teu dever. Ora, cristão, aprende a distinguir entre orgulho num dever e um dever orgulhoso; hipocrisia numa pessoa e um hipócrita; vinho num homem e um homem no vinho. Os melhores santos têm em si e nos seus serviços os movimentos de tais corrupções. Essas aves pousar sobre o sacrifício de Abraão — mas conforta-te com isto: se encontras dentro do teu seio uma parte que intercede por Deus e registra o seu protesto contra ti, tu e os teus serviços são evangelicamente perfeitos. Deus os considera como as fraquezas do teu estado enfermo aqui em baixo e tem compaixão de ti, como terias de um filho aleijado. Quão odioso nos é aquele que zomba de alguém por defeitos naturais — um olho lacrimejante ou uma língua que gagueja! Tais são estas [fraquezas] na tua nova natureza. É notável aquilo que está na oração de Cristo contra Satanás: "E disse o Senhor a Satanás: O Senhor te repreenda, ó Satanás! O Senhor te repreenda, aquele que escolheu Jerusalém. Não é este um tição arrancado do fogo?" (Zc 3:2). Como se Cristo dissesse: Senhor, permitirás que este espírito invejoso provoque o teu pobre filho e o acuse por causa das fraquezas que aderem ao seu estado imperfeito? Ele é recém-arrancado do fogo. Não é de admirar que haja algumas faíscas por apagar, algumas corrupções por mortificar, algumas desordens por reformar em seu lugar e chamado; e o que Cristo fez por Josué, faz continuamente por todos os seus santos — defendendo as suas fraquezas perante o Pai.

(2.) A outra falácia está em argumentar a partir do pecado que há no nosso dever para a não aceitação deles. Acaso Deus, diz ele, pensas, aceitará de tuas mãos tais moedas partidas? Não é ele um Deus santo? Ora, aqui, cristão, aprende a distinguir e a responder a Satanás. Há uma dupla aceitação. Há a aceitação de algo como pagamento de uma dívida, e há a aceitação de algo

oferecido como sinal de amor e testemunho de gratidão. Aquele que não aceita moeda partida ou metade da soma para pagamento de uma dívida — o mesmo homem, se um amigo lhe envia por isso um vintém amassado como sinal do seu amor, o receberá com agrado. É verdade, cristão — a dívida que deves a Deus deve ser paga em moeda boa e corrente; mas para teu conforto, aqui Cristo é o teu pagador. Manda Satanás a ele; diz-lhe que leve a sua acusação contra Cristo, que está pronto à direita de Deus para acertar as suas contas e mostrar a quitação de toda a dívida. Mas agora as tuas obras e a tua obediência se enquadram noutra categoria — como sinais do teu amor e da tua gratidão a Deus; e tal é a graciosa disposição do teu Pai celestial que aceita o teu óbolo. O amor não recusa nada que o amor envia. Não é o peso ou o valor do presente, mas "o desejo de um homem na sua bondade" (Pv 19:22).

Quarta cilada. *Uma quarta cilada de Satanás como perturbador está em arrastar o santo às profundezas do desespero, sob o especioso pretexto de não ter sido suficientemente humilhado pelo pecado.* Isso é o que o apóstolo destaca como um dos ardis do diabo: "Não ignoramos os seus desígnios" (2 Co 2:11) — os seus raciocínios sofisticos. Satanás põe muito apreço neste estratagema; nenhuma arma está mais frequentemente em suas mãos. Onde está o cristão que não o encontrou por esta porta? Aqui Satanás acha o cristão fácil de influenciar — com os humores já agitados a sua favor —, enquanto o próprio cristão espontaneamente se queixa da dureza do seu coração e está muito propenso a dar crédito a quem concorda com os seus pensamentos melancólicos; sim, pensa que todo aquele que o queira persuadir do contrário o está lisonjeando. É mais fácil tingir de negro uma alma que já é de

cor sombria do que fazer tal alma aceitar a tinta luminosa da alegria e do consolo.

Pergunta: Mas como responderei a este inimigo sutil quando ele perturba o meu espírito com a afirmação de que não me humilhei suficientemente pelo pecado etc.?

Resposta. Respondo como à anterior: labora para descobrir a falácia do seu argumento, e a sua boca logo será fechada.

Argumento 1. Satanás argumenta assim: *Deve haver proporção entre o pecado e a tristeza. Mas não há proporção entre os teus pecados e a tua tristeza. Logo, não te humilhaste suficientemente.* Que argumento plausível à primeira vista! Quanto à premissa maior — de que deve haver proporção entre o pecado e a tristeza —, Satanás te mostrará texto bíblico para isso. Manassés foi um grande pecador, e uma tristeza ordinária não será suficiente: "ele se humilhou muito perante o Senhor" (2 Cr 33:12). Ora, diz Satanás, pesa o teu pecado na balança com a tua tristeza: és tão grande pranteador quanto tens sido pecador? Tantos anos guerreaste contra o Todo-Poderoso, devastando as suas leis, sobrecarregando a sua paciência até fazê-la gemer, cravando a tua adaga ensanguentada no costado de Cristo — enquanto entristeceste o seu Espírito e rejeitaste a sua graça —, e pensas que um pouco de remorso, como uma nuvem passageira que deixa cair algumas gotas de tristeza, será aceito? Não — deves mergulhar em tristeza tanto quanto mergulhaste no pecado.

Agora, para mostrar-te a falácia, devemos distinguir uma dupla proporção da tristeza:

(1.) Uma proporção exata da tristeza com a natureza intrínseca e o merecimento do pecado.

(2.) Uma proporção com a lei e a regra do evangelho.

Ora, a primeira não é algo viável, porque o dano causado no menor pecado é infinito, por ser cometido contra um Deus infinito. E ainda que fosse viável, segundo o teor da primeira aliança não seria aceitável, porque essa aliança não tinha cláusula alguma para oferecer esperança num jogo posterior pelo arrependimento. Mas a outra — que é a tristeza segundo o evangelho — é de fato o arrependimento que leva à vida, tanto concedido pelo Espírito do evangelho quanto a ser provado pela regra do evangelho. Isso se apresenta para teu alívio. Como às vezes se vê no caminho, onde as águas são fundas demais para os viajantes, há uma passarela ou aterro por onde podem escapar da inundação e prosseguir em segurança — de modo que ninguém, a menos que não tenha olhos ou esteja embriagado, se aventuraria a passar pelas águas quando pode evitar o perigo. Estás perdido se pensas em responder ao teu pecado com tristeza proporcional; logo estarias acima da profundidade e te afogarias nas próprias lágrimas, sem jamais superar o menor pecado que cometeste. Não prosseguias, pois, como amas a tua vida, mas vira-te para este caminho evangélico, e escapas do perigo. Ó almas tentadas: quando Satanás diz que não vos humilhastes suficientemente, vede onde podeis encontrar alívio. "Sou romano", diz Paulo; "apelo a César." Sou cristão — dize —; apelo à lei de Cristo. E qual é a lei do evangelho a esse respeito? A tristeza do coração é a tristeza do evangelho: "ficaram compungidos no coração" (At 2:37). E Pedro, como um cirurgião honesto, não deixará esses pacientes sangrando mais tempo na dor com as feridas abertas, mas logo aplica o curativo cicatrizante do evangelho: "Crede no Senhor Jesus." Ora, uma

compunção no coração é mais do que uma ferida na consciência. O coração é a sede da vida. O pecado que o feriu ali está morrendo. Fazer qualquer coisa de coração a torna aceitável (Ef 6:6; 2 Co 5:11). Ora, pobre alma, terias ficado tanto tempo nos grilhões do diabo se tivesses entendido isso corretamente? O teu coração te absolve ou te condena quando em segredo estás lamentando o teu pecado diante de Deus? Se o teu coração é falso, não posso ajudar-te — nem o próprio evangelho pode; mas se é sincero, tens confiança diante de Deus (1 Jo 3:21).

Argumento 2. *Um segundo argumento que Satanás emprega é o seguinte: Aquele cuja tristeza fica aquém da daqueles que nunca se arrependeram verdadeiramente não se humilhou suficientemente. Mas, alma, a tua tristeza fica aquém da de alguns que nunca se arrependeram verdadeiramente; logo.* Bem — a primeira proposição é verdadeira, mas como Satanás provará a segunda? Assim: Acabe se prostrou diante do seu pecado e andou com pano de saco. Judas fez amargo lamento. Oh, diz Satanás, não conhecestes aquele que ficou sob o terror da consciência, andando em tristeza e lamento por tantos meses, e todos o consideravam o maior convertido da região? No entanto, ele ao fim caiu vergonhosamente e se revelou um apóstata. Mas tu nunca sentiste tal dor, nem passaste tantas noites e dias extenuantes em lamento e amarga lamentação como ele — portanto ficas aquém de alguém que ficou aquém do arrependimento. E verdadeiramente isso é um grande tropeço para uma alma na hora da tentação. Como um navio afundado na entrada do porto — mais perigoso para os outros do que se tivesse perecido em mar aberto. Há menos escândalo nos pecados dos ímpios que afundam, por assim dizer, no vasto mar da impiedade, do que nos daqueles que são convencidos de pecado, perturbados na consciência, e falham tão perto do porto,

à vista — por assim dizer — da graça salvadora. As almas tentadas dificilmente passam por isso sem chocar. "Sou eu melhor do que aquele que no fim se mostrou mau?" Ora, para te ajudar um pouco a descobrir a falácia deste argumento, devemos distinguir entre os terrores que acompanham a tristeza e a natureza intrínseca desta graça. Os primeiros, que são acessórios, podem ser separados dos outros — como o furor do mar, causado pelo vento, se separa do mar quando o vento amaina. Desta distinção tiram-se duas conclusões:

(1.) Alguém pode ficar aquém de um hipócrita nos terrores que por vezes acompanham a tristeza, e ainda ter a verdade desta graça — da qual o outro, com todos os seus terrores, carece. Os cristãos incorrem em muitos enganos ao julgar mais pelos acessórios do que pelo essencial à natureza dos deveres e das graças. Às vezes ouves alguém orar com expressão comovente, enquanto mal consegues arrancar algumas palavras fragmentadas no dever — e estás pronto a te acusar e a admirá-lo, como se o douramento da chave a fizesse abrir a porta melhor. Vês outro transbordando de alegria que te falta, e estás pronto a concluir que a graça dele é maior e a tua menor — ao passo que podes ter mais graça real, só te faltando luz para ver onde ela se encontra. Acautela-te de julgar pelos acessórios. Talvez não tenhas ouvido tanto o barulho das correntes do inferno, nem os clamores dos condenados ressoando na tua consciência para fazer a tua carne tremer; mas não viste num Cristo sangrando algo que fez o teu coração derreter-se e prantear — sim, abominar e odiar as tuas concupiscências mais do que o próprio diabo? Verdadeiramente, cristão, é estranho ouvir um paciente queixar-se do seu médico quando percebe que o seu remédio atua eficazmente na eliminação dos humores desordenados e na restauração da saúde — meramente porque não adoeceu tanto

quanto outros com o seu efeito. Alma, tens muito mais razão para bendizer a Deus por as convicções do seu Espírito terem atuado tão brandamente em ti, a fim de efetuar sem esses terrores o que custou tão caro a outros.

(2.) Este é um argumento tão fraco, que ao contrário: quanto maiores os terrores, menor é a tristeza pelo pecado enquanto eles permanecem. Estes são de fato por vezes preparatórios à tristeza; precedem esta graça como o austero João precedeu o manso Jesus. Mas assim como João declinou quando Cristo ascendeu — "É necessário que ele cresça e que eu diminua" —, assim verdadeiramente, à medida que a tristeza piedosa cresce, esses terrores diminuem. Como o vento ajunta as nuvens, mas essas nuvens raramente se dissolvem em chuva contínua até que caia o vento que as ajuntou — assim esses terrores levantam as nuvens dos nossos pecados na nossa consciência, mas quando esses pecados se dissolvem em tristeza piedosa, isso aplaca prontamente a tempestade. Com efeito, assim como os ventos fortes afastam a chuva, esses terrores afastam a alma desta tristeza evangélica. Enquanto a criatura está aos gritos: "Estou condenada, estou condenada!", está tão tomada pelo temor do inferno, que o pecado como pecado — que é o objeto próprio da tristeza piedosa — é pouco contemplado ou pranteado. Um assassino condenado à morte está tão possuído pelo temor da morte e pelo pensamento da força, que ali pode estar o corpo do morto diante dele, sem que ele o lamente; mas quando lhe é trazido o perdão, então pode derramar livremente as suas lágrimas sobre o amigo assassinado. "Olharão para aquele a quem traspassaram, e o pranteará." A fé é o olho. Este olho, contemplando o seu pecado traspassando a Cristo e Cristo perdoadando o seu pecado, afeta o coração. O coração afetado suspira. Essas nuvens internas se dissolvem e

correm pelo olho da fé em lágrimas; e tudo isso se faz quando não há nenhuma tempestade de terror sobre o espírito, mas uma doce serenidade de amor e paz. Vê, portanto, cristão, como Satanás te engana quando quer persuadir-te de que não te humilhaste suficientemente, porque a tua tristeza não é acompanhada desses terrores legais.

***Breve aplicação da sutileza de Satanás como
PERTURBADOR E ACUSADOR POR CAUSA DO
PECADO.***

Primeiro uso. É Satanás tão sutil em perturbar a paz do santo? Isso prova serem filhos de Satanás aqueles que demonstram a mesma arte e sutileza em vexar os espíritos dos santos que seu pai infernal — para não falar dos perseguidores sangrentos, que são os escravos da matança do diabo para massacrar os santos, mas daqueles que mais veladamente perturbam e molestam a paz do santo.

1. *Os que revolvem os pecados antigos do santo, que Deus perdoou e esqueceu, meramente para afligir os seus espíritos e macular os seus nomes.* Estes revelam a sua malícia diabólica — que se dão tanto trabalho de recuar muitos anos atrás para encontrar um punhado de lama para lançar no rosto do santo. Assim Simei provocou Davi: "Sai, sai, homem sanguinário!" (2 Sm 16:7). Quando vós que temeis a Deus encontrardes tais afrontas, respondi como Beza respondeu aos papistas, que por falta de outro assunto o acusavam por alguns poemas licenciosos por ele compostos na juventude: "Esses homens", disse ele, "têm inveja da misericórdia perdoadora de Deus para comigo."

2. Os que espreitam o tropeço dos santos e se aproveitam de cada fraqueza para torná-los odiosos e a si mesmos alegres. É uma maldição terrível que tais pessoas trazem sobre si mesmas, embora pensem pouco nisso — não menor do que a de Amaleque, cuja memória Deus ameaçou apagar de debaixo do céu (Dt 25:19). Por que o que havia feito Amaleque para merecer isso? Feriam os retardatários — os que estavam frios e não conseguiam marchar com os demais. E era isso uma crueldade tão grande? Muito mais o é ferir com o fio da língua zombeteira os fracos na graça.

3. Os que atribuem aos santos os seus próprios pecados. Assim Acabe chama ao profeta o "perturbador de Israel", quando era ele mesmo e a casa de seu pai. Que tristeza terá sido para o espírito de Moisés — pensai — terem os israelitas lançado à sua porta o sangue dos que morreram no deserto, ao passo que Deus sabe que ele era o seu fiador constante, intercedendo sempre que a mão de Deus se erguia para destruí-los. E esta era a acusação que os melhores servos de Deus nesta geração perversa carregavam sobre si. "Podemos agradecer a eles", dizem os profanos, "por todas as nossas últimas misérias na nação; estávamos bem antes que quisessem nos reformar." Ó vergonha! Não culpeis o bom remédio que foi administrado, mas o corpo corrompido da nação que não pôde suportá-lo.

4. Os que eles próprios pecam meramente para perturbar o espírito do santo. Assim Rabsaqué blasfemou, e quando lhe pediram que falasse noutra língua, continuou ainda mais para contristá-los. Às vezes se encontra um miserável profano que, sabendo ser alguém consciencioso e não podendo suportar ouvir o nome de Deus ser tomado em vão ou os caminhos de Deus sendo ridicularizados, deliberadamente se volta para um tal assunto que fere os seus ouvidos castos e

perturba o seu espírito gracioso. Tal pessoa fere o pai e o filho num único golpe — pensa não ser suficiente desonrar a Deus, a menos que o santo esteja ali para ver e ouvir o agravo feito ao seu Pai celestial.

Segundo uso. Isso pode oferecer matéria de admiração e gratidão a quaisquer de vós, ó santos, que hoje não estejais sob o domínio de Satanás. É ele tão sutil em inquietar, e tens paz na tua consciência? A quem deves a serenidade que há em teu espírito? A ninguém senão ao teu Deus, sob cujas asas te assentas tão aquecido e seguro. Não há matéria combustível suficiente na tua consciência para as suas faíscas acenderem? Talvez não tenhas cometido pecados tão sangrentos quanto outros — mas não é essa a razão da tua paz, pois o menor pecado é grande o bastante para te condenar e muito mais para te perturbar. Talvez não tenhas caído grosseiramente depois da conversão — isso é raro, se és de longa data; no entanto, os fantasmas dos teus pecados não regenerados poderiam andar na tua consciência. Tens tido muitos testemunhos do favor de Deus, não é verdade? Quem mais do que Davi? (Sl 77). No entanto ele às vezes se via às cegas, soletran do as suas provas, como se jamais pudesse tê-las lido. O sentido do amor de Deus vem e vai com o gosto presente. Aquele que está no escuro, enquanto aí está, não enxerga mais pela luz anterior. Bendiz a Deus por aquela luz que entra pela tua janela; Satanás está a cada dia tramando para minar o teu consolo. Este ladrão vê os teus belos frutos pendurados e a sua boca faz água por eles, mas a parede é alta demais para ele escalar; teu Deus mantém esta serpente fora do teu paraíso. Não é a graça de Deus em ti, mas o favor de Deus como escudo ao teu redor, que te defende do maligno.

Terceiro uso. *A sutileza de Satanás para molestar a tua paz deve tornar-te, ó cristão, mais sábio e cauteloso.* Não tens

um tolo com quem lidar, mas alguém com engenho suficiente para derramar o teu consolo e arruinar a tua alegria, se não for de perto vigiado. Este é o petisco apetitoso pelo qual ele abre a boca. Não é mais difícil manter as moscas longe dos teus armários no verão para que não contaminem os teus mantimentos do que manter Satanás longe da tua consciência. Muitas uma boa refeição ele roubou dos santos e os mandou para a cama sem jantar; acautela-te, portanto, que ele não te roube também a tua.

Direções para entrincheirar e fortalecer o cristão contra os assaltos de Satanás, como perturbador e acusador.

Pergunta: Como me porei em postura defensiva, pode dizer o cristão, contra essas ciladas de Satanás como perturbador?

Primeira resposta. Se queres ser guardado dele como perturbador, acautela-te dele como sedutor. O cabo do machado de Satanás, com o qual fica golpeando a raiz do consolo do cristão, é comumente feito da madeira do próprio cristão. Primeiro tenta ao pecado, e depois [acusa] por ele. Satanás é apenas uma criatura e não pode agir sem instrumentos; pode de fato fazer muito com pouco, mas não pode fazer nada do nada — como vemos no seu assalto a Cristo, onde se deu ao trabalho sem grande proveito, porque veio e não encontrou nada nele (Jo 14:30). Embora o diabo lance a pedra, é a lama que há em nós que turva os nossos consolos. É em vão os filisteus atacarem

Sansão enquanto a sua mecha não estiver cortada. Acautela-te, portanto, de ceder aos seus movimentos sedutores. Estes são os tropeços nos quais ele espera que tropeçarás, ferindo a consciência; e feito isso, deixa-o tomar conta da cura. Com efeito, a carne do santo não sara tão facilmente quanto a dos outros: não bebas do brinde do diabo — há veneno no cálice; o seu vinho é um engano; não o olhes quando faísca na tentação. O que beberes com doçura, certamente o vomitarás como fel e absinto. Acima de todos os pecados, acautela-te dos presumidos; não estás fora do perigo de tais. Tristes histórias temos das quedas dos santos, e o que então se segue? (Sl 19:13). "Toma-o, carcereiro", diz Deus; "entrega-o a Satanás." E se um santo é o prisioneiro e o diabo o carcereiro, podes imaginar como será tratado. Oh, como ele despedaçará e dilacerará a tua consciência! Embora esta terrível ordenança não seja usada como deveria ser na igreja, o tribunal de Deus continua em sessão; e se ele excomunga uma alma da sua presença, ela cai imediatamente nas garras de Satanás. Pois bem — se pela sua sutileza foste colhido de surpresa, acautela-te de ainda estares nos domínios do diabo. Sacode a víbora da tua mão; corre ao teu cirurgião. Feridas frescas curam melhor. Se as negligenciares e o vento chegar a elas, a tua consciência logo supurará. Lemos que Acabe foi ferido em batalha e estava relutante em ceder ao ferimento; está escrito que era mantido ereto no seu carro — mas morreu por isso (1 Rs 22:35). Quando uma alma recebeu uma ferida — cometeu um pecado —, Satanás labora para sustentá-la com esperanças lisonjeiras, mantendo-a ereta, por assim dizer, no seu carro, contra Deus. "Que! Ceder por isso? Com medo de um simples arranhão — e perder o fruto do prazer futuro por isso?" Ó acautela-te de dar ouvidos a tal conselho; quanto mais cedo cederes, tanto mais honrosa será a tua rendição. Cada passo nesse caminho te afasta mais da tua paz. Uma roupa rasgada

pega em todo prego, e o rasgo alarga-se ainda mais. Renova, portanto, prontamente o teu arrependimento, pelo qual esta brecha seja reparada e algo pior — que de outra forma te sobrevirá — seja evitado.

Segunda resposta. *Estuda aquela grande verdade do evangelho acerca da justificação da alma diante de Deus.* Familiariza-te com ela em todas as suas causas: a causa motriz — a livre misericórdia de Deus: "sendo justificados gratuitamente por sua graça"; a meritória — o sangue de Cristo; a instrumental — a fê; com todos os doces privilégios que dela fluem (Rm 3:24). Uma porta eficazmente aberta para introduzir a alma nesta verdade não só arruinaria o mercado do papa, como Gardner disse, mas também o do diabo. Quando Satanás vem inquietar a paz do cristão, por falta de um reto entendimento aqui, este logo é vencido pelo inimigo — como a lebre que poderia escapar dos cães em algum abrigo ou toca que está à mão, mas, confiando nas próprias patas, é seguida pela própria pegada e pelo rastro que deixa, até que, cansada e exausta, cai na boca deles. Em tudo o que um cristão faz, há uma pegada de fraqueza pecaminosa e um rastro pelo qual Satanás é capaz de rastreá-lo e persegui-lo sobre cercas e valas — esta graça e aquele dever —, até que a alma, não podendo resistir à acusação de Satanás, está prestes a cair em desespero a seus pés. Ao passo que aqui há um lugar de refúgio para onde o inimigo não ousa vir: "as fendas da rocha", a abertura "da escada" — a que esta verdade conduz. Quando Satanás te acusa de pecador, talvez interponhas o teu arrependimento e a tua reforma, mas logo és expulso dessas obras quando se te mostram as misturas pecaminosas que há nelas — ao passo que esta verdade sufocaria todas as suas balas: "que crês naquele que disse: Não ao que pratica obras, mas ao que crê naquele que justifica o ímpio, a sua

fê lhe é imputada como justiça" (Rm 4:5). Entra, portanto, nesta torre da aliança do evangelho e rola esta verdade — como a mulher que arremessou a pedra na cabeça de Abimeleque — sobre a cabeça de Satanás.

Terceira resposta. *Tem o cuidado, cristão, de manter-te no campo aberto.* Acautela-te de que Satanás não te encerre em algum estreito onde não possas bem nem lutar nem fugir. Tal armadilha os egípcios esperavam ter sobre os israelitas quando clamaram: "Estão enredados, estão enredados." Há três tipos de estreitos nos quais ele labora para enredar o cristão: *questões sutis, escrituras obscuras e providências tenebrosas.*

1. *Ele labora para confundir o cristão com questões sutis e escrupulosas,* com o propósito deliberado de retardar a obra e emperrá-lo no seu caminho, de modo que, ao deparar com tais intrincadas questões no seu curso cristão — que não consegue facilmente resolver —, seja levado a desistir ou a prosseguir pesadamente. Por isso temos encargo particular de não perturbar as cabeças frágeis dos novos convertidos com "disputas duvidosas" (Rm 14:1). Às vezes Satanás perguntará à alma como ela sabe da sua eleição. E onde encontra alguém não tão plenamente resolvido a ponto de ousar reivindicá-la, constrói o seu argumento contra o fechamento de tal pessoa com Cristo e a promessa — como se fosse presunção apropriar-se daquilo que é a herança exclusiva dos eleitos, antes de sabermos que somos desse número.

Ora, cristão, mantém-te no campo aberto e estarás seguro. É evidente que não devemos fazer da eleição o fundamento da nossa fé, mas a nossa fé e o nosso chamado, o meio ou argumento para provar a nossa eleição. A eleição é de fato primeira na ordem do agir divino — Deus escolhe antes de

cremos; mas a fé é primeira no nosso agir. Devemos crer antes de podermos saber que somos eleitos; sim, é crendo que o sabemos. O lavrador sabe que é primavera pelo brotar da relva, embora não tenha astronomia para conhecer a posição dos céus. Podes saber que és eleito, tão certamente por uma obra da graça em ti, quanto se tivesses estado ao lado de Deus quando escreveu o teu nome no Livro da Vida. Teria sido presunção de Davi pensar que seria rei antes que Samuel o ungissem — mas depois, presunção nenhuma. Quando crês pela primeira vez e te unes a Cristo, então é enviado o Espírito de Deus para te ungir para o reino dos céus; este é o óleo santo que é derramado somente sobre os herdeiros da glória; e não é presunção ler qual foi o gracioso propósito de Deus para contigo desde a eternidade, quando ele imprime esses seus pensamentos e os torna legíveis no teu chamado eficaz. Aqui não subis ao céu para espiar os segredos de Deus, mas o céu desce a vós e os revela.

Além disso, ele perguntará ao cristão qual foi o momento da sua conversão. "És cristão", dirá ele, "e não sabes quando começaste?" Ora, mantém-te no campo aberto e contenta-te com isto: que vês os ribeiros da graça, ainda que o tempo da tua conversão seja como a nascente do Nilo — impossível de encontrar. Deus muitas vezes, antes que pecados grosseiros tenham desflorado a alma, se insinua sorrateiramente no seio da criatura sem muito ruído. Nesse caso, Satanás apenas te engana quando te manda nessa missão. Podes saber que o sol está acima do horizonte, ainda que não tenhas observado quando nasceu.

Além disso: "O que será de ti", diz Satanás, "se Deus te lançar em tal aflição ou provação, quando tiveres de queimar ou apostatar, ou quando todos os teus bens exteriores te forem arrancados — sem farinha na barrica, sem dinheiro na bolsa? Ousas ter tão boa opinião de ti mesmo a ponto de pensar que a

tua fé resistirá numa tal hora de tentação?" Se tens ao menos meio olho, cristão, podes ver para onde Satanás aponta. Esta é uma pergunta armadilhosa; pelo temor de tribulações futuras ele labora para te levar à negligência do teu dever e a também te indispor para tal estado quando ele chegar. Se um homem tem muito a fazer no dia seguinte, é sua sabedoria desocupar a mente disso ao se deitar para dormir, para que tais pensamentos não lhe perturbem o repouso e o deixem ainda mais inapto pela manhã. Quanto menos repouso a alma tem em Deus e na sua promessa quanto a eventos futuros, menos força encontrará para suportá-los quando o aperto chegar. Quando, portanto, fores molestado por tais temores, apazigua o teu coração com estas três conclusões simples:

(1.) Todo evento é produto da providência de Deus; não cai um pardal ao chão — muito menos um santo, pela pobreza, doença ou perseguição — sem que a mão de Deus esteja nisso.

(2.) Deus deu a sua garantia: "Nunca te deixarei, nem te abandonarei" (Hb 13:5). Aquele que te capacita numa condição, o fará em outra. Deus ensina a seus servos todo o ofício. A graça é um princípio universal. No primeiro momento da tua vida espiritual, a graça para sofrer foi infundida tanto quanto a graça para orar.

(3.) Deus é sábio em ocultar os socorros que pretende dar nas diversas mudanças da tua vida, para assim atrair o teu coração para uma dependência inteira da sua fiel promessa. Assim, para provar o metal da fé de Abraão, deixou-o prosseguir até que a sua mão estava estendida — e então veio em seu auxílio. Cristo envia os seus discípulos ao mar, mas fica para trás com o desígnio de provar a fé deles e demonstrar o seu amor.

Conforta-te, portanto, com isto: ainda que não vejas o teu Deus no caminho, há-de encontrá-lo no fim.

2. *Satanás perturba as consciências delicadas dos cristãos duvidosos com escrituras obscuras*, cujo sentido está por demais fundo para que os seus juízos fracos e perturbados o descubram prontamente — e com estas enreda miseravelmente as pobres almas. Com efeito, assim como os melancólicos se deleitam em passeios melancólicos, assim as almas duvidosas frequentam sobretudo, em seus pensamentos meditativos, aquelas passagens das Escrituras que aumentam as suas dúvidas. Quantos tenho conhecido que contemplaram por tanto tempo aquelas passagens difíceis de Hb 6:6 e 10:26 — que passam pelo entendimento como uma corrente veloz pelos olhos, de modo que o sentido não se percebe sem grande atenção —, até que a cabeça lhes girou; e por fim, não conseguindo desatar as dificuldades, caíram em pensamentos e palavras desesperadas acerca da própria condição, clamando que pecaram contra o conhecimento da verdade e que, portanto, nenhuma misericórdia lhes resta. [Ora] se tivessem descansado os entendimentos afastando o olhar dessas passagens — cuja gravura é por demais delicada para ser longamente contemplada por um olho fraco —, poderiam ter encontrado noutras escrituras claramente expresso o que os teria habilitado a contemplar estas outras com mais segurança, como através de um espelho. Portanto, cristão, mantém-te no campo aberto; podes ter certeza de que é o teu inimigo quem te dá tais pedras para quebrar os dentes, quando a tua condição pede antes pão e vinho — isto é, as escrituras mais aptas a nutrir a tua fé e alegrar o teu espírito abatido.

Quando encontrares escrituras simples que falem à tua condição, passa onde o rio é vadeável e não te aventures além da tua profundidade. Tens medo porque pecaste desde o

conhecimento da verdade e, por isso, nenhum sacrifício mais existe para ti? Vê o caso de Davi e de Pedro — como retrata o teu —, deixados no registro para que a recuperação deles seja uma chave em tuas mãos para abrir passagens como essas. Não podes concluir com segurança, por esses exemplos, que esse não é o sentido dessas passagens — a saber, que ninguém pode ser salvo por ter pecado depois do conhecimento? Com efeito, em ambas as passagens, não se trata nem das quedas dos que alguma vez tiveram graça verdadeira, nem de uma recaída em alguns atos particulares de pecado, mas de um total e universal afastamento da fé — tanto da doutrina quanto da prática aparente dela.

Ora, se a raiz da questão alguma vez esteve em ti, outras escrituras primeiro te confortarão quanto a essas apostasias particulares em que recaíste — por meio de doces promessas que convidam tais a retornar e de exemplos de santos a quem foi dada paz após tal loucura —; e também te satisfarão quanto ao outro ponto, dando plena segurança à tua fé de que a tua pouca graça não morrerá. Ela é imortal: não na sua essência própria — pois sendo criatura, não o é por natureza —, mas por aliança, enquanto é filha da promessa.

3. *Providências tenebrosas.* A partir destas Satanás argumenta contra o amor de Deus e a graça numa alma. Primeiro, obteve comissão para saquear Jó dos seus bens temporais e privá-lo dos filhos — e então labora para fazê-lo pôr em dúvida o seu estado espiritual e a sua filiação. Sua mulher quer que ele conceba pensamentos duros de Deus — dizendo: "Amaldiçoa a Deus e morre" —, e seus amigos [lhe sugerem] pensamentos igualmente duros de si mesmo, como se fosse hipócrita; ambos baseados no mesmo equívoco — como se uma condição tão aflita e um estado de graça fossem incompatíveis.

Ora, cristão, mantém-te no campo aberto; não acuses Deus loucamente por isso, como teu inimigo, nem a ti mesmo como inimigo dele. Lê a providência mais sombria com o comentário da Palavra e não poderás fazer uma interpretação tão dura. Assim como Deus pode traçar uma linha reta com uma vara torta — sendo justo quando emprega instrumentos ímpios —, assim também é gracioso quando dispensa providências ásperas. José manteve o seu amor quando falou duramente aos seus irmãos. Não me admiro que os ímpios pensem ter a bênção de Deus por estarem ao sol quente. Coitados! São estranhos aos conselhos de Deus, desprovidos do seu Espírito, e sensuais — julgando a Deus e à sua providência pelo relato que os seus sentimentos presentes fazem deles, como crianças pequenas que pensam que todos as amam quando lhes dão doces. Mas é estranho que um santo fique em dificuldade por causa do seu estado aflito, quando tem uma chave para decifrar o caráter de Deus. Cristão — não te instruiu Deus secretamente, pelo seu Espírito e pela Palavra, a ler a taquigrafia da sua providência? Não sabes tu que as aflições dos santos equivalem a bênçãos? "A todo aquele a quem ama, ele disciplina"; e a prosperidade num estado ímpio — não deve ser lida como maldição? Não condena Deus tais pessoas a serem ricas, honradas e vitoriosas neste mundo — assim como a serem atormentadas noutra mundo? Deus lhes dá mais destas coisas do que às vezes parecem desejar, e tudo para os prender mais firmemente no profundo sono da segurança — como Jael fez com Sísara: ele haveria de receber leite, embora pedisse só água, para que ela o pregasse mais seguramente ao chão — tendo o leite a propriedade, como alguns escrevem, de inclinar ao sono (Jz 5:25).

Quarta resposta. *Tem o cuidado de guardar os antigos recibos que de Deus recebeste pelo perdão dos teus pecados. Há*

alguns dias festivos e solenes — como jubileus —, quando Deus se manifesta revestido das vestes da sua misericórdia e estende o cetro da sua graça mais familiarmente aos seus filhos do que de ordinário, dando testemunho à fé, à sinceridade deles etc.; e então o firmamento está claro, sem uma nuvem que obscureça o consolo do cristão. O amor e a alegria são o sustento e o deleite da alma durante este festim. Ora, quando Deus se retira e esta consolação é retirada, o trabalho de Satanás é como pode apagar e desgastar a lembrança desse testemunho no qual a alma tanto se gloriava quanto à sua posição espiritual — para que não o tenha como prova quando trouxer novamente o processo e obrigar a alma a apresentar os seus títulos para o seu estado espiritual, ou a renunciar à sua reivindicação. Convém-te, portanto, guardá-los com segurança; tal testemunho pode servir para silenciar o teu acusador por muitos anos ainda; um único afirmativo da boca de Deus quanto ao teu estado perdoado — ainda que de data antiga — tem mais peso do que mil negativos da parte de Satanás. Os antigos cânticos de Davi irrompiram com uma luz para a sua alma em suas angústias da meia-noite.

Pergunta: Mas que conselho me darias, diz a alma angustiada, que não consigo firmar-me nos meus consolos anteriores, nem ousar reivindicar as evidências que outrora considerei verdadeiras? Constato de fato que houve alguns tratos antigos entre Deus e a minha alma; algumas esperanças tive, mas estas estão agora tão apagadas e entremeadas de recaídas, arrependimentos e novas quedas, que ponho em dúvida todas as minhas evidências — se são verdadeiras ou falsas. O que deve alguém neste caso fazer?

Primeira resposta. *Renova o teu arrependimento como se nunca tivesses te arrependido. Exerce novos atos de fé como se nunca tivesses crido.* Feito isso com seriedade, fechará a boca

de Satanás com uma resposta inesperada. Que ele objete contra os teus atos anteriores como hipócritas — que poderá dizer contra o teu arrependimento e a tua fé presentes? Os quais, se verdadeiros, te colocam além do alcance dos seus dardos. Será mais difícil para Satanás refutar as operações presentes do Espírito gracioso de Deus — enquanto as suas impressões estão frescas — do que achar falha nos teus títulos e evidências antigas. Os atos são transitórios; e assim como os ímpios olham para pecados cometidos muitos anos atrás como se fossem poucos ou nenhum, em virtude da grande distância de tempo que se interpõe, assim o cristão, pela mesma razão, está em grande desvantagem para captar o verdadeiro aspecto daqueles atos de graça que há tanto tempo se passaram entre Deus e ele — ainda que às vezes mesmo estes sejam de grande serventia. Assim como Deus pode fazer um pecador possuir os pecados da sua juventude como se fossem recentemente praticados — para terror na sua velhice —, assim também Deus pode apresentar ao santo os confortos e as evidências que de outrora recebeu, com os mesmos pensamentos que então tinha deles, como se fossem frescos e novos.

Segunda resposta. *E, portanto, se ainda assim ele te persegue com temores quanto ao teu estado espiritual, recorre ao trono da graça e pede uma nova cópia da tua antiga evidência, que perdeste.* O original está no arquivo do perdão no céu, do qual Cristo é o mestre; se és santo, o teu nome está registrado naquele tribunal. Apresenta a tua queixa a Deus — ouve as notícias do céu, em vez de dar ouvidos aos contos que o teu inimigo traz do inferno. Se os que estão assim raciocinassem menos com Satanás e orassem mais os seus temores diante de Deus, mais depressa seriam resolvidos. Podes esperar verdade de um mentiroso, e consolo de um inimigo? Alguma vez ele

profetizou bem dos crentes? Não era Jó o hipócrita do diabo — a quem Deus garantiu ser um exemplar em santidade, provando-o assim ao fim? Se ele soubesse que és um santo, te diria isso? Se fosses hipócrita, seria igualmente relutante em que o soubesses. Vira, portanto, as costas a ele e vai ao teu Deus; não temas — mais cedo ou mais tarde ele porá a sua mão no teu certificado. Mas acautela-te de passar precipitadamente sentença contra ti mesmo, pelo fato de uma resposta satisfatória não ter sido enviada prontamente ao teu pedido; o mensageiro pode demorar muito e trazer boas notícias por fim.

Terceira resposta. *Evita o combate com o inimigo até estares em postura mais apta* — a fim de poderes recuar para as tuas trincheiras e fazer uma retirada honrosa para as defesas e fortalezas que Cristo proveu para os seus soldados enfermos e feridos. Ora, há dois lugares de vantagem para os quais as almas abandonadas podem se retirar: o nome de Deus e as promessas absolutas do evangelho. Estes posso chamar de "portos seguros", que são sobretudo de serventia quando a tempestade é tão grande que o navio não pode permanecer no mar. "Oh", diz Satanás, "esperas ver a Deus? Somente os puros de coração serão abençoados com aquela visão. Pensas ter consolo? Essa é a porção dos que choram em espírito." Ora, alma — ainda que não possas dizer, no turbilhão da tentação, que és o puro e o que chora em espírito, dize todavia que crês que Deus é capaz de operar estas coisas em ti; sim, que prometeu tal misericórdia aos pobres pecadores: é a sua aliança que dará um coração novo, um coração limpo, um coração mole; e aqui aguardo — sabendo que, assim como não havia nada na criatura que movesse o grande Deus a fazer tais promessas, assim também não pode haver nada na criatura que impeça o Todo-Poderoso de cumpri-las onde e quando lhe aprouver. Este ato de fé — acompanhado

de um ardente desejo pela graça que ainda não encontras e de uma perseverança nos meios, ainda que não satisfaça plenamente todas as tuas dúvidas — ao menos manterá a tua cabeça acima da água, para que não desespères; e tal amparo é necessário neste caso, ou a casa cai.

Quarta resposta. *Se ainda assim Satanás te persegue, busca auxílio e não guardes o segredo do diabo.* A própria força de algumas tentações está em ocultá-las; e o simples fato de revelá-las a algum amigo fiel — como a abertura e punção de um abscesso — dá à alma imediato alívio. Satanás sabe isso muito bem; e, portanto, como alguns ladrões, ao assaltar uma casa, amordaçam os que estão dentro ou lhes apontam uma pistola ao peito — ameaçando-os de morte caso gritem ou falem —, assim Satanás, para mais livremente saquear a alma da sua paz e do seu consolo, a intimida de tal modo que não ousa revelar a tentação. "Oh", diz Satanás, "se os teus irmãos ou amigos soubessem isso de ti, te abandonariam; outros te vaiarão." Assim muita pobre alma tem ficado por muito tempo em sua angústia por morder os lábios e calar. Perdes, cristão, uma dupla ajuda ao guardar o segredo do diabo: o conselho e as orações dos teus irmãos na fé. E que perda incalculável é esta!

SEGUNDO RAMO

A certeza de resistir a todas as suas ciladas se estivermos assim armados.

O segundo ramo do argumento do apóstolo segue-se para incitá-los mais vigorosamente a tomar suas armas; e este

consiste na possibilidade, sim, na certeza de resistir a esse inimigo sutil, se estiverem assim armados: “para que possais resistir às ciladas do diabo”. Assim, isso dá ao argumento do apóstolo sua devida moderação; pois ele não pretendia assustá-los em uma fuga covarde ou em um desespero melancólico de vitória, ao lhes dizer que seu inimigo é tão sutil e astuto, mas sim incitá-los a uma resistência vigorosa, a partir da esperança assegurada de forças para lutar na batalha e, vitoriosamente, depois dela; as quais percebo estarem ambas compreendidas naquela expressão: resistir às ciladas de Satanás. Às vezes, “resistir” implica uma postura de combate (v. 14); às vezes, uma postura de conquista: “Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra”, Jó 19:25. Essa terra, que foi o campo onde todas as batalhas sangrentas foram travadas entre ele e Satanás, sobre ela ele se levantará, quando nenhum inimigo ousará mostrar a cabeça. Assim, considerando ambas as coisas, a observação é:

Satanás jamais vencerá uma alma armada com a verdadeira graça.

DOCTRINA. Satanás, com toda a sua inteligência e astúcia, jamais vencerá uma alma armada com a verdadeira graça; pelo contrário, aquele que estiver revestido com esta armadura de Deus o vencerá. Olhai para a Palavra; não encontrareis nenhum santo que não tenha estado na arena com ele, sendo mais ou menos peneirado e joeirado por este inimigo; contudo, por fim, vemos todos eles saindo com uma vitória honrosa: como no caso de Davi, Jó, Pedro, Paulo, que foram os que mais duramente foram provados dentre os que se encontram registrados; e, para que ninguém atribua a vitória deles à força de sua graça inerente, acima de outros de seus irmãos mais fracos, tendes a glória de suas vitórias apropriada a Deus, no qual

os fracos são tão fortes quanto os mais fortes. Daremos uma dupla razão para esta verdade de por que o cristão, que parece estar em tanta desvantagem, é, contudo, tão inconquistável, 2Co 12:9; Tg 5:11.

Primeira Razão. A maldição que repousa sobre Satanás e sua causa. A maldição de Deus definha por onde quer que passe. Os cananeus, com suas nações vizinhas, foram pão para Israel, embora fossem povos famosos na guerra; e por quê? Eram nações malditas. Os egípcios eram um povo astuto; “procedamos astutamente”, dizem eles; no entanto, sendo amaldiçoados por Deus, isso permaneceu como um espinho em seu coração e, por fim, foi a sua ruína. Sim, permiti que os próprios israelitas, que carregam a marca da aliança de Deus em sua carne, por meio de seus pecados uma vez se tornem o povo da maldição de Deus, e serão pisoteados como lama sob os pés dos assírios. Isso fez com que Balaque implorasse tanto por uma maldição sobre Israel. Ora, há uma maldição irrevogável que se apegou a Satanás em Gn 3:14-15: “Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás”, etc., passagem que, embora se refira em parte à serpente literal, refere-se principalmente ao diabo e aos ímpios — sua descendência espiritual serpentina —, como aparece pela inimizade pronunciada entre a semente da serpente e a da mulher, Gn 3:15, o que claramente aponta para a contenda entre Cristo e a sua semente contra o diabo e a dele. Ora, há duas coisas nessa maldição que podem confortar os santos:

1. *A maldição prostra Satanás debaixo de seus pés:* “Sobre o teu ventre andarás”; o que não é nada mais do que o prometido em outro lugar, que Deus esmagará a Satanás debaixo dos nossos pés. Ora, esta condição prostrada de Satanás garante aos crentes que o diabo jamais erguerá a sua

cabeça, isto é, sua astuta política, acima do calcanhar do santo. Ele pode fazer-te mancar, mas não pode privar-te da tua vida; e este ferimento que ele te inflige será recompensado com o esmagamento de sua própria cabeça, isto é, a ruína total dele e de sua causa.

2. Seu alimento está aqui limitado e determinado.

Satanás não devorará a quem quiser. O pó é o seu alimento, o que parece restringir o seu poder aos ímpios, que são da terra, terrestres, mero pó; mas, para aqueles que são de linhagem celestial, suas graças estão reservadas para alimento de Cristo, Ct 7:13, e suas almas certamente não são bocado para os dentes do diabo.

Segunda Razão. A segunda razão é extraída da sabedoria de Deus, o qual, assim como assume a ordenação do caminho do cristão rumo ao céu, Sl 37:24, assim o faz especialmente neste assunto das tentações de Satanás. Vemos que Cristo não foi conduzido pelo espírito maligno ao deserto para ser tentado, mas pelo Espírito Santo, Mt 4:1. Satanás não tenta quando quer, mas quando apraz a Deus, e o mesmo Espírito Santo que conduziu Cristo ao campo de batalha, conduziu-o de volta com a vitória. E, portanto, encontramos-lo marchando no poder de seu Espírito, após ter repellido Satanás, para a Galileia, Lc 4:14. Quando Satanás tenta um santo, ele não passa de um mensageiro de Deus, 2Co 12:7. “Foi-me dado um espinho na carne, um mensageiro de Satanás para me esbofetear”. Assim está em nossa tradução. Mas prefere-se, como Beza, que o considera no [caso nominativo], o mensageiro Satanás, sugerindo que ele foi enviado por Deus a Paulo; e, de fato, a missão pela qual ele veio era boa e graciosa demais para ser dele próprio: “para que eu não me exaltasse além da medida”. O diabo jamais pretendeu prestar a Paulo tão bom serviço, mas

Deus o envia a Paulo, assim como Davi enviou Urias com cartas a Joabe; nenhum deles conhecia o conteúdo de sua mensagem. O diabo e seus instrumentos, ambos são instrumentos de Deus; por isso, os ímpios são chamados de sua espada, seu machado; agora, deixai que Deus maneje um e empunhe o outro. Não passa de um desastrado aquele que fere e corta as próprias pernas com o seu próprio machado; o que Deus faria se seus filhos ficassem piores com as tentações de Satanás. Deixai que o diabo escolha o seu caminho, Deus está pronto para enfrentá-lo com qualquer arma. Se ele quiser tentar pela força das armas e assaltar os santos mediante perseguição, como o Senhor dos Exércitos, ele se oporá a ele. Se for por política e sutileza, ele também está pronto ali. O diabo e todo o seu conselho não passam de tolos diante de Deus. Na verdade, a sabedoria, a tolice, a astúcia e a arte deles recomendam tudo, exceto o pecado. Quanto mais artificial o relógio, a pintura, etc., melhor; mas quanto mais engenho e arte no pecado, pior, porque é empregado contra um Deus infinitamente sábio, que não pode ser superado em astúcia e, portanto, ao final, apenas pagará aos obreiros com maior condenação. “A loucura de Deus é mais sábia do que os homens”; sim, do que a sabedoria dos homens e dos demônios, isto é, os meios e instrumentos com os quais Deus se opõe a Satanás. O que é mais fraco do que um sermão? Quem é mais tolo do que os santos na avaliação do mundo sábio? No entanto, Deus é mais sábio em um sermão fraco do que Satanás em suas tramas profundas, nas quais as cabeças pensantes de um conclave inteiro de cardeais profundos chocam-se umas contra as outras — mais sábio em seus simples do que Satanás em seus Aitoféis e Sambalates. E, na verdade, Deus escolhe de propósito derrotar as políticas do inferno e da terra por meio destes, para que possa expor aqueles a maior vergonha, 1Co 1:21. Como o grande erudito se envergonha de ser refutado pelo argumento

simples de um camponês? Assim Deus convoca Jó para lutar com Satanás e seus auxiliares — pois tais se mostraram os seus três amigos ao tomarem o partido do diabo —, e certamente ele não é capaz de segurar os bastões contra o mestre de esgrima, sendo derrotado por um dos alunos. Deus se ri enquanto o inferno e a terra conspiram, Sl 2:4; “Ele dissipa os projetos dos astutos”, Jó 5:12, ele destrói seus pensamentos e planos estudados, conforme as palavras importam, derrubando em um momento os trabalhos de muitos anos de astúcia. De fato, assim como os grandes homens mantêm animais selvagens para caça e esporte, como a raposa, o javali, etc., assim faz Deus com Satanás e seus instrumentos, para manifestar sua sabedoria na captura deles. Observa-se que a própria caça de alguns animais proporciona não apenas prazer ao caçador, mas também mais doçura ao comedor. De fato, Deus, ao exibir sua sabedoria na perseguição dos inimigos dos santos, acrescenta um doce sabor à libertação deles, afinal. Ele despedaçou as cabeças do leviatã e o deu por alimento ao seu povo. Depois de ter caçado Faraó por todas as suas tocas e esconderijos, agora ele despedaça o próprio cérebro de todas as suas conspirações e o serve ao seu povo, com o guarnecimento de sua sabedoria e poder ao redor.

COMO DEUS SUPERA O DIABO EM ASTÚCIA NA SUA TENTAÇÃO DOS SANTOS AO PECADO

Pergunta. Mas como Deus derrota Satanás e supera as suas ciladas em astúcia ao tentar seus santos?

Resposta. Deus faz isso realizando seus próprios fins gratiosos para o bem e o conforto de seu povo a partir daquelas

mesmas tentações com as quais Satanás projeta a ruína deles. Esse é o tipo mais nobre de conquista: rebater a arma do diabo para ferir a sua própria cabeça, sim, decepá-la com a própria espada do diabo. Assim, Deus faz o diabo capturar o diabo, e deposita, por assim dizer, seus próprios conselhos sob as asas de Satanás, fazendo com que ele os choque. Assim, os patriarcas ajudaram a cumprir o sonho de José, enquanto pensavam em ver-se livres dele. Para exemplificar em alguns pontos particulares:

Os fins que Satanás propõe

Primeiro Particular. Satanás, por suas tentações, visa macular a consciência do cristão e desfigurar aquela bela face da imagem de Deus que está gravada com santidade no peito do cristão; ele próprio é um espírito imundo e gostaria que eles o fossem, para que pudesse gloriar-se em sua vergonha; mas Deus o supera em astúcia, pois converte as tentações de Satanás ao pecado em purificação deles do pecado; elas são o sabão negro com o qual Deus lava seus santos para que fiquem brancos.

1. *Deus usa as tentações de Satanás a um pecado como um preventivo contra outro;* assim, o espinho na carne de Paulo serviu para evitar o seu orgulho. Deus envia Satanás para assaltar Paulo daquele lado onde ele é forte, para que, entretanto, o fortifique onde é fraco. Assim Satanás é feito de tolo, como às vezes vemos um exército sitiado uma cidade, onde gasta suas forças sem propósito e, enquanto isso, dá ao inimigo a oportunidade de se restabelecer; e tudo isso pelo conselho de algum Husai, que é um amigo secreto do lado oposto. Deus, que é o verdadeiro amigo do santo, senta-se no conselho do diabo e superintende as deliberações ali para a vantagem do santo. Ele permite que o diabo perturbe o cristão com tentações de blasfêmia e ateísmo e, com estas,

juntamente com as tribulações de espírito que produzem, a alma é impelida ao dever, é humilhada pela percepção dessas horríveis aparições em sua imaginação e preservada de uma abundância de formalismo e orgulho, que de outro modo Deus via que o invadiriam. Como em uma família, surge algum assunto que mantém o mestre acordado até mais tarde do que o comum e, com isso, o ladrão, que naquela noite pretendia roubá-lo, é frustrado. Se essa alma não tivesse mantido seu espírito de oração e diligência acordado por essas tentações aflitivas, é provável que Satanás tivesse vindo como sedutor e o surpreendido dormindo em segurança.

2. *Deus purga o próprio pecado ao qual Satanás tenta, mesmo por meio da sua tentação.* Pedro jamais teve tamanha conquista sobre a sua autoconfiança, jamais tamanha consolidação de sua fé, como após a sua queda espiritual no pátio do sumo sacerdote. Aquele que estava tão bem convencido de si mesmo antes, a ponto de dizer: “Ainda que todos se escandalizem de ti, eu nunca me escandalizarei”, quão modesto e humilde se tornara em poucos dias, quando não ousava dizer que amava a Cristo mais do que seus companheiros, aos quais antes se preferira! Jo 21:15. Que confessor destemido de Cristo e de seu evangelho ele se mostra diante de concílios e governantes, ele que há pouco fora desconsertado por uma simples criada, e tudo isso resultado da tentação de Satanás santificada para ele! De fato, o santo descobre, por sua queda, qual é a corrupção predominante nele, de modo que a tentação apenas agita o humor [pecaminoso], o qual, tendo sido descoberto pela alma, dá-lhe maior vantagem para evacuar, aplicando aqueles meios e usando aqueles ingredientes que

purgam essa enfermidade de modo seletivo. Ora, a alma certamente invocará tudo contra esse destruidor. Paulo não teria tido tanto trabalho para esmurrar o seu corpo se não tivesse encontrado Satanás batendo àquela porta.

3. *Deus usa essas tentações para o avanço de toda a obra da graça no coração.* Uma mancha faz com que toda a vestimenta seja lavada. Davi, vencido por um pecado, renova seu arrependimento por todos, Sl 51. Um bom administrador, quando vê chover em um ponto, manda chamar o operário para examinar toda a casa. Isso, de fato, diferencia o coração sincero do hipócrita, cujo arrependimento é parcial, brando em uma parte e endurecido em outra. Judas clama por sua traição, mas não diz uma palavra sobre o seu roubo e hipocrisia. O buraco não era mais largo em sua consciência do que por onde a bala passou; ao passo que a verdadeira tristeza por um pecado despedaça o coração também por todos os outros.

Como Satanás é impedido em tudo

Segundo Particular. Satanás, ao tentar um santo, tem o designioso plano de prejudicar outros, seja encorajando-os ao pecado pelo exemplo daquele, seja desanimando-os em seu santo caminho pelo escândalo causado; mas Deus aqui o faz de tolo.

1. *Ao fazer dos deslizes de tais pessoas uma advertência oportuna para que outros atentem para a sua firmeza.* Vês um Moisés manso ser provocado à ira? Que vigília e guarda debes manter sobre o teu coração rebelde! Embora ventos fortes causem algum dano ao derrubarem aqui uma telha solta e ali uma torre que já estava para cair, o bem comum supera o prejuízo privado

de alguns poucos, sendo estes uma vassoura nas mãos de Deus para varrer e purificar o ar. Assim, embora alguns que são ímpios sejam, pelo justo juízo de Deus, endurecidos ainda mais em suas abominações pelas quedas dos santos, o bem que as almas sinceras recebem por terem seu formalismo e segurança purgados em maior grau compensa abundantemente o outro lado, o daqueles que são apenas enviados um pouco mais rápido para onde já estavam indo antes.

2. *Deus faz das quedas de seus santos um argumento de conforto para as consciências angustiadas.* Isso tem sido, e é, como uma pena — quando a passagem parece tão obstruída que de outro modo nenhum conforto pode passar — para gotejar um pouco de esperança na alma, a fim de manter a criatura viva antes de cair no desespero absoluto. Alguns foram reanimados com isso, quando estavam às portas do inferno em seus próprios temores. O pecado de Davi foi grande, contudo alcançou misericórdia. Pedro caiu gravemente, contudo está agora no céu. Por que te abates aqui, ó minha alma, sob os porões do desespero? Levanta-te e clama ao teu Deus por misericórdia, que perdoou o mesmo a outros.

3. *Deus tem o propósito, ao permitir que Satanás fustigue alguns de seus santos por meio da tentação, de prepará-los para socorrer seus irmãos em condição semelhante.* Ele os envia para esta escola — onde estão sob a palmatória e o açoite de Satanás — para que a mão cruel dele sobre eles os faça estudar a Palavra e seus próprios corações, por meio do que adquirem experiência das astúcias de Satanás, até que finalmente

se tornem mestres nesta arte de consolar almas tentadas. É uma arte em si mesma falar uma palavra a seu tempo ao cansado. Não é o cumprimento de um aprendizado em artes humanas que capacitará um homem para isso. Grandes doutores provaram ser verdadeiros ignorantes aqui, sabendo tanto sobre como tratar uma consciência ferida quanto um rústico sobre o uso dos instrumentos de um cirurgião na dissecação de um corpo quando uma aula de anatomia deve ser ministrada. Não basta o mero conhecimento das Escrituras — mesmo que o homem estivesse tão familiarizado com elas quanto o boticário com seus potes e frascos em sua farmácia, e fosse capaz de recorrer diretamente a qualquer promessa repentinamente. Não, nem mesmo a própria graça basta, a menos que seja exercitada com esses bofetões e conflitos da alma. Vemos que o próprio Cristo foi treinado nessa escola. “Ele desperta o meu ouvido para que eu ouça como os eruditos”, Is 50:4. Assim como o tutor chama o seu aluno para ler para ele. E qual é a lição que é lida para Cristo, para que ele tenha a língua dos eruditos para falar uma palavra a seu tempo às almas cansadas? “O Senhor Deus abriu os meus ouvidos, e eu não fui rebelde; não me retirei para trás. Ofereci as minhas costas aos que me feriam”, etc., Is 50:5, 6. Seus sofrimentos (que foram ao longo de todo o tempo mesclados com tentações) foram a lição da qual Cristo saiu tão instruído para orientar e consolar almas angustiadas. De modo que teria sido melhor para o diabo deixar Cristo em paz, sim, e também os seus santos, que lhe prestam um desserviço ainda maior ao consolarem os outros. Ninguém tratará as pobres almas com tanta delicadeza quanto aqueles que se lembram da dor de suas

próprias dores de coração. Ninguém é tão hábil em aplicar os confortos da Palavra a consciências feridas quanto aqueles que já estiveram sangrando eles mesmos; tais pessoas conhecem os sintomas das aflições da alma e sentem as dores dos outros em seus próprios peitos, o que alguns que conhecem as Escrituras, por falta de experiência, não fazem e, portanto, assemelham-se a um médico novato que talvez saiba identificar cada planta no herbanário, mas, carecendo da parte prática, quando chega um paciente, não sabe como fazer uso de sua habilidade. As experiências dos santos ajudam-nos a obter um triaga soberano feito da própria carne do escorpião — a qual eles, por meio de Cristo, mataram — , o qual possui uma virtude superior a todos os outros para expelir o veneno das tentações de Satanás do coração.

O desfecho gracioso que Deus dá às tentações de Satanás

Terceiro Particular. Satanás, ao tentar o santo ao pecado, trabalha para abrir uma brecha entre Deus e a alma. Ele odeia a ambos e, portanto, esforça-se para dividir esses queridos amigos. Se eu puder, pensa ele, fazer tal pessoa pecar, Deus ficará irado e, quando irado, açoita-lo-á severamente; isso será divertido; e quando Deus estiver corrigindo o santo, este questionará o amor de Deus para com ele e esfriará em seu amor para com Deus. Assim, embora eu não o impeça de chegar ao céu por fim, ele terá pouca alegria no caminho. Nesse caso, Deus e a alma serão como marido e mulher desavindos, que não se olham com afeto. Agora, vede como Deus faz Satanás de tolo em ambas as coisas.

1. Deus usa as tentações de seus santos como o método pelo qual promove as comunicações do seu amor para com eles. O diabo pensou ter alcançado o seu objetivo quando fez Adão comer do fruto proibido; pensou que agora tinha o homem na mesma situação que ele, tão improvável de ver a face de Deus quanto aqueles espíritos apóstatas. Mas, infelizmente! isso foi planejado por Deus para introduzir aquele grande plano do evangelho de salvar o homem por meio de Cristo, o qual (tão logo termina este prólogo da queda do homem) é trazido ao cenário naquela grandiosa promessa do evangelho feita a Adão e, sob o mandado de Deus, assume a responsabilidade de resgatar o homem perdido das garras de Satanás e restabelecê-lo em sua glória primitiva, com um acréscimo de mais do que o homem jamais tivera no início, de modo que o menor lírio no campo de Cristo excede Adão em toda a sua realeza nativa. E, assim como Satanás se deu mal em sua primeira tentação, ele continua do lado perdedor. O que ele ganhou com todos os seus esforços sobre Jó, senão fazer com que aquele santo homem soubesse, ao final, quão ternamente Deus o amava? Quando ele frustrou Pedro de forma tão vergonhosa, não vemos Cristo acolhendo Pedro com tanto amor quanto antes? Pedro deve ser o único discípulo a quem, nominalmente, a alegre notícia da ressurreição é enviada: “Ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro”; como se Cristo dissesse: “Certificai-vos de que o seu coração triste seja confortado com esta notícia, para que ele saiba que sou amigo dele, apesar de sua recente covardia”.

Mas não parece isso favorecer o pecado e tornar os cristãos negligentes quanto a caírem ou não em tentação? Se Deus demonstra assim o seu amor aos santos após suas quedas e derrotas, por que deveríamos ser tão esquivos ao pecado, se este

termina tão bem no final? Duas coisas evitarão o perigo de tal inferência:

(1) Devemos distinguir entre uma alma que é derrotada por sua própria enfermidade e pela sutileza e poder do inimigo que a supera, e outra que, por meio de um coração falso, voluntariamente se prostra à concupiscência de Satanás. Embora um general demonstre pouca piedade para com um soldado que traiçoeiramente lança suas armas ao chão e foge para o inimigo, contudo, se outro, combatendo, recebe um ferimento e é derrotado, não será desonra para ele expressar sua piedade e amor; não, mesmo que o envie para fora do campo em sua própria carruagem, deite-o em sua própria cama e designe-lhe o seu próprio cirurgião. Deus não encoraja a impiedade em seus santos, mas compadece-se da fraqueza. Mesmo quando os santos caem em um pecado, por sua natureza presunçoso, eles não o cometem de modo tão presunçoso quanto os outros; há uma parte fiel a Deus em seus peitos, embora vencida pela maioria dos votos. Moisés falou imprudentemente, mas o diabo tinha seus instrumentos para provocá-lo, totalmente contra o temperamento daquele bom homem. Davi recenseou o povo, mas vede como o diabo o perseguiu e caçou até que, por fim, obteve vantagem: “Satanás se levantou contra Israel, e incitou Davi a numerar a Israel”, 1Cr 21:1. Quão corajosamente Jó repeliu os dardos de Satanás! Não admira que, em tamanha tempestade, algum dardo tenha penetrado entre as juntas de sua armadura! E quanto a Pedro, sabemos — bom homem! — com que coração leal, sim, zeloso, ele entrou em campo, embora quando o inimigo surgiu o seu coração tenha falhado.

(2) Considerai apenas a maneira como Deus comunica o seu amor após as quedas de seus santos: não no pecado ou pelo pecado, mas no pranto e na humilhação de suas almas por seus

pecados. De fato, se Deus lhes sorrisse enquanto agissem pecaminosamente, isso poderia fortalecer o seu pecado, assim como o vinho na febre alimentaria a doença; mas quando o acesso passa, o veneno da doença é expelido e exalado em uma humilhação sincera, agora a criatura prostra-se profundamente. O vinho do conforto de Deus é um cordial para o espírito abatido, não combustível para o pecado. Quando Davi foi levado à tentação primeiramente, teve de vestir-se de saco e lamentar, e então Deus retira isso e coloca-lhe a vestimenta de alegria e louvor, 1Cr 21:10, 15. Jó, embora tenha expressado tanta coragem e paciência, contudo, revelando algumas enfermidades após ser fustigado por tanto tempo por tantos cães ferozes, homens e demônios, deve clamar *Peccavi* [pequei] e abominar-se no pó e na cinza, antes que Deus o acolha em seus braços, Jó 42:6. E o mesmo caminho Deus adota com todos os seus filhos. Ora, a seus santos in tal postura, Deus pode, com segurança para a sua honra e o bem deles, dar uma porção de amor maior do que a comum. Seus temores e tristezas, que o pecado lhes custou, servirão em vez de água para diluir este vinho forte de alegria e tirar a sua inebriação, para que não suba à mente na forma de orgulho, nem os faça cambalear para trás em apostasia.

Mas por que Deus comunica agora o seu amor? (a) Por sua própria natureza compassiva: “Ouvistes da paciência de Jó, e vistes o fim do Senhor, que o Senhor é muito misericordioso e compassivo”. Deus não gosta de remexer em feridas sangrentas; ele sabe que uma alma que pranteia está sujeita a desanimar. Um cenho franzido ou um olhar irado de Deus, a quem o santo ama tão ternamente, deve necessariamente ferir o coração; portanto, Deus declara-se próximo para reviver tais pessoas, Is 57:15. E se ele fornece a razão: “Porque não contenderei para sempre, nem me irei continuamente; pois o espírito desfaleceria diante

de mim”, v. 16. O espírito de quem se refere ali? Não o do pecador presunçoso; este prossegue e nunca hesita; mas o dos contritos e humildes. Assim como o pai observa a disposição de seus filhos; um comete uma falta e continua rebelde, desprezando a ira de seu pai; outro, ao ofendê-lo, leva isso a sério, recusa-se a comer, recolhe-se a algum canto para lamentar o desagrado de seu pai; o pai vê isso e suas entranhas comovem-se de compaixão por ele. De fato, se não pusesse o seu filho fora de temor ao descobrir o seu amor, o espírito de tal pessoa desfaleceria. Não é possível que haja uma longa ruptura entre tal pai e tal filho, um enternecido pelo seu pecado, o outro enternecido por seu filho que pranteia. (b) Deus age assim para derramar maior vergonha sobre Satanás, que é o grande intriguista entre Deus e a alma. Como se envergonha o homem que semeou discórdia entre marido e mulher, pai e filho, ao ver a brecha desfeita e todos unindo-se contra ele! As coisas correram mal para o lado de Cristo quando Herodes e Pilatos tornaram-se amigos; e poderá correr bem para Satanás ao ver tudo em paz entre Deus e os seus filhos? Se Ester estiver em favor, Haman, seu inimigo, terá o seu rosto coberto. De fato, isso cobre o rosto de Satanás de vergonha, ao ver um pobre santo, ainda há pouco seu prisioneiro, a quem tinha permissão para roubar e saquear, tentar e inquietar, agora assentado sob a luz do sol do amor de Deus, enquanto ele, como um leão faminto, enfurece-se pela perda de sua presa.

1. *O objetivo de Satanás é enfraquecer a fé do santo em Deus e esfriar o seu amor para com Deus, mas ele é feito de tolo em ambos.*

(1) *Deus converte suas tentações, sim, suas quedas, para o maior estabelecimento de sua fé, a qual, como a árvore, permanece mais forte por ser sacudida; ou como o gigante Anteu*

que, em sua luta com Hércules, obtém força a cada queda ao solo. A fé falsa, de fato, uma vez derrotada, raramente se recupera; mas a fé verdadeira ergue-se e luta de forma mais valente, como vemos em Pedro e em outros exemplos bíblicos. A tentação para a fé é como o fogo para o ouro, 1Pe 1:7. O fogo não apenas descobre qual é o ouro verdadeiro, mas torna o ouro verdadeiro mais puro; ele sai, talvez, menor em volume e peso, porque separado daquela terra e escória que o aviltavam, mas superior em valor e preço. Quando Satanás está amarrado e o cristão caminha sob os resplendores do favor divino e com o encorajamento da assistência divina, sua fé pode parecer grande se comparada com a de outro que se encontra sob o afastamento de Deus e os bofetões de Satanás, mas isso não é um julgamento equitativo. É como se, para provar quem é o maior de dois homens, medíssemos um nu e o outro vestido; ou, ao comparar duas moedas de ouro, pesássemos uma com a escória e a sujeira que ela contrai na bolsa e a outra purificada destas no fogo. A fé antes da tentação possui muito material heterogêneo que se apega a ela e passa por fé; mas, quando a tentação vem, estas coisas são descobertas. Agora o cristão sente a corrupção agitar-se, a qual jazia como morta antes; agora uma nuvem coloca-se entre a alma e a doce face de Deus — cuja percepção desta última e a pouca percepção da primeira sustentavam a sua fé anteriormente —, mas, estando essas bolhas perfuradas, ele aprende agora o verdadeiro movimento nesta arte celestial de nadar sobre a promessa, não tendo nada mais para o sustentar senão ela. E um pouco disso carrega mais da preciosa natureza da fé do que tudo o mais; sim, é como o punhado de homens de Gideão: mais forte quando todos esses acessórios da fé são dispensados do que quando estavam presentes. E aqui está tudo o que o diabo consegue; em vez de destruir a sua fé, que é o seu

objetivo, ele se torna a ocasião para o refinamento dela e, desse modo, para o acréscimo de sua força.

(2) *O amor dos santos tentados é inflamado por Cristo por meio de suas tentações e de seus deslizes nas tentações.* Possivelmente, no momento do acesso, possa parecer haver um amortecimento em seu amor, como quando a água é primeiramente borrifada sobre o fogo; mas quando o conflito passa um pouco e o cristão recobra o juízo, seu amor a Cristo romperá como uma chama veemente. (a) A vergonha e a tristeza que uma alma graciosa deve necessariamente sentir em seu peito por seu deslize pecaminoso enquanto sob a tentação incitá-la-ão a expressar o seu amor a Cristo acima dos outros; como é docemente representado na esposa que, quando o acesso de frio de sua enfermidade passou e a tentação terminou, esforça-se ao máximo; sua doença de preguiça converte-se em enfermidade de amor; acha tão difícil agora sentar-se como antes achava levantar-se; não consegue descansar em lugar algum fora da vista de seu Amado, mas corre e pergunta a todos os que encontra por ele. E de onde veio toda essa veemência de seu zelo? Tudo motivado por seu comportamento indigno para com o seu esposo; ela separou-se dele de modo tão descortês que, caindo em si sobre o que fizera, apressa-se a fazer as pazes. Se os pecados cometidos na irregeneração possuem tamanha força sobre uma alma graciosa que a lembrança deles, embora perdoados, ainda quebrantarão e derreterão o coração em tristeza (como vemos em Madalena) e a impulsionará a demonstrar zelo por Deus acima dos outros (como em Paulo), quanto mais os pecados de um santo que, após doce comunhão com Jesus Cristo, levanta o calcanhar contra aquele peito onde repousara, afetarão, sim, dissolverão o coração como em tantas gotas de água, e essa tristeza o incitará a servir a Deus em um nível mais

elevado do que os outros? Nenhum filho é tão obediente em toda a família quanto aquele que retorna de sua rebeldia. (b) Ademais, assim como a sua própria vergonha, a experiência que tal pessoa tem do amor de Cristo acima de todos os outros aumentará o seu amor. O amor de Cristo deve alimentar o nosso; assim como dá a sua existência, provê o crescimento. É tanto mãe quanto ama de nosso amor. Quanto mais Cristo manifesta o seu amor, mais calor o nosso amor recebe; e, depois do amor de Cristo ao morrer, nenhum é maior do que o seu amor ao socorrer na tentação. A mãe nunca tem tamanha oportunidade de demonstrar afeição ao filho como quando este se encontra em aflição, doente, pobre ou aprisionado; da mesma forma, tampouco Cristo a tem para com os seus filhos senão quando tentados, sim, derrotados pela tentação. Quando seus filhos jazem na prisão de Satanás, sangrando sob as feridas de suas consciências, essa é a oportunidade que ele aproveita para dar uma prova de seu coração compassivo ao apiedar-se, de sua fidelidade ao orar por eles, de sua lembrança ao enviar-lhes socorro, sim, de seu terno amor ao visitá-los por seu Espírito consolador. Ora, quando a alma se livrou de alguma grande tentação e lê toda a sua história em conjunto (na qual descobre qual era a sua própria fraqueza para resistir a Satanás, e até a sua infidelidade em consentir com Satanás, o que poderia ter provocado Cristo a deixá-lo à fúria de Satanás), agora, ao ver tanto a sua tolice perdoada quanto a sua ruína graciosamente evitada, e isso por nenhuma outra mão senão a de Cristo vindo em seu socorro (como Abisai a Davi, quando aquele gigante pensou em matá-lo, 2Sm 21), isso necessariamente tornará Cristo sumamente querido para a alma. Ao ler tais registros, o cristão não pode deixar de indagar — como Assuero a respeito de Mardoqueu, que por descobrir uma traição salvara a vida do rei — que honra foi feita ao seu doce Salvador por tudo isso? E, assim, Jesus Cristo, a quem Satanás

pensava remover do favor e apreço da alma, acaba, ao final, assentando-se em posição mais elevada e segura nas afeições do santo do que nunca.

Utilidade Ou Aplicação

Primeira Utilidade. Isto nos fornece uma razão pela qual Deus permite que seus queridos filhos caiam em tentação: porque ele é capaz de superar Satanás em seu próprio arco e de se colocar acima dele naquilo mesmo em que este pensa superar o cristão em astúcia. Deus não apenas será admirado por seus santos na glória por seu amor na salvação deles, mas também por sua sabedoria no caminho que a ela conduz. O amor de Deus ao salvá-los será o doce cálice no banquete de núpcias, e a sublime sabedoria de Deus ao realizar isso será como o primoroso trabalho de ornamentação com o qual o cálice será esmaltado. Ora, a sabedoria manifesta-se principalmente em desatar nós e em caminhar através de dificuldades. Quanto mais segredos intrincados houver em um assunto, tanto mais sabedoria é necessária para ajustar uma chave à fechadura e para fazer a escolha de meios que correspondam às diversas voltas da mesma. É de propósito, portanto, que Deus permite que tais tentações intervenham, para que sua sabedoria seja ainda mais admirada em desvendar tudo isso e em conduzir seus santos por aquele caminho para a glória pelo qual Satanás pensava tê-los levado ao inferno. Os israelitas são instruídos a se lembrarem de todo o caminho pelo qual o Senhor os guiou no deserto por quarenta anos, Dt 8:2. A história dessas guerras, cristão, será agradável de ler no céu, embora tenha sido sangrenta de combater na terra. Moisés e Elias conversaram com Cristo no Tabor — um emblema da doce comunhão que haverá de transcorrer entre Cristo e seus santos na glória —, e qual era o assunto de sua conversa senão a sua morte e sofrimentos? Lc

9:30. Parece que o discurso sobre nossos sofrimentos e tentações não é um assunto baixo demais para aquele estado de bem-aventurança. De fato, se isso fosse deixado de fora, haveria uma mácula na bela face da glória celestial. Se os condenados pudessem esquecer o caminho pelo qual foram para o inferno: quantas vezes o Espírito de Deus os buscou e quão longe foram vencidos pela convicção disso; em uma palavra, quantas idas e vindas houve em sua jornada para a frente e para trás, que possibilidades, sim, probabilidades tiveram do céu quando na terra; se apenas alguma mão fosse tão bondosa a ponto de apagar essas passagens atormentadoras de suas memórias, isso os confortaria maravilhosamente. Assim, se fosse possível que os santos glorificados esquecessem o caminho pelo qual foram para a glória, e os diversos perigos que intervieram por parte de Satanás e de seus próprios corações propensos ao retrocesso, eles e o seu Deus também sairiam perdendo com isso, refiro-me no que diz respeito à sua glória manifesta. O que é a glória na qual Deus aparece na libertação de Sião — vestes reais de salvação que o tornam tão admirado por homens e anjos — senão a celebração de todos os seus atributos, de acordo com o que cada um realizou para a salvação deles? Ora, sendo a sabedoria aquilo em que a criatura principalmente se gloria, e aquilo que foi escolhido por Satanás como sua primeira isca, quando fez Eva acreditar que seria como Deus no conhecimento e na sabedoria; por isso Deus, para dar a Satanás uma queda ainda mais vergonhosa, permite-lhe usar sua inteligência e astúcia ao tentar e perturbar seus filhos (no que reside a sua grande vantagem sobre os santos), para que o caminho rumo ao seu próprio trono — onde sua sabedoria finalmente, bem como sua misericórdia, assentar-se-á em toda a sua realeza — seja pavimentado com os crânios, por assim dizer, dos demônios.

Segunda Utilidade. Isto fornece um forte cordial para a nossa fé vacilante em favor da igreja de Cristo. Se toda a inteligência e astúcia do diabo não lhe bastam para vencer um único soldado no exército de Cristo, muito menos será ele capaz de arruinar o exército inteiro. Estes são dias de grande confusão no mundo cristão, e o principal temor de um coração piedoso é pela arca, para que não caia nas mãos dos inimigos; e, quando este baluarte for tomado, para que a cidade de Deus, sua igreja, não seja pisoteada pelos pés do orgulho. Confesso que Satanás parece ganhar terreno diariamente; ele se introduziu estranhamente nos peitos e princípios de muitos que, pela fama de sua profissão e zelo, haviam alcançado, na opinião alheia, a reputação de serem contados entre os principais valentes de Cristo em sua geração. Ele corrompeu tristemente as verdades de Cristo; trouxe um desprezo sobre as ordenanças, de modo que, por isso, e como juízo por isso, o útero do evangelho tornou-se em grande medida estéril, e seus filhos que pendem de seus peitos não prosperam no amor e na santidade como outrora, quando o leite não era tão abundante, nem tão vigoroso. Ele obteve vantagem pelas divisões dos piedosos para endurecer os ímpios em um desdém ainda maior pela religião; e, pelas guerras sangrentas dos últimos anos, inflamou a ira da turba papista e profana a um grau de fúria e raiva contra o pequeno remanescente de Cristo maior do que nunca: de modo que, se algum dia Deus permitir que a espada caia em suas mãos, eles estão disciplinados e preparados para agir como açougueiros sangrentos contra as ovelhas de Cristo acima de seus antepassados. Tampouco estão eles tão desanimados que não possam esperar por tal dia, sim, eles antecipam algumas dessas alegrias por adiantamento para se consolarem enquanto o restante se sucede. E agora, cristão, pode ser que a confiança deles, juntamente com o estado desordenado dos assuntos de

Cristo no mundo, desestabilize o teu espírito a respeito do desfecho dessas providências instáveis que estão sobre nossas cabeças; mas aquietate, pobre coração, e sabe que a contenda não é entre a igreja e Satanás, mas entre Cristo e ele. Estes são os dois campeões. Permanecei agora, ó exército de santos, firmes pela fé para ver o Deus infinitamente sábio lutar com um diabo sutil. Se não viverdes para ver o fim dessas grandes confusões, as gerações posteriores a vós contemplarão o Todo-Poderoso decepar a cabeça deste Golias com a sua própria espada e capturar este caçador astuto na armadilha de suas próprias táticas; a fé que atribui grandeza e sabedoria a Deus reduzirá a sutileza de Satanás a um *nigrum nihil* [nada absoluto], uma coisa sem valor. A incredulidade teme Satanás como um leão; a fé pisa nele como em um verme. Contempla, portanto, o teu Deus em ação e promete a ti mesmo que aquilo que ele está realizando é uma obra excelente. Ninguém pode afastá-lo de sua obra. O piloto é afastado do leme e pouco pode fazer em uma tempestade, deixando o navio à deriva. O arquiteto não pode trabalhar quando a noite fecha as cortinas, sim, é expulso do andaime por uma tempestade de chuva. Tais trabalhadores são os conselheiros mais sábios e os príncipes mais poderosos da terra. Pode vir um momento de aperto em que seja tão vão dizer: “Socorro, ó rei!”, como dizer: “Socorro, ó mendigo!”. A sabedoria do homem pode ser nivelada com a tolice, mas Deus nunca é interrompido. Todas as tramas do inferno e comoções na terra não abalaram a mão de Deus sequer para estragar uma única letra ou linha que ele estivesse traçando. O caráter misterioso de sua providência pode estender uma cortina diante de sua obra, de modo que não possamos ver o que ele está fazendo, mas, quando a escuridão o rodeia, a justiça é o trono de seu assento para sempre. Ó, onde está a nossa fé, senhores? Seja Deus sábio, e todos os homens e demônios tolos. Ainda que

vejas uma Babel mais propensa a erguer-se do que uma Babilônia a ser derrubada, crê que Deus está fazendo suas aproximações secretas e, de repente, encostará suas escadas às muralhas dela. Supõe que a verdade fosse prisioneira com José, e o erro o cortesão a ter sua cabeça erguida pelo favor dos tempos; contudo, não te lembras de que o caminho para a promoção da verdade passa pela prisão? Sim, e que dizer se a igreja estivesse como Jonas no ventre da baleia, engolida, aos olhos da razão, pela fúria dos homens; contudo, não te lembras de que a baleia não teve poder para digerir o profeta? Ó, não sejas apressado em sepultar a igreja antes que ela esteja morta. Espera enquanto Cristo testa sua habilidade antes de dares o caso por perdido; traz Cristo por tuas orações ao túmulo dela para pronunciar uma palavra de ressurreição. Admirável tem sido a fé dos santos em tais apertos; como a de José, que empenhou seus ossos de que Deus visitaria seus irmãos, desejando que o colocassem onde acreditava que eles seriam levados; Jeremias compra um campo de seu tio e paga o dinheiro por ele, e isso quando o exército caldeu estava aquartelado ao redor de Jerusalém, pronto para tomar a cidade e levá-lo com os demais para a Babilônia. E tudo isso por ordem de Deus, Jr 32:6-8, para que pudesse mostrar aos judeus, por meio disso, quão indubitavelmente ele, naquele triste momento do tempo, acreditava no cumprimento da promessa para o retorno deles do cativeiro. De fato, Deus considera-se extremamente desprezado nos pensamentos de seu povo se, mesmo no ponto mais baixo das condições de sua igreja, sua palavra nua e a garantia única de sua promessa não forem tomadas como segurança suficiente para a fé deles quanto à sua libertação.

SEGUNDA DIREÇÃO

A natureza da guerra e o caráter dos assaltantes.

“Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef 6:12).

As palavras estão ligadas ao precedente pela partícula causal “porque”, que ou se refere aos dois versículos anteriores — e então são uma razão adicional que reforça a necessidade da fortaleza cristã no décimo versículo e da armadura no décimo primeiro —, ou então às últimas palavras do décimo primeiro versículo, onde o apóstolo, tendo discernido que o grande inimigo dos santos é Satanás, e tendo-o descrito em um de seus atributos — sua astuta sutileza —, passa aqui a expô-lo em suas verdadeiras cores, não para enfraquecer as mãos dos santos, mas para despertar o cuidado deles, para que, vendo seu inimigo marchar com todo o seu corpo, possam postar-se em melhor ordem para receber o seu ataque. Aqui, de passagem, podemos observar a simplicidade e a franqueza do apóstolo; ele não subestima a força do inimigo nem o representa como insignificante, como os capitães costumam fazer para manter seus soldados unidos, menosprezando o poder do adversário; não, ele lhes diz o pior logo de início. Se tivesse sido permitido a Satanás expor o seu próprio poder, ele não poderia ter reivindicado mais do que lhe é concedido aqui. Vede aqui a diferença entre o procedimento de Cristo com seus seguidores e o de Satanás com os dele. Satanás não ousa permitir que os sinners saibam quem é o Deus contra quem combatem; isso seria

suficiente para gerar um motim no acampamento do diabo. Almas tolas, são atraídas ao campo de batalha por um falso relato de Deus e de seus caminhos, e ali são mantidas unidas com mentiras e belas histórias; mas Cristo não teme mostrar aos seus santos o seu inimigo com todo o seu poder e principado, sendo a fraqueza de Deus mais forte do que os poderes do inferno.

As palavras contêm uma descrição vívida de uma guerra sangrenta e duradoura entre o cristão e seu inimigo implacável. Nelas podemos observar: PRIMEIRO, o estado do cristão nesta vida é representado por esta palavra “lutar”. SEGUNDO, os assaltantes que aparecem em armas contra o cristão. Eles são descritos — PRIMEIRO, NEGATIVAMENTE, “não contra a carne e o sangue”; ou antes comparativamente, não principalmente contra a carne e o sangue. SEGUNDO, POSITIVAMENTE, “mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais”.

DIRETRIZ 2 — PRIMEIRA PARTE GERAL A NATUREZA DA GUERRA É REPRESENTADA POR ESTA PALAVRA – *LUTAR*.

*“Porque não temos que **lutar**” (Ef 6:12).*

O estado do cristão nesta vida é representado por esta palavra “lutar” [ou esgrimir/lutar luta corporal]. O estado de luta ou conflito de um cristão nesta vida torna-se observável aqui por uma tríplice circunstância. PRIMEIRO, a severidade do combate. SEGUNDO, a universalidade do combate. TERCEIRO, a permanência do combate.

PRIMEIRO. *A severidade do combate.* O tipo de combate pelo qual o estado do cristão é aqui representado é a expressão traduzida por “lutamos”, que, embora seja usada às vezes para uma luta de esporte e recreação, é aqui empregada para expor a severidade do embate do cristão. Há duas coisas na luta corporal que a tornam um combate mais severo do que os outros.

Primeiro. É um combate individual. Lutar não é propriamente combater contra uma multidão, mas sim quando um inimigo escolhe outro e entra na arena com ele, aplicando cada um toda a sua força e poder um contra o outro; como Davi e Golias, quando os exércitos inteiros permaneciam como que em um círculo para contemplar o desfecho sangrento daquele duelo. Ora, isso é mais feroz do que combater em um exército, onde, embora a batalha seja severa e longa, o soldado não está sempre engajado, mas retira-se quando cumpre sua tarefa e toma fôlego por um momento; sim, possivelmente pode escapar sem ferimento ou golpe, porque ali o alvo do inimigo não é este ou aquele homem, mas todo o grupo. Na luta corporal, porém, não se pode escapar assim; sendo o objeto particular da fúria do inimigo, o indivíduo deve necessariamente ser sacudido e provado até o limite. De fato, a palavra original para “luta” designa um embate tal que faz o próprio corpo tremer. Satanás não possui apenas uma malícia geral contra o exército dos santos, mas um rancor específico contra ti, João, contra ti, Joana; ele te escolherá individualmente como seu inimigo. Vemos que Jacó, quando estava só, um homem lutou com ele. Assim como Deus se deleita em ter comunhão privada com seus santos individualmente, assim o diabo se deleita em testar a questão de perto com o cristão quando o encontra sozinho. Assim como perdemos muito conforto quando não aplicamos a promessa e a

providência de Deus às nossas pessoas e condições particulares — Deus me ama, perdoa-me, cuida de mim (a água no aqueduto da cidade de nada me serve se eu não tiver um cano para esvaziá-la em minha cisterna) —, da mesma forma isso obstrui o nosso cuidado e vigilância quando concebemos a ira e a fúria de Satanás como direcionadas em geral contra os santos, e não contra mim em particular. Ó, quão cuidadosa seria uma alma em seu dever se, ao ir à igreja ou ao quarto, tivesse uma meditação séria como esta: "Agora Satanás está em meus calcanhares para me estorvar em minha obra, se o meu Deus não me ajudar!".

Segundo. É um combate de proximidade física. Os exércitos combatem a certa distância. Os lutadores agarram-se corpo a corpo. Uma seta atirada de longe pode ser vista e evitada, mas, quando o inimigo segura o indivíduo, não há como desviar-se: ou ele resiste varonilmente, ou cai vergonhosamente aos pés do seu inimigo. Satanás aproxima-se e penetra no íntimo do cristão, segura-o por sua própria carne e natureza corrupta e, por meio disso, o sacode.

SEGUNDO. *A universalidade do combate.* "Temos que lutar" [ou "nós lutamos"] compreende a todos. Percebe-se que, de propósito, o apóstolo muda o pronome *vós* no versículo anterior para *nós* neste, para que possa incluir a si mesmo bem como a eles; como se dissesse: "A contenda é com cada santo". Satanás não teme assaltar o ministro, nem despreza lutar com o mais humilde santo na congregação. Grandes e pequenos, ministro e povo, todos devem lutar; não fica uma parte do exército de Cristo no campo de batalha e a outra à vontade em seus quartéis, onde inimigo algum chega. Há inimigos suficientes aqui para engajar a todos de uma vez.

TERCEIRO. *A permanência ou duração deste combate*; e isso reside no tempo verbal “lutamos” (no presente contínuo). Não que a nossa luta tenha ocorrido na primeira conversão e agora tenha terminado, tendo nós ultrapassado os perigos; não que haveremos de lutar quando a enfermidade vier e a morte chegar; mas a nossa luta é atual; o inimigo está sempre à nossa vista, sim, em combate conosco. Há um mal em cada dia de tentação que, como as prisões de Paulo, acompanha-nos por onde quer que passemos. De modo que estes pontos particularizados, somados, equivalem à seguinte tese:

A vida do cristão aqui é uma luta contínua com o pecado e com Satanás.

DOCTRINA. A vida do cristão é uma luta contínua. Ele é, como Jeremias disse de si mesmo, nascido “homem de contendas”. Ou o que o profeta disse a Asa pode ser dito a cada cristão: “Desde agora haverá guerras contra ti”: desde o teu nascimento espiritual até à tua morte natural; desde a hora em que primeiro voltaste o teu rosto para o céu até que firmes o teu pé no céu. A marcha de Israel para fora do Egito foi, no sentido do evangelho, a nossa entrada em campo contra o pecado e Satanás; e quando tiveram eles paz? — não antes de assentarem suas bandeiras em Canaã. Nenhuma condição em que o cristão se encontre, aqui abaixo, é tranquila. Trata-se de prosperidade ou adversidade? Aqui há trabalho para ambas as mãos: para manter o orgulho e a segurança abatidos em uma, e a fé e a paciência erguidas na outra; não há lugar que o cristão possa chamar de solo privilegiado. Ló em Sodoma lutava com os habitantes ímpios dali, tendo sua alma justa atormentada pelo procedimento imundo deles. E como passa ele em Zoar? Não trazem suas próprias filhas uma centelha do fogo de Sodoma para a sua própria cama, pela qual ele é inflamado de

concupiscência? Alguns pensaram que, se estivessem em tal família, sob tal ministério, fora de tais ocasiões de pecado, ó, então jamais seriam tentados como são agora! Confesso que a mudança de ares é de grande ajuda para a natureza fraca, e as circunstâncias mencionadas servem de terreno vantajoso contra Satanás; mas pensas tu voar da presença de Satanás assim? Não; ainda que tomasses as asas da alvorada, ele voaria atrás de ti; isso pode fazê-lo mudar o seu método de tentação, mas não abandonar os seus projetos; enquanto o seu velho amigo estiver vivo no teu íntimo, ele estará batendo à tua porta pelo lado de fora. Nenhum dever pode ser realizado sem luta. O cristão necessita tanto de sua espada quanto de sua colher de pedreiro. Ele luta com um corpo de carne; e este, para o cristão no dever, é como a montaria para o viajante: ele não pode fazer a sua jornada sem ele, e tem grande dificuldade para caminhar com ele. Se a carne é mantida forte e vigorosa, torna-se travessa e não quer obedecer; se fraca, então cansa-se logo. Assim, o cristão avança muito pouco, porque deve caminhar no compasso do seu corpo fraco. Ele luta com um corpo de pecado, bem como de carne; este murmura e reclama quando a alma está assumindo qualquer dever, de modo que ele não consegue fazer o que gostaria. Como disse Paulo: "Quisemos ir ter convosco, uma e outra vez, mas Satanás nos impediu". "Eu gostaria de ter orado", pode o cristão dizer, "em tal momento, e meditado na palavra que ouvi, nas misericórdias que recebi em outro momento, mas este inimigo me impediu". É verdade, de fato, que a graça empunha o cetro em tal alma; contudo, assim como os meninos de escola, aproveitando o momento em que o mestre está fora, fecham a porta e por um tempo imperam na desordem, embora sejam açoitados por isso mais tarde, assim a parte não regenerada aproveita a oportunidade quando a graça não está em vigília para perturbar o seu governo e excluí-la do dever. Embora

isso finalmente torne a alma mais severa na mortificação, custa algum embate antes que possa recuperar o seu trono; e, quando não consegue excluir do dever, o cristão encontra-se lamentavelmente subjugado por ela no cumprimento do dever. Ele não pode fazer o que faz como gostaria. Muitas letras em seu modelo este inimigo estraga enquanto o distrai com pensamentos impertinentes. Quando o cristão está orando, Satanás e a carne estão tagarelando; ele clama, e eles clamam mais alto para desorientá-lo ou abafar o seu clamor. Assim vemos que o cristão é assaltado de todos os lados por seu inimigo; e como poderia ser de outro modo, quando as sementes da guerra estão lançadas profundamente nas naturezas de ambos, as quais jamais poderão ser desarraigadas até que o diabo deixe de ser diabo, o pecado de ser pecado e o santo de ser santo? Embora os lobos possam rosnar uns para os outros, logo se aquietam novamente, porque a contenda não está em sua natureza; mas o lobo e o cordeiro jamais poderão ser feitos amigos. O pecado cobiçará contra a graça, e a graça desembainhará a espada contra o pecado, sempre que se encontrarem.

Repreensão àqueles que não são verdadeiros lutadores.

Primeiro. Isto pode repreender aqueles que lutam; mas contra quem? Contra Deus, não contra o pecado e Satanás. Estes são homens ousados, de fato, que ousam tentar uma queda com o Todo-Poderoso; contudo, existem tais pessoas, e um ai é pronunciado contra elas: Is 45:9, “Ai daquele que contende com o seu Criador!”. É fácil dizer qual deles sairá pior. O que pode fazer senão ferir as próprias canelas aquele que as choca contra uma rocha? Que bela batalha se projeta quando os espinhos contestam com o fogo, e o restolho com a chama! Mas onde vivem esses gigantes que ousam entrar na arena com o grande

Deus? Quais são os seus nomes, para que os conheçamos e os marquemos como criaturas, acima de todas as outras, indignas de viver? Acautela-te, ó tu que perguntas, para que o homem miserável a quem buscas desafiar não seja encontrado sob as tuas próprias vestes. Judas era o traidor, embora não quisesse responder pelo seu nome, mas esquivou-se dizendo: “Porventura sou eu, Rabi?”. E assim podes tu ser o combatente contra Deus. O coração é enganoso. Até mesmo o santo Davi, com toda a sua ira, ficou tão inflamado contra o homem rico que tomara a cordeira do pobre que o confirmou com um juramento de que o homem que fizera tal coisa não viveria; contudo, prova finalmente ser ele mesmo o homem, conforme o profeta lhe disse, 2Sm 12. Ora, há duas maneiras pelas quais os homens lutam contra Deus:

1. *Quando lutam contra o seu Espírito;*
2. *Quando lutam contra a sua providência.*

3. *Quando lutam contra o seu Espírito.* Lemos sobre o Espírito que contende com a criatura: “Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem”, Gn 6:3, onde a contenda não é em ira e furor para destruí-los — isso Deus poderia fazer sem qualquer alvoroço ou embate —, mas sim uma contenda amorosa e um conflito com o homem. O mundo antigo corria com tamanha carreira de cabeça para o seu abismo de ruína que ele envia o seu Espírito para interpor-se e, por seus conselhos e repreensões, oferecer-se, por assim dizer, para detê-los e regenerá-los; como se alguém, vendo outrem prestes a cometer violência contra si mesmo, se esforçasse para retirar-lhe da mão a faca com a qual faria o mal; ou como quem tem uma bolsa de ouro na mão para dar e seguisse a outrem com toda sorte de

súplicas, esforçando-se para que este a aceitasse e a levasse. Tal tipo de contenda é esta do Espírito com os homens. São as concupiscências dos homens — esses instrumentos sangrentos de morte com os quais os pecadores se prejudicam — que o Espírito Santo se esforça, por seus doces conselhos e súplicas, por retirar de nossas mãos. São a graça de Cristo e a vida eterna que ele se esforça por fazer-nos aceitar das mãos da misericórdia de Deus; e, por repelirem o Espírito que assim contende com eles, os pecadores são justamente contados como combatentes contra Deus: “Homens de dura cerviz, e incircuncisos de coração e ouvido, vós sempre resistis ao Espírito Santo”, At 7:51. Ora, há uma dupla contenda do Espírito e, portanto, de nossa luta contra ele.

(1) *O Espírito contende por meio de seus mensageiros com os pecadores.* Vindo eles em missão dele, e não deles próprios, ele confirma os conselhos fiéis, as repreensões e as exortações que nos dão como sendo o seu próprio ato. O que Noé, aquele pregador da justiça, disse ao mundo antigo é chamado de a pregação do Espírito, 1Pe 3:19. O empenho que Moisés, Arão e outros servos de Deus tiveram em instruir Israel é chamado de a instrução do Espírito, Ne 9:20; de modo que, quando a palavra que os ministros de Deus trazem em seu nome é rejeitada, os conselhos fiéis que dão são desprezados pelos pecadores e desconsiderados; então eles contendem com o Espírito e lutam contra Cristo tão realmente como se ele, visivelmente em sua própria pessoa, estivesse no púlpito e lhes pregasse o mesmo sermão. Quando Deus vier a ajustar contas com os pecadores, assim se demonstrará. Então Deus avivará as vossas memórias e vos lembrará de sua contenda convosco, e de vossa ingrata resistência a ele. Eles, quer ouçam quer deixem de

ouvir, saberão que esteve no meio deles um profeta, Ez 2:5. Ora, os homens logo esquecem a quem e o que ouvem. Perguntai-lhes o que foi aplicado às suas consciências em tal sermão: esqueceram. Quais foram as preciosas verdades expostas em outro? — e perderam-se. E bom seria para eles se suas memórias não fossem melhores em outro mundo; isso aliviaria os seus tormentos consideravelmente. Mas então saberão que tiveram um profeta entre eles, e que preço tiveram em suas mãos, embora estivesse sob a guarda de tolos. Saberão quem ele era e o que disse, ainda que mil anos se passem, tão nitidamente como se tivesse sido feito na noite passada. Quanto mais zeloso e compassivo, quanto mais dedicado e poderoso ele foi em seu lugar, tanto maior será o pecado deles ao romperem com tamanha violência santa exercida para lhes fazer o bem. Certamente Deus requererá algo pelo suor, sim, pelas vidas de seus servos que se consumiram em contenda com tais rebeldes. Pode ser que, pecadores, o vosso firmamento esteja límpido, sem nuvem visível que pressagie tempestade; mas sabeis que, como costumais dizer, o inverno não apodrece nas nuvens; vós o tereis no final. Cada ameaça que os vossos ministros fiéis pronunciaram contra vós com base na Palavra, Deus está empenhado em cumprir. “Ele confirma a palavra do seu servo, e cumpre o conselho dos seus mensageiros”, Is 44:26, e isso em juízo contra os pecadores, confirmando as ameaças, bem como em misericórdia cumprindo as promessas que declaram como a herança de seus filhos. Mas haverá tempo suficiente para perguntar a tais pessoas em um leito de enfermidade, ou em uma hora de morte, se as palavras do Senhor entregues por seus pregadores fiéis não se apoderaram delas. Alguns confessaram com horror que sim; como os judeus: “Assim como o Senhor dos Exércitos designou fazer-nos... assim ele nos tratou”, Zc 1:6.

(2) *O Espírito contende com os homens de modo mais imediato quando realiza suas aproximações internas às consciências dos homens*, debatendo em seus próprios peitos o caso com eles. Ora ele lhes mostra os seus pecados em suas cores sangrentas e a que destino certamente os conduzirão se não forem tratados a tempo, o que ele faz de modo tão convincente que a criatura às vezes sente o cheiro do próprio fogo e enxofre ao seu redor e encontra-se presentemente em um inferno temporário; ora ele passa a parlamentar e tratar com eles, fazendo propostas graciosas ao pecador, se este retornar à sua repreensão, apresenta a graça do evangelho e abre uma porta de esperança para a sua recuperação, sim, passa a buscá-lo e suplicar-lhe que lance por terra suas armas rebeldes e venha a Cristo para ter vida, cujo coração está presentemente disposto a receber e abraçar o primeiro movimento que o pecador arrependido fizer em busca de misericórdia. Ora, quando o Espírito de Deus segue o pecador de lugar em lugar, e de tempos em tempos, sugerindo tais movimentos e renovando seu antigo apelo, e a criatura esquivar-se das mãos do Espírito, que assim contende com ela, permanecendo o assunto inacabado, tão distante de renunciar às suas concupiscências ou de conceber qualquer apreço por Cristo como sempre; isto é resistir ao Espírito face a face, e carrega tanta malignidade em si que, mesmo onde não foi final, almas pobres e humilhadas ficaram tão prostradas sob o horror disso que não puderam por muito tempo ser persuadidas senão de que se tratava do pecado imperdoável. Acautelai-vos, portanto, pecadores, de como tratais o Espírito quando ele vem batendo à porta dos vossos corações. Abri ao seu bater, e ele será vosso hóspede; tereis a sua doce companhia. Repeli-o, e não tendes a promessa de que baterá novamente. E, se uma vez ele deixar de contender contigo, homem infeliz, estarás perdido para sempre; jazerás

como um navio lançado pelas ondas sobre alguma rocha elevada, onde a maré jamais chegará para retirá-lo dali. Podes vir à Palavra, participar de outras ordenanças, mas em vão. É o Espírito nelas que constitui tanto a maré quanto o vento para pôr a alma flutuando e conduzi-la adiante; do contrário, ela jaz como um navio em terra seca, que não se move.

1. *Lutamos contra Deus quando lutamos contra a sua providência; e isso de duas maneiras.*

(1) *Quando estamos descontentes com a sua disposição providencial a nosso respeito.* A porção que Deus nos reserva não nos agrada, de modo que nos opomos aos seus tratamentos para conosco, ao menos murmurando algo com o tolo em nossos corações, o que Deus ouve tão claramente quanto o homem ouve as nossas palavras. Deus conta que começamos a contender com ele quando não aquiescemos e dizemos amém à sua providência, seja ela qual for. Ele chama a isso de um contender com o Todo-Poderoso, Jó 40:2, sim, um repreender a Deus. E certamente é um homem ousado aquele que ousa encontrar falha em Deus e mover uma ação contra o céu. Deus o desafia, seja ele quem for que faça isso, a responder por isso a seu próprio risco: “Aquele que repreende a Deus, responda por isso”, v. 2 do capítulo mencionado. Era mais do que hora de Jó calar-se quando ouviu que sentido Deus atribuía àquelas palavras incautas que lhe escaparam na angústia de seu espírito e no paroxismo de seus sofrimentos. Contender com o Todo-Poderoso? Repreender a Deus? Bom homem, quão desconsertado ele fica e clama: “Eis que sou vil; que te responderia eu? A minha mão ponho na minha boca”. Permita Deus apenas perdoar o que passou, e não ouvirá mais tal linguagem. Ó, senhores, acautelai-vos deste conflito acima de todos os outros. A contenda é desconfortável, seja com quem for que venhamos a nos desentender — vizinhos ou

amigos, esposa ou marido, filhos ou servos —, mas pior do que tudo com Deus. Se Deus não pode agradar-te, mas o teu coração se levanta contra ele, que esperanças há de que o agradarás, ele que não aceitará nada de bom grado daquele homem que está irado com ele? E como pode o amor a Deus ser preservado em um coração descontente que está sempre murmurando contra ele? O amor não pode conceber mal algum de Deus, nem suportar ouvir que falem mal dele, mas deve tomar o partido de Deus, como Jônatas o de Davi quando Saul falava indignamente dele; e, quando não puder ser ouvido, como ele, levantar-se-á e retirar-se-á. Quando afligido, o amor pode permitir-te gemer, mas não resmungar. Se queres aliviar o teu espírito sobrecarregado no peito de Deus pela oração e humildemente lutar com Deus de joelhos, o amor é a teu favor e ajudar-te-á com os melhores argumentos que puderes usar diante de Deus; mas se queres dar vazão às tuas paixões desordenadas e demonstrar um espírito amotinado contra Deus, isso o fere no coração.

(2) *Lutamos contra a providência quando nos mantemos incorrigíveis sob as várias dispensações de Deus para conosco.* A providência tem uma voz se tivermos ouvidos. As misericórdias deveriam atrair, as aflições conduzir. Ora, quando nem os meios suaves nem os severos nos fazem bem, mas permanecemos impenitentes sob ambos, isto é lutar contra Deus com ambas as mãos. Qualquer uma dessas atitudes possui suas agravantes peculiares: uma é contra o amor e, portanto, indigna; a outra é contra o rigor de sua vara e, nela, desprezamos a sua ira e somos cruéis conosco mesmos ao recalitrarmos contra os aguilhões. A misericórdia deveria fazer-nos envergonhados; a ira, temerosos de pecar. Aquele que não se envergonha não possui o espírito de um homem. Aquele que não teme quando açoitado é pior do que o animal que teme o chicote e a espora.

Às vezes a misericórdia, especialmente estas misericórdias externas que possuem um sabor agradável para a parte carnal no cristão, provou ser um laço para o melhor dos homens, mas então a aflição costuma recuperá-los. Mas quando a aflição torna os homens piores, e eles se endurecem contra Deus para pecarem mais e mais enquanto a vara está sobre eles, o que será capaz de regenerá-los? Poucos são tornados melhores pela prosperidade aos quais as aflições tornam piores. Aquele que pecará, mesmo que caminhe sob dor, muito mais o fará quando esta houver passado. Mas acautelai-vos deste conflito com Deus. Nada se ganha ao embater com Deus, senão golpes ou algo pior. Se ele disser que não te afligirá mais, é de fato o pior que ele pode dizer; é o mesmo que se dissesse que permanecerá em débito contigo até o outro mundo e lá te pagará integralmente. Mas se ele te reserva misericórdia, ouvirás falar dele por meio de alguma aflição mais severa do que nunca. Ele possui cunhas capazes de rachar-te, ainda que fosses uma peça de madeira mais nodosa do que és. “Ainda há na casa do ímpio tesouros de impiedade e a escassa medida, que é abominável?”, diz Deus a Israel. Quê! Incorrigíveis, embora a voz do Senhor clame à cidade, Mq 6:9, ordenando-vos ouvir a vara e a quem a estabeleceu? Vede que curso Deus resolve adotar: “Assim também te enfraquecerei, ferindo-te”, v. 13. Como se dissesse: “O meu outro remédio, vejo, foi fraco demais; não fez efeito nem moveu o vosso estômago; mas prepararei uma poção que vos fará adoecer o coração”.

Segundo. Repreende aqueles que parecem lutar contra o pecado, mas não de acordo com a ordem de comando que Cristo dá. Há uma lei na luta que deve ser observada: “E, se alguém também militar, não é coroadado se não militar legitimamente”, 2Tm 2:5. Ele faz alusão aos jogos romanos, para os quais havia

juízes designados para zelar para que nenhum jogo desonesto fosse praticado contra a lei da luta; sendo o prêmio negado a tais pessoas, ainda que tivessem derrotado o seu adversário; o que o apóstolo aproveita para tornar o cristão cuidadoso em sua guerra, como quem se encontra sob uma lei e disciplina mais estritas, que requerem não apenas coragem para lutar, mas obediência para lutar por ordem e de acordo com a palavra de comando. Ora, poucos dos que passam por grandes lutadores fazem isso.

2. *Alguns, enquanto lutam contra um pecado, abraçam outro*, e, neste caso, não é que a pessoa lute contra o pecado, mas um pecado luta contra o outro, e não é de admirar ver ladrões desentenderem-se quando se trata de dividir o despojo. “As concupiscências são diversas”, Tt 3:3, e é difícil agradar a muitos senhores, especialmente quando suas ordens são tão contrárias. Quando o orgulho ordena ostentar luxo e gastar prodigamente em banquetes, a cobiça ordena poupar; quando a malícia ordena vingança, a prudência carnal diz: “Oculta a tua ira, embora não perdoes”. Quando a concupiscência o envia às suas meretrizes, a hipocrisia o detém por vergonha do mundo. Ora, será ele o campeão de Deus que resiste a um pecado sob o comando de outro, talvez pior?

3. *Alguns lutam, mas entram em campo forçados, não como voluntários*. Seus temores servis os assustam presentemente de sua concupiscência, de modo que o combate é antes entre a sua consciência e a sua vontade, do que entre eles e a sua concupiscência. “Dá-me tal pecado”, diz a vontade. “Não”, diz a consciência, “ele queimará”; e lança-o fora. O homem pode amar o vinho, embora não queira que seus lábios sejam queimados. Os próprios hipócritas temem queimar-se. Em tais combates, a vontade

finalmente prevalece, seja subornando o entendimento para apresentar a concupiscência desejada sob uma vestimenta mais agradável, para que a consciência não seja assustada com tais aparições horrendas de ira; seja pacificando a consciência com alguma promessa de arrependimento futuro; seja abstendo-se de algum pecado no presente do qual possa melhor prescindir, para com isso obter a reputação de algo semelhante a uma reforma. Ou, se tudo isso não bastar, então, impelida pelo furor de sua concupiscência, a vontade proclama guerra aberta contra a consciência, pecando face a face com ela, como algum cavalo selvagem que, impaciente com a espora que o pica e com o freio que o detém, toma o freio entre os dentes e corre a toda velocidade até que finalmente se livra de seu cavaleiro; e então, onde vê pastagem mais viçosa, nenhuma cerca ou vala pode detê-lo, até que no final o encontrais faminto em algum cercado por sua transgressão. Assim, muitos pecam a tal ponto que a consciência não pode mais segurar as rédeas nem assentar-se na sela, mas é derrubada e deixada como morta; e então os miseráveis vagam onde suas concupiscências podem obter a refeição mais farta, até que finalmente pagam caríssimo por seus prazeres roubados, quando a consciência recobra o juízo, persegue-os e agarra-os mais firmemente pelo pescoço do que nunca, para não mais os soltar até que os apresente diante do tribunal de Deus.

4. *Outros lutam com o pecado, mas não o odeiam e, por isso, são benevolentes com ele e não buscam a vida do pecado como seu inimigo mortal.* Estes lutam por brincadeira, e não a sério; os ferimentos que infligem ao pecado em um dia são curados no dia seguinte. Resolvam os homens nunca tão firmemente contra o pecado, contudo ele

rastejará novamente para o favor deles até que o amor ao pecado seja extinto no coração; e este fogo jamais morrerá por si mesmo: o amor de Cristo deve extinguir o amor ao pecado, conforme Jerônimo diz excelentemente: *amor amorem excludit* [um amor exclui outro]. Este fogo celestial de fato apagará a chama do inferno; o que ele ilustra pelo comportamento de Assuero para com a sua rainha Vasti, que no primeiro capítulo emite um decreto às pressas de que ela não compareça mais perante ele; mas, quando a sua paixão arrefece um pouco, Et 2:1, ele começa a enternecer-se por ela; o que os seus conselheiros percebendo, imediatamente buscam uma virgem formosa em quem o rei pudesse depositar o seu amor e acolher em seu leito real; o que feito, não se ouve mais falar de Vasti. Então, e não antes, o decreto da alma subsistirá contra o pecado, quando a alma houver acolhido a Cristo em seu peito.

COMO OS VERDADEIROS LUTADORES DEVEM CONDUZIR O SEU COMBATE

Diretrizes aos santos. Visto que a vossa vida aqui na terra é uma luta contínua, é de sábios estudar a melhor maneira de conduzir o combate contra o vosso pior inimigo; para que o façais, recebei estas poucas diretrizes:

Primeira. Certifica-te de não entrar em campo sem o teu aliado. Quero dizer: engaja a Deus por meio da oração para que ele te apoie. Deus está em uma aliança ofensiva e defensiva contigo, mas ele espera ser invocado. Se os efraimitas acharam ruim o fato de Gideão não os ter convocado para o campo de batalha, não o achará Deus muito mais? Seria como se pretendesses obter uma vitória às escondidas, antes que ele o

soubesse. Tu não tens mais coragem do que Moisés, que não se moveria sem Deus, ainda que ele enviasse um anjo como seu tenente. Tu não és mais sábio do que Jacó que, para vencer Esaú que marchava contra ele, desvia-se dele e lança-se diante de Deus; ele sabia que, se pudesse lutar com Deus, poderia confiar em Deus para lidar com o seu irmão. Engaja a Deus e a porta dos fundos estará fechada; nenhum inimigo poderá vir por trás de ti, sim, o teu inimigo cairá diante de ti. “Ó Senhor, peço-te que transformes em loucura o conselho de Aitofel”, diz Davi. O céu diz amém à sua oração, e o miserável enforca-se.

Segunda. Sede muito cuidadosos para não dar ao vosso inimigo onde segurar. Os lutadores esforçam-se por fixar as mãos em alguma parte do corpo do adversário que lhes dê vantagem para lançá-lo por terra mais facilmente; para evitar isso, eles costumavam:

1. *Despir as suas vestes;*

2. *Ungir os seus corpos.*

3. *Cristão, esforça-te por despir o velho homem,* que é o que mais te expõe; aquela corrupção que Davi chama de “minha própria iniquidade”, Sl 18:23. Esta é a orla da veste que Satanás segura; observa qual é ela e mortifica-a diariamente; então Satanás recuará envergonhado ao ver a cabeça daquele inimigo pendurada no muro, o qual pretendia trair-te nas mãos dele.

4. *Os lutadores romanos costumavam ungir os seus corpos.* Faze tu o mesmo: banha a tua alma com as frequentes meditações sobre o amor de Cristo. Satanás encontrará pouca acolhida onde habita o amor de Cristo; o amor inflamará o amor, e isso será como uma muralha de

fogo para afastar Satanás; far-te-á desdenhar a oferta de um pecado e, como o óleo, tornará as tuas juntas flexíveis e ágeis para atacar o teu inimigo. Pensa em como Cristo lutou na tua contenda; o pecado, o inferno e a ira teriam vindo todos de boca aberta sobre ti, se ele não os tivesse enfrentado no caminho. E terias coragem de retribuir o seu amor traíndo a sua glória nas mãos do pecado, por covardia ou traição? Não digas que o amas enquanto puderes abrigar no teu peito aqueles pecados que arrancaram o coração dele de seu próprio peito. Seria estranho se um filho guardasse e se deleitasse em usar justamente a faca com a qual o seu pai foi esfaqueado.

Terceira. Aproveita sabiamente qualquer vantagem que obtiveres. Às vezes o cristão tem o seu inimigo sob o seu controle, sim, por terra; pode colocar o seu pé sobre o pescoço do seu orgulho e lançar fora a sua incredulidade como algo absurdo e irracional. Agora, como um lutador sábio, cai com todo o teu peso sobre o teu inimigo. Embora o homem pense ser jogo desonesto golpear quando o adversário está caído, não trates com tamanha cortesia o pecado a ponto de deixá-lo respirar ou levantar-se. Acautela-te para não seres acusado por Deus, como outrora Acabe, por permitires que escape este inimigo que agora está em tuas mãos, a quem Deus destinou à destruição. Aprende um pouco de sabedoria da semente da serpente, que, quando teve Cristo sob seus pés, nunca pensou tê-lo seguro o suficiente, nem mesmo depois de morto; e por isso selaram e vigiaram o seu túmulo. Assim faz tu, para impedir a ressurreição do teu pecado: sela-o com propósitos mais fortes, pactos solenes, e vigia-o mediante um caminhar vigilante e circunspecto.

Uso Ou Aplicação

Primeira Utilidade. [Consolação.] Isto constitui um motivo de consolação para o cristão fraco, que contesta a realidade de sua graça em razão dos conflitos internos e lutas que tem com suas concupiscências, estando pronto a dizer como Gideão a respeito dos inimigos externos: “Se o Senhor é conosco, por que nos sobreveio tudo isto?”. Por que sinto tais lutas em mim, incitando-me ao pecado e detendo-me daquilo que é bom? Por que perguntas? A resposta é logo dada: porque és um lutador, não um conquistador. Tu equivocas-te quanto ao estado do cristão nesta vida. Quando alguém se torna cristão, não é imediatamente chamado a triunfar sobre os seus inimigos mortos, mas é conduzido ao campo de batalha para enfrentá-los e combatê-los. O estado de graça é o início de uma guerra contra o pecado, não o fim dela; antes que te falte um inimigo com quem lutar, o próprio Deus entrará disfarçado em campo e parecerá ser o teu inimigo; assim, quando Jacó estava só, um homem lutou com ele até o romper do dia; portanto, aquieta o teu coração se este for o teu escrúpulo. A tua alma antes deve consolar-se com o fato de seres um lutador. Esta luta no teu íntimo, se fundamentada no princípio correto e para o fim correto, evidencia que há duas nações dentro de ti, duas naturezas contrárias: uma da terra, terrestre, e a outra do céu, celestial; sim, para o teu maior conforto, sabe que, embora a tua natureza corrupta seja a mais velha, ela servirá à mais nova.

Segunda Utilidade. [Esperança de triunfo.] Ó, como isto deveria fazer o cristão suspirar por ir para casa, onde não há nada deste alvoroço e embate! É estranho que cada hora não pareça um dia, e cada dia um ano, até que a morte soe a tua alegre retirada e te retire do campo de batalha — onde as balas voam tão densas e onde lutas por tua vida com os teus inimigos mortais

— para compareceres à corte, onde não espadas, mas palmas são vistas nas mãos dos santos; não tambores, mas harpas; não gemidos de soldados sangrando e consciências feridas, mas ouve-se uma música doce e arrebatadora de vencedores triunfantes cantando os louvores de Deus e do Cordeiro, por meio de quem venceram. Pois bem, cristãos, enquanto estais aqui abaixo, consolai-vos com estas coisas. Resta um descanso para o povo de Deus. Não bateis no ar, mas lutaís por um céu que está lá no alto, acima das nuvens; tendes o vosso pior momento primeiro, o melhor se seguirá. Lutaís apenas para ganhar uma coroa, e a ganhareis para usá-la, sim, usá-la para nunca mais a perder; a qual, uma vez colocada, ninguém jamais a retirará, nem vos colocará novamente em risco de batalha. Aqui vencemos para lutar novamente; a batalha de uma tentação pode ter passado, mas a guerra permanece. Que paz podemos ter enquanto os demônios puderem sair de suas tocas ou enquanto restar algo de nossa natureza pecaminosa não mortificada em nós mesmos? Esta natureza combaterá até mesmo de joelhos, e golpeará com um braço enquanto o outro lhe é decepado; mas, quando a morte vier, o último golpe terá sido desferido. Este bom médico curará perfeitamente a tua cegueira e fraqueza espirituais — conforme o mártir disse ao seu companheiro na fogueira que o sangrento Bonner faria com as corporais. O que é, cristão, que retira a alegria de tua vida senão as lutas e combates aos quais este inimigo íntimo te submete? Não é esta a Penina que, perturbando e irritando o teu espírito, afastou-te de muitas refeições doces que poderias ter tido em comunhão com Deus e com os seus santos? — ou, se compareceste, fez-te cobrir o altar de Deus com as tuas lágrimas e gemidos? E não será uma mão feliz aquela que cortar o nó e te livrar da tua apatia, hipocrisia, orgulho e tudo o mais com que estavas subjugado? É a vida que constitui a tua perda, e a morte o teu ganho. Sê apenas voluntário

para suportar o rasgar deste véu da tua carne, e estarás onde gostarias de estar: fora do alcance do pecado, em descanso no seio do teu Deus. E por que haveria um curto mal de dor amedrontar-te mais do que a libertação de um tormento contínuo do mal do pecado te arrebatara? Sabes que alguns preferiram ser submetidos à cirurgia a serem diariamente triturados pelo cálculo renal, e contudo, talvez, a sua dor retorne; e não podes pensar tranquilamente em morrer para ser liberto do tormento destes pecados, para nunca mais voltarem? E contudo isso não representa a metade do que a morte faz por ti. A paz é doce após a guerra, o alívio após a dor; mas que língua poderá expressar que alegria, que glória preencherá a criatura à primeira vista de Deus e daquela assembleia bem-aventurada? Ninguém, senão quem lá habita, pode dizê-lo. Se conhecêssemos mais daquele estado de bem-aventurança, nós, ministros, encontraríamos tanta dificuldade para persuadir os cristãos a aceitarem viver aqui por tanto tempo quanto agora encontramos para persuadi-los a aceitarem morrer tão cedo.

DIREÇÃO II — SEGUNDA PARTE GERAL

O Caráter Dos Assaltantes Ou Inimigos Com Quem O Cristão Deve Lutar.

“Não contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef 6:12).

Os assaltantes que aparecem em armas contra o cristão, ou os inimigos com quem ele deve lutar, são descritos: PRIMEIRO, negativamente, “não contra a carne e o sangue”; ou antes comparativamente, não principalmente contra a carne e o sangue. SEGUNDO, positivamente, “mas, sim, contra os principados, contra as potestades”, etc.

PRIMEIRA DIVISÃO — OS ASSALTANTES DESCRITOS NEGATIVAMENTE

“Não contra a carne e o sangue.”

Não devemos tomar a parte NEGATIVA da descrição como uma negação pura, como se não tivéssemos conflito com a carne e o sangue, devendo engajar-nos total e unicamente contra Satanás; mas sim por via de comparação: não apenas com a carne e o sangue, e, em certo sentido, não principalmente. É comum na Escritura esse tipo de expressão: “Não chames os teus amigos para o jantar, mas os pobres”, Lc 14:12; isto é, não apenas aqueles, de modo a negligenciar os pobres. Ora, o que se entende aqui por “carne e sangue”? Há uma dupla interpretação das palavras.

O que se entende por carne e sangue.

PRIMEIRO. Por “carne e sangue” pode-se entender as nossas próprias corrupções íntimas; aquele pecado que está em nossa natureza corrupta, tantas vezes chamado de “carne” na Escritura — “a carne cobiça contra o Espírito”; e às vezes “carne e sangue”: “Não foi carne e sangue quem to revelou”, Mt 16:17, isto é, esta confissão que fizeste vem do alto; a tua mente corrupta e carnal jamais poderia ter descoberto esta verdade sobrenatural, a tua vontade pecaminosa jamais a teria abraçado.

“A carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus”, 1Co 15:50; isto é, a carne mortal pecaminosa, conforme é exposto nas palavras seguintes. “Não consulte carne e sangue”, Gl 1:16; isto é, a razão carnal. Ora, este inimigo íntimo pode ser chamado de carne:

1. *Em parte por sua derivação;*

2. *In part por sua operação.*

3. *Em parte por sua derivação*, porque é derivado e propagado a nós por geração natural. Assim, diz-se que Adão gerou um filho à sua semelhança: pecador como ele era, bem como mortal e miserável; sim, o santo mais piedoso da terra, possuindo carne em si, transmite esta natureza corrupta e pecaminosa ao seu filho, assim como o judeu circuncidado gerava um filho incircuncidado, e o trigo limpo e joeirado, ao ser semeado, brota com a casca. “O que é nascido da carne é carne”, Jo 3:6.

4. *É chamado de carne, em parte pelas operações desta natureza corrupta, que são carnaís.* Os raciocínios da mente corrupta são carnaís; por isso, é chamada de “mente carnal”, incapaz, de fato, das coisas de Deus, as quais não compreende nem pode compreender. Assim como o sol oculta de nós os céus que estão acima dele, enquanto revela as coisas debaixo, assim a razão carnal deixa a criatura nas trevas a respeito das verdades espirituais, quando esta é sumamente capaz de conceber e discorrer sobre as excelências das criaturas e interesses carnaís aqui abaixo. Que pergunta infantil para um homem tão sábio fez Nicodemos a Cristo! embora Cristo, para ajudá-lo, tenha envolvido o seu discurso em uma expressão carnal. Se a razão carnal não consegue compreender as verdades

espirituais quando assim acomodadas, e as noções do evangelho traduzidas para a sua própria linguagem, que discernimento poderá ter delas se for posta a lê-las em sua língua original? Refiro-me a se esta vestimenta de expressão carnal fosse retirada e as verdades espirituais em sua nudez fossem apresentadas à sua vista. Os movimentos da vontade natural são carnaís e, por isso, “os que são segundo a carne”, Rm 8:5, diz-se que “inclinam-se para as coisas da carne”. Todos os seus desejos, deleites, cuidados, temores, estão nas coisas carnaís e delas procedem; não aprecia o alimento espiritual mais do que um anjo apreciaria o carnal. O que não podemos saborear dificilmente faremos de nosso alimento diário. Cada criatura possui a sua dieta própria: o leão não come relva, nem o cavalo carne; o que é alimento para o coração carnal é veneno para o regenerado; e aquilo que agrada ao regenerado é desagradável ao carnal.

Ora, de acordo com esta interpretação, o sentido do apóstolo não é como se o cristão não tivesse combate com a sua natureza corrupta (pois em outro lugar diz-se que o Espírito cobiça contra a carne, e a carne contra o Espírito — e este inimigo é chamado de o pecado que cerca o cristão), mas sim para agravar o seu conflito com este inimigo pela intervenção de um poder estrangeiro, Satanás, que se alia a este inimigo doméstico. É como se, enquanto um rei combate contra seus próprios súditos amotinados, tropas estrangeiras se juntassem a eles; agora ele pode ser dito lutar não com seus súditos, mas com um poder estrangeiro. O cristão não luta com suas corrupções isoladas, mas com Satanás nelas. Se não houvesse diabo, ainda assim teríamos muito trabalho para resistir às corrupções de nossos próprios corações; mas a intervenção deste inimigo torna a batalha mais terrível, porque ele lidera aquelas corrupções,

sendo um capitão tão hábil e experiente. O nosso pecado é o motor; Satanás é o engenheiro. A concupiscência é a isca; Satanás é o pescador. Quando uma alma é atraída por sua própria concupiscência, diz-se que é tentada, Tg 1:14, porque Satanás e a nossa própria concupiscência concorrem para a consumação do pecado.

Primeira Utilidade. Dedicá-te, cristão, com empenho à obra da mortificação. Não é prudente permitir que as tuas concupiscências tenham armas, as quais certamente se levantarão e se declararão contra ti quando o teu inimigo vier. Os nobres de Áquis agiram sabiamente ao não confiarem em Davi em seu exército para combater contra Israel, para que na batalha ele não se tornasse um adversário para eles; e ousas tu ir ao dever, ou engajar-te em qualquer ação onde Satanás aparecerá contra ti, e não te esforçares por te assegurares de que o teu orgulho, incredulidade, etc., não se juntem ao teu inimigo?

Segunda Utilidade. Estão Satanás e a tua própria carne contra ti — não uma corrupção isolada, mas aguçada pela astúcia dele e apoiada pelo seu poder? Vê, então, que necessidade tens de mais ajuda do que a tua própria graça. Acautela-te de lutar com ele na força de tua graça isolada; aqui tens dois contra um contra ti. Satanás foi forte demais para Adão, embora este tenha entrado tão bem equipado em campo, porque foi deixado a si mesmo; com muito mais facilidade ele te derrotará. Apega-te, portanto, ao teu Deus em busca de força; traze-o contigo e então, embora sejas um verme, serás capaz de lidar com esta serpente.

SEGUNDO. *Flesh and blood* [carne e sangue] é interpretado como uma perífrase de homem. “Não temos que lutar contra a carne e o sangue”, isto é, não contra o homem, que é aqui descrito por aquela parte que principalmente o distingue

da natureza angélica. “Tocai-me”, diz Cristo, “e vede, pois um espírito não tem carne”. Ora, de acordo com esta interpretação, observem-se estes pontos particulares:

1. *Quão humildemente o Espírito de Deus fala do homem;*

2. *Onde ele coloca a ênfase da batalha do santo:* não em resistir à carne e ao sangue, mas aos principados e potestades. Onde o apóstolo não exclui o nosso combate com o homem (pois a guerra é contra a serpente e a sua semente — por maior que seja o mundo, ele não pode abrigar pacificamente os santos e os ímpios juntos), mas o seu intento é mostrar com que inimigo complexo — a ira do homem e a de Satanás entrelaçadas — temos de lidar.

Como o cristão não luta com carne e sangue.

Primeiro. Quão humildemente fala o Espírito de Deus a respeito do homem, chamando-o de carne e sangue! O homem possui uma alma nascida no céu, o que o torna semelhante aos anjos, sim, ao Deus deles, que é o Pai dos espíritos; mas isso é passado em silêncio, como se Deus não quisesse reconhecer aquilo que está maculado pelo pecado e que já não representa a criatura que Deus fez no início; ou porque a alma, embora de tão nobre extração, por estar tão imersa na sensualidade, não merece outro nome senão o de carne, parte do homem que o nivela com o animal, e que é aqui pretendida para expressar a fraqueza e fragilidade da natureza humana. É a expressão pela qual o Espírito Santo manifesta a fraqueza e a impotência de uma criatura: “Os egípcios são homens, e não Deus; e os seus cavalos, carne”, Is 31:3, isto é, fracos; ao passo que, ao contrário, quando

deseja expor o poder e a força de algo, opõe-no à carne: “As nossas armas não são carnaís, mas sim poderosas”, 2Co 10:4. E assim no texto: “não contra a carne e o sangue, mas contra as potestades”. Como se dissesse: “Se não tivésseis a quem temer senão a um homem fraco e miserável, não valeria a pena prover armas ou munição; mas tendes inimigos que nem são de carne, nem são combatidos com carne”. De modo que aqui vemos quão fraca criatura é o homem, não apenas mais fraco do que os anjos (sendo estes espírito e ele carne), mas, em certo sentido, abaixo dos animais, visto que a carne do homem é mais frágil do que a dos animais; por isso, o Espírito de Deus compara o homem à relva que logo seca, e a sua beleza à flor do campo, Is 40:6. Sim, ele é chamado de vaidade: “Certamente que os homens de classe baixa são vaidade, e os homens de classe alta são mentira”, Sl 62:9. Ambos igualmente vãos; apenas a vaidade do homem rico e grande está coberta de honra, riqueza, etc., as quais são aqui chamadas de mentira porque não são o que parecem e, portanto, são piores do que a simples vaidade, que se sabe ser tal e não engana.

Primeira Utilidade. É o homem apenas carne frágil? Que isto te humilhe, ó homem, em toda a tua excelência; a carne está a apenas um passo da sujeira e da corrupção. A tua alma é o sal que te mantém agradável, do contrário cheirarias mal acima da terra. É na tua beleza que te orgulhas? A carne é relva, mas a beleza é a vaidade desta vaidade. Esta formosura é como a flor, que não dura tanto quanto a relva: aparece em seu mês e desaparece; sim, como a beleza da flor, que murcha enquanto a flor ainda está de pé. Quão logo o arado do tempo abrirá sulcos na tua face, sim, um único acesso de febre alterará tanto a tua fisionomia que fará com que os teus amantes apaixonados tenham receio de olhar para ti? É na força? Infelizmente, trata-

se de um braço de carne, que muitas vezes seca ao ser estendido. Em breve o teu sangue, que agora está quente, congelará em tuas veias; a tua primavera coroadada com os botões de maio pisará nos calcanhares de dezembro; a tua medula secará em teus ossos, teus tendões se contrairão, tuas pernas curvar-se-ão sob o peso do teu corpo; as cordas dos teus olhos romper-se-ão; a tua língua não será capaz de pedir socorro; sim, o teu coração e a tua carne falharão. E agora tu, que és um gigante, dá uma volta se puderes em teu quarto, sim, ergue apenas a cabeça do travesseiro se fores capaz, ou retém o teu fôlego que se apressa para sair de tuas narinas para nunca mais voltar; e ousas gloriar-te naquilo que tão logo poderá estar prostrado?

É na sabedoria? A mesma sepultura que cobre o teu corpo sepultará tudo isso — refiro-me à sabedoria da tua carne —; todos os teus pensamentos perecerão e os teus belos planos darão em nada. De fato, se fores cristão, os teus pensamentos como tais ascenderão contigo, sem que se perca um único suspiro santo de tua alma. É no teu sangue e nascimento? Quem quer que sejas, és de baixo nascimento até que nasças de novo; o mesmo sangue corre em tuas veias e nas do mendigo da rua, At 17:26. Vemos ali que todas as nações foram feitas do mesmo sangue; em duas coisas todos são iguais: entramos e saímos do mundo da mesma forma; assim como um não é feito de terra mais fina, tampouco se dissolve em pó mais puro.

Segunda Utilidade. É o homem carne? Não confies no homem: “maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço!”. Não no homem poderoso; as vestes podem ocultar e adornar, mas não podem alterar a carne. “Não confieis em príncipes”, Sl 146:3; infelizmente, eles não podem manter suas coroas em suas próprias cabeças, nem suas cabeças em seus próprios ombros; e buscas tu aquilo que eles não podem dar a si

mesmos? Não nos homens sábios, cujos planos muitas vezes recuam sobre eles mesmos, de modo que não conseguem realizar os seus empreendimentos. A sabedoria carnal do homem projeta uma coisa, mas Deus gira a roda e produz outra. Não confies nos homens santos: eles possuem carne e, portanto, o seu julgamento não é infalível, sim, o seu caminho é às vezes duvidoso. O erro dele pode conduzir-te ao desvio e, embora ele retorne, tu podes prosseguir e perecer. Não confies em homem algum, no gênero humano, não, nem em ti mesmo: tu és carne. Aquele que confia em seu próprio coração, diz o sábio, é um tolo. Não no melhor que és ou fazes; a vestimenta de tua justiça está manchada pela carne; tudo é considerado por São Paulo como confiança na carne, exceto o nosso gloriar-nos em Cristo, Fp 3:3.

Terceira Utilidade. É o homem apenas carne? Não o temas. Esta foi a resolução de Davi: “Não temerei o que me pode fazer a carne”, Sl 56:4. Não precisas, não debes temer. Não precisas: o que, não temer a um homem tão grande, a tal número de homens que trazem as chaves de todas as prisões em seu cinto, que podem matar ou preservar a vida? Não, nem a estes. Cuida apenas para que sejam teus inimigos por amor à justiça. Acautela-te de não tornares a menor criança tua inimiga por lhe fazeres injustiça; Deus vingará o ímpio mesmo contra o santo. Se este ofender, não encontrará abrigo sob a asa de Deus para o seu pecado. Isto fez com que Jerônimo lamentasse que os pecados dos cristãos tornassem vitoriosas as armas daquelas nações bárbaras que invadiam a cristandade. Mas, se a ira do homem te encontrar no caminho de Deus, e a sua fúria se inflamar contra a tua santidade, não precisas temer, ainda que a tua vida seja a presa que ele caça. A carne só pode ferir a carne; ele pode matar-te, mas não prejudicar-te. Por que temerias ser despojado daquilo que já entregaste a Cristo? É a primeira lição

que aprendes, se fores cristão: negar-te a ti mesmo, tomar a tua cruz e seguir o teu Mestre; de modo que o inimigo chega tarde demais. Não tens vida a perder, porque já a entregaste a Cristo, tampouco pode o homem retirá-la sem a permissão de Deus. Tudo o que tens está seguro; e, embora Deus não te tenha prometido imunidade contra o sofrimento deste tipo, contudo ele assumiu a responsabilidade de cobrir a tua perda, sim, de pagar-te o cêntuplo; e não terás de esperar por isso até o outro mundo. Além disso, não deves temer a carne. Nosso Salvador, em Mt 10, por três vezes no espaço de seis versículos, ordena-nos não temer o homem. Se o teu coração desfalecer diante dele, como te comportarás na arena contra Satanás, cujo dedo mínimo é mais pesado do que os lombos do homem? Os romanos possuíam armas sem corte ou bastões com os quais eram testados antes de irem para o combate real. Se não podes suportar uma contusão em tua carne causada pelo bastão e pela arma cega do homem, o que farás quando tiveres a espada de Satanás em teu flanco? Deus considera-se ultrajado quando os seus filhos temem um homem miserável; por isso somos instruídos a santificar o Senhor e a não temer o que eles temem. Ora, se não queres temer o homem que é apenas carne, esforça-te por fazer estas duas coisas:

1. *Mortifica a tua própria carne.* A carne só teme a carne; quando a alma degenera em desejos e deleites carnaís, não admira que caia em temores carnaís. Cuida, cristão, para não te submeteres à escravidão. Talvez o teu coração se alimente dos aplausos dos homens: isso far-te-á temer ser mal falado, como aqueles que vacilaram diante de Cristo, Jo 12:42, confessando-o em particular quando não ousavam fazê-lo abertamente, porque amavam mais a glória dos homens. Davi diz que a boca dos ímpios é um sepulcro

aberto; e nesta sepultura o nome de muitos santos foi sepultado. Mas, se este desejo carnal fosse mortificado, não te importarias de ser julgado pelo homem; e assim ocorre com todas as afecções carnis. Observas que certos alimentos predis põem à febre; se depositares o teu coração em qualquer coisa carnal — esposa, filho, propriedades, etc. —, estas coisas inclinar-te-ão a um temor servil do homem, que pode ser o mensageiro de Deus para te afligir nelas.

2. *Contrapõe a fé à carne.* A fé estabiliza o coração, e um coração firme não se amedronta facilmente. Os médicos dizem-nos que nunca estamos tão sujeitos a receber infecções como quando os espíritos estão abatidos e, por isso, os antídotos que prescrevem são todos cordiais. Quando o espírito está abatido pela incredulidade, cada ameaça do homem causa uma impressão dolorosa. Permite que a tua fé tome um gole profundo das promessas, e a tua coragem erguer-se-á.

Quarta Utilidade. É o homem apenas carne? Consola-te, cristão, com o fato de que, assim como és carne, o teu Pai celestial sabe disso e te considera por isso:

1. *Em termos de aflição:* Sl 103:14, “Pois ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó”. Não como algum charlatão inexperiente, que possui apenas uma receita para todos, fortes ou fracos, jovens ou velhos; mas, como um médico sábio, considera o seu paciente e depois escreve a receita. Os homens e os demônios não passam de boticários de Deus: não formulam o nosso remédio, mas entregam o que Deus prescreve. Balaão apreciava bastante a recompensa de Balaque, mas não podia afastar-se um milímetro das ordens de Deus. De fato, Deus não é tão zeloso

com os ímpios: “Fere-o ele como feriu aos que o feriram?”, Is 27:7. No cálice do santo, o veneno da aflição é neutralizado, o que não ocorre no do ímpio; e, portanto, o que serve de remédio para um representa a ruína do outro.

2. *No dever*: Ele sabe que sois apenas carne e, por isso, compadece-se e aceita o vosso serviço fraco, sim, apresenta desculpas por vós: “O espírito, na verdade, está pronto”, diz Cristo, “mas a carne é fraca”.

3. *Nas tentações*. Ele considera que sois carne e proporciona as tentações a uma natureza tão fraca. É chamada de uma tentação que é comum ao homem; uma tentação moderada, conforme o original, ajustada para uma criatura tão frágil. Sempre que o cristão começa a desfalecer sob o peso dela, Deus apressa-se a socorrê-lo tanto quanto uma mãe carinhosa o faria com o seu filho que desmaia; por isso diz-se que ele está próximo para reviver tais pessoas, para que o seu espírito não desfaleça.

Como o cristão luta com carne e sangue.

Segundo. Observa onde ele coloca a ênfase da batalha do santo: não em resistir à carne e ao sangue, mas aos principados e potestades; onde o apóstolo não exclui o nosso combate com o homem, pois a guerra é contra a serpente e a sua semente. Por maior que seja o mundo, ele não pode abrigar pacificamente os santos e os ímpios juntos. Mas o seu intento é mostrar com que inimigo complexo — a ira do homem e a de Satanás entrelaçadas — temos de lidar. Observa, portanto, a conjunção dos inimigos do santo. Não temos de lidar com o homem isolado, mas com o homem liderado por Satanás; não

com a carne e o sangue, mas com principados e potestades agindo neles. Há duas classes de homens com quem o cristão luta: homens bons e homens maus. Satanás intervém em ambos os casos.

1. *O cristão luta com homens bons.* Muitos conflitos severos têm ocorrido entre santo e santo, combatendo nas trevas por desentendimento da verdade e uns dos outros: Abraão e Ló em contenda; Arão e Míria disputaram com Moisés pela preeminência, até que Deus interpôs-se e encerrou a disputa por seu golpe imediato sobre Míria. Os apóstolos, mesmo na presença de seu Mestre, altercavam em discussões acaloradas sobre quem seria o maior. Ora, nestas guerras civis entre os santos, Satanás é o grande instigador, embora pouco visto, porque, como Acabe, combate disfarçado, atuando primeiro de um lado e depois do outro, agravando cada pequena ofensa e, com isso, incitando à ira e à vingança; por isso o apóstolo, ao exortar contra a ira, usa este argumento: “Não deis lugar ao diabo”; como se dissesse: “Não vos desentendais entre vós, a menos que desejeis a companhia do diabo, que é o verdadeiro soldado da fortuna (conforme a expressão comum), vivendo de sua espada, e que por isso apressa-se para onde quer que haja esperança de guerra”. Gregório compara os santos em suas tristes divergências a dois galos de briga que Satanás, o dono da arena, põe a combater, na esperança de, ao serem mortos, banquetear-se com eles à noite. Salomão diz, Pv 18:6, que a boca do homem contencioso clama por açoites. De fato, nós, por nossas contendas mútuas, damos ao diabo um bastão para nos bater; ele não pode trabalhar bem sem fogo e, por isso, assopra estas brasas de contenda, as quais utiliza em sua forja para inflamar os nossos espíritos em ira,

tornando-nos maleáveis, fáceis de serem martelados como lhe apraz. A contenda põe a alma em desordem, e em meio às armas as leis emudecem. A lei da graça não atua livremente quando o espírito está em comoção. O manso Moisés, provocado, fala imprudentemente. Parece-me que isto, se nada mais o fizer, deveria soar a retirada para as nossas infelizes divergências — o fato de este Joab ter parte nelas —: ele coloca o seu espírito maligno entre irmãos, e que tolce é morder-nos e devorar-nos uns aos outros para fazer a alegria do inferno? Somos propensos a confundir o nosso temperamento inflamado com o zelo, ao passo que comumente, nas disputas entre santos, trata-se de um navio incendiário enviado por Satanás para romper a unidade e a ordem deles; nas quais, enquanto permanecem firmes, constituem uma armada invencível, e Satanás sabe que não possui outro caminho senão dispersá-los. Quando a linguagem dos cristãos, que deveria ser uma só, começa a confundir-se, eles estão então próximos de uma dispersão; é tempo de Deus separar os seus filhos quando estes não conseguem viver em paz uns com os outros.

2. *O cristão luta com homens ímpios.* “Porque não sois do mundo”, diz Cristo, “o mundo vos odeia”. A natureza e a vida do santo são antípodas ao mundo; o fogo e a água, o céu e o inferno, reconciliar-se-ão mais facilmente do que eles com ele. O herético é seu inimigo por amor à verdade; o profano, por amor à santidade; para ambos, o cristão é uma abominação, assim como o israelita o era para o egípcio. Daí procedem as guerras; o fogo da perseguição nunca se apaga nos corações dos ímpios, que dizem em seus corações, como outrora com seus lábios: “Os cristãos aos leões!”. Ora, em todas as guerras do santo com os ímpios, Satanás é o

comandante-chefe: é a obra do pai deles que realizam; cumprem as concupiscências dele. Os sabeus saquearam Jó, mas foram em missão de Satanás. O herético propaga doutrina corrupta, perverte a fé de muitos, mas nisto ele é o ministro de Satanás, 2Co 11:15; eles recebem a sua vocação, as suas astúcias e os seus salários dele. A obra dos perseguidores é atribuída ao inferno. Trata-se de uma perseguição da língua? É o inferno que a inflama. Trata-se da mão? Ainda assim não passam de instrumentos do diabo, Ap 2:10: “O diabo lançará alguns de vós na prisão”.

Primeira Utilidade. Vedes alguém agir com furor contra as verdades ou os servos de Cristo? Ó, compadecei-vos deles como dos mais miseráveis seres do mundo; não temais o seu poder, não admireis as suas capacidades; são homens possuídos e movidos pelo diabo; são os seus escravos de trabalho e de extermínio, conforme o mártir os chamou. Agostinho, em sua epístola a Licínio, homem de excelentes capacidades mas ímpio, que outrora fora seu aluno, fala-lhe pateticamente: “Ó, como eu choraria e prantearia por ti ao ver tamanha inteligência brilhante prostituída ao serviço do diabo! Se tivesses encontrado um cálice de ouro, tê-lo-ias entregue à igreja; mas Deus deu-te uma cabeça de ouro, capacidades e inteligência, e nisto *propinas teipsum diabolo* — tu te ofereces em brinde ao diabo”. Quando virdes homens de poder e inteligência utilizando-os contra o Deus que os concedeu, chorai por eles; melhor teria sido que tivessem vivido e morrido, uns escravos, outros tolos, do que prestarem ao diabo tal serviço com tais dons.

Segunda Utilidade. Ó, vós santos, quando fordes ultrajados e perseguidos, olhai para além do homem: não gasteis a vossa ira contra ele. Infelizmente, eles não passam de instrumentos nas mãos do diabo. Reservai o vosso desagrado

para Satanás, que é o vosso principal inimigo. Estes homens podem ser conquistados para o lado de Cristo e, assim, tornarem-se vossos amigos por fim. De vez em quando vemos alguns desertarem das bandeiras do diabo e lavarem com as suas lágrimas as vossas feridas que haviam aberto com a sua crueldade. É uma passagem notável em Anselmo, na qual ele compara o herético e o perseguidor ao cavalo, e o diabo ao cavaleiro. “Ora”, diz ele, “na batalha, quando o inimigo se aproxima montado, o soldado valente não se ira contra o cavalo, mas contra o cavaleiro; ele esforça-se por matar o homem para poder possuir o cavalo para o seu próprio uso; assim devemos fazer com os ímpios: não devemos direcionar a nossa ira contra eles, mas contra Satanás que os monta e os espora, esforçando-nos em oração por eles como Cristo o fez na cruz, para apearem o diabo, de modo que estas pobres almas escravizadas por ele possam ser dele libertas”. É mais honroso retirar uma alma viva das garras do diabo do que deixar muitos mortos no campo de batalha. Erasmo disse de Agostinho que ele suplicava pelas vidas daqueles heréticos junto às autoridades imperiais, os quais haviam sido perseguidores sangrentos dos ortodoxos: como um médico bondoso, ele desejava a vida deles para que, se possível, pudesse realizar uma cura neles e torná-los sãos na fé.

SEGUNDA DIVISÃO — OS ASSALTANTES DESCRITOS POSITIVAMENTE

“Mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef 6:12).

O apóstolo, tendo mostrado o que os inimigos dos santos não são — carne e sangue, homens frágeis que não podem vir sem ser vistos, que podem ser resistidos pelo poder humano ou evitados pela fuga —, passa agora a descrevê-los de forma positiva: “contra os principados, contra as potestades”, etc. Alguns pensam que o apóstolo, por meio desses diversos nomes e títulos, pretende expor as ordens distintas pelas quais os demônios estão subordinados uns aos outros; assim, consideram o diabo (v. 11) como o chefe ou monarca, e estes (v. 12) como tantas ordens inferiores, como entre os homens há príncipes, duques, condes, etc., sob o governo de um imperador. Que existe uma ordem entre os demônios é algo inegável. A Escritura fala de um “príncipe dos demônios”, Mt 9:34, e do diabo e seus anjos, que com ele caíram de sua primeira posição (chamados de *seus* anjos porque, conforme se concebe provavelmente, um deles, como o cabeça da facção, arrastou consigo multidões de outros para o seu partido, os quais com ele pecaram e caíram). Mas que existam tantas ordens distintas entre eles, conforme os vários ramos desta descrição, não é provável; trata-se de uma noção fraca demais para servir de fundamento a um discurso de púlpito. Portanto, nós os consideraremos no sentido coletivo do diabo — não lutamos contra a carne e o sangue, mas contra os demônios, que são principados e potestades, etc. —, e não distributivamente, fazendo dos principados uma classe e das potestades outra; pois alguns desses ramos não podem referir-se a ordens distintas, mas promiscuamente a todos, como “hostes espirituais da maldade”, uma vez que não é próprio de apenas uma classe serem espíritos ou malignos, mas comum a todos. PRIMEIRO, portanto, o diabo ou todo o bando deles é aqui descrito por seu governo neste mundo — principados. SEGUNDO, por sua força e poder, chamados potestades. TERCEIRO, por seu reino ou territórios próprios — príncipes

das trevas deste século. QUARTO, por sua natureza em sua substância e degeneração — hostes espirituais da maldade. QUINTO, pelo fundamento da guerra — nos lugares celestiais, ou a respeito de coisas celestiais.

PRIMEIRO RAMO

Contra os principados.

O diabo, ou todo o bando deles, é aqui descrito por seu governo neste mundo — principados. O termo “principados” é aqui usado no abstrato pelo concreto; isto é, aqueles que possuem um principado. Assim, em Tt 3:1, somos instruídos a estar sujeitos aos “principados e potestades”, isto é, príncipes e governantes; assim lê a Vulgata. Lutamos contra príncipes, o que alguns consideram como uma expressão da eminência de sua natureza acima da humana; de modo que, assim como o estado e o espírito dos príncipes são mais elevados do que os dos outros (homens grandes possuem grandes espíritos; como Zeba e Salmuna disseram a Gideão, ao serem indagados sobre quem eram aqueles que mataram em Tabor: “Como tu és, assim eram eles; cada um parecia filho de rei”, isto é, em majestade e presença dignas de uma linhagem real), assim pensam eles que a natureza eminente dos anjos é aqui pretendida, os quais estão tão acima do mais elevado príncipe como este se encontra acima do mais humilde camponês. Mas, visto que eles são descritos por sua natureza no quarto ramo, subscrevo o julgamento daqueles que consideram que isto se refere ao seu principado ou governo, o qual o diabo exerce neste mundo inferior; e a observação será:

O tipo de principado que Satanás possui.

DOCTRINA. Satanás é um grande príncipe. O próprio Cristo o intitula o “príncipe deste mundo”, Jo 14:30. Os príncipes possuem seus tronos onde se assentam em pompa; Satanás possui o seu: “habitas onde está o trono de Satanás”, Ap 2:13; e um trono tal que nenhum príncipe terreno pode se comparar a ele. Poucos reis estão entronizados no coração de seus súditos; eles governam seus corpos e comandam seus recursos, mas quantas vezes em um dia são destronados pelos desejos de seus súditos descontentes! Mas Satanás possui o coração de todos os seus súditos. Os príncipes recebem homenagens e honras peculiares. Satanás é servido de joelhos por seus súditos; diz-se que os ímpios adoram o diabo, Ap 13:4. Nenhum príncipe espera tal adoração como ele; nada menos do que uma adoração religiosa o satisfará. Diz-se que Jeroboão estabeleceu sacerdotes para os demônios, 2Cr 11:15; e, portanto, ele é chamado não apenas de príncipe, mas de deus deste século, porque lhe é prestada a adoração devida a um deus. Os príncipes absolutos possuem o poder legislativo, sim, sua própria vontade é a sua lei, como ocorre hoje na Turquia, onde suas leis não estão escritas em outras tábuas senão no peito do orgulhoso sultão. Assim, Satanás dita leis ao pobre pecador, que está subjugado e deve obedecer, embora a lei seja escrita com o seu próprio sangue, e a criatura nada receba senão a condenação por cumprir a concupiscência do diabo. É chamada de “lei do pecado”, Rm 8:2, porque vem revestida de autoridade. Os príncipes possuem seus ministros de Estado, a quem empregam para a segurança e expansão de seus territórios; assim Satanás possui os dele, que propagam seus desígnios malditos, e por isso lemos sobre “doutrinas de demônios”, 1Tm 4:1. Os príncipes possuem seus segredos de governo, os quais ninguém conhece senão uns poucos favoritos de sua confiança. Assim, o diabo possui seus mistérios de impiedade e as “profundezas de Satanás”, de que

lemos em Ap 2:24; estas coisas são comunicadas a poucos favoritos, tais como Elimas, a quem Paulo chama de “cheio de todo o engano e de toda a malícia, filho do diabo”; tais pessoas, cujas consciências estão tão depravadas que não hesitam diante dos pecados mais horrendos; estes são os seus favoritos prediletos. Li sobre um povo na América que prefere a carne quando esta já está podre e cheira mal. O diabo partilha dessa dieta. Quanto mais corrupta e apodrecida estiver a criatura no pecado, tanto melhor agrada ao seu paladar. Alguns são mais filhos do diabo do que outros. Cristo tinha o seu discípulo amado; e Satanás possui aqueles que se deitam em seu próprio seio e conhecem o que há em seu coração. Em uma palavra, os príncipes possuem os seus tributos e impostos; assim Satanás possui os dele. De fato, ele não apenas partilha de tudo com o pecador, mas é o proprietário de tudo o que este possui; de modo que o diabo é o comerciante, e o pecador não passa do corretor que negocia para ele, o qual, ao final, deposita todos os seus ganhos na bolsa do diabo. Tempo, força, talentos, sim, a consciência e tudo o mais são gastos para mantê-lo em seu trono.

Como Satanás veio a ser tal príncipe.

Pergunta 1. Mas como Satanás chegou a este principado?

Resposta. Não de forma legítima, embora ele possa apresentar uma aparente reivindicação. A saber:

1. *Ele o obteve por conquista;* assim como conquistou sua coroa, ele a ostenta por meio de poder e astúcia. Mas a conquista é um título defeituoso. Um ladrão não é mais honesto pelo fato de ser capaz de forçar o viajante

a entregar-lhe a bolsa; e um ladrão no trono não é melhor do que um ladrão comum na estrada, ou um pirata em uma embarcação, como alguém corajosamente disse a Alexandre. Tampouco se torna legítimo com o passar do tempo aquilo que era ilegítimo no início. De fato, Satanás mantém a posse há muito tempo, mas o ladrão continuará sendo ladrão enquanto retiver os bens roubados. Ele roubou o coração de Adão de Deus no início, e faz o mesmo até o dia de hoje. A conquista de Cristo é legítima, porque o fundamento da guerra é justo — recuperar o que era seu; ao passo que Satanás não pode dizer da menor criatura: “Isto é meu”.

2. *Satanás pode reivindicar seu principado por eleição.* É verdade que ele entrou por meio de uma astúcia, mas agora ele é um príncipe eleito pelo voto unânime da natureza corrupta. “Vós tendes por pai ao diabo”, diz Cristo, “e quereis satisfazer os desejos de vosso pai”. Mas isto também possui uma falha, pois o homem, pela lei da criação, é súdito de Deus e não pode doar o direito de Deus; pelo pecado ele perde o seu direito em Deus como protetor, mas Deus não perde o seu direito como soberano. O pecado impossibilitou o homem de guardar a lei de Deus, mas não o desobriga nem o isenta de guardá-la.

3. *Satanás pode alegar um ato de doação do próprio Deus,* como ousou fazer diante do próprio Cristo com base neste fundamento, persuadindo-o a adorá-lo como o príncipe do mundo. Ele mostrou-lhe todos os reinos do mundo, dizendo: “Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero”, Lc 4:5, 6. Havia uma verdade ali, embora ele tenha dito mais do que a verdade — pois ele não consegue falar a verdade sem o intuito de obter crédito para alguma mentira ao final. Deus,

de fato, entregou, em certo sentido, este mundo a ele, mas não no sentido que ele pretendia, de fazer dele o que bem entendesse; tampouco, por qualquer ato de aprovação, concedeu-lhe uma patente que o legitimasse como seu vice-rei: não Satanás pela graça de Deus, mas por permissão de Deus, príncipe deste mundo.

Pergunta 2. Mas por que Deus permite que esta criatura apóstata exerça tal principado sobre o mundo?

Resposta 1. Como um ato de justiça e vingança sobre o homem, por este se ter revoltado contra o doce governo de seu legítimo Senhor e Criador. É a maneira como Deus pune a rebelião: “Porquanto não serviste ao Senhor teu Deus com alegria e bondade de coração, pela abundância de tudo, servirás aos teus inimigos... com fome”, etc. Satanás é um rei conhecido na ira de Deus. A maldição de Cam é a punição do homem: “servo dos servos”. O diabo é escravo de Deus; o homem é escravo do diabo. O pecado colocou o diabo sobre as costas da criatura; e agora ele a conduz sem misericórdia, como fez com os porcos, até que seja afogada nas chamas, a menos que a misericórdia intervenha.

Resposta 2. Deus permite este principado dele a fim de glorificar o seu nome no resgate de seus eleitos do poder deste grande potentado. Que nome glorioso Deus terá quando houver concluído esta guerra na qual, de início, encontrou tudo sob a posse deste inimigo, sem que houvesse um homem sequer entre todos os filhos de Adão a oferecer-se como voluntário neste serviço, até que fossem tornados voluntários pelo dia do seu poder! Isto, sim, conquistará para Deus um nome acima de todo nome, não apenas das criaturas, mas daqueles nomes pelos quais ele próprio era conhecido por sua criatura. A obra da criação do

céu e da terra concedeu-lhe o nome de Criador; a providência, o de Preservador; mas esta, o de Salvador. Nisto ele realiza ambas as coisas anteriores: preserva a sua criatura, que de outro modo estaria perdida; e cria uma nova criatura — refiro-me ao recém-nascido da graça —, a qual, por meio de Deus, será capaz de expulsar o diabo do campo de batalha, aquele mesmo diabo que fora capaz de expulsar Adão do paraíso, embora este tivesse sido criado em sua estatura completa. E não poderiam todas as outras obras de Deus desaguar como rios neste mar, perdendo os seus nomes, ou antes expandindo-se no nome da redenção? Se Satanás não tivesse feito prisioneiros os eleitos de Deus, estes não teriam ido para o céu com tais aclamações de triunfo. Há três expressões de grande alegria na Escritura: a alegria da mulher após o parto, a alegria da ceifa e a alegria daquele que reparte os despojos. A exultação de todas elas se fundamenta em um solo de dor: muitas dores e lágrimas custa à parturiente, muitos temores ao agricultor, perigos e ferimentos ao soldado, antes que alcancem a sua alegria; mas, ao final, são pagos por tudo, servindo a lembrança de suas dores passadas para alimentar suas alegrias presentes. Se Cristo tivesse vindo e se aliado à nossa natureza, e retornado pacificamente ao céu com a sua esposa, sem encontrar resistência, embora isso representasse um amor admirável e proporcionasse a alegria das bodas, contudo esta maneira de conduzir os seus santos ao céu aumentará a alegria, pois acrescenta ao cântico nupcial o triunfo de um vencedor que resgatou a sua noiva das mãos de Satanás, quando este a conduzia para as câmaras do inferno.

Como podemos saber se estamos ou não sob o governo de Satanás como nosso príncipe.

Primeiro. É Satanás um príncipe tão grande? Examina de quem és súdito. Seu império é vasto; há apenas alguns privilegiados que são transferidos para o reino do Filho do amor de Deus. Mesmo nos próprios territórios de Cristo — refiro-me à igreja visível —, onde o seu nome é professado e o cetro do seu evangelho é apresentado, Satanás possui os seus súditos. Assim como Cristo tinha os seus santos na corte de Nero, o diabo possui os seus servos no átrio externo de sua igreja visível. Deves, portanto, possuir algo mais para te isentar do governo dele do que o mero fato de viveres dentro dos limites e prestares uma conformidade externa às ordenanças de Cristo; Satanás cederá a isso sem sofrer perdas. É como um rei que permite aos seus mercadores comerciar, sim, e viver em um reino estrangeiro, e, enquanto lá se encontram, aprender a língua e observar os costumes do lugar. Isto não quebra a lealdade deles para com ele; tampouco tudo aquilo que fazes rompe a tua lealdade para com Satanás. Quando se promulgou um estatuto no reinado da rainha Elizabeth de que todos deveriam frequentar a igreja, os papistas enviaram a Roma um mensageiro para saber a vontade do papa. Ele respondeu então com as seguintes palavras, conforme se relata: “Dizei aos católicos na Inglaterra que me deem o seu coração, e deixem que a rainha fique com o resto”. Tu és súdito daquele a quem coroas em teu coração, e não daquele a quem lisonjeias com os teus lábios.

Mas, para levar o exame a um desfecho, sabe que pertences a um destes, e apenas a um; Cristo e Satanás dividem o mundo inteiro. Cristo não aceitará igual, e Satanás não tolerará superior; e, portanto, manter-te bem com ambos é impossível.

Ora, se dizes que Cristo é o teu príncipe, responde a estas perguntas:

1. *Como ele assumiu o trono?* Satanás outrora possuía a posse pacífica do teu coração; eras por nascimento, como o restante de teus vizinhos, vassalo de Satanás; sim, muitas vezes o reconheceste no curso de tua vida como o teu senhor legítimo; como ocorre, então, esta grande mudança? Certamente Satanás não renunciaria, por sua própria vontade, à sua coroa e cetro em favor de Cristo; e, quanto a ti mesmo, não estavas disposto a renunciar ao poder dele, nem eras capaz de resistir-lhe. Isto, portanto, só pode ser o fruto das armas vitoriosas de Cristo, a quem Deus exaltou como “Príncipe e Salvador”, At 5:31. Fala, pois: veio Cristo a ti, como outrora a Abraão socorrer Ló, quando este era prisioneiro de Quedorlaomer, resgatando-te das mãos de Satanás quando este te conduzia nas correntes da concupiscência para o inferno? Ouviste alguma vez uma voz do céu no ministério da palavra chamando por ti, como outrora a Saulo, de modo a prostrar-te aos pés de Deus e fazer-te voltar o rumo em direção ao céu; a privar-te da visão de tua própria presunção, tu que antes tinhas uma boa opinião de teu estado; a domesticar-te e tornar-te manso, de modo que agora aceitas ser conduzido pela mão de uma criança após Cristo? Veio Cristo alguma vez a ti, como o anjo a Pedro na prisão, despertando-te e não apenas fazendo com que as correntes da escuridão e da estupidez caíssem de tua mente e consciência, mas tornando-te também obediente — de modo que a porta de ferro de tua vontade se abriu para Cristo antes que ele te deixasse? Then tens algo a dizer em favor de tua libertação. Mas se em tudo isso eu estiver falando como um bárbaro e a linguagem que utilizo for estranha, se não tens conhecimento de que tal obra tenha ocorrido em teu espírito, então ainda te encontras na antiga prisão. Pode haver uma mudança de governo em uma nação

por um conquistador que a invade sem que os súditos ouçam falar disso? Um rei destronado e outro coroado em tua alma, e não ouviste nenhum embate durante todo este tempo? O Espírito regenerador é comparado ao vento, Jo 3:8. Seus primeiros movimentos na alma podem ser tão secretos que a criatura não sabe de onde vêm nem para onde tendem; mas, antes que ele conclua, o som será ouvido por toda a alma, de modo que esta não poderá deixar de ver uma grande mudança em si mesma e dizer: “Eu que era cego, agora vejo; eu que era duro como o gelo, agora me enternoço pelo pecado; agora o meu coração cede; posso derreter-me e prantear por ele. Eu que passava muito bem sem um Cristo, sim, que me perguntava o que os outros viam nele para fazerem tanto alvoroço por ele, agora mudei o meu tom com as filhas de Jerusalém; e em vez de perguntar com escárnio: 'O que é o teu Amado?', aprendi a perguntar onde ele está, para que possa buscá-lo convosco”. Ó alma, podes dizer que é assim contigo? Podes saber quem esteve aqui: ninguém menos que Cristo, o qual, por seu Espírito vitorioso, transferiu-te do poder de Satanás para o seu próprio e doce reino.

2. *A que lei te sujeitas livremente?* As leis desses príncipes são tão contrárias quanto as suas naturezas: uma é a lei do pecado, Rm 8:2; a outra é a lei da santidade, Rm 7:12; e, portanto, se o pecado não te privou de tal modo de tua lucidez a ponto de não saberes distinguir o pecado da santidade, podes logo decidir a questão, a menos que resolves enganar a tua própria alma. Confessa, portanto, e dá glória a Deus: a qual dessas leis a tua alma dá o seu consentimento? Quando Satanás emite a sua proclamação e ordena ao pecador: “Vai, pisa em tal mandamento de Deus”,

observa qual é o teu comportamento; tu te ofereces, conforme a expressão de Paulo em Rm 6:16: "ofereceis-vos", uma metáfora extraída dos servos dos príncipes ou de outros que se apresentam diante de seu senhor prontos e à disposição para fazer a sua vontade; com o que o apóstolo descreve elegantemente a prontidão do coração do pecador em apresentar-se aos pés de Satanás quando este bate ou chama. Ora, sai a tua alma assim ao encontro de tua concupiscência, como Arão ao de seu irmão, alegre por ver a sua face em uma oportunidade? Não és conduzido ao pecado com relutância, mas aprecias a ordem. "Transgredi em Gilgal", diz Deus, "porque disso gostais", Os 4:5. Como um cortesão que não apenas obedece, mas agradece ao seu príncipe por este se dignar a empregá-lo. Precisas de muito tempo para decidir de quem és? Alguém duvidou alguma vez se aqueles eram súditos de Jeroboão, os quais voluntariamente seguiam o seu mandamento? Os 5:11. Infelizmente para ti, encontras-te sob o poder de Satanás, atado por uma corrente mais forte do que o bronze ou o ferro; tu amas a tua concupiscência. O santo pode encontrar-se por algum tempo sob coerção — vendido sob o pecado, conforme o apóstolo lamenta —, e por isso alegra-se quando a libertação vem; mas tu te vendes para praticar a impiedade. Se Cristo viesse afastar-te de tuas concupiscências, chorarias por elas como Mica de seus deuses.

3. *A quem recorres em busca de proteção?* Assim como cabe ao príncipe proteger os seus súditos, os príncipes esperam que os seus súditos confiem a sua segurança a eles. O próprio espinheiro diz: "Se, na verdade, me ungis por rei sobre vós, vinde, e confiai-vos debaixo da minha sombra", Jz 9:15. Ora, quem possui a tua confiança? Ousas confiar a

Deus a tua alma e os assuntos dela na prática do bem? Os bons súditos seguem a sua vocação, confiando os assuntos de Estado à sabedoria de seu príncipe e de seu conselho. Quando injustiçados, apelam ao seu príncipe em suas leis para obterem justiça; e, quando ofendem o seu príncipe, submetem-se à penalidade das leis e suportam pacientemente o seu desagrado, até que, humilhando-se, recuperem o seu favor, e não caem em rebelião aberta em razão de descontentamento. Assim, a alma regenerada segue a sua vocação cristã, confiando-se a Deus como a um Criador fiel, para ser orientada por sua sábia providência. Se sofrer violência de alguém, desdenha pedir auxílio ao diabo para ajudá-la, ou ser o seu próprio juiz para fazer justiça a si mesma; não, ela aquiesce no conselho e conforto que a Palavra de Deus lhe concede. Se ela mesma ofender e, assim, vier a sofrer sob o açoite da mão corretora de Deus, não toma de armas rebeldes contra Deus nem se recusa a receber a correção; mas diz: “De que se queixa o homem vivente? Queixe-se cada um dos seus próprios pecados”. Ao passo que o homem perverso não ousa arriscar as suas propriedades, vida, reputação ou qualquer coisa que possua com Deus na prática do bem; ele pensa que se arruinará imediatamente se permanecer quieto sob a sombra da promessa de Deus para proteção; e, por isso, foge de Deus como quem foge de uma casa antiga que estivesse para ruir sobre a sua cabeça, e deposita o peso de sua confiança em políticas ímpias, fazendo da mentira o seu refúgio. Como Israel, confia na perversidade; quando Deus lhe diz: “Em vos converterdes e em repousardes estaríeis salvos; no sossego e na confiança estaria a vossa força”, ele não possui fé para aceitar a palavra de Deus como sua segurança em caminhos de obediência. E quando Deus vem a afligi-lo por qualquer

conduta desleal, em vez de aceitar a punição por seu pecado — e assim reconhecê-lo como o seu Senhor Soberano que pode justamente punir as faltas de seus súditos desobedientes —, o seu coração enche-se de ira contra Deus e, em vez de esperar tranquila e humildemente, como um bom súdito, até que Deus, diante de seu arrependimento, o acolha em seu favor, o seu coração miserável, apresentando Deus como um inimigo para ele, não permitirá que nenhum pensamento tão gracioso e amável a respeito de Deus habite em seu peito, mas ordena-lhe que não espere bem algum de sua mão: “Eis que este mal vem do Senhor; por que esperaria eu mais pelo Senhor?”. Ao passo que o coração regenerado sente-se sumamente encorajado a esperar por esta mesmíssima consideração que afasta o outro: “Porque é o Senhor quem aflige”.

4. *Com quem simpatizas?* Ele é o teu príncipe cujas vitórias e perdas levas a sério, seja em teu próprio peito ou no mundo lá fora. O que diz a tua alma quando Deus cerca o teu caminho e te impede daquele pecado ao qual Satanás te incitava? Se estiveres do lado de Cristo, alegrar-te-ás quando fores liberto de uma tentação, ainda que seja por cair em uma aflição. Como Davi disse de Abigail, assim dirás tu aqui: “Bendita seja a ordenança, bendita seja a providência que me impediu de pecar contra o meu Deus”; mas, se for de outro modo, nutrirás um rancor secreto contra a palavra que se colocou em teu caminho, e ficarás descontente por o teu desígnio não ter sido alcançado. O coração perverso, como Amnon, definha enquanto a sua concupiscência não encontra vazão. Ademais, que música fazem em teus ouvidos as realizações de Cristo no mundo? Quando ouves que o evangelho prospera, que os cegos veem, os coxos andam, os

pobres recebem as boas-novas, alegra-se o teu espírito nessa hora? Se fores santo, alegrar-te-ás, visto que Deus é o teu Pai, por teres mais irmãos nascidos; visto que ele é o teu príncipe, por aumentar a multidão de seus súditos. Da mesma forma, quando vês os planos dos inimigos de Cristo descobertos e os poderes derrotados, podes sair com os santos ao encontro do Rei Jesus e aclamá-lo de volta do campo de batalha com louvores? Ou tocam os teus sinos ao revés, e tais notícias fazem-te apressar-te, como Haman, lamentando para a tua casa, para ali descarregares o teu espírito cheio de rancor contra os seus santos e a sua verdade? Ou, se a tua prudência carnal puder dominar a tua paixão a ponto de manteres uma fisionomia serena e permitir-te juntar-te ao povo de Deus em suas aclamações de alegria, contudo serás um lamentador reservado em teu íntimo, e não apreciarás a obra mais do que Haman apreciava a sua tarefa de segurar o estribo de Mardoqueu, ele que preferiria ter segurado a escada da fogueira. Isto te revela como um inimigo incontestável de Cristo, por mais habilmente que te comportes diante dos homens.

Segundo. Bendizei a Deus, ó vós santos, que, diante do exame anterior, podeis dizer que fostes transferidos para o reino de Cristo e, assim, libertos da tirania deste usurpador. Poucos há que não tenham algum dia festivo no ano que solenizem: alguns celebram o seu aniversário de nascimento, outros o de casamento; alguns a sua alforria de um serviço cruel, outros a sua libertação de algum perigo iminente. Aqui há uma misericórdia na qual todas essas coisas se encontram. Podes chamá-la, como Adão chamou a sua esposa, Eva, a mãe de todos os viventes; cada misericórdia levanta-se e chama a esta de bendita. Este é o teu dia de nascimento: antes existias, mas

começaste a viver quando Cristo começou a viver em ti. O pai do pródigo datou a vida de seu filho a partir de seu retorno: “Este meu filho estava morto, e reviveu”. É o teu dia de casamento: “Tenho-vos preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo”, diz Paulo aos coríntios. Talvez tenhas desfrutado da doce companhia deste teu marido por muitos dias e tido uma descendência numerosa de alegrias e confortos por tua comunhão com ele, cujo pensamento não pode senão torná-lo querido para ti e fazer com que o dia de tuas bodas seja agradável à tua memória. É a tua alforria: então foram cancelados os teus contratos de servidão nos quais estavas atado ao pecado e a Satanás. Quando o Filho te libertou, tornaste-te verdadeiramente livre. Não podes dizer que nasceste livre, pois o teu pai era escravo; tampouco que compraste a tua liberdade por grande soma: “Pela graça sois salvos”. O céu está assegurado para ti na promessa, sem que tenhas despesa sequer para a redação do contrato. Tudo é realizado às custas de Cristo, com quem Deus firmou o pacto e a quem deu a promessa da vida eterna antes que o mundo começasse, como uma herança gratuita a ser estabelecida sobre cada alma crente no dia em que viesse a Cristo e o recebesse como seu Príncipe e Salvador; de modo que, a partir da hora em que vieste sob a sombra de Cristo, todo o fruto doce que cresce nesta árvore da vida é teu. Com Cristo, tudo o que ambos os mundos possuem passa a pertencer-te: tudo é vosso, porque vós sois de Cristo.

Ó cristão, olha para ti mesmo agora e bendiz ao teu Deus por veres que mudança ocorreu em teu estado desde aquele tempo sombrio e terrível em que eras escravo do príncipe das trevas. Como poderias desejar novamente o teu antigo trabalho de assistente de cozinha, ou pensar em retornar à tua casa de servidão, agora que conheces os privilégios do reino de Cristo?

Grandes príncipes que, da humilhação e da mendicância, ascenderam a reinos e impérios — para aumentar a alegria de sua honra atual —, deleitaram-se em falar frequentemente de seu nascimento humilde, em visitar os casebres simples onde foram acolhidos primeiramente, onde nasceram e foram criados, e coisas semelhantes. E não deixa de ser proveitoso para o cristão olhar através das grades para ver o buraco esfumado onde outrora jazia, contemplar as correntes com as quais estava carregado e, assim, comparar a corte de Cristo e a prisão do diabo — a felicidade de uma e o horror da outra — conjuntamente. Mas, quando fazemos o melhor para sensibilizar os nossos corações com esta misericórdia, por meio de todas as agravantes que podemos conceber, infelizmente, quão pequena porção dela conheceremos aqui? Trata-se de um *nimum excellens* [excelente em excesso], uma excelência inexcedível que não pode ser plenamente contemplada senão por um olho glorificado. Como poderá ser plenamente conhecida por nós, onde não pode ser plenamente desfrutada? Fostes transferidos para o reino de Cristo, mas estais a grande distância de sua corte. Esta é mantida no céu, e o cristão a conhece apenas como conhecemos os países distantes que nunca vimos, senão por mapas ou por algumas raridades que nos são enviadas como uma amostra do que lá cresce em abundância.

Terceiro. Isto, cristão, requer a tua lealdade e fiel serviço a Cristo, que te salvou da escravidão de Satanás. Dizei, ó vós santos, a Cristo, como disseram a Gideão: “Domina sobre nós, pois tu nos livraste da mão”, não de Midiã, mas de Satanás. Quem é tão capaz de te defender da ira dele como aquele que despedaçou o seu poder? Quem haverá de governar-te com tanta ternura quanto aquele que não pôde tolerar a tirania de outro sobre ti? Em uma palavra, quem possui direito sobre ti além

daquele que arriscou a sua vida para te remir? — para que, liberto de todos os teus inimigos, possas servi-lo sem temor, em santidade, todos os dias de tua vida. E não seria lamentável que Cristo passasse por todo este trabalho para erguer a tua cabeça da casa de servidão de Satanás e conceder-te um lugar entre aqueles de sua própria casa, os quais são admitidos a ministrar perante ele — o que representa a honra mais elevada de que a natureza dos homens ou dos anjos é capaz —, e que tu, depois de tudo isso, fosses encontrado com participação em qualquer prática de traição contra o teu querido Salvador? Certamente Cristo pode considerar que mereceu melhor acolhida de tuas mãos, se de ninguém mais. Onde poderá um príncipe habitar em segurança senão no meio de seus próprios cortesãos? E sendo estes tais que foram todos retirados de correntes e prisões para serem assim promovidos, com o fim de obrigá-los ainda mais ao seu serviço. Deixai que os demônios e os homens diabólicos realizem a sua própria obra, mas não se levante a tua mão, ó cristão, contra o teu querido Salvador. Mas isto é pouco: ordenar-te que não ajas como traidor. Se tens qualquer sangue leal correndo em tuas veias, o teu próprio coração te repreenderá quando rasgares a menor orla de sua santa lei; tu serás tão incapaz de abrigar qualquer traição ali contra o teu querido Soberano como de carregar brasas de fogo em teu peito. Não; trata-se de algum empreendimento nobre em que gostaria que pensasses: em como podes engrandecer o nome de Cristo em teu coração e também no mundo, tanto quanto estiver em ti. Ó, quão de bom grado Deus aceitou o fato de Davi, quando estabelecido pacificamente em seu trono, estar projetando não como poderia entreter-se com aqueles prazeres que comumente corrompem e depravam as cortes dos príncipes em tempos de paz, mas como poderia demonstrar o seu zelo por Deus ao edificar uma casa para a sua adoração, ele que lhe erguera um trono, 2Sm 7. And

is there nothing, Christian, thou canst think on, wherein thou mayest be instrumental for God in thy generation? Ele não é um bom súdito aquele que visa apenas o que pode obter de seu príncipe, mas nunca pensa no que pode realizar por ele; tampouco é o verdadeiro cristão aquele cujos pensamentos habitam mais em sua própria felicidade do que na honra de seu Deus. Se os súditos pudessem escolher qual vida melhor atende ao seu próprio desfrute, todos desejariam viver na corte com o seu príncipe; mas, porque a honra do príncipe deve ser mais valorizada do que isso, por isso as almas nobres, para prestarem serviço ao seu príncipe, podem renunciar às iguarias de uma corte para arriscarem suas vidas no campo de batalha, e ainda agradecer ao seu príncipe pela honra de sua comissão. O bendito Paulo, sob estes termos, estava disposto a ter o dia de sua coroação na glória prorrogado, e a permanecer como companheiro de seus irmãos na tribulação aqui, para la expansão do evangelho. Isto, de fato, faz com que valha a pena viver: termos uma excelente oportunidade — se tivermos corações para aproveitá-la — na qual podemos dar uma prova de nossa real gratidão ao nosso Deus por seu amor redentor ao nos resgatar do poder do príncipe das trevas e nos transferir para o reino de seu Filho amado. E, portanto, cristão, não percas tempo; o que quer que pretendas fazer para Deus, faze-o depressa.

És um magistrado? Agora em breve se verá de que lado estás. Se, de fato, renunciaste à lealdade a Satanás e aceitaste Cristo como o teu príncipe, declara-te inimigo de todos os que trazem a marca de Satanás e marcham sob as suas cores. Estuda bem a tua comissão e, quando compreenderes o dever de teu cargo, trabalha zelosamente para Deus. Tens a espada do teu príncipe colocada em tua mão. Certifica-te de usá-la, e cuida de como a usas, para que, quando fores chamado a entregá-la, bem

como a prestar as tuas contas, ela não seja encontrada enferrujada na batinha por preguiça e covardia, nem manchada com o sangue da violência, nem torta e gasta por parcialidade e injustiça.

És um ministro do evangelho? O teu encargo é elevado: um embaixador, e não de algum príncipe de pouca importância, mas do grande Deus aos seus súditos rebeldes; uma vocação tão honrosa que o Filho de Deus não desdenhou vir extraordinariamente do céu para realizá-la, sendo por isso chamado de o “mensageiro da aliança”, Ml 3:1; sim, ele teria até o dia de hoje permanecido em pessoa na terra para isso, se não tivesse sido chamado a residir como nosso embaixador e advogado no céu perante o Pai; e, portanto, em sua ausência corporal ele confiou a ti, e a mais alguns, a condução do tratado com os pecadores, o qual ele próprio iniciou quando esteve na terra. E o que podes fazer de mais aceitável a ele do que seres fiel nisso, como um assunto no qual ele depositou tanto o seu coração? Se quereis contemplar a sua doce face com alegria — vós que sois os seus embaixadores —, atendei à vossa obra e esforçai-vos por conduzir este tratado de paz a um desfecho bendito entre ele e aqueles a quem fostes enviados. E então, se os pecadores não cederem nem selarem os artigos do evangelho, tu estarás, como disse Abraão ao seu servo, livre de teu juramento. Embora Israel não se congregue, contudo serás glorioso aos olhos do Senhor.

E não diga o cristão comum que ele é uma árvore seca e nada pode realizar por Cristo, seu príncipe, pelo fato de não poder produzir os frutos de um magistrado ou de um ministro. Embora não tenhas uma comissão para punir os pecados dos outros com a espada da justiça, contudo podes demonstrar o teu zelo ao mortificar os teus próprios pecados com a espada do

Espírito, e prantear pelos deles também; embora não possas condená-los no tribunal, contudo podes, sim, deves, pelo poder de uma vida santa, convencê-los e julgá-los. Tal juiz Ló foi para os sodomitas. Embora não sejas enviado a pregar e batizar, contudo podes ser de maravilhosa ajuda para os que o são. As orações do cristão afiam a espada dos magistrados e dos ministros também. Ó, ora, cristão, e ora novamente, para que os territórios de Cristo sejam expandidos. Nunca vás ouvir a Palavra sem orar: “Venha o teu reino”. Os príncipes autorizados recebem grande satisfação nas aclamações e votos de felicidades de seus súditos ao passarem por eles. Um *vivat rex* [viva o rei] que proceda de um peito leal, ainda que pobre, vale mais do que um subsídio daqueles que negam os seus corações enquanto partilham de seus recursos. Tu serves a um príncipe, cristão, que conhece o que todos os seus súditos pensam a respeito dele, e ele considera como sua honra não o ter uma multidão que fingidamente se submete a ele, mas o ter um povo que o ama e que aprova cordialmente o seu governo, os quais, se devessem escolher o seu rei e elaborar as suas próprias leis sob as quais deveriam viver todos os dias, não desejariam outro senão ele próprio, nem outras leis senão as que já receberam de sua boca. Foi sem dúvida de grande satisfação para Davi o possuir o coração de seu povo, de modo que tudo o que o rei fazia agradava a todos eles, 2Sm 3:36. E certamente Deus aceitou igualmente o fato de que tudo o que ele fazia agradava a Davi, pois de fato Davi estava tão contente sob o governo e a disposição de Deus como o povo estava sob o dele. Testemunhe a serenidade de seu espírito na maior aflição que já lhe sobreveio: “Eis-me aqui; faça de mim o que parecer bem aos seus olhos”, 2Sm 15:26. Alma leal! Ele preferia viver no exílio com a boa vontade de Deus do que possuir o seu trono se Deus não dissesse que isso era bom para ele.

SEGUNDO RAMO

Contra as potestades.

Satanás, neste segundo ramo da descrição, é apresentado por sua força e poder — chamados potestades. Isto confere peso ao ramo anterior. Fosse ele um príncipe e não fosse capaz de arregimentar uma força que pudesse infundir temor nos santos, o pomposo nome de príncipe seria desprezível; mas ele possui poder correspondente à sua dignidade, o qual se manifestará em cinco aspectos particulares. Primeiro: em seus nomes. Segundo: em sua natureza. Terceiro: em seu número. Quarto: em sua ordem e unidade. Quinto: nas obras poderosas que lhe são atribuídas.

O grande poder que Satanás possui não apenas sobre a parte elementar e sensitiva do mundo, mas também sobre a intelectual — as almas dos homens.

Primeiro. Ele possui nomes de grande poder. É chamado de “o homem valente”, Lc 11:21; forte a ponto de guardar a sua casa em paz em desafio a todos os filhos de Adão, sem que ninguém na terra seja capaz de fazer frente a este gigante. Cristo deve vir do céu para destruir a ele e às suas obras, do contrário o campo de batalha estará perdido. Ele é chamado de “leão que rugir”, animal que domina toda a floresta. Se ele rugir, todos tremem; sim, de tal maneira, como relata Plínio, que ele caminha entre eles e estes permanecem paralisados de medo enquanto ele escolhe a sua presa sem resistência; tal leão é Satanás, que conduz os pecadores cativos à sua vontade, 2Tm 2:26. Ele os toma vivos, conforme expressa o termo original: assim como o passarinho atrai a ave para a rede com uma pequena migalha,

ou como o vencedor subjuga o seu inimigo covarde, o qual não possui ânimo para lutar, mas rende-se sem contestação. Tais covardes o diabo encontra nos pecadores, que não bem ele apresenta uma proposta, eles cedem. São apenas uns poucos espíritos nobres, e estes são os filhos do Deus Altíssimo, os quais ousam opor-se a ele valorosamente e, lutando contra o pecado, resistem até o sangue. Ele é chamado de “o grande dragão vermelho”, que com a sua cauda (os homens ímpios, seus instrumentos) arrasta a terça parte das estrelas do céu; o “príncipe das potestades do ar”, porque assim como um príncipe pode arregimentar os seus súditos e conduzi-los ao campo de batalha para o seu serviço, assim o diabo pode levantar as forças do ar. Em uma palavra, ele é chamado de “o deus deste século”, 2Co 4:4, porque os pecadores prestam-lhe uma adoração divina e o temem assim como os santos temem ao próprio Deus.

Segundo. A natureza do diabo revela o seu poder: ela é angelical. “Bendizei ao Senhor, todos os seus anjos, valorosos em força”, Sl 103:20. “Força” é colocada em lugar de anjos em Sl 78:25: “O homem comeu o pão dos anjos” [no inglês: *food of the mighty* — alimento dos poderosos]. Em duas coisas o poder da natureza angelical se manifestará: em sua superioridade e em sua espiritualidade.

1. *A sua superioridade.* Os anjos constituem o topo da criação; o próprio homem foi feito um pouco menor do que os anjos. Ora, nas obras da criação, o superior possui poder sobre o inferior: os animais sobre a relva e a erva, o homem sobre os animais, e os anjos sobre o homem.

2. *A espiritualidade de sua natureza.* A fraqueza do homem provém de sua carne; sua alma,

criada para grandes empreendimentos, mas sobrecarregada por uma massa de carne, é forçada a remar com uma força correspondente ao seu fraco parceiro. Mas agora, os demônios, sendo anjos, não possuem tal embaraço, não têm vapores de uma parte carnal para nublarem o seu entendimento, que é límpido e penetrante; nenhum obstáculo em seus calcanhares para retardar o seu movimento, o qual, por sua rapidez, é representado pelo vento e pela chama de fogo. Sim, sendo espirituais, não podem ser resistidos com força carnal: o fogo e a espada não os ferem. O anjo que apareceu a Manoé subiu na chama do fogo que consumiu o sacrifício. Embora tal tenha sido a tolice, e o seja até o dia de hoje, dos supersticiosos, que pensam conjurar o diabo com os seus exorcismos carnaís; daí procedem as relíquias romanas, a cruz, a água benta; sim, e isso existia entre os próprios judeus em tempos de maior corrupção, os quais pensavam afugentar o diabo por meio de seus filactérios e da circuncisão, o que fez com que alguns deles interpretassem aquela passagem de Ct 3:8 a respeito da circuncisão: “Cada um com a sua espada sobre a sua coxa, por causa dos temores noturnos”. Por “espada sobre a coxa”, eles explicam a circuncisão, a qual pretendem, de forma vã, ter sido dada como um amuleto contra os espíritos malignos que os assustam à noite. Mas, infelizmente, o diabo não se importa com nada disso, não, nem mesmo com uma ordenança de Deus quando, por confiança carnal, fazemos dela um feitiço; ele muitas vezes foi atado com estes grilhões e correntes, como se diz dele no evangelho, e as correntes foram por ele despedaçadas, sem que ninguém pudesse assim domá-lo. Ele estima, como diz Jó a respeito do

leviatã, o ferro como palha e o bronze como pau podre. Deve ser um mais forte do que o homem valente quem o há de atar, e ninguém é mais forte senão Deus, o Pai dos espíritos. O diabo perdeu, de fato, por sua queda, grande parte de seu poder em relação àquele estado santo e feliz em que foi criado, mas não as suas capacidades naturais; ele continua sendo um anjo e possui o poder de um anjo.

Terceiro. O número de demônios acrescenta força ao seu poder. O que é mais leve do que a areia? No entanto, o número a torna pesada. Que criatura é menor do que os piolhos? No entanto, que praga foi maior para os egípcios? Quão formidáveis devem ser os demônios, os quais são tanto por natureza tão poderosos quanto por número tal multidão! Há demônios suficientes para sitiar a terra inteira; não há um lugar debaixo do céu onde Satanás não possua as suas tropas; não há uma pessoa sem que alguns desses espíritos malditos a persigam e a vigiem por onde quer que vá; sim, para algum serviço especial, ele pode enviar uma legião para manter guarnição em uma única pessoa, como em Mc 5; e, se tantos podem ser dispensados para assistir a um só, a que número ascenderia a lista de chamada de todo o exército de Satanás se fosse conhecida? E agora digei-me se não havemos de encontrar dificuldade em nossa marcha para o céu — se é que pretendemos ir para lá — nós que devemos passar pelos próprios quartéis desta multidão que se encontra espalhada sobre a face de toda a terra?

Quando os exércitos são desmobilizados e as estradas ficam cheias de soldados desregrados vagando de um lado para o outro, viajar torna-se perigoso; ouve-se falar então de homicídios e roubos por todos os lados. Estas potestades do inferno constituem aquela facção de anjos que, por sua rebelião e desobediência, foram demitidos do céu e expulsos daquela

gloriosa hoste; e, desde então, vagam aqui abaixo esforçando-se por fazer o mal aos filhos dos homens, especialmente aos que viajam pelo caminho do céu.

Quarto. A sua unidade e ordem tornam o seu número formidável. Não podemos dizer que haja amor entre eles — esse fogo celestial não pode viver no peito de um diabo —; contudo, há unidade e ordem quanto a isto: todos estão de acordo em seu desígnio contra Deus e contra o homem; assim, a sua unidade e consenso estão unidos pelos vínculos não do amor, mas do ódio e da astúcia — ódio contra Deus e contra os seus filhos, do qual estão cheios, e astúcia, que lhes diz que, se não concordarem em seu desígnio, o seu reino não subsistirá. E quão fiéis são a esta irmandade ímpia, o nosso Salvador dá um claro testemunho ao dizer que Satanás não combate contra Satanás. Ouvistes falar de algum motim no exército do diabo? Ou de que algum desses anjos apóstatas tenha voluntariamente entregue uma única alma a Cristo? Eles são muitos e, no entanto, há apenas um espírito de impiedade em todos eles. “O meu nome”, disseram os demônios, não “o nosso nome”, “é Legião”. O diabo é chamado de leviatã: “O Senhor castigará com a sua dura espada... o leviatã”, Is 27:1, a partir da palavra hebraica לָוָה (*lavah*), que significa compactado ou unido, usado para a baleia, cuja força reside em suas escamas, as quais são tão unidas que ela se encontra, por assim dizer, coberta de uma armadura. Assim, estes espíritos malditos concordam em suas maquinacões e esforçam-se por trazer os seus instrumentos para a mesma aliança com eles; não se contentando com a sua simples obediência, mas, onde a podem obter, exigem um juramento expresso de seus servos para lhes serem fiéis, como no caso das bruxas.

Quinto. As obras poderosas que são atribuídas a estes espíritos malignos na Escritura declaram o seu poder; e estas

dizem respeito à parte elementar, sensitiva ou intelectual do mundo. A elementar: que efeitos terríveis este príncipe das potestades do ar é capaz de produzir sobre ela, vede na Palavra; ele não pode, de fato, criar o menor sopro de ar, gota de água ou centelha de fogo, mas pode, se for solto, conforme diz o reverendo mestre Caryl sobre Jó 1, ir ao depósito de Deus e fazer uso destes de tal modo que nenhum homem poderá subsistir diante dele; ele pode lançar o mar em tamanha comoção que os abismos ferverão como uma panela, e perturbar o ar com tempestades e vendavais como se o céu e a terra fossem encontrar-se. Os filhos de Jó foram sepultados nas ruínas de sua casa por um sopro de sua boca, sim, ele pode ir ao arsenal de Deus (conforme diz o autor mencionado) e disparar a grande artilharia do céu, causando trovões e relâmpagos tão terríveis que não apenas assustarão, mas realizarão real destruição, e isso de uma maneira mais terrível do que no curso comum da natureza. Se a arte do homem pode sublimar a natureza a tal ponto, como vemos na invenção da pólvora, que esta possui uma força estranha, muito mais capaz é ele de extrair o seu poder. Ademais, sobre o mundo sensitivo o seu poder é grande: não apenas sobre os animais, como na manada de porcos precipitada por ele no abismo, mas também sobre os corpos dos homens, como no caso de Jó, cujos tumores dolorosos não eram a erupção de uma natureza enferma, mas a marca das presas de Satanás em sua carne, realizando de repente o que na natureza teria exigido mais tempo para se acumular e madurar; e sobre os possesores de demônios no evangelho, gravemente fustigados e atormentados por ele. Mas o diabo considera isto um jogo de menor importância.

O seu grande rancor dirige-se às almas dos homens, as quais chamo de mundo intelectual; a sua crueldade para com o

corpo ocorre por amor à alma. Assim como a compaixão de Cristo para com os corpos dos homens quando esteve na terra, curando suas enfermidades, dava-se em subordinação ao bem de suas almas, atraindo-os com aquelas misericórdias adequadas aos seus desejos carnavais para que pudessem receber mais voluntariamente as misericórdias para suas almas daquela mão que era tão bondosa para com seus corpos (assim como damos às crianças algo que as agrada para persuadi-las a fazer algo que não as agrada — ir à escola, estudar o livro); assim o diabo, que é tão cruel quanto Cristo é manso, e não deseja o bem nem do corpo nem da alma, manifesta a sua crueldade para com o corpo, mas com um desígnio contra a alma — sabendo muito bem que a alma logo se desestabiliza pela perturbação do outro —, pois a alma não pode deixar de perceber e, assim, ter a sua paz e repouso quebrados pelos gemidos e queixas do corpo sob cujo próprio teto ela habita; e então não é de estranhar se, assim como pela falta de sono a língua fala desordenadamente, a alma venha a romper em alguma conduta pecaminosa, o que constitui o cerne do plano do diabo contra o santo. E quanto a outras almas pobres e tolas, ele obtém pouco menos do que um temor e pavor divinos por parte delas por meio daquele poder que manifesta, sob permissão divina, ao golpear seus bens, animais e corpos, como ocorre entre os indígenas nos dias de hoje. Sim, há muitos entre nós mesmos que claramente demonstram que trono Satanás possui em seus corações sob este aspecto; tais que, como se não houvesse um Deus em Israel, recorrem em busca de ajuda e cura aos médicos dele — refiro-me aos adivinhos. E verdadeiramente, se Satanás não possuísse outro caminho para realizar a sua vontade sobre as almas dos homens senão por esta vantagem que obtém por meio do corpo, contudo, considerando a degeneração do estado humano — quão baixo a sua alma decaiu abaixo de sua extração primitiva; como o corpo, que era

uma casa iluminada, tornou-se agora uma prisão para ela; aquilo que era seu servo tornou-se agora o seu senhor —, não é de admirar que ele seja capaz de realizar tanto.

Mas, além disso, ele possui, como espírito, uma via de acesso mais próxima à alma e, como espírito superior, ainda mais poder sobre o homem, uma criatura inferior. E, acima de tudo, tendo penetrado na alma por meio da queda do homem, possui agora muito mais poder do que antes; de modo que, onde não encontra resistência da parte de Deus, arrasta tudo diante de si; como nos ímpios, aos quais tem de tal modo à sua disposição que se diz, em certo sentido, realizar neles o que Deus realiza nos santos: Deus opera eficazmente neles, Gl 2:8; 1Ts 2:13; Satanás opera eficazmente nos filhos da desobediência, Ef 2:2, sendo o termo no original o mesmo que nas passagens anteriores — ele é de certa maneira tão eficaz com eles como o Espírito Santo o é com os outros. Os seus enganos são “fortes”, 2Ts 2:11; eles não retornam sem realizar o seu objetivo. O Espírito ilumina; ele “cegou os entendimentos dos incrédulos”, 2Co 4:4. O Espírito enche os santos, Ef 5:18; “Por que encheu Satanás o teu coração?”, diz Pedro a Ananias, At 5:3. O Espírito enche de conhecimento e dos frutos da justiça; Satanás enche de inveja e de toda injustiça. O Espírito Santo enche de consolo; Satanás enche os ímpios de terrores — como em Saul, atormentado por um espírito maligno, e em Judas, em quem se diz que ele entrou e, quando houvera satisfeito a sua concupiscência nele (como Amnon em Tamar), fecha-lhe a porta da misericórdia e faz daquele que há pouco fora traidor de seu Mestre o carrasco de si mesmo. E, embora os santos não sejam os sujeitos próprios de seu poder, são os principais alvos de sua ira; o seu pé está sobre as costas dos ímpios, mas ele luta com estes e, quando Deus se afasta, ele se demonstra muito superior às forças deles. Ele

enviou o mais forte dentre eles para casa trêmulo e clamando ao seu Deus, com o sangue correndo sobre as suas consciências. Ele é poderoso, tanto como tentador para o pecado quanto pelo pecado; conhecendo o estado das condições do cristão tão bem e sendo capaz de lançar as suas bombas incendiárias tão profundamente nos sentidos internos, quer sejam de concupiscência ou de horror, e de inflamá-las com solicitações tão incansáveis que — se de início não encontrarem disposições adequadas no cristão nas quais, como que a partir de grãos de pólvora soltos, possam incendiar-se, o que é o mais comum —, contudo, com o tempo, ele pode convencer a criatura, pela extensão do cerco e por salvas contínuas de tais movimentos, a dar ouvidos a um entendimento com eles, se não a render-se a eles. Assim, muitas vezes ele até mesmo fatiga a alma com a sua importunação.

Utilidade Ou Aplicação

Primeira Utilidade. Que isto, ó homem, faça cair as plumas do teu orgulho, quem quer que sejas que te glories em teu poder. Ainda que tivesses mais do que tu ou qualquer dos filhos de Adão jamais tiveram, o que seria tudo isso diante do poder destes anjos? É na força do teu corpo que te glories? Infelizmente, o que é a força da carne frágil diante do vigor de sua natureza espiritual? Tu não és mais para eles do que uma criança para um gigante, um verme para um homem: eles poderiam arrancar as montanhas e lançar o mundo na confusão se Deus apenas lho permitisse. É na força de tuas capacidades acima dos outros? Não vês que tolos ele faz dos mais sábios entre os homens? Conduzindo-os como um sofista faria a um idiota, fazendo-os acreditar que a luz são trevas, o amargo é doce

e o doce é amargo. Se a força de suas capacidades não fosse admirável, poderia ele fazer uma criatura racional como o homem lançar fora tão absurdamente a sua púrpura para abraçar o esterco? Refiro-me a separar-se de Deus e da gloriosa felicidade que tem com ele, na esperança de melhorar a si mesmo abraçando o pecado. Contudo, isto ele realizou quando o homem possuía a plenitude de sua lucidez no estado de inocência. É no poder de posição e dignidade obtido por conquistas bélicas? Admita que fosses capaz de subjugar nações e dar leis ao mundo inteiro, contudo, mesmo assim, sem a graça do alto, serias escravo dele. E ele próprio, com todo este seu poder, é um espírito maldito, a mais miserável de todas as criaturas de Deus, e tanto mais quanto possui tanto poder para fazer o mal. Se o diabo tivesse perdido todas as suas capacidades angelicais quando caiu, teria ganho com a sua perda. Portanto, treme, ó homem, diante de qualquer poder que possuas, a menos que o utilizes para Deus. És forte no corpo: quem possui a tua força? Deus ou as tuas concupiscências? Alguns são fortes para beber, fortes para pecar; “os teus laços, portanto, se farão mais fortes”, Is 28:22. Tens poder, por tua posição, para prestar serviço a Deus e à sua igreja, mas não tens coração para empregá-lo a favor deles, senão antes contra eles? Tu e o diabo sereis julgados no mesmo tribunal. Parece que pretendes ir para o inferno por algum motivo: queres levar a tua carga completa para lá. Nenhuma praga maior pode sobrevir a um homem do que o poder sem a graça. Tais grandes no mundo, enquanto aqui, fazem uma bela demonstração, como comandantes-chefes e oficiais de campo à frente de seus regimentos — os soldados rasos são pobres criaturas diante deles —; mas, quando o exército é derrotado e todos são feitos prisioneiros, então lançam fora a sua faixa e a sua pluma e de bom grado passariam pelo mais humilde no exército. Felizes seriam os demônios, felizes

seriam os príncipes e os grandes do mundo se então pudessem comparecer com a vestimenta de algum pobre infeliz para receberem a sua sentença como tal; mas então os seus títulos, dignidade e riquezas serão lidos, não para a sua honra, mas para a sua maior vergonha e condenação.

Segunda Utilidade. Isto revela a tolice daqueles que pensam ser assunto fácil chegar ao céu. Se o diabo é tão poderoso e o caminho do céu está tão cheio deles, então certamente custará suor e lágrimas antes que desfraldemos as nossas bandeiras sobre os muros daquela nova Jerusalém. No entanto, é evidente que muitos pensam de outro modo pelas provisões que fazem para a sua marcha. Se virdes um homem caminhando sem capa, ou com uma muito fina, direis: “Certamente ele não teme o mau tempo”; ou alguém cavalcando em uma longa jornada sozinho e sem armas, concluireis que ele não espera salteadores na estrada. Todos, se lhes perguntardes, dirão que estão a caminho do céu; mas quão poucos se importam com a companhia dos santos? Como se não necessitassem de sua comunhão em sua jornada! A maioria caminha nua, sem nada que se assemelhe a uma armadura, e não possui o suficiente sequer para obter o nome de professantes nominais; outros, talvez, apresentar-vos-ão algumas esperanças vãs e levianas na misericórdia de Deus, sem qualquer fundamento bíblico para as mesmas, e com estas contentam-se, as quais, como uma pistola enferrujada e defeituosa, dispararão contra a sua própria face quando as forem utilizar; e haverá algum erro em dizer que encontram muitos trapaceiros e enganadores em seus negócios que, se não se cuidassem, logo os arruinariam? E não há ninguém que devas temer que aplique uma trapaça à tua alma e te prive de tua coroa de glória se o puder? Tu és mais cego do que o servo do profeta se não vês mais demônios cercando-te do

que ele viu homens ao redor de Samaria. O teu comércio terreno eles não impedirão, sim, talvez te auxiliem com artifícios pecaminosos nele para te impedirem nisto; mas, se uma vez resolveres buscar a Cristo e à sua graça, opor-se-ão a ti face a face. Estão sob juramento, como os inimigos de Paulo o estavam, para retirarem a vida de tua alma se o puderem; criaturas desesperadas eles mesmos, que sabem que a sua condenação é irrevogável e que venderão as suas próprias vidas tão caro quanto puderem. Ora, que tolíce é entregar a tua alma nas mãos deles quando Cristo está ao teu lado para ser o teu guia? Fora dele és uma criatura perdida: não podes defender-te sozinho contra Satanás, nem com Satanás contra Deus. Une-te a Cristo, e serás liberto de um de teus inimigos, e dele o mais formidável: refiro-me a Deus; sim, ele se tornou o teu amigo, o qual permanecerá ao teu lado em teu conflito com o outro.

Terceira Utilidade. Aos santos: não vos desanimeis com este relato que a Escritura faz do poder de Satanás. Temam-no aqueles que não temem a Deus. O que são estas montanhas de poder e orgulho diante de ti, ó cristão, que serves a um Deus que pode fazer de um verme um trilho para debulhar montanhas? O maior dano que ele te pode causar dá-se ao nutrir este falso temor dele em teu peito. Observa-se, diz Bernardo, a respeito de alguns animais na floresta, que, embora sejam fortes demais para o leão no combate, contudo tremem quando ele rugir. Assim o cristão, quando chega ao momento decisivo, de fato é capaz, por meio de Cristo, de esmagar Satanás debaixo de seus pés, contudo, antes do conflito, permanece trêmulo diante do pensamento dele. Esforça-te, portanto, por obter uma compreensão correta do poder de Satanás, e então este leão não parecerá tão feroz como o pintas em tua imaginação melancólica. Três considerações

aliviar-te-ão quando em qualquer momento fores assaltado pelos temores de seu poder:

Consideração 1. Trata-se de um poder derivado. Ele não o possui em si mesmo, mas por patente de outrem, e esse outrem não é senão Deus. Todos os poderes procedem dele, quer na terra quer no inferno. (1) Esta verdade confirmada na fé primeiro assegurar-te-ia, cristão, de que o poder de Satanás jamais te causará dano. Entregaria o teu Pai a ele uma espada para prejudicar-te, a ti que és seu filho? “Eis que eu criei o ferreiro”, diz Deus, “que assopra as brasas... também criei o assolador para destruir”; e, por isso, assegura-lhes que “toda a ferramenta preparada contra ti não prosperará”, Is 54:16-17. Se Deus provê as armas de seus inimigos, elas serão, garanto-vos, tais que lhes prestarão pouco serviço. Quando Pilatos pensou em amedrontar a Cristo com o que poderia fazer para salvar ou retirar a sua vida, ele responde que nenhuma autoridade teria “se de cima não te fosse dada”, Jo 19:11, como se dissesse: “Faze o teu pior, eu sei quem selou a tua comissão”. (2) Isto considerado enterneceria e aquietaria a alma quando perturbada por Satanás no íntimo ou por seus instrumentos externamente. É Satanás quem esbofeteia, o homem quem me persegue, mas é Deus quem dá a ambos o poder. O Senhor, diz Davi, ordenou-lhe que amaldiçoasse. O Senhor, diz Jó, o deu, e o Senhor o levou. Isto manteve a paz do rei no peito de ambos. Ó cristão, não olhes para o carcereiro que te açoita; talvez ele seja cruel, mas lê o mandado, vê quem o escreveu e, ao final, encontrarás a assinatura de teu Pai.

Consideração 2. Trata-se de um poder limitado. O poder de Satanás é limitado, e isso de duas maneiras: ele não pode fazer o que quer, e não fará o que pode.

(1) *Ele não pode fazer o que quer.* Seus desejos são ilimitados: movem-se não apenas de um lado para o outro aqui abaixo, mas no próprio céu, onde está derrubando os seus outrora companheiros anjos, destruindo a obra entalhada daquele glorioso templo como que com machados e martelos, sim, destronando a Deus e colocando-se em seu lugar.

(a) Este tolo diz em seu coração: “Não há Deus”; mas ele não pode realizar isto, nem muitas outras coisas que a sua malícia inflamada o incita a desejar; ele não passa de uma criatura e, por isso, possui a extensão de sua amarra à qual se encontra atado, e não a pode exceder. E, se Deus está seguro, tu também o estás, pois a tua vida “está escondida com Cristo em Deus”. “Porque eu vivo”, diz Cristo, “vós também vivereis”. Estais gravados na tábua de seu coração: se ele arrancar um, deve arrancar o outro também. (b) Ademais, assim como não pode ferir o ser de Deus, tampouco pode sondar o íntimo de Deus. Ele não conhece os pensamentos do homem, muito menos os de Deus. Nem os astrólogos nem o seu mestre puderam trazer de volta o sonho de Nabucodonosor. Assim como os homens possuem os seus gabinetes para a sua própria privacidade, onde ninguém pode entrar senão com a sua chave, da mesma forma Deus guarda o coração como a sua sala de retirada, fechada a todos os demais senão a si mesmo; e, portanto, quando ele assume a tarefa de vaticinar eventos, se Deus não lhe ensinar a lição, nem as causas secundárias o auxiliarem, ele se desvia de seu livro. Assim, para salvar a sua reputação, entrega as suas previsões de forma dúbia, para que o seu texto comporte uma interpretação adequada ao efeito, seja ele qual for. E, quando se atreve a declarar o estado de uma pessoa, nenhum peso deve ser depositado em seu julgamento. Jó era um hipócrita em sua boca, mas Deus o provou mentiroso. (c) Ademais, ele não pode

impedir aqueles propósitos e conselhos de Deus que conhece. Ele sabia que Cristo haveria de vir na carne e fez o seu pior, mas não pôde impedir a sua vinda; embora houvesse muitos desígnios em seu coração, contudo o conselho do Senhor a respeito dele subsistiu, sim, foi executado pela intervenção de Satanás que sugeria, e de seus instrumentos que executavam a concupiscência dele conforme pensavam, mas cumprindo o conselho de Deus contra si mesmos. (d) Satanás não pode violar a tua vontade. Ele não pode ordenar-te a pecar contra a tua vontade; ele pode acelerar o movimento — fazer a alma caminhar mais rápido quando esta já se encontra em seu caminho, assim como o vento conduz a maré com maior rapidez —; mas não pode desviar a corrente do coração contra o seu próprio curso e tendência.

(2) *O poder de Satanás é tão limitado que ele não pode fazer o que pode.* Deus libera apenas aquela porção de sua ira que redunde em seu louvor e sirva como uma corrente para pôr em ação o seu propósito de amor para com os seus santos, e então baixa a comporta ao reprimir o restante da mesma. Deus sempre o afasta antes que ele possa concluir a sua obra sobre o santo. Ele pode, se Deus lho permitir, roubar o cristão de grande parte de sua alegria e perturbar a sua paz por suas astutas insinuações, mas ele encontra-se sob comando; ele permanece como um cão ao lado da mesa enquanto os santos assentam-se ao seu doce banquete de consolo, mas não ousa mover-se para arrebatá-lo o alimento deles; os olhos de seu Mestre encontram-se sobre ele. A falta desta consideração priva Deus de seu louvor e a nós de nosso consolo — tendo Deus encerrado o nosso consolo no cumprimento de nosso dever. Se o cristão considerasse o que é o poder de Satanás e quem o detém, isto seria sempre um cântico de louvor em sua boca: "Possui Satanás o poder de roubar e

queimar, matar e destruir, atormentar o corpo, angustiar a mente? A quem devo agradecer por encontrar-me livre de qualquer destas coisas fora de suas mãos? Ama-me Satanás melhor do que a Jó? Ou estou fora de vista, ou fora de seu caminho? Terá a sua coragem arrefecido ou a sua ira se aplacado para que eu tenha escapado tão bem? Não, nada disso. A sua ira não se dirige contra um só, mas contra todos os santos; o seu olho encontra-se sobre ti e o seu braço pode alcançar-te; o seu espírito não está acovardado, nem o seu estômago saciado com aqueles milhões que ele devorou, mas está ávido como sempre; sim, mais aguçado, porque agora ele vê que Deus está prestes a retirá-lo e que o fim do mundo se aproxima tão rapidamente. É ao teu Deus somente que deves agradecer por tudo isso: o olho dele te guarda. Quando Satanás encontra este bom homem dormindo, então encontra o nosso Deus acordado; portanto, não és consumido, porque ele não muda. Se o olho dele adormecesse ou se desviasse por um único momento, não haveria necessidade de outro dilúvio para te afogar, sim, ao mundo inteiro, senão o que sairia da boca deste dragão".

Consideração 3. Trata-se de um poder ministerial, designado por Deus para o serviço e benefício dos santos. É verdade, como se diz do orgulhoso assírio: "Todavia ele não pensará assim, nem o seu coração o imaginará desta maneira", Is 10:7; mas está em seu coração destruir aqueles a quem tenta. Mas não importa o que ele pensa; assim como Lutero consolou-se ao ser informado sobre o que transcorreria na dieta de Nuremberg contra os protestantes, que "foi decretado de uma forma ali, mas de outra no céu"; assim, para o consolo dos santos, os pensamentos que Deus pensa a respeito deles são de paz, ao passo que os de Satanás visam arruinar suas graças e destruir suas almas. E o conselho dele subsistirá a despeito do

diabo. O próprio mandado de prisão que Deus emite quando entrega qualquer de seus santos à prisão do diabo diz assim: “Entregue o tal a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus”, 1Co 5:5; de modo que os santos tentados podem dizer: “Teríamos perecido se não tivéssemos perecido de acordo com o nosso próprio entendimento”. Este leviatã, enquanto pensa em devorá-los, é apenas enviado por Deus (como a baleia a Jonas) para conduzi-los em segurança à terra. “E alguns dos sábios cairão para serem provados, e purificados, e embranquecidos”, Dn 11:35. Isto Deus tenciona quando permite que seus filhos caiam em tentação. Como fazemos com a nossa roupa de linho: as manchas que adquirem em nossos banquetes são removidas por lavagem, esfregação e exposição ao sol para corar. As manchas dos santos são em sua maioria adquiridas na paz, na abundância e na prosperidade, e eles nunca recuperam a sua brancura em tal grau como quando saem de sob a esfregação de Satanás. Fazemos muito pouco ao não temermos Satanás; deveríamos consolar-nos com a utilidade e subordinação de suas tentações para o nosso bem. Tudo é vosso, de vós que sois de Cristo. Ele deu a vida para ser vossa, deu também a morte. Aquele que deu o céu por vossa herança — Paulo e Cefas, seus ministros e ordenanças para vos ajudarem a chegar lá — deu o mundo com todas as aflições dele, sim, o príncipe dele também, com toda a sua ira e poder, em ordem ao mesmo fim. Isto, de fato, representa o amor e a sabedoria em um enigma, mas vós que possuíis o Espírito de Cristo podeis desvendá-lo.

TERCEIRO RAMO

Contra os príncipes das trevas deste século.

Estas palavras contêm o terceiro ramo na descrição de nosso grande inimigo, o diabo; e apresentam a sede própria de seu império, com um tríplice limite. Ele não é “Senhor sobre todos” — isso constitui o título incomunicável de Deus —, mas um príncipe das trevas deste século, onde o tempo, o lugar e os súditos de seu império são restritos. PRIMEIRO. O tempo em que este príncipe exerce o seu domínio — neste século [ou mundo], isto é, agora, não no porvir. SEGUNDO. O lugar onde ele governa — neste mundo, isto é, aqui abaixo, não no céu. TERCEIRO. Os súditos ou pessoas a quem ele governa, nem todos neste mundo inferior também; eles estão designados nestas palavras — as trevas deste mundo.

O tempo em que Satanás governa.

PRIMEIRO. *O império de Satanás é limitado pelo tempo.* O tempo em que ele governa é neste mundo; isto é, agora, não no porvir. Esta palavra “mundo” pode ser tomada no texto por aquele pequeno espaço de tempo que, como um parêntese insignificante, está inserido de cada lado pela vasta eternidade, chamado às vezes de “presente século”, Tt 2:12. Neste cenário do tempo, este rei de farsa desempenha o papel de príncipe; mas, quando Cristo vier a desmontar o seu andaime ao final deste mundo, então ele será rebaixado, a sua coroa retirada, a sua espada quebrada sobre a sua cabeça, e ele será vaiado com desprezo e vergonha; sim, de príncipe passará a prisioneiro trancado no inferno. Nunca mais, então, atormentará os santos, não, nem governará os ímpios, mas ele com eles, e eles com ele,

jazerão sob a execução imediata da ira de Deus. Para este mesmíssimo fim Cristo possui a sua patente e comissão, a qual não entregará até que “haja aniquilado todo o império”, 1Co 15:24. Então, e não antes, entregará o seu reino mediador ao Pai, “quando houver aniquilado todo o império... porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés”, v. 25. Satanás já foi julgado, a sua sentença foi proferida sobre ele, como a de Adão o foi sobre o seu primeiro pecado, mas a execução completa está detida até o fim do mundo. O diabo sabe disso; trata-se de um artigo em seu credo, o que o fez perguntar trêmulo a Cristo por que vinha atormentá-lo antes do tempo.

Primeira Utilidade. Isto traz más notícias para os ímpios. O vosso príncipe não poderá por muito tempo assentar-se em seu trono. Os pecadores atualmente desfrutam de um tempo alegre, se isso pudesse durar; eles se alegram enquanto os discípulos de Cristo choram e lamentam; eles ostentam as suas sedas enquanto o santo caminha em seus trapos. Os príncipes não são mais cuidadosos em agraciar os seus cortesãos com pensões e promoções do que o diabo o é em satisfazer os seus seguidores. Ele também possui as suas recompensas: “Tudo isto te darei”. “Não sou eu bastante poderoso para te honrar?”, diz Balaque a Balaão. Oh, é estranho — e contudo não estranho, considerando a degeneração da natureza humana — ver como Satanás arrasta os pecadores atrás de si com este anzol de ouro. Permita-lhe apenas apresentar uma isca tal como honra, riqueza ou prazer, e os corações deles saltam atrás dela assim como um cão o faria atrás de uma crosta de pão. Ele os faz pecar por um bocado de pão. Oh, o coração perverso do homem ama o salário da injustiça, que o diabo promete, tão ternamente que não teme o salário terrível que o grande Deus ameaça. Como às vezes vemos

um cão de caça tão ávido por um osso que saltará no próprio rio por ele se o lançardes lá e, quando chega com muita dificuldade ao local, este afundou, e ele nada obtém senão um bocado de água por seus esforços — assim os pecadores correrão atrás de seus desejos de prazeres, honras e lucros, nadando através das próprias ameaças da Palavra direcionadas a eles. E às vezes perdem até mesmo aquilo por que ansiavam ali. Assim Deus impediu Balaão, como Balaque lhe disse, “de honra”, Nm 24:11. Mas, como quer que prosperem aqui, certamente perder-se-ão eternamente sem o arrependimento. Aqueles que estão resolvidos a possuir estas coisas são os homens que cairão na armadilha do diabo e são conduzidos àquelas concupiscências loucas e nocivas que os afogarão na destruição e perdição, 1Tm 6:9. Ó pobres pecadores! Não seria sábio, antes de negociardes com o diabo, indagar que título ele vos pode dar sobre estas belas vaidades? Irá ele estabelecê-las como uma herança livre sobre vós? Poderá ele garantir o vosso negócio e resguardar-vos de ações judiciais? Ou será ele capaz de colocar duas vidas na aquisição para que, quando morrerdes, não sejais deixados desamparados em outro mundo? Infelizmente, pobres infelizes! Em breve vereis que trapaça ele vos aplicou, de quem não obtereis senão um *caveat emptor* [cuide-se o comprador]; sim, este grande príncipe que é tão jactancioso ao dizer o que vos dará deve ele próprio cair; e um príncipe triste necessariamente fará uma corte triste. Ó, que uivo haverá então de Satanás e de seus vassalos conjuntamente! "Ó, mas", diz o pecador, "os prazeres e as honras que o pecado e Satanás oferecem são presentes, e aquilo que Cristo promete devemos esperar para receber". Isto, de fato, é o que mais atraí. Demas, diz Paulo, abandonou-me, “amando o presente século”, 2Tm 4:10. É presente, de fato, pecadores, pois não podeis dizer que será vosso no próximo momento. A vossa felicidade presente está partindo, e a dos

santos, embora futura, está chegando para nunca mais partir; e quem, por um gole de sopa e deleites sensuais no presente, separar-se-ia da reversão de tal reino? A menos que sejas da opinião daquele que pensava nada possuir senão o que havia engolido por sua garganta, não o farias.

Hæc habeo quæ edi, quæ exaturata libido / Hausit.

[Tenho o que comi, e o que a concupiscência saciada consumiu.]

Isto Cícero pôde dizer ser mais adequado para ser escrito sobre a sepultura de um boi do que sobre a de um homem. Criatura vil, que pensas não ser melhor negociar com Deus a prazo do que com o diabo à vista. Tertuliano admira-se da tolice da ambição dos romanos, que suportavam toda sorte de privações em campo e no combate por nenhuma outra coisa senão para obterem finalmente a honra de serem cônsules, o que ele chama de “uma alegria que foge ao final do ano”. Mas, oh! Que desespero e loucura representam então os pecadores não suportarem uma pequena privação aqui, mas vincularem a si mesmos a ira eterna de Deus no porvir pelo curto banquete e banquete rápido com que suas concupiscências os entretêm aqui, o qual muitas vezes não constitui *gaudium unius horæ* [a alegria de uma única hora].

Segunda Utilidade. Que isto te encoraje, ó cristão, em teu conflito com Satanás: o embate pode ser severo, mas não pode ser longo. Permita-lhe tentar-te e que seus instrumentos ímpios te fustiguem; falta pouco e estarás livre da má vizinhança de ambos. A nuvem, enquanto chove, está passando sobre a tua cabeça e logo vem o bom tempo, um sol eterno de glória. Não podes vigiar com Cristo uma hora ou duas? Manter-te em campo por alguns dias? Se cederes, estarás arruinado para sempre.

Persevera apenas até que a batalha termine, e o teu inimigo jamais tornará a reagrupar-se. Ordena à fé que olhe através da fechadura da promessa e te diga o que vê ali reservado para aquele que vencer; ordena-lhe que escute e te diga se não pode ouvir o clamor daqueles santos coroados, como daqueles que estão repartindo os despojos e recebendo a recompensa de todos os seus serviços e sofrimentos aqui na terra. E permaneces do outro lado com receio de molhar o teu pé com aqueles sofrimentos e tentações que, como um pequeno poço de água, correm entre ti e a glória?

O lugar onde Satanás governa.

SEGUNDO. *O império de Satanás está confinado ao lugar.* O lugar onde o diabo governa é neste mundo, isto é, aqui abaixo, não no céu. Ele é o príncipe deste mundo inferior, não do celestial. O ponto mais alto a que o diabo pode chegar é o ar; ele é chamado o príncipe deste, como sendo os limites extremos de seu império; ele nada tem a ver com o mundo superior. O céu não teme diabo algum e, por isso, as suas portas permanecem sempre abertas. Nunca este demônio atreveu-se a olhar para dentro daquele lugar santo desde que foi expulso pela primeira vez, mas vaga de um lado para o outro aqui abaixo como uma criatura vagabunda, excomungada da presença de Deus, causando o mal que pode aos santos em seu caminho para o céu. Mas não representa isto motivo de grande alegria: que Satanás não possua poder ali onde se encontra a herança dos santos? O que possuis, cristão, que devas valorizar e que não se encontre ali? O teu Cristo encontra-se ali e, se o amas, o teu coração também, o qual vive no peito de seu Amado. Os teus amigos e parentes em Cristo encontram-se ali, ou são esperados, com os quais terás um alegre encontro na casa de teu Pai, a despeito do laço em Tabor, dos planos de Satanás que se colocam no

caminho. Ó amigos, obtende um título para aquele reino, e estareis acima do voo desta ave de rapina. Isto tornou Jó um homem feliz de fato, o qual, quando o diabo o havia despojado até a pele e quase o havia privado desta também, pôde então reconhecer a Cristo face a face com a morte e os demônios como o seu Redentor, a quem haveria de contemplar com aqueles olhos que agora estavam cheios de lágrimas salgadas, e isso por si mesmo como a sua própria porção. É triste com ele de fato quem é roubado de tudo o que possui de uma vez; mas isto jamais poderá ser dito de um santo. O diabo levou a bolsa de Jó, por assim dizer, o que o colocou em alguns apertos, mas ele tinha um Deus no céu que o restabeleceu em seus bens. Algum recurso tens atualmente em tua bolsa: na atividade de tua fé, na evidência de tua filiação e no consolo decorrente da mesma, na liberdade no dever e coisas semelhantes. Destas coisas Satanás pode por um tempo perturbar-te, sim, privar-te, mas ele não pode chegar aos registros para apagar o teu nome do livro da vida; ele não pode anular a tua fé, invalidar a tua relação, secar o teu consolo na fonte, embora possa obstruir a corrente; tampouco pode impedir-te de um desfecho feliz de toda a tua guerra com o pecado, embora possa derrotar-te em um embate privado; todas estas coisas estão guardadas no céu, entre as próprias joias da coroa de Deus, de quem se diz que nos guarda por seu “poder, mediante a fé, para a salvação”.

Os súditos sobre os quais Satanás governa.

TERCEIRO. *Os súditos do império de Satanás são restritos.* O terceiro limite do principado do diabo dá-se em relação aos seus súditos, e eles são descritos aqui como sendo “as trevas deste mundo”, isto é, aqueles que se encontram em trevas. Esta palavra é usada às vezes para expressar a condição desolada de uma criatura em alguma grande aflição: “Quem há

entre vós... que ande em trevas, e não tenha luz?”, Is 50:10; às vezes para expressar a natureza de todo pecado: assim, em Ef 5:11, o pecado é chamado de as “obras das trevas”; às vezes o pecado particular da ignorância, e frequentemente é representado pelas trevas da noite, cegueira dos olhos. Todas estas coisas concebo que possam ser compreendidas, mas principalmente a última; pois, embora Satanás cause uma grande agitação na alma que se encontra nas trevas da tristeza, quer proceda de provações externas quer de desertamentos internos, contudo, se a criatura não se encontrar nas trevas do pecado ao mesmo tempo, embora ele possa perturbar a sua paz como um inimigo, não poderá ser dito que ele governa como um príncipe. Apenas o pecado estabelece Satanás no trono. De modo que considerarei as palavras sob as duas últimas interpretações. Primeiro: tomo-as pelas trevas do pecado em geral. Segundo: pelas trevas da ignorância em especial. E o sentido será que o domínio do diabo dá-se sobre aqueles que se encontram em um estado de pecado e ignorância, não sobre aqueles que cometem pecado ou são ignorantes. Se assim fosse, ele alcançaria os santos bem como os demais; mas dá-se sobre aqueles que se encontram em um estado de pecado, o que é representado pelo abstrato “príncipes das trevas”, para expressar ainda mais a plenitude do pecado e da ignorância que possui os escravos de Satanás. As observações serão duas:

PRIMEIRA DOUTRINA. Toda alma em um estado de pecado encontra-se sob o domínio de Satanás.

SEGUNDA DOUTRINA. A ignorância, acima de outros pecados, escraviza a alma a Satanás; e, portanto, todos os pecados são representados por aquilo que principalmente expressa isto, a saber, as trevas.

AS ALMAS EM UM ESTADO DE PECADO ESTÃO SUJEITAS AO GOVERNO DE SATANÁS

PRIMEIRA DOUTRINA. Toda alma em um estado de pecado encontra-se sob o domínio de Satanás; sob o qual dois pontos devem ser investigados. Primeiro: a razão pela qual o pecado é representado pelas trevas. Segundo: como cada um que se encontra em tal estado demonstra estar sob o domínio do diabo.

Primeiro. [A razão pela qual o pecado é representado pelas trevas.]

1. *O pecado pode ser chamado de trevas porque a fonte e a causa comum do pecado no homem são as trevas.* A causa externa é Satanás, que é o seu grande promotor; ele é um espírito maldito, retido em cadeias de trevas. A causa interna é a cegueira e as trevas da alma. Podemos dizer que, quando alguém peca, faz o que não sabe, conforme Cristo disse de seus assassinos. Se a criatura conhecesse o verdadeiro valor da alma, a qual vende agora por uma ninharia; a gloriosa e amável natureza de Deus e os seus caminhos santos; o amor incomparável de Deus em Cristo; a natureza venenosa do pecado; e tudo isso, não por um raio súbito projetado pela janela durante um sermão e logo desfeito como um relâmpago, mas por uma luz permanente, isso arruinaria o comércio do diabo. As pobres criaturas não acolheriam facilmente este sapo em seu peito. O pecado caminha disfarçado e, por isso, é bem-vindo.

2. *O pecado é trevas porque traz trevas para a alma, e isso de forma natural e judicial.*

(1) *O pecado traz trevas para a alma de forma natural.* Há uma qualidade nociva no pecado, ofensiva ao entendimento, o qual representa para a alma o que o olho e o paladar representam para o corpo: ele discerne as coisas e distingue o verdadeiro do falso, como o olho distingue o branco do preto; ele prova as palavras, como a boca saboreia os alimentos. Ora, assim como há algumas coisas prejudiciais à visão e outras ruins para o paladar, viciando-o de modo que este não saiba distinguir o doce do amargo, da mesma forma o pecado embrutece a criatura e torna-a insensata, de modo que aquele que antes via tal prática como absurda e vil nos outros, uma vez que ele próprio tenha bebido deste cálice encantador — como alguém que destruiu o seu próprio entendimento —, torna-se obstinado nela ele mesmo, incapaz de ver o mal que encerra ou de utilizar a sua razão contra ela. Assim, Saul, antes de corromper a sua consciência, considerava a feiticeira digna de morte; mas, após endurecer a sua consciência com outros pecados graves, ele próprio recorre a uma em busca de conselho.

(2) *O pecado traz trevas para a alma de forma judicial.* Tais pessoas, cujos ouvidos Deus se esforçou por abrir e instruir, e que correram da escola de Deus para a do diabo rebelando-se contra a luz, foram ameaçadas de que “morrerão sem conhecimento”, Jó 36:10, 12. Quê! Deveria a vela queimar em vão quando a criatura tem mais disposição para brincar do que para trabalhar?

1. *O pecado pode ser chamado de trevas porque recorre às trevas.* Os impostores introduzem suas heresias destruidoras ocultamente, como aqueles que

vendem mercadorias falsificadas. Avessos a comparecer ao mercado onde o padrão testa tudo, eles as vendem em segredo. Assim, na impiedade moral, os pecadores, como os animais, saem à noite em busca de sua presa, avessos a serem vistos, temerosos de comparecer onde seriam descobertos. Nada é mais terrível para os pecadores do que a luz da verdade, porque as suas obras são más, Jo 3:19. Félix ficou tão perturbado com o que Paulo disse que não pôde ouvir o sermão até o fim, mas retirou-se às pressas e adiou a audiência de Paulo para uma ocasião oportuna, a qual ele jamais pôde encontrar. O sol não é mais incômodo nos países quentes do que a verdade o é para aqueles que se assentam sob a pregação poderosa dela; e, portanto, assim como estes raramente saem ao ar livre no calor do dia e, quando devem fazê-lo, usam proteções sobre suas cabeças para se protegerem do sol, da mesma forma os pecadores evitam tanto quanto possível a pregação da Palavra; mas, se devem ir para manter as aparências com seus parentes ou por outras vantagens carnis, eles, se possível, esquivar-se-ão do poder da verdade, seja dormindo durante o sermão, seja conversando em pensamentos com qualquer imaginação tola que Satanás envie para lhes fazer companhia e tagarelar com eles em tal momento; ou escolhendo um pregador brando sob cuja pregação possam assentar-se, cujo discurso inofensivo antes lisonjeie do que perturbe, antes acaricie a sua imaginação do que fira as suas consciências, e então seus olhos doentes podem contemplar a luz. Eles amam a verdade quando floresce, mas não quando confuta. Ousam manusear e contemplar a espada com deleite quando em uma bainha rica, mas fugiriam ao vê-la desembainhada.

2. *O pecado pode ser chamado de trevas por sua desconsolabilidade, e isso sob um triplice aspecto.*

(1) *As trevas são desconsoláveis porque impedem qualquer atividade.* O que podiam fazer os egípcios sob a praga das trevas senão permanecer sentados? E isto, para um espírito ativo, representa perturbação suficiente. Assim, em um estado de pecado, o homem é uma criatura inútil, não pode prestar a Deus serviço algum aceitável, arruína tudo o que empreende; como alguém que corre de um lado para o outro em uma loja quando as janelas estão fechadas: nada faz corretamente. Poderia ser escrito sobre a sepultura de cada pecador que vive e morre em tal estado: “Aqui jaz o homem que nunca prestou a Deus uma hora de serviço em toda a sua vida”.

(2) *As trevas são desconsoláveis em termos de desfrute.* Ainda que existam as mais raras pinturas no recinto, se este estiver às escuras, quem se beneficiará disso? Uma alma em estado de pecado pode possuir muito, mas nada desfruta; isto constitui um mal terrível, e no qual pouco se pensa. Um único pensamento de seu estado de inimizade contra Deus verteria amargura em cada cálice; tudo o que possui cheira ao fogo do inferno; e um homem em um lauto banquete certamente pouco o desfrutaria se sentisse o cheiro de fogo, prestes a queimar a sua casa e a ele mesmo nela.

(3) *As trevas são desconsoláveis porque enchem de pavoros.* Os temores na noite são os mais terríveis; um estado de pecado é um estado de medo. Os homens que devem muito não possuem tranquilidade senão quando estão dormindo, e nem mesmo então, pois as preocupações e temores do dia penetram tão profundamente que tornam o seu repouso perturbado e inquieto na noite. O ímpio não possui paz senão quando a sua

consciência dorme, e esta dorme apenas sob sobressaltos, despertando frequentemente com crises dolorosas de terror; quando desfruta da maior prosperidade, assusta-se como um bando de aves em um milharal a cada disparo de arma. Ele come com medo e bebe com medo; quando afligido, espera por pior no porvir e não sabe em que esta nuvem poderá se desdobrar e onde o poderá lançar, se no inferno ou não, ele não sabe, e por isso treme como alguém nas trevas, sem saber se o seu próximo passo não será no abismo.

1. *O pecado pode ser chamado de trevas porque conduz às trevas exteriores.* As trevas exteriores representam as trevas no mais alto grau. O pecado em seu ápice e a ira em seu calor máximo conjuntamente; ambos universais, ambos eternos. Aqui há alguma mistura: paz e perturbação, dor e alívio; pecado e pensamentos de arrependimento, pecado e esperanças de perdão; ali o fogo da ira arderá sem trégua, e o pecado caminhará paralelamente ao tormento; as aves do inferno não mudam de plumagem, o seu tormento as faz pecar, e o seu pecado alimenta o seu tormento, ambos inextinguíveis, sendo um combustível para o outro.

Segundo. Vejamos como se demonstra que aqueles que se encontram sob um estado de pecado estão sob o domínio de Satanás. Os pecadores são chamados de filhos do diabo, 1Jo 3:10; e quem governa o filho senão o pai? São escravos; quem governa o escravo senão o senhor? São a própria residência do diabo; e onde possui o homem autoridade senão em sua própria casa? “Voltarei para a minha casa”, Mt 12:44. Como se o diabo dissesse: “Caminhei entre os santos de Deus, de um lado para o outro, batendo nesta e naquela porta, e ninguém quis me dar as boas-vindas, não consigo encontrar descanso; pois bem, sei onde

posso ser ousado: irei para a minha própria casa e ali certamente governarei sem oposição"; e, quando vem, encontra-a desocupada, varrida e adornada, isto é, perfeitamente pronta para o acolher. Os servos ornamentam e arrumam a casa para quando o seu senhor retornar, especialmente quando este traz convidados consigo, assim como aqui o diabo traz outros sete consigo.

Atentai para o pecador: não há nada que ele seja ou possua sobre o qual o diabo não exerça domínio; ele governa o homem por inteiro, cegando-lhe a mente. Todas as percepções que o pecador possui das coisas são moldadas por Satanás: ele contempla o pecado com os óculos do diabo, lê a Palavra com o comentário do diabo, nada vê em suas cores nativas, mas encontra-se sob uma ilusão contínua. A própria sabedoria do homem ímpio é dita terrena, animal e diabólica, Tg 3:15, *daimoniodes* [semelhante ao demônio] ou diabólica, porque ensinada pelo diabo, e também tal como a do diabo: sábia apenas para fazer o mal. Ele comanda as vontades deles, embora não para forçá-las, mas eficazmente para as atrair. "Quereis satisfazer", diz Cristo, os desejos de vosso pai. Estais resolvidos em vosso caminho, o diabo conquistou os vossos corações e a ele obedecereis; e, portanto, quando Cristo vem recuperar o seu trono, encontra a alma em tumulto, como Éfeso sob o sermão de Paulo, aclamando a Diana e rejeitando o apóstolo. "Não queremos que este reine sobre nós"; "quem é o Todo-Poderoso, para que nós o sirvamos?". Ele governa sobre todos os membros deles: estes são chamados de instrumentos de injustiça, todos à disposição do diabo, assim como todas as armas de um reino defendem o príncipe contra qualquer um que tente invadir — a cabeça para planejar, a mão para agir, os pés rápidos para conduzir o corpo de um lado para o outro em seu serviço; ele

governa sobre tudo o que o pecador possui. Permitti que Deus venha em um membro pobre e lhe rogue que lhe empreste uma moeda, ou conceda um bocado de pão para mitigar a sua fome dolorosa, e a mão da caridade do miserável cobiçoso seca-se, e ele não a pode estender; mas permitti que Satanás chame, e a sua bolsa abre-se e o seu coração também. Nabal, que não pôde dispensar alguns fragmentos para Davi e seus seguidores, este avarento pôde oferecer um banquete como o de um príncipe para saciar a sua concupiscência de glotonaria e embriaguez. Ele comanda o tempo deles: quando Deus chama ao dever, a orar, a ouvir, não há tempo durante toda a semana que possa ser poupado para isso; mas, se o pecador ouve que há uma reunião festiva, um grupo de companheiros na taberna, tudo é deixado de lado para servir ao seu senhor e mestre. O trabalho é deixado às pressas; sim, esposa e filhos chorando, talvez passando fome; enquanto o miserável verte o sangue deles ao desperdiçar o sustento deles aos pés de sua concupiscência. O pecador encontra-se nos “laços da iniquidade” e, estando atado, deve obedecer. Diz-se que ele caminha após a sua concupiscência como o tolo que caminha para o cepo, Pv 7:22. O malfeitor algemado pode tão logo desatar os seus próprios braços e pernas e fugir de seu guarda como este de suas concupiscências. São “servos” e os seus membros são “instrumentos de pecado”; assim como o artífice toma o seu machado e este não resiste, da mesma forma Satanás dispõe deles, a menos que Deus diga não.

Aplicação Desta Doutrina: “Que A Alma Em Um Estado De Pecado Encontra-Se Sob O Governo De Satanás.”

Vede aqui a deplorável condição de cada um que se encontra em um estado de pecado. Ele está sob o domínio de

Satanás e o governo do inferno. Que língua poderá expressar, que coração poderá conceber a miséria deste estado? Foi um dia terrível o que Cristo predisse em Mt 24, quando a “abominação da desolação” fosse vista estabelecida no lugar santo; então, diz Cristo, “os que estiverem na Judeia, fujam para os montes”. Mas o que era aquilo comparado a isto? Aqueles eram apenas homens, embora abomináveis; estes são demônios. Aqueles apenas se estabeleceram no templo material e o profanaram e destruíram; mas estes hasteiam as suas bandeiras nas almas dos homens, poluem aquele trono que é mais glorioso do que o próprio céu material, feito para que Deus somente nele se assente. Aqueles exerciam suas crueldades, no máximo, sobre os corpos dos homens, matando-os e torturando-os; aqui as almas preciosas dos homens são destruídas. Quando Davi pretendia amaldiçoar com vigor os inimigos de Deus, ele roga que Satanás esteja à sua mão direita. É estranho que os pecadores não tremam mais diante disso; eles que, se vissem apenas os seus porcos ou um animal enfeitiçado e possuído pelo diabo precipitar-se de cabeça no mar, clamariam como que quase arruinados; e não vale uma alma mais do que todos estes? Que praga representa ter Satanás possuindo o teu coração e espírito, arrastando-te no furor de tuas concupiscências para a perdição? Ó pobre homem! Que triste mudança realizaste! Tu, que não quiseste submeter-te ao governo manso e pacífico de Deus, o teu Senhor legítimo, és pago por tua rebelião contra ele com a crueldade deste tirano, que escreve todas as suas leis no sangue de seus súditos. E por que permaneceréis mais tempo, ó pecadores, sob a sombra deste espinheiro do qual nada podeis esperar senão fogo eterno que venha finalmente a devorar-vos? Eis que Cristo se encontra em campo, enviado por Deus para recuperar o seu direito e a vossa liberdade. O seu estandarte real está hasteado no evangelho e a proclamação foi feita: se quaisquer pobres pecadores, cansados

do governo do diabo e sobrecarregados com as correntes miseráveis de sua escravidão espiritual — de modo que estes grilhões de seus pecados penetrem em sua própria alma para a afligirem com o peso deles —, vierem assim e recorrerem a Cristo, obterão proteção contra a justiça de Deus, contra a ira do diabo e contra o domínio do pecado; em uma palavra, obterão descanso, e este glorioso, Mt 11:28.

Comumente, quando um povo foi oprimido sob o jugo de algum tirano sangrento, mostra-se bastante inclinado a ansiar por uma mudança e a dar ouvidos a qualquer proposta que lhe conceda esperança de liberdade, ainda que trazida pela mão de um estrangeiro que possa vir a ser tão mau quanto o outro; no entanto, a servidão é tão dolorosa que o povo deseja mudar, assim como os enfermos mudam de leito, embora encontrem pouco alívio com isso. Por que então a libertação haveria de ser indesejada para vós, pecadores? — libertação trazida não por um estrangeiro de cujos desígnios a vosso respeito devesseis temer, mas por um parente próximo consanguíneo que não vos pode querer mal, do contrário deveria primeiro odiar a sua própria carne; e quem jamais fez isso? Certamente não ele que, embora tenha assumido parte de nossa carne para que pudesse possuir o direito de ser o nosso Redentor, não quis ter parentesco conosco na pecaminosidade de nossa natureza, Hb 2:14-15. E é o pecado que é cruel, sim, para com a nossa própria carne. O que podes esperar daquele que é puro senão pura misericórdia? “As misericórdias dos ímpios são cruéis”, Pv 12:10. Crede, senhores, Cristo considera como sua honra ser rei de um povo voluntário, e não de escravos. Ele vem para vos libertar, não para vos conduzir à servidão; para vos fazer reis, não vassalos. Ninguém dirige a Cristo uma palavra de despreço senão aqueles que nunca foram seus súditos. Indagai apenas daqueles que

provaram tanto o serviço de Satanás quanto o de Cristo: eles são os mais capazes de vos esclarecer sobre o que são. Vedes que, quando uma alma passa das fileiras de Satanás para as de Cristo e experimenta uma única vez aquela doçura que há em seu serviço, não há como fazê-la retornar à sua antiga servidão; como se diz daqueles que procedem do norte, que é frio e pobre, que apreciam tanto o sul acolhedor que raramente ou nunca retornam mais para lá. O que há de mais temível para uma alma regenerada do que ser entregue nas mãos de Satanás, ou cair sob o poder de suas concupiscências? Ela escolheria antes lançar-se em uma fomalha ardente do que ser comandada por elas. Este é o grande pedido que o filho de Deus faz: que ele prefira açoitá-lo em sua casa a lançá-lo fora dela para se tornar presa de Satanás.

Ó pecadores, se conhecêsseis — o que não podereis fazer até que passeis para o lado de Cristo e o abraceis como vosso Senhor e Salvador — quais são os privilégios dos servos de Cristo e que tratamento terno os santos recebem das mãos de Cristo, diríeis que estes são os únicos homens felizes do mundo que comparecem continuamente perante ele. As suas leis são escritas não com o sangue de seus súditos, como as de Satanás, mas com o seu próprio. Todos os seus mandamentos constituem atos de graça; é um favor ser empregado neles. “A vós vos foi concedido... crer... padecer”, Fp 1:29. O santo considera tal honra realizar qualquer coisa que ele ordene que julga que Deus o recompensa por uma tarefa de serviço se o capacita para outra. “Isto tive eu”, diz Davi, “porque guardei os teus preceitos”, Sl 119:56; qual foi a grande recompensa que obteve? “Lembrei-me do teu nome, ó Senhor, de noite, e guardei a tua lei”, v. 55; então se segue: “Isto tive eu”. Ele obteve mais força e habilidade para guardar a lei no porvir por sua obediência no passado; e não foi

bem pago, pensais vós, por seus esforços? Há “fruto” mesmo na “santificação” que o cristão possui em mãos, do qual ele se alimenta enquanto trabalha, o que pode sustentar o seu estômago até que venha a sua recompensa plena, que é a “vida eterna”, Rm 6:22. Jesus Cristo é um príncipe que ama ver o seu povo prosperar e enriquecer sob o seu governo. Este é aquele de quem os pecadores têm receio, de modo que, quando ele abre a sua prisão e lhes ordena vir para fora, eles preferem furar suas orelhas no umbral da porta do diabo a desfrutarem desta bendita liberdade. Não admira que alguns dos santos tenham, de fato, “sendo torturados, não aceitado a libertação, para obterem uma melhor ressurreição”, Hb 11:35. Mas que enigma representa que almas perdidas, atadas pelas correntes de suas concupiscências e pelo decreto irresistível de Deus para a sua condenação se não crerem no Senhor Jesus, recusem a libertação enquanto são conduzidas para a execução! Isto pode deixar o céu e a terra maravilhados. Certamente, morrendo em seus pecados, não podem esperar por uma ressurreição melhor do que a morte que sofrem. Receio, antes, que não creiam firmemente que terão ressurreição alguma, e então não admira que desconsiderem a proposta de Cristo, eles que se consideram seguros uma vez sepultados nesta cova do túmulo. Mas saibam os pecadores que o túmulo não os poderá reter quando o dia do julgamento chegar e o Juiz chamar os prisioneiros ao tribunal. O túmulo nunca foi planejado para ser um santuário que defendesse os pecadores da mão da justiça, mas sim uma prisão fechada para os reter até o dia do julgamento, para que compareçam. Então os pecadores serão desenterrados de suas covas e arrastados de seus esconderijos para responderem pelo seu desprezo a Cristo e à sua graça. Ó, como ficareis pasmados ao contemplá-lo tornar-se vosso juiz, a quem agora recusais receber como vosso rei! Ao ouvirdes aquele evangelho testemunhar contra vós para a vossa

condenação, o qual ao mesmo tempo absolverá outros para a sua salvação! O que pensais fazer, pecadores, naquele dia? Clamareis e gritareis por misericórdia das mãos de Cristo? Infelizmente, uma vez proferida a sentença, a vossa face será imediatamente coberta; aos prisioneiros condenados não se permite falar: as lágrimas então serão inúteis, quando já não restar lugar para o arrependimento, quer no coração de Cristo quer no vosso próprio. Ou tencionais recorrer ao vosso antigo senhor, em cujo serviço arruinastes a vossa alma, e clamar a ele como ela a Acabe: “Socorro, ó rei!”? Infelizmente! O vosso olho o contemplará na mesma condenação convosco. Não seria melhor agora renunciardes ao governo do diabo enquanto podeis ser recebidos no governo de Cristo? Verterdes as vossas lágrimas e clamardes agora por misericórdia e graça enquanto estas se encontram disponíveis, do que guardá-las para outro mundo sem proveito algum?

Como alguém nascido escravo do pecado pode ser transferido para o reino de Cristo.

Pergunta. Mas possivelmente dirás: "Como posso eu, que sou um escravo nato do pecado, sim, que vivi por tantos anos sob o seu governo maldito, livrar-me de seu domínio e poder e ser transferido para o reino de Cristo?".

Resposta. A dificuldade desta grande obra não reside em persuadir Cristo a receber-te por seu súdito, ele que a ninguém rejeita que de coração sincero deseje vir sob a sua sombra. Não condiz com o seu projeto rejeitar qualquer pessoa assim. Costumam os médicos afastar os seus pacientes? Os advogados os seus clientes? Ou os generais desencorajar aqueles que desertam do inimigo e vêm para o seu lado? Certamente não. Quando Davi estava no campo de batalha, diz-se: “E ajuntou-se

a ele todo o homem que se achava em aperto, e todo o homem apertado de credores, e todo o homem de espírito desgostoso; e ele se fez chefe deles”, 1Sm 22:2. E assim Cristo fará com cada um que se encontre verdadeiramente desgostoso com o governo de Satanás e, diante de uma aversão interna a este, recorrer a ele. Mas a questão principal consistirá em afastar-te de teus compromissos com as tuas concupiscências e com Satanás; enquanto isso não for feito, Cristo não te reconhecerá como súdito, mas olhar-te-á como um espião. Ocorre com os pecadores o mesmo que com os servos. Pode haver desavenças entre eles e seus senhores, e palavras ásperas passarem entre eles, de modo que pensarias que arrumariam as suas trouxas e partiriam às pressas; mas a contenda logo passa e, na manhã seguinte, tudo está esquecido, e os servos encontram-se empenhados em seu trabalho como sempre. Ó, quantas vezes os pecadores estão se despedindo de suas concupiscências e dando aviso aos seus antigos senhores de que se arrependirão e reformarão, e tudo o mais; mas, em poucos dias, arrependeram-se de seu arrependimento e desformaram as suas reformas, o que demonstra que estavam embriagados de alguma paixão quando pensaram ou disseram isso, e não admira que revertam tudo quando retornam ao seu estado normal. Ora, porque Satanás possui muitas táticas por meio das quais costuma manter o seu domínio sobre os pecadores, descobrirei algumas delas, as quais, se puderes resistir, não será difícil conduzir-te para fora de seu poder e governo.

Táticas de Satanás que devem ser resistidas se quisermos escapar de seu governo.

Primeira. Satanás faz o seu máximo para que os pecadores não tenham pensamentos sérios a respeito do estado miserável em que se encontram enquanto sob o seu governo,

nem ouçam nada de outros que possa minimamente desestabilizar as suas mentes em relação ao seu serviço. A reflexão, ele o sabe, constitui o primeiro passo para o arrependimento. Aquele que não reflete sobre os seus caminhos, o que são e para onde o conduzem, não se mostra inclinado a mudá-los às pressas. Israel não se moveu até que Moisés veio e teve alguma conversa com eles a respeito de sua dolorosa escravidão e dos graciosos pensamentos de Deus para com eles; e então começaram a desejar partir. Faraó logo pensou na consequência que poderia advir disso e astutamente esforça-se por evitá-la ao duplicar a tarefa deles: “Vós estais ociosos, vós estais ociosos; por isso dizeis: Vamos, sacrifiquemos ao Senhor. Ide, pois, agora, trabalhais”, Êx 5:17-18. Como se dissesse: “Tendes tanto tempo livre para pensardes em vaguear pelo deserto, e tendes as vossas reuniões sediciosas, Moisés e vós, para planejardes as vossas tramas juntos? Romperei o grupo: dai-lhes mais trabalho; espalhai-os por toda a terra para recolherem palha, para que não se encontrem para atrair os corações uns dos outros para fora de meu serviço”. Assim, Satanás é muito ciumento do pecador, temeroso de que cada cristão que fale com ele, ou ordenança que ouça, o seduza. Por sua própria vontade, ele não permitiria que o pecador participasse de nenhum deles, não, nem que tivesse um pensamento sobre o céu ou o inferno de uma ponta da semana à outra; e, para que tenha o menor número possível deles, mantém-no com as mãos cheias de trabalho. O pecador mói, e ele está enchendo a moega para que o moinho não pare. Encontra-se com o pecador tão logo este acorda e enche o seu coração miserável com pensamentos ímpios que, como uma poção matinal, possam preservá-lo da infecção de qualquer sabor de bem que lhe possa ser comunicado por outros durante o dia. Durante todo o dia ele o vigia, como o senhor faria com o seu servo de quem teme que

fuja; e, à noite, como um carcereiro cuidadoso, tranca-o novamente em seu quarto com mais trincos e grilhões sobre ele, não permitindo que durma ao deitar-se em sua cama sem que tenha praticado algum mal. Ah, pobre infeliz! Algum escravo já foi tão vigiado? Enquanto o diabo puder reter-te assim, serás dele com toda a certeza. O pródigo caiu em si antes de ir para o seu pai. Ele refletiu consigo mesmo sobre a condição de fome em que se encontrava: as suas alfarobas eram alimento pobre, e contudo nem sequer delas tinha o suficiente; e sobre quão facilmente poderia melhorar o seu sustento se tivesse apenas a graça de ir para casa e humilhar-se perante o seu pai. Agora, e não antes, ele vai. Resolve assim, pobre pecador, sentar-te e refletir sobre qual é o teu estado e qual ele poderia vir a ser se mudasses a escravidão de Satanás pelo doce governo de Jesus Cristo. Pergunta primeiro à tua alma se o diabo pode, após teres consumido a tua miserável vida aqui nesta servidão, promover-te a um estado feliz no outro mundo, ou ao menos resguardar-te de um estado de tormento e dor? Se ele não o pode fazer, pergunta se não há um Jesus Cristo que é capaz e voluntário para o realizar? E, se assim for, se não representa uma crueldade sangrenta para com a tua preciosa alma permaneceres mais tempo sob a sombra deste espinheiro quando podes realizar uma mudança tão abençoada? Alguns destes pensamentos aplicados de forma permanente à tua alma podem — Deus operando com eles — abalar os alicerces da prisão do diabo e fazer-te apressar-te para longe dele tão rápido como quem foge de uma casa em chamas sobre os seus ombros.

Segunda. Satanás possui os seus instrumentos para se oporem aos mensageiros e às propostas que Deus envia por meio deles para retirarem o pecador de sob o governo de Satanás. Quando Moisés vem libertar Israel da escravidão egípcia,

levantam-se Janes e Jambres para resistir-lhe. Quando Paulo prega ao procônsul, o diabo possui o seu capelão na corte para o estorvar — Elimas, homem que estava cheio de toda astúcia e malícia. Algum ou outro, com certeza, ele encontrará quando Deus estiver parlamentando com um pecador e persuadindo-o a passar para o lado de Cristo, que se esforçará por obstruir a obra. Quer amigos carnaís — estes ele envia para pleitear a sua causa —; quer antigos companheiros de impiedade — estes se esforçam, ora esforçando-se por afastá-lo de seu novo caminho por meio de zombaria, ora, se isto não funcionar, convertendo o seu antigo amor em ira amarga contra ele por agir como apóstata e abandoná-los assim. Ou, se ainda assim ele não for detido em seu caminho, então ele possui os seus pregadores complacentes, sempre como os mensageiros de Jó (o último o pior), os quais, com a sua doutrina lisonjeira para a alma, ou antes assassina, passarão a curar a sua ferida “superficialmente”. Ora, se desejas libertar-te da escravidão de Satanás, tem cuidado com todos estes; endurece-te contra as súplicas de amigos e parentes carnaís. Resolve que, se os teus filhos se agarrarem aos teus joelhos para te reterem longe de Cristo, tu os lançarás fora; resolve que, se o teu pai e a tua mãe se prostrarem aos teus pés, antes do que não ir a Cristo, passarás por cima de suas próprias costas para ir a ele. Jamais poderemos nos separar de seu amor sob termos tão vantajosos como estes. E quanto aos teus irmãos na impiedade, espero que não pretendas esperar até obteres a aprovação deles; então pede também a do diabo. O céu possui muito pouco valor se não tens coração para desprezar uma pequena vergonha e suportar algumas zombarias de Ismaéis profanos por tuas esperanças nele. Deixa-os cuspir em teu rosto, Cristo o limpará; deixa-os rir, contanto que venças. Se não seguirem o teu exemplo antes de morrerem, a vergonha será deles mesmos; o próprio Deus cuspirá em seus rostos perante

homens e anjos e, então, os lançará no inferno. E, por último, escapa do laço daqueles lisonjeadores que utilizam suas línguas apenas para lamber as consciências dos pecadores para as curar com a sua doutrina suavizadora, e estarás em bom caminho para Cristo; não lhes peças conselho; eles podem tentar dar-te alívio com o qual costuram as tuas feridas, as quais devem ser reabertas, do contrário morrerás por isso.

Terceira. Satanás esforça-se por adiar o pecador com delongas. Pensamentos flutuantes e passageiros de arrependimento ele não teme; ele pode dar licença aos pecadores para falarem sobre o que farão, contanto que possa ganhar tempo e, por sua arte, impedir que tais pensamentos cheguem a um desfecho e amadureçam em uma resolução presente. Poucos estão no inferno que não tenham pensado em se arrepender, mas Satanás tratou o assunto de tal modo que eles nunca puderam definir o momento a sério para o fazerem. Se pretendes livrar-te de suas garras, fuge por suas portas e corre por tua vida por onde quer que esta advertência te encontre; não te demores, ainda que no meio de tuas alegrias com as quais as tuas concupiscências te entretêm. Assim como a carta que chegou a Brentius — daquele senador seu querido amigo — surpreendeu-o durante o jantar com a esposa e os filhos e ordenou-lhe que fugisse *cito, citius, citissime* [rapidamente, mais rapidamente, o mais rapidamente possível] —, o que ele fez, deixando a sua querida companhia e doce refeição; faze tu o mesmo, do contrário poderás arrepender-te de tua demora quando for tarde demais. Uma visão ordenou aos magos que retornassem por outro caminho e sequer vissem Herodes, embora este lhes tivesse ordenado o contrário. Ó, não retornes, bêbado, aos teus companheiros; adúltero, às tuas meretrizes; cobiçoso miserável, à tua usura e ganho ilícito: volta-te por outro caminho e não agrade o diabo por um momento

sequer. O mandamento diz: “Arrepende-te agora”; o imperativo não possui tempo futuro. Deus diz: “Hoje, se ouvirdes a sua voz”. O diabo diz: “Amanhã”. A quem obedecerás, a Deus ou a ele? Dizes que pretendes finalmente fazê-lo: então por que não agora? Ficarás barganhando com Deus por um dia ou dois, disputando com ele por uma moeda? O céu não é uma aquisição tão difícil que não possas aceitar os seus termos. E qual é o amanhã que pretendes? Não tens senão um dia em tua vida, por tudo o que sabes; onde, então, podes encontrar um amanhã para o arrependimento? Mas, se tivesses tantos dias por vir quantos foram os anos que Matusalém viveu, contudo sabe que o pecado é hereditário, e tais tipos de doenças aumentam sobre nós com os nossos anos. Ocorre com os pecadores de longa data o mesmo que com aqueles que viveram muito sob um governo: preferem permanecer como estão, ainda que mal, a pensar em uma mudança; ou como aqueles que, em uma jornada, se desviaram do caminho durante todo o dia: preferirão tomar qualquer novo rumo, por sobre cercas e valas, a pensar em caminhar tão longe de volta para serem corrigidos.

Quarta. Satanás esforça-se por conciliar o negócio e trazer um acordo entre ele e Cristo. Quando a consciência não se pacifica, então Satanás, em nome da tranquilidade, cederá a algo, como Faraó com Moisés; após muito alvoroço, ele aceita que partam: “Então disse Faraó: Deixar-vos-ei ir, para que ofereçais sacrifícios ao Senhor vosso Deus no deserto”, Êx 8:28. Mas então vem esta ressalva: “somente que indo não vades muito longe”. Assim Satanás cederá: o pecador pode orar, ouvir a Palavra e fazer uma bela profissão de fé, contanto que não vá muito longe, de modo que ele o possa ter de volta à noite. Se Deus possui as matinas, ele espera as vésperas, e assim ele se contenta em que o dia seja dividido. Pressiona a consciência por

uma reforma e mudança no curso de vida do pecador? Se necessário for, ele concederá isso também. No entanto, assim como Faraó, quando aceitou que partissem, pretendia que os seus pequeninos ficassem para trás como penhor daqueles que iam, Êx 10:11; da mesma forma Satanás deve ter algum pecado que deva ser poupado, e não importa que seja um pecado pequeno. Ora, se desejas libertar-te do governo do diabo, não faças acordo com ele. Cristo será rei por inteiro ou não será rei. Nem uma unha deve ser deixada para trás, ou qualquer coisa que possa servir de motivo para que retournes mais tarde. Despede-te, portanto, para sempre de cada pecado, quanto ao propósito sincero e fixo de teu coração, do contrário nada realizarás. Paulo junta a sua fé e o seu propósito, 2Tm 3:10, não um sem o outro. Na promulgação da lei em Sinai, Deus, por assim dizer, tomou de Israel o juramento de lealdade a ele; então ele lhes disse por qual lei os governaria, e eles deram o seu consentimento; este foi o noivado que Deus lhes lembra em Jr 2, no qual se casaram solenemente, como rei e súditos. Ora, atenta: antes que Deus fizesse isso, ele os retirou do Egito. Eles não podiam obedecer às suas leis e também aos costumes idólatras de Faraó e, portanto, ele os retira antes de solenemente desposá-los para serem uma nação peculiarmente sua. Deves ser viúva antes que Cristo se case contigo; ele não se deitará ao lado da esposa de outro. Ó, que se chegasse a este ponto! Então o casamento logo se realizaria entre Cristo e ti. Permite-me perguntar-te, pobre alma: consideraste seriamente quem é Cristo e qual é o seu doce governo? E poderias encontrar em teu coração — por uma aversão íntima ao pecado e a Satanás, e por um apreço por Cristo — a resolução de renunciare ao pecado e a Satanás e escolheres Cristo por teu Senhor? Diz a tua alma, como Rebeca: “Irei”, se eu soubesse como chegar a ele? “Mas, infelizmente, sou aqui uma pobre prisioneira, não posso livrar-me de meus grilhões e

pôr-me em liberdade para vir a Cristo". Pois bem, pobre alma, podes gemer sinceramente sob a tua servidão? Então, para o teu consolo, sabe que a tua libertação está à porta; aquele que ouviu o clamor de Israel no Egito ouvirá o teu também, sim, virá e te salvará das mãos de tuas concupiscências. Ele não agirá como alguns que cativam as tuas afecções ao cortejar-te e depois abandonam a corte e não te procuram mais. Se Cristo conquistou o teu coração, ele te será fiel e assumirá todas as despesas para te retirar de tua casa de prisão também, sim, dar-se-á ao trabalho de vir buscar-te ele mesmo e trará consigo aquelas vestes nupciais com as quais te conduzirá de tua prisão para a casa de seu Pai com alegria, onde viverás não apenas como súdito sob a sua lei, mas como noiva no seio de seu amor. E o que poderá ser acrescentado à tua felicidade além disso? Quando o teu príncipe é o teu marido, e este um príncipe para quem todos os outros são vassalos, até mesmo o próprio Príncipe do mundo; e contudo tão gracioso que a sua majestade não impede a sua conversa familiar contigo, uma pobre criatura, mas acrescenta condescendência a ela; por isso Deus escolhe misturar nomes de grandeza e de relação conjuntamente, um para suavizar o outro: "Porque o teu Criador é o teu marido; o Senhor dos Exércitos é o seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor; ele será chamado o Deus de toda a terra", Is 54:5. E para introduzir aquelas promessas com títulos de maior pavor e terror para a criatura, os quais apresentam as maiores condescendências de amor; como pode Deus inclinar-se mais baixo do que vir e habitar com uma pobre alma humilde? O que representa mais do que se ele dissesse que tal pessoa habitaria com ele; pois para um mendigo viver na corte não representa tanto quanto o rei habitar com ele em seu casebre. No entanto, esta promessa é introduzida com os títulos mais magníficos: "Porque assim diz o Alto e o Sublime, que habita na eternidade, e cujo nome é Santo: Num alto e santo

lugar habito; como também com o contrito e abatido de espírito”, Is 57:15; e por que tais títulos, senão para retirar os temores que os seus santos são propensos a conceber por causa deles? “Irá o Alto e Sublime”, diz a alma humilde, “olhar para um pobre verme? Irá o Deus Santo aproximar-se de uma criatura tão imunda?”, diz o contrito. O próprio Isaías clamou que estava arruinado diante da visão de Deus e deste atributo proclamado perante ele, Is 6. Ora, Deus antepõe estes títulos para que a criatura saiba que a sua majestade e santidade, as quais parecem tão terríveis para nós, não constituem prejuízo para o seu amor; sim, um príncipe tão gracioso é o teu marido que ele se deleita antes em que o seu santo o chame por nomes de amor do que de dignidade estatal: “Chamar-me-ás: Meu marido [hebraico: *Ishi*]; e não me chamarás mais: Meu senhor [hebraico: *Baali*]”, Os 2:16, isto é, meu marido, não meu Senhor.

AS ALMAS EM UM ESTADO DE IGNORÂNCIA ESTÃO SUJEITAS AO GOVERNO DE SATANÁS

SEGUNDA DOUTRINA. A ignorância, acima de outros pecados, escraviza a alma a Satanás. Um homem instruído pode ser seu escravo, mas o ignorante não pode ser outra coisa. O conhecimento não torna o coração bom, mas é impossível que sem o conhecimento o coração seja bom. Há alguns pecados que uma pessoa ignorante não pode cometer; há muitos mais que ela não pode deixar de cometer; o conhecimento é a chave, Lc 11:52; Cristo é a porta, Jo 10. Cristo abre o céu. O conhecimento abre a Cristo. Em três aspectos particulares este ponto se manifestará mais plenamente. Primeiro: a ignorância abre a porta para o pecado entrar.

Segundo: assim como a ignorância permite a entrada do pecado, da mesma forma o encerra na alma, e a alma nele. Terceiro: assim como o encerra, da mesma forma deixa fora todos os meios de auxílio.

Primeiro. A ignorância abre a porta para Satanás entrar com as suas tropas de concupiscências. Onde a sentinela é cega, a cidade é logo tomada. O homem ignorante peca e, como Ló embriagado, não sabe quando o tentador vem, nem quando vai; ele é como um homem que caminha sonâmbulo: não sabe onde está, nem o que faz. “Pai, perdoa-lhes”, diz Cristo, “porque não sabem o que fazem”. O apóstolo, em 1Co 15, tendo repreendido a sensualidade de alguns (v. 32), que faziam da consideração da morte — pela qual outros são refreados do pecado — um estímulo para o pecado: “Comamos e bebamos, que amanhã morreremos”; apresenta a razão para este raciocínio absurdo: “alguns ainda não têm o conhecimento de Deus”. Uma pessoa ignorante é um homem na forma, mas um animal no coração. “Não há conhecimento de Deus na terra”, diz o profeta em Os 4:1; e vede que regimento segue este capitão cego: jurar, mentir, matar, roubar, e o que mais houver. Lemos em 2Tm 3:6 a respeito de alguns “carregados de pecados”, “mulherzinhas” e tais que nunca “podem chegar ao conhecimento da verdade”. Eis aqui árvores cheias de frutos amargos; e que esterco encontraremos na raiz, que as torna tão frutíferas, senão a ignorância?

Segundo. A ignorância, assim como permite a entrada do pecado, da mesma forma o encerra na alma, e a alma nele. Tal pessoa jaz na masmorra interna de Satanás, onde nenhuma luz de convicção penetra. As trevas inclinam ao sono; um homem cego e uma consciência sonolenta caminham juntos. Quando a tempestade se levantou, os marinheiros que estavam acordados

passaram a clamar ao seu deus, mas o que dormia nada temia. A ignorância põe a alma a dormir sob as cobertas da estupidez. Deus plantou no animal um temor natural daquilo que ameaça prejudicá-lo. Tenta empurrar um animal para uma cova, e ele recuará; a natureza manifesta a sua aversão. Sendo o homem de natureza mais nobre e sujeito a mais perigos, Deus estabeleceu uma dupla guarda sobre ele: assim como possui um temor natural do perigo, possui também uma vergonha natural que lhe cobre o rosto ao praticar qualquer ação indigna. Ora, o homem ignorante escapou de ambos os seus guardas: ele peca e não se envergonha, porque não conhece a sua culpa; falta-lhe aquele magistrado interno que o deveria envergonhar. Tampouco teme, porque não conhece o seu perigo; e, por isso, brinca com o seu pecado, assim como a criança brinca com as ondas que, logo mais, a hão de engolir. A consciência é o alarme de Deus para despertar o pecador. Ela nem sempre soa no ouvido daquele que possui conhecimento, sendo comumente programada por Deus para disparar em alguma hora especial, quando Deus fala por uma ordenança ou golpeia por uma providência; mas, na alma ignorante, ela permanece silenciosa. O relógio não funciona quando os pesos são retirados; a consciência é apenas uma testemunha daquilo que conhece.

Terceiro. A ignorância deixa fora os meios de recuperação. Amigos e ministros, sim, o próprio Cristo permanece do lado de fora e não pode ajudar a criatura. Como tal, as ameaças e promessas são inúteis; ele não teme as primeiras, nem deseja as segundas, porque não conhece a nenhuma delas. O caminho do céu não pode ser encontrado no escuro e, por isso, a primeira coisa que Deus realiza é intervir com uma luz e fazer com que a criatura saiba onde está e qual é o caminho para sair de sua casa de prisão, sem o que todas as

tentativas de fuga são vãs. Há alguma réstia de luz em todos. *Non dantur puræ tenebræ* [não se dão trevas puras], creio ser uma boa teologia bem como filosofia. E esta luz noturna pode descobrir muitos pecados, produzir aflições internas de consciência por eles, sim, incitar a criatura a desviar-se, antes do que se afogar em águas tão amplas. Há alguns pecados tão cruéis e dispendiosos que a alma mais depravada pode com o tempo cansar-se de seu serviço por fins mesquinhos; mas em que resultará tudo isto se a criatura não estiver familiarizada com Cristo, o verdadeiro caminho para Deus, a fé e o arrependimento, o único caminho para Cristo? Tal pessoa, após todo este alvoroço, em vez de escapar de Satanás, correrá diretamente para a sua boca por outro caminho. Há alguns caminhos que a princípio parecem corretos ao viajante, contudo desviam-se de tal modo imperceptível que, quando o homem caminhou bastante e pensa encontrar-se próximo de casa, é conduzido de volta ao ponto de onde partiu. Isto sucederá a cada alma ignorante de Cristo e do caminho da vida por meio dele. Após muitos anos de viagem, conforme pensam, em direção ao céu por suas boas intenções, devoções cegas e reformas, quando esperarem estar à vista do céu, encontrar-se-ão exatamente onde estavam no início, tão escravas de Satanás como sempre.

Utilidade Ou Aplicação

PRIMEIRA UTILIDADE. Isto se dirige a vós que sois pais. Vede que necessidade tendes de instruir os vossos filhos e de os criar desde cedo na doutrina e admoestação do Senhor. Até que estes grilhões de trevas sejam retirados de suas mentes, não há possibilidade de os retirar da prisão do diabo. Ele não possui escravo tão dócil como a alma ignorante. Tal pessoa caminha

perante Satanás — como a ovelha tola perante o açougueiro — e não sabe quem ele é, nem para onde o conduz. E podeis ver o diabo conduzindo os vossos filhos para o matadouro e não vos esforçardes por resgatá-los de suas mãos? Pais sangrentos sois vós, que podeis assim endurecer as vossas entranhas contra a vossa própria carne. Agora, para vos incitar ainda mais ao vosso dever, considerai estes pontos:

Primeiro. A vossa relação vos obriga a cuidar de suas almas preciosas. É a alma que constitui o filho, antes do que o corpo; e, por isso, na Escritura é colocada em lugar de todo o homem. Abraão e Ló partiram com todas as almas que haviam adquirido em Harã, Gn 12; assim, todas as almas que vieram com Jacó para o Egito, isto é, todas as pessoas. O corpo não passa da bainha; e, se alguém deixasse a sua espada convosco para ser guardada em segurança para ele, lançáreis fora a lâmina e preserváreis apenas a bainha? E contudo os pais comumente julgam o seu cuidado e amor para com os seus filhos pelo sustento que provêm para o homem externo, por sua criação, por lhes ensinarem a viver como homens, como dizem, para quando morrerem e partirem, e a comportarem-se de acordo com a sua posição civil e classe no mundo. Estas coisas, de fato, são louváveis; mas não se encontra esquecido o assunto mais importante de todos nesse meio tempo, enquanto esforço algum é empregado para que vivam como cristãos e saibam como se comportar em relação ao dever para com Deus e para com o homem como tais? E podem fazer isto sem o conhecimento da regra santa pela qual devem caminhar? Estou certo de que Davi não conhecia meios eficazes sem isto e, por isso, propõe a pergunta: “Como purificará o jovem o seu caminho?”; e ele responde na frase seguinte: “observando-o conforme a tua palavra”, Sl 119:9. E como haverão de comparar o seu caminho

e a Palavra se não forem instruídos? Nossos filhos não nascem com Bíblias em suas cabeças ou corações. E quem deveria ser o instrutor senão o pai, sim, quem o fará com tal afeição natural? Como ouvi às vezes uma mãe dizer sob outros aspectos: "Quem pode dedicar-se tanto ao meu filho e ser tão cuidadosa como eu mesma, que sou a sua mãe?". Pais sangrentos são, pois, aqueles que não familiarizam os seus filhos com Deus ou com a sua Palavra. O que fazem senão colocá-los sob a necessidade de perecerem, se Deus não suscitar alguém que lhes demonstre mais misericórdia do que eles próprios? Há de se espantar ao ouvir que aquele navio afundou ou despedaçou-se contra a rocha, o qual foi lançado ao mar sem carta de navegação ou bússola? Tampouco se deve espantar que eles se afundem no pecado e na perdição, os quais são lançados ao mundo — que representa um mar de tentações — sem o conhecimento de Deus ou de seu dever para com ele. No temor de Deus pensai nisto, pais: os vossos filhos possuem almas, e sobre estas Deus vos colocou para vigiardes. Será uma prestação de contas muito pobre no último dia se puderdes apenas dizer: "Senhor, aqui estão os meus filhos, deixei-os ricos e prósperos". A ferrugem daquela prata que lhes deixastes testemunhará contra a vossa tolice e pecado, por terdes feito tanto por aquilo que enferruja, e nada para enriquecer as suas mentes com o conhecimento de Deus, o qual teria durado para sempre. Felizes sereis se lhes tivésseis deixado menos dinheiro e mais conhecimento.

Segundo. Considerai que sempre foi prática dos santos instruir e ensinar aos seus filhos o caminho de Deus. Encontramos Davi ministrando instrução ao seu filho Salomão: "E tu, meu filho Salomão, conhece o Deus de teu pai, e serve-o com um coração perfeito e com uma alma voluntária", 1Cr 28:9. Embora fosse rei, ele não delegou a tarefa aos seus

capelães, mas aplicou-a com os seus próprios lábios. Tampouco a sua rainha Bate-Seba foi esquecida de seu dever; o seu conselho gracioso encontra-se registrado em Pv 31; e, para que o faça com mais seriedade e solenidade, encontramos-a comovendo as suas entranhas maternas para fazer o seu filho ver que colhia as suas palavras do mais profundo de seu coração: “Como, filho meu? E como, filho do meu ventre? E como, filho dos meus votos?”, v. 2. De fato, aquele conselho tem mais probabilidade de atingir o coração que dele próprio procede. Os pais não sabem que impressão tais expressões enternecedoras de seu amor mescladas com as suas instruções deixam em seus filhos. Deus nos ordena estender a nossa alma ao faminto, o que representa mais do que estender a nossa bolsa, o que pode ser feito permanecendo o coração endurecido e avarento. Assim deveríamos estender a nossa alma com as nossas instruções. Que necessidade tenho de falar da mãe e da avó de Timóteo, as quais o familiarizaram com as Escrituras desde a sua infância? E verdadeiramente creio que aquele homem coloca em dúvida a sua própria condição de santo que não cuida de familiarizar o seu filho com Deus e com o caminho que a ele conduz. Conheci alguns que, embora profanos eles mesmos, mostravam-se bastante solícitos em que os seus filhos tivessem uma boa educação; mas nunca conheci santo que fosse indiferente ao fato de seu filho conhecer a Deus ou não.

Terceiro. Representa um ato de grande injustiça não instruir os nossos filhos. Lemos a respeito de alguns que detêm a verdade em injustiça. Entre outros, aqueles pais o fazem que privam os seus filhos do conhecimento destas verdades salvadoras que Deus lhes comunicou. Há uma dupla injustiça nisso:

1. *São injustos para com os seus filhos*, os quais podem reivindicar tanto o cuidado deles em os instruir como o seu trabalho e empenho em acumular propriedades temporais para eles. Se agiria injustamente com o seu filho aquele que não se esforçasse por prover o seu sustento externo ou, tendo acumulado bens, os trancasse e negasse ao seu filho o necessário, tanto mais age aquele que vive na ignorância de Deus, pela qual se torna incapaz de prover para a alma de seu filho, mas acima de tudo aquele que, tendo acumulado um tesouro de conhecimento, o oculta de seu filho.

2. *São injustos para com Deus.*

(1) *Por reterem em suas próprias mãos aquele talento que foi concedido para ser transmitido aos seus filhos.* Quando Deus se revelou a Abraão, ele tinha em vista os filhos de Abraão e, por isso, encontramos Deus prometendo a si mesmo isto da parte de Abraão, sobre o que lhe comunica a sua mente a respeito de seu propósito de destruir Sodoma: “Ocultarei eu a Abraão”, diz Deus, “o que faço?... Porque eu o tenho conhecido, e sei que ele há de ordenar a seus filhos e à sua casa depois dele, para que guardem o caminho do Senhor”, Gn 18:17, 19. A igreja começou no início em uma família e foi preservada pelo cuidado piedoso dos pais em instruírem os seus filhos e a sua casa nas verdades de Deus, por meio do que o conhecimento de Deus era transmitido de geração em geração; e, embora a igreja não se encontre confinada a limites tão estreitos, contudo cada família privada assemelha-se a um pequeno viveiro para a igreja. Se o viveiro não for cuidadosamente plantado, o pomar em breve definhará. Poderíeis aceitar, cristãos, que os vossos filhos, quando fordes baixados ao pó, se convertessem em uma planta degenerada de uma videira estranha e provassem ser uma

geração que não conhece a Deus? O ateísmo não necessita de ser plantado; fazeis o suficiente para tornar os vossos filhos tais se não vos esforçardes por plantar a religião em suas mentes. A mera negligência do jardineiro em semear e cuidar de seu jardim concede vantagem suficiente para que as ervas daninhas brotem. Esta é a diferença entre a religião e o ateísmo: a religião não cresce sem ser plantada, mas morrerá mesmo onde for plantada se não for regada; o ateísmo, a irreligião e a profanidade são ervas daninhas que crescerão sem serem semeadas, mas não morrerão sem serem arrancadas. Todo o cuidado e meios são insuficientes para as arrancar de vez. E, portanto, vós que sois pais e não ensinais os vossos filhos, agis com tanto maior injustiça para com Deus porque negligenciais a melhor estação de toda a vida deles para plantar neles o conhecimento de Deus e arrancar as ervas daninhas contrárias do ateísmo e da irreligião. As ervas daninhas jovens são arrancadas com mais facilidade. A simples ignorância na juventude converte-se em ignorância voluntária, sim, em impudência na velhice; não os instruireis quando jovens, e eles desprezarão que os seus ministros o façam quando forem idosos.

(2) *Agis injustamente com Deus ao não criardes os vossos filhos no conhecimento de Deus porque os vossos filhos, se fordes pais cristãos, são filhos de Deus*, eles se encontram em uma relação de aliança com ele que os filhos dos outros não possuem; e serão os filhos de Deus alimentados com a educação do diabo? A ignorância é aquilo com que ele cega os entendimentos dos filhos da desobediência. Não terão os filhos de Deus melhor criação? Deus considerava os filhos de um judeu como nascidos para ele: “a teus filhos e a tuas filhas, que me tinhas gerado”, Ez 16:20. Deus, pela aliança que estabelecera com aquele povo, havia-se casado com eles e, portanto, assim

como a esposa gera os seus filhos para o seu marido, eles são os seus filhos. Assim Deus chama os filhos dos judeus de seus e queixa-se disso como de uma impiedade horrível neles o não os criarem como dele, mas oferecerem-nos a Moloque: “degolaste os meus filhos”, diz Deus, v. 21. E não são os filhos de um cristão os seus filhos, assim como os dos judeus o eram? Terá Deus alterado ou revogado a primeira aliança e cortado o vínculo, e ousas tu degolar não apenas os teus filhos, mas também os do Senhor? E não é a ignorância aquela faca sangrenta que o faz? “O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento”, Os 4:6. Não tremeis ao oferecê-los, não a Moloque, mas ao diabo, a quem antes tivésseis entregue a Deus quando os trouxestes àquela solene ordenança do batismo e ali desejastes perante Deus e os homens que se tornassem servos da aliança do Senhor? E tu os vinculaste a ele e nunca lhes ensinas quem é o seu Senhor e Mestre, ou qual é o seu dever como servos dele? Pela tua própria boca Deus te condenará.

Quarto. Considerai, vós que sois pais, que ao não instruídes os vossos filhos, tornais-vos responsáveis por todos os pecados que eles cometerem até à sua morte. Podemos pecar por procuração e tornar o ato de outrem o nosso próprio. “A ele mataste com a espada dos filhos de Amom”, 2Sm 12:9. Assim podes traspasar a Cristo e matá-lo repetidas vezes com a espada sangrenta de teus filhos ímpios se não fores sumamente cuidadoso em criá-los no temor de Deus. Poderia haver alguma justificativa para aquele pagão que, ao ser ofendido pelo aluno, lançou-se sobre o mestre e o agrediu. De fato, é possível que este estivesse em maior falta. Quando o filho quebra o sábado, trata-se de pecado dele, mas mais do pai se este nunca lhe ensinou qual era o mandamento de Deus. E, se o pai for cúmplice do pecado do filho, ser-lhe-á difícil escapar de uma cumplicidade,

sim, de uma precedência na punição. Ó, que triste saudação terão tais pais de seus filhos no grande dia! Não vos acusarão eles então de serdes os assassinos de suas preciosas almas, e não colocarão o sangue deles à vossa porta, amaldiçoando-vos face a face por não lhes terdes ensinado nada melhor? Mas, admita que, pela interposição de teu arrependimento oportuno, preserves a tua alma do julgamento daquele dia, contudo Deus pode açoitar-te aqui por negligência de teu dever para com eles. Quantas vezes vemos os filhos tornarem-se pesadas cruces para tais pais? É justo que eles não conheçam o dever para contigo, tu que não lhes ensinaste o dever deles para com Deus. Ou, se não vivesses tanto a ponto de veres isto, contudo certamente não poderias senão descer com tristeza à tua sepultura ao deixares filhos atrás de ti que se encontram a caminho do inferno. Alguns pensam que a demora de Ló em Sodoma por tanto tempo dava-se por sua relutância em deixar os seus genros para trás para perecerem nas chamas. Sem dúvida, bom homem, foi muito doloroso para ele, e isto o faria permanecer pleiteando com eles até que o anjo o retirou dali. E certamente nada torna os pais santos mais relutantes em partir deste mundo sodomita do que o desejo de verem os seus filhos fora do alcance daquele fogo, antes de partirem, que Deus choverá sobre as cabeças dos pecadores. Não sabeis quão cedo o mensageiro pode vir para vos retirar daqui. Fazei o vosso melhor enquanto estais entre eles para os conquistardes para Deus.

SEGUNDA UTILIDADE. Aos ministros do evangelho. Que isto desperte as vossas entranhas de compaixão para com aquelas muitas almas ignorantes em vossas respectivas congregações, as quais não sabem distinguir a mão direita da esquerda. Isto, sim, isto representa o grande destruidor do país contra o qual os ministros deveriam investir com todo o seu

cuidado e força. Mais pessoas são arrastadas para o inferno com esta praga de trevas espirituais do que com qualquer outra. Onde se encontra a luz do conhecimento e da convicção, ali comumente há uma percepção e dor que acompanha o pecador quando este pratica o mal, o que constrange alguns, de vez em quando, a buscar um médico e a recorrer, na aflição de seus espíritos, ao seu ministro ou a outros em busca de conselho. Mas a alma ignorante não sente tal dor. Se o ministro esperar até que o mandem chamar para o instruir, poderá antes ouvir o sino dobrar por ele do que qualquer mensageiro vir chamá-lo. Deveis buscá-los e não esperar que eles venham a vós. Trata-se de uma classe de pessoas que teme mais o seu remédio do que a sua doença, e esforça-se mais por ocultar a sua ignorância do que por encontrar cura para ela, o que nos deveria mover a compadecer-nos mais delas, visto que se compadecem tão pouco de si mesmas. Confesso que representa não pequena infelicidade para alguns de nós, que temos de lidar com uma multidão, o não termos tempo nem forças para nos dirigirmos a cada pessoa em particular em nossas congregações e atendê-las conforme as suas necessidades requerem, e contudo não podemos satisfazer as nossas consciências de outro modo. Mas cuidemos para que, embora não possamos realizar o máximo do que gostaríamos, não sejamos encontrados em falta naquilo que podemos. Não permita que a dificuldade de nossa província nos assemelhe a alguns que, quando veem possuir mais trabalho em suas mãos do que podem dar conta, cansam-se dele e assentam-se em um desânimo preguiçoso e nada fazem. Aquele que possui uma grande casa que rui e dispõe de poucos recursos, melhor fará se reparar agora um pouco e depois outro pouco do que se deixar ruir tudo por não o poder realizar de uma só vez. Muitos ministros podem queixar-se de seus predecessores por lhes terem deixado o povo em pior estado de conservação do que suas

casas, e isto torna o trabalho grande de fato; assim como os judeus, que deviam recuperar as pedras dos montões de terra antes de poderem edificar o muro; contudo este se ergueu porque o povo tinha ânimo para trabalhar, Ne 4. Ó, se uma vez os nossos corações estivessem cheios de zelo por Deus e compaixão pelas almas de nosso povo, levantar-nos-íamos e agiríamos, ainda que pudéssemos assentar apenas um tijolo por dia, e Deus seria conosco. Pode ser que vós, que encontrais um povo rude e absurdamente ignorante como pedras na pedreira e árvores não cortadas, não leveis a obra a tal perfeição em vossos dias como desejaríeis; contudo, assim como Davi fez por Salomão, podes, por teus esforços em ensiná-los e instruí-los, preparar os materiais para outro que edificará o templo. É muito comum que um ministro entre nos trabalhos de outro, ceifando aqueles por uma obra de conversão em quem um ministro anterior lançou a semente do conhecimento e da convicção. E, quando Deus vier a prestar contas com os seus trabalhadores, o lavrador e o semeador receberão a sua recompensa bem como o ceifeiro. Ó, é uma coisa abençoada ser, como Jó dizia ser, “olhos para o cego”, muito mais para as almas cegas. Tais são os ministros que o próprio Deus chama de pastores segundo o seu coração, que alimentam o seu povo com conhecimento e inteligência, Jr 3:15. Mas aí daqueles que são cúmplices da ignorância de seu povo. Ora, um ministro pode ser cúmplice da ignorância de seu povo:

Primeiro. Por sua própria ignorância. O conhecimento é tão fundamental para a obra e vocação de um ministro que ele não o pode ser sem ele: “Porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos”, Os 4:6. A falta de conhecimento em um ministro representa tal defeito que não pode ser suprido por

nenhuma outra coisa. Seja ele nunca tão manso, paciente, generoso, irrepreensível, se não possuir habilidade para manejar bem a palavra da verdade, não foi talhado para ser ministro. Cada coisa é boa na medida em que atende ao fim para o qual foi designada. Uma faca, ainda que tivesse o cabo de diamantes, se não cortar, não é faca. Um sino, se não soar, não é sino. A grande obra de um ministro consiste em ensinar os outros; os seus lábios devem preservar o conhecimento; ele deve ser tão versado nas coisas de Deus como os outros em seus ofícios particulares. Os ministros são chamados de luzes. Se a luz então forem trevas, quão grandes serão as trevas desse povo? Sei que estas estrelas nas mãos de Cristo não possuem todas a mesma magnitude. Há uma glória maior de dons e graças brilhando em uns do que em outros; contudo, tanta luz é necessária a cada ministro como a que se encontrava na estrela que os magos viram no nascimento de Cristo: ser capaz, com base na Palavra, de orientar os pecadores no caminho seguro e verdadeiro para Cristo e para a salvação. Ó, senhores, representa um triste modo de ganhar a vida matar os homens, como fazem alguns médicos inexperientes; mas muito mais obter o sustento temporal arruinando as almas por nossa ignorância. Ele é um homem cruel para com os pobres passageiros aquele que assume a tarefa de ser piloto quando nunca aprendeu a usar a bússola.

Segundo. Por sua negligência. O resultado é o mesmo se a ama não tiver leite em seus seios ou, tendo-o, não o oferecer ao seu filho. Há um ai para o pastor inútil, Zc 11:17; tais que possuem bocas mas não falam; lábios mas não para alimentar o povo com conhecimento. Será pecado do povo se não se alimentar quando o pão estiver diante dele, mas ai de nós se não lhes dermos o alimento no devido tempo. Ó, senhores, o que diremos ao nosso Senhor que confia em nós se aquelas

capacidades que nos concedeu como recursos para comprar o pão para o nosso povo forem encontradas guardadas em um lenço de preguiça? Se aquele tempo em que deveríamos estar ensinando e instruindo-os aparecer desperdiçado em nossos prazeres ou empregado em nossos lucros carnavais? Aquele servo terá apenas uma triste acolhida de seu senhor quando este retornar se for encontrado fora do caminho com a chave, e a família passando fome nesse meio tempo por falta de provisões.

Terceiro. Por sua pregação não edificante; quando prega doutrina doentia, a qual não aperfeiçoa o entendimento, mas o corrompe. Melhor seria que os deixasse na simples ignorância do que colorir as suas mentes com uma tintura falsa; ou quando o que ele prega é superficial e fútil, não mais adequado para alimentar suas almas do que as alfarobas para o estômago do pródigo, o que, quando conhecem, em nada melhora a sua alma. Ou quando os seus discursos são tão elevados que o pobre povo permanece contemplando-o como quem perdeu de vista o seu pregador e, ao final do sermão, não sabe dizer o que ele pretendia. Ou aqueles que pregam apenas verdades destinadas às classes mais elevadas de professantes, os quais possuem os seus sentidos bem exercitados; excelente, talvez, para a edificação de três ou quatro santos eminentes na congregação; mas, nesse meio tempo, os fracos na família — os quais deveriam de fato ser prioritariamente considerados, por serem menos capazes de se guiarem ou de se proverem sozinhos — são esquecidos. Ele certamente é um edificador insensato aquele que monta um andaime tão alto como a torre da catedral quando a sua obra se encontra na base e ele deve assentar os alicerces; ao passo que o andaime deveria subir à medida que o edifício se ergue. Assim Paulo avança em sua doutrina à medida que os seus ouvintes o fazem no conhecimento: “Pelo que, deixando os rudimentos da

doutrina de Cristo, prossigamos até à perfeição”, Hb 6:1. “Prossigamos”; é excelente de fato quando o povo pode acompanhar o ritmo do pregador. Pregar verdades e conceitos acima da capacidade do ouvinte assemelha-se a uma ama que alimentasse a criança com uma colher grande demais para entrar em sua boca. Podemos por tal pregação agradar a nós mesmos e a alguns de maiores alcances, mas o que farão os pobres ignorantes nesse meio tempo? Ele é o despenseiro fiel que considera a ambos. O pregador é, como Paulo diz de si mesmo, um “devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes”, Rm 1:14. Ele deve preparar verdades adequadas ao grau de seus ouvintes. Tenham os sábios a sua porção, mas sejam pacientes para verem os mais fracos na família serem servidos também.

Quarto. Um ministro pode ser cúmplice da ignorância de seu povo quando, pelo escândalo de sua vida, ele prejudica a sua doutrina; como o cozinheiro que, por sua sujeira, faz os outros terem receio de comer o que provém de suas mãos imundas. Ou ele o pode ser quando, por sua conduta arrogante, o seu pobre povo não se atreve a aproximar-se dele. Aquele que deseja realizar algum bem na vocação do ministro deve ser tão cuidadoso quanto o pescador para nada fazer que afaste as almas dele, mas tudo para atrair e convidar, para que sejam conduzidas para dentro do alcance de sua rede.

TERCEIRA UTILIDADE. [Aos ignorantes.] É a alma ignorante tal escrava de Satanás? Que isto vos desperte, a vós que sois ignorantes, de vossos assentos de preguiça onde, como os egípcios cegos, vos assentais em trevas; vinde rapidamente para fora destas trevas, ou resolvi descer às trevas exteriores. O cobrir da face de Haman revelou-lhe que ele não permaneceria na presença do rei. Se vives na ignorância, isto demonstra que o

teu nome se encontra na lista negra de Deus. Ele coloca esta cobertura diante dos olhos daqueles a quem, na sua ira, tenciona lançar no inferno: “Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto”, 2Co 4:3. Em uma passagem os pecadores são ameaçados de que “morrerão sem conhecimento”, Jó 36:12; em outra passagem, de que morrerão em seus pecados, Jo 8:21. Aquele que de fato morre sem conhecimento, morre em seus pecados; e que sentença mais terrível pode o grande Deus proferir sobre uma criatura do que esta? Melhor morrer em uma prisão, morrer em uma vala, do que morrer em seus pecados. Se morreres em teus pecados, ressuscitarás em teus pecados; assim como adormeces no pó, acordarás na manhã da ressurreição; se fores um miserável ignorante sem Cristo, como tal serás indiciado e julgado. Aquele Deus a quem os pecadores agora ordenam que se aparte deles será então digno de seu conhecimento — sendo eles próprios os juízes —, mas, infelizmente! Então ele lançará as próprias palavras deles em seus dentes e ordenar-lhes-á que se apartem dele, pois não deseja o conhecimento deles. Ó, pecadores, vereis finalmente que Deus passará melhor sem a vossa companhia no céu do que vós sem o seu conhecimento na terra. Todavia, todavia é dia: abri as vossas cortinas e contemplai Cristo brilhando sobre as vossas faces com a luz do evangelho. Ouvi a sabedoria clamando nas ruas, e Cristo chamando em vossa janela pela voz de seu Espírito e de seus mensageiros: “Até quando, ó simples, amareis a simplicidade? E os escarnecedores desejaram o escárnio? E os loucos odiarão o conhecimento? Convertei-vos pela minha repreensão; eis que abundantemente derramarei sobre vós o meu espírito e vos farei saber as minhas palavras”, Pv 1:21-23. O que podeis dizer, pecadores, de vossa ignorância absurda? Onde está a vossa desculpa para este pecado? Houve tempo em que a palavra do Senhor era preciosa e não havia visão

frequente, não se encontrava uma Bíblia na cidade ou no campo; quando a árvore do conhecimento era fruto proibido, e ninguém dela podia provar sem a licença do papa. Feliz daquele que podia obter uma folha ou duas do Testamento em um canto, temeroso de o revelar à esposa de seu seio! Ó, quão doces eram estas águas quando eram forçados a roubá-las! Mas vós tendes a Palavra, ou podeis tê-la, em vossas casas; tendes aqueles que a abrem em cada sábado em vossas assembleias; muitos de vós, ao menos, tendes as ofertas de vossos ministros para dedicarem esforços a favor de vós em particular, suplicando-vos apaixonadamente que vos compadeçais de vossas almas e recebaís instrução; sim, é a lamentação que eles geralmente expressam: que não quereis vir a eles para que possais receber a luz. Quanto tempo pode um pobre ministro permanecer em seu gabinete de estudos antes que qualquer dos ignorantes venha em tal missão? Os advogados possuem os seus clientes, e os médicos os seus pacientes; estes são procurados e chamados à meia-noite para conselho; mas, infelizmente! A alma, que vale mais do que as vestes e o corpo também, é negligenciada, e o ministro raramente é lembrado antes que ambos sejam descartados. Talvez, quando o médico os desenganar da vida, então devamos vir e fechar aqueles olhos com conforto, os quais nunca foram abertos para contemplarem a Cristo em sua verdade, ou sermos considerados cruéis porque não os aspergimos com esta água benta e os ungimos para o reino do céu, embora não conheçam um único passo do caminho que a ele conduz. Ah, pobres infelizes! Que conforto quereríeis que falássemos àqueles a quem o próprio Deus dirige terror? É o céu nosso para o entregarmos a quem nos aprouver? Ou está em nosso poder alterar as leis do Altíssimo e salvar aqueles a quem ele condena? Não vos lembrais da maldição que há de cair sobre a cabeça daquele “que fizer errar o cego no caminho”, Dt 27:18? Que maldição, então, seria a nossa porção se confirmássemos

tais almas cegas que se encontram totalmente fora do caminho do céu, encorajando-vos a prosseguir e a esperar alcançar o céu finalmente quando, Deus o sabe, os vossos pés se encontram naquelas veredas que conduzem à morte eterna? Não, está escrito, nós não podemos e Deus não o revogará; podeis ler os vossos próprios nomes entre aquelas almas condenadas sobre as quais Cristo vem em fogo inflamado para tomar vingança, as quais o apóstolo nos diz serem tais “que não conhecem a Deus e não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo”, 2Ts 1:8. E, portanto, no temor de Deus, que isto vos incite, de qualquer idade ou sexo, classe ou condição no mundo, a vos esforçardes pelo conhecimento salvador de Deus em Cristo, a quem conhecer representa a vida eterna.

Sois jovens? Buscai a Deus desde cedo, enquanto as vossas capacidades estão viçosas e a memória forte, antes que o acúmulo de preocupações seculares vos desvie ou que as concupiscências da juventude vos corrompam. Os pés daquelas concupiscências que sepultaram milhões de outros na perdição encontram-se prontos para vos conduzir pelo mesmo caminho se a graça preventiva não vier e vos libertar de suas mãos, temperando as vossas mentes com o conhecimento de Deus. Esta poção matinal pode evitar que sejais infectados com os maus odores que podeis receber dos exemplos corruptos dos outros. Além disso, quanto tempo durará a vossa permanência no mundo não sabeis — vede se não encontrais sepulturas de vosso comprimento no cemitério —; e, se morrêsseis ignorantes de Deus e de sua lei, o que seria de vós? O graveto e as toras velhas, os pecadores jovens e os que murcharam com a idade, encontram-se e queimam juntos; ou, se permanecesses um pouco mais aqui, pode ser que, por não queres aprender agora, Deus não te ensine então; ou, se em tua velhice viesses a obter

conhecimento de Deus, contudo seria triste estares semeando a tua semente quando deverias estar colhendo os teus feixes; aprendendo a conhecer a Deus quando poderias estar consolando-te pela antiga comunhão que desfrutaste com ele.

Sois idosos e ignorantes? Infelizmente, pobres criaturas! A vossa vida está por um fio e esta candeia do Senhor não está acesa no vosso entendimento! O vosso corpo curando-se para o pó, e a natureza dobrando os sinos da despedida, por assim dizer, e vós, como quem entra no escuro, não sabeis para onde a morte vos conduzirá ou vos deixará. Parece que as enfermidades da idade vos fazem desejar que os vossos ossos fossem deitados em repouso na sepultura; mas, se morrêsseis nesta condição, as vossas pobres almas de fato desejariam estar aqui novamente com os seus antigos fardos às costas. As dores e doenças da velhice são dolorosas, mas as almas condenadas agradeceriam a Deus se ele as abençoasse com tal céu como jazer nestas dores para escaparem dos tormentos do outro. Ó, refleti antes de partirdes daqui! Quanto menos tempo tiverdes, tanto mais diligência deveis empregar para adquirir conhecimento. Não necessitamos ser veementes, poder-se-ia pensar, ao ordenar ao pobre prisioneiro que aprenda a ler o seu livro se não sabe ler quando sabe que será enforcado se não ler o versículo de sua salvação. Não é, de fato, o mero conhecer as verdades do evangelho que salva; mas a ignorância crassa delas, com certeza, condenará as almas.

Sois pobres? Não é a vossa pobreza o vosso pecado ou miséria, mas a vossa ignorância sobre onde se encontra o verdadeiro tesouro. Se fôsseis pobres de Deus, ricos em conhecimento e fé, seríeis felizes: “Melhor é a criança pobre e sábia do que o rei velho e tolo, que se não deixa mais admoestar”, Ec 4:13; sim, tão felizes que, se os príncipes do

mundo se compreendessem corretamente, desejariam encontrar-se em vossas vestes, por mais esfarrapadas que sejam, antes do que em suas próprias vestes reais. Há melhores vestes sendo confeccionadas para vós no céu, as quais vestireis quando as deles forem retiradas para a sua vergonha. Não vos importará então terdes sido pobres enquanto no mundo; mas atormentá-los-á terem sido tão ricos e grandes, e tão pobres para com Deus e miseráveis em suas almas.

Sois ricos? Esforçai-vos pelo conhecimento do Altíssimo. Salomão possuía mais do tesouro do mundo do que mil de vós possuíis, e contudo encontramo-lo fervoroso em oração, suplicando a Deus por conhecimento, 2Cr 1:10. Todos estes desfrutes externos não passam de *vaginæ bonorum* [as cascas das bênçãos], assim como as aflições são *vaginæ malorum* [as cascas dos males]. Receio que muitos homens se considerem isentos deste dever por sua grandeza secular, como se Deus estivesse obrigado a salvá-los por serem ricos. Infelizmente, senhores, não são muitos de vós que hão de chegar lá. Devo confessar que faria tremer o pensar em quão pequeno número aqueles entre os grandes que serão salvos se somam: "Não muitos nobres, não muitos ricos". Por que tão poucos salvos? Porque tão poucos possuem o conhecimento salvador. Ó, o ateísmo, a ignorância, o barbarismo absurdo que se encontra até mesmo naqueles a quem o mundo aplaude e até mesmo adora por causa de suas terras e propriedades, os quais contudo não são capazes de prestar conta alguma de sua fé! Um cristão pobre de casaco de couro envergonhará e instruirá a cem deles. Se o céu pudesse ser adquirido com casas e terras, então estes o arrebatariam dos pobres discípulos de Jesus Cristo — eles possuem as suas centenas e milhares sempre disponíveis para uma aquisição —, mas esta moeda não tem valor na bolsa de

valores do céu: “E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”.

Pergunta. Mas como pode uma alma ignorante alcançar o conhecimento?

Resposta 1. Sê profundamente afetado por tua ignorância. Alguns são cegos, como Laodiceia, e não o sabem, Ap 3:17. Assim como a ignorância cega a mente, o orgulho funciona como uma venda diante de sua ignorância, de modo que não a conhecem. Estes possuem uma opinião tão elevada a respeito de si mesmos que acham ruim que alguém os suspeite de tal condição. Estes, de todos os homens, são os mais distantes do caminho do conhecimento: são bons demais para aprender do homem, conforme pensam, e ruins demais para serem ensinados por Deus. O portal de entrada para a escola de Cristo é baixo, e estes não conseguem se curvar. O próprio Mestre é tão humilde e manso que não ensinará um aluno orgulhoso. Portanto, primeiro torna-te um tolo aos teus próprios olhos. Um homem mais sábio do que tu confessou o mesmo: “Certamente que eu sou mais bruto do que qualquer homem; não tenho o entendimento de um homem. Nem aprendi a sabedoria, nem tenho o conhecimento do Santo”, Pv 30:2-3. Quando caíres em ti para confessares e te envergonhares da ignorância animalasca de tua mente, estarás apto a ser admitido na escola de Cristo. “Se se envergonharem... mostra-lhes a forma da casa”, Ez 43:10-11.

Resposta 2. Sê fiel com aquele pouco conhecimento que possuis. Estás convencido de que isto é um pecado e aquilo um dever? Segue a luz de perto; não sabes a que tamanho este pouco pode crescer. Costumamos estabelecer os nossos filhos com um pequeno recurso de início e, conforme o utilizam, nós o aumentamos. O reino de Deus procede de pequenos começos.

Deus queixa-se de Israel de que eram brutos em seu conhecimento, Jr 10:14. Ele não diz "brutos em sua ignorância": se tivessem pecado por não saberem melhor, isto os justificaria *a tanto* [em parte]; mas praticaram o que era bruto e desarrazoado, como a adoração de imagens de escultura, a despeito de saberem o contrário. Aquele homem não sobressairá no conhecimento que o prostitui ao pecado: “Se o não ouvirem, passarão à espada, e morrerão sem conhecimento”, Jó 36:12. Uma vela encerrada e trancada em uma lanterna escura consome-se rapidamente; e assim ocorre com a luz encerrada na consciência e não permitida vir a público na conduta. Daqueles pagãos que são acusados de deterem “a verdade em injustiça”, Rm 1:18, as próximas notícias que ouves deles são de que se desvaneceram em seus discursos, e o seu coração insensato se obscureceu, v. 21.

Resposta 3. Empenha-te junto ao trono da graça. Ele é o melhor estudante de teologia que estuda mais de joelhos. O conhecimento representa um dom divino; toda luz procede do céu. Deus é o Pai das luzes, e a oração coloca a alma sob a tutela de Deus. Se alguém necessita de sabedoria, peça-a a Deus. Isto representa mais do que o conhecimento nu: sabedoria sobre como utilizá-lo. O estudo pode tornar alguém um grande erudito nas Escrituras, mas a oração faz um cristão sábio, visto que obtém conhecimento santificado, sem o qual este não representa dom perfeito, mas *doron adoron* [um dom que não é dom]. Ora, pois, com uma humildade ousada. Deus concede tudo aos que pedem, e isso *aplos* [francamente, liberalmente]; não como o homem orgulhoso que antes porá o outro em vergonha, que é fraco por sua ignorância, do que se dará ao trabalho de o ensinar. A tua petição é muito agradável a Deus. Lembra-te de como Salomão prosperou em ocasião semelhante e promete a ti mesmo o mesmo sucesso. A escola de Cristo representa uma escola

gratuita: ele a ninguém recusa que a ele venha, contanto que se submeta às regras da escola; e, embora nem todos recebam resposta no mesmo grau de conhecimento — não sendo necessário que todos sejam Salomões no conhecimento, a menos que todos devessem ser Salomões em termos de cargo —, contudo o mais humilde discípulo que Cristo envia será suprido com conhecimento salvador suficiente para o habilitar para a sua admissão na academia do céu. “Guiar-me-ás com o teu conselho, e depois me receberás na glória.”

Resposta 4. Deves dedicar algum tempo para a tua busca diligente pela verdade. A verdade jaz profundamente e deve ser escavada. Desde que o homem foi expulso do paraíso, nada pode fazer sem trabalho, exceto o pecado (este, de fato, acompanha a sua mão); mas este tesouro do conhecimento requer pá e enxada. Somos instruídos a “esquadrinhar as Escrituras”. Ademais, diz-se que “muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará”, Dn 12:4 — uma metáfora extraída dos mercadores que se esforçam por obter uma propriedade, correndo de uma parte para outra, primeiro em uma terra, depois em outra; por onde quer que ouçam falar de algo a ser obtido, para lá se apressam, ainda que até os confins da terra. Assim deve a alma correr de um dever a outro: ora ler, ora meditar no que leu, depois orar sobre as suas meditações e pedir conselho após tudo. Qual é o significado disto, e como compreendes aquilo? Não a escola de Epicuro, mas a convivência com ele tornou os homens grandes. Obtém-se mais luz às vezes por uma breve conversa com o pregador do que por todo o seu sermão. Certifica-te de abranger todos os meios de conhecimento ao alcance de teus esforços. Nesta tua busca por conhecimento observa três coisas:

1. *O fim que propões, que seja puro e santo;* não meramente para saber, como fazem alguns que se esforçam por conhecimento assim como muitos por propriedades e, quando o obtiveram, contemplam as suas ideias como estes as suas sacas de dinheiro, mas não possuem coração para utilizarem o seu conhecimento para o bem próprio ou de outrem; isto constitui um mal terrível. O conhecimento especulativo, como Raquel, é belo, mas estéril. Não para seres conhecido e admirado por outros por tua estatura no conhecimento acima de teus irmãos; verdadeiramente, trata-se de um fim baixo demais para se visar ao buscar conhecimento, especialmente em se tratando do conhecimento de Deus em Cristo. Ver um pagão estudar em busca de conhecimento na filosofia e depois levar todo o seu trabalho a este mercado e considerar-se recompensado por obter a reputação de homem sábio é, embora baixo, contudo mais tolerável; mas para alguém que conhece a Deus e o que representa desfrutar dele, contentar-se com um sopro ou dois do hálito vão de um homem miserável, isto constitui uma tolice sem par. Cuida para voares mais alto em teu fim do que isso. Esforça-te pelo conhecimento para que possas temer a Deus a quem conheces. Assim Davi: “Ensina-me, Senhor, o caminho dos teus estatutos, e guardá-lo-ei até ao fim”, Sl 119:33. A Palavra de Deus é chamada de lâmpada para os nossos pés, não para as nossas línguas meramente para falarmos dela, mas para os nossos pés para caminharmos por ela. Empenha-te por ela, não para que possas divulgar o teu próprio nome, mas para celebrares o de Deus. Conforme Davi promete: quando compreender os preceitos de Deus, então falará de suas maravilhosas obras, anunciará

a fama delas e com isso despertará outros para buscarem a Deus.

2. *Quando o teu fim estiver corretamente estabelecido, debes ser constante em teu empenho por ele.* Os mistérios de Cristo não são aprendidos em um dia. “Então conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor”, Os 6:3. Alguns encontram-se em boa disposição, talvez, e olharão a Bíblia e lerão um capítulo ou dois, e partem por uma semana e nunca mais praticam isso, como alguns meninos que, se frequentam a escola por um dia, matam aula durante toda a semana seguinte; haverá de se espantar que tais pessoas não prosperem no conhecimento? Trata-se de uma boa expressão de Bernardo: “O estudo da palavra e a leitura da mesma diferem tanto como a amizade daqueles que conversam afetosamente todos os dias difere do conhecimento que se tem de um estrangeiro em uma estalagem, ou a quem se saúda ao passar pela rua”. Se queres de fato obter conhecimento, não debes apenas saudar a Palavra de vez em quando, mas caminhar com ela e entrar em comunhão diária com ela. Os três homens, que eram de fato anjos, que se puseram junto a Abraão quando este se assentava à porta de sua tenda, mostraram-se reservados e distantes até que Abraão os convidou para entrar em sua tenda e os entreteve amigavelmente, Gn 18:2; e então Cristo, que era um entre eles — conforme aparece pelo nome Jeová que lhe é dado em vários versículos, e também por aquilo que prometeu que faria por Sara, v. 10, não o que Deus faria, o que faria se fosse um anjo criado —, passa a revelar-se a Abraão e a manifestar-lhe os seus segredos. Aquela alma acima das outras estará familiarizada com

os segredos de Deus em sua Palavra, que não lê superficialmente a Palavra e, por assim dizer, a saúda com cortesia à porta de sua tenda, mas deseja mais intimidade com ela e, portanto, a entretém no íntimo de sua alma por meio de frequentes meditações sobre ela. Davi compara a Palavra em doçura ao mel e ao favo de mel. De fato, ela é tão rica que, à primeira leitura, alguma doçura de vez em quando gotejará dela, mas aquele que não a espreme por meio da meditação deixa o melhor para trás.

3. *Certifica-te de adotar a ordem e o método corretos.* As artes e as ciências possuem os seus rudimentos e também as suas noções mais abstrusas e profundas, e certamente o ponto correto por onde começar consiste em primeiro aprender os princípios. Aquele, dizemos, não há de se tornar um bom erudito na universidade que nunca foi um bom estudante de gramática. E eles não podem ser cristãos sólidos que não foram instruídos nos fundamentos do cristianismo. A falta disso representa a causa pela qual muitos são tão inconstantes: ora deste rumo, ora daquele, moldados como vidro em qualquer formato conforme os falsos mestres queiram assoprar. Infelizmente! Não possuem centro de onde traçar as suas linhas. Não considereis desonra, vós que caístes em erro e vos perdestes nos labirintos de pontos profundos, os quais representam agora o grande assunto de conversa dos professantes mais fracos, serdes remetidos de volta para aprenderdes melhor os primeiros rudimentos dos oráculos de Deus. Muitos há, como diz Tertuliano em outro caso, mais zelosos de sua reputação do que de sua salvação: os que

se envergonham mais de serem tidos por ignorantes do que se cuidam de encontrar cura para isso.

Resposta 5. Se queres alcançar o conhecimento divino, atende ao ministério da Palavra. Quanto àqueles que negligenciam isto e não comparecem onde a Palavra é pregada, agem como aquele que voltasse as costas ao sol para o poder contemplar. Se queres conhecer a Deus, comparece onde ele te designou para aprenderes. De fato, onde os meios não se encontram, Deus possui caminhos extraordinários, assim como o pai, se não houver escola na cidade, ensinará o seu filho em casa; mas, se houver escola pública, para lá ele o envia. Deus manifesta, diz Paulo, “o cheiro do seu conhecimento por nós em todo o lugar”, 2Co 2:14. Digam os homens do Espírito o que bem entenderem: ele será finalmente considerado um extintor do Espírito, isto é, um desprezador da profecia; ambos encontram-se intimamente associados em 1Ts 5:19-20: “Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias”. Mas não basta assentar-se sob os meios. A dolorosa experiência no-lo ensina. Há alguns que sol algum bronzeia: eles conservam a sua fisionomia antiga sob a luz mais brilhante e ardente da Palavra pregada, tão ignorantes e profanos como os que nunca viram o dia do evangelho; e, portanto, se queres receber qualquer proveito espiritual pela Palavra, cuida de como ouves:

1. *Certifica-te de seres um ouvinte desperto.* Será de se espantar que saia do sermão sem ser mais sábio do que entrou aquele que passa dormindo a maior parte dele, ou que ouve entre o sono e a vigília? Deve ser em um sonho, certamente, se Deus lhe revelar algo à mente. Assim, de fato, Deus agiu com os pais de outrora, mas não ocorria enquanto estes dormiam profanamente sob uma ordenança. Ó, acautelai-vos de tal

irreverência. Aquele que se dispõe a dormir, como fazem alguns em tal momento, ou que não se humilha por isso, e isso profundamente, ambos revelam o apreço vil e baixo que possuem pela ordenança. Certamente pensas de forma mesquinha a respeito do que é ministrado se isso não te pode manter desperto, sim, a respeito do próprio Deus, de quem procede a mensagem. Vê como és repreendido pelo comportamento reverente de um pagão, e este um rei: Eúde apenas dissera a Eglom: “Tenho uma palavra de Deus para ti”; e este se levantou de sua cadeira, Jz 3:20. E tu te reclinas em tua cadeira para dormir. Ó, como ousas desferir tal afronta contra o grande Deus? Quantas vezes dormiste ao jantar, ou ao contares o teu dinheiro? E não vale a Palavra de Deus mais do que estas coisas? Espantar-me-ia se tais adormecidos de sermão sonhassem com outra coisa senão com o fogo do inferno. É perigoso, sabeis, adormecer com uma vela acesa ao nosso lado — alguns foram assim queimados em seus leitos —; mas mais perigoso dormir enquanto a candeia da Palavra brilha tão próxima de nós. E se caíesses morto como Êutico? Aqui não há Paulo para te ressuscitar como ele teve; e de que não o farás, onde se encontra a tua segurança?

2. *Deves ser um ouvinte atento.* Aquele que está desperto, mas divaga com os olhos ou com o coração, o que faz senão dormir com os olhos abertos? Seria tão bom que o servo estivesse dormindo em seu leito como, estando de pé, não atentar para os negócios de seu senhor. Quando Deus tenciona o bem de uma alma pela Palavra, ele atrai tal pessoa a escutar e atentar diligentemente ao que é ministrado, como vemos em

Lídia, de quem se diz que “estava ouvindo... de modo que ofereceu atenção às coisas que Paulo dizia”; e aqueles em Lc 19:48: “todo o povo pendia dele para o ouvir”. Eles pendiam dele, assim como vedes as abelhas penderem sobre alguma flor doce, ou como as aves jovens sobre os bicos de suas mães enquanto estas as alimentam: assim faz a alma que há de obter luz e vida pela Palavra. “Ouvi, filhos, a instrução do pai, e estai atentos para conhecerdes a prudência”, Pv 4:1. Esforça-te, portanto, ao ouvir a Palavra, por fixar a tua mente instável e dispõe-te a ouvir, conforme se diz que Josafá fez para orar; e que possas, antes de ir, colocar o teu coração em alguma percepção profunda de tuas carências espirituais, especialmente de tua ignorância das coisas de Deus e de tua deplorável condição em razão disso: até que o coração seja tocado, a mente não se fixará. Portanto, podes observar que se diz que Deus abriu o coração de Lídia para que estivesse atenta, At 16:14. A mente realiza a missão da vontade; dedicamos os nossos pensamentos àquilo que os nossos corações propõem. Se o coração não possui percepção de sua ignorância, ou desejos após Deus, não admira que tal pessoa não escute o que o pregador diz: o seu coração envia a sua mente por outro rumo. “Eles assentam-se diante de ti como o meu povo”, diz Deus, “mas o seu coração segue a sua avareza”. Não comparecem com tal intento ou desejo de ouvir para qualquer bem de suas almas; do contrário, aplicar-se-iam inteiramente à obra. Não: é a sua avareza que possui os seus corações e, portanto, como algum servo ocioso que, após conduzir o seu senhor e levá-lo ao seu banco na igreja, retira-se para junto de seus companheiros na taberna e não retorna

antes que o sermão esteja quase concluído; assim agem os pensamentos de muitos quando comparecem à ordenança: escapam para a rua, para o mercado ou para a loja; podes encontrá-los em qualquer parte senão dedicados ao dever diante deles, e tudo porque estes possuem mais os seus corações do que Deus e a sua Palavra.

3. *Deves ser um ouvinte retentivo.* Sem isto a obra sempre estará por começar novamente. As verdades para um ouvinte esquecido assemelham-se a um selo aplicado sobre a água: a impressão dura não mais do que o tempo em que o selo está sobre ela; o sermão uma vez concluído, e tudo se desfaz. Sê, portanto, muito cuidadoso por fixar em tua memória o que ouves, o que podes fazer ao:

(1) *Receber a verdade no amor dela.* Um ouvinte afetuoso não será um ouvinte esquecido. O amor auxilia a memória. “Pode uma mulher esquecer-se de seu filho, ou uma jovem de seus enfeites, ou uma noiva de seu cinto?”. Não: amam-nos demais. Se as verdades de Deus fossem assim preciosas para ti, tu, com Davi, pensarias nelas dia e noite. Mesmo quando o cristão, por fraqueza de memória, não se pode lembrar das próprias palavras que ouve para as repetir, contudo conserva o poder e o sabor delas em seu espírito. Assim como quando o açúcar dissolve-se no vinho: não o podes ver, mas o podes saborear; quando o alimento é ingerido e digerido: não se encontra como foi recebido, mas o homem sente-se reanimado e fortalecido por ele, mais capaz de caminhar e trabalhar do que antes, pelo que podes saber que não foi perdido; assim podes saborear as verdades que o cristão ouviu em seu espírito e as ver em sua vida. Talvez, se lhe perguntares quais foram os pontos

particulares que o ministro expôs sobre a fé, a mortificação, o arrependimento e coisas semelhantes, ele não te saberá dizer; contudo, isto podes encontrar: o seu coração encontra-se mais quebrantado pelo pecado, mais capacitado a confiar nas promessas e agora desapegado do mundo. Assim como aquela boa mulher respondeu a alguém que, vindo do sermão, perguntou-lhe o que recordava do sermão, dizendo que não podia recordar muito, mas ouvira aquilo que a faria reformar algumas coisas tão logo chegasse a casa.

(2) *Meditar no que ouves*. Por isto Davi obteve mais sabedoria do que os seus mestres. Observa que verdade, que passagem da Escritura te foi esclarecida no sermão mais do que antes, toma algum tempo em segredo para conversares com ela e torna-a com isso familiar ao teu entendimento. A meditação representa para o sermão o que a grade de ferro é para a semente: ela cobre aquelas verdades que de outro modo poderiam ter sido colhidas ou levadas pelas águas. Receio que haja muitas provas anotadas em um sermão que dificilmente são consultadas e examinadas novamente quando o sermão é concluído; e, se assim for, fazeis os outros crerem que sois maiores negociadores por vossas almas do que de fato sois. Assemelha-se a se alguém fosse a uma loja e reservasse grande quantidade de mercadoria rica e, quando o fizesse, partisse e nunca mais voltasse para a buscar. Ó, acautelai-vos de tal conduta. O hipócrita engana a si mesmo de pior forma ao final.

(3) *Desembaraçar a tua memória daquilo que é pecaminoso*. Nós limpamos a nossa lousa e apagamos o que nela está rabiscado antes de podermos escrever de novo. Há tamanha contrariedade entre as verdades de Deus e tudo o que é fútil e pecaminoso que um elimina o outro. Se queres reter um, deves deixar ir o outro.

QUARTO RAMO

Contra as hostes espirituais da maldade.

Estas palavras constituem o quarto ramo na descrição: “as hostes espirituais da maldade” [no inglês clássico: *spiritual wickedness* — impiedade espiritual], e o nosso combate ou luta com elas como tais é expresso pela partícula adversativa “contra”. No grego lê-se: πρὸς τὰ πνευματικὰ τῆς πονηρίας (*pros ta pneumatika tes ponerias*), palavra por palavra, "contra as coisas espirituais da maldade", o que representa, dizem alguns, “contra espíritos malignos”; isto é verdade, mas não abrange tudo. Concebo, com muitos intérpretes, que não apenas a natureza espiritual do diabo e a maldade da mesma são pretendidas, mas também, sim, principalmente, a natureza e o tipo daqueles pecados aos quais estes espíritos malignos mais usualmente e vigorosamente incitam os santos; e eles constituem as coisas espirituais da maldade, não aqueles pecados carnaís crassos em que a multidão de pecadores animais, como os porcos, chafurda, mas o pecado espiritualizado, e isto porque a expressão não é πνεύματα (*pneumata* — espíritos), mas πνευματικά (*pneumatika* — coisas espirituais). As palavras apresentam-nos estas três conclusões doutrinárias. PRIMEIRO. Os demônios são espíritos. SEGUNDO. Os demônios são espíritos extremamente malignos. TERCEIRO. Estes espíritos malignos perturbam principalmente os santos e os incitam às impiedades espirituais.

A espiritualidade da natureza do diabo.

PRIMEIRA DOUTRINA. Os demônios são espíritos. "Espírito" representa uma palavra de várias acepções na Escritura. Entre outras, é usada frequentemente para designar a essência e a natureza dos anjos, bons e maus, ambos chamados de espíritos. Os santos anjos: "Não são porventura todos eles espíritos ministradores?", Hb 1:14. Os maus: "Então saiu um espírito, e se apresentou diante do Senhor, e disse: Eu o induzirei", 1Re 22:21; aquele espírito era um diabo. Quantas vezes o diabo é chamado de espírito imundo, espírito mau, espírito mentiroso, etc.! O pecado não alterou a sua substância, pois então, conforme diz bem um autor, aquela natureza e substância que transgrediu não poderia ser punida.

Primeiro. O diabo é um espírito; isto é, a sua essência é imaterial e simples, não composta, como o são os seres corporais, de matéria e forma: "Apalpai-me e vede", diz Cristo aos seus discípulos que pensavam contemplar um espírito, "pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho", Lc 24:39. Se não fossem assim imateriais, como poderiam entrar nos corpos e os possuir, como nos diz a Escritura que o fizeram, até mesmo uma legião em um único homem? Lc 8:30. Um corpo não pode assim entrar em outro.

Segundo. Os demônios são substâncias espirituais, não qualidades ou impulsos malignos que surgem de nós, como alguns absurdamente conceberam. Assim os saduceus, e outros que os seguiram, negavam qualquer existência de anjos, bons ou maus; mas isto constitui um conceito tão infundado que, para o sustentar, deveríamos tanto renunciar à nossa razão como negar as Escrituras. Ali encontramos a criação deles relacionada, Cl 1:16; a queda de alguns de seu estado original, Jd 6, e a preservação de outros, chamados de anjos eleitos; a felicidade de uns, que contemplam a face de Deus, e o seu encargo —

enviados para servirem aos santos, como servos aos herdeiros de seu senhor, Hb 1:14; a miséria dos outros, reservados em cadeias de trevas para o julgamento do grande dia; e a sua obra atual, que consiste em causar danos às almas e corpos dos homens, na medida em que lhes é permitido; tudo o que demonstra a sua subsistência de forma bastante clara. Mas tão imerso na carne se encontra o homem miserável que não acreditará facilmente naquilo que não contempla com os seus olhos carnisais. Pelo mesmo motivo poderíamos negar o próprio ser de Deus, sendo invisível.

Terceiro. São substâncias espirituais completas, que possuem, cada uma, existência própria. E assim diferenciam-se das almas dos homens, as quais foram feitas para subsistir em um corpo humano e, juntamente com este, constituir um homem perfeito; de modo que a alma, embora subsista quando separada do corpo, possui uma tendência para se unir novamente ao seu corpo.

Quarto. São, embora substâncias espirituais completas, contudo finitas, visto que não passam de criaturas. Deus somente representa o Espírito incriado, infinito e absolutamente simples, sim, o Pai de todos os outros espíritos. Ora, a partir desta natureza espiritual do diabo, podemos discernir mais adiante:

Que inimigo terrível temos de enfrentar.

Primeiro. Como espíritos, possuem vastas capacidades intelectuais. O homem miserável, enquanto se encontra nesta prisão escura do corpo, não dispõe de luz suficiente para conhecer quais são as perfeições angelicais. Que eles excedem em conhecimento a todas as outras criaturas, sabemo-lo porque,

como espíritos, aproximam-se mais pela criação da natureza do Deus que os fez. Os céus não se encontram mais elevados acima da terra do que os anjos, por conhecimento, do homem enquanto na terra. O homem, pela arte, aprendeu a medir a altura das estrelas do céu, mas onde está aquele que sabe dizer em quanto os anjos excedem o homem no conhecimento? É verdade que perderam muito daquele conhecimento que possuíam, sim, todo o seu conhecimento como anjos santos; o que agora conhecem de Deus perdeu o seu sabor, e não possuem poder para o utilizar para o seu próprio bem. O que Judas diz dos homens ímpios pode ser dito deles: o que conhecem naturalmente, nessas coisas se corrompem. Conhecem a santidade de Deus, mas não o amam por ela, como fazem os anjos eleitos e eles próprios o faziam por criação. Conhecem o mal do pecado e não o amam menos por isso; mas, embora sejam tais tolos para si mesmos, possuem astúcia excessiva para todos os santos na terra se não tivéssemos um Deus para conduzir o nosso combate.

Segundo. Como espíritos, são invisíveis, bem como as suas aproximações. Eles vêm, e não vês o teu inimigo. De fato, isto constitui a sua maior vantagem, se corretamente ponderada, embora o torne tão pouco temido pelo mundo ignorante. Ó, se os homens presenciam uma aparição do diabo, ou ouvem um ruído à noite, clamam: “O diabo! O diabo!”; e ficam prestes a perder o juízo por temor; mas carregam-no em seus corações e caminham o dia inteiro em sua companhia, e não o temem. Quando o teu coração orgulhoso está escalando o pináculo da honra em teus pensamentos ambiciosos, quem te colocou ali senão o diabo? Quando o teu coração adúltero encontra-se grávido de toda sorte de imundícia e lascívia, quem senão Satanás esteve ali, gerando estes frutos em teu espírito meretricioso? Quando estás enfurecido em tua paixão, lançando

brasas ardentes de ira e furor ao teu redor com a tua língua inflamada, onde foi ela inflamada senão no inferno? Quando és precipitado como os porcos no abismo e até mesmo sufocado com o teu próprio vômito de embriaguez, quem senão o diabo te cavalga?

Third. Como espíritos, são imortais. De outros inimigos podes ouvir notícias finalmente de que “morreram os que procuravam a morte do menino”, como o anjo disse a José a respeito de Herodes. Os homens perseguidores atuam por um momento ou dois no cenário e são retirados pela morte, e ali se encerram todos os seus planos; mas os demônios não morrem: perseguir-te-ão até à tua sepultura e, quando morreres, encontrar-te-ão em outro mundo para te acusarem e atormentarem ali também.

Quarto. Como espíritos, são incansáveis em seus movimentos. Quando o combate termina entre os homens, o vencedor deve assentar-se e respirar e, assim, perde a perseguição por não ser capaz de a prosseguir a tempo. Sim, alguns renunciaram aos seus impérios, como que saciados com o sangue dos homens e cansados da obra quando não podem obter a sua vontade como gostariam. Assim Diocleciano, porque viu que apenas ceifava um prado que crescia mais espesso à medida que era cortado — conforme Tertuliano fala dos cristãos martirizados —, lançou fora o seu cetro em um acesso de impaciência. Carlos V agiu da mesma forma, dizem alguns, pelo mesmo motivo: por não poder desarraigar os luteranos. Mas o ânimo do diabo nunca arrefece, nem ele se cansa de praticar o mal, embora nunca tenha permanecido imóvel desde que iniciou o seu caminhar de um lado para o outro no mundo. Ó, o que seria de nós se um Deus não estivesse ao nosso lado, o qual representa

infinitamente maior vantagem para nós do que o diabo contra nós?

A extrema maldade dos demônios.

SEGUNDA DOUTRINA. Os demônios são espíritos extremamente malignos; malignos no abstrato, conforme o texto, e chamados por via de eminência no pecado de “o maligno”, Mt 13:19. Assim como Deus é chamado de o Santo porque ninguém é santo como o Senhor, da mesma forma o diabo é o maligno porque não há paralelo a ele no pecado. Em alguns aspectos particulares procuremos medir a altura do pecado do diabo, e antes para podermos julgar os graus de pecados e de pecadores entre os filhos dos homens: quanto mais próximo de Deus na santidade, mais santo; quanto mais semelhante ao diabo, mais maligno.

Aspecto Primeiro. Estes anjos apóstatas são os inventores do pecado — os primeiros que soaram a trombeta da rebelião contra o seu Criador e lideraram a dança para todo o pecado que desde então preencheu o mundo. Ora, que língua saberá acentuar este pecado em sua plenitude? Pois para tal criatura nobre, a quem Deus colocara no topo, por assim dizer, de toda a criação, mais próxima de si mesmo, e de quem Deus nada retivera senão o seu próprio diadema real; para este par e favorito da corte, sem qualquer causa ou solicitação de outrem, realizar este atentado ousado e blasfemo de arrebatara a própria coroa de Deus, isto pinta o diabo mais negro do que os pensamentos dos homens e dos anjos podem conceber. Ele é chamado de “o pai da mentira”, assim como aqueles que descobrem qualquer arte são tidos por pais dela: Jubal “foi o pai de todos os que tocam harpa e órgão”, ele inventou a música. E

isto constitui uma terrível agravante porque pecaram sem um tentador. E, embora o homem não seja em tal grau capaz desta agravante, contudo alguns homens pecam conforme a própria semelhança da transgressão do diabo neste aspecto, os quais, conforme São Paulo os intitula, são “inventores de males”, Rm 1:30. De fato, o pecado representa um ofício antigo, descoberto para as nossas mãos; mas, como em outros ofícios e artes, surgem alguns homens famosos que acrescentam às invenções dos outros e tornam os ofícios e artes, por assim dizer, novos; assim, há sempre alguns infames em sua geração que tornam os antigos pecados novos por superacrescentarem à maldade dos outros. A impureza representa um pecado antigo desde o início; mas os sodomitas quiseram ser imundos de uma nova forma e, por isso, carrega o nome deles até ao dia de hoje. Alguns inventam novos erros; outros novos juramentos — tais como os de sua própria lavra —, saídos quentes da forja: desdenham jurar conforme a moda antiga. Outros inventam novos artifícios de perseguição, como Juliano, que possuía um caminho próprio diferente de todos os anteriores; e até ao fim do mundo cada época excederá a outra nos graus do pecado. Ismael e os escarnecedores do mundo antigo não passavam de crianças e aprendizes comparados aos escarnecedores e perseguidores cruéis dos últimos tempos. Pois bem, acautela-te de demonstrares a tua inteligência inventando novos pecados, para que não incites a Deus a inventar novas punições: “Não é a perdição para o ímpio, e o castigo estranho para os que praticam a iniquidade?”, Jó 31:3. Sodoma pecou conforme uma nova moda, e Deus os destrói por um novo caminho — envia o inferno do alto sobre eles. Alguns inventaram novas opiniões, erros monstruosos, e Deus adaptou os seus erros monstruosos com nascimentos tão monstruosos de seu próprio corpo.

Aspecto Segundo. Eles não foram apenas os inventores do pecado, mas continuam sendo os principais tentadores para o pecado e promotores do pecado no mundo. São por isso chamados de *ho peirazon*, o tentador, e o pecado é chamado de “obra do diabo”, quem quer que o cometa; assim como a casa leva o nome do mestre-de-obras, embora este utilize as mãos de seus servos para a edificar. Ó, acautela-te de solicitares os outros a pecarem. Tomas o ofício do diabo, por assim dizer, de suas mãos. Deixa-o fazê-lo ele mesmo se quiser. Não te tornes tão semelhante a ele. Tentar outrem representa algo pior do que pecares tu mesmo. Demonstra que o pecado atingiu grande maturação naquele homem que o faz consciente e voluntariamente. As ervas e as flores não vertem as suas sementes até estarem maduras; as criaturas não se reproduzem até atingirem a estatura e a idade adequadas. O que fazem estes que tentam os outros senão difundir suas opiniões e práticas malignas e, por assim dizer, suscitar descendência ao diabo, com isso mantendo o nome de seu pai infernal no mundo? Isto demonstra que o pecado é deveras poderoso neles. Muitos homens, embora tão cruéis para com as suas próprias almas a ponto de se embriagarem ou jurarem, contudo não aceitarão isto em um filho ou servo. O que são eles então senão demônios encarnados, que ensinam aos seus filhos o catecismo do diabo: a jurar e mentir, beber e prostituir-se? Se encontrares tais pessoas, não tenhas receio de as chamar, como Paulo fez a Elimas quando este queria desviar o procônsul: filhos do diabo, cheios de todo o engano e de toda a malícia, e inimigos de toda a justiça. Ó, não sabeis o que fazeis quando tentais? Eu vo-lo direi: fazeis aquilo que não podeis desfazer por vosso próprio arrependimento. Tu envenenas a um com o erro, inicias a outro na escola do diabo — refiro-me à taberna —; mas depois, talvez, percebes o teu erro e retratas o teu erro, a tua tolice, e abandonas

o teu comércio de embriaguez. Estás certo agora de retificares e converteres a eles juntamente contigo? Infelizmente, pobres criaturas! Isto se encontra fora de teu poder. Eles, talvez, dirão como ele — embora este o fizesse sob melhor consideração — que foi solicitado a retornar ao papismo por aquele que o havia persuadido a renunciar ao mesmo: “Tu me deste uma reviravolta, mas não me darás outra”. E que dor para o teu espírito representará veres aqueles caminhando para o inferno sob a tua incumbência, e tu incapaz de os chamar de volta! Podes clamar como Lameque: “Matei um homem para minha ferida, e um jovem para o meu pisado”. Mais do que isso: quando estiveres dormindo em tua sepultura, aquele a quem seduziste poderá ter atraído outros, e o teu nome poderá ser citado para recomendar a opinião e a prática aos outros; por meio do que, como se diz embora em outro sentido, Abel, estando morto, ainda fala. Podes, embora morto, pecar naqueles que estão vivos, geração após geração. Uma pequena centelha acesa pelo erro de um custou os esforços de muitas eras para ser apagada e, quando tida por extinta, rompeu novamente.

Aspecto Terceiro. Não são meramente malignos, mas maliciosamente malignos. O diabo possui o seu nome de *hōponeros* para denotar a sua natureza maldosa — o seu desejo de afligir e prejudicar os outros. Quando atrai as almas para o pecado, não é porque saboreie qualquer doçura ou encontre qualquer proveito nisso — ele possui luz excessiva para ter qualquer alegria ou paz no pecado. Ele conhece a sua condenação e treme diante do pensamento dela; e, contudo, a sua natureza maldosa faz com que deseje veementemente e incessantemente se esforce pela condenação das almas. Assim como vedes um cão raivoso correr atrás de um rebanho de ovelhas, matar uma, depois outra, embora quando mortas não

seja capaz de comer de sua carne, mas mata por matar; da mesma forma Satanás é impelido por um furor ilimitado contra o homem, especialmente contra os santos, e não deixaria, se pudesse, uma única ovelha do rebanho de Cristo viva. Tal é a altura de sua malícia contra Deus, a quem odeia com um ódio perfeito; e, porque não o pode alcançar com um golpe direto, por isso o golpeia por tabela através de seus santos; aquele braço ímpio que não alcança a Deus estende-se contra estes excelentes da terra — bem sabendo que a vida de Deus está de certa maneira associada à deles. Deus não pode sobreviver à sua honra, e a sua honra prospera conforme a sua misericórdia é exaltada ou depreciada; sendo este o atributo que Deus tenciona honrar na salvação deles de forma tão elevada e, portanto, hostilizado acima dos demais por Satanás. E isto constitui o pior que se pode dizer destes espíritos malignos: que eles maliciosamente hostilizam a Deus, e em Deus a glória de sua misericórdia.

Uso Ou Aplicação

Primeiro Uso. Isto pode nos ajudar a conceber mais plenamente a desesperada maldade da natureza humana, que é tão difícil de conhecer, porque jamais pode ser vista de uma só vez — sendo uma fonte cuja imensidão não consiste no fluxo do pecado real — que é visível e pode parecer pequena — mas na nascente que incessantemente a alimenta. Mas aqui está um espelho que nos mostrará a forma de nossos corações verdadeiramente como eles são. Vês o monstruoso grau e a altura da maldade que há no diabo? Tudo isso há no coração de cada homem. Não há menos maldade potencialmente no pecador mais manso da terra do que nos próprios demônios, e isso, um dia, tu, quem quer que sejas, mostrarás a propósito, se Deus não

te prevenir por sua graça renovadora. Tu ainda não estás emplumado, tuas asas não cresceram para fazer de ti um dragão voador; mas és da mesma ninhada, a semente desta serpente está em ti, e o diabo gera um filho semelhante a si mesmo. Tu ainda permaneces em um solo não tão propício para o amadurecimento do pecado — que não chegará à sua plenitude até ser transplantado para o inferno. Tu, que és aqui tão recatado e modesto, a ponto de corar diante de alguns pecados por vergonha, e de evitar a prática de outros por medo, quando lá vires o teu caso tão desesperador quanto o do diabo, então cuspirás as tuas blasfêmias, com as quais a tua natureza está recheada, com a mesma malícia que ele o faz. Os indígenas têm a crença de que, ao morrerem, serão transformados na forma deformada do diabo; por isso, em sua língua, eles têm a mesma palavra para um homem morto e para o diabo. O pecado torna os ímpios semelhantes a ele antes mesmo de chegarem lá, mas, de fato, eles atingirão a sua fisionomia mais plenamente lá, quando aquelas chamas lavarem a pintura que aqui esconde a sua tez. Os santos no céu serão como os anjos, em sua prontidão, amor e constância em servir a Deus; e os condenados como os demônios, no pecado bem como na punição. Esta única consideração poderia ser de excelente utilidade para desmascarar um pecador, e humilhá-lo, de modo a nunca ter pensamentos elevados a respeito de si mesmo. É fácil criticar uma pessoa cuja vida é ímpia, convencê-la do mal de suas ações e fazê-la confessar que o que ela faz é mau, mas aqui está o arbusto em que o perdemos. Ele dirá: "É verdade, eu fui descuidado, faço o que não deveria, Deus me perdoe, mas meu coração é bom". Teu coração é bom, pecador? E o do diabo também. A natureza dele é má, e a tua é tão má quanto a dele. Essas espinhas em teu rosto mostram o calor da tua natureza corrupta interior, e sem a medicina do evangelho — o sangue de

Cristo aplicado a ti — tu morrerás leproso. Ninguém além de Cristo pode te dar um novo coração, até que isso aconteça, tu crescerás cada dia pior. O pecado é uma doença hereditária que aumenta com a idade. Um jovem pecador será um velho diabo.

Segundo Uso. Novamente, seria de utilidade para os santos; especialmente para aqueles em quem Deus, por seu chamado oportuno, impediu o mercado do diabo; como às vezes o Espírito de Deus captura o pecado em seus alojamentos antes que ele venha a campo, nos pecados da juventude. Ora, alguém assim, não encontrando em si aqueles pecados ousados cometidos por outros, aos quais foram deixados, pode possivelmente não ser tão afetado por seu próprio pecado ou pela misericórdia de Deus. Ó, que tal pessoa contemple aqui a maldade do seu coração no espelho da natureza do diabo, e ele se verá como um devedor da misericórdia de Deus tão grande quanto Manassés, ou o pior dos pecadores — tanto no perdão quanto na prevenção da mesma natureza maldita que a deles, antes que ela disparasse contra Deus com aqueles pecados sangrentos que eles cometeram. Que tu não tenhas cometido tais pecados ultrajantes, tu deves à graciosa surpresa de Deus, e não à bondade da tua natureza, que tem o selo do diabo nela, e pela qual Deus poderia ter-te esmagado, como fazemos com a ninhada de serpentes antes que piquem, sabendo o que elas farão com o tempo. Quem dirá que Fawkes sofreu injustamente, porque o parlamento não foi explodido? É o bastante que os materiais para aquele massacre tenham sido providenciados, e ele capturado lá com pavio e fogo consigo, pronto para acender o rastilho. E podes tu dizer, quando Deus primeiro te alcançou, que não tinhas aquelas armas de rebelião contigo — uma natureza plenamente carregada de inimizade contra Deus, que com o tempo teria feito seu próprio relato do que, por ora, jazia

como pólvora não disparada, silenciosa em teu peito? Ó cristão, pensa nisto, e humilha-te pela tua natureza vilanesca, e dize: bendito seja Deus que enviou seu Espírito e graça tão oportunamente para deter a tua mão — como Abigail fez a Davi — enquanto a tua natureza não meditava nada além de guerra contra Deus e suas leis.

Terceiro Uso. Novamente, são os demônios tão maliciosamente perversos contra o próprio Deus? Ó senhores, tenham a noção correta do pecado, e vocês o odiarão. A razão pela qual somos tão facilmente persuadidos a pecar é porque não entendemos o fundo do desígnio dele ao atrair uma criatura para o pecado. É com os homens no pecado como é com os exércitos em batalha. Capitães batem seus tambores para voluntários, e prometem a todos os que se alistarem, pagamento e pilhagem; e isso os faz vir em tropel. Mas poucos consideram qual é o fundamento da guerra, contra quem, ou para quê. Satanás seduz ao pecado, e dá promessas douradas do que eles terão em seu serviço, com as quais almas tolas são ganhas. Mas quão poucos perguntam às suas almas: Contra quem eu peço? Qual é o desígnio do diabo ao me atrair para o pecado? Devo te dizer? Pensas que é o teu prazer ou lucro que ele deseja ao te fazer pecar? Ai de mim, ele não quer nada disso, ele tem planos maiores em sua cabeça. Ele, por sua apostasia, proclamou guerra contra Deus, e ele te traz, ao pecar, para esposar a sua causa, e a arriscar a vida da tua alma em defesa do seu orgulho e luxúria; o que, para que ele possa fazer, ele não se importa mais com a danação da tua alma do que o grande Turco se importa em ver uma companhia dos seus escravos mortos para a execução do seu projeto em um cerco. E ousas tu arriscar ir ao campo de batalha na causa dele contra Deus? Ó terra, treme tu diante da presença do Senhor. Este sangrento Joabe coloca-te onde

ninguém saiu vivo. Ó, não fiques onde as balas de Deus voam. Lança fora as tuas armas, ou serás um homem morto. O que quer que os outros façam, ó vós santos, abominais os pensamentos de pecar voluntariamente; pois, quando fazeis isso, ajudais o diabo contra Deus. E o que é mais antinatural do que um filho ser visto em armas contra seu pai?

O PLANO DE SATANÁS PARA CONTAMINAR O CRISTÃO COM MALDADE ESPIRITUAL

DOCTRINA TERCEIRA. Estes espíritos iníquos aborrecem os santos principalmente com, e os provocam a, maldade espiritual. Os pecados podem ser chamados de espirituais por uma dupla conta; ou, **PRIMEIRAMENTE**, a partir do sujeito onde são praticados; ou, **SEGUNDAMENTE**, a partir do objeto sobre o qual eles convergem.

PRIMEIRO TIPO DE PECADOS ESPIRITUAIS

Assim chamados a partir do sujeito onde são praticados.

PRIMEIRAMENTE. Os pecados podem ser chamados de espirituais, a partir do sujeito onde são praticados. Quando o espírito ou coração é o palco onde o pecado é encenado, este é um pecado espiritual; tais são todos os pensamentos impuros, afeições e desejos vis. Embora o objeto seja a luxúria carnal, contudo, são pecados espirituais, porque são puramente atos da alma e do espírito, e não irrompem para o homem exterior.

Eles são pecados do coração

Satanás trabalha o quanto pode para provocar o cristão a pecados do coração — para incitar e fomentar esses movimentos interiores do pecado no peito do cristão. Daí vem que ele não pode empreender nenhum dever, mas esses — seusimps [diabretes], posso chamá-los assim — o assombram; um movimento ou outro dispara para interrompê-lo, como Paulo nos diz de si mesmo: "Quando eu queria fazer o bem, o mal estava presente comigo" [Rm 7:21]. Se um cristão voltasse atrás sempre que estes cruzassem o seu caminho, ele nunca seguiria em sua jornada para o céu. É o jogo principal que o diabo tem para jogar contra os filhos de Deus — agora que seu exército de campo está derrotado, e seu poder de comando que ele tinha sobre eles foi tomado — para sair desses seus esconderijos onde ele jaz à espreita, e cair sobre a retaguarda deles com essas sugestões. Ele sabe que seu crédito agora não é tão grande com a alma como quando ela era sua escrava. Então, nenhum trabalho escravo era tão baixo que ela não faria sob seu comando; mas agora a alma está fora de sua escravidão, e ele não deve pensar em comandar o servo de outro como o seu próprio. Não, tudo o que ele pode fazer é vigiar a estação mais adequada — quando o cristão menos suspeita — e então apresentar algum movimento pecaminoso, elegantemente vestido, aos olhos da alma, para que o cristão possa, antes que perceba, pegar esse pirralho e niná-lo em seus pensamentos, até que, finalmente, ele o torne seu ao abraçá-lo; e isso, ele sabe, contaminará a alma; e, talvez, esse menino enviado pela janela possa abrir a porta para deixar entrar um ladrão maior. Ou, se ele não prevalecer assim, ainda assim a culpa desses pecados do coração, sim, a própria proximidade deles será uma triste vexação para um coração gracioso, cuja natureza é tão pura que abomina toda imundície — de modo que ser assombrado por tais noções é como se um homem vivo fosse acorrentado a uma carcaça fedorenta, que, onde quer que ele vá,

ele deve arrastar aquilo consigo; e cujo amor é tão caro a Cristo, que não pode suportar a companhia desses pensamentos sem espanto e horror, que são tão contrários e abusivos ao seu amado. Isso torna Satanás tão desejoso de estar sempre remexendo na parte não regenerada, para que, como um estrume mexido, ele possa ofendê-los tanto com os odores nauseantes que surgem dele.

Uso Ou Aplicação

Primeiro Uso. Que isto sirva para provar o teu estado espiritual. Que entretenimento encontra Satanás quando ele vem com essas maldades espirituais e te solicita a habitar nelas? Podes dispensar a imundície do teu espírito, desde que tuas mãos estejam limpas? Ou tu lutas contra esses pecados do coração bem como contra outros? Eu não pergunto se tais convidados entram pela tua porta — pois os piores dos pecados podem ser encontrados, nos seus movimentos, não apenas passando pela porta de um cristão, mas também espreitando dentro, assim como movimentos santos podem ser encontrados agitando-se no peito de homens ímpios — mas pergunto-te se podes encontrar em teu coração disposição para hospedar esses convidados e dar-lhes boas-vindas? É provável que tu não gostarias de ser visto andando na rua com tal companhia — não conduzir uma prostituta pela mão pela cidade — não arrombar violentamente a casa do teu vizinho para assassinar ou roubar; mas não podes tu, sob teu próprio teto, na sala de visitas da tua alma, deixar teus pensamentos segurarem uma luxúria impura, enquanto teu coração comete loucura especulativa com ela? Não podes tu arrastar teu vizinho para a tua cova, e lá despedaçá-lo membro a membro por tua malícia, e teu coração sequer gritar: Assassinato, assassinato? Em uma palavra, podes tu esconder qualquer pecado no sótão do teu coração, ali para salvar a vida

dele quando inquirido pela Palavra e pelo Espírito, como Raabe escondeu os espiões, e enviou os mensageiros do rei de Jericó para persegui-los, como se eles tivessem ido embora? Talvez possas dizer: "O adúltero, o assassino não está aqui", tu enviaste esses pecados para longe há muito tempo; e todo esse tempo tu os escondes no amor da tua alma. Sabe disso, ou tu o saberás outro dia para o teu custo, tu és inteiramente nulo. Se houvesse uma centelha da vida de Deus ou do amor de Cristo em teu peito, embora não pudesses impedir tais movimentos em tua alma, contudo, tu não os esconderias, muito menos os nutririas em teu seio; quando dominado por eles, tu chamarias ajuda do céu contra esses destruidores da tua alma.

Segundo Uso. Mostrai vossa lealdade, ó vós santos, a Deus, por uma resistência vigorosa e luta contra essas maldades espirituais.

1. Considera, cristão, os pecados do coração são pecados tanto quanto qualquer outro. "O pensamento da loucura é pecado" [Pv 24:9]. O mercúrio é veneno na água destilada, assim como no corpo grosseiro. A impureza, a cobiça, o assassinato são tais no coração assim como no ato exterior; cada ponto do inferno é o inferno.

2. Considera, Teu espírito é o assento do Espírito Santo. Ele ocupa todo o coração como sua morada, e é hora de ele ir embora quando vê sua casa invadida por cima de sua cabeça. Não contamine teu espírito até que estejas cansado da companhia dele.

3. Considera, Pode haver mais maldade em um pecado do coração do que da mão e do homem exterior; pois a agravante destes é retirada do

comportamento do coração no ato. Quanto mais do coração e espírito é deixado sair, mais malignidade é deixada entrar em qualquer ato pecaminoso. Retroceder no coração é mais do que retroceder. É o conforto de uma alma pobre, quando tentada e perturbada por suas recaídas, que, embora seu pé deslize para trás, contudo seu coração não volta atrás, mas encara o céu e a Cristo ao mesmo tempo; então, errar no coração é pior do que ter um erro na cabeça. Portanto, Deus agrava o pecado de Israel com isto: "Eles sempre erram no seu coração" [Hb 3:10]. Seus corações os levam ao erro; eles gostavam da idolatria, e assim logo foram levados a acreditar no que mais lhes agradava. Como, pelo contrário, quanto mais do coração e espírito há em qualquer serviço santo, mais bondade real há nele, embora falhe em relação aos outros na expressão exterior. Os dois leptos da viúva superaram todos os outros, sendo o próprio Cristo o juiz; assim no pecado, embora os atos internos do pecado, nos pensamentos e afeições, pareçam leves na balança do homem, se comparados com os atos exteriores, contudo, estes podem ser tão circunstanciados que podem exceder o outro na conta de Deus. Pedro coloca o acento do pecado de Mago no pensamento perverso, que suas palavras traíram estar em seu coração: "Ora a Deus, se porventura te for perdoado o pensamento do teu coração" [At 8:22]. O pecado de Saul ao poupar Agague, e salvar o melhor das ovelhas e bois, que ele foi ordenado a destruir, foi materialmente um pecado muito menor do que o adultério e assassinato de Davi, contudo, é feito igual a um maior que ambos, até mesmo a própria feitiçaria [1 Sm 15:23]; e de onde recebeu o seu pecado tal tintura,

senão da maldade do seu coração, que era pior do que o de Davi quando mais profundo na tentação.

4. Considera, Se Satanás entrar em teu espírito e o contaminar, ó quão difícil acharás permanecer ali? Tu já provaste do caldo dele, e agora é mais provável que sejas vencido no final para sentar-se e fazer tua refeição completa daquilo que, por provar, viciou teu paladar. Seria estranho se, enquanto estás meditando, e teu coração está quente com o pensamento da luxúria, o fogo não irrompesse em teus lábios, ou pior.

Auxílios contra este tipo de tentações de Satanás

PERGUNTA. Mas que ajuda temos contra este tipo de tentações de Satanás?

RESPOSTA. Suponho-te um cristão, que faz esta pergunta; e se o fazes na simplicidade do teu coração, isso prova que és um. Quem, além disso, desejará ou poderá desejar, seriamente, ser aliviado desses convidados? Mesmo quando um coração carnal ora por libertação deles, ele ficaria relutante se sua oração fosse atendida. "Ainda não, Senhor", clama o coração de tal pessoa, como Agostinho confessou de si mesmo. O pecado é tão verdadeiramente o fruto da alma, como os filhos são dos nossos corpos, e ele encontra tanto favor em nossos olhos; sim, mais, pois o pecador pode matar um filho para salvar um pecado vivo [Mq 6:7], e de todos os pecados, nenhum é mais querido do que estes pecados do coração.

1. Porque eles são os primogênitos do coração pecaminoso, e a força principal da alma é gasta neles.

2. Porque o coração hath mais escopo neles do que em atos exteriores. O homem orgulhoso é muitas vezes confinado a um estado curto, e não pode exhibir-se no mundo, e aparecer aos outros na pompa que gostaria; mas dentro do seu próprio peito ele pode montar um palco, e seu próprio coração tolo apresentar-se como um príncipe tão grande quanto ele quiser. O malicioso pode matar, em seus desejos, tantos em poucos minutos, quantos o anjo feriu em uma noite do exército de Senaqueribe. Nero assim poderia matar toda Roma no bloco de uma só vez.

3. Estes pecados permanecem com a alma quando os outros a deixam. Quando o pecador estropiou seu corpo com embriaguez e imundície, e prova ser *miles emeritus* [soldado veterano dispensado] — não pode mais seguir o acampamento do diabo nessas vias — então essas luxúrias malditas o entreterão com histórias de suas velhas travessuras e prazeres. Em uma palavra, essas luxúrias interiores do coração não têm nada além da consciência de uma Divindade para contê-las. Outros pecados levam o pecador à vergonha diante dos homens; e, como alguns que criam em Cristo não ousavam confessá-lo abertamente, porque amavam o louvor dos homens, assim há pecadores que são impedidos de declarar suas luxúrias abertamente, pela mesma sensibilidade à sua reputação. Mas aqui não há medo disso, se eles puderem apenas esquecer que o céu os vê, ou persuadir-se de que não há perigo de lá, a costa então está livre; eles podem ser tão perversos quanto quiserem. Estes tornam os pecados interiores tão abraçados e acariciados. Se tu, portanto, podes encontrar teu coração

contra estes, posso me aventurar a chamar-te cristão. E para tua ajuda contra eles, melhora o seguinte.

Primeiro Auxílio. Sê sincero com Deus em oração para mover e ordenar teu coração em seus pensamentos e desejos. Se a língua é uma coisa tão indisciplinada que poucos podem domar; ó, o que é o coração, de onde tal multidão de pensamentos voa tão densa quanto abelhas da colmeia, e faíscas da fornalha! Não está no homem, não está no mais santo na terra fazer isso sem assistência divina. Portanto, encontramos Davi tantas vezes clamando a este respeito, para ordenar seus passos em sua palavra, para unir seu coração ao seu temor, para inclinar seu coração aos seus testemunhos. Como um servo, quando a criança que ele cuida é problemática e não quer ser governada por ele, que não fala mais cedo, mas tudo fica em silêncio com ele. Sem dúvida, o santo Davi achou seu coração além de sua habilidade ou poder, isso o faz tantas vezes levar seu recado a Deus. De fato, Deus prometeu tanto aos seus filhos, ordenar seus passos por eles, Sl 37:22, apenas ele espera que eles tragam seus corações a ele para esse fim. "Confia as tuas obras ao Senhor, e teus pensamentos serão estabelecidos" [Pv 16:3], ou ordenados. Estás tu colocando teu rosto em direção a uma ordenança, onde tens certeza de encontrar Satanás, que estará te perturbando com pensamentos mundanos e, talvez, pior? Deixa Deus saber da tua boca para onde estás indo, e quais são os teus medos. Nunca a alma marcha em tão boa ordem, como quando se coloca sob a condução de Deus.

Segundo Auxílio. Coloca uma guarda forte em torno dos teus sentidos exteriores. Estes são os pontos de desembarque de Satanás, especialmente o olho e o ouvido. Tem cuidado com o que tu importas através deles. Discurso vão raramente passa sem deixar algum vestígio sobre o coração; como o ar insalubre

inclina à putrefação coisas doces em si mesmas, assim o discurso insípido corrompe a mente que é pura. Olha, portanto, que tu respires em um ar limpo. E para teu olho, não o deixes vagar. Objetos lascivos causam pensamentos lascivos. Jó sabia que seu olho e seus pensamentos estavam propensos a andar juntos, e portanto, para assegurar um, ele fez aliança com o outro, Jó 31:1.

Terceiro Auxílio. Reflete frequentemente sobre ti mesmo em um dia, e observa qual companhia está com teu coração. Um mestre cuidadoso estará sempre olhando em sua oficina, e vendo o que seus servos estão fazendo, e um cristão sábio deveria fazer o mesmo. Podemos saber pelo barulho na escola que o mestre não está lá. Muito do desgoverno em nossos peitos surge da negligência de visitar nossos corações. Agora, quando estiveres parlamentando com tua alma, faz esta tríplice investigação.

1. Investiga se aquilo em que teu coração está pensando é bom ou mau. Se mau e perverso, tais como são pensamentos orgulhosos, impuros, desconfiados, mostra tua aversão por eles, e repreende tua alma duramente por sequer manter uma conferência com eles, da qual nada pode vir além de desonra a Deus, e prejuízo à tua própria alma; e desperta teu coração para lamentar a má vizinhança deles, e por isso tu darás um testemunho de fidelidade a Deus. Quando Davi lamentou por Abner, "todo o Israel", diz-se, "entendeu naquele dia que não procedera do rei a morte de Abner" [2 Sm 3:37]. Teu luto por eles mostrará que esses pensamentos não são tanto teus, mas de Satanás.

2. Investiga, se teus pensamentos não forem amplamente perversos, então investiga se não são vazios, espumosos, vãs imaginações, que não têm subserviência

à glória de Deus, ao teu próprio bem ou dos outros; e se assim for, não deixes até que tenhas te tornado apreensivo do desígnio de Satanás sobre ti, neles. Embora tais não sejam para o teu propósito, contudo, são para o dele; eles servem à sua vez para te impedir de algo melhor. Toda a água se perde que corre ao lado do moinho, e todos os teus pensamentos são desperdício que não te ajudam a fazer a obra de Deus, em teu chamado geral ou particular. A abelha não se sentará em uma flor onde não pode ser sugado nenhum mel, nem deveria o cristão. Por que te sentas aqui ocioso — tu deverias dizer à tua alma — quando tens tanto a fazer por Deus e tua alma e tão pouco tempo para despachá-lo?

3. Investiga, se achares que são bons quanto à matéria com que teu coração está ocupado, então investiga se são bons quanto ao tempo e à maneira, os quais, estando faltando, degeneram.

(1.) São eles bons quanto ao tempo ou à estação? Esse fruto é bom quando é trazido em sua estação. Cristo gostou da obra que sua mãe teria colocado diante dele assim como ela mesma [Jo 2:4], mas seu tempo não tinha chegado. Pensamentos e meditações bons, mas mal colocados, são como algumas interpretações das Escrituras — boas verdades, mas más exposições; não se encaixam no lugar de onde são extraídas, nem estas no tempo. Orar quando deveríamos ouvir, ou estar meditando no sermão quando deveríamos orar, é roubar Deus de uma maneira para pagá-lo de outra. (2.) São eles bons quanto à maneira? Teu coração pode meditar uma boa matéria, e estragá-la no fazer. Tu estás, talvez, meditando sobre teus pecados, e afetando teu coração para um senso deles, mas de tal modo que, enquanto tu estás agitando tua dor, tu enfraqueces tua fé na

promessa. Esse é teu pecado. Ele é um mau cirurgião que, ao abrir uma veia, vai tão fundo que corta uma artéria, e deixa o braço aleijado, se não mata o homem. Ou tu estás pensando em tua família, e provendo para ela; isso tu deverias fazer, e serias pior que um infiel se negligencias; mas, talvez, esses pensamentos são tão distrativos e desconfiados, como se não houvesse promessa, nenhuma providência para te aliviar. Deus leva isso a mal, porque reflete sobre o seu cuidado por ti. Ó quão perto nosso dever aqui está do nosso pecado! Tanta preocupação é lastro necessário para a alma; um pouco mais a afunda sob as ondas da incredulidade. É como algumas coisas que são muito saudáveis, mas, um grau a mais de calor ou frio as tornaria veneno.

SEGUNDO TIPO DE PECADOS ESPIRITUAIS

Assim chamados a partir do objeto sobre o qual convergem.

SEGUNDO. Os pecados podem ser chamados de espirituais, a partir do objeto sobre o qual convergem; quando esse é espiritual e não carnal, tais como a idolatria, erro, orgulho espiritual, incredulidade, etc., ambos os quais Paulo chama de imundície do espírito, e os distingue da imundície da carne, 2 Co 7:1.

Eles são tais que não são apenas praticados no espírito, mas convergem sobre objetos espirituais próprios à natureza da alma, que é um espírito, e não lançados em paixões carnis de luxúrias da carne, nas quais a alma age apenas como um rufião para o corpo, e participa de seus prazeres apenas por via de simpatia; pois, assim como a alma sente as dores do corpo de

outra forma que não por simpatia, assim também não compartilha dos prazeres da carne por qualquer gosto próprio que tenha deles, mas apenas, de sua estreita vizinhança com o corpo, simpatiza com sua alegria. Mas nas maldades espirituais que corrompem a mente, a alma move-se em sua própria esfera, com um prazer próprio a si mesma, e não há menos dessas do que das outras. Dificilmente há uma luxúria carnal que não tenha algum pecado espiritual análogo a ela, como dizem que não há espécie de criaturas na terra que não possa ser padronizada no mar. Assim, o coração do homem pode produzir pecados espirituais que correspondem às luxúrias carnis. Para a fornicção e imundície da carne, há a idolatria, chamada na Escritura de adultério espiritual, da qual a sede do Anticristo é chamada de Sodoma espiritual; para a embriaguez sensual, há uma embriaguez da mente, intoxicando o julgamento com o erro, uma embriaguez do coração em cuidados e medos; para o orgulho carnal em beleza, riquezas, honra, há um orgulho espiritual de dons, graças, etc. Ora, Satanás, de maneira especial, ataca o cristão com tais como estas, mas exigiria um discurso mais longo do que posso permitir, para percorrer os vários tipos delas. Escolherei, de muitos, dois ou três.

PRIMEIRA MALDADE ESPIRITUAL — Erro no Princípio.

PRIMEIRAMENTE. Satanás trabalha para corromper a mente com princípios errôneos. Ele estava trabalhando na própria primeira plantação do evangelho, semeando seu joio quase tão logo quanto Cristo seu trigo. Isso brotou em erros perniciosos mesmo nos tempos dos apóstolos, o que os fez tomar a foice de capinar em suas mãos, e, em todas as suas epístolas,

trabalhar para contraminar Satanás em seu desígnio. Ora, neste seu esforço para corromper as mentes dos homens, especialmente dos professores, com o erro, Satanás tem um triplo desígnio:

Primeiro Desígnio. Ele faz isso em desprezo a Deus, contra quem não pode ventilar sua malícia em um grau mais alto do que corrompendo sua verdade, a qual Deus honrou tão altamente: "Pois engrandeceste a tua palavra acima de todo o teu nome" [Sl 138:2]. Cada criatura carrega o nome de Deus, mas em sua palavra e verdade nelas contida, ele está escrito por extenso, e portanto ele é mais criterioso com isto do que com todas as suas outras obras; ele não se importa muito com o que acontece com o mundo e tudo nele, contanto que mantenha sua palavra e salve sua verdade. Em breve veremos o mundo em uma chama clara; "O céu e a terra passarão, mas a palavra do Senhor permanece para sempre". Quando Deus quiser, ele pode fazer mais mundos como este, mas ele não pode fazer outra verdade, e portanto ele não perderá um jota sequer dela. Satanás, sabendo disto, coloca todo seu engenho para trabalhar para desfigurar esta verdade, e desfigurá-la por doutrina insalubre. A palavra é o espelho no qual vemos a Deus, e vendo-o, somos transformados à sua semelhança pelo seu Espírito. Se este espelho estiver rachado, então nossas concepções que temos de Deus nos representarão mal, enquanto a palavra em sua clareza nativa nos apresenta a ele em toda a sua glória.

Segundo Desígnio. Ele se esforça para atrair para este pecado espiritual do erro, como o meio mais sutil e eficaz para enfraquecer, se não destruir, o poder da piedade neles. O apóstolo une o espírito de poder e uma mente sã [2 Tm 1:7]. De fato, o poder da santidade na prática depende muito da sanidade do julgamento. A piedade é a filha da verdade, e deve ser nutrida,

se quisermos que prospere, com nada mais do que o leite da sua própria mãe. Portanto, somos exortados a desejar "o sincero leite da palavra, para que por ele cresçais" [1 Pe 2:2]; se este leite estiver um pouco manchado com erro, não é tão nutritivo. Todo erro, por mais inocente que possa parecer, como a hera, retira a força do amor da alma pela santidade. Oseias nos diz que a prostituição e o vinho tiram o coração [Os 4:11], ora, o erro é adultério espiritual. Paulo fala de esposá-los a Cristo. Quando uma pessoa recebe um erro, ela leva um estranho para a cama de Cristo, e é a natureza do amor adúltero tirar o coração da esposa de seu verdadeiro marido, de modo que ela não se deleita na companhia dele tanto quanto na de seu amante adúltero. E não vemos isso cumprido hoje em dia? Não mostram muitos mais zelo em contender por um erro, do que por muitas verdades? Quão estranhamente os corações de muitos são desviados dos caminhos de Deus, seu amor esfriado para com as ordenanças e mensageiros de Cristo! — e tudo isso ocasionado por algum princípio corrupto entrado em seus peitos, que controla Cristo e sua verdade, como Agar e seu filho fizeram com Sara e seu filho. De fato, Cristo nunca desfrutará de verdadeiro amor conjugal da alma, até que, como Abraão, ele expulse estes para fora de casa. O erro não é uma coisa tão inocente quanto muitos pensam; é como alimento insalubre para o corpo — que envenena os espíritos, e causa indigestão em todo o corpo — o que raramente passa sem irromper em feridas. Como o conhecimento de Cristo carrega uma alma acima das poluições do mundo, assim o erro a enreda e a trai para aquelas luxúrias, de cujas mãos ela tinha escapado.

Terceiro Desígnio. Satanás, ao atrair uma alma para este pecado espiritual, tem um desígnio de perturbar a paz da igreja, que é rasgada e estilhaçada quando este navio de fogo vem entre

eles. "Ouço", diz Paulo, "que há divisões entre vós, e eu parcialmente acredito, pois deve haver também heresias" [1 Co 11:18,19] — implicando que divisões são o resultado natural da heresia. O erro não pode concordar bem com o erro, exceto se for contra a verdade; então, de fato, como Pilatos e Herodes, eles são facilmente feitos amigos; mas quando a verdade parece ser superada, e a batalha acaba com isso, então eles caem entre si, e portanto não é de admirar se for um vizinho tão problemático para a verdade. Ó senhores, que doce silêncio e paz havia entre os cristãos uma dúzia de anos atrás. Parece-me que olhar para trás para aqueles dias abençoados a este respeito — embora tivessem também de outra maneira seus problemas, contudo não tão desconfortáveis, porque aquela tempestade unia, esta espalha os espíritos dos santos — é alegre, lembrar em que unidade e amor os cristãos caminhavam. Os perseguidores daqueles tempos poderiam ter dito, como seus predecessores fizeram dos santos nos tempos primitivos: "Vede como eles amam uns aos outros", mas agora, ai de mim, eles podem zombar e dizer: Vede como eles que amavam tão profundamente, estão prontos para arrancar a garganta uns dos outros.

Uso Ou Aplicação

[Uma palavra de exortação a todos.] A aplicação disto será apenas em uma palavra de exortação a todos; especialmente a vós que levais o nome de Cristo por uma profissão mais eminente dele. Ó, cuidado com esta infecção da alma, esta lepra da cabeça. Espero que não penseis que é desnecessário, pois é a doença dos tempos. Esta praga começou, sim, espalha-se rapidamente. Não há rebanho, não há congregação dificilmente, que não tenha esta sarna entre eles. Paulo foi um pregador que o melhor de nós todos pode seguir, e ele pressiona isso sobre os santos, sim, no curso constante de sua pregação isso compunha

uma parte de seu sermão. Ele coloca a nós pregadores também sobre este trabalho: "Olhai, pois, por vós, e por todo o rebanho; — porque eu sei isto, que depois da minha partida entrarão lobos devoradores; — também de entre vós mesmos se levantarão homens, falando coisas perversas" [At 20:28-30]; portanto, vigiai. E então ele apresenta seu próprio exemplo, que ele dificilmente fez um sermão por vários anos, mas isso era parte dele, para avisar a cada um noite e dia com lágrimas. Não precisamos profetizar quais impostores podem vir ao palco quando sairmos. Há muitos presentes acima da mesa desta gangue atraindo discípulos atrás deles. E se é nosso dever avisá-los sobre eles, certamente é o vosso vigiar, para que vós não sejais por nenhum deles levados à tentação nesta hora, na qual Satanás está solto em tão grande medida para enganar a nação. Podeis vós não ser tão facilmente azedados com este fermento, como os discípulos a quem Cristo manda ter cuidado? Estais vós privilegiados acima daquelas famosas igrejas da Galácia e Corinto, muitas das quais foram enfeitadas com falsos mestres, e de certa maneira voltaram-se para outro evangelho? Satanás tornou-se ortodoxo, ou seus instrumentos perderam a astúcia, que caçam almas? Em uma palavra, não há uma simpatia entre teu coração corrupto e o erro? Não tens tu uma disposição, que, como a espuma da terra, torna natural que estas ervas daninhas cresçam em teu solo? Não vês tu muitos prostrados por este inimigo, que se sentavam sobre a montanha de sua fé, e pensavam que ela nunca teria sido removida? Certamente eles teriam levado a mal se lhes fosse dito: "vós sois os homens e mulheres que descrerão dos sábados, que agora contaís como santos; vós vos tornareis pelagianos, vós que agora desafiáis o nome; vós desprezareis a profecia em si, que agora pareceis honrar tanto os profetas; vós jogareis os deveres familiares para fora de casa, que não ousais sair de casa até que tenhais orado

lá". Contudo, estas, e mais do que estas, aconteceram; e não cabe a ti, cristão, ter cuidado para que não caias também? E para que não caias,

1. *Exortação.* Faz do teu principal cuidado obter uma mudança completa do teu coração. Se uma vez a raiz da matéria estiver em ti, e tu estiveres firmado por uma fé viva em Cristo, tu estás então seguro, não digo totalmente livre de todo erro; mas disso tenho certeza, livre de engolfar tua alma em erro condenável. "Saíram de nós", diz São João, "mas não eram de nós; porque, se tivessem sido de nós, teriam certamente continuado conosco" [1 Jo 2:19]. Como se ele tivesse dito: Eles tinham alguma profissão exterior, e obra comum do Espírito conosco, que eles ou perderam ou levaram para os alojamentos do diabo, mas eles nunca tiveram a unção do Espírito santificador. Por esta, v. 20, ele os distingue, e conforta os sinceros, que possivelmente poderiam temer sua própria queda pela partida deles: "Mas vós tendes a unção do Santo, e sabeis todas as coisas". Uma coisa é saber uma verdade, outra coisa é conhecê-la pela unção. Um hipócrita pode fazer a primeira, o santo apenas a última. É esta unção que dá à alma o sabor do conhecimento de Cristo; aqueles são a presa apta para impostores, que são iluminados, mas não vivificados. Ó, é bom ter o coração estabelecido com graça! Isto, como uma âncora, nos manterá de sermos levados à deriva, e carregados com doutrinas diversas e estranhas, como o apóstolo nos ensina, Hb 13:9.

2. *Exortação.* Põe em prática o trabalho de mortificação. Crucifica a carne diariamente. A heresia, embora um pecado espiritual, é contudo pelo apóstolo

contada entre as obras da carne, Gl 5:20, porque é ocasionada por motivos carnaís, e nutrida por alimento carnal e combustível carnal. Nunca ninguém se tornou herege, mas a carne estava no fundo; ou serviam seu ventre ou uma luxúria de orgulho — era o caminho para a corte, ou garantiam seus bens e salvavam suas vidas, como às vezes a recompensa da verdade é fogo e lenha. Algum gato ou outro está no palheiro quando menos visto; e portanto não é de admirar que heresias terminem na carne, que de certa maneira brotaram dela. O reumatismo na cabeça sobe em vapores do estômago, e retorna para lá, ou para os pulmões, que finalmente corroem e ulceram. Afeições carnaís primeiro enviam seus vapores para o entendimento, obscurecendo isso, sim, subornando-o para receber tais e tais princípios como verdades; os quais, abraçados, descem para a vida, corrompendo-a com a úlcera da profanidade. De modo que, cristão, se uma vez tu puderes tirar teus compromissos com a carne, e te tornares um homem livre, de modo a não dar teu voto para gratificar teus medos ou esperanças carnaís, tu serás então um amigo certo da verdade.

3. *Exortação.* Espera conscientemente no ministério da palavra. Satanás comumente para o ouvido de ouvir doutrina sã, antes que o abra para abraçar a corrupta. Este é o método das almas em apostatar da verdade: "E desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas" [2 Tm 4:3,4]. Satanás, como um ladrão astuto, atrai a alma para fora da estrada para alguma viela ou canto, e lá rouba a verdade dele. Rejeitando uma ordenança, nos privamos da bênção de todas as outras.

Não digas que tu oras para ser levado à verdade; Deus não ouvirá tua oração se tu desvias teu ouvido de ouvir a lei. Aquele que ama seu filho, quando o vê brincar de gazeta, vai dar-lhe uma surra até a escola. Se Deus ama uma alma, ele a trará de volta à palavra com vergonha e tristeza.

4. *Exortação.* Quando ouvires qualquer doutrina incomum, embora muito agradável, não faças o casamento apressadamente com ela. Tenha algum testemunho melhor dela, antes de abrir teu coração para ela. O apóstolo de fato nos manda hospedar estranhos, pois alguns, sem o saber, hospedaram anjos [Hb 13:2]; mas ele não quer que sejamos carregados com doutrina estranha, v. 9, embora por isso tenho certeza que alguns hospedaram demônios. Confesso, não basta rejeitar uma doutrina porque estranha para nós, mas fundamento temos, para esperar e indagar. Paulo admirava-se de que os gálatas fossem tão prontamente removidos dele, que os tinha chamado à graça de Cristo, para outro evangelho. Eles poderiam certamente ter esperado até que tivessem comunicado Paulo sobre isso, e pedido seu julgamento. O que, não mais cedo um impostor entra no país, e abre sua carga, mas comprar toda sua mercadoria à primeira vista! Ó amigos, não seria mais sabedoria orar sobre tais novas noções repetidas vezes, pesquisar a Palavra, e nossos corações por ela, sim, não confiar em nossos próprios corações, mas chamar em conselho de outros? Se teu ministro não tiver tal crédito contigo, obtém os cristãos mais santos, humildes e estabelecidos que puderes encontrar. O erro é como peixe, que deve ser comido fresco ou ele apodrecerá. Quando aqueles erros

perigosos surgiram primeiro na Nova Inglaterra, ó quão inquietas estavam as igrejas! que clamor foi feito, como se alguma mina de ouro tivesse sido descoberta! Mas em um tempo, quando aqueles erros chegaram à sua complexão, e percebeu-se para onde eles estavam indo — para destruir igrejas, ordenanças e o poder da piedade — então aqueles que temiam a Deus, que tinham se desviado, retornaram com vergonha e tristeza.

SEGUNDA MALDADE ESPIRITUAL — ORGULHO ESPIRITUAL

SEGUNDO. A segunda maldade espiritual à qual Satanás provoca, especialmente o santo, é o orgulho espiritual. Este foi o pecado que fez dele, de um anjo bendito, um diabo maldito; e, como foi seu pecado pessoal, ele trabalha principalmente para derivá-lo aos filhos dos homens: e ele prevaleceu tanto sobre nossos primeiros pais que, desde então, este pecado tem e reivindica uma espécie de regência no coração, fazendo uso tanto do mal quanto do bem para puxar sua carruagem.

Primeiro. Ele faz uso do mal. O orgulho entra nos labores de outros pecados; eles apenas trabalham para torná-lo valente, como súditos para sustentar o estado e a grandeza de seu príncipe. Assim, verás alguns trabalharem arduamente, enganarem, trapacearem, oprimirem; e o que eles pretendem? Ó, é para conseguir um patrimônio para manter o orgulho. Outros bajulam e lisonjeiam, mentem, dissimulam; e para quê? Para ajudar o orgulho a subir algum monte de honra.

Segundo. Ele faz uso daquilo que é bom. Ele pode trabalhar com as próprias ferramentas de Deus, suas ordenanças, pelas quais o Espírito Santo avança seu reino de graça nos corações de seus santos. Estas muitas vezes são prostituídas ao orgulho. Um homem pode ser muito zeloso na oração e trabalhador na pregação, e durante todo o tempo o orgulho é o mestre a quem ele serve, embora na libré de Deus. Ele pode tomar refúgio nas ações mais santas e esconder-se sob a saia da própria virtude. Assim, enquanto um homem está exercendo sua caridade, o orgulho pode ser o ídolo em segredo para o qual ele esbanja seu ouro tão livremente. É difícil matar de fome este pecado, porque quase não há nada do que ele não possa viver — nada tão vil que um coração orgulhoso não se elevará com isso, e nada tão sagrado que ele não profanará; ele ousará até mesmo beber nas taças do santuário, não, antes que morrer de fome, ele se alimentará das carcaças de outros pecados. "Aquele pecado é evitado com grande dificuldade, que brota de uma vitória sobre nossos vícios." Este favorito orgulho incitará a alma a resistir, sim, de certa maneira matar, alguns pecados, para que ela possa mostrar, vangloriando-se, a cabeça deles, e inflar a criatura com a presunção de si mesmo acima dos outros. Como o fariseu, que através do orgulho gabava-se de que não era como o publicano — assim, o orgulho, se não for vigiado, terá o que fazer em toda parte, e tem uma esfera ampla na qual se move. De fato, nada (sem assistência divina) a criatura tem ou faz, mas logo se tornará uma presa para este devorador. Mas não devo tratá-lo nesta latitude.

O orgulho ou lida com objetos carnisais, como orgulho de beleza, força, riquezas e coisas semelhantes, ou com os espirituais. Falaremos um pouco sobre este último. Confesso que, quanto ao primeiro, possivelmente um santo pode ser

capturado neles — nenhum pecado deve ser desprezado —, contudo não tão comumente, pois o orgulho comum é daquelas perfeições que são adequadas, se não próprias, ao estado e chamado em que estamos. Assim, o músico; ele se orgulha da habilidade que tem em sua arte, pela qual ele supera outros de sua categoria. O estudioso, embora talvez possa tocar tão bem, contudo não se orgulha disso, mas vê isso como abaixo dele; não, ele se orgulha de seu aprendizado e noções escolhidas: e assim de outros.

Ora, a vida de um cristão, como cristão, é superior à vida de um homem como homem; e, portanto, ele não se valoriza por estas coisas que estão abaixo dele, mas em perfeições mais elevadas e mais elevadas, que combinam com o chamado de um cristão. Como um homem natural se orgulha de perfeições adequadas ao seu estado natural, como honra, beleza; assim o cristão é propenso principalmente a se inflar com perfeições adequadas à sua vida. Nomearei três: **PRIMEIRO**. Orgulho de dons. **SEGUNDO**. Orgulho de graça. **TERCEIRO**. Orgulho de privilégios. Estas são as coisas nas quais Satanás principalmente trabalha para enredá-lo.

Primeiro tipo de orgulho espiritual — ORGULHO DE DONS.

PRIMEIRO. Por dons, quero dizer aquelas habilidades sobrenaturais com as quais o Espírito de Deus enriquece e dotou as mentes dos homens para a edificação do corpo de Cristo; dos quais dons o apóstolo nos diz que há grande diversidade, e todos do mesmo Espírito, 1 Co 12:4. Não há maior variedade de cores e qualidades de plantas e flores, com as quais a terra, como um tapete de bordado, é variegada para o deleite e serviço do

homem, do que há de dons, naturais e espirituais, nas mentes dos homens, para torná-los úteis uns aos outros, tanto em sociedades civis quanto em comunhão cristã. O cristão, bem como o homem, pretende ser uma criatura sociável, e para o melhor gerenciamento desta comunidade espiritual entre os cristãos, Deus provê, sábia e graciosamente, e reparte, dons adequados ao lugar em que cada um se encontra em relação aos seus irmãos, assim como os vasos são maiores ou menores no corpo natural, de acordo com o lugar nele. Ora, Satanás trabalha o quanto pode para contaminar estes dons, e infestá-los com orgulho no cristão, para que ele possa estragar o comércio e a troca do cristão, que é mutuamente mantido pelos dons e graças uns dos outros. O orgulho de dons atrapalha o comércio do cristão — pelo menos o seu progresso por meio de seu comércio — de duas maneiras.

Primeiro. O orgulho de dons é a causa pela qual fazemos tão pouco bem com eles aos outros. *Segundo.* O orgulho de dons é a causa pela qual recebemos tão pouco bem dos dons dos outros.

Primeiro. O orgulho de dons é a causa pela qual fazemos tão pouco bem com eles aos outros, e isso por uma tríplice conta:

1. O orgulho desvia um homem de visar o fim. Na medida em que o orgulho prevalece, o homem ora, prega, etc., mais para ser considerado bom pelos outros do que para fazer o bem aos outros; mais para entronizar a si mesmo, do que a Cristo, nas opiniões e corações de seus ouvintes. O orgulho leva o homem ao alto, para ser admirado pela altura de suas partes e noções, e não o deixará curvar-se tão baixo a ponto de falar de verdades simples, ou se o faz, não de forma simples; ele deve ter algum laço fino, embora sobre um

tecido simples. Tal pessoa pode fazer cócegas no ouvido, mas é muito improvável que faça um bem real à alma. Ai de mim! não é nisso que ele se atenta.

2. Se esta Jezabel pintada do orgulho for percebida olhando pela janela em qualquer exercício, seja de pregação, oração ou conferência, ela gera um desdém nos espíritos daqueles que ouvem tal pessoa, tanto bons quanto maus. É um pecado muito odioso para um coração gracioso, e muitas vezes faz com que o estômago vá contra o alimento, embora bom, através de sua aversão por aquele orgulho que veem no instrumento. É, de fato, a fraqueza deles, mas aí daqueles que, por seu orgulho, os levam à tentação! Não, aqueles que são maus e podem ser do mesmo tipo, não gostam daquilo em outro que favorecem em si mesmos, e assim, preconceituosos, retornam tão maus quanto foram.

3. O orgulho de dons nos rouba a bênção de Deus no uso deles. O homem humilde pode ter Satanás à sua mão direita para opor-se a ele; mas tenha certeza de que o homem orgulhoso encontrará o próprio Deus lá para resistir a ele, sempre que ele realizar qualquer dever. Deus proclama tanto, e gostaria que o homem orgulhoso soubesse, onde quer que ele o encontre, que ele se oporá a ele. Ele "resiste aos soberbos". Grandes dons são belos como Raquel, mas o orgulho faz com que sejam também estéreis como ela. Ou devemos deixar de lado o eu, ou Deus nos deixará de lado.

Segundo. O orgulho de dons é a causa pela qual recebemos tão pouco bem dos dons dos outros. O orgulho enche a alma; e uma alma cheia não tomará nada de Deus, muito menos

do homem, para fazer-lhe bem. Tal pessoa é muito exigente; não é todo sermão, embora alimento salutar, nem toda oração, embora saborosa, que descerá. Ele deve ter um prato escolhido. Ele pensa que tem algo melhor do que isso do seu próprio. E tal pessoa está propensa a obter bem? E, verdadeiramente, podemos ver que, como o simples lavrador, que pode comer qualquer comida caseira se salutar, tem mais saúde e é capaz de fazer mais trabalho em um dia do que muitos desfrutam ou podem fazer em toda a sua vida, que são exigentes, melindrosos e cortesões em sua dieta; assim, o cristão humilde que pode alimentar-se de verdades simples e ordenanças que não têm tanto da arte do homem para recomendá-las ao seu paladar, desfruta mais de Deus e pode fazer mais por Deus do que o tipo mais exigente de professores, que querem ser todos servidos em um prato senhorial de dons raros. A igreja de Corinto era famosa por dons acima de outras igrejas, 1 Co 1, mas não em graça; nenhum foi tão acusado por fraqueza nisso, 1 Co 3:2. Ele [Paulo] os chama de crianças carnis em Cristo, tão fracos que não eram capazes de digerir alimento de homem. "Com leite vos criei, e não com carne; porque ainda não podíeis, nem tampouco ainda agora podeis." Por quê? Qual é o problema? A razão reside: "Porque ainda sois carnis; pois, havendo entre vós inveja e contenda" [v. 3]; "um diz: Eu sou de Paulo; e outro: Eu, de Apolo" [v. 4]. O orgulho faz com que eles tomem partido, e façam lados, um por este pregador, outro por aquele, como imaginavam que um superava o outro. E este não é o caminho para prosperar. O orgulho destrói o amor, e o amor, faltando a edificação, é perdido. O diabo fez um trabalho sujo na igreja por este mecanismo. Zanchy fala de um em Genebra que, sendo convidado a ir ouvir Calvino, respondeu ao seu amigo: "Se Paulo fosse pregar, eu deixaria o próprio Paulo para ouvir Calvino". E se o orgulho nos dons de outro pode transportar tanto, até mesmo

às fronteiras da blasfêmia, que trabalho fará então o orgulho quando os dons forem próprios de um homem?

Uso Ou Aplicação

Uso 1. [Para aqueles que têm dons modestos.] Satanás provoca assim os santos ao orgulho espiritual dos dons? Aqui está uma palavra para vós que tendes dons modestos, contudo, verdade de graça — contentai-vos com a vossa condição. Talvez, quando ouvís outros, quão extensamente oram, quão capazes de discorrer sobre as verdades de Deus, e coisas semelhantes, estais prontos a ir para um canto e lamentar ao pensar quão fraca vossa memória, quão entorpecida vossa apreensão, quão apertado vosso espírito, dificilmente capaz, embora em segredo, de proferir e expressar vossa mente a Deus em oração. Ó, estais prontos a pensar que esses são os homens e mulheres felizes, e quase a murmurar contra vossa condição. Bem, não podeis dizer, embora eu não tenha palavras, espero que tenha fé? Não posso disputar pela verdade, mas estou disposto a sofrer por ela. Não posso me lembrar de um sermão, mas nunca ouço uma palavra sem que eu odeie o pecado e ame a Cristo mais do que nunca. Senhor, tu sabes que te amo. Verdadeiramente, cristão, tu tens a melhor parte; tu pouco pensas que misericórdia pode estar envolvida até mesmo na modéstia de teus dons, ou a que tentações os dons deles os expõem, o que Deus, que eu saiba, pode, em misericórdia, negar-te. A túnica de José o fez mais refinado que seus irmãos, mas isso causou todo o seu problema — isso fez com que os arqueiros atirassem suas flechas em seu lado. Assim, grandes dons elevam um santo um pouco mais alto aos olhos dos homens, mas isso ocasiona muitas tentações que tu não encontras por seres mantido baixo. O que com inveja de

seus irmãos, malícia de Satanás e orgulho em seus próprios corações, ousa dizer, ninguém encontra um trabalho tão difícil para ir para o céu quanto esses, tanto esforço para suportar contra essas ondas e ventos — enquanto tu rastejas ao longo da costa sob o vento para o céu. É com tais como com algum grande senhor de pouca propriedade — um homem mais modesto muitas vezes tem dinheiro em sua bolsa, quando ele não tem nenhum, e pode emprestar a sua senhoria algum em uma necessidade. Grandes dons e partes são títulos de honra entre os homens, mas muitos desses podem vir e pedir emprestada graça e conforto de um irmão de dons modestos, possivelmente, o pregador de seu pobre vizinho. Ó, pobres cristãos, não murmureis ou invejeis eles, mas antes, tende pena e orai por eles, eles precisam mais disso do que outros. Os dons dele são teus, tua graça é para ti mesmo. Tu és como um mercador que tem seu agente que vai ao mar, mas ele tem sua aventura sem risco trazida para casa. Tu te juntas com ele na oração, tens a ajuda de seus dons, mas não a tentação de seu orgulho.

Uso 2. [Para aqueles que têm grandes dons.] Satanás trabalha assim para atrair ao orgulho de dons? Isto fala uma palavra a vós a quem Deus deu mais dons do que o ordinário. Cuidado com o orgulho, esse é agora o vosso laço. Satanás está no trabalho; se possível, ele voltará tua artilharia contra ti mesmo. Tua segurança reside na tua humildade; se este cadeado for cortado, as legiões do inferno estão sobre ti. Lembra com quem tu lutas — maldades espirituais — e o jogo deles é elevar, para que possam dar a queda mais dolorosa. Ora, quanto mais para estimular teu coração contra isso, acrescentarei algumas considerações que humilham a alma sobre este orgulho de dons.

1. Consideração. Estes dons espirituais não são teus próprios; e tu te orgulharás da generosidade de

outro? Não é Deus o fundador, e ele não pode logo ser o destruidor de teus dons? Tu que te orgulhas da tua cabaça, o que serás quando ela se for? Certamente então serás rabugento e zangado, e verdadeiramente tu tomas o caminho para ser despido deles. Dons vêm em outros termos do que a graça. Deus dá a graça como um título livre — ela tem a promessa deste e do outro mundo; mas dons vêm por agrado. Embora um pai não rejeite seu filho, contudo ele pode tirar seu belo casaco e ornamentos, se orgulhoso deles.

2. Consideração. Dons não são meramente para ti mesmo. Como a luz do sol é ministerial — ela não brilha para si mesma — assim todos os teus dons são para outros — dons para a edificação do corpo. Suponha que um homem deixasse um baú de dinheiro em tuas mãos para ser distribuído aos outros, que tolice é neste homem colocar isso em seu próprio inventário, e aplaudir-se por ter tanto dinheiro? Pobre alma, tu és apenas o executor de Deus, e por esse tempo tu terás pago todos os legados, tu verás pouco restando para ti te vangloriar e te gabar.

3. Consideração. Sabe, cristão, tu serás responsável por estes talentos. Ora, com que face pode uma alma orgulhosa olhar para Deus? Suponha que alguém tenha deixado um executor para pagar legados, e este homem pagasse-os, não como legados de outro, mas como dons seus próprios. Cristo, em sua ascensão, deu dons para que seus filhos recebessem. Tu tens alguns em tua mão. Ora, uma alma orgulhosa distribui tudo, não como o legado de Cristo, mas como seu próprio; ele assume tudo para si mesmo. Ó, quão abominável é isto, intitularmo-nos à honra de Cristo!

4. Consideração. Teus dons não te recomendam a Deus. O homem pode ser cativado com tua expressão e noção na oração; mas todas estas são cortadas quando tua oração chega diante de Deus. "Ó mulher", diz Cristo, "grande é a tua fé!" não, quão polida e florescente é a tua linguagem. Seria bom, após nossos deveres, classificar os ingredientes dos quais eles são feitos — o que a graça contribuiu, e o que os dons, e o que o orgulho — e quando todo o material heterogêneo for separado, tu verás em que pequena bússola os atos de graça em nossos deveres residirão.

5. Consideração. Considera que, enquanto tu te orgulhas em teus dons, tu estás diminuindo e definhando em tua graça. Tais são como o trigo que cresce muito em palha, cuja espiga comumente é apenas leve e fina. A graça é muito negligenciada onde os dons são muito altamente prezados; somos ordenados a nos revestir de humildade. Nossas vestimentas cobrem a vergonha de nossos corpos, a humildade a beleza da alma. E como um corpo tenro não pode viver sem roupas, assim nem a graça sem este revestimento de humildade. Ela mata o espírito de louvor; quando deverias bendizer a Deus, tu estás te aplaudindo. Ela destrói o amor cristão, e esfaqueia nossa comunhão com os santos até o coração; um homem orgulhoso não tem espaço suficiente para andar em companhia, porque os dons dos outros ele pensa que ficam no seu caminho. O orgulho distorce tanto o paladar, que ele não pode saborear nada que seja tirado do vaso de outro.

6. Consideração. É o precursor de algum grande pecado, ou alguma grande aflição. Deus não

permitirá que tal erva daninha como o orgulho cresça em seu jardim sem tomar algum curso ou outro para arrancá-la; talvez ele te deixe cair em algum grande pecado, e isso te trará para casa com vergonha. Deus usa às vezes um espinho na carne, para picar a bexiga do orgulho no espírito; ou pelo menos alguma grande aflição, cujo próprio fim é "esconder do homem a sua soberba" [Jó 33:17]. Como fazeis com vossos cavalos fogosos — montai-os sobre terras aradas para domá-los, e então podeis sentar-vos em segurança em suas costas. Se a honra de Deus estiver em perigo através do teu orgulho, então espera uma vara, e muito provavelmente a aflição será naquilo que for mais doloroso para ti, na coisa de que te orgulhas. Ezequias vangloriou-se de seu tesouro. Deus envia os caldeus para saqueá-lo. Jonas é apegado à sua cabaça, e ela é ferida. E se teu espírito for inflado com orgulho de dons, tu estás em perigo de tê-los destruídos, pelo menos na opinião dos outros cujo sopro de aplausos, possivelmente, foi um meio para derrubar teu espírito sem lastro.

Três portas pelas quais este inimigo sai.

PERGUNTA. Mas como você nos dirigiria contra isto?

RESPOSTA. Argumentos tu já tiveste antes; apontarei, portanto, apenas para duas ou três portas por onde teu inimigo sai sobre ti; e certamente a própria visão disso, se fores leal a Cristo, te estimulará a atacá-lo.

Primeira Porta. Este tipo de orgulho descobre-se em habitar nos pensamentos de nossos dons, com uma espécie

secreta de contentamento ao ver nossa própria face, até que, finalmente, nos apaixonamos por ela. Lemos de alguns cujos olhos estão cheios da adúltera, e não podem cessar de pecar. Um coração orgulhoso está cheio de si mesmo; suas próprias habilidades lançam sua sombra diante dele. Elas estão em seu olho onde quer que ele vá. O grande assunto e tema de seus pensamentos é o que ele é, e o que ele tem acima dos outros, aplaudindo a si mesmo; como Bernardo confessa, que — quando se pensaria que ele tinha pouco lazer para tais pensamentos — mesmo na pregação; o orgulho sussurraria em seu ouvido: *Bene fecisti Bernarde* [Bem feito, Bernardo]. Ora, tenha cuidado, cristão, de conversar com tal companhia. Foge de tais pensamentos como de um urso. Se o diabo puder fazer-te ficar neste pináculo, enquanto ele te apresenta a glória de tuas conquistas e dotes espirituais, para tu os contempires, tua cabeça fraca logo girará em orgulho; e portanto trabalha para manter o senso de tuas próprias enfermidades vivo em tua alma, para desviar a tentação. Como aqueles que estão sujeitos a algum tipo de ataques carregam consigo coisas próprias para a doença, que quando o ataque está chegando — que é muitas vezes ocasionado com um perfume doce — eles podem usá-las para sua ajuda; cheiros doces não são mais perigosos para eles do que qualquer coisa que possa te aplaudir é para tua alma. Tenha cuidado, portanto, não apenas de usar tais pensamentos em teu peito, mas também de sentar-se junto a outros que trazem o cheiro doce de tuas perfeições a ti por sua lisonja.

Segunda Porta. Este tipo de orgulho aparece em uma prontidão para expor-se à vista, 1 Sm 17:28. Os irmãos de Davi estavam enganados nele, de fato, mas muitas vezes o orgulho e a imundície do coração irrompem por esta porta. Os amigos carnis de Cristo pedem a Cristo que se mostre; o orgulho adora

subir, não como Zaqueu, para ver a Cristo, mas para ser visto ele mesmo. "O tolo", diz-nos Salomão, "não toma prazer no entendimento, mas sim em que o seu coração se manifeste" [Pv 18:2]. O orgulho quer ser alguém, e, portanto, vem para o exterior para cortejar a multidão; enquanto a humildade se deleita na privacidade. Como as folhas cobrem e sombreiam os frutos, para que alguma mão possa gentilmente levantá-las, antes que possam ver o fruto; assim deveria uma humildade e santa modéstia esconder as perfeições da alma, até que uma mão da providência por algum chamado as convide a sair. Há um orgulho em dons nus, assim como em seios e costas nus. A humildade é um véu necessário para todas as outras graças, e portanto, 1. Cristão, olha sempre que vieres a público para o dever, que tenhas um chamado. É obediência estar pronto para responder quando Deus te chama, mas é orgulho correr antes que Deus fale. 2. Quando chamado, implora sinceramente força divina contra este inimigo. Não evites um dever por medo do orgulho — tu podes mostrá-lo no próprio fingimento de escapar dele — mas vai na força de Deus contra ele. Há mais esperança de vencê-lo pela obediência do que pela desobediência.

Terceira Porta. Este tipo de orgulho descobre-se em invejar os dons dos outros, quando eles parecem ofuscar os nossos, de modo que não são uma perspectiva tão bela quanto desejamos. Esta é uma erva daninha que pode crescer muito rasteira em um bom solo. Arão e Miriã não puderam suportar a honra de Moisés, Nm 12:1; esse foi o negócio, embora eles escolham uma briga com ele sobre sua esposa, por ser uma etíope, como parece claramente: "Porventura falou o Senhor somente por Moisés? não falou também por nós?" [v. 2]. Eles pensavam que Moisés ia embora com muita honra, e se queixavam de que Deus deveria usá-lo mais do que a eles

mesmos. E é observável que a luxúria por carne irrompeu entre a multidão mista, e o tipo mais baixo de pessoas, Nm 11:4,5; mas este de orgulho e inveja pegou fogo nos peitos dos mais eminentes em lugar e piedade. Ó, que necessidade então temos, pobres criaturas, de vigiar nossos corações quando vemos servos tão preciosos de Deus levados à tentação? "O espírito que em nós habita tem ciúmes" [Tg 4:5]. Nossa natureza corrupta está sempre incitando a este pecado. É tão difícil manter nossos corações e este pecado separados, quanto é manter dois amantes sem se encontrarem. A palha não está mais pronta para ser incendiada a cada flash de raio, do que o coração a ser inflamado a cada brilhar de qualquer dom ou graça excelente em outro. Foi das primeiras janelas por onde a natureza corrupta olhou — um pecado que derramou o primeiro sangue. A inveja de Caim chocou o assassinato de Abel. Ora, se alguma vez pretendes dominar este pecado,

1. Chama ajuda do céu. Não mais cedo o apóstolo expõe quão grande e transbordante de inveja está o coração do homem, mas ele mostra onde está uma fonte de graça, infinitamente excedendo a da luxúria: "O espírito que em nós habita tem ciúmes; mas dá mais graça" [Tg 4:5,6]. E, portanto, não te sentes mansamente sob este pecado: ele não é inconquistável. Deus pode dar-te mais graça do que tens pecado — mais humildade do que tens orgulho. Sê apenas tão humilde a ponto de implorar cordialmente esta graça, e não serás tão orgulhoso a ponto de invejar perversamente seus dons ou graça nos outros.

2. Faz deste pecado tão negro e feio quanto possivelmente possas em teu pensamento, para que, quando ele te for apresentado, possas abominá-lo ainda

mais. De fato, não precisa mais do que sua própria face — se olhasses sabiamente para ela — para te fazer desgostar dela. Pois,

(1.) Este invejar os dons dos outros lança grande desprezo sobre Deus, e isso de mais de uma maneira: (a) Quando invejas os dons de teus irmãos, tomas sobre ti ensinar a Deus o que ele dará e a quem; como se o grande Deus devesse tomar conselho, ou pedir licença a ti, antes de dispensar seus dons. E ousas sustentar teus próprios pensamentos invejosos com esta interpretação? Tal interpretação tu encontras que o próprio Cristo dá: "Ou não me é lícito fazer o que quiser do que é meu?" [Mt 20:15], como se Cristo tivesse dito: O que alguém tem a ver com reclamar, na minha disposição do que não é deles, mas meu, para dar?

(b) Tu malignas a bondade de Deus. Isso te incomoda, parece, que Deus tenha um coração para fazer o bem a alguém além de ti mesmo; teu olho é mau, porque ele é bom. Não quererias tu que Deus fosse bom? poderias dizer tão bem, tu não quererias que ele fosse Deus. Ele pode tão logo deixar de ser Deus como deixar de ser bom.

(c) Tu és um inimigo à glória de Deus, à medida que desfiguras aquilo que deveria manifestá-la. Cada dom é um raio da excelência divina; e como todos os raios declaram a glória do sol, assim todos os dons que Deus reparte declaram a glória de Deus. Ora, a inveja trabalha para desfigurar e manchar as representações de Deus; ela tem sempre algo para depreciar a excelência de outro. Deus mostrou a Miriã seu pecado por sua punição. Ela foi manchar Moisés que brilhava tão eminentemente com os dons e graças de Deus, e Deus cospe em sua face, Nm 12, sim, enche-a toda de uma sarna repugnante.

Desejas cordialmente o bem para a honra de Deus? por que então penduras tua cabeça, e não te regozijas antes por vê-lo glorificado pelos dons dos outros? Poderia um pagão tomar tão bem, quando ele mesmo era ignorado e outros escolhidos para lugares de honra e governo, que ele disse que estava feliz porque sua cidade podia encontrar tantos mais dignos do que ele mesmo; e um cristão se queixará de que alguém seja encontrado apto para honrar a Deus além dele mesmo?

(2.) Por este invejar os dons dos outros, tu prejudicas teu irmão, como tu pecas contra a lei do amor, que te obriga a te regozijar no bem dele como no teu, sim, a preferir ele em honra antes de ti mesmo. Tu não podes amar e invejar a mesma pessoa. A inveja é tão contrária ao amor, quanto o fogo febril e hético no corpo é ao calor amável da natureza. "A caridade não é invejosa" [1 Co 13:4]. Como pode ser, quando ela vive onde ama? E quando tu deixas de amar teu irmão, tu comesças a odiar e matá-lo; e não tremes de ser encontrado um assassino no final?

(3.) Por este invejar os dons dos outros, tu consultas o pior de tudo para ti mesmo. Deus está fora do teu alcance. O que tu cuspes contra o céu, tu tens certeza de ter caído em tua própria face no final; e teu irmão a quem tu invejas, Deus está obrigado a defender contra tua inveja, porque ele é malignado pelo que ele tem de Deus nele. Assim, Deus pleiteou a causa de José contra seus irmãos invejosos, e a de Davi contra o ímpio Saul. Tu mesmo apenas tens dano real.

(a) Tu te privas do que poderias colher dos dons dos outros. Aquele velho ditado é verdadeiro: "O que tu tens é meu, e o que eu tenho é teu, quando a inveja se vai". Enquanto agora, como a sanguessuga — que dizem tirar o pior sangue — tu não sugas nada além do que incha tua mente com descontentamento,

e é depois vomitado em contenda e discórdia. Ó, que coisa triste é que alguém deva sair de um sermão precioso, uma oração doce, e não trazer nada além de uma mágoa contra o instrumento que Deus usou; como vemos nos fariseus e outros na pregação de Cristo!

(b) Tu roubas de ti mesmo a alegria de tua vida. "O cruel aflige a sua própria carne" [Pv 11:17]. O homem invejoso faz isso a propósito; ele crava a honra e estima dos outros como espinhos em seu próprio coração; ele não pode pensar neles sem dor e angústia, e ele deve necessariamente definhir, pois está sempre em dor.

(c) Tu te lanças na boca da tentação, tu não precisas dar ao diabo vantagem maior; é um caule sobre o qual quase qualquer pecado crescerá. O que os patriarcas não farão para livrar suas mãos de José a quem invejavam? Aquele próprio orgulho que os fazia desdenhar o pensamento de curvar-se ao seu molho, fê-los curvar-se muito mais baixo, até mesmo a aviltar-se tão baixo quanto o inferno, e serem os instrumentos do diabo para vender seu querido irmão à escravidão, o que poderia ter sido pior para ele — se Deus não tivesse providenciado de outra forma — do que se o tivessem matado no local. Que mente impotente, e cruel, Saul mostrou contra Davi, quando uma vez a inveja envenenou seu coração! Desde aquele dia em que ouviu Davi ser preferido nas canções das mulheres acima de si mesmo, ele nunca pôde tirar aquele som de sua cabeça, mas dedicou sempre depois este homem inocente à morte em seus pensamentos, que não lhe tinha feito nenhum outro mal, a não ser ser um instrumento para manter a coroa em sua cabeça, pelo risco de sua própria vida com Golias. Ó, é um pecado sangrento! É o ventre onde toda uma ninhada de outros pecados são formados, Rm 1:29, cheios de inveja, assassinato, contenda,

engano, malignidade, etc.; e, portanto, exceto se estiveres resolvido a dar as boas-vindas ao diabo e a todo o seu séquito, resiste-lhe nisto, que vem antes para ocupar os aposentos para o resto.

Segundo tipo de orgulho espiritual — ORGULHO DE GRAÇA.

SEGUNDO. Outra maneira pela qual Satanás ataca o cristão é através do orgulho de graça. É verdade, a graça não pode ser orgulhosa, contudo é possível que um santo possa se orgulhar de sua graça. Não há nada que o cristão tenha ou faça, mas este verme do orgulho se reproduzirá nele. O mundo em que vivemos é corruptível, e tudo aqui está sujeito a apodrecer, como coisas mantidas em um quarto úmido e mofado estão sujeitas a bolor. Não é a natureza da graça, mas o sal da aliança que mantém e preserva a pureza dela. No céu, de fato, estaremos seguros. Mas como pode um santo ser dito como orgulhoso de sua graça? Então uma alma é orgulhosa de sua graça, quando ela confia em sua graça. Confiança e segurança é uma flor incomunicável da coroa de Deus como Senhor Soberano; — mesmo entre os homens ela acompanha a realeza. Estabeleça um rei, e como tal ele espera que tu lhe dês isto, como a prerrogativa indubitável de seu lugar, e portanto buscar proteção de qualquer outro é, por assim dizer, estabelecer outro rei. "Se, pois, vós, com verdade, me ungis rei sobre vós, vinde, e vinde vos acolher debaixo da minha sombra" [Jz 9:15]. Portanto, quando uma alma coloca sua confiança em qualquer coisa além de Deus, ela estabelece um príncipe, um rei, um ídolo, ao qual ela entrega a glória de Deus. Ora, não torna o pecado menor que seja a graça de Deus que coroamos, do que se fosse uma luxúria que

coroássemos. É idolatria adorar um santo anjo, bem como um diabo maldito, fazer de nossa graça um deus, bem como de nosso ventre nosso deus; não, antes acrescenta a isso, porque aquilo é agora usado para roubá-lo de sua glória, o que deveria ter-lhe trazido a maior receita de glória. Certamente, quanto mais tesouro colocas nas mãos de teu servo, maior o erro contra ti ele fugir com ele. Não duvido que Davi poderia ter suportado melhor ver um filisteu expulsá-lo de seu trono do que um filho — um Absalão. Mas como pode, ou pode ser dito, um santo confiar em sua graça? *Primeiro*. Ao confiar na força de sua graça. *Segundo*. Ao confiar no valor de sua graça, concebo, não pode ficar com a graça: mas há uma espécie oblíqua de confiança, ou aquela que, por interpretação, pode saborear dela. Satanás é astuto em seus ataques.

O orgulho de graça é confiar na FORÇA de nossa graça.

Primeiro. Um cristão pode se orgulhar de sua graça, confiando na força de sua graça. Confiar na força da graça é orgulhar-se da graça. Isto é oposto àquela pobreza de espírito tão recomendada por nosso Salvador, Mt 5, pela qual um homem vive no senso contínuo de sua mendicância espiritual e nada, e assim recorre a Cristo, como o pobre à porta do homem rico, sabendo que nada tem em casa para sustentá-lo. Tal foi Paulo, não capaz de fazer nada de si mesmo. Ele não se envergonha de deixar o mundo saber que Cristo carrega sua bolsa para ele. "A nossa suficiência vem de Deus"; sim, após muitos anos de comércio, este santo homem não vê nada que tenha obtido. "Não que já a tenha alcançado" [Fp 3:13]. Ele ainda está prosseguindo. Pergunta-lhe como ele vive, ele te dirá quem mantém a casa para ele: "Vivo, não mais eu" [Gl 2:20]. Pergunta a um mendigo onde ele tem sua comida, roupas, etc., ele dirá: "Agradeço ao meu bom mestre". Ora, Satanás trabalha principalmente para inflar a

alma com uma presunção exagerada de sua própria habilidade, como o meio mais pronto para trazê-lo para seu laço. Satanás sabe que é o método de Deus entregar seus filhos em suas mãos, uma vez que se tornam orgulhosos e autoconfiantes. Ezequias foi deixado a uma tentação, "para prová-lo" [2 Cr 32:31]. Por quê? Deus tinha provado ele a propósito pouco antes em uma aflição; o que precisa disto? Ó, o coração de Ezequias se elevou após sua aflição. Era hora de Deus deixar o tentador sozinho um pouco para frustrá-lo. Provavelmente agora Ezequias tinha pensamentos elevados de sua graça — ó, ele nunca faria como tinha feito antes — e Deus o deixará ver que criatura fraca ele é. Pedro faz um chicote para suas próprias costas naquela bravata: "Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei". Cristo agora, em mera misericórdia, deve colocar Satanás sobre ele para deixá-lo de costas, para que, vendo a fraqueza de sua fé, ele pudesse ser desmontado da altura de seu orgulho. Tudo o que direi disto é, para suplicar-te, cristão, que tenhas cuidado com este tipo de orgulho. Sabeis o que Joabe disse a Davi, quando percebeu seu coração elevado com a força de seu reino, e portanto queria que o povo fosse contado. "O Senhor, pois, teu Deus, acrescente ao povo cem vezes tanto como é, e os olhos do meu senhor o rei o vejam; mas por que quer o meu senhor o rei esta coisa?" [2 Sm 24:3]. O Senhor acrescente cem vezes à força de tua graça, mas por que te deleitas nisto? por que deverias ser elevado? não é graça? o cocheiro será orgulhoso porque cavalga no cavalo de seu mestre? ou a parede de barro porque o sol brilha sobre ela? Não podes tu dizer de cada grama de graça, como o jovem de seu machado: "Ai! senhor meu, ele era emprestado"? não, não apenas emprestado, mas tu não podes usá-lo sem a habilidade e força daquele que o empresta a ti. Ó, cuidado com isto; não deixes que esses pensamentos vãos habitem em ti, para que não

entres em tentação. É uma brecha pela qual toda uma tropa de pecados pode entrar, sim, entrará, exceto se rapidamente preenchida.

1. Isso fará com que logo cresças frouxo e negligente em teu dever. É o senso de insuficiência que mantém uma alma no trabalho, para orar e ouvir — como a falta na casa e no celeiro mantém o mercado; nenhum homem vai lá comprar o que tem em casa. "E disse Jacó: ... descei lá, e comprai-nos de lá; para que vivamos, e não morramos." Assim diz o cristão necessitado: "Levanta-te, alma, ao teu Deus; tua fé é fraca; tua paciência quase gasta; aplica-te ao trono da graça; vai com teu gômer às ordenanças, e obtém alguns suprimentos". Ora, uma alma convencida de sua reserva tem outra canção: "Alma, toma teu descanso, tu estás ricamente abastecida por muitos dias. Deixa a alma duvidosa orar, tua fé é forte; deixa o fraco deitar-se ao peito, tu estás bem crescida". Não, é bom se não for mais longe — a um desprezo pelas ordenanças, exceto se tiverem mais pratos corteses do que o ordinário. Tal estado haviam alcançado os coríntios: "Já estais fartos, já estais ricos; sem nós reinastes" [1 Co 4:8]. Peço que observeis como ele coloca o acento na partícula *já* — já estais ricos, como se ele tivesse dito: Conheci o tempo em que, se Paulo viesse à cidade, e a notícia se espalhasse pela cidade que Paulo ia pregar, vós teríeis afluído para ouvi-lo, e abençoado a Deus pela estação; mas então éreis pobres e vazios, agora estais cheios, alcançastes uma conquista superior — Paulo é um companheiro simples agora, ele pode levar seu conforto a um povo faminto se quiser; estamos bem

satisfeitos. E quando uma vez o coração chega a isto, é fácil julgar o que se seguirá.

2. Esta confiança na força da graça tornará a alma ousada e aventureira. O cristão humilde é o cristão cauteloso. Ele sabe de sua fraqueza, e isso o faz ter medo. "Tenho uma cabeça fraca", diz ele, "posso logo ser disputado para um erro e heresia, e portanto não ousou vir onde tal material é divulgado, para que minha cabeça fraca não seja inebriada". O homem confiante beberá de cada taça, ele não teme ninguém, não, ele está estabelecido na verdade — toda uma equipe de hereges não o desviará. "Tenho um coração leve e vão", diz a alma humilde — "não ousou vir entre companhia ímpia e devassa, para que eu não traga o homem impertinente para casa comigo". Mas alguém, confiando na força de sua graça, ousa aventurar-se nos aposentos do diabo. Assim Pedro [aventurou-se] na rota dos inimigos de Cristo, e como ele saiu, sabeis. Lá sua fé teria sido morta no local, se Cristo não tivesse soado um retiro, pelo olhar oportuno de amor que ele lhe deu. De fato, li de alguns filósofos fanfarrões, que não achavam suficiente ser temperados, exceto se tivessem o objeto da intemperança presente, e portanto iriam a tavernas e casas de prostituição, como se quisessem vencer o diabo em seu próprio terreno. Mas o cristão conhece um inimigo mais próximo do que isso — que eles ignoravam — e que ele não precisa cruzar seu próprio limiar para desafiar o diabo. Ele tem luxúria em seu peito, que será difícil o suficiente para ele todos os seus dias, sem dar a ela a vantagem do terreno. Cristão, não conheço pecado, mas tu podes ser deixado a cometê-lo, exceto um. Foi um

discurso ousado dele — e contudo um bom homem, como ouvi dizer — "Se Clapham morrer da peste, diga que Clapham não tinha fé"; e isso o fez ir corajosamente entre os infectados. Se cristão, tu não morrerás de pragas espirituais — contudo, tais podem ter as feridas da peste de pecados grosseiros correndo neles por um tempo; e não é isso triste o suficiente? portanto, caminha humildemente com teu Deus.

3. Esta presunção elevada da força de tua graça te tornará cruel e rústico para com teus irmãos fracos em suas enfermidades — um pecado que menos se torna um santo. "Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão" [Gl 6:1]. Mas como uma alma obterá tal espírito de mansidão? Segue-se: "Olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado". O que faz os homens duros com os pobres? eles pensam que nunca serão assim eles mesmos. Por que muitos são tão afiados em suas censuras, mas porque confiam demais em sua graça, como se nunca pudessem cair? Ó, vós estais no corpo, e o corpo do pecado em vós, portanto temei. Bernardo costumava dizer, quando ouvia qualquer pecado escandaloso de um professor: "Ele caiu hoje, eu posso tropeçar amanhã".

O orgulho da graça é confiar no VALOR da nossa graça.

SEGUNDO. A segunda maneira pela qual um cristão pode se orgulhar de sua graça é confiando no valor de sua graça

— descansando nela para sua aceitação perante Deus. A Escritura chama a graça inerente de "nossa própria justiça" — embora Deus, de fato, seja a causa eficiente dela — e a opõe à justiça de Cristo, que é chamada unicamente de "a justiça de Deus", Rm 10:1-4. Ora, descansar em qualquer graça inerente é exaltar nossa própria justiça acima da justiça de Deus; e a que montante chegaria este orgulho? Se fosse assim, então um santo, quando chegasse ao céu, poderia dizer: "Este é o céu que eu construí — minha graça comprou"; e assim o Deus do céu tornar-se-ia inquilino de sua criatura no céu. Não, Deus lançou a ordem da nossa salvação em outro método — de graça, mas não de graça em nós, mas graça para nós. A graça inerente tem seu lugar e ofício para acompanhar a salvação, Hb 6:9, mas não para obtê-la. Esta é a obra de Cristo, não da graça. Quando Israel esperou pelo Senhor no Monte Sinai, eles tinham seus limites. Nem um homem deveria subir, além de Moisés, para tratar com Deus; não, nem tocar o monte, para que não morressem. Assim, todas as graças do Espírito esperam por Deus, mas nenhuma sobe para reivindicar qualquer aceitação de Deus, além da fé, que é uma graça que apresenta a alma não em suas próprias vestes. Mas tu dirás: "Para que tudo isso? onde está o homem que confia na sua graça?". Ai de mim, onde está o cristão que permanece totalmente limpo e livre de sua própria justiça? Ele é um piloto raro, de fato, que pode conduzir sua fé em um curso tão direto, a ponto de não bater de vez em quando neste dever, e não encalhar naquela graça. Abraão entrou em Agar, e os filhos da fé de Abraão não estão perfeitamente mortos para a lei, e podem ser encontrados às vezes nos braços de Agar. Testemunha o fluxo e o refluxo de nossa fé, de acordo com o aspecto variável de nossa obediência. Quando esta parece cheia, então nossa fé está na maré alta, e cobre todas as montanhas de nossos medos; mas deixe-a parecer minguar em qualquer serviço ou dever,

então o Jordão de nossa fé retrocede e deixa a alma nua. O rancor do diabo é contra Cristo e, portanto, como ele não pôde impedir seu desembarque — o que ele tentou com todas as forças — nem fazer sua vontade em sua pessoa quando ele veio, ele vai agora, de uma maneira mais refinada, obscurecer a glória de seus sofrimentos e a suficiência de sua justiça, misturando a nossa com a dele. Esta doutrina da justificação pela fé teve mais obras e baterias feitas contra ela do que qualquer outra na Escritura. De fato, muitos outros erros eram apenas suas aproximações astutas para chegar mais perto e minar esta. E, finalmente, quando ele não pode esconder esta verdade — que agora brilha na igreja como o sol em sua força — então ele trabalha para impedir o proveito prático dela, para que nós (se ele puder evitar) não vivamos de acordo com nossos próprios princípios — fazendo-nos, ao mesmo tempo em que professamos em nosso julgamento a aceitação apenas através de Cristo, confutar a nós mesmos em nossa prática.

Ora, há um duplo orgulho na alma de que ele faz uso para este fim — um que eu posso chamar de orgulho cortês, o outro de orgulho autocomplacente.

Primeiro. Há um orgulho cortês, que sai no hábito e disfarce da humildade, e que se descobre, seja na primeira vinda da alma a Cristo, e o mantém longe de fechar com a promessa; ou depois, no curso diário do caminhar de um cristão com Deus, que o mantém de uma vida confortável em Cristo.

1. Quando uma alma pobre é mantida longe da promessa pelo senso de sua própria indignidade e grande injustiça. Fala-lhe de um perdão; ai de mim! ele está tão envolto com os pensamentos de sua própria vileza, que tu não podes fixar isso nele. O que, Deus

tomará algum dia um sapo como ele em seu seio, descontará tantas grandes abominações de uma só vez e o receberá em seu favor, ele que esteve por tanto tempo em armas rebeldes contra Ele! Ele não pode acreditar nisso; não, embora ouça o que Cristo fez e sofreu pelo pecado, ele recusa ser consolado. Pouco pensa a alma de que raiz amarga tais pensamentos brotam. Tu pensas que fazes bem assim ao declamar contra ti mesmo, e agravar teus pecados. De fato, tu não podes pintá-los de negro o suficiente, ou ter pensamentos muito baixos e vis sobre ti mesmo por causa deles; mas que mal Deus e Cristo te fizeram, para que tu devas refletir tão indignamente sobre a misericórdia de um, e o mérito do outro? Não podes tu fazer isso, e ser terno com o bom nome de Deus também? Não há maneira de mostrar o senso de teu pecado, exceto se tu difamares teu Salvador? Não podes tu acusar a ti mesmo, sem que tenhas que condenar a Deus, e envergonhar Cristo e seu sangue diante de Satanás, que triunfa mais nisto do que em todos os teus outros pecados? Em uma palavra, embora tu, como um miserável, tenhas arruinado a ti mesmo, e condenado tua alma por teus pecados, contudo não estás disposto a que Deus tenha a glória de perdoá-los, e Cristo a honra de obter o mesmo? ou és tu como aquele no evangelho, que não podia cavar, e de mendigar se envergonhava? Lc 16:3. Tu não podes ganhar o céu por tua própria justiça; e é teu espírito tão altivo que tu não queres mendigá-lo por amor a Cristo? sim, aceitá-lo das mãos de Deus, que, no evangelho, vem mendigando a ti, e te suplica que te reconcilies com ele? Ah, alma! quem jamais teria pensado que pudesse haver tal orgulho sob um véu tão modesto? e contudo, nenhum como este. É um orgulho

horrível para um mendigo morrer de fome em vez de receber uma esmola das mãos de um homem rico — para um malfeitor preferir sua força a um perdão das mãos de seu gracioso príncipe; mas aqui está um infinitamente superando ambos — uma alma definhando e perecendo no pecado, e contudo rejeitando a misericórdia de Deus, e a mão auxiliadora de Cristo para salvá-lo! Embora Abigail não se achasse digna de ser esposa de Davi, contudo ela achou que Davi era digno dela, e portanto ela humildemente aceitou sua oferta, e faz pressa para ir com os mensageiros. Essa é a estrutura doce de coração, de fato — estar baixo no senso de tua própria vileza, contudo crer; renunciar a toda presunção de dignidade em nós mesmos, contudo não, portanto, renunciar a toda esperança de misericórdia, mas com mais rapidez fazer pressa a Cristo que nos corteja. Todo o orgulho e falta de educação residem em fazer Cristo esperar por nós, ele que ordena a seus mensageiros convidar pecadores pobres para vir e dizer-lhes que "todas as coisas estão prontas". Mas, talvez, tu dirás ainda, não é o orgulho que te mantém afastado, mas tu não podes crer que Deus algum dia acolherá tais como tu és. Verdadeiramente tu consertas o assunto pouco com isso. Ou tu manténs alguma luxúria em teu coração, da qual tu não queres te separar, para obter o benefício da promessa, e então tu és um hipócrita notório, que sob tal clamor por teus pecados, podes conduzir um comércio secreto com o inferno ao mesmo tempo; ou, se não for assim, tu descobres o orgulho ainda maior em que tu ousas permanecer firme, quando tu não tens nada para opor contra as muitas promessas claras e nítidas do evangelho, exceto tua incredulidade peremptória. Deus ordena ao

ímpio que abandone seus caminhos e se volte para ele, e ele o perdoará abundantemente; mas tu dizes que não podes crer nisso por ti mesmo. Ora, quem fala a verdade? Um de vós dois deve ser o mentiroso; ou tu debes tomar isso com vergonha para ti mesmo, pelo que tu disseste contra Deus e sua promessa — e esse é teu melhor curso; ou tu debes orgulhosamente, sim, blasfemamente, lançá-lo sobre Deus, como todo incrédulo faz, 1 Jo 5:10. Não, tu o fazes perjuro, pois Deus — para dar aos pecadores pobres a maior segurança ao voar para o refúgio em Cristo, que é aquela "esperança posta diante deles", Hb 6:17,18 — jurou que eles deveriam ter uma forte consolação. "Ó, felizes nós, por cuja causa Deus se coloca sob um juramento: mas ó, miseráveis nós, que não queremos crer em Deus, não, nem quando ele jura!"

2. Quando a alma atravessou o grande abismo, e entrou em um estado de paz e vida ao fechar com Cristo, contudo este orgulho cortês Satanás faz uso no curso diário de dever e obediência do cristão, para perturbá-lo e atrapalhar sua paz e conforto. Ó, quão infeliz, sim, sem alegria, passam seus dias muitas almas preciosas! Se perguntares qual é a causa, descobrirás que toda a alegria deles escoia pelas frestas de seus deveres imperfeitos e graças fracas. Eles não podem orar como gostariam, e caminhar como desejam, com igualdade e constância; eles veem quão longe eles caem aquém da santa regra na Palavra, e do padrão que outros mais eminentes em graça colocam diante deles; e isso, embora não os faça jogar as promessas fora, e renunciar completamente a toda esperança em Cristo, contudo gera muitos medos e suspeitas tristes, sim, faz com que se

sentem à festa que Cristo proveu, e não saibam se podem comer ou não. Em uma palavra, assim como rouba deles sua alegria, assim rouba de Cristo a glória que ele deveria receber de seu regozijo nele. Não digo, cristão, que tu não deverias chorar por esses defeitos que encontras em tuas graças e deveres; não, tu não poderias aprovar-te como sendo sincero se não o fizesses. Um coração gracioso — vendo quão longe seu estado renovado, por enquanto, cai aquém da santidade primitiva do homem pela criação — não pode senão chorar e lamentar — como os judeus para contemplar o segundo templo; contudo, cristão, mesmo enquanto as lágrimas estão em teus olhos por tuas graças imperfeitas — pois uma alma levanta-se com suas roupas de sepultura — tu deverias te regozijar, sim, triunfar sobre todos esses teus defeitos pela fé em Cristo, em quem tu és completo, Cl 2 :10, enquanto imperfeito em ti mesmo. A presença de Cristo no segundo templo — que o primeiro não tinha — tornou-o, embora comparativamente modesto, mais glorioso do que o primeiro, Ag 2:9. Quanto mais a presença dele neste templo espiritual de um coração gracioso, imputando sua justiça para cobrir toda fealdade, torna a alma gloriosa acima do homem no início? Esta é uma vestimenta para a qual — como Cristo diz do lírio — nós nem fiaremos nem teceremos; contudo, Adão em toda sua realza criada não estava tão vestido, como o mais fraco crente está com isto em sua alma. Ora, cristão, considera bem o que fazes, enquanto tu te sentas definhando sob o senso de tuas próprias fraquezas, e te recusas a te regozijar em Cristo, e viver confortavelmente dos doces privilégios em que tu estás interessado pelo teu casamento com ele. Não estarás tu

revelando algum deste orgulho espiritual trabalhando em ti? Ó, se tu pudesses orar sem divagar, caminhar sem mancar, crer sem vacilar, então tu poderias te regozijar e caminhar alegremente. Parece, alma, que tu esperas para trazer a base de teu conforto contigo, e não para recebê-la puramente de Cristo. Ó, quão melhor seria se tu dissesses com Davi: "Embora a minha casa" — meu coração — "não seja tal com Deus, contudo estabeleceu comigo uma aliança eterna, ordenada em tudo e segura; e esta é toda a minha salvação, todo o meu prazer". Cristo eu oponho a todos os meus pecados, Cristo a todas as minhas necessidades; ele é meu tudo em todos, e tudo acima de tudo. De fato, todas essas queixas de nossas necessidades e fraquezas, na medida em que afastam nossos corações de confiar alegremente em Cristo, elas são apenas a linguagem do orgulho desejando a aliança de obras. Ó, é difícil esquecer nossa língua materna, que é tão natural para nós; trabalha, portanto, para ser sensível a isso, quão penoso é para o Espírito de Cristo. O que diria um marido, se sua esposa, em vez de expressar seu amor por ele e deleite nele, dia e noite não fizesse nada além de chorar e clamar para pensar em seu antigo marido que morreu? A lei, como uma aliança, e Cristo, são comparados a dois maridos: "Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais de outro, daquele que ressuscitou dos mortos", Rm 7:4. Ora, tua tristeza pelo defeito de tua própria justiça, quando atrapalha teu regozijo em Cristo, é apenas um lamento pelo teu outro marido, e isto Cristo não pode aceitar senão com desapontamento — que tu não estás bem satisfeito em

repousar no seio de Cristo, e ter tua felicidade dele como com teu antigo marido, a lei.

Segundo. Há um orgulho autocomplacente; quando o coração é secretamente elevado, de modo a prometer a si mesmo aceitação nas mãos de Deus, por qualquer dever ou ato de obediência que realiza, e não, quando mais assistido, sai de suas próprias ações, para lançar o peso de sua expectativa inteiramente sobre Cristo. Cada olhar desses do olho da alma é adúltero, sim, idólatra. Se teu coração, cristão, em qualquer momento for secretamente seduzido — como Jó diz de outro tipo de idolatria — ou tua boca beijar tua mão, isto é, apaixonar-se tanto por teus próprios deveres e justiça, a ponto de dar-lhes este culto interior de tua confiança e fé, esta é uma grande iniquidade, de fato; pois, nisto, tu negas o Deus que está acima, que determinou tua fé para outro objeto. Tu vens abrir o portão do céu com a chave antiga, quando Deus colocou uma fechadura nova. Não reconheces tu que tua primeira entrada em teu estado justificado foi de pura misericórdia? tu foste "justificado gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus", Rm 3:24. E a quem tu estás em dívida, agora que tu estás reconciliado, para tua aceitação adicional de dever ou ação santa? ao teu dever, tua obediência, a ti mesmo, ou a Cristo? O mesmo apóstolo te dirá: "Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes", Rm 5:2. Se Cristo não te conduzisse para dentro e tudo o que tu fazes, tu tens certeza de encontrar a porta fechada sobre ti. Não há mais lugar para merecimento agora que tu és gracioso, do que quando tu eras sem graça. "A justiça de Deus se revela de fé em fé", pois "o justo viverá da fé", Rm 1:17. Nós não somos apenas feitos vivos por Cristo, mas nós vivemos por Cristo; a fé suga continuamente misericórdia de perdão, assistência e conforto dele, como os

pulmões sugam o ar. O caminho do céu é pavimentado com graça e misericórdia até o fim.

Uso Ou Aplicação

Uso. Sê exortado acima de tudo a vigiar contra este jogo de Satanás, cuidado para que não descanses em tua própria justiça. Tu estás sob uma parede trêmula; as próprias rachaduras que tu vês em tuas graças e deveres, quando melhores, pedem-te que te afastes, exceto se quiseses que elas caíam sobre tua cabeça. O maior passo para o céu é para fora de nossas próprias portas, sobre nosso próprio limiar. Custa a muitos homens a vida quando sua casa está em chamas — uma avareza para salvar alguns dos pertences — os quais, aventurando-se entre as chamas para preservar, eles mesmos pereceram. Mais perderam suas almas pensando em levar alguns de seus próprios pertences com eles para o céu — tal boa obra ou dever — enquanto eles, como o relutante Ló, foram relutantes em deixar em termos de confiança — eles mesmos pereceram. Ó senhores, saí, saí, deixai o que é vosso no fogo. Voai para Cristo nu; ele tem ouro — não como o teu, que consumirá e será encontrado escória no fogo, mas tal como passou, na prova de fogo, no julgamento justo de Deus por puro e de peso completo. Tu não podes ser encontrado em dois lugares ao mesmo tempo. Escolhe se queres ser encontrado na tua própria justiça ou na de Cristo. Aqueles que tiveram mais para mostrar do que tu mesmo, jogaram tudo fora, e foram mendigar a Cristo. Lê o inventário de Paulo, Fp 3 — o que ele tinha, o que ele fazia — contudo tudo escória e perda. Dá-lhe Cristo, e pegue o resto quem quiser. Assim Jó, um homem tão santo quanto pisou na terra — sendo o próprio Deus testemunha — contudo diz: "Se eu fosse perfeito, contudo não o

saberia; desprezaria a minha alma", Jó 9:21. Ele tinha reconhecido sua imperfeição antes, agora ele faz uma suposição — de fato, *quod non est supponendum* [o que não deve ser suposto] — "Se eu fosse perfeito, contudo não conheceria minha própria alma. Eu não acolheria quaisquer pensamentos que me inflassem em tal confiança de minha santidade, a ponto de torná-la minha súplica com Deus". Como nossa frase comum, dizemos, tal um tem partes excelentes, mas ele sabe disso, isto é, ele é orgulhoso disso. Cuidado com saber tua própria graça neste sentido; tu não podes dar um golpe maior tanto à tua graça quanto ao conforto, do que por te orgulhares assim nela.

Por que o cristão não deve descansar em nenhuma obra inerente de graça.

Primeiro. Tua graça não pode prosperar enquanto tu assim descansares nela. Um espírito legal não é amigo da graça; não, é um inimigo amargo contra ela, como apareceu pelos fariseus no tempo de Cristo. A graça não vem pela lei, mas por Cristo; tu podes ficar tempo suficiente por ela, antes que obtenhas qualquer vida de graça em tua alma, ou vida adicional em tua graça. Se tu quiseses ter isto, tu deves colocar-te sob as asas de Cristo pela fé. Do Espírito dele no evangelho, unicamente, vem este calor natural e gentil para chocar tua alma para a vida da santidade, e aumentar o que tu tens; e tu não podes vir sob as asas de Cristo, até que venhas de debaixo da sombra da outra, renunciando a toda expectativa de tuas próprias obras e serviços. Tu sabes da maldição de Rúben — que ele não deveria sobressair, porque subiu ao leito de seu pai. Quando outras tribos aumentavam, ele ficava em um pequeno número. Por confiar em tuas próprias obras, tu fazes pior com Cristo, e

sobressairás na graça? Talvez alguns de vós tenham sido longos professos, e contudo chegaram a pouco crescimento no amor a Deus, humildade, mentalidade celestial, mortificação; e vale a pena cavar para ver o que jaz na raiz de tua profissão — se não há um princípio legal que te agiu demais. Não pensaste em levar tudo com Deus de teus deveres e serviços, e depositaste demais tuas esperanças em tuas próprias ações? Ai de mim! isto é como tanta terra morta, que deve ser jogada fora, e princípios do evangelho colocados no lugar dela. Tenta apenas este curso, e vê se a nascente de tua graça não virá rapidamente. Davi dá conta de como ele chegou a ficar de pé e florescer, quando alguns que eram ricos e poderosos, de repente murcharam e chegaram a nada. "Eis", diz ele, "o homem que não fez de Deus a sua fortaleza, mas confiou na abundância das suas riquezas. Mas eu sou como a oliveira verde na casa de Deus; confio na misericórdia de Deus para sempre e eternamente", Sl 52:7-8. Enquanto outros confiam nas riquezas de sua própria justiça e serviços, e não fazem de Cristo sua fortaleza, faze tu renúncia de tudo, e confia na misericórdia de Deus em Cristo, e tu serás como uma oliveira verde quando eles murcharem e definharem.

Segundo. Cristão, tu não prosperarás no verdadeiro conforto enquanto descansares em qualquer obra inerente de graça, e não te mantiveres livre de tuas próprias ações e justiça. O conforto do evangelho brota de uma raiz do evangelho, que é Cristo. "Nós somos a circuncisão, que adoramos a Deus no espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não temos confiança na carne", Fp 3:3. Ora, uma alma que descansa em qualquer santidade em si mesma, ela enxerta seu conforto em si mesma, não em Cristo; ela suga seu próprio peito, não o de Cristo, e assim faz de Cristo uma ama seca; e que conforto pode crescer nessa árvore seca? O Espírito é nosso consolador, bem como

nosso mestre e conselheiro. Ora, como o Espírito, quando ele ensina, não vem com nenhuma verdade nova ou estranha, mas toma do que é de Cristo — o que ele encontra na Palavra; assim, onde ele conforta, ele toma do que é de Cristo — sua justiça, não a nossa. Cristo é a matéria e fundamento de seu conforto. Todos os cordiais são apenas Cristo destilado, e feito em várias promessas; seu agir, não o nosso; seu sofrimento, não o nosso; sua santidade, não a nossa. Ele não diz: "Alma, regozija-te! tu és santa", mas "Alma, triunfa! Cristo é justo, e é o Senhor, justiça nossa"; não, "Alma, tu oras docemente, não temas"; mas, "Tu tens um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo"; de modo que o primeiro passo para o recebimento do conforto do Espírito é despedir todos os confortos nossos. Como no aprendizado do Espírito, ele que será ensinado por ele, deve primeiro tornar-se um tolo — isto é, de modo algum apoiar-se em seu próprio entendimento; assim, ele que seria confortado deve primeiro ser esvaziado de todos os auto-apoios, não deve apoiar-se em seus próprios confortos. Como um médico primeiro ordena ao seu paciente que lance fora todos os outros com quem ele tem tentado, pergunta que físico ele teve deles, tira seus emplastros, joga fora seu remédio e começa o trabalho *de novo* [de novo]; assim o Espírito, quando ele vem para confortar uma alma pobre, primeiro persuade a alma a despedir todos os seus antigos médicos. Ó, diz a alma, eu estive na mão de tal dever, tal curso de obediência, e pensei, com certeza, agora ficarei bem, e terei conforto, agora que faço este dever, preparo-me para tal curso santo. Bem, diz o Espírito, se quiseses que eu faça algo, estes devem todos ser despedidos em termos de confiança. Agora, e não até agora, é a alma um sujeito apto para receber os confortos do Espírito. E, portanto, amigos, como amais vossa paz interior, cuidado de que vaso extrais vosso conforto. A graça é finita, e assim não pode oferecer

muito. É vazante, e assim não pode manter por muito tempo; tu bebes em um prato rachado, tu que tens teu conforto de tua graça. É misturada, e assim fraca; e a graça fraca não pode dar forte consolação — e tal tu precisas, especialmente em fortes conflitos. Não, finalmente, teu conforto que tu tiras dela é roubado — tu não vens honestamente por ele; e confortos roubados não prosperarão contigo. Ó, que tolice é para a criança brincar de ladrão, por aquilo que ela pode ter livremente e mais plenamente de seu pai, que dá e não censura! Aquele conforto que tu tentarias furtar de tua própria justiça e deveres, contempla, ele está guardado para ti em Cristo, de cuja plenitude tu podes carregar tanto quanto tua fé pode conter, e não há ninguém para te repreender, sim, quanto mais tu aproveitares Cristo para teu conforto, mais cordialmente bem-vindo. Somos ordenados a abrir bem a nossa boca, e ele a encherá.

Terceiro tipo de orgulho espiritual — ORGULHO DE PRIVILÉGIOS.

TERCEIRO. O orgulho de privilégios é o terceiro tipo de orgulho espiritual, com o qual estes espíritos iníquos trabalham para inflar o cristão. Para nomear três [desses privilégios]: *Primeiro.* Quando Deus chama uma pessoa para algum lugar eminente, ou a usa para fazer alguma peça especial de serviço. *Segundo.* Quando Deus honra um santo a sofrer por sua verdade ou causa. *Terceiro.* Quando Deus flui com manifestações mais do que ordinárias de seu amor, e enche a alma com alegria e conforto. Estes são privilégios não igualmente dispensados a todos; e, portanto, onde eles estão, Satanás tira vantagem de atacar tais com orgulho.

Primeiro Privilégio. Quando Deus chama uma pessoa para algum lugar eminente, ou a usa para fazer alguma peça especial de serviço. De fato, requer uma grande medida de graça manter o coração baixo, quando o homem está no alto. O apóstolo, falando sobre como um ministro do evangelho deveria ser qualificado, diz que não deve ser "um neófito", ou um jovem convertido, "para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo", 1 Tm 3:6; como se tivesse dito: "Este chamado é honroso, se ele não for bem equilibrado com humildade, uma pequena rajada de Satanás o derrubará neste pecado". Os setenta que Cristo enviou primeiro para pregar o evangelho, e que prevaleceram tão miraculosamente sobre Satanás — mesmo estes, enquanto pisavam na cabeça da serpente, ele se virou, e quase os picou com orgulho. Isto nosso Salvador percebeu, quando eles retornaram em triunfo, e contaram que grandes milagres eles tinham operado; e, portanto, ele os tira desse gloriar, para que não degenere em vanglória, e ordena-lhes que "não vos alegreis porque se vos sujeitam os espíritos; alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos nos céus", Lc 10:20. Como se ele tivesse dito: "Não é a honra do vosso chamado, e sucesso do vosso ministério, que vos salvará. Haverá alguns lançados aos demônios, que dirão então: 'Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome, e em teu nome não expulsamos demônios?', e portanto não vos valorizeis por isso, mas, antes, evidenciai às vossas almas que sois os meus eleitos, o que vos servirá mais no grande dia do que toda esta [honra]".

Segundo Privilégio. Um segundo privilégio é quando Deus honra uma pessoa a sofrer por sua verdade. Este é um grande privilégio. "Pois vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele", Fp 1:29.

Deus não costuma dar dons inúteis aos seus santos, há alguma preciosidade nisto, que um olho carnal não pode ver. A fé, tu dirás, é um grande dom, mas a perseverança maior — sem a qual a fé seria de pouco valor — e a perseverança no sofrimento é, acima de ambas, honrosa. Isto fez João Careless, nosso mártir inglês — que, embora não tenha morrido na estaca, contudo morreu na prisão por Cristo — dizer: "Tal honra é, como aos anjos não é permitido ter, portanto Deus me perdoe minha ingratidão". Ora, quando Satanás não pode assustar uma alma para fora da prisão, contudo então ele trabalhará para inflá-la na prisão; quando ele não pode fazê-la ter pena de si mesma, então ele a lisonjeará até que ela se orgulhe de si mesma. A aflição de Deus expõe à impaciência, a aflição por Deus, ao orgulho; e, portanto, cristãos, trabalhai para vos fortificar contra esta tentação de Satanás. Quão cedo podeis ser chamados para o trabalho de sofrimento, não sabeis — tais nuvens muitas vezes não demoram a surgir. Ora, para manter teu coração humilde quando tu és honrado a sofrer pela verdade, considera:

1. Embora tu não mereças esses sofrimentos da mão do homem, tu podes e deves, nesse sentido, gloriar-te em tua inocência, por não sofreres como um malfeitor; contudo tu não podes senão confessar que é uma aflição justa de Deus, em relação ao pecado em ti, e isto, creio, deveria manter-te humilde. O mesmo sofrimento pode ser martírio em relação ao homem, e contudo um castigo paternal pelo pecado em relação a Deus. Ninguém sofreu sem pecado, exceto Cristo, e portanto ninguém pode gloriar-se em sofrimentos, exceto ele — Cristo nos seus próprios, nós nos dele. "Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo", Gl 6:14. Isto manteve o Sr.

Bradford humilde em seus sofrimentos pela verdade. Ninguém mais se regozijou neles, e abençoou a Deus por eles, contudo ninguém mais humilde sob eles, do que ele. E o que o manteve nesta estrutura humilde? Lê suas cartas piedosas, e descobrirás quase em todas como ele deplora seus pecados, e os pecados dos protestantes sob o reinado do rei Eduardo: "Era tempo", dizia ele, "para Deus colocar sua vara nas mãos dos papistas. Nós tínhamos crescido tão orgulhosos, formais, infrutíferos, sim, a ponto de detestar e desprezar os meios de graça, quando desfrutávamos a liberdade deles, e portanto Deus trouxe a roda da perseguição sobre nós". Como ele olhava para a honra para torná-lo grato, assim para o pecado para torná-lo humilde.

2. Considera quem te sustenta e te carrega através de teus sofrimentos por Cristo. É tua graça, ou a dele, que é suficiente para tal obra? teu espírito, ou o de Cristo, pelo qual tu falas quando chamado a dar testemunho da verdade? Como acontece de tu seres um sofredor e não um perseguidor? um confessor, e não um negador, sim, traidor de Cristo e seu evangelho? Isto tu debes a Deus. Ele não está em dívida contigo, que tu queres partir com bens, crédito ou a própria vida por causa dele — se tivesses mil vidas, tu as deverias todas a ele; mas tu estás em dívida com Deus excessivamente, que ele queira chamar por estas desta maneira, que tem tal honra e recompensa acompanhando-a. Ele poderia ter permitido que tu vivesses em tuas luxúrias, e no final sofresses a perda de todas estas por elas. Ó, quantos morrem na forca como mártires na causa do diabo, por crimes, estupros e assassinatos! Ou, ele poderia retirar

sua graça, e deixar-te à tua própria covardia e incredulidade, e então tu logo te mostrarias em tuas cores. Os campeões mais robustos por Cristo foram ensinados quão fracos eles são se Cristo se afasta. Alguns que deram grande testemunho de sua fé e resolução na causa de Cristo — até o ponto de chegar tão perto de morrer pelo seu nome como dar-se para ser amarrado à estaca, e para o fogo ser aceso sobre eles — contudo então seus corações falharam, como aquele santo homem Sr. Benbridge, em nossa martirologia inglesa, que empurrou as fagulhas para longe de si, e gritou: "Eu recanto, eu recanto". Contudo, este homem, quando reforçado em sua fé, e dotado de poder do alto, foi capaz, dentro do espaço de uma semana após aquela triste queda, de morrer na estaca alegremente. "Ele que uma vez venceu a morte por nós, é ele que sempre vence a morte em nós." E quem deveria ser tua canção, senão ele que é tua força? não te aplaudas, mas bendize-o. É um dos nomes de Deus; ele é chamado "a glória da força deles", Sl 89:17. Quanto mais tu te gloriasses em Deus que te dá força para sofrer por ele, menos tu te vangloriarás de ti mesmo. Um coração grato e um orgulhoso não podem habitar juntos em um peito.

3. Considera que mancha repugnante o orgulho dá a todos os teus sofrimentos; onde não é lamentado e resistido, altera o caso. O velho ditado é que não é o castigo, mas a causa, que faz o mártir. Podemos dizer com segurança mais: "Não é apenas a causa, mas a estrutura sincera do coração em sofrer por uma boa causa, que faz de um homem um mártir à vista de Deus". Embora tu devesse dar teu corpo para ser queimado, se

não tens o coração humilde de um sofredor por Cristo, tu te tornas um mercador para ti mesmo. Tu não negas senão um eu, para estabelecer outro; corres o risco de teu patrimônio e vida, para ganhar algum aplauso, talvez, e erguer um monumento à tua honra nas opiniões dos homens. Tu não fazes mais, neste caso, do que um soldado, que por um nome de valor se aventurará na boca da morte e perigo; apenas tu mostras teu orgulho sob um disfarce religioso; mas isso não ajuda, mas torna pior. Se tu quiseses em teus sofrimentos ser um sacrifício aceitável a Deus, tu debes não apenas estar pronto para oferecer tua vida por sua verdade, mas sacrificar teu orgulho também, ou senão tu podes tombar de um fogo para outro — sofrer aqui do homem como um suposto campeão do evangelho, e em outro mundo de Deus, por roubá-lo de sua glória em teus sofrimentos.

Terceiro Privilégio. Um terceiro privilégio é quando Deus flui com manifestações mais do que ordinárias de seu amor. Então o cristão está em perigo de ter seu coração secretamente elevado em orgulho. De fato, o efeito genuíno e natural que tais descobertas do amor divino têm em uma alma graciosa é humilhá-la. A visão da misericórdia aumenta o senso do pecado, e esse senso dissolve a alma gentilmente em tristeza, como vemos em Madalena. O coração que possivelmente estava duro e congelado na sombra, cederá e derreterá no brilho do amor, e assim por diante o orgulho é escondido do olho da criatura. "Então", diz Deus, "lembrar-vos-eis dos vossos maus caminhos, e dos vossos feitos, que não foram bons; e tereis nojo em vós mesmos", etc., Ez 36:31. E quando será isso, mas quando Deus os salvar de todas as suas imundícias? como aparece, v. 25; contudo, não obstante isto, permanecem tais borras de corrupção

não purgadas do melhor, que Satanás acha não impossível fazer das manifestações do amor de Deus uma ocasião de orgulho para o cristão. E verdadeiramente Deus nos deixa ver nossa propensão a este pecado na curta permanência que ele faz, quando ele vem com quaisquer descobertas maiores de seu amor. O Consolador, é verdade, habita para sempre no peito do santo; mas suas alegrias, elas vêm e vão novamente rapidamente. Elas são como excedentes com os quais ele banqueteia o crente, mas a toalha é logo retirada; e por que assim, mas porque não podemos suportá-las como nosso alimento diário? Uma curta entrevista do céu, e uma visão de amor de vez em quando sobre o monte de uma ordenança, ou aflição, alegra os espíritos de cristãos abatidos, que — pudessem ter licença para construir seus tabernáculos lá, e habitar sob um brilho constante de tais manifestações — seriam propensos a esquecer-se, e pensar que eram senhores de seus próprios confortos. Se o santo Paulo estava em perigo de cair nesta doença do orgulho de seu curto arrebatamento — para prevenir o qual, Deus viu necessário deixá-lo sangrar com um espinho na carne — não seria nosso sangue muito mais crescer muito exuberante, e nós muito mais insolentes e licenciosos, se devêssemos nos alimentar por muito tempo de tal alimento delicioso? E, portanto, se alguma vez, cristão, tu tiveste necessidade de vigiar, então é o momento — quando confortos abundam, e Deus te mima mais no joelho de seu amor — quando sua face brilha com manifestações mais claras; para que este pecado de orgulho, como um ladrão na vela, não consuma tua alegria. Para prevenir o qual, tu farias bem em:

1. Olhar que tu não meças tua graça por teu conforto, para que assim não sejas levado a uma falsa opinião de que tua graça é forte, porque teus confortos o são. Satanás estará pronto a ajudar esse pensamento

como um meio para te elevar, e afrouxar teu cuidado no dever para o futuro. Tais descobertas de fato testemunham a verdade de tua graça, mas não o grau e medida dela. A criança fraca pode estar, sim, está, mais frequentemente no colo do que a forte.

2. Não te aplainas tanto em teu conforto presente, mas trabalha para melhorá-lo, para a glória de Deus. "Levanta-te e come", diz o anjo ao profeta, "porque a jornada é muito grande para ti". As manifestações do amor de Deus são para nos ajustar para nossa obra. É uma coisa regozijar-se na luz de nosso conforto, e outra ir adiante no poder do Espírito que nos conforta — como gigantes refrescados com este vinho — para correr nossa corrida de dever e obediência com mais força e prontidão. Ele mostra seu orgulho aquele que gasta seu tempo contando seu dinheiro apenas para ver quão rico ele é; mas mostra sabedoria aquele que gasta seu dinheiro e negocia com ele. O gabola de seus confortos perderá o que ele tem, enquanto aquele que melhora seus confortos em um comércio mais pleno de dever acrescentará mais ao que ele tem.

3. Lembra que tu dependes de Deus para a continuidade de teu conforto. Eles não são os sorrisos que tiveste ontem que te fazem alegre hoje, qualquer mais do que o pão que comeste então pode te fazer forte sem mais. Tu precisas de novas descobertas para novos confortos. Deixa Deus esconder sua face, e tu logo perderás a visão, e esquecerás o gosto do que tu agora mesmo tiveste. Está além de nossa habilidade ou poder preservar essas impressões de alegria, e apreensões confortáveis do favor de Deus em nossos espíritos, que

às vezes encontramos; como a presença de Deus traz essas, assim, quando ele vai, ele as leva embora consigo, como o sol poente leva o dia. Nós riríamos de coração daquele que, quando o sol brilha em sua janela, pensasse, ao fechar aquela, em prender os raios de sol em sua câmara; e tu mostras agora tanta tolice, tu que pensas, porque agora tens conforto, tu portanto nunca mais estarás em escuridão de espírito? O conforto do crente é como o maná de Israel. Não é como o pão ordinário e provisão que compramos no mercado, e trancamos em nossos armários onde podemos ir a ele quando quisermos; não, ele é chovido, como aquele foi, do céu. De fato, Deus providenciou para eles depois desta sorte para humilhá-los: "Que te alimentou no deserto com maná, que teus pais não conheceram, para te humilhar", Dt 8:16. Não era porque era tal comida mesquinha, que Deus é dito humilhá-los, pois era comida deliciosa, portanto chamada "comida de anjos", Sl 78:25, tal que se os anjos comessem, poderia servi-los; mas a maneira de dispensá-la — da mão para a boca, cada dia sua porção, e não mais. Assim Deus guardou a chave de seu armário — eles permaneciam à sua permissão imediata; e assim Deus comunica nossos confortos espirituais para o mesmo fim, para nos humilhar. Tanto para esta segunda espécie de maldade espiritual.

Eu tinha pensado em exemplificar em algumas outras, como hipocrisia, incredulidade, formalidade; mas possivelmente o assunto sendo geral, o que já disse pode ser pensado apenas como uma digressão, e esta muito longa. Concluirei, portanto, este ramo da maldade espiritual, com uma palavra àqueles que estão ainda em um estado natural e não santificado — que é

estimulá-los, a partir do que disse concernente aos ataques de Satanás aos crentes com tais tentações, a considerar seriamente como o desígnio principal de Satanás contra eles também reside nos mesmos pecados. É tua consciência cauterizada, mente cega e coração impenitente que será tua ruína, se tu fracassares finalmente. Outros pecados, o diabo sabe, são preparatórios para estes, e, portanto, ele te atrai para eles para te trazer a estes. Duas maneiras eles preparam um caminho para pecados espirituais: Primeiro. Como eles naturalmente dispõem o pecador a eles; é da natureza do pecado cegar a mente, estupidificar a consciência, endurecer o coração, como está implícito: "Para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado", Hb 3:13. Como os pés dos viajantes batem a estrada dura, assim faz caminhar em pecados carnis grosseiros o coração. Eles entorpecem a consciência, de modo que com o tempo o pecador perde seu sentimento, e pode carregar suas luxúrias em seu coração, como loucos seus alfinetes em sua própria carne, sem dor e remorso. Em segundo lugar, como eles provocam a Deus por um ato judiciário a entregá-los a estes pecados, "Dá-lhes obstinação de coração", Lm 3:65, assim está em sua margem, "a tua maldição sobre eles"; e quando o diabo consegue pecadores neste estado, então ele os tem sob chave e ferrolho. Eles são os precursores da condenação. Se Deus deixar teu coração duro e não quebrado, é um sinal triste de que ele não pretende semear a semente da graça lá. Ó pecadores, orai, como ele, At 8:24, pediu a Pedro para ele, que nenhuma destas coisas vos sobrevenha; o que, para que não aconteça, cuidado para que não rejeites as ofertas que ele faz para te suavizar. O endurecimento de Deus é uma consequente de, e um castigo por, nosso endurecimento de nossos próprios corações. É muito verdadeiro o que Próspero diz: "Um homem pode perder temporais contra sua vontade, mas não espirituais".

Deus não endurecerá nenhum, não condenará nenhum, contra a sua vontade.

RAMO QUINTO

"NOS LUGARES ALTOS", OU PELAS COISAS CELESTIAIS

Estes termos contêm o último ramo na descrição de nosso grande inimigo, que possuem em si alguma ambiguidade — o adjetivo sendo apenas expresso no original, *ta epourania* [as celestiais]. A frase sendo defectiva, nossos tradutores a leem "nos lugares altos" ou "celestiais", como se o apóstolo pretendesse expor a vantagem de lugar que este nosso inimigo, por estar acima de nós, tem sobre nós. De fato, a maioria dos intérpretes segue este caminho, contudo, alguns, tanto antigos quanto modernos, leem as palavras, não "nos lugares celestiais", mas "nas coisas celestiais", interpretando a mente do apóstolo para expor a matéria sobre a qual, ou o prêmio pelo qual, lutamos contra principados e potestades como sendo coisas celestiais; *ta epourania* [as celestiais], diz Ecumenius, é tanto quanto se o apóstolo tivesse dito: "Não lutamos por coisas pequenas e triviais, mas por celestiais", sim, pelo próprio céu, e nossa adoção, como ele continua. Da mesma forma Crisóstomo a conduz — nas coisas celestiais, isto é, pelas coisas celestiais de Deus; e, depois dele, Musculus, e outros escritores modernos. As razões que são dadas para esta interpretação são ponderosas.

Primeira Razão. A palavra, alhures indefinidamente estabelecida, é tomada por coisas, não lugares, Hb 8:5; não, observa-se esta palavra usada quase vinte vezes no Novo Testamento, e nunca para qualquer lugar aéreo, mas sempre para coisas verdadeiramente celestiais e espirituais. A palavra, de fato, significa propriamente supercelestial, e se aplicada a lugares, significaria onde o diabo nunca veio desde sua queda.

Segunda Razão. Não parece haver grande argumento para tornar Satanás formidável pelo fato de estar acima de nós em lugar. É alguma vantagem, de fato, para os homens, ganhar a colina, ou estar acima de seus inimigos em algum lugar de força, mas nenhuma vantagem para espíritos. Mas agora, tome-a por coisas, e então isso adiciona peso a todos os outros ramos da descrição. Lutamos contra principados, potestades e maldades espirituais, e contra todos eles, não por brinquedos e bagatelas como a terra oferece, que são inconsideráveis, seja para manter ou perder, mas por tais como o céu apresenta; tal inimigo e tal prêmio tornam isso uma questão de nosso maior cuidado como manejar o combate. Aberta a palavra, a nota será esta.

O Prêmio Pelo Qual Os Crentes Lutam É Celestial

DOCTRINA. O prêmio principal pelo qual lutamos contra Satanás é celestial. Ou assim, o desígnio principal de Satanás é estragar e saquear o cristão de tudo o que é celestial. De fato, tudo o que o cristão tem, ou deseja como cristão, é celestial. O mundo é extrínseco, tanto ao seu ser quanto à felicidade; é um estranho ao cristão, e não se intromete com sua alegria ou tristeza. Amontoa todas as riquezas e honras do mundo sobre um homem, elas não o tornarão um cristão; amontoa-as sobre um cristão, elas não o tornarão um cristão melhor. Novamente, tira-as todas — deixa que cada pássaro tenha sua pena — quando despido e nu, ele ainda será um cristão, e pode ser um cristão melhor. Foi um discurso notável de Erasmo, se dito seriamente, e sua perspicácia não fosse rápida demais para sua consciência — ele disse que desejava riqueza e honra não mais do que um cavalo fraco deseja um pesado alforje.

E penso que todo cristão em seu temperamento correto seria de sua opinião. Satanás faria pouco mal ao santo se ele voltasse suas forças apenas ou principalmente contra seus gozos exteriores. Ai de mim, o cristão não os valoriza, nem a si mesmo por eles; isso seria como se alguém pensasse em ferir um homem batendo em suas roupas quando ele as tirou. Na medida em que o Espírito de graça prevalece no coração de um santo, ele despojou-se do mundo no desejo por ele e na alegria nele, de modo que esses golpes não são muito sentidos; e, portanto, são seus tesouros celestiais o espólio que Satanás espera.

Primeiro. A natureza do cristão é celestial, nascida do alto. Como Cristo é o Senhor do céu, assim toda a sua descendência é celestial e santa. Ora, o desígnio de Satanás é rebaixar e desflorar isto; é a preciosa vida desta nova criatura que ele caça; ele perdeu aquela beleza de santidade que outrora brilhava tão gloriosamente em sua natureza angelical; e agora, como um verdadeiro apóstata, ele se esforça para arruinar em um cristão aquilo que ele mesmo perdeu. As sementes desta guerra são semeadas na natureza do cristão. Tu és santo. Isso ele não pode suportar. *Miles feri faciem* [Soldado, golpeia o rosto], foi o discurso de César, quando, para lutar com os cidadãos romanos, ele ordenou aos seus soldados: "Golpeiem seus rostos", estes cidadãos, disse ele, amam sua beleza; estrague isso e estrague tudo. A alma é a face sobre a qual a imagem de Deus é estampada, a santidade é a beleza desta face, que nos torna de fato semelhantes a Deus. Isso, Satanás sabe, Deus ama, e o santo é zeloso, e, portanto, ele trabalha para ferir e desfigurar isso, para que ele possa, de uma só vez, gloriar-se na vergonha do cristão e derramar desprezo sobre Deus ao quebrar sua imagem. E não vale a pena engajar membros e vida em batalha contra este inimigo, que nos roubaria aquilo que nos torna semelhantes ao

próprio Deus? Esqueceis os sangrentos artigos de paz que Naás ofereceu aos homens de Jabes-Gileade? nenhuma paz poderia ser tida, exceto se eles o deixassem arrancar seus olhos direitos, e lançar isso como um opróbrio sobre todo o Israel. Como isso foi recebido? Lê 1 Sm 11:6. A face não é tão deformada por ter perdido seu olho, quanto a alma que perde sua santidade, e nenhuma paz deve ser esperada das mãos de Satanás, exceto se ele puder nos privar disto. Parece-me que, ao pensamento disto, o Espírito do Senhor deveria vir sobre o cristão, e sua ira ser acesa muito mais contra este espírito maldito do que a de Saul e dos homens de Israel foi contra Naás.

Segundo. O comércio do cristão é celestial. A mercadoria pela qual ele negocia é o crescimento daquele país celestial. "A nossa cidade está nos céus", Fp 3:20. A conversa de todo homem é adequada ao seu chamado. Aquele cujo comércio jaz na terra preocupa-se com coisas terrenas, e aquele cujo comércio é celestial segue isso de perto. Todo homem preocupa-se com seus próprios negócios, diz-nos o apóstolo. Tu podes possivelmente encontrar um comerciante fora de sua loja de vez em quando, mas ele é como um peixe fora da água, nunca em seu elemento até que esteja em seu chamado novamente. Assim, quando o cristão está ocupado com o mundo, e o mundano com assuntos celestiais, ambos são homens fora de seu caminho, não corretamente cingidos, até que voltem ao seu emprego novamente. Ora, este comércio celestial é aquilo que Satanás trabalha de maneira especial para parar. Pudessem o cristão desfrutar apenas de um comércio livre com o céu por alguns anos sem moléstia, ele logo se tornaria um homem rico, rico demais, de fato, para a terra. Mas o que com perdas sofridas pelas mãos deste pirata Satanás, e também o mal que ele recebe pela traição de alguns, em seu próprio peito, que como servos infiéis mantêm

correspondência com este ladrão, ele é mantido baixo nesta vida, e muito de seus ganhos são perdidos. Ora, o comércio celestial do cristão jaz dentro de casa ou no exterior; ele não pode ser livre em nenhum dos dois, Satanás está em seus calcanhares em ambos.

1. Dentro de casa. Isto eu posso chamar de seu comércio doméstico, que é gasto em segredo, entre Deus e sua própria alma. Aqui o cristão conduz um comércio desconhecido; ele está no céu e volta para casa ricamente carregado em seus pensamentos e meditações celestiais antes que o mundo saiba onde ele esteve. Cada criatura que ele vê é um texto para seu coração levantar alguma matéria espiritual e observações. Cada sermão que ele ouve corta-lhe trabalho para compor e ampliar quando ele fica sozinho. Cada providência é como vento para suas velas, e faz seu coração mover-se em alguma ação celestial ou outra, adequada à ocasião. Num momento ele está envolto em alegria na consideração da misericórdia, noutro momento derretido em tristeza piedosa pelo senso de seus pecados; às vezes exaltando Deus em seus louvores, logo abusando de si mesmo diante de Deus por sua própria vileza. Num momento ele está no seio da aliança, ordenhando as consolações das promessas; noutro momento trabalhando seu coração para um santo temor e pavor das ameaças. Assim o cristão caminha nas alturas, enquanto o vil mundano lambe o pó abaixo. Uma dessas pérolas celestiais pelas quais o cristão negocia vale mais do que o mundano obtém com todo o seu suor e trabalho em toda a sua vida. Os pés do cristão estão onde estão as cabeças de outros homens. Ele pisa na lua, e está vestido com o sol; ele olha

para baixo para os homens terrenos — como alguém de uma colina alta faz para aqueles que vivem em algum pântano ou charneca — e vê-os enterrados em um nevoeiro de prazeres e lucros carnaís, enquanto ele respira em um ar celestial puro, mas contudo não tão alto a ponto de estar livre de todas as tempestades e tormentas. Quantas rajadas tristes ele tem do pecado e de Satanás por fora! O que significam essas tristes queixas e gemidos que vêm dos filhos de Deus — que seus corações são tão mortos e entorpecidos, seus pensamentos tão errantes e não fixos no dever, sim, muitas vezes tão perversos e imundos, que eles mal ousam dizer quais são, por medo de manchar seus próprios lábios e ofender os ouvidos dos outros ao nomeá-los? Certamente, o cristão acha em seu coração que quer e deseja poder meditar, orar, ouvir e viver de outra sorte que não esta, não é? sim, ousa ser seu fiador de que ele o faz. Mas enquanto houver um diabo que tenta, e continuarmos dentro de sua caminhada, será assim, mais ou menos. Tão rápido quanto trabalhamos para limpar a nascente de nossos corações, ele estará trabalhando para turvá-la ou pará-la novamente; de modo que temos duas obras a fazer ao mesmo tempo, realizar um dever e vigiar aquele que se nos opõe — colher de pedreiro e espada ambos em nossas mãos. Eles precisariam trabalhar muito duro, de fato, que têm outros continuamente se esforçando para derrubar, enquanto eles estão trabalhando para erguer o edifício.

2. No exterior. Aquela parte do comércio do cristão que jaz no exterior é celestial também. Pega um cristão em suas relações, chamado, vizinhança; ele é um

comerciante celestial em tudo. O grande negócio de sua vida é fazer ou receber algum bem. Aquela companhia não é para ele, que não dará nem tomará isto. O que deveria ser um comerciante, onde não há compra ou venda? Todo mundo trabalha, conforme seu chamado, para sentar-se onde o comércio é mais rápido, e ele é mais provável de ter mais ganhos. O cristão, onde ele pode escolher, toma tais em relações próximas a si mesmo, marido, esposa, servos, como possam combinar com seu comércio celestial, e não tais como serão um obstáculo para ele. Ele se aproxima dos mais santos como seus conhecidos mais queridos; se houver um santo na cidade onde ele vive, ele o encontrará, e este será o homem com quem ele conviverá. E em sua conversa com estes e todos os outros, seu trabalho principal é para o céu; seu princípio celestial interior inclina-o a isso. Ora, isto alarma o inferno. O quê! não contente em ir para o céu ele mesmo, mas por seu santo exemplo, discursos graciosos, doces conselhos, repreensões oportunas, ele irá negociar com outros, e trabalhar para levá-los junto com ele também? Isto traz o leão feroz e louco para fora de sua cova. Tais, com certeza, encontrarão o diabo em seu caminho para opor-se a eles. Eu teria vindo, diz Paulo, mas Satanás impediu-me. Aquele que quer reivindicar Deus, e deixar aparecer pelo teor de sua conversa que ele negocia para ele, terá inimigos suficientes, se o diabo puder ajudá-lo com tais.

Terceiro. As esperanças do cristão são todas celestiais; ele não aposta em nada que o mundo tenha para lhe dar. De fato, ele se consideraria o mais miserável dos homens, se aqui fosse tudo o que ele pudesse fazer de sua religião. Não, é o céu e a

vida eterna que ele espera; e embora ele seja tão pobre a ponto de não poder fazer um testamento de um centavo, contudo ele se considera um herdeiro maior do que se fosse filho do maior príncipe da terra. Esta herança ele vê pela fé, e pode se regozijar na esperança da glória que ela lhe trará. A mascarada e glória enganosa dos grandes deste mundo não o move a invejar sua pompa fantasiosa; mas quando no monte de lixo ele mesmo, ele pode esquecer suas próprias tristezas presentes, para ter pena deles em toda a sua bravura, sabendo que dentro de alguns dias a cruz estará fora de suas costas, e as coroas fora de suas cabeças juntas — sua porção estará gasta, quando ele estiver para receber toda a sua. Estas coisas o entretêm com tanta alegria que não permitirão que ele se reconheça miserável, quando outros pensam dele, e o diabo lhe diz, que ele o é. Isto, isto atormenta a própria alma do diabo, ver o cristão sob velas para o céu, cheio da doce esperança de seu entretenimento alegre quando ele chega lá; e, portanto, ele levanta as tempestades e tormentas que pode, seja para impedir sua chegada naquele porto abençoado — o que ele mais deseja, e não desespero totalmente — ou pelo menos para torná-la uma viagem de inverno problemática, tal como a de Paulo, na qual eles sofreram tanta perda. E isto de fato, muito frequentemente ele obtém em tal grau que, por suas violentas e impetuosas tentações, batendo longamente sobre o cristão, ele o faz jogar fora muita carga preciosa de suas alegrias e confortos; sim, às vezes ele traz a alma através do estresse da tentação a pensar em deixar o navio, enquanto pelo presente toda a esperança de ser salvo parece ser tirada. Assim vedes pelo que lutamos contra demônios. Chegamos à...

Uso Ou Aplicação. Uma Palavra De Reprovação A Quatro Tipos De Pessoas.

USO PRIMEIRO. Esta é uma palavra de reprovação a quatro tipos de pessoas.

1. Classe. É uma palavra de reprovação àqueles que estão tão longe de lutar contra Satanás por este prêmio celestial, que resistem à oferta dele. Em vez de tomar o céu pela força, eles o mantêm afastado pela força. Por quanto tempo o Senhor tem clamado em nossas ruas: "Arrependei-vos, pois o reino dos céus é chegado"? por quanto tempo ofertas do evangelho ecoaram em nossos ouvidos? e contudo, até hoje, muitas almas enganadas pelo diabo dirigem furiosamente em direção ao inferno, e não querem ser persuadidas a voltar — que recusam ser chamados de filhos de Deus, e escolhem antes a escravidão do diabo do que a gloriosa liberdade com a qual Cristo os libertaria; estimando os prazeres do pecado por uma estação como tesouros maiores do que as riquezas do céu. Conta-se de Catão, que era amargo inimigo de César, que quando viu César prevalecer, em vez de cair em sua mão e sujeitar-se à sua misericórdia, ele impôs mãos violentas sobre si mesmo, o que César, ouvindo, rompeu apaixonadamente nestas palavras: "Ó Catão, por que me invejaste a honra de salvar tua vida?". E não caminham muitos como se invejassem a Cristo a honra de salvar suas almas? Que outra conta podeis dar, pecadores, de rejeitar sua graça? Não são o céu e a felicidade coisas desejáveis, e a ser preferidas antes do pecado e da miséria? Por que então não os abraçais? Ou são eles piores porque vêm nadando até vós no sangue de Cristo? Ó, quão mal Cristo deve levar o fato de ser assim usado, quando ele vem em tal embaixada graciosa! Pode ele não dizer a ti, como uma vez disse àqueles oficiais enviados para prendê-lo: "Saístes com espadas e varapaus, como para prender um salteador?" [Lc 22:52]. Se ele for um salteador, é apenas nisto, que ele gostaria de roubar teus pecados de ti, e

deixar o céu no lugar. Ó, pelo amor de Deus, pensa no que fazes; é a vida eterna que tu pões longe de ti, ao fazeres o que, tu te julgas indigno dela, At 13:46.

2. *Classe.* Reprova aqueles que são instrumentos de Satanás para roubar almas do que é celestial. Entre ladrões há alguns que chamais de "apontadores", que inquiriam onde um saque pode ser obtido; o qual, quando encontraram, e sabem que tal pessoa viaja com carga consigo, então empregam algum outro para roubá-lo, e eles mesmos não são vistos no negócio. O diabo é o grande apontador; ele observa o cristão como ele caminha — que lugar e companhia ele frequenta, que graça ou tesouro celestial ele carrega em seu peito — o que, quando ele fez, ele tem seus instrumentos para o propósito de executar seu desígnio. Assim, ele considerou as admiráveis graças de Jó, e arquitetou como poderia melhor roubá-lo de seu tesouro celestial. E quem senão sua esposa e amigos deveriam fazer isso por ele? — bem sabendo que seu conto receberia crédito de suas bocas. Ó, amigos, perguntai às vossas consciências se não fizestes ao diabo algum serviço deste tipo em vossos dias. Possivelmente tens um filho ou servo que outrora olhou para o céu, mas tua repreensão severa os assustou de volta, e agora, pode ser, eles são tão carnis quanto tu gostarias que fossem. Ou possivelmente tua esposa, antes de conhecer-te, era cheia de vida nos caminhos de Deus, mas desde que ela foi transplantada para teu solo frio, o que por teus discursos espumosos e conversa insípida, na melhor das hipóteses tua mundanidade e formalidade, ela está agora tanto decaída em suas graças quanto uma perdedora em seus confortos. Ó, homem, que acusação será trazida contra ti por isso no tribunal de Deus? Tu te sairias melhor se fosse por roubar alguém de seu dinheiro e joias, do que de sua graça e confortos.

3. *Classe*. Reprova a negligência lamentável que a maioria mostra em labutar por este prêmio celestial. Nenhum, senão ficaria contente que suas almas pudessem ser salvas no final; mas onde está o homem ou mulher que faz isso aparecer por seu esforço vigoroso que significam seriamente? Que preparação bélica fazem eles contra Satanás, que jaz entre eles e o lar? onde estão suas armas? onde sua habilidade para usá-las, sua resolução para manter-se nelas, e cuidado consciencioso para exercitarem-se diariamente no uso delas? Ai de mim, esta é uma raridade, de fato, não encontrada em cada casa onde a profissão da religião está pendurada na porta. Se querer e desejar os trazer para o céu, então eles podem vir para lá; mas quanto a este lutar e batalhar, este tornar a religião nosso negócio, eles estão tão longe destes quanto no final eles estão propensos a estar do céu. Eles são da mente dele em Túlio, que em um dia de verão, enquanto jazia relaxando-se na grama, diria: "Ó, se isto fosse para trabalhar!", que eu pudesse ficar aqui e fazer meu trabalho do dia. Assim, muitos derretem e desperdiçam suas vidas na preguiça, e dizem em seus corações: "Ó, se este fosse o caminho para o céu!", mas não usarão meios para munir-se de graça para tal empreendimento. Li de um grande príncipe na Alemanha, invadido por um inimigo mais potente do que ele mesmo, contudo, de seus amigos e aliados, que afluíram para sua ajuda, ele logo teve um exército formidável, mas não tinha dinheiro, como ele disse, para pagá-los; mas a verdade é que ele estava relutante em separar-se dele, pelo que alguns em descontentamento foram embora, outros não atenderam vigorosamente aos seus negócios, e assim ele foi logo derrotado fora de seu reino, e seus cofres, quando seu palácio foi saqueado, foram encontrados cheios de tesouros. Assim ele foi arruinado, como alguns doentes morrem porque relutantes em ter custo para pagar o médico. Adicionará à miséria das almas condenadas,

quando elas tiverem lazer suficiente para considerar o que perderam ao perder Deus, lembrar que meios, ofertas e talentos tiveram outrora para a obtenção da vida eterna, mas não tiveram um coração para usá-los.

4. *Classe.* Reprova aqueles que fazem uma grande agitação e barulho na religião, que são avançados na profissão — muito ocupados para intrometer-se com os deveres mais estritos, como se o céu tivesse monopolizado seus corações inteiros; mas como a águia, quando eles se elevam mais alto, sua presa está abaixo, onde seu olho também está. Tal geração sempre houve e haverá — que se mistura com os santos de Deus — que pretendem o céu, e têm sua vestimenta exterior voltada e franjada, por assim dizer, com discursos e deveres celestiais, enquanto seus corações são forrados com hipocrisia — por meio do que eles enganam os outros, mas, acima de tudo, a si mesmos. Tais podem ser os santos do mundo, mas são demônios na conta de Cristo. "Não vos escolhi eu os doze, e um de vós é um diabo?" E verdadeiramente, de todos os demônios, nenhum tão mau quanto o diabo professante, o diabo pregador, o diabo que ora. Ó, senhores, sejam de coração sincero. A religião é tão terna quanto vosso olho, ela não será objeto de brincadeira. Lembrai-vos da vingança que caiu sobre Belsazar, enquanto ele bebia nas taças do santuário. A religião e os deveres dela são coisas consagradas, não feitas para tu beberes tuas luxúrias nelas. Deus apareceu notavelmente em descobrir e confundir aqueles que prostituíram coisas sagradas para fins mundanos. Jezabel jejua e ora, para melhor devorar a vinha de Nabote, mas foi devorada por ela. Absalão estava tão doente até ter violado a coroa de seu pai, como seu irmão Amnon, até ter feito o mesmo à sua irmã, e para esconder sua traição ele veste uma capa religiosa, e portanto pede licença para ir e pagar seu voto em Hebron, quando ele

tinha outro jogo em perseguição; e não caiu ele pela mão de sua hipocrisia? De todos os homens, seu julgamento é endossado com mais velocidade, aqueles que prateiam empreendimentos mundanos ou perversos com aparências celestiais. Desta gangue eram aqueles concernentes aos quais o apóstolo diz: "a sua condenação não dormita", 2 Pe 2:3; e aqueles a quem Deus diz: "Eu, o Senhor, responderei por mim mesmo, e porei o meu rosto contra esse homem, e o farei por um sinal e por um provérbio, e cortá-lo-ei do meio do meu povo; e sabereis que eu sou o Senhor", Ez 14:7,8.

COMO O CRISTÃO PODERIA SABER SE O CÉU É O PRÊMIO QUE ELE PRINCIPALMENTE DESEJA

USO SEGUNDO. Experimenta se são coisas celestiais ou terrenas que tu principalmente persegues. Certamente, amigos, não precisamos ser tão ignorantes dos negócios e estado de nossas almas, tivéssemos nós conversado mais frequentemente com nossos pensamentos, e observado os assombros de nossos corações. Logo podemos dizer qual prato agrada melhor ao nosso paladar; e não podeis vós dizer se o céu ou a terra é a carne mais saborosa para vossas almas? E se deveríeis perguntar como poderíeis saber se o céu é o prêmio que principalmente desejais, eu vos colocaria apenas nesta dupla prova.

1. Prova. És uniforme em tua perseguição? Tu contendes pelo céu, e por aquilo que leva ao céu também? As coisas terrenas Deus se compraz em vender no varejo — todas têm algumas, ninguém tem todas; mas no tesouro celestial ele não

quebrará toda a peça, e a cortará em remanescentes. Se tu quiseses ter o céu, tu deves ter Cristo; se Cristo, tu deves gostar de seu serviço assim como de seu sacrifício. Sem santidade, sem felicidade. Se Deus cortasse tanto quanto serviria aos turnos dos homens, ele poderia ter clientes suficientes. Balaão mesmo gosta de uma extremidade da peça, ele morreria "a morte dos justos", embora vivendo como o mago que ele era. Não, Deus não negociará com tais mercadores ambulantes; aquele homem sozinho é para Deus, e Deus para ele, que virá prontamente à oferta de Deus, e tomará tudo de suas mãos. Alguém compara apropriadamente a santidade e a felicidade àquelas duas irmãs, Lia e Raquel. A felicidade, como Raquel, parece a mais justa — mesmo um coração carnal pode apaixonar-se por isso; mas a santidade, como Lia, é a mais velha e bela também, embora nesta vida ela apareça com alguma desvantagem — seus olhos estando lacrimejantes com lágrimas de arrependimento, e seu rosto sulcado com as obras de mortificação; mas esta é a lei daquele país celestial, que a irmã mais nova não deve ser dada antes da mais velha. Não podemos desfrutar da justa Raquel — o céu e a felicidade, exceto se primeiro abraçarmos a Lia de olhos ternos — a santidade, com todos seus deveres severos de arrependimento e mortificação. Ora, senhores, como gostais deste método? Estás tu contente em casar-te com Cristo e sua graça; e então — servindo um difícil aprendizado nas tentações tanto da prosperidade quanto da adversidade — suportando o calor de uma e o frio da outra — esperar até que, finalmente, a outra seja dada em teu seio?

2. *Prova.* Se, de fato, o céu e as coisas celestiais são o prêmio pelo qual lutas, tu descobrirás um comportamento celestial do coração, mesmo nas coisas terrenas. Onde quer que encontres um cristão, ele está indo para o céu. O céu está no

fundo de suas ações mais baixas. Ora, observa teu coração em três particularidades, ao obter, ao usar, e ao manter coisas terrenas, se é de uma maneira celestial.

(1.) Particular. [Observa teu coração] ao obter coisas terrenas. Se o céu é teu prêmio principal, então tu serás governado por uma lei celestial na colheita destas. Pega um miserável carnal, e o que seu coração almeja, ele terá, mesmo que seja por meios tortos. Uma mentira serve à boca de Geazi bem o suficiente, para que ele possa encher seus bolsos com ela. Jezabel ousa zombar de Deus, e assassinar um homem inocente, por um acre ou dois de terra. Absalão, "pelo amor de governar", o que ele não fará? A cerca de Deus é baixa demais para manter um coração sem graça dentro dos limites, quando o jogo está diante dele; mas uma alma que tem o céu em seu olho é governada pela lei do céu, e não ousa dar um passo fora da estrada do céu para apanhar uma coroa, como vemos no comportamento de Davi para com Saul. De fato, ao assim fazer, ele se cruzaria em seu próprio grande desígnio, que é a glória de Deus e a felicidade de sua própria alma em desfrutá-lo. Nestes mesmos termos os servos de Deus recusaram ser ricos e grandes no mundo, quando ou um ou outro estava em jogo. Moisés jogou seu preferimento na corte aos seus calcanhares, recusando "ser chamado filho da filha de Faraó". Abraão zombou de ser feito rico pelo rei de Sodoma, Gn 14:23, para que pudesse evitar a suspeita de cobiça e busca por si mesmo; não será dito outro dia que ele veio para enriquecer-se com o despojo, mais do que para resgatar seus parentes. Neemias não tomaria o imposto e tributo para manter seu estado, quando sabia que eles eram um povo pobre e descascado, "por causa do temor do Senhor". Tu caminhas por esta regra? colherias tu não mais patrimônio ou

honra do que pudesses ter com a licença de Deus, e que ficará com tuas esperanças de céu?

(2.) Particular. [Observa teu coração] ao usar coisas terrenas. Tu descobres um espírito celestial ao usar estas coisas?

(a) O santo melhora suas coisas terrenas para um fim celestial. Onde depositas teu tesouro? tu o doas para teu ventre voluptuoso, teus falcões e teus cães, ou tu o trancas no seio dos pobres membros de Cristo? que uso fazes de tua honra e grandeza, para fortalecer as mãos dos piedosos ou dos iníquos? E assim de todos os teus outros gozos temporais — um coração gracioso melhora-os para Deus. Quando um santo ora por estas coisas, ele tem um olho para algum fim celestial. Se Davi ora pela vida, não é para que ele possa viver, mas viver e louvar a Deus, Sl 119:175. Quando ele foi expulso de seu trono real pelas armas rebeldes de Absalão, vê qual era seu desejo e esperança: "Disse o rei a Zadoque: Torna a levar a arca de Deus para a cidade; se eu achar graça aos olhos do Senhor, ele me fará voltar, e mo fará ver, assim como a ela e à sua habitação", 2 Sm 15:25. Nota, não "mostra-me minha coroa, meu palácio", mas "a arca, a casa de Deus".

(b) Um coração gracioso persegue as coisas terrenas com uma santa indiferença, guardando a violência e zelo de seu espírito para as coisas do céu. Ele usa as primeiras como se não as usasse — com uma espécie de não atenção; sua cabeça e seu coração estão ocupados com assuntos mais elevados, como ele pode agradar a Deus, prosperar em sua graça, desfrutar de comunhão mais íntima com Cristo em suas ordenanças; em tudo isto ele abre todas as suas velas, aplica todos os seus remos, estira cada parte e poder. Assim, encontramos Davi em sua velocidade total: "A minha alma se apega a ti" [Sl 63:8]. E,

diante da arca, encontramos-lo dançando com toda a sua força. Ora, um coração carnal é limpo ao contrário, seu zelo é pelo mundo, e sua indiferença nas coisas de Deus; ele ora como se não orasse, etc., ele sua em sua loja, mas esfria e cresce frio em seu armário. Ó, quão difícil é puxá-lo para um dever de adoração a Deus, ou tirá-lo para uma ordenança? Nenhum tempo o manterá do mercado; [deixe] chover, soprar ou nevar, ele vai lá; mas se o caminho da igreja estiver um pouco molhado, ou o ar um pouco frio, é desculpa suficiente para ele se seu banco estiver vazio. Quando ele está sobre qualquer negócio mundano, ele é tão sincero nisso quanto o ferreiro idólatra ao martelar sua imagem, que, diz o profeta, "trabalha-a com a força dos seus braços; tem fome, e a sua força lhe falta; não bebe água, e cansa-se" [Is 44:12]. Tão zeloso é o verme do lodo em seus empregos mundanos, que ele apertará sua carcaça, e negará a si mesmo sua refeição na estação devida, para perseguir isso. A cozinha lá esperará pela loja; mas na adoração a Deus, é suficiente para deixá-lo doente do sermão, e zangado com o pregador, se ele for mantido além de sua hora. Aqui o sermão deve dar lugar à cozinha. Assim o homem para seus prazeres e passatempos carnavais; ele não conta o relógio em seus esportes, e não sabe como o dia vai; quando a noite vem ele fica zangado que ela o tira disso. Mas em qualquer obra celestial, ó, como o homem é punido! o tempo agora tem saltos de chumbo, ele pensa. Tudo o que ele faz em um sermão é dizer o relógio, e ver como a ampulheta corre. Se os homens não estivessem dispostos a enganar a si mesmos, certamente poderiam saber qual caminho seu coração segue, pelo movimento rápido, ou pelo puxão difícil, e ritmo lento que se agita, assim como eles sabem em um barco, se eles remam contra a maré, ou com ela.

(c) O cristão usa estas coisas com um santo temor, para que a terra não roube o céu, e seus gozos exteriores prejudiquem seu interesse celestial. Ele come com temor, trabalha com temor, regozija-se em sua abundância com temor. Como Jó santificava seus filhos oferecendo um sacrifício, por medo de que tivessem pecado; assim o cristão está continuamente santificando seus gozos terrenos pela oração, para que assim ele possa ser livrado do laço deles.

(3.) Particular. [Observa teu coração] ao manter coisas terrenas. A mesma lei celestial, que o cristão seguiu ao obter, ele observa ao manter, elas. Como ele não ousa dizer que será rico e honrado no mundo, mas se Deus quiser; assim tampouco que ele manterá o que ele tem. Ele apenas os mantém, até que seu Pai celestial chame por eles, que primeiro os deu. Se Deus os continuar a ele, e os legar à sua posteridade também, ele bendiz a Deus; e assim ele deseja fazer também quando ele os tira. De fato, o significado de Deus nas grandes coisas do mundo, que às vezes ele lança sobre os santos, é principalmente dar-lhes a maior vantagem de expressar seu amor a ele, em negá-las por sua causa. Deus nunca pretendeu por aquela estranha providência, ao trazer Moisés para a corte de Faraó, estabelecê-lo lá em pompa e grandeza mundana. Um coração carnal, de fato, teria exposto a providência, e interpretado como uma ocasião justa colocada em suas mãos por Deus, para ter-se adiantado ao trono — que alguns dizem que ele poderia com o tempo ter feito — mas como uma oportunidade de tornar sua fé e abnegação mais eminentemente conspícuas, ao jogar tudo isto a seus calcanhares, pelo que ele tem uma lembrança tão honrosa entre os valentes do Senhor, Hb 11:24,25. E verdadeiramente uma alma graciosa calcula que não pode fazer tanto de seus interesses mundanos de qualquer outra maneira, como

oferecendo-os por amor a Cristo. Contudo aquele traidor pensou que o unguento de Maria poderia ter sido levado a um mercado melhor, contudo não há dúvida de que aquela boa mulher estava apenas preocupada por não ter um mais precioso para derramar sobre a cabeça de seu caro Salvador. Isto faz o cristão sempre manter a faca de sacrifício na garganta de seus gozos mundanos, pronto para oferecê-los quando Deus chamar. Ao mar eles irão, antes de arriscar um naufrágio à fé ou a uma boa consciência; ele buscou-os em último lugar, e, portanto, ele partirá com eles no primeiro. Nabote arriscará a ira do rei — que no final custou-lhe a vida — antes de vender um acre ou dois de terra que era seu direito de primogenitura. O cristão exporá tudo o que ele tem neste mundo para preservar suas esperanças para outro. Jacó, em sua marcha em direção a Esaú, enviou seus servos com seus rebanhos na frente, e veio ele mesmo com suas mulheres atrás; se ele puder salvar algo da fúria de seu irmão, será o que ele ama melhor: se o cristão puder salvar algo, será sua alma, seu interesse em Cristo e no céu, e então não importa se o resto for, mesmo então ele pode dizer, não como Esaú a Jacó, "eu tenho muito", mas como Jacó a ele, "eu tenho tudo", tudo o que quero, tudo o que desejo, Gn 33:9,11; como Davi expressa: "Esta é toda a minha salvação e todo o meu desejo", 2 Sm 23:5. Ora, tenta se teu coração está sintonizado com esta nota: O céu dá lei aos teus gozos terrenos? — não manterias tua honra, patrimônio, não, nem a própria vida, para prejudicar tua natureza celestial e esperanças? Qual tu escolherias, se não pudesses manter ambos — uma pele inteira ou uma consciência sã? Foi uma resposta estranha, se verdadeira, a que o historiador diz que Henrique V deu a seu pai, que havia usurpado a coroa, e agora morrendo, mandou chamar seu filho, a quem ele disse: "Belo filho, toma a coroa (que estava em seu travesseiro perto de sua cabeça), mas Deus sabe como eu a consegui". Ele respondeu: "Não me

importa como você a conseguiu; agora que a tenho, eu a mantereí enquanto minha espada puder defendê-la". Aquele que mantém a terra por erro, não pode esperar o céu por direito.

Uma exortação à busca do céu e das coisas celestiais.

USO TERCEIRO. O céu e tudo o que é celestial é o que Satanás busca nos impedir? Que isto nos provoque a contender mais fervorosamente por eles. Tivéssemos nós que lidar com um inimigo que viesse apenas para nos saquear de bagatelas terrenas, se honras, patrimônios e o que este mundo nos oferece saciassem seu estômago; poderia sofrer um debate, em uma alma que tem esperanças de céu, se valeria a pena lutar para manter esta madeira; mas Cristo e o céu, certamente, são preciosos demais para partir com eles em quaisquer termos. "Pede também o reino para ele", disse Salomão a Bate-Seba, quando ela pediu Abisague para Adonias. O que o diabo pode te deixar que valha a pena, se ele te privar destes? e contudo, confesso, ouvi falar de um que desejava que Deus o deixasse sozinho, e não o tirasse do que ele tinha aqui. Vile bruto! a voz de um porco e não de um homem, que pudesse escolher chafurdar na sujeira e imundície de seus prazeres carnisais, e desejar para si para sempre ser fechado com sua lavagem no chiqueiro deste mundo de estrume, em vez de deixar estes, para habitar no palácio do céu, e ser admitido a prazeres não menos que o que Deus mesmo com seus santos desfrutava. Seria até justo se Deus desse a tais brutos como estes uma cara de porco aos seus corações suínos; mas ai de mim! quantos então encontraríamos que teriam o semblante de um homem? a maior parte do mundo — mesmo todos os que são carnisais e mundanos — sendo da mesma mente, embora não tão impudente, como aquele miserável, de falar o que pensam. As

vidas dos homens dizem claramente o suficiente que eles dizem em seus corações, é bom estar aqui — que eles desejam que pudessem construir tabernáculos na terra por todas as mansões que estão preparadas no céu. "A transgressão do ímpio", diz o coração de Davi, "o medo de Deus não está perante os seus olhos", Sl 36:1; e não pode a mundanidade de um verme do lodo dizer no coração de qualquer homem racional, que o céu e as excelências celestiais não estão perante seus olhos ou pensamentos? Ó, que profundo silêncio há sobre estes nas conversas dos homens! O céu é um tal estranho para a maioria, que muito poucos são ouvidos a indagar o caminho para lá, ou tanto quanto fazer a pergunta seriamente: "Que devo fazer para ser salvo?". A maioria não expressa mais desejos de obter o céu, do que aquelas almas benditas agora no céu expressam de vir novamente habitar na terra. Ai de mim! suas cabeças estão cheias de outros projetos; eles estão, como Israel, espalhados sobre a face da terra para colher palha, ou ocupados em colher aquela palha que eles colheram, trabalhando para obter o mundo, ou deleitando-se com o que obtiveram. De modo que não é mais do que necessário usar alguns argumentos para chamar os homens do mundo para a busca do céu, e do que é celestial.

Primeiro Argumento. Quanto às coisas terrenas, não é necessário que as tenhas. Necessário é aquilo que não pode ser suprido *per vicarium* [por meio de um substituto] — com algo além de si mesmo. Ora, não há tal gozo terreno que não possa ser assim suprido, de modo a tornar seu lugar mais desejável do que sua companhia. No céu haverá luz e não sol, um rico banquete e contudo não carne; mantos gloriosos e contudo não roupas, não faltará nada, e contudo nada desta glória mundana será encontrado lá. Sim, mesmo enquanto estamos aqui, estas podem

ser recompensadas; tu podes estar sob enfermidades do corpo, e contudo melhor do que se tivesses saúde. "O morador não dirá: 'Estou doente'; ao povo que habita nele, perdoar-se-á a sua iniquidade" (Is 33:24). Tu podes perder a honra mundana, e obter, com aqueles valentes de Cristo (Hb 11), um bom relatório pela fé, e esse é um nome que é melhor do que o dos grandes da terra; tu podes ser pobre no mundo, e contudo rico em graça, e "a piedade com contentamento é grande lucro"; em uma palavra, se tu partires com tua vida temporal, e encontrases uma eterna, o que perdes com a mudança? Mas o céu e as coisas celestiais são tais que não podem ser recompensados com nenhum outro. Tu tens uma alma celestial em teu peito; perde isso, e onde podes ter outra? Há apenas um céu; perde isso, e onde podes te alojar senão no inferno? Um Cristo que pode te levar para lá; rejeita-o, e "já não resta mais sacrifício pelos pecados" (Hb 10:26). Ó, que os homens pensassem nessas coisas. Vai, pecador, ao mundo, e vê o que ele pode te oferecer em lugar dessas coisas. Talvez ele se ofereça para te entreter com seus prazeres e deleites. Ó, pobre recompensa pela perda de Cristo e do céu! É só isso que podes conseguir? Satanás te rouba o céu e a felicidade, e apenas te dá um ramalhete para cheirar enquanto vais para a tua execução? Isso apagará o fogo do inferno, ou ao menos esfriará aquelas chamas nas quais estás caindo? Quem, senão aqueles que arruinaram seus entendimentos, tomaria esses brinquedos e novos nada por Cristo e pelo céu? Enquanto Satanás está agradando tuas fantasias com esses chocalhos e balbucios, sua mão está em teu tesouro, roubando-te aquilo que é unicamente necessário. É mais necessário ser salvo do que ser; melhor não ser, do que ter um ser no inferno.

Segundo Argumento. As coisas terrenas são tais que é uma grande incerteza se, com todo o nosso trabalho, podemos

tê-las ou não. O mundo, embora com tantos milhares de anos de idade, não ensinou ao comerciante tal método de negociação, como o qual ele possa concluir infalivelmente que obterá finalmente um patrimônio por seu comércio, nem ao cortesão tais regras de comportar-se ao humor de seu príncipe de modo a assegurar-lhe que ele ascenderá. São poucos os que levam o prêmio na loteria do mundo; o maior número tem apenas seu trabalho por suas dores, e uma lembrança dolorosa deixada a eles de sua gritante tolice, por serem conduzidos em tal busca insensata atrás daquilo que os enganou no final. Mas agora, quanto ao céu e às coisas do céu, há uma regra tão clara e certa estabelecida que, se apenas tomarmos o conselho da Palavra, não podemos nem errar o caminho, nem, nesse caminho, fracassar do fim. "E a todos quantos andarem conforme esta regra, paz e misericórdia sobre eles e sobre o Israel de Deus" (Gl 6:16). Há alguns, de fato, que correm, e contudo não obtêm este prêmio; que buscam, e não encontram; que batem, e encontram a porta fechada sobre eles; mas é porque o fazem ou não da maneira certa, ou não na estação certa.

Alguns queriam o céu, mas se Deus os salvar, ele deve salvar seus pecados também, pois eles não pretendem separar-se deles; e como o céu pode manter Deus e tal companhia juntos, julga tu. À medida que entram por uma porta, Cristo e todos aqueles santos espíritos com ele correriam pela outra. Miseráveis ingratos, que não querem vir a este banquete glorioso, a menos que possam trazer consigo aquilo que perturbaria a alegria daquele estado bem-aventurado, e ofenderia todos os convidados que se sentam à mesa com eles, sim, expulsaria Deus de sua própria mansão.

Um segundo tipo quereria o céu, mas — como aquele em Rute, cap. 4:2-4, que tinha desejo pela terra de seu parente

Elimeleque, e teria pago pela compra, mas não gostou de tê-la por casar-se com Rute, e assim perdeu-a — alguns parecem muito ansiosos para ter o céu e a salvação, se sua própria justiça pudesse obtê-los — todo o bem que fazem, e deveres que realizam, depositam para esta compra — mas no final perecem, porque não se unem a Cristo, e não tomam o céu por seu direito.

Um terceiro tipo está contente em tê-lo por Cristo, mas seus desejos são tão impotentes e apáticos, que não os colocam em uso vigoroso de meios para obtê-lo; e assim, como o preguiçoso, eles morrem de fome, porque não querem tirar as mãos de seu peito de preguiça para alcançar seu alimento que está diante deles. Para o mundo, eles têm coragem suficiente, e demais; eles caminham longe e perto por isso, e quando correram até perder o fôlego, podem parar e "ofegar pelo pó da terra", como o profeta expressa, Am 2:7. Mas por Cristo e obter interesse nele, ó, quão frios eles são! Há uma espécie de câibra que invade todos os poderes de suas almas, quando deveriam orar, ouvir, examinar seus corações, extrair suas afeições em fomes e sedes por sua graça e Espírito. É estranho ver como eles [que] ainda agora iam a todo vapor para o mundo, são subitamente acalmados — nem um sopro de vento mexendo-se para qualquer propósito em suas almas atrás dessas coisas — e é alguma maravilha que Cristo e o céu devam ser negados a eles, que não têm mais mente para eles?

Finalmente. Alguns têm zelo suficiente para ter Cristo e o céu, mas é quando o Senhor da casa levantou-se, e fechou a porta, e verdadeiramente então eles podem bater tempo suficiente, antes que alguém venha deixá-los entrar. Não há evangelho pregado em outro mundo. Mas quanto a ti, alma pobre, que estás persuadida a renunciar tuas luxúrias, a jogar fora a presunção de tua própria justiça, para que possas correr

com mais velocidade para Cristo, e estás tão possuída pela excelência de Cristo, tua própria necessidade presente dele, e [da] salvação por ele, que tu ofegas por ele mais do que [pela] própria vida, em nome de Deus, vai e progride, sê de bom conforto; ele te chama pelo nome para vires a ele, para que possas ter descanso para tua alma. Há um ofício na Palavra onde tu podes ter tua alma e sua felicidade eterna seguradas para ti. Aqueles que vêm a ele, como ele mesmo de maneira alguma lançará fora, assim [ele não] permitirá que nenhum outro os arranque. "Hoje", diz Cristo a Zaqueu, "veio a salvação a esta casa" (Lc 19:9). A salvação vem a ti, alma pobre, que abres teu coração para receber Cristo; tu tens a vida eterna já, tão certa como se fosses um santo glorificado agora andando naquela cidade celestial. Ó, senhores, se houvesse um comércio livre proclamado para as Índias, ouro suficiente para todos os que fossem, e uma certeza de fazer uma viagem segura, quem ficaria em casa? Mas aí de mim, isto nunca pode ser tido. Tudo isto, e infinitamente mais, pode ser dito pelo céu; e contudo, quão poucos deixam suas incertas esperanças do mundo para negociar por ele? Que conta pode ser dada para isto, senão o ateísmo desesperado dos corações dos homens? Eles não estão ainda totalmente persuadidos se a Escritura fala a verdade ou não; se podem confiar na descoberta que Deus faz em sua Palavra desta terra recém-encontrada, e aquelas minas de tesouro espiritual lá para serem tidas, como certas. Deus abra os olhos do mundo incrédulo, como ele fez os dos servos do profeta, para que possam ver estas coisas em nossos corações. Pela fé Moisés viu aquele que era invisível.

Terceiro Argumento. As coisas terrenas, quando as temos, não temos certeza delas. Como pássaros, saltam para cima e para baixo, agora neste arbusto, e logo naquele; ninguém

pode chamá-las de suas próprias. [Podemos ser] ricos hoje, e pobres amanhã; em saúde quando nos deitamos, e presos com dores da morte antes da meia-noite; pais alegres, num momento consolando-nos com as esperanças de nossa posteridade brotante, e pode ser, antes de muito tempo, um dos mensageiros de Jó bate à nossa porta para nos dizer que estão todos mortos; agora em honra, mas quem sabe se não viveremos para ver isso enterrado em escárnio e opróbrio? A Escritura compara a multidão de pessoas a águas — os grandes do mundo sentam-se sobre estas águas. Como o navio flutua sobre as ondas, assim suas honras flutuam sobre o sopro e favor da multidão; e quão longo ele está propenso a sentar-se, aquele que é carregado sobre uma onda? Num momento eles são montados até o céu, como Davi fala do navio, e então caem novamente nas profundezas. "Nós temos dez partes no rei", dizem os homens de Israel, 2 Sm 19:43; e no versículo imediatamente seguinte, Seba apenas toca uma trombeta de sedição, dizendo: "Não temos parte em Davi, nem temos herança no filho de Jessé"; e o vento está em outro canto imediatamente, pois é dito: "Todo homem de Israel subiu de trás de Davi, e seguiu Seba". Assim foi Davi clamado para cima e para baixo, e isso quase no mesmo fôlego. Infeliz homem ele, que não tem porção mais certa do que o que este mundo variável lhe proporcionará. O tempo de lamentar pela partida de todos os gozos terrenos está à mão. Nós os veremos, como os servos de Eglom fizeram seu senhor, caídos mortos diante de nós, e chorar porque não são. Que tolice, então, é ninarmos este mundo vão em nossas afeições, cuja alegria, como o riso da criança no colo da mãe, é certo terminar em um choro no final, e [negligenciar] o céu e as coisas celestiais, que duram para sempre? Ó, lembra-te de Dives, ajeitando seu travesseiro, e compondo-se para descansar! — como ele foi chamado com as notícias da morte antes de estar aquecido neste seu leito de

conforto, que Deus fizera para ele em chamais; de onde o ouvimos rugindo na angústia de sua consciência. Ó alma! pudesses tu obter apenas um interesse nas coisas celestiais de que estamos falando, estas não deslizariam assim debaixo de ti. O céu é um reino que não pode ser abalado — Cristo uma porção permanente — suas graças e confortos, águas seguras que não falham, mas brotam para a vida eterna. As codornizes que foram alimento para a luxúria dos israelitas logo cessaram, mas a rocha que foi bebida para sua fé seguiu-os. Esta rocha é Cristo. Certifica-te dele, e ele se certificará de ti; ele te seguirá até teu leito de enfermidade, e deitar-se-á em teu peito, animando teu coração com seus doces confortos, quando as alegrias mundanas jazem frias sobre ti, como as roupas de Davi sobre ele, e [quando] nenhum calor de conforto [é] para ser obtido delas. Quando teus sentidos exteriores estão trancados, que tu não podes nem ver a face de teus caros amigos, nem ouvir o conselho e conforto que eles te dariam, então ele virá, embora estas portas estejam fechadas, e dirá: "Paz seja contigo, meu caro filho; não temas a morte ou os demônios; eu fico para receber teu último suspiro, e tenho aqui meus anjos esperando, que assim que tua alma for soprada para fora de teu corpo, eles possam carregá-la e colocá-la em meu seio de amor, onde eu te nutrirei com aquelas alegrias eternas que meu sangue comprou, e meu amor preparou para ti".

Quarto Argumento. As coisas terrenas são vazias e insatisfatórias. Podemos ter demais, mas nunca o suficiente delas. Elas muitas vezes geram náusea, mas nunca contentamento; e, de fato, como deveriam, sendo tão desproporcionais aos vastos desejos destes espíritos imortais que habitam em nossos peitos? Um espírito não tem carne e ossos, tampouco pode ser alimentado com tais; e o que tem o mundo,

senão alguns ossos cobertos com alguns deleites carnis para dar-lhe? "O menor é abençoado pelo maior", não o maior pelo menor. Estas coisas, portanto, sendo tão inferiores à natureza do homem, ele deve olhar mais alto se quiser ser abençoado, mesmo para o próprio Deus, que é o Pai dos espíritos. Deus destinou estas coisas para nosso uso, não gozo, e que tolice é pensar que podemos espremer delas aquilo que Deus nunca colocou nelas? Elas são seios que, moderadamente puxados, produzem bom leite, doce, refrescante; mas, torcidos com muita força, e tu sugarás apenas vento ou sangue deles. Nós perdemos o que elas têm, esperando encontrar o que elas não têm. Ninguém encontra menos doçura e mais insatisfação nestas coisas do que aqueles que se esforçam mais para agradar a si mesmos com elas. O creme da criatura flutua no topo, e aquele que não se contenta em retirá-lo, mas pensa, bebendo um gole mais profundo, encontrar ainda mais, vai mais longe para se dar mal, tendo certeza pela decepção que encontrará de perfurar-se com muitas dores. Mas todos esses medos poderiam felizmente ser evitados, se tu virasses tuas costas para a criatura, e te voltasses para o céu. Trabalha para obter Cristo, e através dele esperanças do céu, e tu pegas a estrada certa para o contentamento; tu o verás diante de ti, e desfrutarás da perspectiva dele à medida que vais, sim, descobrirás que cada passo que dás te aproxima mais e mais dele. Ó, que doce mudança tu encontrarias! Como um homem doente saindo de um clima impuro e insalubre, onde ele nunca estava bem, [descobre] quando chega ao ar fresco ou ao seu solo nativo, assim também tu encontrarás um ânimo de teus espíritos, e um reavivamento [de] tua alma com contentamento e paz indizíveis. Tendo uma vez fechado com Cristo,

1. A culpa de todos os teus pecados se vai, e isto estragava toda a tua alegria antes. Toda a tua dança

de uma criança, quando um alfinete a pica, não a fará quieta ou alegre; bem, agora, aquele alfinete é tirado, o qual roubou de ti a alegria de tua vida.

2. Tua natureza é renovada e santificada. E quando um homem está à vontade, se não quando está com saúde? e o que é a santidade, senão a criatura restaurada ao seu temperamento correto, no qual Deus a criou?

3. Tu te tornas um filho de Deus, e isso não pode senão te agradar bem, espero, ser um filho ou filha de um Rei tão grande.

4. Tu tens um direito à glória do céu, para onde tu serás, antes de muito tempo, conduzido para tomar e manter a posse dessa tua herança para sempre, e quem pode dizer o que isso é? Nicephorus nos diz de um Agbarus, um grande homem, que — ouvindo tanto da fama de Cristo, devido aos milagres que ele operou — enviou um pintor para tirar seu retrato, e que o pintor quando veio não foi capaz de fazê-lo, por causa do radiante e esplendor que se assentava na face de Cristo. Se isto é verdade ou não, eu deixo isso; mas, com certeza, há um tal brilho na face de Cristo glorificado, e aquela felicidade que no céu os santos terão com ele, que nos proíbe, que habitamos em carne mortal, conceber isso corretamente, muito menos expressar [isso]. É melhor ir para lá para ser informado, e então confessaremos que nós na terra não ouvimos nem a metade do que lá encontramos, sim, que nossas concepções presentes não são mais semelhantes àquela visão de glória que lá teremos, do que o sol na tabela do pintor é ao próprio sol

nos céus. E se tudo isto é assim, por que então gastas dinheiro para aquilo que não é pão, e teu trabalho para aquilo que não satisfaz, sim, para aquilo que te mantém longe daquilo que pode satisfazer? As coisas terrenas são como algum lixo, que não apenas não nutre, mas tira o apetite daquilo que nutriria. O céu e as coisas celestiais não são saboreados por uma alma viciada com estas. O maná, embora por deliciosa chamado "comida de anjos", [é] contudo apenas pão leve para um paladar egípcio. Mas estas coisas espirituais não dependem [tanto] da tua opinião, ó homem, quem quer que sejas — como as coisas terrenas em grande medida dependem — que o valor delas deva subir ou cair como a bolsa do mundo faz, e como o homem vão tem prazer em avaliá-las. Pensa que o ouro é sujeira, e ele o é, por todo o selo real nele. Conta os títulos inchados da honra mundana — que o pó orgulhoso se gaba tanto — vaidade, e eles o são; mas tem pensamentos vis de Cristo, e ele não é o pior. Despreza o céu tanto quanto quiseses, ele será céu ainda. E quando tu chegares tão longe aos teus sentidos, com o pródigo, a saber qual é a melhor comida, cascas ou pão, onde melhor viver, entre porcos no campo ou na casa de teu Pai, então tu saberás como julgar melhor estas coisas celestiais. Até lá, vai e faze o melhor mercado que puderes do mundo, mas não olhes para encontrar esta pérola de preço — verdadeira satisfação para tua alma — em qualquer das lojas da criatura; e não seria melhor tomá-la quando tu podes tê-la, do que depois de teres te cansado em vão seguindo a criatura, voltar com vergonha, e pode ser, perder isso aqui também, porque tu não a querias quando foi oferecida?

DIREÇÃO 3

Uma Segunda Exortação a Armar-se e um Argumento que insta a Exortação.

“Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes” — Ef 6:13

O apóstolo, nestas palavras, retoma sua exortação anterior mencionada no versículo 11 e a pressiona com uma nova força, a partir daquela descoberta mais particular que ele oferece do inimigo no versículo 12, onde, como um batedor fiel, ele faz um relato completo do grande poder e malícia de Satanás; e também revela qual desígnio perigoso ele tem contra os santos — nada menos que despojá-los de tudo o que é celestial — a partir de tudo o que ele lhes dá um segundo alarme e ordena: “Armai-vos! Armai-vos!”. “Portanto, tomai...”, etc. Nas palavras, consideremos: 1. A exortação com a inferência: “Portanto, tomai toda a armadura de Deus”. 2. O argumento com o qual ele insta a exortação, e que é duplo: 1. “Para que possais resistir no dia mau”. 2. “Havendo feito tudo, ficar firmes”. Isto é, ser capaz tanto de lutar quanto de vencer.

**DIREÇÃO 3 — PRIMEIRA PARTE GERAL.
[A EXORTAÇÃO COM A INFERÊNCIA.]**

**“Portanto, tomai toda a armadura de Deus” — Ef
6:13**

Quanto ao primeiro ponto geral, “a exortação”, nós o deixaremos de lado quanto à sua substância — sendo a mesma que tratamos no versículo 11; apenas há duas observáveis que tocaremos levemente: uma, a partir da repetição da própria exortação tão cedo, com apenas um versículo interposto; a outra, a partir do verbo que o apóstolo usa aqui, que, não sendo o mesmo do versículo 11, oferece uma nota diferente. Lá é “ revesti-vos”; aqui é “tomai”.

PRIMEIRA OBSERVÁVEL.

Por que o apóstolo renova tão cedo a mesma exortação; também, quais verdades os ministros devem pregar.

Aqui observe a repetição da mesma exortação, e em um espaço tão curto. Certamente não foi por falta de matéria, mas sim por abundância de zelo que ele toca a segunda vez na mesma tecla. De fato, é melhor trabalhador aquele que introduz um prego com golpes reiterados do que aquele que cobiça inserir muitos, mas não fixa nenhum. Tais pregadores dificilmente alcançarão a consciência, pois saltam de uma verdade para outra, mas não habitam em nenhuma. Nem todo ouvinte é tão rápido quanto o pregador para captar uma noção assim que ela é disparada; nem muitos conseguem reter tanto daquele sermão que é feito apenas de variedades — onde um ponto não é logo nomeado e imediatamente retira a mão, e outro faz uma brecha e vem à tona; antes que o primeiro tenha sido aberto e martelado na consciência por uma aplicação poderosa — como ocorre onde o discurso é homogêneo, e alguma verdade necessária é

esclarecida, insistida e instada com golpe sobre golpe. Aqui, toda a matéria do discurso é aparentada, e uma parte, ao ser lembrada, torna a memória familiarizada com a outra; ao passo que, no primeiro caso, uma coloca a outra em uma memória fraca. Dicas breves e logo passar podem agradar a um erudito, mas não são tão proveitosas para os outros. A primeira maneira é mais adequada para as escolas, a segunda para o púlpito. Se eu fosse comprar uma peça de roupa em uma loja, gostaria mais daquele que coloca uma ou duas boas peças diante de mim, adequadas ao meu propósito, as quais eu possa examinar plenamente, do que daquele que tira toda a sua loja e amontoa peça sobre peça, meramente para mostrar seu estoque, até que, finalmente, pela variedade, eu não consiga olhar fixamente para nenhuma, estando elas tão amontoadas.

Novamente, como é proveitoso insistir assim nas verdades, também não é impróprio a um ministro pregar as mesmas verdades repetidamente. Paulo aqui passa por cima e por cima da mesma exortação, versículos 11, 13, e em outro lugar nos diz que isso “não é penoso” para ele, mas para eles “é seguro” ouvir as mesmas coisas repetidamente (Fp 3:1). Há três tipos de verdades que devem, em nosso ministério, ser pregadas frequentemente.

Primeiro tipo. Verdades fundamentais; ou, como as chamamos, pontos de catecismo, que contêm verdades necessárias de serem conhecidas e cridas. O peso de todo o edifício repousa sobre estas células fundamentais, mais do que sobre verdades superestruturais. Em um reino, existem algumas mercadorias e comércio básicos, sem os quais a causa comum não poderia subsistir, como lã, milho, etc., em nosso país, e estes devem ser incentivados acima de outros que, embora sejam um ornamento para a nação, sim, adicionem riquezas a ela, não são

tão necessários para a sua subsistência. Assim aqui. Existe um uso excelente de nossos outros trabalhos ministeriais, na medida em que tendem a embelezar e adornar, sim, enriquecer o cristão com o conhecimento de mistérios espirituais, mas o que deve ser principalmente considerado é a constante e fiel abertura dessas verdades principais do evangelho. Estes são os marcos divisórios, e nos mostram os limites da verdade; e como é nas cidades que confinam umas com as outras, se os habitantes não fizerem às vezes a perambulação e percorrerem as fronteiras para mostrar aos jovens o que elas são, quando os antigos estudiosos se forem, a próxima geração poderá perder todos os seus privilégios por causa de vizinhos invasores, por não serem capazes de dizer o que é seu. Não há verdade fundamental que não tenha algum vizinho mau, heresia quero dizer, confrontando-a; e a própria razão pela qual um espírito de erro invadiu a verdade nos últimos anos é porque não percorremos as fronteiras com nosso povo, familiarizando-os com estes pontos fundamentais, e estabelecendo seus juízos sobre eles, tão frequente e cuidadosamente quanto é necessário. E as pessoas têm muita culpa, porque desprezam tanto este trabalho, que contam um sermão sobre tais pontos como quase perdido, e apenas comida de criança.

Segundo tipo. Verdades que os ministros observam ser mais minadas por Satanás ou seus instrumentos nos juízos e vidas de seu povo. O pregador deve ler e estudar seu povo tão diligentemente quanto qualquer livro em seu escritório e, conforme os encontra, dispensar-lhes como um mordomo fiel. Paulo nota que os gálatas tinham sido maltratados por falsos apóstolos, que os tinham até enfeitiçado de volta para a lei naquele grande ponto da justificação, e veja como ele bate nesse único ponto. Nosso povo reclama que somos muito frequentes

em repreender o mesmo erro ou pecado, e a culpa é deles mesmos, porque não querem abandoná-lo. Quem culpará o cão por continuar a latir quando o ladrão está o tempo todo no quintal? Ai, ai! Não é uma ou duas vezes de exortação contra o pecado que resolverá. Quando o povo pensa que o ministro mostra sua preguiça porque prega as mesmas coisas, ele pode estar exercitando sua paciência ao continuar a exortar e repreender aqueles que se opõem, aguardando se, finalmente, Deus lhes dará arrependimento para o conhecimento da verdade. Somos ordenados a elevar nossa voz como uma trombeta, e vocês querem que cessemos enquanto a batalha dura, ou que toquemos retirada quando deveria ser batalha?

Terceiro tipo. Verdades de uso e prática diários. Estas são como pão e sal; o que quer que esteja sobre a mesa, estas devem estar presentes em todas as refeições. São Pedro era desta opinião: “Não serei negligente em colocar-vos sempre em lembrança destas coisas, ainda que as saibais” (2Pe 1:12). Ele tinha, como podeis ver, falado de tais graças e deveres que eles não poderiam passar um dia sem o exercício delas e, portanto, será sempre o monitor deles, para agitar suas mentes puras a respeito delas. Tudo não vai bem quando um homem está cansado de seu alimento habitual e nada desce a não ser raridades. O estômago está doentio quando um homem se deleita mais em escolher alguma salada do que em comer carne sólida; e quão longe esta era exigente foi nesta doença espiritual, penso que poucos chegaram a si mesmos, até agora, para considerar e lamentar. Ó senhores, não vos canseis, como no fazer, assim não no ouvir aquelas verdades saborosas pregadas das quais tendes uso diário, porque as conheceis e as ouvistes frequentemente. Fé e arrependimento serão boa doutrina para pregar e ouvir até o fim do mundo; vós podeis tão bem discutir com Deus, porque

Ele fez apenas um céu e um caminho para ele, como com o pregador, por pregar estes repetidamente. Se teu coração fosse humilde e teu paladar espiritual, verdades antigas seriam novas para ti toda vez que as ouvisses. No céu, os santos tiram todo o seu vinho de alegria, por assim dizer, de uma única torneira, e o farão por toda a eternidade, e ainda assim nunca terá gosto insípido. Deus é aquele único objeto com o qual suas almas estão preenchidas e nunca se cansam; e pode qualquer coisa de Deus e de seu amor ser cansativa para ti no ouvir aqui? Não sou, durante todo este tempo, um advogado para qualquer ocioso na vinha de nosso Senhor, para qualquer servo preguiçoso na obra do evangelho, que embrulha seu talento na ociosidade, ou o enterra na terra onde, talvez, ele está cavando e agindo como um mundano durante toda a semana, e então não tem nada para apresentar ao seu povo no dia do Senhor, exceto um ou dois pães velhos e mofados, que foram amassados muitos anos antes. Este não é o bom mordomo. Aqui estão as coisas antigas, mas onde estão as novas que ele deveria trazer de seu tesouro? Se o ministro não trabalha para aumentar seu estoque, ele é o pior ladrão da paróquia. É perverso para um homem confiado com o melhoramento de bens de órfãos deixá-los mortos ao seu lado; muito mais para um ministro não melhorar seus dons, que eu posso chamar de estoque da cidade, dado para o bem das almas, tanto de ricos quanto de pobres. Se aquele pregador era sábio (Ec 12:9), que “ainda ensinou sabedoria ao povo”, isto é, estava sempre avançando, esforçando-se para edificá-los mais alto em conhecimento, e para que pudesse, dava “boa atenção, e buscava, e punha em ordem muitos provérbios”; então, certamente, provar-se-á um pregador tolo, afinal, aquele que desperdiça seu tempo na ociosidade, ou gasta mais dele estudando como adicionar à sua própria propriedade a partir da

de seu povo, do que como adicionar aos seus dons e graças, por um esforço consciente de aumentar os seus próprios.

SEGUNDA OBSERVÁVEL.

Os melhores dos santos estão sujeitos a declinar em suas graças, e por que devemos buscar uma recuperação delas.

A segunda observável na exortação é tirada do verbo que o apóstolo usa, que significa não apenas tomar, mas tomar novamente, ou recuperar uma coisa que perdemos, ou reassumir uma coisa que, por ora, deixamos. Ora, o apóstolo — escrevendo aos santos em Éfeso, que, pelo menos muitos deles, não estavam agora a revestir-se desta armadura por uma conversão — ou a primeira obra da fé, que sem dúvida já tinha passado sobre muitos entre eles — ele, em relação a eles e aos crentes até o fim do mundo, tem um significado posterior; isto é, que eles se revestissem mais proximamente onde esta armadura pende solta, e que recuperassem onde tivessem deixado cair qualquer dever, ou decaído em qualquer graça. De modo que a nota é:

DOUTRINA. Que o cristão deve ter um cuidado especial para reparar sua armadura quebrada — para recuperar suas graças decadentes. Esta armadura pode ser batida — eu poderia mostrar exemplos tristes nas várias peças. O cinto da verdade e sinceridade de Jacó não estava desatado quando ele usou aquela política pecaminosa para obter a bênção? Ele não era o homem simples então, mas o suplantador, mas ele tinha feito melhor se tivesse esperado o tempo de Deus — ele foi pago na mesma moeda. Ele coloca um logro em seu pai; e não colocou Labão um logro nele, dando Lia por Raquel? O que dizeis do peitoral da justiça de Davi no caso de Urias? não foi atravessado, e

aquele santo homem terrivelmente ferido — que jaz quase um ano, pelo que lemos dele, antes que voltasse a si, a ponto de estar completamente sensível ao seu pecado, até que Natã, um cirurgião fiel, foi enviado para sondar a ferida e limpá-la da carne morta que crescera sobre ela? E Jonas, de outra forma um santo profeta, quando Deus queria enviá-lo em uma missão a Nínive, ele tem suas sandálias a procurar, quero dizer, aquela prontidão e preparação com que sua mente deveria ter sido calçada, para ter ido ao primeiro chamado. O bom Ezequias, encontramos quão perto seu capacete da esperança esteve de ser arrancado de sua cabeça, ele mesmo nos conta quais foram seus pensamentos no dia de sua angústia, que ele “não veria o Senhor na terra dos viventes”, esperando que Deus nunca largaria sua mão, até que, como um leão, ele tivesse quebrado seus ossos, e por fim acabasse com ele. Até mesmo Abraão, famoso pela fé, teve ainda seus ataques de incredulidade e calafrios desconfiados sobre seu coração valente. Ora, neste caso, o cuidado do cristão deve ser o de obter sua armadura rapidamente reparada. Um capacete batido é quase o mesmo que nenhum capacete em ponto de uso presente. A graça em decadência é como um homem puxado de suas pernas pela doença; se algum meio não for usado para recuperá-la, pouco serviço será feito por ela, ou conforto recebido dela. Portanto, Cristo dá a esta igreja de Éfeso, a quem Paulo escreveu esta epístola, este conselho: “lembrar de onde caiu, arrepender-se e fazer as primeiras obras”. Quantos um cristão em declínio ofende de uma só vez?

Primeiro. Ele ofende a Deus, e isso em um alto grau, porque Ele conta com mais honra a ser paga a Ele pela graça de seus santos do que por todos os outros talentos com que suas criaturas têm para negociar no mundo. Ele pode, em certo sentido, suportar melhor os pecados abertos do mundo do que as

decadências das graças de seus santos. Eles, por abusarem de seus talentos, roubam-Lhe apenas seu óleo, linho e lã; mas o cristão, pelo outro, priva-O da glória que deveria ser-Lhe paga por sua fé, zelo, paciência, abnegação, sinceridade e o resto. Suponha que um mestre confiasse a um servo seu dinheiro, e a outro seu filho para ser cuidado; não ficaria ele mais descontente ao ver seu querido filho ferido, ou quase morto pela negligência de um, do que seu dinheiro roubado pela negligência do outro? A graça é a nova criatura — o nascimento do Espírito; quando isso sofre qualquer dano pelo caminhar descuidado do cristão, deve necessariamente ir mais perto do coração de Deus do que o mal que Ele tem do mundo, que não é confiado com nada parecido com isto.

Segundo. Aquele que declina na graça, e não se esforça para repará-la, ofende seus irmãos, que têm uma parte na graça uns dos outros. Ele ofende todo o corpo aquele que não busca a cura para uma ferida em qualquer membro. Somos ordenados a “amar uns aos outros” (2Jo 5); mas como mostraremos nosso amor uns aos outros? As palavras logo a seguir nos dirigirão: “E o amor é este: que andemos segundo os seus mandamentos” (v. 6). De fato, mostramos pouco amor aos nossos irmãos ao pecar, pelo que temos certeza de ou enredá-los ou entristecê-los; e como deixar a graça baixar e o pecado não subir, é um enigma para qualquer um que saiba o que ambos são.

Terceiro. O cristão ofende a si mesmo ao não se esforçar para reparar sua armadura quebrada e para recuperar sua graça decadente. Por isto ele perde a evidência de sua herança, ou pelo menos mancha-a de tal modo que não pode ser tão claramente percebida por ele. Um cristão em declínio deve necessariamente ser um cristão em dúvida, porque o sintoma comum de um hipócrita é gastar-se e desperdiçar-se, como uma estaca fincada

no chão, que apodrece, enquanto a verdadeira graça, como a árvore, cresce. Não é este o nó com o qual o diabo confunde muitas almas pobres, e lhes encontra trabalho por muitos anos para desatar? Se fosses um cristão, tu crescerias. Santos verdadeiros vão de força em força, e tu vais de força em fraqueza. Eles sobem a colina para Sião — cada ordenança e providência é um degrau que os leva mais perto do céu — mas tu desces a colina, e estás mais longe de tua salvação do que quando creste pela primeira vez, como pensavas. E será que condiz com tua sabedoria, cristão, colocar um cajado na mão do diabo, um argumento em sua boca, para disputar contra tua salvação? Se tu possuísse uma propriedade pela vida de uma criança, a qual, na morte dela, deveria toda partir de ti, essa criança, eu te garanto, deveria ser bem cuidada; a cabeça dela não doeria sem que tu correres ao médico em busca de conselho. Eu pergunto, qual é tua evidência para aquela gloriosa propriedade que esperas? Não é Cristo em ti? Não é esta nova criatura — que pode muito bem ser chamada de Cristo por sua semelhança com Ele — o jovem herdeiro da glória do céu? E quando ela está doente ou fraca, não é hora de usar todos os meios para sua recuperação? Enquanto assim, tu não podes nem viver nem morrer confortavelmente. Não viver! Um homem em tuberculose tem pouca alegria de sua vida; ele não encontra doçura em sua comida, nem deleite em seu trabalho, como um homem saudável faz. Ó, quão doce é a promessa para a fé, quando ativa e vigorosa! Quão fácil o jugo do mandamento para o cristão, quando sua consciência não está irritada com a culpa, nem sua força enfraquecida pela tentação! Mas o cristão em uma condição de declínio, ele não prova a promessa, todo mandamento é penoso, e todo dever é um fardo para ele; ele caminha com dor como alguém cujo pé está fora da junta, embora o caminho nunca seja tão agradável. E ele é tão inapto

para morrer quanto para viver. Tal pessoa não pode gostar de ouvir a notícia da morte, mais do que um inquilino que não tem seu aluguel gosta de ouvir o dia do pagamento. Isto fez Davi implorar tempo a Deus: “Ó, poupa-me um pouco, para que eu possa recuperar as forças”.

Tendo mostrado por que o cristão deveria esforçar-se para recuperar suas graças decadentes, será muito necessário dar uma palavra de conselho ao cristão.

1. Uma palavra de conselho para direcioná-lo como julgar o estado decadente da graça, para que ele não faça um julgamento falso sobre si mesmo nele.
2. Uma palavra de conselho para direcioná-lo, quando ele encontra a graça em um declínio, como ele pode recuperá-la.

Uma palavra de conselho, mostrando a partir do que não podemos, bem como a partir do que podemos, julgar nossas graças estarem declinando.

1. Uma palavra de conselho para direcionar o cristão como julgar o estado decadente da graça, para que ele não faça um falso julgamento sobre si mesmo nele.

Como pode um cristão julgar se a graça está declinando nele ou não?

1. Resolverei isso negativamente, e mostrarei por que ele não deve julgar sua graça em declínio.

2. Resolverei isso positivamente, e mostrarei por que ele pode certamente concluir uma decadência da graça.

Primeiro, resolverei isso negativamente, e mostrarei por que ele não deve julgar sua graça em declínio, e isso em vários pontos.

1. Cristão, não julgues que a graça caiu em fraqueza porque teu senso de corrupção se tornou mais forte. Isso muitas vezes jaz no fundo das queixas das almas pobres neste caso. Ó, elas nunca sentiram orgulho, hipocrisia e outras corrupções as assombrarem tanto quanto agora. Ninguém sabe como elas são vexadas com estes e outros, além delas mesmas. Agora, deixe-me perguntar a ti que fazes este triste lamento, se tu não pensas que estas corrupções já estavam em ti antes de as sentires assim? Quantas vezes tu oraste tão formalmente, e não foste perturbado? Quantas vezes tu ficaste conversando com as mesmas concupiscências, e tua alma não foi prostrada diante do Senhor com tal abaixamento de ti mesmo como agora? Age fielmente entre Deus e tua alma, e não digas uma mentira por Deus ao dar falso testemunho contra ti mesmo. Se for assim, tu tens antes um sinal confortável de graça crescendo do que decadente. O pecado não pode estar ganhando terreno se o senso do pecado cresce rápido; este é o acompanhante de uma alma próspera. Ninguém é tão cheio de queixas de seus próprios corações quanto tais; o menor pecado vai agora às suas próprias almas, o que os faz pensar mais vilmente de si mesmos do que nunca. Mas não é o aumento do pecado neles, mas o avanço de seu amor a Cristo, que os faz julgar assim. Quando o sol brilha com

algum poder, e o ano avança, observamos que, embora possamos ter geadas e neve, elas não permanecem por muito tempo, mas são logo dissolvidas pelo sol. Ó, é um doce sinal que o amor de Cristo brilha com tal força sobre tua alma, que nenhuma corrupção pode permanecer por muito tempo em teu peito, mas se derretem em tristeza e amargas queixas. Essa é a alma decadente, onde o pecado jaz atado e congelado, onde pouco senso de, ou tristeza por ele, aparece.

2. Toma cuidado para não pensares que a graça decai porque teu conforto se retira. A influência do sol chega onde a luz dele não pode ser encontrada, sim, é poderosa, como aparece naquelas minas de ouro e prata, que são cozidas pelo mesmo. E assim podem os atos da graça ser vigorosos em ti, quando menos sob o brilho de seu semblante. Alguma vez a fé triunfou mais do que em nosso Salvador, clamando: “Deus meu, Deus meu”? Aqui a fé estava em seu meridiano, quando era meia-noite em relação à alegria. Possivelmente tu vens de uma ordenança e não trazes contigo aqueles feixes de conforto que costumavas trazer, e portanto concluis que a graça não agiu em ti como antigamente. Verdadeiramente, se não tens nada mais por onde te guiar, podes estar prejudicando a graça de Deus em ti excessivamente. Porque teu conforto é extrínseco ao teu dever — uma dádiva que Deus pode dar ou não, sim, dá aos fracos e nega aos fortes. O viajante pode ir tão rápido, e percorrer tanto caminho quando o sol não brilha, como quando brilha — embora, de fato, ele não vá tão alegremente em sua jornada — aliás, às vezes ele faz mais pressa. O sol morno faz com que ele às vezes se

deite e vadiar, mas quando escuro e frio, ele se apressa com mais rapidez. Algumas graças prosperam melhor, como algumas flores, na sombra, tais como a humildade, dependência de Deus, etc.

3. Toma cuidado para não te enganares, e pensares que tua graça decai, quando pode ser apenas que tuas tentações aumentam, e não tua graça que diminui. Se tu ouvisses um homem dizer, porque ele não pode hoje correr tão rápido, quando um peso de cem libras está em suas costas, como ele poderia ontem sem tal fardo, que, portanto, ele crescera mais fraco, tu logo lhe dirias onde reside seu erro. A tentação não jaz com o mesmo peso sempre sobre o ombro do cristão. Observa, portanto, se Satanás não está mais do que o ordinário solto para te assaltar — se tuas tentações não vêm com mais força e violência do que nunca. Possivelmente, embora tu não superes com a mesma facilidade estas, como tens superado as menores, a graça pode agir mais fortemente ao conflitar com as maiores, do que ao superar as menores. O mesmo navio, que quando levemente lastrado e favorecido pelo vento, vai montando, em outro tempo, profundamente carregado e indo contra o vento e a maré, pode mover-se com um passo lento, e ainda assim eles no navio tomam mais trabalho para fazê-lo navegar assim, do que faziam quando ele ia mais rápido.

Segundo, resolverei isso positivamente, e mostrarei por que ele pode certamente concluir que a graça está declinando; e isso em um tríplice aspecto: 1. Em referência a tentações ao pecado; 2. Em referência aos deveres de adoração a Deus; 3. O estado de teu coração em ocupações mundanas.

1. Em referência a tentações ao pecado, e isso é tríplice:

(1) Quando não estás tão desperto para descobrir as invasões do pecado sobre ti como antigamente. Em um tempo, descobrimos que o coração de Davi feriu-o quando ele apenas rasgou a orla do manto de Saul; em outro tempo, quando seu olho se lançou sobre Bate-Seba, ele não toma tal nota da armadilha em que Satanás o tinha, e assim é levado de um pecado para outro, o que mostrava claramente que a graça nele estava de olhos pesados, e seu coração não em tal estrutura santa como tinha estado. Se um inimigo chega aos portões, e o sentinela não dá nem mesmo um alarme à cidade de sua aproximação, mostra que ele está fora de sua guarda, ou adormecido, ou pior. Se a graça estivesse desperta, e tua consciência não tivesse contraído alguma dureza, ela faria seu ofício.

(2) Quando uma tentação ao pecado é descoberta, e tu encontras teu coração fechado, de modo que não oras contra ela, ou não com aquele zelo e santa indignação como antigamente em tais ocasiões, é um mau sinal, que a luxúria obteve uma vantagem sobre tua graça, que tu não podes prontamente te voltar para tuas armas. Tuas afeições estão subornadas, e isto te faz um suplicante tão frio no trono da graça por ajuda contra teu inimigo.

(3) Quando os argumentos que prevalecem mais contigo para resistir a tentações ao pecado, ou para chorar por pecados cometidos, são mais carnisais e menos evangélicos do que antigamente. Talvez tu te lembres quando teu amor a Cristo teria cuspidos fogo na face de Satanás tentando-te a tal pecado, mas agora aquele fogo santo está tão diminuído que, se não houvesse

outros motivos carnis para tornar o voto completo, arriscaria ser levado a favor dele, em vez de contra ele. E assim, ao chorar por um pecado, há possivelmente agora alguns argumentos servis, como uma cebola no olho, que te faz chorar, em vez de pura ingenuidade surgindo do amor a Deus a quem tu ofendeste; isto fala de uma triste decadência, e quanto mais mistura houver de tais argumentos carnis, seja na resistência de, ou no choro pelo pecado, maior é a declinação da graça. O calor natural de Davi certamente estava muito decadente, quando ele precisava de tantas roupas para serem colocadas sobre ele, e ainda assim ele sentia tão pouco calor; o tempo houve em que ele teria suado com menos. Temo que muitos, seu amor a Cristo será encontrado, nestes tempos de declínio, ter perdido tanto de seu vigor juvenil, que o que antigamente os teria colocado em uma santa fúria e zelo ardente contra alguns pecados, tais como quebra do sábado, orgulho de vestuário, negligência de deveres familiares, etc., tem agora muito trabalho para manter qualquer calor neles contra o mesmo.

1. Em referência aos deveres de adoração a Deus:

(1) Se teu coração não te incita com aquela presteza e prontidão como antigamente para ter comunhão com Deus em qualquer dever. Possivelmente tu conheces o tempo em que teu coração ecoava de volta aos movimentos do espírito de Deus ordenando-te buscar Sua face: “A tua face, Senhor, buscarei”; sim, tu ansiavas tanto até que um sábado, ou uma temporada de sermão viesse, como o miserável carnal faz até que termine; mas agora teu pulso não bate uma marcha tão rápida para as ordenanças públicas ou secretas. A natureza não pode deixar de decair se o apetite pela comida se for. Uma alma carente é a alma próspera; tal criança que não deixará sua mãe descansar, mas está frequentemente chorando pelo peito.

(2) Quando tu declinas em teu cuidado para realizar deveres de modo espiritual, e para preservar o senso daquelas falhas mais internas, as quais, no dever, ninguém além de ti mesmo pode te cobrar. Não é a frequência do dever, mas a espiritualidade no dever, que causa prosperidade, e, portanto, a negligência neste ponto logo traz a graça para uma postura consumptiva. Possivelmente, alma, o tempo houve em que tu não ficavas satisfeito com orar, mas tu vigiavas teu coração estritamente; como um homem faria cada peça em uma soma de dinheiro que ele paga, para que ele não prejudicasse seu amigo com qualquer moeda de latão ou sem valor — tu quererias que Deus não apenas tivesse o dever, mas o dever estampado com aquela fé que o torna corrente, tivesse aquele zelo e sinceridade que o torna de peso de evangelho; mas agora tu és mais descuidado e formal. Ó, cuida disso, alma pobre, tu irás, se continuares assim descuidada, derreter em teu estado espiritual rapidamente. Tais negociações estragarão teu comércio com o céu. Deus não aceitará esses deveres superficiais de tuas mãos.

(3) Quando um cristão obtém pouco alimento espiritual da comunhão com Deus, ao que ele tinha feito. O tempo houve, talvez, em que tu podias mostrar o que veio de teu orar, ouvir e jejuar, mas agora o caso está alterado. Existe uma força dupla que a comunhão com Deus transmite a uma alma em uma disposição saudável — força para a fé e força para nosso caminhar obediente. Tu ouves e oras, e não obténs mais força para te segurar por uma promessa, não mais poder sobre, ou quebrantamento de coração sob, tuas corrupções habituais? O quê! Descer do monte e quebrar as tábuas da lei de Deus, assim que tu estás fora do lugar! Tão profundo em tua paixão, tão desigual em teu curso como antes! Há uma certa decadência

daquele calor interno, que deveria e faria, se em seu temperamento correto, sugar algum alimento delas.

1. O estado de teu coração em ocupações mundanas:

(1) Quando tuas ocupações mundanas não te deixam em uma disposição tão livre e espiritual, para retornar à presença de Deus como antigamente. Talvez tu pudesses ter vindo de tuas ocupações de loja e família para teu closet [lugar secreto de oração], e achar que elas te mantiveram em forma, sim, talvez te entregaram em uma estrutura melhor para esses deveres; mas agora é diferente, tu não podes sacudi-las, mas elas se colam ao teu espírito, e dão um sabor terreno ao teu orar e ouvir. Tu tens razão para lamentar isso; quando a natureza decai, os homens andam mais curvados; e é um sinal de que tal decadência está em ti, que tu não podas, como costumavas, elevar teu coração das ocupações terrenas para os deveres espirituais. Elas foram pretendidas como ajudas contra a tentação, e portanto quando elas se provam armadilhas para nós, há um distúrbio sobre nós. Se pioramos após o sono, o corpo não está correto, porque a natureza do sono é refrescar; se o exercício predispõe para o trabalho, a razão são nossos corpos. Assim aqui.

(2) Quando tua diligência em tua vocação particular é mais egoísta. Possivelmente tu tens trabalhado em tua loja, e sentado perto em teu estudo, em obediência ao mandamento principalmente. Teus interesses carnis balançaram pouco contigo, mas agora tu negocias mais para ti mesmo e menos para Deus. Ó, tenha cuidado com isso.

(3) Quando tu não podes suportar a decepção de teus fins carnis em tua vocação particular, como tu tens feito. Tu trabalhas e obténs pouco do mundo, tu pregas e não és muito estimado, e tu não sabes bem como suportar isso. O tempo houve

em que tu podias retirar-te para dentro de Deus e compensar tudo o que te faltava em outro lugar n'Ele; mas agora tu não estás tão satisfeito com tua propriedade, posição e condição. Teu coração está tateando por mais delas do que Deus te permite, isso mostra declínio. As crianças são mais difíceis de serem agradadas, e os velhos — cuja decadência da natureza os torna mais teimosos, e de certa maneira crianças pela segunda vez — do que outros. Trabalha, portanto, para recuperar tua graça decadente, e à medida que este bloqueio cresce, assim tua força com ele o fará, para aquiescer na disposição da providência de Deus.

Direções para a recuperação da graça decadente.

1. Chegamos agora a dar algumas direções ao cristão, para mostrar-lhe, quando ele encontra a graça em um estado decadente, como ele pode recuperá-la. Investiga fielmente a causa de teu declínio. A armadura do cristão decai de duas maneiras, seja por batida violenta, quando o cristão é vencido por tentações ao pecado, ou então por negligenciar polir e limpar com o uso daqueles meios que são como óleo, para mantê-la limpa e brilhante. Agora, investiga qual destas tem sido a causa de tua decadência. É provável que ambas concorram.

Direção 1. Se tua graça for enfraquecida por qualquer golpe dado por qualquer pecado cometido por ti, há então um tríplice dever sobre ti para a recuperação dela.

1. Dever. Tu deves renovar teu arrependimento. É o conselho de Cristo (Ap 2:5) à Éfeso: “Arrepende-te e faz as primeiras obras”, onde não é apenas ordenado como um dever, mas prescrito como um meio para sua recuperação; como se Ele tivesse dito:

“Arrepende-te, para que possas fazer as primeiras obras”. Assim, Oseias 14:2, o Senhor coloca o Israel desviado sobre este trabalho, ordenando-a: “Tomai convosco palavras e convertei-vos ao Senhor”; e versículo 4, Ele então lhe diz que a tomará em mãos para recuperá-la de seus pecados: “Eu sararei a sua infidelidade”. Uma alma arrependida está sob a promessa de cura e, portanto, cristão, vai e sonda teu coração, como sondarias tua casa, se algum ladrão ou assassino estivesse escondido nela para cortar tua garganta à noite, e quando tiveres encontrado o pecado que te fez o mal, então labora para encher teu coração de vergonha por ele, e indignação contra ele, e assim vai cheio de tristeza, e lança-o fora diante do Senhor em uma confissão que quebra o coração. Melhor que tu faças isto, do que Satanás faça teu recado a Deus por ti.

2. Dever. Quando tiveres renovado teu arrependimento, não esqueças, não atrases então, de renovar tua fé na promessa para perdão. Arrependimento, isto é como física purgativa para evacuar o humor pecaminoso, mas se a fé não vier imediatamente com seu restaurador, a pobre criatura nunca ganhará coração, ou recuperará sua força. Uma alma pode morrer de um fluxo de tristeza assim como de pecado. A fé tem uma virtude encarnante, como dizem de alguma comida fortalecedora; ela se alimenta da promessa, e aquela “é perfeita, convertendo” — ou antes restaurando — “a alma” (Sl 19:7). Embora estivesses definhado até a pele e os ossos, toda tua força desperdiçada, ainda assim a fé logo te recrutaria e habilitaria toda graça a realizar seu ofício alegremente. A

fê suga a paz da promessa, chamada “paz no crer”. Da paz flui a alegria: “sendo justificados pela fé, temos paz com Deus” (Rm 5:1); e: “nos gloriamos na esperança da glória” (v. 2); e a alegria oferece força: “a alegria do Senhor é a vossa força”.

3. Dever. Sustente ambos os pontos com um esforço diário para mortificar as concupiscências que mais prevalecem sobre tua graça. As ervas daninhas não podem prosperar ao mesmo tempo que as flores. Quando a graça não age vigorosa e livremente, conclui que ela está oprimida por alguma concupiscência contrária, que sobrecarrega seus espíritos e os torna entorpecidos, assim como humores supérfluos sobrecarregam os espíritos naturais em nossos corpos, de modo que temos pouco ânimo para nos mover ou realizar qualquer negócio até que sejam evacuados. Portanto, empenha-te neste trabalho; não é um trabalho de um ou dois dias no ano, como uma purgação na primavera e no outono; nada é mais vão do que fazer um alvoroço, como fazem os papistas em sua Quaresma, ou como alguns professores insinceros entre nós, que parecem se agitar antes de um sacramento ou dia de jejum, com um grande ruído de zelo, e então deixam que essas mesmas concupiscências vivam pacificamente neles durante todo o ano seguinte. Não, isso é brincadeira de criança: fazer e desfazer; tu deves mortificar diariamente tuas concupiscências pelo Espírito (Rm 8:13). Segue este trabalho conscienciosamente em teu curso cristão, fazendo dele teu esforço — tão constantemente quanto o trabalhador sai todos os dias para trabalhar no campo onde reside sua vocação — para vigiar teu coração e usar todos os meios

para a descoberta do pecado; e à medida que ele irrompe, sê humilhado por isso, e continua cortando a raiz dele com este machado da mortificação, e verás, pela bênção de Deus, que mudança para melhor haverá na constituição de tua graça. Tu que és agora tão pobre, tão pálido, que tens medo de ver teu próprio rosto por muito tempo no espelho de tua própria consciência, passarás então a refletir com alegria sobre tua própria consciência e ousarás conversar contigo mesmo sem aquelas surpresas de horror e medo que antes te apavoravam. Tua graça, embora não deva ser tua alegria, será, contudo, tua evidência para Cristo, em quem ela está, e te conduzirá com ousadia a reivindicá-Lo; enquanto o cristão desleixado, cuja graça está coberta de concupiscências por falta de sua enxada, ficará tremendo à porta, questionando se sua graça é verdadeira ou não, e, por essa dúvida, duvidando de sua acolhida.

Direção 2. Se, após investigação, descobrires que tua armadura decai mais por falta de polimento do que por qualquer golpe de pecado presunçosamente cometido — já que isso é o mais comum e ordinário, pois a ferrugem logo arruinará a melhor armadura, e a negligência dá à graça sua ruína, tão bem quanto os pecados graves —, então aplica-te ao uso daqueles meios que Deus designou para o fortalecimento da graça. Se o fogo se apaga por retirarmos a lenha, que caminho resta para preservá-lo, senão colocando-a novamente?

1. Eu te enviarei à Palavra de Deus; sê mais frequentemente familiarizado com ela. Davi nos diz onde ele renovou sua vida espiritual e levou sua alma tantas vezes a um calor celestial, quando a graça nele começou a esfriar. A Palavra, diz ele, vivificou-o. Esta foi a margem ensolarada

sob a qual ele se sentou. A Palavra atrai a graça do cristão, apresentando a cada uma um objeto adequado sobre o qual agir. Isso tem grande poder para despertá-las; assim como a chegada de um amigo nos faz, embora estivéssemos sonolentos antes, sacudir toda a sonolência para desfrutar de sua companhia. As afeições são acionadas quando seu objeto está diante delas. Se amamos uma pessoa, o amor é excitado pela visão dela, ou de qualquer coisa que nos lembre dela; se odiamos alguém, nosso sangue ferve muito mais contra ele quando está diante de nós. Ora, a Palavra coloca as graças do cristão e seu objeto juntas. Aqui o amor pode deleitar-se ao contemplar Cristo, que é exposto ali à vida em todo o seu amor e amabilidade. Aqui o cristão pode ver seus pecados em um espelho que não o bajulará; e pode haver qualquer tristeza piedosa no coração, qualquer ódio ao pecado, que não venha à tona enquanto o homem lê o que eles custaram a Cristo por ele?

2. Da Palavra, vai à meditação. Isto é como fole para o fogo. Aquela graça que jaz sufocada e consumida por falta de exercício será por isso limpa e romperá em chamas. Enquanto tu meditas, este fogo arderá, e teu coração se tornará quente dentro de ti, de acordo com a natureza do assunto sobre o qual teus pensamentos repousam. Resolve, portanto, cristão, encerrar o tempo de todos os pretendentes mundanos, nos quais tu possas todos os dias, se possível, pelo menos dar uma olhada nas ocorrências mais notáveis que passaram entre Deus e ti.

(1) Pergunta à tua alma que ganhos ela teve naquele dia, que misericórdias o céu enviou para ti? E não, quando tiveres feito a pergunta, como Pilatos, sai, mas espera até que tua alma tenha feito um relatório das tratativas graciosas de Deus contigo.

E, se fores sábio para observá-las e fiel para relatá-las, tua consciência deve te dizer que a torneira nunca foi virada, o peito da misericórdia nunca foi fechado durante todo o dia; sim, enquanto estiveres visualizando essas misericórdias frescas, contando essa nova moeda, quente da casa da moeda da generosidade de Deus, misericórdias antigas virão se aglomerar sobre ti e pedirão um lugar em teus pensamentos, dizendo-te o que Deus fez por ti há meses e anos. E, de fato, as dívidas antigas não deveriam ser pagas por último; dá a elas, cristão, uma audiência em algum momento ou outro, e verás como elas trabalharão sobre teu espírito generoso. É com o cristão, neste caso, como com o servo de algum mercador que guarda o dinheiro de seu mestre; ele diz ao seu mestre que tem uma grande soma dele consigo, e deseja que ele o descarregue disso e veja como estão suas contas, mas ele nunca pode encontrá-lo em um momento de lazer. Existe um grande tesouro de misericórdia sempre nas mãos do cristão, e a consciência está frequentemente chamando o cristão para fazer a conta e ver o que Deus fez por ele; mas raramente é ele capaz de encontrar tempo para contar suas misericórdias. E será de admirar que tais pessoas fiquem em atraso em sua propriedade espiritual, se não tomam nota de quais são as tratativas graciosas de Deus com elas? Como pode ser grato aquele que raramente pensa no que recebe? Ou paciente quando Deus aflige, aquele que carece de um dos argumentos mais poderosos para pacificar um espírito amotinado na tribulação, e que é tomado do bem abundante que recebemos das mãos do Senhor, tanto quanto de um pouco de mal? Como pode o amor de tal alma arder por Deus, se é mantido a tal distância das misericórdias de Deus, que são combustível para ele? E o mesmo poderia ser dito de todas as outras graças.

(2) Reflete sobre ti mesmo e dedica alguns pensamentos sérios ao teu próprio comportamento — o que ele tem sido para com Deus e o homem ao longo de todo o dia. Pergunta à tua alma, como Eliseu ao seu servo: “De onde vens, ó minha alma? Onde tens estado? O que tens feito para Deus hoje? E como?” E quando fores realizar isso, cuida de não ser desviado de uma busca minuciosa, como Jacó foi pela desculpa especiosa de Raquel, nem sejas encontrado a mimar a ti mesmo, como Eli seus filhos, quando tu, após investigação, encontrares teu coração tardio em qualquer parte de teu dever. Toma cuidado com o que fazes, pois julgas para Deus, que recebe o mal pelo teu pecado, e, portanto, fará justiça a si mesmo se tu não o fizeres.

1. Da meditação, vai à oração. De fato, uma alma em meditação está em seu caminho para a oração; esse dever conduz o cristão a este, e este traz ajuda àquele. Quando o cristão fez o máximo pela meditação para excitar suas graças e levar seu espírito a algum calor divino, ele sabe que tudo isso é apenas para organizar a lenha. O fogo deve vir do alto para acender, e isso deve ser buscado pela oração. Dizem que as estrelas têm maiores influências quando estão em conjunção com o sol; então, certamente, as graças de um santo nunca deveriam trabalhar mais poderosamente do que na oração, pois então ele está na mais próxima conjunção e comunhão com Deus. Essa ordenança que tem tal poder com Deus deve necessariamente ter uma influência poderosa sobre nós mesmos. Ela não deixará Deus descansar, mas elevará a Ele ao socorro de Seu povo, e será de admirar se for um meio de despertar e excitar a graça do cristão? Quantas vezes vemos uma nuvem escura sobre o espírito de Davi no início de sua oração, que, no momento em que ele

está um pouco aquecido em seu trabalho, começa a se dissipar, e antes que termine, rompe em altos atos de fé e aclamações de louvor? Apenas aqui, cristão, toma cuidado com a oração formal; isto é tão funesto para a graça quanto não orar. Um emplastro, embora apropriado e de virtude soberana, ainda assim, se for colocado frio, pode causar mais mal do que bem.

2. A tudo o que precede, une a comunhão e a comunhão com os santos entre os quais tu vives. Não é de admirar ouvir que uma casa é roubada quando fica longe dos vizinhos. Aquele que caminha na comunhão dos santos viaja em companhia; ele habita em uma cidade onde uma casa sustenta a outra, à qual Jerusalém é comparada. É observável, a respeito da casa em cujas ruínas os filhos de Jó foram sepultados, que um vento veio do deserto e atingiu os quatro cantos dela. Parece que ela estava sozinha. O diabo sabe o que faz ao impedir esta grande ordenança da comunhão dos santos — ao fazer isso, ele impede o progresso da graça, sim, traz o que os cristãos têm para um estado decadente e definhante. O apóstolo acopla esses dois deveres estreitamente: “guardar firme” nossa “profissão” e “considerarmo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras” (Hb 10:23, 24). De fato, é um passo perigoso para a apostasia abandonar a comunhão dos santos; daí se dizer de Demas: ele “me abandonou, tendo amado o presente século”. Ó, que mal Satanás nos tem feito nestes poucos anos recentes, neste único particular! O que se tornou desta comunhão dos santos? Onde há dois ou três que podem ser encontrados que concordem em caminhar juntos? Aqueles que antigamente podiam sofrer juntos, não podem sentar-se juntos à mesa de seu Pai, dificilmente podem orar

um com ou um pelo outro. O hálito de um cristão é estranho para o outro que outrora jazia em seu seio. “Isto é uma lamentação, e será para lamentação.”

DIREÇÃO 3 — SEGUNDA PARTE GERAL. [O ARGUMENTO COM O QUAL ELE INSTA A EXORTAÇÃO.]

**“Para que possais resistir no dia mau e, havendo
feito tudo, ficar firmes” — Ef 6:13.**

Chegamos ao argumento com o qual o apóstolo insta a exortação, e que é duplo. 1. O primeiro tem respeito à hora da batalha: “para que possais resistir no dia mau”. 2. O segundo à feliz conclusão da guerra, que coroará o cristão assim armado, e isso é a vitória certa: “e havendo feito tudo, ficar firmes”.

PRIMEIRO ARGUMENTO — ISTO TEM RESPEITO À HORA DA BATALHA.

“Para que possais resistir no dia mau.”

Mas o que é este dia mau? Alguns tomam este dia mau para compreender toda a vida de um cristão aqui embaixo, neste vale de lágrimas; e então o argumento é: tomai toda a armadura de Deus, para que possais perseverar até o fim de vossa vida, a qual encontrareis ser, por assim dizer, um dia contínuo de angústia e provação. Assim, Jacó traça uma linha negra sobre toda a sua vida: “poucos e maus foram os dias dos anos da minha vida” (Gn 47:9). Que dia brilha tão belo que não se nubla antes da noite, sim, no qual o cristão não encontra algum aguaceiro ou outro, o suficiente para merecer o nome de dia mau? Todo dia tem sua porção, sim, sua proporção. Basta o mal do dia; não precisamos pedir emprestado e assumir tristezas de uso do amanhã para completar nosso peso presente. Como lemos sobre o “pão nosso de cada dia”, assim [também] sobre uma cruz

“diária” (Lc 9:23), a qual nos é ordenado tomar, não fazer. Não precisamos fazer cruces para nós mesmos, como somos propensos a fazer; Deus, em Sua providência, providenciará uma para nós, e nos é ordenado tomá-la, mas não ouvimos nada sobre depô-la até que a cruz e nós nos deitamos juntos. Nossas tribulações e nossas vidas são coetâneas; [elas] vivem e morrem juntas aqui. Quando a alegria vem, a tristeza está em seu calcanhar — cajado e vara andam juntos. O próprio Jó, aquele bom homem, cuja prosperidade o diabo tanto invejou e expôs em toda a sua bravura e pompa (Jó 1:10), como se seu sol não tivesse sombra, ouve que relato ele dá deste seu tempo mais florescente: “Eu não estava em segurança, nem tinha repouso, nem estava tranquilo” (Jó 3:26). Havia algumas tribulações que interrompiam seu descanso; quando sua cama era, ao pensar, tão macia quanto o coração poderia desejar, mesmo então este bom homem se revirava de um lado para o outro e não estava tranquilo. Se alguém tivesse vindo a Jó e o abençoado com sua feliz condição, e dito: “Certamente, Jó, tu poderias estar contente com o que tens por tua porção, se pudesses ter tudo isso estabelecido sobre ti e teus herdeiros depois de ti”, ele teria dito, como outrora Lutero: “Que Deus não deveria me despedir com estas”. Tal é o estado dos santos neste vale, que sua própria vida aqui, e todos os entretenimentos pomposos dela, são sua cruz, porque os detêm de sua coroa. Não precisamos de nada para tornar nossa vida um dia mau, mais do que nossa ausência de nosso bem principal, que não pode ser recompensado pelo mundo, nem desfrutado com ele. Apenas esta bondade há neste mal, que ele é curto. Nossa vida é apenas um “dia mau”, não durará muito. E certamente foi misericórdia que Deus tenha abreviado tanto o termo da vida do homem nestes últimos dias — dias nos quais tanto de Cristo e do céu são descobertos, que teria colocado a paciência dos santos em xeque saber tanto da

glória do mundo superior e, então, ser mantido tanto tempo longe dele, como os pais na primeira era foram. Ó, consolai-vos uns aos outros, cristãos, com isto: embora vossa vida seja má com tribulações, ela é curta — alguns passos, e estaremos fora da chuva. Existe uma grande diferença entre um santo, com relação aos males que ele encontra, e o ímpio, exatamente como entre dois viajantes cavalcando em sentidos contrários — ambos pegos na chuva e molhados —, mas um dos quais cavalga para longe da chuva, e assim está logo fora do aguaceiro, mas o outro cavalga para dentro do canto chuvoso — quanto mais longe vai, pior ele fica. O santo encontra tribulações, bem como o ímpio, mas ele logo sai do aguaceiro — quando a morte vem, ele tem tempo bom; mas o ímpio, quanto mais longe vai, pior fica — o que ele encontra aqui são apenas algumas gotas, a grande tempestade é a última. O derramamento da ira de Deus será no inferno, onde todos os abismos do horror são abertos, tanto de cima, da fúria justa de Deus, quanto de baixo, de suas próprias consciências acusadoras e atormentadoras.

Outros tomam a frase em um sentido mais restrito, para denotar aquelas estações particulares de nossa vida nas quais, mais especialmente, encontramos aflições e sofrimentos. Beza lê *tempore adverso* [no tempo da adversidade]. Embora toda a nossa vida seja má, se comparada ao estado feliz do céu; nosso dia mais claro é noite, em comparação àquela manhã gloriosa; contudo, uma parte de nossa vida, comparada a outra, pode ser chamada de boa, e a outra de má. Temos nossas vicissitudes aqui. As providências de Deus para Seus santos aqui, enquanto neste plano baixo da terra, são misturadas e multicores, como foi significado pelos cavalos “salpicados” (Zc 1:8), na visão de Zacarias — vermelho e branco, paz e guerra, alegria e tristeza, quadriculam nossos dias. A terra é um lugar intermediário entre

o céu e o inferno, e assim é nosso estado aqui; ele participa de ambos. Subimos e descemos a colina até chegarmos ao fim de nossa jornada; sim, encontramos o atoleiro mais profundo mais próximo da casa de nosso Pai — a morte, quero dizer — na qual todas as outras tribulações de nossa vida caem, como riachos em algum grande rio, e com a qual todas terminam e são engolidas. Sendo este o mal abrangente, concebo que é o que se quer dizer aqui, sendo tornado notável por um artigo duplo: *aquele* dia, *aquele* dia mau; não excluindo aqueles outros dias de tribulação que intervêm. Estas são apenas tantas mortes insignificantes, cada uma arrebatando um pedaço de nossas vidas com elas, ou como pajens enviados à frente para anunciar este rei dos terrores que vem atrás.

Sendo a frase aberta, consideremos a força deste primeiro argumento, com o qual o apóstolo reforça sua exortação de tomarmos para nós toda a armadura de Deus, e que consiste em três circunstâncias ponderosas. 1. A natureza e qualidade deste dia de aflição: é um dia mau. 2. A inevitabilidade deste dia mau de aflição, implícita na forma de fala: “para que possais resistir no dia mau”. Ele exclui toda a esperança de escapar; como se tivesse dito: vós não tendes como resistir, não vos agardeis com pensamentos de evitar a batalha, o dia mau deve vir, estejais vós armados ou não armados. 3. A necessidade desta armadura para resistir. Como não podemos fugir dele, assim [não podemos] aguentar perante ele, e opor a força que será feita contra nós, exceto se estivermos vestidos com armadura. Estes forneceria vários pontos, mas, por brevidade, nós os colocaremos juntos em uma conclusão.

O dia da aflição e da morte é mau, e em que aspectos.

DOCTRINA. Cabe a cada um armar-se e preparar-se para o dia mau da aflição e da morte, com o qual, inevitavelmente, ele deve conflitar. O ponto tem três ramos. 1. O dia da aflição e da morte é um dia mau. 2. Este dia mau é inevitável. 3. Cabe a cada um preparar-se para este dia mau.

Primeiro ramo. O dia da aflição, especialmente a morte, é um dia mau. Aqui devemos mostrar como a aflição é má, e como não.

1. Não é moral ou intrinsecamente má; pois, se fosse má neste sentido, Deus não poderia ser o autor dela. Sua natureza é tão pura que nenhum mal tal pode vir d'Ele, mais do que a luz do sol pode fazer a noite. Mas este mal da aflição Ele atesta como sendo Seu próprio ato. “Contra esta família planejo um mal” (Mq 2:3); sim, mais, Ele se apropria disso a si mesmo de tal modo que não quer que pensemos que alguém pode nos fazer mal além d'Ele. É a prerrogativa da qual Ele se gloria, que não há mal na cidade que não seja feito por Ele (Am 3:6). E bem é para os santos que suas cruzes são todas feitas no céu; de outra forma, não seriam tão ajustadas às suas costas como são. Mas, quanto ao mal do pecado, Ele o desmente, com uma ordem rigorosa para não colocarmos este rebento, que é gerado por Satanás em nossos corações impuros, em Sua porta. “Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e Ele mesmo a ninguém tenta” (Tg 1:13).

2. Se a aflição fosse assim intrinsecamente má, ela não poderia, em nenhum aspecto, ser objeto de nosso desejo, o que, às vezes, é, e pode ser. Devemos escolher a aflição em vez do pecado, sim, a maior aflição antes do menor pecado.

Moisés escolheu a aflição com o povo de Deus, em vez dos prazeres do pecado por uma estação. Somos ordenados a regozijar-nos quando caímos em diversas tentações, isto é, aflições. Mas em que aspectos, então, o dia da aflição pode ser chamado de mau?

(1) Como é penoso ao sentido. Na Escritura, “mau” é muitas vezes colocado como contradistinguido a alegria e conforto. “Esperávamos paz, e não veio o bem.” Um coração alegre é chamado de bom coração, um espírito triste, de espírito mau, porque a natureza tem uma aversão a tudo o que se opõe à sua alegria, e isso toda aflição faz, mais ou menos (Hb 12:11). Nenhuma aflição, enquanto presente, é motivo de alegria, mas de tristeza; ela tem, como a medicina, um sabor desagradável para o sentido. Portanto, Salomão, falando dos dias maus da doença, expressa-os como sendo tão desagradáveis à natureza que diremos: “Não sinto neles prazer”. Eles retiram a alegria de nossa vida. A alegria natural é uma verdadeira flor do sol da prosperidade; ela abre e fecha com ele. É verdade, de fato, que os santos nunca têm mais alegria do que em sua aflição, mas isso acontece por outra razão; eles têm um bom Deus que a envia, ou então eles estariam tão tristes quanto os outros. Não é mais natural que o conforto brote das aflições do que uvas crescerem em espinhos ou maná no deserto. Os israelitas poderiam ter esperado tempo suficiente por tal pão, se o céu não o tivesse feito chover milagrosamente. Deus escolhe esta estação para tornar a onipotência de Seu amor mais conspícua. Como Elias, para somar ao milagre, primeiro causa que água em abundância seja derramada sobre a lenha e o sacrifício, tanto quanto para encher a trincheira, e então traz fogo do céu por sua oração para consumi-lo; assim Deus derrama o dilúvio da aflição sobre Seus filhos, e então acende aquela alegria interior em seus peitos que

consome toda a sua tristeza; sim, Ele faz com que as próprias águas da aflição sobre as quais eles flutuam adicionem uma doçura maior à música de sua alegria espiritual; mas ainda assim é Deus quem é bom, e a aflição é que é má.

(2) O dia da aflição é um dia mau, pois é um lembrador indesejado de quais males pecaminosos passaram em nossas vidas. Ele revive a memória de pecados antigos, que, talvez, foram enterrados há muitos anos na sepultura do esquecimento. A noite da aflição é o tempo em que tais fantasmas costumam caminhar na consciência dos homens; e como a escuridão da noite aumenta o horror de qualquer objeto assustador, assim faz o estado da aflição, que é ele mesmo desconfortável, adicionar ao terror de nossos pecados, então lembrados. Nunca o pecado dos patriarcas pareceu tão horrendo para eles como quando ele recaiu sobre eles em sua angústia (Gn 42:21). O pecador então tem mais apreensões reais da ira do que em outro tempo; a aflição aproxima o juízo; sim, é interpretado por ele como um oficial enviado para chamá-lo imediatamente perante Deus, e, portanto, deve engendrar uma confusa e consternada aflição em seu espírito. Ó, que os homens pensassem nisso, como eles poderiam suportar a visão de seus pecados, e um sermão de ensaio de todos os seus caminhos, naquele dia! Esse é, de fato, o homem bem-aventurado, que pode, com o profeta, olhar para eles e triunfar sobre eles. Isto, de fato, é uma parábola obscura, como ele a chama: “Inclinarei os meus ouvidos a uma parábola; decifrarei o meu enigma ao som da harpa. Por que temeria eu nos dias da adversidade, quando me cercar a iniquidade dos que me perseguem?” (Sl 49:4, 5).

(3) O dia da aflição faz a descoberta de muito mal no coração, que não era visto antes. A aflição agita e remexe a criatura; se algum sedimento estiver no fundo, ele aparecerá

então. Às vezes, descobre que o coração é inteiramente mau, o que antes parecia bom. Estes sabões lavam a tinta do hipócrita: *natura vexata prodit seipsam* [a natureza vexada revela-se a si mesma]. E algumas aflições fazem isso com propósito. Lemos daqueles que se ofendem quando a perseguição vem; eles rompem completamente com sua profissão, porque isso lhes custa caro e lhes causa problemas; outros, em sua angústia, “amaldiçoam o seu Rei e o seu Deus” (Is 8:21). É impossível para um coração mau pensar bem de um Deus que aflige. O mercenário, se seu mestre pega um cajado para vencê-lo, joga fora seu trabalho e foge, e assim um coração falso serve a Deus. Sim, mesmo onde a pessoa é graciosa, a corrupção é frequentemente encontrada sendo mais forte, e a graça mais fraca do que se pensava. [No caso de] Pedro, que partiu tão valentemente no início para caminhar sobre o mar, o vento apenas se levanta e ele começa a afundar; agora ele vê que havia mais incredulidade em seu coração do que ele suspeitava antes. Aflições agudas são para a alma como uma chuva forte para a casa; não sabemos que havia tais frestas e buracos na casa até vermos pingar aqui e ali. Assim, não percebemos o quão não mortificada está esta corrupção, nem o quão fraca está aquela graça, até que sejamos assim sondados, e levados a conhecer mais plenamente o que há em nossos corações por tais provas. Esta é a razão pela qual ninguém tem pensamentos tão humildes de si mesmo, e pensamentos tão piedosos e tolerantes para com os outros em suas enfermidades, como aqueles que são mais familiarizados com as aflições. Eles encontram tantos tropeços em seus conflitos que os fazem carregar uma vela baixa em relação à sua própria graça, e um respeito terno para com seus irmãos — mais prontos a ter piedade do que a censurá-los em suas fraquezas.

(4) Esta é a estação em que o maligno, Satanás, vem para tentar. O que encontramos ser chamado de tempo da “tribulação” (Mt 13:21), encontramos na mesma parábola (Lc 8:13) chamado de tempo da “tentação”. De fato, ambos se encontram; raramente Deus nos aflige sem que Satanás adicione tentação ao nosso deserto. “Mas esta é a vossa hora e o poder das trevas”, diz Cristo (Lc 22:53). Os sofrimentos de Cristo por parte dos homens e a tentação do diabo vieram juntos. Esaú, que odiava seu irmão por causa da bênção, dizia em seu coração: “Os dias de luto por meu pai se aproximam; então matarei meu irmão Jacó” (Gn 27:41). Tempos de aflição são os dias de luto; aqueles pelos quais Satanás espera para nos fazer um mal.

(5) O dia da aflição muitas vezes tem um evento e desfecho mau; e, a este respeito, prova ser um dia mau, de fato. Tudo está bem, dizemos, o que termina bem; o produto das aflições sobre o cristão é bom; a vara com a qual eles são corrigidos produz os frutos pacíficos da justiça, e, portanto, eles podem chamar suas aflições de boas. Esse é um bom instrumento que deixa sair apenas o sangue ruim. “Foi-me bom ter sido afligido”, diz Davi. Li sobre uma santa mulher que costumava comparar suas aflições aos seus filhos. Ambos a puseram em grande dor no nascimento; mas como ela não sabia de qual de seus filhos poderia ter ficado sem — apesar de todo o problema no parto —, tampouco sabia de qual de suas aflições poderia ter se livrado, não obstante a tristeza que elas lhe causaram na resistência. Mas, para o ímpio, o desfecho é triste: (a) No que diz respeito ao pecado; elas os deixam piores, mais impenitentes, endurecidos no pecado e ultrajantes em suas práticas perversas. Cada praga no Egito somou-se à praga do endurecimento no coração de Faraó. Aquele que, por algum tempo, podia implorar orações a Moisés por si mesmo, chega finalmente ao ponto de

ameaçar matá-lo se ele aparecesse diante dele novamente. Ó, a que altura prodigiosa vemos muitos chegarem no pecado, após alguma grande doença ou outro juízo! As crianças não crescem mais em sua estatura corporal após uma febre do que eles em suas concupiscências após aflições. Ó, quão gananciosos e vorazes eles são após sua presa, uma vez que se livram de seu obstáculo e corrente de seus calcanhares! Quando a medicina não funciona bem, ela não deixa apenas a doença sem cura, mas o veneno da medicina permanece no corpo também. Muitos aparecem assim envenenados por suas aflições, pelo rompimento de suas concupiscências depois. (b) No que diz respeito à tristeza; cada aflição sobre uma pessoa ímpia produz outra, e uma maior do que a anterior; a maior vem por último, que o preparará para o fogo. O pecador é açoitado de aflição em aflição, como o vagabundo de oficial de justiça em oficial de justiça, até que, finalmente, ele chega ao inferno, seu lugar próprio e morada fixa, onde todas as tristezas se encontrarão em uma que é sem fim.

Segundo ramo. Este dia mau é inevitável. Podemos tão bem parar a carruagem do sol, quando parte para a noite, e afugentar as sombras da tarde, quanto escapar desta hora das trevas que vem sobre todos nós. “Ninguém há que tenha domínio sobre o espírito para o reter, nem tem poder sobre o dia da morte; nem há licença nesta peleja” (Ec 8:8). Entre os homens, é possível safar-se quando convocado para as guerras, pleiteando privilégio de idade, propriedade, fraqueza corporal, proteção do príncipe e coisas semelhantes; ou, se todas estas falharem, possivelmente o envio de outro em nosso lugar, ou um suborno dado na mão, pode servir ao propósito. Mas, nesta guerra, a convocação é tão estrita que não há dispensa. Davi poderia voluntariamente ter ido pelo seu filho — ouvimo-lo chorando:

“Quem me dera que eu tivesse morrido por ti, ó Absalão, meu filho, meu filho!” —, mas ele não será tomado; aquele jovem galante deve ir ele mesmo. Devemos, em nossa própria pessoa, entrar no campo e olhar a morte no rosto. Alguns, de fato, encontramos tão tolos a ponto de prometerem a si mesmos imunidade deste dia, como se tivessem um escritório de seguros em seus peitos. Eles dizem que fizeram um pacto com a morte e com o inferno estão em acordo. Quando o açoite transbordante passar, ele não chegará a eles. E agora, como devedores que pagaram ao sargento, andam ao ar livre corajosamente e não temem nenhuma prisão. Mas Deus lhes diz que, tão rápido quanto eles ligam, Ele soltará: “O vosso pacto com a morte será anulado, e a vossa aliança com o inferno não subsistirá”. E como poderia, se Deus não quisesse colocar Seu selo nela? Há uma lei divina para este dia mau, que entrou em vigor após o primeiro pecado de Adão, que colocou a faca fatal na garganta da humanidade, que abriu uma comporta para deixar sair o sangue de seu coração desde então. Deus, para prevenir toda fuga, semeou as sementes da morte em nossa própria constituição e natureza, de modo que podemos correr de nós mesmos tão cedo quanto correr da morte. Não precisamos de nenhum lenhador que venha com uma mão de violência e nos abata. Há na árvore um verme que cresce de sua própria substância que a destruirá; assim em nós, aquelas enfermidades da natureza que nos trarão ao pó. Nossa morte foi gerada quando nossa vida foi concebida pela primeira vez. E como uma mulher não pode impedir a hora de seu trabalho — que se segue, por natureza, à outra —, tampouco o homem pode impedir o surgimento da morte com a qual sua vida está grávida. Todas as dores e aflições que o homem sente em sua vida são apenas tantos *singultus morientis naturæ* [soluços de uma natureza moribunda]; eles lhe dizem que sua dissolução está próxima. És tu um príncipe sentado em

todo o teu estado e pompa? A morte ousa entrar em teu palácio e passar por todos os teus guardas para entregar a mensagem fatal que ela tem de Deus para ti, sim, atravessa seu punhal até o teu coração. Estivesses tu cercado por um colégio de médicos consultando tua saúde, a arte e a natureza, ambos devem entregar-te quando ela vier. Mesmo quando tua força é mais firme e tu comes teu pão com um coração alegre, aquele próprio alimento que nutre tua vida dá-te, além disso, um penhor da morte, pois deixa aquelas escórias em ti que, com o tempo, procurarão o mesmo. Ó, quão inevitável é este dia da morte, quando aquele mesmo cajoado nos derruba até a sepultura, por último, no qual nossa vida se apoia e é preservada por! Deus deve uma dívida ao primeiro Adão e ao segundo. Ao primeiro, Ele deve o salário do pecado; ao segundo, a recompensa de seus sofrimentos. O lugar para o pagamento integral de ambos é o outro mundo, de modo que, exceto se a morte vier para levar o homem para lá, os ímpios, que são a posteridade do primeiro Adão, perderão aquele pagamento integral por seus pecados, que a ameaça torna dívida devida, e engaja Deus a realizar. Os piedosos também, que são a semente de Cristo, estes não deveriam receber a compra total de seu sangue, que Ele nunca teria derramado se não fosse pelo crédito daquela promessa de vida eterna que Deus lhe deu por eles antes que o mundo começasse. Esta é a razão pela qual Deus tornou este dia tão certo. Nele Ele descarrega ambos os títulos.

Terceiro ramo. Cabe a cada um preparar-se, e eficazmente prover, para este dia mau, que tão inevitavelmente nos paira sobre a cabeça: e isso por uma dupla conta: 1. Em ponto de dever. 2. Em ponto de sabedoria.

1. Em ponto de dever:

(1) É por nossa lealdade ao grande Deus que nós providenciamos e nos armamos contra este dia. Suponha que um súdito fosse confiado com um dos castelos de seu príncipe, e que ele ouvisse que um inimigo poderoso estava vindo para cercar este castelo, e ainda assim ele não toma cuidado para colocar armas e provisões para sua defesa, e assim ele é perdido. Como poderia tal pessoa ser limpa de traição? Não trai ele basamente o lugar e, com ele, a honra de seu príncipe nas mãos do inimigo? Nossas almas são este castelo, que cada um de nós deve guardar para Deus. Temos inteligência certa de que Satanás tem um desígnio sobre elas, e o tempo em que ele pretende vir com todos os seus poderes das trevas, para ser aquele dia mau. Agora, como gostaríamos de ser encontrados verdadeiros em nossa confiança, somos obrigados a ficar em nossa defesa e armazenar-nos com o que possa nos habilitar a fazer uma resistência vigorosa.

(2) Somos obrigados a prover para aquele dia, como um retorno adequado para, e melhoramento de, as oportunidades e meios que Deus nos oferece para este mesmo fim. Não podemos, sem ingratidão vergonhosa para com Deus, desperdiçar aqueles auxílios que Deus nos dá em ordem a este grande trabalho. Todos gritariam contra aquele que gastasse basamente aquele dinheiro em tumulto na prisão, que foi enviado para garantir sua libertação da prisão. E não coramos ao conceder aqueles talentos às nossas concupiscências e a Satanás, que Deus graciosamente nos concede para nos livrar deles e de sua [de Satanás] fúria em uma hora moribunda? Para que temos Bíblias, ministros e pregação, se não pretendemos fornecer-nos por eles com armadura para o dia mau? Em uma palavra, qual é a intenção de Deus em prolongar nossos dias e continuar-nos algum tempo aqui na terra dos vivos? Foi para que pudéssemos ter tempo para celebrar, ou antes, desembaraçar-nos sobre o prazer deste

mundo vão? Ele nos dá nosso tempo precioso para ser empregado na captura de tais borboletas como estas honras e riquezas terrenas são? Não pode ser. Mestres, se sábios, não costumam colocar seus servos em tal trabalho como não pagará pela vela que queimam ao fazê-lo. E, verdadeiramente, nada menos do que a glorificação de Deus, e a salvação de nossas almas por último, pode valer o tempo precioso que passamos aqui. O grande Deus tem um fim maior do que a maioria pensa nesta dispensação. Se quiséssemos julgar corretamente, deveríamos tomar Sua própria interpretação de Suas ações; e o apóstolo Pedro nos ordena: “tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor” (2Pe 3:15), cuja passagem ele cita de Paulo (Rm 2:4), quanto ao sentido, embora não na mesma forma de palavras: “Ou desprezas tu as riquezas da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, não sabendo que a bondade de Deus te conduz ao arrependimento?”. De ambos os lugares somos ensinados qual é a mente de Deus, e a linguagem que Ele fala conosco, por cada momento de paciência e polegada de tempo que nos é concedido. É um espaço dado para o arrependimento. Deus vê [que], como somos, a morte e o juízo não poderiam trazer notícias boas para nós. Não estamos em condições de acolher o dia mau e, portanto, a misericórdia levanta-se para interceder pela pobre criatura no seio de Deus, e implora que um pouco mais de tempo possa ser adicionado à sua vida, que por esta indulgência ela possa ser provocada a arrepender-se antes de ser chamada ao tribunal. Assim, chegamos a cada dia que é continuamente acrescentado ao nosso tempo na terra. E não impõe isto uma forte obrigação sobre nós de aplicar cada ponto deste tempo ao mesmo fim para o qual é implorado?

1. Em ponto de sabedoria. A sabedoria de um homem aparece mais eminentemente em duas coisas: 1. Na

matéria de sua escolha e cuidado principal. 2. Na devida temporização desta sua escolha e cuidado principal.

2. Um homem sábio faz a escolha, como objeto de seu cuidado e esforço principal, daquilo que é de maior importância e consequência para ele. Tolos e crianças apenas se interessam por brinquedos e bagatelas. Eles são tão ocupados e fervorosos em fazer uma casa de terra ou de cartas, quanto Salomão foi em fazer seu templo. Esses pobres bibelôs são tão adequados às suas tolas apreensões quanto grandes empreendimentos são aos homens sábios. Ora, tal é a importância do dia mau, especialmente o da morte, que ele prova um homem tolo ou sábio, conforme ele se comporta diante dele. O fim especifica toda ação e dá a ela o nome de boa ou má, de sábia ou tola. O dia mau da morte é, como o fim de nossos dias, assim também o fim de todas as ações de nossa vida. Tal será nossa vida encontrada ao final, como tem sido em relação a este único dia. Se os vários itens de nossa vida — conselhos e projetos que perseguimos —, quando forem então somados, resultarem em uma morte bendita, então pareceremos ser homens sábios de fato; mas, se após todas as nossas boas tramas e políticas para outras coisas estivermos despreparados para aquela hora, devemos nos contentar em morrer tolos ao final, e [não há] tal tolo como um tolo moribundo. O cristão passa por tolo, na conta do mundo, enquanto vive; mas quando a morte vem, o mundo sábio confessará então que o chamou erroneamente, e tomará para si: “Nós, os insensatos, tivemos a vida dele por loucura, e o seu fim, por desonra. Como, pois, é contado entre os filhos de Deus, e a sua sorte é entre os santos? Portanto, erramos do caminho da verdade” (Sb 5:4,5). A passagem é apócrifa, mas os pecadores acharão a

matéria dela canônica. É verdade, de fato, que os santos são superados pelo mundo nas coisas do mundo, e não é de se admirar; nem isso impeça sua sabedoria, mais do que a de um erudito ser superado pelo sapateiro em seu ofício medíocre. A natureza, quando pretende excelências superiores, é mais descuidada nas coisas que são inferiores, como vemos no homem, que, sendo feito para exceder os animais em uma alma racional, é ele mesmo superado por algum animal ou outro em todos os seus sentidos. Assim, o cristão pode muito bem ser superado em assuntos de comércio mundano, porque ele tem um objeto mais nobre em seu olho, que o faz lidar com as coisas do mundo em uma espécie de desatenção. Ele não é muito cuidadoso nesses assuntos; se ele puder morrer bem ao final, e ser justificado como homem sábio no dia da ressurreição, tudo está bem (Jd 15). Ele pensa que não são modos estar indisposto a esperar tanto tempo para o esclarecimento de sua sabedoria, como Deus pode esperar pela vindicação de Sua própria natureza gloriosa, que não aparecerá em sua glória até aquele dia, quando Ele convencerá os ímpios de seus pensamentos duros e discursos contra Ele. Então eles serão, até lá eles não serão, convencidos.

3. Um homem sábio trabalha devidamente para temporizar seu cuidado e esforço, para a obtenção do que ele propõe. É o tolo que chega quando o mercado já fechou. Como o dia mau é de grande relevância no que diz respeito ao seu evento, assim o posicionamento de nosso cuidado para ele na estação certa é de importância primordial, e isso certamente deve ser antes que ele venha. Há mais portas do que uma pelas quais o mensageiro pode entrar, que traz más novas para nós, e em qual ele baterá nós não sabemos. Não

sabemos onde seremos presos, se na cama ou à mesa, se em casa ou no campo, se entre nossos amigos que nos aconselharão e consolarão, ou entre nossos inimigos que adicionarão peso à nossa tristeza por sua crueldade. Não sabemos quando, se de dia ou de noite, muitos de nós [não sabemos] se na manhã, meio-dia ou tarde de nossa idade. Como Ele chama para o trabalho em todos os momentos do dia, assim Ele faz para a cama, talvez enquanto tu estás orando ou pregando, e seria triste ir embora profanando-os, e o nome de Deus neles; possivelmente quando tu estás em pior trabalho. A morte pode tirar tua taça de gole de tua mão, enquanto tu estás sentado na taberna com teus companheiros joviais, ou encontrar-te enquanto tu estás cambaleando para casa, e fazer de alguma vala tua sepultura, que, como viveste como um animal, assim deverias morrer como um animal. Em uma palavra, não sabemos o tipo de mal que Deus usará como instrumento para nos esfaquear; se alguma mão sangrenta de violência o fará, ou uma doença de nossas entranhas e corpos; se alguma doença aguda, ou alguma enfermidade prolongada; se tal doença que matará o homem enquanto o corpo está vivo — quero dizer, tomará a cabeça e nos privará de nossa razão — ou não; se tais tribulações repugnantes como farão nossos amigos terem medo de nos deixar respirar sobre eles, ou eles mesmos olharem para nós; se elas serão aflições agravadas com as tentações de Satanás, e os terrores de nossas próprias consciências assustadas, ou não. Quem sabe onde, quando ou qual será o dia mau? Portanto Deus oculta estes, para que providenciemos para todos. César nunca deixaria seus soldados saberem quando ou para onde ele pretendia marchar. O conhecimento destes nos atormentaria com medo distrativo, o não conhecimento deles deveria nos despertar para um cuidado preventivo. É

um mau momento para calafetar o navio quando no mar, tombando para lá e para cá em uma tempestade; isso deveria ter sido observado quando em seu assento no porto. E tão ruim quanto é, começar a preparar uma alma para o céu quando se joga sobre um leito de enfermidade. Coisas que são feitas às pressas são raramente bem feitas. Um homem chamado de sua cama à meia-noite com um fogo lúgubre no telhado de sua casa, não pode parar para se vestir em ordem, como em outro tempo, mas corre para baixo com uma meia meio calçada, talvez, e a outra nem um pouco. Essas pobres criaturas, temo, vão em um traje tão ruim para outro mundo, que começam a prover para ele quando, em um leito de morte, a consciência os chama com um grito de fogo do inferno em seus peitos. Mas, infelizmente! eles devem ir, embora não tenham tempo para colocar sua armadura. E assim eles são postos a arrepender-se com calma no inferno, de seu arrependimento feito às pressas aqui. Chegamos à aplicação do ponto.

Uso ou Aplicação.

Uso 1. Repreende aqueles que estão tão longe de prover para o dia mau, que eles não sofrerão qualquer pensamento desse dia permanecer com eles. Eles são tão indispostos a serem levados a um discurso sobre este assunto, como uma criança a ser levada para a escuridão e lá deixada. É uma morte para eles pensar na morte, ou naquilo que leva a ela. Como alguns pensam tolosamente [que] eles devem morrer imediatamente quando fizeram seu testamento, assim estes pensam que apressam aquele dia doloroso ao meditar nele. A meditação dele não é mais bem-vinda para eles do que a companhia de Moisés foi para

Faraó. Portanto eles dizem a ele como ele a Moisés: “Retira-te de mim, e não tornes a ver o meu rosto”. O medo dele os faz esquartejar e eliminar todos aqueles pensamentos que a consciência agita a respeito dele. E ao final eles obtêm tal domínio de suas consciências, que chegam a uma espécie de ateísmo. É tão raro tê-los pensando ou falando sobre tais assuntos, como ver uma mosca ocupada no inverno. Nada agora além do que é frívolo e jocoso é entretido por eles. Se qualquer pensamento tal vier como profetiza alegria e contentamento carnal, estes, como adequados aos seus corações, são levados para a carruagem para sentar com eles, mas todos os outros são ordenados a ir atrás. Infelizmente, infelizes de espírito pobre! algo poderia ser dito por vós, se este dia mau de morte e juízo fosse tais *entia rationis* [ficções da imaginação], como não tinham base ou ser senão o que nossas fantasias lhes dão. Tais tribulações existem no mundo, que têm todo o seu mal a partir de nossos pensamentos. Quando somos inquietados com os escárnios e reprovações dos homens, se apenas não pensássemos neles, eles não seriam nada. Mas teu banimento dos pensamentos deste dia mau de tua mente será um pobre e curto alívio. Tu não podes nem impedir sua vinda, nem retirar seu aguilhão quando ele vem, ao desprezá-lo. Tu és como um passageiro em um navio, dormindo ou acordado tu estás fazendo tua viagem. Tu fazes apenas como aquele pássaro tolo, que coloca sua cabeça em um junco, e então pensa que está a salvo do caçador, porque ela não o vê. Tu és um alvo justo para a vingança de Deus; Ele te vê, e está tomando seu alvo em ti, quando tu não vês a Ele. Sim, tu te colocas sob uma inevitabilidade de perecer, por não pensar neste dia. O primeiro passo para nossa segurança é a consideração de nosso perigo.

Uso 2. Repreende aqueles que, se pensam no dia mau, ainda [o fazem] [apenas tão] longe, que é para pouco propósito. Eles garantirão colocá-lo a tal distância deles, que retirará a força da meditação, de modo que não os atingirá no sentido profundo e medo dele. Aquele canhão que, se estivéssemos na boca dele, despedaçaria membro por membro, não assustará nem mesmo aqueles que saem de seu alcance. Quanto mais longe colocamos o dia mau, mais fraca impressão ele faz em nós. É verdade, dizem os pecadores, não pode ser evitado. Devemos uma dívida à natureza; ela deve ser paga. A doença virá, e a morte seguirá isso, e o juízo fecha a retaguarda de ambos. Mas, infelizmente! eles não procuram por esses convidados ainda, eles profetizam sobre essas coisas daqui a muito tempo. Muitos dias belos eles esperam que intervirão. Assim os homens são muito gentis consigo mesmos. Primeiro, eles desejam que possa ser longo antes que venha, e então, porque gostariam que fosse assim, eles são ousados em prometer a si mesmos que será assim; e quando uma vez fizeram essa promessa, não é de se admirar se eles então vivem conforme a taxa de suas vãs esperanças, adiando o fechamento de suas contas, até a tarde de inverno da velhice, quando não terão tais alucinações para vaguear longe dos prazeres desta vida. Ó, então eles farão grandes coisas para ajustar-se para o dia mau. Homem ousado! quem te deu licença para cortar tiras tão grandes daquele tempo que não é teu, mas de Deus? Quem faz o contrato, o inquilino ou o proprietário? Ou tu esqueces que tu arrendas tua vida, e não és um dono? Este é o dispositivo de Satanás, para fazer-te atrasar; enquanto uma expectativa presente do dia mau não te deixaria sentar imóvel e despreparado. Ó, por que deixas tuas almas longe de seu trabalho, fazes-as ociosas e descansar de seus fardos, contando-lhes sobre vida longa, enquanto a morte te surpreende inesperadamente? Ó, que vergonha serão postos teus corações

licenciosos — que agora dizem, teu marido foi para longe, tu podes te encher de amores — se Ele deveria vir antes de ser esperado, e te encontrar na cama com concupiscências? E deixa-me dizer-te, destruição súbita é ameaçada, especialmente aos seguros. Lê aquela escritura onde é denunciada contra aquele tipo de pecadores, que se agradam com o atraso da vinda de seu Senhor, [declarando] que “o senhor daquele servo virá num dia em que não o espera, e numa hora em que ele não sabe” (Mt 24:48,50,51). De fato, Deus deve sair de Sua estrada ordinária de lidar com pecadores, se tais escaparem de uma ruína súbita. Alguém é ousado em desafiar qualquer um a mostrar um precedente na Escritura de quaisquer que sejam marcados por segurança, que algum juízo notável, sim, súbito, não surpreendeu. [No caso daqueles em] Sodoma, quão logo após uma manhã de sol os céus engrossam, e os enterram em poucas horas, por uma tempestade de fogo, em suas próprias cinzas? Laís descuidada é cortada antes que quase pensem nisso. Agague, quando viu as nuvens de seus medos se romperem, e tempo bom estava em seu semblante, elas retornam imediatamente sobre ele, e o fecham na morte, ele é logo cortado em pedaços. Amaleque [é] massacrado por Davi, antes que o triunfo de sua recente vitória estivesse frio. Nabucodonosor está se exibindo em seu palácio com esta bravata em sua boca: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei?” (Dn 4:30); e antes que ele possa tirar as palavras de sua garganta, há outra voz caindo do céu, dizendo: “Ó rei Nabucodonosor, a ti se diz: o reino passou de ti”. E, “na mesma hora a palavra se cumpriu” (v. 32,33), e ele foi enviado a pastar com os animais. Rico abençoa a si mesmo por muitos anos, e dentro de algumas horas o travesseiro é arrancado debaixo de sua cabeça, e tu não ouves mais dele até que do inferno ele ruga; sim, um mundo inteiro, poucas pessoas excetuadas, [é] afogado, e eles “não o

perceberam, até que veio o dilúvio e os levou a todos” (Mt 24:39). E quem és tu, ó homem, que prometes a ti mesmo uma isenção, quando reis, cidades, um mundo inteiro, foram arruinados deste tipo?

Uso 3. Repreende aqueles que — muito contra sua vontade, e por causa de uma consciência despertada, que está sempre a beliscá-los, e a pregar sobre o texto de Paulo diante de Félix para eles, até que os faz tremer como ele fez — pensam de fato frequentemente neste dia mau; contudo, tal é o poder da concupiscência em seus corações, que os faz apressar, não obstante todas as repreensões que a consciência lhes dá, e pensamentos assustadores que eles têm do dia mau, contudo eles continuam em seu velho comércio de pecado desesperadamente. Esses miseráveis são os objetos de nossa mais triste piedade. O pecador seguro, que quebrou a prisão de sua consciência, é como um ébrio de cérebro forte; ele engole seu pecado, como o outro faz sua bebida, com prazer, e não é agitado de modo algum. Mas aqui está um homem que está doente do estômago, como posso dizer, sua consciência está frequentemente vomitando seus doces goles, e ainda assim ele pecará, embora com dor e angústia. Ó, considerai, pobres miseráveis, o que fazeis! Em vez de vos armardes contra o dia mau, vós armais o dia mau contra vós mesmos; vós estais espetando a cama com alfinetes e agulhas, na qual vós deveis em breve ser deitados; vós estais jogando lenha na fornalha ardente, na qual ao final vós sereis lançados; e tudo isso apesar de vossas consciências, as quais contudo Deus misericordiosamente coloca em vosso caminho, para que as picadas delas possam ser uma sebe de espinhos, para vos manter longe da perseguição de vossas concupiscências. Sabe, portanto, se tu quiseses seguir em frente, que como tua

consciência retira o prazer de teu pecado no presente, assim ela adicionará ao horror de teu tormento daqui em diante.

Uso 4. Repreende aqueles que, embora não sejam tão violentos e ultrajantes no pecado [a ponto de] fazerem-nos fedorenta acima da terra nas narinas acima de outros, ainda assim descansam em uma condição desarmada. Eles não voam para Cristo para cobertura e abrigo contra o dia de tempestade e tormenta, e a razão é: eles têm uma mentira em sua mão direita, eles se alimentam de cinzas, e um coração enganado os desvia de buscar a Cristo. Faria alguém tremer ver quão confiantes muitos estão com suas falsas esperanças e autoconfianças. Ousando vir para cima — como Coré com seu incensário, tão intrepidamente quanto o próprio Moisés — mesmo à boca da sepultura, até que de repente eles são engolidos pela destruição, e enviados para serem desenganados no inferno, aqueles que não queriam ser batidos de seus refúgios de mentiras aqui. Quem quer que sejas, ó homem, e o que quer que tenhas para te glorificar, fosse a conversação mais santa que qualquer um já viveu na terra, ainda assim se este for teu abrigo contra o dia mau, tu perecerás. Não há salvação quando o dilúvio vem, mas Cristo; sim, estar em Cristo, pendurado no lado de fora da arca por uma profissão especiosa, não salvará. Parece-me ver como aqueles do velho mundo correram por suas vidas, alguns para esta colina, e outros para aquela árvore alta, e como as ondas os perseguiram, até que ao final foram varridos para o dilúvio devorador. Tal será o vosso fim, que se voltam para qualquer outro caminho para ajuda senão para Cristo; contudo a arca espera por vós, sim, chega perto do vosso portão para vos levar. Noé não estendeu sua mão mais voluntariamente para tomar a pomba, do que Cristo faz para receber aqueles que voam para

Ele em busca de refúgio. Ó, não rejeiteis vossas próprias misericórdias por vaidade mentirosa.

Uso 5. Deixa-o colocar-te sobre a investigação, quem quer que sejas, se tu estás em uma postura de defesa para este dia mau. Pergunta à tua alma sóbria e solenemente: “Estás providenciada para este dia, este dia mau?”. Como poderias separar-te do que isso levará embora, e acolher o que isso certamente trará? A morte vem com um vazio para levar embora todos os teus desfrutes carnis, e para trazer-te um acerto de contas por eles. Ó, podes tu despedir-te de um, e com paz e confiança ler o outro? Não te assustará ter tua saúde e força transformadas em desfalecimento e fraqueza, tuas doces noites de descanso em olhos despertos e inquietos, tua voz que tantas vezes cantou ao violino, para estar agora familiarizada com nenhuma outra melodia senão suspiros e gemidos? Ó, como podes olhar para tuas doces e caras relações com pensamentos de remoção delas? Sim, contempla o instrumento, por assim dizer, amolando, que dará o golpe fatal para separar alma e corpo? Pensa que estarias agora meio morto em teus membros que são mais remotos da fonte da vida, e a morte a ter apenas alguns momentos de jornada antes que chegue ao teu coração, e assim bater teu último suspiro para fora de teu corpo. Possivelmente a inevitável necessidade destes faz com que tu te endureças contra eles. Isto poderia, de fato, em algum pagão, que não está resolvido se há outro mundo ou não, ajudar um pouco a cegar o gume daquele terror, que de outra forma cortaria mais fundo em seu coração espantado; mas se tu acreditas em outro mundo, e naquele juízo que está nas costas da morte, pronto para alocar-te teu estado imutável em felicidade ou miséria, certamente tu não podes aliviar tua consciência despertada com tal pobre cordial. Ó, portanto, pensa que resposta tu pretendes

dar ao grande Deus em tua aparição perante Ele, quando Ele te perguntar: “O que podes tu dizer, por que a sentença de condenação eterna não deveria então ser pronunciada contra ti?”. Verdadeiramente lidamos infielmente com nossas próprias almas, se não trazemos nossos pensamentos a este ponto. Se agora vocês deveriam perguntar como deveriam prover contra o dia mau, para que possam ficar perante aquele tribunal terrível, e viver assim no meio tempo para que não possais estar sob uma escravidão escravizante através da expectativa temerosa dele, tomai-o em algumas direções.

1. Se alguma vez tu quisesses ter um desfecho bendito deste dia mau, de modo a ficar no juízo perante o grande Deus, não descanses até que tenhas entrado em uma relação de aliança com Cristo. O conforto vivo de Davi moribundo foi tirado da aliança que Deus tinha feito com ele — este era todo o seu desejo, e toda a sua salvação. Como podes tu colocar tua cabeça no outro mundo sem horror, se tu não tens base sólida que Cristo te reconhecerá por d'Ele? O céu tem seus herdeiros, e assim tem o inferno. Os herdeiros do céu são tais que estão em aliança com Deus. A fundação disso foi colocada em uma aliança, e todas as mansões lá são preparadas para um povo em aliança com Ele: “Ajuntai os meus santos, aqueles que fizeram comigo uma aliança”. Mas como podes tu entrar nesta relação de aliança? Primeiro, quebra tua aliança com o pecado. Tu és por natureza um servo de aliança do pecado e de Satanás. Pode ser que tu não tenhas expressamente em palavras, e formalmente, como bruxas, selado esta aliança, contudo virtualmente, como tu fizeste o trabalho de Satanás, e estiveste ao comando de tuas concupiscências, aceitando a recompensa da injustiça — o prazer e as vantagens carnaís

que eles te pagaram por isso —, nisso tu declaraste-te ser assim. Agora, se alguma vez tu quiseses ser tomado em aliança com Deus, quebra isto. Uma aliança com o inferno e com o céu não podem ficar juntas.

2. Desposa-te a Cristo. A aliança da graça é o dote que Deus estabelece apenas sobre a esposa de Cristo. Rebeca não teve as joias e roupas caras até que foi prometida a tornar-se esposa de Isaque (Gn 24:53). “Todas as promessas de Deus são sim” e “amém” em Cristo. Se uma vez tu recebes a Cristo, com Ele tu recebes a elas. Aquele que possui a árvore tem direito a todos os frutos que nela estão. Agora, para que tu não amontões um casamento entre Cristo e ti, de modo a ser deserdado de Cristo, e ele provar uma nulidade ao final, cabe a ti olhar para isso, que seja encontrado em ti o que Cristo espera em cada alma que Ele desposa. Primeiro, portanto, considera se tu podes amar cordialmente a pessoa de Cristo. Olha fixamente para Ele de novo e de novo, como Ele é exposto em todas as Suas excelências espirituais. São elas tais que teu coração pode se fechar com elas? Sua natureza santa, e todas aquelas graças celestiais com as quais Ele é embelezado, tornam-nO desejável para ti? Ou poderias tu gostar mais d'Ele se Ele não fosse tão preciso e exatamente santo? Sim, teu coração está tão inflamado com um desejo d'Ele, que tu podes amá-LO com um amor conjugal? Uma mulher pode amar alguém como um amigo, a quem ela não pode amar de modo a torná-lo seu marido. Um amor amigável pode estar com um amor de algum outro igual a ele, sim, superior, mas um amor conjugal é tal que não suportará nenhum. Podes tu achar em teu coração abandonar tudo o mais, e apegar-te a Cristo? Teu coração diz-te pronto, e apresenta-te disposto, a ir com teu

doce Jesus, embora Ele te leve de pai, e da casa de pai? Tua confiança é tal, de Seu poder para proteger-te de todos os teus inimigos — pecado, ira e inferno — que tu podes resolutamente colocar a vida de tua alma em Suas mãos, para ser salvo pela virtude única de Seu sangue, e [pela] força de Seu braço onipotente; e de Seu cuidado para prover para ti para esta vida e a outra, que tu podes aquiescer no que Ele promete fazer por ti? Em uma palavra, se tu tens a Cristo, tu deves não apenas amá-LO, mas por amor a Ele todos os teus novos parentes, aos quais pelo teu casamento com Ele tu serás aliado. Como podes tu adaptar-te para chamar os santos teus irmãos? podes tu amá-los cordialmente, e esquecer todas as velhas queixas que tiveste contra eles? Alguns deles tu encontrarás pobres e perseguidos, contudo Cristo não se envergonha de chamá-los irmãos, tampouco deves tu. Se tu encontras teu coração agora em tal disposição como atende a estes interrogatórios, eu não ousa, mas pronunciar Cristo e tu marido e esposa. Vai, pobre alma — se posso chamar assim uma noiva tão gloriosa — vai e consola-te com a expectativa da vinda do Noivo por ti; e quando o dia mau se aproxima, e a morte mesma se aproxima, não olhes agora com terror para ela, mas antes revive, com o velho Jacó, para ver a carruagem que te levará para os abraços de teu Marido, a quem tu ouves estar em tão grande honra e majestade no céu, como pode assegurar-te que Ele é capaz de te dar as boas-vindas quando tu chegares lá. Dentre todas as “todas as coisas” que são nossas por sermos de Cristo, o apóstolo não esquece de nomear esta para ser uma: “A morte é nossa”. E bem ele fez isso, ou então nunca teríamos olhado para ela como um dom, mas antes como um juízo. Agora, alma, tu estás fora de qualquer perigo de dano que o dia mau pode fazer-te. Contudo, resta algo para ti fazer, para que possas

andar na expectativa confortável do dia mau. Vemos que pessoas graciosas podem, por falta de um cuidado santo, cair em tais distemperos que podem colocar um agulhão em seus pensamentos sobre o dia mau. Davi, que em um tempo não teria medo de “andar pelo vale da sombra da morte”, está tão assustado em outro tempo quando ele é conduzido para ele, que ele clama: “Poupa-me”, ó Senhor, “para que eu possa recuperar as forças, antes que vá daqui” (Sl 39:13). A criança, embora ame seu pai, pode fazer o que pode torná-lo com medo de ir para casa. Agora, cristão, se tu quisesses viver em uma expectativa confortável do dia mau:

(1) Trabalha para morrer para esta vida, e os desfrutes dela, todos os dias mais e mais. A morte não é tão forte para aquele cuja força natural foi desperdiçada por uma longa doença definhante, como é para aquele que jaz apenas alguns dias, e tem força de natureza para fazer grande resistência. Verdadeiramente, assim é aqui. Aquele cristão cujo amor a esta vida e ao conteúdo dela tem estado por muitos anos consumindo e morrendo, deixará com mais facilidade as partes dela do que aquele cujo amor é mais forte por elas. Todos os cristãos não são mortificados no mesmo grau para o mundo. Paulo nos diz que ele morria diariamente. Ele estava sempre enviando mais e mais de seu coração para fora do mundo, de modo que, pelo tempo que ele veio a morrer, todas as suas afeições estavam empacotadas e ido, o que o tornou mais pronto para seguir: “Estou pronto para ser oferecido” (2Tm 4:6). Se for apenas um dente para arrancar, quanto mais firme ele estiver, mais dor temos para tirá-lo. Ó, afrouxa as raízes de tuas afeições do mundo, e a árvore cairá mais facilmente.

(2) Sê cuidadoso em aprovar-te com diligência e fidelidade a Deus em teu lugar e vocação. Quanto mais claro tu

estiveres em teus próprios pensamentos sobre a retidão de teu coração na posse de teu curso cristão, mais composta tu terás quando o dia mau vier. “Rogo-te, ó Senhor”, diz o bom Ezequias, no ponto da morte como ele pensava, “lembra-te agora, como andei diante de ti em verdade e com coração perfeito, e fiz o que era bom aos teus olhos” (2Rs 20:3). Esta não pode ser nossa confiança, mas ela será uma companheira melhor do que uma consciência repreensiva. Se o sangue estiver ruim, os espíritos serão contaminados também. Quanto mais nossa vida tiver sido corrompida com hipocrisia e infidelidade, mais fraca nossa fé será em uma hora moribunda. Existe uma grande diferença entre duas crianças que vêm para casa à noite, uma do campo, onde ela tem sido diligente e fiel sobre o trabalho de seu pai, e outra que tem jogado o vadiagem uma grande parte do dia; a primeira vem confiantemente para ficar diante de seu pai, a outra foge para a cama e tem medo que seu pai a veja, ou lhe pergunte onde esteve. Ó senhores, olhai para o vosso caminhar. Estes têm sido tempos tão experimentadores quanto jamais vieram para a Inglaterra. Requeriu mais cuidado e coragem manter a sinceridade do que anteriormente. E essa é a razão pela qual é tão raro encontrar cristãos — especialmente aqueles cujo lugar e vocação têm estado mais no vento da tentação — sair do palco com um *plaudite* [aplausos/louvor] de paz interior em seus seios.

(3) Familiariza os pensamentos do dia mau com tua alma. Manuseia esta serpente frequentemente. Anda diariamente nas meditações sérias dele. Não fujas deles porque eles são desagradáveis para a carne; esse é o caminho para aumentar o terror dele. Faz com tuas almas, quando tímidas e assustadas com os pensamentos de aflição ou morte, como costumavas fazer com teu animal, que é dado a tropeçar e assustar-se

enquanto tu montas nele. Quando ele voa para trás e se assusta com uma coisa, tu não cedês ao seu medo e voltas, isso o tornará pior em outra vez, mas tu o montas perto daquilo que ele tem medo, e com o tempo tu o quebras dessa qualidade. O dia mau não é uma coisa tão assustadora para ti que és cristão, como se tu deverias assustar-te por ele. Traz teu coração para perto dele. Mostra à tua alma o que Cristo fez para tirar o aguilhão dele, quais as doces promessas que são dadas com o propósito de superar o medo dele, e quais são tuas esperanças que tu obterás por ele. Estes satisfarão e comporão teu espírito; enquanto evitar os pensamentos dele apenas aumentará teu medo e te trará mais para a escravidão dele.

**SEGUNDO ARGUMENTO. — ISTO TEM
RESPEITO À FELIZ CONCLUSÃO DA GUERRA.
“E, havendo feito tudo, ficar firmes” — Ef 6:13.**

Chegamos agora ao segundo argumento que o apóstolo usa para pressionar ainda mais a exortação; e isso é tirado da vitória gloriosa que paira sobre as cabeças dos crentes enquanto na luta, e certamente os coroará no final. Isto é apresentado nestas palavras: *e, havendo feito tudo, ficar firmes*. A frase é curta, mas cheia.

1. Observa, que o céu não é conquistado com boas palavras e uma bela profissão; *tendo feito tudo*. O cristão fazedor é o homem que ficará de pé, quando o vazio jactancioso de sua fê cairá. Os grandes faladores de religião são frequentemente os menos fazedores. Sua religião é em vão, cuja profissão não traz letra testemunhal de uma vida santa. Sacrifício sem obediência é sacrilégio. Tais roubam de

Deus o que Ele mais conta. Um grande capitão certa vez golpeou um de seus soldados por amaldiçoar seu inimigo, dizendo que ele o chamou não para amaldiçoá-lo, mas para lutar contra ele e matá-lo. Não é gritar sobre o diabo, e declamar contra o pecado na oração ou no discurso, mas lutar e mortificá-lo, que Deus olha principalmente. Tal pessoa, caso contrário, apenas bate no ar. Não há marcas para serem vistas em sua carne e concupiscências não mortificadas de que ele lutou. Paulo estava empenhado. Ele deixou uma testemunha em seu corpo, feito preto e azul com golpes de mortificação. Não foi um pequeno vaporez em vista dos filisteus que deu a Davi sua esposa, mas derramando o sangue deles; e é tão pequena matéria ser filho do Rei do céu, que tu pensas em obtê-lo sem dar uma prova real de teu zelo por Deus e ódio ao pecado? “Não um ouvinte esquecido, mas um fazedor do trabalho; este homem”, diz o apóstolo, “será abençoado em seu feito” (Tg 1:25). Nota! não pelo seu feito, mas no seu feito. Ele encontrará a bem-aventurança naquele caminho de obediência em que anda. O professor vazio desaponta os outros, que vendo suas folhas esperam frutos, mas não encontram nenhum, e ao final ele se desaponta a si mesmo. Ele pensa em alcançar o céu, mas falhará nele. Tertuliano fala de alguns que pensam *satis Deum habere si corde et animo suspiciatur, licet actu minus fiat* — “Deus tem o suficiente”, pensam, “se Ele for temido e reverenciado em seus corações, embora em suas ações eles não mostrem isso tanto”; e portanto eles podem pecar, e crer em Deus, e temê-lo nada pior. Isto, diz ele, é fazer de adúltera, e contudo ser casta; preparar veneno para o pai de alguém, e contudo ser obediente. Mas que tais saibam, diz o mesmo pai, que se eles pecam e creem, Deus os perdoará com uma contradição também; Ele os perdoará, mas eles serão transformados em

inferno por tudo isso. Como alguma vez tu quiseses ficar de pé ao final, olha que sejas encontrado fazendo o trabalho que teu Senhor te deixou para concluir, e não confies em palavras mentirosas, como diz o profeta (Jr 7).

2. Observa, que tal é a misericórdia de Deus em Cristo para com Seus filhos, que Ele aceita seus esforços fracos, unidos com sinceridade e perseverança em Seu serviço, como se fossem obediência plena; e, portanto, eles são aqui ditos ter feito tudo. Ó, quem não serviria a tal Senhor! Vocês ouvem servos às vezes reclamarem de seus mestres como sendo tão rígidos e estritos que eles nunca podem agradá-los, não, não quando eles fazem o seu melhor; mas isto não pode ser cobrado de Deus. Sê apenas tão fiel quanto fazer o teu melhor, e Deus é tão gracioso que Ele perdoará o teu pior. Davi sabia desta indulgência do evangelho quando ele disse: “Então não me envergonharei, quando atentar para todos os teus mandamentos” (Sl 119:6) — quando meu olho está para todos os teus mandamentos. O viajante tem seu olho no ou em direção ao lugar para o qual está indo. Embora ele esteja ainda aquém dele, lá ele gostaria de estar, e está colocando tudo o que pode para alcançá-lo. Assim está o coração do santo para todos os mandamentos de Deus; ele pressiona para chegar mais perto e mais perto da obediência plena. Tal alma nunca será envergonhada. Mas aí daqueles que cobrem sua ociosidade com o nome de enfermidade, sim, que gastam seu zelo e força na perseguição do mundo ou de suas concupiscências, e então pensam em completar tudo quando cobrados disso, que é em sua enfermidade, e eles podem servir a Deus não melhor. Estes fazem por Deus como aqueles dois fizeram por seu príncipe, Francisco I da França, que cortaram sua mão

direita um pelo outro, e então fizeram disso uma desculpa que eles eram mancos, e assim não podiam servir em suas galés, pelo que foram enviados para a forca. Assim, muitos serão encontrados ao final terem-se desabilitado, recusando aquela ajuda que o Espírito lhes ofereceu, sim, desperdiçado o que eles tinham dado a eles, e assim serão recompensados como hipócritas como eles são. Deus sabe como distinguir entre a sinceridade de um santo no meio de suas enfermidades, e as desculpas de um coração falso. Mas nós vamos omitir estes, e falar brevemente a QUATRO PONTOS que jazem claros nas palavras:

3. Aqui está a necessidade da perseverança — *tendo feito tudo*.

4. Aqui está a necessidade de armadura divina, para perseverar até que tenhamos feito tudo. Por que, senão, Ele lhes ordena tomar esta armadura para este fim, se eles pudessem fazê-lo sem?

5. Aqui está a certeza de perseverar e superar ao final, se vestidos com esta armadura: senão seria um pequeno encorajamento ordenar-lhes tomar aquela armadura que não os defenderia seguramente.

6. Aqui está o resultado bendito da perseverança dos santos, proposto como aquilo que abundantemente recompensará toda a sua dor e paciência na guerra — “tendo feito tudo, ficar firmes”.

Destes temos quatro doutrinas distintas: 1. Aquele que será soldado de Cristo, deve perseverar. 2. Não pode haver perseverança sem a verdadeira graça no coração. 3. Onde a verdadeira graça está, essa alma perseverará. 4. Ficar de pé ao

final desta guerra, recompensará abundantemente todo o nosso risco e dificuldade suportados na guerra.

PRIMEIRO PONTO DE DOUTRINA.

A necessidade da perseverança.

Nas palavras temos a necessidade da perseverança — *tendo feito tudo*.

DOUTRINA. Aquele que será soldado de Cristo, deve perseverar até o fim de sua vida nesta guerra contra Satanás. Isto, *tendo feito tudo*, entra após nosso conflito com a morte. “Para que possais resistir no dia mau”; então segue, *tendo feito tudo*. Não fizemos tudo até que aquela batalha campal seja travada. “O último inimigo é a morte.” A palavra importa tanto quanto terminar um negócio, e trazer uma matéria a um desfecho pleno, assim Fp 2:12, onde traduzimos bem, “operai a vossa salvação”, isto é, aperfeiçoai-a. Não sejais cristãos pela metade, mas ide até o fim com isso; o cristão minucioso é o verdadeiro cristão. Não aquele que toma o campo, mas aquele que mantém o campo; não aquele que parte, mas aquele que aguenta nesta santa guerra, merece o nome de santo. Não existe tal coisa neste sentido pertencente ao cristianismo como uma retirada honrosa; não tal palavra de comando em toda a disciplina militar de Cristo, como recuar e depor vossas armas; não, vós deveis cair e ficar firmes às vossas armas até serdes chamados pela morte.

1. A necessidade da perseverança, porque estamos todos sob uma aliança e juramento de fazer isto. Antigamente, os soldados costumavam fazer um juramento de não recuar de suas cores, mas fielmente apegar-se aos seus líderes; a isto chamavam *sacramentum militare* — um

juramento militar. Tal juramento jaz sobre cada cristão. É tão essencial ao ser de um santo, que eles são descritos por isto: “Ajuntai os meus santos, aqueles que fizeram comigo uma aliança” (Sl 50:5). Não somos cristãos até que tenhamos subscrito esta aliança, e isso sem qualquer reserva. Quando tomamos sobre nós a profissão do nome de Cristo, nós nos alistamos em Sua lista de convocação, e por ela prometemos que viveremos e morreremos com Ele em oposição a todos os Seus inimigos. “Todos os povos andam, cada um em nome do seu deus, mas nós andaremos em nome do Senhor nosso Deus”; e o que é andar em nome de nosso Deus, senão lutar sob a bandeira de Seu evangelho, em que Seu nome é exibido, dando um desafio eterno ao pecado e a Satanás? Se um capitão não tivesse tal laço sobre seus ombros, ele poderia tê-los para procurar quando o dia da batalha vier. Portanto Cristo nos diz sob quais termos Ele nos alistará entre Seus discípulos: “Se alguém quiser vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me”. Ele não nos entreterá, até que renunciemos livremente à Sua disposição, para que não haja discussão com Seus comandos depois, mas como alguém sob Sua autoridade, vá e venha à Sua palavra.

2. A perseverança é necessária, porque nosso inimigo persevera em opor-se a nós. Não há trégua no coração do diabo, nenhuma cessação de armas no campo de nosso inimigo. Se um inimigo continua a atacar uma cidade, e eles, dentro, cessam de resistir, é fácil dizer o que seguirá. O profeta que foi enviado a Betel fez seu erro bem, resistiu à tentação de Jeroboão, mas em seu caminho para casa foi desviado pelo velho profeta, e ao final morto por um leão. Assim, muitos fogem de uma tentação, mas não perseverando, são vencidos por outra; aqueles que em um

tempo escapam de sua espada, em outro tempo são mortos por ela. Joás foi esperançoso, quando jovem, mas não durou muito. Sim, muitos preciosos servos de Deus, não fazendo tal resistência vigorosa em seus últimos dias como nos seus primeiros, caíram feiamente, como vemos em Salomão, Asa e outros. De fato, é difícil quando uma linha é traçada a um grande comprimento, mantê-la tão reta que ela não afrouxe, e segurar uma coisa por muito tempo em nossa mão, e não ter um entorpecimento crescendo em nossos dedos de modo a reemitir nossa força; portanto somos ordenados tão frequentemente a guardar firme a profissão de nossa fé. Mas quando vemos um inimigo bocejando para nos pegar quando caímos, parece-me que isto deveria nos avivar ainda mais para isso.

3. A perseverança é necessária, porque a promessa de vida e glória é assentada sobre a alma perseverante. A coroa jaz na meta, ele a tem que chega ao fim da corrida. “Àquele que vencer, eu darei”, não *in praelio*, mas *in bello* — não em uma escaramuça particular, mas em toda a guerra. “Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa” (Hb 10:36). Existe um acento notável naquele *daqui em diante*, que Paulo menciona, 2Tm 4:7, 8: “Combati o bom combate... desde agora a coroa da justiça me está guardada”. Por que, não estava ela guardada antes? Sim, mas tendo perseverado e chegado perto da meta, estando à vista de casa, pronto para morrer, ele toma agora um aperto mais seguro da promessa. De fato, é neste sentido que uma alma graciosa está mais perto de sua salvação após cada vitória do que estava antes, porque ele se aproxima mais do fim de sua corrida, que é o tempo prometido para o recebimento da

salvação prometida (Rm 13:11). Então, e não até então, a guirlanda cai sobre sua cabeça.

Uso ou Aplicação.

Aqui podemos tomar uma triste lamentação, no que diz respeito aos muitos professores apóstatas de nossos dias. Nunca esta doença espiritual da queda foi mais frequente. Ó, quantos estão doentes dela no presente, e não poucos adormecidos por ela! Estes tempos de guerra e confusão não fizeram tantos mercadores quebrados como professores quebrados. Onde está a congregação que não pode mostrar alguns que sobreviveram a sua profissão? [Eles são] não diferentes do bicho-da-seda, que, dizem, após toda sua fiação, trabalha-se para fora de seu fundo, e torna-se ao final uma mosca comum. Não há muitos, cuja presteza na religião olhamos com admiração, como os discípulos no templo, prontos a dizer uns aos outros, como eles a Cristo: Vede que tipo de pedras são estas! que dons polidos e graças brilhantes estão aqui! e agora nenhuma pedra deixada sobre outra. Ó, vocês pensaram alguma vez que eles que iam em tão bom arranjo em direção ao céu em comunhão convosco, depois disso, virariam-se e, correndo para o lado do diabo, tornariam-se blasfemadores, mundanos e ateus, como alguns fizeram? Ó, que triste mudança é esta! “Melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça do que, após tê-lo conhecido, voltarem-se para trás, entregando-se ao santo mandamento que lhes fora dado” (2Pe 2:21). Melhor nunca ter andado um passo em direção ao céu, do que colocar tal desprezo e reprovação sobre os caminhos de Deus. Tal pessoa que conheceu tanto qual é o serviço de Satanás, e qual é o de Deus, então revoltar-se de Deus para o diabo, parece ter comparado um com o outro, e como

resultado de seus pensamentos maduros, pronunciar o do diabo que ele escolhe, melhor do que o de Deus que ele deixa. E como é possível que alguém possa pecar sob maior culpa, e ir para o inferno sob uma maior carga de ira? Estes são aqueles que Deus odeia. Aquele que odeia a separação, desdenha muito mais ser ele mesmo assim posto de lado. “Se alguém retroceder, nele não se comprazera a minha alma” (Hb 10:38). O apóstata é dito calcar “o Filho de Deus” (Hb 10:29), como se Ele não fosse melhor do que a sujeira sob seus pés. Bem, ele terá calcar por calcar, Deus mesmo colocará Seu pé sobre ele: “Desprezas todos os que se desviam dos teus decretos” (Sl 119:118); e quem, pensas tu, ficará cansado mais cedo? Aquele que está sob o pé suporta o peso do homem inteiro sobre si. Estar sob o pé de Deus, é estar sob o peso inteiro da ira de Deus. Ó, compadece-te e ora por tais almas desamparadas. Eles são objetos daquela, e sujeitos da outra; embora eles estejam caídos baixo, contudo [eles estão] não no inferno. De tempos em tempos vemos um Êutico ressuscitado, que caiu de tal altura; e vós que estais de pé, tomai cuidado para não cairdes.

SEGUNDO PONTO OU DOUTRINA.

[A necessidade da armadura divina para que possamos perseverar.]

Aqui está a necessidade da armadura divina para perseverar até que tenhamos feito tudo. Por que, senão, Ele lhes ordena tomar esta armadura para este fim, se eles pudessem fazê-lo sem ela?

DOUTRINA. Não pode haver perseverança sem a verdadeira graça no coração. Uma alma desprovida de armadura divina não pode perseverar. O que é esta armadura divina, eu

mostrei, e o apóstolo aqui o faz, nas várias peças dela. As graças santificadoras do Espírito de Deus são esta armadura. Alguém que não tem estas operadas em si nunca resistirá para passar por todos os estágios desta corrida cristã, para lutar todas as batalhas que precisam ser travadas antes que a vitória seja alcançada. Dons comuns do Espírito, tais como iluminação, convicção, angústias repentinas e rubores de afeição, podem levar a criatura adiante por um tempo com uma boa aparência de zelo por Deus e prontidão na profissão, mas a força que estes proporcionam é logo gasta. Os ouvintes de João, mencionados em João 5:35, obtiveram alguma luz e calor por sentarem-se sob seu ministério ardente, mas quanto tempo durou? “Vós, por um pouco de tempo, quisestes alegrar-vos com a sua luz.” Eram cores muito belas que foram desenhadas neles, mas [não eram] aplicadas a óleo e, portanto, [foram] logo lavadas novamente. As virgens tolas fizeram um clarão tão grande com suas lâmpadas, e esperavam um dia tão bom quando Cristo viesse, quanto as virgens prudentes; mas, infelizmente, suas lâmpadas se apagaram antes que Ele aparecesse, e é tão bom não ter nada quanto não ser melhor. O solo pedregoso [foi] mais pronto que o melhor solo. A semente nasce imediatamente, como se uma colheita logo devesse ter sido ceifada, mas algumas geadas cortantes mudam seu tom, e o dia da colheita prova ser um dia de desespero e tristeza. Todos estes exemplos, e muitos mais na Escritura, comprovam que nada menos que a graça sólida, e um princípio de vida divina na alma, perseverará. Quão prontos que os formalistas e professores volúveis sejam para prometer a si mesmos esperanças de alcançar o céu, acharão que é um passo longo demais para suas almas de fôlego curto alcançarem. As razões são as seguintes:

Razão 1. Tais carecem de um princípio de vida divina para tirar força de Cristo para perseverarem em seu curso. Aquilo pelo qual a alma graciosa em si persevera é o suprimento contínuo que recebe de Cristo, assim como o braço e o pé são mantidos vivos no corpo por aqueles espíritos vitais que recebem do coração. “Eu vivo”, diz Paulo, “não mais eu, mas Cristo vive em mim”, isto é, vivo, mas às custas de Cristo. Ele mantém, como minha alma, assim [também] minha graça em vida. Ora, a pessoa carnal, carecendo desta união, deve necessariamente gastar-se e consumir-se com o tempo. Ele não tem raiz em que se apoiar. Uma carcaça, quando uma vez começa a apodrecer, nunca se recupera; mas a cada dia torna-se pior, até que se reduza toda à putrefação. Nenhum bálsamo ou emplastro lhe fará bem. Mas onde há um princípio de vida, aí, quando um membro é ferido, a natureza envia suprimentos de espíritos e ajuda a trabalhar com o bálsamo para uma cura. Existe a mesma diferença entre uma pessoa graciosa e uma ingrata. Vê-os opostos neste aspecto: o homem justo “cai sete vezes” por dia, e “levanta-se”, mas o ímpio “cai no mal” (Pv 24:16); isto é, ao cair, ele cai mais longe e não tem poder para recuperar-se. Quando Caim pecou, vê como ele cai mais e mais como uma pedra descendo uma colina, e nunca para até chegar ao fundo do desespero; — da inveja de seu irmão, à malícia, da malícia ao assassinato, do assassinato à mentira impudente e à ousadia de cara de pau diante do próprio Deus, e disso ao desespero; tão verdadeiro é aquilo: “Os homens maus e impostores irão de mal a pior” (2Tm 3:13). Mas agora, quando um santo cai, ele se levanta, porque quando cai ele tem um princípio de vida para clamar a Cristo, e tal interesse em Cristo que O move a ajudar. “Senhor, salva-me”, disse Pedro, quando começou a afundar, e imediatamente a mão de Cristo é estendida; Ele o repreende por sua incredulidade, mas Ele o ajuda.

Razão 2. Uma alma não regenerada não tem garantia para a continuidade daqueles dons comuns do Espírito que tem no presente; eles vêm nos mesmos termos que os desfrutes temporais vêm para tal pessoa. Uma pessoa carnal, quando tem sua mesa montada da forma mais suntuosa, não pode mostrar qualquer palavra de promessa sob a mão de Deus de que será providenciado para a próxima refeição. Deus dá estas coisas aos ímpios, como nós uma crosta ou uma noite de hospedagem a um mendigo em nosso celeiro. É nossa generosidade, tal pessoa não poderia nos processar por negar o mesmo. Assim, nos dons comuns do Espírito, Deus não estava obrigado a dá-los, nem está obrigado a continuá-los. Tu tens algum conhecimento das coisas de Deus; tu podes, por tudo isto, morrer sem conhecimento ao final. Tu és um pecador acorrentado — a graça restritiva mantém-te dentro, [mas] isto pode ser retirado, e tu solto para tuas concupiscências tão livremente quanto sempre. E como pode perseverar aquele que em um dia pode, de orar, cair em amaldiçoar, de [ter] uma consciência lamurienta e reclamante, vir a ter uma consciência cauterizada?

Razão 3. Todo homem não regenerado, quando mais ocupado com a profissão, tem aqueles compromissos sobre si, que necessariamente, quando pressionado, o levarão a um momento ou outro. Um está comprometido com o mundo, e quando ele pode conseguir um bom negócio para isso, então ele vai embora. Ele não pode ter ambos, e agora ele fará aparecer a qual ele amava mais. “Demas me desamparou, amando o presente século”. Outro é escravo de sua concupiscência, e quando ela o chama ele deve ir, apesar da profissão, consciência, Deus e tudo. Herodes temia João, e fazia muitas coisas; mas o amor é mais forte que o medo, seu amor a Herodias supera seu medo de João, e o faz cortar de uma vez a cabeça de João, e os

brotamentos esperançosos que apareciam na ternura de sua consciência, e a reforma iniciada. Uma raiz de amargura ou outra brotará em tal pessoa. Se a compleição da alma for profana, ela acabará por chegar a isso, embora por um tempo possa aparecer alguma cor religiosa no rosto do homem, de alguma outra causa externa.

Isto nos mostra qual é a raiz de toda a apostasia final, e que é a falta de uma mudança profunda do coração. O apóstata não perde a graça que tinha, mas descobre que nunca teve nenhuma; e não é de se admirar ouvir que ele prove a bancarrota, que era pior do que nada quando começou. Muitos tomam sua santidade por fê, e negociam nos deveres da religião com o crédito que ganharam da opinião dos outros sobre eles. Eles acreditam ser cristãos, porque outros esperam que o sejam, e assim seu grande negócio é, pelo zelo naqueles exercícios de religião que jazem mais fora, manter o crédito que ganharam no exterior, mas não olham para obter um estoque de graça sólida por dentro, que deveria mantê-los em sua profissão; e isto prova sua ruína ao final. Deixa, portanto, que isto nos faça, no temor de Deus, considerar sob qual conta tomamos nossa profissão. Existe o que está dentro que guarda proporção ao nosso zelo exterior? Lançamos um bom alicerce? A superestrutura não está pesada no topo, projetando-se longe demais além da fundação fraca? Dizem que as árvores brotam tanto na raiz subterrânea quanto nos ramos acima, e assim faz a verdadeira graça. Ó, lembra-te do que foi o perecimento da semente no solo pedregoso. Faltou raiz; e por que assim, senão porque era pedregoso? Estê disposto a que o arado vá fundo o suficiente para humilhar-te pelo pecado, e rasgar teu coração do pecado. A alma trazida efetivamente para fora do amor ao pecado como pecado nunca mais será amiga íntima dele. Em uma palavra, sê

sério para descobrir a grande mola que coloca todas as tuas rodas em movimento em teu comércio religioso. Faz como homens que gostariam de saber quanto valem, que colocam o que devem de um lado, e que estoque têm do outro, e então, quando tiverem reservado o suficiente para quitar todas as dívidas e compromissos, o que resta para eles próprios eles podem chamar de seu. Assim fazem eles; considera o que estás comprometido, teu crédito mundano, lucro, temor servil de Deus, e desejo egoísta de felicidade, e quando tiveres permitido tudo isso, vê então o que resta de teu temor de Deus, amor a Deus, etc. Se nada, tu és nada; se algum, quanto menos houver, mais fraco cristão tu és; e quando vieres a ser provado no fogo de Deus, sofrerás perda de todo o resto, que, como “feno” e “palha”, será queimado.

TERCEIRO PONTO OU DOCTRINA.

[A certeza da perseverança se revestido com esta armadura.]

Temos aqui a certeza da perseverança e da superação ao final, se revestidos com esta armadura. *Havendo feito tudo, ficar firmes*, senão seria um pequeno encorajamento ordenar-lhes tomar aquela armadura que não os defenderia seguramente.

DOCTRINA. Não pode haver perseverança sem a verdadeira graça no coração. Toda alma revestida com esta armadura de Deus ficará de pé e perseverará; ou assim, a verdadeira graça nunca pode ser vencida. O cristão é um vencedor nato; as portas do inferno não prevalecerão contra ele. Aquele que é “nascido de Deus, vence o mundo” (1Jo 5:4). Nota de onde a vitória é datada, mesmo de seu nascimento. Existe

vitória semeada em sua nova natureza; mesmo aquela semente de Deus, que o manterá de ser engolido pelo pecado ou Satanás. Como Cristo ressuscitou para nunca mais morrer, assim Ele levanta almas da sepultura do pecado, para nunca mais vir sob o poder da morte espiritual. Estes santos de Deus não podem “ver a corrupção”. Por isso, aquele que crê é dito, no tempo presente, ter a vida eterna. Como “a lei que veio quatrocentos anos depois”, não poderia anular a promessa feita a Abraão, assim nada que intervém pode impedir a realização daquela promessa de vida eterna, que foi dada e passada a Cristo em favor deles antes da fundação do mundo. Se um santo pudesse de alguma forma desviar-se, e ficar aquém desta vida eterna, isso deveria ser de uma destas três causas: Porque Deus pode abandonar o cristão, e retirar Sua graça e ajuda dele; ou porque o crente pode abandonar a Deus; ou, por último, porque Satanás pode arrancá-lo das mãos de Deus. Outra causa eu não conheço. Ora, nenhuma destas pode ser.

1. Porque Deus nunca pode abandonar o cristão. Alguns discursos imprudentes caíram de almas tentadas descobrindo alguns medos de Deus rejeitá-los, mas eles foram refutados e comeram suas palavras com vergonha, como vemos em Jó e Davi. Ó, que segurança admirável o grande Deus deu a Seus filhos neste particular!

(1) Em promessas, Ele disse: “Não te deixarei, nem te desampararei” (Hb 13:5). [Há] cinco negativas nessa promessa, como tantos selos para ratificá-la à nossa fé. Ele nos assegura que nunca surgiu ou pode surgir um pensamento de arrependimento em Seu coração a respeito dos propósitos de Seu amor e graça especial para com Seus filhos — “Os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento” (Rm 11:29). Mesmo os pecados dos crentes contra Ele — seu comportamento

obstinado — não despertam pensamentos de rejeitá-los, mas de reduzi-los: “Por causa da iniquidade da sua ganância, me indignei e o feri; escondi-me, e indignei-me; ele, rebelde, seguiu o caminho do seu coração. Eu vi os seus caminhos, e o sararei” (Is 57:17, 18). A água das falhas dos santos jogada sobre o fogo do amor de Deus não pode apagá-lo. A quem Ele ama, Ele ama até o fim.

(2) Deus, para dar maior peso e crédito aos nossos corações incrédulos e suspeitosos, sela Sua promessa com um juramento. Vê Is 54:8-10: “Com benignidade eterna terei compaixão de ti, diz o Senhor, o teu Redentor. Porque isto será para mim como as águas de Noé; pois jurei que as águas de Noé não passariam mais sobre a terra; assim jurei que não me irarei contra ti”. Sim, Ele continua e lhes diz: “Os montes se retirarão” — significando no fim do mundo, quando toda a estrutura dos céus e da terra será dissolvida — “mas a minha benignidade não se apartará de ti, nem a aliança da minha paz será removida”. Ora, para que ninguém pensasse que isto era algum estatuto pertencente aos judeus sozinhos, nós o achamos assentado sobre cada servo de Deus como sua porção: “Esta é a herança dos servos do Senhor, e a sua justiça que de mim procede, diz o Senhor” (Is 54:17). E certamente Deus, que é tão cuidadoso em tornar a herança de Seus filhos segura para eles, dar-lhes-á poucos agradecimentos, que ocupam seus juízos para invalidar e enfraquecer Suas transmissões, sim, desmentir Sua vontade. Se tivessem tomado um suborno, não poderiam defender a causa de Satanás melhor.

(3) No cumprimento real destas promessas — as quais Ele fez aos crentes — a Cristo seu advogado. Como Deus, antes que o mundo começasse, deu uma promessa de vida eterna a Cristo para eles, assim agora Ele deu posse real daquele lugar

glorioso a Cristo, como seu advogado e representante, onde aquela vida eterna será desfrutada por eles. Pois como Ele veio em nossa missão do céu, assim para lá retornou novamente, para tomar e manter posse daquela herança que Deus há muito havia prometido, e Ele, em uma soma em Sua morte, tinha pago. E agora, que fundamento de medo pode haver no coração do crente, a respeito do amor de Deus permanecendo firme para ele, quando ele vê a aliança inteira já realizada a Cristo por ele, a quem Deus não apenas chamou, santificou para, e sustentou na grande obra que Ele tem a terminar por nós; mas também justificou em Sua ressurreição e livramento da prisão, e recebeu-O no céu, para lá sentar-se à mão direita da majestade nas alturas, pela qual Ele tem não apenas posse para nós, mas pleno poder para dá-la a todos os crentes?

1. Porque o crente nunca pode abandonar a Deus por conta da provisão feita na aliança. Uma ocasião de medo para o crente de que ele não perseverará, pode ser tirada de si mesmo. Ele tem muitos medos tristes e tremores de coração, de que ele ao final abandonará a Deus. A jornada é longa para o céu, e sua graça é fraca. “Ó”, diz ele, “não é possível que esta pequena graça falhe, e eu fique aquém ao final da glória?”. Ora, aqui há tal provisão feita na aliança, que espalha esta nuvem também.

(1) O Espírito de Deus é dado com o propósito de prevenir isto. Cristo deixou Sua mãe com João, mas Seus santos com Seu Espírito, para tutelar e manter, para que não se perdessem em sua jornada para o céu. Ó, quão doce é aquele lugar: “Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis” (Ez 36:27). Ele não diz que eles terão Seu Espírito se quiserem andar em Seus estatutos; não, Seu Espírito fará com que eles o façam.

Mas pode ser que tu estejas com medo de que possas entristecê-lo, e assim Ele, em ira, te deixe, e tu pereças por falta de Sua ajuda e conselho. Resp.: O Espírito de Deus é, de fato, sensível à falta de bondade, e sobre o pecado de um santo pode retirar-se no que diz respeito à assistência presente, mas nunca no que diz respeito ao Seu cuidado; como uma mãe pode deixar seu filho obstinado ir sozinho até que ele receba uma pancada, que pode fazê-lo chorar para ser tomado de volta em seus braços, mas ainda seu olho está sobre ele para que ele não caia no mal. O Espírito retirou-se de Sansão e ele caiu nas mãos dos filisteus, e isto o faz clamar a Deus, e o Espírito exerce Sua força nele novamente. Assim aqui, de fato, o ofício do Espírito é habitar para sempre com os santos: “Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre” (Jo 14:16).

(2) É um negócio principal da intercessão de Cristo obter de Deus a perseverança para nossas graças fracas. “Eu roguei”, diz Cristo a Pedro, “para que a tua fé não desfaleça”. Mas não foi aquele um privilégio particular concedido a ele, que pode ser negado a outro? Tais medos e ciúmes as crianças tolas estão prontas a assumir, e, portanto, Cristo os previne, ordenando a Pedro, nas próprias palavras seguintes: “Quando te converteres, fortalece os teus irmãos” (Lc 22:32), isto é, quando sentires a eficácia e força da minha oração pela tua fé, leva estas boas novas a eles, para que seus corações possam ser fortalecidos também. E que fortalecimento teria sido para eles, se Cristo não orasse por eles bem como por Pedro? Cristo ora por nós? Sim, não vive Ele para orar por nós? Ó, como podem os filhos de tantas orações, de tais orações, perecer? As orações dos santos têm um poder poderoso. Jacó lutou e teve poder com Deus. Esta foi sua espada e arco — para aludir ao que ele disse sobre o pedaço de terra que ele tomou do amorreu — pelo qual ele

obteve a vitória e teve poder com Deus. Esta foi a chave com a qual Elias abriu e fechou o céu. E se as fracas orações dos santos, vindo em Seu nome, têm tal crédito no céu, que com elas eles podem ir ao tesouro de Deus, e levar embora tanto quanto seus braços de fé podem conter; ó, então, que prevalência tem a intercessão de Cristo, que é um Filho, um Filho obediente, que veio de terminar Sua grande obra na terra, e agora ora a Seu Pai por nada além do que Ele O ordenou pedir; sim, por nada além do que Ele está de antemão com Ele, e tudo isso a um Pai que ama aqueles por quem Ele ora tanto quanto a si mesmo? Diz a Satanás para ir embora! Não digas que tua fé fraca perecerá, até que ouças que Cristo deixou de orar, ou encontres uma repulsa.

1. Porque Satanás não pode arrancar o crente das mãos de Deus. Vejamos se Satanás é capaz de arrancar o cristão para longe, e passar entre ele e seu lar. Tive a ocasião de falar sobre este assunto em outro lugar; então o menos aqui servirá. Provisão abundante é feita contra seus ataques. O santo está embrulhado nos braços eternos de poder todo-poderoso, e o que pode um diabo maldito fazer contra Deus, que lançou aquelas correntes sobre ele que ele não pode sacudir? Quando ele for capaz de arrancar aquele dardo da fúria divina de sua própria consciência que Deus fixou ali, então que ele pense em tal empreendimento como este. Como ele pode vencer-te, que não pode tentar-te senão no tempo designado por Deus? E se Deus define a Satanás seu tempo para atacar o cristão a quem Ele ama tão caramente, certamente será quando ele for repellido com a maior vergonha.

Uso ou Aplicação.

Uso 1. Fora então com essa doutrina que diz: alguém pode ser santo hoje e nenhum amanhã; agora um Pedro, logo um Judas. Ó, que material insípido é este! Um princípio é que de uma vez atravessa o principal desígnio de Deus na aliança do evangelho, reflete tristemente sobre a honra de Cristo e fere o conforto do santo ao coração.

1. É depreciativo para o desígnio de Deus na aliança do evangelho, que achamos ser claramente este: que Seus filhos pudessem ser colocados em um estado seguro e a salvo de se desviarem ao final, o que pela primeira aliança o homem não estava. Vê Rm 4:16: “Portanto, é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a descendência”. Deus, de propósito, por causa da fraqueza da primeira aliança, através da natureza mutável do homem, faz uma nova aliança de uma constituição e estrutura muito diferente, não de obras, como aquela era, mas de fé; e por quê? o apóstolo nos diz que ela “seja firme a toda a descendência”, que nem uma alma, que por fé deveria ser adotada na família de Abraão, e assim tornar-se um filho da promessa, deveria falhar em herdar a bênção da promessa, que é a vida eterna; chamada assim, Tt 1:2, e tudo isto porque a promessa é fundada sobre a graça, isto é, o imutável bom prazer de Deus em Cristo, e não sobre a variável e inconsistente obediência do homem, como a primeira aliança era. Mas se um santo pode finalmente cair, então a promessa não é mais segura nesta aliança do que era naquela, e assim Deus não deveria ter o fim que Ele propõe.

2. Reflete tristemente sobre a honra de Cristo, tanto como Ele é confiado com a salvação dos santos, e também como Ele é interessado nela. Primeiro: Como Ele é confiado com a salvação dos santos. Ele nos diz que eles são dados a

Ele por Seu Pai para este próprio fim, que Ele deveria dar-lhes a vida eterna; sim, aquele poder que Ele tem sobre toda carne, foi dado a Ele para torná-lo de toda maneira capaz de efetuar este único negócio (Jo 17:2). Ele aceita o encargo, reconhece-os como Suas ovelhas, conhece-os a cada um, e promete que “lhes dou a vida eterna; nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10:27, 28). Ora, quão bem consultam eles com a honra de Cristo que dizem que Suas ovelhas podem morrer em uma vala de apostasia final, não obstante tudo isto? Segundo: Como Ele é interessado na salvação de cada santo. A vida de Sua própria glória está ligada à vida eterna de Seus santos. É verdade, quando Adão caiu, Deus salvou Sua aposta, mas como pode Cristo, que é tão intimamente unido a cada alma crente? Havia uma liga de amizade entre Deus e Adão; mas nenhuma união como aqui, onde Cristo e Seus santos fazem apenas um Cristo, pelo qual Sua igreja é chamada de Cristo. “Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também” (1Co 12:12). Cristo e Seus membros fazem um Cristo. Ora, é possível que um pedaço de Cristo possa ser encontrado ao final queimando no inferno? Pode Cristo ser um Cristo aleijado? Pode este membro cair fora e aquele? É tão possível que todos quanto qualquer um devesse. E como pode Cristo partir com Seus membros místicos e não com Sua glória? não adiciona cada membro um ornamento ao corpo, sim, uma honra? A igreja é chamada “a plenitude daquele que preenche tudo em todos” (Ef 1:23). Ó, quão desonroso é para Cristo que devêssemos pensar que Ele carecerá de qualquer de Sua plenitude! e como pode o homem estar cheio e completo que carece de um membro?

3. Fere o conforto do santo ao coração, e deixa sua alegria sangrando. Paulo diz que ele não diluiu o generoso vinho da palavra de Deus com a água das invenções do homem (2Co 2:17). Não, ele lhes deu puro evangelho. Verdadeiramente, este princípio dos santos caindo da graça dá um triste golpe ao doce vinho das promessas. O conforto que reanima a alma que brilha neles, surge da segura transmissão com que eles são em Cristo feitos aos crentes, para ter e possuir para sempre. Daí [eles são] chamados “as misericórdias fiéis de Davi” (At 13:34) — misericórdias que nunca falharão. Isto, isto é de fato vinho que faz alegrar o coração de um santo. Embora ele possa ser açoitado na casa quando ele peca, contudo ele não será posto fora das portas; como Deus prometeu no tipo à semente de Davi: “Mas a minha benignidade não retirarei totalmente dele, nem faltarei à minha fidelidade” (Sl 89:33); e v. 36: “a sua descendência durará para sempre”. Se algo pudesse separar o crente do amor de Deus em Cristo, isto seria como um buraco no fundo de sua taça para vazar toda a sua alegria; ele poderia então temer que toda tentação ou aflição que ele encontra o mataria, e assim a maldição do ímpio seria a porção do santo. Sua vida penduraria sempre em dúvida diante dele, e a expectativa temerosa de seu erro final, que ele vê que pode cair sobre ele, devoraria a alegria de sua esperança presente. Ora, quão contrário tal estrutura de coração é ao espírito de adoção, e [à] plena certeza de esperança que a graça da nova aliança dá, aquele que corre pode ler na palavra.

Uso 2. Esta verdade prepara um cordial soberano para restaurar os espíritos desfalecentes de crentes fracos, que são surpreendidos com muitos medos a respeito de sua perseverança e manutenção até o fim de sua guerra. Tende bom ânimo, pobre

alma, Deus deu a Cristo a vida de cada alma dentro da arca de Sua aliança. Tua segurança eterna é providenciada. A quem Ele ama, Ele ama até o fim (Jo 13:1). Ele fez-te “disposto no dia do Seu poder” para marchar sob Sua bandeira, e desposar Sua querela contra o pecado e o inferno? O mesmo poder que venceu teu coração rebelde para Si mesmo, vencerá todos os teus inimigos dentro e fora por ti. Não digas que tu és um caniço quebrado, [pois] com este [poder] Ele quebrará a cabeça de Satanás, e não cessará até que tenha trazido o juízo à vitória completa em tua alma. Aquele que pode fazer alguns homens feridos levantarem-se e tomarem uma cidade forte, pode fazer um espírito ferido triunfar sobre o pecado e os demônios (Jr 37:10). A arca permaneceu no meio do Jordão, até que todo o acampamento de Israel estivesse seguramente atravessado para Canaã (Js 3:17), e assim faz a aliança, que a arca apenas tipificava. Sim, Cristo, aliança e tudo, estão de pé para garantir aos santos uma passagem segura para o céu. Se apenas um crente se afoga, a aliança deve se afogar com ele; Cristo e o santo são postos juntos como co-herdeiros da mesma herança. “Se nós somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (Rm 8:17). Não podemos discutir contra um, mas questionamos a firmeza do título do outro. Quando ouvires [que] Cristo é expulso do céu, ou que Ele está disposto a vender Sua herança lá; então, pobre cristão, teme tua vinda para lá, e não até então. Co-herdeiros não podem vender a herança exceto que ambos cedam seu direito, o que Cristo nunca fará nem sofrerá que tu o faças.

Uso 3. Esta verdade chama por uma palavra ou duas de cautela. Embora não haja medo da queda de um santo da graça, contudo há grande perigo de outros caírem do topo desta doutrina confortável em uma segurança descuidada e ousadia

presunçosa; e portanto uma ameia é muito necessária, para que dela possamos, com segurança para nossas almas, observar e ver a agradável perspectiva que esta verdade apresenta ao nosso olho. Aquela flor da qual a abelha suga o mel, a aranha retira o veneno. Aquilo que é um restaurador para a graça do santo, prova um incentivo para a concupiscência de um homem ímpio. O que Paulo disse da lei, podemos verdadeiramente do evangelho. O pecado, tomando ocasião da graça do evangelho e das doces promessas disso, engana o coração carnal, e opera nele toda sorte de iniquidade. De fato, o pecado raramente cresce tão exuberante em qualquer lugar como naqueles que regam suas raízes com a graça do evangelho. Duas maneiras esta doutrina pode ser abusada: 1. Pode ser em uma negligência do dever. 2. Em uma liberdade para pecar. Toma cuidado com ambos.

1. Toma cuidado em cair em uma negligência do dever sobre esta conta — se um cristão, tu não podes cair da graça. Toma como uma atitude contra isto, três particulares:

(1) Existem outros argumentos para convidar, sim, que te constrangerão a um desempenho constante e vigoroso do dever, embora o medo de cair não deva vir, ou então tu não és um cristão. O quê! Nada faz a criança diligente sobre o negócio de seu pai senão o medo de ser deserdado e posto fora das portas! Existe certamente algum motivo melhor para o dever no coração de um santo, ou então a religião é um trabalho melancólico. Falai por vós mesmos, ó vós santos! É a autopreservação tudo o que vós orais, e ouvis? Se um mensageiro viesse do céu e vos dissesse que o céu fosse vosso, isto vos faria abandonar vosso comércio espiritual, e não vos importar se tivésseis mais algum conhecimento com Deus até que chegásseis lá? Ó, quão duro isto soa em vossos ouvidos! Existem tais princípios gravados no peito do cristão, que não sofrerão uma estranheza crescer

longamente entre Deus e ele. Ele está sob a lei de uma nova vida, que o carrega [como] naturalmente a desejar comunhão com Deus, como a criança faz para ver a face de seu caro pai; e cada dever é um monte no qual Deus se apresenta para ser visto e desfrutado pelo cristão.

(2) Negligenciar o dever sobre tal persuasão é contrário à prática e conselho de Cristo. (a) Sua prática. Embora Cristo nunca tenha duvidado do amor de Seu Pai, nem questionado o desfecho feliz de todas as Suas tentações, agonias e sofrimentos, contudo Ele ora, e ora novamente, mais fervorosamente (Lc 22:44). (b) Seu conselho e comando. Ele disse a Pedro, que Satanás tinha pedido licença para tê-los para peneirá-los, mas com isto Ele o conforta — que deveria ser o mais posto à prova — com isto: “Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça” (Lc 22:32). Certamente nosso Salvador, por esta provisão feita para ele e para o restante, significa salvar-lhes um trabalho que eles não precisariam vigiar ou orar. Não tal coisa. Depois disto, como podeis ver, v. 40, Ele os chama ao dever: “Orai, para que não entreis em tentação”. As orações de Cristo por eles eram para fortalecer sua fé, quando eles mesmos deveriam orar pela mesma misericórdia; não para nutrir sua ociosidade de modo que não precisassem orar. As orações de Cristo no céu por Seus santos estão todas ouvidas já, mas o retorno delas é reservado para ser incluído na resposta que Deus envia às suas próprias orações. O cristão não pode, na fé, esperar receber as misericórdias pelas quais Cristo ora no céu, enquanto ele vive na negligência de seu dever na terra. Elas estão prontas contra quando ele as pedir pela oração da fé, e se elas não valerem a pena enviar este mensageiro ao céu, verdadeiramente elas valem pouco.

(3) Considera, que embora o cristão possa ser assegurado contra uma apostasia total e final, contudo ele pode cair tristemente para a contusão de sua consciência, [o] enfraquecimento [de] sua graça, e a reprovação do evangelho, que certamente são suficientes para manter o cristão sobre sua guarda, e mais ainda, porque, ordinariamente, os retrocessos dos santos começam em seus deveres. Como é com negociantes no mundo — eles primeiro tornam-se descuidados de seus negócios, [estão] frequentemente fora de sua loja, e então eles ficam atrasados em suas propriedades — assim aqui [os cristãos são] primeiro remissos em um dever, e então caem em uma decadência de suas graças e confortos, sim, às vezes em pecados que são escandalosos. Um tecido perde seu brilho antes que desgaste; o cristão, o lustre de sua graça no exercício vivo do dever, e então a força dele.

1. Toma cuidado em abusar desta doutrina em uma liberdade para pecar. Pecaremos, porque a graça abundou? — ficaremos relaxados, porque temos Deus firmemente preso em Sua promessa? — Deus nos livre! nenhum senão um diabo nos ensinaria esta lógica. Foi uma grande altura de pecado a que aqueles judeus miseráveis chegaram, que beberiam e festejariam enquanto a morte olhava para eles pelas janelas: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos”. Eles descobriram seu ateísmo nisso. Mas que estatura prodigiosa no pecado deve ter crescido aquele homem, que pode pecar sob a proteção da promessa, e tirar seu encorajamento para pecar do amor eterno de Deus? Comamos e bebamos, pois estamos seguros de viver e sermos salvos. A graça não pode habitar naquele coração que tira tal conclusão maldita das premissas da graça de Deus. Os santos não aprenderam assim a Cristo. A inferência que o

apóstolo faz dos doces privilégios que desfrutamos na aliança da graça, não é para nos chafurdar no pecado, mas tendo estas promessas, purificar-nos de toda imundície da carne e do espírito (2Co 7:1). É a natureza da fé — a graça que negocia com as promessas — purificar o coração. Ora, quanto mais certo o relatório que a fé traz do amor de Deus da promessa para a alma, mais ela purifica o coração, porque o amor pelo qual a fé trabalha é, por isso, mais inflamado por Deus, e se uma vez esta afeição se incendeia, o quarto torna-se quente demais para permanecer lá.

QUARTO PONTO OU DOCTRINA.

[O resultado bendito da perseverança dos santos.]

Nas palavras temos também o resultado bendito da perseverança dos santos proposto, como aquilo que recompensará abundantemente toda a sua dor e paciência na guerra. *Havendo feito tudo, ficar firmes.*

DOCTRINA. Ficar de pé ao final desta guerra recompensará abundantemente todo o nosso risco e dificuldade suportados na guerra contra o pecado e Satanás. Nas guerras do homem, nem todos ganham por elas aqueles que lutam nelas. Os ganhos destas são comumente colocados em alguns bolsos. Os soldados comuns suportam a maior parte da dificuldade, mas saem com pouco do lucro. Eles lutam para tornar alguns que são grandes, ainda maiores, e são muitas vezes eles mesmos postos de lado ao final, com o que mal pagará pela cura de suas feridas, ou os manterá de morrer de fome em um pobre hospital. Mas nesta guerra, não há ninguém que perde, exceto aquele que foge. Uma recompensa gloriosa há para cada soldado fiel no acampamento de Cristo, e isso está embrulhado nesta frase:

“havendo feito tudo, ficar firmes”. Ora, neste lugar, *ficar firmes* importa três coisas, que, colocadas juntas, esclarecerão o ponto.

1. Ficar firmes, neste lugar, é estar de pé como vencedores. Um exército, quando conquistado, é dito cair diante de seu inimigo, e o conquistador estar de pé. Todo cristão deve, ao final da guerra, estar de pé como um vencedor sobre suas concupiscências vencidas, e Satanás que as chefiava. Muitas doces vitórias o cristão tem aqui sobre Satanás. Mas, infelizmente! a alegria destas conquistas é novamente interrompida com novos alarmes de seu inimigo reagrupado. Um dia ele tem o melhor, e pode ser que no próximo ele é colocado ao risco de outra batalha. Muito trabalho ele tem para manter o que conseguiu, sim, suas próprias vitórias são tais que o enviam sangrando para fora do campo. Embora ele repila a tentação ao final, contudo as feridas que sua consciência recebe na luta nublam a glória da vitória. Raramente o cristão sai sem alguma triste queixa da traição de seu próprio coração, que por pouco perdeu o dia, e o traiu para a mão de seu inimigo. Mas para teu conforto eterno, sabe, pobre cristão, que há um dia bendito vindo, que fará uma decisão plena e final da querela entre ti e Satanás. Tu verás o acampamento deste inimigo completamente quebrado — nem uma arma deixada em sua mão para levantar contra ti. Tu pisarás sobre seus lugares altos, dos quais ele fez tantos disparos contra ti. Tu verás todos eles desmontados e demolidos, até que não haja deixado de pé qualquer uma corrupção em teu peito, para um diabo se esconder e abrigar. Satanás, em cuja aproximação tu tanto tremeste, será então subjugado debaixo de teus pés. Aquele que tantas vezes te ordenou curvar-te, para que ele pudesse

passar sobre tua alma e pisotear toda tua glória, terá agora seu pescoço posto para ser pisado por ti. Se nada mais houvesse para ser esperado como frutos de nosso vigiar e orar, chorar e lamentar, deveres severos de mortificação e abnegação, com o que quer que nosso combate cristão nos coloque, senão isto, nosso trabalho certamente não seria vão no Senhor. Sim, bendito vigiar e orar, felizes lágrimas e feridas que encontramos nesta guerra. Possam elas, mas ao final, terminar em uma vitória plena e eterna sobre o pecado e Satanás. A escravidão é um dos piores dos males. Quanto mais vil o inimigo, mais abominado por espíritos nobres. Saul temeu cair nas mãos dos filisteus incircuncisos e ser abusado por seus escárnios e reprovações, mais do que uma morte sangrenta. Quem mais vil que Satanás? Que tirano mais desprezível que o pecado? Glorioso então será o dia, em que louvaremos a Deus por nos livrar das mãos de todos os nossos pecados, e da mão de Satanás. Mas [será] lúgubre para ti, pecador, que, no mesmo em que tu verás os santos de pé com coroas de vitória em suas cabeças, deves, como cativos agrilhoados, ser arrastado para a masmorra do inferno, lá para ter tua orelha furada para uma escravidão eterna sob tuas concupiscências. E que sentença mais miserável pode o próprio Deus passar sobre ti? Aqui o pecado é prazer, lá ele será teu tormento. Aqui [é] um bocado doce que desce suavemente, mas lá ele ficará em tuas gargantas. Aqui tu tens provisão adequada para entreter tuas concupiscências — palácios para o orgulho habitar e exhibir-se; comida deliciosa para teus paladares gulosos; casas e terras, com cofres de prata e ouro, para teus corações gananciosos, por seus pensamentos auto-indulgentes, sentarem-se a chocar sobre — mas tu não acharás nada disso lá. O inferno é um lugar estéril. Nada cresce naquela terra de

escuridão para consolar e recriar as mentes dos pecadores. Tu terás tuas concupiscências, mas carecerás da comida por que elas anseiam. Ó, que tormento isso deve ser, ter uma alma afiada, mesmo para uma fome voraz pelo pecado, mas acorrentada onde não pode chegar a nada que gostaria de ter para satisfazer sua concupiscência! Para um miserável orgulhoso, que desejaria que pudesse dominar sobre todo o mundo, sim, sobre o próprio Deus se Ele o deixasse, ser mantido para baixo em tal masmorra como o inferno é, ó, como isso cortará! Para o pecador malicioso, cujo coração incha com rancor contra Deus e Seus santos, que ele poderia arrancá-los do seio de Deus, sim, Deus, de Seu trono se ele tivesse poder, encontrar suas mãos tão algemadas, que ele não pode fazer nada contra eles que ele tanto odeia, ó, como isso atormentará! Fala, ó vós santos, cuja vitória parcial sobre o pecado no presente é tão doce para vós, que escolheríeis mil mortes, mais cedo do que retornar à vossa antiga escravidão sob vossas concupiscências! Quão glorioso então é aquele dia em teu olho, quando isto será completado em uma conquista plena e eterna, nunca mais ter algo a ver com pecado ou Satanás!

2. Ficar de pé, é aqui estar justificado e absolvido no grande dia do juízo. A frase é frequente na Escritura, que apresenta a solene descarga que eles terão então por estarem de pé no juízo. “Os ímpios não subsistirão no juízo” (Sl 1:5), isto é, eles não serão justificados. “Se tu, Senhor, observares as iniquidades, Senhor, quem subsistirá?” (Sl 130:3); isto é, quem será absolvido? O grande Deus, por cujo encargo viemos ao mundo, nomeou um dia em que Ele julgará o mundo por Jesus Cristo. Um dia solene será, quando todos que já viveram na terra, altos e baixos, bons e maus, se

encontrarão em uma assembleia para fazer sua aparência pessoal perante Cristo, e de Sua boca receber seu destino eterno, que se sentará em Suas majestosas vestes de glória no terrível assento do julgamento, atendido com Seu ilustre trem e guarda de anjos ao Seu redor, como tantos oficiais prontos a executar e cumprir Seu prazer de acordo com a sentença definitiva que Ele pronunciará — ou para conduzir aqueles benditos, a quem Ele justificará, ao Seu glorioso reino, ou [para] amarrar aqueles, de mãos e pés, para serem lançados nas chamas inextinguíveis do inferno, a quem Ele condenará. Não me maravilho que o sermão de Paulo sobre este assunto não tenha feito um terremoto na consciência de Félix; mas antes que qualquer um deva estar tão longe em uma letargia e dormência dedolente da consciência, que o pensamento deste dia não possa recuperá-los para seu sentido e sentimento. Ó senhores, não votais vocês eles como homens e mulheres felizes que podem ter sucesso neste dia? não estão vossos pensamentos indagando quem são aquelas almas benditas que serão absolvidas pela voz viva de Cristo, o juiz? Vós não precisais ascender para pesquisar os rolos da eleição no céu. Aqui vós podeis saber que eles são tais que lutam as batalhas do Senhor na terra contra Satanás, na armadura do Senhor, e isso até o fim de suas vidas. Estes, havendo feito tudo, ficarão de pé no juízo. E fosse apenas no tribunal de um homem — algum tribunal marcial onde um soldado estivesse sob julgamento por sua vida, ou para ser condenado como traidor de seu príncipe, ou limpo como fiel em sua confiança — ó, como tal pessoa ouviria para saber como iria com ele, e ficaria transbordante de alegria quando o juiz o pronunciasse inocente! Bem pode tal ser ordenado a cair de joelhos, agradecer a Deus e ao juiz que salvaram suas vidas. Quanto mais arrebatadora será a doce voz de Cristo

nos ouvidos dos santos, quando Ele fizer, diante de homens e anjos, a declaração pública de sua justiça? Ó, quão confundido ficará Satanás então, que foi seu acusador diante de Deus e de suas próprias consciências também, sempre ameaçando-os com o terror daquele dia! Quão em branco ficará o mundo ímpio, ao ver a sujeira que eles haviam lançado por suas calúnias e relatórios mentirosos nas faces dos santos, limpa com a própria mão de Cristo, e aqueles justificados da boca de Cristo como sinceros, a quem eles haviam chamado de hipócritas! Não será isto, ó vós santos, o suficiente por todo o escárnio de que vós fostes carregados do mundo, e o conflito que suportastes com o príncipe do mundo? Mas isto não é tudo. Portanto...

3. Ficar de pé, aqui também — como o complemento de sua recompensa — denota o estar dos santos na glória do céu. Príncipes, quando querem recompensar qualquer de seus súditos que em suas guerras prestaram serviço eminente à coroa, como o máximo que podem fazer por eles, preferem-nos à corte, lá para desfrutar de seu favor principesco e [para] estar em algum lugar de serviço honroso diante deles continuamente. Salomão apresenta-o como a maior recompensa dos súditos fiéis, “estar perante reis”. O céu é a cidade real onde o grande Deus mantém sua corte. A felicidade dos anjos gloriosos é estar lá perante Deus — “Eu sou Gabriel, que assisto [estou de pé] diante de Deus” (Lc 1:19); isto é, sou um daqueles espíritos celestiais que esperam pelo grande Deus e permanecem diante de Sua face, como cortesãos fazem ao redor de seu príncipe. Ora, tal honra terá toda alma fiel. “Assim diz o Senhor dos Exércitos: Se andares nos meus caminhos, e se observares a minha ordenança... dar-te-ei lugar para andar

entre estes que aqui assistem [estão de pé]” (Zc 3:7). Ele alude ao templo, que tinha salas adjacentes para os sacerdotes que esperavam pelo Senhor em Seu santo serviço lá; ou aos cortesãos, que têm galerias majestosas e aposentos condizentes com seu lugar na corte permitidos a eles no palácio do rei a quem servem. Assim, todos os santos — cujo representante era Josué — deverão, depois de terem guardado a ordenança do Senhor em um curto serviço de vida na terra, ser chamados para estar perante Deus no céu, onde com os anjos terão suas galerias e mansões de glória também. Ó, felizes eles que estarão perante o Senhor na glória! Os maiores pares de um reino — tais como condes, marqueses e duques são — contam como maior honra estar perante seu rei, embora de cabeça descoberta e muitas vezes sobre o joelho, do que viver no campo, onde todos se curvam e ficam de cabeça descoberta para eles; sim, deixe apenas que seu príncipe os proíba de vir à corte, e não são suas grandes propriedades, ou o respeito que têm onde vivem, que os contentarão. É melhor esperar no céu do que reinar na terra. É doce estar perante o Senhor aqui em uma ordenança. Um dia no culto a Deus é melhor do que muitos em outro lugar. Ó, o que então é estar perante Deus na glória! Se o nardo dos santos exala um cheiro tão doce, enquanto o rei se assenta à Sua mesa aqui em um sermão ou sacramento; ó, então, que alegria deve necessariamente fluir de sua assistência próxima a Ele, enquanto Ele se assenta à Sua mesa no céu, o qual, quando Deus primeiro o fez, foi pretendido por Ele para ser aquela câmara de presença na qual Ele Se apresentaria para ser visto e desfrutado por Seus santos em toda a Sua glória. Sei que nada teria uma operação mais poderosa, sim, universal, sobre o espírito de um santo, do que a frequente e espiritual consideração daquele estado

bem-aventurado no céu, que ao final coroará todos os seus tristes conflitos aqui na terra. Nada como esta espada, para cortar os próprios tendões da tentação, e decapitar aquelas concupiscências que desafiam e vencem tropas inteiras de outros argumentos. É quase impossível pecar com pensamentos e esperanças vivas daquela glória. É quando os pensamentos do céu estão há muito fora da vista do cristão, e ele não sabe o que se tornou de suas esperanças para aquele lugar glorioso, que ele começa a levantar algum ídolo — como Israel, o bezerro na ausência de Moisés — diante do qual ele pode dançar. Mas o céu entra em vista, e o coração do cristão será bem aquecido com os pensamentos dele, e tu podes tão cedo persuadir um rei a jogar seu diadema real em uma cloaca, e revolar-se com suas vestes em um canil, como um santo a pecar com a expectativa da glória do céu. O pecado é obra do diabo, não de um santo, que é um par do céu e espera a cada hora pelo decreto que o chamará para estar com anjos e santos glorificados perante o trono de Deus. Isto alegraria o coração do cristão e o confirmaria quando a luta estiver mais quente, e as balas voarem mais densas dos homens e demônios, pensar: é pelo céu que tudo isto é, onde vale a pena ter um lugar, embora passemos pelo fogo e pela água até ele. “Perante o Senhor”, disse Davi à escarnecedora Mical, “que me escolheu a mim antes de teu pai e a toda a sua casa... perante o Senhor me alegrarei. Ainda mais do que isto me envilecerei” (2Sm 6:21, 22).

Assim, cristão, tu lançarias fora as víboras das reprovações, que do fogo da malícia dos ímpios voam sobre ti. É por Deus que oro, ouço, mortifico minha concupiscência, nego a mim mesmo meus esportes, lucros e prazeres carnavais; aquele Deus que passou por reis e príncipes para escolher-me, um pobre

miserável, para estar perante Ele na glória; portanto, eu me envilecerei ainda mais do que isto. Ó senhores, não houvesse outro mundo para desfrutar de Deus, contudo não deveríamos, enquanto temos nosso ser, servir nosso Criador? Os céus e a terra obedecem à Sua lei, os quais são capazes de nenhuma recompensa por fazer Sua vontade. “Apaguem o inferno, queimem o céu”, disse um homem santo, “contudo eu amarei e temerei meu Deus”. Quanto mais quando braços eternos de misericórdia estão prontos e estendidos para vos carregar, assim que a luta terminar, para a presença bem-aventurada de Deus? Vós tendes servos vossos tão ingênuos e observadores, que podem vos seguir trabalhando arduamente ao ar livre em todos os climas; e se eles apenas, quando voltam para casa cansados e famintos à noite, obtêm um olhar bondoso de vós, e algum cuidado terno sobre eles, eles são muito gratos. “Sim”, diz um, para envergonhar o cristão preguiçoso, “quantas centenas de milhas o pobre cão de caça correrá atrás de seu mestre em uma jornada, que não consegue nada senão algumas migalhas, ou um osso do prato de seu mestre?”. Em uma palavra, que são mais escravos do diabo; o que eles não farão e arriscarão ao seu comando, que não tem tanto para lhes dar quanto vós ao vosso cão, não uma crosta, não uma gota de água para esfriar sua língua? E não fará a alegria do céu que está posta diante do cristão, na qual ele certamente entrará, fazê-lo correr sua corrida, suportar uma curta escaramuça de tentação e aflição? Sim, certamente, e fazê-lo contar também que estas “não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada”.

DIREÇÃO 4.

A Posição a ser mantida na Luta.

“Estai, pois, firmes” (Ef 6:14).

O apóstolo havia estabelecido em geral (v. 13) qual armadura o soldado cristão deve usar — armadura de Deus. Agora, para que ninguém carimbe divindade sobre o que é humano, e se tome a ousadia de colocar o nome de Deus em seus produtos falsificados, chamando de armadura de Deus o que vem de sua própria forja privada, como papistas, e muitos protestantes carnis também fazem, que inventam armas para lutar contra o diabo que nunca vieram ao coração de Deus para designar; ele, portanto, vem mais particularmente para mostrar o que é toda esta armadura de Deus, descrevendo-a peça por peça, que juntas compõem o traje completo, e de toda maneira equipam o cristão para tomar o campo contra este seu inimigo. Nós as trataremos na ordem em que as encontramos aqui estabelecidas pelo apóstolo. Apenas algo deve ser brevemente dito primeiro sobre a postura que nos foi dada em encargo, como aquilo que devemos observar no uso de cada peça, e [que é] portanto prefixado a tudo. A postura jaz nestas palavras — “estai, pois, firmes”; *stēte*, estai firmes. Esta palavra é a mesma que a última no versículo precedente; mas [está] nem no mesmo modo nem tempo. Lá [está] colocada para vitória e triunfo quando a guerra termina; aqui para a postura do cristão na luta, e em ordem a ela. É uma expressão militar, uma palavra de comando que capitães usam em diferentes ocasiões para seus soldados, e assim importa vários deveres que são exigidos às mãos do cristão.

A necessidade de resistir às tentações de Satanás, com o perigo de ceder a elas.

1. Estar firme é oposto a uma fuga covarde ou rendição traiçoeira ao inimigo. Quando um capitão vê seus homens começando a encolher-se, e percebe alguma disposição neles para fugir ou render-se, então ele ordena: estai firmes; isto é, resisti virilmente e mantende vossa posição contra o inimigo, por uma recepção valente de sua carga, e repelindo sua força. A palavra tomada assim, aponta para um dever adequado incumbente ao cristão, que tomai nesta nota —

DOUTRINA. Satanás em suas tentações deve ser corajosamente resistido, de modo algum deve ser cedido.

Razão 1. O comando é expresso para isso: “Ao qual resisti firmes na fé” (1Pe 5:9). Colocai-vos em batalha contra ele, como a palavra importa, lutai com ele onde quer que ele venha. Soldados devem manter-se próximos à sua comissão, aconteça o que acontecer. Quando Joabe enviou Urias para estar na linha de frente da batalha, diante da face da própria morte, ele não pôde deixar de ver seu perigo, contudo ele não discute a questão com seu general; obedecer ele deve, embora perca sua vida no lugar. Covardia e desobediência ao comando do líder são contadas entre os turcos como os pecados mais condenáveis; e deverão eles ser pensados *peccadillos* [pecadilhos/pequenos pecados] por nós que temos Cristo por Capitão para servir, e o pecado e o diabo por inimigos para lutar? Resistir a algumas tentações pode custar-nos caro: “Ainda não resististes até ao sangue, combatendo contra o pecado” (Hb 12:4), implicando que pode chegar a isso, e se chegar, [que] isso não altera o caso, nem dá dispensa para nos arranjarmos escolhendo pecar em vez

de sofrer. O capitão romano disse que era necessário navegar, não viver; e será um cristão medroso de seu dever, quando ele é atendido com perigo externo? O soldado carrega a honra de seu príncipe para o campo com ele, e assim faz o cristão a de seu Deus, sempre que é chamado a contestar com qualquer tentação. Agora será visto a que taxa ele valoriza sua honra. Os súditos de Davi valorizavam-no em dez mil de suas vidas, e portanto morreriam cada um deles, em vez de arriscá-lo. Ó, quão indigno é então expor o nome de Deus à reprovação, em vez de nós mesmos a um pouco de desdém, perda temporal ou problema! Foi a jactância de Pompeu que, a uma palavra ou aceno dele, ele poderia fazer seus soldados rastejarem pela rocha mais íngreme sobre suas mãos e joelhos, embora fossem derrubados tão rápido quanto subiam. Verdadeiramente, Deus não é pródigo com o sangue de Seus servos, contudo às vezes Ele prova sua lealdade em serviços árduos e tentações agudas, para que Ele possa, a partir de sua fidelidade a Ele, e santa firmeza em seus sofrimentos por Ele, triunfar sobre Satanás, que foi tão impudente a ponto de dizer a Deus que um de Seus servos mais escolhidos apenas servia a si mesmo em servi-IO: “Porventura Jó teme a Deus debalde?” — como se, quando qualquer encontro agudo viesse, ele viraria a cabeça e, em vez de submeter-se a Ele, amaldiçoaria a Deus. E, portanto, achamos o Senhor gloriando-se sobre Satanás: “Ainda ele retém a sua integridade, embora tu me incitasses contra ele” (Jó 2:3) — como se o Senhor tivesse dito: “O que pensas agora, Satanás? Jó não provou que tu és um mentiroso convicto? Eu tenho alguns servos, tu vês, que Me servirão sem suborno, que reterão sua integridade quando não puderem reter mais nada. Tu tiraste sua propriedade, servos e filhos, e ainda assim ele permanece em seu terreno, e tu não obtiveste tua vontade sobre ele, nem sua integridade dele”.

Razão 2. Deus nos fornece armadura para este fim, que deveríamos resistir valentemente, e não ceder a Satanás tentando. Entregar um castelo na mão de um inimigo, quando ele está bem provido de munição para defendê-lo, é vergonhoso e indigno de tal confiança. Isto torna o pecado do cristão mais desonroso do que o de outro, porque ele é mais bem aparelhado para fazer resistência. Toma uma alma sem graça, quando solicitada, suponha, a um pecado que promete prazer carnal, ou lucro, não é grande maravilha que ele ceda ao primeiro chamado, e entregue-se prisioneiro a Satanás. O pobre miserável, infelizmente, não tem armadura para repelir o movimento. Ele não prova doçura em Cristo. Que maravilha é, se sua alma faminta, por falta de melhor alimento, cai sobre os restos do diabo? — que ele, que não tem esperança para outro mundo, seja feito a caçar e roubar para conseguir um pouco deste? A cabra, dizemos, deve pastar onde está amarrada, e o pecador alimentar-se da terra e das coisas terrenas, às quais ele está estacado por seu coração carnal; mas o cristão tem uma esperança em seu peito de outra espécie de glória, do que este mundo pedinte pode pretender, sim, uma fé que é capaz de entretê-lo no presente com algumas alegrias do céu — sendo a natureza dessa graça dar existência às coisas boas da promessa. Este capacete posto e escudo levantado manteriam longe toda uma chuva de tais flechas de ferir o cristão. Deus tem razão para levar isto pior às suas mãos de ceder, aquele que poderia ter resistido, se ele apenas tivesse feito uso daquelas graças que Deus lhe deu para sua defesa, ou chamado em ajuda do céu para seu socorro. “Comeste tu”, diz Deus a Adão, “da árvore de que te ordenei que não comesses?” (Gn 3:11). O acento jaz em *tu*. Certamente não foi por fome, tu tinhas um paraíso inteiro diante de ti; comeste tu que foste provido tão bem para ter resistido a ele? Comeste tu, pode Deus dizer ao cristão, das iguarias do diabo, que tens uma

chave para ir ao Meu armário? o teu Pai celestial mantém uma casa tão faminta, que os restos do diabo descerão com ti?

Razão 3. A segurança do cristão jaz em resistir. Toda armadura aqui providenciada é para defender o cristão lutando, nenhuma para assegurá-lo fugindo. Fica firme, e o dia é nosso. Foge, ou cede, e tudo está perdido. Grandes capitães, para tornar seus soldados mais resolutos, às vezes cortam toda esperança de uma retirada segura para aqueles que fogem. Assim, o conquistador normando, assim que seus homens estavam em solo inglês, enviou embora seus navios à vista deles, para que pudessem resolver lutar ou morrer. Deus tira todo pensamento de segurança ao covarde; nem uma peça para ser achada para as costas em todo o armamento de Deus. Fica firme, e as balas luzem todas em tua armadura; foge, e elas entram em teus corações. É um lugar terrível (Hb 10:38): “O justo viverá da fé; e, se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele”. Aquele que resiste a isso crendo sai com sua vida; mas aquele que recua, e foge de suas cores, como a palavra grega importa, Deus não terá prazer nele, exceto na execução justa de Sua ira sobre ele. E não faz ele uma triste mudança, que de lutar contra Satanás, engaja Deus como um inimigo contra ele? Há conforto em lutar contra o pecado e Satanás, embora até o sangue, mas nenhum em deitar-se suando sob a indignação ardente de um Deus vingador. O que Satanás coloca sobre, Deus pode tirar; mas quem pode aliviar, se Deus coloca sobre? Que homem não preferiria morrer no campo lutando por seu príncipe, do que em um cadafalso pelo machado, por covardia ou traição?

Razão 4. O inimigo com o qual temos a ver é tal que deve ser tratado apenas resistindo. Deus é um inimigo que é vencido cedendo; o diabo apenas pela força das armas.

(1) Ele é um inimigo covarde. Embora ele coloque uma cara ousada nisto tentando, ele carrega um coração medroso em seu peito. O trabalho é infame que ele faz; e, como um ladrão tem medo de cada luz que vê, ou ruído que ouve, na casa que ele roubaria; assim Satanás é desencorajado onde ele encontra a alma acordada, e em qualquer postura para opor-se a ele. Ele teme-te, cristão, mais do que tu precisas dele; “Jesus conheço, e Paulo conheço” (At 19:15); isto é, conheço-os para minha vergonha, ambos me puseram em fuga, e se vós fôsseis como eles, eu vos temeria também. Crê nisto, alma, ele treme diante de tua fé. Coloca-a para fora em oração para clamar por ajuda ao céu contra ele, e exerce-a vigorosamente rejeitando os movimentos que ele faz, e tu verás ele correr. Se soldados em um castelo soubessem que seus inimigos cercando-os estavam em uma condição distraída, e certamente, sobre sua saída, romperiam e fugiriam, que metal e coragem isto lhes encheria? O Espírito de Deus — que sabe bem o suficiente como as coisas andam no acampamento do diabo — envia esta inteligência a cada alma que está sitiada por tentações: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4:7). Ele não pode nos ferir sem nossa permissão. O diabo não é um bom puxador; mas, quando ele descobre que isso não vem — a alma não cede — seu coração então lhe falha, pelo menos pelo presente, como no combate de Cristo, é dito que “se apartou dele por um tempo”. Quando o diabo continua por muito tempo o mesmo pedido, é de se temer [que] aquela pessoa, embora não tenha prometido plenamente a ele, contudo não lhe deu uma negação peremptória. Ele é um pretendente, que ouve por algo para cair da criatura que possa encorajá-lo a processar seu movimento. Nenhum caminho para estar livre dele senão fechar a porta sobre ele, e negar todo discurso com ele; o que leva ao segundo caráter.

(2) Ele é um inimigo invasor, e portanto deve ser resistido. “Não se ponha o sol sobre a vossa ira, nem deis lugar ao diabo” (Ef 4:26, 27). Como soldados, por covardemente deixarem algum trabalho externo que lhes é posto para defender, dão lugar ao seu inimigo, que entra no mesmo, e de lá atira mais facilmente na cidade do que ele poderia antes. Assim [por] ceder em uma tentação, deixamos o diabo entrar em nossa trincheira, e damos a ele uma vantagem justa para nos fazer mais dano. O homem irado, enquanto ele está enfurecendo e delirando, pensa, pode ser, nada mais, senão aliviar sua paixão disgorgando-a em algumas palavras amargas e agudas, mas infelizmente, enquanto sua fúria e ira estão saindo pelo portal de seus lábios, o diabo achando a porta aberta, entra e o leva mais longe do que ele sonhou. Não temos a ver com um Aníbal — que, embora um grande espadachim, contudo carecia da arte de seguir e melhorar as vantagens que suas vitórias lhe davam — mas com um diabo astuto que não perderá facilmente nenhum terreno que ele ganhe. Nosso melhor caminho, portanto, é não dar-lhe nenhum gancho, não tanto quanto chegar perto da porta onde o pecado habita, para que não sejamos fiscados. Se não pretendemos ser queimados, não andemos sobre as brasas da tentação; — se não ser curtidos, não fiquemos onde o sol brilha. Eles certamente esquecem que natureza insinuante e sinuosa esta serpente tem, que ousam ceder a ele em algo, e fazem-nos acreditar que não o farão em outra coisa — que sentarão na companhia de ébrios, frequentarão os lugares onde o pecado é cometido, e ainda pretendem que não querem ser tais? — que prostituirão seus olhos a objetos impuros, e ainda assim serão castos? — que emprestarão seus ouvidos a qualquer doutrina corrupta dos tempos, e ainda assim serão sadios na fé? Esta é uma forte ilusão sob a qual tais estão. Se um homem não tem poder suficiente para resistir a Satanás no menor, que razão tem ele para pensar

que ele o fará no maior? Tu não tens graça, parece, para te manter de atirar-te no redemoinho da tentação, e tu pensas que, quando nele, tu suportarás contra a corrente dele? Pensar-se-ia que é mais fácil, quando no navio, evitar cair ao mar, do que quando no mar, entrar seguramente no navio novamente.

(3) Ele é um inimigo acusador. E verdadeiramente a loucura está no nome daquele homem, que sabe que tipo de fofoqueiro o diabo é, e contudo ele, cedendo à sua tentação, colocará um recado em sua boca, com o qual ele possa acusá-lo diante de Deus. Alguns relatam tolosamente que bruxas não podem ferir até que recebam uma esmola. Mas eu tenho certeza, enquanto tu não mostras nenhuma bondade ao diabo, ele não pode te ferir, porque ele não pode te acusar. Toma, portanto, a resolução do santo Jó: “A minha justiça me apegarei... o meu coração não me reprovará enquanto eu viver” (Jó 27:6). Nunca é triste, na verdade, com a alma até que o latido esteja dentro das portas. A consciência, não o diabo, é o sabujo que derruba a criatura. Ó, não deixes que ela te reprove, e tu estás bem o suficiente.

O dever do cristão, de estar firme em seu próprio lugar, e o perigo de se desviar.

1. Estar firme, equivale a tanto quanto: estar cada um em sua categoria e estação própria, e aqui é oposto a toda desordem, ou desvio de nosso lugar. Quando um capitão vê seus soldados marcharem, ou lutarem fora de sua categoria e ordem, então ele ordena: estai firmes. A disciplina militar é tão estrita neste caso, que não permite a ninguém mover-se de seu lugar sem mandado especial. Custou a alguns suas vidas por lutarem fora de seu lugar, embora com grande

sucesso. Mânlio matou seu próprio filho, por nenhuma outra falha. Daqui a nota é —

DOCTRINA. Que deveria ser o cuidado de todo cristão, estar firme ordenadamente no lugar particular em que Deus o colocou. O método do diabo é primeiro derrotar, e então arruinar. A ordem supõe companhia, alguém que anda sozinho não pode sair de sua categoria. Este lugar, portanto, e categoria em que o cristão deve estar firme, relaciona-se a alguma sociedade ou companhia na qual ele anda. O cristão pode ser considerado como relacionado a uma tríplice sociedade — igreja, comunidade e família. Em todas existem várias categorias e lugares. Na igreja, oficiais e membros privados; na comunidade, magistrados e povo; na família, mestres e servos, pais e filhos, marido e mulher. O bem-estar destas sociedades consiste na ordem que é mantida — quando cada roda se move em seu lugar sem colisão, quando cada um contribui realizando o dever de seu lugar para o benefício de toda a sociedade. Mas mais distintamente, uma pessoa está então de pé ordenadamente em seu lugar quando ela faz estas três coisas —

1. Quando ela entende o dever peculiar de seu lugar e relação; “A sabedoria do prudente é entender o seu caminho” (Pv 14:8) — seu caminho, isto é, o caminho no qual ele em particular deve andar. Não lucrará a um homem saber o caminho para York, se vai para Londres; contudo quão propensos somos a estudar o caminho e o trabalho do outro [em vez] do nosso próprio — o servo mais qual é o dever de seu mestre, não qual é o dele para seu mestre — o povo o que o ministro em seu lugar deveria fazer, em vez do que é incumbente sobre eles mesmos para com aqueles que estão sobre eles no Senhor. Não é conhecer o dever do outro, nem censurar a negligência de outro, mas fazer o nosso

próprio [dever, que] nos levará seguramente e confortavelmente ao fim de nossa jornada. E como podemos fazê-lo exceto se o conhecermos? Salomão, em nenhuma coisa, deu uma maior prova de sua sabedoria do que em pedir a Deus sabedoria, para habilitá-lo para o dever de seu lugar.

2. Quando, conhecendo o dever de nosso lugar, conscienciosamente atendemos a ele e nos dedicamos por Deus nisso. Quando Paulo encarregou Timóteo em seu lugar, que cada cristão deve fazer no seu. Ele deve “meditar sobre estas coisas”, e “dar-se inteiramente” à descarga de seu dever, como cristão, em tal lugar e vocação — *en toutois isthi* [em tais coisas está], esteja nelas, deixe teu coração estar em teu trabalho, e tu inteiramente estar tomado por ele (1Tm 4:15). O próprio poder da piedade jaz nisto. A religião, se não tornada praticável em nossos vários lugares e vocações, torna-se ridícula e desaparece em uma noção vazia que está quase nada. Contudo, muitos existem que não têm nada para provar-se cristãos, senão uma profissão nua, de quem podemos dizer como dizem da árvore de canela, que a casca vale mais do que tudo o que eles têm além. Tais o apóstolo fala: “Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda a boa obra” (Tt 1:16). Que boas obras o apóstolo significa, aparecerá nas próximas palavras, Tito 2, onde, em oposição a estes, ele pressiona aqueles deveres que os cristãos em seus lugares e relações particulares, como convém à santidade, devem realizar. Um bom cristão e uma esposa desobediente, um homem piedoso e um servo infiel, ou filho desobediente é uma contradição que nunca pode ser reconciliada. Ele que não anda retamente em sua casa, é apenas um hipócrita na igreja. Ele que não é

um cristão em sua loja, não é em seu closet um cristão, embora sobre seus joelhos em oração. Fere a religião em uma parte, e ela é sentida em cada parte. Se ela declina de um jeito, ela não pode prosperar em nenhum outro. Todos os que se desviam na religião não se desviam da mesma maneira. Como é no que diz respeito à nossa vida natural; alguns, observa-se, morrem de baixo para cima, alguns de cima para baixo. Em um, as partes extremas, seus pés, estão primeiro mortos, e assim [a enfermidade] sobe para as pernas, e ao final toma conta dos vitais; em outro suas partes superiores são primeiro invadidas. Assim na profissão. [Com] alguns, seu declínio aparece primeiro em uma negligência de deveres sobre suas vocações particulares, e os deveres que eles devem, por seu lugar e relação, ao homem, embora todo este tempo eles possam parecer muito prontos e zelosos nos deveres de adoração a Deus, muito no ouvir, orar, e coisas tais; enquanto outros vacilam primeiro nestes, e ao mesmo tempo parecem muito estritos no outro. Ambos são igualmente destrutivos para a alma; eles ambos se encontram na ruína do poder da piedade. Ele está de pé ordenadamente que faz consciência de todo o dever que jaz sobre ele em seu lugar para com Deus ou homem.

3. Para estar de pé ordenadamente, é necessário que mantenhamos os limites de nosso lugar e vocação. Os israelitas foram ordenados cada homem “a acampar junto ao seu estandarte” (Nm 2:2). A Septuaginta traduz como *kata tagma* — de acordo com a ordem. Deus não permite nenhum desviado de sua estação em Seu exército de santos. “Como o Senhor chamou a cada um, assim ande” (1Co 7:17). Nosso andar deve ser naquele caminho que nosso chamado abre. Somos, portanto, ordenados cada um a “fazer seu próprio

negócio” (1Ts 4:11). Aquilo que é o negócio do comandante no exército, não é o do soldado privado; o do magistrado não é o do súdito; o do ministro não é o das pessoas. Aquilo que é justiça no governante, é assassinato em outro. Eles são *idia*, nossas próprias coisas — [coisas] que vêm dentro da bússola de nossa vocação geral ou particular. Fora destas, estamos fora de nossa diocese. Ó, que mundo quieto teríamos, se tudo e pessoa soubesse seu próprio lugar! Se o mar mantivesse seu próprio lugar, não teríamos inundações; se os homens tivessem o seu, não teríamos visto tais inundações de pecado, nem misérias, com as quais esta idade infeliz foi quase afogada. Mas deve ser um banco muito forte, de fato, que pode conter nossos espíritos fluidos dentro de nossos próprios termos. Pedro mesmo foi duramente repreendido por espreitar, por curiosidade, para dentro daquilo que não lhe dizia respeito — “Que te importa a ti?” (Jo 21:22). Como se Cristo tivesse dito: “Pedro, mete-te com teus próprios assuntos, isto não te diz respeito”; cuja repreensão dura, diz um, poderia possivelmente fazer Pedro depois dar uma carga tão estrita contra, e colocar uma marca tão negra sobre, este mesmo pecado, como podeis achar, 1Pe 4:15, onde ele classifica o “intrometido” entre assassinos e ladrões. Ora, para fixar cada um em seu lugar, e persuadir a todos a estar de pé ordenadamente ali sem quebrar sua classificação, estas cinco considerações, parece-me, podem carregar algum peso — entre aqueles especialmente com quem a palavra de Deus na Escritura ainda mantém sua autoridade para concluir e determinar seus pensamentos.

Cinco Considerações para persuadir a todos a ESTAR FIRMES.

1. Consideração. Considera que o que tu fazes fora de teu lugar e vocação não é aceitável a Deus, porque tu não podes fazê-lo na “fé”, sem a qual “é impossível agradar a Deus”; e não pode ser na fé, porque tu não tens chamado. Deus não te agradecerá por fazeres aquilo que Ele não te designou. Possivelmente tu tens boas intenções. Assim tinha Uzá em manter a arca, contudo quão bem Deus gostou de seu zelo, vê 2Sm 6:7. Saul mesmo poderia fazer uma bela história de seu sacrifício, mas isso não serviu ao seu propósito. Preocupa-nos não apenas perguntar a nós mesmos qual é a coisa que fazemos, mas também quem exige isto de nossas mãos? Com certeza, Deus ao final nos colocará nessa questão, e irá mal conosco se não pudermos mostrar nossa comissão. Tão longo devemos necessariamente negligenciar o que é nosso dever, como estamos ocupados sobre aquilo que não é. A esposa confessa isto: “Puseram-me por guarda das vinhas; mas a minha vinha não guardei” (Ct 1:6). Ela não podia cuidar das deles [vinhas] e da dela também — nosso próprio ferro esfriará enquanto estivermos batendo no de outro. E isto deve necessariamente ser desagradável a Deus — deixar o trabalho que Deus nos designa, para fazer o que Ele nunca ordenou. Quando um mestre chama um aluno vadiante para contas, que esteve faltando alguns dias da escola, seria isto um bom pedido para ele dizer ao seu mestre, que ele esteve todo o tempo na loja de tal homem trabalhando com suas ferramentas? Não, certamente seu negócio jazia na escola, não naquela loja.

2. Consideração. Indo fora de nosso lugar e vocação próprios, colocamo-nos debaixo da proteção de Deus. A promessa é, Ele nos “guardará em todos os nossos caminhos” (Sl 91:11). Quando vamos fora de nosso

caminho, vamos debaixo de Sua asa. Temos um excelente lugar para isto: “Cada um permaneça diante de Deus na vocação em que foi chamado” (1Co 7:24). Nota essa frase: *permaneça diante de Deus*. Como gostamos de andar na companhia de Deus, devemos permanecer em nosso lugar e vocação. Cada passo fora disso é uma partida de Deus; e melhor ficar em casa, em um lugar medíocre e vocação baixa, em que possamos desfrutar da doce presença de Deus, do que ir à corte e lá viver sem Ele. É provável que tenhas ouvido falar daquele santo bispo, que em uma jornada caiu em uma estalagem, e por algum discurso com o hospedeiro, achando-o ser um ateu, ou muito ateísta, imediatamente chama seu servo para trazer-lhe seu cavalo, dizendo que ele não se hospedaria lá, pois Deus não estava naquele lugar. Verdadeiramente, quando tu estás em qualquer lugar, ou sobre qualquer trabalho ao qual tu não és chamado, podemos seguramente dizer: “Deus não está naquele lugar ou empreendimento”. E que aventura ousada é ficar lá onde tu não podes esperar Sua presença para assistir ou proteger! “Qual a ave que vagueia do seu ninho, tal é o homem que vagueia do seu lugar” (Pv 27:8). Deus tomou cuidado especial para que a ave sentada sobre seus ovos em seu ninho não fosse ferida (Dt 22:6), mas não achamos nada para assegurá-la se encontrada no estrangeiro. Fazendo o dever de nosso lugar, temos a palavra do céu para nossa segurança; mas por nosso próprio risco seja se errarmos. Então somos como Simei fora de suas prerrogativas, e nos colocamos abertos a algum juízo ou outro. É igualmente perigoso fazer o que não somos chamados a fazer, e negligenciar ou deixar por fazer o dever de nosso lugar. Como a terra não podia suportar a usurpação por Coré e sua companhia do que não lhes pertencia, mas os engoliu, assim o mar não podia senão

testemunhar contra Jonas, o profeta fugitivo, desdenhando transportar aquele que fugiu do lugar e trabalho que Deus o chamou para fazer. Nem o céu mesmo abrigaria os anjos, quando uma vez deixaram seu próprio lugar e ofício que seu Criador tinha designado; então estas palavras “deixaram o seu próprio domicílio” (Jd 6), acho serem mais provavelmente interpretadas. A ruína de muitas almas irrompe sobre elas nesta porta. Primeiro eles quebram suas fileiras, e então são levados mais longe para a tentação. Absalão primeiro olha por cima da sebe em seus pensamentos ambiciosos. Um rei ele seria, e este desejo errante além de seu lugar deixa entrar aqueles pecados sangrentos, rebelião, incesto e assassinato, e estes o amadureceram para, e ao final entregaram-no nas mãos da vingança divina. O apóstolo une ordem e firmeza: “Porque, ainda que esteja ausente quanto ao corpo, contudo, em espírito estou convosco, e vejo a vossa ordem e a firmeza da vossa fé em Cristo” (Cl 2 :5). Se um exército está em ordem cerrada, cada um em seu lugar atendendo seu dever, contente com seu trabalho, ele é inexpugnável de uma maneira. Como vieram muitos em nossos dias a cair de sua firmeza, senão quebrando sua ordem?

3. Consideração. Nunca seremos cobrados por não fazer o trabalho de outro. “Presta contas da tua administração” (Lc 16:2), isto é, o que pelo teu lugar tu foste confiado. Podemos, na verdade, ser acessórios ao pecado e erro de outro em seu lugar. “Não sejais, pois, seus companheiros” (Ef 5:7). Existe uma parceria, se não muito vigilante, que temos com o pecado de outro; e, portanto, podemos todos dizer “Amém” à oração daquele homem santo: “Senhor, perdoa-me meus outros pecados”.

Mercadores podem negociar em fundos que não são seus, e podemos pecar com as mãos de outros de muitas maneiras; e uma especialmente é, quando não emprestamos ao nosso irmão aquela assistência em seu trabalho e dever, a que nosso lugar e relação obriga. Mas não é nosso pecado que não suprimos a negligência de outro, fazendo aquilo que não pertence ao nosso lugar. Devemos orar pelos magistrados para que possam governar no temor de Deus, mas se eles não o fazem, não podemos subir ao banco e fazer o trabalho dele por ele. Deus não requer mais do que fidelidade em nosso lugar. Não achamos falha em uma macieira se ela estiver carregada de maçãs — que é o fruto de seu próprio tipo — embora não possamos achar figos ou uvas crescendo nela. Esperamos estes apenas de sua raiz e estoque próprios. Ele é uma árvore frutífera no pomar de Deus que “dá o seu fruto na estação própria” (Sl 1:3).

4. Consideração. Há pouco conforto em sofrer por fazer aquilo que não era o trabalho de nosso lugar e vocação. Antes de lançar-nos em qualquer empreendimento, cabe a nós perguntar a nós mesmos, e isso seriamente, qual é nossa aparelhagem, se uma tempestade nos alcançar em nossa viagem. É loucura engajar-se naquele empreendimento que não nos sustentará, e pagará a carga de toda a perda e problema que ele pode nos dar. Ora, nenhum conforto ou semblante de Deus pode ser esperado de qualquer sofrimento, exceto se pudermos intitular Ele ao negócio que sofremos por. “Por tua causa somos entregues à morte cada dia” (Sl 44:22), diz a igreja. Mas se o sofrimento nos encontra fora de nossa vocação e lugar, não podemos dizer “por tua causa” somos assim e assim afligidos, mas “por nossas próprias causas”; e vós conheceis o provérbio: “quem

faz por si, tem por si”. O apóstolo faz uma vasta diferença entre sofrer “como um intrometido” e sofrer “como um cristão” (1Pe 4:15, 16). É ao último que ele diz: “não se envergonhe, antes glorifique a Deus neste nome”. Quanto ao intrometido, ele o iguala com ladrões e assassinos, e estes, eu imagino, têm razão tanto para se envergonhar quanto para ter medo. O carpinteiro que consegue um corte ou ferida em sua perna de seu machado, enquanto ele está no trabalho em sua vocação, pode suportar isso mais pacientemente e confortavelmente do que alguém que está se metendo gratuitamente com suas ferramentas, e não tem nada a ver com tal trabalho. Quando a aflição ou perseguição alcança o cristão viajando no caminho que Deus lhe colocou, ele pode mostrar a Bíblia, como aquele homem santo sofrendo por Cristo, fez, e dizer: “Isto me fez pobre, isto me trouxe à prisão”, isto é, sua fé nas verdades e obediência aos comandos nela; e portanto pode confiantemente esperar sofrer às custas de Deus, como o soldado [espera] ser mantido e sustentado pelo príncipe a cujo serviço ele perdeu seus membros. Mas o outro que corre fora de seu lugar e assim encontra sofrimentos, ele tem isto para amargá-los, que ele não pode olhar para nada de Deus senão para ser fortemente repreendido por seus esforços — como a criança é servida que recebe algum ferimento enquanto está vadiando fora, e quando volta para casa à noite com seu rosto batido, encontra um açoite de seu pai no negócio por estar fora de casa. Isto pesou sobre o espírito daquele erudito alemão Johannis Funccius, que de um ministro do evangelho na corte de seu príncipe, tornou-se ministro de estado de seu príncipe, e foi ao final, por algum mau conselho pelo menos assim julgado, condenado a morrer. Antes que ele sofresse,

ele lamentou muito o deixar sua vocação, e para avisar outros deixou este dístico:

*Disce meo exemplo mandato munere fungi,
Et fuge ceu pestem πολυπραγμοσυνην.¹*

5. Consideração. É um espírito errático que geralmente carrega homens para fora de seu lugar e vocação. Confesso que há um *heroicus impetus*, um impulso que alguns dos servos de Deus tiveram do céu, para fazer coisas extraordinárias, como lemos na Escritura de Moisés, Gideão, Fineias e outros. Mas é perigoso pretender o mesmo, e ilegal esperar tais comissões imediatas do céu agora, quando Ele as emite de uma maneira mais ordinária, e dá regras para o mesmo em Sua palavra. Podemos tão bem esperar ser ensinados extraordinariamente, sem usar os meios ordinários, como ser chamados assim. Quando vir alguém dotado miraculosamente, como os profetas e apóstolos, então pensarei que o chamado imediato que eles pretendem é autêntico. Para ter certeza, achamos na palavra que o chamado extraordinário e o ensino extraordinário andam juntos. Bem, vejamos o que é aquele espírito errático que carrega muitos para fora de seu lugar e vocação. Nem sempre é o mesmo.

(1.) Algumas vezes é ociosidade. Os homens negligenciam o que deveriam fazer e, então, são facilmente persuadidos a meter-se com o que não têm nada a ver. O apóstolo intima isto claramente: “Aprendem a ser ociosas, andando de casa em casa; e não somente ociosas, mas também faladeiras e curiosas” (1Tm 5:13). Uma pessoa ociosa é uma andarilha. Ela

¹ N. E.: *Aprende com meu exemplo a cumprir o dever ordenado, E foge como da peste de ser um intrometido.*

tem o pé no limiar — facilmente atraída de seu próprio lugar — e tão logo para a diocese de outro. Ela está livre para ouvir a conversa do diabo. Aquele que não serve a Deus em seu próprio lugar, o diabo, em vez de deixá-lo parado, enviar-lo-á para fora em seu recado e fará com que ele coloque sua foice na seara alheia.

(2.) É orgulho e descontentamento que fazem as pessoas saírem de seu lugar. Alguns homens são nisto muito infelizes. Seus espíritos são grandes e arrogantes demais para o lugar em que Deus os colocou. Sua vocação é, talvez, humilde e baixa, mas seus espíritos são elevados e altivos; e, enquanto deveriam esforçar-se para trazer seus corações à sua condição, eles projetam como podem trazer sua condição aos seus corações orgulhosos. Eles se consideram muito infelizes enquanto estão encerrados em limites tão estreitos. De fato, o mundo inteiro é um caminho estreito demais para um coração orgulhoso; *æstuat infelix angusto limite mundi* — ele se agita infeliz dentro da estreita fronteira do mundo. O mundo era apenas um pequeno alívio para Alexandre. Deverão eles ser escondidos em uma multidão, jazem em um canto obscuro e morrem antes que deixem o mundo saber seu valor? Não, eles não podem suportar isso, e, portanto, devem subir ao palco e exhibir-se de um modo ou de outro. Não foi o trabalho do sacerdote que fez Corá e seus cúmplices apaixonarem-se por ele, mas a honra do sacerdote que acompanhava o trabalho. Isto eles desejavam compartilhar, e não gostavam de ver outros fugirem com isso de suas mãos. Nem foi o zelo que Absalão tinha para fazer justiça que fez seus dentes salivarem tanto pela coroa de seu pai, embora isto devesse pratear sua ambição. Estes lugares de igreja e estado são flores tão belas, que espíritos orgulhosos em todas as eras têm sido

ambiciosos de tê-los plantados em seu próprio jardim, embora nunca prosperem tão bem quanto em seu solo próprio.

(3.) Em um terceiro, é a incredulidade. Isto fez Uzá estender sua mão imprudentemente para sustentar a arca que balançava; a qual, sendo apenas um levita, ele não devia tocar, vê Nm 4:15. Infelizmente! bom homem, foi sua fé que balançou mais perigosamente do que a arca. Temendo a queda desta, ele caiu ao chão. Deus não precisa de nosso pecado para escorar Sua glória, verdade ou igreja.

(4.) Em alguns, é o zelo mal informado. Muitos pensam que podem fazer uma coisa, porque podem fazê-la. Eles podem pregar e, portanto, podem. Onde mais eles teriam dons? Certamente os dons dos santos não precisam ser perdidos, nenhum deles, embora não sejam aplicados no trabalho do ministro. O cristão privado tem um grande campo onde pode ser útil a seus irmãos. Ele não precisa quebrar a sebe que Deus colocou, e, por isso, causar tal desordem como vemos serem as consequências disto. Lemos na lei judaica, Êxodo 22, que aquele que incendiou uma sebe, e esse fogo queimou o milho em pé em um campo, deveria fazer restituição, embora ele apenas tenha incendiado a sebe — talvez não pretendendo ferir o milho; e a razão era porque seu incêndio da sebe foi uma ocasião para o milho ser queimado, embora ele não o pretendesse. Não me atrevo a dizer que cada cristão privado que, nestes tempos, tomou sobre si o trabalho do ministro, pretendia fazer tal combustão na igreja como tem sido, e ainda tristemente é, entre nós. Deus me livre de pensar assim. Mas, ó, que eu pudesse absolvê-los de serem acessórios a isso. Em que eles incendiaram a sebe que Deus colocou entre a vocação do ministro e o povo. Se reconhecermos o ministério como um ofício particular na igreja de Cristo — e penso que a palavra nos compelirá a fazê-

lo —, então devemos também confessar que não é o trabalho de qualquer um, embora muito capaz, exceto se chamado para o ofício. Há muitos em um reino que poderiam fazer o recado do príncipe, é provável, tão bem quanto seu embaixador, mas ninguém assume o lugar senão aquele que é enviado, e pode mostrar suas credenciais. Aqueles que não são enviados e comissionados pelo chamado de Deus para o trabalho ministerial, eles podem falar verdades tão bem quanto aqueles que são, contudo daquele que age em virtude de seu chamado, podemos dizer que ele prega com autoridade, e não como aqueles que não podem mostrar comissão alguma, senão o que a opinião que eles mesmos têm de suas próprias habilidades lhes dá. Tu gostas do trabalho do ministro? Por que não deverias desejar o ofício, para que possas fazer o trabalho de maneira aceitável? Tu te encontras dotado, como pensas, para o trabalho, mas não seria a igreja mais apta a julgar assim do que tu mesmo? E se tu fosses achado assim por eles designados para a prova, quem não te daria a mão direita de companheirismo? Não há tantos trabalhadores no campo de Cristo, que tua ajuda, se capaz, seria aceita. Mas como tu agora ages, trazes a ti mesmo sob suspeita nos pensamentos de cristãos sóbrios; como ele faria justamente, que vem ao campo onde seu príncipe tem um exército, e anuncia que vem para fazer ao seu soberano serviço contra o inimigo comum, contudo fica sozinho à cabeça de uma tropa que ele conseguiu reunir, e recusa-se a tomar qualquer comissão dos oficiais de seu príncipe ou juntar-se a eles. Questiono se o serviço que tal pessoa pode realizar — caso ele quisesse dizer como diz, o que é de se temer — faria tanto bem, quanto a distração que este seu comportamento poderia causar no exército faria de dano.

O cristão deve ESTAR FIRME E VIGIAR.

1. Estar firme, aqui, é oposto ao sono e à preguiça. Estar de pé é uma postura de vigília, de observação. Quando o capitão vê seus soldados deitados seguros no chão adormecidos, ele ordena: “Às vossas armas”, isto é, estai firmes e vigiai. Em alguns casos, é morte para um soldado ser encontrado adormecido, como quando ele é designado para estar de sentinela, ou algo parecido. Agora, dormir merece a morte; porque ele deve manter-se acordado para que todo o exército possa dormir; e seu sono pode custar-lhes suas vidas. Portanto, um grande capitão achou que deu àquele soldado apenas o que lhe era devido, a quem ele atravessou com sua espada, porque o encontrou adormecido quando deveria ter estado de sentinela, desculpando sua severidade com isto: que ele o deixou apenas como o encontrou, *mortuum inveni et mortuum reliqui* — encontrei-o morto no sono, e deixei-o apenas adormecido na morte. A vigilância é mais necessária para o soldado cristão do que qualquer outro, porque outros soldados lutam com homens que precisam de sono tão bem quanto eles mesmos; mas o grande inimigo do cristão, Satanás, está sempre acordado e fazendo suas rondas, buscando a quem possa surpreender. E se Satanás está sempre acordado, é perigoso para o cristão estar a qualquer momento espiritualmente adormecido, isto é, seguro e descuidado. O cristão é raramente vencido por este seu inimigo, sem que haja traição ou negligência no negócio. Ou a parte não regenerada o trai, ou a graça não está desperta para fazer uma descoberta oportuna dele, de modo a preparar-se para o encontro. O inimigo está sobre ele antes que ele esteja completamente desperto para sacar sua espada. O tempo de sono do santo é o tempo de tentação de Satanás.

Qualquer mosca ousa rastejar sobre um leão adormecido. Nenhuma tentação é tão fraca, mas é forte o suficiente para vencer um cristão que está cochilando na segurança. Sansão adormecido, e Dalila corta seus cabelos. Saul adormecido, e sua lança é tirada de seu próprio lado, e ele não sabe de nada. Noé adormecido, e seu filho sem graça tem um tempo propício para descobrir a nudez de seu pai. Êutico adormecido, cochila e cai do terceiro andar, e é pego como morto. Assim, o cristão adormecido na segurança pode ser logo surpreendido, de modo a perder muito de sua força espiritual — “a alegria do Senhor”, que é sua “força”; ser roubado de sua lança, de sua armadura — graças, quero dizer — pelo menos no uso presente delas, e sua nudez descoberta por homens sem graça, para a vergonha de sua profissão. Como, quando o sangrento Joabe pôde notar a vanglória de Davi em contar o povo, não estava a graça de Davi adormecida? Sim, o cristão pode cair de um loft alto de profissão, tão baixo em práticas tão escandalosas, que outros podem questionar se existe alguma vida de graça nele. E, portanto, cabe ao cristão estar firme e vigilante. O sono rouba tão insensivelmente a alma quanto rouba o corpo. O sábio não é então mais sábio do que um tolo para projetar sua segurança; nem o homem forte melhor do que o fraco para defender-se. Se o sono cai uma vez sobre teu olho, é noite contigo, e tu és, embora o melhor dos santos, como outros homens, tanto quanto este sono prevalece sobre ti.

POR QUE o cristão deve ESTAR FIRME E VIGIAR.

1. O trabalho do cristão é curioso demais para ser feito bem entre o sono e a vigília, e importante demais para

ser feito mal e feito de qualquer jeito. Ele precisava estar acordado que caminha sobre a borda de um rio profundo, ou a crista de uma colina íngreme. O caminho do cristão é tão estreito, e o perigo é tão grande, que exige um olho ágil para discernir e um olho firme para dirigir; mas um olho sonolento não pode fazer nenhum dos dois. Olha para qualquer dever ou graça, e tu descobrirás que ele jaz entre Cila e Caríbdis — dois extremos igualmente perigosos. A fé, a grande obra de Deus, corta seu caminho entre a montanha da presunção e o golfo do desespero. A paciência [é] uma graça tão necessária que não podemos ficar sem ela um dia, exceto se quiséssemos estar todo esse tempo fora de nós mesmos. Isto nos mantém para que não caiamos nem na apoplexia sonolenta de uma estupidez grosseira, que priva a criatura de seus sentidos; nem em um acesso de raiva de descontentamento, que tem senso suficiente, e demais, para sentir a mão de Deus, mas priva o homem de sua razão, para que ele se volte contra Deus e atire de volta as flechas do Todo-Poderoso em Sua própria face na fúria de seu espírito obstinado. O mesmo poderíamos dizer do resto. Nenhuma verdade que não tenha algum erro na porta ao lado. Nenhum dever pode ser realizado sem aproximar-se muito do alojamento do inimigo, que logo toma o alarme e sai para opor-se ao cristão. E não deveria ele então ter sempre seu coração na vigília?

2. O trabalho de vigiar não é comparável à vantagem que ele traz.

(1) Por isto, tu frustras os desígnios que Satanás tem sobre ti. Vale a pena vigiar para manter a casa de ser roubada, muito mais o coração de ser rifado pelo diabo. “Vigiai, para que não entreis em tentação” (Mt 26:41). Ele compra seu sono caro

que paga por ele com o corte de sua garganta; sim, embora a ferida não seja tão profunda, pode ser curada ao final. Tua não vigiância em uma noite pode manter-te acordado em muitas noites por uma ocasião mais desconfortável. E não terias tu preferido acordar com cuidado, para manter-te de um mal, do que depois ter teus olhos mantidos abertos, quer queiras ou não, com dor e angústia da ferida que te foi dada em teu sono? Vós sabeis quão tristemente Davi foi ferido por uma queda em seu sono espiritual; — pois o que mais ele era quando na tarde ele se levantou de sua cama, e caminhou sobre o telhado de sua casa, como um homem caminhando em seu sono? (2Sm 11:2-6). E quantas noites inquietas isto trouxe sobre a cabeça deste santo homem, vós podeis perceber por suas próprias queixas dolorosas deste pecado, que é o pé e fardo triste de vários salmos dolorosos.

(2) Por tua vigiância tu aprenderás melhor o mal de um estado sonolento. Alguém adormecido não é sensível ao seu próprio ronco, quão feio e incômodo para os outros ele é, mas ele que está acordado é apreensivo de ambos. O homem adormecido não é sensível se deixado nu por alguns que o abusariam, mas ele que está acordado observa, envergonha-se e cobre-se. Assim, enquanto tu estás em um sentido espiritual acordado, tu não podes deixar de observar muitas passagens feias nas vidas daqueles professores que não vigiam seus corações, o que encherá teu coração de piedade por eles — ver como eles são abusados por Satanás e suas próprias paixões, que como servos rudes, tomam este seu próprio tempo para fazer suas travessuras, quando garantiram sua senhora — a graça, quero dizer, agora adormecida — que deveria mantê-los em melhor regra. Sim, isso fará o sangue vir ao teu rosto por vergonha, ver como pela nudez deles, a profissão mesma é

escarnecida por aqueles que passam, e ver como é com eles. Bem, o que tu coras de ver, e lamentas encontrar em outro, toma cuidado que não recaia sobre ti mesmo. Se tu sofres um sono espiritual crescer sobre ti, tu serás o homem tu mesmo sobre quem tudo isto pode recair; e o que não além disso? O sono nivela tudo; o homem sábio não é então mais sábio do que um tolo para projetar sua segurança; nem o homem forte melhor do que o fraco para defender-se. Se o sono cai uma vez sobre teu olho, é noite contigo, e tu és, embora o melhor dos santos, mas como outros homens, tanto quanto este sono prevalece sobre ti.

(3) Por tua vigilância tu convidarás tal companhia para dentro de ti, que fará o tempo curto e doce; e esse é teu caro Salvador, cuja doce comunicação e discurso sobre as coisas do reino de teu Pai, fará com que não te queixes da facilidade que os cristãos sonolentos obtêm, com a perda de tal entretenimento celestial que tu desfrutas. Quem, que ama sua alma mais do que seu corpo, não preferiria ter as canções de Davi, do que o sono de Davi na noite? E quem não preferiria ter a presença consoladora de Cristo com uma alma acordada, do que Sua ausência com uma sonolenta e preguiçosa? É a alma vigilante que Cristo se deleita em estar com, e abrir Seu coração para. Não escolhemos esse tempo para dar uma visita aos nossos amigos, quando eles estão adormecidos em suas camas. De fato, se estamos com eles e percebemos que eles crescem sonolentos, pensamos que é hora de deixá-los com seu travesseiro; e verdadeiramente Cristo faz assim também. Cristo retira-se da esposa até que ela esteja melhor acordada, como mais apta a receber Seus amores. Põe o mais doce vinho na mão de um homem adormecido e tu és como ter tudo derramado; sim, põe uma bolsa de ouro em sua mão, e o homem dificilmente se lembrará pela manhã o que tu lhe deste durante a noite. Assim

no estado sonolento de uma alma, tanto o cristão perde o benefício, quanto Cristo o louvor de Sua misericórdia; e, portanto, Cristo esperará para dar Seus favores de escolha quando a alma estiver mais vigilante, para que Ele possa fazer o bem à criatura, e Sua criatura possa falar bem d'Ele por isso.

COMO o cristão deve ESTAR FIRME E VIGIAR.

Pergunta. Mas como o cristão deve estar firme em sua vigília?

Resposta 1. Vigia constantemente. “A lâmpada” de Deus no tabernáculo deveria “arder sempre” (Êx 27:20; 30:8); isto é, sempre na noite, cujo sentido é favorecido por vários outros lugares. E eu rogo, o que é nossa vida neste mundo senão uma noite escura de tentação? Toma cuidado, cristão, que tua vela de vigília não se apague em qualquer parte deste tempo escuro, para que teu inimigo não venha sobre ti naquela hora. Ele pode encontrar-te, mas tu não podes resistir a ele no escuro. Se uma vez teu olho for fechado em um sono espiritual, tu és um alvo justo para Sua ira; e sabe que tu não podes estar muito tempo fora de tua vigília sem que o diabo ouça sobre isso. O diabo sabia o tempo de sono dos apóstolos, e então ele pede licença para “peneirá-los” (Lc 22). Ele viu que eles estavam em alguma desordem, o olho de sua alma começou “a ser pesado”. O ladrão levanta-se quando homens honestos vão para a cama. O diabo, tenho certeza, começa a tentar quando os santos cessam de vigiar. Quando o cajado é jogado fora, então o lobo aparece. Quando a alma coloca seu perigo mais longe, e jaz mais segura, então ele é o mais próximo. Portanto, trabalha para ser constante em teu cuidado santo; a falta disto estraga tudo. Alguns tu terás, que após uma grande queda em um pecado que os feriu

dolorosamente, parecerão muito cuidadosos por um tempo onde eles colocam seu pé, como eles andam, e que companhia eles frequentam; mas tão logo a dor de suas consciências passa, sua vigília é quebrada, e eles estão tão descuidados como sempre; como alguém que é muito cuidadoso em fechar sua loja fortemente, e pode ser, senta-se até tarde para vigiá-la também por duas ou três noites depois de ter sido roubada, mas então não se preocupa mais. Outros em uma aflição, ou recém-saídos da fornalha, ó, quão delicados e escrupulosos eles são enquanto o cheiro de fogo está ao redor deles, e a memória de sua angústia é fresca! Eles são tão tenros de pecar, como alguém que sai de um quarto quente e fechado é do ar. Eles encolhem a cada respiração de tentação. Mas infelizmente, quão logo eles se endurecem para cometer aqueles pecados sem remorso, a mera menção dos quais, pouco antes, tanto os incomodou e afligiu! Josefo, em suas Antiguidades, nos diz que os filhos de Noé, por alguns anos após o dilúvio, habitaram nos topos de altas montanhas, não ousando tomar sua habitação no terreno mais baixo por medo de serem afogados por outro dilúvio; contudo no processo de tempo, vendo que nenhum dilúvio veio, eles se aventuraram na planície de Sinar, onde seu medo anterior, vemos, terminou em uma das tentativas mais ousadas e orgulhosas contra Deus, que o sol já testemunhou — a construção, quero dizer, de uma torre cujo topo deveria alcançar o céu (Gn 11:2-4). Eles que a princípio eram tão donzelas e medrosos, a ponto de não se aventurarem descendo suas colinas por medo de afogamento, agora têm um desígnio de se garantir contra todas as tentativas futuras do próprio Deus do céu. Assim muitas vezes vemos os juízos de Deus deixarem tal impressão nos espíritos dos homens, que por um tempo eles ficam afastados de seus pecados — como estes em suas colinas — com medo de descer para eles; mas quando veem que o tempo bom continua,

e nenhuma nuvem se reúne para outra tempestade, então eles podem descer para suas antigas práticas perversas, e crescer mais ousados e desafiadores do céu do que nunca. Mas se tu quiseses ser um cristão de fato, mantém tua vigília ainda, não remitas em teu cuidado. Tu bem correste até aqui. Ó, não te deites, como algum viajante preguiçoso, pela beira do caminho para dormir, mas reserva teu tempo de descanso até chegares a casa fora de todo perigo. Teu Deus não descansou até que o trabalho do último dia na criação estivesse terminado, tampouco tu deixes de vigiar ou trabalhar até que possas dizer que o trabalho de tua salvação está terminado.

Resposta 2. Vigia universalmente.

1. Vigia todo o teu homem. O vigilante honesto caminha pelas rondas e circunda toda a cidade. Ele não limita seu cuidado a esta casa ou àquela. Assim faz tu, vigia sobre todo o teu homem. Um poro no corpo é uma porta larga o suficiente para deixar entrar uma doença se Deus ordenar, e qualquer faculdade de tua alma, ou membro de teu corpo para deixar entrar um inimigo que pode colocar em perigo teu bem-estar espiritual. Infelizmente, quão poucos definem a vigília ao redor? alguma faculdade não é guardada, ou membro do corpo não é considerado. Ele que é escrupuloso em um, tu o acharás seguro em outro. Pode ser que tu definas uma vigília à porta de teus lábios, para que nenhuma comunicação impura ofenda os ouvidos dos homens; mas como é a vigília do Senhor guardada à porta do templo de teu coração? (2Cr 23:6). Não está aquilo contaminado com concupiscência? Tu, pode ser, manténs tua mão fora da bolsa de teu vizinho, e teu pé de ir em um recado de ladrão para a casa de teu vizinho; mas não inveja teu coração o que Deus lhe permite? Quando tu oras, tu és muito cuidadoso que tua

postura exterior seja reverente; mas que olho tu tens sobre tua alma que ela realiza sua parte no dever?

2. Vigia em tudo. Se o apóstolo ordena: “em tudo dai graças”, então cabe a nós em tudo vigiar, para que Deus não perca Seu louvor, o que Ele perde na maioria por falta de vigília. Nenhuma ação tão pequena, quase, mas podemos nela fazer a Deus ou ao diabo algum serviço, e portanto nenhuma pequena demais para nosso cuidado ser concedido nela. Ele era um homem santo de fato, de quem foi dito que “ele comia e bebia a vida eterna”. O significado é, ele mantinha tal vigília santa sobre si mesmo nestas coisas, que ele estava no céu enquanto as fazia. Não existe criatura tão pequena entre todas as obras de Deus, mas Sua providência vigia sobre ela, até a um pardal e um cabelo. Não haja palavra ou obra tua sobre a qual tu não sejas vigilante. Tu serás julgado por elas até teus pensamentos e palavras ociosos, e não terás tu cuidado deles?

Resposta 3. Vigia sabiamente. Isto tu farás se tu souberes onde deverias manter a vigília mais estrita, e isso deve ser primeiro no dever mais importante do comando. “Dízimo de hortelã, do endro e do cominho” não deve ser negligenciado; mas toma cuidado para que não negligencies as coisas mais importantes da lei: “o juízo, a misericórdia e a fé”, fazendo tua precisão no menor uma venda para tua maldade horrível no maior (Mt 23:23).

1. Começa na extremidade certa de teu trabalho, cristão, colocando teu cuidado principal sobre estes deveres principais para com Deus e o homem, em Sua lei e evangelho, em Seu culto, e em teu curso diário; o que, quando tiveres feito, não negligencies os circunstanciais. Se

um mestre antes de sair, encarrega seu servo de cuidar de seu filho, e aparar sua casa gentilmente contra ele chegar em casa, quando ele retorna ele agradecerá ao seu servo por varrer sua casa, e torná-la aparada, se ele encontra seu filho através de sua negligência caído no fogo, e por ele morto ou aleijado? Não certamente, ele deixou seu filho com ele como seu principal encargo, ao qual o outro deveria ter cedido, se ambos não pudessem ser feitos. Houve um grande zelo recentemente entre nós sobre alguns circunstanciais de culto; mas quem olha para a criança pequena — os deveres principais do cristianismo, quero dizer? Houve alguma vez menos amor, caridade, abnegação, mentalidade celestial, ou o poder da santidade em qualquer de suas várias caminhadas, do que nesta triste era nossa? Infelizmente, estes, como a criança, estão em grande perigo de perecer no fogo da contenção e divisão, que um zelo perverso em coisas menores acendeu entre nós.

2. Certifica-te de que tu estás vigiando mais do que o ordinário sobre ti mesmo, naquelas coisas onde tu te encontras mais fraco, e tens sido mais frequentemente vencido. A parte mais fraca da cidade precisa da guarda mais forte, e em nossos corpos a parte mais tenra é mais observada e mantida mais quente. E eu deveria pensar que seria estranho, se teu tecido de graça estivesse tão forte e uniforme, que tu não deverias logo perceber qual lado precisa mais do apoio, por alguma inclinação dele de um jeito mais do que outro. Teu corpo não é tão firme, mas tu achas este humor sobreabundar, e aquela parte ceder mais rápido do que outra; e assim podes tu em tua alma. Bem, toma conselho na coisa, e o que tu achas mais fraco, vigia mais cuidadosamente. É tua cabeça que é fraca — teu juízo,

quero dizer? vigia-te, e não venhas entre aqueles que não bebem vinho senão aquele que tuas partes fracas não podem suportar — noções seráficas e opiniões voadores — e não penses a ti mesmo muito injustiçado por ser proibido seu copo. Tal vinho forte é mais entorpecente do que reconfortante, e eles que negociam mais com ele não são encontrados dos temperamentos mais saudáveis de suas almas, não mais do que eles que vivem mais de água forte são para seus corpos. Tua impotência está em tuas paixões? De fato, somos fracos conforme elas são fortes e violentas. Agora vigia sobre elas como um que habita em uma casa de palha faria de cada faísca que voa para fora de sua chaminé, para que ela não a ilumine e coloque tudo em fogo. Ó, toma cuidado com o que discursos vêm de tua boca, ou de qualquer com quem tu conversas. Este é o pequeno instrumento que coloca todo o curso da natureza em chamas. Quando a casa de nosso vizinho está em fogo, jogamos água em nosso telhado, ou cobrimo-lo com um lençol molhado. Quando a chama irrompe na boca de outro, agora olha que tu jogues água sobre teu próprio espírito quente. Algumas escrituras e argumentos que esfriam a ira carrega sempre contigo para esse propósito. E assim em qualquer outro particular como tu achas tua fraqueza.

DIREÇÃO 5. AS VÁRIAS PEÇAS DA ARMADURA INTEIRA DE DEUS

Primeira Peça — O Cinto Espiritual do Cristão. “Tendo cingido os vossos lombos com a verdade” (Ef 6:14).

O apóstolo, tendo ordenado aos efésios, e neles cada cristão, a postura que eles devem observar na luta com seu

inimigo, ele vem agora a exemplificar as várias peças daquela armadura, que antes ele havia recomendado a eles apenas no geral. A primeira das quais é O CINTO DA VERDADE — “tendo cingido os vossos lombos com a verdade”. Um duplo inquérito é aqui requisitado. 1. O que ele significa por verdade. 2. O que por lombos, e seu ser cingido com a verdade.

UMA BREVE EXPLICAÇÃO DAS PALAVRAS.

1. INQUÉRITO. O que é verdade aqui? Alguns por verdade entendem Cristo, que de fato em outro lugar é chamado de “a verdade”. Contudo, neste lugar concebo que não é propriamente assim entendido, porque o apóstolo exemplifica aqui várias peças e partes da armadura, uma distinta da outra, e Cristo não pode tão bem ser dito ser uma única peça para defender esta ou aquela parte, como o todo em quem somos completos, comparado, portanto, em Rm 13:14, a todo o traje de armadura: “Revesti-vos do Senhor Jesus”; isto é, estai vestidos e arreados com Cristo como um soldado com sua armadura da cabeça aos pés. Alguns por verdade significam verdade de doutrina; outros a quererão como verdade de coração, sinceridade. Aqueles acho corretos que compreendem ambos; e assim eu a tratarei. Ambos de fato são necessários para tornar o cinto completo. Um não fará sem o outro. É possível encontrar bons significados e uma espécie de sinceridade fora, sim, contra a verdade. Muitos seguem um erro como eles Absalão na simplicidade de seus corações. Tais fazem o mal enquanto pretendem o bem. Boas intenções não fazem mais uma boa ação, do que uma marca justa faz

um bom tiro por um arqueiro inábil. Deus não gostou do zelo de Saul quando ele perseguiu a igreja cristã, embora ele pensasse, sem dúvida, que fazia a Ele um bom serviço nisso. Tampouco é suficiente ter a verdade a nosso lado, se não temos a verdade em nossos corações. Jeú foi um grande defensor contra a idolatria, mas derrubou tudo novamente com sua hipocrisia. Ambos então são necessários; sinceridade para propor um fim reto, e conhecimento da palavra da verdade para dirigir-nos no caminho certo para aquele fim.

2. INQUÉRITO. O que se quer dizer aqui por lombos que devem ser cingidos com este cinto da verdade? Os lombos devem ser como o cinto. Isto é espiritual, e portanto eles devem ser assim. Pedro ajudará a interpretar Paulo: “Cingindo os lombos do vosso entendimento” (1Pe 1:13). São nossos espíritos e mentes que devem usar este cinto, e muito fitamente nossos espíritos e mentes podem ser comparados aos lombos. Os lombos são a sede principal da força corporal. De Behemoth é dito: “A sua força está nos seus lombos” (Jó 40:16). Os lombos são para o corpo como *carina navi* — a quilha para o navio. O navio inteiro é tricotado a isso, e sustentado por isso. E o corpo é tricotado aos lombos; se os lombos falham, o corpo inteiro afunda, portanto “golpear através dos lombos” é uma frase para expressar destruição e ruína (Dt 33:11); lombos fracos e um homem fraco. Se estivermos apenas um pouco cansados, a natureza nos dirige a colocar nossas mãos em nossos lombos para sustentá-los, como nossa principal força. Assim, como os atos de nossas mentes e espíritos estão em suas faculdades e poderes, assim somos fracos ou

fortes cristãos. Se o entendimento for claro em suas apreensões da verdade, e a vontade sincera, vigorosa e fixa em seus propósitos para aquilo que é santo e bom, então ele é um cristão forte; mas se o entendimento for escuro ou incerto em suas noções, como um olho destemperado que não pode discernir bem seu objeto — não sendo capaz de trazer seus pensamentos a um desfecho, qual fechar com, e a vontade for vacilante e instável, como uma agulha que treme entre dois ímãs — aqui o homem é fraco, e tudo o que ele faz será assim. Espíritos débeis causam um pulso falso e intermitente; assim, a falta de força na mente para conhecer a verdade e a falta de resolução na vontade para perseguir aquilo que ele sabe ser santo e bom, faz com que um homem falhe em seu curso. O uso, portanto, destes dois, 1. Verdade de doutrina para a mente, e 2. Verdade de coração ou sinceridade para a vontade, é unir e estabelecer ambas estas facilidades. Isto eles fazem quando são fechados e cingidos ao redor da alma, como o cinto ao redor dos lombos do corpo. Embora os lombos sejam a força do corpo, contudo eles precisam de um auxiliar para sua força do cinto para manter essas partes próximas, e unir sua força; sem o qual, homens, quando quiserem esforçar-se, e colocar para fora sua força em qualquer trabalho, acham um tremor e frouxidão em seus lombos. Portanto o “sacudir dos lombos” é uma frase para expressar fraqueza (Sl 69:23). Assim, nossas mentes e espíritos precisam deste cinto para fortalecê-los em todo trabalho que fazemos, ou então não agiremos nada vigorosamente.

DIREÇÃO 5 — PRIMEIRA PARTE GERAL.
[VERDADE DE DOCTRINA COMO UM CINTO
PARA A MENTE.]

Começaremos com a verdade de doutrina, ou verdade da palavra, chamada “a palavra da verdade” (Ef 1:13), porque é a palavra de Deus, que é o Deus da verdade. Cabe a cada cristão estar bem cingido com esta verdade. “Resisti ao diabo”, diz Pedro, “firmes na fé” (1Pe 5:9); isto é, na verdade — fé sendo aí colocada pelo objeto de nossa fé, que é a verdade de Deus, declarada na doutrina do evangelho. Esta é “a fé que uma vez foi entregue aos santos” (Jd 3); isto é, a verdade entregue a eles para ser crida e mantida firme. E de que importância é estar assim firme na fé, o apóstolo Pedro, no versículo seguinte do lugar mencionado, mostra, por sua veemente e sincera oração por eles, que Deus os “aperfeiçoasse, confirmasse e fortificasse”. O amontoar de palavras com o mesmo propósito implica o grande perigo em que eles estavam de serem desestabilizados por Satanás e seus instrumentos, e a necessidade de eles estarem firmes e inabaláveis na fé. Nada é mais frequentemente inculcado do que isto nas Epístolas; e tanto mais, porque naqueles tempos tempestuosos era impossível ter mantido a fé de ser soprada para longe deles, sem este cinto para segurá-la firme. Ora, como existe um duplo desígnio que Satanás tem para roubar os cristãos da verdade, assim existe um DUPLO CINGIMENTO com esta verdade necessário. 1. Satanás vem como uma serpente nas pessoas de falsos mestres, e por eles trabalha para nos enganar, e lograr-nos com o erro pela verdade. Para nos defender contra este desígnio, é necessário que estejamos cingidos com a verdade em nosso entendimento — que tenhamos um julgamento estabelecido nas verdades de Cristo. 2. Satanás vem às vezes como um leão nas pessoas de

sangrentos perseguidores, e trabalha para assustar os cristãos da verdade com fogo e lenha. Agora, para nos defender contra isto, precisamos ter a verdade cingida ao redor de nós, para que, com uma santa resolução, possamos manter nossa profissão diante da morte e perigo. Para começar com o primeiro.

PRIMEIRO CINGIMENTO.

É dever do cristão labutar por um JUÍZO ESTABELECIDO na verdade.

Visto que Satanás vem como uma serpente nas pessoas de falsos mestres, e por eles trabalha para nos enganar e logar-nos com o erro pela verdade; para nos defender contra este desígnio, é necessário que estejamos cingidos com a verdade em nosso entendimento — que tenhamos um julgamento estabelecido nas verdades de Cristo. Deveria ser o cuidado de todo cristão obter um julgamento estabelecido na verdade. Os bereanos são altamente elogiados pelo inquérito que fizeram na Escritura, para satisfazer seus julgamentos a respeito da doutrina que Paulo pregou. Eles não acreditaram de cabeça, mas sua fé foi o resultado de um julgamento, após busca diligente, convencidos pela evidência das escrituras (At 17:11). É dito ali que “examinavam cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim”. Eles levaram a doutrina do pregador à palavra escrita e compararam-na com aquela; e nota: “portanto muitos deles creram” (v. 12). Como eles não creram antes, assim eles não ousaram senão crer agora. Lembro-me de Tertuliano, falando de alguns hereges quanto à sua maneira de pregar, diz: *persuadendo docent, non docendo persuadent* — ensinam persuadindo, e não persuadem ensinando, isto é, eles cortejam e seduzem as afeições de seus ouvintes, sem convencer seu julgamento sobre

o que eles pregam. De fato, seria um trabalho árduo para o adúltero convencer aquela que ele prostituiria, de que o ato é lícito; não, ele vai por outro caminho ao trabalho. Primeiro, por algumas insinuações amorosas, ele seduz suas afeições, e elas, uma vez enfeitiçadas, a outra não é muito questionada — sendo fácil para as afeições fazer o julgamento de seu partido. Bem, embora o erro, como um ladrão, entre assim pela janela; contudo a verdade, como o verdadeiro dono da casa, deleita-se em entrar pela porta certa do entendimento, de lá para a consciência, e assim passa para a vontade e afeições. De fato, ele que tropeça sobre a verdade, e assume a profissão dela, antes de ser trazido ao conhecimento de sua excelência e beleza celestial por seu entendimento, não pode entretê-la de modo condizente ao seu nascimento e descendência celestiais. É como um príncipe que viaja em um disfarce, não conhecido, portanto não honrado. A verdade é amada e valorizada apenas daqueles que a conhecem. E não desejar conhecê-la é desprezá-la, tanto quanto conhecê-la, rejeitá-la. Não seria difícil, certamente, enganar aquele homem da verdade, que não sabe o que ele tem. Verdade e erro são tudo uma coisa para o homem ignorante, assim que tenha apenas o nome de verdade. Leia e Raquel eram ambas iguais para Jacó no escuro. De fato, é dito: “Aconteceu que, pela manhã, eis que era Lia” (Gn 29:25). Assim pela manhã, quando é dia no entendimento, então a pessoa enganada verá que ela teve uma noiva falsa em seu seio; gritará: Eis que é um erro que tomei por uma verdade. Tu tens, pode ser, ouvido falar do homem ganancioso, que se abraçava em muitos sacos de ouro que ele tinha, mas nunca os abria ou usava. Quando o ladrão levou seu ouro, e deixou seus sacos cheios de seixos no quarto, ele estava tão feliz quanto quando tinha seu ouro, pois ele não olhava para um ou outro. E verdadeiramente uma pessoa ignorante não está, de maneira melhor, com a verdade do que com o erro a seu lado.

Ambos são iguais para ele, dia e noite tudo um para um cego. Mas para prosseguir, e dar alguma conta mais particular.

[POR QUE o cristão deve labutar por UM JUÍZO ESTABELECIDO na verdade.]

Contentar-me-ei com três razões. A primeira, tirada da natureza condenatória da falsa doutrina; a segunda, da sutileza dos sedutores para atrair a falsa doutrina; e a terceira, da influência universal que um juízo estabelecido tem sobre o homem inteiro e todo o curso de um cristão.

Razão 1. Da natureza condenatória das falsas doutrinas. Elas caçam a vida preciosa das almas, tão bem quanto qualquer outro pecado. Um apostema na cabeça prova-se muitas vezes tão mortal quanto um no estômago. Um juízo corrupto nas verdades fundamentais mata tão seguramente quanto um coração podre. De fato, procede daí. Os filhos de Jezabel são ameaçados de serem “mortos com a morte” (Ap 2:23). E quem são seus filhos, senão seus discípulos, que bebem de seu cálice de fornicção e abraçam suas doutrinas corruptas? Mas certamente isto não é crido por alguns, que, embora muito estritos em suas vidas e pareçam tão tenros em matéria de moralidade quanto Ló foi com seus hóspedes, contudo são muito frouxos em seus princípios e juízos, expondo-os, como ele suas filhas, para serem contaminados com qualquer doutrina corrupta que chega à sua porta. Eles nos fariam pensar que aqui os homens jogam apenas um jogo pequeno, e suas almas não estão em jogo, como em outros pecados. Como se não houvesse tal questão a ser feita no grande dia — que opiniões sustentávamos? e se éramos sadios na fé? — em uma palavra, como se falsas doutrinas fossem apenas uma coisa inocente, não como a cabaça selvagem que

trouxe a morte para a panela dos profetas (2Rs 4:39, 40) — transformando comida saudável, com a qual estava misturada, em veneno funesto — mas antes como *herb-john* [erva-de-são-joão] na panela, que não faz nem muito bem nem muito mal. Sim, há alguns que falam abertamente e nos dizem que um homem pode ser salvo em qualquer religião, contanto que ele apenas siga sua luz. E não são estes homens caridosos? Porque eles gostariam que a companhia fosse a menor possível daqueles que são condenados, [eles] fazem tantas estradas para o céu quanto a Escritura nos diz que são caminhos para o inferno? Isto é contrário ao ensino de Cristo, que nos fala de nenhum outro caminho senão por Ele para a vida. “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (Jo 14:6). É um ponto frontal contra São João, que nos fala de apenas uma doutrina, e esta a doutrina de Cristo, e que aquele que não sustenta isto deve ser marcado como um homem perdido. “Qualquer que prevarica, e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus” (2Jo 9, 10). E quão longe, eu rogo, está aquele homem do inferno que não tem a Deus? Aquele que não tem a Deus antes de morrer, o diabo terá quando morrer. Bem, senhores, o tempo está chegando, sim, ele se apressa — que favor e bondade quer que doutrinas corruptas encontrem aqui pela mão do homem — em que o herege obstinado receberá a mesma lei das mãos de Cristo com o beberão impenitente. Vós podeis vê-los ambos sob a mesma condenação, enquanto estão algemados juntos para o inferno (Gl 5:20, 21): “Digo-vos agora”, diz o apóstolo, “como já vos previ, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus”. E vede, eu rogo, se não podeis achar o nome do herege entre eles? A ignorância nos fundamentos é condenatória, certamente então o erro nos fundamentos muito mais. Se uma libra empurra para baixo a balança, não há dúvida então de que um peso de pedra o fará. Se o pecado menor pressiona para baixo até o

inferno, como podemos racionalmente pensar que o maior deveria escapar dele? O erro jaz a uma distância maior da, sim, a uma contrariedade mais plena à verdade do que a ignorância. O erro é ignorância com um dado sobre ela. Aquele que come pouco ou nada deve necessariamente morrer, muito mais ele que come veneno patente. O apóstolo não nos fala apenas de “caminhos perniciosos” e “heresias condenáveis”, mas ele nos diz que elas “trazem sobre si mesmos repentina destruição” aqueles que as sustentam (2Pe 2:1, 2). Rogo que observem que acento ele coloca na destruição que vem por estas doutrinas corruptas; ele a chama de “repentina destruição”. Todos os rios encontram seu caminho ao final para o mar de onde brotaram, mas alguns retornam com um fluxo mais veloz e chegam mais cedo a ele do que outros. Alguém faria disso uma viagem mais curta para o inferno do que a ordinária, que se lance apenas neste fluxo de doutrina corrupta, e ele não parece que demorará a ir.

Razão 2. Porque os impostores são tão sutis, cabe, portanto, ao cristão estabelecer e fortalecer seu juízo nas verdades de Cristo. Eles são uma geração de homens habilidosos para destruir a fé dos outros. Existe uma *erudita nequitia* [iniquidade erudita] no mundo, como um chama, uma espécie aprendida de maldade que alguns têm para corromper as mentes dos homens. O Espírito de Deus os expõe à vida, às vezes comparando-os a mercadores, que podem colocar um brilho sobre sua falsa mercadoria com palavras refinadas; diz-se deles (2Pe 2:3) que, com “palavras fingidas”, farão “mercadoria” de almas — às vezes a vendedores ambulantes, que misturam e batizam seu vinho com água (2Co 2:17) — às vezes a jogadores trapaceiros, que têm uma destreza de mão para viciar o dado (Ef 4:14) — sim, a bruxos eles mesmos: “Quem vos fascinou [enfeitiçou]?” diz o apóstolo (Gl 3:1). Coisas estranhas foram

feitas em nossos dias sobre aqueles que Deus sofreu que eles praticassem sua feitiçaria; e que contra-encanto é melhor do que um juízo estabelecido? É observável que em 2Tm 3:8, onde o apóstolo compara os sedutores daquela era presente àqueles feiticeiros Janes e Jambres, que resistiram a Moisés, e mostra que tipo de pessoas eram aquelas que caíram em sua armadilha — tais que embora “sempre aprendendo”, contudo nunca vieram “ao conhecimento da verdade” (v. 7), ele então se volta para Timóteo [com as palavras]: “Tu, porém, tens seguido a minha doutrina” (v. 10). Como se ele tivesse dito: Estou sem medo por ti; tu estás melhor fundamentado na doutrina do evangelho do que para ser assim enganado dela. De fato, aqueles a quem os sedutores ficam à espreita são principalmente os fracos e inconstantes; pois como Salomão diz: “Na verdade, inútil é a rede que se estende à vista de qualquer ave” (Pv 1:17). O diabo escolheu antes atacar Eva do que Adão, como o mais provável dos dois a ser capturado; e desde então ele toma o mesmo caminho. Ele labuta para rastejar sobre onde a sebe é mais baixa, e a resistência provavelmente será a mais fraca.

Três caracteres vós podeis observar entre aqueles que são mais comumente seduzidos: 1. Eles são chamados “simples” — “por palavras suaves e lisonjas enganam o coração dos simples” (Rm 16:18), tais que pretendem o bem, mas carecem de sabedoria para discernir aqueles que pretendem o mal — incautos, que ousam penhorar a todos e beber do copo de qualquer um, e nunca suspeitam de envenenamento. 2. Eles são chamados “crianças” — “Para que não sejamos mais meninos, inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina” (Ef 4:14). Ora, as crianças são muito crédulas, propensas a acreditar em cada um que lhes dá uma parcela de palavras bonitas. Elas pensam que qualquer coisa é boa, se for doce. Não é difícil fazê-

las comer veneno por açúcar. Elas não são influenciadas por princípios próprios, mas pelos de outros. A criança lê, constrói e analisa sua lição como seu mestre diz, e pensa ser portanto correta. Assim, como pobres criaturas que têm pouco conhecimento da palavra elas mesmas, elas são facilmente persuadidas de um jeito ou de outro, exatamente como aqueles de quem elas têm uma boa opinião se agradam em conduzi-las. Deixe a doutrina ser apenas doce, e ela desce suavemente. Elas, como Isaque, abençoam suas opiniões pelo sentimento, não pela vista. Daí muitos pobres criaturas aplaudirem-se tanto da alegria que acharam desde que eram deste juízo e daquele jeito. Não sendo capazes de provar o conforto e a doçura que sentem pela verdade de seu jeito a partir da palavra, elas são levadas a acreditar na verdade dele pelo seu sentimento, e assim, pobres criaturas, elas abençoam o erro pela verdade. 3. Eles são tais que são “inconstantes” — “lisonjeando as almas inconstantes” (2Pe 2:14), tais que não são bem fundamentados e principiadados. A verdade que professam não tem ancora em seu entendimento, e assim estão à mercê do vento, logo postas à deriva e levadas pela corrente daquelas opiniões que são as favoritas do tempo presente, e são mais clamadas — exatamente como o peixe morto com a corrente da maré.

Razão 3. Devemos labutar por um juízo estabelecido na verdade, por causa da influência universal que ele tem sobre o homem inteiro.

1. Sobre a memória, que é ajudada muito pelo entendimento. Quanto mais peso é colocado no selo, mais profunda impressão é feita na cera. A memória é aquela faculdade que carrega as imagens das coisas. Ela mantém firme o que recebemos, e é aquele tesouro onde colocamos o que desejamos depois usar e conversar. Ora, quanto mais

clara e certa é nossa consciência de qualquer coisa, mais fundo ela afunda, e mais certa ela é mantida pela memória.

2. Sobre as afeições. A verdade é como a luz; quanto mais estável e fixo é o vidro do entendimento, através do qual seus feixes são dardejados sobre as afeições, mais cedo elas pegam fogo — “Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava?” (Lc 24:32). Eles tinham ouvido Cristo, sem dúvida, pregar muito do que Ele disse então, antes de Sua paixão; mas nunca estiveram tão satisfeitos e confirmados como agora, quando as Escrituras e o entendimento foram abertos juntos, e isto fez seus corações “arderem”. O sol no firmamento envia sua influência onde ele não derrama seus feixes, quero dizer nas entranhas da terra, mas o Sol da justiça transmite Sua influência apenas onde Sua luz chega. Ele espalha os feixes da verdade no entendimento, para iluminar aquele; e enquanto a criatura se assenta sob estas asas, um calor amável que aviva o coração é gerado em seu peito. Daí achamos que mesmo quando o Espírito é prometido como um consolador, Ele vem como um convencedor (Jo 16:13) — Ele consola ensinando. E certamente, a razão pela qual muitas pobres almas trêmulas têm tão pouco calor de alegria celestial em seus corações, é porque têm tão pouca luz para entender a natureza e a posse da aliança do evangelho. Quanto mais longe uma alma está da luz da verdade, mais longe ela deve necessariamente estar do calor do conforto.

3. Um juízo estabelecido tem uma influência poderosa sobre a vida e a conversação. O olho dirige o pé. Ele anda muito inseguramente aquele que não vê seu caminho, e ele desconfortavelmente aquele que não está resolvido se certo ou errado. Aquilo que move deve

descansar sobre algo que não se move. Um homem não poderia andar se a terra girasse debaixo de seus pés. Ora, os princípios que temos em nosso entendimento são, por assim dizer, o solo sobre o qual vamos em todas as nossas ações; se eles cambaleiam e oscilam, muito mais o fará nossa vida e prática. É tão impossível para uma mão trêmula escrever uma linha reta, como para um juízo não fixo ter uma conversação uniforme. O apóstolo une firmeza e inabalabilidade com “abundando sempre na obra do Senhor” (1Co 15:58). E se não me engano, ele quer dizer principalmente naquele lugar, uma firmeza de juízo na verdade da ressurreição, a qual alguns tinham estado a sacudir. Não são as muitas noções que temos, mas o estabelecimento que temos na verdade, que nos torna cristãos fortes; como ele é um homem forte cujas juntas estão bem postas juntas e tricotadas — não ele que é fiado para fora em comprimento, mas não engrossado adequadamente à sua altura. Um diz bem: “Os homens são o que veem e julgam; embora alguns não preencham sua luz, contudo ninguém vai além dela”. Uma verdade sob disputa no entendimento é, como posso dizer, parada na cabeça; ela não pode começar no coração, ou tornar-se praticável na vida. Mas quando ela passa claramente lá, e sobre sua recomendação é abraçada na vontade e afeições, então ela é mantida firme, e tem efeitos poderosos na conversação. O evangelho, é dito, veio aos tessalonicenses “em muita certeza”, isto é, evidência de sua verdade (1Ts 1:5). E vós vedes quão prevalente e operativa foi: “Vós vos tornastes nossos imitadores e do Senhor, recebendo a palavra em muita tribulação, com gozo do Espírito Santo” (v. 6). Eles estavam certos de que a doutrina era de Deus, e isto os levou

alegremente através das mais tristes aflições que a acompanhavam.

Uso ou Aplicação.

Uso 1. Eles foram encorajados a repreender aqueles que, em vez de labutar para estabelecer seus juízos na verdade, fazem disso seu grande estudo como fortalecerem-se em seus erros. Estou persuadido de que alguns homens tomam mais trabalho para fornecer-se com argumentos para defender algum erro que tomaram, do que fazem pelas verdades mais salvadoras na Bíblia; sim, eles poderiam mais cedo morrer em uma estaca para defender um erro que sustentam, do que por todas as verdades que professam. Agostinho diz de si mesmo quando ele era um maniqueísta, *Non tu eras, sed error meus erat Deus meus* — “Tu, ó Senhor, não eras, mas meu erro era, meu Deus”. Ó, é difícil reduzir uma pessoa profundamente engajada na defesa de um erro! Quão frequentemente os fariseus tiveram suas bocas paradas pelo nosso Salvador? contudo poucos ou nenhum foram reclamados. Seus espíritos eram altivos demais para recantar. O quê! eles depõem os escudos, descem da cadeira de Moisés, e confessam [que] o que eles ensinaram ao povo por um oráculo é agora falso! eles preferirão seguir em frente, e enfrentar isso tão bem quanto puderem, do que voltar com vergonha, embora a vergonha não fosse a de envergonhar-se de seu erro, mas envergonhar-se de confessá-lo. O cínico respondeu esperto, que, saindo de um bordel, foi perguntado se ele não tinha vergonha de ser visto saindo de tal casa imoral: Não, ele disse, a vergonha era entrar, mas honestidade sair. Ó senhores, é ruim o suficiente cair em um erro, mas pior persistir. O primeiro mostra-te um homem fraco — *humanum est errare*, errar é humano; mas o

outro faz-te demasiado semelhante ao diabo, que é até hoje do mesmo parecer que ele era na sua primeira queda.

Uso 2. Repreende aqueles que labutam para desestabilizar os juízos dos outros — para descingir este cinto ao redor dos lombos cristãos. Eles vêm com a pergunta do diabo em suas bocas: “É assim que Deus disse?” sois vós certos de que esta é uma verdade? não vos enganam vossos ministros? labutando astutamente para criar suspeitas e ciúmes nos corações dos cristãos para com as verdades que eles receberam. Tais foram eles que perturbaram os gálatas, a quem Paulo desejou “cortados” por seu trabalho (Gl 5:12). Eles labutaram para confundi-los, iniciando escrúpulos em suas mentes a respeito da doutrina do evangelho. Este é um caminho astuto ao final para levá-los da fé, e portanto eles são chamados de “subversores da fé dos outros” (2Tm 2:14; Tt 1:11). A casa deve necessariamente estar em perigo quando os alicerces são afrouxados. Podeis vós pensar que ele quer dizer honestamente que mina o fundamento de vossa casa? Isto eles fazem que colocariam em questão as grandes verdades do evangelho. Mas esta é uma pequena falta em nossa idade frouxa, ou então tantos sedutores — a quem posso chamar de trapaceiros e vadios espirituais — não seriam permitidos vaguear como ciganos para cima e para baixo, enfeitiçando pobres almas simples para sua perdição. Ó, é triste que ele que rouba o valor de dois ou três xelins devesse segurar sua mão no tribunal por sua vida, sim, às vezes ser enforcado por isso; e que aqueles que roubam almas pobres do tesouro das verdades salvadoras, e subvertem a fé de famílias inteiras, devessem ser deixados para levantar suas cabeças com impudência, gloriando-se em sua impunidade. É triste que a blasfêmia contra Deus não devesse suportar uma ação, onde a blasfêmia contra o rei é indiciada por traição. É bom

que Deus ame Sua verdade melhor do que os homens, ou então estes escapariam em ambos os mundos. Mas Deus declarou-Se contra eles. Existe um dia em que eles que roubam almas da verdade serão achados, e condenados como maiores criminosos do que eles que roubam casas de ouro e prata. Vede como Deus coloca sua acusação: “Eis que eu sou contra os profetas, diz o Senhor, que furtam as minhas palavras, cada um ao seu próximo” (Jr 23:30). Ele quer dizer os falsos profetas que seduziram o povo daquelas verdades que os fiéis servos de Deus tinham entregue a eles. Não haverá ninguém no banco para defender a causa do blasfemador e sedutor quando Deus se assentar como juiz.

Uso 3. Isto poderia bem castigar a estranha inconstância e desestabilização de juízo com a qual muitos labutam nesta idade inconstante. Verdades nas mentes de muitos professores não são como estrelas fixas no céu, mas como meteoros que dançam no ar. Eles não são como caracteres gravados em mármore, mas escritos no pó, os quais cada vento e sopro ocioso de sedutores desfigura. Muitos entretêm opiniões como alguns entretêm pretendentes — não que eles pretendam casar com eles, mas descartam-nos tão logo novos vêm. Nunca houve uma era mais tonta do que a nossa. O que é dito sobre os seguidores da moda — que alguns homens, se vissem suas fotos naquele hábito que vestiram há poucos anos, dificilmente se reconheceriam em sua garb presente — é mais verdadeiro em relação às suas opiniões. Se muitos que foram grandes professores tomassem alguns de seus princípios religiosos uma dúzia de anos atrás, e comparassem-nos com seus presentes, eles seriam achados não os mesmos homens. Eles cortaram e mudaram tanto que parecem ter alterado todo o seu credo. E não é de se admirar que tantos sejam para um novo batismo quando eles abandonaram

sua antiga fé. Não que a velha que eles renunciavam fosse falsa, ou [que] a nova que eles esposam seja verdadeira, mas porque eles eram ou ignorantes da verdade que primeiro professaram, ou insinceros na profissão dela. E não é de se admirar que o um devesse sobre termos fáceis partir com aquilo que primeiro tomou sobre fundamentos tão fracos como agora ele a deixa; ou que o outro, que não amou ou melhorou a verdade que professou, devesse ser entregue por Deus para trocá-la por um erro. Se os pagãos — que não glorificaram a Deus com a luz da natureza que tinham — foram justamente entregues a uma mente reprovável e injudiciosa para fazer o que era inconveniente e moralmente absurdo, então eles que desonraram a Deus com a luz revelada da verdade das Escrituras, muito mais merecem que sejam entregues àquilo que é espiritualmente ímpio, mesmo para acreditar em erros e mentiras por verdade. Uma pesada maldição, se julgar-mos corretamente dela, vaguear e perder-se em um labirinto de erro, e contudo pensar que estão andando no caminho da verdade.

Pergunta. Mas alguns podem dizer: Como é possível que professores ordinários alcancem este juízo estabelecido na verdade, quando vemos muitos de grandes partes e eminência muito desestabilizados em seus juízos?

Resposta 1. Devemos distinguir entre as pessoas. Das pessoas, há muitas eminentes por partes, cujas partes carecem de piedade para estabelecê-las, e não é de se admirar ver intelectos levianos não fixados nas verdades de Deus. Ninguém mais cedo cai no erro do que aqueles que não têm um coração honesto para uma cabeça ágil. O solo mais rico sem cultura é mais contaminado com tais ervas daninhas. Eles têm sido homens de partes não santificadas que têm sido os líderes no caminho do erro, embora os mais simples e fracos que são conduzidos por

eles. São homens conhecedores, que primeiro vomitam o erro de seus corações corruptos, e os ignorantes que o lambem. E, portanto, não te desespere de um juízo estabelecido, contanto que tu desejes ter um coração honesto e íntegro, e conscientemente uses os meios. A promessa está do teu lado: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria” e “bom entendimento têm todos os que cumprem os seus mandamentos” (Sl 111:10).

Resposta 2. Devemos distinguir entre as verdades. Algumas são fundamentais, outras superestruturais. Ora, embora muitos eminentes por piedade bem como por partes estejam no escuro a respeito de algumas das superestruturais e mais circunstanciais — porque misteriosamente estabelecidas na palavra —, contudo há uma doce harmonia entre os piedosos nos fundamentos; e naqueles, pobres almas, tu podes, por um uso fiel dos meios, chegar a ser estabelecido. Como para nossos corpos, Deus providenciou de tal forma, que coisas necessárias para preservar sua vida são mais comuns, e para ser obtidas a uma taxa mais barata, do que coisas para delicadeza e estado. Assim também para nossas almas. Se pão fosse tão difícil de obter como doces, ou se a água fosse tão escassa como vinho, a maior parte dos homens teria necessariamente que morrer de fome. Assim, se verdades necessárias para a salvação fossem tão difíceis de serem entendidas e limpas das Escrituras como algumas outras, muitos pobres cristãos de partes fracas certamente pereceriam sem um milagre para ajudá-los. Mas as verdades salvadoras do evangelho jazem planas, e correm claras para todos, exceto aqueles que revolvem o fluxo com suas próprias mentes corruptas.

DIREÇÕES para estabelecer o juízo na verdade.

Mas que conselho podes tu dar-me para o estabelecimento de meu juízo na verdade de Cristo?

Direção 1. Deixa que teu alvo seja sincero ao abraçar verdades. Um coração falso e perverso e um juízo insensato, como gelo e água, são produzidos mutuamente um pelo outro. A razão da inconstância dos juízos de alguns homens procede da astúcia de seus corações. Uma mente estável e um coração duplo raramente se encontram. Aquele lugar fala plenamente a isto: 1Tm 1:5: “O fim do mandamento é o amor de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida”. Ora, nota o que segue (v. 6): “do que alguns, desviando-se” — ou como está no original, não visando — “se entregaram a vãs contendas”. Eles nunca visaram ao poder da piedade ao receber a verdade, que por ela pudessem avançar em seu amor, fé e outras graças. E tomando um fim e alvo errados, não é de se admirar que eles se desviem do caminho certo. Um coração perverso pode facilmente subornar o juízo para votar a seu lado. Isto será verdade agora, e não verdade um mês daqui se ele agradar. Isso é verdade com muitos que servem seu interesse. Eles amarram seus juízos às cordas de suas bolsas, ou preferências, etc., e tais homens estão prontos — com aquele cata-vento nos dias da Rainha Maria — para cantar uma nova canção sobre qualquer mudança em seus interesses carnaís. Quando o amor recebe uma verdade, ela é mantida firme, mas se a luxúria por qualquer interesse mundano for a causa, então ela pode ser empacotada novamente quando a vez for servida. Amnon estava logo tão farto de Tamar quanto jamais esteve por ela. E não vimos em nossos dias algumas verdades e ordenanças chutadas com tanto desprezo e desdém como ele fez com ela, e por aqueles que têm sido suficientemente afeiçoados a elas há poucos anos, mas que,

é de se temer, nunca estiveram verdadeiramente apaixonados por elas?

Direção 2. Comparece ao ministério da palavra. Um grande fim de sua nomeação é nos estabelecer na verdade: “Ele deu uns para pastores e doutores para o aperfeiçoamento dos santos” (Ef 4:11, 12); e nota: “para que não sejamos mais meninos, inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina” (v. 14). Aquele que corre de seu guia logo estará fora de seu caminho. Não é um pequeno testemunho que Deus deu a Seus ministros fiéis nesta era presente, a saber, que poucos os deixam senão a lepra do erro aparece logo em suas testas. E em tua espera pelo ministério da palavra, certifica-te de que atendes à parte doutrinária do sermão, bem como à aplicação. A primeira é necessária para fazer-te um cristão sólido, como a outra para fazer-te um cristão quente. De fato, afeições quentes sem conhecimento sólido, são apenas como fogo na panela, quando a peça não está carregada. Os levitas, achamos, “davam o sentido da lei, e faziam que, lendo-a, o povo entendesse” (Ne 8:7, 8). Plantar vem antes de regar, e assim deve o ensino antes de exortar. E o mesmo método as pessoas deveriam aprender, que devemos pregar.

Direção 3. Não escravizes teu juízo a qualquer pessoa ou partido. Existe uma fiança espiritual que desfez muitos em seus juízos e princípios. Não te prendas a, ou pelo juízo de qualquer um. Pesa a verdade, e conta ouro como tu possas, após teu pai; mas tu deves viver por tua própria fê, não a de outro. Labuta para ver a verdade com teus próprios olhos. Aquele edifício permanece fraco que é sustentado por um escoramento, ou alguma casa vizinha na qual se encosta, em vez de sobre um fundamento próprio. Quando estes vão, isso cairá no chão também. Deixa que não a autoridade do homem, mas a evidência

da palavra, conclua teu juízo; este é apenas um escoramento, este é um fundamento. Cita a Escritura em vez de homens para teu juízo. Não: assim diz um homem douto; mas: assim diz a santa Escritura. Contudo, toma cuidado de dobrar esta direção longe demais para o outro lado; o que é feito quando menosprezamos o juízo de tais cuja piedade e saber poderiam comandar reverência. Existe certamente um meio de ser achado entre desafiar os homens e divinizá-los. É o admirar pessoas que forma o traidor à verdade, e faz muitos gritar “Hosana” ao erro, e “Crucifica” à verdade. Eusébio, de Josefo, nos fala dos Herodes — aquele Herodes de quem lemos em Atos 12:23, como sendo comido de vermes — vindo ao teatro vestido suntuosamente, e que enquanto ele estava fazendo uma oração eloquente ao povo, sua túnica de prata, que ele então vestia, fez, pelo reflexo dos raios de sol brilhando sobre ela, brilhar tanto, que ofuscou os olhos dos espectadores; e isto, diz ele, ocasionou alguns bajuladores a gritar: “Voz de Deus, e não de homem”. E verdadeiramente o verniz brilhante que as partes e retórica de alguns homens colocam sobre seus discursos, faz com que muitas vezes fiquem tão cegos os juízos de seus admiradores, que eles são demasiado propensos a pensar tudo divino o que eles falam, especialmente se eles forem tais como Deus usou anteriormente como instrumentos para algum bem às suas almas. Ó, é difícil então, como ele disse, *amare hominem humaniter* — amar e estimar o homem como homem, reverenciá-lo tanto, a ponto de não estar em perigo de amar seus erros também. Agostinho tinha sido um meio para converter Alípio de um erro, e ele confessa que esta foi uma ocasião pela qual ele foi tão facilmente por ele levado a outro erro — nada menos que o maniqueísmo. Alípio pensou que ele não poderia pervertê-lo aqui quem o tinha convertido. Chama, portanto, a

nenhum pai na terra; não desprezes a nenhum, não adores a nenhum.

Direção 4. Cuidado com a curiosidade. Ele está meio ido no erro aquele que cobiça vãmente novidades, e escuta cada opinião moderna. Lemos sobre “comichão nos ouvidos” (2Tm 4:3). Esta comichão comumente termina na sarna do erro. Tamar perdeu sua castidade por andar vagando. *Castitas mentis est fides incorrupta* — a castidade da mente é sua integridade na fé. E isto eles estão em perigo de perder, aqueles que irão a todas as companhias, e emprestarão um ouvido a todas as doutrinas que são pregadas. Primeiro sê um ouvinte, e então um discípulo delas. Muitos se entregam tão longe nesta curiosidade de conversar com cada seita e opinião, que ao final tornam-se céticos, e não podem assentar sobre nada como verdade. Agostinho confessa sobre si mesmo, que ele tinha passado por tantos erros e ilusões dos maniqueístas — que ao final ele estava com medo da própria verdade, que ouviu Ambrósio pregar. *Ut malum medicum expertus, etiam bono timeat se committere* — como, diz ele, alguém que teve experiência de um médico inábil, é ao final medo de colocar-se nas mãos dele que é habilidoso. Ó, toma cuidado que vós, que não ouvireis nada, não venhais ao final a acreditar em nada.

Direção 5. Humildemente pede um juízo estabelecido de Deus. Nenhum viajante perde seu caminho mais cedo do que aqueles que pensam que o conhecem tão bem que não precisam perguntá-lo. E nenhum professor está em perigo de ser levado da verdade, tanto quanto aqueles que se apoiam em seus próprios entendimentos, e não reconhecem a Deus em seu caminho, consultando-O diariamente. Nota o orgulho — contudo ele possa parecer voar alto na profissão no presente — e tu o acharás ao final deitado na vala do erro ou profanidade. Esta é a cama que

Deus fez para ele, e ele deve deitar-se lá onde Deus designou seu alojamento. É muito necessário que tais homens devessem ser deixados a ficar desorientados, e assim postos à vergonha, que, quando seu entendimento retornar a eles — se Deus tiver tal misericórdia guardada para eles — eles possam, com Nabucodonosor, “abençoar o Altíssimo”, e reconhecê-lo, em seu retorno, a quem eles negligenciaram tão indignamente em seu partir. Ó, toma cuidado, portanto, do orgulho, que logo te fará um estranho ao trono da graça. O orgulho tira pouco deleite em implorar. Ele transforma a oração humilde pela verdade em uma disputa ocupada e ambiciosa sobre a verdade (há honra a ser obtida aqui): e assim muitos, para obter a vitória, perderam a verdade no calor da batalha. Coloca isto profundamente em teu coração, que Deus, que dá um olho para ver a verdade, deve dar uma mão para segurá-la firme quando a temos. *Quæ habemus ab eo, tenere non possumus sine eo* (Bern.) — o que temos de Deus, não podemos manter sem Deus. Mantém, portanto, teu conhecimento com Deus, ou então a verdade não manterá seu conhecimento por muito tempo contigo. Deus é luz, tu estás indo para o escuro, assim que tu voltas tuas costas para Ele. Estamos em melhor vantagem para achar a verdade, e mantê-la também, quando devotamente orando por ela, do que quando ferozmente discutindo e contendendo sobre ela. Disputas revolvem a alma, e levantam a poeira da paixão. A oração compõe docilmente a mente, e deita as paixões que as disputas trazem à tona. E tenho certeza que um homem pode ver mais longe em um dia calmo e claro, do que em um ventoso e nublado. Quando uma pessoa fala muito, e descansa pouco, temos grande causa para temer que seu cérebro não durará muito; e verdadeiramente, quando uma pessoa for muito em falar e discutir sobre a verdade sem um espírito humilde em oração para ser conduzido nela, Deus pode

justamente punir o orgulho daquele homem com um frenesi espiritual em sua mente, que ele não saberá o erro da verdade.

Direção 6. Olha que tu não tomes ofensa com a diferença de juízos e opiniões que são achadas entre os professores de religião. É uma pedra que os papistas jogam, nestes tempos divididos especialmente, diante de nossos pés. Como sabeis vós, diz ele, qual é a verdade, quando há tantos juízos e caminhos entre vós? Alguns tropeçaram tanto nisto, que abandonaram a verdade que uma vez professaram, e, pelas tempestades de dissensões em matérias de religião, foram, se não lançados na rocha do ateísmo, contudo levados para lá e para cá em uma flutuação de mente, não dispostos a lançar âncora em lugar algum em seu juízo até que vejam esta tempestade passar, e aqueles que estão espalhados uns dos outros pela diversidade de juízo, encontrados juntos em uma unidade e consentimento conjunto de persuasões em matérias de religião — uma resolução, como alguém diz muito bem, tão tola e perniciosa para a alma, se não mais, do que seria para o corpo se um homem jurasse que ele não comeria até que todos os relógios na cidade soassem doze exatamente juntos. O último poderia mais cedo ser esperado do que o primeiro.

Direção 7. Não descanses até que sintas a eficácia de cada verdade que tu sustentas em teu juízo, sobre teu coração. Uma faculdade ajuda a outra. Quanto mais clara a verdade está no entendimento, mais permanente está na memória. E quanto mais operativa a verdade é na vontade, mais fixada está no juízo. Deixa que uma coisa seja nunca tão excelente, contudo, se um homem pode fazer pouco ou nenhum uso dela, ela é pouco valiosa para ele, e pode ser facilmente tirada dele. Assim podem bibliotecas raras ter sido separadas, por soldados rudes, em cujas mãos elas caíram, por pouco mais do que suas capas valiam, o

que por alguns, que poderiam ter melhorado-as, teriam [sido] mantidas como o mais rico prêmio. E verdadeiramente, acontece com a verdade conforme são eles em cujas mãos ela cai. Se ela ilumina alguém que cai a trabalhar com ela, e tira a força e doçura dela, este homem a segura tanto mais firme em seu juízo, quanto mais operativa ela é em seu coração; mas se ela encontra com alguém que não acha nenhuma eficácia divina que ela tenha, para humilhar, consolar, santificar ele, ela pode logo ser posta para fora de portas, e posta a buscar por um novo hóspede. Tais podem, por um tempo, dançar ao redor daquela luz que, um tempo depois, eles mesmos soprarão. Quando ouço de um homem que uma vez sustentou o pecado original e a poluição universal da natureza do homem como uma verdade, mas agora a nega, não posso senão temer que ele nunca a colocou tão perto [do] seu coração, a ponto de abater-se e humilhar-se gentilmente por isso; ou que ele cresceu cansado do trabalho, e, por ociosidade e negligência, perdeu a eficácia daquela verdade em seu coração, antes que perdesse a verdade em si mesma em seu juízo. Eu poderia exemplificar em muitos outros particulares, em que professores nestes tempos rolantes deslizaram de seus antigos princípios. Cantar salmos tem sido um dever possuído e praticado por muitos, que agora o abandonaram; e seria uma pergunta que valeria a pena lhes perguntar: Se anteriormente eles nunca desfrutaram de doce comunhão com Deus naquele dever bem como em outros? se seus corações nunca dançaram e saltaram para Deus com afeições celestiais, enquanto cantavam com seus lábios? e verdadeiramente eu deveria pensar estranho ouvir uma pessoa piedosa negar isto. Bem, se alguma vez tu, cristão, encontraste Deus nesta porta do tabernáculo — pois não posso ainda pensar que seja outra — deixa-me perguntar-te novamente, se o coração não cresceu comum, frio e formal no dever antes que tu ousasses lançá-lo fora? E se assim for — o

que estou pronto a acreditar — desejo que tais no temor de Deus considerem estas quatro perguntas, 1Jo 2:23, 24:

1. Pergunta. Se eles não podem temer que estão em um erro, e que esta escuridão recaiu sobre seus juízos como um castigo por sua negligência e leveza de espírito ao realizar o dever quando eles não questionavam a legalidade dele?

2. Pergunta. Se não seria melhor que eles labutassem para recuperar a primeira vivacidade de suas afeições no dever — o que logo os traria novamente familiarizados com aquela doçura e alegria que eles encontraram de antemão nele — do que lançá-lo fora, sobre evidência tão fraca como eles que podem dizer mais, trazem contra ele?

3. Pergunta. Se tais como negligenciam um dever, são prováveis de prosperar por qualquer outro, e manter o sabor deles fresco em suas almas?

4. Pergunta. Se, se Deus devesse sofrer que eles declinassem em suas afeições a qualquer outra ordenança — que [possa] Ele proibir, se for Sua vontade — não seria tão fácil para Satanás reunir argumentos suficientes para fazê-los escrupulizar, e com o tempo lançar fora aquela também bem como esta? E que há razão para tal pergunta, estes tempos nos dirão; em que cada ordenança teve sua vez de ser questionada, sim, despossuída, algumas por um, algumas por outro. Um não cantará; outro não terá seu filho batizado; um terceiro não terá nenhum batismo de água, nem ceia tampouco; um quarto tapa seu ouvido também de todo ouvir da palavra, e gostaria que esperássemos um ensino imediato. Assim, quando uma vez ordenanças e verdades se tornam

mortas para nós através de nosso erro sob elas, podemos estar dispostos — quão belas quão fossem uma vez em nosso olho — sim, clamar, para tê-las enterradas fora de nossa vista. Estas coisas tristemente colocadas no coração, vos darão razão para pensar, embora esta direção seja colocada por último na ordem de meu discurso, contudo ela não deveria encontrar nem o último nem o menor lugar entre todas as outras nomeadas, em vosso cuidado e prática cristã.

SEGUNDO CINGIMENTO.

*É dever do cristão fazer uma **PROFISSÃO LIVRE E OUSADA da verdade.***

Visto que Satanás vem às vezes como um leão nas pessoas de sangrentos perseguidores, e labuta para assustar os cristãos da verdade com fogo e lenha; para nos defender contra este desígnio, precisamos ter a verdade cingida ao redor de nós, para que com uma santa resolução possamos manter nossa profissão perante a face da morte e do perigo. O segundo modo pelo qual a verdade é assaltada é pela força e violência; o diabo fura a pele de raposa dos sedutores com a pele de leão dos perseguidores. As mais sangrentas tragédias no mundo foram encenadas no palco da igreja; e os mais inumanos massacres e carnificinas cometidos nas inofensivas ovelhas de Cristo. O primeiro homem que foi morto no mundo foi um santo, e isto por religião. E como Lutero disse, Caim matará Abel até o fim do mundo. O fogo da perseguição nunca pode apagar-se completamente, contanto que permaneça uma faísca de ódio no seio dos ímpios na terra, ou o diabo no inferno para soprá-la. Portanto, há um segundo modo de ter a verdade cingida ao redor dos lombos cristãos, tão necessário quanto o outro, e isso é na

profissão dela. Muitos que nunca poderiam ser batidos da verdade por força de argumento, foram forçados para longe dela pelo fogo da perseguição. Não é um juízo ortodoxo que habilitará um homem a sofrer pela verdade na estaca. Então aquele pobre Smith, em nosso Martirológio Inglês, não teria enviado tal resposta covarde ao seu amigo — pronto a sofrer por aquela verdade que ele mesmo tinha sido um meio de instruí-lo — que de fato era a verdade, mas ele não podia queimar. Verdade na cabeça, sem santa coragem, faz um homem como o peixe-espada, que Plutarco diz que tem uma espada na cabeça, mas nenhum coração para usá-la. Então uma pessoa torna-se inconquistável, quando do céu é dotada com uma santa ousadia para tirar a espada do Espírito, e possuir a verdade nua, por uma livre profissão dela perante a face da morte e do perigo. Isto, isto é ter nossos “lombos cingidos com a verdade”. De modo que a nota desta segunda espécie de cingimento com a verdade é —

DOUTRINA. Que é o dever do santo, e deveria ser seu cuidado, não apenas obter um juízo estabelecido da verdade, mas também manter uma firme profissão da verdade. Isto o apóstolo pressiona: “Retenhamos, firmes, a confissão da nossa esperança, sem vacilar” (Hb 10:23). Ele o diz em oposição àqueles que naqueles tempos perigosos declinavam das assembleias dos santos por medo de perseguição; ele chama isso de “vacilar”, e aquele que cambaleia está próximo da apostasia. Não devemos estender nossas velas de profissão em uma calmaria, e recolhê-las quando o vento se levanta. Pérgamo é elogiada (Ap 2:13), por sua profissão ousada: “Sei onde habitas, que é onde está o trono de Satanás, e que reténs o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita”. Era um lugar onde Satanás sentava no assento do magistrado, onde era *grande satis*

picaculum mortem mereri, Christianum esse — matéria suficiente para merecer a morte ser um cristão; sim, algum sangue foi agora derramado diante de seus olhos, e mesmo naqueles dias eles não negaram a verdade. Isto Deus tomou gentilmente. É uma carga estrita que Paulo dá a Timóteo: “Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas, e segue a justiça...” (1Tm 6:11). Enquanto outros estão caçando o mundo, luta para ti por riquezas espirituais, persegue isto com tão quente perseguição quanto eles fazem a temporal. Mas e se este comércio não puder ser pacificamente conduzido; devem as janelas das lojas serem então fechadas, a profissão ser posta de lado, e ele ficar para ser religioso até que tempos mais favoráveis cheguem? Não tal coisa. Ele o ordena (v. 12): “combate o bom combate da fé”. Não abandones covardemente tua profissão, mas põe a vida e tudo a risco para manter isto; e para que ele possa engajá-lo além de um recuo, vê v. 13: “Mando-te diante de Deus, que todas as coisas vivifica, e de Cristo Jesus, que diante de Pôncio Pilatos testemunhou a boa confissão, que guardes este mandamento”. Como se ele tivesse dito: “Se alguma vez vós virdes a face de Cristo com conforto na ressurreição — que escolheu perder Sua vida, em vez de negar ou dissimular a verdade — permanece firme nisto, e não recues de tuas cores”. Agostinho em suas *Confess.*, lib. 8. ch. 2, tem uma notável história de um Vitorino, famoso em Roma pela retórica, que ele ensinava aos senadores. Este homem em sua velhice foi convertido ao cristianismo, e veio a Simpliciano, um eminente naquele tempo por sua piedade, sussurrando em seus ouvidos suavemente estas palavras, *Ego sum Christianus* — Eu sou um cristão; mas este santo homem respondeu: *non credo, nec deputabo te inter Christianos, nisi in ecclesia Christi te videro* — não creio, nem te contarei entre os cristãos, a menos que te veja na igreja de Cristo. Nisto ele riu, dizendo: *ergone*

parietes faciunt Christianum? — fazem então essas paredes um cristão? não posso eu ser a menos que o professe abertamente, e deixe o mundo saber o mesmo? Isto ele disse por medo, sendo ainda um jovem convertido embora um velho homem; mas um tempo depois, quando ele estava mais confirmado na fé, e considerou seriamente que se ele continuasse assim envergonhado de Cristo, Ele se envergonharia dele, quando vier na glória de Seu Pai e dos santos anjos, ele mudou sua nota, e veio a Simpliciano, dizendo: *eamus in ecclesiam, Christianus volo fieri* — vamos à igreja, eu agora a sério serei um cristão. E lá, embora uma profissão privada de sua fé pudesse ter sido aceita, ele escolheu fazê-lo abertamente, dizendo que ele tinha professado abertamente a retórica, que não era uma matéria de salvação, e deveria ele ter medo de possuir a palavra de Deus na congregação dos fiéis? Deus requer tanto a religião do coração quanto da boca. “Com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação” (Rm 10:10). Confissão da boca sem fé no coração é hipocrisia grosseira. Pretender fé sem profissão da boca é tanto hipocrisia quanto covardia.

Razão. Darei apenas uma razão para o ponto, e esta é tirada da grande confiança que Deus deposita em Seus santos a respeito de Sua verdade. Este é o grande *depositum* [depósito] — tesouro, que Deus entrega aos Seus santos, com uma ordem estrita e solene para guardar contra tudo o que o mina ou se opõe. Algumas coisas nós confiamos a Deus, algumas coisas Deus confia a nós. A grande coisa que colocamos na mão de Deus para ser guardada para nós é a nossa alma. “Ele é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia” (2Tm 1:12). Aquilo que Deus nos confia principalmente é Sua verdade. É, portanto, dito ser “entregue” a eles, como uma carga de dinheiro a um amigo em quem confiamos. “Batalheis pela fé que uma vez foi entregue

aos santos” (Jd 3). “A eles”, diz o apóstolo, falando dos judeus, “foram confiados os oráculos de Deus” (Rm 3:2). Eles foram encarregados daquele tesouro celestial. Assim, Paulo exorta Timóteo a “conservar o modelo das sãs palavras” (2Tm 1:13), e isto ele chama de “o bem precioso que te foi confiado” (v. 14). Se aquele que é encarregado da guarda da coroa e das joias de um rei deve olhar cuidadosamente para seu encargo para que nada seja perdido ou roubado, muito mais o cristão que tem sob seu encargo a coroa e o tesouro de Deus. Rouba Deus de Sua verdade, e o que Lhe resta? A palavra da verdade é aquele testemunho que o grande Deus dá de Si mesmo ao homem (Sl 19:7; Is 20; Hb 12:1; Ap 11:3). Os santos são Suas testemunhas escolhidas acima de outros, a quem Ele chama para atestar Sua verdade, por uma profissão livre e santa dela diante dos homens — chamados, portanto, as testemunhas de Deus. Aquele que mantém qualquer erro a partir da palavra, dá falso testemunho contra Deus. Aquele que por medo ou vergonha deserta a verdade, ou dissimula sua profissão, nega a Deus Seu testemunho; e quem pode expressar que pecado sangrento este é, e a que alto desprezo a Deus isto equivale? Seria um crime horrível embora apenas no caso de um homem. Como quando alguém é falsamente acusado em um tribunal, [seria que aquele capaz] de dizer algo que pudesse esclarecer a inocência do homem, deveria contudo sofrer que ele fosse condenado, em vez de arriscar-se um pouco dizendo a verdade em tribunal aberto. Ó, o que então é seu pecado, que quando o próprio Deus, em Sua verdade, está perante o tribunal do homem miserável, não ousa falar por Deus quando chamado a declarar-se, mas deixa a verdade sofrer por uma sentença injusta, para que ele mesmo não sofra, pelas mãos do homem, por dar testemunho dela!

Objeção. Mas isto pode parecer um fardo pesado demais para colocar sobre as costas do cristão. Devemos colocar tudo em risco, e arriscar tudo o que nos é caro, em vez de negar ou dissimular nossa profissão da verdade? Certamente Cristo terá poucos seguidores se Ele mantiver Seus servos sob tais termos duros.

Resposta. De fato, é duro para a carne e o sangue — um dos mais altos degraus a serem superados em nosso caminho para o céu — um coração carnal não pode ouvi-lo sem ofender-se imediatamente (Mt 13:21). Portanto, aqueles que relutam em perder o céu, e contudo não querem arriscar tanto por ele, colocaram suas mentes para trabalhar para encontrar um caminho mais fácil até lá. Daí aqueles hereges de outrora — priscilianistas e outros, cuja religião principal era salvar sua própria pele — faziam pouco da profissão exterior. Eles pensavam que poderiam dizer e desdizer, jurar e perjurar — de acordo com seu princípio miserável, *juro, perjuro, mentem injuratum gero* — Eu juro, perjuro, mantenho uma mente que não é vinculada por qualquer juramento — contanto que em seu coração eles apenas se apegassem à verdade. Ó, que tolos foram os profetas, apóstolos e outros santos mártires, que selaram a verdade com seu sangue, se houvesse podido haver um caminho tão justo de escapar da tempestade da perseguição. [Aqueles devem ser] homens ousados, que para salvar um pouco de problema do homem por causa da verdade, ousaram inventar tais blasfêmias detestáveis contra a verdade; sim, desfigurar aqueles caracteres que a própria natureza grava sobre a consciência. A mesma janela que deixa entrar a luz de uma divindade, deixaria, com ela, entrar isto também, que deveríamos andar no nome deste Deus. Os próprios pagãos sabem isto: “Todos os povos andam, cada um em nome do seu deus” (Mq 4:5). Sócrates, até

o sangue, sustentou [que] havia apenas um Deus; e em sua apologia por sua vida disse: “Se eles me dessem minha vida na condição de guardar esta verdade para mim mesmo, e não ensiná-la a outros, eu não a aceitaria”. Vede aqui os poderosos trabalhos de uma consciência natural! Não melhoraram eles então o conhecimento da Escritura bem, nesse meio tempo, que estão tão longe de disparar do arco fraco da natureza? A religião logo desapareceria em um nada vazio, se, por medo de cada um que encontramos, devêssemos, como soldados fugitivos, arrancar nossas cores e colocar nossa profissão, por assim dizer, em nossos bolsos, para que não fosse conhecido a quem pertencemos. Que requer Deus por uma profissão livre de Sua verdade, mais do que um mestre faz de seu servo, quando ele ordena que tome sua libré e o siga nas ruas? Ou, do que um príncipe, [quando ele] chama seus súditos ao campo, para declarar sua lealdade possuindo sua querela contra um inimigo invasor? E é razoável o que o homem requer destes — e apenas difícil, quando vem das mãos de Deus? Não, não é mais, nem tanto quanto desejamos de Deus para nós mesmos. Quem não gostaria que Deus fizesse profissão de Seu amor por nós, e desse testemunho por nós contra Satanás e nossos próprios pecados, naquele grande dia em que homens e anjos serão espectadores? E esperaremos isso de Deus que Ele não nos deve por nenhuma lei, senão pela Sua própria promessa livre, e negar-Lhe o que estamos sob tantos vínculos de pagar? Se é apenas em alguma aflição, enquanto estamos aqui, quão desconsolados estamos se a face de Deus estiver um pouco nublada, e Ele não nos reconhecer em nossa angústia? E não há nenhuma bondade a ser mostrada àquele Deus que conhece tua alma na adversidade? Quando Sua verdade está em agonia, não pode Cristo esperar que todos os Seus amigos fiquem acordados e vigiem com ela? Ó, seria vergonha com testemunha que tal delicadeza efeminada

fosse achada entre os servos de Cristo, que eles não podem quebrar um pouco de seu descanso e desfrutes mundanos, para atender a Ele e Sua verdade.

Uso ou Aplicação.

Deixa que isto nos desperte para obter o cinto da verdade estreitamente cingido a nós, para que possamos ser capazes de reter firme a profissão dela, mesmo perante a face da morte e do perigo, e não nos ofendermos quando a perseguição surgir. Bendito seja Deus, ainda não chegou a isso. Temos a verdade a uma taxa mais barata, mas quão logo o mercado pode subir nós não sabemos. A verdade nem sempre deve ser tida pelo mesmo preço. Comprá-la devemos a qualquer um, mas vendê-la sob nenhuma condição. E deixa-me dizer-vos, houve, há e haverá, um espírito de perseguição nos corações dos ímpios até o fim do mundo; e como Satanás estava considerando Jó antes de colocar suas mãos imundas sobre ele, assim agora, a perseguição está trabalhando nos espíritos dos ímpios. Há motores de morte continuamente preparando-se nos pensamentos e desejos de Satanás e seus instrumentos contra os sinceros professores da verdade. Já está resolvido o que eles fariam, se poder e oportunidade fossem dados para colocar sua malícia em execução. Sim, já estamos no meio do caminho para uma perseguição. Satanás vem primeiro com um espírito de erro e então de perseguição. Ele primeiro corrompe as mentes dos homens com o erro, e então enfurece seus corações com ira contra os professores da verdade. É impossível que o erro, sendo um rebento do inferno, deva ser pacífico. Ele não seria então como seu pai. Aquilo que é de baixo não pode ser nem puro nem pacífico. E quão longe Deus sofreu este espírito sulfuroso de erro

prevalecer, é tão notório, que nenhuma apologia é larga o suficiente para cobrir a nudez destes tempos infelizes. É, portanto, alta hora de termos nosso cinto da verdade, sim, estreitamente cingido ao redor de nós na profissão dela. Nem todos que agora aplaudem a verdade, a seguirão quando ela vier mostrar-lhes o caminho para a prisão. Nem todos que pregam por ela, ou disputam por ela, sofrerão por ela. Argumentos são coisas inofensivas — armas cegas — eles não trazem sangue; mas quando sofremos, então somos chamados a tentar isso com os inimigos da verdade em pontas afiadas. Isto requer algo mais do que uma língua ágil, um intelecto aguçado e uma cabeça lógica. Onde estarão então os sábios, os disputadores, os homens de partes e dons? infelizmente, eles, como soldados covardes, estarão faltando na luta, embora pudessem ser tão prontos quanto o melhor em uma revista ou treinamento, quando nenhum inimigo estava no campo — quando aparecer pela verdade era antes uma matéria de ganho ou aplauso do que perda e risco. Não, Deus escolheu os tolos para confundir os sábios nesta peça de serviço — o cristão humilde, por sua fé, paciência e amor à verdade, para envergonhar homens de altas partes e nenhuma graça.

[Direções para o cingimento da verdade perto de nós, na profissão dela.]

Mas como pode uma alma chegar a ser assim cingida com a verdade na profissão dela? Respondo: 1. Trabalha para obter um coração inflamado com um amor sincero à verdade. 2. A um coração inflamado com o amor da verdade, trabalha para adicionar um coração cheio do temor daquela ira que Deus tem em estoque para todos que apostatam da verdade.

DIREÇÃO 1. Trabalha para obter um coração inflamado com um amor sincero à verdade. Somente isto é capaz de equiparar-se aos inimigos da verdade. O pior que podem fazer são laços ou morte; e “o amor é mais forte que a morte”. Ele mata o próprio coração da morte. Ele torna tudo fácil. Mandamentos não são penosos ao amor, nem ele reclama de sofrimentos. Com que coração leve Jacó, pelo amor de Raquel, suportou o calor do dia e o frio da noite! Ele é aventureiro. Jônatas lançou um reino a seus calcanhares, e conflitou com a raiva de um pai enfurecido, por amor de Davi. O amor nunca pensa a si mesmo um perdedor enquanto mantém seu amado; sim, ele é ambicioso de qualquer empreendimento arriscado, pelo qual ele possa sacrificar-se no serviço de seu amado, como vemos em Davi, que colocou sua vida em suas mãos por Mical. Quanto mais, então, quando nosso amor está lançado sobre um objeto tão transcendente como Cristo e Sua verdade! Infelizmente, eles são apenas espíritos débeis que são soprados de uma criatura! raios fracos que são disparados de tais belezas lamentáveis! Se estes colocam seus amores sob tal lei que eles não podem senão obedecer, embora com o maior perigo e risco; que constrangimento então uma alma arrebatada pelo amor de Cristo deve estar sob! Isto tem feito os santos saltarem de suas propriedades, relações, sim para fora de seus corpos com alegria, contando não como sua perda partir com eles, mas mantê-los com o menor prejuízo para a verdade (Ap 12:11). É dito lá, “não amaram as suas vidas até à morte”. Nota, não à perda de alguns dos confortos de suas vidas, mas “até à morte”. A própria vida eles contaram um inimigo quando ela os separaria da verdade. Como um homem não ama seu braço, ou perna, quando ela arrisca o resto, mas manda cortá-la; “não podemos viver”, dizem estes espíritos nobres, “senão para o obscurecimento da verdade, e o chamado de nosso amor a ela e a Cristo em questão? — bem-

vindo então o pior das mortes”. Isto manteve a coragem de Davi quando sua vida foi posta em risco: “Os ímpios esperaram por mim para me destruir; mas eu considerarei os teus testemunhos” (Sl 119:95). Um coração carnal teria considerado sua propriedade, esposa e filhos, ou pelo menos sua vida, agora em perigo. Mas o coração de Davi estava em um assunto melhor; ele considerou os testemunhos de Deus, e tanta doçura derrama em sua alma enquanto ele está rolando-os em sua meditação, que ele não pode conter. “O quanto amo a tua lei! Ela é a minha meditação todo o dia” (v. 97). Enquanto seus pensamentos estavam nela, seu amor era atraído a ela. Davi achou uma grande diferença entre meditar nas verdades da palavra de Deus, e outras excelências que o mundo clama tão alto. Quando ele vai entreter-se com os pensamentos de alguma perfeição na criatura, ele acha isso apenas um assunto jejuno e seco comparado com isto. Ele logo folheia o livro das excelências do mundo, e não pode achar nenhuma noção que mereça qualquer estadia longa sobre ela; “Vi um fim de toda a perfeição” (v. 96); ele está no fim do mundo presentemente, e em alguns pensamentos pode ver o fundo de toda a glória do mundo; mas quando ele toma as verdades de Deus em seus pensamentos, agora ele encontra trabalho suficiente para sua admiração e doce meditação — “O teu mandamento é excessivamente amplo”. Grandes navios não podem velejar em rios estreitos e águas rasas, tampouco podem mentes verdadeiramente grandes com o conhecimento de Deus e do céu, achar espaço suficiente na criatura para girar e expatriar-se. Uma alma graciosa está logo em terra e em um impasse quando nestes planos; mas deixa-a lançar-se para fora na meditação de Deus, Sua palavra, as verdades misteriosas do evangelho, e ele encontra um lugar de águas largas, bastante mar aberto para perder-se nele. Eu poderia aqui mostrar-te a excelência das verdades divinas de muitas cabeças. Como da

fonte e manancial de onde fluem, o Deus da verdade; ou de seu oposto, aquele monstro disforme, erro, etc. Mas eu apenas dirigirei tua meditação a algumas propriedades apaixonantes que tu acharás nestas verdades. Tu podes encontrar uma pilha delas juntas no Salmo 19:7, e assim por diante.

A verdade é “pura”; isto fez Davi amá-la (Sl 119:140). Ela não é apenas pura, mas torna a alma pura e santa que a abraça. “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17:17). É a água pura com a qual Deus lava almas sujas e limpas. “Aspergi-vos-ei com água pura, e ficareis limpos de todas as vossas imundícias... purificarei” (Ez 36:25). Água de poça suja fará o rosto, tanto quanto o erro fará a alma, limpos. A verdade é “certa”, e tem um fundamento firme (Sl 19:7). Podemos colocar o peso inteiro de nossas almas sobre ela e contudo ela não quebrará debaixo de nós. Apegue-se à verdade e ela se apegará a ti. Ela irá contigo para a prisão, banimento, sim, estaca ela mesma e pagará tuas despesas onde quer que tu vás em seu recado. “Nem uma coisa”, diz Josué, “falhou de todas as boas coisas que o Senhor vosso Deus falou a vosso respeito; todas se vos cumpriram, nem uma delas falhou” (Js 23:14). O que quer que tu aches lá prometido, conta como dinheiro em tua bolsa. “Oitenta anos”, disse Policarpo, “tenho servido a Deus, e encontrei-O um bom mestre”. Mas quando os homens pensam, ao abandonar a verdade, prover bem para si mesmos, eles estão certos de encontrar decepções. Muitos foram lisonjeados para longe da verdade com boas promessas, e então servidos não melhor do que Judas foi pelos judeus, depois que ele traiu seu Mestre para suas mãos sangrentas, “olha lá por isso”. Embora perseguidores amem a traição, contudo eles odeiam o traidor. Sim, muitas vezes — para mostrar sua malícia diabólica — eles, quando alguns se feriram em suas consciências negando a

verdade, massacraram-nos mais cruelmente, e gloriaram-se nisso, como uma vingança plena destruir a alma e corpo juntos. Novamente, a verdade é “livre”, e torna a alma “livre” que a ela se apegue. “A verdade vos libertará” (Jo 8:32). Cristo diz aos judeus de uma escravidão em que estavam, a qual aquele povo arrogante nunca sonhou. “Vós tendes por pai o diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai” (v. 44). Tais escravos são todos os pecadores. Eles devem fazer o que o diabo quiser que façam, e não ousam mais desagradá-lo, do que uma criança seu pai com uma vara em sua mão. Algumas bruxas confessaram que foram forçadas a enviar seus diabinhos para fazer o mal aos outros para que pudessem ter descanso elas mesmas; pois até que os enviassem para fora em tal recado, elas eram elas mesmas atormentadas por eles. E aquele que tem uma concupiscência sugando nele, acha tão pouco descanso se ele não estiver sempre servindo a ela, e fazendo provisão para ela. Pode o mundo, pensas tu, mostrar outro escravo como este pobre miserável é? Bem, embora todos os parafusos que o diabo tem — concupiscências quero dizer — estivessem trancados sobre um pecador, e ele fechado na masmorra do armário de toda a sua prisão, contudo deixa apenas esta pobre escrava começar a ser familiarizada com a verdade de Cristo, de modo a abrir seu coração a ela, e fechar com ela, e tu logo ouvirás que os fundamentos da prisão estão abalados, suas portas jogadas abertas, e as correntes caídas das pernas da pobre criatura; sim, o dia veio, a chave está na fechadura já para deixá-lo fora. É impossível que devêssemos ser familiarizados com “a verdade como está em Jesus” e ser meros estranhos a esta liberdade que a acompanha (Ef 4:19-21).

Em uma palavra, a verdade é vitoriosa. Ela é grande, e prevalecerá ao final. É o grande conselho de Deus, e embora

muitos bons enredos e dispositivos sejam achados nos corações dos homens — que mostram o que eles fariam — contudo o conselho do Senhor permanecerá. Todos os seus ovos estão podres quando eles se sentaram por mais tempo neles. Infelizmente! eles carecem de poder para chocar o que sua malícia se senta a chocar. Algumas vezes, confesso, os inimigos à “verdade” obtêm a milícia deste mundo inferior em suas mãos, e então a verdade parece ir ao chão, e aqueles que testemunham para ela são mesmo mortos; contudo então é mais do que seus perseguidores podem fazer para tê-los enterrados debaixo da terra em sua sepultura (Ap 11:9). Alguns que nunca foram pensados, atacarão ao lado da verdade, e proibirão o enterro. Perseguidores não precisam estar a custo por mármore para escrever o memorial de suas vitórias, o pó servirá bem o suficiente, pois eles não são como durar tanto. “Três dias e meio” as testemunhas podem jazer mortas nas ruas, e a verdade sentar-se desconsolada por elas; mas dentro de um pouco elas estão andando, e a verdade triunfando novamente. Se perseguidores pudessem matar seus sucessores, então seu trabalho poderia ser pensado forte, não precisando temer outro para derrubar o que eles estabeleceram, e contudo então seu trabalho jazeria tão aberto ao céu, e poderia ser tão facilmente impedido, quanto o deles em Babel. Quem não ama estar do lado vencedor? Escolhe a verdade para teu lado, e tu a tens. Notícias podem vir de que a verdade está doente, mas nunca de que ela está morta. Não, é o erro que tem curta duração. “A língua mentirosa dura só por um momento”; mas a idade da verdade corre paralela com a eternidade de Deus. Ela viverá para ver suas cabeças postas no pó, e andar sobre suas sepulturas, que estavam tão ocupadas para fazer uma para ela. Viver, eu disse? sim, reinar em paz com aqueles que agora estão dispostos a sofrer com e por ela. E não escolherias tu, cristão, ser um entre aquele bom trem de

vencedores, que atenderá na carruagem triunfante de Cristo para a cidade celestial, lá para tomar a coroa, e sentar-te em teu trono com aqueles que mantiveram o campo, quando Cristo e Sua verdade eram militantes aqui na terra? Assim, quisesse tu apenas em teus pensamentos limpar as lágrimas e o sangue que agora cobrem a face da verdade sofredora, e apresentá-la ao teu olho como ela parecerá na glória, tu não poderias senão apegar-te a ela com um amor “mais forte que a morte”.

DIREÇÃO 2. Se ainda permanece qualquer mal-estar de medo em teu coração, da ira de homens sangrentos ameaçando-te por tua profissão da verdade, então, a um coração inflamado com o amor da verdade, labuta para adicionar um coração cheio do temor daquela ira que Deus tem em estoque para todos que apostatam da verdade. Quando tu tens a chance de queimar teu dedo, tu o manténs ao fogo, o que sendo um fogo maior tira o outro. Assim, quando teus pensamentos estão chamuscados e teu coração cauterizado com o fogo da ira do homem, mantém-os um pouco ao fogo do inferno, que Deus preparou para os medrosos (Ap 21:8), e todos que fogem das cores da verdade (Hb 10:39), e tu perderás o sentido de um pelo medo do outro. *Ignosce imperator*, disse o santo homem, *in carcerem Deus gehennam minatur* — perdoa-me, ó imperador, se não obedeço ao teu comando; tu ameaças uma prisão, mas Deus um inferno. Observável é aquilo de Davi: “Príncipes me perseguem sem causa, mas o meu coração teme a tua palavra” (Sl 119:161). Ele não tinha causa para temer aqueles que não tinham causa para persegui-lo. Uma ameaça fora da palavra — que coloca a ponta da ira de Deus ao seu coração — assusta-o mais do que o pior que o maior na terra pode fazer a ele. A ira do homem, infelizmente, quando mais quente, é apenas um clima temperado para a ira do Deus vivo. Eles que sentiram ambos testemunharam

tanto. A ira do homem não pode impedir o acesso do amor de Deus à criatura, o que fez os santos cantarem no fogo apesar dos dentes de seus inimigos. Mas a criatura sob a ira de Deus é como um fechado em um forno fechado — nenhuma fresta aberta para deixar qualquer calor sair, ou qualquer fresco entrar para ele.

DIREÇÃO 5 — SEGUNDA PARTE
GERAL.
[VERDADE NO CORAÇÃO OU
SINCERIDADE COMO CINTURÃO
PARA A VONTADE.]

“Tendo cingidos os vossos lombos com a verdade.”

Chegamos agora ao segundo tipo de verdade — recomendado ao cristão sob a noção de cinturão do soldado — e esta é a verdade no coração. Onde se deve saber: 1. O que quero dizer com verdade no coração. 2. Por que a verdade no coração é comparada a um cinturão.

1. O que quero dizer com verdade no coração. Por verdade no coração, entendo sinceridade, tomada assim na Escritura: “Cheguemo-nos com um coração verdadeiro”, isto é, com um coração sincero (Hb 10:22). Muitas vezes encontramos-las conjugadas, uma explicando a outra: “Temer ao Senhor e servi-lo com sinceridade e verdade” (Js 24:14). Lemos sobre o “pão sem fermento da sinceridade e da verdade” (1 Co 5:8). A hipocrisia é uma mentira com uma bela cobertura. Um coração insincero é um coração dividido. A estrutura e o movimento interior do coração não condizem com a profissão e o comportamento do homem exterior, como um relógio cujas engrenagens internas não giram conforme o ponteiro aponta por fora.

2. Por que a verdade no coração é comparada a um cinturão. A sinceridade, ou verdade no coração, pode ser adequadamente comparada a um cinturão, em relação ao

duplo uso e fim para o qual um cinturão, especialmente o cinto de um soldado, é usado.

Primeiro. O cinturão é usado como um ornamento colocado por cima, para cobrir as juntas da armadura que, se vistas, causariam certa indelicadeza. Aqui — refiro-me aos lombos — aquelas peças da armadura para a defesa das partes inferiores do corpo são fixadas às superiores. Ora, como elas não podem ser tão estreitamente unidas e presas sem que haja alguma pequena abertura entre peça e peça, por isso costumavam colocar sobre essas partes um cinturão largo, que cobria toda essa indelicadeza. Ora, a sinceridade faz o mesmo pelo cristão que o cinturão faz pelo soldado. As graças do santo não são tão justas, nem a sua vida tão exata, mas nos melhores encontram-se enfermidades e defeitos, que são como tantas aberturas e fendas em sua armadura, mas a sinceridade cobre tudo, de modo que ele não é envergonhado por elas, nem exposto ao perigo por causa delas.

Segundo. O cinturão era usado para fortalecer. Por ele, os lombos eram sustentados e unidos, e o soldado, apto para lutar ou marchar. Como uma vestimenta, quanto mais justa, mais quente; assim o cinturão, quanto mais apertado, mais força os lombos sentem. Daí Deus, ao ameaçar enfraquecer e debilitar uma pessoa ou um povo, dizer: “os seus lombos serão soltos”. “Soltarei os lombos dos reis” (Is 45:1); e “ele enfraquece a força dos poderosos” (Jó 12:21) — do hebraico: “ele desata o cinturão dos fortes”. Ora, a sinceridade pode muito bem ser comparada, a este respeito, ao cinturão do soldado. É uma graça que cinge a alma com força e a torna poderosa para fazer ou sofrer. De fato, é a própria força de cada graça. Tanta hipocrisia quanto se encontra apegada às nossas graças, tanta fraqueza. É a fé sincera que é a fé forte; o amor sincero que é o amor poderoso. A

hipocrisia é para a graça como o verme é para o carvalho — a ferrugem para o ferro — ela os enfraquece porque os corrompe. A metáfora assim aberta fornece estas duas conclusões doutrinaárias, ao tratar das quais compreenderei o que mais tenho a dizer sobre esta peça de armadura: 1. Que a sinceridade ou verdade no coração em todos os nossos caminhos cobre toda a indelicadeza do cristão. 2. Que a verdade no coração ou sinceridade é de excelente utilidade para fortalecer o cristão em todo o seu curso.

DIVISÃO 1 — A SINCERIDADE COBRE A INDELICADEZA DO CRISTÃO.

“Cingidos com a verdade.”

A sinceridade ou verdade no coração em todos os nossos caminhos cobre toda a indelicadeza do cristão. Ao tratar deste ponto, este é o nosso método: 1. Investigaremos qual é a verdade e sinceridade que cobre a indelicadeza do cristão. 2. Investigaremos quais são as indelicadezas que a sinceridade cobre. 3. Como a sinceridade as cobre. 4. Por que a sinceridade faz isso; ou alguma explicação dada para tudo isto.

Qual é a verdade que cobre a indelicadeza do cristão.

1ª INVESTIGAÇÃO. Qual é aquela verdade e sinceridade que cobre todas as indelicadezas e deficiências no cristão. Aqui devemos distinguir uma dupla sinceridade: uma moral, outra evangélica.

Verdade moral e retidão.

Primeiro tipo de sinceridade. Existe uma verdade moral e retidão, que podemos chamar de flor silvestre, porque pode ser encontrada crescendo no campo e nos resíduos da natureza. Não se pode negar que alguém que não possui uma gota de graça salvadora e santificadora pode demonstrar algum tipo de retidão e verdade em suas ações. O próprio Deus aparece como testemunha de Abimeleque, de que o que ele fez ao tomar Sara foi na integridade do seu coração: “Bem sei”, diz Deus, “que na sinceridade do teu coração fizeste isto” (Gn 20:6), isto é, você foi honesto quanto a este negócio em particular e não pretendeu qualquer mal a Abraão, cuja esposa ela era, sem que você soubesse. Joabe, embora um homem sanguinário, ainda assim agiu muito retamente e com honestidade para com Davi quanto à rendição de Rabá, quando teve uma oportunidade justa de roubar a honra de seu príncipe para si mesmo. Muitos exemplos como esses podem ser dados de homens que foram grandes estranhos a uma obra de graça em seus corações; mas esta não é a retidão que entendemos no ponto apresentado. De fato, torna uma pessoa muito adorável e amável diante dos homens ser assim reta e honesta em suas negociações; mas creio ouvir o Senhor dizendo a respeito de tais, como certa vez disse a Samuel sobre Eliabe: “Não atentes para a sua aparência”, de modo a pensar [que] estes são os que Ele aceita. Não, Ele os recusou; “porque o Senhor não vê como vê o homem” (1 Sm 16:7). O olho de Deus olha mais profundamente que o do homem. Há dois grandes defeitos nesta retidão pelos quais Deus a rejeita:

1. Defeito: Ela não cresce de uma boa raiz — um coração renovado. Isto é um pelo na pena do homem moral,

que borra e mancha sua cópia quando ele escreve com mais clareza. É como a lepra para Naamã; aquele mesmo “mas ele era leproso” tirava a honra de sua grandeza na corte e [de sua] proeza no campo. Assim aqui: mancha as ações mais justas do homem meramente moral — “Mas ele é uma pessoa sem Cristo, sem graça”. A retidão de tais faz mais bem aos outros neste mundo do que a eles mesmos em outro. Eles são, por meio desta honestidade moral, proveitosos para aqueles que têm comércio civil com eles; mas ela não torna a si mesmos aceitáveis a Deus. De fato, se Deus não tivesse deixado alguma autoridade na consciência para inspirar temor e manter os homens, que não têm graça, dentro de alguns limites de honestidade, este mundo não teria sido mais habitável para os santos do que a floresta de animais selvagens é agora para o homem. E tal é a retidão dos homens desprovidos de graça santificadora. Eles são mais conduzidos por uma luz avassaladora da consciência que os assusta, do que suavemente guiados por um princípio interior que os inclina a ter complacência naquilo que é bom. O próprio Abimeleque — por quem, como ouvimos, Deus se desculpou — ainda é deixado saber que sua honestidade naquele assunto veio mais da restrição de Deus sobre ele do que de qualquer bondade real nele: “Eu também te impedi de pecar contra mim; por isso não te permiti tocá-la” (Gn 20:6).

2. Defeito: Esta retidão moral fica aquém do fim principal indispensavelmente necessário para tornar uma pessoa reta de fato. Este é “a glória de Deus” (1 Co 10:31). “Fazei tudo para a glória de Deus.” O arqueiro pode perder o alvo por atirar curto, assim como por atirar para fora. O hipócrita grosseiro atira para fora, o moralista mais reto atira curto. Ele pode, e muitas vezes toma, sua mira correta quanto

ao fim particular e imediato de sua ação, mas sempre falha quanto ao fim último. Assim, um servo pode ser fiel ao seu mestre, desprezar enganá-lo em um centavo, sim, cordialmente buscar o lucro do seu mestre; e ainda assim Deus pode não ser contemplado ou pensado em tudo isso, e assim tudo não vale nada, porque Deus, que deve ser principalmente considerado, é deixado de fora da história. Os servos são ordenados a fazer seu “serviço como ao Senhor e não aos homens”, isto é, não apenas, não principalmente ao homem (Ef 6:7). É verdade que o mestre deve ser contemplado no dever do servo, mas desta maneira, apenas como leva à glória de Deus. Ele não deve, quando desejou agradar ao seu mestre terreno, sentar-se como se estivesse no fim de sua jornada, mas prosseguir — como o olho atravessa o ar e as nuvens até o sol onde termina — para Deus, como o fim principal pelo qual ele é cumpridor e fiel ao homem. Ora, nenhum princípio pode levar a alma tão alto a ponto de mirar em Deus, a não ser aquele que vem de Deus. Veja ambos estes pontos excelentemente conjugados: “Para que sejais sinceros... cheios dos frutos de justiça, que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus” (Fp 1:10-11). Onde você pode observar: (1) Que a sinceridade do selo correto é aquela que produz frutos de justiça para o louvor de Deus, isto é, onde a glória de Deus é o fim de todas as nossas ações. (2) Que tal fruto não pode ser gerado, exceto “por Cristo”. A alma deve ser plantada em Cristo antes que possa ser assim sincera, para produzir frutos de justiça para o louvor de Deus. Daí estes frutos de justiça serem ditos como sendo “por Jesus Cristo”. O que os homens fazem por si mesmos, fazem para si mesmos. Eles comem seu próprio fruto, devoram o louvor do que fazem. O cristão apenas, que faz tudo por Cristo, faz tudo para Cristo. Ele obtém sua seiva

de Cristo, em quem é enxertado, que o torna frutífero; e, portanto, ele reserva todo o fruto que gera para Ele. Assim vemos como esta retidão moral é, em si, fundamentalmente defeituosa e, portanto, não pode ser aquele cinturão que esconde e cobre nossos outros defeitos. Contudo, antes de passar para o outro, gostaria de deixar uma dupla advertência para o aperfeiçoamento do que foi dito a respeito desta retidão. Uma é para o cristão sincero, a outra é para aqueles que não têm mais do que uma retidão moral.

Uma dupla advertência.

1. Advertência. Ao cristão sincero. Pode ser encontrada uma espécie de retidão entre homens que são carnis e destituídos da graça santificadora de Deus? Oh, então, atente você, em cujo coração habita o Espírito da graça, para que não seja envergonhado por aqueles que não têm graça, o que você necessariamente será quando for pego em falta naquelas coisas em que eles não podem ser acusados. Muitos entre eles há que desprezam mentir. Um santo deve ser pego em uma inverdade? Seus princípios morais os obrigam à paz e não permitirão que prejudiquem o próximo; e pode a trapaça, a opressão de sobre-alcançar seguir a mão de um santo? Exceto se a vossa justiça exceder a melhor deles, não sois cristãos. E pode você deixá-los excedê-lo naquelas coisas que, quando feitas, deixam-nos aquém de Cristo e do céu? É hora de o acadêmico jogar fora sua beca e repudiar o nome de um acadêmico, quando qualquer colegial é capaz de confundi-lo e desafiá-lo; e para ele também de colocar de lado sua profissão e deixar o mundo saber o que ele é, sim, o que ele nunca foi, aquele que

pode deixar um homem meramente civil, com seu arco fraco apenas apoiado por princípios morais, superar aquele que finge ter Cristo e Sua graça. Confesso que às vezes acontece que um santo sob tentação pode ser superado por alguém que é carnal em um caso particular; assim como um laçao, que é um excelente pedestre, pode, por algum espinho ou presente claudicação em seu pé, ser deixado para trás por alguém que em outro momento não seria capaz de chegar perto dele. Temos muitos exemplos lamentáveis de homens morais superando até um santo em um momento, quando sob tentação. Uma passagem notável encontramos a respeito do discurso de Abimeleque a Sara, após seu discurso fingido e equívoco, de que Abraão era seu irmão: “E a Sara disse” — isto é, Abimeleque disse a ela — “Eis que tenho dado ao teu irmão mil moedas de prata; eis que ele é para ti um véu de olhos, para com todos os que estão contigo, e com todos os outros” (Gn 20:16). Ora, note as palavras que se seguem: “Assim foi ela repreendida”. Como? Onde reside a repreensão? Aqui não há nada além de boas palavras e dinheiro também. Ele promete proteção a ela e a Abraão — ninguém deveria prejudicá-lo ao prejudicá-la — e diz a ela o que ele havia dado livremente a Abraão. Bem, apesar de tudo isso, encontraremos uma repreensão afiada, embora embrulhada nestas palavras doces e prateada com suas mil peças. Primeiro: Ela foi repreendida pela retidão de Abimeleque naquele negócio em que ela havia pecado de fingimento. Que ele, que era um estranho ao verdadeiro Deus e ao Seu culto, fosse tão quadrado e honesto a ponto de entregá-la intocada, uma vez que soubesse que ela era esposa de outro homem, e não só isso, mas em vez de cair em uma paixão de ira e ter pensamentos de vingança contra eles por lhe passarem essa fraude — o que, tendo-os sob seu poder,

não teria sido estranho para um príncipe fazer — para ele esquecer tudo isso e, em vez disso, mostrar tamanha bondade e alta generosidade a eles, isso deve necessariamente enviar uma repreensão afiada ao coração de Sara. Especialmente deve, considerando que ele, um pagão, fez tudo isso; e ela — alguém chamada ao conhecimento de Deus, em aliança com Deus e esposa de um profeta — era de espírito tão pobre, como, por medo de um perigo que apenas seu marido, e isso sem qualquer grande fundamento, supôs, cometer dois pecados de uma vez — fingir e também arriscar a perda de sua castidade. O menor dos dois era pior do que a coisa de que tanto temiam. Estas coisas, digo, colocadas juntas, equivaleram a tal repreensão que, sem dúvida, tornou ela, e Abraão também, sinceramente envergonhados diante de Deus e dos homens. Novamente, Abimeleque, ao chamar Abraão de seu “irmão”, não seu marido, deu a ela uma repreensão inteligente, lembrando-a de como com essa palavra ele havia sido enganado por eles. Assim, a piedosa Sara foi repreendida por um rei profano. Oh, cristãos, cuidem de colocar palavras na boca dos homens ímpios para vos repreenderem! Eles não podem vos repreender sem que desonrem a Deus. Cristo é envergonhado com vocês e por vocês. Pelo bem do nome de Cristo — que não pode deixar de ser mais caro a vocês, se são santos, do que suas próprias vidas — olhem para o seu andar, e especialmente para a sua convivência civil com os homens do mundo. Eles não sabem o que você faz em seu quarto, não se importam com o que você é na congregação, eles o julgam pelo que você é quando têm negócios com você. Como eles o encontram em sua loja, barganhas, promessas e coisas semelhantes, assim eles pensam sobre você e sua profissão. Trabalhe, portanto, por esta retidão para com o homem; por ela você pode ganhar

alguns e julgar outros. Melhor incomodar o mundo ímpio com um andar estrito, como Ló fez aos sodomitas, do que colocá-los para trabalhar em zombar e reprovar você e sua profissão por qualquer escândalo, como Davi fez por sua triste queda. Aqueles que não seguem a luz de tua santidade, logo verão o ladrão na tua vela e apontarão para ele.

2. Advertência. A segunda palavra de advertência é para aqueles que são moralmente retos e nada mais. Tenha cuidado para que esta retidão não se torne um laço para você e o impeça de obter a retidão evangélica. Tenho certeza de que foi assim para o jovem no evangelho. Com toda a probabilidade, ele poderia ter sido melhor, se não tivesse sido tão bom. Sua honestidade e retidão moral foram sua ruína, ou melhor, sua presunção nelas, para se entrincheirar nelas. Melhor teria sido ele um publicano, levado a Cristo no sentido de seu pecado, do que um fariseu mantido longe Dele com uma opinião de sua integridade. Estas, estas são as ervas daninhas com as quais muitos, pensando salvar-se por elas, mantêm-se debaixo d'água para sua perdição. “Há mais esperança para um tolo”, Salomão nos diz, “do que para aquele que é sábio em sua própria presunção”; e do maior pecador, do que de um presunçoso de sua própria justiça. Se uma vez a doença atinge o cérebro, a cura deve ser muito mais difícil. Nada de oferecer Cristo a alguém neste frenesi. Você é alguém mantido longe desses caminhos injustos em que outros andam? Talvez você seja honesto e reto em seu curso e despreze ser encontrado falso em qualquer de suas negociações. Bendiga a Deus por isso; mas tenha cuidado em abençoar a si mesmo por isso. Lá está o perigo. Esta é uma maneira de ser “justo demais” — uma cova perigosa, da qual Salomão avisa a todos que viajam na estrada do céu (Ec

7:16). Há ruína neste excesso, assim como em qualquer negligência. Pois assim segue no mesmo versículo: “por que te destruirias a ti mesmo?”. Você não está, homem orgulhoso, tão bem para o céu como se lisonjeia. Um homem no topo de uma colina pode parecer muito perto do topo de outra, e ainda assim nunca pode chegar lá, a menos que desça daquela em que está. O monte de sua justiça civil e retidão moral, sobre o qual você está tão confiantemente, parece talvez nivelado aos olhos orgulhosos de sua mente com o santo monte de Deus no céu; sim, tão perto que você pensa em passar de um para o outro com facilidade. Mas deixe-me dizer-lhe: é um passo grande demais para você dar. Seu caminho mais seguro e mais próximo seria descer de sua montanha de autoconfiança — onde Satanás o colocou em um plano para quebrar seu pescoço — e seguir sua estrada comum, na qual todos os que já alcançaram o céu foram. E esse caminho é justamente trabalhando para obter um interesse em Cristo e Sua justiça — que é fornecida propositadamente para a criatura envolver sua alma nua e colocar sua fé nela; e assim sua retidão, que antes era apenas da mesma forma com a honestidade moral dos pagãos, pode começar, ou melhor, ser batizada como cristã e tornar-se graça evangélica. Mas deixe-me dizer-lhe isto antes de dispensá-lo: que você não pode agarrar a justiça de Cristo até que tenha deixado cair a mentira — sua própria justiça — que até agora você tem segurado tão firmemente em sua mão direita. Quando Cristo chamou o “cego” para Si, é dito que ele, “lançando de si a sua capa, levantou-se e foi ter com Jesus” (Mc 10:50). Faça você o mesmo, e então venha e seja bem-vindo.

Verdade e retidão evangélica.

Segundo tipo de sinceridade. Prosseguimos para o segundo tipo de verdade de coração ou retidão, que chamei de retidão evangélica. Esta é uma planta encontrada crescendo apenas no jardim de Cristo, ou no cercado de uma alma graciosa. É, por meio de distinção daquela que chamei de moral, conhecida pelo nome de “sinceridade piedosa”, ou a sinceridade de Deus. “A nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que em simplicidade e sinceridade piedosa, não com sabedoria carnal, mas pela graça de Deus, temos tido a nossa conversação no mundo” (2 Co 1:12). Ora, sob dois aspectos esta sinceridade evangélica pode ser chamada de sinceridade piedosa: 1. Porque é de Deus. 2. Porque mira em Deus e termina em Deus.

1. Porque é de Deus. É Sua criatura — gerada no coração apenas pelo Seu Espírito. Paulo, no lugar acima mencionado, 2 Co 1:12, deriva excelentemente sua linhagem para nós. O que ele chama de andar em “sinceridade piedosa” na primeira parte do versículo, ele chama de “ter a nossa conversação pela graça de Deus” na última parte; sim, opõe isso a “andar com sabedoria carnal no mundo” — a grande roda no relógio do homem moral. E a que tudo isso equivale, senão para mostrar que esta sinceridade é um bebê da graça e não chama ninguém na terra de pai? Mas isto não é tudo. Esta “sinceridade piedosa” não é apenas de extração divina — pois assim são dons comuns que são sobrenaturais — o benefício do hipócrita assim como o do santo — mas é parte da nova criatura, que Seu Espírito santificador forma e opera nos eleitos, e em nenhum outro. É uma graça de aliança: “Eu lhes darei um só coração, e um espírito novo

porei dentro deles” (Ez 11:19). Aquele “um coração”, pelo qual o hipócrita é tão frequentemente descrito na palavra.

2. Porque mira em Deus e termina em Deus. O projeto mais alto e o fim último que uma alma assim sincera está repleta é como pode agradar a Deus. A decepção que tal pessoa piedosa e sincera encontra de qualquer outra não a incomoda mais do que incomodaria um comerciante que tem sucesso no fim principal de sua viagem às Índias e retorna ricamente carregado com o prêmio de ouro e prata que ele foi buscar, mas apenas perde sua liga ou cadação na viagem. Como o olho do mestre direciona a mão do servo — se ele pode fazer seu trabalho à mente do seu mestre, ele tem o que deseja, embora estranhos que entram na loja não gostem dele — assim a “sinceridade piedosa” aquiesce no julgamento do Senhor sobre ele. Tal pessoa não atira em pequenos nem grandes, não estuda para acomodar-se a ninguém, para atingir o humor de ricos ou pobres; mas destaca Deus em seus pensamentos de todos os outros, como o objeto principal de seu amor, temor, fé, alegria, etc.; ele direciona todos os seus esforços como um sábio arqueiro a este alvo, e quando ele pode mais aprovar-se a Deus, ele conta que atira melhor. Ouça o santo Paulo falando, não apenas seus próprios pensamentos privados, mas o senso comum de todos os crentes sinceros: “Pelo que muito esforçamo-nos também para ser-lhe agradáveis, quer presentes, quer ausentes” (2 Co 5:9). O homem verdadeiro do mundo é aquele que não prejudicará o homem. Embora muitos vão tão longe, que podem ousar com Deus, apesar de todo o seu porte recatado para com o homem; alguns que não roubariam o valor de um centavo de seu vizinho, ainda assim jogam ladrões notórios com Deus em questões maiores do que todo

o dinheiro que seu vizinho tem vale. Eles podem roubar de Deus aquele tempo — o dia de sábado, quero dizer — para gratificar suas próprias ocasiões, que Ele encerrou para Si mesmo e reivindica por um título tal que, sob julgamento, será considerado mais forte, creio eu, do que podemos mostrar que o resto da semana seja nosso. Outros não mentirão para o homem possivelmente em seus negócios com ele — e seria melhor viver no mundo se houvesse mais desta verdade entre nós — mas estes mesmos homens, muitos deles, sim, todos os que não são mais do que moralmente retos, não fazem nada de mentir a Deus, o que eles fazem em cada oração que fazem, prometendo fazer o que nunca dedicam um pensamento sério sobre como podem cumprir. Eles dizem que santificarão o nome de Deus, e ainda assim jogam lama no rosto de cada atributo nele; eles oram para que a vontade de Deus seja feita, e ainda assim, enquanto sabem que sua santificação é Sua vontade, contentam-se com seus corações e naturezas não santos e pensam que é o suficiente para embelezar a fachada de suas vidas — aquela parte que enfrenta o homem e dá para a rua, por assim dizer — com alguns floreios de civilidade e justiça em seus negócios mundanos, embora seu homem interior esteja todo em ruínas lamentáveis ao mesmo tempo. Mas ele é o homem verdadeiro de Deus que deseja dar a Deus o que é de Deus, assim como ao homem o que é do homem — sim, que é primeiro verdadeiro para com Deus e depois para com o homem por amor a Ele. O bom José — quando seus irmãos temiam como estranhos a ele (pois ainda não conheciam outro) [que] receberiam alguma medida dura de suas mãos — observe que caminho ele toma para libertar seus pensamentos perturbados de qualquer suspeita de qualquer negociação injusta vinda dele: “Fazei isto, e vivei; porque eu

temo a Deus” (Gn 42:18) — como se tivesse dito: “Não esperem de mim nada além do que é quadrado e reto, porque temo a Deus. Vocês possivelmente pensam, porque sou um grande homem e vocês, estranhos pobres, onde não têm amigos para interceder por vocês, que meu poder deve esmagar seu direito; mas vocês podem poupar-se do trabalho de tais pensamentos ciumentos sobre mim, pois vejo um infinitamente mais acima de mim, do que pareço estar acima de vocês, e a ele eu temo — o que eu não poderia fazer se fosse falso com vocês”. A palavra em 2 Co 1:12 para sinceridade é enfática, *εἰλικρίνεια* [sinceridade/pureza de motivo] — uma metáfora de coisas experimentadas pela luz do sol, como quando você está comprando pano, ou mercadoria semelhante, você a levará para fora da loja escura e a segurar contra a luz, pela qual a menor abertura nela é descoberta; ou, como a águia, dizem alguns, segura seus filhotes contra o sol, e os julga seus se capazes de olhar fixamente contra ele, ou espúrios se não capazes. Verdadeiramente essa é a alma piedosa e sincera, que olha para o céu e deseja ser determinada em seus pensamentos, julgamento, afeições e práticas, como eles podem resistir diante da luz que brilha de lá através da palavra — o grande luminar no qual Deus reuniu toda a luz para guiar as almas, como o sol no firmamento é para direcionar nossos corpos em seu andar de um lado para o outro no mundo. Se estes se ajustam à palavra e podem olhar para ela sem serem envergonhados por ela, então a alma sincera segue em seu empreendimento com coragem; nada o deterá. Mas se qualquer um destes for encontrado fugindo da luz da palavra — como Adão faria, se pudesse, a visão de Deus — não sendo capaz de resistir ao seu julgamento, então ele está no fim de sua jornada e não pode ser atraído por quaisquer

argumentos da carne; pois ele não segue o mandado da carne, mas o de Deus, e aquele que o envia apenas o deterá. As coisas são verdadeiras ou certas à medida que concordam com seus primeiros princípios. Quando a cópia concorda com o texto original, então é verdadeira. Ora, a vontade de Deus é o padrão para todas as nossas vontades, e ele é o homem sincero que se esforça para tomar a regra e a medida de todas as suas afeições e ações a partir disso. Daí Davi ser chamado de “um homem segundo o coração de Deus”, que é apenas uma perífrase de sua sinceridade, e é tanto quanto se o Espírito de Deus tivesse dito que ele era um homem reto — ele carrega em seu coração a escultura e a imagem do coração de Deus, como está gravada no selo da palavra. Mas basta por agora. Isto pode servir para mostrar o que é a retidão evangélica.

Quais indelicadezas a sinceridade cobre.

2ª INVESTIGAÇÃO. Que indelicadeza a sinceridade cobre? Respondo: todas, especialmente a que é pecaminosa.

Primeiro tipo de indelicadeza. Existem vários privilégios temporais externos, nos quais, se alguém ficar aquém — tamanha excelência este mundo vão coloca neles, mais do que seu valor intrínseco exige — eles são expostos a alguma desonra, se não desprezo, nos pensamentos dos outros. Ora, onde a graça sincera existe, ela proporciona uma bela cobertura para todos eles, sim, coloca mais honra abundante sobre a pessoa, à vista de Deus, dos anjos e dos homens também, se forem sábios, do que a outra pode causar desprezo.

1. Beleza. Este é o grande ídolo, que o mundo inteiro segue maravilhado, como após a besta, Ap 13, que, se Deus nega, e confina as almas de alguns a uma casa — corpo, refiro-me — mais indelicada do que outros, esta sua presença corporal média prejudica-os na estima dos outros. Ora, a graça, se for apenas adornada com sinceridade, brilha através da nuvem com que a natureza escureceu o semblante. “A sabedoria do homem faz brilhar o seu rosto” (Ec 8:1). Quem, que tem o uso de sua razão, não prezaria e escolheria o barril na adega cheio de vinho generoso, antes de um barril dourado que fica pendurado vazio na porta como uma placa? Se a graça sincera não enche o coração por dentro, a beleza com que a natureza dourou o rosto por fora torna a pessoa de pouco valor. Uma pessoa bonita sem graça verdadeira é apenas uma erva daninha fedorenta — você conhece o melhor de tal pessoa, se olhar para ele de muito longe; ao passo que um coração sincero, sem esta beleza exterior para recomendá-lo, é como alguma flor doce não pintada com cores tão finas nas folhas — melhor na mão do que no olho, para cheirar do que para olhar. Quanto mais perto você chega da alma sincera, melhor você o acha. A indelicadeza exterior para com a graça verdadeira é apenas como alguns edifícios velhos e medíocres que você às vezes vê em frente a uma casa boa e imponente, que escondem sua glória apenas do viajante que passa a certa distância, mas aquele que entra vê sua beleza e a admira. Novamente,

2. Uma linhagem média e descendência inglória é muito desprezada no mundo. Bem, por mais baixa que seja a linhagem e ignóbil o nascimento, quando a graça não fingida chega, ela traz armas com ela — clarifica o sangue e torna a casa ilustre. “Pois que foste precioso aos meus olhos,

também foste honrado” (Is 43:4). A sinceridade coloca uma marca de honra; se você vir esta estrela brilhando, embora sobre uma cabana humilde, ela lhe diz que um grande príncipe mora lá, um herdeiro do céu. A sinceridade traz a criatura para uma aliança com uma família alta — nada menos do que a do Deus altíssimo; pela qual sua nova aliança, seu próprio nome inglorioso é apagado e um novo nome lhe é dado. Ele carrega o nome de Deus, a quem está unido por uma fé não fingida; e quem ousa dizer que o filho do Deus do céu, ou a noiva de Cristo, são de um nascimento ignóbil? Novamente,

3. Uma bolsa baixa, assim como uma linhagem baixa, expõe ao desprezo, sim, mais. Alguns, por sua bolsa, redimem-se no tempo, como pensam, do desprezo de sua linhagem média. A pequena nascente de onde a água veio, pelo tempo que correu alguns quilômetros e inchou em um rio largo, está fora de vista e não é muito procurada. Mas a pobreza, isso em si soa a reprovação aos ouvidos deste mundo orgulhoso. Bem, embora um homem fosse pobre, até a um provérbio, ainda assim, se uma veia de verdadeira piedade, graça sincera, puder ser encontrada correndo em seu coração, aqui está uma mina rica, que o elevará acima de todo o desprezo do mundo. Tal pessoa pode possivelmente dizer que não tem dinheiro em sua casa, mas não pode dizer que não tem tesouro — que não é rico — e falar a verdade. Ele certamente é rico, aquele que tem uma chave para o tesouro de Deus. A alma sincera é rica em Deus; o que Deus tem é dele, “tudo é vosso, porque vós sois de Cristo”. Novamente,

4. Em uma palavra, para não citar mais, partes e dons da mente, estes são aplaudidos acima de todos os

anteriores por alguns. E, de fato, estes carregam neles uma excelência, que está mais nivelada com a faculdade mais nobre do homem — a razão — do que a outra. Estas outras são tão inferiores à sua natureza espiritual que — como os soldados de Gideão, alguns deles, não podiam beber a água até se ajoelharem — assim também o homem não poderia tomar qualquer deleite nelas, se não se rebaixasse primeiro muito abaixo da estatura elevada de sua alma racional. Mas conhecimento, partes e habilidades da mente, estes parecem levantar a cabeça do homem e torná-lo de modo que não perca nada de sua altura; e, portanto, ninguém tão desprezível pelo mundo sábio, como aqueles que são de partes fracas e habilidades intelectuais médias. Bem, agora, vejamos que cobertura a sinceridade tem para esta nudez da mente, que parece a mais vergonhosa de todas. Onde você está, cristão, para que eu possa dizer-lhe — que se sente lamentando e gemendo de suas partes fracas e entendimento raso — que homem feliz você é, com seu coração honesto e sincero, além de toda comparação com aqueles cujas partes brilhantes tanto ofuscam seus olhos que você não pode ver seu próprio privilégio acima deles? A pérola deles está apenas na cabeça, e eles podem ser sapos apesar disso; mas a sua está no coração. E é a pérola da graça que é a “pérola de grande valor”. Seu coração sincero coloca você mais alto no coração de Deus do que suas partes fracas o colocam baixo na opinião enganosa deles. E você, sem as habilidades de mente que eles têm, encontrará o caminho para o céu; mas eles, apesar de todas as suas partes fortes, serão jogados para o inferno, porque não têm sua sinceridade. Seus dons médios não o tornam incapaz da glória do céu, mas seus dons e dotes não santificados certamente os tornarão capazes de mais vergonha e miséria do inferno. Em uma palavra, embora aqui

sua cabeça seja fraca e suas partes baixas, ainda assim, para seu conforto, saiba que você terá uma cabeça melhor dada ao seu coração sincero, quando chegar ao céu, mas as cabeças conhecedoras deles não encontrarão corações melhores no inferno, mas estarão yugadas eternamente aos seus próprios corações ímpios em tormento. Mas basta disto.

Segundo tipo de indelicadeza. Chego ao segundo tipo de indelicadeza que a sinceridade cobre, e esta é pecaminosa. Ora, esta indelicadeza pecaminosa deve necessariamente ser a pior, porque recai sobre a parte mais bela — a alma. Se a sujeira lançada no rosto for mais indelicada do que em outro membro — porque o rosto é o mais belo — então, nenhuma indelicadeza como aquela que escurece e enegrece a alma e o espírito, porque esta é pretendida por Deus para ser o assento principal da beleza do homem. Ora, aquilo que mais mancha e deforma a alma deve ser aquilo que mais se opõe à sua perfeição principal, que, em sua criação primitiva, era, e ainda pode ser, nada mais do que a beleza da santidade desenhada nela pelo lápis curioso do Espírito Santo. E o que pode ser senão o monstro da alma que é chamado de pecado? Isto estragou o belo semblante do homem, que ele não é mais como a beleza que Deus criou, do que o rosto da falecida Sara era como aquela beleza que era uma isca para os maiores príncipes, e fez seu marido andar com medo de sua vida onde quer que fosse. Não, ele não é mais como a beleza que Deus criou, do que o espírito imundo, agora um demônio amaldiçoado no inferno, é como o santo anjo que ele era no céu. Esta ferida que é dada pelo pecado à natureza do homem, Cristo empreendeu curar por Sua graça em Seus eleitos. A cura é começada aqui, mas não tão aperfeiçoada que nenhuma cicatriz e mancha permaneça; e esta é a grande indelicadeza que a

sinceridade coloca seu dedo e cobre. Mas aqui a pergunta pode ser a seguinte.

Como a sinceridade cobre a indelicadeza do santo.

3ª INVESTIGAÇÃO. Como a sinceridade cobre a indelicadeza pecaminosa do santo? Responderei a isto: Primeiro, negativamente, mostrando como ela não o faz. Segundo, afirmativamente, mostrando como o faz.

Primeiro, negativamente — como a sinceridade não as cobre, e isso em vários pontos:

1. A sinceridade não cobre as falhas do santo de modo a remover a sua natureza pecaminosa. Pensamentos errantes são pecado no santo, assim como em outro. Uma erva daninha será sempre erva daninha onde quer que cresça, ainda que seja num jardim, entre as flores mais escolhidas. Enganam-se, pois, aqueles que, porque os pecados do santo estão cobertos, negam que sejam pecados.

2. Ela não as cobre de modo a nos dar o menor fundamento para pensar que Deus permite que o cristão cometa o menor pecado a mais do que os outros. De fato, é incompatível com a santidade de Deus conceder, e com a sinceridade de um santo pretender, que tal dispensa lhes seja dada. Um pai pode, por amor, indulgência e carinho pelo seu filho, relevar uma falha ao servir-lhe, como se ele entornar o vinho ou quebrar o copo que lhe está a trazer, mas certamente não lhe permitirá que o atire ao chão descuidadamente ou de propósito. Embora um homem possa ser facilmente suplicado a perdoar o seu amigo que o feriu sem querer,

quando não pretendia causar-lhe dano, ele não lhe dará, de antemão, permissão para fazê-lo.

3. Ela não as cobre de modo que Deus não as veja, o que é depreciativo não apenas para a Sua onisciência, mas também para a Sua misericórdia, pois Ele não pode perdoar o que não vê primeiro como pecado. Deus não vê apenas os pecados dos Seus filhos, mas as suas falhas são mais desagradáveis a Ele do que as de outros, porque as pessoas nas quais são encontradas são tão queridas e estão tão próximas d'Ele. Um monte de estrume na câmara de um príncipe ser-lhe-ia mais ofensivo do que um que estivesse longe do seu palácio. O seio do cristão é o tribunal, o trono, o templo de Deus; ali Ele fez o Seu repouso para sempre. O pecado ali deve, necessariamente, ser muito desagradável às Suas narinas.

4. Ela não as cobre de modo que os santos não precisem de confessá-las, de se humilharem por causa delas ou de suplicar um perdão para elas. Um centavo é uma dívida tão devida como uma libra e, portanto, deve ser reconhecido. De fato, aquilo que é um pecado de enfermidade ao ser cometido, torna-se um pecado de presunção ao ser escondido e ao endurecer-se nele. Jó manteve a sua integridade durante todo o seu triste conflito; contudo, aquelas falhas que lhe escaparam no paroxismo das suas aflições levaram-no a ajoelhar-se: “Eu me abomino”, diz ele, “e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:6).

5. Ela não as cobre como se a nossa sinceridade merecesse, nem um pouco, que Deus cobrisse as nossas outras falhas e enfermidades. Se existisse tal coisa como uma obediência absolutamente completa, ela não poderia merecer

perdão para pecados passados; muito menos pode uma obediência imperfeita, como a sinceridade é em sentido estrito, merecê-lo para falhas presentes. A obediência legalmente perfeita não é mais do que aquilo que, como criaturas, devemos à lei de Deus; e como poderia isso pagar a dívida do pecado, que de si mesma era uma dívida devida, antes mesmo de qualquer pecado ter sido cometido? Muito menos a obediência evangélica — que é a sinceridade — o pode fazer; isso fica muito aquém da obediência que devemos. Se aquele que deve vinte libras nada merece quando paga a soma total, então certamente não o merece aquele que, das vinte libras que deve, paga apenas vinte centavos. De fato, os credores podem aceitar o que quiserem e, se disserem que metade os satisfaz, é quitação suficiente para o devedor. Mas onde é que Deus disse alguma vez que transigiria assim com a Sua criatura? Deus mantém-se tão estritamente firme nisso, na aliança da graça, quanto ao pagamento total da dívida, como o fez na primeira das obras. Requeria-se uma justiça plena no cumprimento ou uma maldição plena pela quebra da lei. Assim é na evangélica; apenas aqui as chaves da fechadura mudaram. Deus exigia isto da mão da criatura na primeira aliança, para ser pessoalmente cumprido ou suportado; mas na aliança da graça Ele contenta-se em tomar ambos das mãos de Cristo, o nosso fiador, e imputá-los à alma sincera que, sem fingimento, crê n'Ele e se entrega a Ele.

Segundo, afirmativamente — como a sinceridade cobre a indelicadeza do santo:

1. A sinceridade é aquela propriedade à qual a misericórdia perdoadora está anexada. É verdade, de fato, que é Cristo quem cobre todos os nossos pecados e falhas, mas é apenas sobre a alma sincera que Ele lançará a Sua orla. “Bem-aventurado aquele... cujo pecado é coberto; bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa maldade” (Sl 32:1-2). Ninguém duvidará disto; mas qual é o homem? As palavras seguintes dizem-nos o seu nome: “e em cujo espírito não há engano”. A justiça de Cristo é a vestimenta que cobre a nudez e a vergonha da nossa injustiça; a fé é a graça que coloca esta vestimenta. Mas que fé? Nenhuma senão a “fé não fingida”, como Paulo lhe chama (2 Tm 1:5). “Eis aqui água”, diz o eunuco, “que impede que seja eu batizado?” (At 8:36). Ora, note a resposta de Filipe: “É lícito, se crês de todo o coração” (v. 37); como se tivesse dito: Nada senão um coração hipócrita pode impedir-te. É apenas o coração falso que encontra a porta da misericórdia fechada. Aquele que promete cobrir as falhas da alma sincera ameaça descobrir a impiedade do hipócrita. “O que perverte os seus caminhos será conhecido”, isto é, para a sua vergonha (Pv 10:9).

2. Onde há sinceridade, Deus aprova essa alma como uma pessoa santa e justa, não obstante aquela mistura de pecado que se encontra nela. Assim como Deus não gosta do pecado do santo, por causa da sua sinceridade, Ele também não o desclassifica como santo por causa disso. Deus colocará a Sua mão no atestado de Jó de que ele é um homem justo. Embora muitos pecados sejam registados na Escritura nos quais ele caiu — e alguns graves também — contudo, Jó é considerado perfeito, porque a estrutura do seu coração era sincera, o teor da sua vida, santo; e ele foi antes

surpreendido pelos seus pecados como tentações, do que eles foram entretidos por ele por escolha. Embora a sinceridade não cegue o olho de Deus para que Ele não veja o pecado do santo, contudo, faz com que Ele o veja com um olho de piedade, e não de ira; tal como um marido, sabendo que a sua esposa lhe é fiel no essencial, tem piedade dela em outras fraquezas e, apesar de tudo, considera-a uma boa esposa. “Em tudo isto”, diz Deus, “Jó não pecou”. E, mesmo no final do seu combate, Deus tira-o do campo com o Seu honroso testemunho perante os amigos que se tinham esforçado tanto para pôr em causa a sua piedade; de que o Seu servo Jó tinha “falado o que era reto” acerca d’Ele. Verdadeiramente, Deus disse mais de Jó do que ele ousaria dizer de si mesmo. Ele confessa livremente os seus discursos imprudentes e exclama: “Eu me abomino e me arrependo no pó e na cinza”. Deus via os pecados de Jó acompanhados de sinceridade e, portanto, julgava-o perfeito e justo. Jó via a sua sinceridade manchada com muitas falhas tristes e isto fez com que ele, no fim de tudo, confessasse os seus pecados com vergonha em vez de se gloriar na sua graça. A misericórdia de Deus é maior para com os Seus filhos do que a caridade deles é, muitas vezes, para consigo mesmos e para com os seus irmãos. (1) Para consigo mesmos. Você acha que o pródigo — o emblema de um convertido — teria ousado pedir a túnica, ou desejar que o seu pai tivesse tanto custo com a sua recepção, como o pai prodigalizou livremente com ele? Certamente que não; um lugar na cozinha, vemos, era o máximo que ele ousava pedir. Estar entre os servos mais humildes da casa — pobre alma! ele não podia conceber que teria tal encontro com o seu pai à primeira vista. Uma túnica! Ele poderia antes esperar uma corda, pelo menos um chicote. Um banquete à mesa de seu

pai! Oh, boas-vindas inesperadas! Não duvido que, se alguém o tivesse encontrado no seu caminho e lhe tivesse dito que o seu pai estava resolvido, assim que ele chegasse a casa, a não deixar que ele visse o seu rosto, mas imediatamente enviá-lo para a casa de correção, para ali ser chicoteado e alimentado a pão e água por muitos meses, e então talvez ele finalmente olhasse para ele e o levasse para casa — não duvido que, na sua condição de fome, isto teria sido uma boa notícia para ele. Mas, assim como Deus tem castigos estranhos para os ímpios, assim Ele tem expressões estranhas de amor e misericórdia para com as almas sinceras. Ele ama superar as suas mais altas expectativas: beijo, túnica, banquete, tudo no mesmo dia, e esse o primeiro dia do seu regresso, quando a memória das suas perversidades ultrajantes estava fresca, e o cheiro repugnante da lavagem e dos porcos de onde ele tinha acabado de vir dificilmente se tinha dissipado! Que grande favorito é a sinceridade para o Deus do céu! (2) Novamente, a misericórdia de Deus é maior para com os Seus filhos do que a caridade deles é uns para com os outros. Aqueles que estamos prontos a desclassificar como santos por causa das falhas que aparecem nas suas vidas, Deus reconhece como os Seus perfeitos, por causa da sua sinceridade. Encontramos as falhas de Asa expressas e a sua perfeição atestada por Deus, juntas, por assim dizer, num mesmo fôlego (2 Cr 15:17). Foi bom que Deus tenha justificado aquele bom homem, pois, se apenas a história nua da sua vida, como consta na Escritura, tivesse sido registada, sem qualquer testemunho expresso da aprovação de Deus, a sua piedade teria arriscado ficar sob suspeita na opinião dos homens bons; sim, muitos outros com ele — acerca dos quais estamos agora fora de dúvida, porque os encontramos canonizados como santos pelo próprio Deus — teriam sido

condenados, se um júri de homens, e homens santos também, tivesse julgado o seu caso. O próprio Elias, porque não viu ninguém ter tal zelo por Deus e pelo Seu culto, a ponto de usar abertamente as suas cores numa profissão livre e hastear uma bandeira de desafio contra a idolatria dos tempos, opondo-se firmemente como ele fez — o que poderia ser o pecado deles — faz um triste lamento a Deus, como se a apostasia tivesse sido tão geral que a espécie inteira dos piedosos tivesse sido preservada apenas na sua pessoa. Mas Deus traz ao santo homem melhores notícias: “Também deixei em Israel sete mil: todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda a boca que não o beijou” (1 Rs 19:18). Como se Deus tivesse dito: “Conforta-te, Elias. Embora o meu número não seja grande, contudo também não há tal escassez de santos como temes nesta era ímpia. É verdade que a sua fé é fraca, não ousam chocar com os pecados da época como tu fazes, pelo que não perderás a tua recompensa; contudo, esses discípulos noturnos, que por medo carregam a sua luz numa lanterna escura — tendo alguma sinceridade, que os mantém de se poluírem com estas idolatrias — não devem, não serão deserdados por mim”. Sim, Deus, que nos ordena sermos muito ternos com os Seus cordeiros, é muito mais terno com eles Ele próprio. Observável é aquele lugar, 1 Jo 2:12-14. Há três fileiras de santos: “pais”, “jovens”, “filhinhos”, e o Espírito de Deus mostra principalmente o Seu cuidado terno com eles; como ao mencioná-los primeiro, no versículo 12, assim ao deixar a doce promessa da misericórdia perdoadora no seu regaço e seio, mais do que em qualquer dos outros: “Filhinhos, porque os vossos pecados vos são perdoados por amor do seu nome”. Mas os pecados dos pais e dos jovens também não são perdoados? Sim, quem duvida disso? Mas Ele não o

aplica tão particularmente a eles como a estes; porque estes, pelo sentido das suas próprias falhas — das quais os outros já tinham crescido mais — eram mais propensos a discutir contra esta promessa nos seus próprios corações. Sim, Ele não apenas em termos claros lhes diz que os seus pecados são perdoados, mas encontra a objeção secreta que surge de corações trêmulos em oposição a esta boa notícia, tirada da sua própria vileza e indignidade, e cala a sua boca com isto: “perdoados por amor do seu nome” — um nome maior do que o nome do seu maior pecado, que os desencoraja de crer.

3. A sinceridade mantém o crédito da alma no trono da graça, de modo que nenhuma enfermidade pecaminosa pode impedir a sua aceitação diante de Deus. É o considerar a iniquidade no coração, e não o tê-la, [que] impede o ouvido de Deus de ouvir a nossa oração. Esta é uma tentação que não poucos descobriram ser um trabalho para superar — se aqueles que veem tantas falhas pecaminosas em si mesmos podem ter a audácia de orar, ou, sem presumir esperar audiência, quando oraram; e às vezes prevalece tanto que, porque não podem orar como gostariam, eles deixam de fazer o que deveriam — muito parecido com algumas pessoas pobres que não vão à congregação porque não têm roupas adequadas para entrar, como desejam. Para encontrar aqueles que se estão a desviar do dever por causa deste medo, as promessas — que são a nossa única base para a oração, e o nosso principal argumento nela — são acomodadas e ajustadas ao menor grau de graça; de modo que, como um quadro bem pintado encara a todos na sala igualmente, assim as promessas da aliança da graça sorriem para todos os que sinceramente olham para Deus em Cristo. Não é dito: “Se tiverdes fé como um cedro”, mas “se tiverdes

fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e há de passar” (Mt 17:20). Nem a fé justificante está abaixo da fé miraculosa na sua própria esfera de atividade. A menor fé em Cristo, se sincera, remove tão verdadeiramente a culpa montanhosa do pecado da alma quanto a mais forte. Daí que se diga que todos os santos têm “fé igualmente preciosa” (2 Pe 1:1). A fé de Sara, que em Gênesis mal conseguimos ver — como a história a apresenta — onde apareceu, obtém uma menção honrosa, Hb 11:11, onde Deus a reconhece como uma crente, assim como Abraão com a sua fé mais forte. Que amor é aquele a que a promessa vincula os favores de Deus? Não é: “A graça seja com todos os que amam o nosso Senhor Jesus” {não} com o amor de um serafim, mas com um amor sincero (Ef 6:24). Não é: “Bem-aventurados os que são santos em tal medida”; isso serviria apenas para alguns santos. A maior parte teria ido embora e dito: “Não há nada para mim, não sou tão santo”. Mas, para que nenhum santo perca a sua porção, é: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça”; e isto abrange todos os filhos de Deus, até ao menor bebê que nasceu hoje de novo para Cristo. O novo convertido tem fome de santidade, e isso sinceramente. E por que todo este cuidado em colocar as promessas, senão para mostrar que, quando vamos fazer uso de qualquer promessa no trono da graça, não devemos questionar a nossa aceitação por causa de qualquer das nossas enfermidades, se este selo de sinceridade estiver sobre os nossos corações? De fato, se a sinceridade não fizesse tanto pelo santo, não poderia haver uma oração aceite por Deus, das mãos de qualquer santo que alguma vez existiu ou existirá na terra até ao fim do mundo, porque nunca houve nem haverá tal santo habitando na carne aqui abaixo, em quem falhas eminentes não possam ser

encontradas. O apóstolo quer que saibamos que Elias, que fez maravilhas tão grandes no céu e na terra pela oração, como quem mais? Contudo, este homem — Deus poderia facilmente ter encontrado um buraco no seu casaco. De fato, para que não atribuamos a prevalência das suas orações à dignidade da sua pessoa e a alguma eminência que ele tinha por si mesmo na graça acima dos outros, o Espírito de Deus diz-nos que ele era da mesma constituição que os seus pobres irmãos: “Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós, e orou”, etc. (Tg 5:17-18). Uma mão fraca com um coração sincero é capaz de virar a chave na oração.

Por que a sinceridade cobre a indelicadeza do santo.

4ª INVESTIGAÇÃO. Agora segue a quarta pergunta. De onde vem que a sinceridade cobre assim a indelicadeza do santo?

Primeira Razão. Flui da graça da aliança evangélica, que relaxa o rigor da lei, a qual exigia obediência completa; ao resolver tudo isso no que diz respeito à sinceridade e verdade do coração. Assim, Deus, ao entrar em aliança com Abraão, expressa-se: “Eu sou o Deus Todo-Poderoso, anda na minha presença e sê perfeito” ou sincero (Gn 17:1). Como se Deus lhe tivesse dito: “Abraão, vê aqui o que espero das tuas mãos” e o que tu podes esperar das minhas. “Espero que ponhas diante de ti aquele a quem, em todo o teu curso e caminhada, te esforçarás sinceramente por agradar e por te aprovar, e das minhas mãos podes prometer a ti mesmo o que um ‘Deus Todo-Poderoso pode fazer’, tanto em proteger-te na tua obediência quanto em perdoar-te onde ficas aquém da obediência perfeita”. Anda apenas na verdade do teu coração perante Mim, e em Cristo Eu te aceitarei e ao teu esforço sincero, tão amavelmente como teria

feito a Adão, se ele tivesse guardado o seu lugar na inocência e nunca tivesse pecado. De fato, um coração sincero, em virtude desta aliança, poderia — quero dizer que a aliança o apoiaria e defenderia nela, confiando em Cristo — conversar com Deus e andar perante Ele com tanta liberdade, e mais familiaridade, devido a uma relação mais próxima que possui, do que Adão jamais teve, quando Deus e ele eram melhores amigos. “Se o nosso coração não nos condenar”, diz o apóstolo, “temos confiança para com Deus” (1 Jo 3:21). E não é a presença do pecado em nós, como a aliança agora permanece, que a consciência pode, ou, se corretamente informada acerca do seu teor, irá condenar-nos. A consciência de Paulo justificou-o, sim, proporcionou matéria de regozijo e santa glória, ao mesmo tempo em que ele encontrava o pecado a agitar-se nele. Não, a consciência é posta por Deus para julgar por Ele no tribunal privado dos nossos corações, e é limitada por uma lei quanto à sentença a dar, a favor ou contra, e essa é a mesma pela qual o próprio Cristo julgará ou condenará o mundo no último dia. Ora, quando vamos ao julgamento das nossas vidas, perante o tribunal de Cristo, a grande inquirição será se fomos sinceros ou não; e, assim como Cristo não condenará então a alma sincera, embora mil pecados pudessem ser objetados contra ela, também os nossos corações não nos podem condenar.

Mas aqui pode perguntar-se: como é que Deus se torna tão favorável na aliança da graça, ao aceitar uma obediência tão imperfeita das mãos dos Seus santos, Ele que foi tão estrito com Adão na primeira, que a menor falha, embora escapando-lhe apenas uma vez, deveria ser considerada imperdoável? A resolução desta pergunta inclui estes dois pormenores:

1. Na aliança que Deus fez com a humanidade em Adão, não havia fiador ou caução para responder perante

Deus pelo desempenho do homem na sua parte da aliança, que era a obediência perfeita, e, portanto, Deus não poderia fazer outra coisa senão ser estritamente firme com ele; porque ele não tinha mais ninguém de quem pudesse recuperar a Sua glória e, assim, pagar-se a Si mesmo pelo erro que a falha do homem Lhe pudesse causar; mas, na aliança da graça, há um fiador — Cristo, o Justo — que responde perante Deus por todos os incumprimentos e falhas que ocorrem no curso do cristão. O Senhor Jesus não assume apenas sobre Si o pagamento das vastas somas daqueles pecados que Ele encontra quando eles são acusados antes da conversão; mas também por todas aquelas pequenas dívidas que, depois, através da sua enfermidade, eles contraem. “Se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo, e ele é a propiciação pelos nossos pecados” (1 Jo 2:1-2), de modo que Deus pode, sem prejuízo da Sua justiça, riscar as dívidas dos santos, pelas quais Ele é pago pelo seu fiador. É misericórdia, de fato, para os santos, mas justiça para Cristo, que assim seja. Oh, feliz conjunção, onde a misericórdia e a justiça conspiram assim e se beijam!

2. Deus exigiu, e podia muito bem exigir, obediência plena e perfeita do homem na primeira aliança, porque ele estava num estado perfeito, de pleno poder e habilidade para a cumprir, de modo que Deus esperava colher não mais do que tinha plantado. Mas na aliança da graça, Deus não infunde no crente, de início, a graça plena, mas a graça verdadeira; e, conseqüentemente, Ele não espera a obediência plena, mas a sincera. Ele considera a nossa estrutura, e cada crente é, se assim posso dizer, avaliado nos livros de Deus conforme o capital de graça é, que Deus dá para começar no início.

Segunda Razão. A segunda razão pode ser tirada do grande amor que Ele tem, e do gosto que Ele toma, por esta disposição do coração; sobre a qual segue este ato de graça, de cobrir as suas falhas onde Ele a espia. É da natureza do amor cobrir as enfermidades, até uma multidão. Ester transgrediu a lei, entrando na presença de Assuero antes de ser chamada; mas o amor logo ergueu um gabinete de perdão no peito do rei, para perdoar-lhe aquela falta; e, verdadeiramente, ela não encontrou tanto favor aos olhos daquele grande monarca quanto a alma sincera encontra aos olhos do grande Deus. Ele não se deleitou mais na beleza de Ester do que Deus se deleita nesta: “os retos no seu caminho são o Seu deleite” (Pv 11:20). A Sua alma fecha-se com esse homem como um que se adequa à disposição da Sua própria natureza santa — um cujo coração é reto com o Seu coração. E assim, com infinito contentamento ao ver um raio da Sua própria excelência brilhar na Sua criatura, Ele Se deleita nele e toma-o pela mão, para levantá-lo para o seio do Seu amor, uma carruagem melhor, creio eu, do que aquela em que Jeú preferiu Jeonadabe, pela sua fidelidade para com ele. Raramente se encontra alguém de quem se fale como reto na Escritura, que seja passado por alto com uma inscrição simples e nua da sua retidão; mas alguma circunstância existe, que, como o trabalho dispendioso e a gravação curiosa em torno de alguns túmulos, diz ao passageiro que não são homens comuns que ali jazem. Deus, ao falar da retidão de Jó, representa-o como um sem igual na sua era: “Ninguém há na terra semelhante a ele, homem perfeito e reto”. Foi feita menção antes da sua vasta fortuna, e nisso também ele era um sem igual. Mas quando Deus vem para se glori-
ar

sobre Satanás, ao dizer que servo Ele tinha para O servir, Ele não conta que isto vale a pena dizer ao diabo. Ele não diz: “Observaste o meu servo Jó, que não há ninguém tão rico?”, mas, “nenhum tão reto” (Jó 1:8).

Quando Deus fala da retidão de Calebe, veja a que altura Ele o exalta: “Porém o meu servo Calebe, porquanto nele houve outro espírito, e perseverou em seguir-me, eu o levarei à terra” (Nm 14:24). Como se Deus tivesse dito: Eis um homem que não considero desonroso reconhecer como Meu servo e favorito especial; ele é alguém que carrega mais valor em si do que toda a multidão de israelitas murmuradores. Ele tinha “outro espírito” — isto é, em excelência e nobreza, muito acima do resto. E em que é que isto apareceu? As palavras seguintes resolvem-nos: “Ele perseverou em seguir-me”. Ora, aquilo que lhe ganhou esta grande honra da própria boca de Deus, descobriremos ser a sua sinceridade, e especialmente naquele negócio quando ele foi pesquisar a terra de Canaã (Js 14:7, compare com v. 9). Ele teve grandes tentações para contar outra história. Os israelitas estavam tão fartos do seu empreendimento que ele seria o mensageiro mais bem-vindo que trouxesse as piores notícias, das quais poderiam ter algum pretexto para a sua murmuração contra Moisés, que os tinha levado a tais apertos; e de doze que foram enviados, dez houve que ajustaram a sua resposta a este humor descontente do povo; de modo que, ao fazer um relatório contrário ao deles, ele não apenas ficou sob suspeita de mentiroso, mas arriscou a sua vida entre um povo enfurecido. Contudo, tal foi a coragem deste santo homem, a fidelidade ao seu compromisso e a confiança

no seu Deus, que ele diz de si mesmo (Js 14:7) que “lhe trouxe a palavra, como estava no meu coração”, isto é, ele não se acomodou por medo ou favor, mas o que ele pensava ser verdade na sua consciência, isso ele disse; e isto, por ser uma prova eminente da sua sinceridade, é chamado por Moisés (v. 9) de “seguir a Deus plenamente”; pelo que o Senhor ergue tal pilar de memória sobre a sua cabeça, que permanecerá enquanto a própria Escritura existir. Para dar apenas mais um exemplo, e esse é o de Natanael, à primeira vista de quem Cristo não pode evitar, mas deixa todos ao seu redor saberem quão altamente ele estava em Seu favor. “Eis”, diz Ele dele, “um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!” (Jo 1:47). O coração de Cristo, como o bebê no ventre de Isabel quando Maria a saudou, pareceu assim saltar com a vinda de Natanael, sim, surge nesta expressão, não para lisonjeá-lo para uma presunção exagerada de si mesmo — Cristo sabia a que alma humilde falava — mas para dar testemunho da Sua própria graça nele, especialmente esta da sinceridade — que, sabendo que alto preço e valor o céu coloca na cabeça desta graça, eles pudessem, como mercadores sábios, armazenar-se dela mais abundantemente. A sua simplicidade de coração fez dele “um verdadeiro israelita”. Muitos espetáculos bonitos e aparências pomposas podiam ser vistos entre os fariseus, mas eles eram uma companhia de projetistas e conspiradores vis. Mesmo quando alguns deles vieram a Cristo, exaltando-o pela Sua sinceridade: “Mestre, sabemos que és verdadeiro, e ensinas segundo a verdade o caminho de Deus” (Mt 22:16), então eles agiam como hipócritas e tinham um plano para atraí-lo, pela sua fala lisonjeira,

para o perigo; como pode perceber (v. 15) — eles vieram para “o surpreender”. Mas o bom Natanael não tinha nenhum plano na sua cabeça ao vir, senão encontrar o Messias que procurava, e a vida eterna por Ele, e, portanto, embora estivesse presente no erro comum dos tempos, de que nenhum profeta poderia sair da Galileia (Jo 7:52) — muito menos um tão grande como o Messias, de um lugar tão obscuro na Galileia como Nazaré — contudo Cristo, vendo a honestidade e retidão do seu coração, não permite que a sua ignorância e erro o prejudiquem nos Seus pensamentos sobre ele.

Dois efeitos inseparáveis da sinceridade.

Ora, para dar alguma explicação sobre o porquê desta graça da sinceridade ser tão atraente e deleitável para Deus, que ela até O cativa em amor pela alma onde a encontra, há duas coisas que são as companheiras inseparáveis da sinceridade, sim, efeitos que dela fluem, que são muito atraentes para extrair amor tanto de Deus como do homem.

1º Efeito. A sinceridade torna a alma disposta. Quando ela está obstruída com tantas enfermidades a ponto de a incapacitar para o pleno desempenho do seu dever, ainda assim a alma fica na ponta dos pés para partir atrás dele, como o falcão na mão, assim que vê a sua presa, lança-se e estaria na asa atrás dela, embora possivelmente retida pela sua bainha ao punho. Assim, a alma sincera é interiormente picada e provocada por um forte desejo após o seu dever, embora retida por enfermidades. Um coração perfeito e uma mente disposta são unidos. É o conselho de Davi ao seu filho Salomão: “serve a Deus com um coração perfeito e uma mente disposta” (1 Cr

28:9). Um coração falso é um coração evasivo — adia o seu trabalho enquanto ousa. E é de pouco agradecimento começar o trabalho quando o chicote é tirado. Contudo, os hipócritas são como piões que não andam mais do que quando são chicoteados, mas a alma sincera está pronta e adiantada; ela não carece de vontade para fazer um dever quando lhe falta habilidade e força para saber como fazê-lo. Diz-se que os levitas foram “mais retos de coração para se santificarem do que os sacerdotes” (2 Cr 29:34). Como apareceu isso? Nisto, que eles eram mais adiantados e dispostos para o trabalho. Não saiu a palavra da boca do bom rei, acerca de uma reforma (v. 10), e logo os levitas levantaram-se para “se santificarem”. Mas alguns dos sacerdotes não tinham tal disposição para o negócio e, portanto, não estavam prontos tão cedo (v. 34), mostrando mais política do que piedade nisso — como se quisessem esperar e ver primeiro como os tempos se provariam antes de se comprometerem.

O trabalho de reforma é apenas um caminho gelado, que espíritos covardes amam ter bem batido por outros, antes de ousarem vir nele. Mas a sinceridade é de melhor metal. Como o verdadeiro viajante, que nenhum tempo impedirá de fazer a sua viagem quando decidido, o homem reto não olha para as nuvens, não fica a pensar nisto ou naquilo para o desencorajar, mas toma o seu mandado da palavra de Deus e, tendo isso, nada senão uma contraordem do mesmo Deus que o põe a trabalhar o fará voltar atrás. O seu coração é uniforme à vontade de Deus. Se Deus diz: “Buscai o meu rosto”, ele rebate e ecoa de volta: “O teu rosto buscarei”, sim, Senhor; como se Davi tivesse dito com boa vontade, a Tua palavra é dinheiro de garantia suficiente para me levar deste dever para aquele que Tu desejares. Pode ser que, quando a alma sincera está prestes a cumprir um dever, ela o faça debilmente; contudo, esta mesma disposição do coração é

maravilhosamente agradável a Deus. Como afeta e toma o pai, quando ele pede ao seu filhinho que vá trazer-lhe tal coisa, que pode ser tanto quanto ele pode bem levantar, vê-lo não parar e encolher os ombros diante do comando como difícil, mas correr para ele e colocar toda a sua força nisso; embora no fim talvez ele não consiga fazê-lo, contudo a disposição da criança agrada-lhe, de modo que a sua fraqueza antes estimula o pai a ter piedade e ajudá-lo, do que o provoca a repreendê-lo. Cristo lança esta cobertura sobre as enfermidades dos Seus discípulos: “O espírito está pronto, mas a carne é fraca”. Oh! esta obediência que, como o mel que pinga, vem sem espremer, embora pouco dela, tem um sabor doce ao paladar de Deus, e tal é a obediência sincera.

2º Efeito. A sinceridade torna a alma muito aberta e livre para Deus. Embora a alma sincera tenha muitas enfermidades, ela deseja esconder e ocultar nenhuma delas de Deus; não, se pudesse, não o faria, e isto é o que deleita Deus excessivamente. Com certeza, Ele cobrirá o que tal alma descobre. “Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para perdoar” (1 Jo 1:9). Foi uma grande peça de engenho e clemência em Augusto que, tendo prometido por proclamação uma grande soma de dinheiro a qualquer um que lhe trouxesse a cabeça de um famoso pirata, teve contudo, quando o pirata, que tinha ouvido falar disso, a trouxe ele mesmo e a colocou a seus pés, não apenas perdoado pelas suas ofensas anteriores contra ele, mas recompensado pela sua grande confiança na sua misericórdia. Verdadeiramente, assim faz Deus. Embora a Sua ira seja revelada contra todo o pecado e injustiça, contudo, quando a alma mesma vem livremente e se humilha perante Ele, Ele não pode estender o Seu braço para ferir aquela alma que dá tal glória à Sua misericórdia; e isto a alma sincera faz.

De fato, o hipócrita quando pecou, esconde-o, como Acã o seu “lingote de ouro”. Ele senta-se a chocar sobre a sua luxúria, como Raquel sobre os ídolos de seu pai. É tão difícil tirar uma galinha do seu ninho quanto tal pessoa de sair das suas luxúrias e revelá-las livremente a Deus. Se Deus mesmo não o descobrir, ele não se revelará. Não posso expor melhor a disposição diferente do coração sincero e do falso nesta matéria, do que por uma semelhança num servo mercenário e uma criança.

Quando um servo — exceto se for um em mil — quebra um copo ou estraga qualquer dos bens do seu mestre, todo o seu cuidado é escondê-lo do seu mestre e, portanto, atira os pedaços para longe, para algum buraco escuro ou outro, onde pensa que nunca serão encontrados; e agora ele não está perturbado pelo mal que fez ao seu mestre, mas contente por ter lidado com a matéria de modo a não ser descoberto. Assim, o hipócrita contar-se-ia um homem feliz se pudesse colocar o seu pecado fora do alcance do olhar de Deus. Não é a traição que ele detesta, mas teme que se saiba que ele é o traidor; e, portanto, embora seja tão inviável cegar o olho do Todo-Poderoso quanto com a nossa mão cobrir a face do sol para que ele não brilhe, contudo o hipócrita tentá-lo-á. Encontramos um ai pronunciado contra tais: “Ai dos que escondem profundamente o seu conselho do Senhor” (Is 29:15). Este é um tipo de pecadores cujo cuidado não é fazer a sua paz quando ofenderam, mas manter a sua paz e estar de pé, recatadamente perante Deus, como Geazi perante o seu mestre, como se não estivessem em nenhum lugar senão onde deveriam estar. Estes são eles a quem Deus envergonhará a propósito. Os judeus estavam muito longe nesta hipocrisia, quando se justificavam como um povo santo e punham Deus tão em dificuldade, fazendo-O provar a Sua acusação, em vez de confessar o que era verdade e aparente. Deus censura-os por

isso: “Como dizes: Não estou contaminada? Não andei após os baalins? Vê o teu caminho no vale, conhece o que fizeste” (Jr 2:23). Tens tal testa de prostituta para te justificares, e coração hipócrita para lançar uma bela cobertura sobre práticas tão vis? Queres ainda passar por santo e ser tido por um povo não contaminado? Ora, note, não passa muito tempo, mas este povo hipócrita que assim escondia o seu pecado tem vergonha suficiente: “Como se envergonha o ladrão quando o acham, assim se envergonhará a casa de Israel”, diz o profeta (v. 26); isto é, como o ladrão, que a princípio é tão insolente a ponto de negar o fato de que é acusado, contudo quando, na busca, os bens roubados são encontrados com ele e ele trazido à justiça por isso, então ele é posto em dupla vergonha, pelo seu roubo e pela impudência também em justificar-se. Assim é com este povo e com todos os hipócritas; embora enquanto em paz e à vontade sejam orgulhosos e ousados, sim, pareçam desprezar serem pensados o que de fato são; contudo, há um tempo que vem — que é chamado de “o seu mês em que serão achados” (v. 24) — quando o brado de Deus os alcançará, os Seus terrores revistarão as suas consciências e trarão à luz o que eles tão rigidamente negaram, fazendo aparecer para si mesmos, e para outros também, que malabarismos e enganos eles usaram para afastar o seu pecado. É fácil pensar que vergonha cobrirá os seus rostos e pesará sobre as suas cabeças enquanto isto é feito. Deus ama enganar aqueles que pensam que jogam o seu jogo tão sabiamente; porque, com Acabe, eles lutam contra Deus num disfarce e não querem ser conhecidos como os homens.

Mas a alma sincera toma outro caminho e tem melhor sucesso. Como uma criança quando cometeu uma falta não espera até que outros vão e digam ao seu pai qual é o assunto, nem até que seu pai faça isso aparecer pelo seu semblante

franzido que isso chegou ao seu ouvido; mas livremente, e por sua própria vontade, vai imediatamente ter com seu pai — sendo movida por nenhuma outra coisa senão o amor que tem pelo seu querido pai e o pesar que seu coração cresce a cada momento que ele fica, maior e maior por causa da sua ofensa — e alivia o seu coração dolorido por uma confissão livre e plena da sua falta aos pés do seu pai; e isto com tal pureza de coração — dando à sua ofensa o peso de cada circunstância agravante — que se o próprio diabo viesse atrás dele para espigar o que ele deixou, dificilmente encontraria com que fazer aparecer mais negro; — Assim confessa a alma sincera a Deus, acrescentando à sua simplicidade na confissão do seu pecado tal fluxo de pesar, que Deus, vendo o Seu querido filho em tal perigo de ser levado demasiado longe para o desespero — se boas notícias d’Ele não viessem rapidamente para o deter — não pode deixar de ajustar a Sua voz antes para um tom de consolá-lo no seu luto do que de repreender pelo seu pecado.

PRIMEIRA UTILIZAÇÃO OU APLICAÇÃO.

A natureza odiosa da hipocrisia e sua repugnância a Deus.

UTILIZAÇÃO 1. A sinceridade cobre todos os defeitos? Então a hipocrisia descobre a alma e a deixa nua para a sua vergonha diante de Deus, quando exibida com os mais ricos bordados de outras excelências. Esta é uma chaga que corrói as mais preciosas perfeições e altera a compleição da alma; aos olhos de Deus, mais do que a lepra ou a varíola podem fazer ao rosto mais belo aos nossos olhos. É notável o caráter diferente dado a esses dois reis de Judá, Asa e Amazias. Do primeiro: “Os altos, porém, não foram tirados; contudo, o coração de Asa foi

perfeito para com o Senhor todos os seus dias” (1 Rs 15:14). Ele passa como uma pessoa graciosa, e isso com um *non obstante* [não obstante] — “contudo, o coração de Asa foi perfeito”. A sinceridade, como o ouro verdadeiro, tem grãos permitidos pela sua leveza. As suas enfermidades não são mencionadas para manchar a sua honra e prejudicá-lo na opinião de alguém; mas, antes, como a verruga ou o sinal que o pintor curioso expressa de propósito, para melhor destacar a beleza das outras partes, assim as suas falhas são registadas para lançar um maior brilho sobre a sua sinceridade, que pôde, não obstante esses pecados, obter-lhe tal testemunho da própria boca de Deus. Mas de Amazias: “Fez o que era reto aos olhos do Senhor, mas não com um coração perfeito” (2 Cr 25:2). A matéria das suas ações era boa, mas o escopo e a derivação do seu coração nelas era maligna, e isso apenas faz uma mancha imunda sobre tudo, transformando o seu reto em errado. Onde a sua hipocrisia apareceu está expressado: “Fez o que era reto aos olhos do Senhor, porém não como Davi, seu pai; fez conforme tudo o que Joás, seu pai, fizera” (2 Rs 14:3). Ele fez por um tempo o que Davi fez, quanto à matéria, mas imitou Joás quanto à maneira, cuja bondade era calculada para agradar ao homem antes que a Deus, como apareceu após a morte do seu bom tio Joiada. Foi este que Amazias seguiu, e não Davi na sua retidão. Assim vemos que a retidão de Asa o recomenda em meio a muitas falhas, mas a hipocrisia condena Amazias fazendo o que era reto. Sinceridade! Ela é a vida de todas as nossas graças, e coloca vida em todos os nossos deveres, e, como a vida torna o corpo belo e o mantém doce, assim a sinceridade faz com a alma e tudo o que ela faz. Uma oração respirada de um coração sincero! É o deleite do céu. Retire a sinceridade, e Deus diz da oração como Abraão disse de Sara — a quem, viva, amava ternamente e repousava em seu seio — “Enterrai a minha morta de diante de mim”; Ele

esconde os Seus olhos, tapa as narinas, como quando algum cadáver venenoso está diante de nós. “Não tragais mais ofertas vãs; o incenso é uma abominação para mim... as assembleias não posso suportar... as vossas festas fixas a minha alma as odeia; já me são pesadas; estou cansado de as sofrer” (Is 1:13-14). Que coisa fedorenta é esta sobre a qual Deus grita tanto? Não é nada além de hipocrisia. Certamente, amigos, isso deve ser muito repugnante, o que faz Deus falar tão grosseiramente das Suas próprias ordenanças, sim, faz delas um *nehushtan* — oração que não é oração, mas um mero ídolo a ser feito em pedaços; fé que não é fé, mas uma fantasia e uma ilusão; arrependimento que não é arrependimento, mas uma mentira ruidosa. “Quando Ele os matava, então o procuravam; e voltavam, e de madrugada buscavam a Deus” (Sl 78:34); vejam como o Espírito de Deus glosa sobre isto: “Todavia, apenas com a boca o lisonjeavam e com a língua lhe mentiam. Porque o coração deles não era firme para com Ele” (v. 36-37). Isso afugentou Deus da Sua própria casa e fez com que Ele perdesse o amor por aquele lugar do qual Ele tinha dito que seria o Seu “lugar de descanso para sempre”. Trouxe a ira de Deus sobre aquele infeliz povo até ao limite. Marquem como corre a comissão que Deus deu ao assírio, que foi o sangrento executor da Sua ira sobre eles: “Ó Assírio, vara da minha ira, e o cajado na sua mão é a minha indignação! Enviar-lho-ei contra uma nação hipócrita e contra o povo do meu furor lhe darei um mandado, para que dele tome a presa e lhe leve o despojo e o ponha para ser pisado aos pés como a lama das ruas” (Is 10:5-6; ver Jr 7:10-13). Não é necessário enviar o médico legista, ou um júri para julgar este povo miserável, para descobrir como chegaram ao seu fim funesto; eles eram uma “nação hipócrita”. Foi disso que morreram. Deus prefere ver a “abominação da desolação” em pé no Seu templo fazendo estragos em tudo, do que a abominação da dissimulação a

zombar d’Ele na Sua cara, enquanto eles O adoram com os seus lábios, e as suas luxúrias com os seus corações. Dos dois, é mais tolerável aos olhos de Deus ver um Belsazar, que nunca teve o nome de ser Seu servo, a beber e brindar aos seus deuses profanamente nas entranhas do santuário, do que um povo que quer passar por Seus servos poluí-lo no Seu próprio culto pela sua maldita hipocrisia. Se Deus é desonrado, aí do homem, de todos aqueles que o faz sob uma aparência de honrá-lo. Deus destaca o hipócrita como aquele tipo de pecador com quem Ele quer lidar mão a mão e colocar-se, mesmo nesta vida, para dar testemunho contra de uma maneira mais extraordinária do que os outros. Para o ladrão, assassino e outros pecadores semelhantes, é feita providência por Deus para que o magistrado os encontre, eles caem sob a sua alçada; mas o hipócrita é alguém que peca mais secretamente, Deus sozinho é capaz de encontrá-lo, e Ele encarregou-se disso: “Porque qualquer... que se separar de mim, e levantar os seus ídolos no seu coração, e colocar o tropeço da sua maldade diante do seu rosto, e vier ao profeta, para me consultar por meio dele...” (Ez 14:7). [Isto forma] uma excelente descrição de um hipócrita; ele é alguém que nega a Deus o seu coração — reservando-o para os seus ídolos, as suas luxúrias — contudo, é tão pronto como qualquer outro a indagar sobre Deus nas Suas ordenanças. [Ele continua:] “Eu, o Senhor, responderei a ele por mim mesmo”. E como Ele lhe responderá? “E porei o meu rosto contra este homem, e o farei um sinal e um provérbio, e o arrancarei do meio do meu povo; e sabereis que eu sou o Senhor” (v. 8); isto é, os Meus juízos serão tão notáveis sobre ele, que ele será um espetáculo da Minha ira para outros verem e falarem a respeito. Assim, Deus paga ao hipócrita muitas vezes nesta vida, como Ananias e Safira, que morreram pela mão de Deus com uma mentira presa nas suas gargantas; e Judas, que não comprou nada com o seu

negócio hipócrita senão uma corda para se enforcar. O seu agir como hipócrita com Cristo terminou no seu agir como um demônio contra si mesmo, quando se tornou o seu próprio executor. Mas se o hipócrita em qualquer momento escapa do mundo antes que a sua máscara caia e a ira de Deus caia sobre ele, ela o encontrará com certeza no inferno, e será um pobre conforto para ele lá pensar em como enganou os seus vizinhos ao chegar ao inferno, a quem eles tão confiantemente pensavam estar sob velas para o céu. A boa opinião que ele deixou de si mesmo naqueles que estão na terra não esfriará as chamas para ele no inferno, onde os aposentos são tomados e reservados para o hipócrita, como o principal convidado esperado naquela corte infernal. Todos os outros pecadores parecem apenas como irmãos mais novos na danação comparados ao hipócrita, sob quem, como o grande herdeiro, eles recebem cada um a sua porção de ira legada a eles pela justiça de Deus. [Em] Mt 24:51, o servo mau é ameaçado pelo seu senhor de que ele o “cortará pelo meio e lhe dará a sua parte com os hipócritas”.

Pergunta. Mas por que Deus deveria estar tão irado com o hipócrita? Ele parece uma criatura mansa para outros pecadores que, como bestas selvagens, rugem e devoram, não temendo abrir a boca como tantos lobos contra o céu, como se quisessem arrancar Deus do Seu trono pelas suas blasfêmias e horríveis impiedades. O hipócrita não está assim carregado de impudência para pecar ao meio-dia e espalhar a sua tenda com Absalão sobre o telhado. Se ele é imundo, é num canto. A sua modéstia de rubor de donzela não lhe permitirá declarar o seu pecado e ser visto na companhia dele em público. Não, ele nega a si mesmo muitos pecados que outros mantêm e caminha no exercício de muitos deveres que os espíritos ateístas do mundo ridicularizam e desprezam. Por que, então, o hipócrita, que vive

como um santo para os outros, deveria ser mais desagradável para Ele?

Resposta. De fato, o hipócrita à primeira vista pode ser tomado por uma espécie de santo por aqueles que veem apenas o seu exterior, enquanto ele passa nas suas vestes de feriado, às quais ele deve toda a reputação que tem nos pensamentos dos outros, e, portanto, é adequadamente, por um, chamado de “o santo dos estranhos”, mas um demônio para aqueles que o conhecem melhor. Ele é como algum coxo astuto, que é forçado a pedir emprestada ajuda da arte para esconder os defeitos da natureza, como cabelo falso para cobrir a sua calvície, um olho artificial para cegar a cegueira da visão dos outros, e o semelhante para outras partes. Muito alvoroço é feito aqui para recomendá-lo como uma pessoa bela aos outros, mas que monstro ele pareceria se alguém o visse pelo buraco da fechadura como ele é no seu quarto, onde tudo isso é deixado de lado? Verdadeiramente tal, e muito mais assustador, seria o hipócrita encontrado, quando fora das suas vestes de atuação, das quais ele faz uso apenas quando sai ao palco para desempenhar o papel de um santo perante os outros. Seria o suficiente para nos assustar apenas ver o hipócrita desnudado; o que então será para si mesmo, quando ele for aberto perante homens e anjos! Tão odiosa esta geração é a Deus, que não é seguro estar perto deles. Moisés, que conhecia Corá, Datã e Abirão melhor do que o povo — que, tomado pelo seu zelo aparente, afluía atrás deles em multidões — ordena-lhes que se afastem das tendas daqueles homens ímpios, a menos que tivessem vontade de ser consumidos com eles. Tal horrível hipocrisia ele esperava que a vingança logo alcançasse. Mas para que apareça ser um pecado “sobremaneira pecaminoso”, darei

alguns agravantes dele, nos quais tantas razões serão envolvidas do porquê é tão odioso a Deus.

Alguns agravantes da hipocrisia.

Primeiro Agravante. A hipocrisia é um pecado que oferece violência à própria luz da natureza. Essa luz que nos convence de que há um Deus, diz-nos que Ele deve ser servido, e isso em verdade também, ou tudo é em vão. Uma mentira é um pecado que voaria na cara de um pagão; e a hipocrisia é a mentira mais alta, porque é dada ao próprio Deus. Assim Pedro disse àquele infeliz fingidor: “Por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo? Não mentistes aos homens, mas a Deus” (At 5:3-4).

Segundo Agravante. A hipocrisia não pode ser propriamente dita ser um único pecado, mas a pecaminosidade de outros pecados. É entre os pecados, como a sinceridade entre as graças. Ora, isso não é uma graça, mas um ornamento que embelezar e torna graciosas todas as outras graças. A preciosidade da fé é que ela é “não fingida”, e do amor ser “sem fingimento”. Assim, a odiosidade dos pecados é quando são cometidos em hipocrisia. Davi agrava o pecado daqueles companheiros zombadores — que faziam dele assunto da sua mesa e não podiam provar a sua comida exceto temperada com alguma piada salgada troçada dele — com isto, que eles eram “hipócritas escarnecedores” (Sl 35:16). Eles faziam-no sorrateiramente e embrulhavam os seus escárnios, é provável, em tal linguagem que poderia fazer alguns que não os observavam bem pensar que o aplaudiam. Existe uma maneira de elogiar que alguns aprenderam a usar, quando querem lançar o maior desprezo sobre aqueles que odeiam amargamente; e

estes “hipócritas escarnecedores” merecem a cadeira que lhes seja dada acima de todos os outros escarnecedores. Febres são contadas malignas de acordo com o grau de putrefação que há nelas. A hipocrisia é a própria putrefação e podridão do coração. Quanto mais deste material pútrido houver em qualquer pecado, mais maligno ele é. Davi fala da “iniquidade do seu pecado”: “Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não encobri. Disse eu: Confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado” (Sl 32:5). Este pecado parece muito provavelmente ter sido o seu adultério com Bate-Seba e assassinato de Urias, pelo seu longo “manter silêncio” (v. 3); pelo perdão que ele obteve imediatamente após confessar (v. 5), que sabemos que Natã lhe entregou; e pelo seu propósito adicional de continuar a confessar, o que apareceu pelo Salmo 51, que se seguiu à sua conversa com Natã. Agora Davi, para tornar a misericórdia perdoadora de Deus mais ilustre, diz que Ele não perdoou apenas o seu pecado, mas a iniquidade do seu pecado. E o que era isso? Certamente o pior que se pode dizer daquele seu complicado pecado é que havia muita hipocrisia nele. Ele lastimavelmente jogou com Deus e com o homem nele. Isto, não duvido em dizer, era “a iniquidade do seu pecado” e colocou uma cor mais profunda nele do que o sangue que ele derramou. E, tanto mais coloco o acento lá, porque Deus mesmo, quando quer mostrar a hediondez deste pecado, parece fazê-lo antes pela hipocrisia no fato do que pelo fato em si, como aparece pelo testemunho dado a este santo homem: “Davi fez o que era reto aos olhos do Senhor e não se desviou de coisa alguma de tudo o que lhe ordenou em todos os dias da sua vida, exceto no caso de Urias, o heteu” (1 Rs 15:5). Não houve outros passos errados que Davi deu além deste? Será que o Espírito de Deus, ao excetuar isto, declara a sua aprovação de tudo o mais que ele fez? Não, certamente. O Espírito de Deus registra outros

pecados que escaparam a este eminente servo do Senhor; mas todos eles são afogados aqui, e este mencionado como a única mancha da sua vida. Mas por quê? Certamente porque apareceu menos sinceridade, sim, mais hipocrisia, neste pecado do que em todos os seus outros juntos. Embora Davi neles estivesse errado quanto à matéria das suas ações, contudo o seu coração estava mais reto na maneira de cometê-los. Mas aqui a sua sinceridade foi tristemente ferida, embora não para a destruição total do hábito, mas para colocá-lo num longo desmaio, quanto a quaisquer atuações dele. E verdadeiramente a ferida foi muito profunda quando essa graça foi apunhalada na qual corria o sangue vital de todas as outras. Vemos então que Deus tinha razão — embora a Sua misericórdia o instigasse, sim, a Sua aliança o obrigasse, a não deixar o Seu filho morrer desta ferida, quero dizer, finalmente falhar deste pecado, quer pela falta de arrependimento, quer pela misericórdia perdoadora — em curá-la de tal forma que uma cicatriz pudesse permanecer sobre o lugar, uma marca sobre o pecado, pela qual outros pudessem saber quão odiosa a hipocrisia é a Deus.

Terceiro Agravante. Aquelas considerações que podem parecer, à primeira vista, diminuir e aparar algo da hediondez do pecado do hipócrita, a saber, que ele caminha num hábito religioso, tem uma forma de piedade que outros carecem, e realiza deveres que outros negligenciam — estes e os semelhantes estão tão longe de tirar, que acrescentam um peso adicional de agravante a ele. Consideremos o hipócrita num duplo respeito, e isto aparecerá, ou nas coisas com que ele negocia; ou, segundo, nas coisas que ele reclama; estas são tanto altas como sagradas, e um pecado nelas não pode ser um pecado comum. As coisas em que ele negocia são deveres do culto de Deus. As coisas que ele reclama são relação com Deus, interesse

em Cristo, consolações do Espírito e o semelhante. Estas são coisas de alto preço — uma falha acerca destas deve ser um tanto adequada à sua alta natureza. Como é a lã, assim é o fio e o pano, grosseiro ou fino. A pessoa profana não reclama estas. Ele não pode fiar um fio tão fino, porque o trabalho em que ele lida é mais grosseiro. Todas as suas impiedades não terão um preço tão alto de ira colocado sobre elas, que ele, sendo ignorante de Deus e estranho aos caminhos de Deus, cometeu, como as impiedades do hipócrita terão.

As coisas com as quais o hipócrita negocia e reclama.

Primeiro. O hipócrita negocia nos deveres do culto de Deus. Judas senta-se com o resto dos apóstolos na páscoa e convida-se a si mesmo tão confiantemente como se fosse o melhor convidado — o mais santo de toda a companhia. O fariseu orgulhoso vai ao templo tão logo quanto o publicano de coração quebrantado. Mas que trabalho faz o hipócrita com estas coisas que seriam conhecidas de fato? Triste trabalho, Deus sabe, ou então Deus não as abominaria tanto a ponto de pensar que ouve um cão ladrar, ou um lobo uivar, durante todo o tempo em que estão a orar. Pensamos que Davi tinha uma mão curiosa na harpa que podia pacificar o espírito maligno e furioso do melancólico Saul. Mas que toque áspero e infeliz têm eles nos deveres do culto de Deus, que são capazes de tornar o doce e manso Espírito de Deus irado, sim, explodir em fúria contra eles? E não é de admirar, se considerarmos apenas estas duas coisas:

1. O hipócrita não faz menos do que zombar de Deus em todos os seus deveres. E de todas as coisas Deus menos pode suportar isso. De Deus não se zomba. Cristo

pregou esta doutrina quando amaldiçoou a figueira, que, pelas suas folhas verdes, zombou do passageiro, fazendo-o vir por fruto e ir envergonhado sem nenhum. Se lhe faltassem folhas, assim como fruto, ela teria escapado àquele maldição. Cada mentira é um zombar d'Aquele a quem é dita, porque tal pessoa vai enganá-lo e, assim, faz-se de tolo com Ele. “Por que zombaste de mim”, disse Dalila a Sansão, “e me disseste mentiras?” (Jz 16:10), como se tivesse dito — como é usual no semelhante connosco — Fazes de mim um tolo? Deixo ao hipócrita pensar seriamente no que ele vai fazer de Deus, quando ele oferece os seus serviços hipócritas. O mandamento de Deus era: ninguém compareça perante Ele vazio. Isto o hipócrita faz; e, portanto, zomba de Deus. Ele vem, de fato, com a boca cheia, mas com o coração vazio. Quanto à formalidade de um dever, ele frequentemente excede o cristão sincero. Ele, se alguém, pode verdadeiramente ser chamado de “mestre de cerimónias”, porque tudo com que ele entretém Deus no dever reside no namoro da língua e do joelho. Quão repugnante isto é a Deus pode ser facilmente julgado pelo desdém que até um homem sábio expressaria ao ser tão servido. Melhor pretender nenhuma bondade do que, pretendendo, não pretender nenhuma. É ao coração que Deus olha no dever. Se o vinho for bom, Ele pode bebê-lo num copo de madeira. Mas deixe o copo ser muito dourado e nenhum vinho nele, Ele considera que o homem zomba d'Ele quem o colocaria na Sua mão. Foi a acusação de Cristo contra Sardes: “Não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus” (Ap 3:2). Não as achei cheias “diante de Deus”, como o original tem. A sinceridade enche o nosso dever e todas as nossas ações. E marque essa frase “diante de Deus”, que implica que esta igreja retinha tal forma exterior de devoção

que poderia manter o seu crédito perante os homens. Ela tinha “nome de que vivia”, mas as suas obras não estavam cheias diante de Deus. Ele perfurou-as mais profundamente do que a sonda do homem poderia ir, e julga-a pelo que encontrou nela por dentro.

2. O hipócrita realiza os deveres do culto de Deus por algum desígnio vil ou outro. Isto o torna ainda mais abominável a Deus, que desdenha ter as Suas santas ordenanças prostituídas para servir a luxúria do hipócrita — usadas apenas como um riacho para girar o seu moinho e realizar, de maneira agradável, os seus projetos carnaís. Quando Absalão tinha formado o seu plano dentro do seu próprio seio antinatural, e estava tão cheio da sua traição como alguma vez uma basilisco esteve com o seu ovo venenoso, vai a Hebrom com toda a pressa, e isso, de facto, para pagar um antigo voto que no tempo da sua aflição tinha feito ao Senhor (2 Sm 15:7-8). Quem não pensaria que o homem se tinha tornado honesto, quando começa a pensar em pagar as suas antigas dívidas? Mas o miserável não pretendia nada menos. O seu recado lá era colocar a sua traição sob a asa quente da religião, para que a reputação que ganhasse com isso pudesse ajudar tanto mais cedo a ajudar a chocá-la. E desejo que, como Absalão morreu sem um filho para manter o seu nome em memória, que assim nenhum fosse deixado para trás para herdar a sua maldita hipocrisia, para que o mundo pudesse ter crescido numa feliz ignorância de um pecado tão monstruoso. Mas, infelizmente, isto é apenas um desejo vão. *Vivit imo in templum venit* [Ele vive, sim, ele vem ao templo] — este tipo de hipocrisia ainda vive, sim, vem tão audazmente enfrentar Deus no Seu culto como sempre. Muitos não fazem melhor uso do exercício dele do

que alguns fazem dos seus palanquins, para carregá-los invisivelmente ao gozo das suas luxúrias. E é alguma maravilha que Deus, que designou as Suas ordenanças para fins tão altos e santos, devesse abominar o hipócrita que assim as rebaixa ao serviço do diabo? Convidou alguns para um banquete dispendioso na sua casa, que em vez de se alimentarem com as iguarias que lhes forneceu, deveriam pegar e atirar tudo aos seus cães debaixo da mesa; como gostaria dos seus convidados? O hipócrita é aquele que atira as coisas santas de Deus aos cães. Deus convida-nos às Suas ordenanças, como a um banquete rico, onde Ele está pronto para nos entreter em doce comunhão consigo mesmo. Que horrível impiedade é então que o hipócrita comete, que, quando está sentado à mesa de Deus, não se alimenta dessas iguarias, mas atira tudo para as suas luxúrias — algumas para o seu orgulho e algumas para a sua cobiça, propondo a si mesmo nenhum outro fim em vir a elas senão fazer provisão para estas luxúrias. Eles agem como Hamor e Siquém, seu filho, que, quando queriam persuadir o povo da sua cidade a submeter-se à circuncisão, usaram isto como um grande argumento para movê-los, que eles deveriam enriquecer pela mão: “Se todo o macho entre nós for circuncidado, como eles são circuncidados, não serão o seu gado, e a sua substância, e todo o seu animal nossos?” (Gn 34:22-23). Um bom argumento, não foi, num negócio de tal natureza como vir sob uma solene ordenança? Eles falam antes como se estivessem a ir a um mercado de cavalos ou a uma feira de vacas, do que a um dever religioso. Verdadeiramente, embora a maioria dos hipócritas tenha mais inteligência do que imprimir assim os seus pensamentos e deixar o mundo ler o que está escrito nos seus corações, contudo, como a Rainha Maria disse sobre Callis — “Se ela fosse aberta, seria

encontrado no seu coração” — assim algumas coisas baixas, como vaidade, lucro mundano, etc., seriam encontradas gravadas no peito de todos os hipócritas, como aquilo que eles mais visam nos deveres da religião.

Segundo. Considere o hipócrita nas coisas que ele reclama; e elas não são pequenos privilégios — relação com Deus e interesse em Cristo. Quem é mais pronto a santificar-se, a pretender a graça e os confortos do Espírito, do que o hipócrita? Vemos isto nos fariseus, cujo grande desígnio era conseguir um nome, e isso, não tal como os grandes da terra têm por proeza — majestade mundana e o semelhante — mas por santidade e piedade. E eles tinham-no, se isso lhes fizesse algum bem. “Em verdade”, diz Cristo, “eles têm a sua recompensa” (Mt 6:2). Eles queriam ser tidos por grandes santos; e assim eram pela multidão, que os aplaudia tanto pela sua santidade que enfrentava o seu exterior, que eles tinham um provérbio: “Se apenas dois pudessem ser salvos, um dos dois deveria ser um fariseu”. Lemos de alguns que professam conhecer a Deus, mas em obras negam-no (Tt 1:16). Eles orgulhosamente gabam-se do seu conhecimento de Deus e seriam tidos por grandes favoritos d’Ele, embora as suas vidas sejam antípodas ao céu. Assim, Ap 3:9, encontramos alguns que dizem que são judeus, e não são, mas mentem. Eles habitam certamente perto de maus vizinhos. Ninguém diria tanto por eles senão eles mesmos. O hipócrita é tão ambicioso de passar por santo, que ele comumente é um grande censurador das verdadeiras graças dos outros, como muito impedindo a perspectiva das suas próprias; como Herodes, que, como Eusébio escreve, sendo perturbado pela baixaza do seu nascimento, queimou as antigas genealogias dos judeus, para melhor defender a sua própria pretensa ascensão nobre. Quem agora é capaz de dar um acento pleno a este pecado

de alta escalada do hipócrita? É um pecado que altamente reprocha Deus, ter tal miserável vilão a clamar parentesco com Ele. Cristo, de fato, não se “envergonha de chamar” aos santos mais pobres de “irmãos”, mas Ele desdenha ter o Seu nome visto sobre um hipócrita de coração podre, como príncipes desdenham ter as suas efígies estampadas em metais básicos. Que desprezo foi posto sobre aquele falso príncipe, Perkin Warbeck, que, tendo conseguido alguns fragmentos de corte e tutelado sobre como desempenhar o seu papel, foi apresentado ao mundo como filho de Eduardo IV desta nação, mas [que], quando tinha imitado por um tempo o estado de um príncipe, foi tomado, e com a sua genealogia básica e ignóbil, escrita em grandes letras, presa às costas, enviado por aí, para que onde quer que fosse pudesse carregar a sua vergonha consigo, até que no fim foi enviado para desempenhar a última parte do seu jogo na forca. Mas o que é tudo isto para a porção do hipócrita? que por abusar dos outros aqui, com uma santidade aparente, como se de fato fosse de extração celestial — um filho de Deus — será trazido no grande dia, para ser silvado e escarnecido por homens e anjos, e depois de ter sido posto nesta vergonha aberta, ser lançado mais profundamente no inferno.

De todos os pecadores, o hipócrita faz mais mal neste mundo e, portanto, terá mais tormento no outro. Há uma dupla maldade que ninguém está em vantagem para fazer como o hipócrita pela sua aparente santidade. Uma ele faz enquanto o seu crédito se mantém, e ele passa por um filho de Deus na opinião dos seus vizinhos; a outra quando a sua reputação é rachada, e ele descoberto ser o que é — um hipócrita. A maldade que ele faz quando a sua máscara está posta é como um enganador. Maquiavel sabia o que fazia ao recomendar aos príncipes uma aparência de religião, embora proibisse qualquer coisa a mais. Verificou-se ser a isca mais atraente para atrair as pessoas para a

sua rede, que vêm depressa quando a religião é a bandeira que está hasteada. Ehud não poderia ter pensado numa chave mais segura para abrir todas as portas e obter a sua admissão na presença do rei Eglon, do que dar a entender que tinha uma mensagem do Senhor para ele. Isto aumentou tal expectativa e gerou tal confiança, que espaço é feito para ele. Imediatamente todos partem e ele fica sozinho com o rei. Sim, o rei levantar-se-á para ouvir esta mensagem que vem do Senhor, e assim dá-lhe uma maior vantagem para empurrá-lo nas entranhas. Tivessem alguns nos nossos dias pretendido altamente a santidade, não duvido que teriam encontrado a porta fechada, onde agora têm muito acolhimento e acham fácil obter crença para os seus erros. Mesmo os eleitos estão em algum perigo, quando alguém aclamado por santo é o mensageiro que traz o erro à cidade, e isso sob a noção de uma mensagem de Deus. Confesso que o hipócrita desempenha o seu papel tão bem, que pode fazer algum bem acidentalmente. A sua profissão brilhante, discurso celestial, excelentes dons na oração ou pregação, podem afetar muito a alma sincera e ser uma ocasião de bem real para a sua alma. Como o ator de teatro, embora as suas lágrimas sejam falsas, pode suscitar pela sua aparente paixão pesar real nos seus espectadores, de modo a fazê-los chorar a sério; assim o hipócrita, desempenhando o seu papel com falsas afeições, pode ser um meio para extrair e excitar as verdadeiras graças do cristão. Mas então tal cristão está muito mais em perigo de ser enredado pelo seu erro, porque ele não estará prontamente desconfiado de qualquer coisa que ele traz, a quem ele achou realmente útil para a sua graça ou conforto; e assim o bem que o hipócrita faz torna-o apenas capaz de fazer o maior dano no fim. Sísiera teria feito melhor se tivesse ficado sem a manteiga e o leite de Jael, do que por eles ser deixado a dormir até ela vir com o seu prego; e teria sido muito mais feliz para muitos nos nossos

dias não ter provado os dons e aparentes graças de alguns, do que ter ficado tão tomado por este vinho doce, a ponto de se embebedarem numa admiração das suas pessoas, o que os deixou a dormir, e assim lhes deu, a eles que aplaudiram tanto, apenas vantagem para mais facilmente fixar o seu prego às suas cabeças — erros, quero dizer, aos seus julgamentos. A outra maldade que o hipócrita faz é quando descoberto, e isso é como ele é um escândalo aos caminhos de Deus e aos servos de Deus. Diz-se de Sansão: “Foram mais os que matou na sua morte do que os que matara na sua vida” (Jz 16:30). Verdadeiramente o hipócrita faz mais dano quando é descoberto — que é a morte da sua profissão — do que quando parecia estar vivo. O mundo ímpio que não procura muito tempo um cajado para bater nos santos, agora tem um posto na sua mão pelo hipócrita. Oh, como eles podem correr a divisão sobre esta nota áspera, e besuntar a face de todos os professores com a sujeira que veem sobre o casaco do falso irmão, como se pudessem tirar o tamanho de todos os seus pés pela medida de um hipócrita. Daí vem tal linguagem básica como esta: “Eles são todos do mesmo saco, nem um melhor que o outro”. De fato, este é um raciocínio muito absurdo. [É] como se alguém dissesse que nenhuma moeda seria corrente e prata direita, porque de vez em quando um xelim de latão é encontrado entre o resto. Mas esta linguagem cabe na boca do mundo ímpio. E aí do homem que faz estas setas para eles pela sua hipocrisia, que eles atiram contra os santos; melhor teria sido ele lançado com uma mó de moinho ao pescoço no mar, do que ter vivido para dar tal ocasião para o inimigo blasfemar.

SEGUNDA UTILIZAÇÃO OU APLICAÇÃO

Exortação a todos para que vejam se são sinceros ou não.

UTILIZAÇÃO 2. A sinceridade cobre todas as enfermidades de um santo? Isto mostra como convém a cada um provar os seus caminhos e esquadriñar de perto o seu coração, se é sincero ou hipócrita.

Primeiro Argumento. Convém-te esquadriñar o teu coração assim, porque tudo depende disso — até tudo o que vales noutro mundo. É o teu fazer ou desfazer para sempre: “Faze o bem, ó Senhor... aos que são retos de coração. Mas, quanto aos que se desviam para os seus caminhos tortuosos, levá-los-á o Senhor com os que praticam a iniquidade” (Sl 125:4-5). Esse é o fim a que o hipócrita certamente chegará. Ele gostaria de facto de passar por santo e misturar-se entre os piedosos, mas Deus “levá-los-á com os que praticam a iniquidade” — companhia que melhor o convém. É a sinceridade que levará a melhor naquele dia. “Irei ter convosco brevemente”, diz Paulo, “e conhecerei, não as palavras dos que andam inchados, mas o poder. Porque o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder. Que quereis? Irei a vós com vara ou com amor?” (1 Co 4:19). Oh, amigos! não Paulo, mas Cristo, virá brevemente a nós, e Ele conhecerá, não o discurso e a linguagem suave daqueles que estão inchados com um nome vazio de profissão, mas conhecerá o poder, medirá o coração e verá o que está nele. Ora, quereis que Ele venha com vara ou com amor, para vos julgar — como hipócritas, ou para vos dar o *euge* [muito bem] de um servo fiel? Não gasta ele mal o seu tempo, que tem trabalho no seu ofício e gasta todo o seu capital numa tal mercadoria que, quando abrir a sua banca, será apreendida por mercadoria falsa, e ele preso por abusar do país? Tudo o que o hipócrita alguma vez fez será, no grande dia de

Cristo, achado como falso, e certamente será posto pelos calcanhares no inferno por andar por aí a enganar Deus e o homem. As obras de cada homem serão então manifestas; aquele dia declará-lo-á. Mesmo o cristão sincero, onde ele mexeu com a hipocrisia, perderá essa parte da sua obra; mas o hipócrita, com a sua obra, também a sua alma.

Segundo Argumento. Convém-te assim provar os teus caminhos quando consideras como a hipocrisia reside perto no coração. Se tu não fores muito cuidadoso, poderás facilmente passar um juízo falso sobre ti mesmo. Aqueles que foram enviados para procurar a adega sob o parlamento, a princípio viram nada além de carvão e provisão de inverno; mas, após uma revisão, quando vieram para atirar fora aquele material, acharam tudo [ser] apenas provisão para a cozinha do diabo; então o mistério da iniquidade foi desnudado e os barris de pólvora apareceram. Quantos são aqueles que, de alguns deveres de piedade que realizam, algum zelo aparente que expressam na profissão, gritam imediatamente *omnia bene* [tudo vai bem], e são tão gentis consigo mesmos a ponto de se votarem como bons cristãos, que, se apenas tomassem o trabalho de atirar estas coisas para o lado, poderiam encontrar um hipócrita imundo no fundo de tudo isso? A hipocrisia frequentemente aloja-se ao lado da sinceridade, e assim ela passa sem ser achada — a alma não suspeitando que o inferno pode estar tão perto do céu. E como a hipocrisia, assim a sinceridade é difícil de ser descoberta. Esta graça frequentemente reside baixo no coração, escondida com enfermidades, como a doce violeta em algum vale, ou perto de algum riacho, escondida com espinhos e urtigas, de modo que requer tanto cuidado como sabedoria, para que nem deixemos a erva daninha da hipocrisia ficar, nem arranquemos a erva da graça em seu lugar.

Terceiro Argumento. Convém-te esquadriñar o teu coração assim, porque o exercício é possível. Não vos coloco num trabalho sem fim. O coração do homem, confesso, é como uma meada de seda despenteada, não facilmente desenredada; contudo, com um uso fiel dos meios, pode ser desembaraçada e enrolada sobre o carretel certo da sinceridade ou hipocrisia. Jó, quando Satanás e os seus cruéis amigos trabalharam para revoltar mais o seu espírito e turvar o riacho do seu curso e condição anteriores, atirando as suas objeções como tantas pedras para dentro dele; contudo, ele podia ver esta joia preciosa no fundo a brilhar mais brilhantemente. Sim, Ezequias, no próprio bordo da sepultura, recria o seu espírito com ela. De fato, amigos, este é o encorajamento de uma alma, que ela não carecerá da ajuda de Deus nesta procura, se ela for sobre isso com desejos honestos. Um juiz não dará apenas o seu mandado para revistar uma casa suspeita, mas, se necessário, ordenará outros para serem auxiliares a ele no negócio. Agora, palavra, ministros, Espírito, tudo tu terás para a tua assistência neste trabalho; apenas tem o cuidado de não zombar de Deus no negócio. Essa alma merece ser condenada a este pecado, que, na procura pela hipocrisia, age como hipócrita, como um condestável imundo e desonesto que voluntariamente ignora aquele que ele procura e, então, diz que não o pode encontrar. Ora, para a plena satisfação neste ponto e ajuda na prova; é aquilo em que tanto bons como maus se enganam — o miserável carnal lisonjeando-se de que o seu coração é bom e honesto; a alma sincera mantida sob o medo de ser um hipócrita, e Satanás abusando de ambos. Hei de, portanto: 1. Estabelecer os fundamentos com que um hipócrita esora a sua casa podre, e mostrarei as falsidades deles. 2. Estabelecerei os fundamentos do medo do cristão fraco por ser um hipócrita, e a fraqueza deles.

3. Estabelecerei tais descobertas positivas de sinceridade que nenhum hipócrita jamais alcançou ou pode alcançar.

Os fundamentos da profissão de um hipócrita e as suas falsidades.

Primeiro. Estabelecerei os fundamentos com que um hipócrita esora a sua casa podre, e mostrarei as falsidades deles. O hipócrita defender-se-á, dizendo que o seu coração é sincero. Bem, como o provará?

1. Falso Fundamento. O hipócrita dirá: “Certamente não sou um hipócrita, pois não suporto isso noutro”.

Resposta. Isto não é suficiente para te limpar de seres um hipócrita, exceto se puderes mostrar que fazes isto a partir de um fundamento santo. Jeú, que perguntou a Jeonadabe se o seu coração era reto, carregava naquele mesmo momento um coração falso no seu próprio peito. É muito comum um homem condenar noutro, e declamar asperamente contra aquilo que ele próprio abriga o tempo todo. Quão severo foi Judá contra Tamar? Ele ordena, com toda a pressa, que a queimem (Gn 38:24). Quem não teria pensado que este homem era casto? Contudo, ele era a própria pessoa que a tinha desonrado. Pode haver um grande engodo nesta peça de zelo. Às vezes, o próprio lugar em que um homem está pode levá-lo — como o *primum mobile* [i.e., a primeira causa de movimento] faz as estrelas — num movimento ao qual o seu próprio génio e gosto nunca o levariam. Assim, muitos que são magistrados dão a lei aos bêbados e aos

que juram, meramente para manter o decoro do seu lugar e evitar o clamor que surgiria da sua negligência, os quais podem possivelmente fazer ambos, quando encontram lugar e companhia adequados para o seu propósito. Alguns [há cujo] zelo contra o pecado do outro é acendido pela desgraça que se reflete sobre eles por causa disso aos olhos do mundo; e isto acontece quando o pecado é público e a pessoa que o cometeu é relacionada. Isto é concebido como sendo o caso de Judá, que queria que a sua nora fosse tirada do caminho, para que a mancha que ela tinha trazido à sua família pudesse, com ela, estar fora de vista. Alguns, por sua vez, acham que é um comércio próspero e tiram esta vantagem de invectivar contra as faltas dos outros, para esconderem melhor as suas próprias, a fim de que possam levar a cabo os seus próprios desígnios com menos suspeita. Absalão difama o governo do seu pai, como um estribo para ajudar a si mesmo a montar na sela. Jeú amava a coroa mais do que odiava as prostituições de Jezabel, apesar de todo o seu clamor contra elas. Em uma palavra — pois é impossível atingir todos — pode haver muito de vingança nisso, e a pessoa é antes alvo de tiro do que o seu pecado. Isto foi observado do zelo de António contra Augusto, *odit tyrannum amavit tyranidem* [odiava o tirano, mas amava bem o suficiente a tirania].

2. Falso Fundamento. O hipócrita diz: “Sou ousado e destemido nos perigos; certamente não sou um hipócrita”; mas é “o justo” que “é ousado como um leão”.

Resposta. O melhor caminho, certamente, seria provar a tua ousadia pela tua sinceridade, do que concluir a tua

sinceridade pela tua ousadia. Verdadeiramente, a confiança e um espírito não intimidado pela morte e pelo perigo são coisas gloriosas, quando o Espírito e a Palavra de Cristo estão presentes para as abonar — quando a criatura pode dar alguma conta da esperança que há nela, como Paulo, que mostra como a obteve. Esta [é] coragem cristã, não romana (Rm 5:1-4). Muitos aposentos se passam antes de chegar a este, que de fato se junta ao próprio céu. A fé é a chave que o deixa entrar em tudo. Primeiro, ela abre a porta da justificação e deixa-o entrar num estado de paz e reconciliação com Deus através de Jesus Cristo: “Sendo justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5:1). Através disto, ele passa para outro aposento — a câmara de presença do favor de Deus — e é admitido perto d’Ele, como um traidor uma vez perdoado é; “pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes” (v. 2); isto é, não temos apenas os nossos pecados perdoados e as nossas pessoas reconciliadas com Deus pela fé em Cristo, mas agora, sob a asa de Cristo, somos trazidos à corte, por assim dizer, e permanecemos na Sua graça como favoritos perante o seu príncipe. Este aposento abre-se para um terceiro aposento — “e nos gloriamos na esperança da glória”. Nós não apenas desfrutamos atualmente da graça e favor de Deus e da comunhão com Ele aqui, mas temos disto uma esperança firmemente plantada nos nossos corações para a glória do céu mais tarde. Ora, ele é trazido ao aposento mais interior de todos, que ninguém pode alcançar senão aquele que passa por todos os anteriores (v. 3): “E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações”. Se tu não entraste por estas portas, tu és um

ladrão e um salteador; tu obténs a tua confiança demasiado rapidamente para que ela seja trazida à tua mão por Deus. Se Deus te quer bem para a eternidade, Ele fará com que sintas esta tua ousadia, como fez com Jacó por roubar a bênção de seu pai; e, portanto, não te contentes com uma mera ousadia e confiança nos perigos, mas indaga se ela tem um fundo e base bíblica em que se apoiar, ou se os pilares que a sustentam não são a ignorância na tua mente e a estupidez na tua consciência. Se o último, tu estás numa condição triste. A tua ousadia durará apenas enquanto vires que ela dura num homem que está bêbado; que, quando está embriagado, pensa, como dizem, que pode saltar sobre a lua e aventura-se a ir sem medo sobre precipícios e armadilhas, [mas,] quando sóbrio, treme ao ver o que fez no seu ataque de embriaguez. Nabal, que não temia nada quando bêbado — o seu coração morreu dentro dele e tornou-se como pedra, à história que Abigail lhe contou pela manhã, quando o vinho tinha saído dele (1 Sm 25:37). Portanto, como ele [que], quando a sua causa fracassou por causa da sonolência do juiz no banco, “apelou do juiz a dormir para o juiz acordado”; assim faço eu aqui convosco, que através da presente estupidez da consciência sois ousados e destemidos da morte, e desta pleiteais a vossa retidão. Apelo da vossa consciência a dormir para a sentença que ela dará quando estiver acordada; a qual desejo que possa ser neste mundo, para que possais ver o vosso erro onde o podeis emendar.

3. Falso Fundamento. “Certamente”, diz outro, “não sou um hipócrita; pois realizo deveres

secrets no meu quarto. O hipócrita não é ninguém, exceto no palco. Essa é a marca do hipócrita — ele corteja o mundo pelo seu aplauso, e portanto faz tudo no exterior”.

Resposta. Embora a negligência total dos deveres secrets na religião diga que uma pessoa é um hipócrita, contudo, a realização de deveres em segredo não demonstrará que és uma pessoa sincera. A hipocrisia é nisto como as rãs trazidas sobre o Egito. Nenhum lugar estava livre delas, não, nem os seus quartos de dormir. Elas rastejaram para os seus aposentos mais interiores. E assim faz a hipocrisia nos deveres do quarto, assim como nos públicos. De fato, embora o lugar seja secreto onde tais deveres são realizados, contudo a matéria pode ser tão manuseada, e é por alguns hipócritas, que eles não são secrets nos seus quartos; como a galinha que vai para um lugar secreto pôr o seu ovo, mas pelo seu cacarejar, diz a toda a casa onde ela está e o que está a fazer. Mas onde isto não é, não é suficiente; pois não devemos pensar senão que alguns hipócritas podem e fiam um fio mais fino do que outros. Em todas as artes há alguns que excedem outros, e assim neste comércio de hipocrisia. O hipócrita grosseiro, cujo intuito é enganar os outros, a sua religião comumente está toda fora de portas; mas há um hipócrita que trabalha para manter um trato justo consigo mesmo e está muito desejoso de fazer com que a consciência esteja do seu lado; para procurar o que ele fará até ao último elo da sua corrente e fará qualquer coisa que possa não separar ele e as suas amadas luxúrias. Ora, a oração secreta e outros deveres podem ser realizados de tal modo que não

prejudiquem mais as luxúrias de um homem do que qualquer outro. Não é a espada, embora muito afiada, que mata, mas a força com que ela é empurrada. De fato, há alguns deveres secretos, como o exame dos nossos corações, a prova dos nossos caminhos e a meditação séria sobre as ameaças da palavra contra tais pecados que achamos nos nossos próprios peitos, que com uma aplicação próxima deles a nós mesmos colocariam o pecado em apuros. Mas o hipócrita pode colocar esta espada tão fácil e favoravelmente, que as suas luxúrias não gritarão “Oh!” a ela, portanto ainda há necessidade de um *melius inquirendum* [uma investigação melhor] — uma busca mais aprofundada antes que possas sair disto.

4. Falso Fundamento. “Certamente não sou um hipócrita, pois não oro apenas, e isso em segredo também, contra os meus pecados, mas também luto contra eles, sim, e isso com bom propósito, pois posso mostrar-vos os despojos das minhas vitórias que obtive sobre alguns deles. Houve um tempo em que eu não podia passar pela taberna, mas a minha luxúria ordenava-me parar e puxava-me para dentro; mas agora, graças a Deus, obtive tal domínio da minha luxúria bêbada, que posso passar sem olhar para dentro”.

Resposta. É bom quando tu dizes, e desejo que todos os teus vizinhos bêbados pudessem falar tanto, que — quando o magistrado não quer, ou não pode, estragar aquele comércio de bêbados — aqueles que mantêm essas lojas para o diabo pudessem até fechar as suas janelas por falta de clientes; mas não é pena que o que é

bom seja estragado no fazer? Contudo, é demasiado comum, e pode ser o teu caso.

5. Deixa-me perguntar-te, há quanto tempo tem sido assim contigo? Luxúrias, quanto aos atos quero dizer, são como febres, o ataque nem sempre está presente e, contudo, o homem não está livre da sua doença. E as luxúrias de alguns homens, como algumas febres, não têm retornos tão rápidos como outros. O rio nem sempre se move de uma maneira. Agora ele está a vir, logo, água a cair; e, embora não suba quando cai, contudo não perdeu o seu outro movimento. Agora a maré da luxúria está alta, e logo está baixa, e o homem recua e parece fugir dela; mas ela retorna novamente sobre ele. Quem teria pensado vê-lo no seu ataque de loucura novamente, que deveria estar com ele no seu bom humor, quando ele pediu a Moisés e ao povo para irem? Mas, infelizmente! o homem não estava alterado. Assim, pode ser, quando uma ocasião forte vem, esta, como um vento de leste para alguns dos nossos portos, trará a maré da tua luxúria tão fortemente que a tua alma, que parecia tão limpa da tua luxúria como as areias nuas estão de água, ficará em poucos momentos coberta, e tão profunda sob as suas ondas como sempre. Mas quanto mais tempo os bancos se mantiveram, melhor; contudo, deves tu nunca mais ficar bêbado quanto ao cumprimento exterior da luxúria, isto não seria suficiente para te limpar de seres um hipócrita? Portanto,

6. Deixa-me perguntar-te qual foi o grande motivo para te afastar? Aquilo que te impede da taberna agora, pode ser tão mau, em certo sentido, como aquilo que até então te atraía para ela. É comum uma luxúria

apenas estragar o mercado de outra. Aquele que deveria poupar o seu dinheiro de o engolir pela sua garganta, para colocar mais enfeites nas suas costas, que faz este homem, senão roubar uma luxúria para a sacrificar a outra? Quer fosse Deus ou o homem, Deus ou a tua bolsa, Deus ou o teu orgulho, Deus ou a tua reputação, que te convenceu? Se alguém além de Deus prevaleceu contigo, hipócrita é um nome que melhor agora te cairá do que quando na taberna. Novamente, se Deus, que apreensão de Deus foram elas que o fizeram? Alguns, a ira de Deus por algum pecado em particular abalou-os tanto, que, como alguém assustado com uma aparição num quarto, não se importa de mentir lá mais, assim eles não ousam, pelo menos por um longo tempo, estar familiarizados com essa prática novamente. E como não é o quarto, mas a aparição, que o um não gosta, assim não é o pecado, mas a ira de Deus que o persegue, da qual o outro foge. Em uma palavra, pode ser que tenhas deixado de lado esta prática pecaminosa; mas tu a odiaste e amaste a Deus, e assim a deixaste? Tornaste-te estranho a uma; não tens tu conseguido familiaridade com outra no lugar dela? Tu deixaste de lado o cometimento de um mal; mas tu assumiste o teu dever conhecido? Ele é um mau agricultor que drena a sua terra e depois nem semeia nem a planta. É tudo o mesmo se estivesse debaixo de água, como drenada e não melhorada. Que importa se tu deixas de fazer o mal, se fosse possível, e tu não aprendes a fazer o bem? Não é o teu campo estar limpo de ervas daninhas, mas frutífero em milho, que paga o teu aluguel e te traz o teu lucro; nem o teu não estares bêbado, impuro, ou [culpado de] qualquer outro pecado, mas o teu seres santo, gracioso, o teu ter fé não fingida, amor

puro e as outras graças, que provará que és sólido e trará evidência do teu interesse em Cristo, e através d’Ele, no céu.

Os fundamentos em que um cristão fraco argumenta contra a sua própria retidão, e a sua falsidade.

Segundo. Estabelecerei os fundamentos do medo do cristão fraco por ser um hipócrita, e a fraqueza deles; por outras palavras, os fundamentos falsos de que as almas sinceras muitas vezes partem para tentar provar que são hipócritas, sim, por um tempo concluem que são tais.

1. Falso Fundamento. “Certamente sou um hipócrita”, diz a pobre alma; “ou senão não estaria como estou. Deus não me seguiria assim com um golpe após outro, e sofreria que Satanás também me usasse como ele faz”. Esta foi a grande bateria que os amigos de Jó tinham contra a sua sinceridade, e às vezes Satanás prevalece tanto que faz com que a alma sincera a coloque contra o seu próprio peito, dizendo, muito parecido com ele: “Se Deus é conosco, por que tudo isto nos sobreveio?” — se Deus está em nós pela Sua graça, por que Ele aparece contra nós? Resposta. Este fogo no qual Deus te lança, prova que tu tens escória, e se, porque tu és mantido longo tempo na fornalha, tu deverias dizer que tinhas muita escória, eu não me oporia; mas como tu deverias soletrar “hipócrita” das tuas aflições e problemas, eu me maravilho. Os ímpios, de fato, fazem muito uso deste argumento para bater com “hipócrita” neles; mas o cristão, parece-me, não deveria usá-lo contra si mesmo. Embora os bárbaros

tenham dado imediatamente o seu veredito ao verem a víbora na mão de Paulo, que ele era um “assassino”, contudo Paulo não pensou pior de si mesmo por isso. Cristão, dá apenas o mesmo conselho a ti mesmo, quando em aflição e tentação, que tu costumavas dar aos teus colegas irmãos na mesma condição, e tu sairás deste laço. Ousas pensar no teu vizinho um hipócrita meramente pela mão de Deus sobre ele? Não, garanto-te, tu antes tens piedade dele e ajudas a responder às dúvidas que surgem no seu espírito a partir deste mesmo argumento. Faria um sorrir ver quão agradavelmente e redondamente um cristão pode desatar os nós e escrúpulos de outro, que depois, quando trazido para a condição semelhante, é confundido com o mesmo ele mesmo. Aquele que ajudou o seu amigo sobre o estilo está agora incapaz de o transpor ele mesmo. Deus ordena as coisas de modo que devamos precisar uns dos outros. Aquela que é parteira para outros não pode bem fazer esse ofício para si mesma; nem ele que é o mensageiro para trazer paz ao espírito de outro, capaz de a falar ao seu próprio. O caso está claro, cristão. A aflição não pode provar que tu és um hipócrita, o que se tu estivesses sem ela completamente, poderias pensar mais seguramente que eras um bastardo. O caso, digo, está claro, mas os teus olhos estão mantidos para algum fim adicional que Deus tem a realizar pela tua aflição. Mas pode ser que tu dirás, não é simplesmente a aflição que te faz pensar assim de ti mesmo; mas porque tu és tão longo tempo afligido e no escuro também, quanto a qualquer sentido do amor de Deus na tua alma. Tu não tens sorrisos do doce semblante de Deus para aliviar a tua aflição, e se tudo estivesse certo, e tu um sincero filho de Deus, o teu Pai celestial

deixaria-te gemer e nunca olhar para ti para iluminar a tua aflição com a Sua doce presença? Quanto ao primeiro destes — o comprimento da tua aflição. Eu não conheço nenhum padrão que Deus tenha estabelecido para medir o comprimento das cruzes dos Seus santos, e não nos convém fazer um nós mesmos. Isto fazemos, quando limitamos assim as Suas castigações ao tempo, que se elas excederem o dia que escrevemos nos nossos próprios pensamentos — que é como ser curto o suficiente, se os nossos corações apressados podem designar — então somos hipócritas. Para o outro; tu debes saber que Deus pode, sem qualquer prejuízo ao Seu amor, escondê-lo por um tempo. E verdadeiramente Ele pode levar muito a mal que os Seus filhos, que têm segurança dada a eles de Ele os amar — além da manifestação sensível disso às suas almas — devessem colocar isto em questão, por não vir visitá-los e tomá-los nos Seus braços quando eles queriam que Ele o fizesse. Em uma palavra, pode ser que a tua aflição venha na natureza de medicina purgativa. Deus pode pretender evacuar alguma corrupção por ela, que ameaça a tua saúde espiritual e impede o teu progresso na piedade. Ora, a manifestação do Seu amor Deus pode reservar, como os médicos fazem os seus cordiais, para serem dados quando a medicina termina.

2. Falso Fundamento. “Temo ser um hipócrita”, diz a alma tentada; “por que senão há tais decadências e declínios a serem encontrados em mim? É o caráter do reto que ele vai de força em força, mas eu vou para trás, de força em fraqueza”. Alguns cristãos — eles são como aqueles que chamamos de homens

fechados no mundo — se perdem qualquer coisa no seu comércio, e tudo não vai como eles queriam, temos certeza de ouvir isso repetidamente. Eles falam das suas perdas em toda companhia; mas quando fazem um bom mercado e os ganhos vêm depressa, mantêm isso para si mesmos — não prontos para falar deles. Se os cristãos fossem ingênuos, eles deveriam dizer o que ganham como [bem como] o que perdem. Mas para tomar como garantido que tu achas uma decadência, e para dirigir a nossa resposta a ela:

Resposta 1. Concedo como verdade que a alma sincera cresce mais e mais forte — mas como? — até como a árvore cresce mais alta e maior, que sabemos encontrar com a queda da folha e o inverno, que por um tempo interrompe o seu crescimento. Assim, a alma sincera pode ser posta a um presente estado por alguma tentação — como Pedro, que estava longe de crescer mais forte quando ele caiu de professar para negar a Cristo, de negar para jurar e amaldiçoar se ele o conhecia. Contudo, como a árvore, quando a primavera vem, revive e ganha mais no verão do que perde no inverno, assim faz a alma sincera. Assim como vemos em Pedro, cuja graça que se agachou por um tempo saiu com tal força, abalando tentações, que nenhuma crueldade de homens poderia conduzi-la para dentro para sempre; [assim fará a alma sincera sempre] terminar em assentamento, de acordo com a oração do apóstolo: “O Deus de toda a graça,... depois de terdes sofrido um pouco, ele mesmo vos aperfeiçoará, confirmará, fortificará e fortalecerá” (1 Pe 5:10).

Resposta 2. Há uma grande diferença entre a decadência de uma alma sincera e a de um hipócrita. O hipócrita declina por um desgosto interior dos caminhos de Deus. Daí que eles sejam chamados de “desviados de coração” (Pv 14:14). Enquanto serviam a sua luxúria e contribuía com qualquer ajuda para a obtenção do seu interesse mundano, enquanto ele tinha um zelo aparente; mas o argumento retirado, ele começa a remitir por graus, até que vem a ficar frio como uma chave, sim, tão cordialmente doente da sua profissão como Amon de Tamar. Quando o hipócrita começa a cair, ele vai depressa. Como uma pedra montanha abaixo, ele não conhece terreno senão o fundo. Ora, fala livremente, pobre alma. Ousas dizer que há um desgosto interior pelos caminhos de Deus? Pode ser que tu ores não com esse calor e fervor que tu tens; mas é porque tu não gostas do dever como anteriormente? Tu não ouves a palavra com tal alegria; mas não ouves tu, por isso, com mais pesar? Em uma palavra, não podes tu dizer com a esposa, quando tu dormes, que o teu “coração vela” (Ct 5:2); isto é, tu não estás satisfeito com o teu presente estado de declínio, mas desejas cordialmente estar fora dele — como alguém que tem um grande desejo de se levantar e estar no seu trabalho — o seu coração está desperto — mas não é capaz no presente de sacudir esse sono que o prende para baixo. Isto te limpará de seres um hipócrita.

3. Falso Fundamento. “Temo”, diz a pobre alma, “ser um hipócrita, porque tenho um coração tão dividido nos deveres que realizo. Não posso, pela minha vida, desfrutar de qualquer privacidade com Deus no dever, mas alguma luxúria vil estará a amontoar-se nos

meus pensamentos quando estou a orar, a ouvir a palavra ou a meditar. Agora sou levantado com um pensamento auto-aplaudidor, logo atirado para a terra com um pensamento mundano. O que com um e outro, pouco descanso tenho de tal companhia. E tais vermes criam-se nalgum lugar senão no monte de estrume de um coração falso e hipócrita?”

Resposta. Ai seria dos melhores santos, se o mero levantamento e agitação de tais pensamentos como estes, ou piores que estes, provasse que o coração é doentio; tem cuidado para não concluires o teu estado, portanto, da presença destes em ti, mas do comportamento e comportamento do teu coração para com eles. Responde, portanto, a estes poucos interrogatórios, e possivelmente poderás ver a tua sinceridade através da névoa que estes levantaram na alma.

(1.) Interrogatório. Que boas-vindas amigáveis tais pensamentos têm contigo, quando eles se apresentam a ti no dever? São estes os convidados que tu esperaste e enfeitaste o teu quarto para eles? Tu foste ao dever para encontrar esses amigos, ou eles irrefletidamente entram em ti, e forçosamente levam-te — como Cristo previu de Pedro noutro caso — para onde tu não querias? Se assim, por que deverias trazer a tua sinceridade para disputa? Não sabes tu que o diabo é um intruso ousado, e ousa vir onde ele sabe que não há ninguém que lhe peça para se sentar? E que alma sozinha ele pode chamar de sua própria casa, onde ele encontra descanso (Lc 11:24). Supõe na tua família, enquanto estás ajoelhado a orar, uma companhia de arruaceiros deve estar debaixo da tua janela, e todo o tempo que estás a orar, eles devem estar

a rugir e a gritar, isto não poderia deixar de te perturbar muito; mas questionarias tu, pela perturbação que eles fazem, a tua sinceridade no dever? Verdadeiramente, é tudo um, se a perturbação está no quarto ou no peito, assim a alma não gosta de uma mais do que da outra.

(2.) Interrogatório. Tu sentas-te contente com esta companhia, ou usas todos os meios que podes para te livrares deles, logo que possa ser? A sinceridade não pode sentar-se quieta para ver tais feitos na alma; mas, como um servo fiel quando ladrões entram na casa do seu mestre, embora [tão] dominado com a sua força e multidão, que ele não pode com as suas próprias mãos empurrá-los para fora de portas, contudo ele enviará secretamente por ajuda e levantará a cidade sobre eles. A oração é o mensageiro da alma sincera. Ela posta para o céu com velocidade total neste caso; contando-se a si mesma de não estar senão no ventre do inferno com Jonas, enquanto é jugo com tais pensamentos, e tão contente quando ajuda vem para resgatá-lo das suas mãos, como Ló foi quando Abraão o recuperou dos reis que o tinham levado prisioneiro.

Objeção. Mas pode ser que tu dirás, embora tu não ouses negar que o teu grito é enviado ao céu contra eles, contudo tu não ouves notícias da tua oração, mas continuas ainda incomodado com eles como antes, o que aumenta o teu medo de que o teu coração é nada, ou então a tua oração teria sido atendida e tu livrado destes internos.

Resposta. Paulo poderia tão bem ter dito isso quando ele suplicou ao Senhor três vezes, mas não pôde

ter o espinho na carne arrancado (2 Co 12:8). Ele não mostra por isto que tu és um hipócrita, mas dá-te uma justa vantagem de provares que és sincero — não muito diferente do seu trato com os israelitas, perante os quais ele não os expulsou, como esperavam, apressadamente as nações, mas deixou-os como espinhos nos seus lados. E porquê? Ouve a razão da própria boca de Deus: “Para que por eles eu prove a Israel, se eles hão de guardar o caminho do Senhor, para andar nele, como seus pais o guardaram, ou não” (Jz 2:22). Assim Deus deixa estas corrupções em ti, para provar se tu irás no fim cair e ser amigo delas, ou manter o conflito com elas e continuar a orar contra elas; pela qual perseverança tu provarás que és de fato reto. Um coração falso nunca fará isto. Ele é logo atendido aquele que não deseja cordialmente a coisa que pede. O hipócrita, quando ora contra a sua corrupção, vai por incumbência da sua consciência, não da sua vontade; assim como um servo que não gosta da mensagem sobre a qual o seu mestre o envia, mas não ousa desagradá-lo, e portanto vai, e pode bater à porta do homem para onde ele é enviado, contudo muito fracamente — receando que ele o ouça. Tudo o que ele faz é para que possa apenas trazer uma bela história ao seu mestre, dizendo que ele esteve lá. Mesmo assim ora o hipócrita, apenas para parar a boca da sua consciência com a sua farsa, de que ele orou contra a sua luxúria. Contento ele fica quando termina, e mais contente que ele retorna *re infectâ* — a matéria estando por realizar. Observa, portanto, o comportamento do teu coração na oração e julga-te sincero, ou não sincero, por isso, não pelo sucesso presente que ela tem. Deus pode considerar gentil que tu peças o que no presente Ele acha melhor

negar do que dar. Tu gostarias que todas as tuas corrupções fossem abatidas de um golpe, e o teu coração numa postura para fazer o trabalho do teu Deus, sem qualquer paragem ou fricção da luxúria por dentro, ou do diabo por fora; não gostarias? Deus altamente aprova o teu zelo, como Ele fez do de Davi, que tinha vontade de construir-Lhe um templo; mas como Ele achou que não era adequado que a casa devesse ser erguida no tempo de Davi — reservando-a para o reinado pacífico de Salomão — assim também Ele não acha que este teu pedido devesse ser atendido nesta vida, tendo reservado esta imunidade como uma parte especial da carta da cidade que está acima, a qual ninguém senão santos glorificados, que são habitantes lá, desfrutam. Ele nos ensinou de fato a orar, seja feita a Tua vontade na terra como no céu; mas devemos esperar a resposta completa para isso quando chegarmos lá. Mas aprende, portanto, pobre alma, a tomar esta negação como Davi tomou a dele. Porque Deus não queria deixá-lo construir a casa nos seus dias, ele não questionou, portanto, o amor e favor de Deus, nem desistiu de preparar materiais para isso, mas fez o que podia para isso, embora ele não pudesse o que queria. Longe esteja de ti também, que tu deverias por isso ou lançar fora a tua confiança em Deus, ou colocar de lado o teu esforço para Deus, na mortificação das tuas corrupções e adicionando à reserva que tens no presente das Suas graças, que, embora agora imperfeitas e não polidas, Ele fará uso na construção celestial para a qual Ele te pretende, onde todas as peças partidas, como posso dizer, das nossas fracas graças serão tão melhoradas pelo poder e sabedoria de Deus, que elas formarão uma estrutura gloriosa de santidade

perfeita, mais a ser admirada pelos anjos no céu, pela rara obra dela, do que o templo de Salomão foi na terra pelos homens quando na sua glória plena.

4. Falso Fundamento. “Oh, mas”, diz a alma tentada, “eu tenho por vezes verificações interiores da minha própria consciência de que este dever fiz hipocritamente, e aquele, naquela ação, muita falsidade de coração descobriu-se. E se o meu coração me condena, como pode ser de outra forma senão que devo ser um hipócrita?”

Resposta. Ajudarei a resolver isto estabelecendo duas distinções e aplicando-as ao caso em mão: (1) Devemos distinguir entre a consciência procedendo por uma regra reta no seu juízo e a consciência procedendo por uma regra falsa. (2) Devemos distinguir entre uma consciência que vai por uma regra reta e é também corretamente informada sobre como a usar; e uma consciência que julga por uma regra reta, mas não é corretamente informada no seu uso. Para aplicar a primeira —

(1) Devemos distinguir entre a consciência procedendo por uma regra reta no seu juízo e a consciência procedendo por uma regra falsa. Então a consciência procede por uma regra reta, quando ela fundamenta a sua acusação na palavra de Deus; pois, sendo apenas um oficial subalterno, ela está limitada a uma lei pela qual ela deve proceder. E essa não pode ser outra senão o que Deus designa, que lhe dá comissão e a coloca no cargo. E essa é a palavra de Deus, e essa somente. De modo que devemos dar crédito à consciência de nos comandar ou proibir, condenar ou absolver, quando ela puder mostrar

o seu mandato da palavra de Deus para estes; de outra forma, como sujeitos que são prejudicados num tribunal inferior e não podem ter justiça lá, podem apelar mais alto, assim podemos e devemos nós, da consciência, para a palavra de Deus. E tu deves saber que a consciência é uma faculdade que é corrompida tanto quanto qualquer outra pela natureza, e é muitas vezes feita uso de por Satanás para enganar tanto bons como maus, piedosos e ímpios. Muitos que agora {conhecem?} as suas consciências, dizem eles, lhes falam paz, serão encontrados meramente enganados e ludibriados quando os livros forem abertos. Nenhuma tal quitação será então encontrada registrada no livro da palavra, como a consciência colocou na mão deles. E muitas almas graciosas, que passavam os seus dias num medo contínuo do seu estado espiritual e eram mantidas acorrentadas na escura masmorra de uma consciência problemática, serão então absolvidas e terão a sua ação contra Satanás por prisão falsa, e por abusar das suas consciências para perturbar a sua paz. E agora deixa-me perguntar-te, pobre alma, que dizes que a tua consciência te verifica por um hipócrita, és tu um hipócrita condenado pela palavra? A consciência mostra-te uma palavra da lei de Cristo que te prova tal? Ou antes, não abusa Satanás da tua própria timidez e joga com a ternura do teu espírito, que está tão profundamente possuído com o sentido dos teus pecados, que tu estás pronto a acreditar em qualquer movimento em ti que te diz qualquer mal a teu respeito? Tenho a certeza de que é muitas vezes assim. Os medos e verificações que algumas pobres almas têm nos seus seios, são como aqueles relatos que são de vez em quando levantados de

alguma grande notícia, por tais que têm vontade de abusar do país. Uma conversa e murmúrio tu terás na boca de todos sobre isso, mas vai procurar segui-lo até à nascente, e tu não podes encontrar terreno para isso, ou autor de crédito que o abone. Assim aqui: — um rumor há no seio do cristão tentado, e um ruído ouvido como se fosse sussurrando continuamente nos seus ouvidos, “Sou um hipócrita, o meu coração é nada; tudo o que faço é dissimular”; mas quando a pobre criatura, a sério, começa a busca para encontrar o negócio — chama a sua alma ao tribunal e começa a examiná-la sobre aqueles interrogatórios que a palavra propõe para a prova da nossa sinceridade — ele não pode prender esta acusação a nenhuma delas sobre si mesmo, e no fim vem a achar que é apenas um alarme falso do inferno, dado para o colocar em algum problema e susto pelo presente, embora não [para] o ferir no fim. [É] como a mentira do político, que, embora seja achada falsa no fim, contudo faz-lhes algum serviço pelo tempo que é acreditada por verdade. Como uma pergunta séria, tal como esta, seriamente posta a um hipócrita grosseiro, é capaz de o deixar sem fala, viz. — Que promessa em toda a Bíblia tens tu do teu lado para a tua salvação? — assim é suficiente para livrar a alma perturbada dos seus medos de ser um hipócrita, se ele quisesse apenas, como Davi, perguntar à sua alma uma razão bíblica para os seus desassossegos — “Por que estás abatida, ó minha alma, e por que te perturbas dentro de mim?” A alma sincera tem terreno firme para a sua fé no fundo, contudo um pouco de sujeira é lançada por Satanás sobre isso, para o fazer ter medo de se arriscar a colocar o seu pé sobre isso. Mas devemos também distinguir,

(2) Devemos distinguir entre uma consciência corretamente informada e uma consciência mal informada. Uma consciência pode ser regular, de modo a escolher a regra reta, mas não corretamente informada sobre como usar esta regra no seu caso particular. De fato, no problema de espírito do santo, a consciência está cheia de Escritura, às vezes, na qual ela fundamenta o seu veredito, mas muito mal interpretada; “Ó”, diz a pobre alma, “este lugar está contra mim”: — “Bem-aventurado aquele a quem o Senhor não imputa maldade e em cujo espírito não há engano” (Sl 32:2). “Aqui”, diz ele, “está uma descrição de uma alma sincera, ser alguém em cujo espírito não há engano. Mas eu encontro muito engano em mim. Portanto eu não sou o sincero”. Ora, isto é uma inferência muito fraca, sim, falsa. Por um espírito sem engano, não se quer dizer uma pessoa que não tem a menor falsidade e hipocrisia permanecendo no seu coração. Isto é tal, como ninguém, desde a queda, senão o próprio Cristo, foi alguma vez achado, caminhando em carne mortal. Ser sem pecado e ser sem engano, neste sentido estrito, são o mesmo; — uma prerrogativa aqui na terra peculiar ao Senhor Cristo; “o qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano” (1 Pe 2:22). E, portanto, quando encontramos a mesma frase atribuída aos santos — como a Levi, “A lei da verdade esteve na sua boca, e a iniquidade não se achou nos seus lábios” (Ml 2:6), e a Natanael, “Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo” (Jo 1:47) — devemos sentir isto de uma maneira inferior, que possa adequar-se ao seu estado imperfeito aqui abaixo, e não colocar aquilo que apenas era a coroa de Cristo na terra, e é o manto do santo glorificado no céu, para usar no

cristão fraco enquanto militante na terra — não apenas com um diabo por fora, mas um corpo de pecado dentro dele. Limpa os teus olhos novamente, pobre alma, e então, se tu leres tais lugares em que o Espírito de Deus fala tão altamente e hiperbolicamente das graças dos seus santos, tu acharás que Ele não afirma a perfeição da sua graça como livre de toda a mistura de pecado; mas antes, para confortar pobres almas abatidas e cruzar os seus corações que duvidam — que da presença da hipocrisia estão prontos a ignorar a sua sinceridade como nenhuma — Ele expressa a Sua alta estima pela sua pequena graça falando dela como se fosse perfeita, e da sua hipocrisia como nenhuma. Ó cristão, o teu Deus quer que tu saibas que tu não ignoras mais a tua pequena graça por medo da hipocrisia que achas misturada com ela, do que Ele ignora as tuas grandes corrupções, pelo caro amor que Ele tem pela pequena, contudo verdadeira graça que Ele vê no meio delas. Abraão amou e reconheceu o seu parente Ló quando um prisioneiro levado por aqueles reis pagãos. Assim faz o teu Deus [amar e reconhecer] a tua graça, [como] próxima em sangue a Ele, quando ela é tristemente jugada pelo inimigo no teu próprio peito; e, para teu conforto, sabe que, quando o livro for aberto, a palavra também, e também o juízo da tua própria consciência no grande dia de Cristo. Cristo será o intérprete de ambos. Não o sentido que tu tens no desvario da tua alma perturbada, quando tu lês ambos com a glosa de Satanás posta sobre eles, ficará; mas o que Cristo dirá. E, com certeza, Ele já declarou-se um amigo tão grande da graça fraca, quando na terra, pelo Seu amoroso convívio com os Seus discípulos, e [o] testemunho livre que Ele deu à Sua graça neles —

quando Deus sabe que eles eram cristãos crus e fracos, tanto quanto ao seu conhecimento como à prática — que, pobre alma, tu não precisas de temer que Ele irá então e lá condenar, o que aqui Ele elogiou e tão caramente abraçou. Sim, Ele que teve mais cuidado com os Seus cordeirinhos sobre como eles poderiam ser usados gentilmente, quando Ele ia deles para o céu, não será indelicado Ele próprio para com eles, no Seu retorno, garanto-te.

Quatro caracteres da verdade do coração ou sinceridade.

Terceiro. Estabelecerei tais descobertas positivas de sinceridade que nenhum hipócrita jamais alcançou ou pode alcançar. Tendo quebrado os espelhos lisonjeiros nos quais os hipócritas costumam olhar, até se apaixonarem pelas suas próprias faces pintadas e conceberem a si mesmos como sinceros; assim como aqueles que desfiguram o doce semblante e a beleza natural da alma sincera, de modo a fazer com que a graça de Deus que nela brilha seja posta em questão; prossigo agora para traçar algumas linhas e estabelecer alguns CARACTERES INDUBITÁVEIS DESTA VERDADE DO CORAÇÃO, e sinceridade piedosa, pelos quais possamos ter a melhor vantagem de expor a cada um a sua própria condição.

1. Caráter. Um coração sincero é um coração novo. A hipocrisia é chamada de “o velho fermento”; “limpai, pois, o velho fermento, para que sejais uma nova massa” (1 Co 5:7). A massa, uma vez azedada com o fermento, nunca perderá o gosto dele. Nem a natureza corrupta deixará de ser hipócrita até que deixe de ser natureza corrupta. Ou o

coração deve ser feito novo, ou terá a sua velha qualidade. Pode haver alguma arte usada para ocultá-lo e retirar a sua insipidez dos outros, por um tempo, como flores e perfumes espalhados sobre um cadáver podre podem fazer com o seu cheiro; contudo, tanto o cadáver podre quanto o coração corrupto permanecem os mesmos. Dizem do pavão que, por mais que o asses, a sua carne, quando fria, voltará a estar crua. Verdadeiramente, assim deixe um coração carnal fazer o que quiser — forçar sobre si mesmo uma tensão tão alta de aparente piedade, de modo a parecer fogo em brasa com zelo, contudo, espere um pouco e ele voltará à sua velha compleição e descobrirá que é apenas o que era: nulo e falso. “Um coração” e um “coração novo”, ambos são misericórdias da aliança, sim, tão prometidas, que o “novo” é prometido a fim de tornar o coração “um”: “E dar-lhes-ei um só coração, e um espírito novo porei dentro deles; e tirarei da sua carne o coração de pedra”, etc. (Ez 11:19). Deus promete que lhes dará um só espírito, isto é, um espírito sincero para com Deus e o homem; ao contrário de um coração dividido, um coração e um coração, a marca da hipocrisia. Mas como Ele lho dará? Ele diz-lhes: “dar-vos-ei um espírito novo”, e como Ele fará isso? “tirarei da sua carne o coração de pedra, e dar-vos-ei um coração de carne”; sobre cujas palavras alguém muito bem glosa assim: “Dar-vos-ei um só coração; o que, para que eu possa fazer, eu o fundirei de novo; e para que eu possa fazer isso também, eu o derretereí e amolecerei; como alguém que, tendo muitas peças de prata velha ou prataria por perto, que pretende colocar numa taça, primeiro resolve fundi-la de novo, e para esse fim joga-a no fogo para derreter, e assim, no fim, encerra tudo numa só peça”. De fato, por natureza, o coração do homem é uma coisa muito dividida e partida, espalhada e

parcelada, um pedaço para esta criatura e um pedaço para aquela luxúria. Num momento, esta vaidade o contrata, como Leia fez Jacó a Raquel; logo, quando ele fez alguma labuta para isso, ele entrega-se a outro. Assim dividido está o homem e as suas afeições. Ora, os eleitos — a quem Deus decretou serem vasos de honra, consagrados para o Seu santo uso e serviço — Ele joga no fogo da Sua palavra, para que, sendo ali amolecidos e derretidos, Ele possa, pelo Seu Espírito transformador, fundi-los de novo, por assim dizer, numa santa unidade; de modo que aquele que estava antes dividido de Deus e perdido entre as criaturas e as suas luxúrias, que o partilhavam entre elas, tem agora o seu coração reunido de todos eles para Deus. Ele olha com um olho simples para Deus e age por Ele em tudo o que faz. Se, portanto, quiseses saber se o teu coração é sincero, indaga se ele foi assim feito novo.

Deus te jogou na Sua fornalha? A Sua palavra alguma vez, como fogo, tomou posse de ti, de modo a amolecer o teu coração duro e derreter o teu espírito de escória, [de modo] que tu agora vês aquela hipocrisia desesperada, orgulho, incredulidade e coisas semelhantes, que antes jaziam escondidas como escória no metal, antes que o fogo as encontrasse? E não apenas a vês [hipocrisia, etc.], mas vês que ela se separa da tua alma, [de tal maneira] que tu, que antes te bendizias como estando numa boa condição, agora lamentas a tua loucura por isso, confessando de coração que criatura insípida tu eras para Deus em tudo o que fazias. As coisas que pareciam tão vistosas e justas aos teus olhos — a tua justiça civil, ir à igreja, balbuciar alguns deveres na tua família — que por elas tu pensavas que o céu estava, por assim dizer, hipotecado a ti; lamentas agora pensar como zombaras de Deus com estas aparências hipócritas

no exterior, enquanto as tuas luxúrias eram entretidas dentro de portas no teu seio, ali sugando o sangue do coração das tuas afeições mais queridas? Em uma palavra, podes tu dizer que não estás apenas derretido em pesar por estas coisas, mas que encontras o teu coração, que estava tão dividido e distraído entre luxúrias e criaturas, agora unido para temer o nome de Deus? Tens tu apenas um desígnio — que, acima de tudo, tu persegues, e isso, viz. [a saber], aprovar-te a Deus, ainda que com o desagrado de todos os outros? Um amor — como podes amar a Cristo e ser amado por Ele. Se as correntes das tuas afeições são assim, pelo poderoso poder de Deus te renovando, reunidas neste único canal, e com uma doce violência correndo desta maneira, então bem-aventurado és tu do Senhor. Tu és a alma sincera na Sua contabilidade, embora muita corrupção seja encontrada em ti ainda, que está a turvar a tua corrente e a esforçar-se por parar o livre curso da tua alma para com Deus. Isto pode te colocar em algum problema. Como as montanhas e rochas fazem à água do rio que corre para o mar, causando algumas voltas e reviravoltas no seu curso, que de outra forma iria pelo caminho mais curto, até em linha reta para ele; assim as tuas corrupções remanescentes podem de vez em quando te tirar do teu caminho de obediência. Mas a sinceridade irá, como a água, prosseguir na sua jornada apesar disto, e nunca deixará até que te leve, embora com algum desvio, ao teu Deus, a quem tu tens tão impresso no teu coração, que Ele nunca poderá ser esquecido por ti. Mas se tu nunca tiveste a hipocrisia do teu coração assim descoberta e tornada odiosa para ti, nem um novo princípio colocado no teu seio, para virar a maré da tua alma contrária à queda natural das tuas afeições; apenas tu, da boa opinião que tens de ti mesmo — por causa de alguns pequenos floreios que fazes na profissão — tomas como garantido que és sincero e que o teu coração é verdadeiro; ousa pronunciar-te um hipócrita

impuro. O mundo pode santificar-te, possivelmente, mas tu nunca, como és, serás assim na contabilidade de Deus. Quando tu te tiveres enfeitado e arranjado tão finamente, ao modo de um cristão, ainda assim terás apenas a cara de um santo e o coração de um hipócrita. Não importa qual é a placa, embora um anjo, que pendura fora, se o diabo e o pecado moram dentro. Novos enfeites numa veste velha não a farão nova, eles apenas lhe dão um novo visual. E verdadeiramente não é boa administração gastar muito custo em arranjar um terno velho que cairá em pouco tempo em farrapos e trapos, quando um pouco mais poderia comprar um novo que é duradouro. E não é melhor trabalhar para obter um coração novo, para que tudo o que faças seja aceito e tu sejas salvo, do que perder todo o esforço que fazes na religião, e a ti mesmo também, por falta dele?

1. Caráter. Um coração sincero é um coração plano, um coração simples, *sine plicis* [sem dobras] — um coração sem dobras. O hipócrita é da ninhada da serpente. Ele pode, como a serpente, encolher-se, ou deixar-se sair para a sua vantagem — relutante em expor-se muito ao conhecimento dos outros. E ele tem razão para o fazer. Pois ele sabe que tem mais crédito onde é menos conhecido. O hipócrita é aquele que “se esconde profundamente para ocultar o seu conselho” (Is 29:15); “o seu coração é profundo” (Sl 64:6); o seu significado e intenção de coração jaz ninguém sabe quão longe dos seus lábios. Um coração sincero é como uma corrente clara num riacho; podes ver o fundo das suas tramas nas suas palavras e tomar a medida do seu coração pela sua língua. Ouvi dizer que as doenças do coração são vistas em manchas na língua, mas o hipócrita pode mostrar uma língua clara e contudo ter um coração sujo. Aquele que fez aquele provérbio, *loquere ut te videam* [fala para que eu te veja],

não pensou no hipócrita, que falará para que tu não o vejas. As nuvens mais espessas que ele tem para embrulhar a sua vilania são a sua língua religiosa e a sua profissão arenosa. Queres saber se tens um coração verdadeiro no teu peito? vê se tens um coração plano. Vê-os unidos, 2 Co 1:12, pois Paulo e o resto dos fiéis mensageiros de Cristo tinham a sua conversação entre os coríntios “em simplicidade e sinceridade piedosa”. Eles não tinham nenhuma caixa fechada no gabinete dos seus corações, na qual mantinham astutamente escondido qualquer coisa deles dos seus desígnios, como os falsos apóstolos faziam. Ora, este trato plano do coração sincero aparece nestes três pormenores:

(1.) Pormenor. Um coração sincero trata planamente consigo mesmo, e isso em duas coisas principalmente:

(a) Em procurar e esquadriñar a si mesmo. Isto ele faz até à sua máxima habilidade e poder. Ele não será adiado com pretextos, ou tal desculpa educada como Raquel deu a Labão, quando ao mesmo tempo ela estava a chocar sobre os seus ídolos. Não, ele exigirá uma conta da alma, e tal conta que o habilite a dar uma boa conta a Deus, sobre cuja autoridade ele exerce o seu ofício. Oh, o medo que tal mostra para que nenhuma luxúria escape ao seu olho e fique escondida, como Saul na bagagem; ou que qualquer, a mínima graça de Deus, seja pisada sem consideração por mentir ou negá-la! Quando Davi descobriu os seus pensamentos sobre Deus, que costumavam recreá-lo e ser a sua companhia mais agradável, ocasionarem algum problema no seu espírito — “lembrei-me de Deus e me perturbei” (Sl 77:3) — este santo homem, maravilhando-se sobre qual seria o assunto, apenas veja que busca privada ele faz. Ele caça para trás e para a frente, qual tinham sido os tratos anteriores de Deus, e “comunico com o meu coração e faço

diligente busca” lá (v. 6); nunca desiste até que o traga a uma issue [conclusão]; e descobrindo que o perturbador da sua paz está nele mesmo, ele não é tão terno com a sua reputação a ponto de pensar em abafar o negócio ou suavizá-lo, mas ataca o ladrão, denuncia o seu pecado e confessa o fato, para a justificação de Deus, de quem antes ele tinha pensamentos duros. “E eu disse: esta é a minha enfermidade” (v. 10); como se tivesse dito: “Senhor, agora vejo o Jonas que causou a tempestade no meu seio e me fez desconfortável na minha aflição durante todo este tempo; é esta minha incredulidade que me curvou para atender tanto ao pesar e sentido da minha presente aflição, que não me deixaria olhar para as experiências anteriores, e assim, enquanto as esqueci, pensei indignamente de Ti”. Eis uma alma honesta e de trato plano de fato. Que parentesco tens tu, ó homem, com o santo Davi? É este o teu caminho de procurar a tua alma? Fazes isto a sério, como se estivesses à procura de um assassino escondido na tua casa; tão disposto a encontrar o teu pecado, como algum papista nos dias da Rainha Maria estava a encontrar protestantes — para descobrir quem eles corriam as suas espadas e garfos dentro de camas e palheiros, para que eles não estivessem lá? Ou, quando tu vais sobre este trabalho, és relutante em olhar demasiado longe, para que não vejas o que tu voluntariamente ignorarias? Ou com medo de ficar demasiado tempo, para que a consciência não fizesse um relatório desagradável para ti? Tertuliano disse dos perseguidores pagãos, *noluerunt audire, quod auditum damnare non possint* [eles não queriam ouvir, porque o que fosse ouvido eles não poderiam condenar] — eles não deixavam os cristãos serem ouvidos, porque eles não poderiam então facilmente ter tido a cara para os condenar, a sua causa teria aparecido tão justa. O contrário aqui é verdade. O hipócrita não se atreve a colocar o seu estado sob uma prova justa, porque então ele não poderia, de

maneira agradável, escapar condenar-se a si mesmo. Mas a alma sincera é tão zelosa em conhecer o seu verdadeiro estado, que quando ele fez o seu máximo para o encontrar, e a sua consciência sobre esta busca privada o absolve, contudo ele não se contenta aqui; mas ciumento para que o amor-próprio não cegue os seus olhos e ocasione um relatório demasiado favorável da sua consciência, ele chama ajuda do céu e põe-se sob a revisão de Deus. “Não aborreço eu, ó Senhor, os que te aborrecem, e não me desgosto com os que se levantam contra ti?” (Sl 139:21). A sua própria consciência responde a isso: “Aborreço-os com ódio perfeito; têm-nos por inimigos” (v. 22). Contudo Davi, não totalmente satisfeito com o seu próprio testemunho único, chama por Deus: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece as minhas inquietações; e vê se há em mim algum caminho mau” (v. 23-24). E médicos sábios não confiarão nos seus próprios juízos sobre o estado da sua própria saúde; nem os cristãos sinceros neles mesmos sobre o bem-estar das suas almas. É a Deus que eles atendem. O Seu juízo sozinho os conclui e determina. Quando eles oraram e abriram o seu caso a Ele, com Davi, eles escutam o que Ele dirá. Portanto tu encontrá-los-ás colocando-se sob o ministério mais pesquisador, do qual eles nunca vêm mais agradados do que quando as suas consciências estão desnudadas e os seus corações expostos à sua vista; como a mulher de Samaria, que recomendou o sermão, e Cristo que o pregou, para isto aos seus vizinhos, que ele lhe tinha dito tudo o que ela tinha feito (Jo 4:29). Enquanto que um coração falso não gosta de ouvir esse ouvido. Ele pensa que o pregador comete uma transgressão quando ele vem sobre o seu terreno e vem perto da sua consciência; como se ele pudesse, ele teria uma ação contra ele por isso. Isto ficou no estômago de Herodes, que João devesse colocar o seu dedo sobre o seu lugar dolorido. Embora

ele o temesse, sendo consciente, contudo ele nunca o amou, e portanto foi logo persuadido a cortar a sua cabeça, que tinha uma língua tão audaz nela, que ousou reprovar o seu leito incestuoso.

(b) O coração verdadeiro mostra o seu trato plano consigo mesmo, como no procurar, assim no julgar-se a si mesmo, quando uma vez o testemunho entra claro contra ele, e a consciência lhe diz: “Alma, neste dever tu traíste o orgulho, naquele afeto, teimosia e impaciência”. Tal um não demora muito antes de proceder ao juízo, e isto ele faz com tanta veemência e severidade, que plainamente aparece o zelo por Deus — a quem ele desonrou — fá-lo esquecer toda a autopiedade. Ele lança as mãos na humilhação e no rebaixamento de si mesmo, como os filhos de Levi ao executar justiça sobre os seus irmãos que não conheciam “nem irmão nem irmã” naquele ato. Verdadeiramente tal ato heroico é este da alma sincera julgando-se a si mesma. Ele é tão transportado e vestido com uma santa fúria contra o seu pecado, que ele é surdo ao grito da carne e do sangue, que o moveria a pensar numa sentença mais favorável. “Pequei”, diz Davi, “contra o Senhor” (2 Sm 12:13); noutro lugar, “Pequei grandemente e fiz muito loucamente” (2 Sm 24); num terceiro, ele, como indigno do nome de homem, toma o animal para si — “Assim sou estúpido e ignorante; era como um animal perante ti” (Sl 73:22). Mas com um coração falso — se a consciência o verifica por isto ou aquilo, e ele percebe por este murmúrio interior no seu seio que caminho a causa tomará, se ele prossegue planamente para se colocar sob a prova — o tribunal é certo de ser interrompido e tudo adiado para outra audição, que é provável ser no lazer; de modo que, como as testemunhas, com atrasos e muitos adiamentos, tornam-se no fim cansadas do trabalho e preferirão ficar em casa do que fazer a sua aparência para pouco propósito,

assim a consciência cessa de dar evidência onde ela não pode ser ouvida, não pode ter nenhum juízo contra o ofensor.

(2.) Pormenor. Um coração verdadeiro é plano como consigo mesmo, assim com Deus também. Várias maneiras isto poderia aparecer. Toma uma por todas; e essa é nas suas petições e pedidos no trono da graça. O hipócrita na oração joga, ele pede o que ele não agradeceria a Deus por lhe dar. Há um mistério de iniquidade na sua oração contra a iniquidade. Ora, isto aparecerá em dois pormenores, se somos de coração plano ou não.

(a) Observa se tu és profundamente afligido em espírito quando o teu pedido não é atendido, ou não consideras que sucesso ele tem. Supõe que seja um pecado contra o qual tu oras, ou alguma graça pela qual tu oras; qual é o teu temperamento todo o tempo que o teu mensageiro fica, especialmente se for longo? Tu oras, e a corrupção não diminui, a graça não cresce. Ora, a tua hipocrisia ou sinceridade aparecerá. Se tu és sincero, cada momento será uma hora, cada hora um dia, um dia um ano, até que tu ouças alguma notícia do céu. “A esperança adiada” fará “o coração doente”. O homem doente que envia pelo médico não pensa longo pela sua vinda? Oh, ele tem medo de que o seu mensageiro perca a sua vinda, ou que ele não venha com ele, ou que ele morra antes que ele traga a sua física. Mil medos perturbam-no e fazem-no apaixonadamente desejar que ele estivesse lá. Assim a alma sincera passa aquelas horas com um coração triste que ela vive sem um retorno do seu pedido. “Eu sou uma mulher”, disse Ana a Eli, “de espírito angustiado” (1 Sm 1:15). E por que isso? Infelizmente, ela tinha orado de ano para ano a Deus, e nenhuma resposta tinha vindo. Assim diz a alma: “Eu sou uma de espírito amargo, eu orei por um coração macio, um coração crente, muitos dias e meses; mas ele não veio. Estou com medo de não ter sido sincero no negócio.

Poderia o meu pedido ter ficado tanto tempo pendurado nas nuvens senão?”

Tal alma está cheia de medo e problemas — como um mercador que tem um navio rico no mar, que não pode dormir em terra até que o veja, ou ouça dele. Mas se, quando tu enviaste a tua oração, tu podes lançar fora o cuidado e os pensamentos do negócio, como se orar fosse apenas como rabiscos de crianças sobre pedaços de papel — os quais quando eles fizeram, eles deixam de lado e não pensam mais neles — se tu podes aceitar negações das mãos de Deus por tais coisas como estas, e não ficar mais em branco do que um pretendente frio faz quando ele não ouve dela a quem ele nunca amou realmente — isso não quebra o teu repouso, não amarga a tua alegria — se assim, um coração falso colocou-te em trabalho. E tem cuidado para que, em vez de responder à tua oração, Deus não responda ao desejo secreto do teu coração, o que, se Ele devesse fazer, tu estás desfeito para sempre.

(b) Observa se tu usas os meios para obter aquilo que tu pedes a Deus para dar. Um coração falso senta-se parado ele mesmo, enquanto ele coloca Deus em trabalho; como aquele que, quando a sua carroça estava presa num lamaçal, gritou: Júpiter, ajuda! mas não queria colocar o seu próprio ombro na roda. Se as corrupções podem ser mortificadas e mortas por ele, como Golias foi pelos israelitas — ele como eles olhando, e não colocado a bater um golpe — assim é; mas para qualquer encontro com elas, ou colocar-se ao trabalho de usar qualquer meio para obter a vitória, ele está tão comido de preguiça e covardia, que é tão doloroso ele pensa, como sentar-se parado na escravidão e servidão a elas. Mas uma alma sincera é conscientemente laboriosa. “Levantemos os nossos corações e as mãos para Deus no céu” (Lm 3:41). Isto é, diz

Bernardo, *oremus et laboremus* — vamos orar e usar o esforço. A língua do hipócrita abana, mas os pés da alma sincera andam, e as suas mãos trabalham.

(3.) Pormenor. A alma sincera descobre a sua planura e simplicidade aos homens. “Tivemos a nossa conversação” entre vós, diz Paulo aos coríntios, “em simplicidade e sinceridade piedosa, não com sabedoria carnal”. O cristão é aquele que não pode sujeitar o seu coração à sua cabeça — a sua consciência à sua política. Ele entrega-se a Deus no bem-fazer e não teme os outros, se ele não for consciente a si mesmo; e portanto ele não se atreve a fazer um buraco na sua consciência para manter a sua pele inteira, mas livremente e abertamente garante Deus sem dissimular a sua profissão; enquanto o hipócrita muda as suas velas e coloca cores conforme a sua política e interesse mundano aconselham. Se a costa estiver clara e nenhum perigo à mão, ele aparecerá religioso como qualquer; mas não mais cedo ele faz a descoberta de qualquer perigo que isso lhe possa colocar, mas ele vira-se e molda outro curso, não fazendo ossos de jogar com Deus e o homem. Ele conta que o seu caminho reto é aquele que leva à sua segurança temporal. Mas muito contrário é o reto, “A estrada dos retos é apartar-se do mal” (Pv 16:17). Esta é a estrada em que este verdadeiro viajante caminha, e se ele for a qualquer altura visto fora dela, é sobre nenhuma outra conta do que um homem que perdeu involuntariamente o seu caminho — nunca quieto até que ele tenha entrado nele novamente.

1. Caráter. O cristão sincero e de coração verdadeiro é uniforme. Como a verdade na doutrina difere, do seu oposto, que ela é uma, erro diverso — não há harmonia entre erros, como entre verdades — assim a verdade do coração, ou sinceridade, é conhecida da hipocrisia pelo mesmo caráter. De fato, a verdade no coração é apenas a cópia e

transcrição da outra. Elas concordam, como a face no vidro concorda com a face no homem que olha para ele, ou como a imagem na cera com a escultura no selo de que é derivada. Portanto, se a verdade na palavra é uniforme e harmoniosa, então a verdade no coração, que não é nada senão a impressão que ali está, deve também ser assim. Um cristão sincero no teor do seu curso é como ele mesmo, *vir unius coloris* [homem de uma cor]; não como os vossos materiais mutáveis, tão tingidos que podeis, por acenar com eles de diversas maneiras, ver diversas cores. Há uma tríplice uniformidade na obediência do cristão sincero. Ele é uniforme, *quoad objectum, subjectum, et circumstantias obedientiae* [quanto ao objeto, sujeito e várias circunstâncias que acompanham a sua obediência].

(1.) O cristão sincero é uniforme *quoad objectum* — quanto ao objeto. O hipócrita de fato está dentro com um dever e fora com outro. Como um corpo globoso, ele toca a lei de Deus num ponto — algum mandamento particular pelo qual ele parece zeloso — mas não encontra nos outros; enquanto o coração sincero jaz perto de toda a lei de Deus no seu desejo e esforço. Diz-se que o pé do homem reto “está em lugar plano” (Sl 26:12), ele não caminha de forma hesitante e indelicada, como aqueles que vão em caminhos desiguais, que são coxos e para cima e para baixo; ou [como] aqueles cujos pés e pernas “não são iguais” — como Salomão diz, “as pernas do coxo não são iguais”, e assim não podem estar “em lugar plano”, porque uma é longa e a outra curta. Os pés do homem sincero são iguais, e [as suas] pernas do mesmo comprimento, como posso dizer; — o seu cuidado igualmente consciente para com toda a vontade de Deus. O hipócrita, como o texugo, tem um pé mais curto do que o outro; ou, como um cavalo manco, ele não se coloca, como

dizemos, direito de todos os quatro — um pé, pelo menos, tu perceberás que ele favorece, relutante em colocá-lo abaixo. Os fariseus pretendiam muito zelo à primeira tábuia. Eles oravam e jejuavam de uma maneira extraordinária, mas oravam pela sua presa e, quando tinham jejuado todo o dia, ceavam à custa de uma pobre viúva cuja “casa” eles pretendiam “devorar”. Um jejum triste, que termina em opressão, e serve apenas para lhes dar um apetite voraz, para engolir os bens dos outros sob um pretexto de devoção! O moralista é muito pontual nas suas negociações com os homens, mas muito ladrão no seu porte para com Deus. Embora ele não queira prejudicar o seu vizinho num centavo, [ele] não se importa de roubar de Deus questões maiores. O seu amor, medo, fé são dívida devida a Deus, mas ele não faz consciência de pagá-los. É ordinário na Escritura descrever um santo — uma pessoa piedosa — por um dever particular, uma única graça. Às vezes o seu caráter é “aquele que teme um juramento” (Ec 9:2); às vezes, “aquele que ama os irmãos” (1 Jo 3:14); e assim do resto. E porquê? Mas porque, onde quer que um dever é conscientemente realizado, o coração está pronto para qualquer outro. Como Deus promulgou todos os Seus mandamentos com a mesma autoridade — onde, é dito, Êx 20:1, “Deus falou todas estas palavras”, uma tão bem como a outra — assim Deus infunde toda a graça junto, e escreve não uma lei particular no coração dos Seus filhos, mas toda a lei, que é um princípio universal, inclinando a alma imparcialmente a todos, de modo que se tu não gostas de todos, tu és sincero em nenhum.

(2.) O cristão sincero é uniforme *quoad subjectum* — quanto ao sujeito. O homem inteiro, na medida em que renovado, move-se de uma maneira. Todos os poderes e faculdades da alma unem forças e têm um doce acordo juntos.

Quando o entendimento faz a descoberta de uma verdade, então a consciência melhora a sua autoridade máxima sobre a vontade, ordenando-lhe, em nome de Deus, de quem ela é oficial, que a entretenha; a vontade, tão logo quanto a consciência bate, abre-se e deixa-a entrar; as afeições, como criadas dóceis, vendo-a uma convidada bem-vinda para a vontade — a sua senhora — expressam a sua prontidão para esperar por ela, como se torna a elas nos seus lugares. Mas no hipócrita não é assim. Lá uma faculdade luta contra outra. Nunca elas são achadas todas a conspirar e encontrar-se num voto amigável. Quando há luz no entendimento, o homem conhece esta verdade e aquele dever; então, frequentemente, a consciência é subornada por executar o seu ofício — ela não se preocupa tanto quanto verificar nele pela negligência disso. A verdade está como que diante da alma, e a consciência nem sequer fará amizade com ela a ponto de bater, e despertar a alma para a deixar entrar. Se a consciência for superada para pleitear a sua causa e mostrar alguma atividade em pressionar para o entretenimento, ela tem certeza, ou de ter uma negação rabugenta, com um cenho, pelos seus sofrimentos — por ser tão ocupada a trazer um tal convidado indesejado com ela — como a esposa rebelde faz pelo seu marido, quando ele traz para casa com ele alguém que ela não gosta; ou então apenas um entretenimento fingido, para mais sutilmente esconder a inimizade secreta que ela tem contra ele.

(3.) A alma sincera é uniforme *quoad circumstantias obedientiae* — quanto às circunstâncias da sua obediência e caminhada santa tais como tempo, lugar e companhia e maneira. Ele é uniforme quanto ao tempo. A sua religião não é como uma veste de feriado — vestida apenas em tempos fixos; mas vem a ele quando quiseses, tu encontrá-lo-ás vestido da mesma forma, santo no dia do Senhor e santo no dia de semana também. “Bem-

aventurados os que guardam o juízo, e o que pratica justiça em todo o tempo” (Sl 106:3). É um sinal que não é a compleição de um homem, quando a cor que ele tem enquanto se senta ao lado de um fogo morre logo depois. Há alguns, se tu quiseses ver a sua bondade e seres familiarizado com a sua piedade, tu deves acertar o tempo certo, ou senão tu não acharás nenhum. [Eles são] como algumas flores que são vistas apenas alguns meses no ano; ou como alguns médicos que chamam de homens da manhã — eles que falariam com eles para algum propósito, devem vir de manhã, porque, comumente, eles estão bêbados à tarde. Assim, pode ser, de manhã, tu podes tomar o hipócrita de joelhos numa postura de santo, mas, quando esse ataque termina, tu verás pouco de Deus em todo o seu curso até que a noite o traga novamente, de curso, para o dever semelhante. O relógio é nada que vai apenas ao primeiro enrolar e para todo o dia depois; e assim é o coração, certamente, que não deseja estar sempre a manter-se em movimento espiritual. Confesso que pode haver uma grande diferença na paragem de dois relógios. Num, a diferença pode surgir do próprio relógio, porque ele não tem a construção certa — e será sempre assim, até que o trabalho seja alterado; outro, possivelmente, é trabalho verdadeiro, apenas alguma poeira obstrui as rodas, ou [uma] queda bateu-o um pouco, o que removido, ele irá bem novamente. E há tão grande diferença entre a alma sincera e o hipócrita neste caso. A alma sincera pode ser interrompida na sua moção espiritual e curso cristão, mas é de alguma tentação que presentemente o obstrui. Mas ele tem uma nova natureza, que se inclina a uma moção constante na piedade, e, após a remoção do impedimento presente, retorna ao seu exercício natural de piedade. O hipócrita, contudo, falha na própria constituição e estrutura do seu espírito; ele não tem um princípio de graça nele para o manter em movimento.

Novamente, o cristão sincero é uniforme quanto ao lugar e companhia. Onde quer que ele vá, ele leva a sua regra consigo, que o esquadrinha. Dentro de portas, no meio das suas relações mais próximas, a resolução de Davi é a sua: “Andarei dentro da minha casa com um coração perfeito” (Sl 101:2). Segue-o fora; ele leva a sua consciência consigo, e não lhe ordena — como Abraão aos seus servos, quando subia o monte — para ficar para trás até que ele volte. Os romanos tinham uma lei que cada um deveria, onde quer que fosse, usar um emblema do seu comércio no seu chapéu ou veste exterior, que ele pudesse ser conhecido. O cristão sincero nunca coloca de lado voluntariamente o emblema da sua santa profissão. Nenhum lugar nem companhia o tira do caminho que é chamado santo. De fato, a sua consciência não o faz desfazer a sua prudência. Ele sabe como distinguir entre lugar e lugar, companhia e companhia; e portanto quando lançado entre pecadores ruidosos e escarnecedores, ele não trai a religião ao escárnio, lançando as suas pérolas perante tais que as pisariam e o rasgariam. Contudo, ele é muito cuidadoso para que a sua prudência não coloque a sua retidão em qualquer risco. “Comportar-me-ei sabiamente”, diz Davi, Sl 101:2, “num caminho perfeito”; isto é, eu mostrarei-me tão sábio quanto posso, para que eu possa também ser reto. Verdadeiramente, esse lugar e companhia é como a zona tórrida, inabitável para a alma graciosa, onde a profanidade é tão quente, que a sinceridade não pode olhar para fora e mostrar-se por conselho sazonal e repreensão, com segurança para o santo; e portanto, eles que não têm tanto zelo quanto para protestar contra os pecados de tais, nem tanto cuidado deles mesmos quanto para se retirar de lá, onde eles apenas podem receber mal e não fazer bem, têm causa justa para colocar a sua sinceridade em questão.

1. Caráter. O cristão sincero é progressivo — nunca no fim da sua jornada até que ele chegue ao céu. Isto mantém-no sempre em movimento, avançando nos seus desejos e esforços para a frente; ele é grato por pouca graça, mas não contente com grandes medidas de graça. “Quando eu acordar”, diz Davi, “ficarei satisfeito com a tua semelhança” (Sl 17:15). Ele teve muitos doces entretenimentos na casa de Deus nas Suas ordenanças. O Espírito de Deus foi o mensageiro que lhe trouxe muitos pratos cobertos da mesa de Deus — consolações interiores, que o mundo não conhecia. Contudo Davi não tem o suficiente. É o céu sozinho que pode dar-lhe o seu gole pleno. Dizem que os gauleses, quando provaram pela primeira vez os vinhos da Itália, ficaram tão tomados com a sua doçura e sabor, que não puderam contentar-se em comercializar para lá por este vinho, mas resolveram conquistar a terra onde cresciam. Assim a alma sincera pensa que não é suficiente receber um pouco, de vez em quando, de graça e conforto, do céu, por negociar e manter comércio à distância com Deus nas Suas ordenanças aqui abaixo; mas projeta e medita uma conquista daquela terra santa, e lugar bendito, para que ele possa beber o vinho daquele reino naquele reino. Isto eleva a alma a empresas altas e nobres — como ele pode alcançar maiores graus de graças, cada dia mais do que outro, e assim subir mais e mais perto do céu. Aquele que visa o céu, atira mais alto do que aquele que significa apenas atingir uma árvore. “Aperto”, diz Paulo, “em direção ao alvo pelo prêmio do alto chamamento de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3:14). Outros admiravam as conquistas de Paulo — Oh, que tivessem a graça de Paulo, e então eles seriam felizes! — mas ele contar-se-ia muito infeliz se ele pudesse não ter mais. Ele professa que não

apreendeu pelo que ele corre. O prêmio não está a meio caminho, mas no fim da corrida; e portanto ele acelera com velocidade total, sim, faz disso a prova da retidão em tudo. “Sejamos pois, tantos quantos formos perfeitos” — isto é sincero — “desta mesma maneira” (v. 15). É o hipócrita que se restringe nas coisas de Deus. Um pouco de conhecimento ele gostaria de ter, que possa ajudá-lo a discursar de religião entre os religiosos; e por mais, ele deixa-o, como mais ajustado para o pregador do que para si mesmo. Algumas formalidades exteriores ele gosta e faz uso na profissão — como atendimento em ordenanças públicas — e pecados que o fariam cheirar mal entre os seus vizinhos ele evita; mas quanto a pressionar para uma comunhão mais interior e próxima com Deus nas ordenanças, labutando para ter o seu coração mais espiritual, todo o corpo do pecado mais e mais mortificado, isto nunca foi o seu desígnio: como algum comerciante descuidado, que nunca ousou olhar tão alto a ponto de pensar em ser rico, mas pensa que está bem o suficiente se ele puder apenas manter as portas da sua loja abertas e manter-se fora da prisão, embora com mil truques evasivos.

Tendo estabelecido caracteres do coração sincero, será necessário fazer algum melhoramento deles, conforme o relatório que a consciência fizer nos vossos seios, ao colocar-vos à prova dos vossos estados espirituais pelos mesmos. Ora, o relatório que a consciência faz, após o exame de vós mesmos por essas NOTAS [ou DOUTRINAS] prefixadas, equivalerá a uma destas três inferências. Ou, Primeiro: A consciência irá, após exame, condenar-vos como hipócritas; ou, Segundo: Ela irá, após diligente indagação, dar um testemunho justo quanto à vossa sinceridade; ou, Terceiro: Ela irá, após indagação, trazer-

vos como ignorantes e deixar-vos almas duvidosas, que são de fato sinceras, mas não se atrevem a ser persuadidas a pensar em si mesmas como tais. Para que eu possa, portanto, encontrar-te, leitor, numa porta, se eu perder-te noutra, falarei separadamente a todos os três.

Direções para aqueles que, após a prova, são encontrados insinceros e de coração falso.

Primeiro Grupo. Venho primeiro àqueles que, após a prova, são reprovados — cujas consciências, após exame, os condenam como hipócritas. As evidências vêm tão claras e fortes contra eles, que a sua consciência não consegue conter-se, mas diz-lhes claramente: “se estas são as marcas da sinceridade, então eles são hipócritas”. O melhoramento que eu gostaria de fazer desta prova, para o vosso bem, é dar uma palavra de conselho — o que, neste caso, deveis fazer para que possais tornar-vos sinceros.

1. Direção. Faze com que o teu coração seja profundamente afetado com o teu presente estado lúgubre. Não há esperança de cura até que sejas levado a algum sentido e sentimento da tua condição deplorável. A medicina não pode ser dada enquanto o paciente estiver a dormir; e é da natureza desta doença tornar a alma pesada de olhos e dispô-la a uma espécie de sono da consciência, em razão dos pensamentos lisonjeiros que o hipócrita tem de si mesmo, a partir de algumas formalidades que ele realiza acima dos outros na religião, que sobem do seu coração enganado como tantos vapores agradáveis do estômago para a cabeça, e ligam os seus sentidos espirituais a uma espécie de estupidéz, sim, causam muitos sonhos agradáveis para

entretê-lo com vãs esperanças e falsas alegrias, que desaparecem assim que ele acorda e volta a si mesmo. Os fariseus, os hipócritas mais notórios da sua época, quão profundamente adormecidos estavam no orgulho e na confiança carnal, desprezando todo o mundo em comparação consigo mesmos — não com medo de se recomendarem a Deus, sim, preferindo-se antes dos outros: “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, nem como este publicano” — como se quisessem dizer a Deus que esperavam encontrar mais respeito da parte d’Ele do que outros, tão abaixo deles, tinham das Suas mãos! Portanto, Cristo, no seu trato com esta orgulhosa geração de homens, usa um tom de discurso incomum. A Sua voz, que para outros era calma e suave, é ouvida como trovão a quebrar-se nas nuvens, quando Ele fala a eles. Quantas batidas terríveis temos quase todas juntas no mesmo capítulo a cair sobre as suas cabeças, da boca do nosso manso e doce Salvador? “Ai de vós, escribas e fariseus”, Mt 23. Nada menos que oito ais descarrega Cristo sobre eles, como tantas balas de canhão juntas, para que, multiplicando os ais, Ele pudesse mostrar não apenas a certeza da condenação do hipócrita, mas também a sua precedência; e, contudo, quantos daquela classe lemos que tenham sido despertados e convertidos por estes sermões retumbantes? Alguns poucos houve, de fato, para que a doença não parecesse incurável; mas muito poucos, para que possamos tremer ainda mais ao cair nela ou deixar que ela cresça em nós.

Pedro aprendeu do seu Mestre como lidar com o hipócrita. Tendo que lidar com alguém profundamente atingido por esta doença, Simão, o Mago, ele mergulha as suas palavras, por assim dizer, em vinagre e fel: “Não tens parte nem sorte neste

negócio, porque o teu coração não é reto diante de Deus” (At 8:21). Ali ele coloca o peso da sua acusação, que ele carregava um coração hipócrita no seu peito, o que era mil vezes pior do que o seu fato simoníaco, embora esse fosse suficientemente imundo. Não foi meramente esse fato, mas, procedendo de um coração interiormente podre e falso — que Deus deu a Pedro um espírito extraordinário para discernir — que provou que ele estava “no fel de amargura e no laço de iniquidade”; apenas, nisto, melhor do que as almas condenadas no inferno, que elas estavam no fogo, ele no laço da iniquidade, como um feixe atado, apto para ele, mas não lançado dentro; elas sem esperança, e ele com tanto deixado que poderia equivaler a um “talvez, se porventura o pensamento do teu coração te seja perdoado”.

Para dar apenas mais um exemplo, e esse de uma igreja inteira, a hipócrita Laodiceia. O Espírito de Deus toma-a de forma mais cortante do que todas as restantes, que, embora Ele tenha acusado de alguns deslizes particulares, contudo encontra algo entre elas que Ele reconhece e elogia; mas nela, porque ela já estava presumida, como este fermento da hipocrisia naturalmente incha, Ele não menciona nada que fosse bom, para que não alimentasse esse humor que já abundava tanto, e retirasse a agudeza da repreensão, que era o único meio provável que restava de a recuperar. Tudo o que inclina ao sono é mortal para um letárgico; e tudo o que é calmante e mimador, perigoso para os hipócritas. Alguns dizem que a maneira mais segura de curar uma letargia é transformá-la numa febre. Com certeza, a maneira mais segura de lidar com o hipócrita é trazê-lo da sua falsa paz para um profundo sentido da sua verdadeira miséria. Seja este, pois, o teu primeiro trabalho. Agrava o teu pecado e põe a tua alma em luto por ele. Quando uma pessoa que era — mas o sacerdote, que devia julgar nos casos de lepra —

pronunciado impuro, o leproso assim convicto devia rasgar as suas vestes, andar de cabeça descoberta, pôr um véu sobre o lábio superior — todas as cerimónias usadas pelos enlutados — e clamar “Imundo, imundo” (Lv 13:45). Assim faz tu, como um verdadeiro enlutado, senta-te e lamenta esta praga do teu coração. Clama amargamente: “Imundo, imundo sou eu” (Ez 15:17). Tu não estás apto, em razão do teu coração hipócrita, de te aproximares de Deus ou dos Seus santos, mas para ser, como o leproso, separado de ambos. Se tivesses tal doença repugnante reinando sobre ti, que poluísse o próprio assento em que te sentas, a cama em que te deitas, e como deixaria cair tal imundície sobre tudo o que te aproximas — até na comida que comes e no copo de que bebes — que deveria fazer com que todos abandonassem a tua companhia nojenta; quão grande seria o teu pesar, enquanto te sentavas desolado e meditavas sozinho na tua condição dolorosa! Tal estado a tua hipocrisia coloca-te. Uma praga é, mais ofensiva a Deus do que tal doença te poderia tornar aos homens. Ela corre como uma ferida imunda através de todos os deveres e belas coberturas que podes colocar sobre ela, e contamina-as e a ti de tal modo que Deus tomaria uma oferta da mão do diabo tão cedo quanto da tua, enquanto tu continuares um hipócrita. Além disso, se os santos de Deus, com quem tu tens, pode ser, tanto crédito a ponto de seres admitido a juntar-te com eles no presente, soubessem quem tu és, eles se afastariam tanto de ti, como de alguém sobre quem eles vissem as marcas da peste. Mas não deveria a tua doença ser conhecida até que estejas morto, e assim manter a tua reputação com eles, sim, possivelmente por eles ser pensado, quando morreres, um santo — dar-te-á isto algum contentamento no inferno, que eles estão a falar bem de ti na terra? “Ó pobre Aristóteles”, disse alguém, “és louvado onde não estás, e queimado onde estás!” Ele quis dizer que era um pobre conforto para aquele grande

filósofo pagão ser admirado por homens de saber, que mantiveram a sua fama de geração em geração, se ele está todo o tempo miserável no outro mundo. Assim aqui, ó pobre hipócrita, que estás classificado entre os santos na terra, mas punido entre os diabos no inferno.

1. Direção. Quando o teu coração estiver profundamente afetado com o pecado e a miséria do teu coração hipócrita, tu deves estar convencido da tua insuficiência para fazer uma cura em ti mesmo. A hipocrisia é como uma ferida de fistula. Pode parecer uma pequena matéria pelo pequeno orifício que tem; mas é, portanto, uma das mais difíceis entre as feridas de ser curada, porque é tão difícil encontrar o fundo dela. Oh, tem cuidado para que o teu coração não te pregue um engodo. Ele será muito pronto a prometer que não mentirá mais, não será falso e hipócrita mais; mas, toma o conselho de um homem sábio, que te pede para não confiares no que ele diz: “É um tolo o que confia no seu próprio coração”. Oh, quantos morrem, porque relutantes em estar em dores e custo para ir a um médico habilidoso no início. Tem cuidado com autorresoluções e autorreformas. O pecado é como a escrófula; Deus, não nós mesmos, pode curá-lo. Ele que andar a brincar com o seu próprio coração, e não procurar ajuda no céu, acabará por descobrir [que] onde ele conserta um buraco, ele fará dois piores; onde ele reforma um pecado, ele cairá nas mãos de muitos mais perigosos.

2. Direção. Entrega-te a Cristo, como o médico na cuja habilidade e fidelidade tu confiarás inteiramente para a cura. *Si pereundum inter peritissimos* [se deves perecer, que seja entre os mais peritos] — se tu deves perecer, resolve perecer à Sua porta. Mas para o teu conforto, sabe que nunca

ninguém a quem Ele empreendeu falhou sob a Sua mão; nem Ele alguma vez recusou empreender a cura de qualquer um que veio a Ele com tal recado. Ele censurou aqueles hipócritas, Jo 5:40,43, porque eles estavam prontos a desperdiçar as suas vidas, confiando em qualquer empírico que viesse em seu próprio nome sem qualquer aprovação ou autoridade de Deus para o trabalho, mas “não viriam a mim para que tivessem vida”, embora Ele viesse em nome de Seu Pai, e tivesse o Seu selo e licença para praticar a Sua habilidade nas pobres almas para a sua recuperação. E Ele, que censurou aqueles por não virem, não será, não pode ser, irado contigo que vens. É o Seu chamado; e os homens usam empurrar clientes para fora, mas convidá-los para as suas lojas. Quando Cristo estava na terra, Ele deu esta razão do porquê Ele convivia tanto com publicanos e pecadores, e tão pouco entre os fariseus, porque havia mais trabalho para Ele, Mt 9:11-12. Os homens estabelecem-se onde pensam que o comércio será mais rápido. Cristo veio para ser um médico para as almas doentes. Os fariseus estavam tão bem na sua própria conceção, que Cristo viu que teria pouco para fazer entre eles, e assim aplicou-se àqueles que eram mais sensíveis da sua doença. Se tu, pobre alma, vieste a ti mesmo tão longe, a ponto de gemer sob a tua maldita hipocrisia, e diriges estes teus gemidos numa oração ao céu pela ajuda de Cristo, tu terás o teu médico em breve contigo, nunca temas isso. Ele não, desde que ascendeu, depôs o Seu chamado, mas ainda segue a Sua prática tão de perto como sempre. Encontramo-Lo a enviar o Seu conselho do céu naquela excelente receita a Laodiceia — o que ela deveria fazer para a sua recuperação desta mesma doença da hipocrisia — “Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e roupas brancas, para que te vistas”,

etc., Ap 3:18; como se Ele tivesse dito: “Laodiceia, tu negocias em mercadoria falsa, enganando-te a ti mesma e aos outros com aparências por realidades, graças falsificadas por verdadeiras; o teu ouro é escória, as tuas vestes trapos podres, que não escondem, mas descobrem a tua vergonha. Vem a Mim, e terás aquilo que é para o teu benefício, e melhor, barato também”. Pois embora aqui haja menção de comprar, não mais se entende do que vir com um espírito de comprador, valorizando Cristo e a Sua graça tão alto, que se fossem para ser comprados, embora com todo o dinheiro na tua bolsa, sim, sangue nas tuas veias, tu tê-los-ias; e não voltar para casa e dizer que foste duramente usada também. É a alma sedenta que será satisfeita, apenas olha que a tua sede seja reta e profunda.

(1.) Olha que a tua sede seja reta, uma sede de coração e não simplesmente uma sede de consciência. É um calor muito diferente que causa a um e a outro. O fogo do inferno pode inflamar a consciência, de modo a tornar o pecador culpado sedento pelo sangue de Cristo para extinguir o tormento que a ira de Deus acendeu no seu seio! Mas é o fogo do céu, e apenas esse, que gera um calor bondoso no coração, que irrompe em anseios da alma por Cristo e pelo Seu Espírito com doces orvalhos refrescantes de graça para diminuir e extinguir o fogo da luxúria e do pecado.

(2.) Olha que a tua sede seja profunda. Os médicos dizem-nos de uma sede que vem da secura da garganta e não de qualquer grande calor interior do estômago; e esta sede pode ser saciada com um gargarejo na boca, que é cuspidor fora e não desce. E verdadeiramente há algo parecido com isto em muitos

que se sentam sob a pregação do evangelho. Alguns toques leves são de vez em quando encontrados sobre os espíritos dos homens e mulheres, ocasionados por alguma faísca que cai nas suas afeições ao ouvir a palavra, pela qual eles de repente expressam alguns desejos por Cristo e pela Sua graça de tal modo que tu pensarias que eles iriam com toda a pressa para o céu; mas, sendo lampejos passageiros e fracas *velleities* [vontades incipientes], antes do que fortes volições e desejos profundos, o seu calor logo termina e a sua sede saciada; com um pouco de doçura presente que provam, enquanto estão a ouvir um sermão de Cristo — que eles cospem fora novamente assim que estão quase em casa — tão bem como pode ser, embora nunca desfrutem mais d’Ele. Labora, portanto, por um sentido tão profundo da tua própria miséria em razão da tua hipocrisia, e da excelência de Cristo em razão daquela plenitude de graça n’Ele que o torna capaz de te curar do teu desarranjo; que, como um homem completamente sedento pode contentar-se com nada senão bebida, e não um pouco disso também, mas um gole satisfatório pleno, o que quer que lhe custe, assim tu não possas ser subornado com nada além de Cristo e a Sua graça santificadora — não com dons, profissões ou o próprio perdão, se ele pudesse ser separado da graça; não, nem com um pouco de aspersão de graça; mas possas ansiar por inundações inteiras, com as quais tu possas ser plenamente purificado e livre da tua maldita luxúria que agora tão tristemente te oprime. Esta armação de espírito colocar-te-ia sob a promessa — segurança do céu — que tu não perderás o teu anseio. Se tu pedisses prata e ouro, e procurasses qualquer gozo

mundano a este ritmo, tu poderias gastar o teu fôlego e dores em vão. Deus poderia deixar-te rugir, como Dives, no inferno, no meio daquelas chamas que a tua luxúria cobiçosa acendeu, sem proporcionar uma gota daquilo, para refrescar a tua língua, que tu tão violentamente anseias. Mas se Cristo e a Sua graça forem as coisas que tu gostarias de ter, sim, debes ter, verdadeiramente então tu tê-los-ás. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos” (Mt 5:6).

Exortação àqueles que, após a prova, são encontrados sinceros, a usarem o cinturão da verdade firmemente, com DIRETRIZES para o seu exercício diário.

Segundo Grupo. Venho ao segundo grupo, tais, quero dizer, cujas consciências, após diligente indagação, dão um testemunho justo da sua sinceridade, que os seus corações são verdadeiros e retos. Aquilo que tenho a título de conselho para deixar com eles é, apertar este cinturão que eles têm à volta deles, firmemente no exercício e prática diária. Aperta este cinturão, digo, firmemente a ti, isto é, sê muito cuidadoso em andar na prática e exercício diário da tua retidão. Pensa toda a manhã que não estás vestido até que este cinturão seja colocado. O provérbio é verdadeiro aqui: “Descingido, desabençoado”. Tu não és companhia para Deus, naquele dia em que tu és insincero. Se Abraão quer andar com Deus, ele deve ser reto; e podes tu viver um dia sem a Sua companhia? Raquel pagou caro pelos seus mandrágoras para se separar do seu marido por elas. Um negócio pior faz essa alma, que para comprar alguma vantagem mundana, penhora a sua sinceridade, a qual, uma vez ida, Deus está certo de seguir atrás. E como tu não podes andar com Deus,

assim tu não podes esperar qualquer bênção de Deus. As promessas, como uma caixa de unguento precioso, são guardadas para serem quebradas sobre a cabeça do reto: “As minhas palavras não fazem bem ao que anda retamente?” (Mq 2:7). E certamente é mau andar nesse caminho onde não se encontra nenhuma palavra de Deus para nos desejar boa sorte. Alguns são tão supersticiosos, que se uma lebre os cruza, eles voltarão atrás e não irão mais longe nesse dia. Mas um homem ousado é ele que se atreve a ir quando a palavra de Deus atravessa o seu caminho. Onde a palavra não abençoa, ela amaldiçoa; onde ela não promete, ela ameaça. Uma alma está na sua retidão, aprovando-se a Deus, está segura. [É] como um viajante indo sobre o seu negócio lícito entre o sol e o sol; se algum dano, ou perda vem para tal alma, Deus o sustentará. A promessa está do seu lado, e por pleitear isto ele pode recuperar a sua perda das mãos de Deus, que está ligado a mantê-lo incólume. Vê para este propósito Sl 84:11. Mas são direções, não motivos, que estou neste lugar para dar.

1. Direção. Se tu quisesses andar no exercício da tua sinceridade, anda à vista de Deus. Aquilo de Lutero é o mais verdadeiro: *omnia praecepta sunt in primo tanquam capite* [todos os mandamentos estão encerrados no primeiro como na cabeça] — todos os mandamentos estão envolvidos no primeiro. Pois, diz ele, todo o pecado é um desprezo de Deus; e assim não podemos quebrar quaisquer outros mandamentos, senão que quebramos o primeiro. “Pensamos mal de Deus antes de fazermos mal contra Deus”. Isto Deus recomendou a Abraão *instar omnium* [como exemplo de todos] — de uso soberano para preservar a sua sinceridade: “Anda na minha presença e sê perfeito” (Gn 17:1). Isto manteve o cinturão de Moisés estrito e perto dos seus lombos

— que ele não foi subornado com os tesouros do Egito, nem intimidado para fora da sua sinceridade com a ira de um rei tão grande — “porque se tornou invisível, como vendo Aquele que é invisível” (Hb 11:27). Ele tinha um maior do que Faraó nos seus olhos, e isto manteve-o reto.

(1.) Anda, cristão, à vista da onisciência de Deus. Esta é uma consideração que cinge. Dize à tua alma: *cave videt Deus* [cuidado, Deus vê]. É sob a rosa, como a frase comum é, que a traição é falada, quando os súbditos pensam que estão longe o suficiente da audição do seu rei; mas se tais soubessem que o príncipe estava sob a janela, ou atrás das cortinas, o seu discurso seria mais leal. Isto fez Davi tão reto no seu andar: “Tenho guardado os teus preceitos e os teus testemunhos, pois todos os meus caminhos estão diante de ti” (Sl 119:168). Se a cadeira vazia de Alexandre, que os seus capitães, quando se reuniam em conselho, punham diante deles, os intimidava, mantendo-os em boa ordem; o que não faria, para pôr Deus a olhar para nós no nosso olho? Os judeus cobriram a face de Cristo e depois esbofetearam-no. Assim faz o hipócrita. Ele primeiro diz no seu coração: “Deus não vê”, ou pelo menos ele esquece que Ele vê; e então faz-se audaz para pecar contra Ele (Mc 14:60). Ele é como aquele pássaro tolo que corre com a cabeça entre os juncos e pensa-se a salvo do caçador; — como se, porque ela não o via, portanto ele não a pudesse ver. *Te mihi abscondam, non me tibi* [Eu posso esconder-te do meu olho, mas não a mim do teu]. Tu podes, pobre criatura, esconder Deus pela tua ignorância e ateísmo, de modo que tu não o verás, mas tu não podes esconder-te de modo que Ele não te veja. “Todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar” (Hb 4:13). Oh, lembra-te que tu tens de tratar com Deus em tudo o que fazes, quer estejas na loja ou no quarto, igreja ou

mercado; e Ele terá de tratar contigo, pois Ele vê-te em redor, e pode dizer de onde tu vens, quando, como Geazi perante o seu mestre, tu entras na Sua presença e estás recatadamente perante Ele no culto, como se não tivesses estado em lugar nenhum. Então Ele pode dizer-te os teus pensamentos, e sem qualquer trabalho de os bombear pela tua confissão, colocá-los em ordem diante de ti; sim, os teus pensamentos que se foram de ti, como o sonho de Nabucodonosor dele, e tu esqueceste o que eles eram em tal tempo e em tal lugar, quarenta, cinquenta anos atrás, Deus tem-nos todos na luz da Sua face, como átomos estão nos feixes do sol, e Ele pode, sim, dar-te-á uma visão deles que eles andarão na tua consciência para o teu horror, como o fantasma de João Batista fez o de Herodes.

(2.) Anda à vista da providência e cuidado de Deus sobre ti. Quando Deus ordena a Abraão que seja reto, Ele fortalece a sua fé n'Ele: “Eu sou o Deus Todo-Poderoso, anda na minha presença e sê perfeito”; como se Ele tivesse dito: “Age tu por Mim, e Eu cuidarei de ti”. Quando começamos a chamar o Seu cuidado em questão para connosco, então a nossa sinceridade vacilará no nosso andar perante Ele. A hipocrisia jaz escondida na desconfiança e ciúme, como na sua causa. Se a alma não se atreve a confiar em Deus, ela não pode ser por muito tempo verdadeira para com Deus. Abraão tinha ciúmes de Abimeleque, portanto ele dissimulou com ele. Assim fazemos com Deus. Duvidamos do cuidado de Deus e então vivemos pela nossa inteligência e esculpimos para nós mesmos. “Levanta-te, faze-nos deuses”, dizem eles, “não sabemos o que foi feito de Moisés”. Os judeus incrédulos, contra o mandamento de Deus, guardam o maná até à manhã (Êx 16:19). E porquê? Mas porque não tinham fé para confiar n'Ele para outra refeição. Esta é a velha arma que o diabo sempre usou para bater no cristão para

fora da sua sinceridade. “Amaldiçoa a Deus e morre”, disse ele a Jó pela sua esposa. Como se ela tivesse dito: Que! queres tu ainda manter o castelo da tua sinceridade para Deus? Os capitães pensam que podem render-se quando nenhum alívio vem para eles, e os súbditos contam [que] se o príncipe não os protege, eles não estão obrigados a servi-lo. Tu tens estado assim longo tempo num estado aflito, sitiado perto com tristezas de todos os lados, e nenhuma notícia até hoje vem do céu de qualquer cuidado que Deus toma por ti; portanto “amaldiçoa a Deus e morre”. Sim, Cristo teve-o usando o mesmo motor para o afastar da sua fidelidade para com o Seu Pai, quando Ele o tentou a transformar pedra em pão. Vemos, portanto, de que importância é fortalecer a nossa fé no cuidado e providência de Deus, para a nossa provisão e proteção, que é a razão pela qual Deus fez tal provisão abundante para fechar toda a dúvida e medo disto fora dos corações do Seu povo. As promessas, como uma caixa de unguento precioso, são guardadas para serem quebradas sobre a cabeça dos retos: “As minhas palavras não fazem bem ao que anda retamente?” (Mq 2:7). E certamente é mau andar nesse caminho onde não se encontra nenhuma palavra de Deus para nos desejar boa sorte. Alguns são tão supersticiosos, que se uma lebre os cruza, eles voltarão atrás e não irão mais longe nesse dia. Mas um homem ousado é ele que se atreve a ir quando a palavra de Deus atravessa o seu caminho. Onde a palavra não abençoa, ela amaldiçoa; onde ela não promete, ela ameaça. Uma alma está na sua retidão, aprovando-se a Deus, está segura. [É] como um viajante indo sobre o seu negócio lícito entre o sol e o sol; se algum dano, ou perda vem para tal alma, Deus o sustentará. A promessa está do seu lado, e por pleitear isto ele pode recuperar a sua perda das mãos de Deus, que está ligado a mantê-lo incólume. Vê para este propósito Sl 84:11. Mas são direções, não motivos, que estou neste lugar para dar.

1. Direção. Se tu quisessees andar no exercício da tua sinceridade, labuta por agir por amor, e não por medo. Oh, medo servil e sinceridade não podem concordar. Se um está no aumento, o outro está sempre no minguate. Vê-os opostos, 2 Tm 1:7: “Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação [isto é, sincero]”, onde Ele implica que o medo é fraco e impotente — facilmente assustado para fora de Deus, da Sua verdade e serviço; e não só isso, mas também pouco sólido — não confiando a tal pessoa qualquer grande matéria. O escravo, embora trabalhe arduamente, porque de fato não se atreve a outro, contudo é logo levado a uma conspiração contra o seu mestre, porque ele o odeia enquanto o teme. Vemos isto não apenas entre os turcos — contra quem esses cristãos usados como escravos absolutos por eles nas suas galés fazem, quando têm vantagem à vista, muitas vezes compram a sua própria liberdade cortando as gargantas dos seus mestres tiranos — mas também em reinos, onde os súbditos mais temem do que amam os seus príncipes. Quão prontos eles estão a convidar outro para o trono, ou acolher qualquer que os cortejasse! Assim, frouxo e instável ele será com Deus, aquele que é picado pela ponta da espada da Sua ira, e não atraído pelas cordas do Seu amor. Israel é um exemplo sem paralelo para isto: “Quando os matava, então o buscavam; e voltavam e de madrugada buscavam a Deus... Todavia, apenas com a boca o lisonjeavam e com a língua lhe mentiam. Porque o coração deles não era firme para com ele” (Sl 78:34,36-37). Eles temiam a Deus e amavam as suas luxúrias, e portanto eles traíam a Sua glória a cada volta para as suas mãos; como Herodes fez a cabeça de João, a quem ele temia, para as mãos dela a quem ele amava. E verdadeiramente há demasiado deste medo servil a ser

encontrado nos seios dos santos, ou senão o chicote não estaria tantas vezes na mão de Deus. Encontramos Deus verificando o Seu povo por isto, e faz do seu espírito servil a razão da Sua severidade para com eles: “É Israel um servo? É ele um escravo nascido em casa? Por que foi ele então despojado?” (Jr 2:14). Como se Deus tivesse dito: Qual é a razão pela qual devo usar-te, que és o Meu caro filho, tão grosseiramente como se fosses um servo, um escravo, colocando golpe após golpe sobre as tuas costas com tais pesados juízos? quererias tu saber, lê v. 17: “Não te sucedeu isto a ti, por deixares o Senhor teu Deus, no tempo em que ele te guiava pelo caminho?”. Tu podes agradecer a ti mesmo por este Meu trato incomum contigo. Se o filho esquecer a sua própria engenhosidade, e nada senão golpes funcionar com ele, então o pai deve lidar com o seu filho conforme o seu espírito servil. Quando Deus guiava Israel pelo caminho, como um pai o seu filho, amorosamente, ele fugia d’Ele; e se eles não queriam ser guiados pelo amor, então não é de admirar que Ele os faça conduzir pelo medo. Oh, cristão, age mais pelo amor, e tu pouparás o Deus de te colocar em medo com o Seu chicote. O amor manter-te-á perto e verdadeiro para com Ele. O próprio caráter do amor é, “não busca os seus interesses” (1 Co 13:5); e o que é ser sincero, senão quando o cristão busca os interesses de Cristo e não os seus próprios? Jônatas amava Davi ternamente. Isto fez com que ele incorresse na ira do seu pai, pisasse nas esperanças de um reino que ele tinha para si e para a sua posteridade, em vez de ser falso para com o seu amigo. Ló entrega as suas filhas à luxúria dos sodomitas, em vez dos seus convidados. Sansão não podia esconder aquele grande segredo, em que a sua força jazia, de Dalila a quem ele amava, embora fosse tanto quanto a sua vida valia divulgá-lo para ela. O amor é o

grande conquistador do mundo. Assim, a tua alma será inflamada com amor a Cristo — deixa à deriva todo o teu interesse mundano, em vez de colocar a Sua honra no menor risco. Abraão não colocou mais voluntariamente a sua faca de sacrifício na garganta do carneiro para salvar a vida do seu caro Isaque, do que tu estarás para sacrificar a tua vida para manter a tua sinceridade viva. O amor é comparado ao fogo; a natureza do qual é assimilar a si mesmo tudo o que vem perto dele, ou consumi-los. Ele transforma tudo em fogo ou cinzas. Nada que é heterogéneo pode morar por muito tempo com a sua natureza pura e simples. Assim, o amor a Cristo não sofrerá a vizinhança próxima de nada no seu seio que seja depreciativo para Cristo. Ou ele reduzirá, ou abandonará, seja prazer, lucro ou o que quer que seja. Abraão, que amava Hagar e Ismael no seu lugar devido, quando um começou a chocar com a sua senhora e o outro a escarnecer e zombar de Isaque, ele manda-os ambos para fora de portas. O amor a Cristo não sofrerá que tu te ponhas do lado de nada contra Cristo, mas toma a Sua parte com Ele contra quaisquer que se Lhe oponham, e assim a tua sinceridade está fora de perigo.

2. Direção. Se tu quisesses andar no exercício da tua sinceridade, medita frequentemente na simplicidade e sinceridade do coração de Deus para com os Seus santos. O que pode ser pensado como consideração mais poderosa para nos tornar verdadeiros para com Deus, do que a fidelidade e verdade de Deus para connosco? Absalão, embora tão vil desdissimulador quanto viveu, contudo, quando Husai veio a ele, ele suspeitou dele. “E disse Absalão a Husai: É esta a tua beneficência para com o teu amigo? Por que não foste com o teu amigo?” (2 Sm 16:17). A sua própria consciência

disse-lhe que era uma baixeza horrível para ele, que tinha encontrado em Davi tal amigo verdadeiro, agora juntar-se em armas rebeldes contra ele; e embora Absalão, que disse isto, oferecesse maior violência a esta lei do amor, contudo ele questionou, parece, se alguém ousaria ser tão ímpio além de si mesmo. Quando portanto, cristão, tu encontrares o teu coração a entortar para qualquer prática insincera, coloca-o sob esta consideração, e se algo de Deus e da Sua graça estiver em ti, isso te desdobrá e trará aos direitos novamente. Pergunta à tua alma: “É esta a tua beneficência para com o teu amigo?”; tal amigo Deus tem sido, é, e certamente será para ti para sempre? Deus, quando o Seu povo peca, para os fazer corar, pergunta-lhes se Ele lhes dá causa para os seus comportamentos unkind [indelicados] e indignos para com Ele: “Assim diz o Senhor: Que injustiça acharam vossos pais em mim, para que se afastassem de mim?” (Jr 2:5). Assim Moisés, pretendendo pagar a Israel o que devia, antes que ele suba e morra em Nebo, por toda a sua hipocrisia, murmuração e horríveis rebeliões contra Deus, tudo ao longo desde a primeira partida do Egito até aquele dia, ele traz a sua acusação e extrai as várias acusações de que eles eram culpados. Ora, para adicionar o maior peso a cada uma, ele, na vanguarda de todo o seu discurso, mostra que Deus Ele é contra quem eles tinham feito tudo isto. Ele abre caminho para a declamação contra os seus pecados, pela proclamação da glória de Deus contra quem eles foram cometidos. “Publicarei o nome do Senhor: atribuí grandeza ao nosso Deus” (Dt 32:3). E muito observável é, o que do nome de Deus ele publica, tanto mais para agravar os seus pecados e ajudá-los a conceber a sua natureza hedionda. “Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita... Deus da verdade, e sem iniquidade; justo e reto é ele” (v. 4).

Ele escolhe exemplificar na verdade e sinceridade do coração de Deus para com eles, como aquilo que poderia fazê-los mais envergonhados dos seus feitos. Ora, porque esta única consideração pode ser de tal uso para cercar o coração e mantê-lo perto de Deus em sinceridade, mostrarei em que a verdade e sinceridade do amor de Deus aparecem para os Seus santos, cada um dos pormenores dos quais nos fornecerá um argumento forte para sermos sinceros e retos para com Deus.

(1.) A sinceridade do calor de Deus aparece no princípio de que Ele age, e no fim que Ele visa, em todas as Suas dispensações. O amor é o princípio de que Ele constantemente age, e o bem deles o fim que Ele propõe. O fogo do amor nunca sai do Seu coração, nem o bem deles dos Seus olhos. Quando Ele franze a testa com o Seu sobrolho, repreende com os Seus lábios e atinge com a Sua mão, mesmo então o Seu coração queima de amor, e os Seus pensamentos meditam paz para eles. Famoso é aquele lugar para este propósito: “Reconhecerei os que foram transportados da Judéia, os quais enviei deste lugar para a terra dos caldeus, para o bem deles, porque porei os meus olhos sobre eles para bem” (Jr 24:5-6). E este foi um dos mais agudos juízos que Deus trouxe sobre o Seu povo, e contudo nisto Ele está a projetar misericórdia e a projetar como lhes fazer bem. Assim no deserto, quando eles clamavam a Moisés por trazê-los para lá para matá-los, eles estavam com mais medo do que dano. Deus desejava-lhes melhor do que eles sonhavam. O Seu intento era humilhá-los, para que Ele pudesse fazer-lhes bem no fim. Tão sincero é Deus para com o Seu povo, que Ele dá a Sua própria glória em refém a eles para a sua segurança. Os Seus próprios mantos de glória estão fechados na sua prosperidade e salvação. Ele não quer, de fato Ele não pode, apresentar-se em

toda a sua magnificência e realeza até que Ele tenha cumprido o Seu pretendido pensamento de misericórdia para com o Seu povo. Ele está satisfeito em prorrogar o tempo do Seu aparecer em toda a Sua glória para o mundo, até que Ele tenha efetivamente realizado a sua libertação, que Ele e eles possam sair juntos na sua glória no mesmo dia. “Quando o Senhor edificar a Sião, aparecerá na sua glória” (Sl 102:16). O sol é sempre glorioso no dia mais nublado, mas ele não aparece tanto até que tenha dispersado as nuvens que o abafam da vista do mundo inferior. Deus é glorioso quando o mundo não O vê, mas a Sua glória declarativa aparece então quando a glória da Sua misericórdia, verdade e fidelidade irrompe na salvação do Seu povo. Ora, que vergonha deve isto cobrir a tua face com, ó cristão, se tu não devesse sinceramente visar a glória do teu Deus, e a vossa felicidade num mesmo fundo, que Ele não pode agora perder uma e salvar a outra.

(2.) A verdade e a sinceridade de Deus para com o Seu povo aparecem na abertura e na simplicidade do Seu coração para com eles. Um amigo que é fechado e reservado, merecidamente fica sob uma nuvem nos pensamentos do seu amigo; mas aquele que carrega, por assim dizer, uma janela de cristal no seu peito, através da qual o seu amigo pode ler que pensamentos estão escritos no seu próprio coração, livra-se da menor suspeita de infidelidade. Verdadeiramente, assim de coração aberto é Deus para com os Seus santos. “O segredo do Senhor é com os que o temem”. Ele nos dá a Sua chave, que nos deixará entrar no Seu próprio coração e nos fará conhecer quais são os Seus pensamentos, sim, foram, para connosco, antes que uma pedra fosse assentada na fundação do mundo; e isto não é outro senão o Seu Espírito, Aquele que conhece “as coisas profundas de Deus” (1 Co 2:10), pois Ele estava na mesa do

conselho no céu, onde tudo foi transacionado. Este Seu Espírito Ele empregou para manifestar e publicar, na Escritura ditada por Ele, a substância daqueles conselhos de amor que tinham passado entre a Trindade de pessoas para a nossa salvação; e para que nada falte para a nossa satisfação, Ele nomeou o mesmo Espírito Santo para habitar nos Seus santos, para que, como Cristo no céu apresenta os nossos desejos a Ele, assim Ele possa interpretar a Sua mente a partir da Sua palavra para nós; a qual palavra responde ao coração de Deus, “como o rosto responde ao rosto no espelho”. Não há nada desejável num verdadeiro amigo, quanto a esta abertura de coração, que Deus não realize de uma maneira transcendente para com o Seu povo. Se algum perigo paira sobre as suas cabeças, Ele não o pode ocultar. “Por eles”, diz Davi, “é avisado o teu servo”, falando da palavra de Deus. Um mensageiro ou outro Deus enviará para dar aos Seus santos o alarme, quer o seu perigo seja do pecado interior, quer de inimigos exteriores. Ezequias estava em perigo de orgulho interior. Deus envia-lhe uma tentação para o deixar “saber o que estava no seu coração”, para que ele pudesse, por cair uma vez, ser impedido de cair novamente. Satanás tinha um projeto contra Pedro; Cristo dá-lhe aviso disso (Lc 22:31). Se algum dos Seus filhos, pelo pecado, O desagrada, Ele não faz, como os falsos amigos costumam, dissimular o desagrado que concebe, e portar-se bem exteriormente com eles, enquanto mantém um rancor secreto contra eles interiormente; não, Ele diz-lhes claramente e corrige-os sensatamente por isso, mas não entretém nenhuma má vontade contra eles. E quando Ele conduz o Seu povo a um estado aflito, Ele ama-os tanto que não os pode deixar completamente no escuro quanto aos pensamentos de amor que Ele tem para com eles em libertá-los; mas, para os confortar na prisão, abre o Seu coração de antemão para eles, como vemos nas maiores calamidades que sobrevieram à igreja judaica no

Egito e na Babilónia, como também à igreja do evangelho sob o Anticristo. As promessas para a libertação de todas estas foram expressas antes que os sofrimentos viessem. Quando Cristo estava na terra, quão livre e aberto Ele foi para com os Seus discípulos, tanto em dizer-lhes que calamidades lhes sobreviriam, como o resultado abençoado de todas elas, quando Ele viesse novamente a eles! E porquê? Mas para os confirmar na persuasão da sinceridade do Seu coração para com eles, como aquelas palavras importam: “Se não fosse assim, eu vo-lo teria dito” (Jo 14:2); como se Ele tivesse dito: “Não teria consistido com o amor sincero que vos tenho esconder-vos qualquer coisa que é apropriado para vós saberdes, ou torná-las de outra forma do que são”. E quando Ele oculta algumas verdades deles pelo presente, veja a Sua candura e sinceridade, abrindo a razão do Seu velá-las como sendo, não que Ele lhes negasse a comunicação delas, mas porque eles não as podiam suportar no presente. Ora, cristão, melhora tudo isto para te tornares mais plano de coração com Deus. É Ele tão livre e aberto para ti, e tu serás reservado para Ele? O teu Deus abre o Seu espírito para ti, e tu não derramarás toda a tua alma para Ele? Não te atreves tu a confiar n’Ele com os teus segredos, Ele que te torna confidente dos Seus conselhos de amor e misericórdia? Em uma palavra, tu te atreves, por vergonha, a abrigar e esconder d’Ele qualquer luxúria traidora na tua alma, cujo amor não sofrerá que Ele esconda qualquer perigo de ti? Deus, que é tão exato e verdadeiro para a lei da amizade com o Seu povo, espera a mesma engenhosidade da parte deles.

(3.) A sinceridade do coração e afeição de Deus para com o Seu povo aparece na inamovibilidade do Seu amor. Como não há “sombra de variação” no ser de Deus, assim não há no amor de Deus para com o Seu povo. Não há ponto vertical — o Seu

amor permanece imóvel. Como o sol em Gibeão, ele não se põe nem declina, mas continua com toda a sua força: “com misericórdia eterna me compadecerei de ti, diz o Senhor, o teu Redentor” (Is 54:8). O homem, lamentável, arrepende-se do seu amor. A afeição mais quente arrefece no seu peito. O amor na criatura é como fogo na lareira, agora a arder, logo a piscar e a apagar-se; mas em Deus é como fogo no elemento, que nunca falha. Na criatura é como água num rio, que cai e sobe; mas em Deus, como água no mar, que está sempre cheia e não conhece vazante ou maré. Nada pode tirar o Seu amor de onde Ele o colocou; ele não pode ser corrompido nem conquistado. Tentações são feitas de ambas as maneiras, mas em vão.

(a) O Seu amor não pode ser corrompido. Houve tais que ousaram tentar a Deus e cortejar, sim, subornar, “o Santo de Israel” a abandonar e sair do Seu povo. Assim, Balaão foi para ganhar Deus para o lado de Balaque contra Israel; o que, para obter, ele não poupou custo, mas construiu altar após altar e empilhou sacrifício sobre sacrifício; sim, o que eles não teriam feito para ter ganho apenas uma ou duas palavras da boca de Deus contra o Seu povo? Mas Ele manteve-se verdadeiro para com eles; sim, deixou uma marca do Seu desagrado sobre aquela nação por contratar Balaão e enviá-lo com tal recado a Deus (Dt 23:4). Esta passagem encontramos de Deus lembrando o Seu povo, para continuar neles uma persuasão do Seu amor sincero e constante para com eles: “Ó povo meu, lembra-te agora do que consultou Balaque, rei de Moabe, e do que lhe respondeu Balaão, filho de Beor; desde Sitim até Gilgal” (Mq 6:5). E por que deveriam eles lembrar-se disto? “Para que saibas a justiça do Senhor”; isto é, para que saibas que Deus verdadeiro e fiel Eu tenho sido para ti. Às vezes Ele faz uso disso para os provocar a serem sinceros para com Ele, como Ele, nisso, provou ser para

eles (Js 24:9); Ele diz-lhes como Balaque enviou Balaão para pôr Deus a amaldiçoá-los, mas diz o Senhor: “Porém não quis eu ouvir a Balaão; por isso ele vos abençoou abundantemente”, mas fez com que aquele que veio para te amaldiçoar, com os seus próprios lábios impusesse uma bênção sobre ti e os teus. E por que esta história é mencionada? Veja v. 14: “Agora, pois, temei ao Senhor, e servi-o com sinceridade e com verdade” — uma inferência mais natural e razoável das premissas da verdade e fidelidade de Deus. Oh, cristão! gostarias de ter o teu amor a Deus tornado incorruptível? Embalsama-o frequentemente nos teus pensamentos com as doces especiarias do amor sincero de Deus por ti, o qual é imortal e não pode ver corrupção. Crê que Deus é verdadeiro para contigo, e sê falso para com Ele se te atreveres. É um solecismo e barbárie no amor retribuir falsidade por fidelidade.

(b) O amor de Deus pelos Seus santos não pode ser conquistado. Aquilo que o pressiona com mais força não é o poder dos inimigos do Seu povo, quer homens quer diabos, mas os pecados do Seu povo. Deus não faz caso de todo o seu poder e ira, quando combinados; mas, verdadeiramente, os pecados do Seu povo, estes colocam a própria onipotência à prova. Nunca ouvimos Deus a gemer sob, ou a queixar-se do, poder dos Seus inimigos, mas muitas vezes tristemente dos pecados e indelicadezas do Seu povo. Estes pesam sobre Ele; estes partem-Lhe o coração e fazem-nO clamar como se Ele estivesse num impasse nos Seus pensamentos, para usar uma expressão humana, e não achasse fácil o que fazer, quer amá-los, quer deixá-los — votar pela sua vida ou morte. Bem, quaisquer que sejam as expressões que Deus usa para fazer com que o Seu povo ressinta mais profundamente as indelicadezas mostradas a Ele, contudo Deus não está sem saber o que fazer neste caso. O Seu

amor determina os Seus pensamentos a favor do Seu povo da aliança, quando o seu comportamento menos o merece (Os 11:9). O diabo pensou que tinha o suficiente contra Josué, quando pôde encontrar alguma imundície na sua veste, para levar isto num conto e dizer a Deus que caso sujo o Seu filho estava (Zc 3:6). Ele fez uma conta justa para ter colocado Deus contra ele, mas enganou-se; pois, em vez de provocá-lo à ira, isso moveu-O à piedade — em vez de cair fora com ele, ele encontra Cristo a orar por ele. Ora, melhora isto numa meditação, cristão. É o amor de Deus tão inconquistável que os teus próprios pecados não podem quebrar ou cortar o nó daquela aliança que te liga a Ele? E não te envergonha que devias ser tão instável com Ele? Tu deves labutar por ter a própria imagem do amor do teu Pai celestial mais claramente carimbada na face do teu amor por Ele. Como nada pode conquistar o Seu amor por ti, assim também não deixes que nada prejudique o teu amor por Ele. Dize à tua alma: “Não me apegarei eu perto de Deus, quando Ele esconde a Sua face de mim, Ele que não me lançou fora quando eu, pecaminosamente, Lhe virei as costas? Não darei eu testemunho da Sua verdade e nome — embora outros desertem o um e reprochem o outro — Ele que manteve o amor a arder no Seu coração por mim, quando eu O estava a desonrar? O quê! Deus ainda do meu lado, e gracioso para comigo, após tais desvios como estes; e deverei eu novamente entristecer o Seu Espírito, e envergonhar o Seu amor com mais desobediência? Deus me livre! isto seria fazer o meu máximo para tornar Deus acessório ao meu pecado, fazendo do Seu amor lenha para ele”.

1. Direção. Se tu quisesses andar no exercício da tua sinceridade, tem cuidado com pecados presunçosos. Estes dão a ferida mais profunda à retidão, sim, eles são incompatíveis com ela: “Conserva também o teu servo dos

soberbos [presunçosos]; não se assenhoreiem de mim. Então serei sincero” (Sl 19:13). Um único ato de presunção é incompatível com o exercício real da retidão, como vemos em Davi, que, por aquele único pecado hediondo de homicídio, perdeu o uso presente da retidão, e foi naquele pormenor demasiado parecido com um dos tolos em Israel, e portanto permanece como a única exceção ao testemunho geral que Deus deu à sua retidão: “Porquanto Davi fez o que era reto aos olhos do Senhor e não se desviou de coisa alguma de tudo o que lhe ordenou em todos os dias da sua vida, exceto no caso de Urias, o heteu” (1 Rs 15:5). Isto é, não houve tal presunção em qualquer outro pecado cometido por ele, e portanto eles são aqui descontados, quanto a isto, que eles não fizeram tal brecha na sua retidão como este único pecado fez. E como um ato de um pecado que é presunçoso é incompatível com a retidão real, assim a retidão habitual é muito dificilmente compatível com a presunção habitual. Se um ato de um pecado presunçoso e, como posso dizer, um gole desta taça venenosa, infeta tão tristemente os espíritos de uma pessoa graciosa e muda a sua compleição, que ele não é como ele mesmo, quão mortal deve ser necessariamente para toda a retidão beber dia a dia nela? E portanto, como “Daniel propôs no seu coração não se contaminar com a porção das iguarias do rei” (Dn 1:8), assim faz tu diariamente colocando-te sob algum tal santo vínculo, que tu não te contaminarás com qualquer pecado presunçoso; pois, de fato, isto é propriamente “a carne do rei” — quero dizer a do diabo — esse príncipe das trevas, que pode ele mesmo cometer apenas pecados presunçosos, e labuta principalmente por contaminar as almas por comer deste prato. Dize, como Agostinho noutro caso, *Errare possum, hæreticus esse nolo* [posso errar, mas estou

resolvido a não ser herege]. “Posso ter muitas falhas, mas, pela graça de Deus, trabalharei para não ser um pecador presunçoso”. E se tu não quisesse estar num pecado presunçoso, tem cuidado para não fazeres pouco de menos enfermidades. Quando o coração de Davi o feriu por rasgar a orla da veste de Saul, ele parou e fez um retiro feliz. A sua consciência tenra dando-lhe uma verificação privada por rasgar a sua orla, e não permitiria que ele lhe cortasse a garganta e tirasse a sua vida, que era melhor do que veste. Mas noutra altura, quando a sua consciência estava mais pesada de olhos, e não fez este escritório amigável para ele, mas deixou-o disparar os seus olhares amorosos após Bate-Seba, sem lhe dar qualquer alarme do seu perigo, o bom homem, como alguém cujos sentidos se foram, e cabeça tonta na primeira viagem sobre uma colina íngreme — não pôde recuperar-se, mas caiu de um pecado para outro, até que no fim ele caiu na cova profunda do homicídio. Quando o rio está congelado, um homem aventurar-se-á a andar e correr onde ele não ousaria colocar o seu pé se o gelo estivesse apenas derretido ou quebrado. Oh, quando o coração de um homem piedoso se endurece tanto que ele pode estar sobre uma enfermidade, embora nunca tão pequena, e a sua consciência não se partir debaixo dele, quão longe ele pode ir! Tremo ao pensar em que pecado ele pode cair.

2. Direção. Se tu quisesse andar no exercício da tua sinceridade, eleva-te acima do amor e do medo do mundo. A sinceridade do cristão não é eclipsada sem a interposição da terra entre Deus e a sua alma.

(1.) Eleva-te acima do amor do mundo. Esta é uma raiz apta para a hipocrisia crescer sobre. Se o

coração for violentamente colocado sobre qualquer coisa que o mundo tem, e ele começa a votar peremptoriamente para tê-la — “devo valer tanto por ano”, “ter tal honra” — e a criatura começa, com Acabe, a estar doente de desejo após eles, então o homem está em grande perigo de tomar o primeiro mau conselho que Satanás ou a carne dá para alcançar os seus fins, embora prejudicial à sua retidão. Caçadores não se importam com o caminho por onde vão — sobre sebe e vala eles saltam — contanto que possam ter a lebre. É uma maravilha, confesso, que algum santo devesse ter tão forte faro após a criatura, que tem o odor dos unguentos de Cristo derramados no seu seio. Um pensaria que o doce perfume, que vem tão quente daquelas camas de especiarias, as promessas, deveria estragar o jogo de caça do cristão após a criatura, e um odor não deveria impedir a tomada do outro. As purezas mais doces — que respiram de Cristo e do céu neles — deveriam preencher tanto os sentidos do cristão, que os outros gozos, sendo de um sabor mais grosseiro e terreno, poderiam não encontrar ressentimento agradável nas suas narinas; o que de fato é mais verdadeiro e certo enquanto o cristão tem os seus sentidos espirituais abertos e em exercício, mas, infelizmente! como sobre algum resfriado no corpo, a cabeça é bloqueada e os sentidos ligados de fazer o seu ofício, assim através da negligência do cristão, um desarranjo espiritual é facilmente obtido, pelo qual esses sentidos, graças quero dizer, que deveriam julgar das coisas, são tristemente obstruídos. E agora, quando o cristão não está em temperamento para desfrutar destas purezas mais doces, o diabo tem uma vantagem justa de começar algum gozo da criatura e apresentá-lo diante do

cristão, que a carne logo fareja e leva o pobre cristão atrás dela, até que a graça chegue um pouco ao seu temperamento, e então ele desiste da perseguição com vergonha e pesar.

(2.) Eleva-te acima do medo do mundo. O medo do homem traz um laço. Um covarde correrá para qualquer buraco, embora nunca tão desonroso, contanto que ele possa salvar-se do que ele teme; e quando os mais santos estão sob o poder desta tentação, eles são demasiado parecidos com outros homens. Abraão num ataque de medo dissimula com Abimeleque. Sim, Pedro, quando não a sua vida, mas a sua reputação parecia estar em algum pequeno perigo, não “andou retamente, conforme a verdade do evangelho”. Ele não pisou certo como se tornou a um homem tão santo fazer, mas deu um passo para a frente e outro para trás, como se ele não gostasse do seu caminho; agora ele comerá com os gentios, e logo ele retira-se. Ora, o que o fez dissimular, e os seus pés assim dobrar no seu andar? nada senão um desmaio de medo veio sobre o seu coração, como tu podes ver, Gl 2:12, comparado com v. 14: “Temendo os que eram da circuncisão”, ele dissimulou e arrastou outros para um partido com ele. Ora, o que o fez dissimular, e os seus pés assim dobrar no seu andar? nada senão um desmaio de medo veio sobre o seu coração, como podes ver, Gl 2:12, comparado com v. 14: “Temendo os que eram da circuncisão”, ele dissimulou.

3. Direção. Se tu quisesses andar no exercício da tua sinceridade, mantém um olho estrito sobre o teu próprio coração no teu andar diário. A hipocrisia é uma erva daninha com a qual o melhor solo é tão contaminado que precisa de

cuidado diário e cultivo para a manter sob controle. Ele que monta num cavalo que tropeça precisa ter o seu olho no seu caminho e a sua mão na sua rédea. Tal é o teu coração, cristão. Sim, ele tropeça frequentemente no caminho mais plano, quando tu menos o temes; olha para ele, portanto, e mantém uma rédea estrita sobre ele. *Omni custodia serva cor tuum* — “sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração” (Pv 4:23). O servo mantém o seu caminho quando viaja na companhia do seu mestre; mas quando enviado de um recado sozinho, então ele tem os seus caprichos. Muitos passos tortos e extravagâncias no teu andar diário podem ser evitados, se tu andasses na companhia de ti mesmo, quero dizer, observar a ti mesmo e o caminho. Neste sentido, a maioria no mundo está fora de si mesma, estranhos ao seu próprio andar, tanto quanto às suas próprias faces. Todos os que vivem com eles conhecem-nos melhor do que eles mesmos, o que é uma vergonha horrível. E não deixes que tão vã opinião encontre lugar contigo, de que, porque sincero, tu não precisas de manter um olho tão estrito sobre o teu coração; como se o teu coração, que é gracioso, não pudesse jogar falso com Deus e contigo também. Não marca Salomão com o carimbo de tolo aquele “que confia no seu próprio coração”? Se tu fosses, como dizes, sincero, eu não acredito que isso deveria prevalecer tanto contigo. Eles são os ignorantes e profanos cujos corações são totalmente nulos, que os clamam por bons. Mas é uma parte da bondade de um coração tornado verdadeiramente bom pela graça, ver mais dentro e queixar-se mais da sua própria maldade. Traz o teu coração, portanto, muitas vezes sob revisão e assume as suas contas solenemente. Ele assume o caminho para tornar o seu servo um ladrão aquele que não lhe pergunta de vez em quando que dinheiro ele tem na mão. Leio de fato de

alguns nos dias do bom Joiada que foram confiados com o dinheiro para a reparação do templo, com quem eles não fizeram tanto quanto calcular como eles o gastaram; “pois eles tratavam fielmente” (2 Rs 12:15). Mas tu não terias melhor a fazer assim com o teu coração, para que ele não te coloque em pontuação com Deus, e a tua própria consciência, mais do que tu conseguirás apagar à pressa. Muitos talentos Deus coloca na tua mão — saúde, liberdade, sábados, ordenanças, comunhão dos santos e o semelhante, para a reparação do teu templo espiritual — o trabalho da graça em ti. Pergunta agora à tua alma, como cada um destes é gasto; pode ser que tu acharás algum deste dinheiro gasto, e o trabalho nunca um pouco mais à frente. Está nas tuas mãos olhar para isso, pois Deus terá uma conta, embora tu sejas tão favorável ao teu coração enganoso de não pedir nenhuma. Terminámos com o segundo grupo de pessoas — aqueles que, após busca, encontram as suas consciências dando testemunho da sua retidão.

Conselho e conforto àqueles que, após a prova, são encontrados sinceros, mas ainda são almas deprimidas e duvidosas.

Terceiro Grupo. Chegamos agora ao terceiro grupo que ainda resta ser falado, e eles são almas duvidosas, que são de fato sinceras, mas não se atrevem a ser persuadidas a pensar tão bem de si mesmas. Elas vêm da prova que lhes foi pedido para se colocarem, e que as traz como ignorantes, não sabendo se são sinceras ou não. Ora, a estas eu gostaria de dar estas poucas palavras de conselho, e o Senhor dê a Sua bênção com elas.

1. Conselho. Tem cuidado para que Satanás não te leve a concluir que és hipócrita porque estás sem a presente evidência da tua sinceridade. Dizer isso seria ofender contra a geração dos queridos filhos de Deus, muitos dos quais devem, se isto fosse uma verdadeira inferência de tais premissas, passar a mesma sentença sobre si mesmos. Pois tais almas preciosas existem, dos cujos olhos a verdade da sua graça e sinceridade dos seus corações está neste dia escondida, e contudo não estão sem uma nem outra. Os patriarcas tinham o seu dinheiro todo o dia atado nos seus sacos enquanto viajavam, embora não soubessem disto, até que chegaram à sua estalagem e os abriram. Assim há um tesouro de sinceridade escondido em muitas almas, mas o tempo para abrir o saco e deixar a alma conhecer as suas riquezas não chegou. Muitos estão agora no céu — dispararam o golfo e estão seguramente lá desembarcados — que foram tristemente tossidos com medos durante toda a sua viagem sobre a verdade da graça neles. A fé não fingida coloca uma alma na arca Cristo; mas não impede que tal pessoa possa estar enjoada no navio. É o trabalho de Cristo, não da graça, evidenciar-se aos nossos olhos tão demonstrativamente a ponto de nos habilitar a possuí-la. Além de um órgão adequadamente disposto, é necessária uma luz para irradiar o meio; assim, além da verdade da graça, é necessário que o espírito sendo outra luz, por falta da qual a alma está na escuridão nos seus pensamentos, e deve clamar por outra — e ele nenhum outro senão o Espírito Santo — para os guiar para a luz. Este é o grande mensageiro que sozinho é capaz “de mostrar a um homem a sua retidão”. Mas, como o olho pode ser um olho que vê no escuro, quando ele não vê nada, assim pode haver verdade de graça, onde não há sentido presente dessa verdade. Sim, a criatura

pode estar apaixonadamente a caçar de ordenança em ordenança, para obter aquela sinceridade que ele já tem; como às vezes tu podes ter visto alguém procurar muito seriamente por toda a casa o seu chapéu, quando ao mesmo tempo ele o tem na sua cabeça. Bem, estabelece isto como uma verdade real na tua alma: “Posso ser reto, embora presentemente não seja capaz de o ver claramente”. Isto, embora não traga um conforto pleno, contudo pode ser algum suporte até que aquele venha, como uma esora para a tua casa fraca; embora ela não a emende, sim, ela escorará e a manterá em pé até que venha o mestre trabalhador — o Espírito Santo — que, com uma palavra gentil à tua alma, é capaz de te colocar nos teus pensamentos, e fazer-te ficar forte sobre a promessa — a única base verdadeira e fundamento de sólido conforto. Não sejas mais cruel para a tua alma, ó cristão, do que tu serias — para a do teu amigo, direi? sim, para o corpo do teu inimigo. Se alguém que tu não amasses muito estivesse doente na tua casa, sim, tão doente que, se tu lhe perguntasses se ele estivesse vivo, ele não te saberia dizer — os seus sentidos e fala estando presentemente ambos idos — tu o vestirias imediatamente e o porias num caixão para a sepultura, porque tu não podes tê-lo da sua própria boca que ele está vivo? Certamente que não. Oh, quão irracional e sangrento então é Satanás, que imediatamente quereria que tu te colocasses no poço do desespero, porque a tua graça não é tão forte para falar por si mesma presentemente!

2. Conselho. Deixa-me enviar-te de volta para um *melius inquirendum* [uma investigação melhor] — um exame mais próximo. Olha novamente mais estreitamente, se Satanás — aquele Joabe — não tem a grande mão nestas

questões e escrúpulos iniciados no teu seio sobre a tua sinceridade, meramente como o seu último desígnio contra ti, que ele possa divertir e distrair-te com falsos medos, quando tu não queres ser lisonjeado com falsas esperanças. O tempo foi que tu eras realmente pior, e então, por meio dele, tu pensavas que eras melhor do que eras: e agora, desde que tu mudaste o teu caminho, renegaste a tua antiga confiança, foste familiarizado com Cristo e obtiveste algum sabor dos Seus santos caminhos no teu espírito, de modo a fazer-te respirar fortemente após eles, tu estás assustado com muitas aparições de medos nos teus pensamentos tristes, se não acusando-te de hipócrita, contudo colocando em questão a verdade do teu coração. Vale a pena, digo, indagar se não é a mesma mão novamente — o diabo — embora batendo a outra porta. Nenhum ator tem tantos disfarces diferentes para entrar no palco [com], como o diabo tem formas de tentação, e este é um fato que ele muito ordinariamente tem sido conhecido por vestir. Se fosse apenas o teu caso, tu poderias ter mais suspeita de que estes medos fossem as justas repreensões do teu próprio coração falso; mas quando tu encontras as queixas de muitos dos teus colegas irmãos — de cuja sinceridade tu não te atreves a duvidar, embora não tenhas tanta caridade para contigo mesmo — encontrar as tuas, que nenhuma chave, embora feita de propósito, pode ajustar todas as enfermidades de uma fechadura, do que a condição deles ajusta a tua. Isto, digo, pode bem fazer-te começar outra busca, para encontrar se ele não veio como um “espírito mentiroso”, para abusar do teu espírito tenro com tais notícias como ele sabe que não pode haver pior para os teus ouvidos — que tu não amas Jesus Cristo como finges, e enganas apenas a ti mesmo ao pensar de outra forma. Assim este espírito sujo — como uma meretriz de cara de

lata que põe o seu filho à porta de uma pessoa honesta — impudentemente acusa muitos daquilo de que eles são pouco culpados, sabendo que tanto da sua acusação ousada ficará no espírito do pobre cristão, como manterá a porta aberta para deixar entrar outra tentação, que ele muito deseja transmitir para o seu seio, pelo favor e sob a sombra desta. E [é] ordinariamente esta, viz. [a saber], assustar o cristão do dever e bater nas rodas da sua carruagem, que costumava carregá-lo tantas vezes à presença de Deus nas suas ordenanças, meramente sobre uma suspeita de que ele não é sincero nelas. E [é] melhor [ficar] em casa, sem ouvir ou juntar-se ao povo de Deus em qualquer outro dever, do que [ir] lá em cima e mostrar a maldade do teu coração, diz o diabo. Teve a serpente uma pele mais macia e uma história mais justa quando ela fez Eva colocar a mão no fruto proibido, do que ele vem com nesta tentação para persuadir-te, pobre cristão, a não tocar ou provar desse fruto que Deus ordenou ser comido — ordenanças, quero dizer, para serem desfrutadas por ti? Contudo, cristão, tu tens razão, se não me engano, de abençoar a Deus se Ele permite ao teu inimigo abrir tanto a sua mente, pela qual tu podes ter alguma luz para descobrir a maldade do seu desígnio na outra tentação de questionar a tua sinceridade. Não percebes tu agora, pobre alma, o que fez o alto grito da tua hipocrisia nos teus medos? O diabo não gostava de te ver tão ocupado com ordenanças, nem a tua familiaridade crescer tão rápido com Deus nelas, e ele não sabia de caminho senão este para te bater fora. Morder as suas outras iscas tu não quererias. O pecado, embora nunca tão bem cozinhado e guarnecido, não é um prato para o teu dente, ele vê; e portanto, ou ele deve assustar-te destas por perturbar a tua imaginação com medos da tua hipocrisia nelas, ou então ele pode atirar o seu chapéu

para ti e desistir [de ti] como alguém que saiu do seu alcance. Achas tu, pobre alma, que se o teu coração fosse tão falso e hipócrita nos teus deveres, que ele faria todo este tumulto sobre eles? Ele não usa colocar as suas baterias assim — montá-las onde não há inimigo para o ofender. As tuas orações e audição hipócritas não te feririam mais do que se [não houvesse] nenhum de todo. Nem ele usa ser demasiado gentil como para dizer aos hipócritas da falsidade dos seus corações. Esta é a corrente com que ele os tem pelo pé, e é o seu grande cuidado escondê-la deles, para que o barulho dela na sua consciência os desperte para algum esforço para a bater para fora, e assim eles façam uma fuga da sua prisão. Sê, portanto, de bom conforto, pobre alma. Se a tua consciência não traz prova da Escritura para te condenar como hipócrita, não temas a acusação do diabo. Ele não estará no banco quando tu vieres a ser julgado pela tua vida, nem o seu testemunho será de qualquer valor naquele dia; por que então a sua língua seria qualquer calúnia para ti agora?

3. Conselho. Não negligencies nenhum meio para obter a tua verdade do coração e sinceridade evidenciada para ti. Ela deve ser obtida. Esta é a “pedra branca” com o “novo nome” nela, “a qual ninguém conhece senão aquele que a recebe”, prometida, Ap 2:17. E espero que tu não penses que isto seja tal *ens rationis* [ser da razão/imaginação] — uma coisa imaginária, como a pedra filosofal é, [de] que ninguém pôde dizer até hoje que ele a tinha na sua mão. O santo Paulo tinha esta “pedra branca” a brilhar na sua consciência mais gloriosamente do que todas as pedras preciosas no peitoral de Aarão. “A nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que em

simplicidade e sinceridade piedosa... tivemos a nossa conversação no mundo” (2 Co 1:12). E Jó, certamente, não estava sem ela quando ele ousava, com tal confiança, apelar aos pensamentos que o próprio Deus tinha dele, mesmo então quando Deus estava a revistar e procurar cada canto do Seu coração pela Sua mão pesada — “Tu sabes que eu não sou ímpio” (Jó 10:7). Marca, ele não nega que tem pecado nele — isso tu já confessaste repetidas vezes por ele — mas ele não era ímpio; i.e., um hipócrita de coração podre. Isto ele manterá, que o próprio Deus não dirá isso dele, embora, para a sua prova, o Senhor dê caminho para tê-lo revistado, para parar a boca do diabo, e envergonhá-lo, que não teve medo de lançar suspeita deste crime espiritual à sua conta.

Objeção. Mas pode ser que tu dirás, estes eram santos da forma mais alta, e embora eles pudessem chegar a ver a sua sinceridade e ter esta “pedra branca” nos seus seios; contudo tais joias não podem ser esperadas serem usadas por cristãos ordinários.

Resposta. Para resposta a isto, considera que o cristão mais fraco na família de Deus tem a mesma testemunha nele que estes tiveram. “Aquele que crê no Filho de Deus tem em si mesmo o testemunho” (1 Jo 5:10). Marca, é indefinido, cada um que crê; não este eminente cristão, ou aquele, mas cada um. “O testemunho” é o mesmo; pois, o mesmo Cristo e Espírito habitam no teu coração, que habitam no santo mais alto da terra; o mesmo sangue tu tens para aspergir, e a mesma água para te lavar. Estes podem e irão, quando o Senhor quiser, testemunhar tanto pela tua graça e sinceridade como fazem pela deles; apenas, como testemunhas num tribunal esperam até que o juiz as chame à frente, e então, e não até então, dão o seu testemunho; assim fazem estes; e Deus pode e exerce a Sua liberdade, quando

Ele fará isto. Assim como é também ao contrário. Cada pecador ímpio e impenitente carrega uma testemunha no seu próprio seio que o condenará; mas esta nem sempre fala, e presentemente faz relatório das notícias tristes que ela tem para contar ao pecador; isso é [apenas] quando Deus chama um tribunal e mantém as suas sessões privadas na alma do pecador, que são ao Seu prazer designar. Apenas, os meios não devem ser negligenciados, dos quais proporei alguns.

(1.) Meios. Estende-te, cristão — pois assim devo chamar-te, quer tu queiras ou não — para maiores graus de graça. Quanto mais a criança cresce, mais ela vem à sua compleição correta; e assim faz a graça. Há tanto medo servil, egoísmo, com outras imperfeições no presente, como tanto escorbuto na face deste bebê de graça recém-nascido, que eles escondem o seu verdadeiro favor. Isto, contudo, por graus se desgastará à medida que ela crescer. Sim, a razão espiritual de um cristão amadurece, à medida que todo o corpo da graça cresce, pelo que ele é mais capaz, por refletir sobre as suas próprias ações, de julgar as objeções que Satanás faz contra a sua sinceridade; de modo que se tu não quisesses estar sempre tossido para lá e para cá com os teus próprios pensamentos flutuantes, sobre se és sincero ou não, mas crescer para maior estatura, e tu crescerás acima de muitos dos teus medos, pois, pela mesma luz que tu encontras o crescimento da tua graça, tu podes ver a verdade dela também. Embora seja difícil no *crepusculum*, ou primeira quebra do dia, saber se é a luz do dia ou a luz da noite que brilha; contudo, quando vês a luz evidentemente crescer e desdobrar-se, tu, por isso, sabes que é dia. A pintura não cresce na face mais justa do que era; nem os braços de uma criança num quadro ganham força por estar lá meses e anos. Fazem o teu amor, esperança, humildade, pesar

piedoso, crescer mais e mais, pobre alma, e tu ainda questionas o que é — se verdadeira graça ou não? Isto é uma coisa tão maravilhosa, que tu não saibas o que a tua graça é, e de onde, como foi que os judeus não soubessem quem Cristo era, quando Ele tinha feito um homem nascido cego ver tão claramente (Jo 9).

(2.) Meios. Acolhe prontamente qualquer chamado que Deus te envia, pela Sua providência, para dar uma prova e experimento da tua sinceridade. Há algumas poucas vantagens que Deus dá, as quais, se abraçadas e melhoradas, um homem pode chegar a saber mais do seu próprio coração e da graça de Deus nele, do que em toda a sua vida. Ora, estas vantagens jazem envolvidas naquelas estações em que Deus nos chama mais eminentemente a negarmo-nos a nós mesmos pelo Seu bem. Mas sê pronto a entreter e fiel a obedecer a esse chamado celestial, e tu saberás muito do teu coração; parcialmente porque a graça em tais atos sai com tal glória que, como o sol quando brilha num dia claro, ela se expõe mais visivelmente ao olho da criatura; como também, porque Deus escolhe tais estações como estas para dar o Seu testemunho à verdade da graça dos Seus filhos, quando eles estão mais eminentemente a exercê-la. Desta maneira, quando é que o mestre fala gentilmente ao seu servo e o elogia, senão quando ele o apanha mais diligente? Então Ele diz: “Muito bem, servo bom e fiel”. Pode ser, alguma altura ou outra, Deus está a chamar-te para tal ato de autorrenúncia, em que, se tu quiseses responder ao chamado de Deus, tu deves pisotear algum gozo caro ou outro, como crédito, bens, ou pode ser tu não podes fazer o trabalho que Deus te chama a fazer senão com risco para todos eles — estes, e mais também. Bem, amigo, não estejas doente ao pensar no teu grande aperto, ou desassossegado à vista da providência que agora está à tua porta.

Se tu soubesses que recado ela vem tratar, tu convidá-la-ias a entrar, e torná-la-ias tão bem-vinda como Abraão fez os três anjos, a quem ele festejou na sua tenda tão livremente. Eu te direi para que Deus a envie, e isso é para te trazer a uma vista da tua sinceridade, e para te familiarizar com essa graça de Deus em ti cuja face tu tanto tempo desejaste ver. Esta providência traz-te uma carruagem — para aludir às carroças de José enviadas para o velho Jacó — em que tu possas ser carregado para ver essa graça viva, cujo funeral tu tanto tempo mantiveste na tua alma triste. E não revive o teu espírito ao pensamento de quaisquer meios pelos quais tu possas obter isto? Abraão foi chamado a oferecer o seu filho, e ele foi sobre isso a sério. Ora, tal peça de autorrenúncia Deus não pôde deixar passar sem alguma marca de honra; e o que é que Ele lhe dá senão o Seu testemunho à sua retidão? “Não estendas a mão sobre o rapaz;... porque agora sei que temes a Deus, visto que não me negaste o teu filho, o teu único filho” (Gn 22:12). Porquê? Deus sabia disto antes. Sim, mas Ele fala isso para que Abraão possa ouvir e tomar da boca de Deus que ele era sincero. Pode ser que tu sejas chamado a negar a tua própria educação e princípios sugados por ela, [a negar] a tua própria companhia, e cruzar o juízo daqueles que tu altamente estimas, sim, a tua própria sabedoria e razão, para entreter uma verdade, ou assumir uma prática, meramente sobre conta da palavra. Se tu podes fazer isto, e isso sem afetação de singularidade, ou um humor de orgulho, soprando-te para aquele caminho, é um ato de profunda autorrenúncia, e vai mais cruzado para as naturezas mais ingénuas, que estão com medo de atrair olhos após eles, por deixar a sua companhia para andar num caminho sozinhos, sim, [estão] muito relutantes em opor os seus juízos aos outros, mais, por número e partes, do que o seu próprio; em uma palavra, que amam a paz tão caramente, que podem estar dispostos a pagar tudo menos um pecado para a

comprar. Nesses deve necessariamente ser grande autorrenúncia; e portanto tais têm maior fundamento para esperar a evidência de Deus da sua sinceridade para eles. Ele fê-lo a Natanael, que tinha todas estas barras para o manter de vir a Cristo e crer n'Ele; contudo ele fez ambos, e Cristo acolhe-o com um alto e alto testemunho à sua retidão: “Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!” (Jo 1:47).

Novamente, pode ser que a coisa em que Deus quereria que tu te negasses a ti mesmo seja a tua ira e vingança, as quais, para te dar uma justa ocasião de fazê-lo com maior demonstração da tua sinceridade, Ele coloca o teu inimigo no teu poder e deixa-o atado, por assim dizer, sob a tua mão; sim, ordena de tal forma na Sua providência que tu possas ter a tua vontade sobre ele com pouco ruído; ou, se for conhecido, contudo as notórias injustiças que ele te fez, e algumas circunstâncias na providência que o trouxe para a tua mão, concorrem para te dar uma vantagem de colocar uma cor tão agradável sobre o negócio, que servirá de desculpa para ti nos pensamentos daqueles que o ouvirem — fazendo-os, especialmente, que não olham de perto para a matéria, observar antes a justiça de Deus no juízo que sobreveio ao teu inimigo, do que a tua injustiça e pecado, tu que foste o instrumento para executá-lo. Ora, quando o caminho se apresenta suave e justo para tu andares, e a tua própria corrupção te chama — sim, usa o nome de Deus no assunto, para te tornar mais confiante dizendo-te, como eles a Davi: “Eis o dia de que o Senhor te disse: Eis que te entregarei o teu inimigo nas tuas mãos, e far-lhe-ás como bem te parecer” (1 Sm 24:4) — se agora tu conseguires resistir à tentação e, em vez de te vingares da pessoa, o teu inimigo, vingares-te da tua vingança — o teu maior inimigo dos dois — pagando o bem no seio do teu adversário pelo mal que

ele te fez; e, quando tiveres feito isto, conseguires escapar de outro inimigo no teu retorno, quero dizer o orgulho, de modo a sair do campo como um conquistador humilde, e quiseses consagrar o memorial desta vitória não ao teu próprio [louvor] mas [ao] louvor do nome de Deus — como a espada de Golias, que não foi guardada por Davi na sua própria casa, para mostrar o que ele tinha feito, mas no tabernáculo “por trás do éfode”, como um memorial do que Deus tinha feito por ela na mão de Davi (1 Sm 21:9) — [se tu conseguires fazer isto,] tu terás feito aquilo que atesta a tua sinceridade, sim, um alto graduado nesta graça, e Deus, mais cedo ou mais tarde, deixar-te-á saber disso. A fama de Davi não soa mais alto pelas suas vitórias obtidas em campo aberto sobre os seus inimigos mortos, do que soa pela que ele obteve na caverna, embora um buraco obscuro, sobre a sua própria vingança, ao poupar a vida de Saul — [um incidente] no qual tens o caso em mãos em todos os aspetos ajustado. Pelo renome das suas batalhas sangrentas, ele obteve “um grande nome, como o nome dos grandes que estão na terra” (2 Sm 7:9); mas, por este nobre ato da sua autorrenúncia, ele obteve um nome, grande, como o nome daqueles que são famosos pela sua santidade, na Escritura; e, antes que Davi não tenha a recomendação desta peça de autorrenúncia, Deus enviá-la-á a ele pela boca do seu próprio inimigo, que não se pode conter — embora por isso ele proclame a sua própria vergonha e maldade — mas ele deve justificá-lo como um homem santo e justo. “E ele”, isto é, Saul, “disse a Davi: Mais justo és tu do que eu; pois tu me recompensaste com bem, e eu te recompensei com mal” (1 Sm 24:17).

(3.) Meios. Continua tu a esperar por Deus em todos os caminhos das Suas ordenanças — cada um na sua estação. Sempre que tu vens para obter a visão reconfortante da tua

sinceridade, é o Espírito de Deus que deve ser teu amigo nisto, ou senão, como Hagar, tu podes sentar-te ao lado do poço e não o achar; tu podes rodear o teu campo de novo e de novo, mas não encontrar o tesouro nele escondido. É o Espírito de Deus pelo qual “conhecemos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus” (1 Co 2:12). Ora, o Espírito senta-se nas ordenanças, como um ministro de estado nos seus escritórios, aonde devemos recorrer se quisermos ter a verdade das nossas graças — que são as nossas evidências para o céu — selada nas nossas consciências. Para lá vai, portanto, sim, lá espera, pois tu não sabes, como o sábio diz de semear semente, Ec 11:6, se o teu esperar nisto ou naquilo, agora ou então, prosperará e será bem-sucedido para ti no fim. É suficiente para confirmar, sim, aquietar e confortar-te na tua assiduidade, que tu estás à porta certa; e embora tu batas longamente e não ouças notícias da Sua vinda, contudo tu não podes ficar tanto tempo, como os servos de Eglon (Jz 3:25), que tu precisas de ter vergonha. Eles de fato esperavam por um morto, e poderiam ter ficado tempo suficiente antes que ele os ouvisse; mas tu por um Deus vivo, que ouve cada batida que dás na porta do céu com as tuas orações e lágrimas; sim, um Deus amoroso que, todo este tempo que Ele atua a parte de um estranho, como José para com os seus irmãos, está contudo tão cheio de misericórdia que Ele finalmente cairá sobre o teu pescoço e aliviará o Seu coração, reconhecendo-te a ti e à Sua graça em ti. Levanta a tua cabeça então, pobre alma abatida, e vai com expectativa da coisa; mas lembra-te de que tu não defines a Deus o tempo. O sol nasce na sua própria hora, qualquer que seja o tempo que nós definimos. E quando Deus te encontrar numa ordenança — como às vezes sem dúvida, cristão, tu encontras uma luz celestial a irradiar e a influência a avivar a tua alma, enquanto ouves a palavra, ou pode ser de joelhos a lutar com Deus — esta é uma doce vantagem e

estação que tu deves melhorar para a alma satisfatória. Como quando o sol irrompe, nós corremos então para o relógio de sol para saber como vai o dia; ou quando, como estamos sentados no escuro, alguém traz uma vela para o quarto, nós então nos mexemos para procurar a coisa que perdemos, e logo achamos o que em vão tateávamos no escuro; assim podes tu, pobre alma — como muitos dos teus queridos irmãos e irmãs antes de ti fizeram — saber mais do teu estado espiritual em poucos momentos em tal altura, do que em muitos dias quando Deus se retira. Cuidadosamente, portanto, vigia por tais estações e melhora-as. Mas se Deus quiser esconder o teu tesouro da tua vista, conforta-te, conforta-te com isto, que Deus conhece a tua retidão, embora envolvida do teu próprio olho. Dize como Davi: “Quando o meu espírito estava angustiado dentro de mim, então tu conheceste a minha vereda” (Sl 142:3); e Deus fará contigo, não pelas falsas acusações que tu trazes contra ti mesmo — como é de temer que alguns sofreram nas mãos dos homens — mas pelo testemunho que o Seu olho que tudo vê pode dar à tua graça.

DIVISÃO 2

A SINCERIDADE FORTALECE O ESPÍRITO DO CRISTÃO

“Cinjam os lombos com a verdade.”

Tendo despachado o primeiro motivo pelo qual a sinceridade é comparada ao cinto do soldado e recorrido sobre essa graça sob essa ótica, prosseguimos para o segundo fundamento ou razão da metáfora, extraído do outro uso do cinto do soldado, que é fortalecer-lhe os lombos e prender a sua

armadura, sobre a qual ele passa, mantendo-a junto ao corpo; por meio disso, ele é mais capaz de marchar e forte para lutar. O ato de cingir, na linguagem bíblica, remete à força. “Tu me cingiste de força para a peleja” (Sl 18:39). Ele “enfraquece o vigor dos fortes” (Jó 12:21); no hebraico, significa: ele desata o cinto. A sinceridade comporta uma analogia adequada. É uma graça que estabelece e fortalece o cristão em todo o seu curso; ao passo que, pelo contrário, a hipocrisia enfraquece e desestabiliza o coração. “O homem de mente dobre é inconstante em todos os seus caminhos.” Como ocorre nos corpos, assim sucede nas almas. Os corpos terrenos, por serem misturados, são corruptíveis; ao passo que os corpos celestiais, sendo simples e não misturados, não estão sujeitos à corrupção. A alma possui tanto da pureza e incorruptibilidade do céu quanto possui de sinceridade. “A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo em sinceridade” [em grego: *en aphtharsia* – com incorrupção] (Ef 6:24). A força de toda graça reside na sua sinceridade. De modo que, sem mais delongas, o ponto que se oferece à nossa consideração a partir desta segunda noção do cinto é este:

DOUTRINA. Que a sinceridade não apenas cobre todas as nossas enfermidades, mas é excelente, sim, necessária, para estabelecer a alma e fortalecê-la para toda a sua batalha cristã. “A integridade dos retos os guiará; mas, a perversidade dos transgressores os destruirá” (Pv 11:3). O hipócrita cai vergonhosamente e vem a nada, com todas as suas artimanhas e estratégias para se salvar; ao passo que a sinceridade conduz aquela alma, que ousa seguir a sua conduta, em segurança acima de todos os perigos, embora esteja em meio a eles. Mas, exponhamos o ponto. Há uma força tríplice que a sinceridade traz consigo, a qual o coração falso e hipócrita não

possui. 1. Uma força preservadora. 2. Uma força recuperadora. 3. Uma força consoladora.

A força preservadora da sinceridade.

Primeiro. A sinceridade possui uma força preservadora para manter a alma longe da contaminação do pecado. Quando a tentação vem furiosamente e investe contra a alma, um coração falso é posto em fuga; ele não pode, de modo algum, permanecer. Somos informados da hipocrisia de Israel: eles eram “geração que não preparou o coração” — e o que se segue? — “e cujo espírito não foi fiel para com Deus” (Sl 78:8). Pedras que não são colocadas corretamente sobre o fundamento não podem permanecer fortes nem por muito tempo. Você pode ver mais desse fruto amargo crescendo nos ramos do hipócrita no mesmo Salmo, versículos 56 e 57. Eles “tornaram atrás e procederam aleivosamente; desviaram-se como um arco enganoso”. Quando o arco não está tensionado, a rachadura que ele possui pode passar despercebida, mas vá usá-lo puxando a flecha até a ponta, e ele se despedaçará. Assim faz um coração falso quando posto à prova. Como o macaco na fábula, vestido como um homem, quando nozes são atiradas diante dele, não pode mais disfarçar sua natureza, mas mostra ser um macaco de fato; assim se revela um coração falso antes que ele perceba, quando uma ocasião favorável é apresentada para sua luxúria. A sinceridade, contudo, mantém a alma pura diante da tentação. “Quem caminha em integridade, caminha seguro” (Pv 10:9) — isto é, ele pisa firme em seu terreno, como alguém cujos pés estão sãos — e, embora pedras estejam em seu caminho, ele passa por cima delas com segurança; “mas, o que perverte os seus caminhos será conhecido”. Ele é como alguém que tem

algum milho ou outra enfermidade nos pés. Embora possa se arranjar para andar em um caminho verde e suave, quando encontra um caminho pedregoso e acidentado, ele imediatamente cai e tropeça. Ora, para que esta força preservadora, com a qual a sinceridade cinge a alma, possa aparecer melhor, será necessário exemplificar algumas daquelas estações em que a sinceridade mantém a alma longe do poder da tentação, bem como algumas daquelas estações em que, pelo contrário, a hipocrisia cede covarde e mansamente a alma às mãos das tentações.

1. Um coração falso geralmente desvia-se e cede ao pecado quando pode esconder-se na multidão e ter bastante companhia sob a qual possa se abrigar. O hipócrita ajusta o seu relógio não pelo sol — refiro-me à Palavra — mas pelo relógio da cidade. O que a maioria faz, a isso ele será facilmente persuadido a fazer. *Vox populi* [a voz do povo] é a sua *vox Dei* [voz de Deus]. Portanto, é raro vê-lo nadar contra a maré de tempos corruptos. Coisas leves são carregadas pela correnteza, e espíritos leves pela multidão. Mas o cristão sincero é maciço e pesado. Ele preferirá afundar até o fundo e ceder à fúria de uma multidão sofrendo por eles, do que flutuar seguindo o exemplo deles ao pecar com eles. O hipócrita não tem um princípio interior para movê-lo e, portanto, como o peixe morto, deve deixar-se levar pela correnteza. Mas, sendo a sinceridade um princípio de vida divina, ela direciona a alma em seu caminho e a capacita a andar nele, sem a ajuda de companhia para se apoiar; sim, contra qualquer oposição que encontre. Josué falou o que estava em seu coração, quando dez dos doze que foram enviados com ele, percebendo de que lado soprava o vento, acomodaram-se ao humor do povo (Nm 14:7). As

palavras agradáveis do falso profeta, com as quais adulavam o orgulhoso humor de Acabe, de modo algum puderam ser ajustadas à boca do bom Micaías, embora ele se tornasse muito ridículo ao escolher ficar sozinho, em vez de concordar com uma companhia tão boa, “quatrocentos profetas”, que estavam todos de acordo com seu veredito (1 Rs 22:6).

2. Um coração falso cede quando o pecado vem com um suborno em suas mãos. Ninguém além de Cristo, e aqueles que conhecem a verdade como ela é em Jesus, pode desprezar a oferta do diabo: *omnia haec dabo* [eu te darei tudo isto]. O hipócrita, ainda que esteja no topo de sua profissão, fará pressa em descer para a sua presa, se ela estiver diante dele; alguém que não carrega sua recompensa em seu seio, que não a considera porção suficiente ter a Deus e desfrutá-lo, pode ser comprado e vendido por qualquer mercador para trair sua alma, a Deus e a tudo. O hipócrita, quando parece mais devoto, apenas espera por um mercado melhor e, então, fará negócios com sua profissão. Não há mais diferença entre um hipócrita e um apóstata do que entre uma maçã verde e uma madura; venha um pouco mais tarde e você o verá cair podre de maduro de sua profissão. Judas, um hipócrita oculto, quão logo se tornou um traidor aberto! E como o fruto amadurece mais cedo ou mais tarde, conforme o calor do ano se prova, assim faz a hipocrisia, conforme a tentação é forte ou fraca. Alguns hipócritas levam mais tempo antes de serem descobertos do que outros, porque não encontram tentações tão poderosas para extrair suas corrupções. Observa-se que os frutos da terra amadurecem mais em uma semana, quando o sol está em conjunção com a estrela de cão [Sirius], do que em um mês

antes. Quando o hipócrita tem uma porta aberta pela qual pode entrar na posse daquele prêmio mundano que tem projetado obter, então sua luxúria interior e a ocasião exterior estão em conjunção, e o dia se apressa em que ele cairá. O anzol está iscado, e ele não pode deixar de mordê-lo. Ora, a sinceridade preserva a alma nesta hora de tentação. Davi ora, no Sl 26:9, que Deus “não recolha a sua alma com os pecadores, cujas mãos direitas estão cheias de subornos” — tais como, por vantagem, seriam subornados para pecar. A essa gangue perversa ele se opõe, v. 11: “Mas, quanto a mim, andarei na minha integridade”; onde ele nos diz o que o impediu de ser corrompido e seduzido, como os outros, para longe de Deus — foi sua integridade. Uma alma que caminha em sua integridade não aceitará subornos nem de homens nem do próprio pecado e, portanto, diz ele, v. 12: “O meu pé está firme em terreno plano”; ou, como alguns leem, “o meu pé permanece na justiça”.

3. O hipócrita cede à tentação quando pode pecar sem ser controlado pelo homem, o que ocorre em dois casos. Primeiro: quando pode abraçar sua luxúria em um canto secreto, onde o olho do homem não o observa. Segundo: quando a grandeza de seu posto e poder o eleva acima do golpe da justiça da mão do homem. Em ambos, ele descobre sua baixeza, mas a sinceridade preserva a alma em ambos.

(1.) Veja como o hipócrita se comporta quando pensa que está a salvo da visão do homem. Foi o cuidado de Ananias e Safira cegar o olho do homem, colocando parte de suas propriedades aos pés dos apóstolos; e, tendo se garantido disso, como pensavam, ao desenrolar esta cortina de aparente zelo entre aquilo e eles, embolsaram o restante sem tremer ou pensar no olho vingador de Deus que os observava o tempo todo, e,

ousadamente, quando fizeram isso, apresentaram-se a Pedro como se fossem tão bons santos quanto qualquer outro na companhia. O hipócrita se importa mais em salvar seu crédito neste mundo do que em salvar sua alma no outro; e, portanto, quando pode garantir aquele, não hesitará em arriscar colocar o outro em perigo; o que mostra que ele é um ateu convicto e não acredita que exista outro mundo para salvar ou condenar sua alma nele, ou, de propósito, mantém-se afastado dos pensamentos sobre isso, sabendo que é um assunto tão melancólico e inconsistente com o caminho em que está, que não ousa deixar sua própria consciência dizer o que pensa sobre isso; e assim acontece que ela não tem poder para atemorizá-lo e dominá-lo, porque não pode ser ouvida para falar por si mesma. Ora, a sinceridade preserva a alma neste caso. Não era suficiente que o senhor de José estivesse fora, enquanto seu Deus estava presente. “Como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?” (Gn 39:9). Note: não contra seu senhor, mas “contra Deus”. A sinceridade torna fiel ao homem, mas por algo mais do que o interesse do homem. José serviu seu senhor com olhos servis — ele tinha Deus em seus olhos, quando Potifar não o tinha em si. Felizes são os senhores que têm alguém que os servirá com este serviço ocular da sinceridade.

(2.) O hipócrita, se não consegue sair da vista do homem, contudo, se puder ficar fora do alcance de seu braço e poder, é tão bom quanto for para o seu caso, e isso frequentemente o descobre. Quão indigna e cruelmente Labão tratou Jacó, enganando-o em sua esposa, oprimindo-o em seu salário, mudando-o dez vezes? Ai! Ele sabia que Jacó era uma criatura pobre e sem recursos, em um lugar estranho, incapaz de competir com ele, um grande homem em seu país. Alguns príncipes, que, antes de alcançarem seu poder e grandeza,

pareciam humildes e corteses, gentis e misericordiosos, justos e retos, assim que saltaram para a sela, obtiveram as rédeas do governo em suas mãos e começaram a saber qual era o seu poder, chegaram a exaurir seus súditos com opressão e crueldade, sem qualquer misericórdia para com suas propriedades, liberdades e vidas. Tais instâncias a história do mundo abunda tristemente. Até o próprio Nero, que interpretou o papel de um diabo no final, começou de tal modo que, nas esperanças romanas, foi abraçado como um santo de estado. Coloque apenas a hipocrisia no palco do poder e grandeza, e não demorará muito para que sua máscara caia. O profeta queria dizer exatamente isso quando fez apenas esta resposta à aparente abominação de Hazeel quanto ao que ele havia predito a seu respeito: “O Senhor me mostrou que tu serás rei sobre a Síria” (2 Rs 8:13); como se tivesse dito: “Hazeel, tu nunca te sentaste na cadeira de um rei e não sabes que descoberta isso fará do teu coração enganoso”. Note de quando a revolta de Roboão contra Deus é datada: “E sucedeu que, quando o reino de Roboão se estabeleceu e ele se fortaleceu, deixou a lei do Senhor” (2 Cr 12:1). A política pedia que ele escondesse suas intenções até que se estabelecesse em seu trono, para que não arriscasse sua coroa; mas, com isso garantido e seu partido fortalecido, agora tudo explode. Ele é como um falso capitão que providencia víveres para seu castelo e o mobiliou com todo tipo de provisão e munição, e então, e não antes disso, declara-se um traidor, quando pensa que é capaz de defender sua traição. Mas aqui também a sinceridade preserva a alma graciosa.

Temos dois exemplos famosos para isso. O primeiro temos em José, que teve seus irmãos naturais, que uma vez teriam tirado sua vida, sim, que fizeram aquilo que poderia ter provado ser pior, pelo que sabiam — venderam-no barbaramente como escravo para uma terra estranha — estranhamente trazidos

às suas mãos enquanto ele estava em toda a sua honra e poder no Egito; e agora, quando ele poderia ter pago na mesma moeda, sem qualquer medo ou controle do homem, eis que este santo homem está acima de todos os pensamentos de vingança. Ele paga a crueldade deles com suas próprias lágrimas, não com o sangue deles; ele chora sobre eles de alegria por vê-los, eles que uma vez não tiveram alegria até que se livraram dele; sim, quando sua própria culpa os fazia ter medo de sua presença, medindo-o por seus próprios corações vingativos, quão logo ele os livra de todos os medos de qualquer mal pretendido por ele contra eles! Sim, ele não permitirá que eles obscureçam a alegria que aquele dia lhes trouxe, nem mesmo expressando sua própria tristeza diante dele pela antiga crueldade deles para com ele; tão perfeita conquista ele obteve de toda vingança (Gn 45:5). E o que o preservou em sua hora de grande tentação? Ele lhes disse: “Fazei isto e vivei; porque eu temo a Deus” (Gn 42:18); como se tivesse dito: “Embora vocês estejam aqui, meus prisioneiros, à minha vontade e mercê, por tudo que possam fazer para resistir, contudo, eu tenho aquilo que atam minhas mãos e coração para fazer ou pensar-lhes o mal — ‘eu temo a Deus’”. Este foi o seu preservativo; ele temia sinceramente a Deus.

O outro exemplo é Neemias. Sendo governador daquela colônia de judeus que, sob o favor dos príncipes persas, estavam novamente plantando seu país natal, ele, por seu cargo, tinha a vantagem de oprimir seus irmãos se tivesse ousado ser tão perverso, e, daqueles que antes dele foram honrados com esse cargo, ele teve exemplos de tais que não podiam engolir a subsistência comum do governador sem um levante em suas consciências — o que mostrava uma digestão forte o suficiente, considerando o estado empobrecido dos judeus daquela época — mas podiam, quando eles mesmos haviam sugado o leite,

deixar que seus servos cruéis sugassem o sangue desse povo pobre também, por exações ilegais, de modo que, vindo após tais opressores, Neemias, se tivesse tomado sua subsistência e apenas aliviado os outros fardos sob os quais gemiam, sem dúvida ele poderia ter passado por misericordioso em seus pensamentos; mas ele não ousou tanto. Um homem pode possivelmente ser um opressor ao exigir o que é seu. Neemias sabia que eles não estavam em condições de pagar e, portanto, não ousou exigí-lo. Mas, como alguém que vem após um mau agricultor que exauriu suas terras e sugou o coração delas, deixá-las em pousio por um tempo até que recuperem sua força perdida, assim fez Neemias para poupar este povo oprimido. E o que, eu pergunto, foi que o preservou de fazer como o restante havia feito? “Mas eu não fiz assim, por causa do temor do Senhor” (Ne 5:15). O homem era honesto, seu coração tocado por um temor sincero de Deus, e isso o manteve no caminho certo.

A força recuperadora da sinceridade.

Segundo. A sinceridade possui uma força recuperadora consigo. Quando ela não privilegia de cair, contudo ajuda a levantar novamente, ao passo que o hipócrita jaz onde cai e perece onde jaz. Ele é, portanto, dito “cair no mal” (Pv 24:16). A alma sincera cai como um viajante pode fazer, tropeçando em alguma pedra em seu caminho, mas levanta-se e segue seu curso com mais cuidado e velocidade; o outro cai como um homem do topo de um mastro, que é engolfado para além de toda recuperação no mar devorador. Ele cai como Hamã fez diante de Mordecai — quando começa, ele não para, mas cai até não poder cair mais baixo. Vemos isso em Saul, que nunca esteve certo. Quando seu coração mau descobriu-se, ele tombou morro abaixo

rapidamente e não parou, mas de um pecado foi para um pior, e em poucos anos você vê quão longe ele estava de seu primeiro estágio, quando pela primeira vez se despediu de Deus. Aquele que deveria ter dito a Saul, quando ele traiu sua desconfiança e incredulidade por não esperar o tempo total pela vinda de Samuel — que foi o primeiro passo em falso notado em sua apostasia — que ele, que agora era tão fervoroso pela adoração de Deus que não podia esperar pela vinda do profeta, em pouco tempo a abandonaria totalmente, sim, cairia de indagar ao Senhor para pedir conselho ao diabo, buscando uma feiticeira, e de buscar conselho ao diabo, deveria, no último e pior ato de sua tragédia sangrenta, com suas próprias mãos lançar-se desesperadamente na boca do diabo por suicídio; certamente ele teria se surpreendido mais do que Hazeel diante do caráter claro que Eliseu deu de sua pessoa. E, verdadeiramente, todo o relato que podemos dar disso é que seu coração era mau desde o princípio, o que Samuel, naquela ocasião, lhe deu a entender (1 Sm 13:14), quando lhe disse: “O Senhor buscou para si um homem segundo o seu coração” — Davi ele quis dizer, que depois caiu em um pecado maior quanto à matéria do fato do que aquele pelo qual Saul foi rejeitado por Deus, e, contudo, tendo apenas uma sinceridade habitual como “a raiz da questão nele”, felizmente recuperou-se dele, pela falta da qual o hipócrita Saul finalmente se perdeu. Tão verdadeiro é aquele provérbio de que “geada e fraude têm fins sujos”. Ora, há uma dupla razão para esta força recuperadora da sinceridade — uma extraída da própria natureza da sinceridade, a outra da promessa por Deus estabelecida sobre a alma onde a sinceridade é encontrada.

1. Da própria natureza da sinceridade. A sinceridade é para a alma como a alma é para o corpo. É uma centelha de vida divina acesa no seio da criatura pelo Espírito de

Deus. É “a semente de Deus que permanece” no santo (1 Jo 3:9). Ora, como a semente lançada no ventre da terra, e vivificada ali pela influência do céu sobre ela, coloca sua cabeça fresca e verde na primavera, após os muitos ninhos frios que teve no inverno; assim faz a graça sincera, após tentações e quedas, quando Deus olha para ela com os raios de sua graça excitante. Mas o hipócrita, carecendo deste princípio interior de vida, não faz o mesmo. Ele é um cristão por arte, não por uma nova natureza; vestido como um fantoche, na moda e forma exterior de um homem, que se move pelos fios que o operário prende a ele, e não informado por uma alma própria. E, portanto, como tal imagem, quando gasta pelo tempo ou quebrada pela violência, não pode fazer nada para renovar-se, mas desmorona-se aos pedaços, até que chegue finalmente a nada; assim desperdiça o hipócrita em sua profissão, sem um princípio vital para opor-se à sua ruína que está vindo sobre ele. Há grande diferença entre a lã nas costas da ovelha, que, tosquiada, crescerá novamente, e a lã de uma pele de ovelha nas costas de um lobo. Tosa isso, e você verá que não crescerá mais nada em seu lugar. O cristão sincero é a ovelha; o hipócrita é o lobo, vestido com a pele da ovelha. A aplicação disso é óbvia.

2. A alma sincera está sob uma promessa, e as promessas são restauradoras (Sl 19:7). “A lei do Senhor é perfeita, restaurando a alma” [em hebraico: *meshib* – restaurando a alma]. Ela traz a alma de volta à vida, como um forte cordial em um acesso de desmaio — cuja virtude é própria da parte promissória da palavra, e, portanto, assim deve ser tomada neste lugar. Ora, a alma sincera é a única herdeira legítima das promessas. Muitas promessas doces são depositadas para assegurar socorro e auxílio auxiliar para

trazê-los para fora de todos os seus perigos e tentações: Pv 28:18: “Quem caminha em integridade será salvo”; agora note a oposição: “mas o que é perverso nos seus caminhos cairá de uma vez”; isto é, repentinamente, irremediavelmente. “Deus não rejeitará o homem sincero, nem tomará pela mão os malfeitores” (Jó 8:20) — ele não os tomará pela mão [hebraico] — isto é, para ajudá-los quando caírem. Não, o hipócrita não está apenas destituído de uma promessa para sua ajuda, mas jaz também sob uma maldição de Deus. Grande esforço vemos ele fazer para erguer sua casa e, quando o faz, ele se apoia nela, “mas ela não subsistirá; ele a segurará, mas ela não durará” (Jó 8:15). “O pouco que o justo tem é melhor do que as riquezas de muitos ímpios” (Sl 37:16). Mas por quê? Veja a razão: “Porque os braços dos ímpios serão quebrados; mas o Senhor sustém os justos” (vv. 17, 18). O homem justo naquele salmo é o reto; pelo ímpio entende-se o hipócrita. Um pouco de verdadeira graça, misturada com muita corrupção no cristão sincero, é melhor do que as riquezas do hipócrita — a grande fé, zelo e devoção de que ele tanto se gaba. O primeiro tem a bênção da promessa, para recuperá-lo quando decaindo; estes, a maldição de Deus ameaçando destruí-los quando em sua maior pompa e glória. O destino do hipócrita é ir “de mal a pior” (2 Tm 3:13). Aquelas próprias ordenanças que são eficazes, através da bênção da promessa, para recuperar a alma sincera, sendo amaldiçoadas ao hipócrita, dão-lhe sua ruína e danação. A palavra que abre os olhos de um, fecha os olhos do outro; como encontramos nos judeus hipócritas, a quem a palavra foi enviada para torná-los cegos (Is 6:9,10). Ela derrete e quebra a alma sincera, como em Josias (2 Rs 22:19); mas, encontrando um coração mau e falso, ela endurece excessivamente, como apareceu nos mesmos

judeus (Jr 42:20). Antes do sermão eles falam de modo justo: “Tudo o que Deus disser, nós faremos”; mas quando o sermão termina, eles estão mais longe do que nunca de cumprir o mandamento de Deus. O hipócrita ouve para pior, ora para pior, jejua para pior. Cada ordenança é uma porta larga para deixar Satanás entrar mais plenamente para possuí-lo, como Judas achou o bocado.

A força consoladora da sinceridade.

Terceiro. A sinceridade tem uma força de suporte e conforto. Ela eleva a cabeça acima da água e faz o cristão flutuar sobre as ondas de todos os problemas, com uma santa presença e galhardia de espírito. “Aos retos, luz nasce nas trevas” (Sl 112:4), não apenas luz após a escuridão, quando a noite passa, mas nas trevas também. Do comedor sai comida, e do forte sai doçura. Aquelas aflições que se alimentam, sim, comem o coração do hipócrita, a alma sincera pode alimentar-se delas, sugar doçura delas, sim, tem tal digestão que pode transformá-las em alto alimento tanto para sua graça quanto para seu conforto. Um coração mau é alegre apenas enquanto sua carreira carnal está diante dele. Deus diz a Israel que removerá suas festas e toda sua alegria cessará (Os 2:11). Sua alegria é tirada com a toalha. A sinceridade faz o cristão cantar quando ele não tem nada para o jantar. Davi não estava em uma das melhores condições quando estava na caverna, contudo, nunca o encontramos mais alegre. Seu coração faz música mais doce do que sua harpa jamais fez. “Firme está o meu coração, ó Deus, firme está o meu coração; cantarei e darei louvores” (Sl 57:7). A alegria do hipócrita, como as cordas de instrumentos musicais, quebra no tempo úmido; mas a sinceridade mantém a alma

afinada em todos os climas. São corpos malsãos que simpatizam com a estação — alegres no tempo bom, mas doentes e cheios de dores no tempo ruim. Assim o coração malsão. Algumas providências incômodas o colocam em movimento, matam-no como um inverno rigoroso faz com corpos fracos. Ao passo que a alma sincera nunca está mais saudável, nunca mais confortável. As aflições fazem-lhe apenas esta cortesia: chamar de volta suas afeições, que no verão da prosperidade estavam possivelmente muito difundidas e espalhadas entre os deleites das criaturas, e uni-las mais inteira e estreitamente sobre Cristo, em cujo seio ela entra tão diretamente, quando as tempestades vêm, quanto a abelha para sua colmeia; e ele deve necessariamente estar confortável que tem tão frequentemente um travesseiro para reclinar a cabeça, que é o colo de Cristo. A sinceridade mantém a boca da alma aberta para receber as doces consolações que caem da Palavra e do Espírito; na verdade, todas as promessas são direcionadas a tais. Mas a hipocrisia é como a angina na garganta do doente; ele queima por dentro e não consegue fazer nada descer para extinguir o fogo que seus pecados acenderam em sua alma. A consciência diz-lhe, quando doces promessas são oferecidas: “Estas não são para mim, eu agi falsamente com Deus e com o homem. É a alma sincera que Deus convida; mas eu sou um hipócrita de coração podre”. E quão pouco esse pobre miserável se afasta de Dives em sua miséria no inferno, eu pergunto? Dives queima e não tem uma gota para resfriar sua língua. O hipócrita na aflição, ele queima também, e tem de fato, não uma gota, mas um rio, uma fonte cheia de água, sim, de sangue, apresentada a ele, mas ele não consegue beber, ele não consegue fazer nenhum uso disso para seu bem. Seus dentes estão tão fechados, nenhuma chave pode abri-los. Sua hipocrisia olha-o na cara; ela jaz como um mastim à sua porta e não sofre que nenhum conforto se aproxime dele.

E o que é pior: aquele que não tem pão, ou aquele que tem e não pode comer? Ninguém tão espirituoso e astuto quanto o hipócrita — na prosperidade para afastar as repreensões, para desviar-se dos conselhos da Palavra; e na aflição, quando a consciência desperta, ninguém tão habilidoso para disputar contra os confortos da Palavra. Agora ele é prisioneiro direto de Deus, nenhum conforto pode chegar a ele. Se Deus fala terror, quem pode falar paz? “Dá-lhes tristeza de coração, tua maldição sobre eles” (Lm 3:65). Tristeza de coração é a maldição do hipócrita de Deus na aflição; e o que Deus coloca, fica preso. A palavra para tristeza no hebraico significa um escudo que cerca e cobre, e, diz alguém sobre este lugar, denota a doença que os médicos chamam de *cardiaca passio* [paixão cardíaca], que oprime tanto o coração que está coberto *sicut scuto* [como um escudo] ou tampa sobre ele, e mantém todo alívio longe do coração. Tal é a tristeza do hipócrita na aflição, quando sua consciência desperta e Deus o preenche com os pensamentos espantosos de seus próprios pecados e a ira de Deus perseguindo-o por eles. Mas descerei a exemplificar em algumas espécies particulares de aflições e mostrarei que conforto acompanha a sinceridade em todas elas.

1. A sinceridade suporta e conforta a alma sob reprovações dos homens. Estas não são provações insignificantes; são contadas entre os martírios dos santos (Hb 11:36), chamadas ali de “cruéis escárnios”, sim, não indignas de serem registradas entre os sofrimentos de Cristo. A paciência inigualável e a magnanimidade de seu espírito apareceram não apenas em suportar a cruz, mas em “desprezar a infâmia”, com a qual as línguas sujas de seus inimigos sanguinários o carregaram impiedosamente. A mente aspirante do homem pode menos suportar a vergonha.

Crédito e aplauso é o grande ídolo dos homens que estão na extremidade superior do mundo por partes ou posição. Dê apenas isso, e o que os homens não farão ou sofrerão? Alguém mais sábio do que o restante pôde ver este orgulhoso humor em Diógenes, que suportou ficar nu, abraçando um monte de neve, enquanto tinha espectadores ao seu redor para admirar sua paciência, como pensavam, e por isso foi perguntado: “se ele faria assim, se não tivesse ninguém para vê-lo?”. O hipócrita é o maior vendedor de crédito do mundo; é quase tudo de que ele vive, o que o sopro do louvor dos homens lhe envia; quando isso falha, seu coração desfalece; mas quando se transforma em escárnio e reprovações, então ele morre, e deve morrer, porque não tem crédito com Deus enquanto é desprezado pelo homem; ao passo que a sinceridade sustenta a alma contra o vento do vão sopro do homem, porque tem a consciência, e o próprio Deus, para ser seu *compurgator* [testemunha de defesa], a quem ele ousa apelar do tribunal do homem. Ó, quão docemente uma boa consciência, e o Espírito de Deus testificando com ela, banqueteiavam o cristão em tal momento! E não importa o granizo das reprovações do homem que chocalham do lado de fora, enquanto o cristão está tão alegre dentro de portas. Davi é um exemplo prenhe disso: “Por isto conheço que tu te agradas de mim, porque o meu inimigo não triunfa sobre mim” (Sl 41:11). Como, Davi? O teu inimigo não triunfa sobre ti? Rogo que veja a condição em que ele presentemente estava. Ele havia caído em um grande pecado, e a mão de Deus estava sobre ele em uma doença, castigando-o por isso, como aparece no v. 4. Seus inimigos tiram vantagem disso para falar dele tudo de ruim (v. 5): “Meus inimigos falam mal de mim” — sem dúvida, acusando-o de hipócrita. Quando vêm visitá-lo, é apenas

para colher algum assunto de reprovação, que eles imediatamente espalham por toda parte (v. 6); sim, não se envergonham de dizer (v. 8) que uma doença maligna, ou como está no hebraico, “uma coisa de Belial” — isto é, seu pecado — “está aderida a ele”. Agora Deus encontrou-o; agora ele jaz, ele não se levantará mais; sim, seu amigo íntimo, em quem ele confiava, serve-o tão mal quanto o pior de seus inimigos (v. 9). Já esteve pobre homem mais baixo? E ainda assim ele pode dizer que seu inimigo não triunfa sobre ele? Seu significado, portanto, devemos tomar assim: que, não obstante todas estas reprovações terem sido lançadas sobre ele, ainda seu espírito não esmoreceu. Isto estava acima de todos eles. Deus manteve isso, e deu-lhe tal conforto interior que apagou seu escárnio tão rápido quanto eles o lançavam. Suas reprovações caíram como às vezes vemos a neve, derretendo tão rápido quanto caíam. Nenhuma repousou sobre seu espírito para carregá-lo e incomodá-lo. E como Davi obteve esta santa magnanimidade de espírito — estes confortos interiores? Ele nos diz: “Quanto a mim, tu me sustentas na minha integridade e me pões perante a tua face para sempre” (v. 12). Como se tivesse dito: “Tu não fazes comigo, ó Senhor, como meus inimigos fazem. Eles escolhem meu pior e me reviram por isso. Se houver apenas uma parte dolorida — uma parte pecaminosa em minha vida — como moscas, eles pousam ali, mas tu ignoras meus escorregões e falhas pecaminosas, perdando-os, e tomas nota da minha retidão, a qual, em meio a todas as minhas enfermidades, tu sustentas, e assim me pões perante tua face, comunicando teu amor e favor a mim, não obstante os pecados que são encontrados, misturados com meu curso de obediência”. Isto manteve o espírito do santo homem e o faz

terminar o salmo alegremente: “Bendito seja o Senhor Deus de Israel, de eternidade a eternidade” (v. 13).

Vivemos, cristãos, em tempos de reprovação. Aquele que é tão excessivamente caprichoso com seu nome que não pode suportar ver um pouco de sujeira, e essa de boa qualidade também, lançada sobre suas costas por línguas que reviram, deve buscar um caminho para viajar sozinho para o céu; mas, para seu conforto, cristão, a sinceridade, embora não possa privilegiá-lo da tarifa de viajante e impedi-lo de ser atingido por calúnias, contudo, fará este tipo de ofício para você, que a sujeira que cair em seu casaco não penetrará em sua alma, para amortecer sua alegria e gelar seu conforto interior. Reprovações do lado de fora podem ser confortavelmente suportadas, sim, triunfantemente usadas como uma coroa, se não encontrarem uma consciência que reprova por dentro. Sim, a sinceridade fará mais do que isso. Ela não apenas te confortará sob a “perseguição da língua, mas da mão também” — não apenas extinguirá o fogo que daí é cuspidado em seu rosto por línguas postas em fogo pelo inferno, mas te confortará na própria boca do fogo, se Deus te levar por perseguidores para ser lançado nele. A sinceridade te faz, de fato, temeroso de pecar. Ó, tu não ousas tocar nessas brasas; mas ela te fará ousado para queimar, e até abraçar alegremente as chamas do martírio quando chamado a elas. Tão pouco medo teve aquele servo sincero de Cristo, um mártir italiano que o Sr. Fox menciona entre muitos outros campeões destemidos da verdade, que, quando o magistrado do lugar onde ele deveria ser queimado e os oficiais do bispo que o condenou estavam em uma disputa acalorada — discutindo qual deles deveria pagar pela madeira que deveria fazer o fogo para sua queima — ele agradavelmente pediu para desejar-lhes, “que não brigassem por essa ocasião, pois ele tiraria o fardo de ambos e assumiria o custo

ele mesmo”. Bem-aventurada alma! Ele não fez tanto alarido sobre gastar seu sangue e sacrificar sua vida, como eles sobre alguns centavos para, perversamente, procurar o mesmo.

1. A sinceridade cinge a alma com força consoladora, ao conflitar com a aflição da mão de Deus. Muitas são as espécies de aflições com as quais Deus exercita seus servos sinceros. Para nomear algumas:

(1.) Quando o Senhor toca seu homem exterior por doença, ou seu homem interior por conflitos espirituais, a sinceridade é uma companheira confortável em ambos. O hipócrita, acima de tudo, teme cair nas mãos de Deus. E bem pode; pois ele é capaz de lhe fazer o maior dano. Portanto, não tardando Deus a tomar posse de seu colarinho, de qualquer destas formas, sua alegria entrega o fantasma. Como algum assassino, cuja sentença está escrita claramente na lei, ele se dá por um homem morto, quando uma vez é trancado na prisão. Isto fez de Jó tal objeto de admiração para sua esposa, porque ele manteve seu curso santo quando espancado tão tristemente pela mão aflitiva de Deus, com aflições renovadas: “Ainda conservas a tua integridade?” O quê! Nada além de golpes vêm da mão de Deus, e ainda continuar a bendizê-lo? Isso era estranho para ela, mas não para ele, que a chamaria de “mulher tola” por seus sofrimentos, mas não acusaria a Deus loucamente, por tudo que ele sofria sob sua mão. A sinceridade capacita o cristão a fazer duas coisas neste caso, que o hipócrita não pode — falar bem de Deus, e esperar o bem de Deus — e a alma não pode ficar desconfortável, embora cabeça e coração doam juntos, que é capaz de fazer estas coisas.

(a.) A sinceridade capacita o cristão a pensar e falar bem de Deus. Um hipócrita de coração falso, seu semblante cai e seu

coração se levanta, sim, incha com veneno contra Deus. Embora não ouse sempre deixá-lo escorrer de sua boca, contudo, ele tem pensamentos sanguinários contra Ele em seu coração. “Achaste-me, ó meu inimigo?”, diz o miserável. Ele não ama a Deus e, portanto, um bom pensamento de Deus não pode habitar em sua alma. Tudo o que Deus fez por ele, embora nunca tão generosamente, é esquecido e amargurado com o transbordar de sua bilis nos tratos presentes de Deus com ele. Ele se irrita e se enfurece. Você o ouvirá mais cedo amaldiçoar a Deus do que acusar a si mesmo. Mas a alma sincera nutre pensamentos mais doces e amáveis de Deus, que o prendem à paz, para que ele não ouse pensar ou falar de modo impróprio à glória ou bondade de Deus; como vemos em Davi: “Emudeci, não abri a boca; porque tu o fizeste” (Sl 39:9). Este santo homem teve uma ruptura feita tanto em seu corpo quanto em seu espírito neste momento. Ele estava doente e triste, contudo, lembra-se de cuja mão veio o golpe. “Tu, Senhor, o fizeste”: tu a quem amo profundamente, e assim posso levar bondosamente; tu a quem ofendi, e assim levar pacientemente: sim, tu que poderias ter-me lançado em uma cama de chamas, em vez de minha cama de doença; e, portanto, aceito a correção com gratidão. Assim ele pega o golpe sem retorqui-lo contra Deus, por qualquer linguagem de descontentamento que brigue.

(b.) A sinceridade capacita a alma a esperar o bem de Deus, quando sua mão pressiona mais fortemente sobre o corpo ou a alma (Sl 38). Nunca Davi esteve em pior caso para corpo e alma; quebraria um coração de pedra ler os gemidos tristes que esta alma palpitante faz, na angústia de sua carne e amarga agonia de seu espírito. Alguém teria pensado que eram as pangas de uma alma partindo em desespero; contudo, mesmo nesta grande tempestade, encontramo-lo lançando sua âncora de

esperança, e que toma firme posse de Deus para sua misericórdia: “Porque em ti, Senhor, espero; tu me ouvirás, ó Senhor, meu Deus” (Sl 38:15). Esta expectativa de bem de Deus corrige e qualifica a amargura que está em seu paladar, de sua presente tristeza. “Eu sou pobre e necessitado; contudo, o Senhor cuida de mim” (Sl 40:17). Meu estado no presente é triste o suficiente, mas meu conforto é: “Não estou lançado fora de sua mente, sei que seus pensamentos estão em trabalho para me fazer o bem”. O santo Jó prova que ele não é um hipócrita — como seus amigos caridosamente o acusaram — pela confiança que tinha em Deus na profundidade de todas as suas aflições: “Ainda que ele me mate, nele esperarei. Mantereí os meus caminhos diante dele; ele também será a minha salvação, pois um hipócrita não virá diante dele” (Jó 13:15,16). Como se tivesse dito: “Se eu não fosse sincero, não ousaria apelar assim a Deus, e crer confortavelmente, enquanto Deus está me matando, que ele ainda me salvaria, ‘pois um hipócrita não virá diante dele’”. Isto é, ele não ousa confiar-se assim nas mãos de Deus, e aquiescer em sua promessa, quando seu pescoço está no cepo e a faca de Deus em sua garganta. Não; se pudesse, ele nunca viria em sua vista. Sua consciência diz-lhe que Deus o conhece muito bem para pretender-lhe qualquer bem e, portanto, quando Deus começa a pôr sua mão sobre ele — a menos que sua consciência esteja insensível e cauterizada, que é a maldição com que Deus de tempos em tempos marca o hipócrita grosseiro — ele imediatamente tem o cheiro do fogo do inferno em sua alma, em uma expectativa temerosa disso, e olha para estas presentes aflições, embora apenas uma nuvem do tamanho de uma mão, como aquelas que se espalharão mais e mais, até que as sombras daquela noite eterna o alcancem e o envolvam na escuridão exterior do inferno.

(2.) A sinceridade conforta o cristão quando lhe falta o sucesso, visivelmente, para coroar seus esforços em seu lugar e vocação. Esta é, sem dúvida, uma grande aflição para uma alma graciosa. É como quando um ministro do evangelho gasta sua força e consome sua vida diante de um povo contradizente, que se senta como cepos e pedras sob seu ministério, não mais movidos do que os assentos em que se sentam e as colunas em que se apoiam; ele os encontrou ignorantes e profanos, e tais ele vê que provavelmente os deixará, após vinte anos, talvez quase o dobro, gastos entre eles. Isto deve necessariamente ser uma provação que causa dor ao coração para alguém a quem Deus deu um coração compassivo pelas almas. Não custa à mãe poucas dores dar à luz uma criança viva; mas quais são as amargas dores de parto daquela que sofre com uma criança morta? Tal é o trabalho de parto de um pobre ministro com um povo de coração morto, contudo, este é o quinhão de mensageiros de Deus não dos menos importantes; na verdade, Deus coloca seus servos mais eminentes no trabalho mais difícil. Ora, a sinceridade alivia esta aflição e envia o que pode animar a alma sob ela. Paulo viu que não levaria todos ao céu consigo para quem pregou — para muitos o evangelho foi “cheiro de morte para morte”. O doce perfume do evangelho provou ser um odor mortal para apressar e aumentar a condenação deles. Isso não poderia deixar de ser triste para um médico tão terno — ver seus pacientes morrerem sob suas mãos — contudo, ele agradece a Deus que o faz “triunfar em Cristo” (2 Co 2:14). Mas como ele pode fazer isso? Pobres almas caem no inferno sob o seu púlpito ouvindo-o, e ele triunfa? Isso é tão estranho quanto ver o pai seguir o cortejo fúnebre lúgubre de seu filho, não chorando, mas cantando e dançando. Note, e o espanto cessará. Ele não triunfa porque eles perecem, mas porque não é culpado do sangue deles; não porque eles são condenados, mas porque ele tentou

sinceramente a salvação deles. “Porque nós não estamos, como muitos, corrompendo a palavra de Deus; antes, falamos em Cristo com sinceridade, como de Deus na presença de Deus” (v. 17). Se Paulo tivesse deixado cair alguma cabaça brava de erro em sua doutrina, ou misturado algum ingrediente de sua própria autoria com o que Cristo, o grande médico, havia ordenado, ele teria tido pouco ânimo para triunfar; mas pregando o evangelho puro, e isso puramente, com um coração sincero, ele poderia triunfar em Cristo que o fez fiel, e triunfará sobre eles quando os encontrar novamente no grande dia do tribunal de Cristo, onde, diante de suas faces, ele testemunhará contra eles e votará com Cristo para a destruição eterna deles. Parece-me ouvir todos os ministros fiéis de Cristo prestando contas a Ele, em cujo recado foram enviados, na linguagem da oração de Jeremias: “Senhor, tu sabes que não desejei o dia funesto” (Jr 17:16), que agora se apoderou destas almas miseráveis e do qual nós os avisamos. O que saiu de nossos lábios, em nossa pregação a eles, foi reto diante de ti. A vida de suas almas era cara e preciosa para nós. Teríamos sacrificado nossas vidas temporais para salvar a vida eterna de suas almas; mas nada que pudéssemos dizer ou fazer os impediria; eles iriam para o inferno passando por cima de todas as orações, lágrimas e súplicas da tua palavra que estavam em seu caminho. Isso fará com que os ministros sinceros de Cristo levantem suas cabeças com alegria, e tais miseráveis desamparados pendurem suas cabeças com vergonha de olhar para Cristo ou para eles, embora agora possam desafiá-los com uma frente impudente. Assim, para pais e mestres, a sinceridade em seus relacionamentos os consolará, embora vocês não vejam sua semente brotar, a qual vocês semearam neles através de seus exemplos piedosos, instruções santas e correções oportunas. Davi foi alguém que “andou em sua casa com um coração perfeito” (Sl 101:2) — cuidadoso na criação de seus filhos, como

aparece em seu conselho piedoso a Salomão (1 Cr 28:9), embora não sem falhas. Mas muitos de seus filhos não foram dos melhores; um incestuoso, outro manchando suas mãos com o sangue de seu irmão, um terceiro agarrando traiçoeiramente sua coroa enquanto ele mesmo estava vivo — um fato que fez este santo homem prever tristemente como seriam as coisas quando ele estivesse morto e enterrado. Contudo, nesta grande desordem de sua família, quão consolado nós o encontramos em seu leito de morte! “Embora a minha casa não seja tal para com Deus, contudo estabeleceu comigo uma aliança eterna, bem ordenada em tudo e segura” (2 Sm 23:5). Certamente ele havia cumprido seu dever sinceramente. Esta foi a sua evidência de seu interesse na aliança, e a aliança era todo o seu desejo e salvação.

Em suma, em tempos de calamidade pública, quando a torrente da ira de Deus entra rolando sobre uma nação, como ondas irresistíveis, pela ampla brecha que os altos pecados clamorosos dos tempos fazem, e os poucos justos que são encontrados no lugar se esforçam para permanecer na brecha, por suas orações, implorando a vida da nação, mas Deus não quer ouvir, mesmo então a sinceridade será um doce apoio enquanto compartilhamos com outros a calamidade comum. Assim, de fato, acontece às vezes — embora os justos sejam, como Noé, Jó e Daniel, amados de Deus — que nenhuma fiança será aceita para uma nação sob a prisão dos juízos de Deus. Jeremias se esforçou zelosamente por Deus ao testemunhar contra os pecados dos tempos, e pelo povo fiel e fervorosamente junto a Deus através da oração; mas ele não pôde convertê-los por sua pregação, nem desviar a ira de Deus por sua oração. Os judeus ordenaram que ele se calasse e não profetizasse mais contra eles. Deus também silencia sua boca e ordena que ele não ore mais por eles. Ora, no estado sombrio das coisas, o que alivia

seu coração pesaroso, inchado de tristeza por seus pecados e pelos juízos que se apressam sobre eles, como uma águia para sua presa? Verdadeiramente nada pode, senão a lembrança de sua sinceridade para com Deus e o homem naqueles tempos devassos. “Lembra-te de que eu me pus na tua presença, para falar por eles acerca do bem, para desviar deles a tua indignação” (Jr 18:20). Como se ele tivesse dito: “Ó Senhor, embora eu não possa prevalecer com esta geração rebelde para se arrepender de seus pecados, ou com tua majestade para se arrepender de tua ira que saiu por um decreto irreversível contra eles; contudo, lembra-te de que fui fiel em meu lugar tanto para contigo quanto para com eles”. Ao passo que, pelo contrário, horror e espanto de espírito é o quinhão, em tais tempos de calamidade pública, dos hipócritas, como vemos em Pasur (Jr 20), que era um homem que exercia grande influência na corte nos tempos de Jeremias, um inimigo amargo do próprio profeta e da mensagem que ele trazia de Deus aos judeus, esforçando-se para adular o rei e os príncipes com vãs esperanças de dias dourados que viriam — em total contradição com a palavra do Senhor na boca de Jeremias. E o que acontece com ele quando a tempestade cai sobre aquele povo infeliz? Jeremias lhe diz seu destino, v. 4 — que Deus o tornará um *magor missabib* [terror ao redor] — um terror para si mesmo. Ele não apenas deveria compartilhar da calamidade comum, mas ter uma marca da ira especial de Deus sobre ele acima dos outros.

(3.) A sinceridade cinge o cristão com força de conforto, quando privado daquelas oportunidades que, outrora, Deus lhe confiara para servi-Lo. [Esta é] uma aflição que, considerada em si mesma, [é] tão penosa para uma alma graciosa que ele não conhece nenhuma que tema mais. Ele escolheria qualquer outra, se pudesse ser o seu próprio escultor, antes desta; sim, ser pobre,

desonrado, perseguido, qualquer coisa em vez de ser posto de lado como um instrumento quebrado, inútil para seu Deus. De fato, ele valoriza sua vida, e todos os confortos dela, pelas oportunidades que elas oferecem para glorificar a Deus. Davi silencia a boca de sua alma, que começava a sussurrar alguma linguagem de descontentamento, com isto: que ele ainda louvaria a Deus. “Por que estás abatida, ó minha alma? [...] Pois ainda o louvarei” (Sl 42:5). Tudo está bem com Davi, e não há causa de inquietação em sua alma, o que quer que, além disso, vá contra ele, se ele puder apenas louvar a Deus e ter oportunidade de glorificá-Lo. José, quando Deus o havia elevado tão estranhamente ao topo do pináculo, por assim dizer, à honra em uma terra estranha, ele não se bendiz em sua promoção, carnalmente, para pensar quão grande homem ele é, mas interpreta toda a série da providência, trazendo-o finalmente àquele lugar, no qual ele se posicionou como par de um poderoso rei, como nada mais do que dar-lhe uma oportunidade de ser eminentemente útil a Deus na preservação de sua igreja, que estava naquele tempo contida na família de seu pai. “Deus me enviou adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra e para manter-vos com vida, mediante um grande livramento” (Gn 45:7). Este santo homem fez seu cargo dar lugar à obra que ele foi chamado a realizar nele para Deus, contando que a honra de sua honra residia na oportunidade que ele tinha por meio dela de servir a Deus e sua igreja. Portanto, deve ser necessariamente uma triste aflição para um santo quando tais oportunidades que ele desfrutou em qualquer tempo lhe são tiradas. Mas a sinceridade pode fazer um bom trabalho disto também, se Deus quiser que assim seja. É triste para o cristão ser posto de lado, mas é confortável para ele lembrar que, quando não o foi, ele não derreteu seus talentos em preguiça, nem os desperdiçou em libertinagem, mas foi fiel em melhorá-los para Deus. Ele conta

como sua aflição o fato de Deus não o empregar como tem feito, mas não se entristece por Deus poder fazer sua obra sem ele; sim, é um doce conforto para ele, enquanto jaz à beira da sepultura, pensar que a glória de Deus não descerá à sepultura com ele. Embora ele morra, contudo Deus vive para cuidar de sua própria obra; e não é o estalo de uma corda, ou de todas, que pode estragar a música da providência de Deus, que pode realizar seu prazer sem usar qualquer criatura como seu instrumento. Em suma, é triste para ele ser retirado de qualquer obra na qual ele poderia glorificar a Deus mais eminentemente; contudo, isto novamente o conforta: que Deus conta como feito aquilo que o cristão deseja sinceramente fazer. A boa vontade de Davi ao desejar construir o templo foi, na contagem de Deus, tanto quanto se ele o tivesse feito. Muitos serão, no último dia, recompensados por Cristo por vestir e alimentar os pobres, que, quando na terra, não tinham nem roupas nem pão para dar; contudo, tendo tido um coração para dar, serão contados entre os maiores benfeitores dos pobres. Isso aparece em Mt 25:34, onde Cristo é representado falando não a alguns poucos santos que tinham grandes propriedades para destinar a usos caridosos, mas a todos os seus santos, pobres tanto quanto ricos: “Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado [...] Porque tive fome, e destes-me de comer”, etc. Note, não “vós que éreis ricos”, mas “vós” — isto é, “todos” — aqueles que tinham pão, vocês distribuíram isso; vocês que não tinham pão ou dinheiro para dar, quando não podiam tirar de sua bolsa, vocês ainda tiraram de suas almas para os famintos. Ouçam isto, ó preciosas almas que Deus fez sinceras, e sintam-se confortadas. Talvez vocês estejam em posição baixa no mundo; sua vocação é humilde; sua propriedade quase nada; o que faz com que sejam pouco considerados por seus vizinhos que os superam. Podes tu

dizer, embora sejas apenas um servo de algum sapateiro pobre, que desejas andar na verdade de teu coração, aprovando-te a Deus em todo o teu curso? Este pássaro cantará uma nota tão doce em teu peito quanto se fosses o maior monarca do mundo. Aquilo que traz conforto ao maior santo em um tempo de aflição é o mesmo que conforta o mais humilde na família, e isto é o amor e o favor de Deus, o interesse em Cristo e as preciosas promessas que nEle são “sim” e “amém”. Ora, a sinceridade é a melhor evidência para o nosso título a essas coisas. Não será tão insistido se muito ou pouco foi feito por nós, mas se esse muito ou pouco foi em sinceridade. “Muito bem, servo bom e fiel.” Não “muito bem, tu fizeste grandes coisas, governaste estados e reinos, foste um famoso pregador em teu tempo”, etc.; mas “tu foste fiel”; e isso tu podes ser, ainda que estejas no canto mais obscuro do mundo. O bom Ezequias sabia disso e, portanto, em seu leito de enfermo, não conta a Deus sobre os grandes serviços que havia feito — embora ninguém tivesse feito mais — mas apenas deseja que Deus tome nota da verdade e sinceridade de seu coração: “Lembra-te, ó Senhor, te peço, de como tenho andado diante de ti em verdade e com coração perfeito, e tenho feito o que era reto aos teus olhos” (Is 38:3).

Um breve aprimoramento do assunto geral.

Resta que o ponto seja aplicado em seus vários ramos, que são três, a saber: a sinceridade tem uma força preservadora, uma força restauradora e uma força consoladora. Mas, para um despacho rápido, faremos isso sob dois cabeçalhos, colocando os dois primeiros em um só.

USO 1. Portanto, a sinceridade tem uma virtude fortalecedora, pela qual ela preserva a alma de cair no pecado ou ajuda o cristão caído a levantar-se novamente.

1. Isto te proporciona, cristão, uma descoberta mais profunda de teu coração, se é sincero ou não. Coloque-o aqui à prova. Entras uma força transmitida a ti, pela qual és capacitado a repelir uma tentação ao pecado, quando não tens nenhuma arma restada para te defender contra ela, exceto o mandamento que a proíbe, ou alguma flecha retirada da aljava do evangelho, tal como o amor de Cristo por ti, teu amor por ele, e coisas semelhantes? Talvez a tentação seja posta tão astuciosamente que podes pecar e salvar teu crédito também, tendo uma porta dos fundos aberta para te deixar entrar nela secretamente. Não arriscarás nada, aparentemente, de tua preocupação temporal; sim, antes, muito a favorecerás, se quiseses dar ouvidos ao movimento. Apenas, Deus levanta-se para se opor a isso. Seu Espírito te diz que é contra sua glória, inconsistente com o dever que deves e o amor que professas a ele. Ora, fala o que pensas sobre pecar, estando o caso assim estabelecido. Podes tu ainda resistir valentemente e dizer a Satanás que o pecado não é um par para ti, até que possas ter o consentimento de Deus e reconciliar o pecar contra ele e o amar a ele juntos? Se assim for, bendiga a Deus que te deu um coração sincero, e também abriu uma janela como a dele em tua alma, através da qual podes ver que aquela graça está ali, a qual, uma vez vista, é a melhor evidência que Deus pode te dar de teu interesse nele e vida eterna com ele. Se fosses um hipócrita, não poderias resistir mais a um pecado assim oferecido do que a pólvora ao fogo, ou a palha ao vento.

Novamente, quando és derrubado pela violência da tentação, qual é o comportamento de tua alma neste caso? Reúnes tu tuas forças dispersas e novamente fazes frente contra teu inimigo, tanto mais avidamente, porque derrotado tão vergonhosamente? Ou estás contente em sentar-te quieto com a perda e escolher, antes, ser um escravo dócil de tua luxúria do que estar em qualquer problema maior para continuar a guerra? O coração falso, de fato, é logo intimidado — rapidamente cede submissão ao conquistador — mas o cristão sincero ganha coragem, mesmo quando perde terreno. A retidão faz a alma saltar mais alto em propósitos santos contra o pecado, por suas próprias quedas no pecado. “Uma vez falei” — ele quer dizer tolamente, pecaminosamente — “mas não responderei; sim, duas vezes, mas não prosseguirei” (Jó 40:5). Isto fez o santo Davi implorar a Deus para ser poupado um pouco, para que pudesse ter tempo de recuperar sua força antes que partisse. Relutante ele estava em ir derrotado do campo. Se ele pudesse viver para recuperar suas perdas pelo arrependimento de, e alguma vitória sobre, aqueles pecados que o haviam enfraquecido e vencido, então a morte seria bem-vinda. Ele sentia-se como aquele bravo capitão que, ferido em combate, desejou que alguns o sustentassem, para que pudesse apenas ver o inimigo fugir antes que morresse, e então ele fecharia seus olhos em paz. Lida, portanto, imparcialmente com tua própria alma. De que maneira tuas quedas e falhas funcionam? Se elas desgastam o fio de tua consciência, de modo que não seja tão aguçada e afiada em suas repreensões pelo pecado — se elas subornam tuas afeições, de modo que comesças a concordar com aqueles pecados nos quais, anteriormente, teu combate era, e gostas muito bem da companhia deles — teu coração não está reto. Mas se, ainda assim, teu coração medita uma vingança sobre teu pecado que te dominou, e isso jaz sobre teu espírito,

como comida mal digerida em um estômago doente, não podes ter sossego e contentamento para tua alma perturbada até que te tenhas livrado disso, quanto ao seu poder reinante; verdadeiramente, então, descobres um coração sincero.

1. Isto mostra de que importância é esforçar-se pela sinceridade. Sem ela, não podemos nem resistir, nem nos levantar quando caímos em tentação. O que quer que peças a Deus, não te esqueças de um coração sincero. Davi viu necessidade de mais desta graça do que tinha. “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito reto” (Sl 51:10); e feliz foi para ele ter tanto quanto para fazê-lo desejar mais disso. Que loucura é construir uma casa com vigas em chamas! A construção do hipócrita deve necessariamente vir a nada. Há um fogo não extinguido — o poder da hipocrisia não mortificado — que consumirá toda a sua bela profissão. Ele carrega para o campo um coração que o entregará nas mãos de seu inimigo. E ele é certo de ser superado aquele a quem seu próprio lado não é fiel.

2. Bendiga a Deus, ó cristão sincero, por esta graça, pois é uma bênção inestimável — coroas e diademas não devem ser comparados com ela. Nisto, tu tens um coração segundo o próprio coração de Deus; um coração ao seu gosto; sim, um coração à sua semelhança. Nada te faz mais parecido com Deus na simplicidade e pureza de sua natureza do que a sinceridade. A verdade é aquilo de que Deus se gloria. Ele é “um Deus de verdade”. Quando Hamã foi convidado a dizer o que deveria ser feito ao homem que o rei se deleitava em honrar, ele, pensando que o rei não se referia a outro senão a si mesmo, voaria tão alto quanto sua ambição pudesse levá-lo; e o que ele escolhe, senão ser vestido com as próprias roupas reais do rei! Quando Deus te dá a

sinceridade, ele veste tua alma com aquilo que ele mesmo usa — “que se veste de verdade e justiça como uma vestimenta”. Por isso, tu és feito um conquistador maior do que Alexandre jamais foi. Ele superou um mundo de homens; mas tu, um mundo de luxúria e demônios. Alguém abençoou a Deus, à vista de um sapo, porque Deus o fez um homem e não um sapo? Quão mais grato deverias tu ser, quem fez de ti, que eras um hipócrita por natureza, o que é muito pior, um cristão reto? É notável o dito de Lactâncio: “Se”, diz ele, “um homem escolhesse a morte, em vez de ter a face e a forma de uma besta — embora pudesse, ao mesmo tempo, manter a alma de um homem — quão mais miserável é, sob a forma de um homem, carregar o coração de uma besta?”. Contudo, tal é o hipócrita; sim, pior, ele faz apenas sob a forma de um homem, não no disfarce de um santo, carregar um coração bestial e imundo dentro de si.

3. Deixe isto te encorajar, tu que és sincero, contra os medos da apostasia final. Embora a sinceridade não te privilegie de cair, contudo teu estado de aliança em que estás, se sincero, te garante contra a apostasia final. Porque teu estoque de graça em mãos é pequeno, tu questionas tua perseverança. “Podem estas pernas fracas”, pensas tu, “trazer-me ao fim de minha jornada; estes poucos centavos em minha bolsa” — pouca graça em meu coração — “pagar minhas despesas em todo o caminho para o céu, através de tantas despesas de provações e tentações?”. Verdadeiramente não, se tu fosses receber nada mais do que tens no presente. O pão que tens no armário não te manterá por toda a tua vida. Mas, alma, tu tens uma aliança que te ajudará a obter mais quando esse ficar baixo. Não te ensinou Deus a orar pelo teu “pão diário”? E não achas que a bênção de Deus em tua

vocação, diligentemente seguida, te supre dia a dia? E não tens tu o mesmo vínculo para processar pelo teu “pão diário” espiritual? Não tens tu um Pai no céu que sabe do que precisas para tua alma assim como para o corpo? Não tens tu um caro Irmão, sim, Esposo, que foi para o céu, onde a abundância de toda a graça deve ser obtida, e isso de propósito no recado de seus filhos, para que ele pudesse manter suas almas, graças e confortos vivos neste mundo necessitado? Todo o poder está em suas mãos; ele pode ir à pilha e enviar o que desejar para o teu socorro. E podes tu passar fome, enquanto ele tem plenitude de graça por ele que se comprometeu a providenciar para ti? (Lc 10:35). Os dois denários que o samaritano deixou não eram suficientes para pagar a cura e a hospedagem do homem ferido; portanto, ele dá sua palavra “por tudo o que ele devesse precisar além”. Cristo não apenas dá um pouco de graça em mãos, mas seu vínculo para mais à alma sincera, até mesmo tanto quanto trará a eles ao céu. “Graça e glória ele dará”, e “bem nenhum sonegou aos que andam retamente” (Sl 84:11).

4. Toma cuidado em descansar sobre, ou gloriar-te em, tua sinceridade. É verdade que ela te capacitará a resistir às tentações e te recuperará, quando em tentação; mas quem capacita isso? Onde cresce a raiz que alimenta tua graça? Não em teu próprio solo, mas no céu. É Deus sozinho que mantém a ti e a ela na vida; ele que a deu está custando para mantê-la. O Senhor é tua força; que ele seja teu cântico. O que pode o machado, embora afiado, fazer sem o artífice? Dirá o machado: “Eu cortei?”, ou o cinzel, “Eu esculpi?”; não é a habilidade e a arte do artífice, antes? Quando fores capaz de resistir à tentação, diz: “O Senhor estava ao meu lado, ou então eu teria caído”. Ergue um “Ebenezer” e

escreve nele: “Até aqui o Senhor me ajudou”. Embora Deus prometa, no salmo citado agora, dar “graça e glória” aos retos, contudo ele não dará a glória de sua graça à retidão. Temos Davi afirmando sua retidão e como ele foi preservado por ela: “Também fui sincero para com ele, e me guardei da minha iniquidade” (2 Sm 22:24). Ele declara o fruto de sua retidão, como Deus deu testemunho a ela recompensando-o por isso, ao vindicá-lo diante, e dando-lhe vitória sobre seus inimigos: “Pelo que me retribuiu o Senhor conforme a minha justiça, conforme a minha pureza diante dos seus olhos” (v. 25). Ora, para que ele não se exaltasse, ou aplaudisse sua própria retidão, em prejuízo da graça de Deus, ele docemente corrige e limita essas passagens: “Deus é a minha força e o meu poder, e ele torna perfeito o meu caminho” (v. 33). Como se o santo homem tivesse dito: “Rogo-vos, não me entendam mal; não atribuo a vitória sobre meus inimigos dentro de mim ou fora, a mim mesmo e à minha retidão. Não, Deus fez tudo, ele é minha força e poder; sim, é ele que torna perfeito o meu caminho. Se sou sincero mais do que outros em meu caminho, devo agradecer-lhe por isso; pois ele torna perfeito o meu caminho. Ele encontrou-me no início como uma peça tão torta, e andando em caminhos tão tortos quanto qualquer outro, mas ele fez a mim e ao meu caminho perfeitos e retos”. Se Deus tivesse querido, ele poderia ter feito Saul tão perfeito quanto Davi. Se Deus tivesse deixado Davi, ele teria sido tão torto e falso de coração quanto Saul. O último ramo do ponto era que a sinceridade tem uma força consoladora em todas as espécies de aflição. O aprimoramento aplicatório do qual será apenas este —

USO 2. Deixe que isso nos ensine não a temer a aflição, mas a hipocrisia. Acreditem, amigos, a aflição é uma coisa

inofensiva para uma alma sincera; não pode ser tão grande a ponto de torná-la inconsistente com sua alegria e conforto. Uma alma graciosa na aflição mais aguda pode poupar suas lágrimas e piedade para destiná-las ao hipócrita quando em toda a sua pompa e glória. Ele tem aquilo em seu seio que lhe dá apreensões mais confortáveis de sua própria aflição do que os espectadores têm, ou podem ter, delas. Isto, uma vez, fez um santo homem, quando as dores da morte estavam sobre ele, perguntar a um servo seu, chorando ao lado de sua cama por ele: “O que ela queria dizer com medos?”, dizendo: “Nunca temais que meu Pai celestial me fará algum mal”. De fato, a aflição não é alegre para a carne, o que fez com que alguns dos filhos queridos de Deus, por um tempo, recuassem, mas depois que eles se familiarizaram com a obra e os confortos que Deus derrama sobre seus pobres prisioneiros através da grade, eles aprenderam outra melodia, como o pássaro que, ao ser colocado pela primeira vez na gaiola, bate as asas e mostra seu desdém pela restrição, mas depois passa a cantar mais docemente do que quando em liberdade para voar onde quisesse. Não sejam, portanto, tão pensativos sobre a aflição, mas sejam cuidadosos contra a hipocrisia. Se o leito da aflição se provar duro e desconfortável para ti, és tu mesmo quem traz contigo o que o torna assim. Aprova-te a Deus e confia naquele que prometeu ser o arrumador de cama de seus santos na aflição, para torná-la macia e fácil para ti. Ó, que palavra cortante será essa em uma hora de morte, quando estiveres gritando: “Senhor, Senhor, misericórdia de uma pobre criatura!”, ouvir o Senhor dizer: “Eu não te conheço”. Não é a voz de uma alma sincera, mas a voz de um hipócrita, que uiva em seu leito de tristeza. O que, então, farás, quando caído nas mãos de Deus, com quem tens feito malabarismos em tua profissão e nunca amaste sinceramente? Se aquele discurso de José foi tão confuso para os patriarcas — “Eu sou José, vosso irmão, a quem

vendestes para o Egito” — que eles não puderam suportar sua presença, conhecendo sua própria culpa, quão intolerável será ouvir da própria boca de Deus tal linguagem em um tempo de aflição: “Eu sou Deus a quem vós zombastes, abusastes e vendestes, pelos desfrutes de vossas luxúrias; e vós agora vindes a mim? Tenho eu algo para vós senão um inferno para vos atormentar por toda a eternidade?”.

DIREÇÃO 6

AS VÁRIAS PEÇAS DE TODA A ARMADURA DE DEUS.

Segunda Peça — A Couraça do Cristão.

“E vestindo a couraça da justiça” (Ef 6:14).

Estas palavras apresentam-nos uma SEGUNDA PEÇA DA ARMADURA, recomendada a todos os soldados de Cristo e exigida deles: uma couraça, e o metal de que ela deve ser feita, a justiça — “e vestindo a couraça da justiça”. Com relação a isso, é necessário que um duplo inquérito seja feito:

1. O que é a justiça aqui mencionada?
2. Por que ela é comparada a esta peça da armadura do soldado, a couraça?

A EXPLICAÇÃO DAS PALAVRAS.

PRIMEIRO INQUÉRITO.

A justiça mencionada.

O que é a justiça aqui mencionada? A Escritura fala de uma justiça dupla: a primeira legal, a segunda evangélica.

1. Uma justiça legal — aquela que Deus exigiu do homem na aliança das obras: “Moisés escreve a justiça que vem da lei, que o homem que fizer estas coisas viverá por

elas” (Rm 10:5). Três coisas concorrem para compor esta justiça da lei:

Primeiro. Uma obediência absolutamente perfeita à lei de Deus; isto é, perfeita extensivamente, com relação ao objeto; intensivamente, com relação ao sujeito. Toda a lei, em suma, deve ser guardada com todo o coração; o menor defeito, seja de parte ou de grau na obediência, estraga tudo.

Segundo. Esta obediência perfeita à lei de Deus deve ser pessoalmente realizada por aquele que é assim justo. “O homem que fizer estas coisas viverá.” Naquela aliança, Deus tinha apenas a fiança única do homem para o desempenho — nenhum fiador comprometido com ele — de modo que, não tendo Deus mais ninguém sobre quem recorrer pela falta, era necessário, se Deus não quisesse perder sua dívida, exigi-la pessoalmente de cada homem.

Terceiro. Esta obediência pessoal perfeita deve ser perpétua. Esta lei não permite ganhos posteriores. Se a lei for quebrada uma vez, ainda que apenas em um pensamento, não há lugar para arrependimento naquela aliança, ainda que fosse acompanhada por uma vida posterior nunca tão exata e imaculada. A obediência posterior, sendo apenas devida, não pode reparar a desobediência anterior. Ele não satisfaz a lei por matar um homem uma vez, se ele não o fizer mais. Quão desesperadora seria a nossa condição se não pudéssemos ser alistados no rol de batalha de Cristo até que estivéssemos providos de tal couraça! Adão, de fato, tinha tal justiça feita sob medida para si. Seu coração e a lei estavam em uníssono; ela respondia-lhe como face responde à face num espelho. Era tão natural para ele ser justo quanto agora é para sua posteridade ser injusta. Deus foi o gravador de sua própria imagem no homem,

que consistia em justiça e santidade. E aquele que fez tudo tão perfeito, que, após uma revisão de toda a criação, não acrescentou nem alterou nada, mas viu que “tudo era muito bom”, não foi menos curioso na obra-prima de todo o seu trabalho: ele “fez o homem perfeito”. Mas Adão pecou e contaminou a nossa natureza, e agora a nossa natureza nos contamina; de modo que, nunca desde então a couraça de Adão — a justiça, quero dizer — pôde servir ao peito de qualquer mero homem. Se Deus quisesse salvar todo o mundo por um homem justo — como uma vez ofereceu fazer por Sodoma por dez — aquele um não poderia ser encontrado. O apóstolo divide todo o mundo em “judeu e gentio” (Rm 3:9). Ele não tem medo de colocá-los todos na lama: “já provamos que todos estão sob pecado. Como está escrito: Não há um justo, nem um sequer”. Nem o filósofo mais orgulhoso entre os gentios, nem o fariseu mais preciso entre os judeus — podemos ir ainda mais longe — nem o santo mais santificado que já viveu pode estar justo diante daquele tribunal. “Não entres em juízo com o teu servo”, diz Davi, “porque à tua vista ninguém que vive é justificado” (Sl 143:2). Deus pregou aquela porta, de modo que ninguém pode entrar para sempre pela justiça da lei na vida e na felicidade. Este caminho para o céu é como a passagem do norte para as Índias: quem quer que tente, tem a certeza de ser congelado antes de chegar na metade do caminho.

1. A segunda justiça, da qual a Escritura fala, é uma justiça evangélica. Ora, esta também é dupla: uma justiça imputada ou impartida. A justiça imputada é aquela que é operada por Cristo para o crente; a impartida, aquela que é operada por Cristo no crente. A primeira destas, a justiça imputada, é a justiça da nossa justificação, aquela pela qual o crente se mantém justo e reto diante de Deus, e é chamada,

por distinção da última, “a justiça de Deus” (Rm 3:21; 10:3). Não como se a outra justiça também não fosse de Deus, mas:

Primeiro. Porque esta não é apenas operada por Cristo, mas também realizada em Cristo — que é Deus — e não é inerente em nós, de modo que o benefício dela nos advém pela fé, como se nós a tivéssemos operado. Daí Cristo ser chamado “o Senhor, Justiça Nossa”.

Segundo. Porque esta é a justiça, e não a outra, que Deus ordenou para ser a causa meritória da justificação de nossas pessoas, e também da aceitação de nossa justiça inerente impartida por ele a nós. Ora, esta justiça pertence à “quarta peça da armadura” — o “escudo da fé” — na verdade, nós a encontramos levando o seu nome a partir daquela graça, Rm 4:11, onde é chamada “a justiça da fé”, porque apreendida e aplicada pela fé à alma. A “justiça”, portanto, que é aqui comparada à “couraça”, é a última das duas, e essa é a justiça da nossa santificação, que chamei de justiça impartida, ou uma justiça operada por Cristo no crente. Ora, entenda-a assim descrita: É um princípio sobrenatural de uma nova vida plantado no coração de cada filho de Deus pela poderosa operação do Espírito Santo, pelo qual eles se esforçam para se aprovarem diante de Deus e dos homens, realizando o que a Palavra de Deus exige que seja realizado para com ambos. Vamos desdobrar brevemente o que está contido nesta descrição.

1. Aqui está o eficiente, ou obreiro — o Espírito Santo. Daí que as várias partes da santidade sejam chamadas de “frutos do Espírito” (Gl 5:22). Se o Espírito não está na raiz, nenhum fruto como a santidade pode ser visto nos ramos. “Sensuais”, e “não tendo o Espírito”, estão inseparavelmente acoplados (Jd 19). O homem, pela sua

queda, tem uma dupla perda: o amor de Deus por ele e a sua semelhança com Deus. Cristo restaura ambos aos seus filhos — o primeiro, pela sua justiça imputada a eles; o segundo, pelo seu Espírito reimpartindo a imagem perdida de Deus a eles, que consiste “em justiça e verdadeira santidade”. Quem, senão um homem, pode transmitir sua própria natureza e gerar um filho como ele mesmo? E quem, senão o Espírito de Deus, pode tornar uma criatura semelhante a Deus, fazendo-a participante da natureza divina?

2. Aqui está a obra produzida — um princípio sobrenatural de uma nova vida. (1.) Por um princípio de vida, quero dizer uma disposição e qualidade interior, docilmente, poderosamente e constantemente inclinando-a para aquilo que é santo; de modo que o cristão, embora passivo na produção, é depois ativo e co-operante com o Espírito em todas as ações de santidade; não como um instrumento sem vida está na mão de um músico, mas como um filho vivo na mão de um pai. Portanto, diz-se que eles são “guiados pelo Espírito Santo” (Rm 8:14). (2.) É um princípio de nova vida; o trabalho do Espírito não foi afagar e recuperar o que estava desmaiando, mas operar uma vida *de novo* — de novo, numa alma totalmente morta: “E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas” (Ef 2:1). O diabo vem como orador, para persuadir por argumento, quando tenta; o Espírito como criador, quando converte. O diabo retira e acende o que ele encontra já escondido no coração; mas o Espírito Santo coloca na alma o que ele não encontra lá — chamado na Escritura de “semente” de Deus (1 Jo 3:9), “Cristo formado em vós” (Gl 4:19), a “nova criatura” (Gl 6:15), a “lei” colocada por Deus no homem interior (Jr 31:33), que Paulo chama de “a lei do Espírito de vida em Cristo Jesus” (Rm

8:2). (3.) É um princípio sobrenatural. Por isto, distinguimo-lo da justiça e santidade de Adão, que era co-natural a ele, como agora o pecado é para nós; e, se ele tivesse permanecido, teria sido propagado a nós tão naturalmente como agora o seu pecado é. A santidade era tão natural para a alma de Adão quanto a saúde era para o seu corpo, ambas resultando *ex principiis recte constitutis* — de princípios puros e corretamente dispostos.

3. Aqui está o solo ou sujeito no qual o Espírito planta este princípio de santidade — o filho de Deus. “E, porque vós sois filhos, enviou Deus aos vossos corações o Espírito de seu Filho” (Gl 4:6). Não há um filho em toda a sua família que não seja semelhante ao seu Pai — “como é o terreno, tais são também os terrenos” — e ninguém além dos filhos tem este selo de verdadeira santidade. Como o apóstolo, Rm 8:9, conclui, nós “não temos o seu Espírito” se estivermos “na carne” — isto é, em um estado pecaminoso e profano — assim ele conclui que não somos seus filhos se “não tivermos o seu Espírito”, assim nos transformando e santificando. Há, de fato, uma santidade e santificação, tomada em um sentido amplo, que pode ser encontrada naqueles que não são filhos. Assim, todos os filhos dos crentes são “santos” (1 Co 7); os quais nem todos são filhos de Deus. Sim, falsos professores também ganham o nome de serem santificados (Hb 10:29), porque fingem sê-lo. Mas aquilo que a Escritura chama de justiça e verdadeira santidade é uma escultura que o Espírito grava apenas nos filhos de Deus. O Espírito santifica apenas aqueles por quem Cristo ora ao seu Pai para “santificar”, e eles são o seu número peculiar dado a Deus por ele (Jo 17:17).

4. Aqui está a eficácia deste princípio, plantado pelo Espírito no coração de um filho de Deus, pelo qual ele se esforça. Como o coração — que é o princípio da vida natural no corpo — a partir da infusão da vida natural, está sempre batendo e trabalhando, assim o princípio da nova vida na alma está sempre se esforçando. A “nova criatura” não nasce morta; a verdadeira santidade não é um hábito maçante, que dorme o tempo todo sem fazer nada. A mulher curada por Cristo “levantou-se” imediatamente “e os serviu” (Mt 8:15). Não demora este princípio a ser plantado no coração, mas o homem levanta-se para servir a Deus, e agir por Deus com toda a sua força e vontade. A semente que o Espírito santificador lançou na alma não é perdida no solo, mas rapidamente mostra que está viva pelo fruto que produz.

5. Aqui está a natureza imperfeita deste princípio — como ele mostra sua realidade pelo esforço, assim sua imperfeição, que ele capacita apenas para um esforço, não para um desempenho completo. A santidade evangélica torna a criatura mais disposta do que capaz de dar obediência completa. O coração do santo salta quando suas pernas apenas rastejam no caminho dos mandamentos de Deus. Maria perguntou “onde o haviam posto?” (referindo-se a Cristo), querendo, ao que parece, carregá-lo embora em seus ombros; o que ela não era capaz de fazer. Suas afeições eram mais fortes do que suas costas. Esse princípio de santidade que está no santo faz com que ele se esforce naquilo que ele pouco mais pode do que mover. Paulo, um santo de primeira magnitude, dá-nos o seu próprio caráter, com outros servos eminentes de Cristo, mais pela sinceridade da sua vontade e esforço do que pela perfeição da sua obra: “Orai por nós, porque confiamos que temos uma boa consciência, como

aqueles que em todas as coisas querem viver honestamente” (Hb 13:18). Ele não diz “Em todas as coisas vivemos honestamente”, como se nenhum passo fosse dado de forma errada por eles; não, ele não ousaria dizer isso por um mundo. Mas ele se atreve a afirmar isto para si mesmo e seus irmãos: “que eles querem em todas as coisas fazer o que é santo e justo”. Onde “querer” não é uma fraca e desanimada volição, mas uma vontade exercida em um esforço vigoroso, pesa tanto em um ouvido imparcial quanto aquela do mesmo Paulo (At 24:16): “nisto me exercito”. Ele estava tão disposto a usar seu melhor cuidado e labor nos caminhos da santidade e, tendo este testemunho em seu próprio peito, ele não tem medo de reivindicar “uma boa consciência”, embora não atinja plenamente aquilo que deseja: “Confiamos que temos uma boa consciência, querendo”, etc. — ele quer dizer na interpretação favorável do evangelho, pois a lei não permite tal boa consciência.

6. Aqui está a uniformidade deste princípio em suas ações — “para com Deus e para com o homem”. A verdadeira santidade não divide o que Deus une: “Deus falou todas estas palavras” (Êx 20:1), a primeira tábua e a segunda também. Ora, um coração verdadeiramente santificado não pula nem risca uma palavra que Deus escreveu, mas deseja ser um fiel executor para realizar toda a vontade de Deus.

7. Aqui está a ordem de suas ações — como “para com Deus e para com o homem”; assim, primeiro para com Deus, e depois para com o homem; sim, para com Deus, em sua justiça e caridade para com o homem. Paulo diz dos macedônios que eles primeiro deram “a si mesmos ao Senhor, e depois a nós, pela vontade de Deus” (2 Co 8:5).

Deus é servido primeiro, e o homem, em obediência à vontade de Deus.

8. Aqui está a regra que ela segue — “o que a Palavra de Deus exige”. Santidade apócrifa não é verdadeira santidade. Não podemos escrever na religião uma linha reta sem uma regra, ou por uma falsa. E todas são regras falsas, exceto a Palavra: “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles” (Is 8:20).

SEGUNDO INQUÉRITO.

Por que a justiça é comparada a uma couraça.

A segunda coisa a ser inquirida é: por que a justiça e a santidade são comparadas à couraça? E isso é por causa de um duplo uso que o soldado faz desta peça da armadura, e de um duplo benefício que ele recebe dela.

1. A couraça preserva a parte principal do corpo, e essa é o peito, onde os próprios órgãos vitais do homem estão estreitamente alojados juntos, e onde um tiro ou punhalada é mais mortal do que em outras partes que estão distantes da fonte da vida. Um homem pode sobreviver a muitas feridas recebidas nos braços ou pernas, mas uma punhalada no coração ou em outras partes vitais é a certa mensageira da morte que se aproxima. Assim, a justiça e a santidade preservam a parte principal de um cristão — sua alma e consciência. Vivemos ou morremos espiritualmente, sim, eternamente, à medida que cuidamos de nossas almas e consciências. Não é uma ferida na reputação, nos bens, ou em qualquer outro desfrute mundano que nos mata neste sentido. Estas não tocam nem colocam em risco a vida do

cristão, mais do que o corte da barba ou das unhas o fazem ao homem. Os órgãos vitais espirituais estão sediados na alma e na consciência. Deve ser um punhal espiritual que os apunhala, e isso é apenas o pecado, que é dito “caçar a vida preciosa” (Pv 6:26). Este é o “dardo” que atinge o jovem “através do fígado”, que se apressa para sua luxúria, “como o pássaro para o laço, e não sabe que isso lhe custará a vida” (Pv 7:23). Ora, a justiça e a santidade defendem a consciência de todas as feridas e danos causados pelo pecado, que é a arma que Satanás usa para dar à consciência sua punhalada mortal.

2. A couraça, ao defender esta parte principal, encoraja o soldado e torna-o destemido diante do perigo; e isso é tão necessário na luta quanto o outro. É quase o mesmo para um exército ser morto ou intimidado. Um soldado morto no lugar fará, de certa maneira, tanto bem quanto um soldado de coração morto que está desanimado pelo medo — seu coração é morto enquanto ele está vivo — e um peito nu expõe o soldado desarmado a um coração trêmulo; ao passo que alguém, de outra forma covarde, tendo seu peito bem defendido com uma couraça à prova, aventurar-se-á mais ousadamente sobre as lanças. Assim, a justiça, ao defender a consciência, preenche a criatura com coragem diante da morte e do perigo; ao passo que a culpa — que é a nudez da alma — coloca o pecador mais forte em um ataque de tremores de medo. “Os ímpios fogem quando ninguém os persegue; mas os justos são ousados como um leão” (Pv 28:1). Dizem que as ovelhas são assustadas pelo barulho de seus próprios pés enquanto correm. Assim é o pecador com o ruído de sua culpa. Não demorou Adão para ver sua couraça fora e si mesmo nu, e ele tem medo da voz de Deus,

como se nunca tivesse se familiarizado com ele. Nunca poderemos recuperar verdadeiramente nossa coragem até recuperarmos nossa santidade: “Se o nosso coração não nos condenar, temos confiança para com Deus” (1 Jo 3:21).

CONEXÃO DA COURAÇA E DO CINTO.

Sendo as palavras assim abertas, as observações são facilmente extraídas delas. Mas o copulativo “e”, com o qual esta peça de armadura é tão estreitamente afivelada à anterior, convida-nos a fazer uma pequena pausa, para notar quão amorosamente a verdade e a santidade estão aqui conjuntas, como as cortinas irmãs do tabernáculo (Êx 26:13), assim chamadas no hebraico; e é uma pena que alguém desabotoe o que Deus tão bem ajustou uma à outra. Deixe que esta seja, então, a nota a partir daqui: NOTA. Que a verdade e a santidade devem andar juntas.

1. Tome a verdade, como verdade de doutrina. Um juízo ortodoxo, com um coração profano e uma vida ímpia, é tão feio quanto a cabeça de um homem estaria nos ombros de uma besta. Esse homem tem pouco motivo para se gabar de que o que ele professa é a verdade, se ele for iníquo. Pobre miserável, se tu és escravo do diabo, não importa em que parte tua corrente esteja presa, seja na cabeça ou no pé. Ele te prende com tanta certeza pelo pé, em tua prática, como o faria pela cabeça, se fosses herético e blasfemo; sim, tu estás em pior situação, em alguns aspectos, do que aqueles que são iguais a si mesmos por toda parte. Tua iniquidade é maior, porque cometida diante da verdade. Muitos — os erros de seus juízos errôneos traem-nos para a profanidade de sua prática. Suas vidas iníquas são a conclusão que segue

necessariamente das premissas de seus erros. Mas o teu juízo te ilumina para outro caminho, a menos que pretendas acumular ainda mais teu pecado, gerando tua impiedade na própria verdade. Eles apenas perdem o caminho para o céu no escuro, ou são enganados por uma luz falsa de juízo errôneo, que possivelmente, retificado, traria-os de volta ao caminho da santidade; mas tu pecas sob a luz plena da verdade e segues corajosamente para o inferno ao meio-dia; como o próprio diabo, que conhece bem a verdade do erro, mas odeia ser governado por ela. Se uma menestrel cantasse uma melodia doce com a voz e tocasse outra com a mão que é áspera e desagradável, tal música arranharia mais o ouvido judicioso do que se ela tivesse cantado aquilo que tocou. Assim, cantar a verdade com nosso juízo e tocar a iniquidade com nosso coração e mão em nossa vida é mais abominável a Deus e a todos os bons homens do que quando o juízo é errôneo, bem como a vida é ímpia. Naás não teria enfurecido tanto Davi, se tivesse vindo com um exército de vinte mil homens para o campo contra ele, como ele fez ao abusar de seus embaixadores tão vilmente. A hostilidade aberta que muitos expressam por suas vidas ímpias não provoca tanto a Deus quanto o uso vil que dão à sua verdade, a qual ele envia para tratar com eles, sim, neles. Isso acende o fogo de sua ira em uma chama de propósito, quando ele vê homens desprezarem sua verdade, andando de forma contrária à luz dela, e impedindo-a de ter qualquer comando sobre eles em suas vidas, e ainda assim a reconhecendo como a verdade de Deus.

2. Tome como verdade de coração; e assim a verdade e a santidade devem andar juntas. Em vão os homens fingem sinceridade se são ímpios em suas vidas.

Deus não reconhece nenhuma sinceridade ímpia. Os termos colidem um com o outro. A sinceridade ensina a alma a apontar para o fim correto de todas as suas ações — a glória de Deus. Ora, não basta colocar o fim correto diante de nós, mas caminhar no caminho certo para ele. Nunca chegaremos à glória de Deus fora do caminho de Deus. A santidade e a justiça são o caminho do homem sincero, colocado por Deus como uma estrada sobre a qual ele deve caminhar, tanto para a glorificação de Deus quanto para ser glorificado por Deus. Ora, aquele que pensa encontrar um atalho e um caminho mais curto do que este para obter este fim, ele tem trabalho apenas para desfazer a si mesmo. Como ele encontra uma nova maneira de glorificar a Deus, que Deus não traçou, assim ele deve encontrar um novo céu que Deus não preparou, ou então ele deve ficar sem um para recompensá-lo por seu trabalho. Ó amigos! procurem encontrar este selo de justiça e santidade em sua sinceridade. O provérbio diz: “O inferno está cheio de bons desejos” — daqueles que agora, quando é tarde demais, desejam ter agido de outra forma quando estavam na terra. E vocês não acham que há lá muito mais do que um bom estoque de boas intenções também? Aqueles que fingiam, quando estavam na terra, que queriam dizer bem, e seus corações eram honestos; no entanto, aconteceu que suas vidas foram diferentes. Que estranha ilusão é esta? Se alguém dissesse: “Embora toda a água que o balde traz seja podre e fétida, contudo aquela que está no poço é toda doce”, quem acreditaria nele? Teu coração reto e tuas intenções boas, quando tudo o que procede do teu coração em tua vida é iníquo! Como pode ser? Quem acreditará em ti? Certamente nem tu mesmo.

O CUIDADO ESPECIAL DO CRISTÃO — MANTER SUA COURAÇA.

É hora agora, tendo medido o terreno, de colocar a pedra fundamental sobre a qual a estrutura a partir destas palavras deve ser erguida. Pensei em traçar vários pontos como fundamentos distintos para construir nosso discurso, mas agora escolherei unir tudo em um único ponto — como um edifício principal — embora eu faça mais alguns aposentos nele para acolher o que de outra forma teria sido tratado separadamente. O ponto é este:

DOUTRINA. Que aquele que pretende ser um cristão de fato deve esforçar-se para manter o poder da santidade e da justiça em sua vida e conversação. Isto é ter a “couraça da justiça” e tê-la vestida também. Ele é um homem santo e justo que tem uma obra de graça e santidade em seu coração, como ele é um homem vivo que tem um princípio de vida nele. Mas ele mantém o poder da santidade que exerce isso vigorosamente em seu caminhar diário; como ele mantém o poder da vida natural, em quem o princípio de vida sediado no coração capacita cada membro a cumprir seu ofício particular no corpo vigorosamente. Assim caminhavam os cristãos primitivos, “em cujas veias”, diz Jerônimo, “o sangue de Cristo ainda estava quente”. Seu grande cuidado era manter esta couraça da justiça firme e íntegra, para que ela não se afrouxasse por negligência nem fosse quebrada por pecado presunçoso. O caráter, então, pelo qual um santo era conhecido de outros homens, era seu caminhar santo (Lc 1:6). Ali é dito de Zacarias e Isabel: “Ambos eram justos diante de Deus, caminhando em todos os mandamentos e preceitos do Senhor de forma irrepreensível”. Este era também o exercício diário do santo Paulo: “procurando sempre ter uma consciência sem ofensa tanto para com Deus como para com os homens” (At 24:16). Nunca ninguém vigiou

tão curiosamente a saúde de seu corpo quanto ele atendeu à saúde de sua alma, para que nenhuma impiedade ou injustiça — que é a única ruína dela — pudesse desequilibrá-la e contaminá-la. E, verdadeiramente, nós, que vimos após tais santos na mesma profissão, nos obrigamos ao nosso bom comportamento, que caminharemos de forma santa e justa como eles fizeram. O ponto carrega sua evidência em sua frente e precisa mais de ser enfatizado do que provado; e, portanto, posso ser perdoado se as demonstrações do ponto forem tratadas tanto no caráter de motivos para, como de razões para, o dever. Isso poupará trabalho na aplicação.

1. Então, trarei algumas RAZÕES pelas quais o cristão deve ter especial cuidado para manter a couraça da justiça; isto é, exibir o poder de uma vida santa e justa.

2. Mencionarei vários EXEMPLOS em que especialmente todo cristão deve expressar o poder de uma vida santa e justa.

3. Apresentarei algumas DIREÇÕES, por meio de conselho e ajuda, a todos aqueles que desejam manter o poder da santidade e da justiça em seu caminhar diário. Estes vários ramos agora prosseguimos a tomar em sua ordem, aplicando-os ao final.

RAMO 1.

RAZÕES PELAS QUAIS o cristão deve ter cuidado para manter sua couraça.

Trarei algumas razões pelas quais o cristão deve ter especial cuidado para manter a couraça da justiça; isto é, exibir o poder de uma vida santa e justa.

1. Com relação a Deus, cujo grande desígnio é ter seu povo como um “povo santo”. 2. Com relação a Satanás, cujo desígnio é tanto contra a santidade dos santos quanto Deus é a favor dela. 3. Com relação à própria santidade, a incomparável excelência da qual nos ordena a persegui-la.

O grande desígnio de Deus — a santidade do seu povo.

RAZÃO 1. Com relação a Deus, cujo grande desígnio é ter seu povo como um “povo santo”. Isto é suficiente para obrigar, sim, para provocar todo cristão a promover o que Deus tão fortemente colocou em seu coração para efetuar. Merece ser dispensado aquele que não se esforça para buscar o que seu general declara ser seu desígnio; e aquele cujo nome deve ser apagado do rol de batalha de Cristo, cujo coração não está na ponta dos pés pronto para marchar, sim, para correr em seu desígnio. É um epitáfio honroso que Paulo coloca na memória de Davi, muito depois de falecido, que ele, “em sua própria geração serviu à vontade de Deus” (At 13:36). Ele fez do negócio de sua vida levar adiante os desígnios de Deus; e todos os corações graciosos tocados pelo mesmo ímã do amor de Deus mantêm-se no mesmo ponto. Todos os fins privados de uma alma sincera são engolidos nisto: que ele possa “fazer a vontade de Deus em sua geração”. Por isso ele reza de coração: “Seja feita a tua vontade”. Este é o seu estudo — descobrir qual é a “boa, agradável e perfeita vontade de Deus”, que é a própria causa pela qual ele ama a Bíblia acima de todos os livros do mundo, porque em nenhum outro senão naquele ele pode

descobrir qual é a mente e a vontade de Deus a seu respeito. Ora, tentarei mostrar que este é o grande desígnio de Deus: ter seu povo santo. Isso percorre como um fio de prata todos os outros desígnios de Deus.

Primeiro. Aparece em seus próprios decretos, que — tanto quanto são impressos e expostos à nossa visão nas Escrituras — podemos olhar com segurança. O que Deus estava visando ao eleger alguns da massa da humanidade? Foi apenas a sua impunidade que ele desejou, que enquanto outros eram deixados para nadar em tormento e miséria, eles devessem apenas ser isentos daquela infelicidade? Não, certamente. O apóstolo nos dirá mais: “Ele nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos” (Ef 1:4). Note, não porque ele previu que eles seriam por si mesmos “santos”, mas “para que fôssemos santos”; isto era o que Deus resolveu que ele os faria ser. Era como se algum obreiro curioso, vendo uma floresta de árvores crescendo em seu próprio solo — todas iguais, uma não melhor do que a outra — marcasse algumas acima de todas as demais, e as reservasse em seus pensamentos, como resolvendo fazer algumas raras peças de artesanato com elas. Assim, Deus escolheu alguns da massa da humanidade, a quem ele reservou para este propósito — para gravar sua própria imagem neles, que consiste em “justiça e verdadeira santidade” — uma peça de tal rara obra, que quando Deus a tiver terminado, e a mostrar aos homens e anjos, aparecerá exceder a própria estrutura do céu e da terra.

Segundo. Foi seu desígnio ao enviar seu Filho ao mundo. Não poderia ser uma pequena ocasião que o trouxe aqui. Deus não quer servos para ir em seus recados comuns. Os gloriosos anjos, que contemplam sua face continuamente, estão prontos para voar onde quer que ele os envie. Mas aqui Deus tinha uma

obra a fazer de tal importância que ele não colocaria confiança em seus servos, mas [apenas] em seu Filho para realizar. Ora, qual era o desígnio de Deus nesta grande obra aparecerá por saber qual era o de Cristo, pois eles — tanto o Pai quanto o Filho — concordaram sobre o que deveria ser feito antes de ele vir ao palco da ação. Veja, portanto, o fundo do coração de Cristo aberto nesta sua grande empreitada. Ele “deu-se a si mesmo por nós, para nos remir de toda a iniquidade e purificar para si um povo peculiar, zeloso de boas obras” (Tito 2:14). Se o homem tivesse mantido sua justiça primitiva, a dor e os esforços de Cristo teriam sido poupados. Foi a santidade perdida do homem que ele veio recuperar. Não teria sido um empreendimento digno da grandeza e santidade de tal como o Filho de Deus comprometer-se por menos do que isso. Tanto Deus quanto o homem, entre os quais Cristo vem negociar, clamam por santidade — a glória de Deus e a felicidade do homem; nenhuma das quais pode ser alcançada exceto se a santidade for restaurada ao homem. Não a glória de Deus, que, assim como ele é glorioso na santidade de sua própria natureza e obras, assim ele é glorificado pela santidade dos corações e vidas de seu povo. Se fosse possível — o que é o ápice de toda blasfêmia pensar — que a santidade de Deus pudesse ser separada de qualquer de seus atributos ou obras, o próprio Deus deixaria de ser glorioso; sua soberania degeneraria em tirania, sua sabedoria em astúcia, sua justiça em crueldade, etc. Ora, a glória de todos os atributos e obras de Deus resultando de sua santidade em todos eles; segue-se que, então, glorificamos a Deus quando lhe damos a glória de sua santidade, e quem, senão uma criatura santa, fará ou pode fazer isso? Enquanto o homem permanece sob o poder do pecado, como ele pode dar a Deus a glória daquilo que sua própria natureza pecaminosa o faz desafiar e odiar a Deus? Se, portanto, a missão de Cristo tivesse sido apenas procurar o

perdão do homem, e não restaurar sua santidade perdida, ele teria sido apenas um ministro do pecado, e em vez de trazer glória a Deus, teria colocado o pecado no trono, e apenas obtido uma liberdade para a criatura desonrar a Deus sem controle. Novamente, a felicidade do homem não poderia ter sido obtida sem uma recuperação de sua santidade perdida. A felicidade do homem está na sua semelhança com Deus, e na sua fruição de Deus. Ele deve ter a primeira antes que possa desfrutar a última; ele deve ser como Deus antes que Deus possa ter qualquer afeição por ele. E Deus deve ter total contentamento no homem, antes de admiti-lo ao desfrute de si mesmo, o que, para que possa fazer, Cristo empreende tornar seu povo “santo como Deus é santo”. Você vê agora qual foi o grande desígnio com o qual o coração de Cristo estava tão cheio: “fazer de nós um povo santo”. Bem, portanto, pode o apóstolo trazer aquela pesada acusação contra todos os professos ímpios, o que ele faz com lágrimas, “que são inimigos da cruz de Cristo” (Fp 3:18). Cristo veio para destruir as obras do diabo. O caminhante profano e ímpio — ele tenta destruir a obra de Cristo. O Senhor Jesus entrega seu sangue cardíaco para redimir almas da mão do pecado e de Satanás, para que possam ser livres para servir a Deus, sem medo, em santidade; e o cristão profano, se posso chamá-lo assim, “nega o Senhor que o comprou”, e entrega-se vilmente à sua antiga escravidão, da qual Cristo o resgatou com tão grande soma. Cujo coração não treme diante de tal horrível ingratidão?

1. É o grande desígnio de Deus, na obra regeneradora do Espírito nos corações de seu povo, torná-los justos e capacitá-los a andar santamente diante dele (Ez 36:26,27), onde Deus promete “um novo coração” e “pôr dentro deles o seu Espírito”. E por que ele fará isso? Para

que possa levá-los a “andar nos seus estatutos, guardar os seus juízos e observá-los”. Um coração velho teria servido bem o suficiente para fazer os trabalhos sujos do diabo. Mas Deus, pretendendo-os para um emprego mais elevado e nobre, para erguer suas cabeças da prisão do pecado e elevá-los ao seu próprio serviço, joga fora as suas roupas de carcereiro e os embeleza com as graças de seu Espírito, para que seus corações se adequem ao seu trabalho. Quando Deus ordenou que o templo fosse construído com tal cuidado curioso e materiais dispendiosos, ele declarou que o destinava ao uso santo. Aquilo, porém, não era tão glorioso quanto é o templo espiritual de um coração regenerado, que é a “obra” do próprio Deus (Ef 2:10). E com que intuito foi erguido por ele? Se continuarmos a ler, podemos ver: “criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas”. Isso acentua a injustiça e impiedade de um santo com um acento circunflexo; quero dizer, impõe um agravante mais profundo sobre o seu pecado do que sobre o dos outros, porque cometido contra tal obra do Espírito que ninguém no mundo possui, além deles. Um pecado praticado no templo era maior do que se o mesmo tivesse sido cometido por um judeu em sua habitação privada, porque o templo era um lugar consagrado. O santo é uma pessoa consagrada e, por atos de injustiça, ele profana o templo de Deus. O pecado de outro é furto, porque ele rouba a Deus da glória que lhe é devida; mas o pecado de um santo é sacrilégio, porque ele rouba a Deus daquilo que lhe é dedicado de maneira especial. Melhor não se arrepender de forma alguma do que se arrepender de nosso arrependimento. “Melhor é que não votes” e te dediques a ele, e depois disso indagues como podes evadir e revogar este ato. Tal pessoa diz ao mundo que

encontra alguma “iniquidade em Deus”, que altera a opinião e a prática anteriormente adotadas por ele. Em suma, o santo não é apenas consagrado a Deus pelo Espírito, mas é por ele dotado de uma nova vida vinda de Deus: “Ele vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados” (Ef 2:1). Um nobre princípio de alta extração foi-vos dado com um alto desígnio: que vivais de acordo com esse princípio em justiça e santidade. Quando Deus soprou uma alma racional no homem, ele não pretendeu que ele vivesse com as bestas, e como as bestas; nem que tivesses tua conversação como um mero homem carnal faz; mas que, “como recebestes a Cristo, assim andeis nele” (Cl 2 :6).

O apóstolo censura os coríntios por viverem abaixo de si mesmos, e como os homens de espírito pobre do mundo, em suas paixões corruptas. “Não sois carnaís... e não andais segundo os homens?” (1 Co 3:3). Quando tu, cristão, ages de forma ímpia, pecas de fato em um grau elevado. Outros pecam contra a luz de Deus em suas consciências. Isso é o mais longe que podem ir. Mas tu pecas contra a vida de Deus no teu próprio coração. Quanto mais antinatural é um ato, mais horrível. É antinatural para um homem ser cruel com sua própria carne; para uma mulher tentar matar a criança em seu ventre. Ó, como vossos ouvidos formigam diante de tal ato flagicioso! O que, então, estás prestes a fazer quando, por teu caminhar ímpio, estás matando o bebê da graça em tua alma? É Herodes marcado como um homem sanguinário que teria massacrado Cristo recém-nascido no mundo, e podes tu, sem horror, tentar o assassinato de Cristo recém-formado em teu coração?

1. É o grande desígnio que Deus persegue em sua Palavra e ordenanças, tornar seu povo santo e justo. A Palavra de Deus — é tanto semente para gerar quanto

alimento para nutrir a santidade gerada no coração. Cada parte dela contribui abundantemente para este desígnio. A parte preceptiva oferece uma regra perfeita de santidade para o santo andar, não acomodada aos humores de ninguém, como as leis dos homens são. Estes fazem suas leis para se ajustarem às mentes tortas dos homens, como os alfaiates suas vestes para se ajustarem aos corpos tortos para os quais são [projetadas]. Os mandamentos de Deus não gratificam a luxúria de ninguém. Eles são adequados à natureza santa de Deus, não aos corações ímpios dos homens. As promessas apresentam-nos admiráveis encorajamentos para nos atrair e seduzir no caminho da santidade. Todas elas [estão] tão cautelosamente dispostas que um coração ímpio não pode, sem violência à sua consciência, reivindicar qualquer uma delas — tendo Deus colocado aquela espada flamejante, a consciência, no seio do pecador, para mantê-lo afastado de tocar ou provar o fruto desta árvore da vida — e se algum coração profano for tão ousado, enquanto caminha nos caminhos da injustiça, a ponto de tocar em qualquer um dos tesouros que estão trancados nas promessas, isso não fica por muito tempo em suas mãos; mas Deus, mais cedo ou mais tarde, faz com que eles o joguem fora, como Judas suas “trinta moedas” — suas consciências lhes dizendo que eles não são os legítimos proprietários. Falsos confortos das promessas, como riquezas, das quais Salomão fala, “fazem para si asas e voam para longe” do miserável ímpio, quando ele pensa que está mais certo delas. Novamente, as ameaças — a parte minatória da Palavra — isto corre como um golfo devorador de ambos os lados do caminho estreito da santidade e justiça, pronto para engolir cada alma que não caminha nele. “Porque do céu se revela a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens” (Rm 1:18). À

promissória e minatória está anexada a parte exemplar da Palavra, como instâncias bíblicas para confirmar nossa fé a respeito da verdade e certeza de ambas. As promessas — elas são apoiadas pelo exemplo de homens e mulheres santos, que trilharam o caminho da santidade para nós e, “pela fé e paciência” em seu curso santo, finalmente “obtiveram” o conforto das “promessas” na bem-aventurança do céu, para o encorajamento inefável de todos os que estão ascendendo a colina atrás deles. Às ameaças estão anexados muitos exemplos tristes de almas ímpias que se desfizeram e condenaram suas próprias almas em caminhos ímpios — cujas carcaças são, por assim dizer, lançadas na praia da Palavra e expostas à nossa visão na leitura e audição dela, para que possamos ser mantidos longe de sermos engolfados naqueles pecados que foram a sua perdição. “Estas coisas foram os nossos exemplos, para que não cobiçássemos as coisas más, como eles cobiçaram” (1 Co 10:6).

Assim vemos como toda a composição da Escritura favorece a santidade e declara qual é o desígnio de Deus nisso, para levar adiante o qual, com mais força, Deus designou muitas ordenanças santas para vivificar a Palavra em nossos corações. De fato, todas elas são apenas a Palavra em várias formas: ouvir, orar, sacramentos, meditação e santa conferência. A Palavra é a matéria-objeto de todas elas; apenas, como um médico sábio prepara o mesmo remédio de várias maneiras — às vezes para ser tomado de um jeito, às vezes de outro — para torná-lo mais eficaz e [para] refrescar seu paciente com variedade; assim o Senhor, consultando nossa fraqueza, faz isso por sua Palavra, administrando-a a nós agora nesta, e logo naquela ordenança, para nosso maior prazer e proveito, visando sempre o mesmo fim em tudo, a saber, a promoção da santidade nos corações e

vidas de seu povo. E o que são todas elas, senão como veias e artérias pelas quais Cristo transmite o sangue vital e os espíritos da santidade para cada membro de seu corpo místico? A igreja é o jardim, Cristo é a fonte, [e] cada ordenança, como um cano dele, para regar todos os canteiros em seu jardim. E por quê? Senão para torná-los mais abundantes nos frutos da justiça.

1. É o seu desígnio em todas as suas providências. “Todas as coisas” — isto é, todas as providências especialmente — “contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8:28). E como elas contribuem para o bem deles, senão tornando-os melhores e mais santos? Providências são boas e más para nós, conforme elas nos encontram, ou nos tornam, melhores ou piores. Nada é bom para aquele que é mau. Assim como ele usa todas as estações do ano para a colheita — o gelo e o frio do inverno, bem como o calor do verão — assim ele faz, com providências favoráveis e desfavoráveis, agradáveis e desagradáveis, para promover a santidade. As providências de inverno matam as ervas daninhas da luxúria, e as providências de verão amadurecem e adoçam os frutos da justiça. Quando ele aflige, é para o nosso proveito, para nos tornar participantes da sua santidade (Hb 12:10). Aflições, Bernardo compara ao cardo, que, embora seja afiado e arranhador, é para tornar o tecido mais puro e fino. Deus não esfregaria tão forte se não fosse para tirar a sujeira que está impregnada em nossas naturezas. Deus ama tanto a pureza que prefere ver um buraco do que uma mancha nas roupas de seu filho. Quando ele lida mais gentilmente em suas providências e coloca seu povo sob o banco ensolarado de confortos e desfrutes, cercando-os dos ventos frios da aflição, é para atrair a seiva da graça e apressar seu

crescimento em santidade. Paulo entendeu isso, quando implorou aos santos em Roma, “pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rm 12:1), implicando que as misericórdias vinham de Deus a nós com este propósito, e que Deus poderia razoavelmente esperar tal retorno. O agricultor, quando coloca seu composto no chão, espera recebê-lo na colheita novamente em uma colheita mais farta; e assim faz Deus, pelas suas misericórdias. Portanto, ele se queixa tão veementemente da ingratidão de Israel: “Ela não sabia que eu lhe dei o trigo, o vinho e o óleo, e multipliquei a sua prata e o ouro, que prepararam para Baal” (Os 2:8). Deus levou isso a mal, e bem poderia fazê-lo, que eles devessem entreter Baal às suas custas. Se Deus envia algum conforto a nós, ele quer que saibamos que é para seu próprio entretenimento, ele pretende vir e jantar por sua própria conta. E que prato é esse que agrada ao paladar de Deus? Certamente ele não gostaria que seu povo comesse de qualquer coisa impura, ele mesmo não comerá. São os frutos agradáveis da santidade e justiça que Cristo vem ao seu jardim para se alimentar: “Vim ao meu jardim, minha irmã, minha esposa; colhi o meu mirra com o meu especiaria; comi o meu favo com o meu mel; bebi o meu vinho com o meu leite” (Cantares 5:1).

***O poder da santidade a ser mantido por causa do
DESÍGNIO DE SATANÁS CONTRA ELA.***

RAZÃO 2. Há uma razão com relação a Satanás, cujo desígnio é tanto contra a santidade dos santos, quanto Deus é a favor dela. Ele sempre tem um “não” para o “sim” de Deus. Se

Deus é a favor da santidade, ele deve necessariamente ser contra ela. E o que deveríamos ter como nosso principal cuidado para defender, senão aquilo que os pensamentos e planos de Satanás são mais voltados a atacar e assaltar? Não há criatura em que o diabo se deleite mais em alojar e habitar do que o homem. Quando ele entra em outras criaturas, é apenas com um desígnio contra o homem. Quando ele entrou na “serpente”, foi para enganar Eva. O “porco” (Mt 8:32), ele possuiu com um desígnio de despossuir os gadarenos do evangelho. Mas, se ele pudesse escolher seu próprio alojamento, nenhum lhe agrada tanto quanto o homem. E por quê? Porque apenas o homem é capaz, por sua alma racional, de pecado e injustiça. E como ele prefere o homem para se alojar acima de todas as criaturas inferiores, assim ele prefere possuir as almas dos homens do que seus corpos. Nenhum cômodo além do melhor da casa servirá a este espírito imundo para vomitar suas blasfêmias e cuspir sua malícia contra Deus — e por quê? Senão porque a alma é o assento próprio da santidade e do pecado. Esta, um dá como a razão por que, entre todas as maneiras pelas quais Satanás afligiu Jó, ele não escolheu fazer uma entrada forçada em seu corpo, e possuí-lo corporalmente; pois certamente ele poderia — isso sendo menos do que tirar sua vida — a única coisa reservada por Deus fora de sua comissão, e estando em seu poder, certamente não foi para poupar a Jó desse problema. Nenhuma piedade habita no coração de um diabo. Mas a própria razão parece ser o que um antigo notou: o diabo esperou por uma preferência maior; ele esperava possuir sua alma, que ele desejava mil vezes mais. Ele preferiria ouvir o próprio Jó blasfemar contra Deus, enquanto ele estava *compos mentis* [em seu juízo perfeito] — dono de si mesmo — do que ele próprio em Jó arrotar blasfêmias contra Deus, o que teria sido o pecado do próprio diabo, e não de Jó.

Assim, você vê, é a santidade e a justiça que são o alvo de sua raiva. Nenhum ganho vem para a bolsa do diabo, nenhuma vitória ele conta como ganha, exceto se puder fazer o cristão perder sua santidade. Ele pode permitir que um homem tenha qualquer coisa, ou seja qualquer coisa, em vez de ser verdadeiramente, poderosamente, santo. Não são suas riquezas e desfrutes mundanos que ele inveja tanto quanto a sua santidade. Jó, pelo que sabemos, poderia ter desfrutado seus rebanhos e manadas, seus filhos e servos, sem qualquer perturbação do inferno, se o diabo não tivesse visto que ele era um homem piedoso — “um que temia a Deus e se desviava do mal”. Isso irritou o espírito ímpio. Agora ele tenta uma queda com Jó, para que, se possível, ele possa des-santi-ficá-lo e despojá-lo de sua couraça da justiça. Seu saque de sua propriedade, o massacre de seus filhos, carbonizar, como posso dizer, seu corpo com chagas e feridas — que eram como tantos cortes profundos em sua carne — foi apenas como o uso cruel de alguns ladrões com homens a quem eles queriam roubar, com o desígnio de fazê-los confessar e entregar seu tesouro. Se Jó tivesse apenas jogado ao diabo sua bolsa — sua integridade, quero dizer — e deixado Satanás levar embora sua boa consciência, Satanás o teria desamarrado rapidamente e não se importaria se ele tivesse sua propriedade e filhos novamente. O lobo rasga o velo, para que possa vir a devorar a carne e sugar o sangue da ovelha. O sangue vital da santidade é o que este assassino infernal deseja sugar do coração do cristão. Não é uma forma de piedade, ou boas demonstrações de justiça, que o diabo difama, mas o poder. Não o nome, mas a própria nova natureza, traz este leão de fora de sua toca. Satanás pode viver muito pacificamente como um vizinho quieto pela porta daqueles que se contentam com um nome vazio de profissão; isso não altera sua propriedade, nem toca sua posse. A profissão feita por Judas,

Satanás sabia, não o colocava um passo fora de seu caminho para o inferno. O diabo pode mostrar a um homem um caminho para a danação através de deveres e ordenanças do culto a Deus. Aquele coração cobiçoso e traiçoeiro que Judas carregava consigo para ouvir o sermão de Cristo, e [para] pregar o seu próprio, manteve-o firme o suficiente para o diabo, e, portanto, ele lhe dá linha suficiente, liberdade suficiente, para manter seu crédito por um tempo com seus colegas apóstolos. Ele não se importa que outros pensem nele como um discípulo de Cristo, contanto que ele saiba que ele é seu próprio escravo.

Em suma, não é uma santidade supersticiosa que o ofende. Como pode ser, quando ele é o instituidor dela mesmo, e isso com um desígnio sutil de minar a verdadeira e genuína santidade nos corações dos homens? E a esta altura, a igreja de Cristo descobriu quão profunda é uma artimanha. Isto, em todas as épocas, tem sido para o poder da santidade o que a hera é para o carvalho. Os abraços lascivos desta falsa santidade ao redor da religião mataram o coração da santidade bíblica onde quer que tenha prevalecido. É para a verdadeira santidade o que a concubina é para a verdadeira esposa, que certamente desviará o amor do marido dela. Este pirralho o diabo há muito colocou para ser amamentado pela igreja romana, que se deu ao trabalho de criá-lo para ele, e não é de se admirar, quando ela é tão bem paga pela sua manutenção — tendo-lhe trazido tanto tesouro mundano e riquezas. Não, é a santidade em sua simplicidade nua, tal como é fundada na base das Escrituras e guiada pela regra das Escrituras, que ele é um inimigo jurado. De fato, esta é a bandeira que a alma estende, e pela qual ela desafia o diabo; não é de se admirar se ele se esforça para derrubá-la. Agora, e não até agora, a criatura realmente declara-se um amigo de Deus e um inimigo do reino das trevas; e aqui está a base daquela

contenda, que nunca cessará enquanto ele continuar a ser um espírito imundo, e eles os santos de Deus. “Todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguição” (2 Tm 3:12).

Note o que é que faz o diabo e seus instrumentos tomarem armas e respirarem matança contra os cristãos — é a sua piedade. Muitos pretextos especiosos os perseguidores têm para disfarçar sua malícia; mas o Espírito de Deus, que olha através de todos os seus abafadores hipócritas, está a par dos conselhos de gabinete de seus corações e daquelas instruções que eles têm do diabo, que opera tão poderosamente neles. Ele nos diz: aquele que quiser viver piamente será perseguido. A piedade direta é o alvo em que eles apontam suas flechas.

Novamente, observe o tipo de piedade em que seu sangue ferve: “todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus”. Há mais espécies de santidade e piedade do que uma. Mas todas podem ter um tratamento justo nas mãos do diabo, exceto esta piedade em Cristo Jesus. O diabo tem uma malícia implacável contra Cristo. Ele odeia, por assim dizer, cada letra de seu nome. Essa piedade que é aprendida dele, e derivada dele, ele a opõe até a morte. O sangue cristão é mais doce ao seu dente, mas o sangue da piedade do cristão é muito mais doce. Ele preferiria, se pudesse, matar aquela do que eles — preferiria atrair o cristão para longe de sua piedade do que massacrá-lo por ela; ainda assim, para que ele não se destaque, ele jogará em jogo pequeno e expressará sua crueldade sobre seus corpos, mas é apenas quando ele não pode chegar às suas almas. “Foram serrados, foram tentados, foram mortos ao fio da espada” (Hb 11:37). O que esses homens sanguinários desejavam principalmente era atraí-los para o pecado e transformá-los em apóstatas; e, portanto, eles os tentaram antes de matá-los. O diabo considera

essa a vitória completa — quando ele pode despojá-los de sua armadura e suborná-los para longe de sua constância em sua santa profissão. “Seja ela profanada, e veja o nosso olho o seu desejo sobre Sião” (Mq 4:11). Ele preferiria ver santos profanados com injustiça e pecado do que profanados com seu sangue e gore. Perseguição, ele aprendeu, apenas ceifa a igreja, que depois cresce mais espessa por causa disso; é a impiedade que a arruína. Os perseguidores apenas aram o campo de Deus para ele, enquanto ele está semeando-o com o sangue que eles deixam sair; mas a profanidade — ela a arranca e deixa tudo em ruínas, consciências e igrejas também.

O poder da santidade a ser mantido por causa de SUA PRÓPRIA EXCELÊNCIA.

RAZÃO 3. Há uma razão com relação à própria santidade — cuja incomparável excelência nos ordena a persegui-la, e esforçar-nos por ela, com todo o nosso cuidado e força.

1. É uma excelência peculiar à criatura racional. Criaturas inferiores têm uma bondade própria para elas; mas apenas os seres intelectuais são capazes de uma santidade interior. Deus viu que cada criatura que ele fez era “boa”; apenas anjos e o homem eram “santos”. E se partirmos com a santidade, que é a nossa coroa, tornamo-nos piores do que as próprias bestas; sim, é a santidade e a justiça que fazem um homem diferir de outro na conta de Deus. Avaliamos mal quando valorizamos os homens por suas vantagens externas. Todos estão no mesmo nível em relação a Deus, até que a santidade seja acrescentada. Príncipes, nos quais está assentado o poder soberano, reivindicam como sua

prerrogativa definir o valor justo de toda moeda — o que cada peça valerá; este um centavo, aquele uma libra. Muito mais certamente, então, cabe a Deus avaliar suas criaturas. E ele nos diz: “O justo é mais excelente do que o seu próximo” (Pv 12:26). “A língua do justo é como prata escolhida: o coração dos perversos é de pouco valor” (Pv 10:20). O Espírito de Deus compara o justo à prata e ao ouro, o mais precioso dos metais, que acima de todos os outros metais são de tal conta, que apenas dinheiro feito de prata e ouro é corrente em todos os países; a santidade valerá em ambos os mundos; mas excelências externas, como riquezas mundanas, honras, etc., como dinheiro de couro e latão, não têm estima, exceto neste mundo inferior e mendicante.

2. É a santidade que é, embora não nossa súplica, nossa evidência para o céu. “Sem santidade ninguém verá o Senhor.” O céu é uma cidade onde a justiça habita. Embora Deus sofra que a terra suporte por um tempo homens ímpios — o que ela não faz sem suar sob o peso deles, e gemer para se livrar da carga — contudo, certamente ele nunca infestará o céu com tal tripulação. Antes que Enoque fosse trasladado para o céu, ele caminhou santamente com Deus na terra; o que fez Deus desejar sua companhia tão cedo. Ó amigos! gostam de uma profissão vazia? tal religião como a que nos deixará alguém do céu? ou podemos razoavelmente esperar uma dispensa acima de outros, que devêssemos iniciar como criaturas glorificadas no céu, sem cumprir nossos atos e realizar os exercícios de piedade que Deus impôs àqueles que serão candidatos àquele lugar? Certamente, o que Deus escreveu em sua Palavra, quanto a isso, permanecerá. Ele não fará uma mancha em seus decretos por ninguém; o que ele faria se alterasse o método de salvação minimamente.

Ou, portanto, devemos renunciar às nossas esperanças de ir para lá, ou resolver caminhar no caminho da santidade que nos levará para lá. É um fôlego vão aquele que não coloca as velas das nossas afeições em movimento, e nossos pés a viajar para lá, onde estaríamos finalmente.

3. É a santidade, e mantida em seu poder, que nos capacita para a comunhão com Deus nesta vida. A comunhão com Deus é tão desejável que muitos fingem a ela, mas não sabem o que significa; como alguns que se gabam de seu conhecimento com tal grande homem que, talvez, nunca viu seu rosto, nem foram admitidos em sua companhia. O Espírito de Deus dá mentira àquele homem que diz ter qualquer conhecimento de Deus, enquanto mantém seu conhecimento com qualquer injustiça: “Se dissermos que temos comunhão com ele, e caminarmos nas trevas, mentimos” (1 Jo 1:6). O apóstolo está disposto a passar por um grande mentiroso ele mesmo, se ele caminha nas trevas e finge ter comunhão com Deus. Como podem eles “caminhar juntos” se não estiverem “de acordo”? A comunhão é baseada na união, e a união na semelhança. E quão semelhantes são Deus e o diabo, santidade e injustiça, um ao outro? Há uma vasta diferença entre conversar com ordenanças e ter comunhão com Deus. Um homem pode ter grande conhecimento com ordenanças e ser um grande estranho a Deus ao mesmo tempo. Todo aquele que vai à corte e fica em volta do palácio não fala com o príncipe. E que coisas lamentáveis são as ordenanças sem esta comunhão com Deus? As ordenanças são, por assim dizer, a bolsa, onde almas santas negociam com Deus pelo seu Espírito por tesouros celestiais, dos quais eles vêm cheios e enriquecidos com graça e conforto. Ora, o que faz o ímpio?

Verdadeiramente como algumas pessoas ociosas que vêm e andam entre os mercadores na bolsa, mas não têm negócios ali, ou comércio pelo qual obtenham qualquer vantagem. Um coração ímpio não tem negociações com Deus; ele não toma conhecimento de Deus. Talvez, certamente, Deus não toma tal conhecimento dele, a ponto de comunicar-se graciosamente a ele. Não, suponha uma pessoa habitualmente santa, mas sob o poder de alguma tentação no presente, pela qual ele se contamina; ele está neste caso inapto para ter qualquer comunhão amigável com Deus. “O justo que cai diante do ímpio é”, diz Salomão, “como uma fonte turva, e um manancial corrupto” (Pv 25:26); muito mais ele é assim quando ele cai diante do ímpio, e cede à sua tentação — agora seu espírito está turvo e enlameado. E se não quisermos usar a água de uma fonte, embora em si mesma pura e saudável, quando está turva, ou beber daquele vaso que corre grosso, mas esperar enquanto [isto é, até] que ela se assente e fique clara; podemos nos maravilhar se Deus se recusa a provar desses deveres que uma pessoa piedosa realiza, antes que o fluxo seja limpo pelo renovo de seu arrependimento por seu pecado?

4. A santidade em seu poder é necessária para a verdadeira paz e repouso da alma. Não digo que nossa paz é baseada na justiça da nossa natureza ou santidade de nossas vidas, contudo ela é sempre acompanhada por essas. “Não há paz, diz o meu Deus, para os ímpios”. Podemos tão cedo fazer o mar sempre quieto, como um coração ímpio verdadeiramente quieto. De onde vêm as guerras intestinas nos seios dos homens, que os colocam em desacordo consigo mesmos, senão de suas próprias luxúrias? Estas quebram a paz e mantêm o homem em uma tempestade contínua. À

medida que o espírito de santidade entra em seu coração, e o cetro de Cristo — que é um “cetro de justiça” — exerce influência na vida; assim a tempestade diminui mais e mais, até que esteja completamente baixa, o que não será enquanto estivermos aquém do céu. Lá, apenas, há descanso perfeito, porque santidade perfeita. De onde vêm aqueles sustos e medos, que os tornam um *magor missabib* — um terror ao redor? Eles acordam e dormem com o cheiro do fogo do inferno ao seu redor continuamente. Ó, são seus caminhos ímpios e injustos que caminham em seus pensamentos, como o fantasma de João no de Herodes. Isso torna os homens descontentes em todas as condições. Eles não podem saborear a doçura de seus desfrutes, nem suportar o sabor amargo de suas aflições. Sei que há maneiras de entorpecer a consciência e vendar por um tempo os sentidos de um coração ímpio, para que ele não sinta sua própria miséria; mas a virtude deste ópio é logo gasta, e então o miserável está novamente no cavalete, e seu horror retorna sobre ele com um paroxismo maior. Um exemplo de que ouvi falar: um notório bêbado, que costumava, quando lhe falavam de sua vida ímpia, sacudir, tão facilmente quanto Paulo fez a víbora de sua mão, todas as ameaças da Palavra que seus amigos teriam prendido em sua consciência — baseando-se em uma esperança presunçosa da misericórdia de Deus em Cristo: aprouve a Deus deitá-lo, algum tempo depois, de costas por doença; o que, por um tempo, assustou seus velhos companheiros — irmãos com ele na iniquidade — de visitá-lo; mas ouvindo que ele estava alegre e agradável em sua doença, eles se aventuraram novamente a vê-lo; fazendo isso, encontraram-no muito confiante na misericórdia de Deus (pelo que suas mãos foram muito fortalecidas em seus velhos caminhos); mas antes que ele morresse, esta melodia

foi mudada com propósito; suas vãs esperanças desapareceram, sua consciência culpada despertou, e o pobre miserável, assado nas chamas abrasadoras de suas práticas ímpias anteriores, e agora pronto para morrer, clama desesperadamente: “Ó senhores! Eu havia preparado um emplastro, e pensei que tudo estava bem, mas agora ele não colará mais”. Sua consciência culpada esfregou-o tão rápido quanto ele o aplicou. E verdadeiramente, amigos, vocês descobrirão que o sangue do próprio Cristo não se agarrará a uma alma que está em liga com qualquer caminho de pecado e injustiça. Deus arrancará tais dos chifres de seu altar, que fogem para ele, mas não de sua injustiça, e os matará à vista do santuário em que confiam tão ousadamente. Vocês conhecem a mensagem que Salomão enviou a Adonias: “Se te mostrares homem de valor, nem um cabelo da tua cabeça cairá; mas se se achar maldade em ti, certamente morrerás”. Em vão os homens pensam em se esconder sob a asa de Cristo do clamor de sua consciência acusadora, enquanto a maldade encontra um santuário neles. Cristo nunca foi pretendido por Deus para garantir os homens em sua injustiça, mas para salvá-los dela.

5. A santidade tem uma influência poderosa sobre os outros. Quando isso aparece com poder na vida dos cristãos, opera poderosamente sobre os espíritos dos homens; para as bocas dos ímpios, que estão prontos para reprovar a religião e jogar a sujeira dos pecados dos professos no rosto da própria profissão. Eles dizem que os sapos param de coaxar quando uma luz é trazida perto deles. A luz de uma santa conversação pendura, por assim dizer, um cadeado nos lábios profanos; sim, força-os a reconhecer Deus neles. “Assim brilhe a vossa luz diante dos homens,

para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus” (Mt 5:16). Sim mais, isso não apenas fecharia suas bocas, mas seria um meio para abrir seus próprios corações para o abraço de Cristo e sua graça.

Uma razão pela qual tais cardumes de almas entraram na rede do evangelho nos tempos primitivos foi porque então a divindade da doutrina do evangelho aparecia na divindade e santidade da vida dos cristãos. Justino Mártir, quando convertido, professou: “Que a santidade que brilhava na vida e paciência dos cristãos, que triunfava sobre a crueldade de seus inimigos em suas mortes, fez-me concluir que a doutrina do evangelho era a verdade”. Sim, o próprio Juliano, miserável vilão como era, pôde dizer que a religião cristã chegou a ser propagada tanto, *propter Christianorum erga omnes beneficia* — porque os cristãos eram um povo que fazia o bem a todos, e mal a ninguém. Tenho certeza de que descobrimos, por triste experiência, que nestes tempos devassos, em que a religião é tão salpicada com escândalos frequentes, sim, uma frouxidão comum dos professos, é difícil conseguir que aqueles que estão fora entrem na rede do evangelho. Há algumas bestas que, se uma vez soprarem sobre uma pastagem, outras dificilmente comerão da grama por algum tempo depois. Verdadeiramente, tive alguns pensamentos tão tristes como estes sobre nossos tempos infelizes; que, até que o mau cheiro, que o orgulho, as contendas, os erros e a frouxidão dos professos hoje em dia deixaram sobre as verdades e ordenanças de Cristo, seja desgastado, há pouca esperança de grandes entradas de novos convertidos. O ministro não pode estar sempre pregando. Duas ou três horas, talvez, por semana, ele passa entre seu povo no púlpito, segurando o espelho do evangelho diante de suas faces; mas a vida dos professos, estes pregam a semana toda. Se eles

fossem apenas santos e exemplares, seriam como uma repetição do sermão do pregador para as famílias e vizinhos entre os quais conversam, e manteriam o som de sua doutrina continuamente ressoando em seus ouvidos. Isso daria aos cristãos uma vantagem admirável em fazer o bem aos seus vizinhos carnisais, por conselho e reprovação, o que agora raramente é feito, e quando feito, prova ser de pouco propósito, porque não apoiado pelo seu próprio caminhar exemplar. “Convém a ele”, diz Tertuliano, “que aconselharia ou reprovaria outro, proteger sua fala — *autoritate propriae conversationis, ne dicta factis deficientibus erubescant* — com a autoridade de sua própria conversação, para que, faltando isso, o que ele diz possa envergonhá-lo”. Não gostamos que aquele que tem o hálito fedorento chegue muito perto de nós; e verdadeiramente contamos que alguém chega muito perto de nós quando nos reprova. Tais, portanto, precisam ter uma vida de doce aroma. Reprovações são um bom remédio, mas têm uma despedida desagradável. É difícil para os homens não vomitá-las no rosto daquele que as dá. Ora, nada é mais poderoso para impedir que uma reprovação venha assim para fora, do que a santidade da pessoa que reprova. “Fira-me o justo; será uma bondade: e repreenda-me; será um óleo excelente, que não quebrará a minha cabeça” (Sl 141:5). Veja quão bem é tomado de tal mão, por causa da autoridade que a santidade carrega consigo. Ninguém senão um miserável vilão golpeará um homem justo com reprovação, por golpeá-lo com uma reprovação, especialmente se for suavemente aplicada e, como óleo fomentado e trabalhado nele, como deveria, com compaixão e amor à sua alma. Assim vemos quão influente o poder da santidade seria para os ímpios. Nem seria menos sobre nossos irmãos e companheiros cristãos.

Quando um cristão vê a santidade brilhar na vida de outro com quem ele conversa, ele descobrirá sua própria graça brotar dentro dele, como o bebê em Isabel na saudação de Maria. Verdadeiramente, um eminentemente santo é suficiente para dar vida a toda uma sociedade; pelo contrário, o erro ou frouxidão de um professo coloca em perigo toda a companhia que está familiarizada com ele. Portanto, temos um encargo tão estrito: “Segui a paz com todos os homens, e a santidade... tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus; que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe, e por ela muitos sejam contaminados” (Hb 12:14). É falado aos professores. A embriaguez, a impureza, o caminhar injusto dos pagãos não os colocavam tanto em perigo. Mas, quando “uma raiz de amargura brota” entre os próprios professores, isso arrisca contaminar muitos. Uma sarna nas costas do lobo não é tão perigosa para a ovelha — porque eles não serão facilmente atraídos entre tal companhia; mas, quando ela entra no rebanho, entre professores que se alimentam juntos, oram, ouvem e andam em comunhão juntos, então há medo de que ela se espalhe. Um professo frouxo e errôneo faz ao diabo mais serviço em seu gênero do que toda uma tropa daqueles que não pretendem religião. O diabo não obtém crédito por eles. Há muitos erros e práticas pecaminosas que há muito tempo ficaram em suas mãos, e ele não pôde livrar-se deles, até que encontrou seu caminho — a saber, empregar alguns professores como seus corretores para recomendá-los a outros, e para dispersá-los para ele. E se tais não ensinam e contaminam outros pelo seu caminhar ímpio, com certeza eles entristecem seus corações e os envergonham no mundo. Ó, como os cristãos penduram a cabeça diante do escândalo de qualquer de sua companhia! — como todos os patriarcas ficaram perturbados, quando o copo foi encontrado no saco de um deles. E não é pouca coisa entristecer os corações do povo de Deus.

Em suma, aquele que não mantém, em certa medida, o poder de uma vida santa, torna-se inútil e não lucrativo. Orarias pelos outros? Um pagão poderia pedir a um homem ímpio que se calasse, e não deixasse os deuses saberem que ele estava em um navio quando uma tempestade estava sobre eles. Dirias uma palavra de conforto a qualquer alma pesarosa? Ó, quão insípidos são confortos caindo de tal boca! Aconselharias outro? Teu amigo pensará que tu apenas zombas. O que quer que digas em louvor da santidade, ele não acreditará que tu mesmo achas que ela é boa; pois então tu mesmo tomarias aquilo que recomendas a outro.

1. A santidade e a justiça — elas são as colunas dos reinos e nações. Quem são aqueles que impedem que a casa caia sobre a cabeça de um povo, senão os justos em uma nação? “Dez justos”, se pudessem ter sido encontrados em Sodoma, teriam dissipado a tempestade de fogo e enxofre que, em poucas horas, os sepultou em suas próprias cinzas; sim, as mãos do anjo destruidor estavam, por assim dizer, atadas enquanto apenas um justo, Ló, estava entre eles. “Apressa-te, escapa para lá; porque nada poderei fazer enquanto não tiveres chegado ali” (Gn 19:22). Roboão e seu reino foram fortalecidos por três anos, e poderiam ter sido por vinte e três, se ele não tivesse, por sua injustiça, derrubado tudo sobre si mesmo e seu povo; pois sua infelicidade é datada do momento exato de seu afastamento de Deus (2 Cr 11:16–12:2). Josias, quando assumiu a coroa, encontrou o reino de Judá cambaleando rapidamente para a ruína; ainda assim, porque seu coração estava voltado para Deus e preparado para andar diante dele, Deus aceitou sua fiança (por assim dizer) por aquele povo miserável, mesmo quando estavam sob mandado de prisão divino e quase à

porta da prisão, de modo que a segurança deles estava, de certa maneira, ligada à sua vida; pois, logo após sua morte, tudo naufragou entre eles. Foi um discurso heroico de Lutero, que previu uma nuvem negra dos juízos de Deus vindo sobre a cabeça da Alemanha, mas disse a alguns de seus amigos: “Que ele faria o seu melhor para impedir que ela caísse em seus dias” — sim, ele acreditava que não viria — “e”, disse ele, “quando eu me for, que aqueles que vierem depois de mim que cuidem disso”.

Esta pobre nação da Inglaterra teve, por muitas gerações em sucessão, um número de preciosos justos que, pela graça de Deus, andaram perto de Deus e foram mantidos em grande medida imaculados das contaminações dos tempos ímpios em que viveram. Estes foram os Atlas de suas várias épocas; estes frequentemente encontraram favor de Deus para implorar pela vida desta nação, quando seu pescoço esteve no próprio cepo. Mas eles se foram, ou estão desaparecendo rapidamente, e uma nova geração está vindo em seu lugar; infeliz seria chamado o dia em que vocês nasceram, se vocês devessem ser os homens e mulheres que, por degenerarem do poder da santidade, cortassem os diques que era seu principal cuidado manter erguidos, e assim deixassem entrar um juízo desolador para inundar a terra. Consideramos indigno de seu nascimento e patrimônio aquele herdeiro que, por seus cursos devassos, prodigamente desfaz aquele patrimônio que, pelo cuidado e providência de seus ancestrais, foi ao longo de muitas linhagens finalmente transmitido a ele; mas que agora, juntamente com a honra da família, infelizmente termina nele. Se alguma época esteve perto de fazer isso pelo lugar de sua natividade, é esta presente, em que nosso triste lote é viver. Quão baixo caiu o poder da santidade entre nós, comparado ao que era há apenas

uma geração! A religião, aí de nós, corre baixa e rala entre os professos. Deus, sabemos, não sofrerá isso por muito tempo. Se o Egito sabe que uma escassez está chegando pelo baixo fluxo do Nilo, certamente podemos ver que um juízo está chegando pela baixa queda do poder da piedade.

Há grandes queixas sobre o que os homens perderam nestes tempos turbulentos. Alguns lamentam seus lugares e propriedades perdidos, outros as vidas perdidas de seus amigos nas guerras; mas os professos podem reivindicar justamente o primeiro lugar de todos os que lamentam os tempos, para chorar seus amores perdidos pelas verdades de Cristo, pelo culto a Cristo, pelos servos de Cristo — sim, esse decaimento universal que aparece em seu caminhar santo diante de Deus e dos homens. Isso é triste, de fato, mas o que acrescenta um agravante terrível a isso é que degeneramos e nos tornamos frouxos em um momento em que estamos sob os mais altos compromissos de santidade que qualquer povo jamais esteve. Somos um povo redimido de muitas mortes e perigos. E quando melhor Deus poderia esperar que fôssemos uma nação justa? É um mau momento para uma pessoa voltar a roubar e furtar assim que a corda sai de seu pescoço, e ele é deixado descer com segurança daquela escada da qual ele estava prestes a ser lançado. Certamente, acrescentou-se ao pecado do justo Noé estar embriagado quase assim que foi colocado em terra firme, quando um pouco antes ele tinha visto um mundo inteiro afundando diante de seus olhos, e ele, pessoa privilegiada, deixado por Deus para plantar o mundo novamente com uma semente piedosa. Ó senhores, a terra mal bebeu os rios de sangue que foram derramados em nossa terra. As cidades e vilas mal saíram de suas ruínas, nas quais as misérias da guerra as colocaram. Os gemidos dos órfãos e das viúvas, a quem a espada

privou de seus parentes mais queridos, ainda não foram silenciados por suas próprias mortes. Sim, podem nossos próprios sustos e medos, com os quais ficamos espantados quando vimos a nação — como uma vela acesa nas duas pontas — em chamas, e todo dia o fogo chegando mais e mais perto de nós mesmos — podem estes ser tão logo esquecidos? Agora, que em um tempo como este, uma nação, e a parte professante dela, deva tornar-se mais frouxa, mais orgulhosa, gananciosa, contenciosa, lasciva em seus princípios e descuidada em suas vidas; isso deve ser para lamentação. Temos pouco motivo para nos gabar de nossa paz e abundância, quando o resultado de nosso livramento é nos entregar para cometer tais abominações. Isso é como se alguém cuja febre quartã se foi, mas deixando-o em uma hidropisia profunda, se gabasse de que sua febre o deixou, mal pensando que, ao partir, ela o deixou um convidado pior em seu lugar. Uma mudança infeliz, Deus sabe que é; ter a guerra, a pestilência e a fome removidas, e ser deixado inchado de orgulho, erro e libertinagem.

Novamente, somos um povo que fez mais pretensões à justiça e santidade do que nossos antepassados jamais fizeram. O que mais significariam as muitas orações a Deus, e petições aos homens, por reforma? Que interpretações poderia um coração caridoso fazer, de nos colocarmos sob o vínculo de um pacto, para nos esforçarmos por uma reforma pessoal, e depois nacional, senão que pretendíamos seriamente ser uma nação mais justa do que jamais fôramos antes? Isso fez tal eco nas partes estrangeiras, que nossas igrejas vizinhas ficaram maravilhadas em pensar no que esses inícios gloriosos poderiam amadurecer; de modo que agora — tendo colocado estas folhas, e dito tanto a Deus quanto aos homens, por elas, que frutos deveriam ser esperados de nós — nosso estado atual deve

necessariamente estar perto da maldição, por decepcionar as justas expectativas de ambos. Nada pode salvar a vida desta nossa nação, ou prolongar sua tranquilidade em misericórdia para com ela, senão a recuperação do poder da santidade, tão decaído. Isso, como uma nascente de sangue novo para um corpo fraco, embora quase moribundo, o reviveria e obteria dias mais felizes — sim, mais dias felizes por vir sobre sua cabeça do que já viu; mas aí de nós! como estamos degenerando de mal para pior, morremos apenas lentamente — a cada dia nossa respiração fica mais curta; se a espada fosse apenas desembainhada novamente entre nós, mal teríamos força para resistir a outro ataque.

SEGUNDO RAMO.

EXEMPLOS EM QUE o cristão deve expressar o poder da santidade.

O segundo particular, no qual o ponto foi ramificado, vem agora a ser tomado em mãos; e isso era mencionar vários exemplos em que especialmente todo cristão deve expressar o poder de uma vida santa e justa. Agora, farei isso sob vários cabeçalhos:

1. O cristão deve manter o poder da santidade em seu conflito com o pecado.
2. O cristão deve expressar o poder da santidade nos deveres do culto a Deus.
3. O cristão deve expressar o poder da santidade em sua vocação particular e empregos mundanos.

***O poder da santidade é expresso no
COMPORTAMENTO DO SANTO PARA COM O PECADO.***

EXEMPLO 1. O cristão deve manter o poder da santidade em seu conflito com o pecado; e isso nos particulares seguintes:

Tu não deves apenas recusar cometer pecados graves, mas evitar também a aparência do pecado; isso é andar no poder da santidade. A pomba não apenas voa do falcão, mas nem sequer cheirá uma única pena que cai dele. Deveria ser o suficiente para assustar a alma santa de qualquer empreendimento, se ele for apenas *male coloratum* — mal colorido. Somos ordenados a “odiar até a roupa manchada pela carne” (Jd 23). Uma pessoa limpa não apenas recusará engolir o esterco (aquele que [quisesse] é um animal de fato), mas também toma cuidado para não pegar nem uma mancha em suas roupas enquanto come sua carne. O cuidado do cristão deve ser manter, assim como sua consciência é pura, seu nome puro; o que é feito evitando toda aparência de mal. As três perguntas de Bernardo valem a pena nos fazermos em qualquer empreendimento: *An liceat? an deceat? an expediat?* — É lícito? Posso fazê-lo e não pecar? É conveniente a mim, um cristão? Posso fazê-lo e não prejudicar minha profissão? Aquele trabalho que serviria para um homem comum, serviria a um príncipe? “Um homem como eu fugiria?” (Ne 6:11), disse Neemias nobremente. Finalmente, é expedito? Posso fazê-lo e não ofender meu irmão fraco? Há algumas coisas das quais devemos nos negar por causa dos outros. Embora um homem pudesse montar seu cavalo e correr em velocidade máxima sem perigo para si mesmo; contudo, ele faria muito mal ao atravessar uma cidade onde há crianças no caminho, que podem, antes que ele perceba, serem atropeladas por ele e prejudicadas. Assim, algumas coisas tu podes fazer, e

sem pecado para ti, se não houvesse cristãos fracos em teu caminho para atropelar, e assim machucar suas consciências tenras e entristecer seus espíritos. Mas, ai de nós! este é um caminho muito estreito para muitos professos frouxos caminharem hoje em dia; eles precisam de mais espaço e alcance para seus corações frouxos, ou então eles e sua profissão devem se separar. A liberdade é a Diana dos nossos tempos. Ó, que desculpas são feitas para algumas práticas suspeitas! — cabelos longos, roupas chamativas e extravagantes, rostos pintados, seios nus. Estes foram chamados ao tribunal em tempos anteriores e censurados por cristãos sóbrios e sólidos como coisas pelo menos suspeitas e de não “boa fama”; mas agora eles atingiram um júri mais favorável, que os declara “não culpados”. Sim, muitos são tão afeiçoados a eles que pensam que a liberdade cristã é prejudicada em sua censura. Os professos estão tão longe de um zelo santo, que deveria fazê-los vigiar seus corações para que não vão longe demais, que eles esticam suas consciências para chegar ao comprimento total de suas cordas; como se fosse o cristão valente aquele que pudesse chegar mais perto do poço do pecado e não cair dentro; como nos jogos olímpicos, levava a guirlanda quem pudesse dirigir sua carruagem mais perto da marca e não bater nela. Se fosse assim, Paulo estava enganado quando pediu aos cristãos que “se abstivessem de toda a aparência do mal” (1 Ts 5:22). Ele deveria, pela divindade desses homens, ter dito “abstende-vos” não da “aparência”, apenas cuidai do que é em si mesmo grosseiramente “mal”. Mas aquele que pode aventurar-se na “aparência do mal”, sob o pretexto de liberdade, pode, pelo que sei, cometer aquilo que é mais grosseiramente mal, sob alguma aparência de bem. Não é difícil, se um homem quiser arcar com o custo, colocar uma boa cor na mercadoria podre, e na prática também.

Segundo Particular. Tu debes não apenas te esforçar contra todo pecado, mas fazê-lo por princípios nobres. Aqui reside o poder da santidade. Muitos se abstêm de pecar por um motivo tão indigno que Deus não os agradecerá por isso em outro dia. Como é nas ações de piedade e caridade, Deus não faz conta delas, exceto se estiver interessado nelas. Quando jejuamos ou oramos, Deus pergunta: “Jejuastes e orastes por mim, mesmo por mim?” (Zc 7:5). Quando damos esmolas, “um copo de água fria” por causa dele, dado “em nome de um discípulo”, é mais valorizado por ele (Mt 10:42) do que um copo de ouro por fins privados e baixos. Como nestes, assim é no pecado; Deus olha que sua autoridade deve concluir e seu amor nos constranger a renunciá-lo; diante dos mandamentos — como os príncipes, diante de suas proclamações, prefixam seus braços e nomes reais — Deus coloca seu nome glorioso. “Deus falou todas estas palavras”, dizendo, etc. (Êx 20:1). E por que isso, senão que deveríamos santificar seu nome em tudo o que fazemos? Um mestre pode muito bem se considerar desprezado pelo servo que continua, quando ele lhe ordena deixar tal trabalho, mas termina imediatamente a pedido de outro. Ó, quantos são aqueles que continuam a pecar, por tudo o que Deus diz em contrário! Mas quando seu crédito ordena, por vergonha do mundo, desistir de tal prática, eles podem parar imediatamente. Quando seu lucro fala, ele é ouvido e obedecido. Ó senhores, cuidado com isso; Deus espera que seus servos não apenas façam o que ele ordena, mas isso, ao comando dele, e apenas dele. E assim como em abster-se do mal, em lamentar os pecados cometidos por nós, se quisermos ser cristãos de fato, devemos incluir, sim, preferir, as preocupações de Deus antes das nossas. De fato, seria de desejar que alguns fossem gentis com suas próprias almas a ponto de lamentar por si mesmos quando pecaram — que clamassem com Lameque: “Matei um

homem por me ter ferido, e um jovem por me ter pisado” (Gn 4:23). Muitos têm consciências tão calejadas que não chegam nem a reclamar que se feriram com seus pecados. Mas pouco do poder da santidade aparece em tudo isso. Pode haver um grande grito na consciência: “Estou condenado! Eu me desfiz!” e a desonra que é lançada sobre Deus por ele, não colocada no coração. Vocês se lembram do que Joabe disse a Davi, lamentando pesadamente a morte de Absalão: “Percebo”, disse ele, “que se Absalão vivesse, e todos nós morrêssemos hoje, então isso te agradaria bem” (2 Sm 19:6). Assim poderíamos dizer a tais chorosos egoístas: “Percebemos que, se pudesses apenas salvar a vida de tua alma da morte eterna e condenação, embora a glória de Deus se perdesse, tu poderias ficar bem contente”. Mas saiba que o lamento de uma alma graciosa corre em outro canal. “Contra ti, somente contra ti, pequei” é o lamento do santo Davi. Há uma grande diferença entre um servo que trabalha para outro e aquele que é seu próprio senhor. Como dizemos, este último coloca todas as suas perdas sobre sua própria cabeça: “Tanto”, diz ele, “perdi com tal navio — tanto com tal negócio”. Mas o servo que negocia com o estoque de seu mestre — ele, quando alguma perda vem, coloca-a na conta de seu mestre: “Tanto perdi dos bens do meu mestre”. Ó cristão, pensa nisso. Tu és apenas um servo. Todo o estoque com que negociais não é teu, mas de teu Deus; e, portanto, quando caíres em qualquer pecado, lamenta-o como um erro para ele. “Tanto, ai de mim! desonrei meu Deus; seus talentos desperdicei; seu nome feriu; seu Espírito entristeci”.

Terceiro Particular. Ele deve não apenas abster-se de praticar um pecado, mas também se esforçar para mortificá-lo. Uma ferida pode ser escondida quando não está curada — coberta, e ainda assim não sarada. Alguns homens são como

médicos inábeis, que preferem empurrar para dentro a doença do que expulsar a causa dela. A corrupção assim deixada no seio, como cal não apagada, ou um humor não purgado, é certo que em um momento ou outro pegue fogo e exploda, embora agora ela se encontre pacificamente, como pólvora no barril, e não faça barulho. Li que a abertura de um baú onde algumas roupas estavam guardadas — não muito bem arejadas e limpas da infecção que estivera na casa — foi a causa de uma grande peste em Veneza, depois de terem estado muitos anos lá, sem fazer qualquer mal. Tenho certeza de que vemos, por falta de verdadeira mortificação, muitos que, depois de terem caminhado tão longamente de forma irrepreensível a ponto de ganhar a reputação de serem santos na opinião dos outros, por alguma ocasião, como a abertura do baú, caíram tristemente em práticas abomináveis; e, portanto, convém-nos não nos satisfazermos com nada menos do que uma obra de mortificação, e que seja seguida de dia para dia. “Protesto”, diz Paulo, “pela minha glória em Cristo, eu morro diariamente”. Aqui estava um homem que caminhava no poder da santidade. O pecado é como a besta (Ap 13:3), que parecia a certa altura como se morresse imediatamente de suas feridas, mas logo em seguida foi estranhamente curada de modo a recuperar-se novamente. Muitos santos, por falta de manter rédeas curtas, e isso constantemente, sobre alguma corrupção que pensavam ter dominado, foram jogados da sela, e por ela arrastados perigosamente para a tentação, incapazes de resistir à fúria da luxúria, quando esta obteve a cabeça, até que quebraram seus ossos com alguma queda triste no pecado. Se tu quiseses, cristão, mostrar o poder da santidade, nunca desistas do trabalho de mortificação, não, nem mesmo quando tuas corrupções menos se mostram a teus olhos. Aquele que é inclinado a uma doença — gota, pedra, ou algo semelhante — não deve apenas tomar

remédio quando está em crise, mas de vez em quando deve tomar algo bom contra ela. Assim deveria o cristão, não apenas quando encontra sua corrupção mexendo, mas todos os dias manter sua alma em um curso de remédio espiritual, contra o crescimento dela. Isto é santidade em seu poder. Muitos professos fazem com suas almas, a este respeito, como cirurgiões enganosos com seus pacientes — aplicam um emplastro de cura em um dia, e um contrário no dia seguinte, que faz a cura retroceder mais do que a outra a fez avançar. Cuidado com isso, a menos que pretendas não apenas colocar o poder da santidade em perigo, mas a própria vida e verdade dela em questão em tua alma.

Quarto Particular. Ele deve, como se esforça para mortificar a corrupção, crescer e avançar na graça contrária. Cada pecado tem sua graça oposta, como cada veneno tem seu antídoto. Aquele que quer andar no poder da santidade, deve não apenas se esforçar para evitar o pecado, mas para obter a posse da graça contrária. Lemos de uma casa que estava “vazia” (Mt 12:44). “O espírito imundo saiu”, mas o Espírito Santo não entrou — isto é, quando um homem é um cristão meramente negativo, ele deixa de fazer o mal de algumas maneiras em que anteriormente caminhava, mas não aprende a fazer o bem. Isso é perder o céu por um triz. Deus não nos perguntará o que não fomos, mas o que fomos. Não jurar e amaldiçoar não servirá nosso propósito; mas te será perguntado: “Tu abençoaste e santificaste o nome de Deus?”. Não bastará que tu não tenhas perseguido a Cristo, mas “Tu o recebestes?”. Tu não odiaste seus santos, mas tu os amaste? Tu não bebestes e te embriagaste, mas foste cheio do Espírito? Ele é o médico habilidoso que, ao mesmo tempo em que evacua a doença, também conforta e fortalece a natureza; e ele é o verdadeiro cristão que não se

contenta com um mero deixar de lado costumes e práticas malignas, mas se esforça para caminhar naquele exercício das graças correspondentes. Estás descomposto com impaciência? — assombrado com um espírito descontente, sob qualquer aflição? Não aches que basta silenciar teu coração de brigar com Deus; mas não descanses até que possas trazê-lo docemente a confiar em Deus. O santo Davi levou isso tão longe — ele não apenas censurou sua alma por estar inquieta, mas ele a ordena a confiar em Deus (Sl 43:5). Tens tido algum ressentimento em teu coração contra teu irmão? Não aches que basta extinguir essas faíscas de fogo do inferno; mas esforça-te para acender um fogo celestial de amor por ele, de modo a te colocar a orar de coração por ele. Conheci alguém que, quando tinha alguns pensamentos invejosos e hostis mexendo nele contra alguém — como quem é tão santo que não pode encontrar tais vermes às vezes rastejando sobre si mesmo? — não demorava a ir ao trono da graça; mas indo lá, para que pudesse entrar com um protesto mais forte contra eles, oraria mais fervorosamente pelo aumento daquelas coisas boas neles, que ele antes parecia invejar, e assim se vingava daquelas luxúrias invejosas que a qualquer momento surgiam em seu coração contra os outros.

Quinto Particular. Ele deve ter um espírito público contra os pecados dos outros. Um bom súdito não se esforça apenas para viver quietamente sob o governo de seu príncipe, mas está pronto para servir seu príncipe contra aqueles que não o farão. A verdadeira santidade, como a verdadeira caridade, começa em casa, mas não se confina dentro de suas próprias portas. Ela tem um zelo contra o pecado no exterior. Aquele que é de espírito neutro, e, como Galião, não se importa com a desonra que Deus recebe de outros, põe em questão o zelo que expressa contra o pecado em seu próprio seio. Quando Davi

queria conhecer o temperamento de seu próprio coração, a descoberta mais profunda que, por toda busca, ele pôde fazer da sinceridade dele, é seu zelo contra os pecados dos outros. “Não odeio eu, ó Senhor, aqueles que te odeiam? e não me aflijo com os que se levantam contra ti? Odeio-os com ódio perfeito; tenho-os por inimigos” (Sl 139:21, 22). Tendo feito isso, ele roga ao próprio Deus que revire seu coração: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração: prova-me, e conhece os meus pensamentos; e vê se há em mim algum caminho mau”, etc. (vv. 23, 24); como se tivesse dito: “Senhor, minha linha não alcança para sondar meu coração mais profundamente, e, portanto, se for possível que ainda algum mal possa se esconder sob isso, diz-me e guia-me pelo caminho eterno”.

Sexto Particular. O cristão, quando mostra mais zelo contra o pecado e tem a maior vitória sobre ele, mesmo então deve renunciar a toda glória fiduciária nisso. A excelência da santidade do evangelho consiste na abnegação. “Embora eu fosse perfeito”, diz Jó, “ainda assim não conheceria a minha alma” (Jó 9:21); isto é, eu não seria presunçoso e orgulhoso da minha inocência. Quando um homem se eleva com qualquer excelência que tem, dizemos: “Ele sabe disso”; “Ele tem partes excelentes, mas ele sabe disso”; isto é, ele reflete demais sobre si mesmo e vê seu próprio rosto muitas vezes no espelho de suas próprias perfeições. Aqueles que escalam montanhas altas acham mais seguro, quanto mais alto ascendem, mais curvar e inclinar seus corpos; e assim faz o Espírito de Cristo ensinar os santos, à medida que ascendem mais alto em suas vitórias sobre a corrupção, a curvar-se mais baixo na abnegação. Os santos são ordenados a: “conservar-se no amor de Deus” e então esperar, “esperando pela misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna” (Jd 21). E: “Semeai para vós em justiça, ceifai

segundo a misericórdia” (Os 10:12). Semeamos na terra, ceifamos no céu. A semente que devemos semear é a justiça e a santidade, as quais, quando tivermos feito, com maior cuidado e custo, não devemos esperar nossa recompensa da mão da nossa justiça, mas da misericórdia de Deus.

O poder da santidade é expresso nos DEVERES DO CULTO A DEUS.

EXEMPLO 2. O cristão deve exercer o poder da santidade nos deveres do culto a Deus. A mesma luz que nos mostra um Deus convence-nos de que ele deve ser adorado, e não apenas assim, mas que ele será adorado de uma maneira santa também. Deus foi muito criterioso em tudo o que pertencia ao seu culto sob a lei. Se ele tem um tabernáculo — o lugar de adoração — deve ser feito dos materiais mais escolhidos; os obreiros empregados para fazê-lo devem ser raramente dotados para o propósito; os sacrifícios a serem oferecidos, os melhores de cada espécie, os machos do rebanho, os melhores das bestas, a gordura das entranhas, não as sobras. As pessoas que atendem ao Senhor e ministram a ele, devem ser peculiarmente santas. Qual é o evangelho de tudo isso? Senão que Deus é muito maravilhoso em seu culto. Se em qualquer ação de nossas vidas formos mais santos do que em outras, certamente deve ser, quando temos que lidar com Deus imediatamente. Ora, esta santidade nos deveres do culto deve aparecer nestes particulares:

1. Em fazer consciência de um dever tão bem quanto de outro. O cristão deve abranger tudo dentro de seu caminhar religioso. É perigoso realizar um dever, para que possamos nos dispensar da negligência de outro. A parcialidade é odiosa a Deus, especialmente nos deveres da

religião — que têm todos um selo divino sobre eles. Não há ordenança da nomeação de Deus que ele não abençoe para seu povo; e não devemos rejeitar o que Deus possui. Sim, Deus comunica-se com grande variedade aos seus santos, agora nesta, logo naquela, com o propósito de manter a estima de todos em nossos corações. A esposa busca seu Amado no dever secreto em casa, e não o encontra; então ela vai ao público e encontra “aquele a quem sua alma ama” (Cantares 3:4). Daniel, sem dúvida, muitas vezes visitou o trono da graça, e foi um longo negociante naquele dever; mas Deus reservou a manifestação mais completa de seu amor e a abertura de alguns segredos para ele, até que ele, à oração comum, juntasse jejum e oração extraordinários. Então o mandamento saiu, e um mensageiro do céu foi enviado para informá-lo da mente e do coração de Deus (Dn 9:3 comparado com o v. 23). Não há dever, mas os santos, em uma ou outra ocasião, encontram o Espírito de Deus respirando docilmente, e enchendo suas almas dele, com mais do que o refrescamento ordinário. Às vezes a criança suga seu leite deste seio, às vezes daquele. Davi, em meditação, enquanto estava “meditando” (Sl 39:3), encontra um calor celestial se acendendo em seu seio, até que finalmente o fogo irrompe. Ao eunuco, na “leitura” da Palavra (At 8:27, 28), é enviado Filipe para se juntar à sua carruagem; aos apóstolos, Cristo “é conhecido no partir do pão” (Lc 24:35); os discípulos caminhando para Emaús, e conferindo juntos, logo têm Cristo caindo com eles (Lc 24:15), que os ajuda a desatar aqueles nós com os quais estavam perplexos; Cornélio, no dever em sua casa, tem “uma visão” (At 10:3) do céu, para dirigi-lo no caminho em que deveria andar. Cuidado, cristão, portanto, de não negligenciar qualquer dever. Como sabes, mas que essa é a

porta na qual Cristo está esperando para entrar em tua alma? O Espírito é livre. Não o prendas a este ou àquele dever, mas espera por ele em tudo. Não é sabedoria deixar qualquer água passar pelo teu moinho, que possa ser útil para colocar tua alma a caminho do céu. Talvez, cristão, encontres pouco naqueles deveres que realizas; eles são seios vazios para tua alma. Vale a pena tua investigação, se não há algum outro que negligencias? Tu ouves a Palavra com pouco proveito, talvez? Rogo-te, diz-me, não negligencias os sacramentos? Tenho certeza de que muitos o fazem, e isso sobre bases fracas, Deus sabe. E tu queres que Deus te encontre em uma ordenança, tu que não o encontras em outra? Ou, se tu frequentas todas as ordenanças públicas, não é Deus um grande estranho para ti em casa, em tua casa e em teu quarto? Que comunhão tu manténs com ele em deveres privados? Aqui está um buraco largo o suficiente para perder tudo o que obténs em público, se não for remendado a tempo. Samuel não se sentou para o banquete com Jessé e seus filhos, até que Davi, embora o mais novo dos filhos, fosse buscado, que era também o único filho que faltava (1 Sm 16:11). Se tu quisesses a companhia de Deus em qualquer ordenança, tu deves esperá-lo em todas; ele não quer que nenhuma seja voluntariamente negligenciada. Oh, traz de volta aquele dever que tu enviaste embora; embora seja o menor aos teus olhos, ainda assim, pode ser, é aquele que Deus pretende coroar com sua bênção mais escolhida para tua alma.

2. Em uma perseguição próxima e vigorosa daqueles fins para os quais Deus os nomeou. Ora, há um fim duplo que Deus visa principalmente nos deveres de seu culto. (1) Deus pretende que por eles devamos fazer nossa

homenagem a ele como nosso soberano Senhor. (2) Ele pretende que sejam como meios através dos quais ele possa deixar sair a si mesmo nos seios de seus filhos, e comunicar o que há de mais escolhido de suas bênçãos a eles. Ora, aqui o poder da santidade se manifesta, quando o cristão atenta cuidadosamente para alcançar estes fins em cada dever que realiza.

3. Deus os nomeia para este fim, para que possamos fazer nossa homenagem a ele como nosso soberano Senhor. Se não houvesse um culto prestado a Deus, como declararíamos e faríamos aparecer que mantemos nossa vida e ser nele? Uma das primeiras coisas que Deus ensinou a Adão, e Adão a seus filhos, foi no culto divino. Ora, se quisermos fazer isso santamente, devemos fazer disso nosso principal cuidado, para que possamos realizar cada dever, de modo que por ele possamos santificar seu nome nele e dar-lhe a glória que lhe é devida. Um súdito pode oferecer um presente de uma maneira tão ridícula ao seu príncipe que ele pode considerar-se mais escarnecido do que honrado por ele. Os soldados dobraram o joelho a Cristo, mas eles o “escarneceram” (Mt 27:29), e assim Deus considera que muitos fazem por ele, mesmo enquanto o adoram. Pelo comportamento e modo de agir de nós mesmos nos deveres religiosos, dizemos o que nossos pensamentos são sobre o próprio Deus. Aquele que os realiza com um temor santo sobre seu espírito, e vem a eles cheio de fé e temor, com alegria e tremor — ele declara claramente que acredita que Deus é um grande Deus e um bom Deus — uma majestade gloriosa e um gracioso. Mas ele que é descuidado e desleixado neles, diz ao próprio Deus em sua face que ele tem pensamentos baixos e mesquinhos sobre ele. O mau

comportamento de uma pessoa nos deveres religiosos surge de suas incompreensões sobre Deus a quem ele adora. O que está gravado no selo, certamente verás impresso na cera. E que pensamentos o coração tem de Deus, são estampados nos deveres que o homem realiza. O que está no selo, aparece no papel. Abel mostrou-se ser um homem santo, e Caim apareceu um miserável ímpio, em seus sacrifícios. E como? Senão nisto — que Abel visou aquele fim que Deus pretende em seu culto — a santificação de seu nome — mas que Cain não se importou de todo. Isto pode aparecer comparando o sacrifício de Abel com o dele, em dois particulares:

(1.) Abel é muito criterioso na matéria de seu sacrifício — não qualquer um do rebanho que vem primeiro à mão, mas os “primogênitos”; nem ele oferece a gordura deles a Deus, e guarda a carne para si mesmo, mas dá a Deus o melhor do melhor. Mas da oferta de Caim não se registra tal cuidado tomado por ele. É dito apenas que ele, “trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor”, mas não uma palavra de que eram as primícias ou os melhores frutos (Gn 4:3, 4).

(2.) Abel não satisfaz a Deus com uma besta ou duas para um sacrifício; mas com elas dá seu coração também. “Pela fé Abel ofereceu a Deus um sacrifício mais excelente do que Caim” (Hb 11:4). Ele deu a Deus o culto interior de sua alma; e foi isto que Deus tomou tão gentilmente de suas mãos, pelo que ele obteve um testemunho do próprio Deus de que ele era “justo”. Enquanto Caim pensou que era o suficiente — se não muito — dar-lhe um pouco do fruto da terra. Se o miserável tivesse considerado quem era Deus, e qual era seu fim ao exigir uma oferta de suas mãos, ele não poderia ter pensado racionalmente que um punhado ou dois de grãos era aquilo que ele prezava ou visava, além de ser um sinal daquele culto interior e espiritual

que ele esperava que viesse junto com a cerimônia exterior. Mas ele mostrou que pensamentos básicos e indignos ele tinha de Deus, e correspondentemente ele lidou com ele. Ó cristãos! lembrem-se quando vocês se engajarem em qualquer dever de religião, que vocês vão fazer sua homenagem a Deus, que quer ser adorado como ele mesmo. “Maldito o enganador que tem no rebanho o macho, e faz o voto, e sacrifica ao Senhor uma coisa corrompida: porque eu sou um grande Rei, diz o Senhor dos Exércitos, e o meu nome é tremendo entre as nações” (Ml 1:14). Isto fez Davi tão curioso sobre o templo que ele tinha em seu coração para construir, “porque este palácio não é para homem, mas para o Senhor Deus” (1 Cr 29:1); portanto ele diz que “preparou com todas as minhas forças para a casa de meu Deus” (v. 2). Assim deveria a alma graciosa dizer, quando vai a qualquer dever de religião: “Não é homem, mas o Senhor Deus, a quem vou ministrar, e, portanto, devo ser sério e solene, santo e humilde”, etc.

(3.) O segundo fim para o qual Deus nomeou ordenanças divinas e deveres religiosos é ser um meio pelo qual ele possa deixar sair a si mesmo para o seu povo e comunicar as mais escolhidas de suas bênçãos aos seus seios. “Ali”, diz o salmista, falando da montanha de Sião, onde ficava o templo, o lugar do culto de Deus, “o Senhor ordena a bênção e a vida para sempre” (Sl 133:3); isto é, ele nomeou a bênção da vida espiritual, graça e conforto, que finalmente inchará em vida eterna, para jorrar e fluir dali. Os santos sempre tiraram sua água destes poços. “O vosso coração viverá, o que busca a Deus” (Sl 69:32). E suas almas devem necessariamente morrer se não buscam a Deus aqui. O agricultor pode esperar uma colheita onde nunca arou e semeou; e o comerciante ficar rico, que nunca abre as portas de sua loja para deixar os clientes entrar; tanto quanto ele prosperar

na graça, ou conforto, que não conversa com os deveres da religião. As grandes coisas que Deus faz por seu povo são obtidas em comunhão com ele. Ora, aqui aparece o poder da santidade — quando uma alma faz disso seu negócio, que ele segue de perto e atende em deveres de religião, a saber, receber alguma vantagem espiritual de Deus por eles. Como um estudante sabendo que é enviado à universidade para obter conhecimento, dedica-se a buscar isso e negligencia outras coisas (não são riquezas ou prazeres que ele procura, mas conhecimento); assim, também, a alma graciosa se esforça e voa de um dever para outro, como a abelha de flor em flor, para se armazenar com mais e mais graça. Não é crédito e reputação ser pensado um grande santo, mas ser de fato tal, que ele toma todo esse trabalho. O cristão é comparado a um mercador que negocia por pérolas ricas; ele deve ir às ordenanças, como o mercador que navega de porto em porto, não para ver lugares, mas para carregar sua carga, algumas aqui, algumas lá. Um cristão deveria ter tanta vergonha de voltar vazio de seu tráfego com ordenanças, quanto o mercador de vir para casa sem sua carga. Mas, ai de nós! quão pouco isso é procurado por muitos que passam por grandes professos, que são como algumas pessoas ociosas que vêm ao mercado, não para comprar provisões e levar para casa o que precisam, mas para olhar e contemplar o que está ali para ser vendido, sem propósito. Ó meus irmãos, cuidado com isso! A ociosidade é ruim em qualquer lugar, mas pior no mercado, onde tantos trabalham diante de teus olhos, cujo cuidado por suas almas tanto acrescenta ao teu pecado, e, outro dia, à tua vergonha. Não vês outros enriquecerem em graça e conforto, pelo seu tráfego com essas ordenanças, das quais tu saís pobre e mendigo? e podes tu ver isso sem corar? Se tivesses apenas um coração para propor o mesmo fim à tua alma, quando viesses, poderias ter tanto sucesso quanto eles. Deus permite um

comércio livre para todos que valorizam Cristo e suas graças, de acordo com sua preciosidade. “Oh, todos vós os que tendes sede, vinde às águas; e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite” (Is 55:1). O Espírito de Deus parece, no julgamento de alguns, aludir a um certo costume em cidades marítimas. Quando um navio vem com mercadorias para serem vendidas, eles costumam gritá-las pela cidade: “Oh, todos os que quiserem tais e tais mercadorias, venham à beira da água, onde elas estão disponíveis a tal preço”. Assim, Cristo chama a todos que veem sua necessidade dele e de suas graças, às ordenanças, onde estas devem ser livremente obtidas de todos que vêm a elas, para este próprio fim.

O poder da santidade deve ser demonstrado nas ATIVIDADES MUNDANAS do cristão.

TERCEIRO EXEMPLO. O cristão deve expressar o poder da santidade em sua vocação particular e atividades mundanas — aquilo em que ele está envolvido. A santidade deve ser inscrita nelas, assim como em seus deveres religiosos. Aquele que observa a lei da construção é tão exato ao fazer uma cozinha quanto ao fazer uma sala de estar; assim, pela lei do cristianismo, devemos ser tão exatos em nossos negócios mundanos quanto nos deveres do culto: “Sede santos em toda a vossa maneira de viver” (1 Pe 1:15). Não devemos deixar nossa religião, como alguns fazem com suas Bíblias, na igreja. Como no homem, a faculdade mais elevada — que é a razão — guia suas ações mais baixas, até mesmo aquelas que são comuns às bestas, tais como comer, beber e dormir (o homem faz, isto é, deveria fazer, se quiser merecer seu próprio nome, exercer esses

atos como a razão dirige — deveria mostrar-se neles uma criatura racional); assim, em um cristão, a graça, que é o princípio mais elevado, deve dirigir e guiar em ações que são comuns ao homem como homem. O cristão não deve comprar e vender como um mero homem, mas como um homem cristão. A religião não é como o manto daquele tesoureiro real, que, quando ia se recrear, ele tirava e dizia: “Fica aí, lorde tesoureiro, por um tempo”. Não, onde quer que o cristão esteja, o que quer que esteja adornando, ele deve manter sua religião vestida — quero dizer, fazê-lo santamente. Ele não deve fazer aquilo em que não possa mostrar-se um cristão. Ora, o poder da santidade se manifesta em nossas vocações particulares destas maneiras. Mas tome-as conjuntamente, e a “formosura da santidade” aparecerá na simetria de todas as partes juntas.

1. Quando o cristão é diligente em sua vocação particular. Quando Deus nos chama para sermos cristãos, ele nos chama, na verdade, para fora do mundo quanto às nossas afeições, mas não para fora do mundo quanto ao emprego. É verdade, quando Eliseu foi chamado, ele deixou seu arado, e os apóstolos suas redes, mas não como foram chamados para serem santos, e sim porque foram chamados para o ministério na igreja. Alguns, contudo, em nossos dias, poderiam encontrar em seus corações enviar os oficiais da igreja de volta ao arado; mas com quão pouca razão, que julguem eles mesmos, que acham uma profissão, se bem seguida e gerida com um estoque completo, suficiente para lhes dar trabalho a semana toda. Certamente então, o ministro que tem de lidar com, sim, prover para, mais almas do que eles corpos, pode encontrar sua cabeça e coração tão cheios de trabalho em sua vocação, de um fim ao outro do ano, quanto qualquer um deles. Mas estou falando ao cristão

privado. Tu não podes ser santo se não fores diligente em uma vocação particular. A lei do homem considera vagabundo aquele que não tem um lugar fixo de moradia; e a Palavra de Deus considera pessoa desordeira aquele que não tem uma vocação particular, na qual se mover e agir para a glória de Deus e o bem dos outros. “Ouvimos que alguns entre vós andam desordenadamente, não trabalhando em nada” (2 Ts 3:11). Deus quer que seu povo seja rentável, como a ovelha que faz bem ao próprio chão em que se alimenta. Todo mundo deveria ser melhor por causa de um cristão. Quando Onésimo foi convertido, ele tornou-se “útil” a Paulo e também a Filemom; a Paulo como um cristão, a Filemom como um servo (Fm 11). A graça fez de um fugitivo, um servo diligente. Um professo ocioso é um professo escandaloso. Um homem ocioso não faz bem a ninguém, e a si mesmo é quem mais prejudica.

2. Quando ele não é apenas diligente, mas por causa da consciência. Há muitos que são livres o suficiente de seus esforços em suas vocações particulares; eles não precisam de espora. Mas o que os coloca a trabalhar? É a consciência, porque Deus ordena? Oh, não! Então eles seriam diligentes em sua vocação geral também. Eles orariam com tanta força quanto trabalham. Eles então parariam, assim como começariam, ao comando de Deus. Se a consciência fosse a chave que abrisse sua loja no dia de semana, ela a fecharia no dia do Senhor. Quando vemos um homem, como o falcão, voar atrás da presa do mundo e não querer vir ao chamamento de Deus, mas — embora a consciência, em nome de Deus, ordene “Para, e espera pelo teu Deus neste dever em tua família, naquele em teu aposento” — continua em sua perseguição mundana: ele mostra claro o suficiente

cujo recado ele segue — não o da consciência, mas o de suas próprias luxúrias. Mas se tu queres andar no poder da santidade, debes ser diligente em tua vocação por uma questão religiosa. Aquilo que te faz “fervoroso na oração”, deve te fazer “não preguiçoso nos negócios”. Tu debes dizer: “Este é o lugar em que Deus me colocou. Sou apenas seu servo em minha própria loja, e aqui devo servi-lo como gostaria que meu aprendiz ou filho me servisse; sim, muito mais, pois eles não são meus tanto quanto eu sou dele”.

3. Quando ele espera o sucesso de seu trabalho de Deus e, correspondentemente, se tem êxito, dá seus humildes agradecimentos a Deus. De fato, eles andam juntos; aquele que não faz um, não fará o outro. O mundano que não passa pelo seu aposento em oração para sua loja pela manhã quando começa seu negócio, não é de se admirar que não retorne à noite pelo seu aposento, em gratidão a Deus. Ele começou sem Deus; seria estranho se ele terminasse nele. A aranha que tece sua teia de suas próprias entranhas, habita nela quando termina (Jó 8:14); e os homens que realizam seus empreendimentos por sua própria inteligência e cuidado, intitulam-se a si mesmos pelo que pensam ter feito. Eles preferirão sacrificar — como fazem à sua “rede” e “arrastão” (Hc 1:15) — à sua própria sabedoria e indústria do que a Deus. Tal miserável ouvi falar ultimamente em nossos dias, que, sendo estimulado por um vizinho a agradecer a Deus por uma rica colheita de milho que tinha em seu terreno, ateisticamente respondeu: “Agradecer a Deus! Não, antes agradecer ao meu carro de esterco” — o discurso de um espírito de esterqueira, mais imundo do que a sujeira em seu carro. Mas se tu queres ser um cristão, debes reconhecer a Deus “em todos os teus caminhos”, não “te

estribando no teu próprio entendimento”; e isso te direcionará a ele, quando o sucesso coroar teus labores, a coroar a Deus com o louvor. Jacó trabalhou tão diligentemente e teve tanto esforço pela propriedade que teve no final quanto qualquer outro, contudo, lançando a base de tudo em oração, e esperando a bênção do céu (Gn 28:20), ele atribui toda aquela propriedade justa que finalmente possuiu à misericórdia e verdade de Deus, a quem ele havia, em seu estado pobre — quando com seu cajado de peregrino viajava para Padã-Arã — comprometido por um voto solene a prover para ele (Gn 32:10).

4. Quando o cristão está contente com a porção, pouca ou muita, que Deus, sobre seus esforços, lhe reserva; não contente porque ele não pode tê-la de outra forma. A necessidade foi a mestra dos pagãos para ensinar contentamento; mas a fé deve ser a do cristão, pela qual ele aquiesce nas disposições da providência de Deus com uma doce complacência como a vontade de Deus a seu respeito. Aqui está a piedade em triunfo — quando o cristão pode esculpir contentamento da providência de Deus, seja qual for o prato que lhe é posto diante. Se ele “colhe pouco”, ele não carece, mas está satisfeito com sua refeição curta. Se ele “colhe muito”, ele não tem “nada de sobra” — quero dizer, não mais do que sua graça pode bem digerir e transformar em bom alimento; “nada de sobra” que se transforme em maus humores de orgulho e luxúria. Este foi o nível que Paulo alcançou (Fp 4:12). Ele sabia como “ter abundância e sofrer necessidade”. Tire o contentamento da piedade, e você tira uma das melhores joias que ela usa em seu seio. “A piedade com contentamento é grande lucro”; não piedade

com uma propriedade, mas “piedade com contentamento” (1 Tm 6:6).

5. Quando a vocação particular do cristão não invade a sua geral. Verdadeiramente isso requer uma guarda forte. O mundo é de natureza invasora, é difícil conviver com ele e não cair em escravidão a ele. Como Agar, quando Abraão lhe mostrou algum respeito mais do que o ordinário, começou a contestar, sim, a se gabar sobre sua senhora, assim nossas atividades mundanas se chocarão com nossas celestiais, se não mantivermos uma mão rigorosa sobre elas. Ora, o poder da santidade se manifesta aqui em duas coisas:

6. Quando o cristão não sofre que seus negócios mundanos devorem seu tempo de comunhão com Deus, mas mantém-no inviolável das mãos sacrílegas do mundo. O cristão pode observar que, se ele der ouvidos a isso, ele nunca pensará em começar qualquer dever religioso sem que alguma desculpa ou outra, para adiar, se apresente aos seus pensamentos. “Esta coisa deve ser feita agora; aquele amigo ser falado, ou aquele cliente esperado”; de modo que, como diz o sábio: “Quem observa o vento não semeará; e o que olha para as nuvens não colherá” (Ec 11:4). Da mesma forma, aquele que observar o que sua própria preguiça, interesse mundano e parte carnal sugerem, nunca orará, meditará ou manterá comunhão com Deus em qualquer outro dever religioso. Ó, é triste! quando o mestre deve pedir licença ao homem para saber quando comer e quando não — quando o cristão deve receber suas ordens do mundo sobre quando esperar por Deus e quando não, enquanto a religião deveria dar lei a isso. Então a santidade está em seu poder — como Sansão em sua força — quando ele pode romper essas desculpas, que o manteriam longe de seu Deus, tão

facilmente quanto ele fez suas cordas de linho — quando o cristão pode abrir seu caminho para a presença de Deus, através da multidão de impedimentos mundanos. “Eis que”, diz Davi, “com muito esforço preparei para a casa do Senhor cem mil talentos de ouro e mil mil talentos de prata”, etc. (1 Cr 22:14). Ele tinha caminhos suficientes para ter disposto seus tesouros, se quisesse ter sido desencorajado do trabalho; ele poderia ter tido uma desculpa justa das guerras em que esteve envolvido durante todo o seu reinado — que estavam drenando continuamente seu tesouro — para ter poupado este custo. Mas como Roma mostrou sua pujança ao enviar socorros à Espanha quando Aníbal estava às suas portas; assim Davi mostraria seu zelo por Deus e sua casa, deixando de lado tais somas vastas para a construção de um templo em meio aos problemas e despesas de seu reino. Ele é o cristão, de fato, que deixa de lado uma boa parte do tempo diariamente, em meio a todas as suas ocasiões mundanas, para comunhão com Deus. Com quem quer que ele se comprometa e pague pouco, ele não ousa ser ousado com Deus, de servi-lo pela metade. Ele deve ter seu tempo dedicado a ele, embora outros sejam adiados com o menos; como o homem devoto, que, quando o tempo para suas devoções chegava, com qualquer companhia que estivesse, despedir-se-ia deles com esta desculpa justa: que ele tinha um amigo que esperava para falar com ele (ele queria dizer seu Deus).

7. Quando suas atividades mundanas não diminuem o fio de suas afeições, e deixam um embotamento em seu espírito quanto a manter comunhão com Deus. Aqui está a santidade no poder. Como o marido, quando esteve fora o dia todo nesta e naquela companhia, contudo, nenhuma

dessas faz com que ele ame menos sua esposa e filhos. Quando ele chega em casa à noite, ele traz suas afeições a eles tão inteiras quanto quando saiu; sim, ele fica feliz por ter se livrado de todos os outros para voltar a eles. Esta é uma doce estrutura de espírito, de fato. Mas, ai de nós! quão difícil é mantê-la. Podes tu dizer, ó cristão! depois de teres passado um dia em meio aos teus lucros mundanos, e teres sido entretido com o deleite e os prazeres que tua propriedade completa te proporciona, que trazes todo o teu coração para o teu Deus contigo, quando à noite retornas à sua presença para esperar por ele? Tu podes dizer mais do que muitos que têm algum bem neles. Oh, é difícil conviver com o mundo o dia todo e sacudi-lo à noite, de modo a estar livre para desfrutar da privacidade com Deus. O mundo faz com o cristão o que a criança pequena faz com a mãe; se não pode impedir a mãe de sair, então chorará atrás dela para ir com ela. Se o mundo não pode nos impedir de ir aos deveres religiosos, então ele chorará para ser levado conosco, e há muito trabalho para separá-lo das afeições.

***O poder da santidade deve ser demonstrado no
COMPORTAMENTO DO CRISTÃO PARA COM OS
OUTROS.***

QUARTO EXEMPLO. O cristão deve expressar o poder da santidade em seu trato e comportamento para com os outros, e eles estão ou dentro de casa, ou fora.

***PARA COM OS QUE ESTÃO DENTRO DE CASA —
relações familiares.***

1. O cristão deve expressar o poder da santidade em seu trato com aqueles que estão dentro de casa — suas relações familiares. Muito, embora não tudo, do poder da piedade reside dentro de casa, para aqueles que Deus ali nos relacionou. É em vão falar de santidade, se não podemos trazer nenhuma carta de testemunho de nosso caminhar santo com nossas relações. Ó, é triste, quando aqueles que têm motivos para nos conhecer melhor, pela sua conversa diária conosco, são os que menos falam de nossa piedade. Poucos são tão impudentes a ponto de andar nus pelas ruas. Se os homens têm algo para cobrir sua imundície, eles o vestirão quando saírem. Mas o que és tu dentro de casa? que cuidado e consciência tens para cumprir teu dever para com teus parentes próximos? Ele é um mau marido que tem dinheiro para gastar entre companhias lá fora, mas nenhum para colocar em provisões para manter sua família em casa. E pode ele ser um bom cristão aquele que gasta toda a sua religião lá fora, e não deixa nenhuma para seus parentes mais próximos em casa, que é um grande zelota entre estranhos e, contudo, tem pouco ou nada de Deus vindo dele em sua família? Sim, seria bem, se alguns que ganham a reputação de cristãos lá fora não ficassem aquém de outros que não pretendem a profissão naqueles deveres morais que deveriam cumprir para com seus parentes. Há alguns que são grandes estranhos à profissão, que ainda assim são amorosos e gentis à sua maneira com suas esposas. Que tipo de professos são eles, então, que são como cães e grosseiros com a esposa de seus seios? que, por seu domínio tirânico sobre elas, amarguram seus espíritos e fazem com que elas “cubram o altar do Senhor com lágrimas e choro”? Há esposas a serem encontradas que não são clamorosas, rabugentas e obstinadas para com seus maridos, que ainda

assim estão longe de uma verdadeira obra de graça em seus corações. Elas andam então como convém à santidade, que perturbam toda a casa com suas paixões violentas? Há servos a serem encontrados que, da autoridade de uma consciência natural, são mantidos de linguagem de zombaria e ultraje, quando repreendidos por seus senhores; e não deveria a graça acompanhar a natureza? O santo Davi sabia muito bem quão perto esta parte do dever dos santos reside ao próprio coração da piedade; e, portanto, quando faz seu voto solene de andar santamente diante de Deus, ele exemplifica isto, como um estágio em que ele poderia eminentemente descobrir a bondade de seu espírito: “Andarei dentro da minha casa com um coração perfeito” (Sl 101:2). Mas, para exemplificar em alguns particulares em que o poder da santidade deve aparecer quanto às relações familiares:

2. O poder da santidade deve aparecer na escolha de nossas relações, tais, quero dizer, que são elegíveis. Algumas não estão em nossa escolha. O filho não pode escolher que pai terá, nem o pai que filho; mas onde Deus permite uma liberdade, ele espera um cuidado.

(1.) És piedoso e precisas de um serviço? Oh, cuida para que mostres tua santidade na família que escolhes e para com os governantes a quem te sujeitas. Investiga mais se é um ar saudável para tua alma dentro de casa, do que para teu corpo lá fora. As próprias criaturas sem sentido gemem para servir ao mundo ímpio e, sendo capazes de escolher, contariam como sua “liberdade” servir aos “filhos de Deus” (Rm 8:21). E tu, voluntariamente, quando podes evitá-lo, correrás sob o governo de tais como são ímpios, tu que és um filho de Deus? É difícil servir a dois mestres, embora muito parecidos em disposição; mas impossível servir a esses dois — um Deus santo e um

homem ou mulher ímpio e profano — de modo a agradar a ambos por muito tempo. Mas, se tu estiveres sob o teto de alguém assim, não esqueças teu dever para com eles, embora eles esqueçam seu dever para com Deus; possivelmente tua fidelidade a eles pode levá-los a indagar sobre teu Deus, por tua causa, como Nabucodonosor fez por Daniel. Sem dúvida, homens ímpios tomariam a religião e os caminhos de Deus mais seriamente em consideração, se houvesse um brilho e uma beleza mais celestiais na vida dos cristãos em suas várias relações para convidá-los a isso. Às vezes, um livro é lido mais cedo pela clareza dos caracteres, que não teria sido muito olhado se a impressão tivesse sido ruim. Ó, como ouvimos frequentemente que os pensamentos sobre a religião são descartados com escárnio por mestres ímpios, quando seus servos professos são pegos mentindo, parecem orgulhosos e desobedientes, preguiçosos ou negligentes! O que se segue, então, senão “é esta a tua religião? Deus me livre de tal religião como esta”. Ó, recomenda os caminhos de Deus ao teu mestre ou senhora carnal e ímpio por uma conversação clara e imaculada em teu lugar! Mas, com isso, deixa-me te dizer, se — fazendo o teu melhor em teu lugar para promover a religião na família — vêes que o solo é tão frio que não há esperança visível de plantar para Deus, é hora, hora alta, de pensar em te transplantar; pois é de se temer que o lugar que é tão ruim para plantar não possa ser muito bom para tu cresceres e prosperares.

(2.) És um mestre piedoso? Quando levares um servo para tua casa, escolhe por Deus assim como por ti mesmo. Lembra-te de que há um trabalho para Deus a ser feito por teu servo, assim como por ti mesmo; e será ele apto para a tua vez, que não é para a dele? Tu desejas que o trabalho que teu servo realiza prospere. Não desejas? e que base tens da promessa para

esperar que o trabalho prospere na mão daquele que peca todo o tempo em que o está fazendo? “A lavoura dos ímpios é pecado” (Pv 21:4). Um servo piedoso é uma bênção maior do que pensamos. Ele pode trabalhar e colocar Deus também a trabalhar para o bem do seu mestre: “Ó Senhor Deus do meu senhor Abraão, rogo-te, dá-me hoje bom encontro e faze benevolência com o meu senhor Abraão” (Gn 24:12). E certamente o servo de Abraão fez tanto serviço ao seu mestre por sua oração quanto por sua prudência naquela jornada. Se vocês fossem apenas plantar um pomar, vocês obteriam as melhores árvores frutíferas e não acumulariam seu terreno com caranguejos. Há mais perda em um servo sem graça na casa do que em uma árvore infrutífera no pomar. O santo Davi observou, enquanto estava na corte de Saul, a maldade de ter servos ímpios e profanos; pois com tais aquele infeliz rei estava tão cercado, que Davi compara sua corte aos pagãos profanos e bárbaros, entre os quais dificilmente havia mais maldade a ser encontrada. “Ai de mim que peregrino em Meseque e habito nas tendas de Quedar!” (Sl 120:5), isto é, entre aqueles que eram tão prodigiosamente iníquos quanto qualquer lá. E, sem dúvida, esse fato fez com que este homem gracioso, em seu banimento antes de chegar à coroa — tendo visto o mal de uma casa desordenada — resolvesse o que faria, quando Deus o fizesse chefe de tal família real: “O que usa de engano não ficará dentro da minha casa; o que fala mentiras não estará firme perante os meus olhos” (Sl 101:7). Ele exemplifica esses pecados não como se fosse gastar todo o seu zelo contra eles, mas porque observou que eles abundavam principalmente na corte de Saul, pelo que ele havia sofrido tanto; como vocês podem perceber pelo Sl 120:2, 3.

(3.) És piedoso? Mostra-te assim na escolha de marido ou esposa. Tenho certeza de que, se alguns, e esses também

piedosos, pudessem trazer nenhum outro testemunho de sua piedade do que o cuidado que tomaram neste particular, isso poderia ser justamente posto em dúvida tanto por eles mesmos quanto pelos outros. Não há uma única coisa em que as pessoas graciosas, mesmo aquelas registradas na Escritura assim como outras, tenham mostrado sua fraqueza, sim, dado ofensa e escândalo, mais do que nesta particularidade. “Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas” (Gn 6:2). Dir-se-ia que os filhos de Deus deveriam ter buscado a graça no coração antes que a beleza no rosto; mas vemos que até eles às vezes se voltam para o sinal mais bonito, sem investigar muito que graça habita dentro. Mas, cristão, não deixes que o erro de qualquer um neste particular — quão santo de outra forma — te faça menos cuidadoso em tua escolha. Deus não deixou a prática deles registrada para tu seguires, mas para evitares. Ele é apenas um cristão desleixado aquele que engolirá tudo o que os santos fazem sem descascar suas ações. É pouco que os ímpios quebrem seus pescoços sobre os pecados dos santos; mas tu correrás sobre eles também para quebrar tuas canelas? Não apontes para este homem piedoso e aquela mulher piedosa, dizendo: eles podem casar em tal família profana, e deitar ao lado de um bêbado, blasfemo, etc.; mas olha para a regra, ó cristão! se quiseres manter o poder da santidade. Isso é claro como um raio de sol escrito na Escritura: “Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque que sociedade tem a justiça com a injustiça?” (2 Co 6:14). E onde ele dá à viúva licença para casar novamente, ele ainda se lembra de limitar esta liberdade — “a quem quiser, contanto que seja no Senhor” (1 Co 7:39). Note isso, “no Senhor”, isto é, na igreja. Todos os que estão fora da fé estão “sem Deus no mundo”. O parentesco e a família do Senhor estão na igreja. Tu casas fora do Senhor, quando casas fora do parentesco do Senhor. Ou novamente, “no

Senhor” pode ser tomado como no temor do Senhor, com sua licença e agrado. Que o consentimento dos pais é apto para ser tido, todos nós cedemos; e não é o de teu Pai celestial? E ele dará algum dia o seu consentimento para que te entregues a uma besta, um ébrio, um verme da terra? Homens santos pagaram caro por tais casamentos. Que praga lamentável foi Dalila para Sansão? e Mical não foi o maior dos confortos para Davi. Não teria sido melhor para ele ter casado com a donzela mais pobre de Israel, se piedosa — embora nada mais com ela do que as roupas em seu corpo — do que com tal companheira arrogante, que zombou dele por seu zelo a Deus?

1. O poder da santidade deve aparecer ao te esforçares para interessar Deus em tuas relações. O cristão não pode, de fato, propagar a graça ao seu filho, nem junturar sua esposa em sua santidade, como pode em suas terras, contudo, ele deve fazer o seu melhor para intitular Deus a eles. Por que Deus ordenou a Abraão que toda a sua casa fosse circuncidada? Certamente ele gostaria que ele fosse tão longe quanto pudesse para atraí-los para afinidade e relação com Deus. Relações próximas pedem afeições caras. A graça não nos ensina a amá-los menos do que fazíamos, mas a amá-los melhor. Ela transforma nosso amor em um canal espiritual e nos faz desejar principalmente seu bem eterno. Que coisa singular mais existe no amor do cristão acima dos outros? Não colocam os pagãos propriedades para seus filhos aqui? não são eles cuidadosos com as costas e barrigas de seus servos tanto quanto outros? Sim, certamente, mas vosso cuidado deve exceder o deles. Lembro-me de Agostinho, falando de quão altamente alguns elogiaram o custo e o cuidado de seu pai para educá-lo, mesmo acima de sua renda, fazendo esta triste queixa: “enquanto”, diz ele, “o

objetivo do meu pai em tudo não era treinar-me para ti. Seu projeto era que eu pudesse ser eloquente, um orador, não um cristão”. Ó meus irmãos! se Deus vale a tua amizade, não vale ele também a deles que são tão próximos e caros a ti? Uma casa agora vos segura; não quereriam vocês que um céu vos recebesse? Podem vocês pensar, sem tremer, que aqueles que vivem juntos em uma família, deveriam, quando a casa for quebrada pela morte, ir, um para o inferno, outro para o céu? Certamente vocês estão propensos a ter pouca alegria com eles na terra, quem temem que não vos encontrarão no céu. Pela lei de Licurgo, o pai que não desse instrução ao seu filho quando jovem, devia perder aquele socorro que era devido de seu filho a ele em sua velhice. A justiça dessa lei, embora eu não ouse afirmar, contudo isto posso dizer — o que ele injustamente ordenou, Deus sofre mais justamente — que aqueles que não ensinam a seus filhos seu dever para com Deus, perdem a honra e a reverência que deveriam ser pagas a eles por seus filhos; e assim de outras relações também.

2. O poder da santidade deve aparecer ao teres cuidado para que tuas relações não sejam um laço para ti, ou tu para elas. Há tais famílias tristes a serem encontradas, que não fazem nada senão levar um ao outro à tentação, por atrair a corrupção um do outro, de um fim do ano ao outro. O que podemos chamar de tais famílias, senão tantos infernos acima do solo? Um homem pode viver com tanta segurança para seu corpo em uma casa de peste, quanto pode ali para sua alma. E verdadeiramente os piedosos não estão tão longe do perigo, mas que o diabo pode fazer uso de suas paixões para agitar e contaminar uns aos outros. Tenho certeza de que ele é muito ambicioso para lhes causar um mal desta

maneira, e muitas vezes prevalece. O medo de Abraão armou o laço para Sara, sua esposa, que foi facilmente persuadida a fingir por ele a quem amava tão carinhosamente (Gn 12:13). E a afeição veemente de Rebeca a Jacó, juntamente com a reverência, tanto de seu lugar quanto de sua graça no coração de Jacó, fez com que ele, de um homem simples, se tornasse o homem sutil, para enganar seu pai e irmão; o que, embora fosse um pecado muito amplo para ele à primeira proposta engolir, como aparece: “Eu serei aos seus olhos como um enganador; e trarei sobre mim uma maldição, e não uma bênção” (Gn 27:12); contudo, com um pouco de artifício usado por sua mãe, vemos que a passagem foi alargada, e desceu, apesar de todo seu esforço; e ainda assim ambos eram pessoas piedosas. Olha, portanto, para ti mesmo, que não tragas pecado sobre tuas relações. Seria uma aflição pesada para ti ver tua esposa, filho ou servo doente da peste, que tu trouxeste para casa para eles, ou sangrando por uma ferida que tu sem saber lhes deste. Ai de nós! melhor assim do que eles serem infectados com o pecado, feridos com culpa, por teus meios. E sê tão cuidadoso em antídoto tua alma contra receber infecção deles, quanto em ter cuidado de respirá-la sobre eles. Teu amor é grande por tua esposa. Oh, não deixes a maçã da tentação tornar-se mais bela ou desejável, quando oferecida a ti pela mão dela! Tu te amas, sim, teu Deus também pouco, se a ela tanto assim para pecar por causa dela. Tu és uma esposa obediente, mas obedece “no Senhor”; tem cuidado de virar as tábuas dos mandamentos, colocando o sétimo antes do primeiro. Certifica-te de salvar a parte de Deus, antes de pagares tua obediência ao teu marido. Diz à tua alma: “Posso cumprir o mandamento de Deus obedecendo ao meu marido?”. No pagamento de dívidas, aquelas devem ser primeiro

descarregadas que são devidas pelas mais, e aquelas as maiores obrigações. E a quem tu estás mais profundamente ligada — Deus ou teu marido — é fácil de resolver. Assim, também, em todas as outras relações. Vai tão longe com tuas relações quanto puderes viajar na companhia de Deus, e não mais longe, como não deixarias tua santidade e justiça para trás; a perda das quais é grande demais, para que esperes que elas possam te recompensar.

3. O poder da santidade aparece quando o cristão é cuidadoso em melhorar as graças de suas relações, e obter o que de bom deles ele puder enquanto eles estiverem com ele. Talvez tu tenhas um pai santo, um marido ou esposa gracioso — que seja apenas um servo em uma família que é piedoso — há o bem a ser obtido pela sua conversa graciosa, discursos e santidade, que, como unguento, se trairá onde quer que fique por um tempo. Ó cristão! se alguma tal pessoa santa estiver contigo na família, observa o que tal pessoa em seus discursos, deveres de culto, comportamento sob aflição, recebimento de misericórdias, retornos de sábados e ordenanças, e coisas semelhantes, oferece para tua instrução, vivificação e promoção nos caminhos da santidade. O profeta ordenou à viúva que trouxesse todos os vasos que ela tinha, ou pudesse emprestar, para pegar o que caísse da botija de azeite que ela tinha na casa, e com isso pagar suas dívidas (2 Rs 4). Verdadeiramente, acho que seria um bom conselho para alguns que se queixam — ou podem justamente, se não o fazem — quão pobres e mendigos são em graça, fazer um melhoramento daquele óleo santo de graça que cai dos lábios e da vida de suas relações piedosas. Coloquem suas memórias, consciências, corações e afeições, como vasos para receber todas as expressões de santidade que vêm deles.

Tua memória — deixa que essa guarde e retenha as instruções, repreensões, confortos retirados por eles da Palavra; tua consciência — deixa que essa aplique essas à tua alma, até que delas elas destilem em tuas afeições, e te tornes tu mesmo, cada vez mais, apaixonado pela santidade, pela recomendação deles a ti. É uma coisa triste considerar que uso diferente um coração rebelde faz dos dons e graças dos santos com quem vive, à medida que brilham, para o que um humilde e sincero faz. Um coração rebelde faz apenas invejar e malignar tal pessoa ainda mais, e, em vez de obter o bem, é feito pior; enquanto a alma sincera, ele se esforça para guardar tudo para o seu bem.

Quando José contou seu sonho profético a seus irmãos, sua inveja, que antes jazia fumegante em seus seios, pegou fogo imediatamente e, um tempo depois, flamejou naquela crueldade antinatural praticada sobre ele por eles. Foi todo o uso que fizeram dele. Mas do bom Jacó, diz-se, por via de oposição a eles (Gn 37:11): “Mas seu pai guardava estas coisas no seu coração” — ele a guardou para uso futuro, como aquela que tinha algo de Deus nela. Assim, cristão, faz tu pelos sopros santos do Espírito naqueles com quem vives. Nota as passagens notáveis de suas conversações graciosas, como tu farias as noções de algum livro excelente, que não é teu, mas te emprestado por um tempo para percorreres. De fato, sob estes termos, e não mais seguros, desfrutamos de nossos amigos e relações graciosos. Eles são apenas emprestados a nós por um tempo; e, melhora-os, ou não os melhore, eles serão chamados em breve. E será para teu conforto partir com eles, antes que tivesses um coração para obter o bem por eles? Foi um discurso solene daquele reverendo e santo homem de Deus, o Sr. Bolton, a seus filhos, quando em seu leito de morte: “Eu vos conjuro, ó

meus filhos, a não me encontrardes no grande dia perante o tribunal de Cristo em uma condição sem Cristo e sem graça”. Deus mantém uma conta exata dos meios que ele nos proporciona para a nossa salvação; e a vida de seus servos santos não é da mais baixa categoria. Vocês observarão que Deus é muito particular na Escritura ao registrar o tempo, quanto tempo seus servos fiéis viveram na terra; e certamente, entre outras razões, ele gostaria que soubéssemos que pretende acertar contas com aqueles que viveram com eles, por cada ano, sim, dia e hora, que os tiveram entre eles. Eles saberão que tiveram um profeta, um pai, um marido, que eram piedosos, e que os tiveram por tanto tempo, e Deus saberá deles que uso fizeram deles.

O poder da santidade deve ser demonstrado no COMPORTAMENTO DO CRISTÃO PARA COM OS OUTROS.

EXEMPLO 4. O cristão deve expressar o poder da santidade em seu trato e comportamento para com os outros, e eles estão ou dentro de casa, ou fora.

PARA COM OS QUE ESTÃO FORA DE CASA — nossos vizinhos.

1. O poder da santidade deve aparecer aos outros, não deve ficar dentro de casa, mas andar pelas ruas e visitar teus vizinhos ao redor. Teu comportamento para com eles, e conversa com eles, deve ser santo e justo. Na Escritura, “justiça” e “viver justamente” frequentemente importam todo o dever do cristão para com seu vizinho; e assim, esses termos se distinguem de “piedade”, que tem Deus como seu objeto imediato, e de “sobriedade” ou “temperança”, que

respeita imediatamente a nós mesmos. Veja-os todos juntos, Tito 2:12, onde a “graça de Deus que traz salvação” é dita ensinar-nos a “viver sóbria, justa e piamente neste presente mundo”. Aquele que quisesse ser a morte de todas essas três, não precisa fazer mais do que apunhalar uma delas, não importa qual; a vida da santidade escorrerá por qualquer uma das portas, aqui ou ali, onde quer que a ferida seja dada. É verdade, de fato, que há uma justiça moral, que nos deixa aquém da verdadeira santidade; mas não há verdadeira santidade que nos deixe aquém da justiça moral. Embora a alma sensitiva seja encontrada em uma besta sem a racional, contudo a alma racional não é encontrada no homem sem a sensitiva. A graça e a santidade evangélica sendo o princípio superior, inclui e compreende a outra dentro de si mesma. Esta é a dignidade e honra devidas ao cristianismo, e o princípio que ele estabelece no evangelho — sendo seus inimigos juízes — que, embora alguns que o professam não sejam os melhores, contudo eles não aprendem sua injustiça dele. É a mais pura verdade o que alguém diz: “Nenhum cristão pode ser mau, exceto se for um hipócrita”. Portanto, renuncie ao teu batismo ou abomina os pensamentos de toda injustiça. Com certeza tu poderias escapar melhor se deixasses o mundo saber que não alegavas nenhum parentesco com Cristo antes de praticar tal maldade. Alguns estão sem resolução sobre onde encontrar Aristides, Sócrates, Catão e alguns outros pagãos eminentes por sua justiça moral — se no céu ou no inferno; mas houve alguma vez alguém que duvidasse do que aconteceria ao cristão injusto no outro mundo? O inferno abre a boca para estes acima de todos os outros. “Não sabeis vós”, diz o apóstolo, “que os injustos não herdarão o reino de Deus?” (1 Co 6:9); como se tivesse dito: “Certamente vós não perdestes tanto o

uso de vossa razão a ponto de pensar que há algum lugar para tal gado como estes no céu”. E se não os injustos, que fenda de esperança resta para a sua salvação, cuja injustiça tem mil vezes mais malignidade nela do que qualquer outra no mundo é capaz de ter?

Os pagãos serão, por sua injustiça, indiciados e condenados como rebeldes à lei. Assim será o cristão injusto também; e isso mais profundamente. Mas a acusação que é incomparavelmente a mais pesada, e que pesará sobre ele muito acima da outra, é aquela que o evangelho traz, a saber: que, pela sua injustiça, ele tem sido um “inimigo da cruz de Cristo” (Fp 3:18). De fato, se um homem tivesse a intenção de mostrar seu desprezo ao máximo contra Cristo e sua cruz, o próprio diabo não poderia ajudá-lo a expressá-lo mais plenamente, do que vestir-se com uma profissão ostensiva do evangelho, e com isto envolvido ao redor de si, rolar-se no canil das sórdidas e vis práticas de injustiça. Ó, como isso faz o mundo profano blasfemar o nome de Cristo e detestar a própria profissão dele, quando veem qualquer uma dessas imundícies no rosto da conversação deles, que tomam para si o nome de santos mais do que outros fazem! O quê! deve aquela língua mentir ao homem, que ainda agora orou tão fervorosamente a Deus? — aqueles olhos serem enviados em recado de luxúria ou inveja, que há poucos momentos tiraste da Bíblia de ler aqueles oráculos sagrados? — aquelas mãos no bolso do teu vizinho para roubá-lo de sua propriedade, que não faz muito tempo foram estendidas tão devotamente ao céu? — aquelas pernas te carregarem hoje para tua loja ou mercado para trapacear e enganar, as quais ontem tu usaste para adorar a Deus em público?

*O poder da santidade deve ser demonstrado nas
ATIVIDADES MUNDANAS do cristão.*

TERCEIRO EXEMPLO. O cristão deve expressar o poder da santidade em sua vocação particular e atividades mundanas — aquilo em que ele está envolvido. A santidade deve ser inscrita nelas, assim como em seus deveres religiosos. Aquele que observa a lei da construção é tão exato ao fazer uma cozinha quanto ao fazer uma sala de estar; assim, pela lei do cristianismo, devemos ser tão exatos em nossos negócios mundanos quanto nos deveres do culto: “Sede santos em toda a vossa maneira de viver” (1 Pe 1:15). Não devemos deixar nossa religião, como alguns fazem com suas Bíblias, na igreja. Como no homem, a faculdade mais elevada — que é a razão — guia suas ações mais baixas, até mesmo aquelas que são comuns às bestas, tais como comer, beber e dormir (o homem faz, isto é, deveria fazer, se quiser merecer seu próprio nome, exercer esses atos como a razão dirige — deveria mostrar-se neles uma criatura racional); assim, em um cristão, a graça, que é o princípio mais elevado, deve dirigir e guiar em ações que são comuns ao homem como homem. O cristão não deve comprar e vender como um mero homem, mas como um homem cristão. A religião não é como o manto daquele tesoureiro real, que, quando ia se recrear, ele tirava e dizia: “Fica aí, lorde tesoureiro, por um tempo”. Não, onde quer que o cristão esteja, o que quer que esteja fazendo, ele deve manter sua religião vestida — quero dizer, fazê-lo santamente. Ele não deve fazer aquilo em que não possa mostrar-se um cristão. Ora, o poder da santidade se manifesta em nossas vocações particulares destas maneiras. Mas tome-as conjuntamente, e a “formosura da santidade” aparecerá na simetria de todas as partes juntas.

1. Quando o cristão é diligente em sua vocação particular. Quando Deus nos chama para sermos cristãos, ele nos chama, na verdade, para fora do mundo quanto às nossas afeições, mas não para fora do mundo quanto ao emprego. É verdade, quando Eliseu foi chamado, ele deixou seu arado, e os apóstolos suas redes, mas não como foram chamados para serem santos, e sim porque foram chamados para o ministério na igreja. Alguns, contudo, em nossos dias, poderiam encontrar em seus corações enviar os oficiais da igreja de volta ao arado; mas com quão pouca razão, que julguem eles mesmos, que acham uma profissão, se bem seguida e gerida com um estoque completo, suficiente para lhes dar trabalho a semana toda. Certamente então, o ministro que tem de lidar com, sim, prover para, mais almas do que eles corpos, pode encontrar sua cabeça e coração tão cheios de trabalho em sua vocação, de um fim ao outro do ano, quanto qualquer um deles. Mas estou falando ao cristão privado. Tu não podes ser santo se não fores diligente em uma vocação particular. A lei do homem considera vagabundo aquele que não tem um lugar fixo de moradia; e a Palavra de Deus considera pessoa desordeira aquele que não tem uma vocação particular, na qual se mover e agir para a glória de Deus e o bem dos outros. “Ouvimos que alguns entre vós andam desordenadamente, não trabalhando em nada” (2 Ts 3:11). Deus quer que seu povo seja rentável, como a ovelha que faz bem ao próprio chão em que se alimenta. Todo mundo deveria ser melhor por causa de um cristão. Quando Onésimo foi convertido, ele tornou-se “útil” a Paulo e também a Filemom; a Paulo como um cristão, a Filemom como um servo (Fm 11). A graça fez de um fugitivo, um servo diligente. Um professo ocioso é um

professo escandaloso. Um homem ocioso não faz bem a ninguém, e a si mesmo é quem mais prejudica.

2. Quando ele não é apenas diligente, mas por causa da consciência. Há muitos que são livres o suficiente de seus esforços em suas vocações particulares; eles não precisam de espora. Mas o que os coloca a trabalhar? É a consciência, porque Deus ordena? Oh, não! Então eles seriam diligentes em sua vocação geral também. Eles orariam com tanta força quanto trabalham. Eles então parariam, assim como começariam, ao comando de Deus. Se a consciência fosse a chave que abrisse sua loja no dia de semana, ela a fecharia no dia do Senhor. Quando vemos um homem, como o falcão, voar atrás da presa do mundo e não querer vir ao chamamento de Deus, mas — embora a consciência, em nome de Deus, ordene “Para, e espera pelo teu Deus neste dever em tua família, naquele em teu aposento” — continua em sua perseguição mundana: ele mostra claro o suficiente cujo recado ele segue — não o da consciência, mas o de suas próprias luxúrias. Mas se tu queres andar no poder da santidade, deves ser diligente em tua vocação por uma questão religiosa. Aquilo que te faz “fervoroso na oração”, deve te fazer “não preguiçoso nos negócios”. Tu deves dizer: “Este é o lugar em que Deus me colocou. Sou apenas seu servo em minha própria loja, e aqui devo servi-lo como gostaria que meu aprendiz ou filho me servisse; sim, muito mais, pois eles não são meus tanto quanto eu sou dele”.

3. Quando ele espera o sucesso de seu trabalho de Deus e, correspondentemente, se tem êxito, dá seus humildes agradecimentos a Deus. De fato, eles andam juntos; aquele que não faz um, não fará o outro. O mundano que não passa pelo seu aposento em oração para sua loja pela manhã

quando começa seu negócio, não é de se admirar que não retorne à noite pelo seu aposento, em gratidão a Deus. Ele começou sem Deus; seria estranho se ele terminasse nele. A aranha que tece sua teia de suas próprias entranhas, habita nela quando termina (Jó 8:14); e os homens que realizam seus empreendimentos por sua própria inteligência e cuidado, intitulam-se a si mesmos pelo que pensam ter feito. Eles preferirão sacrificar — como fazem à sua “rede” e “arrastão” (Hc 1:15) — à sua própria sabedoria e indústria do que a Deus. Tal miserável ouvi falar ultimamente em nossos dias, que, sendo estimulado por um vizinho a agradecer a Deus por uma rica colheita de milho que tinha em seu terreno, ateisticamente respondeu: “Agradecer a Deus! Não, antes agradecer ao meu carro de esterco” — o discurso de um espírito de esterqueira, mais imundo do que a sujeira em seu carro. Mas se tu queres ser um cristão, debes reconhecer a Deus “em todos os teus caminhos”, não “te estribando no teu próprio entendimento”; e isso te direcionará a ele, quando o sucesso coroar teus labores, a coroar a Deus com o louvor. Jacó trabalhou tão diligentemente e teve tanto esforço pela propriedade que teve no final quanto qualquer outro, contudo, lançando a base de tudo em oração, e esperando a bênção do céu (Gn 28:20), ele atribui toda aquela propriedade justa que finalmente possuiu à misericórdia e verdade de Deus, a quem ele havia, em seu estado pobre — quando com seu cajado de peregrino viajava para Padã-Arã — comprometido por um voto solene a prover para ele (Gn 32:10).

4. Quando o cristão está contente com a porção, pouca ou muita, que Deus, sobre seus esforços, lhe reserva; não contente porque ele não pode tê-la de outra forma. A

necessidade foi a mestra dos pagãos para ensinar contentamento; mas a fé deve ser a do cristão, pela qual ele aquiesce nas disposições da providência de Deus com uma doce complacência como a vontade de Deus a seu respeito. Aqui está a piedade em triunfo — quando o cristão pode esculpir contentamento da providência de Deus, seja qual for o prato que lhe é posto diante. Se ele “colhe pouco”, ele não carece, mas está satisfeito com sua refeição curta. Se ele “colhe muito”, ele não tem “nada de sobra” — quero dizer, não mais do que sua graça pode bem digerir e transformar em bom alimento; “nada de sobra” que se transforme em maus humores de orgulho e luxúria. Este foi o nível que Paulo alcançou (Fp 4:12). Ele sabia como “ter abundância e sofrer necessidade”. Tire o contentamento da piedade, e você tira uma das melhores joias que ela usa em seu seio. “A piedade com contentamento é grande lucro”; não piedade com uma propriedade, mas “piedade com contentamento” (1 Tm 6:6).

5. Quando a vocação particular do cristão não invade a sua geral. Verdadeiramente isso requer uma guarda forte. O mundo é de natureza invasora, é difícil conviver com ele e não cair em escravidão a ele. Como Agar, quando Abraão lhe mostrou algum respeito mais do que o ordinário, começou a contestar, sim, a se gabar sobre sua senhora, assim nossas atividades mundanas se chocarão com nossas celestiais, se não mantivermos uma mão rigorosa sobre elas. Ora, o poder da santidade se manifesta aqui em duas coisas:

6. Quando o cristão não sofre que seus negócios mundanos devorem seu tempo de comunhão com Deus, mas mantém-no inviolável das mãos sacrílegas do mundo. O cristão pode observar que, se ele der ouvidos a isso, ele

nunca pensará em começar qualquer dever religioso sem que alguma desculpa ou outra, para adiar, se apresente aos seus pensamentos. “Esta coisa deve ser feita agora; aquele amigo ser falado, ou aquele cliente esperado”; de modo que, como diz o sábio: “Quem observa o vento não semeará; e o que olha para as nuvens não colherá” (Ec 11:4). Da mesma forma, aquele que observar o que sua própria preguiça, interesse mundano e parte carnal sugerem, nunca orará, meditará ou manterá comunhão com Deus em qualquer outro dever religioso. Ó, é triste! quando o mestre deve pedir licença ao homem para saber quando comer e quando não — quando o cristão deve receber suas ordens do mundo sobre quando esperar por Deus e quando não, enquanto a religião deveria dar lei a isso. Então a santidade está em seu poder — como Sansão em sua força — quando ele pode romper essas desculpas, que o manteriam longe de seu Deus, tão facilmente quanto ele fez suas cordas de linho — quando o cristão pode abrir seu caminho para a presença de Deus, através da multidão de impedimentos mundanos. “Eis que”, diz Davi, “com muito esforço preparei para a casa do Senhor cem mil talentos de ouro e mil mil talentos de prata”, etc. (1 Cr 22:14). Ele tinha caminhos suficientes para ter disposto seus tesouros, se quisesse ter sido desencorajado do trabalho; ele poderia ter tido uma desculpa justa das guerras em que esteve envolvido durante todo o seu reinado — que estavam drenando continuamente seu tesouro — para ter poupado este custo. Mas como Roma mostrou sua pujança ao enviar socorros à Espanha quando Aníbal estava às suas portas; assim Davi mostraria seu zelo por Deus e sua casa, deixando de lado tais somas vastas para a construção de um templo em meio aos problemas e despesas de seu reino. Ele é o cristão, de fato, que deixa de lado uma boa parte do tempo

diariamente, em meio a todas as suas ocasiões mundanas, para comunhão com Deus. Com quem quer que ele se comprometa e pague pouco, ele não ousa ser ousado com Deus, de servi-lo pela metade. Ele deve ter seu tempo dedicado a ele, embora outros sejam adiados com o menos; como o homem devoto, que, quando o tempo para suas devoções chegava, com qualquer companhia que estivesse, despedir-se-ia deles com esta desculpa justa: que ele tinha um amigo que esperava para falar com ele (ele queria dizer seu Deus).

7. Quando suas atividades mundanas não diminuem o fio de suas afeições, e deixam um embotamento em seu espírito quanto a manter comunhão com Deus. Aqui está a santidade no poder. Como o marido, quando esteve fora o dia todo nesta e naquela companhia, contudo, nenhuma dessas faz com que ele ame menos sua esposa e filhos. Quando ele chega em casa à noite, ele traz suas afeições a eles tão inteiras quanto quando saiu; sim, ele fica feliz por ter se livrado de todos os outros para voltar a eles. Esta é uma doce estrutura de espírito, de fato. Mas, ai de nós! quão difícil é mantê-la. Podes tu dizer, ó cristão! depois de teres passado um dia em meio aos teus lucros mundanos, e teres sido entretido com o deleite e os prazeres que tua propriedade completa te proporciona, que trazes todo o teu coração para o teu Deus contigo, quando à noite retornas à sua presença para esperar por ele? Tu podes dizer mais do que muitos que têm algum bem neles. Oh, é difícil conviver com o mundo o dia todo e sacudi-lo à noite, de modo a estar livre para desfrutar da privacidade com Deus. O mundo faz com o cristão o que a criança pequena faz com a mãe; se não pode impedir a mãe de sair, então chorará atrás dela para ir

com ela. Se o mundo não pode nos impedir de ir aos deveres religiosos, então ele chorará para ser levado conosco, e há muito trabalho para separá-lo das afeições.

O poder da santidade deve ser demonstrado no COMPORTAMENTO DO CRISTÃO PARA COM OS OUTROS.

QUARTO EXEMPLO. O cristão deve expressar o poder da santidade em seu trato e comportamento para com os outros, e eles estão ou dentro de casa, ou fora.

PARA COM OS QUE ESTÃO DENTRO DE CASA — relações familiares.

1. O cristão deve expressar o poder da santidade em seu trato com aqueles que estão dentro de casa — suas relações familiares. Muito, embora não tudo, do poder da piedade reside dentro de casa, para aqueles que Deus ali nos relacionou. É em vão falar de santidade, se não podemos trazer nenhuma carta de testemunho de nosso caminhar santo com nossas relações. Ó, é triste, quando aqueles que têm motivos para nos conhecer melhor, pela sua conversa diária conosco, são os que menos falam de nossa piedade. Poucos são tão impudentes a ponto de andar nus pelas ruas. Se os homens têm algo para cobrir sua imundície, eles o vestirão quando saírem. Mas o que és tu dentro de casa? que cuidado e consciência tens para cumprir teu dever para com teus parentes próximos? Ele é um mau marido que tem dinheiro para gastar entre companhias lá fora, mas nenhum para colocar em provisões para manter sua família em casa. E pode ele ser um bom cristão aquele que gasta toda a sua

religião lá fora, e não deixa nenhuma para seus parentes mais próximos em casa, que é um grande zelota entre estranhos e, contudo, tem pouco ou nada de Deus vindo dele em sua família? Sim, seria bem, se alguns que ganham a reputação de cristãos lá fora não ficassem aquém de outros que não pretendem a profissão naqueles deveres morais que deveriam cumprir para com seus parentes. Há alguns que são grandes estranhos à profissão, que ainda assim são amorosos e gentis à sua maneira com suas esposas. Que tipo de professos são eles, então, que são como cães e grosseiros com a esposa de seus seios? que, por seu domínio tirânico sobre elas, amarguram seus espíritos e fazem com que elas “cubram o altar do Senhor com lágrimas e choro”? Há esposas a serem encontradas que não são clamorosas, rabugentas e obstinadas para com seus maridos, que ainda assim estão longe de uma verdadeira obra de graça em seus corações. Elas andam então como convém à santidade, que perturbam toda a casa com suas paixões violentas? Há servos a serem encontrados que, da autoridade de uma consciência natural, são mantidos de linguagem de zombaria e ultraje, quando repreendidos por seus senhores; e não deveria a graça acompanhar a natureza? O santo Davi sabia muito bem quão perto esta parte do dever dos santos reside ao próprio coração da piedade; e, portanto, quando faz seu voto solene de andar santamente diante de Deus, ele exemplifica isto, como um estágio em que ele poderia eminentemente descobrir a bondade de seu espírito: “Andarei dentro da minha casa com um coração perfeito” (Sl 101:2). Mas, para exemplificar em alguns particulares em que o poder da santidade deve aparecer quanto às relações familiares:

2. O poder da santidade deve aparecer na escolha de nossas relações, tais, quero dizer, que são elegíveis. Algumas não estão em nossa escolha. O filho não pode escolher que pai terá, nem o pai que filho; mas onde Deus permite uma liberdade, ele espera um cuidado.

(1.) És piedoso e precisas de um serviço? Oh, cuida para que mostres tua santidade na família que escolhes e para com os governantes a quem te sujeitas. Investiga mais se é um ar saudável para tua alma dentro de casa, do que para teu corpo lá fora. As próprias criaturas sem sentido gemem para servir ao mundo ímpio e, sendo capazes de escolher, contariam como sua “liberdade” servir aos “filhos de Deus” (Rm 8:21). E tu, voluntariamente, quando podes evitá-lo, correrás sob o governo de tais como são ímpios, tu que és um filho de Deus? É difícil servir a dois mestres, embora muito parecidos em disposição; mas impossível servir a esses dois — um Deus santo e um homem ou mulher ímpio e profano — de modo a agradar a ambos por muito tempo. Mas, se tu estiveres sob o teto de alguém assim, não esqueças teu dever para com eles, embora eles esqueçam seu dever para com Deus; possivelmente tua fidelidade a eles pode levá-los a indagar sobre teu Deus, por tua causa, como Nabucodonosor fez por Daniel. Sem dúvida, homens ímpios tomariam a religião e os caminhos de Deus mais seriamente em consideração, se houvesse um brilho e uma beleza mais celestiais na vida dos cristãos em suas várias relações para convidá-los a isso. Às vezes, um livro é lido mais cedo pela clareza dos caracteres, que não teria sido muito olhado se a impressão tivesse sido ruim. Ó, como ouvimos frequentemente que os pensamentos sobre a religião são descartados com escárnio por mestres ímpios, quando seus servos professos são pegos mentindo, parecem orgulhosos e

desobedientes, preguiçosos ou negligentes! O que se segue, então, senão “é esta a tua religião? Deus me livre de tal religião como esta”. Ó, recomenda os caminhos de Deus ao teu mestre ou senhora carnal e ímpio por uma conversação clara e imaculada em teu lugar! Mas, com isso, deixa-me te dizer, se — fazendo o teu melhor em teu lugar para promover a religião na família — vês que o solo é tão frio que não há esperança visível de plantar para Deus, é hora, hora alta, de pensar em te transplantar; pois é de se temer que o lugar que é tão ruim para plantar não possa ser muito bom para tu cresceres e prosperares.

(2.) És um mestre piedoso? Quando levores um servo para tua casa, escolhe por Deus assim como por ti mesmo. Lembra-te de que há um trabalho para Deus a ser feito por teu servo, assim como por ti mesmo; e será ele apto para a tua vez, que não é para a dele? Tu desejas que o trabalho que teu servo realiza prospere. Não desejas? e que base tens da promessa para esperar que o trabalho prospere na mão daquele que peca todo o tempo em que o está fazendo? “A lavoura dos ímpios é pecado” (Pv 21:4). Um servo piedoso é uma bênção maior do que pensamos. Ele pode trabalhar e colocar Deus também a trabalhar para o bem do seu mestre: “Ó Senhor Deus do meu senhor Abraão, rogo-te, dá-me hoje bom encontro e faze benevolência com o meu senhor Abraão” (Gn 24:12). E certamente o servo de Abraão fez tanto serviço ao seu mestre por sua oração quanto por sua prudência naquela jornada. Se vocês fossem apenas plantar um pomar, vocês obteriam as melhores árvores frutíferas e não acumulariam seu terreno com caranguejos. Há mais perda em um servo sem graça na casa do que em uma árvore infrutífera no pomar. O santo Davi observou, enquanto estava na corte de Saul, a maldade de ter servos ímpios e profanos; pois com tais aquele infeliz rei estava tão cercado, que Davi compara sua corte

aos pagãos profanos e bárbaros, entre os quais dificilmente havia mais maldade a ser encontrada. “Ai de mim que peregrino em Meseque e habito nas tendas de Quedar!” (Sl 120:5), isto é, entre aqueles que eram tão prodigiosamente iníquos quanto qualquer lá. E, sem dúvida, esse fato fez com que este homem gracioso, em seu banimento antes de chegar à coroa — tendo visto o mal de uma casa desordenada — resolvesse o que faria, quando Deus o fizesse chefe de tal família real: “O que usa de engano não ficará dentro da minha casa; o que fala mentiras não estará firme perante os meus olhos” (Sl 101:7). Ele exemplifica esses pecados não como se fosse gastar todo o seu zelo contra eles, mas porque observou que eles abundavam principalmente na corte de Saul, pelo que ele havia sofrido tanto; como vocês podem perceber pelo Sl 120:2, 3.

(3.) És piedoso? Mostra-te assim na escolha de marido ou esposa. Tenho certeza de que, se alguns, e esses também piedosos, pudessem trazer nenhum outro testemunho de sua piedade do que o cuidado que tomaram neste particular, isso poderia ser justamente posto em dúvida tanto por eles mesmos quanto pelos outros. Não há uma única coisa em que as pessoas graciosas, mesmo aquelas registradas na Escritura assim como outras, tenham mostrado sua fraqueza, sim, dado ofensa e escândalo, mais do que nesta particularidade. “Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas” (Gn 6:2). Dir-se-ia que os filhos de Deus deveriam ter buscado a graça no coração antes que a beleza no rosto; mas vemos que até eles às vezes se voltam para o sinal mais bonito, sem investigar muito que graça habita dentro. Mas, cristão, não deixes que o erro de qualquer um neste particular — quão santo de outra forma — te faça menos cuidadoso em tua escolha. Deus não deixou a prática deles registrada para tu seguires, mas para evitares. Ele é apenas

um cristão desleixado aquele que engolirá tudo o que os santos fazem sem descascar suas ações. É pouco que os ímpios quebrem seus pescoços sobre os pecados dos santos; mas tu correrás sobre eles também para quebrar tuas canelas? Não apontes para este homem piedoso e aquela mulher piedosa, dizendo: eles podem casar em tal família profana, e deitar ao lado de um bêbado, blasfemo, etc.; mas olha para a regra, ó cristão! se quiseres manter o poder da santidade. Isso é claro como um raio de sol escrito na Escritura: “Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque que sociedade tem a justiça com a injustiça?” (2 Co 6:14). E onde ele dá à viúva licença para casar novamente, ele ainda se lembra de limitar esta liberdade — “a quem quiser, contanto que seja no Senhor” (1 Co 7:39). Note isso, “no Senhor”, isto é, na igreja. Todos os que estão fora da fé estão “sem Deus no mundo”. O parentesco e a família do Senhor estão na igreja. Tu casas fora do Senhor, quando casas fora do parentesco do Senhor. Ou novamente, “no Senhor” pode ser tomado como no temor do Senhor, com sua licença e agrado. Que o consentimento dos pais é apto para ser tido, todos nós cedemos; e não é o de teu Pai celestial? E ele dará algum dia o seu consentimento para que te entregues a uma besta, um ébrio, um verme da terra? Homens santos pagaram caro por tais casamentos. Que praga lamentável foi Dalila para Sansão? e Mical não foi o maior dos confortos para Davi. Não teria sido melhor para ele ter casado com a donzela mais pobre de Israel, se piedosa — embora nada mais com ela do que as roupas em seu corpo — do que com tal companheira arrogante, que zombou dele por seu zelo a Deus?

1. O poder da santidade deve aparecer ao te esforçares para interessar Deus em tuas relações. O cristão não pode, de fato, propagar a graça ao seu filho, nem junturar

sua esposa em sua santidade, como pode em suas terras, contudo, ele deve fazer o seu melhor para intitular Deus a eles. Por que Deus ordenou a Abraão que toda a sua casa fosse circuncidada? Certamente ele gostaria que ele fosse tão longe quanto pudesse para atraí-los para afinidade e relação com Deus. Relações próximas pedem afeições caras. A graça não nos ensina a amá-los menos do que fazíamos, mas a amá-los melhor. Ela transforma nosso amor em um canal espiritual e nos faz desejar principalmente seu bem eterno. Que coisa singular mais existe no amor do cristão acima dos outros? Não colocam os pagãos propriedades para seus filhos aqui? não são eles cuidadosos com as costas e barrigas de seus servos tanto quanto outros? Sim, certamente, mas vosso cuidado deve exceder o deles. Lembro-me de Agostinho, falando de quão altamente alguns elogiaram o custo e o cuidado de seu pai para educá-lo, mesmo acima de sua renda, fazendo esta triste queixa: “enquanto”, diz ele, “o objetivo do meu pai em tudo não era treinar-me para ti. Seu projeto era que eu pudesse ser eloquente, um orador, não um cristão”. Ó meus irmãos! se Deus vale a tua amizade, não vale ele também a deles que são tão próximos e caros a ti? Uma casa agora vos segura; não quereriam vocês que um céu vos recebesse? Podem vocês pensar, sem tremer, que aqueles que vivem juntos em uma família, deveriam, quando a casa for quebrada pela morte, ir, um para o inferno, outro para o céu? Certamente vocês estão propensos a ter pouca alegria com eles na terra, quem temem que não vos encontrarão no céu. Pela lei de Licurgo, o pai que não desse instrução ao seu filho quando jovem, devia perder aquele socorro que era devido de seu filho a ele em sua velhice. A justiça dessa lei, embora eu não ouse afirmar, contudo isto posso dizer — o que ele injustamente ordenou, Deus sofre mais justamente

— que aqueles que não ensinam a seus filhos seu dever para com Deus, perdem a honra e a reverência que deveriam ser pagas a eles por seus filhos; e assim de outras relações também.

2. O poder da santidade deve aparecer ao teres cuidado para que tuas relações não sejam um laço para ti, ou tu para elas. Há tais famílias tristes a serem encontradas, que não fazem nada senão levar um ao outro à tentação, por atrair a corrupção um do outro, de um fim do ano ao outro. O que podemos chamar de tais famílias, senão tantos infernos acima do solo? Um homem pode viver com tanta segurança para seu corpo em uma casa de peste, quanto pode ali para sua alma. E verdadeiramente os piedosos não estão tão longe do perigo, mas que o diabo pode fazer uso de suas paixões para agitar e contaminar uns aos outros. Tenho certeza de que ele é muito ambicioso para lhes causar um mal desta maneira, e muitas vezes prevalece. O medo de Abraão armou o laço para Sara, sua esposa, que foi facilmente persuadida a fingir por ele a quem amava tão carinhosamente (Gn 12:13). E a afeição veemente de Rebeca a Jacó, juntamente com a reverência, tanto de seu lugar quanto de sua graça no coração de Jacó, fez com que ele, de um homem simples, se tornasse o homem sutil, para enganar seu pai e irmão; o que, embora fosse um pecado muito amplo para ele à primeira proposta engolir, como aparece: “Eu serei aos seus olhos como um enganador; e trarei sobre mim uma maldição, e não uma bênção” (Gn 27:12); contudo, com um pouco de artifício usado por sua mãe, vemos que a passagem foi alargada, e desceu, apesar de todo seu esforço; e ainda assim ambos eram pessoas piedosas. Olha, portanto, para ti mesmo, que não tragas pecado sobre tuas relações. Seria uma aflição

pesada para ti ver tua esposa, filho ou servo doente da peste, que tu trouxeste para casa para eles, ou sangrando por uma ferida que tu sem saber lhes deste. Ai de nós! melhor assim do que eles serem infectados com o pecado, feridos com culpa, por teus meios. E sê tão cuidadoso em antídoto tua alma contra receber infecção deles, quanto em ter cuidado de respirá-la sobre eles. Teu amor é grande por tua esposa. Oh, não deixes a maçã da tentação tornar-se mais bela ou desejável, quando oferecida a ti pela mão dela! Tu te amas, sim, teu Deus também pouco, se a ela tanto assim para pecar por causa dela. Tu és uma esposa obediente, mas obedece “no Senhor”; tem cuidado de virar as tábuas dos mandamentos, colocando o sétimo antes do primeiro. Certifica-te de salvar a parte de Deus, antes de pagares tua obediência ao teu marido. Diz à tua alma: “Posso cumprir o mandamento de Deus obedecendo ao meu marido?”. No pagamento de dívidas, aquelas devem ser primeiro descarregadas que são devidas pelas mais, e aquelas as maiores obrigações. E a quem tu estás mais profundamente ligada — Deus ou teu marido — é fácil de resolver. Assim, também, em todas as outras relações. Vai tão longe com tuas relações quanto puderes viajar na companhia de Deus, e não mais longe, como não deixarias tua santidade e justiça para trás; a perda das quais é grande demais, para que esperes que elas possam te recompensar.

3. O poder da santidade aparece quando o cristão é cuidadoso em melhorar as graças de suas relações, e obter o que de bom deles ele puder enquanto eles estiverem com ele. May be tu tenhas um pai santo, um marido ou esposa gracioso — que seja apenas um servo em uma família que é piedoso — há o bem a ser obtido pela sua conversa graciosa,

discursos e santidade, que, como unguento, se trairá onde quer que fique por um tempo. Ó cristão! se alguma tal pessoa santa estiver contigo na família, observa o que tal pessoa em seus discursos, deveres de culto, comportamento sob aflição, recebimento de misericórdias, retornos de sábados e ordenanças, e coisas semelhantes, oferece para tua instrução, vivificação e promoção nos caminhos da santidade. O profeta ordenou à viúva que trouxesse todos os vasos que ela tinha, ou pudesse emprestar, para pegar o que caísse da botija de azeite que ela tinha na casa, e com isso pagar suas dívidas (2 Rs 4). Verdadeiramente, acho que seria um bom conselho para alguns que se queixam — ou podem justamente, se não o fazem — quão pobres e mendigos são em graça, fazer um melhoramento daquele óleo santo de graça que cai dos lábios e da vida de suas relações piedosas. Coloquem suas memórias, consciências, corações e afeições, como vasos para receber todas as expressões de santidade que vêm deles. Tua memória — deixa que essa guarde e retenha as instruções, repreensões, confortos retirados por eles da Palavra; tua consciência — deixa que essa aplique essas à tua alma, até que delas elas destilem em tuas afeições, e te tornes tu mesmo, cada vez mais, apaixonado pela santidade, pela recomendação deles a ti. É uma coisa triste considerar que uso diferente um coração rebelde faz dos dons e graças dos santos com quem vive, à medida que brilham, para o que um humilde e sincero faz. Um coração rebelde faz apenas invejar e malignar tal pessoa ainda mais, e, em vez de obter o bem, é feito pior; enquanto a alma sincera, ele se esforça para guardar tudo para o seu bem.

Quando José contou seu sonho profético a seus irmãos, sua inveja, que antes jazia fumegante em seus seios, pegou fogo

imediatamente e, um tempo depois, flamejou naquela crueldade antinatural praticada sobre ele por eles. Foi todo o uso que fizeram dele. Mas do bom Jacó, diz-se, por via de oposição a eles (Gn 37:11): “Mas seu pai guardava estas coisas no seu coração” — ele a guardou para uso futuro, como aquela que tinha algo de Deus nela. Assim, cristão, faz tu pelos sopros santos do Espírito naqueles com quem vives. Nota as passagens notáveis de suas conversações graciosas, como tu farias as noções de algum livro excelente, que não é teu, mas te emprestado por um tempo para percorreres. De fato, sob estes termos, e não mais seguros, desfrutamos de nossos amigos e relações graciosos. Eles são apenas emprestados a nós por um tempo; e, melhora-os, ou não os melhore, eles serão chamados em breve. E será para teu conforto partir com eles, antes que tivesses um coração para obter o bem por eles? Foi um discurso solene daquele reverendo e santo homem de Deus, o Sr. Bolton, a seus filhos, quando em seu leito de morte: “Eu vos conjuro, ó meus filhos, a não me encontrardes no grande dia perante o tribunal de Cristo em uma condição sem Cristo e sem graça”. Deus mantém uma conta exata dos meios que ele nos proporciona para a nossa salvação; e a vida de seus servos santos não é da mais baixa categoria. Vocês observarão que Deus é muito particular na Escritura ao registrar o tempo, quanto tempo seus servos fiéis viveram na terra; e certamente, entre outras razões, ele gostaria que soubéssemos que pretende acertar contas com aqueles que viveram com eles, por cada ano, sim, dia e hora, que os tiveram entre eles. Eles saberão que tiveram um profeta, um pai, um marido, que eram piedosos, e que os tiveram por tanto tempo, e Deus saberá deles que uso fizeram deles.

Segundo, que Deus depositou em Cristo um tesouro rico e pleno de graça para suprir tuas necessidades continuamente:

“Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse” (Cl 1:19). Plenitude! Toda a plenitude! Toda a plenitude habitando! Não a plenitude de uma enchente passageira, para cima e para baixo; não a plenitude de um vaso, para servir apenas ao seu próprio turno; mas a de uma fonte que empresta suas correntes a outros sem estreitar ou diminuir seu próprio estoque. De fato, é uma plenitude propositadamente ministerial, assim como o sol não tem sua luz para si mesmo, mas para o mundo inferior, chamado, portanto, *shemesh* [sol], porque é o grande ministro e servo para manter a luz para o mundo. Assim, Cristo é o Sol da justiça, difundindo sua graça nos seios de seu povo. Diz-se que a “graça” foi “derramada em seus lábios”, para nos fazer saber que ele a tem, não para guardar para si mesmo, mas para impartir, “para que da sua plenitude todos nós recebêssemos, e graça sobre graça”.

E 3. Que todo filho de Deus tem não apenas um direito a esta plenitude em Cristo, mas um princípio interior — que é a fé — pelo qual ele é, pelo instinto da nova criatura, ensinado a sugar e extrair graça de Cristo, como a criança obtém nutrição no ventre pelo cordão umbilical da mãe. Portanto, pobre alma, se queres ser mais santa, crê mais, suga mais de Cristo. O santo Davi, afetado pelos pensamentos da graciosa providência de Deus em livrá-lo de sua angústia mais profunda, assume, como a melhor mensagem que poderia enviar seus agradecimentos ao céu, uma forte resolução para uma vida santa: “Andarei perante o Senhor na terra dos viventes” (Sl 116:9); ele gastaria seus dias agora no serviço de Deus; mas, para que não pensemos que ele foi precipitado e autoconfiante, ele acrescenta: “Cri, por isso falei” (v. 10). Primeiro, ele agiu sua fé em Deus por força, e então ele promete o que fará. De fato, o cristão é uma criatura muito mendiga considerada em si mesma. Ele não se envergonha

de confessar isso. O que ele promete despende em qualquer dever santo é sobre o crédito da bolsa de seu Salvador, que, ele humildemente acredita, o sustentará nisso com graça assistente.

DÉCIMA DIREÇÃO. Certifica-te de fortificar-te contra aqueles desencorajamentos, pelos quais Satanás, se possível, te desviará de teu propósito e fará com que deixes de lado esta couraça da justiça e santidade, como incômoda, sim, prejudicial aos teus interesses carnis. Agora, para melhor armar-te contra seus assaltos deste tipo, exemplificarei duas ou três grandes objeções, pelas quais ele assusta muitos desse caminhar santo, e também emprestarei uma pequena ajuda para arrancar essas armas da mão de teu inimigo, preparando uma resposta para elas.

Os estratagemas de Satanás para desarmar o cristão de sua couraça, derrotados.

1. Estratagema. Satanás tenta fazer o cristão jogar fora sua couraça da justiça, apresentando-a como aquilo que impede o prazer de sua vida. Ele se esforça para pintar uma vida santa e justa com uma face tão austera e amarga, que a criatura possa ficar sem amor por ela. “Oh”, diz ele, “se pretendes ser assim preciso e santo, então diz adeus a toda alegria. Tu te privas de uma vez de todos aqueles prazeres que outros passam seus dias tão alegremente nos abraços, que não são tão rígidos em suas consciências”. Quão verdadeira esta acusação é, que Satanás faz sobre os caminhos da santidade, veremos agora. E, verdadeiramente, aquele que deseja ver a verdadeira face da santidade em seu matiz e cor naturais, faria bem em não confiar em Satanás, ou em seu próprio coração carnal, para desenhar seu retrato.

Lidarei com esta objeção primeiro, por meio de concessão, depois por meio de negação e, finalmente, por meio de afirmação.

Resposta 1. Respondo por meio de concessão, a saber, que há alguns prazeres que, se puderem ser assim chamados, são inconsistentes com o poder da santidade. Quem quer que tome um propósito de “viver justamente” deve dar um aperto de mão e despedir-se deles. Eles são de duas sortes:

1. Sorte: Todos os prazeres que são em si mesmos pecaminosos. A piedade não permitirá tais em teus abraços. E tu não és astutamente ferido, pensas tu, por ser negado aquilo que seria tua ruína beber? Alguém pensaria que o pai é cruel por cobrar ao seu filho não ousar provar de qualquer veneno de rato? Verdadeiramente, espero, vocês que passaram sob a nova obra do Espírito, podem chamar o pecado por outro nome que não prazer. Tenho certeza de que os santos em tempos passados não se consideraram atados, mas salvos, de tais prazeres. A escravidão reside em servi-los, e a liberdade em ser salvo deles. O apóstolo lamenta o tempo em que ele mesmo, e outros santos, eram “insensatos, desobedientes, enganados, servindo a várias concupiscências e prazeres” (Tt 3:3); e ele conta entre os principais benefícios que receberam pela graça do evangelho serem libertados dessa vassalagem: “mas segundo a sua misericórdia, nos salvou” — como? — não apenas perdando, mas — “pela lavagem da regeneração e renovação do Espírito Santo” (v. 5). Contudo, o diabo faz pobres criaturas esperarem prazer no pecado, e promete-lhes grandes coisas desse tipo; ainda assim, ele vai contra sua consciência, e sua própria percepção presente também. Ele não acha o pecado um bocado tão agradável ao seu próprio

gosto que precise recomendá-lo por esse motivo aos outros. O prazer do pecado é como o prazer que um lugar nas Índias Ocidentais proporciona àqueles que nela habitam. Cresce nela um fruto raro e delicioso, mas estas iguarias são tão temperadas com o calor intoleravelmente abrasador do sol durante o dia, e a multidão de uma espécie de criaturas que os picam à noite, que eles não podem nem comer bem de dia nem dormir de noite para digerir seus doces. Isso fez os espanhóis chamarem o lugar de “confeitos no inferno”; e, verdadeiramente, o que são os prazeres do pecado senão tais confeitos no inferno? Há algum prazer carnal que eles têm que deleita um paladar sensual e comum, mas eles são servidos com a ira ardente de Deus, e a picada de uma consciência culpada e inquieta; e os medos de um, e a angústia do outro, são capazes de derreter e desperdiçar aquela pouca alegria e prazer que trazem ao sentido.

2. Sorte: Há prazeres que não são em sua própria natureza pecaminosos. Tais são os confortos e deleites das criaturas. O pecado reside, quanto a estes, não no uso, mas no abuso deles. Isso é feito de duas maneiras:

(1.) Quando uma medida devida não é mantida no uso deles. Ele não pode viver santa e justamente neste mundo presente se não viver sóbriamente também. A piedade te permitirá provar desses prazeres como molho, mas não te alimentar deles como carne. A acusação dos homens ricos segue assim: “vós tendes vivido em deleites sobre a terra” (Tiago 5:5). Eles viveram em prazeres como se tivessem vivido para eles, e não pudessem viver sem eles. Quando uma vez este vinho de conteúdos da criatura sobe ao cérebro, intoxica o juízo do homem, que ele começa a adorá-los e não pode pensar em partir com eles para desfrutar de melhores, mas chora, relutante em

partir — como aqueles judeus na Babilônia, que, começando a prosperar naquele solo, estavam muito dispostos a ficar e deixar seus ossos lá, apesar de Jerusalém, à qual foram chamados a retornar — então, verdadeiramente, eles são perniciosos ao poder da santidade. Embora um mestre não restrinja a comida e bebida de seu servo, contudo ele não gostará se, quando ele tiver de sair, seu servo estiver deitado bêbado e incapacitado de esperá-lo por sua intemperança. E um homem bêbado está tão apto a atender seu mestre e fazer seus negócios por ele, quanto um cristão, sobrecarregado com os prazeres da criatura, está para servir ao seu Deus em qualquer dever de piedade.

(2.) Eles são pecaminosos quando não são usados no momento certo. Fruto comido fora de sua estação é algo nulo. Lemos sobre “tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar” (Ec 3:5). Há algumas estações que o poder da santidade chama e não permite o que é lícito em outro momento. Como:

(a) No dia do Senhor. Então todos os prazeres carnis e da criatura estão fora de estação. Deus nos chama para eles para deleites mais elevados, e ele espera que deixemos os outros de lado, e não coloquemos nossos paladares fora do gosto com esses prazeres inferiores, para que possamos saborear melhor suas iguarias celestiais. “Se desviares o teu pé do sábado, de fazer a tua vontade no meu santo dia; e se chamares ao sábado deleitoso, e ao santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares, não fazendo os teus caminhos, não pretendendo a tua própria vontade, nem falando as tuas próprias palavras; então te deleitarás no Senhor” (Is 58:13, 14). Note! não podemos provar a doçura da comunhão com Deus, nem prestar a honra devida a Deus ao santificar seu dia, exceto se nos negarmos em nossos deleites carnis. Se um rei convidasse, em certas épocas do ano, alguns de seus súditos pobres para sentar e banquetear com ele

em sua própria mesa real, eles desonrariam excessivamente seu príncipe, e prejudicariam a si mesmos, ao trazer sua comida comum e simples com eles para a corte. Santos glorificados no céu pedem algum de seus deleites carnis, ou sentem falta deles, enquanto estão ocupados no céu louvando a Deus, e se alimentando das alegrias que fluem da visão plena de Deus? E Deus não conta que lhes dá para desfrutar o céu em figura, quando ele lhes permite o serviço de seu dia santo? (b) Em dias de jejum solene e oração. Estamos em tais ocasiões para afligir nossas almas, e os prazeres da criatura não servirão melhor a esse trabalho do que uma renda de prata serviria a um terno de luto. (c) Em tempos de calamidade pública na igreja no exterior, especialmente em casa. E isso um coração gracioso não pode deixar de considerar razoável, que ele deva negar-se, ou pelo menos limitar-se a uma permissão muito curta em seus deleites da criatura, quando Cristo em sua igreja jaz sangrando. A simpatia é uma dívida que devemos aos nossos companheiros santos — Cristo místico. E verdadeiramente as cordas das aflições dos outros serão pouco sentidas através de nossas camas macias e de plumas, se nos permitirmos, quero dizer, um desfrute pleno de nossa facilidade e deleites carnis. Que criança que está alegre e agradável em sua própria casa, e tem um pai ou mãe jazendo ao mesmo tempo em grande miséria no ponto da morte, mas desconhecido para ela, não mudará seu tom quando a triste notícia finalmente chegar a ela, sim, lamentará por não ter sabido mais cedo, e não ter antes estado chorando por e com seus queridos parentes na casa de luto, do que passando seu tempo agradavelmente em casa? Até aqui respondi por concessão, confessando quais prazeres uma vida santa e justa nega e proíbe, e espero que eles pareçam não ser outros senão tais como podem, sem qualquer perda para a alegria do crente, serem formalmente dispensados.

Resposta 2. Agora, em segundo lugar, venho responder por meio de negação; a saber, que embora uma vida santa e justa negue ao cristão os prazeres supramencionados, contudo ela não o priva de nenhum prazer verdadeiro que a criatura proporciona; sim, tão longe disso, que ninguém desfruta ou pode desfrutar da doçura da criatura como a alma graciosa que caminha no poder da santidade, como aparecerá nestes dois particulares:

1. A pessoa graciosa tem um paladar mais curioso, que o capacita a provar uma doçura maior, e assim extrair mais prazer de, qualquer desfrute da criatura, do que uma pessoa ímpia pode fazer. A mosca não encontra mel na mesma flor de onde a abelha sai carregada. Nem um coração ímpio pode provar a doçura que o santo faz em uma criatura. Ele tem, de fato, um paladar carnal natural, pelo qual ele saboreia o prazer carnal grosseiro que a carne proporciona, e sobre isso ele faz sua refeição completa; mas um coração gracioso prova algo mais. “Todos” os de Israel beberam da rocha, “e aquela rocha era Cristo” (1 Co 10:4). Mas todos que provaram a doçura natural da água provaram Cristo nela? Não, ai de nós! foram apenas alguns santos que tinham um paladar espiritual para fazer isso. O pai e a mãe de Sansão comeram do mel que estava na carcaça do leão, assim como Sansão, e talvez tenham gostado do gosto dele por mel tanto quanto Sansão; contudo ele certamente teve mais prazer do que eles. Ele provou a doçura da providência de Deus nele, que o livrara daquele próprio leão que agora lhe proporciona este mel (Jz 14).

2. O cristão tem mais prazer verdadeiro da criatura do que os ímpios, à medida que ela vem mais refinada para ele do que para o outro. O miserável ímpio suga as borras e tudo — borras de pecado e borras de ira — ao passo que o

cálice do cristão não é assim temperado. (1.) Ele suga borras de pecado. Quanto mais ele tem dos deleites da criatura que lhe são dados, mais ele peca com eles. Oh, é triste pensar que trabalho eles fazem em seu coração rebelde! Eles são apenas combustível para suas luxúrias se acenderem. Eles fogem com seus desfrutes, como o filho pródigo com suas bolsas, ou como porcos no tempo de colheita; nenhuma visão pode ser tida deles, ou pensamento de seu retorno, enquanto eles puderem obter qualquer coisa lá fora, entre os deleites do mundo. Ninguém tão prodigiosamente iníquo quanto aqueles que são alimentados com prazeres carnavais. Eles são para os ímpios como o estrume e os excrementos são para o porco, que engorda por estar deitado neles. Seus corações tornam-se grosseiros e gordos, suas consciências mais estúpidas e sem sentido no pecado por causa deles; ao passo que os confortos e deleites que Deus concede a uma alma santa pela criatura transformam-se na nutrição espiritual de suas graças e as atraem para o exercício, como fazem as luxúrias dos outros. (2.) O homem ímpio suga borras de ira. Os israelitas tiveram pouco prazer de suas iguarias quando a ira de Deus caiu sobre eles antes que pudessem levá-las às suas gargantas (Sl 78:30). O banquete do pecador não é logo servido, mas a justiça divina está se preparando para enviar uma conta depois dele; e a expectativa temerosa disso não pode deixar de estragar o gosto do outro. Mas a alma graciosa é entretida sem custo. Nenhum pensamento surpreendente precisa desequilibrar seu espírito, de modo a quebrar seu gole, ou fazer com que ele derrame qualquer do conforto de seu presente desfrute pelo medo de um perigo que se aproxima. Tudo está bem. A costa está limpa. Ele pode dizer com Davi: “Em paz também me deitarei e dormirei, porque só tu, Senhor, me fazes habitar em segurança” (Sl

4:8). Deus não — e tudo o mais não pode — quebrar seu descanso. Como o unicórnio cura as águas mergulhando seu chifre nelas, para que todas as bestas possam beber sem perigo, assim Cristo curou os desfrutes da criatura, de modo que não há morte agora no cálice dos santos.

Resposta 3. Respondo por meio de afirmação. O poder da santidade está tão longe de privar um homem da alegria e do prazer de sua vida, que há deleites e prazeres incomparáveis peculiares à vida santa, que a alma graciosa encontra nos caminhos da justiça, desfruta por si mesma, e nenhum estranho interfere neles. Eles jazem dentro, de fato, e portanto o mundo fala tão descontroladamente e ignorantemente sobre eles. Eles não acreditarão que têm tais prazeres até que os vejam, e nunca os verão até que acreditem neles. Os soldados romanos, quando entraram no templo e foram ao santo dos santos, não vendo lá nenhuma imagem, como costumavam ter em seus próprios templos idólatras, disseram em uma zombaria que os judeus adoravam as nuvens. Verdadeiramente, assim, porque os prazeres da justiça e santidade não são tão grosseiros a ponto de entrar sob o conhecimento dos sentidos carnis do mundo, como os seus animais fazem, portanto eles riem dos santos, como se suas alegrias fossem apenas filhas da imaginação, e que eles apenas abraçam uma nuvem em vez da própria Juno — um prazer fantástico em vez do verdadeiro. Mas que tais saibam que eles carregam em seu próprio seio o que os ajudará a pensar que os prazeres de uma vida santa são mais reais do que isso. O horror, quero dizer, que a culpa de suas vidas ímpias e injustas algumas vezes preenche suas consciências espantadas, embora não haja chicote em suas costas, e dor em sua carne, diz-lhes que a paz que resulta de uma boa consciência pode muito bem encher a alma de doce alegria, quando nenhum deleite carnal contribui

para isso, assim como em qualquer outro momento. Há três coisas consideradas na natureza de uma vida santa e justa que são suficientes para demonstrar que é a única vida agradável: ela é uma vida de Deus; ela é uma vida com Deus; ela é a própria vida de Deus.

1. É uma vida de Deus, e portanto deve necessariamente ser agradável e jubilosa. O que quer que Deus faça é bom e agradável em seu gênero. Ora, a vida é uma das mais escolhidas obras de Deus, tanto que o mais pobre, mais tolo mosquito, ou mosca, a este respeito, excede o sol em sua glória meridiana. Para cada vida Deus designou um prazer adequado ao seu gênero. As bestas têm um prazer adequado à vida das bestas, e o homem muito mais ao seu. Ora, cada criatura que conhecemos desfruta o prazer de sua vida melhor quando está em seu temperamento correto. Se uma besta está doente, ela definha e geme; e assim faz o homem também. Nenhuma iguaria, esportes ou música agradam a um homem que está mal de saúde. Ora, a santidade é o devido temperamento da alma, como a saúde é do corpo, e portanto uma vida santa deve necessariamente ser uma vida agradável. Adão, espero, no paraíso, antes que o pecado estragasse seu temperamento, viveu uma vida agradável. Quando a criatura é feita santa, então ela começa a retornar ao seu temperamento primitivo, e com ele à sua alegria e prazer primitivos. Ó senhores, os homens brigam com suas condições externas e estão descontentes com sua classe e lugar no mundo, mas a falha jaz mais interior — o sapato é reto e bom o suficiente, mas o pé é torto que o usa. Tudo ficaria bem se tu estivesse bem, e tu nunca estarás bem até que sejas justo e santo.

2. É uma vida com Deus. Uma alma graciosa, ele caminha na presença de Deus e mantém comunhão com ele. Se vocês quiserem encontrar um santo, vocês conhecem seu hábito, que companhia ele mantém. “Para que também tenhais comunhão conosco: e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo” (1 Jo 1:3). Veja a ingenuidade de uma alma santa: “verdadeiramente a nossa comunhão” é com Deus, nós não vos dizemos nenhuma mentira. Um coração ímpio não ousa ser assim livre, eu garanto, e dizer que companhia sua alma caminha de dia para dia. Vemos que não há perigo de ir entre homens santos; eles te trarão a conhecer nenhuma companhia má; eles te levarão a Deus onde reside seu maior recurso. E diga-me agora, não deve esse homem viver uma vida agradável que caminha com Deus? Que seja apenas um homem com quem tu cavalgas em uma jornada, alguém que te ama bem, e é capaz de te entreter com um discurso bom e alegre; o deleite que sentes em sua companhia não te engana, estranha, mas docemente, quanto à tediosidade do caminho? Ó que alegria Deus deve trazer consigo, então, para aquela alma com quem ele caminha! “Bem-aventurado o povo”, diz o salmista, “que conhece o som alegre; eles andarão, ó Senhor, na luz da tua face; em teu nome se alegrarão todo o dia”. O som da trombeta, que os chamava para suas assembleias religiosas, é chamado ali de “som alegre”, porque em seu culto Deus especialmente manifesta a si mesmo ao seu povo. O céu dos céus é estar onde o Senhor está; certamente então, aquilo que o santo tem da presença de Deus aqui é suficiente para tornar a vida do cristão jubilosa. Ó cristãos, não é doce caminhar com Deus, para Deus! — caminhar com Deus aqui embaixo, pela sua presença assistente e consoladora, para Deus se manifestando em toda a sua glória lá em cima no céu! Ó,

todos vocês que são por perspectivas agradáveis em seus passeios e fora de suas janelas, vejam aqui uma que o mundo não pode igualar — a perspectiva que uma alma graciosa tem, caminhando nas veredas da justiça. Ele pode ver Deus caminhando com ele, como um amigo com seu amigo, e se manifestando a ele; sim, ele tem não apenas a doçura da companhia presente de Deus com ele, mas ele tem a boa perspectiva do céu diante dele, onde Deus o está levando, e neste caminho de santidade certamente o trará finalmente. Enquanto o miserável ímpio, caminhando na companhia de suas luxúrias, embora elas adocem sua boca com um pouco de prazer espumoso no presente, que logo se derrete de sua língua e o gosto é esquecido, contudo elas lhe mostram a região das trevas diante dele, para onde elas o trarão, e onde elas o deixarão, para se arrepender de seus prazeres caros em tormentos sem alívio e sem fim.

3. É a própria vida de Deus. Leia a expressão: “sendo estranhos à vida de Deus” (Ef 4:18). Essa é a vida da piedade. Uma vida santa é a vida de Deus. Mas como? Não apenas como Deus é o autor dela; assim ele é da vida da besta. Assim, os ímpios não estão alienados da vida de Deus, pois eles têm uma vida natural que Deus lhes deu. Mas a expressão carrega mais nela, e é isto: a vida de Deus é tanto quanto uma vida que o próprio Deus vive. Ele é um Deus vivo, e sua vida é uma vida santa. A santidade é a vida de sua vida. Ora, rogo-lhes, amigos, vocês não pensam que o próprio Deus vive uma vida de prazer? E qual é o prazer de sua vida, senão a santidade? Ele se deleita nas graças de seus santos (Sl 149:4); quanto mais em sua própria santidade essencial, de onde aqueles raios que brilham tão belamente aos seus olhos em seus filhos foram disparados primeiro! Tu,

quem quer que sejas, tens uma arte acima do próprio Deus, se podes tirar qualquer prazer verdadeiro da impiedade e injustiça. E deixe-me dizer-lhe também, não é a menor das blasfêmias tu carregares o caminho da justiça e santidade de ser um inimigo ao verdadeiro prazer, pois nisso tu acusas o próprio Deus de querer verdadeira alegria e prazer: que não tem prazer se a santidade não o render. Mas longe com tal coisa podre como esta é. Os próprios demônios e almas condenadas, que odeiam a Deus com o mais perfeito ódio de qualquer outro, contudo não ousam dizer, eles não podem dizer isso. Eles sabem que Deus é glorioso e feliz, sim, “glorioso em santidade”, e que a felicidade e a glória da criatura consistem em uma participação daquela santidade que torna o próprio Deus tão bendito e glorioso. Isso, cristão, é o máximo que pode ser dito da tua felicidade, seja aqui ou no céu, doravante. Aquilo que torna Deus glorioso te torna glorioso. Tua alegria e prazer são do mesmo tipo com o prazer em que Deus se deleita. “Tu os farás beber do rio das tuas delícias” (Sl 36:8). Note aquela frase, “o rio das tuas delícias”. Deus tem seus prazeres, e Deus dá aos seus santos para beber de seus prazeres. Este é o acento doce dos prazeres de seus santos. Quando um príncipe ordena que seus servos levem tal homem para a adega, e o deixem beber de sua cerveja ou vinho, esta é uma bondade de uma pessoa tão grande a ser valorizada altamente. Mas para o príncipe sentá-lo à sua própria mesa, e deixá-lo beber de seu próprio vinho, isso, espero, é muito mais. Quando Deus dá a um homem propriedade, trigo, vinho e azeite — os confortos da criatura — ele entretém o homem apenas na adega comum. Aqueles que não têm nada além de desfrutes carnis, eles se sentam apenas com os servos, e em alguns prazeres sensuais eles são apenas coproprietários com as bestas. Mas quando

ele concede sua graça, embeleza uma alma com santidade, então ele prefere a criatura ao mais alto que ela é capaz. Ele nunca envia esta rica vestimenta a ninguém, sem significar colocar tal pessoa ao lado deles, em sua própria mesa com ele, na glória do céu.

O poder da santidade a ser mantido por causa do DESÍGNIO DE SATANÁS CONTRA ELA.

RAZÃO 2. Há uma razão com relação a Satanás, cujo desígnio é tanto contra a santidade dos santos, quanto Deus é a favor dela. Ele sempre tem um “não” para o “sim” de Deus. Se Deus é a favor da santidade, ele deve necessariamente ser contra ela. E o que deveríamos ter como nosso principal cuidado para defender, senão aquilo que os pensamentos e planos de Satanás são mais voltados a atacar e assaltar? Não há criatura em que o diabo se deleite mais em alojar e habitar do que o homem. Quando ele entra em outras criaturas, é apenas com um desígnio contra o homem. Quando ele entrou na “serpente”, foi para enganar Eva. O “porco” (Mt 8:32), ele possuiu com um desígnio de despossuir os gadarenos do evangelho. Mas, se ele pudesse escolher seu próprio alojamento, nenhum lhe agrada tanto quanto o homem. E por quê? Porque apenas o homem é capaz, por sua alma racional, de pecado e injustiça. E como ele prefere o homem para se alojar acima de todas as criaturas inferiores, assim ele prefere possuir as almas dos homens do que seus corpos. Nenhum cômodo além do melhor da casa servirá a este espírito imundo para vomitar suas blasfêmias e cuspir sua malícia contra Deus — e por quê? Senão porque a alma é o assento próprio da santidade e do pecado. Esta, um dá como a razão por que, entre todas as maneiras pelas quais Satanás afligiu

Jó, ele não escolheu fazer uma entrada forçada em seu corpo, e possuí-lo corporalmente; pois certamente ele poderia — isso sendo menos do que tirar sua vida — a única coisa reservada por Deus fora de sua comissão, e estando em seu poder, certamente não foi para poupar a Jó desse problema. Nenhuma piedade habita no coração de um diabo. Mas a própria razão parece ser o que um antigo notou: o diabo esperou por uma preferência maior; ele esperava possuir sua alma, que ele desejava mil vezes mais. Ele preferiria ouvir o próprio Jó blasfemar contra Deus, enquanto ele estava *compos mentis* [em seu juízo perfeito] — dono de si mesmo — do que ele próprio em Jó arrotar blasfêmias contra Deus, o que teria sido o pecado do próprio diabo, e não de Jó.

Assim, você vê, é a santidade e a justiça que são o alvo de sua raiva. Nenhum ganho vem para a bolsa do diabo, nenhuma vitória ele conta como ganha, exceto se puder fazer o cristão perder sua santidade. Ele pode permitir que um homem tenha qualquer coisa, ou seja qualquer coisa, em vez de ser verdadeiramente, poderosamente, santo. Não são suas riquezas e desfrutes mundanos que ele inveja tanto quanto a sua santidade. Jó, pelo que sabemos, poderia ter desfrutado seus rebanhos e manadas, seus filhos e servos, sem qualquer perturbação do inferno, se o diabo não tivesse visto que ele era um homem piedoso — “um que temia a Deus e se desviava do mal”. Isso irritou o espírito ímpio. Agora ele tenta uma queda com Jó, para que, se possível, ele possa des-santi-ficá-lo e despojá-lo de sua couraça da justiça. Seu saque de sua propriedade, o massacre de seus filhos, carbonizar, como posso dizer, seu corpo com chagas e feridas — que eram como tantos cortes profundos em sua carne — foi apenas como o uso cruel de alguns ladrões com homens a quem eles queriam roubar, com

o desígnio de fazê-los confessar e entregar seu tesouro. Se Jó tivesse apenas jogado ao diabo sua bolsa — sua integridade, quero dizer — e deixado Satanás levar embora sua boa consciência, Satanás o teria desamarrado rapidamente e não se importaria se ele tivesse sua propriedade e filhos novamente. O lobo rasga o velo, para que possa vir a devorar a carne e sugar o sangue da ovelha. O sangue vital da santidade é o que este assassino infernal deseja sugar do coração do cristão. Não é uma forma de piedade, ou boas demonstrações de justiça, que o diabo difama, mas o poder. Não o nome, mas a própria nova natureza, traz este leão de fora de sua toca. Satanás pode viver muito pacificamente como um vizinho quieto pela porta daqueles que se contentam com um nome vazio de profissão; isso não altera sua propriedade, nem toca sua posse. A profissão feita por Judas, Satanás sabia, não o colocava um passo fora de seu caminho para o inferno. O diabo pode mostrar a um homem um caminho para a danação através de deveres e ordenanças do culto a Deus. Aquele coração cobiçoso e traiçoeiro que Judas carregava consigo para ouvir o sermão de Cristo, e [para] pregar o seu próprio, manteve-o firme o suficiente para o diabo, e, portanto, ele lhe dá linha suficiente, liberdade suficiente, para manter seu crédito por um tempo com seus colegas apóstolos. Ele não se importa que outros pensem nele como um discípulo de Cristo, contanto que ele saiba que ele é seu próprio escravo.

Em suma, não é uma santidade supersticiosa que o ofende. Como pode ser, quando ele é o instituidor dela mesmo, e isso com um desígnio sutil de minar a verdadeira e genuína santidade nos corações dos homens? E a esta altura, a igreja de Cristo descobriu quão profunda é uma artimanha. Isto, em todas as épocas, tem sido para o poder da santidade o que a hera é para o carvalho. Os abraços lascivos desta falsa santidade ao redor da

religião mataram o coração da santidade bíblica onde quer que tenha prevalecido. É para a verdadeira santidade o que a concubina é para a verdadeira esposa, que certamente desviará o amor do marido dela. Este pirralho o diabo há muito colocou para ser amamentado pela igreja romana, que se deu ao trabalho de criá-lo para ele, e não é de se admirar, quando ela é tão bem paga pela sua manutenção — tendo-lhe trazido tanto tesouro mundano e riquezas. Não, é a santidade em sua simplicidade nua, tal como é fundada na base das Escrituras e guiada pela regra das Escrituras, que ele é um inimigo jurado. De fato, esta é a bandeira que a alma estende, e pela qual ela desafia o diabo; não é de se admirar se ele se esforça para derrubá-la. Agora, e não até agora, a criatura realmente declara-se um amigo de Deus e um inimigo do reino das trevas; e aqui está a base daquela contenda, que nunca cessará enquanto ele continuar a ser um espírito imundo, e eles os santos de Deus. “Todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguição” (2 Tm 3:12).

Note o que é que faz o diabo e seus instrumentos tomarem armas e respirarem matança contra os cristãos — é a sua piedade. Muitos pretextos especiosos os perseguidores têm para disfarçar sua malícia; mas o Espírito de Deus, que olha através de todos os seus abafadores hipócritas, está a par dos conselhos de gabinete de seus corações e daquelas instruções que eles têm do diabo, que opera tão poderosamente neles. Ele nos diz: aquele que quiser viver piamente será perseguido. A piedade direta é o alvo em que eles apontam suas flechas.

Novamente, observe o tipo de piedade em que seu sangue ferve: “todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus”. Há mais espécies de santidade e piedade do que uma. Mas todas podem ter um tratamento justo nas mãos do diabo, exceto esta

piedade em Cristo Jesus. O diabo tem uma malícia implacável contra Cristo. Ele odeia, por assim dizer, cada letra de seu nome. Essa piedade que é aprendida dele, e derivada dele, ele a opõe até a morte. O sangue cristão é mais doce ao seu dente, mas o sangue da piedade do cristão é muito mais doce. Ele preferiria, se pudesse, matar aquela do que eles — preferiria atrair o cristão para longe de sua piedade do que massacrá-lo por ela; ainda assim, para que ele não se destaque, ele jogará em jogo pequeno e expressará sua crueldade sobre seus corpos, mas é apenas quando ele não pode chegar às suas almas. “Foram serrados, foram tentados, foram mortos ao fio da espada” (Hb 11:37). O que esses homens sanguinários desejavam principalmente era atraí-los para o pecado e transformá-los em apóstatas; e, portanto, eles os tentaram antes de matá-los. O diabo considera essa a vitória completa — quando ele pode despojá-los de sua armadura e suborná-los para longe de sua constância em sua santa profissão. “Seja ela profanada, e veja o nosso olho o seu desejo sobre Sião” (Mq 4:11). Ele preferiria ver santos profanados com injustiça e pecado do que profanados com seu sangue e gore. Perseguição, ele aprendeu, apenas ceifa a igreja, que depois cresce mais espessa por causa disso; é a impiedade que a arruína. Os perseguidores apenas aram o campo de Deus para ele, enquanto ele está semeando-o com o sangue que eles deixam sair; mas a profanidade — ela a arranca e deixa tudo em ruínas, consciências e igrejas também.

O poder da santidade a ser mantido por causa de SUA PRÓPRIA EXCELÊNCIA.

RAZÃO 3. Há uma razão com relação à própria santidade — cuja incomparável excelência nos ordena a

persegui-la, e esforçar-nos por ela, com todo o nosso cuidado e força.

1. É uma excelência peculiar à criatura racional. Criaturas inferiores têm uma bondade própria para elas; mas apenas os seres intelectuais são capazes de uma santidade interior. Deus viu que cada criatura que ele fez era “boa”; apenas anjos e o homem eram “santos”. E se partirmos com a santidade, que é a nossa coroa, tornamo-nos piores do que as próprias bestas; sim, é a santidade e a justiça que fazem um homem diferir de outro na conta de Deus. Avaliamos mal quando valorizamos os homens por suas vantagens externas. Todos estão no mesmo nível em relação a Deus, até que a santidade seja acrescentada. Príncipes, nos quais está assentado o poder soberano, reivindicam como sua prerrogativa definir o valor justo de toda moeda — o que cada peça valerá; este um centavo, aquele uma libra. Muito mais certamente, então, cabe a Deus avaliar suas criaturas. E ele nos diz: “O justo é mais excelente do que o seu próximo” (Pv 12:26). “A língua do justo é como prata escolhida: o coração dos perversos é de pouco valor” (Pv 10:20). O Espírito de Deus compara o justo à prata e ao ouro, o mais precioso dos metais, que acima de todos os outros metais são de tal conta, que apenas dinheiro feito de prata e ouro é corrente em todos os países; a santidade valerá em ambos os mundos; mas excelências externas, como riquezas mundanas, honras, etc., como dinheiro de couro e latão, não têm estima, exceto neste mundo inferior e mendicante.

2. É a santidade que é, embora não nossa súplica, nossa evidência para o céu. “Sem santidade ninguém verá o Senhor.” O céu é uma cidade onde a justiça habita. Embora Deus sofra que a terra suporte por um tempo homens ímpios

— o que ela não faz sem suar sob o peso deles, e gemer para se livrar da carga — contudo, certamente ele nunca infestará o céu com tal tripulação. Antes que Enoque fosse trasladado para o céu, ele caminhou santamente com Deus na terra; o que fez Deus desejar sua companhia tão cedo. Ó amigos! gostam de uma profissão vazia? tal religião como a que nos deixará alguém do céu? ou podemos razoavelmente esperar uma dispensa acima de outros, que devêssemos iniciar como criaturas glorificadas no céu, sem cumprir nossos atos e realizar os exercícios de piedade que Deus impôs àqueles que serão candidatos àquele lugar? Certamente, o que Deus escreveu em sua Palavra, quanto a isso, permanecerá. Ele não fará uma mancha em seus decretos por ninguém; o que ele faria se alterasse o método de salvação minimamente. Ou, portanto, devemos renunciar às nossas esperanças de ir para lá, ou resolver caminhar no caminho da santidade que nos levará para lá. É um fôlego vão aquele que não coloca as velas das nossas afeições em movimento, e nossos pés a viajar para lá, onde estaríamos finalmente.

3. É a santidade, e mantida em seu poder, que nos capacita para a comunhão com Deus nesta vida. A comunhão com Deus é tão desejável que muitos fingem a ela, mas não sabem o que significa; como alguns que se gabam de seu conhecimento com tal grande homem que, talvez, nunca viu seu rosto, nem foram admitidos em sua companhia. O Espírito de Deus dá mentira àquele homem que diz ter qualquer conhecimento de Deus, enquanto mantém seu conhecimento com qualquer injustiça: “Se dissermos que temos comunhão com ele, e caminarmos nas trevas, mentimos” (1 Jo 1:6). O apóstolo está disposto a passar por um grande mentiroso ele mesmo, se ele caminha nas trevas

e finge ter comunhão com Deus. Como podem eles “caminhar juntos” se não estiverem “de acordo”? A comunhão é baseada na união, e a união na semelhança. E quão semelhantes são Deus e o diabo, santidade e injustiça, um ao outro? Há uma vasta diferença entre conversar com ordenanças e ter comunhão com Deus. Um homem pode ter grande conhecimento com ordenanças e ser um grande estranho a Deus ao mesmo tempo. Todo aquele que vai à corte e fica em volta do palácio não fala com o príncipe. E que coisas lamentáveis são as ordenanças sem esta comunhão com Deus? As ordenanças são, por assim dizer, a bolsa, onde almas santas negociam com Deus pelo seu Espírito por tesouros celestiais, dos quais eles vêm cheios e enriquecidos com graça e conforto. Ora, o que faz o ímpio? Verdadeiramente como algumas pessoas ociosas que vêm e andam entre os mercadores na bolsa, mas não têm negócios ali, ou comércio pelo qual obtenham qualquer vantagem. Um coração ímpio não tem negociações com Deus; ele não toma conhecimento de Deus. Talvez, certamente, Deus não toma tal conhecimento dele, a ponto de comunicar-se graciosamente a ele. Não, suponha uma pessoa habitualmente santa, mas sob o poder de alguma tentação no presente, pela qual ele se contamina; ele está neste caso inapto para ter qualquer comunhão amigável com Deus. “O justo que cai diante do ímpio é”, diz Salomão, “como uma fonte turva, e um manancial corrupto” (Pv 25:26); muito mais ele é assim quando ele cai diante do ímpio, e cede à sua tentação — agora seu espírito está turvo e enlameado. E se não quisermos usar a água de uma fonte, embora em si mesma pura e saudável, quando está turva, ou beber daquele vaso que corre grosso, mas esperar enquanto [isto é, até] que ela se assente e fique clara; podemos nos maravilhar se Deus

se recusa a provar desses deveres que uma pessoa piedosa realiza, antes que o fluxo seja limpo pelo renovo de seu arrependimento por seu pecado?

4. A santidade em seu poder é necessária para a verdadeira paz e repouso da alma. Não digo que nossa paz é baseada na justiça da nossa natureza ou santidade de nossas vidas, contudo ela é sempre acompanhada por essas. “Não há paz, diz o meu Deus, para os ímpios”. Podemos tão cedo fazer o mar sempre quieto, como um coração ímpio verdadeiramente quieto. De onde vêm as guerras intestinas nos seios dos homens, que os colocam em desacordo consigo mesmos, senão de suas próprias luxúrias? Estas quebram a paz e mantêm o homem em uma tempestade contínua. À medida que o espírito de santidade entra em seu coração, e o cetro de Cristo — que é um “cetro de justiça” — exerce influência na vida; assim a tempestade diminui mais e mais, até que esteja completamente baixa, o que não será enquanto estivermos aquém do céu. Lá, apenas, há descanso perfeito, porque santidade perfeita. De onde vêm aqueles sustos e medos, que os tornam um *magor missabib* — um terror ao redor? Eles acordam e dormem com o cheiro do fogo do inferno ao seu redor continuamente. Ó, são seus caminhos ímpios e injustos que caminham em seus pensamentos, como o fantasma de João no de Herodes. Isso torna os homens descontentes em todas as condições. Eles não podem saborear a doçura de seus desfrutes, nem suportar o sabor amargo de suas aflições. Sei que há maneiras de entorpecer a consciência e vendar por um tempo os sentidos de um coração ímpio, para que ele não sinta sua própria miséria; mas a virtude deste ópio é logo gasta, e então o miserável está novamente no cavalete, e seu horror retorna sobre ele

com um paroxismo maior. Um exemplo de que ouvi falar: um notório bêbado, que costumava, quando lhe falavam de sua vida ímpia, sacudir, tão facilmente quanto Paulo fez a víbora de sua mão, todas as ameaças da Palavra que seus amigos teriam prendido em sua consciência — baseando-se em uma esperança presunçosa da misericórdia de Deus em Cristo: aprouve a Deus deitá-lo, algum tempo depois, de costas por doença; o que, por um tempo, assustou seus velhos companheiros — irmãos com ele na iniquidade — de visitá-lo; mas ouvindo que ele estava alegre e agradável em sua doença, eles se aventuraram novamente a vê-lo; fazendo isso, encontraram-no muito confiante na misericórdia de Deus (pelo que suas mãos foram muito fortalecidas em seus velhos caminhos); mas antes que ele morresse, esta melodia foi mudada com propósito; suas vãs esperanças desapareceram, sua consciência culpada despertou, e o pobre miserável, assado nas chamas abrasadoras de suas práticas ímpias anteriores, e agora pronto para morrer, clama desesperadamente: “Ó senhores! Eu havia preparado um emplastro, e pensei que tudo estava bem, mas agora ele não colará mais”. Sua consciência culpada esfregou-o tão rápido quanto ele o aplicou. E verdadeiramente, amigos, vocês descobrirão que o sangue do próprio Cristo não se agarrará a uma alma que está em liga com qualquer caminho de pecado e injustiça. Deus arrancará tais dos chifres de seu altar, que fogem para ele, mas não de sua injustiça, e os matará à vista do santuário em que confiam tão ousadamente. Vocês conhecem a mensagem que Salomão enviou a Adonias: “Se te mostrares homem de valor, nem um cabelo da tua cabeça cairá; mas se se achar maldade em ti, certamente morrerás”. Em vão os homens pensam em se esconder sob a asa de Cristo do clamor de sua consciência

acusadora, enquanto a maldade encontra um santuário neles. Cristo nunca foi pretendido por Deus para garantir os homens em sua injustiça, mas para salvá-los dela.

5. A santidade tem uma influência poderosa sobre os outros. Quando isso aparece com poder na vida dos cristãos, opera poderosamente sobre os espíritos dos homens; para as bocas dos ímpios, que estão prontos para reprovar a religião e jogar a sujeira dos pecados dos professos no rosto da própria profissão. Eles dizem que os sapos param de coaxar quando uma luz é trazida perto deles. A luz de uma santa conversação pendura, por assim dizer, um cadeado nos lábios profanos; sim, força-os a reconhecer Deus neles. “Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus” (Mt 5:16). Sim mais, isso não apenas fecharia suas bocas, mas seria um meio para abrir seus próprios corações para o abraço de Cristo e sua graça.

Uma razão pela qual tais cardumes de almas entraram na rede do evangelho nos tempos primitivos foi porque então a divindade da doutrina do evangelho aparecia na divindade e santidade da vida dos cristãos. Justino Mártir, quando convertido, professou: “Que a santidade que brilhava na vida e paciência dos cristãos, que triunfava sobre a crueldade de seus inimigos em suas mortes, fez-me concluir que a doutrina do evangelho era a verdade”. Sim, o próprio Juliano, miserável vilão como era, pôde dizer que a religião cristã chegou a ser propagada tanto, *propter Christianorum erga omnes beneficia* — porque os cristãos eram um povo que fazia o bem a todos, e mal a ninguém. Tenho certeza de que descobrimos, por triste experiência, que nestes tempos devassos, em que a religião é tão salpicada com escândalos frequentes, sim, uma frouxidão

comum dos professores, é difícil conseguir que aqueles que estão fora entrem na rede do evangelho. Há algumas bestas que, se uma vez soprarem sobre uma pastagem, outras dificilmente comerão da grama por algum tempo depois. Verdadeiramente, tive alguns pensamentos tão tristes como estes sobre nossos tempos infelizes; que, até que o mau cheiro, que o orgulho, as contendas, os erros e a frouxidão dos professores hoje em dia deixaram sobre as verdades e ordenanças de Cristo, seja desgastado, há pouca esperança de grandes entradas de novos convertidos. O ministro não pode estar sempre pregando. Duas ou três horas, talvez, por semana, ele passa entre seu povo no púlpito, segurando o espelho do evangelho diante de suas faces; mas a vida dos professores, estes pregam a semana toda. Se eles fossem apenas santos e exemplares, seriam como uma repetição do sermão do pregador para as famílias e vizinhos entre os quais conversam, e manteriam o som de sua doutrina continuamente ressoando em seus ouvidos. Isso daria aos cristãos uma vantagem admirável em fazer o bem aos seus vizinhos carnis, por conselho e reprovção, o que agora raramente é feito, e quando feito, prova ser de pouco propósito, porque não apoiado pelo seu próprio caminhar exemplar. “Convém a ele”, diz Tertuliano, “que aconselharia ou reprovaria outro, proteger sua fala — *autoritate propriæ conversationis, ne dicta factis deficientibus erubescant* — com a autoridade de sua própria conversação, para que, faltando isso, o que ele diz possa envergonhá-lo”. Não gostamos que aquele que tem o hálito fedorento chegue muito perto de nós; e verdadeiramente contamos que alguém chega muito perto de nós quando nos reprova. Sais, portanto, precisam ter uma vida de doce aroma. Reprovções são um bom remédio, mas têm uma despedida desagradável. É difícil para os homens não vomitá-las no rosto daquele que as dá. Ora, nada é mais poderoso para impedir que

uma reprovação venha assim para fora, do que a santidade da pessoa que reprova. “Fira-me o justo; será uma bondade: e repreenda-me; será um óleo excelente, que não quebrará a minha cabeça” (Sl 141:5). Veja quão bem é tomado de tal mão, por causa da autoridade que a santidade carrega consigo. Ninguém senão um miserável vilão golpeará um homem justo com reprovação, por golpeá-lo com uma reprovação, especialmente se for suavemente aplicada e, como óleo fomentado e trabalhado nele, como deveria, com compaixão e amor à sua alma. Assim vemos quão influente o poder da santidade seria para os ímpios. Nem seria menos sobre nossos irmãos e companheiros cristãos.

Quando um cristão vê a santidade brilhar na vida de outro com quem ele conversa, ele descobrirá sua própria graça brotar dentro dele, como o bebê em Isabel na saudação de Maria. Verdadeiramente, um eminentemente santo é suficiente para dar vida a toda uma sociedade; pelo contrário, o erro ou frouxidão de um professo coloca em perigo toda a companhia que está familiarizada com ele. Portanto, temos um encargo tão estrito: “Segui a paz com todos os homens, e a santidade... tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus; que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe, e por ela muitos sejam contaminados” (Hb 12:14). É falado aos professos. A embriaguez, a impureza, o caminhar injusto dos pagãos não os colocavam tanto em perigo. Mas, quando “uma raiz de amargura brota” entre os próprios professos, isso arrisca contaminar muitos. Uma sarna nas costas do lobo não é tão perigosa para a ovelha — porque eles não serão facilmente atraídos entre tal companhia; mas, quando ela entra no rebanho, entre professos que se alimentam juntos, oram, ouvem e andam em comunhão juntos, então há medo de que ela se espalhe. Um professo frouxo e errôneo faz ao diabo mais serviço em seu gênero do que toda

uma tropa daqueles que não pretendem religião. O diabo não obtém crédito por eles. Há muitos erros e práticas pecaminosas que há muito tempo ficaram em suas mãos, e ele não pôde livrar-se deles, até que encontrou seu caminho — a saber, empregar alguns professos como seus corretores para recomendá-los a outros, e para dispersá-los para ele. E se tais não ensinam e contaminam outros pelo seu caminhar ímpio, com certeza eles entristecem seus corações e os envergonham no mundo. Ó, como os cristãos penduram a cabeça diante do escândalo de qualquer de sua companhia! — como todos os patriarcas ficaram perturbados, quando o copo foi encontrado no saco de um deles. E não é pouca coisa entristecer os corações do povo de Deus. Em suma, aquele que não mantém, em certa medida, o poder de uma vida santa, torna-se inútil e não lucrativo. Orarias pelos outros? Um pagão poderia pedir a um homem ímpio que se calasse, e não deixasse os deuses saberem que ele estava em um navio quando uma tempestade estava sobre eles. Dirias uma palavra de conforto a qualquer alma pesarosa? Ó, quão insípidos são confortos caindo de tal boca! Aconselharias outro? Teu amigo pensará que tu apenas zombas. O que quer que digas em louvor da santidade, ele não acreditará que tu mesmo achas que ela é boa; pois então tu mesmo tomarias aquilo que recomendas a outro.

O terceiro estratagema de Satanás, derrotado; a saber, aquele em que ele representa a couraça do cristão como TRAZENDO A OPOSIÇÃO DO MUNDO.

Estratagema. Satanás se esforça para fazer o cristão jogar fora sua couraça, assustando-o com a oposição contraditória e a inimizade que ela traz do mundo. Este é ainda

um terceiro obstáculo que Satanás costuma colocar no caminho de uma alma que se lança nesta vereda da justiça. “Oh”, diz Satanás, “este é o caminho pronto para te colocar sob o açoite de cada língua, para perder o amor de teus vizinhos e contrair o escárnio, sim, o ódio de todos com quem convives. E não desejas viver amigável e pacificamente com teus vizinhos? Podes suportar ser vaiado, como Ló foi entre os sodomitas, e Noé em meio ao velho mundo, que eram todos de outra forma? Esta santidade gera sangue ruim onde quer que ela vá. Assume-a, e tu trazes os punhos do mundo sobre teus ouvidos imediatamente”.

Verdadeiramente, embora esta seja uma objeção fraca em si mesma, ainda assim, onde ela encontra um temperamento suave e uma disposição terna com uma facilidade de natureza, alguém em quem o amor e as inclinações pacíficas são predominantes, ela carrega peso suficiente para equivaler a uma tentação perigosa. Sem dúvida, Arão tropeçou nesta pedra no negócio do bezerro de ouro. Ele não se agradou, certamente, na coisa; mas foi um ato meramente complacente para com o povo, como aparece por sua desculpa a Moisés: “Não se acenda a ira do meu senhor; tu sabes que este povo é inclinado ao mal” (Êx 32:22). Como se ele tivesse dito: “Eu não sabia o que eles teriam feito comigo após minha negativa. O que fiz foi para apaziguá-los e evitar mais problemas deles”. Há necessidade, vemos, de estar armado contra esta tentação, e para que possas estar, pondera seriamente estes dois particulares:

Resposta 1. Teu Deus, cristão, a quem serves, comanda as línguas, mãos, sim, os corações de todos os homens. Ele pode, quando lhe apraz — sem o menor abatimento em teu curso santo — fazer-te encontrar favor aos olhos daqueles que tu mais temes. “Quando o Senhor se agrada dos caminhos de qualquer homem, faz com que até os seus inimigos tenham paz com ele” (Pv 16:7).

Labão, em fúria, persegue Jacó, mas Deus encontra-o no caminho e dá-lhe sua lição sobre como ele deve portar-se para com o homem bom (Gn 31:24); e, v. 29, ele confessa ingenuamente a Jacó o que fez o vento virar para um canto mais quente, e o tornou tão calmo com ele, que partira tão cheio de raiva: “Poderia eu fazer-vos mal, mas o Deus de vosso pai falou comigo ontem à noite”, etc. Agradeça a ele por nada. Ele tinha poder para fazer mal a Jacó, mas Deus não o deixou. Mardoqueu, poder-se-ia pensar, tomou o caminho mais rápido para incorrer na ira do rei, ao negar a Hamã aquela reverência que todos deveriam, por comando real, prestar-lhe. Mas a consciência do santo homem não permitiu que seu joelho se curvasse. E ainda assim vemos, quando aquele orgulhoso favorito tinha feito o seu pior para se vingar dele, ele foi forçado a herdar a força destinada a Mardoqueu, e deixar Mardoqueu sucedê-lo no favor de seu príncipe. Assim, Deus, que tem uma chave para os peitos dos reis, de repente trancou o coração de Assuero contra aquele amalequita maldito, e abriu-o para deixar este homem santo entrar no seu lugar. Ó, quem teria medo de ser consciencioso quando Deus pode, e tão admiravelmente provê para a segurança de seu povo, enquanto eles permanecem próximos dele!

Resposta 2. Suponha que teu caminhar santo desperte a ira dos ímpios contra ti, sabe que pode haver mais misericórdia no ódio deles do que no amor deles. Comumente os santos obtêm bem pela ira dos ímpios contra eles, não tão frequentemente por seu favor e amizade. O desagrado deles desperta seu cuidado e os torna mais precisos (assim Davi orou a Deus para “tornar seu caminho plano para ele”, por causa de seus inimigos observadores), ao passo que a amizade deles muito frequentemente a adormece, e prova ser um laço para atraí-los a alguma conformidade pecaminosa com eles. Josafá foi

envolvido longe demais por sua correspondência com Acabe; tão difícil é manter-se bem com Deus e também com homens ímpios. Lutero professou que “não teria a honra de Erasmo por um mundo”; de fato, a amizade que ele tinha com, e o respeito que ele recebia dos, grandes do mundo o tornaram frouxo na causa de Deus. Os moabitas não podiam dar a Israel a queda à distância, mas quando eles fecharam alianças com os filhos de Israel, então eles foram duros demais para eles. Não suas maldições, mas seus abraços lhes fizeram mal. Novamente, nunca podemos perder o amor, ou incorrer na ira dos homens, em termos melhores ou mais vantajosos do que por manter nossa “courage da justiça” próxima a nós:

1. Quando perdemos por isso qualquer amor dos homens, ganhamos a bênção de Deus em seu lugar. “Bem-aventurados sois vós, quando todos os homens disserem mal de vós falsamente, por minha causa” (Mt 5:11). A bênção de Deus é um bom teto sobre nossa cabeça para nos defender da tempestade da ira do homem. Ó, é triste, quando um cristão abre as bocas dos ímpios, por alguma ação ímpia, para falar mal dele! Nenhuma promessa abrirá então sua porta para te esconder da tempestade de suas línguas difamadoras. O homem insulta e Deus franze a testa. Pouco bem-vindo tal pessoa é, quando retorna para casa para olhar dentro de sua própria consciência, ou conversar com seu Deus; mas quando é pela tua santidade que eles te odeiam, Deus está ligado por promessa a te pagar amor pelo ódio deles, bênção pela maldição deles. E verdadeiramente aquele cortesão tem pouco motivo para reclamar, que por um pouco de desrespeito de outros, que não pode feri-lo, é avançado mais alto no favor de seu príncipe.

2. Enquanto teu caminhar santo te faz perder algum amor do mundo, ele te ganha mais reverência e honra. Aqueles que não te amarão porque és santo, não podem escolher senão temer e reverenciar-te, ao mesmo tempo, por aquilo que eles te odeiam. Deixe um santo conformar-se com os ímpios, e remeter um pouco de sua santidade para corresponder com eles, e ele perde pelo caminho — quanto ao seu interesse, quero dizer, neles — pois ao ganhar um falso amor ele perde aquela verdadeira honra que internamente suas consciências pagavam à sua santidade. Um cristão caminhando no poder da santidade é como Sansão em sua força; os ímpios o temem; mas quando ele mostra um espírito impotente, por qualquer indecência em seu curso para com sua santa profissão, então, imediatamente, ele é feito prisioneiro por eles, e cai sob o açoitado de sua língua e o escárnio de seus corações. Eles podem agora dançar ao redor de tal pessoa e fazê-lo seu brinquedo, cuja santidade ainda agora os mantinha em temor. Não é a pobreza, ou a baixeza de teu estado exterior no mundo, que te tornará desprezível, enquanto mantiveres tua couraça da justiça vestida. Existe majestade na frente da santidade, embora vestida em trapos. O justo Davi comanda reverência do ímpio Saul. O próprio rei presta esta homenagem ao seu pobre súdito exilado: “Ele chorou e disse a Davi: Tu és mais justo do que eu” (1 Sm 24:17). Ai, isto é como deveria ser, quando homens carnaais são forçados a reconhecer que são superados pela vida santa dos cristãos. Ó cristãos, fazei alguma coisa singular — o que o melhor de vossos vizinhos meramente civis não pode fazer — e vos sentareis seguros no trono de suas consciências, mesmo quando eles vos lançarem fora de seus corações e afeições! Enquanto os magos fizeram algo como os milagres que

Moisés realizou, eles pensaram ser homens tão bons quanto ele; mas quando foram confundidos na praga dos piolhos, e não puderam, com toda a sua arte, produzir algo semelhante, eles reconheceram o “dedo de Deus” nisto (Êx 8:16). Não façais mais do que os homens carnis fazem, e estareis apenas nivelados com eles em suas opiniões sobre vós; sim, eles pensam ser melhores do que vós, que pretendeis a santidade mais do que eles. Espera-se que cada um na vocação que professa exceda mais do que um pouco outro que não é dessa vocação, o que se ele não fizer, torna-se desprezível. Chegamos à aplicação, na qual seremos mais breves, tendo espalhado algo desta natureza por todo o caminho enquanto lidávamos com a parte doutrinária.

APLICAÇÃO.

Uso para informação em dois pontos quanto à santidade.

USO 1. A informação fornecida no precedente, relativa àqueles dois particulares, a saber, quanto a manter o poder da santidade, e quanto à possibilidade de fazê-lo.

1. Se devemos nos esforçar para manter o poder da santidade, então certamente existe tal coisa como justiça e injustiça — santidade e pecado que a opõe. Contudo, há uma geração de homens que fazem dessas coisas meras fantasias, como se toda a existência que tivessem fosse na imaginação melancólica de alguns homens temerosos e de espírito pobre, que sonham com essas coisas e depois são assustados com os bichos-papões que seus próprios pensamentos tolos lhes representam. Daí, alguns entre nós terem ousado fazer disso

sua jactância e glória: que finalmente conseguiram se livrar da escravidão daquela consciência tirana; eles agora podem fazer aquilo que chamamos de jurar, mentir, sim, o que não, sem serem barbudos e verificados por uma consciência imperiosa; sim, eles afirmam que não há pecado para ninguém, exceto para aquele que pensa assim. Estes são tolos piores do que aquele de quem o salmista fala (Sl 14:1). Ele faz apenas “dizer em seu coração que não há Deus”; mas estes dizem ao mundo que tolos eles são e não podem esconder sua vergonha. Não menciono estes tanto para refutá-los — isso seria tão inútil quanto provar que há um sol brilhando em um dia claro porque um louco frenético o nega — mas sim para afetar vossos corações com as abominações dos tempos, vós santos de Deus. Ó, quão profundamente adormecidos estavam os homens, que o inimigo pôde vir e semear tais joio entre nós! Talvez pensassem que tal semente venenosa não cresceria em nosso solo, que tinha tanto trabalho e custo dispensado a ele pelos lavradores de Cristo; que tais fortes enganos nunca desceriam com ninguém que estivesse acostumado a uma dieta evangélica tão pura! Mas ai de nós! vemos por triste experiência que, como uma praga quando atinge uma cidade que se situa no ar mais puro, muitas vezes enfurece-se mais do que em outro lugar, assim quando um espírito de ilusão cai sobre um povo que desfrutou do máximo do evangelho, ele se torna mais prodigioso. Faz-me até tremer pensar em que lugar de urtigas a Inglaterra, que por tanto tempo continuou — sem injustiça a qualquer outra igreja que Cristo tenha no mundo — um de seus mais justos e frutíferos canteiros de jardim, pode finalmente se tornar, quando vejo que ervas daninhas brotaram em nossos dias. Ouvi aquele reverendo e santo Mestre Greenham dizer que ele temia mais

o ateísmo do que o papado seria a ruína da Inglaterra. Se ele vivesse em nossos dias sombrios, teria tido seus medos muito aumentados. Houve alguma vez mais ateus feitos e sendo feitos na Inglaterra desde que ela se familiarizou com o evangelho, do que no período de uma dúzia de anos últimos? Tenho razões para pensar que não. Quando os homens caírem tão longe da profissão do evangelho, e estiverem tão cegos que não podem distinguir a luz das trevas, a justiça da injustiça, não estão eles longe no ateísmo? Isto não é cegueira natural, pois os pagãos podiam dizer quando faziam o bem e o mal, e ver a santidade do pecado sem a luz da Escritura para mostrá-los (Rm 2:14, 15). Não, esta cegueira é uma praga de Deus que caiu sobre eles por se rebelarem contra a luz quando podiam vê-la. E se esta praga crescer mais comum, o que Deus proíba! ai então da Inglaterra!

2. Se devemos manter o poder da santidade, então certamente é possível. Deus não ordenaria o que ele não capacita seu próprio povo peculiar a fazer; apenas aqui, vocês devem lembrar cuidadosamente a distinção premida na abertura do texto, entre uma justiça legal e uma justiça evangélica. A última destas está tão longe de ser inalcançável, que não há um cristão sincero no mundo que não seja verdadeiramente santo neste sentido, isto é, ele verdadeiramente deseja e conscientemente se esforça — com algum sucesso de seu esforço através da graça divina assistente — para caminhar de acordo com a regra da Palavra de Deus. Confesso que todos os estudiosos de Cristo não estão na mesma forma. Todos os seus filhos não são da mesma estatura e força. Alguns andam mais agilmente nos caminhos da santidade do que outros, contudo não há um

santo que não seja dotado de um princípio de vida que o coloca a trabalhar para Deus, e a desejar fazer mais do que ele é capaz. Como a semente, embora pequena em si mesma, contudo tem nela virtualmente a grandeza e altura de uma árvore crescida, em direção à qual ela está se lançando com mais e mais força de natureza à medida que cresce, assim no próprio princípio primeiro da graça plantado na conversão, há uma perfeição de graça contida em certo sentido; — isto é, uma disposição que coloca a criatura para fora em desejos e esforços após aquela perfeição para a qual Deus a designou em Cristo Jesus. E, portanto, cristão, sempre que tais pensamentos sobre a impossibilidade de obter esta santidade aqui na terra forem sugeridos a ti, rejeita-os como enviados por Satanás, e isso com um desígnio de alimentar teu próprio humor desconfiado — que ele sabe que eles servirão muito bem, como as notícias de gigantes e muros altos, que os espias trouxeram aos israelitas descrentes, fizeram a eles — e tudo para enfraquecer teus esforços após a santidade, que ele sabe que certamente provará que ele é um mentiroso. Apenas resolve fortemente ser consciencioso em teus esforços, com um olho na promessa de ajuda, e o trabalho prosseguirá. Tu não precisas temer isso, “porque o Senhor Deus é um sol e escudo: o Senhor dará graça e glória: não retirará bem nenhum aos que andam na retidão” (Sl 84:11). Note aquele “graça e glória”, isto é, “graça para a glória”. Ele ainda estará adicionando “mais graça” àquela que tens, até que tua graça na terra inicie a glória no céu.

Uso para repreensão de vários tipos de pessoas.

USO 2. O aprimoramento da doutrina precedente para repreensão de vários tipos de pessoas.

1. Todos aqueles que se contentam com seu estado ímpio em que estão. Tal é o estado de todo homem por natureza. Estes, ai de nós! estão tão longe de manter o poder da santidade que estão sob o poder de suas luxúrias. Estas lhes dão lei e cortam todo o seu trabalho para eles, que eles gastam todo o seu tempo para completar. E não é essa uma vida triste, senhores, que é gasta em um trabalho tão imundo e animalesco como o pecado e a injustiça são? Bem pode o “laço da iniquidade” e o “fel de amargura” estarem unidos (At 8:23). O apóstolo pensa-se aludir a Dt 29:18, onde todo pecado e injustiça é chamado de “uma raiz que produz fel e absinto”. Aquele que planta pecado e impiedade, e então pensa em colher qualquer outro fruto que não seja amargo por todo o seu trabalho, pretende a um conhecimento acima do próprio Deus, que diz que o fruto natural que cresce desta raiz é “fel e absinto”. Quem procuraria almíscar em um canil de cães? Isso tu poderias encontrar mais cedo ali do que qualquer verdadeira doçura e conforto na impiedade. O diabo pode possivelmente por um tempo sofisticar, com sua culinária e arte, este bocado amargo, de modo que tu não tenhas o gosto natural dele em teu paladar; mas, como Abner disse a Joabe: “Não sabes tu que será amargo no fim?” (2 Sm 2:26). No inferno, todo o açúcar será derretido no qual esta pílula amarga estava envolta. Então, se não antes, terás o verdadeiro sabor daquilo que desce agora tão docemente. Ó, quantos são eles agora no inferno amaldiçoando seu banquete e o fazedor de banquetes também! Vocês acham que isso dá algum alívio aos condenados pensar no que eles tiveram por seu dinheiro? Quero dizer, que prazeres, lucros

e desfrutes carnis eles tiveram uma vez na terra, pelos quais agora pagam aqueles tormentos indescritíveis que estão sobre eles, e continuarão para sempre sem qualquer esperança ou ajuda? Não, isso aumenta sua dor além de toda nossa concepção, que eles deveriam vender suas preciosas almas tão barato, de certa maneira por uma canção, e perder o céu e a bem-aventurança, porque não queriam ser santos, o que agora aprendem tarde demais, era em si mesmo — contudo, uma vez pensaram o contrário — uma grande parte daquela bem-aventurança, e agora os atormenta considerar que eles a afastaram sob a noção de um fardo e uma escravidão. Mas ai de nós! ai de nós! quantos pensamentos os miseráveis ímpios gastam consigo mesmos, ao considerar o que está acontecendo em outro mundo! Eles veem pecadores morrerem diariamente na perseguição de suas luxúrias, mas não pensam mais no que se tornou deles — que estão no inferno queimando e rugindo por seu pecado — do que os peixes no rio pensam no que se tornou de seus companheiros que foram puxados por suas guelras de perto deles agora mesmo com o anzol do pescador, e lançados na panela fervente ou frigideira vivos. Não, como essas criaturas tolas estão prontas ainda a beliscar e morder o mesmo anzol que atingiu seus companheiros, assim são os homens e mulheres dispostos a agarrar-se a esses iscos ainda dos prazeres pecaminosos, e salários de injustiça, pelos quais tantos milhões de almas antes deles foram fisdadas para o inferno e a condenação.

2. Aqueles que são tão ímpios quanto outros, nus aos olhos de Deus e à malícia de Satanás, mas para salvar seu crédito no mundo, vestem algo como uma couraça — uma santidade falsificada, que lhes faz este serviço por

enquanto, que são pensados ser o que não são. “Em verdade eles têm sua recompensa”, e uma pobre ela é. Pelo amor do Senhor, considerem o que vocês fazem, e tremam com isso. Vocês fazem ao diabo, grande inimigo de Deus, serviço duplo, e a Deus deserviço duplo, apenas como ele entra no campo e traz armas enganosas com ele, ele atrai a expectativa de seu príncipe para si como alguém que faria algum feito para ele, mas não significa nada disso, sim, ele atrapalha algum outro que seria fiel ao seu príncipe naquele lugar onde ele, um traidor, agora está. Tal pessoa pode fazer ao seu príncipe mais mal do que muitos que covardemente ficam em casa, ou rebeliosamente correm para o lado do inimigo, e dizem-lhe claramente o que pretendem fazer.

Ó amigos, sejam sérios! Se vocês quiserem negociar por santidade, que seja por “verdadeira santidade”, como é fraseado: “Revesti-vos do novo homem, que segundo Deus é criado em justiça e verdadeira santidade” (Ef 4:24). Duas frases são aqui observáveis. A santidade é chamada de “novo homem segundo Deus”, isto é, de acordo com a semelhança de Deus — tal escultura na alma ou imagem que é desenhada segundo Deus, como a imagem segundo a face de um homem. Novamente, “verdadeira santidade”, ou santidade da verdade, ou respeitando a Palavra, que é a regra da santidade, e então significa uma santidade das Escrituras, não farisaica e tradicional; ou então respeita o coração, que é o assento da verdade ou falsidade. A verdadeira santidade neste sentido é santidade e justiça no coração. Deve haver verdade de santidade nas partes internas. A beleza de santidade de muitos homens é apenas como a beleza de seu corpo, profunda apenas na pele, toda por fora. Rasgue o corpo mais belo, e aquele que era tão justo por fora será

encontrado por dentro, quando aberto, ter pouco além de sangue, imundície e fedor; assim esta santidade falsificada, quando eviscerada e com o interior exposto à visão, parecerá ter escondido dentro dela nada além de abundância de impurezas espirituais e abominações. “Deus”, disse Paulo ao sumo sacerdote, “te ferirá, parede branqueada” (At 23:3). Assim digo eu a ti, ó hipócrita! Deus também te ferirá, parede branqueada, ou melhor, sepulcro pintado, que tua pintura por fora em tua profissão não ofusca agora mais os olhos dos outros em admiração à tua santidade, do que tua podridão por dentro, que então aparecerá por fora, te fará detestado e odiado de todos os que te virem.

3. Aqueles que estão tão longe de serem santos eles mesmos, que zombam e escarnecem outros por serem assim. Esta couraça da justiça é de tão baixa conta com eles, que aqueles que a vestem em sua conversação diária tornam-se não menos ridículos para eles do que se saíssem com um casaco de tolo, ou estivessem vestidos com um traje inventado de propósito para mover o riso. Quando alguns miseráveis querem colocar um santo mais no desprezo e representá-lo como um objeto de maior escárnio, qual é a linguagem em que eles o envolvem senão “lá vai um santo irmão, um dos puros!”. Sua própria santidade é aquilo que ele pensa em desonrá-lo com. Isso mostra um coração extremamente ímpio. Há um grau adicional de maldade que aparece ao zombar da santidade em outro, do que albergar a impiedade no próprio seio de um homem. Esse homem tem uma grande antipatia de fato contra um prato de comida que não só ele próprio se recusa a comer dele, mas não pode suportar a vista dele no prato de outro sem vomitar. Ó, quão desesperadamente iníquo é esse homem com quem o próprio

cheiro e vista da santidade, a tal distância, funciona um efeito tão estranho a ponto de fazê-lo vomitar o fel e a amargura de seu espírito contra ela! O Espírito de Deus concede a cadeira a este tipo de pecadores, e os coloca acima de todos os seus irmãos na iniquidade, como mais merecedores do lugar: “Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores” (Sl 1:1). O escarnecedor aqui é estabelecido como presidente na mesa do conselho dos pecadores. Alguns leem a palavra para escarnecedores como “zombadores retóricos”. Há de fato uma sagacidade diabólica que alguns mostram em seus zombarias à santidade; eles têm um tipo de orgulho em polir esses dardos que eles atiram contra os santos. A Septuaginta o lê como “a cadeira dos pestilentos”. De fato, como a praga é a mais mortal entre as doenças, assim é o espírito de escarnecer entre os pecados. Tão poucos se recuperam desse pecado como de qualquer outro que seja; e, portanto, somos até ordenados a poupar nossa física e não tanto quanto conceder uma repreensão a eles, para que não a tenhamos lançada em nossos rostos: “Não repreendas o escarnecedor, para que não te odeie” (Pv 9:8). Tudo o que podemos fazer é escrever “Senhor, tem misericórdia deles” em sua porta — quero dizer, antes orar por eles do que falar com eles.

Houve desde antigamente este tipo de pecadores zombadores misturados entre os piedosos. Um Ismael zombador estava na família de Abraão (Gn 21:9). E observável é o que o Espírito de Deus faz desta sua conduta zombeteira para com seu irmão: “Mas como, então, aquele que era nascido segundo a carne perseguia o que era nascido segundo o Espírito, assim também é agora” (Gl 4:29). Rogo, note:

1. Qual foi a base da contenda. Foi isto: seu irmão “nasceu segundo o Espírito”, e isso, ele, sendo “nascido segundo a carne”, odiava.

2. Observe como o Espírito de Deus fraseia essa sua conduta zombeteira para com seu irmão — é chamado de persegui-lo. Para agravar o mal de um espírito zombador e uma língua zombadora, que significa tão pouco pecado no livro de contas do mundo — que não considera nenhum perseguidor exceto aqueles que tiram sangue pela religião — Deus gostaria que o zombador e escarnecedor soubesse entre que tipo de homens ele será classificado e julgado perante o tribunal de Cristo — pecadores não menores do que perseguidores. Mas isto eu concebo não é tudo. Este zombar da santidade é chamado de perseguição, porque há a semente de perseguições sangrentas nele. Aqueles que são tão livres de sua língua para zombar e mostrar seus dentes em deboche à santidade, prenderiam seus dentes também nela, se tivessem poder para usar seu queixo.

3. Observe que isto não era apenas a disposição cruzada do temperamento pessoal, petulante e teimoso de Ismael, para assim abusar de seu irmão, mas é colocado como a acusação de todos os homens ímpios. Como ele perseguiu seu irmão, porque nasceu segundo o Espírito, “assim também é agora”. Este espírito zombador corre no sangue. Toda a ninhada é igual, e se algum parece mais ingênuo e favorável aos santos de Deus, devemos buscar a razão a partir de outra cabeça que não suas naturezas pecaminosas. Deus monta alguns deles com um freio; que, embora não abram seus corações a Cristo de forma salvadora, contudo a verdade os alcançou tão longe por uma convicção poderosa, que faz a consciência dizer-lhes

concernente aos seus vizinhos santos, o que a esposa de Pilatos por mensagem disse ao seu marido de Cristo (Mt 27:19): “Não tenhas nada a ver com estes homens justos, porque sofri muito a respeito deles”. Mas embora houvesse sempre zombadores da santidade entre os santos, porque sempre houve ímpios para serem seus vizinhos, contudo o Espírito de Deus profetiza sobre uma espécie de zombadores que devem vir ao palco nos últimos dias, que deveriam diferir dos escarnecedores comuns que o povo de Deus foi exercitado. E ainda o último é o pior. Vocês conhecem aqueles que zombam e escarnecem da santidade costumavam ser homens e mulheres que não pretendiam nada de religião para si mesmos — tais como caminham em um desafio aberto a Deus e chafurdam em todo tipo de maldade — mas o Espírito de Deus nos conta sobre uma nova turma que zombará da santidade sob uma cor verde de santidade. Eles serão tão horivelmente iníquos, alguns deles, quanto o pior do tipo anterior, mas iníquos em mistério. “Mas vós, amados, lembrai-vos das palavras que foram ditas anteriormente pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo, como eles vos disseram que haveria escarnecedores no último tempo, que deveriam andar segundo as suas próprias concupiscências ímpias” (Jd 17, 18). Mas note! para que não os esperemos na porta errada, e assim nos enganemos, pensando que eles deveriam surgir como anteriormente de entre os comuns blasfemadores, bêbados e outros pecadores notórios entre nós, ele nas próximas palavras dá-lhes um caráter tão claro como se carregassem seu nome na testa: “estes são os que se separam, sensuais, não tendo o Espírito” (v. 19).

O sábio Mestre Perkins lê estas palavras assim: “Estes são criadores de seitas, carnaís”, não tendo o Espírito. Criadores de seitas! Aqueles que se separam! Não tremem nossos corações ao ver as flechas do zombador atiradas nesta janela? Estes são os que pretendem mais pureza de culto do que outros, e professam que se separam por conta de sua consciência, porque não podem permitir-se nem mesmo tocar naqueles que são impuros por se unirem a eles em ordenanças santas. E eles zombadores? eles carnaís? Verdadeiramente, se o Espírito de Deus não nos tivesse dito isto, teríamos entrado por último na tenda deles, como Labão fez na de Raquel, por menos suspeitar que qualquer zombador da santidade pudesse ficar lá. Sim, Deus proíba que generalizemos como acusação de todos os que se separaram da comunhão no público, muitos dos quais, minha consciência me diz, são amantes da santidade e levados, embora fora de seu caminho, pela ternura de suas consciências, que, quando Deus os tiver esclarecido melhor, os trará tão rápido de volta aos seus irmãos, quanto agora os leva para longe deles. E verdadeiramente acho que poderia dar um grande impulso para fazê-los pensar em um retorno, se eles apenas, em seus pensamentos tristes e sérios, considerassem quão longe muitos daqueles que partiram conosco com eles, foram — até zombar da santidade daqueles de quem uma vez se separaram, porque não eram santos o suficiente para sua companhia (Deus, o examinador dos corações, sabe que falo isto com um coração triste), de modo que, se eles viessem e se unissem conosco novamente em algumas ordenanças, tal escândalo foi dado por eles, que aqueles que não ousaram se unir conosco, não deveriam, como são, ser admitidos por nós. Quantos desses vocês ouviram falar, que começaram com uma separação de nossas assembleias, que zombam de sábados, descartam deveres familiares, de fato toda oração em segredo por si mesmos, sim,

bebem naquelas opiniões malditas que os fazem falar com escárnio de Cristo, o Filho de Deus, e das grandes verdades do evangelho, que são o fundamento de toda verdadeira santidade, de modo que agora, nenhum é tão grande objeto de seu escárnio quanto aqueles que caminham mais próximos à santa regra do evangelho. Bem, senhores, de que tipo vocês sejam, quer zombadores ateístas da santidade, quer tais que zombam da verdadeira santidade sob o disfarce de uma falsa, cuidado com o que vocês fazem; é tanto quanto a sua vida vale. “Não vos enganeis, Deus não se deixa escarnecer”, nem sofrerá que sua graça seja escarnecida em seus santos. Vocês sabem quão caro aquele escárnio custou a eles, embora apenas crianças, que o disseram ao profeta: “Sobe, calvo; sobe, calvo” (2 Rs 2:23), onde, eles não apenas o insultaram com aquele apelido de calvo, mas fizeram um deboche e zombaria do arrebatamento de Elias para o céu. Como se tivessem dito: “Tu nos faria acreditar que teu mestre subiu ao céu, por que tu não sobes atrás dele, para que possamos nos livrar da companhia de ambos de uma vez?”. E não precisamos nos maravilhar que essas crianças devessem subir a tal altura de iniquidade tão cedo, se observarem o lugar onde viviam — em Betel — que era o mais infame pela idolatria, e uma das duas cidades onde Jeroboão estabeleceu seus bezerros (1 Rs 12:28), de modo que isso parece ser apenas a linguagem natural que eles aprenderam, sem dúvida, de seus pais idólatras. Deus encontrou Mical também, por desprezar seu marido, meramente por conta religiosa, porque ele mostrou um santo zelo por Deus, o que seu espírito orgulhoso, como muitos outros desde então têm feito, achou muito mesquinho e baixo fazer. Bem, qual é seu castigo? “E Mical, filha de Saul, não teve filhos até ao dia da sua morte”. O serviço de Deus era baixo demais para um rei em seus pensamentos, portanto ninguém sairá de seu ventre para sentar no trono ou usar uma coroa.

É uma grande iniquidade zombar da calamidade de outro. “O que zomba do pobre escarnece do seu Criador” (Pv 17:5). Sim, rir e triunfar sobre o pecado de um santo é um pecado pesado. Assim fizeram alguns filhos de Belial, quando Davi caiu naquela triste tentação de adultério e assassinato! E eles são, por conta disso, indiciados por blasfemar contra Deus. O que é então zombar de alguém por sua santidade? O pecado carrega alguma causa de vergonha e dá aos corações rebeldes uma ocasião para reprovar aquele que veem besuntado com aquilo que é tão inglório e inconveniente, especialmente um santo. Mas a santidade, isto é honroso, e imprime dignidade na pessoa que a tem. Não é apenas a nobreza da criatura, mas a honra do próprio Deus altíssimo. Assim corre seu título de honra: “Quem é como tu, glorioso em santidade?” (Êx 15:11), de modo que ninguém pode zombar disso, sem que, pela mesma conta, ele deva zombar de Deus infinitamente mais, porque há infinitamente mais daquela santidade que ele escarnece na criatura, a ser encontrada em Deus, do que todas as criaturas, homens e anjos em ambos os mundos, têm entre eles. Se vocês pudessem arquitetar uma maneira de lançar a maior desonra sobre Deus possível, vocês não poderiam encontrar nada como isto. Os romanos, quando queriam colocar desprezo sobre alguém, e degradá-los de sua nobreza, ordenavam que aquelas suas estátuas e retratos, que eram erguidos na cidade ou templos em sua memória, fossem todos derrubados. Todo santo é uma imagem viva de Deus, e quanto mais santo, mais semelhante a Deus; quando tu, portanto, lanças escárnio sobre eles, e isso por sua santidade, agora tu tocas a honra de Deus de perto, de fato. Nada menos te contentará senão que deves desfigurar aquela imagem dele, que ele ergueu, com tanto custo, em seus santos, com o propósito de que eles pudessem ser um louvor a ele na terra? Foi uma iniquidade tão horrível aqueles pagãos “lançarem fogo no

santuário” e “quebrarem todo o trabalho entalhado com machados e martelos” (Sl 74:6, 7), do qual a igreja faz seu lamento: “Ó Deus, até quando o adversário afrontará? Blasfemarás o inimigo o teu nome para sempre?” (v. 10). O que é então tua malícia diabólica, cuja raiva é gasta, não em madeira e pedras, mas na obra entalhada de seu Espírito — a graça e santidade de seus templos vivos?

Uso para exortação dos santos.

USO 3. A doutrina precedente pode servir de exortação aos santos em vários particulares. Mencionei apenas três, pois direcionei-me a eles durante todo o discurso.

1. Bendiga a Deus que te proveu com esta coragem. Podes tu fazer menos, quando vês tais multidões, por toda parte, mortas diante de tua face pelo destruidor de almas, por falta desta peça para defender seus peitos nus contra seu tiro assassino? Se Deus te tivesse feito rico e grande no mundo, mas não santo, ele teria apenas te dado um estoque para negociar com o inferno. Isso teria feito de ti um espólio maior para Satanás, e apenas teria providenciado, no final, uma condenação mais profunda. Quando um inimigo vem diante de uma cidade que não tem muros nem armas para defendê-la, verdadeiramente, quanto mais rica ela é, pior ela passa. Quando Satanás vem a um homem que tem muito do mundo ao seu redor, mas nada de Deus em sua alma para defendê-lo, ó que trabalho miserável ele faz com tais! Ele toma o que lhe agrada, e faz o que quer; a bolsa, e tudo o que o pobre miserável tem, está ao seu comando. Deixe uma luxúria pedir o que for, por mais irracional que seja, ele não tem um coração para negá-la. Embora saiba o que a

satisfação dela lhe custará em outro mundo, ele preferirá condenar sua alma a desagradar sua luxúria. Herodes joga metade de seu reino aos pés de uma mulher lasciva, se ela pedir; e porque isso foi considerado pouco por ela, ele sacrificará todo o seu reino à sua luxúria — pois pode-se julgar que tanto o sangue de João Batista lhe custou nesta vida, sendo, tão vigilante foi a providência divina, pouco depois expulso de seu trono — além do que ele paga no outro. Mas quando Deus te fez um homem ou mulher santo(a), então ele te deu portas e trancas para a tua cidade. Tu és agora capaz, através da graça dele, de permanecer em tua defesa e, com os socorros contínuos que o céu te envia, resistir a todo o seu poder. Tu foste outrora, de fato, um escravo dócil para ele, mas agora ele é um servo para ti. Naquele dia em que te tornaste santo, Deus pôs teu pé sobre a cabeça da serpente. Tuas luxúrias foram outrora as fortalezas com as quais ele te mantinha em temor, e das quais ele saía e te fazia tanto mal; mas agora elas estão fora de sua mão. Ó, que alegria há em uma cidade quando o castelo que a comandava é tomado do inimigo! Agora, pobre alma, Satanás foi desalojado e expulso da toca. Nunca mais ele brincará de rei em tua alma como tem feito. Em suma, quando foste feito uma pessoa santa e justa, então Deus começou o céu em tua alma. Naquele dia em que foste nascido de novo, um herdeiro do céu nasceu. E se tais aclamações ocorrem no nascimento de um jovem príncipe, herdeiro de alguns territórios pequenos, não tens tu mais causa, tu que tiveste a glória do céu estabelecida sobre ti, em reversão, especialmente se considerares onde toda a tua herança jazia há pouco tempo, à qual podias reivindicar? Paulo une ambos para tornar sua doxologia completa: “Dando graças ao Pai, que nos fez idôneos para participar da

herança dos santos na luz, o qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor” (Cl 1 :12, 13). Ó mudança bendita! sair da masmorra escura do diabo, onde tu estavas mantido em correntes de pecado e injustiça, prisioneiro para o inferno, para o reino da graça de Cristo, onde tu tens a corrente de ouro da santidade e justiça colocada ao redor de teu pescoço como herdeiro aparente do céu. Tal honra têm todos os seus santos.

2. Cuida para manter tua couraça vestida, cristão. Precisamos pedir ao soldado que seja cuidadoso com sua armadura? Quando ele vai para o campo, pode ele facilmente esquecer de levá-la consigo, ou ser persuadido a deixá-la para trás? Contudo, alguns fizeram isso e pagaram caro por sua ousadia. É melhor que suportes o peso de tua couraça, embora um pouco incômoda à carne, do que receber uma ferida em teu peito por falta dela. Deixa cair esta peça, e tu não poderás manter nenhuma das outras. Se te permites qualquer impiedade, tua sinceridade será imediatamente chamada a questão em tua consciência. Confesso que descobrimos que Pedro, pouco depois de sua triste queda ao negar seu Mestre, teve o testemunho de sua retidão: “Senhor, tu sabes todas as coisas; tu sabes que eu te amo” (Jo 21:17). Depois que Cristo três vezes colocou a questão, ele pôde confiantemente comprovar sua sinceridade. Mas devemos saber: (1) Que aquele pecado não foi um pecado deliberado. O pobre homem foi surpreendido de repente. E (2) Que houve sua amarga dor intervindo entre seu pecado e esta sua profissão; e o renovo de seu arrependimento tão rapidamente, conduziu muito para o esclarecimento de sua sinceridade à sua consciência. Mas Davi encontrou um trabalho mais difícil, ele que pecou mais deliberadamente, e

jaz por mais tempo ensopado em sua culpa, como podem perceber, Sl 51:10, onde ele implora tão fervorosamente que Deus queira “renovar um espírito reto dentro dele”.

Novamente, o calçado do evangelho não entrará em teu pé enquanto estiver inchado com qualquer humor pecaminoso — quero dizer, qualquer injustiça ou prática ímpia — até que seja aliviado e purgado pelo arrependimento. Considera o evangelho em sua preparação. Estás tu em condições de sofrer alegremente por Deus, ou pacientemente por Deus, como estás? Não mais do que um soldado em uma doença, doente na cama, está para fazer uma marcha forçada. A impiedade enfraquece a alma tanto quanto a doença enfraquece o corpo, e a indispõe para suportar qualquer dificuldade. “Poupa-me” um pouco, “para que eu tome alento, antes que me vá, e não seja mais” (Sl 39:13). Davi ainda não estava recuperado daquele pecado, que o havia deixado excessivamente baixo, como vocês podem perceber, vv. 10, 11. E o homem bom não consegue pensar em morrer com qualquer disposição até que seu coração esteja em uma estrutura mais santa. E quanto à paz do evangelho — serenidade de consciência e alegria interior — ai de nós! toda impiedade é para ela como o veneno é para o espírito que os bebe. Joga uma pedra em um riacho, e embora límpido antes, ele fica imediatamente agitado e enlameado. “Ele falará de paz ao seu povo... mas não se tornem à loucura” (Sl 85:8). Note, aqui, que item ele dá: “mas não se tornem”, e como se tivesse dito: “Por sua conta e risco seja, se voltarem do caminhar santo para a loucura; eu deixarei de falar paz, para falar terror”.

Novamente, por tua negligência em teu caminhar santo, tu colocas em perigo tua fé, que é mantida em uma boa consciência, como a joia no gabinete. A fé é um olho. Todo pecado e impiedade lança uma névoa diante deste olho. Uma

vida santa, para a fé, é como um ar e meio claro para o olho. Podemos ver mais longe em um dia claro. Assim, a fé vê mais longe na promessa, quando olha através de uma conversação santa e bem ordenada. A fé é um escudo; e quando o soldado deixa cair isso de sua mão senão quando perigosamente ferido? E se a fé falhar, o que se tornará da esperança, que depende da fé e extrai todo o seu sustento dela, como a criança que mama faz da ama? Se a fé não pode ver um perdão na promessa, então a esperança não pode esperar pela salvação. Se a fé não pode reivindicar a filiação, então a esperança não esperará pela herança. A fé diz à alma que ela tem “paz com Deus”, então a alma “se gloria na esperança da glória” (Rm 5:1, 2). E agora, cristão, o que te restou para tua ajuda? Queres recorrer à espada do Espírito? Ai de nós! como podes empunhá-la quando, por teu caminhar ímpio, tu aleijaste tua mão da fé que deveria segurá-la? Esta espada tem dois gumes. Com um ela cura, com o outro ela fere — com um ela salva, com o outro ela condena. Ó, é uma arma terrível quando atinge com seu lado feridor e condenador; e quanto ao outro lado, tu não tens nada a ver com ele enquanto estiveres em qualquer caminho de impiedade. Nem uma palavra gentil em toda a Bíblia é dita a alguém que peca. Agora, pobre criatura, pensa, e pensa de novo; existe algum pecado que valha a pena arriscar toda essa confusão e maldade, que, se tu estiveres resolvido a tê-lo, inevitavelmente recairá sobre tua alma?

1. **Sê humilde quando fores mais santo.** De qualquer maneira que o orgulho trabalhe — como tu verás que ele é como o vento — às vezes em uma porta, às vezes em outra — resiste a ele. Nada mais prejudicial à tua santidade; ele transforma justiça em cicuta, santidade em pecado. Nunca estás menos santo do que quando inchado com a presunção dela. Quando vemos um homem soprado e

inchado com hidropisia, podemos dizer que seu sangue não presta e está agüado, sem abrir uma veia para o teste. Quanto mais o orgulho te sopra, menos sangue puro de santidade tu tens correndo nas veias de tua alma. “Eis que a sua alma se incha; não é reta nele” (Hc 2:4). Veja um *ecce!* [eis!] como um sinal, é colocado na porta do homem orgulhoso, para que todos os passageiros saibam que um homem mau mora ali. Como tu não gostarias, portanto, não apenas de enfraquecer o poder da santidade, mas também de questionar a verdade de tua santidade, cuidado com o orgulho. Às vezes, possivelmente, estarás pronto para desprezar os outros, e dizer-lhes, em teus pensamentos, para se afastarem, por não serem tão santos quanto tu mesmo; isso cheira ao fariseu, cuidado com isso. É da natureza da santidade nos deprimir e dar aos nossos irmãos a vantagem ao medir seus dons ou graças com os nossos. “Com humildade, cada um considere os outros superiores a si mesmo” (Fp 2:3). Em outro momento, possivelmente, tu poderás encontrar uma pitada da doença do justiciário pairando sobre ti — teu coração se inclinando sobre tua justiça, e elevando-te a uma confiança nela, de modo a esperar tua aceitação com, e salvação de, Deus por isso. Ó, cuidado com isso, como tu amas a tua vida! Eu poderia dizer-te como Constantino disse a Acécio, o novaciano: “Monta então a tua escada, e vai para o céu sozinho, pois nunca alguém foi por este caminho para lá”; e tu pensas ser o único homem que aparecerá no céu como comprador de sua própria felicidade? Vai, primeiro, pobre criatura, e mede o comprimento da tua escada pela extensão da santa lei, e se tu a achares apenas um degrau abaixo dela, tu podes certamente concluir que ela te deixará aquém do céu. Se, portanto, tu tiveres contemplado — para aludir àquilo em Jó 31:27 — tua justiça, quando brilhou, e tua

santidade caminhando em seu esplendor, e teu coração por isso tiver sido atraído secretamente, ou tua boca tiver beijado tua mão; sabe que isto é uma grande iniquidade, e nisso tu negaste o Deus do alto. Tu deste a parte mais alta do culto divino a uma criatura, o sol criado de tua santidade inerente, que Deus ordenou que fosse dado somente ao Sol da justiça incriado, o Senhor Jesus, “o Senhor nossa justiça”. Renuncia ao teu apelo, como agora o fizeste, para vida e salvação, ou então desiste da tua causa como perdida. Agora, para manter mais eficazmente longe qualquer insurreição de orgulho pela presunção de tua santidade, sê agradado em tomar frequentemente estas considerações que humilham a alma em teus pensamentos sérios:

(1.) Medita frequentemente sobre a santidade infinita de Deus. Quando os homens estão no alto, suas cabeças não ficam tontas até que olhem para baixo. Quando os homens olham para baixo, para aqueles que são piores do que eles mesmos, ou menos santos do que eles mesmos, então suas cabeças giram. Olhar para cima curaria esta doença. Os homens mais santos, quando uma vez fixaram seus olhos por um tempo sobre a santidade de Deus, e então olharam para si mesmos, ficaram totalmente sem amor por si mesmos e não puderam ver nada além de impiedade em si mesmos. Após a visão que o profeta teve de Deus sentado em seu trono, e seus ministros celestiais de estado, os serafins, ao redor dele, cobrindo seus rostos e clamando: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos”, como este homem gracioso foi imediatamente atingido pelo senso de sua própria vileza? Eles não clamaram mais a Deus como santo, do que ele clamou sobre si mesmo como “impuro” (Is 6:3, 5). Assim Jó: “Agora os meus olhos te viram, pelo que me abomino” (Jó 42:5, 6). Nunca o homem bom mais se odiou pelas

feridas podres de seu corpo ulceroso, quando no esterco ele se sentou e se raspou, do que agora ele se odiou pelas impurezas de sua alma. Nós nos vemos em um quarto escuro, e pensamos que estamos bem e limpos; mas se nos circundássemos com os raios da majestade gloriosa e santidade de Deus, então os raios de sol não descobririam mais átomos no ar do que a santidade de Deus convenceria de pecado estar em nós. Mas é o truque do orgulho não vir onde ele pode ser ofuscado; ele preferiria ir onde será adorado, do que onde tem certeza de ser envergonhado.

(2.) Medita frequentemente sobre a santidade do estado inocente do homem. É verdade, agora, se um crente, tu tens um princípio de santidade plantado em ti; mas, aí de nós! o que é isso no presente comparado ao que tua natureza teve uma vez? Aqueles que viram o segundo templo, e não se lembraram do primeiro, que Salomão construiu, pensaram-no, sem dúvida, uma estrutura gloriosa; mas outros, cujos olhos tinham visto o trabalho majestoso e as boas construções do outro, não puderam deixar de se regozijar com lágrimas em seus olhos. “Muitos dos sacerdotes, e levitas, e chefes dos pais, homens velhos que viram a primeira casa, quando a fundação desta casa foi posta diante dos seus olhos, choraram com grande voz” (Ed 3:12). Ó! isso reviveu os pensamentos tristes do saque daquela estrutura gloriosa; e assim pode este pequeno começo sobre uma nova fundação da nova aliança te lembrar, com tristeza, a pensar nas ruínas em que o homem, em toda a sua glória, caiu pela política de Satanás! É verdade, no céu tu terás a vantagem de Adão no paraíso, mas tu terás muitos passos cansativos antes que subas aquela colina. Quando um homem que teve alguns milhares por ano, tem agora apenas algumas libras por ano permitidas a ele, e o restante sequestrado dele por trinta ou quarenta anos; é triste, embora reconfortante também pensar, que isso retornará

finalmente, e pode ser, com um grande excedente; mas, no presente, ele é colocado em muitas dificuldades, e forçado a fazer um esforço duro para passar, de modo a viver algo como sua descendência nobre e família. Assim é; é jubilosa para o santo pensar no céu quando todos os seus meios vierem para suas mãos; mas verdadeiramente sua graça imperfeita, e as muitas despesas que ele tem — de aflições pelas mãos de Deus, tentações pelas de Satanás, motins e brigas intestinas das luxúrias remanescentes dentro de casa — colocam-no em tantas dificuldades tristes que a pobre alma é forçada muitas vezes a encurtar seu conforto, sim, muito trabalho ele tem para manter as janelas da loja abertas com o pequeno estoque que ele tem. Daí, o caminhar do cristão para o céu é apresentado como um negócio de muita dificuldade. “Se o justo apenas se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador?” (1 Pe 4:18). As virgens prudentes não tinham óleo de sobra. O cristão persistirá, e isso é até tudo. Pensa nisso, e deixa tuas plumas caírem.

(3.) Medita frequentemente sobre tuas próprias falhas pessoais, especialmente em teu estado não regenerado. Isso manteve Paulo tão humilde. Quão frequentemente sua conversação iníqua não regenerada surge, embora não em sua consciência, para escurecer seu conforto, ainda em sua mente, para qualificar os pensamentos de seus dons e graça (1 Co 15:9, 10), onde ele fala como ele “trabalhou mais do que todos eles”. Ó, como ele toca a sua própria orgulho que possivelmente poderia seguir tal glória tão perto em seus calcanhares! E, portanto, antes que ele ouse dizer uma palavra de sua santidade presente, ele tranca a porta para o orgulho, e cai primeiro na história daquela parte negra de sua vida. Ó, como ele abate seu orgulho, e fala de si mesmo como nada! Nenhum inimigo poderia ter desenhado seu retrato com um carvão mais

preto (1 Co 15:7). Ele chama a si mesmo de “nascido fora de tempo” (v. 9), “pois eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a igreja de Deus”. E agora, tendo suficientemente sujado e banhado a si mesmo na poça de seus pecados anteriores, quão humildemente o santo homem fala de suas graças transcendentais! (v. 10): “Pela graça de Deus sou o que sou... e trabalhei mais abundantemente do que todos eles: todavia não eu, mas a graça de Deus”. Ó, este é o caminho de matar esta erva daninha do orgulho, de arar nossos próprios corações, e virar o avesso para fora — quero dizer, humilhar e abaixar a nós mesmos por nossas abominações anteriores. O orgulho não prosperará facilmente em uma alma onde este arado anda frequentemente. O orgulho é um verme que morde e rói o coração da graça. Agora vocês sabem que são coisas amargas que devem quebrar o saco de vermes que estão reunidos no estômago. Todas as coisas doces os nutrem; são as amargas que os espalham e matam. Ó cristão, toma alguma quantidade deste aloés frequentemente, e com a bênção de Deus tu encontrarás alívio daquilo que, se um cristão, tu estás perturbado. E não penses que este verme se cria apenas em crianças — cristãos fracos e noviços jovens. Confesso que é a doença mais ordinária daquela idade. Mas cristãos idosos e mais fortes não estão fora de perigo. O velho Davi tinha este verme do orgulho saindo de sua boca quando ordenou a Joabe que contasse o povo. E não contas tu, também, frequentemente teus deveres e boas obras que fizeste, e os sofrimentos que suportaste por teu Deus, com alguns pensamentos secretos de auto-aplausos que te fazem cócegas por eles?

DIREÇÃO 7.

AS VÁRIAS PEÇAS DA ARMADURA COMPLETA DE DEUS.

Terceira Peça — O Calçado Espiritual do Cristão.

“E calçados os pés na preparação do evangelho da paz” (Ef 6:15).

Este versículo nos apresenta a terceira peça da armadura na panóplia do cristão: UM CALÇADO ESPIRITUAL, ajustado ao seu pé e que deve ser usado por ele enquanto permanecer em campo contra o pecado e Satanás. “E calçados os pés na preparação do evangelho da paz.” Dividiremos as palavras em perguntas ou indagações distintas, das quais resultará a resolução dos diversos pontos a serem insistidos.

1. O que se entende por “evangelho”. 2. O que se entende por “paz” e por que ela é atribuída ao “evangelho”. 3. O que os “pés” aqui mencionados importam, e qual graça é pretendida pela “preparação do evangelho da paz”, que aqui é comparada ao calçado e ajustada a estes pés.

DIREÇÃO 7 — PRIMEIRA PARTE GERAL.

O QUE SE ENTENDE POR EVANGELHO.

O que se entende por evangelho. *Evangelion*, segundo a notação da palavra original, *euangelion* [evangelho], significa qualquer boa nova ou mensagem alegre. Assim, Jr 20:15: “Maldito o homem que deu as novas a meu pai, dizendo: Nasceu-te um filho varão; fazendo-o assim muito alegre” — Septuaginta: *ho euangelizomenos auton*. Mas, geralmente na

Escritura, é restringido, por excelência, para significar a doutrina de Cristo e a salvação por meio dele aos pobres pecadores. “Trago-vos novas de grande alegria”, disse o anjo aos pastores (Lc 2:10). E, no versículo 11, acrescenta: “é que vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor”. Assim é entendido neste lugar, e geralmente no Novo Testamento, e nos oferece esta nota.

DOUTRINA. A revelação de Cristo, e a graça de Deus por meio dele, é, sem comparação, a melhor notícia e as mais alegres novas que os pobres pecadores podem ouvir. É uma mensagem tal que nenhuma boa nova pode vir antes dela, nem nenhuma má notícia pode segui-la. Nenhuma boa nova pode vir antes dela, não, nem mesmo da parte de Deus ao criatura. Ele não pode emitir nenhuma bênção aos pobres pecadores até que tenha mostrado misericórdia às suas almas em Cristo. “Deus tenha misericórdia de nós e nos abençoe; e faça resplandecer o seu rosto sobre nós” (Sl 67:1).

1. Deus perdoa e então Ele dá. Até que Ele seja misericordioso para perdoar nossos pecados por meio de Cristo, Ele não pode abençoar nem olhar com bondade para nós, pecadores. Todos os nossos desfrutes são apenas bênçãos em bruto, até que a graça do evangelho — a misericórdia perdoadora — os carimbe e os torne válidos. Deus não pode sequer ter qualquer boa vontade para conosco até que Cristo faça a paz por nós: “paz na terra, boa vontade para com os homens” (Lc 2:14). E que alegria pode sentir um pecador, ainda que fosse ouvir sobre um reino que lhe coube, se não puder tê-lo com a boa vontade de Deus?

2. Novamente, nenhuma má notícia pode vir depois das alegres novas do evangelho, quando abraçadas com fé. A misericórdia de Deus em Cristo altera a própria

propriedade de todos os males para o crente. Todas as pragas e juízos que podem acometer a criatura no mundo, quando batizados na corrente da graça do evangelho, recebem um novo nome, vêm em uma nova missão e têm um novo sabor no paladar do crente, assim como a mesma água, ao passar por alguma mina, adquire um traço e uma virtude curativa que antes não possuía. “O morador não dirá: Eu estou enfermo; porque o povo que habitar nela será perdoado da sua iniquidade” (Is 33:24). Observe: ele não diz “eles não estarão enfermos”. A graça do evangelho não isenta de aflições, mas “eles não dirão: estou enfermo”; eles estarão tão arrebatados com a alegria da misericórdia perdoadora de Deus que não se queixarão de estar enfermos. Esta ou qualquer outra cruz é um véu demasiado fino para obscurecer a alegria das outras boas novas. Esta é uma mensagem tão alegre que Deus não quis que Adão ficasse muito tempo sem ela, mas abriu uma fresta para deixar entrar em sua alma, atônita com o terror da presença de Deus, alguns raios desta luz, que é tão prazerosa de contemplar. Assim como ele foi expulso do paraíso sem ela, teria sido lançado no inferno imediatamente; pois tal teria sido o mundo para sua consciência culpada. Estas são as novas que Deus costumava dizer ao seu povo, com o intuito de consolá-los e animá-los, quando as coisas iam pior com eles e seus negócios estavam em baixa (Is 7:15; Mq 5:5). Este é o grande segredo que Deus sussurra, pelo seu Espírito, ao ouvido daqueles apenas [a quem] Ele abraça com seu amor especial e distintivo (Lc 10:21; 1Co 2:12), de modo que é feito o triste sinal de uma alma marcada para o inferno ter o evangelho “encoberto” (2Co 4:3). Para encerrar isto em poucas palavras, todas as propriedades de uma mensagem alegre se encontram nas alegres novas do evangelho.

As CINCO PROPRIEDADES de uma mensagem alegre encontradas no evangelho.

Cinco ingredientes são desejáveis em uma mensagem; aliás, devem todos conspirar para preencher a alegria dela até a redundância.

Primeira Propriedade. Uma mensagem, para ser alegre, deve ser boa. Ninguém se regozija ao ouvir más notícias. A alegria é a dilatação do coração, pela qual ele sai ao encontro e acolhe o que deseja; e isso necessariamente deve ser algo bom. As más notícias certamente encontrarão o coração fechado contra elas e chegarão antes de serem bem-vindas.

Segunda Propriedade. Deve ser algum grande bem, ou então afeta pouco. As afeições são despertadas de acordo com os graus de bem ou mal no objeto apresentado. Uma coisa que ouvimos pode ser tão insignificante que não faz grande diferença como ela termina, mas se for boa, e grande também, de importância ponderável, isso causa um regozijo proporcional. Quanto maior o sino, mais força é necessária para levantá-lo. Deve ser um grande bem que desperta grande alegria.

Terceira Propriedade. Este grande bem deve concernir intimamente àqueles que o ouvem. Meu significado é que eles devem ter propriedade nele. Pois, embora possamos nos regozijar ao ouvir de algum grande bem ocorrido a outro, isso afeta mais quando é despejado em nosso próprio seio. Um homem enfermo não sente a alegria da recuperação de outro com a mesma vantagem que sentiria a sua própria.

Quarta Propriedade. Acrescentaria muito à alegria das novas se isto fosse *inauditum* ou *insperatum* [inaudito ou

inesperado] — quando as novas nos surpreendem. Quanto mais nossa própria ignorância ou desespero nos manteve afastados de qualquer pensamento de tão grande desfrute, mais alegria isso traz quando ouvimos as novas. A alegria do filho de um pobre guardador de porcos, que nunca sonhou com uma coroa, seria maior ao receber a notícia de tal coisa conferida a ele do que a daquele cuja linhagem o convidava a esperá-la, ou melhor, a prometia como herança. O coração de tal pessoa estaria apenas no nível da posição e, portanto, não poderia ser tão arrebatado quanto outro que estava muito abaixo de tal promoção.

Quinta Propriedade. Para preencher a alegria de todas estas, é mais necessário que as novas sejam verdadeiras e certas, caso contrário, toda a alegria logo vaza. Que grande alegria proporcionaria ouvir sobre um reino que coube a um homem, e no dia seguinte ou mês seguinte ouvir tudo ser desfeito e provar ser falso? Agora, nas alegres novas do evangelho, todas estas se encontram muito felizmente para elevar a alegria da alma crente ao ponto mais alto que as cordas de suas afeições podem suportar.

1. As novas que o evangelho traz em sua boca para nós, pobres pecadores, são boas. Ele fala promessas, e elas são significações de algum bem pretendido por Deus para os pobres pecadores. A lei traz más notícias à cidade. Ameaças são a *lingua vernacula legis* [língua vernácula da lei]. Ela não pode falar outra língua aos pecadores senão denúncias de mal a vir sobre eles; mas o evangelho sorri para os pobres pecadores e alisa as rugas que se sentam na testa da lei, proclamando promessas.

2. As novas que o evangelho traz são tão grandes quanto boas. Foi o que o anjo disse: “Trago-vos boas novas

de grande alegria” (Lc 2:10). Grande alegria deve ser, porque é toda alegria. O Senhor Cristo traz tais novas em seu evangelho que Ele não deixou nada para ninguém depois dele acrescentar. Se há algum bem faltando nas novas do evangelho, encontramos-lo alhures que não em Deus, pois, na aliança do evangelho, Ele dá a si mesmo por meio de Cristo à alma crente. Certamente o argumento do apóstolo se manterá: “Todas as coisas são vossas, e vós de Cristo, e Cristo de Deus” (1Co 3:22, 23). O evangelho coloca nossos dutos perto da fonte da própria bondade; e ele, certamente, deve ter tudo, aquele que está unido Àquele que é o "tudo". Pode alguma boa notícia vir aos santos glorificados que o céu não lhes proporcione? No evangelho temos novas dessa glória. “Jesus Cristo, que trouxe à luz a vida e a incorrupção pelo evangelho” (2Tm 1:10). O sol no firmamento descobre apenas o mundo inferior; *absignat caelum dum revelat terram* [ele sela o céu enquanto revela a terra] — ó, ele esconde o céu de nós, enquanto nos mostra a terra! Mas o evangelho ilumina ambos de uma só vez: “a piedade tem a promessa da vida que agora é, e da que há de ser” (1Tm 4:8).

3. O evangelho não nos diz notícias em que estamos pouco preocupados — não o que Deus fez pelos anjos, mas por nós. “Para vós”, diz o anjo, “é nascido um Salvador, Cristo, o Senhor”. Se a caridade fez os anjos se regozijarem pela nossa felicidade, certamente então, o benefício que é pago à nossa natureza por isso dá um prazer adicional à nossa alegria ao ouvi-la. Seria estranho que o mensageiro que apenas traz as notícias de algum grande império a ser transferido para uma pessoa cantasse, e o príncipe a quem ele cabe não se alegrasse. E, como as alegres novas do evangelho pertencem à natureza humana, não aos anjos;

assim, em particular, a ti, pobre alma, quem quer que sejas, que abraças Cristo nos braços da tua fé. Um príncipe é um bem comum a todo o seu reino — todo súdito, por mais insignificante, tem parte nele — e assim é Cristo para todos os crentes. As promessas são tão dispostas que, como uma pintura bem feita, elas olham para todos os que olham para elas com um olho de fé. A alegria do evangelho é a tua alegria, tu que tens apenas fé para recebê-la.

4. As alegres novas do evangelho foram inauditas e inesperadas pelos filhos dos homens. Tais novas ele traz que nunca poderiam ter entrado no coração do homem para conceber, até que Deus destrancou o gabinete de seu próprio bom prazer e revelou o conselho de sua vontade, no qual este misterioso preço de amor ao homem caído jazia escondido longe o suficiente do olhar perscrutador do anjo mais ágil no céu, muito mais do homem mesmo, que podia ler em sua própria consciência culpada dentro, e soletrar da aliança sem, agora quebrada por ele, nada senão seu certo destino e danação. De modo que o primeiro sermão do evangelho, pregado pelo próprio Deus a Adão, antecipou todos os pensamentos de tal coisa pretendida para ele. Ó, quem, senão aquele que realmente sentiu os terrores de um inferno iminente em sua alma desesperada, pode conceber quão alegre são as novas da misericórdia do evangelho para uma pobre alma, vivendo em meio aos pensamentos negros do desespero e beirando as próprias marchas da região das trevas exteriores! A história nos fala de um nobre de nossa nação, no reinado do rei Henrique VIII, a quem um perdão foi enviado poucas horas antes de ele ser decapitado, o que, não sendo de todo esperado por ele, transportou-o tanto que ele morreu de alegria. E se o vaso de nossa natureza é tão

fracamente composto que o vinho de tal alegria inferior o quebra, como então poderia ele possivelmente ser capaz de suportar a plena alegria das novas do evangelho, que excede esta tanto quanto a misericórdia de Deus excede a misericórdia de um homem mortal, e quanto o livramento de uma morte eterna no inferno excede um livramento de uma morte temporária, que se vai antes que a dor possa ser bem sentida?

5. As alegres novas do evangelho são certamente verdadeiras. Não é um relatório voador, gritado hoje e propenso a ser contradito amanhã — não notícias que estão na boca de todos, mas ninguém pode dizer de onde vieram e quem é o autor delas; temos isso de uma boa fonte — o próprio Deus, a quem é impossível mentir. Ele, do céu, atesta-o: “Este é o meu amado Filho: ouvi-o” (Lc 9:35). O que foram todos aqueles milagres que Cristo operou senão ratificações da verdade do evangelho? Aqueles miseráveis que negavam a verdade da doutrina de Cristo foram forçados muitas vezes a reconhecer a divindade de seus milagres, o que é um belo pedaço de contrassenso e declara o absurdo de sua incredulidade a todo o mundo. Os milagres foram para o evangelho como selos são para um documento. Eles não podiam negar que Deus estava nos milagres, e ainda assim não podiam vê-lo na doutrina! Como se Deus pusesse seu selo a uma inverdade! Aqui, cristãos, está o que preenche a alegria desta boa nova que o evangelho traz — que podemos depositar nossas vidas na verdade dela. Ele nunca enganará ninguém que deposite o peso de sua confiança nele. “Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores” (1Tm 1:15). Esta ponte que o evangelho lança sobre o abismo da ira de

Deus, para os pobres pecadores passarem de seus pecados para o favor de Deus aqui, e [para o] reino de Deus no futuro, é apoiada por nada menos que os arcos da sabedoria, poder, misericórdia e fidelidade de Deus; de modo que a alma crente não precisa temer, até que veja estes se curvarem ou quebrarem. É chamado de “evangelho eterno” (Ap 14:6). Quando céu e terra forem a pique, nem o menor jota ou til de qualquer promessa do evangelho será enterrado em suas ruínas. “A palavra do Senhor permanece para sempre. E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada” (1Pe 1:25).

USO OU APLICAÇÃO.

Reivindicação daqueles que nunca ouviram o evangelho à nossa compaixão.

Uso Primeiro. Piedade daqueles que nunca ouviram palavra destas boas novas. Tais existem no mundo — nações inteiras, com as quais o dia ainda não rompeu, mas uma noite lúgubre de ignorância e barbárie continua a ser estendida sobre elas — cujas almas abandonadas estão sob um massacre contínuo do sangrento carniceiro do inferno! Uma conquista fácil, Deus sabe, que aquele demônio das almas faz delas. Ele coloca sua faca cruel em suas gargantas e encontra resistência zero, porque os encontra dormindo profundamente na ignorância — totalmente destituídos daquela luz que sozinha pode descobrir um caminho para escapar das mãos deste destruidor. Que coração, que já provou a doçura da graça do evangelho, não treme diante de seu estado deplorável? — aliás, não fica atônito com a diferença das dispensações de Deus para com eles e nós? “Senhor, por que te manifestarás a nós, e não ao mundo?” Deus perdoe a falta de misericórdia de nossos corações, que não

podemos chorar mais por eles. Verdadeiramente não vivemos tão longe dos mouros e índios, mas podemos — por não ter pena deles e desejar ardentemente sua conversão — nos manchar com a culpa do sangue de suas almas, que é derramado continuamente pelo destruidor da humanidade. Ó, quão raramente sua triste situação é companheira de nossos pensamentos tristes, e sua conversão o assunto de nossas orações e desejos! Houve, infelizmente! no mundo, mais conselhos sobre como aliviá-los de seu ouro do que enriquecê-los com o tesouro do evangelho — sobre como conseguir suas terras do que como salvar suas almas. Mas o tempo está chegando em que ganhar almas será considerado mais honroso do que conquistar nações. Bem, cristão, embora não possas repartir com eles o que Deus colocou em tua mesa, ainda assim, enquanto te sentas ao banquete do evangelho, pensa nessas pobres almas, e isso compassivamente, que morrem de fome por falta daquele pão com o qual tu és alimentado para a vida eterna. Existe uma opinião que alguns adotaram ultimamente, de que os pagãos podem soletrar Cristo a partir do sol, da lua e das estrelas. Estes podem parecer mais gentis do que outros foram para eles; mas desejo que isso não os torne mais cruéis com eles no final — quero dizer, por não orar tão sinceramente para que a luz do evangelho surja entre eles, como aqueles devem fazer que acreditam que eles estão sob uma triste necessidade de perecer sem ela. Quando uma guarnição é julgada bem abastecida com provisões para sua defesa, é uma ocasião para que o socorro e o auxílio venham mais devagar a ela. E desejo que Satanás não tenha tal projeto contra essas almas abandonadas neste princípio. Se tal lição pudesse ser obtida pelas estrelas, teríamos ouvido antes disso de alguns que a haviam aprendido. De fato, acho que uma estrela guiou os homens sábios a Cristo; mas eles tiveram

um pregador celestial para abrir o texto para eles, ou então eles nunca o teriam entendido.

Lamentação pela recepção pouco gentil que o evangelho encontra no mundo.

Uso Segundo. Uma triste lamentação pode ser aqui levantada, que tão boas novas devam ter tão má recepção quanto o evangelho comumente encontra no mundo. Quando as notícias foram contadas pela primeira vez em Jerusalém de que um Salvador havia nascido, alguém teria pensado — especialmente se considerarmos que o cálculo da Escritura estava agora encerrado para o nascimento do Messias, e eles estavam cheios da expectativa de sua vinda — que todos os corações teriam saltado dentro deles de alegria com as notícias, ao ver suas esperanças tão felizmente entregues e realizadas. Mas, contemple, o contrário exato. A vinda de Cristo prova ser motivo de problema e desgosto para eles. Eles tomam o alarme com seu nascimento, como se um inimigo, um destruidor — não um Salvador — tivesse desembarcado em sua costa; e como tal, Herodes vai contra ele e o faz fugir do país. Mas possivelmente, embora no momento eles tropecem na humildade de seu nascimento e parentesco, ainda assim, quando os raios de sua divindade brilharem através de seus milagres, então eles o adorarão religiosamente quando agora o desprezam; quando ele vem a público em seu ministério, abre sua comissão e mostra sua autoridade — aliás, com seus próprios lábios conta a mensagem alegre que traz do Pai aos filhos dos homens, então certamente eles amarão carinhosamente sua pessoa e abraçarão com gratidão, aliás, beberão avidamente as alegres novas de salvação que ele prega a eles. Não; eles persistem em sua descrença amaldiçoada e obstinada rejeição dele. Embora a Escritura, a qual eles pareciam adorar, dê um testemunho tão pleno de Cristo

que os acusa perante suas próprias consciências, ainda assim eles não querem ter nada com ele. Cristo diz-lhes tanto: “Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam. E não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5:39, 40). Vida eles desejavam, ainda assim a perderão antes de vir a Ele para tê-la.

E o mundo agora está emendado? Cristo, em seu evangelho, encontra alguma recepção mais gentil nas mãos da maioria? A nota que Cristo canta ainda é a mesma: “Vinde a mim, para que possais ter vida”. O pior mal que Cristo faz às pobres almas que vêm a Ele é colocá-las em um estado de vida e salvação; e ainda assim, onde está a pessoa que gosta da oferta? Ó, são outras notícias que os homens geralmente buscam. Isso faz com que a troca, a praça do mercado, seja tão cheia, e a igreja tão escassa e vazia. A maioria espera ouvir suas melhores notícias do mundo. Eles olham para as notícias do evangelho como estrangeiras, e algo que não lhes diz muito respeito, pelo menos no presente. É tempo suficiente, pensam eles, para cuidar disso quando estiverem indo para outro mundo. Infelizmente! O evangelho não é acomodado aos seus desejos carnis. Ele não lhes fala de campos e vinhedos que tem para dar. Ele não os convida com as gaiatices de honras e prazeres mundanos. Se Cristo, em seu evangelho, tivesse gratificado os desejos da luxúria dos homens com algumas promessas para essas coisas — embora ele tivesse prometido menos para outro mundo — as notícias teriam descido melhor com esses tolos, que prefeririam ouvir uma profecia de vinho e bebida forte, do que [ouvir] pregar sobre o próprio céu. Verdadeiramente, há apenas uns poucos — e esses suficientemente ridicularizados por seus esforços — que gostam da mensagem do evangelho a ponto de recebê-la cordialmente em seus corações. Se alguém apenas dá

entretenimento a Cristo, e isso se torna conhecido, que alarme dá a todos os seus vizinhos carnis! Se eles não cercam imediatamente sua casa, como os sodomitas fizeram a de Ló, ainda assim eles colocam alguma marca de desprezo sobre ele — aliás, fazem conta de que agora têm razão suficiente para desprezá-lo e odiá-lo, por mais que o amassem antes. Ó, o que Deus fará com esta era degenerada em que vivemos! Ó, Inglaterra! Inglaterra! Temo que algum julgamento triste ou outro pressagia para ti! Se tais alegres novas como o evangelho traz forem rejeitadas, más notícias não podem estar longe — não posso pensar em menos do que um evangelho que parte. Deus nunca fez tal assentamento de seu evangelho entre qualquer povo, mas Ele poderia removê-lo deles. Ele vem apenas por gosto, e ficará onde não é bem-vindo? Quem ficará onde tem outro lugar para ir? É alta hora para o mercador empacotar e ir embora quando poucos ou ninguém comprará, aliás, quando, em vez de comprar, não permitirão que ele fique quieto em sua loja, mas atirarão pedras nele e sujeira em suas mercadorias mais ricas. Não vemos os nomes dos mensageiros fiéis de Cristo sangrando neste dia sob os opróbrios que voam tão espessamente sobre seus ouvidos? As verdades mais preciosas do evangelho não estão quase cobertas com a lama e sujeira de erros e blasfêmias, que homens de mentes corruptas — postos a trabalhar pelo próprio diabo — raparam de cada poça imunda e esgoto de antigos hereges e jogaram na face de Cristo e seu evangelho! E onde está a mão tão gentil quanto para limpar o que eles jogaram? O coração tão valente pela verdade quanto para parar essas bocas imundas de cuspir seu veneno contra Cristo e seu evangelho? Se algo é feito deste tipo, infelizmente! é tão fracamente, que eles ganham coragem com isso. A justiça é tão favoravelmente aspergida, como umas poucas gotas sobre o fogo, que ela antes aumenta a chama de sua fúria contra a

verdade do que a extingue. Um príncipe não chama seu embaixador de volta por cada afronta que lhe é oferecida nas ruas — apenas quando ele é afrontado e não pode ter reparação pelo erro.

Objeção. Mas alguns podem dizer: “Embora não se possa negar que o evangelho tenha encontrado um entretenimento muito cruel por muitos entre nós, e especialmente nos últimos anos — desde que um espírito de erro prevaleceu tão tristemente na terra — ainda assim, não nos façam piores do que somos. Existe, bendito seja Deus, ‘um remanescente de almas graciosas ainda a ser encontrado para quem Cristo é precioso’ — que abraçam alegremente a mensagem do evangelho e choram em segredo pelo desprezo que é lançado sobre ele por homens de mentes corruptas e corações profanos, e, portanto, esperamos que não estejamos em tal perigo iminente de perder o evangelho como seus medos sugerem”.

Resposta. Se não houvesse tal aspersão de santos entre nós, nosso caso seria de fato desesperador, *conclusum esset de nobis* [estaria tudo acabado conosco] — as sombras daquela noite lúgubre estariam rapidamente sobre nós. Estes são eles que mantiveram o evangelho assim por muito tempo entre nós. Cristo teria, quanto à sua presença evangélica, partido antes disso, se estes não tivessem se pendurado em suas pernas, e com seus fortes clamores e orações entreatado sua permanência. Mas há algumas considerações quanto a estes, que, seriamente pesadas, não nos deixarão sem alguns tremores de coração.

1. Consideração. Considere que pequena proporção, quanto ao número, quero dizer, esses que abraçam o evangelho mantêm com aqueles que continuam a rejeitá-lo

— aqueles que desejam manter Cristo entre nós com aqueles que desejam que Ele vá embora e ficariam felizes em se livrar dele. Se fosse colocado em votação, não ganhariam por milhares de milhares os que não se importam se temos um evangelho ou não? E isso não profetiza tristemente quando as probabilidades são tão grandes? Em todas as partidas de Deus de um povo, houve sempre alguns santos misturados entre a multidão de pecadores. Sardes tinha seus “poucos nomes que não contaminaram suas vestes”; mas ainda assim o “candelabro foi removido”. Tudo o que eles puderam obter foi uma promessa para eles mesmos em particular — “Eles andarão comigo de branco” (Ap 3:4) — mas nenhuma proteção para a igreja. Deus pode derrubar a casa e prover bem também para seus santos que Ele encontra lá. Algumas poucas vozes são facilmente afogadas no clamor de uma multidão — alguns poucos copos de vinho são dificilmente provados em uma tonelada de vinho — e um pequeno número de santos pode fazer, às vezes, pouco para a salvação de um povo miserável entre quem vivem. Possivelmente, como em um corpo fraco, onde a doença obteve o domínio, a natureza exercendo seu *summum conatum* [máximo esforço] — pode manter a vida por um tempo no corpo — alguns dias ou semanas — mas não pode por muito tempo, sem alguma ajuda para evacuar o distúrbio; assim, alguns poucos santos, fechados em uma era degenerada entre um povo ímpio que despreza a Cristo, pode por um tempo prorrogar o julgamento, e represar por um tempo a vida de tal povo; mas se não houver mudança feita neles para melhor, a ruína deve necessariamente invadir sobre eles.

2. Consideração. Considere, destes poucos graciosos encontrados entre nós que abraçam o evangelho,

quantos são novos convertidos — quero dizer, tais como o evangelho ganhou nos últimos dias para Cristo. Tenho medo de que vocês acharão este pequeno número de santos consistindo principalmente de velhos discípulos — tais como foram trabalhados muitos anos atrás. Infelizmente! O ventre do evangelho tem sido em grande medida fechado ultimamente, quanto a trazer almas por uma obra sólida e completa de conversão. De fato, se eles puderem passar por convertidos aqueles que se batizam em um novo caminho e forma de adoração, ou que começam sua religião com um preceito e uma opinião, temos mais do que alguns bons para mostrar destes. Mas, nesta velhice da profissão murcha da Inglaterra, quão grande raridade é um convertido sincero? Não podemos negar que Deus se agrada graciosamente em trazer as dores do novo nascimento de tempos em tempos sobre algumas pobres almas em nossas assembleias, para que seus servos desprezados possam ter seu selo para confirmar seu ministério, e parar aquelas bocas que estão tão desdenhosamente abertas contra ele; ainda, infelizmente! é apenas aqui e ali um. E isso não profetiza tristemente para esta nação? Tenho certeza de que, quando vemos uma árvore que costumava estar cheia de frutas não trazendo nada além de pouco — talvez uma maçã neste ramo, e outra naquele — olhamos para ela como uma árvore moribunda. Lia se consolou com sua fecundidade, que por isso seu marido a amaria e se apegaria a ela (Gn 29:34). Não podemos nós, ao contrário, temer que Deus não amará, mas deixará, um povo quando eles se tornam estéreis sob os meios da graça? Deus ameaça tanto: “Aceita a correção, ó Jerusalém, para que a minha alma não se desvie de ti” (Jr 6:8). E se a alma de Deus se desvia, então Ele está em vias de remoção quanto à sua presença visível também. Assim, de fato, segue: “lest I make

thee desolate, a land not inhabited” [para que eu não te faça desolada, uma terra não habitada]. Ó meus irmãos, aqueles dias dourados do evangelho acabaram quando os convertidos vinham voando como uma nuvem — como as pombas às suas janelas em bandos. Agora as notícias do evangelho ficam velhas; poucos são tomados por elas. Embora um reino tenha muito tesouro e riquezas nele; ainda assim, se o comércio cessa, nenhum novo ouro entra, nem mercadoria é importada, ele gasta de seu antigo estoque, e deve necessariamente com o tempo decair. Nosso antigo estoque de santos — o tesouro de seus tempos — gasta-se depressa, o que se tornará de nós se nenhum novo entrar em seu lugar? Infelizmente! quando nossos enterros são mais do que nossos nascimentos, devemos necessariamente estar perdendo. Há uma triste lista de nomes santos tirados de nós; mas onde estão os que nasceram para Deus? Se os bons vão, e aqueles que restam continuam maus — aliás, tornam-se piores e piores — temos razão para temer que Deus está limpando o terreno, e abrindo caminho para um julgamento.

3. Consideração. Considere as contendas e divisões infelizes que são encontradas entre o povo de Deus ainda deixado no lugar: estas profetizam tristemente, o Senhor sabe. Contendas sempre pressagiam o mal. As partidas notáveis de Deus, registradas na Escritura, da igreja dos judeus, encontraram-nos lamentavelmente divididos e esfarelados em partes. E as igrejas da Ásia não menos. Cristo estabelece a luz de seu evangelho para andar e trabalhar, não para lutar e brigar; e, portanto, não seria surpresa alguma se Ele a apagasse, e assim terminasse a disputa. Se estas tempestades que houve nos últimos anos sobre nós, e ainda não passaram, tivessem apenas feito os cristãos, como aquilo

fez os discípulos, Mc 6:48, a usar seu remo e carinhosamente remar todos em uma direção, teria sido feliz. Poderíamos então ter esperado que Cristo viesse caminhando em nossa direção em misericórdia, e nos ajudasse a salvar a terra. Mas quando jogamos fora o remo e caímos em luta no navio, enquanto o vento continua alto ao nosso redor, verdadeiramente estamos mais propensos a expulsar Cristo de nós do que convidá-Lo para nós; estamos em um caminho mais provável de afundar do que salvar o navio e a nós mesmos nele.

Uma palavra de exortação aos descrentes e também aos crentes.

Uso Terceiro. Uma palavra de exortação a vós que não aceitastes os termos do evangelho, e também a vós que o fizestes — aos crentes e aos descrentes.

1. **Aos descrentes.** Sede persuadidos a receber a mensagem do evangelho de modo gentil, com fê, em vossos corações; é a melhor notícia que podeis enviar de volta ao céu, como um retorno de gratidão, pelas alegres novas que o evangelho traz de lá. Teu abraço a Cristo, pregado a ti no evangelho, será uma notícia tão bem-vinda ao céu, posso te dizer, quanto as novas de Cristo e da salvação por meio dele podem ser para ti. “Há alegria no céu” pela conversão de um pecador. O céu logo ressoa com isso. Os anjos que cantaram a vinda de Cristo ao mundo não deixarão de ter um cântico quando Ele for recebido em teu coração; pois Ele veio ao mundo para este fim. Cristo desceu quando veio ao mundo, mas agora Ele ascende. Aquele foi um ato de sua humilhação; este, de sua exaltação. O trono criado mais

elevado em que Deus pode assentar-se é a alma de um crente. Não é de admirar, então, que Cristo chame todos os seus amigos para se alegrarem com Ele pelo retorno de uma alma a Ele e pela sua recepção (Lc 15:9). Que alegria há agora no céu por ocasião disto, podemos colher da alegria que isso extraiu de Cristo quando na terra. Era alguma grande boa nova que poderia arrancar um sorriso de Cristo então, ou sintonizar seu espírito em uma nota de alegria, Ele que era “homem de dores” e, de fato, veio ao mundo para sê-lo. Contudo, quando seus discípulos, a quem Ele havia enviado para pregar o evangelho, retornaram com notícias de algum sucesso vitorioso de seus labores, “naquela hora, Jesus exultou no espírito e disse: Graças te dou, ó Pai” (Lc 10:21). De todas as horas de sua vida, essa é a hora em que Cristo quis expressar sua alegria; o que, com o cuidado do Espírito em registrar essa passagem na história da vida de Cristo, mostra que Cristo tinha um desígnio especial naquela expressão de sua alegria naquele momento. E o que poderia ser, senão para nos deixar saber o quanto seu coração estava fixado nesta obra de salvar almas? E que, quando Ele tivesse ido para o céu, se pretendêssemos enviar alguma notícia alegre para Ele lá, deveria ser sobre o sucesso próspero e vitorioso que o evangelho tem sobre nossos corações. Isto, isto que poderia fazê-Lo regozijar-se em meio a todas as suas dores aqui na terra, deve necessariamente ser mais alegre para Ele no céu agora, onde Ele não tem amargura de seus próprios sofrimentos — que estão todos curados, passados e idos — para se misturar com a alegria desta notícia. E, se a recepção gentil do evangelho é uma notícia tão alegre para Ele, podes facilmente conceber quão desagradável a rejeição dele é para Ele. Assim como Ele se regozijou no espírito ao ouvir que o evangelho prevaleceu, Ele não pode deixar de

estar irado quando encontra uma repulsa do mundo descrente. Encontramos em Lc 14:21: “o senhor da casa” — isto é, Cristo — “ficou irado”, quando seus servos, enviados para convidar os convidados — isto é, pregar o evangelho — retornaram com uma recusa daqueles que foram convidados (pois assim suas desculpas educadas foram interpretadas por Cristo); aliás, tão irado, que ele lança uma sentença terrível sobre eles: “nenhum daqueles homens que foram convidados provará da minha ceia” (v. 24). Deus é quem menos pode suportar qualquer desprezo lançado sobre sua graça. Os judeus, embora tenham tido muitas calamidades graves que lhes sobrevieram por suas idolatrias e outros pecados, nunca tiveram nada semelhante ao que a rejeição de Cristo lhes trouxe. Sob aquelas, eles se abrandaram, mas sob esta, endureceram. Eles não quiseram vir quando a ceia estava na mesa; e, portanto, a toalha é retirada, e eles vão dormir sem ceia e morrem em seus pecados. Enquanto fecham a porta de seus corações contra Cristo, este cadeado, como posso chamá-lo, de impenitência judicial é preso a ela. Cristo não precisa tomar nenhuma outra vingança sobre uma alma por sua recusa em aceitá-Lo, para torná-la miserável ao extremo, senão condená-la a ter seu próprio desejo. Cristo tu não queres, Cristo, portanto, tu não terás. Ó, alma infeliz! que tens ofertas de Cristo, mas morres sem Cristo! Tu vais com tua carga completa para a danação. Ninguém afunda tão profundamente no inferno quanto aqueles que caem nele tropeçando em Cristo. Aquele evangelho que traz agora boas novas, quando tiveres um sermão de repetição dele no grande dia, trará as mais pesadas novas que teus ouvidos já ouviram.

2. **Aos crentes.** Vós que entretivestes a mensagem do evangelho, regozijai-vos com as notícias. Alegres novas e corações tristes não combinam bem. Quando vemos alguém pesado e pesaroso, perguntamos-lhe que má notícia ouviu. Cristão, que má notícia Cristo trouxe do céu consigo, que te faz andar com teus braços cruzados e semblante pensativo? (Sl 132:16). Ver um homem ímpio alegre e jocoso, ou um cristão triste e abatido, é igualmente deselegante. “Para rir se fazem banquetes”, diz Salomão (Ec 10:19). Tenho certeza de que Deus pretendia a alegria de seu povo no banquete do evangelho. Os que choram não devem sentar-se à mesa de Deus (Dt 26). Verdadeiramente, a melancolia do santo reflete de modo pouco gentil sobre o próprio Deus. Nós não elogiamos sua comida, se ela não nos alegra. O que diz o mundo? A vida do cristão não passa de uma caminhada melancólica. Certamente, pensa o desgraçado carnal, é um banquete seco à mesa do qual eles se sentam, onde se bebe tão pouco vinho de alegria. E confirmarás os homens nesta opinião, cristão? Terão eles um exemplo para produzir Cristo e sua palavra, que prometem paz e alegria a todos os que vierem a este banquete? Ó, Deus me livre de que tua conversação, na qual deves “retendo a palavra da vida” — viver diante dos olhos do mundo — e que deveria ser como um comentário ou glosa sobre a palavra, para esclarecer a verdade e realidade dela aos outros — me livre de que isto discorde tanto do texto, a ponto de fazer as alegres novas faladas nele serem mais disputadas e questionadas nos pensamentos do mundo descrente do que antes. É um erro, confesso, e um erro grosseiro, o que os papistas ensinam — que não podemos saber que as Escrituras são a palavra de Deus, senão pelo testemunho da igreja; contudo, não é erro dizer que um testemunho prático

da vida dos santos tem grande autoridade sobre as consciências dos homens, para convencê-los da verdade do evangelho. Agora eles acreditarão que são boas novas, de fato, as que o evangelho traz, quando puderem lê-las em vossas vidas alegres. Mas quando observam cristãos tristes com este cálice de salvação em suas mãos, verdadeiramente suspeitam que o vinho nele não é tão bom quanto os pregadores o recomendam. Se os homens vissem todos os que negociam com as Índias voltarem para casa mais pobres do que foram, seria difícil persuadir outros a se aventurarem para lá, apesar de todas as montanhas de ouro que se diz estarem lá. Ó cristãos, deixai o mundo ver que não sois perdedores em vossa alegria desde que fostes apresentados ao evangelho. Não lhes deis causa para pensar, por vossa caminhada desconfortável, que quando se tornam cristãos, devem dizer adeus a toda alegria e resolver passar seus dias em uma casa de luto. O evangelho é uma mensagem de alegres novas? Não corrais, então, por vergonha, cristão, na conta do mundo, aceitando qualquer de sua alegria carnal; não precisas sair da casa de Deus para te alegrares. Aqui há alegria suficiente nas alegres novas do evangelho, mais do que podes gastar, ainda que vivesses em um nível mais elevado do que vives ou podes viver aqui na terra. Abraão não tomaria nem um “fio, nem uma correia de sapato” do rei de Sodoma, para que ele não dissesse que ele fez Abraão rico (Gn 14:23). Um cristão deveria negar-se a si mesmo das alegrias e prazeres do mundo, para que não digam: Estes cristãos extraem sua alegria de nossa cisterna. O canal é aberto pelo Espírito de Deus, no qual Ele quer que a alegria de seus santos corra. “Está alguém contente? Cante salmos.” Que o assunto de sua alegria seja espiritual; como, por outro lado, se está enfermo, que ore (Tg 5:14). Uma via espiritual

é dada a ambas as afeições de tristeza e alegria. *Aliter ludit ganeo, aliter princeps* [de outra forma diverte-se o libertino, de outra forma o príncipe] — a recreação de um príncipe não deve ser como a de um rufião. Nem tampouco a alegria de um cristão como a do homem carnal. Se alguma vez houve necessidade de clamar aos cristãos que alimentem a lâmpada de sua alegria com combustível espiritual, óleo santo, que pinga de um cano do evangelho, agora é o tempo, em que os professos se assemelham ao mundo em sua bravura exterior, banquetes, modas, passatempos, e são tão gentis com a carne em permitir, aliás, em pleitear tanto por, uma liberdade carnal nessas coisas, que mostra muito claramente que a alegria espiritual a ser tirada desses poços de salvação não os satisfaz; ou então eles não completariam sua bebida com esta água de poça, que costumava ser desejada apenas por aqueles que nunca tinham bebido do cálice de Cristo. Ó, qual é a razão para aqueles que querem passar por cristãos abandonarem este vinho puro da alegria do evangelho, pelo material sofisticado que esta prostituta, o mundo, apresenta em seu cálice de ouro para eles? Será porque a mensagem alegre do evangelho tornou-se obsoleta, e assim sua alegria — que uma vez cintilou na pregação dela, como vinho generoso faz no cálice, e alegrou os corações dos crentes com fortes consolações — perdeu agora seu espírito? Ou pode aquele fluxo puro de alegria espiritual, que correu por tanto tempo através dos corações e vidas dos santos em tantas gerações, misturando-se com a água salobra dos prazeres sensuais do mundo, finalmente cair neles e contentar-se em perder sua própria natureza divina e doçura em tal esgoto? Ó, não! O evangelho é o mesmo que era; a alegria que ele traz, tão doce e vigorosa, tão espiritual e pura, como sempre foi, e será enquanto Deus e Cristo continuarem

a ser os mesmos, de cujo seio de amor ela primeiro fluiu e ainda é alimentada; mas os professos deste evangelho agora não são os mesmos que aqueles homens e mulheres santos dos tempos primitivos. O mundo envelhece, e as afeições dos homens com ele esfriam e tornam-se gélidas. Não temos nosso gosto tão vivo, nem nossos espíritos tão castos e puros, para saborear os alimentos celestiais servidos no evangelho. A comida é tão boa quanto sempre foi, mas os convidados são piores. Tornamo-nos devassos em nossos julgamentos e corruptos em nossos princípios; não é de admirar então se formos carnis em nossas alegrias. O erro é uma prostituta; ele tira o coração de Cristo e suas alegrias espirituais. A cabeça, uma vez perturbada, logo afeta o coração e, ao pingar a malignidade de seus princípios sobre ele, envenena-o com afeições carnis; e afeições carnis não podem passar com outras senão alegrias grosseiras e carnis. Aqui, aqui está a raiz da miséria de nossos tempos. Não pensais que o diabo jogou seu jogo astuciosamente entre nós, que, por seus instrumentos — transformando-se na semelhança de anjos de luz — pôde primeiro elevar tantas almas crédulas a uma expectativa apaixonada de alcances mais elevados em graça e conforto de sua nova luz fingida do que jamais os santos conheceram, e então, finalmente, fazê-las cair tão baixo, serem tão razoáveis, ou melhor, desarrazoadas, a ponto de aceitar tais prazeres e alegrias sensuais como este mundo pode oferecer, em pagamento total por todas as coisas gloriosas que ele lhes prometeu? Bem, senhores, espero que isto faça alguns amarem o evangelho ainda mais, e apegarem-se mais a ele enquanto viverem.

Ó cristãos! bendizei a Deus pelas alegres novas do evangelho; e nunca empresteis ouvidos àquele que vos contaria

outras notícias, a menos que pretendais abrir mão da verdade para comprar uma mentira. Aliás, fazei com que seja vosso cuidado tirar todo o vosso conforto e alegria do seio do evangelho. Quando um coração carnal quer se alegrar, ele não pega a Bíblia para ler nela. Ele não entra na companhia das promessas, nem caminha na meditação delas. Não traz alegria para ele pensar em Cristo ou no céu. Não, ele pega um livro de peças, talvez; busca alguma companhia jovial; vai à bolsa ou ao mercado, para ouvir que notícias pode encontrar. Cada um, conforme seu hábito; mas ainda assim é do mundo que ele espera sua alegria. E agora, onde reside teu caminho, cristão? Aonde tua alma te conduz para tua alegria? Não vais à palavra, e lês lá o que Cristo fez por ti na terra, e está fazendo por ti no céu? Não é o trono da graça a bolsa, à qual recorres para boas notícias daquele país distante, o céu, onde toda a tua propriedade reside e teus melhores amigos vivem? Não estás escutando de que promessa Ele falará paz à tua alma? Se assim for, não tens teu nome em vão, tu és um cristão de fato. “Verdadeiros estudantes”, diz Erasmo, “que amam seu livro de fato, quando cansaram seus espíritos com o estudo, podem recriá-los novamente com o estudo, fazendo uma diversão daquilo que é severo e cheio de nós, para algum assunto mais fácil e agradável”. Assim, o verdadeiro cristão, quando seus espíritos estão gastos e desperdiçados nos exercícios mais severos do cristianismo, tais como o jejum e a oração, nos quais ele aflige tanto o corpo quanto a alma por seus pecados, então ele pode recuperá-los no banquete do amor de Deus em Cristo, onde ele vê sua água transformada em vinho, e as lágrimas que até agora seus pecados cobriam sua face, todas lavadas com o sangue de Cristo. Quando sua alma é atingida pelo medo e tremor com a consideração da justiça de Deus, e o terror de suas ameaças e juízos pelo pecado, então a meditação das doces promessas do evangelho o recria e

revive; de modo que, na mesma palavra onde ele encontra sua ferida, ele encontra sua cura; onde ele tem sua tristeza, ali também ele recebe sua alegria.

DIREÇÃO 7 — SEGUNDA PARTE GERAL. O QUE SE QUER DIZER AQUI POR PAZ.

A segunda indagação segue, viz.: O que se entende aqui por paz que é atribuída ao evangelho. Paz é uma palavra abrangente. “Esperávamos a paz”, diz o profeta, “mas não veio bem nenhum” (Jr 8:15). A paz traz, e leva embora de volta consigo, todo bem, como o sol faz a luz, de e para o mundo. Quando Cristo quis expressar ao máximo o quanto desejava o bem de seus discípulos, Ele envolveu toda a felicidade que seu coração grande poderia desejar-lhes nesta bênção de paz: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou” (Jo 14:27). Agora, tome a paz em sua maior latitude, se não espúria, e ela será encontrada crescendo nesta raiz do evangelho. De modo que estabeleceremos a conclusão em termos gerais.

DOCTRINA. A verdadeira paz é a bênção do evangelho, e somente do evangelho. Isto aparecerá nos vários tipos de paz, que podem ser classificados nesta divisão QUÁDRUPLA:—PRIMEIRO. Paz com Deus, a qual podemos chamar de paz de reconciliação. SEGUNDO. Paz conosco mesmos, ou paz de consciência. TERCEIRO. Paz uns com os outros, ou paz de amor e unidade. QUARTO. Paz com as outras criaturas, mesmo as mais prejudiciais, a qual pode ser chamada de uma paz de indenização e serviço. Começemos onde todas as outras começam, com a paz de reconciliação com Deus. Pois quando o homem rompeu com Deus, ele rompeu consigo mesmo, e com todo o mundo além; e ele nunca poderá chegar a

estar em paz com estes, até que sua paz seja feita com Deus. *Tranquillus Deus tranquillat omnia* [um Deus tranquilo tranquiliza todas as coisas].

PRIMEIRO TIPO DE PAZ.

PAZ COM DEUS, a bênção do evangelho.

Paz com Deus podemos chamar de paz de reconciliação; e a paz de reconciliação com Deus é a bênção do evangelho. Três coisas devem ser feitas aqui na prosecução do ponto.

PRIMEIRO. Mostrarei que há uma contenda pendente entre Deus e os filhos dos homens. SEGUNDO. Mostrarei que o evangelho, e somente o evangelho, assume isso e faz a paz entre Deus e o homem; portanto, chamado de evangelho da paz. TERCEIRO. Mostrarei por que Deus transmite esta segunda peça de reconciliação ao mundo desta maneira, e por este método.

Necessidade de paz com Deus.

PRIMEIRO. Mostrarei que há uma contenda pendente entre Deus e os filhos dos homens. Atos abertos de hostilidade feitos por uma nação contra outra proclamam que uma guerra começou. Agora, tais atos de hostilidade passam entre Deus e o homem. Balas voam rapidamente de um lado para o outro. O homem, ele dispara contra Deus — embora, contra sua vontade, ele erre o alvo — salvas inteiras de pecados e impiedades. Os melhores santos reconhecem isso sobre si mesmos, antes que a graça convertida os tirasse disso. “Porque também nós éramos noutro tempo loucos, desobedientes, extraviados, servindo a

várias concupiscências e deleites” (Tt 3:3). Note as últimas palavras: “servindo a concupiscências e deleites”. Eles estavam a serviço do pecado, dispostos a lutar contra Deus e apoiar este seu único inimigo. Não há faculdade da alma ou membro do corpo de um homem não convertido que não esteja em armas contra Ele. “A inclinação da carne”, diz o apóstolo, “é inimizade contra Deus” (Rm 8:7). E se há guerra na mente, com certeza não pode haver paz nos membros — faculdades inferiores, quero dizer — da alma, que são todas comandadas por ela. De fato, somos por natureza piores em nossa melhor parte; a inimizade contra Deus está principalmente assentada nas faculdades superiores da alma. Como nos exércitos, a soldadesca comum está totalmente ocupada com o espólio e despojo que obtêm pela guerra, sem se importar muito com um lado ou outro, mas os oficiais mais principais, especialmente os príncipes ou generais, vão para o campo cheios de inimizade contra aqueles que os opõem; assim, as faculdades inferiores buscam apenas satisfação para seu apetite sensual no espólio que o pecado oferece, mas as faculdades superiores da mente, estas saem mais diretamente contra Deus, e opõem sua soberania; aliás, se pudesse elaborar um complô eficaz para tirar a vida do próprio Deus, há inimizade suficiente na mente carnal para colocá-la em execução.

E assim como o homem está em armas contra Deus, assim está contra o homem. “Deus é um juiz justo, um Deus que se ira todos os dias... se alguém não se converter, ele afiará a sua espada; já tem armado o seu arco, e está aparelhado” (Sl 7:11-13). Deus ergueu seu padrão real em desafio a todos os filhos e filhas do apóstata Adão, que, por sua própria boca, são proclamados rebeldes e traidores contra sua coroa e dignidade; e como contra tais, Ele tomou o campo, como com fogo e espada, para se vingar deles. Aliás, Ele dá ao mundo testemunho

suficiente de sua ira incensada, por aquela que é revelada diariamente do céu nos juízos executados sobre os pecadores, e aqueles, muitos deles, mas “de um palmo de comprimento” — antes que possam mostrar que natureza têm pelo pecado real — contudo, esmagados até a morte pelo pé justo de Deus, apenas pelo tipo viperino do qual vêm. Em cada porta onde o pecado pisa, lá a ira de Deus nos encontra. Cada faculdade da alma e membro do corpo são usados como arma de iniquidade contra Deus; assim, cada um tem sua porção de ira, até a ponta da língua. Como o homem é pecaminoso por toda parte, assim é ele amaldiçoado por toda parte; por dentro e por fora, alma e corpo, escritos todos com ais e maldições tão próximos e cheios, que não há espaço para outro entrelinhar ou acrescentar ao que Deus escreveu.

Em uma palavra, tão ígnea é a ira do Senhor contra o homem pecador, que todas as criaturas compartilham com ele nela. Embora Deus tome sua mira no homem, e direcione suas flechas primariamente ao seu próprio coração, contudo, à medida que vão, inclinam-se sobre a criatura. A maldição de Deus explode toda a criação por causa do homem; e assim ele lhe paga um pouco de sua miséria pela mão daquelas criaturas que foram primariamente ordenadas para ministrar a ele em seu estado feliz, aliás, contribuem com algumas gotas para o preenchimento de seu cálice. Como um exército enfurecido faz despojo e estrago de tudo na terra de seus inimigos — destrói sua provisão, bloqueia ou envenena suas águas, queima suas casas, e despeja sua fúria em tudo que sua mão alcança — verdadeiramente assim Deus flagela o homem em cada criatura, nenhuma escapa de sua mão. O próprio pão que comemos, a água que bebemos e o ar que respiramos, são envenenados com a maldição de Deus; da qual aqueles que vivem mais tempo

morrem por fim. Tudo isso, porém, não é nada para o inferno, comparado com as poucas filas de homens em uma vanguarda para todo o corpo de um exército. Deus apenas escaramuça com os pecadores aqui, por alguns pequenos grupos de juízos, enviados para deixá-los saber que têm um inimigo vivo, que observa seus movimentos, atende ao alarme que seus pecados lhe dão, e pode ser duro demais para eles quando Ele quiser. Mas é no inferno onde Ele ataca com todo o seu poder. Lá os pecadores “sofrerão, como castigo, destruição eterna, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder” (2Ts 1:9). E assim muito para o primeiro, que há uma contenda entre Deus e o homem: o segundo segue.

O evangelho efetua a paz necessária.

SEGUNDO. Mostrarei que o evangelho, e somente o evangelho, assume esta contenda, e faz a paz entre Deus e o homem: — portanto, chamado de “evangelho da paz”. Isto aparecerá em dois particulares. Primeiro. O evangelho nos apresenta os artigos de paz que Deus oferece graciosamente para tratar, e isto nenhum outro além do evangelho faz. Segundo. O evangelho, pregado e publicado, é o grande instrumento de Deus para efetuar esta paz assim oferecida.

Primeiro. O evangelho nos apresenta os artigos de paz que Deus graciosamente oferece para tratar e concluir uma paz inviolável com o homem rebelde. Nele temos todo o método que Deus estabeleceu em seus próprios pensamentos desde a eternidade para reconciliar os pobres pecadores consigo mesmo. O evangelho, o que é senão o coração de Deus impresso? As preciosas promessas do evangelho, o que são senão os registros da corte do céu traduzidos para a linguagem da criatura? Neles

são expostos à visão de nossa fé todos os conselhos e propósitos de amor e misericórdia que foram concluídos pelo Pai, Filho e Espírito Santo, para a recuperação do homem perdido por Jesus Cristo, que foi enviado como plenipotenciário do céu à terra, plenamente capacitado e habilitado, não apenas por meio da pregação para tratar de uma paz como desejada da parte de Deus para ser concluída entre Deus e o homem, mas pela compra de sua morte para obter uma paz, e por seu Espírito para selar e ratificar a mesma a todos aqueles que — crendo nas cartas credenciais que Deus enviou com Ele nos milagres operados por Ele, e especialmente o testemunho que a Escritura dá dEle — por uma fé não fingida, recebem-nO em suas almas como seu único Senhor e Salvador (Gl 3:23). Esta é uma noção que não deve ser aprendida em outro lugar. Um profundo silêncio encontramos sobre ela em Aristóteles e Túlio [Cícero]. Eles não podem nos dizer como um pobre pecador pode estar em paz com Deus. Nada disso pode ser soletrado do pacto que Deus fez com Adão. Isso fecha o pecador em uma masmorra escura de desespero — ordena-lhe que não espere nada além do que a ira de um Deus justo possa medir para ele. Assim, a criatura culpada é cercada por todos os lados como por um dilúvio de ira — sem esperança ou ajuda para se ouvir — até que o evangelho, como a pomba, traz o ramo de oliveira da paz, e lhe diz que a maré virou, e que o dilúvio de ira que foi derramado sobre o homem por seu pecado agora caiu em outro canal, mesmo sobre Cristo, que foi “feito maldição por nós”, e não apenas bebeu do riacho que jazia no caminho e impedia nossa passagem para Deus, mas bebeu-o; de modo que onde havia um mar, agora aparece terra seca, uma calçada segura e justa, chamada “um caminho vivo” (Hb 10:20), pelo qual todo pecador verdadeiramente arrependido e crente pode passar sem qualquer perigo da justiça de Deus agora aplacada para o amor e favor de Deus. “Sendo

justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5:1). Somos inteiramente devedores ao evangelho pela descoberta deste segredo, que o apóstolo reconhece solenemente, onde se diz que Cristo trouxe “à luz a vida e a imortalidade pelo evangelho” (2Tm 1:10). Estava escondido no ventre do propósito de Deus, até que o evangelho surgiu e nos deixou conhecer, como a luz do sol revela ao olho o que estava antes, mas o que não poderia ser visto sem sua luz; e, portanto, não é apenas chamado de “um caminho vivo”, mas “um caminho novo e vivo que ele nos consagrou” (Hb 10:20) — tão “novo”, que o coração do homem nunca conheceu um pensamento dele, até que o evangelho o abriu, de acordo com o que está em Is 42:16: “Guiarei os cegos por um caminho que não conheciam, fá-los-ei andar por veredas que não tinham conhecido.”

Segundo. O evangelho, publicado e pregado, é o grande instrumento de Deus para efetuar esta paz. Antes que a paz seja concluída entre Deus e a criatura, ambos devem estar de acordo; como Deus para perdoar, assim o pecador para aceitar e abraçar a paz nos próprios termos de Deus. Mas como isso será feito? O coração do homem está tão profundamente enraizado em sua inimizade contra Deus, que requer uma força para arrancar isso igual àquela que arranca montanhas e carrega rochas de um lugar para outro. O evangelho pregado é o instrumento que Deus usa para a efetivação disso. “Não me envergonho”, diz o apóstolo, “do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação” (Rm 1:16). É a carruagem onde o Espírito cavalga vitoriosamente quando faz sua entrada nos corações do homem — chamado, portanto, “o ministério do Espírito” (2Co 3:8). Ele remodela o coração, como Ele formou o mundo no princípio, com uma palavra. Este é o dia do “poder” de Deus, em que Ele faz seu povo “disposto” — poder, de fato, para fazer aqueles que

tinham as sementes de guerra semeadas em suas próprias naturezas contra Deus desejosos de serem amigos dEle. Poder inaudito! Como se o bater de um tambor carregasse tal encanto ao longo de seu som para fazer aqueles do lado do inimigo, ao ouvi-lo, jogarem fora suas armas e buscarem a paz de sua mão contra quem eles acabaram de tomar o campo com grande raiva e fúria. Tal poder secreto acompanha o evangelho. Ele golpeia muitas vezes não apenas a espada do pecador de sua mão enquanto está estendida contra Deus, mas a inimizade de seu coração, e traz o mais obstinado rebelde sobre seu joelho, humildemente para implorar o benefício dos artigos de paz publicados no evangelho. Torna os pecadores tão maleáveis e tratáveis ao chamado de Deus no evangelho, que eles de repente, ao ouvir um sermão do evangelho, esquecem suas antigas afeições naturais que tiveram por suas amadas concupiscências, e saltam para fora de seus abraços com indignação, para que não mantenham Deus e eles em desavença um momento sequer mais. Agora segue o terceiro.

Por que Deus efetua a paz pelo evangelho.

TERCEIRO. Por que Deus transmite esta paz de reconciliação aos filhos dos homens desta maneira e por este método? Ou, em termos mais simples, por que Deus escolhe reconciliar os pobres pecadores consigo mesmo por Cristo? Pois esta é a paz que o evangelho proclama: “E, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas” (Cl 1 :20); e, v. 21, 22: “A vós também, que noutro tempo éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora contudo vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte, para perante ele vos apresentar santos, e irrepreensíveis e inculpáveis” (Cl 1 :21, 22). Mas respondamos. São audaciosos demais com Deus

aqueles que dizem que Ele não poderia encontrar outro caminho. Quem pode dizer isso, exceto o próprio Deus que lhe disse assim? Infelizmente! quão inadequada é a curta linha de nosso entendimento criado para uma tentativa tão ousada como sondar a insondabilidade da sabedoria onipotente de Deus! — para determinar o que Deus pode e o que Ele não pode fazer! Mas podemos dizer, e não nos esquecendo de reverenciar a Majestade do céu, que a sabedoria de Deus não poderia ter estabelecido o método de salvação mais vantajoso para a exaltação de seu próprio nome glorioso e a felicidade de suas pobres criaturas, do que neste expediente de reconciliá-las consigo mesmo por Cristo, nosso grande Pacificador. Esta transação tem nela um feliz temperamento para resolver todas as dificuldades de um lado e de outro; e, por sua contrivância misteriosa, excede a mão de obra que Deus exerceu ao fazer este mundo exterior — embora em seu gênero tão perfeito e tão glorioso que a menor criatura diz que seu Criador é uma Divindade, e envergonha o ateu em sua própria consciência que não quer acreditar nisso; contudo, digo eu, o plano de reconciliação excede esta boa estrutura do céu e da terra tanto quanto o próprio relógio excede o estojo que o cobre. De fato, Deus pretendia, por este caminho de reconciliar os pobres pecadores consigo mesmo, dar trabalho aos anjos e santos para admirar o mistério de sua sabedoria, poder e amor nele, para sempre.

Ó, quando eles se encontrarem todos no céu, e lá tiverem todo o conselho de Deus desdobrado para eles! — quando eles virem que mares foram secos, e que rochas de impossibilidades criaturais cavadas, pela sabedoria e amor onipotentes de Deus, antes que a paz de um pecador pudesse ser obtida, e então virem a obra, não obstante tudo isso, ser efetuada e trazida a uma feliz perfeição — ó, como serão tragados pela adoração do abismo de

sua sabedoria, que estabeleceu a plataforma de tudo isso de acordo com o conselho eterno de sua própria vontade! Certamente o sol não excede tanto a força de nossos olhos mortais quanto a glória desta vontade excede suas compreensões de alguma vez compreendê-la plenamente. Esta, esta é a peça que Deus desenhou de propósito, por sua rara mão de obra, para embelezar o próprio céu com ela. Quando Cristo retornou ao céu, Ele não levou nenhuma das raridades deste mundo consigo — não sua prata e ouro, não coroas e diademas, pelos quais aqui os homens arriscam suas vidas, aliás, separam-se de suas almas, tão prodigamente. Infelizmente! o que são estes, e todo o orgulho e galanteria deste mundo, para o céu? Aquilo de que ele mais se gloria não serve melhor ao céu do que o prato e as sobras do mendigo à mesa de um príncipe; ou o casaco remendado e esfarrapado de um, o guarda-roupa do outro. Não, o Senhor Cristo veio com um desígnio mais elevado do que este para a terra. O empreendimento que Ele se propôs alcançar foi negociar, aliás, efetuar, uma paz entre Deus e sua criatura rebelde, o homem, que havia por sua revolta incorrido em sua justa ira e vingança. Esta foi uma obra que se tornou tão bem ao próprio Deus de se engajar, que Ele achou que ninguém era elevado e digno o suficiente para ser confiado com a transação dela abaixo de seu único Filho, que permaneceu aqui apenas enquanto trouxe sua negociação a um feliz período, e então carregou as alegres novas de seu término de volta consigo para o céu, o que fez seu retorno infinitamente bem-vindo ao seu Pai, e a todos os habitantes gloriosos do céu, seus assistentes. Mas procederei a dar alguma resposta mais particular à pergunta proposta.

Razões particulares pelas quais Deus adota o método de reconciliação pelo evangelho.]

Razão Primeira. Deus estabelece este método de reconciliar os pecadores consigo mesmo por Cristo, para que pudesse dar o mais profundo testemunho de seu perfeito ódio ao pecado naquele mesmo ato em que expressa o mais alto amor e misericórdia aos pecadores. Nenhum ato de misericórdia e amor é como o de perdoar o pecado. Receber um pecador reconciliado no céu não é um avanço tão grande quanto levar um rebelde a um estado de favor e reconciliação. Os termos aqui são infinitamente mais amplos. Há razão para esperar um, nenhuma para esperar o outro. É pura misericórdia perdoar, mas é verdade, sendo perdoado, salvar (Mq 7:19, 20). Bem, quando Deus exerce este próprio ato, Ele quer que a criatura veja seu ódio ao pecado escrito na face daquele amor que Ele mostra ao pecador. E, verdadeiramente, isso era necessário, se considerarmos quão difícil é para nossos corações corruptos conceber a misericórdia de Deus sem alguma reflexão desonrosa sobre sua santidade. “Calaste-te”, diz Deus (Sl 50:21). E que inferência o ímpio tira disso? “Pensaste que eu era certamente como tu”, isto é, “pensaste que eu gostava do pecado tanto quanto tu”. Agora, se um texto tão claro e fácil como a misericórdia tolerante de Deus é distorcido, e uma falsa glosa, tão repugnante não apenas ao fim de Deus nisso, mas à natureza santa de Deus, é imposta, quanto mais sujeita está a misericórdia perdoadora — que é tão superlativa àquela e infinitamente mais deliciosa ao paladar do pecador — a ser abusada? Alguns homens olham tanto tempo para este objeto agradável que não estão dispostos a desviar o olhar e ver qualquer outro atributo de Deus. Agora, neste caminho de se reconciliar com os pecadores por Cristo, Ele deu tal argumento para convencer os pecadores de que Ele é um

odiador implacável do pecado que não tem igual. É verdade, cada ameaça na Bíblia nos diz que o pecado não encontra favor no coração de Deus; as consciências culpadas dos homens, que os perseguem até em casa e os seguem até seus próprios seios, continuamente gritando e clamando danação em seus ouvidos; os juízos notáveis que de vez em quando se apoderam dos pecadores neste mundo; e, muito mais, a fornalha que está se aquecendo para eles em outro mundo, mostram abundantemente quão quente e ardente o coração de Deus dentro dEle está em ira contra o pecado. Mas, quando vemos Ele correr sobre seu Filho e colocar a faca envenenada de sua ira em sua garganta, aliás, enfiá-la em seu próprio coração, e deixá-la lá — apesar de todas as súplicas e orações que em suas amargas agonias Ele ofereceu ao seu Pai, “com forte clamor e lágrimas” — sem a menor poupança dEle, até que Ele forçasse sua vida, em meio a uma multidão de tristes gemidos e suspiros, para fora de seu corpo, e com isso pagasse à justiça a dívida total, que Ele, como fiador do homem, havia assumido descarregar — isto, isto eu digo, nos dá uma vantagem maior para conceber o ódio de Deus ao pecado, do que se pudéssemos ficar em um lugar para ver que entretenimento os condenados encontram no inferno, e de uma só vez contemplar todos os tormentos que eles suportam. Infelizmente! Suas costas não são largas o suficiente para suportar todo o peso da ira de Deus de uma só vez — sendo ela infinita e eles finitos, o que, se pudessem, não os encontraríamos jazendo naquela prisão por falta de pagamento. Mas contemplai aqui um que tinha toda a maldição do pecado de uma vez sobre suas costas. De fato, seus sofrimentos são infinitos *extensivè* — extensivamente, porque eternos; mas os dEle eram infinitos *intensivè* [intensivamente]. Ele pagou em uma soma o que eles estarão sempre pagando, e ainda assim nunca chegarão ao último centavo. “O castigo que nos traz a paz estava sobre

ele” (Is 53:5). “O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” (v. 6). Ou [como está na margem], “Ele fez a iniquidade de nós todos encontrar-se nele”. Toda a maldição encontrou-se nEle, como todos os rios fazem no mar — uma coleção virtual de todas as ameaças denunciadas contra o pecado, e todas colocadas sobre Ele. E agora, dai apenas mais um passo, e considerai em quão próxima relação Cristo estava com Deus, assim como o amor infinito e inefável com que esta relação era preenchida, e mutuamente acariciada de cada lado, e isso exatamente no mesmo momento em que Ele subiu ao palco para esta tragédia sangrenta ser encenada sobre Ele; e, penso, estais no degrau mais alto que a palavra de Deus pode vos conduzir para ascender, na meditação deste assunto.

Se vísseis um pai que tem apenas um filho único, e não pode ter mais, ordenar sua prisão; vir ao tribunal ele mesmo, e sentar-se como juiz sobre sua vida; e com seus próprios lábios proferir sentença de morte sobre ele, e ordenar que seja executada com os mais requintados tormentos que possam existir, aliás, ir ao lugar ele mesmo, e com seus próprios olhos, e estes não cheios de água, como lamentando sua morte, mas cheios de fogo e fúria — aliás, um semblante de toda maneira tão definido que pudesse dizer a todos que o veem, que o homem sentia prazer na morte de seu filho; — se vísseis isso, diríeis: Certamente ele odeia amargamente seu filho, ou o pecado que seu filho cometeu. Isto vós vedes em Deus Pai para com seu Filho. Foi Ele, mais do que homens ou demônios, que procurou sua morte. Cristo notou isso, que o mandado para sua morte tinha a mão e o selo de seu Pai nele. “Não beberei eu o cálice que o Pai me deu?” Aliás, Ele permanece ao lado e regozija-se nisso. Seu sangue foi o vinho que alegrou o coração de Deus — “Ao Senhor agradou moê-lo” (Is 53:10). Quando Deus corrige um

santo, Ele o faz, de certa maneira, de má vontade; mas quando Cristo sofre, isso lhe agrada; e não isso por falta de amor em seu coração para com Cristo, nem que qualquer desobediência em Cristo tivesse endurecido o coração de seu Pai contra Ele — pois Ele nunca o desagradou — mas daquele ódio que Ele tinha ao pecado, e do zelo para exaltar sua misericórdia para com os pecadores, satisfazendo sua justiça em seu Filho.

Razão Segunda. Deus efetuou nossa paz por Cristo, para que pudesse para sempre esconder o orgulho dos olhos de seus santos. O orgulho foi a pedra na qual tanto anjos quanto homens tropeçaram e caíram. Na recuperação do homem, portanto, Ele rolará essa pedra, tanto quanto possível, para fora do caminho — Ele colocará de lado aquela faca com a qual o homem fez a si mesmo o mal. E para que Ele possa fazer isso, Ele transaciona todo o negócio por Cristo para eles. O projeto do homem era cortar a linhagem de sua obediência a Deus, e estabelecer-se como um príncipe livre e absoluto, sem depender de seu Criador. Um plano estranho! Pois, para efetuar isso, ele deveria primeiro ter jogado fora aquele ser que Deus lhe deu, e, por autocriação — se tal coisa tivesse sido possível — ter concedido um novo a si mesmo; então, de fato, e não até então, ele poderia ter tido sua vontade. Mas infelizmente! Seu orgulho de ser o que não poderia, fez-lhe perder o que tinha, e ainda poderia ter desfrutado. Contudo, quão tolo quer que agora pareça e inexequível, aquele foi o plano que o orgulho havia saltado no coração do homem. Agora, Deus, para preservar seus filhos de todos os futuros assaltos e baterias do inferno nesta porta, escolheu tal caminho de reconciliá-los e salvá-los, que, quando o príncipe deste mundo viesse tentá-los ao orgulho, ele não encontraria nada neles para dar o menor semblante ou cor a tal moção; de modo que, de todos os pecados, o orgulho é tal que

podemos nos maravilhar de como ele deveria crescer, pois não tem outra raiz para sustentá-lo senão o que é encontrado na fantasia ou imaginação sonhadora do homem. Ele cresce, como às vezes veremos um cogumelo ou musgo, entre pedras, onde pouco ou nenhum solo há para sua raiz se agarrar. Deus, neste caminho do evangelho de reconciliar pecadores por Cristo, faz com que ele obtenha tudo de fora das portas. Queres, pobre alma, ter paz com Deus? Não deves obtê-la de tua própria penitência por teus pecados. “O castigo que nos traz a paz estava sobre ele” (Is 53:5). Ó, sabe que não és teu próprio pacificador! Esse é o nome de Cristo, que fez essa obra: “porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um” (Ef 2:14) — judeu e gentio um com Deus, e um com o outro. Gostarias de ser justo? Então não deves aparecer diante de Deus em tuas próprias roupas. É a justiça de outro, não a tua, que é providenciada para ti. “Alguém dirá: No Senhor tenho justiça” (Is 45:24). Em uma palavra, terias alguma vez direito na glória do céu? Teu centavo não é boa prata para comprá-la. O preço não deve sair de tua bolsa, mas do coração de Cristo; e, portanto, como é chamado de “posse adquirida”, em relação a Cristo — porque Ele a obteve para nós com uma grande soma, não “prata e ouro”, mas seu “precioso sangue” — assim é uma “herança” em relação a nós, porque ela desce sobre nós tão livremente quanto a propriedade do pai sobre seu filho (Ef 1:14). E por que tudo isso, senão para que os “olhares altivos” do homem possam ser “humilhados”, e a “altivez do homem” deva ser “abatida, e só o Senhor exaltado” no dia da nossa salvação? O maná é exposto pelo próprio Cristo em um tipo dEle: “O pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo” (Jo 6:33). Agora observai por que Deus escolheu aquele caminho de alimentá-los no deserto: “que te alimentou no deserto com maná, que teus pais não conheceram, para te humilhar” (Dt 8:16). Mas em que consistia esta grande

humilhação deles? Não foram eles duramente humilhados, pensais, por serem alimentados com tal prato delicado, que tinha Deus por seu cozinheiro, e é chamado de “comida de anjos” por sua delicadeza (Sl 78:25) — tal que, se eles precisassem de qualquer repasto, poderia muito bem servir à sua mesa? Respondo: não foi a insignificância da comida, mas a maneira de tê-la, que Deus pretendia que deveria humilhá-los. O homem é orgulhoso, e ama ser seu próprio provedor, e não depender da permissão de outro. O mesmo banquete enviado pela caridade e bondade de outro não descerá tão bem com seu estômago alto quanto quando é providenciado a seu próprio custo e encargos; ele preferiria ter a honra de manter sua própria casa, embora simples, do que viver melhor com a esmola e permissão da caridade de outro. Isso os fez desejar estar com suas cebolas em seus próprios jardins no Egito, e suas panelas de carne lá, que embora fossem dieta mais grosseira, eles gostavam mais, porque compradas com seu próprio centavo.

Razão Terceira. Deus estabelece este método de reconciliar os pecadores consigo mesmo por Cristo, para que pudesse ser uma paz com a maior vantagem possível — que Deus e o homem pudessem encontrar-se novamente em melhores termos por esta pacificação, do que quando Adão estava em toda a sua glória primitiva. Deus, sem dúvida, não teria deixado a beleza de sua primeira mão de obra ser tão desfigurada pelo pecado, se não quisesse ter erguido uma estrutura mais magnífica de suas ruínas. Agora, Deus pretendendo imprimir a felicidade do homem na segunda edição com um caráter mais justo do que na primeira, Ele emprega Cristo na obra, como o único instrumento apto para realizar um design tão grande. O próprio Cristo nos diz tanto: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância” (Jo 10:10). Sua

vinda não foi para dar àqueles que estavam mortos e condenados apenas paz, vida nua, mas “com abundância” do que jamais o homem teve antes da quebra. Foi Cristo no segundo templo que o encheu com uma glória superlativa à primeira — Cristo na segunda criação do homem, que levanta sua cabeça acima do primeiro estado em felicidade. Como Adão foi um padrão para toda a sua semente — o que ele era em seu estado inocente, que deveriam todos ter sido, se o pecado não tivesse alterado a cena e virado a mesa — assim Cristo é um padrão para toda a sua semente daquela glória com a qual eles serão vestidos (1Jo 3:2). “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele” — isto é, “nossos corpos visíveis como seu corpo glorioso”, como diz o apóstolo (Fp 3:21), e nossas almas também, como sua alma gloriosa. Agora, por quanto nossa natureza em Cristo é mais gloriosa do que era em Adão, por tanto o estado de um pecador reconciliado supera a primeira condição de Adão. Alguma pequena descoberta disso, tomai em dois particulares.

Superioridade de nossa natureza em Cristo ao seu estado em Adão.

1. O pecador reconciliado tem a vantagem de Adão em sua união com Deus. 2. O pecador reconciliado tem a vantagem de Adão em sua comunhão com Deus.

2. O pecador reconciliado tem a vantagem de Adão em sua união com Deus. E isso,

(1.) Como ela é mais próxima. A união é mais próxima, porque Deus e o homem fazem uma pessoa em Cristo. Este é um

mistério tal que não foi ouvido por Adão em toda a sua glória. Ele, de fato, estava em liga de amor e amizade com Deus — e essa era a melhor flor em sua coroa — mas ele não podia reivindicar tal parentesco e consanguinidade como agora — com reverência seja dito — a alma reconciliada pode com Deus. Isto vem pelo casamento da natureza divina com a humana, na pessoa de Cristo, cuja união pessoal é o fundamento de outra, uma união mística entre Cristo e a pessoa de cada crente; e esta é uma união tão próxima que, como pela união da natureza divina e humana, há uma pessoa, assim também por esta união mística, os santos e sua cabeça fazem um Cristo: “Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo” (1Co 12:12). *Ecclesia est Christus explicatus* [a igreja é nada mais que Cristo exibido]. Quem pode dizer que avanço é este para a natureza humana em geral, e para as pessoas dos crentes em especial? — tal que não deixa apenas Adão, mas anjos, abaixo de um pecador reconciliado neste respeito. Adão, no início, foi feito apenas “um pouco menor do que os anjos”; mas, por este par de uniões, Deus colocou a alma reconciliada mais do que um pouco acima de ambos, pois Cristo, ao assumir, não “a natureza dos anjos” — embora a casa mais antiga e nobre — mas “a semente de Abraão”, fez “o mais velho servir ao mais jovem”. Mesmo os anjos ministram ao mais humilde santo, como ao herdeiro de seu Mestre (Hb 1:14).

(2.) Como ela é mais forte. Portanto, mais forte, porque mais próxima. Quanto mais próximas as pedras estão umas das outras, mais forte é a construção. A união entre Deus e Adão no primeiro pacto não era tão próxima que Adão pudesse cair, e ainda assim a glória de Deus permanecesse íntegra e inabalada; mas a união agora é tão próxima e forte entre Cristo e seus

santos, que Cristo não pode ser Cristo sem seus membros. “Porque eu vivo”, diz Cristo, “vós vivereis” (Jo 14:19) — implicando que a vida deles estava ligada à dEle, e [que] era tão fácil para Ele ser expulso do céu quanto para eles serem mantidos fora. A igreja é chamada de “corpo de Cristo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos” (Ef 1:23). Um corpo não está cheio se não tem cada membro e junta, por mais pequena, e eles em sua plenitude também. As graças dos santos são a glória de Cristo (2Co 8:23); e, embora sua glória essencial como Deus não receba enchimento de seus santos, ou de suas graças, contudo, considerai-O em sua mediação como cabeça de sua igreja, assim a glória de Cristo está enchendo diariamente, à medida que os eleitos são chamados diariamente, e à medida que aqueles que são chamados crescem para sua estatura designada. Cristo não tem sua plenitude até que os santos tenham sua perfeição e complemento de graça na glória do céu.

1. O pecador reconciliado tem a vantagem de Adão em sua comunhão com Deus. Quanto mais perto, costumamos dizer, mais caro. A comunhão resulta da união. Se a união é mais próxima e forte entre uma alma reconciliada e Deus do que a de Adão, sua comunhão necessariamente deve ser mais doce e plena. Por que, senão, é a comunhão entre marido e mulher mais plena do que entre amigo e amigo, senão porque a união é mais próxima? Deus conversa com Adão como um amigo com seu amigo e aliado, mas com a alma reconciliada como um marido com sua esposa. “Porque o teu Criador é o teu marido” (Is 54:5). Há uma dupla doçura peculiar à comunhão da alma reconciliada com Deus.

(1.) Há, em Cristo, um fundamento estabelecido para maior familiaridade com Deus do que Adão era, a princípio,

capaz. Ele, de fato, era o filho de Deus, contudo, era mantido a uma distância maior, e tratado com mais estado e majestade, por Deus, do que agora a alma reconciliada é; pois, embora ele fosse o filho de Deus, por criação, contudo “o Filho de Deus” não era então “o Filho do homem” por encarnação; e por esta porta entra a familiaridade mais doce do crente com Deus. O cristão não pode agora elevar um olho de fé a Deus, sem ver sua própria natureza assentada no trono por Ele, na pessoa de Cristo. E, se a visão de José à mão direita de Faraó, em favor e honra da corte, enviou os patriarcas para casa com notícias tão alegres ao seu velho pai, que mensagem arrebatadora de alegria deve a fé levar então à alma de um pecador reconciliado, quando ela vem após alguma visão de amor em uma ordenança e diz: “Alegra-te, ó minha alma, vejo Jesus Cristo, teu parente próximo, à mão direita de Deus na glória, a quem “todo o poder é dado no céu e na terra”; não temas, Ele é tão próximo em sangue de ti que não pode ser esquecido de ti, exceto se Ele devesse fazer o que é antinatural em ti mesmo, isto é, esconder-se de sua própria carne”. Quanto mais um príncipe se abaixa ao mais humilde de seus súditos, mais familiar ele se torna aos seus súditos.

Foi uma condescendência maravilhosa no grande Deus, que não pode ter igual, primeiro fazer o homem, e então estabelecer tal liga e pacto amigável com ele. Isto Deus faz agora com cada alma reconciliada, e isso também enriquecido com tantas circunstâncias espantosas de graça condescendente que necessariamente deve tornar o caminho do acesso do crente a Deus mais familiar. Deus, nesta segunda e nova aliança com a pobre criatura, desce de seu trono — troca suas vestes majestosas de glória pelos trapos da carne frágil do homem. Ele deixa seu palácio para viver por um tempo na humilde cabana de sua criatura, e lá não apenas conversa familiarmente com ele,

mas, o que é mais estranho, serve-o, aliás, o que é mais do que tudo isso, Ele se rende para suportar toda sorte de indignidades da mão de sua pobre criatura; e quando este, seu rude entretenimento termina, Ele volta para o céu, não para reclamar ao seu Pai como Ele foi abusado aqui embaixo, e levantar o poder do céu contra aqueles que tão mal O trataram, mas para preparar o palácio do céu para a recepção daqueles que assim O abusaram, e agora aceitarão sua graça; e para que estes ainda deixados na terra não temam que sua real re-assumida realeza e majestade na glória do céu fizesse alguma alteração em seus assuntos em seu coração — para dar-lhes, portanto, uma demonstração constante de que Ele seria o mesmo na altura de sua honra que Ele foi na profundidade de seu aviltamento — Ele volta com as mesmas roupas que havia emprestado de sua natureza, para usá-las no trono em toda sua glória — apenas algum custo principesco foi dedicado para colocá-las na moda daquele reino celestial, e fazê-las combinar com seu estado glorificado — dando-lhes um padrão por isso, o que seus próprios corpos visíveis, que agora são tão desonrosos, serão feitos em outro dia. Agora, nenhuma de todas essas circunstâncias foi encontrada na primeira administração de Deus a Adão, e portanto esta é a mais familiar.

(2.) Há a doçura da misericórdia perdoadora, e o amor sangrante de Cristo — que, por sua morte, a comprou para ele — a ser saboreada na comunhão da alma reconciliada com Deus. Este torrão de açúcar Adão não tinha em seu cálice. Ele sabia o que o amor de um Deus doador significava, mas era estranho à misericórdia de um Deus perdoador. A alma reconciliada experimenta ambos. O amor de um pai, mais do que gentil, é um grande conforto para um filho obediente — aquele que nunca desagradou seu pai; mas não traz tal maravilha aos nossos

pensamentos como a compaixão e as entranhas derretidas de um pai para com um filho rebelde. E certamente o filho pródigo, que é recebido novamente nos abraços de seu pai, tem a vantagem de amar seu pai mais do que seu irmão que nunca esteve sob o desagrado de seu pai. Ó, esta misericórdia perdoadora, e o amor de Cristo que a comprou! — eles são os mais espaçosos e frutíferos temas para uma alma graciosa ampliar suas mais doces meditações aqui na terra. Mas quem pode conceber que música arrebatadora os santos glorificados farão ao executar variações nesta doce nota? Tenho certeza de que o cântico a que suas harpas estão afinadas é “o cântico do Cordeiro” (Ap 15:2, 3). A felicidade final dos santos na glória do céu é uma composição de todos os ingredientes raros possíveis — tão temperada pela mão sábia de Deus, que, como nenhum poderia ser bem dispensado, assim o sabor de nenhum será perdido em outro. Mas este ingrediente da misericórdia perdoadora, e do estupendo amor e sabedoria de Deus por Cristo nela, deverá, como posso dizer, dar um doce sabor a tudo, e ser saboreado acima de todos os outros.

Uso ou aplicação.

Que isso provoque a todos a laborar para obter interesse nesta paz de reconciliação com Deus que o evangelho traz. Paz com Deus! Certamente ela vale a pena que o pecador a tenha, ou então os anjos foram mal empregados quando deram boas-vindas às novas dela no mundo no nascimento de nosso Salvador com tais aclamações de alegria. “Glória a Deus....na terra paz” (Lc 2:14). Aliás, de outra forma o próprio Cristo foi enganado em sua compra, que, se a paz de um pecador com Deus não é de alto louvor e valor, tem pouco a mostrar pela efusão de seu

sangue cardíaco, que Ele achou bem gasto para ganhar isso. Mas isto nós não podemos acreditar. E contudo, para ver quão livremente Deus oferece paz e perdão aos filhos dos homens por Cristo, e quão tímidos, aliás, taciturnos e contrários eles são à moção: — alguém que não conhece bem ambos — a bondade infinita de Deus, e a horrível baixeza do homem miserável — poderia estar pronto a pensar que é alguma mercadoria de baixo preço que jazia nas mãos de Deus, e esta ser a causa pela qual Deus é tão sincero em dá-la, e o homem tão relutante em tirá-la de suas mãos. Ah, pobres miseráveis iludidos! Quem é o conselheiro ímpio que endurece vossos corações de abraçar vossas próprias misericórdias? Nenhum, certamente, senão um diabo que pode odiar a Deus e a vós tanto assim. E ele teve tanto sucesso em sua própria contenda contra Deus, que ele deveria ser ouvido por ti, pobre pecador? Pode ele te dar uma armadura que extinguirá as balas de Deus? Como então é que ele é tão pouco gentil consigo mesmo a ponto de deixá-las queimando em seu próprio seio para seu tormento indescritível? Ou ele te emprestará alguma piedade quando tu tiveres, por seu conselho, te arruinado? Infelizmente! não mais do que o lobo cruel faz à tola ovelha, quando ele sugou seu sangue e a despedaçou. Pensa, e pensa novamente, pobre pecador, que resposta pretendes enviar ao céu antes que Deus chame seus embaixadores para casa, e o tratado se rompa, para nunca mais ser renovado. E para que não te falte alguma matéria oportuna para teus pensamentos meditativos ampliarem sobre este assunto, deixa-me desejar que trates com teu próprio coração sobre estes quatro pontos. Primeiro. Considera o que é que te é oferecido. Segundo. Quem é que o oferece. Terceiro. Como Ele o oferece. Quarto. O que tu fazes quando o recusas.

Exortações ao pecador para abraçar esta paz com Deus, oferecida no evangelho.

Primeiro. Considera o que é que te é oferecido — paz com Deus. Uma coisa tão indispensável — não podes ter menos, e tão abrangente — não precisas ter mais do que isto, e o que vem com isto, para te fazer verdadeiramente, plenamente feliz. De toda a variedade de desfrutes com os quais é possível que tua mesa seja posta, este é um prato que menos pode ser dispensado. Tira a paz, e essa de natureza inferior — paz exterior — e o banquete está estragado, embora esteja na mesa de um príncipe. Os filhos de Davi tinham pouco estômago para seu jantar real quando um deles foi morto, que se sentava à mesa com eles. E que sabor podes ter em todas as tuas iguarias enquanto Deus está em ordem de batalha contra ti; muitos pecadores mortos diante de teus olhos pelos juízos de Deus; e a mesma espada que derramou o sangue deles, está em tua garganta, enquanto a carne está em tua boca? Penso que teus bocados doces deveriam ficar presos em tua garganta, e dificilmente descer, enquanto meditas sobre estas coisas. Ó, pecador! não é isto como um sapo inchando no fundo de teu cálice mais docemente açucarado — que a controvérsia ainda depende entre Deus e ti? Teus pecados não são perdoados, e tu és uma criatura morta e condenada, porém tu te divertes no presente em tua prisão. Não te maravilhas de ver um homem em seu esporte, caçando ou falcoeirando, e alguém deveria te dizer que aquele homem deve ser enforcado amanhã? Verdadeiramente Deus é mais misericordioso contigo do que tu podes prometer a ti mesmo, se Ele adiar a execução até outro dia. Confesso, quando encontro um homem cuja vida o proclama um pecador irreconciliado, e o vejo se arrumar com a alegria de seus filhos, propriedade, honra, ou algo semelhante, nesta vida, isso me administra matéria de

admiração [assombro], o que tal pessoa pensa de Deus ou de si mesma. Podes pensar que é por muito tempo que te sentarás a este fogo de espinhos que acendeste, e não Deus por ti? Não deve necessariamente provocar um credor ver seu devedor viver alto, e andar bravo, tudo às suas custas, e todo o tempo nunca pensar em sair de sua dívida, ou de fazer sua paz com ele? Muito mais então provoca Deus ver pecadores gastar de sua generosidade — levar vidas alegres e joviais na abundância de desfrutes exteriores que Ele lhes empresta, mas não tomar nenhum pensamento de fazer paz com Ele em cujo livro de dívidas eles estão tão profundamente em atraso.

Que tolice teria sido para os judeus, quando Assuero havia selado o mandado para sua destruição, terem ido pintar suas casas, plantar seus campos, e lançado seus corações no desfrute de suas propriedades, sem cuidar, em primeiro lugar, de conseguir que aquele decreto sangrento fosse revertido? Um tolo pior és tu, que fazes tudo isso, enquanto carregas a sentença de morte da boca de Deus, sobre ti em tua própria consciência. Sir Thomas More, quando na Torre, não queria nem se aparar, dizendo: “Havia uma controvérsia entre o rei e ele por sua cabeça, e até que isso estivesse em um final feliz, ele não teria nenhum custo com isso”. Espuma a espuma de seu engenho e podes fazer um uso solene disso. Certamente todo o custo que dispendes em ti mesmo para tornar tuas vidas prazerosas e alegres para ti é mera tolice, até que seja decidido o que será do processo entre Deus e ti, não por tuas cabeças, mas almas, aliás, alma e corpo, se para o céu ou para o inferno. Ó, não seria tua escolha mais sábia começar por fazer tua paz, e então podes logo levar uma vida feliz! Dizemos: “Quem sai de dívida fica rico”. Tenho certeza de que a alma reconciliada não pode ser pobre. Assim que a paz é concluída, um comércio livre é aberto entre

Deus e a alma. Se uma vez perdoado, podes então navegar para qualquer porto que jaz nos domínios de Deus, e ser bem-vindo. Todas as promessas estão abertas com seu rico tesouro. Tira, pobre alma, carga completa de todas as coisas preciosas que elas oferecem, até tanto quanto tua fé pode suportar, e ninguém te impedirá. Como um homem pode tirar o vinho de todo um vaso através de uma torneira, assim a fé pode tirar o conforto de toda a aliança desta única promessa de reconciliação. Se reconciliado, então a porta está aberta para te deixar entrar em comunhão com Deus em todas as suas ordenanças. Deus e tu estando de acordo podeis agora caminhar juntos, enquanto antes tu não podias olhar para a presença de Deus, mas seu coração se levantava contra ti, como um à vista de seu inimigo, pronto para sacar contra ti com seus juízos. “O ferreiro”, dizemos, “e seu centavo, ambos são negros”. Assim eras tu com todos teus deveres e desempenhos, enquanto irreconciliado aos Seus olhos. Mas agora tua “voz é doce, e o semblante formoso”. Todos os atributos de Deus, teu aliado, são teus: seus cavalos e carruagens teus, como Josafá disse a Acabe. Sempre que qualquer inimigo te coloca em medo, tu sabes onde ter um amigo que tomará parte contigo. Todas as suas providências, embora como abelhas, voem umas deste modo, e outras daquele, aliás, uma contrária à outra, como, pensas, impossível rastreá-las, estão contudo todas em trabalho para ti; e tua alma é a colmeia onde elas descarregarão o doce fruto de todo seu labor, embora possivelmente possa ser noite — o entardecer de teus dias — antes que o encontres. Em uma palavra, se reconciliado, tu estás no próximo degrau para o céu; “aos que justificou, a estes também glorificou” (Rm 8:30). Tu tens certeza de estar lá assim que a morte rasga o véu de tua carne, que é tudo o que se interpõe entre ti e ele.

Segundo. Considera quem é que oferece paz a ti — o grande Deus. É difícil dizer qual fala a maior maravilha — Deus oferecer, ou tu negares o que Ele oferece. Não nos maravilhamos de ver o filho desobediente de joelhos, trabalhando para suavizar o coração de seu pai com suas lágrimas, o qual ele endureceu contra ele com suas rebeliões; nem um traidor condenado prostrado ao pé de seu príncipe, implorando por sua vida, agora perdida à justiça da lei; mas é algo estranho ver o pai tornar-se suplicante ao seu filho, mais, para o traidor abrir a porta de sua masmorra e encontrar seu príncipe parado lá, e isso sem outro objetivo senão desejar que ele aceite um perdão. E contudo o amor-próprio pode ser o grande motivo para este aparente auto-sacrifício. O pai apenas ama a si mesmo quando ele desce abaixo de seu lugar para ganhar seu filho, que carrega tanto da vida de seu pai sobre ele. E tal necessidade de estado existe às vezes, que grandes príncipes são forçados a se curvar ao mais humilde, aliás, pior de seus súditos. A segurança de um príncipe pode estar tão intimamente preocupada na vida de um traidor que ele não pode cortar sua cabeça sem perigo iminente para a coroa que está sobre sua própria. Mas nenhuma dessas dificuldades forçou Deus a ter pensamentos de paz para sua pobre criatura; não, elas são o nascimento de amor livre e condescendente. E agora, pensa novamente, pecador, antes que o grande Deus tenha uma negativa de ti. Se um vizinho, o mais pobre da cidade, e ele um que te fez mal, e não recebeu de ti, vem a ti e deseja paz, deverias tu rejeitar a moção? A consciência não te reprovaria até o teu dia de morrer? Como então suportarás olhar para Deus ou para a consciência na face, se recusas a paz das mãos de Deus que tu não tratas, como homens, quando sua espada está quebrada, e eles não podem lutar, mas quando Ele tem poder absoluto sobre tua vida — que está sempre em suas mãos — aliás, um Deus que sempre recebeu o mal — nunca te fez nenhum — aliás, deveria

ter te feito nenhum, se Ele tivesse muito antes disso te enforcado em correntes de trevas entre os condenados.

Terceiro. Considera como Deus te oferece paz.

1. Ele oferece paz sinceramente. Ele não cobre fraude sob um tratado de paz. Entre homens houve horrível prestidigitação neste caso. A bandeira da paz é muitas vezes pendurada no lábio apenas, para atraí-los para o alcance de seu punhal, que está pronto para atingi-los, como Joabe fez a Abner, “sob a quinta costela”. Em todas as guerras civis da França, os pobres protestantes acharam a paz mais custosa para eles do que a guerra; eles bateram nos papistas no campo, quando inimigos abertos, mas foram traídos por eles na câmara, quando falsos amigos. Mas para teu conforto, sabe que é, “um Deus de verdade” com quem tu trata. Nunca Ele derramou o sangue de guerra na paz, ou deu uma alma à espada de sua ira, após quartel tomado e paz dada. “Se confessarmos,...Ele é justo e fiel para perdoar”. Suas promessas não são “sim e não”, como as do diabo, que as coloca para que possa ter o crédito de ambos os modos. Não, o próprio coração de Deus pode ser visto como através de uma janela de cristal na promessa; elas são todas “sim e amém” em Cristo (2Co 1:20).

2. Ele oferece paz afetuosamente, seu coração profundamente engajado nas ofertas de misericórdia aos pobres pecadores; o que aparecerá,

(1.) Em seu planejamento de um caminho para reconciliar os pecadores consigo mesmo. O que os homens fortemente desejam, eles esticam seus entendimentos ao máximo para realizar. “O homem liberal, das coisas liberais pensa” (Is 32:8). Isso mostra o coração excedendo em caridade,

quando um homem senta-se e estuda como pode encontrar caminhos para o exercício de sua caridade; enquanto a maioria dos homens, infelizmente! bate a cabeça como podem salvar suas bolsas e escapar dando o mínimo possível aos pobres. Ó, que rara invenção Deus encontrou para mostrar misericórdia, que tem tantas passagens misteriosas nela, que os anjos mesmos são colocados aqui na escola, que ao estudar este mistério de Deus reconciliar pecadores consigo mesmo por Cristo, eles pudessem conhecer “a multiforme sabedoria de Deus!” (Ef 3:10).

(2.) Pela descoberta precoce que Ele fez disso aos filhos dos homens. Ele iria entre nós, pois não tão logo o homem rompeu a paz, e tomou armas rebeldes contra seu Criador, mas o coração do Senhor se abrandou para com ele, e não pôde deixar o sol se pôr em sua ira contra ele, mas teve, no próprio dia em que ele pecou, deixá-lo ouvir de um Salvador, pregando paz a ele, na “semente da mulher” (Gn 3:15). Pouco Adão pensava que Deus tinha tal mensagem em sua boca para ele, quando o ouviu primeiro vindo em sua direção, e por medo enfiou a cabeça em um arbusto, meditando uma fuga dEle, se soubesse para onde ter ido. Ó, aquele “Adão, onde estás?” soou, sem dúvida, em seus ouvidos culpados, como a voz de um Deus vingador chamando-o, um malfeitor, para a execução! Mas provou ser a voz de um Deus gracioso, vindo, não para encontrar o homem em seu caminho retornando a Ele, mas para buscá-lo, que havia perdido todos os pensamentos dEle, para que pudesse dar algum alívio ao seu próprio coração gracioso, agora cheio de misericórdia para com sua pobre criatura, revelando-lhe os propósitos de graça que Ele havia concebido para com ele. Certamente seu coração estava muito cheio, ou então isto não teria explodido tão cedo.

(3.) A grande ordenança do ministério do evangelho, que Deus estabeleceu na igreja com o propósito de tratar com os pecadores sobre a paz, fala de seu profundo afeto pela obra (2Co 5:18). Alguém teria pensado que teria sido suficiente imprimir seus pensamentos e propósitos de misericórdia na Escritura, ainda que Ele não tivesse feito mais nada. Os príncipes, quando publicam um estatuto ou lei, esperam que todos os seus súditos se informem sobre ela, e não enviam alguém a cada cidade, cujo ofício seja dar aviso disso e persuadir as pessoas a submeterem-se a ela. Contudo, isto o grande Deus faz. O trabalho do ministro, de um fim do ano ao outro, o que é senão rogar aos pecadores que se reconciliem com Deus? E nisto observe:

(a) As pessoas que Ele envia para pregar. Não anjos, estrangeiros à nossa natureza, que, embora nos queiram bem, não estão tão intimamente envolvidos na queda do homem a ponto de lhes dar a vantagem de pregar com aquelas entranhas derretidas com as quais Deus quer que eles sejam preenchidos, os quais vão em sua missão. Não, Ele envia homens, com quem Ele pode conversar familiarmente, criaturas de paixões semelhantes — cuja natureza os coloca sob a mesma depravação, tentação e condenação que a nossa — que podem, a partir do conhecimento que têm de seus próprios corações, dizer-nos a baixeza dos nossos; a partir do fogo da ira de Deus, que os chamou por seus pecados, [podem] dizer-nos o merecimento dos nossos e o perigo em que estamos por causa deles; assim como, a partir do doce sentido que o sabor do amor de Deus em Cristo deixou em suas almas, podem recomendar a comida e o banquete para os quais nos convidam, por seu próprio conhecimento. Não desejou Deus, pensais, boa sorte à sua embaixada quando escolheu tais para carregá-la?

(b) Observe as qualificações exigidas naqueles que Ele emprega como embaixadores para oferecer paz aos pecadores. “Ao servo do Senhor não convém contender, mas, sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor; instruindo com mansidão os que resistem” (2Tm 2:24, 25). Ó, quão cuidadoso é Deus para que nada deva estar no pregador para prejudicar o julgamento do pecador, ou endurecer seu coração contra a oferta de sua graça. Se o servo for orgulhoso e apressado, como saberão eles que o mestre é manso e paciente? Deus quer que eles não façam nada para tornar a brecha mais larga, ou impedir um fechamento feliz entre Ele e eles. De fato, aquele que quer pegar o pássaro não deve assustá-lo. Um mensageiro ranzinza e irritadiço não é amigo daquele que o envia. Os pecadores não são bombardeados em Cristo com pedras de linguagem provocativa e dura, mas cortejados para Cristo por exortações que derretem o coração.

(c) Olhai para a comissão que Deus dá aos seus embaixadores, e ainda assim seu coração aparece no negócio, seja considerando a amplitude dela, de um lado, ou a severidade dela, do outro. Primeiro, a amplitude dela: “Ide e pregai”, diz Cristo, “o evangelho a toda criatura”. Não façais diferença — ricos ou pobres, grandes pecadores ou pequenos, velhos pecadores ou jovens. Oferecei paz a todos os que se arrependerem e crerem. Convidai quantos quiserem vir; aqui há lugar para todos que vêm. Novamente, a severidade dela, por outro lado. Ó, que encargo solene eles têm de entregar sua mensagem fielmente! Paulo treme ao pensar em ser preguiçoso: “Ai de mim, se não pregar o evangelho!” Que argumento Cristo usa — retirado do seu próprio coração — para persuadir Pedro a ser cuidadoso: “Se tu me amas, apascenta as minhas ovelhas”. Como se tivesse dito: “Pedro, tu agora estás em lágrimas por tua

covardia em negar-me, mas tu ainda tens uma maneira restante, para toda aquela falta de gentileza, de demonstrar teu amor por mim, e isto é apascentando minhas ovelhas; faze isto, e não te preocupes com aquilo”. Cristo mostra mais cuidado com suas ovelhas do que consigo mesmo.

(d) A alegria que Deus expressa quando pobres pecadores aceitam a oferta de paz. A alegria é o mais alto testemunho que pode ser dado da nossa complacência em qualquer coisa ou pessoa. O amor à alegria é como combustível para o fogo. Se o amor deposita pouco combustível de desejos no coração, então a chama de alegria que vem daí não será grande. Agora, a alegria de Deus é grande em perdoar pobres pecadores que aceitam; portanto, seu afeto é grande na oferta disso. É feito o próprio motivo que prevalece com Deus para perdoar os pecadores, “porque ele tem prazer na benignidade” (Mq 7:18). “Quem é Deus semelhante a ti, que perdoa a iniquidade, e que passa por cima da transgressão do resto da sua herança? Ele não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na benignidade”. Deus faz tudo isto, “porque tem prazer na benignidade”. Pergunta por que o pescador fica a noite toda com seu anzol no rio. Ele te dirá: “porque ele se deleita no esporte”. Bem, tu agora sabes a razão pela qual Deus fica tanto tempo esperando pelos pecadores, meses, anos, pregando a eles; é para que Ele possa ser gracioso em perdoá-los, e nesse ato deleitar-se. Os príncipes muito frequentemente perdoam traidores para agradar outros mais do que a si mesmos, ou então isso nunca seria feito, mas Deus faz isso principalmente para deleitar e alegrar seu próprio coração misericordioso. Daí o negócio sobre o qual Cristo veio — que não era outro senão reconciliar os pecadores com Deus — é chamado de “o prazer do Senhor” (Is 53:10). O Senhor tira tal alegria e prazer nisto que, enquanto outros pais — cujo amor

pelos seus filhos afunda infinitamente abaixo de qualquer comparação com o amor de Deus por Cristo — choram a morte de seus filhos, e mais ainda quando violenta e sangrenta, Deus tira contentamento da morte de seu Filho; aliás, teve a mão principal na obtenção dela, e isso com infinita complacência: “Ao Senhor agradou moê-lo”. E que alegria Deus poderia tirar da morte de seu Filho, senão como ela abriu caminho para Ele e sua pobre criatura que haviam rompido, e estavam em guerra aberta um contra o outro, se reconciliarem por um acordo feliz? E agora, fala, ó pecador! Se Deus deseja tão afetuosamente reconciliar-se contigo, não te cabe muito mais abraçar a paz do que a Ele oferecê-la? Há apenas uma coisa mais que eu desejaria que tu, pecador, considerasses, e então te deixo à tua própria escolha.

Quarto. Considera o que fazes quando recusas a paz com Deus. Determinações de guerra ou paz costumam ser o resultado dos conselhos mais graves e da deliberação mais madura possível. Pensa e pensa novamente, o que fazes, antes de romperes o tratado de paz, para que não faças trabalho para o arrependimento quando ele for inútil. Mas, para que não sejas menos fiel a Deus e à tua própria alma do que para dar à tua consciência liberdade para falar livremente sobre este assunto, eu o farei por ti, e te direi o que fazes quando rejeitas a paz. Tu justificas tuas hostilidades anteriores contra Deus, e declaras que defenderás o que fizeste, que Deus se defenda tão bem quanto puder. Aquele que recusa um perdão, ou nega que fez o mal, ou, o que é pior, mantém-se para defendê-lo. Tu terias dito tão bem que não desejas ser amigo de Deus, mas tens uma mente para perpetuar a inimizade entre Deus e ti, como Amílcar, que era tal inimigo de Roma, que, quando morreu, fez de seu filho Aníbal herdeiro de seu ódio contra eles. Não é suficiente que tenhas

lutado tantas batalhas na terra contra teu Criador, mas manterás a contenda em outro mundo também, onde não há mais possibilidade de pôr um fim a ela do que a própria eternidade? Tu lanças o maior desprezo sobre Deus que é possível para uma criatura fazer. Como se o amor e o ódio de Deus fossem coisas tão insignificantes que não precisassem, quando lançadas na balança de teus pensamentos, preponderar sobre ti de qualquer maneira — um para mover teu desejo, ou o outro, teu medo! Em uma palavra, tu consentes com tua própria danação, e desesperadamente te lanças na boca da ira flamejante de Deus, que se abre na ameaça sobre ti. Deus está sob juramento de procurar tua destruição, se morreres nesta mente, o que Deus proíba! A morte é o alçapão que te deixará cair na masmorra do inferno; e uma vez que estejas lá, tu estás onde terás espaço suficiente para chorar sobre tua loucura passada, embora aqui tu não tenhas nem mente nem lazer para fazer de Deus teu amigo. Os próprios pensamentos daquelas ofertas de paz que tu tiveste uma vez, mas nenhum coração para abraçá-las, serão como tanto sal e vinagre, com os quais tua consciência acusadora estará continuamente te regando, enquanto tu jazes assando no fogo do inferno, para tornar teu tormento mais intolerável. Eu sei que esta linguagem arranha os ouvidos dos pecadores, mas não tão mal quanto o ranger de dentes do próprio pecador fará no inferno.

Eu li sobre uma lei tola, posso dizer cruel, entre os lacedemônios, de que ninguém deveria contar ao seu vizinho nenhuma má notícia que lhe tivesse acontecido, mas que todos deveriam ser deixados, no decorrer do tempo, para descobri-la por si mesmos. Muitos entre nós, penso eu, estariam contentes se houvesse tal lei, que pudesse amarrar as bocas dos ministros de assustá-los com seus pecados, e as misérias que acompanham

seu estado irreconciliado. A maioria é mais cuidadosa em fugir do discurso de sua miséria, do que em sair do perigo dela — são mais ofendidos com o falar do inferno, do que perturbados por aquele estado pecaminoso que os levará até lá. Mas infelizmente! quando, então, mostraremos nosso amor às almas dos pecadores se não agora, vendo que no inferno não restam mais ofícios de amor para serem feitos por eles? O inferno é uma casa de peste, que não podemos escrever tanto na porta dela como “Senhor, tem misericórdia daqueles que estão nela”. Não, aqueles que agora oram por sua salvação, e choram sobre sua condição, devem então com Cristo votar por sua danação, e regozijar-se nela, embora sejam seus próprios pais, maridos e esposas que eles veem lá. Ó, agora refleti sobre vós mesmos, antes que o coração de Deus e do homem seja endurecido contra vós!

Pergunta. Mas como pode um pobre pecador estar em paz com Deus?

1. Vê e sê sensível à contenda e inimizade que no presente permanece entre Deus e ti. 2. Cuida de propor fins retos em teu desejo de reconciliação com Deus. 3. Lança tuas armas rebeldes, e submete-te humildemente à sua misericórdia. 4. Apressa-te, tão logo quanto possível, ao trono da graça, e humildemente apresenta teu pedido a Deus para estar em paz contigo por meio de Cristo.

Direções aos pecadores sobre como eles podem estar em paz com Deus.

1. Direção. Vê e sê sensível à contenda e inimizade que no presente permanece entre Deus e ti.

(1.) Quanto à realidade da coisa, que há de fato uma contenda, que Deus tem contra ti. Onde quer que tu vás, um Deus irado está às tuas costas, e sua ira, como uma nuvem de barriga grande, paira cheia de maldições sobre tua cabeça, pronta a cada momento para esvaziá-las sobre tua cabeça. Há necessidade de pressionar isto. Pois, embora seja ordinário para os homens confessarem-se pecadores, contudo a maioria é relutante em depreciar seu estado tanto a ponto de se classificarem entre os inimigos de Deus. Não, eles esperam que Deus e eles sejam bons amigos apesar de tudo isso. Como ladrões, eles confessarão alguma pequena coisa, mas eles têm cuidado de não deixar cair nada que possa arriscar seus pescoços. “Pecador” é uma palavra favorável. Quem vive e não peca? Isso eles concederão. Mas, estar em um estado de inimizade, e sob a ira de Deus, isto os assusta demais, e os traz muito perto da visão da força — o assento do inferno — que são devidos a esse estado; e, portanto, quando pressionados até este ponto — como os judeus desejaram a Rabsaqué, quando ele os assustou com as coisas terríveis que lhes sobreviriam se resistissem ao rei, seu mestre, “que ele não falasse na língua judaica aos ouvidos do povo” (Is 36:11), por medo de assustá-los, mas em uma língua estrangeira — assim os pecadores desejam daqueles que lidam claramente com eles, que eles não falem tão amplamente na audição de sua consciência, a qual eles têm medo que deva conhecer o pior. Mas, se tu amas tua própria alma, faz uma verdadeira representação de teu estado para ti mesmo. Ó, que tolice é para um homem perder sua causa ocultando a maldade dela!

(2.) Labora para te colocares sob o sentido de tua condição miserável como tu estás. Tivesses tu o império do mundo, e todas as nações rastejando a teus pés, como uma vez as feras fizeram a Adão, e um contrato tão longo quanto a vida

de Matusalém contada duas vezes para desfrutá-lo, sem a interposição de uma nuvem todo o tempo, para escurecer a glória desta tua realza, contudo, supondo-te ser alguém para quem Deus é um inimigo, eu escolheria ser o verme sob teu pé, o sapo na vala, mais cedo do que teu ser miserável em teu palácio. Um pensamento de tua morte iminente, e miséria eterna reservada para ti, deixará sair toda a alegria de tua felicidade presente. Isto, isto faz com que os grandes do mundo — na verdade todos os pecadores irreconciliados, altos e baixos — vão para seus túmulos como ursos descendo uma colina — de costas. Infelizmente! se eles devessem apenas olhar para frente para onde estavam indo, seus corações estariam logo em suas bocas, por falta desta couraça — uma persuasão confortável de sua paz feita com Deus. Vai, portanto, como um pobre malfeitor condenado a morrer faria, fecha-te longe de todos os teus velhos companheiros lisonjeiros, que ainda embalariam tua alma miserável em uma segurança insensível — o berço que o diabo balança as almas, para sua destruição total; que nenhum deles venha a ti, mas manda chamar aqueles que ousam ser fiéis a ti, e, como Samuel, ousam te dizer cada palavra que Deus diz contra ti, e não ocultar nada; aliás, lê tua sentença com teus próprios olhos na palavra, e toma tua condenação da própria boca de Deus, e não a do homem. “Não há paz, diz o meu Deus, para os ímpios”. Medita sobre isso até que se cole à tua alma como um emplastro em uma ferida, e tire o próprio núcleo de teu orgulho e confiança carnal, que endureceu teu coração de todo sentido de tua condição; por cujo tempo, a angústia de teu próprio espírito, vendo as dificuldades em que foste colocado, te levará a desejar a paz com Deus, e isto é o que Deus espera ouvir cair de ti, tanto quanto os servos de Ben-Hadade fizeram por uma palavra da boca de Acabe.

2. *Direção*. Cuida de propor fins retos em teu desejo de reconciliação com Deus. Nada é mais odioso para Deus ou para o homem do que a falsidade e a traição em tratados de paz; e ainda assim alguns homens podem ter palavras tão suaves como manteiga em suas bocas, e guerra em seus corações ao mesmo tempo (Sl 55:21). Ó, toma cuidado de qualquer vacuidade de coração em tua busca pela paz! Quando descoberta — como deve ser, exceto se o olho de Deus falhar, o que é impossível — isso endurecerá excessivamente o coração de Deus contra ti. Deus nunca se arrependeu de ninguém a quem perdoou ou levou para a carruagem da paz com Ele, porque Ele nunca foi enganado por ninguém, como os homens são, que fazem frequentemente a paz com aqueles que provam ser no fim falsos irmãos, e lhes dão causa para desejar que nunca os tivessem conhecido. Joabe matou Amasa, mas ele não teve cuidado com a espada na mão de Joabe. Deus olha para o coração, e vê o que está em sua mão; garante, portanto, que estejas claro em teus próprios pensamentos quanto aos fins que almejas. É lícito para ti olhar pela tua própria segurança. Deus te dará licença para olhar por ti mesmo. Isto tu podes, e contudo não negligenciá-Lo. Mas nunca nenhuma paz foi verdadeira ou segura onde apenas o amor-próprio a fez, seja com Deus, ou entre homem e homem. Tu vês que estás arruinado se mantiveres teu antigo lado, e portanto buscas a paz com Deus, como os reis que serviram a Hadadezer. Quando viram que ele foi “derrotado diante de Israel, fizeram a paz com Israel” eles mesmos (2Sm 10:19). Bem, isto pode ser permitido a ti para vires a Deus, porque o dEle é o lado mais seguro. Nunca ninguém fez a paz com Deus, mas este argumento pesou muito com eles. Se Jacó pudesse ter estado seguro em casa, ele nunca teria fugido para Labão. Todos são forçados a sair de suas fortalezas antes de se renderem a Deus. Mas toma cuidado para que isto não seja tudo o que almejas, ou

o principal que almejas. Isto tu podes fazer, e odiar a Deus tanto quanto sempre, como aqueles que se diz que se rendem “fingidamente” às armas vitoriosas de Davi, porque não havia ajuda para isso. Um homem apanhado em uma tempestade pode ser forçado sob o telhado de seu maior inimigo para abrigo, sem qualquer mudança de seu coração, ou melhores pensamentos dele do que antes costumava ter. Duas coisas, portanto, tu podes procurar ter em teu olho, acima da tua própria auto-preservação.

(1.) Deves desejar ser reconciliado com Deus com um olho para a honra de Deus. Daí, frequentemente as orações dos santos são pressionadas com um argumento de Deus, assim como deles mesmos e de sua própria miséria: “Ajuda-nos, ó Deus da nossa salvação, pela glória do teu nome; e livra-nos, e perdoa os nossos pecados, por amor do teu nome” (Sl 79:9). Certamente, se Deus não pudesse ser mais glorificado em nossa paz e reconciliação, do que em nossa morte e danação, seria uma coisa má desejá-la. Mas Deus esclareceu isto para nós, que Ele não é perdedor por atos de misericórdia. Nisto reside a maior receita de sua coroa, ou então Ele não poderia amar “a misericórdia mais do que o sacrifício”. Deus é livre para escolher o que melhor convém ao seu próprio coração, e mais conduz à exaltação de seu grande nome; e Ele se deleita mais na misericórdia mostrada a um, do que no sangue de todos os condenados que são feitos um sacrifício à sua justiça. E, na verdade, Ele tinha um fim mais elevado na danação deles do que seu sofrimento, e esse era o realce da glória de sua misericórdia em seus salvos. Esta é a peça bela em que Deus se deleita, e a outra apenas a sombra para ela. Então estás em uma disposição apta para orar pela paz, e podes ir com encorajamento, quando teu coração está profundamente afetado com a honra que virá a Deus por isso. É um argumento que Deus não negará. “Isto”,

disse Abigail a Davi, “não te será em canseira, nem em escrúpulo de coração ao meu senhor” (1Sm 25:31). Ela quis dizer que ele nunca deveria ter causa para se arrepender de ter sido impedido de derramar sangue. Assim podes tu pleitear com Deus e dizer: “Ó Senhor, quando eu estiver com santos e anjos louvando tua graça perdoadora no céu, não te será em canseira que tua misericórdia te impediu de derramar meu sangue, condenando minha alma ao inferno”. Mas agora é evidente que muitos que parecem buscar a paz, e a perseguem também, muito fortemente, contudo não têm muito cuidado com a honra de Deus na coisa, porque são sinceros com Deus para que Ele os perdoe de uma maneira que lhe seria desonrosa. Perdoados eles seriam, embora totalmente ignorantes de Deus e de Cristo. Eles teriam Deus em paz com eles enquanto eles fossem inimigos dEle. Como um ladrão na barra, ele gostaria que o juiz poupasse sua vida, certo ou errado, legal ou ilegalmente, o que ele se importa? Considera este miserável a honra do juiz? ou aquele pecador, que, contanto que seja salvo, quão injusto Deus é no ato de misericórdia? Ó, não vos enganeis, pobres almas, Deus não fará guerra entre seus próprios atributos para fazer a paz convosco!

(2.) Deves desejar ser reconciliado com Deus, para que possas ter comunhão com Deus. Certamente uma alma sensível ao que a perda da comunhão com Deus é, conta que não cumpriu toda a sua missão quando teve apenas paz dada a ela. Se Deus dissesse: “Alma, estou em paz contigo — ordenei que tu nunca vás para o inferno. Eis uma descarga sob minha mão de que tu nunca serás presa por minha dívida; mas, quanto a qualquer comunhão comigo, ou fruição de mim, tu não podes esperar nenhuma. Terminei contigo — para sempre ser mais conhecido de ti”. Certamente a alma, em tal caso, tiraria pouca alegria em sua paz. Se o fogo estivesse apagado quanto aos tormentos

positivos, contudo um inferno restaria na escuridão lúgubre sob a qual a alma se sentaria por falta da presença de Deus. Absalão não conhecia nenhuma condição média que pudesse agradá-lo entre ver o rosto do rei, seu pai, e ser morto. “Deixa-me ver o rosto do rei; e, se houver em mim alguma iniquidade, que me mate” (2Sm 14:32) — “se não sou digno de desfrutar do amor e da presença de meu pai, tampouco desejo viver”; enquanto um coração impertinente busca reconciliação sem qualquer desejo de qualquer comunhão com Deus. Como o traidor, se o rei apenas o perdoar e salvá-lo da força, ele está pronto a prometer-lhe nunca mais incomodá-lo na corte. É sua própria vida, não o favor do rei, que ele deseja.

3. *Direção*. Lança tuas armas rebeldes e submete-te humildemente à sua misericórdia. Deus não tratará sequer contigo enquanto tua espada estiver em tua mão — “Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor” (Is 1:18). Nota quando o parlamentarismo começa: “tirai a maldade de vossos atos” (v. 16). Agora vem e trata com Deus sobre uma paz.

(1.) Deus é um grande Deus, e não convém à sua soberania tratar com sua pobre criatura em termos iguais, como um rei faz com seu colega príncipe, que, se não puder ter paz em seus próprios termos, é capaz provavelmente de se vingar pela força das armas; mas, como um rei poderoso com seu súdito rebelde, a quem Ele tem firmemente acorrentado na prisão, e pode à vontade enforcar por sua traição. O grande Deus quer que tu saibas que. Deixa que capitulem aqueles que podem retirar-se para sua força e viver sem paz. Mas quanto a ti, pobre pecador, tu não pensas, espero, que estás em capacidade de encontrar Deus no campo, ou de prosperar por este comércio de guerra contra Deus. Não, teu único caminho é conquistá-Lo sobre teu joelho, colocar teu pescoço a seu pé e dizer: “Senhor, coloco

minha vida em tuas mãos, serei teu verdadeiro prisioneiro, escolhendo morrer pela mão de tua justiça, do que continuar lutando contra tua misericórdia”. Agora, pobre alma, tu estás no caminho certo, que leva à paz. “Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará” (Tg 4:10). Essa alma não estará por muito tempo fora de seus braços, aquela que está prostrada a seus pés. Mas, embora “o Alto e Sublime” possa curvar-se para tomar um pecador penitente nos braços de sua misericórdia perdoadora, contudo Ele não rebaixará sua soberania para tratar com um miserável que sustenta suas armas e as mantém firme contra Ele. Há uma letra vermelha no nome de Deus — “de maneira alguma terá por inocente o culpado” (Êx 34:7).

(2.) A natureza santa de Deus requer isto. O pecado é o que fez a brecha, e causou que Deus tomasse armas contra sua criatura; como podes racionalmente pensar em fazer tua paz com Ele, e manter este faíscador em teu seio? Deus está disposto a ser reconciliado contigo, mas queres que Ele esteja em paz com teu pecado também? Não basta ser justificado de teu pecado? mas tu gostarias que Deus traísse sua própria honra justificando-te em teu pecado? Já ouviste algum príncipe dar uma patente a outro para cortar sua própria garganta? Que segurança podes tu dar a Deus de teu amor por Ele se tu não renunciasses àquilo que é a única coisa que busca sua vida? *Peccatum est deicidium* [o pecado é deicídio]. Enquanto o traidor estiver em favor lá dentro, Deus não levantará seu cerco, ou ouvirá falar de paz lá fora. Eles não podem reinar juntos; escolhe qual tu queres ter deles. E não sejas tão enganado a ponto de pensar que é suficiente enviar tua luxúria para fora do caminho por um tempo, como os príncipes costumam fazer com seus favoritos em uma comoção popular, para agradar o povo, e então chamá-los para casa quando o tumulto passar. Não, Deus não será assim esquivado e zombado.

Vê como a promessa corre, e isto Ele manterá. “Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converta ao Senhor, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar” (Is 55:7). Vê como Deus é cauteloso nos termos; nenhum canto deixado para o menor pecado se esconder e salvar sua vida — ele deve “deixar tudo”. Isso implica:

(a) Uma escolha deliberada na alma; ele faz isso livremente. Os pecados de alguns homens “os deixam”. O espírito imundo sai, e não é expulso — ocasiões para pecar cessam, ou a habilidade corporal para executar o comando do pecado falta. Não há deixar o pecado, contudo, em tudo isto. Mas quebrar com ele com uma santa indignação e resolução, quando a tentação está mais ocupada e a força mais ativa — agora, como Davi disse, quando seu inimigo o opôs como abelhas, no nome do Senhor repelir e resistir a eles — isto é deixar. Este é o encômio de Moisés. Ele deixou a corte quando estava crescendo; não por idade, como Barzilai, mas quando seu sangue estava quente em suas veias. Um homem não deixa sua esposa quando está detido dela na prisão, mas quando ele a põe fora, e lhe dá uma carta de divórcio.

(b) “Deixar” o pecado é deixá-lo sem qualquer pensamento reservado de retornar a ele novamente. Toda vez que um homem faz uma viagem para fora de casa por negócios, não dizemos que ele deixou sua casa, porque ele pretendia, quando saiu, vir a ela novamente. Não, mas quando vemos um homem deixar sua casa, carregar todas as suas coisas com ele, trancar suas portas, e fixar sua morada em outra, para nunca mais morar lá, eis um homem que de fato deixou sua casa. Seria estranho encontrar um bêbado tão constante no exercício daquele pecado, mas algum tempo tu podes encontrá-lo sóbrio, e ainda assim um

bêbado ele é, tão bem como se estivesse então bêbado. Todo mundo não deixou seu ofício que vemos de vez em quando em seu traje de feriado. Então o homem deixa seu pecado quando o lança de si, e tranca a porta sobre ele com o propósito de nunca mais abrir para ele. “Efraim dirá: Que mais tenho eu com os ídolos?” (Os 14:8). Novamente observe, antes que o perdão possa ser selado, ele deve “deixar”, não este pecado ou aquele, mas todo o “caminho” do pecado. “Deixe o ímpio o seu caminho”. Um viajante pode dar um passo de um caminho para outro, e ainda seguir no mesmo caminho — deixar um caminho sujo, profundo e irregular, por um mais liso e plano. Assim muitos, achando alguns pecados grosseiros incômodos, e muito trabalhosos para suas consciências despertas, pisam em um caminho mais limpo de civilidade; mas infelizmente! pobres criaturas, tudo o que eles conseguem é ir um pouco mais fácil e mais limpo para o inferno do que seus vizinhos bestiais. Mas ele deixa o caminho do pecado que vira fora de toda a estrada. Em uma palavra, tu deves deixar o caminho mais cego de todos no caminho do pecado — aquele que jaz atrás da sebe, como posso dizer, nos pensamentos do coração — “e o homem maligno os seus pensamentos”; ou então tu bates em vão à porta de Deus por misericórdia perdoadora; e, portanto, pobre alma, deixa tudo ou nada. Salva uma luxúria e perdes uma alma. Se os homens pretendem ir para o inferno, por que são tão educados? Este meio-termo com o pecado é ridículo. Tens medo deste pecado, e não de um menor, que impede tua paz, e obtém tua danação com certeza, apenas não com tanta distração para tua consciência sonolenta no presente? Isto é tão ridículo quanto com ele, que, para ser enforcado, desejava que ele não passasse de jeito nenhum por tal rua para a forca, por medo da praga que havia lá. O que ganharás, pobre pecador, se fores para o inferno, embora fores para lá por tua ignorância, incredulidade, orgulho

espiritual, etc., contudo conduzido por aí de modo a escapar da praga da profanidade aberta? Ó senhores, considerai apenas a equidade, a honradez dos termos que Deus oferece paz. Que luxúria é tão doce ou lucrativa que vale a pena queimar no inferno por ela? Dario, quando fugiu diante de Alexandre, para que pudesse correr mais rápido para fora do perigo, jogou fora sua coroa maciça de sua cabeça que o impedia; e alguma luxúria é tão preciosa em teu olho que tu não podes deixá-la atrás de ti, mais cedo do que cair nas mãos da justiça de Deus? Mas tão néscio é o homem tolo, que um pagão sábio pôde notar isso — nós pensamos que apenas compramos o que repartimos com dinheiro, e quanto àquelas coisas pelas quais pagamos nossas almas, essas nós pensamos que temos de graça, como se o homem não valesse mais do que seu dinheiro! Tendo sido fiel em seguir as direções precedentes, tu estás agora em um caminho justo para efetuar teu empreendimento tão desejado. Portanto,

4. *Direção.* Apressa-te, portanto, tão logo quanto possível, ao trono da graça, e humildemente apresenta teu pedido a Deus para que Ele esteja em paz contigo, aliás, carrega contigo uma fé de que tu encontrarás Ele mais pronto a abraçar a moção do que tu a fazê-la. Toma cuidado apenas, o que tu fazes ser teu pleito para mover Deus, e onde tu colocas tua confiança. Não em teu arrependimento ou reforma, isto seria bancar o mercador com Deus; mas sabe que Ele não espera um comprador para trocar com Ele, mas um suplicante humilde para ser pretendente a Ele. Nem sua misericórdia absoluta, como almas ignorantes fazem. Isto é pegar a espada pela lâmina, e não pela empunhadura. Tais encontrarão sua morte e danação daquela misericórdia pela qual eles poderiam ser salvos, se eles a tomassem como Deus a oferece a eles, e isso “por meio de

Cristo”. “Tome conta da minha força, e faça paz comigo; sim, que faça paz comigo” (Is 27:5). E onde jaz a força salvadora de Deus, senão em Cristo? Ele “fez cair força” sobre este “poderoso”, “capaz de salvar perfeitamente todos os que se achegam a Deus”. Não é o poder absoluto ou a misericórdia de Deus que te ajudará, mas sua força e misericórdia de aliança, e isto está em Cristo. Toma conta de Cristo e tu tens conta de Deus; Ele não pode atacar a alma que se segura nisso.

De fato, a bondade essencial de Deus é um argumento poderoso para persuadir a pobre alma a confiar na promessa em Cristo para o perdão — quando ele considera que Deus que promete paz ao crente, é um Deus cuja própria natureza é perdoadora, e misericórdia em si — mas se não houvesse promessa para engajar esta misericórdia aos pobres pecadores por Cristo, isto teria sido apenas um conforto frio ter acreditado que Deus era bom. Ele poderia ter condenado todo o estoque de Adão, e não ter chamado sua bondade essencial minimamente em questão. Não é uma mancha à onipotência de seu poder que Ele não faz tudo o que pode. Ele poderia fazer mais mundos, se estivesse tão satisfeito, do que Ele tem feito; mas não temos fundamento para acreditar que Ele fará, tampouco Ele é menos onipotente porque Ele não faz. Assim, Ele poderia ter salvo os anjos caídos com os filhos do homem perdido. Ele não é escasso em misericórdia para tal design, se Ele tivesse pensado que era adequado. Mas, não tendo passado nenhuma promessa para tal coisa, a bondade essencial de Deus oferece aos demônios apenas pouco alívio, ou esperança de que Ele o fará. E contudo Deus continua bom. E, por tudo o que posso encontrar da palavra, eles entre os filhos dos homens que, ou através de simples ignorância do evangelho, ou preconceito, que sua razão orgulhosa tomou contra o caminho que ela traça para fazer nossa paz com Deus,

através da satisfação de Cristo por nós, negligenciam Cristo, ou rejeitam desdenhosamente sua satisfação, e se entregam à bondade e misericórdia absoluta de Deus, como o pleito que eles farão na barra de Cristo para seu perdão e salvação, encontrarão tão pouco benefício disso quanto os próprios demônios.

Suponha, amigos, que um príncipe livremente fizesse uma lei, pela qual ele governará seu povo, e toma um juramento solene de se manter perto dela, poderia um malfeitor que é condenado por esta lei a morrer esperar qualquer alívio apelando da lei para a misericórdia e bondade da natureza do príncipe? Confesso que alguns prosperaram e salvaram suas vidas tomando este curso. Mas tem sido, porque ou o príncipe era imprudente em fazer a lei, ou infiel em manter seu juramento; nenhum dos quais pode, sem blasfêmia, ser imputado a Deus, infinitamente sábio e santo. Ele promulgou uma lei, chamada a lei da fé, para salvar pobres pecadores por Cristo, e está sob juramento de fazê-la boa tanto na salvação de cada um que crê em Cristo, quanto na danação de cada um que não crê: e, para garantir tudo, deu a Cristo um juramento de ser fiel em seu ofício; que foi confiado como sacerdote para garantir a redenção, e sentará como juiz para pronunciar a sentença no grande dia da absolvição ou condenação. Toma cuidado, portanto, pobre pecador, que tu não sejas atraído de colocar tua inteira confiança em Cristo, o Filho de Deus — tanto Deus quanto homem em uma pessoa — que entregou sua vida por acordo com seu Pai, para fazer uma expiação pelo pecado do mundo; e agora oferece-te aquele sangue que então Ele derramou, como um preço para carregar na mão de tua fé ao Pai, para perdão e paz. Não, embora eles venham e te chamem de Cristo para Cristo — de um Cristo fora de ti, para um Cristo dentro de ti. Como o jesuíta faz no quaker, em quem ele agora entrou; como os frades de

antigamente costumavam entrar em suas imagens ocas, isto é, para que pudessem entregar suas doutrinas mentirosas pelas bocas de seus reputados santos, e assim enganar a multidão sem qualquer suspeita de sua vilania. Exatamente assim os jesuítas hoje em dia entregam seu material papista pelas bocas dos quakers — um projeto tanto mais perigoso quanto é mais astuto do que o outro. Há muita luz derramada para que aquele velho teatro de bonecos tome. Mas, embora os homens sejam sábios demais para emprestar ouvidos a um bloco ou uma pedra, contudo a santidade em um santo vivo comanda tal reverência, que o diabo sempre encontrou, e encontrará, até o fim do mundo, que ele pode passar menos suspeito sob este manto. Bem, quando ele vem te chamar de um Cristo fora de ti para um Cristo dentro de ti; despe a doutrina de sua frase agradável, e, em inglês simples, ele te chama de confiar na justiça de Cristo operada por Ele para ti, e pela fé a ser feita tua para tua justificação diante de Deus, para uma obra inerente de graça ou justiça operada pelo Espírito de Deus em ti para tua santificação e renovação, chamada às vezes de “nova criatura”, e “Cristo dentro de nós”. Agora, não terias feito uma boa mudança se tivesses deixado tua mão em Cristo, que é tua justiça, para confiar em uma criatura, e essa uma fraca também, Deus sabe, cheia de tantas imperfeições que tua consciência — exceto injudiciosa e entregue a acreditar em uma mentira — pode dizer que é apenas uma veia de ouro envilecida com muito mais terra e escória, que nunca será purgada até que sejas posto no pote de refino da sepultura. Olha para ti mesmo, cristão. Aqui é uma questão de vida ou morte. Preza a graça de Cristo dentro de ti tu deves; aliás, tu não tens nenhuma em ti, se tu não a valorizas acima de todas as montanhas de ouro que o mundo tem. Mas não confies neste Cristo ou graça de Cristo dentro de ti para vida e salvação; pois agora tu prezas a criatura acima de Deus, e colocas “Cristo

dentro de ti” para lutar com “Cristo fora de ti”. A noiva faz bem em estimar altamente a imagem de seu marido que ele lhe deu, especialmente se muito parecida com ele, e mais de tudo, se desenhada por sua própria mão; mas seria muito ridículo se ela se apegasse a isso a ponto de desprezar seu marido, e, quando ela quer dinheiro, roupas, ou algo semelhante, ir, não ao seu marido, mas à imagem que ele lhe deu, para tudo. A graça do santo é chamada de “Cristo dentro dele”, porque é sua imagem, e faz o santo tão parecido com Cristo. Isto, pela semelhança que traz à santidade de Cristo, Ele mesmo teu marido, que com o dedo de seu próprio Espírito, desenhou-a em tua alma, merece altamente ser valorizado. Mas, que tolo seria para ti virar tuas costas para o próprio Senhor Jesus Cristo, com quem pela fé tu estás casado, e, quando queres perdão e conforto — gostarias de ter céu e felicidade — esperar estes, não de Cristo, mas de tua graça? Ó, Cristo te agradecerá por honrar sua criatura para a desonra de sua pessoa?

Exortações aos que já estão em paz com Deus.

Algumas palavras, a título de aperfeiçoamento, para vós cuja paz com Deus foi concluída em Cristo.

Primeiro. Tens paz com Deus? — cuida para que não faças nenhuma paz com o pecado. Isso rompeu tua paz com Deus; agora deixa que tua paz com Deus inicie uma guerra com ele que nunca terá fim. Tu não podes, certamente, esquecer o mal e o dano inestimáveis que sofreste por causa dele. Cada momento de doce desfrute de Deus — cujo amor paternal agora recuperaste felizmente — ajudará a manter o fogo da ira e da vingança queimando em teu coração contra aquele inimigo amaldiçoado, que tanto te lançou quanto te manteve longe dEle

por tanto tempo. Deus agora conquistou teu coração, espero, por sua misericórdia perdoadora, para amá-Lo profundamente por seu amor para contigo. Como, então, podes ver com paciência qualquer luxúria sair desafiadoramente de sua trincheira — teu coração, quero dizer — desafiando teu Deus e sua graça em ti? O espírito de Paulo foi despertado em Atenas ao ver Deus desonrado pela superstição dos outros; e o teu não é, ao vê-Lo reprovado pelo orgulho, incredulidade e outros pecados, que o fazem debaixo do próprio teto de tua alma? Ó cristão, medita sobre algum feito nobre contra ele. Agora, quanto mais para blindar teu coração e endurecê-lo contra qualquer condescendência para com ele, carrega o sangue e as feridas de teu Salvador para o campo de batalha contigo, na mão de tua fé. A visão daqueles certamente enfurecerá teu coração contra tuas luxúrias, que o esfaquearam e mataram, mais do que as vestes sangrentas de César, erguidas por Antônio, fizeram os cidadãos romanos contra seus assassinos. Ó, vê quão cruelmente usaram o Senhor da glória, e onde o colocaram em um sepulcro ignominioso — e este selado com um selo mais forte do que aquele que o homem lhe pôs — a maldição devida a nós, pecadores, nunca possível de ter sido quebrada por nada menos que seu próprio braço onipotente! E agora, cristão, escaparão esses assassinos, não de um homem, mas de Deus — pois foi o sangue de Deus que foi derramado — daquela vingança que Deus faria com a tua mão sobre eles? Por que, senão, Ele te deixa alguma vida em tua alma, senão para que tenhas a oportunidade de mostrar teu amor a Cristo cravando teu punhal de mortificação no coração deles? Alexandre não obteve mais honra por suas grandes vitórias no campo do que por sua piedade para com seu falecido pai, Filipe, cuja morte sangrenta ele vingou assim que subiu ao trono, matando os assassinos sobre o túmulo de seu pai. Ó, mostra tu, cristão, tua compaixão pelo teu

querido Salvador atacando tuas luxúrias amaldiçoadas, e isso rapidamente! Nunca descanses até que tenhas tido o sangue deles que derramaram o dEle. Até que faças isto, estás consentindo com toda a crueldade que foi executada sobre Ele. Esta, esta é a “honra” que todos “os santos terão”, e, portanto, a “espada de dois gumes” do Espírito é colocada em suas mãos para que eles possam executar a vingança escrita.

Segundo. Deus está reconciliado contigo? Sê tu disposto a te reconciliares com qualquer um que te tenha ofendido. Teu Deus espera isso de tuas mãos. Tens razão para perdoar teu irmão por amor de Deus, que te perdoou por amor de suas puras misericórdias. Tu, ao perdoar, não fazes mais do que deves ao teu irmão, mas Deus te perdoou quando não te devia nada além de ira. Não precisas, espero, pensar que te desonras no ato, embora seja para o mais vil mendigo da cidade. Sabe que o fazes seguindo os teus superiores. Teu Deus se curvou mais baixo quando se reconciliou contigo, aliás, buscou isso de tuas mãos, e nenhuma desonra, tampouco, para o Alto e Sublime. Não, pela implacabilidade e vingança, tu te rebaixas o máximo que provavelmente podes fazer; pois, por essas, tu te curvas não apenas abaixo de tua natureza nascida no céu, mas abaixo de tua natureza humana. É o diabo, e ninguém senão aqueles que carregam sua imagem, que são inimigos implacáveis. O fogo do inferno é o que é insaciável. “A sabedoria que vem do alto” é “fácil de conciliar”. Tu, um cristão, carregando fogo do inferno contigo! Como pode ser? Quando vemos uma criança, que vem de pais misericordiosos, furiosa e vingativa, costumamos dizer: “Nos perguntamos de quem ele herdou sua disposição grosseira e ranzinza, seu pai e sua mãe não eram assim”. Quem te ensina, ó cristão, a ser tão vingativo e impiedoso? Tu não herdaste isso de teu Pai celestial, tenho certeza.

Terceiro. Deus está em paz contigo? Ele perdoou teus pecados? Nunca, então, desconfies de sua providência por qualquer coisa que te falte quanto a esta vida. Duas coisas, bem pesadas, ajudariam tua fé neste particular.

1. Quando Ele perdoou teus pecados, Ele fez mais por ti do que isso. E, Ele deu o maior, e Ele te negaria o menor? Tu tens Cristo em teu perdão concedido a ti. “Como não nos dará também com ele gratuitamente todas as coisas?” (Rm 8:32). Quando o pai dá a seu filho todo o pomar, seria tolice questionar se ele lhe dá esta maçã ou aquela nele — “todas as coisas são vossas”, e “vós sois de Cristo” (1Co 3:22). A alma reconciliada tem direito a tudo. O mundo inteiro é seu. Mas, como um pai que, embora assente uma boa propriedade sobre seu filho, contudo o deixa segurar em sua própria mão não mais do que ele pode administrar bem; assim Deus dá aos crentes o direito a todos os confortos desta vida, mas proporciona a eles para seu uso atual tanto quanto sua infinita sabedoria vê ser conveniente, de modo que aquele que tem menos do que outro em sua posse presente, deve imputar isso não a qualquer falta de amor ou cuidado em Deus, mas à sabedoria de seu amor e cuidado, que dá estoque conforme temos graça para desenvolvê-lo. Derramamos o vinho conforme o copo. Aquilo que apenas enche um, seria metade perdido se derramado em um menor.

2. Considera como Deus dá esses bens temporais àqueles a quem Ele nega paz e perdão. Embora, dentro de pouco tempo, eles devam ser lançados no inferno, contudo, enquanto na terra, sua providência alcança a eles. E Deus alimenta estes “corvos”, pássaros imundos? Ele faz sua chuva derramar gordura sobre seus campos, e Ele te

negligenciará, pensas, que és um crente? Se o príncipe alimenta o traidor na prisão, certamente a criança em sua casa não morrerá de fome. Em uma palavra, para aludir àquilo, Lc 12:28, se Deus em sua providência é tão abundante para com os ímpios, como vemos que Ele é, se Ele “veste assim a erva” — pois a isto o ímpio bem pode ser comparado — “que hoje está no campo, e amanhã é lançada no forno ardente do inferno, quanto mais a vós, ó homens de pouca fé?”

Quarto. Estás em paz com Deus? Ó, não mostres, então, descontentamento por qualquer cruz ou aflição com a qual Deus te visite! Se Ele te visitou primeiro com sua misericórdia, tens razão para dar-Lhe boas-vindas quando Ele vem te visitar com sua vara. Tu tens açúcar contigo agora para adoçar teu cálice amargo. Quando o profeta Samuel veio a Belém, é dito: “Os anciãos da cidade tremeram ao seu encontro e disseram: Vens em paz? E ele disse: Em paz!” (1Sm 16:4, 5). Assim, quando Deus vem com alguma aflição pesada para nós, isso pode nos fazer tremer até sabermos para que ela vem, se em paz ou não. Agora, se estás em paz com Deus, o medo acabou; não pode deixar de vir em paz; podes concluir que ela vem a serviço da misericórdia.

Em que condição podes tu, ó alma perdoada, estar, que deveria separar-te da alegria de tua paz com Deus? É a ira do homem que temes? Possivelmente tens muitos inimigos, e desses grandes, e sua ira tão grande quanto tais podem expressar. Que seja assim. Deus está entre eles ou não? Deus deixa transbordar a ira deles em sua ira contra ti? Se não, tu ofendes excessivamente a Deus, se estiveres sobremaneira perturbado, e a ti mesmo também. Tu ofendes a Deus por não santificar seu nome em teu coração, cuja misericórdia, espero, é capaz de te

proteger da ira deles: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8:31). Não precisas temê-los, embora um exército deles estivesse ao teu redor — não mais do que se fossem tantos feixes de palha. E tu ofendes a ti mesmo também: pois como, na verdade, podemos ofender a Deus e não a nós mesmos? Enquanto estiveres sob o poder de tal medo da ira do homem, nunca poderás ter o sabor do amor de Deus em sua verdadeira doçura.

Novamente, estás doente, pobre, e o que não mais? Não pode Deus razoavelmente esperar que a misericórdia reconciliadora deva parar tua boca de sussurrar qualquer palavra de descontentamento contra Ele, e prevenir todos os olhares invejosos de teu olho à prosperidade do ímpio? Lembra-te, homem, que tu podes dizer uma grande palavra que eles não podem, em meio a toda sua pompa e glória mundana. “Embora eu jaza aqui pobre e doente, contudo estou, pela misericórdia, em paz com Deus”. Isto, bem pensado, logo mudaria ambos os vossos registros — a alegria do pecador próspero em amargo luto, e tua tristeza, cristão, em alegria. A Lady Elizabeth — mais tarde graciosa rainha da Inglaterra — ouvindo uma simples leiteira cantar alegremente no campo, quando a pobre princesa, sendo então uma prisioneira pesarosa, tinha mais vontade de suspirar do que cantar, embora servida ao mesmo tempo em estado como princesa, disse: “Aquela pobre moça era mais feliz do que eu”. E assim pensaria o pecador, quão grande e alto que seja no mundo, que o mais pobre cristão, com seus trapos e penúria, é um homem melhor, e mais feliz em sua liberdade e paz com Deus, do que ele mesmo em toda sua pompa e gaiatices mundanas, se ele apenas considerasse que, em meio a tudo isso, ele é um prisioneiro, não do homem, mas de Deus, de cujas mãos não há escapatória.

Quinto. Conforta-te com isto, que tu, que estás em paz com Deus agora na terra, festejarás com Deus dentro de pouco tempo no céu. “Aos que justificou, a estes também glorificou” (Rm 8:30). E não penses que esta notícia é boa ou grande demais para ser verdade. Aqui está uma palavra para isso, como vês. O número de santos glorificados do céu é composto de pecadores justificados. Nem mais nem menos de um do que do outro. Estás justificado pela fé, pela qual tens paz com Deus? Então, não percas teu privilégio, mas regozija-te com teus companheiros santos, “na esperança da glória de Deus”. Ela está diante de ti. Cada dia te traz mais perto dela, e nada pode te impedir de alcançá-la no final. Nem teus próprios pecados, e eu sei que tu os temes mais. Aquele que pagou tua grande dívida em tua conversão encontrará misericórdia suficiente em seu coração, certamente, para passar por cima de tuas dívidas pequenas, nas quais tua própria enfermidade e a sutileza de Satanás te fizeram cair. Tu eras um inimigo quando Deus pensou em fazer o primeiro, mas agora tu és um amigo; e isso o obrigará a fazer o segundo, para que Ele não perca seu desembolso no primeiro; aliás, provisão é feita por Deus neste método de nossa salvação para um, tão fortemente quanto para o outro. Cristo morreu para fazer de nós, inimigos de Deus, amigos dEle, e Ele vive agora para trazer Deus e nós, sendo assim feitos amigos, a nos encontrarmos em um só céu juntos. Aliás, o apóstolo dá a vantagem a este dos dois para nossa fé triunfar: “Porque, se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, sendo já reconciliados, seremos salvos pela sua vida” (Rm 5:10). Como se o apóstolo tivesse dito: “Podes tu crer que Deus te tomou, a ti que eras um inimigo sangrento, para um estado de paz e favor com Ele mesmo? Certamente, então, tu deves necessariamente achar mais fácil para tua fé argumentar da reconciliação para a salvação, do que

da hostilidade para a inimizade para o perdão e a paz. Poderia Cristo obter um pela sua morte, quando Ele era mais fraco, como posso dizer, e na mais baixa descida de sua humilhação; quanto mais Ele será, no auge de seu favor na corte do céu — quando Ele tem todo o poder dado a Ele, e em particular ‘as chaves do inferno e da morte’ para abrir e fechar como Ele deseja — capaz de salvar aqueles a quem Ele reconciliou?” (Ap 1:18).

Sexto. Estás em paz com Deus? Conhecendo a bondade de Deus para contigo, então woo [corteja/atrai] alguns outros a abraçar a mesma misericórdia. A casa não está tão cheia, mas “ainda há lugar” (Lc 14:22). Não tens ninguém que ames tanto a ponto de desejar-lhes tua felicidade? Talvez, tenhas um marido carnal deitado ao teu lado, filhos de teu ventre ou lombos, vizinhos em cuja companhia tu estás todos os dias quase, e todos estes em um estado irreconciliado — que, se morressem como agora vivem, suas preciosas almas estão perdidas para sempre, e contudo eles mesmos não pensam mais nesta miséria vindo sobre eles, do que a tola ovelha pensa sobre o que o açougueiro está fazendo, quando ele está afiando sua faca para cortar sua garganta. Bem, quanto menos misericordiosos eles são para com suas próprias almas, mais necessidade há de que tu mostres tua compaixão para com eles. Temos mais cuidado com aqueles que são menos capazes de cuidar de si mesmos. Se tivesses um amigo doente em tua casa, e de tal doença que ele não pudesse ajudar a si mesmo, ele deveria morrer antes que tu olhasses por ele? Se uma criança fosse condenada a morrer, embora ele mesmo não se importasse em obter um perdão, contudo certamente tu correrias e cavalgarias para obtê-lo, mais cedo do que vê-lo terminar seus dias tão vergonhosamente. Em uma palavra, se tu soubesses apenas que teu vizinho mais próximo tinha a intenção de se auto-destruir, e para esse fim trancou-se

em um quarto, não te apressarias a arrombar a porta, mais cedo do que o homem deveria assim fracassar? Mas infelizmente, onde está a santa violência que é usada para salvar pobres almas? Pais, maridos, vizinhos, eles podem ver seus parentes indo para o inferno diante de seus olhos, e quem lhes diz: Por que fazeis assim? Ó, pelo amor do Senhor, sede mais misericordiosos para com as almas dos outros. Tu encontraste um banquete, não deixes que nenhum que esteja perto de ti morra de fome por falta de saber onde ele pode ser obtido. Vai e convida todos que puderes ver para a casa de Deus. Assim fez Davi: “Provai e vede que o Senhor é bom” (Sl 34:8). Tu não precisas temer uma repreensão de Deus por enviar-Lhe mais convidados. Ele se queixa de que não tem mais. “Não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5:40). Ele ameaça aqueles que mantêm os pecadores afastados de fazer as pazes com Ele, lisonjeando-os com uma falsa, chamada de “fortalecer as mãos dos ímpios, para que ele não se converta do seu mau caminho, prometendo-lhe a vida” (Ez 13:22). Ó, quão aceitável obra então deve necessariamente ser atrair almas a Cristo! O mercador não está zangado por enviar um cliente ao seu armazém que comprará o que ele teve tanto custo e trabalho para obter para poder vender. Tampouco o médico culpará alguém por trazer um paciente a ele, por cuja cura ele pode deixar o mundo saber sua habilidade e arte. E este é o grande desígnio que Cristo tem orado em particular há muito tempo, viz.: “que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17:21). O que Ele visa na colheita de almas pela graça do evangelho, senão “tirar dentre eles um povo” do montão de pecadores “para o seu nome” (At 15:14), isto é, seleccionar um número, ao mostrar misericórdia a quem Ele poderia exaltar seu próprio nome gloriosamente.

SEGUNDO TIPO DE PAZ. PAZ DE CONSCIÊNCIA, a bênção do evangelho.

Chegamos agora ao segundo tipo de paz, e essa é a paz de consolação, ou paz de consciência. Pela anterior — paz de reconciliação — o pobre pecador é reconciliado com Deus; por esta, ele se torna *anima pacata sibi* [uma alma reconciliada consigo mesma]. Desde que o homem rompeu com Deus, ele nunca pôde ser verdadeiramente amigo de sua própria consciência. Esta segunda paz é tão necessária, que ele não pode provar a doçura da primeira, nem de fato de qualquer outra misericórdia, sem ela. Isto é para a alma o que a saúde é para o corpo, adoça e suaviza todos os desfrutes. Um terno, embora de pano de ouro, não assenta facilmente nas costas de um homem doente. Nada é alegre para uma consciência angustiada. Moisés trouxe boas notícias aos angustiados israelitas no Egito, mas é dito: “Mas eles não ouviram a Moisés por causa da angústia de espírito” (Êx 6:9). Ana, ela subiu ao festival em Jerusalém com seu marido, mas é dito: “Ela chorava e não comia” (1Sm 1:7). Verdadeiramente, assim a alma ferida vai ao sermão, mas não come do banquete diante dela; ouve muitas promessas preciosas, mas seu ouvido está fechado para receber as boas novas que elas trazem. Dizei a alguém em angústia de consciência: aqui está seu querido marido, [seus] doces filhos, não se regozijará com eles? Infelizmente, as dores que tal pessoa sente são tão surpreendentes, que ele não considera essas coisas mais do que a esposa de Fineias em seu doloroso trabalho de parto considerou a mulher que a alegrou com o nascimento de um filho. Ponde o banquete mais real diante de tal alma que já esteve na mesa de um príncipe, e, pobre coração, ele preferiria ir a um canto e chorar, do que sentar-se e comer daquelas iguarias. “O espírito ferido, quem o suportará?” aliás, quem o curará?

Algumas doenças são, por sua incurabilidade, chamadas *ludibrium medicorum* [o escárnio dos médicos] — a vergonha e o opróbrio do médico. Certamente, este problema espiritual de uma consciência acusadora coloca todo o mundo em vergonha por suas tentativas vãs. Muitos tentaram conjurar este espírito maligno para fora de seus próprios seios e dos outros; mas descobriram que ele finalmente salta sobre eles, e prevalece contra eles, como o “espírito maligno” fez pelos filhos de Ceva (At 19:14).

Não, a paz de consciência, estou agora a mostrar, é a bênção do evangelho, e somente do evangelho. A consciência conhece Jesus, e o evangelho de Jesus; estes e nenhum outro ela obedecerá. Dois particulares considerados demonstrarão a verdade do ponto. Primeiro. Se considerarmos qual é o argumento que pacifica e satisfaz a consciência. Segundo. Se considerarmos qual é o poder e a força necessária para aplicar este argumento tão perto e diretamente à consciência para aquietá-la e satisfazê-la plenamente. Ambos estes serão encontrados no evangelho, e somente no evangelho.

O ARGUMENTO que dá paz à consciência.

Primeiro. Indaguemos qual é o argumento que é capaz de pacificar a consciência quando completamente despertada. Agora, para saber isto, devemos indagar qual é a causa de todas aquelas convulsões de horror e terror com as quais as consciências dos homens são a qualquer momento tão tristemente dilaceradas e distorcidas. Agora isto é o pecado. Poderia esta pequena palavra — mas grande praga — ser completamente apagada das mentes e corações dos homens, a tempestade logo se aquietaria, e a alma se tornaria um mar

pacífico, quieto e suave, sem a menor onda de medo para enrugar a face dele. Este é o Jonas que levanta a tempestade — o Acã que perturba a alma. Onde quer que isto venha, como foi observado de uma grande rainha na França, uma guerra é certa de seguir. Quando Adão pecou, ele dissolveu outra maneira de joia do que Cleópatra fez, ele bebeu aquele doce paz de consciência em um gole infeliz, que valia mais para ele do que o mundo em que vivia (Hb 10:2). Não é de admirar que ela subiu em sua consciência assim que estava descendo por sua garganta — “viram que estavam nus”. Suas consciências os reprovaram como apóstatas amaldiçoados. Aquilo, portanto, que traz paz à consciência deve prostrar este Golias — jogar este perturbador ao mar — arrancar esta flecha da alma — ou então a guerra não terminará, a tempestade não baixará, a ferida não fechará e cicatrizará a que a consciência sofre. Agora a cabeça envenenada da flecha do pecado, que jaz queimando na consciência, e, por seu contínuo pulsar e latejar lá, mantém o pobre pecador fora de sossego — aliás, às vezes em tormento e horror insuportáveis — é a culpa. Por ela a criatura é alarmada para o juízo, e ligada à punição devida ao seu pecado; que, sendo nada menos que a ira infinita do eterno Deus vivo, deve necessariamente lançar a pobre criatura em uma agonia lúgubre, da expectativa temerosa disso em sua consciência acusadora. Aquele, portanto, que quisesse usar um argumento para pacificar e confortar uma consciência angustiada que jaz assando sobre essas brasas ardentes da ira de Deus acendidas por sua culpa, deve extinguir essas brasas, e trazer-lhe as notícias certas desta mensagem alegre — que seus pecados estão todos perdoados; e que Deus, cuja ira tanto o assusta, está indubitavelmente, aliás, eternamente, reconciliado com ele. Este e nenhum outro argumento fechará a boca da consciência, e trará a criatura à verdadeira paz com seus próprios pensamentos. “Filho, tem bom

ânimo”, disse Cristo ao paralítico, “perdoados te são os pecados” (Mt 9:2). Não, tem bom ânimo, tua saúde te é dada (embora ele também a tivesse); mas, “perdoados te são os pecados”.

Se um amigo viesse a um malfeitor a caminho da forca, colocasse um doce ramallete em suas mãos, e lhe pedisse para “ter bom ânimo, cheire isso”, infelizmente! isso traria pouca alegria ao coração do pobre homem, que vê o lugar de execução diante dele. Mas se alguém vem do príncipe com um perdão, que ele coloca em sua mão, e lhe pede para ter bom ânimo; isto, e somente isto, alcançará o coração do pobre homem, e o invadirá com um arrebatamento repentino de alegria. Verdadeiramente, qualquer coisa abaixo da misericórdia perdoadora é tão inconsequente para uma consciência perturbada quanto qualquer alívio ou pacificação dela, quanto aquele ramallete na mão de um prisioneiro moribundo seria. A consciência exige tanto para satisfazê-la quanto o próprio Deus exige para satisfazê-Lo pelo mal que a criatura Lhe fez. Nada pode impedir a consciência de acusar senão aquilo que impede Deus de ameaçar. A consciência é o sargento de Deus que Ele emprega para prender o pecador. Agora, o sargento não tem poder para liberar seu prisioneiro mediante qualquer composição privada entre ele e o prisioneiro, mas escuta se a dívida foi paga integralmente, ou se o credor está plenamente satisfeito; então, e não até então, ele é descarregado de seu prisioneiro. Bem, temos agora apenas um passo a ir mais longe, e levaremos esta demonstração ao ápice.

De que lado vêm estas boas novas, que Deus está reconciliado com uma pobre alma, e que seus pecados estão perdoados? Certamente do evangelho de Cristo, e de nenhum outro caminho além. Aqui somente está o pacto de paz para ser lido entre Deus e os pecadores; aqui o sacrifício pelo qual este perdão é comprado; aqui os meios descobertos pelos quais os

pobres pecadores podem ter benefício desta compra; e, portanto, aqui somente a consciência acusadora pode encontrar paz. Se os israelitas picados tivessem olhado para qualquer outro objeto além da serpente de bronze, eles nunca teriam sido curados. Tampouco a consciência picada encontrará alívio olhando para qualquer outro além de Cristo na promessa do evangelho. O levita e o sacerdote olharam para o homem ferido, mas não quiseram chegar perto dele. Lá ele poderia ter jazido e perecido em seu sangue por causa deles. Foi o bom samaritano que derramou óleo em suas feridas. Não a lei, mas Cristo pelo seu sangue, banha e supre, fecha e cura, a consciência ferida. Nem uma gota de óleo em todo o mundo para se obter que valha alguma coisa para este propósito além do que é providenciado e guardado neste frasco do evangelho. Havia abundância de sacrifícios oferecidos na igreja judaica; contudo, ponde todo o sangue daqueles animais juntos que foi derramado do início ao fim naquela dispensação, e eles não seriam capazes de aquietar uma consciência ou purgar um pecado. A “consciência do pecado”, como o apóstolo fraseia, Hb 10:2 — isto é, a culpa em sua consciência — ainda teria permanecido sem ser apagada não obstante tudo isso, se separada do que era espiritualmente significado por eles. E a razão é dada, v. 4: “porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire pecados”. Não há proporção entre o sangue dos animais, embora ele devesse inchar em um rio — um mar, e o demérito do menor pecado. O pecado do homem merece a morte do homem, e isso eterna, tanto do corpo quanto da alma, no inferno. Este é o preço que Deus estabeleceu sobre a cabeça de cada pecado. Agora, a morte dos animais sendo tão longe abaixo deste preço que a justiça divina exige como satisfação pelo mal que o pecado Lhe faz, deve necessariamente ser tão longe abaixo de pacificar a consciência do pecador — que exige tanto para satisfazê-la, aliás, o próprio,

como Ele exige para satisfazer a justiça do próprio Deus. Mas no evangelho, contemplai, notícias alegres são trazidas aos ouvidos do pecador, de uma fonte de sangue lá aberta, que por sua preciosidade é tão longe acima do preço que a justiça divina exige pelo [pecado do] homem, quanto o sangue dos touros e bestas era abaixo dele, e esse é o sangue de Jesus Cristo, que livremente o derramou na cruz, e por ele “obteve eterna redenção para nós” (Hb 9). Esta é a porta pela qual toda verdadeira paz e alegria entra na consciência. Daí somos direcionados a basear nossa confiança e tirar nosso conforto aqui, e em nenhum outro lugar: “Cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé, tendo os corações purificados da má consciência” (Hb 10:22). Nota isso, “purificados [aspergidos] da má consciência”.

A consciência, por ofício, é designada para julgar as ações e o estado de um homem, se bons ou maus, perdoados ou não perdoados. Se o estado é bom, então ela deve absolver e confortar; se mau, então acusar e condenar; portanto, a “má consciência” aqui é a consciência acusadora. Desta “má consciência” diz-se que somos “aspergidos”, isto é, libertados pelo sangue de Cristo aspergido sobre nós. É do pecado que a má consciência acusa, e a ira, a punição devida por isso, é a que ela condena a pobre criatura; e ser aspergido com o sangue de Cristo é ter o sangue de Cristo aplicado ao coração pelo Espírito, para perdão e reconciliação com Deus. A aspersão na lei denotava a purificação da pessoa assim aspergida de todas as impurezas legais; aliás, a alma crente de toda a impureza pecaminosa pelo sangue de Cristo, que era significado pelo sangue daqueles sacrifícios. Portanto, Davi ora: “Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo” (Sl 51:7) — isto é, aplica o sangue de Cristo à minha consciência perturbada, como eles faziam com

o feixe de hissopo, o sangue do animal em que era mergulhado sobre o leproso, para limpá-lo, “então”, diz ele, “ficarei limpo” (Lv 14:6). Este pecado, que agora assusta minha consciência, será lavado, e eu estarei em paz, como se nunca tivesse pecado. A esta aspersão de sangue o Espírito Santo alude, onde diz-se na administração do evangelho que estamos “chegados... a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel” (Hb 12:24), isto é, “melhores coisas” na consciência. O sangue de Abel, aspergido na culpa dele sobre a consciência de Caim, falava espadas e punhais, inferno e danação; mas o sangue de Cristo aspergido na consciência de um pobre pecador trêmulo fala perdão e paz. Daí ser chamado “a resposta de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo” (1Pe 3:21). Uma resposta pressupõe uma pergunta, uma “resposta para com Deus” pressupõe uma pergunta de Deus à criatura. Agora, a pergunta que Deus aqui se supõe que propõe à pobre criatura pode ser concebida como sendo esta, viz.: o que podes tu dizer — tu que és um pecador, e estás sob a maldição de minha lei justa condenado à morte e danação — por que tu não deverias morrer a morte pronunciada contra cada pecador?

Agora, a alma que ouviu de Cristo, e ouvindo dEle recebeu-O pela fé em seu coração, é a pessoa, e a única pessoa, que pode responder a esta pergunta de modo a satisfazer a Deus ou a si mesma. Toma a resposta como ela é formada e ajustada para, aliás, colocada na boca de cada crente, pelo apóstolo Paulo: “Quem é o que condena? É Cristo que morreu, ou antes que ressuscitou dos mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós” (Rm 8:34). Tal resposta esta é que o próprio Deus não pode objetar contra ela, e, portanto, S. Paulo, representando todos os crentes, triunfa na força invencível disso

contra todos os inimigos de nossa salvação, “quem nos separará do amor de Cristo?” (v. 35), e procede a desafiar a morte e os demônios, com todos os seus atendentes, a virem e fazerem seu pior contra os crentes que conseguiram este anteparo ao redor deles, e finalmente ele exhibe suas cores vitoriosas, e sai do campo com esta santa confiança, de que nenhum — sejam o que forem — jamais será capaz de feri-los: “Estou persuadido que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados... poderão separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Rm 8:38, 39). NEle ele aloja suas cores, e deposita toda a sua confiança. Mas receio ter sido longo demais; se posso ser dito ser longo demais neste assunto — o veio mais rico em toda a mina do tesouro do evangelho.

O PODER NECESSÁRIO para aplicar este argumento de modo a dar paz de consciência.

Segundo. Esta segunda demonstração é tomada da força e poder necessários para pressionar este argumento até a consciência, de modo a aquietá-la e satisfazê-la plenamente. A consciência é uma fechadura que é difícil de girar; embora a chave se ajuste nela (quero dizer, o argumento usado para confortá-la seja adequado e forte), contudo, se esta chave estiver em uma mão fraca, que não pode girá-la nesta fechadura — como é sempre que uma mera criatura a segura — a consciência não abrirá; suas dúvidas e medos não serão resolvidos. Não, isto deve ser a obra do Espírito, ou então nunca será feito. A consciência é o oficial de Deus; e, embora a dívida esteja paga no céu, contudo ela não deixará a alma sair livre, até que um mandado venha de lá para autorizá-la. E quem pode trazer isso senão o Espírito de Deus? Assim, como não está em todo o poder

daqueles que estão ao redor do pobre prisioneiro confortá-lo, até que notícias venham da corte sobre o que o príncipe pretende fazer com ele; assim aqui neste caso. “Quando ele dá tranquilidade, quem então fará perturbação? E quando ele esconde o rosto, quem então o poderá ver?” (Jó 34:29). Agora, duas coisas farei para trazer esta demonstração ao ápice. 1. Mostrarei que o evangelho sozinho apresenta o Espírito de Deus a nós sob a noção de um Consolador. 2. Mostrarei a aptidão e suficiência admiráveis do Espírito Santo para pacificar e confortar uma consciência culpada e perturbada. O primeiro provará que a paz de consciência não é encontrada em nenhum outro lugar senão no evangelho; o segundo mostrará que ela é abundante lá para ser encontrada.

1. É o evangelho sozinho que apresenta o Espírito de Deus como um Consolador para os pobres pecadores. De fato, o ofício consolador do Espírito é fundado na satisfação de Jesus Cristo. Quando Cristo derramou seu sangue, e nele depositou o preço total da paz de um pecador com Deus; então, em seu retorno ao céu, Ele pede a seu Pai para enviar o Consolador. Tampouco Cristo poderia desejar este pedido de seu Pai, nem seu Pai concedê-lo a Ele, senão por conta desta sua morte, que garante a justiça de Deus de receber qualquer dano pelo conforto que o Espírito carrega para o seio do pecador crente. Cristo diz isto aos discípulos: “Se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviá-lo-ei” (Jo 16:7). Ora, nota: o Espírito, como um Consolador, espera até que Cristo vá para o céu para enviá-lo para baixo, e nenhum lugar para Cristo lá, até que a obra que Ele veio fazer estivesse feita. E o que era aquilo, senão, por sua morte sangrenta, comprar a paz com Deus para pobres pecadores crentes? Agora, que Ele venha quando

quiser. O Espírito está pronto para ser enviado como um consolador, assim que Ele aparece nos céus com seu sangue como um intercessor. Mas de onde, então, os santos do Antigo Testamento tiveram toda a sua paz e conforto, que viveram antes que Cristo retornasse ao céu, aliás, antes que Ele fizesse sua primeira viagem do céu, quero dizer à terra? Respondo: “Por conta da mesma conta que eles tiveram seu perdão”. Eles foram perdoados pelo sangue de Cristo, que foi virtualmente um cordeiro morto desde o início do mundo; e eles foram confortados pelo Espírito de Cristo, cujo ofício consolador tem a mesma data do ofício mediador de Cristo. Como todos os seus perdões foram emitidos sobre o crédito de Cristo, que se comprometeu na plenitude dos tempos a entregar sua vida; assim todo o conforto que o Espírito de Cristo emitiu em suas consciências foi sobre o mesmo crédito de Cristo, que deveria, como na plenitude dos tempos morrendo na terra pelos pecadores, assim aparecer também nos céus — em virtude da satisfação que sua morte deveria fazer — lá para interceder junto ao Pai por um consolador. Assim, vê a primeira coisa. O Espírito como um consolador tem seu ofício do pacto do evangelho, e nunca poderia ter dito uma palavra de conforto, senão por conta deste evangelho. Daí é que, quando o Pai o envia como um consolador, Ele o envia em nome de Cristo, que fez a paz entre Ele e os pecadores (Jo 14:26) — isto é, por amor dEle e a seu pedido. Aliás, quando o Espírito conforta, o que é que Ele diz? As alegres novas que Ele traz são inteligência do evangelho: “Ele não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido” (Jo 16:13). O significado é [que] quando Ele vem para ensinar, Ele não trará nova luz, diferente do que brilha no evangelho, mas que verdade Cristo pregou no evangelho, isso Ele ensinará. Quando Ele conforta, os

ingredientes dos quais seus cordiais que revivem a alma serão feitos, são o que cresce no jardim do evangelho, como v. 14: “Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar” — isto é, minha morte, meu mérito, minha ressurreição, minha ascensão e intercessão, minhas promessas compradas e seladas com meu sangue — estes Ele tomará e fará relatório a vós, para vossa eterna alegria e conforto. De modo que, se não fosse por estes, o Espírito, que é mensageiro de Cristo, teria faltado uma missão desta natureza confortável para ter trazido aos pobres pecadores, aliás, em vez de um consolador, Ele teria sido um acusador e um atormentador. Aquele que agora testemunha com nossos espíritos para nossa reconciliação, adoção e salvação, teria se unido em um triste testemunho com nossas consciências culpadas contra nós, para nossa danação e destruição.

2. Devo mostrar a aptidão admirável do Espírito para este ofício consolador, que o evangelho revela que Ele tem, para pacificar e satisfazer as consciências dos pobres pecadores desconsolados. Ouvistes que o evangelho oferece um argumento suficiente para satisfazer a consciência mais perturbada do mundo — a saber, a plena satisfação que Cristo, pelo seu precioso sangue, fez a Deus pelos pecadores — mas, se o pobre homem tivesse sido deixado para usar isso da melhor maneira que pudesse para o seu conforto, ele poderia ter jazido tempo suficiente rugindo no horror de sua consciência chamuscada, sem alívio, por falta de alguém para derramar este bálsamo curativo e refrescante nela. Mas, assim como a sabedoria e o amor de Deus apareceram ao prover um Salvador capaz de comprar a redenção eterna para

nós, também apareceu um Consolador adequado, capaz de aplicar esta redenção comprada a nós. Suas consolações são chamadas de “fortes consolações”. Cristo mostrou sua força quando desarticulou os portões da sepultura e abriu caminho para fora daquela prisão sombria por sua gloriosa ressurreição. Por isso, Ele foi “declarado Filho de Deus com poder”, como diz o apóstolo (Rm 1:4). E, verdadeiramente, requer não menos poder para arrombar a masmorra, onde a consciência culpada jaz trancada, como alguém livre entre os mortos em seus próprios pensamentos de desespero. Pois, se observardes bem, a mesma pedra e o mesmo selo estão sobre a consciência do pecador para mantê-lo abaixo de uma ressurreição de conforto, como estava sobre o túmulo de Cristo para mantê-Lo abaixo de uma ressurreição para a vida. Qual foi a pedra mais pesada, o selo mais forte, sobre o Jesus morto para impedi-Lo de ressuscitar? Não a pedra que o homem rolou sobre Ele, não o selo com que os judeus pensaram em prender a sepultura, mas a maldição da lei pelo pecado, que a justiça divina rolou sobre Ele. Isso pesou mais sobre Cristo sem comparação. O próprio anjo que rolou a pedra não poderia ter removido a maldição. Agora, olha para dentro do túmulo da consciência angustiada, onde a sua própria culpa a colocou. O que é aquilo? Nada menos que o mais baixo inferno em seus medos e presentes apreensões lúgubres. “Estou condenado, sou para sempre uma criatura arruinada”, é a linguagem que tal pessoa faz soar continuamente em seus próprios ouvidos. Mas indaga: o que é que o mantém neste túmulo? O que impede que o pobre miserável possa ser ajudado para fora deste poço de horror e receber algum conforto? Infelizmente, ele te dirá que é em

vão confortá-lo; este unguento é todo desperdiçado sem propósito, o qual despejas sobre sua cabeça. Não, ele é um pecador arruinado. A maldição de Deus crava-se como um punhal em seu coração; a ira de Deus jaz como uma montanha de chumbo em sua consciência. A menos que possas colocar tua mão em seu seio e arrancar um, ou, por força bruta, rolar o outro, é impossível que ele seja elevado a qualquer paz ou conforto em sua consciência miserável. Vês que é a mesma pedra tumular em ambos. Mas, para teu conforto eterno, sabe, pobre coração, que estás assim tão firmemente colocado sob o sentido da maldição devida aos teus pecados, sabe que, assim como o peso que te mantém afastado do conforto é o mesmo que estava sobre Cristo para mantê-Lo afastado da vida, assim o mesmo poder e força são enviados para elevar-te ao conforto, que permitiu a Cristo ressuscitar para a vida. Aquele Espírito, que guardou o Senhor Jesus de ver a corrupção na sepultura; que conteve a morte, quando ela tinha Cristo em sua própria boca, de modo que ela não pôde mais se alimentar dEle do que a baleia pôde digerir Jonas em seu ventre; aliás, que vivificou seu corpo morto e o ressuscitou com honra, não apenas para a vida, mas também para a imortalidade — é Ele quem Cristo envia como seu mensageiro, para vir e satisfazer as consciências trêmulas de seus pobres filhos na terra concernente ao seu amor, aliás, ao amor de seu Pai para com eles por causa dEle. Este Espírito abençoado tem todas as propriedades de um consolador. Ele é também puro e santo, Ele não pode enganar; chamado, portanto, “o Espírito da verdade” (Jo 14). Se Ele te disser que teus pecados estão perdoados, podes acreditar nEle. Ele não adulará. Se não estivessem tão

perdoados, Ele teria trazido outra mensagem para ti; pois Ele pode repreender e reprová-lo tão bem quanto confortar, convencer do pecado tão bem quanto da justiça. Ele é tão sábio e onisciente que não pode ser enganado. Nunca o Espírito de Deus bateu nas portas erradas e entregou suas cartas em mãos erradas, como um homem pode fazer, especialmente onde as pessoas são muito parecidas. O Espírito conhece exatamente o coração de Deus para com a criatura, com todos os seus conselhos concernentes a ele: “O Espírito esquadrinha todas as coisas, mesmo as profundezas de Deus” (1Co 2:10). E o que são essas “profundezas de Deus” a que o apóstolo se refere, senão os conselhos de amor, que jazem profundos em seu coração, até que o Espírito os retire e os dê a conhecer à criatura? Isso aparece no versículo 9. E Ele também conhece toda a estrutura do coração humano. Seria estranho, de fato, se Aquele que fez o gabinete não conhecesse cada caixa secreta nele. Poucos homens circundaram o que chamamos de mundo maior. Mas o mundo pequeno do homem, como o chamamos, nunca criatura alguma circundou com seu conhecimento, não, nem mesmo o próprio diabo, que fez disso seu trabalho por tantos milhares de anos para fazer uma descoberta completa dele. Mas o Espírito de Deus conhece-o, *intus est in cute* [está dentro, na pele] — como dizemos, completamente; e conhecendo ambos, Ele não pode ser enganado.

Em uma palavra, Ele é tão irresistível que ninguém pode impedir a eficácia de seus confortos. O perdão trazido por Natã a Davi não se fixou tão profundamente quanto o santo homem desejava; e, portanto, ele vai implorar conforto do Consolador

(Sl 51). Lá tu o encontras de joelhos orando intensamente para ter sua alegria perdida restaurada, e seu coração trêmulo estabelecido pelo livre Espírito de Deus. Embora tu possas confundir o homem e, através de tua própria fantasia melancólica e da sofística de Satanás, que inventa distinções para ti, evadir os argumentos que cristãos e ministros trazem para teu conforto; contudo, quando o próprio Espírito vem, todas as disputas terminam. O diabo não pode argumentar logicamente com Ele. Não; então o espírito mentiroso desaparece, e nossos próprios medos também, como a escuridão foge diante do sol. Tão doce e poderosamente o Espírito consolador transborda o coração com uma inundação de alegria que a alma não pode mais ver seus pecados na culpa deles, mais do que Noé podia ver os montículos de terra quando a terra inteira estava debaixo d'água.

USO OU APLICAÇÃO.

Uma repreensão a três tipos de pessoas.

Uso primeiro. A paz de consciência é a bênção do evangelho? Isto repreende três tipos de pessoas.

1. Tipo. Os papistas, que interpretativamente negam que a paz de consciência seja a bênção do evangelho, pois negam que qualquer pessoa possa saber nesta vida, a menos que por uma revelação extraordinária, que é um filho de Deus, e um que será salvo — o que, se fosse verdade, destruiria completamente o vaso em que a alegria e a paz interior do cristão são mantidas. De onde vem a paz que temos com nossas próprias consciências,

senão do conhecimento que temos de nossa paz com Deus? “Sendo justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (Rm 5:1, 2). Se a pobre alma for deixada em incertezas aqui, e o evangelho não puder resolver para ela qual é seu estado para o inferno ou para o céu, adeus a toda paz interior. O pobre cristão pode então dizer de si mesmo, com um coração trêmulo, o que S. João diz, em outro caso, daquele que odeia seu irmão: “Anda em trevas, e não sabe para onde vai” (1Jo 2:11). Verdadeiramente, então, o evangelho poderia ser chamado mais de evangelho de medos e dúvidas do que evangelho de paz. Mas é esse o topo da bênção que o evangelho traz aos santos, que foi quase o fundo da maldição que a lei denunciou contra os pecadores? — que “a tua vida estará suspensa diante de ti; e terás medo de noite e de dia, e não crerás na tua vida” (Dt 28:66). Homens audaciosos eles são, que ousam desfigurar tão miseravelmente a doce face do evangelho; fazendo Cristo em suas preciosas promessas falar tão duvidosamente aos seus santos, como o diabo fazia em seus oráculos aos seus devotos. Porque a hipocrisia deles os faz justamente questionar sua própria salvação, e não lhes permite aplicar o conforto das promessas a si mesmos, devem eles, portanto, selar esses poços de salvação daqueles que são sinceros, e então culpar o evangelho, que é devido apenas à sua própria maldade? Mas há um mistério da iniquidade que finalmente foi encontrado estar na raiz desta doutrina desconfortável deles. Eles são um pouco aparentados a Judas, que era um ladrão e carregava a bolsa. Estes têm uma bolsa também, na qual colocam mais ouro e prata, que esta doutrina

lhes traz, do que Judas jamais teve na sua. Embora a doutrina da graça do evangelho aos pobres pecadores trouxesse mais paz às consciências dos outros — pudesse ela ser vista em sua glória nua entre eles — contudo o medo supersticioso em que mantêm almas ignorantes traz mais dinheiro às suas bolsas; e isto jaz tão perto do coração de sua religião, que evangelho, Cristo, céu e tudo devem curvar-se diante disso.

2. *Tipo.* Aqueles devem ser repreendidos que moldam imagens muito pouco amáveis em suas próprias imaginações tolas do evangelho — como se não houvesse nada menos do que paz de consciência e conforto interior a ser encontrado nele — e tudo, porque veem alguns que o professam, que não podem mostrar que obtiveram mais paz e conforto desde sua aquisição com o evangelho do que tinham antes, ou do que eles mesmos têm, que ainda são estranhos a ele; aliás, talvez, descubram mais perturbação de espírito. Tais eu desejaria que tomassem os seguintes particulares, a título de resposta, em sua consideração séria.

(1.) Considera todos que não são verdadeiros cristãos que se prendem ao evangelho por profissão. E nenhuma culpa pode ser lançada sobre o evangelho, embora ele não esbanje este tesouro para todo aquele que arranha um conhecimento com ele. O Espírito de Deus é sábio e fiel demais para pôr seu selo em um papel em branco. O ministro, de fato, oferece paz a todos que a aceitarem. Mas onde a paz do evangelho encontra um coração falso, ela não permanecerá lá: “Se a casa não for digna, desça sobre ela a vossa paz” (Mt 10:13). Como a pomba retornou à arca novamente, quando encontrou a terra debaixo d'água, assim

faz o Espírito de Deus, levando seu conforto de volta consigo para o céu de uma alma que ainda está nas espumas do pecado, encharcada em suas abominações. Onde pode esta pomba celestial encontrar descanso para a planta de seu pé em tal alma? E falará Ele paz àquela alma na qual Ele mesmo não pode encontrar descanso?

(2.) Quanto àqueles que são cristãos sinceros e de coração verdadeiro, há várias considerações que vindicarão o evangelho de responder ao seu nome, e de ser um evangelho de paz e consolação.

(a) Alguns que são cristãos sinceros não entendem tão claramente a doutrina do evangelho como outros; e a falta de luz, de alegria e de conforto em suas consciências vem daquela falta de luz em seus entendimentos. A ignorância do trabalhador não deprecia a arte. *Plus est in arte, quam in artifice* [há mais na arte do que no artista]. Há uma plenitude de conforto nos princípios do evangelho, mas todo cristão não alcançou as “riquezas da plenitude da certeza do entendimento, para conhecimento do mistério de Deus e Pai, e de Cristo”, que o apóstolo direciona aos colossenses, como um meio soberano pelo qual “seus corações poderiam ser consolados” (Cl 2 :2).

(b) Alguns que entendem a doutrina da salvação pela fé em Cristo — o único fundamento para construir e criar verdadeiro conforto e paz de consciência — contudo podem, por sua negligência em seu curso cristão — não andando cuidadosamente pela regra do evangelho — privar-se no presente desta doce paz, que de outra forma poderia fluir para

seus seios das promessas do evangelho. “A todos quantos andarem conforme esta regra, paz e misericórdia sobre eles” (Gl 6:16). E se assim é, que culpa pode ser lançada sobre o evangelho? Seja a caneta nunca tão boa, e a mão nunca tão habilidosa, ela não escreverá em papel molhado; contudo não culpamos a mão ou a caneta, mas o papel. Se o coração — embora de um santo nunca tão eminente — estiver sob a contaminação de uma luxúria presente, não arrependida, nenhuma promessa falará paz a ele; ele é um andarilho desordenado, e o Espírito tem sua vara para açoitá-lo. Nenhum doce de alegria e paz para entretê-lo naquela noite.

(3.) Quanto àqueles que andam perto da regra do evangelho — quero dizer, por um esforço sincero — e tu não vês tal paz e conforto, como falamos, que eles tenham, eu respondo:

(a) Eles podem tê-lo, e tu não sabes. A alegria e a paz do santo não são uma alegria leve e risonha como a do mundo; *res severa verum gaudium* [a verdadeira alegria é uma coisa séria]. O salão, no qual o Espírito de Cristo entretém o cristão, é um quarto interior, não ao lado da rua, para todo aquele que passa cheirar o banquete. “O estranho não se intrometerá na sua alegria” (Pv 14:10). Cristo e a alma podem estar ceando lá dentro, e tu não veres nem um prato entrar, ou ouvir a música que soa tão docemente aos ouvidos do cristão. Talvez tu penses que ele quer paz, porque ele não pendura um sinal em seu semblante da alegria e paz que ele tem por dentro. Infelizmente, pobre miserável! não pode o santo ter uma consciência pacífica com um semblante solene, aliás, triste, tão bem quanto tu e teus companheiros têm um coração pesaroso, quando não há nada

além de bom tempo em vossas faces? “Até no riso o coração terá dor” (Pv 14:13). Certamente ele quer dizer o riso do ímpio. Nunca parece mais chover com eles do que quando brilha. A consciência deles se abaixa quando suas faces riem. Assim, ao contrário, nunca há mais paz e conforto interior para ser encontrado no seio de um santo, do que às vezes quando sua face está encharcada de lágrimas. Se viesses e ouvisses o cristão lamentando-se, e reclamando com suspiros e soluços de seus pecados contra Deus, tu irias para casa, e clamarias contra esta religião melancólica, e a triste condição em que este homem estava. E contudo ele, a quem tu tanto lamentas, pode desejar que tu guardes isso para ti mesmo, e não o gastes em vão por ele; pois ele não trocaria aquela mesma tristeza que te assusta tanto, por toda a alegria que o mundo, com toda sua galanteria, quando melhor apresentado, poderia oferecer. Há um mistério nesta tristeza que tu não podes decifrar. Sabe, portanto, que há uma tristeza e angústia de coração que surge da culpa do pecado e das apreensões temerosas da ira de Deus devida ao pecado; e outra que flui, não do medo da ira surgindo da culpa, mas do sentido da presença do pecado na alma, provocando o cristão a fazer aquilo que é desonroso àquele Deus que perdoou seus pecados a ele; e esta é a tristeza que às vezes faz os santos passarem por criaturas tristes e desconfortáveis, quando ao mesmo tempo seus corações estão tão cheios de conforto pelo sentido da misericórdia perdoadora de Deus quanto podem conter. Esta tristeza é apenas como uma chuva de verão, derretida pelo sentido do amor de Deus, como aquela pelo sol quente, e deixa a alma — como aquela faz um jardim de doces flores — sobre o qual ela cai, mais fresca e odorífera.

(b) Embora algumas almas preciosas, que fecharam com Cristo e abraçaram o evangelho, não sejam no presente levadas a descansar em suas próprias consciências, mas continuem por um tempo sob algumas insatisfações e problemas em seus próprios espíritos; contudo, mesmo então elas têm paz de consciência em um respeito triplo. *In precio, in promisso, in semine* [no preço, na promessa e na semente].

Todo verdadeiro crente tem paz de consciência *in precio* — no preço. O evangelho coloca esse preço em sua mão que asseguradamente a comprará, e esse é o sangue de Cristo. Dizemos: “Isso é ouro que vale ouro” — que podemos em qualquer lugar trocar por ouro. Tal é o sangue de Cristo. É paz de consciência, porque a alma que a tem, pode trocá-la por isto. O próprio Deus não pode negar à pobre criatura que ora nestes termos: “Senhor, dá-me paz de consciência, eis o sangue de Cristo, o preço dela”. Aquilo que pôde pagar a dívida, certamente pode obter o recibo. A paz de consciência não é senão uma quitação sob a mão de Deus de que a dívida devida à justiça divina está plenamente paga. O sangue de Cristo fez o maior pelo crente, ele deve, portanto, fazer este o menor. Se houvesse tal poção rara, que infalivelmente procurasse saúde para todos os que a tomam, poderíamos seguramente dizer, assim que o homem doente a tivesse bebido, que ele bebeu sua saúde; ela está nele, embora no presente ele não se sinta tê-la, com o tempo ela aparecerá.

Todo verdadeiro crente tem paz de consciência *in promisso* — na promessa. E isso contamos tão bom quanto dinheiro pronto na bolsa, para o qual temos garantia certa (Sl

29:11). “O Senhor abençoará o seu povo com paz”. Ele está resolvido nisso, e então quem a impedirá? Vale a pena leres todo o salmo, para ver que peso o Senhor dá a esta doce promessa, para o encorajamento de nossa fé em esperar o cumprimento dela; nada mais difícil de entrar no coração de uma pobre criatura — quando tudo está em um alvoroço em seu seio, e sua consciência ameaçando nada além de fogo e espada, ira e vingança, de Deus por seus pecados — do que pensamentos ou esperanças de paz e conforto. Agora, o salmo é gasto mostrando o que grandes coisas Deus pode fazer, e isso com nenhum problema para Si mesmo além de uma palavra. “A voz do Senhor é poderosa; a voz do Senhor é cheia de majestade” (v. 4). “Ela quebra os cedros; ela divide as chamas; ela sacode o deserto; ela faz as corças parirem”. Este Deus que faz tudo isto, promete abençoar seu povo com paz, exterior e interior. Pois sem esta paz interior, embora Ele pudesse lhes dar paz, contudo nunca poderia abençoá-los com paz como Ele aqui empreende. Uma paz triste, não seria, ter ruas quietas, mas cortar gargantas em nossas casas? contudo infinitamente mais triste é ter paz tanto em nossas ruas quanto em nossas casas, mas guerra e sangue em nossas consciências culpadas. Que paz pode uma pobre criatura provar ou saborear, enquanto a espada da ira de Deus jaz na garganta da consciência — não paz com o próprio Deus? Portanto, Cristo comprou a paz do perdão, para obter a paz de consciência para seus perdoados; e correspondentemente a legou na promessa a eles. “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou” (Jo 14:27). Lá, vê, Ele é tanto o testador para deixar quanto o executor de seu próprio testamento — para dar com suas próprias mãos o que seu amor deixou aos crentes; de modo

que não há medo, mas seu testamento será cumprido plenamente, vendo que Ele mesmo vive para ver isso feito.

Todo crente tem esta paz interior *in semine* — na semente. “A luz semeia-se para o justo, e a alegria para os retos de coração” (Sl 97:11). Onde semeada, senão nos sulcos do próprio seio do crente, quando princípios de graça e santidade foram lançados nele pelo Espírito de Deus? Daí é chamada “o fruto pacífico de justiça” (Hb 12:11). Ela brota tão naturalmente da santidade quanto qualquer fruto em seu gênero brota da semente própria para ele. É, de fato, mais verdade que esta semente corre e amadurece neste fruto mais cedo em alguns do que em outros. Esta colheita espiritual não vem tão cedo para todos, não mais do que a outra que é exterior. Mas aqui está o conforto, quem quer que tenha um tempo de sementeira de graça passar sobre sua alma, terá seu tempo de colheita também de alegria. Esta lei Deus obrigou-se a ela, tão fortemente quanto à outra; que é “não cessar enquanto a terra durar” (Gn 8:22); aliás, mais fortemente, pois isso era para o mundo em geral, não para cada país, cidade ou campo em particular, os quais podem querer uma colheita, e contudo Deus mantém sua palavra; mas Deus não pode cumprir sua promessa, se qualquer santo em particular tiver eternamente que passar sem seu tempo de colheita. “Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos” (Sl 126:6). E, portanto, vós que pensais tão baixo do evangelho e dos professos dele, porque no presente sua paz e conforto não vieram, sabe que ela está a caminho deles, e vem para ficar eternamente com eles; enquanto vossa paz está partindo de vós a cada momento, e tem certeza de vos deixar sem qualquer

esperança de retornar a vós novamente. Não olhes como o cristão começa, mas termina. O Espírito de Deus por suas convicções vem na alma com alguns terrores, mas ele se fecha com paz e alegria. Como dizemos de marçó: “Entra como um leão, mas sai como um cordeiro”. “Observa o homem sincero, e atenta para o reto, porque o fim desse homem é a paz” (Sl 37:37).

3. *Tipo.* Isto repreende aqueles que pensam em curar suas consciências com algo diferente do bálsamo do evangelho; que deixam as águas do conforto vivo, que fluem desta fonte aberta no evangelho por Cristo, para tirar sua paz e conforto de cisternas de sua própria escavação, e elas são duas — uma cisterna carnal e uma cisterna legal.

(1.) Alguns pensam tirar sua paz de uma cisterna carnal. Não há maior variedade de emplastos e medicamentos tolos usados para a cura da febre do corpo, do que há de receitas carnaís usadas por pecadores que se enganam para se livrarem da febre trêmula que o medo da ira de Deus traz sobre suas consciências culpadas. Alguns, se forem apenas um pouco despertados pela palavra, e sentirem seus corações frios dentro deles, de alguns pensamentos sérios sobre sua condição miserável e arruinada, caem na física de Félix; que, assim que sua consciência começou a ficar doente no sermão de Paulo, teve o suficiente do pregador, e fez toda a pressa que podia para tirar aquele barulho desagradável de sua cabeça: “Félix, porém, respondeu: Por agora vai-te” (At 24:25). Assim muitos viram as costas para Deus, correm o mais longe que podem daquelas ordenanças, daquela companhia, ou de qualquer outra coisa que possa irritar suas consciências, e reviver os pensamentos de seu

estado deplorável, o qual todo o seu cuidado é esquecer. Tal, eu ouvi dizer, que não queria estar presente em nenhum funeral; não podia suportar a visão de seus próprios cabelos grisalhos, e portanto usava um pente de grafite para descolori-los; para que, por estes, os pensamentos da morte, que ele tanto abominava, não entrassem nele. Um pobre desvio covarde, Deus sabe! contudo tudo o que este miserável tinha, e tudo o que muitos mais têm, entre eles e um inferno acima do solo em suas consciências. Outros, sua luz é tão forte, e brilha sobre eles tão constantemente, que isso não funcionará, mas onde quer que vão, embora não ouçam um sermão em um mês, não olhem para uma Bíblia em um ano, e se mantenham longe o suficiente de tal companhia que despertaria suas consciências, contudo são assombrados com sua própria culpa. E, portanto, eles não apenas vão “da presença do Senhor”, como Caim fez (Gn 4:16); mas como ele também fez diversão daqueles pensamentos meditativos que se reuniam em sua consciência culpada, empregando-os de outra maneira na “construção de uma cidade” (v. 17), assim eles laboram para dar às suas consciências o escorregão em uma multidão de negócios mundanos. Este é o grande leviatã que engole todos os pensamentos do céu e do inferno nos corações de muitos homens. Eles estão tão ocupados com aquele projeto e este, que a consciência não os encontra em tempo para trocar algumas palavras com eles por muito tempo juntos. A consciência é tão ressentida e odiada entre os pecadores, como José era entre os patriarcas. Aquilo que a consciência lhes diz não lhes agrada melhor do que o sonho de José agradou seus irmãos; e isto faz muitos bancarem os mercadores com suas consciências, como eles fizeram com ele — o que eles fazem subornando-a com os lucros do mundo. Mas

esta física é encontrada muito fraca também; e portanto a harpa de Saul, e o banquete de Nabal, é pensado por outros. Com estes eles esperam afogar suas preocupações, e colocar suas consciências delirantes para dormir, como algum rufião que está sob prisão por dívida, e não tem outro caminho, senão agora para a prisão ele deve ir, exceto se ele puder embebedar o sargento em cuja mão ele está; o que ele faz, e assim faz uma fuga. Assim, muitos embriagam sua consciência com os prazeres brutais do pecado; e quando eles a deixaram tão adormecida em estupidez sem sentido quanto alguém que está bêbado, então eles podem pecar sem controle até que ela acorde novamente. Esta é a altura daquela paz que qualquer receita carnal pode ajudar o pecador a obter — dar uma poção para dormir, que prenderá os sentidos da consciência por um tempo, tempo em que o miserável pode esquecer sua miséria, como o homem condenado faz quando está dormindo; mas assim que ela acorda, o horror de sua condição é certo novamente de assustá-lo pior do que antes. Deus vos guarde todos de tal cura para seus problemas de consciência, que é mil vezes pior do que a própria doença. Melhor ter um cão que, por seu latido, nos dirá que um ladrão está em nosso quintal, do que um que se calará, e nos deixará ser roubados antes que tenhamos qualquer aviso de nosso perigo.

(2.) Alguns tiram sua paz de consciência de uma cisterna legal. Todo o conforto que eles têm é de sua própria justiça. Esta boa obra, e aquele bom dever, eles abençoam-se neles, quando qualquer mal-estar vem sobre seus corações. A bebida cordial que eles usam para reviver e confortar-se é tirada, não da satisfação que Cristo pela sua morte deu a Deus por eles, pobres pecadores, mas da justiça de suas próprias vidas; não da

intercessão de Cristo no céu por eles, mas [das] suas próprias boas orações na terra por si mesmos. Em uma palavra, quando qualquer faísca de desassossego se acende em suas consciências — pois seria estranho se, onde há tanta matéria combustível, não houvesse em um momento ou outro algum fogo sufocante começando no seio de tal pessoa — então, não o sangue de Cristo, mas suas próprias lágrimas, são lançadas para extingui-lo. Bem, quem quer que tu sejas que fazes este caminho para obter a paz de consciência, eu te acuso como inimigo de Jesus Cristo e seu evangelho. Se alguma erva pudesse ser encontrada crescendo em teu jardim para curar as feridas de tua consciência, por que o Senhor Cristo recomendou como tal raridade o bálsamo que Ele veio do céu com o propósito de compor com seu próprio sangue? por que Ele chama os pecadores de todos os lados além de Si mesmo como consoladores de nenhum valor, e nos ordena vir a Ele, como jamais quereríamos encontrar descanso para nossas almas? (Mt 11:28). Não; sabe, pobre criatura, e crê — enquanto conhecê-lo pode te fazer bem — ou Cristo era um impostor, e o evangelho uma fábula, o que espero que não sejas tal infiel, pior que o próprio diabo, para acreditar; ou então tu não segues o método certo de curar tua consciência ferida pelo pecado, e colocar um fundo seguro para a paz sólida em teu seio. Orações e lágrimas — arrependimento, quero dizer — boas obras e deveres, estes não devem ser negligenciados; não, tu nunca podes ter paz sem eles em tua consciência; contudo estes não podem, não obtêm esta paz para ti, porque eles não podem [obter] tua paz com Deus. E a paz de consciência não é nada além do eco da misericórdia perdoadora, que, soando na consciência, traz a alma a um doce descanso com a música agradável que ela faz. E o eco é apenas a mesma voz repetida;

de modo que, se orações e lágrimas, bons deveres e boas obras, não podem obter nossa paz de perdão, então não nossa paz de conforto. Rezo para que lembres que disse: “Tu nunca podes ter paz interior sem estes; e contudo não a tens por estes”. Uma ferida dificilmente curaria se não embrulhada do ar aberto, e também mantida limpa; contudo não estes, mas o bálsamo a cura. Deixa, portanto, não de orar e do exercício de qualquer outro exercício santo de graça ou dever, mas de esperar que tua paz e conforto cresçam de sua raiz, ou então tu te fechas de ter qualquer benefício daquela verdadeira paz que o evangelho oferece. Um resiste ao outro; como aqueles dois rios famosos na Alemanha, cujas correntes, quando se encontram, não se misturarão. A paz do evangelho não se misturará e se incorporará, como posso dizer, com nenhuma outra. Tu debes bebê-la pura e não misturada, ou não ter nenhuma. “Nós”, diz o santo Paulo por si mesmo, e todos os outros crentes sinceros, “somos a circuncisão, que adoramos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne” (Fp 3:3). Como se tivesse dito: “Não somos curtos de ninguém em deveres e serviços santos, não, nós os excedemos, pois adoramos a Deus em espírito; mas esta não é a torneira de onde tiramos nossa alegria e conforto; nós nos gloriamos (fiduciarmente) em Cristo Jesus, não na carne”, onde, aquilo que ele chamava de adorar a Deus em espírito, agora, em oposição a Cristo e gloriar-se nEle, ele chama de carne.

Eles devem ser provados a partir daqui, que de fato usam o bálsamo do evangelho para a cura das feridas da consciência; mas que o usam muito desevangelicamente. A matéria em que baseiam sua paz e conforto é certa e boa — Cristo e a

misericórdia de Deus por Ele na promessa aos pobres pecadores. O que pode ser dito melhor? Mas eles não observam a regra e a ordem do evangelho ao aplicá-la. Eles arrebatam a promessa presunçosamente, forçam e violentam-na, em vez de buscar ter o consentimento de Cristo — como Saul, que estava com tanta pressa que não podia esperar até que Samuel viesse para sacrificar por ele, mas corajosamente cai no trabalho antes que ele venha, diretamente contra a ordem que lhe foi dada. Assim, muitos estão tão quentes em ter conforto, que não esperam pelo Espírito de Deus para vir e aspergirem suas consciências com o sangue de Cristo na ordem do evangelho; mas profanamente fazem isso eles mesmos, aplicando o conforto daquelas promessas que de fato no presente não lhes pertencem. Ó senhores, pode isso dar certo no fim? Deveria ele consultar bem para sua saúde, que não espera pela direção do médico, mas corre para a loja do boticário, e por sua própria cabeça toma sua física, sem o conselho do médico de como prepará-la, ou ele mesmo para a tomada dela? Isto todo miserável profano faz, que vive no pecado, e contudo asperge-se com o sangue de Cristo, e abençoa-se na misericórdia perdoadora de Deus. Mas saibam tais que, como o sangue do cordeiro pascal não foi atingido nas portas dos egípcios, mas dos israelitas; assim tampouco o sangue de Cristo deve ser aspergido sobre o pecador obstinado, mas sobre o penitente sincero. Não, mais, como aquele sangue não deveria ser derramado no limiar da porta de um israelita, onde poderia ser pisoteado, mas nos umbrais laterais; assim tampouco o sangue de Cristo deve ser aplicado ao crente ele mesmo enquanto ele jaz em qualquer pecado não arrependido, para seu conforto presente. Isso seria de fato lançá-lo sob seu pé para ser

pisoteado. Davi confessa seu pecado com vergonha, antes que Natã o conforte com as notícias de um perdão.

(3.) *A grande ordenança do ministério do evangelho, que Deus estabeleceu na igreja com o propósito de tratar com os pecadores sobre a paz, fala de seu profundo afeto pela obra (2Co 5:18).* Alguém teria pensado que teria sido suficiente imprimir seus pensamentos e propósitos de misericórdia na Escritura, ainda que Ele não tivesse feito mais nada. Os príncipes, quando publicam um estatuto ou lei, esperam que todos os seus súditos se informem sobre ela, e não enviam alguém a cada cidade, cujo ofício seja dar aviso disso e persuadir as pessoas a submeterem-se a ela. Contudo, isto o grande Deus faz. O trabalho do ministro, de um fim do ano ao outro, o que é senão rogar aos pecadores que se reconciliem com Deus? E nisto observe:

(a) *As pessoas que Ele envia para pregar.* Não anjos, estrangeiros à nossa natureza, que, embora nos queiram bem, não estão tão intimamente envolvidos na queda do homem a ponto de lhes dar a vantagem de pregar com aquelas entranhas derretidas com as quais Deus quer que eles sejam preenchidos, os quais vão em sua missão. Não, Ele envia homens, com quem Ele pode conversar familiarmente, criaturas de paixões semelhantes — cuja natureza os coloca sob a mesma depravação, tentação e condenação que a nossa — que podem, a partir do conhecimento que têm de seus próprios corações, dizer-nos a baixeza dos nossos; a partir do fogo da ira de Deus, que os chamou por seus pecados, [podem] dizer-nos o merecimento dos nossos e o perigo em que estamos por causa deles; assim como, a partir do doce sentido que o sabor do amor de Deus em Cristo deixou em suas almas, podem recomendar a comida e o banquete para os quais nos convidam, por seu próprio

conhecimento. Não desejou Deus, pensais, boa sorte à sua embaixada quando escolheu tais para carregá-la?

(b) Observe as qualificações exigidas naqueles que Ele emprega como embaixadores para oferecer paz aos pecadores. “Ao servo do Senhor não convém contender, mas, sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor; instruindo com mansidão os que resistem” (2Tm 2:24, 25). Ó, quão cuidadoso é Deus para que nada deva estar no pregador para prejudicar o julgamento do pecador, ou endurecer seu coração contra a oferta de sua graça. Se o servo for orgulhoso e apressado, como saberão eles que o mestre é manso e paciente? Deus quer que eles não façam nada para tornar a brecha mais larga, ou impedir um fechamento feliz entre Ele e eles. De fato, aquele que quer pegar o pássaro não deve assustá-lo. Um mensageiro ranzinza e irritadiço não é amigo daquele que o envia. Os pecadores não são bombardeados em Cristo com pedras de linguagem provocativa e dura, mas cortejados para Cristo por exortações que derretem o coração.

(c) Olhai para a comissão que Deus dá aos seus embaixadores, e ainda assim seu coração aparece no negócio, seja considerando a amplitude dela, de um lado, ou a severidade dela, do outro. Primeiro, a amplitude dela: “Ide e pregai”, diz Cristo, “o evangelho a toda criatura”. Não façais diferença — ricos ou pobres, grandes pecadores ou pequenos, velhos pecadores ou jovens. Oferecei paz a todos os que se arrependem e crerem. Convidai quantos quiserem vir; aqui há lugar para todos que vêm. Novamente, a severidade dela, por outro lado. Ó, que encargo solene eles têm de entregar sua mensagem fielmente! Paulo treme ao pensar em ser preguiçoso: “Ai de mim, se não pregar o evangelho!” Que argumento Cristo usa — retirado do seu próprio coração — para persuadir Pedro a ser cuidadoso: “Se tu me amas, apascenta as minhas ovelhas”.

Como se tivesse dito: “Pedro, tu agora estás em lágrimas por tua covardia em negar-me, mas tu ainda tens uma maneira restante, para toda aquela falta de gentileza, de demonstrar teu amor por mim, e isto é apascentando minhas ovelhas; faze isto, e não te preocupes com aquilo”. Cristo mostra mais cuidado com suas ovelhas do que consigo mesmo.

(d) *A alegria que Deus expressa quando pobres pecadores aceitam a oferta de paz.* A alegria é o mais alto testemunho que pode ser dado da nossa complacência em qualquer coisa ou pessoa. O amor à alegria é como combustível para o fogo. Se o amor deposita pouco combustível de desejos no coração, então a chama de alegria que vem daí não será grande. Agora, a alegria de Deus é grande em perdoar pobres pecadores que aceitam; portanto, seu afeto é grande na oferta disso. É feito o próprio motivo que prevalece com Deus para perdoar os pecadores, “porque ele tem prazer na benignidade” (Mq 7:18). “Quem é Deus semelhante a ti, que perdoa a iniquidade, e que passa por cima da transgressão do resto da sua herança? Ele não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na benignidade”. Deus faz tudo isto, “porque tem prazer na benignidade”. Pergunta por que o pescador fica a noite toda com seu anzol no rio. Ele te dirá: “porque ele se deleita no esporte”. Bem, tu agora sabes a razão pela qual Deus fica tanto tempo esperando pelos pecadores, meses, anos, pregando a eles; é para que Ele possa ser gracioso em perdoá-los, e nesse ato deleitar-se. Os príncipes muito frequentemente perdoam traidores para agradar outros mais do que a si mesmos, ou então isso nunca seria feito, mas Deus faz isso principalmente para deleitar e alegrar seu próprio coração misericordioso. Daí o negócio sobre o qual Cristo veio — que não era outro senão reconciliar os pecadores com Deus — é chamado de “o prazer do Senhor” (Is 53:10). O Senhor tira tal alegria e prazer nisto que, enquanto outros pais — cujo amor pelos seus filhos afunda infinitamente

abaixo de qualquer comparação com o amor de Deus por Cristo — choram a morte de seus filhos, e mais ainda quando violenta e sangrenta, Deus tira contentamento da morte de seu Filho; aliás, teve a mão principal na obtenção dela, e isso com infinita complacência: “Ao Senhor agradou moê-lo”. E que alegria Deus poderia tirar da morte de seu Filho, senão como ela abriu caminho para Ele e sua pobre criatura que haviam rompido, e estavam em guerra aberta um contra o outro, se reconciliarem por um acordo feliz? E agora, fala, ó pecador! Se Deus deseja tão afetosamente reconciliar-se contigo, não te cabe muito mais abraçar a paz do que a Ele oferecê-la? Há apenas uma coisa mais que eu desejaria que tu, pecador, considerasses, e então te deixo à tua própria escolha.

Quarto. Considera o que fazes quando recusas a paz com Deus. Determinações de guerra ou paz costumam ser o resultado dos conselhos mais graves e da deliberação mais madura possível. Pensa e pensa novamente, o que fazes, antes de romperes o tratado de paz, para que não faças trabalho para o arrependimento quando ele for inútil. Mas, para que não sejas menos fiel a Deus e à tua própria alma do que para dar à tua consciência liberdade para falar livremente sobre este assunto, eu o farei por ti, e te direi o que fazes quando rejeitas a paz. Tu justificas tuas hostilidades anteriores contra Deus, e declaras que defenderás o que fizeste, que Deus se defenda tão bem quanto puder. Aquele que recusa um perdão, ou nega que fez o mal, ou, o que é pior, mantém-se para defendê-lo. Tu terias dito tão bem que não desejas ser amigo de Deus, mas tens uma mente para perpetuar a inimizade entre Deus e ti, como Amílcar, que era tal inimigo de Roma, que, quando morreu, fez de seu filho Aníbal herdeiro de seu ódio contra eles. Não é suficiente que tenhas lutado tantas batalhas na terra contra teu Criador, mas manterás a contenda em outro mundo também, onde não há mais possibilidade de pôr um fim a ela do que a própria eternidade?

Tu lanças o maior desprezo sobre Deus que é possível para uma criatura fazer. Como se o amor e o ódio de Deus fossem coisas tão insignificantes que não precisassem, quando lançadas na balança de teus pensamentos, preponderar sobre ti de qualquer maneira — um para mover teu desejo, ou o outro, teu medo! Em uma palavra, tu consentes com tua própria danação, e desesperadamente te lanças na boca da ira flamejante de Deus, que se abre na ameaça sobre ti. Deus está sob juramento de procurar tua destruição, se morreres nesta mente, o que Deus proíba! A morte é o alçapão que te deixará cair na masmorra do inferno; e uma vez que estejas lá, tu estás onde terás espaço suficiente para chorar sobre tua loucura passada, embora aqui tu não tenhas nem mente nem lazer para fazer de Deus teu amigo. Os próprios pensamentos daquelas ofertas de paz que tu tiveste uma vez, mas nenhum coração para abraçá-las, serão como tanto sal e vinagre, com os quais tua consciência acusadora estará continuamente te regando, enquanto tu jazes assando no fogo do inferno, para tornar teu tormento mais intolerável. Eu sei que esta linguagem arranha os ouvidos dos pecadores, mas não tão mal quanto o ranger de dentes do próprio pecador fará no inferno.

Eu li sobre uma lei tola, posso dizer cruel, entre os lacedemônios, de que ninguém deveria contar ao seu vizinho nenhuma má notícia que lhe tivesse acontecido, mas que todos deveriam ser deixados, no decorrer do tempo, para descobri-la por si mesmos. Muitos entre nós, penso eu, estariam contentes se houvesse tal lei, que pudesse amarrar as bocas dos ministros de assustá-los com seus pecados, e as misérias que acompanham seu estado irreconciliado. A maioria é mais cuidadosa em fugir do discurso de sua miséria, do que em sair do perigo dela — são mais ofendidos com o falar do inferno, do que perturbados por aquele estado pecaminoso que os levará até lá. Mas infelizmente! quando, então, mostraremos nosso amor às almas

dos pecadores se não agora, vendo que no inferno não restam mais ofícios de amor para serem feitos por eles? O inferno é uma casa de peste, que não podemos escrever tanto na porta dela como “Senhor, tem misericórdia daqueles que estão nela”. Não, aqueles que agora oram por sua salvação, e choram sobre sua condição, devem então com Cristo votar por sua danação, e regozijar-se nela, embora sejam seus próprios pais, maridos e esposas que eles veem lá. Ó, agora refleti sobre vós mesmos, antes que o coração de Deus e do homem seja endurecido contra vós!

Pergunta. Mas como pode um pobre pecador estar em paz com Deus?

1. Vê e sê sensível à contenda e inimizade que no presente permanece entre Deus e ti. 2. Cuida de propor fins retos em teu desejo de reconciliação com Deus. 3. Lança tuas armas rebeldes, e submete-te humildemente à sua misericórdia. 4. Apressa-te, tão logo quanto possível, ao trono da graça, e humildemente apresenta teu pedido a Deus para estar em paz contigo por meio de Cristo.

Direções aos pecadores sobre como eles podem estar em paz com Deus.

1. Direção. Vê e sê sensível à contenda e inimizade que no presente permanece entre Deus e ti.

(1.) Quanto à realidade da coisa, que há de fato uma contenda, que Deus tem contra ti. Onde quer que tu vás, um Deus irado está às tuas costas, e sua ira, como uma nuvem de barriga grande, paira cheia de maldições sobre tua cabeça, pronta a cada

momento para esvaziá-las sobre tua cabeça. Há necessidade de pressionar isto. Pois, embora seja ordinário para os homens confessarem-se pecadores, contudo a maioria é relutante em depreciar seu estado tanto a ponto de se classificarem entre os inimigos de Deus. Não, eles esperam que Deus e eles sejam bons amigos apesar de tudo isso. Como ladrões, eles confessarão alguma pequena coisa, mas eles têm cuidado de não deixar cair nada que possa arriscar seus pescoços. “Pecador” é uma palavra favorável. Quem vive e não peca? Isso eles concederão. Mas, estar em um estado de inimizade, e sob a ira de Deus, isto os assusta demais, e os traz muito perto da visão da força — o assento do inferno — que são devidos a esse estado; e, portanto, quando pressionados até este ponto — como os judeus desejaram a Rabsaqué, quando ele os assustou com as coisas terríveis que lhes sobreviriam se resistissem ao rei, seu mestre, “que ele não falasse na língua judaica aos ouvidos do povo” (Is 36:11), por medo de assustá-los, mas em uma língua estrangeira — assim os pecadores desejam daqueles que lidam claramente com eles, que eles não falem tão amplamente na audição de sua consciência, a qual eles têm medo que deva conhecer o pior. Mas, se tu amas tua própria alma, faz uma verdadeira representação de teu estado para ti mesmo. Ó, que tolice é para um homem perder sua causa ocultando a maldade dela!

(2.) Labora para te colocares sob o sentido de tua condição miserável como tu estás. Tivesses tu o império do mundo, e todas as nações rastejando a teus pés, como uma vez as feras fizeram a Adão, e um contrato tão longo quanto a vida de Matusalém contada duas vezes para desfrutá-lo, sem a interposição de uma nuvem todo o tempo, para escurecer a glória desta tua realza, contudo, supondo-te ser alguém para quem Deus é um inimigo, eu escolheria ser o verme sob teu pé, o sapo na vala, mais cedo do que teu ser miserável em teu palácio. Um pensamento de tua morte iminente, e miséria eterna reservada

para ti, deixará sair toda a alegria de tua felicidade presente. Isto, isto faz com que os grandes do mundo — na verdade todos os pecadores irreconciliados, altos e baixos — vão para seus túmulos como ursos descendo uma colina — de costas. Infelizmente! se eles devessem apenas olhar para frente para onde estavam indo, seus corações estariam logo em suas bocas, por falta desta couraça — uma persuasão confortável de sua paz feita com Deus. Vai, portanto, como um pobre malfeitor condenado a morrer faria, fecha-te longe de todos os teus velhos companheiros lisonjeiros, que ainda embalariam tua alma miserável em uma segurança insensível — o berço que o diabo balança as almas, para sua destruição total; que nenhum deles venha a ti, mas manda chamar aqueles que ousam ser fiéis a ti, e, como Samuel, ousam te dizer cada palavra que Deus diz contra ti, e não ocultar nada; aliás, lê tua sentença com teus próprios olhos na palavra, e toma tua condenação da própria boca de Deus, e não a do homem. “Não há paz, diz o meu Deus, para os ímpios”. Medita sobre isso até que se cole à tua alma como um emplastro em uma ferida, e tire o próprio núcleo de teu orgulho e confiança carnal, que endureceu teu coração de todo sentido de tua condição; por cujo tempo, a angústia de teu próprio espírito, vendo as dificuldades em que foste colocado, te levará a desejar a paz com Deus, e isto é o que Deus espera ouvir cair de ti, tanto quanto os servos de Ben-Hadade fizeram por uma palavra da boca de Acabe.

2. *Direção.* Cuida de propor fins retos em teu desejo de reconciliação com Deus. Nada é mais odioso para Deus ou para o homem do que a falsidade e a traição em tratados de paz; e ainda assim alguns homens podem ter palavras tão suaves como manteiga em suas bocas, e guerra em seus corações ao mesmo tempo (Sl 55:21). Ó, toma cuidado de qualquer vacuidade de coração em tua busca pela paz! Quando descoberta — como deve ser, exceto se o olho de Deus falhar, o que é impossível —

isso endurecerá excessivamente o coração de Deus contra ti. Deus nunca se arrependeu de ninguém a quem perdoou ou levou para a carruagem da paz com Ele, porque Ele nunca foi enganado por ninguém, como os homens são, que fazem frequentemente a paz com aqueles que provam ser no fim falsos irmãos, e lhes dão causa para desejar que nunca os tivessem conhecido. Joabe matou Amasa, mas ele não teve cuidado com a espada na mão de Joabe. Deus olha para o coração, e vê o que está em sua mão; garante, portanto, que estejas claro em teus próprios pensamentos quanto aos fins que almejas. É lícito para ti olhar pela tua própria segurança. Deus te dará licença para olhar por ti mesmo. Isto tu podes, e contudo não negligenciá-Lo. Mas nunca nenhuma paz foi verdadeira ou segura onde apenas o amor-próprio a fez, seja com Deus, ou entre homem e homem. Tu vês que estás arruinado se mantiveres teu antigo lado, e portanto buscas a paz com Deus, como os reis que serviram a Hadadezer. Quando viram que ele foi “derrotado diante de Israel, fizeram a paz com Israel” eles mesmos (2Sm 10:19). Bem, isto pode ser permitido a ti para vires a Deus, porque o dEle é o lado mais seguro. Nunca ninguém fez a paz com Deus, mas este argumento pesou muito com eles. Se Jacó pudesse ter estado seguro em casa, ele nunca teria fugido para Labão. Todos são forçados a sair de suas fortalezas antes de se renderem a Deus. Mas toma cuidado para que isto não seja tudo o que almejas, ou o principal que almejas. Isto tu podes fazer, e odiar a Deus tanto quanto sempre, como aqueles que se diz que se rendem “fingidamente” às armas vitoriosas de Davi, porque não havia ajuda para isso. Um homem apanhado em uma tempestade pode ser forçado sob o telhado de seu maior inimigo para abrigo, sem qualquer mudança de seu coração, ou melhores pensamentos dele do que antes costumava ter. Duas coisas, portanto, tu podes procurar ter em teu olho, acima da tua própria auto-preservação.

(1.) Deves desejar ser reconciliado com Deus com um olho para a honra de Deus. Daí, frequentemente as orações dos santos são pressionadas com um argumento de Deus, assim como deles mesmos e de sua própria miséria: “Ajuda-nos, ó Deus da nossa salvação, pela glória do teu nome; e livra-nos, e perdooa os nossos pecados, por amor do teu nome” (Sl 79:9). Certamente, se Deus não pudesse ser mais glorificado em nossa paz e reconciliação, do que em nossa morte e danação, seria uma coisa má desejá-la. Mas Deus esclareceu isto para nós, que Ele não é perdedor por atos de misericórdia. Nisto reside a maior receita de sua coroa, ou então Ele não poderia amar “a misericórdia mais do que o sacrifício”. Deus é livre para escolher o que melhor convém ao seu próprio coração, e mais conduz à exaltação de seu grande nome; e Ele se deleita mais na misericórdia mostrada a um, do que no sangue de todos os condenados que são feitos um sacrifício à sua justiça. E, na verdade, Ele tinha um fim mais elevado na danação deles do que seu sofrimento, e esse era o realce da glória de sua misericórdia em seus salvos. Esta é a peça bela em que Deus se deleita, e a outra apenas a sombra para ela. Então estás em uma disposição apta para orar pela paz, e podes ir com encorajamento, quando teu coração está profundamente afetado com a honra que virá a Deus por isso. É um argumento que Deus não negará. “Isto”, disse Abigail a Davi, “não te será em canseira, nem em escrúpulo de coração ao meu senhor” (1Sm 25:31). Ela quis dizer que ele nunca deveria ter causa para se arrepender de ter sido impedido de derramar sangue. Assim podes tu pleitear com Deus e dizer: “Ó Senhor, quando eu estiver com santos e anjos louvando tua graça perdoadora no céu, não te será em canseira que tua misericórdia te impediu de derramar meu sangue, condenando minha alma ao inferno”. Mas agora é evidente que muitos que parecem buscar a paz, e a perseguem também, muito fortemente, contudo não têm muito cuidado com a honra de Deus na coisa, porque são sinceros com Deus para que Ele os perdoe de uma

maneira que lhe seria desonrosa. Perdoados eles seriam, embora totalmente ignorantes de Deus e de Cristo. Eles teriam Deus em paz com eles enquanto eles fossem inimigos dEle. Como um ladrão na barra, ele gostaria que o juiz poupasse sua vida, certo ou errado, legal ou ilegalmente, o que ele se importa? Considera este miserável a honra do juiz? ou aquele pecador, que, contanto que seja salvo, quão injusto Deus é no ato de misericórdia? Ó, não vos enganeis, pobres almas, Deus não fará guerra entre seus próprios atributos para fazer a paz convosco!

(2.) Deves desejar ser reconciliado com Deus, para que possas ter comunhão com Deus. Certamente uma alma sensível ao que a perda da comunhão com Deus é, conta que não cumpriu toda a sua missão quando teve apenas paz dada a ela. Se Deus dissesse: “Alma, estou em paz contigo — ordenei que tu nunca vás para o inferno. Eis uma descarga sob minha mão de que tu nunca serás presa por minha dívida; mas, quanto a qualquer comunhão comigo, ou fruição de mim, tu não podes esperar nenhuma. Terminei contigo — para sempre ser mais conhecido de ti”. Certamente a alma, em tal caso, tiraria pouca alegria em sua paz. Se o fogo estivesse apagado quanto aos tormentos positivos, contudo um inferno restaria na escuridão lúgubre sob a qual a alma se sentaria por falta da presença de Deus. Absalão não conhecia nenhuma condição média que pudesse agradá-lo entre ver o rosto do rei, seu pai, e ser morto. “Deixa-me ver o rosto do rei; e, se houver em mim alguma iniquidade, que me mate” (2Sm 14:32) — “se não sou digno de desfrutar do amor e da presença de meu pai, tampouco desejo viver”; enquanto um coração impertinente busca reconciliação sem qualquer desejo de qualquer comunhão com Deus. Como o traidor, se o rei apenas o perdoar e salvá-lo da forca, ele está pronto a prometer-lhe nunca mais incomodá-lo na corte. É sua própria vida, não o favor do rei, que ele deseja.

3. *Direção*. Lança tuas armas rebeldes e submete-te humildemente à sua misericórdia. Deus não tratará sequer contigo enquanto tua espada estiver em tua mão — “Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor” (Is 1:18). Nota quando o parlamentarismo começa: “tirai a maldade de vossos atos” (v. 16). Agora vem e trata com Deus sobre uma paz.

(1.) Deus é um grande Deus, e não convém à sua soberania tratar com sua pobre criatura em termos iguais, como um rei faz com seu colega príncipe, que, se não puder ter paz em seus próprios termos, é capaz provavelmente de se vingar pela força das armas; mas, como um rei poderoso com seu súdito rebelde, a quem Ele tem firmemente acorrentado na prisão, e pode à vontade enforcar por sua traição. O grande Deus quer que tu saibas que. Deixa que capitulem aqueles que podem retirar-se para sua força e viver sem paz. Mas quanto a ti, pobre pecador, tu não pensas, espero, que estás em capacidade de encontrar Deus no campo, ou de prosperar por este comércio de guerra contra Deus. Não, teu único caminho é conquistá-Lo sobre teu joelho, colocar teu pescoço a seu pé e dizer: “Senhor, coloco minha vida em tuas mãos, serei teu verdadeiro prisioneiro, escolhendo morrer pela mão de tua justiça, do que continuar lutando contra tua misericórdia”. Agora, pobre alma, tu estás no caminho certo, que leva à paz. “Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará” (Tg 4:10). Essa alma não estará por muito tempo fora de seus braços, aquela que está prostrada a seus pés. Mas, embora “o Alto e Sublime” possa curvar-se para tomar um pecador penitente nos braços de sua misericórdia perdoadora, contudo Ele não rebaixará sua soberania para tratar com um miserável que sustenta suas armas e as mantém firme contra Ele. Há uma letra vermelha no nome de Deus — “de maneira alguma terá por inocente o culpado” (Êx 34:7).

(2.) A natureza santa de Deus requer isto. O pecado é o que fez a brecha, e causou que Deus tomasse armas contra sua criatura; como podes racionalmente pensar em fazer tua paz com Ele, e manter este faíscador em teu seio? Deus está disposto a ser reconciliado contigo, mas queres que Ele esteja em paz com teu pecado também? Não basta ser justificado de teu pecado? mas tu gostarias que Deus traísse sua própria honra justificando-te em teu pecado? Já ouviste algum príncipe dar uma patente a outro para cortar sua própria garganta? Que segurança podes tu dar a Deus de teu amor por Ele se tu não renunciarestes àquilo que é a única coisa que busca sua vida? *Peccatum est deicidium* [o pecado é deicídio]. Enquanto o traidor estiver em favor lá dentro, Deus não levantará seu cerco, ou ouvirá falar de paz lá fora. Eles não podem reinar juntos; escolhe qual tu queres ter deles. E não sejas tão enganado a ponto de pensar que é suficiente enviar tua luxúria para fora do caminho por um tempo, como os príncipes costumam fazer com seus favoritos em uma comoção popular, para agradar o povo, e então chamá-los para casa quando o tumulto passar. Não, Deus não será assim esquivado e zombado. Vê como a promessa corre, e isto Ele manterá. “Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converta ao Senhor, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar” (Is 55:7). Vê como Deus é cauteloso nos termos; nenhum canto deixado para o menor pecado se esconder e salvar sua vida — ele deve “deixar tudo”. Isso implica:

(a) Uma escolha deliberada na alma; ele faz isso livremente. Os pecados de alguns homens “os deixam”. O espírito imundo sai, e não é expulso — ocasiões para pecar cessam, ou a habilidade corporal para executar o comando do pecado falta. Não há deixar o pecado, contudo, em tudo isto. Mas quebrar com ele com uma santa indignação e resolução, quando a tentação está mais ocupada e a força mais ativa — agora, como

Davi disse, quando seu inimigo o opôs como abelhas, no nome do Senhor repelir e resistir a eles — isto é deixar. Este é o encômio de Moisés. Ele deixou a corte quando estava crescendo; não por idade, como Barzilai, mas quando seu sangue estava quente em suas veias.

(b) “Deixar” o pecado é deixá-lo sem qualquer pensamento reservado de retornar a ele novamente. Toda vez que um homem faz uma viagem para fora de casa por negócios, não dizemos que ele deixou sua casa, porque ele pretendia, quando saiu, vir a ela novamente. Não, mas quando vemos um homem deixar sua casa, carregar todas as suas coisas com ele, trancar suas portas, e fixar sua morada em outra, para nunca mais morar lá, eis um homem que de fato deixou sua casa. Seria estranho encontrar um bêbado tão constante no exercício daquele pecado, mas algum tempo tu podes encontrá-lo sóbrio, e ainda assim um bêbado ele é, tão bem como se estivesse então bêbado. Todo mundo não deixou seu ofício que vemos de vez em quando em seu traje de feriado. Então o homem deixa seu pecado quando o lança de si, e tranca a porta sobre ele com o propósito de nunca mais abrir para ele. “Efraim dirá: Que mais tenho eu com os ídolos?” (Os 14:8).

Novamente observe, antes que o perdão possa ser selado, ele deve “deixar”, não este pecado ou aquele, mas todo o “caminho” do pecado. “Deixe o ímpio o seu caminho”. Um viajante pode dar um passo de um caminho para outro, e ainda seguir no mesmo caminho — deixar um caminho sujo, profundo e irregular, por um mais liso e plano. Assim muitos, achando alguns pecados grosseiros incômodos, e muito trabalhosos para suas consciências despertas, pisam em um caminho mais limpo de civilidade; mas infelizmente! pobres criaturas, tudo o que eles conseguem é ir um pouco mais fácil e mais limpo para o inferno do que seus vizinhos bestiais. Mas ele deixa o caminho do

pecado que vira fora de toda a estrada. Em uma palavra, tu deves deixar o caminho mais cego de todos no caminho do pecado — aquele que jaz atrás da sebe, como posso dizer, nos pensamentos do coração — “e o homem maligno os seus pensamentos”; ou então tu bates em vão à porta de Deus por misericórdia perdoadora; e, portanto, pobre alma, deixa tudo ou nada. Salva uma luxúria e perdes uma alma. Se os homens pretendem ir para o inferno, por que são tão educados? Este meio-termo com o pecado é ridículo. Tens medo deste pecado, e não de um menor, que impede tua paz, e obtém tua danação com certeza, apenas não com tanta distração para tua consciência sonolenta no presente? Isto é tão ridículo quanto com ele, que, para ser enforcado, desejassem que ele não passasse de jeito nenhum por tal rua para a forca, por medo da praga que havia lá. O que ganharás, pobre pecador, se fores para o inferno, embora fores para lá por tua ignorância, incredulidade, orgulho espiritual, etc., contudo conduzido por aí de modo a escapar da praga da profanidade aberta? Ó senhores, considerai apenas a equidade, a honradez dos termos que Deus oferece paz. Que luxúria é tão doce ou lucrativa que vale a pena queimar no inferno por ela? Dario, quando fugiu diante de Alexandre, para que pudesse correr mais rápido para fora do perigo, jogou fora sua coroa maciça de sua cabeça que o impedia; e alguma luxúria é tão preciosa em teu olho que tu não podes deixá-la atrás de ti, mais cedo do que cair nas mãos da justiça de Deus? Mas tão néscio é o homem tolo, que um pagão sábio pôde notar isso — nós pensamos que apenas compramos o que repartimos com dinheiro, e quanto àquelas coisas pelas quais pagamos nossas almas, essas nós pensamos que temos de graça, como se o homem não valesse mais do que seu dinheiro!

Tendo sido fiel em seguir as direções precedentes, tu estás agora em um caminho justo para efetuar teu empreendimento tão desejado. Portanto,

4. *Direção.* Apressa-te, portanto, tão logo quanto possível, ao trono da graça, e humildemente apresenta teu pedido a Deus para que Ele esteja em paz contigo, aliás, carrega contigo uma fé de que tu encontrarás Ele mais pronto a abraçar a moção do que tu a fazê-la. Toma cuidado apenas, o que tu fazes ser teu pleito para mover Deus, e onde tu colocas tua confiança. Não em teu arrependimento ou reforma, isto seria bancar o mercador com Deus; mas sabe que Ele não espera um comprador para trocar com Ele, mas um suplicante humilde para ser pretendente a Ele. Nem sua misericórdia absoluta, como almas ignorantes fazem. Isto é pegar a espada pela lâmina, e não pela empunhadura. Tais encontrarão sua morte e danação daquela misericórdia pela qual eles poderiam ser salvos, se eles a tomassem como Deus a oferece a eles, e isso “por meio de Cristo”. “Tome conta da minha força, e faça paz comigo; sim, que faça paz comigo” (Is 27:5). E onde jaz a força salvadora de Deus, senão em Cristo? Ele “fez cair força” sobre este “poderoso”, “capaz de salvar perfeitamente todos os que se achegam a Deus”. Não é o poder absoluto ou a misericórdia de Deus que te ajudará, mas sua força e misericórdia de aliança, e isto está em Cristo. Toma conta de Cristo e tu tens conta de Deus; Ele não pode atacar a alma que se segura nisso.

De fato, a bondade essencial de Deus é um argumento poderoso para persuadir a pobre alma a confiar na promessa em Cristo para o perdão — quando ele considera que Deus que promete paz ao crente, é um Deus cuja própria natureza é perdoadora, e misericórdia em si — mas se não houvesse promessa para engajar esta misericórdia aos pobres pecadores por Cristo, isto teria sido apenas um conforto frio ter acreditado que Deus era bom. Ele poderia ter condenado todo o estoque de Adão, e não ter chamado sua bondade essencial minimamente em questão. Não é uma mancha à onipotência de seu poder que Ele não faz tudo o que pode. Ele poderia fazer mais mundos, se

estivesse tão satisfeito, do que Ele tem feito; mas não temos fundamento para acreditar que Ele fará, tampouco Ele é menos onipotente porque Ele não faz. Assim, Ele poderia ter salvo os anjos caídos com os filhos do homem perdido. Ele não é escasso em misericórdia para tal design, se Ele tivesse pensado que era adequado. Mas, não tendo passado nenhuma promessa para tal coisa, a bondade essencial de Deus oferece aos demônios apenas pouco alívio, ou esperança de que Ele o fará. E contudo Deus continua bom. E, por tudo o que posso encontrar da palavra, eles entre os filhos dos homens que, ou através de simples ignorância do evangelho, ou preconceito, que sua razão orgulhosa tomou contra o caminho que ela traça para fazer nossa paz com Deus, através da satisfação de Cristo por nós, negligenciam Cristo, ou rejeitam desdenhosamente sua satisfação, e se entregam à bondade e misericórdia absoluta de Deus, como o pleito que eles farão na barra de Cristo para seu perdão e salvação, encontrarão tão pouco benefício disso quanto os próprios demônios.

Suponha, amigos, que um príncipe livremente fizesse uma lei, pela qual ele governará seu povo, e toma um juramento solene de se manter perto dela, poderia um malfeitor que é condenado por esta lei a morrer esperar qualquer alívio apelando da lei para a misericórdia e bondade da natureza do príncipe? Confesso que alguns prosperaram e salvaram suas vidas tomando este curso. Mas tem sido, porque ou o príncipe era imprudente em fazer a lei, ou infiel em manter seu juramento; nenhum dos quais pode, sem blasfêmia, ser imputado a Deus, infinitamente sábio e santo. Ele promulgou uma lei, chamada a lei da fé, para salvar pobres pecadores por Cristo, e está sob juramento de fazê-la boa tanto na salvação de cada um que crê em Cristo, quanto na danação de cada um que não crê: e, para garantir tudo, deu a Cristo um juramento de ser fiel em seu ofício; que foi confiado como sacerdote para garantir a redenção, e sentará como juiz para pronunciar a sentença no grande dia da

absolvição ou condenação. Toma cuidado, portanto, pobre pecador, que tu não sejas atraído de colocar tua inteira confiança em Cristo, o Filho de Deus — tanto Deus quanto homem em uma pessoa — que entregou sua vida por acordo com seu Pai, para fazer uma expiação pelo pecado do mundo; e agora oferece-te aquele sangue que então Ele derramou, como um preço para carregar na mão de tua fé ao Pai, para perdão e paz. Não, embora eles venham e te chamem de Cristo para Cristo — de um Cristo fora de ti, para um Cristo dentro de ti. Como o jesuíta faz no quaker, em quem ele agora entrou; como os frades de antigamente costumavam entrar em suas imagens ocas, isto é, para que pudessem entregar suas doutrinas mentirosas pelas bocas de seus reputados santos, e assim enganar a multidão sem qualquer suspeita de sua vilania. Exatamente assim os jesuítas hoje em dia entregam seu material papista pelas bocas dos quakers — um projeto tanto mais perigoso quanto é mais astuto do que o outro. Há muita luz derramada para que aquele velho teatro de bonecos tome. Mas, embora os homens sejam sábios demais para emprestar ouvidos a um bloco ou uma pedra, contudo a santidade em um santo vivo comanda tal reverência, que o diabo sempre encontrou, e encontrará, até o fim do mundo, que ele pode passar menos suspeito sob este manto. Bem, quando ele vem te chamar de um Cristo fora de ti para um Cristo dentro de ti; despe a doutrina de sua frase agradável, e, em inglês simples, ele te chama de confiar na justiça de Cristo operada por Ele para ti, e pela fé a ser feita tua para tua justificação diante de Deus, para uma obra inerente de graça ou justiça operada pelo Espírito de Deus em ti para tua santificação e renovação, chamada às vezes de “nova criatura”, e “Cristo dentro de nós”. Agora, não terias feito uma boa mudança se tivesses deixado tua mão em Cristo, que é tua justiça, para confiar em uma criatura, e essa uma fraca também, Deus sabe, cheia de tantas imperfeições que tua consciência — exceto injudiciosa e entregue a acreditar em uma mentira — pode dizer que é apenas

uma veia de ouro envilecida com muito mais terra e escória, que nunca será purgada até que sejas posto no pote de refino da sepultura. Olha para ti mesmo, cristão. Aqui é uma questão de vida ou morte. Preza a graça de Cristo dentro de ti tu deves; aliás, tu não tens nenhuma em ti, se tu não a valorizas acima de todas as montanhas de ouro que o mundo tem. Mas não confies neste Cristo ou graça de Cristo dentro de ti para vida e salvação; pois agora tu prezas a criatura acima de Deus, e colocas “Cristo dentro de ti” para lutar com “Cristo fora de ti”. A noiva faz bem em estimar altamente a imagem de seu marido que ele lhe deu, especialmente se muito parecida com ele, e mais de tudo, se desenhada por sua própria mão; mas seria muito ridículo se ela se apegasse a isso a ponto de desprezar seu marido, e, quando ela quer dinheiro, roupas, ou algo semelhante, ir, não ao seu marido, mas à imagem que ele lhe deu, para tudo. A graça do santo é chamada de “Cristo dentro dele”, porque é sua imagem, e faz o santo tão parecido com Cristo. Isto, pela semelhança que traz à santidade de Cristo, Ele mesmo teu marido, que com o dedo de seu próprio Espírito, desenhou-a em tua alma, merece altamente ser valorizado. Mas, que tolo seria para ti virar tuas costas para o próprio Senhor Jesus Cristo, com quem pela fé tu estás casado, e, quando queres perdão e conforto — gostarias de ter céu e felicidade — esperar estes, não de Cristo, mas de tua graça? Ó, Cristo te agradecerá por honrar sua criatura para a desonra de sua pessoa?

(3.) À medida que o evangelho põe o machado na raiz da amargura e da contenda, para desarraigá-la, ele enche os corações daqueles que o abraçam com princípios tão graciosos que os inclina à paz e à unidade. Tais são a abnegação — que prefere o outro em honra a si mesmo, e não disputará pelo lugar principal; a longanimidade — uma graça que não é facilmente movida e provocada; a gentileza — que, se movida por qualquer mal, mantém as portas abertas para a paz entrar novamente, e o

torna fácil de ser conciliado. Vê um feixe inteiro destas ervas doces crescendo em um só canteiro: “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, gentileza, bondade, fé, mansidão” (Gl 5:22). Nota, rezo, este não é fruto que cresce em qualquer cerca, mas “fruto do Espírito” — fruto que brota da semente do evangelho. Como as pedras na pedreira, e os cedros à medida que cresciam na floresta, nunca teriam jazido juntos de forma próxima e elegante no templo, assim tampouco poderia um cortar e polir, nem o outro desbastar e esculpir a si mesmos naquela aptidão e beleza que todos tinham naquele majestoso edifício. Não, essa foi a obra de homens dotados por Deus para esse propósito. Tampouco podem homens e mulheres, com toda sua habilidade e ferramentas de moralidade, esquadrinhar e enquadrar seus corações de modo a se encaixarem amorosamente em um só templo santo. Esta é a obra do Espírito, e também com este instrumento e cinzel do evangelho, para o fazer; parcialmente cortando a aspereza de nossas naturezas grosseiras, por sua graça mortificadora; assim como esculpindo, polindo e suavizando-as com aquelas graças que são as emanações de seu próprio Espírito doce, manso e Santo.

USO E APLICAÇÃO.

Diferença entre a paz entre os santos e a dos ímpios.

Uso Primeiro. O que aprendemos agora da paz do evangelho como uma paz de amor e unidade nos ajuda a pensar sobre aquela paz e amor que às vezes são encontrados entre os ímpios do mundo. Não é verdadeira paz e amor sólido, porque eles são estranhos ao evangelho que, sozinho, pode unir corações. Como, então, chamaremos essa paz deles? Em alguns, é uma mera conspiração: “Não chameis conjuração a tudo o que

este povo chama conjuração” (Is 8:12). A paz de alguns é fundada mais na ira contra os santos do que no amor entre si mesmos. Eles estão unidos — mas como? De nenhuma outra maneira senão as raposas de Sansão, para causar mal aos outros, em vez de bem a si mesmos. Dois cães que estão se mordendo um ao outro podem parar para correr ambos atrás de uma lebre que passa por eles; os quais, quando a caça acaba, podem voltar a lutar tão ferozmente quanto antes. “No mesmo dia, Pilatos e Herodes tornaram-se amigos; pois antes andavam em inimizade um com o outro” (Lc 23:12). Novamente, a paz e a unidade de outros são fundadas sobre alguma luxúria baixa que os une. Assim vereis um grupo de “bons companheiros”, como eles erroneamente se chamam, sentados sobre a panela com abundância de aparente contentamento uns com os outros. E um bando de ladrões, quando em um plano perverso, chamam uns aos outros, como perdizes a seus companheiros, dizendo: “Vem conosco; lança a tua sorte entre nós; tenhamos todos uma bolsa” (Pv 1:14). Eis agora paz e unidade, mas infelizmente! eles são apenas “irmãos na iniquidade”. Em terceiro lugar, onde não é assim grosseiro; pois não se pode negar que existem alguns que nunca sentiram o poder do evangelho a ponto de serem feitos novas criaturas por ele, que contudo mantêm uma relação muito justa uns com os outros, e correspondem entre si; e isso não por uma conta tão baixa e sórdida, entre os quais tais ofícios de amor são retribuídos como adoçam muito suas vidas e os tornam queridos uns aos outros; e por isso eles devem muito ao evangelho, que civiliza frequentemente, onde não santifica. Mas esta é uma paz tão fundamentalmente defeituosa que não merece o nome de verdadeira paz.

1. A paz dos ímpios é *in cortice non in corde* [na casca, não no coração] — superficial e externa, não interior

e cordial. Podemos dizer que, antes, suas luxúrias estão acorrentadas da guerra aberta do que seus corações estão mudados para o amor interior. Como as bestas concordaram na arca muito bem, contudo mantiveram sua natureza hostil, assim fazem os homens não regenerados.

2. A paz dos ímpios é uma paz não santificada. (1.) Porque, enquanto parecem ter paz uns com os outros, não têm paz com Deus; e é a paz com Deus que tira a maldição. (2.) Porque procede de corações não santificados. É o altar que santifica a dádiva; o coração, a unidade. *Amicitia non est inter bonos* [a amizade só existe entre os bons]. Um pagão pôde dizer isto — que o verdadeiro amor e amizade só podem ser entre homens bons; mas infelizmente ele não sabia o que tornava um homem bom. Quando Deus pretende em misericórdia tornar os corações dos homens “um”, Ele primeiro os torna “novos”: “Dar-lhes-ei um só coração, e um espírito novo porei dentro deles” (Ez 11:19). A paz do tipo certo é um fruto do Espírito, e Ele santifica antes de unificar. (3.) Porque o fim que todos esses propõem em seu amor é carnal, não espiritual. Como Agostinho não admirava Cícero por sua eloquência e oratória tanto quanto desvalorizava e lamentava por ele porque o nome de Jesus Cristo não era encontrado nele; assim, isto traça uma linha negra sobre a paz e unidade dos homens carnaís — nada de Deus e Cristo nisto. É a glória dEle que eles visam? O mandamento de Cristo que os une à paz? Não, infelizmente! aqui está a “voz mansa e delicada”, mas Deus não está nela. Seu próprio sossego e vantagem carnal são o *primum mobile* [o motor principal] — motivo principal. A paz e a unidade são convidados tão bons, e pagam tão bem por sua hospedagem, que isso torna seus homens que não têm graça, se tiverem

apenas seus juízos restantes, desejosos apenas de manter uma paz externa entre si mesmos.

3. A paz dos ímpios é, em uma palavra, uma paz que não durará muito, porque falta o cimento forte. Pedras podem por um tempo jazem juntas sem argamassa, mas não por muito tempo. O único cimento duradouro para o amor é o sangue de Cristo; como Agostinho diz de seu amigo Alípio e de si mesmo, eles eram *sanguine Christi glutinati* [cimentados em sua amizade pelo sangue de Cristo].

O pecado dos ministros que incitam a contenda.

Uso Segundo. O evangelho é um evangelho de paz neste sentido, como tomado para unidade e amor? — isto mergulha o pecado deles em um tingimento profundo, que abusam do evangelho para um fim totalmente contrário, e fazem dele seu instrumento para promover a contenda e a discórdia. Tal o apóstolo fala: “Alguns, na verdade, pregam Cristo até por inveja e porfia” (Fp 1:15). O evangelho da paz é um texto estranho, alguém pensaria, para pregar a divisão e levantar contenda; e o púlpito um monte tão estranho para plantar as peças de artilharia da discórdia. Ó, como estranhamente estes homens esquecem seu Senhor que os enviou, que é um Príncipe da paz! e seu trabalho, que não é tocar uma trombeta de sedição e confusão, ou soar um alarme para a batalha, mas antes um alegre retiro da luta sangrenta em que suas luxúrias os engajaram contra Deus e uns aos outros. De fato, há uma guerra que eles devem proclamar, mas é apenas contra o pecado e Satanás; e tenho certeza de que não estamos aptos para marchar contra eles até que possamos concordar entre nós mesmos. O que pensaria o

príncipe daquele capitão que, em vez de encorajar seus soldados a atacar com forças unidas como um só homem contra um inimigo comum, fizesse um discurso para pôr seus soldados a brigar uns com os outros? Certamente ele o enforcaria como um traidor. Boa foi a oração de Lutero: *A doctore glorioso, à pastore contentioso, et inutilibus quæstionibus liberet ecclesiam Deus* — de um doutor vaidoso, um pastor contencioso e questões inúteis, Deus livre a igreja. E nós, nestes tempos tristes, temos razão para dizer um amém tão sincero a isso quanto qualquer um desde sua época. Não vivemos em um tempo em que a igreja foi transformada em escola de sofistas? Onde tal contenda e disputa existiu que as mais preciosas verdades do evangelho já estão perdidas para muitos. Seus olhos foram postos para fora com a poeira que essas contendas levantaram, e eles finalmente disputaram a si mesmos para fora de todos os seus princípios sóbrios; como alguns maus maridos que caem entre jogadores astutos, e jogam todo o seu dinheiro fora de suas bolsas. Ó, ai de tais homens vis, que prostituíram o evangelho para fins tão diabólicos! Deus pode ter misericórdia das almas enganadas para trazê-las de volta ao amor da verdade, mas para os enganadores, eles foram longe demais em direção ao inferno que podemos esperar seu retorno.

Isto nos dá a razão pela qual não há mais paz e unidade entre os próprios santos. O evangelho não pode ser culpado por respirar a paz. Não! Não é porque eles são seguidores do evangelho, mas porque eles são apenas imperfeitamente evangelizados, que eles não são mais pacíficos. Quanto mais eles participam do espírito do evangelho, menos serão assombrados pelo espírito maligno da contenda e da discórdia. Os melhores dos santos são em parte não-evangélicos em dois particulares,

dos quais vêm todas as contendas indelicadas e contestações não fraternais entre eles.

1. Os cristãos são não-evangélicos em seus julgamentos; “conhecemos em parte, e profetizamos em parte” (1Co 13:9). Aquele que pretende a mais do que isso gaba-se sem sua medida, e descobre assim o que ele nega — sua ignorância, quero dizer, no evangelho. E este defeito e fragilidade que está nos julgamentos dos santos expõe-nos às vezes a beber princípios que não são evangélicos. Agora, estes são os que fazem o alvoroço e perturbam sua paz e unidade. Toda a verdade é redutível a uma unidade; como linhas eles se encontram amorosamente em um só centro — o Deus da verdade — e estão tão longe de se esbarrar e entrar em choque que, como pedras em um arco, eles sustentam uns aos outros. Eles então, que tão docemente concordam em um só, não podem nos ensinar a dividir. Não, é este estranho erro que se infiltra entre os santos, e quer ser juiz; isso rompe a paz, e acende um fogo na casa, que em pouco tempo, se deixado só, será visto no telhado da casa. Comida saudável não faz perturbação a um corpo saudável; mas comida corrupta faz imediatamente o corpo febril e intratável, e então, quando o homem está perturbado, não admira se ele começa a ser irritadiço e rabugento; vimos isso por experiência lamentável. Aqueles de quem nada tínhamos além de doçura e amor enquanto se alimentavam do mesmo prato da verdade do evangelho conosco, quão estranhamente obstinados eles se tornaram desde que tomaram alguns princípios não-evangélicos e errôneos! Não sabemos bem como nos portar para com eles, eles são tão captiosos e briguentos; aliás, na própria audição da palavra, se eles ainda não esqueceram o caminho para a ordenança, que

comportamento desagradável muitos deles mostram, como se cada palavra fosse contra seu estômago, e os fizesse adoecer! Ó senhores, não culpemos o evangelho, ele é inocente quanto a essas tristes contendas entre nós. Paulo nos diz onde encontrar um pai para este pirralho da contenda. Vê à porta de quem ele nos direciona a deixá-lo: “Rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes” (Rm 16:17). Rezo para que observeis como ele limpa o evangelho aqui. Este espírito divisivo e briguento é contrário ao evangelho; eles nunca aprenderam isso na escola de Cristo. E então ele implica tacitamente que eles têm isso em outro lugar, de algum falso mestre e falsa doutrina ou outra. “Noteis-os”, diz ele, como se tivesse dito: “Observai-os bem, e achá-los-eis maculados de uma maneira ou de outra”. Eles estiveram se aquecendo no fogo de Satanás, e de lá trouxeram um carvão com eles, que faz o mal.

2. Os cristãos são em parte não-evangélicos em seus corações e vidas. A raiz inteira do pecado não é desarraigada de uma só vez; não é de admirar que algum sabor amargo permaneça no fruto que eles dão. Santos no céu serão todos graça, e nenhum pecado neles, e então eles serão todo amor também; mas aqui eles são parte graça, parte corrupção, e assim seu amor não é perfeito. Como podem eles ser totalmente soldados juntos em unidade para nunca mais romper, enquanto não são tão plenamente reconciliados com Deus, no ponto da santificação, mas de vez em quando há algumas brechas entre eles e o próprio Deus? E quanto menos progresso o evangelho fez em seus corações para mortificar a luxúria e fortalecer a graça, menos paz e amor são esperados entre eles. O apóstolo conclui das contendas

entre os cristãos em Corinto, que eles eram de pouco crescimento na graça, tais que não podiam passar do leite de criança. “Eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a meninos em Cristo. Com leite vos criei, e não com manjar, porque ainda não podíeis, nem tampouco ainda agora podeis; porque ainda sois carnis” (1Co 3:1, 2). Não, ele concebe isto como uma evidência tão clara, que ele apela para as consciências deles se não é assim. “Pois, havendo entre vós inveja, contendias e divisões, não sois porventura carnis, e não andais segundo os homens?” (v. 3). Mas à medida que a graça fortalece, e o evangelho prevalece nos corações dos cristãos, assim o amor e um espírito de unidade aumentam com ele. Dizemos “mais velho e mais sábio” — embora crianças, quando jovens, arranhem e lutem, contudo quando atingem a idade, começam a concordar melhor. *Omne invalidum est naturá quærulūm* [tudo o que é inválido é por natureza queixoso] — aqueles que são jovens e fracos são irritadiços e briguentos. A idade e a força trazem sabedoria para superar aquelas diferenças mesquinhas que agora não podem ser suportadas. Na controvérsia entre os servos de Abraão e de Ló, Abraão, que era o cristão mais velho e mais forte, foi o mais pronto para a paz, a ponto de suplicá-la às mãos de seu sobrinho, de todas as maneiras seu inferior. Paulo, que era um cristão mais alto pela cabeça do que os outros — ó, como ele se destacou no amor! — ele diz de si mesmo, 1Tm 1:14: “E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e o amor que há em Cristo Jesus”; onde, diz Calvino, *fides incredulitati opponitur; dilectio in Christo sævitæ quam exercuerat adversus fideles* [a fé é oposta à incredulidade; o amor em Cristo, à crueldade que ele exercera contra os fiéis] — a fé é oposta à sua anterior descrença obstinada, quando um

fariseu; o amor em Cristo Jesus, à crueldade que ele expressou contra os cristãos, quando, respirando ameaças, ele foi em uma missão persecutória para Damasco. Agora ele estava tão cheio de fé como então de descrença, agora tão ardente de amor aos santos como então de crueldade contra eles. Mas a razão pela qual cito principalmente o lugar, é para ver como este par de graças prospera e cresce junto; se abundante na fé, então abundante no amor.

Exortação aos santos para manter e promover a paz.

Uso Terceiro. O que aprendemos da paz do evangelho como uma paz de amor e unidade, traz uma exortação oportuna a todos os santos, para que nutram a paz tanto quanto puderem entre si mesmos. Todos vós professais ter sido batizados no espírito do evangelho, mas não o mostrais quando mordeis e rosnaís uns contra os outros. O evangelho, que faz lobos e cordeiros concordarem, não ensina os cordeiros a se tornarem lobos e devorarem uns aos outros. Nosso Salvador disse aos dois discípulos, cuja cólera logo subiu, que eles iriam buscar fogo do céu para cumprir sua missão vingativa, que eles pouco pensavam de que lareira aquele fogo selvagem de sua paixão vinha: “Vós não sabeis de que espírito sois” (Lc 9:55). Como se tivesse dito: “Tais discursos fogosos e irados não se adequam ao Mestre manso a quem servis, nem ao evangelho da paz que Ele vos prega”. E se o evangelho não nos permitirá pagar nossos inimigos com sua própria moeda, e dar-lhes ira por ira, então muito menos sofrerá irmãos de cuspir fogo na face uns dos outros. Não, quando quaisquer tais brasas de contenda começam a fumar entre os cristãos, podemos mostrar quem deixou a faísca — ninguém senão Satanás; ele é o maior acendedor de todas as

suas contendas. Se há uma tempestade, não no ar, mas nos espíritos dos cristãos, e o vento de suas paixões é alto e forte, é fácil dizer quem é o conjurador. Ó, é o diabo, que está praticando sua arte negra sobre suas luxúrias, que ainda estão tão pouco mortificadas que lhe dão uma grande vantagem de levantar muitas vezes tristes tempestades de divisão e discórdia entre eles. Paulo e Barnabé partiram em uma calma juntos, mas o diabo envia uma tempestade atrás deles — tal tempestade que os separou em meio à sua viagem: “E a contenda foi de tal maneira que se apartaram um do outro” (At 15:39). Não há nada, depois de Cristo e o céu, que o diabo tenha mais inveja dos crentes do que sua paz e amor mútuo. Se ele não pode separá-los de Cristo, impedi-los de alcançar o céu, contudo ele tira algum prazer em vê-los ir até lá em uma tempestade; como uma frota despedaçada separada uma da outra, para que não possam ter assistência de, nem conforto de, a companhia uns dos outros por todo o caminho; embora, onde ele pode dividir, ele espera arruinar também, bem sabendo que este é o meio mais provável de efetuar-lo. Um navio é mais fácil de ser tomado do que um esquadrão. Uma cidade, se puder apenas ser incendiada, o inimigo pode esperar tomá-la com mais facilidade; que seja, portanto, teu grande cuidado manter a faísca do diabo longe de tua pólvora. Certamente a paz entre os cristãos não é uma pequena misericórdia, que as flechas do diabo voem tão espessamente em seu peito. Algo eu gostaria de falar para tornar esta misericórdia querida ao povo de Deus. Amo, confesso, um ar claro e imóvel, mas, acima de tudo, na igreja entre os crentes; e sou feito mais sensível ao que uma misericórdia isso seria, pelas tristes consequências dessas divisões e diferenças que por alguns anos perturbaram nosso ar, e nos encheram com tanto horror e confusão, que não fomos muito diferentes daquela terra chamada *Terra del Fuego* — a terra de fumaça, por causa dos

frequentes lampejos de relâmpagos e abundância de fumaça encontrada lá. Com o que posso comparar o erro, melhor do que com fumaça? e a contenda, melhor do que com fogo? uma espécie de emblema do próprio inferno, onde chamas e escuridão se encontram para aumentar o horror do lugar. Mas, para pressionar a exortação um pouco mais perto, dê-me licença para vos provocar por três argumentos à paz e unidade.

1. Argumento. O cristão deve buscar a paz por amor de Cristo. E parece-me que, ao implorar por amor a Ele, não deveria ter um “não”. Quando orais a Deus e usais apenas Seu nome no negócio, tendes certeza de ser atendidos. E por que uma exortação, que vos corteja por amor de Cristo, não deveria mover vossos corações a uma obediência, como uma oração posta por vós em Seu nome, move o coração de Deus à misericórdia? De fato, como podeis na fé usar o nome de Cristo como um argumento para abrir o coração de Deus para vós, o qual não tem tanto crédito convosco a ponto de abrir vosso próprio coração para uma conformidade com um dever, o qual é tão fortemente colocado no coração dEle para promover entre seu povo? Isto aparece:

(1.) Pelo encargo solene que Ele deu aos seus discípulos neste particular: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis” (Jo 13:34). Rezo para observar como Ele prepara seus corações para abrir prontamente, e dar as boas-vindas ao seu mandamento. Ele coloca Seu próprio nome nele — “um novo mandamento vos dou”. Como se tivesse dito: “Deixai que este comando, embora tão antigo quanto qualquer outro (Lv 19:18), contudo vá sob meu nome de uma maneira especial. Quando eu me for e o fogo da discórdia começar a qualquer momento entre vós, lembrai-vos do encargo particular

que agora vos dou, e deixai-o extingui-lo imediatamente”. Novamente, observai como Ele entrega este preceito, e isto é como um dom e privilégio: “Um novo mandamento vos dou”. De fato, este foi o sermão de despedida de Cristo, os próprios traços daquele leite com que Ele os havia alimentado. Nunca caiu um discurso mais doce de seus lábios abençoados. Ele guardou seu melhor vinho até o final. Ele estava agora fazendo seu testamento, e entre outras coisas que Ele legou aos seus discípulos, Ele toma este mandamento, como um pai faria seu anel de sinete de seu dedo, e dá a eles. Novamente, em terceiro lugar, Ele não expõe apenas o comando diante deles, mas, para torná-lo mais eficaz, Ele anexa em poucas palavras o argumento mais poderoso de por que eles deveriam, assim como também a direção mais clara e completa de como eles poderiam, fazer isso, que é possível ser dado — Como eu vos amei, que também vós vos ameis uns aos outros.

Ó cristãos, o que o amor de Cristo não vos pode ordenar? Se fosse para dar vossas vidas por Ele que vos amou até a morte, vós as negaríeis? e não persuadirá este Seu amor-vos a abandonar vossas contendas e divisões? Isto fala o suficiente, quanto peso Ele colocou sobre este mandamento. Mas então, novamente, observai como Cristo, no mesmo sermão, repetidas vezes lembra-os disto; o que, se Ele não estivesse muito solícito, não teria tido tanto espaço em seus pensamentos naquele momento, quando Ele tinha tão pouco tempo restante no qual Ele devia aglomerar e resumir todo o conselho celestial e conforto que desejava deixar com eles antes de sua partida. Não, tão grande peso Ele coloca nisto, que Ele parece trancar sua própria alegria e a deles juntos no cuidado que eles deveriam ter sobre este mandamento de amar uns aos outros: “Tenho-vos dito isto, para que o meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo

seja completo” (Jo 15:11). O que estas coisas eram aparece pelo versículo precedente: “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor”. Estas eram as coisas que Ele falou para {manter} Sua alegria neles, e a deles nEle, que eles “guardariam os seus mandamentos”. Agora, para que eles soubessem quão alto lugar sua obediência a este mandamento particular de amor e unidade tinha em seu coração, e quão eminentemente conduzia para continuar Sua alegria neles, e completar a deles; Ele escolhe esse acima de qualquer um para este exemplo, a fim de o que Ele tinha dito, como podeis ver, v. 12: “O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros”. Observai ainda, como Cristo apropria este mandamento a Si mesmo: “O meu mandamento é este”; como se Ele quisesse significar a eles que, como Ele teve um discípulo que ia pelo nome de “o discípulo a quem Jesus amava”, assim Ele teria um mandamento favorito, no qual Ele tira algum prazer singular, e que este deveria ser, “o seu amor uns aos outros”.

Mas não estamos ainda no último elo desta corrente de ouro do discurso de Cristo. Quando Ele colocou um pouco mais de calor em suas afeições para este dever, expondo Seu próprio amor a eles na mais profunda expressão disso, até morrer por eles, v. 13, então Ele vem mais corajosamente, e diz-lhes que Ele os reconhecerá como seus amigos, à medida que forem cuidadosos em observar o que Ele deixou encarregado a eles, v. 14: “Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando”. E agora, tomando como certo que Ele prevaleceu sobre eles, e que eles andariam em unidade e amor como Ele lhes ordenou, Ele não pode esconder o prazer que tira disso. Ele abre seu coração para eles, e não tranca nenhum segredo deles, aliás, ordena-lhes que vão e abram seus corações a Deus e sejam livres para Ele, como Ele é para eles. E nota a partir de que hora

abençoada toda esta familiaridade a que são admitidos tem data. “Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor” (v. 15), isto é, desde o tempo em que andais obedientes a mim e amorosamente uns para com os outros. Alguém pensaria que Ele tinha dito o suficiente agora; mas Ele não pensa assim. Nas palavras seguintes, Ele está nisso novamente. “Isto vos mando: Que vos ameis uns aos outros” (v. 17), como se tudo o que Ele tivesse deixado em encargo com eles tivesse sido subserviente a isto.

(2.) Uma segunda coisa que fala que o coração de Cristo está profundamente engajado na promoção do amor e unidade entre os cristãos, é sua oração fervorosa por isto. Deveríeis ouvir um pregador com abundância de veemência pressionar uma graça ou dever sobre o povo em seu púlpito, e assim que o sermão termina, vós deveríeis ir sob a janela de seu armário, e ouvi-lo tão seriamente lutando com Deus para que Ele desse ao seu povo o que Ele tinha tão zelosamente pressionado sobre eles; vós facilmente acreditaríeis que o homem estava falando sério. Nosso bendito Salvador nos ensinou, ministros, para onde ir quando saímos do púlpito, e o que fazer. Não tão logo Ele terminou seu sermão para eles, mas Ele está em oração com Deus por eles. E o que Ele insistiu mais na pregação, Ele amplia mais na oração. Unidade e paz foi o legado que Ele desejava tanto deixar com eles, e este é o benefício que Ele pede fortemente a Deus para conceder-lhes: “Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste” (Jo 17:11). E por que todo este cuidado? — “para que sejam um, como nós”. Como se tivesse dito: “Pai, nós alguma vez rompemos? houve alguma discórdia entre nós? por que então deveriam eles, que são Teus e meus, discordar?” Assim, v. 21, e novamente, v. 23, Ele está pleiteando arduamente pela mesma misericórdia. E por que tantas vezes? é

tão duramente arrancado de Deus, que o próprio Cristo deve puxar tão frequentemente por isso? Não, certamente; mas como Cristo disse da voz que veio do céu: “Esta voz não veio por causa de mim, mas por vossa causa” (Jo 12:30), assim posso dizer aqui. Este zelo redobrado de Cristo pela unidade e amor de Seu povo foi por causa deles.

(a) Ele queria por isso elevar o preço desta misericórdia nos pensamentos deles. Aquilo que Ele contou é digno de seu cuidado. Digno de Sua oração redobrada — quando nem uma palavra foi dita para Sua própria vida — ou então Ele deslocou Seu zelo, e não melhorou Seu tempo com Deus para a melhor vantagem de Seu povo.

(b) Ele queria fazer com que as divisões parecessem coisas mais assustadoras e terríveis para Seu povo, colocando tantos pedidos a Deus para preveni-las. Certamente se Cristo tivesse conhecido um mal pior do que outro que pudesse vir sobre Seu povo em Sua partida, Ele teria sido tão verdadeiro e gentil com Seus filhos a ponto de depreciar isso acima de tudo, e manter isso longe. Ele disse aos Seus filhos o que eles devem esperar da mão do mundo — todo tipo de sofrimentos e tormentos que sua sagacidade poderia ajudar sua malícia a conceber — contudo Ele não ora tanto por imunidade contra estes, quanto contra contendas não fraternais entre eles mesmos. Ele faz conta de que, se eles puderem concordar entre si, e estarem em amor, santo com santo, igreja com igreja, que eles têm uma misericórdia que aliviará a outra, e a tornará tolerável, aliás, alegre. Este fogo celestial de amor entre eles mesmos extinguirá as chamas do fogo do perseguidor, pelo menos o horror delas.

(c) Em uma palavra, Cristo queria, tanto fortalecer nossa fé para pedir corajosamente por aquilo que Ele pediu para nós, quanto também agravar o pecado da contenda a tal altura, que todos os que têm qualquer amor por Ele, quando virem que não podem viver em discórdia sem pecar contra aquelas orações que Cristo com fortes clamores pôs por paz e unidade, possam tremer com os pensamentos disso.

(3.) *O preço que Cristo deu pela obtenção desta paz e unidade.* Assim como Cristo passou de pregar a paz para trazer a paz do céu pela oração, assim Ele passou de orar para pagar por ela. De fato, as orações de Cristo não são orações de mendigo, como as nossas são; Ele ora a Seu Pai para que possa ter apenas o que Ele paga. Ele estava agora a caminho do lugar de pagamento, o Calvário, onde Seu sangue foi a moeda que Ele depositou por esta paz. Confesso que a paz com Deus foi a principal pérola que este sábio mercador, Cristo, comprou para Seu povo. Mas Ele tinha isto em vista também, viz., o amor aos irmãos; e, portanto, o sacramento da ceia do Senhor, que é o banquete de comemoração da morte de Cristo, assim como sela nossa paz com Deus, também significa nosso amor uns pelos outros (1Co 10). E preciso agora dar-vos alguma conta de por que nosso querido Senhor perseguiu Seu desígnio tão de perto de unir Seu povo em paz e unidade? Verdadeiramente, a igreja é pretendida por Cristo para ser Sua casa, na qual Ele deseja tomar Seu descanso. E que descanso Ele poderia tirar em uma casa toda em chamas ao redor dEle? É Seu reino; e como podem Suas leis ser obedecidas, se todos os Seus súditos estiverem em um alvoroço uns contra os outros? *Inter arma silent leges* [entre as armas, as leis silenciam]. Em uma palavra, Sua igreja é um povo que é chamado para fora do mundo para ser um louvor a Ele aos olhos das nações, como Pedro diz: “Deus primeiramente visitou

os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome” (At 15:14) — isto é, um povo para Sua honra. Mas um povo briguento e dividido seria pouco crédito ao nome de Cristo. Aliás, tais, onde são encontrados — e onde infelizmente não são encontrados? — são para o nome de Cristo como fumaça e sujeira a um rosto bonito. Eles sujam e desfiguram Cristo, de modo que o mundo não O reconhecerá como Ele diz que é; eles os levam até mesmo à tentação de pensar vilmente de Cristo e Seu evangelho. Cristo ora para que Seu povo seja aperfeiçoado em unidade e nota Seu argumento: “Para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17:23). Whose heart bleeds not to hear Christ blasphemed at this day by so many black mouths? [Cujo coração não sangra ao ouvir Cristo blasfemado neste dia por tantas bocas negras?] E o que as abriu mais do que as divisões dos santos?

2. *Argumento.* O segundo argumento deve ser tomado de vós mesmos; por vossa própria causa vivei em paz e unidade.

(1.) Considerai vossas obrigações ao amor e unidade; vossas relações clamam por isso. Se sois crentes, Paulo vos diz vosso parentesco: “Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus” (Gl 3:26); não apenas filhos de Deus, pois todos o são por criação, mas pela fé em Jesus Cristo também. Cristo é o fundamento de uma nova fraternidade para os crentes. Ó cristãos! considerai quão próximos estais postos uns dos outros. Estais concebidos no mesmo ventre da igreja, gerados pela mesma semente da palavra para esta nova criação, pela qual, como alguém diz, vós vos tornais irmãos do mesmo sangue, e, portanto, deveria haver mais unidade e afeição querida entre vós do que entre quaisquer outros. O coração de José saiu mais para Benjamim, do que para qualquer um dos outros de seus irmãos, porque ele era seu irmão tanto por pai quanto por mãe. Se vós brigais, quem concordará? o que é que pode racionalmente

quebrar vossa paz? Aquelas coisas que costumam ser ossos de contenda e ocasião de brigas entre outros irmãos, Cristo cuidou de remover todas elas, de modo que, de todos os outros, vossas contendas são mais infantis, aliás, pecaminosas. Às vezes, uma criança se sente entristecida com a parcialidade do afeto de seus pais, mais voltado para alguns outros do que para ela mesma, e isso a faz invejá-los, e eles a desprezam. Mas não há tal enjeitado na família de Seu Deus — todos são caros da mesma forma a Cristo: “Andai em amor, como também Cristo vos amou e se entregou a si mesmo por nós” (Ef 5:2), isto é, por um tão bem quanto por outro. Cristo na igreja é como a alma no corpo, Ele é *totus in toto, et totus in qualibet parte* [todo no todo, e todo em qualquer parte] — cada membro em Cristo tem Cristo todo, todo o Seu coração e amor, como se não houvesse ninguém além dele mesmo para desfrutá-lo.

Novamente, entre os homens, embora o pai não mostre tanta parcialidade em seu afeto, contudo, frequentemente [há] grande desigualdade na distribuição de seu patrimônio. Embora todos sejam filhos, contudo não todos herdeiros, e isto semeia a semente da discórdia entre eles; como Jacó encontrou por experiência lamentável. Mas Cristo fez Seu testamento de modo que todos são providenciados da mesma forma, chamado portanto a “salvação comum” (Jd 3), e “a herança dos santos na luz” (Cl 1:12), para a comunidade. Todos podem desfrutar de sua felicidade sem esbarrar ou prejudicar uns aos outros, como milhões de pessoas que olham para o mesmo sol, e ao mesmo tempo, e ninguém fica na luz do outro. Parece-me que aquele discurso de Cristo olha um pouco para este lado: “A glória que me deste, eu lhes dei; para que sejam um” (Jo 17:22). Por “glória” ali, eu entenderia a glória do céu principalmente. Agora, diz Cristo: “Eu lhes dei”, isto é, em reversão, Eu lhes dei; não a

este ou aquele favorito, mas “lhês” — Eu a estabeleci como a porção de todos os crentes sinceros, e por quê? “para que sejam um”, para que todas as brigas possam ser silenciadas, e ninguém possa invejar outro pelo que ele tem acima dele, quando vê a glória nele. É verdade, de fato, que há alguma diferença no traje exterior dos cristãos — alguns pobres, alguns ricos — e nos dons comuns também — alguns têm mais deles, alguns menos. Mas são estes *tanti* [de tal peso], de tal peso, para iniciar uma guerra, entre aqueles que aguardam o mesmo céu? Se o pai veste todos os seus filhos com o mesmo pano, seria triste vê-los apunhalar uns aos outros, porque um tem uma renda a mais que o outro; aliás, porque a renda de um é vermelha e a do outro é verde; pois, de fato, a contenda entre os cristãos é às vezes, não por ter menos dons do que outro, mas porque eles não são os mesmos em espécie, embora outro, tão bom e útil, que possivelmente falta àquele que invejamos.

(2.) Considerai onde estais, e entre quem. Não estais nos alojamentos de vossos inimigos? Se vós brigais, o que fazeis senão acender um fogo para eles aquecerem as mãos? “Aha! assim nós quereríamos”, dizem eles. O mar da fúria deles enfraquecerá este banco rápido o suficiente; não precisais cortá-lo para eles. A intempestividade da contenda entre os pastores de Abraão e os de Ló é agravada pela vizinhança próxima dos pagãos a eles: “E houve contenda entre os pastores do gado de Abrão e os pastores do gado de Ló; e os cananeus e os perizeus habitavam então na terra” (Gn 13:7). Brigar enquanto estes ídólatras olhavam — isto seria conversa da cidade imediatamente, e colocaria a eles mesmos e sua religião ambos em vergonha. E rezo, quem esteve em nossa terra todo o tempo em que o povo de Deus esteve brigando? Aqueles que observaram curiosamente cada comportamento indecoroso entre

eles, e contaram a todo o mundo sobre isso — tais que têm sagacidade e malícia suficientes para fazer uso disso para seus propósitos perversos. Eles estão na ponta dos pés para trabalhar; apenas nós ainda não estamos totalmente abatidos e incapacitados, pela dor daquelas nossas feridas, que demos a nós mesmos, de resistir à fúria deles. Eles esperam que chegue a isso; e então eles nos curarão de nossas feridas, dando uma, se puderem, que vá fundo o suficiente ao coração de nossa vida, evangelho e tudo. Ó cristãos! Herodes e Pilatos vos envergonharão? Eles fizeram uma paz para fortalecer suas mãos contra Cristo; e vós não vos unireis contra vosso inimigo comum? É um mau momento para marinheiros estarem lutando, quando um inimigo está perfurando um buraco no fundo de seu navio.

(3.) Considerai as tristes consequências de vossas contendas.

(a) Vós pões um freio ao crescimento da graça. O corpo pode prosperar em uma febre tão bem quanto a alma prospera quando em chamas com contenda e discórdia. Não, primeiro este fogo nos ossos deve ser extinto, e trazido à sua temperatura natural, e assim deve este calor indelicado ser moderado entre os cristãos antes que qualquer um possa crescer. Rezo, observai aquele lugar: “Mas, seguindo a verdade em amor” — ou sendo sinceros em amor — “cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4:15). O apóstolo está em uma cura, mostrando como as almas que no presente são fracas e sua graça mais descorada e murcha do que crescendo, podem vir a prosperar e florescer; e a receita que Ele dá é uma composição destas duas drogas raras, sinceridade e amor. Preservai estas, e tudo irá bem; como v. 16, onde o corpo inteiro é dito que “se edifica a si mesmo em amor”. Pode haver pregação, mas não

edificação, sem amor. Nossos tempos são um triste comentário sobre este texto.

(b) Vós cortais vosso comércio com o céu no trono da graça. Vós sereis pouco na oração a Deus, garanto-vos, se muito em brigas com vossos irmãos. É impossível ir de brigar para orar com um espírito livre. E se vós fosseis tão audaciosos a ponto de bater à porta de Deus, tendes certeza de ter uma recepção fria. “Deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão, e, depois, vindo, apresenta a tua oferta” (Mt 5:24). Deus não quer que o incenso da oração seja posto sobre tal fogo estranho; nem Ele comerá de nosso pão fermentado, provará de qualquer desempenho azedado com malícia e amargura de espírito. Primeiro a paz foi renovada, e um pacto de amor e amizade estabelecido entre Labão e Jacó (Gn 31:44), e então, “Jacó ofereceu um sacrifício no monte, e convidou seus irmãos a comer pão” (v. 54). Os próprios pagãos pensavam que nenhum negócio sério poderia ser bem feito por espíritos briguentos. Portanto, os senadores de Roma costumavam visitar o templo dedicado a *Jovi depository*, porque lá eles faziam *deponere inimicitias* [depor inimizades] — depunham todas as suas inimizades e controvérsias, antes de irem ao senado para consultar sobre assuntos de estado. Não ousavam eles ir ao senado, até estarem amigos? e ousamos nós ir ao altar de Deus, dobrar nossos joelhos a Ele em oração, enquanto nossos corações estão revirados e inchados com raiva, inveja e malícia? Ó Deus, humilha-nos.

(c) Assim como cortamos nosso comércio com o céu, assim [o fazemos] uns com os outros. Quando dois países brigam, cujo grande interesse reside em seu tráfego mútuo, eles devem necessariamente ambos sofrer pela guerra. Verdadeiramente, os grandes ganhos dos cristãos vêm por seu

comércio mútuo, e eles são os cristãos mais ricos comumente que estão assentados com a maior vantagem para este comércio. Como nenhuma nação tem todas as suas mercadorias de seu próprio crescimento, mas precisa de algum comércio com outros; assim não há cristão que poderia viver bem sem tomar emprestado de seus irmãos. Há “aquilo que cada junta supre, segundo a eficácia de cada parte” (Ef 4:16). O próprio Paulo não está tão bem suprido, mas espera obter algo mais do que tem do mais humilde daqueles a quem ele prega. Ele diz aos cristãos em Roma (Rm 1), que deseja vê-los, como para lhes repartir algum dom espiritual (v. 11), assim, diz ele, “a fim de que juntamente convosco eu seja consolado pela fé mútua, assim vossa como minha” (Rm 1:12); aliás, ele espera ser “cheio da vossa companhia” (Rm 15:24). Como um homem é cheio de boa comida, assim ele espera fazer um banquete da companhia deles. Agora, contendas e divisões estragam todo o intercurso entre os crentes. Elas são tão funestas à comunhão cristã, quanto uma grande pestilência ou praga é ao comércio de uma cidade de mercado. A comunicação flui da comunhão, e a comunhão que é fundada sobre a união. A igreja cresce sob perseguição. Isso espalha a semente por todo o campo, e traz o evangelho onde mais ele não teria sido ouvido. Mas divisões e contendas, como uma tempestade furiosa, lavam a semente da terra, com seu coração, gordura e tudo.

(d) Vós não apenas arriscais a decadência da graça, mas o crescimento do pecado. De fato, isso mostra que há mais do que uma pequena corrupção dentro das portas já; mas abre a porta para muito mais: “Se tendes amarga inveja e sentimento faccioso no vosso coração, não vos glorieis” (Tg 3:14); isto é, não pensem que sois tão bons cristãos. Isso mancha todas as vossas outras excelências. Tivésseis vós o conhecimento e os

dons dos santos anjos, contudo isso vos faria parecer mais como demônios do que eles. Ele dá a razão: “Porque onde há inveja e espírito faccioso aí há confusão e toda a espécie de males” (v. 16). A contenda é a forja do diabo, na qual se ele puder apenas dar a um cristão um calor ou dois, ele não duvidará em amaciá-lo para seu martelo de tentação. O próprio Moisés, quando seu espírito estava um pouco quente, “falou precipitadamente com seus lábios”. Deve necessariamente ser uma ocasião de muito pecar, o que torna impossível para um homem, enquanto em sua distemperança, fazer qualquer ação justa. “Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus” (Tg 1:20). Agora, que coisa triste é para os cristãos ficarem muito tempo naquele temperamento em que eles não podem fazer nenhum bem uns aos outros, mas provocar a luxúria?

(e) Elas são prognósticos de juízo vindo. Um céu nublado fala de tempo ruim à mão; e marinheiros esperam uma tempestade no mar, quando as ondas começam a inchar e proferir um ruído murmurante. Não houve nada parecido com isto entre nós? O que podemos pensar senão que um juízo está se formando, pelos semblantes nublados dos cristãos, seus inchaços de coração e paixões descontentes ventiladas de seus espíritos inchados, como o murmúrio das águas, ou o ribombar de trovões no ar antes de uma tempestade? Quando crianças brigam e discutem, agora é o tempo em que podem esperar que seu pai venha e os separe com sua vara. “E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição” (Mt 4:6). Contenda e discórdia colocam um povo na porta ao lado de uma maldição. Deus faz conta de que Ele traz um juízo pesado sobre um povo quando Ele mesmo os deixa. Se o mestre deixa o navio, ele está perto de afundar de fato. E verdadeiramente não há

caminho mais rápido para enviá-Lo embora do que por contendas. Estas o afugentam para fora de sua própria casa. “Sede de um mesmo sentir”, diz o apóstolo, “e o Deus de amor e de paz será convosco” (2Co 13:11) — implicando que, se não vivessem em paz, não deveriam esperar ter Sua companhia por muito tempo com eles. Deus estava vindo em Moisés com uma grande salvação para os israelitas, e, como um agrado dos bons serviços que Ele estava para fazer por eles, Ele começa a fazer a paz entre dois irmãos descontentes enquanto eles brigavam; mas Sua bondade não foi aceita, e esta foi a ocasião de muitos anos de miséria mais que eles suportaram no Egito. “Então Moisés fugiu por causa desta palavra, e tornou-se peregrino na terra de Midiã” (At 7:29). E não houve notícias de libertação pelo espaço de “quarenta anos” depois (v. 30). E não têm nossas dissensões, ou antes nossa rejeição daquelas aberturas que Deus por homens de espíritos curadores tem oferecido para a paz, sido a causa pela qual a misericórdia voou tão rápido de nós, e ficamos a gemer sob essas tristes misérias que estão sobre nós neste dia? e quem sabe por quanto tempo? Ó, quem pode pensar que uma manhã gloriosa brilhou sobre a Inglaterra naquele famoso Parlamento iniciado em 1640, e não chorar e chorar novamente ao ver nossas esperanças para uma gloriosa reforma, que abriu com eles, agora fechadas em sangue e guerra, contenda e confusão! — misérias muito parecidas com o fogo e enxofre que caíram do céu sobre aquelas infelizes cidades da planície.

3. *Argumento.* Ó, labuta pela paz e unidade, por causa dos outros, quero dizer aqueles que no presente são ímpios e infiéis, entre os quais viveis. Não devemos, diz Agostinho, desesperar dos ímpios, mas fazer o nosso máximo para que eles possam ser feitos bons e piedosos: *quia numerus sanctorum, semper de numero impiorum auctus est* — porque Deus sempre

chama Seu número fora do montão e multidão do mundo ímpio. Agora, não há meios mais vencedores para trabalhar sobre eles, e pavimentar um caminho para sua conversão, do que recomendar as verdades e caminhos de Deus a eles, pela amabilidade de vosso amor e unidade que professam o mesmo. Esta é a semente de cominho que atrairia almas, como pombas, à janela. Este é o ouro, para revestir o templo de Deus, a igreja, de modo a tornar todos apaixonados por sua beleza que olham para dentro dela. Todos têm medo de morar em uma casa assombrada por espíritos malignos; e o inferno tem um pior do que o espírito de divisão? Ó cristãos, concordai e vosso número aumentará. É dito: “Perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam com alegria e singeleza de coração” (At 2:46). E nota o que se segue: “Louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E o Senhor acrescentava diariamente à igreja aqueles que se haviam de salvar” (At 2:47). O mundo era um estranho tão grande ao amor e à paz, que ele ficou divertido, e se pôs a considerar que doutrina celestial era aquela, que podia tão suavizar os corações dos homens, aplainar suas naturezas ásperas, e juntá-los tão perto em amor, e foram mais facilmente persuadidos a adotar-se na verdadeira família do amor. Mas infelizmente, quando este ouro tornou-se baço — quero dizer, a paz entre os cristãos desvaneceu-se — então o evangelho perdeu o crédito no mundo, e a doutrina dele veio sob mais suspeita nos pensamentos deles, que, vendo tais fendas abertas em suas paredes, ficaram com mais medo de colocar suas cabeças sob seu teto. “Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, pelas corças e gazelas do campo, que não acordeis nem desperteis o meu amor, até que queira” (Ct 2:7). Cotton, sobre o lugar, “pelas corças e gazelas do campo” — que são criaturas medrosas, facilmente espantadas, embora de outra forma dispostas a pastar com as ovelhas — entende os gentios;

inclináveis a abraçar a religião judaica, mas muito logo espantados pelo estado turbulento dela, ou qualquer comportamento ofensivo dos judeus. E que comportamento mais ofensivo do que divisões e contendias? Vê-os unidos: “Rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes” (Rm 16:17). Se divisões, então há certeza de haver escândalos tomados, e muitos possivelmente endurecidos em seus pecados por isso. Não tremem vossos corações por lançar a pedra de tropeço para qualquer um quebrar seu pescoço nela? de rolar a pedra sobre a sepultura de qualquer pobre pecador, e selá-lo nela, de modo que ele nunca tenha uma ressurreição para a graça aqui ou glória depois? Como vós manteríeis a vós mesmos livres do sangue daqueles que morrem em seus pecados, Ó, tomai cuidado de emprestar qualquer coisa por vossas divisões ao endurecimento das almas deles em sua impenitência!

QUARTA ESPÉCIE DE PAZ

A PAZ DE INDENIZAÇÃO E SERVIÇO: A BÊNÇÃO DO EVANGELHO

A quarta e última espécie de paz de que pensei em falar é a paz com todas as criaturas, mesmo as mais ferozes e cruéis. Chamei-a de paz de indenização e serviço. Esta, Adão, em seu estado primitivo, desfrutava. Enquanto era inocente, todas as criaturas eram inocentes e inofensivas para ele. Toda a criação estava a seu serviço. Nenhum princípio rebelde era encontrado em qualquer criatura que a inclinasse, no mínimo que fosse, a rebelar-se contra ele. Quando Deus enviou os animais do campo e as aves do céu para receberem nomes dele, foi para que lhe prestassem homenagem e o reconhecessem como seu senhor; e

para que ele, ao exercer aquele ato de autoridade sobre eles — ao dar-lhes nomes — pudesse ter uma experiência de seu domínio perfeito, embora não absoluto e independente, sobre eles.

Mas, assim que o homem retirou sua fidelidade de Deus, todas as criaturas — como se tivessem percebido o erro que o homem, por sua apostasia, havia feito ao Criador dele e delas, por cuja patente ele detinha seu senhorio sobre elas — imediatamente esqueceram sua sujeição a ele, sim, pegaram em armas na disputa de seu Senhor supremo contra o homem apóstata. E assim continuam em ordem de batalha contra ele, até que Deus e o homem se encontrem novamente em um feliz pacto de paz; e então a comissão, que Deus em sua ira deu a elas contra o homem rebelde, é revogada; e, no mesmo dia em que Deus e a alma crente se tornam amigos, a guerra termina entre ele e elas. “Naquele dia, farei a favor deles uma aliança com as bestas-feras do campo, e com as aves do céu”, Oséias 2:18. E observe a data de onde parte esta aliança: “Naquele dia”, isto é, no dia em que “eu te desposar comigo”. De modo que a nossa paz com as criaturas nos vem por meio da nossa paz com Deus. E sendo esta a bênção do evangelho, assim também deve ser aquela.

Mas, como a nossa paz com Deus não é tão perfeitamente desfrutada nesta vida, a ponto de Deus ter reservado para si a liberdade de castigar os seus reconciliados, e isso duramente também; assim, a nossa paz com as criaturas não impede que elas possam ser, sim, frequentemente sejam, a vara que Deus usa para corrigi-los. A água pode afogar um santo, e o fogo consumir outro até as cinzas, e ainda assim essas criaturas estarem em paz com esses santos; porque não são enviadas por Deus em ira contra eles, para qualquer dano real que Deus pretenda causar-lhes com isso. Esta, na verdade, foi a comissão que ele deu a

todas as criaturas contra o homem apóstata como parte de sua maldição por seu pecado. Ele enviou as criaturas contra ele — como um príncipe faz com seu general contra um grupo de traidores armados contra ele — com autoridade para se vingar deles por sua terrível rebelião contra o seu Criador.

Mas agora a comissão foi alterada, e corre em um tom mais consolador: Vá, fogo, e seja a carruagem na qual tal santo possa ser trazido da terra para mim na glória do céu. Vá, água, transporte outro; e assim por diante com todo o resto. Nenhuma criatura vem com uma mensagem pior para um santo. É verdade que são correções severas quanto à dor presente que trazem; mas são sempre misericórdias, e prestam um serviço amigável na intenção de Deus e no final feliz para o crente. “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”, Romanos 8:28. E o apóstolo fala disso como um princípio comum e bem conhecido entre os santos: “Sabemos que todas as coisas cooperam”, etc., como se dissesse: “Onde está o santo que não sabe disso?”. E, no entanto, seria feliz para nós se soubéssemos disso melhor. Alguns de nós passariam os seus dias de modo mais confortável do que passamos agora. Mas não pretendo fazer um discurso sobre isso. Que a brevidade aqui compense a prolixidade no assunto anterior. Passamos, no entanto, à terceira investigação ou pergunta proposta a partir destas palavras.

DIREÇÃO 7 — TERCEIRA PARTE GERAL O QUE SE ENTENDE PELA PREPARAÇÃO DO EVANGELHO DA PAZ

“Calçados os pés com a preparação do evangelho da paz” (Efésios 6:15).

Perguntemos agora o que se entende por esta “preparação do evangelho da paz” com a qual os pés do cristão devem ser “calçados”; ou assim: Qual graça esta “preparação”, com a qual devemos ser “calçados”, significa? E por que é chamada “a preparação do evangelho da paz”?

Pergunta 1: O que se entende por esta preparação do evangelho da paz?

Quanto à graça apresentada por esta “preparação do evangelho da paz”, encontro grande variedade na compreensão dos eruditos, e de fato variedade mais do que contrariedade. Pouparei, portanto, a menção de muitas delas — muitas das quais você pode encontrar reunidas pelo reverendo Dr. Gouge sobre o texto, com suas reflexões sobre elas — e peço a ousadia de expor, com o devido respeito aos outros, as compreensões que tive sobre o assunto, as quais concebo que irão ampliar, e não contrariar, o sentido deles.

Ora, o que seja esta *hetoimasia* [preparação] aparecerá melhor considerando a parte para a qual ela é projetada — que é “o pé”, o único membro do corpo a ser calçado — e a peça de armadura à qual é comparada, que é o calçado do soldado, o qual (se correto) deve ser da fabricação mais forte, não sendo tanto destinado à ornamentação, mas à defesa. Tão necessária é esta peça de armadura, de fato, que, por falta dela apenas, o soldado em alguns casos fica incapacitado para o serviço, como quando é chamado a marchar longas distâncias em caminhos difíceis, e estes, possivelmente, cheios de pedras afiadas. Quanto tempo ele caminhará, se não estiver calçado, sem se ferir ou ficar manco? Ou, se o caminho for bom, mas o clima ruim, e seus pés não

estiverem protegidos do úmido e do frio, eles não estão tão distantes da cabeça a ponto de o frio, penetrando neles, não subir até ela; sim, pode trazer uma doença a todo o corpo, o que o manterá em sua cama quando deveria estar no campo de batalha. Quase tantos adoecem por negligência quanto são mortos nos exércitos.

Ora, o que o pé é para o corpo, a vontade é para a alma. O pé carrega todo o corpo, e a vontade a alma; sim, o homem inteiro, corpo e alma também. *Voluntas est loco motiva facultas* [A vontade é a faculdade locomotora] — nós vamos para onde a nossa vontade nos envia. E o que o calçado é para o pé, a “preparação”, ou, se preferir, a prontidão e a alegria, é para a vontade. O homem cujos pés estão bem calçados não teme os caminhos, mas passa por lugares densos ou esparsos, sujos ou limpos, pedras ou palhas; tudo é igual para aquele que está bem calçado; enquanto o homem descalço, ou mal calçado, encolhe-se quando sente a umidade, e grita quando pisa em uma pedra afiada. Assim, quando a vontade e o coração de um homem estão prontos e dispostos a fazer qualquer obra, o homem está, por assim dizer, calçado e armado contra todo problema e dificuldade que tenha de enfrentar ao realizá-la.

Dizem que os irlandeses pisam tão levemente no chão que correm sobre alguns pântanos nos quais quase qualquer outro afundaria. Um coração preparado e pronto, tenho certeza, fará isso em sentido espiritual. Ninguém pode caminhar onde ele pode correr. Ele não faz caso das aflições, sim, das perseguições, mas passa cantando sobre elas. Davi nunca esteve tão alegre quanto na caverna, Salmo 57. E como ele chegou a isso? “Preparado está o meu coração, ó Deus, preparado está o meu coração”, diz ele, “cantarei e darei louvores”, versículo 7. Se o coração de Davi não estivesse calçado com esta preparação, ele

não teria gostado tanto do caminho em que estava. Você o teria visto cantar em outro tom, e o teria ouvido queixar-se de seu destino, ou romper com a sua profissão de fê, que lhe trouxera tantos problemas e o expulsara dos prazeres da corte de um príncipe para se esconder debaixo da terra em uma caverna daqueles que caçavam a sua preciosa vida. Ele teria gasto o seu fôlego antes lamentando-se e tendo pena de si mesmo do que louvando a Deus. Um coração despreparado, que não está bem satisfeito com o seu trabalho ou condição, hesita e, embora possa ser levado a submeter-se a ele com muito esforço, ainda assim é apenas como um cavalo manco em um caminho pedregoso, que caminha com dor a cada passo e frequentemente se desviaria do caminho se o freio e o chicote não o mantivessem nele.

Pergunta 2: Mas por que é chamada “a preparação do evangelho da paz”?

Porque o evangelho da paz é o grande instrumento pelo qual Deus trabalha a vontade e o coração do homem para esta prontidão e preparação para fazer ou sofrer o que ele nos chama a realizar. É a tarefa em que nos empenhamos, ao pregar o evangelho, a de tornar “um povo voluntário”, Salmo 110 — “para preparar ao Senhor um povo bem disposto”, Lucas 1:17. Assim como um capitão é enviado para tocar seu tambor em uma cidade para convocar uma companhia que voluntariamente se aliste para seguir as guerras do príncipe, e estar de prontidão para entrar em campo e marchar a qualquer hora; assim o evangelho vem para convocar os corações dos homens aos pés de Deus, para estarem prontos para o seu serviço, custe o que custar.

Ora, isso ele faz por ser um “evangelho da paz”. Ele traz as boas-novas de paz concluída entre Deus e o homem pelo sangue de Jesus. E isso é tão bem-vindo à consciência trêmula

dos pobres pecadores, que antes consumiam seus dias tristes em “uma expectativa terrível de julgamento e indignação de fogo da parte do Senhor para devorá-los como seus adversários”, que, assim que o relato de uma paz concluída entre Deus e eles soa em seus ouvidos pela pregação do evangelho, e é certamente confirmado como verdadeiro em suas próprias consciências pelo Espírito — que é enviado do céu para selá-lo para eles, e dar-lhes algum doce gosto disso, derramando o sentido disso em suas almas —, imediatamente aparece uma nova vida neles; de modo que eles, que antes eram tão temerosos e esquivos de qualquer pequeno problema a ponto de se assustarem com o pensamento dele — sabendo que não poderia trazer-lhes boas notícias —, estão agora, “calçados os pés com a preparação do evangelho da paz”, capazes de sair sorrindo para encontrar os maiores sofrimentos que estão, ou possam estar, no caminho contra eles, e dizer destemidamente a eles, como uma vez Cristo disse àqueles que vieram com espadas e varas para prendê-lo: “A quem buscais?”. “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus”, diz o apóstolo, Romanos 5:1. E isso, quão poderosamente opera! a ponto de fazê-los gloriar-se nas tribulações.

As palavras explicadas nos oferecem estes dois pontos ou doutrinas:

Primeira Doutrina: É nosso dever estarmos sempre preparados e prontos para enfrentar qualquer provação e suportar qualquer dificuldade que Deus possa reservar para nós em nossa guerra cristã.

Segunda Doutrina: A paz que o evangelho traz e fala ao coração tornará a criatura pronta para atravessar qualquer provação ou problema que a encontre em seu caminho cristão.

PRIMEIRA DOCTRINA. O DEVER DOS SANTOS DE ESTAREM SEMPRE PREPARADOS PARA AS PROVAÇÕES

É nosso dever, como cristãos, estarmos sempre preparados e prontos para enfrentar qualquer provação e suportar qualquer dificuldade que Deus possa reservar para nós em nossa guerra cristã.

Os santos certamente não carecerão de provações e sofrimentos. “Estes”, como Cristo diz dos pobres, “sempre os tendes convosco”. O suor de sangue que Cristo sentiu significava, diz Agostinho, os sofrimentos que em todo o seu corpo místico ele deveria suportar. Todo o corpo de Cristo foi erguido na cruz, e nenhum membro deve agora esperar escapar da cruz. E, quando a cruz vem, como devemos nos comportar em relação a ela? Não demonstrará que somos cristãos o fato de sermos meramente passivos e não fazermos nenhuma resistência notória contra a vontade de Deus; mas devemos ser ativos em nossa paciência, se assim posso falar, mostrando uma santa prontidão e alegria de espírito para estarmos à disposição de Deus, mesmo que fosse para sermos levados até as próprias câmaras da morte. Aquele epitáfio não conviria à sepultura de um cristão, o qual ouvi dizer que foi gravado na tumba de alguém, e poderia com muita verdade sê-lo na de maioria dos que morrem: “Aqui jaz um contra a sua vontade”.

O santo Paulo tinha uma mente melhor: “Estou pronto não só para ser ligado, mas também para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus”, Atos 21:13. Mas, talvez, isso tenha sido apenas um floreio de suas cores, quando ele sabia que o inimigo estava longe o suficiente; ele ainda pode viver para

mudar seus pensamentos, quando vier a olhar a morte de frente. Não, o que ele disse, ele mantém: “Estou agora pronto para ser oferecido, e o tempo da minha partida está próximo”, *spendomai*, 2 Timóteo 4:6. Ele fala disso como se já estivesse feito. De fato, ele já havia colocado sua cabeça no bloco, e estava morto antes que o golpe fosse dado, não de medo (como alguns estiveram), mas com uma livre resignação de si mesmo a isso; e, se um criminoso é *civiliter mortuus* [civilmente morto] — morto no sentido jurídico, assim que a sentença sai da boca do juiz, embora ele viva algumas semanas depois —, então tenho certeza de que, no sentido do evangelho, podemos dizer que estão mortos aqueles que estão prontos para morrer, que voluntariamente se colocaram sob a sentença da morte em sua própria prontidão.

E esta alegria e serenidade que estavam no espírito de Paulo eram tanto mais notáveis se considerarmos quão perto ele estava de seu fim. De fato, alguns, a partir da palavra *spendomai* — que propriamente significa uma libação ou oferta de bebida —, concebem que Paulo sabia o tipo exato de morte que deveria sofrer, a saber, a decapitação; e que ele alude ao derramamento de sangue ou vinho, usado no sacrifício, como aquele tipo de sacrifício que melhor ilustrava a natureza de sua morte, a saber, o derramamento de seu sangue, o qual ele ofereceu tão voluntariamente no serviço de Cristo e de sua igreja quanto eles derramavam seu vinho em uma oferta de bebida ao Senhor.

Apresentaremos agora algumas razões do ponto de por que devemos ser prontos e ágeis no trabalho do sofrimento. As razões do ponto serão divididas em duas partes:

- Aquelas tiradas de Cristo, por quem ou de quem sofremos.
- Aquelas tiradas da excelência de tal temperamento como esta prontidão para suportar qualquer dificuldade importa.

***POR QUE devemos estar sempre prontos para as
provações — RAZÕES EM RELAÇÃO A CRISTO***

Primeiro: Há razões tiradas de Cristo, por quem ou de quem sofremos, por que devemos estar sempre preparados para as provas.

Razão 1: Cristo ordena esta disposição de espírito. De fato, esta disposição de espírito está implícita em todo dever como o *modus agendi* [modo de agir] — aquela qualificação que, como o cunho na moeda, a torna corrente na avaliação de Deus. “Lembra-lhes”, diz o apóstolo, “que estejam preparados para toda boa obra”, Tito 3:1; seja ela ativa ou passiva, eles devem estar prontos para ela, ou então tudo o que fazem é para nenhum propósito. A palavra ali é a mesma que no texto, e é tirada de um vaso que é moldado e ajustado para o uso que o mestre lhe dá. Nós não gostamos, quando temos de usar, ou limpar e esfregar, um vaso, copo ou panela, de encontrá-los fora do lugar no momento em que os chamamos; mas de encontrá-los à mão, na prateleira, limpos e prontos para o uso imediato, ou nossos servos ouvirão sobre isso.

Assim Deus espera que mantenhamos nossos corações limpos das contaminações do pecado, e nossos afetos inteiros e completos para si mesmo — que eles não sejam emprestados à criatura, nem quebrados e danificados por qualquer desordem de

prazer neles, para que não fiquemos a buscar quando ele nos chamar para fazer ou sofrer, ou sejamos encontrados muito despreparados, sem muito esforço para nos ajustar e nos tornar dispostos para a obra, como o mesmo apóstolo diz: “Se, pois, alguém a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificado, útil para o uso do Senhor, adequado para toda boa obra”, 2 Timóteo 2:21.

Ora, como Deus ordena esta prontidão em tudo, assim especialmente na obra do sofrimento: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me”, Lucas 9:23. Estas palavras podem ser chamadas de o contrato de serviço do cristão. Cada um que deseja ser servo de Cristo deve selar isso antes de ter permissão de Cristo para chamá-lo de Senhor; onde você vê que a principal providência que Cristo faz é sobre a obra de sofrimento, como aquilo que mais provará o homem. Se o servo puder apenas lidar com isso, não haverá medo de que ele goste bastante da outra parte de seu trabalho. Ora, peço que observe quão cuidadoso Cristo é em engajar o coração nesta obra; ele quer que seus servos não apenas suportem a dificuldade de seu serviço, mas também mostrem sua prontidão nele. Quatro passagens notáveis são colocadas para este propósito:

1. *O cristão “deve negar a si mesmo”* — isto é, entregar sua própria vontade fora de suas próprias mãos; e, a partir daquele dia em que entra no serviço de Cristo, reconhecer que não é *sui juris* [de seu próprio direito] — sob seu próprio controle. O que quer que Cristo suporte, ele não pode suportar ouvir seus servos, quando enviados por ele em qualquer tarefa, dizerem: “Não irei”.

2. *Cristo diz ao seu povo o pior no início*, e prefere falar da cruz que devem carregar, antes do que da coroa que ao final herdarão; e, além disso, que ele espera que eles não apenas a “carreguem” — isto as testemunhas ímpias fazem com muita dor contra a sua vontade —, mas também “a tomem”. De fato, ele não lhes diz para fazerem a cruz, ou correrem para os problemas por sua própria cabeça, mas quer que tomem aquela que ele faz para eles — isto é, não saírem do caminho por qualquer desvio pecaminoso para escapar de qualquer problema, mas aceitarem o fardo que Deus coloca para eles, e irem alegremente sob ele, sim, com gratidão, como se Deus nos fizesse um favor ao nos empregar em qualquer sofrimento por ele. Nós não nos damos ao trabalho de nos inclinar para pegar algo que não tenha valor. Cristo quer que seu povo tome a cruz como quem se inclina para pegar uma pérola que jaz no chão diante de si.

3. *Isso eles devem fazer todos os dias* — “tome a sua cruz diariamente”. Quando não houver nenhuma sobre suas costas, ele deve carregar uma em seu coração, isto é, continuamente estar se preparando para estar pronto ao primeiro chamado, assim como os carregadores ficam às portas dos mercadores em Londres, esperando por quando seus mestres tiverem algum fardo para eles carregarem. Assim Paulo professa que “morria diariamente”. Como, senão por uma prontidão de mente para morrer? Ele se colocava em uma postura para dar as boas-vindas ao mensageiro de Deus, sempre que este viesse. Isso de fato é “tomar a cruz diariamente”, quando nossos deleites presentes não nos tornam estranhos, ou avessos, aos pensamentos de futuras provas. Os judeus deveriam comer a páscoa com os lombos cingidos, seus sapatos nos

pés e seu cado na mão, e com toda a pressa, Êxodo 12:11. Quando Deus está banquetando o cristão com confortos presentes, ele deve estar com este calçado do evangelho; ele não deve sentar-se como se estivesse banquetando-se em casa, mas como em uma refeição rápida em seu caminho em uma estalagem, disposto a partir assim que estiver um pouco refeito para a sua jornada.

4. *Quando a cruz está sobre ele — o que então?* Então o cristão deve “seguir a Cristo”. Ele não deve ficar parado e irritado, mas “seguir”; não ser arrastado e puxado atrás de Cristo, mas seguir, como um soldado ao seu capitão, voluntariamente. Cristo não conduz, como alguns generais, o povo de um país diante de si, forçando seus servos a lutar quer queiram quer não; mas ele os convida: “Eu a atrairei... para o deserto”, Oséias 2:14. De fato, um coração gracioso segue a Cristo no deserto da aflição de tão boa vontade quanto um amante segue a sua amada a algum caramanchão ou refúgio privado e solitário, para ali sentar-se e desfrutar de sua presença. Cristo usa argumentos em sua palavra, e pelo seu Espírito, tão satisfatórios para o cristão, que este fica muito disposto a segui-lo; como o paciente que, no início, talvez, encolha-se e recue quando o médico fala de cortar ou sangrar, mas, quando ouve as razões dadas por ele de por que esse curso deve ser tomado, e está convencido de que é o melhor caminho para a sua saúde, então ele muito livremente estende seu braço para a faca, e agradece ao médico pelo seu trabalho.

Razão 2: Cristo merece esta disposição de espírito de nossa parte. De muitas maneiras, tome apenas duas particularidades onde isso aparecerá:

- Se considerarmos a sua prontidão em suportar problemas e dores por nós.
- Se considerarmos o seu terno cuidado por nós, quando ele nos chama a uma condição de sofrimento.

1. *Cristo merece esta prontidão para enfrentar qualquer sofrimento que ele determine em sua providência para nós, se considerarmos a sua prontidão em suportar dor e problema por nós.* Quando Deus o chamou para a obra da mediação, ele encontrou o caminho preparado com pedras mais afiadas, espero, do que nós encontramos na estrada que nos é designada para andar. Ele deveria pisar sobre espadas e espinhos, toda sorte de dores — e estas afiadas com a ira de Deus; esta era a pedra mais afiada de todas, a qual ele retirou do nosso caminho, e ainda assim quão levemente ele andou sobre o chão! Oh, se seus pés não estivessem bem calçados com amor pelas nossas almas, ele logo teria voltado e dito que o caminho era intransitável; mas ele segue em frente e não vacila; nunca pecamos de tão boa vontade quanto ele foi sofrer pelo nosso pecado. “Eis aqui venho”, diz ele ao seu Pai, “deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração”, Salmo 40:7, 8.

Oh, que pleno consentimento o coração de Cristo ecoou ao chamado de seu Pai, como um eco que responde ao que é falado duas ou três vezes! Assim, quando seu Pai fala com ele para assumir a obra de salvar o pobre homem perdido, ele não dá um mero assentimento ao chamado, mas o triplica: “Eu venho... deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração”. Ele

estava tão pronto que, antes que seus inimigos colocassem as mãos sobre ele, na instituição da ceia do Senhor, ele ali rasgou sacramentalmente a carne de seu próprio corpo e abriu seu próprio coração para encher aquele cálice com seu sangue precioso, o qual com sua própria mão ele lhes deu, para que não olhassem para a sua morte agora próxima como uma mera carnificina da violência do homem, mas antes como um sacrifício, no qual ele livremente se ofereceu a Deus por eles e por todos os crentes. E quando chegou o tempo em que a triste tragédia deveria ser encenada, ele, sabendo o lugar exato para onde o traidor com sua guarda sombria viria, sai e marcha direto para a boca deles. Oh, que vergonha seria para nós estarmos indispostos a caminhar uma milha ou duas de caminho áspero para fazer companhia a tão doce Salvador em seus sofrimentos! “Não pudeste vigiar comigo uma hora?”, disse Cristo a Pedro, Mateus 26:40 — não comigo, que agora vou ao encontro da própria morte, e pronto para dar as boas-vindas às mais amargas dores dela por vossa causa? Não comigo?

2. *Cristo merece esta prontidão para enfrentar qualquer sofrimento que ele determine em sua providência para nós, se considerarmos o seu terno cuidado sobre os seus santos, quando os chama a uma condição de sofrimento.* Bons senhores podem bem esperar servos alegres. Quanto mais terno é o capitão com seus soldados, mais pródigos eles são de suas próprias vidas sob o seu comando. E seria estranho se o cuidado de Cristo, que merece mais, encontrasse menos nobreza em um santo. Ora, o cuidado de Cristo aparece:

(1) *Em proporcionar o fardo às costas sobre as quais o coloca.* Aquilo que sobrecarrega um navio, e ameaçaria afundá-

lo, é apenas o lastro correto para outro de maior porte. Aqueles sofrimentos que um cristão não pode suportar, outro navega aprumado e firme sob eles. O ombro mais fraco certamente terá a carga mais leve. Assim como Paulo sobrecarregou algumas igrejas, que ele sabia serem mais capazes, para poupar outras; assim Cristo, para aliviar o cristão mais fraco, coloca mais peso sobre o mais forte. “Trabalhei muito mais do que todos eles”, ele nos diz, 1 Coríntios 15:10. Mas por que Cristo dividiu a obra de modo tão desigual? Observe a passagem, e verá que era apenas necessário para empregar aquela abundante graça que ele lhe havia dado. “Sua graça”, diz ele, “que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei mais”, etc. Havia tanta graça derramada nele que parte dela teria sido em vão se Deus não lhe tivesse dado mais o que fazer e sofrer do que aos demais. Cristo tem uma tabela perfeita de cada estado espiritual dos santos e, de acordo com esta, todos são avaliados, e assim nenhum é oprimido. O rico em graça pode tão facilmente pagar a sua libra quanto o pobre o seu centavo. Paulo deitou sua cabeça no bloco pela causa de Cristo tão livremente quanto alguns — e estes cristãos verdadeiros, mas fracos — teriam dado algumas moedas de sua bolsa. Ele suportou a morte com menos aflição do que alguns poderiam ter suportado o vitupério por Cristo. Nem todos têm a fé do mártir, nem todos o fogo do mártir. Esta vanguarda consiste em algumas fileiras escolhidas de todo o exército dos santos.

(2) *Nas consolações que ele lhes dá então (em abundância) acima dos outros de seus irmãos, que não são chamados a tão difícil serviço.* Aquela parte de um exército que está em ação no campo de batalha certamente receberá o seu soldo — se os seus generais tiverem algum dinheiro em sua bolsa ou cuidado com eles —, sim, às vezes, enquanto seus

companheiros deixados em seus alojamentos são feitos esperar. Tenho certeza de que há mais ouro e prata — refiro-me a alegria e conforto espirituais — a serem encontrados no acampamento de Cristo, entre os seus que sofrem, do que seus irmãos em casa, em paz e prosperidade, ordinariamente podem mostrar. O que são as promessas senão barris de vinho cordial, preparados de propósito para uma hora de gemido, quando Deus geralmente os abre? “Invoca-me (diz Deus) no dia da angústia”, Salmo 50:15. E não podemos fazer isso no dia da paz? Sim, mas ele quer que sejamos mais ousados com ele em um “dia de angústia”. Nenhum encontra tão rápido atendimento no trono da graça quanto os santos sofredores. “No dia em que clamei (diz Davi), tu me responderas e me deste força em minha alma”, Salmo 138:3. Ele estava agora em um aperto, e Deus vem com pressa a ele. Embora possamos fazer um amigo saudável esperar, que nos manda chamar, ainda assim daremos a um amigo doente a permissão de nos chamar à meia-noite. Em tais extremidades, geralmente vamos com o mensageiro que vem por nós, e assim faz Deus com a oração. Pedro bate à porta deles, que estavam reunidos para buscar a Deus por ele, quase tão rápido quanto a oração deles bateu à porta do céu em favor dele.

E verdadeiramente não é mais do que o necessário, se considerarmos as tentações de uma condição aflita. Somos propensos então a suspeitar que nossos melhores amigos nos esquecem, e a pensar que cada espera é um atraso e negligência para conosco. Portanto, Deus escolhe mostrar-se mais amável em tal momento: “Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida em nós, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo”, 2 Coríntios 1:5. À medida que o homem impõe aflição, assim Cristo derrama consolação. Ambas as marés sobem e descem juntas. Quando era

maré alta com ele na aflição, era assim com ele em sua alegria. Nós socorremos os pobres à medida que suas despesas aumentam; assim Cristo conforta o seu povo à medida que seus problemas se multiplicam. E agora, cristão, diz-me, não merece o teu querido Senhor um espírito pronto em ti para enfrentar qualquer sofrimento com ele, por ele ou dele, ele que dá os seus mais doces confortos quando o seu povo costuma esperar as suas mais tristes dores? Bem pode o servo fazer o seu trabalho alegremente quando o seu senhor é tão cuidadoso dele a ponto de, com as suas próprias mãos, trazer-lhe o seu desjejum no campo. O cristão não espera até chegar ao céu por todo o seu conforto. Lá, de fato, será a ceia completa; mas há um desjejum, cristão, de alegrias prévias, mais ou menos, que Cristo te traz no campo, e que será comido no lugar mesmo onde tu suportas a tua dificuldade.

(3) *Em socorros oportunos que Cristo envia para retirá-los em segurança.* Ele não apenas os conforta em suas aflições, mas os ajuda a sair de todas elas. Há sempre uma porta a mais do que o cristão vê em sua prisão, pela qual Cristo pode, com um mover de sua mão, abrir um caminho para o escape de seu santo. E o que podemos desejar mais? Tudo está bem quando termina bem. E que melhor segurança podemos desejar para isso do que a promessa do grande Deus, para quem mentir é impossível? E espero que o crédito que Deus tem no coração de seu povo não seja tão baixo a ponto de uma nota escrita por sua mão não ser aceita à primeira vista por eles em troca do que lhes é mais caro — a própria vida não sendo exceção.

Olha para ti mesmo quando tiveres de lidar com os outros. Ninguém é tão firme que não possa quebrar sob ti se colocares muito peso sobre ele. Pensar-se-ia que um capitão tão digno quanto Urias foi poderia ter confiado em seu general, sim,

em seu príncipe, e ele um homem tão santo quanto Davi foi. Mas ele foi indignamente traído por ambos nas mãos da morte. O homem pode, e o diabo, com certeza, deixará todos em apuros aqueles que fazem o seu trabalho. Mas se Deus te enviar, ele te trará de volta; nunca temas um “vê tu isso” de seus lábios quando a tua fidelidade a ele te meter nos espinhos. Aquele que operaria uma maravilha antes de deixar um profeta fugitivo perecer em sua viagem pecaminosa — porque era um homem bom no essencial —, acumulará milagre sobre milagre antes que tu venhas a falhar e afundar em teu dever. Apenas, não te perturbes se fores lançado ao mar, como Jonas, antes de veres a provisão que Deus faz para a tua segurança. Ela está sempre à mão, mas às vezes fica oculta e fora da vista da criatura, como a baleia de Jonas — enviada por Deus para transportá-lo à praia — debaixo da água, e o profeta em sua barriga antes que soubesse onde estava. Aquilo que pensas que vem para te devorar pode ser o mensageiro que Deus envia para te trazer seguro à terra.

O teu calçado, cristão, ainda não está calçado? Não estás ainda pronto para marchar? Podes temer que qualquer pedra possa agora ferir o teu pé através de uma sola tão grossa?

***Por que devemos estar sempre prontos para as
provações — Razões extraídas da excelência de tal espírito***

Segundo: Há razões pelas quais os cristãos devem sempre estar preparados para as provas, extraídas da excelência da disposição de espírito que tal santa prontidão importa.

Primeiro: Esta prontidão do coração para se inclinar diante da cruz evidencia um coração gracioso. E um espírito

gracioso, tenho certeza, é um espírito excelente. A carne e o sangue nunca tornaram ninguém disposto a sofrer, seja por Deus, seja de Deus. Aquele que pode fazer isso tem aquele “outro espírito” que estava com Calebe, o qual o prova ser de uma descendência mais alta do que este mundo, Números 14:24. Um coração carnal não pode agir nem sofrer livremente; *voluntas libera, in quantum liberata* [a vontade é tão livre quanto foi libertada] (Lutero). Quanta carne houver restante em um santo, haverá tanta resistência e indisposição para se colocar aos pés de Deus; e, portanto, onde não há nada além de carne, não pode haver nada além de indisposição.

Aquele que pode encontrar o seu coração seguindo a Deus em seu mandamento ou providência alegremente, pode saber quem esteve ali (como alguém disse do famoso pintor grego). Esta é uma linha que ninguém além de Deus poderia traçar em sua alma. As parteiras disseram das mulheres israelitas que elas não eram como as egípcias ao darem à luz seus filhos, pois eram vigorosas e davam à luz antes que as parteiras pudessem chegar a elas, Êxodo 1:19. Verdadeiramente, assim vigoroso e pronto é o coração gracioso em tudo o que é chamado a fazer ou sofrer. Ele não dá à luz um dever com tanta dificuldade quanto um coração carnal, que precisa da ajuda e do auxílio de alguns argumentos carnis, caso contrário o dever fica retido no parto. Mas o coração gracioso já o realizou antes que estes venham para estender a sua mão auxiliadora. O puro amor a Deus, a obediência ao chamado de seu mandamento e a fé na segurança de sua promessa facilitam a obra, de modo que, por mais onerosa que seja para a carne, não é penosa para o seu espírito. Ele está sempre pronto a dizer: “Seja feita a tua vontade, e não a minha”.

O apóstolo mostra que esta livre submissão à disposição da mão aflictiva de Deus evidencia um espírito de filho: “Se suportais a disciplina, Deus vos trata como a filhos”, Hebreus 12:7. Observe que ele não diz: “Se sois disciplinados”, mas “Se suportais a disciplina”. O sofrimento puro e simples não prova a filiação, mas *hypomeinein paideia* [suportar a disciplina] sim — suportá-la de tal maneira que não venhamos a desfalecer em nossa coragem, nem nos esquivar de sob o fardo que Deus impõe, mas prontamente oferecer o nosso ombro a ele e pacientemente carregá-lo, olhando com um olho alegre para a recompensa quando esta vier — não para lançá-lo fora, mas para que seja retirado por aquela mão que o impôs, tudo o que a palavra importa. Isso mostra um espírito filial.

E a evidência disso deve ser uma companheira consoladora para a alma, especialmente em um momento assim, quando aquele sofista do inferno usa as aflições que pesam sobre ela como um argumento para refutar a sua relação de filho para com Deus. Agora — ter esta resposta à mão para calar a boca do mentiroso — Satanás, se eu não sou um filho, como poderia me submeter tão prontamente à disciplina da família do Senhor? Isto não é uma pequena misericórdia.

Segundo: Esta disposição de espírito torna livre o homem que a possui. Ora, nenhum preço baixo costuma ser atribuído à liberdade. Os próprios pássaros preferem estar soltos nos bosques com liberdade — embora magros de frio e preocupação — para bicar aqui e ali um pequeno sustento, do que em uma gaiola de ouro com toda a sua mordomia. Ora, verdadeiramente há uma escravidão da qual poucos se dão conta, e esta é a escravidão à criatura — quando um homem está tão escravizado aos seus deleites e baixos contentamentos aqui na terra, que estes dão leis àquele que deveria dar leis a eles, e

medem a alegria dele (o que ele terá), pouco ou muito, conforme ele abunde ou seja privado deles.

Assim, alguns são escravos de seus bens; diz-se: “O seu coração segue a sua avareza” — isto é, como o servo atrás do senhor, que não ousa afastar-se de suas costas. O dinheiro deles é o senhor, e tem o melhor cuidado. O coração deles o serve, direi como um servo ao seu senhor? Sim, como um cão aos pés de seu dono.

Outros são igualmente escravos de suas honras, tão mesquinhos de espírito que não conseguem desfrutar de si mesmos se não tiverem a reverência e a inclinação de joelhos de todos os que encontram. Tal escravo era Hamã, o grande favorito de seu príncipe. Quem senão ele na corte? À custa de poucas palavras, ele pôde obter o anel do rei para selar um decreto sangrento para o massacre de tantos milhares de pessoas inocentes, contra todo o bom senso e razão de Estado, apenas para satisfazer a sua concupiscência. Não tinha este homem honra suficiente colocada sobre si para contentar o seu espírito ambicioso? Não, há um pobre judeu à porta do rei que não se curvará diante dele quando ele passar, e isso perturba tanto o seu estômago orgulhoso que ele não tem alegria em toda a sua outra grandeza: “Tudo isso, porém, não me aproveita nada”, diz o miserável de espírito mesquinho, “enquanto vir o judeu Mardoqueu assentado à porta do rei”, Ester 5:13.

Uma terceira classe está igualmente em escravidão aos seus prazeres. Diz-se deles que “vivestes regaladamente sobre a terra”, Tiago 5:5. A vida deles está presa aos seus prazeres. Assim como o junco cresce na lama e o peixe vive na água, eles não podem viver sem os seus prazeres. Tire-os de seus banquetes

e esportes, e seus corações, como o de Nabal, morrem como uma pedra em seus peitos.

Ora, esta disposição de espírito de que estamos falando quebra todas essas correntes e tira o cristão de toda casa de servidão. Ensina-o a gostar de qualquer alimento que Deus envie. Se a prosperidade vem, ele “sabe ter abundância”, de modo que, se for, por uma reviravolta da providência, lançado fora da sela de seus prazeres presentes, o seu pé não ficará preso no estribo, nem a sua alma escravizada o arrastará atrás dela com desejos lamuriosos. Não, pela graça ele é um homem livre, e pode dispensar a companhia de qualquer criatura, desde que possa ter a de Cristo consigo.

O santo Paulo mantém a sua liberdade: “Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma”, 1 Coríntios 6:12. Sei que a passagem se refere àquelas coisas indiferentes sobre as quais havia uma disputa na época. Mas há outro sentido em que todas as coisas aqui abaixo eram coisas indiferentes para aquele homem santo: honra ou desonra, abundância ou necessidade, vida ou morte. Estas eram indiferentes para Paulo; ele não se deixaria dominar por nenhuma delas. Não convinha a um servo de Cristo, pensava ele, ser tão zeloso de sua reputação a ponto de se considerar arruinado quando não tivesse isto ou aquilo — não estar tão apaixonado pela abundância a ponto de não estar pronto para acolher a necessidade — não estar tão apegado à vida a ponto de fugir dos pensamentos da morte — nem estar tão cansado de uma vida de sofrimento a ponto de apressar a vinda da morte para o seu alívio. Aquela mente deve ser chamada de superior, a qual escolhe antes encontrar e mostrar as experiências da vida do que escapar delas.

Terceiro: Esta prontidão para sofrer, assim como enobrece com a liberdade, capacita o cristão para o serviço. É uma verdade segura que o cristão só está apto para viver de modo útil na medida em que está preparado para sofrer de prontidão. Porque não há dever que não traga a cruz consigo; e aquele que se ofende com la cruz não ficará muito tempo satisfeito com o serviço que a traz.

A oração é o exercício diário de um santo. Isto ele não pode fazer como deve, a menos que possa dizer de coração: “Seja feita a tua vontade”. E quem pode fazer isso em verdade, a menos que esteja pronto para sofrer? Louvar a Deus é um dever permanente; sim, “em tudo daí graças”, 1 Tessalonicenses 5:18. Mas e se a aflição nos sobrevier? Como afinaremos nossos corações para essa nota se não estivermos prontos para sofrer? Podemos bendizer a Deus e murmurar? — louvar a Deus e queixar-nos?

A obra do ministro é pregar, “ai dele se não o fizer”; e se pregar, ele certamente sofrerá. Paulo recebeu suas ordens para um e sua ordem de prisão para o outro ao mesmo tempo. Ele foi enviado ao mesmo tempo para pregar a graça de Deus ao mundo e para suportar a ira do mundo por amor de Deus. Assim Deus disse a Ananias: “este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome perante os gentios” e “eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome”, Atos 9:15, 16. E se o evangelho não agradou ao mundo ingrato vindo da boca de Paulo, que tinha uma arte tão rara de torná-lo doce, seria estranho que qualquer um que fique tão aquém de seus dons para mover-se no púlpito, e de sua graça para conquistar os corações dos homens fora dele, devesse, se pretende ser fiel, pensar em passar sem o salário que o mundo lhe pagou pelo seu trabalho — vitupério e desprezo, se

não golpes diretos de perseguição sangrenta, como ele encontrou.

E não é este calçado necessário para o pé do pregador, que deve caminhar entre tantas serpentes sibilantes? Quem senão um Paulo, que havia superado o amor tolo pela vida e o medo de uma morte sangrenta, estaria tão disposto a ir até a própria cova dos leões e pregar o evangelho ali, onde, de certa forma, ele convidava a morte a vir ao seu encontro? — refiro-me à própria Roma, a sede do cruel Nero: “Quanto a mim, estou pronto para anunciar o evangelho também a vós que estais em Roma. Pois não me envergonho do evangelho de Cristo”, Romanos 1:15, 16.

Em uma palavra, é o dever de todo cristão fazer uma livre profissão de fé em Cristo. Ora, isto não pode ser feito sem risco muitas vezes. E se o coração não estiver resolvido neste ponto — sobre o que fazer —, a primeira tempestade que se levantar fará com que o pobre homem entre em qualquer enseada ou buraco, antes de se aventurar ao mar em tempo tempestuoso: “Contudo, muitos dentre as próprias autoridades creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga”, João 12:42. Pobres almas, eles teriam ficado contentes em se manifestar se o caminho estivesse livre, mas não tiveram coragem suficiente para suportar um pequeno desprezo que os ameaçava. Oh, que tolice é comprometer-se com Deus a menos que estejamos dispostos a colocar tudo em jogo por ele! Não vale a pena começar na companhia de Cristo por profissão de fé a menos que pretendamos ir até o fim com ele, e não deixá-lo rudemente quando estivermos no meio do caminho, por causa de um ou dois lamaçais.

Quarto: Esta prontidão de espírito para sofrer dá ao cristão o verdadeiro desfrute de sua vida. Um homem nunca chega a desfrutar verdadeiramente de si mesmo, em qualquer conforto de sua vida, até que esteja preparado para negar-se prontamente nele. É um enigma; mas duas considerações o revelarão.

1. Consideração: Quando estamos preparados para negar a nós mesmos em qualquer conforto que possamos desfrutar, então, e não até então, aquilo que impede o desfrute de nossas vidas é retirado; e isso é o medo. Onde há medo, “há tormento”. Observa-se que o cervo que vive com medo é magro — embora onde haja boa pastagem —, porque está sempre temeroso. E assim devem necessariamente ser, no meio de todos os seus prazeres, aqueles de cujo coração esta virtude está continuamente se alimentando. Não se precisa de nada mais para levar a alegria de um homem a uma tísica do que um medo desordenado de perder o que ele tem no presente. Deixe que isso se apodere do espírito de um homem, e que ele se torne febril, e o conforto de sua vida terá partido sem recuperação. Quantos, por causa disso, são mais cruéis consigo mesmos do que é possível que seus piores inimigos no mundo o fossem? Estes, infelizmente, quando fazem o seu pior, só podem matá-los uma vez. Mas, ao anteciparem suas próprias misérias, eles se matam mil vezes, tantas vezes quantas o medo de morrer passa por seus corações miseráveis.

Quando, porém, o cristão calça esta peça de armadura — “o evangelho da paz” —, sua alma está preparada para a morte e para o perigo. Ele se assenta ao banquete que Deus em sua providência presente lhe concede, e não teme nenhum mensageiro com más notícias batendo à sua porta. Sim, ele pode falar de sua hora de morte e não estragar a alegria de sua

condição presente, como os homens carnais pensam que acontece. Para estes, um discurso sobre a morte no meio de seus banquetes é como a entrada de um oficial de justiça para prender um bando de ladrões que estão se divertindo juntos com seus bens roubados ao redor; ou como o pano úmido que Hazael aplicou sobre o rosto do rei, seu senhor, o qual faz com que toda a alegria, que brilhava antes, se contraia de repente, de modo que as pobres criaturas ficam desanimadas e abatidas, como dizemos, até que saiam deste assunto assustador por meio de algum entretenimento ou outro. E mesmo quando o fazem, o efeito é apenas aliviá-los no presente. Remove aquele ataque particular que o assunto trouxe sobre eles; mas os deixa em escravidão mais profunda a tal espanto de coração, sempre que o mesmo fantasma aparecer no futuro.

Por outro lado, o cristão que tem esta preparação de coração nunca prova mais doçura nos prazeres desta vida do que quando mergulha estes pedaços na meditação da morte e da eternidade. Não é mais dor para o seu coração pensar na remoção destes — o que abre caminho para aqueles prazeres muito mais doces — do que seria para alguém em um banquete ter o primeiro prato retirado, depois de ter se alimentado bem dele, para que o segundo prato de doces finos e sobremesas raras possa vir, o que não pode acontecer até que o outro se vá. O santo Davi, no Salmo 23:4, 5, traz (por assim dizer) uma representação da morte com o seu banquete. Quase na mesma respiração ele fala de sua morte, no versículo 4, e do rico banquete em que no presente estava sentado, pela bondade de Deus, no versículo 5. A este, no entanto, ele não estava tão preso pelos dentes que, se Deus, que lhe dera esta alegria, o chamasse dela para olhar a morte de frente, ele não pudesse fazê-lo e “não temer mal nenhum, quando no vale da sombra da morte”, Salmo 23:4.

E o que você pensa do bendito apóstolo Pedro? Não tinha ele, pensa você, o verdadeiro desfrute de sua vida quando podia dormir tão docemente em uma prisão — um lugar nada desejável —, firmemente algemado “entre dois soldados” — uma postura nada confortável —, e isso na própria “noite” antes de Herodes “apresentá-lo”, com toda probabilidade, para a sua execução! Este não era um tempo propício (pensaria alguém) para se obter qualquer descanso; no entanto, o encontramos ali mesmo, assim e então, em um sono tão profundo que o anjo que foi enviado para lhe dar o livramento da prisão o bateu no lado para despertá-lo, Atos 12:6, 7. Questiono se o próprio Herodes dormiu tão bem naquela noite quanto este seu prisioneiro dormiu. E qual foi a poção que trouxe a este homem santo um descanso tão tranquilo? Sem dúvida, “esta preparação do evangelho da paz”. Ele estava pronto para morrer, e isso o capacitou a dormir. Por que deveria isso quebrar o seu descanso neste mundo se, caso fosse consumado, o teria levado ao seu descanso eterno no outro?

2. *Consideração:* Quanto mais pronto e preparado o cristão está para sofrer da parte de Deus, ou por amor de Deus, mais Deus está empenhado em cuidar dele e por ele. Um bom general é mais zeloso da vida daquele soldado que é menos zeloso dela por si mesmo. Quanto menos o cristão se valoriza e aos seus interesses por amor de Deus, mais cuidadoso Deus é com ele, seja para guardá-lo do sofrimento, seja nele. Ambas as bênçãos estão implícitas em: “Quem perder a vida por minha causa, achá-la-á”, Mateus 16:25. Abraão estava pronto para oferecer seu filho, e então Deus não permitiu que ele o fizesse. Mas se o Senhor, a qualquer momento, aceita a oferta do cristão e permite que o golpe seja dado, ainda que para a separação da alma e do corpo, ele ainda mostra o seu terno cuidado por ele,

pela alta estima que atribui ao sangue deles, o qual não é mais prodigamente derramado pela crueldade do homem do que cuidadosamente recolhido por Deus. “Preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos seus santos”.

Assim vemos que, ao nos resignarmos prontamente à disposição de Deus, empenhamos a Deus para cuidar de nós, aconteça o que acontecer. E aquele homem ou mulher, com certeza, se houver algum outro no mundo, deve viver confortavelmente, tendo o cuidado de si mesmo totalmente retirado de seus próprios ombros e lançado sobre Deus, de cuja provisão ele agora vive. A pobre viúva nunca esteve em melhor situação do que quando o profeta manteve a casa para ela. Ela livremente partilhou sua pouca farinha para o uso do profeta e, como recompensa de sua fé — ao crer na mensagem que ele trouxera do Senhor, a ponto de dar o pão de sua própria boca e da de seu filho ao profeta —, ela foi provida por um milagre, 1 Reis 17:12, 13.

Oh, quando uma alma é assim levada aos pés de Deus, de modo que possa sinceramente dizer: “Senhor, aqui estou; disposto a entregar tudo o que tenho e sou para estar à tua disposição; a minha vontade será feita quando tu tiveres a tua vontade de mim”; Deus se considera profundamente obrigado a cuidar daquela alma!

Uso ou aplicação. Os verdadeiros cristãos são poucos, como se mostra pela santa prontidão do evangelho para sofrer

Uso Primeiro: Deve o cristão estar assim calçado, em prontidão para marchar ao chamado da providência de Deus em qualquer caminho ou clima? Isto irá estreitar imensamente e

diminuir o número de verdadeiros cristãos em relação ao que aparentam ser à primeira vista, pela estimativa de uma profissão de fé fácil e barata. Aquele que entrasse em nossas assembleias e as visse repletas e apinhadas de multidões que acorrem após a palavra, poderia maravilhar-se a princípio ao ouvir os ministros reduzirem o número de cristãos a tão pouco, e falarem deles como um grupo tão pequeno. Certamente a visão deles falha, de modo que não conseguem ver a floresta por causa das árvores, os cristãos pelas multidões de cristãos que estão diante deles.

Esta mesma coisa fez com que um dos discípulos perguntasse a Cristo, com não pouca estranheza: “Senhor, são poucos os que se salvam?”, Lucas 13:23. Observe a ocasião desta pergunta. Cristo “passava pelas cidades e aldeias, ensinando e caminhando para Jerusalém”, versículo 22. Ele viu Cristo tão generoso em seus esforços para pregar em cada cidade a que chegava, e as pessoas se aglomerando atrás dele, com grandes expressões de alegria que vinham de muitos, versículo 17. Então disse ele: “Senhor, são poucos os que se salvam?”. Como se dissesse: Isto parece muito estranho e quase incrível. Ver o caminho para o céu tão cheio de pessoas, e os meios de salvação em tanta procura, e ainda assim poucos se salvarem ao final! Como pode ser isso?

Ora, note o nosso Salvador decifrando este mistério: “E ele lhes disse (parece que o homem expressou mais do que sua própria dúvida): Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar mas não conseguirão”, versículo 24. Como se Cristo dissesse: Vocês julgam por uma regra errada. Se a profissão de fé servisse para o caso, e aglomerar-se após sermões com alguma aparente alegria com a palavra fosse suficiente para salvar, o céu logo estaria cheio. Mas, pelo amor que têm às suas almas, não se avaliem por este

crivo grosseiro; antes, “esforçai-vos por entrar”, *agonizesthe* — lutem e combatam, arrisquem a vida e os membros, antes do que ficar fora do céu. “Pois muitos procurarão... mas não conseguirão”; isto é, procurarão por meio de uma profissão de fé fácil e de uma religião barata, tal como ouvir a palavra, a realização de deveres e coisas semelhantes. Deste tipo há muitos que virão e caminharão ao redor da porta do céu — dispostos o suficiente a entrar, se puderem fazê-lo sem ferir o seu orgulho em meio à multidão, ou arriscar seu interesse carnal presente por qualquer disputa e combate; “mas não conseguirão!”; isto é, eles “não conseguirão entrar” — porque seus corações carnis e covardes não serão capazes de lutar.

De modo que, se tomarmos os cristãos sob a noção de “buscadores”, e pelas próprias palavras de Cristo, eles são “múltiplos”. Mas considere-os sob a noção de “lutadores”, tais como se mantêm calçados com uma santa resolução de lutar até o sangue — se tais provações os encontrarem no caminho para o céu — antes do que não entrar, e então o número de soldados cristãos encolherá, como o formoso exército de Gideão, a uma “pequena tropa”. Oh, quão fácil seria dar exemplos de várias classes de cristãos — assim chamados em um sentido amplo — que não têm este calçado do evangelho em seus pés e, portanto, certamente mancarão e falharão quando forem levados a andar sobre pedras afiadas!

1. Classe: O cristão ignorante — que tipo de trabalho ele poderá realizar ao sofrer por Cristo e seu evangelho? E estes não são o menor número em muitas congregações. Ora, aqueles que não têm tanta luz de conhecimento em seu entendimento a ponto de saber quem é Cristo e o que ele fez por eles, terão eles tanto calor de amor a ponto de marchar alegremente atrás dele quando cada passo que derem lhes tirar sangue? Nabal pensou que dava

uma resposta racional aos servos de Davi, que lhe pediram algum socorro em seu aperto presente, quando disse: “Tomaria eu, pois, o meu pão, e a minha água, e a carne das minhas reses que degolei para os meus tosquiadores, e os daria a homens que eu não sei de onde vêm?”, 1 Samuel 25:11. Ele achou que era demais abrir mão de seus bens por tão pouca familiaridade. E o ignorante, pensa você, estará pronto para abrir mão, não apenas de seu pão e carne da panela — refiro-me a um pouco de seus bens —, mas da carne de seu próprio corpo, se for chamado a sofrer, e tudo isso ao comando de Cristo, que é alguém que ele não sabe de onde vem?

Paulo dá isto como a razão pela qual sofria e não se envergonhava: “porque (diz ele) sei em quem tenho crido”, 2 Timóteo 1:12. A história nos fala dos samaritanos — um povo mestiço tanto em sua ascendência quanto em sua religião — que, quando as coisas iam bem com o povo de Deus, os israelitas, então reivindicavam parentesco com eles e diziam ser judeus, mas, quando a igreja de Deus estava sob qualquer aflição exterior, então a rejeitavam novamente. E podemos nos maravilhar menos com este espírito covarde e vil neles se lermos o caráter que Cristo lhes dá, de serem um povo que “adora o que não conhece”, João 4:22. A religião tem pouca firmeza naqueles que não têm melhor firmeza nela do que a mão de um homem cego.

2. *Classe: Os evangélicos carnais*, que mantêm a posse de suas concupiscências enquanto fazem profissão de fé em Cristo. Esta é uma geração que nada tem para provar que são cristãos exceto o seu batismo e o nome de cristão que por meio dele obtiveram; de tal tipo que, se vivessem entre turcos e pagãos, sua linguagem e conversação — se ocultassem de onde vieram — nunca revelariam que são cristãos. Pode-se agora

pensar racionalmente que estes são os homens e mulheres que estão prontos para sofrer por Cristo e seu evangelho? Certamente não; aqueles que não carregam o jugo de Cristo muito menos carregarão o seu fardo. Se o jugo do mandamento que os liga ao dever é considerado pesado, muito mais pensarão que o fardo da cruz é insuportável. Aquele que não trabalha por Cristo não morrerá por Cristo. Aquele servo é muito pouco provável que lute até o sangue na disputa de seu senhor se não trabalha por ele a ponto de suar em seu serviço.

3. *Classe: O cristão calculista* — um artigo fundamental em cujo credo é salvar a si mesmo, não do pecado, mas do perigo. E, portanto, ele estuda os tempos mais do que as Escrituras; e está frequentemente olhando para qual canto o vento sopra, para que de acordo com isso possa moldar o seu rumo e ordenar a sua profissão de fé, a qual, como a toca do ouriço-cacheiro, sempre se abre para o lado quente!

4. *Classe: O cristão avaro*, cujo coração e cabeça estão tão cheios de projetos mundanos que o sofrimento por Cristo deve necessariamente ser muito indesejado para ele, e encontrá-lo muito longe de tal disposição. Você sabe o que os egípcios disseram dos israelitas: “Eles estão embaraçados na terra, o deserto os encerrou”, Êxodo 14:3. Mais verdadeiro é isso sobre esta classe de cristãos. Eles estão embaraçados no mundo; este deserto os encerrou. Um homem com o pé preso em uma armadilha está tão apto para andar e correr quanto eles para seguir a Cristo, quando fazer isso pode prejudicar o seu interesse mundano.

O nosso Salvador, falando das misérias que viriam sobre Jerusalém, diz: “Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias!”, Mateus 24:19 — porque seria

mais difícil para elas escapar do perigo pela fuga. Mas muitos outros ais virão sobre aqueles que, em dias de provação e perseguição pelo evangelho, forem encontrados grávidos do mundo, ou que amamentarem qualquer afeição avarenta e desordenada à criatura. Tais acharão difícil escapar da tentação com que estes os cercarão. É impossível em tal tempo manter os bens e a Cristo juntos; e igualmente impossível para um coração que está posto no mundo estar disposto a deixá-lo pela companhia de Cristo.

5. *Classe: O cristão presunçoso*, que tem uma alta opinião de si mesmo e está tão longe de um humilde e santo receio e medo de si mesmo que é autoconfiante. Aqui está um homem calçado e preparado, pensa ele, mas não com o calçado correto do evangelho. “Pois o homem não prevalece pela força”, 1 Samuel 2:9. Aquele que, nos dias da Rainha Maria, era tão generoso de sua carne por Cristo a ponto de, como disse, preferir ver sua gordura — da qual tinha em abundância — derreter no fogo a retroceder ao papado, viveu, pobre homem, para ver esta sua resolução derreter, e ele mesmo covardemente abrir mão de sua fé para salvar a sua gordura. Aqueles que se gloriam de seu valor ao vestirem a armadura sempre a retiram com vergonha. “O coração” do homem “é enganoso acima de todas as coisas” — um verdadeiro Jacó, que suplantar a si mesmo. Aquele que não pode tirar a medida de seu próprio pé, como pode ajustar um calçado a ele?

Exortação para calçar este calçado da preparação

Uso Segundo: Sede exortados, todos vós que levais o nome de Cristo sobre vós, a calçardes este calçado da preparação e a mantê-lo calçado, para que estejais prontos em todos os

momentos para seguir o chamado da providência de Deus, ainda que este vos guie a uma condição de sofrimento. Tomai apenas dois motivos.

1. Motivo: Considera, cristão, que a obra do sofrimento pode te alcançar de repente, antes que estejas ciente dela; portanto, mantém-te calçado. Às vezes, chegam ordens aos soldados para uma marcha repentina; eles não têm sequer o aviso de uma hora, mas devem partir assim que o tambor bater. E assim podes tu ser chamado, cristão, antes que percebas, para o campo de batalha, seja para sofrer por Deus, seja de Deus.

Abraão teve pouco tempo dado a ele para lidar com o seu coração e persuadi-lo a uma concordância com Deus para oferecer seu filho Isaque. Uma grande provação e um curto aviso: “Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque”, Gênesis 22:2; não daqui a um ano, um mês, uma semana, mas agora. Isso foi durante a noite, e Abraão parte “de madrugada”, versículo 3. Como ele teria recebido esta notícia estranha se estivesse então por obter o consentimento de seu coração? Mas isso não estava por fazer. Deus já tinha o coração de Abraão e, portanto, ele não discute a sua ordem, mas obedece.

Deus pode fazer uma alteração repentina em teus assuntos privados, cristão; como poderias tu, em tua perfeita força e saúde, suportar ouvir a mensagem da morte? Se Deus, antes que qualquer doença prolongada te trouxesse a alguma familiaridade com a morte, dissesse não mais do que: “Sobe... e morre”, como outrora disse a Moisés, estás calçado para tal jornada? Poderias dizer: “Boa é a palavra do Senhor”? E se um dia tivesses de passar da honra para a desonra, ser despojado de tuas sedas e veludos e, em trajes vis, ser chamado a representar o papel de um mendigo? Poderias te alegrar por seres humilhado

e encontrar o teu coração pronto para bendizer o Altíssimo? Isto diria que és uma alma evangelicamente calçada, de fato.

Novamente, Deus pode tão rapidamente mudar a cena nos assuntos públicos dos tempos em que vives, no tocante ao evangelho e à profissão dele. Talvez agora a autoridade sorria para a igreja de Deus; mas, dentro de pouco tempo, pode franzir a testa, e a tempestade da perseguição se levantar. “A igreja tinha paz por toda a Judeia”, Atos 9:31. Este foi um tempo abençoado. Mas quanto tempo durou? Infelizmente, não muito, veja Atos 12. Há notícias tristes de uma perseguição sangrenta no primeiro versículo: “Por aquele mesmo tempo, o rei Herodes estendeu as mãos sobre alguns da igreja, para os maltratar”. Nesta perseguição, Tiago, irmão de João, perdeu a sua vida pela espada cruel; e Pedro nós o encontramos na prisão, prestes a ir para o mesmo matadouro. Toda a igreja, de fato, é empurrada para um canto para orar junta durante a noite, versículo 12. Oh, que triste mudança há aqui! Agora em sangue, aqueles que há pouco tinham “paz” por todos os lados.

Observa-se que nas ilhas o clima é muito mais variável e incerto do que no continente. No continente pode-se saber, ordinariamente, como estará o tempo por um longo período; mas nas ilhas, pela manhã não sabemos como estará o tempo antes da noite. Temos frequentemente verão e inverno no mesmo dia. E tudo isso é atribuído à vizinhança do mar que as cerca. Os santos no céu vivem, por assim dizer, no continente. Uma abençoada constância de paz e descanso é ali desfrutada. Eles podem saber, pela paz e bem-aventurança que têm no presente, o que terão pela eternidade. Mas aqui abaixo, a igreja de Cristo é como uma ilha flutuante, cercada pelo mundo — refiro-me aos homens do mundo — como por um mar; e estes [isto é, os homens do mundo] às vezes sopram quente, e às vezes frio; às

vezes estão quietos e pacíficos, e às vezes enfurecidos e cruéis, conforme Deus restringe ou liberta a sua ira. Ora, cristão, não te convém estar sempre em prontidão, quando não sabes se no momento seguinte o vento pode mudar para o canto frio, e os tempos que agora favorecem o evangelho, de modo a encher as velas de tua profissão de fé com todo o encorajamento, de repente soprem contra o teu rosto, e o oponham tanto quanto antes o apoiavam?

2. *Motivo: Considera que, se teus pés não estiverem calçados com a preparação para sofrer por Cristo aqui na terra, a tua cabeça não poderá ser coroada no céu.* “Se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo”, Romanos 8:17. Ora, nota as palavras seguintes: “se com ele sofremos, para que também com ele sejamos glorificados”. É verdade que nem todos os santos morrem mártires em uma fogueira; mas todo santo deve ter um espírito de martírio, como posso chamar — um coração preparado para o sofrimento. Deus nunca pretendeu que Isaque fosse sacrificado, no entanto, ele quis que Abraão colocasse a faca em sua garganta. Assim, Deus quer que coloquemos o nosso pescoço no bloco e estejamos, como Paulo disse de si mesmo, “constrangidos em espírito”, sob um sincero propósito de coração de nos entregarmos à sua vontade e prazer, o que é chamado de “apresentar os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”, Romanos 12:1. O fim em vista é que, assim como o judeu trazia o animal vivo e o apresentava livremente diante dele, para que com ele se fizesse conforme Deus havia ordenado, assim nós devemos apresentar os nossos corpos diante de Deus, para deles dispor conforme ele ordena, tanto em obediência ativa quanto passiva.

Aquele que se recusa a sofrer por Cristo recusa-se também a reinar com Cristo. O descalçar do sapato entre os judeus era um sinal de que o homem abria mão do direito de uma herança, Deuteronômio 25:9, 10. Assim fez o parente de Elimeleque, quando renunciou e rejeitou qualquer direito que pudesse ter em suas propriedades — ele descalçou o seu sapato, Rute 4:7, 8.

Oh, cristão, toma cuidado para não descalçares o teu calçado do evangelho! Por meio disso tu rejeitas o teu direito na herança do céu. Nenhuma porção está ali guardada para quem não sofrer por Cristo. As perseguições que os santos suportam pelo evangelho são feitas por Paulo um sinal evidente para eles de salvação, e isso da parte de Deus, Filipenses 1:28. Certamente, então, negar a Cristo para escapar do sofrimento é um triste sinal de perdição. Oh, senhores, não vale a herança do céu a pena de se suportar um pouco de problema por ela? A vinha de Nabote não era grande coisa, no entanto, antes de abrir mão dela — não de perdê-la, mas de vendê-la pelo seu valor, ou trocá-la por uma melhor em outro lugar —, ele preferiu colocar a sua vida em jogo ao provocar um rei poderoso. Tu podes, cristão, arriscar não mais pela tua herança celestial do que ele pagou por recusar o seu pequeno patrimônio de um acre ou dois de terra — refiro-me à tua vida temporal.

E além da diferença entre a vinha dele na terra e o teu paraíso no céu — que é infinita e não admite proporção —, tu tens também esta vantagem sobre ele em teus sofrimentos por Cristo: quando Nabote perdeu a sua vida, perdeu também a sua herança que tanto se esforçara por manter; mas os teus inimigos perseguidores te farão este serviço amigável contra a vontade

deles, que, quando te desapossarem de tua vida, eles te ajudarão a tomar posse de tua herança.

Orientações para ajudar a calçar este calçado espiritual

A grande questão que espero agora cair de tua boca, cristão, não é: como podes escapar desses problemas e provações que, como o gênio mau do evangelho, sempre o acompanham? Mas sim: como podes calçar este calçado, mantendo o teu coração pronto para uma marcha para ir ao encontro deles quando vierem, e alegremente passar por eles, sejam quais forem, ou por quanto tempo permaneçam contigo? Esta é uma pergunta muito apropriada para um soldado cristão, pedir por armadura com a qual possa lutar; ao passo que o covarde joga fora a sua armadura e pergunta se pode fugir. Portanto, darei o melhor conselho que puder nestes poucos pontos.

Primeira Orientação: Olha cuidadosamente para a base de tua obediência ativa, para que ela seja sólida e sincera. Os mesmos princípios corretos pelos quais a alma sincera age por Cristo a levarão a sofrer por Cristo, quando uma convocação de Deus vier com tal propósito. “Os filhos de Efraim, armados e trazendo arcos, voltaram as costas no dia da batalha”, Salmo 78:9. Por quê? Qual é o problema? Tão bem armados e, no entanto, tão covardes? Isso parece estranho. Lê o versículo anterior e cessará o teu espanto. Eles são chamados ali de “geração que não regeu bem o seu coração, e cujo espírito não foi fiel para com Deus”.

Seja qual for a armadura, sim, se os soldados estivessem em um castelo cujo fundamento fosse uma rocha e suas muralhas

de bronze, ainda assim, se seus corações não fossem leais ao seu príncipe, uma tempestade leve os expulsaria das muralhas, e um pequeno susto abriria a sua porta, a qual não tem este ferrolho da sinceridade sobre ela para mantê-la firme. Em nossas guerras recentes, temos visto que corações honestos dentro de obras de defesa finas e fracas mantiveram a cidade, ao passo que muralha nenhuma defendeu a traição de trair a confiança.

Oh, esforça-te pela sinceridade ao te comprometeres a princípio com Deus e com o seu evangelho! Pergunta frequentemente à tua própria alma por quem oras, ouves, ou reformas esta e aquela prática. Se puderes obter uma resposta satisfatória de tua alma aqui, podes ter boa esperança. Se a mão operante da fé for sincera, então a sua mão combatente será valente. Aquele trecho é digno de nota, Hebreus 11:33: “Os quais, por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, apagaram a força do fogo”, junto com outras grandes coisas que a fé os capacitou a suportar, como podes ler nos versículos 34 a 36. Ali nota, peço-te, como o poder da fé, capacitando o cristão a “praticar a justiça” — isto é, viver santa e justamente —, é contado entre as maravilhas dos sofrimentos que ela os fortaleceu para suportar. De fato, se não tivesse feito aquilo, nunca teria suportado estes.

Segunda Orientação: Ora por um espírito sofredor. Este não é um dom comum, que todo evangélico carnal e professor superficial de religião possua. Não; é um dom peculiar e concedido a poucas almas sinceras. “Porque vos foi concedido em relação a Cristo, não somente crer nele, como também sofrer por sua causa”, Filipenses 1:29. Todos os talentos e dons comuns que um homem tenha nunca o capacitarão a beber profundamente deste cálice por Cristo. Tal é o orgulho do

coração do homem. Ele prefere sofrer de qualquer outra maneira do que desta; prefere sofrer de si mesmo e por si mesmo, do que de Cristo ou por Cristo.

Você se maravilharia ao ver, às vezes, quanto uma criança suporta em suas brincadeiras e nunca chora por isso — esta queda, e aquele golpe, e nada de grande importância é feito disso, porque foi obtido de uma maneira que lhe é agradável. Mas, deixe que seu pai a açoite, embora não lhe cause nem metade da dor, ela ruge e se enfurece de tal modo que não há quem a acalme. Assim, os homens podem trazer problemas sobre si mesmos e morder os dentes para conter suas queixas. Um pode perder toda a sua herança nas cartas e nos dados, e outro gastar sua saúde na devassidão, ou cortar muitos anos de sua vida pela embriaguez bestial; e tudo é suportado pacientemente. Sim, se tivessem seu dinheiro e força novamente, iriam pelo mesmo caminho. Eles não se arrependem do que suas concupiscências lhes custaram, mas choram por não terem mais para gastar com elas. Suas concupiscências terão tudo o que eles possuem, até o último pedaço de pão em seu armário e gota de sangue em suas veias; sim, eles não têm medo de queimar no inferno como mártires de seus pecados.

Mas venha e peça a estes que são tão liberais de sua bolsa, carne, alma e tudo mais no serviço da concupiscência, que coloquem sua herança ou vida por alguns momentos em jogo na causa de Cristo e de sua verdade, e você verá que Deus não recebe deles tanta consideração. E, portanto, ora e ora novamente por um espírito sofredor na causa de Cristo. Sim, os próprios santos precisam rogar fervorosamente a Deus por isso. Infelizmente! Eles não acham que a obra do sofrimento acompanhe suas mãos tão facilmente. A carne ama ser mimada,

não crucificada. Muitos gemidos custa ao cristão antes que ele possa aprender a amar esta obra.

Ora, a oração, se houver algum meio, ser-te-á útil neste particular. Aquele que pode lutar com Deus não precisa temer a face da morte e do perigo. A oração empenha a força e a sabedoria de Deus para o nosso auxílio. E o que há de tão difícil para a criatura fazer ou sofrer que tenha a Deus às suas costas para ajudá-la? Somos instruídos a “ter por motivo de toda a alegria o passardes por várias provações”, Tiago 1:2 — não provações para o pecado, mas por amor à justiça. Ele se refere a problemas por Cristo e seu evangelho.

Ah! Mas poderia o pobre cristão dizer: seria causa de mais alegria ser capaz de manter-se firme sob estas provações do que cair nelas. Pouca alegria seria ter a provação e não ter a graça para suportá-la. Verdade, de fato; mas, para o teu conforto, cristão, aquele que te conduz a esta provação está pronto para te ajudar através dela. Portanto, no versículo 5, há um gracioso *si quis* — se alguém — estabelecido: “Se algum de vós” — isto é, de vós que sofreis principalmente — “tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não lança em rosto, e ser-lhe-á dada”.

Isso, parece-me, não deveria forçar muito a nossa fé para crer. Não há muitos senhores tão mesquinhos a ponto de repreender e lançar em rosto ao seu servo por pedir humildemente o seu conselho em uma obra de perigo e dificuldade, a qual eles alegremente realizam por amor às suas pessoas e obediência ao seu mandamento. Quanto menos, então, precisas temer tal tratamento de teu Deus? Se tens tanta fé e amor a ponto de te aventurares ao seu comando sobre o mar do sofrimento, ele, sem dúvida, terá tanta misericórdia a ponto de

te guardar de afundar se, sentindo-te começar a submergir, clamares fervorosamente como Pedro fez a ele: “Senhor, salva-me”. Estivesses tu mesmo debaixo da água, a oração te traria de volta à superfície.

O provérbio, de fato, diz: “Aquele que quiser aprender a orar, vá ao mar”. Mas penso que seria melhor assim: “Aquele que quiser ir ao mar — refiro-me a este do sofrimento —, aprenda a orar antes de chegar lá”. Pois, se não fores um homem de oração antes que a obra do sofrimento chegue, serás capaz de fazer pouco com essa arma então.

Terceira Orientação: Ocupa-te muito na meditação de um estado de sofrimento. Aquele dirá melhor a sua lição, quando seu mestre o chamar à frente, que estiver mais frequentemente repassando-a de antemão consigo mesmo. Faz com os problemas que possas encontrar o que os carregadores costumam fazer com seus fardos — eles os erguem repetidas vezes antes de colocá-los de fato sobre as costas. Assim faz tu. Ergue frequentemente em tuas meditações aqueles males que te podem sobrevir por Cristo e sua verdade; e experimenta como poderias lidar com eles se fosses chamado a suportá-los.

Coloca a pobreza, a prisão, o banimento, o fogo e a fogueira diante de ti, de um lado; e as preciosas verdades de Cristo do outro, com as doces promessas feitas àqueles que guardarem a palavra da paciência apresentada em tal hora de provação. Supõe que fosse agora o teu caso exato, e que fosses posto diante de tua escolha sobre qual lado tomarias; estuda a questão seriamente até que a determines claramente em tua consciência. E faz isso frequentemente, de modo que os argumentos que a carne e o sangue com certeza usarão para que tenhas pena de ti mesmo não sejam novos e sem resposta, nem

os encorajamentos e as fortes consolações que a palavra oferece sejam estranhos e sob qualquer suspeita em teus pensamentos, quando tiveres de arriscar a tua vida sob o crédito e a verdade deles.

Aquele dito de Agostinho acharemos muito verdadeiro: *non facile inveniuntur praesidia in adversitate, quae non fuerint in pace quaesita* [não se encontram facilmente na adversidade as defesas que não foram buscadas durante a paz]. As promessas são a nossa fortaleza e refúgio em tal momento; e não acharemos fácil correr para elas em um aperto a menos que estivéssemos familiarizados com elas em um tempo de paz. Um estranho que foge para uma casa em busca de refúgio na noite escura tateia ao redor da porta e não sabe como encontrar a fechadura — seu inimigo, se estiver perto, pode matá-lo antes que ele consiga abrir a porta. Mas aquele que vive na casa, ou está bem familiarizado com ela, não demora a entrar. “Vem, povo meu”, diz Deus, “entra nos teus quartos”, Isaías 26:20. Ele lhes está mostrando seus aposentos em seus atributos e promessas antes que seja noite e seus sofrimentos tenham chegado, para que possam prontamente encontrar o caminho para eles na escuridão.

Quarta Orientação: Faz uma entrega diária de ti mesmo à vontade de Deus. De fato, isso deveria ser, por assim dizer, a tranca da noite e a chave da manhã. Deveríamos abrir e fechar nossos olhos recomendando a nós mesmos nas mãos de Deus. Isto, se realizado diariamente — não formalmente, como todos os deveres frequentemente repetidos tendem a ser se não houver maior cuidado; mas solenemente —, disporia docemente a alma para acolher qualquer provação que lhe possa sobrevir.

A resistência de nossos corações ao sofrimento vem muito da desconfiança. Uma alma incrédula pisa na promessa como um homem sobre o gelo — ao primeiro passo sobre ele, está cheia de medos e pensamentos tumultuados, temendo que ele quebre. Ora, esta entrega diária de teu coração, assim como te dará uma ocasião de conversar mais com os pensamentos do poder de Deus, de sua fidelidade e de outros de seus atributos — por falta de familiaridade com os quais surgem ciúmes e suspeitas em nossos corações quando postos em qualquer grande dificuldade —, assim também te fornecerá muitas experiências da realidade tanto de seus atributos quanto de suas promessas; as quais, embora não necessitem de nenhum testemunho dos sentidos para ganhar qualquer crédito conosco, ainda assim, de tal modo somos influenciados pelos sentidos, tão infantil e fraca é a nossa fé, que achamos nossos corações muito ajudados por aquelas experiências que tivemos para confiar nele para o futuro.

Olha, portanto, cuidadosamente para isto; cada manhã entrega a ti mesmo e os teus caminhos na mão de Deus, como diz a expressão no Salmo 10:14. E à noite, olha novamente quão bem Deus cuidou daquilo que lhe foi confiado, e não durmas até que tenhas tocado o teu coração com a fidelidade dele, e imposto uma obrigação mais forte ao teu coração de confiar a si mesmo novamente sob o cuidado de Deus durante a noite. E quando qualquer brecha for feita, e aparente perda te sobrevier em qualquer desfrute que tenhas pela fé assegurado em teu Deus, observa como Deus preenche essa brecha e compensa essa perda para ti; e não descanses até que tenhas plenamente defendido o bom nome de Deus perante o teu próprio coração. Certifica-te de não permitir que nenhum descontentamento ou insatisfação permaneça sobre o teu espírito em relação aos tratamentos de Deus; mas repreende o teu coração por isso, como Davi fez com

o seu, Salmo 42. E assim fazendo, com a bênção de Deus, manterás a tua fé em fôlego para uma corrida mais longa, quando fores chamado a corrê-la.

Quinta Orientação: Faz com que a negação de si mesmo pareça tão racional e razoável quanto puderes para a tua alma. Quanto mais forte o entendimento for capaz de argumentar a favor da justiça e racionalidade de qualquer obra ou dever, mais prontamente e alegremente ele é realizado, se o coração for honesto e sincero. Supõe, cristão, que o teu Deus pedisse os teus bens, liberdade, sim, a vida e tudo mais; poderia parecer irracional para ti? Especialmente,

1. *Se considerares que ele te pede para entregar o que é dele, não o que é teu.* Ele te emprestou estas coisas, mas nunca abriu mão da propriedade delas de si mesmo. Tu fazes injustiça ao teu vizinho ao pedir de volta aquele dinheiro que lhe emprestaste há um ano ou dois? Certamente não; tu pensas que ele tem motivos para te agradecer por lhe teres emprestado, mas nenhum para reclamar por lhe pedires de volta.

2. *Considera que ele não te pede, de fato não pode pedir, que negues tanto por ele quanto ele fez por ti.* É o vitupério por Cristo tão intolerável que o teu espírito orgulhoso não o possa suportar? Ora, quem és tu? De que grande linhagem vens? Vê Aquele que tinha mais honra a colocar em jogo do que espero que te atrevas a pretender — Jesus Cristo —, que “não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou”, Filipenses 2:6, 7. É da dor e do tormento que tens medo? Oh, olha para a cruz onde o Senhor da vida esteve pendurado por teus pecados! E tomarás a tua própria cruz mais voluntariamente, e

agradecerás a Deus também por ter feito a tua tão leve e fácil, quando proveu uma tão pesada e atormentadora para o seu Filho amado.

3. *Considera que, tudo o que Deus te chama a negar pela sua verdade, não é mais do que ele possa recompensar.* Moisés viu isso, e isso o fez saltar de suas honras e riquezas para o vitupério de Cristo, “porque contemplava o galardão”, Hebreus 11:26. É muito aquilo de que um homem abrirá mão por algo que seu coração deseja fortemente nesta vida. Se um homem for ávido por ganho, ele se privará de metade do sono de uma noite para planejar em sua cama, ou se levantará cedo dela para estar em seu trabalho; comerá alimento simples, andará em vestes vis, habitará em um cubículo esfumado, como vemos em Londres, pela conveniência de uma loja. Como homens de qualidade se espremerão em um pequeno canto, embora com prejuízo de suas saúdes e risco às vezes de suas vidas! No entanto, a esperança do ganho compensa tudo.

E agora, coloca os ganhos deles na balança com os teus, cristão, os quais certamente hão de vir por negares a ti mesmo por Cristo — o que os deles não são —, e pergunta à tua alma se ela não se envergonha de vê-los tão livremente privarem-se do conforto de suas vidas por uma vantagem imaginária, incerta e, no melhor dos casos, curta, enquanto tu hesitas tanto com Cristo por alguns prazeres exteriores, os quais te serão pagos cem vezes mais aqui, e além do que podes agora conceber quando chegares à glória do céu!

Sexta Orientação: Esforça-te para levar adiante a obra da mortificação a cada dia a graus mais elevados do que antes. É a seiva na madeira que a torna difícil de queimar, e é a

corrupção não mortificada que torna o cristão relutante em sofrer. A madeira seca não se inflamará mais rápido do que um coração seco e mortificado para as concupiscências do mundo suportará qualquer coisa por Cristo. O apóstolo fala de alguns que foram “torturados, não aceitando o seu resgate, para obterem superior ressurreição”, Hebreus 11:35. Eles não gostavam tanto do mundo a ponto de, estando tão avançados em sua jornada para o céu — embora em caminho difícil —, estarem dispostos a voltar para viver nele por mais tempo.

Toma cuidado, cristão, de deixar qualquer concupiscência mundana não mortificada em tua alma. Esta nunca consentirá que suportes muito por Cristo. Poucos navios afundam em alto mar; são as rochas e os bancos de areia que os partem ao meio. Se pudesses te afastar das rochas do orgulho e da incredulidade, e escapar de bater nas areias do medo do homem e do amor ao mundo, tu te sairias bem o suficiente na maior tempestade que te possa alcançar no mar deste mundo. “Se, pois, alguém a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificado, útil para o uso do Senhor, adequado para toda boa obra”, 2 Timóteo 2:21.

Oh, se conhecêssemos o céu que há em uma alma mortificada! Alguém que está crucificado para o mundo e para as concupiscências dele. Ele tem a vantagem sobre qualquer outro em fazer ou sofrer por Cristo, e em desfrutar de Cristo em ambos. Uma alma mortificada vive fora de todo ruído e perturbação daquelas paixões carnavais que tiram toda a tranquilidade de onde chegam. Quando a alma mortificada vai para o dever, não há aquelas intrusões rudes e descorteses de pensamentos impertinentes, carnavais, sim, pecaminosos, entre ela e o seu Deus. Deve ela ir para a prisão? Aqui não há tanto choro e lamentação; nenhuma concupiscência para se prender às suas

pernas e quebrar o seu coração com suas insinuações; nenhum amor-próprio para lhe implorar que tenha pena de si mesma. Seu coração está livre, desvinculado da convivência com estes perturbadores de sua paz; e uma prisão para ela, se puder ir em uma tarefa tão honrosa como dar testemunho da verdade, oh, quão bem-vinda lhe é!

Ao passo que um coração não mortificado está preso com tanta convivência e parentesco, por assim dizer, que o seu coração tem no mundo, que é impossível desvencilhar-se de seus abraços para qualquer disposição para sofrer. Um homem que chega a uma estalagem em um lugar estranho pode se levantar à hora que quiser e partir tão cedo quanto desejar pela manhã. Não há ninguém que lhe peça para ficar. Mas é difícil sair da casa de um amigo; estes, como o sogro do levita, estarão desejando que ele fique mais um dia, e depois mais um, e outro após esse. A alma mortificada é a estranha. Ela não encontra perturbação — refiro-me comparativamente — em sua jornada para o céu; ao passo que a não mortificada está vinculada firmemente para não seguir em sua jornada com pressa, especialmente enquanto a carne tem uma desculpa tão razoável quanto a aspereza do caminho ou do clima, qualquer dificuldade que provavelmente venha a ser suportada por sua profissão de fé.

Li sobre um dos Catões que, em sua velhice, retirou-se de Roma para sua casa de campo para que pudesse passar seus anos mais maduros livre de cuidados e problemas. E todos os romanos, ao passarem a cavalo por sua casa, costumavam dizer: *iste solus scit vivere* [este homem é o único que sabe viver]. Não sei que arte Catão tinha para desobstruir-se, por sua retirada, dos cuidados do mundo. Tenho certeza de que um homem pode ir para o campo e, no entanto, não deixar a cidade para trás de si. Sua mente pode estar em meio à multidão

enquanto o seu corpo está na solidão de um deserto. Infelizmente! Pobre homem, ele era um estranho ao evangelho. Se estivesse ao menos familiarizado com este, ele poderia ter lhe mostrado um caminho para sair da multidão do mundo no meio da própria Roma, e isto é, mortificando o seu coração para o mundo, tanto nos prazeres quanto nos problemas dele; e então aquele alto elogio poderia ter lhe sido dado sem qualquer hipérbole. Pois, para dizer a verdade, só ele sabe retamente como viver no mundo que aprendeu a morrer para o mundo.

E isto quanto ao primeiro ponto; o qual, podemos lembrar-te, era que o cristão deve manter-se pronto para todas as provações e problemas que lhe possam sobrevir. O segundo segue-se.

Segunda doutrina. A bênção da paz do evangelho prepara o santo para as provações

A paz que o evangelho traz e fala ao coração tornará a criatura pronta para atravessar qualquer provação ou problema que a encontre em seu caminho cristão.

Aquele que desfruta em seu peito da paz do evangelho é a pessoa, e a única pessoa, que se mantém calçada para todos os caminhos, preparada para todos os problemas e provações. Ninguém pode fazer um calçado para o pé da criatura, de modo que ela caminhe com facilidade em um caminho difícil, senão Cristo. Ele o pode fazer para o pleno contentamento da criatura. E como ele o faz? Verdadeiramente por nenhum outro caminho senão reforçando por baixo, ou, se preferir, forrando-o com a paz do evangelho. O que importa se o caminho estiver cheio de

pedras afiadas? Se este calçado estiver entre o pé do cristão e elas, não poderão ser muito sentidas.

Salomão nos diz que os caminhos da sabedoria — isto é, de Cristo — “são caminhos de delícias”. Mas como é assim, se alguns deles são caminhos de sofrimento? As palavras seguintes o resolvem: “e todas as suas veredas são paz”, Provérbios 3:17. Onde há paz — tal paz como a paz com Deus e com a consciência —, não pode faltar prazer. Davi vai alegre para a cama quando nada tem para o jantar senão a alegria que Deus por meio disso coloca em seu coração, e promete a si mesmo uma noite de descanso melhor do que todos aqueles que se banqueteiavam com a fartura do mundo: “Puseste alegria no meu coração, mais do que no tempo em que se multiplicaram o seu trigo e o seu vinho. Em paz também me deitarei e dormirei”, Salmo 4:7, 8. Esta mesma paz com Deus, desfrutada na consciência, redundando em conforto para o corpo. Ora Davi pode dormir docemente quando se deita em uma cama dura. O que aqui ele diz que faria, ele diz que havia feito: “Deitei-me e dormi; acordei, porque o Senhor me sustentou”, Salmo 3:5.

O título do salmo nos diz quando Davi teve esta doce noite de descanso; não quando estava em sua cama de plumas em seu palácio majestoso em Jerusalém, mas quando fugia para salvar a vida de seu filho rebelde Absalão, e possivelmente foi forçado a deitar-se em campo aberto sob a abóbada do céu. Verdadeiramente deve ser um travesseiro macio de fato o que pudesse fazê-lo esquecer o seu perigo, ele que tinha então um exército tão desleal às suas costas caçando-o. Sim, tão transcendente é a doce influência desta paz que ela pode fazer a criatura deitar-se tão alegremente para dormir na sepultura quanto na cama mais macia. Você dirá que aquela criança está disposta quando pede para ser colocada na cama. Alguns dos

santos desejaram que Deus os deitasse para descansar em suas camas de pó; e isso não por birra e descontentamento com o seu problema presente, como Jó fez, mas a partir de um doce sentido desta paz em seus peitos: “Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra; pois já os meus olhos viram a tua salvação”, foi o canto do cisne do velho Simeão. Ele fala como um mercador que já colocou todas as suas mercadorias a bordo do navio e agora pede ao capitão do navio que ize as velas e parta rumo a casa. De fato, por que deveria um cristão, que é apenas um estrangeiro aqui, desejar permanecer por mais tempo no mundo senão para obter este carregamento completo para o céu? E quando ele tem isso, senão quando está assegurado de sua paz com Deus?

Esta paz do evangelho e o sentido do amor de Deus na alma conduzem de modo tão admirável a capacitar uma pessoa em todas as dificuldades, tentações e problemas que, ordinariamente, antes de chamar os seus santos para qualquer serviço difícil ou trabalho ardente, ele lhes dá um gole deste vinho cordial bem junto ao coração, para animá-los e encorajá-los no conflito. Deus chama Abrão para sair de sua terra natal, Gênesis 12:1, e o que seria tão adequado quanto uma promessa de Cristo para trazer o seu coração aos pés de Deus, versículos 2, 3? Uma tarefa triste foi a que enviou Jacó a Padã-Arã. Ele fugiu de um irmão irado e furioso, que já o havia assassinado em seus pensamentos, para um tio indelicado e enganador, sob quem deveria suportar muita dificuldade. Ora, Deus vem em uma doce visão evangélica para confortar este pobre peregrino; pois por aquela “escada cujo pé estava na terra e o topo tocava o céu”, Cristo foi significado à sua fé, em quem o céu e a terra se encontram, Deus e o homem são reconciliados; e, pelo “subir e descer dos anjos pela escada”, o ministério dos anjos, o qual

Cristo por sua morte e intercessão adquire para os seus santos, para que cuidem deles como servos cuidam dos filhos de seu senhor. De modo que a soma de tudo é o mesmo que se Deus tivesse dito: “Jacó, teu irmão Esaú te odeia, mas em Cristo eu estou reconciliado contigo; teu tio Labão te fará injustiça e lidará duramente contigo, mas não o temas. Como estou em Cristo em paz contigo, assim por meio dele terás o meu cuidado especial sobre ti, e a guarda dos santos anjos ao teu redor, para te defender por onde quer que fores”.

Os israelitas, quando prontos para iniciar sua marcha para fora do Egito em direção a um deserto desolado, onde seriam postos em muitas dificuldades e sua fé provada ao extremo; para prepará-los ainda mais para estas coisas, ele os recebe em uma ceia evangélica antes de partirem — refiro-me à páscoa, que apontava para Cristo. E sem dúvida a doçura desta festa fez com que algumas almas graciosas entre eles, que provaram a Cristo nela, suportassem a dificuldade e a fome do deserto com mais alegria.

E o mesmo cuidado e amor observou o nosso Senhor Jesus na instituição de sua ceia, escolhendo para o momento de estabelecer esta doce ordenança quando os pés de seus discípulos estavam à beira de um mar de dores e problemas, que a sua morte e as consequências dela inevitavelmente trariam sobre eles. Ora, o perdão de seus pecados, selado às suas almas na ordenança, devia necessariamente ser bem-vindo e capacitá-los a passar por seus sofrimentos com mais conforto. De fato, o grande cuidado que Cristo teve por seus discípulos, quando deixou o mundo, não foi deixar-lhes um mundo tranquilo para viverem, mas armá-los contra um mundo turbulento. E para fazer isso, ele se esforça para satisfazer seus pobres corações com o seu amor por eles, e o amor de seu Pai por eles por causa

dele; ele lhes deixa como herança a sua paz, e derrama-a nas doces consolações dela em seus peitos; para cujo fim ele lhes diz que, assim que chegasse ao céu, rogaria ao seu Pai que lhes enviasse o Consolador com toda a pressa, e os envia a Jerusalém, para ali permanecerem em particular, e não irem a campo, ou abertamente disputarem com o mundo irado, até que recebessem a força e o socorro que o Espírito em seus confortos traria consigo. Por tudo o que abundantemente aparece quão poderosa é esta paz do evangelho para capacitar a alma para o sofrimento.

Agora procedo a mostrar como esta paz de fato prepara o coração para todos os sofrimentos. E ela o faz de duas maneiras:

- Como ela traz consigo, e apossa a alma onde chega, de tão gloriosos privilégios que a elevam acima de todo perigo e dano de quaisquer sofrimentos, sejam de Deus, do homem ou dos demônios.
- Como ela é influente nas graças e afetos do santo, estimulando-os e fazendo-os agir a tal altura que eleva o cristão acima do medo do problema e do sofrimento.

Como a paz do evangelho prepara a alma para o sofrimento: por meio de seus privilégios

Primeiro: A paz do evangelho prepara o coração para o sofrimento à medida que traz consigo, e apossa a alma onde chega, de tão gloriosos privilégios que a elevam acima de todo perigo de quaisquer sofrimentos, sejam de Deus, do homem ou dos demônios.

Se um homem pudesse estar seguro de que caminharia tão seguro sobre as ondas do mar, ou nas chamas do fogo, quanto faz em seu jardim, ele não teria mais medo de um do que tem de fazer o outro. Ou, se um homem tivesse alguma cota de malha secretamente sobre si que, sem dúvida, resistisse a todos os golpes e apagasse todos os tiros que fossem lançados contra ele, não seria algo tão assustador para ele estar no meio de espadas e armas. Ora, a alma que está de fato em paz com Deus está investida de tais privilégios que a colocam acima de todo dano e prejuízo dos sofrimentos. Diz-se que “a paz de Deus” guarda, como em uma fortaleza, o coração e a mente do crente, Filipenses 4:7. Ele está cercado de privilégios tão benditos que está tão seguro quanto alguém em um castelo impenetrável.

1. Privilégio: Uma pessoa em paz com Deus torna-se, então, um filho de Deus. E uma vez que o cristão chega a conhecer a sua relação e o terno amor de seu Pai celestial por ele, as aflições por causa dele ou os sofrimentos vindos dele não o amedrontam, porque ele sabe que é inconsistente com o amor de um pai ferir o seu filho por si mesmo, ou permitir que ele seja ferido por outro, se puder evitar. Frequentemente me maravilhei com a paciência de Isaque em submeter-se a ser atado para um sacrifício, e ver a faca tão perto de sua garganta, sem quaisquer gritos horríveis ou lutas de que leiamos. Ele era velho o suficiente para compreender a morte e o horror dela, sendo estimado por alguns como tendo mais de vinte anos de idade. Que ele era de bom crescimento está fora de dúvida pela lenha que Abraão fez com que ele carregasse para o sacrifício. Mas tal era a autoridade que Abraão tinha sobre o seu filho, e a confiança que Isaque tinha em seu pai, que ele ousou colocar a faca em suas mãos; o que, estivesse a faca em qualquer outra mão, ele dificilmente teria feito. Quem quer que possa ser o instrumento

de qualquer problema para um santo, a vara ou a espada está sob a disposição de Deus. Cristo viu o cálice na mão de seu Pai, e isso o fez tomá-lo voluntariamente.

2. Privilégio: Toda alma em paz com Deus é herdeira de Deus. Isto segue-se à sua relação: “Se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo”, Romanos 8:17. Este é um privilégio tão transcendente que a alma à qual chegam as alegres novas dele é elevada acima dos medos assustadores e espantosos de qualquer sofrimento.

O apóstolo tendo, no lugar citado, apenas adoçado um pouco os seus pensamentos com algumas meditações sobre este assunto que arrebatava a alma, veja como a sua bendita alma é elevada a um santo desprezo de todos os problemas desta vida: “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós”, Romanos 8:18. Ele não permitirá que a sua própria alma, ou qualquer outra que tenha a esperança desta herança, desvalorize tanto a glória dela, ou o amor de Deus que a estabeleceu para eles, a ponto de mencionar a grandeza de seus sofrimentos sob qualquer forma de pena de si mesmos por eles. Como se dissesse: “Deus nos fez seus herdeiros e nos concedeu o céu em herança futura, e seremos nós tão pobres de espírito a ponto de nos sentarmos e lamentarmos as nossas dores presentes, as quais não são mais para ser comparadas com a glória para a qual estamos indo do que o pequeno ponto de tempo em que a nossa curta vida com todos os nossos sofrimentos está contraída é para ser comparado com a vasta circunferência daquela eternidade que havemos de passar em bem-aventurança e felicidade sem fim?”.

É um homem pobre, dizemos, aquele a quem uma ou duas pequenas perdas arruinam completamente; e é um cristão pobre aquele que clama que está arruinado por qualquer cruz nesta vida. Podemos seguramente concluir que tal pessoa ou não é herdeira de nada no outro mundo, ou tem pouca ou nenhuma evidência daquilo que tem aqui.

Como a paz do evangelho prepara a alma para o sofrimento: por meio de suas influências

Segundo: A paz do evangelho prepara o coração para o sofrimento à medida que é influente nas graças e afetos do santo, estimulando-os e fazendo-os agir a tal altura que elevam o cristão acima do medo do trabalho e do sofrimento.

1. Influência: Esta paz, onde é sentida, torna o cristão invencível em sua fé. Nada é difícil demais para crer para aquele que traz o perdão em sua consciência, que tem a sua paz com Deus selada em si.

Moisés deveria encontrar muitas dificuldades naquele grande trabalho de conduzir Israel para fora do Egito em direção a Canaã. Portanto, para tornar todas elas uma conquista mais fácil para a sua fé quando fosse assaltado por elas, Deus lhe dá, logo ao iniciar a sua tarefa, uma experiência de seu poder grandioso em alguns milagres — como o transformar de sua vara em serpente, e esta novamente em vara; o tornar a sua mão leprosa, e depois restaurá-la para estar tão sã quanto antes — para que ele nunca pensasse que algo seria difícil demais para aquele Deus realizar em favor da salvação e do livramento deles, mesmo quando as coisas parecessem mais desesperadoras. E quão invencível Moisés foi depois disso em sua fé, nós o vemos.

Verdadeiramente, quando Deus fala a uma pobre alma, ele dá tal testemunho de seu poder onipotente e amor que, enquanto o doce sentido disso durar na alma, a fé da criatura não pode ser abalada. O que faz Deus em sua misericórdia perdoadora senão transformar a serpente da lei — com todas as suas ameaças, das quais o pecador fugia, como aquilo que o picaria até a morte — na vara florescente do evangelho, que produz o doce fruto da paz e da vida? E qual é o maior milagre dos dois, pensa você? — a mão leprosa de Moisés limpa e sã, ou o coração de um pobre pecador, leproso pelo pecado, limpo e puro pela lavagem no sangue de Cristo? Certamente este milagre de misericórdia, onde é fortemente crido como realizado, tornará fácil para aquela alma confiar em Deus em um mar de sofrimentos temporais, e alegremente segui-lo através de todo um deserto de problemas nesta vida.

Quando Davi tem apreensões confortáveis da misericórdia perdoadora de Deus, então a sua fé se eleva e pode agir fortemente em Deus para o livramento temporal. Encontramo-lo no Salmo 32:5, sob o doce sentido de sua paz com Deus, capaz de declarar a Deus como reconciliado com ele: “Confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado”. E agora veja, no versículo 7, a que altura a sua fé age em Deus quanto aos problemas externos: “Tu és o meu esconderijo; tu me preservas da tribulação; cercas-me de cantos de livramento”. Ele deduz esta, que é a menor, daquela que é incomparavelmente a maior misericórdia.

2. Influência: Esta paz com Deus, onde é sentida, enche o coração de amor a Cristo. O amor do cristão por Cristo acende-se no amor de Cristo por ele. E quanto mais quente o amor de Cristo repousa sobre a alma, mais forte reflexo de amor a criatura faz de volta para ele: “muito amou”, aquela a quem

muito foi “perdoado”, Lucas 7:47. E quanto mais amor, menos medo haverá de sofrer. Nós nos aventuramos muito por um amigo querido. Quando Cristo disse aos seus discípulos que Lázaro estava morto, Tomé quis ir e morrer com ele por companhia, João 11:16. Tão poderoso é o amor, sim, tão forte quanto a morte. “Difícilmente haverá quem morra por um justo”, diz o apóstolo, “pois poderá ser que pelo homem bom alguém se anime a morrer” — isto é, um homem misericordioso e bondoso, cujo amor o havia tornado querido para eles. Quão mais ousada será uma alma graciosa para sacrificar a sua vida por um Deus bom? “Como unguento derramado é o teu nome”, diz a esposa de Cristo, “por isso as donzelas te amam”, Cântico dos Cânticos 1:3.

O nome de Cristo é derramado quando o amor de Deus, por meio dele, é derramado na alma. Deixe que esta preciosa caixa seja apenas quebrada, e o doce aroma dela difundido no coração, e isso retirará o odor desagradável da prisão mais fétida do mundo. Este fogo celestial do amor de Cristo, brilhando poderosamente sobre a alma, não apenas apagará o fogo de cozinha do amor às criaturas, mas também o fogo do inferno, por assim dizer, do medo servil.

O que nos deixa tão horrorizados com os pensamentos da morte, especialmente se ela vem em nossa direção em trajes sangrentos, e tem algumas circunstâncias da crueldade dos perseguidores para colocar uma aparência ainda mais severa em seu semblante desagradável? Certamente isso vem da culpa e da falta de familiaridade com Cristo, e com o que ele fez por nós; que veio em parte com este exato propósito ao mundo: “E livrasse todos aqueles que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão”, Hebreus 2:15. E como ele o fez, senão reconciliando-nos com Deus, e assim reconciliando-nos

com os pensamentos da própria morte, como aquilo que apenas nos pode prestar este serviço amigável — trazer a nós e a Cristo, que fez tudo isso por nós, para juntos estarmos?

3. Influência: Esta paz desfrutada no peito do cristão tem uma doce influência em sua negação de si mesmo — como graça tão necessária para o sofrimento que Cristo coloca a cruz, por assim dizer, sobre as costas dela: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me”, Marcos 8:34. Outro, com Simão Cireneu, pode ser compelido a carregar a cruz de Cristo atrás dele por um curto caminho. Mas é a alma que nega a si mesma que se curvará de boa vontade, e de joelhos, para ter este fardo colocado sobre si pelas mãos de Cristo. Ora, o sentido da paz de uma alma com Deus capacitará a criatura em uma dupla negação de si mesma e, por ambas, a disporá docemente para qualquer sofrimento de Cristo ou por Cristo.

(1) O sentido desta paz capacitará o cristão a negar a si mesmo em seu eu pecaminoso. O pecado bem pode ser chamado de nosso próprio eu; ele se apega tão firmemente a nós, assim como os membros ao nosso corpo. É tão difícil mortificar uma concupiscência quanto cortar uma articulação. Alguns pecados também são mais o nosso eu do que outros, assim como a nossa vida está mais presa a alguns membros do que a outros.

Bem, sejam eles o que forem, há um bom dia em que, se Cristo pedir a cabeça da mais orgulhosa concupiscência entre todas elas, ele a terá com menos pesar do que Herodias obteve a do Batista das mãos de Herodes. E que dia festivo é esse em que o cristão pode tão livremente negar o seu pecado e entregá-lo à justiça, senão quando Cristo o está banquetecendo com este “maná escondido” do perdão e da paz? Um amigo verdadeiro preferirá negar a si mesmo do que àquele a quem ama

ternamente, se estiver em seu poder conceder o seu pedido. Mas, menos de tudo pode ele negá-lo quando o seu amigo lhe está fazendo uma gentileza maior ao mesmo tempo em que pede uma menor. Não há chave mestra para abrir o coração como o amor. Quando o amor vem mendigar, e isso em um momento em que se está mostrando em alguma expressão eminente de bondade para com aquele em cuja porta bate, há pouco temor de não ser bem-sucedido. Ester escolheu aquele momento para engajar o coração de Assuero contra Hamã, seu inimigo, quando expressou mais o seu amor a Assuero, a saber, em um banquete.

Quando dá Deus, ou de fato quando pode ele dar, a mesma demonstração de seu amor a uma pobre alma senão quando a recebe neste banquete do evangelho? Ora, com certeza, se em algum momento for possível, Deus poderá prevalecer com o seu filho para enviar o maldito amalequita para a forca, a sua concupiscência para o cadafalso. Você acha que Maria Madalena, quando aquela bendita notícia caiu de Cristo em seu coração pranteador, de que os seus “pecados, que eram muitos, lhe eram todos perdoados”, poderia agora ser persuadida a abrir a porta a qualquer um de seus antigos amantes, e sair desses abraços do amor de Cristo para entregar-se novamente à prostituição? Não, não duvido que ela antes teria escolhido as chamas do martírio do que as da concupiscência. De fato, aquilo que pode fazer a criatura negar uma concupiscência pode fazer com que a criatura não negue uma cruz.

(2) *O sentido desta paz capacitará o cristão a negar a si mesmo em seus deleites carnis.* E estes o cristão encontra como seus grandes impedimentos para o sofrimento. À medida que o coração queima no acesso febril do amor aos prazeres e lucros deste mundo quando abunda neles, nessa medida será o seu acesso de tremores de medo e tristeza quando Cristo o chamar a

separar-se deles. O que os vinhos doces e os alimentos finos de Cápua foram para os soldados de Aníbal, isso acharemos que qualquer intemperança de coração para com a criatura será para nós. Isso enfraquecerá os nossos espíritos e nos tornará tão afeminados que teremos pouca disposição para suportar dificuldades quando formos levados ao campo para olhar um inimigo de frente.

Ora, o sentido desta paz do evangelho amortecerá o coração para a criatura e facilitará a obra da negação de si mesmo quanto aos maiores deleites que o mundo possui: “Longe de mim estar o gloriar-me”, diz Paulo, “senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo”, Gálatas 6:14. O coração de Paulo está morto para o mundo. Ora, nota o que deu o golpe mortal em seus afetos carnis: “pela qual”, diz ele, “o mundo está crucificado para mim, e eu para ele”; isto é, Cristo e a sua cruz. Houve um tempo, de fato, em que Paulo amava o mundo tanto quanto qualquer outro. Mas, desde que foi apresentado a Cristo, e à misericórdia de Deus nele para com a sua alma — perdando os seus pecados e recebendo-o em favor e comunhão consigo mesmo —, ele tem outra mente. Ele deixa o mundo, assim como Saul a sua busca pelas jumentas, diante das novas de um reino; o seu interesse corre por outro caminho agora. Que os Zibas do mundo fiquem com o mundo e com tudo o que dele puderem fazer com a sua melhor economia. Ele não lhes invejará a sua felicidade, porquanto o seu Senhor e Rei celestial veio em paz à sua alma.

Ninguém pode se separar do conforto da criatura com tanta alegria quanto aquele que tem a sua boca na própria fonte, o amor do próprio Deus. Os pais são próximos, e os amigos são queridos, no entanto, uma esposa amorosa pode esquecer a casa de seu pai e deixar a companhia de seus velhos amigos para ir

com o seu marido, ainda que seja para uma prisão. Quanto mais uma alma graciosa dirá adeus a estas coisas, sim, à própria vida, para ir para Cristo, especialmente quando ele enviou o Consolador ao seu peito para animá-la na solidão do caminho com a sua doce companhia?

4. Influência: Esta paz, onde é sentida, promove a graça sofredora da paciência. A aflição e o sofrimento para uma alma paciente não são penosos. A paciência é, como alguém a chama, *baphe tes psyches* — a faculdade digestiva da alma —, aquela graça que digere todas as coisas e as transforma em boa nutrição. Alimentos de difícil digestão não farão bem a estômagos fracos e enojados e, portanto, eles são delicados e exigentes em suas dietas; ao passo que os homens de estômagos fortes não recusam nenhum alimento que lhes seja colocado diante; todo prato é igual para eles.

Verdadeiramente, assim há algumas coisas que são de muito difícil digestão para os espíritos dos homens. O professante ranzinza, apaixonado e de espírito curto nunca digerirá vitupérios, prisão e a própria morte, mas antes questionará a sua fé se tais alimentos como estes acompanharem o evangelho: “chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza”, Mateus 13:21. Isto não permanecerá em seu estômago, mas o faz vomitar até mesmo aquilo que, de outra forma, poderia ter mantido — uma profissão de fé em Cristo —, se pudesse tê-la com uma vida tranquila e a pele inteira.

Mas agora, a alma paciente faz a sua refeição com o que Deus em sua providência coloca diante dela. Se a paz e a prosperidade são servidas com o evangelho, ela é agradecida e desfruta da doçura da misericórdia enquanto ela dura. Se Deus

as retira e, em vez delas, quer que ela coma o banquete do evangelho com ervas amargas de aflição e perseguição, isso não a fará adoecer de sua refeição. Trata-se apenas de comer mais amplamente dos confortos do evangelho com elas, e elas descem muito bem envolvidas neles. De fato, o cristão é devedor daquelas consolações que fluem da paz do evangelho para a sua paciência. Seria impossível para o povo de Deus suportar o que às vezes encontra da parte dos homens e também dos demônios, como suporta, se não tivesse o doce auxílio do sentido do amor de Deus em Cristo, que brilha em seus corações em paz e alegria interiores.

O apóstolo resume toda a paciência, experiência e esperança dos santos, sim, o gloriar-se em suas tribulações, nisto, como a causa de tudo: “Porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”, Romanos 5:5. O pecado torna o sofrimento intolerável. Quando esse [o pecado, a saber] é retirado, a pior parte do problema é removida. Uma carroça leve passa por aquele lamaçal facilmente, onde a carroça profundamente carregada fica atolada. A culpa carrega a alma e a atola em qualquer sofrimento. Retira isso, e deixa que Deus fale paz à sua alma, e aquele que antes se enfurecia como um louco sob a cruz a carregará sem recuar e sem lamentar: “E a paz de Deus... guardará os vossos corações e as vossas mentes”, Filipenses 4:7. Ora, o que é a paciência senão o manter o coração e a mente compostos e serenos em todos os problemas que nos sobrevêm? Mas uma palavra ou duas para aplicação.

Uso ou aplicação

Uso Primeiro: A doutrina precedente informa os nossos julgamentos em duas particularidades:

- O que julgar da paciência na aflição daqueles que não têm interesse na paz do evangelho.
- O que pensar da paz daqueles que, na aflição, não têm paciência alguma.

1. *O que devemos julgar da paciência na aflição daqueles que não têm interesse na paz do evangelho.* Alguns você verá muito quietos e calados na aflição, no entanto, meros estranhos a esta paz, ignorantes de Cristo, o Promotor da Paz, caminhando em oposição aos termos em que Deus oferece a paz no evangelho, e no entanto muito calmos na aflição. Certamente nem tudo está bem com esta pobre criatura. Se ele tivesse qualquer percepção de como as coisas estão com ele, teria pouca paciência para se ver sob a mão de Deus, sem saber se ela o deixará no inferno antes de terminar com ele. Quando vejo alguém correr sobre pedras e caminhos difíceis descalço e não reclamar, não admiro a sua paciência, mas tenho pena da pobre criatura que entorpeceu os seus pés e, por assim dizer, os calejou com uma pele morta e endurecida, a ponto de perder a sensibilidade.

Mas guarda a tua pena muito mais para aqueles cujas consciências estão tão entorpecidas e os corações petrificados em uma estupidez insensível que não sentem a sua miséria mais do que a pedra sente a serra do pedreiro que a corta ao meio. De todos os homens fora do inferno, nenhum é mais digno de pena do que aquele que está pendurado sobre a boca dele e, no entanto, não teme o seu perigo, enquanto assim o pobre infeliz é incapaz de todos os meios para o seu bem. Que bem faz o remédio colocado na boca de um

homem morto? Se ele não puder ser despertado para algum sentido de sua condição, todas as aplicações são em vão. E se as aflições — que são o remédio mais forte — deixam a criatura insensível, resta pouca esperança de que qualquer outra venha a funcionar sobre ela.

2. *O que devemos pensar da paz daqueles que, na aflição, não têm paciência alguma* — aqueles que são grandes pretensos possuidores da paz do evangelho, no entanto não conseguem pensar com qualquer paciência sobre o sofrimento vindo de Deus ou por causa de Deus. Certamente, na medida em que a criatura está familiarizada com esta paz e tem o verdadeiro sentido do amor de Deus em Cristo aquecendo o seu coração, ela não pode senão encontrar proporcionalmente o seu coração pronto para se submeter a qualquer sofrimento que Deus lhe reserve. E, portanto, convém-nos muito provar a nossa paz e conforto. Se não tens coração para sofrer por Deus, mas escolhes um pecado para escapar de uma cruz, a tua paz é falsa. Se tens pouca paciência sob aflições comuns para compor o teu espírito contra a murmuração e sustentar o teu coração de desfalecer, a tua fé na promessa é fraca: “Se te mostras fraco no dia da angústia, a tua força é pequena”, Provérbios 24:10.

Uso Segundo: Que esta doutrina te estimule, cristão, a seres muito terno e zeloso de tua paz com Deus e com a tua própria consciência. Mantém esta paz limpa e ininterrupta, e ela manterá o teu coração inteiro quando todo o mundo se quebrar ao teu redor. Enquanto esta paz de Deus governar em vossos corações, estais seguros de medo ou perigo, ainda que em uma prisão ou em uma fogueira. Mas se permitires que ela seja ferida, então os teus inimigos virão sobre ti assim como Simeão e Levi

sobre os homens de Siquém quando estavam doloridos, e serão fortes demais para ti.

Oh, é triste, amigos — vós o achareis assim —, ir com consciências doloridas e inflamadas para uma condição de sofrimento. Um espinho no pé tornará qualquer caminho desconfortável para o viajante; e a culpa na consciência tornará qualquer condição desconfortável para o cristão, mas acima de tudo uma condição de sofrimento. Ora, se queres manter a tua paz ininterrupta, deves dedicar-lhe alguma atenção e colocar, por assim dizer, uma guarda de elite ao redor dela. As flores mais raras precisam de mais cuidados. Quanto mais rico o tesouro, mais seguro o guardamos. Esta paz é o teu tesouro; olha bem onde a colocas.

O nosso Salvador nos diz que o tesouro mundano, tal como a prata e o ouro, pode ser perdido de duas maneiras — por ladrões que entram e o levam embora, e pela ferrugem que o consome e corrompe, Mateus 6:19. Há duas maneiras um tanto semelhantes a estas em que o cristão pode sofrer a perda deste seu tesouro celestial de paz e conforto interiores.

1. *Os pecados de presunção*: estes são os ladrões que “minam e roubam” o conforto do santo. Quando o cristão vem a olhar para a sua alma após tal ato audacioso, e pensa em acolher-se, como anteriormente, com os confortos de seu estado de perdão, interesse em Cristo e esperanças do céu por meio dele, infelizmente! Ele encontra uma triste mudança. Não há promessa que lhe dê as suas consolações — a porta da despensa está trancada, Cristo retirou-se e levou as chaves consigo. Ele pode até clamar com uma triste queixa, como Maria quando não encontrou o corpo de Cristo no sepulcro: “Levaram o meu Senhor, e não sei onde o

puseram”. Assim o cristão pode, com o coração dolorido, lamentar a sua tolice: “O meu orgulho, a minha impureza, a minha mente terrena levaram o meu tesouro, roubaram-me o meu conforto. Nunca mais pude ter uma visão confortável da face de Deus em qualquer dever ou promessa desde que caí naquele terrível pecado”.

E, portanto, cristão, tem cuidado com tais ladrões de tua paz como este. “O espírito do homem” é chamado de “a lâmpada do Senhor”, Provérbios 20:27. Acendeu Deus a tua lâmpada, cristão — alegrou o teu espírito, refiro-me, com o sentido de seu amor? Toma cuidado com os pecados de presunção. Se tal ladrão for permitido nesta tua lâmpada, o teu conforto logo se consumirá. Caíste nas mãos de alguns desses pecados de presunção que roubaram a tua paz de ti? Envia rapidamente o teu clamor de busca atrás deles — refiro-me a levar o teu triste lamento a Deus, renova o teu arrependimento sem demora e move o céu contra eles por um espírito de oração. Este não é momento para demoras. Quanto mais longe permitires que esses pecados vão sem arrependimento, mais difícil acharás recuperar a tua paz e alegria perdidas das mãos deles.

E para o teu encorajamento sabe que Deus está pronto, mediante o teu sério e solene retorno, a restaurar-te “a alegria da sua salvação” e fazer justiça sobre estes inimigos de tua alma por ti por sua graça mortificadora, se executares a lei sobre eles de perto e vigorosamente, sem compaixão para com eles, ou sem seres subornado com o prazer ou vantagem carnal que eles não hesitarão em oferecer para que suas vidas sejam poupadas.

2. *Da mesma forma, assim como os pecados de presunção são os “ladrões” que com mão forte roubam o cristão de seu conforto; assim a preguiça e a negligência são como a “ferrugem”, que com o tempo se infiltrará em seu conforto e consumirá o coração e a força dele. É impossível que o cristão que é descuidado e seguro em seu caminhar, infrequente e negligente em sua comunhão com Deus, seja por muito tempo possuidor de muita paz ou conforto que seja verdadeiro. E se não derramares a água dos pecados de presunção no colo de tua alegria para apagá-la? É suficiente se não derramares o óleo do dever para alimentá-la e mantê-la. Tu és assassino de teu conforto ao deixá-lo morrer de fome, tanto quanto ao esfaqueá-lo.*

FIM DO VOLUME 1

VOLUME 2

“Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça; e calçados os pés na preparação do evangelho da paz; tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; orando em todo tempo com toda oração e súplica no Espírito e vigiando nisso com toda perseverança e súplica por todos os santos; e por mim, para que me seja dada palavra, no abrir da minha boca, para com ousadia fazer conhecido o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias; para que nele eu fale ousadamente, como me cumpre falar.”

— *Efésios 6:13-20*

PARTE 2 — INSTRUÇÃO 8

AS DIVERSAS PEÇAS DE TODA A ARMADURA DE DEUS

A Quarta Peça — O Escudo Espiritual do Cristão

*“Tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual
podereis apagar todos os dardos inflamados do
maligno.”*

— Efésios 6:16

A quarta peça na panóplia do cristão apresenta-se neste versículo à nossa consideração — e esta é O ESCUDO DA FÉ. Uma graça das graças ela é, e aqui bem posicionada no meio de suas outras companheiras. Ela se coloca, parece-me, entre elas como o coração no meio do corpo; ou, se preferirem, como Davi quando Samuel “o ungiu no meio de seus irmãos”, 1 Sm 16:13. O apóstolo, ao falar desta graça, por assim dizer, levanta sua cabeça e a unge acima de todas as suas companheiras — “sobre tudo, tomando o escudo da fé”. As palavras dividem-se facilmente nestas duas partes gerais:

*PRIMEIRA. Uma exortação — “sobre tudo,
tomando o escudo da fé”.*

*SEGUNDA. Um argumento poderoso que reforça
a exortação — “com o qual podereis apagar todos os
dardos inflamados do maligno”.*

Explicação das palavras

Na exortação “Sobre tudo, tomando o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno”, estes quatro pontos específicos exigem nossa investigação para a explicação das palavras:

Primeiro. Qual fé é esta que aqui é recomendada ao soldado cristão.

Segundo. Havendo descoberto o tipo, devemos indagar o que é esta fé quanto à sua natureza.

Terceiro. Por que ela é comparada a um escudo e não a outras peças.

Quarto. Qual é a importância deste “sobre tudo”.

O tipo de fé aqui mencionada

Primeira Investigação. Qual fé é esta que aqui é recomendada? Isso logo será conhecido se considerarmos o uso e o fim para os quais ela é recomendada ao cristão, a saber, para capacitá-lo a “apagar todos os dardos inflamados do maligno”, isto é, do próprio diabo. Ora, olhe para os diversos tipos de fé, e aquele entre eles que capacita a criatura a apagar os dardos inflamados de Satanás, sim, todos os seus dardos inflamados, deve ser a fé deste texto.

A fé histórica não pode fazer isso, e, portanto, não é ela. Esta está tão longe de apagar os dardos inflamados de Satanás que o próprio diabo, que os atira, possui essa fé. “Os demônios creem”, Tg 2:19.

A fé temporária não pode fazê-lo. Esta está tão longe de apagar os dardos inflamados de Satanás que ela mesma é apagada por eles. Ela faz um belo brilho de profissão de fé e “dura por algum tempo”, Mt 13:21, mas logo desaparece.

A fé miraculosa fica tão aquém quanto as anteriores. A fé miraculosa de Judas, que ele possuía junto com os outros apóstolos — pois nada lemos em contrário —, capacitando-o a expulsar demônios de outros, deixou a ele mesmo possuído pelo demônio da avareza, da hipocrisia e da traição; sim, por uma legião inteira de concupiscências, que o arrastaram colina abaixo do desespero para o abismo sem fim da perdição.

Resta apenas um tipo de fé, que é a que o apóstolo tem em vista neste lugar, a saber, a fé justificadora. Esta, de fato, é a graça que torna qualquer pessoa que a possua um adversário à altura do diabo. Satanás não tem tanta vantagem sobre o cristão pela transcendência de suas habilidades naturais quanto o cristão tem sobre Satanás nesta causa e com esta sua arma. O apóstolo sente-se confiante em dar a vitória ao cristão antes mesmo que a luta termine: “Vós vencestes o maligno”, 1 Jo 2:13, isto é, estais tão seguros de fazê-lo como se já estivésseis montados em vosso carro triunfal no céu. O cavaleiro vencerá o gigante; o santo, a Satanás; e o mesmo apóstolo nos diz o que lhe garante a vitória: “Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé”, 1 Jo 5:4.

A fé justificadora quanto à sua natureza

Segunda Investigação. O que é esta fé justificadora quanto à sua natureza?

Responderei a isto, primeiramente, de forma negativa; em segundo lugar, de forma afirmativa.

Primeiramente, de forma negativa, em dois pontos específicos:

1. *A fé justificadora não é um mero assentimento às verdades do evangelho.* A fé justificadora de fato produz esse assentimento, mas isso não a torna fé justificadora. A fé dogmática ou histórica está compreendida na fé justificadora. Contudo, a fé dogmática não infere a fé justificadora. A fé justificadora não pode existir sem a dogmática; ela a pressupõe, assim como a alma racional no homem pressupõe a sensitiva. Mas a dogmática pode existir sem a justificadora, assim como a alma sensitiva no animal existe sem a racional. Judas conhecia as Escrituras e, sem dúvida, assentia à verdade delas quando era um pregador tão zeloso do evangelho; mas ele nunca teve sequer uma fração de fé justificadora em sua alma. “Mas há alguns de vós que não creem. Porque Jesus sabia, desde o princípio, quem eram os que não criam, e quem o havia de entregar”, Jo 6:64. Sim, o mestre de Judas, o próprio diabo — alguém bastante distante, suponho, da fé justificadora —, contudo, assente à verdade da palavra. Ele vai contra a sua própria consciência quando as nega. Quando tentou a Cristo, ele não argumentou contra a Escritura, mas a partir da Escritura, extraindo suas flechas dessa aljava, Mt 4:6. E, em outra ocasião, ele faz uma confissão de Cristo tão completa, quanto à matéria, como o próprio Pedro fez, Mt 8:29, comparado com Mt 16:17.

O assentimento à verdade da palavra é apenas um ato do entendimento, o qual réprobos e demônios podem exercitar; mas a fé justificadora é um hábito composto e tem sua sede tanto no entendimento quanto na vontade; e, por isso, é chamada de “crer com o coração”, Rm 10:10; sim, “crer de todo o coração”, At 8:37: “Filipe disse: Se cres de todo o coração, bem podes”. Ela requer todas as faculdades da alma. Há um duplo objeto na promessa: um próprio ao

entendimento, para movê-lo; outro próprio à vontade, para excitá-la e nela operar. Como a promessa é verdadeira, ela exige um ato de assentimento do entendimento; e como ela é boa, além de verdadeira, exige um ato da vontade para abraçá-la e recebê-la. Portanto, aquele que apenas conhece a promessa de forma nocional e assente especulativamente à sua verdade, sem se apegar a ela e abraçá-la, não crê para a salvação e não pode extrair mais benefício da promessa do que nutrição extrairia do alimento que vê e reconhece ser saudável, mas do qual não come nada.

2. *A fé justificadora não é garantia de certeza absoluta [ou segurança]*. Se fosse, São João poderia ter poupado seu esforço ao escrever aos que “creem no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna”, 1 Jo 5:13. Eles poderiam então ter dito: “Nós já temos isso. O que mais é a nossa fé senão o crer que somos tais que, por meio de Cristo, fomos perdoados e por meio dele seremos salvos?”. Mas não pode ser assim. Se a fé fosse a certeza absoluta de salvação, então os pecados de um homem seriam perdoados antes que ele cresse, pois ele deve necessariamente ser perdoado antes que possa saber que foi perdoado. A vela deve ser acesa antes que eu possa ver que está acesa. A criança deve nascer antes que eu possa ter a certeza de que nasceu. O objeto deve existir antes do ato. A certeza, na verdade, é o fruto da fé. Ela está na fé assim como a flor está na raiz. A fé, com o tempo, após muita comunhão com Deus, familiaridade com a palavra e experiência de Seus tratos com a alma, pode florescer em certeza absoluta. Mas, assim como a raiz vive de fato antes que a flor apareça, e continua quando esta já perdeu suas belas pétalas e se foi,

assim também a verdadeira fé justificadora vive antes que a certeza venha e depois que ela desaparece.

A certeza é, por assim dizer, a nata da fé. Ora, sabe-se que existe o leite antes de haver a nata; esta não surge senão depois de algum tempo de repouso, e continua existindo leite depois de ela ser retirada. Quantos, infelizmente, dos preciosos santos de Deus teríamos de excluir da condição de crentes se não existisse fé senão a que equivale à certeza absoluta? Certamente ofenderíamos a geração dos filhos de Deus, entre os quais alguns são bebês, que ainda não alcançaram o uso do reflexo de sua fé, de modo a reconhecer as graças de Deus neles como verdadeiras a partir do exame que fazem de suas próprias ações. E não se deve permitir que a criança seja considerada filha até que possa falar por si mesma e dizer que o é?

Há outros na família de Cristo que são de maior estatura e têm mais experiência nos caminhos de Deus, contudo perderam aquelas percepções da misericórdia perdoadora que outrora, pela bondade de Deus, foram capazes de demonstrar — diremos que a fé deles se foi com a partida de sua certeza absoluta? Quantas vezes em um ano, então, um crente deixaria de ser crente? Tantas vezes quantas Deus se retirasse e deixasse a criatura na escuridão. A certeza é como o girassol, que se abre com o dia e se fecha com a noite. Ela segue o movimento da face de Deus. Se esta olha sorridente para a alma, ela vive; se ela franze a testa ou se esconde, ela morre. Mas a fé é uma planta que pode crescer na sombra, uma graça que pode encontrar o caminho do céu em uma noite escura. Ela pode “andar em trevas” e, ainda assim, “confiar no nome do Senhor”, Is 50:10.

Em uma palavra, ao fazermos a essência da fé residir na certeza absoluta de salvação, ofenderíamos não apenas a geração

dos filhos de Deus, mas o Deus e Pai desses filhos; pois, de um só golpe, colocaríamos para fora de casa a maior parte de Seus filhos que Ele tem aqui na terra. Sim, seríamos cruéis com aqueles de quem Ele é mais compassivo e entristeceríamos os corações daqueles que Ele gostaria que fossem prioritariamente confortados. De fato, se isso fosse verdade, grande parte das provisões do evangelho guardadas nas promessas seria de pouca utilidade. Lemos de promessas para os que choram, “eles serão consolados”; para os contritos, “eles serão revividos”; para aquele que “anda em trevas”, e coisas semelhantes. Estas pertencem aos crentes e a mais ninguém. Certamente, então, há alguns crentes que estão nas trevas, sob o peso da tristeza, feridos e quebrantados com seus pecados e tentações. Mas eles não são como os que têm a certeza do amor de Deus; a água deles se transformou em vinho, a noite deles em luz, seus suspiros e soluços em alegria e louvor.

Em segundo lugar, responderei de forma afirmativa o que é a fé justificadora, e, na descrição dela, irei considerá-la unicamente como justificadora. E assim, coloco-a nestas poucas palavras — É o ato da alma pelo qual ela descansa em Cristo crucificado para o perdão e para a vida, e isso sob a garantia da promessa. Na descrição, observe:

1. O sujeito onde a fé está sediada: não em uma única faculdade, mas na alma.
2. O objeto da fé como justificadora: Cristo crucificado.
3. O ato da fé sobre este objeto: que é descansar em Cristo crucificado para o perdão e para a vida.

4. A garantia e a segurança em que a fé se apoia para realizar este ato.

1. *O sujeito onde a fé está sediada:* não em uma única faculdade, mas na alma. Sobre isto já falei algo antes, e assim passo ao segundo ponto.

2. *Aqui está o objeto da fé como justificadora, e este é Cristo crucificado.* Toda a verdade de Deus é o objeto da fé justificadora. Ela lida com toda a palavra de Deus e a ela assente firmemente; mas, em seu ato justificativo, ela escolhe especificamente Cristo crucificado como seu objeto.

a) *A pessoa de Cristo é o objeto da fé como justificadora.* Não qualquer axioma ou proposição na palavra. Este é o objeto da certeza, não da fé. A certeza diz: “Creio que meus pecados estão perdoados por meio de Cristo”. A linguagem da fé é: “Creio em Cristo para o perdão deles”. A palavra de Deus direciona nossa fé para Cristo e a faz terminar Nele; sendo chamada, por isso, de um “vir a Cristo”, Mt 11:28, um “receber a ele”, Jo 1:12, um “crer nele”, Jo 17:20. A promessa é apenas o prato no qual Cristo, o verdadeiro alimento da alma, é servido; e se a mão da fé está sobre a promessa, é apenas como quem puxa o prato para si a fim de alcançar as iguarias que nele estão. A promessa é o anel de casamento na mão da fé. Ora, não nos casamos com o anel, mas com ele nos casamos com Cristo. “Todas as promessas”, diz o apóstolo, “são nele o sim e o amém”. Elas têm sua excelência a partir Dele e eficácia Nele — refiro-me à união da alma com Ele. Sair correndo com uma promessa e não se unir a Cristo, tornando-se um com Ele pela fé, é como se um homem arrancasse um galho de uma árvore e o guardasse em seu baú, esperando que ele ali desse frutos. As promessas são galhos mortos quando separadas de Cristo. Mas

quando uma alma, pela fé, se une a Cristo, então ela partilha de toda a Sua seiva; não há promessa que não lhe renda doçura.

b) Como Cristo é o objeto primário da fé, assim também o é Cristo como crucificado. Não Cristo em Suas excelências pessoais — sob esse aspecto Ele é antes o objeto do nosso amor do que da nossa fé —, mas como Alguém que verteu Seu sangue, e isso até a morte, sob a mão da justiça divina para fazer expiação, por designação do próprio Deus, pelos pecados do mundo. Assim como os olhos da serva estão voltados para a mão de sua senhora em busca de direção, assim os olhos da fé estão voltados para Deus que se revela em Sua palavra; para onde Deus aponta a alma por meio dela, para lá ela vai. Ora, ali a fé encontra Deus, que tenciona salvar os pobres pecadores, focado em Cristo, e somente em Cristo, para transacionar e efetuar essa obra; e Aquele a quem Deus escolhe para confiar a obra — Ele e somente Ele — a fé escolherá para sobre Ele depositar o peso de sua confiança.

Mais uma vez, a fé observa como Cristo realizou esta grande obra e, conseqüentemente, como a promessa O apresenta para ser aplicado para o perdão e a salvação. Ora, a fé descobre que Cristo fez o pagamento integral à justiça de Deus pelo pecado quando derramou Seu sangue até a morte sobre a cruz. Todos os atos precedentes de Sua humilhação foram apenas preparatórios para este. Ele nasceu para morrer; foi enviado ao mundo como um cordeiro sujeito aos laços de um decreto irreversível para sacrifício. O próprio Cristo, ao vir ao mundo, compreendeu que esta era a missão para a qual fora enviado, Hb 10:5: “Pelo que, entrando no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo me preparaste”; isto é, para ser um sacrifício expiatório. Sem isso, tudo o que Ele fizera teria sido trabalho perdido. Não há redenção senão por Seu sangue: “Em quem

temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas”, Ef 1:7. Não há igreja sem Seu sangue: “A igreja de Deus, que ele resgatou com o seu próprio sangue”, At 20:28. *E latere Christi morientis exstitit ecclesia* [a igreja surgiu do lado do Cristo moribundo] — a igreja é tirada do lado de Jesus moribundo, assim como Eva do lado de Adão adormecido.

Cristo não remiu e salvou as pobres almas assentando-Se em majestade em Seu trono celestial, mas pendurado na cruz vergonhosa, sob a mão atormentadora da fúria dos homens e da justa ira de Deus. E, portanto, a pobre alma que deseja o perdão dos pecados é direcionada a colocar sua fé não apenas em Cristo, mas em Cristo ensanguentado, Rm 3:25: “Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue”.

3. *O ato da fé sobre este objeto: que é descansar em Cristo crucificado para o perdão e para a vida.* Sei que existem muitos atos da alma antecedentes a este, sem os quais a criatura nunca poderá verdadeiramente exercitá-lo. Tais como:

a) *O conhecimento*, especialmente de Deus e de Cristo, em cuja autoridade e testemunho ela confia: “Eu sei em quem tenho crido”, 2 Tm 1:12. Ninguém confiará prontamente em um estranho com quem não tenha nenhuma familiaridade. Abraão, de fato, partiu sem saber para onde ia, mas não foi com Quem ele não conhecia. A maior coisa que Deus Se empenhou em instruir Abraão e em deixá-lo plenamente seguro foi:

- Primeiro, o conhecimento de Si mesmo glorioso — quem Ele era — para que pudesse aceitar Sua palavra e confiar nela, por mais dura e improvável que parecesse aos ouvidos dos sentidos ou da razão: “Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda em minha presença e sê perfeito”.

- Segundo, o assentimento à verdade da palavra de Deus. Se esta pedra fundamental não for assentada, o edifício da fé não pode progredir. Quem confiará Naquele em quem não ousa crer que fala a verdade?

- Terceiro, a percepção de nossa própria vileza e vazio. Por um, Ele nos faz ver nosso demérito, o que merecemos: o inferno e a condenação; pelo outro, nossa própria impotência, o quão pouco podemos contribuir — sim, absolutamente nada — para a nossa própria reconciliação. Junto-os porque um surge do outro. A percepção deste vazio provém das profundas apreensões que a alma tem da plenitude do outro em si mesma. Nunca se viu um homem cheio de autoconfiança e de auto-humilhação ao mesmo tempo. A consciência não pode abundar com o sentimento do pecado e o coração com o orgulho próprio simultaneamente. “E, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri”, Rm 7:9 — isto é, quando o mandamento veio, com suas acusações, à sua consciência, o pecado, que como um leão adormecido jantara tranquilo e ele seguro e confiante ao lado dele, quando este começou a rugir em sua consciência, então ele morreu — isto é, sua vã confiança em si mesmo entregou os pontos. Ambos são necessários à fé — a percepção do pecado, como a dor de uma ferida, para fazer a criatura pensar em um curativo para curá-la; e a percepção do vazio e da insuficiência em si mesma ou em qualquer criatura para realizar a cura, necessária para fazê-la ir a Cristo em busca de cura. Não saímos por aí para mendigar o que temos dentro de casa.

Estes, com alguns outros fatores, são necessários para a fé. Mas o receber a Cristo e o descansar em Cristo é aquele ato de fé ao qual a justificação é prometida. “Quem crê nele não é

condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus”, Jo 3:18. Ora, nem todo aquele que assente à verdade do que a Escritura diz de Cristo crê em Cristo. Não; este crer em Cristo implica uma união da alma com Cristo e um apoiar-se fiduciário em Cristo. Portanto, somos exortados a nos apegarmos a Cristo, Is 27:5, que ali é chamado de “força” de Deus, como em outros lugares de Seu braço — “para que faça paz comigo; sim, que faça paz comigo”. Não é o avistamento do braço de um homem estendido para alguém na água que o salvará de se afogar, mas o segurar-se nele. Cristo é uma pedra. A fé edifica sobre Cristo para a salvação. E como? Senão depositando todo o seu peso e expectativa de misericórdia sobre Ele. O que Paulo, em 2 Tm 1:12, chama de “crer” na primeira parte do versículo, chama na segunda parte de “entregar a ele para que guarde contra aquele dia”.

4. O quarto e último ponto na descrição é a garantia e a segurança em que a fé se apoia para realizar este ato. E isto ela obtém a partir da promessa. De fato, não há como conceber que Deus contraia uma dívida com Sua criatura senão por promessa. Há maneiras de os homens se tornarem devedores uns dos outros, embora nenhuma promessa tenha sido feita entre eles. O pai é devedor de seu filho e lhe deve amor, provisão e instrução. O filho é devedor de seu pai e lhe deve honra e obediência, embora nenhum deles tenha prometido isso ao outro. Muito mais a criatura está em profunda dívida no livro de Deus e deve a si mesma, com tudo o que tem, a Deus, seu Criador, embora não tenha a graça de voluntariamente entregar isso a Deus por promessa e pacto. Mas o grande Deus é um Soberano tão absoluto que ninguém pode criar uma lei para obrigá-Lo senão Ele mesmo. Até que Ele Se agrade em promulgar um ato de graça, de Sua própria boa vontade, para dar isso ou fazer aquilo

de bom para Suas pobres criaturas, nenhuma reivindicação pode ser feita à menor misericórdia de Suas mãos.

Há duas coisas, portanto, que devem ser grandemente observadas pela alma que deseja crer:

a) Ela deve buscar uma promessa que sustente sua fé e a autorize a esperar tal misericórdia da mão de Deus.

b) Mais uma vez, quando tiver encontrado uma promessa e observado bem os termos em que ela se baseia, o cristão não deve esperar por qualquer outro encorajamento, mas, com base no crédito da promessa nua e crua, colocar sua fé a funcionar.

- Ele deve buscar uma promessa e observar bem os termos em que ela se baseia. De fato, no fim das contas, dá no mesmo crer sem uma promessa ou crer em uma promessa, mas não observar os seus termos. Ambos os caminhos são presunçosos e têm o mesmo fim. Um príncipe tem tantos motivos para estar irado com aquele que não se atém à sua comissão quanto com outro que age sem comissão alguma. Oh, quão pouco é considerado isto por muitos que se valem do braço de Deus para nele se apoiar em busca de perdão e salvação, mas nunca pensam que a promessa, que apresenta Cristo para que nele se apoiem como Salvador, apresenta-O ao mesmo tempo para ser escolhido como Senhor e Príncipe!

Tais eram os israelitas rebeldes, que ousavam fazer de Deus e de Sua promessa um suporte para seus cotovelos imundos descansarem. “Eles se chamam da santa cidade e se apoiam sobre o Deus de Israel; o Senhor dos Exércitos é o seu nome”, Is 48:2; mas eles eram mais ousados do que bem-vindos. Deus rejeitou a confiança deles e abominou a sua atrevimento. Embora um príncipe não desdenhasse permitir que um pobre

homem ferido, desfalecendo por perda de sangue e incapaz de andar sozinho, sob seu humilde pedido, fizesse uso de seu braço para não perecer nas ruas; contudo, ele rejeitaria, com indignação, a mesma proposta de um bêbado imundo que está sujo de seu próprio vômito, se este desejasse permissão para se apoiar nele porque não consegue andar sozinho. Tenho certeza de que, por mais bem-vinda que a pobre alma humilde — que se vê sangrando por seus pecados à própria boca do inferno em seus próprios pensamentos — seja para Deus quando vem sob o encorajamento da promessa para se apoiar em Cristo, o infeliz profano que se acha no direito de vir a Cristo será enxotado com infinito desdém e aversão por um Deus santo por abusar de Sua promessa.

- Quando um pobre pecador encontra uma promessa e observa os seus termos com um coração disposto a abraçá-los, agora ele deve exercer um ato de fé com base no crédito da promessa nua e crua, sem esperar por qualquer outro encorajamento de outra parte. A fé é uma autêntica graça peregrina; ela viaja conosco até o céu e, quando nos vê em segurança dentro das portas da casa de nosso Pai — refiro-me ao céu —, ela se despede de nós. Ora, a promessa é o cajado deste peregrino com o qual ele se põe a caminho, embora, como Jacó em sua jornada para Padã-Arã, ele não tenha mais nada consigo. “Lembra-te da palavra dada ao teu servo, na qual me fizeste esperar”, diz Davi, Sl 119:49. A palavra da promessa era tudo o que ele tinha para mostrar, e ele considera isso o suficiente para colocar sua fé a funcionar.

Mas, infelizmente! Alguns fazem do sentimento de conforto a base da fé, e da experiência pessoal a sua garantia para crer. Eles crerão quando Deus Se manifestar a eles e enviar

alguma demonstração sensível de Seu amor às suas almas; mas, até que isso aconteça, a promessa tem pouca autoridade para silenciar suas objeções incrédulas e acalmar seus corações desconfiados em uma espera em Deus pela realização daquilo que foi proferido pela própria boca de Deus. É como o velho Jacó, que não deu crédito a seus filhos quando lhe disseram que José ainda vivia e era governador de toda a terra do Egito. Essa notícia era boa e grande demais para entrar em sua crença, ele que o dera por morto há tanto tempo; diz-se: “o seu coração desmaiou, porque não lhes acreditava”, Gn 45:26. Mas, quando viu os carros que José enviara para o levar, então se diz: “o espírito de Jacó reviveu”, versículo 27.

Verdadeiramente assim, embora a promessa diga ao pobre pecador humilhado que Cristo vive, que é governador do próprio céu, com todo o poder ali e na terra colocado em Suas mãos, para que dê a vida eterna a todos os que Nele creem, e que ele seja, portanto, exortado a descansar em Cristo na promessa, contudo seu coração desmaia e não crê. São os carros que ele gostaria de ver — algumas expressões sensíveis do amor de Deus que ele procura escutar —; se ele ao menos soubesse que era um eleito, ou que era alguém a quem Deus amava, então ele creria. Mas Deus tem poucos motivos para lhe agradecer, entrementes, por suspender sua fé até que estas coisas venham. Isto é, por assim dizer, crer por afeições espirituais visíveis, e é mais sentido do que fé.

POR QUE A FÉ É COMPARADA A UM ESCUDO

Terceira Investigação. Por que a fé é comparada a um escudo?

Ela o é devido a uma dupla semelhança que existe entre esta graça e essa peça de armadura.

Primeira Semelhança. Este escudo não serve para a defesa de uma parte específica do corpo — como quase todas as outras peças servem, o capacete ajustado para a cabeça, a couraça desenhada para o peito, e outras tendo suas partes respectivas às quais são presas —, mas destina-se à defesa de todo o corpo. Ele costumava ser feito muito grande, por sua largura chamado *thyreos*, de *thyra* [uma porta ou portal], porque era tão longo e largo que praticamente cobria o corpo inteiro. A isso alude aquela passagem: “Pois tu, Senhor, abençoarás o justo; circundá-lo-ás com a tua benevolência como com um escudo”, Sl 5:12. E se o escudo não fosse grande o suficiente para cobrir de uma só vez todas as partes, contudo, sendo uma peça de armadura móvel, o soldado habilidoso podia virá-lo para este ou para aquele lado, para interceptar o golpe ou a flecha antes que atingisse qualquer parte para onde fossem direcionados.

E isto, de fato, ilustra de forma excelente o uso universal que a fé tem para o cristão. Ela defende o homem inteiro; todas as partes do cristão são por ela preservadas.

Às vezes, a tentação é nivelada contra a cabeça. Satanás estará disputando contra esta e aquela verdade para fazer o cristão, se puder, colocá-las em dúvida, meramente porque sua razão e entendimento não conseguem compreendê-las; e ele prevalece com alguns que não se consideram os menos sábios do mundo, por este mesmo motivo, apagando a divindade de Cristo, juntamente com outras verdades misteriosas do evangelho, inteiramente de seu credo. Ora, a fé interpõe-se entre o cristão e essa flecha. Ela vem em socorro do fraco

entendimento do cristão tão oportunamente quanto Abisai fez a Davi, quando o gigante Isbi-Benobe pensou em matá-lo. Confiarei na palavra de Deus, diz o crente, antes que na minha própria razão cega. “E não enfraquecendo na fé, não atentou para o seu próprio corpo já amortecido”, Rm 4:19. Se os sentidos devessem ter tido voz ativa naquele assunto, sim, se aquele santo homem tivesse submetido a uma arbitragem entre os sentidos e a razão também a resolução a que seus pensamentos deveriam chegar a respeito daquela estranha mensagem que lhe fora trazida, ele estaria em perigo de colocar em dúvida a verdade dela, embora o próprio Deus fosse o mensageiro; mas a fé o conduziu honrosamente à vitória.

Outra vez, é a consciência que o tentador assalta? — e não é raro que ele esteja atirando seus dardos inflamados de horror e terror contra este alvo. A fé recebe o impacto e salva a criatura sem danos: “Senti-me desfalecer, a menos que cresse”, diz Davi, Sl 27:13 [conforme tradução direta do texto citado]. Ele se refere a quando falsas testemunhas se levantaram contra ele, e tais que respiravam crueldade, como aparece no versículo 12. A fé foi a sua melhor defesa contra a acusação dos homens; e assim ela o é também contra a de Satanás e a da consciência. Nunca esteve um homem em condição mais triste do que o pobre carcereiro, At 16. Muito trabalho ele teve para conter suas próprias mãos de oferecerem violência contra si mesmo. Quem o tivesse visto cair tremendo aos pés de Paulo e Silas, com aquela triste pergunta em sua boca: “Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?”, versículo 30, poderia pensar que esta ferida profunda que fora agora aberta em sua consciência seria tão logo fechada e curada como descobrimos no versículo 34. O terremoto de horror que sacudira tão terrivelmente a sua consciência passou, e o seu tremor converteu-se em regozijo.

Ora, note o que produziu esta calma abençoada. “Crê”, diz Paulo, “no Senhor Jesus Cristo e serás salvo”, versículo 31; e no versículo 34, diz-se que ele “alegrou-se, crendo em Deus com toda a sua casa”. É a fé que acalma a tempestade que o pecado levantara — a fé que mudou sua nota lamentosa em alegria e contentamento. Homem feliz era ele por ter cirurgiões tão habilidosos tão perto de si, que puderam lhe indicar o caminho mais curto para a cura.

Outra vez, é a vontade que a tentação visa capturar? Alguns mandamentos de Deus não podem ser obedecidos sem muita abnegação, porque contrariam aquilo que as nossas próprias vontades estão inclinadas a desejar com muita força; de modo que devemos negar a nossa vontade antes que possamos fazer a vontade de Deus. Ora, uma tentação vem com muita força quando corre junto com a maré das nossas próprias vontades. “O quê?”, diz Satanás, “servirás a um Deus que te contraria em tudo?”. Se tu amas alguma coisa mais do que outra, imediatamente Ele deve ter isso de ti. Nenhum cordeiro em todo o rebanho servirá para sacrifício, senão Isaque, o único filho de Abraão, este deve ser oferecido. Nenhum lugar contentará a Deus para que Abraão O sirva, senão onde ele deve viver em exílio de seus queridos parentes e conhecidos. “Irás tu”, diz Satanás, “ceder a termos tão duros como estes?”. Ora, a fé é a graça que presta à alma um serviço admirável em um aperto como este. Ela é capaz de apaziguar o tumulto que tal tentação pode levantar na alma e dispersar a multidão de todos os pensamentos amotinados, sim, de manter a paz do Rei dos céus tão docemente no peito do cristão que tal tentação, se vier, encontrará poucos ou nenhum que se declare a favor dela. “Pela fé”, diz a Escritura, “Abraão obedeceu; e saiu, sem saber para onde ia”, Hb 11:8. E não lemos de um único olhar saudosos que

seu coração tenha lançado de volta para sua querida pátria natal enquanto dela se afastava, tão bem satisfeito a fé o deixara com a sua jornada.

Foi um trabalho árduo para Moisés despojar-se das vestes de magistrado e colocar suas mãos sobre a cabeça de seu servo; árduo deixar que outro entrasse em seus trabalhos e colhesse a honra de alojar as cores dos israelitas em Canaã, depois de ter lhe custado tantos passos cansativos para trazê-los até à vista dela. Contudo, a fé o tornou voluntário; ele viu vestes melhores que deveria vestir no céu do que aquelas que fora chamado a despir na terra. O lugar mais baixo na glória é, além de qualquer comparação, preferência muito maior do que o lugar mais alto de honra aqui embaixo; estar diante do trono ali e ministrar a Deus em serviço imediato, do que assentar-se em um trono na terra e ter o mundo inteiro esperando aos seus pés.

Segunda Semelhança. O escudo não defende apenas o corpo inteiro, mas é também uma defesa para a própria armadura do soldado. Ele impede que a flecha atinja o capacete, bem como a cabeça, a couraça e o peito também. Assim, a fé é armadura sobre armadura, uma graça que preserva todas as outras graças. Mas disto falaremos mais adiante.

[O significado da expressão ‘SOBRE TUDO’]

Quarta Investigação. O que significa este “sobre tudo” [*above all*]?

Há uma diversidade de opiniões entre os intérpretes a esse respeito. Jerônimo lê *in omnibus, sumentes scutum fidei* [em todas as coisas, tomando o escudo da fé], isto é, em todos os deveres, empreendimentos, tentações ou aflições — em

tudo o que fordes chamados a fazer ou sofrer, tomai a fé. De fato, a fé para o cristão é como o fogo para o químico: nada pode ser feito de modo cristão sem ela. “Ora, sem fé é impossível agradar a Deus”, Hb 11:6. E como pode o cristão agradar a si mesmo naquilo em que não agrada ao seu Deus?

Outros leem: “Sobre todas as coisas [no sentido de cobertura] tomai o escudo da fé”, ou seja, tomai-o por cima de todas as vossas graças, como aquilo que as cobrirá. Todas as outras graças têm sua segurança a partir da fé; elas repousam seguras sob a sombra da fé, assim como um exército permanece seguro sob a proteção e o comando de um forte castelo cercado de canhões.

Seguiremos, contudo, a nossa tradução comum, por ser a mais abrangente e a que melhor engloba esses sentidos. “Sobre tudo, tomando”, etc., isto é, entre todas as peças da armadura que deveis providenciar e usar para a vossa defesa, que esta tenha a preeminência de vosso cuidado para obter; e, uma vez obtida, para guardar.

Ora, que o apóstolo pretendia dar preeminência à fé sobre as demais graças transparece:

Primeiramente, pela peça de armadura à qual ele a compara — o escudo. Este, antigamente, era valorizado pelos soldados acima de todas as outras peças. Eles consideravam uma vergonha maior perder o escudo do que perder a batalha e, por isso, mesmo sob os pés de seus inimigos, não se desfaziam dele, mas estimavam como uma honra morrer com o escudo na mão. Esse foi o encargo que uma mãe deu a seu filho, ao partir para a guerra, quando lhe entregou um escudo: “que ele trouxesse o escudo de volta para casa, ou que fosse trazido para casa sobre

o seu escudo”. Ela preferia vê-lo morto com ele a vê-lo voltar vivo sem ele.

Segundamente, pelo nobre efeito que aqui é atribuído à fé — “com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno”. As outras peças são recomendadas de forma simples: “tomai o cinto da verdade, a couraça da justiça”, e assim por diante; mas nada é atribuído individualmente a nenhuma delas sobre o que podem realizar. Contudo, quando ele fala da fé, atribui-lhe a vitória completa. Esta apaga “todos os dardos inflamados do maligno”.

E por que assim? Seria porque as outras graças não têm utilidade e a fé faz tudo sozinha? Que necessidade teria o cristão, então, de carregar mais do que esta única peça?

Respondo: cada peça tem seu uso necessário na guerra do cristão; nenhuma parte de toda a armadura pode ser dispensada no dia da batalha. Mas a razão, entendo humildemente, pela qual nenhum efeito específico é anexado separadamente a cada uma daquelas, mas todos são atribuídos à fé, é para nos mostrar que todas essas graças — a eficácia delas e o benefício que delas colhemos — operam em conjunção com a fé e sob a influência que recebem da fé. Assim, o desígnio do Espírito de Deus é claramente dar à fé a precedência em nossa atenção acima das demais.

Apenas acautelai-vos para não imaginar que vos seja permitida qualquer indiferença ou negligência em vossos esforços pelas outras graças, pelo fato de serdes mais fortemente provocados e incitados a obter e guardar esta. O apóstolo quer intensificar o vosso cuidado aqui, mas não diminuí-lo ali. Por acaso não podemos dizer a um soldado que, acima de todas as partes de seu corpo, ele deve evitar um ferimento no coração,

sem que ele pense imediatamente que não precisa cuidar de proteger a cabeça? Na verdade, um indivíduo assim mereceria uma coroa rachada para curá-lo de sua tolice.

Explicada assim a palavra, contentar-nos-emos com uma observação geral a partir dela; e é esta:

INSTRUÇÃO 8 — PRIMEIRA PARTE GERAL

A EXORTAÇÃO — “Sobre tudo, tomando o escudo da fé” (Ef 6:16).

De todas as graças, a fé é a principal, e é a que deve ser buscada com maior empenho.

Existe uma precedência ou preeminência peculiar a esta acima de todas as outras. Ela está entre as graças assim como o sol está entre os planetas, ou como a “mulher virtuosa” de Salomão está “entre as filhas”, Pv 31:29. Embora cada graça tenha agido virtuosamente, tu, ó fé, excedes a todas elas.

O apóstolo, de fato, dá a precedência ao amor e coloca a fé em plano inferior: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o amor”, 1 Co 13:13. No entanto, deveis observar que essa preferência do amor em relação à fé tem respeito particular ao estado de bem-aventurança dos santos no céu, onde o amor permanece e a fé cessa. Sob esse aspecto, o amor é, de fato, o maior, porque é o fim da nossa fé. Nós apreendemos pela fé aquilo que havemos de desfrutar pelo amor.

Contudo, se considerarmos o estado presente do cristão, enquanto milita na terra, sob este aspecto o amor deve ceder lugar à fé. É verdade que o amor é a graça que triunfará no céu. Mas é a fé, e não o amor, a graça conquistadora na terra. “Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé”, 1 Jo 5:4. O amor, de fato, tem o seu lugar na batalha e realiza um excelente serviço, mas está sob a liderança da fé. “A fé que opera pelo amor”, Gl

5:6. Assim como o capitão luta por meio de seus soldados a quem lidera, assim a fé opera por meio do amor que ela estimula.

O amor, é verdade, é a graça que finalmente possui a herança, mas é a fé que dá ao cristão o direito a ela. Sem esta, ele nunca a teria desfrutado, Jo 1:12. Em uma palavra, é o amor que une Deus e os santos glorificados no céu; mas foi a fé que primeiro os uniu a Cristo enquanto estavam na terra — “para que Cristo habite pela fé nos vossos corações”, Ef 3:17. E se Cristo não tivesse habitado neles pela fé na terra, eles jamais teriam habitado com Deus no céu.

Quinto Ponto Particular. A fé traz socorros quando as outras graças falham. De duas maneiras as graças do cristão podem falhar: em sua atividade ou em sua evidência.

1. Em sua atividade. Às vezes a maré está baixa para o cristão. Ele não consegue agir tão livre e vigorosamente como em outra época, quando a maré corre alta por meio das assistências divinas que fluem intensamente sobre ele. Aquelas tentações que ele outrora podia despedaçar tão facilmente como Sansão fazia com suas cordas de linho, em outra ocasião o deixam tristemente embaraçado, de modo que ele não consegue se desvencilhar delas. Aqueles deveres que ele realiza com deleite e alegria, quando sua graça está em um estado saudável; em outro momento ele anseia e bufa ao realizá-los, tanto quanto um homem enfermo para subir uma colina — de tão pesados que os sente transcórre.

Não achais que o cristão estaria agora em apuros se não tivesse outros rendimentos senão os de sua própria oficina de deveres? Aqui reside a excelência da fé: ela socorre o cristão

nesta sua condição de falência. Assim como José trouxe seus irmãos para junto de si e os alimentou de seus celeiros durante todo o tempo de fome, assim faz a fé ao cristão em sua penúria de graça e dever. E isso ela faz de duas maneiras:

(1) Reivindicando a plenitude daquela graça que está em Cristo como se fosse sua própria. “Por que te abates, ó minha alma”, diz a fé do cristão, “por causa de tua graça enfraquecida? Há o suficiente em Cristo; aprouve ao Pai que Nele habitasse toda a plenitude, e isso para te favorecer em tuas carências e fraquezas”. É uma plenitude ministerial; assim como as nuvens carregam a chuva não para si mesmas, mas para a terra, assim também Cristo carrega Sua plenitude de graça para ti. “Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção”, 1 Co 1:30.

Quando os trapos da própria justiça do cristão o desanimam e envergonham, a fé tem uma veste para colocar que cobre toda essa falta de decoro. “Cristo é a minha justiça”, diz a fé, e “nele” estamos “completos”, Cl 2 :10. A fé tem duas mãos: uma mão operante e uma mão receptora; e a mão receptora socorre a mão operante, do contrário haveria pouca provisão guardada no peito do cristão.

Encontramos o próprio Paulo em uma condição de quase mendicância, considerando todo o conforto que suas próprias graças podiam lhe proporcionar com seus rendimentos. Ele se considera um homem miserável se estas forem tudo o que ele tem para viver, Rm 7:24; contudo, mesmo então, quando não vê nada em seu próprio armário, sua fé estende a mão receptora para Cristo, e ele é imediatamente servido em um rico banquete, pelo qual o encontramos dando graças, versículo 25: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor”.

(2) *A fé socorre o cristão na fraqueza e inatividade de suas graças, aplicando as promessas para a perseverança dos santos na graça.* Traz grande conforto a um homem doente, embora muito fraco no momento, ouvir de seu médico que, embora esteja debilitado e frágil, não há temor de que ele morra. A fraqueza presente da graça é triste, mas o temor de apostatar completamente é muito mais triste. Ora, a fé, e somente a fé, pode ser a mensageira a trazer a boa notícia à alma de que ela perseverará. Os sentidos e a razão ficam totalmente perplexos e pasmos aqui. Parece-lhes impossível que uma cana quebrada resista a todos os contraventos do inferno, porque consideram apenas o que a graça em si mesma pode fazer; e, achando-a tão inferiorizada perante o poder e a astúcia de Satanás, acham racional dar a vitória ao lado mais forte.

Mas a fé, quando vê sintomas de morte na graça do santo, encontra vida na promessa e conforta a alma com isto: que o Deus fiel não permitirá que Sua graça veja a corrupção. Ele assumiu o tratamento de Seus santos: “Toda vara em mim que não dá fruto, ele a limpa, para que produza mais fruto”, Jo 15:2.

Quando Hazeel veio indagar de Eliseu por seu mestre doente, se ele viveria ou morreria, o profeta o enviou com esta resposta de volta ao rei, seu mestre: “Certamente sararás; mas o Senhor me mostrou que ele certamente morrerá”, 2 Reis 8:10 — isto é, ele certamente poderia se recuperar de sua doença, mas morreria pela mão traidora e sangrenta de Hazeel, seu servo.

Permitam-me apenas aludir a isto. Quando o cristão consulta sua fé e indaga dela se sua fraca graça falhará ou resistirá, se morrerá ou viverá, a resposta da fé é: “Tua fraca graça certamente poderia morrer e desaparecer, mas o Senhor me mostrou que ela certamente viverá e perseverará” — isto é,

no que diz respeito à sua própria fraqueza e à mutabilidade da natureza humana, a graça do cristão certamente poderia morrer e dar em nada; mas Deus mostrou à fé na promessa que ela certamente viverá e se recuperará de sua fraqueza mais profunda. O que Davi disse a respeito de sua casa, cada cristão pode dizer a respeito de sua graça: “Ainda que a minha casa não seja tal para com Deus [tão forte, tão imutável em si mesma], contudo estabeleceu comigo uma aliança eterna, em tudo bem ordenada e segura; pois esta é toda a minha salvação e todo o meu propósito”, 2 Sm 23:5. Este sal da aliança é o que preservará, diz a fé, a tua fraca graça da corrupção.

“Por que te abates”, diz o salmista, “ó minha alma? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele que é a saúde do meu semblante, e o meu Deus”, Sl 42:11. A saúde do semblante de Davi não estava em seu semblante, mas em seu Deus, e isso faz com que sua fé silencie seus temores e resolva categoricamente que há um tempo vindo — por mais perto que ele agora deite da boca da sepultura — em que ele ainda O louvará. “A saúde e a vida de tua graça encontram-se ambas, não na tua graça”, diz a fé, “mas em Deus, que é o teu Deus; portanto, ainda viverei e O louvarei”. Não me admiro que o cristão fraco fique melancólico e triste quando vê seu rosto doentio em qualquer outro espelho que não seja este.

2. Na evidência delas a graça do cristão pode falhar. Ela pode desaparecer, assim como as estrelas em uma noite nublada. Quantas vezes ouvimos o cristão dizer, em uma hora de deserto e tentação: “Não sei se amo a Deus de verdade; não me atrevo a dizer que tenho qualquer verdadeira tristeza segundo Deus pelo pecado; de fato, pensei outrora que essas graças existiam em mim, mas agora não sei o que pensar; sim, às vezes estou prestes a temer o pior”. Ora, neste estado de trevas noturnas, a fé

sustenta o navio da alma e lança duas âncoras, pelas quais a alma é impedida de ser arrastada para as areias movediças devoradoras do desespero e do horror.

(1) A fé revela a rica misericórdia de Cristo aos pobres pecadores e chama a alma a olhar para ela quando perdeu de vista a sua própria graça. Não é pequeno conforto para um homem que perdeu o recibo de uma dívida paga lembrar que o homem com quem ele lida é um homem bom e misericordioso, embora o documento de quitação não seja encontrado de imediato. Aquele Deus com quem tens de lidar é muito gracioso; o que perdeste Ele está pronto a restaurar — refiro-me à evidência de tua graça. Davi pediu isto e o obteve, ver Sl 51.

“Sim”, diz a fé, “mesmo que fosse verdade o que temes, que tua graça nunca foi real, há misericórdia suficiente no coração de Deus para perdoar toda a tua hipocrisia anterior, se agora vieres na sinceridade de teu coração”. E assim, a fé persuade a alma, em um ato de ousadia, a lançar-se sobre Deus em Cristo. “Não esperas”, diz a fé, “encontrar tanta misericórdia nas mãos de Deus quanto esperarias nas de um homem?”. Não está além da linha da misericórdia criada perdoar muitas indelicadezas, muita falsidade e infidelidade, sob um humilde e sincero reconhecimento das mesmas. O mundo não é tão mau que não abunde em pais que possam fazer isso por seus filhos, e senhores por seus servos; e seria difícil para Deus fazer aquilo que é tão fácil para Sua criatura? Assim a fé defende o nome de Deus. E enquanto não tivermos perdido de vista o coração misericordioso de Deus, nossa cabeça será mantida acima da água, ainda que nos falte a evidência de nossa própria graça.

(2) [Nota: O autor repete o cabeçalho para introduzir o segundo ponto de apoio em tempos de trevas] E é algum

conforto, embora um homem não tenha pão em seu armário, ouvir dizer que há algum para comprar no mercado. “Oh”, diz o cristão queixoso, “haveria alguma esperança se eu pudesse encontrar apenas aqueles abrandamentos e derretimentos de alma que outros têm em seus peitos pelo pecado; então eu poderia correr para a sombra daquela promessa e me consolar: ‘Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados’, Mt 5:4. Mas, infelizmente, meu coração é duro como a pederneira”.

“Pois bem”, diz a fé, “para teu conforto sabe que não existem apenas promessas para a alma que chora e para o coração quebrantado, mas há promessas de que Deus quebrantará o coração e dará um espírito de pranto”. Assim também para as outras graças; não há apenas promessas para os que temem a Deus, mas para “pôr o seu temor nos nossos corações”; não apenas promessas para os que andam nos Seus estatutos e guardam os Seus juízos, mas também para “pôr o seu espírito dentro de nós, e fazer com que andemos nos seus estatutos”, Ez 36:27.

Por que, então, ó minha alma, ficas aí a lamentar-te infrutiferamente pelo que dizes não ter, quando sabes onde podes obtê-lo apenas indo buscar? Como Jacó disse a seus filhos: “Por que estais olhando uns para os outros? Eis que tenho ouvido que há trigo no Egito; descei lá e comprai-nos dali, para que vivamos e não morramos”, Gn 42:1-2. Assim a fé desperta o cristão de seus pensamentos perplexos sobre os quais seu espírito atribulado se detém como alguém desprovido de conselho, sem saber o que fazer; e transforma suas queixas inúteis, nas quais ele necessariamente definharia e morreria de fome, em oração fervente pela graça que lhe falta.

“Há pão na promessa”, diz a fé. Não fiques aqui definhando em um desânimo preguiçoso, mas põe-te de joelhos e, humildemente, mas com bravura, sitia o trono da graça em busca de graça neste momento de necessidade. E certamente o cristão poderá obter mais rapidamente uma nova evidência de sua graça pleiteando a promessa e insistindo junto ao trono da graça, do que cedendo tanto aos seus pensamentos incrédulos a ponto de se assentar e gastar suas forças e seu tempo na amargura de seu espírito — o que agrada imensamente a Satanás — sem utilizar os meios, o que ele nunca fará com eficácia até que a fé lhe traga este encorajamento da promessa: de que aquilo de que ele necessita está lá para ser obtido livre e plenamente.

Sexto. Assim como a fé socorre o cristão quando suas outras graças mais lhe falham, assim também traz o seu conforto quando elas mais abundam. A fé é para o cristão como Neemias era para Artaxerxes, Ne 2:1. De todas as graças, esta é a copeira do cristão. O cristão recebe o vinho da alegria da mão da fé, de preferência a qualquer outra graça. “Ora, o Deus de esperança vos encha de todo o gozo e paz em acreditando [no ato de crer]”, Rm 15:13.

É observável, em 1 Pe 1, ver como o apóstolo, por assim dizer, cruza as mãos, como outrora Jacó fez ao abençoar os filhos de seu filho José, e dá a preeminência à fé, atribuindo a alegria do cristão à sua fé, de preferência ao seu amor, versículo 8: “Ao qual, não o tendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo indizível e glorioso”. Note: “crendo, vos alegrais”. Aqui está a porta por onde entra a alegria principal do cristão, sim, toda a sua alegria fiduciária.

É em Cristo que, sob este aspecto, nos é permitido somente nos alegrar: “Porque a circuncisão somos nós, que

servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne”, Fp 3:3 — onde Cristo é feito o único objeto de nossa alegria fiduciária, em oposição a tudo o mais, até mesmo às nossas graças, que se tornam carne quando nelas nos alegamos e nos gloriamos dessa forma. O sangue de Cristo é o vinho que unicamente alegra o coração de Deus por via de satisfação à Sua justiça, e, portanto, somente ele pode trazer verdadeira alegria ao coração do homem.

Quando Cristo promete o Consolador, Ele diz a Seus discípulos de qual vaso ele extrairia o vinho da alegria que lhes daria: “Ele receberá do que é meu e vo-lo anunciará”, Jo 16:15. Nenhuma uva de nossa própria videira é espremida nesta doce taça. Como se Cristo dissesse: “Quando ele vier para vos confortar com o perdão de vossos pecados, ele receberá do que é meu, não de qualquer coisa vossa — o meu sangue pelo qual comprei a vossa paz com Deus, não as vossas próprias lágrimas de arrependimento com as quais chorastes por vossos pecados”. Todos os privilégios abençoados de que os crentes são investidos são frutos da aquisição de Cristo, não de nossos ganhos.

Ora, fluindo a alegria do cristão de Cristo, e não de qualquer coisa que ele, pobre criatura, faça ou tenha, disto decorre que a fé, acima de todas as graças, traz a alegria e o conforto do cristão, porque esta é a graça que aproveita Cristo e o que é de Cristo para o benefício da alma. Assim como da graça, assim também do conforto. A fé é o bom espião que faz a descoberta das excelências em Cristo e, então, relata à alma tudo o que vê Nele e sabe Dele. É a fé que abre as promessas, abre a torneira e as faz correr para dentro da alma. Ela não apenas mostra à alma quão excelente Cristo é e que iguarias há nas promessas, mas aplica Cristo à alma e serve os doces manjares que são apresentados nas promessas. Sim, ela os coloca na

própria boca da alma; mastiga e tritura a promessa de tal modo que o cristão é preenchido com sua força e doçura.

Até que a fé venha e traga a notícia das boas-vindas à alma, oh, quão tímidas e desconfortáveis as pobres criaturas se assentam à mesa da promessa! Como Ana, “choram e não comem”. Não, infelizmente, elas não ousam ser tão ousadas. Mas, quando a fé vem, então a alma se serve e faz uma refeição de fato satisfatória. Não há prato na mesa do qual a fé não prove. A fé sabe que Deus não os colocou ali para serem retirados intactos. Ela é uma graça humilde, porém ousada, porque sabe que não pode ser tão ousada com Deus em Seu próprio caminho quanto é bem-vinda.

Uso ou aplicação. A incredulidade tem a mesma preeminência entre os pecados que a fé tem ‘sobre todas’ as graças

Uso Primeiro. Sendo a fé a principal das graças, isso pode nos ajudar a conceber a natureza horrível da incredulidade. Esta, certamente, merecerá um lugar tão elevado entre os pecados quanto a fé tem entre as graças. A incredulidade! Ela é o Belzebu, o príncipe dos pecados. Assim como a fé é a graça radical, assim também a incredulidade é um pecado radical, um pecado gerador de pecados.

Assim como de todos os pecadores aqueles são mais infames que são os líderes e fazem outros pecar — que é a marca que Deus colocou sobre o nome de Jeroboão: “Jeroboão, que pecou e fez Israel pecar”, 1 Reis 14:16 — assim, entre os pecados, os mais horríveis são os mais produtivos de outros pecados. Tal é a incredulidade acima de qualquer outro. É um

pecado que lidera, um pecado que gera pecados. O primeiro sopro venenoso que Eva absorveu do tentador foi enviado nas palavras: “É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?”, Gn 3:1. Como se ele dissesse: “Considera bem o assunto. Crês tu que Deus quis dizer isso? Podes pensar tão mal de Deus a ponto de crer que Ele privaria vocês do melhor fruto de todo o jardim?”. Esta foi a porta do traidor pela qual todos os outros pecados entraram em seu coração; e ela continua servindo ao mesmo propósito para Satanás até o dia de hoje para arrastar as almas a outros pecados — chamado, por isso, de “um mau coração de incredulidade para se apartar do Deus vivo”, Hb 3:12.

O diabo coloca este pecado da incredulidade como uma barreira entre o pecador e Deus, para que os tiros vindos da ameaça, que são apontados ao peito do pecador, não sejam por ele temidos nem assustem. E então o miserável pode ser tão ousado com sua concupiscência quanto o operário da trincheira em seu trabalho quando coloca seu cesto de terra entre si e as balas do inimigo. Mais do que isso, esta incredulidade não apenas amortece as balas da ira que são lançadas da boca inflamada da lei, mas também abafa os movimentos da graça que provêm do evangelho. Todas as ofertas de amor que Deus faz a um coração incrédulo caem como sementes em terra morta ou como faíscas em um rio: apagam-se assim que nele caem.

“A palavra”, diz-se, “não lhes aproveitou, visto não estar misturada com a fé naqueles que a ouviram”, Hb 4:2. A força de todo este corpo do pecado reside nesta mecha da incredulidade. Não há como dominar um pecador enquanto a incredulidade estiver no poder. Esta repelirá todos os argumentos que lhe forem apresentados, sejam da lei ou do evangelho, com a mesma facilidade com que Sansão levou as portas, os umbrais, a tranca e tudo mais da cidade de Gaza, Jz 16:2. É um pecado que domina

o campo — um dos últimos entre todos os outros; aquele de que o pecador é por último convencido e de que o santo ordinariamente é o último a se tornar vencedor. É um dos principais redutos e fortalezas para onde o diabo recua quando os outros pecados são desbaratados.

Oh, quão frequentemente ouvimos um pobre pecador confessar e lamentar com lágrimas amargas outros pecados em que viveu anteriormente, mas não quer ainda dar ouvidos à oferta de misericórdia em Cristo! Diz-lhe para crer em Cristo e que será salvo — que foi a doutrina que Paulo e Silas pregaram ao carcereiro trêmulo, At 16:31 —; infelizmente, ele não ousa, ele não quer; dificilmente podes persuadi-lo de que é seu dever fazê-lo. O diabo recolheu-se agora para esta cidade de portas e trancas, onde se mantém em guarda; e, para se fortificar nela de forma ainda mais sólida, ele usa os pretextos mais plausíveis possíveis para este pecado, mais do que para qualquer outro. É um pecado que ele faz a alma humilhada cometer por medo de pecar, ferindo assim o bom nome de Deus por medo de desonrá-Lo por meio de uma fé ousada e presunçosa.

De fato, é um pecado pelo qual Satanás tenciona lançar o maior escárnio sobre Deus e manifestar de uma só vez toda a sua malícia envenenada contra Ele. É pela fé que os santos “alcançaram bom testemunho”. Sim, é pela fé dos santos que Deus tem bom testemunho no mundo. E, pela incredulidade, o diabo faz o seu pior para suscitar um mau testemunho de Deus no mundo, como se Ele não fosse o que Sua própria promessa e a fé de Seus santos testemunham que Ele é. Em uma palavra, é um pecado pelo qual o inferno anseia mais do que por qualquer outro.

Há dois pecados que reivindicam preeminência no inferno: a hipocrisia e a incredulidade; e, por isso, os demais pecadores são ameaçados de “ter a sua parte com os hipócritas”, Mt 24:51, e “com os incrédulos”, Lc 12:46; como se aquelas mansões infernais fossem destinadas principalmente para estes, e todos os outros fossem apenas prisioneiros de menor importância. Mas, dos dois, a incredulidade é o maior, e aquele que pode, com ênfase, ser chamado acima deste ou de qualquer outro de “o pecado condenador”. “Quem não crê já está condenado”, Jo 3:18. Ele já tem sua ordem de prisão para o cárcere; sim, já está nele em certo sentido — traz a marca de uma pessoa condenada sobre si.

Diz-se dos judeus, em Rm 11:32, que foram encerrados “na incredulidade”. Prisão mais segura o diabo não pode manter para um pecador. A fé encerra a alma na promessa de vida e felicidade, assim como Deus encerrou Noé na arca. Diz-se: “o Senhor o fechou por fora”, Gn 7:16. Assim a fé encerra a alma em Cristo e na arca de Sua aliança, longe de todo temor de perigo do céu ou do inferno; e, ao contrário, a incredulidade encerra a alma na culpa e na ira, de modo que não há mais possibilidade de um incrédulo escapar da condenação do que de alguém escapar de se queimar estando trancado em um forno aceso. Nenhuma ajuda pode chegar ao pecador enquanto esta tranca da incredulidade estiver na porta de seu coração.

Assim como a nossa salvação é atribuída à fé, de preferência às outras graças — embora nenhuma falte em uma pessoa salva —, assim a condenação e a ruína dos pecadores é atribuída à sua incredulidade, embora os outros pecados sejam encontrados com ela na pessoa condenada. O Espírito de Deus passa por alto a hipocrisia, a murmuração e a rebelião dos judeus e coloca a destruição deles à porta deste único pecado da

incredulidade. “Não puderam entrar por causa da incredulidade”, Hb 3:19.

Ó pecadores! — refiro-me a vós que viveis sob o evangelho —, se vós perecerdes, saibai de antemão qual será a vossa ruína: é a vossa incredulidade que a produz. Se a um malfeitor que está condenado à morte for oferecida a vida pelo juiz sob a condição de ler um salmo de misericórdia, e ele não ler, podemos dizer que o seu não ler o enforca. A promessa do evangelho é este salmo de misericórdia que Deus oferece em Seu Filho aos pecadores condenados pela lei. Crer é ler este salmo de misericórdia. Se não creres e fores condenares, irás ao inferno antes por tua incredulidade final do que por qualquer um de teus outros pecados, para os quais uma quitação te é oferecida mediante o teu receber a Cristo e crer Nele.

Que isto nos faça a todos nos levantar contra este pecado, assim como os filisteus o fizeram contra Sansão, a quem chamaram de “o destruidor da nossa terra”, Jz 16:24. Este é o destruidor de vossas almas, e isso é pior; sim, destrói-as com uma mão mais sangrenta do que o fazem os outros pecados que não são agravados por este.

Encontramos duas acusações gerais sob as quais todo o mundo de pecadores será condenado no grande dia, 2 Ts 1:8. Ali a vinda de Cristo para o julgamento é expressa; e aquelas criaturas miseráveis e arruinadas que cairão sob a Sua sentença condenatória são compreendidas nestas duas classes: as que “não conhecem a Deus” e as que “não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo”. A incredulidade negativa que os pagãos têm do evangelho não lhes será cobrada, porque nunca lhes foi pregado. Não; eles serão enviados ao inferno por “não conhecerem a Deus” e, assim, escaparão com uma condenação

muito mais branda do que os judeus ou os gentios cristãos a quem o evangelho foi pregado — embora a alguns destes com um facho de luz mais forte e duradouro do que coube a outros.

A acusação terrível que será trazida contra estes será a de que não obedeceram ao evangelho de nosso Senhor Jesus; isto é, não creram em Cristo — chamado, por isso, de “obediência da fé”, Rm 16:26. E certamente não podemos senão pensar que haverá um tormento próprio no inferno para estes que recusaram o evangelho, o qual aqueles que nunca tiveram a oferta da graça não sentirão. E entre aqueles que não obedecem ao evangelho, a maior vingança aguarda por aqueles que tiveram o mais longo e apaixonado apelo de misericórdia concedido. Estes são os que fizeram Deus gastar a maior quantidade de misericórdia e, portanto, devem necessariamente esperar a maior proporção de ira e vingança a ser-lhes medida; sim, a incredulidade deles expõe Cristo, e a graça de Deus Nele, à maior vergonha e escárnio que é possível para as criaturas fazerem; e é perfeitamente justo que Deus, por isso, exponha a incredulidade deles, e a eles próprios com ela, à maior vergonha perante os homens e os anjos, acima de quaisquer outros pecadores.

Razões pelas quais devemos ser sérios no EXAME DE NOSSA FÉ

Uso Segundo. Sendo a fé a principal das graças, que isto nos torne tanto mais criteriosos e cuidadosos para que não sejamos enganados em nossa fé.

Há algumas coisas de valor tão insignificante que não compensarão o esforço e o cuidado que dispensamos com elas; e nelas ser detalhista e escrupuloso é tolice; ser negligente e

desatento é sabedoria. Mas há outras coisas de tamanho valor e de consequências tão graves que ninguém, a menos que queira pôr em dúvida a sua própria lucidez, aceitaria ser enganado e ludibriado nelas. Quem que seja sábio pagaria por uma pedra preciosa e aceitaria que lhe entregassem um cascalho, ou, quando muito, um cristal comum em troca de seu dinheiro? Quem, estando com a vida em jogo e sabendo que não há como salvá-la senão obtendo um determinado medicamento raro, mas que se pode encontrar, não seria extremamente cuidadoso em obter o medicamento correto?

O, meus queridos amigos, não vos concerne infinitamente mais serdes cuidadosos em vossas transações por esta pérola da preciosa fé? Estaríeis dispostos a aceitar das mãos do diabo a sua mercadoria falsa e adulterada? Uma fé de imitação com a qual ele deseja vos enganar, em vez de obterdes a “fé não fingida” que Deus tem para dar a Seus filhos — chamada, por isso, de “fé dos eleitos de Deus”? Servir-vos-ão os venenos do diabo, que certamente vos matarão, quando vos é oferecido pelo próprio Deus um medicamento rico que vos curará?

Quando ides comprar uma roupa, pedis o melhor tecido da loja. No mercado, quereis a melhor carne para o vosso sustento; com o advogado, o melhor conselho para os vossos bens; e do médico, as melhores instruções para a vossa saúde. Sois a favor do melhor em tudo, exceto para a vossa alma? Não querieis ter uma fé do melhor tipo também?

Se um homem recebe dinheiro falso, a quem ele prejudica senão a si mesmo? E se fores enganado com uma fé falsa, a perda é tua, e não será pequena. Tu mesmo pensarás assim quando chegares perante o tribunal e Deus te ordenar que

ou pagues a dívida que Lhe debes ou vás apodrecer e gemer na prisão do inferno. Como ficarás confuso então! Quando apresentares a tua fé e esperares salvar-te com isto — que crês no Senhor Jesus —, mas tiveres a tua confiança rejeitada, e Deus te disser cara a cara que não é fé, mas uma mentira na tua mão direita o que tu tens, e, portanto, Ele não aceitará o pagamento, ainda que seja o próprio Cristo que Te ofereças para saldar; antes, que te entregará nas mãos do atormentador, e isso não apenas por crer, mas também por falsificar a moeda do Rei do céu e colocar o Seu nome no teu dinheiro falso; o que fazes ao fingir ter fé, quando é uma fé falsa o que tens no peito.

Isto seria o suficiente para despertar o vosso cuidado no exame de vossa fé, mas, para dar um peso ainda maior à exortação, apresentaremos estas três considerações:

1ª Razão. Considera que, assim como for a tua fé, assim serão todas as tuas outras graças. Assim como é o casamento de um homem, assim são todos os seus filhos: legítimos ou ilegítimos. Assim também, conforme for o nosso casamento com Cristo, assim serão todas as nossas graças. Ora, é pela fé que nos casamos com Cristo. “Porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um só esposo, que é Cristo”, diz Paulo aos coríntios, 2 Co 11:2. Como, senão pela fé deles? É pela fé que a alma dá o seu consentimento para receber a Cristo como seu esposo. Ora, se a nossa fé for falsa, então o nosso casamento com Cristo é fingido; e, se este for fingido, então todas as nossas supostas graças são bastardas. Por mais bela aparência exterior que tenham — assim como um bastardo pode ter um rosto bonito —, elas são todas ilegítimas; nossa humildade, paciência, temperança — todas bastardas. E sabeis que “o bastardo não entrará na congregação”, Dt 23:2. Da mesma forma, nenhuma graça bastarda entrará na congregação

dos justos no céu. Aquele que tem filhos legítimos não fará do bastardo de outrem o seu herdeiro. Deus tem filhos próprios para herdar a glória do céu, em cujos corações Ele gerou, por Seu próprio Espírito, aquelas graças celestiais que verdadeiramente se assemelham à Sua própria natureza santa; certamente Ele nunca a concederá a estranhos, crentes fingidos, que são crias e frutos do pecado gerados pelo diabo.

2ª Razão. Considera que a excelência da verdadeira fé torna a fé falsa tanto mais odiosa. Sendo o filho de um rei um personagem extraordinário, por isso mesmo é um crime tão grave que uma pessoa comum se faça passar por ele. É por ela que “somos feitos filhos de Deus”, Jo 1:12. E que grande presunção é essa, então, que cometes por meio de uma falsa fé? Pretendes ser um filho de Deus quando nenhum sangue celestial corre em tuas veias; antes, tens mais motivos para buscar teus parentes no inferno e derivar tua genealogia de Satanás. Isto passa por nada menos que blasfêmia na conta da Escritura: “Conheço a blasfêmia dos que se dizem judeus, e não o são, mas são a sinagoga de Satanás”, Ap 2:9. Deus os abomina com todo o Seu coração.

Um amigo falso é pior do que um inimigo declarado no julgamento humano; e um Judas hipócrita é mais abominado por Deus do que um Pilatos sanguinário. Portanto, ou adquiere a verdadeira fé ou não pretendas ter nenhuma. O macaco, por ter o rosto de homem, mas não a alma de homem, é por isso a mais ridícula de todas as criaturas. E, de todos os pecadores, nenhum será exposto a maior vergonha no último dia do que aqueles que imitaram o crente em algumas posturas exteriores de profissão de fé, mas nunca tiveram o espírito de um crente de modo a realizar um único ato vital de fé.

O salmista nos fala de alguns cuja “imagem” Deus há de “desprezar”, Sl 73:20. Refere-se principalmente à prosperidade temporária do homem ímpio — a qual, por sua curta duração, é comparada à imagem ou representação de uma coisa na imaginação de um homem que dorme, a qual nos ocupa e nos agrada com muitos objetos belos, mas tudo se perde quando o sono nos deixa —; isto Deus desprezará no grande dia; quando Ele não der o céu e a glória de acordo com as propriedades e honras que os homens tinham no mundo, mas os lançar no inferno se não tiverem a graça, tanto quanto ao mais pobre mendigo do mundo.

Mas há outra classe de pessoas cuja imagem Deus naquele dia desprezará ainda mais do que a estes, e que é a imagem de todos os crentes temporários e professos insinceros, que têm uma fé fantasiosa, a qual erguem como uma imagem em suas imaginações e dançam ao redor dela com tantos pensamentos de contentamento próprio como faz o homem que sonha ser um grande príncipe; mas esse grande ídolo será então despedaçado, e os adoradores dele serão mandados para o inferno sob a maior vergonha de todos os homens.

3ª Razão. Considera que ninguém está em maior desvantagem para obter uma fé verdadeira do que aquele que se lisonjeia com uma falsa. “Vês um homem sábio aos seus próprios olhos? Maior esperança há para um tolo do que para ele”, Pv 26:12, isto é, há maior esperança de persuadi-lo. De todos os tolos, o tolo pretensioso é o pior. O orgulho torna o homem incapaz de receber conselho. Diz-se que o coração de Nabucodonosor se “endureceu em orgulho”, Dn 5:20. Não há como arrazoar com um homem orgulhoso. Ele se entrinchera em sua própria opinião sobre si mesmo e ali se mantém em defesa contra todos os argumentos que lhe são apresentados.

Dize a um professo pretensioso que busque a fé ou estará arruinado, e o homem te dirá que estás enganado e batendo na porta errada. É à pessoa ignorante ou profana que debes dirigir-te com essa mensagem. Ele agradece a Deus porque não precisa agora buscar a fé e, assim, felicita-se em sua boa condição, quando Deus sabe que “ele se alimenta de cinzas; o seu coração enganado o desviou, de maneira que não pode livrar a sua alma, nem dizer: Não há uma mentira na minha mão direita?”, Is 44:20.

A pessoa ignorante e profana, como o “homem de baixa condição” do salmista, é pura “ vaidade”. Não é difícil fazê-los reconhecer que nada têm, nada merecem e nada podem esperar do que são senão o inferno e a condenação. Mas aqueles que fingem ter fé e se contentam com uma falsa são como os “homens de alta condição”, “uma mentira”, que é vaidade tanto quanto a outra, mas com uma cobertura plausível que a esconde.

Portanto, o diabo é bastante apressado em incitar as almas simples a crerem, para que possa frustrar, se puder, o trabalho do Espírito e impedir a criatura de obter uma fé verdadeira, enganando-a com uma imitação. É como a política ímpia de Jeroboão, que, para impedir os israelitas de irem a Jerusalém e de suspirarem pelo verdadeiro culto a Deus ali, estabeleceu algo semelhante a um culto religioso mais perto de casa, nos “bezerros de ouro”; e isto agradou a muitos de tal modo que não sentiram falta de sua caminhada a Jerusalém.

Oh, amigos, acautelai-vos, portanto, de serdes enganados com uma fé falsa. Cada uma, bem sei, gostaria que a criança viva fosse a sua e não a morta. Todos gostaríamos de passar por aqueles que têm a fé verdadeira e não a falsa. Mas não sejais os vossos próprios juízes; apela para o Espírito de Deus e deixai

que Ele, com a espada de Sua palavra, venha decidir a controvérsia. Qual fé é a tua: a verdadeira ou a falsa?

SEGUNDA SUBDIVISÃO

‘O ESCUDO DA FÉ’ em si mesmo E como a sua verdade pode ser avaliada

A esta altura, possivelmente, podereis estar solícitos em saber qual é a vossa fé e como podereis vir a julgar a verdade dela. Ora, para vossa ajuda nisso, considerai estas DUAS DIRETRIZES. Uma, extraída da maneira como o Espírito opera a fé; a outra, das propriedades da fé, uma vez que ela é operada.

A maneira como o Espírito opera a fé

*PRIMEIRA DIRETRIZ. Sabemos o que é a fé, e como julgá-la, a partir da maneira como o Espírito a opera na alma. É, incomparavelmente, a maior obra que passa sobre a alma da parte do Espírito de Cristo; é chamada de *hyperballon megethos tes dynameos autou* [a sobreexcelente grandeza do seu poder para conosco, os que cremos], Ef 1:19.*

Oh, observai com que acúmulo de expressões o Espírito de Deus sobrecarrega os nossos fracos entendimentos, para que, trabalhando sob o peso delas e encontrando a dificuldade de alcançar o seu significado, fôssemos mais expandidos para conceber aquele poder que nunca poderá ser totalmente compreendido por nós — sendo de fato infinito e, portanto, grande demais para ser encerrado dentro dos estreitos limites de nossa inteligência —: “poder”, “grandeza de poder”,

“sobreexcelente grandeza” e, por fim, “a sobreexcelente grandeza do seu poder”, isto é, de Deus. Que anjo no céu pode nos dizer a quanto tudo isso equivale? Deus, seja dito com reverência, aplica toda a Sua força a esta obra.

Ela é comparada a nada menos que a “operação da força do seu poder, que operou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder”, Ef 1:20-21. Ressuscitar alguém dos mortos é uma obra grandiosa, uma obra de Onipotência; mas ressuscitar Cristo dos mortos traz consigo mais espanto do que ressuscitar qualquer outro. Ele tinha uma pedra tumular mais pesada para O reter abaixo do que qualquer outro — o peso do pecado do mundo inteiro repousava sobre Ele —; contudo, não obstante isso, Ele foi ressuscitado com poder pelo Espírito, não apenas para fora do túmulo, mas para a glória. Ora, o poder que Deus aplica na alma ao operar a fé é segundo este mesmo de ressuscitar a Cristo; pois, de fato, a alma do pecador está tão realmente morta no pecado como o corpo de Cristo estava no sepulcro pelo pecado.

Ora, dize-me, pobre criatura, estás de alguma forma familiarizada com um poder de Deus dessa natureza agindo em ti? Ou pensas de modo superficial sobre o crer, revelando-te assim um estranho a este mistério? Certamente este único ponto poderia esclarecer a muitos — caso desejassem conhecer o seu próprio estado — que não têm fé, porque fazem da fé uma questão tão trivial e leve, como se fosse tão fácil crer quanto dizer que creem; e não houvesse maior dificuldade em receber Cristo em suas almas pela fé do que em colocar um pedaço de pão em suas bocas com a mão. Pergunta a alguns se algum dia tal dia ou momento do poder de Deus passou sobre suas cabeças para os humilhar pelo pecado, tirá-los de si mesmos e os atrair eficazmente a Cristo, e eles te responderão como aqueles

responderam a Pedro quando ele perguntou: “Recebestes vós o Espírito Santo quando crestes? E eles lhe disseram: Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo”, At 19:2. Assim estes diriam: “Não sabemos se há tal poder requerido para a operação da fé ou não”.

Mas, para descermos a uma consideração mais detalhada desta obra poderosa do Espírito sobre a alma para a produção da fé, será necessário considerar: oh, em que postura o Espírito de Cristo encontra a alma antes de iniciar esta grande obra! E, depois, como Ele Se dirige à alma e que atos Ele exerce sobre ela para operar a fé.

Primeiramente. A postura da alma quando o Espírito inicia Sua grande obra de graça nela. O Espírito encontra a criatura em um estado tal que ela não pode, nem quer, dar a mínima ajuda para a obra. Assim como o “príncipe deste mundo”, quando veio tentar a Cristo, “nada encontrou nele” que favorecesse e promovesse o seu plano de tentação; assim, quando o Espírito de Cristo vem, encontra tão pouco encorajamento por parte do pecador. Não há ala alguma dentro do castelo da alma que se coloque ao Seu lado quando Ele chega pela primeira vez para Se estabelecer diante dele e cercá-lo; antes, todas as forças do homem inteiro estão em armas contra Ele!

Daí provém o fato de tantas respostas desdenhosas serem enviadas aos chamados que são feitos para que os pecadores se rendam. “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam”, Jo 1:11. Nunca uma guarnição esteve mais resolvida a resistir tanto aos apelos quanto aos ataques de um inimigo invasor do que o coração carnal está a todos os meios que Deus utiliza para reconduzi-lo à Sua obediência. As operações mais nobres da

alma são “terrenas, animais e demoníacas”, Tg 3:15, de modo que, a menos que o céu e a terra possam se encontrar — o animal e o espiritual agradarem ao mesmo paladar, Deus e o diabo concordarem —, não há esperança de que o pecador, por si mesmo, aprecie a proposta que Cristo lhe faz, ou que por qualquer argumento seja ganho a apreciá-la, enquanto a razão da aversão permanecer em sua natureza terrena, animal e demoníaca.

Segundamente. Passamos a mostrar como o Espírito Se dirige à alma, e que atos exerce sobre ela para operar a fé. Ora, a abordagem do Espírito é adaptada às diversas faculdades da alma, sendo as principais estas três: o entendimento, a consciência e a vontade. Estas são como três fortes, um dentro do outro, que devem ser todos dominados antes que a cidade seja tomada — refiro-me ao pecador subjugado à obediência da fé — e a estes o Espírito faz Suas abordagens específicas, exercendo um ato de poder onipotente sobre cada um deles, e isso na seguinte ordem

PRIMEIRA SUBDIVISÃO

QUATRO PONTOS PARTICULARES

Em que a fé se destaca como preeminente sobre as outras graças

Passo a mostrar em que pontos transparece que a fé possui tal preeminência sobre as outras graças, como indicamos anteriormente. Isso abrange os seguintes aspectos:

Primeiro Ponto Particular: Na grande busca que Deus faz pela fé acima de todas as outras graças. Nada demonstra mais a nossa estima por pessoas ou coisas do que a nossa busca por elas. Perguntamos primeiro e mais detalhadamente por aquilo que ocupa o lugar mais alto em nossos pensamentos. “Vosso pai vai bem?”, disse José, “o ancião de quem me falastes? Vive ainda?”, Gn 43:27. Sem dúvida, havia outros de cujo bem-estar José gostaria de ouvir falar também, mas, estando mais pressionado e condoído pelo afeto natural por seu pai, ele se alivia disso primeiro. E quando Davi pergunta por Absalão acima de todos os outros: “Vai bem o jovem Absalão?”, e repete a pergunta a Cusi, 2 Sm 18, era fácil adivinhar o quanto ele valorizava a vida de seu filho.

Ora, descobrireis que a grande busca que Deus faz é pela fé: “Quando, porém, vier o Filho do Homem, porventura, achará fé na terra?”, Lc 18:8 — sugerindo que esta é a graça pela qual Ele olhará especialmente e que deseja encontrar.

Lemos em João 9 sobre um grande milagre: um homem cego de nascença restaurado à vista por Cristo. Isso enfureceu tanto os maliciosos fariseus que eles excomungaram o pobre homem por nenhuma outra falta senão por dirigir uma boa

palavra ao seu misericordioso médico. Isso traz Cristo mais rapidamente até ele — tão terno é Ele com os que sofrem por Sua causa, que não os deixará por muito tempo privados de Sua doce companhia; e ele não tem motivos para reclamar por ser expulso da sociedade dos homens aquele que ganha a presença de Cristo por meio disso. Ora, observe o que Cristo lhe diz em seu primeiro encontro, versículo 35: “Jesus ouviu que o tinham expulso e, encontrando-o, disse-lhe: Crês tu no Filho de Deus?”. O homem já havia expressado algum zelo por Cristo, defendendo-O e falando bem Dele diante dos líderes de Seus piores inimigos na terra, motivo pelo qual era agora um sofredor nas mãos deles. Isso era muito louvável. Mas há uma coisa que Cristo valoriza acima de tudo isso, e que é a fé. É por esta que Ele indaga: “Crês tu no Filho de Deus?”. Como se dissesse: “Todo este teu zelo em falar por mim, e paciência em sofrer, de nada valem em minha conta se não tiveres fé também”.

De fato, a maioria dos tratos de Deus com o Seu povo, o que são senão investigações em busca da fé? Seja da verdade ou da força dela. Quando Ele os aflige, é “para a prova da vossa fé”, 1 Pe 1:7. As aflições são a enxada e o picareta de Deus, com os quais Ele cava nos corações de Seu povo para encontrar este ouro da fé. Não que Ele não procure também outras graças; mas esta é nomeada por todas como a principal; a qual, uma vez encontrada, todas as outras logo aparecerão.

Quando Deus parece demorar e faz, por assim dizer, uma pausa em Sua providência antes de vir com a misericórdia que promete e pela qual oramos, isso é um teste para a fé. “Ó mulher, grande é a tua fé! Seja-te feito para com o teu querer”, Mt 15:28. Ela teria recebido sua resposta sem tanto alvoroço; apenas Cristo tinha uma misericórdia em reserva maior do que ela imaginava. Juntamente com a concessão de seu pedido na cura de sua filha,

Ele tinha a intenção de lhe dar também a evidência de sua fé, e a alta estima que Deus tem de Sua graça, como aquilo que pode obter Dele o que quiser.

Segundo Ponto Particular. Os elogios que são dados à fé acima de outras graças. Observareis que, na mesma ação em que outras graças são exercitadas de forma eminente, bem como a fé, mesmo assim a fé é notada e a coroa é colocada sobre a cabeça da fé, e não de qualquer outra. Não ouvimos falar quase de nenhuma outra graça ao longo de todo o capítulo 11 de Hebreus senão da fé. “Pela fé, Abraão”, “pela fé, Jacó”, e o restante daqueles heróis realizaram todos aqueles feitos famosos. Houve uma concorrência das outras graças com a fé em todos eles. Mas tudo passa sob o nome da fé. O exército inteiro luta, contudo, ao general ou ao capitão é atribuída a honra da vitória. Os nomes de Alexandre e de César são transmitidos à posteridade como os grandes conquistadores que venceram tantas batalhas, não os soldados rasos que lutaram sob suas ordens. A fé é a graça capitã. Todos aqueles atos famosos daqueles santos são registrados como as conquistas da fé.

Assim também em relação ao centurião: “Em verdade vos digo”, diz Cristo, “que nem mesmo em Israel encontrei tanta fé”, Mt 8:10. Havia outras graças muito eminentes no centurião além de sua fé: seu cuidado consciencioso por seu pobre servo, por quem ele não poderia ter feito mais se fosse seu próprio filho. Há alguns que se dizem cristãos, mas não se incomodariam tanto por um servo doente. Tais pessoas, infelizmente, são frequentemente menos consideradas na doença do que o animal de seu mestre. Mas, especialmente, sua humildade; esta brilhou de forma muito eminente naquela expressão de auto-humilhação: “Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu telhado”, Mt 8:8. Considere apenas a sua vocação e o seu

posto nela, e isso torna sua humildade mais conspícua. Um homem de espada, sim, um comandante! Tais homens costumam falar de forma arrogante e altiva. O poder raramente é amigo da humildade. Certamente ele era um homem de um raro espírito humilde para que ele, cuja boca estava tão acostumada a palavras de comando sobre seus soldados, pudesse tanto se rebaixar e se humilhar em sua abordagem a Cristo; contudo, sua fé supera sua humildade em sua maior força. Não diz: “Não encontrei tanta humildade”, mas “tanta fé” em todo o Israel. Como se Cristo dissesse: “Não há um único crente em todo o Israel que eu não conheça, e o quão rico ele é em fé também; mas não encontrei tanto deste tesouro celestial em nenhuma mão como na deste centurião”.

De fato, a principal riqueza do cristão está na mão da fé. “Não escolheu Deus os pobres deste mundo para serem ricos na fé?”, Tg 2:5. Por que ricos na fé, em vez de ricos na paciência, ricos no amor ou em qualquer outra graça? Ora, há uma grande razão para isso: quando a criatura vem reivindicar o perdão dos pecados, o favor de Deus e o próprio céu, não é o amor, a paciência, etc., mas somente a fé que apresenta o preço de tudo isso. Não é: “Senhor, perdoa-me, salva-me, aqui está o meu amor e a minha paciência para isso”; mas “aqui está Cristo e o preço de Seu sangue, que a fé Te apresenta para a compra total de todos eles”. Isto nos leva a um terceiro ponto, e de fato o principal de todos.

Terceiro Ponto Particular. O elevado ofício em que a fé é colocada acima de outras graças na questão de nossa justificação diante de Deus — “sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus”, Rm 5:1. Não justificados pelo amor, arrependimento, paciência ou qualquer outra graça além da fé. Oh, quão estranho soa aos ouvidos cristãos: paciência

justificadora, arrependimento justificador! E se estivessem envolvidos no ato da justificação, como a fé está, o nome lhes assentaria tão bem quanto assenta à própria fé. Mas encontramos isto apropriado à fé, e o restante excluído de ter parte no ato da justificação, embora incluído e pressuposto na pessoa que é justificada. É a fé que justifica sem as obras. Esta é a tarefa de Paulo provar em Romanos 3. Mas esta fé que justifica não é morta ou ociosa, mas uma fé viva e operante, o que parece ser o desígnio de Tiago no segundo capítulo de sua epístola.

Assim como Deus escolheu a Cristo dentre todos os outros para ser o único mediador entre Ele e o homem, e Sua justiça para ser a causa meritória de nossa justificação; assim Ele escolheu a fé dentre todas as outras graças para ser o instrumento ou meio de apropriar esta justiça de Cristo a nós mesmos. Portanto, assim como esta justiça é chamada de “justiça de Deus” e oposta à nossa “própria justiça”, embora operada por Deus em nós, Rm 10:3, porque é operada por Cristo para nós, mas não é inerente a nós, como a outra o é; assim também é chamada de “justiça da fé”, Rm 4:11, 13 — não a justiça do arrependimento, do amor ou de qualquer outra graça.

Ora, por que ela é chamada de “justiça da fé” e não do amor, do arrependimento, etc.? Certamente não porque a fé em si mesma seja a nossa justiça. Do contrário, seríamos justificados pelas obras enquanto somos justificados pela fé, ao contrário do apóstolo, que opõe fé e obras em Romanos 4.

Em uma palavra, então, seríamos justificados por uma justiça própria, pois a fé é uma graça inerente a nós e tanto obra nossa quanto qualquer outra graça o é. Mas isto é contrário à doutrina do mesmo apóstolo em Fp 3:9, onde a nossa própria justiça e a justiça que é pela fé são declaradas incompatíveis. Ela

pode, portanto, ser chamada de “justiça da fé” por esta razão e nenhuma outra: porque a fé é a única graça cujo ofício é apegar-se a Cristo e, assim, apropriar-se de Sua justiça para a justificação de nossas almas. Cristo e a fé são correlatos que não devem ser separados. Cristo é o tesouro, e a fé é a mão que o recebe. A justiça de Cristo é a veste, a fé é a mão que a veste; de modo que é Cristo quem é o tesouro. Por Seu sangue Ele liquida a nossa dívida, e não pela fé; cujo ofício é apenas receber a Cristo, mediante o que Ele se torna nosso. É a justiça de Cristo que é a veste que cobre a nossa nudez e nos torna belos aos olhos de Deus; apenas a fé tem a honra de colocar a veste sobre a alma, e não é pequena a honra que nisso lhe é conferida acima das outras graças.

Assim como Deus honrou grandemente a Moisés acima do restante de seus irmãos israelitas quando ele foi chamado a subir ao monte para receber a lei da boca de Deus, ao passo que a eles foram estabelecidos limites — para que ficassem esperando ao pé do monte até que ele a trouxesse para eles —; assim Deus honra grandemente a fé, ao chamá-la para subir como a graça por cuja mão Ele nos transmitirá este glorioso privilégio da justificação.

Pergunta. Mas por que a fé, e não outra graça qualquer, é empregada neste ato?

Resposta 1. Porque nenhuma outra graça possui uma aptidão tão própria para este ofício como a fé. Por que Deus designou o olho para ver e não o ouvido? Por que a mão para receber o nosso alimento e não o pé? Responde-se facilmente: porque esses membros possuem uma aptidão particular para essas funções, e as outras partes não. Assim, a fé possui uma aptidão para esta obra que é peculiar a si mesma. Somos

justificados não por dar algo a Deus do que fazemos, mas por receber de Deus o que Cristo fez por nós. Ora, a fé é a única graça receptora e, portanto, a única aptidão para este ofício.

Resposta 2. Não há graça com a qual Deus pudesse confiar Sua honra de forma tão segura nesta questão da justificação como com a fé. O grande desígnio que Deus tem ao justificar um pobre pecador é engrandecer Sua livre misericórdia aos olhos de Sua criatura. Isto está escrito em caracteres tão claros na palavra que quem corre pode ler. Deus estava resolvido a que Sua livre misericórdia ficasse com toda a honra, e a criatura fosse inteiramente excluída de qualquer pretensão de parceria com Ele nisso. Ora, não há caminho como este de ser justificado pela fé para assegurar e salvaguardar a glória da livre graça de Deus, Rm 3:25-26.

Quando o apóstolo discorreu em alguns versículos sobre a livre justificação de um pecador diante de Deus, ele passa a mostrar como isso abate a crista, sim, a garganta de todos os pensamentos de exaltação própria, versículo 27: “Onde está, pois, a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé”.

Os príncipes, de todas as ofensas, são os que mais desdenham e abominam ver seu leito real violado. Tão ciumentos eles têm sido disso que, para evitar qualquer suspeita de fato tão degradante, era costume antigo dos maiores monarcas que aqueles que fossem seus favoritos e admitidos na mais íntima assistência às suas próprias pessoas e rainhas fossem eunucos — indivíduos cuja própria incapacidade natural pudesse afastar toda suspeita de qualquer tentativa dessa natureza por parte deles.

Verdadeiramente, Deus é mais ciumento de ter a glória de Seu nome violada pelo orgulho e autoglorificação da criatura do que qualquer príncipe jamais foi de ter sua rainha desonrada. E, portanto, para protegê-la de qualquer abuso tão horrível, Ele escolheu a fé — esta graça eunuco, se assim posso chamar — para estar tão perto Dele e ser empregada por Ele neste alto ato de graça, cuja própria natureza, sendo uma graça que esvazia a si mesma, a torna incapaz de entrar em qualquer plano contra a glória da graça de Deus.

A fé tem duas mãos: com uma ela despe sua própria justiça e a lança fora, como Davi fez com a armadura de Saul; com a outra, veste a justiça de Cristo sobre a vergonha da alma, como aquilo com o qual somente ela ousa ver a Deus ou ser vista por Ele.

“Isso torna impossível”, diz o erudito e santo mestre Ball, “conceber como a fé e as obras devam ser conjugadas como concausas na justificação; visto que uma — isto é, a fé — atribui tudo à livre graça de Deus; a outra — isto é, as obras — reivindicam-o para si. Uma, a saber, a fé, não aspirará a nada mais alto senão ser a causa instrumental da livre remissão; a outra não pode ocupar posição inferior senão ser a matéria da justificação, se for causa de alguma natureza. Pois, se as obras nos forem creditadas no lugar de uma obediência exata na livre justificação, elas não estariam suprimindo esse lugar? Não seriam elevadas à dignidade de obras completas e perfeitas na justificação perante a justiça?” (*Treatise of Covenant of Grace* [Tratado do Pacto da Graça], p. 70).

Quarto Ponto Particular. A poderosa influência, sim, universal, que a fé exerce sobre todas as suas graças irmãs demonstra ser ela a principal de todas. O que torna o sol uma

criatura tão gloriosa senão o fato de ser um bem comum e servir a todo o mundo inferior com luz e influência? A fé é uma graça de cujo ministério Deus Se utiliza tanto para o bem do mundo espiritual nos santos — chamado na Escritura de *kaine ktisis* [a nova criação], Gl 6:15 — quanto utiliza o sol para o corpóreo. Nada se esconde do calor do sol, Sl 19:6, e não há graça que a influência da fé não alcance.

A influência da fé estende-se a todas as outras graças.

Primeiramente. A fé provê todas as graças com trabalho. Assim como o comerciante rico distribui sua lã, um pouco para este homem e um pouco para aquele, os quais todos fiam e trabalham com a matéria-prima que ele lhes fornece, de modo que, quando ele cessa de negociar, eles também devem parar, porque não têm matéria-prima senão a que ele provê — assim a fé distribui a cada graça aquilo sobre o que devem agir. Se a fé não negocia, elas também não podem fazê-lo.

Para exemplificar com uma ou duas graças em relação às demais:

O arrependimento é uma graça doce, mas colocada em ação pela fé. O arrependimento de Nínive é atribuído à fé deles: “E os homens de Nínive creram em Deus, e proclamaram um jejum, e vestiram-se de saco”, Jn 3:5. É bem provável, de fato, que o arrependimento deles não tenha sido mais do que legal, mas foi tão bom quanto a fé deles. Se a fé deles tivesse sido melhor, assim também teria sido o seu arrependimento. Tudo é silêncio e quietude em uma alma incrédula; nenhuma notícia de arrependimento, nem ruído de qualquer queixa feita contra o pecado até que a fé comece a se mover. Quando a fé apresenta a

ameaça e vincula a verdade e o terror dela à consciência, então o pecador tem algo sobre o que trabalhar. Assim como a luz acentua as cores e familiariza o olho com o seu objeto, fazendo-o começar a trabalhar, assim a fé põe em ação o pecado na consciência; agora pensamentos reflexivos logo surgirão e, como nuvens, se adensarão rapidamente em uma tempestade, até cobrirem a alma com uma escuridão universal de horror e tremor por causa do pecado. Mas então também a criatura fica sem saída e não pode ir mais longe na questão do arrependimento, até que a fé envie mais trabalho a partir da promessa, apresentando o perdão nela contido à alma que retorna; o que, assim que é ouvido e crido pela criatura, faz com que a obra do arrependimento progrida rapidamente. Ora, a nuvem de horror e terror que o medo da ira, pela consideração da ameaça, acumulara na consciência se dissolve em uma chuva suave de tristeza evangélica, diante do relato que a fé faz a partir da promessa.

O amor é outra graça celestial; mas a fé recolhe o combustível que acende este fogo. Dize-me, cristão, cuja alma agora arde em amor a Deus, foi sempre assim? Não! Certamente houve um tempo, posso afirmar por ti, em que o teu coração estava frio — nem uma faísca deste fogo se encontrava no altar do teu coração. Como é isto, então, cristão, que agora a tua alma ama a Deus, a quem antes desprezavas e odiavas? Certamente ouviste boas notícias do céu que mudaram teus pensamentos de Deus e desviaram a corrente do teu amor, que corria por outro caminho, para este canal feliz. E quem pode ser o mensageiro, além da fé, que traz boas notícias do céu para a alma?

É a fé que proclama a promessa; abre as excelências de Cristo; derrama o Seu nome, pelo qual as virgens O amam. Quando a fé traça um perfil de Cristo a partir da palavra e O

apresenta em Seu amor e formosura à alma, agora a criatura fica docemente cativada em seus afetos por Ele; agora o cristão tem um tema copioso para ampliar em seus pensamentos, por meio do qual estreita os laços com Cristo cada vez mais — “Para vós, os que credes, ele é precioso”; e quanto mais fé, “mais precioso”, 1 Pe 1:7.

Se estivéssemos sentados na mesma sala com o amigo mais querido que tivéssemos em todo o mundo, e nossos olhos estivessem impedidos de vê-lo, não tomaríamos mais conhecimento dele, nem lhe daríamos mais respeito do que a um mero estranho. Mas se alguém viesse e nos sussurrasse ao ouvido, dizendo-nos: “Este é aquele teu querido amigo que outrora deu a vida para salvar a tua, que te fez herdeiro de todos os bens que possuí, não demonstrarás teu respeito por ele?”; oh, como nossos corações bateriam em nossos peitos e se apressariam em manifestar-se em alguma expressão apaixonada de nosso afeto por ele! Sim, quão sinceramente envergonhados ficaríamos por nosso comportamento incivil e inadequado para com ele, embora ocasionado por nossa ignorância de sua presença.

Verdadeiramente, assim é aqui. Enquanto os olhos da fé tiverem uma névoa diante de si, ou estiverem inativos e como que adormecidos no hábito letárgico, o cristão pode sentar-se bem perto de Cristo em uma ordenança, em uma providência, e ser muito pouco afetado por Ele e atraído em amor por Ele. Mas quando a fé está desperta para vê-Lo ao passar em Seu amor e formosura, e ativa para relatar à alma as doces excelências que vê em Cristo, bem como o Seu terno amor sangrento por sua alma, o amor do cristão agora não pode deixar de brotar e saltar em seu peito ao som da voz da fé, assim como o bebê saltou no ventre de Isabel ao som da saudação de sua prima Maria.

Segundamente. Assim como a fé coloca as outras graças em ação por meio da ativação de seus objetos, sobre os quais elas discorrem, assim ela as ajuda todas a trabalhar, buscando forças em Cristo para agir e revigorá-las. A fé não é apenas o instrumento para receber a justiça de Cristo para a nossa justificação, mas é também o grande instrumento para receber a graça de Cristo para a nossa santificação. “E todos nós recebemos da sua plenitude, e graça por graça”, Jo 1:16. Mas como a recebemos? Justamente pela fé. A fé une a alma a Cristo; e assim como por um cano conectado diretamente à foz de uma fonte a água é levada às nossas casas para o suprimento de toda a família, assim pela fé deriva-se para a alma suprimento em abundância para os ofícios específicos de todas as diversas graças. Aquele que crê, “do seu interior correrão rios de água viva”, Jo 7:38. Isto é, aquele que tem fé, e é cuidadoso em viver no exercício dela, terá um fluxo e um aumento de todas as outras graças, aqui chamadas de “águas vivas”.

Daí decorre que os santos, quando desejam avançar para um nível elevado em outras graças, oram pelo aumento de sua fé. Nosso Salvador, em Lc 17:3-4, propõe a Seus apóstolos uma lição muito difícil quando deseja elevar o amor deles a um ponto tão alto quanto perdoar o irmão que os ofendeu “sete vezes” no dia. Ora, note o versículo 5 — “Disseram então os apóstolos”, apreendendo a dificuldade do dever, “ao Senhor: Acrescenta-nos a fé”. Mas por que não disseram antes: “Acrescenta-nos o amor”, visto ser essa a graça que deveriam exercitar ao perdoar o irmão? Certamente foi porque o amor tem o seu aumento a partir da fé. Se pudessem obter mais fé em Cristo, poderiam estar seguros de que teriam mais amor também para com o irmão. Quanto mais fortemente pudessem crer em Cristo para o perdão de seus próprios pecados, cometidos não “sete”, mas “setenta vezes” no

dia contra Deus, mais fácil seria perdoar o irmão que os ofendesse sete vezes no dia.

A esta interpretação favorece a resposta de nosso Salvador à oração deles por fé, versículo 6 — “E disse o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te daqui, e planta-te no mar; e ela vos obedeceria”. Onde Cristo mostra a eficácia da fé justificadora pelo poder de uma fé de milagres. Como se dissesse: “Acertastes no caminho correto para obter um espírito perdoador; é a fé de fato que vos capacitará a vencer a falta de misericórdia de vossos corações. Embora estivesse tão profundamente enraizada em vós como esta amoreira está no chão, contudo pela fé sérieis capazes de arrancá-la”. Quando queremos que a árvore inteira seja frutífera, pensamos ser suficiente regar a raiz, sabendo que o que a raiz suga da terra logo dispersará pelos galhos. Assim, aquela seiva e vigor que a fé, que é a graça radical, extrai de Cristo, será rapidamente difundida pelos ramos das outras graças e saboreada na agradabilidade de seus frutos.

Terceiramente. A fé defende o cristão no exercício de todas as suas graças. “Pela fé estás em pé”, Rm 11:20. Assim como um soldado sob a proteção de seu escudo mantém-se firme em sua posição e cumpre o seu dever, não obstante todos os disparos feitos contra ele para fazê-lo recuar. Quando a fé falha, então toda graça é posta em fuga e desordem. A simplicidade e a sinceridade de Abraão, como foram desordenadas quando ele dissimulou diante de Abimeleque a respeito de sua esposa? E por que, senão porque sua fé lhe falhou? A paciência de Jó recebeu uma ferida quando sua mão cansou e seu escudo da fé, que deveria tê-lo coberto, pendeu para baixo. De fato, nenhuma graça está segura se estiver fora da asa da fé.

Portanto, para garantir que Pedro não caísse de toda a graça, Cristo lhe diz: “Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça”, Lc 22:32. Esta foi a reserva que Cristo cuidou para que fosse mantida a fim de recuperar suas outras graças quando derrotadas pelo inimigo, e para tirá-lo daquele combate no qual fora tão gravemente ferido e quebrantado.

Diz-se que Cristo não pôde fazer muitos milagres em Sua própria terra “por causa da incredulidade deles”, Mt 13:58. Da mesma forma, Satanás não pode causar nenhum grande dano ao cristão enquanto a fé estiver no campo. É verdade que ele visa combater a fé acima de tudo, por ser ela que o impede de alcançar o resto, mas ele não consegue resistir diante dela por muito tempo. Por mais humilde, paciente e devoto que seja um santo, infelizmente! Satanás facilmente encontrará alguma brecha ou outra nessas graças e invadirá o seu espaço quando estiver na melhor ordem de batalha, se a fé não estiver no campo para cobri-las. Esta é a graça que o faz dar meia-volta e bater em retirada, 1 Pe 5:9.

Quartamente. Somente a fé alcança aceitação diante de Deus para todas as outras graças e suas obras. “Pela fé, Abel ofereceu a Deus maior sacrifício”, Hb 11:4. Quando um cristão trabalhou com o maior empenho em um dia e fiou o fio mais fino e uniforme de obediência na roca do dever, ele teme levar seu trabalho para casa à noite com a expectativa de qualquer aceitação por parte de Deus pelo valor de sua obra. Não, é da fé que ele faz uso para apresentá-lo a Deus por meio de Cristo para aceitação. Diz-se de nós, em 1 Pe 2:5: “Para oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo”; isto é, pela fé em Cristo, pois sem a fé Cristo não torna nenhum de nossos sacrifícios aceitáveis. Deus não recebe nada com agrado senão o que a mão da fé apresenta.

E tão prevalecente é a fé com Deus que Ele aceitará ouro leve — serviços imperfeitos — de sua mão; os quais, se viessem sozinhos, seriam rejeitados com indignação. Assim como um favorito que tem os ouvidos de seu príncipe acha fácil fazer com que seus parentes pobres também sejam recebidos na corte (assim José levou seus irmãos à presença de Faraó com grandes demonstrações de favor demonstradas por este por amor àquele; e Ester introduziu Mardoqueu em elevada distinção na corte de Assuero, ele que por seus próprios méritos não conseguira ir além de assentar-se à porta do palácio); assim a fé traz aquelas obras e deveres à presença de Deus, os quais de outra forma seriam certamente excluídos, e, pleiteando a justiça de Cristo, obtém que sejam recebidos em tão alto favor com Deus que se tornam o Seu deleite, Pv 15:8, e como um perfume agradável em Suas narinas, Ml 3:4.

As abordagens específicas do Espírito à alma, ao operar a fé nela]

1. O Espírito faz Sua abordagem ao entendimento e sobre ele realiza um ato de iluminação. O Espírito não trabalhará em uma oficina escura; a primeira coisa que faz em ordem à fé é abrir uma janela na alma e deixar entrar nela alguma luz do céu. Por isso, diz-se que os crentes são “renovados no espírito da vossa mente”, Ef 4:23, o que o mesmo apóstolo chama de ser “renovado em conhecimento”, Cl 3:10. Por natureza, conhecemos pouco de Deus e nada de Cristo ou do caminho da salvação por meio Dele. O olho da criatura, portanto, deve ser aberto para ver o caminho da vida antes que ela possa entrar nele pela fé. Deus não costuma transportar almas para o céu como passageiros em um navio, que são trancados sob as

escotilhas e nada veem durante todo o trajeto até o porto. Se assim fosse, aquela oração que o salmista, inspirado por Deus, profere em favor dos gentios cegos poderia ter sido poupada: “Para que se conheça na terra o teu caminho, e entre todas as nações a tua salvação”, Sl 67:2.

Assim como a fé não é um mero assentimento sem confiança e apoio em Cristo; assim também não é um assentimento cego sem algum conhecimento. Se, portanto, continuas ainda em tua ignorância embrutecida, e não sabes sequer quem é Cristo, e o que Ele fez para a salvação dos pobres pecadores, e o que deves fazer para obter interesse Nele, estás bastante longe de crer. Se o amanhecer não rompeu em tua alma, muito menos o Sol da Justiça surgiu por meio da fé em tua alma.

2. Além disso, quando o Espírito de Deus fez brotar uma luz divina no entendimento, Ele Se dirige à consciência, e o ato que sobre ela se realiza é um ato de convicção: “ele convencerá o mundo do pecado”, etc., Jo 16:8. Ora, esta convicção nada mais é do que um reflexo da luz que está no entendimento sobre a consciência, por meio da qual a criatura sente o peso e a força daquelas verdades que conhece, de modo a ser levada a uma profunda percepção delas. A luz em raio direto não aquece, assim como o conhecimento flutuando no cérebro não afeta. A maioria das pessoas sob o evangelho sabe que a incredulidade é um pecado condenador e que não há “outro nome” para ser salvo senão o nome de Cristo; contudo, quão poucos dentre estes sabem disso de forma convincente, de modo a aplicar isso às suas próprias consciências e a serem afetados com o seu próprio estado deplorável, sendo eles os incrédulos e as pessoas sem Cristo?

Assim como é considerado um bêbado condenado perante a lei aquele que, em tribunal aberto ou diante de uma autoridade legítima, mediante claro testemunho e depoimento de testemunhas, é considerado e julgado como tal; assim também, de forma bíblica, é um pecador convencido aquele que, mediante a clara evidência da palavra trazida contra ele pelo Espírito, é achado por sua própria consciência — o oficial de Deus em seu peito — como tal.

Dize agora, pobre criatura, passou por ti algum ato do Espírito de Deus como este? O qual, para que possas discernir melhor, avalia-te por estes poucos traços de uma pessoa convencida:

(1) Um pecador verdadeiramente convencido não está convencido apenas deste ou daquele pecado, mas do mal de todo pecado. É um mau sinal quando uma pessoa parece, em um momento de paixão, clamar contra um pecado e ser insensível a outro. Uma consciência parcialmente amolecida não é correta: macia em uma parte e dura em outra. O Espírito de Deus é uniforme em Sua obra.

(2) O pecador convencido não está convencido apenas de atos de pecado, mas também do estado de pecado. Ele não é afetado apenas pelo que fez — esta lei quebrada e aquela misericórdia por ele abusada —, mas com o que é o seu estado e condição presente. Pedro conduz Simão Mago daquele único ato horrível que cometera para a consideração de algo pior — o estado sombrio em que percebia que ele se encontrava: “Pois vejo que estás em fel de amargura, e em laço de iniquidade”, At 8:23. Muitos confessarão que não agem como deveriam, mas não aceitarão de forma alguma pensar tão mal de si mesmos a ponto de admitir que o seu estado é perverso — um estado de

pecado e morte; ao passo que a alma convencida coloca-se livremente sob esta sentença de morte, reconhece a sua condição e não dissimula a sua linhagem. “Sou uma criatura abominável”, diz ela, “um membro de Satanás, tão cheio de pecado quanto o sapo de veneno ativo. Toda a minha natureza jaz na maldade, assim como o cadáver podre e morto jaz em sua podridão e putrefação. Sou um filho da ira, nascido para nenhuma outra herança senão as chamas do inferno; e se Deus agora me lançar lá embaixo, não tenho uma única palavra justa para objetar contra Seus procedimentos, mas há algo em minha própria consciência que O inocentará de ter me feito qualquer injustiça em minha condenação”.

(3) O pecador convencido não apenas se condena pelo que fez e é, mas desespera de si mesmo quanto a qualquer coisa que possa agora fazer para se salvar. Muitos, embora cheguem ao ponto de confessar que são criaturas miseráveis e que viveram de forma ímpia e por isso merecem morrer; contudo, quando colocam a corda em seus próprios pescoços por um ato de autocondenação, estão tão longe de estarem convencidos de sua própria impotência que esperam cortar a corda com o seu arrependimento, reforma e não sei que coleção de boas obras, as quais pensam que redimirão seu crédito perante Deus e recuperarão o Seu favor, que seus pecados anteriores lamentavelmente lhes fizeram perder. E isso acontece porque o arado da convicção não foi fundo o suficiente para arrancar aquelas raízes secretas de autoconfiança com as quais o coração de todo pecador está lamentavelmente contaminado.

Ao passo que toda alma, perfeitamente convencida pelo Espírito, é uma alma que desespera de si mesma; ela se vê além de sua própria ajuda, como um pobre prisioneiro condenado,

carregado de tantos e tão pesados ferros que vê ser impossível escapar, com toda a sua habilidade ou força, das mãos da justiça.

Oh, amigos! Olhai se a obra foi tão longe em vossas almas ou não. A maioria dos que perecem, não é a sua doença que os mata, mas o seu médico. Eles pensam que podem curar a si mesmos, e isso os deixa incuráveis. Dize, alma, o Senhor alguma vez te desalojou desta toca onde tantos se escondem? Estás tão sem saber o que fazer quanto estás ciente do que fizeste? Vês o inferno em teu pecado e o desespero em ti mesmo? Deus te tirou desta Queila e te convenceu de que, se permaneceres na autoconfiança do teu arrependimento, reforma e deveres, todos eles te entregarão nas mãos da justiça e da ira de Deus quando estas vierem contra ti? Então, de fato, escapaste de uma das armadilhas mais sutis que a astúcia do inferno pode tecer.

(4) O pecador convencido não está convencido apenas do pecado, de modo a se condenar e a desesperar de si mesmo, mas está convencido de uma provisão completa estabelecida em Cristo para os autotransformados e autodesesperados: “convencerá o mundo... da justiça”, Jo 16:8, 10. E este é um antecedente tão necessário para a fé quanto qualquer um dos anteriores. Sem isso, a alma convencida do pecado está mais propensa a ir para a forca com Judas, ou a cair sobre a espada da lei — como o carcereiro tentou fazer com a sua quando julgou sua condição desesperada —, do que a pensar em vir a Cristo. Quem irá à porta de alguém que não tem com que socorrê-lo?

3. A terceira e última faculdade a ser tratada é a vontade, e sobre esta, para a produção da fé, o Espírito realiza um ato de renovação, por meio do qual Ele, de forma doce, mas poderosa,

inclina a vontade, que antes era rebelde e refratária, a aceitar a Cristo e a fazer uma escolha livre e deliberada Dele como seu Senhor e Salvador. Digo uma escolha “livre”, não apenas forçada nela com apreensões da ira, como alguém pode correr para debaixo do beiral de um inimigo em uma tempestade, por cuja porta passaria batido em tempo bom e nunca olharia naquela direção.

Dize, alma, tu te agradas em escolher a Cristo? Vais a Cristo não apenas por segurança, mas por deleite? Assim como a esposa: “Assentei-me debaixo da sua sombra com grande deleite”, Ct 2:3. Digo uma escolha “deliberada”, na qual a alma pesa bem os termos em que Cristo é oferecido e, quando considera tudo seriamente, gosta deles e une-se a Ele. Assim como foi com Rute, que, mesmo quando Noemi disse o pior que pôde para desanimá-la, gostava demais da companhia de sua sogra para perdê-la por causa dos problemas que a acompanhavam.

Dize, alma, o Espírito de Deus colocou assim a Sua chave de ouro na fechadura de tua vontade para abrir a porta eterna do teu coração a fim de deixar Cristo, o Rei da glória, entrar? Ele não apenas abriu o olho do teu entendimento, como quando acordou Pedro adormecido na prisão e fez as correntes da insensibilidade e estupidez caírem de tua consciência, mas também abriu o portão de ferro de tua vontade para te tirar da prisão da impenitência, onde até há pouco estavas firmemente trancado; sim, levou-te a bater à porta do céu em busca de acolhimento, como Pedro fez na casa de Maria, onde a igreja estava reunida? Tem bom ânimo, podes saber com certeza que Deus não enviou o Seu anjo, mas o Seu próprio Espírito, e te livrou da mão do pecado, de Satanás e da justiça.

AS PROPRIEDADES DA VERDADEIRA FÉ UMA VEZ QUE ELA É OPERADA

SEGUNDA DIRETRIZ. Sabemos o que é a fé, e como julgá-la, a partir de suas propriedades uma vez que ela é operada em nós pelo Espírito. Contentar-nos-emos em notar três:

Primeira. A verdadeira fé é obediente.

Segunda. Ela é dada à oração.

Terceira. É uniforme em sua atuação.

A verdadeira fé é OBEDIENTE

Primeira Propriedade. Esta escolha de excelente fé é uma fé obediente; isto é, a verdadeira fé na promessa opera obediência ao mandamento. Abraão é famoso por sua obediência; nenhum mandamento, por mais difícil que fosse, vinha fora de hora para ele. Ele era, de fato, um servo obediente, daquele tipo que, ao ouvir o bater do pé de seu senhor no chão, deixa tudo e corre imediatamente para conhecer a vontade e o prazer de seu senhor. Tal servo Deus teve em Abraão: “Quem suscitou do oriente o justo e o chamou para o seu pé?”, Is 41:2 [conforme tradução direta da citação do autor].

Mas qual foi a mola que colocou a obediência de Abraão em movimento? Vede para isto Hb 11:8: “Pela fé Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia”.

Assim como é impossível agradar a Deus sem fé, assim é impossível não desejar agradar a Deus com fé. Bem pode passar por uma fé de ídolo aquela que tem mãos, mas não trabalha, pés, mas não anda nos estatutos de Deus. Não antes Cristo curou a mulher no evangelho de sua febre, diz-se: “ela se levantou e os servia”, Mt 8:15. Assim a alma que crê se põe em pé e serve a Cristo em gratidão e obediência. A fé não é preguiçosa; ela não inclina a alma ao sono, mas ao trabalho; ela envia a criatura não para a cama, para ali ressonar e desperdiçar seu tempo em facilidade e preguiça, mas para o campo. A noite da ignorância e da incredulidade era o tempo de sono da criatura; mas, quando o Sol da Justiça surge e se faz dia na alma, então a criatura se levanta e sai para o seu trabalho. As primeiras palavras que rompem dos lábios da fé são aquelas de Saul em sua hora de conversão: “Senhor, que queres que faça?”, At 9:6. A fé reverte o Jordão e altera todo o curso de um homem. “Porque também nós éramos”, diz o apóstolo, “insensatos” e “desobedientes”, “mas, quando apareceu a benignidade e o amor de Deus, nosso Salvador, para com os homens”, Tt 3:3-4, então o caso mudou, como se segue.

E, portanto, tirai vossos dedos sujos da promessa e não pretendais mais ter fé se fordes filhos de Belial — daqueles cujos pescoços não se dobram livremente a este jugo de obediência. O próprio diabo pode tanto passar por um crente quanto uma alma desobediente. Outras coisas ele pode apresentar tanto quanto vós. Pretendes ter conhecimento? Não negarás que o diabo é um erudito maior do que tu, espero, e isso no conhecimento das Escrituras. Crês que a Escritura é verdadeira? E não crê ele com mais força? Tremes? Ele treme muito mais. É de obediência que ele carece, e isso o torna um diabo, e te tornará semelhante a ele também.

Dois traços que distinguem a obediência da verdadeira fé

Pergunta. Mas, podereis perguntar, que marca se encontra na obediência da fé que a distinguirá de todas as imitações — pois há muitas belas aparências de obediência que o diabo nunca nos privará de ter?

Resposta. Tomai estes dois traços da obediência da fé:

1º Traço. *A obediência da fé começa no coração e dali se difunde e se dilata para o homem exterior, até cobrir o homem inteiro em um esforço sincero.* Assim como na vida natural a primeira parte que vive é o coração, assim a primeira que a fé subjuga na obediência é o coração. É chamada de uma “fé que purifica o coração”, At 15:9. E os romanos crentes “obedeceram de coração à forma de doutrina a que fostes entregues”, Rm 6:17.

Ao passo que uma fé falsa, que imita esta fé verdadeira — assim como a arte imita a natureza —, começa por fora e ali termina. Todas as aparentes boas obras de um crente fingido são como a cor bonita no rosto de uma pintura, que não provém de um princípio de vida interior, mas do pincel do pintor por fora. Tais eram aqueles de Jo 2:23, dos quais se diz que “creram no seu nome”, “mas o mesmo Jesus não se confiava a eles”, versículo 24. E por quê? “Porque ele conhecia a todos”, versículo 24. Ele não se importava com o pórtico pintado e o exterior vistoso: “porque ele sabia o que havia no homem”, versículo 25, e por esse conhecimento Ele sabia que eles estavam podres no íntimo, corrompidos no coração, antes de estarem manchados na pele de sua conduta exterior.

Pergunta (1). Mas como posso saber se a minha obediência é a obediência do coração?

Resposta. Se provém do amor, então é a obediência do coração. Aquele comanda o coração que é o senhor do seu amor. O castelo deve necessariamente render-se quando aquele que o guarda, e tem as chaves dele, se submete. O amor é o afeto que governa este forte real do coração do homem. Entregamos nossos corações àqueles a quem entregamos o nosso amor. E, de fato, assim é que a fé traz o coração à sujeição e obediência a Deus, colocando-o sob uma lei de amor; “a fé que opera pelo amor”, Gl 5:6. Primeiro, a fé opera o amor e, depois, opera por meio dele. Assim como primeiro o artífice afia as suas ferramentas e, depois, esculpe e corta com elas; assim a fé afia o amor da alma a Deus e, depois, age por meio dele.

Ou, assim como um escultor, para fazer alguma peça difícil, antes de começar, achando suas mãos entorpecidas pelo frio, de modo que não consegue manejar suas ferramentas com a agilidade que deveria, vai primeiro ao fogo e, com a ajuda de seu calor, esfrega-as até que, de rígidas e dormentes, se tornem ágeis e ativas, e então cai no trabalho; assim a fé traz a alma — bastante relutante e apática, Deus o sabe, para com qualquer dever — à meditação sobre o amor incomparável, sem par, de Deus em Cristo por ela; e neste fogo a fé retém os pensamentos do cristão até que seus afetos comecem a se acender e a chegar a alguma percepção deste amor de Deus, e agora o cristão se esforça por Deus com toda a sua força e poder.

Pergunta (2). Mas como posso saber se a minha obediência provém do amor?

Resposta. Enviá-lo-ei a São João para ter a resposta a esta pergunta: “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os

seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados”, 1 Jo 5:3. Dize, alma, em que conta tens os mandamentos? Considera-os como uma corrente de ferro em tuas pernas e te julgas prisioneira porque estás presa a eles? Ou os valorizas como uma corrente de ouro em teu pescoço e te consideras favorita do Rei do céu por Ele te honrar a honrá-Lo servindo-O?

Assim fez um príncipe tão grande quanto o mundo já teve: “Porque quem sou eu, e quem é o meu povo, que tivéssemos poder para voluntariamente dar semelhantes coisas?”, 1 Cr 29:14. Não: “Quem sou eu para ser um rei sobre o meu povo?”, mas “para que tivesse um coração tão gracioso para oferecer voluntariamente com o meu povo”. Não: “Quem sou eu para que eles me sirvam?”, mas “para que tu me honres com um coração para Te servir com eles”. O mesmo homem santo, em outro lugar, fala do pecado como sua prisão e de sua obediência como sua liberdade: “E andarei em liberdade; pois busquei os teus preceitos”, Sl 119:45. Quando Deus lhe dá um coração dilatado para o dever, ele fica tão agradecido quanto um homem que estava amarrado na prisão fica quando é posto em liberdade para poder visitar seus amigos e seguir sua vocação.

A única coisa pesada para uma alma amorosa é ser impedida em sua obediência. É isso que a faz perder o encanto pelo mundo e por estar nele — porque este a embaraça em seu trabalho e, muitas vezes, a afasta dele. Assim como um servo consciencioso e fiel que, estando coxo ou doente, pouco serviço pode prestar a seu senhor, oh, como isso o entristece! Assim a alma amorosa se lamenta por dar tanto custo a Deus e ser tão infrutífera sob ele.

Dize, é este o teu temperamento? Bendito és tu do Senhor! Há uma joia de dois brilhantes que isto provará que

possuís, com a qual as joias da coroa de todos os príncipes do mundo não são dignas de ser valorizadas, assim como um monte de pó ou esterco é comparado com elas. A joia a que me refiro é feita deste par de graças — fé e amor. Elas são tuas e, com elas, Deus e tudo o que Ele tem e é. Mas, se os mandamentos de Deus forem “pesados”, como o são para todo coração carnal, e te consideras à vontade quando consegues escapar de um dever para cometer um pecado, assim como o animal faz quando sua coleira é retirada e ele se vê em seu pasto gordo novamente; agora estás onde gostarias de estar e podes mostrar algum ânimo que possuas. Mas quando a consciência te coloca na trilha de novo, ficas apático e pesado outra vez. Oh, isto demonstra que não tens amor a Deus e, portanto, nenhuma fé em Deus que seja verdadeira. Esse é de fato um animal que só tem energia no pasto.

2º Traço. A obediência da fé é cheia de abnegação. A fé mantém a criatura humilde; tanto no que ela tem quanto no que faz. “Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim”, Gl 2:20. Como se dissesse: “Rogo-vos que não me entendais mal; quando digo ‘vivo’, não quero dizer que vivo por mim mesmo, mas Cristo vive em mim. Vivo, e de forma abundante, mas é Cristo quem cuida da casa, não eu. Mortifico minhas corrupções e venço as tentações, mas sou devedor a Cristo pela força”.

Ninguém pode escrever aqui como se escreveu sob a estátua do Papa Adriano — onde o local de seu nascimento foi nomeado, e aqueles príncipes que o promoveram passo a passo até que ele subisse à cadeira papal, mas Deus foi deixado de fora de toda a história —: *nihil hic Deus fecit* [Deus nada fez aqui por este homem]. Não, o bendito Paulo, e nele todo crente, reconhece a Deus como único fundador, e benfeitor também, de todo o bem que tem e faz. Eles não se envergonham de

reconhecer a quem são devedores por tudo. “Estes são os filhos que Deus graciosamente me deu”, disse Jacó. E estes são os serviços nos quais Deus graciosamente me auxiliou, diz Paulo: “Trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus, que está comigo”, 1 Co 15:10. Tudo é *ex dono Dei* [do dom de Deus].

Oh, quão zelosos são os santos de não se escreverem como autores de suas próprias boas obras, partes ou habilidades! “Podes tu”, disse o rei a Daniel, “fazer-me saber o sonho que tive?”, Dn 2:26. Ora, note que ele não diz, como os orgulhosos astrólogos: “Nós daremos a interpretação”, Dn 2:4. Isso assentava bem à boca daqueles que não tinham conhecimento de Deus, mas não à de Daniel — o servo do Deus vivo. Embora naquele exato momento ele tivesse o segredo revelado a si e pudesse contar ao rei o seu sonho, contudo teve o cuidado de se manter isento de qualquer apropriação da glória de Deus; e, por isso, responde ao rei dizendo-lhe o que o seu Deus podia fazer, e não ele mesmo: “Há um Deus no céu, o qual revela os segredos”, etc.

E o que torna Daniel tão abnegado? Verdadeiramente foi porque ele obtivera este segredo de Deus pela fé diante do trono da graça; como podereis perceber pela comparação do capítulo 2:15-17. Aquela fé que o ensinou a implorar a misericórdia de Deus o capacitou a negar a si mesmo e a transferir toda a glória de si mesmo para Deus. Assim como os rios esvaziam suas águas novamente no peito do mar, de onde a princípio as receberam, assim os homens dão o louvor do que fazem àquilo por meio do qual o fazem. Se tentam qualquer empreendimento com seu próprio engenho ou indústria, vós os vereis trazer seu sacrifício ao seu próprio engenho ou rede. Não admira ouvir Nabucodonosor — que não olhou para ninguém mais alto do que

ele mesmo ao edificar sua grande Babilônia — atribuir a honra disso a si mesmo: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei... com a força do meu poder, e para glória da minha majestade?”, Dn 4:30.

Mas a fé ensina a criatura a riscar o seu próprio nome e a escrever o nome de Deus em seu lugar sobre tudo o que tem e faz. Quando os servos vieram prestar suas contas ao seu Senhor, cada um por sua mina; aqueles que foram fiéis em multiplicá-la, quão humilde e abnegadamente falam! “Senhor, a tua mina rendeu dez minas”, diz o primeiro, Lc 19:16. “A tua mina rendeu cinco”, diz outro, versículo 18. Note: não “eu ganhei”, mas “a tua mina rendeu dez e cinco”. Eles não aplaudem a si mesmos, mas atribuem tanto o capital quanto o aumento a Deus: o teu talento rendeu, isto é, os teus dons e graça, por meio do Teu auxílio e bênção, renderam tudo isto mais. Apenas aquele que menos fez vem com vanglória e conta ao seu Senhor o que fizera: “Eis aqui a tua mina, que guardei guardada num lenço”. Os que menos fazem são os que mais se vangloriam.

A verdadeira fé é DADA À ORAÇÃO

Segunda Propriedade. A verdadeira fé é dada à oração. A oração é filha da fé; e, assim como o filho traz o nome de seu pai sobre si, assim também a oração traz o nome da fé. Pelo que ela é conhecida senão pela “oração da fé”?; Tg 5:15. A oração é a própria respiração natural da fé.

Súplica e ações de graças — as duas partes da oração — por meio destas, assim como o corpo pelo duplo movimento dos pulmões, o cristão absorve a misericórdia de Deus e devolve essa misericórdia em louvor a Deus. Mas, sem a fé, ele não poderia

fazer nenhuma das duas coisas: não poderia por meio da súplica extrair misericórdia de Deus, “porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que diligentemente o buscam”, Hb 11:6. Nem poderia devolver louvores a Deus sem a fé. O coração de Davi deve estar firme antes que ele possa cantar e dar graças, Sl 57:7 [conforme referências brasileiras correlatas]. As ações de graças são um ato de abnegação, e é somente a fé que nos mostrará o caminho para fora de nossas próprias portas; e, assim como a criatura não pode orar — refiro-me de forma aceitável — sem a fé, assim também com a fé ela não pode deixar de orar.

A nova criatura, como os nossos bebês em seu nascimento natural, vem chorando ao mundo; e, por isso, Cristo conta como uma grande notícia a Ananias a respeito de Saul, um crente recém-nascido: “Eis que ele está orando”. Mas seria isso tão estranho, que alguém educado aos pés de Gamaliel, e um fariseu tão rigoroso quanto ele era, fosse encontrado de joelhos em oração? Verdadeiramente não; era disso que a sua seita se gloriava — de seus jejuns e orações —; e, portanto, sendo ele rigoroso em seu caminho, estava sem dúvida familiarizado com essa obra quanto à parte exterior dela, mas ele nunca tivera o espírito de oração até que agora possuía o Espírito da graça, por meio do qual creu em Jesus Cristo.

E, portanto, se quereis testar a vossa fé, não deve ser por uma simples oração, mas por alguns traços peculiares com os quais a fé imprime a oração. Ora, há três atos pelos quais a fé se revela em referência a este dever da oração:

1. A fé exerce um ato estimulante, pelo qual desperta o cristão para orar.
2. A fé possui um ato auxiliador na oração.

3. A fé possui um ato sustentador após a oração.

Três atos pelos quais a fé se revela em referência à oração

1. *O ato estimulante.* A fé exerce um ato estimulante, pelo qual provoca o cristão e fortemente o pressiona a orar. E isso ela faz:

(1) Revelando à criatura a sua própria mendicância e necessidade, bem como a plenitude que há de ser obtida de Deus em Cristo para o seu suprimento — utilizando ambos como motivos poderosos para animar a alma a orar. Como os leprosos disseram uns aos outros: “Para que ficaremos nós aqui até morrermos? Se dissermos: Entremos na cidade, há fome na cidade, e morreremos ali; e se ficarmos aqui, também morreremos. Vamos nós, pois, agora, e passemos para o arraial dos sírios”, 2 Reis 7:3-4. Assim a fé desperta a alma para a oração. Se permaneceres à tua própria porta, ó minha alma, certamente morrerás de fome. O que vês em ti mesma senão fome e penúria? Não há pão ali; nenhum dinheiro para comprar em tua própria bolsa. Levanta-te, pois, apressa-te para o teu Deus, e a tua alma viverá.

Oh, senhores, estais pressionados por este sentimento interior de vossas próprias necessidades? Pressionai em direção ao trono da graça como o único caminho que vos resta para o suprimento. Podeis esperar que seja a fé que vos envia. A fé é o princípio de nossa nova vida. “E a vida que agora vivo”, disse Paulo, “vivo-a na fé do Filho de Deus”, Gl 2:20. Esta vida, sendo fraca, está desejando e clamando por nutrição, e isso de forma

natural, como o bebê recém-nascido pelo leite. Se, portanto, achais esse sentido interior estimulando e provocando-vos a clamar a Deus, isso demonstra que este princípio de vida — refiro-me à fé — está em vós.

Objeção. Mas não pode um incrédulo orar sentindo suas necessidades e ser interiormente pressionado por elas, o que pode fazê-lo orar com muito sentimento?

Resposta. Devemos distinguir as necessidades. Elas são ou espirituais ou carnis. Não se pode negar que um incrédulo possa ser muito sensível a necessidades carnis externas e bater forte à porta do céu por suprimento. Encontramo-los “uivando em suas camas, e reunindo-se pelo trigo e pelo vinho”, Os 7:14. Há o clamor da criatura e o clamor da nova criatura. Toda criatura tem um clamor natural para aquilo que se adequa à sua natureza. Daí, “Os leõezinhos rugem pela presa, e de Deus buscam o seu sustento”, Sl 104:21. Mas, diz ao leão carne, e ele não rugirá por falta de capim; diz ao boi capim, e não o ouvirás mugir por carne; assim, diz à pessoa sem fé e sem graça a sua porção de alimento carnal — prazeres sensuais — e terá pouca queixa de necessidades espirituais da parte dela.

São, portanto, as necessidades espirituais pelas quais debes testar a tua fé. Se podes orar sinceramente por amor a Cristo, fé Nele ou qualquer outra graça — sentindo a falta delas como um homem faminto sente do seu alimento —, podes concluir com segurança que existe este princípio de nova vida, o qual, como os vasos no fundo do estômago, por sua sucção, te causa dor até que seja ouvido e satisfeito; pois estas graças, sendo próprias da nova criatura, não podem ser verdadeiramente desejadas por ninguém senão por quem seja uma nova criatura.

(2) *A fé estimula à oração a partir de um deleite interior que possui na comunhão com Deus.* “Para mim, bom é aproximar-me de Deus”, diz o salmista. Ora, note as palavras seguintes: “pus a minha confiança no Senhor Deus”, Sl 73:28. Temos prazer em olhar frequentemente para onde guardamos os nossos tesouros. Este homem santo depositara a sua alma, e tudo o que tinha, em Deus, pela fé, para ser guardado em segurança para ele; e agora ele se deleita em estar frequentemente com Deus. Ele tem aquilo que o convida à Sua presença com doce contentamento.

Pela fé a alma é unida a Cristo. Ora, estando desposada com Cristo, não há espanto algum em que deseje comunhão com Ele. E a oração, sendo o local de encontro onde Cristo e a alma podem se aproximar mais deste lado do céu, por isso o crente é visto tantas vezes caminhando por aquele caminho. Podes dizer, pobre alma, que esta é a tua missão ao orar — ver a face de Deus? Nada menos te satisfaz, e não precisas de nada mais para confortar e recriar a tua alma na oração do que a comunhão com Deus? Certamente Deus possui a tua fé, do contrário não poderias tão livremente devotar o teu amor a Ele e ter deleite Nele.

2. *O ato auxiliador.* A fé exerce um ato auxiliador na oração. Para exemplificar em apenas dois pontos particulares:

(1) *Ela auxilia a alma com importunação.* A fé é a graça que luta. Ela se aproxima de Deus; apegase a Deus e não aceitará facilmente uma recusa. Ela inflama todos os afetos e os põe em ação. Este é o olho da alma pelo qual ela vê a imundícia, o inferno que há em cada pecado. E o ver afeta o coração e o coloca em um estado de tristeza quando a alma expõe suas abominações diante do Senhor. A criatura agora não precisa de

artifícios para chorar. As lágrimas correm livremente, como água de uma fonte que jorra.

Ela faz uma revelação de Cristo à alma nas excelências de Sua pessoa, amor e graças, a partir do espelho da promessa, diante de cuja visão ela fica até enferma de anseio por eles, e tais dores de amor vêm sobre ela que a fazem enviar fortes clamores e súplicas por aquilo que tão impacientemente deseja. Sim, mais ainda, a fé não apenas deixa os dentes da criatura ansiosos ao exhibir a excelência de Cristo e de Sua graça; mas a supre com argumentos e ajuda a alma a manejá-los e usá-los com valentia e vitória diante do Todo-Poderoso. Nunca ele saberia o que fazer com uma promessa na oração até que agora a fé o ensina a pressionar a Deus com ela, humilde, porém ousadamente: “E então, que farás ao teu grande nome?”, Js 7:9. Como se dissesse: “Tu estás tão firmemente ligado ao Teu povo por promessa e juramento que não podes deixá-los perecer, do contrário o Teu nome sofrerá com eles”.

A fé funde promessas em argumentos, assim como o soldado transforma chumbo em balas, e então ajuda o cristão a enviá-las com força ao céu em uma oração fervorosa; ao passo que uma promessa na boca de um incrédulo é como um projétil na boca de uma arma sem fogo que o dispare. Oh, quão fria e morta cai uma promessa de seus lábios na oração! Ele pronuncia promessas, mas não sabe orar promessas ou pressionar promessas. E, portanto, avalia-te não pela oração simples, mas pela importunação na oração; e isso, não pela agitação de teus ânimos corporais, mas pelo trabalho interior de tua alma e espírito, se são levados a pleitear a promessa e a urgi-la perante Deus com uma humilde importunação ou não.

(2) *A fé capacita a alma a perseverar no trabalho.* A fé falsa pode demonstrar alguma energia imediata, mas acabará cansada com o tempo. Orará o hipócrita em todo o tempo?, Jó 27:10. Não; assim como a roda se desgasta com o girar, até que finalmente se quebra, assim faz o hipócrita. Ele ora até cansar-se de orar. Algo ou outro, com o tempo, o fará brigar com aquele dever do qual ele nunca gostou interiormente; ao passo que o crente sincero tem aquilo em si que torna impossível que ele abandone completamente a oração, a menos que também cessasse de crer.

A oração é a própria respiração da fé. Interrompa a respiração de um homem, e onde ele estará então? É verdade que o crente, por sua própria negligência, pode encontrar alguma dificuldade maior de respirar sua oração em um momento do que em outro — como o homem resfriado o faz para sua respiração natural. Infelizmente! Quem é tão cuidadoso com a saúde de sua alma que não precise lamentar isto? Mas que a fé viva e esta respiração da oração seja inteiramente cortada é impossível.

Vemos que Davi apenas segurou a sua respiração um pouco mais do que o comum, e em que desassossego isso o colocou, até que se aliviou novamente derramando sua alma em oração: “Enmudeci com silêncio; ralei-me até do bem, e a minha dor se exasperou. Esquentou-se-me o coração dentro de mim; no meu meditar se acendeu um fogo; então falei com a minha língua: Faze-me conhecer, Senhor, o meu fim”, Sl 39:2-3.

Encontras-te, ó homem, sob a necessidade de orar? Assim como o bebê que não pode deixar de chorar quando sente dor ou quer algo — porque não tem outra forma de se ajudar senão chorando para apressar sua mãe ou babá em seu socorro —; as necessidades, pecados e tentações do cristão continuando

a retornar sobre ele, ele não pode deixar de continuar também a orar contra eles. “Desde o fim da terra clamarei a ti”, diz Davi, Sl 61:2. Onde quer que eu esteja, Te buscarei. Prende-me, exíla-me ou faze comigo o que quiseres, nunca te livrarás de mim: “Habitarei no teu tabernáculo para sempre”, versículo 4. Mas como poderia Davi fazer isso quando exilado dele? Certamente ele se refere à oração. O cristão que ora carrega um “tabernáculo” consigo. Enquanto Davi puder ir ao tabernáculo, ele não o negligenciará; e quando não puder, por doença, exílio, etc., então olhará para ele, e tão devotamente adorará a Deus nos campos abertos como se nele estivesse. “Suba a minha oração perante a tua face como incenso, e seja o levantar das minhas mãos como o sacrifício da tarde”, Sl 141:2. Ele fala de um momento em que não podia ir oferecer sacrifício no tabernáculo.

3. *O ato sustentador.* A fé possui um ato sustentador após a oração.

(1) *Ela sustenta a alma para esperar uma resposta graciosa.* “Pela manhã apresentarei a minha oração, e vigiarei”, Sl 5:3. Ou: “esperarei”; esperarei por quê, senão por um retorno? Um coração incrédulo atira ao acaso e nunca se importa com onde sua flecha vai cair, ou o que resulta de sua oração; mas a fé enche a alma de expectativa. Assim como o comerciante, ao fazer o balanço de seus bens, conta o que enviou para o exterior, bem como o que tem em mãos; assim também a fé conta com aquilo que enviou ao céu em oração e ainda não recebeu, tanto quanto com aquelas misericórdias que já recebeu e que estão em mãos no momento.

Ora, esta expectativa que a fé desperta na alma após a oração revela-se no poder que ela tem de aquietar e confortar a alma no intervalo entre o envio, por assim dizer, do navio da

oração e o seu retorno para casa com o rico carregamento que foi buscar. E isso ocorre em maior ou menor grau, segundo a força da fé.

Às vezes a fé sai da oração em triunfo e clama *victoria* — vitória! Ela dá tal substância e realidade à misericórdia orada na alma do cristão, antes de qualquer probabilidade dela aparecer aos sentidos e à razão, que o cristão pode silenciar todos os seus pensamentos perturbados com a expectativa de sua vinda. Assim Ana orou e “o seu semblante já não era triste”, 1 Sm 1:18. Sim, isso fará o cristão dispensar seus louvores pela misericórdia muito antes de ela ser recebida.

Assim a fé elevada operou em Davi: “No dia em que eu temer, hei de confiar em ti”; e nas palavras seguintes: “Em Deus louvarei a sua palavra”, Sl 56:3-4; isto é, ele louvaria a Deus por Sua promessa antes que houvesse qualquer cumprimento dela para si, quando ela não tinha outra existência senão na fidelidade de Deus e na fé de Davi. Este homem santo possuía um olho de fé tão penetrante que podia ver a promessa, quando estava no nível mais baixo da miséria, tão certa e inquestionável no poder e na verdade de Deus, que podia então louvar a Deus como se a misericórdia prometida já tivesse sido realmente cumprida para si.

Mas eu não gostaria que tu, cristão, testasses a verdade de tua fé por este voo heroico e elevado que ela atinge em alguns crentes eminentes. Podes ser um soldado fiel de Cristo, embora não alcances o nível de alguns heróis de Seu exército, mais honrados sob este aspecto do que o restante de seus irmãos.

(2) *Há um ato inferior da fé que, se pudeses encontrar, poderá te certificar de sua verdade:* refiro-me àquele que, embora não desonere imediatamente a alma, após a oração, de

todos os seus pensamentos ansiosos e inquietantes, contudo mantém a cabeça da alma acima das ondas e lhes impõe um freio, de modo que diminuem, embora a passos lentos e graduais, como a corrente de um canal na maré vazante.

Quando Deus retirou o dilúvio da terra, não o fez em um momento. Diz-se: “E as águas foram-se escoando continuamente de sobre a terra”, Gn 8:3; isto é, a água foi descendo dia a dia, até que tudo se evaporou. Não podes perceber, cristão, que alguns de teus pensamentos tumultuados e inquietantes são escoados pela comporta da oração, e que é algum alívio para o teu espírito sobrecarregado ter o peito de um Deus gracioso para nele esvaziar o teu coração doloroso? E, embora o orar não drene todos os teus temores, contudo impede-te, não é verdade, de ser inundado por eles, o que não poderias evitar sem a fé?

Uma alma inteiramente desprovida de fé ora e não deixa nada de seu fardo com Deus, mas leva de volta tudo o que trouxe, e ainda mais. O clamar a Deus não lhe traz mais alívio do que lançar uma âncora que não tem garras para se prender na terra firme traz ao navio que está afundando. Se, portanto, pobre alma, descobrires, ao lançar a tua âncora da fé na oração, que ela se prende de tal forma a Cristo na promessa que te impede de ser arrastada pela fúria das tentações assustadoras de Satanás ou por teus próprios pensamentos desesperados, bendiz a Deus por isso. O navio que está ancorado está seguro — embora possa ser um pouco sacudido de um lado para o outro — enquanto a âncora mantiver a sua presa. E assim estás tu, pobre alma. Aquela fé salvará do inferno que não libertará inteiramente a alma aqui de seus temores.

A verdadeira fé é UNIFORME

Terceira Propriedade. A verdadeira fé é uniforme. Assim como a obediência sincera não escolhe nem seleciona — aceitando este mandamento e deixando aquele —, mas tem respeito por todos os preceitos de Deus; assim a fé não fingida tem respeito por todas as verdades de Deus. Ela crê em uma promessa tão bem quanto na outra. Assim como o verdadeiro cristão não deve ter “a fé de nosso Senhor Jesus Cristo” com favoritismo, Tg 2:1, assim também não deve tê-la com relação às verdades. Fingir crer em uma promessa e não dar crédito a outra é ser parcial nas promessas, assim como os sacerdotes são acusados de ser parciais nos deveres da lei, Ml 2:9.

A honra de Deus está tão profundamente empenhada em cumprir uma promessa quanto qualquer outra. De fato, assim como a quebra de apenas um mandamento nos colocaria sob a culpa de toda a lei; assim o falhar de Deus em uma única promessa — o que é blasfêmia pensar — seria a quebra de toda a Sua aliança. As promessas são copulativas, assim como os mandamentos; e, portanto, Deus não pode guardar uma sem cumprir todas, nem nós podemos crer em uma sem crer em todas. Deus proferiu todas essas palavras de promessas assim como proferiu as de preceitos; o Seu selo está em todas, e Ele espera que envolvamos todas no abraço de nossa fé. Davi dá testemunho de toda a verdade de Deus: “A tua palavra é a verdade desde o princípio, e cada um dos teus juízos dura para sempre”, Sl 119:160.

Avalia agora a tua fé aqui. Possivelmente, pretendes crer na promessa de perdão e estás frequentemente te alegrando com os pensamentos dela; mas que fé tens na promessa para santificar a tua natureza e subjugar as tuas corrupções? Pode ser que não

te importes com estas, não as aproveites. Este fruto pode ficar pendurado tempo suficiente nos ramos das promessas antes que o colhas. O outro é para o teu apetite, estes não; ao passo que a verdadeira fé gostaria tanto de um quanto do outro. Vede como Davi ora calorosamente pelo cumprimento desta promessa: “Olha para mim, e tem piedade de mim, conforme usas fazer com os que amam o teu nome. Ordena os meus passos na tua palavra, e não se apodere de mim iniquidade alguma”, Sl 119:132-133. Davi não queria perder nenhum privilégio que Deus, por promessa, estabelecera para Seus filhos. “Faze comigo”, diz ele, “conforme usas fazer”. Isto não é mais do que a refeição comum da família — o que prometes fazer por todos os que Te amam; e não me deixes ir pior vestido do que o restante de meus irmãos.

Pode ser que imagines ter fé para a salvação eterna de tua alma. Mas tens fé para confiar em Deus para as coisas desta vida? Um crente singular, não é verdade, aquele que vive pela fé para o céu e por seus próprios recursos e artimanhas pecaminosas para o mundo? Cristo prova que aqueles, em Jo 5:44, não criam Nele porque não ousavam confiar-Lhe seus nomes e créditos. Se não podemos confiar Nele no menor, como podemos no maior?

Não nego que aquele que tem uma fé verdadeira, sim, uma fé forte para o céu, possa passar por um apuro e ter sua fé frustrada diante de uma promessa temporal; mas não devemos, a partir de uma hora de tentação, na qual Deus deixa Seus santos mais eminentes para os humilhar, julgar a disposição constante e comum do coração do crente. Embora Abraão tenha dissimulado uma vez para salvar a sua vida, a qual considerava em perigo pela beleza de sua esposa; contudo, ele deu, em outras ocasiões, eminente testemunho de que confiava em Deus para a

sua vida temporal tanto quanto para a sua salvação eterna. Não te peço, portanto, que questiones a verdade de tua fé por causa de cada momento de desfalecimento que venha sobre ela quanto aos bens da promessa desta vida.

Um homem pode, em tempo de guerra, ter parte de seus bens sob o poder do inimigo por um tempo e, durante esse período, não receber lucros deles; contudo, ele ainda os considera seus bens, lamenta a sua grande perda atual e esforça-se, assim que pode, para recuperá-los da mão do inimigo. Assim, no turbilhão de uma tentação, quando Satanás — o grande inimigo da alma — está por perto e Deus retira o Seu auxílio, o crente pode receber pouco sustento de alguma promessa específica; contudo, ele sempre a considera como sua porção tanto quanto qualquer outra, lamenta não poder exercitar mais a sua fé nela e esforça-se por revigorar sua fé com novas forças vindas do céu quando pode, para que seja capaz de viver dela e aproveitá-la mais para o seu conforto. De modo que continua sendo verdade: se não cremos em Deus para esta vida, tampouco cremos para a outra.

Em uma palavra, pode ser que alegues ter fé para as tuas questões temporais e pareças confiar em Deus para as coisas desta vida; mas és um mero estranho àqueles atos primordiais da fé, pelos quais a alma crente se une a Cristo e O recebe como seu Senhor e Salvador, selando assim a aliança que no evangelho é oferecida aos pobres pecadores. Podes ir tão longe contra a tua própria razão a ponto de pensar que qualquer promessa temporal te pertence sem estes? O que dá à mulher o direito à sua meação senão o seu pacto de casamento? E o que dá à criatura um direito real a estas promessas, ou a qualquer outra na aliança da graça, senão a sua união com Cristo e o recebê-Lo como Ele é oferecido?

O primeiro ato do amor de Deus para com a criatura é aquele pelo qual Ele a escolhe para ser Sua e a separa, em Seu propósito imutável, para ser objeto de Seu amor especial em Cristo, sendo por isso chamado de “o fundamento”, como aquilo sobre o que Deus estabelece a superestrutura de todas as outras misericórdias: “Todavia o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus”, 2 Tm 2:19. Primeiro, Deus escolhe uma pessoa para ser Sua, e sobre este fundamento Ele edifica e concede todo o Seu custo adicional de misericórdia sobre a criatura, como alguém que é Seu.

Assim, da parte da criatura, primeiro a fé se une a Cristo, separa-O em seus pensamentos de todos os outros e O escolhe para ser o seu Salvador, em quem somente confiará e a quem somente servirá; o que, uma vez feito, então ela negocia com esta e com aquela promessa, como a porção que lhe cabe pelo casamento com Cristo. E, portanto, vê quão irracional é o teu curso, que te aproprias destas promessas antes que tenha havido qualquer manifestação de boa vontade de tua parte para com Cristo.

TERCEIRA SUBDIVISÃO

EXORTAÇÃO AOS INCRÉDULOS

Para que obtenham ‘o escudo da fé’

Sendo a fé uma graça tão preciosa, que isto vos motive, a vós que não a tendes, a obtê-la. Podeis ouvir falar desta pérola e não desejar que ela fosse vossa? Por que o Espírito falou coisas tão grandes e gloriosas a respeito da fé na Palavra senão para torná-la mais desejável aos vossos olhos?

Há alguma forma de obter a Cristo senão obtendo a fé? Ou não achas que precisas de Cristo tanto quanto qualquer outro? Há uma geração de homens no mundo que quase faria pensar ser esse o seu julgamento, os quais, por suas corrupções não terem deixado tamanha marca de infâmia sobre o seu nome — manifestando-se em chagas abertas de profanidade como outros carregam —, mas tendo suas condutas ornamentadas com algumas flores de moralidade pelas quais seus nomes se mantêm respeitáveis entre os vizinhos; e, por isso, não dão ouvidos às ofertas de Cristo, nem suas consciências os acusam por essa negligência. E por que assim? Certamente não é porque estejam mais dispostos a ir para o inferno do que os outros; mas porque o caminho em que pensam estar os levará no devido tempo ao céu, sem necessidade de mais esforço.

Pobres criaturas iludidas! Foi Cristo enviado para ajudar apenas alguns pecadores mais depravados a irem para o céu, tais como bêbados, blasfemadores e os de igual estirpe? E os homens civis e morais foram deixados para caminharem até lá por suas próprias pernas? Tenho certeza de que, se a Palavra merece crédito, temos o caso resolvido de forma bastante clara. Ela nos fala de um único caminho para o céu para todos os que

tencionam lá chegar. Assim como há um “só Deus”, há também um “só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem”, 1 Tm 2:5. E se há apenas uma ponte sobre o abismo, julga o que acontecerá ao homem civil e justo, apesar de sua vida de bom odor, se ele perder esta única ponte e seguir na estrada em que se pôs para o céu?

Oh, lembra-te, homem orgulhoso, de quem tu és, e cessa a tua vã tentativa. Não és da semente de Adão? Não tens sangue de traidor em tuas veias? Se “toda a boca esteja fechada”, Rm 3:19-20, como ousas abrir a tua? Se “todo o mundo seja condenável diante de Deus”, de modo que “por obras da lei nenhuma carne será justificada diante dele”, onde então te colocarás para pleitear a tua inocência perante Aquele que vê a tua pele negra sob as tuas penas brancas, o teu coração imundo através de tua conduta polida? É a fé em Cristo que unicamente pode purificar o teu coração. Sem ela, o teu rosto e as tuas mãos lavados — refiro-me à justiça externa — nunca te recomendarão diante de Deus. E, portanto, estás sob uma terrível ilusão se não pensas que precisas de Cristo e de uma fé para te dar direito Nele tanto quanto o mais sanguinário assassino ou o mais imundo sodomita do mundo.

Se um grupo de homens e crianças em uma jornada tivesse de atravessar um riacho que não passasse da altura de um homem, os homens teriam vantagem sobre as crianças. Mas se tivessem de cruzar os mares, os homens precisariam de um navio para os transportar tanto quanto as crianças. E poderiam muito bem passar por loucos se pensassem em atravessar a nado, sem a ajuda de um navio que lhes é oferecido tanto quanto às outras, apenas porque são um pouco mais altos que as demais. Tal tentativa tola e desesperada farias por tua alma se pensasses em abrir o teu caminho através da justiça de Deus rumo ao céu, sem

embarcar pela fé em Cristo, apenas porque não és tão mau em tua conduta externa como os outros.

Permite-me, portanto, rogar repetidas vezes a todos os que estão ainda desprovidos de fé que se esforcem por ela, e isso rapidamente. Não há nada que mereça a precedência em vossos pensamentos antes disto. Davi resolveu não “dar sono aos meus olhos, nem repouso às minhas pálpebras, enquanto não achar lugar para o Senhor, uma morada para o Poderoso de Jacó”, Sl 132:4-5. A habitação que mais agrada a Deus é o teu coração; mas deve ser um coração crente: “Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações”, Ef 3:17. Oh, como ousais dormir uma noite sequer naquela casa onde Deus não habita? E Ele não habita em ti se carregas um coração incrédulo no peito.

Não há sermão do evangelho que ouças em que Ele não se coloque à tua porta para ser deixado entrar. Acautela-te para não multiplicares desfeitas negando-Lhe acolhimento. Como sabes se Deus, achando o teu coração fechado tantas vezes pela incredulidade contra as Suas batidas, não te selará repentinamente sob a incredulidade final?

DIRETRIZES AOS INCRÉDULOS

Para alcançar a fé

Mas possivelmente perguntarás agora: como podes obter esta preciosa graça da fé? A resposta a esta pergunta, recebe-a nestas diretrizes seguintes.

PRIMEIRA. Esforça-te para que o teu coração seja convencido de tua incredulidade e afetado por ela.

SEGUNDA. Acautela-te para não resistires ou te opores ao

Espírito de Deus quando Ele oferece a Sua ajuda para a obra.
TERCEIRA. *Eleva o teu clamor em alta voz na oração a Deus pela fé.*

QUARTA. *Conversa muito com as promessas e pondera-as frequentemente em teus pensamentos reflexivos.*

QUINTA. *Pressiona e impele a tua alma intensamente com aquela forte obrigação que recai sobre ti, um pobre pecador humilhado, de crer.*

O incrédulo deve ter seu coração convencido de sua incredulidade

PRIMEIRA DIRETRIZ. *Esforça-te para que o teu coração seja convencido de tua incredulidade e afetado por ela.* Até que isso seja feito, serás apático e superficial em teus esforços pela fé. O homem pode ser convencido de outros pecados e nunca pensar em vir a Cristo. Convince o ébrio de sua embriaguez, e, ao deixar o seu vício de beber, sua mente se tranquiliza; sim, ele se felicita em sua reforma porque toda a disputa que sua consciência tinha com ele era por aquele pecado específico.

Mas, quando o Espírito de Deus convence a criatura de sua incredulidade, Ele Se coloca entre ela e aquelas tocas nas quais costumava se esconder. Ela não tem alívio em seu espírito a partir daqueles curativos agora que anteriormente a haviam aliviado e, assim, mantido longe de vir a Cristo. Antes, bastava para fazer adormecer a sua consciência quando esta a acusava de tal pecado que ela tivesse deixado a prática dele; e, pela negligência de um dever, que agora o tivesse assumido sem um exame de seu estado, se bom ou mau, perdoado ou não perdoado. Assim, muitos se arranjam para remediar e remendar a paz de

suas consciências, exatamente como fazem alguns para manter de pé uma casa velha e podre, tapando aqui com uma telha e ali com uma pedra, até que venha um vento forte e derrube a casa inteira.

Mas, assim que a criatura tem o fardo de sua incredulidade colocado sobre o seu espírito, então lhe serve de pouco alívio pensar que não é ébria como era, nem atéia em sua família — sem o culto a Deus — como era. “O teu estado presente”, diz o Espírito de Deus, “é tão condenador, pelo fato de seres um incrédulo, como se ainda fosses aquelas coisas”. Sim, o que eras, és; e serás achado no grande dia como o ébrio e o ateu, apesar de toda a tua aparente reforma, a menos que por uma fé interveniente ganhes um novo nome. O que importa que não estejas mais embriagado? Contudo a culpa permanece sobre ti até que a fé a remova com o sangue de Cristo. Deus cobrará a Sua dívida; de ti, ou de Cristo por ti; e Cristo não salda contas para incrédulos.

Mais uma vez, assim como a culpa permanece, o poder daquelas concupiscências também permanece enquanto fores um incrédulo — por mais que desapareçam no ato exterior. O teu coração não está esvaziado de um único pecado; apenas a saída foi fechada pela graça restritiva. Uma garrafa cheia de vinho, bem arrolhada, não mostra mais o que tem dentro do que uma que está vazia. E esse é o teu caso. Como é possível mortificares verdadeiramente qualquer concupiscência se não tens fé, a qual é a única vitória sobre o mundo?

Em uma palavra, se sob o convencimento de tua incredulidade descobrires — por menor que esse pecado seja agora considerado por ti — que há mais malignidade nele do que em todos os teus outros pecados. Foste um mentiroso? Esse é um

pecado grave de fato. O inferno aguarda por todo aquele que ama e comete a mentira, Ap 22:15. Mas sabe, pobre criatura, que a mentira mais estridente que já proferiste é aquela que por tua incredulidade proferes. Aqui prestas falso testemunho contra o próprio Deus e proferes uma mentira, não ao Espírito Santo, como fez Ananias, mas a respeito do Espírito Santo; como se não fosse verdade uma palavra do que Ele diz nas promessas do evangelho. Se “aquele que aceita o seu testemunho confirmou que Deus é verdadeiro”, julga tu se o incrédulo não O faz mentiroso? Foste um assassino, sim, tiveste as mãos no sangue de santos — os melhores dos homens? Esse é um pecado terrível, confesso. Mas, por tua incredulidade, és um assassino mais sanguinário por quanto o sangue de Deus é mais precioso do que o sangue de meros homens. Matas Cristo de novo por tua incredulidade e pisas o Seu sangue debaixo de teus pés; sim, lanças-o sob os pés de Satanás para ser pisoteado por ele.

Pergunta. Mas como pode a incredulidade ser um pecado tão grande se não está no poder do pecador crer?

Resposta. Por esse raciocínio a pessoa não regenerada poderia esquivar-se de qualquer outro pecado e livrar-se da culpa dele apenas dizendo: “Não é culpa minha não guardar este ou aquele mandamento, pois não tenho poder em mim mesmo para cumpri-los”. Isto é verdade; ela não pode realizar uma única ação santa de forma santa e aceitável. “Os que estão na carne não podem agradar a Deus”, Rm 8:8. Mas é uma inferência falsa que, portanto, ela não peque porque não pode agir de outra forma.

1. *Porque a sua incapacidade não foi criada por Deus, mas contraída pela própria criatura.* “Deus fez ao homem reto, mas ele buscou muitas invenções”, Ec 7:29. O

homem não recebeu sua mão aleijada de Deus. Não; ele foi feito uma criatura apta e capaz para qualquer serviço que o seu Criador Se agradasse em empregá-lo. Mas o homem mutilou a si mesmo. E a falta do homem não pode prejudicar o direito de Deus. Embora ele tenha perdido a sua capacidade de obedecer, Deus não perdeu o Seu poder de ordenar. Quem, entre nós, considera o seu devedor desobrigado por ter dilapidado os bens com os quais poderia ter nos pago? Admite-se que, tivesse o homem permanecido firme, ele não deveria, aliás não poderia, ter crido em Cristo para a salvação, como Ele é agora apresentado no evangelho; mas isto não decorria de qualquer incapacidade no homem, mas da inadequação de tal objeto ao estado santo de Adão. Se tivesse sido um dever adequado para Deus ordenar, havia capacidade no homem para obedecer.

2. *A impotência atual do homem para prestar obediência aos mandamentos de Deus, e em particular a este de crer — onde ele é promulgado —, não lhe fornece desculpa;* porque não se trata de uma simples incapacidade, mas complicada com uma inimizade interior contra o mandamento. É verdade que o homem não pode crer. Mas é igualmente verdade que o homem não quer crer. “E não quereis vir a mim para terdes vida”, Jo 5:40. É possível, aliás comum, que um homem possa, por alguma fraqueza e deficiência de forças, estar incapacitado de fazer aquilo que está muito disposto a fazer; e isto atrai a nossa piedade. Tal era o pobre paralítico que jazia há tanto tempo junto ao tanque, Jo 5:5. Ele estava bastante disposto a descer se pudesse ao menos rastejar até lá; ou que qualquer outro o ajudasse a entrar, se tivessem a bondade de o fazer.

Mas o que diríeis de um parálítico que não entra ele mesmo no tanque para cura, nem deseja que ninguém o ajude a entrar; antes, agride aquele que deseja fazer-lhe esse favor? Todo incrédulo é este parálítico. Ele não é apenas impotente em si mesmo, mas um resistente do Espírito Santo que vem cortejá-lo e atraí-lo a Cristo. De fato, todo aquele que crê crê voluntariamente. Mas ele é devedor, não à natureza, mas à graça, por essa disposição voluntária. Ninguém é voluntário até que venha “o dia do teu poder”, Sl 110:3, no qual o Espírito de Deus cobre a alma com a Sua sombra e, por Sua incubação, como outrora sobre as águas, recria e molda a vontade em uma doce conformidade com o chamado de Deus no evangelho.

O Espírito de Deus NÃO DEVE SER RESISTIDO quando oferece Sua ajuda para a obra da fé

SEGUNDA DIRETRIZ. Acautela-te para não resistires ou te opores ao Espírito de Deus quando Ele oferece a Sua ajuda para a obra. Se alguma vez creres, Ele deve te capacitar; acautela-te para não Lhe opores resistência. Os mestres de obras não gostam de ser contrariados. Ora, de duas maneiras o Espírito de Deus pode ser resistido:

Primeira. Quando a criatura não espera no Espírito, onde Ele ordinariamente opera a fé. Segunda. Quando a criatura, embora O acompanhe nos caminhos e meios, contudo O contraria em Sua obra.

Primeira. Acautela-te para não te opores ao Espírito por não O acompanhares no caminho e nos meios pelos quais Ele ordinariamente opera a fé. Sabes por onde Jesus costumava passar e o Seu Espírito soprar, e isto se dá na grande ordenança

do evangelho — o ministério da palavra. As ovelhas de Cristo ordinariamente concebem quando estão bebendo a água da vida aqui. O ouvir do evangelho é chamado, em Gl 3:2, “a pregação da fé” [ou o ouvir com fé]; porque, pelo ouvir a doutrina da fé, o Espírito opera a graça da fé neles. Esta é a voz mansa com que Ele fala às almas dos pecadores: “Os teus olhos verão os teus mestres. E os teus ouvidos ouvirão a palavra do que está por detrás de ti, dizendo: Este é o caminho, andai nele”, Is 30:20-21. Aqui estão Deus e o homem ensinando juntos. Não podes negligenciar o ensino do homem sem resistir também ao do Espírito.

Foi por algum motivo que o apóstolo os colocou tão próximos em 1 Ts 5:19-20. Ele nos ordena: “Não extingais o Espírito”; e nas palavras seguintes: “Não desprezeis as profecias”. Certamente ele queria que soubéssemos que o Espírito é perigosamente extinguido quando as profecias, ou a pregação do evangelho, são desprezadas. Ora, a forma mais notória de desprezar as profecias ou a pregação é virar as costas para a ordenança e não a acompanhar. Quando Deus estabelece o ministério da palavra em um lugar, o Seu Espírito abre ali a Sua escola e espera que todos os que desejam ser instruídos para o céu venham até lá.

Oh, acautela-te para não gazear as aulas e te ausentares da ordenança por qualquer motivo desnecessário, muito menos abandonar de vez a ordenança. Se tenta a Deus aquele que deseja ser guardado do pecado e, contudo, não quer afastar-se do círculo da ocasião que conduz ao pecado; então tenta a Deus tanto quanto aquele que deseja ter a fé e alega que o seu desejo é que o Espírito a opere, mas não quer aproximar-se da caminhada comum do Espírito por onde Ele realiza a obra. Se é mais adequado que o aluno espere por seu mestre na escola para

ser ensinado, ou que o mestre corra atrás de seu aluno fujão enquanto este brinca no campo para ali ensiná-lo, julga tu mesmo.

Segunda. Acautela-te para que, em teu acompanhamento da palavra, não contraries o Espírito naqueles diversos passos que Ele dá em tua alma em ordem à produção da fé. Embora não existam obras preparatórias de nossa parte para a graça, contudo o Espírito Santo tem as Suas obras preparatórias pelas quais dispõe as almas para a graça.

Observa, portanto, cuidadosamente as abordagens graduais que Ele faz pela palavra à tua alma, por falta de correspondência com as quais Ele pode Se retirar indignado e deixar a obra em uma situação triste por um tempo, se não a abandonar por completo para nunca mais voltar.

Lemos em At 7:23 como “veio-lhe ao coração o desejo de visitar seus irmãos, os filhos de Israel” — movido, sem dúvida, pelo próprio Deus a essa jornada. Ali ele começa a demonstrar sua boa vontade para com eles e zelo por eles ao matar um egípcio que maltratara um israelita; o que, embora não fosse grande coisa em direção à sua libertação completa do Egito, contudo “ele cuidava” (diz-se no versículo 25) “que seus irmãos entenderiam”, por aquela indicação, “que Deus lhes havia de dar a liberdade pela sua mão”. Mas eles não corresponderam com ele; ao contrário, opuseram-se a ele; e, por isso, ele Se retirou, e eles não ouviram falar mais de Moisés ou de sua libertação pelo espaço de “quarenta anos”, versículo 30.

Assim, pode ser que o Espírito de Deus te faça uma visita em uma ordenança — direcione uma palavra que fale à tua condição específica. Ele gostaria que compreendesses por isto, pecador, quão pronto Ele está para te ajudar a sair de tua casa de

servidão — o teu estado de pecado e ira — se agora deres ouvidos ao Seu conselho e acolheres com bondade as Suas sugestões. Mas, porta-te de forma rebelde agora contra Ele, e Deus sabe quando voltarás a ouvir Dele batendo à tua porta para tal missão.

Deus abrevia o caminho com alguns em Seus procedimentos judiciais. Se Ele encontra uma recusa uma vez, às vezes Se retira e deixa uma terrível maldição para trás como punição disso. “Porque eu vos digo que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia”, Lc 14:24. Eles foram convidados apenas uma vez e, por sua primeira recusa, esta maldição lhes foi imposta na cabeça. Não diz que nunca chegarão onde a ceia está servida na mesa, mas que nunca a “provarão”. Muitos se assentam sob as ordenanças onde Cristo é apresentado de forma admirável em pratos evangélicos, mas, pela eficácia desta maldição sobre eles, nunca provam destas iguarias em toda a sua vida. Ouvem verdades preciosas, mas seus corações estão selados na incredulidade e suas mentes tornadas reprovadas e incapazes de discernimento, de modo que não são movidos de forma alguma por elas.

Há um tipo de frenesi e loucura de que ouvi falar, no qual o homem discorrerá de forma sóbria e racional até que se chegue a falar de um assunto específico que foi a causa de seu distúrbio e primeiro lhe afetou o cérebro; aqui ele perde completamente o rumo e imediatamente perde a razão, incapaz de falar com qualquer entendimento sobre o ponto.

Oh, quantos homens e mulheres há entre nós — frequentadores assíduos da palavra — que em qualquer questão do mundo são capazes de discorrer com muito entendimento e razão; mas, quando se chega a falar das coisas de Deus, de Cristo

e do céu, é estranho ver quão logo sua razão se perde e todo o entendimento desaparece! Não são capazes de falar dessas questões com qualquer juízo. Verdadeiramente temo que, em muitos — que já se assentaram por muito tempo sob os meios da graça e o Espírito esteve realizando algumas tentativas neles —, esta falta de discernimento mental nas coisas de Deus seja apenas a consequência daquela maldição espiritual que Deus pronunciou sobre eles por resistirem a esses ensaios de Seu Espírito.

Rogo-vos, portanto, acautelai-vos de opor resistência ao Espírito. Se Ele projeta alguma luz de Sua palavra em teu entendimento, por meio da qual tu, que antes eras um ignorante insensato, chegas a compreender algo do mal do pecado, da excelência de Cristo e podes discorrer racionalmente sobre as verdades da Escritura? Olha bem agora para o que fazes com esta lâmpada do Senhor acesa em tua mente; acautela-te para não seres encontrado pecando com ela ou te orgulhando dela, para que não se apague em um sopro e tu, por “te rebelares contra a luz”, venhas finalmente a “morrer sem conhecimento”, como está ameaçado em Jó 36:12.

Se o Espírito de Deus vai ainda mais longe e robustece a luz em teu entendimento de tal modo que põe a tua consciência em chamas com a percepção de teus pecados e as apreensões da ira devida a eles; agora, acautela-te de Lhe opor resistência quando, em misericórdia à tua alma, Ele está acendendo este fogo em teu peito, para te guardar de outro pior no inferno, se te deixares governar por Ele.

Deves esperar que Satanás, agora que sua casa está pegando fogo sobre a sua cabeça, se esforce ao máximo para apagá-lo; o teu perigo é que lhe dês ouvidos para o teu alívio

imediatamente. Acautela-te, portanto, de onde tiras a água com que apagas este fogo; que não seja de poço algum senão da palavra de Deus. Ao pensares em tranquilizar a tua consciência, podes extinguir o Espírito de Deus em tua consciência; que é o malefício que o diabo anseia que atraias sobre a tua própria cabeça.

Há mais esperança de um homem doente quando a sua doença se manifesta por fora do que quando ela se localiza no coração e nada se vê externamente. Sabeis como Hazeel ajudou o seu mestre a ter aquele fim triste, ele que poderia ter vivido apesar de sua doença: “E sucedeu que, ao outro dia, tomou uma coberta, e a molhou em água, e a estendeu sobre o seu rosto, e morreu”; e segue-se: “e Hazeel reinou em seu lugar”, 2 Reis 8:15. Assim o miserável chegou à coroa. Ele viu que o rei estava para se recuperar e sufocou a sua doença, com toda a probabilidade, voltando-a para o coração por meio do pano molhado, e assim por sua morte abriu caminho para si mesmo rumo ao trono.

E verdadeiramente Satanás não temerá muito recuperar o trono do teu coração — o qual esta combustão atual em tua consciência o coloca em grande temor de perder — se ele puder te persuadir a aplicar alguns resfriamentos carnis a ela, extinguindo assim o Espírito em Sua obra de convicção. Estas convicções te são enviadas misericordiosamente em ordem ao teu parto espiritual, e deveriam ser tão bem-vindas para ti como as dores naturais de parto são para a mulher grávida. Sem elas ela não poderia dar à luz o seu filho, nem sem estas, em maior ou menor grau, pode a nova criatura ser gerada em tua alma.

Mais uma vez, pode ser que o Espírito de Deus vá ainda mais longe e não apenas lance luz em tua mente, fogo do inferno

em tua consciência, mas também fogo do céu em teus afetos. Quero dizer que Ele, a partir da palavra, apresenta Cristo de tal forma em Suas próprias excelências, e a adequação Dele em todos os Seus ofícios às tuas necessidades, que os teus afetos começam a se mover em direção a Ele. Os discursos frequentes sobre Ele, e a misericórdia de Deus através Dele para com os pobres pecadores, são tão atraentes que começas a provar alguma doçura ao ouvir falar deles, o que desperta alguns desejos fervorosos, pelos quais frequentemente te vês, ao ouvir a palavra, manifestando desejos em suspiros como estes: “Oh, se Cristo fosse meu! Serei eu algum dia a alma feliz a quem Deus perdoará e salvará?”. Sim, possivelmente no calor de teus afetos estás amaldiçoando as tuas concupiscências e a Satanás, que te mantiveram por tanto tempo longe de Cristo; e propões repentinamente a ti mesmo que dirás adeus aos teus caminhos anteriores e romperás com todos os apelos de tuas concupiscências mais queridas para vires a Cristo.

Oh, alma! Agora o reino de Deus está de fato perto de ti. Estás, por assim dizer, no momento de dar vida e, portanto, acima de tudo, esta é a época principal do teu cuidado para não abortares. Se estes desejos repentinos ao menos amadurecessem em uma escolha deliberada de Cristo; e estes propósitos se estabelecessem em uma resolução permanente de renunciar ao pecado e ao eu, e assim te lançasses sobre Cristo; eu ousaria ser o mensageiro a te alegrar com o nascimento deste bebê da graça — refiro-me à fé — em tua alma.

Confesso que os afetos têm altos e baixos; sim, como o vento, por mais forte que pareçam soprar a alma em uma direção no momento, frequentemente são encontrados na direção oposta logo depois. Um homem pode estar embriagado de paixão e afeto tão realmente quanto de vinho ou cerveja. E assim como é

comum para um homem fazer um negócio quando está sob o efeito da bebida, do qual se arrepende assim que volta à sobriedade; assim também é comum para as pobres criaturas, que fazem escolha de Cristo e de Seus caminhos em um sermão — enquanto seus afetos foram elevados acima do seu nível comum por algum discurso comovente —, arrependerem-se de tudo o que fizeram pouco tempo depois, quando a impressão da palavra, que aqueceu o seu afeto no ouvir, desaparece. Então elas voltam a si novamente e são o que eram — tão distantes de quaisquer desejos por Cristo como sempre.

Não te contentes, portanto, com alguns arrebatamentos repentinos de afeto em uma ordenança, mas esforça-te para preservar aquelas impressões que então o Espírito realiza em tua alma, para que não sejam apagadas e desgastadas — como cores recém-aplicadas antes de estarem secas — pela próxima tentação que vier. Esta é a advertência do apóstolo em Hb 2:1: “Portanto, convém-nos atentar com mais diligência para as coisas que já temos ouvido, para que em tempo algum nos desviemos delas” — ou vazemos como vasos furados.

Pode ser que, no momento, o teu coração esteja se derretendo e em fluxo com tristeza por teus pecados, e penses: “Certamente agora nunca mais darei um olhar amigável à minha concupiscência” — de fato, poder-se-ia maravilhar ao ver os semblantes solenes e tristes sob um sermão, pensando qual daqueles seria o homem ou a mulher que depois seria visto andando de mãos dadas com aqueles pecados que agora choram ao ouvir mencionar —; mas, como amas a tua vida, vigia a tua alma, para que isto não se prove apenas “como o orvalho da manhã”, do qual nada se vê ao meio-dia.

Faze tu, portanto, como fazem aqueles que permaneceram por algum tempo em um banho quente, dos quais quando saem não vão imediatamente para o ar livre (isso seria o suficiente para matá-los), mas recolhem-se à sua cama quente para que possam nutrir esse calor benéfico; e agora, enquanto seus poros estão abertos, por um suor suave expelem de forma mais eficaz os resíduos restantes de seu distúrbio.

Assim, recolhe-te ao teu gabinete e ali esforça-te para tirar proveito de tua disposição atual de abrandamento para o mais livre derramamento de tua alma diante de Deus, agora que a ordenança descongelou a torneira; e, com toda a tua alma, roga a Deus que não te deixe desprovido de fé, nem permita que abortes agora que te tem sobre a roda, mas te faça um “vaso para honra”; o que se segue como a terceira diretriz.

O incrédulo deve CLAMAR EM ORAÇÃO PELA FÉ

TERCEIRA DIRETRIZ. Eleva o teu clamor em alta voz na oração a Deus pela fé.

Pergunta. Mas pode um incrédulo orar? Alguns pensam que não.

Resposta. Isto seria uma má notícia, se fosse verdade, até mesmo para alguns que creem, mas não ousam dizer que são crentes. Seria o suficiente para assustá-los e afastá-los da oração também; e assim seria como Satanás gostaria — que Deus tivesse poucos ou ninguém para invocá-Lo nesta parte solene de Seu culto; pois são a minoria dos crentes que conseguem caminhar até ao trono da graça tendo plena visão de sua própria fé.

A oração é *medium cultus* [meio de adoração] e também *medium gratiae* [meio de graça] — meio pelo qual prestamos culto a Deus e também esperamos para receber a graça de Deus; de modo que dizer que um homem ímpio não deve orar é dizer que ele não deve adorar a Deus e reconhecê-Lo como seu Criador; e também que ele não deve esperar nos meios pelos quais pode obter a graça e receber a fé.

“A oração é o movimento da alma em direção a Deus”, diz o reverendo mestre Baxter; e dizer que um incrédulo não deve orar é dizer que ele não deve se converter a Deus, o qual, contudo, diz ao ímpio: “Buscai ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto”. “O desejo é a alma da oração”, diz o mesmo autor erudito, “e quem ousa dizer ao ímpio: Não desejes a fé, não desejes a Cristo ou a Deus?” (*Right Method for Peace of Conscience* [Método Correto para a Paz de Consciência], p. 63).

Não se pode de fato negar que um incrédulo peca quando ora. Mas não é o seu orar que é o seu pecado, mas o seu orar de forma incrédula. E, portanto, ele peca menos orando do que negligenciando o orar; porque, quando ele ora, o seu pecado reside na circunstância e no modo, mas quando ele não ora, então ele se coloca em total desafio ao dever que Deus lhe ordenou realizar e aos meios que Deus lhe designou usar para obter a graça.

Deixo-te, portanto, pobre alma, o conselho de seguir em frente, apesar de todos estes espantalhos, e não negligenciar este grande dever que recai sobre todos os filhos e filhas dos homens. Apenas vai na percepção de tua própria vileza e acautela-te para não carregares contigo ao trono da graça propósitos de continuar no pecado. Isso seria, de fato, uma impiedade horrível. Como se

um traidor vestisse a farda que os servos do príncipe usam, sem outro fim senão obter acesso mais fácil à sua pessoa, para poder esfaqueá-lo com um punhal que traz sob aquela capa. Não basta pecar, mas quererias também fazer de Deus cúmplice de Sua própria desonra? Por este empreendimento ousado fazes o que está ao teu alcance para realizá-lo.

Caso esse fosse o teu temperamento — o que Deus proíba —, se eu te enviasse a orar, deveria ser com o conselho de Pedro a Simão Mago: “Arrepende-te, pois, dessa tua maldade, e roga a Deus que, porventura, te seja perdoado o pensamento do teu coração”, At 8:22.

Mas suponho que tu, a quem agora dirijo o meu conselho, sejas de uma índole bastante diferente — alguém conduzido a alguma percepção de teu estado deplorável, e de tal forma suavizado pela palavra que estarias disposto a aceitar Cristo sob quaisquer termos; apenas te sentes perplexo em teus próprios pensamentos sobre como uma criatura tão impotente, sim, um pecador tão insolente como tens sido, poderia algum dia vir a crer Nele. De modo que não é o amor a qualquer pecado presente em teu coração, mas o temor de teus pecados passados em tua consciência o que te impede de crer. Ora, é para ti que eu gostaria de colher os melhores encorajamentos que puder a partir da palavra e, com eles, ornamentar o teu caminho rumo ao trono da graça.

Vai, pobre alma, à oração pela fé. Não temo uma repreensão por enviar tais clientes à porta de Deus. Aquele que nos envia para chamar os pecadores de volta para Si não pode ficar irado ao ouvir-te clamar por Ele. Ele não está tão cercado de pretendentes que Se digne a mandar embora com uma recusa aqueles que vêm com este pedido em suas bocas. Cristo se

queixa de que os pecadores “não querem vir a mim para terdes vida eterna”; e achas que Ele permitirá que alguém se queixe Dele, dizendo que deseja vir e que Ele não Se dispõe a recebê-lo?

Anima o teu coração, pobre criatura, e bate com ousadia; tens um amigo no próprio peito de Deus que garantirá as tuas boas-vindas. Aquele que pôde, sem que nenhuma oração Lhe fosse feita, dar Cristo por ti, não Se negará, agora que oras tão fervorosamente, a dar-te a fé. Quando pedes a Deus que dê, Ele te ordena que faças: “E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo”, 1 Jo 3:23. De modo que, ao orar pela fé, oras para que a vontade Dele seja feita por ti; sim, aquela parte de Sua vontade que, acima de tudo, Ele deseja que seja feita — chamada, por isso, com ênfase, de “a obra de Deus”: “A obra de Deus é esta: que creiais naquele que ele enviou”, Jo 6:29. Como se Cristo dissesse: “Se não fizerdes isto, nada fareis por Deus”; e certamente Cristo conhecia melhor a mente de Seu Pai. Oh, quão bem-vinda deve ser a Deus aquela oração que se alinha com o Seu desígnio principal!

Joabe viu o seu pedido na boca da mulher de Tecoa ser aceito exatamente como ele queria. Como poderia ser de outra forma, se ele não pedia nada senão o que o próprio rei queria mais do que ele? E não agrada mais a Deus, pensas tu — por mais fortes que sejam os teus desejos pela fé —, que um pobre pecador humilhado creia, do que agrada à própria criatura? Parece-me que, a esta altura, deverias começar a prometer a ti mesma, pobre alma, um retorno feliz desta tua jornada que agora enviaste ao céu.

Mas, para teu maior encorajamento, sabe que esta graça de que tanto necessitas e pela qual te lamentas diante de Deus é

parte principal da aquisição de Cristo. Aquele sangue que é o preço do perdão é também o preço da fé, pela qual os pobres pecadores podem vir a ter o benefício desse perdão. Assim como Ele comprou a remoção daquela ira que o pecado do homem justamente acendera no coração de Deus contra ele, assim também removeu aquela inimizade de que o coração da criatura está cheio contra Deus, e pagou por um novo estoque de graça com o qual a Sua criatura falida possa restabelecer-se; de modo que, pobre alma, quando fores orar pela fé, olha para Cristo como Alguém que possui uma reserva de graça junto a Si para distribuir aos pobres pecadores que veem nada ter de seu para começar e, na percepção dessa sua mendicância, recorrem a Ele.

“Subiste ao alto, levaste cativo o cativo, recebeste dons para os homens, e até para os rebeldes, para que o Senhor Deus habitasse entre eles”, Sl 68:18. Isto é, além de qualquer dúvida, dito a respeito de Cristo e a Ele aplicado em Ef 4:8. Ora, observa:

Primeiro. Há uma reserva e um tesouro de dons na mão de Cristo — “Tu tens”.

Segundo. Quem lhós confiou; e este foi o Seu Pai — “Recebeste dons”; isto é, Cristo os recebeu de Seu Pai.

Terceiro. Quando, ou sob qual consideração, o Pai deposita este tesouro nas mãos de Cristo? “Subiste ao alto, levaste cativo o cativo, recebeste”, etc. Ou seja, quando Cristo venceu o pecado e Satanás por Sua morte e subiu no carro triunfal de Sua ascensão rumo à gloriosa cidade celestial, então Cristo recebeu estes dons. Eles foram a aquisição de Seu sangue e o pagamento de uma dívida antiga que Deus, antes da fundação do mundo — quando a aliança foi transacionada e estabelecida —, prometera a Seu Filho, sob a condição de Ele quitar a dívida

do homem pecador com a efusão de Seu próprio precioso sangue até a morte.

Quarto. As pessoas para cujo uso Cristo recebeu estes dons — “para os homens”, não para os anjos — para homens “rebeldes”, não para homens sem pecado; de modo que, pobre alma, a tua natureza pecaminosa e a tua vida passada não te fazem uma pessoa excluída, nem te fecham a porta para receberes parte desta distribuição.

Quinto. Observa a natureza destes dons e o fim para o qual são entregues a Cristo: “para que Deus habite neles ou com eles”. Ora, nada senão a fé pode tornar uma alma que tem sido rebelde um lugar adequado para o Deus santo habitar. Este é o dom, de fato, pelo qual Ele recebeu todos os outros dons, de certa forma. Para que servem os dons do Espírito e do ministério — “apóstolos, mestres, pastores”, etc. —, senão para que por meio destes Ele pudesse operar a fé nos corações dos pobres pecadores?

Que isto te dê ousadia, pobre alma, para humildemente pressionares a Deus por aquilo que Cristo pagou. Dize: “Senhor, tenho sido de fato uma criatura rebelde; mas Cristo não recebeu nada para tais pessoas? Tenho um coração incrédulo; mas ouço dizer que há fé paga em Tua aliança. Cristo derramou o Seu sangue para que Tu pudesses derramar o Teu Espírito sobre os pobres pecadores”.

Pensas que, enquanto estás assim pleiteando com Deus e usando o nome de Cristo na oração para O mover, o próprio Cristo possa estar ouvindo tudo isso sem defender a tua causa perante Seu Pai? Certamente Ele deseja que o que Deus Lhe deve seja pago; e, portanto, quando imploras a fé com base em Sua morte, Tu O acharás pronto para se unir a ti na mesma

oração ao Seu Pai. De fato, Ele foi para o céu com o propósito de que as pobres almas que retornam não ficassem sem um amigo na corte quando para lá enviassem suas humildes petições.

O incrédulo deve, para obter a fé, CONVERSAR MUITO COM AS PROMESSAS

QUARTA DIRETRIZ. Conversa muito com as promessas e pondera-as frequentemente em teus pensamentos reflexivos.

É de fato obra do Espírito, e unicamente Dele, fundamentar a tua alma sobre a promessa e dar existência à Sua palavra por meio da fé em teu coração. Isto tu não podes fazer. Contudo, assim como o fogo desceu do céu sobre o sacrifício de Elias quando ele já havia arrumado a lenha e ido até onde podia; assim podes confortavelmente esperar que o Espírito de Deus venha com luz e vida espirituais para vivificar a promessa em teu coração, quando tiveres sido conscienciosamente diligente em meditar na promessa; se, ao mesmo tempo, reconheceres a Deus na questão como ele fez. Pois, quando ele já havia arrumado tudo, elevou o seu coração a Deus em oração, esperando tudo Dele, 1 Reis 18:36.

Não conheço caminho mais rápido para atrair o Espírito de Deus em nosso auxílio do que este. Assim como atraí o diabo a tentá-lo aquele que deixa os seus olhos contemplarem ou seus pensamentos divagarem sobre um objeto de concupiscência, assim atraí a companhia do Espírito Santo aquele que direciona seus pensamentos para objetos santos e celestiais. Não precisamos duvidar de que o Espírito de Deus está tão disposto

a nutrir qualquer bom movimento quanto o espírito infernal está a alimentar o que é mau.

Encontramos a esposa sentada sob a sombra de seu amado, como alguém sob uma macieira, Ct 2:3, e imediatamente ela nos diz que “o seu fruto era doce ao meu paladar”. O que melhor significa este seu sentar-se sob a sombra dele senão uma alma que se detém sob os pensamentos de Cristo e das preciosas promessas que brotam Dele como ramos de uma árvore? Basta, ó cristão, colocar-te aqui por um tempo, e seria estranho se o Espírito não fizesse cair algum fruto de um ramo ou de outro em teu colo. Não sabes se, assim como Jacó [Nota: o autor refere-se a Isaque] encontrou a sua noiva quando foi aos campos para meditar, assim também tu podes encontrar o teu amado enquanto caminhas por tuas meditações neste jardim das promessas.

O incrédulo deve pressionar a sua alma com a FORTE OBRIGAÇÃO SOB A QUAL ESTAMOS DE CRER

QUINTA DIRETRIZ. Pressiona e impele a tua alma intensamente com aquela forte obrigação que recai sobre ti, um pobre pecador humilhado, de crer.

Possivelmente, Deus te envergonhou tanto à vista de tua própria consciência por causa de outros pecados que abominas o próprio pensamento deles, e preferirias meter a cabeça no fogo a te permitires neles. Se prejudicasses o teu vizinho em sua pessoa, nome ou bens, isso acenderia um fogo em tua consciência e te faria temer olhar para dentro de casa — refiro-me a conversar com teus próprios pensamentos — até que tivesses te arrependido disso. E seria a fé a única coisa

indiferente — uma questão deixada à tua própria escolha, se queres ser tão bom para ti mesmo a ponto de crer ou não?

Verdadeiramente, a ternura de consciência que muitos pecadores humilhados expressam ao tremere e se punirem por outros pecados, comparada com a pouca sensibilidade que expressam por este da incredulidade, sugere que pensem ofender a Deus naqueles e apenas prejudicarem a si mesmos por esta sua incredulidade. Oh, quão grandemente estás enganado e iludido em teus próprios pensamentos se são estas as tuas apreensões! — sim, se não pensas que desonras a Deus e O ofendes de modo mais transcendente por tua incredulidade do que por todos os teus outros pecados!

O que Bernardo diz de um coração duro eu posso dizer de um coração incrédulo: *illud cor verè durum, quod non trepidat, ad nomen cordis duri* [aquele é de fato um coração duro, diz ele, que não treme diante do nome de coração duro]. E aquele é de fato um coração incrédulo que não treme diante do nome de coração incrédulo.

Chama a ti mesmo, ó homem, ao tribunal e ouve o que a tua alma tem a dizer por não se unir a Cristo, e verás que razão irracional ela te dará. Deve ser ou porque não gostas dos termos ou porque temes que sejam bons demais para serem cumpridos.

É a primeira destas a tua razão, porque não gostas dos termos em que Cristo é oferecido? Possivelmente, se pudesses ter a Cristo e as tuas concupiscências com Ele, estarias mais satisfeito. Mas separar-te de tuas concupiscências para ganhar a Cristo, isto consideras “um discurso duro”. É estranho que isto te ofenda, o que Deus não poderia ter deixado de fora e nos amar verdadeiramente. És um insensato, um demônio, se não pensas que teus pecados são a pior parte de tua miséria. Oh, de que vale

Cristo em teus pensamentos se não ousas confiar Nele para compensar a perda de uma concupiscência infame? Aquele homem valoriza pouco o ouro que pensa pagar caro demais por ele ao lançar fora a lama ou o esterco de suas mãos, de que estão cheias, para recebê-lo.

Pois bem, pecador, os termos para ter Cristo, ao que parece, não te agradam. Pergunta então à tua alma como lhe agradam os termos em que reténs as tuas concupiscências? Pensas, podes crer, que passará melhor sem a presença feliz de Deus e de Cristo no inferno, para onde as tuas concupiscências, se mantiveres essa disposição mental, certamente te levarão no final, do que sem a companhia de tuas concupiscências no céu, para onde a fé em Cristo com igual certeza te levaria? Então faz a tua escolha e deixa para o teu trabalho no inferno o arrependerte de tua tolice. Mas eu pensaria que, se fosses tão fiel a ti mesmo a ponto de colocar o caso de forma correta e, depois, familiarizares seriamente a tua alma com ele, dando-lhe tempo e espaço para refletir sobre isso diariamente, logo virias a ter melhores pensamentos de Cristo e piores de teus pecados.

Mas pode ser que esta não seja a razão que te impede de crer. Os termos te agradam imensamente, mas não consegues conceber em teu coração que coisas tão grandes como as prometidas possam ser cumpridas para alguém como tu. Bem, dos dois males, é melhor que o obstáculo em teu caminho para Cristo resida na dificuldade que o teu entendimento encontra para conceber do que na obstinação de tua vontade em não receber o que Deus em Cristo oferece. Mas isto deve ser removido também.

E, portanto, põe-te a trabalhar com a tua alma e esforça-te para trazê-la à razão neste particular, pois, de fato, nada pode

ser mais irracional do que fazer objeções contra a realidade e a certeza das promessas de Deus. Duas coisas bem operadas em tua alma satisfariam as tuas dúvidas e dissipariam os teus temores quanto a isto:

Primeiro. Esforça-te para obteres uma noção correta de Deus em teu entendimento, e não parecerá estranho de modo algum que um grande Deus faça coisas tão grandiosas por pobres pecadores. Se um mendigo te promettesse mil libras por ano, poderias de fato desprezar e perguntar de onde ele as tiraria? Mas se um príncipe promettesse mais, tu ouvirias com atenção, porque ele possui bens que guardam proporção com a sua promessa. Deus não Se empenhou por mais em Suas promessas do que a Sua misericórdia, poder e fidelidade infinitas podem assegurar o cumprimento. “Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus”, Sl 46:10. Deste salmo diria Lutero, em tempos de grande confusão na igreja: “Cantemos o salmo quarenta e seis, apesar do diabo e de todos os seus instrumentos”. E esta cláusula dele, pobre alma humilhada, podes cantar com conforto, apesar de Satanás e do pecado também: “Aquieta-te, ó minha alma, e sabe que Aquele que te oferece misericórdia é Deus”. “Os que conhecem o teu nome confiarão em ti”.

Segundo. Examina bem as garantias que este grande Deus fornece para o cumprimento de Sua promessa ao crente, e verás que são tantas e tão grandes — embora a Sua simples palavra mereça ser aceita por mais do que valem as nossas almas — que se tivéssemos o companheiro mais escorregadio e enganador do mundo sob tais compromissos para o pagamento de uma soma de dinheiro, consideraríamos que estaria seguro o suficiente; e não descansarás satisfeito quando o Deus verdadeiro e fiel Se coloca sob estes para a tua segurança, cuja

verdade é tão imutável que é mais possível para a luz produzir as trevas do que uma mentira sair de Seus benditos lábios?

QUARTA SUBDIVISÃO

EXORTAÇÃO AOS CRENTES

Para que preservem ‘o escudo da fé’

Volto-me agora para vós que sois crentes em uma dupla exortação:

PRIMEIRA. Visto que a fé é uma graça tão excelente, sede estimulados a um cuidado mais do que comum para a preservar.

SEGUNDA. Se a fé é uma graça tão excelente, e tu a tens, não negues o que Deus fez por ti.

A fé deve ser PRESERVADA COM CUIDADO EXTREMO devido à sua preeminência entre as graças

EXORTAÇÃO PRIMEIRA. Visto que a fé é uma graça tão excelente, sede estimulados a um cuidado mais do que comum para a preservar. Guarda-a, e ela te guardará e a todas as tuas outras graças. Estás em pé pela fé; se esta falhar, tu caís. Onde te encontraremos então senão sob os pés de teus inimigos?

Sê sensível a qualquer perigo em que a tua fé se encontre; como aquele capitão grego que, ao ser derrubado no combate, perguntou assim que voltou a si onde estava o seu escudo. Com isto ele estava preocupado acima de tudo. Oh, pergunta, nesta tentação e naquele dever, onde está a tua fé e como ela vai? Esta é a graça pela qual Deus deseja principalmente que nos julgemos e valorizemos, porque há o menor perigo de nos

orgulharmos desta graça que esvazia a si mesma acima de qualquer outra. “Porque, pela graça que me é dada, digo a cada um de vós que não saiba mais do que convém saber, mas que saiba com temperança, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um”, Rm 12:3. Havia muitos dons que os coríntios recebiam de Deus, mas Ele queria que pensassem de si mesmos antes por sua fé, e a razão é para que pensem “com temperança”.

De fato, todas as outras graças devem ser testadas por nossa fé; se não forem frutos da fé, não têm valor real. Esta é a diferença entre um cristão e um pagão honesto. Este valoriza a si mesmo por sua paciência, temperança, liberalidade e outras virtudes morais que tem para mostrar acima dos outros. Estas ele espera que o recomendem a Deus e lhe garantam a felicidade após a morte; e destas ele se gloria e se vangloria enquanto vive. Mas o cristão é mantido humilde diante destas — embora se tornem graças nele as que eram apenas virtudes no pagão — porque ele tem uma revelação de Cristo, cuja justiça e santidade pela fé se tornam dele; e ele se valoriza mais por estas do que pelo que lhe é inerente.

Não posso ilustrar isto melhor do que por dois homens: um cortesão e um camponês estranho à corte, ambos possuindo boas propriedades, mas o cortesão a maior de longe. Pergunta ao camponês, que não tem relação com a corte ou lugar no favor do príncipe, quanto ele vale; e ele te dirá tanto quanto suas terras e dinheiros somam. Por estes ele se valoriza. Mas pergunta ao cortesão quanto ele vale; e ele — embora possua muito mais terras e dinheiro do que o outro — te dirá que se valoriza pelo favor de seu príncipe mais do que por todos os seus outros bens. “Posso dizer uma grande palavra”, diz ele: “O que o meu príncipe tem é meu, exceto a sua coroa e realeza; o seu tesouro

é meu para me manter, o seu amor para me abraçar, o seu poder para me defender”.

Os pobres pagãos, sendo estranhos a Deus e ao Seu favor em Cristo, felicitavam-se no aprimoramento de seus recursos naturais e naquele tesouro de virtudes morais que haviam reunido com sua indústria e pela restrição que fora imposta às suas corrupções por uma mão secreta de que não se davam conta. Mas o crente, tendo acesso pela fé a esta graça na qual permanece tão alto no favor da corte de Deus por Jesus Cristo, ele deve e tem o dever de valorizar-se principalmente por sua fé, de preferência a qualquer outra graça. Embora ninguém possa apresentar estas graças em sua verdadeira beleza celestial além dele mesmo, contudo não são estas, mas Cristo, que é dele pela fé, em quem ele se alegra.

O crente pode dizer por misericórdia que tem um coração embelezado com aquelas graças celestiais às quais as virtudes aparentes do pagão e as graças aparentes do orgulhoso autojustificador não são mais para ser comparadas do que a imagem no espelho é com o rosto, ou a sombra com o próprio homem. Ele pode dizer que tem a santidade em verdade, a qual eles têm apenas em aparência e semelhança. E esta graça de Deus nele ele valoriza infinitamente acima de todo o tesouro ou prazer do mundo — ele prefere ser o santo esfarrapado ao pecador vestido de gala —, sim, acima de sua vida natural, a qual ele pode estar disposto a perder, não se considerando perdedor, contanto que garanta esta sua vida espiritual.

Mas esta não é a maior palavra que um crente pode dizer. Ele é não apenas participante da natureza divina por aquele princípio de santidade infundido nele; mas é herdeiro de toda a santidade, sim, de todas as gloriosas perfeições que existem no

próprio Deus. Tudo o que Deus é, tem ou faz, ele tem permissão de chamar de seu. Deus Se apraz em ser chamado o Deus de Seu povo — “o Deus de Israel”, 2 Sm 23:3. Assim como a casa e a terra de um homem trazem o nome do proprietário impresso, assim Deus Se apraz graciosamente em carregar o nome de Seu povo sobre Si, para que todo o mundo saiba a quem Ele pertence. O campo de Nabote é chamado de “a herança de Nabote”, 2 Reis 9:21 [conforme referências brasileiras]; assim Deus é chamado de “a porção de Jacó”, Jer 10:16.

Nada Deus reteve de Seu povo, exceto a Sua coroa e glória. Esta, de fato, Ele “não dará a outrem”, Is 42:8. Se o cristão precisa de força, Deus quer que faça uso da Sua; e isso ele pode fazer de forma ousada e confiante; o Senhor Se autodenomina a força de Seu povo: “a Força de Israel não mente”, 1 Sm 15:29. Carece ele de justiça e santidade? Eis onde lhe é trazida à mão: Cristo “nos foi feito por Deus... justiça”, 1 Co 1:30, chamado, por isso, de “o Senhor, Justiça Nossa”, Jr 33:16. É amor e misericórdia que desejam? Toda a misericórdia em Deus está ao dispor deles. “Oh! quão grande é a tua bondade, que guardaste para os que te temem!”, Sl 31:19. Note a expressão: “guardaste para eles”. A Sua misericórdia e bondade destinam-se a eles. Como um pai que guarda uma soma de dinheiro e escreve no saco: “Isto é uma porção para tal filho”.

Mas como o cristão chega a ter este direito a Deus e a todo esse vasto e incontável tesouro de felicidade que há Nele? Isto, de fato, deve ser muito observado. É a fé que lhe dá um bom título para tudo isto. O que o torna filho o torna herdeiro. Ora, a fé o torna filho de Deus: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome”, Jo 1:12. Se, portanto, não queres colocar em dúvida o teu direito de primogenitura e trazer o teu

interesse em Cristo, e aqueles gloriosos privilégios que vêm acompanhados Dele, sob uma triste disputa em tuas almas, atenta para a tua fé.

Pergunta. Mas que conselho, poderá o cristão dizer, podes dar para a preservação de minha fé?

Resposta. A isto respondo nos seguintes pontos particulares:

Primeiro. Aquilo que foi instrumental para gerar a tua fé será útil para a preservar, a saber, a palavra de Deus.

Segundo. Se queres preservar a tua fé, atenta para a tua consciência.

Terceiro. Exercita-a.

Quarto. Nota especialmente aquela incredulidade que ainda permanece em ti.

Quinto. Se queres preservar a tua fé, esforça-te para a aumentar.

DIRETRIZES aos crentes para a preservação da fé

Primeira Diretriz. Aquilo que foi instrumental para gerar a tua fé será útil para a preservar — refiro-me à palavra de Deus. Assim como foi semente para o primeiro propósito em tua conversão, assim agora é leite para a sustentação presente de tua fé. Permanece sugando deste peito, e isso com frequência. Os bebês não conseguem sugar por muito tempo, nem digerir muito de uma só vez, e, por isso, necessitam de retornos mais frequentes de suas refeições. Tais bebês são todos os crentes neste mundo. “Preceito sobre preceito, regra sobre regra, um

pouco aqui, um pouco ali”. O peito deve ser frequentemente oferecido para a sua nutrição na vida espiritual, do contrário não podem subsistir.

Não era comum que Moisés parecesse tão bem como pareceu depois de ter jejuado por tanto tempo, Ex 34:28-29. E, na verdade, é uma fé miraculosa a que devem ter aqueles que pretendem manter sua fé viva sem receberem qualquer alimento espiritual da palavra. Ouvi falar de algumas crianças que foram retiradas do peito materno quase logo ao nascer e criadas artificialmente, as quais, contudo, passaram bem em sua vida natural. Mas não creerei que uma criatura possa prosperar em sua vida espiritual rejeitando as ordenanças e desmamando-se da palavra até que eu ouça falar de alguma outra via de provisão que Deus tenha feito para a manutenção comum dela além desta; e desespero de viver o suficiente para ver isto provado.

Sei que alguns de quem se pode esperar o melhor foram por um tempo persuadidos a virar as costas para a palavra e as ordenanças; mas voltaram bem famintos ao seu antigo alimento de novo, sim, com a queixa amarga de Noemi em suas bocas: “Cheia parti, porém vazia o Senhor me fez voltar”, Rt 1:21. E felizes são eles por terem recuperado o apetite nesta vida, antes que este alimento seja retirado da mesa para nunca mais ser servido. Aquele que ensinou os cristãos a orar pelo pão diário pressupunha que eles necessitavam dele; e certamente Ele não se referia apenas ou principalmente ao pão corporal, Aquele que no mesmo capítulo ordena: “Mas, buscai primeiro o reino de Deus”, Mt 6:33.

Pois bem, cristão, valoriza a palavra, alimenta-te com proveito da palavra, quer seja ela servida em um sermão público, quer em uma conversa com algum amigo cristão em particular,

quer em um dever mais secreto de leitura e meditação solitária. Que nenhum destes seja abandonado por ti, ou usado de forma carnal, e com a bênção de Deus colherás o benefício disso em tua fé. Quando o teu estômago falha para com a palavra, a tua fé necessariamente começará a falhar em relação à palavra.

Oh, se os cristãos, que tanto se queixam de sua fé fraca, convertessem suas queixas em investigações sobre o porquê de ela estar tão fraca e em declínio! Não é porque a fé perdeu suas refeições habituais da palavra? Tu, talvez, outrora rompestes por entre muitos apertos para maneres a tua comunhão com Deus em Sua palavra e foste bem pago por aquele tempo que tomaste de teus outros compromissos para esse fim por aquela disposição doce que encontravas em teu coração para confiar em Deus e apoiar-te Nele em todas as circunstâncias; mas agora, desde que descontinuaste a tua comunhão com Deus naquelas ordenanças, percebes uma triste mudança. Onde podias confiar em Deus, agora desconfias Dele. Aquelas promessas que eram capazes, em um motim e tumulto de tuas paixões rebeldes, de silenciar e aquietar tudo em tua alma ao aparecerem em teus pensamentos, têm agora, infelizmente, pouca autoridade sobre o teu coração murmurante e incrédulo para mantê-lo em qualquer ordem tolerável.

Se é assim contigo, pobre alma, o teu caso é triste; e não posso te dar melhor conselho para a tua alma do que aquele que os médicos dão aos homens em tísica para os seus corpos. Perguntam-lhes onde nasceram e foram criados, e para esse seu ar nativo os enviam como o melhor meio de recuperação. Assim, alma, permite-me te perguntar: se alguma vez tiveste fé, onde ela nasceu e foi criada? Não foi no doce ar das ordenanças, no ouvir, meditar, conferenciar sobre a palavra e orar sobre a palavra? Vai, pobre criatura, e recolhe-te o mais rápido que

puderes para o teu ar nativo, onde respiraste o teu primeiro fôlego cristão e onde a tua fé tanto prosperou e cresceu por um tempo. Nenhum meio é mais promissor para colocar a tua fraca fé sobre os pés novamente do que este.

Segunda Diretriz. Se queres preservar a tua fé, atenta para a tua consciência. A boa consciência é o barco em que a fé navega. Se a consciência naufragar, como se pode pensar que a fé estará segura? Se a fé é a joia, a boa consciência é o estojo em que ela é guardada; e se o estojo for quebrado, a joia necessariamente correrá o risco de se perder. Ora, sabeis quais pecados devastam a consciência — pecados cometidos deliberadamente ou continuados com insolência.

Oh, acautela-te com os pecados deliberados! Como uma pedra lançada em um riacho límpido, eles agitarão tanto a tua alma e a turvarão que tu, que ainda há pouco podias ver o teu interesse na promessa, ficarás sem saber o que pensar de ti mesmo. Eles são como o fogo no topo da casa; não será fácil apagá-lo.

Mas, se foste tão infeliz a ponto de cair em tal lamaçal, acautela-te de nele permaneceres por impenitência. A ovelha pode cair em uma vala, mas é o porco que nela se espoja; e, portanto, quão difícil acharás, pensas tu, exercitar a tua fé na promessa quando estás, por tuas vestes sujas e semblante manchado, tão diferente de um dos santos de Deus? É perigoso beber veneno, mas muito mais deixá-lo permanecer no corpo por muito tempo. Não podes exercitar a tua fé, embora sejas crente, na promessa, de modo a aplicar o perdão que ela apresenta à tua alma, até que tenhas renovado o teu arrependimento.

Terceira Diretriz. Exercita a tua fé se pretendes preservá-la. Vivemos pela fé, e a fé vive pelo exercício. Como dizemos

de alguns homens dinâmicos que nunca estão bem senão trabalhando — confina-os à cama ou à cadeira e os matará —; assim aqui, impede a fé de trabalhar e serás inimigo da própria vida e existência dela.

Por que exercitamos tão pouco a fé na oração senão porque não somos mais frequentes nela? Deixa que a criança veja raramente seu pai ou sua mãe e, quando ela entrar na presença deles, não demonstrará muito afeto por eles. Por que não somos mais capazes de viver de uma promessa quando em um apuro? Certamente porque não vivemos mais com a promessa. Quanto mais conversamos com a promessa, mais confiança nela depositaremos. Não confiamos em estranhos como confiamos em nossos vizinhos, em cuja companhia estamos quase todos os dias.

Seria um caminho excelente para assegurar a nossa fé, sim, para a promover e a todas as nossas outras graças, se em nosso curso diário nos esforçássemos para realizar todas as nossas ações, tanto em obediência ao mandamento como em fé na promessa. Mas, infelizmente! Quantos empreendimentos são assumidos sem que a fé seja chamada para intervir, nem a promessa consultada, do início ao fim do assunto? E, portanto, quando queremos fazer uso da fé em algum aperto particular, no qual nos consideramos mais do que ordinariamente sem saída, a nossa própria fé se perde e fica à procura, como um servo que, porque o seu senhor raramente o emprega, toma a liberdade de andar divagando por aí e, assim, quando o seu senhor o chama em alguma ocasião extraordinária, ele está fora do caminho e não se encontra.

Oh, cristão! Acautela-te de deixar a tua fé ficar por muito tempo sem trabalho. Se não a usas quando deves, ela poderá te faltar quando mais desejares exercitá-la.

Quarta Diretriz. Nota especialmente aquela incredulidade que ainda permanece em ti e, à medida que ela for colocando diariamente a sua cabeça para fora em teu curso cristão, certifica-te de carregar a tua alma com a percepção dela, humilhando-te profundamente diante de Deus por isso.

O que a tua fé perde em cada ato de incredulidade, ela recupera novamente pela renovação de teu arrependimento. A fé de Davi estava em vias de melhora quando ele pôde envergonhar-se sinceramente por sua incredulidade, Sl 73:22. Ele confessa quão “louco e ignorante” era; sim, diz ele: “era como um animal perante ti” — de tão irracionais e brutos que os seus pensamentos incrédulos agora lhe pareciam —; e, por esta confissão sincera e humilde, a malignidade de seu distúrbio se esvai de tal modo que ele imediatamente volta à sua antiga disposição, e a sua fé é capaz de agir tão alto quanto antes: “Todavia estou de contínuo contigo; tu me seguraste pela minha mão direita. Guiar-me-ás com o teu conselho, e depois me receberás na glória”, versículos 23-24.

Mas enquanto a tua incredulidade não for humilhada, ela certamente crescerá sobre ti. Temos a razão pela qual o povo de Lais era tão mau: “Não havia magistrado na terra que os constrangesse a nada”, Jz 18:7 [conforme tradução direta da citação]. Cristão, tens um magistrado em teu peito comissionado pelo próprio Deus para te frear, repreender e envergonhar quando pecas. De fato, tudo vai à ruína naquela alma onde este oficial não cumpre o seu dever. Ouve, portanto, o que ele tem para te acusar, para que te envergonhes.

Não há pecado que desonre mais a Deus do que a incredulidade; e esta espada corta o Seu nome mais profundamente quando está na mão de um santo. Oh, ser ferido na casa de Seus amigos, isto vai direto ao coração compassivo de Deus. E há razão suficiente para Deus receber este pecado de forma tão dolorosa da mão de um santo se considerarmos a estreita relação em que este se encontra com Deus. Entristeceria um pai compassivo ver o seu próprio filho entrar em tribunal e ali testemunhar contra ele, acusando-o de alguma falsidade em suas palavras, mais do que se um estranho o fizesse; porque o testemunho de um filho, embora quando seja para a defesa de um pai possa perder algum crédito na opinião dos que o ouvem devido à suspeita de parcialidade, contudo, quando contra um pai, parece carregar maior probabilidade de verdade do que aquilo que diz um estranho contra ele; porque o laço de afeto natural com que o filho está ligado a seu pai é tão sagrado que não será facilmente suspeito. Ele só lhe pode fazer violência sob a necessidade mais inviolável de dar testemunho da verdade.

Oh, pensa nisto, cristão, repetidas vezes — por tua incredulidade prestas falso testemunho contra Deus! E se tu, um filho de Deus, não falas melhor de teu Pai celestial e não O apresentas sob melhor caráter ao mundo, não será de se admirar se este for confirmado em seus pensamentos duros a respeito de Deus, até à impenitência e incredulidade finais, ao ver quão pouco crédito Ele encontra contigo, apesar de toda a tua grande profissão de fé Dele e estreita relação com Ele. Quando queremos arruinar a reputação de um homem o máximo possível, não podemos pensar em uma expressão que o faça de forma mais eficaz do que dizer: “Ele é tal que os mais próximos a ele, até seus próprios filhos, não confiam nele ou não lhe dão uma boa palavra”.

Oh, cristão, pergunta a ti mesmo se gostarias de ser o instrumento infeliz para difamar a Deus e retirar o Seu bom nome no mundo. Certamente o teu coração treme diante desse pensamento se és um santo; e se treme, então certamente a tua incredulidade, pela qual fizeste isso tantas vezes, te ferirá até o mais íntimo; e, chorando pelo que fizeste, acautelar-te-ás de tomar novamente em tua mão aquela espada com a qual deste tantos golpes no nome de Deus e em tua própria paz.

Quinta Diretriz. Se queres preservar a tua fé, esforça-te para a aumentar.

Ninguém corre mais risco de perder o que tem do que aqueles homens de espírito mesquinho que se contentam com o que possuem. Uma faísca é mais facilmente abafada do que uma chama; uma gota é mais facilmente absorvida e seca do que um rio. Quanto mais forte for a tua fé, mais segura estará a tua fé contra os ataques dos inimigos. A informação que um inimigo possui de que um castelo está mal provido para um cerco é o suficiente para trazê-lo contra ele, o qual de outra forma não teria sido incomodado com a sua companhia. O diabo é um covarde e gosta de lutar com a maior vantagem possível; e maior ele não pode ter do que a fraqueza da fé do cristão.

Se ao menos soubesses, cristão, os muitos privilégios de uma fé forte acima de uma fraca, nunca descansarias até a obtêres. A fé forte sai vencedora daquelas tentações em que a fé fraca é derrotada e feita prisioneira. Aqueles filisteus não puderam resistir a Sansão em sua força, eles que ousavam dançar ao redor dele zombeteiramente em sua fraqueza. Quando a fé de Davi estava em alta, quão destemidamente ele olhou a morte nos olhos!, 1 Sm 30:6. Mas, quando esta perdeu o ânimo, oh, quão acovardado ele se mostra! — pronto a meter a cabeça

em qualquer buraco, por mais desonroso que fosse, para se salvar, 1 Sm 21:13.

A fé forte liberta o cristão daqueles pensamentos que dilaceram o coração e com os quais a fé fraca necessariamente tem de ser oprimida. “Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em ti; porque ele confia em ti”, Is 26:3. Quanta fé, tanta paz e quietude interior. Se pouca fé, então pouca paz e serenidade, por causa das tempestades que os nossos temores incrédulos necessariamente acumularão. Se fé forte, então forte paz; pois é isso que a duplicação no hebraico, “paz, paz”, sugere.

Admite-se que a fé fraca tem tanta paz com Deus por meio de Cristo como o outro tem por sua fé forte, mas não tanta paz interior. A fé fraca levará o cristão ao céu com tanta certeza como a fé forte; pois é impossível que a menor fração de verdadeira graça pereça, sendo toda ela semente incorruptível. Mas o cristão fraco e hesitante não terá uma viagem tão agradável até lá como outro de fé forte. Embora todos no navio cheguem salvos à praia, contudo aquele que passa todo o trajeto mareado não tem uma viagem tão confortável como aquele que está forte e saudável. Há muitas paisagens agradáveis que ocorrem em uma jornada das quais aquele que está enfermo e fraco perde o prazer de contemplar. Mas o homem forte vê tudo com abundância de deleite; e embora deseje de todo o coração estar em casa, o contentamento que extrai destas paisagens encurta e adoce muito o seu caminho.

Assim, cristão, há muitos deleites prévios com que os santos que viajam rumo ao céu se deparam em seu caminho para lá — além do que Deus preparou para eles ao término da jornada —, mas é o cristão cuja fé é forte e ativa na promessa que os encontra. Este é aquele que vê as glórias espirituais na promessa

que lhe arrebatam a alma com indizível deleite; ao passo que o olho de fé do cristão hesitante está tão obscurecido por temores incrédulos que ele pouco consegue ver que o afete nela. Este é aquele que vai cantando por todo o caminho com a promessa diante dos olhos; ao passo que o cristão fraco, mantido em contínua dor por suas próprias dúvidas e ciúmes, vai suspirando e lamentando-se com o coração pesado, porque o seu interesse na promessa está ainda sob disputa em seus próprios pensamentos. Para que não vivas desconfortavelmente, portanto, e tenhas uma caminhada apática e melancólica rumo ao céu, esforça-te para fortalecer a tua fé.

Pergunta. Mas talvez perguntarás: como posso saber se a minha fé é forte ou fraca? Respondo pelos seguintes traços:

TRAÇOS pelos quais podemos saber se a nossa fé é forte ou fraca

1º Traço. Quanto mais inteiramente o cristão puder confiar em Deus, em Sua simples palavra na promessa, mais forte é a sua fé. Aquele, certamente, deposita maior confiança em um homem que aceita a sua palavra ou uma simples assinatura de compromisso por uma soma de dinheiro do que aquele que não ousa fazê-lo a menos que outros sejam fiadores dele. Quando confiamos em Deus por Sua simples promessa, confiamos Nele com base em Seu próprio crédito, e isto é fé de verdade. Aquele que anda sem cajado ou muleta é mais forte do que aquele que necessita destes para se apoiar. Os sentidos e a razão são as muletas em que a fé fraca se apoia demasiadamente em sua atuação. Ora, alma, indaga:

(1) Consegues te sustentar na promessa, embora a muleta dos sentidos e do sentimento presente não esteja à mão? Talvez tenhas tido algumas revelações do amor de Deus e fachos de Seu favor sobre ti; e enquanto o sol brilhava assim em tua janela, o teu coração estava alegre e pensaste que nunca mais desconfiarías de Deus, nem darias ouvidos a teus pensamentos incrédulos; mas como encontras o teu coração agora, visto que aquelas demonstrações sensíveis foram retiradas, e talvez alguma providência desfavorável tenha sido enviada em seu lugar? Contestas imediatamente a promessa em teus pensamentos, sem saberes se deves ousar lançar âncora nela ou não? Por teres perdido a percepção de Seu amor, o teu olho de fé também te falha, de modo que perdeste de vista a Sua misericórdia e verdade na promessa? Certamente o teu olho de fé é fraco, do contrário leria a promessa sem estes óculos.

A criança pequena, de fato, pensa que a mãe se perdeu por completo se ela apenas sai do quarto onde ela está; mas à medida que cresce, torna-se mais sábia. E verdadeiramente o mesmo fará o crente. Cristão, bendiz a Deus pelas experiências e gostos sensíveis que em qualquer momento tenhas de Seu amor; mas sabe que não podemos julgar a nossa fé por eles, se fraca ou forte. As experiências, diz Parisiensis, são como muletas, as quais de fato ajudam o homem coxo a andar, mas não tornam o coxo são ou forte; o alimento e o medicamento devem fazer isso.

E, portanto, cristão, esforça-te para te apoiares mais na promessa e menos nas expressões sensíveis do amor de Deus, quer seja no sentimento presente ou em experiências passadas dele. Não gostaria de afastar-te de aproveitar estas coisas, mas de te apoiares nelas e de limitares a atuação de tua fé a elas. Um homem forte, embora não se apoie em seu cajado por todo o

caminho que percorre — como o coxo faz com sua muleta, que carrega todo o seu peso —, contudo pode fazer bom uso dele aqui e ali para se defender ao ser atacado por um ladrão ou um cão em seu caminho. Assim o cristão forte pode fazer bom uso de suas experiências em algumas tentações, embora não deposite o peso de sua fé sobre elas, mas sobre a promessa.

(2) *Consegues te sustentar na promessa quando a outra muleta da razão quebra sob ti?* Ou a tua fé cai por terra junto com ela? Aquela é de fato uma fé forte que pode passar por cima das improbabilidades e impossibilidades que a razão estaria objetando contra o cumprimento da promessa, e dar crédito à verdade dela com um *non obstante* [não obstante].

Assim Noé pôs-se a trabalhar seriamente na arca com base no crédito que deu tanto à parte de ameaça quanto à de promessa da palavra de Deus, e nunca incomodou a sua cabeça para esclarecer o assunto à sua razão sobre como aquelas coisas estranhas poderiam acontecer.

E é atribuído à força da fé de Abraão que ele não permitiu que a sua própria razão limitada fosse ouvida na questão quando Deus lhe prometeu uma primavera tardia — por assim dizer —: um filho em sua velhice. “E não enfraquecendo na fé, não atentou para o seu próprio corpo já amortecido”, Rm 4:19.

Os nadadores experientes não têm medo de ir além da profundidade de seus pés, ao passo que os jovens iniciantes tateiam em busca do chão e relutam em se afastar da margem. A fé forte não teme quando Deus leva a criatura além da profundidade de sua razão. “Não sabemos nós o que faremos”, disse o bom Josafá, “porém os nossos olhos estão postos em ti”, 2 Cr 20:12. Como se dissesse: “Estamos em um mar de problemas; além de nossa própria ajuda, ou de qualquer

pensamento sobre como podemos nos safar destes apertos; mas os nossos olhos estão postos em Ti. Não ousamos dar o nosso caso por desesperado enquanto houver força em Teu braço, ternura em Tuas entranhas e verdade em Tua promessa”. Ao passo que a fé fraca, que está tateando em busca de algum apoio para a razão se firmar, ocupa-se em como conciliar a promessa e o entendimento da criatura. Daí as muitas perguntas que caem de sua boca. Quando Cristo disse: “Dai-lhes vós de comer”, Mc 6:37, Seus discípulos Lhe perguntam: “Iremos nós, e compraremos duzentos dinheiros de pão?”. Como se a simples palavra de Cristo não pudesse poupar aquele custo e trabalho! “Como saberei isto?”, diz Zacarias ao anjo, “pois eu já sou velho”, Lc 1:18. Infelizmente! Sua fé não era forte o suficiente para digerir, no momento, esta estranha notícia.

2º Traço. Quanto mais calmo e contente o coração estiver sob as mudanças que a providência traz ao estado e condição do cristão no mundo, mais forte é a sua fé.

Os corpos fracos não suportam a mudança de clima tão bem como os saudáveis e fortes. Quente ou frio, ensolarado ou chuvoso não causam grande alteração no temperamento do homem forte; mas, infelizmente, o outro é retido na cama por eles, ou na melhor das hipóteses anda a se queixar deles. Assim a fé forte pode viver em qualquer clima, viajar em qualquer tempo e adaptar-se a qualquer circunstância. “Aprendi a contentar-me com o que tenho”, Fp 4:11. Infelizmente! Nem todos os alunos de Cristo são da classe de Paulo; a fé fraca ainda não dominou esta lição difícil.

Quando Deus transforma a tua saúde em doença, a tua abundância em penúria, a tua honra em desprezo e escárnio, em que linguagem tornas agora a tua condição conhecida a Ele? O

teu espírito amargura-se em descontentamento, o qual extravasas em queixas murmurantes? Ou estás satisfeito com os tratos de Deus, de modo a aquiescer alegremente em tua porção presente, não por insensibilidade à aflição, mas por aprovação da designação divina? Se o segundo caso ocorre, a tua fé é forte.

(1) *Isto mostra que Deus tem um trono em teu coração.* Reverencias a Sua autoridade e reconheces a Sua soberania, do contrário não concordarias com as Suas ordens. “Emudeci, não abri a minha boca, porque tu o fizeste”, Sl 39:9. Se o golpe tivesse vindo de qualquer outra mão, ele não o teria recebido tão silenciosamente. Quando o servo bate no filho, este corre para o pai e faz a sua queixa; mas, embora o pai lhe faça pior, ele não se queixa do pai, nem busca reparação de outro, porque é o seu pai cuja autoridade ele reverencia. Assim te comportas em relação a Deus; e o que senão uma fé forte te pode capacitar? “Aquietai-vos, e sabeí que eu sou Deus”, Sl 46:10. Devemos conhecer a Deus de forma crente para ser o que Ele é, antes que os nossos corações fiquem “quietos”.

(2) *Esta concordância de espírito sob a disposição da providência mostra que não apenas tens temor de Sua soberania, mas tens pensamentos amáveis e confortantes de Sua misericórdia e bondade em Cristo.* Crês que Ele logo, e certamente, compensará a tua perda, do contrário não abririas mão tão facilmente desses deleites. A criança vai voluntariamente para a cama quando os outros, talvez, vão jantar em um grande banquete na família; mas a mãe promete à criança guardar algo para ela para a manhã; a criança crê nisso e fica contente. Certamente tens algo aos olhos de tua fé que compensará toda a tua perda atual; e isto te faz jejuar tão de bom grado quando outros banqueteiavam, e estar doente quando outros estão saudáveis.

Paulo nos diz por que ele e seus irmãos na aflição não desfaleciam, 2 Co 4:16-17. Eles viam o céu vindo para eles enquanto a terra se afastava deles: “Por isso não desfalecemos; ...Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente”.

3º Traço. Quanto mais capaz for a fé de esperar por muito tempo por respostas aos nossos desejos e orações, mais forte ela é.

Mostra que o comerciante é pobre e necessitado quando ele tem de receber dinheiro na hora pelo que vende. Aqueles que estão bem de vida dispõem-se a dar prazo e são capazes de aguardar por muito tempo. A fé fraca quer tudo para o momento; se não tem imediatamente os seus desejos atendidos, então se torna ciumenta e estabelece conclusões tristes contra si mesma: sua oração não foi ouvida, ou ela não é alguém a quem Deus ama, e coisas do gênero. Muito esforço para ser mantida fora de um desfalecimento — “Dizia eu na minha pressa: Todos os homens são mentirosos”.

Mas a fé forte, que pode negociar com Deus a prazo, sim, espera pelo tempo de Deus — “aquele que crer não se apresse”, Is 28:16. Ele sabe que o seu dinheiro está em boa mão e não se apressa em cobrá-lo de volta, sabendo bem que as viagens mais longas trazem os retornos mais ricos. Assim como a terra rica e forte pode ficar sem chuva por mais tempo do que a terra fraca ou arenosa, a qual deve receber uma chuva a todo instante, do contrário o trigo nela fenece; ou assim como um homem forte e saudável pode jejuar por mais tempo sem desfalecer do que o enfermo e fraco — assim o cristão de fé forte pode esperar por mais tempo por refrigério espiritual da presença do Senhor, nos

retornos de Sua misericórdia e revelações de Seu amor por ele, do que aquele de fé fraca.

4º Traço. Quanto mais o cristão puder perder ou sofrer com base no crédito da promessa, mais forte é a sua fé.

Se visses um homem abrir mão de uma bela herança e deixar seus parentes e país onde poderia passar os seus dias no convívio de seus amigos queridos e com o alimento saboroso que uma propriedade abundante lhe proporcionaria todos os dias, para seguir um amigo até o outro extremo do mundo, com fome e privações, por mar e terra, e mil perigos que se deparam a cada passo, dirias que este homem tinha uma forte confiança em seu amigo e um amor sincero por ele, não dirias?

Mais do que isso: se ele fizesse tudo isso por um amigo a quem nunca viu, sob o simples crédito de uma carta que este lhe envia convidando-o a vir ter com ele, com a promessa de grandes coisas que fará por ele; agora, lançar todas as suas posses e prazeres presentes para trás e voluntariamente se colocar na condição de um pobre peregrino e viajante, com a perda de tudo o que tem, para que possa ir ter com o seu querido amigo, isto aumenta o espanto de sua confiança.

De tais espíritos nobres lemos: “Ao qual, não o tendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais”, 1 Pe 1:8. Observa a passagem, e os verás em situação lamentável — “contristados em várias tentações” —, contudo, porque o seu caminho passa pelos pântanos rumo ao desfrute de Deus e de Cristo, a quem nunca viram nem conheceram, senão pelo relato que a palavra faz Deles, eles podem virar as costas para a amizade e os deleites do mundo — com os quais este os cortejava tanto quanto aos outros — e irem com o coração alegre

pelo mais profundo de todos eles. Aqui está de fato uma fé gloriosa.

Não é o elogiar o céu e desejar estar lá, mas o abandonar alegremente os prazeres mais caros e abraçar os maiores sofrimentos do mundo quando chamados a isso que evidenciará a nossa fé como verdadeira e forte.

5º Traço. Quanto mais facilmente o cristão puder repelir as sugestões e resistir às tentações para o pecado, mais forte é a sua fé.

A armadilha ou rede que retém o peixe pequeno, o peixe maior e mais forte facilmente rompe. A fé do cristão é forte ou fraca conforme ele considere fácil ou difícil romper com as tentações para o pecado. Quando uma tentação comum te segura pelo calcanhar e ficas enredado nela como a mosca na teia de aranha — com muito esforço para te desvencilhares e persuadires o teu coração a não ceder —, verdadeiramente isso demonstra que a fé está muito fraca. Não ter força alguma para opor-se aos assaltos do pecado e da concupiscência demonstra o coração desprovido de fé. Onde a fé não tem uma mão para prostrar um inimigo, ela contudo tem uma mão para levantar contra ele e uma voz para clamar por socorro ao céu. De um modo ou de outro a fé demonstrará o seu desagrado e manifestará o seu protesto contra o pecado.

E ter pouca força para resistir evidencia uma fé fraca. A fé de Pedro estava fraca quando a voz de uma criada o deixou desconcertado; mas foi bem corrigida quando ele pôde resistir e, com uma nobre constância, desdenhar as ameaças de um conselho inteiro, At 4.

Cristão, compara-te contigo mesmo e fazes um julgamento justo de ti. As tuas concupiscências atraem agora o teu coração de forma tão poderosa e o desviam de Deus como faziam há alguns meses ou anos; ou podes em verdade dizer que o teu coração se elevou acima delas? Desde que conheces mais de Cristo e tiveste uma visão de Suas glórias espirituais, podes agora passar pela porta delas e não olhar para dentro; sim, quando batem à tua porta em uma tentação, podes fechá-la na cara delas e desdenhar a sugestão? Certamente podes saber que a tua fé cresceu mais forte.

Quando vemos que as roupas que há um ano ou dois serviam perfeitamente para a pessoa agora não lhe servem mais, de tão pequenas que ficaram, podemos facilmente ser persuadidos a crer que a pessoa cresceu muito desde aquela época. Se a tua fé não tivesse crescido mais, aquelas tentações que te serviam te agradariam tão bem agora. Sente apenas o poder do pecado morrer e poderás saber que a fé está mais viva e vigorosa. Quanto mais forte o golpe, mais forte o braço que o desfere. Uma criança não pode desferir um golpe como um homem. A fé fraca não pode dar um golpe tão certo no pecado como a fé forte o pode.

6º Traço. Quanto mais sinceridade e amor houver em teu caminhar obediente, mais forte é a sua fé.

A fé opera pelo amor e, portanto, a sua força ou fraqueza pode ser descoberta pela força ou fraqueza daquele amor que ela manifesta nas ações do cristão. A força do arco de um homem que retesa um arco é vista pela força com que a flecha que ele dispara voa. E certamente a força de nossa fé pode ser conhecida pela força com que o nosso amor se eleva a Deus. É impossível que a fé fraca — a qual é incapaz de se valer da promessa como

a fé forte o faz — deixe uma impressão tão forte no coração para amar a Deus, abandonar o pecado, realizar o dever e exercer atos de obediência ao Seu mandamento; conhece o teu lugar e assume-o com humilde gratidão: és um graduado na arte de crer.

O amor do cristão avança a passos iguais com a sua fé, assim como o calor do dia aumenta com a subida do sol; quanto mais este se eleva em direção ao seu meridiano, mais quente fica o dia. Assim, quanto mais alto a fé eleva Cristo no cristão, mais intenso se torna o seu amor a Cristo, o qual agora o põe a trabalhar de outra forma que não a habitual.

Antes, quando ele tinha de chorar por seus pecados, era movido por um medo servil e fazia um semblante desagradável no trabalho, como quem bebe alguma poção desagradável; mas agora os atos de arrependimento não são desagradáveis e formidáveis, visto que a fé descobriu que a misericórdia se assenta sobre a face da justiça e desfez na criatura aqueles pensamentos falsos e cruéis de Deus que ignorantemente ela assumira a respeito Dele. Ele não “odeia mais a palavra arrependimento” — como Lutero disse que outrora fizera antes de compreender aquela passagem, Rm 1:17 —, mas realiza o trabalho com amáveis e doces percepções de um Deus bom que se mantém pronto com a esponja de Sua misericórdia molhada no sangue de Cristo para apagar os seus pecados tão rápido quanto ele os registra por sua confissão humilde e dolorosa deles.

E o mesmo se poderia dizer a respeito de todos os outros ofícios da piedade cristã. A fé forte torna a alma sincera. Ela não paga a realização de qualquer dever como um súdito oprimido paga um imposto pesado — com um profundo suspiro ao pensar em quanta coisa abre mão —, mas tão livremente como um filho

apresentaria ao seu pai uma maçã daquele pomar que possui por doação dele. De fato, o filho, quando jovem, é muito servil e egoísta, abstendo-se do que o pai proíbe por medo da vara e fazendo o que ele ordena por alguma coisa bonita com que o pai o suborna, mais do que por puro amor à sua pessoa ou obediência à sua vontade e prazer. Mas, à medida que cresce e passa a compreender-se melhor e à relação em que se encontra, com as muitas obrigações dela para com a obediência filial, então a sua servilidade e egoísmo desaparecem, e o seu *storge* — afeto natural — prevalecerá mais com ele para agradar ao pai do que qualquer outro argumento. E assim será com o cristão onde a fé é de algum crescimento e maturidade.

7º Traço. Para não nomear mais, quanto mais capaz for a fé de adoçar os pensamentos da morte e torná-la desejável ao cristão, mais forte é a sua fé.

Coisas que são muito ácidas ou amargas exigirão muito açúcar para se tornarem doces. A morte é uma daquelas coisas que tem o sabor mais desagradável ao paladar da criatura. Oh, requer uma fé forte para tornar os pensamentos sérios dela doces e desejáveis!

Sei de alguns que, em um momento de desabafo e paixão, professaram grandes desejos de morrer, mas foi como o homem doente deseja mudar de lugar, meramente por cansaço e descontentamento com sua condição presente, sem qualquer consideração devida sobre o que desejam. Mas uma alma que conhece as consequências da morte e a imutabilidade daquele estado, quer de bem-aventurança quer de miséria, com o qual ela certamente nos desposa, nunca clamará alegremente pela morte em seus desejos sinceros até que esteja em alguma medida resolvida, a partir da promessa, sobre que acolhimento pode

esperar de Deus quando entrar naquele outro mundo — e isso a fé fraca não fará sem abundância de temores e dúvidas.

Confesso que, às vezes, um cristão de fé muito fraca pode enfrentar a morte com tão pouco temor em seu espírito, sim, com mais alegria do que um de fé muito mais forte, quando é sustentado pela queixeira por algum conforto extraordinário derramado em sua alma diretamente de Deus. Se Deus retirasse isso, contudo, os seus temores retornariam sobre ele e ele sentiria novamente o seu desfalecimento; como o homem doente que foi confortado de forma incomum com um forte tônico sente a sua debilidade quando o efeito deste passa. Mas falamos do modo comum como os cristãos chegam a ter seus corações elevados acima do medo, sim, a um forte desejo da morte, e isso se dá pela obtenção de uma fé forte.

Deus pode de fato fazer um banquete de poucos pães e multiplicar a fé pequena do cristão fraco de repente, enquanto ele jaz em um leito de enfermidade, em uma mesa farta com todas as variedades de consolações. Mas temo que Deus não realizará este milagre para aquele homem ou mulher que, na expectativa disto, se contenta com a pouca provisão de fé que tem e não se esforça para aumentar o seu estoque para aquele momento de privação.

A fé ou as graças de Deus em um crente DEVEM SER RECONHECIDAS

EXORTAÇÃO SEGUNDA. Chegamos à segunda palavra de exortação que temos a dirigir aos santos: — Se a fé é uma graça tão excelente, e tu a tens, não negues o que Deus fez por ti.

Qual é pior, pensas tu? — o pecador ocultar o seu pecado e negá-lo, ou o cristão ocultar e negar a sua fé? Confesso que o primeiro age pior se olharmos para a intenção das pessoas; pois o pecador oculta o seu pecado por um fim perverso. A alma hesitante, contudo, tem boa intenção: — ela teme agir como hipócrita e ser considerada mentirosa ao dizer que tem o que teme não ter. Mas, se considerarmos a consequência de o cristão desautorizar a graça de Deus nele e que uso o diabo faz disso para conduzi-lo a muitos outros pecados, não será tão fácil decidir qual pecado é o maior.

O bom José tinha uma intenção piedosa quando pensou em deixar secretamente a sua desposada Maria — pensando apenas que ela se corrompera —; e, contudo, teria sido um ato triste se ele tivesse persistido em seus pensamentos, especialmente depois que o anjo lhe dissera que o que nela fora concebido era do Espírito Santo. Assim tu, pobre alma lamentosa, talvez estejas muitas vezes pensando em rejeitar a tua fé como alguma cria de Satanás e uma graça falsa e de imitação gerada em teu coração hipócrita pelo pai da mentira. Pois bem, acautela-te com o que fazes.

Não tiveste nenhuma visão — não extraordinária de um anjo ou revelação imediata, mas comum do Espírito de Deus —, refiro-me em Sua palavra e ordenanças, encorajando-te a partir daqueles traços que na Escritura são dados a respeito da fé, e da conformidade que a tua fé tem com eles, a receberes e assumires a tua fé como aquilo que é concebido em ti pelo Espírito Santo, e não uma cria gerada pela ilusão de Satanás no ventre de tua própria imaginação sem fundamento? Se assim for, teme prestar falso testemunho contra a graça de Deus em ti.

Assim como há quem se faça rico em fé nada tendo desta graça, assim também há quem se faça pobre tendo grande estoque desta riqueza. Deixai-nos, portanto, ouvir quais são as razões desta tua suspeita, para que vejamos se os teus temores ou a tua fé são imaginários e falsos.

Primeiro. Diz a pobre alma: “Temo não ter fé verdadeira porque não tenho aquelas alegrias e consolações que outros têm e que creem”.

Segundo. “Mas pode haver fé verdadeira onde há tanta dúvida como encontro em mim mesmo?”.

Terceiro. “Mas temo que a minha seja uma fé presunçosa, e se assim for, com certeza não pode ser correta”.

PRIMEIRO MOTIVO DE SUSPEITA

Temo, diz a pobre alma, não ter fé verdadeira, porque não tenho as alegrias e consolações que outros crentes possuem.

Primeira resposta

Tu podes ter paz interior, embora não alegria. O dia pode ser calmo e tranquilo, mesmo que não seja glorioso e ensolarado. Embora o Consolador não tenha vindo com suas consolações arrebatadoras, ele pode ter acalmado a tempestade de teu espírito atribulado; e a verdadeira paz, assim como a alegria, é consequência de uma "fé não fingida".

Segunda resposta

Supõe que ainda não tenhas alcançado sequer essa paz interior; saiba, contudo, que não tens razão para questionar a verdade de tua fé pela falta disso. Temos paz com Deus assim que cremos, mas nem sempre conosco mesmos. O perdão pode

ter passado pela mão e pelo selo do príncipe, e ainda assim não ter sido entregue nas mãos do prisioneiro. Não consideras precipitados aqueles que julgaram que Paulo era um assassino por causa da víbora que se prendeu à sua mão? E quem és tu para te condenares como incrédulo, por causa daqueles problemas e agonias interiores que podem se prender por um tempo ao espírito do filho mais gracioso que Deus tem na terra?

SEGUNDO MOTIVO DE SUSPEITA

Ah, mas pode haver fé verdadeira onde há tanta dúvida como encontro em mim mesmo?

Resposta

Há uma dúvida que a Escritura opõe ao menor grau de fé. Nosso bendito Salvador diz aos discípulos o milagre que farão se crerem e "não duvidarem", Mt 21:21; e, em Lc 17:6, ele lhes diz que, se tiverem "fé como um grão de mostarda", farão outro tanto. Aquilo que é fé sem duvidar em Mateus é fé como um grão de mostarda em Lucas. Por outro lado, há uma dúvida que a Escritura não opõe à verdade da fé, mas à força da fé: "Homem de pequena fé, por que duvidaste?", Mt 14:31. Estas são as palavras de Cristo ao vacilante Pedro, nas quais ele repreende sua dúvida, mas reconhece a verdade de sua fé, embora fraca. Toda dúvida é má em sua natureza; contudo, algumas dúvidas, embora más em si mesmas, evidenciam que há alguma graça boa na pessoa que duvida; assim como a fumaça prova a existência de fogo. E a rabugice e a petulância em uma pessoa enferma, que antes jazia inconsciente, é um bom sinal de melhora, embora em si mesma seja algo bastante ruim. No entanto, o que aqui se deseja, creio eu, é dar alguma ajuda à alma

que duvida, para que ela reconheça o que sua dúvida indica: se uma fé verdadeira, embora fraca, ou se a total ausência de fé. Para tanto, apresentarei QUATRO CARACTERÍSTICAS das dúvidas que acompanham a fé verdadeira.

1. Característica

As dúvidas de um verdadeiro crente são acompanhadas de muita vergonha e tristeza de espírito, precisamente por causa dessas dúvidas. Apelo à tua consciência, pobre alma hesitante: a consideração desse único pecado não te custa muitas lágrimas salgadas e suspiros pesados que os outros desconhecem? Ora, pergunto, de onde vêm estes? Acaso a incredulidade chorará pela incredulidade? Ou o pecado envergonhará a si mesmo? Certamente não; isso mostra que há um princípio de fé na alma que toma o partido de Deus, e não pode ver suas promessas e seu nome ultrajados pela incredulidade sem protestar contra ela e lamentar sob seu peso, embora as mãos dessa graça sejam fracas demais no momento para expulsar o inimigo da alma. A lei inocentou a jovem que "gritou no campo", e assim o evangelho te perdoará, a ti que sinceramente choras por tua incredulidade, Dt 22:27. Aquele homem santo, quem quer que tenha sido, estava muito afundado em sua doença de dúvida, Sl 77. Quantas vezes vemos sua incredulidade colocar a misericórdia e a fidelidade de Deus — as quais deveriam estar além de qualquer disputa em nossos corações — em questão e em voto duvidoso em sua alma enferma? Ele poderia, com a mesma razão, ter perguntado à sua alma se havia um Deus, ou se a sua misericórdia tinha desaparecido para sempre e a sua promessa falhado. No entanto, até esse ponto os seus temores o arrastaram naquele turbilhão. Mas, por fim, nós o vemos reconhecendo a sua loucura, no versículo 10: "E eu disse: Isto é minha enfermidade". Por isso posso culpar a ti, ó minha incredulidade!

Tu, inimiga de Deus e da minha alma, que queres me intrigar com medos desnecessários e me fazes pensar e falar de modo tão indigno do meu Deus. Isso provou que havia fé no fundo de sua incredulidade.

2. Característica

As dúvidas de um crente sincero são acompanhadas de desejos ardentes pelas próprias coisas que ele mais questiona e das quais duvida. O crente fraco questiona se Deus o ama ou não, mas ele deseja esse amor mais do que a própria vida. E esta é a linguagem de uma alma agraciada: "A tua graça é melhor do que a vida", Sl 63:3. Ele duvida se Cristo é seu; contudo, se lhe perguntares que valor atribui a Cristo e o que daria por Cristo, ele te dirá, e com verdade, que nenhum preço seria grande demais para comprá-lo. Nenhuma condição sob a qual Deus oferece Cristo lhe parece dura, mas todas fáceis e baratas. E este é o julgamento que apenas a alma que crê pode ter de Cristo: "Para vós, os que credes, ele é precioso", 1 Pe 2:7. Em uma palavra, ele duvida se é verdadeiramente santo ou apenas uma imitação; mas sua alma suspira e tem sede daquelas graças que ele menos consegue enxergar em si. Para ele, seria mais bem-vindo o mensageiro que lhe trouxesse a notícia de um coração quebrantado do que outro que lhe dissesse que uma coroa e um reino lhe foram concedidos. Ele examina cada dever e ação que realiza para verificar se estão de acordo com a regra da Palavra; e, no entanto, deseja apaixonadamente caminhar sem um único passo desviado dela, e não se queixa de que a Palavra seja tão estrita, mas sim de que seu coração seja tão frouxo. E que grande testemunho isso dá de uma disposição de coração agraciada! Veja Sl 119:20, 140, onde Davi apresenta tais evidências de sua graça. Podes tu, portanto, pobre alma, lançar teu coração com tanta força em direção a Cristo e às suas graças, embora não

vejas teu interesse em nenhum deles? Tem bom ânimo, não és tão estranho a eles quanto imaginas. Esses desejos intensos são consequência de algum gosto que já tiveste deles anteriormente; e essas dúvidas podem proceder não de uma falta absoluta, como se estivesse totalmente desprovido deles, mas da violência dos teus desejos, que não se satisfazem com o que já tens. É muito comum que o amor excessivo gere um temor excessivo e infundado. A esposa, por amar ternamente o marido, teme, quando ele está fora, nunca mais vê-lo. Ora pensa que ele está doente, ora que foi morto; e assim o seu amor a atormenta sem justa causa, enquanto o marido está bem e a caminho de casa. Uma joia de grande valor, ou um anel que estimamos muito, se for deixado fora de vista, a extrema estima que lhe dedicamos faz-nos pensar imediatamente que se perdeu. É da natureza das paixões, neste nosso estado imperfeito, quando fortes e violentas, perturbar nossa razão e ocultar de nossos olhos coisas que, de outro modo, seriam fáceis de ver. Assim, muitas pobres almas hesitantes estão procurando e caçando para encontrar a fé que já trazem no peito, a qual lhes é ocultada meramente pela veemência do seu desejo por ela e pelo medo de serem enganadas com uma falsa em vez de uma verdadeira. Assim como a jovem "não abriu a porta de tanta alegria" a Pedro em At 12:14 — sua alegria naquele momento fê-la esquecer o que fazia —, assim o alto valor que o pobre cristão que duvida atribui à fé, junto com o excesso de anseio por ela, não lhe permite nutrir uma opinião tão elevada de si mesmo a ponto de pensar que possui agora no peito aquela joia que tanto preza.

3. Característica

As dúvidas de uma alma verdadeiramente crente tornam-na mais inquisitiva sobre como obter aquilo que por vezes teme não possuir. Muitos pensamentos tristes passam de um lado para

o outro em sua alma: se Cristo é seu ou não, se pode ou não reivindicar a promessa; e estes causam tal agitação em seu espírito que ele não consegue descansar até chegar a alguma resolução em seus próprios pensamentos a partir da Palavra sobre este grande caso. Portanto, assim como o rei Assuero, quando não conseguia dormir, mandava trazer o livro das crônicas e dos registros do seu reino, assim a alma que duvida recorre aos registros dos céus — a Palavra de Deus na Escritura — e ora está lendo ali, ora olhando para o seu próprio coração, para ver se encontra algo que corresponda aos caracteres da fé bíblica, assim como o rosto no espelho corresponde ao rosto do homem. Davi, no Sl 77, quando não sabia o que pensar de si mesmo e muitas dúvidas embaraçavam sua fé — a ponto de o pensamento de Deus aumentar sua perturbação —, não se assentou e deixou o barco correr à deriva, sem se importar se Deus o amava ou não. Não; ele "comunga com o seu próprio coração, e o seu espírito faz uma busca diligente". Assim é com toda alma sincera sob dúvidas. Ela não ousa sentar-se contente nessa condição irresoluta, não mais do que alguém que pensa sentir cheiro de fogo em sua casa ousa deitar-se para dormir antes de ter olhado em cada cômodo e canto, e certificado-se de que tudo está seguro, para não ser acordado com o fogo ao redor de seus ouvidos no meio da noite. A pobre alma que duvida tem, de fato, muito mais medo de acordar com o fogo do inferno ao seu redor; ao passo que a alma no estado e sob o poder da incredulidade é segura e descuidada. O mundo antigo não acreditou na ameaça do dilúvio e não gastou pensamentos sobre o assunto. O dilúvio estava às suas portas e janelas antes que tivessem usado qualquer meio para escapar dele.

4. Característica

No meio das dúvidas do verdadeiro crente, há um apoio confiante de seu coração em Cristo e um propósito secreto de ainda se apegar a ele. No mesmo instante em que os pés de Pedro afundavam nas águas, ele elevava uma oração a Cristo; e isso provou a verdade de sua fé, assim como o outro fato provou sua fraqueza. Assim Jonas teve muitos temores, às vezes tão predominantes que, como os maus humores se concentram em uma ferida, eles se acumularam em uma conclusão precipitada e incrédula; contudo, mesmo ali, sua fé mantinha um pequeno apego secreto a Deus: "Então eu disse: Lançado estou de diante dos teus olhos; todavia tornarei a ver o teu santo templo", Jn 2:4; e "Quando desfalecia em mim a minha alma, eu me lembrei do Senhor", versículo 7. O santo Davi também, embora não pudesse livrar sua alma de todos os temores que nela entraram por causa de sua fé fraca, como água em um navio com vazamento, mantém a mão na bomba e toma uma firme resolução contra eles: "No dia em que eu temer, hei de confiar em ti", Sl 56:3. O cristão que duvida afunda, mas, como um viajante em um pântano onde o fundo é firme, ele se recupera. Mas o incrédulo afunda em seus temores, como um homem em areia movediça, cada vez mais fundo, até ser engolido pelo desespero. A dúvida do cristão fraco é como o balanço de um navio ancorado — ele se move, mas não é removido de seu apego a Cristo; mas a dúvida do incrédulo é como o balanço de uma onda que, não tendo onde se apoiar, fica totalmente à mercê do vento: "Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte", Tg 1:6.

TERCEIRO MOTIVO DE SUSPEITA

Ah, mas, diz outro, temo que a minha seja uma fé presunçosa, e, se for assim, com certeza não pode estar correta.

Resposta

Para o pleno esclarecimento [isto é, desfazimento] desta objeção, apresentarei três características de uma fé presunçosa.

1. Característica

A fé presunçosa é uma fé fácil. Ela não tem nenhum inimigo, seja Satanás ou os nossos próprios corações corruptos, para se opor a ela e, por isso, como uma erva daninha fedorenta, brota e cresce rapidamente de repente. O diabo nunca tem o pecador mais seguro do que quando este sonha no paraíso dos tolos, caminhando durante o sono em meio às suas vãs e fantásticas esperanças de Cristo e da salvação. E, portanto, ele está tão longe de acordá-lo que fecha bem as cortinas ao redor dele, para que nenhuma luz ou barulho em sua consciência interrompa o seu descanso. Já viste algum ladrão acordar, no meio da noite, aquele a quem pretende roubar e matar? Não; o sono é a sua vantagem. Mas contra a fé verdadeira ele é um inimigo jurado. Ele a persegue desde o berço, como Herodes fez com Cristo na manjedoura; ele lança uma torrente de ira sobre ela assim que ela revela o seu próprio nascimento pelo choro e lamento pelo Senhor. Se a tua fé for legítima, Naftali pode ser o seu nome; e podes dizer: "Com grandes lutas lutei contra Satanás e meu próprio coração corrompido, e finalmente prevaleci". Conheces a resposta que Rebeca recebeu quando consultou a Deus sobre o embate e a luta dos filhos em seu ventre: "Duas nações", Deus lhe disse, "estavam em seu ventre". Se puderes encontrar luta semelhante em tua alma, podes consolar-te de que ela provém de dois princípios contrários, a fé e a incredulidade, que combatem um contra o outro; e a tua incredulidade, que é a

mais velha — por mais que agora lute pelo domínio —, servirá à mais jovem.

2. Característica

A fé presunçosa é aleijada de uma das mãos; ela tem uma das mãos para receber o perdão e o céu de Deus, mas não tem a outra mão para se entregar a Deus. A verdadeira fé tem o uso de ambas as mãos: "O meu amado é meu" — ali a alma recebe a Cristo; "e eu sou dele" — ali ela se entrega ao uso e serviço de Cristo. Ora, já te entregaste livremente a Cristo? Sei que todos professam fazer isso. Mas a alma presunçosa, como Ananias, mente ao Espírito Santo, retendo uma parte, sim, a parte principal daquilo que prometeu depositar aos pés de Cristo. Ela afasta de cena aquele seu pecado de estimação quando deveria entregá-lo à justiça; e apega-se àquele deleite terreno de tal forma que seu coração não consegue confiar em Deus para dele dispor, mas clama quando o Senhor o pede: "Benjamim não irá". A sua vida está ligada a ele, e, se Deus o quiser tirar, terá de tomá-lo pela força, pois não há esperança de obter o seu consentimento. É esta a verdadeira imagem da tua fé e da disposição da tua alma? Então, em verdade, tu te abençoas em um ídolo e confundes uma face audaciosa com um coração crente. Mas, si estás tão disposto a ser fiel a Cristo quanto a depositar tua fé em Cristo; se consideras um privilégio tão grande que Cristo tenha um trono em teu coração e amor quanto teres um lugar e espaço em sua misericórdia; em uma palavra, se és sincero e não esconderias um pecado, nem trancarías um deleite terreno longe dele, mas desejares livremente entregar a tua concupiscência mais querida ao patíbulo e os teus mais doces deleites para permanecerem contigo ou irem embora, conforme teu Deus achar melhor conceder-te — embora tudo isso seja com muito pesar e descontentamento da parte maligna da carne que

habita em ti —, tu te mostras um crente sadio; e o diabo poderia muito bem dizer que ele próprio crê antes de dizer que tu presumes. Se isto é presumir, sê ainda mais presunçoso. Deixa o diabo apelidar a ti e à tua fé como quiser; a água de rosas não é menos doce porque alguém escreve "água de absinto" no vidro. O Senhor conhece os que são seus e os reconhecerá como seus verdadeiros filhos, e as suas graças como doces frutos do seu Espírito, embora um título falso lhes seja atribuído por Satanás e pelo mundo, sim, às vezes pelos próprios crentes sobre si mesmos. O pai não rejeitará o filho porque este, em um acesso violento de febre, fala coisas sem sentido e nega ser seu filho.

3. Característica

A fé presunçosa é uma fé sem seiva e sem sabor. Quando um coração insincero finge ter a maior fé em Cristo, mesmo assim ele encontra pouco sabor, experimenta pouca doçura em Cristo. Não; ele ainda tem o seu velho paladar, o que o faz preferir o alimento grosseiro dos prazeres sensuais a Cristo e às suas iguarias espirituais. Se falasse livremente o que pensa, teria de confessar que, se lhe fosse dado escolher entre assentar-se com Cristo e seus filhos para ser entretido com os prazeres que eles desfrutam da comunhão espiritual com ele em suas promessas, ordenanças e caminhos santos, ou assentar-se com os servos e receber as sobras que Deus concede aos homens do mundo em seus sacos cheios e barrigas fartas de tesouros carnavais, ele preferiria estes últimos aos primeiros. Ele se vangloria de seu interesse em Deus, mas não se importa em quão pouco está na presença de Deus in qualquer dever ou ordenança. Certamente, se ele fosse um favorito tão grande quanto diz, estaria mais na corte do que está. Ele espera ser salvo, diz, mas não extrai o seu vinho de alegria desta fonte. Não são os pensamentos do céu que o consolam; mas o que ele tem no

mundo e do mundo, estes sustentam a sua alegria. Quando o vaso do mundo se esgota e o prazer das criaturas se consome, infelizmente, o pobre miserável encontra pouco alívio ou sabor em suas fingidas esperanças do céu e interesse em Cristo, mas continua choramingando atrás do outro. Ao passo que a verdadeira fé altera o próprio paladar da criatura. Nenhum banquete é tão doce para o crente quanto Cristo. Que Deus retire todos os outros pratos da mesa e deixe apenas Cristo, ele considera que o seu banquete não acabou — ele tem o que gosta; mas que tudo o mais permaneça, saúde, bens, amigos e tudo o mais que o mundo tanto valoriza, se Cristo for retirado, ele logo sente falta do seu prato, lamenta-se e diz: "Ai de mim! Quem levou o meu Senhor?". É Cristo que tempera estas e todas as suas satisfações, e as torna comida saborosa ao seu paladar; mas sem ele, não têm mais gosto do que a clara de um ovo sem sal.

DIRETRIZ 8 — SEGUNDA PARTE GERAL

Argumento que enfatiza a exortação

"Com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno" (Ef 6:16)

Concluimos com a exortação e agora passamos à segunda parte geral do versículo, a saber, um forte argumento que enfatiza esta exortação, contido nestas palavras — "Com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno". "Podereis". Não um incerto "talvez possais", mas ele é categórico e absoluto — "podereis". Mas para fazer o quê? "apagar" — não apenas resistir e repelir, mas "apagar". Mas o que eles deverão "apagar"? Não apenas tentações comuns, mas

as piores flechas que o diabo tem em sua aljava — "dardos inflamados"; e não apenas alguns deles, mas "todos os dardos inflamados do maligno". Nesta segunda parte geral, há duas particularidades. PRIMEIRA. O inimigo dos santos descrito — "O maligno". SEGUNDA. O poder e a força da fé sobre o inimigo — "Podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno".

PRIMEIRA DIVISÃO — O INIMIGO DOS SANTOS DESCRITO

"O Maligno"

Aqui temos o inimigo dos santos descrito em três particularidades.

PRIMEIRA. Em sua natureza — "maligno". SEGUNDA. Em sua unidade — "maligno", ou "maligno", *tou ponêrou* [do maligno], no singular. TERCEIRA. Em sua provisão bélica e armamento, com os quais entram em campo contra os santos — "dardos", e estes são "inflamados".

O inimigo dos santos descrito POR SUA NATUREZA

PRIMEIRA. O inimigo dos santos é aqui descrito por sua natureza — "maligno". Algo já disse sobre isso no versículo 12, onde Satanás é chamado de "forças espirituais da maldade". Passarei, portanto, por isso agora de forma mais breve. Certamente há alguma lição especial que Deus deseja que seu povo aprenda até mesmo deste atributo do diabo e de seus membros — pois todo o bando de demônios e homens diabólicos

está aqui compreendido — pelo fato de ele ser apresentado à consideração dos santos por este nome de "maligno" com tanta frequência. Limitar-me-ei a DOIS PROPÓSITOS que concebo que Deus visa com este nome.

Primeiro propósito. Eles são chamados de "malignos" como um nome odioso pelo qual Deus deseja despertar no estômago de seus filhos um nojo pelo pecado acima de todas as coisas no mundo, e provocar em suas almas puras tanto o ódio e a detestação de todo pecado quanto uma vigorosa resistência ao diabo e aos seus instrumentos como tais, que são malignos; o qual é um nome que o torna detestável acima de qualquer outro. Deus quer que saibamos que, quando ele próprio deseja falar o pior que pode do diabo, não consegue pensar em nenhum nome para esse fim como este — dizer que ele é "o maligno". O nome que exalta a Deus ao nível mais alto, e é a própria excelência de todas as suas outras excelências, é que ele é "o Santo", e "não há santo como o Senhor". Isto, portanto, dá ao diabo a marca mais negra de infâmia, o fato de ele ser "o maligno", e ninguém ser maligno nessa altura além dele mesmo. Se a santidade pudesse ser separada de qualquer outro atributo de Deus — o que é o cúmulo da blasfêmia pensar —, a sua glória se esvairia. E se a maldade do diabo pudesse ser removida de seus tormentos e miséria, o caso seria extremamente alterado. Deveríamos então ter pena daquele a quem agora devemos nada menos que odiar e abominar com perfeito ódio.

1. Considerai isto, todos vós que viveis no pecado e não vos envergonhais de ser vistos na prática dele. Oxalá vísseis os vossos rostos neste espelho, e veríeis com quem vos pareceis! Na verdade, com ninguém menos que o próprio diabo, e naquilo que o torna mais odioso, que é a sua maldade. Nunca mais cuspais ao ouvir o nome do diabo, nem aparenteis medo de

qualquer imagem disforme dele; pois carregais uma imagem muito mais feia — e a mais fiel dele que é possível — em vosso próprio peito maligno. Quanto mais maligno, mais parecido com o diabo; quem pode desenhar o retrato do diabo senão ele mesmo? Se és um ser maligno, tu és do próprio diabo. "Caim", diz-se, "era do maligno", 1 Jo 3:12. Cada pecado que cometes é uma nova linha que o diabo desenha em tua alma. E se a imagem de Deus em um santo — que o Espírito de Deus está desenhando nele ao longo de muitos anos — será uma peça tão refinada quando a última linha for traçada no céu, pensa, então, quão assustadora e horrenda criatura parecerás ser quando, após todos os esforços do diabo aqui na terra para imprimir sua imagem em ti, te vires no inferno tão maligno quanto um diabo maligno te pode fazer.

2. Considerai isto, ó santos, e concedei vossa primeira compaixão àquelas pobres almas desamparadas que estão sob o poder de um diabo maligno. É um julgamento lamentável viver sob um governo ímpio, mesmo que seja de homens. Para um servo em uma família estar sob um senhor ímpio é uma praga pesada. Davi conta isso entre outras grandes maldições: "Põe sobre ele um ímpio", Sl 109:6. Oh, o que é, então, tener um espírito maligno sobre si! Aquele que desejasse que seu amigo fosse o pior escravo na Turquia, em vez de ser o melhor servo do pecado ou de Satanás, demonstraria grande bondade para com ele. E, no entanto, vede a loucura dos homens. Salomão nos diz: "Quando o ímpio domina, o povo geme", Pv 29:2. Mas quando um diabo maligno domina, os pobres pecadores tolos riem e se alegram. Bem, vós que não estais fora de si a esse ponto, mas sabeis que o serviço do pecado é a maior miséria da criatura, chorai por aqueles que vão rindo para o pecado, e pelo pecado para o inferno.

E ainda, que isso encha teu coração, cristão, de zelo e indignação contra Satanás em todas as suas tentações. Lembra-te de que ele é maligno, e não pode vir para o bem. Tu conheces a felicidade de servir a um Deus santo. Certamente, então, tens uma resposta pronta quando este maligno vier te atrair para o pecado. Podes pensar em sujar as tuas mãos com o seu serviço vil e imundo, depois de terem sido usadas em trabalho tão puro e nobre quanto o serviço do teu Deus? Não dês ouvidos aos movimentos de Satanás, a menos que tenhas o desejo de ser "maligno".

Segundo propósito

Eles são chamados de "malignos" como um nome de desprezo, para encorajamento de todos os crentes em seu combate contra eles. Como se Deus dissesse: "Não os temais; é uma companhia maligna contra a qual ides" — a causa e os que a defendem, ambos "malignos". E, na verdade, se os santos devem ter inimigos, quanto piores forem, melhor. Isso daria coragem a um covarde para lutar com tal bando. A maldade deve ser fraca. A culpa dos demônios em seus próprios peitos diz-lhes que a causa deles está perdida antes que a batalha seja travada. Eles te temem, cristão, porque és santo, e, portanto, não debes te desanimar por causa deles, que são malignos. Tu os vês como astutos, poderosos e muitos, e então teu coração falha. Mas olha para todos esses espíritos astutos e poderosos como seres malignos e ímpios, que odeiam a Deus mais do que a ti, sim, a ti por teu parentesco com ele, e não poderás deixar de ganhar coragem. De que lado Deus está para que tenhas medo? Aquele que repreendeu reis por tocarem em seus ungidos e fazer-lhes mal em seus corpos e bens, ficará parado, pensas tu, e permitirá que estes espíritos malignos atentem contra a vida do próprio

Deus em ti, contra a tua graça e a tua santidade, sem vir em teu auxílio? É impossível.

O inimigo dos santos descrito POR SUA UNIDADE

SEGUNDO. O inimigo dos santos é apresentado por sua unidade — "dardos inflamados do maligno" — *tou ponērou* [do maligno]. É como se todos fossem disparados do mesmo arco e pela mesma mão; como se a luta do cristão fosse um duelo contra um único inimigo. Todas as legiões de demônios e multidões de homens e mulheres ímpios formam um único grande inimigo. Todos eles são um corpo místico de maldade, assim como Cristo e seus santos são um corpo místico santo. Um único Espírito move Cristo e seus santos; assim, um único espírito move os demônios e os homens ímpios, que são seus membros. A alma está no dedo mindinho do pé; e o espírito do diabo está no menor dos pecadores. No entanto, já tratei deste assunto em outro lugar.

O inimigo dos santos descrito POR SUA PROVISÃO BÉLICA

TERCEIRO. O inimigo dos santos é aqui descrito por sua provisão bélica com a qual entra em campo contra os santos — "dardos", e estes do pior tipo, "dardos inflamados".

Primeiro. Dardos

As tentações do diabo são os dardos que ele usa contra as almas de homens e mulheres. Podem ser assim chamados por um tríplice aspecto.

1. Os dardos ou flechas são velozes. Daí a nossa expressão comum: "Tão veloz como uma flecha saindo do arco". O relâmpago é chamado de flecha de Deus porque voa velozmente: "Disparou as suas flechas e os espalhou; multiplicou raios e os desbaratou", Sl 18:14, ou seja, relâmpagos como flechas. As tentações de Satanás voam como um relâmpago — não demoram a chegar. Ele não precisa de mais tempo do que o piscar de um olho para o envio de uma tentação. O olhar de Davi caiu sem querer sobre Bate-Seba, e a flecha do diabo estava em seu coração antes que ele pudesse fechar a sua janela. Ou o ouvir de uma palavra ou duas basta. Assim, quando os servos de Davi lhe contaram o que Nabal, o tolo, dissera, a ira de Davi imediatamente se acendeu — uma flecha de vingança feriu o seu coração. O que é mais rápido que um pensamento? No entanto, com que frequência isso é uma tentação para nós? Um pensamento tolo surge durante um dever devocional, e nossos corações, antes atentos ao trabalho, são subitamente desviados, como um cão de caça atrás de uma ave que levanta voo diante dele enquanto caminha com seu dono. Sim, se uma tentação falha, quão rápido ele pode enviar outra atrás dela! — tão ágil quanto o mais rápido dos arqueiros. Mal uma flecha é lançada, ele já tem outra na corda.

2. Os dardos ou flechas voam secretamente. E o mesmo fazem as tentações.

(1.) A flecha muitas vezes vem de longe. Um homem pode ser ferido por um dardo e não ver quem o disparou. Diz-se que os ímpios atiram suas flechas "em segredo contra o perfeito", e então dizem: "Quem as verá?", Sl 64:4-5. Assim Satanás lança uma tentação. Às vezes usa a língua da esposa para fazer o seu trabalho; em outras ocasiões ele se esconde atrás de um marido, amigo, servo, etc., e não é visto enquanto realiza a

sua obra. Quem pensaria encontrar um diabo em Pedro tentando o seu mestre, ou suspeitaria que Abraão seria o seu instrumento para entregar a sua amada esposa nas mãos do pecado? No entanto, foi assim. Mais ainda, às vezes ele é tão secreto que toma o arco de Deus para disparar suas flechas, e o pobre cristão é enganado, pensando que é Deus quem o repreende e está irado, quando na verdade é o diabo quem o tenta a pensar assim, apenas imitando a voz de Deus. Jó clama por causa das "flechas do Todo-Poderoso", cujo "veneno consome o seu espírito", e dos "terrores de Deus que se puseram em ordem de batalha contra ele", Jó 6:4, quando, na verdade, era Satanás o tempo todo praticando a sua malícia e pregando peças nele. Deus era amigo daquele homem bom, apenas Satanás pediu permissão — e Deus lhe deu por um tempo — para assim amedrontá-lo. E o pobre Jó clama como se Deus o tivesse rejeitado e se tornado seu inimigo.

(2.) *Os dardos ou flechas fazem pouco ou nenhum barulho ao passar.* Eles cortam o seu caminho pelo ar sem nos avisar por qualquer estrondo ou relatório, como faz o canhão, de que estão chegando. Assim, insensivelmente, a tentação faz a sua aproximação; — o ladrão entra antes que pensemos em fechar as portas. O vento é uma criatura secreta em seu movimento, do qual o nosso Salvador diz: "Não sabes de onde vem, nem para onde vai", Jo 3:8, contudo, "ouves o seu ruído", como diz o nosso Salvador no mesmo lugar. Mas as tentações muitas vezes vêm e não nos dão aviso por nenhum som que façam. O diabo planeja o seu ardil tão de perto que a alma não percebe o seu rumo, não nota o anzol até que este se encontre em suas entranhas. Como a mulher de Tecoia contou a sua história de modo tão habilidoso que o rei proferiu julgamento contra si mesmo na pessoa de outrem antes de perceber o assunto.

3. *Os dardos têm uma natureza ferina e mortal*, especialmente quando bem pontiagudos e disparados de um arco forte por alguém capaz de retesá-lo. Tais são as tentações de Satanás — carregadas de desesperada malícia e disparadas por uma força não menor que a angelical; e isso contra uma criatura tão pobre e fraca quanto o homem, de modo que seria impossível, se Deus não tivesse fornecido uma boa armadura para a nossa alma, resistir ao poder de Satanás e chegar a salvo ao céu. Cristo quer que sejamos conscientes de sua força e perigo, por meio daquela petição em sua oração que os melhores santos deste lado do céu precisam usar: "Não nos deixes cair em tentação". Cristo tinha acabado de sair do combate onde provaria a habilidade e a força tentadora de Satanás, as quais, embora estivessem abaixo de sua sabedoria e poder para derrotar, ele bem sabia que eram capazes de derrubar o mais forte dos santos. Nunca houve ninguém além de Cristo a quem Satanás não tenha vencido mais ou menos. Foi prerrogativa de Cristo ser tentado, mas não cair em tentação. Jó, um dos principais valentes no exército de santos de Deus, que, da boca de Deus, é incomparável, foi contudo ferido por estas flechas disparadas do arco de Satanás e posto em grande desordem. Deus teve de arrancá-lo das garras do diabo, caso contrário ele teria sido completamente despedaçado por aquele leão.

Segundo. A provisão bélica de Satanás não consiste apenas em dardos, mas em "dardos inflamados". Alguns limitam esses dardos inflamados a algum tipo particular de tentação, como o desespero, a blasfêmia e aquelas que enchem o coração de terror e horror. Mas isso, concebo eu, é muito restrito; a fé é um escudo para todo tipo de tentações — e, de fato, não há nenhuma que não possa se tornar uma tentação "inflamada"; de modo que eu tenderia a pensar que todos os tipos

de tentações estão aqui compreendidos, contudo de modo a respeitar algumas de maneira especial mais do que outras. Estas serão exemplificadas mais adiante.

Pergunta. Por que os dardos de Satanás são chamados de inflamados?

Resposta 1. Pode-se dizer que são "inflamados" em relação àquela ira ardente com que Satanás os dispara. Eles são o fogo que este dragão cospe, cheio de indignação contra Deus e seus santos. Saulo, diz-se, "respirava ameaças e morte contra os discípulos do Senhor", At 9:1. Como alguém que está internamente inflamado, seu hálito é quente — uma corrente inflamada de ira persecutória saía dele como de uma fornalha ardente. As tentações são as respirações da ira do diabo.

Resposta 2. Pode-se dizer que são "inflamados" em relação ao fim a que conduzem, se não forem apagados; e este é o fogo do inferno. Há uma faísca do inferno em cada tentação; e todas as faíscas voam para o seu elemento. Assim, todas as tentações tendem ao inferno e à condenação, de acordo com o intuito e propósito de Satanás.

Resposta 3. E, principalmente, pode-se dizer que são "inflamados" em relação àquela qualidade maligna que possuem sobre o espírito dos homens — a qual consiste em acender um fogo no coração e na consciência das pobres criaturas. O apóstolo alude ao costume de inimigos cruéis, que costumavam molhar as pontas de suas flechas em veneno, tornando-as mais mortais, de modo que não apenas feriam a parte atingida, mas inflamavam todo o corpo, o que tornava a cura mais difícil. Jó fala do "veneno delas que consome o seu espírito", Jó 6:4. Elas possuem uma qualidade envenenadora e inflamável.

SEGUNDA DIVISÃO — O PODER E A FORÇA DA FÉ SOBRE O INIMIGO

"O escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno."

Os dardos inflamados de Satanás que a alma crente é capaz de apagar por meio da fé podem ser divididos em duas espécies. PRIMEIRA. Aqueles que seduzem e enfeitiçam agradavelmente com alguma aparente promessa de satisfação para a criatura. SEGUNDA. Aqueles que assustam e trazem consigo o terror. Ambos são inflamados e ambos são apagados pela fé, e somente pela fé.

O PRIMEIRO PODER EXTINTOR DA FÉ

Os "dardos inflamados" das TENTAÇÕES AGRADÁVEIS de Satanás e o poder da fé para apagá-los

Começaremos com a primeira espécie de dardos inflamados de Satanás, a saber, aquelas tentações que seduzem e enfeitiçam agradavelmente a alma com alguma aparente promessa de satisfação para a criatura. A proposição é esta:

DOUTRINA. *A fé capacitará a alma a apagar o fogo das tentações mais agradáveis de Satanás.* PRIMEIRO. Mostraremos que essas tentações sedutoras possuem uma qualidade inflamada. SEGUNDO. Que a fé é capaz de apagá-las.

As tentações agradáveis de Satanás POSSUEM UMA QUALIDADE "INFLAMADA"

PRIMEIRO. Mostraremos que as tentações sedutoras de Satanás possuem uma qualidade inflamada. Elas têm uma propriedade inflamatória. Há uma disposição secreta para todo pecado no coração de todos os homens. A tentação não cai sobre nós como uma bola de fogo sobre o gelo ou a neve, mas como uma faísca sobre a palha, ou como o relâmpago sobre um teto de palha, que imediatamente se inflama. Por isso, na Escritura, embora sejamos tentados por Satanás, o pecado é imputado a nós: "Cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência", Tg 1:14. Observe: é Satanás quem tenta, mas é a nossa própria concupiscência que nos atrai. O caçador arma a armadilha, mas o próprio desejo da ave a entrega à rede.

O coração do homem é maravilhosamente propenso a se inflamar com esses dardos. "Sem lenha, o fogo se apagará", Pv 26:20. Foi assim com os "dardos inflamados" lançados contra Cristo: não havia nele nenhuma matéria combustível de corrupção para Satanás trabalhar. Nossos corações, porém, uma vez aquecidos em Adão, nunca mais se resfriaram. O coração de um pecador é comparado a um "forno": "Todos eles são adúlteros; são semelhantes ao forno aceso pelo padeiro", Os 7:4. O coração do homem é o forno, o diabo é o padeiro e a tentação é o fogo com o qual ele o aquece; e então nenhum pecado lhe parece ruim. "Acho-me", diz Davi, "entre homens que respiram chamas", Sl 57:4. E pergunto: quem os inflama? O apóstolo nos responde: são "inflamados pelo inferno", Tg 3:6.

Ó amigos! Uma vez que o coração está inflamado pela tentação, que efeitos terríveis ela produz! Quão difícil é apagar

tal fogo, mesmo em uma pessoa agraciada! O próprio Davi, sob o poder de uma tentação tão evidente que até um olho carnal podia enxergar — refiro-me a Joabe, que o repreendeu —, foi arrastado a ponto de causar a perda da vida de setenta mil homens; pois esse foi o custo de um único pecado. E se o fogo é tão violento em um Davi, que estragos fará onde não há água por perto, isto é, nenhuma graça no coração para apagá-lo? Por isso se diz que os ímpios estão "loucos" por seus ídolos, Jr 50:38 — avançando sem temor nem juízo, como um homem inflamado por uma febre que lhe sobe à cabeça; não há quem o segure na cama. Assim, a alma possuída pela fúria da tentação corre em direção à boca da morte e do inferno, e não se deixa deter.

Aplicação Prática

Primeiro uso. Ó, como isso deveria nos fazer temer correr em direção à tentação, vendo que há tamanha feitiçaria nela! Alguns homens são autoconfiantes demais. Nutrem uma opinião elevada demais de si mesmos — como se estivessem imunes a contrair tal doença — e, por isso, expõem-se a qualquer ambiente. É justo da parte de Deus permitir que tais pessoas sejam atingidas por um dos dardos de Satanás, para que conheçam melhor os seus próprios corações. Quem terá pena daquele cuja casa foi pelos ares porque guardava a pólvora ao lado da lareira? "Pois que é teu servo, que não passa de um cão", diz Hazael em 2 Reis 8:13. "Acaso me tens por um animal, decaído a ponto de manchar minhas mãos com esses terríveis assassinatos?" No entanto, quão rapidamente esse infeliz caiu na tentação e, por aquele ato sangrento contra o seu senhor soberano, perpetrado assim que chegou em casa, demonstrou

que os outros males preditos pelo profeta não eram tão improváveis como a princípio pensara.

Oh, afasta-te do alvo do diabo, a menos que queiras ter uma das flechas dele cravada em teu flanco! Mantém-te o mais longe possível do turbilhão da tentação. Pois, uma vez que ele te apanhar em seu círculo, tua cabeça logo poderá girar. Um pecado ajuda a acender outro; o menor alimenta o maior, assim como os gravetos alimentam as toras. Quando os cortesãos levaram o seu rei a banquetear-se e a embriagar-se, ele logo aprendeu a zombar: "No dia do nosso rei os príncipes se tornaram doentes com o calor do vinho; ele estendeu a sua mão com os escarnecedores", Os 7:5.

Segundo uso. Se os dardos de Satanás têm tal poder de inflamar, toma cuidado para não seres o instrumento de Satanás para atear fogo à corrupção alheia. Alguns o fazem de propósito. Os idólatras ornamentam seus templos e altares com imagens supersticiosas, embelezadas com todo o luxo que o ouro e a prata podem oferecer, para enfeitiçar os olhos dos espectadores. Por isso se diz que eles são "inflamados pelos ídolos", Is 57:5 — tanto quanto qualquer amante por sua concubina. E o bêbado inflama a concupiscência do seu próximo, "chegando-lhe o seu copo", Hc 2:15. Oh, que trabalho vil realizam esses homens! Pela lei humana, pune-se com a morte aquele que deliberadamente atea fogo à casa do vizinho. O que merecem, então, aqueles que ateam fogo às almas dos homens, e um fogo que não é menor que o do inferno?

Contudo, é possível que faças isso sem perceber, por uma questão menor do que imaginas. Uma criança boba brincando com um graveto aceso pode incendiar uma casa que muitos sábios não conseguirão apagar. E, na verdade, Satanás pode se

usar de tua tolice e descuido para acender a concupiscência no coração de outrem. Talvez uma palavra leviana ou tola escape de tua boca, sem que queiras causar grande mal; mas um sopro de tentação pode levar essa faísca para o peito de teu amigo e acender ali um terrível incêndio. Uma vestimenta imodesta, que supomos que uses com um coração puro, apenas por ser a moda, pode enredar os olhos de outrem. E se pecou aquele que manteve uma cova aberta causando dano a um animal, quanto mais tu, que dás ocasião para o pecado de uma alma, o que é um dano imensamente pior? Paulo "nunca mais comeria carne, para que seu irmão não se escandalizasse", 1 Co 8:13. E podes tu apegarte a um traje tolo e a uma moda imodesta, pela qual muitos podem pecar, e continuar a usá-los? "O corpo", diz Cristo, "é mais do que o vestido". A alma de teu irmão, certamente, tem muito mais valor do que uma moda fútil de vestuário. Passamos agora ao segundo ramo deste ponto.

O PODER DA FÉ PARA APAGAR as tentações agradáveis de Satanás.

SEGUNDO. Mostraremos que a fé capacitará a alma a apagar as tentações agradáveis do maligno. Esta é chamada de "a vitória que vence o mundo, a nossa fé", 1 Jo 5:4. A fé coloca sua bandeira triunfante sobre a cabeça do mundo. O mesmo evangelista João nos dirá o que se entende por mundo: "Não ameis o mundo... porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo", 1 Jo 2:15-16. Tudo o que há no mundo é chamado de "concupiscência" porque serve de alimento e combustível para ela. Ora, a fé capacita a alma a apagar os dardos que Satanás banha e envenena com essas

concupiscências mundanas — chamadas por alguns de a trindade dos mundanos.

Primeiro dardo das tentações agradáveis: "A concupiscência da carne". Sob esta expressão compreendem-se as tentações que prometem prazer e deleite à carne. Estas, de fato, trazem fogo em suas pontas; e, quando atingem um coração carnal, logo o inflamam com paixões desregradas e afeições bestiais. Diz-se que o adúltero arde em sua concupiscência, Rm 1:27. O bêbado se inflama com o vinho, Is 5:11. Nenhum tipo de tentação atua com mais força do que aquelas que apresentam o prazer sensual e prometem deleite à carne. Diz-se que os pecadores se entregam "a toda a impureza com avidez" — com uma espécie de cobiça; pois o termo grego sugere que eles nunca se fartam. Quando o homem voluptuoso já gastou seus bens e esgotou seu corpo na luxúria, o fogo continua a arder em seu miserável coração. Nenhuma bebida saciará a sede de um homem envenenado. Nada além da fé pode ajudar a alma nessas chamadas.

Encontramos o rico epulão ardendo no inferno, sem que se achasse ali "uma gota de água para resfriar a ponta de sua língua". O pecador incrédulo vive em um inferno sobre a terra. Ele queima em sua concupiscência e, por falta de fé, não tem uma gota de água para apagar o fogo. Pela fé, diz-se que os gloriosos mártires "apagaram a força do fogo", Hb 11:34. E, na verdade, o fogo da concupiscência é tão quente quanto o fogo do martírio. Somente pela fé este também é apagado: "Porque também nós éramos noutra tempo insensatos, desobedientes, extraviados, servindo a várias concupiscências e deleites... Mas, quando apareceu a benignidade e amor de Deus, nosso Salvador, para com os homens... ele nos salvou", Tt 3:3-5. Nunca conseguiram se desvencilhar dessas concupiscências, suas

antigas companheiras, até que pela fé alcançaram uma nova comunhão com a graça de Deus revelada no evangelho.

Como a fé apaga a "concupiscência da carne".

Pergunta. Como a fé apaga esse dardo inflamado dos deleites sensuais?

Resposta 1. Desfazendo a ilusão e retirando a névoa dos olhos do cristão, permitindo-lhe enxergar o pecado em sua nudez e em seus princípios brutos, antes que Satanás o tenha adornado. A fé lhe dá o gosto e o sabor nativo do pecado antes que o diabo o disfarce com seu molho açucarado. E, realmente, o pecado se revela então uma peça grosseira, um bocado amargo. A fé tem olhos penetrantes; ela é "a prova das coisas que se não veem". Ela olha por trás da cortina dos sentidos e vê o pecado, antes que sua vestimenta brilhante seja posta e ele seja preparado para o palco, como um monstro que vem do inferno e traz o inferno consigo.

Agora, venha Satanás se quiser e apresente a concupiscência mais atraente, a resposta do cristão está pronta. "Não te deixes enganar, ó minha alma", diz a fé, "por um espírito mentiroso". Ele te mostra uma bela Raquel, mas pretende te entregar uma Lia de olhos tenros; promete alegria, mas te pagará com tristeza. As roupas que tornam essa concupiscência tão atraente não são dela. A doçura que sentes não é nativa, mas emprestada para te enganar. "Tu és Saul", disse a mulher de Endor, "por que me enganaste?". Assim, a fé pode chamar o pecado e Satanás por seus próprios nomes quando vêm disfarçados. "Tu és Satanás", diz a fé, "por que queres me enganar? Deus disse que o pecado é amargo como o fel e o absinto, e querias fazer-me crer que posso colher os doces

frutos do verdadeiro deleite nesta raiz de amargura? Uvas nestes espinhos?".

Resposta 2. A fé não apenas capacita a alma a ver a natureza do pecado desprovida de qualquer prazer real, mas também quão transitórios são os seus falsos prazeres. "Não perderei", diz a fé, "as misericórdias seguras por prazeres transitórios e incertos". Isso fez com que Moisés saltasse dos prazeres da corte egípcia para o fogo da "aflição", Hb 11:25, porque viu que eram "prazeres transitórios". Se visses um homem em um navio lançar-se ao mar, poderias a princípio julgá-lo louco; mas se, pouco depois, o visses seguro na praia e o navio engolido pelas ondas, pensarias então que ele tomou a decisão mais sábia. A fé vê o mundo e todos os prazeres do pecado afundando: há um vazamento neles que a sabedoria humana não pode estancar. Não é melhor nadar pela fé através de um mar de tribulações e chegar seguro ao céu no final, do que pecar no colo de prazeres pecaminosos até nos afogarmos no abismo do inferno? É impossível que o prazer do pecado dure muito.

(1.) Porque não é natural. Tudo o que não é natural logo decai. A natureza do açúcar é ser doce, e por isso ele conserva sua doçura; mas, por mais que adoces a cerveja ou o vinho com açúcar, em poucos dias eles perderão a doçura. O prazer do pecado é extrínseco à sua natureza e, portanto, se corromperá. Nada daquela doçura que agora enfeitiça os pecadores será provada no inferno. Ali o pecador terá seu copo temperado pela mão daquele que fará dele um trago amargo.

(2.) Os prazeres do pecado devem ser necessariamente curtos, porque a vida não pode ser longa, e ambos terminam juntos. De fato, muitas vezes o prazer do pecado morre antes do

próprio homem. Os pecadores vivem para sepultar sua alegria neste mundo. O bicho nasce em suas consciências antes de nascer em sua carne pela morte. Mas podes ter certeza de que o prazer do pecado nunca sobrevive a este mundo. A palavra saiu da boca de Deus: todo pecador "se deitará em dor e acordará em dor". O inferno é um clima quente demais para que deleites libertinos sobrevivam nele.

Ora, a fé é uma graça providente e sábia, que faz a alma refletir sobre como viverá no outro mundo. Ao passo que o coração carnal vive apenas para o presente; seu focinho está no cocho e, enquanto dura o seu trago, ele pensa que nunca terá fim. Mas a fé tem um passo largo; com um só passo ela alcança toda uma vida de anos e os vê concluídos quando estão apenas começando. "A toda perfeição vi limite", diz Davi. Ele viu os ímpios, enquanto cresciam em seu leito de prazeres, serem cortados e queimados no forno de Deus, como se isso já tivesse acontecido, Sl 37:2. E a fé fará o mesmo por todo cristão, conforme a sua força e atividade. E quem invejaria ao homem condenado o banquete que ele recebe no caminho para a forca?

Resposta 3. A fé supera as ofertas de Satanás ao mostrar à alma onde desfrutes muito superiores podem ser obtidos por um preço menor. De fato, "o que é melhor é o que sai mais barato". Quem não irá à loja onde pode ser melhor atendido? Esta lei vigora entre os próprios pecadores. O bêbado vai onde há o melhor vinho; o glutão, onde há a melhor comida. Ora, a fé apresenta à alma desfrutes que são incomparavelmente superiores. Ela a conduz à promessa e a alimenta ali, às custas de Cristo, com as ricas iguarias do evangelho. Não há prato de que os santos se alimentem no céu que a fé não possa apresentar à alma, dando-lhe, se não uma refeição completa, ao menos um gosto tal que a fará derreter-se em "gozo indizível e glorioso".

Isso certamente apagará a tentação. Quando Satanás enviar o convite para que o cristão participe de sua comida grosseira, não dirá a alma: "Deveria eu abandonar esses prazeres que alegraram, sim, arrebataram meu coração, para ir me rebaixar com o pão poluído do pecado, onde serei apenas um companheiro dos animais, que partilham dos prazeres sensuais com o homem — sim, tornando-me pior que os animais — um diabo, como Judas, que se levantou da mesa de seu Mestre para sentar-se à mesa do diabo?".

Segundo dardo das tentações agradáveis: "A concupiscência dos olhos". Este é apagado pela fé. Por "concupiscência dos olhos", o apóstolo entende aquelas tentações que são extraídas dos bens e tesouros do mundo. É assim chamada, em primeiro lugar, porque é o olho que comete adultério com essas coisas. Assim como o olho impuro cobiça a esposa de outro homem, o olho cobiçoso olha para a riqueza alheia para cobiçá-la. Em segundo lugar, é assim chamada porque quase todo o proveito que se recebe delas serve apenas para agradar aos olhos. "Que mais tem o seu dono do que vê-los com os seus olhos?", Ec 5:11. Ou seja, se o homem tem o suficiente para comprar comida e vestuário para pagar suas despesas diárias necessárias, o excedente serve apenas para o olho brincar de vaidade. No entanto, vemos que bocado saboroso eles representam para o coração carnal. É raro encontrar um homem que não se rebaixe, por práticas vis e sórdidas, para apanhar esta maçã de ouro.

Quando considero os tristes efeitos que esta tentação teve sobre Acabe, que, para obter um pedaço de terra de poucos acres, que pouco acrescentaria às rendas de um rei, ousou nadar até ele no sangue do proprietário, não me surpreendo ao ver homens em condição de necessidade mordendo o anzol da tentação, onde a

isca é uma vantagem mundana muito maior. Esta foi a porta pela qual o diabo entrou em Judas. Este foi o motivo da ruína da fé de Demas: ele amou "o presente século". Ora, a fé apagará a tentação afiada com tais atrativos.

Como a fé apaga a "concupiscência dos olhos".

1. A fé convence a alma do cuidado paternal e da providência de Deus sobre ela. E onde este baluarte é erguido, a alma está segura enquanto se mantiver dentro de seus limites. "Ah!", diz Satanás, "se apenas te aventurasses em uma mentira — violando um pouco o mandamento de Deus neste ponto —, esta barra de ouro seria tua e essa vantagem seria acrescida aos teus bens". Agora, a fé ensinará a alma a responder: "Eu já sou bem provido, Satanás; não preciso de tua pensão; por que deveria agir como ladrão por aquilo que, se for bom, Deus prometeu me dar?". "Sejam vossos costumes sem avareza, contentando-vos com o que tendes; porque ele disse: Não te deixarei, nem te desampararei", Hb 13:5. Como podes passar necessidade, ó minha alma, se pela promessa tens o controle sobre as riquezas de Deus? Aquele que está "sem Deus no mundo" que se vire e busque atalhos por sua própria astúcia; tu, porém, vive pela tua fé.

2. A fé ensina à alma que o conforto e o contentamento da criatura não provêm da abundância, mas da bênção de Deus. E ganhar o mundo por meio do pecado não é o caminho que conduz à bênção de Deus. "O homem fiel abundará em bênçãos, mas o que se apressa a enriquecer não ficará impune", Pv 28:20. "Ainda que acumulasses", diz a fé, "os bens deste mundo de modo ilícito, não estarias nem um pouco mais perto do contentamento que esperas". É difícil roubar o alimento de alguém e depois pedir a bênção de Deus sobre ele. Daquilo que

obténs pelo pecado, Satanás não pode te dar posse tranquila, nem livrar-te dos processos que Deus certamente moverá contra ti.

3. A fé eleva a alma a projetos mais altos do que buscar as coisas desta vida. Ela descobre um mundo além da lua — e ali reside o comércio da fé —, deixando os carvoeiros deste mundo carregarem-se de barro e carvão, enquanto ela negocia a graça e a glória. A fé traz suas riquezas de longe. Saul não deixou de buscar de melhor grado as jumentas de seu pai quando ouviu falar de um reino, do que a alma crente deixa de cobiçar a terra ao ouvir falar de Cristo e do céu, Sl 39:6-7. No versículo 6, vemos o santo Davi marcando os homens do mundo com o selo da tolice, por se preocuparem tanto por nada: "Na verdade", diz ele, "em vão se inquietam; amontoam riquezas, e não sabem quem as levará". E, no versículo 7, nós o vemos com santo desdém voltando as costas para o mundo, como algo que não vale o seu esforço: "Agora, pois, Senhor, que espero eu?". Como se dissesse: "É esta a porção com que eu me contentaria — sentar-me sobre um monte de riquezas maior do que o do meu vizinho?". "A minha esperança está em ti; livra-me de todas as minhas transgressões", versículo 8. Cada um com sua preferência. Que os que amam o mundo fiquem com o mundo; mas, Senhor, não pagues a minha porção em ouro ou prata, mas no perdão do pecado. Por isso eu espero. Abraão, pela fé, teve em tão pouca conta os tesouros deste mundo que deixou sua própria terra para viver aqui como estrangeiro, na esperança de "uma pátria melhor", Hb 11:16.

Terceiro dardo das tentações agradáveis: "A soberba da vida". Há no coração do homem uma coceira de orgulho pelas honras vistosas do mundo; e esta coceira da carne orgulhosa do homem o diabo procura coçar e irritar por meio de ofertas atraentes. E quando a tentação externa e a concupiscência

interna se encontram, o efeito é certo. Balaão amava o caminho que conduzia à corte; e, por isso, chicoteou sua consciência — que hesitava mais do que a jumenta em que montava — até que corresse sangue. Os judeus, embora convencidos da pessoa e da doutrina de Cristo, eram de tal modo escravos de sua honra e reputação que preferiram separar-se de Cristo a colocar isso em risco. "Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus", Jo 12:43.

Ora, a fé apaga essa tentação e, com santo desprezo, recusa que toda a promoção que o mundo possa lhe oferecer sirva de suborno para o menor pecado. "Pela fé Moisés, sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha de Faraó", Hb 11:24, embora por essa adoção ele pudesse ter sido herdeiro, pelo que sabemos, da coroa; contudo, ele lançou isso para trás. Não se diz que ele "não buscou ser o filho da filha de Faraó", embora isso já merecesse grande elogio, tendo tão bela oportunidade. Alguns não teriam escrupulado em usar de um pouco de lisonja na corte para obter *coloured* [isto é, insinuar-se por bajulação] em maior favor — tendo tão boa acolhida no coração do rei para começar. Mas diz-se que ele "recusou ser chamado" por este nome. A honra vinha ao seu encontro como a água na maré cheia. Ora, resistir a essa torrente de promoção, sem que se abrisse nenhuma brecha em seu coração para acolhê-la — isso foi de fato admirável.

Mais ainda, ele não recusou essa promoção por causa de algum principado que esperasse em outro lugar. Ele não abandonou uma corte para ir para outra, mas para se juntar a um povo pobre e insultado. Sim, ao rejeitar o favor deles, incorreu na ira do rei. No entanto, a fé o conduziu através de todos aqueles altos e baixos de favor e desonra, honra e humilhação; e, na verdade, onde quer que esta graça esteja — respeitando-se sua

força e fraqueza —, ela fará o mesmo. Encontramos em Hb 11:33 como Samuel e os profetas "pela fé venceram reinos". Isto, certamente, não se refere apenas à conquista pela espada — embora alguns deles tenham realizado feitos honrosos por essa via —, mas também pelo desprezo às honras e promoções desses reinos. Nisto, de fato, muitos profetas foram célebres; e em particular Samuel, que, por ordem de Deus, transferiu o reino de sua própria casa e família ao ungir Saul, embora ele próprio estivesse no momento em posse do cargo de magistrado principal. E de outros, no versículo 37, lemos que "foram tentados"; isto é, quando estavam prestes a sofrer, ofereceram-lhes grandes promoções se eles se curvassem aos tempos, recuando um pouco da firme profissão de sua fé; mas escolheram antes as chamas do martírio do que o favor dos príncipes sob tais condições. Mas, para mostrar mais detalhadamente como a fé apaga essa tentação:

Como a fé apaga "a soberba da vida".

1. A fé retira o combustível que alimenta esta tentação. Retira o óleo e a lâmpada se apagará. Ora, o combustível desta tentação é o orgulho. Onde essa concupiscência tem alguma força, não admira que os olhos da criatura fiquem ofuscados com a visão daquilo que se ajusta tão bem aos desejos do seu coração. O diabo, por meio da tentação, apenas abre caminho e dá vazão àquilo de que o próprio coração já está cheio. Simão Mago tinha um espírito soberbo; ele queria ser Simão *mezas* [um grande homem], e por isso, quando pensou que se lhe apresentava uma oportunidade para subir ao palco, inflamou-se com o desejo de ter o dom de operar milagres, a ponto de ousar negociar com o apóstolo. Ao passo que o espírito humilde ama o assento baixo; não tem ambição de se destacar nos pensamentos alheios; e assim, enquanto se inclina em sua própria opinião sobre si

mesmo, o projétil voa por cima de sua cabeça, atingindo o homem orgulhoso no peito. Ora, é a fé que humilha o coração. O orgulho e a fé opõem-se mutuamente; como dois baldes em um poço, se um sobe, o outro desce na alma. "Eis que a sua alma se incha, não é reta nele; mas o justo pela sua fé viverá", Hc 2:4.

2. A fé é a favorita de Cristo e, por isso, faz o cristão esperar toda a sua honra dele. De fato, um dos atos primordiais da fé é lançar a alma sobre Deus em Cristo como totalmente suficiente para fazê-la completamente feliz; e, portanto, quando vem uma tentação — "alma, tu podes te elevar no mundo a este cargo ou àquele prestígio, se apenas dissimulares tua profissão ou te permitires tal pecado" —, a fé detém o golpe. "Lembra-te de quem és, ó minha alma. Não aceitaste a Deus como teu soberano senhor? E aceitarás promoção da mão de outrem?". Os príncipes não toleram que seus cortesãos se tornem pensionistas de um príncipe estrangeiro — e muito menos de um príncipe em hostilidade contra eles. Ora, diz a fé, a honra ou o aplauso que obténs pelo pecado torna-te pensionista do próprio diabo, que é o maior inimigo que Deus tem.

3. A fé mostra o perigo de tal negócio, caso o cristão ganhasse a glória do mundo por um único pecado.

(1.) *Diz a fé:* "Ainda que tivesses o império do mundo inteiro, com todos curvando-se diante de ti, isso não acrescentaria à tua estatura um côvado sequer aos olhos de Deus. Mas o pecado que pagas por essa compra mancha o teu nome nos pensamentos dele; sim, torna-te odioso à sua vista. Deus teria de deixar de amar a si mesmo antes de poder amar o pecador como tal. Ora, incorrerás nisso por aquilo? É sabedoria perder o prêmio para tirar a sorte em branco?".

(2.) *Diz a fé*: "A pompa e a glória do mundo não podem te satisfazer. Podem acender sede em tua alma, mas não apagarão nenhuma; gerarão mil cuidados e temores, mas não aquietarão nenhum. Mas o pecado que te consegue essas coisas tem o poder de atormentar e torturar a tua alma".

(3.) "Quando tiveres a coroa do mundo sobre a tua cabeça, por quanto tempo a usarás? Eles adoecem em Roma, como se diz, e morrem nas cortes dos príncipes tão bem quanto no hospital; sim, os próprios reis são postos tão nus em seus leitos de pó quanto os demais. Naquele dia, todos os teus pensamentos perecerão contigo. Mas a culpa de teu pecado, que foi a escada pela qual subiste o monte da honra, te perseguirá no outro mundo". Estas e outras considerações semelhantes são aquelas pelas quais a fé desfaz o negócio.

4. A fé apresenta ao cristão os feitos dos santos do passado, que renunciaram à honra e ao aplauso do mundo antes que contaminassem suas consciências e prostituíssem suas almas ao menor pecado. O grande Tamerlão levava a biografia de seus ancestrais para o campo de batalha, a qual costumava ler antes de dar início à luta, para ser estimulado a não manchar o sangue de sua família por covardia ou comportamento indigno no combate. Assim, a fé examina o rol dos santos das Escrituras e os feitos de sua fé sobre o mundo, para que o cristão seja estimulado à mesma nobreza de espírito.

Este era claramente o propósito do apóstolo ao registrar aqueles homens de valor, com os troféus de sua fé, em Hb 11 — para que um pouco de sua nobreza se infiltre em nossos corações enquanto lemos a seu respeito, como aparece em Hb 12:1: "Portanto nós também, pois que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo o embaraço, e o

pecado que tão de perto nos rodeia". Oh, que coragem infunde no soldado ver outros diante dele correndo ao encontro da morte! Eliseu, tendo visto os milagres de Deus operados por Elias, fere as águas do Jordão com o seu manto, dizendo: "Onde está o Senhor Deus de Elias? — e elas se dividiram", 2 Reis 2:14. Assim a fé faz uso dos feitos dos santos do passado e os transforma em oração.

"Oh, onde está o Senhor Deus de Abraão, Moisés, Samuel e daqueles outros heróis que pela fé pisaram sobre a pompa e a glória do mundo, venceram tentações e fecharam as bocas de concupiscências semelhantes a leões? Não és tu, ó Deus, o Deus dos vales — dos santos mais humildes —, bem como das montanhas — dos heróis mais eminentes? Não correm o mesmo sangue e o mesmo espírito nas veias de todos os crentes? Foram eles vitoriosos, e serei eu o único escravo, e de espírito tão abatido, como Issacar, a deitar-me sob o meu fardo de corrupção sem o sacudir? Ajuda-me, ó meu Deus, para que eu me vingue destes meus inimigos". E quando a fé se apresenta diante de Deus, ela também argumentará com o próprio cristão. "Desperta", diz a fé, "ó minha alma, e prova o teu parentesco com estes homens santos — que és nascido de Deus como eles foram — pela tua vitória sobre o mundo".

A vitória da fé sobre o mundo distinguida daquela alcançada por alguns dos melhores pagãos.

Objecção. Mas alguns dirão: se é a isto que a fé capacita, não é mais do que alguns pagãos já fizeram. Eles pisaram sobre os lucros e prazeres do mundo, sem nunca terem conhecido o significado da fé.

Resposta. De fato, muitos deles fizeram tanto por seus princípios morais que podem envergonhar alguns que de bom

grado passariam por crentes, ao serem superados por quem disparava com um arco tão fraco. Contudo, parecerá que há uma vitória da fé que, no verdadeiro crente, os supera muito mais do que a conquista moral deles supera a conduta corrompida dos cristãos mais fracos.

1. Distinção. A fé apaga a concupiscência do coração. Aquelas próprias brasas de corrupção, que estão tão secretamente guardadas na inclinação da alma, encontram a força e o poder da fé para apagá-las. A fé purifica o coração, At 15:9. Ora, nenhuma das conquistas deles alcançou o coração. A escada mais longa deles era curta demais para atingir as muralhas deste castelo. Eles varreram a porta, adornaram alguns cômodos externos; mas a sede e o escoadouro de tudo, na corrupção da natureza do homem, nunca foram limpos por eles; de modo que o fogo da concupiscência foi antes abafado do que apagado. Como seria possível limpar aquilo cuja imundície nunca lhes foi conhecida?

Infelizmente! Eles nunca olharam tão de perto para si mesmos a ponto de encontrar aquele inimigo interior que julgavam estar do lado de fora. Assim, enquanto se esforçavam para manter o ladrão fora, ele estava dentro, e eles não o sabiam. Pois eles orgulhosamente pensavam que a alma era naturalmente dotada de princípios de virtude, ou tolamente imaginavam que ela não passava de uma *tabula rasa* — papel em branco, no qual podiam escrever o bem ou o mal conforme quisessem. Assim, vê-se que o palco de sua guerra estava no mundo exterior a eles, o qual, de certa forma, conquistaram; mas a concupiscência interna permaneceu intocada, por ser uma *terra incognita* — uma região desconhecida para eles. É a fé, a partir da Palavra, que primeiro descobre esta terra desconhecida.

2. *Distinção.* A vitória da fé é uniforme. O pecado, na Escritura, é chamado de "corpo", Rm 6:6, por ser composto de vários membros, ou como o corpo de um exército, composto de muitas tropas e regimentos. Uma coisa é derrotar uma tropa ou pôr em fuga uma ala de um exército, e outra coisa é derrotar e destroçar todo o exército. Algo foi feito pelos princípios morais, semelhante ao primeiro caso. Eles alcançaram alguma pequena vitória e perseguiram algum pecado mais grosseiro e exterior; mas depois foram terrivelmente derrotados por algumas outras tropas do pecado. Quando pareciam triunfar sobre "a concupiscência da carne" e "dos olhos" — os lucros e prazeres do mundo —, eram ao mesmo tempo escravos da "soberba da vida", meros *gloriae animalia* [animais de glória] — criaturas da fama —, mantidos em cadeias pelo crédito e aplauso do mundo.

Assim como o mar, que dizem perder tanto em uma parte da terra quanto ganha em outra; assim, o que eles ganhavam em uma aparente vitória sobre um pecado, perdiam novamente por estarem em servidão a outro, e esse pior, por ser mais espiritual. Mas agora, a fé é uniforme e derrota todo o corpo do pecado, de modo que nenhuma concupiscência permanece em sua força intacta. "Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça", Rm 6:14. "O pecado não terá" — isto é, pecado nenhum; ele pode agitar-se como um soldado ferido de joelhos — eles podem se reorganizar como tropas dispersas, mas nunca serão senhores do campo por muito tempo onde a verdadeira fé se faz presente.

3. *Distinção.* A fé capacita a alma não apenas a apagar essas concupiscências, mas, uma vez apagada a tentação, capacita-a a usar o próprio mundo contra Satanás, e assim derrotá-lo com sua própria arma, voltando seus próprios porretes

contra sua cabeça. A fé apaga o fogo dos dardos de Satanás e depois os dispara de volta contra ele. Isso ela faz ao reduzir todos os desfrutes do mundo de que o cristão é possuidor a uma utilidade e subordinação para a glória de Deus.

Alguns dos admirados campeões dos pagãos, para curar "a concupiscência dos olhos", arrancaram-nos por um zelo cego; para mostrar o desprezo pelas riquezas, lançaram seu dinheiro ao mar; para vencer a honra e o aplauso do mundo, isolaram-se de toda a sociedade humana — um caminho absurdo que Deus nunca traçou. Chamaremos a isso vitória ou antes loucura? O mundo, a esta altura, percebe a tolice deles. Mas a fé capacita para uma conquista mais nobre. De fato, quando Deus pede qualquer um desses desfrutes, a fé pode depositar tudo aos pés de Cristo. Mas enquanto Deus os permite, a habilidade e o poder da fé consistem em santificá-los. Ela corrige a natureza flatulenta e vazia deles de tal modo que o que em um coração mau apodrece e se corrompe, pela fé se transforma em bom alimento em uma alma agraciada.

Se uma casa estivesse pegando fogo, a quem considerarias o homem mais sábio — aquele que vai apagar o fogo derrubando a casa, ou aquele que, lançando bastante água sobre ela, faz isso de modo completo e ainda deixa a casa de pé para teu uso? O pagão e alguns cristãos supersticiosos pensam em mortificar eliminando aquilo que Deus nos permite usar; mas a fé apaga o fogo da concupiscência no coração e deixa a criatura para ser aproveitada para a glória de Deus e desfrutada para o conforto do cristão.

Aplicação Prática

Primeiro uso

Esta pode ser a pedra de toque para a nossa fé, para sabermos se ela é do tipo correto ou não: a tua fé é uma fé que apaga tentações? Muitos dizem que creem. "Sim, claro que sim!", e agradecem a Deus por não serem infiéis. Pois bem, que façanhas podes realizar com a tua fé? Ela é capaz de te defender em um dia de batalha e cobrir a tua alma em segurança quando os dardos de Satanás voam espessos ao teu redor? Ou é um escudo tão frágil que permite que cada flecha de tentação te trespassasse o coração através dele? Tu crês, mas continuas tão escravo da tua concupiscência quanto antes.

Quando um companheiro te convida para uma reunião de bebedeira, a tua fé não consegue te manter fora do laço; lá vais tu, como o tolo para o castigo. Se Satanás te diz que podes aumentar os teus bens com uma mentira ou fraudando em tua loja, a tua fé assiste a tudo muito passivamente e não oferece resistência. Em uma palavra, tens fé e, no entanto, manténs um comércio de pecados bem diante dela!

Oh! Deus nos livre de que alguém esteja sob tão grande espírito de ilusão, a ponto de carregar tal mentira em sua mão e pensar que se trata de uma fé salvadora. Será que essa fé te levará ao céu, sendo que ela não é capaz de te tirar do inferno? Pois é no inferno que vives enquanto estás sob o poder da tua concupiscência. "Furtareis, matareis, e cometereis adultério, e jurareis falsamente... e vireis, e vos poreis diante de mim", Jeremias nos adverte em Jr 7:9. Se isso é fé, que bom proveito tragam os pagãos honestos, que escaparam destas poluições grosseiras do mundo, nas quais vós, como animais, vos deitais a chafurdar com a vossa fé. Eu preferiria ser um pagão sóbrio do

que um cristão bêbado; um pagão casto do que um crente impuro.

Oh, não arrisqueis a vida de vossas almas com tal escudo de papel. Vinde Àquele que é o autor da fé — refiro-me a Deus. Ele te ajudará a obter uma fé que apagará o próprio fogo do inferno, ainda que acendido em teu peito, e dividirá as ondas de tua concupiscência nas quais agora vives submerso — assim como outrora fez com o mar para Israel —, para que caminhaes em terra seca rumo ao céu, sem que tuas concupiscências consigam arrancar as rodas de tua carruagem. Se, porém, tentares fazer isso com a tua falsa fé, o fim dos egípcios será o teu. "Pela fé passaram o Mar Vermelho, como por terra seca; o que intentando os egípcios, se afogaram", Hb 11:29. Embora a verdadeira fé passe com segurança pelas profundezas da tentação, a falsa fé se afogará no caminho.

Mas, talvez, possas nos dar notícias melhores do que estas e apresentar melhores evidências da verdade de tua fé do que tais frutos. Deixa-nos, pois, ouvir que coisa singular tens feito desde que te tornaste crente. Houve um tempo em que eras fraco como a água; qualquer sopro de vento, qualquer rajada de tentação te derrubava; eras arrastado como um peixe morto pela correnteza. Mas, podes dizer que, desde que conheces a Cristo, foste dotado de um poder para repelir aquelas tentações que antes mantinham o teu coração em perfeita obediência aos mandamentos delas?

Podes agora de bom grado trazer as tuas concupiscências, que outrora tinham grande valor para ti — assim como aqueles crentes fizeram com os seus livros de magia em At 19:19 —, e lançá-las no fogo do amor de Deus em Cristo por tua alma, para ali consumi-las? É possível que não as tenhas

sob os teus pés em uma conquista total no momento. Contudo, já começaram elas a cair em teus pensamentos? E o teu semblante em relação a elas mudou em comparação ao que era antes? Tem bom ânimo, isto é o suficiente para provar que a tua fé é de linhagem real. "Quando o Cristo vier", disseram os judeus convencidos, "fará porventura mais sinais do que estes que este homem tem feito?", Jo 7:31. E quando Cristo entra pela fé no coração, operará maiores obras do que estas que a tua fé já realizou?

Segundo uso

Isto ajuda a responder àquela objeção pela qual muitas pobres almas são desencorajadas de crer e de se apegar à promessa. "Oh", diz a alma tentada, "vós me mandais crer — mas, infelizmente, como ousarei fazê-lo, se não consigo obter vitória sobre tal concupiscência e sou vencido por tal tentação? O que têm as pessoas como eu a ver com uma promessa?". Vê aqui, pobre alma, este Golias prostrado por terra. Não debes crer porque és vitorioso, mas *para que possas ser vitorioso*. A razão pela qual és tão derrotado pelo teu inimigo é a falta de fé. "Se o não credes, certamente não permaneceris", Is 7:9.

Querias ser curado antes de ires ao médico? Isso soa absurdo à tua própria razão, e é como se disseses que não irás ao médico até que não precisas mais dele. Não; vai e toca em Cristo pela fé para que a virtude dele flua para a tua alma; não debes pretender comer o fruto antes de plantar a árvore. A vitória sobre a corrupção é um fruto doce, mas que cresce nos ramos da fé.

Satanás faz contigo o que Saul fez com os israelitas, enfraquecendo as mãos deles na batalha ao mantê-los em jejum. Levanta-te e come, cristão, uma refeição completa da promessa,

se queres ver os teus olhos iluminados e as tuas mãos fortalecidas para o combate contra as tuas concupiscências. Faz parte da "doutrina de demônios" de que lemos em 1 Tm 4:3 a proibição de "alimentos que Deus criou para os fiéis... os receberem com ações de graças". Mas a grande doutrina do diabo, a que ele acima de tudo gostaria de promover, é impedir que as pobres almas trêmulas se alimentem pela fé no Senhor Jesus — como se Cristo fosse um fruto proibido! Ao passo que Deus o designou, acima de qualquer outro, para ser recebido com ações de graças por todos os pecadores humildes.

E, portanto, em nome de Deus, convido-vos a este banquete. Oh, não permitais que as vossas almas — que veem a vossa necessidade de Cristo e sentem o aperto no coração por falta dele — fiquem magras dia após dia por causa de vossa incredulidade; mas vinde, "comei, e a vossa alma viverá". Nunca uma criança foi mais bem-vinda à mesa de seu pai do que tu és à de Cristo e àquele banquete que está posto sobre a mesa do evangelho.

Terceiro uso

Fazei uso da fé, ó santos, tanto para outros fins e propósitos quanto, particularmente, para este: o de apagar esta espécie de dardos inflamados, a saber, as tentações sedutoras. Não é o possuir um escudo, mas o segurar e empunhar dele que defende o cristão. Não permitas que Satanás te encontre com a tua fé fora de tua mão, como Davi encontrou Saul na caverna, com a sua lança cravada na terra, a qual deveria estar em sua mão.

Diretrizes sobre como usar o escudo da fé para apagar as tentações sedutoras

Pergunta. Mas como queres que eu use o meu escudo da fé para minha defesa contra estes dardos inflamados das tentações sedutoras de Satanás?

Resposta. Pela fé, empenha a Deus para que venha em teu auxílio contra eles. Ora, existem três atos de fé empenhativos que ligarão a Deus — por assim dizer com toda a reverência — a ajudar-te, porque ele próprio se obriga a ajudar a tais pessoas.

Diretriz 1. O primeiro é o ato orante da fé. Expõe o teu caso a Deus em oração e clama por ajuda do céu — assim como o governador de um castelo sitiado enviaria um mensageiro secreto ao seu general ou príncipe para lhe dar a conhecer o seu estado e as suas dificuldades. O apóstolo Tiago diz: "Combateis e guerreaís, e nada tendes, porque não pedis", Tg 4:2. A nossa vitória deve cair do céu, se é que havemos de ter alguma. Mas ela aguarda até que a oração venha buscá-la. Embora Deus tivesse o propósito de libertar Israel do Egito, não houve notícia de sua vinda até que os gemidos de seu povo soaram em seus ouvidos. Isso deu o alarme no céu: "O seu clamor subiu a Deus... e ouviu Deus o seu gemido, e lembrou-se Deus da sua aliança", Êx 2:23-24. Ora, para prevaleceres ainda mais diante de Deus neste ato de fé, fortifica a tua oração com aquelas fortes RAZÕES que os santos têm usado em casos semelhantes. Tais como:

(1.) Empenha a Deus a partir de sua promessa quando orares contra qualquer pecado. Mostra a Deus a sua própria assinatura em promessas como estas: "O pecado não terá domínio sobre vós", Rm 6:14. "Ele subjugará as nossas iniquidades", Mq 7:19. A oração nada mais é do que a promessa invertida, ou a Palavra de Deus transformada em argumento e devolvida pela fé a Deus. Sabe, cristão, que tens a lei do teu lado;

contas e promissórias devem ser pagas, Sl 119:37. Davi está ali orando contra os pecados de um olho cobiçoso e de um coração insensível: "Desvia os meus olhos de contemplarem a vaidade, e vivifica-me no teu caminho". E vê como ele apresenta o seu argumento logo nas palavras seguintes: "Confirma a tua promessa ao teu servo". Um homem de bem cumpre a sua palavra, e não o faria o Deus de bondade? Mas onde encontra Davi tal palavra para auxílio contra estes pecados? Certamente na aliança; ela é a *Magna Charta* [Grande Carta]. A primeira promessa continha exatamente isto: "A semente da mulher ferirá a cabeça da serpente".

(2.) *Apela a Deus a partir do teu relacionamento com ele quando estiveres contra qualquer pecado.* És alguém a quem Deus acolheu em sua família? Escolheste a Deus por teu Deus? Oh, que argumento tens aqui! "Sou teu, salva-me", diz Davi em Sl 119:94. Quem cuidará do filho se o pai não o fizer? Redunda em tua honra, ó Deus, que algum filho teu seja escravo do pecado? "Olha para mim, e tem piedade de mim, conforme usas fazer com os que amam o teu nome". "Ordena os meus passos na tua palavra, e não se apodere de mim iniquidade alguma", Sl 119:132-133.

(3.) *Empenha a Deus a partir da morte sangrenta de seu Filho para ajudar-te contra as tuas concupiscências, as quais foram as assassinas dele.* Para que morreu Cristo senão para "nos remir de toda a iniquidade, e purificar para si um povo seu especial"? Tt 2:14. E não será Cristo reembolsado daquilo que despendeu? Não receberá ele o preço do seu sangue e a compra de sua morte? Em uma palavra, o que está Cristo pedindo no céu senão o que estava em sua boca quando orava na terra? Que o seu Pai "os santifique e os guarde do mal do mundo". Vens em boa hora pedir a Deus aquilo que vês que Cristo já pediu por ti.

Diretriz 2. Uma segunda maneira de empenhar a Deus é pelo ato de expectativa da fé; quando estiveres diante de Deus, espera o bem da parte de Deus. "De manhã apresentarei a minha oração, e vigiarei", Sl 5:3. Por falta disto, muitas orações são perdidas. Se não credes, por que orais? E se credes, por que não esperais? Ao orar, pareceis depender de Deus; ao não esperar, renunciais novamente à vossa confiança e desfazeis a vossa oração. O que é isto senão tomar o seu nome em vão e brincar com Deus? É como alguém que bate à tua porta e, antes que venhas abrir, vai embora e não espera para falar contigo. Oh, cristão, permanece firme em tua oração em uma santa expectativa daquilo que pediste sob a garantia da promessa, e não deixarás de ver a ruína de tuas concupiscências.

Pergunta. Ah, mas, diz a pobre alma, não estarei eu presumindo ao esperar, depois de ter orado contra as minhas corrupções, que Deus me conceda uma misericórdia tão grande como esta?

Resposta (1). Sabes o que significa presumir? Presume aquele que toma uma coisa antes de lhe ser concedida. Seria um homem presunçoso de fato aquele que tirasse a comida de tua mesa sem nunca ter sido convidado. Mas espero que o teu convidado não seja atrevido demais ao aventurar-se a comer daquilo que pões diante dele. Entrar à força em tua casa, cuja porta lhe fechaste, seria presunção; mas entrar em tua casa para se abrigar de uma tempestade quando és tão amável a ponto de o convidar para entrar, não é presunção, mas sim boa educação. E se Deus não abre a porta de sua promessa para servir de santuário aos pobres pecadores humilhados que fogem da fúria de suas concupiscências, na verdade, não conheço ninguém deste lado do céu que possa esperar boas-vindas.

Deus prometeu ser rei e legislador para o seu povo. Ora, não é presunção da parte dos súditos colocar-se sob a sombra de seus príncipes e esperar deles proteção, Is 33:21-22. Deus promete ali que "o Senhor ali nos será grandioso, lugar de rios e correntes largas; barco nenhum de remo passará por eles, nem navio grande navegará por eles. Porque o Senhor é o nosso juiz; o Senhor é o nosso legislador; o Senhor é o nosso rei; ele nos salvará". Deus fala ao seu povo como um príncipe ou um Estado falaria aos seus súditos. Ele os protegerá em seu comércio de todos os piratas e salteadores; eles terão livre comércio. Ora, alma, tu és molestada por muitas concupiscências piratas que te assolam e obstruem o teu comércio com o céu — sim, queixaste-te ao teu Deus do prejuízo que tens sofrido por causa delas; será agora presunção esperar dele socorro, que ele te resgate delas, para que possas servir sem temor Àquele que é o teu soberano senhor?

Resposta (2). Tens os santos como teus precedentes, os quais, quando estiveram em combate com suas corrupções, sim, sendo derrotados por elas, mesmo assim exerceram a sua fé em Deus e esperaram a ruína daqueles inimigos que no momento os dominavam. "Iniquidades prevalecem contra mim", Sl 65:3 — ele se refere aos seus próprios pecados e à ira alheia. Mas vê a sua fé. No mesmo instante em que prevaleciam sobre ele, ele contempla Deus destruindo-as, como aparece logo nas palavras seguintes: "Mas tu perdoas as nossas transgressões". Vê aqui, pobre cristão, que pensas que nunca conseguirás subir ao convés. O santo Davi tem fé não apenas para si mesmo, mas também para todos os crentes — de cujo número te suponho um —: "tu perdoas as nossas transgressões!". E nota o fundamento de sua confiança, extraído do ato de escolha de Deus: "Bem-aventurado aquele a quem tu escolhes, e fazes chegar a ti, para que habite

em teus átrios", versículo 4. Como se dissesse: "Certamente ele não permitirá que fiquem sob o poder do pecado ou desprovidos de seu gracioso auxílio aqueles que ele coloca tão perto de si". Este é o próprio argumento de Cristo contra Satanás em favor do seu povo: "O Senhor te repreenda, ó Satanás; sim, o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreenda", Zc 3:2.

Resposta (3). Tens encorajamento para este ato de expectativa da fé a partir daquilo que Deus já te capacitou a fazer. Podes, se és de fato um crente, pela misericórdia de Deus, dizer que o pecado não tem mais aquela força dentro de tua alma que tinha antes de conheceres a Cristo, a sua Palavra e os seus caminhos. Embora não sejas o que gostarias de ser, também não és o que costumavas ser. Houve um tempo em que o pecado reinava soberano em teu coração, sem controle. Ias para o pecado como um navio vai para o mar, a favor do vento e da maré. Dilatavas e espalhavas as tuas afeições para receber o sopro da tentação. Mas agora a maré virou e corre contra esses movimentos, embora de forma fraca — por ser ainda o início da maré cheia —; contudo, sentes uma luta secreta contra eles e Deus te socorre oportunamente, de modo que Satanás não faz de ti tudo o que quer.

Ora, eis aqui um doce começo, e deixa-me dizer-te que isto te promete uma prontidão em Deus para aperfeiçoar a vitória; sim, Deus quer que a tua fé transforme isto em confiança para uma libertação total. "Moisés", ao matar o egípcio, "cuidava que seus irmãos entenderiam", por aquele pequeno indício e ensaio, "que Deus lhes havia de dar a liberdade pela sua mão", At 7:25. Oh, é um péssimo aproveitamento dos auxílios que Deus nos dá argumentar a partir deles para a incredulidade: "Ele feriu a rocha, e correram águas... poderá também dar pão?". "Ele quebrou o meu coração", diz a pobre criatura, "quando este era

uma rocha, um seixo, e me trouxe para casa quando eu caminhava no orgulho do meu coração contra ele; mas poderá ele dar pão para nutrir a minha fraca graça? Estou fora do Egito; mas poderá ele vencer aqueles gigantes em carruagens de ferro que se encontram entre mim e Canaã? Ele me ajudou em tal tentação; mas o que farei na próxima batalha?". Oh, não entristeças o Deus de bondade com estas perguntas que afligem o coração. Se tiveste a "chuva temporã", por que duvidarias da "serôdia"? Benjamim foi um bom penhor para fazer com que o velho Jacó estivesse disposto a ir ele mesmo ao Egito. A graça com que Deus já te enriqueceu é uma garantia segura de que mais está por vir.

Diretriz 3. O ato de expectativa da fé deve produzir outro — o ato de empenho —, para pôr a alma a trabalhar na confiança daquele auxílio que espera de Deus. Quando Josafá orou e firmou a sua fé na boa palavra da promessa, então entrou em campo e marchou sob a sua bandeira vitoriosa contra os seus inimigos, 2 Cr 20. Vai, cristão, faz como ele fez e terás o mesmo êxito que ele teve. O conselho que Davi deu a seu filho Salomão, esse dou eu a ti: "Levanta-te, pois, e faze a obra, e o Senhor seja contigo", 1 Cr 22:16. Aquela fé que te põe a trabalhar para Deus contra os teus pecados como inimigos dele, sem dúvida porá Deus a trabalhar por ti contra eles como teus. Os leprosos no evangelho foram curados não ficando sentados, mas caminhando. "E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos", Lc 17:14. Encontraram a cura em um ato de obediência ao mandamento de Cristo. A promessa diz: "O pecado não terá domínio sobre vós"; o mandamento ordena: "Mortificai os vossos membros, que estão sobre a terra". Vai tu e faz uma tentativa corajosa contra as tuas concupiscências, sob esta

palavra de ordem, e no cumprimento do teu dever encontrarás a realização da promessa.

A razão de tantas queixas infrutíferas entre os cristãos a respeito do poder de suas corrupções reside em um destes dois erros: ou eles se empenham sem exercer fé na promessa (e tais pessoas, de fato, correm por sua própria conta e risco, como aqueles homens ousados de Nm 14:40, que presumidamente subiram o monte para combater os cananeus, embora Moisés lhes tivesse dito que o Senhor não estava entre eles, desprezando assim a liderança de Moisés, o seu guia, como se não precisassem de sua ajuda para a vitória — uma representação clara daqueles que vão em sua própria força resistir às suas corrupções e por isso caem diante delas) — ou então fingem crer, mas trata-se de uma *ostiâ fide* [fé fácil]; a fé deles não os conduz a um empenho vigoroso. Usam a fé como olho, mas não como mão; esperam que a vitória caia do céu sobre as suas cabeças, mas não lutam para obtê-la. Isto é uma mera ficção, uma fé fantasiosa. Aquele que crê em Deus para o resultado, crê nele também para os meios. Se o paciente ousa confiar no médico para a cura, ousa também seguir a sua receita para a obter. E, portanto, cristão, não fiques sentado dizendo que o teu pecado cairá, mas coloca-te em ordem de batalha contra ele. Deus, que te prometeu a vitória, chama-te às armas e pretende usar as tuas próprias mãos na batalha, se é que algum dia a vencerás. "Levanta-te", disse o Senhor a Josué, "por que estás prostrado assim sobre o teu rosto?", Js 7:10. Deus gostou muito da oração e do lamento que ele fez; mas havia algo mais para ele fazer além de orar e chorar, antes que os amorreus pudessem ser vencidos. E o mesmo há para ti, cristão, a fazer com a tua fé, além de orares e esperares que as tuas concupiscências caiam, que é examinares minuciosamente o teu coração, para ver se não há alguma

negligência de tua parte, como um Acã, pela qual és tão derrotado pelo pecado e foges diante de cada tentação.

O SEGUNDO PODER EXTINTOR DA FÉ

Os "dardos inflamados" das TENTAÇÕES ATERRADORAS de Satanás e o poder da fé para apagá-los

Tendo assim tratado da primeira espécie de dardos inflamados — as tentações que são atraentes e sedutoras —, passamos agora para a segunda espécie — aquelas que são de natureza aterrorizadora, com as quais Satanás procura desanimar e abater o cristão. E a minha tarefa continua a ser a mesma: mostrar o poder da fé em apagar estes dardos inflamados. Seja, pois, este o ponto de doutrina:

DOUTRINA. *Que a fé, e somente a fé, pode apagar os dardos inflamados das tentações aterrorizadoras de Satanás.*

Esta espécie de dardo inflamado é a reserva do nosso inimigo. Quando as outras, a saber, as tentações agradáveis, se mostram ineficazes, então ele abre esta aljava e envia uma chuva destas flechas para inflamar a alma, se não com o pecado, pelo menos com o terror e o horror. Quando não consegue levar uma alma rindo para o inferno através da feitiçaria das tentações agradáveis, procurará fazer com que ela vá chorando para o céu, assustando-a com as outras. E, na verdade, não é o menor consolo para uma alma exercitada com estas tentações considerar que elas são um bom sinal de que Satanás está em sérias dificuldades quando estas flechas estão em sua corda. Sabeis que um inimigo que defende um castelo o preservará enquanto o puder manter; mas, quando vê que tem de sair, atea-lhe fogo, para o tornar, se possível, inútil para os que vierem

depois dele. Enquanto o valente pode manter a sua casa sob o seu próprio poder, procura mantê-la em paz; ele apaga aquelas bolas de fogo da convicção que o Espírito frequentemente lança na consciência; mas, quando percebe que ela já não é sustentável, quando a rebelião aumenta e há um sussurro secreto na alma de rendição a Cristo, agora ele procura incendiar a alma com as suas tentações aterrorizadoras.

Muito mais procura ele fazê-lo quando Cristo já lhe tirou o castelo das mãos e o mantém pelo poder de sua graça contra ele. É digno de nota que todos os dardos lançados contra Jó foram desta espécie. Ele quase não fez uso da outra. Quando Deus lhe deu permissão para exercitar a sua habilidade, por que não o tentou com alguma maçã de ouro de lucro, ou prazer, ou outras tentações atraentes semelhantes? Certamente, o elevado testemunho que Deus deu deste eminente servo desestimulou Satanás de usar esse método; sim, sem dúvida ele já tinha provado a integridade de Jó antes disso em relação àquelas tentações e o encontrara forte demais; de modo que agora não lhe restava outro caminho provável para alcançar o seu desígnio senão este. Limitar-me-ei a três exemplos desta espécie de dardos inflamados, mostrando como a fé apaga todos eles: as tentações de ateísmo, de blasfêmia e de desespero.

A primeira tentação aterrorizadora de Satanás — O DARTO INFLAMADO DO ATEÍSMO

Primeiro dardo das tentações aterrorizadoras: O dardo do ateísmo. A primeira das tentações aterrorizadoras de Satanás é a sua tentação ao ateísmo, a qual, pela sua natureza horrenda, bem pode ser chamada de dardo inflamado; em parte porque, por meio dela, ele faz uma tentativa tão ousada, atacando a própria

existência de Deus; e também por causa da consternação que produz em uma alma piedosa por ela ferida. É verdade que o diabo, que não pode ele próprio tornar-se ateu, é muito menos capaz de tornar ateu um filho de Deus, que possui, não apenas em comum com os outros homens, a marca indelével de uma divindade em sua consciência, mas também uma escultura tal da natureza divina em seu coração que demonstra Deus de modo irresistível; sim, representa vivamente um Deus santo, de quem é imagem.

De modo que é impossível que um coração santo seja totalmente vencido por esta tentação, possuindo um argumento superior a todo o mundo de homens ímpios e aos próprios demônios para provar uma divindade, a saber, uma nova natureza em si, "criada segundo Deus, em justiça e retidão de verdade", pela qual, mesmo quando é esbofeteado com injeções ateístas, diz em seu coração: "Há um Deus", embora Satanás, no paroxismo de sua tentação, obscureça a sua faculdade de raciocínio no momento com esta fumaça do inferno. Esta fumaça ofende e assusta mais do que persuade o seu coração piedoso a adotar tal princípio, como acontece com o homem ímpio; o qual, quando, pelo contrário, é instado pela sua consciência a crer em Deus, "diz no seu coração que não há Deus", ou seja, deseja que não houvesse nenhum.

E isto pode consolar imensamente o santo — que, não obstante tais injeções ao ateísmo, apegar-se a Deus em suas afeições e não ousaria por nada deste mundo permitir-se pecar contra ele, não, nem mesmo quando está mais oprimido por esta tentação —: que ele não passará por ateu na conta de Deus, por mais que Satanás o faça crer nisso. Assim como os ímpios não serão absolvidos do ateísmo pela sua mera profissão de uma divindade, enquanto os seus pensamentos sobre Deus forem tão

frouxos e fracos que não os constrojam a nenhuma obediência aos seus mandamentos — "A transgressão do ímpio diz no íntimo do meu coração: Não há temor de Deus perante os seus olhos", Sl 36:1; o santo profeta argumenta a partir da maldade da vida do pecador para o ateísmo de seu coração —, assim, pelo contrário, a vida santa de uma pessoa piedosa diz no meu coração que o temor de Deus está perante os seus olhos; transparece claramente que ela crê em Deus e reverencia esse Deus em quem crê. Pois bem, embora um coração piedoso nunca possa ser vencido por esta tentação, pode ser gravemente fustigado e inquietado por ela. Agora, passarei a mostrar-vos como o cristão pode apagar este dardo inflamado, e isso é apenas pela fé.

Como a fé apaga o dardo inflamado do ateísmo

Pergunta. Mas que necessidade há de fé? Não bastará a razão para fechar a boca do diabo neste ponto? Não pode o olho da razão avistar uma divindade, a menos que olhe através dos óculos da fé?

Resposta. Admito que esta é uma questão de teologia natural, e a razão é capaz de demonstrar a existência de um Deus. Onde as Escrituras nunca chegaram, uma divindade é reconhecida: "Porque todos os povos andarão, cada um em nome do seu deus", Mq 4:5, onde se supõe que cada nação possui alguma divindade e tem um culto para esse deus que possui. No entanto, em um assalto furioso de tentação, somente a fé é capaz de manter o campo de batalha e apagar o fogo deste dardo.

1. Aquela luz que a razão proporciona é sombria e confusa, servindo para pouco mais do que mostrar, de modo geral, que há um Deus; ela nunca dirá quem ou o que é este Deus. Até que Paulo desse a conhecer aos atenienses o verdadeiro

Deus, quão pouco deste primeiro princípio da religião era conhecido entre eles, embora aquela cidade fosse então o próprio olho do mundo no que respeita ao saber! E se o olho do mundo era tão escuro a ponto de não conhecer o Deus que adoravam, qual era então a própria escuridão do mundo — refiro-me àqueles lugares bárbaros que careciam de todo o cultivo das letras humanas para adiantar e aperfeiçoar os seus entendimentos? Esta é uma noção bíblica; e, portanto, é objeto da fé mais do que da razão: "Aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe", Hb 11:6. Nota bem isto: ele "deve crer".

Ora, a fé baseia-se no crédito da Palavra e aceita tudo sob confiança a partir de sua autoridade. Ele "deve crer que ele existe"; o que, como diz o Sr. Perkins sobre a passagem, não é meramente saber que há um Deus, mas saber que Deus é Deus — o que a razão por si só nunca poderá fazer. Tamanha é a cegueira e corrupção de nossa natureza que temos pensamentos muito deformados e desfigurados a respeito dele, até que, com o olho da fé, vejamos a sua face no espelho da Palavra; e, portanto, o mesmo erudito não hesita em afirmar que todos os homens que descenderam de Adão — com a única exceção de Cristo — são por natureza ateus, porque ao mesmo tempo que reconhecem um Deus, negam-lhe o seu poder, presença e justiça, e permitem que ele seja apenas aquilo que lhes agrada. De fato, é natural que todo homem deseje ajustar os seus pensamentos de Deus de modo a favorecer e melhor se adequar às suas próprias concupiscências. Deus acusa alguns disto: "Pensavas que era inteiramente como tu", Sl 50:21 — os pecadores agem com Deus como os etíopes com os anjos, aos quais pintam com rostos negros para que se pareçam com eles mesmos.

2. Supõe que fesses capaz de demonstrar pela razão o que Deus é, contudo seria perigoso entrares em disputa direta

usando apenas a tua razão humana com Satanás, o qual possui, embora a pior causa, a mente mais ágil. Há maior disparidade entre ti e Satanás — ainda que a razão e o entendimento das mentes mais brilhantes se reunissem em ti — do que entre o idiota mais fraco e o maior sábio do mundo. Ora, quem colocaria uma causa de tão grande importância em tal risco como farias ao debater o ponto com aquele que te supera em larga escala? Mas há uma autoridade divina na Palavra sobre a qual a fé se edifica, e esta possui um trono na consciência do próprio diabo; ele foge diante disto. Por esta razão, Cristo, embora fosse capaz de rebater o diabo pela razão, para nos dar um modelo de que armas usar para nossa defesa em nossos conflitos com Satanás, repeliu-o apenas erguendo o escudo da Palavra. "Está escrito", diz Cristo em Lc 4:4, e novamente: "está escrito", versículo 8. E é muito notável quão poderosa foi a palavra citada por Cristo para calar o diabo; de modo que ele não teve uma palavra a responder a nenhuma passagem que lhe foi apresentada, sendo desarmado à mera menção da Palavra e forçado a recorrer a outro argumento.

Tivesse Eva permanecido firme em sua primeira resposta: "Deus disse: Não comereis dele", Gn 3:3, ela teria sido forte demais para o diabo; mas, soltando o seu ponto de apoio que mantinha pela fé na Palavra, caiu imediatamente nas mãos de seu inimigo. Assim, neste particular, quando o cristão, no calor da tentação, se defende pela fé, interpondo a Palavra entre si e os golpes de Satanás — "Eu creio que Deus existe; embora eu não possa compreender a sua natureza nem responder aos teus sofismas, creio no relato que a Palavra faz de Deus" —, Satanás pode perturbar tal pessoa, mas não a pode ferir. Mais ainda, é provável que não a perturbe por muito tempo. A antipatia do diabo em relação à Palavra é tão grande que ele não gosta de a ouvir soar em seus ouvidos.

Se, porém, lançares por terra o escudo da Palavra e pensares em abrir caminho através da tentação pela força de tua razão, em breve te verás cercado pelo teu astuto inimigo e privado de uma retirada honrosa. Esta é a razão, concebo eu, pela qual, entre os poucos que se declararam ateus, a maioria tem sido de grandes pretensos à razão — pessoas que negligenciaram a Palavra e avançaram no orgulho de seu próprio entendimento, pelo que, através do justo juízo de Deus, acabaram por debater a si mesmos até caírem no ateísmo absoluto. Enquanto voltavam as costas para Deus e para a sua Palavra, e pensavam, ao escavar nos segredos e entranhas da natureza, ser admirados pelo seu conhecimento acima dos outros, sucedeu-lhes o que por vezes acontece aos mineiros que escavam profundamente nas entranhas da terra — um vapor deletério vindo do juízo secreto de Deus apagou aquela luz que a princípio levavam consigo; e assim se cumpre neles o que diz o apóstolo: "Onde está o disputador deste mundo? Não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?", 1 Co 1:20. De fato, é da sabedoria de Deus que o mundo pela sabedoria — aquela em que confiavam — não conhecesse a Deus.

3. Aquele que assente a esta verdade, que há um Deus, meramente em fundamentos de razão e não de fé, e repousa nisso, não apaga a tentação; pois continua a ser um infiel e um ateu segundo a Escritura. Ele não crê que há um Deus pelo relato da Palavra de Deus, mas pelo relato de sua própria razão; e assim, na verdade, não crê senão em si mesmo e não em Deus, e com isso faz de si mesmo um deus, preferindo o testemunho de sua própria razão ao testemunho da Palavra de Deus, o que é perigoso.

Pergunta. Mas poderá alguém dizer: não há utilidade para a razão em princípios como este, que se encontram dentro

de sua esfera? Não posso fazer uso de minha razão para me confirmar nesta verdade de que há um Deus?

Resposta. É indubitável que sim. Para que mais estabeleceria Deus tal luz, senão para nos guiar? Mas ela deve manter o seu devido lugar, que é o de seguir a fé, não o de ser o fundamento dela, nem o de lhe dar lei e medida. A nossa fé não deve depender de nossa razão, mas a nossa razão da fé. Eu não devo crer no que a Palavra diz meramente porque se ajusta à minha razão, mas crer em minha razão porque se harmoniza com a Palavra. O mais perfeito deve governar o menos perfeito. Ora, a luz da Palavra — que a fé segue — é mais clara ou segura do que a razão é ou pode ser; pois foi precisamente por isso que ela foi escrita, porque a luz natural do homem era imperfeita.

Lês na Palavra que há um Deus e que ele criou o mundo. O teu olho da razão vê isto também. Mas tu depositas a força de tua fé na Palavra, não em tua razão. E assim ocorre com as outras verdades. O carpinteiro aplica a sua régua à madeira e pelo olho vê se ela está reta ou curva; contudo, não é o olho, mas a régua que é a medida — sem a qual o seu olho poderia falhar. Tudo o que direi a mais àqueles que são incomodados com injeções ateístas é isto: fixa fortemente a tua fé na Palavra, por meio da qual serás capaz de vencer este Golias; e quando estiveres mais livre e calmo, e a tempestade tiver passado, farás bem em apoiar a tua fé no que puderes com a tua razão. Que a Palavra, como a pedra de Davi na funda da fé, prostre primeiro a tentação; e depois, tal como ele usou a espada de Golias para lhe decepar a cabeça, assim poderás tu, com maior facilidade e segurança, fazer uso de tua razão para consumir a vitória sobre estas sugestões ateístas.

A segunda tentação aterrorizadora de Satanás — O DARTO INFLAMADO DA BLASFÊMIA

Segundo dardo das tentações aterrorizadoras: O dardo da blasfêmia. O segundo dardo inflamado com o qual ele amedronta o cristão é a sua tentação à blasfêmia. Todo o pecado, em sentido amplo, é blasfêmia; mas aqui tomamo-lo de forma mais estrita. Quando o homem faz, diz ou pensa algo depreciativo em relação à santa natureza ou obras de Deus, com o intuito de o afrontar ou aos seus caminhos, isto é propriamente blasfêmia. A esposa de Jó foi a solicitadora do diabo para incitar o seu marido a este pecado: "Amaldiçoa a Deus, e morre", diz ela. O diabo foi tão insolente a ponto de assaltar o próprio Cristo com este pecado, quando lhe ordenou que se "prostrasse e o adorasse".

No entanto, ele possui a vantagem de fazer uma aproximação mais estreita em relação ao santo do que aquela que lhe foi permitida fazer em relação a Cristo. Tudo o que pôde fazer a Cristo foi ofender o seu santo ouvido com uma proposta externa. Não seria compatível com a dignidade ou santidade da pessoa de Cristo permitir que ele se aproximasse mais. Mas ele pode disparar este dardo inflamado na imaginação de um santo, para grande perturbação de seus pensamentos, procurando com isso suscitar alguns pensamentos indignos de Deus nele — embora estes geralmente não sejam mais bem-vindos a uma alma piedosa do que as rãs que subiram aos aposentos de Faraó foram para ele. Dois objetivos visa Satanás com estas injeções:

1. Levar o santo a difamar a Deus, o que ele gosta imensamente de ouvir. Mas, se isto falhar, então:
2. Contentar-se-á com um resultado menor e buscará apenas a aflição do cristão, forçando estes hóspedes

indesejados sobre ele. Ora, a fé, e somente a fé, pode apagar estas bolas de fogo em ambos os sentidos.

Como a fé apaga o dardo inflamado da blasfêmia e o DUPLO PROPÓSITO de Satanás com ele]

Primeiro propósito: Satanás visa, por meio da agitação de pensamentos ímpios, levar o santo a difamar a Deus. Há uma disposição natural em todo homem ímpio para blasfemar contra Deus. Basta que Deus contrarie um miserável carnal em seus caminhos, e depois permita que Satanás estimule a sua corrupção, e ele logo se levantará contra a face de Deus.

Se a suposição do diabo tivesse sido verdadeira — como era de fato totalmente falsa — de que Jó era um hipócrita, então aquela acusação que ele trouxe contra ele diante de Deus teria sido verdadeira também: "Estende, porém, a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema de ti na tua face", Jó 1:11. Se Jó fosse o homem que o diabo pensava que ele era, o diabo não teria mentido; porque é natural para todo homem ímpio nutrir pensamentos vis a respeito de Deus; e, quando provocado, o rancor íntimo de seu coração se revelará na impureza de sua língua: "Eis que este mal vem do Senhor; que mais, pois, esperaria do Senhor?", 2 Reis 6:33 — uma terrível blasfêmia, cuja semente se encontra em todo incrédulo.

Há apenas um espírito de maldade nos pecadores, assim como há apenas um espírito de graça nos santos. Simão Mago estava "em fel de amargura", At 8:23; isto é, em estado de pecado. Todo incrédulo possui um espírito amargo contra Deus e contra tudo o que traz o Seu nome. Não se pode confiar no mais manso de todos eles, ainda que mantido sob controle pela

graça comum. Deixa o leão sair de sua jaula e ele logo mostrará a sua natureza sanguinária. Um incrédulo não tem em si mais condições de apagar tal tentação do que a lenha seca tem para apagar o fogo que nela se ateia. Mas agora, vejamos que façanhas a fé pode realizar para apagar este dardo inflamado, e como a fé o faz. Geralmente, é mantendo a alma livre de acolher qualquer pensamento indigno ou blasfemo sobre Deus; mas:

1. A fé coloca Deus diante da alma — ao alcance da visão e do ouvido de todos os seus pensamentos e caminhos; e isto mantém a alma em santo temor, de modo que ela não ousa abrigar nada indigno de Deus em seus pensamentos mais secretos. Davi apresenta a razão pela qual os ímpios são tão ousados: "Não te puseram diante de si", Sl 54:3. Aqueles que difamam e caluniam o nome de outros costumam fazê-lo pelas costas. O pecado, nesta vida, raramente atinge tamanha maturação a ponto de blasfemar contra Deus face a face. Esta é, propriamente, a linguagem do inferno.

Há uma mistura de ateísmo com a blasfêmia dos pecadores enquanto estão na terra. Eles fazem com Deus o que aqueles miseráveis carrascos fizeram com Cristo: cobrem o Seu rosto e depois O esbofeteiam; desenham uma cortina de princípios ateístas entre Deus e eles, e depois vomitam as suas blasfêmias contra aquele Deus em cuja presciência e onisciência não creem. Ora, a fé contempla a Deus contemplando a alma e, assim, a preserva. "Nem ainda no teu pensamento amaldiçoas o rei", diz Salomão, "nem no mais secreto do teu quarto amaldiçoas o rico; porque as aves dos céus levariam a voz, e o que tem asas daria notícia do assunto", Ec 10:20. Tal é a linguagem que a fé utiliza.

"Não blasfemes", diz a fé, "ó minha alma, contra o Deus dos céus; não podes sussurrar tão suavemente que a voz não seja ouvida nos ouvidos daquele que está mais perto de ti do que tu mesma de ti". E assim desfaz o laço que o diabo arma. Aqueles discursos impróprios que escaparam da boca de Jó, devido à extensão e extremidade de suas aflições, embora não chegassem a constituir blasfêmia, assim que Deus se apresentou a ele em Sua majestade, logo desapareceram, e ele cobriu o seu rosto com vergonha diante do Senhor por causa deles: "Mas agora te veem os meus olhos. Pelo que me abomino e me arrependo no pó e na cinza", Jó 42:5-6.

2. A fé não dá crédito a nenhum relato sobre Deus senão a partir da própria boca de Deus; e assim ela apaga as tentações à blasfêmia. É impossível que uma alma tenha pensamentos que não sejam santos e leais a respeito de Deus quando molda suas percepções dele pela Palavra de Deus, que é o único espelho verdadeiro para contemplar a Deus, porque somente ela O apresenta como Ele é em todos os Seus atributos, os quais Satanás, por meio deste pecado de blasfêmia, de uma forma ou de outra procura caluniar.

A fé concebe suas noções de Deus pela Palavra, resolve todos os casos de consciência pela Palavra e decifra todas as providências que Deus escreve em figuras misteriosas pela Palavra; por falta de cuja habilidade Satanás frequentemente leva a criatura a ter pensamentos severos sobre Deus, porque ela não consegue compreender de imediato o sentido de Suas administrações no mundo.

Assim, tem havido quem tolamente acuse a justiça de Deus porque alguns pecadores escandalosos não foram alcançados por um juízo tão rápido quanto mereciam. Outros

têm acusado com igual severidade o Seu cuidado e fidelidade em não prover melhor para os Seus servos, a quem veem mantidos por longo tempo sob as amarras de grandes aflições; como aquele que, vendo um grupo de cristãos com roupas pobres e rasgadas, disse que não serviria àquele Deus que mantinha os Seus servos em tão mau estado. Estes e outros semelhantes são os espelhos quebrados nos quais Satanás apresenta Deus, para que O desfigure diante dos olhos da criatura; e, na verdade, se não olharmos mais além, mas julgarmos Deus como Ele aparenta ser através deles, em breve condenaremos o Santo e seremos arrastados pelo turbilhão desta perigosa tentação.

3. A fé apaga as tentações à blasfêmia na medida em que é inclinada ao louvor. Ela dispõe o cristão a bendizer a Deus na condição mais triste que lhe possa sobrevir. Ora, estas duas atitudes, a de bendizer e a de blasfemar, são inteiramente opostas. Por uma pensamos e falamos o bem, e pela outra o mal a respeito de Deus; e, portanto, não podem habitar sob o mesmo teto. São como melodias contrárias. Não podem ser tocadas no mesmo instrumento sem que se mudem todas as cordas.

Está além da habilidade de Satanás arrancar uma nota tão estridente quanto a blasfêmia de uma alma afinada e disposta a louvar a Deus. Ora, a fé faz isto: "Preparado está o meu coração", diz Davi. Ali estava a sua fé. E então se segue: "Cantarei e darei louvores", Sl 57:7. Foi a fé que transformou o seu espírito e direcionou as suas afeições para o louvor. E não achas que Satanás teria uma tarefa difícil em fazer Davi blasfemar contra Deus enquanto o seu coração estivesse mantido em uma disposição de louvor? Ora, a fé realiza isto de duas maneiras:

(1.) A fé descobre a misericórdia na maior aflição — um ponto de luz na mais escura combinação da providência; de

modo que, quando o diabo provoca à blasfêmia a partir do mal que a criatura recebe de Deus, a fé mostra mais bem recebido do que mal.

Foi assim que Jó apagou este dardo que Satanás disparou contra ele pela boca de sua esposa: "Receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal?". Acaso algumas aflições presentes servirão de sepultura para enterrar a lembrança de todas as minhas misericórdias passadas e presentes? "Falas como qualquer das mulheres loucas". O que Deus me tira é menos do que Lhe devo, mas o que Ele me deixa é mais do que me deve.

Solomão exorta-nos: "No dia da adversidade considera", Ec 7:14. Nossos pensamentos e palavras impróprios a respeito de Deus são o produto de um espírito precipitado e apressado. Ora, a fé é uma graça que considera; "aquele que crer não se apressará" — nem mesmo para pensar ou falar de Deus. A fé tem boa memória e pode contar ao cristão muitas histórias de misericórdias antigas; e quando a sua refeição atual é escassa, ela pode alimentar a alma com a lembrança das provisões do passado, e nem por isso queixar-se de que Deus mantém uma casa ruim.

Assim Davi se recuperou quando estava prestes a despencar pelo declive da tentação: "E eu disse: Isto é minha enfermidade; mas lembrar-me-ei dos anos da destra do Altíssimo. Lembrar-me-ei das obras do Senhor; certamente que me lembrar-me-ei das tuas maravilhas antigas", Sl 77:10-11. Portanto, cristão, quando estiveres nas profundezas de tua aflição e Satanás te tentar a caluniar a Deus como se Ele estivesse esquecido de ti, fecha-lhe a boca com isto: "Não, Satanás, Deus não se esqueceu de agir por mim, mas eu é que

me esqueci do que Ele já fez por mim, caso contrário não questionaria o Seu cuidado paternal por mim neste momento!". Vai, cristão, recorda as tuas lições antigas. Louva a Deus pelas misericórdias passadas, e não tardará para que uma nova canção seja colocada em tua boca pelas misericórdias do presente.

(2.) *Assim como a fé descobre a misericórdia em cada aflição, ela também mantém ativa a expectativa na alma por mais misericórdia*; e essa confiança dispõe a alma a louvar a Deus por ela, como se a misericórdia já estivesse presente. Daniel, quando se encontrava sob a própria sombra da morte — com a trama armada para lhe tirar a vida —, "três vezes ao dia se punha de joelhos, e orava, e dava graças diante do seu Deus". Ouvir dele uma oração em tão grande aperto não seria motivo de tanta admiração; mas ter o coração afinado para a ação de graças em hora tão triste, isto foi admirável, e a sua fé o capacitou a fazê-lo, Dn 6:10.

A misericórdia na promessa é como a maçã na semente. A fé vê a sua semente germinar e a misericórdia a caminho. Ora, uma alma sob a expectativa de libertação, como desprezará uma sugestão blasfema! Quando se sabe que o socorro está a caminho para uma guarnição sitiada, os ânimos dos soldados se elevam; eles não darão ouvidos à proposta traidora do inimigo. É quando a incredulidade é a conselheira, e a alma está sob dúvidas e suspeitas quanto ao coração de Deus para com ela, que Satanás encontra acolhida para tal mensagem.

Um exemplo excelente de ambas as atitudes temos em um único capítulo, Is 8. Encontramos no versículo 17 qual é o efeito da fé, a saber, uma alegre espera por Deus em meio às dificuldades: "E esperarei o Senhor, que esconde o seu rosto da casa de Jacó, e a ele aguardarei"; e no versículo 21 temos o fruto

da incredulidade — que nada mais é do que a blasfêmia —: "E dir-se-á que, tendo fome, e enfurecendo-se, amaldiçoarão o seu rei e o seu Deus, olhando para cima". A fé mantém o crente em postura de expectativa, e a incredulidade põe o pecador a amaldiçoar tanto a Deus quanto ao homem. Ninguém escapa do chicote daquele que é contrariado em seu caminho, nem mesmo o próprio Deus.

4. *A fé apaga este dardo inflamado ao purificar o coração daquela inimizade contra Deus* que, na natureza corrupta do homem, serve de combustível para tal tentação. "Murmuradores, detestadores de Deus, injuriosos" estão associados em Rm 1:30. Não admira que um homem cujo espírito está cheio de rancor contra outro seja facilmente induzido a difamar aquele a quem tanto odeia. Todo incrédulo é um detestador de Deus e, por isso, tem propensão a blasfemar contra Deus quando a sua vontade ou concupiscência é contrariada por Deus.

Mas a fé destrói esta inimizade do coração; sim, ela opera o amor a Deus na alma, e então atua por meio deste amor. Ora, uma das propriedades do amor é "não suspeitar mal", 1 Co 13:5. Isto é, o homem não tramará nenhum mal contra aquele a quem ama, nem suspeitará facilmente que algum mal esteja sendo tramado por ele contra si mesmo. O amor interpreta as ações de um amigo através de lentes tão nítidas de candura e franqueza que farão uma imagem escura parecer um belo traço. Interpreta tudo o que ele faz com tanta doçura e simplicidade que aquelas passagens em seu comportamento para com ela, que para outro pareceriam complexas e suspeitas, são claras e agradáveis para ela; porque ela sempre atribui o sentido mais favorável possível a tudo o que ele faz.

O crente não ousa, ele próprio, tramar nenhum mal de pecado contra Deus, a quem, a partir do relato que a fé lhe fez de Sua pessoa à sua alma, ama tão ternamente. E assim como o amor não lhe permitirá tornar-se traidor de um Deus de bondade, também não lhe permitirá abrigar pensamentos ciumentos ou desconfiados a respeito do coração de Deus para com ele, como se Ele, que foi o primeiro a amar e ensinou a alma a amá-LO por meio de Suas declarações de amor, pudesse, depois de tudo isso, planejar qualquer real maldade contra ela. Não, este pensamento, embora Satanás possa tentar forçá-lo sobre o cristão e pressionar violentamente para que seja acolhido, sob a conveniência de alguma providência severa que pareça justificar tal suspeita, nunca poderá encontrar acolhida a ponto de receber crédito na alma onde o amor a Deus tem alguma influência. E, certamente, não há temor de que essa alma seja persuadida a vomitar impiamente blasfêmias contra Deus, ela que tanto abomina a mera hipótese de suspeitar o mínimo que seja de Deus em seus pensamentos mais secretos.

Segundo propósito: Satanás visa por meio destas tentações blasfemas provocar a perturbação e a aflição do cristão. Embora ele não encontre o cristão amigável a ponto de acolher estes seus hóspedes e dar-lhes hospedagem por amor a ele, sabe que não será pouca a perturbação de seu descanso ter tais pensamentos continuamente batendo e esmurrando à sua porta; sim, quando não consegue poluir o cristão obtendo o seu consentimento a eles, mesmo assim espera criar-lhe grande inquietação e distração, acusando-o daquilo que ele não quer cometer; e assim, de poluidor — o que ele preferiria ter sido —, vê-se forçado a tornar-se caluniador maldizente e falso acusador.

Assim a meretriz às vezes acusa o homem honesto, meramente para se vingar dele por ele não ceder a satisfazer a sua concupiscência. José não quis deitar-se com a sua senhora, e ela inventou uma terrível mentira sobre ele. O diabo é o blasfemo, mas o pobre cristão, por não querer associar-se a ele no ato, receberá a fama e carregará a culpa disso. Assim como os judeus forçaram Simão de Cirene a carregar a cruz de Cristo, assim Satanás gostaria de forçar o cristão tentado a carregar a culpa do pecado dele por ele. E muitas vezes ele o faz com tanta habilidade e com tamanha destreza de mãos que transfere a carga de si mesmo para as costas do cristão, sem que a pobre criatura perceba a arte do ilusionista em lhe transmitir, passando a lamentar-se apenas da vileza de seu próprio coração.

E como às vezes acontece que um homem de bem, em cuja casa se encontram bens roubados, sofre por não conseguir descobrir o ladrão que os deixou ali; assim o cristão sofre muitos e tristes terrores pela mera presença destes terríveis pensamentos em seu peito, por não ser capaz de identificar de quem são — se foram disparados por Satanás ou se são o vapor exalado de seu próprio coração corrompido. O cristão humilde é propenso a temer o pior de si mesmo, mesmo onde não tem consciência de culpa; como os patriarcas que, quando a taça foi encontrada no saco de Benjamim, assumiram a culpa para si, embora fossem inocentes no caso.

E tamanha é a confusão, às vezes, nos pensamentos do cristão que ele está pronto a acusar-se por aqueles filhos que deveriam ser depositados em outra porta — a de Satanás. Aqui mostrarei como a fé derrota este segundo desígnio do diabo nestes movimentos blasfemos. E isto ela faz de duas maneiras:

1. Ajudando o cristão a discernir as injeções de Satanás dos movimentos de seu próprio coração.

2. Socorrendo-o, ainda que eles surjam de seu próprio coração.

1. A fé ensina o cristão a discernir e a distinguir aquelas bolas de fogo das tentações que são lançadas pela sua janela por Satanás, daquelas faíscas de corrupção que voam de sua própria lareira e se acendem em seu próprio coração pecaminoso. E, certamente, aqueles pensamentos blasfemos dos quais muitas almas piedosas fazem tão tristes queixas revelar-se-ão muito frequentemente da primeira espécie, como pode parecer mais provável se considerarmos:

(1.) O momento em que eles primeiro se agitam e são mais ativos.

(2.) A maneira como eles surgem.

(3.) O efeito que produzem no coração do cristão.

(1.) O momento em que começam a agitar-se e a alma a ser fustigada por eles; e esse momento é ordinariamente quando a obra da conversão acaba de ocorrer ou está ocorrendo nele. Quando a criatura se desvia de seu antigo caminho pecaminoso para abraçar a Cristo, e se declara a favor dele contra o pecado e Satanás, este é o momento em que estas sugestões blasfemas começam a fazer a sua aparição, e esses vermes são vistos a rastejar no peito do cristão — uma forte probabilidade de que não se originam ali, mas são enviados por Satanás a título de vingança pela revolta da alma contra ele. O diabo age com o cristão neste caso de modo não muito diferente daquele que seus próprios servos jurados — refiro-me aos bruxos — costumam fazer, os quais, para expressar o seu rancor contra aqueles que os

contrariam, às vezes os fazem infestar-se de piolhos ou de vermes semelhantes, para os tornar abomináveis a si mesmos.

E, assim como alguém que nunca antes encontrara tais vermes rastejando sobre si bem poderia admirar-se de se ver tão subitamente infestado por uma multidão deles — sim, preferiria imputar o fato à maldade do bruxo do que à corrupção de seu próprio corpo que os gerasse —, assim ocorre neste caso. De fato, é muito improvável pensar que a criatura devesse, nesta conjuntura de tempo acima de todas as outras, romper de forma tão terrível com Deus, pecando contra ele em tamanha altura como esta. É provável que ela possa, enquanto está em lágrimas pelos pecados de sua vida passada, cometer um pecado maior do que qualquer um daqueles pelos quais chora? Ou que ela ouse, enquanto clama por misericórdia e perdão com um coração trêmulo, obstruir o caminho de suas próprias orações e endurecer o coração de Deus para que lhas negue, por meio de pecados tão horrendos como estes?

Em uma palavra, não parece estranho que, durante todo o tempo em que foi estranha, sim, inimiga de Deus, ela não ousasse aventurar-se neste pecado devido à sua natureza prodigiosa, e que agora, quando começa a amar a Deus, estas blasfêmias passem a ocupar a sua boca, as quais eram grandes e horrendas demais antes para que ela se envolvesse com elas?

(2.) *A maneira como estas blasfêmias surgem nos pensamentos do cristão aumentará a probabilidade de que sejam injeções externas de Satanás, e não movimentos do próprio coração do cristão por dentro.* Elas são comumente violentas e repentinas. Vêm como relâmpagos, lampejando nos pensamentos do cristão antes que ele tenha tempo de deliberar consigo mesmo sobre o que está fazendo. Ao passo que aquela

concupiscência que é a ebulição de nossos próprios corações é ordinariamente gradual em seu movimento; move-se de uma forma mais tranquila e adequada à natureza humana; seduz a alma e, por graus, astutamente a envolve em um consentimento; colocando primeiro as afeições do seu lado, as quais depois emprega para corromper o entendimento e desviá-lo de se opor a ela, cegando-o com algum suborno de prazer sensual e lucro; e assim, por estes passos, chega finalmente a ter um acesso mais fácil e êxito sobre a vontade, a qual, estando agora privada de sua guarda, cede mais rapidamente ao chamado que a concupiscência faz.

Mas estes dardos repentinos de pensamentos blasfemos forçam a entrada na alma sem que se use qualquer mediação para obter a sua boa vontade para entrar. A sua condução é como a condução daquele Jeú infernal. É o diabo que está na boleia; quem mais poderia conduzir de forma tão furiosa? Sim, não apenas a sua rapidez e violência, mas a incoerência com os pensamentos e rumo anteriores do cristão aumentam ainda mais a probabilidade de serem dardos disparados do arco do diabo. Pedro foi outrora reconhecido como pertencente à companhia de Cristo pela sua voz: "A tua fala", disseram eles, "te denuncia". Ele falava como eles, por isso foi julgado como um deles. Pelo contrário, podemos dizer destes movimentos blasfemos: "Eles não são do cristão, a sua linguagem os denuncia como sendo antes o vômito de um diabo do que a voz de um santo". Se fossem tecidos pela alma, assemelhar-se-iam em algo à peça inteira de onde foram cortados. Há ordinariamente uma dependência em nossos pensamentos. Tomamos o gancho para um pensamento a partir de outro. Assim como círculos surgem de círculos na água movida, assim surge pensamento de pensamento, até que se estendam em um discurso.

Ora, não pode o cristão admirar-se de ver — talvez quando está no culto de Deus e absorvido em santas e celestiais meditações — um pensamento blasfemo de repente aparecer no meio de tal companhia à qual ele é tão estranho? E também como ele teria conseguido entrar entre eles? Se um pensamento santo nos surpreende de repente, quando estamos, por assim dizer, de costas para o céu, e não há nada no discurso que os nossos corações mantêm no momento para o introduzir, podemos tomá-lo como um puro movimento do Espírito de Cristo. Quem, de fato, senão ele, poderia estar tão cedo no íntimo da alma quando a porta está fechada, antes mesmo que a criatura possa voltar os seus pensamentos para lha abrir?

E, provavelmente, estas blasfêmias que se precipitam sobre ti, ó cristão, em um momento em que a tua alma está à maior distância de tais pensamentos, sim, navegando rumo ao ponto totalmente contrário, em tua oração e louvor a Deus, são as irrupções daquele maligno, e isto com o propósito de te interromper naquela obra que, de todas, é a que ele mais teme e odeia.

(3.) O efeito que estas noções blasfemas produzem no coração pode fazer-nos crer que são filhos de Satanás e não partos do próprio coração do cristão; e esse efeito é um pavor terrível e consternação do espírito do cristão, que muitas vezes atinge a perturbação do corpo. De modo que uma aparição do diabo aos seus olhos corporais não os poderia assustar mais do que estas blasfêmias que andam em sua imaginação. Sim, elas não causam apenas pavor, mas suscitam uma veemente indignação e aversão na alma à sua presença. Se agora fossem o parto do próprio coração do cristão, por que este pavor? De onde esta indignação? Aqueles movimentos que surgem de nós mesmos costumam agradar-nos mais. É natural para os homens

amar os filhos de seus próprios lombos, embora negros e deformados; e tão natural quanto gostar das concepções de suas próprias mentes. Salomão identificou a verdadeira mãe pela sua ternura para com o filho.

Se estas blasfêmias fossem fruto do coração, seria de esperar familiaridade com elas e não pavor ao vê-las; favor para com elas e não aversão. Não seria mais provável, pobre alma, que as beijasses, se fossem tuas, em vez de procurares matá-las? Que lhes desses o peito para as amamentar e nutrir, em vez de sacares a espada do Espírito para as destruir? E se é assim, diz a fé, que estes são filhos de Satanás, por que te perturbas porque ele os deposita à tua porta? É a mulher casta mais meretriz porque alguma língua suja a chama assim? Tem paciência um pouco, pobre alma; o juiz está à porta, e quando ele vier serás chamada pelo teu verdadeiro nome. Não fiques mais tempo ferindo a tua alma com o dardo dele e perturbando-te pelo pecado do diabo, mas vai e queixa-te dele ao teu Deus; e quando tiveres exposto as blasfêmias dele perante o Senhor, como Ezequias fez com as de Rabsaqué, consola-te com isto: que Deus defenderá a tua causa contra este falso acusador e o mandará embora com tanta vergonha e tão pouco êxito quanto fez com aquele cão ladrador que tanto insultou a Deus e ultrajou o seu povo. Mas:

2. Supõe que estas noções blasfemas sejam pecados do próprio cristão, gerados em seu próprio coração, e não filhos do diabo falsamente atribuídos a ele; ainda assim, a fé socorre o cristão quando aflito com a culpa delas, no que Satanás trabalha ao máximo para as agravar. Ora, o auxílio que a fé traz à alma neste ponto é múltiplo:

(1.) Auxílio: A fé pode assegurar à alma, sobre sólido fundamento bíblico, que estes pensamentos blasfemos são perdoáveis. "Tudo o que for pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens", Mt 12:31. E seria estranho que a tua imaginação fosse tão desregrada e melancólica a ponto de julgar que vês esta única blasfêmia imperdoável, a qual é sempre marcada na testa com a impenitência final e o ódio desesperado contra Deus, nesses pensamentos soltos e errantes que nunca conseguiram obter nenhum consentimento do teu coração para com eles, mas continuas a desautorizá-los e a protestar contra eles.

Digo que seria muito estranho que pudesses por muito tempo confundir estes hóspedes indesejados com aquele pecado maligno. Ora, para teu consolo, ouves que toda a espécie de blasfêmia, exceto aquela única, será perdoada. O perdão para elas pode ser pleiteado no tribunal da misericórdia, por mais terríveis e assustadoras que as suas circunstâncias se apresentem à tua alma trêmula. E se a criatura crê nisso, o dardo de Satanás é apagado; pois o desígnio dele é fazer uso destas tentações como uma porta de alçapão pela qual possa lançar a tua alma no desespero.

(2.) Auxílio: A fé assegura à alma que a ebulição de tais pensamentos não é incompatível com o estado de graça; e se a alma estiver bem esclarecida neste ponto, o dardo inflamado do diabo terá perdido a sua ponta envenenada, que tanto costuma consumir as forças do cristão. A inferência comum que ele faz as almas tentadas extrair da presença destes pensamentos nelas é: "Certamente não sou um santo. Esta não é a marca dos filhos de Deus". Mas a fé é capaz de refutar isto e desafia Satanás a mostrar — por mais versado que ele seja nas Escrituras — um único lugar em toda a Bíblia que apoie tal conclusão. De fato,

não há nenhum. É verdade que a blasfêmia das blasfêmias — refiro-me ao pecado contra o Espírito Santo — com esta o maligno nunca tocará o verdadeiro crente. Mas não conheço nenhum tipo de pecado, alguém desse, do qual ele tenha qualquer proteção ou imunidade que torne impossível que ele seja por um tempo derrotado por ele.

O corpo do pecado, de fato, é enfraquecido em cada crente, e um golpe mortal foi desferido pela graça de Deus em sua natureza corrupta, do qual ela nunca se livrará, mas por fim morrerá devido a ele. Contudo, assim como uma árvore que está morrendo pode produzir algum fruto, embora não tanto, nem tão pleno e maduro quanto antes; e um homem agonizante pode mover os seus membros, embora não tão fortemente como quando gozava de saúde; assim a corrupção original em um santo estará ativa, embora de forma débil, e mostrando o seu fruto, embora este seja mirrado e verde. E não tens motivo para te desanimar pelo fato de ela se agitar; mas sim para te consolares pelo fato de ela apenas se poder agitar. Oh, sê agradecido por teres o teu inimigo, que ainda há pouco era senhor do campo e te trazia atado à sua carruagem triunfal, agora de joelhos sob a espada vitoriosa de Cristo e de sua graça, prestes a cair na sepultura, embora erguendo a mão contra ti para mostrar que a sua inimizade continua quando o seu poder falha em executar o que gostaria.

(3.) Auxílio: A fé pode esclarecer à alma que estes pensamentos blasfemos, tal como são comumente recebidos em um santo, não são pecados tão grandes na conta de Deus como alguns outros que passam por menores em nossa conta. O cristão comumente contrai mais culpa por alguns pensamentos orgulhosos, impuros e cobiçosos do que por muitos pensamentos blasfemos, porque o cristão raramente obtém uma vitória tão

clara sobre aqueles como obtém sobre estes de blasfêmia. Os dardos inflamados da blasfêmia podem assustar mais os cristãos, mas as concupiscências inflamadas ferem mais cedo e mais profundamente. Foi o sol quente que fez o viajante abrir a sua capa, a qual o vento tempestuoso o fez apertar mais contra si. As tentações do prazer atraem o coração para elas, ao passo que a natureza horrenda das outras estimula o cristão a uma resistência mais valente contra elas.

Oh, o cristão é facilmente surpreendido por aquelas; são como veneno em vinho doce, são engolidas antes que ele se dê conta e difundem-se rapidamente em suas afeições, envenenando os espíritos do cristão. Mas estas de blasfêmia são como veneno em alguma poção amarga; ou são cuspidas antes de serem engolidas, ou são vomitadas pelo cristão antes de se terem espalhado muito em suas afeições. Os pecados são grandes ou pequenos conforme a participação que a vontade tem na execução deles. E os pensamentos blasfemos, contendo comumente menos da vontade e das afeições do cristão do que os outros, não podem constituir um pecado maior.

(4.) Auxílio: A fé diz à alma que Deus pode ter, sim, indubitavelmente tem, propósitos graciosos ao permitir que ele seja fustigado com tais hóspedes incômodos, caso contrário eles não seriam enviados para se alojarem nele. Possivelmente, Deus viu algum outro pecado do qual estavas em grande perigo, e envia Satanás para te perturbar com estas tentações, para que ele não te vença no outro. E embora um gesso ou uma cataplasma sejam muito incômodos e repugnantes, é melhor suportar isso por um tempo do que uma doença que colocará a tua vida em risco. É melhor tremer diante da visão de pensamentos blasfemos do que te orgulhares no orgulho do teu coração diante da visão de teus dons e privilégios. O primeiro fará com que te

consideres tão vil quanto o próprio diabo em teus próprios olhos; mas o outro fará com que te tornes prodigiosamente ímpio e, assim, de fato, parecido com o diabo aos olhos de Deus.

(5.) *Auxílio: A fê impulsionarà o cristão a alguns feitos nobres para com Deus, para com isso se justificar e provar que a acusação do diabo é uma mentira*; assim como alguém que é acusado de alguma conspiração traidora contra o seu príncipe, para afastar essa calúnia, assume empreendimento notável em honra do seu príncipe. Esta é, de fato, a vingança mais completa que o cristão pode tomar, quer de Satanás por perturbá-lo com tais injeções, quer de seu próprio coração por emitir correntes tão impuras. Quando Davi preferiu a vida de Saul na caverna em lugar de um reino, o qual um único golpe vigoroso lhe poderia ter assegurado, provou que todos os seus inimigos eram mentirosos por o terem colocado sob suspeita na corte.

Assim, cristão, prefere a honra de Deus quando esta entrar em competição com o pecado e o eu, e fecharás a boca do diabo, que às vezes está pronto a fazer-te desconfiar de ti mesmo como se fosses um blasfemo. Tais atos heroicos de zelo e de negação de si mesmo falarão mais pela tua purificação perante Deus e a tua própria consciência do que estes pensamentos repentinos podem fazer contra ti.

A terceira tentação aterrorizadora de Satanás — O DARTO INFLAMADO DO DESESPERO

Terceiro dardo das tentações aterrorizadoras: O dardo do desespero. O terceiro dardo inflamado que Satanás lança contra o cristão é a sua tentação ao desespero. Este demônio maldito pensa que não se pode vingar mais amplamente de Deus,

nem gravar a sua própria imagem de forma mais profunda na criatura, senão por meio deste pecado; o qual, ao mesmo tempo, lança o maior desprezo sobre Deus e aproxima a criatura da fisionomia dos demônios e das almas condenadas, as quais, por jazermem continuamente sob a ira ardente de Deus, na horrível zona do inferno, estão totalmente enegrecidas pelo desespero. Este é o pecado que Satanás visa principalmente. Outros pecados não passam de disposições prévias para introduzir este e tornar a criatura mais receptiva a tal tentação.

Assim como a lã recebe uma tinteira de cores mais claras antes de poder ser tingida em uma cor escura e profunda, assim Satanás tem os seus pecados mais atraentes e agradáveis, com os quais a princípio seduz, para melhor dispor a criatura para este. Mas isto é mantido por ele como um grande segredo oculto ao conhecimento da criatura. O diabo é um caçador astuto demais para armar a sua rede à vista da ave que pretende apanhar. O desespero é a rede. Outros pecados são apenas a isca com que ele a encobre, e assim os atrai docemente para dentro dela, o que, uma vez feito, ele os mantém seguros para a eternidade. Este, acima de todos os pecados, coloca o homem em uma espécie de posse real do inferno. Outros pecados sujeitam à ira, mas este acende a ameaça e põe a alma em chamas vivas de horror.

Assim como é a excelência da fé dar substância à palavra da promessa; assim é a crueldade do desespero dar existência aos tormentos do inferno na consciência. Esta é a flecha que consome o espírito e faz da criatura o carrasco de si mesma. O desespero coloca a alma além de todo o auxílio; a oferta de perdão chega tarde demais para aquele que já se atirou da escada. Outras tentações têm o seu caminho de escape. A fé e a esperança podem abrir uma janela para deixar sair a fumaça que incomoda o cristão em qualquer condição, por mais triste e dolorosa que se

apresente no momento; mas a alma terá necessariamente de ser sufocada quando se encerra dentro dos pensamentos desesperados de seus próprios pecados, sem que reste nenhuma fresta para servir de saída a qualquer porção daquele horror com que eles a preenchem.

Como a fé apaga o dardo inflamado do desespero extraído da GRANDEZA DO PECADO

Eu poderia aqui exemplificar os muitos meios ou argumentos que Satanás usa para induzir as almas ao desespero, e quão capaz a fé, e somente a fé, é para responder e refutá-los. Mas limitar-me-ei a discorrer sobre um deles — que constitui a força principal de Satanás — e que é extraído da grandeza e da quantidade dos pecados da criatura. Quando a criatura é iluminada para ver isto, e tem a calosidade de sua consciência removida para sentir com remorso, e Deus permite que Satanás use de sua retórica para discursar contra a gravidade deles, ela terá necessariamente de se encontrar em uma condição lamentável e, por força, afundar nas profundezas do desespero, apesar de todo o auxílio que possa encontrar em si mesma por dentro ou em qualquer outra criatura fora de portas.

Talvez alguns de vós, que tendes pensamentos levianos a respeito de vossos próprios pecados, julgueis que revela apenas um espírito infantil e fraco nos outros o fato de serem tão perturbados pelos deles; e nisto mostrais que nunca estivestes nos grilhões de Satanás, apertados pelas suas tentações. Aqueles que já estiveram falarão em outra linguagem e dirão que os pecados que não são sentidos por vós têm jazido como uma montanha de chumbo sobre os seus espíritos. Oh, quando uma brecha é aberta na consciência e as ondas de culpa se derramam em torrente sobre a alma, logo superam todos os recursos e

desculpas da criatura, assim como o dilúvio fez com o mundo antigo, cobrindo as árvores mais altas e as montanhas mais elevadas. Como nada então era visível senão o mar e o céu; assim em tal alma, nada senão o pecado e o inferno. Seus pecados encaram-no de frente, como que com os olhos de tantos demônios, prontos a arrastá-lo para o abismo sem fundo.

Qualquer mosca boba ousa rastejar sobre o leão enquanto dorme, de cuja voz todos os animais da floresta tremem quando ele acorda. Os tolos podem zombar do pecado quando o olho da consciência está cego ou fechado. Podem então dançar ao redor dele, como os filisteus ao redor do blindado Sansão. Mas quando Deus arma o pecado com culpa e faz com que esta serpente crave o seu aguilhão na consciência, então o mais orgulhoso pecador de todos foge diante dele. Ora, é a fé que, sozinha, pode lutar com o pecado em sua força; o que ela faz de várias maneiras.

Primeiro. A fé dá à alma uma visão do grande Deus.

Segundo. A fé apaga este dardo inflamado do desespero extraído da grandeza do pecado, opondo a isso a grandeza das promessas.

Terceiro. A fé ensina a alma a opor a grandeza deste único pecado do desespero à grandeza de todos os seus outros pecados.

À grandeza do pecado, a fé opõe UMA VISÃO DO GRANDE DEUS

Primeiro. A fé dá à alma uma visão do grande Deus. Ela ensina a alma a colocar a onipotência divina contra a magnitude do pecado, e a infinitude divina contra a multidão de seus pecados; e assim apaga a tentação. A razão pela qual o pecador

presunçoso teme tão pouco, e a alma desesperada teme tanto, é a falta de conhecimento de Deus em Sua grandeza. Portanto, para curar a ambos, é proposta a séria consideração de Deus sob este aspecto: "Aquietai-vos, e sabeí que eu sou Deus", Sl 46:10. Como se dissesse: "Sabei, ó ímpios, que eu sou Deus, que posso me vingar de vós quando me aprouver, e cessai de provocar-me com os vossos pecados para a vossa própria confusão". E ainda: "Sabei, almas trêmulas, que eu sou Deus e, portanto, poderoso para perdoar os maiores pecados; e cessai de desonrar-me com os vossos pensamentos de incredulidade a meu respeito".

Ora, somente a fé pode assim mostrar Deus como Deus. Duas coisas são necessárias para a reta concepção de Deus:

1. Para a reta concepção de Deus, devemos atribuir-Lhe a infinitude de todos os Seus atributos; isto é, concebê-LO não apenas como sábio — pois este pode ser o atributo de um homem —, mas como infinitamente sábio; não como poderoso, mas como onipotente, etc.

2. Esta infinitude que atribuímos a Deus, devemos negá-la a tudo e a todos além d'Ele, seja o que for ou quem quer que seja. Ora, somente a fé pode realizar e fixar este princípio de tal modo no coração que a criatura aja de forma correspondente a ele. De fato, não há ninguém tão ímpio que não diga, se quiseses acreditar, que crê que Deus é infinito em Seu conhecimento e onipresente — em seus calcanhares por onde quer que ande; infinito em Seu poder, não necessitando de nada mais para efetuar a sua ruína do que a Sua palavra. Mas será que eles, diante destas realidades, iriam e pecariam tão ousadamente? Eles prefeririam enfiar a cabeça em um forno aceso do que fazê-lo diante de tal princípio.

Da mesma forma com outros: eles creem que Deus é infinito em misericórdia. Mas carregariam eles um inferno em chamas de desespero em seus peitos, tendo a misericórdia infinita diante dos olhos? Não; é evidente que Deus não aparece em Sua verdadeira grandeza para tais pessoas. O desespero rouba a Deus a Sua infinitude e a atribui ao pecado. Por meio dele, a criatura diz que o seu pecado é infinito e que Deus não o é — de forma muito semelhante à daqueles israelitas incrédulos: "Não se lembraram da multidão das tuas misericórdias; antes o provocaram no mar, sim, no Mar Vermelho", Sl 106:7. Não conseguiram ver o suficiente em Deus para os atender em tal aperto; viram uma multidão de egípcios para os matar e uma multidão de águas para os afogar, mas não conseguiram ver uma multidão suficiente de misericórdias para os libertar.

Assim, o desesperado vê uma multidão de grandes pecados para o condenar, mas não uma infinitude de misericórdia para o salvar. A razão, infelizmente, é de baixa estatura, como Zaqueu, e não consegue ver a misericórdia em meio à multidão e ao aperto dos pecados. É somente a fé que sobe na promessa; então, e não até então, a alma verá Jesus. A fé atribui misericórdia a Deus com generosidade: "Porque grandioso é em perdoar" [multiplicará o perdoar], Is 55:7, conforme o hebraico. Ele derramará perdões sobre os nossos pecados, que são muitos. "Ele subjugará as nossas iniquidades, e tu lançarás todos os seus pecados nas profundezas do mar", Mq 7:19. Esta é a linguagem da fé; Ele perdoará com uma misericórdia transbordante. Lança uma pedra no mar, e ela não fica meramente coberta, mas sepultada a muitas braças de profundidade.

"Deus perdoará os teus maiores pecados", diz a fé, "assim como o mar faz com um pequeno seixo lançado nele".

Alguns pecados despejados sobre a consciência — como um balde de água derramado no chão — parecem uma grande inundação; mas os maiores, despejados no mar da misericórdia de Deus, são engolidos e não se veem mais. Assim, quando "se buscar a iniquidade de Israel", diz a Escritura, "e não haverá nenhuma; e os pecados de Judá, e não se acharão". E por que assim? "Porque perdoarei", Jeremias nos responde em Jr 50:20. Eis aí a razão.

Objeção. "Oh, mas", diz a alma trêmula, "a consideração da infinitude de Deus, especialmente em DOIS DE SEUS ATRIBUTOS, é o que mais me arrasta para o desespero. De todos os meus pensamentos inquietos, quando penso em quão infinitamente santo Deus é, como não temerei o que será de um miserável impuro como eu? E quando, por outro lado, O contemplo como justo, sim, infinitamente justo, como posso pensar que Ele perdoará ofensas tão grandes como as que tenho cometido contra o Seu glorioso nome?".

Resposta. A fé, e nenhum outro instrumento senão os dedos da fé, pode desatar este nó e dar à alma uma resposta satisfatória a esta questão.

1. Atributo: A santidade de Deus. Para este atributo, a fé tem duas respostas a apresentar:

Resposta (1). Que, embora a santidade infinita da natureza de Deus O faça odiar veementemente o pecado, essa mesma santidade inclina fortemente o Seu coração a mostrar misericórdia aos pecadores. O que é que na criatura a torna dura de coração senão o pecado? "As misericórdias dos ímpios são cruéis", Pv 12:10. Se é ímpio, é cruel; e quanto mais santo, mais misericordioso. É por isso que os atos de misericórdia e de perdão são extraídos, muitas vezes, com tanta dificuldade

daqueles que são santos; tal como leite de um seio ferido; porque há resquícios de corrupção neles, que causam alguma dureza de coração e indisposição para essa obra. "Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem", Rm 12:21 — implicando que é uma obra difícil, que não pode ser realizada até que se obtenha uma vitória sobre o próprio coração do cristão, o qual possui paixões contrárias que se oporão fortemente a tal ato.

Com que frequência, infelizmente, ouvimos tal linguagem daqueles que são piedosos! "A minha paciência esgotou-se; já não posso suportar mais, nem perdoar mais". Mas Deus, que é pureza sem escória, santidade sem a menor liga e mistura de pecado, não tem nada que Lhe azede o coração para com qualquer falta de misericórdia. "Se vós, pois, sendo maus", diz Cristo, "sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que Lhos pedirem?", Mt 7:11.

O propósito de Cristo nesta passagem é ajudar os Seus discípulos a terem percepções mais amplas a respeito da misericórdia do coração de Deus; para o fazer, direciona-os para os pensamentos de Sua santidade como aquilo que infalivelmente demonstraria essa mesma misericórdia. Como se Cristo dissesse: "Podeis vós persuadir os vossos corações, perturbados por paixões pecaminosas, a ser bondosos com os vossos filhos? Quão mais fácil é pensar que Deus, que é a própria santidade, o será para com as Suas pobres criaturas prostradas a Seus pés em busca de misericórdia?".

(2.) *A fé pode dizer à alma que a santidade de Deus não é inimiga da misericórdia perdoadora*; pois é a santidade de Deus que O obriga a ser fiel em todas as Suas promessas. E isto, de fato, constitui um seio de consolação tão pleno quanto

qualquer outro que eu conheça para uma pobre alma trêmula. Quando a alma hesitante lê as muitas e preciosas promessas que são feitas aos pecadores que regressam, por que não recebe consolo delas? Certamente, é porque a verdade e a fidelidade de Deus para as cumprir ainda se encontram sob disputa em sua alma.

Ora, o argumento mais forte que a fé possui para colocar esta questão fora de dúvida, e fazer o pecador aceitar a promessa como uma palavra verdadeira e fiel, é aquele que é extraído da santidade de Deus, que é o autor da promessa. Deve ser verdade, diz a fé, o que a promessa diz; não pode ser de outro modo, porque um Deus santo a fez. Portanto, Deus, para granjear maior crédito à verdade de Sua promessa nos pensamentos de Seu povo, antepõe tão frequentemente este atributo à Sua promessa: "Não temas... eu te ajudo, diz o Senhor, e o teu redentor é o Santo de Israel", Is 41:14. Aquilo que no hebraico é misericórdias, na Septuaginta é frequentemente *ta hosia* [coisas santas]. Veja Is 55:3.

De fato, as misericórdias de Deus estão fundamentadas na santidade e, por isso, são misericórdias firmes. A razão da infidelidade do homem em suas promessas provém de alguma impureza em seu coração. Quanto mais santo for um homem, mais fiel podemos esperar que ele seja. Um homem de bem, dizemos nós, cumprirá a sua palavra. Com certeza, um Deus de bondade o fará. Quantas vezes Labão mudou o salário de Jacó depois de lho prometer? Mas a aliança de Deus com ele foi mantida inviolável, embora Jacó não fosse tão fiel da sua parte quanto deveria — e por quê? Senão porque ele tinha de lidar com um Deus santo neste caso, mas com um homem pecador no outro, cujas paixões alteravam os seus pensamentos e mudavam

o seu semblante para com ele; assim como vemos as nuvens e o vento mudarem a face dos céus e a temperatura das estações.

2. *Atributo: A justiça de Deus.* Chegamos ao segundo atributo que assusta a alma tentada e que parece tão pouco favorecer este ato perdoador da misericórdia de Deus; e esse é a Sua justiça. Esta se revela frequentemente motivo de espanto para o pecador despertado, mais do que de encorajamento, especialmente quando os pensamentos sérios sobre ela se apoderam do seu coração. De fato, meus irmãos, a mera consideração deste atributo desvinculada dos outros, e o meditar nele sem o comentário do evangelho — através do qual somente ele pode ser contemplado de forma segura e consoladora por uma alma ferida pelo pecado —, necessariamente o deixará pasmado e abatido, seja ele quem for; sim, acenderá um fogo de horror em seu peito. Pois a criatura, não vendo outra forma de Deus reivindicar a Sua justiça provocada senão pela destruição e condenação eternas do pecador, não pode, sem uma consternação universal de todas as potências de sua alma, pensar nesse atributo que traz aos seus pensamentos uma expectativa tão terrível e um olhar temeroso para o juízo.

Hemã, embora fosse um homem santo, chegou a perder o juízo de tanto meditar neste triste assunto: "Enquanto sofro os teus terrores, estou perturbado", Sl 88:15. Mas a fé também pode fazer um bom trabalho com isto. A fé capacitará a alma a caminhar neste atributo ardente com os seus consolos intactos, como aqueles três jovens em Dn 3 na fornalha ardente; ao passo que os pecadores incrédulos são queimados, sim, tragados pelo desespero, quando apenas se aproximam em pensamento da entrada dela.

Há uma TRÍPLICE CONSIDERAÇÃO com que a fé socorre a alma quando o terror deste atributo se apodera dela:

(1.) A fé mostra, e isto com base na melhor evidência, que Deus pode perdoar o maior pecador, se este for penitente e crente, sem o menor prejuízo para a Sua justiça.

(2.) A fé vai mais longe e mostra que Deus, ao perdoar o pecador crente, não apenas preserva a Sua justiça, mas eleva a honra dela.

(3.) A fé mostra que Deus não apenas preserva e eleva a Sua justiça ao perdoar uma alma crente; mas, no estado atual das coisas, Ele não tem outra forma de assegurar a Sua justiça senão perdoando os pecados da alma crente, por maiores que tenham sido.

Estes três pontos bem assimilados tornarão este atributo tão amável, belo e consolador para os pensamentos do crente quanto o é a própria misericórdia.

Uma tríplice consideração com a qual a fé socorre a alma do terror da justiça de Deus

Consideração 1. A fé mostra à alma — e isto com base na melhor evidência — que Deus pode perdoar os seus pecados, embora sejam tão grandes e montanhosos, com segurança para a justiça de Deus. Essa questão não está mais em debate, se Deus pode ser justo e reto ao perdoar pecadores. Isto, diz a fé, foi debatido e decidido há muito tempo, no conselho celestial pelo próprio Deus, antes mesmo que um voto, sim, um pensamento, pudesse passar do coração de Deus em benefício dos pobres pecadores. Deus expressa exatamente isto na promessa: "E desposar-te-ei comigo para sempre; sim, desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo", Os 2:19.

Quem é esta pessoa com quem Deus pretende casar-se? Alguém que havia agido como meretriz, como aparece na primeira parte do capítulo. O que Ele quer dizer com desposar? Nada mais do que perdoar os seus pecados e recebê-la nos braços de Seu amor e favor especial. Mas como pode o Deus justo receber uma mulher que tem sido uma prostituta imunda em Seu peito? — desposar um povo tão adúltero, perdoar pecados de tão grande gravidade? Como? Nota bem: Ele o fará "em juízo e em justiça". Como se Deus dissesse: "Não perturbeis os vossos pensamentos para justificar a minha justiça no ato. Eu sei o que faço. O caso foi bem pesado por mim. Não é como os casamentos repentinos que são feitos às pressas pelos homens em um dia e dos quais se arrependem no dia seguinte; mas é o resultado do conselho de minha santa vontade agir assim".

Ora, quando Satanás vem de boca aberta contra o crente com esta objeção: "Como! Um miserável como tu encontrar favor diante de Deus?", a fé pode facilmente retrucar: "Sim, Satanás, Deus pode ser tão justo ao perdoar-me quanto ao condenar-te. Deus me diz que é 'em juízo e em justiça'. Deixo-te, portanto, a debater este caso com Deus, que é capaz de justificar o Seu próprio ato".

Ora, embora isto, em termos gerais, fosse suficiente para rebater Satanás, a fé está munida de uma evidência mais detalhada para a vindicação da justiça e retidão de Deus neste ato perdoador. E esta se funda na plena satisfação que Cristo deu a Deus por todo o mal que o crente Lhe causou com o seu pecado. De fato, foi a grande obra de Cristo fazer com que a justiça beijasse a misericórdia, para que não houvesse um atributo divergente em Deus quando este voto fosse aprovado, mas o ato da misericórdia perdoadora fosse executado de forma clara, *nullo contradicente* [sem voz discordante]. Portanto,

Cristo, antes de pleitear a causa do pecador junto a Deus por meio de petição, realiza primeiro a obra de satisfação por meio de sacrifício. Ele paga, e depois pede aquilo que pagou — apresentando a Sua petição em favor dos pecadores crentes escrita com o Seu próprio sangue, para que a justiça não se recuse a lê-la ou a concedê-la.

Não discutirei se Deus poderia, por uma misericórdia de prerrogativa soberana, sem satisfação, ter emitido um ato de perdão; mas, nesta via de satisfação, a retidão de Deus, tenho certeza, pode ser justificada na consciência do maior pecador na terra; sim, o próprio diabo revela-se um debatedor fraco quando a fé o aperta com este argumento; trata-se de uma trincheira que ele não é capaz de transpor. De fato, Deus estabeleceu a nossa salvação sob este método para que até nós, os mais fracos, fôssemos capazes de justificá-lo, ao nos justificar, diante da face do diabo mais malicioso do inferno. Examina aquela passagem incomparável, que possui bálsamo suficiente para curar as feridas de todas as consciências sangrantes do mundo, onde quer que haja fé para o aplicar; e para sempre apagar o fogo deste dardo, que tem por ponta a justiça de Deus: "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus. Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus", Rm 3:24-26. Oh, que trabalho a fé fará com esta passagem! Uma alma protegida por estas muralhas é inexpugnável.

(a) Observa que Cristo é aqui chamado de propiciação, ou, se preferires, propiciatório — *hilastērion* — em alusão ao propiciatório, onde Deus prometeu encontrar-se com o Seu povo

para conversar com ele, sem que nenhum pavor de Sua majestade caísse sobre ele, Êx 25. Ora, sabeis que o propiciatório era colocado sobre a arca, para lhe servir de cobertura, sendo a arca o lugar onde a santa lei de Deus era guardada, de cuja violação provêm todos os temores de uma alma culpada. Portanto, é notável que as dimensões de um fossem proporcionadas às do outro. O propiciatório devia ser tão longo e largo quanto a arca era, para que nenhuma parte dela ficasse descoberta, versículo 10 em comparação com o versículo 17.

Assim, Cristo, o nosso verdadeiro propiciatório, cobre toda a lei, a qual, de outro modo, viria acusar o crente; mas nenhuma condenação agora o pode deter, enquanto esta cobertura permanecer para a fé interpor entre a ira de Deus e a alma. A justiça agora não tem alvo a atingir. Deus não pode ver o pecador por causa de Cristo que o esconde. "Este não é o homem", diz a ira, "a quem devo ferir. Vede como ele foge para Cristo e se refugia em Sua satisfação, e assim se colocou fora de meu caminho e alcance, sendo esse um lugar de privilégio onde não posso entrar para deter ninguém".

Sabeis que é costume, nas batalhas, usar uma fita, lenço ou algo semelhante, para distinguir os amigos dos inimigos. A satisfação de Cristo, usada pela fé, é o sinal que distingue os amigos de Deus de Seus inimigos. O cordão de escarlate na janela de Raabe manteve a espada destruidora fora de sua casa; e o sangue de Cristo, pleiteado pela fé, guardará a alma de receber qualquer dano da parte da justiça divina.

(b) Observa de que mão recebe Cristo a Sua comissão: "ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue". Cristo, vemos nós, é a grande ordenança do céu; a Ele o Pai selou; Ele é destacado de todos os outros, anjos e homens, e

proposto como a pessoa escolhida por Deus para fazer expiação pelos pecadores, assim como o cordeiro era retirado do rebanho e separado para a Páscoa. Quando, portanto, Satanás coloca os pecados do crente em ordem de batalha contra ele e o confronta com a grandeza deles, então a fé corre para o abrigo deste castelo, para as fendas desta rocha.

"Certamente", diz a fé, "o meu Salvador é infinitamente maior do que os meus maiores pecados. Eu estaria questionando a sabedoria da escolha de Deus se pensasse de outro modo. Deus, que sabia que fardo pesado tinha de colocar sobre os Seus ombros, estava plenamente satisfeito com a força d'Ele para o suportar. Aquele que recusou sacrifício e holocausto pela sua insuficiência, não O teria chamado se Ele não fosse plenamente suficiente para a obra". De fato, aqui reside o peso de todo o edifício: uma fé fraca pode salvar, mas um salvador fraco não pode. A fé tem Cristo para pleitear por ela, mas Cristo não tem ninguém para pleitear por Ele. A fé apoia-se no braço de Cristo, mas Cristo sustentou-se sobre Suas próprias pernas, e se tivesse sucumbido sob o peso de nossos pecados, teria ficado além do alcance de qualquer criatura no céu ou na terra para O levantar.

(c) Observa o porquê de Deus ter escolhido esta via de manifestar a Sua misericórdia perdoadora: "para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados". Nota bem! Não para demonstrar a Sua misericórdia. Isso é óbvio a todos os olhos. Qualquer pessoa acreditará que Ele é misericordioso quando perdoa. Mas conceber como Deus pode ser justo ao perdoar pecadores — isto se encontra mais distante das percepções da criatura e, por isso, é reiterado e repetido: "Para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus", versículo 26.

Como se Deus dissesse: "Eu sei por que vos parece tão incrível, pobres pecadores, em vossos pensamentos, que Eu deva perdoar todas as vossas iniquidades, tão grandes e numerosas. Vós pensais que, por Eu ser um Deus justo, preferiria condenar mil mundos de pecadores a ofender a minha justiça e colocar o meu nome sob a menor suspeita de injustiça, e esse pensamento é absolutamente verdadeiro. Eu preferiria, de fato, condená-los repetidamente a manchar a honra de minha justiça — que sou Eu mesmo. Mas Eu declaro, sim, declaro novamente, e ordeno a vós e aos maiores pecadores da terra, sob pena de condenação, que creiais que posso ser justo e, ao mesmo tempo, o justificador daqueles pecadores que creem em Jesus".

Oh, que audácia pode o crente assumir diante desta notícia! Parece-me ver a alma que ainda há pouco desfalecia de desespero e se via no inferno em seus pensamentos — como quem já está entre os mortos — agora reviver e rejuvenescer diante destas novas; assim como Jacó quando ouviu que José estava vivo. "Como! A justiça — o único inimigo que eu temia, e o atributo no coração de Deus do qual meus pensamentos fugiam — tornou-se agora minha amiga! Então alegra-te, minha alma; quem condenará se Deus justifica? E como pode o próprio Deus ser contra ti, quando a Sua própria justiça te absolve?".

Objeção. Mas Satanás não deixará assim a alma. "Acaso tu, pobre criatura", diz ele, "crês nesta teologia estranha? É justo da parte de Deus perdoar-te pela satisfação que outro realiza? Um homem comete o assassinato e outro homem que é inocente é enforcado por ele! — chamas a isto justo? A lei exige que a pessoa que pecou seja entregue à justiça. Não encontramos menção de um fiador a ser admitido pela aliança: 'No dia em que dela comeres, certamente morrerás'".

Resposta (a). A fé ensina a alma a aquiescer na declaração que Deus faz de Sua própria mente. Ora, embora a ameaça a princípio nos apresente apenas o nome do pecador, a fé encontra uma graciosa atenuação dessa ameaça na aliança do evangelho, onde, para o eterno consolo do crente, Deus promete aceitar a dívida do pecador da mão de Cristo, o qual, por isso, vemos ser detido por nossa causa: "Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados", Is 53:5. Eis aqui fundamento forte o suficiente para a fé repousar.

E por que deveríamos nós, criaturas limitadas, complicar as verdades do evangelho, para embaraço de nossos próprios pensamentos, pensando em sondar as profundezas insondáveis da justiça de Deus com a curta corda de nossa razão, a qual vemos ser superada pela mais simples obra de criação de Deus? A fé avista um diabo nesta bela serpente, a Razão, a qual, pela sua língua macia, Satanás usa com o propósito malicioso de minar, como outras verdades, em particular esta tão doce e fundamental verdade do evangelho — refiro-me à satisfação de Cristo; e, por isso, a fé protesta contra a ilegalidade do tribunal da razão.

Que autoridade tem, de fato, a razão para chamar perante o seu tribunal inferior estes mistérios de nossa fé, os quais são puramente sobrenaturais e, por isso, não estão sob a sua jurisdição? E oxalá aqueles que, nesta nossa era orgulhosa, vão a juízo, por assim dizer, com as mais elevadas verdades do evangelho diante deste juiz pagão, a Razão, considerassem isso! Por meio de que anulam um grande propósito do evangelho, que é o de sacrificar a nossa limitada razão sobre o altar da fé, para que assim possamos tributar a honra mais assinalada à verdade

de Deus, crendo nos elevados mistérios do evangelho com base neste mero relato deles na Palavra, embora a nossa própria razão, com a sua pequena medida, não os consiga compreender.

Resposta (b). O crente pode justificar Deus como justo ao receber a dívida da mão de Cristo, a partir daquela união estreita que existe entre Cristo e o Seu povo. O marido pode legalmente ser detido pela dívida de sua esposa, porque esta união é voluntária; e supõe-se que ele considerou, ou deveria ter considerado, qual era o estado de bens dela antes de contrair tão estreita relação com ela. Um processo pode justamente ser movido contra um fiador, porque foi ato dele próprio responsabilizar-se pela dívida. Com certeza, Cristo foi sumamente livre ao assumir a causa do pecador. Ele sabia em que triste estado a natureza do homem se encontrava; e tinha absoluta liberdade para agir segundo o Seu arbítrio na escolha de deixar o homem perecer ou de estender a Sua mão ajudadora para a sua recuperação.

Ele tinha também poder absoluto sobre a Sua própria vida, o que criatura nenhuma possui; de modo que, sendo oferta d'Ele mesmo — sob o chamado de Seu Pai — tomar a nossa natureza em casamento, para com isso Se interessar por nossa dívida e, para o pagamento dela, despende e derramar o Seu próprio sangue precioso até à morte; como ousa a carne orgulhosa chamar a justiça de Deus ao tribunal e colocar em questão a Sua retidão nesta transação, pela qual Deus prometeu a Si mesmo a mais elevada expressão de amor e gratidão por parte de Suas criaturas?

Consideração 2. A fé não apenas dá testemunho à justiça de Deus de que Ele pode perdoar um pobre pecador crente e continuar a ser justo; mas mostra que Ele pode elevar a honra de

Sua justiça ao perdoar a alma crente, mais do que ao condenar o pecador impenitente. E, certamente, Deus não tinha menor propósito na aliança do evangelho do que este. Aquele que não quis a morte do pecador senão para vindicar a Sua justiça, certamente não teria consentido na morte de Seu Filho unigênito senão para a mais alta elevação e maior glorificação de Sua justiça diante de Suas criaturas. Cristo diz que veio não apenas para que nós, pecadores, "tenhamos vida", mas para que a "tenhamos com abundância", Jo 10:10 — isto é, com mais abundância do que a teríamos herdado do inocente Adão.

Não podemos, portanto, dizer que Cristo não morreu para que Deus apenas recebesse a Sua justa dívida, mas para que a recebesse paga de forma mais abundante por Cristo do que a poderia ter recebido das mãos da criatura? Mais particularmente, a justiça de Deus aparecerá aqui revestida de quatro gloriosas circunstâncias, que não se encontram no pagamento que o pecador realiza por seus próprios sofrimentos pessoais:

(a) *Se considerarmos a pessoa de cuja mão a justiça divina recebe a satisfação.* Quando o pecador é condenado por seus próprios pecados, trata-se apenas de uma pobre e miserável criatura que é punida; mas, quando Cristo sofre, a dívida é paga por uma mão mais nobre: Deus a recebe de Alguém que Lhe é próximo, sim, igual a Ele mesmo. "Espada, desperta-te contra o meu pastor, e contra o homem que é o meu companheiro, diz o Senhor dos Exércitos", Zc 13:7. Quem não dirá que um juiz dá prova mais excelente de sua justiça quando condena o seu próprio filho do que quando julga um estranho? Aqui Deus declarou, de fato, o Seu extremo ódio ao pecado e amor inflexível à justiça, ao não poupar o Seu próprio Filho, mas entregando-O por todos nós.

(b) *Se considerarmos a maneira como a dívida é paga.* Quando o pecador é condenado, o pagamento ocorre de forma miserável e parcelada; hoje algumas moedas e amanhã outras mais. Ele está sempre pagando, mas nunca chega ao último centavo e, por isso, deve fazer para sempre na prisão por falta de pagamento. Mas, das mãos de Cristo, Deus recebe toda a dívida de uma só vez, de modo que Cristo pôde verdadeiramente dizer: "Está consumado", Jo 19:30 — o que equivale a dizer: "Restam apenas alguns momentos e a obra da redenção estará concluída. Tenho a soma agora em minha mão para pagar a Deus toda a Sua dívida e, assim que curvar a minha cabeça e o fôlego sair de meu corpo, tudo estará concluído".

Sim, Ele tem a Sua quitação pelo recebimento de toda a soma devida à justiça de Deus da própria boca de Deus, na qual O encontramos triunfando: "Perto está o que me justifica; quem contenderá comigo?", Is 50:8. Mais ainda, Cristo não apenas liquidou a dívida antiga, mas pelo mesmo sangue realizou uma nova compra junto a Deus para os Seus santos; de modo que Deus, que antes era o credor, tornou-se o devedor de Sua criatura, e isso por nada menos que a vida eterna, pela qual Cristo pagou, dando a cada crente autoridade para, humildemente, reivindicar de Deus em Seu nome. Vê ambos os pontos em uma passagem: "Mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, assentou-se para sempre à tua direita de Deus. Daqui em diante esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés. Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados", Hb 10:12-14.

Ele não apenas eliminou o livro de dívidas dos crentes, mas os aperfeiçoou para sempre; isto é, tomou providência tão certa para a perfeição deles na glória quanto para a salvação

deles do castigo do inferno. A partir do que os exorta a "chegar-se com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé", versículo 22. Não temamos, pois receberemos das mãos de Deus aquilo por que Cristo pagou.

(c) *Quando Deus condena o pecador, a Sua justiça de fato se manifesta* — aqueles infelizes condenados não têm uma única palavra de queixa justa contra o seu juiz —, mas a misericórdia não se vê assentar de forma tão gloriosa no trono nesta sentença pronunciada sobre o pecador. Mas, quando Cristo sofreu, a justiça encontrou a misericórdia. De fato, a justiça nunca aparece mais brilhante em Deus ou no homem do que quando se encontra em conjunção com a misericórdia. Ora, na morte do Senhor Cristo, ambas brilharam em toda a sua glória e mutuamente se destacaram. Aqui o branco e o vermelho — as rosas e os lírios — foram de tal modo harmonizados que é difícil dizer o que apresenta a face da justiça de forma mais bela aos nossos olhos: a ira de Deus sobre Cristo por nossa causa, ou a Sua misericórdia para conosco por amor d'Ele.

(d) *Quando Deus condena o pecador, a justiça é glorificada apenas passivamente.* Deus extrai a Sua glória dos demônios e das almas condenadas; eles, porém, não pagam a dívida de boa vontade. Reconhecem Deus como justo porque não podem fazer de outro modo, mas ao mesmo tempo O odeiam enquanto parecem defendê-LO. Ora, na satisfação que Cristo dá, a justiça é glorificada ativamente, e isso tanto por parte de Cristo — que não foi arrastado para a cruz ou forçado aos Seus sofrimentos, como os condenados o são para a prisão e tormento, mas "se entregou a si mesmo por nós em oferta e sacrifício a Deus", Ef 5:2; sofrendo por nós tão voluntariamente como nós pecamos contra Ele — quanto por parte das almas crentes, que

agora cantam louvores à misericórdia e à justiça de Deus que as remiu, e para sempre no céu entoarão a mesma nota.

Ora, por quanto os sofrimentos voluntários de Cristo são superiores aos tormentos forçados dos condenados; e os louvores alegres dos santos no céu mais melodiosos aos ouvidos de Deus do que os reconhecimentos extorquidos das almas condenadas no inferno; por tanto a justiça de Deus é mais glorificada pelos sofrimentos de Cristo do que pelos deles. Oh, que incomparável ousadia pode isto infundir na alma ao dirigir-se ao trono da graça! Ela que, ao implorar o perdão por amor de Cristo, pode, sem qualquer risco para a sua salvação eterna, dizer: "Senhor, se a minha condenação glorificar a Tua justiça mais, ou tanto, quanto a morte de Cristo por mim o fez, e quanto os louvores eternos que o meu coração agradecido entoará no céu à glória de todos os Teus atributos por minha salvação o farão, prefiro receber aquela a receber esta".

Consideração 3. A fé não apenas vê a justiça preservada, sim, elevada neste ato da misericórdia perdoadora; mas dirá à alma, e pode provar o que diz, que Deus, no estado atual das coisas, não seria justo se não perdoasse os pecados de uma alma arrependida e crente, por maiores que tenham sido. Uma grande parte da justiça consiste no cumprimento fiel e pontual das promessas; dizemos de um homem que cumpre a sua palavra que ele é justo.

E poderá Deus ser um Deus justo se não o fizer? A palavra saiu de Sua boca de que perdoará a tais pessoas. Sim, Ele está disposto a ser considerado justo ou injusto por nós conforme realize essa promessa. Vê onde Ele empenha este Seu atributo sob este mesmo aspecto: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos

limpar de toda a injustiça", 1 Jo 1:9. Ele não diz misericordioso, mas "justo", como o atributo que mais tememos que vote contra nós. Isto Ele quer que saibamos que está empenhado pelo cumprimento da promessa. Foi misericórdia em Deus fazer a promessa; mas é justiça cumprir o que a misericórdia prometeu. "Mostrarás a Jacó a fidelidade [a verdade], e a Abraão a misericórdia", Mq 7:20. Deus não estava obrigado a fazer uma promessa a Abraão e à sua descendência; mas, tendo uma vez empenhado a Sua palavra a ele, tratava-se de "verdade a Jacó", que era herdeiro daquela promessa que Deus deixara na mão de seu pai.

À grandeza do pecado, a fé opõe A GRANDEZA DAS PROMESSAS

Segundo. A fé apaga esta tentação ao desespero, extraída da grandeza do pecado, opondo a grandeza das promessas à grandeza do pecado. Somente a fé pode ver Deus em Sua grandeza; e, por isso, ninguém senão a fé pode ver as promessas em sua grandeza, porque o valor das promessas se mede pelo valor de quem as faz.

É por isso que as promessas têm tão pouca eficácia em um coração incrédulo, quer para afastar do pecado, quer para consolar sob o terror do pecado. As promessas são como as roupas que usamos, as quais, se houver calor no corpo para as aquecer, nos aquecerão; mas se não receberem calor do corpo, nenhum calor lhe transmitirão. Onde há fé para buscar a promessa, ali a promessa proporcionará consolo e paz em abundância; será como um forte tônico brilhando com alegria interior no peito da criatura; mas sobre um coração morto e incrédulo ela repousa fria e ineficaz; não produz mais efeito em

tal alma do que um tônico derramado garganta abaixo de um homem morto.

As promessas não contêm consolo de forma ativa e formal, como o fogo contém calor; se assim fosse, bastaria ir a elas e ficaríamos aquecidos, bastando trazê-las aos nossos pensamentos para sermos consolados; mas contêm-no virtualmente, como o fogo está no seixo, o qual requer algum trabalho e arte para ser extraído. Ora, ninguém senão a fé pode nos ensinar esta arte de extrair a doçura e a virtude da promessa, o que ela realiza por estas três vias, entre muitas outras:

1. A fé conduz a alma à fonte originária das promessas, onde ela pode situar-se na melhor posição para contemplar a grandeza e a preciosidade delas.

2. A fé atenta para o propósito das promessas, o que proporciona uma perspectiva ainda mais ampla de sua grandeza.

3. A fé apresenta ao cristão uma nuvem de testemunhas nas quais a promessa se cumpriu, tendo sido estas tão grandes pecadoras quanto ele próprio.

TRÊS MANEIRAS pelas quais a fé ensina a alma a extrair a virtude das promessas

1. Maneira

A fé conduz a alma à fonte originária das promessas, onde ela pode situar-se na melhor posição para contemplar a grandeza e a preciosidade delas. De fato, pouco compreendemos das coisas até que as investiguemos até às suas origens e as possamos ver residir em suas causas.

Então, o homem saberá que os seus pecados são grandes quando os vir em sua fonte e origem, fluindo de uma natureza envenenada que transborda em inimizade contra Deus. Então, o pecador tremerá diante das ameaças que rolam como trovões sobre a sua cabeça, prontas a cair a qualquer momento em algum juízo sobre ele, quando vir de onde são enviadas: do ódio perfeito que Deus nutre contra o pecado, e da ira infinita com que está inflamado contra o pecador por causa dele.

Em uma palavra, então a pobre alma trêmula não considerará pequeno o consolo das promessas quando vir de que fonte ele flui — do seio da livre misericórdia de Deus. Esta, de fato, é a fonte original de todas as promessas. A própria aliança, que as compreende a todas, é chamada de "misericórdia", por ser o produto da misericórdia: "Para manifestar a misericórdia prometida a nossos pais, e lembrar-se da sua santa aliança", Lc 1:72.

Ora, diz a fé, se as promessas fluem do mar da livre misericórdia de Deus, então devem necessariamente ser infinitas como Ele é, sem limites e sem fundo como esse mar; de modo que rejeitar a promessa, ou questionar a suficiência da provisão nela realizada por esta razão, porque os teus pecados são grandes ou muitos, lança um reflexo desonroso sobre aquela misericórdia em cujo ventre a promessa foi concebida. E Deus certamente moverá um processo de calúnia contra ti, por difamares este Seu atributo de estimação, o qual Ele menos tolera ver caluniado e traduzido.

Deus considera que fizeste o teu pior contra Ele quando uma vez O declaras sem misericórdia ou limitado em Sua misericórdia. Quão grande pecado seja este pode conceber-se pelos pensamentos que Deus tem desta disposição e disposição

de espírito em Sua criatura. Um coração sem misericórdia é tal abominação diante do Senhor que possui poucas semelhantes. Isto reside na base da acusação contra os pagãos, como o sedimento e a parte mais grosseira de todos os seus horrendos pecados — eram "implacáveis, sem misericórdia", Rm 1:31.

Ora, atribuir a Deus aquilo que Ele tanto abomina em Sua criatura deve necessariamente fazer tremer e temer imensamente o coração zeloso pelo bom nome de Deus. Foi um terrível castigo que Deus trouxe sobre Jeorão, rei de Judá, a quem "feriu nas suas entranhas com uma enfermidade incurável", de modo que, após dois anos de tormento, as suas próprias entranhas saíram, 2 Cr 21:18-19. E por que lhe sobreveio esta dolorosa e pesada praga? Certamente para lhe dar a conhecer a sua falta de entranhas de misericórdia para com os seus irmãos e príncipes, a quem mais cruelmente assassinou. Ele não tinha entranhas em seu coração e, por isso, não as terá em seu corpo.

Ora, atreves-te, diz a fé, a imputar falta de entranhas a Deus, dizendo que Ele não mostrará misericórdia a ti, que penitentemente a buscas em nome de Cristo, quando vês que testemunho Ele dá de Sua ira acesa contra aqueles homens que endureceram as suas entranhas contra os seus irmãos, sim, contra os seus inimigos? Oh, tem cuidado com isto. Fechar as tuas próprias entranhas de compaixão ao teu irmão necessitado é um pecado grave e coloca em dúvida se o amor de Deus habita em ti, 1 Jo 3:17; mas difamar o coração misericordioso de Deus, como se as Suas entranhas de compaixão estivessem fechadas para uma pobre alma necessitada, que deseja arrepender-se e retornar, é uma abominação transcendentemente maior, e coloca fora de toda a dúvida — onde se persiste nisso — que o amor de Deus não habita nele. É impossível que o amor a Deus desenhe um retrato tão disforme de Deus como este.

2. Maneira

A fé atenta para o propósito das promessas, o que proporciona uma perspectiva ainda mais ampla de sua grandeza. Ora, a Palavra, que é a luz pela qual a fé caminha, revela um duplo propósito das promessas, especialmente da promessa da misericórdia perdoadora:

(1.) Propósito: A exaltação e magnificação das riquezas da livre graça, as quais Deus quer que apareçam em toda a sua glória — refiro-me, tanto quanto é possível expor à visão da criatura; pois a visão plena da glória de Deus é um objeto adequado apenas ao Seu próprio olho e de mais ninguém. Vê este conselho e desígnio misterioso docemente aberto em Ef 1:6, 9, 11-12.

A soma de tudo isto resultará em que Deus, em Si mesmo, assumiu o propósito de perdoar e salvar um grupo de pobres pecadores por amor de Cristo; e isto Ele promulgou nas promessas do evangelho. E o desígnio de tudo é que Ele possa reuni-los a todos finalmente no céu — alguns dos quais já lá estão, outros presentemente na terra e alguns ainda por nascer — e, quando todos se encontrarem em um glorioso coro, que ali possam, pelos seus cânticos triunfantes e aleluias, encher os céus com aclamações de gratidão à glória daquela misericórdia que assim os perdoou e salvou.

Ora, a fé, observando que o louvor da misericórdia de Deus é o propósito visado por Ele na promessa, vem com boas novas para a alma trêmula e diz-lhe que, se Deus for fiel aos Seus próprios pensamentos e mantiver o Seu olho naquele alvo onde a princípio o colocou, é impossível que Ele rejeite qualquer pobre pecador penitente meramente pela grandeza dos pecados que cometeu.

"É a exaltação de Sua misericórdia", diz a fé, "que Deus tem em vista quando promete o perdão aos pobres pecadores". Ora, o que exalta mais isto? Perdoar pequenos ou grandes pecadores? Qual voz será mais alta e mais estridente no cântico de louvor, pensas tu? Certamente a daquele a quem mais se perdoou; e, portanto, Deus não pode senão estar sumamente pronto a perdoar os maiores pecadores quando verdadeiramente penitentes.

Um médico que pretende ser famoso não mandará embora aqueles que mais necessitam de sua habilidade e arte, para clinicar apenas sobre enfermidades leves e comuns. São as grandes curas que ecoam longe e perto. Quando alguém, desenganado por si e pelos outros como homem morto, é, pela habilidade e cuidado de um médico, resgatado das garras da morte que pareciam tê-lo encerrado, e restabelecido na saúde; isto o recomenda a todos os que ouvem falar do caso e lhe granjeia mais reputação do que um ano inteiro de clínica em curas comuns.

A grande receita de louvor é paga no tesouro de Deus por parte daqueles que tiveram grandes pecados perdoados. Aquele a quem se perdoou quinhentos denários amará mais do que aquele a quem se perdoou apenas cinquenta, segundo o próprio juízo de Cristo em Lc 7:43. E onde houver mais amor, é provável que haja mais louvor; sendo o amor e o louvor simbólicos, resolvendo-se um no outro. A voz de um Manassés, de uma Madalena e de um Paulo será ouvida, por assim dizer, acima de todas as outras no concerto do céu.

A verdade é que a grandeza do pecado está tão longe de colocar um impedimento ao perdão de um pecador penitente nos pensamentos de Deus, que Ele não perdoará a ninguém — por

menores pecadores que tenham sido — a menos que vejam e reconheçam os seus pecados como grandes, antes de se dirigirem a Ele com tal propósito. E, por isso, Ele usa a lei para abrir caminho, pelas suas convicções e terrores na consciência, para que a Sua misericórdia perdoadora suba ao trono no coração do pecador penitente com tanto maior magnificência e honra, Rm 5:20. "A lei entrou" — isto é, foi promulgada primeiro por Moisés, e continua a ser pregada — "para que a ofensa abundasse" — isto é, na consciência por um sentido mais profundo e remorso. E por que assim, senão para que, "onde o pecado abundou, superabundou a graça"?

Devemos necessariamente moldar os nossos pensamentos a respeito da misericórdia que perdoa os nossos pecados de forma adequada aos pensamentos que formamos de nós mesmos quanto aos pecados que cometemos. Se concebemos estes como pequenos, como poderemos pensar que aquela seja grande? E se trememos diante da grandeza de nossos pecados, devemos necessariamente triunfar e exultar diante da transcendência da misericórdia que excede em muito o volume e a grandeza deles. Aquele que se maravilha com a altura de alguma alta montanha muito mais se maravilhariá com a profundidade daquelas águas que a devessem engolir e cobrir completamente da vista.

(2.) Propósito: O segundo propósito da promessa é o consolo do crente.

A Palavra, especialmente esta parte dela, foi escrita de propósito para que, "pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança", Rm 15:4. Deus esteve disposto a dar aos pobres pecadores toda a segurança e satisfação possíveis quanto à realidade de Suas intenções e imutabilidade daquele conselho

que a Sua misericórdia decidira desde a eternidade para a salvação de todos aqueles que abraçassem a Cristo e as condições oferecidas por meio dele no evangelho.

Para o fazer, realiza a publicação na Escritura, onde abre o Seu próprio coração e expõe os propósitos de Seu amor — que desde a eternidade assumira para a salvação dos pobres pecadores — à sua própria visão nas muitas e preciosas promessas que correm como veias por todo o corpo das Escrituras. E estas com todos os selos e ratificações que quer a Sua sabedoria pudesse encontrar, quer o coração ciumento e incrédulo do homem pudesse desejar, e tudo isto com o desígnio de silenciar o espírito queixoso das pobres almas tentadas e tornar a sua vida mais confortável, as quais, perseguidas pelo clamor de seus pecados de grande gravidade, se refugiam para salvar as suas vidas em Cristo Jesus.

Como o temos *in totidem verbis* [em tantas palavras]: "Para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos a firme consolação, nós, os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta", Hb 6:18. E porque a grandeza e a multidão dos pecados da criatura constituem tanto a pedra de moinho mais pesada que o diabo pode encontrar para atar ao pescoço do pobre pecador com o fim de o afogar no desespero, quanto aquela faca que é mais frequentemente empunhada pelas próprias mãos do pecador tentado para o assassinio de sua fé; por isso, provisão mais frequente e abundante é realizada por Deus contra isto. Lê para este propósito estas passagens de escolha: Êx 34:6; Jr 3, o capítulo inteiro; Is 1:18; Is 55:7-9; Hb 7:25; 1 Jo 1:9; estes e outros lugares semelhantes são as fortalezas nas quais a fé se refugia quando esta bateria é erguida contra a alma.

"Podes tu, para tua vergonha, ficar embaraçada", diz a fé, "ó minha alma, com um argumento extraído meramente da grandeza de teus pecados, o qual é respondido em quase todas as páginas da Bíblia, e para cuja refutação parte tão considerável da Escritura foi escrita?". Assim a fé afasta Satanás com este seu argumento que ele considera tão formidável, tal como fariam com um sofista barulhento fora das escolas quando ele nega de forma ousada e ridícula algum princípio conhecido, reconhecido por todos como verdade que não tenham perdido o juízo.

Mas não gostaria de ser aqui mal compreendido. Deus nos livre de que, enquanto curo o desespero, cause a presunção em alguém. Estas duas enfermidades da alma são igualmente mortais e perigosas, e tão contrárias que, como o estômago frio e o fígado quente na mesma pessoa, enquanto o médico pensa em ajudar a natureza no primeiro com o calor para a digestão de seu alimento, às vezes infelizmente acende um fogo no outro que destrói a própria natureza. Assim, enquanto nos esforçamos por animar os espíritos da alma abatida e a fortalecer para reter e assimilar a promessa para o seu consolo, corremos o risco de nutrir aquele calor febril da confiança presunçosa, que é um fogo que em breve consumirá todo o cuidado em agradar e o temor em desagradar a Deus; e, conseqüentemente, todo o fundamento de fé verdadeira na alma.

A fé e o temor são como o calor natural e a umidade radical no corpo, que nunca estão bem senão quando ambos são preservados. "O Senhor agrada-se dos que o temem e dos que esperam na sua misericórdia". Permite-me, portanto, advertir-te, cristão. Conforme pretendes encontrar algum alívio na misericórdia de Deus em um dia de aflição, tem cuidado para não pensares em favorecer-te com esperanças de qualquer favor que nela possas encontrar, enquanto continuares a tua amizade

com as tuas concupiscências. Trata-se de um desígnio tão impossível quanto reconciliar a luz e as trevas, e fazer o dia habitar com a noite.

Não deves, de fato, temer crer no perdão de teus pecados — se te arrependes deles — meramente porque são grandes; mas treme ao pensar em pecar ousadamente porque a misericórdia de Deus é grande. Embora a misericórdia queira ser um santuário para o pecador trêmulo, para o abrigar da maldição de seu pecado; desdenha, contudo, estender a sua asa sobre um pecador ousado, para o cobrir enquanto ele se compraz com a sua concupiscência. Como! Pecar porque há promessas de perdão, e estas promessas feitas pela misericórdia, a qual excede tanto os nossos pecados quanto Deus excede a criatura! Na verdade, isto é o antípoda do sentido que a misericórdia de Deus tinha ao fazê-las, e vira o evangelho de cabeça para baixo. É como se o teu servo fosse à tua despensa de bebidas fortes e com elas se embriagasse, as quais guardas para eles quando enfermos ou desfalecidos, para serem usadas apenas nesses casos. Oh, tem cuidado de beber assim nas taças do santuário. É à alma entristecida, não à pecadora, que este vinho de consolação pertence.

3. *Maneira*

A fé apresenta ao cristão uma nuvem de testemunhas às quais a promessa foi cumprida; e estas tão grandes pecadoras quanto ele próprio. Os exemplos bíblicos são promessas verificadas. São precedentes judiciais de que a fé pode fazer uso a título de encorajamento, tanto quanto das promessas. Deus nunca teria permitido que as grandes manchas dos santos constassem nas Escrituras, à vista do mundo em todas as gerações sucessivas, se isso não fosse de tanta utilidade e

vantagem para as almas tentadas, para deter esta tentação, a qual, de todas, é a que abre a brecha mais perigosa em suas almas — tão larga às vezes que o próprio desespero está pronto a entrar por ela.

O bendito Paulo apresenta exatamente esta razão pela qual tais atos de misericórdia perdoadora para com grandes pecadores são registrados em Ef 2. Ele mostra primeiro que criaturas impuras e degradadas ele próprio e outros crentes contemporâneos dele eram antes de se tornarem participantes da graça do evangelho: "Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne", Ef 2:3; e depois ele magnifica a rica misericórdia de Deus que os resgatou e tirou daquele estado condenado e desesperado: "Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou... nos vivificou juntamente com Cristo", versículo 4.

E por que deve o mundo saber tudo isto? Oh, Deus tinha um desígnio e plano de misericórdia neles para mais do que eles próprios: "Para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus", versículo 7. Onde quer que o evangelho chegue, isto será falado, que grandes pecados Ele lhes perdoou, para que a incredulidade tivesse a sua boca fechada até ao fim do mundo, e esta flecha que tão frequentemente se encontra na corda de Satanás fosse tornada sem ponta e inofensiva.

Deus ordenou a Josué que tirasse doze pedras do meio do Jordão e as erguesse. E observa a razão: "Para que isto seja por sinal entre vós; e quando vossos filhos no futuro perguntarem a seus pais, dizendo: Que vos significam estas pedras? Então lhes direis que as águas do Jordão se separaram diante da arca da aliança do Senhor; passando ela pelo Jordão, separaram-se as

águas do Jordão; e estas pedras serão para sempre por memorial aos filhos de Israel", Js 4:6-7.

Assim Deus, pela Sua misericórdia perdoadora, tirou alguns grandes e notórios pecadores das próprias profundezas do pecado, os quais jaziam no próprio fundo, por assim dizer, do inferno, tragados e submersos em toda a espécie de abominação; e a estes Ele ergueu em Sua Palavra para que, quando quaisquer pobres almas tentadas até ao fim do mundo — que se encontrem sob o peso de temores decorrentes da grandeza de seus pecados — virem e lerem o que Deus fez por estes, possam ser aliviadas e consoladas com estes exemplos, por Deus destinados a ser tanto um memorial do que Ele fez por outros no passado, quanto um sinal do que Ele fará, sim, quer fazer, pelos maiores pecadores até ao fim do mundo, diante de seu arrependimento e fé. Nenhum pecado, ainda que tão grande e numeroso quanto as próprias águas do Jordão, será capaz de resistir diante da misericórdia da graciosa aliança de Deus, mas todos serão eliminados e eternamente perdoados.

Oh, quem pode ler sobre um Manassés, uma Madalena, um Saulo, sim, um Adão — que arruinou a si mesmo e a todo um mundo consigo — no rol dos pecadores perdoados, e ainda assim desviar-se da promessa por temor de que não haja misericórdia suficiente nela para o atender? Estes são como marcos que mostram que limites amplos a misericórdia estabeleceu para si mesma, e quão longe ela foi, a ponto de receber em seus braços perdoadores os maiores pecadores que não se tornem incapazes disso por impenitência final.

Seria um passeio saudável, pobre cristão hesitante, para a tua alma percorrer este circuito e frequentemente ver onde a pedra limite foi colocada e a fronteira estabelecida pela

misericórdia perdoadora de Deus — além da qual Ele não irá — , para que não recues o limite em prejuízo da misericórdia de Deus pela tua própria incredulidade, nem te permitas ser enganado pelas mentiras de Satanás, o qual nada poupará para remover o marco de Deus, se com isso puder apenas aumentar a tua aflição de espírito, ainda que ele próprio seja amaldiçoado por isso.

Mas se, depois de tudo isto, os teus pecados parecerem exceder a proporção de qualquer um que encontres perdoado na Escritura — o que seria estranho —, ainda assim a fé nesta dificuldade possui um caminho restante além de todos estes exemplos para o auxílio de tua alma, que consiste em fixares o teu olho em Cristo, o qual, embora nunca tenha tido pecado próprio, entregou a Sua vida para obter e comprar o perdão para todos os eleitos, e o alcançou; todos eles são e serão, conforme entram em cena, perdoados.

"Ora", diz a fé, "supõe que os teus pecados fossem maiores do que os de qualquer santo individual; seriam eles tão grandes quanto todos os pecados dos eleitos juntos?". Certamente não te atreverias a dizer ou a pensar tal coisa. E não poderá Cristo obter o teu perdão, que és apenas uma pessoa individual, Ele que o obteve para tantas milhões de Seus eleitos? Sim, fossem os teus pecados tão grandes quanto os de todos eles juntos, a soma seria a mesma; e Deus poderia perdoá-los se estivessem em um só monte, tão bem quanto agora que estão distribuídos por vários. Cristo é "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo", Jo 1:29. Vê aqui todos os pecados do mundo eleito reunidos em um só fardo, e Ele o carrega levemente para a terra do esquecimento. Ora, a fé te dirá, pobre alma, que toda a virtude e mérito do sangue de Cristo, pelo qual o mundo foi

remido, te é oferecido e será comunicado à tua alma em particular.

Cristo não vende a retalho e distribui o Seu sangue e a compra dele em parcelas, um pouco para um e um pouco para outro; nesse caso poderias dizer algo; mas Ele entrega a Si mesmo por inteiro à fé de cada crente. Tudo é vosso, vós sois de Cristo. Oh, o que não podes tu, pobre alma, receber da promessa sob o crédito de tão grande Redentor?

À grandeza de todos os outros pecados, a fé opõe A GRANDEZA DESTE ÚNICO PECADO DO DESESPERO

Terceiro. A fé, para apagar este dardo inflamado que tem por ponta a grandeza do pecado, e que é disparado por Satanás para conduzir a alma pobre e penitente ao desespero, ensina-a a opor a grandeza deste único pecado do desespero à grandeza de todos os seus outros pecados.

"Como!", diz a fé, "gostaria Satanás de te persuadir, por teres sido tão grande e extraordinário pecador, a não creres, ou a não te atreveres a pensar que a promessa contém boas novas para ti? Devolve tu, ó minha alma, o argumento dele contra ele mesmo, e diz-lhe que essa mesma realidade pela qual ele te quer dissuadir de crer te afasta muito mais do desespero; e essa realidade é a grandeza deste pecado acima de todos os teus outros pecados".

Admite como verdadeiro aquilo de que ele te acusa, que és um monstro em pecado como ele te apresenta — embora não tenhas razão para pensar assim apenas com base no relato dele,

mas conceda-lhe a afirmação —; pensas tu emendar a situação ou melhorar a tua condição desesperando? É esta toda a bondade que ele te mostrará, fazer de ti, de um grande pecador, um pecador desesperado como ele próprio? Esta, de fato, é a única via que ele consegue conceber para te tornar pior do que és. E que isto é verdade, a fé é capaz de provar por estas quatro considerações deste sangrento e horrível pecado, as quais facilmente evidenciarão existir mais malignidade neste único pecado do desespero do que em qualquer outro, sim, em todos os outros juntos:

1. O desespero opõe-se a Deus no maior de todos os Seus mandamentos.
2. O desespero possui uma forma peculiar de desonrar a Deus acima dos outros pecados.
3. O desespero fortalece e inflama todos os outros pecados na alma.
4. A grandeza deste pecado do desespero aparece nisto: que o menor pecado envenenado por ele se torna imperdoável, e sem ele o maior pecado é perdoável.

QUATRO CONSIDERAÇÕES que provam que o pecado do desespero excede todos os outros juntos

Consideração 1. O desespero opõe-se a Deus no maior de todos os Seus mandamentos. O maior mandamento sem comparação em toda a Bíblia é o de crer. Quando aqueles judeus perguntaram ao nosso Senhor Jesus: "Que faremos para executarmos as obras de Deus?", observa a Sua resposta: "A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou", Jo 6:28-29. Como se dissesse: "O caminho mais rápido que vos posso dar é

receber-me em vossos corações pela fé; fazei isto e fareis tudo em um só ato". Esta é a obra que é *instar omnium* [equivalente a todas / tudo em tudo]. Tudo o que fazeis está por fazer, e vós também, até que esta obra seja realizada, pela qual recebereis tantos agradecimentos da parte de Deus como se pudésseis cumprir toda a lei.

De fato, ela é aceita em lugar dela: "Mas, àquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça", Rm 4:5; onde "aquele que não pratica" não se refere a um pecador preguiçoso que não tem disposição para trabalhar, nem a um pecador rebelde cujo coração se levanta contra a obra em que a santa lei de Deus o empregaria; mas sim ao pecador humilhado que deseja e se esforça por trabalhar, mas não é capaz de realizar a tarefa que a lei como aliança lhe estabelece, e por isso se diz que ele tem uma percepção legal de não trabalhar, porque não trabalha para o propósito da lei, de modo a responder às suas exigências, as quais nada aceitarão a ninguém da obediência perfeita. A fé deste homem em Cristo é aceita por justiça; isto é, Deus o considera assim, e assim ele passará no grande dia pela sentença do Juiz, como se nunca tivesse dado um passo desviado do caminho da lei.

Ora, se a fé é a obra de Deus acima de todas as outras, então a incredulidade é a obra do diabo, e aquela que ele mais gostaria que realizasses. E o desespero é a incredulidade em seu pior estado. A incredulidade entre os pecados é como a peste entre as doenças, a mais perigosa; mas quando se eleva ao desespero, então é como a peste com os sintomas que trazem a mensagem certa da morte consigo. A incredulidade é o desespero em botão; o desespero é a incredulidade em seu pleno desenvolvimento.

Consideração 2. O desespero possui uma forma peculiar de desonrar a Deus acima dos outros pecados. Todo o pecado fere a lei, e o nome de Deus através dos lados da lei. Mas esta ferida é curada quando o pecador penitente pela fé vem a Cristo e se une a ele. Deus considera que as reparações foram plenamente realizadas por meio de Cristo — a quem o crente recebe — pelo mal causado à Sua lei, e o Seu nome foi defendido da desonra lançada sobre ele pelas iniquidades anteriores da criatura; sim, que ele aparece mais glorioso por se ilustrar pela manifestação de um título de honra, não o menos prezado pelo próprio Deus — a Sua misericórdia perdoadora —, a qual não poderia ter sido tão bem conhecida da criatura se não fosse estimulada a atuar nesta ocasião.

Mas o que dirias de um pecador tão extraordinário que, depois de ter ferido a lei, não quer que ela seja curada? Que, depois de ter desonrado a Deus, e isto de uma forma altamente provocadora, não quer que a lama que lançou na face de Deus seja limpa? Parece-me ver a indignação de cada um de vós elevar-se ao ler isto contra tal miserável, e ouvir-vos perguntar, como outrora Assuero perguntou a Ester: "Quem é esse, e onde está esse, cujo coração o instigou a fazer assim?", Est 7:5. Gostarias de saber? Na verdade, o adversário e inimigo é este ímpio desespero.

A alma desesperada é a pessoa que não quer permitir que Cristo realize a satisfação pelo mal que pelos seus pecados causou a Deus. Supõe que um homem ferisse outro perigosamente em sua paixão e, depois de o fazer, não permitisse que nenhum cirurgião se aproximasse para curar a ferida que causou. Todos diriam que o seu último ato de crueldade foi pior do que o primeiro.

"Ó minha alma", diz a fé, "agiste mal, sim, muito mal, ao quebrares as santas leis de Deus, e ao desonrares o nome do grande Deus do céu e da terra com isso; que o teu coração doa por isso. Mas ages muito pior ao desesperares da misericórdia. Neste ato rejeitas a Cristo e impede-LO de satisfazer a justiça da lei que por ti foi violada, e de resgatar a honra do nome d'Ele do opróbrio com que os teus pecados o escandalizaram".

Que linguagem fala o teu desespero senão esta: "Que Deus recupere o Seu direito e honra como puder, tu nunca serás um instrumento ativo em O ajudar nisso, crendo em Cristo, em quem Ele os pode plenamente ter com vantagem"? Oh, que vergonha o desespero traria à misericórdia de Deus diante de Satanás, o Seu pior inimigo! Ele bate palmas com isto, ao ver todos os gloriosos atributos de Deus servidos de igual modo e desprovidos de sua honra. Isto é comida e bebida para ele. Aquele espírito maldito não deseja melhor música do que ouvir a alma entoar as promessas de trás para a frente, como sinos tocados ao contrário; não fazendo outro uso delas senão para se confirmar em seus próprios pensamentos desesperados de sua condenação, e para lhe dizer que o fogo do inferno foi aceso em sua consciência, o qual misericórdia nenhuma em Deus apagará por toda a eternidade.

Assim como os judeus sanguinários e os soldados romanos exerceram a sua crueldade em quase todas as partes do corpo de Cristo, coroando a Sua cabeça com espinhos, perfurando o Seu lado com uma lança e fixando as Suas mãos e pés com cravos; assim o pecador desesperado age com todo o nome de Deus. Ele, por assim dizer, coloca uma coroa de zombaria na cabeça de Sua sabedoria, reduzindo-a a nada e acusando-a tolamente, como se o método da salvação não tivesse sido traçado com prudência pelo Deus infinitamente sábio. Ele

crava as mãos de Seu poder onipotente, ao julgar que os seus pecados são de tal natureza que o colocam fora do alcance e além do poder de Deus para o salvar. Ele perfura as ternas entranhas de Deus através de Sua misericórdia, da qual não consegue ver o suficiente em um Deus que não apenas tem, mas é a própria misericórdia e amor, para o persuadir a esperar por qualquer favor ou perdão de Suas mãos.

Em uma palavra, a alma desesperada trespassa o próprio coração e a vontade de Deus, ao formular indignamente noções de Deus como se Ele estivesse indisposto para a obra da misericórdia, e não tão inclinado a exercer atos de perdão e indulgência para com os pobres pecadores como a Palavra O declara. Não, o desespero relata-O de forma vil à alma, como se Ele fosse um Deus coxo e não tivesse pés — refiro-me a afeições — para O conduzir a uma obra como a de perdoar o pecado.

Ora, a quanto equivale a soma de tudo isto? Se podes, sem horror e espanto, somar tudo e considerar o peso daquelas circunstâncias que agravam a hediondez deste ato sem paralelo, certamente resultará em nada menos que a maior tentativa que a criatura pode realizar para o assassinio do próprio Deus; pois a infinitude da sabedoria, do poder, da misericórdia e de todos os atributos de Deus são mais intrínsecos à essência e ao ser de Deus do que o sangue do coração o é para a vida de um homem mortal. Será considerado assassino aquele que derrama o sangue do coração de um homem, sim, que apenas o tenta fazer — especialmente se for um príncipe ou um rei o alvo do desígnio — e sofrerá merecidamente como tal? E não será muito mais considerado e punido como o pior de todos os assassinos aquele que atenta contra a vida de Deus — embora o seu braço e punhal sejam curtos demais para o propósito —, retirando-Lhe em seus

pensamentos a infinitude daqueles atributos que são, por assim dizer, a própria vida de Deus?

Certamente Deus não abrirá mão da glória nem sofrerá a desonra de Seu nome pelas mãos de Sua pobre criatura; mas empenhará todos os Seus atributos para Se vingar do infeliz que o intenta. Oh, treme, portanto, diante do desespero. Nada faz a tua face adquirir tanta escuridão, e a tua alma apressar-se mais em direção à fisionomia das almas condenadas, do que isto. Agora pecas à semelhança daqueles que estão no inferno.

Consideração 3. O desespero fortalece e inflama todos os outros pecados na alma. Ninguém luta tão ferozmente como aqueles que não esperam clemência. Consideram-se homens mortos e, por isso, venderão as suas vidas tão caro quanto puderem. Sansão desesperou de alguma vez sair das mãos dos filisteus — tendo perdido os olhos e estando inapto para fugir. O que planeja ele, agora que o seu caso é desesperado, senão a ruína de seus inimigos, ainda que isso lhe custe a própria vida? Não se importa em derrubar a casa sobre a sua própria cabeça, contanto que ela caia também sobre a dos filisteus.

Absalão, quando pelo conselho maldito de Aitofel se tornara, como pensava, tão odioso a Davi que se encontrava além de toda a esperança de reconciliação, rompe com extrema fúria e busca a ruína de seu pai real com fogo e espada. Tão cruel é o desespero: ensina a não demonstrar respeito onde não se espera nenhum. Mas de forma mais clara isto se manifesta no próprio diabo, o qual, sabendo-se excluído do perdão, peca com uma fúria tão alta quanto o céu. E o mesmo pecado produz os mesmos efeitos nos homens que produz no diabo, conforme os graus dele que neles se encontram. "Eles dizem: Não há

esperança; porque andaremos após as nossas imaginações", Jeremias nos adverte em Jr 18:12.

Nunca viste um mendigo obstinado — após bater à porta por algum tempo e concluir pelo silêncio ou recusa que nada lhe darão — passar a amaldiçoar e a insultar os que ali habitam? Exatamente tal linguagem suja o desespero ensina o pecador a vomitar contra o Deus dos céus. Se o desespero entra, é impossível manter a blasfêmia fora. Ora, portanto, e faze o teu máximo para repelir este dardo, para que ele não ponha em breve a tua alma em chamas com este fogo do inferno da blasfêmia.

Ouvi, ó almas feridas pelo pecado, que passais a vossa vida em suspiros, soluços e lágrimas por vossos horrendos crimes passados: querieis ser vistas novamente lutando contra Deus de forma tão feroz como antes? Se não o quereis, tende cuidado com o desespero. Se uma vez pensares que o coração de Deus está endurecido contra ti, o teu coração não tardará a endurecer-se contra Ele.

E isto, de passagem, pode ministrar consolo aos pensamentos de algumas almas piedosas, mas perturbadas, que não conseguem identificar que fé possuem, sim, que frequentemente se classificam entre os desesperados. Permite-me perguntar-te, a ti que te encontras nesta triste condição, esta única coisa: podes encontrar algum amor respirando em teu coração para com Deus, embora não consigas encontrar nenhum sopro de amor vindo no momento d'Ele para ti? E és terna e temerosa de pecar contra Ele, mesmo quando te parece em teus próprios pensamentos não esperar nenhuma misericórdia d'Ele?

Se assim for, tem bom consolo; a tua fé pode ser fraca, mas estás longe de te encontrares sob o poder do desespero. As almas desesperadas não costumam reservar nenhum amor para

Deus, nem cuidado em Lhe agradar. Há alguma fé certamente em tua alma que constitui a causa destes movimentos, embora, como a mola em um relógio, permaneça ela própria invisível, quando as outras engrenagens movidas por ela são visíveis.

Consideração 4. A grandeza deste pecado do desespero aparece nisto: que o menor pecado envenenado por ele se torna imperdoável, e sem ele o maior é perdoável. Esse deve ser necessariamente, de todos os pecados, o mais abominável, o qual torna a criatura incapaz de misericórdia.

Judas não foi condenado meramente pela sua traição e homicídio; pois outros, que tiveram as mãos profundamente envolvidas no mesmo ato horrendo, obtiveram o perdão pela fé naquele sangue que pela crueldade derramaram; mas foram estes pecados elevados à maior malignidade possível, a partir da matéria putrefata do desespero e da impenitência final de que o seu miserável coração estava cheio, de que ele tão miseravelmente morreu, e agora é infinitamente mais miseravelmente condenado por. Sendo tal o desespero, oh, afastemo-nos do lamentável abismo!

DIRETRIZ 9 — AS VÁRIAS PEÇAS DA ARMADURA COMPLETA DE DEUS

Quinta peça — O capacete do cristão

"E tomai o capacete da salvação" (Ef 6:17).

Estas palavras nos apresentam outra peça da panóplia do cristão — um capacete para cobrir a sua cabeça no dia da batalha

— O CAPACETE DA SALVAÇÃO. Ele constitui a quinta peça na ordem apresentada pelo apóstolo. E, o que é digno de nota, este capacete, juntamente com a maioria das peças deste arsenal, são armas defensivas, e todas servem para defender o cristão do pecado, nenhuma para o livrar do sofrimento.

PRIMEIRO. Elas são, em sua maioria, armas defensivas. De fato, há apenas uma peça em toda a panóplia destinada ao ataque, a saber, "a espada". Isso talvez sirva para nos dar o indício de que esta guerra espiritual do cristão consiste principalmente na defesa e, por isso, requer em maior escala armas deste gênero para a sua condução. Deus depositou um rico tesouro de graça no coração de cada santo. É contra isto que se volta o grande rancor do diabo; para o saquear desse tesouro, e com ele de sua felicidade, ele inicia uma guerra sangrenta contra ele. De modo que o cristão vence o seu inimigo quando ele próprio não é vencido por ele. Ele ganha o dia quando não perde a sua graça, sendo o seu trabalho antes o de conservar o que é seu do que o de obter o que pertence ao seu inimigo. E, na verdade, esta única realidade bem observada — a de que a guerra do santo reside principalmente na defesa — seria de singular utilidade para orientar o cristão sobre como conduzir os seus combates, tanto contra Satanás quanto contra os seus instrumentos.

Primeiro. Com Satanás. Atenta, cristão, para que te mantenhas sempre em postura defensiva, com a tua armadura vestida, como um soldado em suas trincheiras, pronto para defender o castelo de tua alma que Deus te encarregou de guardar, e para repelir valentemente os assaltos de Satanás sempre que ele se aproximar. Mas não te deixes persuadir a sair da linha de teu lugar e da vocação que Deus traçou ao teu redor; não, nem mesmo sob o pretexto especioso de zelo e de esperança

de obter maior vitória ao invadir o território inimigo. Deixa que Satanás seja o agressor, e que venha se quiser te tentar; mas não vás tu, em um ato de bravata, desafiá-lo a que o faça. É justo que seja derrotado aquele que procura o seu próprio perigo. Foi isto que causou a queda de Pedro no pátio do sumo sacerdote, o qual foi ali deixado para covardemente negar o seu Mestre, a fim de que aprendesse a negar-se humildemente a si mesmo de então em diante.

Segundo. Com os instrumentos de Satanás. Talvez eles te insultem e caluniem. Lembra-te de que a tua parte consiste na defesa. Não respondas ao ultraje com ultraje, nem à calúnia com calúnia. O evangelho não te concede a liberdade de usares as armas deles e de lhes devolveres *quid pro quo* [uma coisa pela outra] — golpe por golpe. "Sede misericordiosos, sede corteses, não retribuindo mal por mal, ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo", 1 Pe 3:8-9. Tens aqui um cinto e um peitoral para te defender dos projéteis deles — o consolo de tua própria sinceridade e de teu caminhar santo, com os quais podes limpar a lama lançada sobre a tua própria face —, mas nenhuma arma para a vingança pessoal. Um escudo é colocado em tua mão, o qual podes erguer para apagar os seus dardos inflamados, mas nenhum dardo de palavras amargas para lançares de volta contra eles. Estás "calçado com a paz", para que possas caminhar com segurança sobre as ofensas que te fazem, sem qualquer ferimento ou dor em teu espírito, mas não com o orgulho para pisares sobre as pessoas que te prejudicam.

SEGUNDO. Assim como a maioria das peças são defensivas, todas elas servem para defender do pecado, e nenhuma para poupar o cristão do sofrimento. Servem para defendê-lo *no* sofrimento, não para o isentar dele. Ele deve preparar-se tanto mais para o sofrimento por se encontrar tão

bem provido de armadura para o suportar. A armadura não é dada para os homens a usarem em casa, ao lado da lareira, mas em campo aberto. Como será louvado o fabricante se o metal de suas armas não for conhecido? E onde será ele posto à prova senão em meio a espadas e projéteis? Aquele que deseja viver todos os seus dias em uma ilha de providência onde o ano inteiro é verão, nunca será um bom cristão. Decide-te pelas privações ou depõe as tuas armas. Eis aqui a verdadeira razão pela qual tão poucos acorrem ao toque do tambor de Cristo para se unirem ao Seu estandarte; e por que tantos daqueles poucos que se alistaram por uma profissão externa sob as Suas ordens, dentro de pouco tempo se desviam e abandonam as Suas fileiras: é do trabalho do sofrimento que eles estão fartos. A maioria dos homens é mais zelosa de sua pele do que de sua consciência; e preferiria que o evangelho tivesse fornecido armadura para defender os seus corpos da morte e do perigo do que as suas almas do pecado e de Satanás.

Mas passemos às palavras — "e tomai o capacete da salvação"; nas quais — após notarmos a conjunção copulativa que une esta à peça anterior da armadura, a saber, "e", revelando a conexão entre as várias peças, passaremos a observar — PRIMEIRO. A peça da armadura em si — O CAPACETE DA SALVAÇÃO. SEGUNDO. O uso deste "capacete", ou as funções da esperança na guerra do cristão. TERCEIRO. Diversas aplicações da doutrina do capacete da salvação, tanto para os que o possuem quanto para os que não o têm.

CONEXÃO DO CAPACETE COM O ESCUDO E COM AS PEÇAS ANTERIORES DA ARMADURA

Observemos a conjunção copulativa "e". "E tomai o capacete da salvação"; isto é, com o escudo da fé e todas as outras peças da armadura aqui estabelecidas, levai também esta convosco para o campo. Vede aqui como cada graça está amorosamente unida à sua companheira; e todas, finalmente, embora constituam muitas peças, formam apenas uma armadura; embora formem muitos elos, constituem apenas uma corrente. A nota para a qual isto aponta é a concatenação das graças.

A CONCATENAÇÃO DAS GRAÇAS, em seu nascimento, crescimento e declínio

NOTA. As graças santificadoras e salvadoras do Espírito de Deus encontram-se inseparavelmente unidas entre si; há uma conexão de umas com as outras, e isso em seu nascimento, crescimento e declínio.

Primeira conexão: Em seu nascimento. Onde se encontra uma graça santificadora, todas as outras se acham em sua companhia. Não ocorre o mesmo com os dons e graças comuns. Estes são distribuídos em parcelas, como os presentes que Abraão concedeu aos filhos que teve de suas concubinas, Gn 25:6. Um possui este dom, outro possui aquele, nenhum possui todos. Aquele que possui o dom do conhecimento pode carecer do dom da palavra, e assim por diante. Mas as graças santificadoras são como a herança que ele deu a Isaque: a todo o verdadeiro crente são dadas todas elas. "Se alguém está em Cristo, nova criatura é"; e "eis que tudo se fez novo", 2 Co 5:17. Ora, a nova criatura contém todas as graças. Assim como a corrupção natural é um princípio universal de todo pecado que azeda toda a massa da natureza do homem; assim a graça santificadora é um princípio universal que docemente tempera e

renova todo o homem de uma só vez, embora não de forma perfeita.

A graça entra na alma, diz um autor, assim como a alma entra no corpo: de uma só vez. De fato, ela cresce por etapas, mas nasce de uma só vez. A nova criatura tem todas as suas partes formadas em conjunto, embora não em seus plenos graus. Uma determinada graça pode, admitimos, ser percebida em sua agitação e, assim, vir a ser notada pelo cristão antes de outra. Ele pode sentir o seu temor de Deus manifestar-se em um santo tremor e reverência em seu espírito diante dos pensamentos de Deus, antes de perceber a sua fé no repouso fiduciário de sua alma em Deus; contudo, uma graça não precede a outra em sua produção. Uma parte do mundo foi descoberta por nós muito depois da outra; no entanto, todo o mundo foi criado em conjunto. Ora, esta conexão das graças em seu nascimento possui utilidade dupla:

1. Uso: Para confortar o cristão sincero quando em dúvida sobre o seu estado de graça, pelo fato de alguma graça pela qual ele indaga não poder ser por ele discernida no momento em sua alma. Possivelmente, é a fé que tens procurado, e dela não se ouve falar em parte alguma. Pois bem, cristão, não te declares imediatamente como não sendo santo antes de fazeres um exame mais aprofundado de ti mesmo. Envia, pois, os teus espíões para procurarem alguma outra graça — como o teu amor a Cristo; talvez ouças notícias desta graça, embora a outra não se encontre à vista. Não foi o teu amor a Deus e a Cristo visto por ti em tal tentação, afastando-a com a resposta de José à sua senhora libertina: "Como... faria eu este tamanho mal, e pecaria contra Deus?". Sim, não o podes ver ao longo de todo o dia, quer em teu sincero cuidado em Lhe agradecer, quer em tua sincera tristeza quando fazes algo que O entristece? Em cujas duas

vertentes corre o sangue vital do amor de uma alma a Cristo. Ora, sabe para teu consolo que o teu amor te pode dar notícias de tua fé. Assim como Cristo disse em outro caso: "Quem me vê a mim vê o Pai", Jo 14:9; assim te digo eu: "Tu que viste o teu amor a Cristo, viste a tua fé na face de teu amor".

Mas, talvez, o teu amor a Cristo também se encontre sob uma nuvem. Pois bem, vê se consegues avistar algum arrependimento evangélico, cobrindo-te de vergonha diante da visão de teus pecados, bem como inflamando-te em vingança contra eles, como contra aqueles inimigos que te arrastaram para a rebelião contra Deus; sim, que foram a arma sangrenta com que tantas vezes feriste o nome e mataste o Filho de Deus. Eis que a graça que procuras se encontra diante de ti. O que é o amor a Deus se o zelo contra o pecado como inimigo de Deus não o for? Não amava Abisai a Davi quando o seu coração ferveu de tal modo em ira contra Semei por amaldiçoar a Davi que ele não se conteve, mas rompeu em paixão, dizendo: "Por que amaldiçoaria este cão morto ao rei meu senhor? Deixa-me passar, e degolá-lo-ei", 2 Sm 16:9? E, pelo teu próprio reconhecimento, perturba-te tanto ouvir as tuas concupiscências clamarem contra Deus, e a tua vontade estaria tão disposta a dar-lhes a morte, se Deus apenas dissesse o Seu *fiat* [faça-se], como Abisai esteve para decepar a cabeça daquele traidor de seus ombros; e contudo estás em dúvida se amas a Deus ou não? Na verdade, não consegues ver o fogo devido à chama, nem o amor devido ao zelo. Assim, tal como ao segurares um elo podes levantar o resto da corrente que jaz sob a água, assim, ao descobrires uma graça, podes trazer todas à vista. José e Maria, de fato, enganaram-se quando supuseram que o seu filho se encontrava na companhia de seus parentes, Lc 2:44. Mas o mesmo não te pode acontecer aqui. Pois este santo parentesco

das graças caminha sempre junto, elas encontram-se unidas umas às outras como membros do corpo. Embora vejas apenas o rosto de um homem, não duvidas de que o homem inteiro esteja ali.

2. *Uso: Assim como pode confortar o cristão sincero, ajudará a desmascarar e envergonhar o hipócrita*, que faz grandes pretensões a uma determinada graça quando, ao mesmo tempo, odeia outra — uma marca inequívoca de um coração falso. Nunca teve graça nenhuma aquele que não ama todas as graças. Moisés não sairia do Egito com apenas metade de seu povo, Êx 10. Ou vão todos ou nenhum se moverá. Nem o Espírito de Deus entrará em uma alma com apenas metade de suas graças santificadoras, mas com todo o Seu séquito. Se, portanto, o teu coração se opõe a qualquer graça, isso prova que és um estranho para as restantes; e embora possas parecer um grande admirador e amante de uma graça, a oposição em que te encontras em relação às outras remove a pintura desta bela cobertura. O amor e o ódio dirigem-se à totalidade da espécie; aquele que ama ou odeia um santo como tal, faz o mesmo com todos os santos; assim, aquele que cordialmente acolhe uma graça, verá cada graça ser-lhe querida pelo mesmo motivo; pois são tão semelhantes umas às outras como um raio de sol o é a outro raio.

Segunda Conexão. As graças santificadoras encontram-se conectadas em seu crescimento e declínio. Aumenta uma graça, e fortalecerás todas as outras; enfraquece uma, e sairás perdendo em todas; e a razão é que elas são reciprocamente auxiliares umas das outras. De modo que, quando uma graça é ferida, o auxílio que ela deveria e poderia, se estivesse saudável, dar ao fundo comum do cristão é totalmente retido ou muito diminuído. Quando o amor arrefece, a obediência afrouxa e

caminha pesadamente, porque lhe falta o óleo nas rodas que o amor costumava verter. Vacilando a obediência, a fé enfraquece rapidamente. Como pode haver grande fé onde há pouca fidelidade? Enfraquecendo a fé, a esperança imediatamente vacila; pois é sob o crédito do relato da fé que a esperança passa a esperar o bem da parte de Deus. E vacilando a esperança, a paciência quebra-se, e já não consegue manter abertas as janelas da loja, porque negocia com o capital que a esperança lhe empresta.

No corpo, observas que há muitos membros, contudo todos formam apenas um só corpo; e cada membro é tão útil que os outros lhe são devedores. Assim no cristão há muitas graças, mas uma só nova criatura. E o olho do conhecimento não pode dizer à mão da fé: "Não preciso de ti", nem a mão da fé ao pé da obediência; antes, todos são preservados pelo cuidado mútuo que têm uns dos outros. Pois, assim como a ruína de toda a cidade pode começar por uma brecha em uma parte de sua muralha, e a alma escapar por um ferimento em um membro particular do corpo; assim a ruína de todas as graças pode, sim, deve necessariamente, seguir-se à ruína de qualquer uma delas. Há, de fato, um vínculo de necessidade mais forte entre as graças de nossas almas do que entre os membros de nosso corpo. É possível, sim, comum, que algum membro seja amputado do corpo sem a morte do todo, porque nem todos os membros do corpo são partes vitais. Mas cada graça é uma parte vital na nova criatura, e tão essencial ao seu próprio ser que a sua ausência não pode ser suprida *per vicarium* [por substituição]. No corpo, um olho pode dar um jeito de realizar a função do seu companheiro que foi cego; e uma mão fazer o trabalho da outra que foi cortada, embora possa não ser de forma tão perfeita; mas a fé não pode realizar a função do amor, nem o amor a obra da

obediência. A falta de uma roda estraga o movimento de todo o relógio. E se faltar uma graça, o propósito não será alcançado para o qual esta rara obra de arte é estabelecida no coração do santo.

Duas inferências a serem extraídas da conexão das graças

Primeira inferência. Que isto te ensine, cristão, esta sabedoria: sempre que encontrases alguma graça enfraquecida, quer devido à tua negligência em não cuidar dela, quer devido às tentações de Satanás que a feriram, esforça-te rapidamente por recuperá-la; porque não perdes apenas o consolo que o exercício desta graça individual poderia trazer, mas enfraqueces todas as outras. Será ele um mau administrador aquele que arrisca a queda de sua casa por permitir que um buraco ou dois no telhado fiquem por consertar? O que és tu, então, que colocas todo o teu estado de graça em perigo ao negligenciares um reparo oportuno da brecha feita em qualquer uma de tuas graças? E assim, quando fores tentado a qualquer pecado, não olhes para ele como um pecado isolado, mas como contendo todos os outros pecados em seu ventre.

Considera o que fazes antes de satisfazer a Satanás em qualquer sugestão; pois por um pecado fortaleces todo o corpo do pecado. Cede a um pecado, e este enviará mais mendigos à tua porta; e eles virão com um apelo mais forte do que o anterior; outro dirá: por que não podes fazer isto por eles, bem como fizeste aquilo? O teu melhor caminho é manter a porta fechada a todos; para que, enquanto pretendes acolher apenas um, todos não entrem com ele. Mas se fosse possível que pudesses quebrar esta conexão do pecado, de modo a removeres aquele elo que melhor te agrada e não arrastares toda a corrente contigo ao

cometeres este pecado, sabe, contudo, que há também uma conexão de culpa. "Porque qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos", Tg 2:10.

Assim como aquele que administra os bens de um falecido, por menos que seja o que receba em suas mãos, torna-se responsável pelo pagamento de todas as suas dívidas e traz todos os credores sobre si; assim, ao te envolveres com apenas um pecado, e esse pequeno, trazes toda a lei sobre as tuas costas, a qual te deterá sob o processo de Deus como transgressor e violador de todos os seus mandamentos. Um homem não pode esfaquear qualquer parte do rosto sem desfigurar todo o semblante e prejudicar o homem inteiro. Assim, a lei é copulativa; uma ofensa feita a um preceito redundava na desonra de todos, e assim é ressentida por Deus, o legislador, cuja autoridade se encontra igualmente em todos.

Segunda inferência. Isto pode confortar aqueles que se preocupam com os pensamentos de mudanças futuras que lhes possam sobrevir, e assim alterar o cenário de seus negócios, a ponto de os chamar a desempenhar um papel em que nunca pensaram muito; e o que farão então, dizem eles? Agora, bendito seja Deus, eles dão um jeito de servir a Deus em seu lugar. Mas e se vierem as dificuldades? A pobreza, a doença ou outros reveses abrirem uma brecha em suas defesas? Como, infelizmente, se comportarão então? Onde estarão a sua fé, paciência, contentamento e outras graças do sofrimento que os deveriam capacitar a caminhar sobre estas ondas sem afundarem? Temem eles que, infelizmente, pouco destas graças do sofrimento se encontre em suas mãos para tal momento.

Pois bem, cristão, para teu encorajamento sabe que, se as graças de tua condição atual — refiro-me àquelas que Deus te

chama a exercitar agora em teu estado de prosperidade — estiverem ativas e se portarem bem, podes confortavelmente esperar que as outras graças do sofrimento, que agora se encontram invisíveis por trás da cortina, farão o mesmo quando Deus mudar o cenário de teus negócios e as chamar ao palco para desempenharem o seu papel. Quanto mais humilde fores agora com a tua abundância, mais paciente certamente te mostrarás em tua penúria. Tanto quanto o teu coração estiver agora acima dos desfrutes do mundo, tanto estarás então acima das tribulações e tristezas dele. As árvores, dizem eles, crescem debaixo da terra de forma proporcional ao que crescem acima da terra; e o cristão encontrará algo semelhante a isto em suas graças.

DIRETRIZ 9 — PRIMEIRA PARTE GERAL

O capacete da salvação: o que ele é

"Tomai o capacete da salvação" (Ef 6:17).

Concluimos com a partícula de ligação, por meio da qual esta peça se encontra unida à anterior, e passamos agora a dirigir o nosso discurso à própria peça da armadura — "tomai o capacete da salvação". Embora não tenhamos aqui, como em todas as outras peças, a graça expressa, não precisamos de nos demorar muito para a identificar, se consultarmos outra passagem onde o nosso apóstolo nos fornece a chave para decifrar o seu significado nesta. E ninguém é tão adequado para intérprete das palavras do apóstolo como ele próprio. A passagem é 1 Ts 5:8: "tendo por capacete a esperança da salvação"; de modo que, sem mais hesitações, fixaremos a graça da "esperança" como sendo a pretendida pelo Espírito Santo neste lugar.

Ora, para um tratado sobre esta graça, é necessário que se diga algo a título de explicação que sirva como uma luz colocada na entrada, para nos conduzir melhor aos diversos aposentos do ponto que há de constituir o assunto de nosso discurso; e isto farei mostrando — PRIMEIRO. O que é a "esperança". SEGUNDO. Por que é chamada de "esperança da salvação". TERCEIRO. Por que esta "esperança" é comparada a "um capacete".

A natureza da esperança que forma o capacete

PRIMEIRA INDAGAÇÃO. Qual é a natureza da esperança que forma o capacete do cristão? Para abriremos um pouco a natureza desta graça da esperança, o faremos da melhor forma apresentando uma descrição simples dela e explicando brevemente as suas partes. A esperança é uma graça sobrenatural de Deus, pela qual o crente, através de Cristo, aguarda e espera por todas aquelas boas coisas da promessa que presentemente ainda não recebeu, ou não recebeu plenamente.

Primeiro. Eis o autor ou causa eficiente da esperança — Deus; o qual é chamado de "o Deus de toda a graça", 1 Pe 5:10 — isto é, o doador e realizador de toda a graça, tanto no que respeita à primeira semente quanto ao seu posterior crescimento. É impossível para a criatura criar a menor folha de relva ou, uma vez criada, fazê-la crescer; e é igualmente impossível produzir a menor semente de graça no coração ou acrescentar um côvado à sua estatura. Não, assim como Deus é o pai da chuva, por meio da qual as ervas nos campos brotam e crescem, assim também o é daqueles orvalhos e influências espirituais que devem fazer prosperar e florescer cada graça.

O apóstolo, na passagem anterior, ensina-nos isto ao orar para que Deus os "aperfeiçoe, confirme, fortifique e estabeleça". E como de toda a graça em geral, assim desta em particular, Rm 15:13, onde Ele é denominado "o Deus da esperança"; e "por quem abundamos em esperança" também. Trata-se de uma esperança sobrenatural; e com isso a distinguimos da esperança dos pagãos, a qual, juntamente com as restantes virtudes morais deles, na medida em que nelas se encontrava alguma excelência, procedia de Deus — a quem todo o homem que vem ao mundo é devedor por toda a luz que possui, Jo 1:9 — e não passa de restos dos primeiros nobres princípios do homem, tal como às vezes vemos uma torre em ruínas ou duas permanecerem no meio das ruínas de algum palácio outrora sumptuoso demolido, que serve para pouco mais do que para ajudar o espectador a conjecturar que edifícios magníficos outrora ali existiram.

Segundo. Eis o sujeito da esperança — o crente. A verdadeira esperança é uma joia que ninguém usa senão a noiva de Cristo; uma graça com que nenhuma alma é agraciada senão a do crente. Estar sem Cristo e sem esperança encontram-se unidos em Ef 2:12. E aqui não será inútil observar a ordem em que a esperança se situa em relação à fé. No que respeita ao tempo, uma não precede a outra; mas na ordem da natureza e da operação, a fé possui precedência sobre a esperança. Primeiro, a fé une-se à promessa como a uma palavra verdadeira e fiel; depois, a esperança eleva a alma para aguardar o cumprimento dela. Quem sai ao encontro daquele que acredita que não virá?

A promessa é, por assim dizer, a carta de amor de Deus à Sua igreja e esposa, na qual Ele abre o Seu próprio coração e conta tudo o que pretende fazer por ela. A fé lê-a e acolhe-a com alegria, após o que a alma crente, pela esperança, espreita pela sua janela com uma expectativa ansiosa de ver a carruagem de

seu marido chegar para o cumprimento dela. Assim, Paulo apresenta uma razão para a sua própria esperança a partir de sua fé, At 24:14-15, e ora pela fé dos romanos com vista à esperança deles, Rm 15:13.

Terceiro. Eis o objeto da esperança.

1. *Em geral, algo que é bom.* Se uma coisa for má, tememo-la e fugimos dela; se for boa, esperamo-la e aguardamo-la. E eis aqui uma nota de diferença entre ela e a fé. A fé crê tanto no mal quanto no bem; a esperança ocupa-se apenas do bem.

2. *É o bem da promessa.* E nisto a fé e a esperança concordam; as linhas de ambas são traçadas a partir do mesmo centro da promessa. A esperança sem uma promessa é como uma âncora sem fundo onde se prender; ela traz a promessa em seu nome. "E agora", diz Paulo, "estou aqui para ser julgado pela esperança da promessa", At 26:6. Assim Davi mostra onde amarra o seu navio e lança a sua âncora: "espero na tua palavra", Sl 119:81. A verdadeira esperança negociará apenas pelo verdadeiro bem. E nada podemos chamar assim que o Deus de bondade não tenha prometido; pois a promessa diz: "não retirará bem algum aos que andam na retidão", Sl 84:11.

3. *Todas as boas coisas da promessa.* Assim como Deus encerrou todo o bem na promessa, também não prometeu nada senão o bem; e, portanto, o objeto da esperança é tudo o que a promessa apresenta. Apenas, na medida em que a matéria da promessa possui mais graus de bondade, a esperança intensifica o seu ato e anseia mais ardentemente por ela. Deus é o bem supremo, e a fruição d'Ele é prometida como a felicidade máxima da criatura. Portanto, a verdadeira esperança assume como seu principal objetivo a Deus, e busca todas as outras

promessas de forma a servirem para elevar e conduzir a alma para mais perto d'Ele.

Ele é chamado de "a Esperança de Israel", Jr 17:13. Não há nada além de Deus cuja fruição o crente planeje; e nada aquém de Deus com que ele se possa contentar a ponto de, para a fruição disso, estar disposto a dar a Deus uma quitação geral e plena daquilo a que por promessa Ele se encontra obrigado para com ele. Ora, porque Deus é apenas desfrutado plenamente e em segurança no estado bem-aventurado do céu, por isso é chamada de "a esperança da glória", Col 1:27, "a esperança da vida eterna", Tt 3:7, e "a esperança da salvação", 1 Ts 5:8.

4. *O objeto da esperança é o bem da promessa, não em mãos, mas ainda por cumprir.* "Ora a esperança que se vê não é esperança; porque o que alguém vê como o esperará?", Rm 8:24. O futuro é intrínseco ao objeto da esperança, e distingue-a da fé, a qual dá uma existência presente à promessa, e é *hypostasis* [a substância] das coisas que se esperam, Hb 11:1. O bem da promessa possui uma espécie de subsistência pela fé na alma. É o céu, por assim dizer, em uma entrevista. Une o cristão e o céu, como se ele já lá estivesse. Daí se dizer que eles pela fé abraçaram e saudaram as promessas, Hb 11:13, como dois amigos quando se encontram. A fé fala no tempo presente: "somos conquistadores, sim, somos mais do que conquistadores". A esperança fala no futuro: "eu serei".

E, por último, escrevi: *ou não plenamente cumprida*. O cumprimento parcial da promessa estimula a esperança; mas o cumprimento completo põe fim à esperança, e engole-a no amor e na alegria. De fato, quer o cumprimento pleno da promessa, quer a execução da ameaça, excluem toda a esperança. No céu, a promessa é paga e a esperança dispensada, porque temos o que

se esperava; e no inferno, a ameaça é plenamente executada e, por isso, nenhuma esperança se encontra entre os condenados, porque não há possibilidade de libertação.

Quarto. O auxílio da esperança — com cuja ajuda e por amor de quem ela espera obter a promessa — e esse é Jesus Cristo. Ela aguarda tudo n'Ele e por meio d'Ele. Ele é, portanto, chamado de "nossa esperança", 1 Tm 1:1, porque através d'Ele esperamos o que é prometido, quer como o comprador, por cuja morte temos *hanc veniam sperandi* [esta permissão de esperar] o bem da parte de Deus; quer por cujo Espírito temos *virtutem sperandi* [a capacidade de esperar]; de modo que tanto a *ousia* [autoridade] quanto a *dynamis* [força] para esperar provêm de Cristo; a primeira pela efusão do Seu sangue por nós, a segunda pela infusão do Seu Espírito em nós.

Por que esta esperança é chamada de esperança da salvação

SEGUNDA INDAGAÇÃO. Por que a esperança do cristão é denominada uma "esperança da salvação"? Uma dupla razão é evidente.

Primeira razão: Porque a salvação compreende e encerra em seu círculo todo o objeto de sua esperança. A "salvação" importa em um estado de bem-aventurança tal onde se reúnem eminentemente as misericórdias e desfrutes das promessas, distribuídos alguns em uma e alguns em outra; tal como na criação, a luz que primeiro se difundiu pelo firmamento foi reunida no sol. Soma as parcelas particulares de todas as boas coisas prometidas na aliança, e o total a que equivalem é a salvação. A *ultima unitas* [unidade final] dá a denominação ao

número, porque o compreende a todos; assim a salvação, o objeto final da expectativa do cristão, e aquilo que compreende as restantes coisas, denomina a sua esperança.

Segunda razão: É chamada de "uma esperança da salvação" para a distinguir da esperança do homem do mundo, cuja porção, Sl 17:14, reside nesta vida, e assim também a sua esperança. Admite-se que muitos destes pretenderão ter uma esperança de salvação; mas a verdade é que eles não têm direito a ela, nem se mostram muito ávidos dela. Julgam-se tão bem situados neste mundo que, se pudessem ter o seu desejo cumprido, seria o de que Deus os não removesse daqui.

Mesmo quando dizem que esperam ser salvos, as suas consciências dizem-lhes que prefeririam permanecer aqui do que separar-se deste mundo na esperança de melhorarem a sua situação no outro. Eles inflam-se em uma esperança e desejo de salvação mais por pavor do inferno do que por amor ao céu. Creio que não há ninguém tão louco entre eles que não prefira ser salvo a ser condenado — viver no céu a jazer no inferno —; contudo, o melhor de todo o grupo gosta mais deste mundo do que de ambos os destinos.

Por que a esperança é comparada a um capacete

TERCEIRA INDAGAÇÃO. Por que a esperança é comparada a um capacete? Para isto concebe-se uma dupla razão.

Primeira razão: O capacete defende a cabeça, uma parte principal do corpo, do impacto de projéteis e da espada; assim esta "esperança da salvação" defende a alma, a parte principal do homem, e as faculdades principais dela, para que nenhuma

impressão perigosa, e com certeza nenhuma mortal, seja nela feita por Satanás ou pelo pecado. As tentações podem perturbar, mas não podem prejudicar, a menos que os seus dardos entrem na vontade e deixem ali um ferimento, atraindo-a a algum consentimento e agrado delas; do que este capacete da esperança, se for de fabrico correto e se ajustar bem à cabeça do cristão, o defenderá.

É difícil atrair para qualquer prática de traição contra o seu príncipe aquele que se encontra plenamente satisfeito com o favor dele no presente e se situa também nos degraus da esperança, aguardando com certeza ser chamado dentro de pouco tempo para a mais alta promoção que a corte possa oferecer ou que o seu rei lhe possa dar. Não, as armas da rebelião e da traição são usualmente forjadas e moldadas na oficina do descontentamento. Quando os súditos se consideram negligenciados e desprezados pelo seu príncipe — pensando que as suas promoções chegaram ao fim e que não devem esperar mais grandes favores dele no futuro —, isto os predispõe a receberem qualquer impressão de deslealdade com que qualquer inimigo do rei tente marcá-los.

Como vemos nos israelitas; pensando que os homens de Judá, de cuja tribo procedia o rei, tinham obtido o monopólio do seu favor, e considerando-se excluídos de partilharem, pelo menos de forma igual, com eles dele; quão rapidamente são — mesmo ao sopro de um toque ou dois da trombeta sediciosa de Seba — transformados em rebeldes contra o seu soberano? "Não temos parte em Davi", diz Seba, "nem herança no filho de Jessé; cada um para as suas tendas, ó Israel!", 2 Sm 20:1. E vê como esta traição corre célere: "Assim todos os homens de Israel se separaram de Davi, e seguiram a Seba", versículo 2.

Assim, se uma vez a alma temer que não tem parte em Deus e esperar não receber herança d'Ele, não conheço pecado tão grande que ela não possa ser levada a cometer ao som da trombeta do tentador.

Segunda razão: Assim como o capacete defende a cabeça do soldado de ferimentos, defende também o seu coração de desfalecimentos. Torna-o audaz e destemido na batalha, ainda que em meio a espadas e projéteis. Golias, com o seu capacete de bronze e restante armamento, quão confiante e ousadamente avançou! Como se estivesse de tal modo encerrado em sua armadura que fosse impossível que qualquer arma se aproximasse para lhe desferir um golpe mortal! Isto fê-lo erguer tanto a sua crista e desafiar todo um exército, até que finalmente pagou com a vida pelo seu orgulho e loucura.

Mas aqui está um capacete tal que quem quer que o use nunca necessitará de se envergonhar de sua santa jactância. O próprio Deus lhe permite fazê-lo e o sustentará neste júbilo de sua esperança: "e saberás que eu sou o Senhor, e que os que esperam em mim não serão confundidos", Is 49:23. Isto tornou o santo Davi tão destemido no meio de seus inimigos: "Ainda que um exército se acampe contra mim, o meu coração não temerá", Sl 27:3. A sua esperança não permitia que o seu coração sequer batesse de temor por tudo o que lhe pudessem fazer. Ele tinha este "capacete da salvação" vestido e, por isso, diz: "E agora será exaltada a minha cabeça acima dos meus inimigos que estão ao redor de mim", versículo 6. Um homem não se pode afogar enquanto mantiver a cabeça acima da água.

Ora, é função própria da esperança realizar isto pelo cristão em momentos de qualquer perigo. "Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as

vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima", Lc 21:28. Um momento estranho, pensaria alguém, para Cristo ordenar aos Seus discípulos que erguessem as suas cabeças, precisamente quando veem "os homens desfalecendo de terror, e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo", versículo 26; contudo, este é o momento do erguer do sol deles quando o dos outros se põe, e a escuridão os alcança; porque agora o banquete do cristão está a chegar, para o qual a esperança guardou o seu apetite por tanto tempo — "a vossa redenção está próxima".

Duas coisas fazem curvar a cabeça — o temor e a vergonha. A esperança livra o coração do cristão de ambos; e assim o impede de dar qualquer sinal de desânimo por meio de um semblante abatido. E isto basta para explicação das palavras. Passo agora a apresentar o ponto geral de doutrina a partir do qual todo o nosso discurso sobre esta peça de armadura será desenvolvido.

DIRETRIZ 9 — SEGUNDA PARTE GERAL

O USO DO CAPACETE OU AS FUNÇÕES DA ESPERANÇA NA GUERRA CRISTÃ

A doutrina agora, portanto, é que a esperança é uma graça de singular utilidade e serviço para nós ao longo de toda a nossa guerra espiritual e jornada cristã. Somos orientados a tomar o capacete da salvação — e isto, não para alguma ocasião

particular e depois pendurá-lo até que outra dificuldade extraordinária nos chame a retirá-lo e usá-lo novamente —, mas devemos tomá-lo de modo a nunca o depor, até que Deus retire este capacete para colocar uma coroa de glória em seu lugar.

"Sede sóbrios e esperai inteiramente na graça" [esperai até o fim] é o conselho do apóstolo Pedro em 1 Pe 1:13. Existem algumas máquinas de guerra que são de utilidade apenas de vez em quando, como escadas para escalar uma cidade ou forte; as quais, uma vez utilizadas, são postas de lado por muito tempo sem que se sinta a sua falta. Mas o capacete é de utilidade contínua. Nós precisaremos dele enquanto durar a nossa guerra contra o pecado e Satanás. O cristão não se encontra abaixo da esperança enquanto estiver sobre a terra, nem acima da esperança enquanto estiver abaixo do céu. De fato, assim que ele cruzar as portas daquela cidade gloriosa, então dirá: "adeus esperança, e bem-vindo amor para sempre". Ele poderá dizer, com o santo mártir: A armadura pertence à terra, mas as vestes reais pertencem ao céu.

A esperança vai a campo e acompanha o cristão até que a última batalha seja travada e o campo de batalha liberado, e então a fé e a esperança juntas o conduzem na carruagem da promessa até à porta do céu, onde entregam a sua alma nas mãos do amor e da alegria, que estão prontos para o conduzir à ditosa presença de Deus. Mas para que eu possa falar de forma mais particular sobre a utilidade da esperança para o cristão, e as diversas funções que ela realiza por ele, reduzirei tudo a estes quatro pontos.

PRIMEIRO. A esperança impulsiona o cristão a feitos nobres e elevados.

SEGUNDO. A esperança torna-o diligente e fiel nos serviços

mais simples.

TERCEIRO. A esperança mantém-no paciente em meio aos maiores sofrimentos.

QUARTO. A esperança aquieta e pacifica o espírito quando Deus demora mais tempo antes de vir cumprir as promessas.

PRIMEIRA FUNÇÃO

A esperança, como o capacete do cristão, IMPULSIONA-O A FEITOS NOBRES

A esperança da salvação impulsiona o cristão a feitos nobres e elevados. Trata-se de uma graça nascida para grandes ações. A fé e a esperança são os dois polos sobre os quais giram todos os nobres empreendimentos do cristão. Assim como a esperança carnal estimula os homens carnaais às suas conquistas que lhes granjeiam renome no mundo, assim esta esperança celestial exerce influência sobre as realizações dos santos.

O que faz o mercador vender casa e terras, e enviar todos os seus bens em um navio para quase o outro extremo do mundo — e isto em meio a mil perigos de piratas, ondas e ventos —, senão a esperança de obter maior riqueza por meio desta ousada aventura? O que faz o soldado destemido lançar-se na batalha furiosa, diante da própria boca da morte, senão a esperança de arrancar honra e despojo de suas garras? A esperança é o seu capacete, escudo e tudo o mais, o que o faz rir diante de qualquer perigo.

Em uma palavra, o que faz o estudante cansar tanto o seu cérebro — às vezes com o risco de o esgotar, por forçar as suas faculdades com uma busca demasiado ardente e intensa pelo saber —, senão a esperança de subir alguns degraus na escala do

conhecimento daqueles segredos da natureza que se encontram ocultos aos entendimentos vulgares? O qual, quando alcança o seu desejo, recebe recompensa pouco melhor por todo o seu sofrimento e estudo, que lhe consumiram as forças, do que aquele que rasga a carne de suas mãos e joelhos ao subir alguma montanha íngreme, que se revela apenas um lugar estéril e frio para se estar, envolvendo-o nas nuvens longe da vista dos outros, restando-lhe pouco mais com que se alegrar senão isto: que pode olhar por cima das cabeças dos outros homens e ver um pouco mais longe do que eles.

Ora, se estas esperanças insignificantes podem persuadir os homens a resoluções tão firmes para a obtenção destas pobres e miseráveis coisas, as quais tomam emprestada parte de sua bondade da imaginação humana, quanto mais eficaz deve ser a esperança de vida eterna do cristão para o incitar à realização de feitos mais nobres! Bastem alguns exemplos.

PRIMEIRO. Esta esperança suscita no cristão uma resolução heroica contra as concupiscências que antes o mantinham em cativeiro.

SEGUNDO. Esta esperança enobrece e capacita o cristão a desprezar o presente mundo com toda a sua pompa, riqueza e prazer, aos quais os restantes filhos dos homens se encontram, cada um deles, vilmente escravizados.

TERCEIRO. Esta esperança, onde é firme, torna o cristão ativo e zeloso por Deus.

QUARTO. Ela gera no cristão uma santa impaciência por maiores alcances, especialmente quando cresce até adquirir alguma força.

EXEMPLOS de como a esperança elevou o cristão a feitos nobres

Primeiro exemplo. Esta esperança suscita no cristão uma resolução heroica contra as concupiscências que antes o mantinham em cativeiro. Os israelitas, que se deitavam tão docilmente sob os fardos egípcios, sem qualquer tentativa de sacudirem o jugo do opressor, assim que Moisés veio da parte de Deus dar-lhes a esperança de uma salvação iminente, e o seu relato mereceu crédito por parte deles, é surpreendente ver que mudança poderosa a influência de sua nova esperança operou neles. De repente, a sua coragem retorna, e o seu sangue, que com a angústia e o desespero se havia resfriado e quase congelado em suas veias, torna a aquecer-se. Eles, que mal ousavam deixar que se ouvissem os seus gemidos — tão intimidados estavam os seus espíritos pelo trabalho árduo —, atrevem-se agora, fortalecidos pela esperança, a arrombar as portas da prisão e a marchar para fora do Egito rumo ao lugar de descanso prometido, a despeito de todo o poder e ira do enfurecido Faraó que os perseguia. Na verdade, assim acontece com a alma no que respeita ao cativeiro do pecado.

Oh, quão impotente e covarde é a alma desprovida desta esperança celestial! Que escravo dócil Satanás faz dela! Ela serve de estrado para que toda a concupiscência vil a pise. Ela permite que o diabo a monte e a conduza para onde ele quiser, sem reclamar. Não há lamaçal tão imundo pelo qual Satanás não a possa arrastar com um fio de barbante. O pobre miserável encontra-se bastante contente com a sua servidão indigna, porque não conhece melhor senhor do que aquele a quem serve, nem melhor salário do que a lavagem de seus prazeres sensuais que as suas concupiscências lhe permitem.

Mas, cheguem as novas da salvação ao ouvido desta alma enganada pelo pecado, e lhe seja concedido um olho espiritual para contemplar a glória transcendente dela, abrindo-se-lhe uma fresta de esperança de que ela é a pessoa que a herdará, se estiver disposta a trocar Satanás por Cristo, e a escravidão de suas concupiscências pela liberdade do serviço de seu Redentor — oh, que destruição a alma começa então a fazer entre as suas concupiscências! Ela imediatamente jura a morte de todas elas e põe a cabeça a trabalhar sobre como se livrar delas da forma mais rápida e eficaz. "E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro", 1 Jo 3:3.

Ela olha agora para as suas concupiscências com os mesmos olhos com que um príncipe cativo olharia para os seus carcereiros cruéis, de cujas mãos, se conseguisse escapar, desfrutaria imediatamente de sua coroa e reino; e, portanto, planeja a sua maior vingança contra eles. Pode haver algumas resoluções apressadas tomadas por homens carnisais contra as suas concupiscências, devido a algum descontentamento accidental com que se deparam de vez em quando na prática delas; mas, infelizmente! As espadas que sacam contra elas logo voltam às bainhas, e toda a aparente contenda resulta em nada no final.

Eles, como Esaú, saem cheios de ira em um capricho repentino, mas surge uma oferta de suas concupiscências que os suborna para não lhes fazerem mal; sim, de tal modo os reconcilia com elas que, tal como ele fez com o seu irmão, podem lançar-se ao pescoço daquelas concupiscências para as beijar, as quais pouco antes ameaçavam matar; e tudo por falta de uma verdadeira esperança do céu que supere as ofertas que as suas concupiscências fazem para lhes aplacar a ira, a qual nunca permitiria que se fizesse as pazes com elas sob condições tão

infinitamente duras como necessariamente teriam de ser: a perda da salvação eterna. Aquele que deseja munir-se de argumentos para se armar contra as sugestões do pecado não necessita de ir longe para os procurar; mas aquele que maneja bem este único argumento, e o leva até ao fim, não precisará de muitos outros.

Qual é o pecado que isto não prostraria por terra? És tentado a alguma concupiscência sensual? Pergunta à tua esperança o que esperas ser no céu. E podes tu consentir em agir como animal na terra, tu que esperas ser feito semelhante aos puros e santos anjos no céu?

É um pecado de lucro que te enfeitiça? Não é a esperança do céu um encanto forte o suficiente para repelir este demônio? Pode o ouro exercer alguma influência sobre ti, que esperas ser herdeiro daquela cidade onde o ouro não tem valor? Por que se diz que aquele lugar bem-aventurado é pavimentado de ouro, senão para nos dar a conhecer que ali ele será pisado como algo sem importância? E permitirás tu que isso resida agora em teu coração, o que dentro de pouco tempo será colocado sob os teus pés?

É um pecado de vingança? Não esperas tu por um dia em que o teu amado Salvador defenderá a tua causa? E que necessidade tens tu de retirar a obra das mãos d'Ele? Que seja o seu próprio juiz aquele que não tem esperança; o Juiz, quando vier, defenderá a sua causa.

Segundo exemplo. Esta esperança enobrece e capacita o cristão a desprezar o presente mundo, com toda a sua pompa, riqueza e prazer, aos quais os restantes filhos dos homens se encontram, cada um deles, vilmente escravizados e retidos pelo pé como prisioneiros por esta cadeia. Quando a fé realiza a descoberta da terra que o cristão possui no céu, e, pela esperança,

ele começa a contar com ela como algo de que em breve tomará posse ao retirar-se da terra; na verdade, o preço da felicidade deste mundo cai imensamente em sua estimativa; ele pode vender todas as suas esperanças dele por muito pouco, sim, pode separar-se do que tem em mãos deste mundo de forma mais livre do que Alexandre fez com as cidades que tomou; porque, quando tudo isto se for, ele conservará para si uma esperança melhor do que a que aquele grande monarca tinha para viver.

As esperanças do céu deixam uma mancha sobre o mundo nos pensamentos do cristão. Este já não representa para ele mais do que as jumentas representavam para o ungido Saul. A história fala-nos de alguns turcos que, ao verem o túmulo de Maomé, furaram os próprios olhos para não os contaminarem com qualquer objeto comum após terem sido abençoados com a visão de algo tão sagrado! Estou certo de que muitas almas piedosas têm existido que, por uma perspectiva da glória do céu — o palácio do grande Deus — colocada diante do olho de sua fé, ficaram de tal modo maravilhadas com a visão que pediram a Deus que lhes fechasse os olhos pela morte, com Simeão, o qual não viveria de boa mente um dia após aquela hora bendita em que os seus olhos contemplaram a "salvação" de Deus.

Abraão encontrava-se sob a esperança desta salvação e, por isso, "habitou na terra da promessa, como em terra alheia... porque esperava a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus", Hb 11:9-10. Canaã tê-lo-ia agradado bastante se Deus lhe não tivesse falado de um céu que pretendia dar-lhe, em comparação com o qual Canaã não passa de Cabul — uma terra suja, em seu julgamento.

Assim Paulo nos diz não apenas os pensamentos humildes que ele próprio tem do mundo, mas como estes

concordam com a percepção comum de todos os crentes cuja esperança atingiu consistência e firmeza: "Mas a nossa pátria [conversação] está nos céus, de onde também esperamos o Salvador", Fp 3:20. Nota que ele coloca o santo de costas para a terra; e extrai a sua razão de sua esperança — "de onde também esperamos", etc. De fato, aquele que olha para o céu deve necessariamente desviar o olhar da terra. O olho da alma, tal como o do corpo, não pode estar acima e abaixo ao mesmo tempo. Cada homem passa mais tempo onde espera receber os seus maiores ganhos e vantagens. O publicano senta-se na coletoria: ali entram os seus ganhos. O cortesão permanece ao lado de seu príncipe. O mercador, se o queres encontrar, procura-o em seu armazém ou na bolsa de valores. Mas a esperança do cristão conduz o homem além de todas estas portas. "Aqui não está a minha esperança", diz a alma; "e, portanto, não é aqui o meu paradeiro. A minha esperança está no céu, de onde espero que venha o Salvador, e a minha salvação com ele; ali vivo, caminho e espero".

Nada senão uma esperança da salvação firme e bem fundada pode superar as esperanças mundanas da criatura. O coração do homem não pode estar neste mundo sem uma esperança; e se não tem esperança no céu, deve necessariamente apegar-se à terra e tomar emprestada uma ali, tal como ela lhe possa oferecer. O que, de fato, se pode adequar melhor a um coração terreno do que uma esperança terrena? E aquilo que constitui a esperança de um homem — embora pobre e insignificante — é por ele altamente prezado e dificilmente abandonado.

Como vemos no homem prestes a afogar-se, que dispõe apenas de alguma erva ou ramo à beira do rio para se segurar; ele morrerá com isso na mão antes de o soltar; suportará golpes

e ferimentos antes de perder o apoio. Nada o fará largá-lo, exceto aquilo que ele espere que lhe possa servir melhor para o salvar do afogamento. Assim acontece com o homem cuja esperança está posta no mundo e cuja felicidade se espera que venha dali. Oh, como ele abraça e se apegar ao mundo! Poderias com a mesma facilidade persuadir uma raposa a sair de sua toca, onde se refugiou dos cães. Ele estaria arruinado sem estes bens e aquela honra; é neles que depositou as suas esperanças, e a esperança e a vida são sempre mantidas na mesma mão. Assusta-o e ameaça-o com o que quiseses, o coração do homem continuará a reter o que é seu. Sim, lança o fogo do inferno em seu peito e diz-lhe que este amor ao mundo, e fazer do ouro a sua esperança, o condenará no futuro, e ele continuará em seu caminho.

Félix é um exemplo adequado disto em At 24:25-26. Paulo pregou um sermão tonitruante diante dele; e embora o pregador estivesse no tribunal e Félix no assento do juiz, Deus de tal modo armou a Palavra que ele "estremeceu" ao ouvir o prisioneiro falar "da justiça, da temperança e do juízo vindouro". No entanto, este homem, não obstante a sua consciência estivesse lutando com os temores do juízo, e algumas faíscas da vingança divina se tivessem acendido nele, podia ao mesmo tempo enviar o seu coração em busca de cobiça, procurando um suborno, por falta do qual deixou aquele bendito servo de Deus nas mãos de seus inimigos sanguinários; pois diz-se no versículo 26: "Esperando ao mesmo tempo que Paulo lhe desse dinheiro, para que o soltasse".

Mas ele perdeu a oportunidade; pois, assim como a esperança sórdida de um pouco de dinheiro o fez recusar vilmente libertar Paulo, a bendita esperança que Paulo tinha no

outro mundo fê-lo com maior honra desprezar comprar a sua libertação das mãos dele com um suborno.

Terceiro exemplo. Esta esperança da salvação, onde é firme, torna o cristão ativo e zeloso por Deus. É chamada de "uma esperança viva" em 1 Pe 1:3. São homens de coragem os que a possuem. Podes esperar mais dele do que de muitos outros, e não serás enganado. Por que são os homens frios e pesados no seu serviço a Deus? Na verdade, porque as suas esperanças o são. Estar sem esperança e sem vida caminham juntos. Não admira que o trabalho progrida com dificuldade quando os homens não têm esperança, ou têm pouca, de virem a ser bem pagos pelo seu esforço em o realizar. Aquele que pensa que trabalha por quase nada não cantará em seu trabalho — refiro-me a mostrar-se diligente e alegre nele. O melhor cliente com certeza é servido melhor e primeiro, e consideramos o melhor cliente aquele que esperamos que venha a ser o melhor pagador.

Se Deus for considerado assim, deixaremos tudo para fazer o Seu trabalho. Foi isto que fez com que Paulo se empenhasse tão profundamente no serviço do evangelho, a ponto de perder os seus amigos do mundo e colocar a sua própria vida em risco: era "pela esperança da promessa", At 26:6. Foi isto que fez os outros israelitas que temiam a Deus seguirem o caminho da piedade tão de perto: "promessa à qual as nossas doze tribos esperam chegar, servindo a Deus continuamente, noite e dia", versículo 7. Nota que eles são tanto diligentes quanto constantes: *en ekteneia* [com fervor/insistência]. Eles correm com velocidade máxima, esforçando-se como em uma corrida; e isto, de noite e de dia — sem paragem ou hesitação em seu caminho, mas avançando sempre. E o que é que os mantém com fôlego? Precisamente a esperança de que finalmente chegarão àquela salvação prometida.

Nada melhor para expectorar e limpar a alma deste catarro pesado da preguiça e desinteresse de espírito no serviço de Deus do que a esperança bem aproveitada e fortalecida. É o próprio remédio que o apóstolo prescreve para esta doença: "Mas desejamos que cada um de vós mostre o mesmo cuidado até ao fim, para completa certeza da esperança; para que vos não façais negligentes", Hb 6:11-12.

Quarto exemplo. A esperança gera no cristão uma santa impaciência por maiores alcances, especialmente quando cresce até adquirir alguma força. Quanto mais as nossas esperanças da salvação se elevam, mais os nossos corações se dilatam em santos desejos. "E não só ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo", Rm 8:23. Parece-me que a alegria lhes ficaria melhor pelo que já possuem do que o gemido pelo que não possuem. Quem pode esperar mais tempo pelo seu jantar do que aqueles que têm o estômago saciado com um bom pequeno-almoço? Isto aplicar-se-ia ao alimento corporal, mas não ao espiritual.

Sem dúvida, a doçura que provaram de suas primícias em mãos alegrou os seus espíritos; mas os pensamentos daquilo que faltava os faziam gemer. A esperança aguarda por tudo, e não permitirá que a alma se deite satisfeita até que todos os pratos estejam na mesa — até que toda a colheita que se encontra no campo da promessa seja ceifada e bem recolhida; sim, quanto mais o cristão tiver recebido em pagamentos parciais, mais profundos serão os gemidos que a esperança faz a alma exalar por aquilo que falta. E isto:

Primeiro. Porque estes antegozos familiarizam mais o cristão com a natureza daquelas alegrias que estão no céu, e

assim ampliam o seu entendimento para ter concepções mais elevadas da felicidade que desfrutam aqueles que já ali chegaram. E o aumento de seu conhecimento deve necessariamente ampliar os seus desejos; e esses desejos rompem em tristes gemidos, ao pensar no doce vinho que é bebido em taças cheias pelos santos glorificados, enquanto ele vive onde apenas um gole é permitido, o qual não satisfaz, mas acende a sua sede. É mais difícil agora para ele viver deste lado do céu do que antes de saber tanto. Ele é como quem se encontra à porta de onde ocorre um rico banquete. Ele ouve-os quão alegres estão. Pelo buraco da fechadura ele vê que variedade possuem; e por um pouco que lambe dos pratos que são trazidos para fora, percebe quão deliciosa é a comida deles.

Oh, como a água viria à boca de tal pessoa por causa da comida deles; da qual outro não sente falta, por não saber dela, ou apenas ouvir falar, sem provar de suas iguarias! Quanto mais perto a alma se encontra do céu, e quanto mais sabe de suas alegrias, mais os bendiz e tem pena de si mesma. Ninguém anseia mais pelo céu do que aqueles que desfrutam de mais do céu. Todas as demoras agora são excessivamente tediosas para tais pessoas. O seu gemido contínuo é: "Por que tarda em vir o seu carro? Por que se demoram os passos das suas carruagens?". O último ano é considerado mais longo pelo aprendiz do que todo o seu tempo anterior, por estar mais perto do fim.

E se as demoras são tão tediosas, o que são então os abandonos para tal alma, que tem as suas esperanças de salvação elevadas pelas suaves influências do Espírito e antegozos da glória! Sem dúvida, a morte de Moisés tão perto de Canaã, após ter provado do fruto da terra pela mão dos espias, foi extremamente dolorosa. Perder um filho crescido, quando parecemos prontos a colher as nossas esperanças nele

concebidas, é mais do que separar-se de dois no berço, que ainda não atraíram muito as nossas afeições. O cristão, de fato, não pode perder completamente as suas esperanças. Contudo, pode vê-las castigadas e retardadas, como uma primavera precoce, por golpes tardios do clima de inverno, o que dói tanto mais porquanto os raios quentes do sol tinham feito as ervas brotar e revelar-se.

E assim os abandonos da parte de Deus produzem a mais triste impressão naqueles, acima de todos os outros, cuja expectativa avançara muito e, pela sensação presente da bondade divina, se desdobrara em uma espécie de júbilo pela esperança da glória. Ora, deparar-se com o desânimo vindo da desaprovação do Todo-Poderoso, e ver-se na escuridão pela retirada daquela luz que tanto o maravilhava, oh, quão terrível deve ser esta mudança repentina para a alma!

Segundo. Estes alcances presentes de graça ou consolo encorajam a alma a esperar ainda mais; e assim provocam o cristão a avançar para o pagamento total de tudo. Vê ambos os pontos em Davi: "Porque tu tens sido o meu auxílio; jubiloso cantarei debaixo da sombra das tuas asas", Sl 63:7. A bênção presente que obteve faz com que se alegre na esperança daquilo que está para vir, e por este indício é levado a prosseguir com firmeza na busca por mais, como aparece logo nas palavras seguintes: "A minha alma te segue de perto", versículo 8.

E não admira, se considerarmos que Deus dá ao Seu povo as suas experiências com este mesmo conceito nelas gravado, isto é, para elevar as suas expectativas por mais misericórdias de Sua mão: "E lhe darei as suas vinhas dali, e o vale de Acor por porta de esperança", Os 2:15. Deus está ali falando a uma alma convertida e recém-acolhida na aliança, que bênçãos derramará

sobre ela como felizes efeitos de sua reconciliação com Deus e casamento com Cristo, e faz alusão ao Seu proceder com Israel, que veio de um deserto desolado — onde peregrinara e suportara indizíveis provações por quarenta anos — para um país agradável e frutífero, em cuja entrada se situava este vale de Acor, o qual, quando Deus lhes deu, não queria que olhassem para ele como sendo em si mesmo um pequeno pedaço de terra e sem grande valor, mas como a abertura de uma porta através da qual Ele Se comprometeria a introduzi-los na posse de toda a terra no devido tempo; cuja circunstância, crida por eles, fez com que Josué avançasse os seus estandartes com tanta coragem contra os mais orgulhosos de seus inimigos, bem sabendo que o homem não poderia fechar aquela porta sobre eles a qual Deus lhes abria.

Assim, cada auxílio particular que Deus concede ao cristão contra uma corrupção é destinado por Deus a ser um vale de Acor — "uma porta de esperança", a partir da qual ele pode esperar a derrota total daquela semente maldita em seu peito. Quando Ele acrescenta o menor grau de força à sua graça ou consolo, dá-nos um vale de Acor, ou porta de esperança, de que consumará ambos na glória. Oh, que coragem isto deve trazer a ti, pobre coração, em teus temores e desfalecimentos! Paulo tinha muitos inimigos em Éfeso que se lhe opunham, mas tendo "uma porta grande e eficaz aberta para ele", para seu encorajamento, prosseguiu destemidamente, 1 Co 16:9.

Como um exército, quando, após teimosa resistência do inimigo, que trabalha o que pode para o manter fora, a porta ou o portão da cidade se escancara, então os soldados entram em massa com um brado: "a cidade é nossa!". Assim, após longa contenda e muita luta com Deus pelo perdão do pecado, ou por força contra o pecado, a porta da promessa escancara-se e Deus

entra com alguma presença auxiliadora e consoladora; agora a esperança ganha coragem e faz a alma avançar com dupla força e zelo.

SEGUNDA FUNÇÃO

A esperança, como o capacete do cristão, torna-o FIEL NOS SERVIÇOS MAIS SIMPLES

Assim como a esperança eleva o espírito do cristão a tentar grandes feitos, assim o torna diligente e fiel nos serviços mais simples e humildes a que a providência de Deus o chama; pois a mesma providência estabelece a cada um o seu trabalho e vocação, o que define limites para as suas habitações na terra. A uns Ele coloca nos lugares altos da terra e destina-lhes empregos honrosos, adequados ao seu lugar. A outros Ele situa em planos mais baixos e ordena-lhes que, em algum canto obscuro, se ocupem de trabalhos de natureza inferior ao longo de toda a vida; e não precisamos de nos envergonhar de realizar aquele trabalho de que o grande Deus nos encarrega. O ditado italiano é verdadeiro: "Ninguém suja as mãos ao fazer o seu próprio trabalho".

Ora, para encorajar cada cristão a ser fiel em seu lugar particular, Ele fez promessas que são aplicáveis a todos eles. As promessas são como os raios de sol: brilham de forma tão livre pela janela da cabana do homem pobre como pela do palácio do príncipe. E com estas a esperança negocia, e a partir destas anima o cristão em seu trabalho. De fato, não somos mais fiéis em nossas vocações do que quando somos movidos pela fé e esperança nelas.

Ora, debes observar que Deus apresenta a Sua promessa de modo a fortalecer as nossas mãos e corações contra o principal desânimo que seja mais provável que os enfraqueça em suas vocações. O grande desânimo daqueles empregos elevados e públicos — a magistratura e o ministério — é a dificuldade da tarefa e a oposição que encontram por parte do mundo irado. Estes, portanto, são guardados e apoiados por promessas tais que possam robustecer os seus corações contra a força e a fúria com que o mundo se apresenta para se lhes opor: "Não te deixarei nem te desampararei. Esforça-te, e tem bom ânimo", Js 1:5-6, promessa que foi dada ao magistrado principal de Israel.

E a promessa do ministro adequa-se bem a esta, por conter ordinariamente as mesmas dificuldades, inimigos e desânimos: "Ide, portanto, ensinai todas as nações... e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos", Mt 28:19-20.

Por outro lado, a tentação que usualmente persegue as pessoas em vocações baixas e mais humildes é a própria simplicidade delas; o que gera descontentamento e inveja em alguns, ao verem-se no chão enquanto o seu irmão é promovido a serviços mais honrosos; em outros, abatimento de espírito, como se fossem, tal como o eunuco, apenas árvores secas, inúteis, e não trouxessem glória a Deus, ao passo que outros, pelos seus lugares e vocações mais eminentes, dispõem da vantagem de serem altamente úteis a Deus em suas gerações.

Ora, para armar o cristão contra esta tentação e remover este desânimo, Deus anexou recompensa tão grande na promessa à sua fidelidade no serviço mais simples quanto aquela de que o mais honroso é capaz. O que há de mais simples e humilde do que o trabalho do servo? No entanto, nada menos

que o próprio céu lhes é prometido se forem fiéis. Ele está falando ali a tais pessoas: "E tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor, e não aos homens; sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque servis a Cristo, o Senhor", Cl 3 :23-24. Onde se observa:

Primeiro. Que honra Ele coloca no trabalho do pobre servo. Ele serve a Cristo, o Senhor; sim, na parte mais simples do trabalho que pertence ao seu ofício. A sua labuta é serviço divino, tanto quanto o seu orar e o seu ouvir; pois Ele diz: "tudo quanto fizerdes". Observa novamente:

Segundo. A recompensa que está reservada para tais pessoas; e essa é tão grande quanto a que receberá aquele que tiver sido fiel no governo de reinos, "o galardão da herança". Como se Deus dissesse: "Não fiques, ó meu filho, descontente com o teu trabalho rude e simples. Dentro de pouco tempo sentar-te-ás tão alto quanto aquele que empunha cetros. Embora o vosso emprego agora não seja o mesmo que o dele, a vossa aceitação é a mesma, e assim será também a vossa recompensa".

Assim vemos que, tal como atribuímos honra mais abundante àqueles membros que consideramos menos honrosos; assim faz Cristo com aqueles membros de Seu corpo que, devido ao seu lugar humilde no mundo, possam ser julgados como os mais desprezados — Ele coloca uma honra abundante sobre eles em Sua promessa. E onde a esperança é suscitada, o cristão não pode senão receber doce satisfação da expectativa disso. O pobre camponês que é santo e lavra a terra na esperança de colher a salvação, estaria tão contente com o seu lugar e trabalho como o mais distinto cortesão está com o seu.

Pensa nisto quando tiveres um servo para escolher; se queres que o teu trabalho seja realizado fielmente e de todo o

coração, emprega tais pessoas nele — se as houver — que tenham esperança da salvação. Isto não lhes permitirá prejudicar-te, ainda que o pudessem fazer. O capacete delas as defenderá de tais tentações. Jacó foi um verdadeiro trabalhador braçal para o seu patrão Labão de dia e de noite, embora este o tenha tratado de forma não muito boa ao alterar e mudar o seu salário tantas vezes. Mas Jacó serviu em esperança, e esperava a sua recompensa de um patrão melhor do que Labão; e isto tornou-o fiel a um homem infiel. José não prejudicaria o seu senhor, ainda que a pedido de sua senhora. Escolheu sofrer a ira injusta dele a aceitar o amor impuro dela. A evidência desta graça em um servo é melhor garantia para a sua fidelidade do que uma fiança de mil libras.

TERCEIRA FUNÇÃO

A esperança, como o capacete do cristão, SUSTENTA-O NAS MAIORES AFLIÇÕES

Esta esperança da salvação sustenta a alma nas maiores aflições. A paciência do cristão é, por assim dizer, as suas costas, sobre as quais carrega os seus fardos; e algumas aflições são tão pesadas que ele necessita de costas largas para as carregar bem. Mas se a esperança não colocar a almofada da promessa entre as suas costas e o seu fardo, a menor provação revelar-se-á insuportável; por isso ela é chamada de "a paciência da esperança", 1 Ts 1:3.

Há uma paciência, admito, e muitos não conhecem outra melhor, em que os homens se forçam a uma espécie de quietude em suas tribulações porque não as podem evitar, e não há esperança. A isto posso chamar de paciência desesperada, e ela

pode prestar-lhes algum serviço por um tempo, mas apenas por um tempo. Se o desespero fosse uma boa cura para as aflições, os condenados teriam mais alívio; pois possuem desespero suficiente, se isso os ajudasse. Há outra paciência também muito comum no mundo, que é a paciência apática e estúpida, a qual, tal como a alegria de Nabal, não dura mais do que o tempo em que estão embriagados com a ignorância e a insensibilidade; pois mal voltam a si para compreenderem o verdadeiro estado em que se encontram, os seus corações morrem dentro deles.

Mas "a paciência da esperança", de que estamos agora a tratar, é uma graça sóbria e permanece enquanto durar a esperança; quando a esperança está viva e ativa, ela flutua, sim, até dança sobre as águas da aflição, tal como um navio firme e seguro faz em um mar tempestuoso; mas quando a esperança sofre um vazamento, então as ondas rompem no peito do cristão e ele afunda rapidamente, até que a esperança, com muito esforço na bomba da promessa, limpe novamente a alma.

Este foi exatamente o caso de Davi: "Salva-me, ó Deus, pois as águas entraram até à minha alma", Sl 69:1. O que quer ele dizer com "entraram até à minha alma"? Certamente nada mais do que isto: que elas oprimiram o seu espírito e, por assim dizer, penetraram em sua própria consciência, suscitando temores e perplexidades ali por causa de seus pecados, o que no momento colocou a sua fé e esperança em alguma desordem, de modo que ele não pôde por um tempo ver o fim consolador de sua aflição, assemelhando-se a quem se encontra debaixo de água e coberto pelos seus temores; como aparece pelo que se segue: "Atolei-me em profundo lamaçal, onde se não pode estar em pé", versículo 2.

Ele compara-se a alguém em um pântano que não consegue sentir solo firme para o sustentar. E observa de onde surgiu a sua tribulação, e por onde as águas fizeram a sua entrada: "Ó Deus, tu conheces a minha estultícia; e os meus pecados não te são ocultos", versículo 5. Este homem santo jazia sob alguma culpa recente, e isto o tornou tão desconfortável sob a sua aflição, porque viu o seu pecado diante dela e provou algum desagrado da parte de Deus por causa disso em sua tribulação exterior, o que a tornou tão amarga ao ser assimilada; e, portanto, assim que se humilhou em uma confissão lamentosa de seu pecado e foi capaz de ver o horizonte limpo entre o céu e si, de modo a crer no perdão de seu pecado e a esperar por boas novas da parte de Deus novamente, ele retorna então ao doce temperamento e pode cantar na mesma aflição em que antes afundava.

Mas, de forma mais particular, mostrarei que influência poderosa a esperança exerce sobre o cristão na aflição, e como. PRIMEIRO. Que influência ela exerce. SEGUNDO. De onde e como a esperança possui esta virtude.

A INFLUÊNCIA da esperança sobre o cristão na aflição

PRIMEIRO. Que influência a esperança exerce sobre o cristão na aflição.

Primeira influência. A esperança aquietar e silenciar o cristão sob a aflição. Ela mantém a paz do rei no coração, o qual, de outro modo, logo estaria em tumulto. A alma sem esperança é barulhenta. Ora acusa a Deus, ora insulta os instrumentos de que Ele se serve. Ela não consegue descansar por muito tempo,

e não admira, quando a esperança não se encontra ali para a ninar e adormecer.

A esperança possui uma arte rara de aquietar um espírito rebelde quando nada mais o consegue fazer; tal como a mãe pode aquietar a criança que chora ao aconchegá-la ao peito, ao passo que a vara a faz chorar ainda mais. Foi este o caminho que Davi tomou e o considerou eficaz. Quando a sua alma se encontrava inquieta, devido à sua aflição presente, ele aconchega a sua alma ao peito da promessa: "Por que estás abatida, ó minha alma? E por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus", Sl 43:5. E ali a sua alma dorme docemente, como a criança com o bico do seio na boca.

E que este era o seu caminho habitual podemos deduzi-lo pelos frequentes exemplos que encontramos para este propósito. Três vezes o encontramos a tomar esta atitude em dois salmos, Sl 42 e Sl 43. Quando Arão e Miriã foram tão indelicados com Moisés, e o trataram de forma tão cruel em suas palavras duras, sem dúvida foi uma pesada aflição para o espírito daquele homem santo, e um agravamento de sua tristeza, considerar de que arco provinham aquelas flechas afiadas; contudo, diz-se: "Moisés calou-se" — aguardando que Deus justificasse a sua inocência. E a sua paciência fez com que Deus, sem dúvida, ficasse ainda mais irado ao ver este homem manso ser injustiçado, o qual ousava confiar n'Ele para a defesa de seu nome; e foi por isso que com tanta rapidez Ele limpou a lama que haviam lançado sobre ele, antes que ela pudesse penetrar em prejuízo de seu bom nome nos pensamentos de outrem.

De fato, esta espera em Deus por libertação em um estado de aflição consiste em grande medida em um silêncio santo: "A minha alma suspira somente por Deus [está silenciosa diante de

Deus]; dele vem a minha salvação", Sl 62:1 — ou, conforme o hebraico, "a minha alma está em silêncio". É uma grande misericórdia, em uma aflição que é severa, termos os nossos sentidos corporais de modo a não ficarmos delirando ou rugindo, mas calmos e quietos; muito mais termos o coração silencioso e paciente. E descobrimos que o coração se inflama em uma enfermidade tão rapidamente quanto a cabeça. Ora, o que a esponja representa para o canhão quando quente devido aos disparos frequentes, isso representa a esperança para a alma nas aflições multiplicadas; ela resfria o espírito e o torna manso, para que não se despedace e rompa em pensamentos ou palavras desregradas contra Deus.

Segunda influência. Esta esperança preenche a alma aflita de tal alegria e consolo interior que ela pode rir enquanto as lágrimas se encontram nos olhos — suspirar e cantar em um mesmo fôlego. É chamada de "a glória da esperança" [o júbilo da esperança], Hb 3:6. E a esperança nunca proporciona mais alegria do que na aflição. É sobre uma nuvem carregada de chuva que o sol pinta aquelas cores magníficas no arco-íris. "E nos gloriamos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações", Rm 5:2-3.

Gloriar-se é alegrar-se em um estado de arrebatamento — quando a alegria é tão grande que se não consegue conter dentro do próprio peito do cristão, mas exterioriza-se em alguma expressão externa, e permite aos outros saber de que banquete ele participa no íntimo. As fontes de consolo situam-se de fato no alto quando a sua alegria transborda pela boca. E toda esta alegria com que o santo sofredor é entretido é-lhe enviada pela esperança, às custas de Cristo, o qual providenciou glória tão indizível para eles no céu que não lhes permitirá terem pena de

si mesmos ou lamentarem-se pelas tribulações que lhes sobrevêm no caminho para lá.

Dum mala pungunt, bona promissa unguunt [enquanto os males ferem, as boas promessas ungem]. A esperança quebra o vaso de alabastro da promessa sobre a cabeça do cristão e assim difunde os consolos dela por toda a alma, os quais, como um unguento precioso, possuem a virtude tanto de alegrar e refrigerar o espírito em seus desfalecimentos quanto de curar as feridas e remover a dor que o pobre coração do cristão possa sentir devido à sua aflição, conforme o apóstolo na passagem acima mencionada: "E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações", Rm 5:5.

Há duas graças que Cristo utiliza acima de qualquer outra para preencher a alma de alegria; e elas são a fé e a esperança, porque estas duas vão buscar todo o seu vinho de alegria fora de portas. A fé diz à alma o que Cristo fez por ela e, assim, a consola. A esperança reaviva a alma com as novas do que Cristo fará. Ambas extraem da mesma fonte — Cristo e a Sua promessa. Ao passo que as outras graças apresentam à alma as suas próprias excelências inerentes — o que ela faz e sofre por Ele, mais do que o que Ele faz por elas —; de modo que não seria honroso para Cristo, nem seguro para o santo, extrair a sua alegria deste reservatório.

Não seria honroso para Cristo! Isto seria o caminho para colocar a coroa do rei na cabeça do súdito e clamar Hosana! à graça de Cristo em nós, o que é devido apenas à misericórdia de Deus para conosco. Pois para onde dirigirmos a nossa alegria, para lá levaremos o nosso louvor; e, portanto, pela nossa lealdade, devemos apenas "gloriar-nos em Cristo Jesus, e não confiar na carne", Fp 3:3.

E não seria mais seguro para nós do que honroso para Ele, devido à instabilidade de nossos corações e às atuações inconstantes de nossas graças, as quais estão com tanta frequência em refluxo quanto em fluxo. E assim a nossa alegria não poderia ser constante, porque as nossas graças não o são; mas conforme estas fontes se situem no alto ou embaixo, assim aquela subiria e desceria. Sim, teríamos a certeza de beber mais água do que vinho — carecendo mais vezes de alegria do que a possuindo. Ao passo que agora, a taça do cristão nunca necessita de estar vazia, porque ele extrai o seu vinho de uma Fonte inesgotável que nunca envia qualquer pobre alma vazia e envergonhada, como a torrente de nossa graça inerente certamente faria, em um momento ou outro.

DE ONDE E COMO a esperança possui a sua influência sustentadora na aflição

SEGUNDO. De onde e como a esperança possui a sua virtude; ou quais são os ingredientes no tônico da esperança que de tal modo alegram o espírito do santo na aflição.

Primeira resposta. A esperança traz notícias certas de um desfecho feliz, que em breve fechará todas as feridas causadas pelos seus sofrimentos presentes. Quando Deus vem para salvar os Seus servos aflitos, embora possa antecipar as suas esperanças e surpreendê-los antes que eles esperassem por Ele, contudo não vem sem que se espere por Ele. A salvação é aquilo com que eles contam: "Porque eu bem sei os pensamentos que tenho sobre vós, diz o Senhor; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que esperais", Jr 29:11 — isto é, um fim adequado às esperanças e expectativas por vós assumidas.

A esperança é uma graça que perscruta; ela é capaz de olhar além das transações externas da providência. Ela pode, com o auxílio da promessa, espreitar no próprio seio de Deus e ler que pensamentos e propósitos ali se encontram escritos no que respeita ao estado particular do cristão, e isto ela lhe comunica, dizendo-lhe que não se perturbe de modo algum ao ouvir Deus falar duramente com ele na linguagem de Sua providência. "Porque", diz a esperança, "posso assegurar-te que Ele te quer bem, seja o que for que Ele diga que pareça o contrário. Pois assim como a lei, que veio centenas de anos após a promessa feita a Abraão, não a pôde anular, assim também nenhuma aflições intermédias podem anular aqueles pensamentos e conselhos de amor que desde muito antes foram postos no coração d'Ele para a tua libertação e salvação".

Ora, tal pessoa deve necessariamente possuir uma grande vantagem sobre as outras para pacificar e satisfazer o seu espírito no que respeita aos procedimentos presentes de Deus para com ela; porque, embora as atuações de Deus no palco externo da providência sejam agora tristes e dolorosas, contudo ela conhece o plano do céu nelas e é admitida, por assim dizer, nos bastidores de Seu conselho secreto, onde vê vestes de salvação a serem preparadas, com as quais finalmente será revestida e sairá com alegria.

O viajante, quando surpreendido por uma tempestade, pode permanecer pacientemente debaixo de uma árvore enquanto chove, porque espera que se trate apenas de uma chuva passageira, e vê o céu clarear em uma parte dos céus enquanto se encontra escuro em outra. A providência, estou certo, nunca é tão escura e nublada que a esperança não possa ver o bom tempo a caminho a partir da promessa: "Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas

cabeças, porque a vossa redenção está próxima", Lc 21:28. E este é um dia tão escuro quanto possa vir a ser.

Quando os negócios do cristão se encontram na maior desolação, ele pode em breve deparar-se com uma mudança feliz. A alegria daquele dia bendito, 1 Co 15:52, vem *en atomō*, *en rhipē ophthalmou* [num momento, num abrir e fechar de olhos] — nós seremos "transformados". Em um momento enfermos e tristes, no momento seguinte saudáveis e alegres, para nunca mais sabermos o que significam gemidos e lágrimas. Agora revestidos com os farrapos da carne mortal, tornados miseráveis pelas mil tribulações que a acompanham; "num abrir e fechar de olhos" vestidos com vestes de imortalidade, adornados e enriquecidos com uma glória mil vezes maior do que a que o próprio sol ostenta na veste de luz que agora nos ofusca os olhos ao olharmos para ele. "É apenas um piscar de olhos", disse um santo mártir ao seu companheiro de sofrimento no fogo com ele, "e toda a nossa dor e tristeza terá passado".

Quem se pode maravilhar de ver um santo alegre em suas aflições, o qual sabe que boas novas espera ouvir do céu, e quão cedo, sem que o saiba? Ouvistes falar do unguento de arma, que cura feridas à distância. Tal espécie de unguento é a esperança. A esperança dos santos encontra-se guardada no céu e, contudo, cura todas as feridas que eles recebem na terra.

Mas isto não é tudo. Pois, assim como a esperança profetiza bem a respeito do fim feliz das aflições do cristão, também lhe garante que ele será bem cuidado e assistido enquanto jazer sob elas. Se Cristo envia os Seus discípulos para o mar, Ele pretende estar com eles quando eles mais necessitarem de Sua companhia. A criança saudável pode ser deixada por um tempo pela mãe, mas da doente ela de modo

nenhum se afastará: "Quando passares pelas águas estarei contigo", Is 43:2.

Sabeis o que Deus disse a Moisés quando este se encontrava cansado de seu trabalho e apresentou tantas desculpas educadas, ou antes indelicadas, a partir de sua própria incapacidade — e tudo para que lhe fosse permitido depor a sua comissão: "Vai", diz Deus, "e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar", Êx 4:12. E novamente: "Não é Arão, o levita, teu irmão? Eu sei que ele falará muito bem; e eis que ele também te sai ao encontro", versículo 14. Assim Deus o animou e o atraiu a aceitar aquela tarefa difícil a que era chamado.

Parece-me ouvir a esperança, como mensageira de Deus, falar da mesma forma à alma abatida, oprimida com os pensamentos de alguma grande aflição e pronta a concluir que não será capaz de resistir a uma maré tão forte — suportar com alegria e erguer a cabeça acima de ondas tão impetuosas. "Vai, ó minha alma", diz a esperança, "pois o teu Deus será contigo e sofrerás às custas d'Ele. Não é Cristo o teu irmão? Sim, não é ele o teu marido? Ele, pensas tu, sabe bem como sofrer, tendo sido criado no ofício desde o berço até à cruz. Eis que ele próprio te sai ao encontro, alegre por ver o teu rosto e disposto a partilhar contigo um pouco de Sua habilidade no sofrimento".

Aquele homem, de fato, deve necessariamente levar um coração pesado para a prisão com ele, o qual não sabe como ali se manter nem como dali ser libertado. Mas a esperança livra o coração de ambos os temores, os quais, uma vez removidos, tornam o sofrimento algo inofensivo e que não deve ser temido.

Segunda resposta. A esperança garante ao cristão não apenas a certeza da salvação vindoura, mas também a

transcendência desta salvação, a ponto de a dor de seus sofrimentos presentes não guardar proporção com a alegria daquela. Isto evitou que os cristãos primitivos desfalecessem enquanto os seus inimigos lhes derramavam o sangue. Eles dispunham do aroma desta esperança para lhes alegrar os espíritos: "Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interno contudo se renova de dia em dia", 2 Co 4:16. Não é isto estranho, que o seu espírito e a sua coragem aumentassem com a perda de seu sangue? Que tônico raro e inédito era este? "Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente", versículo 17.

Vê aqui a diferença entre as esperanças do céu e as esperanças do mundo. Estas últimas são fantasiosas e insignificantes, parecem grandes na esperança, mas revelam-se nada em mãos; como a maçã de Eva, bela de se ver enquanto pende da árvore, mas amarga no sumo e de má nutrição ao ser comida. Elas são, como alguém inteligentemente as chama, "nada entre dois pratos". Seria bom se os homens pudessem em suas esperanças mundanas chegar apenas às contas do administrador injusto e, por cem felicidades que prometem a si mesmos a partir dos prazeres que buscam, vissem apenas cinquenta ser-lhes pagas no final.

Não, infelizmente! Eles não devem esperar chegar a tão bom mercado, ou terem transações tão justas, aqueles que têm de lidar com a criatura, a qual certamente os sujeitará a maiores desapontamentos do que esse. Podem comprazer-se se quiserem por um tempo em suas esperanças, como o lavrador por vezes faz diante do belo aspeto que apresenta o trigo em suas terras; mas quando tiverem ceifado a sua colheita e debulhado as suas esperanças, descobrirão pouco além de palha e pragana —

vacuidade e vaidade — a restar-lhes. Um retorno pobre, Deus sabe, para os pagar pelo gasto de tempo e de forças que nelas despenderam! Muito menos adequado para recompensar o prejuízo que sofreu em sua consciência; pois são poucos os caçadores ávidos dos prazeres do mundo que conduzem este comércio mundano sem contraírem dívidas com as suas consciências. E estou certo de que compra o ouro demasiado caro aquele que paga a paz de sua consciência pela aquisição.

Mas o céu é obtido de forma barata, embora o seja com a perda de todos os nossos interesses carnis, até da própria vida. Quem lamentará a perda de um contrato de arrendamento insignificante de uma fazenda de baixo rendimento, na qual lhe restam apenas alguns dias antes de expirar (e tal é a nossa vida temporal), pela perpetuidade de uma herança tal como a que se há de ter com os santos na luz? Isto sempre fez com que os fiéis servos de Deus levassem as suas vidas em suas mãos, dispostos a depô-las, "não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas", 2 Co 4:18.

Terceira resposta. Assim como a esperança garante à alma a certeza e a transcendência da salvação do céu, garante-lhe também a necessária utilidade que as suas aflições possuem para a obtenção desta salvação. "Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?", Lc 24:26. Como se Cristo dissesse: "Que razão tendes para chorar tanto e lamentar a morte de vosso Mestre, como se todas as vossas esperanças tivessem naufragado? Não convinha que ele padecesse? Havia outro caminho por onde ele pudesse chegar a casa e tomar posse de Sua glória que o aguardava no céu? E se não Lhe negais a Sua promoção, nunca vos perturbeis

desordenadamente por O verdes a caminho dela, embora através da terra profunda e lamacenta do sofrimento".

E, na verdade, o caminho do santo para a salvação situa-se na mesma estrada pela qual Cristo caminhou: "Se é que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados", Rm 8:17; apenas com esta vantagem: que a ida d'Ele adiante aplainou o caminho, de modo que agora ele pode ser atravessado, o qual, se não fosse por Ele, nos teria sido totalmente intransponível. As aflições compreendidas sob este conceito — o de que são tão necessárias para a nossa passagem para a glória como a água o é para conduzir o navio ao seu porto, o qual tão facilmente navegaria sem água como um santo desembarcaria no céu sem a utilidade das aflições —; este conceito, digo eu, bem compreendido, reconciliaria as maiores aflições aos nossos pensamentos e nos faria deleitar em caminhar em sua companhia.

A este conhecimento Parisiensis chama *unus de septem radiis divini scientiae* [um dos sete raios da ciência divina]; por falta do qual chamamos ao bem mal, e ao mal bem — pensamos que Deus nos abençoa quando nos encontramos sob a luz do sol da prosperidade, e nos amaldiçoa quando a nossa condição se cobre com algumas nuvens de adversidade. Mas a esperança possui um olho que pode ver o céu em um dia nublado, e uma âncora que pode encontrar solo firme sob um peso de águas onde se prender; ela pode esperar o bem a partir do mal. Os judeus abrem as suas janelas quando troveja e relampeja, esperando, dizem eles, que o seu Messias venha a eles em tal momento.

Estou certo de que a esperança abre a sua janela ao máximo em um dia de tempestade e vendaval: "Mas deixarei no meio de ti um povo humilde e pobre; e eles confiarão no nome

do Senhor", Sf 3:12, e Mq 7:7: "Eu, porém, olharei para o Senhor; esperarei pelo Deus da minha salvação; o meu Deus me ouvirá". Vê que firmeza a âncora da esperança alcança. E trata-se de um notável "porém", se observares a passagem. Porque todas as coisas se encontravam em um estado tão desesperado nos negócios da igreja — como ali constatarás que se encontravam no pensamento humano —, "eu, porém", diz o santo, "olharei, esperarei". De fato, Deus não toma o machado em Sua mão para fazer gravetos. O Seu povo, quando Ele o está desbastando, e o machado penetra mais profundamente, pode esperar alguma bela obra ao final do trabalho.

É uma doce meditação a que Parisiensis apresenta sobre Rm 8:28: "E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus". *Ubi magis intrepida magis pensata esse debes, quàm inter cooperarios meos, et coadjutores meos?* [Onde, ó minha alma, deverias estar mais tranquila e ponderada senão entre os meus cooperadores e os meus coadjutores?] Onde deverias estar mais satisfeita, livre de cuidados e temores, senão quando te encontras entre os teus colaboradores e aqueles que vêm ajudar-te a alcançar a tua tão desejada salvação, como fazem as tuas aflições?

Elas trabalham em conjunto com as ordenanças e outros tratamentos providenciais de Deus para o bem; sim, o teu bem supremo, e mal dispensarias o auxílio delas como de qualquer outro meio que Deus te designa. Se alguém encontrasse, assim que se levanta de manhã, pessoas no telhado de sua casa arrancando as telhas e com machados e martelos derrubando a cobertura dela, poderia a princípio ficar espantado e perturbado com a visão, sim, pensar que se trata de um grupo de ladrões e inimigos que vêm para lhe fazer algum mal; mas quando compreende que são operários enviados por seu pai para

consertar a sua casa e a tornar melhor do que é — o que não se pode fazer sem derrubar parte dela —, fica satisfeito e contente por suportar o barulho e o incômodo presentes, sim, grato a seu pai pelo cuidado e despesa que com ele realiza.

A própria esperança de que vantagem resultará do trabalho deles torna-o muito disposto a habitar por um tempo em meio às ruínas e escombros de sua antiga casa. Não me admiro de ver almas sem esperança tão impacientes em seus sofrimentos — às vezes até à distração mental. Infelizmente! Elas temem imediatamente — e têm razões para o fazer — que venham derrubar todas as suas alegrias e consolos mundanos sobre os seus ouvidos; os quais, uma vez perdidos, o que lhes resta, infelizmente, para as consolar, a elas que não podem esperar senão o inferno no outro mundo?

Mas o coração do crente é aliviado de tudo isto, porque assegurado pela promessa de que elas lhe são enviadas para um propósito melhor da parte de seu Pai celestial, que não lhe pretende mal nenhum, mas antes o bem — sim, edificar a estrutura ruínosa de sua alma em um templo glorioso finalmente; e estas aflições vêm, entre outros meios, para darem uma ajuda na obra; e isto o satisfaz, a ponto de poder dizer: "Senhor, corta e desbasta-me como quiseres, para que finalmente possa ser polido e moldado conforme o modelo que o amor traçou em Teu coração para mim". Embora algum homem ignorante pense que as suas roupas se estragaram quando salpicadas com terra de pisoeiro ou sabão, contudo aquele que conhece a natureza purificadora deles não terá medo de ver as suas roupas serem assim tratadas.

QUARTA FUNÇÃO

A esperança, como o capacete do cristão, AQUIETA O SEU ESPÍRITO QUANDO DEUS DEMORA EM CUMPRIR A SUA PROMESSA

A quarta e última função da esperança proposta consiste em aquietar e pacificar o espírito do cristão quando Deus demora muito antes de vir cumprir as promessas. A paciência, disse-te eu, é as costas sobre as quais os fardos do cristão são carregados, e a esperança a almofada entre as costas e o fardo, para o tornar confortável. Ora, a paciência possui dois ombros: um para suportar o mal presente da cruz, e outro para suportar a demora do bem futuro prometido, mas ainda não pago. E assim como a esperança torna leve o fardo do mal presente da cruz, assim torna curta a mais longa demora do bem futuro prometido.

Ao passo que, sem ela, a criatura não poderia dispor de força para suportar um, nem para tolerar a demora e esperar pelo outro: "E disse: Já pereceu a minha força, como também a minha esperança no Senhor", Lm 3:18; implicando exatamente isto: que onde não há esperança, não há força. O consolo da alma desfalece e logo expira onde toda a esperança falha. Deus comprometeu-Se com a proteção e provisão de Israel no deserto, mas quando a sua massa se esgotou e as suas provisões terminaram, as quais trouxeram do Egito, eles romperam com Deus e com Moisés. E por quê? Senão porque a esperança deles se esgotou tão rapidamente quanto a sua massa.

Moisés sobe ao monte e fica apenas alguns dias fora de sua vista, e com toda a pressa eles exigem um bezerro de ouro. E por quê? Senão porque o deram por perdido e nunca mais esperaram vê-lo. Esta é a razão pela qual Deus possui tão poucos servos que permaneçam firmes ao Seu lado, porque Deus os põe a esperar por aquilo que pretende dar, e a maioria é de espírito

imediatista e não sabe esperar. Sabeis o que Noemi disse às suas nora: "Ainda que eu dissesse: Tenho esperança; também se esta noite tivesse marido, e ainda tivesse filhos, esperaríeis por eles até que crescessem? Deter-vos-íeis por eles, sem tomardes marido?", Rt 1:12-13.

A promessa contém a salvação em seu ventre; mas esperará o incrédulo, uma alma sem esperança celestial, até que a promessa amadureça e esta felicidade esteja, por assim dizer, desenvolvida? Certamente não; preferirá antes fazer aliança com a criatura miserável ou com qualquer concupiscência vil que lhe pague com algum prazer no presente do que esperar tanto tempo, ainda que seja pelo próprio céu. Assim como Tamar agiu como meretriz porque o marido prometido não lhe foi dado tão cedo quanto desejava, Gn 38, assim é a ruína de muitas almas porque o consolo, alegria e bem-aventurança da promessa lhes são retidos no presente e o Seu povo é feito esperar pela sua recompensa; por isso, lançam-se nos braços deste mundo adúltero que se encontra presente. "Demas me desamparou, amando o presente século", 2 Tm 4:10.

Somente a alma que possui esta esperança divina demonstrará paciência para esperar pelo bem da parte da promessa. Ora, na abordagem desta última função da esperança, realizarei estas três tarefas:

PRIMEIRO. Mostrar-vos-ei que Deus muitas vezes demora muito antes de conceder as boas coisas da promessa.
SEGUNDO. Que quando Deus mais demora antes de cumprir as Suas promessas, é nosso dever esperar.
TERCEIRO. Que a esperança capacitará a alma a esperar quando Ele mais demorar.

DEUS MUITAS VEZES DEMORA ANTES de cumprir a Sua promessa

PRIMEIRO. Deus muitas vezes demora muito antes de conceder as boas coisas da promessa. A promessa contém a matéria de todas as nossas esperanças — chamada, por isso, de "a esperança da promessa". Esperar sem uma promessa é reivindicar uma dívida que nunca foi devida. Ora, as boas coisas da promessa não são pagas imediatamente; de fato, se o fossem, não haveria tanta utilidade para as promessas. Que necessidade há de uma promissória onde o dinheiro é pago no ato?

Deus prometeu um filho a Abraão, mas este esperou muitos anos por ele após a garantia da promessa lhe ter sido dada. Prometeu Canaã a ele e à sua descendência, contudo centenas de anos interpuseram-se entre a promessa e o cumprimento. Esaú transformou-se em um reino antes que os herdeiros da promessa tivessem a sua herança, ou que um pé de terra lhes fosse dado nela. Sim, todos os patriarcas, que constituíam a terceira geração após Abraão, morreram "não tendo recebido as promessas", Hb 11:13. Simeão dispunha de uma promessa de que "não veria a morte antes de ter visto o Cristo do Senhor", Lc 2:26. Mas isto não se cumpriu até que ele estivesse com um pé na sepultura e quase se despedindo do mundo.

Em uma palavra, aquelas promessas que constituem a porção de todos os santos e podem ser reivindicadas por um tanto bem quanto por outro, a sua data encontra-se fixada no livro do decreto de Deus, para serem pagas em um dia específico; umas mais cedo, outras mais tarde; mas não expressa na promessa. Ele comprometeu-Se a responder às orações de Seu povo e a "cumprir o desejo dos que o temem", Sl 145:19.

Mas revela-se uma longa viagem às vezes antes que o santo orante receba o retorno de sua petição. Há frequentemente um longo e rigoroso inverno entre o tempo da sementeira da oração e a ceifa. Ele ouve-nos, de fato, assim que oramos, mas nós muitas vezes não O ouvimos tão cedo. As orações não demoram em sua jornada para o céu, mas demoram a vir de lá em uma resposta plena.

Cristo, neste dia, no céu não dispõe de uma resposta plena para algumas daquelas orações que apresentou na terra. Por isso se diz que Ele "espera até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés", Hb 10:13. Promessas nós temos para a subjugação do pecado e de Satanás sob os nossos pés, contudo continuamos a encontrar estes inimigos escondidos dentro de nós; e muitos confrontos tristes mantemos com eles antes de serem derrotados e expulsos de nossos corações. E assim ocorre com outros pontos. Podemos encontrar por vezes o cristão — por maior herdeiro que seja da alegria e do consolo — mal capaz de mostrar um centavo de seu tesouro celestial em sua bolsa.

E por falta de ponderar bem esta única realidade, as pobres almas são frequentemente levadas à tentação, até de questionarem a sua filiação divina. "Tais promessas constituem a porção dos santos", diz um; "mas não as encontro cumpridas em mim, logo não sou um deles. Muitas orações enviei ao céu, mas não ouço notícias delas. Os santos são vitoriosos sobre as suas concupiscências; mas eu sou ainda frequentemente derrotado e vencido pelas minhas. Há um céu de consolo na promessa, mas eu encontro-me, por assim dizer, no ventre do inferno, tragado por temores e terrores".

Tais argumentos como estes são os raciocínios das pobres almas na aflição de seus espíritos; ao passo que toda esta tribulação em que se lançam poderia ser evitada se tivessem fé para crer neste único princípio de verdade indubitável — que Deus não cumpre as Suas promessas todas de uma vez, e que aquilo que lhes falta em mãos podem ver a caminho vindo ao seu encontro.

O NOSSO DEVER É ESPERAR, quando Deus mais demora antes de cumprir a Sua promessa

SEGUNDO. Quando Deus demora muito antes de efetuar o pagamento da promessa, então é dever do crente esperar por ele. "Ainda que se demore, espera-o", Hb 2:3. Ele está falando ali do bem da promessa, o qual Deus pretendia cumprir no tempo determinado; e porque ele se poderia demorar mais do que os pressurosos corações deles gostariam, ordena-lhes que esperem por ele. Como quem promete ir a casa de um amigo e lhe envia palavra de que fique acordado à sua espera, ainda que ele se demore mais do que o habitual, pois no final certamente virá.

Isto é de fato um trabalho difícil! O quê! Esperar? Quando já esperamos tanto tempo, e não há sinal da vinda de Deus após esta oração e aquele sermão! Tantos olhares ansiosos dirigidos à janela de Suas ordenanças e providências, e nenhuma notícia a ouvir de Sua aproximação em misericórdia e consolo para a minha alma; e, depois disto, ainda se me ordena que espere? Este é um trabalho fatigante.

Verdadeiramente, para a carne e o sangue o é; sim, a fé fraca fica frequentemente sem fôlego e propensa a sentar-se ou

a voltar para trás quando caminhou muito tempo ao encontro de Deus nas respostas de Sua misericórdia e não O encontra; e, por isso, o apóstolo introduz este dever com uma oração afetuosa: "Ora o Senhor dirija os vossos corações no amor de Deus, e na paciência de Cristo" [na paciente espera de Cristo], 2 Ts 3:5.

Ele havia estabelecido um firme fundamento de consolo para eles no capítulo precedente, no fato de terem sido "escolhidos para a salvação" e "chamados pelo evangelho para a obtenção da glória de nosso Senhor Jesus Cristo", 2 Ts 2:13-14, e garantiu-lhes que Deus, que é "fiel", os "confirmaria e guardaria do mal", 2 Ts 3:3. Ele refere-se a isto de modo a que eles não fracassassem e finalmente ficassem aquém da glória prometida; mas, sendo consciente de quão difícil trabalho era para eles, em meio às suas próprias fraquezas presentes, às apostasias de outros e aos assaltos de Satanás sobre si mesmos, manterem firme a certeza de sua esperança até ao fim, ele desvia-se deles para falar com Deus por eles: "Ora o Senhor dirija os vossos corações".

E, como se dissesse: é um caminho que nunca encontrareis, uma obra que nunca sereis capazes de realizar por vós mesmos — o esperar assim pacientemente até que Cristo venha e traga a recompensa plena da promessa consigo; o Senhor, portanto, dirija os vossos corações nele. E Moisés, ao que parece, antes de subir ao monte, nutria o temor e o receio daquilo que depois se revelou demasiado verdadeiro: que os corações incrédulos dos israelitas não teriam a paciência de esperar pelo seu regresso, quando ele devesse permanecer algum tempo ali com Deus fora de sua vista; para evitar o que, deu ordem expressa antes de subir de que deviam esperar ali por ele, Êx 24:14. De fato, nenhum dever se apresenta mais contrário do que este de esperar quieta e silenciosamente por Deus, para que

Ele guie os nossos caminhos e nos assista antes de realizarmos o que ordena: mas se a promessa não vem a galope em velocidade máxima para nós, pensamos que nunca nos alcançará.

Pergunta. Mas por que razão Deus, quando fez uma promessa, faz o Seu povo esperar tanto tempo?

Resposta. Responderei a esta pergunta fazendo outra. Por que faz Deus qualquer promessa à Sua criatura? Isto bem se pode perguntar, considerando quão livre Deus se encontrava de qualquer obrigação de conceder tal benignidade à Sua criatura; até que, pelo mero beneplácito de Sua vontade, Se colocou sob compromisso e Se fez, pela Sua promessa, devedor aos Seus eleitos. E isto prova que a pergunta anterior é atrevida e ousada demais. Como se um homem muito rico fizesse de um pobre mendigo estranho o seu herdeiro e, quando lhe conta isto, ele perguntasse: "Mas por que tenho de esperar tanto por isso?". Verdadeiramente, qualquer momento é cedo demais para receber uma misericórdia da parte de Deus para aquele que pensa que o tempo de Deus em enviá-la é tarde demais. Este espírito apressado é tão penoso para Deus quanto a demora d'Ele o pode ser para nós. E não admira que Deus o considere de forma tão grave, se considerarmos a raiz amarga que o gera:

Primeiro. Ele procede de um egoísmo de espírito, pelo qual preferimos o nosso próprio contentamento e satisfação antes da glória de Deus, e isto não é digno de uma alma agraciada. O nosso consolo flui pelo cumprimento da promessa, mas a receita da honra de Deus é-Lhe paga pela nossa humilde espera por Ele no intervalo entre a promessa e o cumprimento, e constitui o propósito principal de Ele adiar o pagamento célere. Jacó serviu sete anos por Raquel; e Deus certamente nos pode

fazer esperar antes que a promessa seja entregue aos nossos abraços pelo cumprimento pleno dela: "Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa", Hb 10:36. É muito justo que o senhor jante antes do servo. E se ele não gostaria de um servo que achasse muito esperar o tempo necessário para servir à mesa de seu senhor, quanto mais deve Deus desagradar-Se com a indelicadeza de nossos espíritos impacientes, que gostariam de se sentar à nossa refeição e ver a nossa vez servida no consolo da promessa antes de Ele receber a honra de nossa espera por Ele!

Segundo. Ele procede de uma profunda ingratidão; e este é um pecado odioso para Deus e para o homem: "Cedo se esqueceram das suas obras; não esperaram pelo seu conselho", Sl 106:13. Deus não Se encontrava em falta para com o Seu povo. Não havia muito tempo que Ele lhes dera uma prova de Seu poder e verdade. Ele tinha acabado de lhes estender a mão e de os guiar a pé enxuto através do mar, com o que eles pareciam muito confirmados em sua fé e ampliados em seus reconhecimentos quando chegaram seguros à praia: "Então creram nas suas palavras e cantaram os seus louvores", Sl 106:12. Pensaria alguém que o crédito de Deus seria de grande valor para eles dali em diante. Mas em nada resultou assim. Eles não ousam confiar em Deus sequer com a sua ementa — o que comerão e beberão; e, por isso, diz-se: "não esperaram pelo seu conselho, mas deixaram-se levar da cobiça no deserto". Isto é, eles anteciparam-se à sabedoria e providência de Deus, as quais teriam provido bem para eles se pudessem ter esperado para ver como Deus lhes prepararia a mesa. E por que toda esta pressa? "Esqueceram-se de suas obras". Perderam a percepção

agradecida daquilo que passara e, por isso, não sabem esperar pelo que há de vir.

***A ESPERANÇA CAPACITARÁ A ALMA A ESPERAR
quando a promessa mais demorar***

TERCEIRO. A esperança capacitará a alma a esperar quando a promessa mais demorar.

Trata-se da própria natureza da esperança agir assim. "Bom é ter esperança, e aguardar em silêncio a salvação do Senhor", Lm 3:26. A esperança geme quando a misericórdia prometida não vem, mas não murmura. Os gemidos da esperança procedem do espírito que suspira diante de Deus em oração, Rm 8:26, e estes aliviam a alma de seu fardo de temor e cuidado ansioso; ao passo que os gemidos de uma alma sem esperança são desabafados em paixões descontentes contra Deus, e estas são como um vento forte sobre o fogo, fazendo-o arder ainda mais.

"E beberão, e cambalearão, e enlouquecerão, por causa da espada que eu enviarei entre eles", Jr 25:16. Refere-se ali aos inimigos de Deus e de Seu povo. Deus preparara-lhes um cálice que haveria de produzir efeitos estranhos — "cambalearão"; como um homem cujo cérebro se encontra perturbado pela bebida forte, inquieto e agitado; sim, "enlouquecerão". Como alguns que, quando embriagados, brigam com todos os que encontram, assim os seus corações se encheriam de fúria até contra o próprio Deus, que lhes enterra a espada nos lados, por não terem esperança de receber de Sua mão qualquer cura para as suas feridas.

Mas agora, onde há esperança, o coração logo se aquieta e pacífica. A esperança é o lenço que Deus coloca nas mãos de Seu povo para limpar as lágrimas de seus olhos, as quais as suas tribulações presentes e a longa demora das misericórdias esperadas deles extraem. "Poupa a tua voz de choro, e os teus olhos de lágrimas; porque há recompensa para o teu trabalho, diz o Senhor; pois eles voltarão da terra do inimigo. E há esperança no teu fim", Jr 31:16-17.

Esta, juntamente com algumas outras promessas consoladoras que Deus deu ao Seu profeta Jeremias em uma visão, de tal modo inundou e preencheu o seu coração de alegria que ele se sentiu tão refeito e confortado quanto um homem enfermo ou cansado se sente após uma noite de sono suave: "Sobre isto despertei... e o meu sono foi doce para mim", versículo 26. Quando, contudo, a promessa parece demorar muito, a esperança pacifica o cristão com uma tríplice garantia.

Primeira. A esperança garante à alma que, embora Deus demore um pouco antes de cumprir a promessa, Ele não Se atrasa.

Segunda. Que, quando vier, recompensará abundantemente a Sua mais longa demora.

Terceira. Que, enquanto demora em cumprir uma promessa, deixará o consolo de outra promessa para fazer companhia ao cristão na ausência daquela.

UMA TRÍPLICE GARANTIA que a esperança concede ao cristão quando Deus demora em cumprir a Sua promessa

Primeira garantia. A esperança garante à alma que, embora Deus demore um pouco antes de cumprir a promessa,

Ele não Se atrasa. "Porque a visão é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá; se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará", Hb 2:3. Como é isto? "Embora tarde, não tardará!". Como reconciliaremos este tardar e não tardar? Muito bem. Embora a promessa tarde até ao tempo determinado, contudo não tardará além dele.

"Mas, aproximando-se o tempo da promessa que Deus tinha jurado a Abraão", diz-se, "o povo cresceu e se multiplicou no Egito", At 7:17. Assim como as ervas e flores que dormem todo o inverno em suas raízes debaixo da terra, sem qualquer menção a elas, quando se aproxima o tempo da primavera, imediatamente brotam de seus leitos, onde jaziam há tanto tempo sem serem percebidas. Assim fará a promessa em sua estação.

Atrasa-se aquele que ultrapassa o tempo determinado, mas apenas se demora aquele que espera pelo tempo determinado e então vem. Cada promessa encontra-se datada, mas com caracteres misteriosos; e, por falta de habilidade na cronologia de Deus, somos propensos a pensar que Deus Se esquece de nós quando, na verdade, nós nos esquecemos de nós mesmos, ao sermos tão ousados a ponto de estabelecer para Deus um tempo nosso, e ao nos irmos porque Ele não vem exatamente nesse momento ao nosso encontro. É como se um homem acertasse o seu relógio pelo seu próprio estômago faminto e não pelo sol, e depois dissesse ser meio-dia, e reclamasse porque o seu almoço não se encontra pronto.

Somos excessivamente ávidos de consolo e esperamos que a promessa caminhe no ritmo de nossos desejos apressados, e porque o não faz, ficamos descontentes. Uma tolice sem tamanho! O sol não caminhará mais depressa por adiantarmos o

nosso relógio, nem a promessa virá mais cedo por a anteciparmos. É sumamente verdadeiro o que diz um autor: "Embora Deus raramente venha no nosso dia, porque raramente calculamos bem, contudo nunca falha ao Seu próprio dia".

O que diz o apóstolo é digno de nota. Ele exorta ali a igreja de Tessalônica "a que se não movam facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis... como se o dia de Cristo estivesse perto", 2 Ts 2:2-3. Mas que necessidade havia desta exortação para os santos, que esperam que a sua maior alegria venha com a aproximação daquele dia? Podem os seus corações perturbar-se ao ouvirem que o dia de sua redenção se aproxima, que o dia do refrigério está próximo?

Não era, portanto, concebo eu, a vinda daquele dia que se mostrava tão desagradável e assustadora, mas o tempo em que alguns sedutores os queriam persuadir a esperá-lo, como se ele estivesse às próprias portas e imediatamente os devesse surpreender em sua geração, o que teria sido muito triste de fato, porque então teria vindo antes que muitas profecias e promessas tivessem recebido o seu cumprimento, e por esse meio a verdade de Deus teria saído de cena com uma mancha, o que não deve ser, não será, como ele lhes diz: "Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição", 2 Ts 2:3.

E assim como essa promessa aguarda apenas até que aquelas verdades intermédias, que possuem um período mais curto, se cumpram, e então vem sem qualquer possível demora ou paragem; assim fazem todas as restantes, apenas aguardando que o seu cálculo termine e que o que Deus determinou que

intervenha seja despachado, e pontualmente receberão o seu cumprimento em seu tempo estabelecido.

Encontras-te, talvez, sangrando sob um espírito ferido, uma pobre criatura de coração quebrantado que jaz mergulhada em suas lágrimas pelo pecado. A promessa diz-te que Deus está perto de ti para te reviver, a ti, digo eu por nome, Is 57:15. Contudo, voltas desta oração e daquele sermão sem qualquer visão d'Ele, nem podes ouvir mais notícias de Sua vinda do que aquilo que a promessa te dá. Atenta agora para que Deus não sofra qualquer prejuízo por Sua demora em teus pensamentos, mas conclui que o tempo d'Ele não chegou, caso contrário Ele já estaria contigo; e tem cuidado em medir as milhas de Deus pela tua própria escala, pois o "perto" d'Ele pode ser o teu "longe".

Deus poderia ter dito ao Seu povo o tempo em que pretendia vir com o cumprimento de cada promessa de forma tão fácil como o estabeleceu em Seu próprio propósito, mas ocultou-o na maioria, como uma feliz oportunidade para a nossa fé, por meio da qual podemos expressar mais plenamente a nossa confiança ao esperar por aquilo que não sabemos quando receberemos. A fé de Abraão revelou-se grande e forte ao seguir a Deus quando este lhe ocultou o lugar para onde pretendia conduzi-lo. Pois ele partiu "sem saber para onde ia", Hb 11:8. Assim, requer-se grande fé para permanecermos satisfeitos com a promessa quando o tempo do pagamento se encontra oculto.

Mas se considerarmos com quem negociamos, não poderemos ter a menor desconfiança, não, nem mesmo quando Ele mais demorar, de que falhará ou nos atrasará um momento além do tempo estabelecido na promessa. Há três razões pelas quais os homens falham em seus prazos de pagamento e não

comparecem no dia: 1. Esquecimento. 2. Infidelidade. 3. Impotência.

1. Causa: Esquecimento. Muitos não se lembram do que prometem. O dia chega e a promessa está completamente fora de suas mentes. Os homens raramente se esquecem de quando têm a receber, mas com muita frequência de quando têm a pagar dívidas. Uma ocasião extraordinária deve ser enviada para avivar a memória do copeiro, caso contrário ele nunca pensará em sua promessa feita na prisão.

Mas a promessa de Deus nunca está fora de Seus pensamentos: "Lembrou-se da sua aliança", Sl 105:8; o Seu povo e os seus negócios estão "gravados nas palmas de suas mãos, e os seus muros estão continuamente perante ele", Is 49:16. Embora a promoção na corte de Faraó tenha feito o copeiro esquecer a sua promessa a José, contudo toda a glória que Cristo contempla e desfruta no céu não possui o poder de apagar a lembrança de Sua promessa ao Seu povo que jaz em cadeias de aflição aqui na terra.

E Deus gostaria que os Seus santos atentassem para isto para se consolarem até que Ele venha: "Porque eu bem sei os pensamentos que tenho sobre vós, diz o Senhor; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que esperais", Jr 29:11.

2. Causa: Infidelidade. Uma promessa, para alguns, não passa de uma coleira no pescoço de um macaco. Não os tens nem um pouco mais seguros por causa dela; pois eles se livram da obrigação ao seu bel-prazer. Talvez nunca tenham pretendido cumpri-la quando a assumiram, mas fizeram uso de uma promessa apenas como uma chave para trancar a intenção de enganar longe do teu conhecimento presente. Outros, talvez, pretendem no momento o que dizem, mas logo se cansam do

compromisso, diante da visão de alguma desvantagem que os seus pensamentos posteriores revelam como provável de lhes sobrevir com o cumprimento, e, por isso, a sua astúcia é posta a trabalhar para cunhar alguma desculpa elegante para anular o compromisso, ou pelo menos adiar o pagamento.

Isto fez com que Lisandro dissesse de alguns homens que eles brincavam com juramentos e promessas *sicut pueri cum astragalis* [como as crianças com as pedrinhas de jogar]. Eles os manterão se puderem obter proveito com o cumprimento; mas se parecer um jogo perdedor, preferirão contrair dívidas com as suas consciências quebrando-os do que com a sua bolsa, ou qualquer outro interesse mundano, cumprindo-os. Mas não há temor de Deus neste assunto:

(1.) *O Seu nome é verdade e fidelidade.* Ora, poderá a própria verdade mentir, ou a fidelidade enganar? "Na casa de meu Pai", diz Cristo, "há muitas moradas; se não fora assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando eu for... virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo", Jo 14:2-3. Vê aqui a candura e a limpidez do coração de nosso Salvador. Como se dissesse: "Isto não é um estratagema para ir embora, para que vos possa deixar com uma bela história na esperança daquilo que nunca há de acontecer. Não; se soubesse ser de outro modo do que falo, o meu coração está de tal modo cheio de amor por vós que não me teria permitido colocar tal engano sobre vós por mil mundos. Podeis confiar em minha partida; pois tão certamente quanto me vedes partir, os vossos olhos ver-me-ão voltar para a vossa alegria eterna". As promessas não são nenhuma delas sim e não, mas "sim e amém" n'Ele.

(2.) *Ele é sabedoria, bem como verdade.* Sendo Ele verdade, não nos pode prejudicar ou enganar ao quebrar a Sua

palavra; e sendo sabedoria, é impossível que prometa aquilo que O prejudicaria a Si mesmo. E, portanto, Ele não faz emendas em Seus propósitos ou promessas, mas o que faz em qualquer deles é imutável. O arrependimento é, de fato, um ato de sabedoria na criatura, mas pressupõe tolice, a qual é incompatível com Deus.

Em uma palavra, os homens são demasiadamente apressados em prometer; e, por isso, o que prometem à pressa, cumprem-no vagarosamente. Não consideram antes de assumirem o compromisso e, por isso, indagam depois se seria melhor manterem-se fiéis a ele. Mas o Deus infinitamente sábio não necessita deste recurso tardio. Assim como na criação Ele olhou para as diversas peças daquela magnífica estrutura e as viu tão exatas que não tomou o pincel pela segunda vez para corrigir nada do primeiro esboço; assim em Suas promessas, elas são feitas com tamanho juízo e sabedoria infinitos que aquilo que escreveu manterá para sempre: "E desposar-te-ei comigo para sempre; sim, desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo", Os 2:19. Portanto para sempre, porque em justiça e em misericórdia.

3. *Causa: Impotência.* As promessas dos homens, infelizmente, dependem de muitas contingências. O homem talvez seja rico quando assina a promissória, e pobre antes que chegue o dia do pagamento. Um naufrágio no mar, um incêndio em terra, ou outro triste acidente intervém, e ou o empobrece completamente ou o obriga a implorar por mais tempo, dizendo com aquele no evangelho: "Sê paciente comigo, e pagar-te-ei tudo", Mt 18:26.

Mas o grande Deus não pode ser colocado em tais apertos. "A Força de Israel não mente", 1 Sm 15:29. Assim como há a mentira da maldade, quando alguém promete o que não quer cumprir; assim há a mentira que procede da fraqueza, quando

uma pessoa ou coisa não pode cumprir o que promete. Assim, de fato, todos os homens, sim, todas as criaturas se revelarão mentirosos para todos os que nelas se apoiam, chamadas por isso de "vaidades mentirosas". "Vaidades", por vazias e insuficientes; "vaidades mentirosas", porque prometem o que não têm para dar.

Mas Deus é proposto como um fundamento seguro para a nossa fé repousar a este respeito: "Confiai no Senhor para sempre; porque o Senhor Deus é uma rocha eterna" [porque no Senhor Jeová está a força eterna], Is 26:4. Tamanha é a Sua força que não necessita da força de outrem para a sustentar. A capacidade de um homem para cumprir as suas promessas apoia-se na capacidade de outros para lhe pagarem as deles. Se estes lhe falham, ele é obrigado a falhar àqueles. Assim vemos que a falência de um comerciante resulta na falência de muitos outros cujos bens se encontravam em suas mãos.

Mas o poder de Deus é independente. Ainda que toda a criação faleça, contudo Deus continua a ser o mesmo que era, tão capaz de ajudar como sempre: "Porque ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide... todavia eu me alegrarei no Senhor; exultarei no Deus da minha salvação. O Senhor Deus é a minha força", Hb 3:17-19. Oh, quão felizes são os santos! Um povo que nunca pode ser arruinado, não, nem mesmo quando todo o mundo vai à falência, porque possuem a promessa daquele cujo poder não falha quando aquele falece.

O cristão não pode aproximar-se de Deus sem que encontre junto d'Ele aquilo de que necessita: "Oh! Quão grande é a tua bondade, que guardaste para os que te temem", Sl 31:19. Encontra-se guardada, assim como um pai guarda a porção de seu filho, em bolsas, pronta para lhe ser paga quando chegar o momento. O santo não esperará um momento além da data da

promessa: "Contigo está o perdão", diz o salmista. Encontra-se pronto para ti quando vieres reivindicar a promessa.

Segunda garantia. A esperança garante ao cristão que, embora Deus demore muito, contudo, quando vier, recompensará abundantemente a Sua mais longa demora.

Assim como os ímpios nada ganham com a paciência de Deus em adiar a execução de Sua ameaça, senão o acumular de mais ira para o dia da ira; assim os santos nada perdem por não verem a promessa imediatamente paga, mas antes acumulam, pela sua paciência em esperar por Deus por um tempo, mais alegria para o dia alegre em que a promessa será cumprida. "A saber: a vida eterna aos que, com perseverança em fazer o bem, procuram glória, honra", Rm 2:7. Nota que não basta agir bem, mas "perseverar" nisso; e nem isso basta, a menos que seja "paciente perseverança em fazer o bem" — no meio das aparentes demoras de Deus; e quem quer que seja capaz de agir assim, será recompensado finalmente por toda a sua paciência.

Lavrar a terra é um trabalho árduo, contudo, por ser realizado na esperança de colher um aumento tão abundante, o lavrador não desfalece. "Ó minha alma", diz a esperança, "embora careças de teu almoço, resiste apenas um pouco, e terás o almoço e o jantar servidos juntos quando a noite chegar". Os momentos de enfermidade e os desfalecimentos que o cristão tem na ausência da promessa são todos esquecidos, e o incômodo deles superado, assim que ela vem e ele é banqueteadado com a alegria que ela traz: "A esperança adiada enfraquece o coração, mas o desejo cumprido é árvore de vida", Pv 13:12 — isto é, quando vem no tempo de Deus após longa espera, então causa uma alegria transbordante.

Assim como há um tempo que Deus estabeleceu para o amadurecimento dos frutos da terra, antes do qual, se forem colhidos, será para nosso prejuízo; assim há um tempo estabelecido por Deus para as boas coisas da promessa, pelo qual devemos esperar e não colher fora de época, como maçãs verdes arrancadas da árvore — como demasiados fazem, os quais, não dispondo de fé ou esperança para aquietarem os seus espíritos até que o tempo de Deus chegue, apoderam-se por meios ilícitos daquilo que a seu tempo cairia maduro em seus peitos.

E o que ganham estes homens de espírito apressado com a sua pressa? Infelizmente! Encontram os seus desfrutes vazios e mirrados, como o trigo ceifado antes de estar pronto para a foice, com o qual aquele que ata os feixes não enche o seu peito. Portanto, encontramos este dever de esperar ser encorajado sob esta mesma metáfora: "Sede pois, irmãos, pacientes até à vinda do Senhor", Tg 5:7. Esperai pelo tempo de Deus, até que Ele venha conforme a Sua promessa e vos retire de vosso trabalho de sofrimento, e não sejais apressados em vos livrardes da tribulação.

E por que assim? "Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia. Sede vós também pacientes, fortalecei os vossos corações; porque a vinda do Senhor está próxima". O lavrador, o qual diz o provérbio ser *dives in novum annum* [rico em esperança para o ano seguinte] — embora de boa mente quisesse ter o seu trigo no celeiro, contudo espera pelo seu amadurecimento no curso comum da providência de Deus. Quando a chuva temporã vem, ele alegra-se, mas deseja também a chuva serôdia e espera por ela, embora demore a vir.

E não vemos que uma chuva cai por vezes perto do tempo da colheita, a qual encorpa a espiga para o grande aumento da colheita, a qual alguns perdem por, por desconfiança da providência, meterem a foice cedo demais? Estou certo de que as misericórdias vêm mais plenas quando mais esperadas. Cristo não lhes forneceu vinho no casamento de Caná tão cedo quanto Sua mãe desejava, mas eles tiveram mais por terem esperado um pouco.

Há uma dupla plenitude que o cristão pode esperar encontrar naqueles desfrutes pelos quais com longa paciência esperou, acima de outro que não sabe esperar pelo tempo de Deus:

1. Uma plenitude de duração. Os desfrutes arrancados da mão de Deus, e não dados por ela, são apenas hóspedes que vêm para não permanecer por muito tempo; como o filho de Davi nascido em adultério, comumente morrem no berço. São como alguns frutos colhidos verdes, os quais logo apodrecem.

Será a riqueza que é assim obtida? Diz-se de alguns que "se apressam a enriquecer", Pv 28:20. Eles não sabem, por uma diligência consciente em sua vocação particular e exercício da piedade em sua vocação geral, esperar em Deus. Não; a promessa não galopa de forma suficientemente rápida para eles; por isso avançam e, por práticas sórdidas, apressam-se a enriquecer. Mas Deus faz tanta pressa a dissolver os seus bens quanto eles fazem a acumulá-los. Nenhum sal conservará essa carne por muito tempo da corrupção a qual foi superaquecida na condução, nem qualquer cuidado e providência do homem preservará esse patrimônio da maldição de Deus o qual é obtido por busca tão febril e pecaminosa: "A riqueza adquirida por

vaidade" — isto é, caminhos vãos e ilícitos — "diminuirá", Pv 13:11.

Como a gordura doentia que os grandes bebedores e comilões ávidos adquirem para si, ela traz em si aquilo que apressará a sua ruína: "Trabalhar por adquirir tesouro com língua mentirosa é uma vaidade fugitiva daqueles que buscam a morte", Pv 21:6. O sentido é que tais patrimônios são lançados como uma bola de um para outro e não hão de permanecer muito tempo em mão nenhuma, até que caiam na mão do homem piedoso, a quem Deus frequentemente, pela Sua providência, faz herdeiro das riquezas de tais homens, como podes ver em Jó 27:11-23; Ec 2:26.

Novamente, será o consolo e a alegria interior? Alguns apressam-se demasiadamente por isto. Eles não são como os outros cristãos, os quais costumam ter um tempo de sementeira úmido e estão contentes por esperar pela alegria até à ceifa, ou pelo menos até que esta se encontre em algum adiantamento, e a semente da graça, que foi semeada em lágrimas de humilhação, apareça acima do solo em evidências tão sólidas que em algum grau os satisfaçam no que respeita à realidade e verdade da mesma. Então, de fato, o espírito do cristão sincero começa a alegrar-se e o seu consolo permanece, sim, aumenta mais e mais, como o sol que, após uma luta com algum nevoeiro espesso, rompe e obtém uma vitória completa sobre aqueles vapores que por um tempo o escureceram: "A luz dos justos alegra", Pv 13:9 — isto é, triunfa sobre todos os seus temores e dúvidas.

Mas há outros tão apressados que buscam o consolo antes de alguma vez terem sido conduzidos ao conhecimento da tristeza segundo Deus. São libertos de dores sem sofrimento, e a sua fé inflama-se na alegria da certeza antes que qualquer

fumaça de dúvidas e temores se visse erguer em seus corações. Mas, infelizmente! Ela é tão rapidamente perdida quanto obtida, como uma primavera precoce que é crestada pelo frio, que faz o lavrador chorar na ceifa; ou um belo dia de sol no inverno, que gera muitos dias sujos depois dele. O solo rochoso é um exemplo claro disto, Mc 4, cuja alegria desceu tão rapidamente quanto subiu. Vem uma tempestade de perseguição ou tentação e imediatamente ele se escandaliza.

Em uma palavra, toma apenas mais um exemplo, e esse no que respeita à libertação. Tais espíritos apressados que não sabem esperar que a promessa lhes abra a porta da prisão, e que Deus lhes conceda a libertação no Seu tempo, mas arrombam a prisão e, por alguma prática ilícita, se livram da tribulação; não vemos quão miseravelmente agem como tolos? Pois enquanto pensam, pela mediação de sua política pecaminosa, apressar a sua libertação, matam-na no parto, a qual, se tivesse vindo no tempo de Deus, poderia ter permanecido por muitos dias felizes com eles.

Os judeus são um triste exemplo disto; os quais, embora Deus lhes tenha dado plena garantia para a sua libertação da mão babilônica, quiseram contudo seguir o seu próprio caminho, esperando, ao que parece, alcançá-la mais cedo pela política do que poderiam esperar que fosse efetuada pela providência e, por isso, para o Egito correrão com toda a pressa, não duvidando de que de lá trariam a sua libertação. Mas, infelizmente! Revelou-se muito diferente; pois tudo o que obtiveram foi terem mais elos acrescentados à sua cadeia de servidão e os seus senhores exercerem maior rigor sobre eles, o que Deus, pelo Seu profeta, lhes ordena agradecer aos seus próprios espíritos apressados e incrédulos: "Porque assim diz o Senhor Deus, o Santo de Israel: Em vos converterdes e em repousardes estaria a vossa salvação;

no sossego e na confiança estaria a vossa força, mas não quisestes", Is 30:15.

De fato, se olharmos para aqueles que quietamente esperaram pela esperança da vinda de Deus para o seu auxílio, constataremos que sempre se saíram bem. Josué, que resistiu a todos os desânimos da parte de Deus e do homem, crendo firmemente e esperando pacientemente pela terra que Deus prometera, não viveu ele para caminhar sobre as sepulturas deles no deserto que queriam voltar para o Egito? E para ser testemunha também de sua destruição, os quais presumidamente subiram o monte para combater o inimigo e tomar a terra — como tolamente esperavam — antes que o tempo de Deus tivesse chegado, Dt 1? Sim, não dividiu ele finalmente a terra e deitou os seus ossos em um leito de honra após ter vivido para ver a promessa de Deus alegremente cumprida para o Seu povo?

Assim Davi, cuja esperança e paciência foi admirável ao esperar pelo reino após ter recebido a promessa dele; especialmente se considerarmos que belas oportunidades ele teve para retirar o cruel Saul do caminho, cuja vida apenas se colocava entre si e o trono. Nem lhe faltava matéria para preencher uma declaração para a satisfação e pacificação das mentes do povo se tivesse a intenção de ter seguido por este caminho rumo à coroa; mas ele sabia que aqueles argumentos plausíveis para tal ato, os quais teriam agradado à multidão, não teriam pacificado a sua própria consciência e isto deteve a sua mão de forçar a promessa para obter a coroa de que ela estava grávida, mas permitiu que ela cumprisse o seu tempo pleno, e nada perdeu com isso.

2. Flui uma plenitude de bênção com um desfrute colhido no tempo pleno de Deus, o qual se perde por falta de paciência para esperar por ele.

Ora, esta bênção é paga no peito da alma que espera de duas maneiras:

- (1.) Ela tem esse desfrute adocicado para si com o amor e favor de Deus para seu consolo.*
(2.) Ela tem-no santificado para si no fruto feliz que produz para seu bem.

(1.) Ela tem esse desfrute adocicado para si com o amor e favor de Deus para seu consolo; o que não pode tão bem esperar aquele que se serve a si mesmo e não sabe esperar por Deus em Seu próprio tempo para lho colocar no prato. A culpa encontra-se sempre na companhia da impaciência e da desconfiança. E onde a culpa é contraída na obtenção de um desfrute, pouca doçura se pode provar quando ele passa a ser usado. Oh, a culpa é uma coisa amargurante! Mantém a alma em um temor contínuo de ouvir más notícias do céu; e uma alma em temor não se encontra em condições de saborear a doçura de uma misericórdia. Tal pessoa pode alegremente ter uma pequena alegria tumultuosa e aquecer-se por um tempo neste fogo impetuoso de seu próprio acender, até que passe a ter alguma conversa séria com o seu próprio coração a sangue-frio sobre a via e a maneira de obter o desfrute; e isto certamente enviará tal desânimo ao coração da pobre criatura que não permitirá que esse fogo arda claro por muito tempo.

Oh, que golpe é no coração de um opressor dizer de sua grande riqueza, como aquele rei disse de sua coroa: "Eis aqui um belo patrimônio, mas Deus sabe como o obtive!". Que ferimento na alegria de um hipócrita: "Fingi ter muito consolo, mas Deus

sabe como o obtive!". Ao passo que o cristão que recebe qualquer consolo, interno ou externo, da mão de Deus, como resposta à sua espera paciente, não tem nenhum destes tristes pensamentos para o assustar e interromper o seu trago quando a taça se encontra em sua boca. Ele sabe onde obteve o seu patrimônio externo e consolo interno. Ele pode trazer Deus como testemunha de ambos, de que vieram com a Sua permissão e agrado.

Há uma grande disparidade entre a alegria do lavrador no feliz recolhimento de seu trigo na ceifa e a alegria do ladrão que roubou alguns feixes do campo de outrem e se alegra com o seu despojo assim que chega a casa. Possivelmente, ouvirás maior barulho e gritos de alegria na casa do ladrão do que na do lavrador honesto, contudo não se comparam. Uma batida na porta do ladrão por um oficial que vem revistar a sua casa em busca de bens roubados estraga a alegria de toda a casa — que corre, um para este lado e outro para aquele. Oh, que temor e vergonha devem então apoderar-se de seu coração culpado ao ouvir Deus vir em busca de Suas misericórdias e consolos roubados!

(2.) A alma que espera tem os seus desfrutes santificados para o seu bem; e isto falta a outrem com tudo o que possui. E o que é a bênção da misericórdia senão fazer com que ela nos faça bem? Os espíritos apressados pioram com os desfrutes colhidos fora de época. Este é um mal grave de fato: termos riqueza para o nosso dano, e consolo para o nosso dano. Foi o pecado de Israel que "não esperou pelo seu conselho", Sl 106:13. Deus os tomara sob o Seu cuidado e comprometera-Se a prover para eles se tivessem permanecido sob a Sua concessão; mas eles não puderam esperar pelo Seu tempo, "mas deixaram-se levar da cobiça no deserto, e tentaram a Deus na solidão", versículo 14.

Eles deviam ter o que agradasse ao seu paladar, e quando os seus próprios corações impacientes exigissem, caso contrário nada aceitariam. E assim o tiveram: "E ele lhes deu o que pediram", versículo 15.

Mas teria sido melhor para eles ficarem sem o seu banquete, pois não prosperaram com ele: "mas enviou magreza às suas almas", versículo 15. Uma maldição secreta veio com os seus desfrutes, a qual logo apareceu naqueles grandes pecados que consequentemente foram deixados a cometer: "E invejaram a Moisés no campo, e a Arão, o santo do Senhor", versículo 16 — bem como nos pesados juízos pelos quais Deus testemunhou contra eles pelo mesmo motivo, Nm 11:31. Ao passo que as misericórdias que são recebidas no caminho e tempo de Deus revelam-se alimento de melhor sumo e mais pura nutrição para a alma que espera. Elas não rompem em tais tumores e chagas da peste como aquelas. Assim como as primeiras são combustível para a concupiscência, estas são alimento para as graças dos santos, e os tornam mais humildes e santos.

Vê isto em Is 30:18-19, em comparação com o versículo 22, onde eles, como fruto de sua espera paciente por Deus para a sua libertação externa, têm com ela aquilo que vale mais do que a própria libertação, isto é, graça para a aproveitar e usar santamente. Foi uma grande misericórdia a que Ana recebeu, após as suas muitas orações e longa espera, "um filho"; mas uma misericórdia maior foi ter um coração para entregar o seu filho novamente a Deus, que lho dera. Ter patrimônio, saúde ou qualquer outro desfrute mediante a espera por Deus pelo mesmo é misericórdia, mas não se compara com aquela bênção que tempera e santifica o coração para os usar para a glória de Deus.

E esta é a porção habitual da alma que espera, e isso não apenas nos consolos externos, mas também nos internos. A alegria e a paz interna que a alma sincera possui assim tornam-na mais humilde, santa e celestial; ao passo que o consolo de que o hipócrita tão rapidamente se apodera ou se degenera em orgulho e presunção, ou se esvazia em algum outro escoadouro imundo — às vezes até de profanação aberta — antes de correr muito longe.

Terceira garantia. A esperança garante à alma que, enquanto Deus adia o cumprimento de uma promessa, a ausência dela será suprida com a presença de outra.

E isto basta para aquietar o coração de qualquer pessoa que se compreenda a si mesma. Deus dispôs as coisas em um método tão doce que não há um único momento de tempo em que a alma de um crente seja deixada totalmente desprovida de consolo, mas há uma promessa ou outra que se coloca a assistir às suas necessidades presentes. Às vezes, talvez, ele possa carecer daquilo que fortemente deseja, contudo mesmo aí se cuida de sua subsistência presente; uma promessa faz companhia ao cristão enquanto outra vem. E que causa tem o doente de se queixar, ainda que todos os seus amigos não se sentem juntos com ele, se eles se revezarem e nunca o deixarem sem um número suficiente para cuidar dele?

Lemos sobre uma "árvore da vida", Ap 22:2, "que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês", de modo que nunca se encontra sem algum pendente nela que seja adequado para quem come. O que pode esta árvore ser melhor concebida para ser senão Cristo, que produz toda a espécie de frutos em Suas promessas, e consolo para todos os tempos, todas as condições? O crente nunca pode aproximar-se sem que encontre

alguma promessa madura para ser comida, com a qual possa bem saciar o seu estômago até que a outra — cujo tempo de ser colhida ainda não chegou — penda para maior amadurecimento. Aqui vê-se que o cristão possui provisão para o ano inteiro.

Quando Cristo regressou ao céu, deu aos Seus discípulos isto para os consolar: que viria outra vez e os levaria consigo para a casa de Seu Pai, onde Ele próprio vive agora na glória, Jo 14:2-3. Isto é de fato doce. Mas, infelizmente! O que farão eles entretanto para suportar aquelas muitas tempestades que haveriam de intervir entre esta promessa e o tempo em que ela será cumprida? Isto também o nosso Salvador considerou e diz-lhes que não pretende deixá-los órfãos [sem consolo], mas dá-lhes outra promessa para manterem a casa entretanto, isto é, a promessa de Seu Espírito — o qual estaria com eles na terra até que Ele os levasse para estarem com Ele no céu, Jo 14:16.

O cristão nunca se encontra em tal perda onde a esperança o não possa socorrer: "Bendito o homem que confia no Senhor, e cuja esperança é o Senhor. Porque será como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro, e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e no ano de sequeidão não se afadiga, nem deixa de dar fruto", Jr 17:7-8. Estas águas são as promessas de onde o crente extrai matéria contínua de consolo, para que, tal como uma árvore plantada junto a um rio floresce, seja como for que corra o ano, assim ele o faz, seja qual for a têmpera da providência externa de Deus.

Possivelmente o cristão encontra-se em um estado aflito e a promessa de libertação não vem, contudo mesmo aí a esperança o pode entreter na ausência daquela, às custas de outra promessa — que, embora Deus o não liberte presentemente da

aflição, contudo o sustentará sob ela, 1 Co 10:13. Se contudo o cristão não consegue ver esta promessa ser-lhe paga em tal altura que o desobrigue de toda a impaciência, desconfiança e outras enfermidades pecaminosas — que para sua tristeza encontra demasiado ativas nele, apesar de toda a promessa —, então a esperança possui outra janela para deixar sair a fumaça, que consiste em apresentar à alma aquelas promessas que garantem ao cristão fraco que a misericórdia perdoadora cobrirá aqueles defeitos que a graça auxiliadora não conquistou plenamente: "E poupá-los-ei, como um homem poupa a seu filho, que o serve", Ml 3:17. Assim, Mq 7:18: "Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniquidade, e te esqueces da transgressão do resto da tua herança? O Senhor não retém a sua ira para sempre".

E certamente Deus não teria permitido que tanta impaciência tivesse rompido em Jó, senão para que restasse algo para a misericórdia perdoadora realizar ao final de tudo, à qual aquele homem santo se visse devedor, tanto pela sua libertação quanto por aquele testemunho honroso também que o próprio Deus deu dele diante de seus amigos sem caridade, os quais, devido às suas grandes aflições e a alguma perturbação de espírito nelas, de forma tão implacável o sobrecarregaram com a pesada acusação de ser um hipócrita.

DIRETRIZ 9 — TERCEIRA PARTE GERAL

Aplicação Da Doutrina Do Capacete Cristão, Tanto Àqueles Que O Têm Quanto Àqueles Que Não O Têm

Tendo mostrado agora o que é o capacete da salvação e vários de seus ofícios para o cristão, prosseguimos para demonstrar como sua doutrina se aplica tanto àqueles que o têm

quanto àqueles que não o têm, bem como os diversos pontos de aplicação que dela fluem naturalmente. Estes podem ser classificados em quatro: Primeiro, uma aferição de que metal o nosso capacete da esperança é feito; Segundo, uma exortação àqueles que, após a aferição, o considerarem genuíno, na qual se insistem em dois deveres; Terceiro, argumentos sobre o porquê de devermos fortalecer nossa esperança, acompanhados de diretrizes sobre como podemos fazê-lo; Quarto, uma exortação àqueles que carecem desse capacete da esperança.

Primeiro Ponto De Aplicação

Aferição De Que Metal O Nosso Capacete Da Esperança É Feito

Para aferir se temos ou não este capacete da esperança sobre a nossa cabeça — este capacete, digo eu, que nos é recomendado no texto. Quanto a mercadorias tão insignificantes com as quais a maioria se contenta por questões de economia, ai de nós! não merecem mais o nome de uma verdadeira esperança do que um chapéu de papel merece o de um capacete. Oh, atentai para o metal e a têmpera de vosso capacete de maneira especial, pois é contra ele que a maioria dos golpes é desferida. Aquele que busca principalmente defender sua própria cabeça — refiro-me à serpente — terá como principal objetivo ferir a vossa. Ninguém, exceto tolos e crianças, é tão crédulo a ponto de se inflar com grandes esperanças por qualquer motivo fútil e fundamento frágil. Aqueles que são sábios e têm o juízo perfeito serão tão cautelosos ao depositar suas esperanças, especialmente quanto à salvação, quanto um piloto prudente, que carrega uma carga valiosa, o seria ao decidir onde atracar seu navio e lançar sua âncora.

Há motivos para o nosso máximo cuidado nisso, porque nada expõe mais os homens à vergonha do que se depararem com a decepção em suas esperanças. “Ficaram envergonhados, porque tinham confiado; e, chegando ali, se confundiram”, Jó 6:20; isto é, por perderem o que esperavam encontrar naqueles ribeiros. Contudo, não há vergonha comparável àquela a que uma falsa esperança de salvação eterna sujeitará os pecadores no fim; alguns ressuscitarão para a “vergonha eterna”, Dn 10. Eles acordarão de suas sepulturas, e também daquele paraíso dos tolos em que suas vãs esperanças os entretiveram durante toda a vida, e verão, em vez do céu que esperavam, o inferno à espera deles, bocejando com a boca totalmente aberta para tragá-los.

Se os servos de Eglom ficaram tão envergonhados após esperarem por um tempo à porta de seu príncipe, de quem esperavam toda a sua promoção, ao encontrá-lo morto no chão, e com ele suas esperanças, Jz 3:25; oh, qual coração poderá conceber que mistura de vergonha e horror se encontrará em suas faces e corações no grande dia, ao verem todas as suas esperanças do céu caírem decapitadas, deixando-os nas mãos de demônios atormentadores por toda a eternidade! Os soldados de Aníbal não dividiram com tanta confiança as lojas de ourives em Roma entre si — as quais, contudo, nunca conquistaram — como muitos pecadores presunçosos prometem a si mesmos a bem-aventurança e a felicidade do céu, mas, em vez disso, deverão assentar-se com vergonha no inferno, a menos que consigam, antes de morrer, apresentar um fundamento melhor para a sua esperança do que aquele que são capazes de mostrar agora.

Oh, o que farão esses sonhadores tolos no dia da ira do Senhor, quando virem o mundo inteiro em chamas ao seu redor e ouvirem Deus — cujos olhos penetrantes os examinarão de

ponta a ponta — chamando-os diante de homens e anjos para o escrutínio! Sustentarão eles a sua esperança e a afiançarão diante de Cristo, aquela mesma em que agora tanto se vangloriam? Certamente seus corações desfalecerão diante de tal empreendimento. Ninguém, então, falará tão mal deles quanto suas próprias consciências. Deus, naquele dia, usará suas próprias línguas para acusá-los e exporá a tolice de sua esperança ridícula para a confusão de suas faces perante todo o mundo. O profeta prediz um tempo em que os falsos profetas “se envergonharão, cada um da sua visão, quando profetizarem; nem mais se vestirão de manto de pelos para enganar, mas dirão: Não sou profeta, sou lavrador da terra”, etc., Zc 13:4-5.

Em verdade, o falso profeta mais notório que o mundo tem, e o que mais engana, é esta vã esperança que os homens adotam para a sua salvação. Esta profetiza paz, perdão e o céu como porção daqueles que nunca entrou no coração de Deus constituir como herdeiros. Mas o dia vem, e se apressa, em que esse falso profeta será confundido. Então o hipócrita confessará que nunca teve esperança alguma de salvação, exceto aquela que era o ídolo gerado por sua própria imaginação; e o formalista lançará fora o manto de sua profissão de fé com o qual enganava a si mesmo e aos outros, e aparecerá diante de si mesmo e de todo o mundo em suas cores reais e nuas. Convém, portanto, que cada um seja rigoroso e minucioso na investigação do seu próprio coração, para descobrir sobre o que a sua esperança está edificada.

Ora, a esperança de boa procedência é uma esperança racional e bem fundamentada. “Estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós”, 1 Pe 3:15. Ai de nós! Como podem dar uma resposta aos outros aqueles que não têm

nenhuma para dar às suas próprias consciências diante desta pergunta: “Por que esperas ser salva, ó minha alma?”. Não há cristão, por mais fraco que seja na graça, que não tenha alguma razão alicerçada nas Escrituras — pois não me refiro a outro fundamento — para a esperança que professa.

Pensais vós, sim, podereis ser tão absurdos a ponto de pensar que a vossa própria e audaciosa presunção, sem qualquer palavra de promessa sobre a qual se edificar, possa dar às vossas almas o direito à herança no reino de Deus? Se alguém viesse e dissesse que a vossa casa e as vossas terras lhe pertencem, e não vos mostrasse nenhum documento assinado por vossa própria mão pelo qual vós lhe tivésseis concedido direito a isso, mas tudo o que ele pudesse dizer fosse que sonhou na noite passada que a vossa casa e as vossas terras eram dele, e por isso agora as exige; não pensaríeis que o homem enlouqueceu e que estaria mais apto para o manicômio do que para herdar os vossos bens? E, no entanto, há muitos que esperam ser salvos e que não podem dar razão melhor do que esta para isso, sendo tais todos os pecadores grosseiramente ignorantes e profanos.

Assim como para o santo basta, a fim de acabar com a aflição em que seus medos o lançam, perguntar à sua alma por que ela está abatida dentro dele, bastando observar quão pouca razão seu coração pode dar para isso; da mesma forma bastaria para derrubar o pecador audaz de suas esperanças garbosas se ele pudesse ser persuadido a prestar contas a si mesmo, interpellando sua alma às vezes e resolvendo não se mover sem uma resposta satisfatória: “Em sóbria seriedade, dize-me, ó minha alma! Que razão encontras em toda a Bíblia para esperares a salvação, tu que vives na ignorância de Deus ou na prática contínua do pecado contra Deus?”. Certamente, ele acharia sua alma tão muda e sem palavras quanto o homem sem

as vestes nupciais ficou diante da pergunta de Cristo. Esta é a razão pela qual os homens são tão estranhos a si mesmos e não ousam entrar em qualquer diálogo sobre este assunto com seus próprios corações, pois sabem que logo provocariam um alvoroço em suas consciências que não se aquietaria facilmente. Eles mimam seus corações falsos tanto quanto Davi mimou Adonias, a quem em toda a sua vida nunca desagradou a ponto de perguntar: “Por que fazes assim?”; tampouco eles perguntam às suas almas até o dia de suas mortes: “Alma, por que esperas assim?”. Ou, se o fizeram, foi como Pilatos, que perguntou a Cristo o que era a verdade, Jo 18:38, mas não teve disposição para esperar pela resposta.

Talvez sejas uma alma ignorante, que não sabe quem é Cristo, nem em que aspecto de Cristo a esperança deve se apegar; mas, apenas com uma suposição cega, esperas que Deus seja bom demais para ti a ponto de não te condenar no fim. Mas por que esperas assim, tu não podes dar nenhuma razão, e nem eu tampouco. Se Ele te salvar como és agora, terá de fazer um novo evangelho por tua causa; pois nesta Bíblia, ela te condena sem esperança nem socorro. O evangelho está “encoberto para os que se perdem”, 2 Co 4:3. Mas, se o conhecimento fosse suficiente, tu talvez pudesses mostrar uma boa reserva dele. Este é o parapeito atrás do qual te escondes, desviando os disparos que te são feitos a partir da Palavra contra as concupiscências em que vives e te deitas como um animal em seu esterco, contaminando-te com elas diariamente.

E é isto tudo o que tens para provar que as tuas esperanças de salvação são verdadeiras e sólidas? De fato, muitos não fazem melhor uso do conhecimento que têm das Escrituras do que os ladrões fazem do conhecimento que têm das leis do país, os quais não as estudam com a intenção de cumprir-

las, mas para se tornarem mais astutos em evitar as acusações delas quando por elas forem questionados. Da mesma forma, muitos se familiarizam com a Palavra — especialmente com as passagens que exibem a misericórdia de Deus para com os pecadores em sua maior amplitude — para que, com elas, possam recheiar um travesseiro sobre o qual reclinar as suas cabeças miseráveis quando o clamor das abominações em que vivem começar a perturbar-lhes o repouso. Que Deus vos livre, meus queridos amigos, de uma esperança como esta. Certamente pretendeis providenciar uma resposta melhor para dar a Cristo no grande dia do que esta, sobre o porquê de esperardes ser salvos por Ele, não é verdade? Pensas tu que o teu conhecimento será uma defesa tão forte para a salvação quanto os pecados em que te chafurdas, contra esse mesmo conhecimento, serão para a tua condenação? Se há esperança para pessoas como tu, então que venham Judas e Jezabel, sim, os demônios e todos vós, espíritos infernais, e junteis-vos a esta boa companhia para ter parte com eles, pois alguns de vós podeis alegar mais desse conhecimento do que qualquer um deles.

Mas talvez tenhas ainda mais a dizer em teu favor do que isso. Tu és não apenas uma pessoa instruída, mas também reformada; escapaste das poluições em que antes jazias; sim, a tua reforma é embelezada e exibida com uma profissão de religião muito vistosa, e ambas te renderam uma opinião muito elevada no conceito de todos os teus vizinhos; de modo que, se o céu pudesse ser alcançado por tuas mãos, tu poderias talvez obter um testemunho de conduta irrepreensível e santa entre eles. No entanto, deixa-me dizer-te: se queres ser fiel à tua própria alma, não debes descansar na opinião caridosa que eles têm de ti, nem julgar as tuas esperanças do céu por aquilo que cai sob a percepção deles, a saber, o comportamento do teu

homem exterior — pois o olhar e a observação deles não vão além disso —, mas debes olhar para dentro do teu próprio peito e indagar que fonte encontras ali que tenha sido a causa desta mudança e deste novo movimento manifestado em tua conduta externa.

Isto, e somente isto, deve decidir a controvérsia e levar os teus pensamentos a uma conclusão sobre o que julgar de tua esperança, se espúria ou legítima. Não é uma aparência renovada que colore nosso comportamento exterior, mas sim um novo princípio que altera a estrutura interna do coração, o que evidenciará ser a tua esperança boa e genuína. “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua abundante misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança”, 1 Pe 1:3. O novo nascimento dá direito a uma nova esperança. Se a alma está morta, a esperança não pode estar viva. E a alma pode estar morta e, no entanto, ser revestida de uma roupagem muito bonita de reforma externa e profissão de fé, assim como um cadáver pode ser vestido com roupas luxuosas. O filho de um mendigo que veste as roupas do filho de um homem rico pode tão bem esperar herdar as terras do rico quanto tu, por meio de uma reforma e profissão externas, esperar ser herdeiro de Deus na glória.

As esperanças do filho vêm de seu próprio pai, não de um estranho. Ora, enquanto estás no estado natural — por mais refinado que seja —, o velho Adão é o teu pai; e o que podes esperar daquele que se mostrou pior do que nada e que não deixou nada à sua pobre posteridade, a não ser que coloquemos em seu inventário um corpo mortal e frágil, uma natureza pecaminosa e uma terrível expectativa de morte temporal e eterna sob a mão irada de um Deus provocado — o que ele, de fato, deixou a todos os seus filhos? Oh, senhores, como podeis

consentir que o sono caia sobre vossos olhos antes de entrardes nesta relação com Deus! Ana era uma mulher de espírito amargurado até receber um filho de Deus; e não tens tu mais razões para estar assim até que possas te tornar um filho de Deus? É mil vezes melhor que morras sem filhos do que sem pai; quero dizer, que não deixes nenhum filho para herdar teus bens na terra do que não teres um Pai para te dar uma herança no céu quando fores levado daqui.

Segundo ponto de aplicação

Exortação Àqueles Que Têm Este Capacete Da Esperança

Para exortação de vós, crentes, que, sob aferição, constatou-se possuídes este capacete da esperança. Diversos deveres devem ser inculcados sobre vós como tais: Primeiro, sede agradecidos por este dom indizível; Segundo, vivei à altura de vossas esperanças.

Deveres que a posse do capacete da esperança envolve

Primeiro dever: Sede agradecidos por este dom indizível. Não acreditarei que o tens se o teu coração não se derramar abundantemente em gratidão por ele. O bem-aventurado Pedro não pode falar disso senão em forma de doxologia: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que [...] nos regenerou para uma viva esperança [...] para uma herança incorruptível, sem mácula e imarcescível”, 1 Pe 1:3-4. O prólogo usual das epístolas de Paulo segue esse tom, Cl 1:5; Ef 1:3. Tens esperança no céu? Isto é mais do que se tivesses o mundo inteiro em mãos. O maior monarca que a terra possui ficaria feliz, na hora da morte, em trocar sua coroa pelo teu capacete. A coroa dele não lhe garantirá este capacete, mas o

teu capacete te conduzirá a uma coroa, quando ele não tiver nenhuma para usar — uma coroa não de ouro, mas de glória, que, uma vez colocada, jamais será removida, como a dele certamente será.

Oh, lembra-te, cristão, do que eras há bem pouco tempo — tão distante de ter qualquer esperança do céu, que estavas sob uma terrível expectativa do inferno e da condenação. E foram removidas essas correntes de culpa com as quais a tua consciência trêmula era sobrecarregada até o desespero, e a tua cabeça foi erguida para buscar tão alta honra na corte celestial daquele Deus cuja ira, por tuas horríveis traições, havias tão justamente provocado contra ti? Certamente, de todos os homens do mundo, és o que está em maior dívida com a misericórdia de Deus. Se Ele deseja ser agradecido por uma cêdea de pão, com certeza espera que Lhe dêes muito mais por uma coroa. Se o alimento e o vestuário, embora rústicos e humildes — suponhamos apenas raízes e trapos —, devem ser recebidos com gratidão; oh, com que arrebatamento de amor e ações de graças debes pensar e falar daquelas iguarias e vestes com as quais esperas ser alimentado e vestido neste reino celestial!

especialmente se desviares o teu olhar para o lado e contemples aqueles que outrora foram teus companheiros de prisão — em que estado triste e sombrio eles continuam —, enquanto toda esta felicidade te sobreveio! Certamente, não deixaria de comover o coração e despertar a admiração pela misericórdia e favor imerecido de seu príncipe aquele que é salvo da força apenas por seu perdão gracioso, se, ao andar de carruagem em direção à corte de seu príncipe — para ali viver em riqueza e honra —, encontrasse alguns de seus companheiros traidores sobre trenós de execução, sendo arrastados cheios de

vergonha e horror para a morte pela mesma traição em que tiveram participação tão profunda quanto qualquer um deles. E não vês tu, cristão, muitos de teus pobres vizinhos, com os quais talvez tenhas tido parceria no pecado, manietados pela impenitência e incredulidade, marchando rapidamente rumo ao inferno e à destruição, enquanto tu, pela livre e soberana misericórdia de Deus, estás a caminho do céu e da glória? Oh, cai de joelhos e clama: “Senhor, por que te manifestas a mim, e não a estes?”. Quão fácil e justo teria sido para Deus direcionar o perdão a eles e a sentença de condenação a ti! Quando tiveres esgotado o teu próprio fôlego e vigor no louvor a Deus, precisarás solicitar uma contribuição de louvores de todos os teus amigos que tenham um coração disposto a colaborar com obra tão caridosa, para que te ajudem a saldar essa dívida; e, somando tudo isso ao que tu mesmo no céu despenderás por toda a eternidade em moeda melhor do que se pode esperar de ti aqui — onde a tua alma está aviltada por misturas pecaminosas —, isso deve ser considerado antes um reconhecimento do que deves ao teu Deus do que o pagamento de qualquer parcela mínima dessa dívida.

Segundo dever: Vive à altura de tuas esperanças, cristão. Haja decência [*decorum*] entre os teus princípios e as tuas práticas, entre a tua esperança do céu e o teu caminhar na terra. O olho deve guiar o pé. Tu buscas a salvação; caminha na mesma direção para a qual o teu olho aponta. Isto é tão frequentemente insistido na Palavra, o que demonstra tanto a sua necessidade quanto a sua dificuldade. Às vezes somos estimulados a agir “como convém aos santos”, Rm 16:2; Ef 5:3. Outras vezes, “de modo digno do evangelho de Cristo”, Fp 1:27. E ainda outras, “como convém a quem professa a piedade”, 1 Tm 2:10. Há um *prepon* [*πρέπον* — decoro e comportamento

adequado] que, se o cristão não observar em seu andar, entregará sua alta vocação e suas esperanças ao escárnio e ao desprezo. Olhar para o alto e viver na baixeza, oh, quão ridículo isso parece a todos os homens!

Quando um homem é vestido de propósito para ser ridicularizado e transformado em motivo de chacota, colocam-lhe algo de rei e algo de mendigo para que, por meio dessa colcha de retalhos de falsa majestade misturada com baixeza sórdida, ele pareça ainda mais tolo diante de todos os presentes. E, certamente, se o diabo pudesse vestir um homem para lançar sobre ele a maior vergonha e ignomínia — sim, sobre Cristo e a profissão de seu evangelho —, não poderia conceber meio mais rápido do que persuadir um miserável a fingir esperanças elevadas e gloriosas do céu, e então não apresentar nada condizente com essas esperanças grandiosas em sua conduta diária, sendo tudo vil e indigno de tais reivindicações reais. Se visseis alguém indo para o campo de batalha com um capacete de bronze na cabeça, mas com uma espada de madeira em uma mão e um escudo de papel na outra, e o restante de sua armadura semelhante a essas peças, não esperaríeis que ele causasse qualquer dano aos seus inimigos, a não ser que estes arrebatassem de tanto rir dele. Belo espetáculo como esse é o do professor jactancioso, que ergue a cabeça no alto com uma audaciosa expectativa de salvação, mas não consegue demonstrar nenhuma outra graça que se ajuste à grande esperança que assumiu; ele pode divertir o diabo, mas nunca lhe causará grande dano, nem fará bem a si mesmo.

Pergunta: Mas talvez perguntes: Como deve o cristão viver à altura de suas esperanças?

Resposta: Respondo, em geral, que ele deve ter o cuidado de não fazer nada em que não possa exercer livremente a sua esperança e, com base na promessa, esperar que Deus, por amor de Cristo, tanto aprove a ação quanto recompense a sua pessoa por ela. Apresenta esta pergunta seriamente à tua alma antes de te engajares em qualquer obra: “Posso esperar que Deus me conceda bom êxito? Posso buscar o Seu favor nisso e a Sua bênção sobre isso?”. É muito indigno de um cristão fazer qualquer coisa de forma sorrateira, como se temesse que Deus ou a sua consciência fossem cúmplices de sua obra. “Tudo o que não provém da esperança é pecado, porque não pode provir da fé.” Oh, como isso guardaria o coração do cristão de todos os desvios!

É possível que tenhas algum rancor contra o teu próximo. O fogo está aceso no teu coração, embora não se inflame imediatamente em palavras amargas e comportamento irado, e estás prestes a orar. Pergunta agora à tua alma se Deus aceitará esse sacrifício que foi acendido com tal fogo estranho. Sim, ordena à tua alma que reflita sobre como as tuas esperanças de receber a misericórdia perdoadora e salvadora de Deus podem se harmonizar com o teu espírito irado e implacável para com o teu irmão. Certamente, assim como o sol não pode ser bem visto através de uma atmosfera turbulenta, o olho da esperança também não pode ver claramente o seu objeto — a salvação celestial — quando a alma se acha tumultuada e agitada pela ira e por paixões anticristãs.

Mas, para exemplificar em alguns casos específicos nos quais debes agir em conformidade com as tuas esperanças de salvação:

Casos em que o cristão deve viver à altura de suas esperanças

Primeiro caso: Em tuas companhias. O homem é uma criatura sociável — criado para a comunhão. E que companhia seria adequada para ti, senão aqueles que possuem a mesma educação e as mesmas esperanças que tu? Os santos constituem uma sociedade distinta do mundo. “E os nossos aprendam também a aplicar-se às boas obras”, Tt 3:14. “Os nossos”, isto é, da nossa comunhão. E convém que busquem companhia entre os seus. O exemplo de Pedro e João é notável: “E, soltos eles, foram para os seus”, At 4:23. Quando estavam entre o mundo ímpio, consideravam que não estavam em sua própria companhia e, por isso, não permaneciam ali senão o tempo estritamente necessário.

Certamente havia na terra de Canaã muitas pessoas com as quais Abraão poderia ter se associado; contudo, ele sabia que elas não eram companhias adequadas para se ligar em qualquer intimidade de convivência e, por isso, diz-se dele que “peregrinou na terra da promessa, como em terra alheia, habitando em cabanas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa”, Hb 11:9. Nós o encontramos, de fato, aliado a Manre, o amorreu, e a Escol e Aner, seus irmãos, Gn 14:13, o que pressupõe uma relação mais do que comum. Mas estes, com toda a probabilidade, eram prosélitos e, pelas piedosas exortações de Abraão, haviam renunciado à idolatria para adorar com ele o Deus verdadeiro. E podemos ser ainda mais levados a pensar assim porque os encontramos profundamente engajados com Abraão na batalha contra aqueles príncipes vizinhos idólatras, o que, se eles mesmos fossem idólatras, provavelmente não teriam feito por um estrangeiro, e ainda por cima de uma religião estranha à deles. Vemos quão caro alguns

dos santos pagaram por sua proximidade com os ímpios, como Josafá por sua intimidade com Acabe, e muitos outros. E se, sabendo disso, ainda assim nos associarmos com tais pessoas, não podemos racionalmente esperar pagar menos do que eles pagaram; sim, e muito nos ajudará se sairmos tão baratos, visto que temos as loucuras deles registradas para nos tornar mais sábios.

Oh, considera, cristão, para onde estás indo em tuas esperanças! Não é para o céu? E não buscam os homens companhias que sigam pelo mesmo caminho que eles? E estão os ímpios no teu caminho? Quando o caminho do céu e o do inferno se unirem em uma única estrada, então, e não antes, isso será possível. E se o teu companheiro não quiser andar no caminho do céu, o que farás tu que caminhas com ele? É de se temer que tenhas de ceder demasiadamente ao modo de proceder dele. Em uma palavra, cristão, a tua esperança aponta para o céu; e não é uma das coisas pelas quais esperas, ao chegares lá, ser liberto de toda companhia com os ímpios? E aquilo pelo qual esperas então, não o pedes em oração agora? Certamente o fazes, se fores um verdadeiro santo. Tudo o que é objeto da esperança de um santo é tema de sua oração. Sempre que dizes “Venha o teu reino”, estás orando por isso. E será que o esperar e o orar para ser liberto deles é compatível com lançar-te sobre eles e manter intimidade com eles?

Segundo caso: Tu ages em conformidade com as tuas esperanças de salvação quando te esforças para ser tão santo em tua conduta quanto és elevado em tua expectativa. O apóstolo insiste nisso a partir da conveniência da própria situação: “Quão santos deveis de ser em vosso procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus”, 2 Pe 3:11-12. Certamente convém ser santo a ponto de despertar

admiração àqueles que aguardam um dia tão abençoado! Esperamos, então, ser semelhantes aos anjos na glória e, por isso, deveríamos, se possível, viver agora como os anjos em santidade.

Cada alma crente é a esposa de Cristo. O dia da conversão é o dia dos esponsais, no qual ela é contratada e desposada pela fé com Cristo; e, como tal, vive na esperança do dia do casamento, quando Ele virá buscá-la para levá-la à casa de Seu Pai — como Isaque fez com Rebeca, levando-a para a tenda de sua mãe —, para ali coabitar com Ele e viver em Seus doces abraços de amor por todo o sempre. Ora, desejaria a noiva que o noivo a encontrasse, quando viesse, com suas vestes desleixadas e vis? Certamente não. “Porventura, esquece-se a noiva dos seus adornos?”, Jr 2:32. Já se ouviu falar de alguma noiva que se esqueceu de providenciar seu vestido de casamento para o dia das núpcias, ou de vesti-lo quando aguardava a vinda de seu noivo? A santidade é a “veste bordada” na qual, cristão, deves ser “levado ao teu rei e esposo”, Sl 45:14. Por que o dia do casamento é adiado por tanto tempo, senão porque esta veste demora tanto a ser confeccionada? Uma vez terminada a confecção e estando tu devidamente trajado, então chega aquele dia alegre: “São chegadas as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou”, Ap 19:7.

Não tens, cristão, argumento mais poderoso para abater todas as tentações ao pecado, nem caminho mais honroso para obter a vitória sobre elas, do que colocar a tua esperança para lutar contra elas. Confesso que é bom quando este inimigo é derrotado, não importa por qual mão ele caia; embora seja o temor do inferno que o golpeie na vida dos homens, isso é melhor do que nada. Contudo, devo dizer-vos que, assim como o estado dos israelitas era pobre e servil quando se viam

obrigados a recorrer à pedra de afiar dos filisteus para “afiar cada um a sua relha e a sua enxada”, 1 Sm 13:20, da mesma forma revela que o cristão não se encontra em um estado muito bom quanto aos seus negócios espirituais quando precisa recorrer ao argumento do homem ímpio para se abster de pecar, e nada consegue aguçar o seu espírito para cortar a tentação senão aquilo que o próprio mundo incircunciso utiliza.

Tu, cristão, és de um espírito mais nobre e de um caráter mais refinado do que estes, creio eu. E assim como temos uma pedra mais fina para afiar uma navalha do que a que usamos para uma faca de açougueiro, da mesma forma, certamente, um argumento mais espiritual e genuíno te conviria muito melhor para te tornar afiado e aguçado contra o pecado do que aquilo que às vezes prevalece sobre o pior dos homens para fazê-los ao menos conter a execução de sua maldade. Dirige-te tu, cristão, à tua esperança e, enquanto o pecador servil se assusta e se aterroriza de sua concupiscência por meio do fogo e do enxofre, envergonha-te tu de qualquer proximidade com ela diante das grandes e gloriosas coisas que aguardas no céu.

É algum pecado de prazer sensual que assalta o teu castelo? Dize, pois, à tua alma: “Agirei eu como um animal na terra, eu que espero ser uma criatura tão gloriosa no céu? Estará esta cabeça agora reclinada no regaço de uma Dalila, quando em breve espero que ela seja depositada no seio de Abraão? Posso consentir agora em contaminar com a luxúria e o vômito este corpo, que é a veste que minha alma espera usar no céu? Oh, não! Afasta-te, Satanás! Nada quero ter contigo, nem com qualquer coisa que me torne inadequado para aquele lugar bendito e santo estado que aguardo”.

Terceiro caso: Que a tua esperança do céu modere os teus afetos pelas coisas da terra. “Sede sóbrios e esperai”, diz o apóstolo, 1 Pe 1:13. Vós, que aguardais tanto em outro mundo, podeis muito bem contentar-vos com pouco neste. Nada é mais incompatível com uma esperança celestial do que um coração terreno. Julgaríeis algo vergonhoso ver um homem rico, detentor de imensa fortuna, misturado entre os pobres respigadores no tempo da colheita, tão ocupado em recolher as espigas que restaram no campo quanto o mendigo mais miserável do grupo. Oh, como todo o mundo clamaria contra a vergonha de um homem de espírito tão sórdido! Pois bem, cristão, não te ires se eu te disser que fazes algo muito mais vergonhoso a ti mesmo se tu, que pretendes esperar o céu, te mostrares tão ávido na busca pelo lixo deste mundo quanto o pobre miserável carnal que não espera outra porção senão a que Deus lhe deixou para recolher no campo deste mundo.

Certamente, a tua esperança ou é falsa ou, na melhor das hipóteses, muito pequena. Quanto mais alto o sol de verão se eleva acima do horizonte, mais força ele possui tanto para desanuviar quanto para aquecer o ar com os seus raios. E se a tua esperança de salvação estivesse elevada a um patamar e altura comuns em tua alma, ela dissiparia estes desejos desordenados por este mundo com os quais agora te sufocas, e te acenderia em maior ardor de afeição pelo céu do que o que sentes atualmente pelas coisas terrenas.

Lembro-me de Agostinho que, ao relatar a doce conversa que outrora tivera com sua mãe a respeito das alegrias do céu, prorrompe nesta apóstrofe: “Senhor, Tu sabes *quàm viluit nobis in illo die hic mundus* [quão vil e desprezível este pobre mundo foi aos nossos olhos naquele dia] em que nossos corações foram aquecidos por algum doce discurso sobre aquele lugar bendito”.

E não duvido que toda pessoa agraciada experimente o mesmo em si mesma; quanto mais perto do céu ela chega em suas esperanças, mais distante da terra ela se coloca em seus desejos. Quando ela se posta sobre as ameias do céu, pode olhar para baixo, para este mundo de esterco, como um *nigrum nihil* [um nada escuro], um pequeno monte de poeira que é quase nada.

É observação de Scultetus que, embora existam muitas manchas pelas quais os eminentes santos e servos de Deus registrados nas Escrituras são apresentados como exemplos da fragilidade humana, contudo não se encontra um único homem piedoso em toda a Escritura cuja história seja manchada pela acusação de avareza. Se isso for verdade — o que até o momento não sou capaz de refutar —, podemos nos perguntar como acontece de, nos dias de hoje, essa ser chamada de “o pecado daqueles que professam” e tornar-se uma acusação comum lançada pelos profanos sobre os que pretendem buscar o céu mais do que eles próprios. Oh, ai daqueles homens miseráveis que, por suas práticas escandalosas desse tipo, colocam o carvão nas mãos dos ímpios, com o qual estes agora enegrecem o nome de todos os piedosos, como se ser avarento fosse uma consequência necessária da profissão de fé!

Quarto caso: Que a tua esperança do céu domine o teu medo da morte. Por que deverias ter medo de morrer, tu que esperas viver morrendo? Acaso o aprendiz teme o dia em que o seu contrato de servidão expira? Aquele que corre uma prova teme chegar cedo demais à meta? Preocupa-se o piloto quando avista o seu porto? Ou entristece-se a virgem desposada quando se aproxima o dia do casamento? A morte é tudo isso para ti. Quando ela vier, o teu contrato expirará e o teu jubileu terá chegado. A tua corrida estará concluída e a coroa, conquistada — certa de cair sobre a tua cabeça quando a tua alma deixar o

teu corpo. A tua viagem, por mais atribulada que tenha sido na navegação, estará agora felizmente terminada, e a morte não fará senão este ofício amigável para contigo: destapar e abrir a arca do teu corpo para que ela desembarque em segurança a tua alma na praia da eternidade, à porta do teu Pai celestial — sim, em Seus doces abraços, para nunca mais te fazeres ao mar. Em uma palavra, o teu esposo veio buscar-te e bate com a mão da morte à tua porta para que saias ao Seu encontro, a fim de que Ele cumpra a promessa que te fez no dia do teu noivado; e tu o amas muito pouco se não estás disposto a aceitar o incômodo de uma mudança daqui para desfrutares de Sua presença bem-aventurada, no palácio real de Seu Pai no céu, onde tamanha preparação foi feita para o teu acolhimento que não poderias conhecê-la aqui, ainda que um anjo fosse enviado expressamente para te informar.

Oh, que língua poderá expressar aquela felicidade que a misericórdia infinita ordena, a sabedoria infinita concebe, o mérito infinito adquire e o poder infinito prepara! Li outrora que os turcos dizem: “Não cremos que os cristãos pensem ser o céu um lugar tão glorioso como professam e dizem; pois, se o fizessem, não teriam tanto medo de ir para lá como vemos que muitos que se professam cristãos têm”. Não se pode negar que todo temor desordenado da morte revela grande incredulidade e pouca esperança. Não olhamos para a morte sob a perspectiva correta e, por isso, nos assustamos com ela; se fôssemos, porém, capazes de enxergar através dela pela fé e nos assegurássemos de que ela vem para nos prestar um bom serviço, sentir-nos-íamos tão confortados diante de seus pensamentos quanto hoje nos assustamos com a sua aparição.

O cavalo come aquele feno que está na manjedoura, do qual tem medo quando vê um pouco à distância na estrada,

porque ali ele o conhece, mas no caminho não o reconhece. Cristão, compreende corretamente que mensagem a morte te traz, e o medo dela cessará. Ela te arrebatá, de fato, dos prazeres deste mundo, mas te conduz às felicidades de outro incomparavelmente melhor. E quem, em um banquete, repreenderá o servo que retira o primeiro prato, do qual já se comeu o suficiente, para abrir espaço para o segundo que será servido, que consiste em iguarias muito superiores?

Quinto caso: Tu ages em conformidade com a tua esperança quando vives na alegria da tua esperança. Um coração triste e desanimado não convém a uma viva esperança. Que siga o seu senhor com semblante abatido aquele que espera nada obter de seu serviço. Tu estás livre desse receio e, portanto, prejudicas tanto a ti mesmo quanto ao teu Deus com o teu espírito desolado. “Do qual edificio somos nós, se guardarmos firme até ao fim a confiança e a glória da esperança”, Hb 3:6. Cristo não tem mais prazer em habitar em um coração triste e abatido do que nós em uma casa escura e melancólica. Abre, pois, as tuas janelas e deixa entrar a luz que projeta seus raios sobre ti a partir da promessa; do contrário, o teu doce Salvador Se retirará. Não costumamos receber nossos amigos em um aposento escuro, nem nos sentar ao lado daqueles que nos visitam de modo tristonho e melancólico, para que não pensem que estamos cansados de sua companhia. Cristo traz consigo tão boas-novas que deveriam inspirar uma acolhida muito melhor do que um semblante abatido e um espírito desolado.

Digo-te, cristão: se uma mensagem semelhante pudesse ser levada aos condenados, concedendo-lhes qualquer esperança — por menor que fosse — de salvação, ela tornaria o próprio

inferno um lugar luminoso e afinaria aquelas almas miseráveis em um tom de regozijo em meio aos seus tormentos atuais. Envergonhai-vos, pois, e cobri-vos de pejo, ó santos desanimados! Que algumas nuvens passageiras de breves aflições sobre vossas cabeças vos envolvam tanto na escuridão de vossos espíritos, a ponto de a esperança do céu, onde afinal esperais chegar, não ser capaz de, em um instante, dissipar a vossa tristeza e transformá-la em um arrebatamento de alegria e consolo.

Sexto caso: Vives à altura de tuas esperanças quando, junto com o teu regozijo da esperança, preservas um reverente temor de Deus. “O Senhor agrada-se dos que temem e dos que esperam na sua misericórdia”, Sl 147:11. Vemos com muita frequência que os filhos se esquecem de prestar o respeito e a reverência devidos aos seus pais assim que a herança lhes é garantida. E, na verdade, embora a doutrina da certeza da salvação não possa ser acusada de produzir naturalmente tais frutos amargos, como os remonstrantes e os papistas gostariam que acreditássemos, somos contudo propensos demais a abusar dela; sim, os melhores entre os santos podem, depois de terem recebido o amor de Deus acompanhado da vida eterna sob o selo privado da certeza da esperança, ser levados tão longe pela tentação a ponto de caírem gravemente e se comportarem de modo muito rebelde. Testemunhem Davi e Salomão, cujos desvios mais tristes ocorreram depois de Deus os ter favorecido abrindo-lhes o Seu próprio coração em manifestações de amor tais como poucas se encontram semelhantes.

Tanto o pai quanto o filho foram repreendidos por Deus por causa disso, e uma mancha foi deixada em sua história expressamente para mostrar que tom de tristeza isso conferiu ao seu pecado — o terem caído após tais revelações do amor divino

a eles concedidas — e também para nos deixar exemplos não apenas da fragilidade humana, mas da fragilidade da graça nesta vida (e isso nos mais eminentes santos, que foram inclusive escritores da Sagrada Escritura). Assim, quando a nossa esperança atinge a maior certeza, e esta certeza se desdobra no mais alto regozijo pela garantia da glória que aguardamos, devemos ainda assim nutrir um santo temor de Deus em nossos corações, para que não nos tornemos presunçosos e nos esqueçamos de Deus na abundância de nossa paz. Este santo temor será para a nossa alegria como o gotejar contínuo de água sobre as peças de ferro na roda do pisoeiro — o que impede que ela se incendeie — ou como o pericárdio, com o qual o Deus da natureza cercou o coração em nossos corpos para que, por meio de seu fluido, o coração, que está em perpétuo movimento, pudesse ser preservado de se inflamar em um calor febril.

O diabo se alegra quando consegue, em qualquer momento, fazer um santo pecar; mas ele se gloria ainda mais quando pode lançá-los na lama vestindo suas roupas de gala, por assim dizer, e fazê-los se contaminarem quando estão com suas vestes de salvação — refiro-me àquelas com as quais Deus os vestiu em alguma manifestação de Si mesmo mais do que comum. Se, em tal momento, ele consegue vencê-los, então ele julga ter uma excelente oportunidade para ir e, com insultos, mostrar a Deus o estado deplorável em que se encontra o Seu filho, exibindo com escárnio a certeza e o consolo do cristão — assim como os irmãos mostraram a túnica de José ao pai —, manchados com o sangue e a imundície de algum pecado bestial em que o derrubou, e perguntar a Deus: “É esta a certeza do céu que Lhe deste? E é esta a veste de salvação que sobre ele puseste? Vê onde ele a deixou e em que estado a transformou”.

Oh, que alma piedosa não treme diante do pensamento de colocar tal blasfêmia na boca do diabo para ultrajar o Deus vivo! Aquele cristão, sim, é o filho amado, e o que mais será valorizado por seu Pai celestial: aquele que não se assenta para ociosamente desfrutar do brilho do sol do amor divino, mas que apressa ainda mais os seus passos no caminho do dever, porque o seu Deus é tão bondoso a ponto de tornar o seu caminhar mais alegre e confortador do que outros o acham, e que não perde o seu temor reverente a Deus diante da intimidade de Deus para com ele.

Moisés é um exemplo raro disso. Terá o grande Deus alguma vez tratado um homem mortal, um santo em carne e osso, com tamanha familiaridade e condescendência como tratou aquele homem santo, com quem falou face a face, e diante de quem fez passar toda a Sua bondade? Ex 34:6. E como suportou ele esse transcendente ato de graça? Terá ele se tornado audacioso e esquecido a distância entre Deus e ele por causa desse rebaixamento da Majestade divina para conversar com ele de maneira tão humilde, por assim dizer? Não; o seu coração nunca esteve, em toda a sua vida, mais repleto de reverência a Deus do que agora. É bem provável que ele tenha tremido e estremecido mais no monte Sinai; no entanto, o seu temor filial era tão evidente agora quanto outrora.

É verdade que esta manifestação extraordinária daqueles atributos tão arrebatadores do amor e da bondade de Deus — especialmente a Sua misericórdia perdoadora para com aquele que se sabia pecador, e que naquele momento estava muito mais sensível a ela devido ao terror que a terrível promulgação da lei deixara em seu espírito — não poderia deixar de elevar sobremaneira a sua alegria e inundar-lhe a alma com um doce amor por Deus tão gracioso. Contudo, o reverente temor de

Moisés para com Deus não se afogou nem se perdeu na maré alta dessas afeições mais suaves; pois segue-se: “E Moisés apressou-se, e inclinou a cabeça à terra, e adorou”, v. 8. Este favorito do céu, observai como ele manifesta ao máximo o seu temor de Deus justamente quando Deus lhe expressa ao máximo o Seu amor.

Terceiro Ponto De Aplicação

Argumentos sobre o porquê de devermos fortalecer a nossa esperança, com diretrizes para fazê-lo

Esforçai-vos, ó santos, para fortalecer a vossa esperança! Assim como existe uma fé fraca, há também uma esperança vacilante e inconstante. Deveis estabelecê-la e consolidá-la por meio do uso diligente de todos os meios. Ora, a esperança é firme e sólida quando o cristão não oscila *formidine oppositi* [pelo temor do oposto], mas, por esta firmeza de âncora que a esperança possui na promessa, é preservado daqueles abatimentos e temores tumultuosos pelos quais são engolidos os que não têm esperança, e pelos quais os que têm uma esperança fraca são tristemente perturbados e abalados.

Solidum est quod sui solius est plenum [sólido é aquilo que é pleno de si mesmo] — isto é, um corpo sólido é aquele que é compacto e livre de misturas heterogêneas. Quanto mais o ouro puro está livre de escória e de tudo o que lhe é estranho por natureza, tanto mais sólido ele é. Assim também a esperança: quanto mais refinada estiver da presunção sem fundamento, de um lado, e do medo servil e da desconfiança, de outro, tanto mais sólida e forte ela será. Na Escritura, isto é chamado de “a certeza da esperança”. Ora, para vos incitar a um santo zelo em vosso

empenho por isso, considerai: Primeiro, que é o teu dever agir assim; Segundo, se não o fizeres, demonstrarás que estimas pouco a Cristo e a Sua salvação; Terceiro, não sabes a que provações a tua esperança poderá ser submetida antes de morreres.

Argumentos para fortalecermos a nossa esperança

Primeiro argumento: Considera que é o teu dever agir assim. De fato, segundo a doutrina papista, ninguém é obrigado a se esforçar por tal certeza. Mas se devemos crer em Deus ou neles, julgai vós mesmos. O que diz o Espírito de Deus? “Desejamos que cada um de vós mostre a mesma diligência para completa certeza da esperança até ao fim; para que vos não façais negligentes, mas sejais imitadores dos que pela fé e paciência herdaram as promessas”.

Observai, *primeiro*, o objetivo para o qual ele exorta ao empenho: *pros ten plerophorian tes elpidos achri telous* [πρὸς τὴν πληροφορίαν τῆς ἐλπίδος ἄχρι τέλους — “para a plena certeza da esperança até o fim”]. Aqueles cuja esperança é fraca navegam com um vento de lado muito escasso. O apóstolo gostaria que eles navegassem a favor do vento, sendo conduzidos por um vento forte rumo ao céu, o que se dá quando a alma, como uma vela estendida ao vento, enche-se de tal modo com a verdade e a bondade da promessa que se expande em uma esperança segura daquilo que foi prometido, regozijando-se em uma expectativa certa do que possuirá ao chegar à praia da eternidade, embora seja agora açoitada e castigada pelo tempo com mil tentações e provações em sua travessia até lá.

Segundo, observai sobre quem ele impõe este dever: não sobre alguns poucos cristãos escolhidos, como se fosse um empreendimento destinado a eles acima do restante de seus companheiros de armas, mas sobre cada pessoa que queira provar-se cristã: “Desejamos que cada um de vós mostre a mesma diligência”, etc. Em nosso comércio civil e em nossa vocação terrena específica, seria pecaminoso para qualquer homem pobre almejar para si, em seus próprios desejos, uma fortuna tão vasta quanto aquela que ele vê que alguns poucos — os mercadores mais ricos de uma cidade — obtiveram por meio de seus negócios, de modo que nada menos o satisfizesse. No entanto, no comércio espiritual de um cristão, é plenamente legítimo que todo cristão cobice ser tão rico na graça quanto os melhores. O próprio Paulo não se considerará ofendido se desejares ser um homem tão santo quanto ele foi e se te empenhares por uma fé tão forte e uma esperança tão firme quanto as que ele possuía; sim, não debes te contentar com o que tens, caso houvesse um grau a mais de graça a ser alcançado além daquele que atualmente obtiveste. E,

Terceiro, observai a que ele imputa a fraqueza da graça dos santos: não a uma impossibilidade de alcançar mais, mas à sua preguiça e indolência. E, por isso, ele opõe essa atitude àquela bendita disposição de coração que tanto lhes deseja: “Para que vos não façais negligentes [ou preguiçosos]”, Hb 6:12. Na verdade, é a mão diligente que enriquece — tanto nos bens deste mundo quanto neste tesouro celestial.

Segundo argumento: Esforça-te para fortalecer a tua esperança de salvação, ou demonstrarás que estimas pouco a Cristo e a Sua salvação. Conforme valorizamos qualquer bem, assim nos esforçamos mais ou menos para nos assegurarmos dele. Se um príncipe perdesse um alfinete de sua manga ou uma

moeda de sua bolsa, e alguém lhe trouxesse a notícia de que foram encontrados, tais coisas seriam tão insignificantes que ele não se importaria se a informação era verdadeira ou não. Mas se o seu reino estivesse em jogo no campo de batalha e chegasse a informação de que o seu exército venceu o combate e derrotou o inimigo, oh, como ele ansiaria por ver a sua esperança, agora ligeiramente elevada, confirmada com mais força por um novo mensageiro! Valerá o céu tão pouco que possas te dar por satisfeito com meras probabilidades e incertos “talvez” de que lá chegarás? Tu desprezas vilmente aquele lugar bendito se não te mostras mais solícito em conhecer a certeza do teu direito a ele.

Quando Micaías pareceu dar a Acabe — que então avançava com o seu exército contra Ramote-Gileade — alguma esperança de vitória, dizendo-lhe “Sobe e serás bem-sucedido”, sendo aquilo ardentemente desejado pelo rei, este temeu o pior — e com razão, pois a fala do profeta fora irônica — e, por isso, não pôde descansar enquanto não soubesse mais sobre o assunto: “E o rei lhe disse: Até quantas vezes te conjurarei, para que não me fales senão a verdade em nome do Senhor?”, 1 Rs 22:16.

Talvez tenhas algumas esperanças frouxas e oscilantes do céu flutuando em tua alma. Se agora pensasses que a tua condenação eterna dependesse da verdade ou falsidade dessa esperança, certamente esquadriharias o teu coração pela Palavra e conjurarias a tua consciência, após um exame imparcial, a revelar-te a verdade nua e crua sobre qual é o teu estado, e se podes, em nome de Deus e sob a autorização de Sua Palavra, esperar que essa herança seja a tua porção ou não; e farias isso não com hipocrisia, como agiu aquele rei miserável — que conjurou Micaías a dizer-lhe a verdade e depois não acreditou nele, embora o profeta o tenha feito com fidelidade —, mas com grande sinceridade de coração, por tratar-se de um

assunto de importância não menor do que o destino de tua alma por toda a eternidade.

Pedro, ao ser surpreendido com as novas da ressurreição de Cristo, embora o relato não tenha encontrado nele tanto crédito quanto deveria, contudo, ao correr apressadamente e olhar para dentro do sepulcro, demonstrou tanto o quanto amava ternamente ao seu Senhor quanto o homem alegre que seria se a notícia de que Ele vivia se confirmasse. Assim, cristão, embora a promessa da vida eterna não tenha produzido até agora em ti tamanha certeza de esperança de que és a pessoa que indubitavelmente a desfrutará, manifesta ainda assim o alto valor que atribuis àquele estado de bem-aventurança, esforçando-te por fortalecer a tua esperança e livrar-te de qualquer dúvida a esse respeito.

Terceiro argumento: Considera também, em último lugar, que não sabes a que provações a tua esperança poderá ser submetida antes de morreres. O marinheiro sábio abastece o seu navio de provisões prevendo a jornada mais longa. Ele conta com o mau tempo e ventos contrários que possam retardar a sua viagem e torná-la mais penosa, embora alguns encontrem um atalho mais curto e uma travessia mais branda; e, portanto, ele se abastece de acordo, sabendo muito bem que é mais fácil levar provisões para o mar do que obtê-las lá. *Non facile inveniuntur in adversitate præsidia, quæ non fuerint in pace quæsita* [Não se encontram facilmente na adversidade as defesas que não foram buscadas no tempo de paz] — uma bela frase de Agostinho.

Deus mesmo nos diz que temos “necessidade de paciência”; Ele se refere a uma grande provisão de paciência, “para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais

alcançar a promessa”, Hb 10:36. E se há necessidade de paciência, há também de esperança, porque a paciência carrega tudo sobre os ombros da esperança. Ora, como não conhecemos o grau exato de esperança que nos será suficiente — visto que Deus ocultou propositadamente o peso da aflição e da tentação que pretende lançar sobre nós —, jamais deveríamos cessar o nosso esforço por fortalecê-la.

Há deveres árduos a serem cumpridos e duras provações a serem suportadas, os quais requerem uma esperança proporcional. Devemos “guardar firme até ao fim a confiança e a glória da esperança”, Hb 3:6. Ora, fará isso o cristão de esperança fraca? Ele, infelizmente, assemelha-se a um navio com vazamento que transporta uma carga valiosa: o medo de afundar antes de alcançar o porto rouba do proprietário a alegria pelo tesouro que carrega. Insta a um homem assim a regozijar-se em sua herança reservada nos céus para ele, e ele te dirá que questiona se algum dia lá chegará.

Esperar com paciência por uma misericórdia adiada e postergada é outro dever penoso: “Bom é ter esperança e aguardar em silêncio a salvação do Senhor”, Lm 3:26. Ora, a esperança fraca tem fôlego curto e não consegue aguardar por muito tempo com qualquer serenidade. *Omne invalidum est querulum* [tudo o que é fraco é queixoso] — as pessoas debilitadas são comumente as mais difíceis de agradar, tornando-se logo irritadiças e obstinadas se não obtêm o que desejam, e exatamente no momento em que o desejam.

Quando a fé e a esperança de Davi estavam debilitadas, ele se desentendeu com todos. O próprio profeta que lhe trouxera a notícia do reino não pôde escapar de sua censura, e tudo porque a promessa tardou mais do que ele esperava antes de se cumprir

— “Dizia eu na minha pressa: Todos os homens são mentirosos”, Sl 116:11 —, ao passo que a promessa não passou um único dia de seu prazo determinado, mas ele falhou em sua exata contagem devido ao seu desejo desordenado. Contudo, considerai Davi em seu estado saudável — quando sua fé e esperança são fortes — e observareis que ele já não tem tanta pressa em exigir a misericórdia das mãos de Deus; ao contrário, julga os seus bens tão seguros nas mãos de Deus como se já estivessem depositados em suas próprias.

“A ti, ó Deus, pertence o louvor silencioso”, ou “o louvor te aguarda em silêncio”, conforme o hebraico *dumiyah tehillah* [דומיה תהלה] permite traduzir em Sl 65:1. É como se o homem santo dissesse: “Senhor, aguardo pacientemente o tempo de te louvar. A minha alma não está em tumulto porque tardas. Não estou murmurando, mas sim encordoando a minha harpa e afinando o meu instrumento com muita paciência e confiança, a fim de estar pronto para começar a tocar assim que as alegres novas de minha libertação chegarem”. É muito difícil manter uma criança calma até o almoço, mesmo que ela veja os preparativos para um grande banquete; mas um adulto logo se pacificará quando, diante de tal ocasião, for mantido esperando um pouco mais do que o habitual por sua refeição. Oh, cristão! É a nossa infantilidade e fraqueza de graça — especialmente de nossa esperança — que nos faz perder tão rapidamente a paciência para aguardar o tempo de Deus. Fortalece a esperança, e a paciência crescerá com ela.

Em suma, cristão, tens grandes provações e fortes tentações a vencer antes de entrares pelos portões do céu e ali seres revestido com as tuas vestes de salvação. Portanto, defende a tua esperança, e ela te defenderá nestas circunstâncias; fortalece-a, e ela te conduzirá através delas. O corpo inteiro

empenha-se em preservar a cabeça: as mãos se erguem para desviar o golpe, os pés correm para afastar a cabeça do perigo, a boca aceita qualquer pílula desagradável para drenar os vapores e humores da cabeça. A salvação é para a alma o que a cabeça é para o corpo — a parte principal que ela deve se esforçar por proteger —, e a esperança é para a nossa salvação o que o capacete é para a cabeça.

Ora, se é insensato aquele que expõe sua cabeça sob um capacete frágil em meio aos projéteis no momento da batalha, muito mais insensato é quem arrisca sua salvação com uma esperança fraca. Sabe, ó cristão, que o desfecho da batalha contra o teu inimigo depende da tua esperança; se esta falhar, tudo estará perdido. A tua esperança, nos conflitos contra as tentações e sofrimentos, assemelha-se a um príncipe no meio de seu exército, que a todos infunde vida enquanto os contempla e anima para a batalha; mas se chega aos seus ouvidos o boato de que o rei foi morto, o ânimo deles fraqueja e seus corações desfalecem. Por essa razão, Acabe quis ser sustentado em pé no seu carro de guerra para ocultar do povo o seu perigo, cuja descoberta teria lançado um manto de desânimo sobre a coragem dos soldados.

A tua esperança é o alvo para o qual as setas de Satanás estão apontadas. Se possível, preserva-a de ser ferida. Ou se, em algum momento, o dardo dele a atingir e o teu espírito começar a sangrar devido à ferida recebida pelas indagações: “Poderão ser perdoados pecados tão grandes como os que cometeste? Poderão as feridas antigas e inflamadas como as tuas concupiscências ser algum dia curadas? Ou poderão aflições tão pesadas e de tão longa duração ser suportadas ou removidas?”.

Esforça-te agora, como se dependesse disso a tua vida, para sustentar a tua esperança, ainda que ferida, no carro da promessa, e não te curves pelo desespero a ponto de permitir que o diabo pisoteie a tua alma. Assim que a tua esperança entregar o espírito, esse inimigo maldito te esmagará sob seus pés imundos e descarregará sobre ti toda a sua vingança, sem que a tua alma tenha forças para desferir um único golpe em tua defesa. Isso te desanimará tanto que estarás pronto a abandonar todo esforço e assiduidade nos meios de salvação, chegando a dizer, em desespero: “Com que propósito pensarei em orar, ouvir e meditar, quando já não há esperança?”. Ora, acaso mandaríamos chamar o médico quando o nosso amigo já está morto? Que proveito trará aquecer e massagear o corpo quando a cabeça já foi dele separada? O exército se dispersou, e cada um partiu para a sua cidade assim que se soube que Acabe morrera. Da mesma forma, tu abandonarás todo pensamento de fazer frente ao pecado e a Satanás quando a tua esperança se desvanecer, caindo no horror de consciência de Judas ou, como Caim, tornando-te ateu e sepultando os pensamentos de tua condição desesperadora em uma pilha de projetos mundanos.

Passo agora a oferecer algumas breves palavras de conselho sobre como o cristão pode melhor fortalecer a sua esperança. Considera-as nestas seis recomendações seguintes: 1. Se desejas que a tua esperança de salvação alcance força e solidez, estuda diligentemente a Palavra de Deus; 2. Mantém a tua consciência pura; 3. Recorre a Deus diariamente e suplica-Lhe uma esperança mais forte; 4. Esforça-te para aumentar o teu amor; 5. Exercita grandemente a tua esperança; 6. Registra as tuas experiências de misericórdias passadas, e a tua esperança se tornará mais forte para o futuro.

Seis diretrizes sobre como podemos fortalecer a nossa esperança

Primeira diretriz: Se queres que a tua esperança de salvação alcance força e solidez, estuda diligentemente a Palavra de Deus. O cristão é gerado pela Palavra e por ela também deve ser alimentado; do contrário, a sua graça morrerá. A criança que cresce saudável é aquela que mama com mais frequência ao peito. Ora, assim como Deus providenciou alimento em Sua Palavra para nutrir cada graça, na composição das Escrituras Ele teve especial atenção ao bem-estar e crescimento da esperança dos santos como um dos principais propósitos de sua redação: “Para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança”, Rm 15:4.

O diabo sabe disso tão bem que envia seus maiores esforços para privar o cristão do socorro de que a Palavra está repleta; e, de fato, he não está enganado nesse ponto, pois enquanto este rio que alegra a Cidade de Deus não for obstruído, com os auxílios que lhes são trazidos pela correnteza de suas preciosas promessas, ele jamais poderá sitiá-los totalmente ou colocá-los em grandes apuros. A alguns, portanto, ele priva desse alívio por meio de mera ociosidade e preguiça. Eles fazem algumas queixas infrutíferas sobre suas dúvidas e medos, como preguiçosos que clamam de suas carências e pobreza enquanto jazem no leito, mas têm preguiça de se levantar e despende qualquer esforço para resolvê-los examinando a Palavra para a sua satisfação; e estes vendem o seu consolo pelo preço mais barato de todos. Quem terá compaixão daquele que, embora estivesse morrendo de fome, tivesse o pão diante de si, mas se recusasse a tirar a mão do peito para levá-lo à boca!

A outros ele engana por meio de aplicações incorretas da Palavra às suas almas, em parte devido à compreensão fraca dessas pessoas e também aos seus espíritos perturbados, os quais desbotam as verdades de Deus e as apresentam de forma distorcida aos seus juízos. Com isso, eles acabam sendo açoitados com o seu próprio cajado — isto é, com aquelas mesmas promessas com as quais uma mão habilidosa rebateria as tentações de Satanás. O diabo é um profundo estudioso da teologia e não faz outro uso de seu conhecimento das Escrituras senão aquele que lhe sirva aos propósitos de prejudicar o cristão por meio de sofismas, seja atraindo-o ao pecado, seja lançando-o no desespero por ter pecado; assemelha-se a um advogado litigioso que adquire toda a perícia possível na lei apenas para tornar-se mais capaz de importunar homens honestos com as suas ações judiciais vexatórias.

Ora, se Satanás é tão familiarizado com a Palavra para enfraquecer a tua esperança e privar-te de tua herança, que razão tens tu para não te equipares com uma habilidade santa para manter o teu direito e defender a tua esperança? Portanto, em teu estudo da Palavra, propõe a ti mesmo estes dois objetivos e busca-os de perto até alcançá-los:

Primeiro objetivo: Esforça-te por esclarecer no teu entendimento, a partir da Palavra, quais são as condições exigidas por Deus de cada alma que possui a Sua concessão e garantia para esperar com certeza pela vida e salvação no outro mundo. Sem dúvida alguma, exige-se que certas condições se façam presentes em todos os que as buscam; caso contrário, todos teriam a liberdade de, sendo o que fossem e vivendo como quisessem, reivindicar direito ao céu e à salvação. Se Deus não tivesse estabelecido limites no Sinai e nada tivesse dito sobre quem deveria subir ao monte e quem não deveria, não teria sido

maior presunção para qualquer um do povo subir do que foi para Moisés; e se Deus não exigisse condição alguma daquele que há de esperar, o céu seria então um pasto comum onde todos poderiam se amontoar sem distinção; o pecador depravado poderia tocar o santo monte de Deus tanto quanto o santo, sem temer o apedrejamento por sua audácia. Todavia, esta é, por certo, uma doutrina repugnante demais para que qualquer consciência sensata a digira. Pois bem, tendo-te certificado de que, para possuíres uma esperança verdadeira, deves também possuir as condições requeridas, indaga quais são elas. Ora, a Palavra apresenta duas espécies de condições, correspondentes às duas alianças distintas:

(1) Há uma aliança de natureza, ou aliança da lei, que Deus estabeleceu com o Adão inocente; e a condição desta era a obediência perfeita da pessoa que por ela reivindicasse a felicidade. Esta não é a condição exigida atualmente; e aquele que permanece tateando à entrada dessa porta na esperança de ingressar na vida por ela, não apenas a encontrará trancada, sem possibilidade de acesso por esse caminho, mas também se privará de qualquer benefício da verdadeira porta que se acha aberta e pela qual passam todos os que ali chegam: “Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça decaístes”, Gl 5:4. You must therefore inquire what the other covenant is; and that is,

(2) Uma aliança de graça, assim como a outra era de natureza; de reconciliação para tornar Deus e o homem amigos, ao passo que a primeira era uma aliança para preservar aqueles amigos que nunca haviam se desentendido. Ora, a condição desta aliança é o arrependimento e a fé. Consultai para isso Lc 24:47; Jo 3:36; At 2:38; At 5:31; At 20:21; Gl 5:5.

Esforça-te, pois, para prestar um firme assentimento à verdade destas promessas e guarda como um princípio indiscutível e inviolável que “todo aquele que sinceramente se arrepende de seus pecados e, com uma fé não fingida, recebe a Cristo como seu Senhor e Salvador, esta é a pessoa que possui a palavra e o juramento de um Deus que não pode mentir para o perdão de seus pecados e para a salvação de sua alma”. Quão útil te será um firme assentimento a isto para exercitares a tua esperança, tu o verás em breve. Trata-se do próprio alicerce de tudo. O peso de toda a edificação do cristão apoia-se de tal modo sobre isso que o Espírito de Deus, ao falar na Escritura sobre as verdades e promessas evangélicas nas quais os pobres pecadores devem edificar suas esperanças de salvação, o faz com a maior asseveração em comparação a quaisquer outras verdades, e geralmente acrescenta alguma circunstância ou detalhe que nos livre de qualquer incerteza quanto à sua segurança e imutabilidade.

“Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades”, Is 53:4. Não há o que questionar; foi a nossa taça que Ele bebeu, a nossa dívida que Ele pagou. Que outro propósito poderia Ele ter em sofrimentos tão grandes senão este? Seria dar-nos um exemplo de paciência sobre como devemos sofrer? Isso é verdade, mas não é tudo; pois alguns de nossos irmãos na fé foram admiráveis exemplos disso. “Ele levou as nossas dores” e “foi ferido pelas nossas transgressões”. Esta, sim, foi a grande obra digna do empreendimento do Filho de Deus, a qual nenhum de nossos companheiros de fé poderia realizar por nós. Do mesmo modo: “Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores”, 1 Tm 1:15. É como se Ele dissesse: “Não temais engano ou impostura aqui; isso é tão verdadeiro quanto a

própria verdade, pois quem o declarou foi Aquele que a representa”. Se não creres nisso, serás pior do que um demônio. Ele não pode banir esta verdade de sua consciência, embora seja a mais indesejada que já chegou ao seu conhecimento.

“Se confessarmos os nossos pecados, he é fiel e justo para nos perdoar os pecados”, 1 Jo 1:9. O que pode temer o pobre penitente quando aquele atributo que primeiro provocou a ira de Deus contra ele tornou-se agora seu amigo? Sim, um amigo tão firme a ponto de se manter obrigado ao cumprimento da promessa, o qual até há pouco estava tão profundamente empenhado em executar a ameaça sobre ele? “Pelo que, querendo Deus mostrar mais abundantemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu conselho, se interpôs com juramento”, Hb 6:17. Que garantia a mais poderíamos ter solicitado de um homem sujeito a falhas que o Deus fiel, por Sua própria iniciativa, não nos tenha concedido? Os romanos não exigiam juramentos de seus magistrados — supondo que a dignidade e a honra de suas pessoas e cargos fossem vínculos suficientemente fortes para torná-los verazes e justos. Certamente, então, a Palavra de Deus mereceria crédito ainda que não contasse com um juramento como fiador; contudo, Deus condescende com isso para que possa gravar a verdade do que diz mais profundamente em nossas mentes e deixar uma marca mais nítida e completa em nossos assentimentos à mesma, quando acompanhada do peso de asseverações e juramentos.

Segundo objetivo: Tendo descoberto qual é a condição da aliança, não te dês por satisfeito até que encontres esta condição operada em tua própria alma, e sejas capaz de declarar que és esse pecador penitente e crente. Uma esperança forte resulta da evidência clara que possui de ambos os aspectos. Lemos nas Escrituras sobre uma tríplice certeza: (1) uma certeza

do entendimento, Cl 2 :2; (2) uma certeza da fé, Hb 10:22; (3) uma certeza da esperança, Hb 6:11. E é uma excelente observação aquela que um perspicaz doutor nosso faz a esse respeito: “Que estas três constituem um silogismo prático, no qual o conhecimento formula a proposição, a fé faz a assunção [premissa menor] e a esperança tira a conclusão” [D. A. Tac. Sa. p. 126].

“Eu sei”, diz o cristão, “com certeza pela Palavra, que o pecador que se arrepende e crê será salvo; minha consciência também me assegura de que me arrependo e creio sinceramente; logo, espero firmemente que, por mais indigno que seja de outro modo, serei salvo”. Ora, sabemos que não pode haver na conclusão mais do que há nas premissas; de modo que, conforme a força que o cristão aplica em seu assentimento à verdade da promessa, e a evidência que possui de que a condição da promessa — a saber, fé e arrependimento — foi operada em sua alma, assim será a sua esperança, fraca ou forte. Na verdade, não pode ser de outro modo. Se o seu assentimento à verdade da promessa for fraco, ou se a sua evidência quanto à realidade de sua fé e arrependimento for obscura e incerta, a sua esperança que — por assim dizer — nasce destas fraquezas, necessariamente participará das enfermidades de suas origens, sendo ela própria fraca e vacilante, assim como o são os elementos dos quais resulta.

Segunda diretriz: Desejas que a tua esperança seja forte? Então, mantém a tua consciência pura. Não podes contaminar a consciência sem que enfraqueças a esperança; o “viver piedosamente neste presente século” e o “aguardar a bem-aventurada esperança” reservada para nós no outro estão intimamente conjugados, Tt 2:12-13. Uma alma totalmente despida de piedade necessariamente estará destituída de

qualquer esperança real; e a pessoa piedosa que se mostra frouxa e negligente em seu santo caminhar logo verá a sua esperança definhar. Todo pecado é alimento febril: ele predispõe a alma que com ele se envolve a temores trêmulos e sobressaltos no coração. Contudo, os pecados cometidos e planejados deliberadamente são para a esperança do cristão como o veneno para os fluidos vitais de seu corpo, que prontamente os absorve.

Eles, de certa forma, exaurem as forças do cristão. Tornam os pensamentos de Deus terríveis para a alma, pensamentos estes que, quando ela está em um estado de santidade, são a sua maior alegria e consolo: “Lembrava-me de Deus, e me perturbava”, Sl 77:3. Fazem-no temer olhar para Deus no cumprimento do dever, e muito mais temer a Deus no dia do julgamento. Poderá o servo desejar que o seu senhor volte para casa enquanto se entrega à devassidão e ao excesso? O senhor Calvino, quando alguns lhe sugeriram que abrandasse parte de seus trabalhos — especialmente seus estudos noturnos —, perguntou àqueles seus amigos: “Quereis vós que o meu Senhor me encontre ocioso quando vier?”.

Oh, Deus nos livre, cristão, de que a morte te encontre leviano e negligente em teu caminhar; que ela te surpreenda caído no lamaçal de algum pecado do qual não te arrependeste! Esse seria um encontro terrível! Oh, quão avesso estarias então a morrer e comparecer ao grande tribunal onde deves prestar contas por toda a eternidade! Estará a tua esperança em condições de te elevar com alegria a tão solene prestação de contas?

Acaso pode uma ave voar com uma de suas asas quebrada? A fé e a boa consciência são as duas asas da esperança. Se, portanto, feriste a tua consciência por qualquer

pecado, renova o teu arrependimento para que possas exercer a fé para o perdão dele e, exercendo a fé, possas resgatar a tua esperança quando a hipoteca que agora pesa sobre ela for retirada. Se um judeu desse em penhor as suas cobertas, Deus misericordiosamente providenciava para que lhes fossem devolvidas antes do anoitecer: “Porque”, disse Ele, “aquela é a sua cobertura; com que se deitaria?”, Ex 22:27. Na verdade, a esperança é o manto do santo, no qual ele se envolve ao deitar o seu corpo para dormir na sepultura: “A minha carne”, declara Davi, “repousará segura [em esperança]”, Sl 16:9. Oh, cristão! Esforça-te para resgatar a tua esperança antes que este sol de tua vida terrena se ponha sobre ti; do contrário, é certo que te deitarás em tristeza. Triste repouso no leito da sepultura tem aquele que não possui esperança de uma ressurreição para a vida.

Terceira diretriz: Recorre a Deus diariamente e suplica-Lhe uma esperança mais forte. Esse foi o caminho adotado pelo apóstolo para ajudar os santos em Roma a obterem mais dessa preciosa graça: “Ora, o Deus de esperança vos encha de todo o gozo e paz em crendo, para que abundeis em esperança pela virtude do Espírito Santo”, Rm 15:13. Deus, como vedes, é o Deus de esperança; e não o é apenas quanto à semente inicial e ao hábito dela em nós, mas também quanto a todo o seu incremento e abundância.

Ele não concede ao santo a graça inicial da conversão para depois deixar o seu desenvolvimento inteiramente a cargo de sua própria habilidade e cuidado, como ocorre às vezes com um filho que recebe um capital inicial para começar a vida e nunca mais obtém ajuda de seu pai, mas que, por sua própria boa administração, transforma seus pequenos começos em uma grande fortuna no final. Deus age, antes, como o agricultor com o trigo no campo, o qual necessita das influências celestes tanto

para florescer e amadurecer para a colheita quanto para germinar nos torrões de terra quando recém semeado. E, portanto, certifica-te de reconhecer humildemente a Deus por meio de uma constante expectativa nEle para o teu crescimento.

Diz-se que os leõezinhos “bramam pela presa, e de Deus buscam o seu sustento”, Sl 104:21. Isto é, Deus os ensinou, quando famintos, a expressar as suas necessidades rugindo e erguendo a sua voz — a qual, se soubessem ser Deus o seu Criador, direcionariam a Ele para o suprimento de suas carências —, assim como vemos que o bebê, que a princípio expressa suas necessidades apenas pelo choro, tão logo reconhece a mãe, dirige o seu lamento a ela. Tu sabes, cristão, que estás sob o sustento de teu Pai celestial. Ele sabe, de fato, do que necessitas, mas retém os Seus suprimentos até que clames, e isso far-lhe-á oferecer Seu peito prontamente. Cuida Deus dos animais do campo? Certamente, então, cuidará muito mais de ti, Seu filho, em Sua casa, e acima de tudo de tua alma. Podes porventura orar por mais riquezas e ser recusado; mas uma oração por mais graça certamente terá êxito.

Quarta diretriz: Se queres fortalecer a tua esperança, esforça-te por aumentar o teu amor. Há uma influência secreta, porém poderosa, que o amor exerce sobre a esperança. Admitiremos facilmente que Moisés prestou grande favor ao israelita quando matou o egípcio que lutava contra ele. O amor mata o temor servil — um dos piores inimigos que a esperança possui no coração do cristão — e, com isso, fortalece as mãos da esperança. Aquele que arranca as ervas daninhas ajuda o trigo a crescer, e aquele que purga a enfermidade abre caminho para o fortalecimento da natureza. É o medo servil que oprime o espírito do cristão, impedindo-o de agir com uma forte esperança. Ora, “o amor lança fora o temor”, 1 Jo 4:18. A mulher

livre lançará fora a escrava. O temor servil é da linhagem de Hagar — um sentimento que mantém em servidão todos os que o possuem. O amor não pode tolerar isso.

“Acaso temerei”, diz a alma amorosa, “que me fira ou seja severo comigo Aquele que me ama e a quem amo tão ardentemente? Afastai-vos, pensamentos indignos, não há espaço em meu peito para companhias como as vossas!”. “O amor não suspeita mal”, 1 Co 13:5. Isto é, ele não deseja o mal nem suspeita mal de outrem. Quanto mais amares a Cristo, menos desconfiarás dEle; e quanto menos desconfiado fores dEle, tanto mais fortemente nEle esperarás e com mais conforto por Ele aguardarás. Por essa razão, estas duas graças aparecem frequentemente emparelhadas na Escritura: “Ora, o Senhor dirija os vossos corações no amor de Deus, e na paciência de Cristo”, 2 Ts 3:5. Ama-O, e por Ele esperarás. Do mesmo modo: “Conservai-vos a vós mesmos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna”, Jd 21.

Quinta diretriz: Exercita grandemente a tua esperança. Atos repetidos fortalecem os hábitos. É assim que a criancinha, cambaleando a princípio, passa a andar com firmeza de tanto caminhar. Tu não terás mais dinheiro em teu cofre ao final do ano do que tinhas quando lá o depositaste; na verdade, será uma sorte se a ferrugem ou os ladrões não o tiverem diminuído. Todavia, terás mais se com ele comercializares do que o teu capital inicial representava: “Devias então ter dado o meu dinheiro aos banqueiros e, quando eu viesse, receberia o meu com juros”, disse Cristo ao “servo mau e preguiçoso”, Mt 25:27.

Ora, as promessas constituem o objeto sobre o qual a esperança atua. Um homem pode tão bem viver sem ar quanto a fé e a esperança sem uma promessa; sim, sem aspirar frequentemente o refrigério das promessas. E, portanto, dedica-te muito à meditação delas; reserva algum tempo específico para esse propósito. Vós, que prezais a vossa saúde, não vos contentais com o ar que vos chega enquanto estais sentados trabalhando em vossa casa ou oficina, mas saís às vezes a caminhar pelos campos para respirar o ar mais puro e pleno. E, se fores um cristão sábio, não te darás por satisfeito com o breve diálogo fortuito que manténs com as promessas, quando de vez em quando elas te vêm à mente em tua vocação ou em meio a outras ocupações, mas te afastarás de propósito a fim de desfrutar de uma meditação mais focada e solitária sobre elas. Isso seria de admirável utilidade, especialmente se o cristão tiver a habilidade de classificar as promessas e separar as provisões nelas contidas de acordo com o seu caso particular.

Às vezes, o cristão vê-se paralisado ao recordar os seus pecados passados, e a sua esperança fica totalmente desorientada quando eles encaram a sua consciência com semblantes sombrios. Em tais momentos, seria excelente para o cristão escolher uma promessa na qual possa ver essa objeção respondida e a esperança triunfando sobre ela. Esse foi exatamente o caso de Davi em Sl 130. Ele reconhece encontrar-se em uma condição extremamente deplorável se Deus resolvesse acertar as contas com ele de modo rigoroso e dar-lhe *quid pro quo* [isto por aquilo — ou seja, retribuição equivalente] — ou seja, uma retribuição condizente com as suas obras.

“Se tu, Senhor, observares as iniquidades, Senhor, quem subsistirá?”, v. 3. Todavia, em seguida, ele livra a sua alma de

todo o temor de que Deus adote essa conduta com as pobres almas penitentes, estabelecendo esta consoladora conclusão como uma verdade indubitável: “Mas contigo está o perdão, para que sejas temido”, v. 4. Isto significa: “Há perdão em Tua natureza; trazes no peito um coração perdoador; sim, há perdão em Tua promessa; o Teu coração misericordioso não apenas Te inclina a pensamentos de perdão, mas a Tua promessa fiel Te obriga a estender esse perdão a todos os que a ele humilde e oportunamente recorrerem”.

Estabelecido este fundamento, vede que superestrutura este homem santo edifica: “Aguardo ao Senhor; a minha alma o aguarda, e espero na sua palavra”, v. 5. É como se ele dissesse: “Senhor, tomo a Tua palavra como garantia e estou resolvido, por Tua graça, a esperar junto à porta de Tua promessa, sem nunca me afastar dali até que me seja enviada a minha porção prometida — o perdão dos meus pecados”. E esta é uma porção tão doce que ele se recusa a saboreá-la sozinho; por isso, coloca o prato na outra extremidade da mesa, para que toda pessoa piedosa possa prová-la com ele: “Espere Israel no Senhor, porque no Senhor há misericórdia, e nele há abundante redenção. E ele remirá a Israel de todas as suas iniquidades”, v. 7-8.

É como se ele afirmasse: “Aquilo que constitui para mim um fundamento de esperança, a despeito do clamor de meus pecados, oferece base tão sólida e firme para qualquer verdadeiro israelita ou alma sincera no mundo, se ele apenas compreendesse retamente a si mesmo e a mente de Deus em Sua promessa. Sim, tenho por tais pessoas uma fé tão firme quanto a que tenho por minha própria alma, e ousaria empenhar a eternidade de minha felicidade sobre este princípio: o de que Deus há de remir cada israelita sincero de todas as suas iniquidades”. Este, sim, é o verdadeiro meio de esmagarmos os

nossos pecados e a Satanás, quando ele vem nos acusar deles e, por meio de seus ataques, dismantelar a nossa esperança.

Às vezes, um desânimo abate-se sobre o coração do cristão simplesmente devido à grandeza das coisas pelas quais espera. “O quê!”, exclama a pobre alma, “parecerá pouca coisa esperar que, de inimigo, eu me torne filho e herdeiro do grande Deus? O quê! Um rebelde? E não somente esperar ser perdoado, mas revelar-me um favorito, sim, a ponto de ter vestes de glória sendo preparadas para mim no céu, onde estarei entre os que servem diante do trono de Deus em Sua corte celestial, e isso antes mesmo de Lhe ter prestado qualquer outro serviço aqui na terra? Oh, são notícias boas demais para serem verdadeiras!”. Assim, a pobre alma fica estupefata — como os discípulos quando as primeiras novas da ressurreição do Senhor os surpreenderam — e mostra-se inclinada a considerar sua esperança uma história vã com a qual Satanás a engana, *ut præsумendo speret et sperando pereat* [para que espere presumindo e morra esperando].

Ora, cristão, para que possas saltar por sobre esta pedra de tropeço, certifica-te de observar aquelas marcas da grandeza e infinitude de Deus que estão gravadas na promessa. Às vezes elas nos são apresentadas de propósito, com o fim de libertar nossos pensamentos e aliviar nossos corações desse escrúpulo. Quando Deus prometeu que grandes coisas faria por Abraão, para torná-las mais críveis e facilmente aceitas, Ele acrescentou: “Eu sou o Deus Todo-Poderoso”, Gn 17:1. Do mesmo modo, em Is 55:7: “Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem mau os seus pensamentos, e se converta ao Senhor, que se compadecerá dele; volte-se para o nosso Deus, porque abundante em perdoar”. Mas como poderá isso realizar-se, isto é, que em um piscar de olhos se obtenha tão imenso favor, o qual entre os homens dificilmente

seria alcançado em uma vida inteira de súplicas? Oh, a resposta é simples:

Ele te declara que não é um mero homem, mas Deus, e possui um modo próprio de perdoar as ofensas no qual ninguém O pode imitar; pois está tão acima de nossos caminhos quanto os céus estão acima da terra. Atenta para isto, cristão, e terás a chave para abrir todas as promessas e ter acesso aos tesouros inestimáveis contidos nelas; sim, tornará a maior promessa da Bíblia fácil de crer. Sempre que leres qualquer promessa, lembra-te de quem é a fiança — a palavra de ninguém menos que Deus. E quando pensares em Deus, certifica-te de não O limitar ao estreito círculo de tuas compreensões finitas, mas concebe-O sempre como um Ser infinito, cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar nenhum. Quando tiveres elevado os teus pensamentos ao ponto mais alto, sabe que estarás tão distante — sim, infinitamente mais distante — de alcançar a Sua glória e imensidão quanto um homem, ao subir em um monte ou montanha, está de tocar o corpo do sol com a mão. Isto é “atribuir grandeza a Deus”, como nos é ordenado em Dt 32:3. E isso facilitará admiravelmente a obra de crer.

Suponde que um pobre estropiado fosse mandado chamar à corte por um príncipe com a promessa de adotá-lo como filho e torná-lo herdeiro de sua coroa; isso poderia parecer perfeitamente inacreditável ao pobre homem, ao considerar quão imenso é o salto de sua cabana de mendigo para a dignidade de um príncipe. Sem dúvida, se a promessa consistisse em promovê-lo a um leito em um hospital ou a uma pensão comum para o seu sustento, ele lhe daria crédito com muito mais facilidade, por ser algo mais proporcional à sua condição humilde. Todavia, a grandeza do príncipe e o deleite que tais governantes têm em se assemelharem ao próprio Deus —

demonstrando uma espécie de poder criativo ao erguerem alguns, por assim dizer, do nada até às mais altas honras de que um súdito é capaz, obrigando-os assim, como suas criaturas, ao seu serviço —, isso, digo eu, poderia ajudar esse homem a julgar tal acontecimento extraordinário não de todo impossível.

Do mesmo modo ocorre aqui. Se uma pobre alma detiver todos os seus pensamentos em sua própria incapacidade e indignidade para receber o céu e a vida eterna, não lhe será possível jamais pensar tão bem de si mesma a ponto de julgar que virá a ser uma daquelas gloriosas criaturas que haverão de desfrutá-los. Contudo, quando se crê na grandeza de Deus e no infinito prazer que Ele tem em demonstrar essa grandeza desta forma — fazendo felizes criaturas miseráveis, em vez de perpetuar suas misérias em um estado eterno de condenação —, bem como no preço que Ele pagou para desimpedir o caminho para o livre agir de Sua misericórdia e, em uma palavra, no nome glorioso que isso Lhe trará na mente daqueles a quem Ele assim exalta; tais coisas — que se encontram todas na palavra da promessa —, quando bem ponderadas e reconhecidas, não podem senão abrir o coração, ainda que trancado por mil ferrolhos, para acolher a promessa e crer que tudo o que Deus ali declara é a verdade, sem mais qualquer questionamento.

Com estes um ou dois detalhes apresentados, vedes como as promessas podem ser aplicadas para responder às objeções específicas levantadas contra a nossa esperança. Seria fácil multiplicar aqui os exemplos e ilustrar qualquer outra situação com promessas apropriadas; mas isso será realizado com muito maior eficácia por vós mesmos, que conheceis os vossos próprios escrúpulos melhor do que qualquer outra pessoa. E sede amigos tão verdadeiros de vossas próprias almas a ponto de despenderdes algum esforço nisso. O trabalho de colher algumas

ervas medicinais no campo e prepará-las como remédio sob a orientação do médico é plenamente recompensado quando o homem simples percebe que ele lhe faz bem e lhe devolve a saúde.

Sexta diretriz: Registra as tuas experiências de misericórdias passadas, e a tua esperança se tornará mais forte para o futuro. “A experiência produz a esperança”, Rm 5:4. O melhor cristão é aquele que guarda com o maior cuidado a história das graciosas intervenções de Deus em seu favor, para que possa ler nela as suas experiências passadas quando, em qualquer momento, os seus pensamentos o perturbarem e o seu descanso espiritual for interrompido por temores desorientadores quanto ao futuro.

Este é aquele que passará a noite da aflição e da tentação com consolo e esperança; ao passo que outros, que não tiveram o cuidado de registrar — ao menos em suas memórias — os exemplos notáveis do amor e do favor de Deus para com eles no decorrer de suas vidas, sentirão a falta desse doce companheiro em suas horas de tristeza, sendo lançados em profundos apuros; sim, e será uma sorte se não forem levados a julgar o seu caso desesperador e desprovido de qualquer esperança. Às vezes, um pequeno documento escrito é encontrado no escritório de um homem e ajuda a salvar a sua propriedade, pela falta do qual ele teria ido para a prisão e ali terminado os seus dias. E uma única experiência recordada preserva a alma do desespero — uma prisão na qual o diabo anseia trancar o cristão: “Quero trazer à memória o que me pode dar esperança”, Lm 3:21.

Davi era famoso por sua esperança e não menos eminente por seu cuidado em observar e preservar as experiências que tivera da bondade de Deus. É de se notar que

ele era capaz de recontar os atos de Deus para com ele. Estes eram tão frequentemente o tema de sua meditação e matéria de seu discurso que ele os tornara familiares a si mesmo. Quando a sua esperança se desorienta, ele apenas ativa a memória e logo se recupera, repreendendo a si mesmo por sua fraqueza: “E eu disse: Isto é enfermidade minha; mas eu me lembrarei dos anos da destra do Altíssimo”, Sl 77:10.

O cão de caça, quando perde o rastro, busca-o para trás e assim o recupera, perseguindo a caça com latidos mais fortes do que nunca. Do mesmo modo, cristão, quando a tua esperança estiver desorientada quanto à vida por vir e questionares a tua salvação no outro mundo, olha então para trás e observa o que Deus já realizou por ti neste mundo.

Algumas promessas têm o seu dia de pagamento aqui, e por outras devemos aguardar para recebê-las no céu. Ora, o pagamento que Deus faz de algumas promessas aqui é um penhor concedido à nossa fé de que as demais também serão fielmente cumpridas quando expirar o seu prazo; assim como cada juízo infligido aqui sobre os ímpios é enviado como um adiantamento daquela ira cuja soma total Deus completará no inferno. Vai, portanto, cristão, e examina os teus recibos. Deus prometeu que o “pecado não terá domínio sobre vós” — não, nem mesmo nesta vida, Rm 6:14. É o estado atual do santo nesta vida que ali se tem em vista.

Podes perceber esta promessa cumprida em ti? Está o poder do pecado quebrado e o cetro arrancado das mãos desse rei, a quem outrora obedecias de tão bom grado quanto qualquer súdito ao seu príncipe? Sim, podes perceber que ele apenas começou a cair pelo fato de o haveres destronado em teu coração e afeições? Olhas agora para o pecado não como costumavas,

como se fosse o teu príncipe, mas como um usurpador cuja tirania, pela graça de Deus, estás resolvido a sacudir, tanto por ser intolerável para ti quanto desonrosa para Deus, a quem agora reconheces como o teu Senhor de direito e a cujas santas leis o teu coração promete obediência com a maior liberdade? Isto, pobre alma, pode assegurar-te de que em breve terás pleno domínio sobre o pecado no céu, o qual na terra já começou a perder o seu poder sobre ti.

É digno de nota como Davi eleva a sua esperança para aguardar o estado perfeito de santidade no céu a partir de sua santificação iniciada na terra. Primeiro, ele declara a sua santa resolução para com Deus e, depois, a sua elevada expectativa em Deus: “Quanto a mim, contemplarei a tua face na justiça; satisfazer-me-ei da tua semelhança quando acordar”, Sl 17:15. Tens encontrado a mão de sustentação de Deus em todas as tuas tentações e aflições, pela qual és preservado de soçobrar sob elas? Um homem como Davi alimentaria a sua esperança de salvação eterna com isto: “tu me seguraste pela minha mão direita”, Sl 73:23. Nota agora a dedução da esperança: “Guiar-me-ás com o teu conselho, e depois me receberás na glória”, v. 24.

E assim como as experiências cuidadosamente guardadas e sabiamente aproveitadas contribuiriam muito para o fortalecimento da esperança do cristão em seu principal objeto — a salvação —, do mesmo modo ergueriam a sua cabeça acima de todos aqueles temores desorientadores que surgem no coração do cristão e lhe trazem tanta aflição diante daquelas providências contrárias e dolorosas que lhe sobrevêm nesta vida.

Certamente Davi ter-se-ia assustado muito mais com o semblante ameaçador e a conduta jactanciosa daquele orgulhoso

Goliás se a lembrança do urso e do leão que matara não lhe trouxesse alívio e contivesse o seu temor. No entanto, he já havia matado aquele filisteu incircunciso figuradamente quando despedaçou aqueles animais selvagens. E, portanto, ao marchar contra ele, este é o escudo que ele ergue para se cobrir: “O Senhor me livrou das garras do leão, e das do urso; ele me livrará da mão deste filisteu”, 1 Sm 17:37.

Se as experiências não fossem fundamento para a esperança em aflições futuras — refiro-me agora às temporais —, então elas não teriam a força de um argumento na oração. Contudo, os santos utilizam as suas experiências para que lhes sirvam nesse caso, e consideram que apelam a Deus de modo muito íntimo e direto quando Lhe contam humildemente o que Ele já realizou em seu favor, esperando que, por conseguinte, Ele dê continuidade ao Seu cuidado paternal sobre eles: “Salva-me da boca do leão; sim, ouviste-me, desde as pontas dos bois selvagens”, Sl 22:21.

E, sem dúvida, uma alma agraciada pode orar com fé a partir de sua experiência passada e esperar uma resposta satisfatória a essa oração na qual as misericórdias anteriores são o seu apelo para o que necessita no presente. O próprio Deus planeja para o Seu povo maior consolo em cada misericórdia que lhes concede do que a soma da própria misericórdia considerada isolada e abstratamente representa. Supõe, cristão, que estiveste enfermo e que Deus, diante de tua humilde oração, te tenha arrancado das próprias mandíbulas da morte, quando já estavas quase descendo por sua garganta; o consolo desta misericórdia específica é o mínimo que Deus te reserva nela, pois Ele deseja que faças disso um auxílio para a tua fé e um esteio [suporte] para a tua esperança quando esta for abalada por qualquer aflição futura.

“Tu despedaçaste as cabeças do leviatã, e o deste por mantimento aos habitantes do deserto”, Sl 74:14. Vemos que Deus, naquela misericórdia no mar Vermelho, estava pensando no sustento de Israel por quarenta anos seguidos, e esperava que eles não apenas banquetearassem no presente com a alegria daquela misericórdia estupenda, mas que a conservassem em conserva em suas memórias, para que a sua fé não carecesse de uma refeição naquele deserto faminto durante todo o tempo em que ali permanecessem.

As experiências assemelham-se a um prato frio reservado de um banquete. Às vezes, o santo assenta-se sem nada mais à sua mesa senão a promessa e a sua experiência; e aquele que não consegue fazer uma refeição revigorante para a alma com estes dois pratos merece jejuar. Certifica-te, cristão, de observar isto em cada misericórdia: o que constitui motivo de gratidão presente e o que serve de fundamento para a esperança futura. O vale de Acor é chamado de “porta de esperança”, Os 2:15. Deus, ao conceder uma misericórdia, abre por meio dela uma porta para continuar a dar e para que nós esperemos receber mais misericórdia.

Deus compara a Sua promessa à “chuva”, a qual faz a terra “produzir, e brotar, e dar semente ao semeador, e pão ao que come”, Is 55:10. Por que deverias tu, ó cristão, contentar-te com apenas metade do benefício de uma misericórdia? Quando Deus cumpre a Sua promessa e te livra desta tribulação e daquela aflição, ficas sobremaneira consolado, talvez, com a misericórdia recebida, e o teu coração possivelmente se dilata no presente em gratidão por ela. Isso é bem verdade. Aqui está o “pão ao que come” — algo que no presente te alimenta. Mas onde está a “semente ao semeador”? O lavrador não consome todo o trigo que colhe, mas reserva uma parte para semente, a

qual lhe proporcionará outra colheita. Assim, cristão, debes alimentar-te com a alegria de tua misericórdia, mas guardar a lembrança dela como semente de esperança, para te fortalecer a esperar em Deus por outra misericórdia e novo auxílio em tempo de necessidade.

Uma Objeção Respondida, Com Algumas Reflexões Práticas

Poderás, contudo, argumentar: como pode a experiência passada de um santo ser de tanta valia para a sua esperança no futuro se vemos que Deus, frequentemente, contraria as experiências dos santos? Ele os livra de uma enfermidade e os leva, talvez, na seguinte; poupa-os em uma batalha sem um arranhão ou ferimento e, em outra ocorrida pouco tempo depois, eles são mortos ou feridos. Como pode, então, o santo fundamentar e alicerçar a sua esperança em um livramento passado para esperar livramento em aflição semelhante novamente?

Resposta 1: Permanece em Deus o mesmo poder que nele havia outrora. O que Ele realizou uma vez em teu favor, pode realizar novamente com igual facilidade; e este é um modo pelo qual as tuas experiências podem te ajudar. Viste Deus desnudando o Seu braço, de modo que, a menos que imagines que Ele desde então perdeu a força ou o uso dele, tornando-se afinal um Deus de mão enfraquecida, a esperança possui um objeto sobre o qual atuar, e um objeto tal que manterá a tua cabeça acima da água.

Na verdade, a alma nunca se afoga no desespero até perder o apego ao poder de Deus. Quando ela questiona se Deus

a livrará, isso representa uma dolorosa fenda na embarcação, confesso, a qual fará penetrar mil temores em tua alma; no entanto, enquanto o cristão puder operar esta bomba de sucção — quero dizer, exercer fé no poder de Deus e crer que Deus pode livrar quando Lhe aprouver —, embora isso não esvazie totalmente o navio de sua alma de todos os seus temores, contudo impedirá que ele afunde por completo, pois o manterá em uma postura de busca: “Senhor, se quiseses, podes limpar-me”, Mc 1:40. E dizes que Deus não pode livrar, tu que foste testemunha ocular do que Ele realizou, seria não apenas revelar a tua grande incredulidade, mas abdicar também de tua própria razão como ser humano. Mas,

Resposta 2: Para oferecer uma resposta mais precisa à questão, o santo, a partir de suas experiências anteriores, inclusive de livramentos temporais, pode e deve não apenas crer que Deus pode, mas também que Ele há de salvá-lo em todas as futuras aflições e perigos dessa natureza; contudo, ele não pode inferir que Deus o fará do mesmo modo como nos livramentos passados. E ninguém, creio eu, afirmará que, se ele obtiver o livramento, as suas experiências foram contrariadas pelo fato de Deus haver empregado outro método para lhas conceder. Uma dívida pode ser plenamente quitada tanto com dinheiro quanto com bens de valor equivalente, a menos que o contrato proíba o pagamento por outra via.

Ora, não se encontra em promessa alguma de misericórdias temporais cláusula que obrigue Deus a concedê-las *in specie* [em espécie] ou do mesmo gênero. As misericórdias espirituais — refiro-me àquelas que são salvadoras e essenciais para a felicidade do santo —, estas, sim, são prometidas para serem dadas em espécie, porque nada existe de equivalente que possa ser pago em seu lugar. As misericórdias

temporais, contudo, são de natureza tão inferior que uma compensação ou recompensa pode ser facilmente concedida em seu lugar; sim, Deus nunca nega estas coisas a um santo senão para o seu proveito e abundante vantagem. Quem afirmará que o pobre santo sai perdendo quando Deus Se recusa a encher-lhe a bolsa com ouro e prata, mas lhe cumula o coração de contentamento? Ou o santo enfermo, quando Deus não o salva restabelecendo-lhe a saúde anterior, mas trasladando-o para o céu? E isto seja suficiente como resposta à objeção proposta. Concluirei este ponto com duas ou três reflexões a serem utilizadas pelo cristão para melhor aproveitamento de suas experiências passadas quando se encontrar em graves apuros.

(1) Primeira reflexão: Olha para trás, cristão, para as tuas experiências passadas e indaga se não encontras ali mostras de que o teu Deus realizou coisas maiores em teu favor do que esta que agora te causa tantos temores inquietantes e pensamentos de desespero. Admito que a tua aflição presente seja grande; mas nunca te viste em outra maior, e mesmo assim Deus acabou por colocar os teus pés em um lugar espaçoso? Encontras-te agora em uma atitude triste e lamentável; mas não dissipou Ele uma nuvem mais escura do que esta sob a qual te achas, conduzindo-te para fora dela rumo a um estado de luz e alegria? Certamente, a tua esperança cambaleante pode evitar a queda se se apegar a esta experiência.

Não te envergonhas de dar-te por perdido e pensar apenas em naufrágio em uma tempestade menor do que aquela de onde Deus anteriormente te retirou a salvo para a terra? Vê Davi reavivando a sua esperança ao reconhecer um fato como este: “Tu livraste a minha alma da morte; não livrarás os meus pés da queda?”, Sl 56:13. Concedeste-me o maior e recusar-Te-ás a dar-

me o menor? Porventura, o teu temor presente, cristão, é a apostasia.

Pensas que um dia cairás pelas mãos de teus pecados; isso domina os teus pensamentos e não consegues te convencer do contrário. Agora é o momento oportuno para recordares o dia da graça conversora de Deus. Ousas negar que tal obra se tenha operado em ti? Se não o ousas, por que então haverias de desesperar da perseverança? Aquele foi o dia em que Ele salvou a tua alma: “Hoje”, declarou Cristo a Zaqueu, “veio a salvação a esta casa”, Lc 19:9. E teria Deus salvo a tua alma por Sua graça conversora e não guardará os teus pés da queda por Sua graça sustentadora? Não exigiu muito mais misericórdia e poder retirar-te do domínio do pecado e de Satanás do que Lhe custará preservar-te de caíres novamente nas mãos deles?

Certamente os israelitas não teriam temido tantas vezes a falta de provisões no deserto se tivessem se lembrado de com que mão poderosa Deus os tirou do Egito. Mas talvez seja alguma aflição exterior que te angustia. Será ela maior do que a da Igreja sob cruel servidão e cativeiro? No entanto, ela teve algo a recordar que infundiu nova vida em sua esperança: “A minha porção é o Senhor, diz a minha alma; portanto esperarei nele”, Lm 3:24. Observai que ela faz de uma misericórdia espiritual — por ser incomparavelmente maior entre as duas — o fundamento de esperança para a salvação temporal, que é menor. E não O escolheste tu também, cristão, por tua porção? Não aguardas por um céu para desfrutares de Sua presença eternamente? E poderá qualquer calabouço de aflição externa ser tão sombrio que esta esperança não consiga iluminar? Recorda as tuas experiências de Seu amor para com a tua alma e não poderás ficar desprovido de esperança quanto ao teu corpo e condição exterior. Aquele

que reservou uma porção no céu para ti certamente proverá todas as despesas de que necessitares em teu caminho até lá.

(2) *Segunda reflexão: Lembra-te de quantas vezes Deus refutou os teus temores e provou ser a tua incredulidade um falso profeta.* Não bateu Ele à tua porta com consolo interior e livramentos exteriores quando já havias apagado a vela da esperança, desistido de O buscar e estavas pronto a deitar-te no leito do desespero? Assim procedeu Ele com Ezequias, depois de este ter concluído peremptoriamente ser o seu caso desesperador, Is 38:10-11.

Da mesma forma agiu com os discípulos em seu abatimento descrente: “E nós esperávamos que fosse ele o que remisse a Israel”, Lc 24:21. Eles falam como se agora duvidassem de que deversem confessar a sua fé anterior. Não ocorreu outrora o mesmo contigo? Nunca te encontraste em tão triste situação — sendo a tempestade de teus temores tão grande — a ponto de a âncora da esperança se soltar e te deixar entregue a pensamentos de desconfiança e desespero, como se a tua noite eterna houvesse chegado e já não esperasses ver amanhecer? Contudo, mesmo em tal momento, o teu Deus provou que todos eles eram mentirosos por meio de uma inesperada surpresa de misericórdia, com a qual Se aproximou docemente de ti.

Se foi assim, aplica e insiste nesta experiência em teu próprio favor, para encorajar a tua esperança em todas as tentações futuras. “O quê, ó minha alma!”, dirias tu, “deixar-te-ás novamente assustar por estes falsos alarmes? Darás novamente ouvidos aos teus pensamentos desconfiados e desanimadores, os quais tantas vezes descobriste serem mentirosos, em vez de creres no testemunho da promessa, a qual jamais envergonhou a tua esperança como estes o fizeram?”. Os

santos alimentam frequentemente as suas esperanças com os despojos de seus temores vencidos.

O tempo que Deus escolheu e o instrumento de que Se utilizou para conceder aos judeus cativos a libertação da prisão e o direito de retornarem ao lar eram tão inacreditáveis para eles — que então temiam antes ser esmagados por aquelas duas mós, os babilônios no interior e os persas no exterior da cidade — que, quando de fato ocorreu, assemelhou-se ao caso de Pedro, a quem o anjo retirara da prisão, At 12:1-17; levou algum tempo até que caíssem em si e discernissem se era uma realidade ou apenas um belo sonho, Sl 126:1.

Vede, agora, que efeito essa extraordinária refutação de seus temores exerceu sobre a esperança deles para o futuro. Ela os conduz ao trono da graça para a consumação daquilo que tão maravilhosamente começara: “Grandes coisas fez o Senhor por nós, pelas quais estamos alegres. Faze-nos retornar outra vez, Senhor, do nosso cativeiro”, v. 3-4. Eles obtiveram um ponto de apoio por meio desta demonstração de Seu poder e misericórdia, e agora não O deixarão ir até que recebam mais. Sim, a esperança deles levou-se a tal grau de confiança que extraíram uma conclusão geral desta experiência particular para o consolo próprio ou alheio em qualquer aflição futura:

“Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos”, v. 5-6.

(3) Terceira reflexão: Lembra-te de que desvios pecaminosos se manifestaram em tuas aflições e tentações, e de como Deus, a despeito deles, levou a cabo a obra de livramento em teu favor. De modo que podes declarar, em relação a esses

inimigos em teu próprio peito, o que Davi proclamou triunfante quanto aos seus adversários externos: que Deus “preparou uma mesa perante mim na presença de meus inimigos” — sim, dos Seus inimigos. Enquanto as tuas corrupções se agitavam e agiam contra Ele, a Sua misericórdia operava ativamente para o teu livramento. Oh, que gole revigorante seria este para a tua esperança desfalecida!

Aquilo que frequentemente abate o coração do cristão em qualquer aflição, interna ou externa, e chega a curvar a cabeça de sua esperança, impedindo-a de olhar para Deus em busca de socorro e auxílio em tais momentos, é a percepção daquelas fraquezas pecaminosas que então se manifestam nele. “Como posso esperar”, indaga a pobre alma, “que Deus me levante desta enfermidade em que demonstrei tanta impaciência e rebeldia? Ou daquela tentação na qual tão pouco exercitei a fé e revelei tanta incredulidade? Certamente preciso portar-me melhor antes que me sejam enviadas boas notícias do céu”. É bom, pobre cristão, que sejas sensível aos teus pecados a ponto de te tornares o teu próprio acusador, antecipando-te a Satanás para que ele não o faça; contudo, não te deixes oprimir pelo desânimo por causa deles.

Lembra-te de como Deus respondeu a objeções semelhantes no passado e te salvou com um “apesar de tudo”. Se as tuas fraquezas pudessem ter endurecido as entranhas de Sua compaixão contra ti, estarias hoje vivo — sim, fora do inferno? Recebeste alguma vez uma misericórdia cujo fluxo Deus não pudesse ter interrompido por este mesmo motivo que agora te faz temer que Ele não te socorra? Ou, se não tens à mão uma experiência própria — o que seria de estranhar —, toma emprestada uma de outros santos. Davi é um exemplo irrefutável. Esta mesma circunstância com a qual o seu

livramento foi, por assim dizer, adornado, sensibilizou acima de tudo o seu coração: “Dizia eu na minha pressa: Todos os homens são mentirosos. Que darei eu ao Senhor por todos os seus benefícios para comigo?”, Sl 116:11-12.

Ele se recordava de sua conduta pecaminosa e desordenada; e menciona isso tanto para assumir a sua vergonha quanto para elevar o seu coração ao mais alto grau de gratidão. Ele não sabe como louvar a Deus suficientemente por aquela misericórdia que o encontrou desmentindo o próprio mensageiro de Deus — o próprio Samuel — enviado para lhe dizer que ela estava a caminho. E ele não faz desta circunstância apenas um incentivo ao louvor pelo que passou, mas a estabelece também como fundamento de esperança para o futuro: “Pois eu dizia na minha pressa: Estou cortado de diante dos teus olhos; não obstante, tu ouviste a voz das minhas súplicas, quando a ti clamei”, Sl 31:22.

É como se ele dissesse: “Quando orei com tão pouca fé que quase desfiz a minha própria oração, concluindo ser o meu caso de todo desesperador, ainda assim Deus perdoou o meu espírito precipitado e concedeu-me aquela misericórdia que eu mal tinha fé para aguardar”. E que proveito faz ele desta experiência senão elevar a esperança de todo santo em tempo de necessidade? “Sede fortes, e ele fortalecerá o vosso coração, vós todos que esperais no Senhor”, v. 24.

QUARTO PONTO DE APLICAÇÃO

**[EXORTAÇÃO ÀQUELES QUE NÃO TÊM ESTE
CAPACETE DA ESPERANÇA]**

Sede exortados, vós que ainda estais sem este capacete, a vos proverdes dele. Certamente, se estiverdes em vosso perfeito juízo, esta será a primeira providência que tomareis, e o fareis com profunda seriedade — especialmente se estas três considerações encontrarem guarida em vossos pensamentos: Primeiro, quão deplorável é estar em um estado sem esperança; Segundo, que é possível que tu, que agora te encontras sem esperança, venhas a obter uma esperança de salvação mediante o uso oportuno e vigoroso dos meios; Terceiro, considera a horrível crueldade deste ato — o de atrair a destruição eterna sobre a tua própria cabeça.

[Três considerações para que todos se provejam deste capacete]

Primeira consideração: Quão deplorável é estar em um estado sem esperança. O apóstolo afirma que aquele que está “sem Deus” está “sem esperança”: “Não tendo esperança, e sem Deus no mundo”, Ef 2:12. Deus é para a alma o que a alma é para o corpo. Se este último se torna algo tão vil e repugnante quando perde a alma que o mantém agradável, o que será de tua alma se nada de Deus habitar nela? “O coração do ímpio é de pouco valor”, declara Salomão. E por quê, senão porque não possui a Deus para lhe conferir valor?

Se Deus, que é a luz, não está em teu entendimento, tu es cego; e para que serve um olho cuja visão se apagou, senão para te fazer quebrar o pescoço? Se Deus não está em tua consciência para pacificá-la e confortá-la, necessariamente estarás cheio de horror ou destituído de sensibilidade; serás um demônio furioso ou um ateu estúpido. Se Deus não está em teu coração e afeições para purificá-los, tu não passas de um cardume de peixes, um escoadouro de pecado. Se Deus não está em ti, o diabo está em

ti; pois o coração do homem é uma casa que não pode permanecer vazia.

Em uma palavra, não podes de modo algum passar sem esta esperança, nem na vida nem na morte. Não na vida — que consolo podes usufruir de todos os prazeres que possuis nesta existência sem a esperança de uma melhor? É um triste legado aquele que priva o filho rebelde de qualquer direito à herança. Podes possuir bens terrenos, talvez, mas isso é tudo o que deves esperar. E não é uma adaga cravada no peito de tua alegria pensar que a tua porção te está sendo paga aqui, a qual se esgotará no momento em que o santo começar a receber a dele? Contudo, muito menos tolerável é estar sem esta esperança na hora da morte.

Quem poderá pensar sem horror em deixar este mundo, embora cheio de dores, se não espera encontrar alívio no outro? O criminoso condenado, por mais que deteste o seu calabouço enfumaçado na prisão, prefere permanecer ali a aceitar a libertação pelas mãos do carrasco; ele prefere continuar vivendo em sua masmorra fétida a trocá-la pela forca. E maior razão possui a alma sem esperança — se ela compreende a si mesma — para desejar passar a eternidade na terra, ainda que no cubículo ou caverna mais miserável dela — e sob o mais agudo tormento de cálculo renal ou de gota —, do que ser aliviada dessa dor para sofrer o tormento do inferno.

Daí provém a triste confusão nos pensamentos dos miseráveis culpados quando as suas almas são convocadas a deixar os seus corpos. Isso torna as próprias dores da morte mais intensas do que seriam se esses queridos companheiros tivessem uma despedida esperançosa. Se o grito e o lamento fúnebre de alguns amigos no aposento de um moribundo podem perturbá-

lo tanto a ponto de tornar a sua passagem mais terrível, quanto mais, então, o horror da própria consciência do pecador, sob o temor daquele inferno para onde se dirige, haverá de assombrá-lo e aterrorizá-lo? Há uma grande diferença entre a despedida de uma esposa cujo marido é chamado para viver na corte, sob o brilho do favor de seu príncipe — cujo retorno ela aguarda depois de algum tempo com acúmulo de riqueza e honra —, e aquela cujo marido é arrancado de seus braços para ser arrastado à prisão e ao suplício.

É este o teu caso, homem miserável, e estás tu desperdiçando a tua breve vida e gastando o teu escasso tempo com ninharias quando a salvação de tua alma está ainda por se realizar? Estás enfeitando e adornando a tua carcaça de barro enquanto a tua alma está caindo no inferno? O que é isso senão pintar as paredes quando a casa está pegando fogo? É o mesmo que um homem preocupar-se com adornar o rosto quando não tem certeza se a sua cabeça permanecerá um único dia sobre os ombros! Aquele era um momento inoportuno para Baltasar banquetear-se e beber quando o seu reino estava em jogo e o inimigo às portas. Teria sido mais condizente para um príncipe sábio lutar sobre as muralhas do que banquetear-se em seu palácio, cevando-se para o seu próprio abate, o que logo lhe sobreveio, Dn 5:30. E conviria muito melhor a ti, pobre pecador, clamar ao teu Deus e deitar-te em lágrimas por teus pecados aos Seus pés, se porventura o teu perdão ainda puder ser obtido, do que, chafurdando em teus prazeres sensuais, entorpecer a tua consciência e fazê-la adormecer, com o que conseguirás apenas um breve alívio para os pensamentos perturbadores de tua miséria iminente.

Segunda consideração: Considera que é possível — não me refiro ao caminho em que te encontras atualmente, pois por

ele é tão impossível chegares ao céu quanto o seria se Deus fosse considerado mentiroso —, mas é possível que tu, que agora te encontras sem esperança, venhas a obter uma esperança de salvação mediante o uso oportuno e vigoroso dos meios; e, certamente, uma esperança possível traz em si a força de um poderoso argumento para nos esforçarmos por uma esperança real. Não há no inferno demônio tão perverso que, se tivesse mil mundos à sua disposição — e cada um deles melhor do que este que tanto idolatramos —, não os trocaria todos por tal possibilidade, considerando-o inclusive um negócio extremamente vantajoso.

Foi apenas uma possibilidade que arrancou do trono aquele rei gentio de Nínive, fazendo-o prostrar-se aos pés de Deus em pano de saco e cinzas, e aquele rei se levantará em juízo contra ti se não fizeres mais do que ele. Pois aquela era uma possibilidade muito mais remota do que a tua. Ela foi deduzida não de alguma promessa expressa que tenha saído dos lábios do pregador para encorajá-los a se humilharem e a se converterem ao Senhor — pois não lemos ali senão sobre a denúncia de desolação —, mas a partir daquela teologia natural que estava gravada em suas mentes, a qual os ensinou a esperar que Aquele que é o bem supremo não seria implacável.

Tu, porém, possuis muitas promessas expressas procedentes dos lábios fiéis de Deus de que, se O buscares no tempo e no caminho dEle, tão certo como Deus está agora no céu, viverás lá com Ele na glória: “Viverá o vosso coração, daquele que busca a Deus”, Sl 69:32. Sim, existem milhões de bem-aventurados agora no céu experimentando a verdade desta palavra, os quais outrora não tinham mais direito ao céu do que vós mesmos tendes agora; e aquele lugar de bem-aventurança

ainda não está tão repleto que Ele não possa e não queira abrir espaço para ti, se de fato tiveres o desejo de ir para lá.

Há uma oração que Cristo proferiu na terra que manterá a porta do céu aberta para todos os que nEle crerem até o fim do mundo: “E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim”, Jo 17:20. Estas são excelentes novas, verdadeiras. Parece-me que elas fariam as vossas almas saltarem dentro de vossos peitos, enquanto estais sob os convites do evangelho, assim como o bebê saltou outrora no ventre de Isabel diante da saudação da virgem Maria. Não digais, pois, pecadores, que os ministros vos impõem impossibilidades e vos ordenam escalar uma montanha inacessível ou assaltar uma cidade inconquistável. No entanto; são o diabo e o vosso próprio coração incrédulo — que juntos conspiram para a vossa ruína — que vos dizem isso. E, enquanto derdes ouvidos a tais conselheiros, estareis em excelente situação, não é verdade?

Pois bem, digam o que disserem, sabe, ó pecador, que se ao final perderes o céu — o que Deus não permita —, o Senhor poderá lavar as Suas mãos sobre a tua cabeça e declarar-Se inocente de teu sangue; a tua condenação será depositada à tua própria porta. Ficará evidente então que não houve engano na promessa, nem sofisma na oferta do evangelho. O que Deus ofereceu, Ele estava disposto a dar; mas tu voluntariamente rejeitaste a vida eterna, e o teu coração, a despeito do que proferissem os teus lábios mentirosos em contrário, não aceitou os termos: “Mas o meu povo não quis ouvir a minha voz, e Israel não me quis”, Sl 81:11. De modo que, quando o tribunal examinar a tua alma assassinada para indagar como chegaste ao teu fim miserável, serás considerado culpado de tua própria condenação: *nemo amittit Deum nisi qui dimittit eum* [ninguém perde a Deus senão aquele que O deixa].

Terceira consideração: Considera a horrível crueldade deste ato, de atraíres a destruição eterna sobre a tua própria cabeça devido ao teu coração incorrigível e impenitente. Oh, que triste epitáfio para ser gravado na lápide de um homem: “Aqui jaz aquele que cortou a própria garganta, que de modo desumano tirou a própria vida; este foi o homem, esta foi a mulher que recusaram a restauração! Eles viram o inferno diante de si e, contudo, nele se lançaram, a despeito das súplicas de Cristo, de Seu Espírito e de Seus ministros em contrário!”.

E quanto mais tiveres tentado fazê-lo, enquanto Deus te continha a mão por meio de Suas graciosas exortações, tanto maior será a tua vergonha e confusão diante de Deus, dos homens e dos anjos no último dia. Deus estigmatizou esses atos de crueldade que o homem comete contra si mesmo acima de quaisquer outros. Revelaria um homem de natureza rude e canina aquele que pudesse ver um cavalo em sua estrebaria ou um porco em seu chiqueiro morrer de fome, tendo alimento para lhes oferecer; seria ainda mais cruel ouvir o seu servo clamar e chorar por pão e negar-lho; contudo, seria ainda mais horrível se isso fosse feito a um filho ou a uma esposa; mas acima de tudo — porque a natureza clama mais forte pela autopreservação —, a maior violência que se pode fazer contra a lei natural é esquecer o dever que temos para com a nossa própria vida.

Oh, o que é então para um pecador deixar a sua alma morrer de fome rejeitando a Cristo, “o pão da vida”, e verter o sangue de sua alma por esta ampla comporta! Trata-se de uma crueldade sem par! De fato, o que torna o suicídio do corpo um crime tão grave é que ele coloca em risco iminente — para não dizer inevitável — a destruição da alma. Oh, quão indigno és de ter hóspede tão nobre como a tua alma habitando em teu peito, tu que não lhe preparas melhor morada no outro mundo senão o

inferno! — essa alma cuja natureza a torna capaz de ser elevada à ditosa presença de Deus na glória celestial, não tivesses tu trancado a porta contra ti mesmo por tua impenitência.

Mas, ai de nós! Esse que é o pior dos homicídios é também o mais comum. Ouvimos falar apenas ocasionalmente de alguns poucos perturbados que atentam contra o próprio corpo, cujo relato faz estremecer toda a região; contudo, dificilmente entrarás em qualquer casa, em qualquer dia da semana, sem encontrar alguém tentando dar fim à própria alma; sim, carregando no peito a própria faca e a corda — refiro-me aos seus pecados de estimação — com os quais a esfaqueiam e estrangulam. Trata-se de pessoas cheias de afeição natural para com os seus corpos, dispostas a gastar tudo o que possuem, como aquela mulher do evangelho, com médicos quando a vida física está em perigo; no entanto, mostram-se tão cruéis para com as suas almas agonizantes e condenadas que põem para fora de casa a Cristo, o seu Médico, que vem curá-las gratuitamente.

Em suma, aqueles que manifestam abundância de sabedoria e discernimento na condução de seus negócios terrenos, de cuja racionalidade te espantarias, ao darem razões sobre por que fazem isto ou aquilo, quando se trata dos assuntos do céu e da salvação de suas almas, não parecem os mesmos homens. De modo que, se os julgasses apenas por suas ações nesse tocante, não poderias crer que fossem seres racionais.

E não é deplorável que a alma, que te dota de razão para a execução de teus negócios terrenos, não receba ela própria benefício algum dessa mesma razão de que te serve para realizar todas as tuas tarefas? Isso, como bem observa um autor, é como se o senhor da casa, que provê alimento para todos os seus servos, fosse por estes impedido de comer, tornando-se a única

criatura faminta na casa. E não é este o triste julgamento e flagelo de Deus que se vê visivelmente sobre muitos, inclusive sobre aqueles que passam por sábios *stilo mundi* [segundo o costume do mundo]? Não estão as suas almas, que lhes dão entendimento para prover para as costas e o ventre, para a casa e a família, famintas enquanto isso, sendo impedidas pelo poder de alguma concupiscência de utilizar o seu entendimento e razão a ponto de direcioná-los a um esforço sério e vigoroso para a sua salvação? Como, então, podem prosperar as almas tratadas de tal maneira?

DIRETRIZ 10

AS DIVERSAS PEÇAS DA ARMADURA DE DEUS

SEXTA PEÇA — A ESPADA DO CRISTÃO

“E a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (Ef 6:17).

Temos aqui a sexta e última peça da panóplia do cristão entregue em nossas mãos — UMA ESPADA; e da tempera correta: “a espada do Espírito”. A espada sempre foi estimada como a parte mais necessária do aparato do soldado e, portanto, obteve uso mais geral em todas as eras e entre todas as nações do que qualquer outra arma. A maioria das nações possui algumas armas específicas que lhes são próprias, mas poucas ou nenhuma entra em campo sem uma espada. Um piloto sem a sua carta de navegação, um erudito sem o seu livro e um soldado sem a sua espada são igualmente ridículos.

Contudo, acima de todas essas coisas, é absurdo conceber a ideia de ser cristão sem o conhecimento da Palavra de Deus e alguma habilidade para manusear esta arma. O termo comum na Escritura para a guerra é “a espada”: “Porque eu

chamo a espada sobre todos os moradores da terra”, Jr 25:29; isto é, enviarei a guerra. E assim se dá porque a espada é a arma de uso mais universal nos combates e também aquela por meio da qual se realiza a maior matança na batalha. Ora, tal arma é a Palavra de Deus na mão do cristão. Pelo gume dela caem os seus inimigos e são realizadas todas as suas grandes façanhas: “E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho”, Ap 12:11. Há duas observações notáveis que podemos considerar antes de passarmos à análise mais detida das palavras: a primeira, baseada no tipo ou gênero de armas aqui apresentado para o uso do cristão; a outra, decorrente do lugar ou ordem em que ela se posiciona.

[Duas observações extraídas destas palavras]

Primeira observação: Atenta para a espécie ou tipo de arma aqui designada para o uso do cristão. Trata-se de uma arma que é tanto defensiva quanto ofensiva; tal é a espada. Todas as demais armas na armaria do apóstolo são caracterizadas por armamentos de defesa — o cinturão, a couraça, o escudo e o capacete —, os quais servem para proteger e poupar o soldado dos golpes de seu adversário. A espada, porém, cumpre a dupla função de defendê-lo e ferir o seu inimigo. De igual utilidade é a Palavra de Deus para o cristão.

Primeiro: Destina-se à defesa. Facilmente poderia o soldado ser despojado de todo o seu restante aparato, por mais resplandecente e glorioso que fosse, se não portasse uma espada na mão para erguer contra as investidas do inimigo. E com igual facilidade seria o cristão privado de todas as suas graças se não possuísse esta espada para defendê-las e para proteger a si próprio da fúria de Satanás: “Se a tua lei não fora o meu gozo, há muito que teria perecido na minha angústia”, Sl 119:92.

Esta se assemelha à espada inflamada com a qual Deus guardou o caminho do paraíso para dele excluir Adão. O santo é frequentemente comparado ao jardim e ao pomar de Cristo. Com a espada da Palavra, ele resguarda este seu pomar de ser saqueado. Não penderia por muito tempo em suas almas nenhum de seus doces frutos — sejam graças, sejam consolos — não fosse este grande salteador, Satanás, mantido à distância pela ponta desta espada. Oh, esta Palavra de Deus representa um terror para ele; por mais que tente, ele não consegue superar o pavor que ela lhe inspira. Basta que Cristo diga: “Está escrito”, e o espírito maligno foge com mais confusão e espanto do que Calígula ao estrondo de um trovão.

E aquilo que se revelou de tamanha eficácia saindo dos benditos lábios de Cristo para afugentá-lo, os santos sempre constataram ser o instrumento mais eficaz para defendê-los contra as suas tentações mais ferozes e impetuosas. Pergunta a Davi qual era a arma com que ele desviava os golpes que este inimigo lhe desferia, e ele te responderá ter sido a Palavra de Deus: “Quanto ao trato dos homens, pela palavra dos teus lábios me guardei das veredas do destruidor”, Sl 17:4. Isto significa: com o auxílio de Tua Palavra, fui capacitado a me preservar daquelas obras perversas e práticas violentas às quais outros, por carecerem desta arma defensiva, foram arrastados.

Segundo: Destina-se ao ataque. A espada, assim como defende o soldado, fere também o seu adversário. Assim, a Palavra de Deus é tanto uma espada que guarda quanto uma espada que mata. Ela não apenas o preserva e impede de ceder à força das tentações externas, mas também por meio dela ele golpeia e mortifica as suas concupiscências internas, o que torna a vitória completa. Um homem pode escapar de seu inimigo em um dia e ser derrotado por ele em outra ocasião. Lemos sobre

alguns que por um tempo escaparam das corrupções do mundo; contudo, porque as suas concupiscências nunca foram passadas a fio de espada nem mortificadas neles pelo poder da Palavra aplicada aos seus corações, acabaram sendo vencidos e mortos por este inimigo oculto que jazia sorrateiro em seus peitos, 2 Pe 2:20 comparado com o v. 22.

Absalão, a despeito de haver ficado suspenso pelos cabelos de sua cabeça, poderia ter sobrevivido para vingar-se mais tarde daqueles por quem fora então derrotado, não tivesse Joabe intervindo a tempo e dado fim à sua vida, traspassando-lhe o coração com dardos que portavam uma mensagem de morte. Temos diariamente tristes experiências de muitos que conseguem escapar de suas crises de consciência — pelas quais foram contidos por um tempo, mantendo-se os seus pecados, por assim dizer, presos pelos cabelos — para logo em seguida se lançarem em caminhos mais abomináveis do que dantes; e tudo isso por falta de habilidade para usar, ou de coragem e fidelidade para cravar, pela fé, esta espada no coração de suas concupiscências.

Segunda observação: Atenta para a ordem e o lugar em que se encontra esta peça da armadura. O apóstolo entrega primeiramente ao cristão todas as peças anteriores e, assim que estas se acham vestidas, cinge-lhe esta espada. Confesso que o Espírito de Deus, na Sagrada Escritura, nem sempre é rigoroso na observação de métodos; contudo, parece-me que não seria imperdoável se eu me arriscasse a sugerir uma dupla significação decorrente exatamente deste lugar e da ordem em que ela se apresenta:

Primeiro: Ela pode ter sido introduzida depois de todas as outras para nos dar a entender quão necessárias são as

graças do Espírito de Deus para o uso correto da Palavra. Nada é mais abusado do que a Palavra de Deus. E por quê, senão porque os homens se aproximam dela com corações insalubres e não santificados? O herético a cita para provar sua falsa doutrina e tem o descaramento de intimá-la a depor em seu favor. Mas como é possível que atribuam seus partos monstruosos à pura e casta Palavra de Deus? Certamente ocorre porque se dirigem à Palavra e com ela dialogam, mas não trazem consigo o cinturão da sinceridade e, por estarem descingidos, permanecem sem a bênção. Deus justamente permite que eles percam a verdade por não serem sinceros em sua busca por ela. Essa progênie monstruosa é gerada em seus próprios corações pelo pai das mentiras, e eles recorrem à Palavra apenas para que esta sirva de testemunha em favor dela.

Outro lê a Palavra e torna-se pior depois disso, mais endurecido em suas concupiscências do que antes. Ele observa ali alguns personagens canonizados como santos pelo Espírito de Deus, cuja história de vida, contudo, acha-se manchada por algumas quedas graves, talvez precisamente nos mesmos pecados em que ele próprio se chafurda, e com isso se atreve a incluir-se a si mesmo no catálogo dos santos. E por que age com tamanho descaramento? Em verdade, porque se aproxima da Palavra com um coração profano e carece da couraça da justiça para defend-lo do impacto de tentação tão perigosa.

Outro, por falta de fé que confira realidade à verdade das ameaças divinas em sua consciência, lança-se audaciosamente contra a ponta desta espada e desafia o Deus dos céus a feri-lo com ela. Assim, encontramos aqueles miseráveis mencionados pelo profeta brincando com esta ferramenta afiada: “Onde está a palavra do Senhor? Venha agora!”, Jr 17:15. É como se dissessem em zombaria: “Tu nos amedrontas com espantalhos

estranhos — juízos que em nome de Deus ameaças estarem por vir sobre nós. Quando virão? Gostaríamos muito de vê-los. Estará a espada de Deus enferrujada, que Ele demora tanto a tirá-la da bainha?”.

E a alma desesperada, por falta do capacete da esperança, trata a promessa de modo pouco melhor do que o pecador presunçoso trata a ameaça: em vez de erguê-la para se defender contra os temores de sua consciência culpada, lança-se sobre a sua ponta e destrói a própria alma com a mesma arma que lhe fora dada para abater o inimigo. Convenientemente, portanto, o apóstolo primeiro reveste o cristão com as outras peças para depois lhe entregar esta espada para o seu próprio bem. Uma espada na mão de um louco e a Palavra de Deus na boca de um homem ímpio são usadas de forma muito semelhante — servindo apenas para ferir a si mesmos e aos seus melhores amigos.

Segundo: Ela pode ser recomendada após todas as demais para nos fazer compreender que o cristão, mesmo quando elevado aos maiores alcances da graça possíveis nesta vida, não se encontra acima do uso da Palavra; pelo contrário, não pode estar seguro sem ela. Ainda que cingido de sinceridade — com a placa da justiça em seu peito, o escudo da fé em sua mão e o capacete da esperança cobrindo-lhe a cabeça —, de modo que a sua salvação esteja fora de dúvida para ele no momento; mesmo assim, ele precisa tomar a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus. Este não é um livro para ser lido apenas pelas classes iniciantes na escola de Cristo, mas é perfeitamente adequado ao discípulo mais avançado, que parece mais pronto a transferir-se para a academia do céu. Ela é útil não apenas para fazer do homem um cristão pela conversão, mas também para torná-lo perfeito, 2 Tm 3:15. Ela é como a régua e o prumo do

arquiteto — tão necessária para assentar a última pedra do edifício ao final de sua vida quanto para lançar o fundamento em sua conversão. Aqueles que descartam o prumo antes que a casa esteja terminada assemelham-se, portanto, a construtores insensatos.

Passo agora a examinar a arma que nos é apresentada no texto: “e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus”. Nestas palavras, distinguem-se estas três partes: Primeiro, a arma em si mesma, isto é, “a palavra de Deus”; Segundo, a metáfora sob a qual ela é apresentada — “a espada”, com a indicação de quem a possui: “a espada do Espírito”; Terceiro, uma exortação para fazer uso desta arma, acompanhada de diretrizes para isso — “e a espada”, etc. Isto significa: tomai esta peça junto com todas as outras anteriormente nomeadas. De modo que, àqueles a quem ele destina as peças anteriores, a estes ele entrega a espada da Palavra para o seu uso. Ora, constatareis que tais destinatários são pessoas de todas as classes e relações sociais: maridos e esposas, pais e filhos, senhores e servos. Ele deseja que ninguém careça desta espada, assim como não devem carecer do cinturão, do capacete e das demais peças; embora eu saiba que isto não agrada aos papistas, os quais gostariam que esta espada da Palavra, como a de Golias, fosse guardada fora do alcance deles, sob a custódia exclusiva do sacerdote.

DIRETRIZ 10 — PRIMEIRA PARTE GERAL

O Que Se Entende Aqui Por Palavra De Deus

“A Palavra de Deus” (Ef 6:17).

Início com a própria arma — “a espada do Espírito, que é a palavra de Deus”. Primeiramente, apresentarei a espada

despida e, em seguida, colocá-la-ei novamente em sua bainha para tratá-la sob a metáfora de uma espada. Há uma dupla palavra de Deus: Primeiro, uma palavra substancial ou subsistente, que é o Filho eterno de Deus; Segundo, há uma palavra declarativa de Deus, que difere conforme os diversos tempos e maneiras pelas quais Lhe aprouve revelar a Sua vontade ao homem.

Dupla referência da expressão “a palavra de Deus”

Primeiro: Há uma palavra substancial ou subsistente, que é o Filho eterno de Deus. “O Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”, Jo 1:1. “E estava vestido de uma veste salpicada de sangue; e o seu nome se chama a Palavra de Deus”, Ap 19:13. Isto se refere a uma pessoa, e esta não é outra senão Cristo, o Filho de Deus. Todavia, Ele não é a Palavra de Deus referida no texto. O Espírito é, antes, a espada de Cristo do que Cristo a espada do Espírito; conforme o versículo 15 do capítulo supramencionado: “E da sua boca saía uma espada afiada, para ferir com ela as nações”.

Segundo: Há uma palavra declarativa de Deus, e esta apresenta-se de múltiplas formas, segundo as diversas vias e maneiras pelas quais aprouve ao Senhor manifestar a Sua mente aos filhos dos homens. A princípio, quando a terra estava escassamente povoada e a longevidade humana era tão extensa que abrangia muitos séculos de vida, Deus transmitiu a Sua mente por meio de sonhos, visões e revelações imediatas semelhantes a testemunhas fiéis, que pudessem instruir os seus contemporâneos e transmitir esse conhecimento às gerações posteriores. Eles viviam por tanto tempo que três homens santos foram capazes, desde a morte de Adão, de preservar la pureza da religião por tradição direta até poucos anos antes de os israelitas

descerem ao Egito. Pois, conforme calcula a cronologia de um reverendo e erudito autor, Metusalém viveu mais de duzentos anos com Adão e dele pôde receber a vontade de Deus revelada. Sem viveu quase cem anos com Metusalém e ainda estava vivo no quinquagésimo ano da idade de Isaque, o qual faleceu poucos anos antes da ida de Israel para o Egito. Por tanto tempo Deus absteve-Se de confiar a Sua vontade à escrita porque, passando ela por tão poucas e confiáveis mãos, podia ser preservada em segurança.

Contudo, quando a duração da vida humana foi tão reduzida que, de oitocentos ou novecentos anos — que era a duração comum de então —, encolheu-se para apenas algumas dezenas, como ocorria no tempo de Moisés, Sl 90; e quando o povo de Deus cresceu de poucas pessoas para uma multidão no Egito — e estes corrompidos pela idolatria —, Deus, pretendendo ao libertá-los dali constituí-los como sociedade e nação, julgou apropriado, para evitar a corrupção em Seu culto e o desvio em suas vidas, que possuíssem uma lei escrita que servisse de padrão público para orientá-los em ambos os aspectos. E, conseqüentemente, escreveu com o Seu próprio dedo os dez mandamentos em tábuas de pedra e ordenou a Moisés que escrevesse as demais palavras que dele ouvira no monte, Ex 34:27. Agiu de tal modo que, contudo, ainda continuou a manifestar a Sua vontade por meio de revelações extraordinárias à Sua Igreja e também a ampliar esta primeira edição de Sua Palavra escrita, conforme a necessidade dos tempos; reservando o encerramento do cânon das Sagradas Escrituras para ser realizado por Cristo, o grande Mestre da Igreja, que o completou, e pelos apóstolos, Seus escrivães públicos, que o consignaram para o uso de Sua Igreja até o fim do mundo. Sim, uma maldição proferida pela boca de Cristo

pesa sobre aquele que a ela acrescentar ou dela retirar qualquer coisa, Ap 22:18-19.

De modo que hoje todas aquelas vias pelas quais Deus diretamente manifestava a Sua mente a este povo uniram-se nesta única via das Escrituras, as quais devemos receber como a indubitável Palavra de Deus, contendo uma perfeita regra de fé e prática, sem esperar nenhuma outra revelação de Sua mente para nós. Esse é o sentido de Hb 1:1: “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho”. Denominam-se “últimos dias” precisamente porque não devemos aguardar nenhuma outra revelação da vontade de Deus. E, portanto, abominemos para sempre aquela blasfêmia de Joaquim de Fiore, dos wigelianos e de outros que caíram no mesmo delírio, os quais fantasiam sobre uma tríplice doutrina procedente das três Pessoas da Santíssima Trindade — a lei vinda do Pai, o evangelho vindo do Filho, o qual possuímos no Novo Testamento, e uma terceira doutrina vinda do Espírito, à qual chamam de *evangelium eternum* [o evangelho eterno]. Ao passo que o próprio Espírito de Deus, por quem as Escrituras foram inspiradas, denomina a doutrina nelas contida de “o evangelho eterno”, Ap 14:6. Isto seja suficiente para demonstrar o que se entende aqui por Palavra de Deus. De onde decorre a doutrina:

A divindade das Escrituras e a suficiência de seu próprio testemunho como prova da mesma

Doutrina: *Que as Sagradas Escrituras são a indubitável palavra de Deus.* Por Escritura refiro-me ao Antigo e ao Novo Testamento contidos na Bíblia; sendo ambos aquele único

fundamento sobre o qual a nossa fé está edificada: “Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas”, Ef 2:20. Esta é a doutrina que Deus, por intermédio deles, entregou à Sua Igreja, pois eles se achavam sob a orientação infalível do Espírito: “Toda a Escritura é divinamente inspirada”, 2 Tm 3:16, isto é, *theopneustos* [θεόπνευστος — soprada por Deus]; ela procedeu tão verdadeira e imediatamente da própria mente e coração de Deus quanto o nosso sopro procede do interior de nossos corpos.

Sim, tanto a matéria quanto as palavras foram inspiradas por Deus, pois as coisas que eles falavam não eram “com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina”, 1 Co 2:13. Deus não lhes forneceu um tema para que o desenvolvessem e ampliassem segundo seus próprios talentos e habilidades, mas os restringiu àquilo que Ele mesmo inspirou. Eles foram meramente Seus amanuenses para registrar o Seu ditame infalível ou, como copistas, para transcrever o que o Espírito de Deus colocava diante deles. Esta é a razão apresentada para que nenhuma Escritura receba interpretação segundo a nossa imaginação ou arbítrio particular. Devemos extrair o seu sentido dela própria, conforme constatamos que uma passagem esclarece a outra; pois ela não procedeu originalmente do espírito particular de homem algum, “mas os homens santos de Deus falaram inspirados”, ou conduzidos, “pelo Espírito Santo”, 2 Pe 1:20 e v. 21 comparados. Ora, *ejusdem est condere et interpretari* [ao mesmo que cria a lei pertence interpretá-la] — isto é, o poder que dita a lei é o que deve expô-la.

Pergunta. Mas talvez alguns digam: "Você traz a Escritura para dar testemunho de si mesma? A questão é se a

Escritura é a palavra de Deus, e você nos diz que a Escritura assim o diz; e isso é suficiente?"

Resposta. Isso teria peso se fosse a palavra de alguma criatura insignificante que estivesse em julgamento; mas alguém maior do que o homem está aqui. *Humana dita argumentis ac testibus egent; Dei autem sermo ipse sibi testis est, quia necesse est quicquid incorrupta veritas loquitur incorruptum sit veritas testimonium* [As palavras humanas precisam de argumentos e testemunhas; mas a palavra de Deus é testemunha de si mesma, porque é necessário que tudo o que a verdade incorruptível fala seja um testemunho da verdade incorruptível]: assim diz Salviano em *De Gub. Dei*, livro 3 — os homens precisam de argumentos e testemunhas para provar e garantir que o que dizem é verdade; mas a palavra de Deus é testemunha suficiente de si mesma, porque o que a própria verdade, que é pura, diz, não pode ser senão um testemunho sincero e verdadeiro. Cristo, que considerava depreciativo para a dignidade de sua pessoa tomar emprestado crédito do testemunho do homem, contudo se remeteu ao relato que a Escritura fazia dele; e estava disposto a permanecer ou cair na opinião de seus próprios inimigos, conforme o testemunho dela se mostrasse a seu respeito, Jo 5:34, comparado com o versículo 39. E, portanto, o testemunho delas bem pode ser aceito por si mesmas. Aquele que não consegue ver este sol por sua própria luz, pode em vão pensar em procurá-lo com a vela e a lanterna do testemunho e do argumento humano. Não que estes estejam ausentes ou sejam inúteis. O testemunho da igreja deve ser altamente reverenciado, porque a ela foram entregues estes oráculos de Deus, para serem guardados como um depósito e encargo sagrado. Sim, ela é chamada de "a coluna e esteio da verdade", 1 Tm 3:15, e "o candeeiro", Ap 1:12, de onde a luz das Escrituras brilha para o

mundo. Mas quem dirá que a proclamação de um príncipe tem sua autenticidade derivada da coluna em que está pendurada no cruzamento do mercado? Ou que a vela tem sua luz derivada do candeeiro sobre o qual está colocada? O ofício da igreja é ministerial — publicar e tornar conhecida a palavra de Deus; mas não magisterial e absoluto — para torná-la Escritura, ou desfazê-la, conforme lhe apraza conceder ou negar seu selo. Isso seria enviar Deus ao homem para obter sua assinatura e selo, e fazer com as Escrituras o que Tertuliano, em sua Apologia, diz que os pagãos faziam com seus deuses, os quais precisavam passar pelo senado e obter sua aprovação antes que pudessem ser considerados divindades pelo povo. E não faz a igreja de Roma exatamente isso com as Escrituras, enviando-nos ao papa para obter permissão para crer que a Escritura é a Escritura? A fala blasfema de Hermannus é notoriamente conhecida, ao dizer que as Escrituras *tantum valere, quantum Æsopi fabulæ, nisi accedat ecclesiæ testimonium* [valem tanto quanto as fábulas de Esopo, a menos que se acrescente o testemunho da igreja]. Oh, como Roma se parece com Roma! A Roma supersticiosa com a Roma pagã! Mas não precisamos viajar tão longe para decidir esta questão. A própria Escritura nos poupará o trabalho dessa cansativa jornada para tão pouco propósito, sendo mais capaz de nos satisfazer de sua própria origem divina do que o papa, assentado em sua cadeira de pórfiro com todos os seus cardeais ao seu redor. Nem há qualquer necessidade de pedir um mensageiro que suba ao alto para nos trazer do céu suas cartas testemunhais, visto que elas trazem a assinatura do céu tão claramente escrita em sua própria testa, que impede que procedam de qualquer outro senão do próprio Deus. Pode um homem específico ser conhecido entre mil outros por seu rosto, voz ou caligrafia? Certamente, então, não deve parecer estranho que o Deus do céu possa ser discernido de sua pobre criatura por

sua voz e escrita nas sagradas Escrituras. Não vemos que ele entrelaçou seu nome glorioso nas obras da criação de tal modo que elas proclamam seu poder e divindade, e o chamam de Criador em seus pensamentos, mesmo daqueles que nunca leram a Bíblia ou ouviram falar de tal livro? — de modo que não puderam roubar essa noção dali, mas a obtiveram pelo ditame de suas próprias consciências, exortando ao reconhecimento de uma divindade. E muito mais uma consciência iluminada e um coração santificado serão constrangidos pela evidência avassaladora que resplandece nas Escrituras a prostrar-se e clamar: "É a voz de Deus, e não de criatura alguma, que fala nelas". De fato, as grandes verdades e os principais conceitos encontrados nas Escrituras são tão conaturais aos princípios da graça, que o mesmo Espírito Santo, que é o autor delas, plantou no coração de todos os santos, que suas almas sempre saltam e exultam ao ler e ouvir tais verdades, como o bebê saltou no ventre de Isabel à saudação da virgem Maria. O cordeiro não conhece com mais certeza a sua mãe no meio de todo um rebanho (por cujo balido ele passa por todos os outros para vir a ser amamentado por ela), do que as ovelhas de Cristo conhecem a sua voz nas verdades salvadoras das Escrituras — cujo leite sincero elas desejam, e são ensinadas por Deus a saborear e discernir de todos os outros. De fato, até que a alma seja assim iluminada e trabalhada pelo Espírito de Deus, ela pode ter sua boca fechada por argumentos a favor da divindade delas que não possa responder; mas nunca será persuadida a descansar nelas e a abraçá-las cordialmente como a palavra de Deus. Como vemos nos escribas e fariseus, que frequentemente ficavam perplexos e emudecidos pelo impacto das palavras de Cristo; contudo, assim como aqueles infelizes enviados para prender a pessoa de Cristo levantaram-se do chão — onde a majestade da divindade de Cristo, fitando-os, os havia lançado prostrados — para lançar

mãos violentas sobre ele; assim também aqueles obstinados fariseus e escribas, após todas as suas convicções, voltaram a opor-se à doutrina que ele pregava, e a maioria deles até a morte. Sim, aquela parte da Escritura que eles pareciam exaltar tanto, a lei de Moisés, e que tornavam o motivo de sua disputa contra Cristo, nosso Salvador é ousado em dizer-lhes que, por maiores admiradores que fossem dela, eles nem sequer criam que ela fosse a palavra de Deus. Como poderiam, de fato, ter uma verdadeira fé divina nela, se careciam do Espírito de Deus, que é o único que a opera? "Se crêsseis em Moisés, creríeis em mim; porque ele escreveu a meu respeito", Jo 5:46. Erasmo conta a seu amigo em uma carta que encontrou muitas coisas imputadas a Lutero pelos monges como heresias que Agostinho defendia entre eles como verdades sãs. Mas certamente eles não criam realmente que fossem verdades em Agostinho aquelas que condenavam em Lutero. Nem os fariseus de verdade criam no que Moisés escreveu, porque se opunham a Cristo, que apenas confirmava o que Moisés anteriormente havia falado da boca de Deus. Mas porque, quando o Espírito de Deus vem para elevar o coração à crença na palavra de Deus, ele o faz aplicando seu próprio peso e força àqueles argumentos que estão contidos na palavra, e assim *sigillare animum caractere illorum* [sela a mente com o caráter deles] — deixa a marca ou o caráter deles selados sobre a alma; portanto, extrairei um ou dois argumentos, entre muitos que se encontram na própria Escritura, provando que sua origem é divina. Sei que é um caminho trilhado este em que agora caminho, e falarei *heteros* [de outra forma], e não *hetera* [outras coisas]; as mesmas coisas em substância que você pode encontrar em muitos outros, apenas moldadas de maneira um pouco diferente em minha forja particular. De minha parte, considero mais sábio pedir emprestada uma espada de metal testado nas mãos de outro do que ir ao campo de batalha

com uma fraca espada de chumbo de minha autoria, e assim voltar para casa bem castigado por minha tolice e orgulho.

As duas linhas gerais das quais deduzo minhas demonstrações são estas: PRIMEIRA. A matéria das Escrituras. SEGUNDA. Os efeitos sobrenaturais produzidos por elas.

PRIMEIRA LINHA GERAL: PROVA DA DIVINDADE DAS ESCRITURAS A PARTIR DE SUA MATÉRIA

A própria matéria contida nas sagradas Escrituras demonstra sua descendência celestial; sendo tal que não pode ser o parto ou o produto de uma criatura. Pesquisemos um pouco as Escrituras, consideremos suas diversas partes e vejamos se todas elas não trazem a imagem de Deus gravada nelas. Consideremos, primeiro: A parte histórica da Escritura; segundo: A profética; terceiro: A doutrinária; quarto: A normativa, com seus apêndices de promessas e ameaças para reforçar a mesma. E vejamos se a marca de uma Divindade não está impressa em todas elas.

A parte HISTÓRICA das Escrituras traz a marca da Divindade

Primeira parte. A parte histórica das Escrituras. Nesta, consideremos: primeiro: A antiguidade da matéria relatada; segundo: A simplicidade e sinceridade dos escritores ao relatarem o que diz respeito a eles mesmos.

Primeiro. A antiguidade da matéria relatada. Há alguns trechos que não poderiam, de forma alguma, ter saído da pena de uma criatura. Onde ou como poderia ela ter leitura e aprendizado para capacitá-la a escrever a história da criação? Os

pagãos, confessa-se, pela investigação da razão natural, descobriram até este ponto: que o mundo teve um começo, que não poderia ser eterno e que não poderia ser obra de nenhum outro senão de Deus; mas o que é isso em comparação com a compilação de uma história distinta de como Deus procedeu na produção do mesmo? Em que ordem cada criatura foi feita? E quanto tempo Deus levou para concluir a obra? Aquele que estivesse capacitado para tal empreendimento deveria ser alguém preexistente a todo o mundo e testemunha ocular do trabalho de cada dia, o que o homem, que foi feito no último dia, não pode pretender. E, no entanto, há história mais antiga do que esta na Escritura, onde encontramos o que foi feito na mesa de conselho do céu antes do mundo começar, e o que ali foi decidido em favor do homem, a quem ele faria posteriormente. Quem poderia pesquisar esses arquivos da corte celestial, pergunto-me, e trazer-nos notícias dos decretos eternos ali resolvidos e das promessas de vida eterna feitas pelo Pai ao Filho, a ser concedida no tempo devido aos seus eleitos? Tt 1:2.

Segundo. A simplicidade e sinceridade dos santos escritores ao relatarem o que mais diz respeito a eles mesmos e aos que lhes eram próximos e queridos. Podemos possivelmente encontrar entre os autores humanos alguns que conduzem sua pena com mão isenta ao escrever a história de outros, cuja divulgação de falhas não lança reflexo desonroso sobre aquele que as registra. Assim, Suetônio não poupou dizer ao mundo quão perversos foram os grandes imperadores, de quem, por isso, se diz ter "tomado a mesma liberdade para escrever a vida deles que eles tomaram para vivê-la". Mas onde está o homem que não tem um obstáculo em sua pena quando chega o momento de escrever sobre as manchas de sua própria casa ou pessoa? Infelizmente! Aqui descobrimos que a pena deles não

soltará tinta. Eles preferem manchar sua história a deixar uma mancha em seu próprio nome; eles têm, como o pintor de Alexandre, um dedo para colocar sobre essas cicatrizes; ou, se as mencionam, nota-se que de repente ensinam sua pena a escrever menor do que costumava. Mas na história da Escritura nada deste amor-próprio é encontrado; os escritores dela são tão livres para expor sua própria vergonha e nudez aos olhos do mundo quanto qualquer outra. Assim, Moisés marca sua própria tribo pelo assassinato sangrento em Siquém, Gn 34. Um inimigo não poderia ter colocado marca mais pesada sobre o nome deles do que ele mesmo o faz; seu próprio irmão não é poupado por ele, tendo sua idolatria registrada, Êx 32. O comportamento orgulhoso de sua querida irmã e a praga de Deus que a acometeu não escapam à sua pena, Nm 12. Não, nem mesmo o incesto de seus próprios pais, Êx 6:20. De modo que devemos dizer dele, a respeito da imparcialidade de sua pena ao escrever, o que ele próprio diz de Levi na execução da justiça: que "disse a seu pai e a sua mãe: Não os vi; e não reconheceu a seus irmãos", Dt 33:9. Em uma palavra, para despachar este ponto, ele não é mais zeloso de sua honra pessoal do que é de sua casa e família, mas registra as fraquezas e erros de sua própria vida: como sua relutância em assumir aquele encargo difícil, Êx 3, 4 — em que revelou tanta incredulidade e pusilanimidade de espírito, apesar de seu chamado claro e imediato feito pelo próprio Deus; sua negligência de uma ordenança divina ao não circuncidar seu filho, e o que esse pecado quase lhe custou; sua impaciência e murmuração diante das dificuldades que acompanhavam o cargo em que Deus o havia colocado, Nm 11:11-13; e sua incredulidade após tantos selos miraculosos do céu aplicados à promessa de Deus, pelo que teve seu cajado de liderança retirado e a honra de conduzir Israel a Canaã lhe foi negada — uma dura e severa expressão do desagrado de Deus contra ele, Nm 20:12.

Certamente devemos confessar: não tivesse sua pena sido guiada por um espírito superior ao humano, ele nunca teria conquistado de forma tão perfeita todas as afeições carnavais, a ponto de não se favorecer minimamente ao relatar coisas tão prejudiciais à sua honra perante o mundo.

E o mesmo espírito se percebe no relato do evangelho feito pelos evangelistas — sendo eles tão pouco zelosos de seus próprios nomes quanto Moisés o foi; como se pode observar em sua liberdade de declarar suas próprias falhas e as de seus companheiros apóstolos. Tão longe estavam de prejudicar a igreja com uma história incompleta e mutilada da vida e morte de Cristo para salvar seus próprios créditos, que entrelaçam as fraquezas uns dos outros ao longo de todos os seus relatos. Por isso, lemos sobre a paixão pecaminosa e a vingança operando nos filhos de Zebedeu; Pedro agindo como instrumento do diabo para tentar seu Mestre em outra ocasião; a ignorância de todos os doze em alguns princípios fundamentais do cristianismo por um tempo; a ambição deles sobre quem seria o maior e suas discussões a esse respeito; a incredulidade e covardia deles, um negando seu Senhor e os demais fugindo de suas cores quando deveriam ter interposto seus próprios corpos entre seu Mestre e o perigo, resolvidos a morrer por ele ou, pelo menos, com ele, e não salvar suas vidas com uma fuga tão desonrosa — estas e outras passagens semelhantes declaram que eles foram guiados em seus escritos por um espírito superior ao deles, e por nenhum outro senão pelo próprio Deus, por quem tão voluntariamente se rebaixam aos olhos do mundo e deitam seus nomes no pó, para que a glória do nome dele seja exaltada nesta livre confissão.

A parte profética das Escrituras traz a marca da Divindade

Segunda parte. A parte profética das Escrituras, que contém algumas previsões maravilhosas de coisas futuras, tais como não poderiam ter saído de nenhuma pena senão de uma guiada por mão divina; todas as quais tiveram seu cumprimento pontual nos períodos exatos previstos. De fato, de quem poderiam vir senão de Deus? "As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus", Dt 29:29. E as previsões certamente podem muito bem passar por segredos; elas são *arcana ejus imperii* [segredos do seu governo] — segredos de seu governo; segredos tais que Deus se oferece para tomar aquele — quem quer que seja — e colocá-lo consigo em seu próprio trono, que for capaz de prever as coisas futuras. "Anunciai-nos as coisas que ainda hão de vir, para que saibamos que sois deuses", Is 41:23. Isso deve ser confessado como uma flor da coroa, e uma propriedade e prerrogativa incomunicável do único Deus verdadeiro, que está sobre o monte da eternidade e de lá tem a visão completa de todas as coisas, e para cujo entendimento infinito todas elas estão presentes; pois, sendo sua vontade a causa de todos os eventos, ele deve necessariamente conhecê-los, porque conhece a si mesmo. O diabo, de fato, é muito ambicioso de ser considerado capaz de fazer isso e, para ganhar essa reputação, teve seus falsos profetas e profecias em todas as eras, com os quais enganou o mundo ignorante e crédulo. Mas, infelizmente, suas previsões não são profecias mais verdadeiras do que seus milagres são milagres verdadeiros. Ele engana o entendimento das almas simplórias nas primeiras, assim como faz com os sentidos delas nos últimos. Pois suas previsões são escuras e duvidosas, astutamente elaboradas e dispostas de modo que, como uma imagem em dobras, carregavam duas faces sob o mesmo capuz; e nessas dobras a serpente sutil se envolvia de propósito para salvar seu crédito, qualquer que fosse o resultado do evento. E isso rendeu a Apolo o nome de *Loxias*,

de *loxos, obliquus* [oblíquo]; *propter obliqua et tortuosa responsa ejus* [por causa de suas respostas oblíquas e tortuosas] — porque ele zombava daqueles que consultavam seu oráculo com respostas tão ambíguas que os mandavam de volta para casa tão sábios quanto haviam chegado. De fato, o diabo achou necessário agir assim. Se não tivesse com essa parcela de astúcia compensado a limitação de seu próprio entendimento, a nudez deste teria sido vista por qualquer olho comum, para sua vergonha e desprezo de seus oráculos. Ou, se suas previsões fossem entregues de forma mais clara, elas eram:

Primeiro. De coisas que ele decifrava com a ajuda do alfabeto da natureza e chegava ao conhecimento investigando os segredos das causas naturais antes que elas se manifestassem à observação do entendimento mais lento do homem; e isso as fazia serem aclamadas como previsões maravilhosas e sobrenaturais por aqueles que não conseguiam ver esse fio condutor na mão de Satanás que o guiava. Se um homem o encontrasse na rua e dissesse que um amigo seu morreria dentro de alguns meses, a quem você deixou bem, no seu entender, poucos minutos antes, e o evento confirmasse a verdade do que ele disse, você poderia possivelmente começar a pensar que se tratava de uma profecia maravilhosa. Mas, quando você souber mais tarde que aquele que lhe disse isso era um médico extremamente capacitado e que, após muito estudo e rigorosa observação do estado físico de seu amigo, constatou uma doença perigosa crescendo de forma imperceptível nele, você mudaria de opinião e não o consideraria um profeta, mas o admiraria como um médico habilidoso. Assim, se considerássemos a vastidão dos recursos naturais de Satanás — embora limitados, porque criados — e o aprimoramento que ele fez deles pelo estudo e experiência de tantos milhares de anos, não

consideraríamos suas previsões como profecias, mas sim como comentários e explicações do texto curto e obscuro das causas naturais, e o reconheceríamos como um naturalista erudito, mas não merecedor do nome de verdadeiro profeta.

Segundo. Se ele não tem sua pista a partir de causas naturais, então ele colhe suas inferências a partir de causas morais e políticas, as quais, comparadas por uma mente tão profunda quanto a dele, dão-lhe grande ajuda e vantagem para inferir muitas vezes o que, com grande probabilidade e toda verossimilhança da razão, virá a acontecer. Assim, o que o diabo disse a Saul sobre o que seria dele, de seu exército e de seu reino, não era senão o que ele poderia racionalmente concluir daquelas premissas que estavam diante dele, ao ser Saul rejeitado por Deus, e outro ungido por comando do próprio Deus para ser rei em seu lugar, juntamente com o ápice e a medida cheia a que os pecados de Saul podiam agora ser considerados como tendo chegado — por sua consulta a uma necromante — e um exército poderoso de filisteus preparando-se contra ele, cuja coragem habitual agora tanto lhe faltava que ele ia mais como um malfeitor algemado e preso pelos terrores de sua consciência acusadora para encontrar um executor que lhe daria o golpe fatal, do que como um capitão valente para adornar-se e enriquecer-se com os despojos de seus inimigos. Todas essas circunstâncias reunidas tornam evidente que o diabo, sem um dom de profecia, podia dizer-lhe o seu destino.

Terceiro. Deus pode, e às vezes o faz, revelar eventos futuros a Satanás, como quando Deus pretende que ele seja seu instrumento para executar alguns de seus propósitos; ele pode, e de fato o faz, familiarizá-lo com os mesmos algum tempo antes. E você não dirá que o carrasco é um profeta porque pode dizer que tal homem será, em tal dia, decapitado ou enforcado, quando

ele tem um mandado do rei que o designa para realizar esse ofício. Assim, Satanás poderia ter dito a Jó de antemão quais tristes aflições certamente lhe sobreviriam em seus bens, servos, filhos e em seu próprio corpo; porque Deus lhe havia concedido uma permissão para ser o instrumento que traria tudo aquilo sobre ele. Mas nem Satanás nem qualquer outra criatura são capazes, por si mesmos, de prever tais eventos que não surgem de causas naturais, nem podem ser racionalmente concluídos a partir de probabilidades morais e políticas; mas estão guardados no gabinete da vontade divina, como hão de acontecer. E tais são as profecias que encontramos nas sagradas Escrituras, pelas quais provam claramente sua origem celestial. Devem necessariamente vir de Deus aquelas que nos dizem o que somente Deus sabia e dependia de sua vontade dispor. Quem senão Deus poderia dizer a Abraão onde estaria sua posteridade e o que particularmente lhe aconteceria quatrocentos anos após sua morte? — pois com tanta antecendência ele foi informado da libertação deles do Egito, Gn 15, o que conseqüentemente aconteceu de forma pontual no próprio dia previsto, Êx 12:41. Quão admiráveis são as profecias sobre Cristo, o Messias, nas quais sua pessoa, nascimento, vida e morte, até mesmo nos detalhes e circunstâncias deles, são descritos de forma tão exata e particular, muitos séculos antes de sua vinda ao cenário do mundo, como pelos próprios evangelistas, que estiveram presentes com ele e viram tudo o que foi feito com seus próprios olhos. E embora algumas coisas previstas a seu respeito possam parecer, por serem pequenas e insignificantes em si mesmas, indignas de menção em uma profecia tão alta e sagrada — como a entrada de nosso Salvador montado em um jumentinho, Zc 9:9; as trinta moedas dadas por ele e a compra posterior do campo do oleiro com elas, Zc 11:12-13; e a preservação de seus ossos intactos, quando os que haviam sofrido com ele tiveram os seus

quebrados — estas passagens, digo, e outras semelhantes, embora pareçam insignificantes em si mesmas, contudo, ponderando devidamente o fim para o qual são mencionadas, descobriremos que nossa fraca fé não poderia prescindir de sua ajuda para fortalecê-la na crença da profecia. De fato, um grande peso do argumento para provar a verdade e a divindade da profecia move-se sobre estas pequenas engrenagens; porque, quanto menores são em si mesmas, tanto mais admiravelmente penetrante e forte deve ser aquele olho que pôde ver coisas tão pequenas a uma distância tão grande. Ninguém senão um entendimento infinito poderia fazer isso! E agora espero que ninguém se atreva a perguntar: "Mas como podemos ter certeza de que tais profecias existiam tanto tempo antes de seu cumprimento e não foram introduzidas falsamente depois que essas coisas foram feitas?" — visto que estavam em registro público na igreja dos judeus e não eram negadas por aqueles que negavam o próprio Cristo. E, na verdade, esta única consideração lançada na balança após todas as anteriores dá um peso decisivo ao argumento em que nos detemos — refiro-me ao fato de que estas profecias eram há tanto tempo, e de forma tão pública, lidas e conhecidas. E, conseqüentemente, seria impossível que Satanás as ignorasse e não se alertasse com elas para fazer o máximo para impedir seu cumprimento, visto que todo o seu reino estava em jogo, de modo que ou ele deveria impedi-las ou elas o arruinariam; e que, não obstante tudo isso, juntamente com seu esforço incansável contra elas, todas se cumprissem plenamente em seu devido tempo; sim, muitas delas por intermédio daquelas mesmas pessoas que, se possível, as teriam destruído no ventre, como vemos em At 4:27. Aqui resplandece a sabedoria e o poder de um Deus, com um feixe tão forte de luz e evidência que nenhum dos inimigos das Escrituras pode encarar diretamente.

A parte DOUTRINÁRIA da Escritura traz a marca da Divindade

Terceira parte. A parte doutrinária das Escrituras; por meio da qual, neste lugar, refiro-me apenas àqueles fundamentos e princípios de fé que são estabelecidos na Escritura e propostos para serem cridos e abraçados por todos os que desejam a vida eterna. Há uma glória divina que deve ser vista na própria face deles, sendo tão sublime que nenhuma criatura pode ser a inventora deles. Para exemplificar apenas com alguns. Primeiro, o próprio Deus, que é o objeto primordial de nossa fé. Quem senão Deus poderia nos dizer quem e qual é a sua natureza? Que existe um Deus, confessamos ser uma noção que a razão natural encontrou o caminho para buscar. Sim, sua divindade e poder são uma lição ensinada na escola da natureza e para ser lida no livro das criaturas. Mas quanto tempo os homens que não têm ensino superior levam para aprender o verdadeiro conhecimento de Deus, e quão pouco progresso fazem nisso, vemos nos pobres pagãos, entre os quais os mais sábios filósofos têm sido como ignorantes, tateando em torno deste único princípio, uma geração após a outra, e ainda assim não conseguindo encontrar a porta; como o apóstolo nos diz ao dizer que "o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria", 1 Co 1. Mas, quanto à trindade de pessoas na Divindade, esta é uma altura tal que o coração do homem nunca pôde visar, a ponto de sequer sonhar ou conceber um pensamento sobre ela; de modo que, se Deus não a tivesse revelado, o mundo necessariamente teria continuado para sempre na ignorância dela. E o mesmo deve ser dito de todas as verdades do evangelho, Jesus Cristo, Deus-homem, a justificação pela fé em seu sangue e todo o método da graça e salvação por meio dele. São todas noções que nunca entraram no coração dos mais sábios sofistas do mundo para

concebê-las; e, portanto, não é de admirar que uma criança pequena, sob a pregação do evangelho, creia nesses mistérios que Platão e Aristóteles ignoravam, porque não são alcançados por nossas capacidades e esforço, mas comunicados por revelação divina e sobrenatural. Sim, agora que estão revelados, como nossa razão olha para eles como noções que são estrangeiras e completas estranhas às suas próprias concepções naturais, sim, grandes demais para serem alcançadas e compreendidas com seu curto palmo, o que a torna tão insolente — onde a graça não é senhora para mantê-la em sujeição — a ponto de objetar contra a possibilidade de serem verdadeiras, porque ela mesma não pode medi-las? Como se a coruja dissesse que o sol não tem luz porque seus olhos fracos não suportam olhar para ele. Estas são verdades para serem cridas sob o crédito daquele que as relata, e não para serem aceitas ou rejeitadas conforme correspondam ou difiram do molde de nossa razão. Aquele que quiser lidar com estas coisas com sua razão, e não com sua fé, está sujeito a ser tratado como o ferreiro — é a comparação de Crisóstomo — que pega o ferro em brasa com a mão e não com a tenaz: o que pode ele esperar senão queimar seus dedos com ele?

A parte NORMATIVA da Escritura traz a marca da Divindade

Quarta parte. A quarta e última parte em nossa divisão é a parte normativa das Escrituras, ou aquela que contém mandamentos e preceitos. E esta se mostrará como portadora da assinatura de sua divindade em sua testa, e isso com caracteres tão legíveis e claros quanto qualquer uma das anteriores, se apenas considerarmos, primeiro: A vasta extensão dos mandamentos das Escrituras; e segundo: Sua pureza imaculada.

Primeiro. A vasta extensão dos mandamentos das Escrituras. Esta é tal que nenhuma lei humana, mesmo do maior monarca que já empunhou um cetro, jamais pôde pretender. Onde está o príncipe, entre os filhos dos homens, que alguma vez tentou dar leis a toda a humanidade, e não respeitou antes, em seus decretos e leis reais, aquele povo específico e aquelas nações cujo destino caiu dentro do círculo de seu império? De todos os impérios que o mundo já teve, o romano foi sem comparação o maior; e, contudo, quando as asas da águia romana estavam em seu maior crescimento, não podiam cobrir mais do que a terça parte deste mundo inferior. E quão vão e ridículo teria sido para o imperador tentar fazer uma lei para aquelas nações que não o conheciam, nem ele a elas? Mas na Escritura encontramos leis tais que dizem respeito a toda a humanidade, onde quer que vivam, e que foram promulgadas onde a Bíblia nunca foi vista. O som delas espalhou-se por toda a terra, e suas palavras até os confins do mundo. Muitas das leis nos escritos sagrados não são senão uma segunda edição, e mais clara, do que se encontrava escrito nas consciências de homens e mulheres antes de a Escritura ser publicada. De modo que, se aquelas leis que estão gravadas com caráter tão indelével nas consciências de todos os filhos de Adão são de Deus, então a Escritura deve ser confessada como procedente de Deus também.

Mais ainda. Assim como a Escritura toma toda a humanidade sob sua responsabilidade e impõe seus vínculos sobre todos, grandes e pequenos, ricos e pobres; assim também suas leis vinculam o homem por inteiro. O coração, com seus pensamentos mais íntimos, é colocado nestas cadeias, bem como o homem exterior. De fato, o coração é o principal sujeito cuja lealdade é mais visada nos preceitos da Escritura. Aqueles

mandamentos que contêm nosso dever para com Deus exigem que tudo seja feito de coração e alma. Se oramos, deve ser "em espírito", Jo 4:23, caso contrário seria o mesmo que nada fazer, pois transgredimos a lei da oração. Se é uma lei que respeita nosso comportamento para com o homem, ainda assim o coração é o principal visado: "Não aborrecerás a teu irmão no teu coração", Lv 19:17; "Nem ainda no teu pensamento amaldiçoas o rei", Ec 10:20. E, conseqüentemente, as promessas e ameaças que acompanham os mandamentos da Escritura — como as artérias fazem com as veias no corpo humano — para inspirá-los e fortalecê-los, são adequadas à natureza espiritual daqueles mandamentos; sendo as recompensas de uns, e as punições de outros, tais que respeitam o cumprimento ou a negligência espiritual deles. "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus", Mt 5:8. Não bem-aventurados são aqueles cujas mãos estão limpas, embora seus corações sejam sujos e imundos. Da mesma forma: "Mas maldito seja o enganador que, tendo macho no seu rebanho, promete e oferece ao Senhor o que é corrupto", Ml 1:14. O enganador ali é o hipócrita, que dá a Deus a pele do sacrifício, a forma do dever em vez da substância, a fraqueza de uma obediência exterior em vez da gordura do homem interior, a saber, a obediência do coração. E como o objeto principal a que estes se direcionam, a favor e contra, é a obediência ou desobediência do coração; assim o sujeito ou vaso no qual um derrama suas bênçãos e o outro suas maldições é principalmente a alma e o espírito: "Louvarão ao Senhor os que o buscam; o vosso coração viverá para sempre", Sl 22:26. "Eu vos consolarei... e o vosso coração se alegrará", Is 66:13-14. "Dá-lhes ansiedade de coração, a tua maldição sobre eles", Lm 3:65.

Ora, eu gostaria muito de conhecer o homem que alguma vez tentou formular leis tais que vinculassem os corações dos homens, ou preparar recompensas tais que alcançassem as almas e consciências dos homens. Verdadeiramente, se algum homem mortal — seja ele o maior dos monarcas do mundo — fizesse uma lei exigindo que seus súditos o amassem com todo o coração e alma, e não o odiassem, sob pena de sua maior indignação, acolher um pensamento traidor contra sua pessoa real em suas almas, mas que o confessassem imediatamente a ele, sob pena de vingança; ele mereceria ser mais ridicularizado por seu orgulho e tolice do que Xerxes por lançar seus grilhões no Helesponto para acorrentar as ondas rebeldes sob sua obediência, ou Calígula, que ameaçava o ar se ousasse chover quando ele estava em seus passatempos, e que no entanto, pobre covarde, não ousava ele próprio sequer olhar para o ar quando trovejava. Certamente um manicômio seria mais adequado para tal louco do que o trono e o palácio de um rei, por perder a tal ponto sua razão a ponto de pensar que os pensamentos e os corações dos homens estivessem dentro de seus territórios e jurisdição. Quem precisaria temer tal lei, quando ninguém senão o próprio infrator pode trazer evidências do fato? De fato, tem havido alguns que, pretendendo tirar a vida de seu príncipe com uma faca assassina e sangrenta, foram detidos por sua própria consciência e forçados por ela a confessar seus próprios pensamentos perversos antes que qualquer outro pudesse ser seu acusador, tão sagradas são as pessoas dos ungidos de Deus; mas não pelo poder do homem ou de sua lei forçando-os a fazê-lo, mas pelo temor de Deus prendendo sua consciência por violar a sua lei, a qual de fato não apenas restringe as mãos dos súditos de matar, mas também os corações de amaldiçoar os reis em nosso próprio pensamento. Esta, esta é a lei que governa nas consciências dos piores homens; um freio com o qual Deus

conduz os pecadores mais ferozes e os refreia de tal modo que eles nunca podem sacudi-lo para fora de suas bocas. O suficiente para provar a divindade dela.

Segundo. A pureza imaculada dos mandamentos das Escrituras não evidencia menos a sua origem divina. Deus é "o Santo", Is 43. Ele só é perfeitamente santo: "Até os céus não são puros aos seus olhos", Jó 15:15. Ele pode acusar os próprios anjos — que podem ser os "céus" na passagem mencionada — de "loucura", Jó 4:18, porque, embora nunca tenham pecado, são passíveis de pecado. Era possível que pecassem, como alguns de sua ordem o fizeram, se não fossem guardados disso pela graça confirmadora. E assim como Deus é a única pessoa santa, a Escritura é o único livro santo. Todos os demais, além deste, têm seus *errata* [erros], que são corrigidos por este: "O temor do Senhor é limpo e dura para sempre", Sl 19:9. Isto é, a palavra do Senhor é "limpa" — chamada de "o temor do Senhor" porque o ensina; assim como Deus é chamado o "temor de Isaque", porque é o objeto de seu temor. A palavra é limpa e, note-se, "dura para sempre"; isto é, permanece sempre e assim será encontrada. Há escórias e sedimentos que aparecerão nos escritos mais santos dos melhores homens, quando estes passarem algum tempo sob a observação de um olho crítico; mas a Escritura tem sido exposta à observação e censura de todo tipo de homens, contudo nunca se pôde acusar justamente nela a menor impureza. Ela é tão limpa e pura que torna limpas as almas imundas: "Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade", Jo 17:17. Aquilo que é em si mesmo sujo pode limpar nossas roupas e corpos, mas aquilo que purifica e limpa nossas almas deve ser em si mesmo isento de qualquer contaminação. E tal é a Escritura. Nada há nela que satisfaça a carne ou forneça combustível para qualquer concupiscência. Não, ela passa cada

pecado ao fio da espada e golpeia os lombos de todos os pecadores, grandes ou pequenos: "Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz", Rm 8:6. De modo que, como bem disse Atenágoras: "Ninguém pode ser ímpio e ser cristão, a menos que seja um hipócrita". Pois a Escritura, que ele professa ser sua regra de fé e vida, não lhe permitirá abraçar nenhuma doutrina que seja falsa, nem prática que seja imunda e profana. É nisto que o cristianismo, por si só, pode gloriar-se. Os pagãos eram conduzidos a muitas abominações por sua religião e pelos deuses a quem adoravam. Não é de admirar que fossem tão bestiais e sensuais em suas vidas, quando serviam a deuses bêbados e imundos; e os próprios mistérios de sua religião eram tão horivelmente impuros que eles não ousavam permitir que fossem comumente conhecidos, por terem um odor forte e fétido demais para ser suportado por qualquer um que não tivesse seus sentidos totalmente obstruídos e suas mentes insensatas, pelo julgamento de Deus sobre eles, totalmente obscurecidas. Mas o cristão não pode imputar nenhum de seus pecados ao seu Deus — que a ninguém tenta para o mal, mas odeia perfeitamente tanto a obra quanto o praticante da iniquidade; nem à sua Bíblia, que condena cada pecado ao poço do inferno, bem como a todos os que nele vivem: "Tribulação e angústia sobre toda a alma do homem que faz o mal; primeiramente do judeu e também do grego; glória, porém, e honra e paz a qualquer que pratica o bem; primeiramente ao judeu e também ao grego", Rm 2:9-10. Oh, quem poderia ser o autor deste livro bendito senão o Deus bendito? Se alguma criatura o fez, ou era uma criatura perversa ou uma que era santa.

1. Nenhuma criatura perversa poderia fazê-lo, seja anjo ou homem. Certamente eles nunca teriam se dado a tanto

trabalho para derrubar seu próprio reino de trevas — o grande plano que percorre a Bíblia de uma extremidade à outra. E se fosse fruto de seus cérebros, sem dúvida, como cada um ama seu próprio filho, eles teriam mostrado mais amor por ele do que até agora demonstraram. A ira implacável que o diabo e seu partido de ímpios no mundo têm demonstrado em todas as eras contra a Escritura declara suficientemente que ela nunca veio deles. Não, não, não condiz com o interesse de espíritos imundos ou de homens perversos promover a santidade no mundo. O diabo, embora bastante ousado, nunca teve a audácia de reivindicar a autoria desta obra santa e celestial. Mas, se o fizesse, a gloriosa beleza da santidade que brilha em sua face impediria qualquer homem em seu perfeito juízo de acreditar que aquele demônio sombrio fosse o pai dela. *Naturalissimum est opis omnis viventis generare sibi simile* [É extremamente natural para todo ser vivo gerar o seu semelhante]. E que semelhança há entre a luz e as trevas, é fácil julgar.

2. *Nem poderia qualquer criatura santa ser o autor dele, seja anjo ou homem.* Podemos pensar que alguém que tivesse a menor faísca de amor a Deus ou de temor de sua majestade habitando em seu peito ousaria falsificar seu terrível nome colocando-o em sua obra, e enganar o mundo com tal blasfêmia e mentira prodigiosa a ponto de dizer: "Assim diz o Senhor", e prefixar seu nome ao longo de todo o texto, quando não Deus, mas eles mesmos eram os autores? Poderia essa impudência e audaciosa maldade proceder de qualquer anjo ou homem santo? Sem dúvida que não. E mais ainda: ousaria qualquer criatura santa aplicar tal engano ao mundo e, depois, denunciar a ira e a vingança de Deus contra aqueles que falarem em nome de Deus sem nunca terem sido enviados por ele, como a Escritura menciona? Certamente, aquela terra que engoliu Corá e seu

bando ímpio por pretenderem uma autoridade vinda de Deus tão legítima quanto a dos sacerdotes para oferecer incenso, não teria poupado o próprio Moisés se ele tivesse falado em nome de Deus aquilo que não havia recebido dele, mas que fosse invenção de seu próprio cérebro. Assim vemos que nenhuma criatura, boa ou má, anjo ou homem, pode ser o autor da Escritura. De modo que não resta outro senão Deus para assumi-la; o que ele tem feito com milagres suficientes para convencer até mesmo um ateu de sua divindade.

SEGUNDA LINHA GERAL: PROVA DA DIVINDADE DAS ESCRITURAS A PARTIR DE SEUS EFEITOS SOBRENATURAIS

O segundo argumento que escolherei para demonstrar a origem divina das Escrituras será extraído dos efeitos sobrenaturais que elas produzem. Nada pode ser a causa de um efeito superior ou maior do que si mesmo. Se, portanto, pudermos encontrar tais efeitos como produto das Escrituras que estejam acima da esfera de atividade de qualquer criatura, ficará então evidente que a própria Escritura é sobrenatural, não a palavra de uma mera criatura, mas do próprio Deus. O que o salmista diz do trovão, aquela voz forte da natureza vinda das nuvens, podemos aplicar à voz de Deus falando do céu na Escritura: "É uma voz poderosa e cheia de majestade; ela quebra os cedros" — reis e reinos; "ela divide as chamas de fogo". Os santos mártires, com um único balde desta água espiritual, apagaram as chamas escaldantes daquele elemento furioso no qual seus inimigos perseguidores os haviam lançado. "Ela faz tremer o deserto" do mundo ímpio e selvagem, fazendo com que

os corações obstinados dos pecadores mais orgulhosos tremam como as folhas das árvores com o vento; e traz as dores do novo nascimento sobre aqueles cujos corações antes nunca fraquejaram diante dos crimes mais prodigiosos. "Ela desnuda as florestas" e caça os pecadores de seus esconderijos e refúgios de mentiras, para onde correm a fim de se esconder do clamor da vingança divina. Mas, para falar de forma mais particular e distinta, há quatro efeitos poderosos e extraordinários que a palavra exerce sobre os corações dos homens; todos os quais evidenciarão sua origem divina. PRIMEIRA. Ela tem um poder perscrutador do coração, pelo qual esquadrinha e examina as consciências dos homens. SEGUNDA. Ela exerce um poder sobre a consciência para convencê-la e aterrorizá-la. TERCEIRA. Ela tem o poder de consolar e erguer um espírito abatido. QUARTA. Ela tem o poder de conversão, que ninguém senão Deus pode efetuar.

O poder perscrutador da Palavra atesta sua origem divina

Primeiro efeito. A palavra de Deus tem um poder perscrutador do coração, pelo qual esquadrinha e examina as consciências dos homens. Ela olha para as transações mais secretas do coração e nos diz o que fazemos em nossa câmara secreta — como Eliseu fez com o rei da Síria, 2 Reis 6:12. Ela entra onde nenhum mandado de príncipe pode autorizar seu oficial a revistar: refiro-me ao coração. Lemos que Cristo veio aos seus discípulos "estando fechadas as portas, e pôs-se no meio deles", Jo 20:19. Assim a palavra — quando todas as portas estão fechadas, de modo que os homens não têm conhecimento do que se passa no peito alheio — entra no pecador sem pedir licença e se coloca no meio de seus planos e conselhos mais secretos, ali se apresentando à sua vista e dizendo-lhe, como Eliseu a Geazi:

"Não foi contigo o meu coração quando fizeste isto e aquilo?" Quão frequentemente o pecador encontra seu coração descoberto e exposto em todas as suas dobras pela palavra pregada, como se o ministro estivesse à sua janela e o tivesse visto fazer o que fez dentro de casa, ou como se alguém tivesse ido contar fofocas sobre ele ao pregador? Conheci pessoas assim, que não acreditavam no contrário, senão que o ministro havia sido informado de suas travessuras e, por isso, direcionara seu discurso especificamente aos seus peitos, quando ele estava tão ignorante de suas ações quanto das daqueles que vivem na América, e apenas disparou suas reprovações como aquele que feriu Acabe, que puxou o arco ao acaso, sem visar a pessoa de ninguém. De onde pode vir esta propriedade senão de Deus, que a reivindica como seu atributo incomunicável: "Eu, o Senhor, esquadrinho o coração"? Jr 17:10. Deus está na palavra e, portanto, ela encontra o caminho para entrar entre as juntas da armadura, embora enviada ao acaso pelo arco do homem. Se alguma criatura pudesse ter livre ingresso nesta sala reservada do coração, o diabo, sendo espírito e possuindo um olho tão penetrante e espreitador, seria o mais provável de fazê-lo; contudo, até ele está trancado fora desta sala, embora, de fato, possa espiar a sala vizinha.

Ora, se apenas Deus pode esquadrinhar o coração, então a palavra que faz o mesmo não pode vir de nenhum outro senão do próprio Deus. Quem, de fato, pode fazer uma chave para esta fechadura do coração, senão aquele que conhece todos os seus segredos? Suponha que você guardasse uma soma em dinheiro em um armário e ninguém no mundo, além de você mesmo, soubesse do lugar secreto onde colocou a chave. Se você então encontrasse a chave levada e o armário aberto e vasculhado, logo concluiria de quem fora a ação. Pois bem, quando você encontra

seu coração revelado e os pensamentos secretos expostos na palavra, pode facilmente concluir que Deus está nela. A chave que faz isso é de autoria daquele que é o único, além de você mesmo, que está a par dos conselhos de seu coração, que vê todos os movimentos secretos de seu homem interior. Quem senão ele pode enviar um espião tão diretamente ao seu esconderijo, onde você guardou seus tesouros de trevas fora da vista do mundo? Há dois segredos que a palavra revela:

Primeiro. O que o próprio coração do homem sabe, e nenhuma outra criatura sabe. Assim, Cristo disse à mulher de Samaria o que seus vizinhos não podiam acusar nela; do que ela concluiu ser ele um profeta — um homem de Deus. E não podemos concluir que a Escritura é a palavra de Deus, já que faz o mesmo?

Segundo. Aquelas coisas de que o próprio coração do homem não está ciente. Diz-se que Deus é "maior do que o nosso coração, e conhece todas as coisas", 1 Jo 3:20. Ele sabe mais sobre nós do que nós mesmos. E não mergulha a palavra até o fundo do coração e de lá retira aquela imundície que o olho da consciência nunca havia visto antes, nem jamais poderia sem o auxílio da palavra? "Eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás", Rm 7:7. E se a palavra descobre aquilo que escapa ao escrutínio do próprio coração do homem, não prova isso que uma Divindade está nela? Assim argumenta o apóstolo em 1 Co 14:25, falando do poder que a palavra pregada tem para expor o coração: "Os segredos do seu coração", diz ele, "se tornam manifestos; e assim, lançando-se sobre o seu rosto, adorará a Deus, declarando que Deus está verdadeiramente entre vós".

O poder da Palavra de tocar a consciência atesta sua origem divina

Segundo efeito. O segundo efeito que a Escritura tem sobre os espíritos dos homens, pelo qual sua linhagem divina pode ser provada, é o poder que ela exerce sobre a consciência para convencê-la e aterrorizá-la. A consciência é um castelo que nenhuma artilharia, exceto a que Deus levanta contra ele, pode abalar. Nenhum poder pode ordenar que ela se curve, senão aquele a quem o céu e a terra obedecem. Aquele que desarma o homem forte deve ser mais forte do que ele. Aquele que domina a consciência deve ser maior do que ela, e assim somente Deus o é, 1 Jo 3:20. Ora, sendo a palavra capaz de abalar e despedaçar este poder da alma, que se recusa a se curvar a qualquer outro senão a Deus, ela deve necessariamente vir dele. E quem duvidará que a palavra exerce tal poder sobre a consciência? Não a vemos diariamente castigando os pecadores mais orgulhosos, a ponto de fazê-los chorar e lamentar sob suas convicções, como uma criança sob a vara? Sim, não os abate ela por completo, de modo que caem desanimados a um só estrondo do trovão da lei disparado por Deus sobre eles? "Quando veio o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri", diz Paulo. Ele, que antes era um homem alegre — tão bem provido em sua própria opinião quanto ao seu estado espiritual como Jó estava quanto ao seu estado exterior, quando tinha seus rebanhos e gados, filhos e filhas, saúde e prosperidade, tudo ainda intocado pela mão de Deus —, teve sua consciência despida de forma tão nua quanto Jó ficou depois em sua condição exterior. Os olhos do homem estão abertos agora para ver quão nu e desprovido de toda santidade ele está. Sim, sua bela aparência de rigor farisaico, pela beleza da qual ele antes estava tão apaixonado como se fosse outro Absalão, sem sinal ou verruga, ele agora julga ser

apenas uma odiosa deformidade, e a si mesmo uma criatura extremamente repugnante, em razão daquelas feridas e úlceras que vê correrem sobre si. Sim, tamanho poder a palavra tem sobre ele, que o deixou tremendo diante do poço sem fundo, em desespero de si mesmo e de sua própria justiça.

Tem alguma criatura um braço como este da palavra? Ou pode qualquer livro escrito pela inteligência do homem ordenar ao coração que trema ao ser lido, como este pode fazer? Até mesmo um Félix no tribunal, quando um pobre prisioneiro lhe prega esta palavra no banco dos réus, é acometido de um tremor. Quem senão um Deus poderia fazer com que aqueles monstros humanos, que haviam se banhado no sangue de Cristo e que haviam desprezado sua doutrina a ponto de considerar os que a professavam tolos e idiotas, viessem, contudo, aterrorizados em seus próprios pensamentos diante de uma secreta picada recebida no sermão de Pedro e clamassem em plena assembleia: "Homens irmãos, que faremos para ser salvos?" Não traz isso uma marca tão visível da Divindade quanto quando Moisés fendeu a rocha com uma pequena vara em sua mão?

Pergunta. Mas talvez você diga: "Se há tal poder de abalar a consciência na palavra, como acontece que muitos pecadores notórios se assentam tão pacificamente e dormem tão profundamente sob ela? Eles a leem em casa e a ouvem ser pregada poderosamente em público, contudo estão tão longe de sentir qualquer terremoto em suas consciências que permanecem insensíveis e estúpidos; sim, podem rir do pregador por seu esforço e sacudir todas as ameaças denunciadas, quando o sermão termina, tão facilmente quanto o cão sacode a água quando sai do rio".

Resposta 1. Respondo que muitos pecadores que parecem tão alegres aos seus olhos não têm vidas tão felizes quanto você imagina. Um livro pode ser belamente encadernado e dourado, mas conter histórias muito tristes escritas nele. Os pecadores não nos contarão todas as repreensões secretas que a consciência lhes dá a partir da palavra. Se você julgar Herodes pela alegria de seu banquete, poderá pensar que não lhe faltava contentamento; mas em outra ocasião vemos que o fantasma de João caminhava em sua consciência. E assim a palavra assombra a muitos que nos parecem não levar nada a sério. No meio do riso, o coração deles está triste. Você vê o relâmpago em seus rostos, mas não ouve o trovão que ruge em suas consciências.

Resposta 2. É suficiente que a palavra deixe tal impressão na consciência de alguns, "embora não de todos", para provar sua divindade. Um testemunho afirmativo fala mais alto para a prova de uma coisa do que muitos negativos em contrário. A palavra não é um instrumento físico, mas moral, e opera não por uma virtude inerente a ela, mas por um poder impresso nela pelo Espírito de Deus que primeiro a inspirou. E este poder ele o manifesta conforme o seu bom prazer; de modo que a mesma palavra faz um homem tremer e deixa outro "no mesmo banco, talvez" tão pouco movido por ela quanto a coluna na qual ele se apoia. Assim, como dois em um moinho, também em um sermão: um é tomado e o outro é deixado; um é humilhado e o outro é endurecido; não por qualquer impotência na palavra, mas pela soberania de Deus ao dispensá-la. Sua mensagem realizará sua obra naquele a quem foi enviada, e em mais ninguém. É como um homem que golpeia com uma espada, com as costas ou com o fio, com um golpe forte ou fraco, o que a faz cortar ou não, causar uma ferida leve ou profunda. A palavra penetra a consciência conforme a força e o poder divino que nela são

impressos. Os três jovens caminharam no fogo e não se queimaram; outros foram consumidos assim que chegaram perto do cheiro dele. Diremos: "Aquele fogo não está quente" porque um se queimou e o outro não? A consciência de alguns não chega a sentir sequer o cheiro da palavra, embora as chamas das ameaças voem ao redor de seus ouvidos; outros são totalmente incendiados pelos terrores dela.

Resposta 3. A estupidez insensível de alguns sob o impacto da palavra não deve ser imputada à sua impotência, mas ao justo julgamento de Deus, com o qual ele os pune por pecarem contra as convicções dela. Pois, comumente, são daquela classe cuja consciência é tão impenetrável — tendo a maldição definhadora de Deus caído sobre eles — que não é de admirar que seus entendimentos estejam obscurecidos e suas consciências cauterizadas. Foi uma manifestação tão grande do poder de Cristo — e seus discípulos assim o julgaram — quando com duas ou três palavras a figueira secou, como se ele a tivesse feito brotar e florescer quando murcha e seca. O poder de Deus é tão grande ao endurecer o coração de Faraó quanto ao derreter o de Josias.

O poder consolador da Palavra atesta sua origem divina

Terceiro efeito. A palavra de Deus tem o poder de consolar e erguer um espírito abatido. A consciência é a prisão de Deus no próprio peito da criatura, de onde ninguém pode obter libertação, exceto por ordem daquele que emitiu o mandado de prisão e o enviou para lá. De fato, fraco é o príncipe que não tem prisão para recolher os transgressores senão aquela que outro pode arrombar. Esta, onde Deus coloca os pecadores em cadeias, não é assim. "O espírito abatido", diz Salomão,

"quem o suportará?" Sim, e quem o curará? Se alguma criatura pudesse, certamente os demônios seriam tão capazes de fazê-lo quanto qualquer outra. Mas vemos que eles até hoje não encontraram o caminho para sacudir as correntes em que Deus os mantém; antes, jazem rugindo sob o tormento indizível da ira de Deus. E aqueles que não podem curar suas próprias feridas provavelmente serão médicos muito fracos para ajudar os outros. De fato, eles reconhecem que isso está além de sua habilidade e poder: "Por que, pois, me perguntas a mim", disse o diabo a Saul, "visto que o Senhor se tem retirado de ti e se tem feito teu inimigo?", 1 Sm 28:16. A angústia de uma consciência aflita surge do sentido terrível da ira divina por causa do pecado. Ora, ninguém pode remover isso senão aquele que pode assegurar infalivelmente à alma a misericórdia perdoadora de Deus; e isso reside tão profundamente no coração de Deus que somente Deus "que conhece os seus próprios pensamentos" pode ser o mensageiro para trazer a notícia; e, portanto, a palavra que faz isso não pode vir de nenhum outro senão dele. E que ela é capaz não apenas de fazer isso, mas também de encher a alma de "gozo indizível e glorioso", é uma verdade tão indubitável que não precisamos subir ao céu para obter confirmação adicional. Aquele Espírito que primeiro inspirou a palavra selou-a nos corações de incontáveis crentes.

De fato, todos os santos reconhecem que seu consolo e paz são extraídos destes poços da salvação. "Na multidão dos meus pensamentos dentro de mim, as tuas consolações recrearam a minha alma", Sl 94:19. E ele não nos conta apenas a sua própria experiência, de onde obteve sua alegria, mas também a de outros que a obtiveram da mesma fonte: "Os loucos, por causa da sua transgressão, são afligidos", Sl 107:17. E o que então pode aliviá-los? Irão todas as raridades que se

podem obter por mar ou por terra desviar seus pensamentos e aliviar sua dor? Não; pois "a sua alma aborreceu toda a comida, e chegaram até às portas da morte", versículo 18. Que tônico lhes resta então para usar, ou caminho a tomar para seu alívio? Verdadeiramente nenhum, senão recorrer a orações e lágrimas: "Então, clamaram ao Senhor na sua angústia, e ele os livrou das suas necessidades", versículo 19. E com que chave Deus abre a porta da prisão deles? Segue-se: "Enviou a sua palavra, e os sarou", versículo 20. Se você disser que tudo isso se refere à aflição exterior; contudo, certamente deve conceder que isso se aplica com muito mais força àquela que é interior. O que, senão uma palavra da boca de Deus, pode curar um espírito angustiado, quando o corpo desfalece e definha até que Deus fale uma palavra de cura para ele?

Grandes e poderosas coisas são ditas de ti e feitas por ti, ó santa Palavra! Tu superas a alegria do mundo e fazes a alma que apenas provou de tuas "fortes consolações" desgostar imediatamente de todos os prazeres sensuais como passageiros e vazios. Tão pura e poderosa é a luz daquela alegria que tu acendes no peito do santo que, com seus raios, apaga toda alegria pecaminosa e carnal, como o sol faz com o fogo na lareira. Tu conquistas o horror da morte, de modo que ela não é temida. Tu vences as dores dela, de modo que não são sentidas. Tu pisas em escorpiões e serpentes, e eles não têm poder para picar ou ferir aqueles que creem em ti. Os demônios te conhecem e fogem diante de ti, abandonando, à tua vista, os esconderijos deles, e deixam aquelas consciências que há tanto tempo tinham sob seu poder e tirania para que tu entres com tuas doces consolações. Tu apagas as chamas do próprio inferno e fazes a alma que ainda há pouco fora lançada atada pelo desespero na fornalha ardente da ira de Deus caminhar confortavelmente e sem se queimar em

meio aos pensamentos dela. Tu trazes o céu para a terra e dás à alma crente uma visão daquela Jerusalém celestial que está tão distante como se ela estivesse caminhando por suas ruas benditas; sim, tu a alimentas com as mesmas iguarias de que os santos glorificados — embora de forma mais plena — se alimentam; de modo que às vezes ela se esquece de que está no corpo, mesmo quando dores e tormentos estão sobre ela. Isto os santos têm experimentado, e mais do que minha pena ou a própria língua deles pode expressar; de modo que podemos dizer àquele que ainda questiona de onde vieram as Escrituras o mesmo que o cego curado por Cristo disse aos fariseus: "Nisto", disse ele, "está a maravilha: que vós não saibais de onde ele é, e contudo ele me abriu os olhos", Jo 9:30. Assim aqui, isto é maravilhoso, sim, ridículo: dizer que não sabemos de onde é a Escritura, quando ela pode fazer tudo isso. Desde que o mundo começou não se ouviu que a palavra de uma mera criatura pudesse remover montanhas de desespero e encher as almas de pobres pecadores com tanta alegria e paz, apesar do inferno e da própria incredulidade da criatura, sob o peso da qual, como uma pesada lápide, ela jazia enterrada e selada.

O poder de conversão da Palavra atesta sua origem divina

Quarto efeito. A palavra de Deus tem o poder de conversão, que ninguém senão Deus — que é o "Deus de toda a graça" — pode produzir. Quando os discípulos de João foram a Cristo para certificar-se de quem ele era, se era o Messias ou não, Cristo não lhes diz que era, nem que não era; mas os envia para obterem a resposta a partir das obras maravilhosas que ele realizava. "Ide", diz ele, "e anunciai a João as coisas que ouvís e vedes: os caídos de sono veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos

pobres é anunciado o evangelho", *euangelizontai* [são evangelizados], Mt 11:4-5 — isto é, eles são transformados na própria natureza do evangelho e movidos pelo espírito que respira no evangelho. Por meio de todos esses exemplos, o intuito de Cristo era dar uma demonstração visual de sua fé: de que ele, que realizava tais milagres, não podia ser outro senão aquele a quem buscavam. E o que coroa o conjunto é o poder convertedor da palavra — colocado por último não por ser o menor entre eles, mas sim por ser a maior maravilha de todas e compreender em si todas as outras. Quando as almas são convertidas, "os caídos de sono veem". Vocês eram "trevas", mas agora são "luz no Senhor". "Os coxos andam", no sentido de que as afeições — os pés da alma — são postas em liberdade e recebem força para correr nos caminhos de Deus com deleite. Os leprosos são purificados, no sentido de que as concupiscências imundas são curadas e as almas sujas são santificadas. E assim por diante. Ora, embora os primeiros milagres tenham cessado, este, que é o maior, ainda acompanha a palavra, oferecendo tal demonstração de sua divindade que a própria razão não pode se opor. Não está além da habilidade e da força do anjo mais poderoso fazer a menor folha de grama no campo? Quanto mais a nova criatura no coração, a mais nobre das obras de Deus.

Aquilo, portanto, que molda novamente o coração e torna a criatura tão diferente de seu eu anterior quanto o cordeiro é do lobo, e o boi do leão — um manso e inofensivo, o outro feroz e voraz —, isso deve necessariamente vir de Deus. E tais transformações são o produto diário da "palavra". Quantos você já conheceu — outrora sob o poder de suas concupiscências, lançando como loucos suas tochas de fogo, possuídos por tantos demônios quantos eram os seus pecados e arrastados para lá e

para cá por essas fúrias — que, contudo, ao ouvirem um único sermão do evangelho, você não os viu totalmente metamorfoseados e, como aquele no evangelho de quem o demônio havia sido expulso, sentados aos pés de Jesus, em seu perfeito juízo, lamentando amargamente seu curso anterior e odiando suas concupiscências outrora amadas mais do que nunca foram apegados a elas? Espero que alguns de vocês que leem estas linhas possam dizer isso a respeito de si mesmos, como o apóstolo diz de si e de outros de seus irmãos: "Porque também nós éramos, noutro tempo, insensatos, desobedientes, extraviados, servindo a várias concupiscências e deleites", etc. "Mas, quando apareceu a benignidade e o amor de Deus, nosso Salvador, para com os homens, ele nos salvou pela lavagem da regeneração", etc., Tt 3:3-4. E vocês, que são a própria carta de Cristo, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, nas tábuas de carne de seus corações, podem ainda duvidar se aquela palavra veio de Deus, sendo ela assim capaz de trazê-los de volta para Deus? Quanto tempo poderia um homem sentar-se aos pés de um filósofo antes de ver um poder tão impositivo emanar de suas palestras de moralidade a ponto de retirar seu coração antigo, tão cheio de concupiscências como o mar é de seres rastejantes inumeráveis, e colocar um coração novo e santo no lugar dele? Alguns, de fato, em suas escolas foram um pouco refinados das escórias da sensualidade, como Polêmon, que foi como um bêbado ouvir Platão e retornou um homem temperante de sua palestra; e não é de admirar, se considerarmos quanta violência tais pecados grosseiros e bestiais oferecem à própria luz de uma consciência natural — aquela luz menor designada por Deus para governar a noite do mundo pagão. Mas pegue o melhor filósofo entre todos eles e você encontrará pecados de uma teia um pouco mais fina — tais como as perversidades espirituais e os pecados do coração — que são praticados por

trás da cortina, na sala reservada do homem interior. Estes estavam tão longe de ser os despojos de suas armas vitoriosas que eles nunca puderam chegar a vê-los. Mas "a palavra" pisa sobre estes "lugares altos" das perversidades espirituais e não deixa nenhuma fortaleza deles sem ser tomada. Ela persegue o pecado e Sataná até seus pântanos e fortalezas; ela desenterra as concupiscências do pecador como vermes de suas covas e tocas onde se escondem. O próprio coração não é um santuário seguro para o pecado se abrigar. A palavra o tirará de lá — como Joabe foi tirado das pontas do altar — para matá-lo. Aquelas corrupções que escaparam à espada do moralista e do pagão honesto, até mesmo estas caem pelo fio da palavra.

Não posso dar um exemplo melhor do poder convertedor da palavra do que apresentar-lhes as vitórias miraculosas obtidas por ela sobre os corações dos homens quando os apóstolos foram enviados primeiramente a pregar a graça de Cristo e, por assim dizer, a iniciar a cooperação do ministério do evangelho. Onde quer que chegassem, encontravam o mundo em armas contra eles e o príncipe das trevas, o diabo, à frente de suas tropas para opor-lhes a máxima resistência; contudo, que vitórias inéditas foram obtidas por eles! Não foi estranho que, sem desembainhar outra espada que não a do "evangelho eterno", eles virassem o mundo de cabeça para baixo, como seus próprios inimigos confessavam? — desprezando as obras do diabo, derrubando suas fortalezas onde quer que chegassem e vencendo aqueles pagãos bárbaros a quem o diabo havia mantido em sua posse pacífica por tantos milhares de anos! Para fazê-los renunciar às suas idolatrias nas quais haviam sido criados e instruídos todos os seus dias; receber um novo Senhor, e este um Jesus crucificado; e isto mediante o relato de alguns homens simples, carregados com as mais vis injúrias que a inteligência do homem

podia inventar ou a malícia reunir para manchar suas pessoas e tornar odiosa ao mundo a doutrina que pregavam; isto, digo, é uma conquista tão inédita que não poderia ser obtida por ninguém menos que o braço do Todo-Poderoso — especialmente se acrescentarmos duas ou três circunstâncias para dar ainda maior destaque a esta consideração. Como por exemplo:

Primeira circunstância. A simplicidade das pessoas empregadas para pregar esta doutrina. Eram simples em sua condição e posição, sendo da classe mais baixa do povo, e muitos deles tão simples em suas realizações intelectuais quanto em seu porte e vestimenta externos perante o mundo, não tendo auxílio do aprendizado humano para elevar suas capacidades e dar um verniz aos seus discursos. Homens muito inadequados para tal empreendimento, Deus sabe, tivesse a ênfase e o sucesso de suas obras dependido de seus próprios recursos. Isto deixou seus próprios inimigos perplexos sobre de onde vinha sua sabedoria, sabendo muito bem quão humilde era sua origem e quão inadequada sua criação para lhes dar qualquer vantagem rumo a uma tarefa tão elevada, At 4:13. Certamente estes homens simples não podiam contribuir com mais nada, por si mesmos, para aquele sucesso maravilhoso que se seguiu aos seus labores do que o toque das buzinas de chifre de carneiro para a queda das muralhas de Jericó, ou o som dos instrumentos musicais de Josafá para a derrota de um exército tão formidável de seus inimigos; de modo que devemos atribuir isso ao sopro de Deus, pelo qual tocaram a trombeta do evangelho, e ao seu doce Espírito atraindo os corações de seus ouvintes, para que obras tão poderosas fossem realizadas por eles.

Segundo. Se considerarmos a natureza da doutrina que eles apresentavam e recomendavam ao mundo, a qual era não

apenas estranha e nova — o suficiente para deixar os ouvintes desconfiados dela —, mas tão contrária à inclinação da natureza corrompida do homem que não encontrava um único pensamento no coração do pecador que a favorecesse. Não é de admirar, de fato, que a taça temperada com especiarias de Maomé tenha sido bebida de forma tão fácil, sendo tão saborosa e agradável ao paladar carnal do homem. Somos logo atraídos a desposar como verdade aquilo que satisfaz a carne, e facilmente persuadidos a nos entregar nas mãos de opiniões que oferecem trégua às nossas concupiscências, sim, prometem-lhes satisfação. De fato, não podemos nos admirar muito de ver o próprio cristianismo ser geral e prontamente abraçado quando apresentado nas vestes de meretriz de Roma, com sua pureza adulterada e seu poder enfraquecido. Mas, tome-se a doutrina do evangelho em sua própria excelência nativa, antes de cair nas mãos desses mercadores, e ela é tal que o coração carnal não pode agradar-se dela, porque coloca o machado à raiz de cada pecado e desafia todos os que tomam o partido dele. Ela não tolerará que nenhuma outra religião coloque seu limiar ao lado do seu. Isto pode nos fazer dar um passo ao lado — como Moisés fez outrora para contemplar a sarça — a fim de ver esta grande maravilha: uma doutrina crida e abraçada que é puro absurdo para a razão carnal, ensinando-nos a ser salvos pela justiça de outrem, a ser sábios com a sabedoria de outrem, a confiar nele como um Deus que foi ele mesmo uma criança, a depender dele para nos livrar do poder do pecado e de Satanás quando ele próprio caiu sob a ira dos homens. Oh, quão grande abismo de objeções que a razão traz contra esta doutrina deve ser transposto antes que o homem venha a unir-se a ela! E, contudo, esta doutrina encontrou acolhida tal que nunca príncipe algum, ao toque de seu tambor, teve seus súditos reunindo-se tanto em multidões para se alistarem em suas fileiras como os apóstolos

tiveram multidões de crentes oferecendo-se para submeter-se ao batismo — o juramento militar por eles aplicado aos seus convertidos. Adicione-se apenas mais uma.

Terceira circunstância. Considerem quão pouco encorajamento mundano esta palavra que pregavam dava aos seus discípulos; e vocês dirão: "Deus estava nela verdadeiramente". Tivesse sido o caminho para prosperar no mundo tornar-se cristão, ou tivesse o fato de ser discípulo conquistado o favor de reis e príncipes e ensinado a estes como subir o monte da honra, não poderíamos ter nos admirado de ver tantos adorarem o sol nascente. Mas, infelizmente! O evangelho que eles pregavam não vem com esses subornos em suas mãos. Nenhuma maçã de ouro é lançada no caminho para atraí-los. Cristo ordena aos seus discípulos que se curvem não para receber coroas em suas cabeças, mas uma cruz em suas costas: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me", Lc 9:23. Eles não devem sonhar em obter os tesouros do mundo, os quais não possuem, mas preparar-se para abrir mão do que têm. Com certeza, quando os apóstolos o pregavam, o caminho a que ele conduzia não era o dos palácios dos príncipes com suas promoções. Se tivessem visado sua própria honra e se contentado com a fama que conquistariam por seus sofrimentos, e que seus nomes seriam escritos e lidos nas folhas da posteridade quando estivessem mortos e sepultados, algum espírito romano, talvez, pudesse ter sido encontrado para suportar outro tanto. Ou, se o evangelho lhes ensinasse que deveriam ascender em sua carruagem de fogo de martírio para receber a glória do céu como aquisição de sua paciência e proeza, isso poderia ter endurecido algum clérigo romano tonsurado contra o temor daquelas mortes sangrentas que encontraram. Mas a doutrina que pregavam não permite

nenhuma das duas coisas, mas ensina-lhes que, quando tiverem feito o melhor de si e sofrido o pior que a ira de seus inimigos pode infligir pela causa de Deus, devem então renunciar à honra de tudo e considerar-se servos inúteis. Todas estas considerações entrelaçadas formam uma corda forte para atrair qualquer um que tenha vacilado neste ponto a uma firme crença na origem divina das Escrituras.

INSTRUÇÃO 10 — SEGUNDA PARTE GERAL: POR QUE A PALAVRA DE DEUS É CHAMADA DE A ESPADA DO ESPÍRITO

"A espada do Espírito" (Ef 6:17).

Tendo concluído a primeira parte, que nos apresentou a arma em si recomendada para o uso do cristão — isto é, "a palavra de Deus" —, a segunda parte do texto entra agora sob nossa consideração, a saber, o conceito sob o qual esta arma é recomendada, ou a metáfora na qual está embainhada — "a espada do Espírito". E aqui cabe uma dupla investigação. PRIMEIRA. Por que a palavra de Deus é comparada a uma "espada". SEGUNDA. Por que esta espada é atribuída ao Espírito e traz o seu nome, "a espada do Espírito".

DUAS INVESTIGAÇÕES SOBRE A EXPRESSÃO "A ESPADA DO ESPÍRITO"

Primeira investigação. Por que a palavra de Deus é comparada a uma "espada"? Para esta investigação, baste o seguinte: sendo a espada de uso geral e constante entre os soldados, e também a arma com a qual eles não apenas se defendem, mas realizam a maior execução sobre seus inimigos, ela representa de forma muito apropriada a necessidade e o excelente uso da palavra de Deus, por meio da qual o cristão tanto se defende como ataca, sim, abate diante de si todos os seus inimigos.

Segunda investigação. Por que a espada é atribuída ao "Espírito"? Alguns consideram que o abstrato aqui é colocado pelo concreto, *Pneuma* por *Pneumatikos*, "espada do Espírito" por "espada espiritual", como se não fosse mais do que "tomai a espada espiritual, que é a palavra de Deus", conforme aquilo do apóstolo: "As armas da nossa milícia não são carnaís, mas sim poderosas" — isto é, espirituais, 2 Co 10:4. De fato, sendo Satanás um espírito, deve ser combatido com armas espirituais. E tal é a palavra, uma espada espiritual. Mas isso, embora verdadeiro, não alcança o sentido pleno do trecho, onde *Pneuma* é tomado *personaliter* [pessoalmente], pela pessoa do Espírito Santo. E nestes três aspectos a palavra escrita é a espada do Espírito:

Primeiro. Ele é o seu Autor. É uma arma que somente a mão dele formou e moldou; não veio da forja de nenhuma criatura: "Os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo", 2 Pe 1:21.

Segundo. O Espírito é o único intérprete verdadeiro da palavra. Daí aquela conhecida passagem de Bernardo: *quo spiritu factæ sunt Scripturæ, eo spiritu legi desiderant, ipso etiam intelligendæ sunt* [com o mesmo espírito com que as Escrituras foram feitas, com esse espírito desejam ser lidas, e por ele também devem ser compreendidas]. Aquele que fez a fechadura é o único que pode nos ajudar com uma chave que se ajuste aos seus segredos e abra sua proteção. "Nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação", 2 Pe 1:20. E por que não? Segue-se: porque não veio de nenhum espírito humano ou particular na sua origem. "Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum", etc., versículo 21. E quem conhece a mente do Espírito tão bem quanto ele mesmo?

Terceiro. Somente o Espírito de Deus pode dar à palavra a sua eficácia e poder na alma. É o seu ofício, como eu disse, *sigillare animum caractere rerum creditarum* [sellar a alma com a marca das coisas cridas]. A menos que ele aplique seu peso sobre as verdades que lemos e ouvimos, para trazê-las bem próximas e, por assim dizer, esculpir a própria imagem em nossas mentes e corações, elas não deixam mais impressão do que um selo aplicado sobre uma pedra ou rocha deixaria; a mente continua oscilando e o coração insatisfeito, a despeito dos maiores esforços nossos e de terceiros em contrário. Não foi o remar dos discípulos, mas a vinda de Cristo que pôde acalmar a tempestade ou trazê-los à praia. Nem todo o nosso estudo e investigação podem firmar a mente ou pacificar o coração na crença da palavra até que venha o Espírito de Deus. "Credes vós agora?", disse Cristo aos seus discípulos, Jo 16:31. Quantas vezes, infelizmente, as mesmas verdades haviam soado em seus ouvidos e batido à sua porta pedindo acolhida, mas nunca puderam ser recebidas até que agora o Espírito colocou seu dedo para levantar o ferrolho! O bispo Davenant, em seu comentário sobre Colossenses, conta-nos uma história de Gerson a respeito de um homem santo a quem ele próprio conhecia, o qual era duramente provado e fustigado com frequentes dúvidas e escrúpulos, a ponto de colocar em questão um artigo de fé; mas depois foi conduzido a uma luz tão clara e plena evidência de sua verdade que não duvidou mais dela do que de sua própria existência. E esta certeza, diz Gerson, *non arise ex nova aliquâ ratione et demonstratione, sed ex humiliatione, et captivitate intellectûs, atque admirabili quadam Dei illuminatione à montibus æternis* [não surgiu de nenhum novo argumento que ele tivesse descoberto para demonstrar a verdade da questão, mas do Espírito de Deus humilhando e cativando seu orgulhoso entendimento, e iluminando-o admiravelmente a partir dos

montes eternos]. As palavras assim explicadas nos apresentam esta importante conclusão doutrinária.

A PALAVRA ESCRITA É A ESPADA PELA QUAL OS CRISTÃOS VENCEM

DOCTRINA. Que a palavra escrita, ou, se preferirem, a Escritura, é a espada pela qual o Espírito de Deus capacita os seus santos a vencerem todos os seus inimigos. O Espírito nada fará por eles sem a palavra, e eles nada podem fazer de proveitoso sem ele. A palavra é a espada, e o Espírito de Cristo é o braço que a empunha a favor dos santos. Todas as grandes conquistas que Cristo e seus santos alcançam no mundo são obtidas com esta espada. Quando Cristo sai contra seus inimigos, esta espada está cingida sobre sua coxa: "Cinge a tua espada à coxa, ó potentíssimo", Sl 45:3. Sua vitória sobre eles também é atribuída a ela, versículo 4: "E no teu esplendor cavalga prosperamente por causa da verdade" — isto é, da palavra da verdade. Encontramos em Ap 1:16 Cristo segurando "sete estrelas na sua mão direita", sugerindo o cuidado especial que ele tem pelo seu povo, particularmente pelos ministros, que são mais visados do que quaisquer outros. E como ele os protege senão por esta "aguda espada de dois fios que saía da sua boca"? Este é o grande privilégio que o crente mais pobre na igreja tem pela aliança da graça — privilégio tal que Adão não tinha na primeira aliança. Ele, quando caiu, teve uma espada inflamada para mantê-lo fora do paraíso, mas não tinha tal espada, quando inocente, para guardá-lo de pecar e, assim, de ser expulso daquele lugar e estado feliz. Não, ele foi deixado para se sustentar sob sua própria defesa e, por sua própria vigilância, ser a guarda de si mesmo. Mas agora a palavra de Deus permanece

entre os santos e todo perigo. Isto aparecerá melhor se destacarmos os principais inimigos com os quais a guerra dos santos é travada, e mostrarmos como todos eles caem diante da palavra e recebem seu golpe fatal desta única espada, assim como Abimeleque matou os sessenta filhos de Jerubaal "sobre uma mesma pedra", Jz 9:5. Primeiro. O perseguidor sanguinário que respira morte contra os santos e os persegue com fogo e espada. Segundo. O sedutor e o herético. Terceiro. Nossas próprias concupiscências. Quarto. Um exército de aflições, tanto externas quanto internas.

Os perseguidores são vencidos pela "Palavra de Deus"

Primeiro inimigo. O perseguidor sanguinário, que respira morte contra os santos e os persegue com fogo e espada. Tal raça de gigantes sempre existiu, e existirá enquanto o diabo tiver algum parente vivo no mundo, os quais, quando está em seu poder para manter o reino de trevas de seu pai, não temerão pisar sob seus pés aquelas estrelas do céu cuja luz expõe ao mundo suas terríveis impiedades e, assim, ameaça enfraquecer o interesse do diabo nas mentes dos homens. Daí aquelas guerras sangrentas levantadas, cruéis fogueiras de martírio acesas e massacres praticados contra os santos — com muitas invenções de tormentos diabolicamente astutas, para que aquelas almas inocentes pudessem sofrer longamente em suas dores e permanecer mais tempo nas garras da morte, para assim "sentirem que estão morrendo", como um deles de forma bárbara e desumana disse! Pois bem, que escadas Deus usa para escalar estes montes de orgulho? Onde estão as armas com as quais o povo de Deus resiste e vence estes monstros humanos que assim desafiam o Senhor e os seus exércitos? Gostaria de saber onde? Verdadeiramente, elas podem ser vistas na torre de Davi, construída para arsenal — refiro-me à palavra de Deus. Aqui

estão pendurados os escudos e broquéis, as espadas e dardos com os quais os valentes de Deus em todas as eras se defenderam corajosamente contra a fúria dos perseguidores, e também triunfaram gloriosamente sobre sua maior força e poder. Deste "ribeiro" eles tomam aquelas "pedras lisas" com as quais derrubam estes Golias. Esta classe de inimigos da igreja é vencida de duas maneiras: ou pela sua conversão ou pela sua destruição. Ora, a palavra de Deus é a espada que opera ambas as coisas. Ela tem dois gumes, Hb 4:12, e assim corta de ambos os lados.

1. O primeiro caminho. A espada do Espírito tem aplicação aos eleitos que, por um tempo, devido à ignorância e ao preconceito, unem-se aos inimigos dos santos como defensores ativos e perseguidores sanguinários tão terríveis quanto os piores do grupo. A palavra de Deus é uma faca de sacrifício para abrir seus corações e deixar sair o sangue quente e putrefato de seus pecados, o qual os tornava tão furiosos contra a igreja de Deus, sim, e para prepará-los também, pela graça convertedora, como uma oferta aceitável a Deus, como o apóstolo excelentemente mostra em Rm 15:16. Assim, os assassinos de nosso bendito Senhor, encontramos que por um sermão de Pedro foram tão fortemente impactados que imediatamente vomitaram o sangue dele, tão enojados dele quanto antes estiveram ávidos por ele, e, a um só golpe que a ponta desta espada lhes deu, clamaram por trégua nas mãos de Deus, sim, lançando por terra suas armas de perseguição e inscrevendo livremente seus nomes na lista daquele cuja vida, apenas poucos dias antes, haviam tão cruelmente tirado, cerca de três mil deles de uma só vez sendo batizados em seu nome, At 2:41. Sim, o próprio Paulo, a quem posso chamar, como Erasmo faz com Agostinho antes de sua conversão, de "a grande

baleia" que causava tanto dano à igreja de Cristo: que anzol usou o Senhor para fisgá-lo senão a palavra? Nunca teve Cristo um inimigo mais furioso no mundo do que este homem. Seu coração estava tão inflamado de fúria contra os santos que o vapor ardente dela saía de seus lábios como da boca de uma fornalha quente, respirando ameaças e mortes contra eles por onde quer que fosse, At 9:1. Ora, que força de armas, além da palavra pregada, enviou Cristo para tomar o castelo do coração deste homem sanguinário? Primeiro, o próprio Cristo lidou imediatamente com ele, pregando um sermão tão estrondoso de seu púlpito celestial que derrubou este cavaleiro orgulhoso e o enviou atado nas correntes de sua própria alma perturbada, prisioneiro justamente para aquele lugar onde ele pensava prender os outros, e então deixou seu Espírito para dar continuidade à obra de sua conversão, aplicando e mantendo o gesso da palavra bem junto ao seu coração. Quão poderosamente isso operou nele, ele mesmo nos conta: "Quando veio o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri", Rm 7:9. Isto é, quando a lei veio pelas convicções do Espírito para vasculhar sua alma e penetrar sua consciência, então reviveu o pecado, aquelas concupiscências que, como um leão adormecido, repousavam nele. Agora, contudo, em sua consciência despertada, elas rugiam tão terrivelmente que ele ficou como que morto pelo terror delas, como uma pobre criatura condenada; e teria, indubitavelmente, sucumbido naquele desmaio de horror e desespero se a alegre notícia da graça do evangelho não tivesse sido, pela mesma palavra e Espírito, aplicada oportunamente para trazê-lo de volta à vida da esperança e do consolo. Assim foi este impetuoso e furioso inimigo dos santos acorrentado e domado pelos terrores da lei, mudado e renovado pela mansidão e misericórdia do gospel, tornando-se tão diferente de si mesmo quanto um lobo voraz é do cordeiro inocente, mais pronto a dar

sua própria vida agora pela defesa do evangelho do que, antes da conversão, para tirar a vida daqueles que o professavam.

2. *O segundo caminho.* A espada do Espírito tem aplicação aos inimigos perseguidores dos santos quando são arruinados e destruídos. De fato, se continuam impenitentes e se endurecem contra as verdades e os servos de Deus, esse é o fim que todos devem esperar encontrar. São como animais irracionais — "gerados para serem presos e mortos", 2 Pe 2:12, e podem saber de antemão tanto a certeza de sua ruína como o que a provocará, a saber, a palavra de Deus. "E, se alguém lhes quiser fazer mal, fogo sairá da sua boca, e devorará os seus inimigos; e, se alguém lhes quiser fazer mal, importa que assim seja morto", Ap 11:5. Refere-se àqueles que se atreverem a opor-se e perseguir os fiéis pregadores do evangelho — que o fogo sai de suas bocas para destruí-los. Embora façam sua vontade nos corpos dos santos, matando-os e queimando-os, contudo a palavra que eles pregam será a destruição dos perseguidores. Ela vive e permanece para pagar as dívidas dos santos e vingá-los de seus inimigos. Deus decidiu que eles devem e hão de ser mortos desta maneira; a palavra deve dar-lhes o golpe fatal. Juliano confessou isso quando sangrava sob sua ferida mortal; embora a flecha tivesse saído de um arco persa, contudo o infeliz sabia que fora enviada por uma mão superior à persa: *vicisti Galileæ* [venceste, ó Galileu, tu me superaste]. Sua consciência lhe dizia que seu rancor contra a verdade de Cristo era a sua morte; e muitos outros além dele reconheceram outro tanto quando sob a mão da justiça. A face da palavra de Deus, à qual se opuseram, pareceu-lhes gravada em seus juízos.

Oh, esta espada da palavra tem um longo alcance; ela está no peito de cada inimigo que Deus e os seus santos têm no mundo, e embora no presente eles não possam ver de onde viria

o perigo (sendo tão grandes e poderosos, tão seguros e protegidos, no seu entender), contudo, tendo a palavra de Deus já estabelecido a sentença deles, Deus, mais cedo ou mais tarde, abrirá uma porta ou outra para trazer a destruição sobre eles. Quando o profeta quis expressar a ruína indubitável e iminente dos filisteus, notem os prognósticos que ele apresenta: "Ai dos habitantes da costa do mar... a palavra do Senhor é contra vós", Sf 2:5. Como se dissesse: "Vocês são um povo perdido e arruinado; o mundo inteiro não pode salvá-los; porque a palavra do Senhor é contra vocês". A ameaça da palavra, como o relâmpago ou o mofo, destrói por onde passa, e sua maldição queima até a própria raiz. Daí todas as sete nações de Canaã caíram na boca dos israelitas como fruto maduro na boca daquele que sacode a árvore. A palavra do Senhor, amaldiçoando-os, havia ido adiante deles para tornar sua conquista certa e fácil. Isso Balaque sabia e, por isso, teria dado muito por algumas palavras da boca de Balaão para amaldiçoar Israel em nome de Deus. A verdade é que, embora olhemos para os monarcas do mundo e seus exércitos como aqueles que têm o controle dos negócios do mundo, contudo estes não passam da mosca na engrenagem. É a palavra de Deus que tem o grande peso em tudo o que é realizado no cenário do mundo: "Olha, ponho-te neste dia sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares, e para derribares... para edificares e para plantares", Jr 1:10. De fato, toda a terra é o terreno de Deus; e quem tem poder para edificar em seu terreno, ou derrubar, senão ele mesmo? E em sua palavra ele expressou sua mente sobre o que deseja que seja feito aos seus inimigos e a favor dos seus santos; e, portanto, todas as misericórdias que estes recebem, eles as acolhem e reconhecem como cumprimentos graciosos da promessa, bem como todos os juízos executados sobre os seus

inimigos como cumprimentos das ameaças da palavra, chamados por isso de "o juízo escrito", Sl 149:9.

Os heréticos são vencidos pela "Palavra de Deus"

Segundo inimigo. O sedutor é outro inimigo com o qual o cristão tem de lidar, e não menos perigoso que o outro; antes, neste aspecto, muito mais temível: o perseguidor pode matar apenas o corpo, mas o sedutor vem para envenenar a alma. Melhor ser morto imediatamente pela espada dele do que ser "tomado vivo", como expressa o apóstolo, "neste laço do diabo", o qual aqueles a quem ele envia para caçar almas armam secretamente, muitas vezes onde menos se suspeita. Quando Paul caiu nas mãos do perseguidor, pôde ainda gloriar-se e alegrar-se por ter escapado deste último: "Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada", 2 Tm 4:7-8. Vejam como este santo homem triunfa e exibe suas cores como se a batalha estivesse ganha e o dia vencido; quando, na realidade, bom homem, estava prestes a colocar sua cabeça no bloco sob a mão do carrasco do sanguinário Nero, como se pode perceber: "Porque eu já estou sendo oferecido", versículo 6, aludindo ao tipo de morte que em breve haveria de sofrer. Mas você possivelmente dirá: que grande motivo tinha ele então para clamar *victoria* [vitória], quando seus negócios estavam em condição tão desesperadora e deplorável? Sim, isto o fazia triunfar: ele havia "guardado a fé"; e isso era mil vezes mais alegria e consolo para ele do que o entregar de sua vida era motivo de aflição. Se tivesse abandonado a fé por covardia, ou a trocado por qualquer falsa doutrina, teria perdido a alma ao perder a fé; mas, tendo guardado a fé, sabia que apenas se desfazia de sua vida para receber de Deus uma melhor do que a que lhe era tirada pelo homem. Os gafanhotos mencionados em Ap 9 — que o Sr. Mede

interpreta como sendo os sarracenos, que foram flagelo e praga tão grande para o mundo romano recém-cristianizado —, encontramos que "tinham caudas semelhantes às dos escorpiões, e havia agulhões nas suas caudas", versículo 10; o que o erudito escritor acima mencionado interpreta como sendo a maldita doutrina maometana com a qual envenenavam as almas das pessoas por onde quer que sua espada conquistadora passasse.

Parece que, embora a espada da guerra na mão de um inimigo bárbaro e sanguinário seja um juízo pesado para um povo, contudo a propagação de erros malditos é maior. Este é o "agulhão na cauda" daquele juízo. Não duvido que muitos que eram piedosos pudessem cair pela espada daquele inimigo em meio a uma calamidade geral, mas apenas aqueles que não estavam entre os selados de Deus sentiram o agulhão em sua cauda ao serem envenenados com sua maldita impostura; e, portanto, somente deles se diz que foram "danificados" por eles, versículo 4. Podemos ser ceifados pela espada de um inimigo e não sermos danificados; mas não podemos absorver sua falsa doutrina e dizer o mesmo. Ora, a palavra de Deus é a espada pela qual o Espírito capacita os santos a se defenderem contra este inimigo; sim, a derrotar e arruinar este bando sutil de Satanás. Lemos sobre Apolo, At 18:28, que "com grande poder convencia os judeus". Ele, por assim dizer, os derrubava com o peso de sua argumentação. E de que arsenal retirou ele a espada com a qual tanto prevaleceu? Vejam o versículo 28: "mostrando pelas Escrituras" — não pela cabala deles — "que Jesus era o Cristo"; e, portanto, diz-se dele que era "poderoso nas Escrituras", versículo 24, um guerreiro valente e tão perito, devido ao seu excelente conhecimento delas, que os judeus errantes não podiam mais subsistir diante dele empunhando esta espada em

sua mão do que uma criança com uma adaga de madeira contra um gigante formidavelmente armado com armas letais.

Quando Paulo adverte Timóteo a colocar-se cuidadosamente em defesa contra os sedutores que enganavam a tantos em toda parte, ele não pode conceber melhor conselho sobre como ele poderia manter-se fora do alcance deles do que enviando-o às Escrituras e ordenando-lhe que se refugiasse nelas como em uma praça de guerra: "Tu, porém, permanece nas coisas que aprendeste", 2 Tm 3:14; e no versículo seguinte ele se explica e mostra que lição se refere que ele havia aprendido, dizendo-lhe que desde a infância sabia as sagradas Escrituras, as quais eram capazes de torná-lo sábio para a salvação e, conseqüentemente, mais sábio do que todos os seus inimigos, se ele permanecesse apegado a elas. De outras armas podemos nos carregar folheando muitos autores; mas aquele que tem esta espada, e foi ensinado pelo Espírito no uso desta arma, está bem provido para enfrentar em um embate os mais fortes defensores do erro que o diabo tem ao seu lado. Com ela, pobres mulheres foram capazes de desarmar grandes doutores de seus argumentos estudados, desfazendo toda a sua arte e lógica com uma passagem simples da Escritura, como aquela mulher que esmagou a cabeça de Abimeleque, aquele grande comandante, lançando um pedaço de pedra de moinho sobre ele. Deste arsenal vieram aquelas armas que Paulo nos diz serem "poderosas em Deus, destruindo conselhos", ou raciocínios, *logismous kathairountes*, pelas quais um antigo autor entende os silogismos dos filósofos gregos. De fato, aquele que tem a palavra ao seu lado, e a habilidade santa de usá-la, tem tanta vantagem sobre seu adversário que vem com outra armadura — seja ele o melhor esgrimista — quanto um homem com uma boa espada tem sobre aquele que sai a campo apenas com um junco na mão.

Todo erro teme a luz da palavra, e teme mais ser examinado por ela do que um ladrão teme ser julgado perante um juiz rigoroso. *Hereticorum sententias prodidisse est superasse* [expor as opiniões dos heréticos é vencê-las], diz Jerônimo. Revelem-nas, ou coloquem-nas face a face com a palavra, e, como Caim, eles abaixam a cabeça; são envergonhados. Este é o único teste seguro para provar opiniões suspeitas. Se puderem caminhar sobre esta lei de fogo sem se ferirem e sem serem reprovadas, podem seguramente passar por verdades, e nenhuma outra. Paulo nos fala de alguns que "não sofrerão a sã doutrina", 2 Tm 4:3. Ora, como haveriam de sofrer, se suas mentes não são sãs? Ela é perscrutadora demais para eles. Pés com gota não podem andar senão em caminhos macios que cedem suavemente a eles. Tais pessoas precisam de doutrina que se ajuste ao seu humor, o que a palavra não fará, mas sim as julgará, e elas pensam que ela fará isso cedo demais no grande dia; portanto, agora a evitam tanto, para que não as atormente antes do tempo. Assim, os *quakers* têm seu esconderijo para onde fogem da Escritura, em cujo tribunal sabem que suas opiniões seriam indubitavelmente condenadas, e, por isso, apelam para outro tribunal onde possam ter uma audiência mais favorável — a luz interior deles, ou, em bom português, sua consciência natural; um juiz que se sabe muito bem ser corrupto e facilmente subornado para falar o que as concupiscências dos homens muitas vezes querem que ele diga. Ah, pobres criaturas, que triste troca fizeram! — deixar a palavra que é *kanōn tēs pisteōs aklines* [uma regra inflexível de fé] e que não pode mentir ou enganá-los mais do que o próprio Deus — para confiar a condução de si mesmos a si mesmos, um guia mais ignorante, tolo e infiel do que o qual o diabo não poderia ter escolhido para eles. "Aquele que é seu próprio mestre", diz Bernardo, "certamente terá um tolo por professor". E Salomão, sim, um

maior do que Salomão, o próprio Deus por meio de Salomão, diz: "O caminho do tolo é reto aos seus próprios olhos, mas o que dá ouvidos ao conselho é sábio", Pv 12:15. Mas o mais sábio é aquele que faz da palavra de Deus o seu conselheiro. O papista tem também o seu bosque e floresta — a antiguidade e as tradições — aos quais foge diante da Escritura em busca de santuário, como Adão fez para um arbusto quando Deus veio caminhando até ele. Como se qualquer antiguidade fosse tão autêntica quanto os próprios oráculos de Deus, e quaisquer tradições humanas pudessem ser colocadas na balança com a Escritura.

Para não mencionar mais nenhum, o sociniano se envolve em sua própria razão orgulhosa e assume tal altivez que a Escritura deve submeter-se a ela para ser interpretada, e não ela curvar-se à Escritura. Ele deve ter uma religião e uma Escritura que se ajustem ao modelo que sua própria razão desenha, ou não aceitará nenhuma das duas. Isso constitui a raiz de muitos erros e heresias prodigiosos; como aqueles de quem Tertuliano fala, *qui Platonicum et Aristotelicum Christianismum procuderunt* [que foram à forja dos filósofos para moldar um cristianismo]. O que é isso senão levar ouro para ser pesado nas balanças do armarinho e procurar o sol à luz da lua? Um teólogo moderno diz: *Most heresies have sprung either ex Samo Satani fastu, vel ex Ætii ignorantia, vel ex Arrii dialectia* [A maioria das heresias surgiu ou do orgulho satânico, ou da ignorância de Aécio, ou da sofística dialética de Ário de raciocinar] — sendo esta última, ao que parece, o recife onde o próprio Paulo observa que alguns naufragaram, "e se desviaram da fé", 1 Tm 6:21; e, por isso, com tanto afeto exorta Timóteo a afastar-se desta praia perigosa e guiar seu curso pela palavra: "Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado", etc., versículo 20. Pois este

depósito que lhe é aqui confiado, entendo que não é outro senão "a forma das sãs palavras" que ele o exorta a reter em 2 Tm 1:13.

Objeção. Mas vemos heréticos citando a Escritura para seus erros mais prodigiosos e empunhando esta espada para sua defesa, tanto quanto os ortodoxos; como, então, ela é um instrumento e recurso tão poderoso contra o erro?

Resposta. O que não ousarão fazer homens de mentes sutis, corações corruptos e rostos audaciosos para sustentar seu partido ímpio, uma vez que tenham adotado um erro ou qualquer caminho pecaminoso? Corá e seu bando profano ousaram declarar que "o Senhor está no meio deles" e que tinham tanto a ver com o sacerdócio quanto o próprio Arão, sobre quem o óleo sagrado fora derramado, Nm 16:3. E Sedequias, aquele bajulador mor, não teme atribuir sua mentira ao próprio Deus da verdade: "Fez para si uns chifres de ferro e disse: Assim diz o Senhor: Com estes ferirás os siros, até que os consumas", 1 Reis 22:11; quando na verdade Deus nunca falara tal palavra. Não é de admirar, então, ver qualquer pessoa colocar seus filhos ilegítimos à porta de Deus e clamar que têm a Escritura ao seu lado. Por esta impudência eles podem enganar almas crédulas para que creiam no que dizem, assim como um trapaceiro pode roubar a bolsa de pessoas ignorantes mostrando-lhes algo parecido com o selo real, que era na verdade sua própria falsificação. Sim, Deus pode permitir que eles seduzam outros de capacidades e entendimento mais elevados como um justo julgamento sobre eles por se rebelarem contra a luz de suas próprias consciências. Assim como Faraó, pelos falsos milagres dos magos, foi afastado ainda mais de qualquer conformidade com Moisés. E aqueles da facção anticristã que, "porque não receberam o amor da verdade para se salvarem; e, por isso, Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira", 2 Ts

2:10-11. Mas as almas sinceras que buscam humildemente a verdade e não têm outros objetivos em sua busca senão conhecer a vontade de Deus e obedecer-lhe, encontrarão, mediante suas orações fiéis a Deus, uma luz claríssima brilhando da Escritura para as guiar em segurança longe daqueles fossos de erros condenáveis nos quais outros caem, para os quais o lado escuro desta nuvem está voltado. "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; bom entendimento têm todos os que cumprem os seus mandamentos", Sl 111:10. A raposa, dizem eles, quando muito pressionada, mistura-se astutamente com os cães e caça com eles como se fosse da matilha; mas mesmo assim o seu forte odor, que ela não pode deixar para trás, a denuncia.

Assim os heréticos, para abrigar seus erros, infiltram-se entre as verdades da Escritura e, com suas belas cores e falsas interpretações, fazem-nos parecer como se fossem de sua companhia; mas não podem perfumar de tal modo suas opiniões podres que seu forte cheiro e sabor não sejam percebidos e discernidos por aqueles que têm seus sentidos exercitados. Nunca herético algum obteve vantagem ao apelar para as Escrituras. O que Cristo diz em outro caso: "Todos os que lançarem mão da espada morrerão com a espada", Mt 26:52, é extremamente verdadeiro a respeito de todos os heréticos. Eles são confundidos e refutados por aquela mesma espada da palavra que levantam para se defenderem.

As corrupções e as concupiscências são vencidas pela "Palavra de Deus"

Terceiro inimigo. Nossas próprias concupiscências constituem o próximo adversário com o qual temos de lutar. Assim, quanto mais avançamos, pior é o inimigo que encontramos. Estas são mais temíveis do que ambos os

anteriores, em parte porque estão dentro de nós — homens de nossa própria casa, concupiscências de nosso próprio peito que se levantam contra nós —, e em parte porque mantêm correspondência também com um inimigo externo — o próprio diabo —, o qual, assim como derrotou o homem no início usando a sua própria costela, continua a nos causar o pior dano com a nossa própria carne. O fogo da concupiscência é nosso, mas a chama comumente é dele, porque suas tentações são os foles que a inflamam. E quando tal fogo se encontra com um vento tão forte para espalhá-lo e carregá-lo em suas asas, até onde ele voará? Oh, quão difícil é aplacá-lo e apagá-lo! Uma legião inteira de demônios é expulsa do corpo tão rapidamente quanto uma única concupiscência da alma; sim, mais rápido. Satanás gosta mais de sua morada no coração do que na casa, e tem mais relutância em sair dali. Ele saiu de mais boa vontade de dentro do homem para os porcos, Mt 8:31, porque, ao sair daquele corpo e contentar-se por um tempo com uma habitação mais humilde — refiro-me aos porcos —, ele esperava por esse meio um caminho mais fácil para obter a posse mais completa das almas daqueles homens; o que de fato conseguiu, deixando-os Cristo mais do que justamente entregues ao governo daquele de cuja doce companhia tão cedo se cansarão. Ora, a palavra é a única arma. Como a espada de Golias, não há outra igual a esta para abater e decepar este inimigo obstinado. A palavra de Deus pode dominar nossas concupiscências quando elas estão em seu auge e orgulho. Se há momento em que a concupiscência ruge mais do que em outros, é quando o sangue juvenil ferve em nossas veias. A juventude é impetuosa, e a concupiscência então é ardente e arrebatadora. Nosso sol ainda está subindo, e achamos que falta muito para a noite; de modo que deve ser um braço forte aquele que afasta um jovem de suas concupiscências, ele que tem seu paladar na melhor condição para saborear os

prazeres sensuais; o vigor de sua força para absorver mais dos deleites da carne do que a velhice aleijada pode fazer, e mais distante do temor do disparo da morte (segundo ele pensa) do que os idosos, que estão nos próprios limites da sepultura e carregam consigo o cheiro da terra na qual têm certeza de que em breve serão dissolvidos. Pois bem, que a espada de Deus encontre este jovem elegante em toda a sua pompa, com seu banquete de deleites sensuais diante de si, e apenas sussurre algumas sílabas em seu ouvido, dê à sua consciência apenas uma picada com a ponta de sua espada, e isso o fará fugir com tanta pressa de todos eles como os irmãos de Absalão fugiram de seu banquete quando viram seu irmão Amnon assassinado à mesa.

Quando Davi quis dar ao jovem uma receita para curá-lo de suas concupiscências — não de uma, mas de todas —, de como ele poderia purificar todo o seu caminho, ele lhe ordena apenas que se lave neste Jordão, Sl 119:9: "Como purificará o jovem o seu caminho? Observando-o conforme a tua palavra". Ela é chamada de "a vara do seu poder", Sl 110:2. Deus, bem sabemos, operou aqueles grandes milagres com os quais castigou os egípcios e salvou os israelitas por meio da vara na mão de Moisés. Por ela ele domou o orgulhoso Faraó, fazendo com que ele e seu povo finalmente abrissem mão dos israelitas, sim, de certa forma, os expulsassem de lá, ficando tão contentes com a ausência deles quanto antes estiveram com a sua companhia. Por ela ele dividiu o mar para a passagem de Israel e cobriu os egípcios em suas ondas. Por ela ele feriu a rocha. E por esta vara de sua palavra ele realiza maravilhas tão grandes nas almas dos homens quanto estas. Por ela ele fere as consciências deles, fende as rochas de seus corações endurecidos, divide as ondas de suas concupiscências e liberta os pobres pecadores do poder do pecado e de Satanás.

Nunca Agostinho conseguiu libertação de suas concupiscências até ouvir aquela voz: *tolle lege, tolle lege* [toma, lê; toma, lê]; após o que, conforme ele mesmo nos conta em seu livro *Confissões*, capítulo 8, ele imediatamente pegou a Bíblia e, lida uma única vez aquela passagem em Rm 13 para a qual seu olho foi direcionado, como um forte terremoto ela abalou de tal modo todas as faculdades de sua alma que as portas da prisão de seu coração imediatamente se abriram, e aquelas correntes de concupiscência que, com toda a sua habilidade e força, ele nunca conseguira serrar, agora de repente caíram, e ele se tornou tão estranhamente metamorfoseado que *quas amittere metus erat, jam dimittere gaudium fuit* [aquelas concupiscências que perder era todo o seu temor, agora descartá-las era a sua alegria]. Nunca homem algum, por sua própria confissão, foi mais escravo de suas concupiscências e preso a elas por uma corrente mais forte de deleite do que ele próprio. Ele costumava, como diz, rolar no lamaçal de suas concupiscências imundas com tanto prazer como se estivesse rolando em um leito de especiarias e ungindo-se com os unguentos mais preciosos; contudo, esta única palavra veio com tal poder de império sobre ele que as arrancou de seu próprio coração e transformou seu amor em um ódio profundo por elas, ele que antes permitiria que seu coração fosse arrancado de seu peito antes que estas fossem tiradas de seu coração. E assim como a palavra é a arma com a qual ele, com mão forte, liberta os pobres pecadores do poder de Satanás e do pecado para um estado de liberdade, assim ele a usa para defender seus santos de todas as tempestades subsequentes de tentações com as quais Satanás, agora expulso de seu reino, tenta recuperar o mesmo. Aqueles reinos, de fato, que são conquistados pela espada devem ser mantidos pela espada. Davi nos dirá como se manteve em guarda e defendeu seu terreno contra este inimigo: "Olhando

para as obras dos homens, pela palavra dos teus lábios me guardei das veredas do destruidor", Sl 17:4. Como se dissesse: "Gostariam de saber como acontece que eu escape daquelas obras e práticas ímpias que os homens ordinariamente se dão à liberdade de praticar? Devo atribuir isso à boa palavra de Deus. É com ela que me consulo e por ela sou guardado daqueles caminhos imundos para os quais outros, que não fazem uso da palavra para sua defesa, são levados por Satanás, o destruidor da humanidade".

Podemos ir contra o pecado e Satanás com uma arma melhor do que a que Cristo usou para vencer o tentador? E certamente Cristo o fez *per modum exempli* [por via de exemplo], para nos dar o exemplo de como devemos entrar armados em campo contra eles; pois Cristo poderia, com um único raio emitido de sua Divindade (se lhe agradasse exercê-la), ter com a mesma facilidade prostrado o demônio audacioso aos seus pés como mais tarde fez com aqueles que vieram prendê-lo; mas ele preferiu ocultar a majestade de sua divindade e permitir que Satanás se aproximasse mais dele, para que assim o confundisse com a palavra, e com isso desse uma prova daquela espada aos seus santos, a qual haveria de deixar com eles para sua defesa contra o mesmo inimigo. O diabo é representado pelo "leviatã", Is 27:1, a quem Deus ameaça punir com a sua "espada forte"; aludindo àquele grande peixe, a baleia, que não teme nenhum peixe tanto quanto o peixe-espada, pelo qual este grande devorador de todos os outros peixes é frequentemente morto; pois, recebendo uma picada de sua espada, ele se apressa para a praia e bate-se contra ela até morrer. Assim o diabo, o grande devorador de almas, que se diverte no mar deste mundo, assim como o leviatã nas águas, e engole a maior parte da humanidade sem que esta tenha qualquer poder

para lhe opor resistência, é ele próprio vencido pela palavra. Quando ele tem de lidar com um santo armado com esta espada e instruído sobre como usar esta arma, ele então, e não antes, encontra o seu par.

As aflições, externas e internas, são vencidas pela "palavra de Deus"

Quarto inimigo. Um quarto inimigo que se depara com o cristão é um exército composto por muitas divisões de aflições, tanto externas quanto internas, ora uma, ora outra, sim, por um corpo inteiro delas disparando seus projéteis juntos sobre ele. Este foi o caso de Paulo: "por fora combates, por dentro temores", 2 Co 7:5. Ele suportou um grande combate de aflições externas e sofrimentos dentro de seu próprio peito ao mesmo tempo. E isso é triste de fato, quando uma cidade está pegando fogo por dentro ao mesmo tempo que um inimigo está bombardeando suas muralhas por fora. Contudo, esta é frequentemente a condição dos melhores santos: ter tanto a vara em suas costas como as repreensões de Deus em seus espíritos ao mesmo tempo: "Quando com castigos castigas o homem, por causa da sua iniquidade, fazes com que a sua beleza se consuma como a traça", Sl 39:11.

Deus às vezes corrige com aflições externas, mas sorri com manifestações internas; e então ele os açoita, por assim dizer, com uma vara de alecrim. Uma coisa suaviza e alivia a outra. Em outra ocasião, ele envia uma provação e oculta um semblante franzido nela. Ele açoita com a aflição externa e, como um pai irado, a cada golpe que dá em seu filho lhe diz: "isto é por aquela falta, e aquilo por esta", o que aumenta sobremaneira a dor da correção, e é o próprio nó do açoite: ver seu pai tão desgostoso com ele. E quando o pobre cristão se

encontra assim sob a mão de um Deus que o aflige, ou sob as repreensões de um Deus com o semblante franzido, Satanás não tardará a aproximar-se dele, ou a lançar seu sal e vinagre nas feridas que Deus fez em sua carne ou em seu espírito, para com isso aumentar sua dor e assim conduzi-lo ainda mais à tentação por um caminho ou outro, se puder fazer a sua vontade. De fato, Deus frequentemente envia tantas tropas de aflições diversas para se alojarem na casa de um único cristão que isso o coloca em sérias dificuldades para dar as boas-vindas a todas e recebê-las com paciência; sim, seria difícil para qualquer um — que não saiba que serviço a palavra de Deus presta ao cristão e os suprimentos que lhe traz — conceber como seu espírito seria mantido, e sua fé guardada de ser consumida e engolida pelo desespero diante delas. Mas a palavra de Deus suporta todo o encargo que ele tem de carregar. Ela é sua conselheira e consoladora. Davi nos diz claramente que seu coração teria morrido dentro dele se não fosse por ela: "Se a tua lei não fora o meu recreio, há muito que teria perecido na minha opressão", Sl 119:92. A palavra era a sua Abisague espiritual, da qual sua alma obtinha todo o seu calor. Todos os prazeres do mundo acumulados sobre ele o teriam deixado com o coração frio se esta não repousasse em seu peito para lhe trazer um calor agradável de paz e consolo interior: "Isto é a minha consolação na minha aflição, porque a tua palavra me vivificou", versículo 50. Não a coroa em esperança — pois alguns pensam que ela não estava em sua cabeça quando este salmo foi escrito —, mas a palavra em seu coração, à qual ele devia o seu consolo. Uma palavra de promessa é mais necessária em tal momento para uma pobre alma do que roupas quentes o são para o corpo no tempo frio.

Quando Adão foi expulso nu do paraíso para os ventos frios de um mundo miserável — onde, por sua própria consciência culpada por dentro e pelas provações por fora, ele certamente encontraria bastante aflição —, então Deus lhe deu uma palavra de promessa, como se pode observar, para proteger sua alma antes de lhe ensinar a fazer túnicas para vestir seu corpo, Gn 3:15, comparado com o versículo 21. O Senhor sabia muito bem quão indispensavelmente necessária era uma palavra de promessa para guardá-lo de ser feito presa pela segunda vez pelo diabo, e de ser engolido pela visão terrível daquelas misérias e tristezas nas quais havia lançado a si mesmo e à sua posteridade; e, portanto, não permitiu que ele ficasse exposto ao impacto de seus ataques por um único dia, mas imediatamente colocou a espada de uma promessa em sua mão, para que com ela pudesse defender e consolar seu coração dolorido em meio a todas as suas aflições. Foi a declaração de um homem santo, depois de Deus ter tornado aquela doce passagem: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos", etc., Mt 11:28, o mensageiro para abrir sua masmorra de aflição da alma e trazê-lo para a luz da alegria interior — "que ele preferiria ficar sem comida, bebida, luz, ar, terra, vida e tudo o mais, do que sem esta única passagem consoladora da Escritura". Se uma única promessa, como uma espiga de trigo esfregada na mão da fé e aplicada pelo Espírito de Cristo, pode proporcionar uma refeição de alegria tão plena e satisfatória para uma alma faminta e definhada, oh, que preço podemos atribuir ao campo inteiro da Escritura, que está tão povoado de promessas, em todos os sentidos tão revigorantes como esta!

O amor é criativo e põe a mente a funcionar para conceber nomes para a pessoa a quem amamos profundamente — nomes tais que possam ao mesmo tempo expressar quão

altamente a valorizamos e também torná-la ainda mais querida para nós, trazendo em si a marca daquela doçura que concebemos existir nela. Assim, muitas pessoas santas nos recomendaram as promessas com seus nomes apreciativos: os legados dos santos; os peitos de Deus cheios do leite da graça e do consolo; a tábua de salvação dos santos para nadar até o céu. De fato, poderíamos roubar o mundo de todas as suas joias e justamente pendurá-las na orelha da promessa; aplicar todas as excelências de que o mundo se gaba às promessas. Há mais riquezas e tesouros a obter em uma única promessa do que vale todo o ouro e prata das Índias: "as suas grandíssimas e preciosas promessas", 2 Pe 1:4; por elas um pobre crente pode reivindicar o céu e a terra ao mesmo tempo; pois a piedade tem a promessa desta vida e também da outra. Mas aquilo de que, neste lugar, gostaria de louvar a excelência delas é o serviço admirável que prestam e o socorro que proporcionam a uma pobre alma no dia de sua maior angústia. Elas são o celeiro de provisão espiritual pelo qual o nosso José, o nosso querido Senhor Jesus, alimenta e preserva vivos os seus irmãos em tempo de fome. Elas são a "colmeia de doçura" onde a alma crente, no inverno da aflição — quando nada se pode colher fora nas criaturas —, tanto repousa aquecida como vive abundantemente com a reserva de consolo ali guardada. Elas são, em uma palavra, "os portos seguros" e o ancoradouro protegido onde a alma tentada abriga seu navio fustigado pelas tempestades, onde ele permanece seguro até que os céus se limpem e passe a tormenta que o mundo, o pecado e Satanás levantam contra ela. Sim, quando a própria morte se aproxima, e o diabo tem apenas mais um lance no jogo, mais uma escaramuça para ganhar ou perder a vitória para sempre, então a fé na promessa carrega a alma do cristão para fora da guarnição de seu corpo — onde ele suportou um cerco tão duro — com as cores desfraldadas e a alegria

triumfando rumo ao céu, deixando apenas sua carne para trás nas mãos da morte, e isso também com a esperança convicta de tê-la resgatada de seu poder dentro de pouco tempo, no dia da ressurreição e da restauração de todas as coisas.

Uso Ou Aplicação. Crueldade e presunção da Igreja de Roma ao desarmar o povo desta espada espiritual

Uso primeiro. Sendo a palavra a espada do Espírito pela qual o cristão vence seus inimigos? Então podemos justamente acusar a Igreja de Roma de crueldade contra as almas das pessoas ao desarmá-las daquela arma com a qual somente elas podem se defender contra os inimigos que buscam sua ruína eterna. É verdade que eles têm algumas folhas de figueira com as quais gostariam de ocultar esta sua prática vergonhosa, fazendo o mundo crer que agem por misericórdia para com o povo, para que não cortem os dedos e se firam com esta arma. "Vemos", dizem eles, "de quantos erros e heresias o mundo está repleto pelos erros das pessoas comuns". Sim, eles se atrevem a intimar o próprio Pedro como testemunha ao seu lado, o qual diz que nas epístolas de Paulo "há algumas coisas difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem, como fazem também com as outras Escrituras, para sua própria perdição", 2 Pe 3:16. E, portanto, a Escritura, com a qual é tão perigoso para as pessoas comuns lidarem, eles julgam ser mais seguro colocá-la fora de seu alcance, como fazemos com uma espada ou ferramenta cortante em relação às crianças, por mais que chorem por ela. Vejam que bela luva eles vestem em uma mão tão suja. Mas acaso Pedro, por causa de algumas almas indoutas e inconstantes que torciam a Escritura, proibiu a elas ou a qualquer outra pessoa, por mais fraca que fosse, de ler a Escritura? Isso

de fato teria algum peso. Mas encontramos exatamente o contrário. Pois, nos versículos seguintes, o conselho que ele dá aos cristãos para que não sejam arrebatados pelo erro dos ímpios é que "cresçam na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo", versículo 18. *Lumen est vehiculum influentiæ* [A luz é o veículo da influência] — a luz é a carruagem que transporta as influências do sol. Assim, o conhecimento de Cristo traz consigo as influências de sua graça para o coração. E como Peter pretendia que eles crescessem no conhecimento de Cristo se não queria que lessem as Escrituras, que é o único livro onde este deve ser aprendido? Mas os papistas gostariam que seu povo aprendesse o conhecimento de Cristo a partir da pregação que fazem dele, e não das Escrituras, com as quais não podem lidar com tanta segurança. Mas:

1. Como terão certeza de que o que eles pregam é verdade, a menos que tenham a Escritura, à qual, como à verdadeira pedra de toque, possam trazer sua doutrina para ser testada? Assim fizeram os bereanos diante do sermão de Paulo, At 17:11 — um pregador tão bom, creio eu, quanto qualquer um deles. E,

2. Suponha que eles preguem a verdade: podem garantir que suas palavras não serão distorcidas e mal compreendidas pelos seus ouvintes? E, se não podem, por que então lhes é permitido pregar em língua vulgar, quando a palavra de Deus, pela mesma razão, é proibida de ser lida pelo povo em uma língua conhecida? Verdadeiramente, sou da opinião daquele homem erudito que diz: "se o próprio Deus não pode falar em uma língua vulgar, vejo muito menos razão para que um frade o faça, e assim o povo não saberia absolutamente nada de Cristo". Não, a verdadeira razão pela qual proíbem a leitura da Escritura não é para

guardá-los de erros e heresias, mas para guardá-los de descobrir aqueles erros que eles próprios lhes impõem. Mercadorias baratas como aquelas com que negociam nunca sairiam rapidamente de suas mãos se não mantivessem sua loja assim às escuras; o que fez um de seus clérigos tonsurados queixar-se tão amargamente daquele infeliz Lutero por estragar o mercado deles, dizendo: "se não fosse por ele, teríamos convencido o povo da Alemanha a comer feno". De fato, qualquer coisa desce pela garganta de um cego. Não me admira que o seu povo, assim mantido na ignorância, abrace tão prontamente suas futilidades e creia em todas as suas falsificações com tanta confiança. O cego deve ou ficar parado ou ir para onde quer que o guie aquele que o conduz. Lemos sobre um exército inteiro que, uma vez acometido de cegueira, foi levado para fora de seu caminho por um único homem que tinha os olhos na cabeça, 2 Reis 6. Mas disto podemos bem nos admirar: que homens que conhecem as Escrituras — como muitos de seus líderes as conhecem — e reconhecem sua divindade, atrevam-se a ser tão impudentes e audaciosos a ponto de interceptar esta carta enviada pelo grande Deus aos filhos dos homens, e não permitir que eles — exceto alguns poucos que consideram adequados — olhem para ela, embora seja endereçada e direcionada pelo próprio Deus não a um partido ou classe de homens, mas a cada homem onde ela chegar, Rm 1:17, 2 Co 1:1. Esta é uma demonstração de impudência sem paralelo. Para que são feitas as leis, senão para serem promulgadas? — as Escrituras escritas, senão para serem lidas e conhecidas por todos os homens? Tenho certeza de que o apóstolo, pela mesma autoridade com que escreveu suas epístolas, ordena que sejam lidas na igreja, Col 4:16. E por acaso os ministros daquelas igrejas as guardaram no bolso e as ocultaram do

conhecimento do povo com medo de que, ao pervertê-las, se tornassem heréticos?

É bem verdade que alguns "torcem" as Escrituras "para sua própria perdição". E assim também alguns, por falta de cuidado ao comer, engasgam-se com o pão. Devem todos, por isso, morrer de fome por medo de se engasgarem? Alguns ferem a si mesmos e aos amigos com suas armas; deve, por isso, todo o exército ser desarmado e apenas a alguns poucos oficiais principais ser permitido trazer uma espada ao lado? Verdadeiramente, se este for argumento suficiente para impedir a leitura da Bíblia, devemos não apenas negá-la aos mais simples e indoutos, mas também aos grandes rabinos e doutores da cátedra, pois as heresias mais graves nasceram nas mentes mais refinadas. Erros prodigiosos deveram tanto a Ário quanto à ignorância de Aécio: de modo que o resultado de tudo será este: os indoutos não devem ler a Escritura porque podem pervertê-la por ignorância; nem os eruditos, porque podem torcê-la por sua sutileza. Assim vemos que, quando os homens orgulhosos querem ser mais sábios do que Deus, suas mentes insensatas se obscurecerão até perderem a razão e o entendimento humanos.

Repreensão à Igreja de Roma pela insuficiência que imputa às Escrituras

Uso segundo. Isto recai pesadamente sobre aqueles que acusam as sagradas Escrituras de insuficiência, como se não contivessem todas as coisas necessárias para a salvação. Que terrível blasfêmia é esta, e que ofensa ao grande Deus: que ele envie seu povo ao campo de batalha e coloque tal espada de madeira em sua mão que não seja suficiente para defendê-lo e abrir caminho por entre os poderes de seus inimigos rumo ao céu, para onde lhes ordena marchar! Daria qualquer príncipe

gracioso, que ama a vida de seus súditos, armas que não fossem adequadas para se oporem a um inimigo que se levanta contra eles, se soubesse como prover-lhes de melhores? Mais ainda: dar-lhes-ia armas tão fracas e insuficientes para sua defesa e depois lhes ordenaria que não usassem outras? Isto seria enviar-lhes indignamente como ovelhas para o matadouro, e não poderia significar outra coisa senão que ele desejava que suas gargantas fossem todas cortadas pelos seus inimigos. E não recomenda o próprio Deus altamente esta espada da Escritura ao seu povo quando diz a Timóteo que ela é "capaz de tornar-te", como cristão, "sábio para a salvação", 2 Tm 3:15, e, como "homem de Deus" ou ministro do evangelho, "perfeito e perfeitamente instruído para toda a boa obra", versículo 17? Sim, não nos proíbe ele também o uso de qualquer outra arma que não seja aquela com que a Escritura nos provê? "À lei e ao testemunho" ele nos envia, Is 8:20, e considera uma renúncia de nossa lealdade a ele ir a qualquer outro lugar em busca de conselho ou proteção que não seja a sua palavra escrita: "Porventura não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos consultar-se-á os mortos?" Então se segue: "À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles", versículos 19-20. Parece então que Deus não considera que o buscamos, a menos que o busquemos na "lei e no testemunho" e tragamos tudo o que ouvimos ao teste e crivo deles.

Certamente, aquilo que é destinado por Deus para ser para o seu povo o que o padrão de pesos e medidas é para o mercado, uma regra para medir todas as doutrinas, é em si mesmo exato e suficiente. Mas o mundo, a esta altura, sabe onde reside a insuficiência das Escrituras. Suficientes elas são para os fins de Deus, mas não para os fins do papa. Elas são capazes de

prover cada verdadeiro cristão no mundo com sabedoria suficiente sobre como salvar sua alma. Mas o papa se ressentia de que elas não sejam tão úteis para ajudá-lo a manter a coroa tríplice em sua cabeça, e de que não lhe forneçam fundamentos com os quais possa defender o poder soberano e a infalibilidade divina que reivindica, juntamente com as demais doutrinas por ele defendidas. E este é o único defeito que ele pode imputar às Escrituras; para suprir o qual, o bando das tradições é introduzido na igreja, todas instruídas a falar segundo o entendimento do papa antes mesmo de verem a luz. E, para que se obtenha reputação para estas testemunhas desconhecidas, este caminho — com a ajuda do diabo, que tem um rancor antigo contra a Escritura desde que a primeira promessa resgatou Adão de suas mãos — tem sido adotado: que as Escrituras sejam declaradas insuficientes e incertas; *minima particula veritatis revelatae* [a menor partícula da verdade revelada], como um deles impudentemente escreve, e assim necessitam do remendo destas tradições para tornarem-se perfeitas. Exatamente como Andrônico fez com o imperador Aleixo, divulgando que este era fraco e insuficiente para governar sozinho, obtendo assim primeiramente um poder conjunto com ele e, finalmente, um poder absoluto sobre ele para destroná-lo. E se as tradições deles trataram melhor a Escritura, o mundo que julgue. Quando as tradições sobem, a palavra escrita certamente desce. "E assim invalidastes", diz Cristo aos fariseus, "o mandamento de Deus pela vossa tradição", Mt 15:6, *ekyrōsate* — vocês lhe retiraram a autoridade e suplantaram sua soberania nas mentes dos homens, que deixam a palavra para dar ouvidos às suas tradições.

Maldade daqueles que levantam a espada do Espírito em defesa de qualquer pecado

Uso terceiro. Isto condena de extrema maldade aqueles que, em vez de usar esta espada para se defenderem contra o pecado e Satanás, levantam-na audaciosamente para sua defesa em suas práticas ímpias e abomináveis. Assim, o herético lança mão da palavra para justificar seus dogmas corruptos, forçando-a, em favor de seu caminho, a dar testemunho contra si mesma. E muitos miseráveis encontramos que, para desviar uma repreensão, atrevem-se a buscar proteção para seus caminhos ímpios na palavra, a qual têm na ponta da língua, e a interpõem para amortecer o golpe que lhes é desferido. Fale ao sensualista de sua vida voluptuosa e brutal, e você o verá às vezes responder: "Salomão não era tão preciso e escrupuloso, o qual diz: O homem não tem nada melhor debaixo do sol do que comer, beber e alegrar-se", Ec 8:15. Como se Salomão, sim, o próprio Deus que dirigiu sua pena, pretendesse encher a taça de bebida do bêbado para ele, e fosse amigo de glutões e bebedores de vinho! Ao passo que "comer, beber e alegrar-se" na boca de Salomão ali equivale a nada mais do que servir a Deus com alegria na abundância daquelas coisas boas que Deus nos dá para desfrutar, na boca de Moisés, Dt 28:47.

Tamanha é a maldade desesperada do coração do homem que as porções mais doces e consoladoras da Escritura são as mais torcidas por muitos para servirem às suas concupiscências. As declarações da graça livre de Deus, feitas de propósito para derreter os corações dos pecadores e atraí-los de suas concupiscências para Cristo: quão frequentemente são abusadas para motivar e endurecê-los em seus pecados, mantendo-os longe dele! Os exemplos de quedas de homens santos, registrados meramente para fazer temer os que estão de pé e para preservar viva a esperança de misericórdia naqueles que caíram, sob o risco de serem engolidos pelo desespero: como são

perversos por muitos, que jazem como animais chafurdando em seu próprio esterco e pensam que tudo está bem porque santos tão eminentes caíram tão gravemente e contudo se saíram tão bem no final, com seus pecados perdoados e suas almas salvas! Do bom sucesso que o arrependimento tardio teve uma ou outra vez em alguns poucos, sim, pouquíssimos exemplos da Escritura: é estranho pensar que uso e vantagem Satanás extrai deles para ganhar tempo do pecador e fazê-lo demorar ainda na Sodoma de seus pecados. "A décima primeira hora", diz ele, "ainda não chegou; por que se arrepender tanto antes do necessário?" Por que deveria pôr-se a caminho pela manhã aquele que pode concluir sua jornada perfeitamente uma hora antes da noite? O ladrão penitente que, como diz um autor, roubou o céu a partir da cruz, tem sido, temo eu, uma ocasião — embora por parte de Deus inteiramente inocente — para levar muitos pecadores à forca; sim, e oxalá não para um lugar de punição mais longa no outro mundo! Oh, acautelem-se disso, pecadores, se amam as suas almas! Não basta terem suas concupiscências, mas precisam também buscar seu encorajamento na palavra e falsificar a assinatura de Deus para justificá-los? O diabo, de fato, abusa assim da Escritura, Mt 4:6, pensando com isso fazer Cristo dar ouvidos mais prontamente à sua proposta maldita; e você trilhará os passos dele? Com isso você faz de um pecado dois, sendo o último o pior. Embriagar-se era um pecado terrível em Belsazar; mas beber nas taças do santuário era muito pior.

Nenhum pecado é pequeno, mas o menor pecado equivale a blasfêmia quando você o comete sob o pretexto da Escritura. O diabo não pode facilmente desejar maior ocasião de gloriar-se contra Deus do que ferir o seu nome com a sua própria espada. Quando Juliano, o Apóstata, viu os filósofos gentios

confutados pelo aprendizado humano de alguns cristãos, disse: *tois oikeiois pterois haliskometha* [somos apanhados por nossas próprias asas]; considerando isso uma grande desonra para eles: serem batidos e superados justamente naquilo que consideravam sua própria arma. A palavra é a espada do Espírito Santo. Oh, que vergonha, não permita que Satanás se glorie contra o seu Deus, cristão, por seu intermédio, o que ele fará se puder convencê-lo a ferir o nome de Deus com esta que é a sua própria arma. Aquele que extrai um argumento das sagradas Escrituras para justificar qualquer opinião ou prática corrupta, o que faz senão tentar fazer Deus lutar contra si mesmo? Ele atira contra ele com uma flecha de sua própria aljava. Ele peca e depois, por assim dizer, diz que Deus lhe ordena fazê-lo. Se há um homem na face da terra que Deus apontará como alvo de sua ira extrema, é este que abriga sua maldade sob a asa das sagradas Escrituras e, assim, faz de Deus o patrono de seu pecado.

Dupla exortação em relação à palavra de Deus

Uso quarto. Sejam exortados à gratidão a Deus pela palavra, e incitados também ao estudo dela.

Exortação à gratidão pela palavra. Sejam despertados e estimulados a bendizer a Deus por esta espada com a qual ele nos proveu de forma tão graciosa, por meio da qual podemos nos manter em defesa contra todos os nossos inimigos sanguinários. Se um homem tivesse um reino em sua posse, mas nenhuma espada para manter a coroa em sua cabeça, não poderia esperar desfrutá-lo por muito tempo. Este é um mundo no qual não há como viver ou manter em segurança nada do que temos sem a ajuda das armas. Menos de tudo poderiam nossas almas estar seguras se estivessem nuas e desarmadas, elas que se encontram aqui em meio ao perigo e de modo algum podem passar para o

lugar de bem-aventurança e felicidade no céu preparado para elas senão através do território de seus inimigos. Quando Israel empreendeu sua marcha para fora do Egito em direção à terra prometida, poucos ou nenhum lhes permitiriam viajar por seu país, mas todos se levantaram em armas contra eles. O cristão encontrará sua marcha rumo ao céu muito mais difícil e perigosa. Satanás não se tornou mais manso do que costumava ser, nem o mundo ímpio está mais bem-disposto do que antes para com o povo de Deus. Oh, que misericórdia é termos esta espada ao nosso lado, a qual nos coloca fora de perigo perante qualquer um deles! Esta está em sua mão, cristão, como a vara estava na de Moisés. Ainda que um exército de demônios esteja atrás de ti e um mar de pecados diante de ti rugindo contra ti, com esta espada, empunhando-a pela fé, podes abrir caminho pelas ondas de um e colocar-te fora do alcance do outro. Verdadeiramente, a Escritura é uma misericórdia incomparavelmente maior do que o sol nos céus. Este poderia ser mais facilmente dispensado de sua órbita do que aquela da igreja. Se o sol se fosse, seríamos apenas impedidos de nossos negócios mundanos e correríamos apenas o risco de perder nossa vida física por errarmos o caminho e tropeçarmos neste fosso ou cairmos naquele poço. Mas, privados da palavra, a obra da salvação seria deixada de lado ou realizada com muito pouco propósito, e nossas almas inevitavelmente errariam o caminho reto para a felicidade e tropeçariam fatalmente no inferno enquanto pensamos que estamos indo para o céu, a menos que um milagre interviesse para impedir o mesmo. Mas, de forma mais particular, bendiga a Deus por estas três misericórdias em referência às Escrituras:

(1.) Pela tradução delas para as línguas vulgares.

(2.) Pelo ministério da palavra.

(3.) Pela eficácia que a palavra e o seu ministério têm tido em seu coração.

(1.) Bendigam a Deus pela tradução das Escrituras. A palavra é a nossa espada. Ao ser traduzida, esta espada é extraída de sua bainha. Que uso, infelizmente! poderia um pobre cristão que tem apenas uma língua na cabeça — que entende apenas um idioma, refiro-me àquele que sua mãe lhe ensinou — fazer desta espada quando apresentada a ele embainhada no grego e no hebraico? Verdadeiramente, ele poderia até mesmo começar a chorar com João diante da visão do livro selado, porque não podia lê-lo, Ap 5:4. Oh, bendigam a Deus que enviou não anjos, mas homens, providos pela bênção de Deus em seus infatigáveis trabalhos e estudos, com capacidade para remover a pedra da boca desta fonte! E não seria triste ver a água da vida trazida a vocês com o desgaste do espírito e das forças deles (consumidos na obra), para ser derramada no chão e vilmente subestimada por vocês, de modo que mal seja colocada no catálogo das misericórdias pelas quais vocês louvam a Deus? Oh, Deus não permita! Isso não pode acontecer, se é que alguma vez vocês tiveram a doçura de qualquer promessa nela contida extraída para vocês, ou o poder de uma de suas verdades divinas impresso em seus corações. Melchior Adamus nos conta que Bugenhagen — a quem Lutero utilizava, com outros, para auxiliá-lo na tradução da Bíblia —, quando a obra chegou a um termo feliz, ficou tão impactado com a misericórdia incomparável demonstrada com isso às igrejas de Cristo na Alemanha que, todos os anos, convidava seus amigos para um banquete solene no dia em que a obra fora concluída, ao qual chamavam de "A festa da tradução da Bíblia".

Quando a rainha Isabel, nossa Débora inglesa, abriu as prisões ao assumir a coroa — como em tais ocasiões é costumeiro distribuir atos de graça —, alguém, de forma tão piedosa quanto engenhosa, disse-lhe que ainda restavam alguns homens bons na prisão sem libertação, e desejou que eles também participassem de seu favor real, referindo-se aos quatro evangelistas e a Paulo, a quem se havia negado o direito de andar livremente na língua inglesa quando sua irmã governava o reino. A isso ela respondeu: "Deve-se perguntar a eles se estão dispostos a ter sua liberdade"; o que logo depois se mostrando evidente, eles obtiveram a sua soltura e, desde então, têm tido a liberdade de falar a vocês em sua própria língua nas assembleias de seu culto público; sim, e de visitá-los também em suas próprias casas. Agora chegou aquele dia feliz, e há muito permanece, do qual o santo Sr. Tyndale falou a um doutor papista, quando um pobre camponês seria capaz de ler as Escrituras e teria permissão para conversar com elas tão livremente quanto qualquer doutor entre todos eles! Um dia bendito, de fato, para as almas dos homens!

Agora, cristão, quando você é prisioneiro da providência de Deus e mantido por sua mão aflitiva em casa, você tem a palavra de Deus para lhe fazer companhia em sua solidão; e assim, embora não possa se assentar com seus irmãos e irmãs à mesa de seu Pai nas ordenanças públicas, contudo não fica totalmente sem a sua refeição. Você não pode, possivelmente, servir-se tão bem como o ministro costuma fazer por você; contudo, é uma misericórdia incomparável ter a liberdade de colher da palavra o seu conselho e conforto presentes, conforme você é capacitado pelo Espírito de Deus mediante sua humilde oração por sua assistência. Admirável tem sido o sustento que os santos têm encontrado neste livro sagrado em seus

confinamentos. Deus ordenou graciosamente que as verdades mais úteis e necessárias para os santos aflitos estejam penduradas, por assim dizer, nos ramos mais baixos desta árvore da vida, ao alcance de um pobre cristão que tem apenas uma estatura comum em conhecimento. Oh, pensem e repensem naqueles tempos tristes em que a espada sangrenta dos perseguidores estava desembainhada para afastar o povo de Deus de se aproximar desta árvore, e então compreenderão melhor o seu privilégio atual. Sim, olhem para trás, para aqueles tempos de ignorância papista, quando esta adega de águas revigorantes estava trancada nas línguas originais, e não se encontrava uma pessoa em toda uma cidade que tivesse a chave pela qual as pobres almas, em seus desfalecimentos e agonias de espírito, pudessem tê-la aberta, de modo a alcançar qualquer uma de suas doces consolações para restaurar suas almas desfalecidas; e então certamente bendirão a Deus, que lhes deu tão livre acesso a elas, quando outros não podem ter acesso a vocês para lhes comunicar sua ajuda.

(2.) *Bendigam a Deus pelo ministério da palavra*, o qual é a escola pública que ele abre para o seu povo, para que nela possam aprender o uso desta sua arma. É um fruto triste o que cresce sobre o pequeno conhecimento superficial que alguns obtiveram da palavra: inflá-los com uma presunção de suas próprias capacidades, a ponto de desprezarem o ministério da palavra como uma obra desnecessária. Os coríntios estavam enfermos desta doença, a qual o apóstolo trabalha para curar por meio de uma severa repreensão: "Já estais fartos, já estais ricos; sem nós reinares", 1 Co 4:8. Paul, pelo que parece, já não era ninguém para estes estudantes tão avançados. Tempo houve em que, quando Paulo chegava à cidade, era um homem bem-vindo. A criança de peito não ficava mais alegre ao ver sua mãe voltar

para casa, nem podia chorar mais ansiosamente para ser colocada ao peito do que eles faziam para participar de seu ministério; mas agora, como a criança que mamou até fartar-se, eles mordem o próprio mamilo que com tanta avidez, pouco antes, haviam colocado na boca, como se nunca mais fossem precisar de outra refeição. Tão alto as asas de cera de seu orgulho os levaram acima de qualquer pensamento de precisarem de seu ministério novamente. E não tem o orgulho de muitos em nossos dias os levado igualmente a um desprezo pelo ministério da palavra, embora o conhecimento deles esteja muito aquém do conhecimento dos coríntios? Pois bem, acautelem-se contra este pecado. A praga de Miriã, sim, uma pior, uma sarna e lepra espiritual, claramente se apega àqueles — tão estreitamente como um cinto aos lombos — que chegam a zombar e desprezar a sua ordenança, a ponto de fazer com que todos tenham medo de se aproximar de suas tendas. A que erros prodigiosos são eles deixados, com os quais Deus os marca! Sim, por que concupiscências sensuais a profissão outrora fervorosa de muitos entre eles foi completamente engolida! Se uma vez o homem pensa que não precisa mais ir à escola do Espírito, ele descobrirá, quem quer que seja, que toma o caminho mais rápido para privar-se do ensino do Espírito em casa. "Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias", 1 Ts 5:19-20. Elas andam juntas. Aquele que despreza uma perde ambas. Se o estudante é orgulhoso demais para aprender com o monitor, é indigno de ser ensinado pelo mestre.

Mas volto-me a vocês, almas humildes, que ainda se assentam aos pés de Jesus em seu perfeito juízo. Digam a verdade e não mintam: não são bem recompensadas pelo seu esforço? Atrever-se-iam a dizer de sua dedicação ao ministério da palavra o que um infeliz — embora erudito, Ângelo Policiano

de nome — disse de sua leitura da Escritura: "Que nunca gastara tempo para tão pouco propósito!"? Consideram como tempo perdido e horas mal aproveitadas aquelas que são dedicadas a ouvir a palavra? Creio que não. Você mantém seu contato com a palavra em casa se é cristão, e come muitos pedaços doces em segredo enquanto medita nela em particular. Mas isso o satisfaz ou o faz pensar que a palavra pregada é uma refeição supérflua? Tenho certeza de que Davi sabia como aproveitar suas horas solitárias tão bem quanto qualquer outro; contudo, em seu banimento, oh, como ele se sentia apertado e faminto pela falta da ordenança pública! E certamente não podemos pensar que ele se esqueceu de levar sua Bíblia consigo para o deserto, amando a palavra tão piamente como amava: "A minha alma tem sede de ti; a minha carne te deseja muito em uma terra seca e cansada, onde não há água", Sl 63:1. Por que, Davi? Qual é o motivo de te queixares assim? Não tens a palavra para ler em segredo? Não podes descer o teu balde e, pela meditação, extrair o que quiseses do poço da palavra? Por que então dizes que estás em uma "terra cansada onde não há água"? Ele se refere, portanto, comparativamente. Os confortos mais doces que desfrutava em seu contato particular com a palavra não eram comparáveis ao que havia encontrado no público. E pode-se culpar uma criança doente por desejar assentar-se com seus irmãos à mesa do pai, embora ela não seja esquecida em seu quarto, onde é prisioneira, mas receba algo lá em cima? Era o santuário — para ali "ver a Deus, o seu poder e a sua glória, como outrora" — que o coração de Davi ansiava, e sem o qual não podia bem viver.

Deus ameaça trazer "fome de ouvir as palavras do Senhor", Am 8:11. Notem bem: não uma fome de ler a palavra, mas de ouvir a palavra. Se a palavra não é pregada, embora tenhamos a Bíblia para ler em casa, ainda assim há fome; e assim

devemos considerá-la. "E a palavra do Senhor era mui rara naqueles dias; não havia visão manifesta", 1 Sm 3:1. Os cristãos mais fortes sentiriam falta desta ordenança com o tempo. Vemos em uma cidade sitiada que, embora esteja bem abastecida de trigo, contudo, quando são obrigados a moer em moinhos manuais particulares tudo o que consomem, a que dificuldades logo são expostos. E assim acontecerá com os santos mais crescidos: quando passarem a não ter mais da palavra para suas almas viverem do que aquilo que moem com sua própria meditação e esforço particulares, então sentirão falta do ministro e verão que era uma misericórdia de fato ter alguém cujo ofício era moer toda a semana para eles. E se o cristão mais forte não pode dispensar este ofício, por não ser ainda perfeito, que recurso usará a classe dos mais fracos, que necessitam do ministro para dividir a palavra tanto quanto as crianças pequenas precisam da ajuda da babá para picar a carne e cortar o pão para elas? Deixá-los entregues ao seu próprio aproveitamento da palavra é colocar um pão inteiro no meio de um grupo de criancinhas e dizer-lhes que se sirvam. Infelizmente! Elas cortarão os dedos com a faca mais cedo do que encherão a barriga com o pão.

(3.) *Bendigam a Deus pela eficácia da palavra em suas almas.* Acaso a ponta dela alguma vez feriu o seu coração? O fio dela tirou sangue de suas concupiscências e cortou algum membro podre do corpo do pecado? Bendigam a Deus por isso. Vocês fariam o mesmo por um cirurgião que abrisse uma ferida e separasse uma parte putrefata de seu corpo, embora ele os submetesse a uma tortura extrema ao fazê-lo. E espero que considerem que Deus lhes fez um favor muito maior do que esse. Salomão nos diz: "Fiéis são as feridas feitas pelo que ama, mas os beijos do que aborrece são enganosos", Pv 27:6. As feridas

que Deus assim faz são as feridas fiéis de um amigo; e os beijos que o pecado dá vêm de um inimigo. As feridas de Deus curam, os beijos do pecado matam. Dizem os italianos que "o jogo, o vinho e as mulheres consomem o homem rindo". É verdade a respeito de todos os pecados prazerosos; e assim como o pecado mata o pecador rindo, Deus salva as pobres almas chorando e sangrando sob as feridas que sua palavra lhes causa. Alma feliz, tu que fizeste tal troca para sair dos braços encantadores de tuas concupiscências que te beijariam até a morte, e cair nas mãos de um Deus fiel que não te deseja outro mal com todo o sangue que de ti extraí senão a salvação da vida de tua alma! Quão longe poderias ter ido sem encontrar tal amigo e tal favor! Não há outra espada como esta em todo o mundo que possa curar cortando; nenhum outro braço poderia usar esta espada para ter feito tanto com ela, senão o Espírito de Deus. O machado nada faz até que a mão do artífice o levante; nem todos podem — talvez nenhum outro além dele — fazer com suas ferramentas o que ele próprio faz. Ninguém podia realizar tais feitos com a espada de Skanderbeg como ele mesmo. Com certeza, ninguém pode penetrar a consciência, ferir o espírito e abater as concupiscências que ali jazem escondidas em sua fortaleza, senão o próprio Deus. E isto ele não faz por todos os que a leem e ouvem, o que torna ainda maior a sua misericórdia. Havia muitas viúvas em Israel quando Deus enviou seu profeta à de Sarepta. E por que justamente a ela? Não havia nenhum bêbado, blasfemo ou incrédulo ao teu lado na congregação ao mesmo tempo em que Deus armou sua palavra para te abater e graciosamente ferir o teu coração? Oh, clame em admiração por esta misericórdia distintiva: "Senhor, como é que te manifestarás a mim e não ao mundo!"

Exortação ao estudo da Palavra

2. Exortação. Que isto os estimule ao estudo da palavra, para que por meio dele tenham uma familiaridade íntima com ela. Por isso os bereanos obtiveram uma marca de honra como pessoas de caráter mais nobre do que os outros, porque "examinavam as Escrituras", At 17:11. Deixará Deus apenas um livro aos cuidados e estudo de sua igreja, e este não será lido? Ser-nos-á dito que há um tesouro tão rico guardado nesta mina, e continuaremos tão mendigos em nosso conhecimento em vez de nos darmos a um pequeno esforço cavando nela para obtê-lo? A ferrugem e o mofo de nosso ouro e prata, obtidos com trabalho mais árduo do que o que aqui se exige, levantar-se-ão em juízo contra muitos e dirão: "Vocês puderam se desgastar e trabalhar por nós que agora nos tornamos ferrugem e pó, mas puderam caminhar pelo campo do mundo, onde jazia um tesouro incorruptível, e preferiram perdê-lo a abandonar sua preguiça!" Oh, onde se encontra — em que peito habita o antigo zelo dos santos de outrora pela palavra! Não a consideravam acima de rubis e pedras preciosas? Não viajavam por mar e terra para conseguir vê-la? — davam o dinheiro de suas bolsas, a capa de suas costas para adquirir algumas folhas dela, e entregavam o sangue de suas veias antes de abrir mão do tesouro que nela haviam encontrado? E terá o mercado agora caído tanto que você não deseja familiaridade com ela quando lhe é oferecida a um preço muito menor! Ou eles devem ser acusados de tolos por comprarem o conhecimento dela tão caro, ou você que o recusa quando pode tê-lo tão barato. Mas, para que não pense que o coloco em uma obra desnecessária, deve compreender que há uma necessidade indispensável do conhecimento das Escrituras; e esta é dupla: *necessitas praecepti* [necessidade de preceito] e *necessitas medii* [necessidade de meio].

(1.) *Há uma necessidade de preceito:* "Examinai as Escrituras", Jo 5:39. De fato, se não houvesse tal palavra expressa para este dever, contudo o próprio fato de terem sido escritas, considerando o fim para o qual o foram, nos imporá o dever. Quando uma lei é promulgada por um príncipe ou estado para os seus súditos obedecerem, a própria promulgação dela é suficiente para obrigar o povo a tomar conhecimento dela. Nem servirá de desculpa ao súdito que viola esta lei dizer que ignorava a existência de tal lei em vigor: a publicação dela o obrigava a informar-se sobre ela. Que outro fim têm os legisladores ao divulgarem suas leis senão que o seu povo conheça o seu dever? Cristo atribui condenação à ignorância dos homens onde os meios para o conhecimento são oferecidos: "E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas", Jo 3:19. Eles não querem conhecer a regra porque não têm disposição para caminhar por ela. Ora, se a ignorância da palavra é condenada onde sua luz brilha, então certamente ele nos ordena a abrir os olhos, por meio do que podemos receber o conhecimento que ela emite; pois uma lei deve ser transgredida antes que uma sentença condenatória seja proferida. São os pagãos que serão julgados sem a lei escrita; mas você que vive sob o som dela por ela será julgado, queira conhecê-la ou não, 2 Ts 1:8. E se por ela será julgado, então certamente está obrigado a ser por ela instruído. Os judeus outrora tinham a palavra depositada em suas mãos, "a eles foram confiados os oráculos de Deus", e pensam que teriam cumprido bem o seu encargo guardando-os em segurança na arca e nunca olhando para eles? Certamente não podem senão pensar que Deus pretendia outra arca, a saber, aquela em seus próprios peitos, onde ele gostaria principalmente que fossem guardados. Foram confiados a eles, e agora a nós, como um pai moribundo deixa o seu testamento ao filho a quem faz seu executor: não

para lançá-lo de lado entre seus papéis velhos, mas para lê-lo e observá-lo cuidadosa e atentamente, para que nada nele contido deixe de ser cumprido. É chamada de "a fê que uma vez foi dada aos santos", Jd 3, isto é, entregue ao seu estudo e cuidado. Se algum de nós tivesse vivido quando Cristo estava aqui na carne e ele — ao despedir-se do mundo — nos tivesse deixado alguma coisa em encargo especial para ser feita por sua causa depois de sua ida para o céu, não teríamos cumprido religiosamente a vontade de nosso Salvador moribundo, como fez São João, a quem ele deixou o cuidado de sua mãe, o qual por isso a acolheu em sua própria casa? Contemplem aqui um encargo maior depositado nas mãos de seus santos — "a fê que uma vez lhes foi dada", isto é, "uma vez" por todas, para ser por eles guardada e transmitida de uma geração a outra enquanto este mundo durar. De modo que, se você se considera um do número dos santos, cabe-lhe, juntamente com os demais, levá-la para casa consigo e providenciar para que ela habite em si ricamente, como convém a tal hóspede legado por um amigo tão querido.

(2.) *Há uma necessidade de meio.* A palavra contém todo o conselho de Deus para conduzir os pobres pecadores à vida eterna, e nenhuma outra além desta — senão na medida em que tomam emprestadas dela suas noções. Se você não examinar a Escritura e não se assentar aqui aos pés do Espírito — que prepara seus estudantes para o céu por meio deste único livro —, onde encontrará outro mestre? Em que outra obra encontrará as palavras da vida eterna? De Apolo, que era homem "poderoso nas Escrituras", diz-se que Áquila e Priscila "lhe declararam mais pontualmente o caminho de Deus", At 18:26. Uma explicação pressupõe um "texto". O significado é que lhe abriram a Escritura de forma mais perfeita. Este é "o caminho de Deus" para nos conduzir a Deus; sim, o único caminho. Em

outras jornadas podemos errar o caminho correto e, contudo, chegar finalmente ao lugar pretendido, embora não tão cedo; mas nenhum caminho nos conduzirá a Deus senão este da palavra; nem podemos caminhar neste caminho de Deus se o ignorarmos. Um homem pode, em suas outras jornadas, estar no caminho certo e, embora não saiba que está certo, chegar em segurança a casa. Mas não podemos ter nenhum benefício deste caminho de Deus se o ignorarmos totalmente, porque nada podemos fazer com fé. Oh, esforce-se, portanto, para estudar este livro, ainda que seja um ignorante em tudo o mais! O que deseja aprender? É o verdadeiro conhecimento de Deus? Você pode folhear todos os filósofos que já escreveram e, quando tiver terminado, não ser capaz de formular uma noção correta dele. O melhor de todos eles era como um irracional em seu mais elevado conhecimento de Deus. De fato, Deus permitiu que o mundo sábio corresse em mil tolices e vaidades enquanto por sua própria sabedoria moldavam uma religião para si, para que, tendo-os provado ignorantes, pudesse enviar a eles e a todo o mundo para aprender esta lição em outra escola, a saber, o ministério do evangelho, que nada mais é do que a explicação e aplicação da palavra: "Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação", 1 Co 1:21.

Gostaria de chegar ao verdadeiro conhecimento do pecado? Esta também é uma noção que não se encontra em nenhum outro lugar. Somente a Escritura dissecar todo o corpo do pecado e nos apresenta uma perfeita aula de anatomia sobre suas partes mais minuciosas e secretas. Ela descobre as úlceras de nossos corações perversos, de que milhares morrem, e que, pela ignorância das Escrituras, nunca chegam a saber qual é a sua doença. Se a concupiscência não se manifesta em manchas

e feridas visíveis no comportamento externo, o filósofo o declara um homem limpo. A praga do coração, embora seja uma doença antiga e epidêmica, contudo nunca foi descoberta ou tratada senão por este livro sagrado, e este o faz plenamente; sim, informa-nos onde e de quem contraímos esta infecção: de Adão, por quem todo o mundo foi contaminado e transformado em um hospital de pestilentos. Qual dos sábios do mundo jamais sonhou com esta genealogia? Pobre homem: até que a Escritura o informe disso, ele jaz no poço do pecado e não sabe quem o lançou lá!

Em uma palavra, gostaria de ser ajudado a sair? Você deve então ser devedor à Escritura para lhe prestar este favorável serviço. Suas próprias cordas são curtas demais para alcançar e fracas demais para tirá-lo de lá. Se não se apegar a esta corda de amor que Deus lhe estende em sua palavra, seu caso é desesperador. E agora, tendo colocado diante de você a vida e a morte, deixo-o à sua escolha. Se, contudo, está resolvido a rejeitar o conhecimento do Todo-Poderoso e lançar sua alma na eternidade sem esta carta náutica para guiá-lo, não se importando se afunda ou nada, em que porto chegará no outro mundo, se no céu ou no inferno; então prepare-se para tomar seu lugar entre os condenados e endureça seu peito obstinado, se puder, contra aquelas chamas incessantes que estão acesas para todos aqueles "que não conhecem a Deus e não obedecem ao seu evangelho", 2 Ts 1:8. E, para seu terror, saiba que, apesar de sua atual ignorância voluntária, você um dia compreenderá as Escrituras para o aumento de seu tormento. Aqui você exclui a luz delas, mas então ela brilhará plenamente em seu rosto, quando lhe daria algum alívio se pudesse esquecer que alguma vez ouviu falar de tal livro como a Bíblia; mas então, contra a sua vontade, você carregará a lembrança dela para o inferno

consigo, para que o seu desprezo desdenhoso por ela na terra esteja continuamente derramando novo horror — como tanto fogo e enxofre — em sua consciência culpada. Como deve então encher de espanto pensar em sua tolice e loucura ao vender a alma por um pouco de comodismo e preguiça! O inferno desde o profundo se moverá por você para encontrá-lo em sua chegada. Ele despertará os mortos por sua causa; e os pobres pagãos, que você encontrará lá prisioneiros, virão em bandos ao seu redor e, com suas zombarias, o censurarão dizendo: "Também tu te enfraqueceste como nós? Te tornaste semelhante a nós? Tu pereces por tua ignorância, que tinhas a chave do conhecimento em teu cinto e a um preço tão fácil poderias ter sido instruído no caminho da vida! Nós, pobres pagãos, não podemos mover uma ação contra Deus por prisão indevida, embora nunca tenhamos ouvido falar de tal coisa como o evangelho, pois não caminhamos de acordo com a nossa pequena luz; e poderíamos ter conhecido mais de Deus se não tivéssemos obscurecido nossas próprias mentes insensatas ao nos rebelarmos contra a luz que tínhamos; mas nunca tivemos tal custo para condenar nossas almas como vocês, que rejeitaram a palavra de Deus e romperam todas as ameaças e promessas dela para virem para cá!"

Objecções carnis ao estudo da palavra refutadas

Objecção primeira. Mas você dirá: "Se tivéssemos tanto tempo livre quanto os outros, não seríamos tão alheios às Escrituras. Mas, infelizmente! temos tantos negócios a fazer e nossas mãos tão ocupadas com nossas vocações mundanas que esperamos que Deus nos desculpe, embora não tenhamos tanto conhecimento de sua palavra quanto os outros".

Resposta. É esta a defesa que você realmente pretende usar quando comparecer perante o tribunal e for chamado a dar sua resposta a Cristo, seu juiz, sobre este assunto? Não estremece o seu coração em seu peito ao pensar em como ele franzirá a testa e lançará esta sua desculpa com desdém e ira sobre o seu rosto? Tanta ira esteve no semblante do manso Jesus quando na terra, e sentença tão terrível procedeu de seus doces lábios contra aqueles que fizeram de suas fazendas e bois uma desculpa educada para não virem à sua ceia, sentenciando-os a nunca provarem dela! Oh, o que dirá então o glorioso Cristo — quando, montado em seu tribunal, não para convidar, mas para julgar os pecadores — diante de uma desculpa como esta? Pôde Deus encontrar disposição e tempo para escrever e enviar esta carta de amor a você, e você não encontra nenhum para lê-la e examiná-la? O homem doente sem tempo para olhar a receita de seu médico! O malfeitor condenado sem olhar a carta de graça de seu príncipe na qual lhe é oferecido o perdão! Pobre miserável! Deve o mundo consumir todo o seu tempo e engoli-lo vivo? Uma maldição não menor que a de Corá! É você tão escravo de seus bens a ponto de amarrar sua alma aos cordões de sua bolsa e não tomar mais tempo para a salvação de sua alma do que este mestre cruel lhe concederá? Você e seu dinheiro pereçam juntos! A alma daquele que tem a concessão de concupiscência tão vil está em péssimo estado. Isto está tão longe de melhorar a situação que você apenas cobre um pecado com outro. Quem lhe deu permissão para sobrecarregar-se assim com os embaraços do mundo? Não é o Senhor o dono do seu tempo? Não é ele dado por ele para ser gasto para ele? Ele lhe concede, de fato, uma boa porção dele para as ocupações inferiores desta vida; mas pretendia ele alguma vez excluir a si mesmo de tudo? Isto é como se os marinheiros, a quem é permitida pelo comerciante alguma pequena atividade própria,

enchessem o navio e não deixassem espaço para as mercadorias daquele que paga o frete. Bastará dizer-lhe: "Não sobrou espaço para os seus produtos"? Ou como se um servo, quando seu mestre pergunta por que negligenciou tal negócio confiado ao seu cuidado, respondesse: "Eu estava bêbado e, por isso, não pude fazê-lo". "Por que não lestes a minha palavra e não meditastes nela?", dirá Cristo naquele dia. Atrever-se-á você a ser tão impudente a ponto de dizer: "Senhor, eu estava sobrecarregado com as preocupações e bêbado com o amor do mundo e, por isso, não pude"? Pois bem, se este é o ladrão que o rouba de seu tempo, saia de suas mãos o mais rápido que puder, para que não o roube também de sua alma. O diabo não pode desejar maior vantagem contra você. Ele o tem bem seguro em sua armadilha. Ele pode se gloriar de você melhor do que Faraó de Israel: "Ele está embarcado no deserto do mundo e não escapará de minhas mãos".

Se um amigo lhe dissesse que você mantém tantos servos e agregados que isso o arruinaria, não ouviria o conselho dele e antes os poria para fora de casa do que os manteria para consumi-lo? E não será você tão cuidadoso com a sua alma? Manterá você tal acúmulo de ocupações mundanas que consumirão todos os pensamentos sobre Deus e o céu? Certamente você deve ou desvincular-se destas coisas ou dispensar sua esperança de salvação. Mas por que deveria falar tanto a estes? Isto ordinariamente não passa de uma capa para a preguiça dos homens. Se tivessem disposição, encontrariam tempo para conversar com a palavra em meio ao maior fluxo de suas ocupações mundanas. Estes conseguem encontrar tempo para comer e dormir, para divertirem-se e recrearem-se, mas nenhum tempo para Deus e sua palavra. Se permitissem às suas almas apenas aquelas frações de tempo para examinar a

Escritura que gastam em passatempos, visitas ociosas, leitura de folhetos vazios, não passaria muito tempo sem que pudessem dar um feliz relato de seu progresso em seu conhecimento espiritual. Que vocação há mais embaraçosa do que a de um soldado? E, de todos os soldados, a de general, a quem todos recorrem? Tal homem era Josué; contudo, recebeu uma ordem estrita de estudar a Escritura: "Não se aparte da tua boca o livro desta lei; antes medita nele dia e noite", Js 1:8. Deve Josué, no meio dos tambores e trombetas e das distrações da guerra, encontrar tempo para meditar na lei de Deus? E a sua loja ou o seu arado, algumas ocupações triviais em sua vocação particular, desobrigarão você do mesmo dever? Pensa você que o gabinete de oração é tão inimigo de sua loja, e o tempo gasto com Deus um ladrão de seus bens temporais? Deus, tenho certeza, pretende algo melhor para o seu povo, como aparece no trecho citado: "Porque então farás prosperar o teu caminho, e serás bem-sucedido".

Objeção segunda. "But I cannot read; how can I search the Scriptures?" [Mas eu não sei ler; como posso examinar as Escrituras?]

Resposta. É triste, confesso, que os pais, que são os depositários de Deus, a quem a criação de seus filhos é confiada, tenham menos cuidado com as almas deles do que a avestruz com seus ovos, não se importando com o que será deles. O que fazem estes senão lançá-los na boca do diabo, enviando-os para um mundo pecaminoso sem o conhecimento de Deus e de sua palavra, para se tornarem presa de cada concupiscência que os encontre? Para o inferno devem necessariamente caminhar, se Deus não lhes demonstrar mais piedade do que seus pais sanguinários demonstraram! Mas será a negligência de seus pais uma desculpa para a sua ignorância? Não será você

misericordioso consigo mesmo porque eles foram cruéis? No temor de Deus, seja persuadido a suprir a falta deles por sua diligência. Espero que não considere uma vergonha aprender agora, que é idoso, o que deveria ter sido ensinado quando jovem. Se seus pais não lhe tivessem ensinado um ofício para obter seu sustento temporal, teria você por isso vivido como mendigo em vez de aplicar-se, ainda que tarde, a alguma vocação? Há muitos, para seu encorajamento, que começaram tarde e, pela bênção de Deus sobre sua diligência, venceram a dificuldade do aprendizado. Se estivesse na prisão, preferiria aprender a ler sua sentença de absolvição a perder a vida por falta disso. Ora, embora a capacidade de ler a palavra não seja de necessidade absoluta para a salvação de sua alma, contudo o conhecimento de suas verdades salvadoras o é, e poucos meios particulares são melhores para obter isso do que a leitura. Mas, se você não for capaz disso, não tem por isso uma desculpa para sua ignorância enquanto tiver ouvidos para receber instrução de outros. Assim como Deus às vezes recompensa a falta de um sentido com a agudeza de outro, assim também talvez você encontre sua incapacidade de ler suprida com uma memória tenaz para reter o que ouve ser lido ou pregado. Encontramos alguns mártires poderosos nas Escrituras, capazes de defender a verdade contra doutores eruditos, e contudo sem instrução de livros. Um deles, entre os demais, que não sabia ler, "contudo trazia sempre alguma parte da Escritura consigo e, quando encontrava algum cristão que sabia, pedia-lhe que lhe fizesse a leitura de alguma passagem dela", por meio do que alcançou tal medida de conhecimento e fé que o tornou mais sábio do que seus inimigos e um forte defensor da verdade, chegando a resistir até o sangue.

Objeção terceira. "Oh, mas", diz um terceiro, "embora eu saiba ler, sou de entendimento tão fraco que temo não conseguir lidar com mistérios tão profundos como os que ali estão contidos".

Resposta. Acautele-se de que esta objeção não venha de seu coração preguiçoso, que arranja este belo pretexto para poupá-lo de um dever que teme lhe ser trabalhoso. Fez você alguma vez uma tentativa e dedicou-se à obra, usando conscientemente todos os meios que pudessem conduzir à instrução na mente de Deus? Se não, não lance a culpa em sua cabeça fraca, mas em seu coração perverso. Quando você entrou pela primeira vez como aprendiz, que habilidade tinha em seu ofício? Desesperou por isso e fugiu? Não, mas por sua diligência aprendeu o segredo dele em poucos anos, a ponto de manter-se confortavelmente com ele; e não condenará sua indústria para aprender aquilo a sua preguiça em não estudar a palavra, a qual é capaz de trazer um sustento melhor para a sua alma do que o seu ofício pode fazer para o seu corpo?

Mas, pobre alma, se o que você diz realmente provém do sentido profundo que tem de sua própria fraqueza, então pondere sobre este DUPLO ENCORAJAMENTO:

1. Primeiro encorajamento. Deus é capaz de interpretar sua própria palavra para você. De fato, ninguém pode entrar no conhecimento dela sem ser devedor ao seu Espírito para abrir a porta. Se você tivesse uma inteligência mais madura e capacidades mais elevadas do que pode agora pretender, estaria, sem a ajuda dele, como os cegos sodomitas ao redor da casa de Ló: tateando, mas incapaz de encontrar o caminho para o verdadeiro conhecimento salvador dela. Aquele que não tem a chave correta está tão longe de entrar na casa como aquele que

não tem nenhuma, sim, em certo sentido, mais longe. Pois aquele que não tem nenhuma chamará por quem está dentro, enquanto o outro, confiando em sua chave falsa, fica perdendo tempo do lado de fora para pouco propósito. Os fariseus, que eram tão versados nas Escrituras e obtiveram a reputação de admiráveis doutores da cátedra, chamados de "os príncipes deste mundo", 1 Co 2:8 — por serem tão renomados e adorados entre o povo —, contudo até estes perderam a verdade que jazia diante deles quase em cada página de Moisés e dos profetas, os quais em seu estudo diário manuseavam — refiro-me àquela grande verdade sobre Cristo, de quem tanto Moisés como os profetas falam. E, ao mesmo tempo, o povo a quem consideravam tão humilde, sim, maldito, como os que não entendiam a lei, podia ver aquele a quem eles não viam. Ninguém é tão sábio que Deus não possa cegar e infatuar; ninguém é tão cego e ignorante cujos olhos o seu Espírito não possa abrir. Aquele que, por seu pairar sobre as águas na criação, chocou aquela massa informe transformando-a na bela forma que agora vemos, e daquele caos escuro fez os céus gloriosos e os adornou com tantas estrelas brilhantes, pode mover-se sobre sua alma escura e iluminá-la, ainda que agora esteja tão desprovida de conhecimento como a tarde do primeiro dia do mundo estava de luz. O mestre-escola às vezes manda o aluno para casa e diz ao pai que o coloque em outro ofício por não ser capaz, com toda a sua arte, de fazer dele um estudante. Mas se o Espírito de Deus for o mestre, você aprenderá, ainda que seja um ignorante completo: "A exposição das tuas palavras dá luz; dá entendimento aos símplies", Sl 119:130. Assim que uma alma entra na escola do Espírito, torna-se proficiente. Daí sermos ordenados a encorajar aqueles que se desanimam a si mesmos: "Esforçai as mãos enfraquecidas e fortalecei os joelhos tremulosos", Is 35:3. Por quê? Que boas notícias lhes contaremos? "Os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos

surdos se abrirão", versículo 5. "E ali haverá uma estrada, um caminho que se chamará o caminho santo; o imundo não passará por ele, mas será para aqueles; os caminantes, até mesmo os loucos, não errarão", versículo 8.

2. Segundo encorajamento. Quanto mais profundo for o sentido que você tem de sua própria fraqueza, mais apto estará para o ensino do Espírito. Um estudante orgulhoso e um mestre humilde nunca se entenderão; Cristo é "manso e humilde", e assim "resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes". Embora ele não suporte aquele que é orgulhoso, contudo pode tolerar você que é fraco e lento, se for humilde e diligente; como vemos nos discípulos, a quem nosso Salvador não desdenhou ensinar a mesma lição repetidas vezes, até que finalmente disseram: "Eis que agora falas abertamente", Jo 16:29. O eunuco não era nenhum grande erudito quando em sua carruagem lia a profecia de Isaías; contudo, porque o fazia com um coração honesto, Filipe é enviado para instruí-lo.

INSTRUÇÃO 10 — TERCEIRA PARTE GERAL: COMO USAR A ESPADA DA PALAVRA

"E a espada do Espírito", etc. (Ef 6:17).

Mas talvez alguns digam: "Você já disse o suficiente para nos fazer saber quão necessária arma é esta espada para defender nossas almas, e de que admirável uso em todos os conflitos que o cristão tem com qualquer um de seus inimigos. Mas esperamos que não nos deixe assim. É uma palavra de conselho o que agora desejamos ouvir de você: de como nós, pobres cristãos, podemos empunhar e usar esta espada para nossa própria defesa e para a derrota dos diversos inimigos cuja aproximação você nos alertou para esperar; alguns dos quais, para nosso grande temor, já vemos em campo contra nós, e quão cedo os outros poderão aparecer, não sabemos. De que nos servirá uma espada ao lado, uma Bíblia na mão, e até na boca, se não formos instruídos sobre como podemos desviar os golpes deles e fazer com que sintam o impacto dos nossos com ela?"

O pedido de vocês é razoável e, para sua melhor satisfação, dividirei as instruções em várias ramificações, adequadas aos diversos tipos de inimigos com os quais têm de lidar; pois os ataques deles, sendo de natureza diferente, exigem uma resistência adequada ao seu modo de combate. PRIMEIRA. Como devemos usar a espada espiritual contra o perseguidor. SEGUNDA. Contra o herético. TERCEIRA. Contra o exército de concupiscências alojado em nossos próprios peitos. QUARTA. Contra as divisões de aflições que o invadem por fora e o angustiam por dentro.

PRIMEIRA RAMIFICAÇÃO: INSTRUÇÕES SOBRE COMO USAR A ESPADA DA PALAVRA CONTRA OS PERSEGUIDORES

Começaremos com o perseguidor. Ora, se você deseja, cristão, suportar o impacto de seu ataque furioso quando ele hasteia sua bandeira sangrenta, respirando morte contra a igreja e o rebanho de Cristo — caso estes não permitam que ele pisoteie toda a glória deles, contaminando suas consciências e renunciando à sua fé ao bel-prazer de sua ordem imperiosa —, então:

PRIMEIRO. Tenha o cuidado de obter um claro fundamento bíblico para aqueles seus princípios e práticas que despertam a fúria do perseguidor contra você.

SEGUNDO. Aproveite aquelas passagens das Escrituras que nos ensinam a temer mais a Deus e a temer menos o homem.

TERCEIRO. Certifique-se de entregar suas concupiscências à espada do Espírito antes que sua vida corra qualquer perigo pela espada do perseguidor.

QUARTO. Fortaleça sua fé naquelas promessas que têm respeito especial à perseguição.

Diretriz 1. Tenha o cuidado de obter claros fundamentos bíblicos para aqueles seus princípios e práticas que despertam a fúria do perseguidor contra você. O homem precisa estar bem seguro daquilo que coloca em risco sua vida e seus bens mais queridos — que se perdem todos com ela. É o suficiente para enfraquecer a coragem de um homem valente o

fato de lutar em meio a uma névoa, quando não consegue discernir bem os seus inimigos dos seus amigos; e serve de desânimo ao espírito do cristão em uma hora de sofrimento se ele não estiver claro em seu julgamento e firme em seus princípios sobre o motivo pelo qual deve sofrer. Portanto, trate de colocar fora de questão em seus próprios pensamentos aquilo pelo que o perseguidor o questiona. E isto principalmente porque sempre foi, e ainda será, a política dos perseguidores desfigurar o quanto puderem a bela face daquelas verdades e práticas pelas quais os servos de Cristo sofrem, a fim de dar uma aparência de justiça às suas crueldades sangrentas e fazer o mundo crer que sofrem como malfeitores. Ora, você nunca será capaz de suportar o peso dessa pesada acusação deles a menos que esteja plenamente convencido em sua própria consciência de que sofre por amor da justiça. Mas, se você estiver limpo em seus próprios pensamentos quanto à sua causa, facilmente removerá a lama que lançam sobre você e se consolará docemente com o conforto que sua própria consciência lhe trará em meio às injúrias de seus inimigos. *Nemo est miser sensu alieno* [Ninguém é miserável pela opinião alheia], diz Salviano — o que os outros dizem ou pensam de nós não nos torna miseráveis. Uma repreensão vinda dos próprios pensamentos de um homem fere mais do que as injúrias de todo o resto do mundo. Quando os tessalonicenses se convenceram da certeza da verdade da doutrina de Paulo — pois o evangelho, diz-se, chegou a eles "em muita certeza", 1 Ts 1:5 —, então puderam abrir suas portas "com alegria" para recebê-lo, embora aflições e perseguições viessem junto com ele, versículo 6.

Diretriz 2. Aproveite aquelas passagens das Escrituras que nos ensinam a temer mais a Deus e a temer menos o homem. Todo homem tem mais relutância em cair nas

mãos daquele a quem mais teme. De modo que, se Deus conquistou a supremacia do seu temor, você preferirá saltar no fogo mais quente que o perseguidor possa acender a tornar Deus o seu inimigo. "Príncipes me perseguiram sem causa, mas o meu coração temeu a tua palavra", Sl 119:161. Davi havia colocado, pelo que parece, a ira do homem e aquilo que Deus ameaça em sua palavra na balança e, achando a mão de Deus incomparavelmente mais pesada, treme diante desta e arrisca o pior que o outro possa fazer contra ele. Daí as Escrituras se deterem tanto em diminuir o poder do homem, para que não nos assustemos com seus semblantes altivos ou suas ameaças; em diminuir o poder do homem e representar sua fúria extrema como algo tão desprezível e insignificante que ninguém que saiba quem Deus é precisa temer o pior que o homem possa fazer. "Deixai-vos do homem cujo fôlego está no seu nariz; pois em que se deve ele estimar?", Is 2:22. "E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perijar no inferno a alma e o corpo", Mt 10:28. *Pueri timent larvas, sed non timent ignem* [As crianças temem os espantalhos, mas não temem o fogo] — as crianças têm medo de espantalhos que não as podem ferir, mas brincam com o fogo que as queimará. E não é menos infantil ser aterrorizado ao ponto de pecar diante do semblante franzido de um pobre homem, que se apresenta com uma máscara de aparente pavor e terror, mas não tem poder para nos ferir além do que o nosso próprio medo lhe concede, e brincar com o fogo do inferno, no qual Deus é capaz de nos lançar para sempre. Verdadeiramente, isto é assustar-se com o fogo pintado no quadro, e não na fornalha onde ele realmente queima. O que João Huss ficou pior por causa da carapuça de tolo que seus inimigos colocaram em sua cabeça, enquanto sob ela trazia um capacete de esperança que eles não podiam retirar? Ou quão mais perto

do inferno esteve o mesmo bendito mártir por terem eles entregue sua alma ao diabo? Não mais perto do que alguns de seu próprio bando ímpio estão do céu por terem sido canonizados no calendário do papa. Melâncton disse que alguns são *anathema secundum dici* [anátemas apenas de boca] — duplamente amaldiçoados, como Lutero e outros servos fiéis de Cristo a quem o papa amaldiçoou. Mas o que diz Davi? "Amaldiçoem eles, mas abençoa tu", Sl 109:28. Aquele que tem a bênção de Deus não precisa temer a maldição do mundo. O latido do cão não faz a lua mudar de cor. Nem o santo precisa mudar de semblante diante da fúria de seus perseguidores.

Diretriz 3. Certifique-se de entregar suas concupiscências à espada do Espírito antes que sua vida corra qualquer perigo pela espada do perseguidor. Aquele que é apegado às suas concupiscências e não suporta o fio da espada do Espírito quando este vem para mortificá-las, dificilmente abrirá mão de sua carne por Cristo quando chamado a sofrer pelas mãos dos homens. Estará você disposto a dar a vida por Cristo e, contudo, manterá um inimigo em seu peito fora do alcance da justiça, o qual busca tirar a vida de Cristo? Os perseguidores tanto tentam quanto torturam, Hb 11. Eles prometem as honras da corte tanto quanto ameaçam com as privações da prisão e a crueldade do fogo devorador. Ora, se o seu amor ao mundo não estiver mortificado, é fácil dizer que escolha você fará: exatamente a mesma que Demas fez, você abraçará "o presente século" e deixará Cristo em pleno campo de batalha. Ou se, por uma firmeza natural, você suportar os sofrimentos a ponto de entregar seu corpo para ser queimado antes de renunciar à verdadeira religião que professa, contudo, se no final se constatar que alguma concupiscência foi por você alimentada, você não receberá mais agradecimentos das mãos de

Cristo do que aquele que, sob a lei, oferecia um animal imundo a Deus. É possível morrer pela causa de Cristo e não ser seu mártir. O coração com o qual você sofre deve ser santo, bem como a causa pela qual sofre deve ser santa. Seu comportamento no sofrimento deve ser gracioso, bem como a causa que o leva a sofrer deve ser justa. Somente aquele que sofre por Cristo como o próprio Cristo sofreu é o seu mártir. Pois ele não apenas nos deixou sua verdade para defendermos até o sangue quando para isso fomos chamados, mas também o seu exemplo para seguirmos em nossos sofrimentos: "Porque, se fazendo o bem, sois afligidos e o sofreis com paciência, isso é agradável a Deus. Porque para isto fostes chamados; pois também Cristo sofreu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas;... o qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava", 1 Pe 2:20-21, 23.

Este é um trabalho difícil, de fato: no próprio fogo manter o espírito calmo e isento de ira e vingança contra aqueles que o lançam tão impiedosamente nas chamas devoradoras! Mas faz daquele que, pela graça do alto, pode fazê-lo, um conquistador glorioso. A carne e o sangue ordenariam ao homem que pedisse fogo do céu em vez de misericórdia sobre aqueles que os tratam de forma tão cruel. Aquele que pode perdoar seu inimigo é forte demais para ele e tem vantagem sobre ele: porque os golpes de seu inimigo apenas ferem sua carne, mas os ferimentos que o amor causa penetram a alma e a consciência. Saul foi forçado a confessar que Davi, perseguido tão furiosamente por ele, era o melhor homem: "Mais justo és tu do que eu", 1 Sm 24:17. E o povo retirou-se da execução de Cristo, a quem tanto queriam ver crucificado, arrependido do que fizera, balançando a cabeça como se não fosse correto o que haviam feito contra um homem tão bom, Lc 23. Ora, quando dois contrários estão em disputa,

vence aquele que preserva sua própria natureza e transforma o outro em alguma semelhança consigo mesmo; como vemos que o fogo transfere seu próprio calor para a água, forçando-a a assimilar-se e ceder a ele. Assim, um espírito santo e caridoso, ao perdoar um inimigo, se não consegue converter o coração do inimigo em amor para com ele, pelo menos volta a consciência do inimigo contra si mesmo e o força a se condenar e a justificar aquele a quem persegue injustamente.

Diretriz 4. Fortaleça sua fé naquelas promessas que têm respeito especial a uma condição como a de perseguição. Esta é a vitória dos santos sobre o mundo: a sua fé. Assim Davi, quando Saul parecia tê-lo sob os pés e o havia expulsado da vida na corte para se refugiar em uma caverna do deserto para sua segurança, contudo, pela fé triunfou sobre seu inimigo orgulhoso e cantou de forma tão agradável em sua gruta e refúgio subterrâneo como o pássaro mais alegre do bosque: "Preparado está o meu coração, ó Deus, preparado está o meu coração; cantarei e darei louvores", Sl 57:7. Saul tinha o corpo mais alimentado, mas não o coração firmado como o de Davi, e por isso não podia cantar a melodia de Davi. Mil pensamentos e medos distraíam sua cabeça e seu coração, enquanto Davi vive sem medo e sem preocupação, mesmo quando seus inimigos estão em campo caçando sua vida. A fé na promessa, como o óleo da viúva, não apenas o livrará de todas as suas dívidas com as preocupações e temores mundanos que por suas aflições você possa contrair, mas lhe proverá o suficiente para viver confortavelmente, sim, com gozo indizível e glorioso. Há dois tipos de tristezas que costumam afligir as almas graciosas em seus sofrimentos por Cristo: primeiro: tendem a perturbar-se por suas próprias pessoas e assuntos particulares; segundo: pela causa de Cristo, da qual dão testemunho, temendo que esta

fracasse. Ora, há provisão abundante guardada nas promessas para aliviar o coração do cristão de ambos os fardos.

Provisão nas promessas para as duas classes de tristezas a que os crentes estão sujeitos

Primeiro. Os crentes, às vezes, tendem a preocupar-se com suas próprias pessoas e assuntos particulares. Para responder a isso, há nas promessas uma provisão ampla. Familiarize-se com aquelas promessas que dizem respeito a você como alguém que sofre por Cristo e veja se resta alguma fresta sem vedação, se puder, que possa deixar entrar o menor sopro de suspeita em sua mente para perturbar sua paz e desestabilizar sua alegria. As promessas são tantas, e ajustadas de forma tão exata a cada dúvida específica de que a alma possa desejar satisfação, que isso exigirá seu estudo e diligência para reuni-las. Tendo Deus escolhido antes espalhar suas promessas aqui e ali de forma mista do que classificá-las e colocar cada tipo em um grupo distinto, podemos pensar que o fez de propósito para que fôssemos atraídos a nos familiarizarmos com toda a Escritura, sem deixar nenhum canto por examinar, mas observando-a cuidadosamente de uma extremidade à outra. E não permita que a paz atual da igreja o faça pensar que este é um trabalho desnecessário. O boticário colhe suas ervas medicinais no verão, as quais possivelmente não usará senão no inverno. E quão cedo a perseguição pode surgir, você não sabe. A igreja sempre teve, e terá, suas alternâncias de verão e inverno. Sim, às vezes o inverno se abate antes de ser esperado; e então quem é o homem mais propenso a se escandalizar? Certamente aquele que recebeu a palavra com alegria no estado próspero da igreja, mas não se preparou para o tempo ruim. Pois bem, qual é o seu medo? De onde vem o seu desânimo? Assusta-se com a insalubridade da prisão? Ou o terror do fogo e a tortura do suplício o

amedrontam? Saiba para seu consolo: se sua força for fraca demais para carregá-lo através deles, você nunca será chamado a serviço tão ardente e trabalho tão difícil. A promessa lhe assegura isso mesmo: ele "não vos deixará tentar acima do que podeis", 1 Co 10:13.

Deus, que dá ao agricultor a prudência sobre com que instrumento deve debulhar o seu trigo, conforme ele seja mais duro ou mais macio, não permitirá que a roda do perseguidor passe sobre você se não for capaz de suportá-la. Deus nos dá este mesmo relato sobre o porquê de ter conduzido seu povo pelo caminho mais longo — em sua primeira saída do Egito — em vez de levá-los pela terra dos filisteus — o caminho de longe mais curto dos dois —: "porque Deus disse: Para que porventura o povo se não arrependa, vendo a guerra, e volte ao Egito", Êx 13:17. Vejam aqui: Deus considera a fraqueza deles. Eles não podem ainda suportar a guerra e, por isso, não serão provados com ela até que estejam mais fortalecidos para ela. Mas, se você for chamado ao campo de batalha para enfrentar estas provas sangrentas e ardentes, a promessa assume todo o cuidado e encargo da guerra fora de suas mãos: "Mas, quando vos entregarem, não vos dê cuidado" — isto é, inquietante e desconfiado — "como ou o que haveis de falar, porque naquela mesma hora vos será ministrado o que haveis de dizer", Mt 10:19; e "o Espírito de vosso Pai é que fala em vós", versículo 20. Não há boca que Deus não possa tornar eloquente; não há costas tão fracas que ele não possa fortalecer. E ele prometeu estar com você por onde quer que seus inimigos o levem; o fogo e a água não o separarão de sua doce companhia. Estas promessas constituem um travesseiro tão macio para a cabeça dos santos que muitos deles declararam nunca ter repousado com mais tranquilidade do que quando tratados de forma mais cruel

por seus inimigos impiedosos. Um data sua carta "do deleitável pomar de minha prisão"; outra assina como "Sua amiga afetuosa, tão alegre como quem ruma para o céu". Tiveram tanta relutância em ter pena de si mesmos em seus sofrimentos que sua principal tristeza foi não poderem ser mais gratos por eles. E de onde vinha a sua força? De onde extraíam sua alegria? Não vinham ambas do mesmo Espírito aplicando as promessas a eles?

Segundo. Os crentes, às vezes, tendem a preocupar-se com a causa de Cristo, da qual dão testemunho, temendo que esta fracasse. Quanto a esta preocupação, embora Deus receba com muita complacência a boa vontade para com a sua causa e igreja, de onde surgem esses seus temores, contudo não há necessidade de se atormentar, crente, com aquilo que se sabe que nunca acontecerá. A arca pode balançar, mas não pode cair; a barca da igreja pode ser sacudida, mas não pode afundar, porque Cristo está nela e acordará a tempo de impedir o seu naufrágio. Não há, portanto, motivo para nós, quando a tempestade bate forte contra ela, perturbá-lo, como outrora fizeram os discípulos com os gritos e clamores de nossa incredulidade, como se tudo estivesse perdido. Nossa fé corre mais risco de afundar em tal momento do que a causa e a igreja de Cristo. Ambas estão, pela promessa, colocadas fora do alcance dos homens e dos demônios. O evangelho é um "evangelho eterno", Ap 14:6. O céu e a terra passarão, mas nem um iota disto perecerá, Mt 5:18. "A palavra do Senhor permanece para sempre", 1 Pe 1:25, e estará viva para caminhar sobre a sepultura de todos os seus inimigos, sim, para ver o funeral do mundo inteiro, quando, no grande dia do Senhor, este for eternamente sepultado em suas próprias ruínas. E quanto à igreja, esta está edificada sobre uma rocha, inexpugnável: "As portas do inferno não prevalecerão

contra ela", Mt 16:18. Ela esteve muitas vezes no mar, mas nunca se afogou; raras vezes fora do fogo, mas nunca se consumiu; às vezes engolida aos olhos da razão, mas, como Jonas no ventre da baleia, vomitada novamente, por ser um encargo pesado demais para o estômago mais forte que qualquer perseguidor já teve para digerir. A fé nisto conduziu os benditos mártires à sepultura, quando nadavam para ela em seu próprio sangue com alegria, porque sabiam que a igreja venceria no final, e que deixavam outros para trás na busca da vitória na terra, enquanto eles próprios eram retirados do campo para triunfarem no céu. Sim, alguns, por espírito profético, previram o tempo exato em que as verdades perseguidas, que eram então sepultadas com tanta ignomínia e desprezo, teriam uma ressurreição feliz e vitória sobre seus inimigos orgulhosos. Assim, João Huss intimou seus inimigos a responderem diante dele cem anos depois, consolando-se de que, embora eles então "queimassem o ganso" — aludindo ao seu próprio nome —, "um cisne" viria em seu lugar, o qual encheria o ar com seu canto doce, o que se cumpriu em Lutero, cuja doutrina foi longe e perto, e cativou os corações de multidões em toda parte. E Hiltenius, outro teólogo alemão, aliviou as misérias que sofria em sua prisão fétida — onde morreu por esfregar com muita força as feridas dos monges — com isto: que outro, nomeando o tempo exato, 1516, surgiria depois dele, o qual arruinaria o reino dos monges — cujos abusos ele apenas moderadamente reprovava — e que eles não seriam capazes de resistir ao seu poder, nem mesmo de lançar-lhe uma corrente; o que se cumpriu em Lutero; pois, por um milagre, ele foi mantido fora das mãos de seus inimigos sanguinários, embora o sangue de nenhum homem tenha sido mais cobiçado.

SEGUNDA RAMIFICAÇÃO: INSTRUÇÕES SOBRE COMO USAR A ESPADA DA PALAVRA CONTRA OS HERÉTICOS

Ora, o segundo inimigo que se levanta contra o cristão é o herético ou sedutor, o qual deve ser tanto mais temido do que o anterior quanto pior é abrir mão da verdade de Deus do que de nossa própria vida; ser corrompido em nossas mentes do que ser torturado em nossos membros; em uma palavra, ter nossas almas condenadas por Deus do que nossos corpos mortos pelos homens. Se os mártires tivessem temido mais a morte do que a heresia, não teriam saltado nas chamas dos perseguidores antes do que consentir com a doutrina deles. Ora, para que você seja capaz de levantar esta espada do Espírito — a única arma para defendê-lo — com vitória contra este inimigo perigoso, aplique-se no uso dos melhores meios com o seu maior cuidado para descobrir o verdadeiro sentido e significado do Espírito em sua palavra. Esta espada na mão de outro não o defenderá. Não, ela deve estar na sua própria mão, caso contrário você não poderá ter o benefício dela. A frase e a expressão externa não passam da casca; o sentido e o significado constituem a pérola, a qual você, como comerciante sábio, deve procurar. Folhear um capítulo e não alcançar a mente de Deus nele contida, e proferir uma oração em língua desconhecida, são ambos semelhantes: "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas", Ap 2:7. Devemos ouvir o que o Espírito diz na palavra conforme a ouvimos ou lemos. E aquele que tem ouvidos para o Espírito não terá ouvidos para o sedutor.

Ora, para ajudá-lo em sua busca pelo sentido e significado da palavra, estas instruções, espero, poderão lhe ser de alguma valia:

PRIMEIRO. Tenha o cuidado de não se aproximar das Escrituras com um coração profano.

SEGUNDO. Não faça de sua própria razão a regra pela qual mede as verdades da Escritura.

TERCEIRO. Tenha o cuidado de não se aproximar com um julgamento previamente comprometido com qualquer partido ou opinião.

QUARTO. Vá a Deus em oração por uma chave que abra os mistérios de sua palavra.

QUINTO. Compare Escritura com Escritura.

SEXTO. Consulte os seus guias fiéis que Deus estabeleceu sobre você em sua igreja.

Diretriz 1. Tenha o cuidado de não se aproximar das Escrituras com um coração profano. Se você quer conhecer a mente de Deus em sua palavra, o Espírito deve revelá-la a você. E acaso ele, que é tão santo, tomará você pela sua mão suja, pensa você, para conduzi-lo à verdade? Não, a sua sentença está declarada: "nenhum dos ímpios entenderá", Dn 12:10. O anjo que acolheu as filhas de Ló na casa feriu os sodomitas com cegueira, para que tateassem em busca da porta e não a encontrassem. E assim provavelmente serão tratados aqueles que se aproximam da palavra com corações imundos. "Ficarão de fora os cães": não apenas fora do céu no final, mas sem o verdadeiro conhecimento de Deus na terra. Os ímpios têm a palavra de Deus, mas a alma santa tem "a mente de Cristo", 1 Co 2:16. Portanto, o mesmo apóstolo nos exorta: "E não vos confronteis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus", Rm 12:2. E a

que equivale isto senão a que, se queremos ter a verdade por nossa hóspede e nos familiarizarmos com a mente e a vontade de Deus, devemos preparar um coração santo para sua morada? Eles comumente são levados cativos por sedutores os quais antes eram prisioneiros de suas concupiscências: "e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências", 2 Tm 3:6-7. Quando Davi pedia entendimento na palavra, ele faz do seu propósito de viver uma vida santa o argumento com o qual pressiona a Deus: "Ensina-me, ó Senhor, o caminho dos teus estatutos, e guardá-lo-ei até ao fim. Dá-me entendimento, e guardarei a tua lei; sim, conservá-la-ei com todo o meu coração", Sl 119:33-34.

Diretriz 2. Não faça de sua própria razão a regra pela qual mede as verdades da Escritura. É esta adequada para testar as revelações da palavra, ela que se mostra ignorante e confusa diante de tantos segredos da natureza? Não nos revela a palavra coisas que estão não apenas acima dos sentidos, pois o olho não as viu, nem o ouvido as ouviu, mas também acima do alcance da razão? sendo tais que nunca "subiram ao coração do homem", 1 Co 2:9. De fato, todo o sistema de verdades do evangelho fala em língua estrangeira e exótica para a razão; esta não pode extrair nenhum sentido delas, a menos que a fé seja a intérprete. As Escrituras são como o mar Vermelho, pelo qual os israelitas pela fé passaram em segurança, mas os egípcios, ao tentarem fazê-lo, pela falta daquele guia se afogaram. O crente humilde passa pelos mistérios profundos da palavra em segurança, sem mergulhar em erros perigosos; ao passo que aqueles filhos do orgulho, que abandonam a fé e tomam a razão por seu guia, vemos como são afogados em muitos erros condenáveis: arianismo, pelagianismo, socinianismo e outros mais. Os erros mais perigosos atribuídos às Escrituras nasceram

deste ventre. Este foi o fundamento dos saduceus sobre o qual se basearam para negarem a ressurreição dos mortos. Eles aceitavam o livro de Moisés como a palavra de Deus e, contudo, negavam a ressurreição ali afirmada; porque parecia coisa impossível à sua razão que nossos corpos, após tantas alterações em lodo e pó, se levantassem para a vida. Disso a razão deles ria; pois assim o mostra claramente a resposta de nosso Salvador: "Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus", Mt 22:29.

Diretriz 3. Quando consultar a palavra, tenha o cuidado de não se aproximar com um julgamento previamente comprometido com qualquer partido ou opinião. Não é provável que mantenha as balanças equilibradas aquele cujo julgamento é subornado de antemão. Um olho doente vê o objeto com a cor de que ele próprio está afetado; e uma mente prevenida estará pronta a impor seu próprio sentido sobre a palavra, e assim perde a verdade por uma presunção excessiva de sua própria opinião. Muitos, infelizmente! leem as Escrituras não tanto para serem informados por elas, mas confirmados naquilo que já adotaram! Escolhem opiniões, como Sansão escolheu sua esposa, porque lhes agradam, e depois vêm para obter o consentimento das Escrituras. Assim, os judeus primeiramente fecharam o acordo com seus ídolos e depois foram pedir conselho a Deus sobre o que deveriam fazer, Ez 14:4. É um justo julgamento de Deus que tais pessoas não vejam a verdade quando esta se encontra claramente diante delas, mas sejam entregues a um coração insensato, para crerem que a palavra favorece suas fantasias e soa como eles pensam: "Eu, o Senhor, responderei... conforme a multidão dos seus ídolos; para que pegue a casa de Israel no seu próprio coração", Ez 14:4-5. E

quando é o homem pego em seu próprio coração senão quando enredado nas fantasias e tolices que sua mente errônea teceu?

Diretriz 4. Vá a Deus em oração por uma chave que abra os mistérios de sua palavra. Não é a alma que estuda exaustivamente, mas a que ora, que obterá este tesouro do conhecimento das Escrituras. São João obteve a abertura do livro selado por meio do choro, Ap 5:5. Deus frequentemente traz uma verdade à mão do cristão como resposta de oração, a qual ele havia muito buscado em vão com muito trabalho e estudo; há um Deus no céu que revela os segredos, Dn 2:22. E onde revela ele os segredos de sua palavra senão no trono da graça? "Desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração a entender e a humilhar-te perante o teu Deus, são ouvidas as tuas palavras; e eu vim por causa das tuas palavras" — isto é, por causa de tua oração, Dn 10:12. And qual era a missão deste mensageiro celestial a Daniel senão abrir-lhe mais plenamente a Escritura? como aparece pelo versículo 14, comparado com o versículo 21. Este homem santo havia obtido algum conhecimento pelo seu estudo na palavra, e isso o leva a orar, e a oração trouxe um anjo do céu para lhe dar mais luz. Se queremos conhecer a mente de Deus, devemos ser devedores ao Espírito de Deus por isso: "Quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade", Jo 16:13. E o Espírito é o fruto da intercessão de Cristo: "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador", etc. Ora, deve haver uma convergência de nossas orações com a sua intercessão. Enquanto o nosso Sumo Sacerdote está oferecendo incenso dentro do véu, nós devemos estar orando fora pela mesma coisa que ele está intercedendo dentro. Ora, para estimulá-lo a orar com importunação mais fervente por esta condução do Espírito Santo para guiá-lo à verdade:

Meios para nos estimular a orar com mais fervor pela condução do Espírito Santo

Primeiro meio. Deixe que o temor daquelas passagens das Escrituras que expõem o perigo dos erros e das falsas doutrinas caia sobre você, para que não pense que vai em uma missão leviana quando ora para ser preservado deles, como se a diferença não fosse grande entre ter o seu pedido atendido ou não. É uma das principais táticas do diabo, ao diminuir o preço dos erros nos pensamentos dos homens, torná-los com isso mais vendáveis. Muitos pensam que não pagarão tão caro por um erro de julgamento como por um pecado de prática. Sim, alguns têm tal tolerância que imaginam que o homem pode ser salvo em qualquer religião — princípio que necessariamente tende a tornar os que o defendem descuidados e desatentos em sua escolha. O pecado não carecerá de compradores se os homens pensarem que pagarão pouco ou nada por ele. Alguns podem se contentar em embriagar-se de graça que não o fariam se tivessem certeza de que sua própria bolsa pagaria caro pela conta. Como a fornicção vem a abundar tanto entre o clero romano senão porque é considerada um pecado tão pequeno por eles? E gostaria que o erro e a heresia — que são a fornicção da mente — não fossem por muitos entre nós classificados em nível tão baixo. Mas aí daqueles funcionários do mercado do diabo que tentam e atraem os homens ao pecado estabelecendo tarifas mais baratas sobre suas cabeças do que a palavra de Deus estabeleceu. Se uma vez o temor do pecado for removido da consciência, não é de admirar se virmos os homens saltarem sobre ele tão ousadamente como as rãs da fábula sobre o tronco que jazia tão calmo e manso no fundo do rio. O temor torna o corpo mais propenso a contrair infecção, mas preserva a alma da infecção do pecado.

Ora, para que você fique mais temeroso de absorver o veneno de qualquer doutrina corrupta e doentia, permita que sua mente pondere sobre algumas passagens das Escrituras que mostram tanto a natureza detestável como a condenável delas. Em Gl 5:20, a heresia é chamada de "obra da carne" e contada entre os pecados que fecham as portas do céu para os que os praticam: "os que cometem tais coisas não herdarão o Reino de Deus", versículo 21. São chamadas de "doutrinas de demônios", 1 Tm 4:1. E se vêm do diabo, para onde devem conduzir senão para o inferno? Aquelas que são contra os princípios fundamentais do evangelho são incompatíveis com o amor e o favor de Deus: "Qualquer que se desvia e não permanece na doutrina de Cristo não tem a Deus", 2 Jo 9. E quem, pensa você, o acolherá se não tem a Deus? Se não houvesse outra passagem na Escritura contra este tipo de pecado senão aquela em 2 Pe 2:1, seria o suficiente para ferir o herético em seus lombos e fazer os joelhos de cada sedutor baterem um contra o outro, como os de Belsazar diante da visão da "escrita na parede": "E também houve entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão encobertamente heresias de perdição e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição". De modo que, se o homem tem disposição para se adiantar aos outros pecadores e deseja estar no inferno antes deles, não precisa fazer mais do que abrir suas velas ao vento da doutrina herética, e provavelmente fará uma viagem rápida ao inferno; porque estas heresias trazem sobre os seus defensores "repentina perdição". Mais ainda: o Espírito de Deus, para agravar ainda mais o seu estado deplorável, traz três dos exemplos mais terríveis de vingança divina que já foram executados sobre quaisquer pecadores, a saber: a expulsão dos anjos apóstatas do céu para o inferno, o afogamento do mundo antigo e a conflagração de

Sodoma e Gomorra chovendo inferno, por assim dizer, do céu sobre eles. Digo que ele traz estes exemplos como modelos e garantias daquela vingança que certamente sobrevirá a este tipo de pecadores. E a esta altura espero que você esteja fervoroso em sua oração contra este inimigo perigoso. Mas,

Segundo meio. Quando tiver assim imbuído o seu coração de temor de ser conduzido a qualquer opinião corrupta, então fortaleça a sua fé a partir daquelas passagens consoladoras da Escritura que lhe asseguram que nenhum santo sincero será deixado cair finalmente em qualquer erro condenável para a alma. Cristo é tão capaz e fiel em seus ofícios profético e régio como no sacerdotal. Certamente ele não terá o menor desleixo com o entendimento de seu povo, que é o guia de todo o seu homem, e é aquela faculdade sobre a qual ele opera primeiramente na obra da conversão. Você tem, portanto, um fundamento tão forte para crer que ele o preservará de princípios condenáveis quanto de práticas condenáveis. Pouca vantagem seria ser guardado de um inimigo e ser deixado exposto à vontade e ao poder de outro. A proteção de Cristo cerca o seu povo por todos os lados. Salomão nos diz: "Cova profunda é a boca da mulher estranha; aquele contra quem o Senhor se irar cairá nela", Pv 22:14. E o mesmo se dá com a boca do sedutor, que se apresenta com doutrinas estranhas — opiniões adúlteras. Ora, para quem foi cavada esta cova? De fato, se olharmos para o plano de Satanás, é uma armadilha armada principalmente para apanhar os santos; ele gostaria, se possível, de "enganar os próprios escolhidos". Sua maior ambição é estender suas bandeiras neste templo de Deus e contaminar aqueles a quem Deus lavou. Mas se atentarmos para a intenção de Deus, é uma cova que ele permite que se faça para os hipócritas e falsos propagadores do evangelho — aqueles que nunca se uniram de

coração a Cristo e à sua verdade. Estes são aqueles a quem Deus abomina, e por isso são deixados por ele para se tornarem presa daqueles que saem à caça de almas com suas doutrinas corruptas: "porquanto não receberam o amor da verdade para se salvarem. E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira; para que sejam julgados todos os que não creram a verdade, antes tiveram prazer na iniquidade", 2 Ts 2:10-12. Estes, como os cervos que saem dos limites da cerca, são alvejados, enquanto os que estão dentro da cerca estão seguros; ou, como os subúrbios que são tomados pelo inimigo, mas os que estão dentro da cidade escapam à sua fúria. É o átrio exterior que é deixado para ser pisado, Ap 11:2. E na passagem citada na epístola aos tessalonicenses — embora ele entregue os hipócritas para serem enganados por falsos mestres, como outrora Acabe por aqueles falsos profetas —, contudo, no versículo 13 ele fala confortavelmente aos eleitos e mostra que o mesmo decreto que os designou para a salvação providenciou também para que abraçassem a verdade, como o meio necessário que a ela conduz: "Mas devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados do Senhor, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade". E se Deus tomou posse da mente pela sua verdade, e do coração pela sua graça santificadora, ele os manterá fora das garras de Satanás.

Vá, portanto, e pleiteie a promessa para a sua preservação. A promessa aproveitada pela fé no trono da graça será o seu melhor antídoto nestes tempos de infecção geral. Nunca tema não ser bem-sucedido quando a promessa lhe ordena "ir e prosperar". A misericórdia é concedida antes mesmo que você a peça; apenas Deus deseja que você, por meio da oração, reivindique o direito a ela antes de tomar posse dela. E

para a sua ajuda, registrei algumas doces promessas desta natureza, com as quais, se você se familiarizar, poderá se munir tanto de fundamentos para a sua fé como de argumentos para a sua oração neste caso: Mt 24:24; Jo 7:12; 10:5, 29; 1 Co 11:19; Fp 3:15; 1 Jo 2:19-20.

Diretriz 5. Compare Escritura com Escritura. As falsas doutrinas, como as falsas testemunhas, não concordam entre si. O nome delas pode ser "Legião, porque são muitas". Mas a verdade é uma só; ela é homogênea. Uma passagem da Escritura harmoniza docemente com outra. Daí se origina o fato de que, embora tenha havido muitos escritores do texto sagrado, e estes de várias eras, uns após os outros, contudo diz-se que todos eles tiveram apenas uma boca: "Como falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo", Lc 1:70. Todos tinham uma só boca porque concordam perfeitamente entre si. A melhor maneira, portanto, de conhecer a mente de Deus em um texto é colocá-lo ao lado de outro. O lapidário usa um diamante para cortar outro. Assim devemos nós usar uma passagem da Escritura para interpretar outra. As Escrituras comparadas, como espelhos colocados uns diante dos outros, projetam luz mutuamente. "E leram o livro, na lei de Deus, e declarando, e apresentando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse", Ne 8:8. *Et exponendo sensum dabant intelligentiam per Scripturam ipsam* [E, expondo o sentido, davam o entendimento pela própria Escritura] — assim Tremelius traduz as palavras —: eles lhes davam o significado do que liam pela própria Escritura.

Ora, ao comparar Escritura com Escritura, tenha o cuidado de interpretar as passagens obscuras pelas mais claras e evidentes, e não as claras pelas obscuras. O erro se infiltra nos lugares mais sombrios e obscuros e ali se refugia: "algumas

coisas difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem". Não admira que tropecem naqueles lugares escuros e difíceis quando dão as costas àquela luz que as Escrituras mais claras oferecem para os conduzir em segurança. "Aquele que é gerado de Deus guarda-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca", 1 Jo 5:18. Este é um trecho obscuro com o qual alguns se precipitam e, a partir dele, concluem ser alcançável nesta vida um estado perfeito e livre de todo pecado; ao passo que uma multidão de passagens bíblicas claras testifica contra tal conclusão: 1 Reis 8:46; Pv 20:9; Ec 7:20; Jó 9:20; Fp 3:12; 1 Jo 1:8-10, juntamente com muitas outras. De modo que deve ser em um sentido limitado e qualificado que "aquele que é gerado de Deus não peca". Ele não peca finalmente ou comparativamente, não como faz o ímpio carnal. "E o maligno não lhe toca", isto é, *non tactu qualitativo* [não com um toque qualitativo], como diz Caetano — não de modo a transferir sua própria natureza e disposição para ele; como o fogo toca o ferro ou a madeira de que se aproxima, assimilando-os à sua própria natureza. Esta regra de usar passagens claras das Escrituras para servirem de chave para abrir as obscuras se manterá em todos os outros casos. E bendito seja Deus que, embora para domar o nosso orgulho tenha inserido algumas passagens difíceis, contudo as verdades salvadoras necessárias são de fácil acesso até mesmo ao entendimento mais fraco. *Salubritèr Spiritus Sanctus ita modificavit, ut locis apertioribus fami occurreret, obscurioribus fastidia detergeret* (Agostinho, *De Doct. Christ.*, livro 2, cap. 6) — o Espírito Santo modificou salutarmente as coisas de tal modo que, pelas passagens mais abertas, ocorresse ao faminto e, pelas mais obscuras, limpasse o fastio dos mais fortes.

Diretriz 6. Consulte os seus guias fiéis que Deus estabeleceu sobre você em sua igreja. Embora as pessoas não devam prender sua fé à manga do ministro, contudo devem "buscar a lei da sua boca, porque ele é o mensageiro do Senhor dos Exércitos", Ml 2:7. Cristo orienta os seus cordeiros para a sua segurança, para que não se desviem para os atalhos do erro e não caiam nas mãos de falsos mestres — esses companheiros enganadores —, que "saíam pelas pisadas das ovelhas e apascentem os seus cabritos junto às cabanas dos pastores", Ct 1:8. O diabo sabe muito bem: "afaste o pastor e logo poderá apanhar as ovelhas". E estes tempos provam tristemente que ele não está enganado. Quando estiveram as afeições das pessoas mais afastadas de seus ministros? E quando estiveram os seus julgamentos mais envenenados pelo erro? De que tipo de pessoas, pergunto, são aquelas que foram enganadas por erros perigosos em nossos recentes tempos infelizes? Não trazem a maioria delas esta marca sobre si? Não são tais que prefeririam ouvir um estranho — talvez um jesuíta em trajes militares ou com um avental azul? — recorrer a qualquer charlatão que surge eles não sabem de onde, que está aqui hoje e amanhã se foi, antes do que ouvir os seus próprios ministros, que da parte de Deus exercem o governo sobre elas e vigiam por suas almas como quem deve dar contas a Deus por elas; sim, a quem por experiência de muitos anos de vida e doutrina constataram ser capazes e fiéis? No temor de Deus, considerem isto. Não são os seus ministros — falo quanto à maioria — em seus púlpitos e ministério público, mas estes mercadores e charlatães nos cantos que praticam sobre vocês, os quais secretamente introduziram doutrinas de perdição e levedaram tão grande porção de pessoas na nação com doutrina azeda e doentia. Se você deseja, portanto, ser preservado do erro, faça uso tanto da espada da palavra em sua própria mão como da santa habilidade que Deus deu ao seu

ministro fiel para a sua defesa. Dedique-se ao seu ministério público, orando por assistência divina a ser derramada sobre ele e por uma bênção divina de seus labores a recair sobre você mesmo. Se em qualquer momento estiver às escuras a respeito da mensagem dele, recorra a ele, e ouse prometer-lhe — se ele honrar o seu nome e for um ministro fiel do evangelho — um fácil acesso e acolhida calorosa por parte dele. Apenas venha para aprender, não para discutir; para ter sua consciência satisfeita, não para coçar qualquer coceira de curiosidade vã. Nosso Salvador, que se mostrava tão disposto a satisfazer seus discípulos a respeito da doutrina que pregava publicamente, a ponto de em particular lhe abrir mais plenamente, contudo, quando vinham com perguntas fúteis e curiosas, preferia repelir aquele humor com uma repreensão a alimentá-lo com uma resposta satisfatória: "Não vos pertence saber os tempos ou as estações"; e em outra ocasião: "Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu". Ele afasta Pedro de uma questão sem proveito para conduzi-lo a um dever necessário.

TERCEIRA RAMIFICAÇÃO: INSTRUÇÕES SOBRE COMO USAR A ESPADA DA PALAVRA CONTRA AS CONCUPISCÊNCIAS

O terceiro inimigo que temos de combater é composto por um exército de concupiscências alojado em nossos próprios peitos, as quais têm Satanás à frente para liderá-las contra nós. E quem que creia que tem uma alma a perder ou salvar pode estar indisposto a engajar-se contra esta maldita combinação de concupiscências e demônios? Dizia-se que os romanos, quando em guerra com outras nações, lutavam por honra e glória; mas

contra os cartagineses, por sua própria vida e existência. Nesta guerra contra o pecado e Satanás, ambas estão em jogo. Esta, esta é a mais nobre guerra de todas.

É nobre porque é justa. É bem verdade, temo eu, o que diz um autor sobre as guerras que os grandes monarcas deste mundo travam uns contra os outros: "que a causa pela qual pegam em armas raramente é tão clara que não reste algum motivo de escrúpulo na consciência de quem a empreende". Mas aqui estamos livres de qualquer dúvida. Esta, sem abuso do nome, pode ser chamada de "a guerra santa". Pois é contra o único inimigo que o Deus santo tem no mundo, o qual ele próprio entrou em campo e levantou seu estandarte real em desafio a ele; ao qual convoca toda a humanidade, alguns pela voz de uma consciência natural e outros pelo som forte de sua palavra, a recorrerem e, sob nossa lealdade a ele, nosso Senhor soberano e Criador, a ajudá-lo "contra os poderosos"; não porque ele necessite de nossa ajuda, mas porque espera o nosso dever, e prefere recompensar nossa lealdade a punir nossa rebelião. Alguns têm sido encontrados que, por vergonha, se mataram porque seu príncipe, devido à covardia deles, havia perdido a vitória. Oh, que confusão então encherá um dia os nossos rostos se nós, por nossa fraqueza ou traição, fizermos o que em nós couber para ajudar Satanás e o pecado a triunfarem sobre o próprio Deus!

Mas, além disso, é uma guerra nobre porque é dura e difícil. Este é um inimigo forte e obstinado, tal que provará tanto a nossa habilidade como a nossa força até o limite. Nunca um covarde venceu nesta guerra. O que o pecado perde é aos poucos, e o que ele ganha dificilmente abre mão. Aqueles que seguem esta guerra mais de perto encontrarão nela, no mínimo, o trabalho de uma vida inteira. Oh, vocês que amam feitos

corajosos e buscam empreendimentos que apenas alguns poucos espíritos generosos ousam assumir: aqui está o que procuram. Lutar com homens e invadir castelos é apenas brincadeira de criança perante este embate, onde demônios e concupiscências devem ser repelidos: "Melhor é o que tarda em irar-se do que o valoroso, e o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade", Pv 16:32. "Melhor" porque vence um inimigo pior, infinitamente mais potente e poderoso. Poucos, infelizmente! dos guerreiros do mundo, tão famosos por suas conquistas, deixaram de viver e morrer escravos do pecado! — submetendo covardemente o pescoço de suas almas para puxar o carro de ferro de uma concupiscência vil, enquanto se assentavam orgulhosamente para serem conduzidos em triunfo por aqueles a quem haviam feito prisioneiros de guerra. Assim, como Aníbal foi derrotado em casa, em seu próprio país, ele que fora vencedor em suas expedições estrangeiras; assim também muitos que realizam grandes feitos de armas no exterior, o que os torna famosos neste mundo, são miseravelmente derrotados e vergonhosamente pisoteados por suas próprias corrupções em casa, o que os tornará muito mais infames no outro mundo.

Mas não fiquem vocês, ó santos, desanimados diante do relato da força e do número de seus inimigos. Quanto maior for a batalha, maior será a sua vitória e mais prisioneiros terão para conduzir o seu triunfo e carruagem. Nem desfaleçam os seus corações ao verem os Césares conquistadores despojados de suas insígnias de honra por este inimigo, as quais eles próprios haviam ganho de outros, e morrerem em correntes escravos de suas concupiscências, eles que haviam vivido conquistadores sobre os homens. Lembrem-se, para seu consolo: é apenas o mundo incrédulo — aqueles que estão sem armas espirituais e, portanto, abandonados por Deus — que é deixado assim para se

tornar presa do pecado e de Satanás. Mas vocês têm um Deus ao seu lado, que lhes dá a espada consagrada de sua palavra para sua defesa — uma arma cujo fio Satanás já sentiu e, por isso, treme sempre que a fê a desembainha. Aquele que fez este leviatã, como se diz do outro em Jó 40:19, pode fazer com que a sua espada se aproxime dele, bem como do coração de todas as suas concupiscências. Mas eu me abstenho; minha tarefa neste lugar não é incitá-los à batalha, mas orientá-los na condução de sua luta com este seu inimigo, e isso apenas ensinando-lhes o uso desta única arma, a palavra de Deus, a fim de repelirem as inclinações ao pecado vindas de dentro ou as tentações a ele vindas de Satanás por fora.

PRIMEIRO, portanto: Dedique algum esforço para reunir da palavra as diversas características com as quais o Espírito de Deus retrata a deformidade do pecado, para que assim o torne mais odioso e detestável aos seus pensamentos.

SEGUNDO. Proveja-se de respostas bíblicas para os falsos raciocínios de Satanás.

TERCEIRO. Esconda a palavra em seu coração.

QUARTO. Pleiteie a promessa contra o pecado no trono da graça.

Diretriz 1. Dedique algum esforço para reunir da palavra as diversas características com as quais o Espírito de Deus retrata a deformidade do pecado, para que assim o torne mais odioso e detestável aos seus pensamentos, quando, ao reuni-las, você vir em seu verdadeiro retrato e imagem — desenhados por mão tão habilidosa e fiel — a bela face desta

senhora distinta, cuja beleza Satanás tanto recomenda aos seus abraços lascivos. O pobre homem peca sob a garantia de Satanás e o recebe em seu peito, como Jacó recebeu sua esposa em sua cama — antes de ver a sua face ou conhecer bem o que ela é — e, portanto, assim como ele pela manhã constatou que ela não era aquela bela Raquel prometida, mas uma Lia de olhos baços; assim o pecador, tarde demais — quando sua consciência desperta —, vê-se miseravelmente enganado e frustrado naquilo que esperava, encontrando um purgatório onde esperava um paraíso. Ora, para que você possa, cristão, ver melhor a forma feia deste monstro que é o pecado, observe na palavra de Deus estes quatro detalhes a seu respeito:

Primeiro: O nascimento e a origem dele.

Segundo: Os nomes que lhe são dados.

Terceiro: A sua natureza.

Quarto: As suas propriedades.

Quatro detalhes sobre o pecado extraídos da palavra de Deus

Primeiro detalhe. O nascimento e a origem do pecado. Quem é o seu pai e de quem ele descende? O Deus santo o desonra. O sol pode gerar as trevas tão facilmente como Deus, que é "o Pai das luzes", ser o autor do pecado. Dele procede "toda boa dádiva e todo dom perfeito", Tg 1:17. Mas, ó pecado, de onde és tu? Tu não és criatura dele; ele nem te fez, nem jamais moveu ninguém para a tua produção. Certamente, se fosse dele, ele simpatizaria com ele e o amaria. Cada um ama o seu próprio

filho, por mais negro que seja. Muito mais aprova Deus o que é seu. Encontramos que ele olhou para trás para o trabalho de cada dia da criação, e para tudo no final, satisfeito com o que fizera: tudo "era muito bom", Gn 1:31. Mas sobre o pecado, veja o que ele pensa em Dt 7:25-26; Pv 6:16; Ap 2:6, 15, onde ele expressa sua detestação e ódio por ele, de cujo ódio procedem todas aquelas terríveis pragas e juízos trovejados da boca de fogo de sua santíssima lei contra ele. Não apenas a obra, mas também o praticante da iniquidade torna-se objeto de seu ódio, Sl 5:5. De modo que, se Deus fosse o autor do pecado, ele seria um odiador de si mesmo. Pois bem, a qual porta então atribui Deus este filho ilegítimo para encontrar um pai? Certamente à porta do diabo: "Vós tendes por pai ao diabo e quereis satisfazer os desejos de vosso pai", Jo 8:44. E novamente na mesma passagem: "Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira". O pecado é um filho ilegítimo que chama o diabo tanto de pai como de mãe. Pois de si mesmo, sim, de sua própria livre vontade — o ventre onde ele foi concebido —, ele o gerou; e, tendo-o gerado, entregou-o ao homem para que o amamentasse. E não está o homem, que foi feito para servir e desfrutar do grande Deus, seu Criador, em posição elevada ao amamentar e carregar este filho infernal em seus braços? Ah, pobre homem, de onde caíste? É estranho que a simples lembrança de de quem eras descendente não o atinja de horror ao ver sua preciosa alma rebaixada a tal servidão de cumprir os desejos daquele espírito maldito. Nunca cusparamos na bruxa por permitir que os demônios suguem o seu corpo enquanto pudermos prostituir nossas almas a qualquer uma das concupiscências dele.

Segundo detalhe. Os nomes e títulos com os quais a palavra estigmatiza o pecado. E Deus, com certeza, não dá

nome errado a nada. Se uma coisa é doce, ele não dirá que é amarga; se é boa, não a chamará de má. Pois ele lança um ai sobre a cabeça daquele que assim faz, Is 5:20. Nunca pense em encontrar mel no pote quando Deus escreve "veneno" em sua tampa. Podemos dizer de cada pecado, neste aspecto, o que Abigail disse de seu marido: conforme é o seu nome na Escritura, assim ele é. Se Deus o chama de loucura, então não há sabedoria a ser encontrada nele. O diabo, de fato, ensina os pecadores a cobrirem práticas imundas com nomes belos. A superstição deve ser chamada de devoção; a avareza, de economia; o orgulho no vestir, de elegância; a frouxidão, de liberdade; e a loucura, de alegria. E verdadeiramente há grande necessidade de que os pecadores façam assim, para que este prato repugnante desça com menos relutância. Há alguns que fizeram uma refeição farta de carne de cavalo, ou carniça semelhante, sob um nome melhor, cujos estômagos teriam se revoltado contra ela se soubessem o que era. Portanto, assim como os perseguidores de outrora envolviam os cristãos nas peles daquelas feras que os tornariam a presa mais desejável para aqueles a quem eram lançados; assim Satanás e os nossos corações falsos nos apresentam os pecados sob aqueles nomes que aguçarão o nosso apetite por eles, ou pelo menos removerão a aversão que nossas consciências de outro modo demonstrariam contra eles.

Mas pode você contentar-se, pobre alma, em ser tão facilmente enganada? Acaso o fogo o queimará menos, aquele no qual você é encorajado a colocar o dedo, porque um patife que lhe deseja o mal lhe diz que não o ferirá? Ouça antes o que o Deus da verdade diz do pecado, e por que nomes ele o chama, e você descobrirá que tudo o que é temido por nós, ou odiado, temido ou detestado em todo o mundo, é tomado emprestado e

aplicado ao pecado — o vômito dos cães; o veneno das serpentes; o odor dos sepulcros caiados; monturos e fossas; as doenças e chagas mais letais, gangrenas, lepras e pragas atribuídas a ele, 2 Pe 2:22; Lc 3:7; Rm 3:13; 2 Tm 2:17; 1 Reis 8:38; sim, o inferno é vasculhado em busca de uma expressão para defini-lo — sendo ele comparado ao próprio fogo do inferno, Tg 3:6. E devido à escassez destas denominações, por isso ele é chamado pelo seu próprio nome, como o pior que o próprio Deus pode dizer dele: pecado "pecaminoso", Rm 7:13. Ora, o que se fará à coisa que o grande Deus assim detesta e sobrecarrega com tais nomes de desonra, para com isso significar a sua aversão por ela? O quê? Cada coração gracioso logo decidirá que deve persegui-la com fogo e espada até que tenhamos executado sobre ela o juízo escrito em sua total ruína e destruição.

Terceiro detalhe. A natureza do pecado, conforme a palavra a define. Veja a sua descrição: "o pecado é a transgressão da lei", 1 Jo 3:4 — poucas palavras, mas de peso suficiente para pressionar a alma que o comete ao inferno, sim, para pressionar o próprio pecado até a morte no coração de um santo, se aplicadas com estas considerações:

1. De quem é a lei que quebramos ao pecar. Não é a de algum príncipe insignificante — e contudo estes consideram sua honra tão profundamente envolvida em suas leis que se vingam dos violadores delas —, mas do grande Deus, cujo glorioso nome é em cada atributo assaltado e ultrajado pelo pecador, sim, cuja própria vida e existência de Deus se tenta destruir. *Peccatum est deicidium* [O pecado é o deicídio]. Pois aquele que roubaria Deus de sua honra é inimigo de sua própria existência; porque a existência de Deus está tão envolvida em sua glória que ele não pode

sobreviver à perda dela. Estas tentativas, é verdade, estão acima do alcance do braço curto do pecador, mas isso não é mérito dele, porque o seu pecado visa estas coisas, embora não possa levar o seu disparo tão longe a ponto de feri-lo.

2. Que lei ela é; não cruel, escrita com o sangue de suas criaturas, como são as leis de alguns príncipes tiranos que consultam sua própria concupiscência, e não o bem de seu povo, em seus decretos. Mas esta lei é justa e boa, em cujo cumprimento há vida. De modo que nenhuma provocação é dada por qualquer rigor de taxas desnecessárias impostas sobre nós para nos levantarmos contra ela: "Que injustiça", diz Deus, "acharam vossos pais em mim, para se afastarem de mim?", Jr 2:5. Aquele que repudiava sua esposa devia dar-lhe uma carta de divórcio declarando a causa de sua separação. Assim, Deus condescende em argumentar com os pecadores e pergunta que mal podem imputar a ele ou ao seu governo para o abandonarem. Mas, infelizmente! nenhuma outra causa pode ser dada senão aquela de um animal que, em um pasto gordo e doce, rompe a cerca para entrar em um deserto estéril ou em um caminho lamacento, onde nada além de fome há de se obter.

3. Por sugestão de quem a pobre criatura transgride a boa lei de Deus, a saber, de um espírito maldito, o diabo, não menos inimigo nosso do que inimigo de Deus. Ora, para um filho, sob a solicitação do maior inimigo de seu pai, e também seu próprio, pegar em armas de rebelião contra um pai amoroso e querido, isso aumenta a monstruosidade e a desumanidade do fato. Isto é o que você faz, cristão, quando pelo pecado transgride a lei de Deus. E agora, a esta altura, parece-me ver o seu sangue subir e ferver de indignação em

você, enquanto o seu Deus aponta para o seu pecado e lhe diz: "Este, ó meu filho, é o inimigo que quer tirar a minha glória e também a minha vida por teu intermédio — tu que, por dever tanto da natureza como da graça, deves todo o teu ser para viver e morrer pela manutenção de minha honra!" Não está você tão pronto a lançar-se sobre o seu pecado e arrastá-lo para a execução como os servos de Assuero estiveram para segurar Hamã e cobrir o seu rosto como um filho da morte quando o seu príncipe apenas manifestou a ira concebida contra ele? Est 7:8. Certamente, estivesse o amor de Deus bem aceso em nossos peitos, nós cuspiríamos fogo na face de qualquer um que ousasse nos tentar a pecar contra ele.

Quarto detalhe. As propriedades do pecado reveladas pela palavra de Deus. Contentar-me-ei com três. Ele tem:

1. Uma propriedade contaminadora.
2. Uma propriedade perturbadora.
3. Uma propriedade condenadora.

1. O pecado tem uma propriedade contaminadora, chamada de "imundícia da carne e do espírito", 2 Co 7:1. Ele mancha a ambos. Diz-se que "o mundo inteiro" jaz "no maligno", como um animal em seu esterco e excremento, ou como um cadáver em putrefação em seu lodo e decomposição, 1 Jo 5:19. É aquela lepra que infecta o homem e também a própria casa em que ele vive. Por que enviou Deus o dilúvio nos dias de Noé senão para lavar aquela geração imunda como esterco da face da terra? Mas, porque este hospital de pestilentos do mundo não ficou

suficientemente limpo, está reservado para uma purificação mais completa pelo fogo no último dia. Pense apenas, cristão, que beleza era o homem até ser deformado — se posso dizer assim — pelo pecado, e que glória brilhava sobre toda a criação antes que o pecado, com seu sopro venenoso, a tivesse empanado e murchado; e então adivinhe que coisa imunda ele é — que veneno forte é este que não apenas infundiu sua malignidade na alma e no corpo do homem, mas teve efeitos tão terríveis sobre toda a estrutura da criação visível que esta nunca voltará à sua primeira beleza até que, como uma peça de prata batida e gasta, seja derretida e refinada por uma conflagração universal. E a sua alma não se sente ainda enojada com os pensamentos do pecado? Alguns animais, dizem, como o arminho, preferem morrer a entrar na lama para sujar sua bela pele. E você, cristão — e isso depois de ter custado a Cristo o seu sangue para adquirir o seu Espírito para a sua purificação —, vai se sujar na poça do pecado? Deus não permita! Acaso Ezequiel tanto abominou comer o pão preparado como Deus lhe ordenara que clama: "Ah, Senhor Deus! eis que a minha alma não foi contaminada", etc., Ez 4:14. E será qualquer concupiscência imunda, que o próprio Deus compara a nada melhor, um pedaço tão saboroso a ponto de ser desejado por você, cristão, que se assentou à mesa de Cristo e sabe que tipo de banquete ali se pode desfrutar? Parece-me que você deveria antes clamar com o profeta: "Ah, Senhor Deus! a minha alma não foi (ou pelo menos não seja) contaminada com esta coisa abominável".

2. O pecado tem uma propriedade perturbadora. O pecado quebra a paz da alma, sim, de todo o mundo. Traz confusão consigo e faz do lugar um cenário de guerra por

onde quer que passe. Um exército de males está em seus calcanhares para se alojar onde ele se hospeda: "se não fizeres bem, o pecado jaz à porta", Gn 4:7. "Não há paz para os ímpios, diz o meu Deus", Is 57:21. Aqui está a assinatura de Deus, vemos, no mandado que condena o pecador ao suplício de uma consciência que a si mesma tortura. Quem é capaz de expressar a angústia que uma consciência acusadora sente e aqueles terríveis ataques de convulsão com os quais ela se dilacera e se rasga? Ouve-se um clamar: "Não há parte sã na minha carne, por causa da tua indignação; nem há paz nos meus ossos, por causa do meu pecado", Sl 38:3. Outro: "enquanto sofro os teus terrores, estou perturbado", Sl 88:15. Um terceiro: "É maior a minha maldade do que eu possa suportar", Gn 4:13. E um quarto, tão incapaz de suportar o clamor de sua culpa que corre para a corda e se enforca para escapar do barulho e da dor que ela faz em seus ouvidos, Mt 27:5. E será que ele provavelmente será curado de seu tormento lançando-se no fogo do inferno para encontrar alívio? E assim como o pecado perturba a paz interior da alma, perturba também a paz exterior do mundo. O que mais senão o pecado colocou o mundo em alvoroço e fez todas as criaturas se agredirem? "De onde vêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura não vêm disto, a saber, das vossas concupiscências que guerreiam nos vossos membros?", Tg 4:1. Isto coloca os parentes mais próximos em contenda terrível, incendiando a casa sobre suas cabeças, de modo que marido e mulher, pais e filhos não conseguem habitar juntos sob o mesmo teto. Dalila trai seu marido entregando-o nas mãos de seus inimigos sanguinários. E Absalão se levanta para tirar a vida de seu querido pai. Este é o intriguista que "separa os maiores amigos" e faz com que aqueles que beberam de nossa taça levantem o calcanhar

contra nós; e com quem "compartilhamos doces conselhos juntos", conspire para a nossa ruína e dê conselho contra a nossa própria vida. Em uma palavra, o pecado é um incendiário tal que as chamas que acende voam não apenas da casa de um vizinho para a de outro, mas de uma nação para outra. Toda a água do mar que corre entre um reino e outro não pode apagar as guerras que ele levanta; antes, faz com que homens que vivem em uma extremidade do mundo tenham sede do sangue e do tesouro daqueles que vivem na outra. De modo que a terra não passa de uma arena de combate, onde há pouco mais do que lutas e assassinatos mútuos. E é este o hóspede que você consegue acolher em seu peito?

3. O pecado tem uma propriedade condenadora. Se todo o mal que o pecado nos causasse fosse neste mundo, já seria ruim o suficiente; mas considerando nossa curta permanência aqui, daria algum alívio aos nossos pensamentos saber que terminariamos com ele e com esta vida juntos. Mas ser atormentado aqui por ele e condenado por ele também a tormentos eternos em outro mundo: isto é intolerável! Parece-me que aquela passagem: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno", Mt 25:41, deveria nos fazer assentar e considerar se qualquer pecado é tão prazeroso ou desejável que valha a pena jazer em tormentos intermináveis para obtê-lo e desfrutá-lo por alguns dias e meses passageiros que chegam ao fim quase tão logo começam. Você já conhece, pecador, o melhor de seu prazer pecaminoso, mas não o pior de sua punição, a qual é tão grande que perde sua ênfase principal ao ser traduzida para a nossa linguagem e vestida com expressões tomadas emprestadas de coisas que mais nos amedrontam nesta vida.

Infelizmente! o que é o fogo e o enxofre que vemos e tememos tanto aqui em comparação com o que queima no lago infernal? Verdadeiramente, pouco mais do que o fogo pintado na parede é em relação ao que queima em nossa lareira. Este em nossa chaminé foi feito principalmente para nosso uso e conforto, mas o fogo do inferno — seja ele material ou não, não importa saber — não tem outro fim senão o de atormentar os pecadores. Este em nossa cozinha é aceso por um pequeno sopro de vento e apagado por um pouco de água; mas "o sopro do Senhor, como torrente de enxofre, o acende", Is 30:33. E onde encontraremos baldes para apagar o que Deus acende? Dizem que cheirar a terra é saudável para o corpo, e inalar o odor deste poço sulfuroso por meio da meditação frequente não pode deixar de ser tão saudável para a alma. Se muitos tivessem descido assim ao inferno enquanto na terra, suas almas, provavelmente, não teriam caído no inferno quando seus corpos caíram na sepultura. Ó cristão! ande às vezes na companhia daquelas passagens da Escritura que descrevem o estado dos condenados no inferno e os seus tormentos ali. Esta é a verdadeira "casa do luto", e o entrar nela por meio da meditação séria é um meio soberano para fazer com que "os vivos o considerem no coração", e, considerando-o no coração, há menos temor de que você se lance por sua impenitência neste lugar tão desconfortável, você a quem é oferecida de forma tão generosa uma habitação no palácio feliz do céu, mediante a sua fé e arrependimento.

Diretriz 2. Proveja-se de respostas bíblicas para os falsos raciocínios de Satanás com os quais ele coloca uma bela aparência em suas propostas imundas, para melhor obter o seu consentimento. Ele é astuto. Você precisa ser

cauteloso. Ele não apenas propõe o objeto pecaminoso, mas também lhe dá um belo brilho e pressiona a alma com argumentos para abraçar a sua oferta. E quando o pecado se apresenta assim, como um Golias, não é a armadura de Saul, mas as "pedras lisas do ribeiro", não a sua própria determinação, mas a divindade dos argumentos das Escrituras que pode preservá-lo ou prostrar o seu inimigo. Ora, você encontrará na palavra uma resposta colocada em sua boca para refutar toda a sofística de Satanás. E isto, de fato, é ser um Apolo, "poderoso nas Escrituras", quando podemos calar a boca do diabo e deter seus projéteis com uma palavra oportunamente interposta entre nós e a tentação. Não será, portanto, demais apresentar alguns EXEMPLOS por meio dos quais esta diretriz possa ser tornada mais facilmente praticável nas mãos de cristãos mais fracos:

Primeiro: Às vezes Satanás se insinua em uma alma tentando fazer com que um pecado pareça insignificante.

Segundo: Oferecendo uma oportunidade para cometer um pecado em segredo.

Terceiro: Pelo exemplo de outros.

Satanás tenta ao pecado fazendo com que um pecado pareça insignificante

Primeiro exemplo. Às vezes Satanás se insinua em uma alma dizendo: "Ora, homem, será que um único pecado, se você ceder a ele, causará tanto dano assim? Um único sinal não estraga a beleza do rosto, nem pode um único pecado arruinar a beleza de sua alma; e não é por mais do que isso que sou pretendente. Se eu lhe ordenasse chafurdar em cada poça, você bem poderia abominar a proposta; mas por que tem tanto medo

de que uma única mancha seja vista em sua veste? A melhor joia tem a sua falha, e o santo mais piedoso o seu deslize". Ora, para refutar esta proposta, quando apresentada de forma tão polida e modesta:

1. Resposta. A palavra lhe dirá que nenhum pecado é isolado. É impossível abraçar ou permitir um pecado e estar livre dos outros. Porque:

(1.) Aquele que cede a um pecado lança desprezo sobre a autoridade que fez toda a lei e, por esta razão, quebra-a por inteiro: "Porque qualquer que guardar toda a lei e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos", Tg 2:10. E ele dá a razão nas palavras seguintes: "Porque aquele que disse: Não cometerás adultério, também disse: Não matarás". Ora, se não cometeres adultério, mas matares, és transgressor da lei. Não que ele seja culpado de todos de forma distributiva, mas coletiva, como bem observa Estius. Pois a lei é uma unidade conjuntiva. Um mandamento não pode ser ultrajado sem que todos os demais sejam afetados pelo mesmo ato; assim como todo o corpo sofre por uma ferida causada em uma de suas partes: "Deus falou todas estas palavras", Êx 20. São dez palavras, mas uma só lei.

(2.) Ao permitirmos um único pecado, desarmamo-nos e privamo-nos de ter um argumento de consciência para nos defendermos contra qualquer outro pecado. Aquele que pode ir contra a sua consciência em um ponto não pode pleitear a consciência contra nenhum outro. Pois, se a autoridade de Deus o intimida em relação a um ponto, fará o mesmo em relação a todos: "Como pois faria eu este tamanho mal, e pecaria contra Deus?", disse José. Não duvido de que a resposta dele teria sido a mesma se sua senhora lhe tivesse ordenado mentir por ela,

como fez quando o seduziu a deitar-se com ela. O nono mandamento o vincularia tão bem como o sétimo. Daí o apóstolo exortar a "não dar lugar ao diabo", Ef 4:27 — sugerindo que, ao cedermos em um ponto, perdemos o nosso terreno, e o que perdemos ele ganha; e deixem que ele mesmo aproveite as vantagens. Uma vez que a broca pequena entra, o artífice pode então introduzir um prego grande. Um pecado ampliará um pouco a sua capacidade de engolir, de modo que você não se esforçará tanto diante do próximo.

(3.) Permita um pecado e Deus o entregará a outros pecados: "Pelo que também Deus os entregou às imundícias", Rm 1:24. Os gentios se entregaram à idolatria, e Deus os entregou a outras concupiscências bestiais, versículo 26. Quando Judas começou a agir como ladrão, questiono se ele pretendia se tornar traidor. Não, a sua traição foi uma punição por seu roubo. Ele permitiu-se um pecado secreto, e Deus o entregou a um mais aberto e terrível. Mas,

2. Resposta. Suponha que você pudesse — o que é impossível — acolher um pecado em seu peito e excluir todos os demais, contudo a palavra lhe dirá que você é servo daquele único pecado, e que não pode ser assim e servo de Deus ao mesmo tempo.

(1.) Que você seria servo daquele único pecado: "Servos sois daquele a quem obedecéis", Rm 6:16; e, conseqüentemente, servos do diabo, cujo reino vocês se esforcem por sustentar ao defenderem, ainda que seja este único castelo, contra Deus, o seu Criador. Nem servirá de desculpa dizer que você não tem essa intenção. Talvez a avareza seja o seu pecado, e seja o seu lucro o que você visa, não se aliando ao diabo contra Deus. Embora este não seja o seu objetivo expresso ao pecar, contudo é o

objetivo do pecado que você comete, e de Satanás que o incita à obra, e assim lhe será cobrado no final. O soldado comum ordinariamente não olha para além de seu pagamento. É isso que o atrai para o campo de batalha. Contudo, tornam-se traidores ao auxiliarem aquele que os lidera contra o seu príncipe; e não servirá de desculpa dizerem que lutaram por seu soldo, e não para destroná-lo. Acabe vendeu-se "para fazer o que era mau aos olhos do Senhor", 1 Reis 21:20. E, no entanto, não lemos que ele tenha feito qualquer pacto expresso com o diabo. Mas o significado é que ele fez aquilo que, em efeito, equivalia a nada menos do que isso. Ele sabia que, se pecasse, pagaria com a sua alma por isso, e ele queria a sua concupiscência, embora estivesse ciente de seu preço; e, portanto, interpretativamente, vendeu a sua alma para que pudesse desfrutar de seu pecado.

(2.) Você pode aprender da palavra que não pode ser servo de nenhum pecado e de Deus ao mesmo tempo: "Ninguém pode servir a dois senhores;... não podeis servir a Deus e a mamom", Mt 6:24. Por "mamom" entende-se uma concupiscência específica, a avareza. Um corpo bem pode ter duas almas, assim como uma alma dois senhores. Uma alma tem apenas um amor soberano, e dois não podem ter a supremacia sobre ele. Ouvi falar, de fato, de um miserável que disse: "Ele tinha uma alma para Deus e outra para o diabo também". Mas, se ele tem uma alma no inferno, temo que não encontrará outra para o céu. E um pecado certamente o enviará para lá tão bem como mil: "Não vos erreis: nem os fornicadores, nem os idólatras", etc., "herdarão o Reino de Deus". Ele não exclui apenas aquele que pratica tudo isso, mas qualquer uma destas práticas. É certo que todos os homens morrerão, mas nem todos morrem da mesma doença. E, com igual certeza, todos os pecadores impenitentes serão

condenados, mas um é condenado por um pecado e outro por outro. Mas todos se encontram, no final, no mesmo inferno.

Satanás tenta ao pecado pela oportunidade oferecida para cometê-lo em segredo

Segundo exemplo. Talvez você seja tentado ao pecado pela oportunidade de cometê-lo em segredo — onde você não pagará com a perda de sua reputação a aquisição de seu prazer. Esta foi a armadilha em que o pé do jovem simples foi apanhado, Pv 7:19. Sua meretriz lhe diz: "o marido não está em casa"; o caminho estava livre. Eles podiam beber de suas águas roubadas sem medo de serem processados pelo furto. Muitos, infelizmente! a quem a vergonha do mundo impede de bater à porta da frente, são facilmente persuadidos a pecar se puderem entrar discretamente pela porta dos fundos. O próprio Saul, embora envergonhado de ir a uma necromante com suas vestes reais, porque havia imbuído o mundo com a opinião de seu ódio por aquele pecado ao mandar matar tais práticas, contudo não tem medo de ir disfarçado a uma delas. Portanto, assim como acrescentou muito ao peso das tentações com as quais o diabo atacou Cristo o fato de ter vindo a ele no deserto e de o ter solicitado apenas a um reconhecimento privado, sim, secreto, de sua pessoa, onde ninguém pudesse contar histórias do que se passara entre eles; assim também acrescenta à glória daquela vitória completa que Cristo obteve sobre Satanás em todas elas. E como obteve Cristo essa vitória senão pela espada da palavra? Tome você, cristão, portanto, a mesma arma para se defender contra o mesmo inimigo:

1. A palavra lhe dirá que Deus está a par de seus pecados mais secretos: "Puseste as nossas iniquidades diante

de ti, os nossos pecados ocultos, à luz da tua face", Sl 90:8. Eles são tão claramente vistos por ele como qualquer coisa o pode ser por nós ao meio-dia. Mais ainda: ele não apenas os vê e os conhece, mas os coloca diante de si como alvo para disparar suas flechas de vingança. Da mesma forma, Pv 15:3: "Os olhos do Senhor estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons". Assim como ele vê quando você fecha o seu gabinete de oração para orar em segredo, e recompensará a sua sinceridade; assim ele vê quando você o faz para pecar em segredo, e recompensará a sua hipocrisia. Ora, se um rei assentado no seu trono "com os seus olhos dissipa todo o mal", Pv 20:8, quão mais poderosamente o olho de Deus, se visto olhando para nós, dissiparia o movimento mais secreto que se agita em nosso coração para pecar! Melhor que todo o mundo o veja do que Deus, que sofre a ofensa causada pelo pecado e, portanto, tem interesse em fazer justiça a si mesmo sobre você. Ele não pode deixar nenhum pecado impune, por ser um juiz justo. Mas há alguns pecados que exigem uma intervenção mais imediata da vingança divina do que outros e, por isso, são chamados de "pecados que clamam". E são aqueles que, ou pela posição e poder do infrator o homem não ousa punir, ou são cometidos de forma tão secreta que o homem não pode tomar conhecimento do fato: como o assassinato sangrento de Caim contra o seu irmão — "A voz do sangue do teu irmão clama", Gn 4:10.

2. A palavra o informará de um delator que você tem em seu próprio peito — refiro-me à sua consciência, que o acompanha e é testemunha de todos os seus planos astutos, e o que ela vê, ela registra, pois é um tribunal de registro. Você não pode pecar tão rápido que ela não possa registrar após você. E a pena com que a consciência registra os nossos

pecados tem uma ponta afiada; ela corta profundamente o próprio coração e a alma do pecador. Dos gentios, diz-se que seus pensamentos os acusam, Rm 2:15. E nenhum tormento no mundo se compara a uma consciência acusadora: "O espírito do homem aliviará a sua enfermidade, mas ao espírito abatido, quem o consolará?", Pv 18:14. Quem? Nem os homens, nem os anjos. *Nullus oculus molestior cuique suo: non est aspectus quem tenebrosa conscientia suffugere magis velit, minus possit* [Nenhum olho é mais incômodo para alguém do que o seu próprio; não há olhar de que a consciência sombria queira mais fugir, e menos possa], diz Bernardo — nenhum olho amedronta mais um pecador do que o seu próprio; é dele que ele mais deseja fugir, mas é o que menos consegue. Tal pobre infeliz é como Régulo em seu barril cravejado de pregos: para qualquer lado que se curve, *in vulnus inclinat* [inclina-se para a ferida], é picado e ferido. Oh, leia aqueles tristes exemplos de Caim, Saul e Judas, com outros nos registros da Escritura que estiveram neste suplício, e você terá medo de pecar onde a consciência está presente.

3. Consulte "a palavra" e constatará que Deus geralmente tem envergonhado neste mundo aqueles que prometeram a si mesmos o maior segredo em seus pecados. É um dos nomes de Deus ser um "revelador de segredos", Dn 2:47. E, entre outros segredos, ele não se esquece de "trazer à luz" estas "coisas ocultas das trevas", 1 Co 4:5 — aqueles pecados que são forjados em uma oficina mais escura do que os outros — e isso frequentemente neste mundo. Nesses atos os homens expressam que pensamentos vis têm de Deus, como se ele fosse um Deus do dia e não da noite; portanto, para defender este atributo e incutir um

temor interior dele nos corações dos homens, ele desenterra essas raposas de suas covas em que se escondem e expõe seus pecados aos olhos do mundo, os quais pensavam que ninguém deveria saber além deles mesmos e de seus parceiros no pecado. Tal efeito teve a descoberta do pecado secreto de Ananias e Safira: "E houve um grande temor em toda a igreja e em todos os que ouviram estas coisas", At 5:11, 13.

Veja, portanto, como Deus tem ridicularizado os homens quando estes mais se esmeraram em ocultar seus pecados para escondê-los dos olhos do mundo. Nenhuma astúcia faltou aos patriarcas para ocultarem seu pecado antinatural contra seu irmão. Que história provável e bela contam eles ao ancião, seu pai, que creu em tudo e não investigou mais! Quão fiéis foram entre si, embora fossem tantos no plano; o fato de nenhum deles ter revelado em momento algum foi algo extraordinário. Quanto tempo dormiu isso antes de ser descoberto? E que estranha providência para trazer a maldade deles à luz! Da mesma forma, Geazi desempenhou seu papel com bastante astúcia, poder-se-ia pensar, o que o tornou tão ousado para comparecer perante o seu mestre e mentir descaradamente em sua cara, sem sonhar minimamente que ele estava a par de seu pecado. Contudo, este homem é descoberto e, pelas vestes que obteve de Naamã por meio de uma mentira, recebeu outra dada pelo Senhor, a qual deveria vestir como farda de seu pecado — pois foi coberto de lepra —, uma veste não como as outras, para ocultar a sua vergonha, mas para a descobrir a todo o mundo — uma veste mais duradoura do que as duas mudas de roupa que recebeu do sírio; pois esta lhe durou toda a vida; e nem por isso se desgastou, mas deveria ser vestida por seus filhos depois dele, 2 Reis 5:27. Em uma palavra, por mais santo que seja, se ele tenta poupar-se

da vergonha de um pecado por meio de qualquer plano secreto de maldade, toma o caminho direto para trazer sobre si aquilo que projeta afastar. O sangue de Urias foi derramado apenas como um recurso pecaminoso para poupar a reputação de Davi, a qual teria sofrido se sua loucura com Bate-Seba se tornasse assunto da cidade. e como se saiu ele com este seu plano? Ah, pobre homem! tudo vem à tona para sua maior vergonha. Davi saberá que Deus será tão zeloso de sua própria honra como ele é de sua reputação: "Porque tu o fizeste em oculto, mas eu farei este negócio perante todo o Israel e perante o sol", 2 Sm 12:12. Sim, o próprio Davi no final está enojado com seu próprio plano e não se mostrou no início mais empenhado em ocultar o seu pecado do que esteve depois disposto a confessá-lo; e, portanto, encontramos-lo no Salmo 51 postando-se como que em praça pública e fazendo penitência voluntária por seu pecado em todas as igrejas de Deus enquanto as Escrituras forem lidas em suas assembleias até o fim do mundo.

Satanás tenta ao pecado pelo exemplo de outros

Terceiro exemplo. Talvez você seja tentado ao pecado pelo exemplo de outros. De fato, embora o exemplo seja um argumento artificial, contudo é de grande força para muitos, especialmente se as pessoas citadas em favor de um pecado forem ou a maioria, ou consideradas as melhores. Quando são a maioria, arrastam imediatamente consigo aqueles que têm o coração falso ou a mente fraca — como peixes mortos e palhas leves nadam com a correnteza; para os quais a vergonha causa o maior impacto, e uma multidão para acompanhar alguém em um pecado remove a vergonha deste. Onde todos andam nus, poucos se envergonharão. Antes, são expostos à vergonha os que

querem ser singulares e não agir como os demais; como Micaías, que foi feito objeto de escárnio porque não quis afinar sua flauta ao ouvido de Acabe, nem se unir ao colégio inteiro de seus capelães bajuladores em seu julgamento. Ou, se forem aqueles que gozam de reputação de sabedoria e piedade, então frequentemente isso se mostra uma armadilha para os que não são dos piores; o que deveria tornar a todos os de alta posição ou de eminente graça muito circunspectos quanto a que opinião ou prática adotam. O diabo fica muito orgulhoso quando consegue que tais pessoas assinem o seu testemunho. A região logo ecoará isso, e o exemplo delas será exibido em toda parte para atrair outros: "Ora, tal pessoa é desta opinião, defende isto e faz aquilo, e espero que seja alguém que você reverencie e honre". Ora, neste caso, consulte a palavra, e ela o livrará desta tentação:

1. A palavra ordena que tragamos os exemplos dos homens — sejam eles quem forem — ao teste da palavra. É a opinião deles que está sendo citada? "À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles", Is 8:20. É a luz que o homem carrega em sua lanterna que nós seguimos. Apagada esta, nós o deixamos. Ora, vemos por esta passagem da Escritura que não tem luz aquele que não tem a palavra para garantir a sua opinião. De modo que nem ele sabe para onde vai, nem nós para onde tal pessoa nos conduzirá. Da mesma forma: é a prática de outro que lhe é apresentada como modelo para copiar? O que diz a palavra? "Não seguirás a multidão para fazer o mal", Êx 23:2. Os exemplos não são a nossa garantia, mas os preceitos. Nem proporcionará ao homem a absolvição o fato de ter tido um precedente em seu pecado. Adão, de fato, disse que a mulher lhe dera a maçã; mas isso não o poupou de pagar a conta junto com ela. Ela foi, de fato,

a primeira na transgressão, contudo ambos se encontraram na punição. Comería você veneno porque outro ousa ser tão ousado a ponto de ser o seu provador? Certamente o exemplo dele não pode tornar o veneno menos letal para você que o acompanha no ato.

2. A palavra lhe dirá que os melhores santos nem sempre caminham corretamente; mas frequentemente são encontrados tropeçando: "Todos tropeçamos em muitas coisas", Tg 3:2. E aquele que está sujeito a tropeçar pode também conduzi-lo ao desvio. Portanto, Paulo, homem tão santo como nenhum outro que viveu, quando convoca outros a segui-lo, quer que o sigam com os olhos abertos, para verem se ele seguia a Cristo: "Sede meus imitadores, como também eu de Cristo", 1 Co 11:1. A vida mais santa do melhor santo na terra não passa de uma tradução imperfeita da regra perfeita de santidade contida na palavra e, portanto, deve ser testada por ela. Daí ser característica da sinceridade atentar para o caminho antes que para a companhia: "O alto caminho dos retos é desviar-se do mal", Pv 16:17. Ele consulta a palavra sobre se o caminho é bom ou mau. Se o acha mau, não entrará nele para fazer companhia a outro, não, ainda que este seja um santo. De fato, Deus permite que alguns tropecem para prova de outros. Assim surgem as heresias, "para que os que são aprovados se tornem manifestos", 1 Co 11:19; Dt 13:3: "não ouvirás as palavras daquele profeta...; porquanto o Senhor vosso Deus vos prova, para saber se amais o Senhor vosso Deus com todo o vosso coração". Assim apresentei alguns exemplos pelos quais você pode ver como esta espada da palavra — como aquela na mão do querubim — pode preservar o cristão de se aventurar no pecado sob qualquer pretexto que seja.

Escondamos a palavra em nosso coração para nossa defesa contra as tentações ao pecado

Diretriz 3. Esconda a palavra em seu coração. Este foi o preservativo de Davi: "Escondi a tua palavra no meu coração, para não pecar contra ti", Sl 119:11. Não foi a Bíblia em sua mão para a ler; não foi a palavra em sua língua para falar dela; nem em sua cabeça para obter um conhecimento conceitual dela; mas o escondê-la em seu coração o que ele considerou eficaz contra o pecado. Não é o alimento na travessa, mas no estômago, que nutre; não o remédio no copo, mas o ingerido no corpo, que purifica. Ora, "coração" na Escritura, embora seja usado para todas as faculdades da alma, contudo, principalmente, é colocado para a consciência e as afeições:

Primeiro. O coração na Escritura é frequentemente colocado para a consciência: "Porque, se o nosso coração nos condena, maior é Deus do que o nosso coração, e conhece todas as coisas", 1 Jo 3:20. Isto é, se a nossa consciência nos condena justamente, com certeza o nosso caso é triste, porque Deus sabe de nós mais do que nós mesmos, e pode nos acusar de muitos pecados de que a consciência não está ciente.

Ora, assim, cristão, esforce-se por esconder a palavra em seu coração — isto é, em sua consciência; que ela ali tenha um trono, e ela o manterá em um temor santo:

1. Olhe para a palavra como revestida de autoridade divina, a lei que o grande Deus dá a você, sua pobre criatura, para caminhar por ela. Isto impresso em sua consciência o faria tremer ao pensamento de um pecado, que é a adaga do traidor que golpeia o próprio Deus pelo desprezo que lança

sobre a sua lei. E se alguns assassinos, pretendendo esfaquear um príncipe, ficaram tão intimidados por alguns raios de majestade emitidos de sua fronte mortal que seus corações não lhes serviram para realizar a terrível tentativa; quanto mais o temor da majestade do grande Deus, projetado de sua palavra na consciência da criatura, deve impedi-la de praticar qualquer traição contra o seu Criador? "Príncipes me perseguiram sem causa, mas o meu coração temeu a tua palavra", Sl 119:161. Como se dissesse: "Prefiro incorrer na ira deles por minha santidade do que tornar a tua palavra minha inimiga pelo meu pecado".

2. Olhe para a palavra de Deus como aquela lei pela qual você há de ser julgado no grande dia: "Deus julgará os segredos dos homens... segundo o meu evangelho", Rm 2:16. Então o livro de sua consciência será aberto e comparado com este e, conseqüentemente, a sentença de vida ou morte será proferida por Cristo, seu Juiz. Você pode saber de antemão como se sairá naquele dia. Se agora você não pode subsistir diante da palavra conforme explicada por um pobre ministro e aplicada à sua própria consciência, que fará você quando ela for aberta por Cristo? Agora a sua consciência, pela palavra, o condena, mas não finalmente; pois pelo seu arrependimento oportuno e fé, a sentença deste tribunal particular pode ser revertida, e a palavra que ainda há pouco o sujeitava à morte o absolverá e justificará. Mas naquele grande dia de julgamento haverá uma decisão final de sua causa. Se então o julgamento for contra você, você será um homem perdido para sempre. Sem reversão da sentença, sem sequer um indulto para adiar a execução. Mas, conforme a palavra sai da boca do Juiz, o rosto do pecador é coberto para ser imediatamente entregue nas mãos dos

aterrorizadores. E atreve-se você agora, ó homem, a acolher qualquer concupiscência enquanto vê a força armada e as correntes eternas preparadas nas quais a palavra de Deus condena cada pecador a jazer? Pode ler a sua sentença e, contudo, gostar do seu pecado que a traz inevitavelmente sobre a sua cabeça?

Segundo. O coração na Escritura é mais frequentemente tomado pela vontade e afeições: "Dá-me, filho meu, o teu coração", Pv 23:26, isto é, o teu amor. Da mesma forma, Dt 10:12: "para o amares e servires ao Senhor teu Deus com todo o teu coração". E assim, cristão, esconder a palavra em seu coração seria um excelente antídoto contra o veneno do pecado. As correntes do amor são mais fortes do que as correntes do temor. O amor de Herodes por Herodias foi forte demais para o seu temor de João. Ele tinha algum freio em sua consciência que o intimidava e amarrava suas mãos por um tempo. Mas a sua favorita tinha as suas afeições, e o coração pode desatar as mãos. O amor dele por ela o fez sacudir o respeito por João e, finalmente, banhar as mãos em seu sangue. Aquele que é apenas prisioneiro do mandamento e mantido em bom comportamento pelas correntes de terror que a ameaça lança sobre a sua consciência pode ter estas correntes rompidas e, então, sacudirá também a sua obediência. Mas aquele que ama a palavra e a pureza de seus preceitos não pode tornar-se traidor. Quando tal pessoa peca, causa ferida tão profunda em seu próprio coração como na lei e, por isso, treme diante da ideia de desagradar a Deus: "Amo os teus testemunhos. O meu corpo estremece com temor de ti", Sl 119:119-120. Oh, este é o temor bendito que é filho do amor. Ora, para inflamar o seu coração de amor pela palavra, considere que ela é o monitor mais fiel e o consolador mais doce que você tem em todo o mundo:

1. Ela é o seu monitor mais fiel. Ela lhe diz claramente todas as suas faltas e não permitirá que o pecado permaneça sobre você, mas aponta para o inimigo que caça a vida de sua preciosa alma; ela descobre todos os planos e ciladas que Satanás e suas concupiscências amadas têm contra você. Isto fez Davi amá-la tão piamente: "Além disso, por eles é advertido o teu servo", Sl 19:11. Além de todos os outros bons ofícios que ela realiza por você, adverte-o de cada perigo e lhe mostra como escapá-lo. Oh, como isso deveria torná-la querida para você! Acaso Assuero acumulou honra tão abundante sobre Mardoqueu, que apenas uma vez fora o meio de salvar a sua vida ao descobrir uma traição planejada contra a sua pessoa? Quanto mais deveria você honrar e amar a boa palavra de Deus, que tantas vezes salvou a sua alma das mãos de seus inimigos espirituais e lhe dá diariamente aviso sobre como escapar dos laços do pecado, sem o que lhe seria impossível descobri-los ou evitá-los? Ficou Davi tão impressionado com a sabedoria e o amor de Abigail no conselho que ela lhe deu, pelo qual ele foi guardado de derramar sangue em sua fúria, que a tomou em seu peito para ser sua esposa como recompensa de sua bondade para com ele? E não o fará o conselho que a palavra lhe deu amar muito mais a ela?

2. A palavra é o seu consolador mais doce. Quando a pobre alma está angustiada com a culpa e luta com os terrores da ira divina por seus pecados, oh, que consoladores miseráveis são então os prazeres e tesouros deste mundo! Quão pouco pode qualquer criatura contribuir para o alívio de uma pessoa assim! Não mais do que aquele que, postando-se na praia, vê o seu amigo afogando-se no mar, mas não sabe como lhe estender ajuda. É somente a palavra

que pode caminhar sobre aquelas ondas e vir em socorro da alma. Esta é capaz de restaurar a alma e erguê-la do fundo do mar de desespero. Embora a alma se encontre, como aqueles marinheiros, "ao limite de sua razão" e sem saber o que fazer, contudo então a palavra se levanta — como Paulo diante deles — e, por assim dizer, assim lhe fala: "Pobre alma, tu deverias ter dado ouvidos à minha voz e não ter te afastado do teu porto pecando contra Deus para vires a este dano e perda. Mas tem bom ânimo; faz isto e aquilo; arrepende-te de tua loucura e volta depressa para o teu Deus em Cristo Jesus, e não haverá perda de tua vida". Há perdão com o Senhor, para que ele seja temido. E assim, em todas as outras aflições, esta envia o consolo ao santo. Quando o mundo lhe dá fel, esta traz vinho; quando ele encontra apenas provações e aborrecimentos daquele lado, esta docemente recreia e alegra os seus espíritos. Aqui o cristão tem aquelas águas frescas com as quais apaga e alivia todas as suas tristezas. E vocês sabem que tesouro uma fonte é considerada em terras secas ou quentes. Certamente, cristão, quando você considera quantas doces porções bebeu dos poços da salvação, clamará com Davi: "Nunca me esquecerei dos teus preceitos, pois por eles me vivificaste", Sl 119:93. Não me admira ver o seu inimigo tentar tapar o seu poço de onde você deve extrair o seu consolo; mas que ele seja capaz de convencer você mesmo a fazê-lo é extraordinário.

Pleiteemos a promessa contra o pecado no trono da graça

Diretriz 4. Pleiteie a promessa contra o pecado no trono da graça. Aquele que tem a lei ao seu lado, costumamos dizer, pode processar o rei; e aquele que tem uma promessa ao seu lado pode, com uma humildade ousada, iniciar sua petição perante Deus. Assim como as veias no corpo têm artérias para acompanhá-las com fôlego de vida, assim os preceitos na palavra têm promessas para inspirar o cristão e dotá-lo de força para o seu dever. Há o mandamento de orar? Há também a promessa de capacitar para a oração, Zc 12:10; Rm 8:26. Exige Deus que lhe entreguemos o nosso coração? "Dá-me, filho meu, o teu coração", Pv 23:26. A promessa diz: "E dar-vos-ei um coração novo", Ez 36:26. Ordena-nos ele a mortificar as nossas corrupções? E não promete ele: "O pecado não terá domínio sobre vós", Rm 6:14? Ora, para obter esta promessa, você deve pleiteá-la e pressioná-la com fé no trono da graça. *Quod lex imperat, fides impetrat* [O que o preceito ordena, a fé impetra] — o que o preceito exige, a oração da fé pede e recebe. Trate, portanto, de buscar a Deus em seu caminho. Primeiramente cerque o céu e, então, não tema vencer o pecado e o inferno, uma vez que tenha conquistado o céu. Agora você guerreia às custas de Deus, e não às suas próprias. Aquele que o envia o trará de volta. Davi era homem de armas e sabia manejar a sua arma contra este inimigo tão bem como qualquer outro; contudo, não ousa prometer a si mesmo o sucesso antes de ter feito de Deus o seu aliado: "Ordena os meus passos na tua palavra, e não se apodere de mim iniquidade nenhuma", Sl 119:133. Mas se você pensa em obter uma vitória pela força de sua própria determinação, espere a derrota. E será uma misericórdia que seja assim tratado; pois um revés lhe ensinará humildade para o futuro, ao passo que uma vitória aumentaria o seu orgulho. E essa é uma triste vitória quando um pecado leva embora os despojos que você tirou de outro. Josafá tomou o rumo certo para

ser bem-sucedido, o qual, embora tivesse quase um milhão de homens que podia levar a campo — e isso sem desfaltar as suas guarnições —, contudo roga a ajuda de Deus como se não tivesse um homem para lutar por ele: "Porque em nós não há força perante esta grande multidão que vem contra nós, nem sabemos nós o que faremos; mas os nossos olhos estão postos em ti", 2 Cr 20:12. Se um Alexandre ou um César estivessem à frente de tal exército, garanto-lhes que não deixariam de saber o que fazer e não duvidariam de vencer a todos diante de si. Mas Josafá, homem santo e humilde, estava mais bem instruído. Ele sabia que um exército nada significa se não tiver o Senhor dos Exércitos com ele; e que o mais valente não pode encontrar coração nem mão no dia da batalha sem a permissão daquele que fez ambos. Nem você, cristão, será capaz de usar a sua graça em uma hora de tentação sem nova graça de Deus para despertar e fortalecer o que você já recebeu dele. E se você espera isso dele, ele espera ouvi-lo. Nem isso significa que Deus esteja indisposto a dar o que prometeu pelo fato de não pagar a dívida da promessa antes que esta seja demandada no trono da graça. Não, Deus adota este método apenas para assegurar a sua própria glória no ato de dar, e também para aumentar o nosso conforto ao recebê-la por este caminho da oração, que é recurso adequado para alcançar a ambos.

QUARTA RAMIFICAÇÃO: INSTRUÇÕES SOBRE COMO USAR A ESPADA DA PALAVRA CONTRA AS AFLIÇÕES, EXTERNAS OU INTERNAS

Chego agora a dar alguma pequena ajuda, por via de orientação, sobre como o cristão pode usar esta espada da

palavra para sua defesa contra o quarto inimigo e o último, mas não o menor — um exército composto por muitas divisões de aflições que o invadem por fora e o angustiam por dentro. O cristão neste mundo não se encontra como algumas casas, tão protegidas e sombreadas por colinas ou bosques que o vento bate apenas em um lado delas. Não, ele fica exposto a tormentas e tempestades de todos os quadrantes do céu. Lemos sobre um vento estranho que de uma só vez "deu nos quatro cantos da casa" em que estavam os filhos de Jó. Verdadeiramente, assim as aflições do cristão o cercam por todos os lados: nenhum canto fica sem ataque. E muito frequentemente ele é atingido de todos os lados de uma só vez; provado em seus bens, debilitado em seu corpo e aflito em seu espírito, tudo de uma só vez. E quando tantos mares de tristeza se encontram, não é trabalho fácil para o coração do pobre cristão manter-se intacto em meio à violência conjunta de suas ondas. Embora seja extremamente certo que aqueles abatimentos e perturbações com que as mentes dos melhores santos se mostram tão desestruturadas e agitadas, sim, às vezes desanimadas e angustiadas, não podem ser imputados a qualquer deficiência dos princípios do evangelho para o seu sustento e conforto; mas antes à sua própria fraqueza e falta de habilidade para aplicá-los em suas diversas necessidades. Minha tarefa atual é dar algumas palavras de conselho ao cristão fraco — sobre como ele pode usar e empunhar esta espada da palavra para sua defesa e conforto em qualquer aflição externa, ou angústia de espírito vinda de dentro, que possa atacá-lo. E aqui não entrarei em casos específicos — o que seria uma obra volumosa e não tão apropriada para este lugar —, mas apenas me contentarei com algumas regras gerais que possam ser aplicadas a todos.

Ora, a parte revigorante e restauradora da palavra — refiro-me àquela que principalmente prepara e provê o conforto da alma em todos os seus desconfortos e aflições — está contida nas promessas. Estas bem estudadas e aproveitadas podem, por si sós, torná-lo um cristão consolado. Ora, se você deseja aproveitar as promessas de modo a não ser derrotado e pisoteado por Satanás em qualquer dia de angústia que lhe sobrevenha, mas confortavelmente levantar a cabeça em esperança e confiança acima das ondas de suas tristezas atuais, então dê ouvidos ao que se segue em algumas regras gerais ou DIRETRIZES, preparadas para sua ajuda:

PRIMEIRO. Que seja o seu primeiro e principal cuidado ter esclarecido o seu interesse e direito às promessas.

SEGUNDO. Dedique algum esforço para classificar as promessas e reuni-las sob seus cabeçalhos apropriados.

TERCEIRO. Observe a amplitude das promessas.

QUARTO. Dedique-se muito à meditação nas promessas.

QUINTO. Pleiteie as promessas no trono da graça.

SEXTO. Quando tiver demandado a promessa, exerça a sua fé no poder e na verdade de Deus para o cumprimento dela.

Devemos buscar ter esclarecido o nosso interesse nas promessas

Diretriz 1. Que seja o seu primeiro e principal cuidado ter esclarecido o seu interesse e direito às promessas. Pois este é o ponto em torno do qual se moverá a grande disputa entre você e Satanás no dia da aflição, a menos que o caso possa ser resolvido antes que esta o alcance. Oh, é triste para um pobre cristão postar-se à porta da promessa na noite escura da aflição com medo de levantar o ferrolho! Ao passo que ele deveria então aproximar-se em busca de abrigo tão confiadamente como uma criança na casa de seu pai: "Vai, pois, povo meu, entra nos teus quartos e fecha as tuas portas sobre ti; esconde-te só por um momento, até que passe a ira", Is 26:20. Aquele que tem o seu direito à promessa provado pela palavra à sua própria consciência não será facilmente despojado de seu consolo por meio de discussões. Nabote não abria mão de sua herança pelo agrado ou desagrado de um rei, mas manteve-se firme na defesa de seu direito até a morte. E assim resolve Jó: "Até que morra, nunca desviarei de mim a minha integridade", Jó 27:5. Esta era a sua evidência para o céu. E por isso Satanás usou de toda a sua astúcia para fazê-lo abrir mão dela, mas nunca o conseguiu. O seu direito era claro, e ele não se deixará convencer do contrário por Satanás; não, nem temeria afirmá-lo diante do próprio Deus, quando Deus em sua providência parecia mais deserdá-lo e tratá-lo como inimigo: "Bem sabes tu que eu não sou ímpio", Jó 10:7. Ele não diz que não tem pecado, mas em um humilde apelo a Deus defende o seu estado, afirmando que "não é ímpio". E isto manteve o carro de sua esperança sobre as rodas ao longo de todos os seus tristes sofrimentos; de modo que nunca foi completamente derrubado, embora às vezes parecesse balançar e vacilar.

Como o nosso interesse nas promessas pode ser esclarecido

Pergunta. Mas como saberei se tenho direito às promessas?

Resposta 1. Investigue se você está unido a Cristo pela fé ou não. As promessas não são pasto comum para os porcos fuçarem, mas o aprisco de Cristo para o seu rebanho se alimentar: "E, se sois de Cristo, então, sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa", Gl 3:29. A promessa é o dote de casamento, e não pode ser obtida senão recebendo a pessoa de Cristo em matrimônio. E a fé é a graça pela qual a alma dá o seu consentimento para receber a Cristo como ele é oferecido no evangelho. É chamada, por isso, de um receber a Cristo, Jo 1:12. Não há dúvida de que você frequentemente foi cortejado no ministério da palavra pelos porta-vozes de Cristo, e que aquela pergunta lhe foi feita em nome de Cristo, a qual foi outrora feita a Rebeca sobre receber a Isaque por marido: "Irás tu com este homem?" Eles, a partir da palavra, expuseram as glórias dele diante de você: quem ele é e o que traz consigo. Você ouviu os termos sob os quais ele está inteiramente disposto a proceder ao casamento e a recebê-lo como seu amado em seu leito e peito. A saber:

1. Que você afaste todos os outros amantes que tenham tido qualquer pretensão sobre você. Pois ele não tolerará nenhum concorrente ou parceiro com ele em suas afeições. Os nomes dos baalins devem ser tirados da boca de Israel, e então Deus se casa com ela, Os 2:16-17.

2. Que você aprecie a sua lei tão bem como o seu amor. Cristo não será marido onde não possa ser também mestre.

3. Que você o receba na alegria e na tristeza, com a sua cruz bem como com a sua coroa — para sofrer por ele bem como para reinar com ele.

Ora, que acolhida encontrou esta proposta em você? Você, diante da revelação feita de Cristo, agrada-se de sua pessoa? É ele transcendentemente amável aos seus olhos e precioso para a sua alma, de modo a inflamá-lo com um desejo insaciável dele? Pode desfazer-se livremente de suas concupiscências outrora amadas para conquistá-lo? E saltar dos braços de todos os seus deleites carnis e prazeres pecaminosos para ser acolhido em seus abraços? Está tão disposto a que ele seja o seu Senhor como o seu amor? E tão contente em curvar-se ao seu cetro como em repousar em seu peito? Em uma palavra: está tão enamorado dele que agora não pode viver sem ele, nem desfrutar de si mesmo a menos que possa desfrutar dele? O seu coração está ferido pelos dardos que o amor e a amabilidade dele dispararam contra ele, e ele próprio carrega consigo o bálsamo que somente pode curá-lo. Que ele exija agora o que quiser de suas mãos: nada do que ordena lhe será negado. Se ele lhe ordenar deixar pai e casa paterna, você irá após ele, ainda que seja para a outra extremidade do mundo. Se ele lhe disser que você deve ser humilde e pobre no mundo por amor dele, você está resolvido a mendigar com ele antes do que reinar sem ele, sim, morrer por ele antes do que viver sem ele. Venha para fora, bendito do Senhor, e coloque as pulseiras das promessas; elas são as provas de amor que trago das mãos de Cristo para lhe entregar, e em seu nome prometer matrimônio a você. Você é a alma feliz, se há uma na terra, que Cristo desposa consigo. Não desfaleça mais em seus temores de incredulidade. Para seu consolo, saiba que não é costume de Cristo cativar as

afeições da alma e, quando conquista o amor dela, negar-lhe o seu e rejeitá-la.

Resposta 2. Investigue que efeito as promessas têm em sua alma. Todos os que têm direito às promessas são transformados pela promessa. Assim como Satanás derramou sua semente venenosa no coração de Eva por meio de uma promessa: "Certamente não morrereis", Gn 3:4 — após o que ela imediatamente concebeu o pecado e foi assimilada à semelhança de sua natureza diabólica, tornando-se perversa como o próprio diabo —, assim Deus usa as promessas do evangelho — chamadas por isso de "semente incorruptível" — para gerar sua própria imagem e semelhança no coração de seus eleitos: "pelas quais ele nos tem dado as suas grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquéis participantes da natureza divina", 2 Pe 1:4, isto é, participantes de qualidades e disposições divinas e santas que o tornarão semelhante ao próprio Deus. As promessas do evangelho contêm em si uma adequação e, quando aplicadas pelo Espírito de Deus, uma virtude para purificar o coração, bem como para pacificar a consciência: "Vós já estais limpos", diz Cristo aos seus discípulos, "pela palavra que vos tenho falado", Jo 15:3. Coloque, portanto, a mão sobre o coração e fale livremente, pobre alma: têm as promessas tido uma virtude santificadora e transformadora sobre você? O que de Deus você encontra em seu coração mais desde o seu contato com as promessas do que antes? Alguns usam as promessas como proteção para o pecado, e não como argumento contra ele. Assim como o pecado toma ocasião pelo mandamento para operar no coração carnal toda sorte de concupiscência, assim também muitos sentem-se encorajados pela promessa a pecarem mais livremente — como charlatães que bebem veneno confiados em seu antídoto. Ora, de

que maneira opera a promessa em seu coração? Se o selo da promessa não deixa a marca da imagem de Deus em você, ela não confirma bem nenhum a seu favor. Se não produz santidade em você, não lhe traz alegria. Em uma palavra: se a promessa não é para você uma semente de graça, não é evidência para a glória. Mas se você constata que ela deixa a assinatura de Deus em você, então ela lhe assegura o amor e o favor de Deus.

Resposta 3. Investigue em que postura o seu coração se encontra em relação à palavra de mandamento. A promessa, talvez, seja doce ao seu paladar. Você a rola como um pedaço de açúcar sob a língua, mas acaso não se cerram os seus dentes contra o mandamento como se este fosse fel e absinto? Você sorri para a promessa, mas quando lembrado de seu dever para com o mandamento, então talvez o seu semblante mude e uma expressão franzida se instale em sua testa, como se Deus fosse algum mestre severo que quebra as costas de seus servos com fardos pesados. E você desejaria, de todo o coração, que uma dispensa pudesse ser obtida para que você pudesse quebrar de vez em quando um mandamento sem perder o seu direito à promessa; mas, porque isso não é de se esperar, você é tão condescendente consigo mesmo que se dá permissão para curvar-se diante de algum ídolo de prazer ou lucro que ergueu em seu coração, esperando que Deus seja misericordioso com você porque é apenas nesta ou naquela prática específica que você se atreve contra ele. Se este sapato serve em seu pé — se esta é a verdadeira postura de seu coração —, o que Deus não permita! você não tem nenhuma porção que lhe pertença no seio da promessa. Temos uma promessa consoladora em Sl 50:15, mas uma proteção está estabelecida ao redor dela, para que nenhum rebelde desobediente colha o seu doce fruto: "Mas ao ímpio diz Deus: Que tens tu que fazer em recitar os meus

estatutos, ou em tomar a minha aliança na tua boca, visto que aborreces a instrução e lanças as minhas palavras para trás de ti?", versículos 16-17. Por outro lado, se você puder em verdade dizer que não é com o santo mandamento que se ofende, mas consigo mesmo, por não poder obedecer-lhe de forma mais perfeita — que não lhe é penoso guardar, mas quebrar as leis de Deus; e, embora o seu pé deslize frequentemente, contudo o seu coração se apega a elas e não permite que você jaza onde cai, mas você se levanta para melhorar o seu passo e cuidar melhor de suas pisadas —, para seu consolo saiba, pobre alma, que este respeito sincero que você tem pelo mandamento é uma evidência extremamente consoladora de seu direito legítimo à promessa. Quando Davi podia atestar o seu amor ao mandamento, ele não questionava o seu direito à promessa; no Sl 119:113, ele afirma a sua afeição sincera pelos preceitos: "Aborreço os pensamentos vãos, mas amo a tua lei". Notem bem: ele não diz que está livre de pensamentos vãos, mas que os aborrece. Ele não gosta da companhia deles mais do que alguém gostaria de um bando de ladrões que invadissem a sua casa. Nem diz ele que guardava plenamente a lei; mas que amava a lei, mesmo quando falhava na obediência exata a ela. Ora, a partir deste testemunho que a sua consciência apresentava de seu amor à lei, a sua fé opera de forma clara e forte sobre a promessa nas palavras seguintes: "Tu és o meu refúgio e o meu escudo; espero na tua palavra", Sl 119:114.

Resposta 4. Se você questiona o seu direito a uma promessa, investigue se não pode discernir o seu interesse em uma segunda, a qual, se puder discernir, poderá concluir que tem direito àquela outra de que duvidava, sim, e a todas as demais. Pois, assim como há uma concatenação de graças — aquele que encontra uma tem todas —, assim também se dá com as

promessas: aquele que é herdeiro de uma tem direito a todas. Talvez, quando você lê aquela promessa: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus", Mt 5:8, os resquícios de corrupção, ainda não totalmente mortificados em seu coração, o assustem de aplicá-la a si mesmo como sua porção. Mas, quanto à promessa vizinha: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos", versículo 6, talvez você sinta um sentido tão agudo de sua culpa e falta de santidade que isso o obrigará a reconhecer que, se alguma vez um homem em febre ardente teve sede de bebida, ou um faminto desejou alimento, assim você deseja e clama pela justiça de Cristo para justificar a sua pessoa, e pela graça de Cristo para santificar a sua natureza — de modo que não pode deixar de ver esta promessa dirigida a você. E se esta lhe pertence, então a anterior e todas as demais com ela. Pois são ramos da mesma aliança, a qual Deus não desmembra, mas entrega por inteiro, com todos os ramos que nela crescem, para ser a porção do crente. Daí serem chamados de "herdeiros da promessa", Hb 6:17. Não herdeiros desta promessa ou daquela, mas "da promessa" — isto é, da aliança, que compreende todas as promessas do evangelho. De modo que, assim como tem posse de todo o corpo do homem aquele que segura firmemente a sua mão — embora seja apenas um membro dele —, porque esta está unida ao restante, e por ela ele pode atrair o restante para si; assim, se você tem posse de qualquer promessa, tem posse de todas as demais e pode inferir o seu direito a partir desta para com elas. E assim como se pode extrair o vinho de todo um barril por uma única torneira, assim também pode uma pobre alma derivar o consolo de toda a aliança para si mesma por meio de uma única promessa que seja capaz de assumir e aplicar. "Nós sabemos", diz São João, "que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos", 1 Jo 3:14. A vida eterna é a nata e o

topo de todas as bênçãos da aliança. Ora, um pobre cristão pode, diante do sentimento interior desta única graça do amor em seu coração — sendo a condição anexa a esta promessa —, saber que está em um estado de vida e felicidade. E por quê? Porque onde quer que esta graça se encontre em verdade, ali estão todas as demais graças salvadoras. Cristo não está dividido nestas graças e, conseqüentemente, aquele que pode aplicar esta promessa tem direito a todas as demais.

Devemos classificar as promessas sob seus cabeçalhos apropriados

Diretriz 2. Dedique algum esforço para classificar as promessas, conforme lê as Escrituras, e reuni-las sob seus cabeçalhos apropriados. Há grande multiplicidade de provações e tentações com que agrada a Deus exercitar os seus santos: "Muitas são as aflições do justo", Sl 34:19. E há variedade de promessas providas para ministrar o consolo adequado às suas diversas tristezas. As Escrituras são um jardim medicinal espiritual onde cresce uma erva para a cura de cada enfermidade. Ora, seria de admirável utilidade para o cristão se ele reunisse algumas de cada tipo, especialmente aquelas que constatou mais afetarem o seu coração, de que possa dizer com Orígenes: *hæc est scriptura mea* [esta Escritura é minha], e então registrá-las por si mesmas, como o médico faz com as suas receitas para esta e aquela doença. Não envergonharia o cristão ver um estudante conhecer cada livro em sua grande biblioteca e do que trata, de modo que pode dirigir-se imediatamente a qualquer um deles e fazer uso de seus conceitos conforme a ocasião; e que o cristão, que tem apenas um livro para consultar, e este de nenhuma extensão exagerada, mas suficiente tanto para torná-lo sábio para a salvação como para torná-lo consolado em cada condição que lhe possa sobrevir, não estivesse

familiarizado, se não com todas, pelo menos com algumas promessas selecionadas de cada tipo, às quais possa recorrer em busca de conselho e conforto no dia de sua aflição? Ora, o melhor momento para este trabalho é quando você ainda se encontra tranquilo, no seio da saúde e da prosperidade. O boticário colhe suas ervas medicinais na primavera, as quais usa no inverno. O marinheiro providencia o seu cordame no porto antes de se lançar ao mar. E o cristão sábio se abastecerá de promessas na saúde para a doença, e na paz para os perigos futuros. É tarde demais para o homem pensar em correr para casa em busca de sua capa quando no caminho é pego por uma tempestade: "O prudente prevê o mal, e esconde-se; mas os simples passam e sofrem a pena", Pv 22:3.

Devemos observar a amplitude das promessas

Diretriz 3. Observe a plena amplitude das promessas. A aliança da graça compreende o cristão fraco tanto quanto o forte: "se somos filhos, somos também herdeiros", Rm 8:17. Não "se somos filhos crescidos até esta idade, ou daquela estatura", mas "se somos filhos". Cristo tem em sua família filhos de todos os tamanhos, alguns pequenos e outros grandes cristãos. Se você é filho, ainda que no berço, a promessa é a sua porção. "Porque todas quantas promessas de Deus há são nele sim; e por ele o Amém", 2 Co 1:20. "Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus", Rm 8:1. Vejam aqui: é o estado e a relação em que a criatura se encontra que lhe dá o direito à promessa. Alguns santos têm mais graça da parte de Cristo do que outros e, por isso, têm mais habilidade para aproveitar estas promessas do que seus irmãos mais fracos, pelo que os seus proveitos e rendimentos presentes das promessas são maiores. Mas eles não têm maior interesse em Cristo do que os outros e, conseqüentemente, o direito do cristão fraco é tão

verdadeiro quanto o do forte. Dirá o pé: "Porque sou o membro mais baixo do corpo, portanto a língua não falará por mim, ou a cabeça não cuidará de mim"? Concederemos que você seja da menor e mais baixa classe de cristãos; contudo você está em Cristo, assim como o pé está no corpo. E Cristo fez provisão na promessa para todos os que estão nele. Nós desfiguramos as promessas quando as fazemos olhar de soslaio, visando um santo e não o outro, ao passo que pertencem a todos: "Aquele que crê no Filho tem a vida eterna", Jo 3:36. Quem está ali visado? Apenas aquele que crê acima de qualquer dúvida? Creio que não. Aquele que nos ordena acolher o "fraco na fé" não rejeitará ele próprio os fracos.

Devemos dedicar-nos muito à meditação nas promessas

Diretriz 4. Dedique-se muito à meditação nas promessas. De onde provém o fato de o pobre cristão encontrar-se tão angustiado com a aflição presente que pesa sobre ele senão de meditar mais em sua aflição do que na promessa? Há na promessa aquilo que recrearia o seu espírito se ele pudesse fixar nela os seus pensamentos. Quando a criança chorosa finalmente se apegar ao mamilo e começa a sugar o leite, então deixa de chorar e dorme tranquila ao peito. Assim o cristão deixa de queixar-se de sua aflição quando se apegar à promessa e tem o gosto de sua doçura em seu coração: "Na multidão dos meus pensamentos dentro de mim, as tuas consolações recrearam a minha alma", Sl 94:19. Quando um enxame de abelhas sai de sua colmeia, todas ficam em confusão, voando para cá e para lá sem ordem alguma, até que finalmente são recolhidas em nova colmeia. Então o alvoroço cessa e elas se dedicam ao trabalho pacificamente como antes. Verdadeiramente, exatamente assim o cristão constatará em seu próprio coração. Deus, na promessa, é a colmeia da alma. Deixe o cristão afastar dali os seus

pensamentos e imediatamente eles correm desordenados e voam para lá e para lá como que assustados diante da apreensão da aflição ou tentação presente que pesa sobre ele, até que ele consiga recompor-se e firmar o seu coração novamente na promessa, e então recupera a sua paz e tranquilidade anteriores. Daí o Espírito de Deus tocar o recuo para os pensamentos perturbados dos santos aflitos e os desviar de se fixarem naquilo que os agita para se voltarem para Deus, onde somente podem estar quietos e tranquilos: "Descansa no Senhor e espera nele com paciência", Sl 37:7. E Davi, achando a sua alma, como a pomba enquanto voava sobre as águas, sem repouso algum, chama-a de volta para a meditação de Deus e de sua promessa, como a única arca onde poderia encontrar descanso: "Volta, minha alma, para o teu repouso", Sl 116:7. O coração do cristão é daquela cor com que os seus pensamentos mais permanentes e constantes o tingem. Pensamentos transitórios e passageiros, sejam consoladores ou tristes, não operam muito sobre a alma, nem alteram o seu temperamento em alegria ou tristeza. Nem o veneno mata, nem o alimento nutre, se não permanecer no corpo. Não, a aflição penetra no coração e amarga o espírito do cristão em temores complexos e desânimos desconsolados quando os seus pensamentos jazem mergulhados em suas tristezas dia após dia — quando ele se encontra curvado com um espírito de enfermidade, a ponto de não poder erguer o coração do pensamento de sua cruz e provação para meditar em alguma promessa que o revigorasse. Há pessoas assim, Deus o sabe, a quem Satanás e seus próprios corações melancólicos mantêm prisioneiros tão estreitos que nenhuma meditação consoladora tem permissão de lhes falar ou permanecer com elas.

E novamente, por outro lado, a promessa opera eficazmente quando está ligada ao coração do cristão, quando

ele acorda com ela e caminha com ela. Nenhuma dor que sinta, nenhum perigo que tema pode arrancá-lo deste peito; mas, assim como Sansão caminhava comendo do favo de mel, assim ele caminha alimentando-se da doçura da promessa. Aqui está um cristão que cantará quando o outro suspira, que será capaz de gastar aquele tempo de sua aflição em louvar a Deus, o qual outros — cujos pensamentos estão dispersos e divididos por aquilo que sofrem — comumente dedicam a queixas inúteis de sua miséria e a discursos descontentes que refletem desonrosamente sobre o próprio Deus. Trate, portanto, de praticar este dever da meditação, cristão. Não troque apenas algumas palavras com la promessa, como se faz com um amigo que passa à sua porta. Mas convide a promessa, como Abraão fez com os anjos, Gn 18, a não passar adiante até que a tenha desfrutado mais plenamente. Sim, constranja-a, como os discípulos fizeram com Cristo, a permanecer com você durante toda a noite de sua aflição. Isto é de fato familiarizar-se com Deus, o caminho rápido para estar em paz. Este é o rumo que os santos tomaram para elevar a sua fé a tal nível que triunfasse sobre as calamidades mais temíveis: "O meu amado", diz a esposa, "será para mim um saquitel de mirra; morará entre os meus seios". Isto é: quando surpreendida pela noite de alguma providência triste e aflitiva, ela passará a noite confortavelmente na meditação do amor e da amabilidade dele, de sua beleza e doçura. Nunca o cristão chegará a qualquer calor agradável de consolo em seu espírito até que tome esta Abisague da promessa em seu peito para o aquecer. E isto o fará de fato. Uma alma que aprendeu esta arte celestial da meditação não sentirá mais a extremidade de qualquer aflição do que você sente a intensidade do tempo frio quando está sentado diante de uma boa lareira ou deitado em uma cama quente. Foi uma declaração notável de Julius Palmer, um mártir inglês: "Para aqueles", diz ele, "que têm

a mente presa ao corpo como o pé de um ladrão está a um tronco, é difícil morrer. Mas se alguém for capaz de separar a sua alma de seu corpo, então, pela ajuda do Espírito de Deus, não será mais difícil para uma pessoa assim do que beber desta taça". Ele queria dizer: se a criatura for capaz de elevar a sua mente e pensamentos acima de seus sofrimentos por meio da meditação celestial nas "grandíssimas e preciosas promessas", então não seria nada sofrer. A alma de uma pessoa assim está no céu; e uma alma no céu sente pouco o que a carne encontra na terra. Aqui, ó cristãos, está a perspectiva mais gloriosa a ser vista deste lado do céu!

Quando a alma se posta sobre este Pisga da meditação, olhando pelo olho da fé através da perspectiva da promessa para todas as coisas grandes e preciosas guardadas por um Deus fiel para ela, é fácil desprezar o amor e a ira do mundo. Mas, infelizmente! é difícil para nós subirmos até lá, nós que somos tão cansados e logo fatigados com alguns passos de subida neste monte de Deus. Oh, clamemos todos, como outrora Davi: "Guia-me para a rocha que é mais alta do que eu!" E com ele em outro lugar: "Quem me conduzirá à cidade forte?... Não serás tu, ó Deus?" Assim, quem nos elevará a este alto e santo monte da meditação, mais alto do que todas as ondas revoltas que se chocam contra nós vindas de baixo, onde possamos ver todos os nossos prazeres criados submersos, contudo nós mesmos sem molhar os pés? Não serás tu, ó Deus? Sim, o nosso Deus faria isto por nós se nós apenas sacudíssemos a nossa preguiça e demonstrássemos, ao abrirmos mão de nossas amadas futilidades para comprar a sua companhia, que valorizamos altamente esta última. O meu significado é: se nós apenas nos retirássemos frequentemente do mundo e dedicássemos parte daquele tempo em secreto waiting [espera] perante Deus o qual

desperdiçamos em prazeres inferiores e entretenimentos da criatura, atrairíamos o Espírito Santo de Deus para nós. Deixe um ímpio estabelecer uma concupiscência para os seus pensamentos brincarem, e o diabo logo estará ao seu lado para ajudá-lo. E não creemos que o Espírito Santo esteja tão pronto a estender a sua mão auxiliadora a uma meditação santa? Sem dúvida que está. Estenda as suas velas e o Espírito as encherá com o seu sopro celestial. Seja você o sacerdote para colocar a lenha e o sacrifício em ordem, e fogo do céu descerá sobre ele. Seja você cuidadoso em prover o combustível — colha das promessas matéria para meditação e coloque os seus pensamentos a funcionar sobre ela — e o Espírito de Deus acenderá as suas afeições: "Esquentou-se-me o coração dentro de mim; enquanto eu meditava se acendeu um fogo; então falei com a minha língua", Sl 39:3. Isaque encontrou sua noiva nos campos; e a alma graciosa encontra o seu amado quando se afasta para caminhar com a promessa em seus pensamentos solitários.

Pleiteemos as promessas no trono da graça

Diretriz 5. Pleiteie as promessas no trono da graça. Isto não deve ser desvinculado do anterior. De fato, assim como os ingredientes de uma excelente receita não operam a cura separadamente, mas quando temperados juntos; assim estas instruções, sendo recursos associados, não devem ser separadas, mas conjuntamente observadas. E esta instrução de que falo agora, além de uma influência universal que tem sobre todas as demais, está ligada por uma afinidade especial à anterior. Em vão carregamos a arma se não pretendemos dispará-la. A meditação enche o coração com matéria celestial, mas a oração dá o disparo e a derrama perante Deus, pelo que ele é movido a dar ao cristão o alívio e socorro desejados. A promessa é uma

letra de câmbio ou título de dívida em que Deus se faz devedor à criatura. Ora, embora seja algum conforto para um pobre homem que não tem dinheiro no presente para comprar pão ver em seus títulos de dívida que lhe devem uma grande soma, contudo isso não suprirá as suas necessidades presentes nem lhe comprará pão. Não, é a execução de seu título que deve fazer isso. Pela meditação na promessa você chega a ver que há apoio e libertação da aflição sob compromisso. Mas nada virá até que você inicie a sua petição e, pela oração da fé, demande a dívida: "o vosso coração viverá, pois que buscais a Deus", Sl 69:32. "Olharam para ele, e foram iluminados", Sl 34:5. Deus espera ouvir de você antes que você possa esperar ouvir dele. Se você retém a oração, não é de admirar que a misericórdia prometida seja retida. A meditação é como o estudo do caso pelo advogado para o pleitear no tribunal. Quando, portanto, tiver contemplado a promessa e afetado o seu coração com as riquezas dela, dirija-se ao trono da graça e estenda-a diante do Senhor. Assim fez Davi: "Lembra-te da palavra dada ao teu servo, na qual me fizeste esperar", Sl 119:49.

Exerçamos a nossa fé no poder e na verdade de Deus para o cumprimento das promessas

Diretriz 6. Quando tiver demandado a promessa, exerça a sua fé no poder e na verdade de Deus para o cumprimento dela; e isso contra os sentidos e a razão, que se levantam para desencorajá-lo. Pois, conforme for a sua fé fraca ou forte nestes atributos, assim você extrairá pouco ou muito consolo das promessas. A segurança dos santos reside na força e fidelidade de Deus que faz a promessa; mas o consolo e repouso presentes de uma alma aflita são trazidos pela fé que nisto confia. Daí decorre o fato de que, embora todos os crentes estejam fora de perigo quando na condição mais triste que lhes

possa sobrevir, contudo muitos deles, infelizmente! encontram-se sob temores e abatimentos de espírito porque sua fé opera fracamente sobre um Deus poderoso, timorosa e suspeitosamente sobre um Deus fiel: "Por que temeis, homens de pouca fé?", Mt 8:26. Vocês veem a fresta pela qual a água entrou para afundar os seus espíritos: tinham "pouca fé". Não é o que Deus é em si mesmo, mas o que as nossas apreensões no presente são de Deus o que pacifica e consola uma alma em grandes apuros. Se um homem teme que a casa caia sobre a sua cabeça em uma tempestade, embora ela seja tão imóvel como uma rocha, contudo isso não aliviará a sua mente até que ele pense assim. Estivesse um homem sob a proteção de um amigo imensamente fiel, contudo enquanto a sua cabeça estivesse cheia de temores e ciúmes em contrário, de que ele finalmente o deixará e abandonará, este homem necessariamente teria uma vida desconfortável, embora sem causa. Veem então de que importância é manter o vigor e a vivacidade de sua fé no poder e na verdade das promessas. E se você pretende fazer isso, bana os sentidos e a razão de serem os seus conselheiros. Como aconteceu que Abraão não duvidou em sua fé, embora a promessa fosse tão estranha? O apóstolo nos esclarece: "Não atentou para o seu próprio corpo já amortecido", Rm 4:19. E o que fez Zacarias hesitar? Ele fez dos sentidos os seus conselheiros e pensou que era idoso demais para que tal notícia fosse verdadeira. Este é o veneno da fé e, conseqüentemente, do conforto na aflição. Somos propensos demais a carregar a nossa fé, com Tomé, na ponta dos dedos; e a confiar em Deus não mais do que a nossa mão dos sentidos pode alcançar. Não é longe que os sentidos podem alcançar; e pouco mais além que o olho míope da razão pode ver. Deus está frequentemente em seu caminho para cumprir uma promessa e trazer notícias alegres aos seus

servos aflitos quando os sentidos e a razão concluem ser o caso deles desesperador.

Estes três: os sentidos, a razão e a fé são distintos, e não devem ser confundidos. Algumas coisas conhecemos pelos sentidos de que não entendemos a razão, como a simpatia do ímã com o ferro — por que atrai este que é metal inferior, e não o ouro; e por que a agulha do marinheiro busca o norte antes do que qualquer outro ponto. Algumas coisas apreendemos pela razão que não são percebidas pelos sentidos — como a magnitude do corpo do sol exceder a circunferência da terra, o qual, sendo o olho o juiz, pode ser quase coberto com o chapéu de alguém; e outras coisas são claras para a fé, as quais confundem e embaraçam tanto os sentidos como a razão. Paulo sabia pela fé, naquela terrível tempestade marítima onde toda a esperança de salvação havia desaparecido — isto é, sendo os sentidos e a razão os juízes —, que nenhum homem perderia a sua vida: "Portanto, homens, tende bom ânimo; porque creio em Deus que há de acontecer assim como me foi dito", At 27:25. Quando o anjo feriu a Pedro no lado e lhe ordenou: "Levanta-te depressa... e segue-me", ele não permitiu que os sentidos e a razão respondessem e contestassem a impossibilidade da coisa: "Como posso caminhar se estou acorrentado? Ou para que fim, se uma porta de ferro nos detém?" Mas ele se levanta, e as suas correntes caem — ele o segue, e a porta de ferro se abre por si mesma diante deles.

Não diga, pobre cristão: "É impossível suportar esta aflição, ou vencer esta tentação". Deixe a fé seguir a promessa, e Deus desatará estes nós que os sentidos e a razão amarram. Lutero aconselha: *crucifige illud verbum, quare?* [crucifica aquela palavra: por quê?]. Obedeça ao mandamento e não pergunte a razão de Deus o exigir. É necessário ordenar ao

cristão, em grandes aflições e tentações, que crucifique a palavra *quomodo?* [como?] — como passarei por esta aflição — como resistirei neste ataque? Acabe com este "como farei?". Não lhe deu o grande Deus que é fiel promessas suficientes para aliviar o seu coração destes temores e preocupações desnecessários quando lhe diz: "Não te deixarei, nem te desampararei, a minha graça te basta"? Nada "nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor". E cem outras garantias consoladoras vindas dos lábios da verdade para se colocarem entre você e todo o mal. Por que então se perturba com esta improbabilidade e aquela dificuldade montanhosa que os sentidos e a razão carnal levantam e interpõem para ofuscar o seu conforto diante da libertação que se aproxima? "Feche as janelas, e a casa ficará clara", como diz o provérbio judeu. Não julgue pelos sentidos, mas pela fé em um Deus onipotente; e estes espantalhos não o assustarão. *Credere improbabilia vigoris est intellectus, sicut amare damnosa et ignominiosa vigoris est affectus* (Guilherme de Auvergne, bispo de Paris, *De Fide*) [Crer no improvável é demonstração de vigor do entendimento, assim como amar o prejudicial e o ignominioso é demonstração de vigor do afeto]. Pois, assim como neste último negamos a nós mesmos a satisfação de nossos desejos carnis, o que custa caro à carne e ao sangue; assim, no primeiro, negamos os nossos raciocínios carnis que estariam em disputa contra o poder e a força de Deus.

Uso Ou Aplicação: Exortação Aos Ministros, A Quem Esta Espada É Especialmente Confiada

Aos ministros — em suas mãos esta espada da palavra é entregue de maneira especial. A vocês o ministério dela é

confiado. Deus não a deixou ao acaso para todos; para que quem quiser possa pregar publicamente o evangelho. O que é trabalho de todos não é de ninguém. Ele, portanto, estabeleceu um ofício permanente com oficiais em sua igreja, sobre os quais colocou este fardo e de quem espera contas. Ele "nos confiou a palavra da reconciliação", 2 Co 5:19 — como um príncipe comissiona este ou aquele homem para ser seu embaixador —: "Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado", 1 Tm 6:20. Vejam aqui, e tremam diante do encargo que está depositado em suas mãos. Vocês são embaixadores do grande Deus para tratarem com pobres pecadores sobre sua paz eterna, segundo os artigos que estão contidos no evangelho. Vocês são seus cooperadores para erguerem o seu templo no coração dos homens, e para assentarem cada pedra pela linha e prumo desta palavra. Seus despenseiros, para darem à sua família as suas porções no tempo devido, devendo toda a sua provisão ser retirada deste celeiro. Em uma palavra: vocês são seus pastores, para guiarem e alimentarem o seu rebanho, e isso não em outros senão nestes "verdes pastos". Ora, se a paz não for concluída, o embaixador certamente será chamado a prestar contas de onde reside a culpa. Se a casa não for edificada, ou entrar em decadência, aí do trabalhador negligente. Se a família morrer de fome, que contas prestará o despenseiro? Se as ovelhas andarem errantes ou morrerem de peste por sua negligência, quem pagará pela perda senão o pastor ocioso? Ora, a fim de desobrigarem-se deste seu encargo público, apontarei apenas dois deveres incumbidos a vocês, ambos com referência a esta palavra deixada em suas mãos — um a ser realizado em seu gabinete de estudos, o outro em seu púlpito.

Primeiro dever. Em seu gabinete de estudos, familiarizem-se com a palavra de Deus. O que pode passar por

diligência na leitura e pesquisa da Escritura por parte de um cristão comum pode ser imputado como negligência ao ministro. O estudo das Escrituras não é apenas uma parte de nossa vocação geral em comum com ele, mas também de nossa vocação específica, na qual devemos nos exercitar de uma extremidade da semana à outra. O agricultor não sai mais constantemente com sua enxada e picareta para realizar o seu trabalho diário no campo do que o ministro deve ir e cavar nesta mina da Escritura. Ele não deve ler um capítulo aqui e ali conforme suas ocupações mundanas permitirem; ou roubar um pouco de tempo de seus outros estudos acadêmicos para olhar para a Bíblia *in transitu* [de passagem] e despedir-se dela. Mas este deve ser o seu exercício permanente — o seu trabalho exaustivo. Todos os demais devem se curvar a este. Suponha que você conhecesse o que Platão, Aristóteles, com o restante dos príncipes do aprendizado mundano, escreveram, e tivesse cercado todas as artes dentro de sua circunferência, mas fosse inexperiente na palavra da justiça: você seria a pessoa sem instrução de Paulo — tão inadequado para ser ministro como aquele que leu todo o corpo do direito o seria para ser médico se ignorasse esta arte. Não pretendo aqui alimentar o conceito vão daqueles filhos da ignorância que pensam ser o aprendizado humano desnecessário para o preparo de um ministro. Verdadeiramente, sem este, logo chegaríamos ao nosso antigo *mumpsimus* [erro persistente por ignorância] e correríamos para o barbarismo dos tempos passados. Li sobre um certo Beda que dissuadiu Francisco I, rei francês — e isso quando o erudito Budé estava presente —, de sua resolução régia de estabelecer professores de línguas em sua universidade, dizendo: "A língua grega é a fonte de todas as heresias"; mas constatou-se que o homem não entendia uma única palavra de grego. De fato, poucos ou nenhum falarão contra o aprendizado senão aqueles que não têm o suficiente dele

para fazê-los compreender o seu uso. Não me atrevo a ordenar aos nossos ministros, como alguns fanáticos fizeram, que queimem todos os seus livros exceto a Bíblia. Não; mas eu os exortaria a preferi-la acima de todos os seus outros livros e a direcionarem todos os seus outros estudos para provê-los de conhecimento das Escrituras. Como a abelha que voa sobre todo o jardim e traz todo o mel que colhe de cada flor para a sua colmeia; assim deve o ministro percorrer todos os seus outros livros e converter as noções deles para sua ajuda neste. Como os israelitas ofereceram as joias e brincos tomados emprestados dos egípcios para o serviço do tabernáculo: *benedicta philosophorum sunt peculia Christianorum* [as boas declarações dos filósofos são propriedade dos cristãos]. E certamente há joias tais a serem tomadas emprestadas até mesmo deles que podem assentar bem ao ouvido do cristão, desde que sejam refinadas e evangelizadas. Assim, a virgem cativa de Dt 21, quando sua cabeça era rapada, suas unhas cortadas e suas vestes trocadas, podia ser recebida no seio de um israelita. A religião e o aprendizado reviveram juntos. A luz que Erasmo trouxe para as escolas ajudou os trabalhos de Lutero na igreja.

Mas, para voltar à exortação em foco. Oh, permitam que nós, que somos ministros do evangelho, nos entreguemos ao estudo da palavra. Somos, como alguém bem nos chama, apenas "irmãos mais novos" dos apóstolos. Os dons ministeriais lhes foram deixados por Cristo como a herança do pai ao seu filho mais velho e herdeiro. Mas nós devemos trabalhar pelo nosso sustento. Eles tinham o seu conhecimento da palavra, como Jacó a sua caça, trazido às mãos sem caçarem; mas se queremos conhecer a mente de Deus, devemos rastreá-la por nossa diligência; mas sempre levando a oração em nossa companhia. Este, tenho certeza, foi o encargo de Paulo a Timóteo: "Aplica-

te à leitura", 1 Tm 4:13. Siga o teu livro de perto, ó Timóteo, e "Medita estas coisas; ocupa-te nelas", versículo 15; *en toutois isthi, in his totus sis* [sê inteiramente absorvido por elas]. E notem o porquê: "para que o teu aproveitamento seja manifesto a todos"; isto é, para que você pareça ser um pregador em crescimento para aqueles que o ouvem. Oh, como crescerão as pessoas se o ministro não crescer? E como crescerá ele se não beber diariamente mais do que derrama? Aquele ministro necessariamente consumirá as suas reservas se não tiver receitas vindas de um comércio constante em seu gabinete de estudos. Se a ama não se alimenta, e isso mais do que outra pessoa, logo poderá levar a si mesma e à criança a definharem. Como não gostaríamos, portanto, de ver as almas que dependem de nossos peitos definharem por falta de leite, ou nós mesmos desfalecermos em nossa obra, tratemos de fazer com que nossas recargas sejam adequadas ao nosso desgaste. Estude e ore: ore e estude novamente. Não pense que o seu trabalho está feito para toda a semana quando o Dia do Senhor passa. Tome um pouco de fôlego e volte ao seu labor; como o semeador se assenta na extremidade do terreno para descansar um momento e depois se levanta para seguir adiante do arado novamente. Temos razão para sermos mais zelosos de nosso tempo do que os outros porque ele é menos nosso. Não há ninguém em sua paróquia que não tenha uma parte nele. Somos ladrões para com as almas de nosso povo quando não o administramos para o seu melhor proveito: "Tudo... é vosso: ou Paulo, ou Apolo, ou Cefas"; vosso para o serviço de vossa fé. Está o pai obrigado a administrar os seus bens e tempo para a provisão de seus filhos? E não deveria o pai espiritual ter afeição tão natural para com o seu povo? Quão grande trabalho este necessariamente deve ser, tanto para a mente como para o corpo, se eles compreendessem, certamente teriam mais piedade do seu ministro e mais o encorajariam em

seu trabalho. Deus mova os corações de vocês a quem ele abençoou com trabalhadores fiéis. Ajudem-nos em seu estudo por vocês, livrando-os de suas preocupações mundanas consigo mesmos. Algumas pessoas podem culpar a si mesmas por sua provisão ser tão pobre ao serem cúmplices das distrações do ministro em seu trabalho e de seu desvio de sua vocação. Pois, por sua opressão ou sonegação do sustento dele, forcem-no, de certa forma, a tornar-se voltado ao mundo; e o tempo que ele deveria despendar em prover o pão para as suas almas é gasto para conseguir o pão para os corpos de sua família.

Segundo dever. No púlpito, não use outra espada senão esta, e maneje-a fielmente. Lembre-se de quem é a mensagem que traz e entregue-a:

1. Puramente.
2. Livremente.

Uso puro da espada da palavra

1. Use a espada da palavra puramente. E isto em um tríplice aspecto:

- (1.) Pura de erro.
- (2.) Pura de paixão.
- (3.) Pura de leviandade e vaidade.

(1.) Pura de erro. Não considere suficiente que o seu texto seja a Escritura, mas faça com que todo o seu sermão também o seja — refiro-me a estar em conformidade com ela. Você é um embaixador e, como tal, está adstrito às suas instruções. Tenha o cuidado de não ventilar seus próprios sonhos e fantasias em nome de Deus: "o que tem a minha palavra, fale

a minha palavra com fidelidade", Jr 23:28 — isto é, puramente, sem rebaixá-la ou misturá-la com seus próprios sonhos. Assim ele se explica: "Que tem a palha com o trigo? diz o Senhor". Tudo é palha além da palavra pura de Deus; e que tem ela a ver com misturar-se com aquela? Uma pessoa assim pode temer que Deus do céu a desminta enquanto ela está no púlpito. Oh, não cunhe a imagem de Deus em sua própria moeda. Vivemos em tempos de pensamentos elevados. Muitas pessoas não se contentam com as verdades que estão claras na Escritura. E alguns, para agradarem aos seus paladares levianos, sublimaram suas noções a tal ponto que voaram para fora da vista da Escritura e, sem perceberem, lançaram-se com outros em erros perigosos. Certifique-se bem de que é uma verdade antes de a dar a conhecer ao seu povo. Se você quer agir como charlatão, não escolha o púlpito para o seu palco. Não faça experimentos com as almas de seu povo entregando o que é duvidoso e não passou pelo teste da fornalha. Melhor alimentar o seu povo com sã doutrina, ainda que seja pão simples, do que, com um prato exótico, deparar-se com uma abóbora silvestre que traga a morte para a panela deles.

(2.) *Pura de paixão.* O púlpito é um lugar inadequado para ventilar o nosso descontentamento e paixões. Cuidado com este fogo estranho. O homem de Deus deve ser gentil e manso, e suas palavras proferidas com mansidão de sabedoria. O óleo faz o prego entrar sem rachar a tábuas. A palavra nunca entra no coração de forma mais agradável do que quando cai com mais suavidade: "Cavalga prosperamente, por causa da verdade e da mansidão", Sl 45:4. Seja tão rigoroso com os pecados de seu povo quanto puder, desde que seja gentil com as almas deles. Toma você a vara da repreensão em sua mão? Que eles vejam que o amor, não a ira, desfere o golpe. As amas são cuidadosas

para não aquecerem o seu leite, sabendo que isso gerará sangue ruim na criança que o mama. A palavra pregada vem, de fato, melhor de um coração aquecido, mas se houver junto um calor febril, gera sangue ruim nos pensamentos dos ouvintes, e o preconceito contra a pessoa os faz vomitar o leite. Deus sabe que não falo contra o zelo do ministro, desde que venha do alto, "puro" e "pacífico". Guarde todo o seu calor para Deus, não o gaste em causa própria. Moisés pôde ouvir em silêncio as injúrias contra si feitas por Miriã e Arão, e foi o suficiente que Deus as ouviu. Mas quando um pecado era cometido diretamente contra Deus, este homem manso podia inflamar-se inteiramente: "Quem é pelo Senhor? venha a mim". Pode tomar maior liberdade para reprovar os pecados de seu povo contra Deus aquele que toma menos liberdade em causa própria, e que tem uma sepultura pronta para enterrar as injúrias feitas a si mesmo.

(3.) *Pura de leviandade e vaidade.* A palavra de Deus é coisa sagrada demais, e a pregação um trabalho solene demais, para se brincar e folgar com ela, como é o costume de alguns que fazem do sermão apenas uma questão de inteligência e ostentação em um discurso vistoso. Que tem isso a ver com a tarefa da pregação? O sermão deles assemelha-se muito à boneca de uma criança, da qual se você retirar os adereços, o restante nada vale. Desfaça esta história, retire aquela frase vistosa, e nada resta no discurso. Se pretendemos fazer o bem, devemos vir não apenas em palavra, mas com poder. Satanás não se move por mil bombinhas e piadas de salão semelhantes. Extraia, portanto, esta espada de sua própria bainha decorada e golpeie com o seu fio nu. Este você constatará ser o único caminho para penetrar as consciências de seu povo e extrair sangue de seus pecados. Não falo aqui contra o uso dos talentos que Deus

concedeu a cada um; nem contra o ajustar e dispor o nosso discurso de modo que ele possa mais se insinuar nas afeições de nosso povo e penetrar em seus corações pela agradabilidade que encontra em seu ouvido. Este é o nosso dever: "E, quanto mais sábio foi o pregador,... procurou achar palavras agradáveis", Ec 12:9-10. Não matéria rude, frouxa e indigesta trazida de maneira desleixada, para que a sujeira do cozinheiro não revolte o estômago dos convidados. O boticário mistura a sua poção de modo que o seu paciente possa tomá-la com menos relutância, se não com algum prazer; mas sempre tem o cuidado de não enfraquecer a sua operação purgativa tornando-a agradável demais ao paladar. Sendo "palavras agradáveis", eram também retas, "palavras de verdade", versículo 10.

Uso livre da espada da palavra

2. *Use a espada da palavra tão puramente quanto livremente.* Oh, tenha o cuidado de não escravizar la palavra de Deus à sua própria concupiscência ou à vontade de outrem, ainda que seja o maior em sua paróquia. Em um despenseiro exige-se que seja "fiel", 1 Co 4:2. Ora, a fidelidade do pregador está em relação àquele que o confia. É muito improvável que um despenseiro, ao distribuir a provisão, agrade a todos os servos da casa. Tais oficiais recebem menos agradecimentos justamente quando fazem o seu trabalho melhor! Aquele que pensa em agradar aos homens dedica-se a um trabalho infinito e desnecessário. As palavras dos homens não quebrarão os seus ossos. Um médico sábio busca curar, não agradar o seu paciente. Aquele que reclama quando está doente pela amargura da poção lhe agradecerá por ela quando estiver recuperado. O apóstolo desconsidera os pensamentos dos homens como coisa insignificante, indigna de interrompê-lo em seu trabalho: "Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós",

versículo 3 da passagem citada. Como se dissesse: "Saber-se-á no grande julgamento, quando o meu Mestre vier prestar contas comigo, se tenho sido fiel; e haverá tempo suficiente para ter o meu nome reabilitado quando ele defender o seu próprio". Sem dúvida foi uma grande tentação para Micaías quando o mensageiro de Acabe, conspirando com ele, tentou alinhar a sua mensagem ao entendimento do rei; mas notem a sua nobre resposta: "Vive o Senhor que o que o Senhor me disser isso falarei".

Alguns pensam que Micaías era aquele profeta disfarçado que denunciou o juízo contra Acabe pela soltura de Ben-Hadade, e que agora fora retirado da prisão; pois o rei ordena: "Tomai a Micaías, e tornai a levá-lo a Amom, o governador da cidade", 1 Reis 22:26. Se assim foi, então Micaías tinha a vantagem, por meio de um único sermão bajulador, de ter obtido a sua liberdade e o favor do rei para completar. Contudo, para a masmorra ele voltará antes do que prostituir a palavra à concupiscência de Acabe. O bendito Paulo era da mesma opinião: "No qual", falando do evangelho, "sofro trabalhos e até prisões, como um malfeitor; mas a palavra de Deus não está presa", 2 Tm 2:9. Como se dissesse: "Eles nunca me farão escravizar isso nem na prisão nem no bloco de execução". Sem dúvida Paulo poderia ter sido liberto se pudesse se contentar em que a palavra estivesse presa. Mas ele era fiel demais para comprar a sua liberdade com a prisão da verdade por um silêncio pecaminoso. Se alguma vez houve tempo de tentações para os ministros — e houvesse necessidade de despertá-los nele para guardarem a palavra da paciência de Deus —, é nestes últimos dias de escória do mundo, dos quais está profetizado que "os homens não sofrerão a sã doutrina". Agora, portanto, dar testemunho da verdade e fazer prova plena de seu ministério em

geração tão perversa e rebelde exige maior grandeza de espírito do que a carne e o sangue lhes podem prover. Não constitui provação para um ministro falar a verdade livremente entre os seus amigos, mas sim entre aqueles que a desprezam e se enfurecem com o mensageiro por entregar a sua mensagem. Isto tornou a confissão de nosso Senhor tão gloriosa, 1 Tm 6:13. Foi perante Pôncio Pilatos, um inimigo sanguinário contra ele e a verdade de que dava testemunho. Portanto, o nosso povo bem pode suportar quando falamos livremente em nome de Deus; sim, ainda que entremos em seu terreno e nossa mensagem vasculhe suas consciências. Temo-lo em nossa comissão: "Pus-te por fortaleza e torre entre o meu povo, para que saibas e confesses o seu caminho", Jr 6:27. Se um mandado se encontra na mão de um policial para revistar a sua casa, você não pode zangar-se com ele por cumprir o seu ofício, porque você não ousa colocar-se entre ele e o desagrado de seu príncipe se ele o negligenciasse.

DIRETRIZ 11: O DEVER NECESSÁRIO DO CRISTÃO, COMO VESTIDO DE TODA A ARMADURA DE DEUS: OU, COMO A ARMADURA ESPIRITUAL PODE POR SI SÓ SER MANTIDA LIMPA

"Orando em todo tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos" (Ef 6:18).

Apresentamos finalmente diante de vocês o cristão em sua armadura; e agora nada lhe falta para prepará-lo para a batalha, ou capacitá-lo para a vitória, senão a presença de seu general para o liderar e trazê-lo de volta honrosamente pela sabedoria de sua conduta; a qual, para que a obtenha, o apóstolo o direciona à oração — "orando em todo tempo", etc. Como se dissesse: "Você tem agora, cristão, a armadura de Deus; mas tenha o cuidado de não se esquecer de engajar Deus nesta armadura por meio de humilde oração para sua ajuda, para que, apesar de tudo isso, não seja derrotado no combate. Aquele que lhe dá as armas somente pode ensiná-lo a usá-las, e capacitá-lo a vencer pelo seu uso". Não ignoro que alguns fazem da "oração" uma peça de armadura, a ser contada como parte da armadura completa. A verdade é que não importa muito sob que conceito a tratemos, se como uma peça distinta de armadura ou como um dever e recurso necessariamente exigidos para o uso de nossa armadura. Seguirei esta última abordagem; em parte porque ela não tem nenhuma peça de armadura material, como todas as outras têm, que lhe seja destinada por semelhança; e também porque, pela conexão que tem, não apenas com as palavras

imediatamente anteriores, mas com todo o discurso da armadura, parece ser superadicionada como um dever geral influente sobre todas as peças acima mencionadas; e pode ser lida com cada peça: — Tomem o cinto da verdade, orando com toda a oração, etc.; vestindo a couraça da justiça, orando com toda a oração, etc., e o mesmo quanto ao restante. A armadura do cristão enferrujará se não for limpa e polida com o óleo da oração. O que a chave é para o relógio, isso é a oração para as nossas graças — ela lhes dá corda e as põe em funcionamento. Nas palavras observem:

PRIMEIRO. O dever ordenado: "oração", com o fim para o qual está estabelecido, a saber, como ajuda para todas as suas graças e recurso para conduzir sua guerra contra o pecado e Satanás: *proseucomenoi* — "orando".

SEGUNDO. Um diretório para a oração; no qual somos instruídos sobre como realizar este dever em seis divisões distintas do assunto:

Primeiro: O tempo para a oração — "orando em todo tempo".

Segundo: Os tipos e formas de oração — "com toda a oração e súplica".

Terceiro: O princípio interior da oração de que deve fluir — "no Espírito".

Quarto: A guarda a ser estabelecida ao redor do dever da oração — "vigando nisto".

Quinto: A constância incansável a ser exercida no dever — "com toda a perseverança".

Sexto: A abrangência do dever, ou as pessoas pelas quais devemos orar — "por todos os santos".

DIRETRIZ 11 — PRIMEIRA PARTE GERAL: O DEVER ORDENADO E SUA CONEXÃO COM TODO O DISCURSO

"Orando" (Ef 6:18).

Começamos com o primeiro ponto, o dever em geral, juntamente com a conexão que tem com todo o discurso precedente da armadura, implícito no participio *proseucomenoi* — "orando". Isto é: provejam-se da armadura de Deus e juntem a oração a todas estas graças para sua defesa contra os seus inimigos espirituais. Tomemos as três seguintes ramificações do assunto:

Primeira: A oração como um dever necessário ao cristão.

Segunda: Por que ela é um recurso tão necessário, junto com a nossa outra armadura, para a nossa defesa.

Terceira: Os planos de Satanás contra a oração.

De modo que o ponto deduzível disto é:

PRIMEIRA RAMIFICAÇÃO: A ORAÇÃO COMO UM DEVER NECESSÁRIO AO CRISTÃO EM SUA MILÍCIA ESPIRITUAL

Estabelecemos como ponto deduzível do que dissemos a seguinte doutrina:

DOUTRINA. Que a oração é um dever necessário a ser realizado pelo cristão, e usado com todos os demais recursos em sua milícia espiritual. Esta é a "trombeta de prata" pelo som da qual ele deve alertar o céu e clamar a Deus para o seu socorro, Nm 10:9. Os inimigos dos santos caem quando Deus se levanta; e Deus espera para ser levantado pelas orações deles: "Levante-se Deus, e sejam dissipados os seus inimigos", Sl 68:1. A oração é um dever universal, e recurso a ser utilizado em todos os nossos negócios e empreendimentos. O que o pão e o sal são para a nossa mesa, isso é a oração para o cristão em todos os seus empreendimentos, prazeres e tentações. Qualquer que seja a nossa refeição, o pão e o sal são colocados na mesa; e qualquer que seja a nossa condição, a oração não deve ser esquecida. Assim como temperamos todos os nossos pedaços no sal e os comemos com pão; assim devemos exercitar cada graça, desfrutar de cada prazer, misturar cada dever e opor-nos a cada tentação com a oração. Tem sido a prática constante dos santos em todos os seus perigos e dificuldades, sejam de inimigos internos ou externos, do pecado, dos demônios ou dos homens, recorrerem ao trono da graça e traçarem uma linha de oração ao seu redor, considerando esta a única postura segura para se manterem em sua defesa. Quando Deus chamou Abraão de Harã para uma terra estrangeira, onde ele peregrinou de lugar em lugar em meio a estranhos que não podiam deixar de olhá-lo com alguma suspeita — considerando a caravana e a comitiva que trazia —, e esta suspeita deles criava muitos perigos a este homem santo da parte dos reis ao redor, é observável que rumo Abraão toma para sua defesa. Você constatará em suas mudanças de lugar em lugar que o fato memorável registrado a seu respeito

é que "edificou ali um altar ao Senhor e invocou o nome do Senhor", Gn 12:7-8; 13:3-4. Esta era a fortificação que ele erguia e na qual se entrincheirava. Quando ele por meio da oração se lançava nos braços de Deus para proteção, então considerava que se encontrava em seu castelo. Mas que necessidade tinha Abraão de se dar a este trabalho tão frequentemente? Não tinha ele a segurança da promessa de Deus quando partira de que Deus abençoaria os que o abençoassem e amaldiçoaria os que o amaldiçoassem? E não tinha ele fé para crer que Deus seria fiel à sua palavra para cumprir o que prometera? Confessamos ambos os pontos. Mas nem a promessa de Deus, nem a fé de Abraão nela desobrigavam o seu dever na oração. A promessa é dada como fundamento para a fé, e a fé como ajuda encorajadora na oração; mas nenhuma delas se destina a nos dispensar de nosso dever e poupar-nos o esforço desse trabalho.

E o que Abraão fez, o mesmo fizeram todos os santos em todos os tempos. Os grandes despojos que obtiveram de seus inimigos foram no campo da oração. Se Moisés enviou Josué ao vale contra Amaleque, ele próprio estará no monte para invadir o céu com a sua oração, enquanto aquele está engajado no combate com o inimigo lá embaixo; e a vitória, fica claro, não foi obtida pela espada de Josué tanto quanto pela oração de Moisés. Josafá, quando tinha perto de um milhão de homens alistados para o campo, além de suas guarnições que estavam todas bem providas, contudo o vemos tão empenhado na oração como se não tivesse um homem ao seu lado: "Não sabemos nós o que faremos; mas os nossos olhos estão postos em ti", 2 Cr 20:12.

Ora, se estes valentes, quando tinham apenas carne e sangue — homens semelhantes a eles — com quem competir, buscavam contudo a sua ajuda do céu e faziam tal uso da força

auxiliar da oração — e isso quando outros recursos não faltavam —, para não serem encontrados sob a negligência de um dever indispensável e recurso prevalecente para a sua defesa, quanto mais cumpre ao cristão, tanto em termos de dever como de prudência, tomar o mesmo rumo em sua guerra espiritual contra os principados e potestades! Pois as graças do santo, quando melhor treinadas e exercitadas, são, sem a oração, muito menos capazes de resistir a Satanás do que eles, com o seu preparo militar, eram de repelir a força de homens semelhantes a si mesmos: "Vigiai e orai", diz o nosso Salvador, "para que não entreis em tentação", Mt 26:41. O não guardar esta passagem deu ao inimigo Satanás uma excelente ocasião para entrar sobre eles. Pois vemos que, por não seguirem o conselho de Cristo, todos eles, embora homens santos, foram envergonhadamente derrotados. A maioria deles buscou salvar-se por uma fuga covarde, enquanto deixavam o seu Senhor nas mãos de seus inimigos. E aquele que pensou em demonstrar mais coragem que os seus companheiros acabou no final com maior culpa e vergonha que todos eles ao negar o seu Mestre, que estava inclusive assumindo-o diante da morte, sim, da ira de seu Pai. E é observável que, assim como foram conduzidos à tentação por sua própria negligência da oração, assim também foram resgatados e conduzidos para fora dela novamente pela oração de Cristo, a qual ele misericordiosamente providenciara de antemão por eles: "eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça", Lc 22:32.

Mas aquilo que acima de tudo nos recomenda este dever é a própria prática de Cristo; o qual, além de seu exercício constante nele, abundou muito mais nele diante de qualquer grande empreendimento em que deveria encontrar oposição de Satanás e de seus instrumentos. Em seu batismo, estando agora

prestes a entrar no cenário de seu ministério público e a abrir o seu caminho por entre os ataques ferozes e furiosos de Satanás — com quem deveria lutar como que face a face após a sua solidão de quarenta dias —, encontramos-lo em oração, Lc 3:21. A qual oração teve resposta imediata, abrindo-se o céu e descendo o Espírito sobre ele com esta voz dizendo: "Tu és o meu Filho amado; em ti me comprazo", versículo 22. E agora Cristo marcha destemidamente para encontrar o seu inimigo, que o aguardava no deserto. Novamente, quando pretendia comissionar os seus apóstolos e enviá-los a pregar o evangelho — o que ele sabia que traria o leão feroz e louco para fora de sua toca, bem como atrairia a ira do mundo sobre aqueles seus mensageiros —, primeiramente coloca os seus discípulos a orar, Mt 9:38, e depois gasta ele próprio a noite inteira no mesmo trabalho antes do envio deles, Lc 6:12. Mas, acima de tudo, quando deveria lutar a sua última batalha com o príncipe deste mundo e também conflitar com a ira de seu Pai, agora armada contra ele e pronta a ser derramada sobre ele pelo pecado do homem — cuja causa havia adotado —, do sucesso de cujo grande empreendimento dependia o salvar ou perder o seu Reino mediador, oh, como então se empenhou ele na oração! Diz-se: "orava mais intensamente". Como um lutador que tensiona cada veia de seu corpo, assim ele aplicou toda a sua força: "com grande clamor e lágrimas ofereceu orações e súplicas àquele que o podia livrar da morte, e foi ouvido", Hb 5:7, de modo que venceu o campo de batalha, embora ele próprio morto no local. Os despojos desta gloriosa vitória os crentes agora dividem e desfrutarão por toda a eternidade. E qual é o significado de tudo isso senão nos mostrar tanto a necessidade como a prevalência da oração? Sem isso, nenhuma vitória há de se obter, ainda que tenhamos a nossa armadura; mas esta, com aquela, far-nos-á vencedores sobre todos.

SEGUNDA RAMIFICAÇÃO: POR QUE A ORAÇÃO É NECESSÁRIA AO CRISTÃO EM SUA GUERRA ESPIRITUAL

Ora, para prosseguir e mostrar por que a oração é recurso tão necessário junto com a nossa outra armadura para a nossa defesa, apresentemos estas razões em ordem:

PRIMEIRA. Devido à coordenação deste dever com todos os demais recursos para a defesa do cristão, e isso por designação divina.

SEGUNDA. Devido à influência que a oração tem sobre todas as nossas graças.

TERCEIRA. Devido à grande prevalência que a oração tem com Deus.

A coordenação da oração com outros recursos para a defesa do cristão torna-a necessária

Razão primeira. A primeira razão é extraída da coordenação deste dever da oração com todos os demais recursos para a defesa do cristão, e isso por designação divina. Aquele que nos ordena tomar o cinto da verdade, a couraça da justiça, etc., ordena também não negligenciar este dever. Ora, o que Deus une não devemos nós separar. A eficácia de recursos coordenados reside em sua conjunção. A força de um exército consiste não nesta tropa ou naquele regimento isolado, mas em todas as partes reunidas em um corpo. E se qualquer tropa ou companhia isolada presumir combater o inimigo

sozinha, que poderá esperar senão ser derrotada pelo inimigo e punida também pelo seu general? Não diga ninguém que usa este e aquele recurso. Se um único dever for de bom grado negligenciado, a corrente de ouro da obediência é quebrada. *E bonum non nisi ex integris* [o bem não provém senão da integridade de suas partes] — nada é realmente bom se não o for em todas as suas partes. Assim como para uma boa ação se exige a convergência de todos os diversos ingredientes e causas; assim, para fazer um bom cristão, exige-se um cuidado consciencioso de usar todos os recursos designados. Ele deve seguir o Senhor "plenamente"; não abrir aqui uma clareira e ali um sulco. Não é menor a tática de Satanás colocar-se entre um dever e outro para que o homem não una suas forças e seja uniforme em seu esforço.

Poucos são tão maus que não usem recurso algum; e não muitos tão fiéis a Deus e a si mesmos que usem conscienciosamente todos. Um deles alega ter sinceridade e ousa apelar a Deus de que suas intenções são boas e o seu coração é reto. Mas, quanto à "couraça da justiça", esta lhe parece pesada e incômoda demais para vestir. Outro parece muito justo e reto, de modo que não prejudicaria o seu vizinho, não, nem por um centavo, para ganhar muitas libras. Mas, quanto à fé em Cristo, esta ele nunca busca. Um terceiro jacta-se de sua fé e esperança, como se não duvidasse de sua salvação. Mas, quanto à palavra de Deus que deveria gerá-la e aumentá-la, ele não se importa com quão raramente olha para ela em casa ou a ouve em público. E um quarto tem isto a dizer de si mesmo: "Que é um ouvinte constante, seu assento na igreja raramente é encontrado vazio e em casa a Bíblia frequentemente está em suas mãos". Mas, quanto à oração, o seu gabinete, se pudesse falar, daria testemunho contra ele de que raramente ou nunca a realiza. Este

fazer pela metade provará ser a ruína total de muitas almas. Samuel perguntou a Jessé: "Acabaram-se os jovens?" Embora faltasse apenas um jovem, ele teve de ser enviado a buscar antes que se assentassem. Assim posso eu dizer a muitos que são muito ativos e zelosos em alguns deveres e recursos específicos: "Está aqui tudo o que Deus lhe deu em encargo?" Se apenas um faltar, a bênção de Deus faltará também. E assim como aquele filho faltava a Jessé, sobre o qual Deus pretendia colocar a coroa, assim também aquele dever e recurso que é mais negligenciado temos motivos para pensar ser o recurso que Deus coroaria especialmente com a sua bênção sobre o nosso esforço fiel.

A influência da oração sobre as graças cristãs torna-a um dever necessário

Razão segunda. A segunda razão é extraída da influência que a oração tem sobre todas as nossas graças. E isto em um duplo aspecto: ela ajudará a evidenciar a verdade da graça e também impulsionará o seu crescimento.

Primeiro. O dever da oração, frequentemente e espiritualmente realizado, será um recurso para evidenciar a verdade de nossas graças. E isto é de não menor importância para o cristão quando este tem de lidar com o tentador. Pois aquilo que ele visa principalmente é colocar o cristão em suspeita de si mesmo quanto à obra da graça em si, para com isso derrubar o próprio fundamento de sua esperança e fazê-lo estagnar em seus esforços. De fato, pouca disposição terá para seguir adiante aquele que teme não estar no caminho certo. Ouvi dizer que os políticos podem fazer uso de uma mentira de Estado — embora o crédito dela dure pouco tempo — com grande vantagem para os seus planos. E aquele que lhes ensina esta arte

faz muito mais uso dela ele próprio para promover os seus planos contra o cristão. Porque não pôde manter Cristo na sepultura, por isso espalhou uma mentira para impedir a crença em sua ressurreição no mundo. E quando não pode impedir a produção da graça, ele desvirtua a obra do cristão, como se tudo não passasse de um engano aplicado sobre ele por seu próprio coração enganoso; no que a pobre criatura é bastante propensa a crer, Deus o sabe. E assim, embora o temor seja falso e sem fundamento, contudo, sendo aceito, produz uma confusão tão triste em seus pensamentos, e angústia em seu espírito, como se fosse verdadeiro. Jacó não poderia ter pranteado mais se José tivesse realmente sido morto do que pranteou quando não havia tal fato. Nem poderia um miserável ímpio suportar facilmente mais terror e horror do que alguns santos preciosos sentiram pelo tempo em que o falso relatório de Satanás — caluniando a verdade de sua graça — encontrou crédito neles. Ora, na oração, o cristão encontra-se em grande vantagem para descobrir a verdade de seu estado, e isso por uma dupla razão:

1. Deus comumente toma esta ocasião, quando o seu povo está derramando as suas almas perante ele, para abri-lhes o seu coração e dar o seu testemunho tanto às suas pessoas como às suas graças. Deus tem as suas horas de selagem, nas quais o seu Espírito vem e dá testemunho do estado e da graça de seus filhos. E esta hora da oração é uma das principais. Onde foi que Deus de forma tão maravilhosa dignificou e, se posso dizer assim, condecorou Jacó com aquele novo título de honra: "Chamar-te-ás Israel", senão no campo da oração? Qual foi a hora feliz em que o anjo bateu à porta de Daniel para lhe fazer saber o quanto Deus o amava? Não foi quando ele estava batendo à porta do céu por sua oração? "No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e

eu vim, para te declarar, porque és mui amado", Dn 9:23. Quando obteve a mulher de Canaã a visão de sua fé, não apenas de que era verdadeira, mas também forte: "Ó mulher, grande é a tua fé!", senão quando o seu coração foi levado de forma tão veemente na oração? Sim, o próprio Cristo ouviu aquela voz miraculosa do céu: "Este é o meu Filho amado", quando estava levantando os olhos em oração ao céu, Lc 3:21.

2. O dever da oração oferece um argumento demonstrativo para a verdade da graça daquela alma que a realiza espiritualmente. O Espírito de Deus, quando testifica da verdade da graça de um santo, costuma unir-se ao próprio espírito do santo: "O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito", Rm 8:16. Ora, o testemunho que o próprio espírito do cristão dá a seu favor é tomado daqueles atos vitais da nova criatura que operam nele — tais como a sinceridade, a tristeza segundo Deus pelo pecado, o amor à santidade e outros desta natureza. Ora, de nenhuma forma estas e outras graças mais sensivelmente se manifestam à visão do cristão do que na oração. Aqui a sinceridade se revela na franqueza do cristão para confessar todos os seus pecados livremente, sem constrangimento, e abertamente, sem atenuação ou reserva — quando não há caixa falsa no armário da alma para guardar um pecado de estimação. O santo Davi, no Sl 32, tendo no versículo 1 pronunciado "bem-aventurado" aquele a quem o pecado não é imputado, e "em cujo espírito não há dolo", dá no versículo 5 este exemplo de sua própria sinceridade: que "confessou o seu pecado e não encobriu a sua iniquidade"; bem como mostra quão bem-sucedido foi com isso: "e tu perdoaste a maldade do meu pecado". Novamente, aqui [isto é, na oração] o cristão dá vazão ao seu

coração dolorido de tristeza interior pelo pecado. A oração é o canal em que a tristeza segundo Deus se derrama e corre em lágrimas salgadas, enquanto o cristão está se acusando e julgando a si mesmo por suas abominações, com profunda vergonha e autoaversão. Em uma palavra: aqui o amor da alma pela santidade flameja em seus desejos e pedidos fervorosos e veementes por graça que não admitem negação, mas que inclusive se rompem pelo anseio que tem por ela.

Assim vemos que o espírito de oração é tanto um argumento de graça verdadeira como um recurso para extrair essa graça verdadeira em ação, por meio do que a sua verdade pode ser mais bem exposta à vista. O "espírito de graça e de súplicas" andam ambos juntos, Zc 12:10. Este último indica o primeiro. O que é a oração senão o respirar daquela graça que é soprada na alma pelo Espírito Santo? Quando Deus soprou no homem o fôlego de vida, ele se tornou alma vivente. Assim, quando Deus sopra na criatura o fôlego de vida espiritual, ela se torna alma que ora: "pois eis que ele ora", diz Deus de Paulo a Ananias, At 9:11. Como se dissesse: "Não tenhas medo dele; ele é uma alma honesta; podes confiar nele, pois ele ora". O orar é para a nova criatura o mesmo que o chorar é para a natural. A criança não é ensinada por arte ou exemplo a chorar, mas instruída pela natureza; ela vem ao mundo chorando. O orar não é uma lição obtida por formas e regras de arte, mas que flui dos princípios da própria vida nova.

Segundo. O dever da oração, assim como é um recurso para evidenciar; o é também para aumentar a graça. O cristão que ora é o cristão que prospera; ao passo que aquele que é infrequente ou preguiçoso na oração é um desperdiçador. Ele é como quem vive com grandes gastos e conduz pouco ou nenhum

comércio para trazer com que mantê-los. Ora, a oração ajuda para o aumento e crescimento da graça destas duas maneiras:

1. Ao extrair os hábitos da graça em ação e exercitá-los.
2. Ao postar a alma próxima a Deus.

A oração extrai os hábitos da graça em ação e exercita-os

1. Ao extrair os hábitos da graça em ação e exercitá-los. Ora, assim como o exercício físico traz um duplo benefício para o corpo, assim este exercício espiritual traz para a alma:

(1.) O exercício físico ajuda a digerir ou expelir aqueles humores que obstruem os espíritos. Aquele que pouco se move, vemos que fica ofegante e logo se obstrui com catarro, do qual o exercício limpa o corpo. A oração é o campo de exercícios do santo, onde as suas graças são oxigenadas. Ela é como o vento para o ar para varrer a alma; como os foles para o fogo, que limpam as brasas daquelas cinzas que as abafam. O cristão, enquanto neste mundo, vive em um clima pouco saudável. Ora os deleites dele amortecem e esfriam o seu amor por Cristo; ora as aflições que encontra nele atenuam a sua fé na promessa. Como agora o pobre cristão se livraria destas suas enfermidades se não tivesse um trono de graça a que recorrer, onde, se uma vez a sua alma estiver em estado de derretimento, ele, como quem é colocado em um suor real, logo expele a malignidade de sua doença e volta ao seu estado correto novamente. Quão frequentemente encontramos o santo profeta, quando primeiramente se ajoelha para orar, cheio de medos e dúvidas, o qual contudo, antes que ele e o dever se apartem, cresce em uma

doce familiaridade com Deus e repouso em seu próprio espírito? Ele começa a sua oração como se as coisas tivessem chegado a tal ponto que ele pensasse que Deus nunca mais lhe daria um olhar amável: "Até quando te esquecerás de mim, Senhor? Para sempre?", Sl 13:1. Mas, ao tempo em que se exercitou um pouco no dever, a sua enfermidade se dissipa, as névoas se espalham e a sua fé rompe como o sol em sua força: "Mas eu confio na tua benignidade; na tua salvação meu coração se alegrará. Cantarei ao Senhor", versículo 5. Assim a sua fé prepara a mesa, esperando um banquete a ser servido em breve. Aquele que ainda há pouco questionava se alguma vez ouviria boas notícias do céu está tão forte na fé que se alegra com as esperanças daquela misericórdia que tem certeza de que virá finalmente. Abraão começou com cinquenta, mas a sua fé ganhou terreno perante Deus a cada passo, até que reduziu o preço de suas vidas a dez.

(2.) O exercício físico aguça o apetite para aquele alimento que deve ser tomado antes que a força seja obtida. E *causa causæ est causa causati* [a causa da causa é a causa do causado] — a causa mais remota de uma causa imediata é, em certo sentido, a causa daquilo que flui como efeito da mais imediata. A pedra de amolar que afia a foice do agricultor o ajuda a ceifar a relva. Ninguém se aproxima com apetite tão agudo da palavra — que é o alimento do santo para fortalecer a sua graça — como o cristão que coloca a oração em seu caminho rumo à ordenança. Quanto mais forte for o calor natural, melhor estômago o homem terá para a comida. O amor na alma é o que o calor natural é no corpo. Quanto mais a alma ama a palavra, mais anseio tem por ela. Ora, assim como o exercício físico desperta o calor natural do corpo, assim também a oração excita este calor espiritual do amor no peito do santo pela palavra.

Cornélio é um excelente exemplo disso. Encontramo-lo empenhado na oração em sua casa quando, eis que surge uma visão que lhe ordena enviar buscar a Pedro, o qual lhe pregaria o evangelho — feliz recompensa por sua devoção! Ora, vejam que apetite agudo esta alma que ora tem pela palavra. Diante disso, ele envia imediatamente mensageiros a buscar Pedro e, antes que ele chegue, reúne uma assembleia — sem dúvida todos os amigos que pôde obter. Ali se assenta com o coração ansioso aguardando o pregador. Assim que vê a sua face, lança-se aos seus pés, recebendo-o com aquela reverência e respeito como se ele fosse um anjo descido do céu. Imediatamente coloca Pedro a trabalhar, embora alguns possam pensar que ele passou dos limites da cortesia ao colocá-lo ao trabalho após uma jornada tão longa, antes de o ter revigorado com alguma refeição; mas o bom homem estava tão faminto por ouvir a mensagem que ele trazia que não pôde conter a sua alma para esperar mais tempo, e, como homem verdadeiramente faminto, está pronto a agarrar qualquer verdade — por mais amarga que seja — que lhe seja apresentada: "Agora, pois, estamos todos aqui presentes diante de Deus, para ouvir tudo quanto por Deus te foi mandado", At 10:33. E quando o sermão termina, tão saborosa e doce foi a refeição que ele tem relutância em pensar em apartar-se de Pedro antes de obter mais dele; e, por isso, roga-lhe que permaneça alguns dias com ele. Um sermão apenas fez água em sua boca por outro. Oh, quão diferentes são os que vêm exalando o calor do mundo para um sermão em relação a Cornélio, que se levanta da oração para aguardar o pregador!

A oração ajuda as nossas graças ao postar a alma próxima a Deus

2. *A oração ajuda as nossas graças ao postar a alma próxima a Deus.* Na oração, diz-se que "nos aproximamos de Deus", Tg 4:8 — que "vamos à sua presença", Sl 95:2. Nela temos "acesso por um mesmo Espírito ao Pai", Ef 2:18, como quem traz uma petição a um príncipe é chamado à sua câmara de audiência — uma das mais próximas aproximações de Deus de que a criatura é capaz deste lado do céu, o que era simbolizado pelo altar do incenso que ficava elevado inclusive dentro do véu. A oração é chamada de "O trono da graça". Vimos em oração ao trono de Deus e colocamos a nossa petição na própria mão de Deus, conforme ele se assenta em seu trono em toda a sua realeza. Ora, sendo a oração aproximação tão próxima de Deus, ela tem uma dupla influência no crescimento da graça do santo:

(1.) Por este acesso próximo a Deus, a alma é colocada em maior temor santo e reverência daquele olho puro e penetrante de Deus que ela vê olhando para si. É verdade que Deus está sempre próximo de nós. Oremos ou não, não podemos nos livrar de sua presença. Mas nunca a alma tem tais apreensões de sua presença como quando se coloca perante Deus na oração. Agora a alma fala a Deus como que boca a boca; e considerando quão santa é aquela majestade com quem ela lida na oração, ela necessariamente deve reverenciar e tremer perante ele. Ora, o resultado natural deste temor santo, qual pode ser senão um cuidado em aprovar-se perante Deus? E este cuidado alimenta cada graça. Elas são carregadas em seus braços, como a criança nos da babá. Ele mantém o cinto da verdade afivelado junto aos seus lombos: "Oh!", diz a alma, "ou devo deixar de orar, ou deixar de agir com duplicidade e fingimento perante Deus pela hipocrisia!" Isso fortalecerá a couraça da santidade. Não é possível que um cristão caminhe de forma frouxa todo o dia e seja livre e familiar com Deus à noite. Aquele que atende à

pessoa de um príncipe será cuidadoso em não carregar nada consigo que seja ofensivo ao olho dele; sim, temeroso de que qualquer coisa chegue ao seu ouvido que o coloque sob suspeita nos pensamentos do príncipe e o remova de sua posição junto a ele. E os cortesãos têm aqueles que estarão sempre tentando derrubá-los, se puderem; e ao cristão não falta tal adversário — pois Satanás está à sua mão direita a cada deslize para o acusar perante Deus dizendo: "Este é o teu favorito. Embora seja tão devoto na oração, ele pode fazer isto ou aquilo quando o dever termina". E, portanto, se há alguém no mundo que tenha um compromisso sobre si mais do que os outros para caminhar de forma exata, são aqueles que ministram perante o Senhor neste dever. Os príncipes são mais exigentes com os seus atendentes do que com os outros que estão a maior distância deles. Quando Davi demonstrou alguma alteração mental perante o rei Aquis, este ordena que o afastem dele: "Tenho eu falta de loucos, para que trouxésseis este para fazer doidices na minha presença?" E será que um pobre homem mortal que se assenta em um trono de pó, apenas acumulado e elevado um pouco acima de seus companheiros, assume tal altivez a ponto de não suportar a alteração de ninguém diante de si? Quanto menos o grande Deus — embora feche os olhos por um tempo para os pecados graves de outros — tolerará qualquer comportamento profano naqueles que o atendem tão de perto! Isto, sem dúvida, fez Caim fugir tão rápido da presença de Deus, porque sabia que não havia como postar-se tão próximo de Deus com um coração tão profano como o que carregava em seu peito.

(2.) Pelo acesso próximo da alma a Deus na oração, ela recebe doces influências de graça vindas dele. Toda graça provém do Deus da graça; não apenas a primeira semente da graça, mas o seu crescimento e acréscimo; e Deus comumente

derrama a sua graça em uma via de comunhão com o seu povo. Ora, pela oração o cristão é conduzido à comunhão mais íntima com Deus. E da comunhão segue-se a comunicação. Assim como o calor que a fêmea transmite ao assentar-se sobre os pintinhos os alimenta, assim também as graças dos santos são vivificadas e fortalecidas pelas doces influências que recebem desta comunhão próxima com Deus. O cristão é comparado a uma árvore, Sl 1. E aquelas árvores florescem mais, e produzem frutos mais doces, que se encontram mais expostas ao sol. O cristão que ora está, como costumam dizer dos rodianos, *in sole positus* [colocado ao sol]. Ele se posta próximo a Deus, e tem Deus próximo a si em tudo o que pede a ele. E, portanto, você pode esperar que o seu fruto seja doce e maduro, ao passo que aquele que se posta como que na sombra, e a uma distância de Deus (pela negligência ou infrequência deste dever), terá pouco fruto encontrado em seus ramos, e este ainda verde e azedo: "Os que estão plantados na Casa do Senhor florescerão nos átrios do nosso Deus. Na velhice ainda darão frutos; serão viçosos e florescentes", Sl 92:13-14.

A prevalência da oração com Deus torna-a um dever necessário

Razão terceira. A terceira razão pela qual o cristão deve unir a oração a todos os demais recursos é extraída da grande prevalência que a oração tem com Deus. Ele nada fará de importante por um santo sem a oração, e nada é grande demais para ele fazer ao pedido deste. A oração, como o arco de Jônatas, quando devidamente qualificada quanto à pessoa e ao ato, nunca retorna vazia. Nunca oração fiel foi perdida no mar. Nenhum comerciante negocia com tanta certeza como o santo

que ora. Algumas orações, de fato, têm uma viagem mais longa do que as outras; mas então retornam com o carregamento mais rico no final para o porto. No comércio, ganha mais com a sua mercadoria aquele que pode abrir mão de seu dinheiro por mais tempo. Assim faz o cristão que pode com mais paciência aguardar pelo retorno de sua oração. Tal alma nunca será envergonhada de sua espera. A promessa é uma apólice de seguro para garantir o seu empreendimento, 1 Jo 3:22. Oh, quem pode expressar a oratória poderosa da oração de um crente! *Vocula Pater formaliter dicta in corde, est eloquentia, quam Demosthenes, Cicero, et eloquentissimi in mundo nunquam possunt exprimere* [Esta pequena palavra Pai, proferida com sinceridade no coração, é uma eloquência que Demóstenes, Cícero e os mais eloquentes do mundo nunca puderam expressar], diz Lutero.

Lemos sobre tomar o céu "por força", Mt 11:12. Se alguma vez se pôde dizer que isso foi feito, é na oração. *Cælum tundimus et misericordiam extorquemus* [Batemos no céu e arrancamos a misericórdia], diz Tertuliano — batemos no céu, e o coração misericordioso de Deus se abre, o qual trazemos conosco. E na mesma apologia ele fala dos cristãos, de como iam orar, assim como um inimigo faz para cercar uma cidade e tomá-la de assalto: *coimus in coetum et congregationem, ut ad Deum quasi manu factá precationibus ambiamus orantes* [reunimo-nos em assembleia e congregação para que, cercando a Deus com as nossas orações como que com uma força armada, o abordemos orando]. E então ele acrescenta: *hæc vis Deo grata est* [esta violência santa que oferecemos a Deus na oração lhe é muito agradável]. Certamente, se não fosse, ele não ajudaria o cristão na obra, nem o recompensaria por ela quando realizada. Ao passo que ele faz ambas as coisas. Ele ajudou Jacó a vencer:

"no seu vigor, lutou com Deus", Os 12:3. Isto é: não pelo seu próprio vigor, mas pelo vigor que recebeu de Deus. E então ele coloca honra sobre ele pela vitória: "Não se chamará mais o teu nome Jacó, mas Israel, pois, como príncipe, lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste", Gn 32:28. Seria fácil aqui detalhar uma longa história dos grandes feitos pelos quais a oração é renomada na Escritura Sagrada: Tg 5:17-18; Is 37; Dn 2:18; 2 Sm 15:31; Est 4:16; At 12:5; Jo 11:41-42; Jn 2:1-2; Js 10:12-14; 2 Reis 20:10-11; Sl 106:23; Ez 22:30. Esta é a chave que abriu e novamente fechou o céu. Ela derrotou exércitos poderosos e desvendou segredos tais que passaram da capacidade do próprio diabo descobrir. Ela sufocou planos desesperados no próprio ventre onde foram concebidos, e fez com que aquelas ferramentas de crueldade preparadas contra os santos recuassem sobre os inventores delas; de modo que herdaram a força que haviam armado para os outros. Ao bater da oração, as portas das prisões se abriram, a sepultura entregou os seus mortos; e o leviatã do mar, incapaz de digerir a sua presa, foi obrigado a vomitá-la novamente. Ela deteve a carruagem do sol nos céus, sim, fê-la retroceder. E o que supera tudo: ela conteve o Todo-Poderoso quando em plena marcha contra pessoas e povos, e o fez recuar misericordiosamente. De fato, pelo poder que a oração tem com Deus, ela chega a prevalecer sobre tudo o mais.

Aquele que tem uma chave para o coração de Deus não pode ser excluído ou detido à porta da criatura. Ora, a oração move a Deus e o vence, não por causar qualquer mudança na vontade divina, fazendo Deus adotar novos pensamentos de realizar algo por seu povo que antes não pretendia. Não, Deus é imutável, e o bem que ele realiza no tempo por seu povo ele o propôs antes de qualquer tempo existir. Mas diz-se que a oração

mais do que vence a Deus porque ele dá então o que desde a eternidade propôs dar mediante a oração deles a ele. Pois quando Deus decretou o que faria por seus santos, ele também propôs que eles deveriam orar por isso: "Ainda por isso serei solicitado pela casa de Israel, para que lho faça", Ez 36:37. O auxílio da oração será usado para dar à luz as misericórdias que Deus propõe e promete. Ezequias compreendeu isso quando convocou o profeta para o trabalho de parto da igreja e lhe ordena, porque "os filhos" — isto é, a libertação — estavam para nascer, mas não havia forças para dar à luz, que ele "eleve uma oração", Is 37:3-4. E quando Daniel constatou a contagem completa da promessa — quanto tempo faltava para a libertação prometida para o retorno do cativo —, percebendo que esta se apressava, ele se dedica inteiramente à oração, sabendo que o propósito de Deus de dar não nos desobriga de nosso dever de "pedir", Dn 9:2-3.

Por que os cristãos devem orar pelo que Deus propôs e prometeu dar

Pergunta. Mas por que Deus impõe isto aos santos: que orem por aquilo que ele propôs e prometeu dar?

Primeiro: Para que sejam conformes a Cristo.

Segundo: Para que ele dê as boas coisas da promessa com segurança para a sua honra.

Terceiro: Para demonstrar o grande prazer que tem nas orações de seus santos.

Resposta primeira. Para que sejam conformes a Cristo. O plano de Deus é tornar cada santo semelhante a Cristo.

Isto foi resolvido desde a eternidade, Rm 8:29. Ora, assim como o pintor olha para a pessoa cujo retrato quer fazer e traça as suas linhas para responder-lhe com a maior semelhança possível; assim também olha Deus para Cristo como o arquétipo ao qual conformará o santo, no sofrimento, na graça e na glória; contudo de tal modo que Cristo tenha a preeminência em tudo. Cada santo deve sofrer porque Cristo sofreu: Cristo não deve ter um corpo delicado sob uma cabeça crucificada. Contudo, nunca ninguém sofreu, ou poderia sofrer, o que ele suportou. Cristo é santo, e por isso cada santo o será, mas em um grau inferior. Uma imagem esculpida no barro não pode ser tão exata como a que está gravada no ouro. Ora, assim como em outras coisas, também nisto a nossa conformidade com Cristo se manifesta — no fato de que, assim como as promessas feitas a ele foram cumpridas mediante a sua oração ao seu Pai, assim as promessas feitas aos seus santos lhes são dadas da mesma forma de oração: "Pedeme, e eu te darei", diz Deus ao seu Filho, Sl 2:8. E o apóstolo nos diz: "Nada tendes, porque não pedis". Deus havia prometido suporte a Cristo em todos os seus conflitos: "Eis aqui o meu servo, a quem sustenho", Is 42:1. Contudo, ele ora "com grande clamor e lágrimas" quando seus pés se encontravam sob a sombra da morte. Uma descendência lhe é prometida, e vitória sobre os seus inimigos; contudo, por ambas as coisas, ele se encontra em oração agora no céu. Cristo age para conosco como rei, mas para com o seu Pai como sacerdote. Tudo o que fala a Deus o faz de joelhos, por oração e intercessão. Da mesma forma os santos. A promessa os faz reis sobre as suas concupiscências, conquistadores sobre os seus inimigos; mas os faz sacerdotes perante Deus, para humildemente pleitearem aquelas grandes coisas dadas na promessa.

Resposta segunda. Para que Deus possa dar as boas coisas da promessa com segurança para a sua honra. Assegure-se Deus de sua glória, e o santo poderá ter o que quiser. A própria vida de Deus está ligada à sua glória. A honra da criatura não é intrínseca à sua existência. Um príncipe é homem quando a sua coroa e reino se vão. Mas Deus não pode ser Deus se não for glorioso; nem pode ser glorioso a menos que seja santo, justo, misericordioso e fiel, etc. Ora, para que esta sua glória seja vista e exibida, eis o grande fim que ele propõe tanto ao fazer como ao ordenar o mundo: "O Senhor fez todas as coisas para si mesmo", Pv 16:4. Se houvesse qualquer ocorrência no mundo que de modo algum pudesse ser convertida para a glória de Deus, isso faria a existência de uma divindade ser questionada. Mas o Deus sábio assim fez, e assim ordena, todas as suas criaturas com as suas ações, para que a manifestação de sua glória seja o resultado de tudo. De fato, ele a força de alguns, e a toma sob coerção, como os príncipes fazem com as suas taxas perante súditos desobedientes. Assim, até a ira dos seus inimigos o louvará, Sl 76:10. Mas ele espera que os santos sejam instrumentos ativos para glorificá-lo e, como súditos leais e amorosos, paguem-lhe o tributo de seu louvor livremente, com aclamações de alegria e gratidão; o que, para que o façam, ele distribui as suas misericórdias de tal modo que melhor se ajuste a este dever deles. E isso é dar as boas coisas que ele propôs e prometeu a eles mediante a sua humilde petição em oração a ele. Ora, de duas maneiras a glória de Deus é assegurada por este recurso:

1. O santo, no próprio dever da oração — quando o realiza de maneira qualificada —, glorifica altamente a Deus. A oração, assim como é *medium gratiae* [meio de graça] — um canal de graça para o transporte e derivação de

bênçãos vindas de Deus, a fonte, para a cisterna de nossos peitos; assim é também *medium cultus* [meio de culto] — um recurso de adoração pelo qual devemos prestar homenagem a Deus e dar-lhe a glória de sua divindade. Por ela damos-lhe "a glória do seu poder". A oração é um humilde apelo de nossa fraqueza à onipotência de Deus. Ninguém roga à porta alheia aquilo de que pode prover-se em casa. E se não considerássemos Deus capaz, iríamos a outro, não a ele. Damos-lhe a glória de sua soberania e domínio e reconhecemos que ele é não apenas capaz de obter para nós o que pedimos, mas pode dar-nos o direito e a bênção daquilo que dá. Portanto, Cristo encerra a sua oração com: "Porque teu é o Reino, e o poder, e a glória", etc., como uma razão pela qual direcionamos as nossas orações a Deus; porque somente ele é o Senhor soberano que pode nos investir em qualquer prazer e dar-nos o direito a ele. De modo que constitui alta traição contra a coroa e a dignidade de Deus quando tentamos nos apossar de qualquer prazer sem orar a ele; ou quando oramos religiosamente a qualquer outro além dele. Pelo primeiro ato, usurpamos nós mesmos a sua soberania, em sua linguagem: "Senhores somos; não viremos mais a ti", Jr 2:31. E pelo segundo, entregamos o seu reino e soberania a outro. Este foi o plano do diabo quando quis que Cristo se prostrasse e o adorasse, para que com isso ele reconhecesse que este tinha o governo do mundo. Novamente, pela oração damos-lhe a glória de sua misericórdia livre. Os homens demandam uma dívida, mas rogam por uma esmola. Quando oramos, renunciemos ao mérito. Vejam-nos opostos: "A quem, ainda que eu fosse justo, lhe não responderia; antes, ao meu Juiz pediria misericórdia", Jó 9:15. Poderíamos mostrar o mesmo em todos os outros atributos. Mas esta amostra de alguns pode

bastar. E assim como Deus, essencialmente considerado, recebe pela oração um reconhecimento de sua divindade; assim também cada pessoa na Trindade sagrada, Pai, Filho e Espírito Santo, na oração são honradas. Ao direcionarmos as nossas orações a Deus Pai, honramo-lo como a fonte de toda a graça e misericórdia. Honramos o Filho ao apresentarmos as nossas orações em seu nome ao Pai, reconhecendo-o com isso o adquirente das misericórdias que rogamos. E o Espírito Santo recebe a honra daquela assistência que reconhecemos receber dele para o dever da oração. Pois assim como oramos ao Pai pelo Filho, assim o fazemos pela ajuda do Espírito.

2. Assim como Deus é honrado no próprio ato e exercício deste dever devidamente qualificado, assim por ele o cristão é profundamente engajado, e também docemente disposto, a louvar a Deus pelas misericórdias que obtém pela oração, e a glorificá-lo com elas:

(1.) A oração nos engaja a louvar a Deus por causa de suas misericórdias. Na oração, não apenas rogamos por misericórdia de Deus, mas prometemos louvor a Deus pelas misericórdias que rogamos. As orações são chamadas de "votos": "Tu, ó Deus, ouviste os meus votos", Sl 61:5; isto é, as minhas orações, em que solenemente prometi louvor pela libertação que roguei. Não há oração em que não esteja incluído um voto. Não devemos pensar em vincular Deus e nos deixar livres. Deus se vincula na promessa de nos ajudar; mas a condição da obrigação de nossa parte é que o glorificaremos. E sob nenhum outro termo nos dá Deus permissão para pedir qualquer misericórdia de suas mãos: "E invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás", Sl 50:15. Ora, que forte compromisso coloca isso sobre o coração do cristão que

ora para usar as suas dádivas de forma santa e demonstrar gratidão pelo que vence pela oração! O cristão que teria relutância em ser pego em uma mentira perante o homem temerá muito mais ser encontrado mentiroso perante Deus: "Certamente, eles são meu povo", disse Deus, "filhos que não mentirão; e ele se lhes tornou o seu Salvador", Is 63:8.

(2.) A oração é um recurso para dispor o coração ao louvor. A oração e o louvor, como as qualidades simbólicas nos elementos, logo se convertem uma na outra. Quando Davi começa um salmo com oração, comumente o encerra com louvor. De onde as coisas têm a sua origem, para lá retornam. Do mar a água dos rios provém e nenhuma montanha pode impedir que de volta ao mar ela corra. Aquele espírito que conduz a alma para fora de si mesma a Deus para provisão a direcionará ao mesmo Deus com o seu louvor. Não costumamos tomar dinheiro emprestado de um homem e pagá-lo a outro. Se Deus tem sido a sua "força", certamente você fará dele a sua "canção". O ladrão não vem agradecer a um homem pelo que rouba de seu quintal. E eu tão pouco me admiro de que não glorifiquem a Deus por suas misericórdias, ou com elas, aqueles que não pediram a sua permissão pela oração por elas. O que os homens fazem por si mesmos, atribuem a si mesmos. Misericórdias mal obtidas são comumente mal gastas: porque não lhes são santificadas e, por isso, tornam-se combustível para alimentar suas concupiscências. Daí se origina o fato de que, quanto mais prazeres têm, mais orgulhosos e ingratos são. Mas pela oração os prazeres do cristão são santificados, e a futilidade deles que infla outros em orgulho é corrigida; e as mesmas misericórdias recebidas pela oração tornam-se alimento para as graças dos santos, que apodrecem e se convertem em concupiscências repugnantes no pecador que não ora.

Resposta terceira. Deus quer que o seu povo ore por aquilo que ele propôs e prometeu para demonstrar o grande prazer que tem nas orações deles. Como um pai que, embora possa enviar ao filho que vive fora o dinheiro que prometeu para o seu sustento, contudo não permite que ele o tenha a menos que venha pessoalmente em tempos determinados para buscá-lo. E por quê? Não para incomodar o filho, mas para alegrar-se na companhia dele. Deus tem tanto prazer na companhia de seus santos que oram que, para evitar todo o distanciamento de parte deles, ordena as coisas de tal modo que eles não possam negligenciar um dever sem que percam algo com isso: "nada tendes, porque não pedis". E quanto mais abundarem na oração, mais abundarão em bênçãos. Quanto mais vezes Joás tivesse "ferido a terra", mais completa teria sido a sua vitória sobre a Síria. Conforme forem as flechas da oração que disparamos ao céu, assim serão os retornos de misericórdia de lá. Contudo, não deve ser imputado a qualquer relutância de Deus em dar o fato de ele fazê-los orar frequentemente e por muito tempo antes que a misericórdia venha, mas antes ao prazer que ele tem em nossas orações. Ele faz tudo isso com o plano de extrair as graças de seu Espírito em seus filhos, cuja voz e linguagem na oração produzem melodia muito doce ao ouvido de Deus. A verdade é que somos nisto muito parecidos com músicos tocando sob a nossa janela: eles tocam enquanto o dinheiro lhes é lançado, e então seus instrumentos são guardados. E se as nossas necessidades fossem supridas pela resposta de uma única oração, de modo que não necessitássemos repentinamente de nova provisão, nós nos iríamos e Deus não ouviria falar de nós tão cedo.

Uso Ou Aplicação. Repreensão às almas que não oram, com o estado terrível de tais pessoas

Uso primeiro. Uma palavra àqueles que vivem no total desprezo deste dever, que são criaturas que não oram. Tais ruínas da humanidade podem ser encontradas, as quais passam seus dias miseráveis como porcos; nunca olham para o céu até que Deus as coloque deitadas de costas; nem se ouve clamarem em oração até que esta faca esteja em sua garganta. Que direi a estes gigantes e filhos da terra que renunciaram à sua lealdade ao Deus do céu! — estas vacas de Basã que, como tantos Nabucodonosores metamorfoseados, perderam o coração de homem e vivem exatamente como brutos, como as próprias bestas que, enquanto se alimentam, não tomam conhecimento daquele que veste o campo de relva para elas! Posso esperar que ouçam o homem aqueles que não querem reconhecer o Deus do céu orando a ele? Certamente o caso de vocês é deplorável. O quê! não orar? Podem fazer menos do que por esta homenagem confessar a Deus como seu Criador? Ou menos por suas próprias almas do que rogar pela vida delas a Deus, cuja mão de justiça está levantada contra vocês? Estão resolvidos a se lançarem assim na boca do diabo, sem sequer desferirem um golpe para sua defesa? Se Deus tivesse exigido de suas mãos algo maior do que isto, a salvação de suas almas o teria merecido. E vocês vão vacilar nisto?

Deus não nos cobra o preço de nosso resgate; não, nem sequer para pagar as taxas de nossa prisão. Apenas ele lhe ordena orar, e ele pagará: "o vosso coração viverá, pois que buscais a Deus", Sl 69:32. Oh, que sal e vinagre deitará isto em suas feridas quando no inferno a sua consciência se voltar contra você e lhe disser que não estaria ali se a seu tempo tivesse humilhado a sua alma perante Deus e buscado o seu favor daquela forma

que custou a Cristo o seu sangue para adquirir! Ou você deve ser liberto deste demônio mudo, ou indubitavelmente isso constituirá a sua condenação! E quem morre com menos piedade do que aquele malfeitor que se mostra obstinado perante o juiz e não quer sequer ajoelhar-se, ou abrir a boca para clamar por misericórdia, embora o juiz de propósito adie proferir a sentença e encerrar a sessão para ver se o seu orgulho cederá e o seu espírito altivo se curvará para pedir a vida de suas mãos? Vocês sabem quão irado ficou Pilatos quando Cristo silenciou: "Não me falas a mim? Não sabes tu que tenho poder para te crucificar e tenho poder para te soltar?", Jo 19:10, embora, infelizmente! pobre criatura, como Cristo lhe disse, ele nada pudesse fazer a favor ou contra ele; e, por isso, Cristo nem o temeu, nem lhe devia tal serviço a ponto de lhe conceder uma palavra. O mandado para a morte de Cristo estava selado no céu, e ele, com o restante dos inimigos furiosos de Cristo, não passavam de servos de Deus para executarem a sentença segundo o determinado conselho de Deus. Mas quanto maior razão tem o grande Deus de indignar-se com esta irreligião e dizer: "Não me falarás a mim? não orarás a mim? Não sabes que tenho o poder de salvar ou condenar? de te entregar ao atormentador ou de te manter fora de suas mãos?" Ou espera você que Deus esteja obrigado a salvá-lo, ore você ou não? Se ele o fizer, garanto-lhe que fará mais por você do que por outros; sim, do que por seu próprio Filho, que fez fortes clamores e súplicas para ser salvo por ele. Deus estabeleceu o método da salvação e não pense que o alterará, fazendo assim uma mancha no conselho de sua vontade por causa de seu bel-prazer. O que ele escreveu ele escreveu, e não será revertido. Sim, embora outros devessem ser tão bondosos a ponto de, por piedade de sua alma, orarem por você, contudo se você mesmo for uma criatura que não ora, você morrerá. Ainda que fossem Noé, Samuel e Daniel que se

levantassem para rogar por sua vida, não seriam ouvidos por você. Orações por procuração, neste caso, não prevalecerão. E, portanto, quando os israelitas vieram rogar a Samuel por suas orações — as quais, bom homem, ele facilmente prometeu; de fato, não ousaria esquecê-las nisso, embora não lho tivessem lembrado —, notem que advertência ele anexa: "Tão-somente temei ao Senhor, e servi-o em verdade com todo o vosso coração", 1 Sm 12:24. Como se dissesse: "Não me coloquem a fazer por vocês aquilo que vocês não querem fazer por si mesmos". Não é todo o prestígio que as minhas orações têm no céu que impedirá a ira de Deus de cair sobre vocês se forem ímpios e ateus; portanto, "temei ao Senhor, e servi-o". Isto é: orem e obedeçam-lhe.

O temor frequentemente denota a adoração de Deus, Gn 31:53. Deus é chamado o "temor de Isaque"; isto é, o Deus a quem ele temia e adorava. Da mesma forma: "Quem te não temeria a ti, ó Rei das nações?", Jr 10:7, isto é, quem te não adoraria a ti, antes do que aos pedaços de madeira e pedra; porque a adoração de Deus resulta de nossa reverência e temor que temos dele. Cristo "foi ouvido por causa da sua reverência", Hb 5:7 — *apo tēs eulabeias*; isto é, o seu temor religioso, expresso naqueles seus fortes clamores que ele gemeu diante de Deus em sua agonia. E, portanto, enquanto você for alguém que não ora, você vive sem o temor de Deus. E o que não ousará tal infeliz fazer? Absolutamente tudo o que Satanás lhe ordenar, ainda que seja ir a um feiticeiro. Quando Saul deixou de consultar a Deus, logo o ouvimos batendo à porta do diabo e pedindo conselho a uma necromante. Oh! acautelem-se de viver tão perto do tentador! Se Satanás pudesse ter o seu desejo, certamente seria este — que a criatura vivesse sem orar; pois por este meio ele causaria a maior ofensa possível a Deus, no fato de

que faz a criatura desprezá-lo em todos os seus atributos, e obteria a maior vantagem contra o próprio pecador. Agora ele o tem tão seguro como o ladrão tem o viajante quando o lançou em uma vala bem atado e lhe tapou a boca para que não possa clamar a outros por ajuda. Em uma palavra: você é presa livre para Satanás, que pode agora satisfazer a sua concupiscência em você. Aquele que ora convida Deus para o seu contato íntimo, e logo o terá; como vemos em Paulo, a quem Ananias foi enviado por Deus. Mas aquele que vive na negligência deste dever dá ao diabo a posse mais completa de si. Você é o homem, entre todos os outros, mais apto para ele fazer um ateu. Não me admiraria de que o diabo o convença de que não há Deus, você que já vive em tal desafio contra ele, o que não pode senão tornar a crença em uma divindade terrível para os seus pensamentos. Herodes foi logo convencido a decapitar João porque, quando este estava vivo, tanto perturbava e irritava a sua consciência. E é de se temer que você facilmente seja levado a tentar sufocar todos os pensamentos de uma divindade de quem a sua consciência criminosa espera ouvir nada que possa agradá-lo. Sim, é provável que você tenha muito de ateu em si já, ou do contrário não ousaria negar a Deus aquela parte da adoração natural que aqueles que menos o conhecem lhe dão. Tenho certeza de que a Escritura atribui este filho da irreligião à porta do ateísmo, Sl 14:1: "O tolo" ali gostaria de convencer-se de que "não há Deus", e quando consegue a tal ponto o domínio de sua consciência como para riscar Deus de seu credo, ele logo o deixa fora de seu Pai-Nosso, versículo 2.

Pergunta. Mas talvez alguns me perguntem se penso que alguém, onde o evangelho é pregado, negligencia a oração por esta razão de ateísmo?

Resposta. Verdadeiramente, penso que sim; e o que é mais, penso que há piores ateus a serem encontrados sob a luz meridiana do evangelho do que no canto mais escuro da América, onde este dia nunca rompeu. Como as ervas daninhas crescem mais viçosas nas terras mais ricas, e os frutos amadurecem mais nos climas mais quentes; assim também os pecados crescem à maior altura onde o sol do evangelho sobe mais alto: "Quem é cego, senão o meu servo?... e cego, como o servo do Senhor?", Is 42:19. Que ateus são como aqueles que têm os seus olhos arrancados pela luz do evangelho? O pouco conhecimento do pobre índio sobre um Deus é por falta de luz, o que pode ser curado quando esta lhe for trazida. Mas se um ateísmo judicial — como costuma ser nos tempos e lugares do evangelho — cai sobre uma alma por rebelar-se contra a luz, este é incurável. Aqui a própria faculdade visual pereceu e o olho foi arrancado.

Exortação aos santos para que abundem na oração

Uso segundo. Aos santos. Sejam vocês provocados a manejarem este remo mais diligentemente do que nunca. Se este for negligenciado, segue-se um declínio universal de todas as suas graças. Quando os portos e ancoradouros de um reino são bloqueados, de modo que o comerciante não pode sair, segue-se um desânimo em todo o comércio interno, de modo que um inimigo não precisa desferir um golpe, mas apenas ficar parado para vê-los consumirem-se uns aos outros. O salmista nos fala de um rio "cujas correntes alegram a cidade de Deus", Sl 46:4. A promessa é este rio sobre o qual os santos têm todo o seu sustento trazido às suas próprias portas. Se este for mantido aberto, Satanás não pode muito angustia-los; o que então é feito

quando podem enviar suas orações sobre este rio ao céu. Mas se uma vez este comércio for interrompido, então eles se veem em sérios apuros. Observa-se de nossos vizinhos, os Países Baixos, que, ao passo que outras nações costumavam empobrecer com a guerra, eles enriqueceram com ela, porque, com as suas guerras, ampliaram o seu comércio e tráfego no exterior. E se você, cristão, quer prosperar por todas as suas tentações, deve tomar o mesmo rumo. O que quer que faça, não deixe morrer de fome o seu comércio com o céu. Deus — para torná-lo mais diligente neste dever — assim ordenou as coisas para que todo o tesouro da promessa lhe seja transportado neste navio da oração. Este é como o navio do mercador: "traz de longe o seu pão", Pv 31:14. Se as suas misericórdias fossem do cultivo de seu próprio país, você poderia poupar uma viagem ao céu. Mas, infelizmente! pobre criatura, quando você se encontra na melhor condição e o seu celeiro mais cheio, se nenhum suprimento estrangeiro lhe viesse do céu, quão cedo você seria levado, com a pobre viúva, a comer o seu último bolo e morrer! Não foi a sua pouca farinha na panela, nem o azeite no fundo da botija, mas a bênção de Deus multiplicando-os o que os fez durar tanto. Assim, não é a sua graça, força ou conforto presentes, mas a alimentação destes por Deus com uma nova fonte aquilo de que você deve viver. Ora, cesse de orar, e o azeite da graça cessará de correr: "nada tendes, porque não pedis". E quando o estoque se consome, a cidade deve render-se. Como você não gostaria, portanto, de cair nas mãos de Satanás, não perca o seu interesse em Deus, o seu melhor aliado, por falta de preservar uma boa correspondência com ele no trono da graça.

Ora, para o melhor seguimento desta exortação, alguns conselhos não seriam inúteis para que você conduza este comércio da oração de forma mais bem-sucedida. Satanás tem

recebido tantas derrotas vergonhosas pelas orações dos santos que treme diante da força desta grande artilharia do céu. Esta é a voz, a voz poderosa de Deus em seus santos, que abala aqueles montes de orgulho, divide as chamas das tentações ardentes e os faz abortarem seus conselhos para sua vergonha e decepção: "Ó Senhor, peço-te que transformes em loucura o conselho de Aitofel", 2 Sm 15:31. Esta única oração tornou Aitofel um tolo, e também aquele que o colocou a trabalhar — derrotando a sabedoria tanto do homem como do diabo. Satanás tem tamanha impressão de temor sobre si — pela lembrança do que tem sofrido nas mãos da oração — que removerá toda pedra e tentará todo caminho para obstruí-lo nela: "Que faremos?", diziam os fariseus sobre Cristo, "pois este homem faz muitos sinais. Se o deixamos assim, todos crerão nele, e virão os romanos, e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação". Satanás não pode negar que grandes maravilhas têm sido operadas pela oração. Conforme o espírito de oração sobe, o seu reino desce. É da linhagem real. Ele não pode mais subsistir diante dele do que o decadente Hamã perante o ascendente Mardoqueu. E, portanto, vendo que este lhe prestará tão grande serviço contra ele, cumpre-lhe ainda mais defendê-lo de suas estratégias. Porque a grande artilharia de um exército lhe é tão útil, e formidável para o inimigo, por isso se coloca uma forte guarda ao seu redor.

TERCEIRA RAMIFICAÇÃO: OS PLANOS DE SATANÁS CONTRA A ORAÇÃO

Ora, os planos de Satanás contra a oração são de três tipos:

PRIMEIRO. Se puder, ele o impedirá de orar.

SEGUNDO. Se isso não for viável, ele se esforçará para interrompê-lo na oração.

TERCEIRO. Se esse plano não funcionar, ele trabalhará para impedir o sucesso e o retorno de sua oração.

Satanás esforça-se para impedir de orar

Primeiro plano. O primeiro plano de Satanás sobre o cristão será impedi-lo de orar. Para efetuar isto, não lhe faltam estratégias; muitas objeções ele levantará e desânimos lançará em seu caminho para este dever, esperando que, se você não tropeçar em um, ele possa fazê-lo cair por outro e desistir de seu empreendimento antes de iniciá-lo. E, o que é pior, você encontrará um partido em seu próprio peito muito pronto a dar ouvidos ao que ele diz, sim, a adotar os argumentos dele e manter a disputa contra o seu engajamento nesta obra. Nós colheremos algumas objeções entre muitas e colocaremos uma resposta em sua boca para quando ele vier.

Satanás impede de orar acusando o cristão de hipocrisia

Primeiro estratégia. "Como! você orar! Se o fizer, apenas agirá como hipócrita; e melhor é não orar absolutamente do que não orar melhor!" Na verdade, possivelmente o seu próprio coração desconfiado sugira o mesmo, ou pelo menos dê crédito à acusação dele a ponto de fazê-lo vacilar em seus pensamentos sobre o que deveria fazer — orar ou não. Ora, para armar-se contra isso, considere:

1. Você tem apenas receio de agir como hipócrita se orar; mas você certamente se provará um ateu se não o fizer. É isso o que ele deseja. Espero que você seja mais sábio do que negligenciar um dever conhecido por um receio que tem de falhar nele; jazer em um pecado conhecido — sim, um pecado tão grave que marca como ateu aquele que nele continua — por medo de encontrar um leão, que talvez não passe de um espantalho, no caminho de sua obediência a um mandamento indispensável.

2. Você corre menos perigo de agir como hipócrita por causa de seu temor. Algumas doenças corporais, de fato, são contraídas com o medo e a imaginação. É mais provável que pegue a peste ou varíola aquele que mais teme tê-las. Mas ninguém está tão seguro do pecado como aqueles que mais temem cair nele. A verdade é que eu não desejaria melhor argumento para provar que você é sincero do que este — temer a sua hipocrisia. Creia: se este for o grande problema de sua alma, o diabo tem mais razão para temer a sua sinceridade do que você a sua hipocrisia. E, com toda probabilidade, é isto que o faz afastá-lo da oração — porque você o assusta muito por sua oração. Se você fosse um hipócrita, como ele alega, ele próprio o convidaria a isso; sim, abriria caminho para você antes do que você não vir para a obra; e quando você se levantasse de joelhos, ele lhe agradecerá pelo seu esforço, porque sabe que Deus não o faria. O hipócrita lhe presta mais serviço do que a Deus. Você não crê, certamente, que o diabo tenha sido algum grande inimigo do jejum de Jezabel. Não, não duvido de que ele o colocou em sua cabeça para que com isso ela zombasse tanto de Deus como do homem. O jejum dela foi o banquete do diabo. Mas,

3. Se você encontra mais motivo para temer agir como hipócrita do que eu, que sou um estranho ao seu coração, tenho razão para pensar — quem de fato pode saber tão bem como bate o seu próprio coração do que você mesmo? —, digo, se você teme que este seja o pecado com mais probabilidade de causar uma brecha em você no seu dever, faça como Moisés, que matou o egípcio para resgatar o israelite — destrua o pecado para que possa resgatar a sua alma da negligência do dever. Você tem uma vantagem muito favorável, pela informação que Deus graciosamente lhe dá de onde é mais provável que venha o seu perigo, de atacar o seu inimigo e tomar a vingança mais completa sobre ele antes de se dedicar à obra da oração. Leve apenas o seu coração ao ódio por este pecado odioso e a uma resolução firme contra ele, e, com a bênção de Deus, ele não poderá feri-lo, nem impedir que a sua oração encontre acolhida perante Deus.

Satanás impede de orar desvalorizando o dom do cristão para ela

Segundo estratagema. "Oh, mas", diz Satanás, "você não tem dons para a oração. Deixe isso para aqueles que podem realizar este dever de uma forma melhor".

Que entende você por "dons"? Se se refere a uma língua fluida e eloquente que alguns têm, pela qual são capazes de, de repente, com um discurso longo e contínuo, percorrer todos os pontos da oração em um método claro e vestir cada petição com expressões adequadas e comoventes, suporemos que você não tenha este dom. Mas Deus proíba que a falta disso o impeça de orar ou o torne menos confortável no dever. A falta destes dons

mostra apenas que você não tem uma cabeça tão boa, mas não impede minimamente que o seu coração seja tão gracioso como o deles. E de duas coisas, melhor é que o defeito se encontre em sua cabeça do que em seu coração. A sua criatividade na oração com isso será mais estéril, mas o seu coração pode ser tão frutífero em meio às poucas frases quebradas e desconexas que caem de você como o deles com sua oratória eloquente. A sua linguagem não será tão polida e vistosa, mas a sua alma e espírito podem ser tão sadios, sim, mais retos, do que muitos daqueles serão encontrados que cativam os ouvidos daqueles que se unem a eles pela música que suas palavras fazem. É possível que um homem tenha um corpo podre sob uma veste suntuosa; e *sub hac purpura linguae pannosam conscientiam* [sob a beleza da linguagem uma consciência pobre e esfarrapada]. Quem não preferiria ser o homem saudável com roupas simples do que o enfermo e doente sob vestes ricas? — sincero com dons simples do que corrompido de coração com capacidades elevadas. Não consideramos o melhor patriota no parlamento aquele que age como orador e faz discursos mais retóricos do que os outros, mas aquele que toma o melhor lado e cujo voto com certeza não faltará para apoiar uma causa justa.

É o sincero "amém" com que a alma sela cada santo pedido, e não a retórica da língua, o que Deus valoriza; e isto o seu coração honesto o ajudará a fazer, o que a cabeça dele não pode fazer por ele que carece desta sinceridade. Não é a beleza da caligrafia o que dá força ao título de dívida, mas a pessoa de quem é a assinatura e o selo. Se pudesse, um tabelião poderia fazer de toda a região os seus devedores. Os dons podem produzir uma bela escrita — o que o hipócrita sabe fazer —, mas a fé e a sinceridade produzem uma oração válida; e esta por si só pode reivindicar o direito às boas coisas da promessa. Em uma

palavra, alma sincera — pois por tal o considero —: se tal você é, embora não tenha estes dons de oração como os outros, contudo tem tanto interesse em Cristo, o "dom inefável", 2 Co 9:15, como qualquer um deles. E, para o seu eterno encorajamento, saiba: não são aqueles dons neles, mas este dom de Deus a você e a todos os crentes o que constitui a chave que deve abrir o coração de Deus se alguma misericórdia for obtida de lá. Sim, este dom deve santificar os dons brilhantes deles, como o altar fazia com o ouro sobre ele, ou do contrário eles serão uma abominação ao Senhor.

Satanás impede de orar mediante a indisposição presente para ela

Terceiro estratagema. Satanás e a carne também têm as suas desculpas dilatórias para afastá-lo deste dever quando o seu tempo determinado e habitual chega para a realização dele. Acaso você nunca, cristão, quando se dirige ao trono da graça, ouve Satanás e a carne sussurrarem em seu ouvido: "Cristão, que vai fazer? Este não é um tempo adequado para a sua oração. Aguarde por uma ocasião mais conveniente"? Aqui o diabo se mostra modesto. Ele não diz: "Não ore absolutamente", mas "não agora" — não dissolve, mas "adia" a sessão para um tempo melhor.

Resposta. Ora, acautele-se, cristão, o seu pé está próximo de uma armadilha. Se você toma o conselho do diabo e aguarda por sua ocasião conveniente, talvez ela se prove como a "ocasião conveniente" de Félix para chamar Paulo a uma nova audiência; a qual, pelo que constatamos, nunca chegou. Quando a carne ou Satanás pedem tempo a você, é para lhe roubarem o tempo. Eles o afastam do dever em um momento com o plano de excluí-lo

finalmente dele em qualquer momento. O diabo é um sofista astuto; ele sabe que um mendigo modesto pode obter mais facilmente o pouco que pede do que aquele que insolentemente pede o que carrega mais irracionalidade no pedido. Jefté, que cedeu ao desejo de sua filha por alguns meses de adiamento, provavelmente não a teria ouvido se ela tivesse pedido a liberação total do voto de seu pai. A alma graciosa está sob o voto de invocar a Deus. O diabo sabe que tal proposta seria rejeitada com a aversão do santo em sua face se ele de início lhe ordenasse nunca mais orar e abandonar totalmente o seu contato com Deus. Portanto, ele se mostra muito disposto a que você ore: "Sim! por todos os meios", diz ele, "não gostaria que você desse as costas ao seu melhor amigo; mas agora não é uma ocasião tão adequada".

Dois argumentos de que Satanás se serve para enganar o cristão sobre os seus tempos de oração

1. A indisposição presente do cristão para a oração.
2. Algum negócio do mundo que então aguarda para ser despachado.

1. Primeiro argumento. A indisposição presente do cristão para orar. "Aguarde, cristão", diz o tentador, "até que você esteja em melhor estado para o dever, e orará com mais proveito. Melhor não escrever esse rascunho — deixe a obra sem fazer do que realizá-la quando a sua mão não estiver firme". Ora, há uma dupla indisposição de que tanto Satanás como a carne fazem uso para colorir a sua pretensão:

(1.) Indisposição do corpo. Alguma enfermidade pesa no presente sobre ele, e a Escritura, dizem estes, lhe diz que Deus prefere a misericórdia ao sacrifício. E não se pode negar, pois a Escritura alcançará tanto quanto o corpo, pois os mandamentos de Deus não são cruéis para com ele.

Resposta. Mas, para ajudá-lo a sair desta armadilha, diga-me claramente: quão grande é esta enfermidade de seu corpo? Talvez você não esteja tão doente que não possa dedicar-se aos seus negócios do mundo, embora com alguns gemidos e queixas neles. Mas quando deve orar, então a sua cabeça dói e pulsa mais do que antes. Está você bem o suficiente para ir à sua loja e não para orar em seu gabinete? Pode caminhar até o mercado e não orar em casa? Pode vencer a sua enfermidade a ponto de negociar com o mundo e não comerciar com o céu? Certamente nem tudo está certo. Deus é muito pouco devedor a você. Não pode Deus dizer: "Eu mereço a sua companhia tão bem como o mundo"? Mas, suponha que você esteja realmente doente e acamado, sem condições de lidar com suas ocupações mundanas; contudo, isso o desculpará de visitar o trono da graça? Deus o retira da loja para lhe mostrar o caminho para o gabinete. Ele o afasta do comércio do mundo para que você siga o do céu mais de perto. Você não é, de fato, capaz de orar em um discurso contínuo como na saúde. Nem Deus o espera. Aqui aquela passagem da Escritura que o diabo gostaria que você abusasse é apropriada e adequada ao seu estado presente: "Deus prefere a misericórdia ao sacrifício". Contudo agora, se alguma vez, é o tempo para você disparar aqueles *jacula præcatoria* — dardos de oração ejaculatória a Deus. Quando o nosso corpo respira mais curto, ele respira mais rápido e com mais frequência. Embora você não possa orar por muito tempo, contudo pode orar muito nestas investidas patéticas de sua alma

ao céu. O cristão deveria ter a sua aljava cheia destas flechas, as quais, embora curtas, vão com força. Cristo nunca orou mais fervorosamente do que em sua agonia; cuja oração era desta natureza: "Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres", Mt 26:39. E após uma pequena pausa — para a natureza tomar algum fôlego, devido àquele peso indizível que então pesava sobre ela —, ele dispara o mesmo dardo novamente ao céu três vezes, uma após a outra, versículo 44. Em uma palavra, cristão, embora você não possa orar como costumava, pode pedir a outros que orem por você e com você. Somos ordenados a chamar os presbíteros, sim, e rogar orações de outros também. Tão piedoso é Deus para conosco que, quando por nossa própria fraqueza somos impossibilitados de expressar as nossas próprias concepções em oração, podemos dar à luz como Bila sobre os joelhos de outros. Quando não podemos ir nós mesmos ao trabalho como costumávamos, podemos ser carregados nos ombros de suas orações e voar nas asas de sua fé ao céu.

(2.) Indisposição do coração. "Oh, mas", dirá você em segundo lugar, "não é a enfermidade do corpo, mas o desânimo de seu coração e a indisposição de sua alma o que o afasta do dever". Você gostaria de ter esta em melhor estado, e então não tardaria a dedicar-se a ele.

Resposta (a). Deixe-me perguntar-lhe, cristão: que constatou você — na observação de seu próprio coração — ser o fruto que colheu de tais adiamentos e desculpas? — acaso a negligência do dever em um momento o preparou para ele em outro? Creio que não. A preguiça não se cura com o sono, nem a indolência com a ociosidade. Se a nossa perna está dormente, nós caminhamos, e assim isso se dissipa. Satanás sabe que, se você faltar à escola hoje, amanhã terá mais relutância em ir. Dê

à carne um pouco de espaço e liberdade ao desatar-se assim, e ela suportará menos ser contida depois. Há muito a fazer para refrear um animal rebelde quando ele se livrou do freio da boca. A túnica da esposa assentava muito bem em suas costas, e sem dúvida ela tinha relutância em ser despida; mas quando uma vez, por uma astúcia de Satanás, foi persuadida a tirá-la, quão relutante esteve depois para vesti-la novamente! E, portanto, sempre que você estiver se afastando deste ou de qualquer outro dever meramente por esta razão, considere bem o que provavelmente se seguirá. Uma destas duas coisas acontecerá: ou você verá o seu pecado e retornará com vergonha e tristeza por sua negligência — e não é menor trabalho orar agora do que sob tais termos depois? Um pagão pôde dizer: "Ele não pecaria para comprar o arrependimento". E não deveria você ter mais sabedoria para saber o que é um mau negócio para a sua alma do que ele? —, ou, se não isso, seguir-se-á, em segundo lugar, que esta negligência gerará outra, e esta uma terceira, e assim você correrá mais em atraso com a sua consciência até que finalmente abandonará todos os pensamentos de renovar o seu contato com Deus por tê-lo interrompido por tanto tempo.

Resposta (b). Examine de onde provém esta indisposição presente, e provavelmente você achará razão para imputá-la ou a algum erro pecaminoso em seu curso cristão, ou à sua negligência daqueles recursos preparatórios através dos quais deve passar para a realização deste dever:

[1.] Veja se você não esteve lidando com algum pecado conscientemente. Há uma antipatia entre o pecar e o orar, em parte devido à culpa, que torna a alma tímida de aproximar-se da vista de Deus por estar consciente de uma falta. A criança que gastou o dia em brincadeiras na rua entra sorrateiramente na cama à noite, ou evita ser vista por medo de uma repreensão, ou

pior, de seu pai. E também há esta antipatia entre essas duas linhas de ação porque o pecado perturba e desordena o coração. O pecado e a oração são contrários tais que é impossível em um só passo passar de um para o outro. É um mau momento, quando a fonte está entupida ou lamacenta, para ir buscar água ali. Se as ferramentas do artífice estiverem cegas ou gastas, nenhum trabalho pode ser bem feito até que um novo fio nelas se instale. É tática do diabo perturbar e desajustar assim o cristão para o dever para que ele o deixe sem fazer. E, portanto, que o seu primeiro cuidado seja manter a fonte de seu coração limpa durante todo o dia, lembrando-se de que dela devem ser tiradas aquelas afeições santas que na oração você deve derramar perante Deus. Cuide para não emprestar nenhuma faculdade de sua alma para ser instrumento de Satanás na obra grosseira e suja do pecado, para não encontrá-la desajustada quando for usá-la neste serviço espiritual. Um bom servo não terá os seus pratos ou panelas sujos quando deveriam ser usados, mas limpos e brilhantes na prateleira para estarem prontos quando chamados. E assim o verdadeiro cristão é caracterizado: "De sorte que, se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda a boa obra", 2 Tm 2:21.

Mas novamente, se você constata que a culpa foi contraída e daí um temor de se aproximar tanto de Deus como este dever o aproximará, sim, um distanciamento em seu coração desta obra, o seu melhor caminho é apressar-se a renovar o seu arrependimento, e assim a sua fé tanto pela misericórdia perdoadora como pela graça purificadora. Novas brechas são reparadas melhor do que longas contendias; feridas recentes cicatrizam mais facilmente do que velhas chagas; manchas são lavadas mais rapidamente quando recém-adquiridas do que

quando impregnadas por longa permanência. Dirija-se ao trono da graça. Regue a terra, se puder, com as suas lágrimas, e encha o céu com suspiros tristes por seu pecado; mas de modo algum adie o dever sob este pretexto; porque esse não é o caminho para remediar a situação, mas para torná-la pior. Jonas agiu mal ao consultar a sua reputação antes que a exaltação da misericórdia de Deus; e em como sairia honrosamente com esta embaixada do que em como o nome do grande Deus, seu Mestre que o enviara, seria magnificado. Mas ele agiu pior quando esses pensamentos pecaminosos que nele se agitaram — pelos quais deveria ter se humilhado — o fizeram fugir também do trabalho de seu Mestre. Assim, cristão, age mal de sua parte ao abrir uma brecha em seu curso santo por lidar com qualquer pecado; mas cometerá um erro maior se der as costas a Deus também naquela ordenança onde deveria humilhar-se por seu pecado anterior. Pode um pecado ser um bom argumento para cometer outro? Caiu você em pecado no dia; não orará por isso à noite? Certamente seria melhor rogar de Deus o perdão para este erro e mais graça para que não faça o mesmo ou pior amanhã. A negligência do dever não é o caminho para ajudá-lo a sair do poço em que se encontra, nem para guardá-lo de cair em outro. Acautele-se de correr ainda mais para a tentação. Agora é o momento de o diabo atacá-lo, quando esta arma está fora de sua mão. O melhor que você pode esperar é uma tempestade da parte de Deus para trazê-lo de volta, seu servo fugitivo, ao seu trabalho novamente. E quanto mais cedo ela vier, mais misericordioso ele é para com você.

[2.] Se, diante de sua investigação fiel, você constata que o seu coração não o censura por se ter indisposto para o dever por qualquer pecado conhecido no curso de sua vida, e contudo o seu coração continua pesado e inadequado para a oração, então

provavelmente você se atrasou em sua preparação real para o dever. Acaso você se esforçou solenemente, por meio de meditações adequadas, para soprar a brasa de sua graça habitual? a qual, embora não apagada por nenhum pecado grave, contudo pode estar enfraquecida e coberta com algumas cinzas pelo fato de você ter estado excessivamente ocupado em suas ocupações mundanas. O poço raramente está tão cheio que a água, ao primeiro bombear, flua abundante. Nem o coração comumente está tão espiritual após o nosso melhor cuidado em nosso convívio mundano — muito menos quando nos excedemos nele — para derramar-se no peito de Deus livremente, sem algum trabalho para erguê-lo e elevá-lo. Sim, frequentemente as fontes da graça jazem tão baixas que apenas o bombear não trará o coração a um estado de oração, mas argumentos devem ser derramados na alma — como baldes de água na bomba — antes que as afeições se elevem. Daí provêm aqueles solilóquios e discursos que encontramos homens santos usarem com seus próprios corações para trazê-los a um temperamento gracioso, adequado para a comunhão com Deus nas ordenanças: "Bendiz, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome. Bendiz, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios", Sl 103:1-2. Parece que Davi ou constatou ou temeu que o seu coração não estaria em tão bom estado como desejava, pelo que redobra a sua exortação. Ele constatou com certeza o seu coração um tanto sonolento, o que o fez esfregar os olhos e despertar a si mesmo ao dirigir-se a Deus neste dever. Às vezes o chamar e incitar o coração não funciona, mas o coração deve ser repreendido e corrigido com firmeza. Assim teve Davi de lidar consigo mesmo em outra ocasião: "Por que estás abatida, ó minha alma, e por que te perturbas dentro de mim?", Sl 42:11. Aves pesadas devem correr antes de poderem levantar voo. É mais difícil erguer um grande

sino do que tocá-lo quando já está levantado. E assim se dá com os nossos corações. Trabalho mais difícil acharemos em prepará-los para o dever do que em realizá-lo quando já se encontram em alguma ordem. Ora, esforçou-se você nisso? Se não, como pode fazer disto um pretexto para adiar o dever por estar indisposto, quando não usou os recursos para ter o seu impedimento removido? Isto é como se alguém se desculpassem por não vir ao banquete para o qual foi convidado porque não estava vestido, quando na verdade nunca tratou de se aprontar. Mas se você pode responder à pergunta anterior e, em alguma retidão, dizer que não negligenciou os recursos preparatórios, mas contudo a sua indisposição e desânimo de coração permanecem, então lhe apresentamos outra consideração. Embora não seja tão comum, contudo é possível que um cristão caminhe sobre aquelas brasas de meditação que em um momento inflamariam a sua alma e colocariam as suas graças em chama, contudo em outro ele encontre pouco calor nelas. Suporemos que este seja o seu caso. Portanto,

Resposta (c). Considere que Deus pode, e de fato costuma, ocultar a sua presença vivificadora até que a alma esteja engajada na obra. E não o entristeceria perder tal oportunidade? Quantas vezes você se encontrou, no início de um dever, sem vento favorável, como um navio que ao primeiro levantar das velas mal tem brisa para enfuná-las — enquanto se encontra sob a costa e à sombra das árvores —, mas encontra uma fresca rajada de vento ao entrar em mar aberto? Sim, por acaso nunca se lançou ao dever como os apóstolos ao mar, com o vento contra os dentes, como se o Espírito de Deus, em vez de ajudá-lo a seguir adiante, pretendesse fazê-lo recuar, e contudo encontrou Cristo caminhando até você antes de o dever ser concluído, fazendo-se dele no final uma viagem próspera?

Abraão não viu o carneiro que Deus havia provido para o seu sacrifício até encontrar-se no monte. No monte da oração Deus é visto, mesmo quando o cristão frequentemente sobe a colina em direção ao dever com o coração pesado por ainda não poder contemplá-lo. Não retroceda, portanto; mas siga adiante com coragem. Ele pode estar mais perto do que você imagina. "Naquela mesma hora", diz Cristo, "vos será ministrado", Mt 10:19. "No dia em que clamei", disse Davi, "tu me ouviste e me alentaste com força na minha alma", Sl 138:3. Não é mais do que a promessa nos dá segurança: "O caminho do Senhor é força". Exatamente como se dá com o homem que, ao primeiro sair de jornada, sente fadiga e debilidade em seus membros; mas, quanto mais avança, mais forças adquire, como se surgisse vigor do próprio chão sobre o qual caminha. Verdadeiramente os santos constatarem isto no caminho de Deus: "Lembrei-me do teu nome, ó Senhor, de noite, e guardei a tua lei. Isto fiz eu, porque guardei os teus preceitos", Sl 119:55-56. O seu significado é: por fazer o seu melhor esforço para guardá-los, ele obteve por este meio a capacidade de guardá-los melhor, e ele se considera tão bem recompensado por este seu esforço que se gloria nisso — "Isto fiz eu". Assim tem o santo isto por orar — ele obtém o seu coração em sintonia para orar melhor.

Podemos observar que aquelas crianças na Escritura que vieram de ventres estéreis foram os maiores consolos para os seus pais quando as tiveram. Testemunhas disso são Isaque, Samuel e João. Quanto maior for o desânimo e a esterilidade sob os quais a sua alma, ao seu próprio sentido, jazia, e quanto menor for a esperança que você tinha de sair de tal indisposição, tanto mais alegre lhe será a presença vivificadora de Deus. A assistência que assim o surpreende além de sua expectativa será um verdadeiro Isaque — um filho de alegria e riso. E uma dupla

razão é óbvia sobre o porquê de Deus assim agir. Você a vê no grande prazer que o Senhor tem na pura obediência: "o obedecer é melhor do que o sacrificar", 1 Sm 15:22. Orar em obediência é melhor do que meramente orar. Esta é a joia no anel da oração. Ora, orar em pura obediência é dedicar-se ao dever quando não há assistência visível ou encorajamento perceptível — ir ao dever não porque Deus estende a sua mão para me guiar, mas porque ele apresenta o seu preceito para me ordenar. Como quando um general ordena ao seu exército marchar, se então os soldados impusessem condições e se recusassem a ir a menos que tivessem melhores roupas, o seu soldo em mãos, ou coisas semelhantes, e então marchariam; isto não os revelaria um exército disciplinado e obediente. Mas se, à leitura de suas ordens, eles imediatamente deixam os seus alojamentos e se põem a caminho, ainda que seja meia-noite quando a ordem chega, e eles se encontram sem dinheiro na bolsa e sem agasalho nas costas — deixando todo o cuidado de si mesmos quanto a estas coisas para o seu general, e apenas cuidam de como cumprir melhor a sua ordem —, destes se pode dizer que marcham em obediência. Assim, quando uma alma, após o uso fiel dos recursos, encontra o seu coração desanimado e lento, contudo em obediência ao mandamento ajoelha-se — embora o sentido de sua incapacidade seja tão grande que ela questiona se terá forças para falar uma única palavra a Deus como deveria, contudo prefere ser muda e cumpridora do dever a ser desobediente ao fugir de seu encargo —, aqui está uma alma obediente, e ela pode esperar encontrar Deus em seu caminho com aquilo que não pôde carregar consigo — como os leprosos que, quando foram, em obediência ao mandamento de Cristo, "mostrar-se ao sacerdote", foram curados pelo caminho, embora nada vissem disso quando partiram.

Outro recurso de que Satanás se serve para fazer o cristão adiar o dever da oração por considerá-lo inadequado no momento é:

2. Segundo argumento. Algum negócio do mundo ou outro que então aguarda para ser despachado; e, por isso, sugere pensamentos tais para desviá-lo: "Não tenho tempo agora para orar; este negócio deve ser feito, e aquela necessidade exige a minha atenção. Adiarei, portanto, a realização até que possa dispor de mais liberdade e tempo livre".

Ora, para armar-se, cristão, contra tais pretensões dilatórias, apresentarei algumas diretrizes:

Cinco diretrizes para preservar-se contra as interferências nos tempos de oração

(1.) Acautele-se de sobrecarregar-se com os negócios do mundo, o que acontece quando você abraça mais tarefas do que seria compatível com o seu comércio celestial e vocação cristã. Deus lhe permite dar ao mundo o que é do mundo, mas não lhe permitirá pagar ao mundo o que é devido a ele; não desvista a Maria para vestir a Marta, nem roube de seu gabinete de oração para pagar à sua cozinha. A sua vocação específica é destinada por Deus para ser uma ajuda para a sua vocação geral. Será, portanto, pecado de sua parte fazer daquilo um impedimento que lhe é dado como uma vantagem. E aquilo que em si mesmo é pecado não pode ser desculpa para a negligência de um dever. Aquele servo pouco melhoraria a situação se desculpasse o não fazer um serviço que o seu mestre lhe ordenara dizendo que havia bebido demais quando deveria ter se dedicado a ele. Nem a sua apologia para adiar o seu tempo de

oração será melhor ao dizer que tinha tanto a fazer no mundo que não pôde encontrar tempo para orar.

(2.) Esforce-se para cronometrar os seus tempos de oração com prudência nas coisas do mundo. Se temos dois negócios a despachar no mesmo dia, providenciamos, se possível, para que não interfiram um com o outro. E certamente uma providência santa para prever como reconciliar diariamente as exigências de nosso gabinete de oração e de nossa loja, as nossas devoções e as nossas ocupações mundanas, distribuindo a cada uma a sua porção de tempo, comumente evitaria muita desordem e confusão em nosso caminhar. O profeta fala de "o homem nobre projeta coisas nobres". Não nos faltaria facilmente tempo para orar se os nossos corações apenas convencessem as nossas mentes a projetar e estudar como os nossos outros negócios pudessem ser dispostos sem prejuízo para as nossas devoções. Aquele tecido que um alfaiate inexperiente considera pequeno demais para uma veste, um bom artífice pode fazer dela uma, e ainda deixar sobra para outro uso também. Oh, há muita arte em cortar o tempo com pouca perda.

(3.) Certifique-se de manter uma noção correta da oração em seus pensamentos. Alguns olham para cada minuto gasto no gabinete de oração como tempo perdido na loja. E não é de admirar que tais pessoas sejam facilmente impedidas de orar sob pretexto de qualquer negócio, elas que consideram a oração um prejuízo para as suas outras atividades. Mas espero, cristão, que você esteja melhor instruído. Acaso o agricultor ceifa menos por afiar a sua foice? Acaso uma boa oração de graças antes da refeição estraga o almoço? Não. Nem a oração impede o cristão em suas atividades ou prazeres, mas agiliza aquelas e santifica estes. Todos concordam que para o despacho de um negócio — como para o desenrolar de uma meada de seda — nada conduz

mais do que começar pelo lado correto. E, com certeza, o lado correto de qualquer negócio é começar com Deus e engajá-lo para nos ajudar: "Reconhece-o em todos os teus caminhos", e "não te estribes no teu próprio entendimento", Pv 3:5-6.

(4.) Quanto mais dificuldades e impedimentos você vencer para manter a sua comunhão com Deus, com mais agrado isso será recebido de Deus. Nenhum amigo nos é mais bem-vindo do que aquele que rompe por entre muitos compromissos para nos fazer uma visita. Há pouco custo, e por isso pouco amor, na visita de um homem ocioso — aquele que vem nos ver porque não tem mais nada a fazer. Maria era a favorita de Cristo por ter pisoteado o mundo sob os pés para poder assentar-se aos seus pés. E os betesemitas que, em seu zelo — confesso que o caso deles é extraordinário —, saíram de seu próprio campo de colheita, quando estavam ceifando, para oferecerem um sacrifício ao Senhor, 1 Sm 6:13.

(5.) Seja fiel e imparcial ao considerar a importância e a necessidade daquele negócio que lhe é proposto como apologia para não realizar este dever em seu tempo habitual. Não se pode negar que uma ocasião necessária como essa possa emergir e surgir, para a qual o cristão possa, sem pecado, adiar a realização solene de suas devoções para outra ocasião mais adequada. Quem duvida de que um cristão possa, ao levantar-se, correr a apagar o incêndio na casa de seu vizinho, ainda que por isso seja impedido de entrar em seu gabinete de oração e detido de oferecer a Deus aquele sacrifício matinal solene de louvor e oração que costumava? Sim, ainda que a ocasião não seja extraordinária, se for:

(a) Sobre o que é legítimo em si mesmo.

(b) De importância.

(c) Necessariamente a ser despachado no momento. E,

(d) Se nos surpreende, e não o trazemos sobre nós por nossa própria culpa, então o dever da oração pode sem pecado ser adiado para ocasião mais adequada.

Mas acautelemo-nos de carimbar uma necessidade fictícia sobre coisas e ações apenas para agradar os nossos corações preguiçosos com uma desculpa elegante, por meio da qual possamos tanto poupar o esforço de realizar um dever como escapar de uma repreensão de nossa consciência pela não realização dele. De todos os tolos, o pior é aquele que é hábil em aplicar um engano sobre si mesmo, e especialmente sobre a sua alma. Uma pessoa assim deve esperar que, quanto menos a sua consciência ladrar no presente, mais ela morderá quando for desamordaçada.

Novamente, se a ocasião for, como se disse, importante e necessária, pela qual você é afastado da realização solene deste dever no momento, então eleve o seu coração em uma oração ejaculatória a Deus para guiá-lo e guardá-lo. Esta é a adaga curta de que você deve servir-se para a sua defesa contra a tentação quando não dispõe de tempo para desembainhar a espada longa da oração solene. Assim você pode orar em qualquer lugar, companhia ou atividade. Um parêntese curto não interrompe o sentido do discurso, mas lhe dá elegância. E uma breve ejaculação ao céu não interromperá nenhum negócio em que você esteja empenhado, mas o beneficiará muito.

Novamente, seja cuidadoso em recuperar esta perda que o seu negócio do mundo lhe causou em sua comunhão com Deus, abundando mais no dever em sua próxima oportunidade. O comerciante que é impedido de almoçar no dia de feira vai mais cedo jantar e come com mais apetite à noite. Se você for

impedido de descansar uma noite por causa dos negócios, compensará na noite seguinte. Oh, que fôssemos tão sábios para as nossas almas — aquilo de que somos impedidos em um momento, recuperarmos com vantagem em outro por meio de um duplo alargamento de nossos corações em nossas orações e meditações!

Satanás desestimula a orar por causa da grandeza dos pedidos

Quarto estratégia. Satanás desestimula às vezes o cristão, quando este se encontra em caminho para este dever, a partir da grandeza daqueles pedidos que ele tem a apresentar perante o trono da graça: "Você vai orar, cristão?", dirá ele, "e nada menos lhe servirá do que o perdão do pecado, o amor e o favor de Deus, com a vida eterna, etc.? Certamente você é generoso demais com a bolsa alheia, e amável demais consigo mesmo, se pensa ser bem-vindo à porta de Deus com mensagem tão ousada. Esta é uma dádiva reservada para alguns poucos favoritos, e atreve-se você a pensar tão bem de si mesmo que é um deles?"

Ora, para armar-se, cristão, contra isto, para que nem seja impedido do dever, nem se dirija a ele com desconfiança por esta razão, a grandeza de seu pedido, pondere sobre estas cinco considerações, as quais equivalerão a uma resposta completa a esta objeção:

1. Oponha a grandeza daquele Deus a quem você vai dirigir a sua petição contra a grandeza de seu pedido.
2. Oponha a promessa aos seus temores.

3. Considere a compensação de valor sobre a qual as promessas são feitas.
4. A grandeza do pedido não pode impedir, porque são mais bem-vindos os que pedem mais.
5. Deus excede o pedido de seu povo.

Resposta de cinco aspectos ao desânimo de Satanás para a oração a partir da grandeza do pedido

Resposta 1. Oponha a grandeza daquele Deus a quem você vai dirigir a sua petição contra a grandeza de seu pedido. Somos ordenados a "atribuir grandeza ao nosso Deus", Dt 32:3. E se em algum momento, especialmente ao nos ajoelharmos para orar. Estivesse você para apresentar o seu pedido a algum príncipe insignificante, ou pobre criatura, você teria razão para considerar se o seu jarro não seria grande demais para querer vê-lo cheio. Possivelmente você peça a uma pessoa assim mais de uma só vez do que ela possui: "Salva-me, ó rei meu senhor!", disse a mulher na fome de Samaria, contudo ela não obteve alívio: "Se o Senhor te não salvar, de onde te salvarei eu?", 2 Reis 6:26-27. Ou possivelmente, se ela tem poder, pode carecer de coração para abrir mão de tanto quanto serviria ao seu propósito. Há muitos de nome Nabal no mundo — avarentos tais que pensam que cada pedaço de pão se perde se não forem eles mesmos que o comam; sim, alguns que negam ao próprio ventre o alimento necessário. Estivesse você à porta de pessoas como essas, que poderia esperar senão uma acolhida fria? Mas lembre-se de que ele é um grande Deus, grande em poder. Você não pode pedir demais. Você pode puxar a sua flecha até o limite e contudo não ultrapassar o poder de Deus. Mesmo quando tiver elevado

os seus desejos ao nível mais alto, ele estará acima de você; "porque ele é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos".

Gostaria de ter os seus pecados perdoados? Sim, se não fossem grandes demais, diz você. Mas pode Deus de uma só vez descontar tal soma e quitar uma dívida tão vasta que foi acumulada por muitos anos por meio de um comércio ativo de pecado constante, com reserva tão grande de recursos e misericórdias como a que tive; e com isso a infeliz vantagem de dar o maior retorno? Sim, ele é capaz de "multiplicar o perdão", sem qualquer prejuízo para si mesmo ou oposição de qualquer outro. Estando o poder soberano da vida e da morte em suas mãos, ele não deve contas a ninguém; — não por atos de justiça, nem de misericórdia: "Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará?", Rm 8:33-34. Se, de fato, um homem perdoa uma ofensa feita contra ele, você não pode considerar-se por isso absolvido por Deus; a ira dele pode ainda recair sobre você. O homem não pode abrir mão do direito de Deus. Estivesse um homem tão bem-disposto como para perdoar um ladrão que o roubou, contudo não está em seu poder absolvê-lo da pena da lei. Mas se o príncipe, que é o legislador, o fizer, ninguém pode opor-se. Se Deus promulgar um ato de misericórdia, você está livre de fato; porque o poder reside em suas mãos.

É alguma concupiscência dominante de cuja tirania você roga libertação? O Deus a quem você ora é capaz de arrombar a porta de sua prisão e fazê-lo, um pobre cativo, sair livre. Ele pode dar estes seus inimigos como pó à sua espada e como praga arrebatada ao seu arco; sim, destruí-los com um olhar de seus olhos: "o Senhor olhou para o exército dos egípcios... e alvoroçou o exército dos egípcios", Êx 14:24. O olhar dele era

tão pesado como uma pedra de moinho ao redor de seus pescoços. Imediatamente eles afundaram, cavalo e cavaleiro, como chumbo no fundo do mar. E o pecado e Satanás não são nada mais perante Deus do que foram Faraó e o seu exército.

Em uma palavra: é consolo o que você pediria se este pudesse ser obtido? Oh, saiba que é a um Criador que você ora! Embora o seu coração estivesse tão desprovido de consolo como o caos estava de luz, contudo pode ele com uma palavra fazer surgir um novo céu de alegria de sua alma confusa e fazê-lo em um momento passar das trevas para a luz. Nem é a sua misericórdia menor do que o seu poder. Oh, lance-se, portanto, neste mar sem praias e sem fundo por sua fé! Contemple as maravilhas de Deus nestas profundezas e não fique argumentando contra si mesmo rumo à incredulidade por meio de comparações descabidas entre Deus e a criatura de coração estreito: "Eu sou Deus e não homem". Nenhuma destas limitações que nós, criaturas impotentes, encontramos em nós mesmos deve ser achada em sua misericórdia. A palidez que vemos às vezes não está no sol, mas nas nuvens que se interpõem. As estrelas não piscam nem cintilam, como se pensa; mas nós — por causa de sua vasta distância e de nossa visão fraca — não podemos contemplá-las com olhos firmes. Nem têm os ciúmes e temores acalentados por almas tentadas, para desdouro da misericórdia de Deus, qualquer fundamento na natureza divina, mas são meros *entia rationis* [entes de razão] — espantalhos com os quais, através das trevas de seus espíritos perturbados e do desequilíbrio de uma imaginação melancólica, Satanás tem a vantagem de assustá-los. Oh, acautele-se, portanto, de não desfigurar a face doce e amável da misericórdia de Deus — que sorri igualmente para toda alma pobre, penitente e que ora — enquanto você imagina Deus olhando de forma mais

favorável para um do que para outro, para não correr o risco, por isso, de trair o nome glorioso de Deus para ser rasgado em pedaços por sua incredulidade cruel! Se você uma vez chegar a envolver Deus em seus pensamentos rígidos como lento para ouvir — difícil de ser movido com as suas orações e lágrimas; verdadeiramente então Satanás poderá facilmente persuadi-lo a cometer qualquer pecado contra ele, porque você não espera misericórdia dele.

Resposta 2. Oponha a promessa aos seus temores. Não há misericórdia que você possa desejar que não seja prometida de antemão à oração da fé. A misericórdia de que você necessita já está votada no céu e a concessão outorgada; apenas Deus aguarda pela sua vinda ao trono da graça, ali para apresentar o seu direito à promessa antes de ele a distribuir. A misericórdia reside no ventre da promessa, mas aguarda pela sua oração da fé para auxiliá-la no parto e dar-lhe uma libertação feliz: "os filhos estão para nascer", disse Ezequias — a promessa é grande —, "eleva, pois, oração pelo restante que ficou", Is 37:3-4. Isto é: se alguma coisa puder ajudar, deve ser isso. Que pode um peticionário desejar mais em sua petição a um príncipe por algum grande favor do que estar seguro de que não apenas o príncipe é de natureza graciosa e misericordiosa, mas também de que ele se comprometeu a dar aquilo que ele tem em seus pensamentos desejar? E deverão apenas as promessas de Deus ser consideradas irrelevantes e de pouco valor? Não ouviram falar de tal promessa: "pedi, e recebereis, para que o vosso gozo se cumpra"? Acaso alguma vez caiu palavra vã dos lábios da verdade? Faz ele uma ordem em um dia e a reverte em outro? São as suas palavras sim e não? e não antes "sim e amém" para sempre? 2 Co 1:20. Os mendigos costumam ser de visão aguçada. Os servos de Ben-Hadade viram luz em uma pequena

fresta e deduziram de algumas palavras gentis que caíram da boca de Acabe que havia misericórdia guardada em seu coração para com o seu senhor, as quais eles logo cultivaram. Joabe viu o coração de Davi inclinado para Absalão através do semblante de seu rosto e, por isso, apresenta a parábola da viúva como um balde para extrair aquela misericórdia que residia em seu coração como água em um poço profundo. Quanto mais encorajamento tem você, cristão, para pleitear com o seu Deus, você que não é colocado a adivinhar os pensamentos de Deus, mas tem a garantia de promessas claras para o seu bom êxito?

Oh, quão tolos e tardios de coração somos para crer na boa palavra de Deus! Se Moisés supôs que os seus irmãos compreenderiam, pela visita gentil que lhes fizera e pelo seu serviço amigável ao resgatar um único israelita da mão de seu opressor, que Deus por seu intermédio os libertaria a todos; quanto mais pode Deus esperar que o seu povo compreenda os seus propósitos de amor para com eles quando ele expõe o seu coração a uma visão tão aberta de sua fé por meio de sua promessa, e tem selado a verdade dela com tantos exemplos a quem já o pagamento integral foi feito? E acaso ainda as lemos, como outrora o eunuco aquela doce promessa de Is 53, sem entender o significado delas? Sentamo-nos ainda tão próximos de nosso conforto, como Agar junto ao poço, com os nossos olhos impedidos de vê-lo? Podemos ainda caminhar sobre as promessas como sobre terra estéril quando, com um pouco de escavação nelas, poderíamos encontrar um tesouro para pagar todas as nossas dívidas e suprir todas as nossas necessidades?

Resposta 3. Oponha aos seus temores não apenas a grandeza das promessas, mas também a compensação de valor sobre a qual são feitas. Cristo paga por aquilo pelo que você ora. Você, de fato, roga por uma esmola, mas Cristo a

demanda como dívida. Deus é misericordioso para com você, mas justo para com ele. E, portanto, cristão, embora lhe convenha rebaixar-se abaixo da menor misericórdia em seus próprios pensamentos, contudo cumpra-lhe zelar pelo crédito de Cristo, cujo mérito está de longe acima da maior misericórdia que você possa pedir como você se encontra abaixo da menor. O Pai lhe dará poucos agradecimentos por lançar qualquer reflexo desonroso sobre o seu Filho, sobre quem ele próprio acumulou tanta glória; sim, com cuja honra a sua própria está de tal modo entrelaçada que quem quer que desonre o Filho desonra o Pai que o enviou. Ora, há três privilégios adquiridos para cada crente; e nenhum deles pode ser perdido por nós sem desonra para ele:

(1.) Ele adquiriu a liberdade de orar. Teria sido morte aproximar-se em tal missão de Deus até que ele tivesse pelo seu sangue aberto um caminho e obtido uma conduta segura, Hb 10:19.

(2.) A capacidade de orar conforme ele adquiriu o Espírito para nós; chamado por isso de "o Espírito da promessa".

(3.) O retorno seguro de nossas orações: "tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo concederá", Jo 16:23. De fato, é a sua tarefa agora no céu defender a nossa causa ali no tribunal público e apresentar o seu sangue como pronto pagamento a ser deitado para tudo o que os seus santos pedem, para que nenhuma contestação seja feita aos seus pedidos. De modo que, ou você deve riscar este artigo da intercessão de Cristo de seu credo, ou então envergonhar-se por questionar a sua acolhida perante Deus quando tem tão bom amigo na corte para falar por você.

Resposta 4. A grandeza de seu pedido não pode impedir o seu êxito porque você é mais bem-vindo quanto mais pedir. Quem são as pessoas que recebem o semblante franzido no trono da graça senão aquelas que aplicam a força de seus desejos e dedicam a sua maior importunação por misericórdias de menor peso e valor? "E não clamaram a mim com o seu coração, mas uivaram nas suas camas", Os 7:14. Notem bem! o Senhor não considerou que tivessem orado absolutamente por todo o seu clamor forte; e por quê? senão porque desprezou o seu espírito mesquinho e terreno ao clamarem mais forte por aquilo que menos mereciam, como as palavras seguintes nos esclarecem: "para o trigo e para o vinho se ajuntam, e se rebelam contra mim"; queriam uma boa colheita com uma vindima cheia; e estas migalhas lhes serviriam, de modo a não incomodarem Deus por mais nada. Deus, o seu amor e favor, são inteiramente deixados fora da história. Se pudessem ter as barrigas cheias, tinham todo o seu desejo e deixavam o restante para os que gostassem mais de tais coisas. Oh, como Deus abomina estas almas prostradas e orações carnis! Quando os homens "dão o dízimo da hortelã e do cominho" em suas orações, mas negligenciam as coisas mais pesadas das promessas, tais como o interesse em Cristo, o perdão do pecado, um coração novo, graça aqui e glória no porvir! Ou quando visam fins baixos e vis ao orarem por estas coisas que em si mesmas são nobres e elevadas! E, portanto, não tema a grandeza de seu pedido. Deus prefere dar-lhe o céu do que a terra. Ele pode mais de bom grado doar-se a si mesmo a você que está apaixonado por ele do que um pedaço de pão a outro que não se importa com ele. Quanto maior for a misericórdia que você pede, maior será o louvor e o tributo que você lhe pagará por ela. Quanto menos ele dá, menos ele recebe. Por pedidos baixos você prejudica a dois de uma só vez: é um ladrão para consigo mesmo

ao privar-se do que pode ter por pedir — ao trazer um copo pequeno quando poderia ter um grande cheio; e também não é tão bom amigo para o seu Deus como deveria; pois quanto menos graça receber dele, menos glória você retornará a ele. Os raios refletidos são proporcionais ao corpo luminoso de onde provêm. Quando a graça é fraca, a reflexão de louvor e glória que faz a Deus necessariamente será fraca e escura.

Resposta 5. Deus é tão livre e transbordante em comunicar a sua misericórdia que ele excede a modéstia de seu povo no pedir. Ele lhes dá comumente as suas orações com um excedente maior do que eles têm fé ou coragem para pedir; assim como Naamã, quando Geazi pediu um talento, fez questão de impor dois sobre ele. Abraão pediu um filho de Deus quando carecia de um herdeiro em quem pudesse viver após a morte. Ora, Deus lhe promete um filho e, mais do que isso, uma descendência numerosa; sim, mais ainda: tal descendência que em sua posteridade "todas as nações da terra serão bem-aventuradas". Jacó desejou apenas a proteção de Deus, sob a qual pudesse ir e voltar em segurança, com comida e vestes suficientes para mantê-lo vivo, Gn 28:20. Pois bem, isto ele terá. Mas Deus não considera suficiente e, por isso, o envia para casa com dois bandos, ele que saíra pobre fugitivo com pouco mais do que o seu cajado de peregrino. Salomão ora por sabedoria, e Deus lhe acrescenta riquezas e honra, 2 Cr 1:11-12. A mulher de Canaã roga por uma migalha — o que lançaríamos a um cão — e Cristo lhe dá a porção de filho. Ela veio para ver a sua filha enferma curada e, com isso, recebe a própria vida de sua alma. Sim, Cristo coloca a chave de seu tesouro na mão dela e a deixa como que para servir-se a si mesma: "Faça-se contigo como queres", Mt 15:28.

Satanás esforça-se para interromper na oração

Segundo plano. Um segundo plano que Satanás tem contra o cristão é interrompê-lo no ato da oração, quando de modo algum pode impedi-lo de se dedicar a ela. É difícil roubar uma oração sem que o diabo saiba o que você vai fazer. Ele vigia os seus movimentos, cristão, e está em seus calcanhares por onde quer que você se vire. Se você está empenhado em alguma ação má, ele está ao seu cotovelo para empurrá-lo, ou adiante de você para remover cada pedra do caminho para que a bola role mais suavemente, e você não desista do empreendimento pelos obstáculos que encontre no caminho. Acabe tinha apenas um plano nascendo em seus pensamentos de subir a Ramote de Gileade, e imediatamente Satanás tem os seus emissários a quem envia a ordenar-lhe subir e prosperar. O próprio Davi tinha apenas alguns pensamentos de orgulho que o moviam a numerar o povo; Satanás aproveita a vantagem e opera com o humor que então se movia, pelo que logo amadureceu naquela chaga que causou a perda de setenta mil homens. Ora, ele é tão habilidoso e pronto para perturbar uma ação santa como para promover uma ímpia.

Quando os filhos de Deus vêm apresentar-se perante o Senhor, Satanás não se esquece de estar entre eles. Ele não é recusante, não tem escrúpulos em estar presente quando você adora a Deus; de fato, é o primeiro a chegar e o último a sair. Às vezes você o encontrará injetando movimentos de sua autoria, às vezes manipulando os seus próprios. Quando vê um pensamento vão, um pecado brotado por sua imaginação lasciva, ele o ajudará a prosseguir na busca. Com certeza, ele estará em uma das extremidades de cada movimento desordenado de seu coração; ou como o pai para gerar, ou como a ama para criar. Estes pensamentos são tão numerosos e diversos que podemos

tão bem contar os átomos que vemos em um raio de sol como numerar e classificar este amontoado misto de pensamentos errantes que são incidentes ao cristão na oração. Às vezes ele injetará pensamentos pecaminosos, orgulhosos, imundos, sim, blasfemos. Não que ele espere encontrar acolhida no coração do cristão para tais hóspedes — muito menos estabelecer morada neles com o consentimento da alma graciosa —; mas para causar um alvoroço e confusão em seu espírito, pelo que — como diante de algum susto repentino em nossas assembleias — o exercício santo em que se encontra possa ser impedido. Às vezes ele sugerirá pensamentos santos em si mesmos, mas impertinentes, aos quais, em outra ocasião, ele próprio se oporia com todas as suas forças, mas que agora apresenta por terem mais probabilidade de encontrar acolhida e por serem adequados para servir ao seu propósito presente, sendo, embora fruto bom, contudo trazido em má estação. Creio que ninguém que tenha qualquer contato com este dever, e com os seus corações nele, seja inteiramente estranho às astúcias de Satanás desta natureza. Ora, ele tem um duplo plano: um direcionado contra o próprio Deus, e outro contra o cristão por este meio:

O duplo plano de Satanás ao interromper a oração

Primeiro plano. Ao interromper a oração, Satanás tem um plano contra Deus. O diabo sabe muito bem que não a menor parte de seu tributo de honra é paga pelo cristão de joelhos neste ato solene de adoração divina, cuja interceptação constitui a sua grande ambição e esforço. Mais ainda: ele não desiste — se o seu plano funcionar — de fazer o cristão desonrá-lo mais justamente ali onde Deus espera que o seu nome seja acima de tudo santificado. De fato, aqueles têm a infeliz oportunidade de

lançar as maiores indignidades contra Deus que são admitidos a postarem-se mais próximos dele. Se aquele a quem é confiada a honra de colocar a coroa na cabeça de seu príncipe a trouxesse em um estojo imundo, e assim a colocasse — ou, em vez da própria coroa real do rei, trouxesse alguma coroa ridícula de palha, ou algo semelhante inventado de propósito para causar riso —, que maior escárnio poderia uma pessoa assim inventar para lançar sobre o seu príncipe? Os atributos de Deus são o seu diadema real, e não é pequena honra a que o grande Deus coloca sobre o cristão ao admiti-lo como que a colocar esta coroa em sua cabeça, o que ele faz quando na oração lhe dá a glória de sua majestade e santidade, poder e misericórdia, verdade e fidelidade, etc., com tal adoração humilde e santo enlevo de afeto que possa comportar-se com as infinitas perfeições de sua divindade.

Mas se os nossos pensamentos presentes na oração não forem de Deus, ou não forem adequados a Deus e a estas suas gloriosas excelências, nós poluímos o seu nome, e não o honramos. Nós zombamos dele, não o adoramos. Em uma palavra: nós retiramos a sua coroa tanto quanto em nós couber, antes do que colocá-la. Ora, acaso não treme o seu coração em seu peito, cristão, ao pensar que você deva ser o instrumento de Satanás para oferecer tal indignidade ao seu Deus e Rei? Você é, se é santo, o templo do Espírito Santo; a oração, o sacrifício espiritual que do altar de um coração humilde você deve oferecer; aceitará você agora que Satanás se assente neste templo de Deus e se exalte ali — por quaisquer pensamentos vãos, muito menos vis — acima do próprio Deus a quem você está adorando? Suponha que, enquanto um príncipe está almoçando, um grupo de desordeiros insolentes invadissem a sala pela negligência dos servos do príncipe que estão servindo a ele, e

eles lançassem os pratos, um para cá, outro para lá, não mereceriam estes servos uma severa repreensão por não cuidarem melhor da porta? As ordenanças de adoração são a mesa de Deus, os sacrifícios sob a lei chamados de comida e pão de Deus. Quando o santo está orando, o Rei do céu se assenta à sua mesa, Ct 1:12. Os pratos servidos são as graças de seu Espírito no santo. Ora, pensamentos errantes entram e viram a mesa como que de cabeça para baixo; eles derramam o nardo que você gostaria de derramar. Quão mal pode o seu Deus receber o fato de você não cuidar melhor da porta de seu coração!

Segundo plano. Ao interromper a oração, Satanás tem um plano contra você, cristão:

1. Se ele conseguir fazer você brincar com estes pensamentos, ou ceder preguiçosamente a eles sem oferecer nenhuma resistência vigorosa, essa oração, ele sabe, não fará mal a ele nem bem a você. Pensa você que Deus acolherá no céu aquela oração que não tem o seu coração para lhe fazer companhia até lá? E como pode o seu coração acompanhá-la se você o enviou por outro caminho? Seria coisa vã esperar que aquele navio fizesse uma viagem próspera o qual é deixado à deriva no mar para ser levado para onde cada onda que encontre o empurre, sem nenhum piloto para o guiar a um porto seguro, ou com um piloto tal que careça de habilidade ou cuidado para segurar o leme com mão firme. Tais são as orações que provêm de um coração errante. Ouvirá Deus você quando você zomba dele? E se isto não é zombar dele, o que é? Como crianças que batem à porta e depois fogem para as suas brincadeiras novamente, assim

você eleva a sua voz a Deus, e logo se vai em seus pensamentos errantes a conversar com o mundo ou pior, esquecendo-se de com quem falou por último. Não é isto brincar de esconde-esconde com Deus? *Magnam injuriam Deo facio, cum precor, ut meas preces exaudiat, quas ego qui fundo, non exaudio; deprecor illum, ut mihi intendat, ego vero, nec mihi, nec mihi, intendo* [Causo grande ofensa a Deus quando oro para que ele ouça as minhas orações, as quais eu próprio, que as profiro, não ouço; rogo-lhe que atente para mim, mas eu próprio não atendo a mim nem ao que digo]. Assim o homem santo se queixa de si mesmo sobre quão ofensivo e indigno de Deus era o seu comportamento na oração — "Gostaria", diz ele, "que Deus ouvisse a minha oração, a qual eu próprio não ouço quando a apresento; gostaria que o ouvido de Deus estivesse atento a mim, quando não atendo a Deus nem a mim mesmo quando oro".

2. Ele o perturba no orar para que você se canse de orar. De fato, não é provável que ele perca o seu alvo se você permitir que estes vermes continuem a procriar em seu coração; pois estes lhe roubarão a doçura do dever; e uma vez retirada a medula, você facilmente será persuadido a lançar o osso fora. *Omnis vita gustu ducitur* [Toda a vida é conduzida pelo gosto] — corre o risco de abandonar o seu alimento aquele que perdeu o apetite por ele. A oração é um trabalho enfadonho para aquele que não tem prazer em realizá-lo; e o cansaço nele está vizinho do cansaço dele.

3. Você provoca o Espírito de Deus — que por si só pode conduzi-lo através da obra — a retirar a sua assistência. Quem ajudará aquele que não atende ao que faz? Vocês sabem o que Joabe disse a Davi quando este se entregou à

sua paixão desordenada pela perda de Absalão: "se agora não saíres, nem um só homem ficará contigo esta noite; e isso te será pior do que todo o mal que te veio desde a tua mocidade até agora", 2 Sm 19:7. Verdadeiramente, ou você deve despertar-se rapidamente de sua preguiça e desatenção, ou então o Espírito se irá; e, tendo ele partido, a sua situação será pior do que nunca. Quem terá você então para ajudá-lo em sua obra? E você achará mais difícil trazê-lo de volta do que impedir que ele vá. As enfermidades necessárias que se apegam ao seu estado imperfeito, se houver protesto contra elas, não o afastarão; mas se você permitir que façam ninho em seu coração, ele toma isso como o seu aviso para ele se retirar. Uma ofensa feita a um embaixador pela classe mais baixa do povo enquanto ele caminha na rua — durante a residência em um Estado estrangeiro — pode ser relevada; mas quando os responsáveis encontram aprovação por parte do príncipe, isso então causa uma ruptura. Acautele-se, portanto, de demonstrar favor a tais perturbadores da aliança entre Deus e a sua alma. O seu coração, que deveria ser casa de oração, Cristo não tolerará que seja casa de comércio. Ou você deve expulsar estes compradores e vendedores com o chicote, ou o Espírito se irá. Lemos sobre a "abominação da desolação no lugar santo", Mt 24:15, o que alguns interpretam como as insígnias romanas ali exibidas quando Jerusalém foi tomada. Esta abominação antecedeu a desolação. Que faz você, por seus pensamentos errantes, senão estabelecer uma abominação no templo de seu coração? Oh! abaixo com estes pensamentos, para que não seja deixado desolado e totalmente desprovido da presença graciosa de Deus com você.

Pergunta. Mas talvez agora você pergunte: "Que conselho pode nos dar para nos armar tanto contra estas incursões de Satanás como contra estes borbulhares de nossos próprios corações vãos na oração? Como podemos manter os nossos corações dentro, ou estes pensamentos fora?"

Resposta. Impossível, de fato, pode ser impedi-los inteiramente, eles vêm tão de repente e secretamente — exatamente como o relâmpago pela janela. Podemos tão bem manter o vento fora de nossa casa — o qual entra por cada fresta, embora as portas estejam fechadas — como livrar inteiramente os nossos corações de sua perturbação. Contudo, isto não nos desobrigará de nosso maior cuidado e esforço para impedir a prevalência deles. Os humores da saúde, enquanto circulam aqui e ali, não nos põem tanto em perigo como quando se reúnem em uma ponta e se instalam em alguma junta e parte do corpo. Li sobre algumas regiões orientais do mundo onde multidões tais de gafanhotos e lagartas são vistas que quase escurecem o ar ao voarem, e devoram cada coisa verde onde pousam. Os habitantes, portanto, quando percebem este exército pairando sobre eles, fazendo fogueiras em seus campos, impedem-nos de pousar com a fumaça que dali ascende. Você não pode impedir que estes pensamentos errantes voem de vez em quando sobre a sua cabeça, mas certamente pode fazer algo que impeça o seu pouso. Para cuja boa obra, tome estas diretrizes, as quais me esforçarei por ajustar a estas diversas causas de onde procedem. Os desvios na oração podem ser atribuídos a quatro causas:

1. A vaidade e leviandade naturais de nossas mentes.
2. Um coração morto e inativo naquele que ora.

3. O embaraço das preocupações mundanas.
4. A não observação do coração no ato da oração.

Quatro causas dos pensamentos errantes na oração

Primeira causa. A primeira causa, e de fato a origem de todas as demais, é a vaidade e leviandade naturais de nossas mentes, as quais são tão instáveis como o mercúrio, o qual dizem ter *principium motus, sed non quietis* [o princípio do movimento, mas não do repouso]. São tão instáveis como a água, cujo elemento fluido — como vemos em um pouco dela derramado no chão — se espalha para lá e para lá, e logo é absorvido e se perde. Assim as nossas mentes vãs se espalham em impertinências; mas nunca tanto como quando estamos lidando com deveres espirituais. Então, acima de tudo, revelamos a leviandade de nossos espíritos. E esta não é a menor parte daquele mal que se seguiu à degeneração do homem, o qual por sua queda feriu tanto a cabeça como o coração. Ora, embora haja uma cura parcial realizada pela graça de Deus quanto a ambos os pontos no santo, contudo ainda resta uma fraqueza em sua alma, pela qual ele não é capaz de se deter por muito tempo nas coisas espirituais sem alguma dispersão de seus pensamentos, como o inocente Adão podia — o qual, antes de sua queda, poderia ter caminhado por todo o mundo e não ter tido um único pensamento de seu coração deslocado ou desviado de seu rumo correto pela diversidade de objetos que encontrasse, sendo estes todos para o olho de sua alma um meio claro através do qual esta passava para fixar-se em Deus, assim como o ar é agora para o nosso olho físico através do qual este penetra e não se detém até chegar ao corpo do sol. Mas, infelizmente! conosco

se dá como com aquele que teve o crânio fraturado por alguma queda perigosa, o qual, quando recuperado, acha o seu cérebro tão enfraquecido que, quando se dedica a algum negócio sério, não consegue concentrar-se muito ou persistir por muito tempo, mas oscila, entra e sai. Tais desvios e passos cruzados dão os nossos corações no dever. E isto oferece a Satanás vantagem suficiente para trabalhar. Se o navio está leve por falta de lastro, e surge também uma forte rajada de vento, oh, quão difícil é então mantê-lo firme ou guardá-lo de emborcar! Um coração vão e uma forte tentação juntos causam triste estrago quando Deus se posta ao lado e dá permissão a Satanás para agir sobre ele. Seja, portanto, cuidadoso em tomar o seu lastro antes de se lançar ao mar. Esforce-se para equilibrar o seu coração antes de se dispor a orar. O que, para que o faça, aproveite as seguintes diretrizes:

Diretrizes contra a leviandade na oração

1. Habitue-se a pensamentos santos em seu curso diário. A melhor maneira de guardar as vasilhas de vazarem — quando queremos usá-las para alguma ocasião especial — é mantê-las cheias. Um coração vão fora da oração pouco melhor será na oração. Quanto mais familiares tornar os pensamentos santos e o discurso proveitoso para si em seu caminhar constante, mais preparado achará o seu coração para este dever. Um estudante, por frequentemente repassar os seus conceitos quando sozinho e conversar sobre eles com os seus colegas, torna-os seus; de modo que, quando é colocado diante de algum exercício, eles estão à mão e lhe vêm frescos à cabeça. Ao passo que outro, por falta deste preenchimento, carece de matéria para os seus pensamentos se alimentarem, o que o faz desviar-se em

muitas impertinências antes de atingir aquilo que se ajusta à sua ocasião. A liberdade carnal que damos aos nossos corações em nosso caminhar comum torna os nossos pensamentos mais rebeldes e inadequados para os deveres de adoração. Pois tais pensamentos e palavras deixam uma marca sobre o espírito, e assim impedem a alma de tomar uma cor melhor quando retorna à presença de Deus. Caminhe na companhia de pensamentos pecaminosos todo o dia, e você dificilmente fechará a porta para eles quando entrar em seu gabinete de oração. Você os ensinou a serem ousados; eles agora alegarão intimidade com você e se espremerão para dentro após você; como criancinhas que, se você brincar com elas e as carregar muito nos braços, chorarão atrás de você quando você quiser se livrar de sua companhia.

2. Imbua o seu coração de um temor reverente da majestade e santidade de Deus. Isto, se alguma coisa o fizer, "cingirá os lombos de sua mente" firmemente e o fará *hoc agere* [atender a isto] — concentrar-se no que está fazendo. Atreve-se você a brincar e folgar com a divina majestade em um dever de sua adoração? Comportar-se de forma infantil perante o Deus vivo? Olhar com um olho para ele, por assim dizer, e com o outro para uma concupiscência? Falar uma palavra a Deus e conversar duas com o mundo? Não treme o seu coração com isto? *Sic ora*, diz Bernardo, *quasi assumptus et præsentatus ante faciem ejus in excelso throno, ubi millia millium ministrant ei* [Ora de tal modo como se fosses tomado e apresentado perante a face dele em seu alto trono, onde milhares de milhares lhe ministram]. Certamente a face de tal corte o intimidaria. Se você estivesse perante o tribunal diante de um juiz e tivesse uma ampulheta de um quarto de hora voltada — sendo todo o tempo de que dispunha para aproveitar para rogar por sua vida, agora perdida e condenada —, gastaria você alguma parte deste pouco

tempo para olhar ao redor do tribunal, para ver que roupas este homem vestia e que adornos o outro trazia? Deus nos envergonhe por nossa tolice em desperdiçarmos os nossos momentos de oração. Não é a sua vida o que você está rogando da mão de Deus; e esta uma vida melhor, creio eu, do que aquela por que o malfeitor roga ao seu juiz mortal? E sabe você se terá sequer um quarto de hora permitido a você quando estiver ajoelhado? E contudo vai rabiscar e desperdiçar tudo sem propósito em impertinências? Se o fizer, por que não melhor? Por que não de forma mais próxima e compacta em seus pensamentos? Acaso Deus nos julgará por "toda palavra ociosa" que for dita em nossa loja e casa, em nosso trabalho, sim, no esporte e na recreação? E não serão as suas palavras ociosas na oração levadas em conta? E não são aquelas palavras ociosas que provêm de um coração preguiçoso, um coração sonolento que não atende ao que diz? O que atraiu sobre Nadabe e Abiú morte tão repentina e estranha? Não foi o seu incenso estranho? E não é esta uma oração estranha, quando a sua mente é uma estranha para o que os seus lábios proferem? Comporte-se assim perante o seu príncipe se for capaz de ousar. Estenda-lhe uma petição com a mão, e com o olho olhe ou com a língua converse com outro; não ordenaria ele que este rústico, ou antes louco, fosse retirado de sua presença? "Tenho eu falta de loucos, para que trouxésseis este para fazer doidices na minha presença?", disse Aquis quando Davi se comportou de forma desordenada, 1 Sm 21:15. Oh! se você pudesse olhar pela fresta da porta e ver como os anjos gloriosos no céu servem ao seu Criador, dos quais se diz que "veem continuamente a face de meu Pai", certamente tremeria diante do pensamento de realizar este dever com tanta leviandade.

3. Não vá em sua própria força para este dever, mas confie-se pela fé à condução do Espírito de Deus. Deus prometeu preparar, ou firmar, como é a palavra, o coração. De fato, então o coração está preparado quando estabelecido e fixado. Uma mão trêmula pode tão logo escrever uma linha reta como os nossos corações soltos manterem-se firmes no dever. Deveria você, com Jó, fazer um pacto com os seus olhos e resolver fechar os seus ouvidos a toda conversa alheia: quanto tempo, pensa você, seria fiel a si mesmo, você que tem tão pouco comando de seus próprios pensamentos? O seu melhor caminho seria colocar-se fora de suas próprias mãos e depositar o seu peso sobre aquele que é capaz de sustentá-lo melhor do que as suas próprias pernas. Ore com Davi: "sustém-me com um espírito voluntário", Sl 51:12. A videira apoiada em uma parede preserva a si mesma e ao seu fruto, cujo próprio peso de outro modo, sem esta ajuda, logo a lançaria na lama.

Segunda causa. Uma segunda causa destes pensamentos errantes na oração é um coração morto e inativo naquele que ora. Se as afeições estão uma vez caídas, então o cristão está como uma cidade cuja muralha está derrubada. Não há como manter então os pensamentos dentro, ou Satanás fora. A alma é uma criatura ativa. Ou deve ser empregada por nós, ou ela nos empregará, embora para pouco propósito. Como os nossos pobres: dê-lhes trabalho e eles permanecem em casa. Mas deixe que lhes falte, e você os terá vagando e mendigando por toda a região. As afeições são como os mestres-de-obras que colocam os nossos pensamentos a trabalhar. O amor entretém a alma com pensamentos agradáveis e deleitáveis sobre o seu objeto amado. A tristeza ordena à alma que pondere com pensamentos tristes sobre a sua dor e aflição. De modo que, cristão, enquanto o seu coração sangrar no sentido do pecado, eles não terão tempo livre,

quando você estiver confessando o pecado, para vagarem e se desviarem. Se os seus desejos forem vivos, e flamejarem em suas petições com um zelo santo pelas graças e misericórdias pedidas, isto será como "uma muralha de fogo" para manter os seus pensamentos em casa.

A oração preguiçosa é a oração errante. Quando Israel falou em caminhar três dias de jornada no deserto, Faraó disse: "Estais ociosos, estais ociosos; por isso dizeis: Vamos, sacrifiquemos ao Senhor". Como se dissesse: "Certamente eles têm pouco a fazer, do contrário não pensariam em divagações". E, portanto, para curá-los disso, ele ordenou que se lhes aumentasse o trabalho, Êx 5. Podemos verdadeiramente dizer isto de nossos corações errantes: "Estão ociosos". Oramos, mas as nossas afeições estão mortas e lentas. O coração tem pouco a fazer no dever para colocar os seus pensamentos a trabalhar — apenas falar ou ler algumas palavras, o que é tarefa tão fácil que o homem pode realizá-la e ainda dispensar divisões inteiras de seus pensamentos para serem empregadas em outro lugar ao mesmo tempo. Mas agora, quando as afeições estão elevadas, derretendo-se em tristeza na confissão do pecado, investindo com anseio e suspiro santos em suas súplicas, verdadeiramente isto fixa os pensamentos. A alma concentrada não pode mais estar em dois lugares juntos do que o corpo. E assim como estas afeições santas evitarão a disposição errante da alma, também tornarão mais difícil para Satanás lançar as suas sugestões. As moscas não pousarão tão facilmente em uma panela fervendo ao lume como quando ela se encontra fria à janela. Belzebu é um dos nomes do diabo — isto é, o deus das moscas — uma alusão aos sacrifícios idólatras onde as moscas eram tão ativas. Esta mosca não pousará tão facilmente em seu sacrifício quando este estiver flamejando no altar de seu coração com zelo.

Ora, para preservar as suas afeições na oração aquecidas e vivas, que o seu cuidado seja buscar e despertar o calor natural que indubitavelmente está em você, se é cristão, pela consideração séria de seus pecados, necessidades e misericórdias. Enquanto você estiver ponderando sobre estes pontos, o seu olho afetará o seu coração. Eles, como Abisague fez a Davi, ao repousarem em seu peito, trarão a sua alma a um calor agradável naquelas afeições que você deve exercitar nas diversas partes da oração. Os seus pecados revistos, e aumentados com as suas agravantes, farão as fontes da tristeza segundo Deus subirem em seu coração. Pode você conter-se de chorar quando ler os seus diversos indiciamentos à sua alma culpada, agora chamada a levantar a mão no tribunal de sua consciência? Pode ouvir como a lei santa de Deus foi violada, o seu Espírito contristado e o seu Filho assassinado por suas mãos sangrentas, e isto quando ele o tem tratado misericordiosamente, e não chorar? Certamente, caminhasse o homem por um campo após uma batalha sangrenta ter sido travada, e ali visse os corpos, ainda que de seus inimigos, jazendo envoltos em seu sangue, o seu coração não poderia senão relentar, embora no calor da batalha a sua fúria excluísse todos os pensamentos de piedade. Mas e se ele avistasse um pai ou um querido amigo morto no local pelas feridas que a sua mão desnaturada causara, não se moveriam as suas entranhas? Sim, com certeza, se carregasse o coração de um homem em seu peito. Você pode adivinhar por isso, cristão, que ajuda tal mediação ofereceria para o quebrantamento de seu coração por seus pecados. Certamente o faria lançar fora aquela adaga infeliz que foi o instrumento para dar aqueles golpes profundos ao coração de Cristo — e este é o melhor pranto de todos. Novamente, as suas necessidades bem ponderadas dariam asas aos seus desejos. Se uma vez você estivesse imbuído do verdadeiro estado de seus negócios —

quão necessário lhe é ter suprimentos do céu, ou definhar e morrer —, e assim no restante, etc.

Terceira causa. Uma terceira causa de pensamentos errantes é o embaraço das preocupações mundanas. Não é de admirar que o homem não possa desfrutar de nenhuma privacidade com Deus em um dever quando tem tantos do mundo batendo à sua porta para falar com ele quando ele está falando com Deus. *Periclitatur pietas in negotiis* [A piedade corre perigo nos negócios] — a religião nunca corre maior perigo do que em meio a uma multidão de negócios do mundo. Se uma pessoa assim ora, não passa muito tempo antes que algo lhe venha à cabeça para a afastar do dever: "E Isaque saíra a meditar... e olhou, e eis que os camelos vinham". O mundo logo está à vista de uma pessoa assim. Ela estende uma mão ao céu em um pensamento espiritual, mas logo a recolhe, e um pensamento do mundo se posta diante dele, e assim abre uma brecha em seu dever. "O sonho", diz-nos Salomão, "vem da muita ocupação". E assim também as orações sonhadoras: são compostas de pensamentos heterogêneos e independentes. A loja, o celeiro, o armazém são lugares inadequados para a oração — refiro-me à loja no coração e ao celeiro no coração. Li sobre um que diziam ser uma biblioteca viva porque não deixava o seu aprendizado com os seus livros em seu gabinete de estudos, mas o carregava consigo por onde quer que fosse, em sua memória e julgamento, que haviam digerido tudo o que lera, tornando-o assim seu. E não temos nós demasiadas lojas e celeiros vivos que os carregam para a cama e mesa, para a igreja e gabinete de oração? E como podem tais pessoas orar com um coração unido, elas que têm tantos parceiros em seus pensamentos? *O anima sancta sola esto, anne nescis verecundum habes Sponsum!* [Ó alma santa, sê só; acaso não sabes que tens um Esposo tímido!]

— ó, alma santa, fica a sós se quiseres que Cristo lhe conceda o seu amor. Não sabes que tens um esposo modesto? De fato, ele não dá à alma os seus abraços em meio à multidão, nem os beijos de seus lábios no mercado. Jacó envia a sua companhia para o outro lado do rio, e então Deus lhe concede um dos encontros mais doces que ele teve em toda a sua vida. Deixe-o agora orar até uma noite inteira, se quiser, e seja bem-vindo. Ora, cristão, para a sua ajuda contra estes:

Diretrizes contra o embaraço das preocupações mundanas na oração

1. Esforce-se por manter a sua distância do mundo e aquela soberania que Deus lhe concedeu sobre os lucros e prazeres dele, ou sobre tudo o mais que possa se mostrar uma armadilha para você. Enquanto o pai e o mestre conhecem o seu lugar e mantêm a sua distância, tanto os servos como os filhos manterão os seus por serem cumpridores do dever e atenciosos. Mas, quando eles se esquecem disso — o pai torna-se condescendente com um e o mestre familiar demais com o outro —, então começam a perder a sua autoridade, e os outros a tornarem-se petulantes e sob nenhum comando. Ordene que vão, e talvez eles não se movam. Atribua-lhes uma tarefa, e eles lhe dirão para fazê-la você mesmo. Verdadeiramente assim se passa com o cristão. Todas as criaturas são suas servas. E enquanto ele mantém o seu coração a uma distância santa delas, e preserva o seu domínio sobre elas, não as deitando em seu peito, as quais Deus colocou sob os seus pés, Sl 8, tudo vai bem. Ele marcha para os deveres da adoração de Deus em uma ordem excelente. Ele pode estar a sós com Deus, e estas criaturas não ousam espremer-se para dentro para o perturbar. Mas quando nos

tornamos apegados e familiares demais com elas, infelizmente! como somos importunados por elas! Não lemos sobre nenhuma insubordinação de Agar para com a sua senhora enquanto serva; mas quando Sara a entrega ao peito de Abraão, e a admite a compartilhar consigo dos privilégios conjugais, verdadeiramente então ela começa a disputar com a sua senhora e se comporta de forma petulante com ela. Sim, e o próprio Abraão, que não teria hesitado em mandá-la embora antes, contudo agora que a tomara em sua cama, dificilmente pode persuadir o seu coração a ceder a isso, até que Deus se une a Sara na questão ordenando-lhe: "ouve a sua voz".

Assim, cristão, use o mundo como servo — para o que ele foi feito — e você poderá ir à oração como Abraão subindo o monte, deixando os seus servos lá embaixo. Você constatará que eles não terão aquele poder de perturbá-lo. Mas deixe que os lucros ou os prazeres compartilhem com Cristo em sua afeição conjugal, e você achará o seu coração relutante em mandar esta Agar embora, ainda que ao pedido do próprio Cristo quando ele o está chamando à comunhão consigo mesmo. Ou use o mundo como se o não usasse, ou você orará como se não orasse. A fumaça e as faíscas que sobem de uma fornalha são carregadas para o lado para onde o vento sopra. Se o seu coração estiver voltado para o mundo, você não poderá então impedir que os seus pensamentos se dirijam para lá. Então, e não antes, a sua oração ascenderá como uma coluna de incenso: quando houver uma calmaria santa em seu espírito e este vento impetuoso de afeições desordenadas para com o mundo estiver assentado. Não devo retirá-lo da diligência em sua vocação mundana; esta nunca estraga uma boa oração, apenas vigie o seu coração para que não o prostitua aos abraços lascivos do mundo. Aquela é a espada ou faca de metal puro que se curva para cá e

para lá, mas retorna à sua retidão novamente e não permanece curvada. Aquele coração é do feitio correto, e traz o selo do céu sobre si, o qual pode curvar-se e aplicar-se à menor ação de sua vocação mundana, mas depois retorna à sua aptidão para a comunhão com Deus, e o seu coração não permanece inclinado para a criatura, mas em linha direta voltado para Deus e sua adoração.

2. Fortaleça a sua fé na providência de Deus para as coisas desta vida. Um coração desconfiado está sempre pensativo. O que quer que esteja fazendo, os seus pensamentos estarão naquilo que ele teme perder. Quando o empreendimento do comerciante está segurado — que aconteça o que acontecer ele não pode perder muito —, o seu coração então está em repouso, ele pode comer o seu pão com tranquilidade e dormir sem sonhar com naufrágios e piratas. Enquanto outro, cujos bens estão no mar e que teme o que será deles, oh, como este pobre homem é assombrado por onde quer que vá, o que quer que esteja fazendo, com pensamentos inquietantes! Se ouve o vento apenas um pouco forte, não pode dormir de medo por seu navio no mar. Verdadeiramente assim uma alma pela fé entregue à promessa achará uma libertação feliz daquela perturbação com que outro é importunado na oração. Pelo que Deus em particular nos orienta a depositarmos este fardo de nossos ombros sobre os dele quando vamos orar, para que nenhum pensamento alheio surgido destas nossas preocupações nos perturbe: "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus", Fp 4:6. Como se dissesse: "Deixem que eu cuide de sua obra, e cuidem vocês de fazer a minha. Se as coisas correrem mal em seus bens, nomes, famílias, assumirei a culpa e dou-lhes permissão para dizerem que Deus não foi suficientemente cuidadoso de vocês". Quando os homens

de Israel iam adorar a Deus em Jerusalém, para que não levassem mentes distraídas consigo — pelo medo de suas famílias deixadas indefesas atrás sem um homem para lutar por elas se um inimigo viesse —, Deus assume o cuidado especial de suas famílias em sua ausência, Êx 34:24. Se temos apenas um servo fiel, em quem cremos que cuidará de nossos negócios tão atentamente como nós mesmos, isto nos faz ir fora com um espírito livre e tranquilo, sem nos preocuparmos com o que é feito em casa quando estamos fora. Oh, então, envergonhemo-nos se a nossa fé na providência de Deus não for muito mais capaz de nos livrar do fardo das preocupações de distração.

Quarta causa. Estes pensamentos errantes são ocasionados pela não observação do coração por parte do cristão no ato da oração. Que ele se dê ao trabalho que for com o preparo antes do dever, contudo se não se vigiar estreitamente no próprio dever, o seu coração lhe escapará e correrá em mil vaidades e impertinências. A mente do homem é uma criatura ágil; em um momento você a terá no céu, e no próximo você a achará na terra. Como Filipe, que estando unido à carruagem do eunuco, de repente foi levado para fora de sua vista e encontrado em Azoto, lugar distante dali; assim os nossos corações logo se afastam do dever em mãos e fazem uma divagação até a parte mais distante do mundo em sua imaginação desenfreada. Sim — o que é pior —, às vezes a mente está fora e divagando, mas o cristão prossegue com o seu trabalho de lábios e não nota que os seus pensamentos se desviaram; como José e Maria caminharam a jornada de um dia antes de sentirem falta de seu filho, que permanecera atrás com outra companhia. Assim o cristão perde o seu coração no dever e prossegue com uma formalidade descuidada, de modo que às vezes a oração está quase terminada antes que ele note que o assento do seu coração está vazio, ou

considere que o seu espírito e alma não lhe fizeram companhia em todo o caminho; o qual, tivesse apenas no primeiro desvio de seus pensamentos estado atento, poderia tê-los recuperado e resgatado das mãos daquelas vaidades que os roubaram, como Davi fez com suas esposas e filhos dos amalequitas, sem qualquer grande problema ou perda. E, portanto, cristão, guarde o seu coração com toda a diligência; observe se ele faz a sua parte no dever, ou se está como uma corda que não soa no concerto. Como você faz com os seus filhos, assim precisa fazer com a sua mente infantil. Talvez eles o acompanhem à igreja, mas quando você se assenta, se não intimidados pelo seu olhar, eles se vão, e podem passar todo o tempo do sermão brincando nos campos, e você não sente a falta deles; para evitar o que, você os coloca diante de si para que possa ver o seu porte e comportamento. Se você assim orasse, observando e vigiando os seus pensamentos, onde e sobre o que se encontram, acharia mais quietude em seu espírito do que acha.

Mais ainda: não apenas observe os seus pensamentos no dever, mas chame-os à revisão após o dever. Muitos saem da oração de forma muito semelhante a meninos saindo da escola, que não pensam mais em sua lição até voltarem novamente — deixam de orar e todos os pensamentos de como se comportaram na oração juntos. Por vergonha, não faça assim. Se negligencia em tomar contas de si mesmo, considere que deve dar contas tanto disso como desta sua negligência após o dever perante os seus superiores. O próprio Deus terá a plena audiência disso. Ele não coloca ninguém a um trabalho do qual não pretenda tomar conhecimento de como foi realizado. E não seria melhor que a auditoria se desse em seu tribunal mais privado do que você ser chamado a dar as suas contas em seu tribunal temível? Resolva, portanto, conversar com o seu coração sobre este ponto; e quanto

mais cedo o fizer, melhor será feito, porque então as circunstâncias da ação estarão mais frescas em sua memória. Não saia de seu gabinete de oração até ter examinado o seu coração. Se os seus pensamentos na oração se constatarem ter estado em alguma medida livres e inteiros, as suas afeições aquecidas e vivas, matéria de alegria surgirá para você, e ação de graças a Deus por ter escapado das mãos de tantos salteadores e saqueadores que jaziam à espreita para fazer de você a sua presa. Mas acautele-se de não se aplaudir por seu próprio cuidado e circunspeção. Infelizmente! você não era o seu próprio guardião. Aquele que emprestou o seu ouvido à sua oração lhe deu o seu coração para orar e também o manteve no dever. Diga antes com Davi: "quem sou eu... para que pudéssemos oferecer voluntariamente coisas semelhantes?" Se o seu coração na revisão se constatar ter faltado ao dever, assuma a vergonha para que não seja envergonhado perante o Senhor. Oh, core de pensar que deva ser tão infiel a Deus e à sua própria alma, sim, tão tolo a ponto de correr atrás de cada tarefa ociosa que Satanás lhe envia, e entretanto negligenciar o seu próprio trabalho de tão grande importância! A queixa da esposa pode caber em sua boca: "puseram-me por guarda das vinhas; porém a minha vinha, que era minha, não guardei".

É um mensageiro insensato aquele que, sendo enviado ao mercado para prover alimento, é atraído por cada companheiro ocioso a gastar tanto o seu tempo como o seu dinheiro em vão, e à noite regressa a casa sem pão para a família faminta. Oh, cristão, não era a sua missão ao trono da graça obter novos suprimentos do céu para a sua pobre alma? E não o entristece pensar que agora a sua alma deve passar privação por ter desperdiçado o seu tempo de oração e talento o qual, como dinheiro de mercado, foi colocado em sua mão para obter nova

provisão? Sim, que tem sido injurioso para com o seu Deus ao tomar o seu nome em vão? Você se apresentou em uma postura de oração; a sua mão e voz foram levantadas ao céu, como se pretendesse orar; mas — como aquele que disse que iria para a vinha e não foi — você se voltou para o rumo contrário e colocou os seus pensamentos a trabalhar em outro campo. Não afetará isto o seu coração? Sim, certamente, e o afligirá também. E esta aflição de seu espírito será um recurso soberano para excitar o seu cuidado para o futuro. As falhas que não são observadas são também não corrigidas no exercício do estudante e, por isso, não passíveis de serem melhoradas no próximo. Pensamentos errantes na oração são como vadios. Não há caminho melhor para livrar a região de um, e o coração do outro, senão aplicando a ambos a lei — o açoite, refiro-me.

Pergunta. Oh! mas, diz o cristão, usei este recurso e, contudo, para tristeza de meu coração, continuo importunado por eles.

Resposta. Tome algumas palavras de consolo para aliviar o seu coração dolorido que geme sob o fardo destes seus pensamentos errantes.

PENSAMENTOS DE CONSOLO PARA O CRISTÃO DEMASIADO ABATIDO POR DISPERSÕES NA ORAÇÃO

1. Pensamento. A aflição do teu espírito por causa delas te traz mais consolo do que a presença delas te traz desconforto. O fato de seres importunado por hóspedes tão incômodos não é mais do que o que os melhores santos já experimentaram e confessaram. Por que outro motivo Davi oraria para que Deus

"unisse seu coração para temer o seu nome" (Sl 86:11), senão porque sentia que ele se dispersava? O que Paulo quer dizer com sua queixa: "Quando quero fazer o bem, o mal está comigo" (Rm 7:21), senão que ainda não havia alcançado o domínio completo sobre seus pensamentos rebeldes? Vês que não é uma doença nova que te perturba, mas algo comum, não apenas aos filhos dos homens, mas aos filhos de Deus — uma mancha que pode ser vista no manto de qualquer santo. Mas o fato de estares aflito por causa delas demonstra uma de duas coisas, e ambas trazem consolo para ti: prova que elas são injeções de Satanás, e não frutos do teu próprio coração; ou, se brotam do teu próprio coração, que o Espírito de Deus é o habitante, e estas não passam de intrusas.

(1.) O lamento que fazes por estares atrelado a tal companhia é um sinal de que tais pensamentos são antes enviados por Satanás do que convidados por ti — injeções dele, e não sugestões do teu próprio coração. Nossos próprios pensamentos costumam ser mais atraentes e agradáveis para nós. A mãe não ama mais o fruto do seu próprio corpo do que nós amamos o produto de nossas mentes. Daí que nossos "próprios caminhos", palavras e pensamentos são chamados de nosso "deleite" (Is 58:13); e, portanto, é bem possível que eles tenham sido disparados do arco dele, visto que teu coração fica tão assustado e ferido por causa deles. Ou,

(2.) Se eles provarem ser filhos da tua própria mente, ainda assim a tua alma aflita mostra que o Espírito e a graça de Deus são os habitantes, e estes não passam de intrusos e movimentos involuntários, os quais, em teus pensamentos deliberados, tu abominas. Se fossem, por assim dizer, da tua própria casa e família, não demonstrarias esse zelo em fechá-lhes a porta, nem gritarias quando eles entram sobre ti. A esposa

não grita quando o marido, os filhos ou os servos entram no aposento, mas sim quando entram ladrões e salteadores, dos quais ela não espera nada senão crueldade. Pelo teu comportamento diante deles, parece que não são do teu conhecimento, nem te agrada a companhia deles. Não te perturbes, portanto, excessivamente; pois Satanás, se puder apenas inquietar a tua mente com falsos temores, já terá realizado uma parte da tarefa para a qual os envia. Esses pensamentos ímpios estão contigo nos mesmos termos em que os pensamentos santos estão com os ímpios. Assim como estes não os beneficiam, porque não são acolhidos; da mesma forma, e pela mesma razão, aqueles não te farão mal.

2. *Pensamento.* Sabe que estas são as enfermidades necessárias do teu estado imperfeito; e, enquanto fores fiel em resistir e chorar por elas, elas moverão antes a piedade de Deus para contigo do que a sua ira contra ti. Uma coisa é um filho, empregado por seu pai, estragar voluntária ou negligentemente o trabalho que este lhe confiou; outra bem diferente é quando, por fraqueza natural, ele falha na execução exata da tarefa. Se um senhor ordenasse ao seu servo que lhe trouxesse uma taça de vinho, e este voluntariamente atirasse tanto o copo quanto o vinho ao chão, poderia esperar o justo desagrado de seu senhor. Mas se, por alguma instabilidade — como um tremor nas mãos —, ele, apesar de todo o cuidado, derramasse um pouco dele ao trazê-lo, um senhor generoso antes se compadeceria dele por sua enfermidade do que se iraria pelo vinho perdido. E teria Deus alguma vez dado aos seus servos motivo para considerá-lo um senhor severo? Não prometeu ele "que nos poupará, como um pai poupa a seu filho que o serve" (Mt 3:17)? De onde vêm todas as desculpas que ele apresenta em favor das falhas de seu povo, senão de seu coração misericordioso, interpretando-as

candidamente como procedentes antes de sua falta de habilidade do que de vontade, poder ou desejo? "Não é este um tição tirado do fogo?" (Zc 3:2) é a resposta de Cristo em favor de Josué, a quem Satanás acusava por suas vestes sujas. "O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26:41) foi a sua interpretação favorável para a sonolência de seus discípulos na oração.

3. *Pensamento.* As orações dos crentes passam por um refino antes de chegarem às mãos de Deus. Se ele de fato as lêsse com as nossas impertinências, e recebesse de nossa mão a cópia borrada, não haveria limite para o que deveríamos temer quanto ao resultado. Mas elas passam pela mão do corretor. Nosso Senhor Jesus inspeciona cada uma delas, endireitando todos os nossos pedidos fragmentados e petições mal colocadas. Ele apaga os nossos borrões com o seu sangue. A sua mediação é o crivo fino pelo qual as nossas orações são peneiradas. Tudo o que é grosseiro e heterogêneo ele separa do que é puro. O que é gerado pelo sopro de seu próprio Espírito ele apresenta; e o que a nossa parte carnal acrescentou ele esconde, para que não prejudique a nós ou às nossas orações. Esta era a doce verdade evangélica prefigurada no fato de os sacerdotes levarem a iniquidade das ofertas sagradas (Êx 28:38).

4. *Pensamento.* Embora a presença destas distrações seja uma grande aflição para ti, Deus fará com que tenham singular utilidade em tua vida. (1.) Para te humilhar e tirar de ti toda a jactância, para que não te orgulhes de teus outros auxílios espirituais, o que estarias propenso a fazer se a tua oração não tivesse este pé coxo para te manter humilde. (2.) Para te manter vigilante e circunspecto em tua caminhada cristã. Pela perturbação que estas distrações causam, vêes que a guerra ainda não terminou. O cananeu ainda está na terra. Embora não seja o

senhor do campo, ele continua escondido em suas cavernas e fortalezas, de onde sai como uma víbora no caminho, para que, mediante essas surpresas repentinas e mordidas no teu calcanhar, ele te faça cair para trás, como o cavaleiro, e assim alcance uma vitória sorrateira sobre ti, a quem ele desespera vencer em uma batalha campal por pecados mais deliberados. E, na verdade, se ele ousa ser tão ousado a ponto de te atacar quando estás em comunhão com Deus — tão perto da tua rocha e castelo —, não te convém, ó cristão, olhar ao teu redor, para que ele não obtenha maior vantagem sobre ti quando estiveres a maior distância dele em teus afazeres seculares? (3.) Deus te tornará, por meio destas fraquezas, mais misericordioso e menos censor para com os teus irmãos em suas falhas maiores.

5. *Pensamento.* Em teu conflito fiel contra elas, podes prometer a ti mesmo, no fim, a vitória. Mas espera que isso ocorra gradualmente, não de uma vez, nem apressadamente, como Deus disse a respeito dos inimigos de Israel. Portanto, mantém o combate: não desfaleças diante da resistência obstinada deles; ora e chora por não poderes orar melhor; chora e luta novamente; luta e crê até derrotá-los, ainda que às vezes eles te derrubem sob seus pés. Deus fez uma promessa a Noé após o dilúvio, na qual lhe outorgou soberania sobre as criaturas: "O pavor e o medo de vós virão sobre todo animal da terra" (Gn 9:2). No entanto, vemos que muitas feras são ferozes, selvagens e cruéis para com o homem. Contudo, a promessa se cumpre no fato de que nenhuma é tão feroz e indomável que, pela arte e indústria humana, não tenha sido e ainda não seja capturada e domesticada, como diz o apóstolo em Tg 3:7. Assim Deus deu aos seus santos, por promessa, soberania sobre o pecado e Satanás; ele subjugará a ambos debaixo dos vossos pés. O pavor dos santos cairá sobre o diabo mais orgulhoso, e o pé do santo

será colocado sobre o pescoço da concupiscência mais feroz. No entanto, isso exigirá um trabalho árduo antes que uma coisa ou outra se realize.

SATANÁS SE ESFORÇA PARA IMPEDIR O SUCESSO DA ORAÇÃO

TERCEIRO DESIGNIO. O terceiro e último desígnio que Satanás tem contra o santo nesta grande tarefa da oração é impedir o seu sucesso nela. Ele te atacará, cristão, se puder, de uma forma ou de outra, seja na ida ou na volta; e dá no mesmo se o navio é capturado quando parte ou quando retorna para casa. Na verdade, das duas situações, a maior perda é sermos privados de nossas expectativas quando esperamos que nossas orações voltem ricamente carregadas de misericórdias do céu. Ora, de duas maneiras ele trabalha para impedir o sucesso da oração.

Primeiro. Ele se esforça para impedir a aceitação de suas orações diante de Deus, para que sejam rejeitadas como uma petição fora do tribunal, a qual Deus não examinará.

Segundo. Se não conseguir prevalecer nisso, ele joga uma partida de revanche e conduzirá a situação de tal modo que, se possível, embora as orações tenham aceitação com Deus e encontrem graciosa recepção no céu, isso não seja acreditado pelo santo na terra, fazendo com que ele as dê por perdidas e não as busque mais. Ora, embora isso não seja um fracasso total e final da oração, o diabo obtém com isso grande vantagem, privando o crente do consolo e benefício presentes que a sua luta lhe renderia antes que a resposta de sua oração retorne.

Satanás deseja impedir o sucesso das orações dos santos, fazendo com que sejam tais que se tornem desagradáveis a Deus

Primeira via de impedimento. Satanás se esforça para impedir a acolhida das orações dos santos diante de Deus, para que sejam rejeitadas como uma petição fora do tribunal, a qual Deus não examinará. Ele trabalha para impedir até mesmo a entrada de nossas orações no céu. Ora, nossas orações podem ser barradas de várias maneiras às portas do céu, tendo negado aquele gracioso acesso que Deus costuma conceder. Refiro-me aqui às orações dos santos. Quanto às orações dos ímpios, há uma única lei para todas: serem rejeitadas sumariamente e ter a porta fechada contra elas. A árvore deve ser boa antes que o fruto que ela produz possa ser agradável ao paladar de Deus.

Ora, o impedimento com o qual a oração do santo se depara não brota de qualquer relutância em Deus em conceder a sua misericórdia, ou de qualquer desagrado em ter necessitados à sua porta. *Adeo placet Deo dare, ut propter hoc omnia creavit, volebat enim habere quae et quibus dare* [De tal modo agrada a Deus dar que, por causa disso, criou todas as coisas, pois queria ter o que dar e a quem dar]. Deus se deleita tanto em atos de misericórdia que, por isso, criou o mundo e tudo o que nele há, para que pudesse ter peticionários a implorar e esmolas para dar a esses peticionários. Mas nós mesmos colocamos pedras na fechadura, o que impede o giro da chave da oração, e assim fechamos a porta da misericórdia sobre nós mesmos. O próprio diabo não poderia impedir diretamente a acolhida de um santo. Ele não tem tal controle sobre os ouvidos de Deus, a menos que coloquemos palavras em sua boca e o ajudemos a formular uma acusação contra nós. As mentiras que ele, como falso acusador, leva a Deus não nos prejudicarão nos pensamentos divinos, nem

tornarão nossas orações menos aceitáveis; mas, se a acusação for verdadeira, Deus a ouvirá, ainda que seja um espírito maligno quem conte a história e nós sejamos os seus filhos amados de quem ela é contada. Um pai, quando ouve falar de alguma travessura ímpia que seu filho cometeu, irá repreendê-lo e franzir o cenho para ele, ainda que tenha sido um inimigo quem lhe contou. Passemos, agora, a exemplificar quais erros em um santo impedem a sua audiência perante o trono da graça: 1. Quando a coisa pedida não é segundo a vontade de Deus. 2. Quando o fim que o santo visa não está devidamente direcionado. 3. Quando à sua oração ele não junta o uso diligente dos meios. 4. Quando algum rancor secreto está guardado em seu coração contra o seu irmão. 5. Quando há falta de fé.

ERROS na vida de um santo que ora que impedem a sua audiência no céu

1. Erro. Quando a coisa pedida não é segundo a vontade de Deus. Não temos a liberdade de orar ao acaso por aquilo que bem entendermos. O trono da graça não foi instituído para que venhamos ali desabafar nossas paixões intempestivas diante de Deus, ou apresentar-lhe qualquer proposta insolente que nos venha à cabeça. Do contrário, Deus teria trabalho de sobra. Se ele tivesse prometido assinar todas as nossas petições sem qualquer consideração ao teor delas, ele frequentemente assinaria decretos contra si mesmo e concederia aquilo que em nada contribuiria para a sua glória. Herodes foi excessivamente pródigo quando deu à sua favorita a liberdade de pedir o que quisesse, até a metade do seu reino. E ele pagou caro por isso: entregou-lhe aquela cabeça que valia mais do que todo o seu reino — pois a decapitação de João Batista custou-lhe a própria coroa. Não; temos a ver com um Deus sábio que, para calar a boca de todos os pedintes atrevidos que desejassem o que não

nos convém pedir, nem a ele dar, estabeleceu uma lei para a oração e limitou o seu conteúdo: "Quando orardes, dizei: Pai nosso..." (Lc 11:2). Isto é: aprendei aqui o que podeis pedir em fé para receber. "E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve" (1Jo 5:14).

A fé, sem uma promessa, é como um pé sem terra firme onde se apoiar. Bem fez Lutero ao explicar-se quando disse: *fiat voluntas mea* [faça-se a minha vontade] — *mea, Domine, quia tua* [a minha, Senhor, porque é a tua]. Ora, a promessa contém esta vontade de Deus. Certifica-te de colher todas as flores de tua oração neste jardim, e não errarás. Mas tem cuidado para não misturares com elas nenhuma abóbora silvestre de tua autoria. Lembra-te da advertência que nosso Senhor deu aos seus discípulos quando estes externavam sua paixão vingativa na oração: "Queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?... Mas ele disse: Vós não sabeis de que espírito sois" (Lc 9:54-55). Eles tinham ali um exemplo para justificar o seu ato. No entanto, aquele *heroicus impetus* [impulso heróico] e espírito extraordinário pelo qual Elias e outros profetas foram movidos não é a nossa regra permanente para a oração. Naqueles homens, isso procedia do Espírito de Deus; em nós, pode proceder do espírito do diabo, o que está implícito na pergunta de nosso Salvador: "Vós não sabeis de que espírito sois". Como se dissesse: "Vós pouco sabeis quem vos incitou. Tivestes o vosso carvão não do altar de Deus, mas da fornalha de Satanás".

Ah! guardemo-nos de ser mensageiros do diabo ao ir a Deus para tratar de um assunto dele; o que fazemos quando oramos contra a regra ou sem um mandado. Não lances ali as tuas paixões descontroladas de ira, querendo ver imediatamente os teus inimigos confundidos — o caso dos discípulos; nem

extravases a tua tristeza intemperante por impaciência — como Jó que, no paroxismo de sua aflição, suplica a Deus que lhe tire a vida sem demora. Aconselha-te com a Palavra e "não se precipite o teu lábio a proferir coisa alguma diante de Deus" (Ec 5:2). O método de Daniel era o correto (Dn 9:2). Primeiro, ele vai às Escrituras e pesquisa qual era a mente de Deus a respeito do tempo em que ele prometera ao seu povo o retorno do cativeiro; tendo encontrado isso, e aprendido assim como formular a sua petição, ele parte para sitiar o trono da graça: "E eu dirigi o meu rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração..." (Dn 9:3). Estás doente ou pobre? Necessitado de alguma misericórdia temporal? Vai e indaga sob quais condições estas coisas estão prometidas, para que a tua fé não avance além do fundamento da promessa mediante um desejo peremptório e absoluto delas; pois, se assim for, o teu edifício cairá e serás envergonhado, porque pedes mais do que Deus jamais prometeu.

2. *Erro.* Embora a matéria da oração de um santo esteja fundamentada na Palavra, contudo, se o fim que ele visa não estiver devidamente direcionado, esta será uma segunda porta na qual a sua oração será barrada, mesmo que passe pela primeira. "Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites" (Tg 4:3). Admito que, se tomarmos um cristão em sua disposição correta, o seu alvo é a glória de Deus. No entanto, assim como uma agulha tocada por uma pedra-ímã pode, ao ser sacudida, afastar-se do seu ponto de atração original — ao qual a natureza a uniu —, tremendo até que o recupere; da mesma forma, uma alma piedosa pode, em um ato e pedido específico, desviar-se deste fim, sendo desestabilizada por Satanás, e até mesmo perturbada por um inimigo mais próximo de casa: a sua própria corrupção não mortificada. Na verdade, raro é o arqueiro que sempre acerta o alvo. Não credes ser

possível a um santo, em angústia de corpo e espírito, orar por saúde no primeiro e consolo no segundo, com uma atenção excessivamente egoísta ao seu próprio bem-estar e quietude? Certamente que sim; bem como orar por dons e auxílio em algum serviço eminente com o olhar enviesado para o seu próprio crédito e aplauso; ou orar por um filho com um desejo desordenado de que a honra de sua casa seja nele edificada. Não conheço ninguém tão maduro na graça que não esteja sujeito a tais desvios de espírito. E isso pode ser compreendido como o sentido, em parte, daquela expressão: "Se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá; mas, na verdade, Deus me ouviu" (Sl 66:18-19). Pois, desejar a nossa própria saúde, paz e reputação não é em si uma iniquidade — quando mantidos nos limites que Deus estabeleceu —; contudo, quando transbordam e se elevam a tal ponto que superam a glória de Deus, ou se colocam em pé de igualdade com ela, tornam-se uma grande abominação. O que no primeiro ou segundo grau é alimento saudável, tornar-se-ia veneno ativo no quarto ou quinto.

Portanto, cristão, examina-te a ti mesmo antes de orar: "Ó minha alma, o que te envia nesta missão? Conhecendo a tua própria mente quanto àquilo por que oras, logo poderás conhecer a mente de Deus sobre como serás atendido". Assegura a Deus a glória dele, e poderás levar contigo a misericórdia. Se Adonias tivesse pedido Abisague por amor à sua pessoa, e não por amor à coroa, é provável que Salomão não tivesse negado as bodas entre eles; mas aquele príncipe sábio percebeu o seu intuito — fazer dela um degrau para alcançar o trono que ambiciosamente cobiçava —, e por isso o seu pedido foi negado com tanto desdém. Atenta para que, sendo a tua petição legítima, não haja traição em teu fim e objetivo. Se houver, ele a descobrirá.

Pergunta. Como saberei se busco a Deus ou a mim mesmo na oração?

Resposta. Isso comumente aparecerá pela postura do nosso coração quando Deus adia ou nega aquilo por que oramos. Uma alma que consegue aquietar-se e suportar pacientemente um adiamento ou negação — refiro-me aqui a misericórdias de ordem inferior, não necessárias para a salvação e, portanto, não absolutamente prometidas — dá um testemunho esperançoso de que a glória de Deus pesa mais em seus pensamentos do que o seu próprio interesse e comodidade particular. Um coração egoísta é tanto peremptório quanto apressado. Ele precisa ter a coisa pela qual clama, e isso rapidamente; do contrário, desfalece e murmura, desmaia ou explode em queixas lamuriosas, não poupando ataques às próprias promessas e atributos de Deus. "Por que jejuamos nós, dizem eles, e tu não olhas para isso?" (Is 58:3). Ora, de onde vêm essas duas atitudes senão de uma supervalorização de nós mesmos? — a qual nos faz colidir com a glória de Deus, que pode ser mais promovida por esses adiamentos e negações do que se tivéssemos aquilo que tão ardentemente desejamos. Deus foi mais glorificado ao negar ao próprio Cristo a preservação de sua vida do que se tivesse permitido que aquele cálice amargo passasse sem que ele o provasse; o que Cristo, compreendendo plenamente, resignou-se dizendo: "Pai, glorifica o teu nome; não se faça a minha vontade, mas a tua" (Jo 12:28; Lc 22:42). Como se dissesse: "Eu não salvaria a minha vida para fazer-te perder o mínimo de tua glória". Este é o modelo que todos nós deveríamos copiar. Na verdade, se os nossos corações desregulados forem tão obstinados e apressados a ponto de não se contentarem com o que agrada a Deus e no tempo dele, ele não nos amaria se satisfizesse tais desejos, pois com isso apenas alimentaria tal

desordem, a qual é melhor curada pela privação do que pelo alimento.

3. *Erro.* A oração do cristão pode falhar quando, com a sua oração, ele não une um uso diligente dos meios. Não devemos pensar em nos escorar em Deus como fazem algumas pessoas preguiçosas em relação aos seus parentes ricos; estar sempre mendigando dele, mas sem estender a mão para trabalhar no uso dos meios. Deus estabeleceu a oração como um auxílio para a nossa diligência, não como um disfarce para a nossa preguiça. Mendigos vadios não são bem-vindos nem à porta de Deus nem à do homem. O quê! Levantarás as tuas mãos a Deus em oração para depois colocá-las no bolso? Não proíbe Deus a nossa caridade àquele que não trabalha? "Nós vos ordenamos isto: se alguém não quiser trabalhar, não coma também" (2Ts 3:10). E incentivará ele em ti aquela ociosidade que ele quer que nós punamos? É uma boa explicação de Bernardo sobre aquela passagem de Jeremias: "Levantemos o nosso coração com as mãos para Deus nos céus" (Lm 3:41) — *qui orat et laborat, ille cor levat ad Deum cum manibus* [aquele que ora e trabalha, esse levanta o coração a Deus juntamente com as mãos]. Atenta, pois, cristão, para que mistures o teu suor com as tuas lágrimas, o teu trabalho com as tuas orações. Se a tua oração não te põe a trabalhar, também não porá o teu Deus a trabalhar por ti. É contra uma concupiscência que estás orando? E ficas assentado de braços cruzados para ver se ela morrerá sozinha? Matará aquela oração uma concupiscência enquanto permite que outra — refiro-me à tua preguiça — viva bem debaixo do seu nariz? Assim como Deus não salvará a tua alma, ele também não destruirá o teu pecado, a menos que a tua mão também seja aplicada à obra. Vê como Deus levantou Josué da terra, onde ele jazia orando e chorando pela derrota de Israel (Josué 7:10-11):

"Levanta-te; por que estás assim prostrado sobre o teu rosto? Israel pecou..."; versículo 12: "Pelo que os filhos de Israel não puderam subsistir perante os seus inimigos..."; versículo 13: "Levanta-te, santifica o povo".

Ah, quantas vezes Deus nos desperta de nossos joelhos e diz: "Por que jazeis aqui com as vossas orações preguiçosas? Pecastes ao não aceitar o meu conselho e não obedecer às minhas ordens. Ordenei-vos que vigiásseis, bem como que orásseis; por que não fazeis tanto uma coisa quanto a outra? O meu mandamento vos obriga a fugir do laço que Satanás vos arma, bem como a orar contra ele; portanto, é por isso que não conseguis resistir diante de vossas concupiscências". Moisés não ousou ir a Deus com uma oração em favor do Israel pecador antes de ter demonstrado o seu zelo por Deus contra o pecado deles, e então ele vai e prospera; vê Êx 32:25 em comparação com o versículo 31. Pensas em viver de modo desregrado o dia todo, entregando-te e traindo a glória de Deus nas mãos de tua concupiscência, para depois consertar tudo com uma oração à noite? Ora! A tua covardia e preguiça chegarão ao céu antes da tua oração, e te envergonharão quando ali te apresentares com tal propósito.

4. *Erro.* A oração do santo pode falhar devido a algum rancor secreto que esteja guardado em seu coração contra o seu irmão. A ira e o furor são fogo estranho para juntar ao nosso incenso. É uma lei escrita em cada porta da casa de Deus — refiro-me a cada ordenança pela qual devemos entrar em comunhão com Deus — que devemos "amar os nossos irmãos". Quando vamos ouvir a Palavra, qual é a advertência senão que devemos "deixar toda malícia, engano, hipocrisias, invejas e todas as murmurações, e desejar ardentemente, como meninos novamente nascidos, o leite espiritual não adulterado" (1Pe 2:1-

2)? O evangelho não falará paz a um espírito colérico. A ira e a malícia, como um humor salino corrosivo no estômago, fazem-nos vomitar e rejeitar o leite da Palavra, de modo que ele não permanece conosco para nutrição. É na mesa da ceia do Senhor que estás assentado? Este é um banquete de amor, e embora possa ser comido com as ervas amargas do arrependimento do pecado, não deve sê-lo com o fermento azedo da ira e da malícia. "Quando vos reunis na igreja, ouço que há divisões entre vós..." (1Co 11:18). Agora nota o que se segue: "isto não é comer a ceia do Senhor" (v. 20). Cristo não comungará com uma assembleia contenciosa e barulhenta. Quando tais convidados chegam, ele se levanta de sua própria mesa, como os filhos de Davi fizeram da mesa de Absalão quando do assassinato de seu irmão Amnom (2Sm 13:29). E quanto à oração, conheceis a lei para ela: "Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda" (1Tm 2:8) — implicando que é impossível orar em fé e em ira. *Duobus modis oratio impeditur, si ad hoc homo mala committit aut si committenti in se ex toto corde non dimittit* [De dois modos a oração é impedida: se o homem ainda comete pecados contra Deus, ou se não perdoa de todo o coração a quem pecou contra ele]. Essas duas petições na oração do Senhor não podem ser separadas: "perdoa-nos, assim como nós perdoamos". Isto é aquele *ferrum in vulnere* [ferro na ferida], como diz o mesmo pai, o qual torna as nossas orações tão ineficazes para nós quanto o gesso é para a ferida na qual o projétil ainda permanece.

Ora, a razão pela qual Deus é tão rigoroso neste ponto é porque ele mesmo é sumamente gracioso; e, sendo "amor", não pode dar as boas-vindas a ninguém que não esteja "em amor". Os pagãos tinham a noção de que os deuses não aceitariam o sacrifício e o serviço de ninguém, a menos que fossem

semelhantes a eles. E, portanto, nos sacrifícios de Hércules, nenhum anão deveria ser admitido. No sacrifício de Baco, um deus alegre, ninguém que estivesse triste e pensativo, por não se adequar ao gênio dele. Uma excelente verdade pode ser extraída desta tolice deles. Aquele que deseja agradar a Deus deve ser semelhante a Deus. Ora, o nosso Deus é um Deus de paz, o nosso Pai celestial é misericordioso; e, portanto, ninguém pode ter acesso amigável a ele senão os que são filhos da paz e misericordiosos como o seu Pai é. Ah! Vigia, pois, o teu coração, para que as bolas de fogo de Satanás — as quais ele lançará pela tua janela em qualquer pequena oportunidade — não se apoderem do teu espírito para acender qualquer ressentimento em ti contra o teu irmão. Se em qualquer momento vires a menor fumaça ou sentires o menor cheiro deste fogo em teu peito, não durmas antes de o ter apagado. Sê mais cuidadoso em apagar este fogo em teu coração, ao deitares-te, do que aquele que está em tua lareira. Como podes, pela oração, confiar-te nas mãos de Deus naquela noite em que carregas uma faísca dele sufocada em teu peito? *Irasci, hominis, iram non perficere, Christiani est* [Irar-se é próprio do homem; não consumir a ira é próprio do cristão] (Jerônimo). Como homem frágil, não podes evitar que tal faísca caia sobre ti; contudo, se queres provar que és um cristão, debes apagá-la. Mais ainda: se queres mostrar-te cristão e fazer com que a tua oração encontre os ouvidos ou o coração de Deus abertos para ela, debes fazer o máximo para apagá-la no coração do teu irmão, bem como no teu próprio. Não basta que carregues paz em teu coração para com ele, a menos que te esforces para que ele também esteja em paz contigo. "Se, pois, ao trazeres a tua oferta ao altar, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti..." (Mt 5:23).

Jerônimo apresenta aqui o cristão pleiteando a sua causa diante de Deus, questionando por que ele não aceita a sua oração: *Domine, quare non vis suscipere munus meum? quid ad me attinet? non est in mea potestate, si frater meus habet aliquid contra me* ["Senhor, por que não queres receber a minha oferta? O que isso tem a ver comigo? Não está em meu poder se meu irmão tem algo contra mim"]. Ao que ele apresenta Deus respondendo assim: *Et quid dicis male serve? Intellego animum tuum? Nihil habes? Amas eum? Quare ergo salvari eum non vis? Vade, roga eum, ne ille contra te habeat ut salvari possit* ["O que dizes, servo mau? Compreendo a tua intenção. Não tens nada contra ele? Tu o amas? Por que, então, não queres que ele seja salvo? Vai, roga-lhe que não tenha nada contra ti, para que ele possa ser salvo"]. Falo com mais propriedade sobre este ponto por ser sensível à hora, ou melhor, à época de tentação em que vivemos, devido às tristes divergências de opinião entre os cristãos, as quais destilaram em suas afeições uma aversão tão grande uns pelos outros que degenera em ira e amargura; sim, uma cura maravilhosa será se isso puder ser evitado de terminar em um consumo irrecuperável do amor entre grande parte desta geração — especialmente considerando qual malignidade é injetada nessas contendidas eclesiásticas por aquelas divisões nacionais também que coincidiram com elas, e que desembainharam uma espada tão triste entre nós, a qual por muitos anos não pôde encontrar outra bainha senão as entranhas desta então miserável nação. Ah, que rancores, animosidades e ressentimentos estas duas situações produziram! A espada, graças a Deus, foi finalmente guardada em sua bainha de paz; mas não temos nós motivo para desejar que tivesse sido mais limpa quando guardada, e que não se encontrasse tal espírito implacável de vingança e malícia entre muitos de nós, como, infelizmente, é comum deparar-se em toda parte? A tempestade

fora de nós passou, graças a Deus! Mas não está ela forte demais dentro de alguns de nossos peitos? O dilúvio de calamidades nacionais diminuiu; mas agora que a maré baixou e se foi, não há uma porção desta sujeira — para não citar outra —, como ciúmes anticristãos, amargura, ira e vingança, deixada para trás em nossos corações? O suficiente para gerar outra praga e juízo entre nós, se um dilúvio de arrependimento nacional não lavar o que o mar da guerra e outras confusões lançaram na praia! Mas, se este fosse todo o mal que eles nos causarão, o nosso caso já seria bastante triste; eles impedirão as nossas orações. Pois Deus não aceitará tais sacrifícios que são acesos com o fogo da ira.

5. *Erro.* A oração do cristão pode falhar por falta de fé. A oração é o arco, a promessa é a seta, e a fé é a mão que puxa o arco e envia esta seta com a mensagem do coração ao céu. O arco sem a seta de nada serve, e a seta sem o arco de igual modo pouco vale; e ambos, sem a força da mão, para nada servem. Nem a promessa sem a oração, nem a oração sem a promessa, nem ambos sem a fé, aproveitam de algo ao cristão. De modo que o que foi dito dos israelitas, que eles "não puderam entrar em Canaã por causa da incredulidade", o mesmo se pode dizer de muitas de nossas orações: elas não podem entrar no céu com aceitação porque não são apresentadas em fé. Ora, a fé pode ser considerada com respeito à pessoa que ora ou à oração que é apresentada.

O que significa orar com fé

Primeiro requisito. A pessoa deve ser um crente. Mas isso não basta.

Segundo requisito. Deve haver um ato de fé exercido na oração, bem como o hábito da fé habitando na pessoa. "Tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis" (Mc

11:24). Se a coisa desejada não se encontra na promessa, é pecado orar por ela; se se encontra, é pecado não crer quando se ora por ela, e não um pecado pequeno, porque com isso profanamos a ordenança e difamamos o nome do grande Deus.

Pergunta. Mas o que é orar em fé?

Resposta 1. Negativamente. Não é crer que a própria coisa *in specie* [em espécie] — ou em seu gênero próprio — que pedimos será sempre concedida. Cristo orou em fé e foi ouvido (Hb 5:7). Ele não creu que a coisa em espécie seria concedida, e nem foi; contudo, a sua oração foi respondida. Portanto, certifica-te de aprender o método correto de agir a tua fé na oração, o qual deve ser extraído da natureza da promessa que apresentas em juízo. Assim como a água recebe a sua forma — redonda ou quadrada — do vaso em que é derramada, da mesma forma a nossa fé deve ser moldada pela promessa. Se esta for absoluta — como as coisas necessárias para a salvação —, então a tua fé pode esperar a própria coisa prometida; se for de outro modo, não deves limitar a tua fé à coisa em si, mas esperar dinheiro ou o equivalente em valor; saúde, ou algo tão bom quanto a saúde; livramento, ou algo melhor do que o livramento. Uma fé absoluta em uma promessa condicional — sem uma revelação imediata, que não devemos buscar — é fantasia, não fé. Cometer um pecado, e não agir em graça, equivale a dispor livremente da bolsa de Deus sem uma outorga; pois colocamos mais na conclusão de nossa fé do que se encontra nas premissas da promessa, e isto é tão ruim em teologia quanto em lógica.

Resposta 2. Positivamente. Orar em fé é pedir a Deus, em nome de Cristo, o que ele prometeu, confiando em seu poder e verdade para o cumprimento, sem limitá-lo ao tempo, modo ou meios.

(1.) Devemos pedir o que Deus prometeu, caso contrário escolhemos para nós mesmos e não suplicamos; sujeitamos a vontade de Deus à nossa, e não a nossa à dele; forjamos um título de dívida e depois o cobramos como devido, o que é uma presunção horrível! Aquele que é o seu próprio promitente deve ser o seu próprio pagador.

(2.) Para orar em fé, requer-se que oremos em nome de Cristo. Assim como não pode haver fé senão em uma promessa, da mesma forma nenhuma promessa pode ser reivindicada senão em seu nome, porque todas elas foram feitas a ele e cumpridas por ele. Elas foram feitas a ele, tendo a aliança sido estabelecida com ele: "em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos" (Tt 1:2). E não havia ninguém então existente senão Cristo a quem a promessa pudesse ser feita. De modo que, assim como o filho reivindica a sua propriedade por direito de seu pai que a adquiriu, da mesma forma nós chegamos ao nosso direito na promessa como herdeiros e coerdeiros de Cristo. E assim como a promessa foi feita a ele, da mesma forma é cumprida por ele, porque o seu sangue derramado foi a condição da obrigação pela qual Deus reconheceu a dívida a Cristo, e se comprometeu a cumprir todos os artigos da aliança aos seus herdeiros que os reivindicassem devidamente de suas mãos em seu nome. Não basta, portanto, instar ousadamente com Deus com base em uma promessa: "Perdoa, Senhor, pois tu o prometeste; dá graça e glória, pois tu as prometeste"; mas devemos, se quisermos apresentar o nosso pleito legalmente — refiro-me segundo a lei da fé —, pleitear estas coisas sob a proteção do seu nome. Assim Daniel, aquele homem santo, colocou a ênfase de sua oração em Cristo: "Agora, pois, ó Deus nosso, ouve a oração do teu servo,

e as suas súplicas, e sobre o teu santuário assolado fazes resplandecer o teu rosto, por amor do Senhor" (Dn 9:17).

(3.) *Para este orar em fé, requer-se uma confiança em Deus, por meio de Cristo, por uma resposta graciosa.* Se as etapas anteriores forem cumpridas, mas a criatura falhar nesta, ela não ora em fé, mas toma o nome de Deus e de Cristo em vão. Este ato de confiança é o apegar-se a Deus na oração (Is 64:7). Quando os marinheiros em uma tempestade lançam sua âncora, e ela volta sem se prender ao solo firme, de modo a firmar o navio e sustentá-lo contra a violência das ondas, ela não lhes traz ajuda alguma. O mesmo ocorre com a oração sem firmeza que não se apega a Deus. Portanto, verás que, quando um cristão é bem-sucedido na oração, seu êxito feliz é atribuído não à oração nua e simples, mas a ela vestida e fortalecida por este ato de dependência de Deus. "Clamaram ao Senhor" (2Cr 13:14). Agora veja: "Os filhos de Judá prevaleceram, porque confiaram no Senhor, Deus de seus pais" (v. 18). Aquele que não confia em Deus após orar apenas finge na oração. O que ele parece dar a Deus com uma das mãos, retira com a outra, o que não passa de zombaria com Deus. Ao orar, fingimos esperar o bem da parte dele; ao não confiar, apagamos isso e declaramos que não esperamos tal coisa.

Ora, esta confiança da alma tem um duplo caminho pelo qual se prende a Deus, como o gancho duplo de uma âncora:

(a.) *Ela se apega ao poder de Deus.* Assim Cristo, em sua agonia, "ofereceu, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas àquele que o podia livrar da morte" (Hb 5:7). Na oração, expomos nosso caso a Deus, declaramos quão pecaminosos, fracos e desamparados somos, e então confiamos nossa causa a Deus. Ora, assim como ninguém entregará algo à guarda de

outrem se pensa que isso está seguro em suas próprias mãos; da mesma forma, ninguém o entregará a outrem de cuja capacidade não esteja primeiro convencido para realizar aquilo que si mesmo é incapaz de fazer. Veja o conselho de Elifaz a Jó: "Eu buscaria a Deus, e a Deus entregaria a minha causa" (Jó 5:8). Como se dissesse: "Se eu estivesse em teu lugar, dir-te-ia qual caminho tomaria: não olharia para um lado ou para outro, mas apressar-me-ia ao trono da graça, e, uma vez que tivesse exposto a Deus o meu próprio coração, não me preocuparia mais, mas entregaria a minha causa a ele e desononaria o meu coração do fardo de todos os seus pensamentos perturbadores". Mas sob qual concepção ele faria tudo isso? As palavras seguintes nos dirão: "A Deus entregaria a minha causa, o qual faz coisas grandes e inescrutáveis, maravilhas sem número" (Jó 5:9). Primeiro, ele fundamentaria a sua fé em Deus como capaz de fazer coisas grandes; e então, deixando a sua petição depositada nos braços de tal poder, não duvidava de que lançaria fora toda a ansiedade e desfrutaria da serenidade de sua mente, qualquer que fosse a sua condição. De fato, esta é a primeira pedra que a fé coloca em seu edifício. E um erro no fundamento fará com que toda a casa fique instável. Certifica-te, portanto, de assentar esta pedra fundamental com o teu maior cuidado. Oh, como é impróprio ter um grande Deus e uma pequena fé neste grande Deus! — um Deus forte e uma fé fraca em seu poder onipotente! A incredulidade aqui violenta e agride a própria luz da natureza, pois "o seu eterno poder e divindade" são conhecidos pelas "coisas visíveis" da criação (Rm 1:20). O que não é capaz de fazer aquele que pôde criar tão belo edifício sem materiais, ferramentas ou operários? *Crucifige illud verbum potestne?* [Crucifica essa palavra "será que ele pode?"]. Risca essa palavra; elimina a pergunta que tanto fere os ouvidos do

Todo-Poderoso: Ele pode perdoar? Ele pode purificar? O que não pode fazer aquele que faz tudo o que quer?

(b.) *Ela se apega à fidelidade de Deus em cumprir a promessa.* Somos direcionados, ao nos entregarmos a ele, a atentar para a sua fidelidade: "como a um fiel Criador" (1Pe 4:19). A fé dos santos tem sido notável em apoiar-se nisso, mesmo quando a misericórdia pela qual oravam ainda jazia adormecida em suas causas: "A ti, ó Deus, pertence o louvor em Sião, e a ti se pagará o voto" (Sl 65:1). Veja, ele se apresenta com seu instrumento encordado e afinado, pronto para tocar e introduzir Deus com a música de seu louvor quando ele vier com a resposta à sua oração, não duvidando nem um pouco de que o usará naquela ocasião alegre; pois fala sem ressalvas ou condições: "A ti se pagará o voto, ó tu que ouves as orações!" E no entanto, aquele dia feliz ainda não havia chegado; pois mesmo naquele momento ele clama: "Prevalecem as iniquidades contra mim!" Da mesma forma: "Eu sei que o Senhor manterá a causa do aflito, e o direito do necessitado" (Sl 140:12). Por quê? Como ele se torna tão confiante? "Certamente os justos louvarão o teu nome" (v. 13). Como se dissesse: "Tu tens o nome de um Deus gracioso e fiel em tua promessa, e nunca permitirás que este nome seja manchado por falhares com a tua palavra". Cristão, podes empenhar tudo o que tens na fé pública do céu. "As suas palavras são puras como prata provada sete vezes em um forno". Aquele que não permitirá que um mentiroso ou quebrador de alianças ponha o pé em seu monte santo, muito menos permitirá que qualquer pensamento de falsidade ou infidelidade entre em seu próprio e santíssimo coração.

Pergunta. Mas como posso saber quando ajo assim com fé na oração?

Quatro regras para saber se agimos com fé na oração ou não

(1.) *Regra.* Podemos saber se agimos com fé pela serenidade e compostura de nossos espíritos após a oração. A fé pode viver em uma tempestade, mas não permitirá que uma tempestade viva dentro dela. À medida que a fé se eleva, o vento impetuoso dos pensamentos descontentes e perturbadores se aquieta. Na mesma proporção em que há fé no coração, há também paz. Elas estão unidas: "o sossego e a confiança" (Is 30:15) — "em voltar-se e descansar sereis salvos; no sossego e na confiança estará a vossa força". Por isso é chamada de "paz no crer" (Rm 15:13). Mesmo onde ela é mais fraca, não deixará que a inquietude do coração passe sem uma repreensão: "Por que estás abatida, ó minha alma? Espera ainda em Deus" (Sl 42:5, 11). O quê! Mal a alma se levanta de joelhos e já se mostra clamorosa! Não apresentaste o teu lamento a um Deus capaz de te ajudar, e isso não te trará alívio? A fé descarrega a alma na oração daquilo que a oprime; ao passo que a alma incrédula continua carregando a causa de sua perturbação, porque não teve forças para lançar fora as suas dores e rolar os seus cuidados sobre Deus no dever. Cristão, levas de volta da oração o mesmo fardo em tuas costas que trouxeste para ela? Certamente te faltou fé para tirá-lo de teus ombros. Se a fé estivesse ali, e estivesse ativa e viva, ela o teria depositado em outro lugar, e te traria de volta com o coração leve: como Ana, que se levantou da oração "e comeu, e o seu semblante não era mais triste" (1Sm 1:18); e como Cristo, que se ajoelhou com um coração tão entristecido quanto o de qualquer outro, mas saiu com uma santa coragem para ir e encontrar a morte que se aproximava e seus inimigos sanguinários que já estavam a caminho para prendê-lo.

"Levantai-vos", diz ele aos seus discípulos, "vamos; eis que é chegado o que me trai" (Mt 26:46). Não nos deveria envergonhar pensar que podemos sair menos satisfeitos da presença de Deus do que às vezes saímos da presença de um homem comum? Se fôsseis pobres e tivésseis um amigo rico que vos dissesse para enviar os vossos filhos a ele, pois ele proveria para eles; não aliviaria isso a vossa mente de todas as vossas preocupações e pensamentos ansiosos quanto ao sustento deles? E não promete Deus mais do que isso quando nos ordena: "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplica, com ação de graças" (Fp 4:6)?

(2.) *Regra.* Continuas a orar mesmo quando Deus continua a negar? Um coração incrédulo pode ter algum entusiasmo inicial, mas certamente cansará em uma longa jornada. A fé lançará a rede da oração repetidas vezes, enquanto Deus ordenar e a promessa encorajar. O galgo caça pela vista: quando não consegue ver a sua presa, desiste de correr; mas o verdadeiro cão de caça guia-se pelo faro: caça por cima de cercas e fossas, embora não veja a lebre que persegue ao longo de todo o dia. Um coração incrédulo pode ser atraído a orar diante de algumas probabilidades visíveis e esperanças sensíveis de uma misericórdia que se aproxima; mas, quando estas saem de vista, o seu coração desfalece. A fé, contudo, mantém o faro da promessa e não desiste da busca.

(3.) *Regra.* Limitas a Deus, ou podes confiar nele para responder à tua oração à maneira dele, sem as tuas prescrições? Quando lidamos com um homem de cuja capacidade ou fidelidade duvidamos, esforçamo-nos para nos segurar prendendo-o aos nossos termos. Mas, se estamos seguros de seu poder e verdade, deixamo-lo por sua própria conta. Assim, o

paciente manda chamar o médico, deseja a sua ajuda, mas deixa-o prescrever a receita. O comerciante envia as suas mercadorias ao seu agente e confia nele para obter os retornos que a sua sabedoria lhe disser que alcançarão o melhor mercado. Assim, a alma que crê, quando expõe o seu coração a Deus na oração, entrega-se à bondade, sabedoria e fidelidade de Deus para trazer uma resposta: "Lembra-te de mim, Deus meu, também nisto", disse Neemias, "e perdoa-me segundo a abundância da tua misericórdia" (Ne 13:22). Vede aqui: este homem bom ousa ser o devedor de memória de Deus, mas não ousa ser o seu conselheiro ou prescritor. Ele remete a modelagem da resposta à "abundância da sua misericórdia". Disto se segue que, de qualquer modo que Deus se manifeste, a alma crente lhe dá as boas-vindas.

Ora ele por saúde e não a alcança? No entanto, bendiz a Deus pelo sustento sob a doença. Ora ele por seus filhos e estes, não obstante, provam ser uma provação? Ainda assim ele encontra resposta por outro caminho e com isso se satisfaz. Após muitas orações que Davi sem dúvida apresentou por sua família, encontramo-lo acolhendo a resposta a essas orações com o espírito composto, embora elas não tivessem entrado pela porta da frente, ou seja, trazendo a misericórdia de forma literal: "Ainda que a minha casa não seja tal para com Deus, contudo estabeleceu comigo uma aliança eterna..." (2Sm 23:5); e isto, diz-nos ele, é "toda a sua salvação e todo o seu desejo". De fato, um crente não pode perder os seus desejos: "Ele cumprirá o desejo dos que o temem" (Sl 145:19), porque eles desistem daqueles desejos que colidem com a vontade de Deus. Quem poderia orar com mais fervor por seus filhos do que Jó o fez? Ele estava diante de Deus por eles todos os dias; mas, após todo o seu cuidado religioso por eles, depara-se com tristes notícias e

ouve que foram feitos sacrifício pela morte aqueles por quem ele oferecera tantos sacrifícios a Deus; contudo, ele não acusa tolamente a Deus, nem diz que foi em vão que orou. Não, aquele unguento não se perdeu, cujo aroma foi derramado em sua própria alma, de cuja postura podemos ler uma resposta graciosa, na graça sustentadora que o capacitou a amar e bendizer a Deus sobre a sepultura de seus filhos mortos.

(4.) *Regra.* Pelo comportamento da alma em relação aos meios empregados para obter a misericórdia pedida.

(a.) Se oraste com fé, isso te moverá a usar outros meios além da oração. Nota como o apóstolo une estas coisas: "Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor; alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração" (Rm 12:11-12). Assim como a fé usa as suas asas da oração para voar ao céu, da mesma forma usa os seus pés do dever e da obediência, com os quais caminha e se esforça na terra.

(b.) A fé te fará, ao usares os meios, ser criterioso quanto aos meios que usas para obter o que pedes a Deus na oração. A fé é uma graça operante, mas não se deixará pôr a trabalhar por ninguém senão por Deus. "Estou no caminho de Deus?", pergunta a fé. "É este o meio que ele designou?". Se não for, ela se desvia dele, desdenhando trabalhar com qualquer das ferramentas do diabo. "Deus nunca poderá responder à minha oração", diz o crente, "com o auxílio do meu pecado. Se as riquezas forem boas para mim, não preciso pagar o preço de adquiri-las com uma mentira ou uma fraude. Se a saúde for uma misericórdia, ele pode enviá-la, ainda que eu não me consulte com os médicos do diabo. Se for alegria e consolo, não há necessidade de sintonizar a música do diabo. Se os tempos forem

maus, ele pode me esconder sem que eu corra para debaixo das vestes deste ou daquele grande homem por meio de lisonja vil e dissimulação". Quando Esdras confiara a si mesmo e à sua companhia a Deus — então em marcha rumo a Jerusalém — por um dia solene de jejum e oração, e fizera um santo orgulho de seu Deus, do que ele faria por aqueles que o buscam, considerou impróprio para a sua fé professada, e também desonroso para o seu Deus, a quem tanto engrandecera aos ouvidos do rei persa, implorar tropas armadas como escolta para eles em seu caminho, para que a sua fé não fosse suspeita de ser uma bravata vazia e confiança sem fundamento: "Porque tive vergonha de pedir ao rei exército e cavaleiros para nos defenderem do inimigo no caminho; porquanto tínhamos falado ao rei, dizendo: A mão do nosso Deus é sobre todos os que o buscam, para o bem deles" (Esdras 8:22).

(c.) Se ages com fé na oração, a tua fé não apenas te fará criterioso quanto aos meios que usas, mas cuidadoso e zeloso em usar os meios que Deus escolhe para ti. Terás medo de que o meio se coloque diante da luz de Deus, roubando a tua confiança nele para que confies no próprio meio. A fé te ensinará a usar os meios como ordenança de Deus, mas a confiar em Deus para abençoá-los. Enquanto a mão da fé está no arado, o seu olho está no céu. *Annus non ager facit fructum* [É o ano, não o campo, que faz a colheita] — as influências do céu, não o cultivo do lavrador, fazem o ano frutífero. Às vezes o médico receita um pó a ser tomado com vinho ou cerveja. Ora, não é a cerveja ou o vinho que cura, mas o pó, que apenas é usado para transportá-lo e levá-lo ao estômago. Assim, a misericórdia nos é entregue pela bênção de Deus no uso dos meios; contudo, não penses que os meios o fazem, mas a bênção de Deus misturada a eles e neles infundida.

(d.) Se ages com fé na oração, assim como serás cuidadoso em aproveitar os meios quando Deus os provê, da mesma forma não suspenderás a tua fé quando Deus os nega. A alma que crê não ousa confiar nos meios quando os tem; portanto, não ousa desconfiar de Deus quando carece deles. A fé sabe que, embora Deus use meios, ele não necessita de nenhum. O sol e as chuvas são os meios que ele usa para o crescimento da grama e das ervas; contudo, ele fez com que estas brotassem da terra antes que houvesse sol ou chuva (Gn 1:11). O arado e a semeadura são os meios ordinários pelos quais o homem é provido de pão; contudo, ele alimentou Israel com pão sem o esforço e a agricultura deles. Navios são os meios para nos transportar sobre os mares; contudo, Deus levou Israel através do Mar Vermelho sem navio ou barco. Pode ser que os tempos estejam difíceis e sejas pobre; a tua responsabilidade é grande e as tuas entradas pequenas; com a viúva no profeta, estás preparando o último bolo com a pouca farinha que resta. Para a razão e os sentidos, deves mendigar, roubar ou morrer. Consegues agora, ao orares ao teu Deus, esperar pela sua promessa que te diz: "verdadeiramente serás alimentado" (Sl 37:3); e por sua providência, que registra o seu cuidado com os pardais expressamente para nos assegurar que ele muito mais proverá para os seus filhos? Ou, pelo menos, repreendes o teu coração por seus temores desconfiados após orar, exortando-o a esperar em Deus, a quem apresentaste o teu lamento? Na verdade, se o teu coração não tem algum apoio em Deus após o dever para o firmar, mais do que tinha antes em teu aperto; ou não tens fé, ou, se tens fé, não a exercestes naquela oração. A verdadeira fé ou expelirá estes abatimentos do coração, ou ao menos protestará contra eles.

Satanás deseja impedir o sucesso das orações, impedindo que o santo creia que elas foram ouvidas

Segunda via de impedimento. Chegamos agora ao segundo estratagema que Satanás usa para impedir o sucesso da oração do cristão, o qual chamei de impedimento ou fracasso parcial desta, quando a oração em si não se perde — o que ocorre apenas quando ela não encontra aceitação diante de Deus —, mas quando o cristão não crê na terra que a sua oração foi ouvida no céu, embora na verdade tenha sido. Ao questionar isso, porém, ele perde o retorno daquela paz presente que, de outro modo, lhe seria paga pela expectativa de sua resposta certa com um retorno alegre. Como um comerciante que dá o seu navio por perdido, quando na verdade ele está seguro e ricamente carregado (apenas esperando por um vento favorável); ele, por não saber ou não crer nisso, entrega-se a tanta perturbação e tristeza como se fosse na verdade o que temia. A fantasia e a imaginação, mesmo quando destituídas de fundamento e razão, são capazes de produzir efeitos reais e consequências tristes na mente dos homens. A falsa notícia da morte de José causou tanta dor ao velho Jacó, sim, até mais, do que se o tivesse visto morto e o tivesse acompanhado ao sepulcro. O carcereiro, pelo temor de que seus prisioneiros tivessem escapado e ele devesse responder por eles, ter-se-ia matado, caindo sobre a própria espada, se Paulo não tivesse bradado a tempo: "Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos" (At 16:28).

E, na verdade, os nossos temores incrédulos não têm menos poder sobre os nossos corações. Eles roubam do cristão a alegria de sua vida — e o homem não passa de um pedaço azedo de argila quando esta se vai. Não é o orar, mas o crer na oração ouvida que alegrará o coração e trará um semblante radiante. Ana frequentemente orava; estava familiarizada com aquela

obra por muitos anos; contudo, nunca teve o fardo de seu espírito retirado até que teve fé de que seria atendida. Sim, além disso, os temores incrédulos enfraquecem o espírito da oração. Aquele que pouco espera da oração não será muito dedicado a ela. O comércio mais bem cuidado é aquele que se espera render o melhor pagamento por todo o esforço aplicado. "Quem há também entre vós", diz Deus, "que feche as portas por nada? E não acendereis o fogo do meu altar debalde" (Ml 1:10). O lavrador lança a sua semente livremente porque semeia em esperança; e a sua semente mais preciosa em sua terra mais fértil porque ali espera encontrá-la novamente com o maior incremento. Isto fez com que Davi apreciasse tanto o trabalho da oração que nunca o abandonaria: "Orei, e o Senhor ouviu, portanto invocá-lo-ei enquanto viver". Como um comerciante que, vendo o seu doce lucro entrar constantemente, converte todos os seus bens em estoque, da mesma forma Davi se dedica inteiramente à oração: "Em paga do meu amor são meus adversários", mas *ani tephillah* [eu era oração] (Sl 109:4). Esta foi a única arma que levantei para minha defesa contra todas as setas deles. Ao passo que a incredulidade trai a alma a muitos pensamentos indignos de Deus, os quais refletem tristemente sobre o seu nome, de modo a enfraquecer a sua reputação nos pensamentos da criatura e levá-la ao desuso deste dever ou a uma execução sem esperança dele, e disso Satanás gosta imensamente. Quando um comerciante pensa que as suas mercadorias se extraviaram, torna-se logo desconfiado de seu agente, questionando o seu cuidado, fidelidade ou capacidade de despachar o seu negócio. Tais sussurros ouviremos, se escutarmos os nossos corações incrédulos às vezes, quando as nossas orações não fazem uma viagem tão curta e rápida quanto desejamos. Foi uma acusação pesada a que Jó apresentou contra Deus — embora tenha vivido para ver que tinha pouca razão

para isso; sim, depois acusou-se a si mesmo por acusar a Deus —: "Clamo a ti, e não me respondes; estou em pé, e não atentas para mim" (Jó 30:20). Este homem santo estava agora tão bem nos livros de Deus e era tão grande favorito dele como sempre; contudo, a tal ponto Satanás se infiltrara nele que o fizera dar ouvidos àqueles falsos relatos que trazia a respeito de Deus — aproveitando-se de sua presente providência nublada para colorir as suas calúnias, de modo que ele começou a dar crédito a este mentiroso. Ora, se isto pôde se tornar uma pedra de tropeço para Jó, quanto mais podes temer tropeçar nela? Seja o teu cuidado contra-atacar Satanás nesta sua trama maldosa contra Deus e contra ti. Certamente não deveria ser uma ninharia que te fizesse abandonar as tuas orações e abrir mão de um empreendimento tão rico como o que tens navegando neste barco. Esaú traz a marca de "profano" por abrir mão tão barato de sua herança. Se és um crente, és um herdeiro da promessa e, entre as promessas, esta não é a menor: que tudo o que pedirdes em nome de Cristo, crendo, recebereis. Ora, assemelha-se demais à profanidade de Esaú abrir mão desta parte de tua herança — o que não podes fazer sem acusar a fidelidade de Deus que te deu uma propriedade na promessa.

Recomendamos grandemente a Jó pela sua resolução heróica em outra ocasião: "Longe de mim que eu vos justifique; até que expire, nunca afastarei de mim a minha integridade" (Jó 27:5). Quanto mais deverias dizer a Satanás: "Longe de mim que eu te justifique, demônio perverso, ou à tua falsa acusação contra o meu Deus; apegando-me-ei à sua integridade e fidelidade até que eu morra". Certamente Daniel, que arriscou a sua vida antes que deixar de orar, teria aberto mão de mil vidas antes que dar as suas orações por perdidas e com isso manchar o bom nome de

Deus, cuja fidelidade se compromete a retornar cada oração de fé com uma resposta graciosa ao seio do santo.

Mas, para melhor vos fortificar contra este designio de Satanás, inquiramos sobre alguns daqueles argumentos com os quais Satanás — abusando da credulidade do cristão — o conduz a esta tentação, se não para concluir absolutamente, ao menos para debater e questionar em seu coração de forma incrédula se a sua oração foi ouvida ou não. Reduzi-los-ei a três cabeças. Primeiro: O primeiro argumento pelo qual ele traz escrúpulos ao cristão e nutre os seus temores incrédulos é extraído daquelas enfermidades pecaminosas que se apegam à sua pessoa e à sua oração. Segundo: Outro argumento é extraído do comportamento de Deus para com ele durante e após a oração. Terceiro: O último é extraído da providência comum de Deus, que concede as mesmas coisas aos ímpios sem que estes orem, as quais os santos recebem orando.

ARGUMENTOS DE SATANÁS para fazer o crente duvidar de que a sua oração foi ouvida

Argumento 1. O primeiro argumento pelo qual Satanás gostaria de fazer o cristão perder o apreço por si mesmo e pelo seu dever é tomado daquelas enfermidades pecaminosas que se apegam a ambos — tanto à sua pessoa quanto à sua oração. Com isso, ele visa anular a esperança do santo de qualquer acolhida favorável que a sua oração tenha encontrado no céu. "O quê! As tuas orações gajas farão música nos ouvidos de Deus? Sujará o Senhor os seus dedos com os teus deveres manchados? Se fosses um Samuel ou um Daniel e pudesses reivindicar o teu lugar entre aqueles heróis que são renomados pelo serviço eminente que prestaram a Deus em sua geração, então poderias esperar ter o ouvido de Deus atento à tua petição; mas tu, infelizmente, és um

jovem frágil, uma criança rebelde, em quem se encontra mais pecado do que graça, e pensas ser ouvido?". Na verdade, embora este argumento pese pouco, não tendo base alguma no teor da aliança — cujos privilégios não são exclusivos de alguns favoritos mais eminentes na graça do que os seus irmãos, mas permanecem abertos a toda a família, sendo "uma salvação comum" e "fé igualmente preciosa" de que todos os santos participam —; contudo, é o grande fantasma com o qual muitos deles são assustados.

Uma palavra ou duas, portanto, para te armar contra este argumento. Apenas com esta premissa — que devo dar por certa —: que essas enfermidades pecaminosas são lamentadas e não toleradas por ti (isso de fato transformaria a enfermidade em presunção); bem como que não negligencias aplicar os meios mais eficazes para a cura delas — embora, como em doenças hereditárias, todos os remédios que tomes não te livrarão perfeitamente delas aqui —; concedido isto, para o teu consolo sabe que as tuas orações não são tão ofensivas a Deus quanto o são a ti mesmo. As tuas orações passam por tal refino na mediação de Cristo que o seu mau odor é retirado.

Surge o teu escrúpulo das falhas pecaminosas de tua conversa diária e caminhada cristã? Para remover isto, observa como o Espírito de Deus, quando apresenta Elias como uma pessoa cujas orações são extremamente prevalentes com Deus, não o descreve pela transcendência de sua graça acima dos outros, mas pelas suas enfermidades semelhantes às deles: "Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós e, orando, pediu que não chovesse, e... não choveu" (Tg 5:17). Como se Deus dissesse: "Se eu fosse tão minucioso em meu exame, como temeis, a oração de Elias teria sido barrada, pois ele não carecia de suas enfermidades". Quantas falhas encontramos no

comportamento impróprio de Davi perante Aquis, pelo qual foi expulso da presença do rei sob a acusação de loucura? No entanto, a sua oração naquele momento, quando traiu tantas preocupações incrédulas, encontrou favor com Deus: "Busquei ao Senhor, e ele me respondeu; livrou-me de todos os meus temores" (Sl 34:4). Lê o título e o encontrarás: "Salmo de Davi, quando mudou o seu semblante perante Abimeleque, que o expulsou, e ele se foi".

São as enfermidades pecaminosas que te escapam no dever da oração? Podes encontrar mais em qualquer oração que apresentes do que as que estavam na dos discípulos, por ser tão curta? — onde exerceram tão pouca fé que Cristo a chama de "nenhuma fé" (Mc 4:40): "Por que sois tão tímidos? Como não tendes fé?". Sim, eles oram a Cristo e o repreendem no mesmo fôlego: "Mestre, não se te dá que pereçamos?". No entanto, Cristo pôde encontrar a sinceridade oculta, como Saul, no meio da bagagem de suas enfermidades, e atendeu ao seu pedido. É verdade que ele os repreendeu, mas é igualmente verdade que ele repreendeu também o vento. A promessa de Deus para ouvir a oração não será anulada pela fraqueza do santo na oração. Sim, para o teu maior consolo, sabe que, quanto menos poder estas fraquezas tiverem para abalar ou perturbar o teu espírito na expectativa de uma resposta graciosa, tanto mais grato Deus o receberá de tua mão. "Abraão", diz a Escritura, "creu, não atentando para o seu próprio corpo amortecido, nem para o amortecimento do ventre de Sara"; e por isso foi altamente elogiado, porque com isso glorificou significativamente o poder de Deus, crendo que a indisposição física deles não seria obstáculo algum para ele. Na verdade, será altamente aprazível a Deus se puderes confiar — não vacilando diante de tuas indisposições espirituais e daquele amortecimento do teu

coração que surge como uma grande objeção em teus pensamentos contra o sucesso de tua oração —; pois por isso dás a Cristo tanto a honra de sua morte, pela qual ele adquiriu este livre acesso para as tuas fracas orações ao trono da graça, quanto também a de sua intercessão, que as clarifica de todas as suas misturas pecaminosas.

Argumento 2. Satanás extrai o seu argumento do comportamento de Deus para com a alma durante e após a oração. Neste argumento, há três coisas nas quais ele comumente insiste — para com elas criar perturbação nos pensamentos do cristão: (1.) O silêncio de Deus, o qual ele gostaria que o cristão interpretasse como desdém ou desprezo para com ele e a sua oração. (2.) Os semblantes severos de Deus, dos quais gostaria que ele concluísse que nem ele nem o seu dever são aceitos. (3.) O fato de Deus não conceder a misericórdia de forma literal; e isto, diz ele ao cristão, equivale a uma negação.

O que no comportamento de Deus para com um cristão após a oração Satanás distorce

(1.) O silêncio de Deus após a oração. Assim como os homens ímpios às vezes pecam e Deus silencia, o que os torna audazes a ponto de pensar que Deus aprova a eles e ao seu caminho; da mesma forma, às vezes uma alma piedosa ora, e Deus guarda silêncio também aqui; e a pobre alma começa a temer que nem a sua pessoa nem o seu dever sejam aprovados por Deus. Ora, Satanás, sabendo quais pensamentos estão propensos a surgir no próprio coração do cristão, intervém e alia-se com o inimigo íntimo do cristão, trabalhando para confirmá-lo nestes seus temores incrédulos.

Para te desembaraçar e ajudar a sair deste espinheiro, recebe estas instruções:

(a.) *Aprende a distinguir entre Deus ouvir e ele responder à oração do santo.* Cada oração fiel é ouvida e faz um relato aceitável aos ouvidos de Deus assim que é disparada; mas Deus nem sempre a responde rapidamente. O pai, ao ler a carta de seu filho — que vem porventura em alguma missão de súplica —, agrada-se do pedido; o seu coração se une a ele e ali se concede a outorga; mas ele toma o seu próprio tempo para enviar o seu despacho e fazer o seu filho saber disso. Os reis têm os seus livros de memórias, nos quais escrevem os nomes de seus favoritos a quem pretendem promover, talvez alguns anos antes que o seu gracioso propósito se revele a eles. O nome de Mardoqueu permaneceu no livro de Assuero algum tempo antes que a sua honra lhe fosse conferida. Assim Deus registra os nomes de seus santos e as suas orações: "O Senhor atentou e ouviu; e havia um memorial escrito diante dele, para os que temem ao Senhor, e para os que se lembram do seu nome" (Mt 3:16). Mas eles não ouvem falar de Deus em sua resposta providencial, porventura, por muito tempo depois. Abraão ora por um filho e é ouvido, mas quantos anos se interpõem antes que ele o tenha em seus braços? Na verdade, tantos que ele vai a Agar — em parte pelo conselho de sua esposa e por sua própria fraqueza — para obter por vias transversas aquilo de que o próprio Deus se encarregara.

Tem cuidado, cristão, para não seres levado por esta tentação a questionar se Deus te ouve pelo fato de não ouvires falar dele imediatamente. Sê paciente, e verás que, quanto mais tempo uma misericórdia passa antes de sua entrega, mais perfeita ela virá à luz no final. Deus deu uma resposta rápida a Abraão por seu filho Ismael: "Quem dera que vivesse Ismael diante de teu rosto!". "Quanto a Ismael, também te tenho ouvido", diz Deus (Gn 17:18, 20). De fato, ele floresceu e se

estendeu em uma grande nação antes que o tronco de Isaque sequer brotasse. Quão pequeno era o número da família de Jacó ao descer para o Egito! Mas, quando o prazo do compromisso de Deus estava quase expirando e o tempo da promessa se aproximava, então Deus pagou juros pela sua demora. Ninguém ganha mais no trono da graça do que aqueles que negociam a prazo e conseguem aguardar mais tempo pelo pagamento de uma misericórdia.

(b.) Considera que, quando encontras o mais profundo silêncio na providência de Deus a respeito da coisa pedida, então tens uma resposta audível na promessa. Não digas, portanto: "Quem subirá ao céu para te trazer informações se a tua oração chegou segura lá e teve audiência favorável aos ouvidos de Deus?". O próprio Deus te poupou deste trabalho: a promessa te satisfará, a qual te assegura que, se a oração estiver devidamente qualificada, não poderá encontrar o coração de Deus fechado contra ela. "A oração eficaz do justo pode muito" (Tg 5:16). Tão seguros têm estado os santos disso que, antes de qualquer sinal da providência ter sido ouvido para lhes trazer a notícia de uma misericórdia vinda, eles tomaram posse da alegria sob o crédito da nova promessa e banquetearam-se com as esperanças daquilo que aguardavam, mas ainda não haviam recebido, à custa e encargo da fidelidade de Deus, com a qual a promessa é selada: "Em Deus louvarei a sua palavra" (Sl 56:4). Nota a expressão. Ele não tinha ainda a misericórdia desejada, apenas uma palavra de promessa de que ela viria. Ora, considerando o poder e a verdade de Deus, o promitente, ele está tão alegre como se estivesse em posse dela, e paga os seus louvores antes de Deus realizar a promessa.

(2.) A segunda coisa que Satanás colhe do comportamento de Deus para com o cristão, para com isso

trazer a audição de sua oração em dúvida em seus pensamentos ansiosos, são os seus semblantes severos contra o cristão. Não se pode negar que às vezes um amado santo de Deus pode sair do dever com o coração dolorido, em razão das tristes impressões de um Deus irado deixadas em seu espírito. E, quando assim ocorre com o cristão, o tempo de Satanás chegou, pensa ele, para conduzi-lo a esta tentação, persuadindo-o de que ele pode ler qual acolhida a sua oração teve nas mãos de Deus na linguagem de seu semblante e de seu comportamento para com ele. "Se Deus", diz ele, "tivesse ouvido a tua oração, tratar-te-ia assim? Certamente que não; ele antes te tomaria em seus braços e te beijaria com os beijos de sua boca, do que assim te pisotearia sob os seus pés. Tu deverias ter tido setas de amor lançadas de seu olho compassivo, para indicar os propósitos de sua graça, e não flechas pontiagudas com a sua ira para se cravarem em tua alma e assim consumirem o teu próprio espírito. Podem ser estas as feridas de um amigo? É este o comportamento de quem te quer bem?". Esta foi a tentação que desorganizou os pensamentos de Jó e amargurou o seu espírito (Jó 9:17). Ele não podia crer que Deus respondera à sua oração "porque ele me quebranta com uma tempestade". Como se a misericórdia de Deus viesse sempre na voz mansa e delicada, e nunca no redemoinho! Ora, neste caso, recebe esta dupla palavra de CONSELHO.

Conselho (a). Indaga se esta tempestade não vem para encontrar algum Jonas em teu navio; se ela te surpreende pecando, ou comprazendo-te em algum pecado passado não arrependido; ou se a tua consciência, diligentemente ouvida, testemunha que és sincero em tua caminhada, embora cercado de muitas fraquezas. Se ela te surpreende em uma viagem de fuga, como a de Jonas, ou em uma caminhada errante com o

pródigo longe da casa de teu pai, então de fato tens razão para questionar — sim, está além de qualquer questão — que uma oração aceitável nesta postura não pode brotar de teus lábios. O quê! Fugir de Deus e depois enviar-lhe as tuas orações! Isto é desejar a misericórdia para a gastares em teus deleites. Mas se, após uma busca fiel, constatares que esta tempestade te surpreende no caminho do dever e no exercício de tua sinceridade, como a tempestade que encontrou os discípulos no mar — quando, ao comando de Cristo, eles se lançaram às águas —, então não te desanimes. Pois é comum que Deus assuma o disfarce de um semblante irado e use de linguagem dura quando o seu coração está decidido por caminhos de misericórdia e planeja amor para com o seu povo. Jacó, como sabes, lutou arduamente e por muito tempo antes que a vitória se inclinasse para o seu lado. E a mulher cananea foi repelida como um cão com palavras duras, mas no fim foi reconhecida por Cristo como uma filha amada e enviada de volta com o desejo de seu coração satisfeito. A sinceridade não precisa temer mal algum da parte de Deus. Esta mesma consideração manteve a cabeça de Jó acima da água em outra ocasião (Jó 16:12). Ali encontramos Deus segurando-o pelo pescoço, despedaçando-o, por assim dizer, e colocando-o como seu alvo. Mas, no versículo 17, o que sustentou o seu espírito atribulado foi o fato de que tudo aquilo lhe sobreveio enquanto caminhava em obediência: "Sem que haja violência nas minhas mãos, e sendo pura a minha oração". Pelo que ele ergue a sua confiança: "Eis que também agora a minha testemunha está no céu, e o meu fiador nas alturas. Os meus amigos zombam de mim; mas os meus olhos derramam lágrimas diante de Deus" (v. 19-20). O santo homem não foi, apesar de tudo isso, afugentado do trono da graça, mas continuou olhando para Deus, ainda que com lágrimas nos olhos, esperando boas novas no final, depois de tanto sofrimento. E nós

temos respaldo para fazer o mesmo. "Se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus" (1Jo 3:21). E isto me conduz ao segundo conselho que tenho para te dar.

Conselho (b). Indaga se, sob estes semblantes severos de Deus, ainda há um espírito de oração operando em ti. Talvez não possas negar que o teu coração, em vez de ser afugentado do dever, é antes estimulado por essas provações a lamentar após o Senhor com suspiros e gemidos mais incessantes, e a orar com mais sentimento e fervor. O espírito de oração sustentado em ti pode dar-te a certeza de duas coisas:

[1.] *Que a nuvem de ira que parece pairar na testa de Deus não está em seu coração.* Não passa de um véu tênue, através do qual a tua fé pode ver o mover de suas entranhas de misericórdia para contigo. A presença do Espírito de Deus operando de tal modo em uma alma não pode coexistir com a sua ira real. Se a sua ira estivesse acesa, esta chama em ti estaria apagada. Ele logo faria regressar este seu embaixador da paz, ou pelo menos suspenderia e retiraria o seu auxílio. Quando aquela triste brecha ocorreu entre Deus e Davi no caso de Urias, o coração de Davi ficou imediatamente desajustado; a sua "mão direita esquecera-se da sua destreza" e o espírito de oração recebera um triste golpe em seu coração. Onde se encontra o salmo que foi escrito por Davi naquele *interregnum* [interregno], por assim dizer, de sua graça? Não digo que ele nunca tenha orado durante todo o tempo em que esteve submerso naquele pecado; mas aquelas orações não eram dignas de se unirem aos santos suspiros daquele Espírito que o movera antes de sua queda e após a sua restauração. E, portanto, o bom homem, quando pelo arrependimento voltou a si — como quem se recupera de uma doença perigosa que por um tempo lhe retirara os sentidos —, começa a sentir-se fraco e

a perceber quão enfraquecido em si mesmo fora o Espírito da graça por causa de seu pecado, o que o faz rogar tão veementemente que Deus "renove nele um espírito reto" e "não retire dele o seu Santo Espírito" (Sl 51:10-11). O Espírito é uma misericórdia tão seleta e peculiar que, se podes encontrar atuações vivas de sua graça em ti — e onde são elas mais sensivelmente sentidas do que na oração, ajudando a alma com gemidos inexprimíveis? —, não podes, por questão de razão, pensar que Deus não é teu amigo, ainda que de momento a tua alma esteja em trevas profundas como a meia-noite.

[2.] Pode assegurar-te de que o ouvido dele está aberto ao teu clamor quando a sua face está oculta aos teus olhos. Pois considera apenas quem é este Espírito que assim te ajuda na oração e te fornece toda a tua munção espiritual com a qual tanto instas e bates contra o trono da graça. Não é ele alguém que conhece a mente de Deus? E que não teria parte em uma petição que não devesse ser bem-vinda no céu? Tendo, pois, este auxílio do Espírito, não duvides de tua aceitação junto ao Pai. Em uma palavra, o Espírito que te ajuda em teus gemidos e suspiros na oração não é outro senão aquele Deus a quem oras; e acaso Deus negará a si mesmo? Creio ser isto parte, se não a parte principal, do significado da Escritura: "Não disse à descendência de Jacó: Buscai-me em vão" (Is 45:19). Isto é, sempre que estímulo uma alma a orar e a capacito com o meu Espírito a realizá-lo com sentimento, fervor e de modo santo, isso é sempre com um propósito. Deus nunca disse a ninguém: "Buscai-me em vão".

(3.) A terceira coisa da qual Satanás se aproveita para gerar escrúpulos na mente do cristão a respeito da aceitação de sua oração é a negação da misericórdia de forma literal pela qual orou. Estamos bastante propensos a ter tais pensamentos por nós mesmos, e Satanás não deixará de alimentar qualquer

mau humor que se mova em nós. Ou, se os nossos corações parecem pacificados com este procedimento de Deus, ele tem os seus caminhos e astúcias para evocar este espírito maligno de descontentamento e incredulidade. Com esta missão ele enviou a esposa de Jó, para fazê-lo pensar e falar mal de Deus: "Ainda reténs a tua sinceridade?" (Jó 2:9). Como se ela dissesse: "O quê! Estás em tua antiga lida? — ainda orando e louvando a Deus? Não vês quão pouco ele se importa contigo ou com o teu serviço a ele? O que ganhaste com toda a tua devoção? Não se foi a tua propriedade? Não foram teus filhos mortos e sepultados em uma mesma cova, e tu mesmo deixado como um pobre e repugnante parálítico? — servindo a tua vida para nada mais senão para te fazer sentir a tua miséria presente e alimentar-te de tuas provações passadas?".

De fato, requer-se uma boa compreensão da natureza das promessas e dos diversos caminhos que Deus toma para cumpri-las, para nos capacitar a decifrar uma resposta a partir da negação da coisa pela qual oramos. No entanto, tal "bom entendimento têm todos os que cumprem os seus mandamentos" (Sl 111:10). Eles podem inocentar a Deus e justificar a sua fidelidade em todos os seus procedimentos, embora, quando ele vem a responder às suas orações, escolha não entrar por aquela porta que eles abriram em seus próprios pensamentos e esperanças para ele, nem trilhar os passos exatos de seus desejos expressos. Todo o salmo contém um testemunho dado à fidelidade de Deus em suas obras providenciais, das quais, embora um olho carnal e superficial — devido aos mistérios nelas ocultos — se escandalize e se ofenda, contudo a alma graciosa, por sua observação e investigação mais cuidadosa delas, encontra uma doce harmonia entre elas e a promessa, e por isso conclui: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria;

bom entendimento têm todos os que cumprem os seus mandamentos; o seu louvor permanece para sempre". Eles, possuindo uma chave para o caráter de Deus, podem ler a caligrafia de sua providência e, assim, são capazes de louvá-lo — sabendo-o fiel — quando outros estão prontos para amaldiçoá-lo.

Mas, para te ajudar a sair ou te guardar de cair nesta tentação, debes em primeiro lugar considerar qual misericórdia é essa que Deus te nega. Não é ela do tipo de bênçãos que não são necessárias para a tua felicidade como santo? Tais são todas as misericórdias temporais. O reino de Deus não consiste em comida nem em bebida. Não encontrarás uma negação absoluta para nenhuma outra bênção; ele nos ordenou que não aceitemos negação quanto ao seu amor e favor, graça e glória: "Buscai ao Senhor e a sua força; buscai a sua face continuamente" (Sl 105:4) — isto é, não sejais repelidos quanto a estas coisas, mas vivei e morrei à porta de Deus até que ele vos traga esta esmola. Pois bem, daremos por certo que se trata de uma misericórdia temporal que te é negada. Agora, quando fores tentado a questionar o amor de Deus ou a aceitação de tua oração, permite-me pedir que peses esta **TRÍPLICE CONSIDERAÇÃO**.

Consideração (a). Considera quão mal Deus pode receber esta tua atitude; e isto sob um duplo aspecto. [1.] Que suspeites do amor dele por uma questão tão insignificante e trivial como são os prazeres temporais desta vida, os quais ele considera não terem valor suficiente para serem colocados na promessa de outra forma que não seja como subsidiários às bênçãos espirituais e eternas da aliança: "Buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6:33) — isto é, conforme delas necessitardes. Ele as acrescenta às outras bênçãos mais

grandiosas, como um comerciante faria com o barbante, o papel ou um novelo de seda em um lote de ricas mercadorias que um cliente lhe compra. Supõe que um filho pedisse dinheiro ao seu pai para comprar algum brinquedo ou ninharia que lhe agrade à cabeça jovem, mas o pai lhe nega a coisa. Se, agora, o filho saísse proclamando em praça pública, para a vergonha de seu pai, que este não o ama nem se importa com ele — embora não lhe falte comida nem vestuário —, seria isso bem recebido pelo pai? Isto fazes tu, cristão, neste caso, embora não penses assim; e não tem o teu Pai celestial mais razão para questionar o teu amor por manchares o seu bom nome, do que tu para suspeitares do dele pela negação que te fez? Mas, além disso, [2.] Ele pode receber mal o fato de teres difamado a sua sabedoria. Não há outro caminho senão este para o Deus sábio mostrar o seu amor e responder à tua oração? Não pode ele negar a saúde e dar a paciência? — retirar os teus bens e transformá-los em contentamento? — ensinando-te a ser humilhado e a bendizer a Deus por teres sido abatido. Aquele que te fará tão feliz no céu, onde poucas das coisas deste mundo serão vistas, não pode tornar a tua vida confortável na terra sem algumas delas?

Consideração (b). Considera como oraste quando te deparaste com esta negação. Oraste de forma peremptória e absoluta, ou condicionalmente, com submissão à vontade de Deus? Se oraste peremptoriamente, estavas fora da regra, e és a causa de tua oração ter retornado sem o seu propósito. Deus não ouvirá, nem suportará, orações impositivas. Aquele que exige ter uma misericórdia temporal, se a obtém, pode receber junto uma maldição espiritual, mas certamente receberá uma provação temporal. Assim Dalila provou ser para Sansão, que não quis aceitar o conselho de seus pais, mas insistiu em tê-la, custasse o que custasse: "Toma-me esta, porque ela agrada aos meus olhos"

(Jz 14:3). Mas ele pagou caro por sua escolha. Talvez tal emprego te agrade muito. O teu coração carnal está enamorado dele; e isso te põe a orar desordenadamente por ele. Ah, pobre criatura, se o tivesses, o que farias com ele? Deitarias ingenuamente a tua cabeça em seu regaço e permitirias que ele embalasse a tua graça até adormecer, para depois te entregar nas mãos de algum pecado e juízo! Mas, se dizes que oraste com um espírito submisso, sob a condição de que agradasse a Deus tanto quanto a ti mesmo; se assim foi, por que então agora retratas a tua oração, visto que Deus declarou a sua vontade de que não é bom para ti ter o teu desejo? Não te deixarás decidir por aquele a quem te remeteste? Não tens razão para pensar que Deus toma o melhor caminho para ti? Não há uma única oração apresentada que Deus não pese e pondere, por assim dizer, e então o seu amor põe a sua sabedoria a trabalhar para trazer um retorno que seja o mais proveitoso para a sua própria glória e para o bem de seu filho. Ora, sendo o produto de tão infinita sabedoria e amor, deves aquietar-te nele, sim, bendizer a Deus por ele. Assim fez Davi em um grande aperto: "Deus meu, eu clamo de dia, e tu não me ouves" (Sl 22:2). Pois bem, o que Deus ouve dele agora que ele nada ouve de Deus (quanto ao livramento pedido)? Nenhuma murmuração ou cavilação contra os procedimentos de Deus — pelo contrário, ele ouve o oposto; pois ele justifica e louva a Deus: "Porém tu és santo, tu que habitas entre os louvores de Israel" (v. 3).

Consideração (c). Observa se não podes extrair algo do modo como Deus nega a coisa pedida que possa adoçar essa negação para ti. Talvez constates que ele te nega, mas o faz com um semblante sorridente, e introduz a negação com alguma expressão de graça e favor que te assegura que a negação não procede de desagrado. Como farias com um amigo querido que

talvez viesse te pedir emprestada uma soma em dinheiro — emprestar não ousas, porque vês claramente que não é para o bem dele. Mas, ao dar-lhe a negação, para que ele não a interprete mal, como se procedesse de falta de amor e respeito, tu a introduces com alguma linguagem de sincero afeto para com ele, como que o amas e por isso lhe negas, e estarás pronto para fazer por ele mais do que aquilo que ele pede. Assim Deus às vezes envolve as suas negações em doces e suaves sugestões de seu amor que evitam que quaisquer ciúmes surjam no coração de seu povo. Quando a Davi foi negado edificar um templo para Deus, como era o desejo de seu coração, Deus deu-lhe um amplo testemunho de seu afeto, de quão altamente aceitara a sua boa vontade nisso. Embora ele não devesse edificar um templo para ele, o seu desejo foi recebido com tanta bondade que Deus edificaria para ele uma casa que duraria para sempre.

Assim, às vezes um ministro fiel ora fervorosamente para que Deus abençoe os seus labores para a conversão de seu povo, e lhe é negado; contudo, sugestões do amor de Deus para com a sua pessoa são concedidas, com a promessa de que, de qualquer modo, "o seu galardão está com o Senhor". De modo que a sua oração, embora negada quanto a eles, retorna com paz ao seu próprio peito. Outro ora apaixonadamente: "Oh, se eu pudesse ver Jerusalém uma habitação tranquila, e que a verdade e a paz florescessem em seus dias!". Isto, talvez, não é concedido, porque o seu desejo antecipa o período que Deus fixou em seu propósito para o cumprimento de sua promessa à sua igreja: mas ele com tudo isso manifesta o seu amor para com ele e expressa quão altamente valoriza o seu amor pela igreja. Assim Deus fez com Daniel, a quem um anjo foi enviado para fazê-lo saber quão boa acolhida a sua oração tivera, e que ele era um homem "muito amado" de Deus (Dn 9:21). O mesmo ocorre em relação a

misericórdias temporais. Talvez estejas pleiteando com Deus por livramento desta provação e daquela aflição, e isso te é negado, mas uma mensagem acompanha a negação que a compensa em dobro. Talvez alguns doces influxos de seu amor ele derrame em teu peito, ou a certeza de socorros oportunos que te serão enviados para te capacitar a enfrentar a situação com fé e vitória. Assim Deus tratou Paulo: "A minha graça te basta" (2Co 12:9). Espero que agora não digas que a tua oração se perdeu. Quando Saul buscou as jumentas de seu pai, foi ele prejudicado ao encontrar um reino em lugar delas? As santas mulheres que foram ao sepulcro para ungir o corpo de Jesus com suas especiarias não perderam o seu trabalho, embora o tivessem encontrado ressuscitado. Pensas que elas ficaram tristes por causa disso? O que são todos os prazeres do mundo comparados com as misericórdias espirituais e o consolo das promessas que encontras em tua busca por Deus? Não tanto quanto o corpo morto de nosso Salvador ressuscitado. Não encontras algum conforto de criatura morta, mas te deparas com os abraços de um Deus vivo.

Argumento 3. A terceira e última coisa com que Satanás engana o cristão, para fazê-lo duvidar da aceitação de sua oração e também para questionar, quando uma misericórdia lhe é concedida após a oração, se ela vem como uma resposta graciosa ou não, é extraída da providência comum de Deus, que concede as mesmas coisas aos ímpios sem que estes orem, as quais os santos recebem orando. Pergunta Satanás: "Como sabes que as tuas misericórdias vêm a ti como resposta à tua oração, e não pela porta da providência comum como ocorre com os outros?". Para te libertares deste laço, debes saber que não devemos esperar meios extraordinários para determinar isto, mas devemos nos dar por satisfeitos com a luz que a Palavra de Deus

nos oferece, a qual é capaz de resolver não apenas esta, mas todas as nossas dúvidas de consciência. É verdade que Deus às vezes insere tais circunstâncias que trazem consigo a evidência de que a misericórdia voa para nós nas asas da oração. Como quando, diante da oração do servo de Abraão junto ao poço por uma conduta graciosa de Deus e ajuda para despachar prosperamente o assunto de seu senhor, Rebeca prontamente aparece e, pelo seu comportamento bondoso e convite, responde perfeitamente ao molde de sua oração, assim como a fechadura se ajusta à chave feita para ela. Aqui o céu declarou aos seus próprios sentidos que a sua oração encontrara o caminho correto para o céu. Quando, mediante a oração, a misericórdia é assim concedida de modo estranho e repentino, sem o concurso de causas secundárias — sim, quando todas elas jazem sob uma visível sentença de morte, e a coisa é colocada além da capacidade de sua esfera de ação —, aqui não há rival para competir com a oração. Assim foi quando os apóstolos curavam os doentes mediante uma breve oração lançada ao céu — sem que se consultasse sequer o parecer de um médico para a cura. Quando Pedro bateu à porta onde a igreja estava orando por ele, o que senão a oração prendeu os sentidos de seus guardas tão firmemente nas correntes do sono, e fez com que as algemas com que Pedro estava atado caíssem sem que nenhuma mão humana ajudasse, senão a do céu? O que fez a porta de ferro tão solícita em se abrir para ele que não tinha chave na mão para destrancá-la? Certamente devemos confessar: a oração abriu a porta do céu, e o céu, diante da oração da igreja, abriu a porta da prisão.

Contudo, é igualmente verdade que, mais comumente, as misericórdias que são alcançadas pela oração não vêm com esta pompa e evidência. Mas, assim como a graça que converte frequentemente se infiltra no coração de alguns com menos

terror e ruído de humilhação do que ocorre com outros; da mesma forma, na verdade, as respostas na oração vêm mais comumente com mais silêncio e no caminho ordinário, pelo auxílio concorrente de causas secundárias. Como, por exemplo, quando o cristão ora pelos provimentos temporais desta vida, Deus responde à sua oração abençoando a sua diligência em sua vocação. O cristão doente que ora tem o seu alimento e remédio inteiramente santificados, e assim se recupera. Ora, embora Deus tenha se reservado a liberdade de enviar as suas misericórdias por mãos secundárias ou, quando lhe apraz, de ser ele mesmo o mensageiro e trazê-las de modo extraordinário com a sua mão imediata; contudo, ele não nos deu a liberdade de abandonar o caminho ordinário e negligenciar os meios, sob o pretexto de esperar caminhos extraordinários para alcançar os nossos desejos. Ora, quanto a este caminho ordinário de conceder misericórdias em resposta à oração, estas duas coisas devem ser investigadas:

(1.) *Indaga se tu, que apresentaste a oração, estás em um estado de aliança.* Quando Deus concede uma misericórdia em resposta à oração, diz-se que ele "se lembra da sua aliança" (Sl 105:42 em comparação com o v. 8) e que ele "lembrar-se-á sempre da sua aliança" (Sl 111:5). O seu olhar repousa primeiro na pessoa, observando quem ela é, se é seu filho ou não, e então o seu ouvido se abre ao seu clamor: "Os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos, atentos ao seu clamor" (Sl 34:15). "Quem és tu, meu filho?", disse Isaque a Jacó, antes de lhe dar a bênção. Se Deus vê que não és o seu filho — e os seus olhos não são turvos como os do velho Isaque para que possa ser enganado —, a tua oração não é aceita. Na verdade, nem podes, nesse estado, orar no sentido do evangelho, nem Deus pode acolher graciosamente a tua oração; pois o espírito de oração é

uma graça da aliança, e o interesse na mediação de Cristo é um privilégio da aliança, sem os quais nenhuma oração é aceita. Deus não ouve a ninguém que não tenha o seu Espírito para orar neles e o seu Filho para orar por eles; e ninguém tem estas coisas senão os que estão em um estado de aliança.

(2.) *Indaga qual era a tua disposição de coração no dever da oração, e também após a sua realização.* O fato de não estares em um estado de aliança provará que a tua oração não foi ouvida e, conseqüentemente, que a misericórdia recebida não veio como uma resposta graciosa a ela; mas o estares em um estado de aliança é um fundamento insuficiente para que concluas que esta oração particular que agora apresentas é aceita, porque pode intervir algo que impeça o benefício presente deste privilégio que está anexo ao teu estado de aliança. Pois, embora o teu estado seja bom, a tua disposição e comportamento presentes podem ser maus. Podes, embora sejas um filho de Deus, estar sob culpa recente e contaminação ainda não arrependida. Ora, neste caso, Deus pode fechar a sua porta sobre o seu próprio filho. Tens, de fato, *jus in re* [o direito à coisa], mas não *aptitudinem ad rem* [a aptidão para a coisa] — como santo, tens direito a todas as promessas da aliança e a esta de ter o ouvido de Deus aberto às tuas orações entre as demais; mas, como és um santo sob culpa ou sob a contaminação de qualquer pecado do qual ainda não te arrependeste, não estás apto para desfrutar daquilo a que tens direito como santo. Deus não te deserda, de fato, mas ele sequestra a promessa de ti, e os rendimentos dela não te serão pagos até que renoves o teu arrependimento e fé no Senhor Jesus para o perdão do pecado. O teu Deus escolherá um momento mais oportuno do que este para manifestar o seu amor para contigo. O leproso sob a lei devia manter-se afastado enquanto se purificava; e assim o teu

Deus virará as costas à tua oração até que estejas limpo de teu pecado.

Novamente, supõe que és um santo e não te contaminaste assim com qualquer pecado grosseiro, contudo as tuas graças podem não ter sido exercidas no dever da oração; talvez tenhas orado, mas nenhuma fé ou fervor foram aplicados nisso. Pode haver graça no coração, mas nenhuma no dever; e tal oração não terá êxito. A promessa é para o santo que age com fé e fervor na oração: "A oração eficaz do justo pode muito" (Tg 5:16); "Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração" (Jr 29:13).

Por fim, embora tenhas sido despertado na oração, talvez o teu coração não tenha sido elevado para confiar em Deus após a oração pela resposta. Oramos em fé quando nos apegamos a Deus pela fé na oração de tal modo que esperamos e nos apoiamos em Deus por um retorno de misericórdia da parte dele. Ora, reunindo todas estas coisas, podes chegar à solução da questão em questão. Se estás em um estado de aliança e não permaneces em nenhum pecado conhecido sem arrependimento — se oras fervorosamente e exerces fé em Deus, de modo a apoiar a tua alma em Deus por uma resposta, embora acompanhado de muitas fraquezas e vacilações —, verdadeiramente podes, sem presunção, concluir que a misericórdia que te encontra desta maneira ordenada esperando em Deus vem como uma resposta graciosa à tua oração. Não tememos abrir uma carta quando encontramos o nosso nome no cabeçalho direcionando-a a nós. Examina as promessas e verás que estão direcionadas por nome a ti que oras assim.

DIRETRIZ 11 — SEGUNDA PARTE GERAL

COMO REALIZAR O DEVER ORDENADO — UM DIRETÓRIO PARA A ORAÇÃO

*"Orando em todo tempo com toda oração e
súplica..."*

(Efésios 6:18)

Tendo tratado do dever da oração em geral, passamos agora a expor os diversos ramos da exortação; os quais, juntos, compõem um excelente DIRETÓRIO para o cristão realizar da melhor forma este dever. De fato, o apóstolo aqui não ensina apenas o cristão a orar, mas o ministro a pregar, uma vez que ele não lhes diz meramente qual é o seu dever — deixando-os entregues à sua própria habilidade na condução deste —, mas, para que lhes facilite o dever, ele anexa tais direções e de tal modo baliza o modelo para eles que não falharão facilmente na execução deste. Aquele pregador que insiste em um dever — embora com o maior zelo —, mas não traça o caminho de como ele deve ser realizado, é como quem leva um homem a uma porta que está trancada e lhe diz para entrar na casa, mas não lhe dá chave alguma para abri-la; ou como quem envia uma tripulação ao mar, mas não lhe concede carta de navegação pela qual deva guiar o seu curso. Mas passemos às direções. São seis: PRIMEIRA. O tempo para a oração — "orando em todo tempo". SEGUNDA. Os tipos ou espécies de oração — "com toda oração e súplica". TERCEIRA. O princípio interno da oração de onde ela deve fluir — "no Espírito". QUARTA. A guarda a ser estabelecida em torno do dever da oração — "vigilando nisto". QUINTA. A constância incansável a ser exercida no dever —

"com toda perseverança". SEXTA. A abrangência do dever ou as pessoas por quem devemos orar — "por todos os santos".

Começaremos com a primeira.

PRIMEIRA DIVISÃO — O TEMPO PARA A ORAÇÃO

"Orando em todo tempo"

Começaremos com a primeira direção, que aponta para o tempo de realização do dever da oração — "sempre" ou "em todo tempo". Esta expressão "em todo tempo" tem uma tríplice importância: PRIMEIRA. Orar "em todo tempo" equivale a dizer: "orai em tudo", conforme a passagem do mesmo apóstolo em outra epístola: "Em tudo, pela oração e súplicas, com ação de graças, apresenteis as vossas petições a Deus" (Fp 4:6). SEGUNDA. Orar "em todo tempo" pode significar tanto quanto orar em todas as circunstâncias. TERCEIRA. Orar "em todo tempo" é orar diariamente.

Tríplice significado da expressão "orando em todo tempo"

PRIMEIRA. Orar sempre é orar em tudo. A oração é um dever universal com o qual, como um cinto, devemos abranger todos os nossos afazeres. Ela deve ser como o pão e o sal em nossa mesa: o que quer que tenhamos em nossa refeição, estes não são esquecidos de ser colocados; o que quer que façamos ou desejemos ter, a oração é necessária, seja pequeno ou grande. Não como os pagãos, que oravam aos seus deuses por algumas coisas e por outras não. Se pobres, oravam por riquezas; se doentes, por saúde; mas, quanto às boas qualidades da mente,

tais como a paciência, o contentamento e outras virtudes, achavam que podiam prover muito bem por si mesmos, sem incomodar os seus deuses para ajudá-los. O poeta parece ter sido desta opinião:

Hoc satis est orare Jovem, qui donat et aufert.

Det vitam, det opes; animum mî aequum ipse parabo

[Basta pedir isso a Júpiter, que dá e tira:

Que dê vida, que dê riquezas; a mente equilibrada eu mesmo providenciarei].

Oh, como é orgulhosa a ignorância! Que Deus dê o menor, e o homem fará o maior.

Mas a tolice deles não é tanto de se admirar quanto a irreligião de muitos entre nós, que professam conhecer o verdadeiro Deus e têm a luz de sua Palavra para direcioná-los sobre qual culto prestar-lhe. Alguns são tão brutos em seu conhecimento que dificilmente oram a Deus por qualquer coisa; outros, por tudo. Talvez olhem para o perdão do pecado e a salvação de suas almas — como frutos nos ramos mais altos de uma árvore — fora do alcance de seus próprios braços e, por isso, de vez em quando apresentam algumas orações superficiais a Deus por eles. Mas, quanto às coisas temporais, que parecem pender mais baixo, julgam poder colhê-las por sua própria indústria, sem precisar erguer a escada da oração para alcançá-las. Quem visse alguns — quão ocupados estão em traçar os seus planos e quão raramente estão em oração — não poderia senão pensar que esperavam a sua segurança de sua própria astúcia, e não da providência de Deus. Ou, se observassem quão arduamente trabalham em sua oficina e quão raros e preguiçosos são na oração em seu quarto pedindo a bênção de Deus sobre o seu trabalho, deveriam concluir que esses homens prometem a

si mesmos os seus bens mais de seu próprio trabalho do que da generosidade divina.

Em uma palavra, é alguma grande ocasião que deve levá-los de joelhos diante de Deus em oração. Talvez, quando têm um empreendimento extraordinário em mãos, no qual esperam forte oposição ou grande dificuldade, em tal caso Deus os terá batendo à sua porta — pois agora estão no limite de suas forças e não sabem para onde se voltar —; mas, quanto às ações mais comuns e ordinárias de suas vidas, acham que podem satisfazer o seu senhor conforme os seus prazeres e, assim, passam pela porta de Deus sem solicitar a sua presença ou auxílio. Assim, um corre para a sua oficina e outro para o campo, e não tomam conhecimento de que Deus esteja interessado em seus afazeres. Se for para fazer uma longa viagem por mar ou terra, onde perigos e riscos eminentes se apresentam aos seus pensamentos, então Deus tem a companhia deles; mas, se for para ficar em casa ou caminhar de um lado para o outro em seus afazeres comuns, eles não solicitam que a asa providencial de Deus os cubra. Isto não é "orar sempre". Se queres, portanto, ser um cristão, não dividas assim as coisas com Deus, confiando as maiores transações de tua vida a ele e cuidando tu mesmo das menores; mas "reconhece o Senhor em todos os teus caminhos, e não te estribes no teu próprio entendimento" em nenhum deles (Pv 3:5-6). Com isto lhe darás a glória de sua providência universal, com a qual ele cerca todas as suas criaturas e todas as ações delas. Assim como nada é grande demais para estar acima de seu poder, nada é pequeno demais para estar abaixo de seu cuidado. Ele é o Deus dos vales bem como o Deus dos montes. O pardal na cerca e o fio de cabelo em nossa cabeça são cuidados por ele; e isto não é mais depreciativo para a sua gloriosa majestade do que o foi criá-los no início. Na verdade, por meio

disto, não apenas darás a Deus a sua glória, mas te protegerás, pois não há passo em toda a tua vida tão minuto e insignificante que — se Deus retirasse o seu cuidado e providência — não pudesse ser ocasião de pecado ou perigo para ti. E aquilo que te expõe a tais coisas exige que engages Deus para a tua defesa.

Primeiro. O menor acontecimento em tua vida pode provar ser ocasião de pecado para ti. Por qual pequeno vão de porta, muitas vezes, um grande pecado entra, vemo-lo diariamente. O olho de Davi apenas pousou casualmente sobre Bate-Seba, e o pé do bom homem logo se viu na armadilha do diabo. Não tens, pois, necessidade de orar para que Deus estabeleça uma guarda sobre os teus sentidos por onde quer que fores? E de clamar com ele: "Desvia os meus olhos de contemplarem a vaidade" (Sl 119:37)? Diná foi apenas fazer uma visita às suas vizinhas, "as filhas da terra" — o que não passava de uma cortesia comum —; e podemos imaginar que ela pouco pensou, ao sair, em agir como prostituta antes de voltar para casa; contudo, infelizmente, lemos como ela foi desonrada! Que necessidade tens, pois, antes de saíres, de confiar a Deus a tua guarda, para que assim estejas em seu temor desde a manhã até a noite!

Segundo. Não há passagem de tua vida tão pequena em que não possas cair em algum grande perigo. Quantos foram sufocados com o próprio alimento à sua própria mesa? Quantos receberam um golpe mortal de uma viga de sua própria casa? Sabes qual será o fim de qualquer ação quando a inicias? José foi enviado por seu pai para ver seus irmãos no campo, e nenhum deles pensava em uma viagem mais longa; no entanto, isso provou ser a triste ocasião de seu cativoiro em uma terra estranha. Os servos de Jó foram destruídos com raios do céu quando estavam fora tratando dos negócios de seu senhor. Onde

podes estar seguro se os olhos do céu não estiverem sobre ti? Um escorregão do teu pé enquanto caminhas, ou um tropeço do teu cavalo enquanto cavalgas, pode quebrar os teus ossos, sim, até o teu pescoço. Oh, que necessidade, então, de um Deus para tornar plano o teu caminho diante de ti! É ele quem "preserva os homens e os animais" (Sl 36:6); e podes ter fé para esperar a sua proteção quando não tens o coração para solicitá-la em tuas humildes orações das mãos dele? Que razão tem Deus para se importar com a tua segurança, se tu não te importas mais com a honra dele?

SEGUNDA. Orar "sempre" ou "em todo tempo" pode significar tanto quanto orar em todas as circunstâncias; isto é, na prosperidade bem como na adversidade. Assim o entende Calvino: *omni tempore perinde valet, atque tam prosperis quàm adversis* [vale igualmente para todo tempo, tanto nas coisas prósperas como nas adversas]. De fato, quando Deus nos aflige, ele coloca uma oportunidade especial para a oração em nossas mãos; mas, quando ele amplia o nosso estado próspero, ele não nos desobriga do dever, como se pudéssemos então deixá-lo de lado, como o viajante faz com o seu manto quando o tempo está quente. A oração não é uma vestimenta de inverno. Ela deve ser usada nessa estação, de fato; mas não deve ser deixada de lado no verão da prosperidade. Se quiseses encontrar alguns em oração, debes esperar até que troveje e relampeje; não vás a eles a menos que seja em meio a uma tormenta ou tempestade. Estes são como certas aves que nunca são ouvidas a clamar ou a fazer barulho senão quando o tempo está ruim ou prestes a fechar. Isto não é orar sempre; não é servir a Deus, mas servir-nos de Deus; é visitar a Deus não como um amigo pelo amor de sua companhia, mas como um mero mendigo pelo alívio de nossa necessidade presente; usando a oração como dizem que aquele

papa usava a pregação: como uma rede para capturar alguma misericórdia de que carecemos, e, quando o peixe é pego, jogar fora o dever. Pois bem, cristão, tem cuidado com isso; tens ARGUMENTOS suficientes para manter este dever sempre em atividade, seja qual for a tua condição.

POR QUE devemos orar EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS

Primeiro. Ora na prosperidade, para que tenhas êxito quando orares na adversidade. Reconhece a Deus agora, para que ele te reconheça então. Será bem-vindo para nós aquele amigo que nunca nos faz uma visita senão quando vem para pedir emprestado? Este é um truque típico de mendigo, mas não é papel de amigo.

Segundo. Ora na prosperidade, para provares a ti mesmo que não oraste em hipocrisia quando foste afligido. Uma única oração agora será uma evidência melhor de tua sinceridade do que todo um conjunto de deveres realizados na adversidade. As cores são mais bem discernidas e distinguidas pela luz do dia do que pela luz da vela à noite. Tenho certeza de que a verdade e a simplicidade de nossos corações no dever serão mais bem descobertas na prosperidade. Na aflição, até mesmo as almas piedosas têm escrúpulos em seus espíritos de que estão buscando a si mesmas. A dor e o sofrimento, temem elas, fazem-nas clamar; até que se lembram de que o seu conhecimento com Deus não começou em sua aflição, mas que elas tinham prazer em sua companhia antes que esses apertos as forçassem a ele.

Terceiro. Ora na prosperidade, para que não sejas enredado por ela. Efraim e Manassés eram irmãos, e assim são

a fartura e o esquecimento — o significado de seus nomes. A prosperidade não é amiga da memória; por isso somos tanto advertidos a ter cuidado quando estivermos cheios, para que não nos esqueçamos de Deus: *magnus vir est cui praesens faelicitas si arrisit non irrisit* [grande homem de fato é aquele a quem a prosperidade presente, se lhe sorriu, não o iludiu] (Bernardo). Oh, quão difícil é contentar-se com ela e não ser enredado por ela! "O vinho", diz Salomão, "é escarnecedor" (Pv 20:1); ele logo envergonha aquele que é ousado demais com ele. A prosperidade faz o mesmo. Um pouco dela nos embriaga, e então não sabemos o que fazemos. Esta tem provado ser frequentemente uma hora de tentação para os melhores homens. Verás na Escritura que os santos sofreram as suas quedas mais tristes nos terrenos mais planos. Noé, que vira o mundo inteiro afogado em água, mal chegou a uma terra firme e segura e já se viu afogado em vinho. O coração de Davi estava firme no deserto; mas o seu olho cobiçoso moveu-se e vagou quando estava no terraço de seu palácio. Saúde, honra, riquezas e prazeres, com os demais desfrutes deste mundo, são como vinho adocicado. Não conseguimos beber pouco deles, de tão doces que são ao nosso paladar carnal; e não conseguimos suportar muito deles, porque são fortes e inebriantes, subindo à cabeça em forma de orgulho e confiança carnal. Ora, a oração é um excelente preservativo contra o mal deste estado.

1. Pois ela espiritualiza a nossa alegria em ação de graças. É a alegria carnal que é cheia de impurezas e, por isso, logo se corrompe. Ora, assim como a oração na aflição refina a tristeza do cristão ao expressá-la em santos gemidos a Deus, pelos quais ele é guardado de queixas pecaminosas contra Deus e de murmurações contra ele; da mesma forma aqui, o cristão, ao dar uma vazão espiritual à sua alegria em ações de graças e

louvores ao seu Deus, é preservado da degeneração da alegria carnal, que trai a alma induzindo-a a muitos pecados graves, se ela própria já não for um deles. É para este propósito que o apóstolo Tiago abre este duplo canal para este duplo afeto correr: "Está alguém entre vós aflito? Ore. Está alguém contente? Cante louvores" (Tg 5:13). Como se dissesse: "Que a alma aflita ore, para que não murmure. Que o santo alegre cante louvores, para que a sua alegria não se torne sensual". Um coração carnal pode facilmente estar alegre e jubiloso quando prospera; o santo, apenas, é cheio de louvor. O salmista, falando dos marinheiros livres das tempestades no mar, que ameaçavam o seu naufrágio, diz: "Então se alegram, porque se aquietaram" (Sl 107:30). Mas eles podem estar assim e, no entanto, não serem agradecidos. Por isso ele acrescenta o seu santo desejo: "Oh, que os homens louvassem ao Senhor pela sua bondade!" (v. 31).

2. Pela oração, a alma é conduzida ao conhecimento de deleites mais elevados do que os que se encontram em todos os seus desfrutes temporais e, por isso, é afastada de uma avaliação desordenada deles, porque sabe onde melhores prazeres podem ser obtidos. A verdadeira razão pela qual os homens se enchem de uma opinião excessivamente elevada das felicidades mundanas é a sua ignorância das espirituais.

3. A oração é a ordenança de Deus para santificar os confortos que as criaturas nos proporcionam. Tudo é "santificado pela palavra de Deus e pela oração" (1Tm 4:5). Ora, uma vez obtido isso, o cristão pode beber com segurança destas correntes. O unicórnio colocou agora o seu chifre nelas para curá-las; Satanás não terá tanto poder para corrompê-lo no uso delas como teria com outro que não solicita a bênção de Deus sobre elas. Há uma vaidade e uma superfluidade em cada

criatura que, se não corrigidas pela oração, geram humores indigestos naquele que delas se alimenta.

Quarto. Em tua prosperidade, ora para demonstrares a tua dependência de Deus pelo que desfrutas. Tu reténs todas as tuas misericórdias *in capite* [diretamente do soberano] — aquele que te deu a vida mantém a tua alma em vida. "Escondeste o teu rosto", diz Davi, "e fiquei perturbado" (Sl 30:7). Na verdade, já é tempo de Deus retirar a sua mão quando tu tentas anular o título dele. Aquele desfrute que não é acolhido pela oração não passa de um hóspede de passagem. Salomão nos fala das asas que as nossas misericórdias temporais possuem (Pv 23:5). Ora, se alguma coisa pode cortar essas asas e impedi-las de voar para longe, essa coisa é a oração. Deus frequentemente teria destruído Israel, mas Moisés colocou-se na brecha; as misericórdias deles estavam frequentemente prontas para voar, mas as orações daquele homem santo detiveram o seu voo. O coração de Deus não permitiria que ele passasse por cima da oração dele e a envergonhasse. Não; eles viverão. Mas digam eles que a oração de Moisés suplicou pela vida deles. Ora, se a oração de uma pessoa santa pôde valer por outras e obter uma nova concessão para as vidas daquelas que, em sua maioria, não eram das melhores; certamente, então, la oração de um santo pode ter grande poder com Deus em favor de si mesmo. Longa vida é prometida àquele que honra o seu pai terreno. A oração presta ao nosso Pai celestial a maior honra. Se, portanto, queres ter a tua vida, ou a vida de qualquer misericórdia, prolongada, não te esqueças de pagar-lhe este tributo. Sim, se queres transmitir aquilo com que Deus te abençoou à tua posteridade, o melhor caminho que podes tomar é guardar os teus bens nas mãos de Deus pela oração. Qualquer que seja o testamento que faças, Deus certamente será o teu executor. O homem pode propor e

planejar, mas Deus dispõe. Engaja-o, e o cuidado com a tua posteridade estará garantido.

Quinto. Ora agora, para que possas sobreviver à perda de tua prosperidade. Quando a oração não puder prevalecer para manter viva uma misericórdia temporal contigo, contudo ela terá uma poderosa influência para manter vivo o teu coração quando aquela misericórdia morrer. Oh, é triste quando os bens de um homem e o seu consolo são sepultados na mesma cova! Ninguém suportará a perda de um privilégio tão pacientemente quanto aquele que se exercitou na oração enquanto o possuía. Quando Jó estava em seu estado próspero, com seus filhos vivos e todos os seus outros desfrutes, era ele um grande negociante com Deus neste dever. Ele "santificava" os seus filhos todos os dias. Ele não se gloriava neles, mas buscava a bênção de Deus para eles; e vê quão confortavelmente ele suporta tudo: "O Senhor o deu, e o Senhor o tomou: bendito seja o nome do Senhor" (Jó 1:21). Quanto mais Davi orava por seu filho enquanto vivo, menos lágrimas chorou por ele quando morreu.

TERCEIRA. Orar "sempre" ou "em todo tempo" é orar diariamente. Quando o cristão mantém um exercício diário e constante deste dever, a oração não é um trabalho para dias festivos, mas para todos os dias: "Cada dia te bendirei, e louvarei o teu nome pelos séculos dos séculos" (Sl 145:2). Isto estava tipificado no "sacrifício diário", chamado por isso de "holocausto contínuo" (Êx 29:38); pelo qual se significava a nossa necessidade diária de buscar misericórdia das mãos de Deus por meio de Cristo. Quando o nosso Senhor ensinou os seus discípulos a orar, ele não lhes disse para pedir pão para uma semana, não, nem para o dia seguinte, mas para o dia presente: "O pão nosso de cada dia nos dá hoje" (Mt 6:11) — significando claramente o nosso dever de buscar o nosso pão de Deus a cada

dia. Este certamente foi também o fim pelo qual Deus deu o maná em uma porção tal que não enchesse os seus armários nem lhes fornecesse estoque para um mês ou uma semana, mas que fosse a medida justa — *demensum* [ração diária] e subsistência suficiente para um dia —, para que assim fossem mantidos em uma dependência diária de Deus e olhassem diariamente para ele, que guardava a chave da despensa deles. E não temos nós as mesmas necessidades que eles tinham? Nossos corpos são tão fracos quanto os deles e não podem ser preservados sem uma refeição diária. Não dependemos dele para o pão do dia e para o descanso da noite? E tem uma opinião boa demais sobre a constituição de sua alma aquele que pensa que ela pode viver ou vicejar com a refeição de ontem, sem renovar a sua comunhão com Deus hoje. A mãe pensaria que o seu filho de peito não está bem se ele deixasse o peito por um dia inteiro; da mesma forma podes concluir que a tua alma não está correta se consegue passar um dia sem desejar qualquer sustento espiritual na oração. Se as tuas carências não forem suficientes para manter a carruagem deste dever em atividade, contudo os pecados que diariamente renovas deveriam compelir-te a confessá-los e a pedir perdão por eles todos os dias.

Estamos sob uma lei que nos proíbe de deixar o sol se pôr sobre a nossa ira contra o nosso irmão. E ousamos nós, que a cada dia merecemos a ira de Deus, deixar o sol se pôr antes que aquela controvérsia entre Deus e nós seja resolvida? Em uma palavra, cada dia traz as suas novas misericórdias: "As suas misericórdias não têm fim; novas são cada manhã" (Lm 3:22-23). Estas novas misericórdias contraem uma nova dívida, e Deus nos disse o modo de pagamento, a saber, um tributo de louvor. Sem isto, não podemos esperar um uso santificado delas. É rotulado por todos como profano aquele que come o seu

alimento e não dá graças. E seria considerada uma desculpa ridícula se ele dissesse que deu graças ontem e que isso deveria servir para esta refeição também. Temos mais misericórdias a cada dia para bendizer a Deus do que aquilo que é colocado em nossas mesas. Nós vestimos misericórdias; respiramos misericórdias; caminhamos sobre misericórdias; toda a nossa vida não passa de uma passagem de uma misericórdia para sermos recebidos por outra. Assim que um prato é retirado, outro é posto para que um novo banquete seja servido. Ora, se Deus a cada dia unge a nossa cabeça com óleo fresco, não deveríamos nós coroá-lo com novos louvores? Não entrarei em uma discussão sobre quantas vezes um cristão deve orar em um dia. No mínimo deve ser duas vezes, ou seja, de manhã e à noite. A oração deve ser a chave da manhã e a fechadura da noite. Não nos mostramos cristãos se não abrimos os nossos olhos com a oração quando nos levantamos, e se não os fechamos novamente com a mesma chave quando nos deitamos à noite. Isto corresponde ao sacrifício da manhã e da tarde na lei, o qual, no entanto, era ordenado de modo a deixar espaço para aquelas outras ofertas voluntárias que o zelo deles pudesse inspirá-los a fazer. Ora tantas vezes quanto quiseses além destas, contanto que as tuas devoções não colidam com os deveres necessários de tuas vocações particulares; quanto mais frequentemente, mais bem-vindo serás. Lemos sobre as "sete vezes no dia" de Davi (Sl 119:164). Mas certifica-te de não reduzir e cortar as horas que estabeleceste para Deus. "Bom é", diz o salmista, "render graças ao Senhor... para de manhã anunciar a tua benignidade, e todas as noites a tua fidelidade" (Sl 92:1-2). Deus é o Alfa e o Ômega. É justo que comecemos e terminemos o dia com o seu louvor, ele que o começa e o termina para nós com a sua misericórdia.

Bem, cristão, vês o teu dever claramente colocado diante de ti. Assim como gostarias que Deus prosperasse o teu trabalho de dia e adoçasse o teu descanso de noite, une a ambos com as tuas devoções matutinas e vespertinas. Aquele que não tem o cuidado de consagrar a porção de tempo devida a Deus pela manhã não apenas rouba a Deus o que lhe é devido, mas é um ladrão para consigo mesmo durante todo o resto do dia, ao perder a bênção que uma oração fiel poderia trazer do céu sobre os seus empreendimentos. E aquele que fecha os olhos à noite sem orar deita-se antes de sua cama ser arrumada. Ele é como um capitão tolo em uma guarnição, que se recolhe ao seu descanso antes de ter estabelecido a guarda para a segurança da cidade. Deus é o guardião de seu povo; mas pode aquele que não confia à divina providência a sua guarda esperar ser guardado por ele? Os anjos, ao seu comando, acampam-se ao redor das habitações de seus santos. Mas assim como o tambor convoca a guarda, da mesma forma Deus espera que, pela humilde oração, supliquemos dele o ministério e a assistência deles ao nosso redor. Encerrarei este discurso com uma advertência a ser observada em vosso exercício diário deste dever.

Advertência. Cuidado para que a tua prática diária e constante deste dever não degenere em uma formalidade sem vida. O que fazemos comumente, estamos propensos a realizar de modo ordinário e superficial. Raro é o cristão que mantém o seu curso de oração e, no entanto, não cai no costume de orar por mera rotina. O poder da religião não pode ser preservado sem uma forma externa e uma ordem observadas em seus exercícios; e, no entanto, muito difícil é não se tornar formal naqueles deveres com os quais lidamos diariamente. Muitos que são muito asseados e caprichosos quando vestem o seu traje de festa são, contudo, desleixados demais ao usar as suas roupas do

dia a dia. Assim, em um jejum ou no Dia do Senhor, os nossos corações talvez sejam despertados para alguma solenidade e espiritualidade condizentes com o dever da oração, sentindo-nos intimidados pela santidade do tempo e pelo peso extraordinário da obra; mas, infelizmente, em nossos deveres diários somos superficiais e desleixados demais.

Ora, esforça-te, cristão, com todas as tuas forças, para manter a vida e o vigor de teu espírito em tuas aproximações diárias de Deus. Sê tão cuidadoso em aguçar as tuas graças antes de tua oração como o és em abrir o apetite antes de tua refeição. Trabalha para chegares tão faminto a este dever como o fazes para almoçar e jantar. Ora, não há recurso para isto como uma guarda santa estabelecida sobre o teu coração em todo o curso de tua vida. Aquele que vigia o seu coração o dia todo tem maior probabilidade de encontrá-lo pronto e a tempo para a oração à noite. Ao passo que uma caminhada desregrada gera uma oração preguiçosa. Lembra-te frequentemente durante o dia de qual trabalho te espera à noite. Deves te aproximar do teu Deus, e isto te fará temer fazer qualquer coisa durante o dia que te indisponha ou te faça temer uma repreensão de teu Deus quando te apresentares diante dele. Aquela passagem do apóstolo é digna de observação: "E, se invocais por Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo a obra de cada um, andai em temor, durante o tempo da vossa peregrinação" (1Pe 1:17). Como se dissesse: "Quereis orar? Então atentai para todo o curso de vossa caminhada, para que seja no temor de Deus; do contrário, tereis pouca disposição para vos dedicardes a essa obra, e tão pouca esperança de que ele vos dê as boas-vindas, pois ele julga todas as pessoas que oram, não apenas por suas orações, mas por suas obras e conduta".

SEGUNDA DIVISÃO — OS TIPOS DE ORAÇÃO

"Com toda oração e súplica"

Segue-se o segundo ramo no diretório do apóstolo para a oração, o qual diz respeito aos tipos de oração que devem ser adotados na prática do cristão. Quanto à oportunidade, ele deve "orar sempre"; quanto aos tipos de oração, "com toda oração e súplica". Ora, há um duplo "toda" a ser observado, conforme demonstraremos sob dois ramos: PRIMEIRA. Há toda maneira de oração. SEGUNDA. Há todo assunto de oração.

PRIMEIRO RAMO

"Toda oração" considerada quanto à diversidade na maneira

Começarei com o primeiro ramo mencionado, a saber, o *modus orandi* [a maneira de orar]: e este se divide em várias partições e distinções: PRIMEIRA. A oração é repentina e ejaculatória, ou composta e fixa. SEGUNDA. A que é composta é solitária ou social — realizada em conjunto com outros. TERCEIRA. A oração social e em conjunto é privada na família ou pública na igreja. QUARTA. A oração solitária e social, privada ou pública, é comum ou extraordinária.

A oração distinguida como Espontânea ou Composta

PRIMEIRA DISTINÇÃO. A oração é repentina e ejaculatória, ou composta e fixa.

Primeiro. A oração repentina ou ejaculatória, que nada mais é do que o levantar da alma a Deus diante de uma ocasião imprevista que surge, com alguma expressão curta mas viva de nossos desejos a ele. Às vezes ela é vocal, às vezes apenas expressa em gemidos vindos das operações ocultas de um coração reservado. Estas setas podem ser disparadas para o céu sem o uso do arco da língua. Tal tipo de oração foi aquela de Moisés, que ressoou tão alto aos ouvidos de Deus que este lhe perguntou: "Por que clamas a mim?" (Êx 14:15); ao passo que não lemos de palavra alguma que ele tenha dito. Não era momento para Moisés então retirar-se e dedicar-se ao dever da oração de modo composto e estabelecido, como costumava fazer em outras ocasiões, pois o inimigo estava às suas costas e o povo de Israel o cercava, murmurando e acusando-o da culpa de sangue, por tê-los atraído para fora do Egito para caírem em tal armadilha, na qual não esperavam outra coisa senão perder as suas vidas, fosse no mar ou pelas mãos dos egípcios. Isto, sem dúvida, fez Moisés enviar imediatamente os seus desejos ao céu pela mão de alguma breve jaculatória, o correio mais seguro e rápido do mundo, o qual lhe trouxe de volta um retorno célere e feliz, como se pode ver no versículo 16.

Assim Neemias também, diante da fala do rei para ele, interpõe uma breve oração a Deus entre a pergunta do rei e a sua resposta a ela: "E o rei me disse: Que me pedes agora? Então orei ao Deus dos céus, e disse ao rei..." (Ne 2:4-5). Tão rápido esteve este homem santo no céu e de volta — em um piscar de olhos —, sem que isso representasse qualquer quebra de protocolo ao fazer o rei esperar por sua resposta. Às vezes vemos os santos formulando os seus desejos em poucas palavras penetrantes e apaixonadas, que voam com força santa de seus lábios ao céu, como uma seta disparada de um arco. Assim o

velho Jacó, quando estava enviando os seus filhos de volta ao Egito e, com a maior prudência, providenciara para a viagem deles, fornecendo-lhes dinheiro em dobro e um presente selecionado em suas mãos para apaziguar o governador da terra, para que pudesse agora engajar o céu do lado deles, expressa esta oração ejaculatória: "E Deus Todo-Poderoso vos dê misericórdia diante do homem, para que vos deixe vir o vosso outro irmão, e Benjamim" (Gn 43:14). E Davi, quando soube que Aitofel estava no conselho de Absalão, disparou aquela seta ao céu: "Ó Senhor, rogo-te que tornes em loucura o conselho de Aitofel" (2Sm 15:31). A este tipo de oração Davi poderia estar se referindo quando diz: "Sete vezes no dia te louvo" (Sl 119:164). Não como se ele tivesse sete horas marcadas para este dever todos os dias, como gostariam os papistas para justificar as suas sete horas canônicas, mas antes um número definitivo é colocado aqui por um indefinido. E assim equivale a nada mais do que isto: ele louvava a Deus muito frequentemente em um dia, aproveitando o seu santo coração de cada detalhe da providência para levá-lo ao céu nesta missão de oração e louvor.

Ora, para tratar deste tipo de oração, limitar-me-ei a mostrar, primeiro, por que o cristão, além de suas horas estabelecidas para a oração, em que mantém comunhão mais solene com Deus, deve também visitar a Deus ocasionalmente e entrar em sua presença vez por outra — seja no que for que esteja ocupado — com estes suspiros ejaculatórios de seu coração; pois este é um tipo de oração que não precisa interromper o cristão, nem causar embaraço em seus outros desfrutes. Está ele em viagem? Pode ir ao céu nestes curtos saltos de sua alma e não fazer menos velocidade em seu caminho por causa deles. Está ele no campo trabalhando? O seu arado não precisa parar por causa disso. Assim como o prado não fica pior pelo que a abelha

suga de suas flores, da mesma forma os afazeres mundanos de um homem não sofrem perda alguma daquele aproveitamento espiritual que uma alma piedosa assim faz deles.

QUATRO RAZÕES POR QUE O cristão deve usar orações ejaculatórias

Razão 1. A primeira razão pode ser tirada de Deus, que, para mostrar o seu grande deleite nas orações de seus filhos, deixa a sua porta sempre escancarada, para que, sempre que tenhamos disposição e sejamos gentis a ponto de entrar para visitá-lo com uma oração, a qualquer hora do dia ou da noite, sejamos bem-vindos. Mais do que isso, ele não apenas nos dá a liberdade, mas nos impõe como lei que o façamos ouvir de nós o mais frequentemente que nos for possível e, portanto, ordena-nos a "orar sem cessar" (1Ts 5:17) e "tudo quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai" (Cl 3:17). O que significam estas passagens e outras semelhantes senão que devemos aproveitar cada oportunidade que o seu Espírito e a sua providência trazem à nossa mão para elevar os nossos corações a ele na oração? E podemos supor que uma oração ao sairmos pela manhã, sem nunca mais pensar em Deus até voltarmos ao nosso período de oração à noite, passará por um orar continuamente? Quando um pai ordena ao seu filho, que vive fora, que o faça saber dele o mais frequentemente possível, embora não espere uma longa epístola dele por cada mensageiro que passe por aquele caminho, contudo aguarda alguma breve lembrança de seu dever verbalmente, e isso é aceito até que ele tenha mais tempo para escrever a totalidade de sua mente. Deus ordena orar continuamente. Ora, ele sabe que não podemos estar

sempre de joelhos na realização solene deste dever. Mas, por isso, ele espera ouvir de nós mais frequentemente nestas lembranças ocasionais dele — sugeridas a nós ao longo do dia por providências emergentes —, as quais o Espírito Santo está pronto, como nosso mensageiro, a transmitir a ele.

Razão 2. A segunda razão pode ser tirada do excelente uso das orações ejaculatórias em todo o curso de vida do cristão.

(1.) Elas são de excelente uso para serem opostas àquelas injeções repentinas de Satanás, com as quais ele estará tentando atingir as nossas mentes. Seria estranho se os melhores santos não vissem o diabo ativo com eles neste sentido. Ninguém é tão puro que este espírito imundo não ouse assaltar a sua castidade mental. E, uma vez que as tentações dele coloriram a nossa imaginação, é difícil limpá-las antes que penetrem tão profundamente a ponto de deixar alguma coloração maligna em nossas afeições. Ora, quando qualquer seta do inferno for disparada por tua janela, não há melhor caminho para te esquivares da tentação do que disparar as tuas setas ao céu em alguma santa jaculatória. Nosso Salvador ensinou aos seus discípulos o uso desta arma: "Orai para que não entreis em tentação" (Lc 22:40). Ora, quando não puderes desembainhar a espada longa de uma oração solene, recorre ao punhal curto da oração ejaculatória; e com ele — se estiver na mão da fé — podes esfaquear o teu inimigo no coração. Aquele que, diante de uma curta oração de Davi, pôde frustrar Aitofel, um oráculo de astúcia, pode fazer o diabo de bobo, e o fará diante da tua oração de fé. "O Senhor te repreenda, Satanás", disse Cristo (Zc 3:2). Já é tempo de Satanás ir embora quando o céu recebe o alarme; como quando ladrões estão ao redor de uma casa para roubá-la e os de dentro batem um tambor ou dão um grito repentino para

chamar ajuda, logo eles fogem. E se Deus, para a tua provação, não vier ao primeiro chamado para te livrar desses hóspedes indesejados, contudo o teu próprio clamor — se for afetuoso e sincero — te isentará de consentir com a vilania deles.

(2.) *Elas são um meio soberano para abrandar as afeições do cristão para com o mundo* — um dos piores inimigos que ele tem no campo de batalha contra si; pois ele sufoca a alma, torna denso o espírito do cristão e muda a sua própria fisionomia. Quem senão os homens agonizantes cheiram à terra e carregam a sua cor em seu semblante? A graça morre rapidamente onde o coração se agrada muito da terra. Ora, a oração, o que é ela senão o erguer da alma da terra ao céu? Se estivéssemos mais vezes em um dia absorvendo, por assim dizer, ar fresco e novas influências de graça da parte de Deus, os nossos espíritos não poderiam de modo algum ser tão intoxicados com afeições mundanas. Quando perguntaram a alguém: "Se ele não admirava a bela estrutura de uma casa majestosa?", ele respondeu: "Não. Pois estive em Roma, onde edifícios mais magníficos podem ser vistos". Assim, quando Satanás apresenta os prazeres ou tesouros do mundo ao cristão — para que possa enredar as suas afeições para que se apaixone por eles —, uma alma piedosa pode dizer: "Estive no céu; não há hora no dia em que eu não desfrute de algo melhor do que isto em comunhão com o meu Deus".

Razão 3. As orações ejaculatórias mantêm o coração do cristão em uma disposição santa para a realização mais solene de seu dever. Aquele que é tão celestial em seus afazeres terrenos será menos mundano em seus afazeres celestiais. Foi uma doce fala de um santo moribundo: "Que ele estava indo mudar de lugar, mas não de companhia". Um cristão que é frequente nestas jaculatórias, ao ir orar de modo mais solene, não vai do mundo

para Deus, mas de Deus para Deus — de uma visão passageira dele para uma mais fixa; ao passo que outro interrompe o seu conhecimento com Deus após a sua visita matinal e não entra em sua companhia até ser convocado por sua prática costumeira. Oh! Quão difícil será para tal pessoa orar com um coração celestial! Do que encheres o vaso, debes esperar extrair dele. Se água for colocada dentro, não podemos, sem um milagre, pensar em extrair vinho. O quê! Estás o dia todo enchendo o teu coração com a terra — Deus não estando em nenhum de teus pensamentos — e esperas extrair o céu dali à noite? Se queres ter fogo para o teu sacrifício da tarde, não esperes que um novo caia do céu, mas trabalha para guardar o que já está em teu altar de se apagar; o que não podes fazer melhor do que alimentando-o com este combustível.

Razão 4. As orações ejaculatórias são de excelente uso para aliviar qualquer grande aflição que pese sobre a alma ou o corpo. Enquanto outros se assentam desconsolados, atormentando as suas almas e consumindo os seus espíritos com os seus próprios pensamentos ansiosos; estas são as asas dele com as quais ele voa acima de suas dificuldades e, em um instante, lança a sua alma ao céu, longe do barulho e do clamor de suas aflições. Como pode ele ficar desconfortável por muito tempo se, quando algo começa a inquietá-lo, ele não permite que isso permaneça inflamando e latejando em sua mente — como um espinho na carne —, mas logo dá vazão a isso por alguma meditação celestial ou oração que alivia o coração diante de Deus? Aquelas notícias terríveis que chegaram a Jó, uma após a outra, não seria possível para ele suportá-las se os seus pensamentos tivessem sido empregados em nenhum outro assunto senão em sua aflição. Mas, sendo capaz de elevar o seu coração a Deus — "O Senhor o deu, e o Senhor o tomou: bendito

seja o nome do Senhor" —, esta única meditação devota ou jaculatória deu-lhe um alívio incomparável. De fato, em aflições que são muito agudas e violentas, não é momento para longos discursos; a pobre criatura não pode manter-se em um dever contínuo de oração como em outro momento. Quando a luta se torna intensa e o exército passa a combater corpo a corpo com o seu inimigo, eles não têm tempo para carregar a sua grande artilharia, e então as suas espadas curtas lhes prestam o melhor serviço. Na verdade, assim ocorre neste caso. A pobre criatura, talvez, encontra o seu corpo fraco e o seu espírito oprimido com tentações que Satanás despeja como se fossem projéteis sobre ela, de modo que tudo o que ela pode bem fazer é orar rápido e curto — ora dando um gemido pela dor que sente, ora disparando uma seta ao céu para chamar Deus em seu auxílio. E bem-aventurado é o homem que tem a sua aljava cheia destas setas. Vemos que Cristo em sua agonia preferiu orar frequentemente a orar longamente: "Se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres" (Mt 26:39). Esta breve jaculatória ele envia ao céu três vezes, com algum pequeno intervalo de tempo entre oração e oração. "E foi ouvido no que temia" (Hb 5:7).

USO OU APLICAÇÃO. Repreensão àqueles que não usam de modo algum a oração ejaculatória, ou não o fazem devidamente

Uso Primeiro. Uma repreensão àqueles que não usam este tipo de oração, ou o fazem de maneira profana; ou que usam esta, mas negligenciam os outros tipos de oração.

1. Para repreensão daqueles que são totalmente desprovidos de conhecimento quanto à oração ejaculatória —

não se encontrando tal dardo em toda a sua aljava. O coração deles é como um arco armado, de fato, e a sua aljava cheia de setas. Mas todas são disparadas fora deste alvo. O mundo é o seu foco; contra este eles lançam todos os seus pensamentos. Deus é tão grande estranho para eles que dificilmente falam dele ou pensam nele de manhã à noite, embora caminhem o dia todo em sua companhia. E não é estranho que Deus, que está tão perto de sua criatura, esteja tão longe de seus pensamentos? Onde podes estar, ou sobre o que pode o teu olho pousar, que não possa trazer Deus à tua lembrança e dar-te uma boa oportunidade para elevar o teu coração a ele? Ele está presente contigo em todo lugar e companhia. Não podes usar criatura alguma, desfrutar de nenhuma misericórdia, sentir aflição alguma e colocar a mão em trabalho algum que não te estimule a pedir o seu conselho, buscar a sua bênção, rogar a sua proteção ou render-lhe louvor por sua graciosa providência sobre ti. O próprio animal em que cavalgas, se pudesse falar — como outrora a jumenta de Balaão falou —, repreenderia o teu ateísmo, tu que vais caminhando penosamente pelo teu caminho e não tomas conhecimento daquele que preserva tanto o homem quanto o animal. Mas Deus fala uma, sim, duas vezes, e os homens brutos não o percebem. Bem pode Salomão dizer: "O coração do ímpio é de pouco valor" (Pv 10:20), quando Deus não está em nenhum de seus pensamentos. O que pode valer esse coração que está cheio daquilo que nada vale? — pelo menos dentro de pouco tempo o será, pois no momento em que esses pobres infelizes morrem, todos os seus pensamentos perecem e dão em nada. Na verdade, embora fôsseis tantos reis e imperadores, contudo, se o estoque de vossos pensamentos for gasto todo o dia em projetos terrenos — nunca voando tão alto que vos conduza à comunhão com Deus —, não passais de vermes sepultados vivos em algum

monturo fedorento. O alimento de que as vossas almas vivem é baixo e vil, e tal deve ser também a disposição de vossas almas.

Oh! Quantos há no mundo cujas costas estão magnificamente vestidas de escarlate, enquanto as suas almas abraçam o esterco — cujos ventres estão bem alimentados e deliciosamente mimados, mas as suas almas expostas a uma alimentação grosseira! O corpo, que é o pedinte, está montado a cavalo, e a alma, que é o príncipe, caminha a pé — não sendo promovida a emprego mais elevado do que segurar o estribo de seu escravo —, sendo compelida a despendar todos os seus pensamentos e cuidados em como prover para o corpo, e nada permitindo para si mesma. No entanto, estes devem ser aclamados como os únicos homens felizes do mundo! Ao passo que alguns pobres indivíduos podem ser encontrados — embora o seu porte externo e traje no mundo os tornem desprezíveis — que desfrutam de mais do céu e de verdadeiro consolo, pelo comércio frequente que mantêm com Deus enquanto estão em seu tear ou roda de fiar em um único dia, do que os outros desfrutam em toda a sua vida, apesar de toda a sua pompa e felicidades imaginárias. Que contas darão tais pessoas a Deus pelo desperdício de seus pensamentos, as primícias de suas almas? Que pena é que estranhos os devorem — cujo aproveitamento mais elevado é enviá-los em embaixadas ao céu e conversar com Deus! Aquele que deu ao homem um semblante ereto, para caminhar — não rastejar de quatro como outras criaturas, com as costas voltadas para o céu e a boca na terra —, nunca pretendeu que a sua alma se rebaixasse tanto abaixo de si mesma e lambesse o pó para o seu alimento; mas antes, que olhasse para Deus e desfrutasse dele ao usufruir da comunhão com aquele que é o Pai dos espíritos. Se é tão terrível espetáculo contemplar um homem encurvado pelas deformidades ou

enfermidades de seu corpo, a ponto de andar como um animal de quatro, mãos e pés; muito mais o é ver uma alma tão aleijada pela ignorância e por afeições sensuais que não consegue olhar para cima da terra onde jaz rastejando, para conversar com Deus, o seu Criador.

2. Repreende aqueles que, de fato, disparam de vez em quando para o céu alguns destes dardos de orações ejaculatórias, mas de modo tão profano que faz tanto a Deus quanto aos homens piedosos ansiar por vomitá-los. Nunca ouvistes um ímpio intercalar o seu discurso com uma estranha mistura de juramentos e orações? — soltar um palavrão e depois enviar uma oração vã, no meio de sua conversa carnal? "Deus nos perdoe!", "Deus nos abençoe!", "Deus tenha misericórdia de nós!". Tais formas de falar muitos adquiriram, e elas vêm caindo de suas bocas sem que prestem atenção ao que dizem. Ora, qual pensais que tem maior probabilidade de chegar primeiro ao céu — os seus juramentos ou as suas orações? É difícil dizer qual é o pior: se o seu jurar ou o seu orar. Que pensamentos baixos e pequenos têm esses infelizes sobre o grande Deus, para brincarem de forma tão audaciosa com o seu nome santo e reverendo, o qual não deveria ser pensado ou falado sem temor e tremor! "Como as pernas do coxo, que não são iguais, assim é o provérbio na boca dos tolos" (Pv 26:7); isto é, é inconveniente. O nome de Deus não se ajusta a uma boca profana; o discurso não é equivalente. Dar um passo no inferno e outro no céu é um passo largo demais para ser dado de uma só vez. Disparar um dardo contra Deus em um juramento e outro para ele em uma oração, o que se pode fazer disto senão um brinquedo com o que é sagrado? A religião e o olho são sensíveis demais para se brincar com eles. Tais orações são disparadas do arco do diabo e

nunca devem chegar ao céu, a menos que seja para trazer de volta uma maldição sobre aquele que as apresentou.

3. *Uma repreensão àqueles que se contentam com este tipo de oração.* Eles de vez em quando lançarão um olhar passageiro sobre Deus em uma breve jaculatória, mas nunca se dispõem a buscar a Deus de modo mais solene. E é isto tudo o que podes oferecer? Nada mais do que olhar para dentro da porta de Deus e ir embora imediatamente! Não pensas que ele espera que às vezes venhas para ficar mais tempo com ele em uma comunhão mais estabelecida? É verdade que estas visitas ocasionais, quando unidas à prática consciente da outra, são um excelente sintoma de um coração celestial e revelam que a graça é muito ativa quando são frequentes. Assim como quando um homem, entre as suas refeições habituais, sente tanta fome que precisa comer algo para sustentar o estômago, e no entanto, quando chega a hora do almoço ou do jantar, consegue comer tão vorazmente como se nada tivesse comido — isto mostra de fato que o homem está saudável e forte. Mas, se um bocado tomado fora de hora lhe tira o apetite, de modo que ele come pouco ou nada em sua refeição ordinária, isto não é tão bom sinal. Assim ocorre aqui: se um cristão, entre a sua busca estabelecida e solene de Deus de manhã e à noite, encontra uma fome interior em seu espírito, desejando tão fortemente a comunhão com Deus que não consegue esperar até que volte a sua hora determinada para a oração, mas precisa toda hora refrescar-se com a bebida da oração ejaculatória, e depois chega faminto ao dever na sua hora ordinária estabelecida, isto demonstra que a graça está *in statu athletico* [em estado atlético] — forte e próspera; mas, pelo contrário, mostra um espírito superficial e mau fazer destas jaculatórias uma desculpa ou pretexto para a negligência da outra. Certamente experimentas

pouca doçura e encontras pouco nutriente destas, caso contrário elas incitariam a tua alma a ter fome de maior comunhão com Deus. Assim que Davi abria os olhos pela manhã, o seu coração estava saindo em direção a Deus: "Quando acordo, ainda estou contigo" (Sl 139:18). E, enquanto caminhava durante o dia, cada oportunidade o conduzia à presença de Deus: "Sete vezes no dia te louvo" (Sl 119:164); isto é, frequentemente — como se diz: "sete vezes cai o justo" (Pv 24:16). Mas esses olhares rápidos do coração de Davi roubavam o tempo da realização mais solene de seu dever? Não; encontramos que ele tinha também as suas estações estabelecidas: "Tarde, e manhã, e ao meio-dia orarei; e clamarei" (Sl 55:17). O Sr. Ainsworth interpreta esta passagem como oração solene estabelecida; e parece ter sido a prática dos judeus mais devotos dedicar três estações no dia para esse dever. Não posso crer que seja frequente e espiritual na oração ejaculatória aquele que negligencia a estação da oração solene, assim como não posso crer que guarde cada dia da semana como sábado aquele que negligencia guardar aquele único que Deus instituiu.

Exortação ao uso frequente da oração ejaculatória por parte do crente

Uso Segundo. Aos santos. Sede estimulados à prática frequente deste dever da oração ejaculatória. Sei que não sois inteiramente estranhos a ele — se correspondeis ao vosso nome e sois tais como professais ser —; mas é a um conhecimento mais íntimo e familiar com este tipo de oração que eu gostaria de vos conduzir. Trata-se de uma arte tal que, se fôssemos comerciantes habilidosos nela, encontraríamos um avanço abençoado em nosso estado espiritual e logo teríamos mais dinheiro em nossa bolsa — refiro-me à graça e ao consolo em nossos corações — do que a maioria dos cristãos pode agora

mostrar. Poderíamos, por uma alquimia espiritual, transformar tudo o que tocamos em ouro, extrair o céu da terra e fazer asas de cada criatura e providência que nos encontrasse para nos ajudar em nosso voo para Deus. Toda a nossa vida seria — como li a respeito de um homem santo — apenas um dia de comunhão com Cristo. Então, nem amigos nem inimigos, alegrias nem tristezas, vocações nem recreações — ou o que quer que tenhamos neste mundo com que lidar — seriam capazes de interromper o nosso conhecimento com ele. Ao passo que agora, infelizmente! Tudo se interpõe, como um corpo opaco, para esconder Deus e o céu de nossos olhos. Nós, que agora caminhamos — como viajantes em algum vale ou pântano baixo — com os nossos pensamentos sobre o céu de tal modo superados pelo mundo que dificilmente conseguimos avistar aquela cidade gloriosa para a qual estamos indo de manhã à noite — perdendo assim muito do prazer de nossa jornada —, teríamos então essa visão, de certo modo, sempre diante de nós, como uma alegre perspectiva em nossos olhos, para nos consolar nas dificuldades de nossa peregrinação e nos fazer mover os pés com mais agilidade nos caminhos da santidade quando virmos para onde eles nos conduzem. Consideramos em excelente posição aqueles que vivem em um clima onde o sol raramente se põe em seu horizonte. Verdadeiramente, ninguém tem uma luz tão constante de alegria e paz interiores brilhando sobre as suas almas como aqueles que são familiarmente versados neste dever. Eles estão *in sole positi* [colocados ao sol], como se diz dos rodianos; estão na melhor posição em relação a qualquer outro para ter, se não uma contínua, ao menos uma frequente relação com Deus, de quem provêm tanto as influências de consolo quanto as de graça. E se aquelas árvores que mais recebem o sol devem necessariamente produzir os frutos mais belos e doces, então, certamente, são mais propensos a superar

os outros tanto em consolo quanto em graça aqueles que mais estão com Deus. Cada porçãozinha que a abelha traz para a colmeia — enquanto voa para dentro e para fora, embora não permaneça muito tempo em flor alguma — contribui para o estoque. Embora a alma não faça longa estada com Deus neste tipo de oração, contudo as frequentes reiteraões disso conduzem muito ao aumento de sua graça. Pequeno ganho, com retornos rápidos, enche a bolsa. Pequenas chuvas, seguindo-se frequentemente umas às outras, encorpam o trigo e enchem as sacas. Assim fazem estes curtos impulsos — saltos da alma para o céu —, enriquecendo e aumentando a graça no coração sobremaneira. Agora, se me perguntares como podes tornar este tipo de oração ejaculatória mais familiar para ti, recebe estes poucos conselhos:

ALGUNS AUXÍLIOS para a oração espontânea

1. *Auxílio. Guarda o teu coração com toda a diligência* — refiro-me às tuas afeições. A própria razão pela qual saímos tão raramente em direção a Deus nestas orações ocasionais é porque o peso de nossas afeições nos inclina para o outro lado. A bola corre conforme a sua inclinação, a corrente flui conforme a fonte se esvazia. Se as nossas afeições forem carnis, para a terra nós vamos, e Deus recebe pouco de nossa companhia. Adão, diz a Escritura, "gerou um filho à sua semelhança" (Gn 5:3), e assim faz o coração de todo homem. Qual é o terreno, tais são também os terrestres; qual é o celestial, tais também os celestiais. Trabalha, portanto, para adquirir e manter o teu coração celestial; especialmente atenta para estas três afeições: o teu amor, o teu temor e a tua alegria.

(1.) *O teu Amor.* Se este fogo arder claramente, mais destas faíscas dele subirão a Deus. O amor é um grande amigo

da memória. Diz-se que o adúltero tem os seus "olhos cheios da prostituta", e o amor santo será igualmente atento a Deus. Tal alma estará frequentemente colocando Deus em sua visão: "Tenho posto o Senhor continuamente diante de mim" (Sl 16:8). E, por pensar frequentemente em Deus, o coração será atraído a desejos após ele: "O desejo da nossa alma é pelo teu nome e pela tua memória" (Is 26:8). E vê o que se segue: "Com a minha alma te desejei de noite, e com o meu espírito, dentro de mim, madrugarei a buscar-te" (v. 9). O amor põe a alma a meditar, e a meditação a orar. A meditação é a oração em barra, a oração em minério — logo derretida e transformada em santos desejos. A nuvem carregada logo se desfaz em chuva; a arma carregada logo dispara quando se lhe aplica o fogo. Uma alma que medita está *in proxima potentia* [em potência imediata] para a oração. "Enquanto eu meditava, acendeu-se o fogo; então falei com a minha língua: Faze-me conhecer, Senhor, o meu fim..." (Sl 39:3-4). Esta foi uma oração ejaculatória disparada de sua alma quando na companhia dos ímpios.

(2.) *O teu Temor*. Até os homens ímpios, embora sejam grandes estranhos à oração, contudo nós os ouviremos batendo à porta de Deus em meio a um susto; muito mais um temor santo direcionará o cristão, em todas as ocasiões, a elevar o seu coração a Deus. Estás em tua vocação? Teme uma armadilha nela, e isto te estimulará muitas vezes no dia a solicitar o conselho de Deus sobre como te comportares nela. Estás em companhia? Teme para que não faças nem recebas dano, e estarás elevando o teu coração àquele que somente pode te livrar de ambos. Não podemos ter um monitor mais fiel para nos lembrar deste dever do que um temor santo: "Os que temiam ao Senhor falavam frequentemente uns aos outros..." (Mt 3:16). "No dia em que eu temer", diz Davi, "hei de confiar em ti" (Sl

56:3). O temor nos faz pensar onde reside a nossa segurança e nos conduz ao nosso refúgio. Se Noé não tivesse temido a tempestade, a arca não teria sido construída. Os homens não temem pecado nem perigo algum e, por isso, Deus não ouve falar deles o dia todo: o mundo ímpio, que caminha com as costas voltadas para o céu e não olha para Deus de manhã à noite. Podemos dizer a razão: "O temor de Deus não está diante de seus olhos".

(3.) *A tua alegria e deleite em Deus.* Oh, cultiva isto. Assim como o temor dispõe a orar, a alegria dispõe a louvar. Agora, e não antes, o instrumento de teu coração está afinado. Um único sinal agora da providência de Deus e um toque de seu Espírito porão tal alma a trabalhar para bendizer a Deus. Os homens carnisais, quando estão alegres e descontraídos, cantam as suas canções e quadrinhas enquanto se assentam em sua casa ou viajam pelo caminho; quanto mais a alma piedosa, que caminha na percepção do amor de Deus, estará frequentemente tocando a sua harpa em santos louvores a Deus? "Porque a tua benignidade é melhor do que a vida, os meus lips te louvarão" (Sl 63:3). "Assim te bendirei enquanto viver" (v. 4). E novamente: "A minha boca te louvará com alegres lábios" (v. 5). Vê como ele repete uma e outra vez a mesma nota. A alegria não pode ser escondida mais do que o unguento. Assim como este se revela pelos seus perfumes quentes e doces, da mesma forma a alegria santa faz o seu próprio relato nos louvores que emite a Deus. Convém-te, portanto, cristão, ser tão zeloso e cuidadoso de tua alegria como o serias do sangue em tuas veias; pois nesta corre o espírito de louvor e ação de graças. Ora, gostarias de nutrir a tua alegria? Faze-o sugando as promessas — esses peitos de consolação. Estas são um alimento de puro suco e forte nutrição; logo se transformam em sangue — refiro-me à alegria

e à paz — e com isto um espírito de louvor deve necessariamente crescer.

2. Auxílio. Preenche o teu coração com fortes apreensões da providência soberana de Deus em todos os teus empreendimentos, grandes ou pequenos; que ele faz o que lhe apraz no céu e na terra, de modo que todo o teu trabalho e esforço em qualquer negócio é em vão até que esta engrenagem principal comece a se mover — a providência dele dá aprovação à ação. Oh, como isso elevaria o teu coração a Deus e te enviaria com muitas missões à sua presença! Supõe que um homem estivesse tratando de algum negócio importante e tivesse em sua companhia aquele que unicamente poderia ajudar ou impedir o despacho dele; não seria estranho que ele viajasse o dia todo com essa pessoa e não se dirigisse a ela para torná-la sua amiga? Este é o teu próprio caso, cristão. Tu e todos os teus afazeres estais ao absoluto dispor do grande Deus, para te abençoar ou arruinar em cada empreendimento. Se não tens o voto dele, o teu negócio é interrompido na origem. Ora, este Deus está sempre em tua companhia, seja em casa ou fora, em tua cama ou em tua mesa. Certamente, se cresses nisso firmemente, muitas vezes no dia te voltarias para ele, implorando a sua boa vontade para favorecer o teu empreendimento e facilitar o teu negócio para ti.

3. Auxílio. Atenta para que consintas com os movimentos do Espírito Santo. O cristão o encontrará tanto como seu devedor de memória para lembrá-lo da realização mais solene deste dever da oração, quanto como seu monitor, para sugerir muitas meditações ocasionais aos seus pensamentos — mesmo em meio aos afazeres mundanos —, como um sinal de que agora é um momento oportuno para fazer uma visita a Deus em alguma santa jaculatória, abrindo assim a porta, por assim dizer, para ele na presença de Deus. Às vezes ele estará recordando uma

verdade que leste ou ouviste, uma misericórdia que recebeste ou um pecado que cometeste. E o que quer ele dizer com tudo isso senão prestar-te um serviço amigável, para que por meio disto — sendo despertadas as tuas afeições — sejas convidado a lançar a tua alma a Deus em alguma jaculatória condizente com a sua sugestão? Ora, aproveita o sinal que ele te dá, e terás mais de sua companhia e ajuda neste sentido. Pois, assim como o espírito maligno, onde encontra acolhida para as suas sugestões ímpias, torna-se ousado para bater mais frequentemente àquela porta porque ela logo se lhe abre; da mesma forma o Espírito Santo é convidado, onde os seus movimentos são gentilmente recebidos, a ser mais frequente nestas suas abordagens; ao passo que a tua negligência para com eles pode fazê-lo retirar-se e deixar-te ao teu próprio espírito preguiçoso. Quando Cristo tentara por três vezes despertar os seus discípulos sonolentos, chamando-os para vigiar e orar, e eles voltaram a cochilar, verdadeiramente então ele lhes diz: "Dormi agora..." (Mt 26:45).

A oração composta distinguida como INDIVIDUAL OU SOCIAL

SEGUNDA DISTINÇÃO. O que chamamos de oração composta pode ser distinguido como individual ou social — realizada em conjunto com outros. É designada como composta porque o cristão se dispõe de modo mais solene para a obra, reservando um tempo considerável à parte de seus outros afazeres para a sua comunhão mais livre e plena com Deus na oração. Começamos com a primeira destas.

Primeiro. A Oração Individual (ou no Quarto). Quando o cristão se retira para algum lugar secreto, livre de qualquer companhia, e ali derrama a sua alma no seio de Deus, não sendo testemunha deste comércio que ele mantém com o céu senão

Deus e ele próprio. Aqui irei: 1. Provar que isto é um dever que nos cabe; e 2. Dar as razões do porquê.

A oração individual como um dever, e as razões do porquê

1. Provarei que a oração individual ou no quarto é um dever que nos cabe. Que é dever do cristão manter comunhão com Deus na oração de forma reservada e solitária, creio que será admitido por mais pessoas do que as que o praticam. Mesmo aqueles que são estranhos à realização disso carregam em seu próprio peito aquilo que os acusará por sua negligência, a menos que, por muito olharem para a luz e contra ela se rebelarem, as suas mentes tolas tenham sido obscurecidas e tenham perdido toda a visão e senso de uma divindade. Se qualquer oração é um dever, então a oração individual necessariamente deve ser um. Esta é para todas as outras o que a quilha é para o navio — ela sustenta todo o resto. Se olharmos para a prática dos santos na Escritura, constataremos que todos eles foram grandes negociantes com Deus neste comércio da oração individual. Abraão tinha o seu "bosque", para onde se retirava para "invocar o nome do Senhor, o Deus eterno" (Gn 21:33). Nem Rebeca era estranha a este dever, a qual, diante da luta dos bebês em seu ventre, "foi perguntar ao Senhor" (Gn 25:22), o que, diz Calvino, era orar em secreto. Jacó é famoso pela sua luta, por assim dizer, corpo a corpo com Deus durante a noite. A vida do santo Davi era pouco mais do que isso: ele "dedicou-se à oração" (Sl 109:4). Permite apenas algum tempo gasto por ele para o descanso da natureza e para as ocasiões necessárias de seu emprego público — as quais, no entanto, vinham apenas como um parêntese — e verás que a maior parte do restante era despendida em meditação e oração, como aparece no Sl 119. Temos Elías em oração debaixo do zimbro, Pedro no eirado, Cornélio em um canto de

sua casa; sim, o nosso bendito Salvador — cuja alma poderia ter jejuado por mais tempo sem qualquer prejuízo interno pela falta deste alimento —, contudo, nenhum foi mais frequente nele. De madrugada ele está orando sozinho (Mc 1:35) e tarde da noite (Mt 14:23). E esta era a sua prática habitual, como se pode colher de Lucas 22:39 em comparação com Lucas 21:37. Assim Cristo santificou este dever pelo seu próprio exemplo. Sim, temos uma doce promessa para a devida realização dele — e Deus não costuma prometer recompensa para aquela obra que não nos ordena fazer —: "Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, ora a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará" (Mt 6:6). Onde o nosso Salvador dá por certo que cada filho de Deus estará frequentemente orando ao seu Pai celestial; e, portanto, ele antes os encoraja na obra em que os vê ocupados do que lhes ordena a fazê-la. "Sei que não podeis viver sem oração. Agora, quando quiserdes fazer uma visita a Deus, entrai em vosso quarto...", etc. Mas por que deve o cristão manter esta comunhão secreta com Deus?

2. Apresentarei as razões pelas quais a oração individual ou no quarto nos é imposta:

(1.) Em relação a Deus. Ele tem olhos para ver as nossas lágrimas secretas e ouvidos para ouvir os nossos gemidos secretos; portanto, devemos derramá-los diante dele em segredo. É uma superstição grosseira limitar isto apenas a lugar ou companhia: "Quero, pois", diz o apóstolo, "que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas..." (1Tm 2:8). Deus pode ser encontrado em todo lugar: na igreja e em casa, com a nossa família e em nosso quarto; e, portanto, devemos orar em todo lugar. Oh, que consolo é para uma alma piedosa que ela nunca possa estar fora da vista ou do ouvido de Deus, por onde

quer que seja lançada, e, portanto, nunca fora de seu cuidado! Pois o que não se vê logo se esquece. Isto consolava o santo Davi. Os seus amigos e parentes estavam, infelizmente, longe. Ele poderia jazer em seu leito de dor e clamar até o coração doer sem fazê-los ouvir. Mas vê como ele se pacifica nesta solidão: "Senhor, diante de ti está todo o meu desejo, e o meu gemido não te é oculto" (Sl 38:9). Pouco pensava Jacó que tinha um filho prisioneiro no Egito, ali carregado de ferros que lhe penetravam a alma. Mas ele tinha um Deus que estava perto dele durante todo o tempo de sua aflição e ouviu o clamor do pobre prisioneiro, embora o seu pai terreno nunca tivesse sonhado com tal assunto.

Grandes e ricos são os retornos que na Escritura encontramos ser enviados do céu sob o empreendimento solitário dos santos neste barco. "Clamou este pobre, e o Senhor o ouviu; e o salvou de todas as suas tribulações" (Sl 34:6). Como se dissesse: "Talvez tenhas medo de ser tão ousado a ponto de ir sozinho visitar a Deus em segredo. Embora te atrevas a unir-te a outros na oração e esperes encontrar acolhida quando vais com tão boa companhia, contudo estás pronto a dizer: 'Olhará Deus para mim ou para a minha oração individual?'. Sim, olha para mim, diz Davi, que acabo de sair de sua porta, onde estive orando em tão pobre condição e em tão triste estado como jamais estive qualquer pedinte à porta de um homem — um pobre exilado, no meio de inimigos que tinham sede de meu sangue. No entanto, eu — e isto quando traí tanta incredulidade covarde a ponto de arranhar a parede como um louco — clamei, e Deus ouviu. Quem, então, precisa ter medo, seja por causa de seus apertos externos ou de suas enfermidades internas, se for sincero, de ir com uma humildade ousada diante de Deus?". Mais ainda: assim como Deus tem um olho compassivo para ver

quando oramos em secreto, tem também um olho irado que vê quando não o fazemos. Li sobre um príncipe que, à noite, saía disfarçado e escutava sob as janelas de seus súditos se eles falavam dele e o que diziam. Com certeza o olho e o ouvido de Deus nos vigiam: "o Senhor atentou e ouviu" (Ml 3:16). E ele, que tem um livro de memórias para os seus santos que o temem e pensam em seu nome, tem também uma lista negra para os nomes daqueles que o fecham fora de seus corações e quartos. "O Senhor olhou desde os céus para os filhos dos homens, para ver se havia algum que tivesse entendimento e buscasse a Deus" (Sl 14:2). Embora o seu trono esteja no céu, o seu olho está na terra; e o que observa ele senão se os homens "têm entendimento e buscam a Deus"?

(2.) *Em relação a nós mesmos — para provar mais a nossa sinceridade.* Não digo que orar em segredo equivalha a um caráter infalível de sinceridade — pois a hipocrisia pode infiltrar-se em nosso quarto quando a porta está bem fechada, assim como as rãs entraram no quarto de Faraó. No entanto, este não é o caminho ordinário do hipócrita. E, embora o seu coração possa ser mau se realiza frequentemente o dever secreto, contudo, com certeza, o seu coração não pode ser bom se a sua devoção é toda despendida diante dos homens e ele é um completo estranho à comunhão secreta com Deus; do contrário, o nosso Salvador, ao desenhar o retrato do hipócrita, não teria feito disto a própria feição de sua fisionomia: "E, quando orares, não serei como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas...", mas "tu, quando orares, entra no teu quarto...", etc. (Mt 6:5-6). O mandamento nos envia tanto ao quarto quanto à igreja; e é um hipócrita aquele que escolhe um e negligencia o outro, pois por aí aparece que não faz consciência de nenhum dos dois. Ele gosta daquilo que lhe pode render o nome de

religioso na opinião dos homens e, por isso, adota um hábito religioso fora de casa, mas enquanto isso vive como um ateu em casa. Esse tal pode por um tempo ser o santo do mundo, mas Deus por fim o desmascarará e o apresentará diante dos olhos de todo o mundo como um hipócrita. O verdadeiro amante deleita-se em visitar o seu amigo quando o pode encontrar sozinho e desfrutar de privacidade com ele; e li sobre uma pessoa devota que, quando chegava a hora determinada para as suas devoções privadas, em qualquer companhia que estivesse, despedia-se deles com esta bela fala: "Tenho um amigo que espera por mim, adeus!". Vale a pena separarmo-nos de nossos melhores amigos na terra para desfrutar da comunhão com o Deus do céu. Alguém chamou os seus amigos de ladrões porque lhe roubavam o tempo. Nenhum ladrão é pior do que aquele que nos rouba os nossos períodos de oração.

(3.) *Em relação ao próprio dever, e à influência que a santa condução dele teria sobre a vida do cristão.* Este dever é um pilar principal para sustentar toda a estrutura de nosso edifício espiritual. Sem isto, a casa do cristão — como diz Salomão sobre a do preguiçoso — cairá pelas janelas. O que é mais necessário para manter a casa de pé está debaixo da terra — refiro-me ao alicerce. O que mantém o homem vivo é o coração em seu peito, que não se vê. Cessa a tua comunhão secreta, e minarás a tua casa — apunhalarás a piedade no coração. Se a árvore não cresce na raiz, dentro de pouco tempo murchará nos ramos. Aquele que declina deste caminho não pode ser ganhador em nenhum outro. Por mais zeloso que possa parecer, tudo, sem isto, não passa de um calor desregulado, como quando as partes externas ardem mas as internas gelam. Esse tal pode orar para o despertamento e consolo dos outros, mas receberá muito pouco de um ou de outro para si mesmo. A

verdade é que este é o primeiro passo em direção à apostasia. Os que retrocedem perdem primeiro o conhecimento com Deus em segredo. O prazer deles neste dever declina pouco a pouco. Depois tornam-se menos frequentes em suas visitas. Segue-se a isto o abandono total do dever — e, no entanto, podem parecer grandes defensores e zelosos nas ordenanças públicas. Mas, se não recuperarem o que perderam em seu comércio secreto, dentro de pouco tempo fracassarão também aqui.

USO OU APLICAÇÃO. O que a comunhão com Deus na oração individual, ou a negligência dela, implica

Uso Primeiro. Admiramos aqui o amor condescendente de Deus, ao rebaixar-se para manter qualquer comunhão com as suas pobres criaturas enquanto estão vestidas com os trapos da mortalidade, e estes ainda manchados com muitas contaminações pecaminosas. Não basta que no céu, quando vestirmos as nossas vestes de glória — condizentes com a assistência de tão grande Rei —, ele nos receba em sua presença real e nos dê lugares com os que estão diante dele; mas admitirá ele que nos aproximemos tanto dele mesmo agora, enquanto as nossas vestes cheiram à prisão e antes que as nossas mortalhas de sepultura sejam totalmente retiradas? "Que amor é este" (1Jo 3:1), que sejamos agora "chamados filhos de Deus" e, como tais, tenhamos a liberdade de falar a nossa linguagem confusa e quebrada, e isto com deleite para ele que continuamente tem os louvores dos anjos bem-aventurados e dos santos glorificados resando em seus ouvidos! Mais ainda, que esta liberdade nos seja concedida não apenas quando nos reunimos e formamos um coro em nosso culto público, mas em nossas abordagens solitárias e secretas! Que uma pobre criatura, sempre que tenha disposição

para se retirar e fazer uma visita a Deus em qualquer canto de sua casa, encontre os braços de tão grande majestade abertos para abraçá-la! — isto é tão estupendo que podemos antes admirar do que expressar. Se víssemos um pobre mendigo falando familiarmente com um grande rei — o qual, enquanto todos os seus cortesãos permanecem descobertos diante dele, o acolhe em seus abraços e lhe permite sussurrar familiarmente em seu ouvido —, não despertaria isso o nosso espanto diante de tal ato de graça da majestade para com a mendicância? Este é o glorioso privilégio de cada santo na terra, o qual, quando ora, tem a liberdade de subir ao trono de Deus cercado de anjos gloriosos, e em seu seio derramar a sua alma tão livremente como o filho pode falar ao seu pai compassivo. Oh, agradecei ao nosso bom amigo e irmão, o Senhor Jesus Cristo, por isto! É ele quem nos introduz na presença de Deus e nos coloca diante de sua face — como José colocou os seus irmãos diante de Faraó. A face de quem precisará um santo temer olhar se pode assim tão ousadamente falar com Deus? Consola-te com isto, cristão, quando fores com a tua petição a algum grande homem na terra e ele não quiser te receber — ou a tal parente rico e ele não quiser te reconhecer —; vira as costas a ambos e vai ao teu Deus: ele olhará para ti e, em seu Filho, te reconhecerá como seu filho. Tens o ouvido daquele que pode comandar o coração e a bolsa deles também. A oração de Jacó alterou os propósitos de seu irmão, de modo que aquele que pretendia matá-lo caiu sobre o seu pescoço para beijá-lo. Neemias tinha um favor a pedir ao rei persa e vai — pensaria um coração carnal — pelo caminho mais longo para obtê-lo. Ele bate primeiro à porta do céu: "Faze prosperar hoje o teu servo, e dá-lhe graça perante este homem" (Ne 1:11). E agora vai à corte, onde, vê só, encontra a porta aberta antes de bater. Pois o rei lhe disse: "Que me pedes agora?" (Ne 2:4). Podemos, como vedes, abrir duas portas com esta única

chave. Diante da oração deste homem santo, tanto Deus quanto o homem dão a sua resposta graciosa. O cristão certamente não pode passar necessidade por muito tempo se souber orar. Como disse alguém, o papa nunca passaria necessidade de dinheiro enquanto pudesse segurar uma caneta na mão. Basta orar com fé, e a coisa que o cristão deseja está feita. "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus... e a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações..." (Fp 4:6-7). "Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele o fará" (Sl 37:5). Os pedidos dos santos são recebidos à primeira vista, seja qual for a quantia. Cristo é o nosso fiador para garantir o pagamento; e o seu crédito continua firme no seio de seu Pai, e continuará, para assegurar acolhida para todos os seus santos, até ao menor e último deles que se encontrar na terra.

Uso Segundo. Isto risca os nomes da lista de santos daqueles que nunca conheceram este dever. O quê! Um santo, e contente com o que tens de Deus apenas na comunhão conjunta com outros, na igreja ou na família, de modo a nunca desejar qualquer privacidade entre Deus e ti mesmo! Não consegues encontrar assunto algum que te convide a falar com Deus a sós? Colocas o teu estado de santo em dúvida. Quando um príncipe passa pela rua, todos — até os próprios estranhos — vêm em multidão para vê-lo. Mas o seu filho não acha isto suficiente: vai para casa com ele, deve viver com ele e estar sob o seu olhar diariamente. Hipócritas e pessoas profanas se aglomerarão nas ordenanças públicas, mas uma alma piedosa não pode viver sem uma comunhão mais reservada com ele.

Uso Terceiro. Sede exortados, ó santos, a manter o vosso conhecimento secreto com Deus. "Estou persuadido" — como disse Paulo a Festo em outro caso (At 26:26) — "de que

nenhuma destas coisas" que falei a respeito deste dever "te é oculta", se és um santo. "Crês" que este é o teu dever? "Sei que crês". Oras em segredo? Não ousou questionar; o Espírito de Cristo que está em ti não permitirá que sejas um completo estranho a isso. Mas gostaria de te instigar a seres mais abundante nisso. "Estas coisas vos escrevi", diz João, "a vós, os que credes no nome do Filho de Deus... para que saibais que tendes a vida eterna" (1Jo 5:13) — isto é, para que creiais mais. E estas coisas vos escrevo agora, a vós que invocais o nome de Deus em segredo, para que o invoqueis mais frequentemente; e disto necessitais, a menos que vivais mais longe do território de Satanás do que o resto de vossos irmãos. Nenhum dever é mais oposto por Satanás ou por nossos próprios corações preguiçosos do que este. O diabo pode tolerar as vossas orações na igreja, os vossos deveres na família, e até mesmo uma oração formal no quarto de vez em quando, e ainda assim tirar proveito de vós. Portanto, leva contigo estas três ou quatro direções para a tua melhor condução neste dever.

DIRETRIZES PARA A ORAÇÃO INDIVIDUAL

1. *Diretriz. Faze dela o teu comércio constante.* Pedra que rola não cria limo. Corações instáveis e inconstantes nunca se sobressairão neste ou em qualquer outro dever. O espírito de oração é uma graça infundida, mas que avança a graus mais elevados mediante a prática diária. A frequência gera familiaridade, e a familiaridade, confiança. Entramos com ousadia na casa daquele que visitamos frequentemente.

2. *Diretriz. Que seja verdadeira oração individual, e não traga este nome em vão.* Tem cuidado para que nenhum ruído seja ouvido fora a respeito do que fazes em segredo. "Entra no

teu quarto", disse Cristo, "e, fechada a porta, ora". Certifica-te de fechá-la tão bem que nenhum vento de vanglória possa entrar. Antes que isso aconteça, fecha a porta de teus lábios, bem como a de teu quarto; Deus pode ouvir mesmo que a tua boca não transmita a mensagem. É verdade que, quando Daniel orava, ele "abria as suas janelas" (Dn 6:10), mas foi para mostrar a sua fé, não o seu orgulho — para que o mundo soubesse quão pouco ele temia a ira deles, não porque cobiçasse o louvor deles. Deus observa atentamente para onde o olho se volta, e é uma desonra que ele não suportará que sejas pensionista do mundo, esperando a tua recompensa do homem e não dele mesmo. Não percas o *euge* [muito bem!] de Deus pelo *plaudite* [aplausos] dos homens. Isto é trocar o céu pela terra, e esse é um mau negócio.

3. *Diretriz. Sê livre e franco.* Não venhas a Deus em segredo para guardar os teus segredos longe dele; expõe o teu próprio coração e nada escondas dele. Ser reservado e fechado é contra a lei da amizade. "Tenho-vos chamado amigos", diz Cristo, "porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer" (Jo 15:15). É Cristo tão aberto de coração a ponto de não ocultar nada que sabe ser para o nosso bem? E gostarias tu de ter alguma caixa secreta em teu armário que ele — se pudesses evitar — não devesse ver? Estás confessando pecados? Despede a tua alma de toda nudez e não fiques tergiversando com Deus. Se o fazes, isso demonstra uma de duas coisas: ou tens algum plano secreto de pecado para o futuro; ou abrigas em teu peito uma má opinião de Deus a respeito de teus pecados passados, como se ele não fosse fiel para perdoar o que estás livre para confessar. És como aquele filho pródigo que, embora seu pai prometa pagar todas as suas dívidas e também perdô-lo, contudo, porque a soma é vasta, não ousa confiar ao pai toda a verdade, ocultando uma parte em sua confissão. A primeira

destas atitudes não é a mancha dos filhos de Deus; mas nesta última eles às vezes caem, e, por um tempo, podem ser retidos pela astúcia de Satanás e por sua própria incredulidade. Mas considera, cristão, seja qual for o teu pecado, e por maior que seja, o caminho para obter o perdão é confessando-o, não o ocultando. Tampouco ele é oculto de Deus, ainda que não o confesses. Mas Deus agrada-se tanto de uma confissão saída de tua própria boca que, assim que expões a tua própria vergonha, ele se obriga fielmente a cobri-la com o manto da misericórdia perdoadora. "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados" (1Jo 1:9). Novamente, estás fazendo os teus pedidos a Deus? Não carregues fardo algum sobre o teu espírito por uma tola modéstia e medo de incomodar demais a Deus, ou de pedir profundamente, contanto que a promessa esteja do teu lado. Cristo nunca se queixou de que os seus santos abrissem as suas bocas ou ampliassem os seus desejos excessivamente na oração; pelo contrário, ele ordena aos seus discípulos que as abram mais, e diz-lhes: "até agora nada pedistes" (Jo 16:24) — isto é, nada proporcional ao grande coração que há em seu peito para dar.

4. *Diretriz. Deve ser oportuna.* Isto dá a cada coisa a sua beleza. (1.) Tem cuidado para que ela não colida com o culto público. O diabo tem grande prazer em colocar as ordenanças de Deus em conflito umas contra as outras. A alguns ele persuade a enaltecer a oração pública e negligenciar a individual; e a outros ele gostaria de afastar do amor pela pública, aplaudindo a outra; ao passo que há espaço suficiente para ambas em tua caminhada cristã. Moisés, embora tenha matado o egípcio, contudo, quando os dois israelitas brigavam entre si, ele trabalhou para reconciliá-los (Êx 2:11-13). Cuidado com dar a Satanás tal vantagem a ponto de negligenciar a comunhão dos santos no público sob o

pretexto de orar em teu quarto. Isto é colocar uma ordenança para lutar contra outra. São ordenanças irmãs, não as coloques em conflito. Nega a tua presença no público, e certamente perderás a presença de Deus em teu quarto: "O que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável" (Pv 28:9). (2.) Atenta para que ela não interfira com o teu dever em tua vocação particular. Assim como deves fechar a porta do teu quarto para orar, abre as janelas de tua oficina para seguir a tua vocação no mundo. Vai ao teu quarto antes de ires à tua oficina, caso contrário serás um ateu; mas, quando estiveres com Deus ali, atende à tua oficina e à tua vocação, caso contrário serás um hipócrita. Tu consistes de alma e corpo; Deus divide o teu emprego entre ambos. Aquele que não é diligente no dever que deve a Deus a respeito de ambos não é consciente em nenhum. Quando cada parte no corpo tem a sua devida nutrição distribuída a si, a saúde é preservada. Assim ocorre aqui: é o cristão saudável aquele que divide a sua atenção sabiamente tanto para o seu estado espiritual quanto para o temporal. Não durmas além da conta o teu tempo de oração pela manhã para depois pensar que estás suficientemente desculpado de omiti-la porque os teus negócios mundanos te chamam por outro caminho. Não fatigue o teu corpo com excesso de trabalho, nem sobrecarregues a tua mente com um peso muito grande de cuidados mundanos durante o dia, para depois pensares que o cansaço de um e o desajuste da outra te desobrigarão de orar novamente à noite. Isto é fazer de um pecado a tua desculpa para negligenciar um dever.

Segundo. A Oração Social — aquela que é realizada em comunhão conjunta com outros. Ela é dupla: ou é privada ou pública — oração em família ou oração na igreja. Para isto, contudo, atribuímos uma distinção separada.

A oração social distinguida como ORAÇÃO EM FAMÍLIA ou ORAÇÃO NA IGREJA

TERCEIRA DISTINÇÃO. A oração social e em conjunto é privada na família ou pública na igreja. Começo com a primeira: a oração em família.

A oração em família como um dever imposto ao chefe da família

First. A oração social ou conjunta pode ser privada na família. Por uma família entendo uma sociedade de certas pessoas em relação mútua umas com as outras, natural ou civil, que vivem juntas sob o governo doméstico de um marido, senhor ou pai. Onde quer que tal família seja encontrada, é dever do governante dela estabelecer ali o culto de Deus, e esta parte do culto em particular — a oração na família. Os judeus tinham o seu sacrifício familiar (Êx 12:21), o qual o chefe da casa realizava em casa com a sua família. Permanece ainda um sacrifício espiritual de oração e ação de graças, que cada chefe de família deve, com os seus de casa, oferecer a Deus. A casa privada é a "capela de auxílio" do cristão para nela adorar a Deus diariamente com os seus companheiros. A igreja começou em uma família e continua sendo sustentada pela piedade das famílias privadas. Se o viveiro não for preservado, o pomar com o tempo necessariamente decairá.

Pergunta. Mas a questão será: como se pode provar que a oração em família é um dever?

Resposta. Espero que ninguém exija uma passagem explícita da Escritura ordenando isto *in terminis* [em termos expressos], sob pena de não crer ser um dever que lhe cabe. Este

seria o caminho para perder não apenas esta parte do culto de Deus, mas outros deveres também. Teremos dificuldade em encontrar uma palavra expressa nos ordenando *totidem verbis* [com tantas palavras], ou em termos claros, a guardar o Sábado cristão ou a batizar os nossos filhos pequenos; no entanto, Deus nos guarde de que, como alguns fazem, abandonemos as ordenanças por conta disso. O que por consequência necessária pode ser deduzido da Escritura é Escritura tanto quanto o que está estabelecido em termos expressos. E se isto vos contentar — o que tenho certeza de que deveria —, espero dar-vos alguma satisfação.

Como se pode provar que a oração em família é um dever

1. *Aquele mandamento geral para a oração trará este da oração em família para dentro do escopo de nosso dever:* "Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar" (1Tm 2:8). Se "em todo o lugar", então certamente, diz o Sr. Perkins sobre esta passagem, em nossas famílias, onde Deus nos colocou em tão estreita relação uns com os outros. Paulo saúda a igreja que está na casa de Áquila e Priscila (Rm 16:5). E não seriam eles uma igreja estranha se vivessem juntos sem orar juntos? — teriam merecido nome tão alto e honroso se tivessem assim fechado a porta para Deus? Isto seria chamá-los de igreja assim como um bosque escuro é chamado *lucus*, à *non lucendo* [bosque, por não brilhar/não dar luz]. Os judeus, quando edificavam uma nova casa para nela habitar, deviam dedicá-la (Dt 20:5); e o modo de dedicar as suas casas recém-construídas era com oração, como se pode ver pelo título do Sl 30, escrito para esta ocasião: "Salmo e cântico da dedicação da casa de Davi". Isto eles faziam:

(1.) *Para expressarem a sua gratidão a Deus*, que lhes dera uma habitação. De fato, não é pequena misericórdia ter um lugar estabelecido para a nossa morada — uma casa conveniente para nós e para os nossos parentes habitarmos em paz; é mais do que aqueles preciosos santos tinham, os quais "andaram errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra" (Hb 11:38); sim, mais do que o próprio Cristo tinha: "As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8:20).

(2.) *Por isto eram exortados a reconhecerem-se inquilinos de Deus*, e que retinham as suas casas sob o domínio dele, o seu grande proprietário, sob a condição de lhe prestar homenagem, fazendo de suas casas santuários para o seu culto enquanto nelas vivessem. Assim explica Mollerus sobre a passagem.

2. *A responsabilidade de que os governantes de famílias são encarregados demonstrará ser dever deles estabelecer a oração em suas famílias*. Cada chefe de família tem *curam animarum* [o cuidado das almas] sobre si, bem como o ministro. Ele é profeta, rei e sacerdote em sua própria casa, e de cada um destes papéis aparecerá este seu dever:

(1.) *Ele é profeta*, para ensinar e instruir a sua família. Às mulheres é ordenado aprender em casa com os seus próprios maridos (1Co 14:34-35). Então, certamente, eles devem ensiná-las em casa. Aos pais é ordenado instruir os seus filhos: "E ensiná-los-eis a vossos filhos, falando deles assentado em tua casa..." (Dt 11:19); e "criai-os na doutrina e admoestação do Senhor" (Ef 6:4). Ora, há um ensino e admoestação pela oração a Deus e louvando a Deus, bem como no catequizar deles: "ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos,

hinos..." (Cl 3 :16). O orar do chefe com a sua família ensiná-los-á a orar quando estiverem sozinhos. As confissões que faz, petições que apresenta e misericórdias que reconhece em seu dever familiar são um excelente meio para fornecer-lhes matéria para as suas devoções. Como acontece que muitos servos e filhos, quando chegam a ser eles mesmos chefes de famílias, são incapazes de ser a boca de seus familiares diante de Deus na oração, senão porque, em sua menoridade, viveram em famílias sem oração e foram mantidos em ignorância deste dever, pelo que não têm mente nem coração, conhecimento ou afeições adequados para tal obra?

(2.) *Ele é rei em sua casa*, para governar a sua família no temor de Deus. Assim como o dever do magistrado político é estabelecer o verdadeiro culto de Deus em seu reino, ele deve fazê-lo em sua casa. Deve dizer com Josué: "Eu e a minha casa serviremos ao Senhor" (Js 24:15). Seria pecado em um príncipe se ele, embora servisse a Deus pessoalmente em seu palácio, não estabelecesse o culto público de Deus em seu reino? Certamente, então, é pecado para o governante de uma família não o estabelecer em sua casa, embora ele próprio ore em seu quarto.

(3.) *Ele é sacerdote em sua própria casa*, e onde há um sacerdote deve haver um sacrifício; e que sacrifício há entre os cristãos senão os sacrifícios espirituais de oração e ação de graças? Assim Davi, encontramos, saiu das ordenanças públicas para o dever privado com a sua família: "Voltando, pois, Davi para abençoar a sua casa..." (2Sm 6:20); isto é, diz um comentarista sobre a passagem, ele voltou para adorar a Deus em privado com eles e para rogar uma bênção de Deus sobre eles. E isto sugere um terceiro ponto.

3. *A prática dos santos em todas as eras tem sido ter um cuidado religioso de suas famílias.* O bom Josué prometeu por si e por sua casa que serviriam ao Senhor. Se ele se referia ao culto interno de Deus, prometeu mais do que era capaz de realizar em relação à sua família, pois não podia impor a graça nos corações deles. Devemos, portanto, entendê-lo no sentido de que não seria falha dele se eles não o fizessem, pois ele usaria de todos os meios ao seu alcance para fazê-los agir assim. Ele lhes daria um santo modelo em seu próprio exemplo e cuidaria para que não vivessem sem o culto de Deus em sua família. Encontramos Eliseu orando com o seu servo (2Re 4:33), patrão e empregado juntos; a rainha Ester e as suas servas realizando jejum privado em sua família (Et 4:16). Ora, seria falta de caridade pensar que ela era estranha ao exercício ordinário deste dever, ela que foi tão ágil em realizar o extraordinário e motivar outros também a fazê-lo. Certamente esta mulher graciosa não começou o seu conhecimento com este dever naquele momento, adotando-o apenas em um momento de aperto extremo. Seria esse um jejum voraz, de fato, que devorasse o culto de Deus em sua família por todo o resto do ano. A religião familiar de Cornélio está registrada: "Homem piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa, o qual fazia muitas esmolas ao povo e de contínuo orava a Deus" (At 10:2). Nota: ele era "homem piedoso e temente a Deus com toda a sua casa". O temor é frequentemente colocado pelo culto de Deus. Deus é chamado de "o Temor de Isaque" (Gn 31:53) — isto é, o Deus a quem Isaque adorava. "A ele temereis, e a ele vos inclinareis... e não temereis a outros deuses" (2Re 17:36-37) — isto é, não os adorareis nem orareis a eles. Assim podemos conceber que Cornélio era um homem piedoso e temente a Deus com a sua casa. Certamente aquele que era misericordioso para com os pobres à sua porta, para aliviar as suas entranhas famintas com

as suas esmolas, não seria tão cruel com as almas de seus familiares dentro de sua casa a ponto de trancar a sua religião em um quarto longe deles.

Três objeções à oração em família respondidas

Objeção (a). Mas que necessidade há de que uma família se reúna conjuntamente para adorar a Deus? Não bastará se cada um orar por si em seu próprio quarto?

Resposta. Uma família é um corpo coletivo. Como tal, deve um culto a Deus. É ele quem "faz com que os solitários vivam em família" (Sl 68:6); e, como fundador delas, quer ser por elas invocado. "Derrama a tua indignação sobre as famílias que não invocam o teu nome" (Jr 10:25). Isto se aplica tanto a famílias domésticas quanto a nacionais, pois ele edifica tanto uma quanto a outra. Há pecados familiares, e estes devem ser confessados pela família, assim como os pecados nacionais pela nação. Há carências familiares, e estas exigem as súplicas conjuntas da família. Há ocasiões e afazeres familiares, e estes demandam a força unida da família para atrair uma bênção sobre os seus trabalhos conjuntos para o bem de toda a sociedade. "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam" (Sl 127:1). E não é justo que os que se unem no trabalho se unam na oração por uma bênção sobre o seu esforço? Há misericórdias familiares de que toda a sociedade compartilha; e não é condizente que os que comem do mesmo banquete se unam no mesmo cântico de louvor ao provedor dele? Em uma palavra, há juízos que podem envolver toda a família, e onde todos estão interessados no perigo, todos devem prestar a sua ajuda para evitá-lo — e muitas mãos tornam o trabalho leve. Uma corda torcida com muitos fios é mais forte do que esses mesmos fios seriam se estivessem separados; e

assim a oração de muitos juntos é mais prevalente, porque é provável que seja mais fervorosa do que a das mesmas pessoas individualmente ocupadas em seus quartos — embora eu não queira ensinar uma a colidir com a outra. Há espaço para ambas; por que deveriam brigar? Polanus (em seu *Syntag. de Terraemotu*) fala-nos de uma cidade no território de Berna, na Suíça, composta por noventa casas, que no ano de 1584 foi destruída por um terremoto, exceto a metade de uma casa onde o chefe da família estava orando fervorosamente com a sua esposa e filhos de joelhos dobrados diante de Deus.

Objeção (b). Oh, mas eu não tenho habilidades e dons para tal obra, e é melhor deixar de fazer do que estragar ao fazer.

Resposta. Tampouco tinhas perícia e capacidade para o teu ofício quando entraste pela primeira vez como aprendiz. Aplica a tua mente à obra; impõe o dever sobre a tua consciência; examina a Escritura, onde a matéria para a oração está guardada e as regras de como realizar o dever. Estuda o teu coração e observa o estado de tua família, até que o senso dos pecados, das carências e das misericórdias diárias desta — os quais guardaste em tua memória — seja deixado aquecido em teu espírito. Em uma palavra, exercita-te frequentemente na oração individual, sê ardente ali para que o Espírito te capacite em teu serviço familiar, e tem cuidado para não afastar de ti o Espírito Santo, cujo auxílio imploras, pela preguiça, mundanismo, orgulho ou qualquer outro curso de impiedade. Então, levanta-te e age, e podes confortavelmente esperar que Deus estará contigo, tanto para te ajudar quanto para te aceitar na obra. Moisés estava cansado da missão para a qual Deus o chamava e bem que gostaria de evitá-la com esta desculpa polida: "Eu não sou homem eloquente... sou pesado de boca..." (Êx 4:10). Mas esta objeção logo foi respondida: "E disse-lhe o Senhor: Quem fez a

boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor? Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que há de falar" (v. 11-12). O chamado dele foi extraordinário, e o seu auxílio foi tal. O teu chamado para este dever, como chefe de uma família, é comum, e assim podes buscar auxílio comum. Talvez nunca venhas a ter habilidade, em tal grau, com fluência de palavras para te expressares como alguns outros. Mas que isso não te desanime. Deus não atenta para a pompa das palavras e variedade de expressões, mas para a sinceridade e devoção do coração. A chave abre a porta não por ser dourada, mas porque se ajusta aos dentes da fechadura. Basta que o assunto de tua oração seja segundo a mente de Deus, santo e garantido, e a disposição do teu coração humilde e fervorosa, e não há por que temer senão que terás sucesso. Sim, ainda que a oração seja antiga — ora hoje o que oraste ontem; certifica-te apenas de trazer novas afeições com a antiga oração, e serás recebido de forma amigável na presença de Deus, embora não possas repentinamente dar uma nova forma aos teus pedidos. Deus não fechará a porta ao seu filho porque ele não vem todos os dias com uma roupa de modelo diferente.

Objecção (c). Há outros que não objetam a sua própria fraqueza como razão de não orarem em suas famílias, mas sim a impiedade de outros em sua família. Estão bastante confiantes de seus próprios dons, mas questionam a graça dos outros, e se podem orar com tais pessoas.

Resposta. Admitirei que existam tais pessoas em tua família. Mas é isto motivo para deixar de lado o culto de Deus? Pouco pensas para onde este princípio te conduzirá. Por este princípio, o culto de Deus deveria ser deixado de lado não apenas na maioria das casas privadas, mas também em todas as

nossas congregações públicas. Se não podes orar em tua família porque uma pessoa ímpia está presente, então não debes te unir em oração com qualquer congregação pública, porque nunca podes ter a certeza de que todos ali sejam piedosos; tampouco deve o ministro orar ali, por medo de que alguns ímpios estejam na companhia; e assim esta parte do culto divino deve ser lançada fora da igreja até que possamos encontrar uma assembleia composta apenas por verdadeiros santos; e onde tal assembleia já existiu, ou existirá deste lado do céu, creio que ninguém é capaz de dizer. Certamente os santos na Escritura não eram tão escrupulosos. Quantas vezes o próprio Cristo orou com os seus discípulos, embora um Judas estivesse entre eles! Eu em outro lugar, de forma clara, creio ter provado ser dever de todos, até mesmo dos ímpios, orar; e que Deus nunca imputará o ato da oração a ele como pecado, mas sim o seu desvio nela; muito menos imputará a ti a disposição pecaminosa de coração de outro com quem te unes na oração. Ora tu em fé, e a incredulidade dele não prejudicará a tua fé, nem o orgulho dele a tua humildade. Tu te unes a ele no dever, mas não tens comunhão com o seu pecado. Poderias do mesmo modo dizer que, se um cortador de bolsas no momento da oração batesse a carteira de outro, toda a companhia seria culpada de seu furto. Quanto melhor seria, cristão, temer que ores com um coração ímpio em teu próprio peito, do que com uma pessoa ímpia em tua família? Não corres o risco de ferir a tua própria alma por orar na companhia dele, nem de melhorar a dele por omitir o dever por amor a ele. Talvez, embora ele seja carnal, seja externamente complacente, e como sabes se a tua oração — especialmente em sua presença — não lhe traspassará o coração e dará um empurrão em direção à sua conversão? De tais pessoas já ouvi falar, as quais receberam a primeira impressão sensível em seus corações neste dever da oração. Se ele for não apenas

carnal, mas um escarnecedor do culto de Deus e um perturbador do dever, melhor é que, como Abraão, ponhas fora de casa esse Ismael, do que por amor dele ponhas Deus fora de casa negando-lhe o culto que lhe é devido.

USO OU APLICAÇÃO. Repreensão àqueles que desnecessariamente se lançam a viver em famílias que não oram

Uso Primeiro. O que dissemos da oração em família serve de repreensão àqueles cristãos que desnecessariamente, e por escolha própria, se lançam em tais famílias onde o culto de Deus não está estabelecido. Sabes para onde vais? Estás correndo com Jonas para longe da presença do Senhor, e podes esperar que uma tempestade seja enviada atrás de ti. Talvez sejas um servo que outrora vivia em uma família piedosa, onde tinhas muitos doces privilégios e vantagens espirituais — uma mesa posta todos os dias para a tua alma tanto quanto para o teu corpo, além de alguns acréscimos de deveres extraordinários de vez em quando — e, por meio disso, desfrutavas de uma espécie de céu na terra; mas, por um pouco de facilidade em teu trabalho ou ganho em teu salário, fizeste esta infeliz troca para te colocares sob o teto daqueles que mais facilmente te ensinarão a praguejar e a jurar do que a orar; e onde, pelas regras mantidas na família, não podes distinguir um Dia do Senhor de um dia de semana, ou saber se existe tal coisa como culto religioso e invocação devidos ao teu Criador ou não. Ah, pobre criatura! O quê! Estavas há pouco em tão verde pastagem e agora andas errante por uma charneca estéril, onde nada há para obter para a tua preciosa alma? — onde, como nos montes de Gilboa, nenhum daqueles orvalhos celestiais cai com os quais a tua alma

costumava ser molhada e regada? Verdadeiramente saíste da bênção de Deus para o sol ardente. Se Deus, de fato, te tivesse lançado por uma providência necessária em tal lugar, poderias então ter esperado manter o teu estado espiritual, embora carecendo de teu antigo alimento; mas, sendo escolha tua, é de temer que logo murcharás e definharás em teu estado espiritual. A magreza logo encarquilhará a tua alma enquanto tens os teus pedaços gordos em tua boca. O teu espírito se tornará leve e pobre, embora a tua bolsa possa crescer pesada. Teremos a ti dentro de pouco tempo queixando-te, como Noemi, de que "partiste cheia, mas voltaste vazia" (Rt 1:21). Como te atreves a escolher habitar onde o próprio Deus não habita por sua presença graciosa? Ele habita nos louvores de seu povo e estabelece a sua morada na casa de oração. E se o Espírito Santo não habita, não caminha e não respira na casa, ela necessariamente estará assombrada pelo maligno. Faz a tua estada ali o mais curta que puder. Deixa os mortos habitarem com os mortos, ateu com ateu; a tua segurança será te juntares a melhor companhia. Está a igreja tão estéril de famílias piedosas que nenhuma tais se encontram que queiram abrir a porta para te receber? Vai indagar onde tais pessoas vivem, e oferece-te para fazer o serviço mais humilde naquela casa onde possas desfrutar de teus antigos privilégios para a tua alma, antes do que permanecer onde estás. Os próprios animais gemem para servir os ímpios, ao passo que os próprios santos anjos não desdenham ministrar aos santos.

Mas talvez dirás que não é escolha tua, mas necessidade. Foste por teus pais colocado como aprendiz sob um patrão que é ímpio, ou vives sob a sombra de teus próprios pais e não podes evitar que sejam profanos; ou com um marido que esperavas, ao escolhê-lo, que provasse ser uma ajudadora adequada para a tua

alma, mas vês que é o contrário; o que queres que façamos neste caso?

1. Chora sob isso como a tua grande aflição. Assim fez Davi quando viveu na ímpia família de Saul, cuja corte e família, por irreligião e profanidade, ele compara aos bárbaros árabes e profanos ismaelitas, lamentando estar confinado com tais pessoas, as quais, por sua relação, não podia bem deixar, e por cuja impiedade pior podia suportar: "Ai de mim, que peregrino em Meseque e habito nas tendas de Quedar!" (Sl 120:5).

2. Sê ainda mais constante em tua comunhão secreta com Deus. Se vivesses com um avarento que te privasse da comida, não gastarias tu, ainda que tivesses apenas um centavo na bolsa, esse centavo em pão antes do que morrer de fome? Precisas ter um bocado a mais em um canto de teu quarto porque és privado de teu pão diário na família. A tua alma não pode viver sem comunhão com Deus. Toma tu mesmo aquilo que os outros não serão tão gentis a ponto de te conceder; e, para que possas fazer isto, aproveita todas as tuas sobras de tempo da melhor maneira. Tu conseguirás assim, pela bênção de Deus: (1) Manter a tua vida e vigor espiritual; (2) Estar protegido contra a infecção daquele ar profano que respiras; e (3) Ter uma válvula de escape para aliviar o teu espírito sobrecarregado daquelas dores, censuras e provações que necessariamente encontrarás de tais familiares. A graciosa Ana tinha uma adversária na mesma família — Penina de seu nome — que a provocava excessivamente, a ponto de a fazer irritar; mas isto a enviava a Deus na oração, e ali ela aliviava a sua alma de seu fardo (1Sm 1).

3. Adorna a tua piedade para com Deus pelo cumprimento fiel de teu dever para com os teus

familiares, embora não sejam tão bons quanto desejas. És um servo e o teu patrão é profano? Sê submisso e humilde, diligente e fiel. Que ele veja que não ousas roubá-lo de seu tempo pela preguiça, ou prejudicá-lo em seus bens pela falsidade — embora ele seja um ladrão para a tua alma por não prover para ela —, mas que procuras, com a tua máxima habilidade e força, desonrar a tua responsabilidade para com ele. Vemos com muita frequência que a infidelidade e a negligência de alguns servos professos afastam ainda mais os seus patrões carnis do culto de Deus do que antes; sim, fazem-nos abominar os deveres da religião, aos quais de outro modo poderiam ter sido atraídos, até que por fim passam a pensar que toda profissão e fervor nos deveres de piedade para com Deus não passam de um disfarce hipócrita para cobrir alguma infidelidade para com os homens, e a dizer de seus servos quando estes pedem licença para ir a um sermão e buscar a Deus em suas ordenanças, como Faraó dos israelitas: "Vós estais ociosos, vós estais ociosos; por isso dizeis: Vamos, sacrifiquemos ao Senhor" (Êx 5:17). Assim, como o apóstolo nos diz, o nome de Deus e a sua doutrina passam a ser blasfemados pelo mau comportamento de servos professos (1Tm 6:1).

Novamente, és uma esposa e o teu marido é carnal, vivendo sem cuidado algum de sua própria alma ou dos que estão sob o seu teto? Ora ainda mais por ele porque ele não ora contigo. Ora tu por tua família em teu quarto, embora ele a negligencie na casa. Mas, com isto, certifica-te de recomendar a tua piedade à consciência de teu marido e torna-a o mais legível possível aos seus olhos, pela tua mansidão de sabedoria em teu comportamento para com ele e em toda a tua conduta na família. Uma boa impressão convida a ler o livro. Sendo a religião bem expressa em teu comportamento dócil e obediente para com ele,

e em tua discrição em todos os teus afazeres, como sabes se isso com o tempo não o atrairá à consideração da excelência da religião, que te torna tão dedicada e fiel a ele? É um pescador insensato aquele que assusta o peixe que deseja pescar; e é uma cristã insensata aquela que, pelo seu comportamento obstinado e desobediente, ofende o marido, por cuja conversão ela anseia e ora.

Conselho àqueles que vivem em famílias que oram

Uso Segundo. Uma palavra de conselho a vós a quem Deus plantou em famílias religiosas:

1. Bendiz a Deus por lançar a tua porção em tão agradável morada e solo fértil para a tua alma, onde podes aspirar o doce ar do Espírito de Deus que sopra de teus pais piedosos ou outros governantes junto ao trono da graça de dia em dia; que não estejas encravado em alguma ímpia família cega, ali para viver com um bando sem Deus, entre os quais poderias ter passado os teus dias sem qualquer conhecimento de teu Criador, e com eles ter sido envolvido naquela maldição de Deus que está na casa do ímpio e paira como uma nuvem escura na ameaça, pronta para se derramar sobre as famílias que não invocam o seu nome. Olha ao redor de tua vizinhança e vê quantas famílias há que vivem como brutos, como em tantas cavernas e antros escuros, onde nenhuma daquela luz celestial é vista de um lado do ano ao outro, a qual brilha sobre a tua face todos os dias. Que instrução e educação teria tido a tua alma sob a tutela de tais pais e patrões, que eles próprios vivem "sem Deus no mundo" (Ef 2:12)? A rainha de Sabá considerava felizes os que estavam diante de Salomão, não tanto para que pudessem ver a sua pompa, mas para ouvir a sua sabedoria. Oh, feliz de ti — se tens a graça de conhecer o teu privilégio — que serves a

um patrão piedoso, estás sob a tutela de pais graciosos, ou unida a um marido santo, de cujas devotas orações, conselhos piedosos e exemplos cristãos podes ganhar mais do que se eles tivessem as riquezas, delicadezas e promoções da corte de Salomão para te conferir.

2. Atenta para que faças bom proveito desta vantagem espiritual, do contrário o teu caso será pior do que o dos outros. Ao rebelde Israel é dito: "saberão que esteve no meio deles um profeta" (Ez 2:5). O significado é que saberão disso à sua própria custa; e assim o saberão aqueles que viveram em famílias sob governantes que foram adiante deles e, por assim dizer, traçaram um caminho para o céu pelo seu santo exemplo, lamentando sobre as suas preciosas almas tão frequentemente com as suas orações e lágrimas. Se tais pessoas se perderem, saberão para o seu próprio terror em quais famílias outrora viveram mas não tiveram coração para valorizar ou aproveitar a misericórdia. Deus nos guarde de que qualquer de vós encontre o caminho do inferno saindo de tais portas, e force o seu caminho para a condenação através de tais meios concedidos para a evitar. O que responderá Caim quando o seu pai que o gerou der testemunho contra ele e disser: "Senhor, este meu filho ímpio nunca aprendeu o seu ateísmo de mim. Eu o trouxe ao teu culto e ensinei-lhe o teu temor, mas ele não gostou disso, e primeiro provou ser um assassino e depois um apóstata. Primeiro comportou-se impiamente em teu serviço, e depois correu para fora de minhas portas e o abandonou por completo"? O que dirá então a escarnecedora esposa de Davi — que, embora vinda de uma linhagem ímpia, foi privilegiada com tão gracioso marido — quando for acusada de fazer dele o seu objeto de riso pelo seu zelo no culto de Deus? Ou como os filhos ímpios do mesmo santo homem que caminhou com tanta integridade em sua casa

olharão o seu piedoso pai de frente no grande dia? "Vós, meus filhos", disse o moribundo Sr. Bolton, "não ousareis, creio eu, encontrar-me no dia do juízo em um estado não regenerado". O peso das orações e advertências de tais homens santos afundará as suas relações ímpias mais profundamente no inferno do que outros que caem ali vindos de famílias escuras e cegas.

UMA PALAVRA AOS CHEFES DE FAMÍLIA QUE NÃO TÊM O CULTO DE DEUS EM SUAS CASAS

Uso Terceiro. A vós que sois chefes de família, mas que ainda não tivestes a disposição de estabelecer o culto de Deus nelas. Receio que Deus receba muito pouco de vós em vossos quartos, visto que nada recebe em vossas famílias. Não é quebra de caridade suspeitar de vosso cuidado com as vossas próprias almas se não demonstrais nenhum pelas de vossos familiares. Se alguma vez tivesses tido conhecimento pessoal com Deus e provado qualquer doçura na comunhão secreta com ele, poderias assim privar a tua família de tão grande bênção? Poderias encontrar tal tesouro e escondê-lo daqueles a quem tanto amas? Não têm eles almas tão preciosas em seus peitos quanto a tua? Não desejas que eles encontrem o caminho do céu tanto quanto tu? Sim, não és o depositário de Deus encarregado de cuidar de suas almas bem como de seus corpos? Não deves mais ao teu filho e ao teu servo do que ao teu porco ou ao teu cavalo? Os corpos deles são cuidados, e não farás nada mais pelo outro aspecto? Como sabes se o teu santo exemplo nos deveres do culto de Deus entre eles não deixará tais impressões em seus corações que nunca se apagarão até o dia de suas mortes? Nunca ouvistes ninguém, para o louvor de Deus, reconhecer que a primeira conversão em direção ao céu que teve foi por viver em

uma família tão piedosa, onde, com o culto de Deus, um aroma e senso secreto das coisas de Deus se infiltrou discretamente em seus corações? Certamente, se a nossa juventude fosse mais familiarizada com os deveres da religião em privado, o trabalho do ministro seria muito facilitado no público. Por meio disto, as consciências de muitos seriam preservadas sensíveis e, assim, tornar-se-iam maleáveis aos conselhos da palavra pregada; ao passo que agora o diabo tem uma triste vantagem — pela irreligião e ateísmo que há na maioria das famílias — para endurecer os corações deles a tal ponto que os torna quase impenetráveis. Não é de espantar ver que aquela árvore não viceja quando recebe pouco sol; e tão pouco espanto ver continuarem profanos e ímpios aqueles que apenas uma vez por semana vêm sob os raios de uma ordenança, e depois não veem nem ouvem mais nada de Deus até que o Sábado volte novamente.

Ah! Como é provável que a faísca seja então encontrada viva se ao longo de toda a semana nada houve para a impedir de morrer? Alguém compara apropriadamente o ministério público ao pedreiro que constrói a casa, e os governantes da família aos que fabricam o tijolo. Ora, se vós, por negligenciardes o vosso dever, trouxerdes argila em vez de tijolo, tornareis o trabalho do ministro duplo. A verdade é que a negligência do culto familiar abre uma larga comporta para deixar entrar um dilúvio de profanidade na igreja. Vives agora sem o culto de Deus em tua família, e talvez em poucos anos de tua própria colmeia saiam muitas outras famílias, filhos ou servos, e é mais provável que sigam o teu modelo. De fato, seria de espantar se os que não aprenderam melhor agissem de outro modo; e assim a irreligião tende a espalhar-se rapidamente. Quando a tua cabeça for baixada ao pó, a tua profanidade não será sepultada na cova

contigo. Não, deixas outros atrás para a manter viva. Oh, quão terrível é lançar o fundamento de um pecado para muitas gerações! Os filhos que ainda não nasceram podem levantar-se e amaldiçoar tais pais. "Se eu tivesse ouvido o meu pai orar", pode dizer o filho em sua hora de morte, "ou tivesse sido conduzido ao conhecimento do culto de Deus pelo seu exemplo, então eu não teria vivido como um pagão como vivi". Pois bem, assim como não quereis que os vossos filhos e servos vos encontrem no outro mundo com as suas bocas cheias de clamores e acusações — ou se isto, por parecer mais distante, não vos assusta, assim como não quereis que eles provem ser uma praga e um flagelo para vós neste mundo —, não permitais que o vosso governo familiar seja irreligioso. É justo que Deus permita que o teu servo te seja infiel em teus bens, tu que o és para com a alma dele; que os teus filhos, quando velhos, se esqueçam de seu dever para contigo, tu que os criaste como pagãos em sua juventude, sem lhes ensinar o dever deles para com Deus.

UMA PALAVRA AOS CHEFES DE FAMÍLIA QUE TÊM O CULTO DE DEUS EM SUAS CASAS

Uso Quarto. A vós que estabelecestes este dever em vossas famílias, algumas poucas palavras de conselho para a condução mais santa dele:

1. Não penses que basta para provar que és um santo o fato de orares em tua família; podes estabelecer o culto de Deus em tua casa e não entronizar Deus em teu coração. Deus nos guarde de que vos glorieis nisto e vos intituleis santos por causa disto. Infelizmente! Ainda não chegastes tão longe quanto alguns hipócritas chegaram. O dever é bom, mas a realização

externa dele não demonstra que ninguém o seja. Há muitos a caminho do inferno mais perto do céu do que isto. Do ato, portanto, atenta para o fim que propões a ti mesmo nele. É um arqueiro tolo aquele que dispara a sua seta antes de ter mirado corretamente. A pergunta que Deus faz é: "Acaso orais a mim, sim, a mim mesmo?". Podes possivelmente impressionar os outros com a tua oração, sim, ser instrumento para quebrar os corações deles pelas tuas confissões e refrescar os seus espíritos pelas doces expressões que fluem de ti, agindo tu mesmo como hipócrita durante todo o tempo. Convém-te, portanto, considerar qual é o peso e a mola que põe este dever a funcionar em tua família. Não é para ganhar a reputação de ser religioso nos pensamentos dos outros? Se assim for, jogas um jogo pequeno. De fato, a religião seria uma coisa lamentável se isto fosse tudo o que se pudesse obter por meio dela. Quando tiveres alcançado este fim, ele não te aliviará de uma única pontada de consciência, nem apagará uma faísca do fogo atormentador do inferno para ti. Mas, se é isto o que buscas, é de se questionar se crês que tal lugar existe ou não. Estes poucos princípios bem cingidos pela fé ao redor dos lombos de tua mente — que há um Deus, e que ele é galardoador dos que diligentemente o buscam; que o céu está preparado para o sincero, e o inferno escancarado para o hipócrita — seriam suficientes para ajustar o teu coração no dever. Embora o viajante não preste muita atenção ao seu caminho onde não percebe perigo, contudo, quando chega a passar sobre uma ponte estreita, onde um passo em falso pode custar-lhe a vida ao cair em um rio profundo que corre de cada lado, ele certamente vigiará o seu olho, que deve guiar o seu foot. Este é o teu caso. A oração é uma obra tão solene quanto qualquer outra que possas realizar em toda a tua vida. Um fim egoísta nisto pode arriscar a tua alma tanto quanto um olhar

desviado o teu corpo no outro caso. Não precisamos fazer nada mais para perder as nossas almas do que buscar a nós mesmos.

2. *Tem cuidado para não manchares os teus santos deveres com uma vida ímpia.* Se pretendes sujar as tuas mãos com a obra negra do pecado durante o dia, por que as lavas pela manhã com a oração? De nada serve começar com Deus e fazer companhia ao diabo durante todo o resto do dia. Regras religiosas em tua casa e uma conduta desregrada combinam mal. Oh! Não tornes o culto de Deus desprezível aos pensamentos de teus servos e de tua família. Aqueles que gostam do vinho ainda assim sentirão náuseas dele se for trazido em uma taça suja e imunda. Os deveres do culto de Deus impõem reverência até mesmo daqueles que são carnais; mas, se realizados por aqueles que são desregrados e escandalosos, tornam-se repugnantes. Os filhos de Eli fizeram o povo abominar as ofertas do Senhor (1Sm 2:17). Pelos teus deveres religiosos, apresentas um belo modelo. Oh, não o escrevas em papel que borra. É apenas por um momento que és visto de joelhos; e um pouco de aparente zelo em tua devoção não cobrirá de ouro um dia inteiro de mau comportamento gasto em ira, preguiça, libertinagem ou qualquer outro curso ímpio. Diz-se que Cristo pregava com poder e "autoridade, não como os escribas" (Mt 7:29). Não que eles não tivessem autoridade para pregar, pois se assentavam na cadeira de Moisés; mas porque perderam aquela reverência — por não caminharem de forma condizente com a sua doutrina — que o seu lugar e trabalho teriam lhes dado nas consciências de seus ouvintes. "Eles diziam e não faziam" (Mt 23:3), e com isso tornavam a sua doutrina ineficaz. Se queres orar com autoridade e poder, reforça os teus deveres com a pureza de vida.

3. *Preserva a paz e a unidade em tua família.* Uma família barulhenta não pode ser uma família que ora. O apóstolo

exorta o marido e a esposa ao amor e à unidade, para que as suas orações não sejam "impedidas" (1Pe 3:7). As contendadas em uma família tanto impedem o espírito de oração quanto a resposta às nossas orações:

(1.) *Impedem o espírito de oração.* O Espírito de Deus é um Espírito de paz e amor e, portanto, não se deleita em respirar em um ar agitado. O caminho mais rápido para fazê-lo ir embora é brigar e repreender. "Não entristeçais o Espírito Santo de Deus", diz o apóstolo (Ef 4:30). E para que não o façamos, ouve qual é o seu conselho: "Toda a amargura, e ira, e cólera, e clamor, e blasfêmia e toda a malícia sejam tirados de entre vós" (v. 31). Quando estas coisas se forem, então (e não antes) busca a sua doce companhia. Poderíeis do mesmo modo habitar confortavelmente juntos com a vossa casa em chamas, como orar assim juntos quando vós na casa estais em chamas.

(2.) *As contendadas impedem a resposta às nossas orações.* If oramos em ira, Deus não pode se agradar. "A ira do homem não opera a justiça de Deus" (Tg 1:20). Um vento forte abate a fumaça. As nossas orações são comparadas ao incenso, mas elas nunca subirão ao céu até que esta tempestade seja acalmada. Vai orar neste estado, e Deus te dirá para voltar quando estiverdes em melhor acordo. O Espírito não ajudará em tais orações; e, se o Espírito não tem parte na redação, Cristo não terá parte na apresentação da oração. E, se Cristo não a apresentar, com certeza o Pai não a receberá, pois "por ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito" (Ef 2:18).

4. *Sê muito criterioso sobre quem tornas membro de tua família.* Consegue, se puderes, sob o teu teto pessoas que possam dar um auxílio contigo em teu culto familiar. Embora não seja pecado teu orar com uma esposa e servo ímpios,

contudo é pecado teu escolher tais pessoas para as tuas relações se de outro modo puderes evitar. No entanto, infelizmente! Quão pouco isto é considerado, embora a bênção e o conforto da família estejam profundamente interessados nisso! Um pouco de beleza, honra ou dinheiro frequentemente cegam os olhos e subornam os julgamentos daqueles de quem podemos esperar que sejam eles mesmos graciosos, de modo que se unem a tais que são muito inadequados para caminhar com eles no caminho e trabalho do céu. Davi sabia que Mical vinha de uma linhagem má, mas talvez esperasse trazê-la para concordar com ele no serviço de Deus, e vemos que triste provação ela provou ser para ele. Salomão nos fala daqueles que perturbam a sua própria casa (Pv 15:27). Aquele que por motivos carnis recebe uma esposa ímpia em seu seio, ou um servo em sua família, é o homem que certamente fará isto. Talvez, quando ele queira orar e louvar a Deus, a sua esposa, como a de Jó, lhe dirá para amaldiçoar. Quando ele está no dever, ela o desprezará em seu coração e zombará de seu zelo, como Mical fez com Davi. E assim aqueles que, por algumas habilidades naturais que veem em um servo, arriscam-se com ele, embora ímpio e profano, pagam caro por isso. Tais servos frequentemente trazem consigo aquela praga de profanidade que infecta o resto; de modo que, o que ganham para os seus senhores com as suas mãos, roubam-lhes com os seus pecados, o que traz a maldição de Deus para a sua família. Quem que seja sábio construiria uma casa com madeira que está em chamas? Se o servo que recebes é ímpio, o fogo está nele, o que colocará em perigo a tua casa. Sê, pois, zeloso em plantar uma família piedosa. Esta era a resolução de Davi — talvez ele tenha visto o mal de sua escolha anterior —: "Os meus olhos procurarão os fiéis da terra, para que estejam comigo; o que anda num caminho reto, esse me servirá. O que usa de engano não ficará dentro da minha casa; o que fala mentiras não estará firme

perante os meus olhos" (Sl 101:6-7). Então a música será doce em teus deveres familiares, quando puderes conseguir um coro em tua casa; tais pessoas cujas almas estejam afinadas para aqueles serviços santos nos quais debes te unir a elas.

5. *Mantém um diário de teus pecados e misericórdias familiares*, para que nem um escape à tua confissão e humilhação, nem o outro ao teu reconhecimento grato. Se isto fosse observado, não viríamos com corações tão áridos e estéreis para a obra, como agora, infelizmente, a maioria faz. Toma algum tempo para sensibilizar o teu coração com ambos os aspectos. O quebrantamento de coração de ti que oras conduzirá muito à mesma disposição naqueles que se unem a ti. Nada derrete o metal mais rapidamente do que derramar sobre ele aquilo que já está derretido. O orador sonolento frequentemente faz dormir os demais que se unem a ele. Tem cuidado, portanto, com a formalidade; este é o câncer que consome o próprio coração dos deveres religiosos. Lembra-te de que és para a tua família o que o ministro é para a assembleia pública. Assim como o amortecimento de seu coração na oração e na pregação tem uma má influência sobre o seu povo para torná-lo semelhante a si mesmo, o mesmo ocorre com o teu sobre a tua família. Não sofres apenas uma perda pessoal para ti mesmo, mas prejudicas o restante de tua companhia. Assim como quando desperdiças os teus bens, a tua esposa, filhos, servos e todos passam pior e devem sofrer privações por causa disso; da mesma forma, quando abafas o teu coração com cuidados desordenados do mundo, ou de qualquer outro modo te indispões pela tua caminhada pecaminosa para o dever da oração, toda a tua família sai perdendo contigo.

6. *Observa os momentos mais adequados para o dever em tua família*, quando com mais liberdade e menor perturbação

ele possa ser realizado. Pela manhã, aproveita a oportunidade antes que uma multidão de negócios mundanos se aglomere sobre ti. Em algumas famílias, tenho observado, onde há grandes afazeres, que se o dever é adiado até que algumas ocasiões mundanas sejam despachadas, então, ou ele tem sido excluído, ou confinado em tais apertos de tempo que a maneira superficial e desleixada de realizá-lo tem provado ser pouco melhor do que a negligência total. Para evitar esta desordem, o melhor é antecipar o mercado do mundo, bem cedo pela manhã dedicar-se ao dever e oferecer a Deus as primícias do dia, antes que os nossos pensamentos encontrem uma distração. Lemos que os israelitas colhiam o seu maná bem cedo "pela manhã", e "aquecendo o sol, derretia-se" (Êx 16:21). Eu recomendaria, especialmente àqueles que têm multiplicidade de negócios mundanos, que tomem o seu tempo para a comunhão com Deus cedo, enquanto os seus pensamentos estão mais reunidos, antes de estarem aquecidos em seus negócios mundanos, para que não encontrem então os seus pensamentos tão dispersos e espalhados entre outros afazeres que não se reúnam facilmente em uma atenção estreita e unida diante de Deus no dever. Novamente, quando a noite chegar, não adies a obra até estardes mais aptos para ir para o travesseiro do que para a almofada de joelhos, para dormir do que para orar. Se o olho dorme, a alma não pode bem despertar. Especialmente considera os teus servos que trabalham arduamente no dia; oh, não os exponhas à tentação de orações sonolentas! Se os nossos corações tivessem prazer na obra, planejaríamos e arquitetaríamos qual seria o melhor momento para a comunhão com Deus, exatamente como os amantes fazem sobre como e quando podem se encontrar mais reservadamente.

A oração pública ou na igreja requerida por Deus, e as razões do porquê

Segundo. A oração social ou conjunta pode ser pública na igreja. Entendemos por isto aquela oração oferecida na e pela igreja reunida para o culto de Deus. Ao tratá-la, esforçar-me-ei por fazer estas cinco coisas: mostrar — 1. Que Deus requer um culto público de seu povo. 2. Que a oração é uma parte deste culto público que ele ordena. 3. Por que Deus requer um culto público e, em particular, a oração pública. 4. Resolverei uma questão ou duas a respeito da oração pública. 5. Farei alguma aplicação prática deste ponto.

1. Que Deus requer um culto público de seu povo. Esta palavra, *cultus*, ou culto em geral, é *obsequium alicui praestitum juxta excellentiam ejus* [honra prestada a alguém conforme a sua excelência]. E esta é tríplice: civil, moral ou divina. O culto civil é a devida honra e serviço que prestamos a uma pessoa em posição e poder sobre nós, como príncipe, pai ou senhor. O moral é aquela devida reverência e respeito que prestamos a uma pessoa que possui qualquer excelência de virtude ou posição, sem autoridade sobre nós. Assim prestamos honra e veneração tanto aos santos que vivem na terra conosco quanto aos santos e anjos no céu. O culto religioso ou divino é a honra e o serviço que prestamos àquele Ser que cremos ser o autor de nossa existência e fonte de nossa felicidade. Ora, este Ser é Deus, e ele unicamente. A ele, portanto, e somente a ele, é devido o culto religioso: "Ao Senhor teu Deus temerás, e a ele servirás, e pelo seu nome jurarás. Não seguireis outros deuses" (Dt 6:13-14). Este culto religioso do Deus verdadeiro divide-se em várias distinções: interno e externo, privado e público. O culto público de Deus é o assunto presente do nosso discurso — refiro-me àquele que a congregação realiza a ele em suas assembleias religiosas, chamadas "a congregação dos santos" (Sl 89:5) e "a assembleia dos santos" (v. 7). A igreja de Deus na terra começou

em uma família, e o mesmo ocorreu com o culto de Deus. Mas, quando o número aumentou, o culto de Deus tornou-se mais público: "então se começou a invocar o nome do Senhor" (Gn 4:26) — isto é, começaram publicamente, diz Mercer. Sete e outros da linhagem religiosa começaram a ter as suas santas assembleias para o serviço de Deus (Willet, *in locum*). É digno de nota como Deus, na promulgação da lei no Sinai, quando primeiro formou os israelitas em uma comunidade política, teve cuidado especial em erigir um culto público ao seu nome. Aquele foi o "dia de suas bodas" (Jr 2:2). E então ele instituiu uma forma solene de culto público, com regras exatas de como ele deveria ser realizado. O mesmo cuidado tomou o nosso Senhor Jesus pela sua igreja do evangelho, ao designar tanto as ordenanças da igreja quanto os oficiais para administrar as mesmas.

2. *A oração é parte daquele culto religioso que a igreja deve realizar a Deus em suas assembleias públicas*, sim, uma parte principal, colocada por isso frequentemente pelo todo: "E os habitantes de uma cidade irão à outra, dizendo: Vamos depressa orar perante o Senhor, e buscar ao Senhor dos Exércitos; eu também irei. Assim virão muitos povos e poderosas nações, para buscar ao Senhor dos Exércitos em Jerusalém, e para orar perante o Senhor" (Zc 8:21-22). É uma profecia de como os crentes nos tempos do evangelho deveriam zelosamente motivar uns aos outros a irem às assembleias da igreja — de que Jerusalém era um tipo — para ali orarem e adorarem a Deus juntos. "Está escrito", diz o nosso Salvador, "A minha casa será chamada, por todas as nações, casa de oração" (Mc 11:17). Isto foi parcialmente realizado quando os convertidos nos dias dos apóstolos se aglomeravam em Jerusalém para ali adorarem a Deus. *Sed perfectè impletum est*

illud in Christi ecclesia ex omnibus gentibus collectâ [Mas cumpre-se perfeitamente isso na igreja de Cristo, reunida de todas as nações], que deveria manter o culto de Deus em suas assembleias. São Lucas não se esquece de mencionar este ponto da oração entre os demais deveres e ofícios dos cristãos primitivos em suas assembleias: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações" (At 2:42). Por perseverarem "na doutrina dos apóstolos", o Sr. Perkins entende a sua assistência aos sermões dos apóstolos; por "comunhão", entende as suas contribuições aos pobres, que eram recolhidas em suas assembleias, uma obra muito adequada para aquele lugar, "porque com tais sacrifícios Deus se agrada" (Hb 13:16); pelo "partir do pão", a celebração da ceia do Senhor; e pelas "orações", aquelas que apresentavam juntos em comunhão em suas reuniões da igreja. E não foi esta da oração deixada por último por ser o menor dever do grupo, mas antes porque ela tem uma influência necessária sobre todos eles. A Palavra e os sacramentos, pelos quais Deus costuma santificar o seu povo, são eles mesmos santificados para nós pela oração. E São Paulo, quando demonstrou em 1Tm 1 qual doutrina os ministros devem pregar na igreja, direciona-os no capítulo 2 sobre em que devem insistir principalmente em suas orações públicas: "Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões, e ações de graças, por todos os homens; pelos reis, e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada em toda a piedade e honestidade" (1Tm 2:1-2). Isto a igreja de Cristo sempre considerou uma parte principal de seu culto público. Tertuliano, falando das assembleias da igreja, diz: *coimus in caetum et congregationem, ut ad Deum quasi manu facta precationibus ambiamus orantes, haec vis Deo grata est* [reunimo-nos em assembleia e congregação para que, por meio de orações fervorosas,

cerquemos a Deus como que com tropas reunidas, e esta força agrada a Deus]. Prossigo para o terceiro ponto.

3. Por que Deus requer um culto público ou um serviço conjunto de seu povo em comunhão uns com os outros, e por que este dever particular da oração:

(1.) Como um reconhecimento livre e aberto de sua dependência e lealdade a Deus. É extremamente razoável que reconheçamos o Deus a quem servimos, mesmo diante do mundo, e não levemos a nossa religião em uma lanterna oculta, como Nicodemos. É indigno do serviço de seu senhor aquele que tem vergonha de usar a sua farda e segui-lo na rua com ela em suas costas. "Hoje declaraste ao Senhor que ele te será por Deus, e que andarás nos seus caminhos, e guardarás os seus estatutos, e os seus mandamentos, e os seus juízos, e ouvirás a sua voz. E o Senhor hoje te declarou que lhe serás por povo seu próprio..." (Dt 26:17-18). Até os pagãos compreendem isto, que devem uma livre profissão e serviço público ao deus que invocam: "Porque todos os povos andarão, cada um em nome do seu deus; mas nós andaremos em nome do Senhor nosso Deus, para todo o sempre" (Mq 4:5). Ora, por andarem no nome de Deus, querem dizer que invocarão o seu nome e o reconhecerão por um culto público, como se pode ver pelos versículos 1 e 2 daquele capítulo. E esta é uma profecia do evangelho a respeito dos últimos dias; onde, de passagem, podemos notar a tolice e o orgulho daqueles que abandonam as ordenanças públicas, e as privadas também, sob o pretexto de suas elevadas realizações espirituais, deixando estes deveres da religião como cordas para aqueles que ainda são crianças serem guiados. Isto é terrível orgulho e ignorância para terem uma opinião tão elevada de si mesmos. Mas, fossem eles tão perfeitos quanto falsamente se imaginam, e não necessitassem de mais ensino, não deveriam ainda assim

reconhecer a Deus adorando-o? O fundamento pelo qual o culto divino se torna devido a Deus são as suas próprias infinitas perfeições, e a nossa dependência dele como autor de nossa existência e fonte de nossa bem-aventurança. Daí decorre que os anjos e os santos no céu o adoram, embora de uma maneira adequada ao seu estado glorificado. Algumas ordenanças, de fato, ajustadas à igreja militante na terra, ali cessarão. Mas um culto permanece; sim, é o emprego constante deles. Os santos na terra servem a Deus sempre, mas não podem sempre adorar, por isso têm tempos estabelecidos designados para eles. Ora, abandonar o culto de Deus é renunciar ao próprio Deus, e à comunhão com a sua igreja tanto na terra quanto no céu. "Mas a vós, os que vos desviais do Senhor, os que vos esqueceis do meu santo monte..." (Is 65:11). Eles não lhe prestavam o seu culto público, e ele interpreta isto como um rejeitá-lo de ser o Deus deles. Às vezes, confesso, as portas da igreja são fechadas pelos perseguidores e, quando este dilúvio sobe, os caminhos de Sião choram; contudo, mesmo assim devemos clamar após o Senhor e a sua arca. O santo Davi não era estranho às devoções privadas, contudo não podia senão lamentar o seu banimento do público: "A minha alma tem sede de ti; a minha carne te deseja muito em uma terra seca e cansada, onde não há água; para ver a tua força e a tua glória, como te vi no santuário" (Sl 63:1-2).

(2.) *Para preservar o amor e a unidade na igreja.* Deus é um, e ama ternamente a unidade e a harmonia entre o seu povo. A razão que ele dá para querer as cortinas do tabernáculo unidas umas às outras é para que seja "um só" tabernáculo (Êx 36:13-18). O prender destas cortinas tão amorosamente juntas para este fim, para que a tenda fosse uma só, significava a união e o enlace dos santos em amor. Ora, embora isto seja efetuado principalmente pela operação interna do Espírito Santo em seus

corações, pois ele unicamente pode unir as almas e amassá-las em uma só massa; contudo, ele usa a comunhão conjunta deles nas ordenanças como um meio feliz através do qual pode transmitir e derivar a sua graça que os une em amor. Estes são os ligamentos que prendem um membro ao outro neste corpo místico. E não vemos que os cristãos, como membros do corpo natural, cuidam uns dos outros e simpatizam uns com os outros enquanto estão unidos em uma só comunhão? Mas, quando estes ligamentos são cortados, a comunhão no culto é quebrada; então vemos um membro afastar-se de outro, e pouca atenção ou amor mútuo se encontra entre eles. O apóstolo viu boa razão para unir ambos estes aspectos em uma só exortação: "E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras, não deixando a nossa congregação..." (Hb 10:24-25). Como se dissesse: "Se não puderdes concordar em adorar a Deus uns com os outros, tereis pouco amor uns para com os outros". Quando a vara de "Graça" do judeu foi cortada, a vara de "União" não durou muito tempo inteira (Zc 11:10). A religião tem o seu nome *a religando* [de ligar de volta]; ela é um forte ligador. Quebra a bela ordem da comunhão da igreja, e um povo logo se desintegrará por completo. É observável quão cativante é a conversa e a comunhão em coisas de natureza inferior. Estudantes que vão à escola juntos, os que se hospedam na mesma casa, *collactanei* [os que mamam o mesmo leite], gêmeos que jazem juntos no mesmo ventre, eles têm um mútuo apego de afeto uns pelos outros. Quão influente, então, deve ser necessariamente a comunhão da igreja onde todos estes aspectos se encontram? — quando consideram que vão para a mesma escola pública do ministério, assentam-se à mesma mesa do sacramento, sugam os mesmos peitos das ordenanças e jazem juntos no seio, sim, no ventre da mesma igreja. Isto foi admiravelmente visto nos cristãos primitivos, os quais, pela

comunhão nas ordenanças, foram inspirados com um amor tão maravilhoso uns pelos outros que mal podiam encontrar os seus corações em seus próprios peitos: "E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum... e, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração" (At 2:44, 46). Mas, quando uma brecha foi feita na comunhão da igreja, então o amor esfriou, e isso cresceu sobre os cristãos à medida que as divisões aumentavam. Ora, pensar-se-ia que, sendo a causa de nossa doença tão facilmente conhecida, a cura não deveria ser tão difícil como, infelizmente, nos dias de hoje constatamos ser.

(3.) *Para a segurança e defesa dos santos contra os seus inimigos.* Paulo alegrava-se com a ordem e a firmeza dos santos colossenses (Cl 2:5). Ordem é um termo militar, e denota *cohortem ordine apto conglobatam* [uma tropa reunida em ordem apropriada] — um exército compacto e organizado de modo que cada parte ajude a outra para a sua defesa. E tal exército são os santos quando permanecem em comunhão conjunta segundo a regra divina. O nosso bendito Salvador, ao partir da terra para o céu, que caminho tomou para deixar os seus discípulos em uma postura defensiva após a sua partida? Envia-os para casa para que cada um cuide de si? Não, mas para Jerusalém, para ali permanecerem como que em um corpo por comunhão conjunta (At 1). A gota d'água está segura no rio, perdida quando separada dele; o soldado está seguro quando marcha com o exército, mas é capturado quando se afasta dele. Caim, olhando para si mesmo como uma pessoa excomungada da igreja de Deus, esperava que algum grande mal, como de fato era de se esperar, lhe sobreviesse. Por isso, a alma graciosa, representada pela esposa, é apresentada perguntando onde está a assembleia dos fiéis, para que, unindo-se a ela, possa ser

protegida em um tempo de perigo: "Declara-me, ó tu, a quem ama a minha alma, onde apascentas, onde fazes descansar o teu rebanho ao meio-dia; pois por que seria eu como a que se desvia pelos rebanhos de teus companheiros?" (Ct 1:7).

(4.) *Porque Deus tem grande prazer nos pedidos e louvores conjuntos de seu povo.* Não precisamos depreciar a excelência das devoções privadas para magnificar as orações públicas da igreja. Ambas são necessárias e altamente agradáveis a Deus. Contudo, não é ofensa às devoções privadas de um santo específico dar a precedência às orações públicas da igreja. O próprio Deus nos diz que "ama as portas de Sião mais do que todas as habitações de Jacó" (Sl 87:2). Não há dúvida de que as orações que os fiéis apresentavam ao céu sob os seus tetos privados eram muito aceitáveis a ele; mas, se a voz individual de um santo na oração é tão doce aos ouvidos de Deus, muito mais o é o coro da igreja — as orações de seus santos em harmonia conjunta. Um pai fica alegre ao ver qualquer um de seus filhos e lhe dá as boas-vindas quando o visita, mas muito mais quando vêm juntos; o maior banquete é quando todos se reúnem em sua casa. Os louvores públicos da igreja são o emblema do próprio céu, onde todos os anjos e santos fazem um único coro. Há uma eficácia maravilhosa nas orações conjuntas de seu povo. Quando Pedro estava na prisão, a igreja reúne-se e ora até tirá-lo das mãos de seus inimigos. Um príncipe concederá uma petição subscrita pelas mãos de uma cidade inteira, a qual talvez não concederia a pedido de um súdito privado, e no entanto amando-o bem também. Há uma promessa especial para a oração pública: "Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles" (Mt 18:20). *Non dicit ero, non enim tardat vel cunctatur, sed sum jam illic, invenior praesens gratia et favore singulari, eo quod summopere me delectet hujusmodi*

concordia [Ele não diz "estarei", pois não faz demora ou hesitação no assunto, mas "já estou lá" — venham eles quando quiserem — presente pelo meu favor e graça especial, porque esta harmonia na oração me agrada sobremaneira]. É a explicação de Lucas Brugens sobre a passagem.

4. Venho responder a uma questão ou duas a respeito da oração pública.

(1.) A primeira questão é: É legítimo que as orações públicas da igreja sejam realizadas em uma língua não compreendida pelo povo?

Resposta. Todos os ofícios da igreja e deveres realizados em seu culto devem ser feitos para a edificação. Este é um cânon apostólico. Ora, ninguém pode ser edificado por aquilo que não compreende e, portanto, necessariamente deve ser, como Beza chama o serviço em latim papista, *ludibrium Dei et hominis* [um escarnecimento de Deus e do homem], balbuciar tais orações na igreja sem que o povo saiba o seu significado. "Porque, se eu orar", diz o apóstolo, "em língua desconhecida, o meu espírito ora bem, mas o meu entendimento fica sem fruto" (1Co 14:14). Ele quer dizer que a congregação não fica mais sábia pelo fato de ele compreender a oração que apresenta, a menos que pudesse fazê-los compreendê-la também. Não podemos ser mais edificados pelo intelecto de outro do que sermos salvos pela fé de outro. Quando Deus pretendeu derrotar aquela tentativa audaciosa daqueles filhos do orgulho que queriam edificar uma torre que competisse com os céus em altura, ele nada mais fez do que confundir as suas línguas para que não compreendessem a fala uns dos outros, e assim foi feito. Imediatamente o trabalho deles cessou. E, assim como não podiam edificar, da mesma forma não pode edificar o povo aquele que não compreende a

sua fala na oração. Um ministro mudo pode servir ao propósito do povo tanto quanto aquele que pela sua fala é um bárbaro para eles. Pois a voz do ministro é necessária em suas ministrações públicas, como diz Agostinho: *significandae mentis suae causa, non ut Deus sed ut homines audiant* [para significar o seu pensamento, não para que Deus ouça, pois ele ouve as orações que a língua não é empregada para expressar, mas para que os homens ouçam] e assim unam os seus votos aos dele para com Deus. Assim como o ministro deve orar por eles, eles devem orar com ele; o que devem testificar pelo seu sincero amém ao final. Mas isto não podem fazer, se cremos em São Paulo: "De outro modo, se tu bendisseres com o espírito, como dirá o amém sobre a tua ação de graças aquele que ocupa o lugar de indouto, visto que não sabe o que dizes?" (1Co 14:16). "O coração do sábio instrui a sua boca" (Pv 16:23), diz Salomão; isto é, ele não permitirá, como dizemos, que a sua língua corra antes de seu juízo, mas saberá o que deve falar antes de enviar a língua em sua missão. E certamente, acima de tudo, esta sabedoria deve ser demonstrada em nossas orações, nas quais não falamos ao homem, mas a Deus. Dizer amém àquela oração que não compreendemos, o que é senão oferecer o sacrifício de tolos? O assunto santo na oração é o incenso a ser oferecido; a língua é o incensário; mas as afeições da alma devota trazem o fogo ao incenso antes que ele possa subir como um perfume suave às narinas de Deus. Ora, se o intelecto carece de luz para compreender qual é o assunto da oração, as afeições necessariamente devem ser frias ou desordenadas; e fogo desordenado é inadequado para oferecer o incenso da oração. Não basta que a alma que ora seja tocada com algumas afeições devotas, mas que estas afeições sejam adequadas ao assunto da oração, sim, surjam do senso que ela tem dele.

(2.) A segunda questão é: É legítimo que uma forma preestabelecida de oração [ou liturgia escrita] seja usada na igreja?

Se for ilegítimo, é porque, pelo uso de uma forma preestabelecida na oração, algum mandamento de Deus é transgredido; pois onde não há lei, não há transgressão.

Ora, será difícil para aqueles que condenam todas as formas preestabelecidas — por mais santo que seja o conteúdo delas — mostrar qualquer mandamento no registro da Escritura que proíba o orar por uma forma preestabelecida, ou que desautorize o seu uso, seja em termos expressos ou por consequência necessária. Admitir-se-á, sim, deve-se admitir, que a Escritura é uma regra perfeita neste dever particular do culto de Deus, bem como em outros. Mas, entre todos os preceitos e regras no livro de Deus, não encontramos nenhum que ordene que devamos orar apenas por uma forma espontânea, e não por uma forma preestabelecida. É-nos ordenado a quem orar: a Deus, e a nenhum outro (Sl 44:20); em nome de quem devemos orar (1Tm 2:5; Ef 5:20); estamos limitados quanto ao assunto de nossa oração, o que devemos pedir (1Jo 5:14); e, finalmente, de que maneira devemos orar — devemos orar "com o entendimento" (Jo 4:22; 1Co 14:16; Hb 11:6), "em fé" (Tg 1:6; Hb 11:4), com fervor sincero (Jr 29:12); em uma palavra, que compreende tudo em si, devemos orar "no Espírito" (Ef 6:18), "no Espírito Santo" (Jd 20). Ora, aquele que pode fazer tudo isto não precisa temer senão que ora legitimamente e, conseqüentemente, de modo aceitável. E confessamos que isto pode ser feito por alguém que ora com uma forma preestabelecida, do contrário deveríamos muito audaciosamente acusar muitos santos eminentes na Escritura de orarem ilegitimamente. Quem ousa dizer que Salomão louvou a Deus de

modo ilegítimo quando usou a própria forma que Davi, seu pai, escrevera? Ou que Moisés não orou no Espírito porque orou em uma forma constante ao mover-se a arca e ao ser ela assentada novamente?

Assim vistes o que Deus prescreveu para o nosso orar aceitável; e, se tivesse sido de tão perigosa consequência ter orado por uma forma preestabelecida a ponto de tornar as nossas orações abomináveis, teria Deus deixado de advertir o seu povo sobre isso, especialmente quando previu que as suas igrejas geralmente em suas assembleias fariam uso delas, como o fizeram por treze ou quatorze séculos? Mas não deveríamos nós, sim, indubitavelmente devemos concluir que, visto que o Senhor em sua palavra não desce a prescrever qual deve ser a estrutura e ordem externa de nossas palavras na oração, se concebidas *ex tempore* [de improviso] ou moldadas em uma forma previamente estabelecida — dando apenas regras gerais de que tudo seja feito decentemente, que não sejamos precipitados com a nossa boca, nem o nosso coração se apresse a proferir coisa alguma diante de Deus, e outras semelhantes que são aplicáveis a ambas —, digo que deveríamos concluir que ambas são legítimas e justificáveis, não tendo a Escritura determinado nem de um modo nem de outro. E, portanto, colocar a religião em uma, de modo a condenar a outra como ilegítima, assemelha-se — como diz uma sábia e santa pena — demais à superstição, visto que o próprio Deus não impôs vínculo algum sobre a consciência de nenhum dos dois modos.

Quanto à excelência da oração espontânea, na qual o cristão devoto, da abundância de seu coração, derrama os seus pedidos a Deus, ninguém senão um espírito profano ousa abrir a boca contra ela. Mas não há outra maneira de engrandecer a excelência desta senão aviltando e imputando pecado à outra?

Infelizmente! O mal não está na forma, mas na formalidade; e esta é uma doença que pode ser encontrada naquele que ora com uma oração espontânea. Um homem pode orar sem uma forma e, no entanto, não orar sem formalidade. Embora confesse que aquele que se limita constantemente a uma forma preestabelecida — especialmente em suas abordagens privadas — parece-me estar em maior perigo dos dois de cair sob o poder desse temperamento preguiçoso. Mas, para apressar o despacho desta questão — pois não pretendo um discurso completo sobre este ponto, mas apenas destacar alguns pontos, os quais podem encontrar mais amplamente tratados em muitos excelentes tratados sobre este assunto —, eu gostaria de pedir àqueles que duvidam da legitimidade de todas as formas preestabelecidas que olhem atentamente para aquelas formas preestabelecidas de bênçãos, orações e ações de graças que estão no registro bíblico e foram usadas pelos servos de Deus com a sua aprovação, e então considerem se Deus prescreveria ou aceitaria o que é ilegítimo. Os sacerdotes tinham uma forma de abençoar o povo (Nm 6:24). Moisés usou, como sugeri, uma forma de oração ao mover-se a arca: "Levanta-te, Senhor, e dissipados sejam os teus inimigos; e fujam de diante de ti os que te odeiam"; e, quando ela era assentada, outra forma: "Volta, ó Senhor, para os muitos milhares de Israel" (Nm 10:35-36), a qual mesma forma foi continuada e usada por Davi no Sl 68:1. Asafe e seus irmãos tinham formas preestabelecidas de ação de graças que lhes foram dadas para usar em seu serviço público: "Então naquele dia Davi entregou pela primeira vez este salmo, para render graças ao Senhor, na mão de Asafe e de seus irmãos" (1Cr 16:7). Este foi o primeiro salmo designado para ser cantado no serviço público; as diversas partes dele foram posteriormente muito ampliadas, como se pode ver comparando o Sl 105 com a primeira parte do cântico na passagem citada, e o Sl 96 com a última parte dele.

Na dedicação do templo, Salomão usou a própria forma de palavras para louvar a Deus que seu pai escrevera (2Cr 7:6). O bom Ezequias ordena aos levitas "que louvassem ao Senhor com as palavras de Davi" (2Cr 29:30). Este homem santo, sem dúvida, era capaz de ter derramado louvores extemporâneos, como se pensa que fez naquela oração que, de improviso, apresentou por ocasião daquela carta ultrajante que lhe foi enviada (2Re 19:14); contudo, não julgou ilegítimo usar uma forma em sua ministração pública. Sim, o nosso bendito Salvador — um exemplo além de todos os exemplos — tanto deu uma forma de oração aos seus discípulos quanto ele próprio não desdenhou de orar três vezes distintas, uma após a outra, a mesmíssima forma de palavras: "E, deixando-os de novo, foi orar pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras" (Mt 26:44). E aquele cântico que ele cantou com os seus discípulos é tido pelos eruditos como aquela porção de salmos que os judeus usavam na celebração da páscoa (ver Beza e Gerhard, *Harmo. in locum*).

5. Venho agora à quinta coisa proposta na condução deste assunto da oração pública, a saber, alguma aplicação prática deste ponto.

(1.) Isto mostra quanta razão o povo de Deus, onde quer que viva, tem para orar pelos bons magistrados, especialmente reis e príncipes. Regna sunt hospitia ecclesiae [Os reinos são as hospedarias da igreja] — assim como a estalagem é para o viajante, da mesma forma os reinos são para a igreja em sua peregrinação aqui na terra. Conforme eles são, tal é o tratamento que ela recebe no mundo e o acolhimento que encontra. "Orai pelos reis", diz o apóstolo, "e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade" (1Tm 2:2). Por piedade ele quer

dizer de modo especial a livre profissão da verdade e o exercício público do puro culto de Deus. Nenhum magistrado pode impedir os santos de viverem piedosamente quanto ao abraçar da verdade em seus corações e à realização secreta da oração. Daniel queria e podia orar, fizesse Nabucodonosor o seu pior. Mas os príncipes carregam as chaves das portas da igreja em seus cintos, e podem fechá-las ou abri-las. Quando magistrados fiéis empunham o cetro, os caminhos de Sião tornam-se fáceis e abertos. Quando governam inimigos dos caminhos e do culto de Deus, então eles choram; as portas da igreja são fechadas e as portas da prisão são abertas aos servos de Cristo. Então a mulher foge para o deserto, e a igreja para as câmaras privadas, como encontramos nos dias dos apóstolos, quando a igreja estava reunida com a porta fechada para orar por Pedro. Oh, orai pelos reis e príncipes; pois, assim como eles carregam as chaves das portas da igreja, da mesma forma Deus carrega a chave que abre as portas de seus corações ao seu bel-prazer.

(2.) *Repreende aqueles que voltam as costas ao culto público.* Ora, estes são de duas espécies: o ateu profano e o separatista escrupuloso.

(a) *O ateu irreligioso* — aquele que, por um espírito profano, volta as costas ao culto público de Deus. Os judeus têm um ditado de um de seus rabinos muito frequente em suas bocas: *quisquis incolit civitatem in qua extat synagoga, et inibi non precatur, is est qui meritò dicitur vicinus malus* [quem quer que habite em uma cidade onde existe uma sinagoga, e ali não se junta para orar, é aquele que merecidamente é chamado de mau vizinho]. Com quantos maus vizinhos nós, infelizmente, convivemos, os quais raramente são vistos na assembleia pública de um fim de ano a outro? Muitos vivem como se tivessem rasgado o compromisso que foi selado em seu batismo

e renunciado a toda homenagem ao seu Criador, querendo dizer ao mundo que não lhe devem culto algum. Animais piores são estes do que o porco em seu chiqueiro ou o cavalo em sua estrebaria. Eles foram criados para o nosso uso e, conseqüentemente, nos servem. O homem foi destinado para o serviço de seu Criador — uma criatura feita para a religião —, pela qual alguns preferem definir e distinguir a natureza humana da dos animais, em vez de por sua faculdade racional. De fato, em alguns animais há uma perspicácia que se assemelha um pouco à faculdade discursiva do homem. Mas a religião é algo de que a natureza deles é totalmente incapaz e, portanto, nada torna o homem tão verdadeiramente animal quanto a irreligião. O Talmud judeu propõe esta questão: "Por que Deus criou o homem *vesperâ Sabbathi*? [na véspera do Sábado]?" e dá esta como uma das razões: *ut protinus intraret in praeceptum* [para que imediatamente entrasse no mandamento] — isto é, Deus criou o homem na tarde logo anterior ao Sábado para que ele pudesse imediatamente iniciar a observação do mandamento de santificar o Sábado, e começar a sua vida, por assim dizer, com o culto de Deus, que é o fim principal pelo qual ela lhe foi dada. Não devemos, portanto, nos maravilhar com a paciência de Deus em tolerar que esses infelizes ímpios vivam, os quais, ao lançarem este horrível desprezo sobre o seu culto, caminham de forma contrária ao próprio fim de sua criação? Se os sinos que nos chamam para o culto de Deus fossem para avisá-los de uma luta, jogo de futebol ou uma bebedeira, oh, quão cedo os veríamos reunirem-se em multidão! Mas por orações e sermões eles não se importam. A que devemos imputar esta irreligião e ateísmo de multidões entre nós? Certamente procede de uma consciência criminosa. Diz-se de Caim que "saiu da presença do Senhor" (Gn 4:16) — isto é, dizem alguns comentaristas, do

lugar onde Deus tinha a sua igreja e culto, ali Deus está especialmente presente.

A culpa, de fato, faz os homens terem medo de Deus. Isto os faz fazer o que podem para afastar os pensamentos de uma Divindade que são tão incômodos para as suas consciências corrompidas. Ora, para fazer isso, eles não têm outro caminho senão evitar aqueles deveres que trarão Deus e os seus pecados à sua lembrança. Herodes foi logo persuadido a decapitar aquele cuja língua era tão ousada a ponto de apontar as suas faltas; e corações profanos são facilmente atraídos a abandonar aqueles deveres que atormentarão e friccionarão as suas consciências feridas. Mas esse homem está em um estado miserável, aquele que não conhece outro caminho para obter alívio senão jogando fora o gesso que deve curar a sua ferida. Ah, pobres infelizes! Isto não servirá para o vosso propósito. O fato de o prisioneiro tapar os ouvidos e não querer ouvir o juiz pronunciar a sentença contra ele o livrará da forca? Certamente não; mas antes garantirá que ele seja enviado para lá mais cedo pelo seu desprezo ao tribunal, ele que, se tivesse se comportado melhor e humildemente implorado a sua vida da mão do juiz, poderia possivelmente ter obtido a revogação da sentença. Quer os pecadores ouçam a palavra ou não, venham ao seu culto ou não, Deus prosseguirá em sua obra. Zombar de Deus e voltar as costas ao seu culto não é o caminho para evitar, mas para apressar a vingança divina. Quão melhor seria apresentar a tua humilde súplica ao teu juiz e esperar junto aos umbrais da sabedoria! Enquanto os homens, embora maus, esperam nas ordenanças, há esperança, pois estão sob o alcance dos meios. Mas, quando eles as lançam fora, então a sua ruína se apressa.

(b) *O separatista escrupuloso* — aquele que não se ausenta do culto público por um espírito ateu e profano, como o

anterior, mas por escrúpulos de consciência sobre se pode legalmente estar presente nas orações ali apresentadas, pelo fato de haver algumas falhas de administração na realização do culto, ou pelo menos aquilo que ele julga ser tal. Diante destas coisas, ele se desagrada e se afasta. Talvez seja porque o dever da oração é realizado com uma forma preestabelecida, o que ele concebe ser ilegítimo. Isto eu irei relevar, já tendo falado sobre o assunto. Ou, talvez, não seja a forma, mas algumas passagens na forma usada que o ofendem, e por isso ele não ousa estar presente. De modo que a questão será:

Pergunta. É legítimo estar presente naquele serviço, ou naquelas orações na congregação, que contêm algo de defeituoso nelas?

Para responder a esta questão, devemos primeiro distinguir as faltas, pois nem todas são da mesma medida. Há faltas na matéria e faltas na forma e método de uma oração. E as faltas na matéria podem ser fundamentais ou de menor gravidade — tais como as que não são fundamentais ou limítrofes a isso; e essas faltas menores podem estar amplamente dispersas pela oração, de modo que esta fique comprometida por inteiro, ou apenas em algumas passagens particulares.

Novamente, devemos distinguir entre aprovar as faltas, defeitos e corrupções que estão em uma oração, e estar presente no serviço de Deus onde algumas coisas são feitas com falhas. Ora, respondo que é legítimo para um cristão estar presente naquelas orações nas quais algumas coisas possam ser consideradas falhas quanto à forma externa, sim, e também na matéria, em coisas não fundamentais nem limítrofes a isso, e estas não dispersas por todo o corpo das orações, mas em algumas passagens apenas. Podemos estar presentes onde Deus

está presente por sua graça e favor. Podemos seguir o Cordeiro com segurança por onde quer que ele vá. Ora, Deus não rejeita uma igreja e retira dela a sua presença por corrupções de doutrina que estejam distantes do fundamento, ou de culto em coisas rituais e de natureza inferior; tampouco devemos nós fazê-lo. De fato, se o fundamento da doutrina for destruído e o culto se tornar idólatra, nesse caso Deus vai adiante de nós e chama todos os fiéis atrás dele para saírem da comunhão de tal igreja. Mas, onde as corrupções em uma igreja são da primeira natureza mencionada, e não são impostas por ela leis em sua comunhão que obriguem à aprovação de coisas ilegítimas, o pecado não está em manter a comunhão com ela, mas em afastar-se dela, e esse pecado não é pequeno. Muitas coisas devem ser toleradas para a manutenção da paz e da unidade, e para desfrutarmos do culto de Deus, quando não está em nosso poder corrigi-las. Tampouco a nossa presença na ordenança traz interpretativamente um consentimento com tudo o que ali é feito. Uma coisa é tolerar e outra é aprovar. Quem jamais disse que todos os que estão presentes em uma assembleia demonstram com isso o seu consentimento para com cada frase impertinente na oração do ministro, comentário corrupto ou interpretação falsa que ele faça de qualquer texto citado em seu sermão? Se isto fosse verdade, o nosso Salvador teria conduzido o povo a uma armadilha quando lhes ordenou que se acautelassem do fermento da doutrina dos fariseus, mas ordenou que os ouvissem pregar (Mt 23:2-3).

(3.) De exortação.

(a) Faz consciência de te unires à igreja em seu culto público. Não penses que estás entregue à tua própria liberdade de queres ou não, mas impõe isso sobre a tua consciência como um dever, pois de fato o é. Tu pensas que é dever do ministro

ministrar as ordenanças. Certamente, então, é teu dever assistir a elas. Ele poderia do mesmo modo orar por ti em casa como vir à igreja e não encontrar o seu povo ali. Há um "ai" para ele se não providenciar alimento para as vossas almas, e nenhum para ti se não vieres participar dele? Como podes razoavelmente pensar assim? E, quando vieres, não penses que chegaste a tempo se alcançares o sermão, embora tenhas perdido as orações, as quais deveriam preparar-te para a Palavra e santificar a Palavra para ti. Não é o caminho para tirar proveito de uma ordenança negligenciar outra. O ministro pode pregar, mas Deus deve te ensinar a tirar proveito. Se Deus não abrir o teu entendimento para compreenderes e o teu coração para conceberes pela Palavra que ouves, nenhum fruto virá disso. Ora, a oração é a chave para abrir o coração de Deus, assim como o seu Espírito é a chave para abrir o teu.

(b) Tem cuidado sobre como vens e como te comportas, assim como em outras partes do culto público, especialmente na oração. [1.] Como vens ao culto público: tem cuidado para não vires em tua imundícia, quero dizer, que não atentes para a iniquidade em teu coração. Lava-te e depois ora. Assim resolve Davi: "Lavarei as minhas mãos na inocência; e assim serei ao redor do teu altar, Senhor" (Sl 26:6) — aludindo aos sacerdotes, que iam à bacia antes de se aproximarem com o seu sacrifício ao altar (Êx 40). Era considerada uma grande presunção alguém ousar aproximar-se de seu príncipe com um hálito fétido. Oh, que ato audacioso é, então, aproximar-se do grande Deus com qualquer pecado sobre ti! Isto certamente fará o teu hálito na oração cheirar mal e te tornará abominável para ele. [2.] Como te comportas no dever: certifica-te de que seja com uma reverência santa — com uma reverência interna e também externa.

Devemos estar no dever do culto com uma reverência interna. Deus é chamado de "o Temor" de seu povo porque ele é reverenciado por eles em suas aproximações a ele. O "temor" é colocado por todo o culto de Deus porque nenhuma parte dele deve ser feita sem um tremor santo. Isto, como o trinado para a música, confere graça e aceitabilidade tanto às nossas orações quanto aos nossos louvores: "Servi ao Senhor com temor, e alegrai-vos com tremor" (Sl 2:11). Ora, para te preencher com pensamentos solenes de Deus, trabalha para estabelecer um conceito correto de Deus em tua mente como infinitamente glorioso em santidade, majestade e poder. A irreverência é o produto de pensamentos pequenos que temos de uma pessoa, o que torna impossível que uma alma ignorante reverencie verdadeiramente a Deus — por mais humilde que seja a sua postura externa —, porque ela não sabe o que Deus é. Um príncipe disfarçado não é conhecido e, portanto, não é recebido convenientemente quando vem, como o é quando aparece em sua majestade real. Os santos costumam conter os seus corações em uma reverência a Deus na oração meditando sobre os seus títulos de majestade em seus pensamentos (Sl 89:6-7).

Devemos estar no dever do culto com uma reverência externa. Deus é Espírito, contudo quer a reverência de nosso corpo bem como de nosso espírito, pois ambos são dele, e especialmente no público. Um príncipe não gostaria de um comportamento rude de seu servo em seu aposento privado onde ninguém mais além de si mesmo é testemunha disso, mas muito menos o suportará em sua sala de audiências, enquanto se assenta em seu trono diante de muitos de seus súditos. Ora, a postura de corpo mais adequada na oração pública para expressar a nossa reverência é de joelhos: "Ó, vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor que nos criou"

(Sl 95:6). Assim Paulo, despedindo-se dos anciãos de Éfeso, pôs-se de joelhos e orou com todos eles (At 20:36). E todos os cristãos em Tiro, acompanhando Paulo até ao navio com as suas mulheres e filhos, "pondo-nos de joelhos na areia, oramos" (At 21:5). Onde isso não puder ser feito, devem ficar em pé — se a fraqueza da natureza não o impedir. Quanto a sentar-se, não o encontramos recomendado na Escritura como uma postura de oração, nem as igrejas de Cristo julgaram ser assim: *sedentem orare extra disciplinam est* [orar sentado está fora da ordem] — diz Tertuliano. Quanto àquela passagem de 2Sm 7:18, de que Davi "se assentou perante o Senhor", pode ser lida como ele permaneceu ou esperou diante do Senhor. Assim a palavra em outras passagens é entendida, como em Gn 27:44; Lv 14:8; 1Sm 1:22.

Novamente, no dever do culto devemos exercitar atenção e intenção de mente, para que possamos acompanhar o ministro pelas nossas afeições devotas e testemunhar o nosso consentimento às orações apresentadas com o nosso sincero amém ao final delas (1Cr 16:36; Ne 8:6; 1Co 14:16). Do contrário, de fato, somos como uma corda arrebetada em um concerto, que não toca com as outras, comprometendo assim a harmonia.

As diversas espécies de oração distinguidas como COMUNS OU EXTRAORDINÁRIAS

QUARTA DISTINÇÃO. A oração solitária e social, privada e pública, é comum ou extraordinária. Para o desenvolvimento desta distinção, esforçar-me-ei por responder a estas cinco perguntas: — Primeira. O que é a oração extraordinária. Segunda. Por quem deve ela ser realizada. Terceira. Quais são as estações especiais em que devemos adotá-

la. Quarta. Por que a oração extraordinária é acrescentada à comum. Quinta. Que conselho ou direção pode ser dado para a realização aceitável e bem-sucedida deste dever.

A NATUREZA da oração extraordinária

Primeira Pergunta. O que é a oração extraordinária?

Resposta. A oração pode ser chamada extraordinária sob um duplo aspecto: 1. Em relação ao tempo reservado para a sua realização. 2. Em relação aos seus elementos associados.

1. A oração pode ser chamada extraordinária em relação ao tempo reservado para a sua realização. Ela é extraordinária quando uma porção de tempo maior do que a comum é reservada e dedicada a esta obra. Assim encontramos Jacó lutando até ao romper do dia (Gn 32), e Josué com os anciãos de Israel até à tarde (Js 7), um provavelmente passando a noite, o outro o dia, neste dever. E Israel, em sua guerra com Benjamim, "choraram, e estiveram ali perante o Senhor até à tarde" (Jz 20:26). Encontramos Daniel por muitos dias juntos em oração (Dn 10:12).

2. A oração pode ser chamada extraordinária em relação aos seus elementos associados. A oração é extraordinária quando o jejum é unido ao dever da oração. Ora, o jejum é uma abstinência religiosa pela qual nos privamos do uso de todos os confortos terrenos no tempo reservado para este dever — tanto quanto a necessidade e a decência permitirem — para mais afligirmos as nossas almas e fortalecermos as nossas orações; como, por exemplo:

(1.) A privação de alimento, seja comida ou bebida (Et 4:16; Jn 3:7). Por isso, toda a ação é chamada de jejum, o que importa não em um uso sóbrio de alimento — pois a isto somos

obrigados em todos os momentos —, mas em uma abstinência total, se a necessidade da natureza, por alguma debilidade e enfermidade, não exigir o contrário. Pois, neste caso, o dever menor deve ceder ao maior — sendo o fim do jejum ajudar-nos na oração, o que não ocorre quando a natureza desfalece sob ele; pois a alma não pode voar se as asas de nossos espíritos corporais enfraquecerem.

(2.) *Todo o vestuário caro e ornamentos do corpo.* Roupas vistosas e ricas em um dia de jejum não combinam melhor do que um enfeite alegre em um traje de luto: "E choraram... e ninguém pôs sobre si os seus atavios" (Êx 33:4). E isto foi por ordem do próprio Deus: "Porquanto o Senhor tinha dito a Moisés: Dize aos filhos de Israel... tirai os vossos atavios" (v. 5). Em uma palavra, toda a alegria carnal, música, perfumes e o que quer que possa recriar e deleitar os sentidos devem ser evitados nesta ocasião extraordinária. Vê Dn 6:18; 10:2-3. Pois, embora a abstinência de alimento, com as demais severidades impostas ao homem externo, não sejam em si atos de culto, nem intrínsecos à natureza da oração, contudo são necessários na realização extraordinária deste dever por via de auxílio a ele, e têm uma referência a fins espirituais:

(a) Por esta abstinência reconhecemos a nossa indignidade de desfrutar de tais confortos, e que Deus pode justamente retirar de nós aquilo de que por um tempo voluntariamente nos privamos.

(b) Expressamos pela nossa abstinência externa e jejum a força e veemência daquelas afeições internas que devem ser exercidas na oração extraordinária. Os homens costumam demonstrar as paixões violentas de suas almas abstendo-se do alimento e dos prazeres do corpo. É uma paixão de dor que

oprime a alguém? Verás que ele frequentemente deixa o seu alimento. Assim Davi: "O meu coração está ferido e secou-se como a erva, pelo que me esqueço de comer o meu pão" (Sl 102:4). É o temor que se apodera do coração com a apreensão de algum grande perigo iminente e que se aproxima? Verás esse alguém recusar o seu alimento habitual. Assim fizeram os marinheiros na tempestade no mar (At 27). É a ira que perturba um homem? Acabe estava profundamente tomado por sua paixão diante da recusa da vinha de Nabote, e joga-se em sua cama e não quer comer (1Re 21:4). É o desejo de alcançar algum grande plano com que a mente e o coração estão ocupados e transportados? Esse alguém não se concederá tempo para a sua refeição. "Maldito o homem", diz Saul, "que comer pão até à tarde, para que me vingue de meus inimigos" (1Sm 14:24). Encontramos o artífice, no profeta, tão zeloso em seu trabalho idólatra que se pune com a fome e não quer comer, embora a sua força falhe, nem beber, embora esteja pronto a desfalecer (Is 44:12). Ora, na oração extraordinária, o cristão deve ter todas estas afeições de uma maneira espiritual e santa elevadas ao mais alto grau possível. Ele deve ter uma profunda tristeza pelo pecado, temor e tremor diante dos juízos de Deus temidos por vir por causa deles; uma ira e indignação santas contra o pecado, com um desejo ardente de se vingar dele pela desonra que ele lançou sobre Deus; e, em uma palavra, um desejo ansioso de fazer as suas pazes com Deus e recuperar o seu favor, do qual o pecado infelizmente o privou. Ora, porque o excesso das paixões naturais se descobre deste modo, chegando a afligir os seus próprios corpos e fazendo-os negar a si mesmos aquilo que a natureza mais deseja, por isso Deus quer que o seu povo em suas extraordinárias humilhações faça o mesmo, para que a natureza não envergonhe a graça.

(c) Por esta abstinência, especialmente de alimento, domamos e subjugamos a nossa carne orgulhosa e, assim, passamos a ter uma maior vantagem para a mortificação daquelas concupiscências sensuais que recebem o combustível que as alimenta e inflama da própria carne. Um corpo bem alimentado é um solo fértil para tais concupiscências crescerem desordenadamente. *Cum carne nutriuntur vita carnis* [Com a carne nutre-se a vida da carne] — as concupiscências da carne são alimentadas quando o corpo é muito mimado. Se o corpo for mantido forte, as concupiscências carnis não serão facilmente mantidas fracas. O que mais fez Paulo esmurrar o seu corpo por jejuns e vigílias, nos quais estava frequentemente, senão para que pudesse desferir o golpe mais certo naquelas concupiscências que recebiam força dele? *Nostrum est lasciviens jumentum fraenis inediae subjugare, ut sessorem Spiritum sanctum moderato et composito portet incessu* [Cabe-nos subjugar com os freios da abstinência a montaria rebelde, para que carregue o seu cavaleiro, o Espírito Santo, em um passo moderado e composto] (Jerônimo, *Epist.* 9). De fato, um cavalo gordo é mais propenso a derrubar o seu cavaleiro; e, usando o Espírito Santo tanto o corpo quanto a alma no trabalho, este freio do jejum é de excelente utilidade para o conter.

(d) Esta abstinência de alimento é necessária para aguçar os nossos espíritos e avivar os poderes da alma neste dever, os quais são pressionados para baixo e obscurecidos, por assim dizer, com a carga do estômago. Um corpo cheio gera um olho pesado e espíritos sonolentos; e o que se pode então esperar senão orações bocejadas, especialmente quando devemos continuar mais tempo do que o comum no trabalho?

POR QUEM a oração extraordinária deve ser realizada

Segunda Pergunta. Quem são os que são chamados à prática deste dever da oração extraordinária?

Resposta. O mandamento abrange todos os que pela idade são capazes de compreender a natureza deste dever quando qualquer ocasião extraordinária ocorre para a realização do mesmo. Encontramos que ele é requerido de uma igreja e de uma nação. É dever do magistrado, quando há uma causa nacional, convocar os seus súditos para a prática pública deste dever (Jl 2:15; Ne 9:1); e aquele que recusa o seu chamado para isso torna-se um transgressor tanto para com Deus quanto para com o homem (Lv 23:29). Aplica-se a famílias privadas. Ester e as suas servas guardam um jejum religioso juntas (Et 4:16). Sim, é um dever imposto a pessoas individualmente e alcança o quarto privado: "Mas tu, quando jejuares, unge a tua cabeça e lava o teu rosto, para não pareceres aos homens que jejuas, mas a teu Pai, que está em secreto" (Mt 6:17-18). As circunstâncias do texto mostram que se refere a um jejum secreto no quarto. Encontramos todos juntos em uma passagem: "E a terra lamentará" — eis aí um jejum nacional; "cada família à parte; a família da casa de Davi à parte, e a família da casa de Natã à parte..." — eis aí o doméstico; "e suas mulheres à parte" (Zc 12:12) — eis aí o jejum secreto pessoal no quarto.

Objeção. Mas não é esta oração extraordinária e jejum um dever austero e rígido demais para os tempos do evangelho? Onde ordena Cristo ao seu povo nos tempos do evangelho que torturem os seus corpos com tais severidades como estas? A alegria e o louvor são mais condizentes com a liberdade e a franqueza do evangelho.

Objeção respondida. Tais bobagens têm sido proferidas por alguns em nossos recentes tempos de frouxidão. Estes são

uma nova espécie de santos com os quais o mundo dificilmente esteve familiarizado antes destes nossos infelizes dias; eles gostariam de estar no céu antes do tempo e não deixar lágrimas em suas faces para Cristo enxugar por ocasião da morte. Se algum destes pudesse viver sem pecado e sofrimento, teria algum pretexto para o seu argumento; embora mesmo assim, estando ainda "no corpo", deveriam essas lágrimas aos seus irmãos, as quais não precisam chorar por si mesmos. O apóstolo certamente nos ordena a "chorar com os que choram" (Rm 12:15). Assim fez Neemias, jejuando por seus irmãos aflitos em Jerusalém quando os seus próprios negócios eram bastante prósperos — estando cercado pelos raios do favor do imperador persa. Mas ninguém em carne mortal está livre do pecado ou isento de sofrimento; e, portanto, um traje de luto pode às vezes convir ao melhor dos santos na terra. "Os que vestem roupas delicadas estão nas casas dos reis" (Mt 11:8).

Os santos glorificados, que habitam na corte do Rei do céu, estão sempre vestidos de alegria; mas esta, na terra, é a veste de festa do santo. Assim como ele tem, de vez em quando, os seus dias de regozijo, também não lhe faltam os seus dias de pranto. "Dias virão", diz o nosso Salvador a respeito de seus discípulos, "em que lhes será tirado o esposo, e então jejuarão" (Mt 9:15) — e certamente eles viviam nos tempos do evangelho. Se estes crentes festivos tivessem estado com Paulo para vê-lo como ele esmurrava o seu corpo e se castigava com o jejum, certamente o teriam repreendido pelo seu esforço e o teriam julgado ignorante de sua liberdade cristã. O pior que desejo a estas pobres almas iludidas é que elas, que tanto buscam a alegria aqui, não se deparem com o pranto em outro mundo. É apenas um mau sinal quando os homens questionam um dever por causa de sua estreiteza, e deslizam o jugo de seus pescoços

porque a carne orgulhosa diz que ele é desconfortável. Estes são como Efraim, a quem o profeta compara a uma novilha "que gosta de trilhar o trigo" (Os 10:11), mas não de arar. Esse é um trabalho árduo e faminto. Um dia de ação de graças, que traz um banquete consigo — deste eles gostam, e contentam-se com que passe por um dever do evangelho. Mas um dia de oração e jejum, em que devem privar um pouco o seu corpo, este não passará. Mas não há banquete senão o que desce pela garganta e enche a barriga? Certamente este abençoado dever não merece o mau nome que lhe foi dado por homens de espírito sensual. É, de fato, para os infelizes carnavais, um jugo pesado, um trabalho tedioso. Assim como as vacas leiteiras que carregavam a arca iam mugindo pelos seus bezerros que delas tinham sido tirados, o mesmo fazem estes em um dia de jejum após os seus afazeres e desfrutes do mundo, dos quais são por aquele tempo privados. Infelizmente! Pobres criaturas, assim como a arca não passava de um fardo para as vacas, da mesma forma o dever nada mais é para eles. Mas o verdadeiro santo, que sabe que alívio o seu pobre coração sente ao desonorar a sua consciência pela humilde confissão do pecado, que doce satisfação a sua alma encontra na comunhão com Deus, e que fé e paz interior ele leva consigo do dever, dar-te-á outro conceito desta ordenança. Ele te dirá que prefere jejuar com Deus a banquetear-se à mesa de um rei. Que santo não preferiria estar jejuando no monte com Moisés a estar comendo e folgando com os carnavais israelitas abaixo do monte? Quem não perderia uma refeição para o seu corpo para saciar a sua alma com aqueles deleites que a presença de Deus em tal ordenança proporciona? Quem não teria prazer em lamentar e chorar pelo pecado para ter as lágrimas que chorou enxugadas com beijos vindos da boca de seu Salvador? É, de fato, para aquele que permanece do lado de fora — refiro-me à parte externa do dever — um serviço seco e sem seiva; mas para

aquele que é levado à adega e ali bebe generosos goles do amor de Deus, é uma ordenança sumamente doce e que arrebatava a alma. A parte inferior e exterior do dever, como a base da escada de Jacó, apoia-se na terra e deixa a criatura na terra também onde a encontrou — pois "o exercício corporal para pouco aproveita" (1Tm 4:8) —; mas o topo e a parte espiritual dele alcançam o céu e elevam a alma graciosa até lá, sim, até à comunhão íntima com Deus. Há tanta diferença entre um santo e um hipócrita ou alma carnal neste dever como há entre um ladrão trancado com o seu carcereiro em uma prisão e um estudante fechando-se em seu gabinete para ler algum livro de que grandemente se deleita; para um é um fardo penoso, para o outro um prazer incomparável.

AS ESTAÇÕES para a oração extraordinária

Terceira Pergunta. Quais são as estações especiais em que o cristão deve adotar a prática deste dever da oração extraordinária?

Resposta. Respondo, em geral: qualquer ocasião extraordinária, conforme ela surja no curso da providência na vida do cristão. Este tipo de oração não é de uso constante como o é a oração comum; esta é o alimento, aquela o remédio. E seria absurdo estar tomando remédio ao longo de todo o ano; o que demonstra a tolice dos papistas em seus jejuns, os quais são mantidos em tempos fixos, quer os negócios sejam prósperos ou não prósperos, comuns ou extraordinários. Não gostaria de ser entendido aqui como falando contra jejuns estabelecidos; nós tivemos os nossos jejuns mensais, mas a causa extraordinária para a qual foram designados continuava. Mas para exemplificar algumas estações especiais em que o cristão tem uma oportunidade adequada de fazer uso deste dever extraordinário:

Estação 1. Quando o cristão deve iniciar qualquer empreendimento mais do que comum, no qual possa deparar-se com grande dificuldade ou perigo, e cujo resultado será uma grande misericórdia ou aflição. Agora é uma estação adequada para adotar este dever extraordinário como um excelente meio pelo qual todos os montes de dificuldades intervenientes possam ser aplainados e o seu empreendimento coroado de feliz sucesso. Assim Ester, antes de arriscar-se àquela tentativa heroica de ir sem ser chamada à presença do rei para implorar pela vida de seu povo — entregue à matança e ao massacre pelo selo do rei a pedido do sanguinário Hamã, uma ação que trazia a morte e o perigo na face dela —, ela primeiro vai a Deus por jejum e oração, e obtém todas as forças auxiliares das orações dos outros que pode e, acompanhada por esta escolta, ela, contra a lei persa, apresenta-se diante do rei e prospera; pois, em vez de perder a sua própria vida, que estava perdida pela lei por esta tentativa, ela revoga o juízo injusto proferido contra a vida de seu povo e o faz recair sobre a cabeça daquele que arquitetara a trama. A oração abriu e destrancara de tal modo o coração do rei que ela obtém o que pede das mãos do rei.

Não há melhor recurso para facilitar e conduzir qualquer grande plano ao seu fim desejado do que este da oração extraordinária. Quem poderia crer que Esdras e a sua companhia de peregrinos chegariam todos seguros da Babilônia a Jerusalém, sendo tão geralmente odiados em toda parte? Ora, que estratagema usa este líder de seu povo para garantir a sua passagem e escapar da fúria de seus inimigos? Pede ele uma tropa ao rei persa para ser a guarda deles? Não; ele se gloriara tanto daquele Deus a quem serviam que tem vergonha de que o rei pense agora que ele não estava disposto a lançar-se sob a proteção dele; mas ele recorre ao jejum e à oração (Esdras 8:21).

Então eles iniciam a sua marcha e encontram o caminho por toda parte desobstruído diante de si (v. 31). O nosso bendito Salvador santificou este dever para este fim em seu próprio exemplo santo, o qual, quando devia escolher e enviar os doze para pregar o evangelho, para que pudessem prosperar melhor em sua missão, envia-os sob a condução da oração e, para esse fim, passa ele próprio a noite anterior em oração (Lc 6:12-13). Ora, embora nem todo cristão seja chamado ou propenso a estar em toda a sua vida envolvido em tão grandes e públicos empreendimentos como alguns outros, contudo, se ele observar os diversos passos de seus afazeres mais privados e as mudanças de providência no curso de sua vida, encontrará muitas ações ocorrendo que lhe dão um bom sinal para fazer uso deste dever. Talvez estejas para iniciar uma profissão ou, na profissão em que estás, deparas-te com muitas dificuldades e tentações. Tens uma longa jornada ou uma viagem perigosa a fazer; tens de lidar com um adversário astuto e poderoso, e, embora a tua causa seja boa, estás propenso a ser superado ou vencido. Eis aqui uma justa missão colocada em tua boca para ires perante o Senhor em busca de conselho, auxílio e proteção. Talvez tenhas filhos, e estes devem ser encaminhados em profissões ou novas relações; e não é este um grande empreendimento em que tens uma grande participação correndo no barco deles? Não lançará o resultado que depende desta grande mudança de condição deles o fundamento de muita tristeza ou alegria para ti? No entanto, quão superficiais são muitos neste ponto, como se fosse de pouca importância maior casar um filho do que o é vender um cavalo ou uma vaca em uma feira! Poucos casamentos são, infelizmente, assim feitos no céu — refiro-me pela oração solene que envolve Deus no negócio. O servo de Abraão envergonha muitos pais — ele dedicando-se à oração pelo sucesso em sua jornada quando enviado a buscar uma esposa para o filho de seu

senhor, e eles não pelos seus próprios filhos. Mas não me admiro de que os que propõem fins baixos e carnavais para si mesmos em tais empreendimentos se esqueçam de, pela oração, pedir o conselho de Deus no casamento ou convidá-lo a oferecer a sua bênção no casamento.

Estação 2. Quando o cristão está em trevas a respeito de qualquer verdade, e não consegue satisfazer o seu juízo pela humilde e diligente investigação que fez dela. Agora é uma estação adequada para adotar este dever extraordinário como um excelente meio para ser conduzido ao conhecimento da mente de Deus nisso. A oração é a chave adequada para destrancar o coração de Deus, e somente ele pode abrir os nossos entendimentos e satisfazer as nossas dúvidas. Este caminho tomou Daniel e obteve mais entendimento pelo seu jejum e oração do que por todo o seu estudo, pois um mensageiro é enviado do céu para lhe dar "inteligência e entendimento" (Dn 9:20-23, e novamente no capítulo 10:12). Em ambos ele prosperou. E o anjo é cuidadoso em fazê-lo saber que foi a sua oração extraordinária que obteve este favor extraordinário, e também quão aceitável o seu movimento foi pelo fácil acesso e rápido despacho que encontrou diante de Deus; e, portanto, diz-lhe em ambos que, mal ele se pusera neste caminho de afligir a sua alma, foi ouvido, e o mensageiro ordenado a dar-lhe uma resposta à sua oração. Certamente a oração não perdeu o seu crédito no céu, mas é agora tão bem-vinda a Deus como sempre; e, embora um anjo não seja o mensageiro para trazer ao santo uma resposta, contudo ele a receberá por mão tão segura e mais honrosa — o próprio Espírito Santo, cujo ofício é guiar o seu povo na verdade. Assim Cornélio (At 10) veio a ser instruído no mistério do evangelho diante de sua busca extraordinária de Deus por jejum e oração. É muito provável que este homem

bom, naqueles tempos divididos, em que via muitos zelosos pelo antigo modo de culto judaico e outros pregando um novo caminho, estivesse em alguma dúvida sobre o que fazer; e isto pode tê-lo estimulado, por jejum e oração, a pedir conselho e suplicar maior luz de Deus para o guiar no caminho da verdade, como parece pelo teor da mensagem enviada a ele da parte de Deus na visão enquanto estava em oração, a qual lhe ordenou que enviasse homens a Jope "a chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro... Ele te dirá o que deves fazer" (v. 5-6). E, certamente, em nossos tempos divididos, em que há tanta divergência de juízo, tivesse havido menos contendas entre nós e mais lutas com Deus pelo seu Espírito ensinador, estaríamos em melhor caminho de encontrar a porta da verdade, pela qual tantos estão ainda tateando. O caminho das controvérsias e disputas contenciosas levanta esta poeira e sopra-a mais nos olhos daqueles que galopam mais rápido nela, de modo que eles perdem a verdade, a qual almas humildes encontram de joelhos diante do trono da graça. Quando os apóstolos estavam brigando, nada obtiveram de Cristo senão uma repreensão (Lc 22:24); mas, quando estavam orando juntos fervorosamente, então ele enviou o Espírito para os ensinar (At 2).

Estação 3. Quando o cristão está sob qualquer grande aflição. Agora é uma estação adequada se ele for capaz de realizar a obra. "Está alguém entre vós aflito? Ore" (Tg 5:13). Isto é: seja ele então mais abundante neste dever; pois ele deve, sim, irá, se for cristão, orar quando não estiver aflito bem como quando estiver. Mas o significado é: ele deve agora orar de uma maneira extraordinária; deve agora orar com mais veemência; pois, embora em todas as nossas abordagens a Deus devamos expressar os movimentos vivos de nossos corações a ele, sem os quais as nossas orações são insípidas (orações frias sempre

encontram acolhida fria); contudo Deus espera, e sempre tem sido o cuidado de homens santos em suas aplicações extraordinárias a este dever da oração, elevar as suas afeições a um grau mais alto do que o comum, tendo a vantagem de alguma ocasião especial para os ajudar nisso. Olha para eles em algum grande aperto e aflição, e os verás superando a si mesmos e assumindo um espírito de príncipe. Assim se comportou Jacó na oração (Gn 32:28). Como um príncipe lutando no campo de batalha pela sua coroa e reino, ele lutou com o anjo, que não era outro senão o próprio Deus; isto é, ele forçou, por assim dizer, cada veia em seu coração e empenhou toda a sua força na oração, como faria um lutador que se agarra com um adversário poderoso. Moisés está tão transportado em zelo por Israel, quando uma terrível nuvem de ira pairava sobre eles por causa de sua idolatria, que prefere antes morrer ali do que descer o monte e não levar a notícia alegre de um perdão consigo (Êx 32:32). E Neemias, quando estivera afligindo a sua alma e orando perante o Senhor, foi com tal veemência que a angústia de seu espírito transpareceu em seus olhos e deixou uma marca de tristeza em seu próprio semblante, a qual o seu príncipe pôde observar enquanto ele o servia.

Novamente, na aflição somos chamados a orar de forma mais intensa, bem como mais extensiva; refiro-me por mais tempo e mais frequentemente. Assim encontro que o *ektenesteron proseucheto* [orava mais intensamente] de nosso Salvador, traduzido por Lucas Brugensis e outros como *prolixius orabat* — orava mais longamente —, isto é, ele despendeu mais tempo do que o comum nisso. Três vezes seguidas o encontramos nessa lida (Mt 26:44). A sua agonia era grande e as ondas de sua aflição violentas e, por isso, ele duplica, sim, triplica a sua oração com profundos gemidos e fortes clamores

ao seu Pai. A natureza nunca se esforça tanto ao seu limite senão quando está oprimida; então as têmporas latejam, os pulmões arquejam e o coração bate acelerado; assim, na aflição, o espírito de oração deve ser aumentado e intensificado.

Estação 4. Quando o cristão é esbofeteado com qualquer tentação, ou vencido por uma corrupção, e não consegue, com o uso dos meios comuns, apagar a primeira ou dominar e mortificar a segunda. Se o punhal curto da oração comum não alcançar o coração de uma concupiscência, então é tempo de desembainhar esta espada longa da oração extraordinária sobre ela. Há uma "casta" de demônios, diz-nos o nosso Salvador, que "não se castiga senão com oração e jejum" (Mt 17:21). Sabeis que a ocasião desta fala foi aquela queixa de um pai a respeito de seu filho lunático: "Trouxe-o aos teus discípulos, e não puderam curá-lo". Assim algumas pobres almas queixam-se de que têm vindo à Palavra pregada por tanto tempo, em suas orações diárias rogado poder sobre tal concupiscência, resolvido contra ela muitas vezes, e nenhum desses meios pôde curá-la; o que podem agora fazer a mais? Aqui te é dito: traz a tua condição a Cristo nesta ordenança solene de oração e jejum; esta tem sido, por fim, o meio feliz para fortalecer muitos pobres cristãos para se vingarem daqueles inimigos espirituais que venceram todos os meios anteriores, e, como Sansão, derrubar a casa do diabo sobre a cabeça dele.

Estação 5. Quando o pecado abunda mais do que o comum nos tempos e lugares em que vivemos. Tempos de pecado sempre têm sido tempos de oração para os santos. Isto enviou Esdras com o coração pesado a confessar o pecado de seu povo e a chorar pelas abominações deles perante o Senhor (Esdras 9). E Jeremias diz à multidão ímpia de sua era degenerada que a sua "alma chorará em segredo por causa da vossa soberba" (Jr

13:17). De fato, às vezes o pecado chega a tal altura e insolência que isto é quase tudo o que os piedosos podem fazer: retirarem-se para um canto e chorarem pelas contaminações gerais da presente era; como ele disse a Lutero: *abi, frater, in cellam et dic miserere Domine* [vai, irmão, para o teu quarto e diz: tem misericórdia, Senhor]. "Se forem destruídos os fundamentos, o que pode fazer o justo?" (Sl 11:3). Tais dias sombrios de confusão nacional os nossos olhos têm visto, quando os fundamentos do governo foram destruídos e tudo lançado em uma confusão militar. Quando ocorre assim com um povo, o que pode fazer o justo? Sim, isto eles podem, e devem fazer: "jejuar e orar". Há ainda um Deus no céu a ser buscado quando a libertação de um povo é lançada além do auxílio da política ou poder humano. Agora é o momento adequado para fazer o seu apelo a Deus, como as palavras seguintes sugerem: "O Senhor está no seu santo templo, o trono do Senhor está nos céus..." (v. 4); nas quais palavras Deus é apresentado assentado no céu como em um templo para o encorajamento deles, concebo, em tal estado desesperador de coisas, para direcionarem as suas orações para lá em busca de livramento. E, certamente, este tem sido o recurso que tem sido, acima de qualquer outro, instrumental para reerguer esta pobre nação novamente e colocá-la sobre o alicerce daquele governo legítimo de que perigosamente escorregara.

Estação 6. Para não citar mais: tempos de grande expectativa são tempos para oração extraordinária. Quando o povo de Deus esteve grávido de expectativa de grandes misericórdias que se aproximavam, então eles têm sido mais abundantes na oração. Assim como os galos cantam com mais frequência próximo ao romper do dia, da mesma forma os santos, quanto mais próximos percebem o cumprimento das

promessas feitas à sua igreja, mais instantes costumam ser na oração. Quando uma mulher grávida está próxima de dar à luz, então ela deseja que a sua parteira esteja à mão. E a oração tem o nome desde a antiguidade pela sua excelente utilidade para realizar o parto das misericórdias. "Os filhos estão para nascer", diz o bom Ezequias; e então ele deseja a ajuda da oração do profeta para o bom parto do povo: "eleva, pois, oração pelo resto que ficou" (Is 37:3-4). Quando Daniel, o profeta, entendera pelo estudo que o período feliz dos setenta anos de cativeiro impostos sobre o pescoço dos judeus por causa de seu pecado estava agora próximo (Dn 9:1-2), então, de uma maneira extraordinária, ele se dispõe a orar e a afligir a sua alma perante o Senhor. E nós temos razão para esperar que a Babilônia espiritual — refiro-me a Roma — não terá vida longa; é tempo, portanto, de que os santos se dediquem mais ardentemente do que nunca a cavar a sepultura dela pelas suas orações.

AS RAZÕES para a oração extraordinária

Quarta Pergunta. Mas por que a oração extraordinária deve ser acrescentada pelo cristão à sua prática diária comum?

Resposta 1. A oração extraordinária é acrescentada em obediência ao mandamento de Deus. Ele ordena não apenas que devamos "orar sempre", mas "com toda oração" também, e a oração extraordinária é uma espécie entre as demais. E não nos permita nenhum de nós dizer: "Não basta orar uma ou duas vezes a cada dia, mas devemos em algumas ocasiões dedicar também um dia inteiro, com prejuízo para a profissão e para a família?". Oh, que avarentos seriam alguns para com Deus se fossem deixados livres para dedicarem o tempo que julgassem adequado para o seu culto! Esta cavilação assemelha-se demais àquela de Judas: "Para que este desperdício? Pois este unguento podia

vender-se por grande preço, e dar-se aos pobres" (Mt 26:8-9). "Ora, ele disse isto, não pelo cuidado que tivesse dos pobres, mas porque era ladrão" (Jo 12:6). Verdadeiramente assim: quando ouço alguns carnavais clamarem contra este desperdício de tempo em orar e jejuar — "quanto o aproveitamento daquele tempo, se despendido em suas profissões, poderia ter beneficiado as suas famílias, esposas e filhos" —, estou pronto a pensar que não é porque tenham tal cuidado de seus parentes como fingem (pois os que economizam um dia para a oração podem jogar, alguns deles, muitos fora na taberna ou na ociosidade), mas carregam corações ladrões em seus peitos, os quais amam roubar a Deus o que lhe é devido, e não se importam com quão pouco serviço lhe oferecem. É um súdito leal aquele que paga o tributo ordinário ao seu príncipe, mas, se a ocasião de estado exigir um subsídio, recusa este ou o faz de má vontade? Os mandamentos de Deus não são nenhum deles, nem mesmo este que traz alguma severidade externa, tão penosos que alguém necessite gemer ou resmungar sob eles. Aqueles jugos — refiro-me aos deveres e comandos — cujo exterior parece mais duro têm o forro mais macio por dentro. O que parece mais duro do que o sofrimento? E, no entanto, quando estão os santos mais cheios da alegria do céu? Que dever mais austero do que este de jejuar e afligir as nossas almas? E, no entanto, no seio deste leão, que assusta os infelizes sensuais, o cristão encontra o mais doce favo de mel de consolos interiores. O trabalho no templo certamente será bem pago se for bem feito; por menor que seja o trabalho em sua casa, Deus não permitirá que seja feito gratuitamente. Ninguém acenderá o fogo em seu altar debalde. E, portanto, ele recebe com grande desdém das mãos deles o dizerem: "Que proveito nos trouxe o termos cuidado do seu serviço, e andarmos de luto diante do Senhor dos Exércitos?" (Ml 3:14). Ao passo que a falha não estava no dever, mas neles

mesmos, que nada mais obtiveram dele. Como se um servo mau se levasse por sua libertinagem e excesso à pobreza, e depois saísse dizendo que um senhor severo o arruinara.

Resposta 2. É acrescentada para harmonizar-se com a providência de Deus, por um retorno adequado de dever aos seus atos e dispensações para conosco. Quando Deus é extraordinário em sua providência, ele espera que o seu povo seja mais do que comum em buscá-lo. O que mais quer dizer aquilo do profeta? "Portanto, assim te farei, ó Israel! E porque isso te farei, prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus" (Am 4:12). Aqui Deus os alarma pelos seus procedimentos extraordinários planejados contra eles, para aproveitarem o sinal desta advertência e se aplicarem rapidamente à prática solene do arrependimento e humilhação de suas almas, como uma postura adequada para se encontrarem com Deus e afastarem a tempestade de sua ira que agora se formava contra eles. Não é tempo de uma nação recorrer às suas armas defensivas quando um exército poderoso marcha contra ela? Assim diz Is 26:20-21: "Vai, pois, povo meu, entra nos teus quartos e fecha as tuas portas sobre ti...", etc. Aqui ele envia o seu povo para os seus quartos e gabinetes privados para que possam, ao afligirem as suas almas e com orações fervorosas, encontrar um esconderijo no dia de sua indignação. E por que devem fazer assim? "Porque eis que o Senhor sairá do seu lugar, para castigar os moradores da terra, por causa da sua iniquidade" (v. 21). O sair de Deus de seu lugar denota algum empreendimento notável que ele está para realizar; e, quando o mestre se levanta, não é de boa educação para o servo continuar sentado, mas levantar-se também e preparar-se para o seguir para onde ele for. Deus toma nota especial de como nos comportamos e nos harmonizamos com as suas dispensações de juízo ou misericórdia: "E o Senhor

Deus dos Exércitos chamou naquele dia ao choro, e ao pranto..." (Is 22:12) — isto é, chamou-os pela voz de sua providência bem como de seus profetas, cuja natureza era tal que, não tivessem os seus desejos obstruído os seus ouvidos e os tornado surdos, não poderiam deixar de ouvir e compreender que agora era o tempo, se é que existia algum, de Deus ver em pano de saco e lágrimas humilhando as suas almas perante ele. Agora vê quão severamente ele recebe a segurança deles e o desprezo profano de sua providência: "E o Senhor dos Exércitos revelou-se aos meus ouvidos, dizendo: Certamente esta iniquidade não vos será expiada até que morrais, diz o Senhor Deus dos Exércitos" (v. 14). Poucos pecados provocam mais a Deus do que este: "Porquanto não atentam para as obras do Senhor, nem para o que as suas mãos fazem, ele os derrubará e não os edificará" (Sl 28:5). Assim: "E tu, Belshazzar... não humilhaste o teu coração, ainda que soubesses tudo isto" (Dn 5:22). Isto custou-lhe a vida e o reino, assim como o contrário salvou a de Acabe por um tempo, embora não fosse tão sincera como deveria (1Re 21:29). Uma humilhação temporal obteve-lhe um benefício temporal.

Resposta 3. É acrescentada pela grande influência que este dever extraordinário, solenemente realizado, teria sobre toda a nossa vida e curso de piedade. Para manter o corpo saudável requer-se não apenas o alimento diário, mas também de vez em quando o remédio; pois, na constituição mais saudável, e favorecida com o melhor cuidado e temperança, com o tempo se acumulará tal quantidade de humores supérfluos que a natureza sem ajuda não pode digerir. E, verdadeiramente, a disposição da alma é tão frágil e necessita de tanto cuidado quanto o corpo. A oração comum é o alimento do santo. Ele pode tão pouco prescindir dos retornos constantes dela como de suas refeições habituais. Mas a extraordinária é o seu remédio para

limpar e livrar a sua alma daquelas desordens que ela contrai e não pode vencer pelo uso dos meios comuns; bem como para fazer avançar e elevar as graças do cristão a um grau maior de força e atividade. Assim como Deus, em sua sábia providência, ordenou que uma estrela de grande influência estivesse em certa estação do ano em conjunção com o sol para o amadurecimento mais eficaz da colheita nestas partes mais frias do mundo; da mesma forma ele, na mesma sabedoria, designou para a vantagem espiritual e ajuda do cristão neste clima frio do mundo que este dever solene devesse de vez em quando ser tomado em conjunção com o nosso exercício ordinário de devoção; por falta do que ocorre que muitos amadurecem mais lentamente tanto em suas graças quanto em seus consolos do que alguns de seus companheiros santos que se assentam frequentemente sob as influências desta ordenança poderosa e vivificante.

DIRETRIZES

Para a oração extraordinária

Quinta Pergunta. Que conselho ou direção pode ser dado para a realização aceitável e bem-sucedida deste dever solene?

Resposta. Venho agora encerrar o meu discurso sobre este ponto respondendo a esta última pergunta. É uma questão séria e necessária, pois de fato trata-se de uma ferramenta afiada de excelente utilidade, mas perigosa na mão daquele que não sabe como usá-la. Como certas medicinas, se não limpa, envenena. No mesmo solo fértil onde o trigo é melhor, as ervas daninhas também são mais viçosas. Nem a graça nem o pecado crescem a tal altura em parte alguma como naqueles que

conversam muito com esta ordenança solene. E, portanto, assim como os que estão em um navio sobre uma correnteza rápida precisam prestar mais atenção à direção dele, porque serão levados rapidamente ao seu porto ou ao naufrágio; da mesma forma têm eles razão para serem muito cuidadosos na condução deste serviço, cujo resultado não pode ser comum porque o dever é extraordinário. Ora, o conselho ou direção a ser dado deve necessariamente ser dividido nestas três cabeças gerais: 1. Alguma direção preparatória antes do dever. 2. Algo a ser observado na realização do dever. 3. Algo após o encerramento dele.

A cidade não pode estar segura a menos que toda a linha de defesa seja mantida. Dá no mesmo se o inimigo rompe pela frente, pelo flanco ou pela retaguarda de um exército; ou se o navio é capturado no mar, ou afunda no porto quando a viagem termina.

O que é necessário ANTES da oração extraordinária

1. Requisito. Alguma direção preparatória antes do dever. Ora, há uma dupla preparação necessária — uma mais remota, outra imediata; ou, se preferires, preparação habitual e preparação atual.

(1.) Há uma preparação remota e habitual de grande utilidade para a realização deste dever solene da oração extraordinária. Consiste nisto: atentar, cristão, para que demonstres um cuidado consciencioso em tua caminhada diária, e o exercício constante deste dever em teus ofícios diários e comuns de devoção, do contrário estás propenso a fazer um mau trabalho quando fores te engajar no extraordinário:

(a) *A tua negligência no dever comum te indisporerá sobremaneira para o extraordinário.* Quem tiraria um cavalo cansado do pasto para correr uma corrida? Na oração extraordinária, a alma deve ser colocada em sua velocidade máxima, todas as suas forças forçadas ao seu limite máximo, e continuar por longo tempo no trabalho também. Está apto para uma corrida tão rápida e longa aquele cuja alma não é mantida em fôlego pelo exercício diário da oração comum, mas permite que as suas graças, se é que tem algumas, sejam sufocadas pela preguiça ou formalidade? Quanto mais um membro é usado, mais forte ele se torna. A mão direita, que é a nossa mão de trabalho, tem mais atividade do que a esquerda, que é menos usada. Uma fraqueza certamente invadirá as forças de tua alma preguiçosa, a qual, embora não a percebas enquanto te assentas em tua cadeira de preguiça, aparecerá quando te levatares e pensares em sair para algum dever solene como costumavas fazer; então descobrirás, com Sansão, que perdeste a tua força no regaço da preguiça e da negligência. Assim como o jejum é forte demais para odres novos, da mesma forma é vinho doce demais para ser colocado em odres mofados e bolorentos. Ora, o único caminho para manter um odre ou barril limpo é não permitir que fique muito tempo vazio, sem líquido algum dentro.

(b) *Assim como te indisporerá para este dever solene, também é um mau sintoma a respeito de teu próprio estado espiritual,* o que é pior do que o primeiro. A graça atua uniformemente e revela uma bela proporção em suas atuações. Talvez possas ver o filho de um príncipe em algum dia de festa com vestes mais ricas e gloriosas do que em outro dia comum; mas nunca o verás em roupas sujas, rasgadas e de pedinte. Sempre ele estará vestido de modo condizente com o filho de um rei. Possivelmente, sim, é provável que possas ver o cristão

vir a público, em um dia e dever extraordinários, com maior ampliação de afeições na oração e com todas as suas graças elevadas a uma glória maior em suas atuações do que o comum; mas nunca o verás com a sua veste de graça deixada de lado. Sempre o verdadeiro santo declarará o seu alto nascimento pelo seu curso diário. Ele não viverá na negligência dos deveres comuns e abandonará a comunhão com Deus em sua caminhada diária. Oh, é a marca do hipócrita ter a sua devoção vindo em acessos e, como uma camada de neve, jazer espessa em um lugar e nenhuma em outro; parecer por zelo como anjos em um momento e viver como ateus muitas semanas depois. Certamente a graça atua mais uniformemente e nunca é tão diferente de si mesma. É ruim viver naquela casa de avarento que nunca tem boa carne em sua mesa senão quando faz um banquete, e isso é muito raramente; ou com aquele que diante de uma ocasião tem um dia de oração, mas deixa passar fome a si mesmo e à família, ou os priva em seu sustento diário. Pois bem, nunca penses em te envolveres com este dever extraordinário até que te habitues ao exercício ordinário da oração e tomes mais cuidado em tua caminhada diária com Deus.

(2.) *Há uma preparação mais próxima e imediata necessária, e a esta chamo de preparação atual.* É verdade, de fato, que aquele que é consciente e cuidadoso nos exercícios comuns da religião tem uma grande vantagem sobre aquele que os negligencia ou é frouxo neles, pois o seu coração necessariamente se encontra em uma disposição mais próxima deste serviço extraordinário do que o outro — assim como aquele que está acordado e com as suas roupas vestidas está mais pronto para ir na missão de seu senhor do que aquele que está dormindo em sua cama. Contudo, além deste cuidado em nossa caminhada diária, há necessidade de algum esforço adicional a

ser feito com o coração para o elevar a tal disposição que se harmonize com este serviço solene. A dona de casa caprichosa, embora se esforce para manter a sua casa limpa, contudo, próximo a algum tempo de festa, como dizem, é mais do que comum cuidadosa em lavar os seus aposentos e polir as suas vasilhas, para que fiquem não apenas limpas, mas brilhantes; e o mesmo deveria fazer o cristão. Agora é o momento de limpares a poeira que contrais em teu curso diário e de brilhares as tuas graças para uma glória maior do que aparece em tua caminhada diária, para o que realizar custará esforço e exigirá tempo.

O cristão é como certas aves pesadas, como a abetarda e outras, que não conseguem levantar voo sem uma corrida de duzentos ou trezentos metros; ou um grande sino que leva algum tempo para se erguer. Ora, a meditação é o grande instrumento que deves usar neste trabalho preparatório. Concede a ti mesmo uma porção considerável de tempo, antes do dia da oração extraordinária, para o teu recolhimento, onde possas conversar mais reservadamente com o teu próprio coração. Isto não pode ser feito em meio à multidão, tampouco deve ser deixado para o momento de te engajares no dever extraordinário. Não podemos realizar ambos os deveres juntos. O lavrador não pode afiar a sua foice e cortar a grama ao mesmo tempo. Retira-te, pois, para o teu quarto e, em primeiro lugar, chama os teus pensamentos longe do mundo e, tanto quanto possível, limpa a tua alma de tudo o que for estranho ao trabalho em que estás; isto é o limpar do caderno de notas antes de podermos escrever algo bem nele. Ora, para reunir mais eficazmente o teu coração em uma seriedade santa e unir os teus pensamentos, seria conveniente que, no início, colocasses diante de ti a grande importância do serviço que se aproxima. Estás para te apresentares diante do grande Deus, e isso bem de perto em um dever extraordinário,

onde santificarás ou profanarás o seu nome reverendo em alto grau e, conseqüentemente, deves esperar o seu amor ou a sua ira em alguma bênção seleta ou maldição terrível como resultado de teu empreendimento! Cinge os lombos de tua mente com algumas apreensões solenes como estas. Assim como o temor natural faz os espíritos retirarem-se das partes externas do corpo para o coração, da mesma forma este temor santo de falhar em tão solene dever seria um meio de chamar os teus pensamentos de todos os objetos carnis exteriores e fixá-los no dever em mãos: "No teu temor adorarei" (Sl 5:7). Qual for o entalhe no selo, tal será a marca na cera. Se o temor de Deus estiver profundamente gravado em teu coração, não há dúvida de que fará uma impressão adequada no dever que realizas. Pois bem, agora o tribunal está instalado e o silêncio ordenado; proporei alguns pontos particulares sobre os quais os teus pensamentos devem versar neste trabalho preparatório.

TRÊS DIRETRIZES PREPARATÓRIAS

Primeira. Examina a tua alma sobre qual fim propões a ti mesmo no serviço planejado de oração extraordinária. Ninguém senão uma criança ou um tolo correrá antes de saber qual é a sua missão. O fim é aquilo para o que um homem sábio olha antes de colocar a mão em qualquer trabalho, e quanto mais pesado o empreendimento, mais necessário é isto.

1. Considera que, se o fim que propões for mau, o dever não pode ser bom, porque o teu coração não é sincero nele. A sinceridade do coração se revela no alvo que estabelece e no fim a que visa em um dever, não na realização externa dele. O ladrão e o viajante honesto podem ser encontrados cavalgando na mesma estrada, mas têm objetivos diferentes nela, e isto os

distingue. Assim, o santo e o hipócrita unem-se no mesmo dever, atiram, por assim dizer, com o mesmo arco, mas o seu olho não faz a mesma mira e, por isso, as setas não se encontram no mesmo alvo. As orações de um são rejeitadas como abomináveis, e as do outro graciosamente aceitas. Quem parecia mais devoto do que os judeus cativos que mantiveram um jejum por setenta anos seguidos? No entanto, Deus lhes dá poucos agradecimentos pelo seu esforço, porque o fim deles não era correto: "Quando jejuastes, e chorastes, no quinto e no sétimo mês, durante estes setenta anos, jejuastes vós para mim, mesmo para mim?" (Zc 7:5). Quanto mais rápido um homem galopa, se estiver fora do caminho, pior é. O zelo é a melhor ou a pior coisa em um dever. Se o fim for correto, oh, é excelente! Mas se estiver errado, de nada vale. E não é coisa fácil propor um fim correto. O olho deve ser ajustado corretamente na cabeça antes de poder olhar corretamente. Se a arma for mal fabricada, nunca levará o projétil direto ao alvo. Um coração falso — e todo coração carnal é tal — não pode ter um fim verdadeiro.

2. Considera que o teu esforço no dever guardará proporção e será condizente com o fim que propões nele. Se o teu fim for baixo, o teu esforço não passará do necessário para alcançar esse fim; como aquele que pretende construir uma pequena cabana se contenta com materiais comuns, argila e palha; mas aquele que projeta um palácio majestoso provê materiais mais preciosos. Assim, Davi foi muito minucioso nos materiais que reservou para o templo: "porque o palácio", diz ele, "não é para homem, mas para o Senhor Deus". Portanto, ele "preparou com toda a sua força ouro e prata...", etc. (1Cr 29:1-2). Os fins do hipócrita em um jejum são baixos e vis — a sua reputação com os homens, lucro carnal e coisas semelhantes. Consequentemente, o seu esforço é despendido no dever externo

— um semblante sério, postura devota e tais expressões na oração que possam mais impressionar os que o ouvem, e isto é tudo para o que ele olha. Mas a alma graciosa diz com Davi: "Este palácio que construo, este dever que realizo não é para homem, mas para o Senhor Deus", e, portanto, o seu principal cuidado é prover materiais mais preciosos — um coração quebrantado pelo pecado em suas confissões, fé e fervor em suas petições, amor e gratidão em seus agradecimentos pelas misericórdias recebidas.

Pergunta. Mas quando um fim mau é proposto neste dever?

Resposta. O fim que propomos pode ser mau, ou intrinsicamente, quando a coisa a que visamos é má em sua própria natureza, ou por alguma irregularidade ao colocá-la muito alta ou muito baixa em nossa mira.

(1.) *Os fins que são intrinsicamente maus.* Para citar dois:

(a) *Quando uma pessoa ou um povo jejua e ora para encobrir e realizar com mais facilidade qualquer empreendimento ímpio.* Isto é um mal terrível, uma abominação monstruosa. O que é isto senão pendurar a tabuleta de um anjo à porta para poder agir como o diabo lá dentro com menos suspeita? No entanto, tal profunda hipocrisia o coração do homem tem revelado, que ele ousa vir e colocar o seu ovo de basilisco sob a própria asa de Deus, e fazer uso desta ordenança solene como um recurso para chocar os seus desígnios ímpios. A raposa, dizem eles, quando se vê em aperto, para se salvar, mistura-se entre os cães e caça com eles como se fosse da mesma matilha. Assim, o hipócrita, para melhor ocultar os seus projetos ímpios, correrá entre os santos e dará um clamor tão alto neste

dever e em outros quanto o melhor de todos eles. É o antigo truque do diabo, e ele o ensinou aos seus instrumentos: embrulhar tramas ímpias nas capas douradas das ordenanças de Deus. Que conspirações e contraconspirações houve entre Siquém, filho de Hamor, e Simeão e Levi! E o recurso que ambos usaram para realizar os seus desígnios foi uma ordenança de Deus (Gn 34). Um espera, ao submeter-se a ela, recolher em suas mãos todos os bens da família de Jacó — "não serão nossos os seus gados?"; e os outros os convencem a isso para que, quando estivessem doloridos, pudessem massacrá-los sem resistência. Absalão, para que pudesse melhor agir como traidor contra o seu pai, pede licença para ir pagar o seu voto em Hebrom (2Sm 15). Jezabel arma a sua armadilha para Nabote e, para que ele caia mais seguramente em suas garras, ela se curva e se humilha mesmo diante de Deus em um jejum (1Re 21). E o sério fariseu, que tanto se vangloriava de seu jejum, o nosso Salvador foi ousado em lhe dizer que era para "devorar as casas das viúvas" (Mt 23:14). Mas, como diz o pai da igreja, *manducant in terris quod apud inferos digerunt* [devoram na terra o que no inferno digerirão] por toda a eternidade. Assim, o hipócrita, como o anticristo, assenta-se no templo de Deus e ali comete as suas abomináveis profanações, transformando a casa de oração em covil de ladrões. Oh, treme diante desta grande impiedade! Confere-se uma tonalidade escarlate ao pecado quando ele é cometido sob o disfarce da religião.

(b) *Quando uma pessoa pensa que, por jejuar e orar, pode satisfazer a Deus pelo seu pecado, ou merecer qualquer favor das mãos de Deus.* Isto é ímpio e abominável, e tão contrário à natureza da oração quanto comprar o é em relação a mendigar. "O pobre", diz Salomão, "fala com rogos" (Pv 18:23). "A quem, ainda que eu fosse justo, não responderia; antes pediria

misericórdia ao meu Juiz" (Jó 9:15). Não podemos ter o benefício do trono da graça até que abandonemos o nosso pleito legalista. Cristo, de fato, pleiteia como justo e, portanto, deseja o que pede para nós por direito de justiça, porque ele pagou por isso; mas nós oramos como pecadores e, portanto, suplicamos tudo como misericórdia, sim, ainda que invoquemos o mérito de Cristo, porque ele é o maior e mais livre dom de todos. No entanto, tal é o orgulho do coração do homem, que ele prefere agir como comerciante e negociar os seus deveres pelas bênçãos de Deus, do que ser tido como quem as recebe gratuitamente. Esta era a disposição dos judeus carnais. Eles pensavam pacificar a Deus pelo seu pecado, como Jacó ao seu irmão irado, com as manadas e rebanhos de deveres que lhe apresentavam, e achavam que os seus serviços eram desvalorizados quando não eram aceitos como bom pagamento. Daí a sua ousada interpelação com o Senhor: "Por que jejuamos nós, dizem eles, e tu não olhas para isso? Por que afligimos as nossas almas, e tu não o sabes?" (Is 58:3). T tamanha opinião elevada tinham de si mesmos. Oh, tem cuidado com isto: o orgulho transforma uma ordenança em um ídolo. Deus aceita os nossos jejuns e orações quando usados para a humilhação, mas os abomina quando os trazemos para a nossa justificação. O fariseu perdeu-se pelas suas orgulhosas vanglórias de quantas vezes jejuava, enquanto o pobre publicano alcançou o prêmio por uma humilde confissão de seu pecado (Lc 18). Aquele que pensa em lavar a sua face com água suja, em vez de a tornar limpa, deixá-la-á mais suja. Verdadeiramente as nossas melhores lágrimas não são excessivamente limpas, e podem elas tornar-nos limpos, elas que necessitam elas mesmas de ser lavadas? O santo Jó não ousava confiar em sua pureza: "Ainda que me lave com água de neve, e purifique as minhas mãos com sabão, contudo me submergirás no fosso, e as minhas próprias vestes me abominarão. Porque ele

não é homem, como eu, para eu lhe responder, coligando-nos em juízo" (Jó 9:30-32).

(2.) *O fim pode ser, embora não intrinsicamente mau, contudo mau por alguma irregularidade ao colocá-lo mal*; como quando fazemos daquilo o nosso fim último o que deveria apenas ser o nosso fim subordinado no dever. Aquilo que seria legítimo estando em seu devido lugar torna-se pecaminoso quando o fim último é rebaixado para dar lugar a isso. A glória de Deus deve ser o fim último, não apenas em cada dever de culto, mas em todas as nossas ações comuns também, até mesmo no comer e no beber. Essas ações baixas devem ser elevadas a este fim alto (1Co 10:31). E com toda a razão ele deve ser o nosso fim supremo, de quem recebemos o nosso início. Todas as coisas são dele e, portanto, justo que sejam para ele. A água do rio esvazia-se no seio do mar de onde flui. Ora, se devemos ter tão alto fim em nossas ações mais baixas, então certamente nas mais altas; e tais são os atos de culto, nos quais lidamos imediatamente com Deus e somos por isso chamados de sacerdotes, "para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo" (1Pe 2:5). Há, de fato, outro fim também para o qual as ordenanças são designadas, a saber, serem canais para transmitir toda sorte de bênçãos de Deus para nós; mas este é um fim inferior e deve ser subordinado ao primeiro, do contrário fazemos da glória de Deus um servo de nosso bem particular, o que Deus não suportará. Possivelmente estamos sob alguma grande aflição. Isto nos põe a orar por livramento. Até aqui mantemos o nosso caminho. Mas então nos desviamos quando o nosso livramento é mais considerado por nós do que a glória dele. Isto é colocar o súdito na cadeira de seu príncipe; *uti Deo ut fruamur mundo* [usar a Deus para desfrutar do mundo]. Cuidado com isto. O que quer que prefiramos em nossos desejos

acima da glória de Deus é um culto idólatra prestado por nós. O coração pode esculpir tão bem quanto a mão, e um ídolo no coração é tão ruim quanto um colocado na casa.

Pergunta. Mas como posso descobrir se a glória de Deus, ou a bênção particular pela qual oro, é aquilo de que faço o meu fim principal no dever?

Resposta. Pode ser descoberto de duas maneiras: (a) Pelo teu comportamento na oração. (b) Pelo teu comportamento após a oração.

(a) *Pelo comportamento do teu coração na oração.* Se a glória de Deus for o que principalmente visas, isto dará uma coloração a todo o dever e influenciará cada parte dele; ajustarás os teus pedidos a este fim. Pois, assim como há uma força secreta do braço que puxa o arco impressa na seta que a leva ao alvo visado pelo arqueiro, da mesma forma há um poder secreto que conduz a alma no dever a agir de modo condizente com o fim que ela principalmente propõe e deseja obter; pois ninguém voluntariamente obstruiria e impediria aquilo que acima de tudo deseja. Supomos que o perdão do pecado é a misericórdia pela qual oras. Ora, se desejas sinceramente a glória de Deus bem como esta misericórdia — sim, acima dela —, isto te direcionará em tua confissão do pecado a afligires a tua alma mais pela desonra que com ele lançaste sobre Deus do que pela ira que incorreste sobre ti mesmo. Assim em tua petição: não ousarás rogar o teu perdão em termos que fossem desonrosos para Deus conceder, mas desejarás a misericórdia de tal modo que a sua glória possa ser tanto assegurada quanto promovida. Ora, Deus não pode perdoar o pecado de um infeliz impenitente que mantém ainda o amor e o agrado pela sua concupiscência sem infinito prejuízo ao seu glorioso nome. E, portanto, se a glória

dele estiver tão alta em teus olhos como dizes, clamarás tão ardentemente pela sua graça santificadora quanto pela misericórdia perdoadora, e não meramente porque não podes ter o perdão sem ela — como um homem doente deseja uma poção amarga para salvar a sua vida, não porque a ame —, mas porque por meio dela serás capacitado a glorificá-lo.

(b) Pode ser descoberto pelo teu comportamento após o dever; e isto em dois pontos particulares: quando a coisa orada é obtida, e também quando negada.

Quando a misericórdia orada é obtida. Se visas principalmente à glória de Deus ao suplicá-la, o teu principal cuidado será aplicá-la para a sua glória agora que a tens; ao passo que aquele que visou a si mesmo ao orar por ela importará tão pouco com Deus no uso dela quanto o fez ao pedi-la. É natural que as coisas retornem aos seus princípios. O filho que Ana obteve de Deus ela o dedica ao Senhor — e por quê? Senão porque este era o seu fim ao orar por ele (1Sm 1:11 em comparação com o v. 28). Quando a oração de Davi é ouvida e ele é liberto, nota qual é a sua resolução a partir disto: "Andarei perante a face do Senhor na terra dos viventes" (Sl 116:9). E novamente: "Ó Senhor, deveras sou teu servo... soltaste as minhas ataduras" (v. 16). Ele devolve a misericórdia a Deus aplicando-a para ele em uma vida santa. Como podemos pensar que visava à glória de Deus ao orar por saúde aquele que foge de Deus assim que se põe de pé? Ou, ao orar por riqueza, aquele que a despende em suas concupiscências?

Novamente, quando a coisa orada é negada. Aquele que visa sinceramente à glória de Deus na oração por uma misericórdia — falo agora de tais misericórdias que são apenas condicionalmente prometidas — submeter-se-á alegremente à

vontade de Deus em uma negação dela, porque Deus pode em tais petições glorificar-se tanto negando quanto concedendo-as. Davi orou e jejuou pela vida de seu filho doente. Ele morre, não obstante. Ora, faz esta negação com que ele rompa com Deus? Está ele clamoroso e descontente? Não; isto não levanta tempestade alguma em seu coração ou semblante sombrio para o impedir no serviço de Deus. Ele limpa as lágrimas de suas faces inchadas, muda de vestes e vai alegremente à casa de Deus e o adora (2Sm 12:20), tão poderosamente a vontade de Deus determinou a sua vontade. Assim, como os corpos celestes são pelo *primum mobile* [primeiro motor] levados de forma contrária à sua inclinação particular, da mesma forma a graça em um santo governa a sua afeição natural e o conduz a uma conformidade com a vontade de Deus quando esta se opõe à sua própria. O nosso bendito Salvador tinha afeições naturais, as quais o fizeram orar para que o cálice amargo de sua paixão pudesse, se possível, passar dele; contudo, não de modo que não estivesse disposto a aceitar uma negação e, portanto, deseja ao seu Pai que se glorifique, ainda que fosse tirando-lhe a vida (Jo 12:27-28).

Segunda. A segunda coisa que deves fazer, tendo fixado corretamente o teu fim, é fazer uma busca privada em teu coração e vida, pela qual possas ser capacitado a expor de forma mais plena e sentida a tua condição perante o Senhor. Ora, há três cabeças de investigação sobre as quais deves proceder: 1. Pelos pecados que cometeste. 2. Pelas misericórdias que recebeste. 3. Pelas carências sob as quais te encontra.

Três princípios de investigação ao buscarmos em nosso coração e vida

1. Pelos pecados que cometeste. A grande tarefa de um jejum reside na prática do arrependimento, e isto não pode ser feito sem um exame minucioso do coração: "Esquadrinhemos os nossos caminhos, e experimentemo-nos, e voltemos para o Senhor" (Lm 3:40). O ladrão deve ser encontrado antes de poder ser julgado, e julgado antes de ser condenado e executado. Alguns pecados, sem dúvida, podem ser identificados e apreendidos com pouco esforço; mas, se és fiel a Deus e à tua própria alma, não permitirás voluntariamente que nenhum do grupo escape. Como podes esperar perdão por qualquer um se não desejas justiça sobre todos? E como podes dizer que desejas justiça sobre aqueles pecados que não te esforças por apreender? Aquele oficial de justiça que, tendo um clamor trazido a si contra um bando de ladrões, deixa que alguns escapem em vez de se levantar para buscá-los, demonstra que o seu zelo pela justiça é pequeno. Não digo que serás capaz de encontrar todos. Basta que pela tua diligência dês prova de tua sinceridade de que não desejas ocultar nenhum. Dedica-te, portanto, seriamente ao trabalho. Cerca o teu coração e vida ao redor, como os homens fariam com um bosque onde assassinos estão alojados. Caça de volta pelas diversas fases de tua vida: infância, juventude e anos de maturidade; todas as funções e relações em que estiveste; a tua vocação geral e particular; cada lugar onde habitaste e o teu comportamento neles. Ordena à memória que traga os seus antigos registros e lê quais passagens estão ali escritas. Chama a consciência para depor o que sabe a teu respeito e encoraja-a a falar livremente sem atenuar o assunto: e tem cuidado para não repreenderes esta testemunha, como alguns juízes corruptos fazem quando querem favorecer uma causa ruim, ou dar-lhe instruções secretas — como Davi fez a Joab — para tratar gentilmente contigo. Dispõe-te a ter a tua condição exposta plenamente e todas as tuas coberturas levantadas. Pois muitas

vezes desígnios imundos estão ocultos sob belas aparências, como os barris de pólvora no porão do parlamento sob carvão e lenha. Ora, quando tiveres ido tão longe quanto puderes, implorando a ajuda do Céu para te sondar e provar se há mais alguma impiedade que não tenhas descoberto, então sobrecarrega a tua alma, julga-te por eles com todo o quebrantamento de coração que possas obter, justificando a Deus na sentença proferida contra ti por causa deles. Deus quer que coloques o teu pescoço no cepo, embora ele não pretenda dar o golpe. Em uma palavra, trabalha em tuas meditações para dares a cada pecado a sua devida gravidade e permite que os teus pensamentos se demorem neles até que encontres o fogo de tua indignação acender-se em teu coração contra eles, sim, explodir em tal zelo santo contra eles que te faça colocar-te sob juramento de envidar esforços para a sua total ruína e destruição. Então estarás apto para implorar pela tua própria vida quando tiveres jurado a morte de teus pecados.

2. Pelas misericórdias que recebeste. Tu tens estas — pelo menos as evidências mais marcantes delas — registradas, a menos que sejas um péssimo administrador de tua alma. Se Deus julga adequado engarrafar as lágrimas de seus santos, eles certamente não deveriam se esquecer de registrar as suas misericórdias. Ora, há algumas estações especiais em que o santo deve tomar esta crônica das misericórdias de Deus para ler nela; e esta é uma, quando deve se engajar neste dever extraordinário:

(1.) Como o meio mais eficaz para derreter o seu coração pelo pecado. A misericórdia confere a maior gravidade ao pecado e, portanto, necessariamente deve ser o instrumento mais poderoso para quebrar o coração pelo pecado. Com isto Deus repreende o Israel pecador: "Recompensais assim ao

Senhor, povo louco e ignorante?" (Dt 32:6). Eles não poderiam ter sido maus a tal ponto se Deus não tivesse sido tão bom para com eles. Quando Deus quer romper a ferida do pecado de seu povo, ele prepara um gesso com as suas misericórdias mais seletas e o aplica quente aos seus corações. Davi passara muitos meses sob as lições da lei, sem humilhar-se pelo seu pecado de sangue complexo; mas Natã é enviado para pregar-lhe um sermão de recapitulação das muitas misericórdias com que Deus o agraciara e, enquanto essas brasas são derramadas sobre a sua cabeça, o seu coração se dissolve imediatamente (2Sm 12). O gelo raramente sai por completo da terra até que o sol tenha adquirido algum poder na primavera para dissolver as suas amarras; mas então ele o faz mover-se. Tampouco a dureza do coração será para qualquer propósito removida até que a alma esteja completamente aquecida com a percepção das misericórdias de Deus: "E ali vos lembrareis de vossos caminhos, e de todos os vossos atos com que vos contaminastes, e tereis nojo de vós mesmos..." (Ez 20:43). Onde está esse "ali" senão em meio aos pensamentos de suas misericórdias, como pelo contexto é manifesto? Um perdão do príncipe tem feito alguns chorarem a quem a visão do cepo e do machado não pôde mover. A visão da ira inflama a consciência, mas a percepção da misericórdia docemente derrete o coração e vence a vontade.

(2.) *Como um ingrediente necessário em todas as nossas orações:* "com ações de graças, sejam as vossas petições conhecidas diante de Deus" (Fp 4:6). Esta especiaria deve estar em todas as nossas ofertas. Aquele que ora pela misericórdia de que carece e não é agradecido pelas misericórdias recebidas pode parecer atento a si mesmo, mas é esquecido de Deus e, assim, toma o caminho correto para fechar a porta às suas orações. Deus não colocará as suas misericórdias em uma bolsa

furada, e tal é um coração ingrato, pois logo as deixa cair de sua memória.

3. *Pelas carências sob as quais te encontras.* Antes que o comerciante vá à feira, ele examina a sua loja para que possa saber de qual mercadoria mais carece. Tu vais a este dever para te abasteceres com as graças e misericórdias de que necessitas; não é necessário, então, ver qual é o teu estoque presente? Quais são as tuas carências pessoais e relacionais? — não esquecendo o público, em cuja paz e felicidade estás tão interessado; pois, se este navio afundar, não podes estar seguro em tua cabine privada. Deixar que todas estas coisas ocorram e te alcancem sem ocupar os teus pensamentos com elas por uma meditação prévia é uma presunção alta demais para um cristão sóbrio adotar. Além disso, as tuas afeições necessitam de ajuda tanto quanto a tua memória. Mais facilmente podemos trazer as nossas sementes e carências à mente do que as aplicar ao coração. É mais fácil conhecê-las do que, conhecendo-as, ser profundamente afetado com elas: e nós não viremos em oração para contar a Deus uma simples história destas coisas, mas sentida e afetuosamente apresentar o nosso lamento e queixa com profundos suspiros e gemidos a ele que pode perdoar as primeiras e socorrer-nos nas segundas.

Terceira. Quando tiveres, diante deste exame, aceso as tuas afeições com o fole da meditação para uma percepção profunda destas coisas, então mune-te com argumentos das promessas para fortalecer as tuas orações e torná-las prevalentes com Deus. As promessas são o fundamento da fé, e a fé, quando fortalecida, far-te-á fervoroso, e tal fervor sempre prospera e retorna com vitória do campo da oração: "A oração eficaz do justo pode muito" (Tg 5:16). As palavras na oração são apenas como a pólvora; a promessa é o projétil que faz a execução; a fé

é a graça que carrega a alma com ele; e o fervor é o que dá fogo e o dispara no seio de Deus com tal força que o Todo-Poderoso não lhe pode negar a entrada, porque de fato ele não o quer. Ora, assim como é um soldado insolente aquele que deixa para fundir ou ajustar os projéteis ao calibre de sua arma apenas quando entra no campo de batalha; da mesma forma é um cristão insensato aquele que não provê e seleciona promessas adequadas à sua condição e pedido antes de se engajar em tão solene serviço. Daniel primeiro pesquisa a promessa — com que Deus se comprometera a fazer pelo seu povo, bem como quando terminava o prazo desta promessa —; e, quando pela meditação e estudo sobre ela ele erguera o seu coração a uma firme crença nela, então ele parte para Deus com uma santa violência na oração e o pressiona de perto, não apenas como um Deus misericordioso, mas justo também, para se lembrar deles agora que o compromisso de sua promessa estava por se cumprir: "Ó Senhor, segundo todas as tuas justiça, rogo-te que se desvie a tua ira e o teu furor da tua cidade de Jerusalém...", etc. (Dn 9:16). Quanto mais forte for alguém na Palavra, mais forte será na oração.

Tendo despachado as diretrizes preparatórias, venho agora àquelas a serem observadas no dever propriamente dito.

O que é necessário DURANTE a oração extraordinária

2. *Requisito. O que é necessário observar na realização do dever da oração extraordinária.* Porque servirão aqui aquelas diretrizes que são dadas em outro lugar para o dever da oração em geral, citarei apenas algumas, e de forma breve:

(1.) *Quando chegar o momento de te engajares neste dever extraordinário, tem cuidado para não o iniciares na confiança de tua preparação, seja qual tiver sido o teu cuidado*

e êxito nela. O que um digno doutor recomendava aos ministros quanto ao pregar deles é aplicável aos cristãos quanto ao seu orar — ele lhes dizia para estudarem para os seus sermões como se não esperassem nenhum auxílio divino no púlpito, e, quando entrassem no púlpito, que se lançassem sobre o auxílio divino como se não tivessem estudado de modo algum. Assim, prepara-te antes de vires a jejuar e orar como se não fosses encontrar auxílio algum adicional no dever; mas, quando chegares à realização do dever, lança-te inteiramente sobre o auxílio divino como se não te tivesses preparado de modo algum. Não sei qual dos dois age pior: se aquele que presume do auxílio de Deus neste grande trabalho sem preparação, ou aquele que presume de sua preparação e não confia, após ter feito o seu melhor esforço, no gracioso auxílio de Deus. O primeiro demonstra que tem pensamentos superficiais sobre esta ordenança solene, sim, pensamentos baixos e indignos sobre o grande Deus com quem tem de lidar nela; e o outro tem pensamentos altos demais de si mesmo.

E se agora, cristão, marchas em bela ordem e o teu coração ajustado; quão cedo, infelizmente! Toda aquela preparação pode ser desfeita, e as rodas de tua carruagem, que tanto esforço despendeste para lubrificar, travarem ou saltarem fora! Agora os teus pensamentos estão unidos, julgas; sabes tu onde estarão daqui a poucos minutos se o teu Deus não te ajudar a mantê-los reunidos? Podes tão facilmente segurar os quatro ventos em um saco como manter os pensamentos de tua mente fluida longe de divagar. Agora as tuas afeições estão elevadas a certa altura, mas podes manter as tarraxas sem escorregar? Não pode Deus secar a tua mão enquanto a estendes na oração; fazer a tua língua gaguejar quando dela queres fazer uso; sim, permitir que um abatimento repentino caia sobre o teu espírito que gelará

todas as tuas afeições e deixará o teu coração tão frio quanto uma pedra em teu peito? "Certamente todo homem, por mais firme que esteja, é puramente vaidade" (Sl 39:5). E isto em relação à têmpera de seu espírito bem como na constituição de seu corpo e demais vantagens mundanas. Quão frequentemente vemos os dons de sua mente e a vivacidade de suas graças murcharem e decaírem em um dever, os quais em outro, quando o Espírito de Deus concedia o seu sopro suave para os avivar, floresciam e exalavam as suas fragrantas especiarias em abundância! Oh, não te aplaudas em tua aboboreira, a qual pode tão cedo ser ferida, nem confies um empreendimento tão grande como o sucesso deste dever no barco furado de tua própria preparação.

(2.) *Ora frequentemente antes que por muito tempo de uma só vez.* É difícil estar muito tempo na oração e não enfraquecer em nossas afeições. Aqueles relógios que são feitos para funcionar mais tempo do que o comum com uma única corda costumam perder a precisão no final. A carne é fraca; e, se as forças do corpo se cansarem, a alma que cavalga sobre este animal necessariamente ficará para trás. O nosso Salvador, quando orou pela sua vida, encontramo-lo orando antes frequentemente do que longamente de uma só vez. Aquele que, em uma longa jornada, desce frequentemente para deixar o seu animal tomar fôlego, e depois monta nele novamente, chegará ao final de sua jornada talvez mais cedo do que aquele que o força além de sua resistência. Especialmente observa isto nas orações sociais. Pois, quando oramos em companhia, devemos considerar aqueles que viajam conosco no dever; como disse Jacó: "conduzi-los-ei passo a passo, conforme o passo do gado... e conforme o passo dos meninos" (Gn 33:14). Contudo, não digo isto para que dê qualquer freio ao Espírito de Deus em seus auxílios, os quais às vezes vêm tão fortes que o cristão é, por

assim dizer, levado com vento em popa e poupado do trabalho de puxar o remo. O barco da alma navega com mais facilidade quando sob maior velocidade. Tais auxílios elevam tanto a pessoa que ora quanto aqueles que se unem a ela — se graciosos e sob as mesmas vivificações — de certa forma acima de todo cansaço. O Espírito traz vigor — afeições, quero dizer — consigo. Tal alma é como um vaso que corre cheio e fresco — o que dele jorra é vivo e vigoroso; ao passo que em outro momento, quando o Espírito de Deus nega estes auxílios, a sua oração soa insípida ao seu próprio paladar, se não ao dos outros.

(3.) *Sê muito cuidadoso em te aprovares fiel no trabalho de humilhação de alma no dia.* Sejam as tuas confissões livres e plenas, a percepção que tens de teus pecados profunda, e o teu pesar por eles sincero e evangélico; pois conforme te portares nisso, assim serás em todas as demais partes do dever. Se confessas o teu pecado sentidamente, orarás contra ele fervorosamente. Se a tua dor for profunda e alcançar o teu próprio coração e espírito, então as tuas petições por misericórdia perdoadora e graça purificadora também virão do coração, serão sinceras, calorosas e veementes. Ao passo que aquele que não se derrete na confissão do pecado congelará em suas orações que apresenta contra ele; se as suas lágrimas forem falsas e fingidas — *lachrymae mentiri doctae* [lágrimas ensinadas a mentir] —, os seus desejos não podem ser verdadeiros. Por que pedem os homens em suas petições aquela graça que em seus corações não desejam, senão porque não sentem a dor e não estão aborrecidos com o mal de seus pecados que confessam? Assim, muitos confessam os seus pecados como os mendigos às vezes mostram as suas chagas, as quais não estão dispostos a ver curadas.

Novamente: conforme fores em tua confissão do pecado, assim serás em teus agradecimentos pela misericórdia. Quanto mais baixo caíres no abatimento de ti mesmo pelos teus pecados, mais alto subirás em teus louvores pelas misericórdias dele. O rebote da bola é proporcional à força com que é lançada ao chão. Quanto mais profundo for o tom em confissão, mais agudo será o cantar de teus louvores, pois estes mutuamente se intensificam. Quanto maiores as nossas misericórdias, maiores os nossos pecados; e quanto maiores os nossos pecados, maiores as misericórdias que, não obstante eles, o nosso bom Deus nos concede. De modo que a percepção que temos de um deve necessariamente estar em proporção ao outro; conforme formos afligidos pelo pecado, assim seremos afetados pela misericórdia.

(4.) *Aproveita os intervalos de oração com meditações oportunas e adequadas*, para que possas ser capacitado a retornar ao trabalho com mais vida e vigor. A meditação é a serva da oração para a servir tanto antes quanto depois da realização. É como o arado diante do sementeiro, para preparar o coração para o dever da oração, e a grade para cobrir a semente quando ela é semeada. Assim como o funil abastece o moinho com o trigo, da mesma forma faz a meditação com o coração com matéria para a oração. Ora, se é necessário que consideres antes do dever o que deves orar, então certamente após o dever deves refletir sobre ti mesmo sobre como oraste. O moinho pode girar e, no entanto, nenhum trigo ser moído. Assim, podes confessar muitos pecados e, no entanto, o teu coração não estar quebrantado e moído de dor por nenhum deles. Podes orar por muitas graças e exercitar pouca ou nenhuma graça em teu orar por elas — o teu coração sendo preguiçoso e não colocando peso na obra —, sem o que estas especiarias não são quebradas e, assim, não exalam o seu perfume suave. Olha, pois, de volta para o dever passado

e observa de perto qual foi o comportamento de teu coração nele. Se o achares ter sido preguiçoso e ter agido frouxo em suas engrenagens, ou agido como vadio ao desviar-se do trabalho com pensamentos impertinentes — em uma palavra, se sob o poder de qualquer desordem pecaminosa —, certifica-te de que, ao teu retorno ao dever da oração, acuses isto severamente contra ti mesmo com vergonha e tristeza. Este é o único caminho para deter a mão de Deus e impedi-lo de iniciar um processo contra ti: "Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados" (1Co 11:31). *Ubi desinit justitia incipit judicium* [onde cessa a justiça começa o juízo]. Se não fizermos justiça sobre nós mesmos, então Deus nos fará justiça como melhor puder. De fato, não podes em fé orar pelo perdão destes pecados até que tenhas te mostrado do lado de Deus ao entrares com o teu protesto contra eles. Moisés tomou o método correto — ele expressou o seu zelo primeiro por Deus contra o pecado de Israel com o bezerro de ouro, e depois se dedicou arduamente ao trabalho da oração a Deus pelo perdão dele. Ele não ousou abrir os seus lábios por eles diante de Deus até que tivesse desabafado o seu zelo por Deus (Êx 32:20 em comparação com os v. 30-31). E, se ele tomou este curso quando devia interceder por outros, muito mais deves tu fazê-lo quando fores orar pelo perdão de teu próprio pecado.

Novamente: se sob esta revisão de tua oração achares que o teu coração estava aquecido na obra, que as tuas afeições fluíram para Deus e os seus amores recíprocos de volta ao se abrir para ti, tem cuidado para que nenhum orgulho secreto te roube o teu recém-adquirido tesouro; sê humilde e agradecido, lembrando-te de que não foram as tuas próprias asas sobre as quais foste carregado. E também, sê cuidadoso em aproveitar estes favores divinos concedidos para te encorajar na obra, como

os punhados de espigas de trigo deixados cair para Rute no campo de Booz (Rt 2). Deus não quer que eles te fechem a boca, mas que a abram mais quando vieres novamente a orar. Começou o teu coração a derreter-se em teu peito? Oh, clama agora por mais quebrantamento de coração. Lançou o teu Deus um olhar bondoso sobre ti? Que isso te ponha a desejar revelações mais plenas de seu amor. Quando o mendigo vê o homem rico colocar a mão na bolsa, ele clama mais ardentemente. Deus está agora com a mão aberta para dar, e isto deve te encorajar a pedir; como Abraão, que, conforme Deus cedia, aproximava-se mais, aproveitando o terreno que ganhava palmo a passo para maior vantagem de obter mais (Gn 18:27).

O QUE É NECESSÁRIO APÓS A ORAÇÃO EXTRAORDINÁRIA

3. *Requisito. O que é necessário após a oração extraordinária.* A terceira palavra de direção é para o cristão sobre como ele deve se comportar quando passar o dia da oração extraordinária, e isto reside em uma santa guarda que ele deve estabelecer sobre si mesmo. Aquele que ora e não vigia é como quem semeia um campo com semente preciosa, mas deixa a porteira aberta para que os porcos entrem e a arranquem; ou como quem se esforça muito para ganhar dinheiro, mas não tem cuidado algum em guardá-lo em segurança quando o possui. Se Satanás não puder te vencer no campo de batalha, ele espera encontrar-te em vantagem quando tiveres desfeito as tuas forças, o dever tiver passado e tu estiveres em uma postura descuidada. Esaú prometeu a si mesmo uma oportunidade de se vingar de Jacó: "Chegarão os dias de luto", diz ele, "por meu pai; e matarei a Jacó, meu irmão" (Gn 27:41). Assim diz Satanás: "Os dias de

pranto e jejum logo passarão; ele não estará sempre de joelhos orando, nem sempre esmurando o seu corpo com o jejum, e então eu o atacarei". Ora, de uma destas duas maneiras o teu perigo tende a vir sobre ti — ou por ele ferir a tua fé, ou por relaxar o teu cuidado em tua caminhada de obediência; e, se ele puder fazer qualquer uma delas, desferirá um triste golpe em tuas orações.

(1.) Atenta, portanto, após tal dia, para a tua fé. Orar e não exercer fé é como atirar e não olhar onde a seta cai; é enviar um navio com mercadorias ao mar e não esperar retorno algum da viagem. Tu te esforçaste na oração para mover a Deus a te ouvir e ajudar; agora esforça-te tanto quanto para mover o teu coração a uma espera tranquila em Deus e inteira confiança nele. Quando Josafá terminou o seu jejum público, levantou-se no dia seguinte e dirigiu estas palavras ao seu povo que se unira a ele naquele dever solene: "Ouvi-me, ó Judá, e vós, moradores de Jerusalém: Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas e prosperareis" (2Cr 20:20). Assim, quando o nosso bendito Salvador ensinou os seus discípulos a orar, logo os pressionou a se entregarem inteiramente e aos seus afazeres àquele Deus a quem oravam (Mt 6:19-34). Verdadeiramente, de outro modo, a oração extraordinária não passa de tagarelice extraordinária; zombamos de Deus, e as nossas orações zombarão de nós, pois nenhum fruto virá delas. O caçador pode ficar sem o seu jantar, embora o seu cão corra rápido e lata bem, se, quando chega à presa, não ousa se lançar sobre ela. Ora, é ofício da fé lançar-se sobre a promessa e apegar-se a Deus, sem o que o teu forte clamor na oração é inútil e infrutífero. Oh, podes confiar a tua causa ao advogado após a expores a ele? E colocar a tua vida na mão do médico seguindo as suas receitas após o informares de tua doença? E não ousas

confiar a tua sorte na mão de Deus após derramares a tua alma perante ele na oração? Isto é uma grande tolice. Por que deverias pensar que a onipotência não pode ajudar, ou que a verdade e a fidelidade não o farão? Sim, é um pecado grave colocar o nome do grande Deus em dúvida pela tua incredulidade. No entanto, é disto que o nosso Salvador lamenta tristemente ser o tratamento que Deus recebe das mãos daqueles de quem ele poderia esperar melhor: "E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles? Digo-vos que depressa lhes fará justiça". Que maior segurança pode o coração de um santo desejar mais do que a palavra de um Deus fiel? No entanto, poucos se encontram, após toda a sua oração por livramento, que possam inteiramente esperar pelo mesmo: "Contudo, quando vier o Filho do Homem, porventura, achará fé na terra?" (Lc 18:7-8).

(2.) *Atenta, após um dia de oração extraordinária, para a tua caminhada de obediência.* O conselho de Salomão é: "Guarda o teu pé, quando entrares na Casa de Deus" (Ec 5:1). O meu, no momento, é: atenta para o teu pé ao saíres dela. Podes fazer a ti mesmo mais mal do que todos os demônios do inferno podem fazer-te. Eles não podem interceptar as tuas orações e impedir o retorno feliz delas ao teu seio, mas tu podes logo fazê-lo: "Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem o seu ouvido, agravado, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus, e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça" (Is 59:1-2). Este é o sussurrador que separa os principais amigos; que faz Deus, o nosso melhor amigo, manter-se afastado de seu povo e de suas orações. Sê tão cuidadoso, cristão, após um jejum como um homem seria após um remédio forte. Um resfriado pego agora — uma pequena desordem em

tua caminhada — pode ser de triste consequência. Lembra-te de que, assim como deixaste as tuas orações, também deixaste os teus votos com o Senhor. Assim como esperas que Deus responda às primeiras, ele espera que pagues os segundos. Quebra a tua promessa para com ele e desobrigas a Deus com a tua própria mão de qualquer misericórdia que ele te deva. É tolice pensar que podes prender a Deus e deixar a ti mesmo livre.

Despachamos, então, o primeiro ramo da distinção das espécies de oração, que apresentou os *diversos modos orandi* — diversas maneiras de orar; pelas quais foi mostrado que devemos orar com toda sorte de oração: ejaculatória e composta, solitária e social, privada e pública, comum e extraordinária; e passamos agora para o segundo.

SEGUNDO RAMO

"Toda oração" considerada quanto à diversidade no assunto

Passando do que dissemos sobre a diversa maneira na oração, devemos agora considerar a *diversam materiam orationis* — o diverso assunto da oração. E assim, orar com toda oração e súplica é abranger todo o assunto da oração dentro do escopo de nossos deveres, e não deixar nada fora de nossas orações que Deus queira ver incluído. Ora, esta diversidade de assunto da oração, alguns acham que a encontram nas duas palavras do texto, *proseuches* [oração] e *deeseos* [súplica]; mas não fundamentarei o meu discurso em crítica tão sutil. Contentar-nos-emos com a divisão que o mesmo apóstolo faz: "Em tudo, pela oração e súplicas, com ação de graças, apresenteis as vossas petições a Deus" (Fp 4:6) e "Orai sem

cessar. Em tudo dai graças" (1Ts 5:17-18). Em ambas as passagens, todo o assunto da oração está compreendido nestas duas partes: PRIMEIRA. O pedido ou oração de petição. SEGUNDA. A ação de graças. Estas duas são como o duplo movimento dos pulmões, pelos quais eles inspiram e expiram o ar novamente. Na parte de petição da oração, desejamos algo das mãos de Deus; na ação de graças, devolvemos louvor a ele pelas misericórdias dele recebidas. Começo com a parte de petição da oração.

A PARTE DE PETIÇÃO da oração

PRIMEIRA. A primeira da dupla divisão de todo o assunto da oração, a saber, a oração de petição. Esta é tríplice: Primeira. Precatória. Segunda. Deprecatória. Terceira. Imprecatória. Quanto à de intercessão, deixá-la-emos para outro lugar, sob aquelas palavras "súplica por todos os santos".

Primeiro tipo de oração de petição — A PRECATÓRIA

Primeiro. A oração precatória; refiro-me àquela parte da oração em que o cristão deseja de Deus, em nome de Cristo, alguma coisa boa da promessa a lhe ser concedida. Ora, as coisas boas prometidas são espirituais ou temporais — as que dizem respeito às nossas almas e à nossa salvação eterna, ou as que se referem aos nossos corpos e ao seu estado temporário nesta vida. Tão amplo campo foi dado ao cristão para os seus pedidos andarem, pois "a piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida da presente e da que há de vir" (1Tm 4:8). Esta terra abaixo, para um santo, é uma terra de promessa, embora não a terra que é principalmente prometida. Deus não lhe prometeu o céu deixando-o entregue ao vasto mundo para se

virar em sua subsistência externa, nem lhe ordenou viver pela fé quanto às suas almas, mas viver pela sua astúcia quanto aos seus corpos. Não; aquele que prometeu "dar graça e glória" também disse que "não negará bem algum aos que andam na retidão" (Sl 84:11). O cardápio deles está provido bem como a sua herança futura. Ora, tudo o que farei aqui é colocar uma bússola em tua mão, com o auxílio da qual possas guiar o teu curso com segurança quando estiveres rumando em teus pedidos para qualquer um dos pontos da promessa, seja por misericórdias temporais ou espirituais. E para que não te leve para fora do canal correto sobre rochas ou areias, tocarei a agulha daquela bússola que gostaria de recomendar ao teu uso com a pedra-ímã da Escritura, da qual podemos colher uma quádrupla semelhança a ser usada em nossos pedidos por coisas boas espirituais e temporais prometidas, e também uma tríplice dessemelhança.

1. Há uma quádrupla semelhança a ser usada na oração precatória:

(1.) Quer ores por bênçãos temporais ou espirituais, debes orar na percepção de tua própria indignidade, pois não mereces nenhuma delas. Quando Cristo ora por nós, ele pleiteia como um advogado pela justiça, porque ele pagou antes de orar, e pede apenas aquilo por que deu o preço. Mas nós, pobres criaturas, somos pedintes e devemos suplicar tudo como pura esmola, pois o dinheiro não saiu de nossa bolsa que fez a compra; tampouco Deus Pai estava obrigado a empenhar o seu Filho, ou o Filho a empenhar-se a si mesmo, em nossa recuperação, nós que caímos por confisco nas mãos da justiça divina. De modo que a misericórdia é o único pleito que tu, que és pecador, podes apresentar diante de Deus. Podes perante o homem te apoiar em teu merecimento. Assim Jacó reivindicou o seu salário da mão de Labão; mas, quando lida com Deus, ele

muda o seu pleito e processa *sub forma pauperis* [na forma de pobre]: "Menor sou eu que todas as misericórdias, e que toda a verdade que tiveste com o teu servo" (Gn 32:10). Assim Daniel: "Não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias" (Dn 9:18). Nenhuma bênção é tão grande que não possa ser obtida onde a misericórdia é o pleito, e nenhuma tão pequena que a mereçamos. Se queres, portanto, suplicar algo da mão de Deus, confessa que nada mereces. Então estamos aptos para receber grandes coisas de Deus quando somos mínimos em nossos próprios olhos; então estamos mais próximos da coroa quando nos julgamos indignos de uma côdea de pão. O orgulhoso fariseu trouxe a sua justiça em sua oração a Deus e levou consigo o seu pecado preso sobre si; o publicano trouxe o seu pecado em sua humilde confissão e levou consigo a sua absolvição e justificação. Assim Deus cruza as suas mãos como Jacó ao dar as suas bênçãos.

(2.) *Em ambas debes orar em fé*, pois tanto as bênçãos espirituais quanto as temporais estão prometidas, e, portanto, debes crer que Deus será tão fiel e pontual no cumprimento das promessas menores que dizem respeito a esta vida como nas questões mais pesadas que respeitam a tua felicidade eterna na outra. De fato, ele promete bênçãos espirituais *in specie* [em espécie] — dará graça e glória —; mas prazeres temporais *in valore* [em valor] — seja em espécie ou em equivalente —: "não negará bem algum". E é justo que ele julgue quando um prazer temporal será bom para nós, e quando será melhor dar alguma outra coisa em substituição a ele. Daí aquele método na oração do Senhor: primeiro orar "Seja feita a tua vontade", antes de orarmos "O pão nosso de cada dia nos dá hoje". Mas o selo é o mesmo que ratifica as promessas temporais com o que ele coloca

nas espirituais; a sua verdade e fidelidade estão tão profundamente obrigadas a cumprir as promessas temporais, conforme o teor em que são feitas, quanto a cumprir a outra parte. E, portanto, devemos tão fortemente aquietar-nos em seu cuidado e providência para a nossa proteção e provisão aqui, quanto para a nossa salvação no futuro; do contrário, ele teria feito mal ao seu povo ao tirá-lo de uma atenção ansiosa por aquelas coisas de que ele não pretendia encarregar a sua providência. Certamente, se ele nos ordena não andarmos ansiosos por nenhuma destas coisas, mas apenas apresentar os nossos pedidos a ele, ele não pretende a nossa perda pelo nosso sossego, mas por meio disso quer que compreendamos e creiamos que ele tomará o cuidado sobre si mesmo, e nos dará por fim uma prestação de contas completa de seu amor e fidelidade no resultado de sua providência, como tudo foi disposto para a nossa melhor vantagem.

(3.) *Devemos unir o nosso esforço no uso de todos os meios com as nossas orações*, quer sejam apresentadas por bênçãos espirituais ou temporais. Pedintes preguiçosos não devem ser socorridos à nossa porta. "Porque, quando ainda estávamos convosco, vos mandamos isto: que, se alguém não quiser trabalhar, não coma também" (2Ts 3:10). E certamente Deus não lhes dará as boas-vindas à sua porta a quem ele quer que nós neguemos à nossa. Devemos orar com a nossa mão na bomba, ou o navio afundará à vista de nossas orações.

É por subsistência temporal que oras? Ora e trabalha, ou ora e passa fome. Pensas em pôr Deus a trabalhar enquanto te assentas com a mão em teu seio? Aqueles dois provérbios em Salomão são dignos de nota: "A mão dos diligentes enriquece" (Pv 10:4) e, no versículo 22, "A bênção do Senhor é que enriquece, e não acrescenta dores com ela". Aquele que ora mas

não é diligente não tende a ser rico. Aquele que é diligente mas não ora pode ser rico, mas não pode ser abençoado com as suas riquezas. Mas aquele que obtém as suas riquezas pela oração sincera em conjunção com a sua diligência é rico pela bênção de Deus, e escapará da dor que o homem do mundo guarda com o seu dinheiro; sim, embora ele não obtenha bens, contudo ele tem a bênção de Deus, e isso o torna rico quando não há dinheiro em sua bolsa.

Novamente: é por alguma bênção espiritual que oras? Gostarias de ter mais conhecimento nas coisas de Deus? Não penses que cairá em tua mente sem esforço. Daniel estudava enquanto os seus olhos estavam ora no livro, ora elevados ao céu na oração (Dn 9:2). "Muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará" (Dn 12:4). Ele é obtido correndo de um meio a outro. Como o navio mercante recebe uma parte de sua carga em um porto, outra parte em outro; da mesma forma o cristão obtém alguma luz em um sermão, alguma em uma conferência; alguma em um dever, alguma em outro. E aquele que adota um dever, mas pela preguiça negligencia os demais, economiza os seus esforços para perder os seus ganhos. Às vezes Deus é encontrado neste dever e às vezes naquele, com o propósito de manter o crédito de todos, para que não ignoremos nenhum.

(4.) *Nossos pedidos para ambos devem ser temperados com ação de graças*: "com ações de graças, sejam as vossas petições conhecidas..." (Fp 4:6) e, em 1Ts 5:18, "Em tudo dai graças". Estás orando pelo amor e favor de Deus? Bendiz a Deus por estares onde ele pode ser obtido, e não no inferno passado de esperança ou ajuda. É saúde o que desejas? Bendiz a Deus pela vida; é pela misericórdia do Senhor que não somos consumidos. Nenhuma condição na terra pode ser de cor tão

escura em que não se possa encontrar alguma fresta de branco, alguma mistura de misericórdia entretecida. *Puræ tenebrae* [trevas puras], sem qualquer restrição de misericórdia, encontram-se apenas no inferno. Não venhas, portanto, a orar até que saibas também pelo que agradecer a Deus. Assim como Deus tem uma mão aberta para dar, tem também um olho aberto para ver quem vem à sua porta, e para discernir entre o pedinte agradecido e o ingrato. Dará Deus mais àquele sobre quem tudo se perdeu do que ele anteriormente concedeu? De fato ele faz o bem aos maus e ingratos, mas não é um retorno gracioso de suas orações, mas um ato de providência comum, do qual terão pouco consolo quando ele trazer a generosidade de sua providência em juízo contra eles para agravar os seus pecados e aumentar o seu tormento.

Segue-se agora uma tríplice dessemelhança que devemos observar ao formular os nossos pedidos por misericórdias espirituais e temporais.

2. Há uma tríplice dessemelhança a ser usada na oração precatória. As misericórdias temporais devem ser desejadas principalmente por amor às espirituais, mas as misericórdias espirituais por si mesmas, e não por vantagens temporais:

(1.) As misericórdias temporais devem ser desejadas principalmente por amor às bênçãos espirituais, e não ao seu próprio. O viajante deseja um cavalo não tanto pelo animal em si, mas pela conveniência de sua jornada que deve fazer. Assim o cristão, ao orar por coisas temporais, deve desejá-las como ajudas em seu caminho e passagem para o céu. Não digo que seja ilegítimo desejar a vida, a saúde e outros confortos desta vida, pela adequação que estes têm às nossas afeições naturais e para suprir as nossas necessidades externas; mas desejar isso

apenas por isso é baixo e vil, é o mero clamor da criatura. Os corvos assim clamam, e todas as feras do campo buscam o seu alimento de Deus; isto é, desejam a preservação de suas vidas e fazem o seu lamento quando carecem daquilo que as deve sustentar. E estas criaturas, sendo feitas para nenhum fim mais elevado do que o desfrute desses prazeres particulares limitados, observam a lei de sua criação. Mas tu és um ser intelectual e, pela tua alma imortal, que é uma substância espiritual, és tão próximo dos anjos no céu quanto o és pela tua parte corporal inferior dos animais, sim, aliado a Deus, teu Criador, não apenas feito por ele como eles foram, mas para ele, o que eles não são. Ele é o teu bem supremo e, portanto, tu o desonras infinitamente e a ti mesmo também se podes te contentar abaixo dele em teus desejos. *Nihil bonum sine summo bono* [nada é bom sem o bem supremo] — nada deve ser bom para ti sem Deus, que é o teu bem supremo. *Non placent tibi mea sine mecum, nec tua mihi sine tecum* [Não te agradam as minhas coisas sem mim mesmo, nem as tuas a mim sem ti mesmo] — assim debes dizer e orar: "Ó Senhor, assim como todos os meus dons e serviços não te agradam a menos que com eles eu te dê a mim mesmo, da mesma forma nenhum destes dons de tua generosidade pode me contentar a menos que com eles tu queiras me conceder a ti mesmo". Ora, este movimento regular do coração ao orar por coisas temporais encontra-se apenas naqueles cujas engrenagens internas — refiro-me aos poderes e faculdades — foram ajustadas pela mão da graça divina. O homem em seu estado decaído é como Nabucodonosor no pasto — tem o coração de um animal, que não deseja nada além da satisfação de seu apetite sensual. Mas, quando renovado pela graça, então o seu entendimento retorna a si, pelo qual é capacitado ao orar por coisas temporais a elevar os seus desejos a um grau mais alto e a um fim mais nobre.

Ora o doente Davi para que algum tempo adicional seja acrescentado ao prazo de sua vida temporal? Não é por um amor tolo a este mundo ou aos prazeres carnavais dele, mas para se preparar melhor para outra vida: "Desvia de mim o teu olhar, para que tome alento, antes que me vá e não exista mais" (Sl 39:13). É ele confortado com as esperanças de uma estada mais longa aqui? Não é nenhum dos prazeres carnavais deste mundo que acende esta alegria em seu peito santo, mas a vantagem que por meio disso terá para louvar a Deus na terra dos viventes: "Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele que é a salvação da minha fisionomia e o meu Deus" (Sl 42:11). O santo tem uma percepção tão rápida para provar a doçura de uma misericórdia temporal como qualquer outro; mas, sendo o seu coração espiritual, e assim familiarizado com desfrutes mais elevados, ele deseja com Lutero que Deus não o despache com estas cascas de bênçãos. Oh, quão poucos assim oram por coisas temporais! A maioria está apenas buscando as suas concupiscências ao orar por elas: "Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites" (Tg 4:3). Um está doente e ora por saúde para que possa estar novamente com os seus copos ou prostitutas. Outro é sem filhos e gostaria de ter um herdeiro para sustentar o orgulho e a grandeza de sua casa, mas não o aumento da família de Cristo no mundo. Um terceiro gostaria de ser um homem maior no mundo — e para quê? Talvez para que, tendo mais poder, possa se vingar plenamente de seus inimigos que estão agora fora de seu alcance. E outros que trazem o seu sacrifício não com mente tão má, contudo não olham mais alto do que o seu contentamento carnal no desfrute que gostariam de ter, como aparece pelo seu comportamento no uso dele. Assim os marinheiros em uma tempestade no mar: "Então clamam ao Senhor na sua tribulação" (Sl 107:28). E, quando têm a sua vida concedida como desejam, "então se alegram, porque se

aquietaram" (v. 30), e Deus não ouve mais deles agora que o seu propósito foi atendido — uma evidência clara de que foram egoístas e carnaís em sua oração por esta misericórdia, porque não a aproveitam para o seu fim espiritual. O que faz o salmista romper naquela santa opção e voto: "Oh, que os homens louvassem ao Senhor pela sua bondade" (v. 31). Mas muito mais abominável é orar por misericórdias espirituais por amor a alguma vantagem temporal que se espera ter por meio delas. Assim Simão Mago desejou os dons do Espírito Santo para que pudesse ser *megas tis* [um grande homem] (At 8:9) — um homem de fama e nome. E não trabalham alguns para trazer o evangelho à cidade como um recurso para melhorar as vendas em sua loja? — outros oram pelos auxílios do Espírito, projetando o seu próprio louvor por esse meio, baseando os seus santos afazeres em vantagens seculares? Oh, terrível baixeza! Como se alguém desejasse o manto de um príncipe para tapar um forno com ele! Isto é, como diz Agostinho, *uti Deo ut fruamur mundo* — fazer de Deus o estribo e da criatura a nossa sela.

(2.) *Aquelas bênçãos espirituais que são intrínsecas à nossa felicidade e indispensavelmente necessárias à nossa salvação, estas devemos orar com uma importunação inegável.* Tais são o perdão do pecado, o amor e favor de Deus, e as graças santificadoras do Espírito. Ser frio ou indiferente em nossas orações por estas coisas é uma grande impiedade. A promessa nos sustentará em nossa maior importunação: "Buscai ao Senhor e a sua força; buscai a sua face continuamente" (Sl 105:4); "e quem quer, tome de graça da água da vida" (Ap 22:17). *Tantum possumus in negotio religionis, quantum volumus* [Tanto podemos no negócio da religião quanto queremos]. Nada nos faz perder estas misericórdias mais do que

desejos fracos e débeis delas. Mas as nossas orações por bênçãos temporais devem ser com uma amplitude de submissão à vontade de Deus, porque são prometidas condicionalmente. A promessa é o fundamento de nossa fé; a superestrutura, portanto, de nossas orações não deve avançar além dela. Este foi o pecado de Israel: "Quem nos dará carne a comer?" (Nm 11:18). Deus de fato prometera alimentá-los no deserto, mas não dar-lhes cada prato que o seu paladar libidinoso desejasse; e, portanto, quando o cardápio de Deus não os satisfaz, mas eles clamam por carne, eles têm o seu desejo, mas com molho azedo junto; pois, "enquanto a carne estava entre os seus dentes... a ira de Deus subiu contra eles, e matou os mais robustos deles" (Sl 78:30-31). Assim foram alimentados para a matança pela carne pela qual desordenadamente cobiçaram. Oh, tem cuidado com orações peremptórias por qualquer desfrute temporal, pois por meio disso rogas apenas por uma vara para as tuas próprias costas. Raquel deve ter filhos ou senão morre, e ela por fim tem dois, mas morre no parto do segundo (Gn 30:1; 35:18). Foi uma fala inteligente de um homem à sua esposa, que apaixonadamente desejava um filho, e teve um por fim, mas nenhum dos mais sábios: "Mulher", diz ele, "há muito apaixonadamente desejas um menino, e agora tens um que sempre será um menino". Deus pode justamente estabelecer alguma marca de sua ira naquela misericórdia com a qual responde às nossas orações peremptórias. Por que, infelizmente! Devemos necessariamente ter aquilo que necessariamente devemos perder, ou que não desfrutaremos enquanto o temos?

(3.) *Aquelas bênçãos espirituais que são intrínsecas à felicidade dos santos devem ser oradas com desejos ilimitados.* Não: "Dá-me tanta graça e não te incomodarei por mais". Não; Deus dá um pouco de graça não para nos fechar a

boca, mas para a abrir mais para receber mais. No entanto, infelizmente! Quão irrazoavelmente razoáveis são a maioria neste ponto particular! Tanta santidade os satisfaz quanto a que, como o sal, os guardará de apodrecer em pecados grosseiros, para que não sejam desagradáveis às narinas de seus vizinhos, ou quanto os salvará do açoite de suas consciências atormentadoras; como meninos de escola, que não se importam com mais de sua lição do que o necessário para evitar o castigo. Infelizmente! Isto não é desejá-la de modo algum; é a tua reputação fora e o teu sossego dentro o que desejas, e a outra parte apenas para te ajudar a alcançar estes fins. Aquele que conhece o verdadeiro valor da graça julga que nunca tem o suficiente até estar satisfeito com ela na glória. Paulo tinha mais do que muitos de seus irmãos, contudo ora e avança tão arduamente por mais como se não tivesse nenhuma de modo algum (Fp 3:13-14). Mas nos desfrutes temporais devemos limitar os nossos desejos, e não soltar todas as velas de nossas afeições ao orar por eles. Um coração gracioso está tão indisposto a ter demais destas coisas quanto temeroso de ter de menos: "não me dês nem a pobreza nem a riqueza; mantém-me do pão da minha porção acostumada" (Pv 30:8). Creio que nenhum santo deixaria de dizer sinceramente amém a esta oração de Agur — tenho certeza de que deveria. Aquela casa é melhor situada que não se apoia nem no topo frio da colina nem no fundo úmido. A natureza destas coisas boas temporais é suficiente para convencer qualquer homem sábio de que o meio-termo é melhor. Elas não são a carga do cristão, mas o seu lastro e, portanto, devem ser desejadas para dar equilíbrio, não para carregar o navio. Elas não são a sua porção — o céu é essa —; mas o seu dinheiro de despesa em sua jornada para lá; e qual viajante que seja sábio deseja carregar carga maior sobre si do que a necessária para pagar as suas despesas?

Segundo tipo de oração de petição — A DEPRECATÓRIA

Second. A oração deprecatória. O segundo ramo na parte de petição da oração é a deprecação, onde desejamos de Deus, em nome de Cristo, a remoção de algum mal sentido ou temido, infligido ou ameaçado. De modo que o mal é o objeto da deprecação. Aqui indicarei brevemente os males a serem deprecados, e como devemos formular os nossos pedidos a Deus ao deprecá-los. Todo o mal está compreendido nestes dois: — 1. O pecado. 2. O sofrimento.

Primeiro objeto da oração deprecatória

1. Objeto. O pecado. Este, de fato, é o mal dos males, contra o qual principalmente devemos disparar as setas de nossas orações. Esta é a única coisa que é intrinsecamente má em sua própria natureza. O sofrimento é antes um mal para nós do que em si mesmo, e os nossos sofrimentos têm tanto a sua existência quanto a sua malignidade a partir do mal de nossos pecados. Não tivesse havido pecado, não teria havido sofrimento. Onde aquele cessa, este não se encontra. Nenhuma dor no céu, porque nenhum pecado. Estes, como gêmeos, vivem e morrem juntos. "Se não fizeres bem, o pecado jaz à porta" (Gn 4:7) — isto é, se fizeres o mal do pecado, prepara-te para te deparares com o mal do sofrimento. Ora, no pecado, duas coisas devem ser deprecadas: (1) A culpa, e (2) A imundícia — o poder contaminador do pecado.

(1.) A culpa. Este é o efeito adequado e consequente de cada pecado. Sempre que qualquer pecado é cometido, há culpa contraída, pela qual a criatura se torna sujeita à ira de Deus; e esta culpa não se desgasta pela extensão do tempo, mas continua ligada ao pecador até que Deus, por um ato de misericórdia

perdoadora, o absolva. De modo que, embora o ato do pecado seja transitório e passe assim que o fato é cometido, contudo a criatura permanece no vínculo de sua iniquidade, presa com esta corrente de culpa como um prisioneiro da justiça divina até que ela, pela fé e arrependimento, suplique o seu perdão; assim como um criminoso que talvez não seja imediatamente preso e levado a julgamento após o fato, contudo permanece devedor à lei onde quer que esteja até que possa obter o seu perdão. Ora, necessito dizer algo para expor a condição terrível e lamentável de uma alma sob a culpa, para com isso vos provocar a orar pela remoção dela? Não há montanha tão pesada quanto a culpa do menor pecado para uma consciência despertada. Melhor é que a tua casa seja assombrada por demônios do que a tua alma por culpa. Se a tua consciência te diz que estás "no vínculo da iniquidade", não podes deixar de estar "em fel de amargura", eles estão unidos (At 8:23). A culpa é um fardo sob o qual o pecador não pode permanecer nem jogar fora. Alguém o compara a um animal picado por um moscardo — bem que gostaria de correr de sua dor, mas ainda assim a encontra em si. Isto permanece latejando em sua alma como um espinho na carne e não o deixará descansar de dia nem dormir à noite; ele se vira em sua cama como Régulo em seu barril cravado de pregos — não encontra posição confortável nele. Isto o faz ter medo de cada doença que chega à cidade, varíola ou peste, temendo que o prenda e o leve pela morte ao juízo. A sua culpa o faz pensar que cada arbusto é um homem, e cada homem um mensageiro da vingança divina para o matar. A "marca" que Deus colocou sobre o culpado Caim (Gn 4:15) é por muitos intérpretes concebida como um coração trêmulo, tornado visível por uma fisionomia pálida e comportamento desordenado de seu homem externo; e aquela passagem do versículo 12, "Fugitivo e vagabundo serás na terra", os Setenta traduzem assim: *stenon kai tremon ese epí tes*

ges — serás gemendo e tremendo na terra. Nenhuma convulsão distorce tanto o corpo quanto o pecado faz com a alma.

Ora, nesta oração contra a culpa, e pelo perdão, observa estes pontos particulares:

Cinco pontos particulares a serem observados ao orarmos contra a culpa

(a) *Ora com uma profunda percepção e tristeza pelos teus pecados.* O pior absurdo na oração é o do coração, quando este não tem percepção do pecado que a pessoa que ora depreca, ou da misericórdia que deseja. Nada mais endurece o coração de Deus contra a nossa oração do que a dureza do nosso coração na oração; e, pelo contrário, não há melhor caminho para derreter Deus em piedade do que os nossos próprios corações se dissolverem em tristeza. Aquele que quer que "demos vinho aos amargurados de espírito" (Pv 31:6) guarda este vaso — refirme-se à promessa da misericórdia perdoadora, que guarda o vinho mais doce na adega de Deus — "para vivificar o coração dos contritos" (Is 57:15). Uma lágrima no olho pelo pecado adorna mais a criatura do que um brinco em sua orelha, e a sua oração mais do que toda a ornamentação de expressões nela pode fazer. Enquanto o publicano batia em seu próprio peito, ele entrou no seio de Deus e levou um perdão para casa consigo. Derramará Cristo o seu sangue para obter o teu perdão, tu que não podes derramar lágrimas pelo teu pecado? A verdade é que aqui reside a dificuldade da obra — não em como mover a Deus, mas em como conseguir que o próprio coração do pecador se derreta. É mais difícil fazer o pecado ser sentido pela criatura do que o fardo, quando sentido, ser removido pela mão de um Deus perdoador. Nunca esteve um cirurgião de coração compassivo mais disposto a abrir a veia e ligar a ferida de seu paciente

desfalecido, quando este sangrou o suficiente, do que Deus está, pela sua misericórdia perdoadora, para aliviar o espírito atribulado de um penitente que chora. É uma regra que ele dá aos seus servos em sua prática sobre os seus pacientes espirituais: acautelarem-se de fazer um esvaziamento muito grande nas almas dos pobres pecadores por excessiva humilhação, para que com isso os espíritos de sua fé não sejam enfraquecidos demais: "Basta-lhe ao tal esta repreensão... pelo contrário, deveis antes perdoar-lhe e consolá-lo, para que o tal não seja de modo algum consumido por excessiva tristeza" (2Co 2:6-7).

(b) Justifica e inocenta a Deus em todas as expressões de seu desgosto pelos teus pecados. Carregas talvez as marcas de sua ira em tua carne em algum juízo externo; ou, o que é pior, os terrores do Senhor se apoderaram de tua alma e, como setas envenenadas, jazem queimando em tua consciência, onde estão cravadas. Reconhece-o justo, e tudo isto que te sobreveio como sendo "menos do que merecem as tuas iniquidades" (Esdras 9:13). O caminho para escapar do golpe fatal de seu machado é beijar o cepo. Inocenta a sua justiça, e não temas senão que a sua misericórdia salvará a tua vida. Tens uma promessa do teu lado: "Se então o seu coração incircuncidado se humilhar, e tomarem por bem o castigo da sua iniquidade, então me lembrarei da minha aliança" (Lv 26:41-42). Davi tomou este curso e prosperou: "Porque eu conheço as minhas transgressões" (Sl 51:3). E por que está ele tão disposto a expor os seus pecados em sua confissão perante o Senhor? Vê o versículo 4: "para que sejas justificado quando falares e puro quando julgares". Ele gostaria que todo o mundo soubesse que Deus não lhe fizera injustiça alguma nos juízos que sobre ele vieram; ele assume toda a culpa sobre si.

(c) *Tem cuidado para que não ores com uma reserva no coração.* Certifica-te de renunciar àquilo que desejas que Deus perdoe. Deus nunca removerá a culpa enquanto mantiveres o pecado. Qual príncipe perdoará a traição daquele que pretende continuar a ser traidor? É tolice desesperada desejar que Deus perdoe o que pretendes cometer. Mais valia falares abertamente e pedires licença para pecar impunemente, pois Deus conhece a linguagem do teu coração e não necessita de tua língua como intérprete. Alguns príncipes aplicaram mal os seus grandes favores a um custo elevado para si, como o imperador Leão Armênio, que perdoou aquele monstro de ingratidão, Miguel Balbo, e na mesma noite em que este foi liberto da prisão, foi por ele assassinado. Mas o grande Deus não está sujeito a erro algum em seu governo. Nunca um hipócrita obteve perdão sob o disfarce de um santo. Ele te chamará pelo teu próprio nome, embora venhas a ele na aparência de um penitente. "Entra, mulher de Jeroboão", disse o profeta (1Re 14:6). A hipocrisia é um véu fino demais para cegar os olhos do Todo-Poderoso. Podes arrancar os teus próprios olhos, de modo a não o veres; mas nunca poderás cegar os olhos dele para que ele não te veja. E, enquanto Deus amar a si mesmo, ele necessariamente odiará o hipócrita; e se o odeia, certamente não o perdoará. A alma perdoada e a sincera são uma só coisa: "Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa maldade, e em cujo espírito não há engano" (Sl 32:2).

(d) *Faz de Cristo o teu pleito.* O perdão do pecado é um favor desconhecido na primeira aliança. "Faze isto, e viverás; peca, e morrerás" era todo o seu conteúdo. Nenhum espaço foi deixado para uma segunda chance por aquela lei. A aliança do evangelho é a nossa *tabula post naufragium* [tábua de salvação após o naufrágio] — a única prancha pela qual podemos alcançar

a praia após o nosso miserável naufrágio. Esta aliança está fundada em Cristo, o qual, mediante acordo com seu Pai, assumiu o compromisso de responder às exigências da lei, e felizmente realizou o que assumiu; sob o que o evangelho é pregado e o perdão prometido a todos os que se arrependem e creem nele. "Deus, com a sua destra, o elevou a Príncipe e Salvador" (At 5:31). A ele Deus "propôs para propiciação pela fé no seu sangue" (Rm 3:25). Assim como, portanto, quando Cristo intercede pelos pobres pecadores, ele carrega o seu sangue consigo e o apresenta a Deus pelo preço daquele perdão que deseja para eles; da mesma forma podes trazer o mesmo sangue na mão de tua fé quando oras pelo perdão de teus pecados, pois "sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9:22). Isto deve ser muito observado, porque muitos, por ignorância, e alguns por um princípio corrupto, dirigem-se em suas orações à absoluta bondade e misericórdia de Deus em busca de perdão. Pergunta-lhes por que esperam ser perdoados, e eles te dirão: "Deus é bom, e esperamos que ele seja misericordioso conosco, visto que a sua natureza é tão graciosa". Mas, infelizmente! Esquecem-se de que ele é justo bem como misericordioso, e a misericórdia não atuará senão com o consentimento de sua justiça. Ora, o único bálsamo para a justiça de Deus é a satisfação de Cristo: "Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça... para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Rm 3:25-26). De modo que desejar que Deus te perdoe o pecado sem a intervenção da satisfação de Cristo é desejar que Deus seja injusto e te perdoe com a perda de sua própria honra; e quão bem-vindo estás propenso a ser tu que vens a ele com tal propósito, é fácil de imaginar.

(e) *Por fim, não aceites negação neste teu pedido, mas ora por ele com importunação incansável.* É uma misericórdia de que não podes prescindir; é mais necessária do que a tua própria existência. Melhor seria nunca ter existido do que existir para sempre sem perdão. Pensa apenas um pouco em tua condição terrível enquanto a culpa não for retirada e o teu perdão não for obtido, e será impossível que sejas um suplicante frio e débil por esta misericórdia das misericórdias. Sabe, pois, que enquanto não fores perdoado és prisioneiro de Deus. Todas as pragas escritas na lei apegam-se tão estreitamente a ti como o teu cinto aos teus lombos. A cada momento podes temer que elas se apoderem de ti enquanto caminhas em tua casa, te assentas à tua mesa ou te deitas em tua cama. Onde podes estar seguro se tens Deus por teu inimigo? Pode o pão resistir a quem o come? Ou a árvore resistir ao machado do lenhador? Verdadeiramente não mais podes tu resistir à ira de um Deus vingador. Não é ele quem segura os demônios mais fortes em correntes? — ele que pode acender um fogo em teus próprios ossos e peito, e fazer-te consumir como cal com a queima interna de teus pensamentos atormentadores? Não é ele um Deus justo, cuja justiça o obriga, nas distribuições da justiça, a ser exato conforme o demérito do pecador? Não é ele o Deus eterno? — não uma criatura lamentável que pode te ameaçar hoje e estar morta amanhã; mas a própria eternidade, que sempre vive para tomar vingança dos pecadores, de cujas mãos não podes escapar morrendo?

Nos tribunais terrestres, quando o homem morre, a sua causa morre com ele, por estar fora da jurisdição deles e além de suas intimações. Mas, na morte, caís nas mãos do Deus vivo, que prosseguirá em sua contenda contigo no outro mundo também. Mal a tua alma seja abandonada pelo teu corpo e expulsa de sua morada terrena, ela retornará a Deus para receber a sua sentença.

Tampouco o teu corpo descansará por muito tempo na sepultura onde está enterrado, mas será chamado para fora para compartilhar com a alma no tormento, cujo parceiro foi no pecado. A separação destes na morte para uma alma culpada é bastante triste; mas o seu reencontro no grande dia do juízo será muito mais terrível. Para o marido e a esposa que se uniram em algum assassinato sangüinário, serem presos e enviados a prisões distintas para o seu julgamento necessariamente os enche de medo e terror do julgamento que se aproxima, mas muito mais terrível é para eles quando trazidos para receberem a sua sentença e sofrerem na mesma forca juntos. Na morte, o corpo do pecador é destinado a uma prisão, a sua alma a outra, e ambos se encontram novamente no grande dia do julgamento para o mundo — para serem enviados pela sentença final do Juiz para as chamas eternas na fornalha ardente do inferno, onde, após o pobre infeliz ter experimentado por mil milhões de anos o peso da justa vingança de Deus, ver-se-á não mais próximo do fim de sua miséria do que estava no primeiro dia em que o seu tormento começou. Então a morte será desejada como um favor, mas fugirá dele — sendo a sua miséria tanto intolerável quanto interminável. A esta altura, suponho, um perdão será considerado digno de ser obtido e bom demais para ser perdido por uma oração preguiçosa e sonolenta por ele. Quando, portanto, tiveres assim estimulado a tua alma para uma percepção da indispensável necessidade desta misericórdia, toma então a santa resolução de situar o trono da graça e nunca te levantes até que Deus te abra as portas de sua misericórdia. Assim como ela é tão necessária que não podes prescindir dela, da mesma forma tens a promessa de um Deus fiel de que não a perderás sob a busca oportuna e sincera dela: "Se confessarmos... ele é fiel e justo para nos perdoar". Orações e lágrimas são as armas com as quais o Todo-Poderoso pode ser

vencido. Manassés, que não pôde em seu trono — quando pecou e se orgulhou contra Deus — defender-se da justiça de Deus, contudo em seu calabouço e grilhões, humilhando-se grandemente diante do Senhor, obteve a sua misericórdia (2Cr 33). Assim Efraim: "Falando Efraim, havia tremor; foi engrandecido em Israel; mas ele se fez culpado em Baal, e morreu" (Os 13:1).

(2.) *A segunda coisa no pecado a ser deprecada é o poder contaminador dele.* Aquele que não deseja ser limpo da imundícia do pecado ora em vão para ser aliviado da culpa. Se amamos o trabalho do pecado, devemos gostar também do salário. Um coração falso contentar-se-ia em ter o seu pecado encoberto, mas o sincero deseja que a sua natureza seja curada e limpa. Davi implorou um coração limpo bem como uma consciência tranquila: "Apaga todas as minhas iniquidades. Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto" (Sl 51:9-10). Ele deseja água para purificar o seu coração bem como sangue para aspergir e pacificar a sua consciência. Ora, ao formular os teus pedidos quanto a isto, observa estes pontos particulares:

Cinco pontos particulares a serem observados ao orarmos contra a contaminação do pecado

(a) *Certifica-te de vires com um profundo horror de ti mesmo por aquela imundícia de pecado que se apega a ti.* Isto é chamado de "conhecer cada um a praga do seu coração" (1Re 8:38), quando uma criatura é afetada e afligida com a percepção de suas corrupções como se tivesse tantas chagas de peste correndo sobre si, e se abate por causa delas tanto quanto Jó pelas úlceras e feridas com que o seu corpo estava coberto. Ao leproso era ordenado, para a sua cura, colocar-se em trajes de

luto: "As suas vestes serão rasgadas, e a sua cabeça será descoberta, e cobrirá o lábio superior e clamará: Imundo! Imundo!" (Lv 13:45). Por que tudo isso senão para expressar a profunda percepção de seu pecado e miséria? Olha para os santos na Escritura e verás que este era o caminho deles para se abaterem em suas orações com o maior horror de si mesmos que era possível. O penitente Davi toma a si mesmo por tolo, sim, por animal; ele não sabe como falar mal o suficiente de si mesmo: "Assim me embrutei e nada sabia; era como um animal perante ti" (Sl 73:22). O santo Jó clama: "Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza" (Jó 42:6). Outros coram e têm tanta vergonha de ser vistos na presença de Deus como alguém que tivesse caído em alguma lama ou fossa teria de vir naquele estado perante o seu príncipe.

(b) *Ao orares contra as tuas concupiscências, atenta para que o teu coração acompanhe a tua língua.* Em nada os nossos corações nos enganam mais do que em nossas orações, e em nenhuns pedidos mais do que naqueles que são direcionados contra as nossas concupiscências. Aquilo que menos vezes se pretende é o que mais se finge. E, verdadeiramente, nós necessitamos estar bem familiarizados com nós mesmos antes de podermos encontrar o fundo de nossas intenções. Agostinho confessa que, quando era jovem e forçado pela convicção em sua consciência a orar para que Deus o livrasse do cativeiro de sua concupiscência, os sussurros secretos de seu coração eram, contudo: *non adhuc, Domine* [ainda não, Senhor]. Ele tinha medo de que Deus o levasse a sério. Assim os judeus hipócritas primeiro "levantaram os seus ídolos nos seus corações" (Ez 14:3). Isto é uma grande impiedade. E seria uma justa, embora pesada praga, se Deus respondesse a tais pessoas conforme o voto secreto de seus corações, entregando-as àquelas

concupiscências que intimamente desejam. Quando Paulo roga orações por si mesmo, para encorajá-los em seus pedidos por ele, assegura-lhes a sua sinceridade: "Orai por nós, porque confiamos que temos boa consciência, como aqueles que em tudo querem portar-se honestamente" (Hb 13:18). Como se dissesse: "Eu não ousaria fazer de vós os meus porta-vozes diante de Deus se o meu coração me acusasse de concordar secretamente com qualquer pecado, e se não pretendesse em tudo viver honestamente". Como podes, então, ter a face de ir tu mesmo a Deus com um propósito de desejar dele aquilo que terias receio de possuir?

Pergunta. Mas como podemos vir a saber se os nossos corações são sinceros ou hipócritas ao orarmos contra o poder contaminador do pecado?

Resposta [1]. *Observa se a tua oração é uniforme* — dirigida contra todo pecado, uma concupiscência bem como outra. A sinceridade não faz aqui uma falha e ali um sulco; não é quente contra uma concupiscência e fria contra outra; mas vai até ao fim no trabalho: ela "odeia todo caminho de falsidade" (Sl 119:104). Ela dispara as suas setas contra todo o bando e não escolhe este pecado em suas orações o qual gostaria que fosse tomado, e aquele deixado: "Não se assenhoreie de mim crime algum" (v. 133). Ele sabe que se todas as suas correntes fossem quebradas e apenas uma deixada sobre si, ele seria um escravo tão verdadeiro de Satanás como se todas as outras estivessem ainda sobre ele. Ele não ora contra um pecado por ser grande e pleiteia por outro por ser pequeno. A poeira e o entulho ajudam a erguer a parede bem como as grandes pedras; pequenos pecados contribuem tanto quanto os grandes para erguer a parede de separação entre Deus e a criatura. Cada pequena mancha blemish a vestimenta, e cada centavo aumenta as somas.

Da mesma forma, pequenos pecados contaminam a alma e incham a conta do pecador. Portanto, ele ora contra eles bem como contra os outros. Davi, que desejou ser guardado dos "pecados de soberba", também implorou ser "livre dos pecados ocultos" (Sl 19:12-13).

Resposta [2]. Observa se o teu coração permanece firmemente resolvido a renunciar àquele pecado que rogas a Deus para subjugar. O cristão sincero obriga-se a si mesmo bem como trabalha para empenhar Deus contra o seu pecado. De fato, aquela oração é um papel em branco que não contém um voto nela: "Ouviste os meus votos" (Sl 61:5) — isto é, as suas orações, as quais sempre devem ser apresentadas com votos. É uma misericórdia que rogas a ele para conceder? Se és sincero, votarás louvá-lo por ela e servi-lo com ela. É um pecado contra o qual oras? A menos que estejas de zombaria com Deus, votarás bem como orarás contra ele: "Desvia de mim o caminho da falsidade" (Sl 119:29). Eis aí a depreciação de Davi. Agora, nota a sua promessa e voto: "Escolhi o caminho da verdade; propus-me seguir os teus juízos" (v. 30). Enquanto ora contra o caminho da falsidade, ele escolhe o caminho da verdade.

Resposta [3]. Observa se és vigoroso no uso de todos os meios designados para mortificar a concupiscência contra a qual oras. Resoluções no momento da oração são boas quando apoiadas por esforços vigorosos, do contrário não passam de um disfarce para um coração falso se encobrir. Sansão não apenas orou para se vingar de seus inimigos, mas aplicou as suas mãos às colunas da casa. Aquele que te ordenou orar contra a tua concupiscência ordenou-te evitar as ocasiões dela: "Afasta dela o teu caminho e não te aproximes da porta da sua casa; para que não dêes a outrem a tua honra..." (Pv 5:8-9) — isto é, para que não sejas atraído a ela pela ocasião. Assim José, para que não

fosse levado a deitar-se com a sua senhora, não permanecia sozinho no aposento com ela (Gn 39:7-12). Assim em Pv 23:20: "Não estejas entre os bebedores de vinho"; e "Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo..." (v. 31), porque olhar pode gerar o desejar. Ora, és conscientemente cuidadoso em te manteres fora do caminho que conduz ao pecado e em evitares a ocasião que poderia te trair nas mãos daquela concupiscência contra a qual oras? Certamente, aquele que não quer ver a sua casa explodir não colocará a sua pólvora junto ao canto da chaminé.

(c) Novamente: Deus, que te ordena orar contra as tuas concupiscências, ordena-te também tomar a espada de sua Palavra, meditando nela e aplicando-a estreitamente ao teu coração e consciência para as abateres e obteres vitória sobre elas. Assim fez Davi. Ele escondeu a Palavra em seu coração para não pecar contra Deus (Sl 119:11). Tu oras contra a avareza. "Oh, se Deus livrasse o meu coração dela!". Pois bem, o que fazes em direção à tua própria libertação desta concupiscência vil? Eis que uma espada é colocada em tua mão, cujo fio é bastante afiado para cortar e matar se a quiseses aplicar seriamente. Esta espada expõe a vaidade da criatura — quão vil e baixo pecado é a avareza —; afasta toda ocasião de desejos e cuidados desordenados pelo mundo por muitas doces promessas — o que ele guardou em outro mundo para nós, e que cuidado em sua providência ele tomará de nós nesta vida: "Sejam vossos costumes sem avareza, contentando-vos com o que tendes; porque ele disse: Não te deixarei, nem te desampararei" (Hb 13:5). Ora, que uso fazes desta arma? Fortaleces o teu assentimento à verdade destas promessas? — trabalhas para sensibilizar o teu coração com a doçura delas, e depois extrais esta espada para te defenderes contra esta concupiscência

quando o inimigo vem com uma tentação a ela? Se assim é, foste sincero em tua oração. Um coração falso contenta-se com algumas poucas orações superficiais contra a sua concupiscência, mas tem medo de usar esta espada contra ela. Ou, se o faz, golpeia com as costas da espada e não com o fio; ou aplica o seu golpe de modo tão brando que não colocará muito em perigo a vida de seu pecado — como um charlatão, que se certificará de não fazer ferida pior em seu lado do que aquela que o seu bálsamo em um dia ou dois possa curar.

Ora, para elevar o teu coração à maior veemência em orar contra as tuas concupiscências, trabalha para sensibilizar profundamente o teu coração sobre que praga terrível é — de fato, de todas as outras incomparavelmente a maior — para uma alma ser entregue por Deus ao poder de suas concupiscências. Esta consideração, se alguma o fizer, far-te-á sitiar de perto a Deus e investir contra ele com a máxima importunação, sabendo que és uma criatura arruinada se não prosperares em tua missão. Quando Deus pretende ferir de morte, ele mira no coração: ele entrega a criatura às suas concupiscências. Assim ele endureceu Faraó para uma obstinação final: "enviarei todas as minhas pragas sobre o teu coração" (Êx 9:14). Elas não apenas caíram sobre os animais e frutos do campo, ou sobre os corpos deles, mas principalmente sobre os seus corações e espíritos, endurecendo-os para a obstinação até à sua destruição. E isto, de fato, é enviar todas as pragas em uma só. Outras pragas, que alcançam apenas os bens ou o corpo, são consistentes com o amor e favor de Deus. Ele pode ferir o corpo e sorrir para a alma; arruinar os bens do homem e abençoá-lo com riquezas espirituais; torná-lo pobre no mundo e rico em fé. Mas aquele que é entregue às suas concupiscências é abominado de Deus. Um santo pode ser entregue a Satanás como a um lictor

[carrasco] — para o corrigir, para a destruição da carne e salvação de seu espírito; mas é a marca de um réprobo ser entregue a Satanás como a um senhor — para que as suas concupiscências tenham pleno poder sobre ele —; cujo ato judicial de Deus pressagia a destruição do pecador (Dt 2:30; 2Ts 2:11). Plagas externas são às vezes na boca do pecador como um freio para o conter do pecado. Mas esta é uma espora que os torna mais loucos pelas suas concupiscências; ela retira o senso do pecado, e então o infeliz age como o diabo. Nada o deterá em seu caminho, mas para o inferno ele irá sobre cercas e fossas.

(d) Ora contra o poder de tuas concupiscências como um ramo da aliança do evangelho. Deus não está obrigado pela primeira aliança a mover um pé para ajuda do homem. O homem foi por sua própria vontade para o território do diabo. Ele abandonou Deus e escolheu um novo senhor; e em suas mãos Deus o poderia ter deixado, sem oferecer ajuda alguma para o seu resgate. Não foi vínculo algum que o homem tivesse sobre Deus pela aliança da natureza que o obrigou, mas a sua própria livre graça que o moveu a assumir a sua recuperação. E isto ele faz estabelecendo uma nova aliança sobre as ruínas da antiga. De modo que, quem quer que queira orar contra as suas concupiscências com sucesso deve primeiro se tornar um aliado da aliança com Deus, aceitando os termos sob os quais Deus nela oferece salvar-nos de nossos pecados, os quais são a fé e o arrependimento. Quando a alma faz assim este retorno de seus pecados para se unir a Cristo, então ela se torna uma aliada da aliança com Deus e pode, com fé, chamar Deus ao campo de batalha para a sua ajuda contra este enorme exército de concupiscências e demônios que vêm contra ela. As carruagens de Deus são dela; toda a milícia do céu está engajada em sua contenda: "Porque o pecado não terá domínio sobre vós" — e

por quê? — "pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça" (Rm 6:14) — isto é, não estais debaixo da aliança da lei feita com Adão, mas debaixo da aliança do evangelho feita com Cristo e, através dele, com todos os crentes. Oh, quantas orações contra o pecado são perdidas por falta de bem compreender esta grande noção do evangelho! Uma grande queixa é feita por muitos de seus pecados a Deus, e finge-se desejar a vitória sobre eles; no entanto, eles vivem e crescem mais fortes a cada dia do que em outros. E qual é a razão? Infelizmente! Eles não se encontram em uma relação federal com Deus, tampouco tomam cuidado algum de entrar nela. Levantará um príncipe um exército para lutar por quem ele não conhece? De fato, se os seus súditos ou aliados estiverem em aperto ele está pronto a intervir em seu socorro; mas estranhos não podem esperar que ele faça isto por eles. Alianças são feitas antes de auxílios serem solicitados. Deus primeiro prometeu fazer Israel "passar debaixo da vara da aliança" (Ez 20:37); e então, que "com cheiro suave vos aceitarei" (v. 41). Davi sabia disto muito bem, que o mundo carnal é abandonado por Deus para ser pisado sob os pés de cada concupiscência; e, portanto, quando ele ora para que Deus ordene os seus passos em sua palavra e não permita que iniquidade alguma tenha domínio sobre ele, ele o deseja como um favor peculiar para aqueles que lhe eram próximos e amados: trata comigo "como costumais fazer aos que amam o teu nome" (Sl 119:132).

(e) Ora não apenas contra o poder do pecado, mas pelo poder da santidade também. Um coração mau pode orar contra os seus pecados, não por qualquer inimizade interna para com eles ou amor à santidade, mas porque eles são hóspedes incômodos para a sua consciência. Crê nisto como uma verdade certa: o seu zelo é falso aquele que parece quente contra o pecado

mas é frio como gelo para com a santidade. Uma cidade é rebelde se mantém o seu príncipe legítimo fora, embora não receba o inimigo dele dentro. Não, o diabo não precisa temer senão que por fim fará daquela alma a sua guarnição novamente, da qual por um tempo parece excluído, contanto que ela permaneça vazia e não seja preenchida com graça sólida (Mt 12:44-45). O que, de fato, impediria a reentrada de Satanás naquela casa que nada contém para o manter fora?

Segundo objeto da oração deprecatória

2. Objeto. O segundo objeto da oração deprecatória é o sofrimento. O pecado trouxe o sofrimento para o mundo. O pecado é, de fato, o gêmeo mais velho, mas o sofrimento não tardou muito após ele; pois o tomou pelo calcanhar, prendendo Adão no próprio lugar onde ele cometeu a sua transgressão, e desde então o segue tão de perto quanto a sombra segue o corpo. Ele não deixa o santo até que a morte o separe de seu pecado, mas persegue os ímpios com os seus pecados no outro mundo também. De modo que esta distribuição do sofrimento em temporal e eterno satisfazer-nos-á de momento — sendo abrangente de todas as misérias que o pecado trouxe sobre os filhos dos homens. Ora, o meu trabalho neste lugar limitar-se-á a direcionar o cristão sobre como formular a sua oração ao deprecar um e outro também: (1) Os sofrimentos temporais — como o cristão deve deprecar e orar contra eles. (2) O sofrimento eterno.

Como o cristão deve orar contra os sofrimentos temporais

(1.) Os sofrimentos temporais — como o cristão deve deprecar e orar contra eles:

[1.] *Negativamente* — *O cristão não deve orar por uma imunidade de todos os sofrimentos temporais.* Não há fundamento para tal oração na promessa; e o que Deus não julga adequado prometer nós não devemos ser audazes em pedir. Promessas temporais devem ser compreendidas, diz Melâncton, *cum exceptione crucis* [com a exceção da cruz]. Deus teve um Filho sem pecado, mas não terá nenhum nesta vida sem sofrimento. João escreve-se a si mesmo: "vosso irmão, e companheiro na tribulação" (Ap 1:9). Tem uma opinião elevada demais sobre si mesmo aquele que gostaria que Deus o guiasse a seco em um caminho plano para o céu, enquanto vê o restante de seus irmãos marchar em meio a toda sorte de dificuldades para o mesmo lugar; ou que pensa que não necessita desta cerca de espinhos do sofrimento para o guardar bem como aos outros de se desviar de seu caminho para a glória. A vara e a palmatória não são mais necessárias entre as crianças na escola do que o sofrimento é para os santos enquanto em sua menoridade aqui na terra. Se tivesses chegado a essa maturidade de bom senso a ponto de teres desgastado toda a tua infantilidade, não permanecerias aqui por mais tempo sob o açoite; mas, enquanto fores sujeito ao pecado, deves te submeter à sua vara disciplinar. Corpos doentios podem tão bem passar sem alimento como sem remédio, e os santos em seu estado fragilizado podem tão bem viver sem ordenanças como sem sofrimentos. Em uma palavra, orar absolutamente contra todo sofrimento é desejar um dos maiores castigos deste lado do inferno. Quando Deus disse: "Eu não castigarei vossas filhas, quando se prostituem" (Os 4:14), ele não pretendia bem algum para elas ao poupar a sua vara. Se consideramos insensato o pai que, ao colocar o filho na escola, estabelece com o mestre para não o castigar; certamente muito mais tolice seria em ti desejares que Deus te poupasse de todo sofrimento.

[2.] *Afirmativamente — como ele pode e deve orar contra os sofrimentos; e nestes pontos seguintes:*

(a) *Depreca a justiça vindicativa e a ira de Deus em todos os sofrimentos temporais.* Assim formula Jeremias a sua oração: "Castiga-me, ó Senhor, mas com medida, não na tua ira, para que não me reduzas a nada" (Jr 10:24) e "Não me sejas por espanto; tu és o meu refúgio no dia do mal" (Jr 17:17). Ele não recusa o sofrimento, mas depreca a ira. Como se dissesse: "Venha a tribulação, mas não com esta mensagem — para me dizer que és meu inimigo; dispara as tuas setas, o meu peito está aberto para as receber; mas não sejam elas setas envenenadas com a tua justiça punitiva". Sem este ferrão, todo sofrimento é inocente e inofensivo. Mas, se a criatura teme — embora sem justa causa — que elas são disparadas do arco da justiça, então elas consomem os seus espíritos e a desanimam imediatamente: "Quando castigas o homem, com repreensões por causa da iniquidade, fazes com que a sua beleza se consuma como a traça" (Sl 39:11). Aquela santa mulher (1Re 17:18) não estava tão aflita pela morte de seu filho como pela reflexão que esta triste providência fizera em sua consciência: "Vieste tu a mim para trazeres à memória a minha iniquidade, e matares o meu filho?". Não podes, portanto, ser excessivamente importuno ao deprecares isto.

(b) *Depreca a armadilha e a tentação a que o sofrimento te pode expor.* Satanás comumente acha fácil fazer alguma impressão pecaminosa sobre o santo quando ele está aquecido, e o seu "coração enternecido", como Jó se expressa, "no forno da aflição". É um cristão raro aquele em quem a corrente de sua graça corre limpa sob tal agitação. Jó era um homem entre mil — incomparável de Deus: "ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto" (Jó 1:8); contudo revelou muitas

fraquezas em suas tribulações, e teria revelado mais se Deus, por piedade de seu pobre servo, não tivesse retirado o diabo antes de o ter vencido por completo. Cristo ensina-nos a orar contra o sofrimento sob a noção de tentação: "Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal" [ou do maligno]. Isto é, não sejamos levados ao pecado quando cairmos no sofrimento; não caiamos em tuas mãos e nas de Satanás juntas. Isto revela uma disposição santa de coração — ser mais zeloso de nossa consciência do que de nossa pele; não tanto temer a aflição da parte de Deus, como temer que nela nos comportemos de modo inconveniente e ímpio para com ele. Agur não tem tanta vergonha de mendigar quanto medo de roubar e assim tomar o nome de seu Deus em vão, sob cujo ponto ele principalmente ora contra a pobreza (Pv 30:8-9). Nada se perde por servir a Deus primeiro e preferir a honra dele antes de nosso próprio interesse privado em nossas orações. A negação de si mesmo é o melhor para a busca de si mesmo; pois, ao nos negligenciarmos por amor a Deus, nós o obrigamos a tomar o cuidado de nós sobre si mesmo, e ele é o único homem feliz aquele que tem a sua sorte depositada nas mãos de Deus.

(c) *Depreca o excesso do sofrimento* — para que não sejas sobrecarregado, sendo o teu fardo pesado demais para as tuas costas. Isto está prometido. Podes, portanto, apresentá-lo em fé: "porque farei fim de todas as nações entre as quais te lancei; de ti, porém, não farei fim, mas castigar-te-ei com medida..." (Jr 46:28). O paciente não interfere na arte do médico ao desejar que ele proporcione a dose conforme a fraqueza de seu corpo, se, ao fazer isto, ele confia em sua habilidade e fidelidade para o mesmo. De fato, desejar que Deus considere a nossa fraqueza e depois não confiar em sua sabedoria e cuidado, mas continuar zeloso e desconfiado, ou murmurar de suas

receitas como se o remédio que ele dá fosse ativo e forte demais, faz uma reflexão desonrosa sobre Deus. Às vezes o médico excede a proporção que o seu temeroso paciente julga forte o suficiente, mas com tudo isso lhe diz: "Não sois tão fraco como vos julgais ser. O vosso corpo pode suportar mais estes grãos na composição. Deixai-me com a minha arte e tudo ficará bem". Assim Deus, que conhece a nossa estrutura exatamente, lida com o seu povo e agrada-se altamente de o ver satisfeito com o que ele prescreve: "Em tudo isto não pecou Jó, nem atribuiu a Deus falta alguma" (Jó 1:22); *oudé edoken aphrosýnen to theo* — assim traduzem os Setenta —, ele não imputou tolice a Deus; de fato, a palavra hebraica *tiphlah* é um substantivo. O significado da passagem é: Jó não fez qualquer reflexão indigna sobre Deus pelos males que sofreu por sua providência, como se algo faltasse em seu cuidado ou sabedoria, como faria um médico precipitado que falha no tempo ou na têmpera de seu remédio.

(d) *Podes não apenas deprecar estes males em tuas afeições, mas também orar com fé por um resultado feliz fora de todos eles.* A rua mais escura do sofrimento terá, para o santo, um final luminoso. E tudo, dizemos, está bem quando termina bem. "Ouvistes da paciência de Jó, e vistes o fim do Senhor; porque o Senhor é muito misericordioso..." (Tg 5:11). Isto é aquilo que Deus tão plenamente pretende em todas as tribulações de seus santos, que ele tem prazer em pensar nisso de antemão: "Porque eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor; pensamentos de paz..." (Jr 29:11). E aquela petição chega em momento feliz à corte a qual encontra o rei pensando no próprio assunto pelo qual ela ora.

(2.) *O sofrimento eterno.* O segundo tipo de sofrimento é o eterno no inferno. Este é o centro em que todas as linhas de pecado e de miséria se encontram — o banco de areia comum

em que todas se descarregam, assim como os rios fazem com as suas correntes no vasto oceano. E, assim como os rios, quando caem no mar, perdem os seus nomes individuais em um que os compreende a todos — o oceano; da mesma forma todos os males desta vida, quando resolvidos neste, esquecem os seus nomes privados — doença, dores, pobreza, etc. — e são chamados de inferno. Não que estes estejam todos formal e literalmente lá, mas virtualmente, visto que o tormento dos condenados não apenas equivale, mas, além de toda expressão, excede a todos eles. Assim como no céu não há banquete carnal, contudo há um banquete; nenhuma seda ou cetim é usado, contudo todos estão em vestes gloriosas; assim como a prata está no ouro, e o ouro na joia, assim todas estas coisas estão no céu — porque aquilo que é de infinito maior valor e preço do que tais coisas que são de mais alta conta na terra está presente. Assim, as grandes misérias desta vida são incomparavelmente menores do que o menor tormento do inferno. Nunca pode a criatura dizer-se completamente miserável até que as mandíbulas devoradoras daquele abismo infernal a encerrem. Fosse o pior de seu castigo o que ela sente aqui, ela poderia de certa forma considerar-se feliz; como Paulo, pelo contrário, diz que julgaria o santo o mais miserável de todos se toda a sua esperança estivesse aqui. Mas ali está o estado incessante e interminável do pecador. Não há sequer um dia de alívio para o libertar por um tempo de sua dor, mas ele continuará para sempre no auge de sua crise; nenhuma mudança de tempo ou esperança de clarear, mas uma tempestade perpétua estabelecida para chover fogo e enxofre sobre ele por toda a eternidade, pois tanto tempo levará antes que o braço do Todo-Poderoso se canse de derramar a sua ira, ou o seu coração seja trazido a amar o pecador e reconciliar-se com o pecador. Agora, ao deprecarmos isto, devemos nos esforçar para manter esta tríplice concepção do

inferno em nossos pensamentos, pela qual acima de tudo devemos desejar ser dele livres.

(c) *Tem cuidado para que não ores com uma reserva no coração.* Certifica-te de renunciar àquilo que desejas que Deus perdoe. Deus nunca removerá a culpa enquanto mantiveres o pecado. Qual príncipe perdoará a traição daquele que pretende continuar a ser traidor? É tolice desesperada desejar que Deus perdoe o que pretendes cometer. Mais valia falares abertamente e pedires licença para pecar impunemente, pois Deus conhece a linguagem do teu coração e não necessita de tua língua como intérprete. Alguns príncipes aplicaram mal os seus grandes favores a um custo elevado para si, como o imperador Leão Armênio, que perdoou aquele monstro de ingratidão, Miguel Balbo, e na mesma noite em que este foi liberto da prisão, foi por ele assassinado. Mas o grande Deus não está sujeito a erro algum em seu governo. Nunca um hipócrita obteve perdão sob o disfarce de um santo. Ele te chamará pelo teu próprio nome, embora venhas a ele na aparência de um penitente. "Entra, mulher de Jeroboão", disse o profeta (1Re 14:6). A hipocrisia é um véu fino demais para cegar os olhos do Todo-Poderoso. Podes arrancar os teus próprios olhos, de modo a não o veres; mas nunca poderás cegar os olhos dele para que ele não te veja. E, enquanto Deus amar a si mesmo, ele necessariamente odiará o hipócrita; e se o odeia, certamente não o perdoará. A alma perdoada e a sincera são uma só coisa: "Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa maldade, e em cujo espírito não há engano" (Sl 32:2).

(d) *Faz de Cristo o teu pleito.* O perdão do pecado é um favor desconhecido na primeira aliança. "Faze isto, e viverás; peca, e morrerás" era todo o seu conteúdo. Nenhum espaço foi deixado para uma segunda chance por aquela lei. A aliança do

evangelho é a nossa *tabula post naufragium* [tábua de salvação após o naufrágio] — a única prancha pela qual podemos alcançar a praia após o nosso miserável naufrágio. Esta aliança está fundada em Cristo, o qual, mediante acordo com seu Pai, assumiu o compromisso de responder às exigências da lei, e felizmente realizou o que assumiu; sob o que o evangelho é pregado e o perdão prometido a todos os que se arrependem e creem nele. "Deus, com a sua destra, o elevou a Príncipe e Salvador" (At 5:31). A ele Deus "propôs para propiciação pela fé no seu sangue" (Rm 3:25). Assim como, portanto, quando Cristo intercede pelos pobres pecadores, ele carrega o seu sangue consigo e o apresenta a Deus pelo preço daquele perdão que deseja para eles; da mesma forma podes trazer o mesmo sangue na mão de tua fé quando oras pelo perdão de teus pecados, pois "sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9:22). Isto deve ser muito observado, porque muitos, por ignorância, e alguns por um princípio corrupto, dirigem-se em suas orações à absoluta bondade e misericórdia de Deus em busca de perdão. Pergunta-lhes por que esperam ser perdoados, e eles te dirão: "Deus é bom, e esperamos que ele seja misericordioso conosco, visto que a sua natureza é tão graciosa". Mas, infelizmente! Esquecem-se de que ele é justo bem como misericordioso, e a misericórdia não atuará senão com o consentimento de sua justiça. Ora, o único bálsamo para a justiça de Deus é a satisfação de Cristo: "Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça... para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Rm 3:25-26). De modo que desejar que Deus te perdoe o pecado sem a intenção de satisfazer a justiça divina por meio de Cristo é desejar que Deus seja injusto e te perdoe com a perda de sua própria honra; e quão bem-vindo estás propenso a ser tu que vens a ele com tal propósito, é fácil de imaginar.

(e) *Por fim, não aceites negação neste teu pedido, mas ora por ele com importunação incansável.* É uma misericórdia de que não podes prescindir; é mais necessária do que a tua própria existência. Melhor seria nunca ter existido do que existir para sempre sem perdão. Pensa apenas um pouco em tua condição terrível enquanto a culpa não for retirada e o teu perdão não for obtido, e será impossível que sejas um suplicante frio e débil por esta misericórdia das misericórdias. Sabe, pois, que enquanto não fores perdoado és prisioneiro de Deus. Todas as pragas escritas na lei apegam-se tão estreitamente a ti como o teu cinto aos teus lombos. A cada momento podes temer que elas se apoderem de ti enquanto caminhas em tua casa, te assentas à tua mesa ou te deitas em tua cama. Onde podes estar seguro se tens Deus por teu inimigo? Pode o pão resistir a quem o come? Ou a árvore resistir ao machado do lenhador? Verdadeiramente não mais podes tu resistir à ira de um Deus vingador. Não é ele quem segura os demônios mais fortes em correntes? — ele que pode acender um fogo em teus próprios ossos e peito, e fazer-te consumir como cal com a queima interna de teus pensamentos atormentadores? Não é ele um Deus justo, cuja justiça o obriga, nas distribuições da justiça, a ser exato conforme o demérito do pecador? Não é ele o Deus eterno? — não uma criatura de quem possas ter pena que pode te ameaçar hoje e estar morta amanhã; mas a própria eternidade, que sempre vive para tomar vingança dos pecadores, de cujas mãos não podes escapar morrendo?

Nos tribunais terrestres, quando o homem morre, a sua causa morre com ele, por estar fora da jurisdição deles e além de suas intimações. Mas, na morte, cais nas mãos do Deus vivo, que prosseguirá em sua contenda contigo no outro mundo também. Mal a tua alma seja abandonada pelo teu corpo e expulsa de sua morada terrena, ela retornará a Deus para receber a sua sentença.

Tampouco o teu corpo descansará por muito tempo na sepultura onde está enterrado, mas será chamado para fora para compartilhar com a alma no tormento, cujo parceiro foi no pecado. A separação destes na morte para uma alma culpada é bastante triste; mas o seu reencontro no grande dia do juízo será muito mais terrível. Para o marido e a esposa que se uniram em algum assassinato sangüinário, serem presos e enviados a prisões distintas para o seu julgamento necessariamente os enche de medo e terror do julgamento que se aproxima, mas muito mais terrível é para eles quando trazidos para receberem a sua sentença e sofrerem na mesma força juntos. Na morte, o corpo do pecador é destinado a uma prisão, a sua alma a outra, e ambos se encontram novamente no grande dia do julgamento para o mundo — para serem enviados pela sentença final do Juiz para as chamas eternas na fornalha ardente do inferno, onde, após o pobre infeliz ter experimentado por mil milhões de anos o peso da justa vingança de Deus, ver-se-á não mais próximo do fim de sua miséria do que estava no primeiro dia em que o seu tormento começou. Então a morte será desejada como um favor, mas fugirá dele — sendo a sua miséria tanto intolerável quanto interminável. A esta altura, suponho, um perdão será considerado digno de ser obtido e bom demais para ser perdido por uma oração preguiçosa e sonolenta por ele. Quando, portanto, tiveres assim estimulado a tua alma para uma percepção da indispensável necessidade desta misericórdia, toma então a santa resolução de sitiar o trono da graça e nunca te levatares até que Deus te abra as portas de sua misericórdia. Assim como ela é tão necessária que não podes prescindir dela, da mesma forma tens a promessa de um Deus fiel de que não a perderás sob a busca oportuna e sincera dela: "Se confessarmos... ele é fiel e justo para nos perdoar". Orações e lágrimas são as armas com as quais o Todo-Poderoso pode ser

vencido. Manassés, que não pôde em seu trono — quando pecou e se orgulhou contra Deus — defender-se da justiça de Deus, contudo em seu calabouço e grilhões, humilhando-se grandemente diante do Senhor, obteve a sua misericórdia (2Cr 33). Assim Efraim: "Falando Efraim, havia tremor; foi engrandecido em Israel; mas ele se fez culpado em Baal, e morreu" (Os 13:1).

(2.) *A segunda coisa no pecado a ser deprecada é o poder contaminador dele.* Aquele que não deseja ser limpo da imundícia do pecado ora em vão para ser aliviado da culpa. Se amamos o trabalho do pecado, devemos gostar também do salário. Um coração falso contentar-se-ia em ter o seu pecado encoberto, mas o sincero deseja que a sua natureza seja curada e limpa. Davi implorou um coração limpo bem como uma consciência tranquila: "Apaga todas as minhas iniquidades. Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto" (Sl 51:9-10). Ele deseja água para purificar o seu coração bem como sangue para aspergir e pacificar a sua consciência. Ora, ao formular os teus pedidos quanto a isto, observa estes pontos particulares:

Cinco pontos particulares a serem observados ao orarmos contra a contaminação do pecado

(a) *Certifica-te de vires com um profundo horror de ti mesmo por aquela imundícia de pecado que se apega a ti.* Isto é chamado de "conhecer cada um a praga do seu coração" (1Re 8:38), quando uma criatura é afetada e afligida com a percepção de suas corrupções como se tivesse tantas chagas de peste correndo sobre si, e se abate por causa delas tanto quanto Jó pelas úlceras e feridas com que o seu corpo estava coberto. Ao leproso era ordenado, para a sua cura, colocar-se em trajes de

luto: "As suas vestes serão rasgadas, e a sua cabeça será descoberta, e cobrirá o lábio superior e clamará: Imundo! Imundo!" (Lv 13:45). Por que tudo isso senão para expressar a profunda percepção de seu pecado e miséria? Olha para os santos na Escritura e verás que este era o caminho deles para se abaterem em suas orações com o maior horror de si mesmos que era possível. O penitente Davi toma a si mesmo por tolo, sim, por animal; ele não sabe como falar mal o suficiente de si mesmo: "Assim me embrutei e nada sabia; era como um animal perante ti" (Sl 73:22). O santo Jó clama: "Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza" (Jó 42:6). Outros coram e têm tanta vergonha de ser vistos na presença de Deus como alguém que tivesse caído em alguma lama ou fossa teria de vir naquele estado perante o seu príncipe.

(b) *Ao orares contra as tuas concupiscências, atenta para que o teu coração acompanhe a tua língua.* Em nada os nossos corações nos enganam mais do que em nossas orações, e em nenhuns pedidos mais do que naqueles que são direcionados contra as nossas concupiscências. Aquilo que menos vezes se pretende é o que mais se finge. E, verdadeiramente, nós necessitamos estar bem familiarizados com nós mesmos antes de podermos encontrar o fundo de nossas intenções. Agostinho confessa que, quando era jovem e forçado pela convicção em sua consciência a orar para que Deus o livrasse do cativeiro de sua concupiscência, os sussurros secretos de seu coração eram, contudo: *non adhuc, Domine* [ainda não, Senhor]. Ele tinha medo de que Deus o levasse a sério. Assim os judeus hipócritas primeiro "levantaram os seus ídolos nos seus corações" (Ez 14:3). Isto é uma grande impiedade. E seria uma justa, embora pesada praga, se Deus respondesse a tais pessoas conforme o voto secreto de seus corações, entregando-as àquelas

concupiscências que intimamente desejam. Quando Paulo roga orações por si mesmo, para encorajá-los em seus pedidos por him, assegura-lhes a sua sinceridade: "Orai por nós, porque confiamos que temos boa consciência, como aqueles que em tudo querem portar-se honestamente" (Hb 13:18). Como se dissesse: "Eu não ousaria fazer de vós os meus porta-vozes diante de Deus se o meu coração me acusasse de concordar secretamente com qualquer pecado, e se não pretendesse em tudo viver honestamente". Como podes, então, ter a face de ir tu mesmo a Deus com um propósito de desejar dele aquilo que terias receio de possuir?

Pergunta. Mas como podemos vir a saber se os nossos corações são sinceros ou hipócritas ao orarmos contra o poder contaminador do pecado?

Resposta [1]. *Observa se a tua oração é uniforme* — dirigida contra todo pecado, uma concupiscência bem como outra. A sinceridade não faz aqui uma falha e ali um sulco; não é quente contra uma concupiscência e fria contra outra; mas vai até ao fim no trabalho: ela "odeia todo caminho de falsidade" (Sl 119:104). Ela dispara as suas setas contra todo o bando e não escolhe este pecado em suas orações o qual gostaria que fosse tomado, e aquele deixado: "Não se assenhoreie de mim crime algum" (v. 133). Ele o sabe que se todas as suas correntes fossem quebradas e apenas uma deixada sobre si, ele seria um escravo tão verdadeiro de Satanás como se todas as outras estivessem ainda sobre ele. Ele não ora contra um pecado por ser grande e pleiteia por outro por ser pequeno. A poeira e o entulho ajudam a erguer a parede bem como as grandes pedras; pequenos pecados contribuem tanto quanto os grandes para erguer a parede de separação entre Deus e a criatura. Cada pequena mancha blemish a vestimenta, e cada centavo aumenta as somas.

Da mesma forma, pequenos pecados contaminam a alma e incham a conta do pecador. Portanto, ele ora contra eles bem como contra os outros. Davi, que desejou ser guardado dos "pecados de soberba", também implorou ser "livre dos pecados ocultos" (Sl 19:12-13).

Resposta [2]. Observa se o teu coração permanece firmemente resolvido a renunciar àquele pecado que rogas a Deus para subjugar. O cristão sincero obriga-se a si mesmo bem como trabalha para empenhar Deus contra o seu pecado. De fato, aquela oração é um papel em branco que não contém um voto nela: "Ouviste os meus votos" (Sl 61:5) — isto é, as suas orações, as quais sempre devem ser apresentadas com votos. É uma misericórdia que rogas a ele para conceder? Se és sincero, votarás louvá-lo por ela e servi-lo com ela. É um pecado contra o qual oras? A menos que estejas de zombaria com Deus, votarás bem como orarás contra ele: "Desvia de mim o caminho da falsidade" (Sl 119:29). Eis aí a depreciação de Davi. Agora, nota a sua promessa e voto: "Escolhi o caminho da verdade; propus-me seguir os teus juízos" (v. 30). Enquanto ora contra o caminho da falsidade, ele escolhe o caminho da verdade.

Resposta [3]. Observa se és vigoroso no uso de todos os meios designados para mortificar a concupiscência contra a qual oras. Resoluções no momento da oração são boas quando apoiadas por esforços vigorosos, do contrário não passam de um disfarce para um coração falso se encobrir. Sansão não apenas orou para se vingar de seus inimigos, mas aplicou as suas mãos às colunas da casa. Aquele que te ordenou orar contra a tua concupiscência ordenou-te evitar as ocasiões dela: "Afasta dela o teu caminho e não te aproximes da porta da sua casa; para que não dêes a outrem a tua honra..." (Pv 5:8-9) — isto é, para que não sejas atraído a ela pela ocasião. Assim José, para que não

fosse levado a deitar-se com a sua senhora, não permanecia sozinho no aposento com ela (Gn 39:7-12). Assim em Pv 23:20: "Não estejas entre os bebedores de vinho"; e "Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo..." (v. 31), porque olhar pode gerar o desejar. Ora, és conscientemente cuidadoso em te manteres fora do caminho que conduz ao pecado e em evitares a ocasião que poderia te trair nas mãos daquela concupiscência contra a qual oras? Certamente, aquele que não quer ver a sua casa explodir não colocará a sua pólvora junto ao canto da chaminé.

(c) Novamente: Deus, que te ordena orar contra as tuas concupiscências, ordena-te também tomar a espada de sua Palavra, meditando nela e aplicando-a estreitamente ao teu coração e consciência para as abateres e obteres vitória sobre elas. Assim fez Davi. Ele escondeu a Palavra em seu coração para não pecar contra Deus (Sl 119:11). Tu oras contra a avareza. "Oh, se Deus livrasse o meu coração dela!". Pois bem, o que fazes em direção à tua própria libertação desta concupiscência vil? Eis que uma espada é colocada em tua mão, cujo fio é bastante afiado para cortar e matar se a quiseses aplicar seriamente. Esta espada expõe a vaidade da criatura — quão vil e baixo pecado é a avareza —; afasta toda ocasião de desejos e cuidados desordenados pelo mundo por muitas doces promessas — o que ele guardou em outro mundo para nós, e que cuidado em sua providência ele tomará de nós nesta vida: "Sejam vossos costumes sem avareza, contentando-vos com o que tendes; porque ele disse: Não te deixarei, nem te desampararei" (Hb 13:5). Ora, que uso fazes desta arma? Fortaleces o teu assentimento à verdade destas promessas? — trabalhas para sensibilizar o teu coração com a doçura delas, e depois extrais esta espada para te defenderes contra esta concupiscência

quando o inimigo vem com uma tentação a ela? Se assim é, foste sincero em tua oração. Um coração falso contenta-se com algumas poucas orações superficiais contra a sua concupiscência, mas tem medo de usar esta espada contra ela. Ou, se o faz, golpeia com as costas da espada e não com o fio; ou aplica o seu golpe de modo tão brando que não colocará muito em perigo a vida de seu pecado — como um charlatão, que se certificará de não fazer ferida pior em seu lado do que aquela que o seu bálsamo em um dia ou dois possa curar.

Ora, para elevar o teu coração à maior veemência em orar contra as tuas concupiscências, trabalha para sensibilizar profundamente o teu coração sobre que praga terrível é — de fato, de todas as outras incomparavelmente a maior — para uma alma ser entregue por Deus ao poder de suas concupiscências. Esta consideração, se alguma o fizer, far-te-á sitiar de perto a Deus e investir contra ele com a máxima importunação, sabendo que és uma criatura arruinada se não prosperares em tua missão. Quando Deus pretende ferir de morte, ele mira no coração: ele entrega a criatura às suas concupiscências. Assim ele endureceu Faraó para uma obstinação final: "enviarei todas as minhas pragas sobre o teu coração" (Êx 9:14). Elas não apenas caíram sobre os animais e frutos do campo, ou sobre os corpos deles, mas principalmente sobre os seus corações e espíritos, endurecendo-os para a obstinação até à sua destruição. E isto, de fato, é enviar todas as pragas em uma só. Outras pragas, que alcançam apenas os bens ou o corpo, são consistentes com o amor e favor de Deus. Ele pode ferir o corpo e sorrir para a alma; arruinar os bens do homem e abençoá-lo com riquezas espirituais; torná-lo pobre no mundo e rico em fé. Mas aquele que é entregue às suas concupiscências é abominado de Deus. Um santo pode ser entregue a Satanás como a um lictor

[carrasco] — para o corrigir, para a destruição da carne e salvação de seu espírito; mas é a marca de um réprobo ser entregue a Satanás como a um senhor — para que as suas concupiscências tenham pleno poder sobre ele —; cujo ato judicial de Deus pressagia a destruição do pecador (Dt 2:30; 2Ts 2:11). Plagas externas são às vezes na boca do pecador como um freio para o conter do pecado. Mas esta é uma espora que os torna mais loucos pelas suas concupiscências; ela retira o senso do pecado, e então o infeliz age como o diabo. Nada o deterá em seu caminho, mas para o inferno ele irá sobre cercas e fossas.

(d) Ora contra o poder de tuas concupiscências como um ramo da aliança do evangelho. Deus não está obrigado pela primeira aliança a mover um pé para ajuda do homem. O homem foi por sua própria vontade para o território do diabo. Ele abandonou Deus e escolheu um novo senhor; e em suas mãos Deus o poderia ter deixado, sem oferecer ajuda alguma para o seu resgate. Não foi vínculo algum que o homem tivesse sobre Deus pela aliança da natureza que o obrigou, mas a sua própria livre graça que o moveu a assumir a sua recuperação. E isto ele faz estabelecendo uma nova aliança sobre as ruínas da antiga. De modo que, quem quer que queira orar contra as suas concupiscências com sucesso deve primeiro se tornar um aliado da aliança com Deus, aceitando os termos sob os quais Deus nela oferece salvar-nos de nossos pecados, os quais são a fé e o arrependimento. Quando a alma faz assim este retorno de seus pecados para se unir a Cristo, então ela se torna uma aliada da aliança com Deus e pode, com fé, chamar Deus ao campo de batalha para a sua ajuda contra este enorme exército de concupiscências e demônios que vêm contra ela. As carruagens de Deus são delas; toda a milícia do céu está engajada em sua contenda: "Porque o pecado não terá domínio sobre vós" — e

por quê? — "pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça" (Rm 6:14) — isto é, não estais debaixo da aliança da lei feita com Adão, mas debaixo da aliança do evangelho feita com Cristo e, através dele, com todos os crentes. Oh, quantas orações contra o pecado são perdidas por falta de bem compreender esta grande noção do evangelho! Uma grande queixa é feita por muitos de seus pecados a Deus, e finge-se desejar a vitória sobre eles; no entanto, eles vivem e crescem mais fortes a cada dia do que em outros. E qual é a razão? Infelizmente! Eles não se encontram em uma relação federal com Deus, tampouco tomam cuidado algum de entrar nela. Levantará um príncipe um exército para lutar por quem ele não conhece? De fato, se os seus súditos ou aliados estiverem em aperto ele está pronto a intervir em seu socorro; mas estranhos não podem esperar que ele faça isto por eles. Alianças são feitas antes de auxílios serem solicitados. Deus primeiro prometeu fazer Israel "passar debaixo da vara da aliança" (Ez 20:37); e então, que "com cheiro suave vos aceitarei" (v. 41). Davi sabia disto muito bem, que o mundo carnal é abandonado por Deus para ser pisado sob os pés de cada concupiscência; e, portanto, quando ele ora para que Deus ordene os seus passos em sua palavra e não permita que iniquidade alguma tenha domínio sobre ele, ele o deseja como um favor peculiar para aqueles que lhe eram próximos e amados: trata comigo "como costumais fazer aos que amam o teu nome" (Sl 119:132).

(e) Ora não apenas contra o poder do pecado, mas pelo poder da santidade também. Um coração mau pode orar contra os seus pecados, não por qualquer inimizade interna para com eles ou amor à santidade, mas porque eles são hóspedes incômodos para a sua consciência. Crê nisto como uma verdade certa: o seu zelo é falso aquele que parece quente contra o pecado

mas é frio como gelo para com a santidade. Uma cidade é rebelde se mantém o seu príncipe legítimo fora, embora não receba o inimigo dele dentro. Não, o diabo não precisa temer senão que por fim fará daquela alma a sua guarnição novamente, da qual por um tempo parece excluído, contanto que ela permaneça vazia e não seja preenchida com graça sólida (Mt 12:44-45). O que, de fato, impediria a reentrada de Satanás naquela casa que nada contém para o manter fora?

Segundo objeto da oração deprecatória

2. Objeto. O segundo objeto da oração deprecatória é o sofrimento. O pecado trouxe o sofrimento para o mundo. O pecado é, de fato, o gêmeo mais velho, mas o sofrimento não tardou muito após ele; pois o tomou pelo calcanhar, prendendo Adão no próprio lugar onde ele cometeu a sua transgressão, e desde então o segue tão de perto quanto a sombra segue o corpo. Ele não deixa o santo até que a morte o separe de seu pecado, mas persegue os ímpios com os seus pecados no outro mundo também. De modo que esta distribuição do sofrimento em temporal e eterno satisfazer-nos-á de momento — sendo abrangente de todas as misérias que o pecado trouxe sobre os filhos dos homens. Ora, o meu trabalho neste lugar limitar-se-á a direcionar o cristão sobre como formular a sua oração ao deprecar um e outro também: (1) Os sofrimentos temporais — como o cristão deve deprecar e orar contra eles. (2) O sofrimento eterno.

Como o cristão deve orar contra os sofrimentos temporais

(1.) Os sofrimentos temporais — como o cristão deve deprecar e orar contra eles:

[1.] *Negativamente* — *O cristão não deve orar por uma imunidade de todos os sofrimentos temporais.* Não há fundamento para tal oração na promessa; e o que Deus não julga adequado prometer nós não devemos ser audazes em pedir. Promessas temporais devem ser compreendidas, diz Melâncton, *cum exceptione crucis* [com a exceção da cruz]. Deus teve um Filho sem pecado, mas não terá nenhum nesta vida sem sofrimento. João escreve-se a si mesmo: "vosso irmão, e companheiro na tribulação" (Ap 1:9). Tem uma opinião elevada demais sobre si mesmo aquele que gostaria que Deus o guiasse a seco em um caminho plano para o céu, enquanto vê o restante de seus irmãos marchar em meio a toda sorte de dificuldades para o mesmo lugar; ou que pensa que não necessita desta cerca de espinhos do sofrimento para o guardar bem como aos outros de se desviar de seu caminho para a glória. A vara e a palmatória não são mais necessárias entre as crianças na escola do que o sofrimento é para os santos enquanto em sua menoridade aqui na terra. Se tivesses chegado a essa maturidade de bom senso a ponto de teres desgastado toda a tua infantilidade, não permanecerias aqui por mais tempo sob o açoite; mas, enquanto fores sujeito ao pecado, deves te submeter à sua vara disciplinar. Corpos doentios podem tão bem passar sem alimento como sem remédio, e os santos em seu estado fragilizado podem tão bem viver sem ordenanças como sem sofrimentos. Em uma palavra, orar absolutamente contra todo sofrimento é desejar um dos maiores castigos deste lado do inferno. Quando Deus disse: "Eu não castigarei vossas filhas, quando se prostituem" (Os 4:14), ele não pretendia bem algum para elas ao poupar a sua vara. Se consideramos insensato o pai que, ao colocar o filho na escola, estabelece com o mestre para não o castigar; certamente muito mais tolice seria em ti desejares que Deus te poupasse de todo sofrimento.

[2.] *Affirmatively* — *como ele pode e deve orar contra os sofrimentos; e nestes pontos seguintes:*

(a) *Depreca a justiça vindicativa e a ira de Deus em todos os sofrimentos temporais.* Assim formula Jeremias a sua oração: "Castiga-me, ó Senhor, mas com medida, não na tua ira, para que não me reduzas a nada" (Jr 10:24) e "Não me sejas por espanto; tu és o meu refúgio no dia do mal" (Jr 17:17). Ele não recusa o sofrimento, mas depreca a ira. Como se dissesse: "Venha a tribulação, mas não com esta mensagem — para me dizer que és meu inimigo; dispara as tuas setas, o meu peito está aberto para as receber; mas não sejam elas setas envenenadas com a tua justiça punitiva". Sem este ferrão, todo sofrimento é inocente e inofensivo. Mas, se a criatura teme — embora sem justa causa — que elas são disparadas do arco da justiça, então elas consomem os seus espíritos e a desanimam imediatamente: "Quando castigas o homem, com repreensões por causa da iniquidade, fazes com que a sua beleza se consuma como a traça" (Sl 39:11). Aquela santa mulher (1Re 17:18) não estava tão aflita pela morte de seu filho como pela reflexão que esta triste providência fizera em sua conscience: "Vieste tu a mim para trazeres à memória a minha iniquidade, e matares o meu filho?". Não podes, portanto, ser excessivamente importuno ao deprecares isto.

(b) *Depreca a armadilha e a tentação a que o sofrimento te pode expor.* Satanás comumente acha fácil fazer alguma impressão pecaminosa sobre o santo quando ele está aquecido, e o seu "coração enternecido", como Jó se expressa, "no forno da aflição". É um cristão raro aquele em quem a corrente de sua graça corre limpa sob tal agitação. Jó era um homem entre mil — incomparável de Deus: "ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto" (Jó 1:8); contudo revelou muitas

fraquezas em suas tribulações, e teria revelado mais se Deus, por piedade de seu pobre servo, não tivesse retirado o diabo antes de o ter vencido por completo. Cristo ensina-nos a orar contra o sofrimento sob a noção de tentação: "Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal" [ou do maligno]. Isto é, não sejamos levados ao pecado quando cairmos no sofrimento; não caiamos em tuas mãos e nas de Satanás juntas. Isto revela uma disposição santa de coração — ser mais zeloso de nossa consciência do que de nossa pele; não tanto temer a aflição da parte de Deus, como temer que nela nos comportemos de modo inconveniente e ímpio para com him. Agur não tem tanta vergonha de mendigar quanto medo de roubar e assim tomar o nome de seu Deus em vão, sob cujo ponto ele principalmente ora contra a pobreza (Pv 30:8-9). Nada se perde por servir a Deus primeiro e preferir a honra dele antes de nosso próprio interesse privado em nossas orações. A negação de si mesmo é o melhor para a busca de si mesmo; pois, ao nos negligenciarmos por amor a Deus, nós o obrigamos a tomar o cuidado de nós sobre si mesmo, e ele é o único homem feliz aquele que tem a sua sorte depositada nas mãos de Deus.

(c) *Depreca o excesso do sofrimento* — para que não sejas sobrecarregado, sendo o teu fardo pesado demais para as tuas costas. Isto está prometido. Podes, portanto, apresentá-lo em fé: "porque farei fim de todas as nações entre as quais te lancei; de ti, porém, não farei fim, mas castigar-te-ei com medida..." (Jr 46:28). O paciente não interfere na arte do médico ao desejar que ele proporcione a dose conforme a fraqueza de seu corpo, se, ao fazer isto, ele confia em sua habilidade e fidelidade para o mesmo. De fato, desejar que Deus considere a nossa fraqueza e depois não confiar em sua sabedoria e cuidado, mas continuar zeloso e desconfiado, ou murmurar de suas

receitas como se o remédio que ele dá fosse ativo e forte demais, faz uma reflexão desonrosa sobre Deus. Às vezes o médico excede a proporção que o seu temeroso paciente julga forte o suficiente, mas com tudo isso lhe diz: "Não sois tão fraco como vos julgais ser. O vosso corpo pode suportar mais estes grãos na composição. Deixai-me com a minha arte e tudo ficará bem". Assim Deus, que conhece a nossa estrutura exatamente, lida com o seu povo e agrada-se altamente de o ver satisfeito com o que ele prescreve: "Em tudo isto não pecou Jó, nem atribuiu a Deus falta alguma" (Jó 1:22); *oudé edoken aphrosýnen to theo* — assim traduzem os Setenta —, ele não imputou tolice a Deus; de fato, a palavra hebraica *tiphlah* é um substantivo. O significado da passagem é: Jó não fez qualquer reflexão indigna sobre Deus pelos males que sofreu por sua providência, como se algo faltasse em seu cuidado ou sabedoria, como faria um médico precipitado que falha no tempo ou na têmpera de seu remédio.

(d) *Podes não apenas deprecar estes males em tuas afeições, mas também orar com fé por um resultado feliz fora de todos eles.* A rua mais escura do sofrimento terá, para o santo, um final luminoso. É tudo, dizemos, está bem quando termina bem. "Ouvistes da paciência de Jó, e visteis o fim do Senhor; porque o Senhor é muito misericordioso..." (Tg 5:11). Isto é aquilo que Deus tão plenamente pretende em todas as tribulações de seus santos, que ele tem prazer em pensar nisso de antemão: "Porque eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor; pensamentos de paz..." (Jr 29:11). E aquela petição chega em momento feliz à corte a qual encontra o rei pensando no próprio assunto pelo qual ela ora.

(2.) *O sofrimento eterno.* O segundo tipo de sofrimento é o eterno no inferno. Este é o centro em que todas as linhas de pecado e de miséria se encontram — o banco de areia comum

em que todas se descarregam, assim como os rios fazem com as suas correntes no vasto oceano. E, assim como os rios, quando caem no mar, perdem os seus nomes individuais em um que os compreende a todos — o oceano; da mesma forma todos os males desta vida, quando resolvidos neste, esquecem os seus nomes privados — doença, dores, pobreza, etc. — e são chamados de inferno. Não que estes estejam todos formal e literalmente lá, mas virtualmente, visto que o tormento dos condenados não apenas equivale, mas, além de toda expressão, excede a todos eles. Assim como no céu não há banquete carnal, contudo há um banquete; nenhuma seda ou cetim é usado, contudo todos estão em vestes gloriosas; assim como a prata está no ouro, e o ouro na joia, assim todas estas coisas estão no céu — porque aquilo que é de infinito maior valor e preço do que tais coisas que são de mais alta conta na terra está presente. Assim, as grandes misérias desta vida são incomparavelmente menores do que o menor tormento do inferno. Nunca pode a criatura dizer-se completamente miserável até que as mandíbulas devoradoras daquele abismo infernal a encerrem. Fosse o pior de seu castigo o que ela sente aqui, ela poderia de certa forma considerar-se feliz; como Paulo, pelo contrário, diz que julgaria o santo o mais miserável de todos se toda a sua esperança estivesse aqui. Mas ali está o estado incessante e interminável do pecador. Não há sequer um dia de alívio para o libertar por um tempo de sua dor, mas ele continuará para sempre no auge de sua crise; nenhuma mudança de tempo ou esperança de clarear, mas uma tempestade perpétua estabelecida para chover fogo e enxofre sobre ele por toda a eternidade, pois tanto tempo levará antes que o braço do Todo-Poderoso se canse de derramar a sua ira, ou o seu coração seja trazido a amar o pecador e reconciliar-se com o pecador. Agora, ao deprecarmos isto, devemos nos esforçar para manter esta tríplice concepção do

inferno em nossos pensamentos, pela qual acima de tudo devemos desejar ser dele livres.

DEZ DIRETRIZES SOBRE COMO FORMULAR AS NOSSAS AÇÕES DE GRAÇAS

Segundo. Ouvistes qual é o assunto de nossos louvores e ações de graças; passaremos agora a apresentar algumas diretrizes sobre como devemos formular as nossas ações de graças:

*1. Diretriz. Certifica-te de que a coisa pela qual bendizes a Deus se encontre entre as coisas boas da promessa. Essa é a bússola pela qual devemos guiar o nosso curso, tanto na parte de petição quanto na parte de gratidão da oração. Se não estiver na promessa, não é uma misericórdia e, portanto, não é assunto para ação de graças. Quando alguns prosperam em sua impiedade, são tão audaciosos a ponto de agradecer a Deus por terem tido tanto sucesso. Ora, se é pecado grave o homem abençoar-se a si mesmo em qualquer caminho ímpio (Dt 29:19), muito mais horrível é bendizer a Deus por prosperar nele. Pelo primeiro, ele apenas assume o seu próprio pecado — o que de fato já é bastante ruim —; mas, pelo outro, faz de Deus um parceiro seu e tenta o Senhor a assumi-lo também. É uma boa fala de Bernardo para este propósito, o qual, comparando aqueles que, por um lado, agradecem a Deus pelo seu sucesso na impiedade com os hipócritas, que o louvam pelas coisas boas que recebem, diz: *isti impiè mala suo Deo, isti dei bona fraudulenter intorquent sibi* [aqueles impiamente atribuem os seus males a Deus; estes fraudulentamente desviam para si os bens de Deus]*

(*Serm. 45 super Cant.*) — uns imputam o seu pecado a Deus, os outros atribuem a glória de suas misericórdias a si mesmos. Deus não pode aceitar o teu louvor a menos que primeiro aprove o teu fato. Aquele que recebe um suborno é cúmplice da falta. E ousais vós assim tentar o Santo? Se o Deus a quem servis fosse como os ídolos dos pagãos, a questão não seria de grande importância. Quando os filisteus praticaram a sua crueldade contra Sansão, apresentaram a sua cabeça ao seu deus (Jz 16). O diabo não deseja melhores sacrifícios do que o fruto dos pecados dos homens. Mas o Santo de Israel abomina todos os louvores ímpios: "Não trarás o salário da prostituta... à casa do Senhor teu Deus" (Dt 23:18).

2. *Diretriz.* *Sejam todos os vossos louvores oferecidos em Cristo:* "Portanto, ofereçamos sempre por ele a Deus sacrifício de louvor..." (Hb 13:15); "vós... sois... sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo" (1Pe 2:5). Ainda que pudesses escrever o panegírico mais raro, ainda que o pudesses adornar com a maior arte ou retórica e o pronunciar com a maior paixão e zelo possíveis, tudo isso seria áspero e agrediria o ouvido do Todo-Poderoso, a menos que soasse através de Cristo. Não é o sopro emitido no ar livre, mas o que passa através da trombeta ou de algum outro instrumento — onde é moldado em um som melodioso — que produz uma música agradável. Possivelmente, quando oras por uma misericórdia, abrigas-te sob a asa de Cristo e usas o seu nome para obter a tua admissão — por estares consciente de tua própria indignidade para receber o que pedes —; mas, quando louvas a Deus, não sendo a tua missão pedir e receber, mas sim dar, esperas acolhida. "Aquele que traz um presente certamente encontrará a porta aberta". Sim, se o teu presente fosse adequado ao grande Deus. Mas quem és tu para que o grande Deus receba

um presente de tua mão? Se não és digno da menor misericórdia pela qual suplicas, então certamente és indigno desta honra de teres a tua oferta de gratidão aceita. Necessitas da mediação de Cristo tanto para uma coisa quanto para a outra.

3. *Diretriz. Não permaneças em generalidades, mas desce aos casos particulares da misericórdia de Deus para contigo em tuas ações de graças. Est dolus in generalibus* [há engano nas generalidades]. Revela um espírito superficial, se não falso, quando na confissão do pecado nos contentamos com uma acusação geral: "Sou um pecador — um grande pecador", e ali paramos, sem uma percepção particular das diversas violações feitas à lei de Deus. Tampouco há aqui melhor sintoma quando um homem despacha a Deus com um cumprimento formal à distância pela sua bondade e misericórdia em geral, mas não toma nota dos itens particulares que avultam e compõem a soma total. Ora, para ser capaz de fazer isto, será necessário que tomes nota especial da providência diária de Deus para contigo e para com os teus, sim, e para com a igreja de Cristo também. Guarda estas coisas em teu coração, como Maria guardava as palavras de nosso Salvador, para matéria de ação de graças para o momento da oração; esta é a verdadeira boa economia para a tua alma. Não esperas encontrar aquele dinheiro em teu cofre o qual nunca ali depositaste; da mesma forma, não encontrarás facilmente em teu coração motivos para louvar a Deus por aquelas misericórdias que nunca confiaste à tua memória. É de temer que o homem não pretenda pagar essa dívida honestamente se não a registra em seu livro de contas. No Sl 107, quando o salmista ali despertara os homens à gratidão pelas misericórdias de Deus na criação e na providência, a sua conclusão é digna de destaque: "Quem é sábio observe estas coisas, e eles compreenderão as benignidades do Senhor" (v. 43).

Como se dissesse: "A razão pela qual tão pouco louvor é dado por tão grandes obras de misericórdia é porque os homens não veem a benignidade de Deus nelas; e não veem esta porque não observam aquelas; e não observam aquelas porque não têm sabedoria". Não é uma biblioteca que faz um erudito, mas a sabedoria para observar e colher as notas selecionadas de seus livros. A ninguém faltam misericórdias pelas quais bendizer a Deus. A providência divina é um grande volume, escrito de forma densa e estreita com misericórdias de uma extremidade de nossa vida à outra; mas poucos, infelizmente! Têm um coração para ler nele, e menos ainda têm sabedoria para colher as passagens selecionadas dele para um propósito tão santo como este é.

4. *Diretriz. Desperta as tuas graças de louvor.* Davi desperta tudo o que há nele para louvar a Deus (Sl 103:1) — isto é, todos os poderes e graças de sua alma. Para exemplificar em apenas duas ou três:

(1.) *A Humildade.* Um homem orgulhoso não sabe bem como mendigar, embora o egoísmo o possa fazer curvar-se a isso; mas, na gratidão, necessariamente será um desastrado, pois esta é uma elevada expressão de negação de si mesmo: "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória..." (Sl 115:1). A oferta do homem orgulhoso apegar-se-á à sua mão; ele é inadequado para colocar a coroa na cabeça de Deus se tem a intenção de a usar ele mesmo. Encontramos, de fato, a ferramenta na mão do fariseu, mas ele corta o seu trabalho em pedaços. Ele parece honrar a Deus com a sua boca, mas come as suas palavras à medida que as profere, e revela claramente que pretende mais exaltar-se a si mesmo do que a Deus: "Graças te dou, ó Deus, porque não sou como os demais homens... nem ainda como este publicano" (Lc 18:11). Este "Graças te dou"

vem apenas *pro forma*; é o publicano a quem ele desdenha, e a si mesmo a quem ele aplauda. Podes facilmente imaginar qual olhar o ambicioso Hamã dirigiu a Mardoqueu quando segurou o seu estribo, ele que desejava estar ele próprio na sela (Et 6). Como, infelizmente! Pode um coração orgulhoso dar a Deus aquilo que ele próprio cobiça? Ninguém, diz Lutero, pode orar *sanctificetur nomen tuum* [santificado seja o teu nome] até que primeiro seja capaz de orar *profanetur nomen meum* [profanado seja o meu nome] — santificado seja o teu nome até que ele esteja disposto a que o seu próprio nome seja rebaixado.

Trabalha, portanto, para te envileceres, para te anulares a ti mesmo; então, e não antes, magnificarás e exultarás o teu Deus. Ninguém é tão zeloso em pedir como aquele que se vê mais apertado por sua carência; ninguém é tão sincero em seus agradecimentos como aquele que tem mais percepção de sua indignidade. E quem pode pensar melhor de si mesmo se está cabalmente familiarizado consigo mesmo? Se Deus não te tivesse estabelecido, qual estoque poderias ter encontrado de teu? Eras tão desprovido quanto uma ovelha tosquiada, nu entraste no mundo e, desde então, foste lançado sobre o teu Deus, exatamente como uma pobre criança sob o encargo da paróquia. O que ganhaste por todo o serviço que lhe prestaste? Não o pão de tua refeição mais pobre. E és ainda orgulhoso? Bernardo compara o comportamento de José com o seu senhor e o da alma agradecida com Deus assim: José, diz o pai da igreja, sabia que o seu senhor, que colocara tudo o que tinha em suas mãos, contudo excetuara a sua esposa, e por isso considerou uma ingratidão baixa demais tomá-la do leito de seu senhor que fora tão bom para com ele em sua casa. Assim, diz ele, Deus livremente dá as suas misericórdias nas mãos do santo, mas

excetua a sua glória. Portanto, a alma graciosa toma o que Deus dá agradecidamente; mas deixa o louvor delas, que Deus reserva para si, humildemente.

(2.) *O amor e a alegria. Amour et gaudium faciunt musicum* — o amor e a alegria, diz-se, fazem um músico. De fato, então, esta música de louvor é melhor — no céu, refiro-me —, onde as graças são perfeitas.

(a) *Desperta o teu amor.* Esta é uma afeição que não se pode conter dentro de portas, mas deve sair em ações de graças a Deus. Agostinho, falando do céu, prorrompe assim: *ibi vacabimus et videbimus, videbimus et amabimus, amabimus et laudabimus, laudabimus et cantabimus* [ali descansaremos e veremos, veremos e amaremos, amaremos e louvaremos, louvaremos e cantaremos]. O amor e a gratidão são como as qualidades simbólicas dos elementos — facilmente resolvíveis um no outro. Davi começa com: "Amo ao Senhor, porque ele ouviu a minha voz..." (Sl 116:1). E, para acender esta graça em uma chama maior, ele intensifica as misericórdias de Deus em alguns versículos seguintes; o que feito, ele está então na disposição correta para os louvores e tange o seu instrumento: "Que darei eu ao Senhor por todos os seus benefícios para comigo?" (v. 12). A esposa, quando uma vez acordou por completo, ponderando consigo mesma que amigo estivera à sua porta e como a sua doce companhia fora perdida pela sua indelicadeza, sacode a sua preguiça, levanta-se e vai atrás dele (Ct 5). Ora, quando por correr atrás de seu amado ela colocara a sua alma em um calor de amor, então ela prorrope em um elogio de seu amado, louvando-o da cabeça aos pés (v. 10). Esse é o louvor aceitável que provém de um coração aquecido; e aquele que quer aquecer o seu coração deve usar de algum exercício

santo para despertar o seu hábito de amor, o qual, como o calor natural no corpo, é preservado e aumentado pelo movimento.

(b) *Desperta a tua alegria.* Cantarei "com alegres lábios" (Sl 63:5). Um coração triste e um agradecido dificilmente podem habitar juntos — refiro-me a triste com tristeza mundana. Os discípulos, pela tristeza, não puderam manter abertos os seus olhos para orar, quanto mais certamente estariam inadequados para louvar. Isto, de fato, torna o dever do louvor e da ação de graças mais difícil do que o orar, porque a nossa alegria aqui é tão frequentemente abafada e interrompida por pecados e tristezas intervenientes que este fogo celestial raramente arde por muito tempo claro no altar do cristão de onde os seus louvores deveriam subir. As tentações e aflições tanto conduzem a alma à oração quanto mais a dispõem para a oração; mas elas desafinam o seu instrumento para o louvor. Ana chorava e orava, mas não ousava comer da oferta pacífica, o sacrifício de louvor, porque chorava (1Sm 1). Convém-nos, portanto, vigiar tanto mais os nossos corações para que não sejam indispostos por qualquer aflição para este dever. Faze com a tua alma o que o músico em tempo úmido faz com o seu instrumento, o qual ele não pendura em um aposento úmido e sujo, mas onde possa receber o calor do fogo. Estás sob aflição? Não permitas que a tua alma se demore por muito tempo sobre essas tuas tribulações, mas traze-a sob o aroma das misericórdias de Deus que estão misturadas a elas. Assenta-te perto deste fogo do amor de Deus em Cristo — aquece o teu coração com a meditação sobre as promessas espirituais — enquanto estás sob pressões corporais, e descobrirás, pela bênção de Deus, o teu coração em alguma harmonia confortável para louvar a Deus no dia mais triste e chuvoso que te possa sobrevir em toda a tua vida. Assim Davi pôde fazer música na caverna: "Preparado está o meu coração, ó

Deus, preparado está o meu coração; cantarei e darei louvores" (Sl 57:7).

5. *Diretriz. Não te contentes com uma simples narrativa, mas dá a cada misericórdia a sua devida ênfase conforme as circunstâncias que a engrandecem.* Há grande diferença em duas pessoas que cantam a mesma canção. De uma tens apenas a canção simples; a outra ornamenta e faz variações sobre ela, em que consiste a beleza da música. As misericórdias de Deus afetam os nossos corações conforme são apresentadas. Se colocamos nelas as suas ricas vestes — refiro-me às circunstâncias que as engrandecem —, elas parecem gloriosas aos nossos olhos e expandem os nossos corações em louvores por elas; mas, consideradas sem estas, passamos por elas superficialmente. O próprio Deus, quando quer expressar a altura de seu amor para com o seu povo, apresenta-os ao seu próprio olhar, não como agora são, mas como vestidos com a glória que lhes pretende: "como o noivo se alegra da noiva, assim se alegrará de ti o teu Deus" (Is 62:5). No dia do casamento, as melhores roupas são vestidas. Assim faz tu: para extraíres a tua gratidão pelas misericórdias, considera-as nas circunstâncias que as possam tornar mais gloriosas em teus olhos. Alguns imperadores não permitiram que qualquer um desenhasse o seu retrato, para que não fossem desfigurados pelo seu lápis desastrado. Verdadeiramente, louvores superficiais desfiguram a bela face da misericórdia de Deus. São poucos os que as desenham com vida. Para fazer isto, muito estudo e meditação são necessários: "Grandes são as obras do Senhor, procuradas por todos os que nelas tomam prazer" (Sl 111:2). O pintor meticuloso estuda a fisionomia do homem antes de fazer o seu esboço. O louvor é uma obra não feita em um piscar de olhos; a lição de música deve ser escrita antes de poder ser

cantada. Lê, portanto, a Palavra e aprende dos santos ali registrados quais circunstâncias agravantes eles observaram ao reconhecerem as suas misericórdias.

Às vezes, encontramos-os colocando a ênfase sobre o rápido retorno de suas orações: "No dia em que eu clamei, me respondeste" (Sl 138:3). Esta é uma marca que confere uma excelência adicional à misericórdia. Foi bater e receber; vir e ser servido. Enquanto a igreja estava à porta de Deus orando pelo livramento de Pedro, Pedro estava batendo à deles para lhes dizer que a sua oração fora ouvida (At 12).

Às vezes, pelas enfermidades pecaminosas que se misturaram com as suas orações. Ora, que a misericórdia viesse com um "não obstante estas" e os surpreendesse quando mal tinham fé para esperar por elas, isto lhes encareceu sobremaneira a benignidade de Deus: "Dizia na minha pressa: Todos os homens são mentirosos. Que darei eu ao Senhor por todos os seus benefícios para comigo?" (Sl 116:11-12).

Às vezes, pela grandeza de seu aperto: "Clamou este pobre, e o Senhor o ouviu; e o salvou de todas as suas tribulações"; "Provai e vede que o Senhor é bom" (Sl 34:6, 8). Assim: "Que se lembrou de nós em nossa humilhação; porque a sua misericórdia dura para sempre" (Sl 136:23). De fato, isto necessariamente eleva pensamentos de alta estima pela misericórdia. A água que Deus deu a Israel da rocha é chamada de mel porque veio em sua extrema necessidade, e assim foi tão doce para eles como o mel. Prata é ouro quando dada a um homem pobre que de outro modo teria morrido por falta de pão.

Às vezes, pelos retornos frequentes da benignidade de Deus e expressões de seu cuidado: as tuas misericórdias "novas são cada manhã" (Lm 3:23). "Muitas vezes me angustiarão

desde a minha mocidade... todavia, não prevaleceram contra mim" (Sl 129:1-2). "Até aqui nos ajudou o Senhor" (1Sm 7:12). Isto confere uma ênfase tal que, sem ela, a misericórdia não pode ser pronunciada com o seu devido destaque. Um curso de pecado é pior do que um ato de pecado: "o seu curso é mau" (Jr 23:10). Da mesma forma, um curso de misericórdia de tempo em tempo fala mais amor. Alguns que poderiam conceder uma esmola única a um mendigo o enxotariam de sua porta se ele permanecesse ali e fizesse disso um comércio.

Às vezes, pela peculiaridade da misericórdia, eles tomam nota da distinção que Deus faz ao distribuir os seus favores: "Não fez assim a nenhuma outra nação; e, quanto aos seus juízos, não os conhecem. Louvai ao Senhor" (Sl 147:20). "Senhor, de onde vem que te hás de manifestar a nós e não ao mundo?" (Jo 14:22). Que estes poucos sinais te bastem para te pões a trabalhar para encontrares os outros. Sem isto, roubamos a Deus a melhor parte de nosso sacrifício; como se um judeu tivesse retirado a gordura e deitado o magro no altar de Deus; ou como ele fez com o seu ídolo, que retirou o manto de prata que ele tinha e colocou o seu próprio puído no lugar dele. As misericórdias que recebes são grandes e ricas; não lhe dês os teus louvores mendigos. Ele espera que guardem alguma proporção com a sua misericórdia: "Louvai-o pelos seus atos poderosos; louvai-o conforme a excelência da sua grandeza" (Sl 150:2).

6. Diretriz. Distingue entre misericórdia e misericórdia; tenham as misericórdias mais seletas os teus maiores louvores. Revela um coração mau clamar e fazer grande barulho na oração por trigo e vinho e, enquanto isso, ser indiferente ou fraco em seus desejos por Cristo e por sua graça. Tampouco melhor é quando alguém reconhece a benignidade de Deus nas coisas temporais, mas toma pouca nota daquelas bênçãos

maiores que dizem respeito a outra vida. Verás às vezes um avarento falar sobre que abençoado tempo e estação é para o trigo e para os frutos da terra — que se ajustam ao seu paladar carnal como o guisado fez ao de Esaú —, mas nunca o ouves expressar qualquer percepção sentida dos tempos abençoados de graça, do milagre da paciência de Deus de que tal infeliz como ele esteja fora do inferno há tanto tempo, do amor infinito de Deus ao oferecer Cristo pelo evangelho a ele. Ele folheia estas coisas como uma criança faz com um livro, até encontrar alguma imagem colorida e ali parar para contemplar. De Cristo e de sua graça, com outras bênçãos espirituais, ele nada entende, nada se importa, a menos que fossem encher as suas sacas e celeiros. Ora, passará tal pessoa por homem agradecido? Aceitará Deus os seus louvores pela terra ele que rejeita o céu? Que recebe trigo e vinho com agradecimento e lhe diz para guardar Cristo para si com desprezo? Dizendo, como Esaú quando seu irmão lhe ofereceu o seu presente: "Eu tenho bastante" (Gn 33:9). Um coração gracioso é de outra têmpera: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo" (Ef 1:3). De fato, Deus dá coisas temporais para nos fazer apaixonados pelas espirituais, sim, por si mesmo que as deu; como o pretendente envia o presente para obter o amor da pessoa.

Novamente: assim como devemos distinguir entre misericórdia e misericórdia, da mesma forma mesmo nestas misericórdias inferiores que dizem respeito a esta vida, atenta para que coloques a ênfase de tua gratidão na parte espiritual delas. Em cada misericórdia externa há alimento para a carne e alimento para o espírito; aquilo que agrada ao sentido e aquilo que pode exercitar a nossa graça. É saúde? O coração carnal é mais tomado por ela por trazer-lhe a alegria de sua vida natural,

de que a doença o privara; mas o que, acima de tudo, agrada a um santo é a oportunidade que vem com ela para o seu glorificar a Deus em seu lugar e geração: "pois ainda o louvarei, a ele que é a salvação da minha fisionomia e o meu Deus" (Sl 42:11). É um patrimônio que Deus concede? O infeliz carnal valoriza-o para a sua comodidade privada, como se fosse dado para nenhum fim mais elevado do que o despendê-lo consigo mesmo ou enriquecer a sua família; mas a alma graciosa bendiz a Deus que lhe concede para dar à necessidade dos outros, e considera um coração generoso uma misericórdia maior do que uma bolsa cheia. Davi não se gloriou em sua abundância, mas bendisse a Deus que lhe deu um coração para a devolver novamente ao seio de Deus, de quem a recebera: "Porque quem sou eu, e quem é o meu povo, que pudéssemos oferecer voluntariamente coisas semelhantes?" (1Cr 29:14).

7. *Diretriz. Não permitas que os teus louvores sejam passageiros* — um concerto de música e depois o instrumento pendurado na parede, até que outro dia de festa de alguma providência marcante te faça tomá-lo novamente. Deus não se assentará à mesa de tal avarento que o convida para um banquete de ação de graças uma vez por todas no ano. Deus não vem como visitante à casa de seus santos, mas para habitar com eles: ele "habita entre os louvores de Israel" (Sl 22:3). Aquele dia em que não bendizes a Deus, tu o pões fora de casa. Davi tomou isto como um trabalho de vida inteira: "Enquanto eu viver, cantarei louvores ao meu Deus" (Sl 146:2). "O lábio de verdade fica para sempre", diz Salomão, "mas a língua mentirosa dura só um momento" (Pv 12:19). Algo escapa de um mentiroso dentro de pouco tempo que descobre a sua falsidade; a língua que mente ao louvar a Deus é assim por um momento. Ele pode amaldiçoar a Deus amanhã com aquela língua com que o louva hoje.

8. *Diretriz. Deves não apenas continuar, mas crescer em teus louvores.* À medida que a maré aumenta, o navio é elevado mais alto nas águas; à medida que a tua colheita aumenta, os teus celeiros são ampliados; à medida que ficas mais rico, avanças em teu porte e traje; em uma palavra, à medida que os vossos corpos crescem, fazeis as vossas roupas maiores. Cada dia avulta a maré de vossas misericórdias, acrescenta ao vosso monte, aumenta o vosso tesouro e eleva a vossa estatura. Elas são "novas", diz o profeta, "cada manhã" (Lm 3:23); crescem quer durmas quer acordes. Ora, assim como o casaco que usavas quando eras criança não te serviria agora que és homem; da mesma forma nem a vestimenta de louvor com que vestias a tua alma quando jovem convertido te servirá agora que és um velho discípulo. Estás em maior débito nos livros de Deus do que antes, e Deus espera conforme o que cada homem recebeu. Vós mesmos não sois tão maus administradores que não queirais melhorar os vossos bens ao máximo. Alugaríeis uma propriedade hoje pelo preço que ela valia há quarenta ou cinquenta anos? Por que, então, não pode Deus elevar o rendimento de suas misericórdias também? Olha para trás, cristão, e vê quão melhor o mundo ficou para ti desde que começaste. Talvez possas dizer com Jacó: "com o meu cajado passei este Jordão; e agora me tornei em dois bandos" (Gn 32:10).

Pois bem, vê o que tens a mais em saúde, patrimônio, em dons, graças ou confortos do que tinhas anteriormente, e então compara a tua gratidão presente com o que era antes de estes acréscimos serem feitos ao teu estoque e tesouro. Não seria uma vergonha para ti se ela não tivesse crescido conforme a benignidade de Deus para contigo o fez, muito mais se encolheu e diminuiu? E, no entanto, quão comuns são tais casos de

ingratidão? Quanto mais generoso Deus é com a sua misericórdia, mais fechados e mesquinhos eles são em seus retornos de gratidão. Quando pobres, podiam ser agradecidos por uma refeição curta de alimento grosseiro, mais do que são agora pelas suas variedades e delicadezas. Quando doentes, algumas poucas horas de sono interrompido que equivaliam a uma hora ou duas de descanso em uma noite — oh, quão afetados eram os seus corações por esta misericórdia! Ao passo que agora conseguem levantar-se e tomar pouca nota da benignidade de Deus que lhes concede o seu descanso pleno noite após noite sem interrupção. Assim, à medida que os dias se alongam, o frio se fortalece. Mas não é estranho ver um homem crescer mais frio em seu amor a Deus à medida que o sol da misericórdia de Deus se eleva mais alto e brilha mais quente sobre ele? Oh, é triste ver o monte aumentar e o coração definhando; ver um homem ficar mais rico em misericórdia e mais pobre em gratidão.

9. *Diretriz. Sejam os teus louvores reais.* Palavras, dizemos, não pagam dívidas. Vai mais para a gratidão do que uma boca cheia de louvores passageiros que se vão com o som que fazem. Um coração gracioso é sábio demais para pensar que Deus se contentará com uma canção. Ele dará isso a Deus, mas é o mínimo que pretende: "O Senhor é a minha força e o meu cântico... ele é o meu Deus, por isso lhe farei uma habitação" (Êx 15:2). Sim, aqui é que reside a dificuldade: construir é dispendioso; a gratidão é um trabalho caro. "Ofereceria eu ao Senhor meu Deus holocaustos que não me custassem nada?" (2Sm 24:24), diz Davi a Araúna. Louvores baratos são facilmente obtidos, mas, quando chega às despesas, muitos adoecem do trabalho. Os judeus puderam cantar um "cântico" quando libertos de Babilônia (Sl 137); mas levou muito tempo

para que pudessem encontrar em seus corações disposição para edificar a Deus "uma habitação". O tempo não era chegado para isso (Ag 1). Poderiam ter dito que o coração deles não era chegado. Tinham dinheiro e tempo suficientes para edificar os seus próprios ninhos, mas nenhum para Deus, embora nisso tenham agido como tolos egregiamente, pois à medida que edificavam em uma extremidade, Deus derrubava na outra. Alguns têm sido de sua opinião em nossos tempos: em vez de encontrarem para Deus uma habitação e amarem a nossa nação para edificar igrejas, eles as derrubaram e carregaram as vigas para as suas próprias casas. Excelentes artistas em dismantelar ministros, o ministério e o seu sustento, pelos quais o evangelho deveria ser mantido! Se este for o caminho para prosperar, Deus deu ao seu povo um mau conselho quando disse: "Considerai... desde este dia vos abençoarei" (Ag 2:18-19). Mas perguntarás o que quero dizer por louvores reais?

O que se entende por LOUVORES REAIS

(1.) *Nossos louvores são reais quando são cordiais* — "Bendiz, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome" (Sl 103:1) — quando as suas misericórdias geram pensamentos amáveis de Deus em nossos corações. Lemos sobre "amaldiçoar a Deus no coração" (Jó 1:5); o que então é feito quando temos pensamentos baixos, pequenos e indignos de sua grandeza e benignidade. E, pelo contrário, quando as misericórdias de Deus imprimem tal imagem no coração dele que represente vivamente estes seus atributos, então bendizes a Deus em teu coração, adorando a sua majestade, reverenciando a sua santidade, deleitando-te em seu amor e temendo a sua benignidade. Aqui está a real gratidão. O que é *laus* — louvor ou honra —, senão um reflexo da excelência da pessoa que elogiamos? Ora, assim como o espelho

representa a imagem da pessoa que olha para ele, da mesma forma a alma agradecida reflete aqueles atributos gloriosos novamente sobre Deus, os quais ele manifesta em suas misericórdias. Assim Deus vê a sua face em um espelho verdadeiro, que a alma agradecida segura enquanto o louva. Ao passo que um coração ingrato, como um espelho quebrado, distorce e desfigura a bela face de Deus, ao conceber pensamentos tão baixos de Deus que são indignos de seus atributos gloriosos.

(2.) *Nossos louvores são reais quando são obedientes.* Deus considera aquelas misericórdias esquecidas as quais não estão escritas com caracteres legíveis em nossas vidas: "Esqueceram-se de Deus, seu Salvador" (Sl 106:21). Aquilo de Josué é observável (Js 8:32). Diante de sua vitória sobre a cidade de Ai, um altar é construído como um monumento daquela misericórdia marcante. Ora, nota: o que ordena Deus que seja escrito ou gravado nas pedras dele? Pensar-se-ia que a história daquele dia de trabalho deveria ser a escultura, mas é "uma cópia da lei de Moisés, que este escrevera diante dos filhos de Israel" (v. 32), pelo que claramente demonstrou que o melhor modo de se lembrar da misericórdia era não se esquecer de guardar a lei. Saul não pôde cegar os olhos de Samuel com os seus muitos cumprimentos de que o povo poupava o melhor do gado para sacrifício: "Tem, porventura, o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do Senhor? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros" (1Sm 15:22). Como se dissesse: "O quê, Saul! Pensas em subornar a Deus com um sacrifício enquanto és desobediente ao seu mandamento? Tomas o cisne e colocas a pena no lugar? Negas-lhe o teu próprio coração para obedecer à sua palavra e dás-lhe o coração de um

animal em sacrifício por isso? É esta a oferta que ele requereu ou aceitará?". Verdadeiramente, Deus levanta-se com fome de nossos jantares de ação de graças se a obediência não for um prato na mesa. Sem isto, nós e os nossos sacrifícios podemos queimar juntos. Deus arrancará tais pessoas dos cornos do altar e as tirará de seus joelhos com os seus louvores hipócritas para pagar esta dívida em outra espécie: "Se quiserdes, e ouvirdes, comereis o bem desta terra" (Is 1:19). Então, e não antes, comerá Deus de vossos sacrifícios e vós mesmos provareis a doçura de vossos desfrutes: "Saíste ao encontro daquele que se alegrava e praticava justiça..." (Is 64:5). Não um ou outro separadamente, mas ambos juntos são requeridos; não alegrar-se sem praticar a justiça, nem esta sem alegrar-se no trabalho. A ameaça é nivelada contra Israel não meramente porque não serviram a Deus, mas porque não o serviram "com alegria e com bondade de coração, pela abundância de tudo" (Dt 28:47). Deus deleita-se em ver a sua misericórdia estampada no semblante alegre de seus servos enquanto estão em seu trabalho, o que pode dizer aos espectadores que servem a um bom senhor.

(3.) *Então eles são louvores reais quando terminam em atos de misericórdia.* Muito digno de nota é aquela passagem: "Portanto, ofereçamos sempre por ele a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome" (Hb 13:15). Agora nota as próprias palavras seguintes: "E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque com tais sacrifícios Deus se agrada" (v. 16). Como se dissesse: "Não penseis que podeis agradecer a Deus para economizar despesas, disponde-vos a ambos ou a nenhum". A benignidade de Deus para conosco deveria nos tornar misericordiosos para com os outros. Seria estranho, de fato, uma alma sair de seu seio terno com um coração duro e pouco caridoso. Alguns filhos não se

parecem, de fato, com os seus pais terrenos; como o filho de Cícero, que nada tinha de seu pai senão o nome. Mas os filhos de Deus participam todos da natureza de seu Pai celestial. A filosofia nos diz que não há reação da terra para os céus. Eles, de fato, derramam as suas influências sobre o mundo inferior, as quais o vivificam e tornam frutífero, mas a terra não devolve nenhuma de volta para fazer o sol e as estrelas brilharem melhor. Davi sabia muito bem que "a sua bondade não chegava até Deus", mas isto o fez estender-se aos seus irmãos, "aos santos que estão na terra..." (Sl 16:2-3). De fato, Deus deixou os seus santos pobres para receberem os aluguéis que devemos a ele pelas suas misericórdias. Um hóspede educado, embora o seu amigo nada queira receber pela sua hospedagem, contudo, para mostrar a sua gratidão, dará algo aos seus servos. No retorno de Cristo, como saúda ele os seus santos? Não: "Vinde, benditos", guardastes tal dia de ação de graças e encheistes o ar com os vossos cânticos de louvor; mas: "tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber... estava nu, e vestistes-me" (Mt 25:34-36). Atos de caridade, na linguagem de São Paulo, são chamados de frutos: "E, depois de ter concluído isto, e de lhes ter consignado este fruto..." (Rm 15:28); dando a entender que toda a nossa profissão sem estas boas obras não passa de folhas. Este é o fruto sólido de nossa fé — o amor a Deus e a gratidão pelas suas misericórdias. Tampouco devem estes atos de caridade ser limitados ao dinheiro em tua bolsa ou ao pão em teu armário, embora estes estejam incluídos: há almas pobres bem como corpos pobres que necessitam de alívio.

Arrancou-te Deus de Sodoma — do cativo de Satanás? Onde estão, então, as tuas entranhas de compaixão para com aqueles que estão ainda acorrentados ao poste do diabo? Que meios usas para resgatar estes cativos de sua escravidão pior do

que a turca? O argumento que Deus impõe a Israel para tratar bem os estrangeiros é lembrarem-se de que outrora o foram (Dt 23:7). Tens tu, após longo tempo deitado no calabouço das trevas espirituais e tribulações de consciência, tido a tua cabeça erguida com os confortos do Espírito — recebido na presença de Deus, como o copeiro de Faraó foi à corte de seu príncipe? Como podes te considerar agradecido enquanto te esqueces dos outros que jazem na mesma prisão, sob tão tristes temores e terrores como outrora tu mesmo estiveste? "Aos retos nasce luz nas trevas; ele é piedoso, misericordioso e justo" (Sl 112:4). Certamente isto se aplicará, se em algum, neste caso. Em uma palavra — para que não se pense que vos torno insensíveis ao homem externo enquanto desperto a vossa caridade para com o interno —, elevou-te Deus a um patrimônio? Talvez o teu cajado de peregrino, com o de Jacó, tenha se tornado em duas tropas? Demonstras agora a benignidade de Deus para com os seus membros pobres? Como Davi, que indagou se havia ainda alguém da casa de Saul (2Sm 9). Oh, quão diferentes somos dos santos dos tempos primitivos! Eles corriam ao encontro de um objeto para a sua caridade, e nós corremos deles. Eles consideravam o pobre, o que necessitava, como o poderiam socorrer, sim, eles "projetavam coisas liberais" (Is 32:8); mas nós consideramos e contornamos como podemos economizar melhor a nossa bolsa. Eles estavam dispostos a abrir mão de tudo em caso de extrema necessidade, enquanto nós relutamos com um pouco de nossa superfluidade; deitando isso, por orgulho, em nossas costas o que deveria cobrir o pobre; jogando aos nossos falcões e cães o que deveria revigorar as entranhas do pobre; sim, gastando mais em nosso encontro de bebedeira, em um banquete de avarento, ou em uma contenda judicial, do que estamos dispostos a dar em um ano aos membros necessitados de Cristo.

(4.) *Nossos louvores são reais quando produzem uma confiança mais forte em Deus para o futuro.* Quem dirá que um homem é agradecido ao seu amigo por uma gentileza passada se alimenta uma má opinião dele para o futuro e não ousa confiar nele quando necessita dele novamente? Isto foi tudo o que o ingrato Israel devolveu a Deus pela sua abertura milagrosa da rocha para lhes saciar a sede: "Eis que feriu a penha... poderá também dar pão?" (Sl 78:20). Este, de fato, foi o comércio deles ao longo de toda a sua marcha no deserto. Pelo que Deus lhes dá o seu caráter, não pelo que pareciam ser enquanto as suas misericórdias estavam quentes e o banquete estava diante deles — então podiam dizer: "Deus era a sua rocha, e o Deus Altíssimo o seu Redentor" —, mas pelo seu temperamento e comportamento nos apertos. Quando a mesa era limpa e o banquete retirado de sua vista, que opinião tinham então de Deus? Podiam santificar o seu nome a ponto de confiarem nele para o seu almoço de amanhã, ele que os banqueteara ontem? Verdadeiramente não. Assim que sentem a sua fome retornar, como crianças obstinadas estão a chorar, como se Deus pretendesse matá-los de fome. Pelo que Deus cospe na face de seus louvores e não reconhece os seus agradecimentos hipócritas, mas registra a sua ingratidão: "Esqueceram-se das suas obras e não esperaram pelo seu conselho" (Sl 106:13). Oh, quão triste é isto, que após Deus ter recebido uma alma muitas vezes à sua mesa com misericórdias e livramentos seletos, estes sejam tão mal aproveitados que nem um bocado de todos eles seja deixado para dar à fé uma refeição, mantendo assim o coração de desfalecer quando Deus não vem tão rápido a livrar como desejamos! Ele é o homem mais agradecido aquele que pondera as misericórdias de Deus em sua memória e pode alimentar a sua fé com os pensamentos do que ele já fez por si, de modo a caminhar na força disso nos apertos presentes.

Quando Jó estava no monturo, não se esqueceu das antigas benignidades de Deus, mas ousou confiar nele com a faca em sua garganta: "Ainda que ele me mate, nele confiarei". Aquele que desconfia de Deus, após experiência anterior, é como o construtor insensato de Mateus 7 — ele ergue o seu monumento de misericórdias passadas sobre a areia, o qual a próxima maré de aflição leva embora.

10. Diretriz. Deves não apenas louvar a Deus tu mesmo enquanto estás no cenário desta terra, mas esforçar-te por transmitir o memorial de sua benignidade à posteridade. O salmista, falando das misericórdias de Deus, diz: "Não os encobriremos aos seus filhos, mostrando à geração vindoura os louvores do Senhor" (Sl 78:4). Os filhos são os herdeiros de seus pais; eles entram na posse de seus bens. Seria desnatural para um pai, antes de morrer, enterrar o seu tesouro na terra, de modo que os seus filhos não o encontrassem nem desfrutassem dele. Ora, as misericórdias de Deus não são a menor parte de seu tesouro, nem a menor parte da herança de seu filho, sendo ambas ajudas para a sua fé, matéria para o seu louvor e esporas para a sua obediência: "Ó Deus, nós ouvimos com os nossos ouvidos, nossos pais nos têm contado a obra que fizeste em seus dias, nos tempos da antiguidade: Como expulsaste as nações com a tua mão..." (Sl 44:1-2). Disto eles fundamentam a sua confiança: "Tu és o meu Rei, ó Deus; ordena salvas para Jacó" (v. 4); e despertam a sua gratidão: "Em Deus nos gloriamos todo o dia, e louvamos o teu nome eternamente" (v. 8). De fato, assim como os filhos são os herdeiros de seus pais, da mesma forma tornam-se em justiça responsáveis por pagar as dívidas de seus pais. Ora, a grande dívida com que o santo se depara na morte é aquela que ele deve a Deus pelas suas misericórdias, e, portanto, é de toda a razão que ele vincule a sua posteridade ao pagamento dela.

Assim podes estar louvando a Deus no céu e na terra ao mesmo tempo.

USO OU APLICAÇÃO. Repreensão ao mundo ingrato, e exortação aos santos

Encerraremos este ponto com uma dupla aplicação de repreensão e exortação.

Uso Primeiro. De repreensão ao mundo ingrato. Quão poucos, infelizmente! Podemos encontrar tão nobres a ponto de pagarem este pequeno foro ao grande Senhor do feudo deste mundo por todas as misericórdias que dele recebem! Alguns são tão brutos que, como os porcos, o seu focinho está cravado no cocho em que se alimentam. Não têm o uso de seu entendimento a ponto de elevarem o seu olho ao céu e dizerem: "Ali habita aquele Deus que provê isto para mim, aquele Deus por quem vivo, e de quem tenho o meu sustento". Seria bom se não soubéssemos em todas as nossas cidades onde habitam tais brutos como estes. Considerarias um triste espetáculo contemplar um homem em letargia, com os seus sentidos e razão de tal modo afetados por sua doença que não conhece os seus amigos mais próximos e não toma nota daqueles que cuidam dele ou lhe trazem o alimento diário. Quantos desses infelizes insensíveis estão hoje sob os cuidados de Deus? A providência divina ministra diariamente suprimentos às suas necessidades, mas eles não tomam nota de seu cuidado e benignidade. Outros há que, criminosa, sim, sacrilegamente, colocam a coroa de louvor em sua própria cabeça, a qual é devida unicamente a Deus. Assim Nebucodonosor escreve o seu próprio nome sobre o seu palácio e deixa Deus fora da história: "Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu

poder, e para glória da minha majestade?" (Dn 4:30). Infeliz orgulhoso! Não foi cada pedra que ele usou naquela construção cortada da pedreira de Deus? E para cada punhado de areia não andou ele sobre a terra de Deus? Assim, o agricultor ateu rende mais graças ao seu arado e ao seu carro de esterco do que ao Deus do céu, que "coroa o ano com a sua benignidade". O soldado orgulhoso apoia-se em sua espada, atrevendo-se a tomar a honra de sua vitória para si mesmo, e não a atribuindo ao Senhor dos Exércitos, que ao seu bel-prazer dá e retira o coração dos poderosos.

Sim, alguns, antes do que a dar a Deus, darão a qualquer outro. Assim, o Papa Adriano, em sua inscrição blasfema nos portões de um colégio que edificou, abusa de Deus com a linguagem da Escritura: "Utrecht me plantou, Lovaina me regou, e César deu o crescimento"; o que fez alguém escrever embaixo: *nihil hic Deus fecit* — parece que Deus nada fez por este homem. Não que eu julgue ilegítimo reconhecer os nossos benfeitores como instrumentos na mão de Deus para o nosso bem, mas apagar o nome de Deus, o nosso fundador principal, para escrever o nome de uma criatura subordinada é uma elevada expressão de impiedade e ingratidão. Gosto daquela fórmula que um homem bom usou para com o seu amigo por uma gentileza: "Bendigo a Deus por ti, agradeço a Deus e a ti". Aquele que exigir mais requer o que não lhe devemos.

Em uma palavra: alguns, os piores dos três, em vez de retornarem graças a Deus pelas suas misericórdias, abusam delas para a sua desonra. Não é mais triste do que verdadeiro que a benignidade de Deus para com muitos serve apenas para alimentar e nutrir as suas concupiscências. Eles comem e bebem à custa de Deus, e depois se levantam para agir como rebeldes contra Deus; arma nenhuma lhes servirá para usar senão as

misericórdias que ele lhes concedeu. Já é muito ruim se o inquilino não paga o seu aluguel moderado; mas devastar e destruir as árvores no terreno de seu senhorio, isto é mais intolerável. No entanto, tais ultrajes são diariamente praticados no mundo ímpio com as misericórdias de Deus.

Miguel Balbo é infame pela sua terrível ingratidão, o qual, na mesma noite em que o imperador o perdoara e libertara, barbaramente assassinou o seu salvador. E não levantam muitos, a quem Deus tira da prisão da aflição, a sua faca traiçoeira contra Deus, ferindo o seu nome com os seus juramentos, embriaguez e profanidade quase assim que a sentença de morte é retirada e a porta de sua prisão aberta? Para concluir: outros que pretendem passar por agradecidos, contudo todo o retorno não passa de louvor de boca — honram-no com os seus lábios e derramam desprezo sobre ele em suas vidas. Que música mais áspera e desagradável do que ouvir um harpista cantar em um tom com a sua voz e tocar em outro com a sua mão? Oh, fere os ouvidos de Deus quando a voz de Jacó é acompanhada pelas mãos ásperas de Esaú. Verdadeiramente, quando considero como a benignidade de Deus é abusada e pervertida pela maior parte da humanidade, não posso senão ser da opinião daquele que disse: *maximum miraculum est Dei patientia et munificentia* — o maior milagre no mundo é a paciência de Deus e a sua generosidade para com um mundo ingrato. Se um príncipe tem um inimigo alojado em uma de suas cidades, ele não lhes envia provisões, mas sítia de perto o lugar e faz o que pode para os matar de fome. Mas o grande Deus, que poderia com um piscar de olhos reduzir todos os seus inimigos à destruição, suporta com eles e está em despesa diária para os manter. Bem pode ele ordenar-nos a abençoar os que nos amaldiçoam, ele que "faz o bem aos maus e ingratos". Oh, o que não faria Deus pela sua

criatura se fosse agradecida, ele que assim amontoa as brasas de suas misericórdias sobre as cabeças de seus inimigos!

Mas não pensem, pecadores, que escapareis assim. O moinho de Deus gira devagar, mas moerá fino; quanto mais admirável é a sua paciência e generosidade agora, mais terrível e insuportável será aquela fúria que surge de sua benignidade abusada. Nada há mais cego do que o ferro, contudo, quando afiado, tem um fio que cortará mortalmente. Nada tão calmo quanto o mar, contudo, quando agitado em uma tempestade, nada ruge mais. Nada tão doce quanto a paciência e a benignidade de Deus, e nada tão terrível quanto a sua ira quando se acende. Sê, portanto, no temor de Deus, estimulado a considerar o que pretendes fazer. É o costume, dizem, das pessoas perturbadas mentalmente odiar mais os seus amigos mais queridos e parentes mais próximos. A estes, acima de tudo, procuram fazer mal. Mas que tolice e loucura é em ti investires contra a face de Deus com os teus pecados, ele que fez mais por ti do que todos os teus amigos, e pode fazer mais contra ti do que todos os teus inimigos que tens no mundo! Mas, para mais te mover:

1. Considera que Deus guarda uma conta exata de todas as suas misericórdias que recebes. Não podes sonegar o imposto de Deus. Aquele que pôde dizer ao profeta onde o seu servo Geazi estivera, e o que recebera de Naamã (2Re 5), dir-te-á um dia até ao último centavo cada talento que dele recebeste. Deus tem, assim como um saco para os teus pecados, também um livro para as suas misericórdias, e o que ele registra ele pretende cobrar.

2. Considera quão severamente ele lidou com aqueles que nunca tiveram tanta misericórdia dele como tu próprio

tiveste. Se os pagãos ficam sem desculpa em juízo quando Deus acerta contas com eles pelas suas misericórdias, oh, quão confuso ficarás tu que saís das dispensações do evangelho para levatares a tua mão no tribunal perante o Juiz de todo o mundo! "Inescusáveis são, porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças..." (Rm 1:20-21). Se o pagão que não foi agradecido pelo seu centavo não pode levantar a mão no dia do Senhor, onde aparecerás tu que tens tantas centenas de talentos em tua mão para responder?

Pergunta. Mas talvez, pobre infeliz, possas agora perguntar o que deves fazer para dar a Deus o louvor de suas misericórdias?

Resposta. Em uma palavra, tens apenas um caminho para pagar a Deus este seu tributo, e é um caminho estranho — a saber, correndo em dívida mais profunda com ele do que por todas as misericórdias que até agora dele recebeste. Ouve, pois, pobre pecador, o que quero dizer: Aquele Deus — que te deu a vida e a existência; que exerceu paciência indizível para contigo; esteve em uma vasta despesa em sua providência diária sobre ti, para te preservar, alimentar, vestir e manter; tudo o que foi de modo mais miserável abusado por ti, e por isso a tua vida tornou-se forfeited à sua justiça — oferece-te contudo uma misericórdia maior do que todas estas, a saber, o Senhor Jesus, ao qual se tu quiseses, com vergonha e tristeza pelos teus pecados passados, apegar-te e aceitar para ser o teu Senhor e Salvador, então estarás em uma postura, e não antes, de dar a Deus o louvor de suas outras misericórdias. Aquele que rejeita esta, que é a maior de todas as misericórdias, nunca poderá ser agradecido por nenhuma. É Cristo quem unicamente pode te dar um espírito de gratidão. Não há pessoa não cristã no mundo que não seja uma pessoa ingrata. "Mau" e "íngrato" são inseparáveis. Oh, que

abençoado evangelho é este, que nos ensina aqui a pagar dívidas correndo em débito mais profundo na conta! — a sermos agradecidos por misericórdias menores, aceitando aquela que é infinitamente maior!

Uso Segundo. Para exortação aos santos; não para vos chamar a este dever, o qual, se respondeis ao vosso nome, é indubitavelmente a vossa prática, mas para vos avivar nele e fazer-vos mais apaixonados por ele:

1. Considera que é um dever que te convém bem: "Aos justos convém o louvor" (Sl 33:1). Esta vestimenta de louvor assenta-se tão bem em ninguém como em tuas costas; não deverias te julgar vestido pela manhã até a teres vestido. Um santo ingrato carrega uma contradição em si. "Mau" e "ingrato" são os gêmeos que vivem e morrem juntos. À medida que alguém deixa de ser mau, começa a ser agradecido.

2. Considera que é aquilo que Deus tanto espera quanto promete a si mesmo de tuas mãos; ele te criou para este fim. Quando o voto passou no céu para a tua existência, sim, existência feliz em Cristo, foi sob este aspecto: para que fosses "por nome e por louvor" para ele na terra no tempo e no céu pela eternidade. Se Deus falhasse nisso, falharia em uma parte principal de seu projeto. O que o impele a conceder cada misericórdia senão fornecer-te matéria para compores um cântico ao seu louvor? "Porque dizia: Certamente eles são meu povo, filhos que não mentirão; assim ele se fez o seu Salvador" (Is 63:8). Ele espera um tratamento justo, como vês, de tuas mãos. A quem pode um pai confiar a sua reputação, se não a um filho? Onde pode um príncipe esperar honra, se não entre os seus cortesãos e favoritos? O teu estado é tal que a menor misericórdia que tens é mais do que todo o mundo pode exhibir

além. Tu, cristão, e os teus poucos irmãos divideis o céu e a terra entre vós. O que tem Deus que ele te sonegue? Sol, lua e estrelas estão estabelecidos para te dar luz; o mar e a terra têm o seu tesouro e provisão para o teu uso. Os outros apenas os usurpam; vós sois os legítimos herdeiros deles. As criaturas gemem por terem de servir a qualquer outro que não a vós (Rm 8:20-22). Os anjos, maus e bons, ministram a vós; os maus, contra a sua vontade, são forçados, como ajudantes de cozinha, quando te tentam, a limparem e brilharem as tuas graças, e abrirem caminho para os teus consolos maiores. Como Hamã, eles seguram o teu estribo enquanto tu montas mais alto no favor de Deus. Os anjos bons são servos de teu Pai celestial e não desdenham carregar-te, como a ama ao filho de seu senhor em seus braços. O teu Deus não se retém a si mesmo de ti. Ele é a tua porção, pai, marido, amigo e o que mais for. O mesmo céu terás para habitar com ele; a mesma mesa e alimentação. Deus é a sua própria felicidade e admite-te a desfrutar dele mesmo. Oh, que honra é esta para o súdito beber na taça de seu príncipe! "Tu os farás beber da corrente das tuas delícias" (Sl 36:8). E tudo isto não como aquisição de teu suor, muito menos de teu sangue; o banquete foi pago por outra mão, e és bem-vindo; apenas ele espera os teus agradecimentos ao fundador dele, a cujas custas és banquetecido. Nenhuma oferta pelo pecado te é imposta sob o evangelho; ofertas de gratidão são tudo o que ele busca.

3. *Deus tem um livro de memórias para os teus serviços*; ele toma nota bondosa do pouco bem que há em ti e é feito por ti. Nem o menor ofício de amor ao seu nome e casa é negligenciado, embora misturado com muito mal; ele ordena o primeiro, perdoa-te e compadece-se de ti pelo segundo. "se achou alguma coisa boa para com o Senhor Deus de Israel", foi dito do filho de Jeroboão (1Re 14:13). Que testemunho honroso

dá Deus de Asa, de que o seu coração "foi perfeito todos os seus dias" (2Cr 15:17), embora encontremos muitos desvios que ele deu. A pouca força que Filadélfia tinha não deve ser esquecida (Ap 3:8). Que defesa favorável faz Cristo por Josué, acusado por Satanás pelas suas vestes sujas: "Não é este um tição tirado do fogo?" (Zc 3:2); e pelas suas sonolentas discípulos: "o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca"? Ora, tomará Deus nota do pouco bem em seus santos, defenderá as suas enfermidades, elogiará e recompensará os seus fracos serviços, sim, eternizará a sua memória com honra: "O justo ficará em memória eterna" (Sl 112:6); e não merece ele ser exaltado pelas suas infinitas perfeições? Louvado e amado, ele que é todo bom, sempre bom e fazendo o bem a eles? Será ele zeloso de teu nome, e tu serás indiferente à sua honra, de modo a sepultares as suas preciosas misericórdias no sepulcro da ingratidão?

4. *Considera que ornamento uma disposição de agradecimento de coração é para a religião.* Isto recomenda Deus ao mundo incrédulo, o qual pouco mais sabe dele do que as vossas vidas pregam a eles. Eles leem a religião no caráter em que vós a stampais, e fazem o seu relatório de Deus e de seus caminhos conforme vos veem comportar-vos no mundo. Se caminhais desconsolados, ou murmurais da providência divina, como podem eles crer que os caminhos são tão agradáveis como lhes é dito? Nós escutamos o que o servo diz de seu mestre. Se ele o elogia e passa alegremente pelo seu trabalho, isto lhe rende crédito entre os seus vizinhos. Foi um testemunho convincente o que Daniel deu à benignidade de Deus quando o louvava três vezes por dia com o risco de sua própria vida. Ver um pobre cristão agradecido pela sua pequena porção, sim, no meio de suas aflições, como se tivesse coroas e reinos ao seu dispor, um entendimento comum raciocinaria assim: "Certamente este

homem encontra alguma doçura em seu Deus que nós não vemos, e é melhor pago pelo seu serviço do que nós sabemos". O louvor alegre de santos moribundos no meio de chamas ardentes tem feito os seus espectadores voltarem para casa apaixonados não apenas pela religião, mas pelo martírio.

5. *Considera a honra que te é colocada neste dever.* Servir a um príncipe, embora com a cabeça descoberta e de joelhos, é considerado mais honra para um nobre do que viver no campo e ter o serviço de seus companheiros súditos. Embora sirvamos a Deus todo o dia, contudo nos atos de culto temos a honra de imediatamente o assistir e de lhe ministrar. Oh, bem-aventurados os que podem assim estar ao redor dele! O louvor é o ato mais elevado de culto e, portanto, a ser continuado no estado bem-aventurado do céu. Ao passo que outras graças serão derretidas em amor e alegria, da mesma forma outros deveres de culto, como ouvir, orar, etc., em louvor e ação de graças. O sacerdócio era uma grande honra sob a lei. Ele escolheu Aarão e a sua tribo dentre os seus irmãos para servirem ao seu altar; ele receberia aquele presente de sua mão o qual não receberia da de um rei. Mas, neste estado do evangelho, cada crente tem um sacerdócio mais honroso, porque traz melhores sacrifícios: os sacrifícios espirituais de louvor e ação de graças. E, enquanto estás honrando o teu Deus, tu te honras a ti mesmo. Todo o corpo brilha com os raios daquela coroa que é colocada na cabeça.

6. *Considera que os teus louvores tornarão as tuas orações mais agradáveis e bem-sucedidas.* Considerava-se um bom presságio para as futuras vitórias de Alexandre o fato de ele ser liberal para com os deuses em seus sacrifícios, lançando incenso aos punhados no fogo. Ele é um avarento para si mesmo aquele que o é para o seu Deus. *Remittatur in suum principium caeleste profluvium, quo uberius terrae refundatur* [Seja

devolvido ao seu princípio celeste o fluxo do céu, para que mais abundantemente seja derramado à terra] (Bernardo, *Serm. 42 in Cantic.*) — seja a corrente das misericórdias de Deus devolvida para pagar o seu tributo a Deus, a sua origem e fonte, para que possam se derramar mais abundantemente para nós novamente. Observarás os santos em seus maiores apertos, quando têm mais a pedir, entregando as suas orações em forma de louvor. Josafá envia os seus sacerdotes louvando a Deus para o campo de batalha, e Deus luta por ele (2Cr 20). Davi, na caverna: "Preparado está o meu coração... cantarei e darei louvores". Daniel, quando uma armadilha fora armada para a sua vida, "louva a Deus três vezes por dia". O próprio Cristo, quando queria ressuscitar Lázaro, eleva os seus olhos e bendiz a Deus: "Pai, graças te dou...", etc. (Jo 11:41); quando devia sofrer, canta um hino (Mt 26:30). Um coração agradecido não pode facilmente deparar-se com uma negação. "Estejam na sua garganta os altos louvores de Deus, e uma espada de dois fios nas suas mãos" (Sl 149:6).

TERCEIRA DIVISÃO — O PRINCÍPIO INTERNO DA ORAÇÃO

"No Espírito"

Chegamos à terceira divisão no diretório do apóstolo para a oração — o princípio ou fonte de onde elas devem fluir — o Espírito: *"orando... no Espírito"*. Ao prosseguirmos para a consideração deste tópico, o primeiro ponto é o que será determinado pela solução da seguinte pergunta, a saber:

PERGUNTA. O que é orar "no Espírito"?

RESPOSTA. Os intérpretes geralmente compreendem nesta frase tanto o espírito da pessoa que ora quanto o Espírito de Deus, pelo qual os nossos espíritos são capacitados para e atuam na oração. *Est oratio in spiritu, nempe et nostro quo oramus, et Spiritu Sancto per quem oramus* [A oração é no espírito, a saber, tanto no nosso com o qual oramos, quanto no Espírito Santo pelo qual oramos] (assim Zanchius *in loc.*) — isto é, é uma oração no espírito aquela que, pela ajuda do Espírito Santo, é realizada com a nossa alma e espírito. Estes dois, de fato, caminham sempre juntos. Não podemos atuar o nosso espírito sem o Espírito Santo. Infelizmente! Este é como um pedaço de argila em nossos peitos até que ele o vivifique; e nós não podemos senão com o nosso coração e espírito quando o Espírito Santo move sobre ele. O sopro do Espírito é vital. O Espírito Santo não sopra em nós como alguém através de um tubo ou trombeta, que é um instrumento meramente passivo; mas desperta os nossos corações e atua as nossas afeições no dever. A oração é chamada de "um derramar da alma perante Deus". A alma é o poço de onde a água da oração é derramada; mas o Espírito é a fonte que alimenta este poço, e a mão que

ajuda a derramá-la. O poço não teria água sem a fonte, tampouco poderia descarregar-se dela sem alguém para a retirar. Assim, o Espírito de Deus deve encher o coração com afeições de oração, e capacitá-las também a se derramarem. A partir das palavras assim compreendidas, demorar-nos-emos um pouco sobre estas duas proposições: PRIMEIRA. Aquele que quer orar de modo aceitável deve orar em seu coração e espírito. SEGUNDA. Aquele que quer orar em seu próprio espírito deve orar no Espírito de Deus.

PRIMEIRO RAMO

Aquele que quer orar de modo aceitável DEVE ORAR EM SEU CORAÇÃO E ESPÍRITO

Orar no espírito opõe-se ao trabalho de lábios: "este povo... com os seus lábios me honra, mas o seu coração se afasta para longe de mim" (Is 29:13); como uma adúltera, cujo coração e espírito estão tão distantes de seu marido quanto onde está o seu amante. Não é oração aquela em que o coração da pessoa não toma parte. Parisiensis, comentando sobre a passagem de Oseias 14:2, "assim te ofereceremos os novilhos dos nossos lábios", compara o dever da oração aos novilhos nos sacrifícios da lei. A composição das palavras, diz ele, na oração é como a pele ou o couro do animal, a voz como o pelo, o entendimento como a carne, os desejos e afeições do coração como a gordura das entranhas; isto, e isto somente, faz dela uma oração na conta de Deus. "O meu espírito ora", diz o apóstolo (1Co 14:14); e "orarei com o espírito" (v. 15). Assim: "Deus, a quem sirvo em meu espírito" (Rm 1:9). O som melodioso que provém de um instrumento musical, tal como a viola ou o alaúde, é formado dentro do corpo do instrumento, e quanto mais profundo o corpo

do instrumento, mais doce é a sua música; as mesmas cordas sobre uma tábua plana, tocadas pela mesma mão, não produziriam música alguma. A melodia da oração provém do interior do homem: "Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito" (Fp 3:3), e quanto mais profundos os gemidos que provêm dali, tanto mais doce a melodia. Pode haver culto externo e ateísmo interno; como Melâncton disse: *vos Itali adoratis Deum in pane, quem non creditis in caelo esse* [vós, italianos, adorais a Deus no pão, o qual não credes estar no céu]. Pode haver muita pompa na cerimônia externa da realização do culto quando a pessoa nem ama nem crê naquele Deus a quem corteja com uma devoção externa. Os defeitos que tornavam os sacrifícios rejeitados na lei não estavam apenas nos membros externos do animal: o animal doente bem como o coxo eram recusados (Ml 1:8). Lemos de altos louvores quando palavra alguma se ouvia falar (Êx 14:15). Mas Deus não reconhece como oração aquela que tem a veemência da voz mas não é inspirada com a afeição do coração. Separa o espírito do corpo, e o homem está morto; o coração do lábio, e há uma dissolução da oração.

Ora, ao tratar disto, devo primeiro mostrar o que é orar em nosso espírito quando estas três coisas se encontram no dever: — PRIMEIRA. Quando oramos com conhecimento. SEGUNDA. Quando oramos com fervor. TERCEIRA. Quando oramos com sinceridade. Estas três exercitam os três poderes da alma e do espírito. Pelo conhecimento, o entendimento é posto a trabalhar; pelo fervor, as afeições; e pela sinceridade, a vontade. Todas estas são requeridas em conjunção para o "orar no espírito". Pode haver conhecimento sem fervor, e este, como a luz da lua, é frio e não vivifica; pode haver calor sem conhecimento, e este é como o brio em um cavalo cego; pode

haver conhecimento e fervor, e estes como uma carruagem com cavalos velozes e um cocheiro habilidoso na boleia, mas, sendo desonesto, conduz pelo caminho errado. Nenhuma destas coisas, nem ambas juntas, aproveitam, porque a sinceridade está em falta para tocar estas afeições e fazê-las apontar para o rumo certo, que é a glória de Deus. Ele receberá poucos agradecimentos pelo seu zelo se for fervoroso em espírito mas servindo a si mesmo com ele, e não ao Senhor.

Para orar no espírito, devemos ter CONHECIMENTO E ENTENDIMENTO

Primeiro. Para orar de modo aceitável, ou no espírito, requer-se que oremos com conhecimento e entendimento. O sacrifício cego era rejeitado na lei (Ml 1:8); muito mais as devoções cegas sob o evangelho. Assim como o conhecimento agrava o pecado, da mesma forma a ignorância retira a excelência de uma ação que é boa: "porque lhes dou testemunho", diz Paulo, "de que têm zelo de Deus, mas não com entendimento" (Rm 10:2). A falta de um olho desfigura a fisionomia mais bela; a falta de conhecimento, a oração mais devota: "Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos, porque a salvação vem dos judeus" (Jo 4:22), onde vemos que falta fundamental a carência de conhecimento é nos atos de culto, trazendo consigo a condenação.

Pergunta 1. Mas por que o conhecimento é tão necessário para o orar aceitável?

Resposta 1. Porque sem isto não é um "culto racional"; pois não sabemos o que fazemos. Deus pede o logikén latreíā — "culto racional" (Rm 12:1), o que alguns opõem aos sacrifícios da lei. Eles ofereciam animais a Deus; no evangelho devemos oferecer a nós mesmos. Ora, a alma e o

espírito do homem é o homem. Por que não impôs Deus uma lei aos animais para o adorarem, senão porque não têm uma alma racional para compreenderem e refletirem sobre as suas próprias ações? E aceitará Deus aquele serviço e culto da parte do homem no qual ele não exercita aquela faculdade que o distingue de um animal? "Lembrando-vos disto, e considerai... mostrai-vos homens" (Is 46:8). E, verdadeiramente, aquele que adora o Deus verdadeiro ignorantemente é bruto em seu conhecimento, bem como aquele que ora a um deus falso.

Resposta 2. Porque o entendimento é o hegemonikón — a faculdade diretora da alma, e assim a chave do trabalho. O culto interno do coração é o principal. Ora, os outros poderes da alma são desabilitados se carecem deste seu guia que segura a vela para eles. Quanto àquelas paixões violentas de aparente zelo, tristeza e alegria que às vezes aparecem em adoradores ignorantes e em suas devoções cegas, são espúrias. As ovelhas de Cristo, como as de Jacó, concebem pelo olho (Gn 30:37-39).

1. O olho do santo é iluminado para ver a majestade e a gloriosa santidade de Deus, e então o reverencia e chora diante dele na percepção de sua própria vileza: "com os meus ouvidos tinha ouvido falar de ti, mas agora te veem os meus olhos. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza" (Jó 42:5-6).

2. Novamente: por um olho de fé ele contempla a benignidade e o amor de Deus para com os pobres pecadores em Cristo, e em particular para com ele, e este olho afeta o seu coração a amá-lo e a confiar nele, o que é impossível à alma ignorante fazer.

Pergunta 2. Mas dirás: o que é necessário para a alma que ora saber?

Resposta 1. Requer-se o conhecimento de que aquele a quem ela direciona a sua oração é o Deus verdadeiro. O culto religioso é uma flor comunicável na coroa da Divindade, tanto interna quanto externa. Devemos adorar religiosamente a ele somente o qual, em razão de suas perfeições infinitas, merece o nosso amor, honra e confiança supremos. Deve ter a coroa aquele que detém o reino. "O reino, o poder" são de Deus. Portanto, "a glória" do culto religioso pertence a ele unicamente (Mt 6:13). Os anjos são a ordem mais elevada das criaturas, mas somos proibidos de "adorar a qualquer do exército do céu" (Dt 17:3). "Quem te não temeria a ti, ó Rei das nações? Pois a ti se deve isto" (Jr 10:7) — onde o temor é colocado pelo culto religioso, como aparece pelas circunstâncias da passagem. A falta deste conhecimento preencheu o mundo pagão de idolatria. Pois, onde encontravam qualquer virtude ou excelência na criatura, imediatamente a adoravam e cultuavam, como um camponês ignorante que, vindo à corte, pensa ser o rei cada um que vê em roupas vistosas.

Resposta 2. Requer-se o conhecimento deste Deus verdadeiro, de qual é a sua natureza: "Porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam" (Hb 11:6). Confessa-se que um conhecimento perfeito das perfeições divinas é incompreensível por um ser finito. Respondeu bem aquele que — ao ser perguntado *quid est Deus?* [o que é Deus?] — disse: *si scirem essem ipse Deus* [se eu soubesse, eu próprio seria Deus]. Ninguém, de fato, conhece a Deus assim senão o próprio Deus; contudo, um conhecimento bíblico dele é necessário para a correta realização deste dever. A ignorância de sua onisciência e infinita misericórdia é a causa das vãs repetições e do conceito de prevalecer por longas orações, o que o nosso Salvador acusa

contra os pagãos e evita em seus discípulos ao familiarizá-los com estes atributos (Mt 6:7-8). Eles vinham antes para *narrare* [narrar/informar] do que para *rogare* [rogar/pedir]. A ignorância de sua alta e gloriosa majestade é a causa de tantos serem rudes e desleixados em suas posturas, tão atrevidos e irreverentemente familiares com Deus em suas expressões. Somos ordenados a "ser sóbrios e vigiar em oração" (1Pe 4:7). Verdadeiramente, há uma falta de sobriedade em nossa própria linguagem quando não vestimos os desejos de nossos corações com expressões humildes tais que signifiquem o temor e o respeito de sua majestade sagrada em nossos corações. Em uma palavra: a razão pela qual os homens ousam vir exalando o odor dos abraços adúlteros de suas concupiscências, e estender as suas mãos não lavadas ao céu na oração — de onde vem isso? —, senão porque não sabem que Deus é de tal pureza infinita que não terá comunhão com os praticantes da iniquidade? "Pensavas que era inteiramente como tu" (Sl 50:21).

Resposta 3. Devemos compreender o assunto de nossas orações, o que pedimos, o que deprecamos. Sem isto não podemos em fé dizer amém às nossas próprias orações, mas podemos logo pedir aquilo que nem nos convém desejar, nem é honroso para Deus conceder. Isto Cristo repreendeu quando ela no evangelho apresentou o seu pedido ambicioso para os seus filhos se assentarem um à direita e outro à esquerda de Cristo em seu reino (Mt 20:20-23). Deus nunca nos deu licença para redigirmos as nossas próprias orações segundo os ditames de nosso espírito privado, mas nos limitou a pedir apenas o que ele prometeu conceder.

Resposta 4. Requer-se o conhecimento da maneira como devemos orar; como, por exemplo, em nome de quem, e quais qualificações são requeridas na oração e na pessoa que ora.

Encontramos Paulo suplicando orações: "que combatais comigo nas vossas orações" (Rm 15:30). Em outro lugar ele nos fala de um combate legítimo (2Tm 2:5). Há uma lei de oração que deve ser observada, do contrário viremos por nossa própria conta e risco. Mesmo no culto falso eles seguem alguma regra em suas abordagens aos seus deuses. Portanto, aqueles samaritanos superficiais, quando uma praga estava sobre eles, concluíram que a razão era porque não "sabiam o culto do Deus da terra" (2Re 17:26). O Deus verdadeiro quer ser servido na devida ordem, do contrário espera-se uma brecha. Uma palavra ou duas para aplicação deste ponto.

USO OU APLICAÇÃO

Uso Primeiro. Quão poucos, então, oram no espírito! Se este fosse o único critério para provar a muitos, não seriam eles rejeitados perante o tribunal como meros tagarelas? Como, em primeiro lugar, os da igreja papista, onde a maioria não compreende uma palavra do que diz na oração. Se é tamanha fraqueza assinar uma petição dirigida a um rei, ou ao parlamento, sem nunca a termos lido ou compreendido, o que pensaremos, então, de tais orações brutas enviadas ao céu e endossadas com um *ignoramus* [ignorado] no verso delas? Sim, entre nós mesmos, muitos que, embora orem em sua língua materna, são contudo ignorantes quanto ao assunto de suas orações; de que outro modo poderiam recitar o credo e os mandamentos com a sua devoção cega em vez de orações? Encontram-se ruínas mais deploráveis da humanidade entre os indígenas do que estes? Sim, quando se unem ao seu ministro na oração, não conhecem o Deus a quem a oração é dirigida, nem o Mediador sob o favor de cujo nome ela é apresentada. Antes de

Nabucodonosor poder bendizer a Deus, foi-lhe dado o entendimento de um homem, de que estes ainda carecem. Não pensais que tais infelizes ignorantes poderiam ser facilmente persuadidos a ajoelharem-se diante de uma imagem adornada de enfeites, ou a colocarem a sua carta na mão de algum anjo ou santo para despacho, sendo levados a crer que ela encontrará uma acolhida mais favorável pela mediação de tais favoritos? Oh, que trevas há ainda no presente dia sobre a face de nossas águas! Sobre as quais, se os instrumentos do papa tivessem oportunidade de pairar por um tempo, logo trariam o seu trabalho desejado à perfeição entre a multidão de almas ignorantes que estão no meio de nós! Vemos que há necessidade não apenas de motivar o nosso povo a orar, do contrário os enviamos antes que tenham aprendido o seu propósito, exatamente como se chamássemos uma criança para ler antes que ela tenha aprendido as letras.

Uso Segundo. Dirige-se a todos os que em qualquer momento são a boca de Deus para os outros na oração, para que orem de tal modo que os que se unem a eles possam claramente compreender o que apresentam a Deus por eles. Quem é mais digno de culpa — aquele que ora em uma língua desconhecida, ou aquele que usa frases tão estranhas e expressões tão rebuscadas que não são compreendidas por metade da companhia? Supõe que o teu próprio espírito ora, como diz o apóstolo, contudo o teu entendimento fica sem fruto para com eles. Eles, infelizmente! Ficam perdidos e permanecem olhando fixamente, como os discípulos fizeram quando a nuvem separou Cristo deles. Ou desce de tuas expressões elevadas e majestosas, ou ajuda-os a subir até ti. Eles podem dizer de ti o que disseram de Moisés: "Não sabemos o que aconteceu a este homem". Não admira se, enquanto não conseguem manter a visão do assunto

em mãos, os pensamentos deles divaguem e dancem ao redor de algum objeto de sua própria imaginação. Oras para seres admirado pela tua fluência de língua, elevação de dons ou coisas semelhantes? Talvez tenhas esta tua recompensa de alguns ignorantes e de outros que gostariam igualmente de se recomendarem sob o mesmo aspecto; mas considera que fim baixo e vil propões em serviço tão elevado, indigno do pensamento de um cristão. O quê! Nenhuma rede para pescar a tua reputação e aplauso senão uma ordenança sagrada! O açoitado que Cristo fez no evangelho pertence às tuas costas. O nosso bendito Salvador, que estava todo em chamas de zelo ao ver a sua casa de oração feita casa de comércio, oh! como a sua alma abomina a baixeza de teu espírito mercenário, tu que fazes o mesmo, embora com outra roupagem!

Para orar no Espírito, devemos ter FERVOR

SEGUNDA. Oramos no espírito quando oramos com fervor. A alma mantém o corpo aquecido enquanto está nele. Tanto quanto houver de nossa alma e espírito em um dever, haverá calor e fervor. Se a oração for fria, podemos certamente concluir que o coração está ocioso e não toma parte no dever. O nosso espírito é uma criatura ativa: o que faz é com força, seja mau ou bom. Daí que, na Escritura, dispor o coração e a alma a uma coisa denota veemência e fervor. Assim, diz-se que o pobre trabalhador "põe o seu coração no seu salário" (Dt 24:15). A expectativa do que ele receberá à noite faz com que sue em seu trabalho durante o dia. Dario "propôs no seu coração salvar Daniel"; e seguiu-se: "trabalhou até ao pôr do sol por o livrar" (Dn 6:14). Quando o espírito de um homem se dispõe a uma obra, ele a realiza com propósito: "Se de lá buscares ao Senhor... de todo o teu coração e de toda a tua alma" (Dt 4:29) — isto é, fervorosamente. Isto não consiste em uma agitação violenta dos

espíritos corporais. Um homem pode colocar o seu corpo em suor no dever, e a oração ser fria. Essa é a oração fervorosa que flui de um coração aquecido e de afeições acesas; como uma exalação que primeiro se acende na nuvem e depois rompe em trovão: "Esquentou-se-me o coração dentro de mim; enquanto eu meditava se acendeu o fogo; então falei com a minha língua: Faze-me saber, Senhor, o meu fim..." (Sl 39:3-4). Ora, assim como o zelo não é uma afeição única, mas o fio e a veemência de todas elas; da mesma forma o fervor na oração ocorre quando todas as afeições atuam fortemente e de forma adequada às diversas partes da oração:

Na confissão, temos fervor quando a alma se derrete em uma santa vergonha e tristeza pelos pecados que expõe perante o Senhor, de modo que sente uma dor e sofrimento santos em seu íntimo, e não representa um papel trágico com um coração cômico. Pois, como diz Crisóstomo: "Pintar lágrimas é pior do que pintar a fisionomia". Aqui está o verdadeiro fervor: "Lamento na minha queixa e faço ruído" (Sl 55:2). Pode haver fogo na pólvora sem que a arma dispare; um vento forte, mas sem chuva consigo. Davi fazia ruído com a sua voz e lamentava em seu espírito.

Assim, na petição, temos fervor quando o coração é atraído com desejos veementes pela graça pela qual ora, não alguns desejos fracos e passageiros, ou aspirações débeis, mas suspiros apaixonados e quebrantamento de coração. Às vezes é representado pela violência da sede, a qual é tida como mais atormentadora do que a da fome: "Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus" (Sl 42:1). Às vezes é representado pelo esforço de um lutador — assim se diz que Jacó lutou com o anjo —; e daqueles que correm em uma corrida: "servindo a Deus continuamente noite e dia"

(At 26:7) — eles se estendiam ao máximo. "A minha alma está quebrantada de desejar..." (Sl 119:20), como quem, de tanto esforço, rompe uma veia.

Por que devemos orar no Espírito fervorosamente

Pergunta. Mas por que devemos orar no espírito fervorosamente?

Resposta 1. Devemos orar no espírito fervorosamente por causa do mandamento: "Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças. E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração" (Dt 6:5-6); o que denota a realização afetuosa de cada mandamento e dever. Separa a parte externa da interna do culto de Deus, e ele não a reconhecerá: "Quem requereu isto de vossas mãos?" (Is 1:12). Como se dissesse: "Ordenei-te alguma vez dar o coração de um animal em sacrifício e reteres o teu?". Por que oras, afinal? Dirás: "Porque ele o ordena?". Então por que não fervorosamente, que é o que o mandamento visa principalmente? Quando mandas buscar um livro, agradar-te-ia quem te trouxesse apenas a capa? E aceitará Deus a pele pelo sacrifício? A parte externa do dever é apenas como a taça. O teu amor, fé e alegria são o vinho que ele deseja provar. Sem estes, dás-lhe apenas uma taça vazia para beber. Ora, o que é isto senão zombar dele?

Resposta 2. Devemos orar no espírito para comungar com o nome de Deus. A descrição comum da oração é invocar o nome de Deus. Ora, assim como na oração invocamos o nome de Deus, da mesma forma deve ser com um culto adequado ao seu nome, do contrário o profanamos e incorremos em sua ira. Este é o significado principal do terceiro mandamento. No primeiro, Deus provê para que nenhum outro além de si mesmo,

o único Deus verdadeiro, seja adorado; no segundo, para que ele, o Deus verdadeiro, não seja servido com culto de vontade própria, mas com as suas próprias instituições; e no terceiro, para que ele não seja servido de modo vão e superficial em seu próprio culto. Não há atributo em Deus que não clame por este fervor em seu culto:

1. Ele é um Deus grande e glorioso; e como tal nos convém aproximarmo-nos de sua presença com as nossas afeições em melhor estado. São as orações bocejadas adequadas aos ouvidos de um grande Deus? Atreves-te a falar a tal majestade antes de estares bem acordado e de teres um sacrifício preparado tal como ele aceitará? "Pois maldito seja o enganador que, tendo macho no seu rebanho, promete, e oferece ao Senhor o que é corrupto; porque eu sou grande Rei, diz o Senhor dos Exércitos, o meu nome é temível entre as nações" (Ml 1:14). Vê aqui: primeiro, qualquer coisa menor do que o melhor que temos é uma coisa corrupta. Ele aceitará o pouco se for o melhor, mas abomina que guardes o teu melhor para outro. Novamente: aquele que não oferece o melhor — a força de suas afeições — é um enganador, porque o rouba de seu direito, e ele é um grande Deus. É justo que a mesa do príncipe seja servida com o melhor que o mercado oferece, e não com o refugo. Quando Jacó pretendia um presente para o governador da terra, ele ordena aos seus filhos: "tomai do mais precioso da terra nos vossos vasos..." (Gn 43:11). Por fim, os pensamentos solenes que Deus arranca dos próprios pagãos pelas suas obras poderosas nos repreendem a nós que vivemos no seio da igreja e desprezamos o seu nome pelo nosso serviço negligente e sem coração a ele.

2. Ele é o Deus vivo. É uma oração de coração morto um sacrifício adequado a um Deus vivo? Como pode ser aceito dele o que nunca dele proveu? Não deites as tuas orações mortas ao

lado dele. A oração viva é dele, a morta é tua própria. O que o salmista diz de pessoas podemos dizer de orações: "Os viventes, os viventes, esses te louvarão" (Is 38:19). Os anjos gloriosos, os quais pelo seu zelo são chamados serafins e uma chama de fogo, estes ele escolhe para lhe ministrarem no céu; e os santos abaixo — que, embora peregrinem na terra, têm a sua extração do céu e, assim, têm espíritos elevados e refinados da lentidão de sua constituição terrena —, estes ele separa para si como sacerdotes para lhe oferecerem sacrifícios espirituais. Quanto mais ativo alguém é, mais ofensivo lhe é um mensageiro lento ou um trabalhador de mãos vagarosas. Como, então, pode Deus, que é toda vida, tolerar as tuas devoções preguiçosas e apáticas? Quando ele ordenou que o pescoço de um jumento fosse quebrado, e não oferecido a ele (Êx 13:13), foi porque estava irado com o animal? Certamente que não, era a sua própria obra; ninguém mais senão ele mesmo o fizera; mas para nos ensinar quão desagradável lhe é um coração lento em seu serviço.

3. *Ele é um Deus amoroso*, e o amor será pago em nenhuma moeda senão na sua própria. Dá a Deus amor por amor, ou ele considerará que nada lhe dás: "Se me amais, guardai os meus mandamentos" (Jo 14:15); e "Se alguém desse todos os bens de sua casa pelo amor, com certeza o desprezariam" (Ct 8:7). Assim, se um homem pensa em barganhar com Deus e dar-lhe algo na oração em lugar de seu amor e fervorosa afeição, isso será desprezado. Seja a oração o mais profunda possível, a postura do corpo o mais devota, a voz o mais alta; se as afeições do coração não forem atraídas após Deus no dever, ele o desdenha e rejeita, porque não corresponde às afeições afetuosas que Deus expressa para conosco. Ele atrai o coração com a sua provisão e entrega a sua própria alma e a si mesmo com todos os seus dons ao seu povo. Portanto, ele espera que os nossos

corações venham com todos os nossos serviços a ele. Não é de se admirar ver o servo, cujo senhor é duro e cruel, não ter coração nem brio em seu trabalho; mas o amor no senhor costuma colocar vida no servo. E, portanto, Deus, que é incomparavelmente o melhor senhor, desdenha ser servido como ninguém senão os piores homens costumam ser.

Resposta 3. Devemos orar no espírito porque a promessa é apenas para a oração fervorosa. Uma criança natimorta não é herdeira, tampouco uma oração que carece de vida é herdeira de qualquer promessa. O fervor é para a oração o que o fogo era para as especiarias no incensário — sem isto ela não pode subir como incenso perante Deus. Alguns tentaram um caminho mais curto para as Índias pelo norte, mas sempre ficaram congelados em seu trajeto; e assim serão tratadas todas as orações lentas. Seria uma viagem fácil ao céu se tais orações pudessem encontrar o caminho até lá. Mas nunca puderam exibir nada do ouro daquela terra boa os que oraram assim, ainda que fossem santos. O homem justo, de fato, é declarado herdeiro, tanto de todas as outras promessas como desta de ter a sua oração ouvida; mas se não tiver *aptitudinem intrandi* [a aptidão para entrar] — ele não está em postura adequada para tomar posse desta promessa, ou reivindicar benefício presente dela, enquanto o seu coração permanece frio e formal no dever. Há uma qualificação para o ato da oração tão necessária quanto para a pessoa que ora: "A oração eficaz do justo pode muito" (Tg 5:16). Quando Deus pretende uma misericórdia para o seu povo, ele desperta um espírito de oração neles: "Não disse à descendência de Jacó: Buscai-me em vão" (Is 45:19) — isto é, "Eu nunca os despertei para isso, e os ajudei nisso, para depois os deixar perder o seu trabalho". "Então me invocareis, e ireis, e orareis a mim, e eu vos ouvirei. E buscar-me-eis, e me achareis, quando me

buscardes de todo o vosso coração" (Jr 29:12-13). Desejos débeis, como dores fracas, passam e não trazem uma misericórdia ao parto. À medida que o tempo do parto se aproxima, o espírito de oração cresce mais forte: "E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite... Digo-vos que depressa lhes fará justiça" (Lc 18:7-8). Ninguém na casa talvez se moverá por uma batida leve à porta; pensam que é algum pedinte ocioso, ou alguém sem grande pressa; mas, se ele bate forte e repetidamente, então eles vão, sim, até saem de suas camas: "digo-vos que, ainda que se não levante a dar-lhos por ser seu amigo, levantar-se-á, todavia, por causa da sua importunação..." (Lc 11:8).

USO OU APLICAÇÃO

Uso Primeiro. Isto tristemente demonstra que há pouca oração verdadeira a ser encontrada entre nós, porque poucos são os que oram fervorosamente. Classifiquemos os homens em suas diversas categorias:

1. *Os ignorantes*, oram estes fervorosamente? Os seus corações necessariamente devem estar congelados no dever; habitam longe demais do sol para terem qualquer deste calor divino em suas devoções.

2. *A pessoa profana*, que está corrompida com as suas concupiscências imundas, o seu calor flui por outro canal. Pode o coração que está inflamado com as concupiscências ser outra coisa senão frio na oração? O fogo do inferno deve ser apagado antes que este do céu possa ser aceso.

3. *A alma sob o poder de pensamentos divagantes* — cuja mente, como Satanás, está a andar de um lado para o outro

na terra, enquanto os seus olhos parecem pregados no céu — pode ser ela fervorosa? Podem as afeições estarem focadas e a mente desatenta? O fervor une a alma e recolhe os pensamentos para o trabalho em mãos. Não tolerará desvios, mas responde a todos os pensamentos estrangeiros como Neemias, em outro caso, fez àqueles que o queriam chamar fora da reconstrução: "Faço uma grande obra, de modo que não poderei descer; por que cessaria esta obra...?" (Ne 6:3). Diz-se de Elias: "orou com instância" (Tg 5:17) — ele orou orando, diz o texto grego. Como na visão de Ezequiel havia "uma roda dentro de outra roda" (Ez 1:16), da mesma forma havia uma oração em sua oração. Ao passo que a alma divagante é sem oração: os seus lábios oram e a sua mente brinca; o seu olho está elevado ao céu, como se ali estivesse o seu alvo, mas ele dispara os seus pensamentos para a terra.

4. *Aquele para quem o dever é tedioso e cansativo*, que não suspira e geme no dever, mas sob ele; que ora como um homem doente trabalha em seu ofício, não encontrando prazer ou alegria nele. O verdadeiro fervor não sofre cansaço, não sente dor. O artesão, quando aquecido em seu trabalho, e o soldado em combate, um não sente o seu cansaço e o outro as suas feridas. As afeições são forças poderosas, capazes de erguer um corpo fraco. Portanto, aquele que se esquia de um dever e se esquia para este e para aquele lado, como um homem doente de um lado da cama para o outro em busca de alívio, demonstra que tem pouco contentamento no dever e, portanto, menos zelo. Estas dores do espírito na oração — ainda que ele seja um santo — provêm de algum resfriado que ele pegou e declaram que ele está sob uma grande desordem de saúde. O homem com saúde não encontra mais sabor em seu alimento e refrigério dele do que o

cristão encontra nos ofícios da religião quando o seu coração está na têmpera correta.

Uso Segundo. Para exortação. Oras? Ora fervorosamente, ou não fazes nada. A oração fria não é mais oração do que o fogo pintado é fogo. Aquela oração que não aquece o teu próprio coração moverá ela, pensas tu, o de Deus? Abres a torneira, mas o vaso está congelado. O homem não tem o uso de sua mão quando encolhida de frio, tampouco podes ter o uso de teu espírito no dever até que o teu coração esteja aquecido em alguma percepção e sentimento daquilo por que oras. Ora, para trazeres o teu coração frio a algum calor espiritual:

Argumentos para acender o nosso zelo e fervor na oração

Argumento 1. Considera a excelência do zelo e do fervor. Se és um santo, tens um princípio que te inclina a aprovar as coisas que são excelentes; e tal é esta. A vida é a excelência dos seres, sim, mesmo nas criaturas inanimadas há uma vida analógica e nisso consiste a sua excelência. Os espíritos do vinho o recomendam: o que vale ele quando morto e choco? No diamante, o brilho confere o valor; na água da fonte, o que a torna mais excelente do que as outras é o seu movimento, chamada por isso de "água viva". Muito mais nos seres que têm vida verdadeira; por esta razão, a pulga ou a mosca são consideradas criaturas mais nobres do que o sol. Quanto mais elevado o tipo de vida que os seres possuem, mais a sua natureza é por isso aperfeiçoada — animais acima de plantas, homens acima de animais e anjos acima de homens. Ora, assim como a vida dá a excelência ao ser, da mesma forma a vivacidade e vigor no agir dão excelência à vida. De fato, quanto mais nobre for a

vida da criatura, maior energia haverá em suas atuações. A apreensão de um anjo é mais rápida, e o seu zelo mais forte do que no homem. De modo que, quanto mais vivo fores em teu dever e mais zelo expressares nele, mais próximo chegarás da natureza daqueles espíritos gloriosos que, pelo seu zelo no serviço de Deus, são chamados de "chama de fogo". Confesso que ser calmo e controlado em coisas inferiores, e em nossos próprios afazeres entre homem e homem, é melhor do que o zelo. Assim diz Salomão: "O homem de entendimento é de excelente espírito" (Pv 17:27) — no texto hebraico é um espírito frio. As ofensas não o colocam em chamas, tampouco quaisquer acontecimentos no mundo o aquecem a qualquer auge de alegria, tristeza ou ira. Quem foi mais temperante nestas coisas do que Moisés? Mas põe este homem santo a orar: ele é fogo e palha, toda vida e zelo. De fato, é uma excelência deste fervor de espírito na oração que ele acalma todas as paixões pecaminosas. O fervor de Davi ao orar pelo seu filho quando vivo o fez suportar as notícias de sua morte tão calma e pacientemente (2Sm 12). Não ouvimos uma palavra irada que Ana respondesse à sua companheira provocadora Penina (1Sm 1). E por quê? Senão porque encontrara a arte de aliviar o seu espírito atribulado na oração. Que necessidade tinha ela de contender com a sua adversária se podia, ao lutar com Deus, persuadi-lo a assumir a sua contenda? E, verdadeiramente, não houvesse mais nada para recomendar o fervor de espírito na oração, isto seria o suficiente: que, como a harpa de Davi, ele pode acalmar o espírito mau de nossas paixões, as quais em seu excesso o santo considera grandes pecados, e tenho a certeza de que as encontra como aflições penosas. Quando estais mais serenos e pacíficos do que quando a maior parte de vida e fervor de vossas almas sobe na chama de vossos sacrifícios ao seio de Deus? Possivelmente possas descer, como Moisés, do monte com

maior calor, mas será contra o pecado, não em favor de ti mesmo; ao passo que uma oração formal, como um gesso que contém bons ingredientes, contudo sendo aplicado frio sobre a ferida, antes a prejudica do que a cura.

Argumento 2. Deus merece que a primazia e a força de tua alma sejam dedicadas a ele em tuas orações:

(1.) Ele deu-te os poderes de tua alma e todas as tuas afeições. Conforme o molde, assim é a estátua que nele é fundida; tal és tu como eras na ideia da mente divina. Ora, não pode o teu Criador requerer aquilo que foi dom dele? Aquele que fez a pedra um ser inanimado e limitou as almas estreitas dos animais a agirem sobre um bem sensível inferior, enobrece-te com um apetite racional e afeições espirituais. Ora, não empregará esses poderes divinos no culto de teu Deus, de quem os recebeste? Isto seria injusto, de fato — que a Deus fosse negado o que ele próprio concedeu, e não lhe fosse permitido provar de seu próprio custo! "Veio para o que era seu", diz Cristo, "e os seus não o receberam" (Jo 1:11). Assim ocorre aqui: vim à minha própria criatura; ela recebeu a sua vida de mim, e traz-me um coração morto! Supõe que um amigo te avisasse de que em breve estaria em tua casa, e te enviasse de antemão um barril de vinho generoso; o qual tu, quando ele chega, relutasses em abrir para o seu acolhimento, despachando-o com aquilo que está choco e sem sabor? Esperas porventura amigo melhor para ser o teu hóspede do que o teu Deus? O salmista convoca-nos a "servir ao Senhor com alegria" e qual é o seu argumento? "Sabei que o Senhor é Deus; foi ele, e não nós, que nos fez..." (Sl 100:2-3). Quem planta uma vinha e não espera beber do vinho? Se Deus chama o nosso trigo e vinho de seus, ele consequentemente espera ser servido com eles; muito mais com o nosso amor e alegria, pois certamente não nos permite alienar o melhor de seus

dons dele. Quando estás, portanto, para orar, convoca as tuas afeições, as quais talvez estejam adormecidas no regaço de alguma criatura, como Jonas nos porões do navio: "Que tens, dormente? Levanta-te, invoca o teu Deus..." (Jn 1:6).

(2.) *Ele merece as tuas afeições porque te dá as dele.* Ele é zeloso de ti porque é fervoroso por ti. Bem pode ele queixar-se de tuas orações frias e sonolentas ele cujo coração está em uma chama de amor para contigo. Altas e admiráveis são as expressões com que ele apresenta o seu terno amor para com o seu povo; tudo o que ele faz por eles é com zelo. Ao protegê-los: "Como as aves que voam, assim o Senhor dos Exércitos amparará a Jerusalém" (Is 31:5) — isto é, rapidamente, como a ave que voa em velocidade máxima para o seu ninho quando percebe que os seus filhotes correm perigo; ao vingar-se de seus inimigos: "o zelo do Senhor dos Exércitos fará isto" (Is 9:7); ao ouvir as suas orações, ele o faz "com deleite" (Pv 15:8); ao perdoar os seus pecados, ele está "pronto a perdoar" (Sl 86:5), "multiplica em perdoar" (Is 55:7); quando pedem um talento, ele lhes dá dois. Jacó deseja uma saída e retorno seguros (Gn 28). Ele concede isso e mais do que ele desejara, pois o traz de volta com duas tropas. Nem a menor misericórdia ele dá sem que extraia a sua alma e o seu coração com ela; mesmo em suas providências aflitivas, onde parece revelar menos amor, ali o seu coração transborda com ele: "Como te deixaria, ó Efraim?... o meu coração está comovido dentro de mim..." (Os 11:8).

(3.) *Ele é um bom pagador do zelo de seu povo:* "ele é galardoador dos que o buscam" (Hb 11:6). Nunca a oração fervorosa encontrou acolhida fria com ele. A oração de Elias trouxe fogo do céu porque carregou fogo para o céu (1Re 18). A tribo de Levi, pelo seu zelo, foi preferida ao sacerdócio (Dt 33). E por quê? Certamente, os que foram tão zelosos em fazer justiça

sobre os seus irmãos seriam não menos zelosos em fazer expiação por eles pelos seus sacrifícios. A maioria dos homens perde o seu fervor e força de seus desejos ao colocá-los mal; são zelosos por tais coisas que não podem, e por pessoas que frequentemente não querem, pagá-los pelo seu esforço. Oh, quão quente é o homem avarento em sua busca pelos bens do mundo! Ele suspira pelo pó da terra, e isso sobre a cabeça dos pobres. Mas qual recompensa tem ele pelo seu trabalho? Após obter tudo, como os cães na perseguição da lebre, ele perde a sua caça e, por fim, vai frequentemente pobre e sem jantar para a cama em sua sepultura; com certeza morre como "um tolo" (Jr 17:11). Quantos bajuladores de corte — que lisonjearam e lamberam a saliva de seus senhores, e tudo por alguns restos de promoção — fizeram papel de tolo quando, por fim, viram as suas práticas rasteiras e servis recompensadas com o golpe fatal do carrasco ou uma morte definhadora longe do favor de seu príncipe? O que fez aquele ambicioso cardeal dizer tarde demais: "Se tivesse sido tão observador do meu Mestre celestial como fora do meu terrestre, ele não me teria deixado tão miserável no final". Em uma palavra: não vemos o supersticioso batendo em seu peito e cortando a sua própria carne por zelo ao seu deus de madeira, que não tem ouvido para ouvir nem mão para o ajudar? Ora, não merece o Deus vivo, o teu Pai amoroso, o teu zelo mais do que os ídolos mortos e mudos deles merecem o deles? Que vergonha! Não sejamos nós frios em seu culto quando o idólatra sua diante de seu deus de panos; não permita que o zelo do homem do mundo em busca de sua riqueza terrena te deixe para trás com um coração negligente e sem vida no servir ao teu Deus. Tampouco temas a zombaria do mundo pelo teu zelo; eles pensam que és um tolo, mas tu sabes que eles o são.

Como elevar as nossas afeições ao fervor na oração

Pergunta. Mas como podemos obter este fervor de espírito na oração?

Resposta (a). Tu que propões a pergunta, és um santo ou não? Se não, há outra pergunta que deve preceder esta: Como tu, que estás no momento em um estado de morte espiritual, podes ter vida espiritual? Deve haver vida na alma antes de poder haver vida no dever. Todas as mantas da loja de tapeçaria não trarão calor a um homem morto, tampouco quaisquer argumentos, ainda que extraídos dos pontos mais comoventes da Escritura, te farão orar fervorosamente enquanto a tua alma jazer em um estado de morte. Vai primeiro a Cristo para que tenhas vida e, tendo vida, haverá então esperança de te aqueceres. Mas:

Resposta (b). Se és um santo, requer-se contudo o teu máximo cuidado para obtêres e, quando tiveres obtido, manteres a tua alma em um calor saudável. Assim como a pedra não pode por si mesma subir ao ar, da mesma forma a ave — embora possa fazer isto, contudo — não pode permanecer lá por muito tempo sem algum esforço e movimento de suas asas. Os santos têm uma faísca de fogo celestial em seu peito, mas esta necessita do fole de seu cuidado e diligência para a manter viva. Há uma ferrugem que brota do ouro, um verme da madeira, uma traça da vestimenta, que com o tempo os consomem; e cinzas do carvão que abafam o fogo; sim, e no santo também, o que amortecerá o seu zelo se não for limpo pela vigilância diária. Observa, portanto, qual é o teu principal impedimento para o fervor na oração e opõe-te vigorosamente a ele. Se fores remisso neste dever antecedente, serás muito mais remisso na própria oração. Aquele que sabe de um lamaçal no caminho, e não o repara antes de iniciar a sua viagem, não tem motivo para se maravilhar quando a sua carruagem ficar atolada nele.

Resposta (c). Ora, isto não é o mesmo em todos e, portanto, é necessário que estejas tão familiarizado com o teu próprio estado que saibas qual é o teu grande entrave neste dever. Certamente, se o firmamento da alma do santo não fosse resfriado com alguns vapores malignos que surgem de seu próprio peito, enfraquecendo a força da graça divina nele, seria verão o ano inteiro com ele, o seu coração seria sempre aquecido e as suas afeições ativas no dever. Atenta, pois, estreitamente de onde vem o teu resfriamento. Talvez o teu coração esteja excessivamente voltado para o mundo durante o dia, e à noite as tuas energias estejam esgotadas quando debes te apresentar perante o Senhor na oração. Se queres ser mais quente no dever, debes ser mais frio em relação ao mundo. Um cavalo que carrega uma carga o dia todo está inadequado para correr em velocidade à noite. Madeira que contém a seiva em si não queimará facilmente; tampouco o teu coração se acenderá facilmente nos deveres santos se a eles vens tão encharcado no mundo. Esvazia, portanto, o teu coração destas ávidas afeições por aquilo, se pretendes tê-las aquecidas e ativas nisto. Ora, nenhum caminho melhor para isso do que colocares a tua alma sob a meditação frequente do amor de Cristo para contigo, de tua relação com ele, com as coisas grandes e gloriosas que dele esperas em outro mundo. Isto, ou nada, secará o teu amor por este mundo, assim como a tua madeira que é colocada ao sol é feita adequada para o fogo. Ao passo que, se permites que os teus corações continuem encharcados nos pensamentos de um amor desordenado ao mundo, descobrirás, quando fores orar, que o teu coração estará em um dever exatamente como um tronco molhado na retaguarda de uma lareira: demorado para acender e logo apagado novamente. Talvez o amortecimento de teu coração na oração surja da falta de uma percepção profunda de tuas carências e das misericórdias que desejas ver supridas.

Pudesses tu apenas orar sentidamente, não há dúvida de que orarias fervorosamente. O homem faminto não necessita de ajuda da arte para aprender a pedir; as suas entranhas apertadas o tornam zeloso e eloquente.

É por perdão de pecado que desejas orar? Vê primeiro que angústia de espírito ele te causa. Faze com a tua alma o que o cirurgião faz com as feridas de seu paciente: aplica-lhes alguma água afiada para testar qual percepção ele tem delas. Aplica tais considerações à tua alma que te façam sentir a dor delas e ser sensível ao teu estado deplorável por causa delas; depois vai dormir na oração, se puderes. Temos Davi primeiro sensibilizando o seu coração e expressando a dor de sua alma pelo seu pecado: "Porque as minhas iniquidades ultrapassaram a minha cabeça; como carga pesada são demais para as minhas forças" (Sl 38:4). Ora, quando o seu coração está doente com estes pensamentos, como quem está com um remédio forte agindo em seu estômago, ele derrama a sua alma na oração a Deus: "Senhor, diante de ti está todo o meu desejo, e o meu gemido não te é oculto" (v. 9).

Deves orar pelos outros? Primeiro traspassa o teu coração com as dores deles e, por um espírito de simpatia, traz a ti mesmo a sentir as misérias deles como se estivesses em seu lugar. Então o teu coração estará aquecido na oração por eles quando ela fluir de um coração derretido em compaixão para com eles. Assim lemos que Cristo se comoveu por Lázaro antes de elevar os seus olhos ao céu por ele (Jo 11:33, 38).

Novamente: pode ser que a tua falta de zelo proceda de um defeito em tua fé. A fé é o reforço de aço para o arco da oração; esta envia a seta com força para o céu. Onde a fé é fraca, o clamor não será forte. Aquele que realiza um trabalho com

pouca esperança de sucesso fará com que seja fraco; ele trabalha, como dizemos, sem ânimo. É um axioma verdadeiro: *voluntas non fertur in impossibilia* [a vontade não se move em direção ao impossível] — quanto menos esperamos, menos nos esforçamos. Lemos de fortes clamores que Cristo apresentou nos dias de sua carne (Hb 5:7). Ora, nota o que fortaleceu a sua oração: "àquele que o podia livrar"; e não apenas isso, mas, se olhares para aquela oração à qual isto se refere, verás que ele se apegou a Deus como o seu Deus: "Deus meu, Deus meu". O seu apego a Deus sustentou o seu espírito na oração. Assim, nos diversos precedentes de santos que oram sob o registro bíblico, podes ver como o espírito de oração baixava e subia, caía e se elevava, conforme a fé deles estava ativa ou não. Isto fez Davi pressionar tão fortemente a Deus no dia de sua tribulação: "Cri, por isso falei; estive muito aflito" (Sl 116:10). Isto fez a mulher cananea tão invencivelmente importuna (Mt 15). Permita que Cristo franza o cenho e a repreenda, negue e desaprove, ela contudo faz as suas abordagens mais e mais próximas, colhendo argumentos de suas próprias negações, como se um soldado disparasse as balas de seu inimigo de volta contra ele; e Cristo nos diz o que manteve o espírito dela destemido: "Ó mulher, grande é a tua fé!".

Novamente: talvez proceda de algum desagrado que tenhas dado ao Espírito Santo, o qual unicamente pode acender as tuas afeições; e então, não admira que estejas frio na oração quando ele se foi, ele que deveria manter o teu coração aquecido nela. O que é o corpo sem a alma senão argila fria, terra morta? E o que é a alma sem o Espírito? Verdadeiramente nada melhor. Oh, convida-o de volta à tua alma, do contrário o teu trabalho de orar está encerrado. E, se queres persuadi-lo a voltar, observa qual foi a coisa que o desagradou, e remove-a. Aquilo que faz

esta pomba abandonar o seu ninho impedirá o seu retorno se não for retirado.

Para orar no espírito, devemos ter SINCERIDADE

TERCEIRA. Oramos no espírito quando oramos com sinceridade. Pode haver muito fervor onde há pouca ou nenhuma sinceridade. E este é um fogo estranho; o calor de uma enfermidade, não o calor natural benigno da nova criatura, o qual tanto provém de Deus quanto atua para Deus; ao passo que o outro provém do eu, e termina no eu. De fato, o fogo que o eu acende serve apenas para aquecer as próprias mãos daquele que o faz: "Eis que todos vós acendeis fogo e vos cingis com faíscas..." (Is 50:11) — o profeta os representa como assentando-se ao redor do fogo que tinham feito. O agir por si mesmo e o visar a si mesmo caminham sempre juntos; portanto, o nosso Salvador com o espírito requer a verdade. Ele "busca tais que o adorem" como o adorem "em espírito e em verdade" (Jo 4:23-24).

Pergunta. Mas em que consiste este fervor sincero?

Resposta. O zelo tenciona as afeições, a sinceridade direciona o seu fim, e consiste em sua pureza e incorrupção. O sangue é frequentemente quente quando não é dos mais puros, e as afeições fortes quando o coração é insincero; portanto, o apóstolo exorta-nos a que "vos ameis uns aos outros ardentemente, de coração puro" (1Pe 1:22), e fala em outro lugar de "entristecer-se segundo Deus" (2Co 7:9), isto é, sinceramente. Ora, a sinceridade do coração na oração aparece quando uma pessoa é real em suas orações, e isto a partir de princípios puros para fins puros.

Primeiro. Quando ela é real naquilo que apresenta a Deus na oração. O índice de sua língua fora e o mecanismo de seu coração dentro caminham juntos; ela não condena um pecado com os seus lábios ao qual favorece com o seu coração; ela não faz um alto clamor por aquela graça que lamentaria ver-lhe concedida. Este é o verdadeiro emblema de um hipócrita, o qual frequentemente relutaria em que Deus o levasse a sério. Um dia terrível seria para esse tal quando Deus trouxer a sua própria consciência para depor contra si de que o seu coração nunca assinou e selou as petições que fizera. Há uma política de estado usada às vezes pelos príncipes de enviar embaixadores e estabelecer tratados quando nada menos do que a paz é tida em mente. Tal engano se encontra no coração falso do homem: cegar e encobrir propósitos secretos de guerra e rebelião contra Deus com belas propostas na oração a ele pela paz.

Segundo. Quando a pessoa é não apenas real naquilo que deseja, mas isto a partir de um princípio puro para um fim puro. Não duvido de que um hipócrita na confissão possa ter uma perturbação real em seu espírito pelos seus pecados e cordialmente, sim, apaixonadamente, desejar a sua misericórdia perdoadora; mas não a partir de um princípio puro — um ódio ao pecado —, mas sim de um horror à ira que vê apressar-se sobre si por causa dele; não para um fim puro, para que a glória da misericórdia de Deus seja magnificada nele e por ele, mas para que ele próprio não seja atormentado pela justa ira de Deus. Ele pode desejar as graças de seu Espírito, mas não por amor a elas, mas apenas como um recurso sem o qual ele sabe que ao inferno deve ir; como um homem doente em tormento extremo — supõe de cálculo renal ou de alguma outra doença aguda — pede por alguma poção que abomina, porque sabe que não pode ter alívio a menos que a beba. Ao passo que a alma sincera deseja

a graça não apenas como remédio, mas como alimento. Ela a deseja não apenas como necessária, mas como doce ao seu paladar. A bondade e excelência intrínsecas da santidade a inflamam com tal amor a ela que, como alguém tomado pela beleza de uma virgem, diz que casará com ela ainda que nada receba com ela senão as roupas que traz nas costas; da mesma forma o coração sincero quer a santidade ainda que esta não trouxesse outras vantagens consigo senão as que se encontram em sua própria natureza adorável. Isto bastará para demonstrar o que é a sinceridade na oração.

Ora, aquele que quer orar de modo aceitável deve orar assim em seu espírito, isto é, com a sinceridade de seu espírito: "a oração dos retos é o seu contentamento" (Pv 15:8). Nadabe e Abiú trouxeram fogo, e receberam fogo, "um fogo estranho", para os destruir pelo "fogo estranho" que ofereceram (Lv 10:1); e tal é todo fervor e zelo que não é tomado do altar de um coração sincero. "A oração fervorosa" — *energouméne* — "pode muito" (Tg 5:16). Ela pode muito, mas deve ser de um homem justo, e tal o homem sincero unicamente o é. E não é de admirar que Deus insista tanto na sinceridade na oração, visto que o lábio de verdade é tão valorizado até mesmo entre os homens. A natureza ensinou os homens a recomendarem as suas palavras aos outros colocando as mãos em seus peitos como uma garantia de que o que dizem ou prometem é verdadeiro e cordial; o que o publicano penitente parece ter tido em mente ao "bater no seu peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador" (Lc 18:13), declarando assim de onde vinha a sua confissão dolorosa. Aquela luz que disse aos pagãos que Deus devia ser adorado informou-lhes também que este culto devia provir dos recessos internos do coração. *In sancto quid facit aurum — quin damus id superis, etc.* [O que faz o ouro no templo? Ofereçamos antes

aos deuses] as santas intenções da mente, o coração e as afeições internas dele. É um estranho costume o que Benzo, em sua *Historia Novi Orbis*, relata dos nativos de lá: *Indi occidentales dum sacra facerent, dimisso in guttur bacillo, vomitum cient, ut idolo ostendant nihil se in pectore mali occultum gerere* [os índios ocidentais, ao fazerem os seus cultos, introduzindo um pequeno bastão na garganta, provocavam o vômito para mostrar ao ídolo que não carregavam nenhum mal oculto em seu peito]. Eu não teria mencionado este costume bárbaro senão para mostrar quão profundamente esta concepção está gravada na consciência natural — que devemos ser sinceros no culto de Deus.

Uso. Que nos ponha à prova se assim oramos no espírito — se podes encontrar a sinceridade estampada em teu fervor. Se a oração não for fervorosa, ela não pode ser sincera; mas ela pode ter um fervor sem isto. Esta é uma peneira muito fina; aprova-te aqui, e podes sem presunção considerar-te um santo. Mas, por mais fervoroso que sejas sem sinceridade, de nada importa. Não; o zelo sem integridade é pior do que o frio glacial; ninguém irá ao inferno com mais vergonha do que o zeloso de coração falso, que sobe em direção ao céu na carruagem de fogo de um aparente zelo, mas que por fim se revela um diabo sob o manto de Samuel, sendo assim lançado como relâmpago do céu, para onde os seus vizinhos julgavam que ele estava indo. Não recuses ser sondado. Se recusares, não haverá necessidade de mais busca para provar que és insalubre. Se o oficial de Deus tiver a entrada negada, nem tudo está correto dentro. Ora, para te ajudar no trabalho, indaga:

REGRAS para provar a sinceridade de nossos corações na oração

Regra 1. Qual é o teu cuidado em realizar este dever da oração em segredo? Se o teu coração for sincero, ele deleitar-se-á na privacidade. Um coração falso chama os outros para verem o seu zelo por Deus. Talvez seja ávido para se colocar no dever onde tenha espectadores para o aplaudirem, e possa ser muito caloroso e ardente na obra; mas ou ele é inteiramente estranho à oração individual, ou é frio na realização dela: ele se vê sem vento agora que carece do sopro dos outros para lhe encher as velas. Os pesos foram retirados, os quais ativavam o seu movimento, e ele move-se pesadamente em relação ao que fazia perante a companhia. Ao passo que um cristão sincero nunca encontra mais liberdade de espírito, e derretimentos de alma, do que em suas abordagens solitárias a Deus. José, quando queria dar livre vazão à sua paixão de chorar, buscou um lugar secreto e, portanto, retirou-se para a sua câmara (Gn 43:30). Assim, o cristão sincero vai ao seu quarto e ali alivia o seu coração no seio de Deus, e permite que as suas paixões de tristeza pelo pecado e de amor a Cristo brotem e tenham o seu pleno alcance, as quais na oração pública ele refreia — quanto à expressão externa delas — por uma modéstia santa e temor de ser observado por outros, o que ele não busca. Ora, fala, cristão: qual é a tua têmpera? Pode o teu quarto testemunhar por ti neste particular? É o truque de um hipócrita esforçar-se ao máximo no dever quando tem espectadores, e afrouxar as engrenagens quando sozinho; como alguns que carregam a sua melhor carne para o mercado e guardam a pior para o seu próprio sustento em casa; e outros que servem o seu melhor vinho aos seus clientes, mas bebem eles próprios o vinho choco e sem sabor em sua mesa privada.

Regra 2. Observa-te em tuas abordagens mais públicas ao trono da graça; e isto em dois pontos

particulares: (1) Quando oras diante dos outros. (2) Quando te unes a outros que oram.

(1.) *Quando oras diante dos outros, observa em que despendes o teu principal cuidado e zelo* — se nos aspectos externos ou internos da oração — aquilo que é exposto ao olho e ao ouvido dos homens, ou aquilo que deve ser preparado para o olho e ouvido de Deus; a postura devota de teu corpo, ou a devoção interna de tua alma; a pompa de tuas palavras, ou o poder de tua fé; a agitação de teus espíritos corporais na veemência de tua voz, ou o fervor de teu espírito em afeições de quebrantamento de coração. Estes movimentos internos da alma na oração são a própria alma da oração; e todo o cuidado com o restante sem isto é como o adorno dispensado a um corpo morto — que não tornará o cadáver suave, nem a tua oração agradável às narinas de Deus. É a fé, o amor, o quebrantamento de coração pelo pecado e as afeições internas exercidas na oração que, como Elias em sua carruagem de fogo, sobem a Deus nos céus, enquanto o restante, com o manto do profeta, cai ao chão. A alma sincera não ousa ser rude em sua postura externa. Ela é cuidadosa com as suas próprias palavras e frases, para que sejam solenes e pertinentes. Tampouco gostaria de fazer dormir os que se unem a ela por uma maneira fria, sonolenta e preguiçosa de orar; mas, contudo, é para a disposição interna de seu coração que ela principalmente atenta, sabendo bem que pelo restante ela não passa de cozinheira para os outros, e pode ela própria passar fome se o seu próprio coração estiver ocioso no dever; e, portanto, ela não considera que ora bem — embora afete os corações dos outros — a menos que encontre as suas próprias afeições atraídas no dever. Ao passo que o hipócrita, se puder apenas sair do dever com o aplauso dos outros na realização

externa, fica muito satisfeito, embora esteja consciente do amortecimento e maldade de seu próprio coração nela.

(2.) *Quando te unes a outros que oram.* Os dons e as graças que brotam dos outros na oração aquecem as tuas afeições e atraem a tua alma para lhes fazer companhia ao céu nas petições que apresentam? Ou despertam eles um sentimento secreto de inveja e ressentimento diante dos dons que Deus concedeu a eles? Isto revelaria muito orgulho e insalubridade em teu espírito. O hipócrita é orgulhoso e pensa que toda a água é desperdiçada e perdida se corre fora de seu próprio moinho; ao passo que a alma sincera valoriza os dons dos outros, pode sinceramente bendizer a Deus por eles e fazer deles um uso humilde e santo. O seu coração é tão afetado pelas petições solenes e santas que outro apresenta como se proviessem de sua própria boca. Mas o olho do hipócrita é mau porque o de Deus é bom.

Regra 3. Observa se o teu fervor na oração é uniforme. Um coração falso pode parecer muito ardente ao orar contra um pecado; mas ele pode pular outro e deixá-lo fora de sua confissão, ou tratá-lo com muita suavidade. Como uma testemunha parcial, que gostaria de salvar a vida do prisioneiro contra quem depõe, não falará tudo o que sabe, mas atenuará o seu depoimento; assim procede o hipócrita com o seu pecado de estimação. Ele é como quem corta a grama com uma foice cheia de dentes: uma parte ele corta e outra deixa de pé; veemente contra esta concupiscência, e favorável àquela; ao passo que a sinceridade faz um trabalho limpo por onde passa: "Ordena os meus passos na tua palavra, e não se assenhoreie de mim iniquidade alguma" (Sl 119:133).

Novamente: o coração falso é tão desigual em suas petições como em suas deprecações. Muito ardente ele é por algumas misericórdias, e estas são comumente de natureza inferior, mas é mais indiferente em seus desejos por aquelas que são maiores; ele díxime a hortelã e o cominho em suas orações — refiro-me às misericórdias temporais — mas negligencia as coisas mais importantes da promessa — as graças santificadoras do Espírito: a humildade, a mente celestial, o contentamento, a negação de si mesmo; um pouco disto na ponta de uma faca o satisfará.

Regra 4. Observa se os teus esforços correspondem às tuas orações. O coração falso parece quente na oração, mas tu o verás bastante frio no trabalho. Ele ora muito ferozmente contra os seus pecados, como se desejasse que fossem todos mortos no próprio local; mas o que faz ele para a destruição deles com as suas próprias mãos? Dispõe-se ele ao trabalho de mortificação? Retira ele o combustível que os alimenta? É cuidadoso em evistar as ocasiões que o possam enredar? Quando as tentações vêm, encontram-no armado em sua guarda, resolvido a resistir ao seu movimento? Infelizmente! Nada disso ocorre. Se algumas poucas boas palavras na oração realizarem o trabalho, muito bem; mas quanto a algo mais, ele é preguiçoso demais para se dispor a isso. Ao passo que o coração sincero não é ocioso após a oração; quando deu ao céu o alarme e chamou Deus em seu auxílio, então ele mesmo toma o campo de batalha e opõe-se às suas concupiscências com todas as suas forças, vigiando os seus movimentos e aproveitando cada vantagem que encontra para investir contra elas. Cada misericórdia que recebe ele a transforma em arma para abater todos os pensamentos de pecar novamente: "E depois de tudo o que nos sobreveio por causa das nossas más obras... visto que tu, ó nosso Deus, impediste que

fôssemos destruídos... tornaríamos nós a violar os teus mandamentos...?" (Esdras 9:13-14). Oh, Deus nos guarde, diz a alma santa, de que dê as boas-vindas a tal pensamento! Cada promessa que lê ele a ergue como espada para a sua defesa contra este inimigo: "Tendo, pois, tais promessas... purifiquemo-nos..." (2Co 7:1). Encerrarei este ponto com algumas diretrizes sobre como podemos obter este coração sincero na oração.

Como podemos obter esta sinceridade na oração

(1.) *Une o teu coração pela fé a Cristo.* É a fé que purifica o coração de seus falsos princípios e fins no dever. "Deus fez ao homem reto"; e, enquanto permaneceu assim, o seu olho e o seu pé andavam direito; nem o seu olho olhava nem o seu pé pisava torto. Mas, depois que Eva conversou com a serpente, ela e toda a humanidade após ela aprenderam o movimento tortuoso da serpente: olhar para um lado e andar para outro. "Deus fez ao homem reto, mas eles buscaram muitas invenções" (Ec 7:29). Oh, roga, pois, com Davi, que Deus "renove em ti um espírito reto" (Sl 51:10). O que o espírito mau perverteu, somente o Espírito Santo pode endireitar. Se a causa pela qual uma peça atira torto reside em sua fabricação e molde, ela deve ser fundida novamente, ou nunca atirá direito. A hipocrisia no dever provém da falsidade da natureza depravada do homem; o coração, portanto, deve ser feito novo antes de poder ser sincero. O coração novo é o coração único: "E lhes darei um só coração, e porei dentro deles um espírito novo" (Ez 11:19). Aquele que ama "a verdade no íntimo" pode colocá-la ali.

(2.) *Faz com que a hipocrisia na oração te pareça tão odiosa quanto te for possível;* e não necessitas vesti-la com outras roupas que não as suas próprias para fazer isso. Considera

apenas quão grave pecado e quão grande tolice ela é, e creio que seria o suficiente para te colocar contra ela:

(a) *Considera que pecado grave ela é.* Uma mentira falada por um homem a outro é um pecado sujeito a graves agravantes; o que é, então, aquela mentira que é proferida na oração a Deus? Certamente esta deve ser muito mais terrível, pois aqui há blasfêmia na falsidade. Deus não hesita em dar ao hipócrita a mentira: "Efraim me cercou com mentiras, e a casa de Israel com engano" (Os 11:12) — tantas mentiras disseram a Deus quantas foram as orações que apresentaram. Oh, a paciência de um Deus que não fere o hipócrita de morte no próprio local, enquanto a mentira está em sua garganta, como fez a Ananias e Safira (At 5).

(b) *Considera que grande tolice ela é.* [1.] *Por ser inviável.* Quem senão um tolo pode pensar em cegar os olhos do Todo-Poderoso? Podes cobrir a face do sol com a tua mão ou chapéu para que ele não brilhe? Tão incapaz és tu de ocultar os teus projetos secretos de modo tão estreito que o grande Deus não os veja. [2.] *Assim como é impossível enganar a Deus, da mesma forma aplicas um terrível engano sobre ti mesmo.* Pensas que melhoras a situação ao orar, e a tornas pior. Quando fores a julgamento pela tua vida, a tua hipocrisia na oração custar-te-á mais caro do que os teus outros pecados. Tomas esforço para aumentar a tua condenação; ages, como diz Salomão de outro tipo de hipócrita, armando "ciladas contra o seu próprio sangue; e espreitam... as suas próprias vidas" (Pv 1:18). De todos os pecadores, o hipócrita tem a precedência nos propósitos e preparações da ira de Deus. O inferno está preparado para eles como as primícias da condenação. De outros pecadores se diz que terão a sua "parte com os hipócritas" (Mt 24:51), como os irmãos mais novos com o seu irmão mais velho, que é o herdeiro.

(3.) *Crucifica as tuas afeições para com o mundo.* A hipocrisia na religião brota da raiz amarga de algumas afeições carnaís não mortificadas. Enquanto a tua presa jazer abaixo, o teu olho estará na terra, mesmo quando pareceres como uma águia subir em tuas orações ao céu. O coração falso *uti Deo ut fruatur mundo* — ele usa a religião para fins seculares, e faz de sua aparente piedade para com Deus apenas como um bloco de montar para subir na sela da criatura. Deus está em sua boca, mas o mundo está em seu coração; o que ele projeta alcançar mais facilmente pela reputação que isto lhe renderá. Li sobre um homem que ofereceu ao seu príncipe uma grande soma em dinheiro apenas para ter a sua licença de uma ou duas vezes por dia vir à sua presença e apenas dizer: "Deus salve a vossa majestade". O príncipe, maravilhando-se com esta grande oferta por tão pequeno favor, perguntou-lhe que vantagem isto lhe traria? "Oh, senhor", diz ele, "isto, embora nada mais tenha de vossas mãos, render-me-á a reputação na província de ser um grande favorito na corte, e tal opinião ajudar-me-á a obter mais ao final do ano do que gastei na compra". Assim, é de temer que alguns, pelo próprio nome que adquirem de grandes santos entre os seus vizinhos, a partir de seu conhecimento com os deveres religiosos, facilitem os seus projetos carnaís e promovam os seus interesses mundanos, os quais jazem ao fundo de toda a sua bela profissão. Pois bem, cristão, isto não passa de jogar um jogo pequeno — pescar qualquer dos pequenos prazeres do mundo com o anzol de ouro da religião. Como amas a tua alma, e não gostarias de perder esta para sempre para obteres aquilo que deves perder após o teres obtido, mortifica aquelas afeições carnaís que achares mais propensas a retirarem o teu coração de Deus. Tu não conheces a Deus se não vês o bastante nele para te fazer feliz sem as contribuições do mundo. Isto, cabalmente

crido, far-te-á sincero em seu serviço: "Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda em minha presença e sê perfeito" (Gn 17:1).

SEGUNDO RAMO

Aquele que quer orar em seu próprio espírito DEVE ORAR NO ESPÍRITO DE DEUS

Tendo despachado o primeiro significado desta frase, "orando no espírito", a saber, o espírito da pessoa que ora, e mostrado que então uma pessoa ora no espírito quando a sua própria alma e espírito atuam no dever — quando ora com entendimento, fervor e sinceridade —; agora procedemos ao segundo significado da frase. Orar "no Espírito" é orar no, ou com o, Espírito de Deus; "orando no Espírito Santo" (Jd 20). De modo que o ponto ou doutrina a ser insistido será este:

DOUTRINA. Que para o correto orar, é necessário que oremos no, ou pelo, Espírito de Deus. A oração é o ato da criatura, mas o dom do Espírito. Há uma concorrência tanto do Espírito de Deus quanto da alma ou espírito do cristão para a realização dela. Daí descobrirmos que tanto o Espírito Santo é dito orar em nós (Rm 8:26) quanto nós somos ditos orar nele (Jd 20). Pelo primeiro entende-se a sua inspiração, pela qual ele desperta e ajuda a criatura para e na obra; pelo segundo, a concorrência das faculdades do santo. O Espírito não ora nele de tal modo que o cristão não exercite as suas próprias faculdades no dever, como os familistas [Nota: Henrique Niclaes foi o fundador da seita "Família do Amor", cujos seguidores foram chamados familistas, no século 16.] tolamente concebem. Ao tratar deste ponto, esforçar-me-ei por fazer estas três coisas: PRIMEIRA. Asseverarei o ponto e provarei a verdade dele.

SEGUNDA. Explicarei o que é orar pelo Espírito de Deus.
TERCEIRA. Farei alguma aplicação prática do ponto.

PRIMEIRA. Asseverarei a verdade do ponto, de que para o correto orar é necessário que oremos pelo Espírito de Deus. Isto é claro em Ef 2:18: "Porque por ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito". Nota aquelas palavras: "em um mesmo Espírito". Assim como há apenas um Mediador para aparecer e orar por nós no céu, da mesma forma há apenas um Espírito que pode orar em nós, e nós por ele, na terra. Podemos do mesmo modo arriscar-nos a ir ao Pai através de outro mediador que não o seu Filho, como orar por outro espírito que não pelo Espírito Santo. Portanto, o nosso Salvador, ao demonstrar o seu desagrado diante da proposta precipitada dos discípulos, faz o seguinte ao lhes dizer: "Vós não sabeis de que espírito sois" (Lc 9:55). Como se dissesse: "Convém-vos estar bem familiarizados com o espírito que vos move na oração; se as vossas orações não forem sopradas para dentro e para fora pelo meu Santo Espírito, são abomináveis para mim e para o meu Pai também". O nome de Cristo não é mais necessário do que o Espírito de Cristo o é na oração. O nome de Cristo serve apenas para a boca do Espírito; é palavra grande demais para qualquer um proferir como deve aquele que não tem o Espírito para o ajudar: "ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (1Co 12:3). Pode-se dizer as palavras sem qualquer obra especial do Espírito em si, e assim o pode fazer um papagaio; mas dizer que Cristo é o Senhor com fé, com pensamentos e afeições condizentes com a grandeza e doçura disso, requer que o Espírito de Deus esteja em seu coração e língua. Ora, não é o mero nomear de Cristo na oração, e dizer: "Pelo amor do Senhor", que nos garante a acolhida com Deus; mas dizê-lo em fé, e ninguém o pode fazer sem o Espírito. Cristo

é a porta que se abre para a presença de Deus, e deixa a alma entrar em seu próprio seio; a fé é a chave que destranca a porta; mas o Espírito é aquele que tanto faz esta chave como ajuda o cristão a girá-la na oração, de modo a obter qualquer acesso a Deus. Sabeis que na lei era pecado não apenas oferecer "incenso estranho", mas também trazer "fogo estranho" (Lv 10:1). Pelo incenso, o qual era uma composição de doces especiarias designada por Deus para ser queimada como um perfume suave em suas narinas, significava-se o mérito e a satisfação de Cristo, o qual, sendo moído pela ira de seu Pai, ofereceu-se a si mesmo em sacrifício a Deus em cheiro suave. Pelo fogo que era colocado no incenso — o qual também era designado para ser tomado do altar, e não de qualquer lareira comum —, significava-se o Espírito de Deus, pelo qual devemos oferecer todas as nossas orações e louvores, exatamente como Cristo se ofereceu a si mesmo pelo Espírito eterno. Pleitear os méritos de Cristo na oração e não pelo Espírito é trazer o incenso correto mas fogo estranho, e assim as nossas orações não passam de fumaça, ofensivas aos seus olhos puros, não incenso, cheiro suave às suas narinas.

SEGUNDA. Procuro explicar o que é orar pelo Espírito de Deus. Para a melhor abertura disto, devemos saber que há duas maneiras pelas quais o Espírito de Deus ajuda as pessoas na oração: uma maneira é pelos seus dons, a outra pela sua graça.

Primeiro. O Espírito de Deus ajuda na oração pelos seus dons. Ora, esses dons com os quais ele mune uma pessoa para a oração são extraordinários ou comuns. Os dons extraordinários do Espírito na oração foram, nos tempos primitivos, derramados, pelos quais os apóstolos e outros eram capazes de forma miraculosa de orar bem como de pregar de improviso em uma

língua que nunca tinham aprendido. Deste dom os intérpretes compreendem aquela passagem de Paulo: "orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento" (1Co 14:15). Isto é, ele faria uso deste dom extraordinário com que Cristo o munira, mas de modo que pudesse edificar a igreja com ele, e não de outro modo. Este dom extraordinário foi ajustado para a infância da igreja do evangelho, e cessou — como outros de natureza semelhante o fizeram — com ela. O dom comum do Espírito na oração é aquela faculdade especial pela qual as pessoas são capacitadas de improviso a formular os conceitos de suas mentes e desejos de seus corações em palavras adequadas diante do Senhor na oração. Este é um dom comum, e é concedido àqueles que não são dos melhores homens. O hipócrita pode ter mais deste dom do que alguns cristãos sinceros. É um dom que comumente guarda proporção com os dotes naturais: uma apreensão rápida, imaginação fértil, língua fluida e ousadia de espírito, os quais são todos dons do Espírito e dispõem a pessoa para isto. Ora, vemos que a cabeça pode estar madura e o coração podre; e, pelo contrário, o coração sadio e sincero onde a cabeça é de pouca capacidade.

Segundo. O Espírito ajuda na oração pela sua graça. Os seus dons ajudam na expressão externa, mas a sua graça na afeição interna. Pelos dons do Espírito, uma pessoa é capacitada a tomar o ouvido e afetar o coração dos homens que a ouvem; mas pela graça do Espírito movendo uma alma na oração, ela é capacitada a mover o seu próprio coração e o coração de Deus também; e este é o homem que de fato ora "no Espírito". O outro tem o dom, mas este tem o espírito de oração. Ora, há uma dupla graça necessária para orar assim no Espírito: 1. Graça do Espírito para santificar a pessoa que ora. 2. Graça para mover e ajudar

esta pessoa santificada na oração. Pela primeira, o Espírito habita na alma; pela segunda, ele move a alma.

1. Há necessidade, para este orar no Espírito, de graça para santificar a pessoa que ora. Antes que a criatura seja renovada e santificada pelo Espírito Santo, ela não pode compreender nem desejar as coisas corretamente. "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus... porque lhe são loucura" (1Co 2:14), e "a inclinação da carne é inimizade contra Deus" (Rm 8:7). E está um tal habilitado a orar de modo aceitável? Primeiro, então, o Espírito renova a criatura infundindo aquelas qualidades sobrenaturais, ou hábitos de graças salvadoras e santificadoras, as quais fazem dela uma nova criatura; por estas ele passa a habitar e viver nela, e então ele move as suas próprias graças assim infundidas. A alma está no corpo antes de o mover e animar. Lemos de viver no Espírito e andar no Espírito: "Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito" (Gl 5:25). O andar supõe a vida. Orar, ouvir ou realizar qualquer outra ação santa de uma maneira santa é caminhar no Espírito; mas devemos viver no Espírito, ou o Espírito viver em nós — o que é tudo um — antes de podermos assim caminhar no Espírito. Há alguns atos, de fato, que o Espírito de Deus realiza sobre almas que não são assim santificadas — atos de iluminação comum, de graça restritiva e de ajuda também. Assim muitos hipócritas são capacitados a orar em excelentes expressões. Mas ele nunca ajudou o hipócrita, ou qualquer pessoa não santificada, a realizar a parte interna da oração, a lamentar sinceramente pelo pecado, a ansiar por Cristo e por sua graça, ou a clamar "Aba, Pai" com fê; estes são os atos vitais da nova criatura, e fluem de um Espírito de graça infundido na alma, o qual acompanha este "espírito de graça e de súplicas" (Zc 12:10).

2. *Assim como a graça habitual é necessária para santificar a pessoa, da mesma forma a graça atual é necessária para a ajudar sempre que ora.* O Espírito de Deus pode habitar em uma alma pela sua graça habitual, contudo negar ajuda atual para este ou aquele dever particular, e então o pobre cristão fica sem vento, como um navio no mar quando vento nenhum se move. Pois, assim como a graça não pode se evidenciar a si mesma, tampouco pode atuar a si mesma. Daí decorre que às vezes as orações dos santos não prosperam tanto, porque não são movidos pelo Espírito nelas. Sansão, quando a sua trança foi cortada, ficou "fraco como qualquer outro homem". Um santo, quando o Espírito de Deus lhe nega a ajuda, não ora melhor do que um homem carnal. O Espírito de Deus é um agente livre: "sustém-me", diz Davi, "com um espírito voluntário [ou livre]" (Sl 51:12). Ele não é como um prisioneiro preso ao remo, que deve trabalhar quando nós quisermos; mas, como um príncipe, quando lhe apraz ele sai e mostra-se à alma, e quando lhe apraz ele se retira e não quer ser visto. O que há mais livre do que o vento? Nem o maior rei na terra o pode ordenar a soprar para o seu prazer; a este o Espírito de Deus é comparado (Jo 3:8). Ele é não apenas livre para soprar onde quer, nesta alma e não naquela, mas quando lhe apraz também.

Que ajuda dá o Espírito Santo a um santo mais do que a qualquer outro na oração

Pergunta. Mas a pergunta aqui será: Que ajuda dá o Espírito de Deus a um santo na oração mais do que a outra pessoa?

Resposta. A ajuda que o Espírito de Deus dá a um santo na oração acima de outra pessoa reside no íntimo; ela é despendida sobre o homem interno, e na parte interna do dever.

De modo que uma pessoa pode vir a saber se ela própria ora no Espírito, mas não pode julgar tão facilmente sobre outra. Ora, esta ajuda especial consiste nestes três pontos particulares:

1. O Espírito realiza um ato de despertamento sobre a alma para despertar as suas afeições. Nunca houve oração formal alguma de autoria do Espírito Santo. Quando o Espírito vem, é tempo de vida. As afeições do cristão brotam em seu peito à voz dele, como o bebê em Isabel diante da saudação da Virgem Maria (Lc 1:41). Ou, como as cordas sob a mão do músico movem-se e falam harmoniosamente, da mesma forma fazem todas as afeições do santo ao toque secreto do Espírito. Ele desperta o temor do santo, preenchendo-o com tal senso da grandeza de Deus, de sua própria insignificância e vileza, que o faz com pensamentos solenes reverenciar a majestade divina a quem fala, e apresentar cada petição com um tremor santo em seu espírito. Tal temor estava sobre o espírito de Abraão quando, em sua oração por Sodoma, expressou quão grande risco corria, sendo apenas "pó e cinza, ao se atrever a falar ao Senhor" (Gn 18:27). Ele desperta as afeições de pranto do cristão. Pelo seu sopro divino, ele levanta as nuvens dos pecados passados do santo e, quando cobriu a sua alma em meditação com a triste lembrança deles, então na oração ele derrete a nuvem e dissolve o seu coração em chuvas suaves de pranto evangélico, de modo que o cristão suspira e geme, chora e lamenta como uma criança que é castigada, embora veja a vara deixada fora da mão de seu Pai celestial e não tema ira alguma da parte dele por eles.

O apóstolo diz-nos que os gemidos e suspiros com que o Espírito ajuda o santo são tais que "não se podem exprimir" (Rm 8:26); não, nem pelo próprio santo, o qual, sendo incapaz de traduzir a dor interna que concebe em palavras, é compelido às vezes a enviá-la com esta voz inarticulada ao céu, contudo é uma

voz que é bem compreendida lá, e mais melodiosa aos ouvidos de Deus do que a música mais arrebatadora o pode ser aos nossos. Em uma palavra: ele desperta afeições adequadas a cada parte da oração, habilitando a alma graciosa a confessar o pecado com um coração dolorido, como se sentisse tantas espadas a penetrarem nele; a suplicar misericórdia e graça com sentimento interno de suas carências, com desejos veementes de vê-las satisfeitas; e a louvar a Deus com um coração ampliado e carregado ao alto sobre as asas do amor e da alegria. Os dons podem simular isso na frase e na composição das palavras — como um escultor pode esculpir uma bela imagem com todos os contornos externos e belas proporções em cada parte —, mas continua sendo apenas a imitação e imagem de uma verdadeira oração por falta daquele *aliquid intus* [algo interior] que lhe deve dar vida e energia. Isto somente o Espírito de Deus pode realizar.

2. *Assim como o Espírito de Deus desperta as afeições do cristão na oração, também as regula e direciona.* Quem, de fato, senão o Espírito de Deus, pode guiar e frear estes corcéis de fogo? Diz-se, a este respeito, que ele "ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém" (Rm 8:26). Nós, infelizmente! Estamos propensos a curvar demais o arco em algumas petições, e nos falta força para o curvar o suficiente em algumas outras. Ora ultrapassamos o alvo, orando absolutamente por aquilo que deveríamos pedir condicionalmente; ora atiramos ao lado do alvo, quer orando por aquilo que Deus não prometeu, ou de forma muito egoísta pelo que está prometido. Ora, o Espírito ajuda a fraqueza do cristão neste aspecto, pois ele "intercede pelos santos segundo a vontade de Deus" (v. 27), isto é, ele de tal modo segura as rédeas de suas afeições e as direciona que elas mantêm o seu caminho correto

e ordem devida, não se extraviando em calores injustificados e desejos desordenados. Ele, pelos seus sussurros secretos, instrui-os sobre quando devem soltar as suas afeições em velocidade máxima, e quando as devem reter novamente. Ele ensina-lhes a lei da oração, para que, lutando legitimamente, não percam o prêmio. Exatamente como o Espírito estava nos "seres vivos" para direcionar o seu movimento, dos quais se diz: "Cada um andava para a sua frente; para onde o Espírito havia de ir, iam; não se voltavam quando andavam" (Ez 1:12); da mesma forma, o Espírito, movendo os seus santos na oração, guarda-os para que não se desviem nem para um lado nem para o outro, mas vão diretamente para a frente, e formulem os seus pedidos segundo a sua regra.

3. *Ele preenche o cristão com uma santa confiança e humilde ousadia na oração.* O pecado torna a face de Deus terrível para o pecador. O culpado Adão evita a sua presença e diz a razão: "Ouvi a tua voz... e temi" (Gn 3:10). Se os patriarcas — estando conscientes de quão barbaramente tinham tratado o seu irmão José — ficaram aterrorizados em sua presença, e de tal modo confusos que não lhe podiam responder (Gn 45); quanto mais confuso deve ficar o pecador ao se aproximar do grande Deus, quando se lembra dos terríveis pecados que cometeu contra ele? Ora, o Espírito alivia o coração do cristão deste temor, assegurando-lhe que o coração de Deus não projeta vingança alguma sobre ele, mas perdoa livremente o mal que ele lhe causou; sim, o que é mais, que ele o adota como seu querido filho; e, para que o cristão não permaneça em dúvida disso, ele sela esta certeza com um beijo de amor em seu coração, deixando ali a impressão do amor paternal de Deus claramente gravada, pela qual o cristão passa a ter pensamentos amáveis de Deus, é capaz de chamar Deus de Pai e esperar o acolhimento

bondoso de um filho em suas mãos. Este é o Espírito de adoção de que fala o apóstolo, o qual afasta todo o temor servil e terror de Deus da alma: "Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai" (Rm 8:15). E: "E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai" (Gl 4:6).

USO OU APLICAÇÃO.

TERCEIRA. Farei alguma aplicação prática do ponto de que é necessário que oremos no, ou pelo, "Espírito de Deus".

Repreensão daqueles que zombam da necessidade do Espírito na oração, com uma prova de se o possuímos ou não

Uso Primeiro. Tem cuidado de não blasfemares contra o Espírito Santo quanto a esta sua obra em seus santos. Alguns são tão desesperadamente profanos que se atrevem a escarnecer e zombar daqueles que demonstram qualquer rigor em suas vidas, ou zelo no culto de Deus, especialmente neste dever da oração, com isto: "Estes são os que têm o Espírito, os que oram, vejam só, pelo Espírito". Mais ainda — tremo ao dizê-lo — alguns têm chamado o orar deles pelo Espírito de orar pelo diabo. Que toda alma graciosa tem o Espírito de Deus habitando nela, a Escritura nos diz: "Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rm 8:9). Que Deus prometeu o seu Espírito para ajudar os seus santos na oração é inegável, e que ele não aceita oração alguma senão a que é apresentada pelo seu Espírito é tão certo quanto isso. Ora, não podes saber, infeliz ousado, por qual espírito és movido, tu que fazes zombaria de se

ter o Espírito e de se orar pelo Espírito? Quem senão o diabo te poria a trabalhar para blasfemares contra o Espírito de Deus? Mas por que deveríamos nos maravilhar de que as atuações do Espírito Santo nos santos sejam assim escarnecidas e blasfemadas, visto que encontramos que o Espírito de Deus, operando de modo tão poderoso no próprio Cristo, foi maliciosamente interpretado pelos fariseus ímpios como sendo do diabo? (Mt 12:24). Mas saibam tais pessoas, para o seu terror, que fazer zombaria do Espírito, ou atribuir as suas obras ao diabo, se for feito maliciosamente, ver-se-á aproximar-se da blasfêmia contra o Espírito, a qual é imperdoável; vê o versículo 32: "E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro". E isto o nosso Salvador falou sob o fato de eles atribuírem o que ele fazia pelo Espírito de Deus ao espírito do diabo.

Uso Segundo. Prova se tens ou não o Espírito de Deus. Um estado sem oração é um estado triste para se viver. Ora, não podes orar de modo aceitável a menos que ores no Espírito, e não podes orar no Espírito a menos que tenhas o Espírito em ti.

Pergunta. Mas como posso saber se tenho ou não o Espírito de Deus?

Resposta. Responderei: 1. Negativamente, pelo que não deves concluir que tens o Espírito. 2. Afirmativamente, pelo que podes concluí-lo.

Resposta 1. Negativamente: não podes sabê-lo pelo fato de teres de vez em quando alguns bons movimentos do Espírito Santo despertados em ti. O espírito maligno é encontrado

frequentemente despertando maus movimentos em almas em que ele não habita. Uma agitação terrível ele faz frequentemente no peito de um santo; contudo, ali não habita, porque não está ali *per modum quietis* [por modo de descanso] — ele não encontra descanso nestes lugares áridos. Portanto, ele é apresentado dizendo: "Voltarei para a minha casa" (Mt 12:44), a saber, para aqueles que estão ainda em um estado carnal, onde ele pode governar o galinheiro e comandar, como um senhor faz a tudo em sua casa. Verdadeiramente, assim o Espírito Santo está frequentemente movendo-se nas consciências e afeições de criaturas carnis, aconselhando, repreendendo e os despertando; de modo que, sob as suas sugestões, alguns arrebatamentos curtos e passageiros de afeições são levantados nelas para aquilo que é bom, mas logo tudo é sufocado e dá em nada, e o Espírito é afugentado pela acolhida rude que encontra.

Novamente: não podes sabê-lo pelos dons comuns do Espírito, como iluminação, convicção, graça restritiva e ajuda para realizar a parte externa dos deveres religiosos, mesmo para a admiração às vezes dos outros que os ouvem. Estes são dons do Espírito, mas tais que não provam que tem o Espírito aquele que os possui. Eles são como o brilho ou radiância com que vemos as nuvens douradas pela manhã antes de o corpo do sol estar acima do horizonte — mostram que o sol está perto, mas ele não está ainda nascido apesar de toda esta radiância que é vista —; da mesma forma estes dons são emitidos pelo Espírito de Deus, e mostram que o reino de Deus se aproximou desse tal; mas não demonstram que o Espírito de Deus veio para aquela alma e tomou posse dela para sua casa e templo. Ou são como os presentes que um pretendente envia a uma pessoa a quem está cortejando para ser sua esposa — para mais se insinuar junto a ela —; mas, rompendo-se o noivado, todos são exigidos de volta.

Muitos têm estes dons enviados a si pelo Espírito de Deus com os quais a união entre Cristo e eles nunca foi consumada; e se não forem exigidos de volta nesta vida, contudo deles prestarão contas no grande dia.

Resposta 2. Afirmativamente: pelo que podes concluir que tens o Espírito de Deus; e isto em dois pontos particulares; embora aqui pudesse multiplicar as provas:

(1.) *Se foste regenerado pelo Espírito.* O Espírito de Deus habita apenas em uma nova criatura. Enquanto um homem continuar em seu estado carnal natural, ele está destituído do Espírito: "Sensuais, que não têm o Espírito" (Jd 19). A palavra é *psychikoi*, tais que não possuem mais do que uma alma racional, sem um princípio mais elevado de vida do que a natureza dá a todos os homens. São Paulo usa a palavra para apresentar um homem em seus meros dotes naturais, por oposição a outro que tem um princípio de vida sobrenatural do Espírito de Deus: *psychikòs ánthropos* — "o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus" (1Co 2:14). Mas aqui a questão será: Como saberei se sou regenerado? A isto respondo: cada alma regenerada possui *divinam indolem* — uma natureza e disposição divinas semelhantes ao Espírito de Deus que o regenera. "O que é nascido do Espírito é espírito" (Jo 3:6), a saber, é espiritual, sendo o abstrato colocado pelo concreto para aumentar a força das palavras. Ele tem uma alma elevada tanto acima dos homens naturais quanto estes o são acima da natureza dos animais. Quando Nabucodonosor teve o entendimento de um homem dado a si, não pastou mais entre os animais do campo, mas voltou ao seu trono e vida real (Dn 4). Assim, a alma regenerada retorna àquela alta e celestial disposição que o homem em seu estado santo primitivo outrora teve. Agora Deus e as coisas de Deus ocupam os seus

pensamentos; ele tem um novo olho para ver a vaidade onde antes colocava a felicidade; um novo gosto, o que o faz rejeitar aqueles prazeres pecaminosos como veneno que outrora eram pedaços agradáveis, e considerar todos os prazeres terrenos, que antes eram o seu único banquete, apenas esterco e refugio em comparação com Cristo e a sua graça. Ele não pode mais fazer deles uma refeição do que um homem o faria com comida de cães. "Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito" (Rm 8:5) — *phronousin*, eles têm o sabor das coisas do Espírito. Encontra, pois, qual é o teu sabor, e poderás saber qual é a tua vida, se espiritual ou natural.

(2.) *Se és guiado pelo Espírito.* O Espírito é o guia dos santos: "Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus" (Rm 8:14). Como a alma está no corpo para o guiar e mover, assim está o Espírito em suas almas: "todavia, estou de contínuo contigo; tu me seguraste pela minha mão direita. Guiar-me-ás com o teu conselho..." (Sl 73:23-24). Exatamente como a criança é guiada pela mão de seu pai, da mesma forma o santo pela condução do Espírito. Ora, ser guiado pelo Espírito de Deus denota estas três coisas:

(a) *A percepção de nossa própria fraqueza e ignorância.* Aquele que pensa que conhece o seu caminho, ou que é capaz de guiar os seus próprios passos, não aceitará um guia. É a criança fraca ou o homem cego que pede para ser guiado. Primeiro Saul foi ferido de cegueira, e depois entrega a sua mão para ser guiado a Damasco (At 9). Indaga, portanto, se Deus te fez ciente de tua própria ignorância e impotência. O homem por natureza é orgulhoso e cheio de si; ele se estriba muito em seu próprio entendimento e apoia-se em sua própria força, muito relutante em ser considerado fora do caminho ou

incapaz de caminhar por si mesmo nele: "O sábio teme e desvia-se do mal, mas o tolo encrenha-se e dá-se por seguro" (Pv 14:16). Diz a uma alma espiritualmente sábia que ela está fora de seu caminho: ela teme a si mesma, dá ouvidos ao conselho e volta atrás; mas o tolo — e tal é todo homem carnal — se indispõe com quem o aconselha ou repreende, e está confiante de que está certo, como se soubesse o caminho para o céu tão bem quanto sabe o caminho de sua casa para o mercado. A primeira coisa que o Espírito faz é apelar a alma de sua alta opinião que tem de si mesma, para com isso torná-la ensinável e dócil. "Homens irmãos", dizem aqueles convertidos após Deus com uma picada em seus corações ter deixado sair este vento de orgulho, "que faremos?" (At 2:37). O espírito deles agora baixa: estão dispostos a ser guiados, tão mansos e humildes que uma criança os pode guiar.

(b) Aquele que é guiado por outro é governado e determinado por aquele que é o seu guia sobre qual caminho deve seguir. Indaga, portanto, se o Espírito de Deus assim determina a tua alma em suas atuações e movimentos. Se és guiado pelo Espírito, caminhas segundo o Espírito, e vais pelo caminho que ele vai. Ora, sabes qual é o caminho do Espírito. Ele é o Espírito da verdade e guia em toda a verdade. A palavra de Deus é a estrada que ele mantém; se não caminhas por esta regra, ele não é o teu guia. Fala, portanto: que autoridade e influência tem a Palavra contigo? Consultas com ela e dás-lhe ouvidos? Ou é ela para ti como Micaías era para Acabe — tens medo de te aconselhar com ela (1Re 22)? Ou, quando o fazes, podes lançar o seu conselho às tuas costas e te atreveres a quebrar a sua cerca para perseguires os teus projetos ambiciosos ou avarentos? Se uma palavra estendida em teu caminho não te

detiver, não és guiado pelo Espírito de Deus, podes ter a certeza disso.

(c) *Ser guiado denota espontaneidade e disposição.* Esta é a diferença entre guiar e forçar. O coração carnal pode ser forçado pelas repreensões e convicções do Espírito, como um animal pela vara e espora; mas a alma graciosa segue o Espírito como uma criança a seu pai que a segura pela mão, sim, que clama após o seu pai para a levar consigo. "Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade" (2Co 3:17). O Espírito, de fato, "atrai", mas então a alma "corre após ele". Maria escolheu a "boa parte" (Lc 10:42); ela não lhe foi imposta contra a sua vontade. A obediência dos santos é comparada a um sacrifício: "Apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo..." (Rm 12:1); e não há sacrifício aceitável que não seja oferecido voluntariamente. O Espírito de Deus torna a alma "voluntária no dia do seu poder" (Sl 110:3). "Eu irei com este homem", disse Rebeca (Gn 24:58); ela estava tão disposta a ter Isaque como ele a tê-la. A alma graciosa responde ao chamado do Espírito como o eco à voz: "Buscai o meu rosto. O teu rosto, Senhor, buscarei" (Sl 27:8). Ora, este uso de prova requer uma dupla palavra de exortação:

Exortação àqueles que CARECEM DO ESPÍRITO DE ORAÇÃO

1. *Oh! esforça-te por obteres que este hóspede celestial venha a habitar em vossos corações.* Melhor te seria não ter o espírito de um homem do que carecer do Espírito de Deus. Se o Espírito Santo não está em ti, assegura-te de que o espírito maligno está; e caminho nenhum há para pores este hóspede incômodo fora de casa senão obtendo o Espírito de Deus para dentro. Podes saber onde a tua mansão eterna será, no céu ou no

inferno, no futuro, pelo espírito que preenche e move a tua alma aqui. Se Deus não toma a tua alma como mansão para o seu Espírito na terra, isso mostra que ele não prepara mansão alguma para a tua alma no céu, mas deixa-te para seres recebido por aquele no outro mundo que é o teu hóspede neste. Assim vês como a tua alma pende sobre o abismo infernal. Que curso podes tomar para evitar esta tua miséria sem fim que vem sobre ti? Te levantarás como Hamã para fazeres pedido pela vida de tua alma? Infelizmente! Não podes orar embora a tua vida dependa disso; careces do Espírito de Deus que te deveria ajudar nos gemidos e suspiros; deves viver antes de poderes respirar. A oração, como vês, não é obra da natureza, mas dom da graça; não uma questão de vontade e dotes, obtida por habilidade e arte humanas, mas ensinada e inspirada pelo Espírito Santo. No tribunal do homem, a língua do orador pode assim suavizar uma causa a ponto de a vencer. A retórica tem uma espécie de encanto nela que seduz os ouvidos dos homens, ele é chamado de "o eloquente orador" — *nekón láchash* — aquele que é habilidoso em um encanto (Is 3:3). Assim Abigail encantou a paixão de Davi com um discurso bem estruturado, e devolveu a sua espada à bainha que estava desembainhada para exterminar o seu marido e a sua família (1Sm 25). Mas as palavras, infelizmente! Por mais belas que soem, não fazem música aos ouvidos de Deus; de nada mais valem para ele quando o seu Espírito Santo não está com elas do que as orações e lágrimas de Esaú valeram para com o velho Isaque pela bênção (Gn 27). A mesma vara que realizou prodígios na mão de Moisés não faria tal coisa na mão de outro, por não ser movida com o Espírito que Moisés tinha. As mesmas palavras apresentadas na oração pelo próprio espírito privado de um homem são fracas e ineficazes, sim, desagradáveis e abomináveis; as quais, proferidas pelo Espírito de Deus em outro, são poderosas com Deus e sumamente

aceitáveis a ele. Os reis têm os seus cozinheiros, e não comem senão o que é preparado pelas mãos deles. O grande Deus, tenho a certeza, não gostará daquele sacrifício que o seu Espírito não prepara e oferece. Aquelas orações que são altamente estimadas e aplaudidas pelos homens são às vezes uma grande abominação para o Senhor, que vê o coração ser mau e totalmente desprovido de seu Espírito e graça. E, pelo contrário, aquelas orações que são desprezadas e duramente censuradas pelo homem podem ser altamente agradáveis a Deus. Eli ficou ofendido com Ana e tomou-a por uma mulher embriagada; mas Deus a conhecia melhor, de que não estava embriagada com vinho, mas cheia do Espírito na oração, e por isso respondeu graciosamente ao seu pedido (1Sm 1). Foi sabiamente feito daquele grego que, sendo enviado embaixador a um príncipe estrangeiro, estudou a língua do país para que pudesse mais eficazmente persuadir o rei ao apresentar a sua embaixada em sua própria língua. Oh, obtém tu o Espírito de Deus, para que possas orar a Deus na língua do céu, e não há temor senão de que terás sucesso. Ora, se queres obter o Espírito:

(1.) Trabalha para seres profundamente sensível ao teu deplorável estado enquanto estiveres sem o Espírito. Uma criatura insípida e sem valor és tu, Deus o sabe, incapaz de qualquer dever, inapta para qualquer consolo. O Espírito é frequentemente na Escritura comparado à água, à chuva e ao orvalho. Ora, assim como a terra é estéril e não pode produzir fruto algum sem estes, da mesma forma é o coração do homem sem o Espírito de Deus. Oh, sensibiliza a tua alma com isto! Quando os campos estão queimados por falta de chuva, o homem e o animal lamentam; sim, a própria terra, fendida pela seca, ao abrir a sua boca sedenta expressa a sua extrema necessidade de algumas chuvas benfazejas vindas dos céus para

a refrescar. E não tens tu percepção alguma de tua condição dolorosa? O que é pior, pensas tu — ter a terra de ferro ou o teu coração de pedra? Que os frutos e animais do campo pereçam por falta de água, ou a tua alma por falta do Espírito? Oh! Pudesses tu apenas ser levado a lamentar a tua carência, haveria esperança de a ver suprida: "Porque derramarei água sobre o sedento, e rios sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade..." (Is 44:3).

(2.) *Quando estiveres internamente queimado com a percepção de tua condição sem espírito e sem graça, vai e implora calorosamente este dom de Deus.* Agora vais em boa hora e podes esperar ter sucesso. Possivelmente tenhas anteriormente orado pelo Espírito, mas de modo tão superficial e indiferente que entristecestes o seu Espírito enquanto estiveste orando por ele. Mas agora vês a tua necessidade dele, e a ti mesmo arruinado a menos que o possas obter; e, portanto, espero que não feches agora a porta às tuas próprias orações sendo um suplicante frio; o que se não fizeres, tens a certeza de o trazeres contigo. O próprio Cristo te assegura isso mesmo. Recebe-o de sua própria boca: "Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" (Lc 11:13). Um pai pode negar ao seu filho caprichoso pão para brincar e jogar sob os pés, mas não ao seu filho faminto que clama por pão para preservar a sua vida. Deus pode, e irá, negar àquele que pede o Espírito para se orgulhar de seus dons, mas não à alma faminta que, apertada pela sua carência de graça, humilde contudo veementemente clama: "Senhor, dá-me o teu Espírito, ou do contrário desfaço-me de fome, eu morro". Mais ainda: permite-me dizer-te que os teus fortes clamores e orações fervorosas pelo

Espírito seriam uma doce evidência para ti de que já o tens dentro de ti.

(3.) *Coloca-te sob a Palavra pregada.* Este é o *vehiculum Spiritus* — a carruagem do Espírito em que ele viaja, chamada por isso de "o ministério do Espírito". A serpente, aquele espírito maligno, infiltrou-se no coração de Eva pelo ouvido; e o Espírito Santo ordinariamente entra pela mesma porta, pois ele é recebido "pela pregação da fê" (Gl 3:2). Os que abandonam o ouvir a Palavra para se encontrarem com o Espírito agem como se um homem voltasse as costas ao sol para que este brilhasse em sua face. Os pobres não ficam em casa para os ricos levarem as suas esmolas à casa deles, mas vão à porta deles e ali esperam por alívio. Convém-te, pobre criatura, esperar junto aos umbrais da sabedoria, e não esperares que o Espírito venha ao teu encontro. Se o mestre vem à casa do aluno vadio, é para o açoitar para a escola.

(4.) *Tem cuidado para não resistires ao Espírito quando ele fizer as suas abordagens a ti na Palavra.* Às vezes ele bate e, deparando-se com uma recusa, vai-se embora da porta do pecador. Isto é perigoso. Aquele que prometeu entrar se abirmos não prometeu vir novamente se indelicadamente o mandarmos embora. Ele, de fato, frequentemente retorna após recusas; mas às vezes, para demonstrar a sua liberdade, ele não o faz, mais ainda, deixa um cadeado, por assim dizer, na porta, uma dureza judicial e incredulidade, que chave alguma de ministro pode abrir. Assim Cristo lidou com aqueles que de modo tão polido se desculparam perante os seus mensageiros que os convidavam: "Porque eu vos digo que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia" (Lc 14:24). Move-se o Espírito em teu coração em uma ordenança? Talvez seja pelas repreensões secretas direcionando o dedo do ministro, sem que

este o saiba, para tocar a tua parte dolorida. Oh! tem cuidado sobre como te comportas agora para com o Espírito. Não quebres contenda com o pregador, como se ele tivesse má vontade contra ti e viesse como espião para descobrir a nudez de tua alma. Não te debates contra as tuas convicções, não abafes os movimentos do Espírito Santo em teu próximo travesseiro à noite, mas antes acolhe-os e aproveita-os. Não é pequena misericórdia que, enquanto o Espírito passava em sua carruagem, ele quisesse parar à tua porta e dar-te tão misericordiosa advertência, a qual, se recebida com bondade, pode trazer um tratado de paz entre Deus e ti que termine em tua conversão aqui e salvação no futuro. Engrandeceu o favor que Deus concedeu à viúva de Sarepta o fato de haver muitas outras viúvas em Israel ao mesmo tempo, mas o profeta foi enviado a ela e não a elas (1Re 17). Assim engrandece esta misericórdia concedida a ti o fato de haver muitos outros pecadores na congregação, e contudo o Espírito não ser enviado a eles, mas a ti; que as setas dele devessem voar sobre as cabeças deles, e ser disparadas contra a tua janela com uma mensagem secreta do céu para despertar a tua consciência sonolenta e atrair as tuas afeições do pecado para Cristo. Verdadeiramente, o reino do céu aproximou-se de ti. Sê apenas amigável para com estes movimentos dele e terás mais de sua companhia.

(5.) *Conversa com os santos que têm o Espírito de Deus neles.* Os que querem aprender uma língua estrangeira associam-se com homens daquele país cuja língua nativa ela é. Gostarias de ter o Espírito, e assim aprender a falar com Deus na língua do céu? Associa-te com aqueles que, por razão de sua natureza celestial, estarão falando de Deus e das coisas de Deus para ti. É verdade que eles não podem derivar e propagar esta sua natureza espiritual; mas é igualmente verdade que o Espírito

de Deus pode tornar os discursos graciosos que eles proferem vitais e vivificantes para ti. Enquanto estás com tais pessoas, caminhas na companhia do Espírito. José e Maria buscaram Cristo entre os seus parentes, supondo ser mais provável encontrá-lo entre eles (Lc 2). E é mais provável encontrar o Espírito de Cristo entre os santos, os seus parentes espirituais, do que entre estranhos. O Espírito de Deus veio sobre Saul quando estava entre os profetas; ao ouvi-los profetizar e louvar a Deus, o seu espírito foi movido também a fazer o mesmo (1Sm 10). Quem sabe se o teu coração não se aquecerá no fogo deles, e pelo aroma de suas graças seja atraído tu mesmo ao amor da santidade? Mas, acima de tudo, tem cuidado com a companhia profana; esta é um grande apagador da obra do Espírito. Quando Davi se resolve por Deus e por uma vida santa, ele dispensa os ímpios de perto de si: "Apartai-vos de mim, malfeitores, para que guarde os mandamentos do meu Deus" (Sl 119:115). O lavrador cerca as suas plantas jovens para afastar o gado delas. Se houver quaisquer rebentos e brotos do Espírito da graça em ti, se não queres ver todos arrancados e roídos, não escolhas homens de espírito profano para teus associados. Eles são como o vento do norte que afasta a chuva. Quando o Espírito de Deus esteve movendo-se em uma alma, as nuvens começam a se formar em seu peito, e algumas esperanças de uma chuva de arrependimento a seguir; então vem a companhia ímpia e afasta todas essas nuvens, até que não reste sinal algum em seu coração do que antes havia grandes esperanças.

***Exortação àqueles que pelas regras de prova
DESCOBREM QUE O ESPÍRITO DE DEUS ESTÁ NELES***

2. Aos santos; a palavra que tenho para vós é suplicar-vos que não entristeçais ou apagueis o Espírito Santo em vossos peitos. Não podes suportar viver muito tempo sem oração se és

um santo, tampouco és capaz de orar com propósito sem ele. Quando ele se retira, a tua mão imediatamente esquecerá a sua destreza. Um frio tal invadirá a tua alma que terás pouca disposição para orar, pois é ele quem te desperta para o dever; e, se te arrastares para ele, não estarás aquecido no trabalho, pois é o seu sopro divino que deve fazer a tua madeira verde queimar, as tuas afeições se acenderem. As roupas não aquecem o corpo até que o corpo as aqueça; e o corpo não as pode aquecer a menos que a alma, que é o princípio da vida, o aqueça. Se não houver calor no coração, não pode haver fervor na oração; e sem o Espírito de Deus — que é a alma do cristão e o que a sua alma é para o seu corpo — calor algum benigno pode haver na alma. Oh! tem cuidado, portanto, de não o entristeceres, para que, agastado, ele não recuse ajudar-te. Ora, de três maneiras o Espírito de Deus pode ser desagradado por um santo, de modo a fazê-lo negar o seu auxílio habitual na oração:

(1.) Por algum pecado secretamente abrigado no coração: "Se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá" (Sl 66:18). Ora, quando Deus recusa ouvir, podemos ter a certeza de que o Espírito recusa ajudar, pois Deus nunca rejeita uma oração que o seu Espírito redige e o seu Filho apresenta. O pecado é tão ofensivo ao Espírito Santo que, onde quer que seja bem-vindo, ele demonstrará o seu desagrado. Se queres que esta pomba pura permaneça contigo, certifica-te de manteres limpo o seu aposento. Contaminaste-te com algum pecado conhecido? Não penses em ter a sua ajuda na oração até que ele te tenha ajudado a te arrependeres dele. Ele te levará à bacia antes de ir contigo ao altar. O músico limpa o seu instrumento que caíra na lama antes de o colocar à sua boca. Se gostarias de ter o Espírito de Deus respirando em tua alma na

oração, não lha apresentes manchada com pecado algum sem arrependimento.

(2.) *Pelo frequente resistir ou adiar os seus movimentos.* Assim como o Espírito ajuda na oração, ele também desperta para a oração; ele é o devedor de memória e monitor do santo: "ele vos ensinará todas as coisas", diz Cristo do Espírito, "e vos fará lembrar de tudo..." (Jo 14:26). Deus chamou Jacó a subir a Betel (Gn 35), da mesma forma o Espírito impulsiona o santo ao dever: "Tal misericórdia recebeste — levanta-te, cristão, louva o teu Deus por ela enquanto está fresca em tua memória e quente em teu coração. Tal tentação se apresenta diante de ti — vai orar para que não sejas levado a ela. O teu Deus espera pela tua companhia e aguarda a tua assistência; agora é o tempo adequado para te retirares para maneres comunhão com ele e lhe prestares a tua homenagem". Ora, quando o cristão adiar estes movimentos e não aproveitar o sinal que ele dá, mas de tempos em tempos negligenciar o seu conselho e descontinuar o seu conhecimento com Deus, não obstante estes seus lembretes, ele fica excessivamente agastado e, considerando-se desprezado, desiste de o chamar e deixa a alma por um tempo, até que a sua ausência, e as tristes consequências dela, o levem a ver a sua folia e o preparem para receber os seus movimentos de forma mais bondosa no futuro. Assim Cristo deixa a esposa em sua cama quando ela não quer se levantar ao seu bater, e a faz correr atrás dele com muitos passos fatigantes antes de ser visto por ela (Ct 5). É justo que Deus eleve o preço de sua misericórdia quando não a queremos ter quando oferecida a preço fácil. Três vezes Cristo chama os seus discípulos sonolentos a "vigiar e orar" para que não "entrassem em tentação", mas os encontra ainda dormindo quando vem; o que diz ele então? Verdadeiramente diz-lhes:

"Dormi agora..." (Mt 26:45), como se dissesse: "Tomai o vosso curso e vede o que resultará dele". De fato, logo o viram para a sua dor, pois todos imediatamente caíram naquela mesma tentação que o seu mestre tão oportunamente os alertara pela oração para evitarem, e isto os acordou com propósito.

(3.) *Pelo orgulharmo-nos em e com os auxílios que ele dá.* O orgulho é um pecado a que Deus resiste por onde quer que o encontre; pois, de fato, é um pecado que compete com o próprio Deus pela primazia. Já é tempo de o Espírito se retirar quando a sua casa é abandonada sobre a sua cabeça. Ele toma isso como uma advertência para ir embora quando a alma se eleva em seu próprio assento; se ele não puder ter a honra do trabalho, não terá parte nele. Ora, o homem orgulhoso faz do Espírito um subordinado de si mesmo, ele usa os seus dons para se erguer com eles. De três maneiras o orgulho se revela na oração, e todas devem ser resistidas se pretendemos ter a companhia do Espírito:

(a) *Quando a criatura atribui a obra do Espírito a si mesma* e coloca o seu próprio nome sobre o dever onde deveria escrever o do Espírito; como Calígula, que colocou a imagem de sua própria cabeça na estátua de Júpiter. Em vez de bendizer a Deus pela ajuda, ele se aplaude e tem uma opinião elevada de suas próprias habilidades, agradando-se de quais expressões e ampliações de afeição teve no dever. Isto é furto simples, um pecado de que cada alma graciosa necessariamente deve tremer. O roubo de igreja é uma grande impiedade: oh! o que é, então, o roubo do Espírito! "vivo, não mais eu" (Gl 2:20), diz Paulo; "trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus, que está comigo" (1Co 15:10). Assim debes tu, cristão, dizer: "Orei, contudo não eu; trabalhei e lutei, contudo não eu, mas o Espírito de Deus que estava comigo". Não te

aplaudadas em tua aboboreira, mas humildemente admira a graça e condescendência de Deus ao ajudar criatura tão pobre como tu és. Assim fez Davi: "Porque quem sou eu, e quem é o meu povo, que pudéssemos oferecer voluntariamente coisas semelhantes? Porque tudo vem de ti, e do que é teu lho damos" (1Cr 29:14). Aquele administrador merece ser destituído de seu cargo que se vangloria do dinheiro de seu senhor como seu próprio.

(b) Quando vamos ao dever na confiança de dons e graça que já recebemos, e não reconhecemos a nossa dependência do Espírito ao nos lançarmos, após todas as nossas preparações, sobre ele para ajuda atual: "quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" (Lc 11:13). E não é pedir uma só vez por todas o que servirá ao propósito. Podes ter a sua ajuda pela manhã e carecer dela à noite, se não pedires humildemente de novo o seu auxílio. Sabeis como Sansão foi tratado quando pensou em sair como costumava fazer (Jz 16). Infelizmente, pobre homem, o caso estava alterado: ele estava fraco como a água; o Espírito se fora e levava a sua força consigo. Deus quer que tu, ó cristão, saibas que a chave de teu coração pende em seu cinto, e não no teu próprio, para que sejas capaz de o abrir e alargar ao teu bel-prazer. Reconhece a Deus, e o seu Espírito te ajudará; mas "estriba-te em teu próprio entendimento" e tens a certeza de sofrer uma queda. Quando o orgulho está na sela, a vergonha está na garupa; se o orgulho estiver ao início de um dever, a vergonha estará ao final dele.

(c) Quando não confiamos em nossas orações, mas inteiramente na mediação de Cristo para aceitação e audiência. Isto é orgulho manifesto e altamente depreciativo para com a honra de Cristo. Deus, de fato, aceita os santos na oração, mas não por causa de sua oração, senão por amor de Cristo. Ora, o Espírito, que é o mensageiro de Cristo, debes ter

a certeza de que não dará o seu auxílio para roubar Cristo de sua glória. Quando ele te ajuda a orar, se desses ouvidos à sua voz, poderias ouvi-lo chamando-te para fora de ti mesmo e de toda a confiança em tuas orações, para confiares inteiramente na mediação de Cristo. Ofende a Cristo, e tens a certeza de entristecer o seu Espírito.

QUARTA DIVISÃO — A GUARDA DA ORAÇÃO

"e vigiando nisto..."

Estas palavras apresentam-nos o quarto ramo no diretório do apóstolo para a oração, a que chamei de guarda da oração. A oração para os santos é como a grande artilharia para um exército — de grande utilidade para os defender e de igual força para realizar execução sobre os seus inimigos; ela, portanto, necessita de uma guarda tanto mais forte estabelecida ao seu redor, para que não lhes seja tomada ou voltada contra eles pelo inimigo. Ora, a guarda que o Espírito de Deus aqui designa a esta grande ordenança da oração é a vigilância — "vigiando nisto". A vigilância é própria ou imprópria, literal ou metafórica: PRIMEIRA. A vigilância, tomada literalmente, é uma condição do corpo. SEGUNDA. A vigilância é tomada metafóricamente para a vigilância ou atenção da alma.

O dever de vigiar na oração

PRIMEIRA. A vigilância, tomada literalmente, é uma condição do corpo. Apenas aquilo que é sujeito ao sono pode propriamente ser dito que vigia; e assim o é o corpo, mas não a alma. Assim, vigiar em sentido religioso é uma privação

voluntária do sono de nossos corpos, para que possamos passar todo ou parte da noite em exercícios piedosos. Assim, os judeus guardaram a noite da páscoa santa (Êx 12:42). O nosso Salvador frequentemente passava a noite em oração (Mt 14:23; 26:38). Encontramos Paulo trilhando os passos de seu Senhor e Mestre: "em vigílias, em jejuns" (2Co 6:5). Muitas doces iguarias espirituais a alma devota do santo Davi obteve na noite, quando os outros jaziam em suas camas: "A minha alma se fartará, como de tutano e de gordura... quando me lembrar de ti na minha cama e meditar em ti nas vigílias da noite" (Sl 63:5-6). Não há dúvida de que, para uma alma devota, em algumas ocasiões extraordinárias — guardada a superstição e respeitada a saúde —, assim vigiar para a oração é não apenas louvável, mas deleitável. *Vigiliae in quantum valetudinem non perturbant, si orando, psallendo, legendo sumantur, in delicias spirituales convertuntur* [As vigílias, contanto que não perturbem a saúde, se forem passadas em orar, cantar salmos e ler, convertem-se em delícias espirituais] — feliz alma, que pode assim esgueirar-se na escuridão para os braços de seu amado e vigiar para a devoção enquanto os outros vigiam para fazer o mal ou se preencherem com prazeres impuros (Agostinho). Este é o cristão cuja alma, como o vellocino de Gideão, será preenchida com os orvalhos e influências do céu acima dos outros (Jz 6). Mas:

SEGUNDA. A vigilância é tomada metaforicamente para a vigilância ou atenção da alma. Esta é a principalmente pretendida aqui, e em outras Escrituras onde nos é ordenado vigiar (Mc 13:35; Ap 16:15; 1Ts 5:6; 1Pe 5:8; *cum multis aliis* [com muitos outros]). Ora, nós compreenderemos melhor que dever nos é imposto sob esta palavra "vigiar" se considerarmos o que é a vigilância corporal. Duas coisas ela importa: o acordar e o trabalhar. Quando um homem acorda na

noite para atender a algum negócio que então deve ser feito, esse tal unicamente vigia de verdade; um homem que não dorme na noite, mas sem propósito algum, por não ter negócio de que tratar, pode ser dito que acorda, mas não que vigia, pois isto se refere a algum emprego de que tem o encargo de cuidar. Assim, diz-se que os pastores "guardavam as vigílias da noite sobre o seu rebanho" (Lc 2:8), e os discípulos "vigiam" com Cristo enquanto velavam para o assistir na noite anterior à sua paixão (Mt 26:40). De modo que, para um cristão, vigiar em sentido espiritual é preservar a sua alma acordada em relação ao pecado no auge deste mundo, para que possa guardar o encargo do Senhor e realizar o dever imposto sobre si como cristão. Ora, sendo a oração um dever principal que ele deve atender e visar com todas as suas forças, por isso a vigilância é frequentemente unida a ela (Mt 26:41; Mc 13:33; Lc 21:36; Cl 4:2; 1Pe 4:7). Na condução deste dever de vigiar na oração, mostrarei: Primeiro. Por que o cristão deve vigiar na oração. Segundo. Em que consiste o dever de vigilância em referência à oração. Terceiro. Estabelecerei a guarda do cristão para ele, dando alguns pequenos conselhos e auxílios para a sua realização deste dever de vigilância; pois não se trata de um dever temporário, mas para toda a sua vida.

POR QUE o cristão deve vigiar na oração

Primeiro. Mostrarei por que o cristão deve vigiar na oração:

1. Razão. Por causa da importância do dever da oração. Nenhuma ação com que o cristão se depare em toda a sua vida é de maior peso e momento do que esta da oração; e isto em relação a Deus ou a si mesmo:

(1.) *Em relação a Deus.* A oração é um ato de culto religioso; lidamos imediatamente com o grande Deus, a quem nos aproximamos na oração. Ora, a religião é tão sensível quanto o olho; não é coisa para ser tratada com brincado ou conduzida sem grande cuidado e atenção. A oração é dever sagrado demais para ser realizada entre o sono e o acordar, com um olho pesado ou um coração sonolento. Disto Deus se queixou: "E já ninguém há que invoque o teu nome, que se desperte para te deter..." (Is 64:7). Ele não considera oração aquela em que o coração não está desperto e ativo. De nenhum modo podemos mais honrar ou desonrar a Deus do que na oração. Oh! quão devidamente, então, devemos vigiar para este dever!

(2.) *Novamente, em relação a nós mesmos;* pois o nosso comportamento na oração tem uma influência universal em todos os passos de toda a nossa vida. Como um homem se porta neste dever, assim tende a se portar em todos os demais. Se for descuidado na oração, será superficial no ouvir, frouxo em sua caminhada; ele descobrirá que fracassa em todos os seus empreendimentos, é enredado em todos os seus desfrutes, vencido por cada tentação e desajustado em cada aflição com que se deparar. E a razão de tudo isto é porque a nossa força tanto para fazer quanto para sofrer provém de Deus. Ora, Deus comunica o seu auxílio aos seus filhos por via de comunhão com eles. Eles pedem, e recebem; buscam, e acham; batem, e o tesouro da misericórdia se lhes abre. A oração é o canal em que corre a corrente da graça divina, bênção e consolo da parte de Deus, a fonte, para dentro do reservatório de seus corações. Represa o canal, e a corrente é interrompida. Se o estômago não realiza a sua função, todos os membros carecem de sua nutrição. Se o comércio falha na oficina, pouca comida há em casa.

2. Razão. A vigilância é de tão grande importância para a oração como a oração o é para todos os nossos outros deveres. Nenhum dever pode ser bem despachado sem a oração, nem a oração sem a vigilância; pois não é a oração, mas a oração realizada de uma maneira santa e espiritual que é eficaz. Ora, isto não pode ser feito quando se está fora de guarda. Surpreende o cristão em um cochilo, com a sua graça adormecida, e ele não estará mais apto para orar do que um homem está para trabalhar enquanto dorme. O que quer que um homem esteja fazendo, o sono, quando vem, põe um fim a isso. O sono é o grande nivelador do mundo: ele torna todos os homens iguais. O homem forte é tão incapaz de se defender de um inimigo em seu sono como o é a criança. O homem rico dormindo e o homem pobre são iguais: ele desfruta de seus bens não mais do que se nenhuns tivesse. Assim, o cristão, enquanto as suas graças estão adormecidas, assemelha-se àquele que não tem graça — refiro-me quanto ao uso presente delas —: ele orará como o homem carnal o faz, desfrutará de Deus no dever não mais do que tal pessoa o faria. Oh, quão triste é isto! E no entanto, quão propensos estamos a ceder a esta sonolência de espírito na oração! Ela se infiltra insensivelmente sobre a alma, assim como o sono faz sobre o corpo; o coração se vai antes que o cristão se dê conta. Tanto maior necessidade há, portanto, de vigiar contra isso.

3. Razão. Porque Satanás é tão vigilante contra a oração, convém ao cristão vigiar na oração. Onde deveria ser estabelecida a guarda mais forte senão onde o inimigo faz o seu ataque mais feroz? Este é o forte que ele bombardeia e trabalha com todas as suas forças para afastar o cristão dele, sabendo muito bem que os projéteis que mais o ferem saem de lá. O que ele faz de outro modo contra o cristão tem o propósito de impedir

as suas orações (1Pe 3:7), assim como um inimigo ataca uma parte da cidade para desviar as forças deles de outro local que ele principalmente deseja conquistar. De fato, a alma nunca cai totalmente em suas mãos até que abandone este dever: "Orai para que não entreis em tentação". Às vezes a cidade é tomada, e o inimigo é forçado a recuar novamente por aqueles que estão no castelo que domina a cidade. A oração é como tal castelo. Às vezes o cristão nada mais tem senão um espírito de oração, e com este ele bate de volta o diabo de todas as suas vantagens, e arranca de suas mãos as suas recém-adquiridas vitórias.

EM QUE consiste a vigilância na oração

Segundo. A segunda coisa que prometi foi mostrar em que deve o cristão expressar a sua vigilância em referência a este dever da oração. Considera-o nestes três pontos particulares: 1. Ele deve vigiar antes da oração. 2. Deve vigiar na oração. 3. Deve vigiar após a oração.

1. O cristão deve demonstrar a sua vigilância antes da oração; e isto:

(1.) Vigiar pelo momento adequado para orar. Não podemos estar sempre de joelhos. Podemos servir a Deus o dia todo, mas cultuá-lo não podemos; este é um dever que exige alguns momentos determinados para os seus exercícios. Ora, é o nosso dever vigiar pelo momento da oração assim como o comerciante vigia pela hora da bolsa de valores; ele ordena os seus outros afazeres de modo que de nenhum modo perca aquela hora. Assim, o cristão deveria se esforçar por dispor as suas ocasiões de modo que as suas devoções não sejam excluídas ou confinadas em apertos de tempo pela sua imprevidência; não, nem interfiram com outros deveres necessários. Muitas crianças

belas são perdidas por um parto prematuro, e muitos deveres bons estragados por serem unseasonably realizados.

(2.) *Mantendo uma guarda estrita sobre si mesmo em todo o seu curso de vida:*

(a) *Evitando tudo o que possa contaminar a sua consciência*, e assim o tornar inadequado para a comunhão com Deus. Assim, o sacerdote devia vigiar-se para não tocar em coisa alguma imunda, significando Deus com isso que ele quer que sejam santos em suas vidas os que se aproximam dele nos deveres de seu culto.

(b) *Por um cuidado santo em observar e guardar as passagens mais notáveis da providência de Deus para com ele*, bem como a disposição e o comportamento de seu próprio coração para com Deus ao longo do intervalo entre oração e oração. A falta desta parte de vigilância é a causa pela que somos tão secos e estéreis na realização deste dever. Não admira que ele careça de assunto para a sua oração à noite, e brinque nela com impertinências, ele que não entesourou o que se passou no dia entre Deus e ele. Embora o ministro não esteja fazendo o seu sermão durante toda a semana, contudo, ao observar em seus outros estudos o que possa ser proveitoso para ele naquela obra, ele se mune de muitas indicações que o ajudam quando se dispõe a fazê-lo. Tal vantagem encontrará o cristão para a oração ao guardar as instâncias notáveis das providências de Deus para com ele e de seu comportamento para com Deus novamente sob elas; estas lhe fornecerão os materiais necessários para a realização do dever. O úbere vai se enchendo enquanto o gado está pastando ou ruminando e, conseqüentemente, rende mais abundantemente quando ordenhado à noite. Verdadeiramente assim ocorre aqui. Aquele cristão necessariamente deve ser o

mais frutífero e abundante em suas devoções, quando vem derramar o seu coração a Deus na oração, aquele que esteve assim enchendo-o todo o dia com meditações adequadas e auxiliadoras ao dever. Gostaria de louvar a Deus? Ele tem as proteções, os livramentos e os auxílios que Deus lhe concedera à mão, no livro de notas de sua memória, os quais outro perdeu por falta de os registrar neste livro de memórias. Gostaria de confessar humildemente os pecados do dia? Ele imediatamente recorda: "Nesta companhia esqueci-me de mim mesmo e falei precipitadamente com os meus lábios; naquele desfrute observei que o meu coração foi desordenado; este dever omiti; naquele fui remisso e negligente ao fazer". Ora, que maravilhoso auxílio tem tal alma acima de outra que caminha ao acaso para colocar a sua alma em uma disposição de quebrantamento e pranto? O olho afeta o coração. A presença do objeto atua a afeição. A visão de um inimigo desperta a ira; a visão de um amigo querido desperta o amor e coloca o homem em um arrebatamento repentino — em quem, talvez, ele não teria pensado se não o tivesse visto. Como podem chorar pelos pecados do dia à noite os que não se lembram mais deles do que Nabucodonosor de seu sonho?

(c) *Pelo exercício frequente da oração ejaculatória.* Ele não vigia para orar aquele que nunca pensa em Deus senão quando está de joelhos; pois, por esta longa descontinuação de seu conhecimento com Deus, ele se indispõe para as abordagens mais solenes de sua alma a ele. O jejum prolongado retira o apetite. O cristão descobrirá que, quanto mais frequente ele estiver refrescando o seu espírito com estes pequenos goles e curtos desfrutes do céu, maior será o gole que poderá tomar quando retornar à sua refeição determinada da oração matutina e vespertina. Pois, por meio disto, ele será protegido de afeições

mundanas, as quais desanimam excessivamente o coração, e também estará temperado e preparado para maior comunhão com Deus. Estas caminhadas curtas frequentemente tomadas mantêm a alma em fôlego para uma jornada mais longa.

2. *O cristão deve vigiar na oração.* Não basta vigiar o filho para que ele vá à escola, mas o olho do mestre deve vigiá-lo na escola; ser preguiçoso na escola é tão ruim quanto faltar a ela. Fazes bem, cristão, em cuidares de ti mesmo antes da oração, e em veres que o dever não seja omitido; mas deitarás tudo a perder agora à porta da escola? Verdadeiramente então todo o teu cuidado anterior é para pouco propósito.

(1.) *Devemos vigiar o nosso homem externo* e o despertar do sono e da preguiça. Se o corpo for pesado de olhos na oração, a alma necessariamente será pesada de pés; a caneta cai da mão do escritor quando ele adormece. "Vigiai e orai" (Mt 26:41), diz Cristo aos seus discípulos; ele sabia que eles não podiam fazer aquele trabalho cochilando. E contudo, quanto não vemos na hora da oração em nossas congregações pessoas tão distantes de vigiar, neste sentido, que convidam o sono a vir sobre si ao se deitarem em uma postura preguiçosa? Certamente, amigos, a comunhão com Deus vale a pena mantermos os nossos olhos abertos. Pouco pensam estes preguiçosos que desprezo lançam sobre Deus e sua ordenança. Maravilho-me de que alguém possa dormir no culto de Deus e não sonhar com o fogo do inferno em seu sono. Mas não basta manter o teu corpo acordado se permites que a tua mente divague: "Desvia os meus olhos de contemplarem a vaidade e vivifica-me no teu caminho" (Sl 119:37).

(2.) *Devemos vigiar a nossa alma na oração.* A alma é o homem, e a alma na oração é a própria alma da oração. Vigia

quais são os seus fins e objetivos, para que não atire fora do alvo. Vigia que força e vigor a tua alma aplica na obra. As nossas orações falham por atirarem alguém bem como ao lado. Em uma palavra: deves guardar o teu coração com toda a diligência de um fim do dever ao outro, ou do contrário ele te escapará antes que te dê conta. Quão frequentemente, infelizmente! Começam as nossas almas a falar com Deus na oração, e de repente caem a conversar com o mundo! Ora o nosso coração está aquecido na obra, e perseguimos arduamente a Deus com o pleno clamor de nossas afeições; mas logo nos perdemos e voltamos a ficar frios. O santo Davi era sensível a isto, e por isso o temos no meio deste dever suplicando ajuda de Deus para reunir o seu coração divagante: "Une o meu coração ao temor do teu nome" (Sl 86:11).

3. O cristão deve vigiar após a oração:

(1.) Convocando a sua alma a uma revisão do dever; de como ele foi realizado por si. O próprio Deus, quando terminou as obras da criação, olha para trás para as examinar: "E viu Deus tudo quanto tinha feito..." (Gn 1:31) — isto é, ele examinou a sua obra, como um artista faria com um desenho que fizera. Ele nos deu a todos a faculdade de refletir sobre as nossas ações e espera que a usemos, sim, queixa-se daqueles que não "consideram os seus caminhos e ações". Muitos deveres dependem disto. Aquele que não olha para trás para ver como orou pode ser humilhado pelos pecados que se apegaram à oração? E perdoará Deus o que ele não toma cuidado em conhecer, para que demonstre o seu arrependimento por eles? Ou corrigirá ele aquelas falhas na próxima oração as quais não encontrou na anterior? Não, mas antes as aumentará. Não precisamos regar as ervas daninhas; basta deixá-las sem arrancar e crescerão sozinhas. Este é o preguiçoso cuja alma logo correrá

em um deserto, e será coberta com aqueles pecados na oração, os quais por fim podem abafar o próprio espírito de súplica nele.

(2.) *Observando qual é o resultado e sucesso de sua oração.* Assim como deve olhar para trás e ver como orou, deve olhar para a frente para observar que retorno encontra de sua oração. Orar, e não vigiar o que acontece com a nossa oração, é uma grande tolice e não pequeno pecado; como crianças que atiram pedras em um rio, as quais nunca mais esperam ver. O que é isto senão tomar o nome de Deus em vão e brincar com uma ordenança que é santa e sagrada? Contudo assim, infelizmente! Fazem muitos que batem à porta de Deus — como crianças vadias à nossa — e depois correm para o mundo, como elas para as suas brincadeiras, e não pensam mais em suas orações. Ou como Pilatos, que perguntou a Cristo: "O que é a verdade?" e, quando disse isto, saiu para os judeus, esquecendo-se do que perguntara (Jo 18:38). O santo Davi não julgava a oração uma missão tão ociosa: "De manhã ouvirás a minha voz, ó Senhor; de manhã apresentarei a minha oração a ti, e vigiarei" (Sl 5:3). Primeiro, ele é cuidadoso em tomar a mira correta ao entregar esta seta de oração, que envia com uma mensagem ao céu: "apresentarei a minha oração a ti". Depois, é igualmente cuidadoso em observar onde a sua seta cai e que resposta lhe é dada: "e vigiarei", o que equivale a tanto quanto aquela expressão: "Escutarei o que Deus, o Senhor, falar" (Sl 85:8) — isto é, a mim, a respeito da oração que nos versículos imediatamente anteriores ele fizera: "Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia, e concede-nos a tua salvação". Quando o comerciante enviou o seu navio ao mar, ele inquire na bolsa de valores a respeito dele, para saber como ele chegou ao seu porto, se está de retorno e com qual carga. Quando o agricultor semeou a sua semente na terra, então ele vem quase todos os dias para

ver como ela germina. Isto, cristão, é vigiar na oração, esperar por respostas à oração. Mardoqueu, sem dúvida, apresentara muitas orações por Ester, e por isso ele espera à porta do rei, vigiando qual resposta Deus em sua providência daria a elas (Et 2).

A guarda ou vigilância do cristão sobre a oração ESTABELECIDADA PARA ELE

Terceiro. A terceira coisa que prometi foi estabelecer a guarda do cristão para ele, dando alguns pequenos conselhos e auxílios para a sua realização constante deste dever de vigilância. Ao fazermos isto, tomamos os seguintes pontos:

1. Ponto. Não abriga pecado algum conhecido em teu peito. O pecado tem dois efeitos contrários sobre a consciência, e ambos bastante tristes: ou preenche a consciência de horror, ou a entorpece e estupra; quebra o descanso da alma ou retira os seus sentidos. O segundo é o mais comum. Permite que o diabo te unte as têmporas com este ópio, e estarás em perigo de cair na doença do sono de uma consciência estúpida; pouca disposição então terás para orar. Ou, se ele tiver o outro efeito sobre ti, terás tanto medo de orar como agora tens pouco desejo de o fazer.

2. Ponto. Acautela-te de qualquer excesso em tuas afeições para com a criatura. Um homem embriagado, de todos os outros, é o mais inadequado para vigiar. Um tal adormecerá assim que se assentar em sua cadeira. Ora, toda desordem de afeição é uma embriaguez espiritual. Cristo une ambas as coisas: "E olhai por vós mesmos, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados desta vida, e aquele dia venha sobre vós de improviso" (Lc 21:34). Trata-se de um preservativo contra a sonolência de espírito, para que o dia do Senhor não os encontre dormindo. E, das duas, a

embriaguez da afeição é a pior. Aquele que se embriaga fisicamente à noite está sóbrio pela manhã; mas o que está sobrecarregado com os cuidados ou com o amor do mundo levanta-se tão embriagado como quando se deitou; e como pode ele então vigiar na oração? Temos, portanto, estas duas coisas frequentemente unidas: "vigieiros e sejamos sóbrios" (1Ts 5:6); "Sede, pois, sóbrios e vigiai em oração" (1Pe 4:7). Seja qual for a afeição, a intemperança dela coloca a alma sob uma desordem de saúde e a indis põe para a oração. É a tristeza? O nosso Salvador encontra os seus discípulos "dormindo de tristeza" quando deveriam ter vigiado e orado (Lc 22:45). É o amor? Este deitou Sansão a dormir no regaço de Dalila (Jz 16). O coração do homem não tem espaço suficiente para Deus e para o mundo ao mesmo tempo. Afeições mundanas não favorecem as espirituais. O coração que se despende em chorar pelas provações mundanas descobrirá que a corrente corre fraca quando deveria chorar pelos seus pecados. Se os cuidados desta vida preencherem a sua cabeça e o seu coração, ele terá pouca disposição para esperar em Deus para propósitos espirituais. Não admira que o senhor encontre o seu servo dormindo de dia, quando deveria estar trabalhando para ele, se ele passou a noite em festas e bebedeiras.

3. Ponto. Resiste a esta sonolência espiritual quando ela começar a se infiltrar sobre ti. O sono é mais fácil de manter afastado quando se aproxima do que de sacudir quando tomou posse e prendeu os sentidos. Esta doença do sono da alma infiltra-se insensivelmente sobre nós, exatamente como a noite entra a passos curtos. Quando, portanto, a encontrares a aproximar-se, desperta-te a ti mesmo; como um homem que tem negócios a tratar se levantaria de sua cadeira para sacudir a sua

sonolência. Ora, podes observar estes poucos sintomas desta desordem invadindo-te:

(1.) *Uma relutância e atraso em relação ao dever.* Se achares isto, aparece que comesças a ficar pesado de olhos. Quando a graça está desperta, o cristão não necessita de muitas palavras para o persuadir a entrar na presença de Deus: "Quando tu disseste: Buscai o meu rosto, o meu coração disse a ti: O teu rosto, Senhor, buscarei" (Sl 27:8). Portanto, podes concluir que alguns vapores subiram de tuas corrupções para amortecer e entorpecer o teu coração para a obra. Aquele que correria para a porta, quando acordado, à primeira batida de seu querido amigo para o deixar entrar, pode, quando entre o sono e o acordar, deixá-lo esperar tempo demais. Este foi o caso da esposa, e custou-lhe a companhia de seu amado (Ct 5). Revelou claramente que ela estava sob uma desordem de sono ao ser tão relutante em relação ao dever; pois essa era a porta em que Cristo se encontraria com ela.

(2.) *A formalidade na oração é um sintoma certo de que uma desordem de sono paira sobre ti.* A graça desperta é cheia de vida e atividade; pelo menos ela se revela ao tornar a alma profundamente ciente de seu amortecimento e estupor. *Vigilantis est somnium narrare* [é próprio de quem está acordado narrar o seu sonho] — diz Sêneca —, demonstra que o homem está acordado aquele que conta o seu sonho, o que fez em seu sono; e prova que a alma está acordada aquela que pode sentida e lamentavelmente confessar o seu amortecimento.

(3.) *Prevalência de pensamentos divagantes.* No sono, a fantasia e a imaginação governam e vagam sem controle algum. Se os teus pensamentos vagam e se dispersam em impertinências na hora da oração, e não encontram repreensão da tua parte, isto

demonstra que a tua graça, se tens alguma, não está bem desperta.

4. Ponto. Demonstra uma diligência conscienciosa em tua vocação particular nos intervalos de oração. Os que se assentam para vigiar têm alguma necessidade de trabalho para os manter acordados. A ociosidade está a apenas um passo do sono. Não posso crer que aquele que passa o dia na ociosidade encontre o seu coração desperto para orar à noite; pois ele passou aquele dia na negligência de um dever tão necessário quanto este, e é ruim ir a um dever através da negligência de outro. Há uma geração de homens, de fato, que sob o pretexto de vigiar e orar sempre se recolhe aos seus mosteiros e renuncia a todos os afazeres seculares, como se fosse fácil deitar o mundo de lado como se mudam as roupas e se veste um capuz ou um hábito religioso; mas o mundo descobriu que esses lugares comumente provaram ser, não tanto casas para orar, mas antros para recolher as suas presas. É mais provável que aqueles que são mimados com a preguiça e a fartura de pão sejam devorados pela luxúria e sensualidade do que pelo zelo e devoção. O ar, quando parado, engrossa e se corrompe; os espíritos em nosso corpo são sufocados pelo repouso; e a alma necessita de movimento e exercício tanto quanto qualquer um deles. Nos ofícios espirituais ela não pode manter-se sem interrupções; portanto, Deus proveu as nossas vocações particulares como um alívio às nossas devoções espirituais. Apenas o nosso cuidado deve ser o de não exagerar. A mesma coisa pode vivificar e enfraquecer, acordar-nos e deitar-nos a dormir. Nenhum auxílio maior aos nossos ofícios religiosos do que o cumprimento fiel de nossa vocação particular; nenhum maior amortecedor do Espírito de oração do que a mesma quando desordenadamente perseguida. O mesmo óleo alimenta a lâmpada e a afoga se for derramado em excesso.

Segura a vela de um modo, e a cera nutre a chama; vira a outra extremidade para cima, e ela se apaga.

5. *Ponto. Preserva a percepção de tuas carências espirituais.* Assim como a fartura inclina o corpo ao sono, da mesma forma faz o conceito de fartura espiritual com a alma. Quando o estômago está cheio, então os ossos querem descanso — o homem tem mais mente para dormir do que para trabalhar; ao passo que aquele que é apertado pela fome, o seu estômago necessitado e clamoroso o mantém acordado. Se uma vez começares a ter uma opinião elevada de ti mesmo, e a tua fome espiritual estiver um pouco saciada — a partir de um conceito de teu estoque presente e suficiência de tua graça —, verdadeiramente então te acomodará ao sono e cantarás a canção de ninar do homem rico para a tua alma: "Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa..." (Lc 12:19). Os coríntios são um triste exemplo para este propósito: "Já estais fartos, já estais ricos; sem nós reinais..." (1Co 4:8). Paulo é agora ninguém para vós. O tempo foi em que não podíeis passar sem os esforços dele. A criança faminta não clamava mais pelo peito do que vós pela Palavra pregada por ele. Mas agora o vosso estômago está saciado, estais fartos e podeis viver sem ele. Ao passo que, Deus o sabe, era uma fartura de vento de orgulho, não de graça sólida. É da natureza da graça dilatar o coração e fazer espaço para mais, mas do orgulho enfarar e saciar a alma. Deus tem há muito mantido a porta aberta em nossa terra; a porta da adega de suas ordenanças não nos foi fechada; temos tido livre acesso a beber, e isso abundantemente, do seu vinho doce. Mas, infelizmente! Não pode ser matéria de lamentação ver quantos estão embriagados com orgulho espiritual, em vez de cheios de graça, após tão longo desfrute delas! — a ponto de alguns tentarem quebrar as próprias vasilhas de onde tiraram este vinho!

Tais são os que condenam todas as ordenanças e gostariam de acabar com os ministros e o ministério; sim, os que podem viver sem pregação pública e oração privada também. Outros, não tão loucos de embriagados como os primeiros, contudo caíram no sono sob a torneira: perderam a sua primeira vida e amor pelas ordenanças; assentam-se com olhos sonolentos e corações mortos sob elas. Pois bem, cristão, se queres manter a tua alma desperta para esta ou qualquer outra ordenança, tem cuidado para não perderes a percepção de tuas carências. Mendigar é o ofício do homem pobre. Quando começares a te conceberes rico, então estarás em perigo de o abandonar ou de ser remisso nele.

6. Ponto. Retira-te frequentemente para meditar sobre algumas reflexões que despertam a alma. Raramente dormimos quando estamos pensativos, especialmente se os pensamentos em que meditamos forem de peso e importância suficientes para ocupar e absorver a mente. De fato, pensamentos vãos e triviais, tais como os que nada contêm para atrair a atenção, são dados como um meio pronto para trazer o homem ao sono — refiro-me ao sono corporal. Aquele cristão que negligencia meditar frequentemente em coisas espirituais, e permite que os seus pensamentos andem todo o dia na companhia de afazeres mundanos e carnavais, espantar-me-ia se encontrasse o seu coração desperto à noite para orar de uma maneira espiritual. Permite-me, portanto, apresentar alguns temas para as tuas meditações insistirem, e eles serão como a bola de bronze que alguns filósofos usavam segurar em sua mão para que não dormissem por muito tempo, ou como o alarme que os homens ajustam à noite para os chamar para os seus negócios cedo pela manhã.

(1.) Medita sobre a vinda de Cristo para o juízo. Certamente não dormirás facilmente se esta trombeta, que chamará toda a humanidade ao juízo, ressoar em teus ouvidos.

A razão pela qual os homens dormem tão profundamente em segurança é porque ou não creem nisto, ou pelo menos não pensam nisso seriamente a ponto de o aguardarem. O servo que espera pelo seu senhor terá relutância em ser encontrado na cama quando ele chegar; antes, assenta-se para lhe abrir a porta quando ele bater. Cristo disse-nos que "virá"; mas não quando, para que nunca tiremos as nossas roupas ou apaguemos a vela: "Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor" (Mt 24:42). Há, de fato, sinais negativos a respeito de sua vinda para o juízo geral do mundo, pelos quais podemos saber que ele não virá ainda; como a queda de Babilônia, a conversão dos judeus e outras profecias que devem ser cumpridas; antes do que ele não virá. Mas não há nenhum sinal semelhante pelo qual possamos concluir que a sua vinda para qualquer um de nós em particular, para nos tirar pela morte e nos intimar ao nosso julgamento particular perante o seu tribunal, não será ainda. És jovem; não podes, portanto, dizer que não morrerás por enquanto. Ah! mede os caixões no cemitério, e encontrarás alguns de teu tamanho. Jovens e velhos estão ao alcance do machado da morte. Os homens velhos, de fato, vão para a morte; a sua idade o exige. Mas os jovens não podem impedir a morte de vir ao seu encontro. És rico, desculpar-te-á isto? Os homens ricos, de fato, podem conseguir que outros sirvam em suas armas aqui, quando o seu príncipe os chama para a guerra; mas "não há dispensa nesta guerra" (Ec 8:8). Salomão diz-te que deves pessoalmente fazer isto. És forte e vigoroso, não podes, portanto, dizer que a morte demorará mais a trabalhar para te derrubar. Alguns, de fato, ele corta em pedaços por doenças consumitivas — morrem aos poucos; outros ele arranca em uma só noite, como uma árvore por uma tempestade. Oh! pensa nisto, e o teu sono se afastará de ti!

(2.) *Considera que o diabo está sempre acordado.* É tempo de dormir para os que estão na cidade quando o inimigo do lado de fora vigia e talvez está escalando as muralhas? O nosso Salvador toma isto como certo: "Sabei, porém, isto: se o pai de família soubesse a que hora da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa" (Mt 24:43). De todas as noites do ano ele não teria dormido naquela. Teria Saul dormido em sua trincheira se soubesse que Davi estava tão perto (1Sm 26)? Ou Sísera ter-se-ia deitado a descansar se tivesse visto o martelo e o prego na mão de Jael para lho cravar nas têmporas (Jz 4)? "Aníbal está às portas!" era o suficiente para acordar toda a cidade de Roma e chamá-la às armas. E não é *diabolus ad ostium* — o diabo está à tua porta, o suficiente para te manter fora de tua cama de preguiça e negligência? Qual dia em todo o ano não é período de atuação para Satanás? Em qual lugar ou companhia estás em que ele não possa fazer uma armadilha para a tua alma? Qual membro de teu corpo, ou faculdade de tua alma, não corre o risco de ser abusada por ele? Não tens um hóspede em teu próprio peito que vigia para lhe abrir a porta? E não há uma correspondência constante entre eles? Oh! quão frequentemente ele nos bate — como diz Bernardo — com o nosso próprio cajado; e, como o ladrão às vezes trata o viajante, amarra-nos com as nossas próprias ligas! Não devemos sempre vigiar para orar quando ele vigia para tentar? Não devemos manter a nossa correspondência com Deus e Cristo, os nossos aliados no céu, assim como ele faz com a nossa carne, que é a sua aliada?

Ut jugulent homines surgunt de nocte latrones;

Ut t'ipsum serves non expergisceris; —

[Para matar os homens, os ladrões levantam-se de noite;
para te salvars a ti mesmo, não acordarás?]

— acordará o teu inimigo para procurar cortar-te a garganta, e não te levantarás tu para a salvar?

(3.) *Considera que os homens ímpios estão acordados e trabalhando arduamente para Satanás e as suas concupiscências.* O filósofo corou de vergonha por o ferreiro estar de pé e ter o seu martelo na mão antes de ele ter o seu livro. Oh! não deveria isto envergonhar o cristão? Considera quão vigilantes são os homens do mundo para seguirem os seus afazeres mundanos. Não se levantam eles cedo e se deitam tarde, relutando contra o próprio tempo que é gasto para refazer a natureza na noite com o sono, de tão inclinados que estão aos seus projetos carnis! O filósofo observou isto e envergonhou-se por permitir que o ferreiro estivesse em sua bigorna pela manhã mais cedo do que ele estava em seu livro. Oh, cristão! Não deveria fazer-te corar muito mais ver toda a cidade de pé e tão ocupada como abelhas ao redor de um jardim, um voando para este lado, outro para aquele — e todos para trazerem um pouco mais do patrimônio perecível deste mundo para a sua colmeia, de onde a morte, em breve, os expulsará com fumaça e os forçará a deixar o que com tanto esforço reuniram para outros que não sabem quem são, possivelmente os seus maiores inimigos — enquanto tu, cristão, dormes o teu tempo precioso, embora tenhas a certeza de carregar os teus ganhos para o outro mundo contigo, e ali desfrutar do fruto de teu curto trabalho aqui com glória eterna! Mais ainda: considera quão vigilantes são os ímpios para aproveitarem todas as oportunidades para perseguirem as suas obras de trevas. O adúltero vigia pelo crepúsculo para se encontrar com a sua favorita (Pr 7); e não vigiarás tu na oração para que possas preencher a tua alma com amores espirituais na comunhão com o teu Deus? O ladrão está de pé à meia-noite para obter a sua presa; e não quebrarás tu o

teu descanso um pouco para obteres um tesouro mais rico do que o que se encontra nos cofres dos reis mais ricos de que o mundo se gaba? Estarão estes em tanto esforço para satisfazerem as suas concupiscências, e tu nenhum farás para honrar e desfrutar do teu Deus? Oh, que vergonha foi para os sonolentos discípulos não poderem vigiar para orar com o seu Mestre, quando Judas, aquele traidor ousado, estava tão desperto para estar de pé na calada da noite para o entregar nas mãos de seus assassinos!

(4.) *Considera quão curto é o tempo em que se te pede para vigiar.* "Não pudestes vigiar comigo uma hora?" (Mt 26:40), diz Cristo. Em breve, cristão, serás chamado para fora de tua guarda, e então terás pleno descanso, embora sem sono. É apenas por esta curta vida que és posto a permanecer sob este dever árduo; e é ela tão longa assim? Os outros não a consideram tal. Oh! quão cedo passa um dia, um ano, sim, uma vida, na brincadeira ou no pecado? A grande queixa que tais pessoas fazem é: "O tempo é curto". Elas desejam poder cortar as asas do tempo e retirar os pesos deste relógio que o fazem correr tão rápido. É o tempo tão curto e doce para gastar no pecado, e pode ser tedioso para ti dedicá-lo à devoção? Por que deveria uma hora no quarto ser considerada por um santo longa, quando o dia e a noite gastos em uma taberna são curtos demais para o pecador? Mas, acima de tudo, considera se não é melhor vigiar e orar aqui na terra por alguns dias do que acordar e rugir no inferno sob tormentos eternos e incessantes!

(5.) *Considera seriamente quão grande perdedor já tens sido em teu comércio celestial por falta de vigilância.* Ocorre com o cristão como com aquele comerciante negligente, que toma nota de alguma perda de uma grande soma de dinheiro que lhe sobrevém — talvez centenas de uma só vez. Diante disso ele clama que será arruinado; mas não importa com os centavos e

moedas que gasta tolamente, nem considera a perda que se segue sobre a sua negligência diária. Aqui os seus bens se derretem insensivelmente, e ele não se dá conta; ao passo que, se contasse o que neste caminho de gotejamento é perdido no varejo, veria que equivale a mais do que a outra perda. Assim, o cristão às vezes é atribulado por um grande pecado em que caiu — e isso não sem razão —, mas, com tudo isso, não observa como negligencia este dever hoje, e negligentemente realiza aquele em outro momento; como ora friamente hoje por falta de devida preparação, e quão pouco fruto vem de outro amanhã por falta de vigilância após ele; pelo que com o tempo cai baixo, embora com uma descida suave, passo a passo; ao passo que, se pudesse trazer as diversas contas destas suas perdas particulares juntas, veria que avultam em uma triste soma, exceto se com estas suas perdas tiver também perdido — o que é a maior — a sensibilidade de sua consciência. Ora, cristão, não tens a intenção de prosperar por fim? E aumentará o cristão descuidado o seu estoque? Passaste alguma vez pelo campo do preguiçoso e não o encontraste coberto de espinhos (Pr 24)? Se fosses persuadido a fazer disso o teu afazer diário vigiar o teu coração — como oras, e como caminhas após teres estado na oração —, encontrarias uma mudança abençoada em teus negócios espirituais. Este rigor será de início desconfortável, como uma roupa nova; mas a cada dia isso se desgastará, e uma doce facilidade se seguirá quando vires os teus ganhos entrarem constantemente por meio disso. Aquele que constata quão bem é pago pela sua diligência pelo aumento de seus bens não invejará o preguiçoso em seu descanso quando o vir caminhar pela sua porta em trapos. Foi o ditado outrora de um homem rico, o qual, pela bênção de Deus sobre a sua diligência, erguera um vasto patrimônio, que em seu início no mundo obtivera um pouco com muita dificuldade, mas posteriormente obtivera os

seus grandes ganhos com pouca dificuldade. E tu, cristão, encontrarás o mesmo em teu comércio espiritual. A tua dificuldade será maior no início, mas os teus ganhos maiores por fim; e a dificuldade menor, porque o caminho da piedade, pelo uso e experiência, se tornará natural para ti e, conseqüentemente, fácil e deleitável.

(6.) *Considera o que os outros perdem pela tua falta de vigilância.* Aquele que vive em uma cidade prejudica o seu vizinho bem como a si mesmo ao não cuidar de sua cerca: assim, um cristão pode ferir a muitos ao não manter a sua própria guarda:

(a) *O teu próprio exemplo é um prejuízo para os outros*, pois esta doença do sono é contagiosa; a tua conduta frouxa pode tornar os outros assim, como alguém aprende a bocejar de outro. Não é pequena bênção viver entre cristãos ativos, cujo zelo e fervor nos caminhos de Deus são exemplares; isto coloca brio nos que os seguem; a conduta santa e celestial de um mestre é uma ajuda para toda a família.

(b) *Tu te indispões para cumprires o teu dever para com eles.* Somos ordenados a vigiar uns sobre os outros em amor, como aqueles que estão interessados no bem-estar de nossos irmãos. Ora, quão inapto está para vigiar sobre os outros aquele que não vigia a si mesmo? Para "estimular ao amor e às boas obras" quem carece ele próprio de espora? Pode um adormecido acordar outro que está na mesma condição?

(7.) *Por fim, considera o cuidado de Cristo sobre ti.* Olha para ele em sua providência. Aquele olho que não dorme de noite nem cochila de dia é o teu guardião constante. Considera-o em sua intercessão. Ali ele ora por ti, "vigilando nisto com toda a perseverança". É o seu ofício e afazer no céu, pois ele vive para

fazer intercessão pelos seus santos. Considera-o em seu Espírito. O que é ele senão o mensageiro de Cristo enviado como nosso guardião para cuidar dos santos em sua ausência? Em uma palavra: considera-o no ministério do evangelho, que está estabelecido para este mesmo propósito, para "vigiar pelas vossas almas". Sim, cada santo privado tem o encargo de ser o guardião de seu irmão. Isto, bem considerado, far-te-ia:

(a) *Vigilante para promoveres a sua glória*, ele que tão cuidadosamente provê para a tua segurança. O que colocou Davi em tanta ira contra Nabal senão o desrespeito que os seus servos encontraram de suas mãos, para com quem ele fora tão útil? "Em vão tenho guardado tudo o que este tem no deserto" (1Sm 25:21).

(b) *Far-te-ia mais vigilante sobre a tua própria alma*, se tens sensibilidade para temeres entristecer o teu Deus, que expressa este terno cuidado sobre ti. Que maior tristeza pode ter o pai carinhoso do que ver o seu filho não importar-se com o seu próprio bem após todo o seu cuidado e custo despendidos com ele? Ele alegra-se ao ver o dinheiro que lhe dá ser aproveitado e aumentado pela sua diligência; mas parte-lhe o próprio coração de tristeza quando o vê todo desperdiçado e esbanjado pela má administração.

QUINTA DIVISÃO — A CONSTÂNCIA PRÓPRIA DA ORAÇÃO

"com toda a perseverança"

Estas palavras, "com toda a perseverança", contêm o quinto ramo no diretório do apóstolo para a oração — A

CONSTÂNCIA PRÓPRIA DA ORAÇÃO —, do qual tratarei brevemente nestas quatro cabeças: PRIMEIRA. Apresentando a importância desta frase, "toda a perseverança". SEGUNDA. Apresentando a razão pela qual devemos orar "com toda a perseverança". TERCEIRA. Lançarei algumas considerações para nos moverem ao dever. QUARTA. Encerrarei o discurso com uma palavra de conselho e direção para ajuda do cristão fraco nele.

Significado da frase "COM TODA A PERSEVERANÇA"

PRIMEIRA. Expliquemos a importância da frase "com toda a perseverança". Aqui está a perseverança, sim, "toda a perseverança", requerida na oração. Primeiro. Indaguemos o que se entende por "perseverança". Segundo. O que se entende por "toda a perseverança".

First. O que se entende por "perseverança". A palavra *proskarteresis* aqui usada provém de *kartos*, o mesmo que *kratos* — com uma letra apenas transposta para suavizar o som. Ela significa força e vitória; daí o seu composto *proskarterein* ser prosseguir em qualquer negócio com uma constância incansável até que todas as dificuldades sejam vencidas e a coisa por fim seja realizada. É usada para a diligência e trabalho de cães de caça que seguem a busca até que por fim alcançam a presa perseguida; é aplicada também aos servos que com grande esforço correm atrás de seus senhores e estão ao seu dispor em uma jornada. Na Escritura é frequentemente aplicada ao dever da oração, como em At 6:4; Cl 4:2; Rm 12:12, e significa aquela paciência, coragem e constância invencíveis que o cristão deve demonstrar ao manter este dever da oração.

Pergunta. Mas são o "orando em todo tempo" no início deste versículo, e este "orando com perseverança", a mesma coisa? Se não, onde reside a diferença?

Resposta. Não se pode pensar que o apóstolo, ao dar diretrizes para a oração, as deixasse colidir umas com as outras e, em tão curto espaço, repetisse a mesma diretriz em outras palavras; as demais são todas distintas, portanto assim consideraremos estas. Calvino faz desta a diferença: — Por "orando em todo tempo", diz ele, ele nos exorta a orar na prosperidade bem como na adversidade, e não a interromper a prática deste dever pelo fato de não sermos levados a ele por tais necessidades externas prementes. Mas, por "orando com perseverança", *admomet ne defatigemur; instandum esse alacri animo; infracto studio continuandas esse preces, si non statim consequamur quod volumus* [ele adverte para que não desfaleçamos; que devemos insistir com mente alegre; com zelo inabalável devem ser continuadas as preces, se não alcançarmos imediatamente o que queremos] — ele adverte para que não nos cansemos do trabalho, mas continuemos instantes e constantes em sua realização, embora não tenhamos imediatamente o que oramos. Por "orando em todo tempo", somos exortados ao exercício diário constante do dever da oração, a não negligenciarmos as estações para as orações conforme elas retornam sobre nós. Por "orando com perseverança", somos impelidos a resistir aos descorajamentos quanto a qualquer petição ou pedido específico que façamos ao trono da graça, e a não desistirmos embora não tenhamos uma resposta rápida a ele. De modo que o primeiro opõe-se a uma negligência de dever em suas estações estabelecidas, e o segundo a um desfalecimento em nossos espíritos quanto a qualquer pedido específico que apresentamos. Podemos manter o nosso curso constante de

oração e, contudo, não perseverarmos na oração por esta ou aquela misericórdia, que Deus retém por algum tempo para o exercício de nossa graça.

Second. Mostrarei o que se entende por "toda a perseverança":

1. Por *"toda a perseverança"* entende-se *tal perseverança que se mantém até ao fim* — até que Deus conceda a coisa pela qual oramos, ou retire o assunto de nossa oração, como fez no caso de Davi pelo seu filho doente por meio de sua morte. É possível que uma alma continue por longo tempo, contudo por fim desfalecer quando vê o tempo da resposta ainda se prolongar. Deus ainda demora, e nenhuma notícia de sua vinda após muitos despachos enviados ao céu sobre aquela ocasião. Oh! é difícil manter as mãos levantadas, com Moisés, "até ao pôr do sol" (Êx 17). Cristo queixa-se de quão rara e escassa é tal fé de ser encontrada quando ele se demora muito antes de lançar a misericórdia orada: "Contudo, quando vier o Filho do Homem, porventura, achará fé na terra?" (Lc 18:8). Achará ele tanto de fé a ponto de manter o seu povo em oração na expectativa de sua vinda para o seu alívio?

2. Por *"toda a perseverança"* entende-se *a perseverança de todo o homem na oração*. Devemos não apenas perseverar em manter a realização externa do dever da oração, mas perseverar em empenhar as forças internas de nossas almas e de suas graças no dever. O dever pode ser mantido e o coração estar abatido ao realizá-lo. A fé, o zelo e outras graças da alma podem ter-se ido ou atuarem debilmente. Como um exército que ainda não abandonou o campo de batalha, mas cujas munições estão quase todas gastas; ali permanecem de pé e mostram boa fisionomia, mas pouco ou nada podem fazer para ofender o inimigo ou

defender-se. Assim muitos em aflições oram ainda. Não abandonaram ainda o dever nem fugiram do campo. Mas, infelizmente! a fé deles falha e o seu coração desfalece; há pouca vida e vigor de se ver na realização do dever. Aqui há alguma espécie de perseverança, mas não esta "toda a perseverança", que acima de tudo requer a perseverança da graça em suas atuações no dever. Assim traduzimos a palavra em Rm 12:12. O que aqui é "com perseverança", ali é "perseverai na oração"; a palavra é *proskarterountes*. Alguns são "instantes", mas isso não dura. Se veem que a misericórdia vem, esforçam-se muito; mas, se a carruagem de sua oração trava e, após um esforço ou dois, a misericórdia não vem, a fé deles cansa e eles abandonam o trabalho. Outros são constantes, mas não instantes: continuam a orar, mas oram friamente; tornam-se sem vida e sem ânimo no trabalho, como se esperassem que nada resultasse dele. Devemos unir ambos os aspectos, ou esperar benefício de nenhum.

POR QUE devemos orar "com toda a perseverança"

SEGUNDA. Procuo mostrar por que devemos orar "com toda a perseverança"; o que reside nestes pontos particulares:

First. É estritamente ordenado. "Orai sem cessar" (1Ts 5:17) — isto é, sem desfalecer. Assim o nosso Salvador em Lc 18:1: "E contou-lhes também uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca desfalecer". Nota: não apenas que poderiam, mas "o dever". É, de fato, um elevado privilégio para nós, e uma baixa condescendência no Deus Altíssimo, dar-nos licença para estarmos assim à sua porta, e permitir que o clamor de nossas orações esteja sempre soando em seus ouvidos. Nós, tenho a certeza, não gostaríamos de ter pedintes batendo de dia e de noite

às nossas portas; mas tão infinitamente bom é Deus que ele não apenas nos permite esta ousadia, mas também nos ordena a tê-la, para que o temor de um pecado nos movesse, se a perda de um privilégio não o fizesse.

Second. Esta perseverança na oração é altamente recomendada. De fato, a perseverança coroa cada graça e recomenda cada dever. Não são a nossa fé e esperança, mas "se conservarmos firmes a confiança e a glória da esperança até ao fim" o que Deus olha (Hb 3:6). Não o aparente zelo e rapidez de nosso movimento nos caminhos de Deus em nossa primeira largada e início, mas a constância de uma alma bem preparada em manter o seu curso até que a corrida seja finalizada é o que Cristo recomenda: "Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos" (Jo 8:31). Assim na oração. Não os impulsos curtos de um zelo inconstante, que começa a orar como dizem que os franceses fazem para lutar — como trovão e relâmpago, mas se a primeira investida não vencer, então eles fraquejam e ficam inteiramente intimidados em seus espíritos. Não; não é este metal macio, cujo fio é assim facilmente dobrado, o que Deus gosta na oração, mas um zelo temperado e endurecido de tal modo com resolução que se faz cortar através de todas as demoras e dificuldades. Isto Deus altamente recomenda. Rendeu a Jacó o nome de príncipe, de tão nobremente que ele se comportou neste dever, mantendo-o até ao romper do dia com Deus, e depois não o deixando ir até que o tivesse abençoado (Gn 32).

Third. É aquilo que Deus pretende pelas suas demoras e aparentes negações. Por que lida ele assim com o seu povo? Certamente é para colocar as suas graças à prova, se eles abandonarão o cerco por algumas recusas ou investirão com mais coragem. Ele guarda silêncio para os fazer clamar mais

alto; afasta-se para os fazer buscar mais avidamente após ele. Ele coloca blocos diante da roda de suas orações para testar o brio delas sobre como puxarão quando parecer um esforço difícil e a misericórdia não vier diante de sua oração. Ora, duas coisas Deus visa pela perseverança de seu povo na oração: 1. A sua própria glória. 2. A vantagem deles. Estas duas nunca se separam:

1. A sua própria glória. Que melhor oportunidade pode o cristão ter em toda a sua vida para honrar a Deus do que ao manter firme a sua integridade e manter a sua lealdade a Deus firme quando ele parece ser negligenciado, sim, desamparado por ele? Certamente Deus nunca teria colocado Jó em tanta dificuldade, nem o teria feito orar e esperar tanto tempo pelos graciosos resultados de sua providência, senão para se glorificar na fé e paciência de seu servo fiel: "Ouvistes da paciência de Jó, e vistes o fim do Senhor" (Tg 5:11), diz o apóstolo Tiago. Verdadeiramente, não teríamos ouvido falar tanto de sua paciência se não tivéssemos ouvido falar tanto de suas tribulações. Tivesse Deus colocado um fim mais cedo a elas, ele poderia ter encontrado mais facilidade, mas não Deus mais honra. Isto foi o que agradou a Deus e de que se considerou altamente honrado — que Satanás com toda a sua astúcia e artimanhas não pôde fazer Jó desistir de orar, muito menos cair a amaldiçoar a Deus; não, nem quando Deus o quebrantou com a sua tempestade e parecia não importar-se com ele ou com as suas orações. Agrada-nos mais quando as nossas orações fazem a jornada mais curta — quando estão no céu e de volta com uma resposta rapidamente; mas glorifica a Deus mais quando ele impõe um embargo — por assim dizer — sobre as nossas orações, de modo que nenhuma resposta vem do céu para nós, e contudo queremos enviar mais após elas, como Jacó fez com

Benjamim após o seu outro filho, o qual era então prisioneiro no Egito. Quando a pobre alma não quer ser afastada do dever por quaisquer descorajamentos intervenientes, mas pressiona com mais força sobre Deus a partir de suas aparentes negações, isto é de fato dar glória a Deus: "Bem-aventurados os que não viram e" assim "creram" (Jo 20:29).

2. Deus, pela perseverança de seu povo na oração antes de conceder a sua resposta graciosa, pretende a vantagem deles:

(1.) Ele costuma pagar-lhes juros pela sua paciência. Quanto mais tempo oram, mais redundante é a misericórdia quando ela vem. Tal misericórdia, que vem como resposta de orações perseverantes, é comparada aos ganhos do agricultor na colheita, a qual abundantemente recompensa a sua paciência de todo o ano: "E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido" (Gl 6:9). O seio está se enchendo para a criança enquanto a mãe está dormindo. Deus às vezes parece dormir e se esquecer de seus pobres filhos que clamam a ele, mas ele está preparando a misericórdia mais plena para eles.

(2.) Tais misericórdias são obtidas com maiores e mais longas dificuldades, elas vêm com as mais doces manifestações do amor divino: "Ó mulher, grande é a tua fé!" (Mt 15:28). Esta pobre mulher não teve o seu pedido tão rapidamente concedido como alguns outros, mas ela nada perdeu por isso; pois, com a cura de sua filha — que era toda a sua missão —, ela leva consigo um elevado testemunho da própria boca de Cristo para a verdade e eminência de sua graça. Ela que no início foi chamada de cão é por fim reconhecida como querida filha.

(3.) *Tais misericórdias que são o resultado de orações perseverantes são recebidas geralmente com mais alegria e gratidão do que as outras.* Em parte são assim porque os desejos do cristão são mais intensos e aguçados pela longa espera e oração ardente por elas — e assim ele prova mais doçura na misericórdia, como o que vem faminto de uma longa jornada de trabalho no campo saboreia melhor o seu alimento do que outro que não abriu o seu apetite com trabalho ou exercício algum — ; e também porque tais misericórdias dão desapontamento aos muitos temores do cristão, os quais a sua longa espera ocasionou. Quando Deus demora a vir, estamos propensos a questionar se ele virá por fim ou não: "Rejeitará o Senhor para sempre? E não tornará a ser favorável? Cessou para sempre a sua benignidade? Acabou-se a sua promessa de geração em geração?" (Sl 77:7-8). Vê quantos pensamentos tristes se reuniram ao redor do coração deste homem bom; os quais, embora não derrubassem a sua carruagem de oração, contudo travaram as suas rodas e o fizeram caminhar com o coração pesado. Ora, para uma misericórdia romper de nuvem tão escura, ela necessariamente deve trazer tal glória consigo que arrebate a alma de alegria e a amplie em gratidão. Aqueles juízos espantam e desanimam mais os pecadores os quais vêm após longa paz e prosperidade, quando eles pensam que o perigo passou e a amargura da morte já se foi; como no caso de Hamã, que foi enviado para a forca após se ter vangloriado de como fora convidado para o banquete da rainha. Esta estranha reviravolta de seus afazeres tornou a morte dupla para ele. Da mesma forma, misericórdias que surpreendem o santo após ele ter orado por muito tempo, e não poder ouvir notícias de que estejam a caminho, oh! como afeta o seu coração de alegria e gratidão! A igreja orara "sem cessar" por Pedro na prisão, mas ele continua ali, mesmo até ao próprio momento em que Herodes o traria a

público — provavelmente para a sua execução. Ora, quando ele veio a si mesmo para trazer a notícia alegre de que as suas orações foram ouvidas — enquanto eles estavam instantes na obra —, diz-se que "ficaram atônitos" (At 12:16).

(4.) *Elas são geralmente mais santamente usadas e aproveitadas.* Pois Deus segura o seu povo por muito tempo na oração por uma misericórdia muitas vezes para este mesmo fim — para preparar e amadurecer os seus corações, para que, quando a tiverem, saibam melhor como a empregar para a sua glória e para o seu próprio bem. Ninguém é mais cuidadoso em administrar um grande patrimônio do que os que estão em maiores esforços para o obter. Ana orou por muito tempo por um filho, mas nenhum lhe é dado. Isto a faz acrescentar um voto à sua oração: "se deveras atentares para a aflição da tua serva, e de mim te lembrares, e da tua serva te não esqueceres, mas à tua serva deres um filho varão, ao Senhor o darei por todos os dias da sua vida..." (1Sm 1:11). Feliz foi para esta boa mulher ela não ter tido o seu desejo mais cedo. Se o tivesse recebido logo no início, talvez nunca o tivesse devolvido a Deus novamente. O Senhor às vezes retém uma misericórdia de nós, apenas para nos colocar sob vínculos mais profundos de a aplicarmos para ele quando a tivermos.

(5.) *A última vantagem que vem ao cristão pela perseverança na oração é quando a misericórdia é por fim denied.* E é esta: ela o capacitará e disporá a suportar a negação de forma mais dócil e santa do que outro o faria. Aquele que é de espírito curto, e não pode esperar em Deus por uma misericórdia, não se submeterá facilmente a ele em uma negação; ao passo que aquele que mantém um espírito de oração para a obter, quando Deus vem retirar o assunto de sua oração, aquietar-se-á, agora que vê que Deus declarou plenamente a sua

vontade na questão. Davi e Jó são exemplos marcantes disso. Jó não deixa passar um dia sem orar por seus filhos; e como se comporta o homem quando estes são mortos? Enfurece-se e pragueja? Amaldiçoa a Deus por torná-los um sacrifício eles por quem oferecera tantos sacrifícios a Deus? Não; ele submete-se dócil à sua santa vontade; ele não abre a sua boca contra ele, mas em louvores a ele. Assim Davi, quando o seu filho morrera — por quem, enquanto vivo, não cessara de orar apaixonadamente —, para mostrar quão bem satisfeito estava com a providência divina, limpa as suas faces inchadas de choro, retira o seu traje de luto e vai à casa de Deus para o adorar (2Sm 12:20). A oração é um grande aliviador de coração; ela desabafa aquelas paixões desreguladas as quais, sendo contidas em outros, explodem quando Deus em qualquer momento os contraria em suas vontades.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Que nos impõem o dever da oração perseverante

TERCEIRA. Tendo mostrado por que devemos perseverar na oração, chego agora ao terceiro ponto, para lançar algumas considerações para nos moverem ao dever. Cristo dedicou uma parábola aos seus discípulos para este mesmo fim: mostrar que "os homens devem orar sempre e nunca desfalecer". Certamente, então, isto merece uma exortação. Ora, para reforçar a exortação, toma estes cinco pontos particulares em tua consideração:

Primeira Consideração. A eficácia da perseverança na oração. Isto é enfaticamente expresso por aquela pergunta de nosso Salvador em sua parábola sobre este assunto: "E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de

noite, ainda que tardio para com eles?" (Lc 18:7). Como se dissesse: "Podeis pensar que Deus mandará embora aqueles que lhe são tão próximos e queridos, os seus próprios escolhidos, com uma negação e isso quando ele fez plena prova de sua fé e paciência em esperar por muito tempo sobre ele por uma resposta? Digo-vos que depressa lhes fará justiça". Os homens procuram agradar os seus antigos clientes que são constantes em sua loja, quem quer que mais mandem embora; da mesma forma fará Deus com aqueles que estão em comércio constante com ele no trono da graça: "os que esperam em ti não serão confundidos" (Sl 25:3). Davi é cuidadoso para o nosso encorajamento ao nos fazer saber quão bem ele prosperou após a sua longa espera à porta de Deus: "Esperei com paciência pelo Senhor, e ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor" (Sl 40:1) — no texto hebraico: "esperando esperei"; isto é, permaneci esperando por longo tempo, e por fim ele veio. Mas Davi era um favorito; podem os outros esperar prosperar como ele prosperou? Vê o versículo 3: "Muitos o verão... e confiarão no Senhor". A resposta de orações é um privilégio da aliança. Não é um monopólio dado a um ou dois, mas uma carta de direitos concedida a toda a corporação de santos até ao fim do mundo: "Ele atenderá à oração do desamparado e não desprezará a sua oração" (Sl 102:17). Ora, nota o que se segue: "Isto se escreverá para a geração futura" (v. 18).

Segunda Consideração. A tua perseverança na oração ajudará a evidenciar que o teu estado é gracioso. O hipócrita é frequentemente desmascarado aqui: "porventura... orará em todo o tempo?" (Jó 27:10). Muitos entrarão na oficina de um trabalhador e tomarão as suas ferramentas para trabalhar com elas por um tempo, e as deitarão fora logo em seguida, os quais

nunca consentiriam em ser vinculados ao seu ofício e servirem a um aprendizado nele.

Assim, um coração insalubre andar-se-á ocupando com este dever de vez em quando, mas cansa-se do trabalho por fim, especialmente se for feito esperar muito por uma resposta. Saul ora a Deus e, porque não ouve dele, vai por fim buscar o diabo (1Sm 28). Observa que efeito o silêncio de Deus, as suas repreensões e aparentes negações produzem em teu coração, e poderás conhecer a ténpera de teu espírito por aí. Desgastam eles o teu empenho pela oração, ou o aguçam? Fazem-te eles recuar, e mandam-te embora da porta de Deus — como alguns pedintes atrevidos vão da nossa quando se lhes nega uma esmola — com clamores em tua boca e descontentamento em teu coração, resolvido a não mendigar mais ali? Ou fazem-te eles investir com mais coragem e acendem as tuas afeições para com Deus e este dever mais ardentemente? Como o pretendente, cujo amor é aumentado pelas repulsas, e a importunação duplicada por ser obstruído e oposto. Verdadeiramente, se achares isto último, podes concluir, se esta constância instantânea na oração for por bênçãos espirituais — Cristo e as suas graças santificadoras —, que a virtude divina, e que boa provisão saiu de Cristo para a tua alma: "Ó mulher, grande é a tua fé!".

Terceira Consideração. Considera a grande tolice de desfalecer na oração. Praticas um ato tolo e irracional. Talvez estejas em uma condição de desamparo, oras por consolo, mas nenhum vem; por vitória sobre tal tentação fora ou corrupção dentro, mas és derrotado em ambas, apesar de toda a tua oração; portanto, primeiro desfaleces no dever e depois o abandonas. Que tolice absurda é esta! Porque a misericórdia não vem em toda a pressa para ti, por isso queres fugir dela — o que fazes ao cessares de orar! Quando o pescador perde o seu lanço de rede,

ele não desiste imediatamente de seu ofício, mas põe-se a reparar a sua rede. Oh, não cesses de orar, mas repara o teu orar! Vê por qual buraco o peixe saiu — a misericórdia foi perdida —; duplica a tua diligência, e tudo ficará bem por fim. Se a tua dor continua enquanto o gesso está sobre ela, pensas que cessará quando ele for retirado? Seja qual for a misericórdia que gostarias de ter, não deve ela vir das mãos de Deus? Ora, dará Deus a misericórdia a ti que rejeitas o seu conselho para a obter? Não é a oração, e isso "com toda a perseverança", o caminho que ele direciona todo o seu povo a tomar? Supõe que um médico, o qual é chamado para um paciente doente, desse ao mensageiro um eletuário para levar de volta consigo e dissesse: "Levará algum tempo antes de eu ir pessoalmente ao doente, mas ordena-lhe que tome uma boa quantidade deste remédio tantas vezes quanto se sentir mal, todos os dias, até que eu vá, e ele ficará bem". Ora, o paciente começa a seguir as diretrizes de seu médico, mas, demorando este mais do que ele gostaria antes de vir, e vendo a sua dor continuar, põe o remédio de lado e não toma mais dele. O médico por fim põe-se a caminho e, enquanto está na estrada para o ver, ouve falar disso, volta atrás e não vai ter com ele; assim o pobre homem morre pela sua própria tolice apressada. Verdadeiramente este é o nosso caso. Deus, por razões mais bem conhecidas de si mesmo, demora algum tempo antes de vir aos seus servos tentados e atribulados para o seu livramento, mas deixa a ordem quando qualquer deles sofrer de algo — assim significa a palavra *kakopatheí* em Tiago 5:13 — para que orem, apliquem-se ao uso deste dever; sim, continuem o uso espiritual constante dele até que ele venha; e com tudo isso nos assegura que virá a tempo suficiente para nos salvar. Ora, que tolice é lançar de lado este meio tão estritamente prescrito? Certamente, não houvesse mais nada, isto é o suficiente para

fazer Deus voltar atrás quando a caminho da misericórdia para nos fazer o bem.

Quarta Consideração. Considera que é tão pecaminoso quanto tolo abandonar este dever: "Tu destróis o temor e desprezas a oração diante de Deus" (Jó 15:4). É um crime elevado para alguém confiado com um castelo pelo seu príncipe entregá-lo covardemente na mão de seu inimigo, especialmente se tiver provisões com que o defender. Ora, não proveu Deus suficientemente para capacitar o cristão a manter este dever contra todos os exércitos de homens e demônios, aflições e tentações que o possam opor? Os príncipes são muito cuidadosos em reforçar e abastecer os castelos de fronteira acima dos outros com todos os bens necessários para a defesa, porque são os mais assaltados. A oração é um dever que é tão duramente combatido por Satanás quanto qualquer outro, e tem muitas outras dificuldades que o tornam assunto não fácil para o cristão ser instantâneo e constante nele. Deus considerou isto e, conseqüentemente, proveu socorro. Ele dá o seu Espírito para ajudar o cristão — por causa de suas muitas enfermidades — sobre o que e como orar; o qual, se for tratado com bondade, não faltará em se empenhar com ele no trabalho. E, enquanto o Espírito está pronto para orar nele, Cristo está igualmente pronto no céu para orar por ele; o qual também envia a preciosa promessa do evangelho — como mensageiros a uma cidade sitiada — para assegurar à alma que o socorro está vindo do céu para ela, seja a aflição ou tentação tão grande e terrível quanto for aquela que a cerca. Ora, desfalecer no trabalho e, por abandonar o dever, abrir as portas da cidade de sua alma para Satanás entrar e triunfar sobre Deus com as suas blasfêmias insolentes — oh, que alma graciosa, que tenha qualquer centelha de lealdade em seu peito não apagada para com o seu Deus, não

treme ao pensamento de tal ação traiçoeira! Não podemos abandonar a oração sem lançarmos alguma reflexão desonrosa sobre Deus; pois, como alguém bem diz, cada defeito real na criatura procede de um defeito imaginário que ela falsamente supõe estar em Deus. Os homens primeiro concebem indignamente de Deus e depois se comportam de modo indigno e desobediente para com ele. Ora, as causas de onde este desfalecimento na oração procede são todas más e amargas, como dentro de pouco tempo aparecerá.

Quinta Consideração. Assim como é tolo e mau, da mesma forma é de consequência perigosa para nós mesmos desfalecermos e cessarmos de orar:

1. *É o caminho mais rápido para trazer alguma aflição dolorosa sobre nós.* Isto é o melhor que pode resultar disso. És um servo de Deus e foges de sua presença? És um filho e faltas às aulas? Atenta para que o teu Pai celestial te envie à escola com uma vara em tuas costas.

2. *Cessa de orar, e começarás a pecar.* A oração é não apenas um meio para prevalecer pela misericórdia, mas também para evitar o pecado: "Orai para que não entreis em tentação". O ladrão vem quando as velas estão apagadas e todos na casa em suas camas. Cristo não pôde manter os seus discípulos acordados em suas devoções; e quão cedo foram postos em fuga quando o tentador veio! Quando o cortesão descontente se retira e desiste de sua assistência na corte, ele é mais facilmente atraído a práticas desleais contra o seu príncipe. O descontentamento amacia o coração para receber impressões pecaminosas do tentador: "Tu destróis o temor e desprezas a oração diante de Deus" (Jó 15:4). A doutrina de Elifaz era verdadeira, embora a sua aplicação fosse falsa. Quando Saul desistiu iradamente de

orar a Deus, então ele buscou uma feiticeira (1Sm 28). Pecados de comissão são os castigos habituais que Deus infunde nas pessoas por pecados de omissão. Aquele que deixa um dever pode temer ser deixado a cometer um crime; o que desvia o seu ouvido da verdade toma o caminho mais rápido para ser entregue a crer em fábulas (2Tm 4:4). Aquele que abandona a oração, é uma maravilha se não o encontrases dentro de pouco tempo caído em algum pecado grave.

CONSELHO E DIREÇÃO para o cristão fraco na oração perseverante

Encerrarei o discurso com uma palavra de conselho e direção para ajuda do cristão fraco nele. Ora, isto será, suponho, melhor realizado apresentando as diversas causas de uma pessoa afastar-se deste dever, ou desfalecer nele, e assim ajustar as diretrizes de modo correspondente. Nem todas as doenças são curadas com o mesmo remédio, tampouco os remédios universais são tão eficazes quanto os que respeitam a desordem particular de onde a enfermidade surge. Ora, as CAUSAS da não perseverança na oração são diversas:

Primeira. Às vezes a causa é a falta de um motivo ou princípio duradouro e persistente para nos manter constantemente no dever. Quando a corda do relógio acaba, o relógio necessariamente para de funcionar, pois falha aquilo que dava às rodas os seus movimentos. Aquilo que às vezes põe a criatura a orar não é a pura obediência ao mandamento, mas o desejo de alguma misericórdia específica, a qual, se obtida, e sendo pescado o peixe, a rede é deitada de lado; ou, se ora por muito tempo e não a tem, ele cansa-se do trabalho e o deixa cair. Certifica-te, portanto, cristão, de orares em obediência. Impõe o

dever sobre a tua consciência, e não o sacudirás facilmente de ti: "E longe de mim esteja que eu peque contra o Senhor, deixando de orar por vós" (1Sm 12:23), disse Samuel. Ele tinha pouco encorajamento da parte daqueles por quem orava para continuar no trabalho, mas a sua obediência a Deus, a quem orava, manteve-o nele. Esta é uma forte cerca para o coração, de fato. Não podemos quebrar esta cerca sem sentirmos os espinhos em nossa carne. Uma alma graciosa nada teme mais do que a culpa. Diz-lhe que é pecado cessar de orar, e dizes o suficiente. "Ainda que Deus não responda à minha oração, o silêncio dele à minha oração não me deve silenciar a não orar. A oração continua sendo um dever. Deus não está obrigado a responder imediatamente quando oramos, mas nós estamos obrigados a orar embora ele não responda". "Tudo isto nos sobreveio; contudo, não nos esquecemos de ti, nem nos houvemos falsamente contra a tua aliança" (Sl 44:17). Lembra-te, cristão, de que és um servo da aliança, e uma coisa que és como tal obrigado a fazer é orar ao teu Deus sem cessar (1Ts 5:17). Isto te defenderá contra qualquer movimento que o tentador sugerir em contrário. O pedinte bate por um momento à porta do homem rico e, se não for servido, vai-se embora. Mas o servo na casa, embora faminto, não foge imediatamente de seu senhor porque não tem o seu almoço tão cedo quanto deseja.

Segunda. Às vezes esta falta de perseverança na oração procede do orgulho: "Eis que este mal vem do Senhor; que mais, pois, esperaria do Senhor?" (2Re 6:33). Que espírito altivo estava aqui! O orgulho não gosta de esperar, mas sim de ser servido. Aquele no evangelho tinha vergonha de mendigar, quanto mais de permanecer por muito tempo à porta em missão de súplica (Lc 16). Ora, embora esta seja uma doença de que o santo é mais livre do que os outros homens, contudo há resíduos

suficientes ainda dentro dele para agitar e desordenar o seu espírito, se não os estiver diariamente evacuando e limpando. Não será, portanto, demais deixar algumas considerações de humilhação de alma em tuas mãos, as quais possas estar frequentemente tomando, especialmente quando sentires quaisquer indícios deste pecado em ti, e os teus corações comecem a ficar descontentes por Deus te fazer esperar tanto tempo por qualquer misericórdia orada:

1. Considera o que é orar. É ir mendigar por uma esmola, não exigir uma dívida. Ora, condiz contigo, em condição tão pobre e em tal trabalho, seres tão apressado e curto com o teu Deus? Se podes viver sem seres devedor de Deus, por que então vens de todo à sua porta? Se não podes, por que então não esperas mais pacientemente pelo seu prazer? Seria injusto se ele te enxotasse de sua porta? Por que, então, não és mais agradecido pela permissão dele de ali esperares, embora não sejas imediatamente servido?

2. Considera a quem oras. Não é ele a majestade grande e gloriosa do céu e da terra? E não é esta uma parte do estado em que ele espera ser servido pelas suas pobres criaturas? Por quanto tempo se assentou Mardoqueu à porta do rei antes de receber aquilo por que esperava (Et 2)? Não é tempo suficiente para o servo se assentar ao jantar após ter servido à mesa de seu senhor? Não seria insolência insuportável no servo queixar-se de seu senhor sentar-se por muito tempo e exigir dele muita espera? Esta é a linguagem de nossos corações quando achamos muito esperar pelo tempo de Deus por uma misericórdia. Não é ele um Deus justo e santo? Certamente ele não te faz injustiça alguma por te fazer orar, e isso por muito tempo, por uma misericórdia que não mereces quando ela vem por fim. Não é ele mais sábio do que tu, para saber como determinar o tempo de suas

misericórdias? "Acaso... se desampará a terra por tua causa? Ou se removerão as rochas do seu lugar?" (Jó 18:4). Queres que Deus desfaça o curso de sua providência, que ele julga adequado, para satisfazer o teu espírito impaciente? Certamente isto é acusar Deus tolamente de algum erro em seu governo. Em uma palavra: não é ele um Deus fiel, embora não venha tão cedo ao teu alívio quanto tu gostarias? Onde te deu ele licença para datares as suas promessas e estabeleceres o dia do pagamento? Não; ele prometeu responder às orações de seus filhos, mas ocultou o tempo de cumprimento de sua promessa, com o propósito de os manter em uma postura de espera; e, portanto, ele não quebra a sua promessa quando detém uma misericórdia, mas tu te esqueces de teu dever ao não esperares. Deus não é infiel, mas tu és incrédulo e sem fé.

3. Não têm pessoas tão boas quanto tu orado, e isso por tanto tempo quanto tu, antes de receberem uma resposta, e contudo não se comportaram deste modo? Olha para a geração dos que o buscam, e verás que Deus exercitou a paciência deles bem como a tua. Tens permanecido à porta de Deus por mais tempo do que muitos de teus irmãos o fizeram? Lembra-te de Jó, Davi e Hemã, quantas tribulações vieram sobre as suas cabeças! Que tristes notícias ouviram! Que terríveis aflições suportaram antes de o dia raiar e a providência divina clarear! Construirá Deus um caminho plano para ti caminhares por ti mesmo a seco, enquanto estes, e milhares além, deram muitos passos fatigantes através dos profundos lamaçais da aflição antes de poderem chegar a um caminho plano? Quando Deus guiou Israel dando grande volta, e fez disso uma jornada de quarenta anos do Egito a Canaã, teria sido grande orgulho para qualquer um entre eles desejar que Deus os guiasse por um caminho mais curto para lá do que todos os seus irmãos. Davi não desejava mais das mãos

de Deus do que ser tratado como os seus companheiros santos eram: "Aspira para mim e tem misericórdia de mim, conforme ao direito dos que amam o teu nome" (Sl 119:132). Mais ainda: não espera o próprio Cristo, e exemplo além de todo exemplo, e isso por muito tempo, mesmo no próprio céu por uma resposta às suas orações? Ele tem estado já há mais de mil anos ali a orar pela sua igreja e contra os seus inimigos, e não recebeu ainda a totalidade de seus desejos; mas continua ainda esperando até que os primeiros sejam salvos e os segundos feitos o estrado de seus pés (Hb 10:13). Quem és tu para que tenhas opinião tão elevada de ti mesmo a ponto de olhares para Deus para que faça tudo esperar e negociar a prazo, enquanto tu unicamente queres receber à vista?

4. Considera se tu nunca fizeste Deus esperar por ti antes de o seu apelo poder ser ouvido, embora ele suplicasse não pelo benefício dele, mas pelo teu próprio. Esperou Deus em teu estado carnal por ti, para que pudesse por fim ser gracioso contigo, e achas tu muito esperar na oração agora por ele?

Terceira. Esta falta de perseverança na oração procede frequentemente da incredulidade. A criatura ora, Deus silencia e nenhuma resposta vem. Agora, pensa Satanás, é o meu momento de causar um prejuízo a esta pessoa; e, portanto, ele trabalha para persuadir a criatura de que não há misericórdia a ser esperada de Deus. "Se", diz o tentador, "Deus pretendesse vir, ele teria estado aqui antes de agora. Tantos dias e meses já se foram, e nenhuma notícia de sua aproximação. Esperaste tempo demais para deparar-te com desapontamento no final; desiste e toma outro caminho". Assim ele lidou com o nosso Salvador. Nenhum inimigo apareceu no campo de batalha por quarenta dias, e então ele aparece (Mt 4). Este é o seu modo com os santos também. Ele os deixa em paz enquanto julga estarem amaciados para um

consentimento por permanecerem muito tempo no dever, e espera que as suas munições fiquem baixas; então ele vem a parlamentar com eles, e a afastá-los de esperarem em Deus, iniciando muitos temores e dúvidas em seus pensamentos a respeito do poder, misericórdia e verdade de Deus; de modo que o pobre cristão é por fim colocado em um impasse, e não sabe se deve orar ou não orar. Ou, se mantém o dever, contudo não o seu coração nele; ele ora fracamente, e com uma espécie de desespero, como a pobre viúva preparou o seu último punhado de farinha sem outros pensamentos senão os de morrer após o comer (1Re 17). Assim ele ora, mas conta com nada além de morte e miséria para se seguir a isso. Oh! isto é um orar triste, esperar nenhum bem da parte de Deus na realização dele! A incredulidade é um pecado que enfraquece a alma; é para a oração como a traça para o tecido, a qual rói os próprios fios e o reduz a nada; consome a força da alma, de modo que ela não pode olhar para Deus com esperança alguma: "Porque todos eles nos procuravam atemorizar, dizendo: As suas mãos largarão a obra..." (Ne 6:9). Resiste, portanto, a Satanás, firmes na fé. Nunca permitas que o teu coração sofra que o poder, a misericórdia ou a verdade de Deus sejam colocados em dúvida; mais valia colocares em dúvida se ele pode deixar de ser Deus. Estes atributos da natureza divina são para a tua fé como a pedra para Moisés, a qual Aarão e Hur colocaram sob ele para se assentar (Êx 17); eles sustentarão o teu espírito para que não desfaleças ou te canses no trabalho, embora Deus te faça esperar até "ao pôr do sol". Oh! esta postura de espera agrada altamente a Deus, e nunca coloca a alma em vergonha. Maria, que permaneceu junto ao sepulcro, embora tenha perdido o seu Senhor ali, obteve por fim uma visão feliz dele (Jo 20). *Quaeramus et nos Christum* [Busquemos também nós a Cristo], diz um comentarista sobre a passagem, *ex fide, et astabit*

nobis licet non illicò eum agnoverimus — busquemos a Cristo em fé, e ele por fim estará conosco, embora não o reconheçamos imediatamente.

Quarta. Alguns não perseveram na oração porque têm o seu olhar em outro que não em Deus de quem esperam ajuda. Não é de admirar que desista de orar aquele que pensa que tem outra corda em seu arco. Enquanto o coração carnal ora por livramento, ele tem outros projetos em sua cabeça sobre como se desvencilhar dos espinhos em que está preso, e nestes ele coloca mais peso e importância do que em Deus a quem ora; portanto, por fim, ele deixa de orar para se entregar a eles. Ao passo que outro, que espera tudo de Deus, e não vê outro caminho para se ajudar senão chamando Deus em seu auxílio, dirá como Pedro a Cristo — perguntando este aos seus discípulos se o queriam deixar como os outros tinham feito —: "Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna" (Jo 6:68). "Não conheço outra porta para bater", diz a pobre alma, "senão a tua; a criatura não a tem para dar, mas tu a tens; eu, portanto, nunca te deixarei". "não sabemos o que faremos", disse o bom Josafá, "porém os nossos olhos estão postos em ti" (2Cr 20:12).

Quinta. Procede de uma falta de contentamento interno o qual a criatura deveria ter em Deus e na comunhão com ele: "deleitar-se-á... no Todo-Poderoso? Invocará... a Deus em todo o tempo?" (Jó 27:10). Ele não invocará a Deus em todo o tempo porque nunca se deleitou propriamente nele. Facilmente abrimos mão daquilo de cujo desfrute não tiramos grande contentamento. A alma sincera está ligada a Deus pelas fibras do coração, a sua comunhão está fundada no amor; e "o amor é forte como a morte", "as muitas águas não poderiam apagar este amor" (Ct 8:6-7). Um estranho pode ter uma missão que o traga à casa de

um homem; mas, realizada esta, o seu conhecimento cessa. Mas um amigo vem para se assentar com ele, e o prazer que tem em sua companhia não lhe permitirá descontinuar o seu conhecimento por muito tempo. Coloca, portanto, as tuas afeições sobre Deus como o teu bem supremo, e a faísca ou a pedra esquecerão mais cedo o caminho para o seu centro do que tu o caminho para o teu Deus na oração. O hipócrita usa a oração como usamos o remédio — não porque goste de seu sabor; a alma sincera usa-a como alimento — ela é doce ao seu paladar. Davi, a partir da satisfação interna que encontrou na presença de Deus, clama: "Mas, para mim, bom é aproximar-me de Deus" (Sl 73:28), como quem, provando algum vinho generoso ou bocado doce, coloca a mão no estômago — onde encontra o refrigério dele — e diz aos que estão ao redor: "Oh! é bom!". Nunca uma tal alma abrirá mão dele. Não; ela dirá, como a figueira na parábola de Jotão: "Deixaria eu a minha doçura e o meu bom fruto" que encontrei na comunhão com o meu Deus! (Jz 9:11). "Nunca o farei".

SEXTA DIVISÃO — A ABRANGÊNCIA DA ORAÇÃO

"e súplica por todos os santos"

Estas palavras contêm o sexto e último ramo no diretório do apóstolo para a oração, e este é a abrangência do dever, ou as pessoas que devem ser o assunto de nossas orações — *"súplica por todos os santos"*. Mas o quê! Queria ele que orássemos por ninguém senão pelos santos? Esta não pode ser a intenção do apóstolo, sendo tão contrária à mente de Cristo, de quem ele tem a sua mensagem. Cristo tanto nos ordena a orar pelos nossos

inimigos quanto é ele próprio o nosso modelo para isso; sim, Paulo mesmo ensina doutrina contrária a esta: "Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens" (1Tm 2:1) — isto é, todos os tipos de homens, fiéis e infiéis, amigos e inimigos. De modo que os santos não são aqui nomeados como o assunto único e adequado de nossas orações, mas como uma espécie principal, uma categoria de pessoas as quais devemos de uma maneira especial carregar em nossas orações a Deus, das quais se nos lembrarmos apenas, não nos esqueceremos facilmente de orar pelos outros também; porque, como diz Agostinho, *numerus sanctorum de numero impiorum semper est auctus* — o número dos santos é aumentado e tirado do número dos ímpios. Ao orarmos pela Babilônia, oramos por Jerusalém. Quanto mais são orados para saírem do pecado, mais são orados para entrarem em Cristo. Encerraremos o nosso discurso sobre este assunto sob estas **TRÊS PROPOSIÇÕES** fundamentais: **PRIMEIRA.** Devemos demonstrar um espírito público na oração, orando pelos outros bem como por nós mesmos. **SEGUNDA.** De todos de quem nos lembramos em nossas orações, os santos não devem ser esquecidos. **TERCEIRA.** Ao orarmos pelos santos, devemos ser cuidadosos em abranger e cercar todos os santos.

PRIMEIRA PROPOSIÇÃO

UM ESPÍRITO PÚBLICO deve ser demonstrado na oração

Devemos demonstrar um espírito público na oração, orando pelos outros bem como por nós mesmos. Este é um dever de interesse comum, em que os outros devem compartilhar

conosco. Como os baldes que pendem em nossas casas, os quais são para o uso de toda a cidade quando qualquer casa está em chamas, o espírito de oração é um tesouro público, embora depositado em algumas poucas mãos. Nem todos podem orar, por isso todos devem ser orados por eles. Digo que é dever dos santos, não um favor por cortesia que se possa *ad libitum* — ao bel-prazer, fazer ou deixar de fazer. Pecamos e transgredimos a lei da oração se não o fizermos: "E longe de mim esteja que eu peque contra o Senhor, deixando de orar por vós" (1Sm 12:23). Paulo considera-se devedor de seus irmãos neste aspecto: "Sempre devemos, irmãos, dar graças a Deus por vós, como é justo..." (2Ts 1:3). Ele reconhece que é uma dívida devida. Em outro lugar ele agradece a Deus por os ter sempre em memória. De tal modo sensível era ele ao peso deste dever que agradecia a Deus por lhe dar um coração para o realizar.

POR QUE um espírito público deve ser demonstrado na oração

Primeiro. É um dos fins pelos quais o Espírito de oração nos é dado. Os dons do Espírito devem ser empregados conforme a mente e intenção do Doador. Se um homem deixa uma casa e terras para outro, mas encarrega a propriedade com tal pagamento para o uso dos pobres, ele perde o seu legado se não cumprir a vontade do falecido. Deus pretende o bem dos outros em todos os seus dons aos santos específicos; o caminho para perder o nosso dom é acumulá-lo e não o aplicar para o fim em que foi dado: "Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil" (1Co 12:7). Como seríamos úteis aos outros por este dom do Espírito senão orando por eles? Aquele Espírito que nos desperta a orar por nós mesmos nos enviará, se não o apagarmos, na mesma missão pelos outros; sim, em alguns casos, pelos outros antes de nós mesmos — pelo bem espiritual

deles, antes de nosso próprio bem temporal; pelo bem público de uma comunidade, antes do bem privado de nossa única pessoa; como no caso de Moisés, que não quis ser demovido de orar por Israel para ser ele próprio feito grande sobre as ruínas deles (Êx 32). De fato, aquela oferta da parte de Deus: "Deixa-me... e eu te farei uma grande nação" foi apenas provatória, para testar se Moisés preferiria a sua própria sorte antes da do povo, e Deus agradou-se altamente de sua negação de si mesmo.

Segundo. A lei do amor vincula isso como um dever sobre nós. Somos ordenados a "amar o nosso próximo como a nós mesmos". Aquele "como" importa em uma igualdade quanto ao gênero, embora não quanto à proporção; quanto à maneira, embora não quanto à medida. Devo amar o meu próximo tão verdadeiramente, embora não tão fortemente, quanto a mim mesmo. Ora, como demonstramos amor real a nós mesmos se não oramos por nós mesmos? O nosso Salvador explica o nosso amor ao nosso inimigo pelo orar por ele: "Amai a vossos inimigos... e orai pelos que vos maltratam" (Mt 5:44). Podemos dar uma esmola a um inimigo e não o amar. É mais fácil abrir a nossa bolsa do que abrir a nossa alma ao faminto; como o profeta se expressa: na oração nós abrimos as nossas almas. Se um homem alguma vez fala ou faz algo sinceramente, certamente é quando direciona a sua fala a Deus na oração, diz Lucas Bruggens sobre a passagem. Portanto, Deus escolhe isto de orar pelos nossos inimigos como o testemunho mais seguro de nosso amor para com eles. E, verdadeiramente, aquele que deseja o bem apenas para si mesmo bem pode ser contado entre os mais decaídos da humanidade. Alguém compara apropriadamente tal amante de si mesmo ao ouriço, que se envolve em sua própria penugem macia e volta os seus espinhos a todo o mundo além.

Uso. Isto mostra a largueza do coração generoso de Deus. Ele dá aos seus filhos não apenas licença para pedirem por si mesmos, mas pelos outros. Esta não é a maneira dos homens; nós consideramos ousadia demais mendigar por nós mesmos e por outros também. Se um homem pobre, quando obteve a sua esmola, passasse então a mendigar por todos os seus vizinhos, onde encontraria ele o homem que lhe daria as boas-vindas? Mas contempla aqui a imensidade da benignidade divina, que nos dá licença para trazermos o cântaro de nosso vizinho com o nosso próprio à sua porta, sim, ordena-nos a fazê-lo, e depois o recebe mal quando nos esgueiramos para a oração em nossa própria missão privada e deixamos o pensamento das carências dos outros atrás de nós. Por que deverias tu, cristão, estar em dúvida sobre se Deus suprirá as tuas próprias carências se ele te ordena a interceder pelos outros?

Lamentação pela falta de um espírito público na oração

Uma lamentação pode ser tomada pela estreiteza de nossos espíritos na oração. Alguns, de fato, estão tão distantes de orar pelos outros que não aprenderam a demonstrar tanta misericórdia para consigo mesmos; sim, vivem em tal estado de afastamento de Deus em que não podem orar por si mesmos ou pelos seus parentes mais queridos. Oh, quantos pais sem oração temos nós que são cruéis para com a sua própria carne! Maridos para com as esposas de seu próprio seio! Pergunta-lhes se as amam; dir-te-ão que sim, que as amam como às suas próprias almas. E podes crer neles, pois não as tratam pior do que tratam as suas próprias almas. Um tempo se aproxima em que saberão que uma única oração sincera encontrada registrada em favor de seus familiares diria mais pelo seu amor que fingem para com eles do que todos os sacos de dinheiro que acumulam para eles. Outros, se demonstram um pouco de afeto natural para com a

sua própria carne e relações domésticas, contudo o seu amor tem muita dificuldade para passar de suas próprias portas para indagar como passam os outros. Oh, quanto pouco sentem as dores de seus vizinhos! Quanto raramente as expõem com qualquer percepção real sobre os seus corações perante o Senhor! Ou, se o seu olho afeta o seu coração com o que é apresentado tão perto de si nas aflições de seu vizinho da porta ao lado, contudo quanto poucos revelam tal espírito público a ponto de carregarem sobre os seus corações as misérias daqueles que estão a maior distância, de modo a serem devedores de memória fiéis ao Senhor por eles? O bendito Paulo estava aflito com, sim, tinha "um grande combate por aqueles que nunca tinham visto a sua face na carne" (Cl 2 :1). Mesmo entre os que são cristãos, oh, que declínio há deste espírito público! Há grande queixa no mundo entre os homens de suas grandes perdas em nossos recentes tempos de confusão; mas creio que os santos são os maiores perdedores, os quais perderam muito de seu amor e caridade. Alguém diz que o mundo foi outrora destruído com água *propter ardorem cupidinis* — pelo calor da concupiscência que o colocara em chamas —; e será mais uma vez destruído com fogo *propter teporem charitatis* — pelo frio do amor e da caridade. O amor é para a alma o que o calor natural é para o corpo — dá vigor e habilita para a realização de todos os ofícios da vida. Mas, infelizmente! como este calor benigno decaiu entre os cristãos nesta velhice do mundo! Isto foi há muito tempo predito pelo nosso Salvador: "o amor de muitos esfriará" (Mt 24:12), e não admira, quando o amor-próprio, aquele fogo predador, se aquece tanto; predito também pelo apóstolo: "Nos últimos dias os homens serão amantes de si mesmos" (2Tm 3:2). E que bando negro segue este pecado capitão, há ali de se ver! Se uma vez o homem faz de si mesmo o topo de sua mira, adeus o amar ou orar pelos outros. A caridade não pode habitar em casa

tão estreita como o é o coração do amante de si mesmo; sim, ela opõe-se-lhe diametralmente: "O amor não busca os seus próprios interesses" (1Co 13:5).

Mas, para converter a lamentação em exortação: trabalha por um espírito público na oração. Não há ninguém, ó homem, que necessite da misericórdia de Deus além de ti mesmo? Não gostarias de ver ninguém salvo em outro mundo, nem provido neste com tudo com que tu o és? Ora, ao te lembrares dos outros, Deus te dará permissão para que o teu amor comece em casa, embora ele não queira que termine ali. Olha para a tua família: podes esquecer-te deles um dia se te lembras de ti mesmo? Se tornará um crente pior do que um infiel? Ele provê para a sua casa; e tu tens luz que te diz que todo o teu prover para eles nada é a menos que Deus diga amém. Quando tiveres cumprido o teu dever para com eles, amplia ainda a tua caridade e toma os teus vizinhos em teus pensamentos. Oh! considera o que está sendo feito nas ruas e na vizinhança! Quantos podes ali logo encontrar derramando as suas almas preciosas em oferta de bebida a Satanás, o deus deste mundo, em suas terríveis abominações? Oh, ora para que Deus detenha a sua mão sanguinária antes que tenham de modo irrecuperável acabado consigo mesmos! Depois, dá uma caminhada mais longa em tuas meditações para contemplares o estado público e a conjuntura da nação. Vê quais misericórdias estão escritas com a pena de ouro da Providência sobre a sua testa, e paga os teus humildes agradecimentos; quais prognósticos de juízos vindouros podes observar na fisionomia dos tempos, e coloca-te na brecha antes que a ira comece. Intercedeu um Abraão assim por uma Sodoma, embora ele próprio estivesse bastante longe do perigo da tempestade, e não o farás tu por tua própria nação, que estás propenso a ser tomado nela se ela cair em teus dias, ou a tua posteridade a sofrer por ela

se a nuvem que paira não for dispersada pelas orações dos fiéis? Mais ainda: não permitas que o mar que te divide das outras partes da terra te faça pensar que não estás interessado em sua felicidade ou miséria. Permite que as tuas orações caminhem sobre o vasto oceano, e tragam matéria para as tuas devoções, como o navio do comerciante a sua carga de longe. Visita as igrejas de Cristo no estrangeiro; sim, os pobres índios e outras ruínas da humanidade que jazem onde o pecado de Adão os lançou conosco, sem que qualquer tentativa tenha sido feita até ao momento pelo evangelho para a sua recuperação, e carrega a sua condição deplorável perante o Senhor. O nosso Drake é famoso por circundar a terra com o seu navio em poucos anos; tu podes fazê-lo pelas tuas orações todos os dias, e fazer uma viagem mais proveitosa dela também do que ele fez.

Considerações para induzir a um espírito público na oração

Recebe duas ou três considerações vivificantes para te dispordes de modo mais sentido a este trabalho:

1. Consideração. Não podes orar com fé por ti mesmo, se orares apenas por ti mesmo. O Senhor Jesus ensinou aos seus discípulos esta peça de caridade na forma de oração que lhes deu: "Quando orardes, dizei: Pai nosso...". *Pater est verbum fidei; noster est verbum charitatis* — "Pai" é uma palavra de fé e confiança; "nosso" denota amor e caridade, duas graças necessárias na oração. Nós vivemos pela fé, e a fé opera pelo amor (Gl 5:6). Nenhuma oração pode ser sem fé, nem a fé sem caridade. Cristo envia o homem no evangelho para longe do altar, a reconciliar-se com o seu irmão antes de oferecer a sua oferta (Mt 5:23-24). E por quê? Senão para que ele estivesse tão

pronto e disposto a orar pelo seu irmão como por si mesmo? Se não temos caridade para orar pelo nosso irmão, não podemos esperar acolhida quando oramos por nós mesmos.

2. *Consideração. Do contrário, não justifica o caráter e o testemunho que Deus dá de seus filhos.* Ele fala deles como sendo uma bênção para as pessoas e lugares ao redor deles: Israel será "uma bênção no meio da terra" (Is 19:24). Eles são comparados a uma fonte, a qual é um benefício comum para servir a uma cidade inteira; reter ou turvar a qual é um prejuízo para todos os que dali retiram a sua água (Pv 25:26). Ora, um caminho em que os piedosos são eminentemente úteis aos outros é pelo interesse que têm com Deus e pela eficácia de suas orações com ele: "Pela bênção dos que são retos se exalta a cidade" (Pv 11:11) — isto é, pelas suas orações fervorosas, as quais atraem uma bênção do céu sobre ela. Deus abençoa *imperatorie* — por comando: "ali o Senhor ordena a bênção e a vida para sempre" (Sl 133:3). Os santos abençoam quando oram: "Deste modo abençoareis os filhos de Israel, dizendo-lhes: O Senhor te abençoe e te guarde..." (Nm 6:23-24).

3. *Consideração. Deus dá um testemunho marcante de seu favor às orações de seus santos pelos outros:*

(1.) *Ele realiza grandes coisas a pedido deles para os outros.* Quantas vezes Moisés revogou pragas divinas que eram executadas sobre o Egito? Tantas vezes quantas Faraó teve o coração para implorar as suas orações (Êx 8; 9; 10). Quão baixo Abraão barganhou pela preservação de Sodoma? Ele a trouxe até "dez homens justos" (Gn 18). Tivesse aquele lugar ímpio apresentado apenas esse número, não teria sido reduzido a cinzas.

(2.) *Quando as orações deles não obtêm misericórdia para o povo, então nada mais os pode ajudar.* Portanto Deus, para expressar a sua resolução peremptória e decreto irreversível de punir Israel, diz-lhes: "Ainda que Moisés e Samuel se pusessem diante de mim, não estaria a minha alma com este povo" (Jr 15:1), indicando com isso que o caso deles era desesperador. Se as orações de tais homens santos não puderam evitar a queda daquela nuvem de sua ira iminente, muito menos poderiam eles com o seu próprio poder ou política desviar-se dela. De fato, quando Deus está totalmente decidido por um caminho punitivo, ele os retira de orar: "Não ores, pois, por este povo... porque não te ouvirei" (Jr 7:16). E mesmo nisto ele mostra em que medida ele valoriza as orações de seu povo, o que o faz relutante em que eles despendam os seus esforços em vão. "Não ores por este povo" — como se dissesse: "Deixa-os orar se quiserem, posso sem qualquer pesar rejeitar o seu pedido; mas estou indisposto a que tu ores em um tempo não aceitável por aquilo que não tenho mente de conceder".

(3.) *Quando as orações dos santos não trazem de volta consigo a misericórdia para os outros que é a sua missão expressa,* contudo Deus é cuidadoso para que o seu povo não tenha a menor suspeita de que a negação proceda de qualquer desrespeito que ele tenha para com as suas pessoas ou orações e, portanto, ele às vezes dá a coisa que desejam, apenas muda o assunto. Assim, quando Deus negou Abraão por Ismael, ele lhe deu abundantemente em Isaque (Gn 17). Às vezes, novamente, o que ele lhes nega para os outros, ele concede a eles próprios. Assim, as orações de Davi pelos seus inimigos "voltaram para o seu próprio seio" (Sl 35:13). Ora, ao orares pelos outros:

(a) *Sê com o teu coração profundamente afetado com o estado e condição daqueles por quem oras.* Deus ama a

misericórdia mais do que o sacrifício. Abrir a nossa alma no dar e nas esmolas é maior caridade do que abrir a nossa bolsa. Da mesma forma na oração, certifica-te de que a tua alma seja derramada, ou do contrário és um enganador; prejudicas tanto a Deus quanto àquele por quem oras. Antes de Cristo orar por Lázaro, ele se comoveu em seu espírito (Jo 11:33). "Vede como o amava!", disseram os que o cercavam e que foram testemunhas dos gemidos que ele soltou e das lágrimas que chorou. Então orarás fervorosamente pelos outros quando o teu coração estiver aquecido em simpatia por eles. Um advogado pode mostrar mais retórica ao pleitear a causa de um homem, mas um irmão ou amigo querido que carrega o sentimento de sua condição sobre o coração necessariamente revelará mais afeto.

(b) Prefere as bênçãos espirituais em tuas orações pelos outros antes das temporais. É por um amigo doente que vais em missão? Se a saúde for tudo o que suplicas por ele, não és fiel ao teu amigo. Ele pode receber isso e ficar pior por causa disso. Pede de Cristo graça e glória para ele, e então farás algo com propósito. Certamente isto o nosso Salvador quis dizer em seu método de curar o paralítico de sua doença: "Tem bom ânimo, filho, perdoados te são os teus pecados" (Mt 9:2). Ele primeiro traz-lhe a notícia de um perdão, como uma misericórdia de infinitamente mais valor do que a vida ou os membros, com isso repreendendo tacitamente os seus amigos, os quais tomaram mais cuidado em ter o seu corpo curado do que a sua alma salva. É pela nação que estás orando? Mira em mais do que o livramento de juízos e pragas externas. Os judeus carnaís podiam dizer: "Dá-nos água para beber" (Êx 17:2); mas não pensavam em seu pecado, para suplicarem o arrependimento e o perdão dele. Esse era o clamor da criatura — um animal pode mugir na seca; mas este é o clamor de um santo.

(c) *Não desanimeis em vossas orações pelos outros, embora uma resposta não os alcance imediatamente.* Tu oras por um filho rebelde, ou por um amigo carnal, os quais contudo continuam a sê-lo; tem cuidado para não pensares imediatamente que estão fora do alcance da graça e abandonares o trabalho. Samuel viu o povo por quem orava melhorar mas lentamente, contudo ouve o que ele diz: "E longe de mim esteja que eu peque contra o Senhor, deixando de orar por vós" (1Sm 12:23). Já ouvi falar de alguns que foram dados como mortos, sim, sepultados, antes de estarem mortos, pelos seus amigos apressados. Não sejas tu assim cruel para com as almas de teus parentes ou vizinhos. Não os tires de tuas orações, não os sepultes em teus pensamentos como réprobos porque não podes perceber sinal algum de vida espiritual neles, embora tenhas muitas vezes estendido as tuas mãos na oração sobre eles; as almas deles, vêes bem, estão ainda em seus corpos e, enquanto assim for, não é tarde demais para Deus soprar a vida da graça nas almas deles. Novamente: é pelo público que oras? Não retires o teu estoque de oração, embora não tenhas um retorno tão rápido em teu comércio com o céu por ele como gostarias. O trabalho do pai não é perdido se o seu filho recebe o benefício dele. Ele pode morrer antes de o navio que ele enviou voltar para casa, mas o seu filho vive para ter os ganhos daquele empreendimento pagos em sua bolsa. Assim, uma geração semeia orações pela igreja, e outra colhe a misericórdia orada.

SEGUNDA PROPOSIÇÃO

OS SANTOS devem ser especialmente lembrados na oração

Ao orarmos pelos outros, de todos de quem nos lembramos, os santos não devem ser esquecidos. O apóstolo sugere isto ao fazê-los a instância para todos, como a *species famosa* — ou classe principal de homens pelos quais devemos orar; e isso se ajusta bem com a doutrina de Paul em outro lugar: "Então, enquanto temos tempo, façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé" (Gl 6:10). Ora, este da oração considero ser um dos caminhos mais eminentes de lhes fazer o bem. Que maior gentileza pode um homem fazer pelo seu amigo doente do que ir ao médico por ele? Por outros atos de caridade damos um pouco de nossa própria bolsa; mas, ao orarmos pelos santos pobres, abrimos o tesouro de Deus para eles. Se alguém encontrasse um mendigo e de sua bolsa lhe jogasse algumas moedas; mas outro lhe dissesse: "Não tenho dinheiro próprio para te dar, contudo irei à corte e exporei a tua condição necessitada ao rei, meu senhor"; seria fácil dizer qual destes faz ao pobre o maior favor. Um pobre santo pode assim fazer mais por outro, embora, como Pedro disse ao coxo, ele não tenha prata nem ouro para dar, do que aquele que tem a maior bolsa própria. Aquele caso de Araúna é digno de nota, onde temos a sua generosa oferta ao rei Davi: "Tome e ofereça o rei, meu senhor, o que bem parecer aos seus olhos; eis aí bois para o holocausto..." (2Sm 24:22). Isto era muito, e revelava que o seu coração era nobre e generoso, como se segue: "Tudo isso deu Araúna ao rei, como rei" (v. 23). Contudo, uma coisa que ele fez equivaleu a mais do que tudo isso, a qual foi a sua oração sincera a Deus pela aceitação de Davi: "Disse mais Araúna ao rei: O Senhor teu Deus te seja propício". Ele poderia ter feito todo o restante por medo; um súdito às vezes dá ao seu príncipe porque sabe que ele o pode tomar se não o der. Mas, pelo seu orar por ele, ele revelou o seu afeto sincero para com ele. Há várias razões de peso para este dever: Primeira. Da parte de Deus. Segunda.

Da parte de Satanás. Terceira. Dos santos orados. E, Quarta. Dos santos que oram.

POR QUE os crentes devem ser especialmente lembrados na oração

Primeiro. Há uma razão tomada da parte de Deus:

1. *Eles são o objeto especial de seu amor*; o seu coração está posto sobre eles, os seus pensamentos e providência estão em atividade continuamente por eles. Os outros, de fato, participam da generosidade divina, mas podem agradecer à companhia e vizinhança dos santos por isso. Quando o jardineiro rega os seus canteiros de flores, alguma água corre pelas calçadas, mas não tivesse ele flores, pouparia esse esforço. Quando uma vez Deus tiver recolhido toda a sua família de santos consigo no céu, rapidamente se verá o que Deus fará com o resto do mundo. Deus dispensa a mesma providência a ambos, mas não com o mesmo afeto, não para o mesmo fim: "ele é o Salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis" (1Tm 4:10). Ele salva os santos com propósitos salvadores; os ímpios ele salva temporariamente, para os destruir eternamente. Ele os salva de uma doença ou perigo presente para que amadureçam para o inferno; como poupamos a nossa madeira jovem para maior crescimento, e depois a cortamos para o fogo. Ora, o que será feito por aqueles a quem Deus declara tanto amor? Não podemos fazer menos do que orar por eles. Por isto cumprimos com Deus e demonstramos o nosso contentamento em sua escolha.

2. *Deus fez deles os herdeiros legítimos de todas as suas promessas*. Ora, as promessas são o fundamento da oração. Devemos orar pelos outros, embora ímpios, não sabendo se Deus tem um propósito secreto de lhes fazer bem. Mas quando há

graça, *hic se aperit decretum* [aqui se abre o decreto] — aqui Deus abre o seu decreto. A fonte de sua graça elegante, que corria até então sob a terra, agora irrompe; de modo que agora podes com maior confiança orar por um tal. Quando Paulo roga orações, para encorajar os seus amigos na obra por ele, ele lhes assegura a sua sinceridade: "Orai por nós, porque confiamos que temos boa consciência, como aqueles que em tudo querem portar-se honestamente" (Hb 13:18). Como se dissesse: "Vós orais por alguém que Deus não vos repreenderá por mencionardes". É um encorajamento para o comerciante arriscar-se quando coloca o seu estoque em boa embarcação.

3. *Eles são uma geração que unicamente honra a Deus no mundo.* De fato, Deus se glorifica nos outros em suas concupiscências presentes e futura condenação. Ele faz com que a ira deles o louve aqui, e a sua ira derramada sobre eles o louvará no futuro; mas nenhum agradecimento se deve a eles por tudo isso, pois eles fazem o seu máximo para deitarem a honra de Deus na lama. Mas os santos são um povo que é não apenas passivo, mas ativo no louvor de Deus; é a sua língua materna bendizer o nome de Deus. Seja qual for o seu trabalho, este é o seu fim e alvo — "quer comais quer bebais" fazer "tudo para glória de Deus" (1Co 10:31). Ora, sob este aspecto, devemos orar pelos santos acima dos outros. A primeira coisa que o nosso Salvador nos ensina a orar é para que o nome de Deus seja santificado, em vista do que ele nos direciona nas próprias palavras seguintes a orarmos pela sua igreja e pelos santos, como aqueles que unicamente o podem santificar — "venha o teu reino".

Segundo. Há uma razão da parte de Satanás. O seu grande rancor é contra os santos. Deus os reconhece; portanto, ele os odeia e cospe fogo e enxofre contra eles. Onde Deus está

de um lado, podes ter a certeza de encontrar o diabo do outro; de fato, eles são a única companhia que se coloca em seu caminho. Quanto aos ímpios, ele considera-se promovido quando eles são exaltados no mundo; o pai é honrado quando o filho é promovido. Mas a elevação dos santos pressagia a sua queda; isto o faz concentrar toda a sua força, por tentação ou perseguição, para lhes causar a ruína. Estes são as estrelas que ele gostaria de pisar sob os seus pés. O primeiro assassinato no mundo foi de um santo (Gn 4); e Caim matará Abel até ao fim do mundo. Em todas as contendas e confusões de nações, estes são a parte ameaçada, portanto necessitam mais de nossas orações.

Terceiro. Há uma razão tomada da parte dos santos orados:

1. Eles desejam imensamente as orações. Os ímpios, confesso, podem fazer isto também, mas é por acessos — em um ímpeto de medo ou susto. Assim, Faraó envia com toda a pressa chamar Moisés quando as pragas de Deus estão em sua casa e campos. Os judeus carnaís rogam a Samuel para que ore por eles para que não morram; mas foi quando aterrorizados com trovões e chuva terríveis que caíram (1Sm 12). Sim, o próprio Simão Mago, ferido de horror pelas palavras de Pedro, roga as suas orações: "Rogai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes venha sobre mim" (At 8:24). Mas em outro momento estes infelizes não se importavam nem com os santos nem com as suas orações. Faraó, que desejara a Moisés em um momento que orasse por ele, em outro momento o expulsa de sua presença com a ameaça de nunca mais o ver (Êx 10:28). Mas agora, os santos são muito cobiçosos, sim, ambiciosos das orações auxiliares de seus irmãos, e esses não sendo os menores entre eles tampouco. De fato, conforme alguém é mais eminente na

graça, tanto mais desejoso é da ajuda de seus irmãos. Quanto mais rico o comerciante, mais pessoas põe a trabalhar para si. O próprio Paulo não se envergonha de implorar este favor do menor santo: "E rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que combatais comigo nas vossas orações a Deus por mim" (Rm 15:30). Ouvistes alguma vez um pedinte à vossa porta, ou um prisioneiro ao portão, pedir mais apaixonadamente? — pelo amor do Senhor Jesus, pelo amor do Espírito. Se alguma vez sentistes qualquer calor em vossos corações pelo sangue de Cristo, ou amor do Espírito consolando-vos, combatei comigo até que juntos tenhamos a vitória, prevalecendo com Deus por esta misericórdia.

2. Como os santos são cobiçosos de orações, da mesma forma eles contam com isso de que oreis por eles; sim, tomam consolo antecipado a partir da expectativa do que receberão por meio delas: "Porque sei que disto me redundará em salvação, pela vossa oração..." (Fp 1:19); "espero que, pelas vossas orações, vos hei de ser restituído" (Fm 22). Onde:

(1.) Observa a modéstia de Paulo. Ele oculta e submete as suas próprias orações e expressa a sua fé nas deles.

(2.) A sua confiança. Ele não duvida de que eles orarão, tampouco questiona o feliz retorno delas em seu seio. Como se dissesse: "Se fordes fiéis, orareis por mim". De modo que quebramos a nossa confiança e decepçionamos os nossos irmãos se nos esquecermos deles.

3. Os santos são os devedores mais honestos com quem podemos lidar; eles pagar-vos-ão em sua própria moeda. Aquele que demonstra qualquer gentileza a um santo tem a certeza de ter Deus por seu pagador; pois é o costume deles transferirem as suas dívidas para Deus, e comprometerem-no a quitar a sua

conta para com o homem. Onesíforo fora um amigo bondoso para Paulo, e o que faz Paulo por ele? À oração ele vai, e deseja que Deus pague as suas dívidas: "O Senhor conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes me recreou e não se envergonhou das minhas cadeias" (2Tm 1:16).

Fourth. Há uma razão tomada da parte dos santos que oram. Não há dever que Deus ordene que ele não pague bem ao cristão pela realização, e o deixe perdendo se o negligenciar. Há bastante neste dever de que estamos falando que o pode tornar amável e desejável em nossos olhos. Os melhores santos consideraram um grande privilégio ser admitidos nesta nobre ordem. Paulo agradece a Deus porque "sem cessar faço memória de ti nas minhas orações, noite e dia" (2Tm 1:3). Mas em que reside esta misericórdia de se ter um coração para orar pelos nossos irmãos?

1. É uma misericórdia singular ser instrumental para a graça ou consolo de qualquer santo, muito mais ser instrumental para a glorificação de Deus. Isto um coração gracioso valoriza altamente, embora lhe custe caro para o promover. Ora, ao orares, embora apenas por um único santo, fazes ambas as coisas: "Ajudando-nos também vós com orações por nós, para que, pela mercê que por muitas pessoas nos foi feita, por muitas também sejam dadas graças a nosso respeito" (2Co 1:11). Paul, ao rogar orações, reforça o seu pedido com um duplo argumento:

(1.) Pela eficácia das orações conjuntas. Quando vinte puxam uma corda, a força e o vigor de cada um são influentes para o puxar dela; da mesma forma na oração, onde muitos concorrem, todos ajudam. Deus olha para a fé e o fervor de cada um exercitados no dever, e direciona a resposta a todos.

(2.) *Pela harmonia dos louvores conjuntos.* Quanto mais cheio for o concerto nos louvores, mais doce será a música aos ouvidos de Deus. Orações conjuntas produzem louvores sociais. Aquele que concorre para uma oração, e não no retornar o louvor, é como quem ajuda o amigo a entrar em dívida, mas não toma cuidado em o ajudar a sair.

2. *Ao orarmos pelos outros, aumentamos a nossa própria alegria.* Quando Paulo viu as orações que semeara pelos santos tessalonicenses darem fruto em sua fé e zelo, ele fica transportado de alegria como diante de uma misericórdia incomparável concedida a si próprio: "Porque, que ação de graças poderemos dar a Deus por vós, por todo o gozo com que nos regozijamos por vossa causa diante do nosso Deus?" (1Ts 3:9). Ele os regara com as suas orações; Deus dá incremento à graça deles. Disto a sua alegria viceja, e o seu coração fica tão arrebatado que ele não sabe quais ações de graças a Deus são suficientes pela misericórdia que recebe através de suas mãos. Verdadeiramente, a razão pela qual não ganhamos mais das graças de nossos irmãos é porque não arriscamos mais orações sobre eles.

3. *Isto seria uma evidência indubitável para provar a nós mesmos que somos santos* — se pudéssemos de coração orar por aqueles que são tais. O amor aos irmãos é frequentemente dado como um caráter de um verdadeiro santo. Ora, nenhum ato pelo qual expressamos o nosso amor aos santos se apresenta mais isento de escrúpulos de insinceridade do que este de orar por eles. Dirás que amas os santos porque frequentas a sua companhia, demonstras gentileza às suas pessoas, defendes os seus nomes contra os que os censuram, ou porque sofres com eles? Tudo isto é excelente, se sincero; contudo, quão fácil é para a vanglória, ou algum outro fim carnal, misturar-se com estas

atitudes! Mas, se podes encontrar o teu coração em segredo — onde nenhuma destas tentações tem tal vantagem para te corromper — inclinado para Deus em favor deles com uma percepção profunda e sentimento de seus pecados, carências e dores, isto falará mais pela sinceridade de teu amor do que tudo o mais sem isto.

USO OU APLICAÇÃO

Uso Primeiro. Devemos orar acima de tudo pelos santos? Ai de ti, então, daqueles que, em vez de orarem por eles, preferem fazer deles "uma presa" (Is 59:15); que, em vez de orarem por eles, os podem amaldiçoar e brindar à sua destruição. Talvez não seja sob o nome claro de santos, mas como envolvidos sob o rótulo de fanático, puritano ou algum outro nome de desprezo inventado para cobrir a sua malícia, para que os possam devorar e rasgar em pedaços. Os santos são uma espécie de pessoas que ninguém ama senão os que são eles mesmos tais. É uma boa explicação de Jerônimo: *estote sancti, ut oratis pro sanctis* [sede santos, para que oreis pelos santos]. O justo é uma abominação para o ímpio; é uma seita por toda parte falada contra (At 28:22). A contenda começou no início entre Abel e Caim, e assim se espalhou por todo o mundo; uma geração toma a defesa contra eles à medida que outra a deixa. Amílcar legou o seu ódio contra os romanos ao seu filho Aníbal quando morreu. Da mesma forma é a contenda transmitida pelos ímpios de uma geração a outra contra os santos. Nada pode aplacar a sua ira ou resolver a disputa; — nenhuma perfeição morais que, estivessem em outros, seriam consideradas amáveis. Seja o santo tão sábio, manso, afável e generoso quanto for, contudo este fato de ele ser um cristão é um "mas" que manchará

tudo nos pensamentos do mundo ímpio. *Bonus vir Cajus Sejus, sed malus tantum quod Christianus* [Cajo Sejo é um bom homem, mas mau apenas porque é cristão] — era a linguagem na era de Tertuliano. Cajo Sejo teria sido um bom homem se não tivesse aquilo sem o que não podia ser bom. Relação próxima nenhuma pode desgastar o rancor deles. Mical não consegue conter o seu espírito escarnecedor, mas zomba de seu marido em sua face pelo seu zelo perante o Senhor (2Sm 6).

Em uma palavra: benefício nenhum que advenha aos ímpios pela vizinhança dos santos — e esse não é pequeno — pode fazê-los depor o seu ódio. Eles são a única fiança que Deus aceita para manter uma nação, quando sob o seu mandado de prisão, fora da cadeia. Eles são a causa de bênçãos para as famílias, cidades e reinos em que vivem; contudo, são o alvo contra o qual as setas envenenadas deles são dirigidas. Toda a cidade está contra Ló; homem nenhum entre eles para tomar a sua parte (Gn 19), de tão verdadeiros e constantes que são os ímpios para com o seu próprio lado. Tertuliano diz-nos de alguns maridos pagãos que gostavam de suas esposas, embora frouxas e devassas, e viviam com elas, quando tais, antes de serem convertidas à fé cristã, mas que assim que abraçaram a fé e com isso foram feitas castas, eles as rejeitaram; pais que podiam suportar comportamentos desobedientes e rebeldes em seus filhos, mas quando uma vez convertidos e estes corrigidos, os expulsavam de casa. *Ut quisque hoc nomine emendatur, offendit* [À medida que alguém por este nome é corrigido, ofende]. Seria bom se este fosse apenas o pecado dos pagãos; mas por triste experiência constatamos que o verdadeiro cristão não tem inimigos mais cruéis em todo o mundo do que alguns que são de seu próprio nome. As perseguições mais agudas da igreja têm sido por aqueles que estavam na igreja. Oh! que

prestação de contas terrível terão tais pessoas de dar no grande dia, as quais professam o nome de Cristo, contudo odeiam a sua natureza nos santos! — as que chamam a Cristo de Senhor, contudo perseguem os seus melhores servos e destroem os seus súditos mais leais! Estes são os homens que acima de tudo sofrerão o máximo da ira ardente do Senhor no dia em que ele pleitear a causa de seu povo e se vingar de seus adversários.

Uso Segundo. Sede exortados a este dever de orar pelos santos; não podeis fazer algo que Deus receba de modo mais bondoso de vossas mãos. Ele próprio coloca esta petição em nossas bocas: "perguntai-me as coisas futuras; demandai-me acerca de meus filhos..." (Is 45:11). Os cortesãos formulam as suas petições conforme o gosto de seu príncipe. São cuidadosos em não pedir aquilo que ele não quer conceder; mas quando percebem que ele favorece uma pessoa ou negócio, então são ambiciosos em apresentar a petição. Joab sabia o que fazia ao enviar a mulher de Tecoa a Davi com uma petição envolvida em uma parábola bela em favor de Absalão, o filho do rei (2Sm 14). Ele sabia que o coração do rei ia fortemente após ele e, assim, a proposta não podia senão ser aceitável. E não está o coração do Senhor ido após os seus santos? A tua oração por eles, portanto, deve necessariamente vir em boa hora, quando encontrará o coração de Deus posto sobre o próprio assunto pelo qual oras. Isto foi o que Deus tanto se agradou em Daniel (Dn 9:22-23). Ora, em vossas orações pelos santos, entre outras coisas que orais por eles, não vos esqueçais destas:

1. Ora pelas suas vidas. Eles são uma bênção tal quando vivem que raramente caem sem que a terra trema sob eles. É comumente um prognóstico de um mal que se aproxima quando Deus os leva pela morte. Jeroboão tinha apenas um filho em quem algum bem se encontrara; ele deve morrer, e então a ruína

da família de seu pai se segue (1Re 14:13). Quando Agostinho morreu, então Hipona caiu nas mãos do inimigo. Se o homem sábio se foi o que preservava a cidade, não admira se o seu fim se apressa. Deus abre caminho para deixar os seus juízos entrarem no mundo ao retirar os santos do mundo. Quando Deus encerra os seus filhos na sepultura, uma tempestade está à mão (Is 26). É, como vedes, de grande importância fazermos o nosso máximo para os manter entre nós, especialmente quando o seu número é tão pequeno e ralo já, de modo que podemos dizer, como outrora o profeta a respeito de Israel: "Sou como o que colhe frutos de verão, como o que respiga uvas de vindima..." (Mq 7:1). Se de fato víssemos que surgem tão espessos em nossos jovens como caem nos velhos, poderíamos dizer que uma bênção está neles. Estes seriam sementes de esperança ao menos para a próxima geração. Mas quando uma brecha larga é feita e poucos para nela se colocarem, isto é terrível. À morte de Moisés, Josué levantou-se em seu lugar, e correu bem com os negócios de Israel. Mas quando Josué morreu, e uma geração se levantou que não vira as maravilhas que Deus fizera por seu povo, e assim rebelou-se, então eles caíram rapidamente em ruína (Jz 2:9-10).

2. *Ora pela sua liberdade e tranquilidade.* "Orai pela paz de Jerusalém; prosperarão aqueles que te amam" (Sl 122:6). Jerusalém era o lugar para o seu culto público, "Aonde sobem as tribos, as tribos do Senhor, como testemunho de Israel, para darem graças ao nome do Senhor" (v. 4); de modo que, por orar pela paz de Jerusalém, entende-se tempos serenos tais em que o povo de Deus pudesse desfrutar de seu puro culto sem perturbação. A igreja sempre teve as suas vicissitudes; às vezes tempo bom, às vezes ruim, mas o seu inverno comumente mais longo do que o seu verão; sim, ao mesmo tempo que o sol da paz

traz o dia a uma parte dela, outra está envolvida em uma noite de perseguição. A paz universal sobre todas as igrejas é uma grande raridade; e onde ela é em qualquer parte desfrutada, alguma nuvem desagradável ou outra logo se interpõe. A paz da igreja, portanto, é representada por um silêncio de meia hora (Ap 8:1). Quando Deus deu aos pobres judeus "um reavivamento" após um cativo tedioso, movendo Ciro a conceder-lhes liberdade para irem e reconstruírem a casa de Deus, quão cedo uma tempestade se levantou e os afastou de seu trabalho! Um príncipe os favorece, outro obstrui o trabalho (Esdras 4). A igreja do evangelho em Atos 9 teve um doce tempo de respiração de paz; mas quanto tempo durou? esta calma curta passou antes de um furacão repentino de perseguição cair sobre eles (At 12). Assim têm os governantes políticos do mundo tratado os santos, conforme o seu interesse carnal parecia exigir: ora os favorecendo, ora os suprimindo. Espécie nenhuma de pessoas no mundo pode esperar menos favor do mundo do que a igreja; a sua única segurança, portanto, reside em engajar Deus a assumir a sua causa.

3. *Ora pelo amor e unidade entre si.* A espada do perseguidor — graças a Deus! — não está na garganta da igreja entre nós. Mas não estão os cristãos com espadas desembainhadas uns contra os outros? A pergunta em nossos dias tem frequentemente sido feita: Por que a Palavra pregada — sendo tão frequente, clara e poderosa como qualquer era anterior desfrutou nesta nação — tem sido não mais eficaz para converter os ímpios ou edificar os santos? Não direi que esta seja a única razão, mas atrevo-me a apresentá-la como nenhuma das menores causas — e que é as divisões dolorosas e divisões entre aqueles que fizeram maior profissão da verdade:

(1.) *Para os santos.* Não é de se admirar que prosperem não mais sob a Palavra, pois o corpo de Cristo é edificado em amor (Ef 4). Enquanto houver uma febre sobre o corpo, este não pode se nutrir. Os próprios apóstolos, quando contendendo, pouco proveito obtiveram do sermão de Cristo ou do próprio sacramento por Cristo ministrado a eles (Lc 22). Pensar-se-ia que aquela foi uma refeição em cuja força, como tantos Elias, pudessem ter feito uma longa jornada. Mas, infelizmente! vemos quão fracos se levantaram dela. Um nega o seu mestre e os outros em pânico o abandonam; de tão inaptos que estavam em tal têmpera para fazerem um proveito espiritual do melhor dos meios.

(2.) *Novamente: para os ímpios.* Não é de se admirar que a Palavra prevaleça não mais sobre eles. As divisões e escândalos que surgiram entre os que se dizem santos preencheram os corações deles de preconceito contra as santas verdades e caminhos de Deus. Cristo ora pela unidade de seu povo: "para que o mundo creia", diz ele, "que tu me enviaste" (Jo 17:21). O que está mais frequentemente nas bocas de muitos infelizes profanos do que isto: "Nós creremos neles quando forem todos de uma mente, e passaremos para eles quando puderem concordar entre si"? Quem gosta de colocar a cabeça em uma casa em chamas? Isto deveria, creio eu, estimular todos os que desejam bem ao evangelho a orarem, e isso instantemente, pela reunião de seus corações divididos. Discussões quentes não o farão; a oração, ou nada, o pode. Plínio diz das pérolas chamadas *uniones* [uniões] que a sua natureza, embora sejam geradas no mar, partilha dos céus mais do que da terra. "O Deus de paz" unicamente nos pode ver em paz. Se alguma vez formos sábios para concordar, devemos pedir a

nossa sabedoria emprestada do alto; esta unicamente é "pura e pacífica" (Tg 3:17).

TERCEIRA PROPOSIÇÃO

Ao orarmos pelos santos, devemos ser cuidadosos em abranger e cercar "TODOS"

Ao orarmos pelos santos, devemos ser cuidadosos em abranger e cercar todos os santos. Não quero dizer, como os papistas, pelos vivos e pelos mortos. A oração é um meio de os assistir em seu caminho; na morte, então eles estão ao fim de sua jornada. Orações são inúteis para o pecador morto, e desnecessárias para o santo falecido. O ímpio naquele estado está abaixo, o santo acima, de nossas orações. Não podemos ajudar o ímpio. A árvore caiu, e assim deve jazer. Lemos de uma mudança que o corpo terá após a morte (1Co 15). Corpos vis podem, mas almas imundas não podem, após a morte, ser feitas gloriosas. Se saem do corpo imundas, assim se encontrarão com ele na ressurreição. O tempo para orar por eles é agora enquanto vivem entre vós, ou nunca; pois a morte e o inferno vêm juntos ao pecador. Mal a alma infeliz do rico Epulão foi forçada para fora de seu corpo, e tu a ouves gritar no inferno: "morreu também o rico, e foi sepultado. E no inferno, ergueu os olhos, estando em tormentos..." (Lc 16:22-23). Mas Abraão diz-lhe que "está firmado um grande abismo", que proíbe toda a comunicação entre o céu e ele (v. 26). Ora, o que é isso senão um decreto irrevogável com o qual os ímpios são selados sob a ira eterna? Se Deus não recebe orações da parte deles, então também não de outros por eles. E, assim como os ímpios estão além de nossa ajuda, da mesma forma os santos estão acima de toda a necessidade de nossa ajuda; pois estão em seu porto e refúgio. A

oração implica carência, mas os santos falecidos são perfeitos, chamados por isso de "os espíritos dos justos aperfeiçoados" (Hb 12:23). Não precisamos rogar um perdão para eles, pois o Senhor os absolve — eles são "justos"; não por um suprimento de qualquer bem de que careçam, eles foram "aperfeiçoados"; não para remover qualquer dor que sintam, pois "o Espírito diz: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor... porque descansam dos seus trabalhos" (Ap 14:13). Mas os que inventaram este artifício pretendiam, ao que parece, ganho para a sua própria bolsa, antes do que benefício para as almas dos outros. Trata-se de uma doutrina para bater carteiras, arquitetada para trazer trigo ao moinho do papa. Mas, para deixar isto de lado, são os santos vivos, os vossos companheiros aqui na tribulação, os que são o assunto de vossas orações, e destes devemos cercar toda a comunidade dentro de nossa lembrança. Os papistas falam muito de um tesouro que a igreja possui. Este, de fato, é o verdadeiro tesouro da igreja — o estoque comum de orações com as quais todos negociam com o céu uns pelos outros. Paulo diz-nos que coração grande ele tinha, mesmo por aqueles cuja "face ele nunca vira na carne" (Cl 2:1). Recebe algumas RAZÕES para este ponto:

POR QUE ao orarmos em favor dos santos devemos abranger "TODOS"

PRIMEIRA RAZÃO. Devemos amar a todos os santos, portanto, devemos orar por todos. O amor em um santo é a imagem do amor de Deus para conosco; e o amor de Deus não olha enviesado para um santo mais do que para outro. Aquela imagem não é do desenho de Deus a qual não for semelhante a ele mesmo. A natureza pode errar em suas produções, mas não Deus na graça que gera no peito de seu santo. A nova criatura nunca carece de sua verdadeira natureza. Se Deus ama todos os

seus filhos, então amarás todos os teus irmãos, ou nenhum deles. Quando Paulo recomenda os cristãos por esta graça do amor, ele o faz a partir desta nota de universalidade: "Por isso, ouvindo eu também a fé que entre vós há no Senhor Jesus, e o vosso amor para com todos os santos..." (Ef 1:15; assim em Cl 1:4; Fm 5). Ora, se amamos a todos, não podemos senão orar por todos. Dizer que amamos a alguém e não orarmos por ele é um contrassenso. Pode um cortesão amar o seu amigo e não falar ao seu príncipe por ele quando o pode ajudar com isso? O amor impele o homem a fazer aquilo em que possa expressar a maior gentileza ao seu amigo. Maria derrama o perfume mais precioso que tem sobre Cristo (Jo 12). A oração, se for de composição correta, é o perfume mais precioso que podes dispensar aos santos. Não o guardes para alguns poucos deles que são de tua sociedade privada ou de teu conhecimento particular; mas permite que o doce aroma dele preencha toda a casa da igreja: ora por todos.

SEGUNDA RAZÃO. Devemos orar por todos os santos porque Cristo ora por todos. Ele carrega todos os nomes deles em seu peitoral: "E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim" (Jo 17:20). Ele não deixa nenhum do número fora de sua lembrança. O irmão mais velho era o sacerdote para toda a família; assim é Cristo, o nosso irmão mais velho, para toda a família de crentes. Ora, a intercessão de Cristo é um modelo para as nossas orações. Não podemos, de fato, orar por todos como ele o faz. Ele ora por eles não apenas em massa, mas por cada santo individual por nome: "Eu roguei por ti, Pedro" (Lc 22:32); sim, não apenas por cada pessoa por nome, mas pelas suas carências e ocasiões particulares: "eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça". Cristo toma nota daquela graça específica que estava em perigo

mais iminente, e a assegura pela sua intercessão. Oh, que consolo indizível é este para um santo, que ele em particular seja mencionado no céu, e cada carência ou tentação sob a qual ele trabalha seja notada e provida pela mediação de Cristo! Assim, de fato, nós não podemos orar por todos, porque conhecemos poucos de suas pessoas, e pouco do estado e condição daqueles que conhecemos. Tampouco há necessidade de que o façamos. O nosso sufrágio geral e voto são tão graciosamente recebidos como se pudéssemos descer a instâncias particulares. Deus conhece a mente do Espírito, em nossas orações na terra, para ser pelas mesmas coisas que Cristo insiste em sua intercessão no céu.

TERCEIRA RAZÃO. Devemos orar por todos os santos, ou do contrário não poderemos orar por nenhum:

1. Não podemos orar realmente por nenhum, se não por todos. Aquele que ora por um santo e não deseja o bem para outro não ora por aquele como um santo, mas sob alguma outra consideração, como esposa, amigo, filho ou coisas semelhantes — um santo revestido de tais e tais circunstâncias; pois *a quatenus ad omne valet consequentia* [do particular para o universal a consequência é válida] — aquele que ama um homem porque é homem, ama a todos, porque a mesma natureza humana é encontrada em todos; e todos os santos possuem a mesma natureza.

2. Não podemos orar de modo aceitável por um, a menos que por todos; e assim prejudicamos aqueles por quem oramos, ao deixarmos de fora aqueles por quem também deveríamos orar. José não quis ouvir os patriarcas para a libertação de Simeão até que trouxessem Benjamim também a ele (Gn 42). Se queres ser bem-vindo a Deus ao orares por qualquer um, carrega

todos os teus irmãos a ele em tuas devoções; não deixes nenhum para trás. "Acabaram-se os moços?" (1Sm 16:11), disse Samuel a Jessé. Ele não quis assentar-se até que o jovem Davi fosse trazido para completar a companhia. Talvez sejas ardente na oração pelos teus cristãos vizinhos próximos, mas não te esqueces dos outros que estão mais distantes? Lembras-te da igreja de Deus em tua terra, mas aplicas ao coração as misérias das igrejas estrangeiras? E se Deus te perguntasse agora: "Estão aqui todos os teus irmãos? Não há ninguém além destes que vivem sob o teu olhar para ser lembrado? Não tenho eu filhos, e vós irmãos, em outra parte do mundo em quem pensar?". Os judeus em Babilônia não deviam se esquecer de Jerusalém por causa da grande distância: "Lembraí-vos de longe do Senhor, e suba Jerusalém ao vosso coração" (Jr 51:50).

[USO OU APLICAÇÃO

Uso Primeiro. Oh! que rico comerciante é o santo, que tem um estoque correndo em tantas mãos! No céu, Cristo está intercedendo arduamente por ele; na terra, os seus irmãos. Do que pode este homem carecer? Cristo tem tal interesse no coração de seu Pai que nada lhe pode negar; os santos têm tal interesse em Cristo que ele não lhes negará. De modo que o comércio do cristão corre perfeitamente em ambos os mundos. Pensa nisto, cristão, para o teu consolo — onde quer que um filho de Deus esteja vivendo na terra, ali tens um agente para negociar com o céu para o teu bem. Que isto ajude a tua fé ao apresentares as tuas próprias orações privadas, sabendo que oras em comunhão e sociedade com os outros. Mesmo quando estás sozinho em teu quarto, espera uma resposta para mais do que a tua própria oração. É falta de caridade não orar pelos outros, e orgulho não esperar um benefício das orações dos outros.

Uso Segundo. Ensina-nos quão inquisitivos deveríamos ser a respeito dos afazeres de nossos irmãos e do estado da igreja, para que assim possamos orar com uma percepção mais terna de suas carências por eles. Neemias, quando soube de alguns que tinham vindo de Judeia, indagou como passavam os seus irmãos ali; e a partir do triste relato que ouviu de suas aflições e censuras foi posto em uma paixão amarga, a qual esvaziou, com orações e lágrimas por eles, no seio de Deus (Ne 1:4). Como poderia ele ter feito isto tão sentidamente se não estivesse primeiro familiarizado com a sua condição atribulada? Muitos de nós estamos perguntando frequentemente: "Que notícias há?" e lendo jornais de informação, estrangeiros e nacionais; mas é como atenienses ou como cristãos? Para preencher as nossas cabeças ou para afetar os nossos corações? Para nos abastecer com matéria de conversa e bate-papo à lareira com os nossos vizinhos, ou de oração ao nosso Deus?

Uso Terceiro. Trabalha para obteres um coração generoso na oração por todos os santos. Deus, diz-se, deu a Salomão um coração sábio e grandemente entendido, como a areia que está na praia do mar (1Re 4:29). Eis que uma misericórdia maior do que aquela para com Salomão está aqui. Um coração grande é melhor do que uma cabeça grande — para fazer o bem, do que para o saber. Nada é mais indigno do que um espírito egoísta; egoísmo nenhum é pior do que o que é desabafado na oração. Um pagão pôde condenar aquele ateniense que em uma seca orou pela sua própria cidade, dizendo: "Ó Júpiter, chove sobre os campos dos atenienses", mas esqueceu-se de que os seus vizinhos careciam tanto quanto ele próprio. Muitos pagãos foram grandes admiradores desta virtude da caridade. Recebe um exemplo entre todos. Era uma lei entre os romanos que ninguém deveria se aproximar da tenda do

imperador à noite sob pena de morte. Ora, houve uma noite um certo soldado apreendido, permanecendo perto da tenda do imperador com uma petição para lhe entregar, o qual devia, portanto, ser imediatamente executado; mas o imperador, ouvindo o ruído de dentro de seu pavilhão, chamou para fora, dizendo: "Se for por si mesmo, que morra; se for por outro, poupai a sua vida". Sendo examinado, constatou-se que a sua petição era por dois de seus companheiros de armas que tinham sido pegos dormindo na guarda. De modo que tanto ele escapou da morte quanto eles do castigo. Foi este ofício de caridade tão agradável a um príncipe terreno a ponto de dispensar uma lei por amor a ele? Oh! quão aceitável, então, ao nosso Deus misericordioso é intercedermos pelos nossos companheiros santos! Mas, para mais vos provocar ao exercício deste dever em sua plena amplitude e extensão — a saber, por todos os santos —, considera:

1. Este orar por todos os santos provará ser o teu amor aos santos sincero. Um homem, ao orar por si mesmo ou pelos seus parentes, não se encontra em tal vantagem para ver as atuações da graça pura como quando ora por tais que não têm estas dependências carnis com ele. Quando oras por ti mesmo em carência ou doença, como sabes se isso é algo mais do que o clamor natural da criatura? É pela tua família que oras? Ainda a tua carne tem um interesse na obra e pode ajudar a te avivar — se não for a fonte principal a pôr-te em atividade. Mas quando o teu coração bate fortemente com a percepção da miséria de outro, que nada tem para te mover senão a sua condição de cristão para ser o seu devedor de memória, e podes em segredo pleitear com Deus por ele tão sentidamente como se fosses em tua própria missão, verdadeiramente respiras um espírito gracioso.

2. Assim como falará pela verdade de tua graça, falará também pela altura e vigor dela. É a corrupção que contrai os nossos corações. Não eram dos melhores cristãos aqueles de quem Paulo dá este caráter: "Porque todos buscam o que é seu" (Fp 2:21). À medida que a graça avança na alma, ela se alarga e cresce mais em espírito público. Quanto mais alto um homem sobe uma colina, maior é a sua perspectiva. Aquele que permanece no plano do chão não pode ver além da cerca mais próxima; o seu olho é confinado dentro do limite de sua própria muralha. Assim, o espírito carnal pensa apenas em seus próprios bens ou sorte, não sente a água até ela chegar à sua própria cabine; ao passo que a graça dilata a alma, e quanto mais graça um homem tem, tanto mais o habilitará a olhar de si mesmo para dentro da condição de seus irmãos. Um tal partilha da natureza dos corpos celestes, os quais derramam as suas influências sobre todo o mundo. Especialmente isto falaria da graça elevada em suas atuações se estas circunstâncias concorrerem com ela:

(1.) Quando uma pessoa está ela própria nadando em abundância de todos os prazeres, e pode então deitar de lado a sua própria alegria para chorar e lamentar por e com quaisquer santos aflitos, embora a uma distância imensa deles. Assim fez Neemias pelos seus irmãos em Jerusalém quando ele próprio estava em um ninho quente e tinha todos os prazeres que a corte de tão grande príncipe podia oferecer (Ne 1). Não é comum para quaisquer senão para os de grande graça sentirem as cordas das aflições da igreja através de um leito de penugem sobre o qual eles próprios jazem. Deve ser um Davi para poder preferir Jerusalém acima de sua principal alegria.

(2.) Por outro lado, quando no profundo de nossas próprias tribulações e misérias pessoais, podemos contudo reservar um grande espaço em nossas orações para quaisquer

outros santos; isto fala de uma grande medida de graça. Demonstrou que a força e coragem dos romanos eram grandes o fato de poderem dispensar várias legiões para enviar à Espanha para a ajuda de seus amigos ali, enquanto Aníbal estava perto de suas próprias muralhas com um exército poderoso. Ser capaz de emprestar orações auxiliares a outros santos aflitos, ou ao estrangeiro à igreja de Deus, quando tu próprio estás profundamente engajado com dores privadas, significa de fato um espírito muito gracioso.

(3.) *Quando, em nossos próprios apertos, podemos receber as notícias das misericórdias de qualquer outro santo com alegria e gratidão.* Isto exige grande graça de fato, atuar duas partes tão contrárias bem ao mesmo tempo. A prosperidade dos outros frequentemente gera inveja e descontentamento naqueles que carecem dela. Se, portanto, podes louvar a Deus pelas misericórdias dos outros enquanto as lágrimas permanecem em teus olhos pelas tuas próprias misérias, é uma têmpera rara; a carne e o sangue nunca te ensinaram isso, podes ter a certeza.

Para encerrar isto com uma advertência — embora devamos orar por todos os santos, contudo alguns clamam por uma lembrança mais especial de nossas mãos:

(a) *Aqueles que nos são próximos por outras relações.* Primeiro, pelo vínculo da natureza bem como da graça: "como irmão amado, particularmente para mim, e quanto mais para ti, assim na carne como no Senhor?" (Fm 16). É verdade que o vínculo do Espírito é mais sagrado do que o da carne — *sanctior est copula cordis quàm corporis*; contudo, quando o da carne é entrelaçado com o outro, ele acrescenta, como força à afeição, da mesma forma argumento ao dever; portanto diz

Paulo: "quanto mais para ti". A caridade pode começar, embora não deva terminar, em casa. Novamente, pela relação doméstica, sociedade e comunhão, seja civil ou religiosa — estas dão um reforço ao dever: patrão pelos servos, e servos pelos patrões; ministro pelo povo, e povo pelo ministro. Aquele que deixa passar fome a sua família não tende a banquetear os seus vizinhos. Aquele que é rude para com os seus vizinhos não tende a ser excessivamente bondoso para com os estrangeiros. Assim, aquele que não ora por aqueles que por estas relações permanecem tão próximos de si é muito improvável que abunde neste dever pelos outros.

(b) Aqueles que estão em sofrimento. Quem quer que te esqueças, lembra-te destes. Se alguém estiver doente em nossa família, enviar-lhe-emos a sua porção antes de servirmos a qualquer dos que estão à mesa. Esta é uma estação adequada para o amor. Um amigo para a adversidade é tão próprio como o fogo o é para um dia de inverno. Os amigos de Jó escolheram o momento correto para o visitarem, mas não tomaram o curso correto de aproveitarem a sua visita (Jó 2). Tivessem eles despendido o tempo em oração por ele o qual gastaram em discussões acaloradas com ele, teriam aproveitado e agradado a Deus mais. Novamente: esta é a estação em que o tentador está ativo. Este leão caminha ao redor na noite da aflição, esperando então fazer do cristão a sua presa. E se ele vigia para fazer dele uma presa, não vigiaremos nós para orar por ele? Novamente: esta é a estação das respostas mais rápidas de Deus às orações: "No dia em que eu clamei, me respondeste" (Sl 138:3) — isto é, no dia da aflição. De fato, agora é o tempo em que o Espírito de Cristo estará nos despertando a pray. E quando deveríamos enviar as nossas cartas senão quando o carteiro chama? Aquele

que te desperta a orar por eles será igualmente cuidadoso em entregar as tuas orações e ver uma resposta retornada.

(c) Tais dos santos que são de lugar público e utilidade. Tu oras por muitos aqui enquanto oras por um.

(d) Tais que expressamente desejaram e te empenharam a te lembrares deles no trono da graça. Entre as dívidas, as prioridades são pagas em primeiro lugar. És um devedor de todos os teus irmãos e debes-lhes uma lembrança em tuas orações; mas mais especialmente àqueles a quem particularmente o prometeste. Isto é, por assim dizer, um compromisso assinado por tua mão, dado para maior garantia do pagamento desta dívida ao teu amigo. Quem quer que te esqueças, lembra-te dele. Acusou a consciência do copeiro por não se lembrar de sua promessa a José, o qual o empenhara — quando fosse restabelecido na corte — a interceder junto a Faraó por ele? "Das minhas ofensas me lembro hoje" (Gn 41:9), diz ele. Muito mais tens tu causa de confessar as tuas ofensas, tu que te esqueces de fazer menção deles ao Senhor os que solenemente o desejaram de tuas mãos. Ter prometido o pagamento de uma soma em dinheiro e ter falhado não seria maior desonestidade. Podes prejudicar a alma dele mais ao decepcioná-lo de tua oração do que os seus bens poderiam sofrer por falta de teu dinheiro. Como sabes se a misericórdia de que ele carece não está retida até que as tuas orações cheguem ao céu por ela? Que outros santos obtêm pelas suas orações por nós o que às vezes não obtemos pelas nossas próprias é claro em Jó 42:8.

DIRETRIZ DUODÉCIMA

O DEVER DE TODO CRISTÃO EM ARMADURA COMPLETA DE AUXILIAR PELA ORAÇÃO OS MINISTROS PÚBLICOS DE CRISTO

"e por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, com confiança, para fazer notório o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias..."
(Efésios 6:19-20)

O apóstolo, tendo apresentado este dever da oração em toda a sua extensão, tomando todos os santos dentro de sua circunferência, vem agora aplicar a regra geral e reivindicar uma participação nela para si mesmo — *"e por mim"*. Ao ordenar-lhes que orem "por todos os santos", ele certamente não pode ser excluído das orações deles, ele que não é o menor do número. Nas palavras há quatro ramos: PRIMEIRA. Aqui está uma exortação, ou pedido de Paulo por si mesmo, e nele por todos os ministros do evangelho — *"e por mim"*. SEGUNDA. O assunto de seu pedido — *"para que me seja dada... a palavra, no abrir da minha boca"*. Não que ele queira confiná-los e determiná-los em suas orações a este pedido unicamente; mas ele o propõe como uma cabeça principal a ser insistida por eles em seu favor. TERCEIRA. O fim por que ele deseja isto — *"com confiança, para fazer notório o mistério do evangelho"*. QUARTA. Um duplo argumento para apoiar e reforçar este pedido — *"pelo qual sou embaixador em cadeias"* —: PRIMEIRA. Tomado de seu ofício. SEGUNDA. De seu estado aflito presente.

PRIMEIRO RAMO

O PEDIDO DE PAULO como ministro de Cristo, pelas orações dos crentes

"E por mim"

Aqui está uma exortação, ou pedido de Paulo por si mesmo, e nele por todos os ministros do evangelho — "e por mim". PRIMEIRA. Podemos notar aqui que o povo deve ser ensinado no dever que deve ao seu ministro bem como aos outros. SEGUNDA. Não é apenas o nosso dever orar pelos outros, mas também desejar as orações dos outros por nós mesmos. TERCEIRA. Podemos notar que os ministros do evangelho devem, de uma maneira especial, ser lembrados nas orações dos santos.

PRIMEIRA. Podemos notar aqui que o povo deve ser ensinado no dever que deve ao seu ministro bem como aos outros; embora de fato dever nenhum seja mais difícil para o ministro insistir ou para o povo ouvir — para ele pregar com humildade e sabedoria, ou para eles o receberem sem preconceito.

É o nosso dever igualmente DESEJAR AS ORAÇÕES DOS OUTROS, bem como orar por eles

SEGUNDA. Não é apenas o nosso dever orar pelos outros, mas também desejar as orações dos outros por nós mesmos. Se um Paulo se torna pedinte e deseja a lembrança dos outros por si, quem então não necessita dela? Esta tem sido a prática constante dos santos. Às vezes eles chamam a ajuda de seus irmãos em ocasiões especiais para orarem com eles. Assim Daniel (Dn 2:18), quando requerido a interpretar o sonho do rei, faz uso de "Ananias, Misael e Azarias, seus companheiros". "Então Daniel foi para a sua casa, e fez saber o caso a estes... para que pedissem misericórdia ao Deus do céu sobre este segredo". Daniel não quis dar uma resposta ao rei até ter uma resposta da parte de Deus. À oração, portanto, ele vai. Sem

dúvida ele não se esqueceu de sua missão em seu quarto em suas devoções solitárias; mas com tudo isso ele chama ajuda para se unir em oração social com ele. Ele os manda chamar à sua casa; onde, é provável, oraram juntos para o mútuo despertamento de suas afeições e fortalecimento de sua petição por esta força unida de ambos. Pelo que ele reconhece a misericórdia como uma resposta às orações concorrentes deles: "Ó Deus de meus pais, eu te louvo e te celebro, porque me deste... e agora me fizeste saber o que te pedimos..." (v. 23). Isto justifica a prática dos santos quando, em qualquer grande aperto de tentação ou aflição, conseguem que outro dos fiéis dê um auxílio com eles neste dever. Às vezes os temos desejando as orações de seus irmãos por eles quando não as podem convenientemente ter consigo. Assim Ester põe os judeus em Susã a orar por ela (Et 4:16); da mesma forma o nosso apóstolo em muitas de suas epístolas deseja a lembrança dos santos de carregar o seu nome consigo ao trono da graça (Rm 15:30; 2Co 1:10-11; Cl 4:3; Fp 1:19). E não sem grande razão, pois:

Primeiro. Deus fez disso uma dívida que um santo deve a outro de carregar os seus nomes ao trono da graça. Ora, não desejar que esta dívida seja paga, com a qual Deus encarregou os nossos irmãos, é desvalorizar a misericórdia e a benignidade de nosso Deus. Se uma herança nos fosse deixada por um amigo, não seria um desprezo de sua gentileza não chamarmos o herdeiro que a deve pagar? Certamente Deus considera que nos faz uma gentileza nisso e, portanto, pode receber mal o não pedirmos por ela. Não é nosso costume perder uma dívida por falta de uma cobrança, e esta é nenhuma das menores que temos a receber.

Segundo. Muitas são as promessas graciosas que são feitas a tais orações dos fiéis uns pelos outros. "Se alguém vir

pecar seu irmão, pecado que não é para morte, orará, e Deus lhe dará a vida..." (1Jo 5:16). Mas dirás: "Como pode a oração de um obter o perdão para outro?". Respondo: Ninguém é perdoado pela fé de outro; isto deve ser pessoal; mas a oração fervorosa e crente de um é um excelente meio para obter a graça do arrependimento e da fé para outro, pela qual ele pode vir a ser perdoado. Assim: "Confessai as vossas culpas uns aos outros e orai uns pelos outros, para que sareis" (Tg 5:16). Ora, ao não desejarmos o auxílio de nossos irmãos neste sentido, não fazemos uso destas promessas — cujo propósito adequado é encorajar-nos a chamar o auxílio auxiliar de outros —, como se tais passagens da Escritura pudessem ter sido dispensadas por falta de necessidade que delas tivéssemos. Se visses uma porção de terra nunca semeada nem cultivada, bem poderias dizer que a terra é estéril ou o proprietário um mau administrador; ou a promessa é vazia e inútil, ou nós que não a aproveitamos somos piores administradores para as nossas almas. Mas não podemos dizer isso da promessa se considerarmos o grande fruto e vantagem que os santos em todas as eras colheram dela. Não obteve Daniel o conhecimento de um grande segredo como retorno das orações de seus companheiros com ele? Não escaparam os amigos de Jó de um grande juízo que pairava sobre as suas cabeças à intercessão dele (Jó 42)? Que miraculoso livramento teve Pedro às orações de alguns poucos santos reunidos em seu favor (At 12)! Não tragas, portanto, um mau relatório sobre esta promessa, visto que tais doces cachos de uvas como estes estão para ser mostrados que foram colhidos dela.

Terceiro. Se não desejamos que os outros carreguem o nosso nome ao trono da graça, somos culpados de apagar o

Espírito de oração; o que pode ser feito em nós mesmos e nos outros também:

1. *Por isto podemos apagá-lo em nós mesmos.* Em parte, porque negligenciamos um dever. Somos ordenados a "confessar as nossas culpas uns aos outros", e para qual fim senão para termos o benefício das orações mútuas? O mesmo Espírito que te desperta a orar por ti mesmo te excitará em muitos casos a colocar os outros a orar por ti; o que se não fizeres, sobrepões-te aos movimentos dele e, assim, cometes um pecado. Novamente: apagas o Espírito de oração em ti mesmo ao te privares daquele auxílio que poderias receber em tuas próprias orações através das deles; pois o Espírito nos transmite a sua graça vivificante no uso de instrumentos e meios. Aquele que não ouve a Palavra pregada apaga o seu Espírito, porque Deus usa esta como fole para soprar e acender a graça do santo. Assim, o que não deseja as orações dos outros apaga o Espírito de oração em si mesmo, porque o exercício da graça deles na oração por ti pode atrair mais graça para ser derramada em ti.

2. *Podes ser cúmplice de apagar o Espírito nos outros*, porque impedes a atuação daquelas graças neles as quais teriam sido exercidas na oração por ti se os tivesses familiarizado com a tua condição. O fogo é apagado tanto pela remoção do combustível quanto pelo lançamento de água sobre ele. Ao abrires as tuas carências ou desejos aos teus irmãos, alimentas o Espírito de oração neles, visto que nova matéria lhes é administrada para trabalhar; ao os familiarizares com as providências misericordiosas de Deus para contigo, preparas um cântico de louvor para eles. Quantos gemidos e suspiros teria Deus na oração recebido de teus companheiros santos não tivesses tu ocultado de seu conhecimento as tuas tentações e

aflições! Que salvas de alegria e gratidão teriam eles tocado não tivesses tu escondido as tuas misericórdias deles!

Quarto. Devemos desejar que os outros orem por nós para expressarmos o sentimento humilde que temos de nossa própria fraqueza e da necessidade que temos do auxílio dos outros. As almas humildes são temerosas de sua própria força. Os que têm pouco desejam sócios com eles em seu comércio; mas, quando julgam que o seu próprio estoque privado é suficiente, então podem negociar por si mesmos. "Já estais fartos, já estais ricos; sem nós reinais..." (1Co 4:8), diz Paulo dos envaidecidos coríntios. O tempo foi em que pensáveis que tínheis necessidade da pregação de Paulo para vós e de seu orar por vós, mas agora reinais sem nós! Oh, quantos há que, em tempos passados, podiam rogar orações de cada cristão que encontravam! Nada além de carências e queixas se podia ouvir deles, o que os fazia rogar ajuda de todos os que conheciam para orar para abaterem as suas corrupções e elevarem as suas graças. Mas agora deixaram o comércio de mendigo e reinam em um reino imaginário de sua autossuficiência envaidecida. Certamente, assim como revela falta de caridade não orar pelos outros, revela não menos de orgulho não desejar as orações dos outros.

Quinto. Devemos desejar que os outros orem por nós para evitarmos os desígnios de Satanás contra nós. Ele sabe muito bem que vantagem tem sobre o cristão quando este é separado de sua companhia; pelo que ele trabalha o que pode para impedir a conjunção de suas orações solitárias com o auxílio auxiliar que os seus irmãos lhe poderiam prestar. A força de Sansão não residia em um único fio de cabelo, mas em toda a sua trança; a segurança do santo reside na comunhão, não na solidão e devoção individual. Quantos, infelizmente! ocultando

as suas tentações dos outros, viram as suas dores crescerem sobre si após todos os seus próprios esforços privados e lutas em segredo contra elas? Como quem, quando a sua casa está em chamas, tenta apagá-la sozinho, mas não é capaz, e assim corre o risco de perder tudo o que tem por falta de chamar a tempo os seus vizinhos em seu auxílio.

Sexto. O amor que devemos aos nossos irmãos exige que devemos desejar que os outros orem por nós. Os santos aqui vivem onde ninguém mais os ama senão eles mesmos, portanto eles não necessitam fazer muito caso uns dos outros. Ora, este desejar as orações deles carrega uma tríplice expressão de amor para com eles.

(1.) Pelo fato de com isto reconhecermos a graça de Deus em nossos irmãos, do contrário supõe-se que não os empregariamos em tal trabalho. Aquele que deseja a um amigo que apresente uma petição ao rei em seu favor demonstra crer que ele está no favor e que tem algum interesse junto ao príncipe. Ora, que testemunho mais honroso podemos prestar a outro do que o reconhecermos como um filho de Deus, cujas orações são bem-vindas no céu? Somos ordenados a "preferir cada um ao seu irmão na honra". Ora, de nenhum modo podemos fazer isto melhor do que fazendo uso de sua ajuda junto ao trono da graça para ser o nosso devedor de memória perante o Senhor.

(2.) Por isto fazemos o nosso máximo para interessar os nossos irmãos na misericórdia pela qual desejamos que orem. Estivesse um comerciante para enviar alguma mercadoria para a Turquia ou Espanha que ele sabe que renderá um retorno proveitoso, seria um grande favor tomar parceiros consigo na empreitada. E que viagem é proveitosa como esta da oração? E quem quer que compartilhe no dever é parceiro na misericórdia.

(3.) *Por isto confirmamos neles a confiança de nossa prontidão em orar por eles.* Em que consiste a boa vizinhança senão na prontidão de retribuir gentilezas uns aos outros? — quando aquilo está ao serviço de um vizinho o que se encontra na casa de outro? Ora, quem será ousado ou livre com o seu vizinho para receber dele uma gentileza se não está disposto a receber o mesmo? Sê tu estranho ao teu amigo, e ensinas-lhe a sê-lo para contigo mesmo. Nada endossa mais os cristãos em amor do que um coração aberto uns para com os outros. Um amigo não deveria ter gabinete em seu peito para o qual não permitisse ao seu amigo uma chave.

Objeção (1). Mas não estamos nós, ao desejarmos as orações de nossos companheiros santos, interferindo no ofício mediador de Cristo?

Resposta. Não; certamente Cristo não ordenaria aquilo que representasse prejuízo para si próprio. Há grande diferença entre o nosso desejar que Cristo ore por nós e o desejarmos de nossos companheiros irmãos. Nós desejamos que Cristo apresente as nossas pessoas e orações, esperando a aceitação de ambos pelo seu sangue e intercessão. Mas coisa nenhuma semelhante esperamos das orações de nossos irmãos; nós apenas as desejamos como amigos para nos fazerem companhia ao trono da graça, ali apresentando as nossas orações em uma comunhão conjunta, esperando o acolhimento de ambas as suas e as nossas orações, não deles, mas de Cristo — confiando em Cristo para assegurar o acolhimento tanto de nossas orações quanto das deles na mão de nosso Pai celestial.

Objeção (2). Mas por que, então, não podemos desejar as orações dos santos falecidos para o mesmo propósito que desejamos as orações daqueles que ainda vivem conosco?

Resposta (1). Não temos preceito ou exemplo para isto na Palavra; e o que ali não é ordenado nos deveres de culto é proibido. Não devemos ser "sábios além do que está escrito". Não usar os meios que Deus designou é um grande pecado, o que foi o caso de Acaz (Is 7); mas inventar caminhos ou meios além dos que Deus designou é muito pior. É bastante ruim para um súdito não guardar as leis do rei, mas muito pior para ele presumir cunhar uma lei de sua própria cabeça. O primeiro é desobediente, mas o segundo é um traidor.

Resposta (2). Não temos modo algum de expressar os nossos pensamentos e desejos aos santos falecidos. Por que deveríamos orar a eles se não podem ouvir o que dizemos? Ou onde está o mensageiro para enviar os nossos sentimentos? Ou qual a palavra na Escritura que diz que eles ouvem no céu o que oramos na terra?

Resposta (3). É prerrogativa de Cristo ser o único agente no céu para os seus santos na terra. "A qual dos anjos ou santos disse Deus: Assenta-te à minha direita?" (Hb 1). No templo externo encontramos toda a congregação orando, mas no santo dos santos ninguém entrava senão o sumo sacerdote com o seu incenso (Lv 16). Cada santo é um sacerdote para oferecer orações por si mesmo e pelos outros na terra; mas Cristo unicamente como o nosso Sumo Sacerdote intercede no céu por nós. Os anjos gloriosos e santos ali sem dúvida desejam bem à igreja abaixo; mas é ofício de Cristo receber o incenso das orações de seus santos militantes, as quais enviam deste templo externo aqui abaixo ao céu, e oferecê-lo com todos os seus desejos a Deus; de modo que empregar qualquer outro no céu além de Cristo para orar por nós é colocar Cristo fora de seu ofício.

USO OU APLICAÇÃO

Uso Primeiro. Repreende aqueles em cujos corações nunca entrou ainda implorar orações pelas suas próprias almas. Certamente eles são grandes estranhos para si mesmos e ignorantes de qual privilégio perdem! Como Cristo disse à mulher de Samaria: "Se tu conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede... tu lhe pedirias, e ele te daria..." (Jo 4:10). Soubessem as pobres almas quem são os santos — que favoritos perante Deus e quão eficazes são as suas orações com ele —, não seriam voluntariamente deixadas fora de sua lembrança. Nunca conheci ninguém que, assim que Deus começou a operar nele — embora não passasse de despertar a sua consciência —, não julgasse isto digno de ser desejado. É natural para o homem nos apertos suplicar ajuda. Um servo ou uma criança, quando o patrão ou o pai estão desagradados e as punições ameaçadas, se conhecem alguém que tenha interesse em seu favor e seja mais propenso a prevalecer com eles do que os outros, então rogam a tais que se tornem intercessores por eles. Quando a fome e a carência apertam o pobre, então, se ele tem algum vizinho para ser o seu amigo, para falar pela província por ele, logo ele ouvirá falar dele. Ora, fossem a percepção de suas carências ou tribulações de natureza mais elevada, não seriam eles tão ardentes em desejar orações pelas suas almas como agora o são para implorar pão para os seus corpos? Pois bem, vós que temeis a Deus e viveis entre tais pessoas, fazei o vosso dever: embora não tenham corações para o desejar de vossas mãos, orai pelas suas almas estúpidas perante o Senhor. Quando um amigo está doente e os seus sentidos se foram, não esperas para mandar chamar o médico até que ele volte a si e seja capaz de te pedir para o fazeres por ele. Deves fazer mais pressa a Deus por tais

como estes, para que não se vão nesta apoplexia de consciência e fiquem assim além do alcance das orações.

Uso Segundo. Repreende aqueles que desejam orações do povo de Deus, mas hipocritamente; e são tais que põem os outros a trabalhar, mas não oram por si mesmos — um sinal certo de um coração mau. Assim, Faraó frequentemente chamava Moisés para orar por ele e por sua terra; mas não lemos que ele próprio fizesse qualquer abordagem a Deus, mas considerava suficiente enviar outro em sua missão; ao passo que uma alma graciosa certificar-se-á de se encontrar com aquele a quem emprega no trabalho: "rogo-vos", diz Paulo, "que combatais comigo" em vossas orações a Deus por mim. Ele não retirou o pescoço do jugo para o colocar no de outro, mas puxou junto com eles nele; do contrário, os que oram por ti podem afastar a misericórdia de ti.

Uso Terceiro. Repreende tais que desejam orações dos outros, mas apenas em algum grande aperto. Se a sua carruagem está travada em algum profundo lamaçal de aflição, então enviam com toda a pressa chamar alguns para os puxarem de lá com a sua oração, os quais, em outro momento, mudam os seus pensamentos das orações dos santos, sim, e do próprio Deus. Uma vez idas as rãs, e Moisés nada mais ouve de Faraó até que outra praga lhe desperte a memória (Êx 8). Moisés não ouve Faraó clamar até que Faraó ouve as rãs coaxarem. Assim, como dizem do coral, que é macio na água onde cresce, e duro quando retirado; muitos têm as suas consciências macias e ternas enquanto sofrem na aflição, mas duras e obstinadas quando esta é removida. Faraó, que tantas vezes chamara Moisés para a oração, por fim não pôde suportar a visão dele, mas o baniu de sua presença para sempre. Oh! tem cuidado com isto! Quando uma vez o infeliz chegou a esse ponto, e de tal modo estranho

mudou o seu tom a ponto de afastar Moisés de si, o qual tantas vezes o livrara e resgatara das mãos da vingança divina, então ele não tinha muito tempo de vida, pois removeu a própria represa e levantou a comporta para deixar entrar a ruína sobre si mesmo.

Uso Quarto. Repreende tais que desejam que os outros orem por eles, mas por vanglória — para ganharem a reputação de religiosos. Acautela-te disto; contudo não acuses a todos pela hipocrisia de alguns, nem te prives do benefício das orações dos outros por causa de um temor imaginário de que possas agir de modo hipócrita nisso. Vigia o teu coração, mas não evites o dever. Porque alguns se enforcaram com as suas próprias ligas, terás porventura medo de usar as tuas? Ou porque alguns pedintes fingidos andam pela província para mostrarem as suas chagas, as quais não desejam ver curadas, não irás tu, portanto, quando ferido, ao cirurgião?

OS MINISTROS DO EVANGELHO têm uma reivindicação especial nas orações dos crentes

TERCEIRA. A partir deste pedido do apóstolo, podemos notar que os ministros do evangelho devem, de uma maneira especial, ser lembrados nas orações dos santos; e isto:

First. Em relação a Deus, de quem trazem a mensagem. Eles vêm para tratar de seu trabalho e entregar a sua missão. Não orar por eles será interpretado como que não desejais bem ao afazer que têm em mãos para ele. Eles não apenas vêm da parte de Deus, mas com Cristo: "E nós, como cooperadores com ele, também vos exortamos a que não recebais a graça de Deus em vão" (2Co 6:1). O Cristo e o

ministro vão ao púlpito juntos. Um maior do que o homem está ali; senhor e servo estão ambos no trabalho.

Novamente: a bênção do labor do ministro provém de Deus; não a mão que planta ou semeia a semente, mas a bênção de Deus dá o crescimento (1Co 3:6). Quando Melâncton foi convertido pela primeira vez, a luz do evangelho brilhou com raio tão claro e forte em seus próprios olhos que ele julgou que converteria a todos a quem pregasse. Ele considerou ser impossível que os seus ouvintes resistssem àquela verdade que ele via com tanta evidência; mas posteriormente ele constatou o contrário, o que o fez dizer: "Vejo agora que o velho Adão é forte demais para o jovem Melâncton". Deus carrega a chave em seu cinto a qual unicamente pode abrir corações, e a oração é a chave para abrir o seu coração. Quando Cristo tencionava enviar os seus discípulos a pregar o evangelho, ele os dedicou solenemente à oração (Mt 9:38). Muitas são as promessas que ele deu aos ministros do evangelho para a sua proteção — de que ele manterá estas estrelas em sua mão direita, do contrário elas teriam caído por terra e teriam sido pisadas há muito tempo — e para o seu auxílio e sucesso no trabalho: "eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar" (Êx 4:12); "Portanto, ide, ensinai todas as nações... eu estou convosco todos os dias, até à consumação do século" (Mt 28:19-20). Para que servem estas promessas senão para serem disparadas de volta em orações a Deus que as deu?

Second. Em relação aos próprios ministros. Não há objeto maior de compaixão e oração em todo o mundo do que os fiéis ministros de Cristo; se considerares:

1. A importância de seu trabalho. É trabalho do templo, e este é pesado; o que fez Paulo, que tinha os ombros mais largos

de todos os seus irmãos, clamar: "E, para estas coisas, quem é idôneo?" (2Co 2:16). "Faço uma grande obra" (Ne 6:3), disse Neemias. Mas o que era aquela comparada com a deste? Trabalho nenhum é mais arriscado de conduzir do que este. É triste o bastante cair no inferno debaixo do púlpito — ouvir o evangelho e, contudo, perecer —; mas, oh, quão terrível cair de dentro dele para lá por infidelidade ao trabalho! A consideração disto fez Paulo tanto se esforçar: "Assim que, sabendo o temor que se deve ao Senhor, persuadimos os homens..." (2Co 5:11).

2. *É um trabalho laborioso*: "E rogamos-vos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós... e vos admoestam" (1Ts 5:12) — aqueles que trabalham na palavra e na doutrina, *kopióntes* — que trabalham até ao cansaço. Aquele que prega como deve descobrirá que é um trabalho, e não uma brincadeira. Não um trabalho de uma hora enquanto fala no púlpito, mas uma carga que pesa em seus ombros ao longo de toda a semana; um labor que consome as energias vitais e o óleo que deveria alimentar a chama da natureza; tal trabalho, em uma palavra, que faz a velhice e a juventude frequentemente se encontrarem. Os judeus tomaram Cristo como estando próximo dos cinquenta anos de idade quando ele estava pouco acima dos trinta (Jo 8:57). Encontro alguns apresentarem esta razão para isso: porque Cristo macerara tanto o seu corpo com o labor em pregar, jejuar e vigiar, que isso envelheceu a sua fisionomia e o fez parecer mais velho do que era. Outras vocações são, muitas delas, apenas como exercício para a natureza; elas sopram as cinzas de seu carvão e ajudam a descarregar a natureza daquelas superfluidades que a oprimem. Quem come o seu pão mais hearty e dorme mais docemente do que o lavrador? Mas o trabalho do ministro debilita a natureza. É difícil para ele comer e trabalhar também. Como a vela, ele consome-se enquanto

brilha. Qualquer que seja o trabalho que seja considerado mais árduo do que os outros, nós o temos emprestado para representar o labor do ministro. Eles são chamados de soldados, sentinelas, agricultores, sim, o seu trabalho é representado pelas dores de uma mulher no parto. Alguns deles, de fato, têm trabalhos mais fáceis do que outros — aqueles que encontram mais sucesso de seu ministério do que os seus irmãos —; mas quem pode dizer as dores que as almas deles sentem ao irem ao longo de todo o tempo de seu ministério em dores de parto para dar à luz crianças natimortas ao final?

3. É um trabalho oposto pelo inferno e pela terra:

(1.) *É oposto pelo inferno.* O diabo nunca gostou do trabalho do templo; aquele que estava à mão direita de Josué para lhe resistir (Zc 3) está ao cotovelo do ministro para o perturbar, e isso tanto no estudo como no púlpito também. "uma e outra vez quisemos ir ter convosco", diz Paulo, "mas Satanás nos impediu" (1Ts 2:18). Quem pode dizer todas as artimanhas que Satanás tem para afastar o ministro de seu trabalho ou o impedir nele? Ora ele o descoraja, de modo que ele está pronto com Jonas a fugir de sua missão; ora o enche de orgulho. Mesmo o próprio Paulo teve um espinho na carne dado a si para manter o orgulho fora de seu coração (2Co 12). Às vezes o enche de ira e azeda o seu zelo em amargura e falta de misericórdia. Disto os discípulos estavam contaminados quando pediram fogo para descer do céu sobre os que se colocavam em seu caminho (Lc 9:54). Às vezes ele resfria o seu zelo e intimida o seu espírito em covardia e amor de si mesmo. Assim Pedro poupou a si mesmo quando negou o seu Mestre; e quando em outro momento dissimulou com os judeus para bajular o favor deles (Gl 2).

(2.) *É oposto pelo mundo ímpio.* "Ser um ministro", disse Lutero, "nada mais é do que atrair a ira e fúria do mundo sobre si". Quão carregados estão de censuras! Esta lama jaz tão espessa em parte alguma como sobre o manto do ministro. Que nomes odiosos os melhores homens, os próprios apóstolos, suportaram? E seria bom se eles apenas os ferissem com a língua; mas verás em todas as eras que os perseguidores têm tido sede de seu sangue mais do que de tudo. A perseguição em Atos começa com o cortar da cabeça de Tiago (At 12). Sete mil puderam fazer melhor escondidos no tempo de Jezabel do que um único profeta (1Re 19). Estas são as pedras pesadas que cada um está tentando erguer, embora ninguém o possa fazer sem esmagar os seus próprios dedos. Em cada tempestade nacional, quase, eles são tomados para serem jogados ao mar por aqueles que a levantaram. Quantos há de opinião de que nada os impede de verem dias felizes senão a permanência deles e de seu ofício? Oh! felicidade miserável, a qual não pode ser comprada e adquirida senão com a ruína daqueles que trazem as notícias de paz e salvação a todos eles! Tal felicidade seria esta como a que as ovelhas tiveram na fábula quando convencidas a eliminarem os cães que mantinham os lobos afastados; ou como os passageiros no mar teriam quando o seu piloto é jogado ao mar. Em uma palavra: tal felicidade como os judeus tiveram quando Cristo foi tirado do caminho pelas suas mãos assassinas. Eles o mataram para se preservarem de os romanos destruírem a sua cidade, mas trouxeram com isso uma ruína irreparável sobre a sua própria cabeça por este próprio meio (Jo 11).

4. *Aquilo que acrescenta peso a tudo o anterior é que os homens que devem carregar este fardo pesado, e conflitar com todas estas dificuldades e perigos, são aqueles que não têm ombros mais fortes do que os outros; pois são homens sujeitos*

às mesmas enfermidades de seus irmãos (Tg 5:17). Ora, não vos derreterá tudo isto em compaixão para com eles, e a vossa compaixão não vos enviará à oração por eles? Permanecerão eles diante da morte e do perigo, onde os projéteis de Satanás, e os do homem também, voam tão espessos, e não estareis vós ao esforço de erguer uma barreira diante deles para a sua defesa pelas vossas orações?

Third. Em relação a vós mesmos. O amor a vós mesmos pleiteará para que oreis por eles:

1. *Considera que o ministério deles é um ofício estabelecido expressamente para o vosso bem.* Nunca foi pretendido para a exaltação de alguns poucos homens acima de seus irmãos, mas para o serviço de vossa fé. Os dons que Cristo deu aos homens (Ef 4) — isto é, o seu ofício e habilidades para o cumprir — são tanto para a edificação do corpo de Cristo; e não orareis por aqueles que de um fim do ano ao outro estão no trabalho por vós? Se tivésseis apenas um filho ou servo enviado fora para os vossos negócios mundanos, não enviaríeis uma oração atrás dele? Assim fez o bom Jacó quando os seus filhos foram em sua missão ao Egito: "E Deus Todo-Poderoso vos dê misericórdia diante do homem..." (Gn 43:14). Não fareis assim muito pelo vosso pobre ministro, e orareis para que o Deus Todo-Poderoso vá com ele quando em seu estudo para se preparar, e quando no púlpito para entregar o que preparou para as vossas almas?

2. *O erro do ministro é perigoso para o povo;* portanto ora por eles, para que não sejais levados à tentação pelas quedas deles. Os pecados dos mestres são os ensinamentos do pecado. Se a ama estiver doente, a criança corre o risco de sugar a doença dela que jaz em seu peito. Se o ministro estiver contaminado

com um erro, é estranho se muitos de seu povo não pegarem a infecção; ao passo que, se ele for frouxo e escandaloso em sua vida, ele é como um poço comum ou fonte corrompida e barrenta da qual todos na cidade retiram a sua água. O diabo visava a mais do que a Pedro quando desejou licença para tentar uma queda com ele: "Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo" (Lc 22:31). Ele sabia que a queda dele era projetada para derrubar muitos outros. A prática do ministro faz um som maior do que a sua doutrina. Os que se esquecem de seu sermão lembrar-se-ão de seu exemplo para o citarem como sua desculpa e defesa quando a oportunidade servir. Pedro retirou-se, e "os outros judeus também dissimulavam com ele" (Gl 2:12-13). Verdadeiramente, amigos, os vossos ministros não passam de homens, e de forças não maiores do que as vossas — homens sujeitos às mesmas paixões. Aquele entre eles que presume que não escorregará em um erro, ou cairá em um pecado, é mais ousado do que qualquer promessa na Palavra lhe permite ser. Eles necessitam de vossas orações tanto quanto qualquer um, e aqueles mais que temem menos o seu perigo.

3. *Ao orares pelo ministro, tomas o caminho mais esperançoso de tirares proveito de seu ministério.* Uma tal alma vem na expectativa de ter uma porção colocada em seu prato; a sua refeição foi encomendada; e tais convidados que enviam ao céu antes de virem a uma ordenança são mais propensos a terem a melhor acolhida. Aquele que ouve um sermão e não orou pelo ministro, e pelo sucesso de seus labores, assenta-se à sua comida antes de ter pedido a bênção; ele age como o ladrão para com a sua própria alma enquanto rouba ao ministro o auxílio que as suas orações lhe poderiam ter trazido do céu. Aperta a ama, e matas de fome a criança. Quanto menos o ministro for orado por ele, tanto menos, é de temer, o povo tirará proveito dele.

4. *Ao orares pelo ministro, não tornas apenas a Palavra que ele prega mais eficaz para vós mesmos, mas também vos interessais no bem que o ministério dele faz aos outros.* Assim como há um modo de partilhar nos pecados dos outros, há também nos santos serviços dos outros. Aquele que fortalece as mãos de um pecador de qualquer modo em suas práticas ímpias torna o pecado dele seu próprio, e compartilhará com ele nos salários devidos ao trabalho quando o dia de acerto de contas vier. Da mesma forma, aquele que fortalece as mãos do ministro em seu santo trabalho, seja por oração, apoio ou alívio de suas necessidades, torna-se um cooperador com ele em seu serviço, e não será deixado de fora na recompensa (Mt 10:40). Lemos ali de "galardão de profeta" dado a cristãos privados; os que comunicam com o ministro em seu labor, por qualquer subordinação a ele, compartilharão no galardão. Quando Deus vier a recompensar os seus profetas pelo seu serviço fiel, então Obadias, que os escondeu da fúria de seus perseguidores (1Re 18) — então Onesíforo, que recreou as suas entranhas — sim, então todos aqueles fiéis que apresentaram as suas orações fervorosas pelo livre curso do evangelho em seu ministério — serão chamados a compartilhar com eles no galardão. Aquele que tem apenas uma décima quinta parte em um navio é proprietário bem como o que tem mais; e, quando a viagem termina, ele tem a sua parte do retorno que é feito proporcional à sua parte. Oh! que encorajamento é este de termos um estoque correndo neste barco! — sim, de nos aventurarmos mais do que nunca no trono da graça pelos agora desprezados ministros de Cristo, visto que a promessa do céu é o nosso escritório de seguros para garantir tudo o que enviamos ao mar sob este aspecto.

SEGUNDO RAMO

O ASSUNTO DO PEDIDO DE PAULO, como ministro de Cristo, pelas orações dos crentes

Segue-se o segundo ramo na divisão geral das palavras, e contém o assunto do pedido do apóstolo à igreja de Éfeso, ou o que ele deseja que mencionem a Deus em seu favor — *"para que me seja dada... a palavra, no abrir da minha boca"*. Onde observa: PRIMEIRA. A espiritualidade de seu desejo. Ele não os põe a orar por coisas carnaís, a honra ou riquezas do mundo; não, não o ouvimos sequer mencionar as suas necessidades e carências externas, das quais ele, sendo agora um prisioneiro, é provável que não fosse grande estranho; mas são as carências espirituais sob as quais mais geme. Ele deseja a caridade de suas orações mais do que a de suas bolsas.

SEGUNDA. Observa a importância pública daquilo pelo que ele roga orações — *"para que me seja dada a palavra, no abrir da minha boca"*. Isto não é um privilégio pessoal que redundaria apenas em sua própria vantagem privada, mas o que o torna útil aos outros — aquilo que o pode capacitar para o seu emprego público na igreja; do que podemos colher esta nota:

O que o ministro de Cristo principalmente deseja das orações dos crentes

NOTA. O coração de um ministro fiel corre mais em seu trabalho do que em si mesmo. Aquilo que ele principalmente deseja é como pode melhor cumprir o seu encargo ministerial. Sem dúvida Paulo falava da abundância de seu coração. Aquilo sai primeiro de que o seu coração estava mais cheio, e pelo que os seus pensamentos estavam mais solicitados; como se dissesse: "Se me receberdes em vossas orações, seja este o vosso

pedido: para que me seja dada a palavra". Por onde quer que, quase, o encontres rogando orações, ele não se esquece disto: "orai por nós, para que a palavra do Senhor tenha livre curso..." (2Ts 3:1); "Orando também juntamente por nós, para que Deus nos abra a porta da palavra, a fim de falarmos o mistério de Cristo..." (Cl 4 :3). Admiráveis são as expressões pelas quais este homem santo declara quão profundamente o seu coração estava engajado no trabalho do Senhor. Ele lhes diz que a sua própria alma e espírito estavam postos nele: "Deus, a quem sirvo em meu espírito, no evangelho de seu Filho..." (Rm 1:9). Nunca ninguém desejou mais promoção na igreja do que ele pregar o evangelho à igreja: "Porque desejo muito ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual..." (v. 11). Ele se professa devedor de todas as classes de homens; ele tem um coração e uma língua para pregar a todos os que têm um ouvido para ouvir: "Eu sou devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes" (v. 14). Sim, ele estava "pronto para anunciar o evangelho" (v. 15) onde deveria estar na boca da morte e do perigo.

Isto de tal modo ocupava os seus pensamentos que por isso ele lançava todos os seus afazeres mundanos às costas. Quanto às riquezas do mundo, ele professa que não andava à busca delas: "porque não busco o que é vosso, mas sim a vós" (2Co 12:14). Ele tinha uma mercadoria mais nobre em sua visão. Ele preferia pregá-los para Cristo do que o dinheiro deles para a sua bolsa. E quanto ao respeito e amor deles, embora lhe fossem devidos por direito, contudo ele os deita de lado e prosseguirá em seu trabalho, ainda que lhe não deem graças pelo seu esforço: "Eu de muito boa vontade gastarei, e me deixarei gastar pelas vossas almas, ainda que, amando-vos cada vez mais, seja menos amado de vós" (v. 15). O seu dever ele fará para com eles, e os

deixa com o deles para com ele. A ama oferece o seu peito ao filho, embora rebelde, porque ela espera a sua recompensa não do filho, mas de seu pai. Deus recompensará o ministro fiel, ainda que o seu povo lhe não queira agradecer pelo seu trabalho.

Em uma palavra: a sua própria vida não era valorizada por ele quando se colocava em competição com o seu trabalho: "Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira, e o ministério que recebi do Senhor Jesus..." (At 20:24). E não sem grande razão é que os ministros devem preferir o seu dever acima de todos os aspectos temporais. Eles são servos de Deus; e um servo deve atentar para o seu trabalho, seja o que for de si mesmo. O servo de Abraão não quis comer antes de ter proferido a sua mensagem; e quando teve sucesso, tampouco quis demorar-se ali para perder tempo, mas posts de volta novamente com toda a expedição ao seu senhor (Gn 24:33). Disse bem aquele que foi empregado para socorrer a cidade de Roma com trigo, o qual, quando o comandante do navio quisera que ele esperasse pelo tempo bom, respondeu: "É necessário que naveguemos, não que vivamos". É necessário que o ministro cumpra o seu ministério, não que seja rico, não que seja de grande reputação. O valor incomparável das almas é tal que deve fazer arriscar toda a nossa sorte temporal para promover a sua salvação eterna. Aquele que ganha almas é sábio, embora perca a sua própria vida no trabalho. Mas passamos a uma investigação mais particular destas palavras, o que o apóstolo quer dizer por "palavra" [ou elocução/elquência/proclamação], a qual ele deseja que lhe seja dada. Uma passagem paralela a esta temos em Cl 4 :3-4. Três coisas podemos conceber que o apóstolo visa neste seu pedido:

Tríplice significado do pedido de Paulo ao desejar que se ore para que lhe seja dada a PALAVRA

Primeiro. Por "palavra" [elocução] pode ser entendida a liberdade para pregar o evangelho; — para que a sua boca não fosse fechada pelo perseguidor, que o tinha já seu prisioneiro. Ora, ele deseja que orem por ele para que não seja por inteiro retirado de seu trabalho: onde:

1. Observa que aflição dolorosa é para um ministro fiel ser privado da liberdade de pregar o evangelho. Contanto que Paulo possa pregar, ainda que em uma cadeia, ele não se importa muito; a palavra está livre, embora ele esteja preso. Mas ter a sua boca fechada, ver pobres almas prontas a perecer por falta daquele pão que ele tem para lhes dar, e contudo não lhe ser permitida esta liberdade, vai-lhe ao coração: "Oh, orai", diz ele, "para que me seja dada a palavra". Se não lhe é permitido pregar, tampouco ele deveria viver; pois sob este aspecto unicamente ele desejava a vida — o proveito de vossa fé (Fp 1:25). Oh, quão distantes estão da mente de Paulo aqueles para quem é mais tedioso pregar do que doloroso ser privado do trabalho! Quão raramente veríamos alguns no púlpito não fosse um expediente necessário para trazer a sua receita ao final do ano!

2. A liberdade do evangelho, e dos ministros para o entregarem, são de uma maneira especial a serem oradas por elas:

(1.) Porque isto é fortemente oposto e caluniado por Satanás e seus instrumentos. Por onde quer que Deus abra uma porta para o seu evangelho, ali Satanás ergue as suas baterias: "Porque uma porta grande e oportuna se me abriu; e há muitos adversários" (1Co 16:9). Mal Deus abre as janelas de sua oficina, e o diabo põe-se a trabalhar para as fechar novamente, ou

impedir o livre comércio de seu evangelho. Os servos de outros homens podem trabalhar pacificamente na oficina de seus senhores, mas quanto aos servos de Deus, cada um tem uma pedra para lhes atirar à medida que passam. Quando Paulo começou a pregar em Tessalônica, a cidade ficou imediatamente em alvoroço e clamor: "Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui" (At 17:6). De fato eles diziam a verdade; permita que o evangelho tenha liberdade e ele "transtornará o mundo". Ele fará uma mudança, mas uma mudança feliz. Isto o diabo sabe e, portanto, teme a sua aproximação.

(2.) *Porque esta é a escolha mais seleta com que Deus pode abençoar uma nação.* Felizes são as pessoas que estão em tal caso. É o evangelho do reino; ele eleva um povo ao céu. Nós poderíamos mais facilmente dispensar o sol de sua órbita do que a pregação do evangelho da igreja. As almas poderiam encontrar o caminho para o céu embora o sol não lhes emprestasse a sua luz; mas sem a luz da verdade não podem dar um único passo correto em direção a ele. Trabalhai, diz Cristo, "enquanto tendes luz" (Jo 12:35). O trabalho de salvação não pode ser feito pela luz de vela de um entendimento natural, mas pela luz do dia da revelação do evangelho; este sol deve erguer-se antes de o homem poder ir para este labor.

(3.) *É poder de Deus preservar a liberdade de seu evangelho e de seus mensageiros,* a despeito do diabo e de seus instrumentos. Portanto, de fato, Paulo não os envia à corte para mendigarem a sua liberdade, mas ao céu. Deus tinha Nero prisioneiro mais de perto do que tinha a Paulo. "Eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar" (Ap 3:8). Em Éfeso havia muitos adversários, ouvimos, contudo a porta foi mantida aberta. Cristo carrega as chaves da porta da igreja

em seu cinto: "o que abre, e ninguém fecha..." (Ap 3:7), "a chave da casa de Davi", assim em Is 22:22. A igreja é a casa de Cristo, e o mestre com certeza manterá a chave de sua própria porta.

(4.) *A oração tem um poder poderoso com Deus para preservar ou restaurar a liberdade de seu evangelho e de seus mensageiros.* Ela trouxe para casa os seus servos do banimento, ela os trouxe para fora de seus calabouços. A prisão não pôde reter Pedro quando a igreja estava em oração por ele (At 12). Ela teve uma influência poderosa nos afazeres da igreja quando sob a maré mais baixa. Era um mundo triste para a igreja no tempo de Nero quando Paulo pôs os santos a orarem pelos reis e por todos os que estavam em eminência; cujas orações, embora não fossem respondidas em Nero, contudo não duvido de que posteriormente o fossem em Constantino e outros príncipes cristãos, sob cuja asa real a igreja de Cristo foi acalentada e protegida.

(5.) *Ora pela sua liberdade, porque, quando o evangelho se vai, ele não vai sozinho, mas carrega consigo as tuas outras misericórdias.* São as cortinas que são retiradas quando o príncipe remove a sua corte. Onde o ministro não tem liberdade para pregar a verdade, o povo não terá por muito tempo liberdade para a professar. Quando as coisas correram mal com o apóstolo Tiago, não correram bem com a igreja em Jerusalém (At 12:1-2), nem pode aquele lugar esperar por muito tempo desfrutar de sua paz externa. Quando Deus remove o seu evangelho, é para abrir caminho para vir pior companhia, a saber, todas as suas terríveis pragas e juízos (Jr 6:8).

Segundo. Quando o apóstolo deseja que lhe seja dada a "palavra", ele pode estar se referindo a que lhe seja dada uma palavra para pregar — hína moi dothe lógos, de acordo com o

que Cristo promete: "naquela mesma hora, vos será ministrado o que haveis de dizer" (Mt 10:19). Do que podemos notar:

1. Que os ministros não têm capacidade própria para o seu trabalho. Oh! por quanto tempo podem eles permanecer folheando os seus livros e esgotando os seus cérebros até que Deus venha em seu auxílio, e então, como a caça de Jacó, ela é trazida às suas mãos (Gn 27)! Se Deus não derramar o seu auxílio, escrevemos com uma caneta que não tem tinta. Se há alguém no mundo que necessita caminhar na dependência de Deus mais do que os outros, o ministro é esse.

2. Observa que aqueles que são mais eminentes por dons e graça têm pensamentos mais humildes de si mesmos e estão mais familiarizados com a sua própria insuficiência. O próprio Paulo não se envergonha de fazer os cristãos saberem que, se Deus não lha trazer, ele não lha pode distribuir; ele não pode falar uma palavra a eles até que a receba de Deus: "Não que sejamos capazes, por nós mesmos, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus, o qual nos fez também capazes de ser ministros de um Novo Testamento..." (2Co 3:5-6). Ele é o ministro capaz a quem Deus capacita.

3. Observa: o menor cristão pode, pelas suas orações fiéis, ajudar a fazer o sermão do ministro por ele. "Orai", diz o apóstolo, "para que me seja dada a palavra"; para que tenha de Deus o que deve entregar aos outros. Oh, que instrumento útil é um cristão que ora! Ele pode ajudar não apenas o seu próprio ministro, mas a outros também em todo o mundo. Paulo estava agora em Roma e pede orações de tão longe quanto dos santos em Éfeso.

Terceiro. Por "palavra" [ou elocução] ele pode estar se referindo a uma faculdade de falar — uma prontidão e facilidade para entregar aos outros o que foi capacitado a conceber em sua própria mente da vontade de Deus. Muitos servos eminentes de Deus têm sido muito sensíveis a, e muito descorajados por causa de, sua fala impedida e hesitação na entrega. Ora, isto pode proceder de uma causa natural ou sobrenatural:

1. De uma causa natural, como:

(1.) De um defeito nos órgãos da fala; o que alguns pensam ter sido a causa da queixa de Moisés: "eu não sou homem eloquente... sou pesado de boca..." (Êx 4:10). E isto o descorajava de ser enviado na missão de Deus. Mas Deus pode compensar a hesitação da língua com o poder divino da matéria entregue. Este Moisés, que era tão "pesado de boca", contudo era "poderoso em suas palavras" (At 7:22), capaz de fazer o coração obstinado de Faraó tremer, embora pudesse gaguejar na entrega dela. Deus prometera, de fato, ser "com a sua boca"; contudo, é provável que ele não curasse a sua enfermidade natural, pois o encontramos queixando-se posteriormente dela. Tais imperfeições naturais, portanto, não deveriam descorajar o ministro nem prejudicar o povo; mas sim torná-lo mais cuidadoso em que a matéria que entrega seja de peso, e a eles em que a sua atenção seja mais estreita e unida.

(2.) De uma memória fraca. Aquele que lê em uma impressão ruim, onde muitas letras estão apagadas, não pode ler rápido e suavemente, mas frequentemente será interrompido para estudar o que vem a seguir. A memória é uma tábua ou livro interno de onde o ministro lê o seu sermão sem ser visto. Se as noções ou meditações que temos para entregar não forem

devidamente impressas em nossa memória, não admira que a língua frequentemente pare, a menos que falemos sem propósito. Se o funil estiver entupido, o moinho não pode moer; ou se o cano que abastece o reservatório estiver obstruído, ver-se-á na torneira. Quando Deus ajudou no estudo, necessitamos que ele fortaleça a nossa memória no púlpito.

(3.) *Do medo.* Se o coração desfalece, não é de admirar que a língua gagueje. Isto, ao que parece, estava na base da desculpa de Jeremias: "Ah! Senhor Deus! Eis que não sei falar; porque sou uma criança" (Jr 1:6). Isto é: "Falta-me a coragem e o espírito de um homem para lutar com estas oposições que certamente me encontrarão no trabalho". Que esta era a sua enfermidade aparece pelo método que Deus toma para a cura: "Não digas: Eu sou uma criança; porque a todos a quem eu te enviar irás... Não temas diante deles, porque eu sou contigo para te livrar..." (v. 7-8).

2. *De uma causa sobrenatural;* onde nenhum destes defeitos se encontra, mas o ministro apresenta-se o melhor equipado e na maior prontidão para o seu trabalho. Contudo, permita apenas que Deus feche a torneira, e há uma interrupção colocada em todo o trabalho. Não apenas "as preparações do coração", mas "a resposta da língua" ambas são "do Senhor" (Pv 16:1). Deus guarda a chave da boca bem como a do coração; palavra nenhuma pode sair, mas fica presa nos dentes até que Deus abra as portas dos lábios para lhe dar uma livre saída. Ele abriu a boca da jumenta (Nm 22:28) e fechou a boca daquele profeta ímpio, seu senhor. Ouve-o confessando isso mesmo a Balaque: "Eis que eu tenho vindo a ti; porventura, poderei eu agora falar alguma coisa? A palavra que Deus puser na minha boca, essa falarei" (v. 38). Nunca homem desejou mais falar do que ele; aquilo que lhe renderia o seu ganho, o salário da

injustiça, pois ele o amava ardentemente. Mas Deus o deixara de língua presa. Mais ainda, até mesmo homens santos, quando querem falar a verdade, e isso por Deus, não se podem liberar daquilo que conceberam em suas meditações internas. Daí a oração de Davi: "Abre, Senhor, os meus lábios, e a minha boca confessará o teu louvor" (Sl 51:15). A Ezequiel ele "faria a sua língua apegar-se ao paladar"; ele não os deveria repreender, ainda que o quisesse (Ez 3:26).

USO OU APLICAÇÃO

Uso Primeiro. Aos ministros. Dependem os ministros assim de Deus para a palavra? Isto se dirige a vós, meus irmãos no trabalho do Senhor. Nada façais pelo que Deus possa fechar as vossas bocas quando vierdes ao púlpito.

1. Tem cuidado com qualquer pecado oculto em vossos peitos. Podes crer que Deus te ajudará em seu trabalho, tu que podes estender a tua mão para o do diabo? Não deves antes temer que ele coloque um cadeado em teus lábios e te mude em mudo quando fores tratar de teu trabalho? Lembrais-vos da história de Orígenes, de como após a sua grande queda ele foi silenciado no próprio púlpito; pois, ao ler aquilo: "Mas ao ímpio diz Deus: Que tens tu que fazer em recitar os meus estatutos, ou em tomar a minha aliança na tua boca?" (Sl 50:16), a consciência de seu pecado não lhe permitiu falar. Oh! é triste quando o pregador encontra o seu próprio pecado em seu assunto e pronuncia sentença contra si mesmo enquanto lê o seu texto! Se queres que Deus te ajude, sê zeloso e arrepende-te. Quando a trombeta for lavada, então o Espírito Santo, podes esperar, soprará novamente através dela.

2. *Acautela-te de vires na confiança de tua própria preparação.* Deus declarou-se contra este tipo de orgulho: "pela força, o homem não prevalecerá" (1Sm 2:9). Um pouco de pão com a bênção de Deus pode fazer uma refeição para uma multidão (Mt 14), e grandes provisões podem logo reduzir-se a nada se Deus não ajudar no partir delas. Não é o teu sermão em tua cabeça, ou notas em teu livro, o que te capacitará a pregar, a menos que Deus te abra a boca. Reconhece, portanto, a Deus em todos os teus caminhos e "não te estribes em teu próprio entendimento". O inchaço do coração bem como o da parede antecede a queda. Levaram os efraimitas tão a mal que Gideão quisesse obter uma vitória sem os chamar em sua ajuda (Jz 8)? Quanto mais pode isto provocar a Deus, quando vais ao púlpito e passas pela sua porta no caminho sem lhe pedires auxílio?

Uso Segundo. Ao povo. Tem cuidado de não fechares as bocas de teus ministros. Isto podes fazer:

1. *Admirando os seus dons e aplaudindo as suas pessoas;* especialmente quando isto for acompanhado de ingratidão para com Deus que lhes concede; quando aplaudis o homem, mas não bendizeis a Deus por ele. Os príncipes olham com maus olhos para os súditos que são excessivamente populares. Deus não permitirá que as suas criaturas se coloquem diante de sua luz, nem que a sua honra sofra pela reputação de seu instrumento. A mãe não gosta de ver o filho apegado à ama mais do que a si própria. Oh, quão tolos somos nós, os que não podemos amar sem nos apaixonarmos absurdamente; não honrar aquilo que adoramos também! Aquele que quer manter o seu buquê de flores fresco e doce deve cheirá-lo e deitá-lo de lado novamente — não o segurar por muito tempo na mão, ou respirar demais sobre ele; este é o caminho para logo o murchar. O excesso é o caminho mais rápido para a ruína. Muitas belas

misericórdias são assim sufocadas e esmagadas até à morte pelo excesso de um afeto tolo; ou quando isto é acompanhado com a depreciação dos outros — os dons de um são enaltecidos para rebaixarem os de outro: "Eu sou de Paulo, e eu de Apolo" (1Co 1). Assim, os discípulos de um e de outro promoviam o seu pregador para sustentarem uma facção.

2. *Podes provocar a Deus a retirar o seu auxílio ao esperares o proveito do homem e não de Deus*; como se não passasse de tomares o teu manto e a Bíblia, e tivesses a certeza de obteres o bem pelo ministério de um tal. Isto é como aqueles em Tiago que dizem: "Iremos a tal cidade, e ganharemos..." (Tg 4:13); como se não passasse de ouvir com proveito do que ir à torneira e tirar vinho ou cerveja em tua própria adega! É justo que encontres a vasilha congelada — refiro-me ao ministro, embaraçado e com os seus dons travados —, porque vens a ele como a um Deus sendo ele apenas um pobre instrumento. Oh! não lhe digas: "Dá-me graça, dá-me consolo", como Raquel pediu filhos ao seu marido; mas vai ao teu Deus por estas coisas em tua assistência ao homem.

3. *Podes provocar a Deus a retirar o seu auxílio ao te rebelares contra a luz da verdade que brilha sobre ti no ministério dele*. Deus às vezes fecha a boca do ministro porque o povo fecha os seus corações. Por que deveria a torneira correr para ter a água derramada ao chão? O próprio Cristo "não fez ali muitos milagres" — "não podia", diz Marcos — em sua terra natal "por causa da incredulidade deles" (Mt 13:58; Mc 6:5). *Dei justitia non permittebat, ut sanctum canibus daretur* [A justiça de Deus não permitia que o que é santo fosse dado aos cães], diz Brugens sobre a passagem — é justo que Deus retire o ministério, ou feche a boca do ministro, quando desprezam o seu conselho e a Palavra se torna um opróbrio para eles. Tenho a

certeza de que é um triste abatimento ao espírito do ministro o pregar por muito tempo a um povo rebelde, e nenhum bom presságio para eles. O leite da mãe vai-se embora às vezes antes da morte do filho. Deus prende o espírito de seus mensageiros em juízo: "E farei que a tua língua se pegue ao teu paladar, e ficarás mudo, e não lhes servirás de repreendedor; porque casa rebelde são eles" (Ez 3:26).

TERCEIRO RAMO

O FIM no pedido de Paulo como ministro de Cristo pelas orações dos crentes

"para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, com confiança, para fazer notório o mistério do evangelho"

O terceiro ramo na divisão das palavras apresenta-nos o fim por que ele deseja as orações deles para que a elocução lhe seja concedida, expresso nestas palavras — *"para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, com confiança, para fazer notório o mistério do evangelho"*; onde há estas três observações: PRIMEIRA. A natureza sublime do evangelho — ele é "um mistério". SEGUNDA. Em que consiste o trabalho de um ministro do evangelho — "fazer notório o mistério do evangelho". TERCEIRA. A maneira como deve realizar este trabalho — "no abrir da minha boca, com confiança" [ou com ousadia].

O que se entende por um "mistério", e sob quais aspectos o evangelho é um deles

PRIMEIRA OBSERVAÇÃO. A natureza sublime do evangelho — ele é "um mistério". A palavra grega *mysterion* alguns derivam de *muein*, ensinar qualquer segredo pertencente à religião; outros de *muein* ou *muo*, fechar a boca, porque os que eram iniciados ou admitidos a estarem presentes nos ritos religiosos e mistérios dos pagãos — os quais eram chamados *mystai* — não os podiam revelar aos que eram *amyetoi*, ou não iniciados. Portanto, tinham uma imagem diante do templo segurando o dedo sobre a boca, para os lembrar ao entrarem e saírem de manterem segredo do que era feito lá dentro. De fato, os mistérios em seu culto idólatra eram tão impuros e imundos que nada senão o segredo os podia manter livres de serem abominados e detestados pela parte mais sóbria da humanidade; e não é indigno de nossa nota o que encontro observado por uma doura pena — que o Espírito de Deus quisesse fazer escolha daquela palavra no Novo Testamento tantas vezes para expressar a santa doutrina da verdade e salvação nela contida, a qual fora tão vilmente abusada por aqueles idólatras pagãos; certamente isso demonstra serem escrupulosos demais os que julgam ilegítimo de qualquer modo fazerem uso daqueles nomes ou coisas que foram abusados por pagãos ou idólatras (R. Sanderson em 1Tm 3:16). Mas, para retornar à palavra "mistério"; ela obteve em nossa fala habitual a aplicação a qualquer segredo, natural, civil ou religioso, que jaza fora do alcance dos entendimentos vulgares. Na Escritura é geralmente usada para segredos religiosos; e é tomada tanto em um sentido mau quanto em um bom:

Primeiro. A palavra mistério é usada em um sentido mau: "Porque já o mistério da injustiça opera..." (2Ts 2:7); pelo que se entende o surgimento secreto do domínio anticristão, cujos alicerces foram lançados mesmo nos dias do apóstolo. O

erro é apenas um dia mais jovem do que a verdade. Quando o evangelho começou primeiro a ser pregado por Cristo e seus apóstolos, o erro imediatamente estendeu a mão para o tomar pelo calcanhar e o suplantar. Todo o sistema do anticristianismo é um mistério de política e impiedade. "Mistério" está escrito na testa da prostituta de Babilônia (Ap 17:5). E Casaubon diz-nos que a mesma palavra estava escrita na mitra do papa; se assim é, é bom que ele assuma o seu nome. "na sua assembleia não se una a minha glória" (Gn 49:6).

Segundo. Em um sentido bom. Às vezes por algum ramo particular da verdade evangélica. Assim, a rejeição dos judeus e a vocação dos gentios é chamada de "mistério" (Rm 11:25); a maravilhosa mudança daqueles que estiverem na terra ao fim do mundo (1Co 15:51); a encarnação, ressurreição e ascensão de Cristo (1Tm 3:16); com outros. Às vezes é usada por todo o corpo do evangelho; quanto à doutrina dele, chamada de "mistério da fé" (1Tm 3:9); quanto à pureza de seus preceitos e regras para uma vida santa, um "mistério da piedade"; quanto ao autor, assunto e fim dele, chamado de "mistério de Cristo" (Ef 3:4) — foi revelado por ele, trata dele e conduz as almas a ele; e, por fim, em relação à recompensa bendita que promete a todos os que sinceramente o abraçam, chamado de "mistério do reino de Deus" (Mc 4:11). Este evangelho é o mistério glorioso de que vamos agora falar; e mostraremos sob que aspecto ele é um mistério, ou por que assim chamado pelo Espírito de Deus:

POR QUE OU EM QUAIS ASPECTOS o evangelho é um mistério

Primeiro. Porque é conhecido apenas por revelação divina. Tal segredo é ele que a inteligência do homem nunca

poderia ter encontrado. Há muitos segredos na natureza os quais, com muito esforço e estudo, foram por fim descobertos, como a virtude medicinal das plantas e semelhantes; mas o evangelho é um segredo, e contém em si tais mistérios que foram *omni ingenio altiora* [superiores a todo o engenho humano], como diz Calvino. Que homem ou anjo poderia ter pensado em tal caminho para reconciliar Deus e o homem como o que o evangelho apresenta? Como era impossível para eles conjecturarem quais propósitos de amor estavam trancados no coração de Deus para com o homem decaído até que ele próprio abrisse o gabinete de seu próprio conselho? Ou tivesse Deus dado algum indício de um propósito que tinha para a recuperação do homem, poderiam eles alguma vez sequer pensar em tal caminho como o que o evangelho traz à luz? Certamente, assim como ninguém senão Deus poderia conceber a trama, ninguém senão ele próprio a poderia fazer conhecida. O evangelho, portanto, é chamado de "revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto" (Rm 16:25).

Segundo. Porque o evangelho, quando revelado, as suas verdades excedem o alcance do entendimento humano. Elas são para o olho de nossa razão como o sol é para o olho de nosso corpo, uma tal excelência que ofusca e supera a apreensão mais penetrante. Elas desdenham ser discutidas e provadas pela razão humana. Que há três Pessoas na Divindade, e apenas uma essência divina, cremos porque ali revelado. Mas aquele que voar perto demais desta luz, julgando compreender esta verdade misteriosa em sua razão estreita, logo se verá perdido em seu empreendimento ousado. Deus e o homem, unidos na pessoa de Cristo, é inegavelmente demonstrável pelo evangelho. Mas, infelizmente! as amarras de nosso entendimento são curtas demais para sondarem este grande abismo: "E, sem dúvida

alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne..." (1Tm 3:16). É uma verdade inquestionável, *homologouménos* — é confessada por todos; contudo, tal mistério que não é alcançável pelo nosso curto entendimento. Que não há outro nome senão o nome de Jesus pelo qual possamos ser salvos é a grande noção do evangelho (At 4:12); mas quantos mistérios estão envolvidos nesta única verdade? Quem que tivesse visto o menino Jesus quando jazia na manjedoura, e posteriormente criado de modo humilde sob um carpinteiro, e por fim executado como um criminoso, poderia ter imaginado, como alguém diz, que sobre tais dobradiças fracas se moveria tão glorioso plano para a salvação do homem? Mas quem ousa julgar irracional crer naquilo de que Deus dá testemunho de ser verdadeiro pelo fato de exceder o nosso fraco entendimento? Algumas coisas apreendemos pela razão que não podem ser conhecidas pelo sentido — como que o sol é maior do que a terra; algumas coisas pelo sentido, as quais não podem ser encontradas pela razão. Que a pedra-ímã atrai o ferro, e não o ouro, o nosso olho contempla; mas por que o faz, aí a nossa razão fica sem saber e posed. Ora, se na natureza não questionamos a verdade destas coisas, embora o sentido fique perdido em uma e a razão na outra, duvidaremos nós na religião de que seja verdadeiro o que drops da própria boca e pena de Deus porque excede o nosso fraco entendimento? Gostarias de ver uma razão, diz Agostinho, para tudo o que Deus diz? Olha para o teu próprio entendimento, e encontrarás uma razão pela qual não vês uma razão.

Terceiro. É um mistério em relação à escassez daqueles a quem ele é revelado. Segredos são sussurrados aos ouvidos de poucos, e não expostos a todos: "A vós vos é dado saber o mistério do reino de Deus" (Mc 4:11). Quem eram esses "vós",

senão alguns poucos discípulos que criam em seu nome? A maior parte do mundo foi sempre estranha a este mistério. Antes do tempo de Cristo, estava confinado a um pequeno ponto de terra da nação judaica. Desde que veio para o mundo gentílico, e esteve viajando por mais de dezesseis séculos para cá e para lá, quão poucos estão hoje familiarizados com ele! De fato, onde a sua luz gloriosa brilha por muito tempo, muitos obtêm um conhecimento literal nocional dele — seria estranho se os homens caminhassem muito ao sol e não tivessem as fisionomias um pouco bronzeadas por ele —; mas o conhecimento espiritual e salvador deste mistério é revelado a poucos, pois o número de santos não é grande em comparação com o mundo réprobo.

Quarto. É um mistério em relação ao tipo de homens a quem ele é principalmente comunicado — tais como são, na razão, os mais improváveis de mergulharem em quaisquer grandes mistérios; aqueles que são desprezados pelo mundo sábio e pelas grandes autoridades dele como pobres e baixos: "Porque, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes" (1Co 1:26-27). Se temos um segredo a revelar, não escolhemos cabeças fracas e superficiais para lhes comunicar; mas aqui está um mistério que os pequeninos compreendem e de que os sábios são ignorantes: "Graças te dou, ó Pai... porque encobriste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos" (Mt 11:25). O povo que era tão desprezado pelos orgulhosos fariseus, como aqueles que não sabiam a lei (Jo 7:49), a eles foi o evangelho revelado enquanto estes doutores da lei foram deixados na ignorância. É revelado aos pobres muitas vezes, e

ocultado de reis e príncipes. Cristo passa frequentemente de largo pelos palácios para visitar a pobre choupana. Herodes nada pôde obter de Cristo — o qual por curiosidade tanto tempo desejara vê-lo (Lc 23:8) —; ao passo que à pobre mulher de Samaria com um cântaro em sua mão Cristo concede um sermão e abre as verdades salvadoras do evangelho (Jo 4). Pilatos não alcançou a Cristo no tribunal, enquanto o pobre ladrão o encontra, e o céu com ele, na cruz (Lc 23). Mulheres devotas são passadas de largo e deixadas a perecer com o seu zelo cego, enquanto meretrizes e publicanos são convertidos por ele.

Quinto. É um mistério em relação ao tipo de conhecimento que os próprios santos têm dele:

1. O conhecimento deles é apenas em parte e imperfeito. O máximo do que sabem é o mínimo do que não sabem. O evangelho é como uma rica peça de tapeçaria enrolada; esta Deus esteve desdobrando desde que a primeira promessa foi feita a Adão, abrindo-a ainda a cada era mais do que a outra; mas o mundo estará no fim antes que este mistério seja plenamente conhecido. De fato, como um rio — que se calhar rompe primeiro pelo pequeno orifício de uma pequena fonte — alarga o seu canal e cresce mais largo à medida que se aproxima do mar; da mesma forma o conhecimento deste mistério difunde-se a cada era mais do que a outra, e continuará, à medida que o mundo se aproximar mais e mais do mar da eternidade, no qual deve por fim cair. O evangelho aparecia apenas como uma pequena fonte no tempo de Adão, cuja Bíblia inteira estava contida em uma única promessa; este aumentou para um riacho e se ampliou em um rio nos dias dos profetas; mas quando Cristo veio em carne, então o conhecimento fluíu amain. O menor no estado do evangelho é dito ser maior do que o maior antes de Cristo (Mt 11:11). De modo que, em comparação com os tempos

mais escuros da lei, o conhecimento que os cristãos agora têm é grande, mas comparado com o conhecimento que terão no céu, é pequeno e não passa de raiar do dia.

2. *É misterioso e escuro.* As verdades do evangelho não são conhecidas em sua beleza e glória nativas, mas em sombras: "refletindo, como num espelho, a glória do Senhor" (2Co 3:18). Ora, sabes que o espelho nos apresenta a imagem, não a própria fisionomia. Não as vemos como de fato são, mas conforme os nossos olhos fracos podem suportar o conhecimento delas. De fato, este espelho do evangelho é mais claro do que o da lei era; vemos as verdades através de um véu mais fino; o batismo é mais claro do que a circuncisão, a ceia do Senhor do que a páscoa; em uma palavra, o Novo Testamento do que o Antigo; contudo, nada há do céu revelado no evangelho que não seja traduzido para a nossa linguagem terrena, porque somos incapazes enquanto aqui abaixo de compreender o seu original. Quem conhece, ou pode conceber, o que são as alegrias do céu, de modo a falar delas em seu próprio idioma e propriedade? Mas um banquete nós conhecemos, o que seja um reino nós compreendemos; com riquezas e tesouros estamos bem familiarizados. Ora, o céu é apresentado por estas coisas, as quais neste mundo carregam o maior preço nos pensamentos dos homens. No céu há um banquete, contudo sem comida; riquezas, sem dinheiro; um reino, sem vestes reais, cetro e coroa, porque infinitamente acima destas coisas. Daí que se diz: "ainda não é manifesto o que havemos de ser" (1Jo 3:2). As nossas apreensões destas coisas são maduras em comparação com as sob a lei, mas infantis em comparação com o conhecimento que os santos glorificados possuem. Portanto, assim como Paulo diz que "aniquilou as coisas de menino" (1Co 13:11) quando cresceu em maior conhecimento do evangelho; da mesma forma nos fala de

um conhecimento imperfeito que ele tinha, "o qual será aniquilado quando vier o que é perfeito" (v. 10).

Sexto. O evangelho é um mistério em relação à operação contrária que tem nos corações dos homens. Os olhos de alguns ele abre, a outros ele cega; e quem é tão cego como os que têm os olhos apagados com a luz? Alguns, ao ouvirem o evangelho, são "compungidos em seu coração" (At 2:37); mal conseguem esperar até que o pregador termine o seu sermão, mas clamam: "Que farei para ser salvo?". Outros são endurecidos por ele, e as suas consciências cauterizadas em maior estupor. Ao sermão de Paulo (At 17:32), "uns escarneciam"; outros foram de tal modo afetados com o seu discurso que desejaram "ouvir sobre isto outra vez". Que doutrina misteriosa é esta, que põe um a rir, outro a chorar! — que é cheiro de vida para uns, e de morte para outros!

Sétimo. O evangelho é um mistério em relação àqueles raros e estranhos efeitos que tem sobre os piedosos; e isto tanto em relação aos seus juízos quanto à sua prática. Como o evangelho é "um mistério da fé", ele os habilita a crerem em estranhos mistérios — a crerem naquilo que não compreendem, e a esperarem por aquilo que não veem. Habilita-os a crerem que três são um, e um é três; uma trindade de Pessoas na Divindade, e uma unidade de essência; um Pai não mais velho do que o seu Filho, um Filho não inferior ao seu Pai; um Espírito Santo procedendo de ambos, contudo igual a ambos. Eles creem que Cristo nasceu no tempo e que ele era desde a eternidade; que foi contido dentro do ventre da virgem, e contudo o céu dos céus não é capaz de o conter; que é o filho de Maria, e contudo o seu Criador que era a sua mãe; que nasceu sem pecado, e contudo justamente morreu pelo pecado. Eles creem que Deus foi justo ao punir Cristo embora inocente, e ao justificar os crentes

penitentes que são pecadores; creem que são grandes pecadores, e contudo que Deus os vê em Cristo "sem mancha nem ruga".

Novamente: como o evangelho é um "mistério da piedade", ele habilita os cristãos a fazerem coisas tão estranhas quanto as que creem — a viverem pelo Espírito de outro, a agirem pela força de outro, a viverem pela vontade de outro e a visarem à glória de outro. Eles vivem pelo Espírito de Cristo, agem com a sua força, são determinados pela sua vontade e visam à sua glória. Torna-os tão mansos e dóceis que uma criança os pode guiar para tudo o que é bom, contudo tão fortes que o fogo e a lenha não os assustarão a cometerem um pecado. Conseguem amar os seus inimigos e contudo, por amor de Cristo, podem odiar pai e mãe. Torna-os diligentes em sua vocação mundana, contudo habilita-os a desprezarem as riquezas que obtiveram pela bênção de Deus sobre o seu labor; são ensinados por ele que todas as coisas são deles, contudo não se atrevem a tomar um centavo, um alfinete, dos ímpios do mundo por força ou rapina. Torna-os tão humildes a ponto de "preferirem cada um na honra" acima de si mesmos, contudo a valorizarem de tal modo a sua própria condição que o mais pobre entre eles não mudaria o seu estado com o maior monarca do mundo. Torna-os agradecidos a Deus pela saúde, e pela doença também; a alegrarem-se quando exaltados, e tanto mais quando humilhados; conseguem orar pela vida, e ao mesmo tempo desejarem morrer. Não é aquela doutrina um mistério a qual preenche a vida do cristão com tantos enigmas!

USO OU APLICAÇÃO. Por que o evangelho e os seus professores são tão desprezados, mal compreendidos e perseguidos

Uso Primeiro. Isto nos dá a razão pela qual o evangelho, com as grandes ofertas que faz, é tão desprezado e rejeitado pelo mundo ímpio. A causa é que as bênçãos do evangelho são um mistério, e oferecidas de tal modo que os corações carnis delas não entendem e, portanto, por elas não se importam. As coisas que ele propõe são tais que eles gostam bastante, pudessem eles tê-las de um modo adequado às suas apreensões carnis. O evangelho oferece riquezas e honras; quem não é tomado por estas coisas? O evangelho abre uma mina de riquezas incompreensíveis, mas em um mistério; mostra-lhes um caminho sobre como ser "rico na fé", "rico para com Deus", rico para outro mundo, enquanto pobre neste. O nosso Salvador foi ensinar ao jovem rico o caminho para ser rico — não por adquirir mais terras, mas por vender o que tinha; mas ele não quis seguir o seu conselho (Mt 19). O evangelho oferece prazeres e delícias — e destes o mundo sensual gosta bastante —, mas, infelizmente! eles não agradam ao seu paladar grosseiro e carnal, porque são prazeres em um mistério, prazeres em lamentar pelo pecado e mortificar o pecado, não prazeres em os satisfazer; prazeres em comunhão com Cristo em uma ordenança, não com um grupo de companheiros ao redor de um copo em uma taberna; prazeres para o olho e paladar da fé, não dos sentidos; para alimentar as suas almas, não para mimar e engordar as suas barrigas. Em uma palavra: o evangelho faz descoberta de noções elevadas e seletas. Certamente agora aqueles que são a parte mais sóbria do mundo, homens dados aos livros e amantes da boa literatura, cujas almas anseiam por alimento intelectual e valorizam uma conferência mais do que um banquete, estes ficarão altamente satisfeitos com as verdades que o evangelho traz à luz, sendo mistérios tão raros que não podem encontrar em nenhum outro livro. No entanto, infelizmente! vemos que o evangelho agrada tão pouco a esta classe e categoria de homens

como a qualquer outra. Tivesse ele sido preenchido com flores de retórica, experimentos químicos, noções filosóficas ou máximas de política, oh, quão avidamente o teriam abraçado! Mas é sabedoria em mistério: "Todavia, falamos sabedoria entre os perfeitos; não, porém, a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que se aniquilam" (1Co 2:6). Bradwardine, um grande erudito, antes de ser amaciado pela graça do evangelho, desprezava as epístolas de Paulo, como posteriormente confessou, porque não expressava *ingenium metaphysicum* [um engenho metafísico] em seus discursos.

Novamente: temos aqui a razão pela qual o evangelho e os seus professores são não apenas desprezados, mas odiados e perseguidos. Quanto ao evangelho, ele é um mistério que o mundo não conhece; e, portanto, oposto por ele. A ignorância é a mãe da perseguição: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!" (Lc 23:34). Os maiores inimigos que o evangelho já teve foram não os sensuais e abertamente profanos — embora estes sejam bastante ruins —, mas os supersticiosos e ignorantemente devotos; estes têm sido os que demonstraram mais ferocidade e fúria contra o evangelho. Paulo fala das mulheres "devotas" que cruamente o perseguiram (At 13:50). Ninguém mais quente contra a verdade do que o próprio Paulo, o qual era um fariseu estrito, mas inimigo sanguíneo contra a verdade. Que razão temos, pois, para orar pelo aumento da luz do evangelho! Quanto mais o evangelho for conhecido, mais graciosamente será ele recebido.

Novamente: os professores do evangelho, por que são eles tão odiados e caluniados, senão porque partilham da natureza misteriosa do evangelho, e portanto o seu valor não é conhecido? São de alto nascimento, mas em um mistério; não podes ver o seu nascimento pela sua educação externa — as

armas que ostentam, rendimentos que têm para viver, pelos quais o mundo julga a grandeza das pessoas e famílias. Não; o seu exterior é humilde, enquanto o seu interior é glorioso; e o mundo os valoriza pelo que conhece e vê de seu porte externo, e não pelas suas graças internas. Passam eles, como um príncipe disfarçado com as roupas de um homem pobre, através do mundo, e a acolhida que recebem é correspondente. Tivesse Christo vestido as suas vestes de glória e majestade quando veio ao mundo, certamente não teria saído dele com tão vergonhosa e cruel morte; o mundo teria tremido ao seu estrado, o que vemos que alguns deles de fato fizeram quando apenas um raio de sua divindade brilhou sobre eles (Jo 18). Se os santos caminhassem na terra com aquelas vestes que hão de usar no céu, então seriam temidos e admirados por aqueles que agora os escarnecem e desprezam. Mas, assim como Deus não teria tido o seu desígnio na primeira vinda de Cristo se ele assim tivesse aparecido, tampouco o teria em seus santos, se o mundo os conhecesse como um dia os conhecerá; portanto, ele se compraz em os deixar escondidos sob as humildes coberturas da pobreza e de outras enfermidades, para que assim possa exercitar as suas graças de sofrimento, e também cumprir a sua ira sobre os ímpios pelas deles contra eles.

O evangelho como um mistério mostra-nos a razão pela qual os homens carnaís tanto se embaraçam quando lidam com assuntos de religião. Que falem eles das verdades do evangelho — que ignorância revelam! Exatamente como um camponês argumenta de lógica, e fala das artes liberais, assim eles das coisas celestiais. Não vemos que aqueles que nos negócios mundanos nos dão uma resposta sábia e sólida, nas verdades do evangelho falam como crianças e meninos pequenos? Sim, mesmo aqueles que têm algum conhecimento intelectual das

Escrituras, quão seco e sem sabor é o seu discurso sobre as coisas espirituais! São como um provérbio na boca de um tolo (Pv 26:7). Da mesma forma, quando se engajam em qualquer dever de religião. Põe-nos a orar, a ouvir a Palavra ou a meditar sobre o que ouviram; mais valia dares as ferramentas de um artesão àquele que nunca foi do ofício. Não sabem como lidar com elas; andam desajeitadamente no trabalho, e cortam tudo em pedaços. Cada ofício tem o seu mistério, e a religião acima de todas as vocações, a qual ninguém senão os que nela estão instruídos sabem como conduzir.

Vários deveres que a natureza misteriosa do evangelho impõe aos crentes

Uso Segundo. Vários deveres impostos aos santos, os quais estão instruídos no mistério do evangelho, por via de exortação:

1. *Dever. Sê agradecido porque Deus alguma vez o revelou a ti.* Oh, que misericórdia é esta, que tenhas "a vida e a imortalidade trazidas à luz" (2Tm 1:10), que os teus ouvidos ouçam este som alegre! Nunca vieram notícias tão alegres à cidade como as que o evangelho traz. Que pobre nação era esta nossa antes de o dia do evangelho despontar entre nós! Bendiz a Deus por a tua sorte ter sido lançada onde este sol está erguido. O evangelho, de fato, foi cedo pregado no mundo. Adão o teve logo após a sua queda; mas um evangelho curto, um mistério, de fato, para ele, todo envolvido em uma única promessa, e esta escura (Gn 3). Mas agora aquela única barra de ouro foi batida em toda a Bíblia — um evangelho escrito detalhadamente, e não em figuras. Tu ouves o evangelho não pregado em termos da lei, como os judeus o tinham sob a pedagogia de Moisés; mas evangelho em linguagem de evangelho. O véu foi retirado, o

qual ocultava a beleza das verdades do evangelho de suas faces. Tu o ouves após ter sido resgatado das mãos do anticristo, por quem por muitas eras foi mantido prisioneiro. Não vives naqueles tempos escuros em que as verdades do evangelho eram aviltadas com a mistura vil das sutilezas dos escolásticos e vaidades supersticiosas — quando mais pedras eram dadas para quebrar os dentes do que pão para alimentar as almas das pessoas. O canal do evangelho corre agora com vinho, não duas ou três vezes por ano, em algum dia de festa vistoso, mas constantemente. Cada Dia do Senhor tens a tua fartura de suas verdades mais doces. Não seria triste se eles fossem encontrados tendo sido mais agradecidos pelo pouco brilho da luz do evangelho que então apenas despontava, do que tu pela sua luz do meio-dia, que vives para ver o Sol da Justiça com as suas asas curadoras estendidas sobre ti (Ml 4)? Mas especialmente bendiz a Deus por qualquer luz e vida internas que tenhas recebido deste evangelho. Deus fez mais por ti nisto do que por milhares entre os quais vives, e esses não sendo nenhuns tolos tampouco. Até ao dia de hoje Deus não deu aos teus vizinhos carnaís olhos para verem, nem corações para perceberem aquele mistério que é desdobrado a ti. És agradecido a ele por te ter ensinado a tua profissão mundana, pela qual colhes um pequeno sustento para o teu corpo? Oh, que louvor debes tu então ao teu Deus, o qual, ao te instruir neste mistério, te ensinou a arte de salvar a tua alma! Os trompeteiros deleitam-se em tocar onde têm o melhor eco; Deus deleita-se em dar a sua misericórdia àqueles que mais farão ressoar o seu louvor.

2. Dever. O evangelho é um mistério, portanto não te acomodes em tuas realizações presentes; quer em teu conhecimento, visto que é um mistério da fé, quer em tua prática, visto que é um mistério da piedade.

(1.) *Não te acomodes em teu conhecimento presente.* É provável que saibas muito em relação ao que outrora sabias; mas sabes pouco em relação ao que podes saber. Alguns livros são aprendidos em uma única leitura, mas o evangelho é um mistério que exigirá mais do que a tua vida inteira para o compreenderes. Mistérios estão aqui semeados densamente; tu cavas onde as fontes brotam mais rapidamente diante de ti quanto mais avanças. Deus não conta todos os seus segredos de uma só vez — "preceito sobre preceito, regra sobre regra, um pouco ali, outro pouco acolá" (Is 28:10); "muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará" (Dn 12:4). O navio do comerciante não recebe toda a sua carga em um único porto, mas navega de um para outro em busca dela; da mesma forma, o cristão não se enriquece com este tesouro celestial todo de uma só vez ou em uma única ordenança. O verdadeiro amante do saber não desiste de sua busca pelo pouco conhecimento superficial que obtém, mas antes, tendo recebido a percepção de quão doce o saber é, avança com mais vigor em busca do que lhe falta. O verdadeiro doutor estuda mais arduamente do que o calouro porque, à medida que conhece mais do saber, da mesma forma por esse conhecimento compreende melhor a sua própria deficiência; pois quanto mais alto ele sobe a colina do saber, mais a sua perspectiva se alarga, enquanto o outro, permanecendo na base, julga que sabe tudo em seu pouco.

(2.) *Não te acomodes em tua prática presente, visto que é um mistério da piedade.* Não permitas que um pouco de graça te sirva de pretexto quando podes ter mais; o que para o fazeres:

(a) *Não te compares com aqueles que têm menos do que tu,* mas olha para os que te superaram em muito. Olhar para os nossos inferiores gera orgulho: "não sou como este publicano", diz o fariseu; mas olhar para os que são mais eminentes do que

nós preservará a humildade e será uma espora para a diligência. As vitórias de Miltíades não permitiam que Temístocles, então um jovem, dormisse. O progresso que alguns fizeram na graça — mantivesses tu os olhos postos neles — não te permitiria ficar tranquilo, tu que estás agora tão atrás, até os teres alcançado. Talvez tenhas obtido alguma vitória sobre a tua paixão e não sejas tão descontrolado em tua fúria como os outros; mas nunca ouviste falar de quão manso homem Moisés era, que podia suportar as murmurações da multidão, sim, a inveja de seu irmão e irmã, e contudo o seu coração não se acendia em ira (Nm 12)? Tens algumas boas afeições para com Deus, mas quão distante estás do zelo do santo Davi, cujo coração corria para Deus assim que os seus olhos se abriam pela manhã? "Quando acordo, ainda estou contigo". Três vezes por dia, sim, sete vezes por dia, ele louvava o seu Deus. Tens alguma paciência, mas aprendeste a escrever segundo o modelo de Jó? Não és sem fé, mas és como Abraão — forte na fé para seguires a Deus quando não sabias para onde ele te guiaria (Hb 11)?

(b) A graça que tens logo será menos se não lhe acrescentares mais. Estás sobre uma correnteza rápida; permita que o teu remo perca o seu golpe, e cairás para trás. Não existe tal coisa na religião como um comércio estável de piedade onde nada se ganha ou perde. Alguns homens em seu comércio mundano podem dizer ao final do ano que nem ganharam nem perderam; mas tu não podes dizer isso ao final do dia. Estás à noite melhor ou pior do que estavas pela manhã.

(c) É o desígnio do gospel dar graça em grandes medidas. Cristo dá vida, "e a dá com abundância" (Jo 10:10). Ora, será a fonte tão grande, e o cântaro que carregamos a ela tão pequeno? Para que serve abrir Deus a sua mão a tal largura

na promessa senão para alargar os nossos desejos e encorajar os nossos esforços?

(d) *Quanto mais graça tiveres obtido, mais fácil será acrescentar a ela.* Um pouco de saber é adquirido com mais dificuldade por um jovem estudante do que muito mais posteriormente.

3. *Dever. Suportai-vos uns aos outros em vossas imperfeições.* Vedes que o evangelho é um mistério, não vos maravilheis, portanto, de que alguns não sejam imediatamente mestres de sua arte. Cristo suporta as imperfeições dos santos; bem podem os santos suportar-se uns aos outros. Quão rudas eram os discípulos em seu conhecimento — por quanto tempo permaneceram em uma única lição antes de a poderem aprender! "Crede-o agora?" (Jo 16:31), diz Cristo. Ele tinha suportado com eles por muito tempo, e inculcado a mesma coisa frequentemente antes de entrar em suas mentes; contudo, infelizmente! nós mal podemos ter uma boa opinião de, ou manter comunhão com, aqueles que não são em tudo de nosso juízo, e não podem ver as coisas tão claras quanto nós mesmos. Certamente equivocamos a natureza do evangelho, como se não houvesse senão pontos simples nele. Bendito seja Deus, quanto aos princípios necessários para a salvação, embora a sua natureza seja alta e misteriosa, contudo são clara e plenamente asseverados na Palavra: "Sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade" (1Tm 3:16). A piedade é um mistério, mas é "sem dúvida alguma" [ou sem controvérsia]. Quanto aos pontos principais fundamentais e práticas dela, não há disputa entre os fiéis; mas há alguns pontos mais distantes das partes vitais da religião que têm nós não facilmente desatados, o que faz alguma diferença de juízo. Mas não é cada excesso ou defeito que faz um monstro — como seis ou quatro dedos na mão —,

mas sim um excesso ou defeito em alguma parte principal; da mesma forma, nem todo equívoco faz um monstro na religião. Lembra-te de que o evangelho é um mistério, e suportarás a ignorância uns dos outros melhor. E, quando o amor tiver uma vez assentado a poeira que a paixão e o preconceito sopraram em nossos olhos, estaremos então em maior vantagem para descobrirmos a verdade.

Novamente: suporta as fraquezas na parte prática da religião. A piedade, bem como a doutrina de nossa fé, é um mistério. Nem todos os servos em uma oficina podem trabalhar igualmente. Alguns são mais desajeitados do que outros — conforme os seus dons e experiência são menores. Nem todos os santos são de uma mesma altura. Cristo tem alguns filhos em sua família que são guiados com amarras, bem como outros que andam fortemente sem tal ajuda. Alguns agem mais sob os puros princípios do evangelho — amor e o espírito de adoção —; outros não desgastaram ainda os seus temores e terrores legalistas. Alguns subiram mais alto na colina da fé e têm apreensões mais claras de seu estado espiritual; outros estão mais próximos da base, os quais, como o sol recém-nascido acima do horizonte, estão envolvidos com muitas nuvens de temores e dúvidas embaraçosas. Em uma palavra: alguns saíram mais de suas paixões, têm maior domínio sobre as suas corrupções do que outros de seus irmãos. Tem piedade de teu irmão fraco, e toma-o pela mão para a sua ajuda; mas não o desprezes, Deus o pode fazer em pé, e permitir que tu caias. Cristo não apaga a torcida que fuma, por que deveríamos nós? O cristão fraco é bem-vindo ao seu Pai celestial bem como o forte; por que não deveria ser aos seus irmãos? Mas, infelizmente! o provérbio aqui é verdadeiro demais: "Melhor falar com o patrão do que com o empregado; com o pai do que

com o filho". Aqueles que podem ser tão ousados com Deus não se atrevem a ser livres com os seus companheiros de serviço e irmãos.

4. *Dever. É o evangelho um mistério? Então, cristão, anseia pelo céu;* ali, e somente ali, será este mistério plenamente conhecido. As grandes coisas de que se falava a respeito da igreja do evangelho fizeram muitos santos e profetas antes do tempo de Cristo desejarem ver aqueles tempos felizes em que tais revelações seriam feitas; quanto mais deveríamos nós ansiar pelo céu, onde este grande mistério será plenamente aberto, e cada gaveta deste gabinete aberta, na qual jazem tantas joias preciosas até ao dia de hoje não vistas por santo algum na terra! Então se dirá: "o mistério de Deus se consumou" (Ap 10:7). Aqui aprendemos o nosso conhecimento dele pouco a pouco, como quem lê um livro à medida que sai da prensa, folha por folha; ali o veremos por inteiro. Aqui obtemos um pouco de luz deste sermão, um pouco mais do seguinte, e assim o nosso estoque aumenta pela adição de algumas moedas lançadas, algumas hoje, e mais amanhã; mas ali teremos tudo de uma só vez. Aqui aprendemos com muita dor e dificuldade; ali sem labor e trabalho. Os santos glorificados, embora não cessem de trabalhar, contudo descansam de suas fadigas. Aqui a paixão cega as nossas mentes, de modo que confundimos o erro pela verdade e a verdade pelo erro; mas então estas nuvens serão dispersadas e se irão. Aqui a fraqueza de dotes naturais mantém a muitos no escuro, e os torna incapazes de compreenderem algumas verdades em que outros de seus irmãos são guiados; mas ali o forte não precederá o fraco, o estudante saberá tanto quanto o seu mestre, o povo tanto quanto o seu ministro. Aqui as disputas e contendas entre os piedosos deixam os mais fracos em grande incerteza sobre o que pensar a respeito de muitas

verdades; mas ali todos concordarão — o que consolou aquele homem santo em seu leito de morte, de que ia para lá onde Lutero e Calvino estavam reconciliados. Aqui somos perturbados em nossas investigações após a verdade — ora as ocasiões necessárias deste mundo nos desviam, ora a fraqueza e enfermidades de nossos corpos nos impedem; mas no céu os nossos corpos não requererão nenhum deste cuidado, não necessitaremos de prover nem vestuário para as costas nem alimento para o ventre.

Oh, morte feliz, que nos livrará de todas as dores de nossos corpos e conflitos em nossas almas! Tu és o único médico para curar todas as desordens de saúde dos santos em ambos. Quando aquela hora bendita chegar, então levantai as vossas cabeças com alegria, pois ela vos conduzirá àquele lugar bem-aventurado onde vereis Cristo, não a grande distância, com o olho da fé no espelho de uma ordenança ou promessa, mas, com um olho glorificado, contemplareis a sua própria pessoa, para nunca mais perderdes a visão dele. Tu não provarás o seu amor em um pequeno pedaço de pão sacramental e gole de vinho, mas colocarás a tua boca na fonte, e de seu seio beberás o teu gole pleno. Tu não mais ouvirás falar de quão glorioso lugar o céu é, como costumavas ter apresentado pela retórica pobre de um homem mortal que te pregava sobre aquilo com o qual ele próprio estava mas pouco familiarizado; mas caminharás tu mesmo nas ruas daquela cidade gloriosa, e te bendirás quando estiveres ali, ao pensares que pensamentos tão pobres e baixos tu e o teu ministro também tínheis dela, quando na terra meditavas, e ele pregava, sobre este assunto. A visão de um único momento daquela glória te informará mais do que todos os comentários e livros escritos sobre ela foram jamais capazes de fazer. E não clamas tu ainda: "Até quando, ó Senhor, santo e

verdadeiro, antes que me tragas para lá?". Não é cada hora um dia, o dia um mês, o mês um ano, sim, uma era, até que esse tempo venha? Como Bernardo, sobre aquelas palavras: "Um pouco, e não me vereis; e outra vez um pouco, e ver-me-eis" (Jo 16:16), apaixonadamente prorrope: *pie Domine, modicum illud vocas, in quo te non videam? O modicum, modicum longum* [piedoso Senhor, chamas a esse pouco tempo aquele em que não te hei de ver? Oh! pouco tempo, pouco tempo longo!].

Exortação a estudar o mistério do evangelho

Uso Terceiro. Sede vós provocados, os que sois ainda estranhos a este mistério, a obterdes o conhecimento dele — sim, esforçai-vos por adquirirdes um conhecimento íntimo com ele. Para vos mover a isso, farei uso de DOIS ARGUMENTOS: 1. Considera o Autor deste mistério. 2. O assunto dele.

1. Argumento. Considera o Autor do mistério do evangelho. Aquele livro necessariamente deve ser digno de ser lido o qual tem Deus por autor; aquele mistério merece o nosso conhecimento o qual é o produto de sua sabedoria e amor infinitos. Há uma glória divina que repousa sobre a face de todas as obras de Deus. É impossível que tão excelente artista colocasse a sua mão em uma obra ignóbil: "Ó Senhor, quão variadas são as tuas obras! Todas as coisas fizeste com sabedoria..." (Sl 104:24). Mas não há a mesma glória de se ver em todas as suas obras. O nosso apóstolo diz-nos que "uma é a glória do sol, e outra a glória da lua, e outra a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória de outra estrela" (1Co 15:41). Ora, entre todas as obras de Deus, a da redenção do homem pode bem passar pela obra-prima. O próprio mundo foi estabelecido para ser um cenário para a atuação desta peça da providência, em que a *polypoíkilos sophía tou theou* — "a

multiforme sabedoria de Deus" é tão curiosamente trabalhada, que os próprios anjos se inclinam nela e se envolvem em uma admiração dela (Ef 3:10; 1Pe 1:12). As obras de Deus merecem o nosso estudo, e aquelas mais em que ele desenhou o retrato mais claro de si mesmo. O mistério do evangelho, portanto, acima de tudo o mais, deveria ser investigado por nós, por ser o único espelho em que a glória de Deus é com a face descoberta para ser vista.

2. *Argumento. Considera o assunto do evangelho* — Cristo e o caminho da salvação através dele. Que fins pobres e baixos têm todos os mistérios mundanos! Um para nos tornar ricos, outro para nos tornar grandes e honrados no mundo, mas nenhum para nos tornar santos aqui ou felizes no futuro; — isto é aprendido apenas do conhecimento de Cristo, o qual é revelado no evangelho, e em parte alguma mais. Sem dúvida, a história natural de Salomão, em que ele tratava "desde o cedro... até ao hissopo... e das feras, e das aves, e dos répteis" (1Re 4:33), era uma obra rara em seu gênero; contudo, uma única página do evangelho é infinitamente de mais valor para nós do que todo aquele grande volume teria sido; — tanto mais precioso por quanto o conhecimento de Deus em Cristo é melhor do que o conhecimento de animais e aves. E nós temos razão para pensarmos que é uma misericórdia que o livro esteja perdido e fora de nossa vista, o qual seríamos propensos a estudar mais do que a Bíblia; não que fosse melhor, mas mais adequado ao molde de nossas mentes carnavais. Mas, para uma alma graciosa, iluminada com o conhecimento salvador, livro algum se compara ao da Bíblia. Paulo era um erudito formado; não carecia daquele saber que recomenda os homens ao mundo, contudo considera tudo esterco e comida de cães em comparação com a "excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor" (Fp

3:8). Bem pôde ele chamar de comida de cães; pois um homem pode alimentar-se toda a sua vida com o saber humano e morrer, no sentido bíblico, um cão no final. Era o ditado de Boaventura que ele preferia perder toda a sua filosofia a perder um único artigo de sua fé. Lemos que aqueles (At 19) no momento em que foram convertidos queimaram os seus livros de artes curiosas. Tampouco foram perdedores com isso, pois tinham adquirido conhecimento com um livro que valia mais do que todos eles.

De todas as criaturas neste mundo visível, a luz é a mais gloriosa; de toda a luz, a luz do sol sem comparação excede o restante. Fosse este olho do mundo apagado, a terra seria uma caverna, uma cova, em que seríamos sepultados vivos. O que eram os egípcios enquanto sob a praga das trevas senão como tantos homens mortos (Êx 10)? Tinham amigos, mas não os podiam ver; bens fora nos campos, mas não os podiam desfrutar. Ora, o que é o sol para o mundo sensível, isso é Cristo no evangelho para o mundo intelectual das almas. Sem esta "luz do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (2Co 4:6), o que pode a alma fazer ou desfrutar corretamente? A alma do homem é de alta, sim, real extração, pois Deus é "o Pai dos espíritos" (Hb 12:9); mas este filho encontra o seu Pai celestial no escuro, e não o conhece: "Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu" (Jo 1:10). E assim como é de alto nascimento, da mesma forma destinada para um alto fim: glorificar e desfrutar de Deus, o seu Criador. Ora, por falta do conhecimento de Cristo, ela não pode fazer nenhum dos dois, mas rebaixa-se à servidão do pecado e prazeres sensuais da criatura em lugar de Deus, para quem foi no início criada; como o filho de algum grande príncipe que, não conhecendo a sua real descendência, se perde ao casar com a filha de um mendigo. Oh! como deveríamos valorizar e estudar este mistério, portanto, que

nos traz ao verdadeiro conhecimento de Deus, e ao caminho sobre como podemos recuperar o nosso interesse nele e felicidade com ele! A felicidade primitiva do homem consistia no amor de Deus para com ele e em sua semelhança com Deus. O evangelho descobre um caminho sobre como o homem pode ser restaurado a ambos. O primeiro ele faz, como é um mistério da fé, revelando Cristo e a sua expiação para a nossa reconciliação com Deus; o segundo, como é um mistério da piedade, e o instrumento de que Cristo faz uso na mão de seu Espírito para criar o homem de novo, e como que a ferramenta para reescrever a imagem de Deus sobre ele.

Pergunta. Mas como podemos ser guiados ao conhecimento salvador deste mistério?

(1.) Não penses em o obteres pela força de tua razão ou dotes naturais. Ele não é aprendido como outros segredos na natureza ou artes humanas, das quais aqueles que têm a inteligência mais penetrante e o cérebro mais forte mais cedo obtêm o domínio. Nenhuns foram mais equivocados, ou erraram de modo mais terrível em suas apreensões sobre as verdades do evangelho, do que os maiores eruditos, filhos da razão e homens admirados pelos seus dotes e saber; a causa de que pode ser em parte o orgulho e autoconfiança deles, de que Deus sempre foi e será um inimigo; e também porque os mistérios do evangelho não se ajustam e combinam com os princípios da razão e sabedoria carnaís. De onde vem a passar que a parte mais sábia do mundo, como é considerada, comumente rejeitou os grandes princípios da fé evangélica como absurdos e irracionais. Diz a um ariano sábio que Cristo é Deus e homem em uma só pessoa, e ele rir-se-á disso, como fizeram de Paulo quando mencionou a ressurreição do corpo (At 17:32), porque a chave de seu entendimento não se ajusta aos dentes desta fechadura. Quando

um defensor dos méritos ouve falar de ser justificado pela fé, e não pelas obras, isso não passará com ele. Parece tão ridículo para ele que um homem devesse ser justificado pela justiça que outro cumpre, como para um homem viver da comida que outro come, e estar aquecido com as roupas que outro veste. Diz-lhe que, quando tiver vivido de modo mais santo, ele deve renunciar à sua própria obra e ser devedor do mérito de outro; tu o persuadirás tão facilmente a vender os seus bens para obter o seu sustento mendigando à porta de outrem. Estes são "discursos duros" (Jo 6:60) diante dos quais se ofendem, e se vão, ou trabalham para perverterem a simplicidade da revelação do evangelho para o seu próprio sentido. Resolve, portanto, vir, quando leres o evangelho, não para disputares com o teu Criador, mas para creres no que ele revela ser a sua mente. Não chames os mistérios divinos a darem contas ao teu fraco entendimento. O que é isto senão julgar um príncipe no tribunal de um súdito? Quando tiveres deitado de lado o orgulho de tua razão, então estarás apto para seres admitido como aluno na escola de Cristo, e não antes.

Objeção. Mas devemos nós deixar de ser homens quando nos tornamos cristãos?

Resposta. Não; nós não deixamos de ser homens, mas sim homens orgulhosos, quando deitamos de lado a confiança de nosso próprio entendimento para nos aquietarmos na sabedoria e verdade de Deus. Uma fé implícita é absurda e irracional quando um homem a exige de nós, o qual pode enganar ou ser enganado no que diz. Mas quando Deus fala, é toda a razão do mundo que creiamos no que ele diz ser verdadeiro, embora não possamos compreender o que ele diz; pois sabemos que ele, que é sabedoria infinita, não pode ele próprio ser enganado, e ele, que é verdade e fidelidade, não nos enganará.

(2.) *Deves te tornar um discípulo de Cristo.* Os homens não ensinam os estranhos que passam pela sua porta, ou que entram em suas oficinas, os mistérios de seu ofício e profissão; mas os seus servos, e tais que estão dispostos a serem vinculados como aprendizes a eles. Tampouco promete Cristo revelar os mistérios do evangelho a quaisquer senão àqueles que querem dar os seus nomes para serem seus servos e discípulos: "A vós vos é dado saber o mistério do reino de Deus, mas aos que estão de fora todas estas coisas se tratam por parábolas" (Mc 4:11). Quando uma vez tiveres subscrito a aliança do evangelho, o teu compromisso está selado, Cristo é agora o teu mestre, ele te recebe como um de sua família e encargo, e assim atentarà para a tua criação e educação; mas quanto àqueles sobre cujos corações e afeições ele não tem controle, eles vêm talvez à ordenança, mas, quando o sermão termina, retornam ao seu antigo mestre novamente. O pecado continua a ser o seu ofício, e Satanás o seu senhor; é provável que Cristo lhes ensine o seu ofício? O mistério da injustiça e o da piedade são contrários; um não pode ser aprendido até que o outro seja desaprendido.

(3.) *Se queres aprender este mistério para qualquer propósito, não te contentes com um conhecimento nocional e intelectual dele.* O evangelho respeita tanto a cabeça quanto o coração — entendimento e vontade. Para o entendimento ele é um mistério da fé; para o coração e vida ele é um mistério da piedade. Ora, estes dois não devem ser separados: "Guardando o mistério da fé em uma pura consciência" (1Tm 3:9). Aqui está tanto o maná quanto o pote de ouro para o guardar — a verdade guardada em uma consciência pura. O conhecimento pode te tornar um erudito, mas não um santo; ortodoxo, mas não gracioso. E se fosses capaz de escrever um comentário sobre toda a Bíblia, e a partir da Escritura pudesses confutar todos os

erros e heresias que em qualquer momento foram espalhados e ventilados contra a verdade; de que te aproveitaria isto quando as tuas próprias concupiscências confutam, sim, confundem a ti mesmo? "E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios... e não tivesse amor, nada seria" (1Co 13:2). Aquele que aumenta o conhecimento e não obtém a graça com o seu conhecimento aumenta a dor para si mesmo, sim, a dor eterna. Seria um alívio aos pecadores do evangelho no inferno se pudessem apagar a lembrança do evangelho de suas memórias, e esquecerem que alguma vez conheceram tais verdades. Em teu conhecimento, portanto, dos mistérios do evangelho, trabalha para estas duas coisas especialmente:

(a) *Para veres o teu direito de propriedade neles.* Nisto consiste a essência e a medula do conhecimento do evangelho. Quando encontrares o que Cristo fez e sofreu pelos pobres pecadores, não descanses até poderes dizer com Paulo: "o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim" (Gl 2:20). Quando leres qualquer promessa preciosa, deverias perguntar à tua própria alma, como o eunuco fez a Filipe a respeito daquela passagem de Isaías: "Diz isto de si mesmo ou de algum outro?" (At 8). Sou eu a pessoa perdoada? Sou eu um em Cristo Jesus, para quem não há condenação alguma? Quão impacientes estavam aqueles dois prisioneiros até que José tivesse interpretado o sonho deles, para que pudessem saber o que lhes sobreviria (Gn 40)! A Escritura resolverá se a tua cabeça será elevada para a forca no inferno ou para a corte do rei no céu. Ora, ao leres ou ouvires pregar, isto é o que deverias escutar e indagar para saberes — onde ela te estabelece a tua porção, se na promessa ou na ameaça. Há um doce banquete de que o evangelho fala, mas sou eu um dos convidados de Cristo que se

assentará nele? Há mansões preparadas no céu, mas posso encontrar uma reservada para mim ali?

(b) Trabalha para encontrares o poder e eficácia das verdades do evangelho sobre ti. Quando os nossos primeiros pais comeram daquele fruto infeliz que deu a eles e a toda a humanidade neles a sua ruína, diz-se então que "conheceraam que estavam nus" (Gn 3); sem dúvida sabiam disso antes de sua queda, mas agora sabiam com vergonha; sabiam e buscaram roupas para os cobrir, das quais não sentiam carência antes. Apenas aludo à passagem. Muitos sabem o que o pecado é, mas não é um conhecimento de sentimento da alma: sabem que estão nus, mas não se envergonham de sua nudez; não veem necessidade da justiça de Cristo para a cobrir, e de sua graça para a curar. Muitos sabem que Cristo morreu, e por que morreu; mas a morte de Cristo é uma verdade morta para eles, não opera a morte de suas concupiscências que foram a morte dele. Sabem que ele ressuscitou, mas continuam eles próprios apodrecendo na sepultura de suas corrupções. Sabem que Cristo subiu ao céu, mas isto não atrai as suas almas após ele. Um filósofo, ao ser perguntado sobre o que obtivera pela filosofia, respondeu: "Ela ensinou-me a desprezar o que os outros adoram, e a suportar o que os outros não podem suportar". Se alguém perguntasse: O que obtiveste por conheceres o mistério do evangelho? Verdadeiramente não podes dar conta alguma digna de teu conhecimento com ele se não puderes dizer: "Aprendi a crer no que a carne e o sangue nunca me poderiam ensinar, e a fazer o que eu nunca poderia fazer até ter conhecimento com as suas verdades celestiais". Isto é conhecer "a verdade... em Jesus" (Ef 4:21). Tivesse um homem doente bebido alguma poção — a qual se operar salvará a sua vida, se não, será certamente a sua morte —, oh, quão atribulado estaria ele enquanto não visse operação

alguma que ela tivesse sobre si! Que meios não usaria ele para a pôr a funcionar! Se as verdades do evangelho não operam eficazmente em ti para a tua renovação e santificação, és um homem perdido; elas serão indubitavelmente "cheiro de morte" para ti. Oh! como podes, então, descansar até encontrares que elas transformam os vossos corações e assimilam as vossas vidas à sua natureza celestial! Assim Paulo esforçava-se por conhecer o poder da ressurreição de Cristo ressuscitando-o para uma vida santa aqui, sem o que não poderia alcançar uma ressurreição alegre no futuro (Fp 3:10-11). O evangelho é um espelho, mas não como aquele em que vemos a nossa fisionomia corporal. Este apenas mostra qual é a nossa feição e deixa-a como estava; mas aquele transforma a própria fisionomia da alma "de glória em glória" (2Co 3:18).

SEGUNDA OBSERVAÇÃO. Em que consiste o trabalho de um ministro do evangelho

"para fazer notório o mistério do evangelho"

Vistes a natureza sublime do evangelho apresentada: ele é um mistério. Aqui o trabalho do ministro é exposto: ele deve com toda a clareza e perspicuidade possíveis abrir este mistério e expô-lo à visão do povo. Nota: "o evangelho" é o seu assunto, e "fazer notório" é o seu dever. Assim diz a comissão do ministro para o seu ofício: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16:15). Ouvimos as pessoas às vezes dizendo: "O pregador está fora de seu texto"; mas ele nunca está fora de sua missão contanto que seja o evangelho o que ele faz notório. Seja qual for o seu texto, este deve ser o seu designio. A sua comissão é fazer notório o evangelho; entregar aquilo, portanto, que não seja redutivo a isto é estar fora de suas instruções. Nada

senão a pregação do evangelho pode alcançar o fim para o qual o ministério do evangelho foi designado, e esse é a salvação das almas: "Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação" (1Co 1:21). O grande livro da criação estivera por muito tempo aberto diante dos olhos do mundo, contudo nunca puderam eles chegar ao conhecimento salvador de Deus por toda aquela divina sabedoria que está escrita com o dedo de Deus em cada página dele. Portanto, aprouve a Deus enviar os seus servos para que, pregando o evangelho, as pobres almas pudessem crer em Cristo e, crendo, fossem salvas. Doutrina nenhuma senão o evangelho pode salvar uma alma; tampouco o próprio evangelho, a menos que seja feito notório.

O evangelho unicamente pode salvar uma alma, e isto apenas quando conhecido

Primeiro. Doutrina nenhuma senão o evangelho pode salvar uma alma. Galeno pode ensinar-te a salvars a tua saúde se seguires as suas regras. Littleton e outros livros de direito ensinar-te-ão a salvars os teus bens. Platão e outros filósofos ensinar-te-ão a salvars o teu crédito entre os homens por uma vida externa justa e inofensiva. A doutrina deles será um meio de te salvar de muitos pecados graves e repugnantes, pelos quais podes ser aplaudido pelos teus vizinhos na terra e talvez menos atormentado no inferno, onde Fabrício encontra um lugar mais frio do que Catilina. Mas é o evangelho unicamente pelo qual podes ser ensinado sobre como salvar a tua alma do inferno e trazê-la ao céu. Mas por que falo eu destas coisas? Não é a própria lei de Deus — refiro-me à moral — a que é agora capaz de te salvar. Deus nunca teria estado em tão vasta despesa — no

derramamento de sangue de seu Filho — para erigir outra lei, a saber, a lei da fé, se aquela tivesse servido para este propósito: "porque, se a justiça provém" — sim, ou pudesse provir — "da lei, segue-se que Cristo morreu em vão" (Gl 2:21).

Pergunta. Por que, então, pregam os ministros a lei?

Resposta. Pregam-na como devem: pregam-na em subordinação ao evangelho, não em oposição. *Qui scit benè distinguere inter legem et evangelium, Deo gratias agat, et sciat se esse theologum* [Aquele que sabe distinguir bem entre a lei e o evangelho, dê graças a Deus, e saiba que ele então merece o nome de teólogo]. Devemos pregá-la como regra, não como aliança de vida. A santidade, quanto à matéria e substância dela, é a mesma que sempre foi. O evangelho não destrói a lei neste sentido, mas acrescenta um forte reforço a todos os seus mandamentos.

Novamente: podemos e devemos pregar a lei como o meio necessário para conduzir as almas para fora de si mesmas para Cristo no evangelho. O evangelho é a rede com a qual devemos pescar as almas e tirá-las de seu estado pecaminoso e de naufrágio. Mas como faremos para que elas queiram entrar nela? Verdadeiramente nunca, a menos que primeiro batamos no rio com as varas da lei — refiro-me às ameaças —, os pecadores jazem em suas concupiscências, como os peixes na lama, de onde não há como os tirar senão aplicando duramente sobre as suas consciências as ameaças da lei: "Entrou, porém, a lei para que a ofensa abundasse" (Rm 5:20) — isto é, na consciência pela convicção, não na vida pela comissão e prática. A lei mostra tanto o que é pecado quanto também o que o pecado é. Quero dizer: ela diz quando cometemos um pecado, e que coisa odiosa e perigosa fazemos ao cometê-lo — como alertamos a Deus e

trazemos toda a sua força ao campo de batalha contra nós. Ora, isto é necessário para preparar o caminho para o pecador receber o evangelho. A agulha deve entrar antes do fio com o qual o tecido é costurado. A ponta afiada da lei deve picar a consciência antes que a criatura possa pelas promessas do evangelho ser atraída a Cristo. O campo não está adequado para a semente ser lançada nele até que o arado o tenha quebrado. Tampouco está a alma preparada para receber a misericórdia do evangelho até que quebrantada com os terrores da lei.

Segundo. O próprio evangelho não salva, a menos que seja feito notório: "Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto" (2Co 4:3). Onde Deus não envia luz, ele não tenciona amor. Na doença corporal, um médico pode fazer uma cura embora o seu paciente não saiba que remédio é o que ele usa. Mas a alma deve conhecer o seu remédio antes de poder ter qualquer benefício curador dele. João é enviado "para dar ao seu povo conhecimento da salvação, na remissão dos seus pecados" (Lc 1:77). Sem conhecimento, sem remissão. Cristo deve ser levantado na haste do evangelho, bem como na madeira da cruz, para que por um olho de fé possamos olhar para ele e assim sermos curados (Jo 3:14). "Olhai para mim e sereis salvos" (Is 45:22). Um homem que vê pode guiar outro que é fisicamente cego ao lugar para onde deseja ir. Mas aquele que quer ir ao céu deve ter um olho em sua própria cabeça para ver o seu caminho, ou de outro modo nunca chegará lá: "o justo viverá da sua fé" (Hab 2:4), não pela de outro. Uma fé por procuração é inútil. Ora, a foi salvadora é uma graça que vê o seu objeto: ela é "a prova das coisas que se não veem" (Hb 11:1) — isto é, que se não veem pelos sentidos. "porque eu sei em quem tenho crido" (2Tm 1:12), diz Paulo. Portanto, a fé é frequentemente expressa pelo conhecimento: "E

a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17:3). Ora, como podem eles conhecer a Cristo e a vida eterna até que o evangelho seja feito notório, o qual traz a ele e a vida por ele à luz (2Tm 1:10)? E por quem será o evangelho feito notório se não pelos ministros dele? Até aqui o apóstolo o conduz: "Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?" (Rm 10:14). De modo que este grande trabalho bate à porta do ministro. Ele deve "fazer notório o mistério do evangelho".

Objeção. Mas que necessidade há agora de pregar? Este foi o trabalho daqueles que deviam plantar uma igreja. Agora que a igreja está plantada e o evangelho feito notório, este labor pode ser poupado.

Resposta. O ministério do evangelho foi tencionado não apenas para plantar uma igreja, mas também para conduzir o seu crescimento. O que Paulo planta, Apolo vem depois e rega com o seu ministério (1Co 3:6). Quando o alicerce está lançado, não deve a casa ser construída? E para isto Cristo deu ministros à sua igreja: "Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo" (Ef 4:12). O andaime não é retirado até que a construção esteja terminada, mas antes elevado mais e mais alto à medida que a estrutura sobe. Assim Paulo prosseguiu em seu ministério de pontos inferiores para mais elevados, de verdades fundamentais para verdades de superestrutura (Hb 6:1). Uma igreja famosa fora plantada em Tessalônica, contudo havia algo "que faltava à sua fé", o que Paulo ansiava ir e conduzir a maior perfeição (1Ts 3:10). Certamente os que pensam haver tão pouca necessidade de pregação esquecem-se de que o evangelho é um mistério —

tal mistério que nunca pode ser plenamente ensinado pelo ministro ou aprendido pelo povo; tampouco consideram eles quantos engenheiros Satanás tem em atividade continuamente para minarem o evangelho, tanto como é um mistério da fé como da piedade também. Não tem ele os seus semeadores que estão sempre espalhando doutrina corrupta? Certamente, então, o ministro fiel necessita obstar os desígnios deles fazendo notória a verdade, para que o seu povo não careça de um antídoto para os proteger contra o veneno deles. Não há corrupções nos peitos dos melhores, e tentações diárias da parte de Satanás e do mundo para as atraírem, pelo que estão sempre em perigo e frequentemente tristes desfeitas? Em uma palavra: não está a graça plantada em um solo frio que necessita de refrigério da parte de um ministério do evangelho? Não vemos que o que é obtido em um Dia do Senhor pela pregação da Palavra é, se não perdido, contudo muito prejudicado pelo seguinte? Verdadeiramente os nossos corações são como terras magras que necessitam toda hora de uma chuva, do contrário o trigo nelas murcha e muda de cor. Oh, que charnecas estéreis se tornariam em breve as igrejas mais vicejantes se estas nuvens não derramassem sobre elas! Os cristãos a quem Pedro escreveu eram de uma classe elevada, não noviços, mas bem fundamentados e enraizados na fé; contudo isto não poupou o apóstolo de seus esforços adicionais: "Pelo que não deixarei de exortar-vos sempre por estas coisas, ainda que as saibais, e estejais confirmados na verdade presente" (2Pe 1:12).

USO OU APLICAÇÃO. Repreensão e encorajamento aos ministros

Uso Primeiro. Aos ministros. Para repreender a alguns; para encorajamento de outros. Repreende:

1. *Os pregadores vaidosos;* que, em vez de "fazerem notório o mistério do evangelho", fazem de sua missão ao púlpito uma oportunidade de se fazerem notórios a si mesmos; que inflam o seu sermão, como os açougueiros fazem com a carne que vendem, com uma pompa de palavras vazias e moldam o seu discurso antes para fazerem cócegas em seus ouvidos do que para aproveitarem as suas almas; para os enviarem para casa aplaudindo o pregador por sua inteligência e dons, em vez de admirarem as excelências de Cristo e as riquezas de sua graça. Assim muitos, infelizmente! que deveriam ser agentes de Cristo, agem como comerciantes para o seu próprio crédito. São enviados para atraírem as almas para Cristo, e falam uma palavra por ele e duas por si mesmos. Isto é uma grande impiedade, de que o amado Paulo solenemente se inocenta: "nem usamos... de pretexto de avareza, Deus é testemunha; e não buscamos glória dos homens..." (1Ts 2:5-6). Oh, quão raramente são alguns convertidos por tais sermões! Estes *gloriae animalia* — pregadores vaidosos, podem ser, como Raquel, belos, mas o seu ministério tende a ser estéril.

2. *Os pregadores obscuros;* os que não fazem notórios os mistérios do evangelho, mas tornam as verdades simples em si mesmas misteriosas pelas suas pregações escuras e confusas sobre elas. Esta foi a infelicidade dos escolásticos, que enredaram e embaraçaram as verdades mais simples do evangelho com os seus termos rudes e questões sutis, as quais de outro modo teriam sido compreendidas por um entendimento comum. O que se diz de alguns comentadores: "As passagens sobre as quais tratam eram simples até que eles as expuseram", pode ser dito de some preachers: o texto deles era claro até que

o seu discurso escuro sobre ele o obscureceu. Que prejuízo maior pode um pregador fazer aos seus ouvintes do que este? O pregador deve abrir as Escrituras; mas estes giram a chave para o rumo errado e as trancam longe de seu conhecimento. Eles devem segurar o espelho do evangelho diante de seu povo, pelo qual possam ver como vestir as suas almas, como uma noiva, para a vinda de seu marido; mas pelo tempo que gastaram a soprar sobre o seu texto, ele fica de tal modo obscurecido que não podem ver a sua fisionomia nele. Aquela água não é a mais profunda que é mais densa e turva; tampouco o assunto sempre o mais profundo quando a expressão do pregador é escura e obscura. Consideramos um defeito na fala quando a pronúncia de um homem não é distinta. Não sei então como haveria de ser considerado uma perfeição ser obscuro na entrega de nossas concepções. Quanto mais profundo e pleno for o entalhe no selo, mais clara será a impressão na cera. Quanto mais plenamente alguém compreende uma coisa, mais capaz será de a transmitir claramente aos outros. Como uma fala gaga e gaguejante provém de um impedimento nos órgãos da fala, da mesma forma uma entrega escura e obscura de nossos pensamentos revela um defeito em nossas apreensões; exceto se proceder de uma afetação de voar alto em nossas expressões acima do alcance dos entendimentos vulgares — e isto é o pior de tudo.

3. *O pregador meramente moral*; aquele cujo canal de pregação corre por um leito não evangélico. Deveres morais ele impõe, e pecados contra a lei moral ele condena. Tampouco me atrevo a culpá-lo por isso. O credo do cristão não anula os dez mandamentos. Um do primeiro sermão que o nosso Salvador pregou foi em sua maior parte despendido em impor deveres morais (Mt 5). E nunca houve mais necessidade de pregar este prego até à cabeça do que em nossos dias, em que a cristandade

foi tão ferida em sua reputação pela desonestidade moral de muitos de seus professores. Mas dirijo a minha repreensão contra eles por isto: que não pregam a lei evangelicamente, e não fazem daquele o desígnio principal de seu ministério para o qual receberam a sua comissão, e que é "fazer notório o mistério do evangelho" — "anunciar... as riquezas incompreensíveis de Cristo; e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que, desde os séculos, esteve oculto em Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo" (Ef 3:8-9). Fez isso com que o pai da igreja desvalorizasse as obras de Cícero — as quais de outro modo admirava pela sua eloquência — apenas porque as suas páginas não estavam perfumadas com o doce nome de Jesus Cristo? Certamente, então, é uma mancha terrível em seus sermões e labors os que revelam pouco de Cristo e do mistério do evangelho através de todo o curso de seu ministério. O "ai" é pronunciado não apenas contra o ministro que não prega, mas também contra o ministro que não prega o evangelho: "ai de mim, se não anunciar o evangelho!" (1Co 9:16). Uma pregação de ética não tornará o teu povo "sábio para a salvação". Seria bom se pudesses pregar para tornar o teu vizinho bêbado sóbrio e o libertino temperante. Mas isto não é mais do que Platão fez por seu Polemão. Isto os pode tornar homens os que antes eram animais; mas tu deves fazê-los santos, regenerados; prega-os para fora de si mesmos, bem como de suas práticas vergonhosas; da confiança de sua justiça, bem como do amor de seus pecados; do contrário os deixas aquém do céu. Pois bem: fustiga, sim, queima-os para fora de suas impiedades morais pelas ameaças da lei; mas não descanses até os teres familiarizado com Cristo, e com o caminho da salvação por ele. Em uma palavra: prega os deveres morais tanto quanto quiseses, mas em uma têmpera evangélica. Convince-os de que não podem fazer estas coisas sem a graça da parte de Cristo, por falta da qual as virtudes dos

pagãos não passavam de *splendida peccata* — vícios dourados. *Per fidem venit ad opera, non per opera venit ad fidem* [Pela fé se chega às obras, não pelas obras se chega à fé]. A árvore deve ser boa antes de o fruto que ela produz o poder ser. "sem mim nada podeis fazer" (Jo 15:5). E então convence-os de que, quando forem os mais exatos nos deveres morais, esta não deve ser a sua justiça perante Deus; a veste com que devem cobrir as suas almas — se não quiserem ser encontrados nus em sua vista — não deve ser a roupa tecida em casa de sua própria justiça inerente realizada neles, mas da justiça de Cristo que ele realizou por eles.

Isto proporciona uma palavra de doce encorajamento aos ministros fiéis de Cristo. Talvez estejas há muito tempo no trabalho por Cristo e vês pouco fruto de teus labores; as tuas forças estão quase esgotadas e a vela quase no fim da velhice; mas o teu povo continua carnal e obstinado, sol nenhum os bronzeará, argumento nenhum os moverá, imundos são e assim continuarão; para o inferno eles irão, porta nenhuma os pode deter; fizeste o teu máximo para os reaver, mas tudo em vão. Isto é triste de fato — para eles, quero dizer —, assim irem para o inferno em plena luz do dia, enquanto o evangelho mostra para onde cada passo de seu curso pecaminoso os conduz. Mas tu tens causa de muita paz e consolo internos de que fizeste o que Deus espera de tuas mãos. Lembra-te de que o teu trabalho é "fazer notório o mistério do evangelho", e sob o risco deles seja se o não abraçarem. Deus não tem por obrigação converter aqueles a quem te envia. Não; publicar o evangelho é o teu dever, recebê-lo é o deles. Abraão comprometeu-se a desobrigar o seu servo de seu juramento se a mulher que ele devia atrair para o seu filho não o quisesse seguir (Gn 24); e da mesma forma Deus te desobrigará do sangue deles e o deitará à sua própria porta:

"Mas, se tu avisares o ímpio, e ele se não converter da sua impiedade... ele morrerá na sua iniquidade, mas tu livraste a tua alma" (Ez 3:19). God não julga o trabalho de seus servos pelo sucesso de seu esforço, mas pela sua fidelidade em entregarem a sua mensagem: "todavia, glorificado serei aos olhos do Senhor" (Is 49:5).

O dever do povo de fazer notório o evangelho

*Use Segundo. Ao povo. Assim como é tarefa do ministro fazer notório o mistério do evangelho em seu púlpito, da mesma forma é vosso dever fazer o mesmo em vossas vidas. A vida do cristão deveria colocar o sermão de seu ministro em impressão; ele deveria pregar aquele mistério todos os dias aos olhos de seus vizinhos, o qual o ministro prega uma ou duas vezes por semana aos seus ouvidos. Como um mostrador de relógio bem feito concorda com o sol em seu movimento, e como um desenho bem feito se assemelha à fisionomia de onde foi tirado, da mesma forma deveria a tua conduta assemelhar-se àquele evangelho que professas. Não permita que ninguém tenha causa de dizer o que outrora disse de alguns cristãos frouxos: *aut hoc non est evangelium, aut hi non sunt evangelici* [ou isto não é o evangelho, ou estes não são os seus praticantes]. O que tens tu que fazer com quaisquer práticas vis e imundas, tu que pretendes ser instruído neste alto e santo mistério? O teu nome cristão mal concorda com uma vida pagã. Se permites que qualquer um que não seja de tua profissão te supere, sim, mas que mantenha o passo contigo em qualquer ação que seja virtuosa e verdadeiramente honrosa, tu te envergonhas a ti mesmo e ao evangelho também. Que vergonha seria encontrar alguém em alguma escola trivial do interior que fosse capaz de desafiar um graduado na universidade! Tu és educado em saber tão alto e celestial como nenhum outro culto no mundo pode mostrar, e,*

portanto, as vossas lives deve ser proporcionais às vossas instruções. Foi uma repreensão severa aos santos coríntios quando o apóstolo disse: "não andais segundo os homens?" (1Co 3:3) — isto é, homens em um estado natural. E aquele que caminha assim como os homens não caminhará muito diferente dos próprios animais; pois o homem tornou-se bruto em seu entendimento, e é pior viver como um animal do que ser um animal.

Certamente, cristãos, se não tendes o vosso nome em vão, partilhais de uma natureza mais alta do que a humana. Os vossos pés deveriam estar onde as cabeças dos outros homens estão; deveríeis viver tão longe acima do mundo carnal quanto a graça está acima da natureza, quanto o céu está acima da terra. Cristo nunca se teria rebaixado abaixo dos anjos senão para elevar os vossos corações e vidas acima dos homens. É impossível que ele se humilhasse a tomar a natureza humana senão com o desígnio de nos fazer partícipes da divina; tampouco teria caminhado na terra senão para fazer um caminho para elevar os nossos corações ao céu. Não digas, portanto: "a carne e o sangue não podem suportar tal ofensa ou evitar tal prazer sensual". Ou és mais do que um homem, ou menos do que um cristão. A carne e o sangue nunca te revelaram o evangelho, a carne e o sangue nunca receberam Cristo; em uma palavra: a carne e o sangue não herdarão o reino de Deus (1Co 15:50). Se és um cristão, és batizado no espírito do evangelho; tens uma natureza nascida do céu, e esta te habilitará a fazeres mais do que a carne e o sangue podem fazer. Não tens desejo algum de ver os outros convertidos pelo evangelho? Gostarias de te esgueirar ao céu sozinho e não levar nenhum de teus vizinhos contigo? Ora, como os atrairás a uma boa opinião do evangelho senão por uma vida tão amável que o recomende às suas

consciências? Foi uma acusação há muito tempo lançada contra a cristandade de que ela era melhor conhecida "nas páginas dos livros do que nas vidas dos cristãos". Daqui decorre que muitos são endurecidos em sua impiedade e preconceito contra o evangelho. Ele é um pescador insensato aquele que assusta o peixe que deseja atrair para dentro de sua rede. Oh, não ofendas aqueles, por escândalos em tua vida, os que gostarias de ver convertidos pela pregação do evangelho. Há hoje em dia, diz alguém, muita conversa de que o tempo para a conversão dos judeus está próximo; mas, diz ele, as vidas frouxas dos cristãos de tal modo depreciam este mistério celestial que o tempo parece mais distante. De fato, a pureza das lives dos cristãos é o melhor atrativo para ganhar os outros para o amor da religião. Tivessem as pombas de Cristo mais doces especiarias de humildade, caridade, paciência e outras graças celestiais em suas asas à medida que voam pelo mundo, em breve trariam mais companhia para casa consigo para os apriscos da igreja. Este é o ouro que deveria revestir o templo da igreja de Cristo, e faria os outros apaixonarem-se por sua beleza. Este foi um meio feliz para o incrível aumento de convertidos nos tempos primitivos. Então o mistério do evangelho era feito notório não apenas pela pregação poderosa dos apóstolos, mas pela vida santa dos cristãos. Vê como eles caminhavam (At 2:46) e qual foi o fruto bendito disso: "Louvando a Deus e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar" (v. 47). Atrairia isso quase a qualquer um, menos a um diabo — o qual ama viver no fogo da contenda e está desesperadamente endurecido contra toda a bondade —, a entrar com os seus nomes em tal sociedade celestial; mas quando este ouro escureceu, então o evangelho começou a perder o seu crédito no mundo e, conseqüentemente, os seus ganhos. Os convertidos vinham mais lentamente quando aqueles que

professavam o evangelho começaram a esfriar em seu zelo e a afrouxar no rigor de suas vidas.

O ministro deve declarar o evangelho COM CONFIANÇA

TERCEIRA OBSERVAÇÃO. A maneira como o ministro do evangelho deve realizar o seu trabalho — "*para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, com confiança*". Devemos indagar: — Primeiro. O que é esta confiança [ou ousadia] pela qual o apóstolo deseja orações. Segundo. Em que deve o ministro expressar esta confiança ao pregar o evangelho. Terceiro. Que espécie de confiança é esta que ele deve demonstrar. Quarto. Alguns auxílios para obter confiança.

Primeiro. O que é esta confiança pela qual o apóstolo deseja orações. As palavras são *en parresía*, e importam nestas duas coisas:

1. *Falar tudo o que tem em comando da parte de Deus para entregar.* Isto reside plenamente no étimo da palavra. Assim Paulo nada ocultou do conselho de Deus (At 20:27). Ele "não ocultou as palavras do Santo", como é a frase de Jó (Jó 6:10).

2. *Falar com liberdade e franqueza de espírito* — sem temor ou sujeição a ninguém, sejam eles muitos ou poderosos. Ora, isto se vê: (1) Ao falar abertamente, e não em cantos; o truque dos heréticos e falsos mestres, os quais "introduzirão encobertamente heresias destruidoras" (2Pe 2:1). Diz-se que Cristo "falava abertamente" — *en parresía* (Mc 8:32). (2) Ao falar claramente. Revela algum medo no coração quando as nossas palavras são escuras e sombrias — de modo que o juízo ou opinião do pregador não pode ser facilmente compreendido

de suas palavras, de tão fechadas e ambíguas que ele as coloca. O ministro deve falar a verdade livremente e claramente. Esta era a confiança do apóstolo: "Tendo, pois, tal esperança, usamos de muita ousadia no falar" — *pollé parresía chrómetha* — "usamos de muita confiança" (2Co 3:12).

Segundo. Em que deve o ministro demonstrar esta confiança ao pregar o evangelho:

1. Ao asseverar as verdades do evangelho. Ele não deve abafar a verdade por causa do semblante ou medo de ninguém. Os ministros são chamados de testemunhas. Uma testemunha deve falar o que sabe, embora seja em tribunal aberto perante o maior dos homens. Paulo tinha uma língua livre para falar a verdade, mesmo na prisão, embora estivesse em cadeias, contudo nos diz: "mas a palavra de Deus não está presa" (2Tm 2:9). Algumas verdades passarão facilmente; pregar estas não exige confiança alguma. O pior na congregação dará ao pregador graças pelo seu esforço sobre tal assunto; mas há verdades desagradáveis, verdades que cruzam a opinião, talvez, de alguns na assembleia; pregar estas exige um espírito livre e ousado. Quando Cristo devia pregar perante os fariseus, não teve medo de pregar contra os erros deles (Mt 23). Tivesse algum pregador cauteloso estado em seu lugar, ele teria escolhido tal assunto que não tivesse ofendido os seus ouvidos sensíveis. Há verdades que expõem o pregador ao desprezo e escárnio, contudo não devem ser ocultadas. Paulo pregou a ressurreição, embora some na assembleia escarnecessem dele pelo seu esforço (At 17). Há verdades que às vezes podem expor o ministro ao perigo — verdades que carregam a cruz em suas costas. Tal foi aquela verdade que Isaías entregou a respeito da rejeição dos judeus: "E Isaías ousadamente diz: Fui achado pelos que me não buscavam..." (Rm 10:20). Isto era propenso a enfurecer os seus

compatriotas e trazer as mãos deles ao redor de suas orelhas. Lemos de uma "palavra da paciência" que devemos guardar (Ap 3:10). Tal palavra que o pregador necessita ter boa provisão de paciência ao entregá-la, e os cristãos ao professá-la, porque pode trazê-los à dificuldade e desembainhar a espada do perseguidor contra eles. Esta não é sempre a mesma. A palavra de paciência no tempo do apóstolo eram verdades niveladas contra o judaísmo e o paganismo; sob os imperadores arianos, era a divindade de Cristo; no tempo de Lutero, a doutrina da justificação, e outras asseveradas por ele contra a igreja romana.

2. Confiança em reprovar o pecado, e denouncing o juízo contra os pecadores impenitentes. É-lhes ordenado: "Clama em alta voz, não te cales, levanta a tua voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão..." (Is 58:1). "prega a palavra", diz Paulo, "insta a tempo e fora de tempo, redargue, repreende... com toda a longanimidade e doutrina" (2Tm 4:2). Ele deve reprovar e continuar nisso enquanto eles continuar a pecar. O cão não cessa de ladrar enquanto o ladrão estiver no quintal. Um ministro sem esta confiança é como uma lima lisa, uma faca sem fio, uma sentinela que tem medo de disparar a sua arma quando deveria alarmar a cidade diante de um perigo que se aproxima. Nada mais indigno de se ver do que um povo ousado para pecar e o ministro com medo de reprovar. Diz-se de Tácito que ele tomava a mesma liberdade para escrever as vidas dos imperadores que eles tomavam em as viverem. Da mesma forma deveria o ministro fazer ao reprovar o pecado, sejam eles quem forem. Não o pecado do mendigo, e poupar o do cavalheiro; não o do profano, e pular o pecado do professor. Era tudo um para Cristo: quem quer que pecasse deveria ouvir sobre isso. Os escribas e fariseus, a estes ele pagou com propósito (Mt 23); tampouco condescende ele com os seus próprios discípulos,

mas os repreende asperamente: "Para trás de mim, Satanás", diz ele a Pedro (Mt 16:23); "Mulher, que tenho eu contigo?" à sua própria mãe por sua importunação inoportuna (Jo 2:4).

Terceiro. Que espécie de confiança deve ser a do ministro:

1. *Uma confiança convincente.* "Quão fortes são as palavras retas!" (Jó 6:25), diz Jó; e quão fracas são as palavras vazias, embora disparadas com uma voz estrondosa! Grandes palavras ao reprovar um erro ou pecado, mas fracos argumentos, produzem riso mais frequentemente do que lágrimas. Festo considerava "irrazoável enviar um preso e não notificar as acusações contra ele" (At 25:27). Muito mais irrazoável é no púlpito condenar um erro e não o provar como tal; uma prática e não convencer do mal dela. O apóstolo diz de alguns: "aos quais convém tapar a boca" (Tt 1:11). São os argumentos convincentes que devem tapar a boca. Repreensões vazias logo abrirão as bocas daqueles que são reprovados, mais do que as fecharão. O Espírito de Deus reprova convencendo: "E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado" — *elénxei* (Jo 16:8), ele convencerá; e o mesmo deveria fazer o ministro. Isto é pregar na evidência e demonstração do Espírito.

2. *Uma confiança sábia.* O ministro deve reprovar os pecados de todos, mas não personificar a ninguém. Paulo, tendo de pregar perante um príncipe lascivo e injusto, tocou-o no íntimo, mas não mencionou o seu nome em seu sermão. A consciência de Félix poupava a Paulo esse trabalho: ele "tremeu" (At 24:25), embora Paulo não dissesse que se referia a ele.

3. *Uma confiança mansa.* "As palavras dos sábios devem ouvir-se em silêncio..." (Ec 9:17). Seja a tua repreensão tão

aguda quanto quiseses, mas o teu espírito deve ser manso. A paixão eleva o sangue daquele que é reprovado, mas a compaixão move as suas entranhas. O óleo em que o prego é mergulhado faz com que ele penetre mais facilmente, o qual de outro modo teria rachado a tábua. Não devemos anunciar a ira com ira, para que os pecadores não pensem que desejamos a sua miséria; mas antes com tal ternura que vejam que não nos é trabalho agradável mexer em suas feridas, mas que o fazemos para que não sejamos por um silêncio cruel e uma piedade tola cúmplices de sua ruína, a qual cordialmente desejamos evitar. Jeremias toca o alarme do juízo e fala-lhes de uma calamidade terrível a aproximar-se; contudo, ao mesmo tempo apela a Deus e inocenta-se de toda a crueldade para com eles: "Mas eu não me recusei a ser o pastor após ti, nem desejei o dia da calamidade, tu o sabes; o que saiu dos meus lábios diante de tua face esteve" (Jr 17:16). Como se dissesse: "Entreguei a minha mensagem ao anunciar o juízo (pois não ousava fazer outra coisa), mas foi com um coração misericordioso; ameacei a ruína, mas desejei a paz". Assim Daniel: lidou claramente e abertamente com o rei, mas introduz a sua mensagem dura com uma expressão afetuosa de seu amor e lealdade a ele: "Meu senhor, o sonho seja contra os que te odeiam, e a sua interpretação contra os teus inimigos" (Dn 4:19).

4. *Uma confiança humilde*; tal confiança que é erguida a partir de uma confiança em Deus, não de nós mesmos, ou de nossos próprios dons e capacidade, coragem ou firmeza. Paulo é ousado, e contudo pode tremer e estar em temor; ousado, na confiança de seu Deus: "fomos ousados em nosso Deus, para vos anunciar o evangelho de Deus com grande combate" (1Ts 2:2); mas cheio de temor na percepção de sua própria fraqueza: "E eu

estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor" (1Co 2:3).

5. *Uma confiança zelosa.* As nossas repreensões do pecado devem provir de um coração aquecido. O espírito de Paulo comovia-se nele ao ver a cidade entregue à idolatria (At 17). Jeremias diz-nos: "isso foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos" (Jr 20:9); rompeu de sua boca como a chama de uma fornalha. A Palavra é um martelo, mas não quebra o coração de pedra quando aplicada levemente. O Rei Jaime disse de um ministro em seu tempo: "ele prega como se a morte estivesse em suas costas". Os ministros deveriam apresentar o juízo como se estivesse nas costas do pecador, pronto para se apoderar dele. Repreensões ou ameaças frias são como os rugidos de trovões distantes, os quais não assustam como uma salva sobre a nossa cabeça o faz. Disse-te que a confiança do ministro deve ser mansa e misericordiosa, mas não para prejuízo do zelo. O médico pode adoçar a sua pílula para fazer o seu paciente a engolir melhor; mas não a tal grau que enfraqueça a força de sua operação.

Quarto. Prometemos propor alguns auxílios para obter esta confiança [ou ousadia]:

1. *Um temor santo de Deus.* Temos tanto medo do homem porque tememos tão pouco a Deus. Um temor cura outro, assim como um fogo extrai outro. Quando o teu dedo está queimado, tu o seguras perto do fogo; quando o terror do homem te assustar, volta os teus pensamentos para meditar na ira de Deus. Este é o gesso que Deus coloca nos pulsos de Jeremias para curar a sua desordem dolorosa de medo do homem: "não temas diante deles, para que eu não te quebre diante deles" (Jr 1:17). Se devemos ser quebrados em pedaços — assim diz o

original —, melhor que o homem o faça do que Deus. O que o homem quebra em pedaços, Deus o pode tornar inteiro novamente: "porque qualquer que quiser salvar a sua vida perdê-la-á; mas qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará" (Mc 8:35). Mas se Deus nos quebrar em pedaços, está além da habilidade do homem juntar os cacos e refazer o que Deus desfez.

2. Abriga-te dentro do poder e da promessa de Deus para o teu auxílio e proteção. Aquele que é um covarde no campo aberto torna-se valente e destemido quando se coloca dentro de fortes muralhas e baluartes. Jeremias estava até depondo as suas armas e fugindo da presença daqueles perigos a que o seu ministério perante um povo rebelde e enfurecido o expunha. Ouve qual curso ele tinha em seus pensamentos tomar, porque a Palavra do Senhor lhe fora feita um opróbrio e zombaria diária: "Então, disse eu: Não me lembrarei dele e não falarei mais no seu nome..." (Jr 20:9). Ora, o que o impediu desta fuga covarde? "Mas o Senhor está comigo como um valente terrível..." (v. 11). Agora ele toma coragem e prossegue em seu trabalho destemidamente. O nosso olho, infelizmente! está em nosso perigo, mas não nas muralhas e baluartes invisíveis que Deus prometeu estabelecer ao nosso redor. O servo do profeta, que viu o exército inimigo aproximar-se, ficou em pânico de medo; mas o profeta, que viu o exército celestial como sua guarda pessoal ao seu redor, não se importou com nenhum deles (2Re 6). Se Deus não é capaz de te proteger, por que vais de todo em sua missão? Se crês que ele é, por que tens medo de a entregar quando ele é capaz de te livrar?

3. Mantém uma consciência limpa. Ele não pode ser um ousado repreendedor o que não é um vivente consciente. Um tal deve falar suavemente com medo de acordar a sua própria

consciência culpada. Ele é como quem atira com uma arma enferrujada e suja: as suas repreensões recuam sobre si mesmo. A falta de santidade na vida do pregador ou fechará a sua boca de reprovar, ou os ouvidos do povo de receberem o que ele diz. Oh, que som áspero faz um sino rachado nos ouvidos de seus auditores! Cada um deseja, se deve ser ferido, que seja pela mão de "um justo" (Sl 141:5). O bom conselho de um homem ímpio é estragado pelo seu hálito fétido que o entrega. O nosso Salvador foi forçado a ordenar-lhes que ouvissem os fariseus porque as suas pessoas eram um escândalo para a sua doutrina (Mt 23:2-3). Mesmo os que são bons estão propensos demais a voltarem as costas à ordenança pelo escândalo daquele que oficia. Esta é a fraqueza e pecado deles; mas aí daqueles por cuja impiedade eles tropeçam sob esta tentação. Mostra que o homem tem um estômago muito bom aquele que pode comer o seu jantar das mãos de um cozinheiro desleixado; e um juízo muito sadio e apetite rápido pela Palavra aquele que pode cair sobre ela e fazer uma refeição farta sem qualquer escrupulosidade enjoada ou preconceito pelos erros do pregador.

4. Considera que aquilo que mais temes é melhor evitado pela tua liberdade e santa confiança em teu ministério. É o perigo para a tua vida o que temes? Caminho nenhum há melhor para a proteger do que sendo fiel àquele que tem o único dispor dela. Em cujas mãos pensas que estão os teus tempos? Certamente nas de Deus. Então é a tua melhor política mantê-lo teu amigo; pois, "sendo os caminhos do homem agradáveis ao Senhor, até a seus inimigos faz que tenham paz com ele" (Pv 16:7). Agradar aos homens é tanto interminável quanto desnecessário. Se quisesse, não poderias agradar a todos; e se pudesses, não há necessidade, contanto que agradasses a um que pode converter todos os corações deles ou prender as suas mãos.

Eles prosperam melhor os que ousam ser fiéis. Jonas teve medo de seu trabalho. Oh! ele não ousava ir a tão grande cidade com mensagem tão triste. Dizer-lhes que seriam destruídos era os pôr a trabalhar para o destruírem a ele que trouxera a notícia. Mas quão perto esteve ele de perder a sua vida por correr para a salvar (Jn 1)? Jeremias parecia o único homem propenso a perder a sua vida pela sua pregação livre e ousada, contudo teve melhor tratamento por fim do que os pregadores condescendentes dos tempos. De qualquer modo, é melhor morrer honrosamente do que viver vergonhosamente. É de teu nome que tens cuidado? Se fores livre e ousado, a Word que entregares será um opróbrio e zombaria diária para ti, como outrora para Jeremias. Podes, de fato, ser zombado por alguns, mas serás reverenciado por mais; sim, mesmo aqueles que balançam as suas cabetas para ti carregam aquilo em sua consciência que os fará te temerem. São os pregadores lisonjeiros — os que são "parciais na lei" — os que se tornam "desprezíveis" diante do povo (Mt 2:9).

5. Considera que, se não fores agora ousado por Cristo em teu ministério, não podes ser ousado perante Cristo em seu tribunal de julgamento. Aquele que tem medo de falar por Cristo certamente terá vergonha de olhar para a sua face então. "Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo..." (2Co 5:10). Ora, que uso faz Paulo desta solene meditação? "Assim que, sabendo o temor que se deve ao Senhor, persuadimos os homens..." (v. 11). Não é sabedoria provocar o juiz por lisonjear o prisioneiro. Um pensamento sério daquele dia, quando vamos pregar, fechará todo o medo baixo fora do púlpito. É uma coisa muito pequena ser julgado pelo homem agora pela nossa ousadia, mas terrível ser condenado por Cristo pela nossa covardia. Este é o dia do julgamento do homem, como Paulo o chama (1Co 4:3). Cada um ousa taxar o pregador e passar a sua

sentença sobre ele se ele não agradar ao seu ouvido sarnento; mas Cristo terá o seu dia de julgamento também, para julgar aqueles que agora tomam sobre si julgar os outros, e a sua sentença facilmente revogará a deles. Sim, mesmo aqueles que agora condenam a tua liberdade de reprovar seriam os primeiros a te acusarem pelo teu silêncio pecaminoso. O servo mau, que gosta da frouxidão do governo de seu senhor — pelo qual pode praticar as suas travessuras ímpias sem controle —, clama contra ele na forca e é frequentemente ouvido ali colocar tanto o seu pecado quanto a triste catástrofe de sua vida a que este o conduz à porta de seu senhor, dizendo: "Se ele me tivesse reprovado, o magistrado não me teria condenado; se ele tivesse cumprido o seu dever, o carrasco não estaria agora a fazer o seu ofício". Assim podem alguns no último dia acusar os seus ministros covardes e dizerem: "Se eles nos tivessem dito o nosso perigo, não teríamos corrido para ele; se tivessem sido ousados para reprovarem o nosso pecado, não teríamos sido tão impudentes a ponto de vivermos na prática dele, o que agora nos trouxe à vergonha e miséria eternas".

6. *Considera quão ousado Cristo foi em seu ministério.* Os seus próprios inimigos foram forçados a lhe dar este testemunho: "Mestre, sabemos que falas e ensinas retamente e que não te deixas levar por respeitos humanos, mas ensinas o caminho de Deus segundo a verdade" (Lc 20:21). É não poupou os mais orgulhosos deles, mas à sua testa os reprovou e anunciou o juízo de Deus contra eles. Quando no meio de seus inimigos, não se intimidou com os seus olhares altivos ou ameaças furiosas, mas assumiu aquela mesma verdade que eles fizeram o seu crime capital (Mt 27:11; Jo 18:37). Daí que Paulo diz dele que "perante Pôncio Pilatos deu o testemunho de uma boa confissão" (1Tm 6:13), e usa isto como o argumento mais

poderoso para conjurar Timothy a ser fiel em seu ministério. Que maior incentivo ao valor pode o soldado ter do que ver o seu general diante de si permanecer com coragem destemida onde as balas voam mais espessas? Tais capitães valentes não costumam criar soldados covardes. É impossível que sejamos desanimados se instruídos por ele e movidos com o seu Espírito. Quando o sumo sacerdote e os anciãos "viram a ousadia de Pedro e João" — os quais foram convocados perante eles —, logo souberam onde eles tinham adquirido este espírito heroico resolvido; pois se diz: "reconheceram que haviam estado com Jesus" (At 4:13).

7. *Ora e implora orações por esta holy confiança [ousadia]*. Foi assim que os apóstolos a alcançaram. A sua ousadia natural não foi o produto de qualquer grandeza natural de espírito que tivessem acima dos outros. Vês que soldados valentes eram em si mesmos pelo seu comportamento desanimado na prisão de Cristo, quando todos fugiram em pânico de medo e o deixaram para se virar por si mesmo. Não; esta ousadia foi filha da oração; não foi gerada neles, mas concedida do céu a eles ao seu humilde pedido. Vê-os orando intensamente por ela: "Agora, pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que falem com toda a ousadia a tua palavra" (At 4:29). Nota: eles não oram contra o sofrimento, mas por "ousadia" para pregar, custasse-lhes o que custasse. Eles não desejam ser dispensados da batalha, mas serem armados com coragem para permanecerem nela. Eles preferir ser elevados acima do medo do sofrimento do que terem uma imunidade do sofrimento. Conceda-lhes Deus apenas ousadia para cumprirem o seu dever e permanecerem firmes em sua lida, e têm o bastante. Vê agora quão cedo Deus coloca o seu *fiat* às suas orações: "E, tendo orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo e

anunciavam com ousadia a palavra de Deus" (v. 31). Eis aí a graça que desejavam depositada em seu seio em uma medida maior do que jamais a tinham tido. Se o soldado tem o desejo de lutar pelo seu príncipe, não há dúvida de que pode ter armas para pedir. Se este for o teu pedido sincero, Deus não o negará. Vê os também enviando os outros a Deus nesta missão por eles (Cl 4 :3, e aqui no texto). Certamente o povo não pode desejar aquilo de Deus para o seu ministro de que tanto ele quanto eles necessitam mais. É um dever difícil para eles, mas necessário para vós. Ele não pode ser um ministro fiel o que não ousa entregar toda a sua mensagem. Quando Maurício, o imperador, indagara da disposição de Focas, disseram-lhe: *si timidus est, homicida est* — se ele for timorato, é um assassino. Aquele que teme as faces de seu povo é o homem que é mais propenso a assassinar as almas deles; de modo que orais por vós mesmos quando vos esforçais por obter este dom por oração sobre o vosso ministro.

QUARTA PARTE

O DUPLO ARGUMENTO de Paulo para reforçar o seu pedido pelas orações dos crentes

"pelo qual sou embaixador em cadeias"

Estamos por fim chegados à última cabeça geral nas palavras — o duplo argumento com que o apóstolo apoia o seu pedido, para mais eficazmente provocar neles a lembrança dele em suas orações: PRIMEIRA. Tomado de seu ofício — "pelo qual sou embaixador". SEGUNDA. De seu estado de aflição presente — "um embaixador em cadeias".

Um argumento para o pedido de Paulo, TOMADO DE SEU OFÍCIO

PRIMEIRO ARGUMENTO. Paulo reforça o seu pedido pelas orações de seu povo por um argumento tomado de seu ofício. Sendo os embaixadores mensageiros de estado, enviados por príncipes ao estrangeiro para tratarem de grandes afazeres de seu reino, convém a todos os bons súditos desejar-lhes bom êxito e sucesso em sua embaixada. Sob este aspecto, Paulo, sendo enviado do grande Deus em embaixada como o apóstolo dos gentios, deseja as orações da igreja para um sucesso feliz da mensagem que traz.

NOTA. Os ministros do evangelho são embaixadores de Deus. O apóstolo não monopoliza este título, como se ninguém o fosse além de si mesmo; pois em outro lugar ele inclui os outros na comissão: "De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo" (2Co 5:20) — isto é, nós, apóstolos, que estamos agora na terra e no desempenho do evangelho, e tais também como serão despachados após nós até ao fim do mundo na mesma missão. A autoridade da comissão extraordinária dos apóstolos, e a que os ministros comuns após eles têm, é a mesma quanto à substância, apenas eles receberam a sua missão imediatamente da boca de Cristo e eram ecumênicos; ao passo que os ministros comuns recebem-na da igreja por uma autoridade derivada de Cristo, e são fixados em suas órbitas particulares, e devem permanecer como embaixadores residentes em algum lugar específico para onde são enviados. Ao tratarmos deste ponto, indagaremos sobre estes três pontos particulares: Primeiro. Por que os ministros são chamados embaixadores. Segundo. Por que quis Deus enviar embaixadores à sua pobre criatura. Terceiro. Por que usa ele homens fracos e

não anjos gloriosos para serem os seus embaixadores nesta negociação.

POR QUE os ministros são chamados EMBAIXADORES

Primeiro. Indaguemos por que os ministros são chamados embaixadores: e isto: 1. Para destacar a dignidade de sua função. 2. Para destacar o dever de sua função.

A DIGNIDADE do ministério é expressa pelo título de "embaixadores"

1. Os ministros do evangelho são por Deus designados embaixadores para destacar a dignidade de seu ofício. Deus por este título deseja assegurar uma estima honrosa da vocação dos ministros nos corações de todos aqueles a quem são enviados. Isto é mais necessário para o bom sucesso de sua mensagem do que geralmente se pensa. Sei muito bem que o que os ministros dizem sobre este assunto pensa-se ser neles antes bondade para consigo mesmos do que amizade para com o evangelho. Os homens estão propensos a interpretar isto como um fruto de seu orgulho, e uma afetação que têm de alguma grandeza externa e pompa mundana que projetam obter por tão magnífico título. O próprio apóstolo era sensível a isto e, portanto, quando pedira aquele respeito que era devido à função do ministro — "Que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus" —, ele faz uma advertência: "Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha..." (1Co 4:1, 5). Então se saberá de qual espírito provém que nós, ministros, magnifiquemos o nosso ofício, e por qual fomos movidos em nossa função; e também de qual espírito são

movidos os que vilipendiam e desprezam tanto o ofício quanto as nossas pessoas por causa de nossa vocação. Ora, a dignidade dos embaixadores do evangelho aparecerá em três coisas:

(1.) *Na grandeza do Príncipe de quem vêm.* Os embaixadores têm o seu respeito de acordo com a posição de seu senhor que os envia; quanto maior o príncipe, mais honroso é o seu mensageiro. Ora, os ministros do evangelho vêm do grande Deus, que é "Rei dos reis e Senhor dos senhores" — por quem eles reinam e de quem detêm todos os seus principados. Este é o seu Senhor em cujo nome vêm. Portanto, Moisés, quando devia entregar a sua mensagem a Israel, ordena-lhes que "atribuam grandeza ao nosso Deus" cujo nome e vontade ele devia publicar (Dt 32:3). Os potentados do mundo constataram à sua própria custa quão profundamente Deus se importa com as ofensas que são feitas aos seus servos. O que levou o próspero reino de Israel à ruína senão zombarem de seus mensageiros e maltratarem os seus profetas? Então "a ira do Senhor subiu contra o seu povo, até que não houve mais remédio" (2Cr 36:16). Não podemos desprezar o mensageiro e honrar o seu mestre que o envia (Lc 10:16). Poucos são tão ousados a ponto de dizerem com aquele rei orgulhoso: "Quem é o Senhor, para que eu ouça a sua voz...?" (Êx 5:2). Mas demasiados se atrevem a dizer: "Quem é o ministro para que eu ouça a sua mensagem? — me arrependa ao seu chamado, trema perante as palavras que ele entrega?", esquecendo-se, infelizmente! de que eles têm a autoridade de Deus para o que dizem; e assim, por um golpe de raspão, atingem o próprio Deus ao contornarem o seu embaixador.

(2.) *Na grandeza da Pessoa cujo lugar o ministro ocupa.* Os ministros não passam de embaixadores delegados; o próprio Cristo teve a patente original; chamado por isso de "o Mensageiro da aliança" (Ml 3:1) e "o Apóstolo... de nossa

confissão" (Hb 3:1). Dele os ministros recebem a sua autoridade: "É-me dado todo o poder... Portanto, ide, ensinai todas as nações..." (Mt 28:18-19). Assim, em 2Co 5:20: "rogamos-vos, pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus". Como se o apóstolo dissesse: "Nós apenas entregamos aquela mensagem que o próprio Cristo deveria e teria feito se não tivesse sido chamado ao céu para tratar dos negócios de sua igreja; e, portanto, deixou-nos como seus delegados para darmos continuidade àquele ministério que ele próprio iniciou quando esteve aqui abaixo". Ora, que honra é para uma pobre criatura colocar-se no lugar de Cristo e trazer aquela mensagem aos pobres pecadores que foi primeiro confiada a ele!

(3.) *Na excelência da mensagem que trazem.* Há três espécies de embaixadas no mundo que abrem caminho para a sua acolhida honrosa daqueles que são os mensageiros que as trazem a qualquer estado — embaixadas de paz, embaixadas de casamento e embaixadas de comércio:

(a) *Embaixadas de paz.* Belos são os pés, e honradas são as pessoas daqueles que trazem boas novas de paz consigo; especialmente concorrem para a sua embaixada quatro coisas, as quais serão todas encontradas na negociação do ministro:

[1.] *Quando um embaixador vem de algum príncipe poderoso cuja força é formidável e exércitos irresistíveis.* Um embaixador de tal príncipe, a um povo desprovido de armas, para a paz e amizade, oh, quão bem-vinda é a sua aproximação! De tal Rei nós viemos. Ele oferece a paz não porque não possa manter uma guerra ou necessite de nossa amizade. Os pecadores necessitam de seu favor, mas ele não teme a hostilidade deles. Nunca puderam eles ainda disparar as suas setas tão alto quanto o céu, mas todas voltaram sobre as suas próprias cabeças. O que

pode aquele que cospe contra o vento senão esperar ver o escarro soprado de volta em sua própria fisionomia? E aquele que luta com Deus senão esperar ver as suas armas batidas contra a sua própria cabeça? Os príncipes deste mundo tratam de paz quando não podem lutar. Não penseis assim do grande Deus. Os seus instrumentos de morte estão prontos. Lugar nenhum há onde ele não tenha as suas tropas armadas prontas para buscar os seus inimigos mais orgulhosos. Criatura nenhuma é tão pequena que não contenha um exército em si grande o suficiente para domar o rei mais orgulhoso do mundo. O verme sob o pé de Herodes, ao comando de Deus, apoderar-se-á dele e lhe consumirá o coração (At 12). Oh! com que temor e tremor deveriam os embaixadores deste Deus ser recebidos! Quando Samuel, o profeta, veio a Belém, "os anciãos da cidade saíram-lhe ao encontro, tremendo, e disseram: De paz é a tua vinda?" (1Sm 16:4).

[2.] Quando tal príncipe poderoso envia os seus embaixadores de paz a um povo que já sentiu os golpes de seu poder, e está definhando sob as misérias sangrentas que a sua guerra com ele lhe trouxe, oh! como correriam eles a abrir as portas de sua cidade ao seu embaixador! — tão voluntariamente com certeza como Noé abriu a janela da arca para receber a pomba que trazia o ramo de oliveira após aquele dilúvio terrível (Gn 8). Este é o estado deplorável em que o ministério do evangelho encontra a humanidade envolvida. A que estado de abandono nos trouxe a nossa guerra com o céu! Não sentimos nós as setas da vingança divina cravadas em nossos próprios corações e consciências? A maldição de Deus apegada a cada faculdade de nossas almas e membro de nossos corpos? Não estão todas as criaturas em armas contra nós? E não abre o inferno desde baixo a sua boca devoradora sobre nós, pronto a

nos engolir na destruição eterna? E no entanto, somos tão orgulhosos que não encontramos morada alguma em nossa cidade para os seus embaixadores, mas a prisão? acolhida nenhuma às ofertas de paz que nos fazem, senão desprezo e escárnio?

[3.] *Quando os termos de paz que ele traz são honrosos.* O ouro, dizemos, pode ser comprado caro demais, e assim pode a paz de um estado com outro; como quando Naás, o amonita, ofereceu paz aos homens de Jabes-Gileade, mas sob a condição de que "a todos vos arranque o olho direito, e assim ponha esta afronta sobre todo o Israel" (1Sm 11:2), e por isso foi rejeitado com justa indignação; resolvendo eles antes morrer com honra do que viver com vergonha. É o costume entre muitos dos príncipes deste mundo fazerem as suas exigências de acordo com a extensão de sua espada. Quando o seu poder é grande, é difícil obter a paz em termos fáceis. Ora, isto, pensar-se-ia, deveria tornar os ministros do evangelho e a sua mensagem infinitamente bem-vindos aos pobres pecadores, de virem eles da parte do grande Deus que pode fazer as suas próprias exigências — pois quem pode dizer a Deus: "O que fazes?" — e poderia não apenas requerer o olho fora de tua cabeça, mas forçar o próprio coração para fora de teu corpo; contudo oferece a paz em termos tão graciosos que nós não poderíamos possivelmente os ter formulado de modo tão vantajoso para nós se tivéssemos sido deixados para os redigir, como ele por sua própria livre graça se compraz em os propor; nada havendo em todo o tratado de paz provido para si mesmo além de assegurar a sua própria glória em nossa salvação. Vê, um pouco, o que ele oferece aos pobres pecadores e o que ele requer deles em retorno: Ele oferece selar um ato de esquecimento, onde todos os males feitos à sua coroa e dignidade no tempo de nossa

hostilidade contra ele serão perdoados e esquecidos. Assim reza a promessa: "perdoarei a sua maldade e nunca mais me lembrarei dos seus pecados" (Jr 31:34). Ele não apenas perdoará o que passou, mas receberá as nossas pessoas em favor para o futuro. Um príncipe pode salvar a vida de um criminoso, mas banir a sua pessoa para sempre da corte. Mas Deus promete acesso à sua presença: "Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos..." (Rm 5:2). Sim, ele promete restaurar o pecador a tudo o que pela sua rebelião fora confiscado. A traição corrompe o sangue, degrada da honra e confisca os bens; Deus oferece retirar toda a maldição que sobreveio ao pecador pela sua rebelião, e o restaura à sua dignidade primitiva. Ele "deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus" (Jo 1:12), e, como seus filhos, os faz seus herdeiros, e isso não para um Cabul aqui abaixo apenas, mas para o próprio céu, uma herança na luz além de toda a expressão gloriosa; pois a piedade tem tanto a promessa desta vida como da que há de vir.

Ora, vejamos o que ele espera da mão do pecador: Não comprar este favor dele com um resgate tirado de sua própria bolsa! Não, ele esvazia as veias de seu Filho para pagar esse preço. Mas ele requer que nós: (a) Deponhamos as armas de nossa rebelião — pois ele não pode em honra tratar conosco enquanto tivermos aquela espada em nossa mão com que lutamos contra ele. (b) Aceitemos o nosso perdão e paz das mãos da livre graça; atribuindo a glória dele à mera misericórdia de Deus como causa motora, e à obediência satisfatória de Cristo como causa meritória. (c) Que juremos fealdade e lealdade a ele para o futuro. Quão razoáveis são estas coisas, confessarão com vergonha e horror infinitos pela sua loucura aqueles que agora as rejeitam quando Cristo os afastar para o inferno pela sua sentença irrevogável.

[4.] *Quando em tudo isto um príncipe é real nas ofertas de paz que faz*, e dá plena segurança do cumprimento do que promete, isto necessariamente torna o embaixador que as traz ainda mais bem-vindo. Tratados de paz entre os homens são muitas vezes usados apenas como uma bela cortina para a guerra — eles tencionam menos o que pretendem mais. Mas quando um embaixador vem com plenos poderes e habilitado a dar plena segurança e satisfação contra todos os medos e ciúmes que possam surgir nos peitos daqueles com quem trata, isto confere um valor a todo o restante. Ora, o grande Deus condescendeu maravilhosamente a satisfazer os corações queixosos dos pobres pecadores. A culpa tornou o homem desconfiado de Deus; a sua própria infidelidade para com Deus o torna ciumento da fidelidade de Deus para com ele. Pôde Satanás fazer Eva questionar, então, a veracidade da promessa de Deus? Ele apenas diz: "Certamente não morrereis" (Gn 3) e ela é imediatamente abalada em sua fé em seu Criador para crer em seu destruidor. Oh! quão fácil é, então, para ele nutrir aquelas desconfianças que naturalmente brotam agora em nossos corações incrédulos! Quantas vezes estamos colocando em questão: Perdoará Deus pecados tão grandes, tão numerosos? Posso me atrever a crer? Ora, Deus dá aos seus embaixadores instruções completas de sua Palavra para satisfazerem todas as dúvidas e escrúpulos que ele injeta, ou que possam surgir de nossos próprios corações desconfiados: *Tota Scriptura hoc agit*, diz Lutero, *ne dubitamus sed certò speremus* [toda a Escritura trata disto: que não duvidemos, mas esperemos com certeza]. São Paulo tem uma passagem semelhante a esta: "Porque tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (Rm 15:4).

Há muitos expedientes de que os homens usam para assegurarem as mentes daqueles com quem lidam a respeito da verdade de suas promessas e certeza de sua realização. Às vezes eles as ratificam com o seu selo apostado ao documento. Assim Deus dá o selo público dos sacramentos, e o selo privado de seu Espírito, para assegurar ao crente que ele cumprirá tudo o que prometeu em sua Palavra. Às vezes testemunhas são chamadas para maior segurança da transferência. Assim, na compra que Jeremias fez do campo de seu parente, ele tomou testemunhas do negócio (Jr 32:10). Vê testemunhas tanto no céu como na terra prontas a afiançarem a verdade do que Deus promete, e todas concordam em seu veredicto (1Jo 5:7-8). Se tudo isto não bastar, então um juramento é prestado, e este costuma ser "o fim de todas as controvérsias" (Hb 6:16). A isto também Deus graciosamente condescende. Não que a promessa de Deus necessita da fiança de seu juramento para a tornar mais segura — pois é tão impossível que Deus minta quando promete como quando jura —, mas para tornar a nossa fé mais forte, a qual necessita de tais suportes como estes para se apoiar e se fortalecer; como se sugere naquela doce passagem de onde uma única flor o crente sincero pode sugar mel suficiente para viver confortavelmente ao longo do inverno mais longo de aflição que lhe possa sobrevir: "Pelo que, querendo Deus mostrar mais abundantemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu conselho, se interpôs com juramento, para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos firme consolação..." (v. 17-18). Ora, quanto maior for a segurança que Deus habilita os seus embaixadores a oferecerem aos pobres pecadores pela salvação que pregam em seu nome, tanto mais prodigiosamente provocante é a incredulidade e impenitência daqueles que a rejeitam. Quando Tito Vespasiano veio a Jerusalém e viu as misérias indizíveis que

os sitiados tinham sofrido daquelas três pragas terríveis, espada, peste e fome, que por tanto tempo tinham assolado entre eles, diz-se que ele prorrompeu nestas palavras: "Eu não sou culpado de todo este sangue que foi derramado, nem das misérias que este povo sofreu, as quais pela sua obstinação trouxeram sobre as suas próprias cabeças". Oh! quanto mais podem os embaixadores de Cristo lavar as suas mãos sobre as cabeças dos pecadores impenitentes, aos quais tantas vezes ofereceram perdão e paz em nome de Deus, mas eles não quiseram ouvir, e dizer: "Nós estamos livres de vosso sangue; é a vossa própria obstinação e impenitência desesperada que arruinou as vossas preciosas almas. Se tivésseis aceitado a vida das mãos da misericórdia, não teríeis sido eliminados pela espada de sua justiça".

(b) *Embaixadas de casamento*. Oferecer uma aliança por casamento entre um estado e outro, isto é uma grande parte da embaixada do ministro. Eles são enviados para fazerem o mundo saber que boa vontade o Deus do céu tem para com os pobres pecadores; que ele pode contentar-se em conceder o seu Filho único e herdeiro em casamento a eles se eles também, sob o tratado, puderem agradar-se da união. Mais ainda: tanto o Pai quanto o Filho o desejam. É uma união que o próprio Deus primeiro pensou para o seu Filho. Ela brotou do conselho de sua própria vontade; e quando este grande desígnio foi transacionado entre o Pai e o Filho — como o foi antes da fundação do mundo —, o Filho declarou o seu agrado por ela ao seu Pai, sim, expressou a afeição terna que nutria pela humanidade; pois foi então que ele se "alegrava no seu mundo habitável, e as minhas delícias eram com os filhos dos homens" (Pv 8:31). Em cumprimento disto, "vindo a plenitude dos tempos" (Gl 4:4), ele tomou o seu caminho do céu à terra para

que, ao casar com a nossa natureza, pudesse também entrar em uma estreita aliança com as pessoas dos crentes. Esta é a união que os embaixadores de Deus vêm negociar convosco. As Escrituras são as suas cartas credenciais que confirmam, sob a própria caligrafia e selo de Deus, a verdade de tudo o que oferecem em seu nome. Ali tens o retrato de seu Príncipe celestial a quem eles cortejam as vossas afeições desenhado com vida em sua glória, amor e amabilidade, para que, ao conhecê-lo, possas melhor agradar-te de sua pessoa; ali estão as pulseiras ricas das promessas, as quais os seus mensageiros devem em seu nome entregar àquelas almas voluntárias que receberem a proposta e declararem o seu consentimento de o tomarem por seu Senhor e marido; sim, eles têm autoridade para pronunciarem o noivado e prometerem em nome de Cristo o casamento, o qual no grande dia ele consumará para com elas: "Porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo" (2Co 11:2). Para aqui e adora, ó filho dos homens, esta baixa condescendência da majestade divina! Oh! que alguma vez entrasse no coração do grande Deus unir o seu Filho à sua criatura, e essa não da casa mais nobre entre elas! Pois "ele não tomou a natureza dos anjos", mas a da humanidade, não em seu estado primitivo, mas quando estava caída e degradada de sua glória primitiva (Hb 2). Para um príncipe de alto nascimento tomar uma pobre jovem de uma classe mendiga é algo com que o mundo ainda não esteve familiarizado. Mas tomá-la de uma choupana humilde não seria tão estranho como tomá-la da prisão ou do banco dos réus, onde ela está condenada por traição contra a sua real pessoa. No entanto, este é o caso exato — o Senhor oferece erguer a cabeça de sua criatura rebelde para fora da prisão onde ela jaz sob uma sentença de morte por terrível traição contra a sua coroa e dignidade, para a receber em seu leito e seio. Verdadeiramente,

não sei diante de qual me maravilhar mais: se diante da misericórdia de Deus ao nos cortejar, ou diante do nosso orgulho e loucura ao sermos tão arredios e dificilmente persuadidos a aceitarmos a proposta. Embora Abigail confessasse ser indigna de ser esposa de Davi, contudo era sábia demais para se colocar diante de sua própria luz, deixando escapar tal oportunidade para a sua promoção como não tendia a ocorrer novamente; portanto se diz: "se apressou... e seguiu os mensageiros de Davi" (1Sm 25:42). Mas, infelizmente! como nós ou negamos abertamente, ou tolamente apresentamos desculpas e mantemos os mensageiros de Deus em suspense de dia em dia (Lc 14).

(c) *Embaixadas de comércio e comércio.* Supõe que um príncipe tivesse em seu reino mercadorias ricas, sem as quais a sua nação vizinha não pudesse subsistir, nem pudesse encontrar em outra parte; se este príncipe enviasse um embaixador a este povo e lhes oferecesse livre comércio, para que pudessem vir tantas vezes quantas quisessem e tomarem das coisas boas de sua terra, oh, quão alegremente seria tal embaixada recebida! A felicidade do homem na terra reside em um livre comércio e intercâmbio com o céu. Este mundo é um lugar estéril e mendigo. Nada há aqui para se obter de que uma alma imortal possa viver ou encontrar satisfação. No céu unicamente o que ela necessita é de se encontrar. O alimento de que deve viver, as roupas que deve vestir, são ambos do crescimento deste país celestial. O primeiro pecado do homem estragou todo o seu comércio com o céu. Mal Adão rebelou-se, uma guerra foi iniciada e todo o comércio com ele proibido. Portanto, em nosso estado natural, somos ditos estar "longe" e "sem Deus no mundo" (Ef 2:12). Os efeitos tristes desta perda são de se ver no estado de abandono da alma do homem, a qual outrora fora tão gloriosamente vestida com justiça e santidade, mas agora

vergonhosamente nua — não tendo um trapo para cobrir a sua vergonha.

Agora, Deus envia seus embaixadores para oferecerem paz, e com ela a liberdade para retornar à sua primeira comunhão com ele: "Ó vós, todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei; sim, vinde, comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite" (Is 55:1). Ele convida a todos a se tornarem comerciantes com o céu: "vinde às águas"; pela qual frase o evangelho é comparado a um porto de mar, ou ao cais de descarga de um porto, para onde o pregoeiro convoca as pessoas a irem comprar mercadorias que ali são descarregadas. É aqui que Deus apresenta as riquezas de sua graça à visão e venda "sem dinheiro e sem preço". Esse necessariamente deve ser um comércio proveitoso que traz rico tesouro sem muito custo de exportação. Aqui estão todas as riquezas do céu a serem obtidas, e dinheiro nenhum é requerido para a compra. Podes ouvir falar desta pérola de grande preço e não te tornares comerciante para a obteres (Mt 13)? Ou podem as vossas almas ser mantidas pelo vosso pequeno comércio mundano? Oh! "por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão..." (Is 55:2). Não é necessário que sejais ricos no mundo, mas é necessário que tenhais Cristo e a sua graça. Em todos os vossos esforços e cansaço pelas coisas deste mundo, não passais de comerciantes de risco — correis o risco de as obterdes ou de perderdes o vosso labor. Não há regra e método certo que possa ser aprendido para enriquecer no mundo. Há alguns pobres bem como ricos de cada ofício; mas, neste comércio por Cristo e sua graça, há um escritório estabelecido para garantir toda a vossa empreitada. A sua alma viverá a daquele que busca ao Senhor; o que tem fome de justiça será farto.

A RESPONSABILIDADE DO MINISTÉRIO É evidenciada pelo título de "embaixadores"

2. *Os ministros do evangelho são por Deus designados embaixadores para destacar a responsabilidade de seu ofício.* Onde há honra (*honos*), há peso (*onus*) — cargos de honra são posições de confiança e serviço. Muitos gostam bastante de ouvir falar sobre a dignidade do ministro — com Diotrefes, amam a primazia (3Jo 9) —, mas gostariam de ser dispensados do labor que a acompanha. Ninguém tem uma responsabilidade maior depositada em suas mãos do que o ministro. Trata-se de uma carga terrível (*tremendum onus*) — um peso que fazia o apóstolo tremer sob ele: "E eu estive convosco", diz Paulo, "em fraqueza, e em temor, e em grande tremor" (1Co 2:3). A eles foi "confiada a palavra da reconciliação" (2Co 5:19). Se o tratado de paz entre Deus e os pecadores não prosperar, o embaixador certamente será chamado a prestar contas de como desempenhou o seu papel. Mas falaremos mais sobre o dever do ministro como embaixador adiante.

Por que Deus entrega o seu evangelho por meio de **EMBAIXADORES DA HUMANIDADE**

Segundo. A segunda coisa que nos propusemos a explicar era por que Deus enviaria embaixadores à sua pobre criatura. Respondo:

1. Negativamente:

(1.) *Não porque ele necessite da boa vontade do homem.* Os negócios dos príncipes terrenos exigem que eles mantenham correspondência com os seus vizinhos, por isso enviam embaixadores para preservar a paz ou manter a amizade. Mas Deus pode defender a sua coroa sem o auxílio de aliados.

(2.) *Não porque estivesse obrigado a fazê-lo.* Há uma lei das nações, sim, da natureza, que obriga os príncipes, antes de iniciarem uma guerra, a oferecerem termos de paz. Mas o grande Deus não pode ser obrigado, a menos que ele próprio se obrigue. Quando Adão pecou, Deus era livre, e poderia ter escolhido fazer uma nova aliança com o homem ou tomar vingança contra ele por quebrar a sua fé na primeira. Mas:

2. *Afirmativamente.* Nenhuma outra explicação se pode dar disto senão a boa vontade e a livre graça de Deus. Quando Cristo, que é o Embaixador supremo, pisou pela primeira vez na terra, vê o que o trouxe aqui: "Pelas entranhas da misericórdia do nosso Deus, com que o oriente do alto nos visitou" (Lc 1:78). Etranhas de misericórdia de fato, pois a vida do homem jazia sob o pé de Deus, à sua pura misericórdia. Ele não estava mais obrigado a tratar com a sua criatura do que um príncipe com um traidor legalmente condenado. Por onde quer que venham os embaixadores de Deus, vêm em missão de misericórdia: "E o Senhor Deus de seus pais lhes enviou a sua palavra pelos seus mensageiros, madrugando e enviando-lhos, porque se compadeceu do seu povo..." (2Cr 36:15).

Pergunta. Mas se Deus quer tratar com as suas pobres criaturas, por que o faz por meio de embaixadores, e não por si mesmo imediatamente?

Resposta. Isto é o fruto da indulgência divina. O pecado tornou a presença de Deus terrível; o homem não a pode agora bem suportar. Que susto não levou Adão quando ouviu apenas a voz de Deus caminhando em direção a ele no jardim, e não correndo furiosamente sobre ele (Gn 3)! Os judeus tiveram a prova disto; logo tiveram o bastante da presença de Deus e, por

isso, foram a Moisés, dizendo: "Fala tu conosco, e ouviremos; e não fale Deus conosco, para que não morramos" (Êx 20:19).

POR QUE DEUS USA HOMENS, e não anjos, como seus embaixadores

Terceiro. Mas se Deus quer usar embaixadores, por que não emprega alguns anjos gloriosos do céu para trazerem a sua mensagem, antes do que homens fracos e frágeis?

Resposta (1). O apóstolo dá-nos a razão: "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós" (2Co 4:7) — *en ostrákinois skeúesin* [em vasos de casca/argila]. Assim como a pérola preciosa é encontrada em uma concha, da mesma forma este tesouro precioso do evangelho será encontrado em homens frágeis, para que a excelência do trabalho seja de Deus. Quanto mais desprezível o instrumento, mais glorioso aparece o seu poder divino ao usá-lo para um fim tão alto e nobre. Ver um homem ferir outro com uma espada que é afiada e pesada não traria admiração alguma; mas feri-lo com uma pena em sua mão, isto soaria como um milagre. Ver homens caírem por terra e tremerem quando um anjo — uma criatura de tamanho poder e glória — é quem fala, não é grande surpresa; mas contemplar um Félix tremendo no tribunal enquanto um homem, e ele um pobre prisioneiro na barra, prega ao seu juiz (At 24), isto traz uma dupla admiração. Primeiro, que uma criatura tão pobre como Paul era, e na condição de prisioneiro, ousasse ser tão audaz; e também, que uma pessoa tão importante como Félix fosse ferida pelas suas palavras, como se algum raio o tivesse atingido. Quem não adorará o poder de um Deus na fraqueza do instrumento? Tivesse Deus empregado anjos neste negócio, estaríamos em perigo de atribuir a eficácia da obra aos dons e

capacidades do instrumento, e de dar crédito à mensagem por amor do mensageiro, que é tão honroso. Mas agora, enviando Deus aqueles que são criaturas fracas como nós mesmos, quando algo é feito por eles, somos forçados a dizer: "Isto é obra do Senhor", e não dos instrumentos. Que razão tinha Deus para deste modo prover para a salvaguarda de sua própria glória, vemo-lo pela nossa inclinação a idolatrar os dons dos homens, onde são mais eminentes e radiantes do que nos outros. O que teríamos feito se os anjos fossem os mensageiros? Verdadeiramente, teria sido difícil nos conter de os adorar, como vemos que o próprio João fizera, se não tivesse sido contido pela advertência oportuna do anjo (Ap 19:10).

Resposta (2). Os ministros, sendo homens, têm uma vantagem de muitas maneiras sobre os anjos para o trabalho:

(a) Por estarem mais estreitamente interessados na mensagem que trazem do que os anjos poderiam estar; de modo que não podem enganar os outros sem prejuízo para a sua própria salvação. Que maior argumento para o cuidado de alguém do que o seu próprio interesse? Certamente aquele piloto cuidará de como guia o navio se tiver uma participação na carga.

(b) As suas afeições têm uma naturalidade que surge da experiência daquelas mesmas tentações em si mesmos sob as quais os seus irmãos trabalham. Isto um anjo não poderia ter; e por isto são capazes de falar de modo mais sentido à condição dos outros homens do que um anjo o faria. De modo que o que falta ao homem da retórica dos anjos é recompensado com a sua afeição natural e simpatia que fluem da experiência. Ele sabe o que é uma consciência atribulada em outro por tê-la sentido latejar em seu próprio peito; como Deus disse ao seu povo, tendo eles mesmos sido estrangeiros no Egito: "sabeis o que sente a

alma do estrangeiro" (Êx 23:9). E quem tratará as pobres almas com mais misericórdia do que os que sabem que necessitam dela eles próprios?

(c) Os sofrimentos que os ministros enfrentam por amor do evangelho são de grande vantagem para os seus irmãos. Se os anjos fossem os embaixadores, não poderiam ter selado com o seu sangue a verdade da doutrina que pregavam. As cadeias de Paulo eram famosas na corte e em toda a terra também: "E muitos dos irmãos no Senhor, tomando ânimo com as minhas prisões, ousam falar a palavra com mais confiança, sem temor" (Fp 1:14). Os anjos poderiam ter tocado a trombeta do evangelho com uma voz mais aguda; mas os homens unicamente têm vasos para quebrar — refiro-me a corpos frágeis — ao sofrerem pelo evangelho, pelo que a glória de suas verdades, como a lâmpada na mão do soldado de Gideão (Jz 7), brilha sobre os olhos de seus maiores inimigos, para a vergonha de suas faces e espanto de seus corações.

USO OU APLICAÇÃO. Exortação ao povo para que dê ouvidos aos embaixadores de Deus

São os ministros embaixadores? Isto mostra ser o ministério do evangelho um ofício peculiar a alguns, não um trabalho comum a todos. Um embaixador sabemos ser alguém que tem a sua comissão e cartas credenciais de seu príncipe para mostrar em favor de seu cargo. Não é a habilidade de um homem em assuntos de estado que o faz um embaixador, nem a capacidade na lei que faz de um homem um magistrado, mas sim o seu chamado para estes lugares. Tampouco os dons fazem de um homem um ministro, mas sim a sua missão: "E como pregarão, se não forem enviados?" (Rm 10:15). As regras que o

Espírito de Deus dá a respeito da admissão do ministro em sua função seriam todas inúteis se ela estivesse aberta à livre escolha de cada homem de se fazer pregador: "A ninguém imponhas precipitadamente as mãos" (1Tm 5:22) — isto é, não admitas ninguém ao ministério sem boa prova e discernimento. Mas por que deveria alguém ser separado para aquilo que cada um pode fazer? Isto conduz a uma exortação: 1. Ao povo. 2. Ao ministro.

Exortação 1. Ao povo. Sê persuadido, no temor de Deus, a dares ouvidos à mensagem que estes embaixadores trazem. O que pretendes fazer no assunto de que eles vêm tratar? Serás amigo de Deus ou não? — receberás Cristo pela fé em teus abraços, ou resolverás não ter parte nele? Nós somos apenas embaixadores; de volta devemos ir ao nosso Mestre que nos envia, e prestar contas do que resultou de nossa negociação. Iremos nós e diremos: "Senhor, estivemos com os homens a quem nos enviaste; a tua mensagem foi entregue por nós de acordo com as nossas instruções; dissemos-lhes que o fogo e a espada, a ruína e a condenação viriam sobre eles se não se arrependessem e se convertessem ao teu chamado; colocamos tanto a vida quanto a morte diante deles, e não hesitamos em revelar toda a tua vontade para a sua salvação; mas eles não creram em uma única palavra que dissemos; fomos para eles como os que zombavam, ou que contavam o que tinham sonhado na noite, e não as palavras de verdade e fidelidade"? Oh! Deus nos guarde de que seja este o relatório que ao seu retorno apresentem a Deus de sua negociação! Mas, para mais vos afetar com a importância de sua mensagem, e de vossa resposta a ela, considerai estas coisas seguintes:

(1.) *Considera o maravilhoso amor de Deus ao vos enviar estes embaixadores.* Não é um príncipe que envia a um de sua própria categoria, mas um Deus à sua criatura rebelde;

contra quem ele poderia ter enviado, não um embaixador para tratar, mas um exército de juízos para combater e destruir. Não é contra rebeldes que estão entrincheirados em algum lugar forte, ou no campo com uma força com a qual possais resistir ao seu poder; mas aos seus prisioneiros acorrentados e algemados — a vós que tendes a vossa cabeça culpada sobre o cepo. Não é por necessidade alguma que ele tenha de vossa vida que ele deseja a vossa salvação. Um príncipe às vezes poupa os seus súditos rebeldes porque necessita de suas mãos para lutarem por ele, e enfraquece-se ao derramar o sangue deles; mas Deus pode arruinar-vos sem se prejudicar a si mesmo. Se perecerdes, é sem prejuízo para ele. Dos fariseus se diz que rejeitaram "o conselho de Deus contra si mesmos" (Lc 7:30). Vós é que sofreis, não Deus.

(2.) Considera que afronta intolerável é feita à majestade do céu ao rejeitardes as suas ofertas de graça. Os pedidos dos príncipes são mandados. Quem ousa negar a um rei o que ele pede? E atreves-te tu, um pobre punhado de pó, a te impores contra o teu Criador? É imputado a nada menos do que a um rei, como um ato de orgulho insuportável, que "fez o que era mau aos olhos do Senhor seu Deus; nem se humilhou perante o profeta Jeremias, que falava da parte do Senhor" (2Cr 36:12). Mas o quê! Deve um rei descer de seu trono e se humilhar perante um pobre profeta que era seu próprio súdito? Deus não quer que ele trema e se curve, não perante Jeremias, mas perante "Jeremias... que falava da parte do Senhor". Oh! considerai isto, vós que considerais infantil e de espírito covarde chorar em um sermão, humilhar-vos diante da repreensão de um ministro! O vosso comportamento sob a Palavra pregada declara quais são os vossos pensamentos sobre o próprio Deus. Quando Naás desprezou os embaixadores de Davi e os abusou, o rei tomou a

afronta sobre si mesmo (2Sm 10). "Porque apregoarei o nome do Senhor", diz Moisés, "atribuí grandeza ao nosso Deus" (Dt 32:3). Como deveriam eles atribuir grandeza a Deus enquanto Moisés está pregando a eles? Certamente ele quer dizer pela atenção humilde deles e pronta obediência à Palavra que ele entregava em nome de Deus.

(3.) *Considera quão engajado está o coração de Deus na mensagem que os seus embaixadores trazem.* Quando um príncipe envia um embaixador para tratar de uma negociação cujo sucesso ele apaixonadamente deseja, e da qual promete a si mesmo muita honra, ser oposto nisso necessariamente deve o provocar e enraivecer sobremaneira. Nada há em que Deus estabeleça mais o seu coração do que no exaltação de Cristo, e de sua graça através dele, na salvação de pobres pecadores. Isto, portanto, é chamado de "o seu conselho" (Hb 6:17); "o bom prazer do Senhor" (Is 53:10). O servo de Abraão sabia quanto o seu senhor desejava uma esposa para o seu filho e herdeiro entre os de sua parentela, e por isso pressiona Labão com isto como o argumento mais pesado de todos: "Agora, pois, se vós haveis de usar de benevolência e de verdade para com o meu senhor, fazei-mo saber; e, se não, também mo fazei saber..." (Gn 24:49); como se dissesse: "Por isto a verdade de vosso amor para com o meu senhor será vista". Da mesma forma aqui: se de fato quereis tratar com bondade para com Deus, digei-o aos seus embaixadores, concordando com eles naquilo que ele tão afetuosamente deseja. Isto o Senhor Jesus, quando na terra, chamou de "os negócios de meu Pai", os quais devem ser feitos, custe o que custar: "Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?" (Lc 2:49). Ele sabia que nunca teria vindo aqui senão para a realização disto, e não poderia olhar para a face de seu Pai, quando voltasse, a menos que isto estivesse

terminado. Portanto, conforme isto prosperava, e a obra do evangelho fazia progresso, ou deparava-se com qualquer interrupção nos corações dos homens, ele chorava ou se alegrava. Quando era rejeitado, encontramos-lo "entristecido pela dureza dos seus corações" (Mc 3:5). Quando os seus discípulos trazem o relatório de quão vitoriosamente a carruagem do evangelho corria, "naquela mesma hora", diz-se, "regozijou-se Jesus no Espírito Santo" (Lc 10:21). Quando se despedia do mundo, os seus pensamentos estão em atividade sobre como o evangelho deveria ser levado adiante, e a salvação das almas não sofrer prejuízo pela sua partida; ele, portanto, capacita os seus apóstolos para o trabalho: "É-me dado todo o poder... Ide, ensinais todas as nações...". Sim, agora no céu ele está esperando pelo sucesso dele, e ouvindo como os seus servos prosperam em sua missão. Ora, que pecado prodigioso é, pela tua impenitência, resistires a Deus em seu desígnio principal! Tratas de fato com bondade para com o nosso Mestre, de quem trazemos a embaixada?

(4.) Considera o peso e a importância da mensagem que estes embaixadores vos trazem. Não é uma missão insignificante e sem valor a que trazemos: "Vê que hoje te tenho proposto a vida e o bem, e a morte e o mal" (Dt 30:15). "aquele que não crê... a ira de Deus sobre ele permanece" (Jo 3:36). Não vimos para vos atrair com o favor de um príncipe terrestre, que pode prometer honras hoje e perder a sua própria coroa amanhã. Não iscamos o nosso anzol com as riquezas ou prazeres do mundo; mas trazemo-vos notícias de um céu que será tão certamente vosso como estais agora na terra se aceitardes a proposta. Não vos amedrontamos com o desagrado de um homem mortal, "cujo fôlego está no seu nariz"; não com o tormento momentâneo de um suplício ou força, os quais duram pouco para serem sentidos;

mas com a ira que nunca morre do Deus que vive para sempre. E o que quer que prometamos ou ameacemos em nome de Deus, ele permanece pronto e resolvido a realizar: ele "confirma a palavra do seu servo e cumpre o conselho dos seus mensageiros" (Is 44:26).

(5.) *Considera sob quais condições o evangelho e os seus mensageiros permanecem entre vós.* Há um tempo em que Deus chama os seus embaixadores para casa, e não tratará mais com um povo; e esse necessariamente deve ser um triste dia! Pois, quando eles vão, então os juízos e as pragas vêm. Se o tratado termina, não tardará muito antes que a guerra comece: "Morreu, pois, Eliseu... E as tropas dos moabitas invadiram a terra..." (2Re 13:20). O profeta uma vez ido, então o inimigo vem. O anjo arranca Ló de Sodoma, e quanto tempo de tempo bom tiveram eles depois (Gn 19)? Os judeus rejeitaram o evangelho de si pela sua impenitência, o que fez os apóstolos "voltarem-se para os gentios" (At 13:46). Mas não chamaram eles com isso a sua própria ruína e destruição, a qual logo veio voando nas asas da águia romana para eles? Julgaram-se indignos da vida eterna, e Deus os julgou indignos de possuírem também uma temporal. Se uma vez Deus chama para casa os seus embaixadores, não é tarefa fácil trazê-los de volta e obter o tratado, agora desfeito, estabelecido novamente. Deus menos pode suportar, diante da prova feita dele, ser desprezado naquele que ele considera ser um dos caminhos mais elevados de expressar o seu favor a um povo. Melhor fora que embaixador nenhum tivesse vindo do que vir e ir *re infecta* [sem realizar o negócio] — sem efetuar aquilo para o que veio: "Saberão... que esteve no meio deles um profeta" (Ez 2:5) — isto é, saberão disso à sua própria custa. Deus será pago pelo esforço de seus ministros. Ora, os ministros morrem, ou são removidos de seu povo, e alegres ficam eles de

se verem livres deles; mas não terminaram com eles até terem acertado contas com Deus por eles.

Exortação aos ministros na condução de seu dever como embaixadores do Rei dos reis

Exortação 2. Aos ministros do evangelho. Vedes, irmãos, a vossa vocação; seja o vosso cuidado comportar-vos de modo condizente com este vosso honroso emprego. Apresentemos algumas diretrizes:

(1.) *Não mancheis a dignidade de vosso ofício por quaisquer práticas baixas e indignas.* *Dignitas in indigno*, diz Salvian, *is ornamentum in luto* [a dignidade no indigno é como ornamento na lama] — oh! não deiteis a dignidade de vossa função na lama por quaisquer ações sórdidas e ímpias! Paulo magnificou o seu ofício; não façais vós aquilo que deva fazer os outros o vilipendiarem e rebaixarem. Aquilo que torna os outros maus vos tornará piores: "Não vos escolhi a vós os doze? E um de vós é um diabo" (Jo 6:70). Sois chamados de anjos, mas se fordes ímpios, vos tornais demônios. Lemos de "galardão de profeta" (Mt 10:41), o qual equivale a mais do que o de um discípulo privado; e não pensais que haverá o castigo de um profeta no inferno, bem como o galardão no céu? Alguém diz: "Se alguém nascesse sem pecado original, deveria ser o ministro; se alguém pudesse viver sem pecado atual, deveria ser o ministro; se houvesse tal coisa como pecado venial, não deveria ser nos ministros. Eles são mais servos de Deus do que os outros; não deveriam ser eles então mais santos do que os outros?". Estás apto para seres um embaixador, tu que não és um bom súdito? Para seres um ministro, tu que não és um bom cristão?

(2.) *Mantém-te próximo de tuas instruções.* Os embaixadores são limitados pela sua comissão sobre o que

devem dizer; certifica-te, portanto, de tomares a tua missão corretamente antes de subires ao púlpito para a entregares: "Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei..." (1Co 11:23). Deus ordena ao profeta: "ouve a palavra da minha boca e dá-lhes o aviso da minha parte" (Ez 3:17). Deve ser da parte dele, ou não é correto. Oh! tem cuidado de não colocares o selo real sobre o teu próprio metal de baixo valor! Não venhas ao povo com "Assim diz o Senhor" quando for a adivinhação de teu próprio cérebro. Mentira nenhuma é tão alta quanto a que é dita no púlpito. E, assim como não debes falar o que ele nunca te deu em comissão, da mesma forma não debes ocultar o que tens em comando para entregar. É tão perigoso apagar quanto colocar algo em nossa mensagem. Jó consolou-se com isto, de que ele "não ocultara as palavras do Santo" (Jó 6:10). E Paulo, a partir disto, lava as suas mãos do sangue das almas: "limpo estou do sangue de todos; porque nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus" (At 20:26-27). Rogo-te que observes: ele não diz que anunciou toda a vontade de Deus. Não; quem o pode senão o próprio Deus? O mesmo apóstolo diz: "em parte profetizamos" (1Co 13). Há uma *terra incognita* [terra desconhecida] nas Escrituras, mistérios que ainda nunca foram plenamente descobertos. Não podemos declarar tudo o que não conhecemos tudo. Mas ele diz: "nunca deixei de anunciar todo o conselho". Quando ele encontrava uma verdade, não recuava para a evitar; como quando vemos um homem na rua com quem não temos mente de falar, entramos em alguma casa ou loja até que ele passe. O santo apóstolo não tinha medo de falar o que sabia ser a mente de Deus; como ele a recebera de Deus, assim eles deveriam recebê-la dele. Ele não recuou em sua pregação daquilo que era proveitoso para eles saberem. Calebe, um dos espias enviados a Canaã, não pôde dar-lhes uma conta completa de cada lugar particular na terra, mas fez a melhor observação

que pôde e depois trouxe a Moisés a resposta: "conforme o que sentia no meu coração" (Js 14:7); enquanto os outros ocultaram de modo vil o que sabiam porque não tinham mente para a jornada; e isto lhe rendeu o testemunho da própria boca de Deus de ser um homem que "perseverou em seguir-me" (Nm 14:24). Da mesma forma, aquele que faz o seu máximo para esquadriñar as Escrituras e depois traz a resposta ao povo conforme sente em seu coração, pregando o que aprendeu delas, sem selecionar a sua consciência e reter o que sabe por medo ou favor, este é o homem que cumpre o seu ministério e receberá o *euge* [muito bem!] de um servo fiel.

(3.) *Não penses que basta entregares a tua mensagem da parte de Deus, mas demonstra um zelo pelo teu Mestre*, de quem negocias a causa. Estivesse um embaixador, após a audiência concedida e a sua missão friamente cumprida, deitado a entregar-se aos prazeres da corte em que reside, e não importando-se muito com que resposta receba, nem como os negócios de seu senhor prosperam, certamente ele não poderia dizer ter cumprido o dever de um embaixador fiel. Não; a sua cabeça e o seu coração devem estar ambos em atividade sobre como pode colocar vida nos negócios e trazê-los mais rapidamente ao resultado desejado. O servo de Abraão não quis comer nem beber até ver para qual rumo o seu movimento trabalharia e como eles tratariam com o seu senhor (Gn 24). Da mesma forma deveriam os ministros fazer os seus ouvintes verem que estão em sério — de que os seus corações estão profundamente engajados em sua embaixada. Quando o seu povo demonstra o seu respeito para com as suas pessoas, embora devam ser agradecidos por esta gentileza, contudo devem fazê-los saber que não é isto por que vêm, ou com o que se podem contentar; mas sim que tratem com bondade com o seu Mestre,

de quem trazem a mensagem, e os enviem de volta a ele com as notícias alegres de seu arrependimento e aceitação de Cristo. Eles deveriam apaixonadamente esforçar-se pela salvação deles: ora tentando os dissolver com os suaves apelos do amor; ora os sitiando com ameaças, para que, se forem para o inferno, possam levar consigo este testemunho de que a sua destruição provém deles próprios, e não lhes sobrevém por falta de vosso cuidado e compaixão pelas suas almas. Não basta serdes pregadores ortodoxos e entregardes a verdade; é o zelo o que Deus requer de vossas mãos. Ele próprio tanto deseja a salvação de pobres pecadores que desdenha que vós, a quem ele envia para lha comunicardes, friamente a entregueis, sem demonstrardes a vossa boa vontade na questão. Cristo, quando envia os seus servos a convidarem os hóspedes para a ceia de seu evangelho, ordena-lhes que "obriga-os a entrar" (Lc 14:23). Mas como? Certamente não como os espanhóis fizeram com os índios, os quais forçavam a serem batizados como nós guiamos o gado com staves e pedras. Não devemos fustigá-los com violência externa e crueldade praticada em seus corpos, mas por uma força espiritual de argumentos subjugando os seus corações em nossa pregação poderosa. *Percutit ut faciat voluntarios, non salvat invitos* [Ele fere para fazer voluntários, não para salvar os relutantes] (Bernardo).

(4.) *Não permitas que qualquer pessoa ou coisa no mundo te suborne ou amedronte de um cumprimento fiel de tua responsabilidade.* Os embaixadores não devem ser pensionistas de um príncipe estrangeiro. É indigno de servir a um príncipe em emprego tão honroso aquele que não ousa confiar em seu senhor para o defender e recompensar. Um tal não será por muito tempo fiel à sua responsabilidade; tampouco o será no ministério aquele que não descansa contente com a promessa de Deus para

a sua proteção ou recompensa. Oh! quão cedo ele, por medo ou favor, procurará salvar a sua sorte ou a melhorar, ainda que seja falsificando a sua responsabilidade para com o próprio Deus? O amado Paulo estava distante desta baixeza e estabeleceu um modelo nobre para todos os que serão embaixadores de Deus até ao fim do mundo: "Mas, como fomos aprovados de Deus para que o evangelho nos fosse confiado, assim falamos, não como para agradar aos homens, mas a Deus, que prova os nossos corações. Porque, como bem sabeis, nunca usamos de palavras lisonjeiras, nem de pretexto de avareza; Deus é testemunha" (1Ts 2:4-5).

(5.) *Sê bondoso e ternamente cuidadoso para com os teus companheiros súditos.* Não seria estranho se um embaixador, enviado daqui para a Turquia ou Espanha, em vez de proteger e encorajar os comerciantes ingleses ali em seu comércio, impedisse o intercâmbio deles e empregasse todo o poder de seu cargo para o prejuízo e dano deles? Certamente o seu príncipe não o enviou para ser um inimigo, mas um amigo e patrono para os seus bons súditos ali. O ministro, como embaixador de Deus, deve encorajar os santos em seu comércio celestial, ajudá-los pelo seu conselho e protegê-los do desprezo que os seus vizinhos ímpios lançam sobre eles pela sua benignidade. Oh! quão triste é se ele dirigir o seu ministério contra eles! Se enfraquecer as mãos deles e fortalecer as mãos dos ímpios, dentro ou fora do púlpito, pela sua pregação ou prática! Melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha e se submergisse no profundo do mar do que escandalizar estes pequeninos (Mt 18:6)! Moisés feriu o egípcio, mas resgatou o israelita (Êx 2). Que contas darão a Deus de sua embaixada os que, no próprio púlpito, ferem o israelita com as suas línguas, censurando-os pela sua pureza, e afagam o egípcio — refiro-me ao profano e

ímpio em suas congregações —, pelo que estes se abençoam a si mesmos como indo para o céu quando, Deus o sabe, os seus pés permanecem nos caminhos que indubitavelmente os conduzirão ao inferno!

Um argumento para o pedido de Paulo, TOMADO DE SEU ESTADO DE AFLIÇÃO PRESENTE

SEGUNDO ARGUMENTO. O segundo argumento com que ele move a lembrança dele em suas orações é tomado de seu estado de aflição presente — "pelo qual sou embaixador em cadeias". No grego *en halýsei* — em uma cadeia. Quando ouvimos falar de um embaixador e de uma cadeia, poderíamos de início esperar que fosse uma cadeia de ouro ao redor de seu pescoço, e não uma cadeia de ferro ao redor de sua perna ou braço; contudo, é a segunda aqui que se pretende. Paulo era agora um prisioneiro em Roma, mas *in libera custodia* [em custódia livre], ao que pensam os intérpretes por esta passagem — em uma cadeia, não em cadeias; sendo comum ali que um prisioneiro fosse entregue à custódia de algum soldado com quem pudesse caminhar fora de casa, tendo uma cadeia em seu braço direito a qual era presa ao braço esquerdo de seu guarda. Tal prisioneiro concebe-se que este homem santo era agora. Paulo, o cordeiro, era prisioneiro de Nero, o leão, e por isso tanto necessitava quanto desejava as orações da igreja por ele. Muitas são as observações que esta curta passagem poderia oferecer. Tocá-las-ei ligeiramente, mas sem me estender:

Cinco observações tocadas a partir de estar Paulo em cadeias

Primeira Observação. Observa o tratamento que este bendito apóstolo encontra de um mundo ingrato. Uma cadeia lhe é imposta, como se ele fosse algum criminoso ou ladrão. Ele prega a liberdade aos pobres pecadores e é privado de sua própria pelos seus esforços; proclama a libertação aos cativos e é tratado como um escravo pelo seu labor. Perguntar-se-ia que poderiam eles encontrar contra pessoa tão santa e inocente para a acusarem, ele que fazia o seu exercício diário de viver sem ofensa perante Deus e os homens; contudo vê que acusação Tértulo prefere contra ele em Atos 24, como se não houvesse pessoa tão pestilenta em toda a terra como ele! E o próprio Paulo diz-nos que sofreu "trabalhos, como um malfeitor, até às prisões" (2Tm 2:9). Muitas coisas graves foram lançadas contra ele. De onde:

NOTA. Que o melhor dos homens pode e frequentemente sofre sob a designação de pessoas vis e ímpias. Permite aos inimigos dos santos apenas denegrirem as suas pessoas e causa. O próprio Cristo deve ser "contado com os transgressores" (Is 53:12), e nada menos do que blasfêmia ser lançada contra a sua conta (Mt 26). Os perseguidores consideram não bastar serem cruéis, mas gostariam de ser tidos como justos enquanto são cruéis: "Condenastes e matastes o justo" (Tg 5:6). Aqui está um assassinato sangüinário cometido com todas as formalidades da justiça. Eles condenam primeiro, e depois matam; e, verdadeiramente, o homicídio no tribunal é pior na conta de Deus do que o que é praticado por um criminoso na estrada. Pois bem: há um tempo em que a causa de Paulo e o restante dos santos sofredores terão uma audiência mais justa do que a que aqui puderam encontrar, e então ela aparecerá com outra fisionomia diferente de quando desenhada com o carvão preto de seus inimigos. Os nomes dos piedosos terão uma ressurreição

bem como os seus corpos. Agora eles estão sepultados com as suas faces voltadas para baixo — a sua inocência e sinceridade carregadas de muitas falsas imputações —; mas então tudo será ajustado. E bem podem os santos esperar por serem inocentados contanto que o próprio Deus espere por vindicar o seu próprio governo do mundo das duras falas de ímpios.

Segunda Observação. Observa a verdadeira causa dos sofrimentos de Paulo. Foi o seu zelo por Deus e sua verdade — "*pelo qual sou embaixador em cadeias*": isto é, pelo evangelho que professo e prego. Como aquele mártir que, ao ser perguntado como entrara na prisão, mostrou a sua Bíblia e disse: "Isto me trouxe aqui". Os perseguidores podem pretender o que quiserem, mas é com a sua religião e piedade que se indispõem. Paulo era um homem honesto na opinião de seus compatriotas contanto que fosse de sua opinião, seguisse o caminho deles e agisse como eles agiam; mas quando se declarou cristão e pregou o seu evangelho, então o rejeitaram com a mesma rapidez — então os seus velhos amigos tornaram-se novos inimigos, e todas as suas mãos foram contra as suas orelhas. Os ímpios não passam de escravos do diabo, e devem agir como ele quer que ajam. Ora, é a verdade e a piedade que derrubam o seu reino. Quando, portanto, estas aparecem nas vidas dos santos, então ele convoca o mundo ímpio, como um príncipe faria com os seus súditos para o campo de batalha, para lutar por ele; de modo que é impossível chegar ao céu sem golpes: "E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições" (2Tm 3:12) — isto é, de um modo ou de outro; e ninguém mais do que o pregador. Ele coloca a sua mão no ninho de marimbondos, e por isso deve esperar ser picado; ele pisa na cabeça da serpente, e seria estranho se ela não se voltasse para o morder. Mas que isto te não perturbe. Não temas o que podes

sofrer, sê apenas cuidadoso pelo que sofres. A cruz de Cristo é feita de madeira doce. Há consolos peculiares àqueles que sofrem pela justiça. Quando Sabina, uma mártir cristã, entrou em dores de parto na prisão, e foi ouvida chorar e expressar dor naquelas suas dores de parto, alguns lhe perguntaram como poderia ela suportar os tormentos que os seus perseguidores preparavam para ela se ela se encolhia diante daquelas? "Oh", diz ela, "agora sofro pelo pecado, então sofrerei por Cristo".

Terceira Observação. Observa quão estreito Paulo se apega à verdade. Ele não abrirá mão dela, embora lhe traga dificuldades. Ele prefere que o perseguidor o aprisione por pregar o evangelho do que ele próprio aprisionar o evangelho por um silêncio covarde. Ele fez as suas contas e está resolvido a manter a sua profissão custe-lhe o que custar. A verdade é que aquela religião não é digna de ser abraçada a qual não pode pagar as despesas de alguém ao sofrer por ela; e nenhuma senão a do cristão é capaz de o fazer. Tampouco é digno do nome de cristão aquele que não ousa receber a letra de câmbio de Cristo para receber no céu o que gastou sofrendo por amor dele na terra. E contudo, infelizmente! quão difícil é obter fé suficiente para fazer isto! É mais fácil curvar-se ao nome do que submeter-se à cruz de Jesus. Muitos gostam da religião como uma casa de veraneio, quando tudo é belo e quente fora no mundo; mas, quando o inverno vem, as portas são fechadas e ninguém há para ser visto nela ou ao seu redor.

Quarta Observação. Observa a publicação que Paulo faz de seus sofrimentos à igreja. Ele, sendo agora um prisioneiro, envia os seus despachos a esta e a outras igrejas para as fazer saber de sua condição. De onde:

NOTA. Que sofrer pelo evangelho não é matéria de vergonha. Paulo não cora ao dizer que é pelo evangelho que ele está "em cadeias". A vergonha pertencia àqueles que lhe impuseram a cadeia, não a ele que a usava. O ladrão, o assassino podem justamente corar ao dizerem por que sofrem, não o cristão por fazer o bem: "Mas, se sofre como cristão, não se envergonhe; antes, glorifique a Deus nesta parte" (1Pe 4:16). O próprio Cristo não considerou desonra alguma ter as marcas de suas feridas vistas após a sua ressurreição (Jo 20). Babilas, um mártir cristão, queria que as suas cadeias fossem sepultadas com ele. Os apóstolos "retiraram-se... regozijando-se de terem sido julgados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus" (At 5:41). E se não há vergonha em sofrer pelo evangelho, então certamente não há nenhuma em o professar e viver segundo as suas santas regras. Gloriar-se-ão os ímpios em sua vergonha, e terás tu vergonha de tua glória? Farão eles o trabalho do diabo à luz do meio-dia, e terás tu medo de ser visto com os bons? Contudo Salvia diz-nos que em seus dias — de tão ímpios que eram, e tamanho desprezo que era lançado sobre a santidade — muitos carregavam as cores de Cristo em seu bolso e ocultavam a sua piedade *ne viles haberentur* [para que não fossem tidos por vis e baixos].

Quinta Observação. Observa o fim por que ele faz notórios os seus sofrimentos:

1. *Para que saibam a verdadeira causa por que sofria.* Os inimigos de Paulo lançavam coisas pesadas contra a sua conta, e estas poderiam voar tão longe quanto Éfeso. Quando os santos estão em uma condição de sofrimento, Satanás é muito industrioso em difamá-los e representar mal a causa de suas tribulações ao mundo, como se fosse por mal. Ora, embora Paulo importasse pouco com o que o mundo ímpio dizia dele, contudo

ele desejava permanecer correto nos pensamentos das igrejas e, portanto, as familiariza com a causa de sua prisão.

2. *Para fortalecer a fé delas e consolar os seus corações.* Não havia dúvida de que a cadeia de Paulo entrara em suas almas, e o sofrimento dele era a dor delas. Isto ele sabia e, portanto, envia-lhes a palavra por Tíquico — o portador desta epístola — de como passava com ele em suas prisões, para que não vertessem lágrimas demais por ele, ele que tinha um coração tão alegre e jubiloso em seus sofrimentos: "Para que saibais o nosso estado... e ele console os vossos corações" (Ef 6:22). Assim temos visto às vezes um pai carinhoso em seu leito de morte não tanto atribulado com as suas próprias dores, ou pensamentos de sua morte que se aproxima, como por ver os seus filhos a levarem tanto a sério; e, portanto, esquecendo as suas próprias misérias, dirige-se com um semblante sorridente a consolá-los. Oh! é um excelente espetáculo contemplar os santos que estão em liberdade chorando sobre os seus irmãos de aflição, e os que são os sofrendores tornarem-se consoladores daqueles que estão em liberdade! Nunca a religião parece mais gloriosa do que quando a recomendam os que estão sofrendo por ela. E caminho nenhum há em que a possam recomendar mais alto do que por uma alegria mansa e santa em seus sofrimentos. Os consolos que os mártires nos dias da Rainha Maria enviavam de dentro da prisão fortaleceram maravilhosamente os seus irmãos em todo o reino e os prepararam para a prisão. Os sofrendores pregam com grande vantagem sobre os outros. Não falam por ouvir dizer, mas pelo que experimentaram em si mesmos.

3. *Para engajar as orações delas por ele.* Os santos sofrendores sempre foram muito cobiçosos de orações. Paulo põe todas as igrejas a trabalhar por ele. "Orai, orai, orai" era o fecho habitual das cartas do Sr. Bradford de dentro da prisão. E com

grande razão para isso; pois uma condição de sofrimento é cheia de tentações. Quando o homem age como perseguidor, o diabo não se esquece de agir como tentador. Aquele que seguiu Cristo ao deserto encontrará sempre um caminho para ter com os seus santos na prisão. Às vezes ele tentará se os pode amaciar para impressões de medo, ou fazê-los terem pena de si mesmos; e não lhe faltarão aqueles que lhes emprestarão as suas lágrimas para derreterem a sua coragem e enfraquecerem a sua resolução — talvez esposa e filhos, ou amigos e vizinhos, os que lhes desejam bem, mas são abusados por Satanás para colocarem uma armadilha perante eles enquanto expressam o seu afeto para com eles. Sem dúvida aquelas boas pessoas pretendiam o bem de Paulo quando, com lágrimas e rogos apaixonados, se esforçaram por o manter afastado de Jerusalém — onde fora predito que ele entraria em dificuldades (At 21:12-13) —; mas Satanás tinha um projeto contra Paulo nisso, o qual esperava que pudessem não apenas quebrar o seu coração, mas enfraquecer a sua coragem com as suas lágrimas. Quando não pode fazer um covarde do santo para fugir da cruz, então tentará azedar e inchar o seu espírito com alguma ira secreta contra os que lha impuseram. Oh! não é tarefa fácil receber o mal e não desejar nenhum a quem de cujas mãos o temos. Reservar o amor por quem nos demonstra ira e ódio é uma obra gloriosa, mas difícil. Se não o pode contaminar com a ira contra o seu perseguidor, então tentará inflá-lo com um elevado conceito de si mesmo que se atreve a sofrer por Cristo enquanto os outros encolhem as cabeças e procuram se manter seguros dentro de suas próprias cascas. Oh! este orgulho é uma salamandra que pode viver no fogo do sofrimento! Se há algum santo que necessite da humildade de muitos santos, é aquele que é chamado a sofrer. Gloriar-se em seus sofrimentos por Cristo lhe convém bem (2Co 12:9; Gl 6:14); mas gloriar-se em si mesmo por eles é odioso e

abominável. Não necessita ele de um olho rápido e de uma mão firme aquele que deve guiar a sua carruagem na borda de desfiladeiro tão perigoso?

Em uma palavra: uma condição de sofrimento é cheia de tentações, pelo que a força do santo para o conduzir em segurança através delas não está em seu próprio dispor. Deus deve ajudar, do contrário o espírito do campeão mais forte logo fraquejará: "instruído em todas as coisas, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade" (Fp 4:12). Esta era uma lição difícil de aprender de fato. Quem era o seu mestre? Vê: "Posso todas as coisas naquele que me fortalece" (v. 13). Ora, assim como a força dos santos para sofrer não está neles mesmos, mas em Cristo, da mesma forma a oração é o melhor meio de atrair o seu auxílio para o seu socorro; pois por ela confessam a sua própria fraqueza, e assim Deus é garantido contra ter um rival no louvor. O que Paulo é livre para fazer aqui, e mais do que isso; pois, assim como confessa que nada pode fazer sem a força de Cristo para o capacitar e embolden, da mesma forma não ousa confiar em suas próprias orações solitárias individuais para a obter, mas chama as forças auxiliares de seus companheiros santos para sitiarem o céu por ele; para que, enquanto ele está no vale sofrendo pelo evangelho, eles estivessem elevando as suas mãos e corações no monte da oração por ele.

O FIM DE
“O CRISTÃO EM ARMADURA COMPLETA”